
Fundação
Série
ISAAC ASIMOV
Exilado dos livros

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

ISAAC ASIMOV

Prelúdio da Fundação

Tradução de
BRAULIO TAVARES

Título original norte-americano
PRELUDE TO FOUNDATION

Para Jennifer "Green Peneil" Brehl, a melhor editora do mundo,
e a que trabalha mais duro.

NOTA DO AUTOR

Quando escrevi Foundation, que apareceu no número de maio de 1942 da revista Astounding Science Fiction, eu não sabia que aquilo era apenas o início de uma série de histórias que acabariam por se estender ao longo de seis volumes e de um total de 650 mil palavras (até agora). Também não podia imaginar que essa série acabaria se fundindo às minhas narrativas sobre os robôs e aos meus romances sobre o Império Galáctico, perfazendo um total de (até agora) catorze volumes e aproximadamente 1.450.000 palavras.

Examinando a data de publicação desses livros, o leitor pode perceber que há um hiato de 25 anos entre 1957 e 1982, durante o qual nada foi adicionado a estas séries. Não que eu tivesse deixado de escrever, ao contrário: durante esse quarto de século escrevi sem parar - mas um outro tipo de material. Meu retorno às séries, em 1982, não foi propriamente ideia minha, mas o resultado de uma combinação de pressões, da parte dos leitores e dos editores, que acabou se tornando irresistível.

De qualquer modo, isso tornou as coisas um pouco complicadas, e parece-me que a esta altura os leitores veriam com bons olhos a publicação de uma espécie de guia para as séries, uma vez que os livros não foram escritos na mesma ordem em que (talvez) devam ser lidos.

Os catorze livros, todos publicados originariamente pela Doubleday, formam uma espécie de "história do futuro", que talvez não seja totalmente consistente - entre outras coisas, porque não era essa a intenção original. A ordem cronológica dos livros, em termos dessa "história do futuro" (e não em termos da data de publicação) é a seguinte:

The Complete Robot (1982). É uma coletânea de 31 contos sobre os robôs publicados entre 1940 e 1976, inclusive as histórias reunidas em minha primeira coletânea, I, Robot (1950). Apenas um conto meu sobre robôs foi publicado após esta coletânea: é "Robot Dreams", que até agora não figura em nenhuma coletânea lançada pela Doubleday.

The Caves of Steel (1954). É o meu primeiro romance sobre os robôs.

The Naked Sun (1957). O segundo romance sobre os robôs.

The Robots of Dawn (1983). Os Robôs do Amanhecer (Record, 1985). O terceiro romance sobre os robôs.

Robots and Empire (1985). Os Robôs e o Império (Record, 1987). O quarto romance sobre os robôs.

The Currents of Space (1952). Meu primeiro romance sobre o Império.

The Stars, Like Dust ... (1951). O segundo romance sobre o Império.

Pebble in the Sky (1950). O terceiro romance sobre o Império.

Prelúdio da Fundação (1988). O primeiro romance da Fundação (embora tenha sido escrito por último).

Foundation (1951). O segundo romance sobre a Fundação. Na realidade, trata-se de uma coletânea de quatro contos, publicados originariamente entre 1942 e 1944, acrescidos de uma seção introdutória escrita em 1949, especialmente para a publicação em forma de livro.

Foundation and Empire (1952). O terceiro romance sobre a Fundação, composto de dois contos, publicados originariamente em 1945.

Second Foundation (1953). O quarto romance sobre a Fundação, composto de dois contos, publicados originariamente em 1948 e 1949.

Foundation's Edge (1982). O quinto romance sobre a Fundação.

Foundation and Earth (1983). A Fundação e a Terra (Record, 1989). O sexto romance sobre a Fundação.

Poderei incluir livros adicionais a esta série? Creio que sim. Há espaço para mais um livro entre Os Robôs e o Império (5) e The Currents of Space (6), por exemplo, assim como entre Prelúdio da Fundação (9) e Foundation (10), bem como entre outros. E poderei continuar A Fundação e a Terra (14) em volumes adicionais, tantos quanto desejar.

É claro que deve haver algum limite, pois não imagino que irei viver para sempre; mas tenho a firme intenção de permanecer por aqui o maior tempo possível.

1. MATEMÁTICO

CLEON I - ... O último imperador galáctico pertencente à dinastia Eutun. Nasceu no ano 11.988 da Era Galáctica, o mesmo ano em que nasceu Hari Seldon. (Existe a versão de que a data de nascimento de Seldon, que alguns consideram duvidosa, pode ter sido alterada para coincidir com a de Cleon, com quem Seldon, segundo se supõe, teria se encontrado logo após chegar a Trantor.)

Tendo subido ao trono imperial em 12.010, com a idade de 22 anos, Cleon I teve um reinado invulgarmente pacífico para aquela época turbulenta. Isso se deveu, sem dúvida, à habilidade de seu chefe do Estado-Maior, Eto Demerzel, o qual obscureceu tão habilmente os registros oficiais sobre si próprio que muito pouco se sabe hoje a seu respeito.

Quanto ao próprio Cleon ...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA[1]

1.

Cleon reprimiu um pequeno bocejo enquanto perguntava:

– Demerzel, você por acaso já terá ouvido falar alguma coisa sobre um homem chamado Hari Seldon?

Cleon era imperador há exatamente dez anos, e algumas vezes, em cerimônias oficiais, usando as vestimentas e os adornos protocolares, conseguia adquirir um ar majestoso. O mesmo ar que ostentava na holografia que aparecia num nicho da parede, às suas costas, colocada de forma a dominar os outros nichos, onde luziam as holografias de seus antepassados.

Não era uma holografia totalmente honesta. Nela, o cabelo do imperador era mais cheio do que no original, apesar de ser da mesma cor castanho-claro. Havia também uma certa assimetria no rosto do monarca, que a holografia disfarçava com habilidade: uma ligeira contração que fazia o lado esquerdo de seu lábio superior se erguer um pouco mais que o direito. E se Cleon ficasse de pé ao lado da imagem holográfica, ficaria visível que ela, com seu 1,83m, estava uns dois centímetros acima da estatura real do imperador - e que ele era um pouco mais corpulento.

É claro que aquela holografia era o seu retrato oficial da época da coroação, quando ele era bem mais moço. Mesmo assim, ainda era jovem e razoavelmente bonito, e quando não estava mergulhado na impiedosa roda-viva das cerimônias oficiais seu rosto podia até mesmo assumir uma expressão de afabilidade.

– Hari Seldon? - repetiu Demerzel, no tom respeitoso que cultivava com toda a atenção. - O nome não me é familiar, Sire. Deveria tê-lo ouvido?

– O ministro da Ciência o mencionou ontem à noite, e achei que você saberia quem é.

Demerzel franziu levemente a testa; muito levemente, porque não convém franzir a testa em demasia diante de um imperador. - Sire, o ministro da Ciência deveria ter mencionado esse nome a mim, como chefe do Estado-Maior. Vossa Majestade não pode ser bombardeado por todos os lados com ...

Cleon ergueu a mão e Demerzel parou no mesmo instante. - Por favor, Demerzel. Não podemos nos apegar o tempo todo às formalidades. Parei para cumprimentar o ministro na recepção de ontem à noite, e quando trocamos algumas frases ele disse algo a esse respeito. Não pude deixar de prestar atenção, e ainda bem, porque achei interessante o que ouvi.

– Interessante em que sentido, Sire?

– Bem, não estamos mais naquela época antiga em que ciência e matemática eram o assunto do dia. Esse tipo de coisa parece estar um pouco superado ... talvez porque todas as descobertas já tenham sido feitas, não é mesmo? Parece, no entanto, que alguma coisa interessante ainda pode surgir. Pelo menos foi o que me disseram.

– Quem, sire? O ministro?

– Sim. Segundo ele, esse Hari Seldon tomou parte numa convenção de matemáticos que teve lugar aqui em Trantor. .. Fazem isso de dez em dez anos, por alguma razão; e esse Seldon diz ter provado que é possível predizer matematicamente o futuro.

Demerzel permitiu-se um ligeiro sorriso.

– Sire, ou o ministro da Ciência, que não é um homem muito perspicaz, está equivocado ... ou esse matemático está. A predição do futuro é um tipo de mágica com que as crianças sonham, e mais nada. - Será, Demerzel? O povo acredita nessas coisas.

– O povo acredita em muitas coisas, Sire.

– Sim, mas o fato é que acredita nisso. Portanto, não interessa se a profecia é verdadeira ou não. Se um matemático profetizar que terei um reinado longo e feliz, uma época de paz e prosperidade para o Império ... hem? Que tal lhe parece?

– Seria algo bom de ouvir, Sire, mas chegaria a se concretizar?

– Se o povo acredita em algo, age em função dessa crença. Muitas profecias já se transformaram em fatos pela mera força da fé daqueles que as aceitaram. São profecias que se impõem por si mesmas. Aliás, agora que estamos falando nesse assunto, lembro-me de que foi você mesmo que me explicou isso certa vez.

– Creio que sim, Sire. - Os olhos de Demerzel estudavam o imperador cuidadosamente, como se querendo avaliar até que ponto ele poderia prosseguir sem ajuda. - Mas, se é assim, qualquer pessoa pode fazer a profecia.

– Mas nem todas seriam igualmente levadas a sério, Demerzel. Um matemático, no entanto, que pode revestir sua profecia com fórmulas matemáticas e termos científicos, pode não ser entendido por ninguém e mesmo assim todos acreditarem nele.

– Como sempre, Sire, Vossa Majestade tem razão. Vivemos numa época turbulenta, e valeria a pena manter a tranquilidade no Império de um modo tal

que não fosse preciso empregar dinheiro nem ação militar. Esses recursos, na história recente, causaram mais prejuízos do que bons resultados.

– Exatamente, Demerzel - apoiou o imperador, com entusiasmo. - Traga-me esse Hari Seldon. Você me diz que tem cordéis espalhados por este mundo inteiro, mesmo onde as minhas forças não alcançam. Puxe um desses cordéis, e traga-me o matemático. Quero uma audiência com ele.

– Eu o farei, Sire.

Demerzel já tinha localizado Hari Seldon. Fez uma anotação mental para elogiar o ministro da Ciência pelo bom trabalho.

2.

Nessa época, a aparência pessoal de Hari Seldon não tinha nada de magnífica. Tinha a mesma idade de Cleon, 32 anos, mas apenas 1,73 m de altura. O rosto imberbe tinha uma expressão jovial, e o cabelo era castanho-escuro, quase negro; as roupas que usava tinham um ar inconfundivelmente provinciano.

Para todos aqueles que no futuro veriam em Seldon apenas a figura lendária de um semideus, pareceria quase um sacrilégio o fato de ele não ter cabelos brancos, um rosto envelhecido e vincado de rugas, um sorriso sereno que irradiava sabedoria - e não estar sentado numa cadeira de rodas. Mas mesmo então, em plena velhice, seus olhos iriam manter aquele brilho jovial. Isso nunca iria mudar.

E naquele instante seus olhos estavam mais bem-humorados do que nunca, porque tinha acabado de apresentar sua monografia aos participantes da Convenção Decenal. Sua comunicação verbal tinha mesmo despertado um certo interesse na plateia, e o próprio Osterfith fizera um aceno de cabeça em sua direção, dizendo: "Muito engenhoso, meu rapaz. Muito engenhoso." O que, vindo da parte de Osterfith, era satisfatório ... muito satisfatório.

Mas agora os fatos tomavam um rumo diferente - e inesperado; Seldon já começava a ter motivos para crer que toda a sua satisfação, talvez não chegasse há durar muito tempo.

Encarou o homem alto e de uniforme parado à sua frente, e observou o emblema da espaçonave e do sol, no lado esquerdo de sua túnica.

– Tenente Alban Wellis - disse o oficial da Guarda do Imperador, e voltou a guardar sua identificação. - Pode acompanhar-me agora, senhor?

Wellis estava armado, naturalmente, e havia dois outros guardas à espera do lado de fora. Seldon sabia que não tinha escolha, apesar da polidez meramente formal do outro; mas achou que poderia pelo menos extrair mais algumas informações.

– Para ver o imperador?

– Para ser conduzido ao Palácio, senhor. É o que dizem minhas instruções.

– Mas por quê?

– Não estou informado, senhor. Recebi ordens para levá-lo até lá, de um modo ou de outro.

– Isso quer dizer que estou sendo preso? Não fiz nada que possa justificar esse tipo de ...

– Digamos, senhor, que é uma guarda de honra que se apresentou para escoltá-lo. E devo pedir-lhe que se apresse.

Seldon obedeceu. Apertando os lábios, como que para reprimir novas perguntas, fez um sinal afirmativo com a cabeça e pôs-se a caminho. Mesmo que tudo aquilo resultasse numa audiência com o imperador e no recebimento de uma condecoração, ele não via nisso nenhum motivo para ficar alegre. Considerava-se um partidário do Império - ou seja, da manutenção da união e da paz entre os mundos habitados pela humanidade -, não um partidário do imperador.

O tenente Wellis caminhava à frente, os outros dois guardas às suas costas. Seldon procurou sorrir e aparentar despreocupação diante das pessoas com quem cruzava. Ao saírem do hotel, os guardas o introduziram num carro oficial. (Seldon correu a mão de leve sobre o estofado que recobria o assento; nunca vira nada tão luxuoso.)

Estavam num dos setores mais nobres de Trantor. A cúpula que o recobria era alta o bastante para dar a impressão de que estavam a céu aberto, e qualquer pessoa - mesmo Hari Seldon, nascido e criado num mundo sem redomas - poderia jurar que estavam à luz do sol. Não se via nenhum sol, nem sombras, mas o ar era leve e perfumado.

E então aquilo acabou: a parede da cúpula curvou-se até o solo e se abriu à sua frente; logo estavam se movendo ao longo de um túnel onde Seldon avistou a intervalos regulares o símbolo da espaçonave e do sol, deduzindo que aquela era uma passagem reservada aos veículos oficiais.

Uma porta se abriu e o carro cruzou a abertura; quando ela voltou a se fechar às suas costas, estavam do lado de fora - o verdadeiro lado de fora. Aquela área, com 250 quilômetros quadrados, era o único trecho de espaço aberto em Trantor,

e ali ficava o Palácio Imperial. Seldon pensou que gostaria de ter a chance de passear um pouco naquelas imediações - não por causa do Palácio, mas porque ali também ficava a Universidade Galáctica e, o que mais o atraía, a Biblioteca Galáctica.

Mas, ao passar da parte fechada de Trantor para aquele trecho coberto de bosques e gramados, eles tinham penetrado num mundo onde as nuvens obscureciam o céu e um vento gélido agitava suas roupas. Seldon pressionou o botão que fechava a janela do carro. O tempo ali fora estava escuro, tempestuoso.

3.

Seldon não tinha certeza de estar sendo levado ao imperador. Na melhor das hipóteses iria ser recebido por um oficial de quarto ou quinto escalão que se diria porta-voz de Cleon.

E quantas pessoas, de fato, já tinham chegado a vê-lo? A vê-lo em carne e osso, e não na holovisão? Quantas pessoas já tinham avistado o imperador tangível e real, que nunca abandonava aquele trecho do planeta onde Seldon penetrava?

Um número de pessoas extremamente reduzido, por certo. Vinte e cinco milhões de mundos habitados, cada qual com um bilhão ou mais de habitantes - e entre todos esses quatrilhões de seres humanos, quantos deles já teriam posto seus olhos (ou poderiam fazê-lo um dia) na pessoa viva do imperador? Mil pessoas, talvez?

E na verdade, quem se importava com isso? O imperador não passava de um dos símbolos do Império, semelhante ao da espaçonave e do sol, só que menos onipresente, e até menos real. Eram seus soldados e seus oficiais que na verdade representavam o Império - um império que já se tinha tornado um peso morto nos ombros do povo.

Tanto era assim que, quando Seldon foi introduzido num aposento amplo e luxuosamente mobiliado e se deparou com um indivíduo jovem sentado sobre a beira de uma mesinha próxima a uma janela, com um dos pés pousado no chão e o outro balançando distraidamente, surpreendeu-se ao ver um oficial do Império com uma aparência tão bem-humorada. Já tinha constatado, repetidas vezes, que os oficiais do governo - especialmente os que estavam no serviço direto do imperador - tinham sempre uma aparência grave, como se estivessem carregando nos ombros o peso da Galáxia inteira. E parecia que quanto mais subalternos

fossem seus cargos mais séria e mais ameaçadora era sua aparência.

Aquele ali, portanto, tinha que ser um funcionário de escalão tão alto, e tão próximo ao sol do poder, que não via necessidade de cercá-lo com nuvens de preocupação.

Seldon não sabia se devia mostrar-se muito impressionado. Decidiu que era melhor ficar em silêncio e esperar que o outro falasse primeiro.

O oficial disse:

– Você é Hari Seldon, creio eu. O matemático.

Seldon murmurou um minúsculo "sim, senhor", e permaneceu à espera.

O outro fez um gesto descuidado.

– A resposta seria sim, Sire, mas não gosto de muita cerimônia. Estou saturado dela. Estamos aqui a sós, portanto posso me dar o luxo de mandar a cerimônia às favas. Sente-se, professor.

Antes que o homem acabasse de falar, Seldon percebeu que estava diante do imperador Cleon, Primeiro desse Nome, e sentiu que as forças lhe faltavam. Havia uma certa semelhança (agora ele reparava melhor) com a holografia oficial que aparecia nos noticiários, mas nessa holografia Cleon estava sempre vestido de forma imponente, e parecia mais alto, mais nobre, mais impessoal.

Agora o original daquela holografia estava ali à frente de Seldon, e tinha uma aparência decididamente comum.

Seldon permaneceu imóvel.

O imperador franziu de leve a testa. Não lhe era fácil abandonar, mesmo temporariamente, o hábito do comando. Disse, em tom peremptório:

– Eu disse sente-se, senhor. Nessa cadeira aí. Rápido. Seldon apressou-se a obedecer, sem emitir um som. Não conseguiu sequer dizer sim, Sire.

Cleon sorriu.

– Assim é melhor. Agora podemos falar como dois simples seres humanos, e afinal de contas, é o que todos nós somos, quando se abre mão da cerimônia. Não é assim, meu caro?

Cheio de cautela, Seldon respondeu:

– Se Vossa Majestade Imperial o diz, então é assim.

– Ora, vamos, por que tanto receio? Quero conversar com você de igual para igual. Isso me agrada, certo? Então, faça como eu digo. - Está bem, Sire.

– Basta dizer está bem, rapaz. Será que não estou me fazendo entender?

O imperador fitou Seldon com intensidade, com evidente interesse. Por fim falou:

– Você não parece um matemático. Seldon conseguiu sorrir.

– Infelizmente não sei qual deve ser a aparência de um matemático, majestade. ..

Cleon ergueu a mão e Seldon cortou o título pela metade. O imperador disse:

– De cabelos brancos, imagino. Talvez de barba. E idoso, com certeza.

– Mas mesmo os matemáticos devem ter sido jovens um dia.

– Sim, mas quando ainda não são famosos. Quando se tornam notícia na Galáxia já estão do jeito que descrevi.

– Receio não ser tão famoso assim.

– Você não participou da convenção que houve aqui?

– Sim, mas havia muitos participantes, alguns deles até mais jovens do que eu. E muito poucos chegaram a despertar alguma atenção.

– Sua palestra, ao que parece, atraiu a atenção de alguns dos meus representantes. Pelo que fui informado, você acredita que é possível prever o futuro.

De repente, um imenso cansaço apoderou-se de Seldon. Tudo levava a crer que aquele tipo de interpretação simplista de suas teorias nunca o deixaria em paz. Talvez tivesse sido melhor não fazer aquela palestra.

– Não é bem assim - disse ele. - Meu trabalho é algo mais limitado. Em muitos sistemas existe uma situação tal que, dadas certas condições, eventos caóticos passam a acontecer. Isso significa que, dado um certo ponto de partida, fica impossível prever os seus desdobramentos futuros. Isso é verdadeiro mesmo em sistemas relativamente simples, mas quanto mais complexo um sistema mais possibilidades ele tem de se tornar caótico. Há um consenso geral em torno da ideia de que um sistema tão complicado quanto uma sociedade humana tende a se tornar caótico e, consequentemente, imprevisível. O que demonstrei, no entanto, foi que no estudo das sociedades humanas é possível escolher um ponto de partida qualquer e, através das hipóteses adequadas, evitar o caos. Isso equivale a prever o futuro, não nos mínimos detalhes, é claro, mas em seus traços mais amplos; não com exatidão, mas definindo probabilidades.

O imperador ouviu atentamente, e perguntou:

– E então? Isso não significa que você pode prever o futuro?

– Não é bem assim. Demonstrei que é teoricamente possível, e só. Para obter algo mais além disso teríamos em primeiro lugar que escolher o ponto de partida correto; depois, fazer as hipóteses corretas; e depois descobrir um modo de efetuar os cálculos necessários num lapso finito de tempo. A teoria que apresentei aqui em Trantor não diz como fazer tudo isso. E mesmo que tivéssemos como fazê-lo, o máximo que teríamos em mãos seria uma avaliação de probabilidades. Não é o mesmo que predizer o futuro, é apenas uma suposição sobre o que é mais provável de acontecer. Todo político ou homem de negócios faz isso o tempo inteiro. Qualquer pessoa dotada de razoável discernimento tem que fazer isso, para obter um mínimo de sucesso no que planeja.

– Fazem isso sem o auxílio da matemática.

– Exatamente. Fazem por intuição.

– Mas com o auxílio da matemática qualquer pessoa seria capaz de fazer uma avaliação correta de probabilidades, e não apenas aqueles poucos indivíduos dotados de uma intuição fora do comum.

– Correto. Mas demonstrei apenas que esse tipo de análise matemática é possível. Isso não quer dizer que seja realizável do ponto de vista prático.

– Como pode uma coisa ser possível e não poder ser realizada na prática?

– Teoricamente é possível, para mim, visitar cada mundo da Galáxia e cumprimentar cada um de seus habitantes. No entanto, isso iria exigir muito mais tempo do que os anos de vida que me restam. Mesmo que eu fosse imortal, os seres humanos se multiplicam muito rapidamente, e seu número total aumentaria mais depressa do que o número dos entrevistados por mim ... E mais ainda: um grande número de pessoas morreria antes que eu pudesse chegar até elas.

– Isso vale também para a sua matemática do futuro? Seldon hesitou um pouco, mas continuou.

– Talvez os cálculos exigissem um tempo longo demais para poderem ser úteis, mesmo que se usasse um computador do tamanho do universo, funcionando a uma velocidade hiperespacial, Quando a resposta fosse formulada já teria perdido o sentido, porque nesse intervalo de tempo a situação inicial já se teria modificado por completo.

– Esse processo não pode ser modificado? - indagou Cleon com vivacidade.

Seldon percebeu que o imperador assumia uma atitude cada vez mais formal à medida que as respostas que ouvia iam no sentido contrário às suas expectativas.

Respondeu, num tom igualmente impessoal.

– Vossa Majestade Imperial deve ter em mente o modo como os cientistas lidam com as partículas subatômicas. Há um número enorme delas, cada uma se movendo ou vibrando de um modo imprevisível e aparentemente aleatório; mas esse caos aparente possui padrões de ordem subjacentes, que nos permitem, através da mecânica quântica, responder às perguntas que formulamos. Algo semelhante se dá no estudo das sociedades, com os seres humanos individuais fazendo o papel dessas partículas; mas aí entra um novo fator, que é a mente humana. As partículas se movem sem consciência de si mesmas; os seres humanos não. Tentar computar todas as atitudes e todos os impulsos potenciais da mente humana iria tornar todo o processo tão incrivelmente complexo que seria preciso um tempo infinito para levar a cabo os cálculos necessários.

– Talvez os pensamentos humanos tenham um padrão de ordem subjacente, assim como o movimento das partículas.

– Talvez. Minha análise matemática pressupõe a existência de uma harmonia subjacente a todas as coisas, por mais desordenadas que possam parecer; mas não nos dá nenhuma indicação de como essa harmonia pode vir a ser descoberta. Pense bem, Sire. Vinte e cinco milhões de planetas, cada um com características próprias e com sua própria cultura, cada um substancialmente diferente dos demais, cada um contendo mais de um bilhão de seres humanos dotados de mentes individuais, e todos esses mundos interagindo entre si das mais diversas formas, gerando uma quantidade incalculável de combinações! Por mais que uma análise psico-histórica possa ser possível em teoria, é altamente improvável que seja um dia viável em termos práticos.

– O que quer dizer você com "análise psico-histórica"?

– Denomino psico-história à avaliação teórica de probabilidades relativas ao futuro.

O imperador ficou de pé subitamente e pôs-se a caminhar; foi até a outra extremidade do aposento, fez meia-volta, retomou, e parou diante da cadeira onde Seldon permanecia sentado.

– De pé! - ordenou.

Seldon levantou-se e teve que erguer um pouco os olhos para encarar o imperador. Esforçou-se para manter o olhar firme.

Cleon finalmente quebrou o silêncio.

– Essa sua psico-história ... se pudesse ser posta em prática, seria algo de enorme utilidade, não acha?

– Sem dúvida alguma. Saber em que direção marcha o futuro, mesmo de um modo geral e probabilístico, serviria como uma nova orientação para os nossos atos, um instrumento maravilhoso, algo que a humanidade nunca experimentou antes. Mas é claro que ..

Interrompeu-se. Cleon o interpelou, impaciente: - Sim? ..

– Bem, tudo indica que os resultados da análise psico-histórica teriam que permanecer desconhecidos da população, com exceção de um número reduzido de líderes e planejadores.

– Permanecer desconhecidos?! - exclamou Cleon com surpresa.

– Evidentemente. Tentarei explicar. Se os resultados da análise psico-histórica fossem levados ao conhecimento do público, as reações e as emoções das pessoas sofreriam uma distorção imediata.

A análise psico-histórica se baseia em emoções e reações que se produzem sem o conhecimento do futuro, senão, não tem sentido.

Os olhos do imperador brilharam e ele riu alto.

– Maravilhoso! - Desferiu um tapa no ombro de Seldon que fez o cientista vacilar. - Não percebe? Aí está para que serve tudo isso. Não precisamos prever o futuro. Basta escolher um futuro (um futuro bom, útil) e fazer previsões que alterem as emoções e reações humanas de tal modo que elas resultarão naquele futuro escolhido. É melhor criar um futuro positivo do que meramente predizer um negativo.

Seldon franziu a testa.

– Entendo o que quer dizer, Sire, mas isso é igualmente, impossível. .

– Impossível?

– Ou pelo menos impraticável. Não percebe? Se não podemos partir das reações e emoções humanas para predizer o futuro que elas irão forjar, também não podemos fazer o inverso. Não podemos estabelecer um futuro e predizer as emoções e reações humanas que conduzirão a ele.

Cleon apertou os lábios. Parecia frustrado.

– E essa sua monografia ... é assim que se diz, não é? Para que serve?

– É uma simples demonstração matemática. Tem aspectos que interessam aos matemáticos, mas nunca me passou pela cabeça que pudesse vir a ter alguma utilidade prática.

– Isso é irritante - disse Cleon, carrancudo.

Seldon encolheu os ombros de leve. Lamentava cada vez mais ter pronunciado aquela palestra. O que seria dele, caso o imperador começasse a achar que tinha feito papel de tolo?

A julgar pela expressão do seu rosto, Cleon não estava muito longe dessa ideia.

– Mesmo assim - disse ele -, você poderia fazer previsões relativas ao futuro, matematicamente justificadas ou não. Previsões que produziriam na população as reações adequadas, de acordo com a avaliação dos oficiais do governo, que são especialistas em saber o que a população está propensa afazer.

– Então para que precisariam de mim? Os próprios funcionários do governo poderiam fazer as previsões, sem nenhum intermediário.

– Mas não com a mesma credibilidade. Funcionários do governo estão sempre fazendo previsões desse tipo, e o público não acredita necessariamente no que eles dizem.

– Por que acreditariam em mim?

– Você é um matemático. Você estaria calculando o futuro e não simplesmente intuindo, se é esse o termo. - Mas eu não poderia calcular o futuro.

– Sim, mas quem saberia disso?

Os olhos de Cleon se estreitaram, e houve uma pausa no diálogo. Seldon sentiu-se preso numa armadilha. Seria prudente recusar-se a obedecer uma ordem dada diretamente pelo imperador? Isso poderia lhe valer a prisão, talvez a pena de morte. Não sem um julgamento, é claro, mas seria muito difícil conduzir esse tipo de processo de modo a contrariar a vontade de uma corte impiedosa, especialmente uma sob o comando do soberano do Império Galáctico.

– Não daria certo - disse ele, por fim. - Por que não?

– Daria certo apenas se me pedissem para fazer previsões muito vagas, de caráter geral, coisas que talvez não tivessem que ser verificadas senão quando esta geração, e talvez a próxima, já tivessem morrido. A desvantagem nesse caso é que o público iria prestar muito pouca atenção. Ninguém iria se entusiasmar muito com alguma eventual maravilha prevista para dali a um século.

– Para obter resultados palpáveis eu teria que fazer previsões de consequências mais definidas, sobre acontecimentos mais imediatos. Somente isso poderia ter alguma repercussão junto ao povo. O problema é que mais cedo ou mais tarde ... provavelmente bem cedo ... uma dessas previsões acabaria não se confirmando, e minha credibilidade cairia por terra. Em consequência, a popularidade de Vossa Imperial Majestade sofreria um sério abalo, e o pior de tudo é que não haveria

mais condições para o desenvolvimento da psico-história, mesmo que surgissem artifícios matemáticos que pudessem tornar mais possível a sua aplicação prática.

Cleon deixou-se cair numa cadeira e fitou Seldon, a testa franzida.

– É só isso que vocês matemáticos sabem fazer? Provar que as coisas são impossíveis?

Numa voz suave mas inflexível, Seldon respondeu:

– É Vossa Majestade, Sire, que insiste em coisas impossíveis.

– Deixe-me fazer um teste com você. Suponhamos que eu lhe pedisse para usar suas fórmulas matemáticas e avaliar se eu serei assassinado um dia. Qual seria sua resposta?

– A matemática não pode responder uma pergunta tão específica como essa, Sire, e não poderia, mesmo que a psico-história fosse suscetível de aplicação prática. Todo aparato da mecânica quântica não é capaz de predizer o comportamento de um elétron isolado: ela apenas indica o comportamento médio de uma grande quantidade deles.

– Você entende de matemática muito mais do que eu. Faça apenas uma suposição, com base em sua experiência. Há chance de que eu seja assassinado um dia?

Com a mesma suavidade, Seldon retrucou:

– Vossa Majestade me coloca numa posição difícil, Sire. Se me disser antes qual a resposta que deseja ouvir, eu a darei; senão, preciso ter certeza de que posso dar minha própria resposta sem incorrer no risco de uma punição.

Fale o que quiser.

– Tenho sua palavra de honra?

– Prefere tê-la por escrito? - A voz de Cleon veio carregada de sarcasmo.

– Sua palavra de honra, dada verbalmente, será o bastante - disse Seldon com um aperto no coração, pois não tinha certeza disso.

– Tem minha palavra de honra.

– Então, posso dizer-lhe que nos últimos quatro séculos quase a metade dos imperadores morreu assassinada. Isso me leva à conclusão de que as chances de Vossa Majestade ter a mesma sorte são de uma em duas ... aproximadamente.

– Qualquer idiota pode dar essa resposta - queixou-se Cleon.

– Para isso não é preciso ser matemático.

– Falei a Vossa Majestade que minha matemática é inútil para problemas de ordem prática.

– Você não leva em conta a possibilidade de que eu tenha aprendido alguma lição, vendo o destino que tiveram meus antepassados?

Seldon respirou fundo e foi em frente.

– Não, Sire. A História prova que nunca aprendemos lições com o passado. Por exemplo ... Vossa Majestade está me concedendo uma audiência privada. E se eu tivesse vindo até aqui com o propósito de assassiná-lo? - E aduziu rapidamente: - Evidentemente não é esse o caso.

Cleon sorriu, mas sem demonstrar bom humor.

– Meu rapaz, você não está levando em conta a nossa eficiência, e os avanços de nossa tecnologia. Nós estudamos sua história, sua vida, seu dossiê completo. Quando você chegou aqui, foi esquadrinhado por nossos instrumentos. Sua expressão facial e suas inflexões de voz foram analisadas. Ficamos com uma avaliação detalhada de seu estado emocional; sabíamos, praticamente, em que você estava pensando. Se houvesse algo de potencialmente perigoso em sua pessoa, você não teria sido trazido à minha presença. Para falar a verdade, provavelmente nem estaria vivo a esta altura.

Seldon sentiu-se atravessado por uma sensação de náusea, mas conseguiu falar:

– É claro que intrusos sempre tiveram dificuldade para chegar até um imperador, mesmo quando a tecnologia não era tão avançada. Mas a maioria dos assassinatos reais foi na verdade um golpe palaciano. O maior perigo para um imperador são as pessoas que o cercam. Contra esse tipo de perigo, de nada adianta esquadrinhar os visitantes. E Vossa Majestade não pode tratar os funcionários, os guardas, os seus assessores mais próximos, do mesmo jeito que me trataria.

– Sei disso - replicou Cleon. - Sei disso tão bem quanto você. A resposta é que trato bem aqueles que me cercam, e não lhes dou motivos para qualquer tipo de ressentimento.

– Isso é uma bobag ... - Seldon interrompeu-se, confuso.

– Vá, vá, continue - disse Cleon, impaciente. - Dei-lhe permissão para falar livremente. Por que é uma bobagem?

– Minha expressão foi infeliz, Sire. Eu queria dizer que essa questão do modo como Vossa Majestade trata as outras pessoas é irrelevante. Vossa Majestade

deve alimentar suspeitas; não seria humano se não fizesse. Se alguém usa uma palavra pouco apropriada, como foi meu caso agora, ou faz um gesto rude, ou usa uma expressão estranha... Vossa Majestade reagirá a isso com um movimento instintivo de recuo, de desconfiança. E isso põe em ação um círculo vicioso. A outra pessoa perceberá essa suspeita; e passará a se comportar de uma maneira artificial, tentando evitar que ela volte a se produzir. Vossa Majestade perceberá isso e ficará mais desconfiado ainda; no final desse processo, ou a outra pessoa será executada. ou Vossa Majestade morrerá às suas mãos. É um mecanismo que nenhum imperador nos últimos quatro séculos conseguiu evitar. Este é apenas um dos indícios de como se torna cada vez mais difícil administrar os negócios do Império.

– Então, nada que eu faça pode evitar que eu seja assassinado.

– Não, Sire - disse Seldon. - Mas talvez Vossa Majestade tenha um pouco de sorte.

Os dedos de Cleon estavam tamborilando no braço da cadeira, e ele disse, num tom rude:

– Você não tem nenhuma utilidade para mim, rapaz, e a sua psico-história muito menos. Pode retirar-se. - Com essas palavras, o imperador afastou os olhos, e de súbito pareceu muito mais velho do que seus 32 anos.

– Eu havia dito que minha matemática não poderia ser-lhe útil, Sire. Minhas mais profundas desculpas.

Seldon esboçou uma reverência mas, atendendo a algum sinal que lhe passou despercebido, dois guardas entraram no aposento e o conduziram para fora. Tudo o que ele ouviu foi a voz de Cleon às suas costas:

Levem esse homem de volta ao lugar de onde o trouxeram.

4.

Eto Demerzel surgiu no aposento e relanceou os olhos na direção do imperador, com uma afetada expressão de respeito.

– Sire - disse ele -, Vossa Majestade quase perdeu a calma. Cleon o encarou e, com algum esforço, conseguiu sorrir.

– É, tem razão. Esse indivíduo me decepcionou.

– De qualquer modo, ele não prometeu nada mais do que podia dar.

– Ele não me deu nada.

– E nada prometeu, Sire.

– Foi uma decepção.

– Talvez mais do que isso - disse Demerzel. - Esse homem é um canhão desregulado, Sire.

– Um ... um o quê desregulado? Você é cheio de expressões estranhas, Demerzel. O que é um canhão?

– Isso é apenas uma expressão que aprendi na juventude, Sire - respondeu Demerzel, com gravidade. - O Império é cheio de estranhos modos de falar, muitos dos quais desconhecidos em Trantor, assim como os de Trantor às vezes soam estranhos em outra parte.

– Está querendo me ensinar que o Império é grande? Enfim ... o que é um canhão desregulado?

– Isso quer dizer, Sire, que esse homem pode causar mal a muitas pessoas, mesmo que não seja essa a sua intenção. Ele não tem ideia da sua própria força, ou da sua própria importância.

– Isso é uma dedução sua, Demerzel?

– Sim, Sire. Esse homem é um provinciano. Não conhece Trantor, nem seus costumes. Nunca esteve antes em nosso planeta, e não sabe se comportar como alguém de sangue nobre, alguém da corte. E no entanto lidou com Vossa Majestade de igual para igual.

– E por que não? Eu lhe dei permissão para falar. Abri mão das formalidades. Eu o tratei de igual para igual.

– Não totalmente, Sire. Vossa Majestade não tem o hábito de tratar assim as outras pessoas. Vossa Majestade tem o hábito do comando. E mesmo quando

procura deixar o interlocutor à vontade, são poucas as pessoas que o conseguem. A maioria perde a fala, ou, pior ainda, torna-se subserviente, recorre à bajulação. Esse homem comportou-se à altura.

– Muito bem, Demerzel, você pode achar isso admirável, mas não gostei dele. - Cleon parecia pensativo e pouco satisfeito. - Você percebeu que ele não fez nenhum esforço para me explicar suas teorias matemáticas? É como se tivesse certeza de que eu seria incapaz de entender uma só palavra.

– E provavelmente não entenderia, Sire. Vossa Majestade não é um matemático, nem cientista, nem artista. Há muitas áreas do conhecimento em que outras pessoas sabem mais do que Vossa Majestade. Mas a obrigação dessas pessoas é usar esses conhecimentos para servi-lo. Vossa Majestade é o imperador, e isso vale mais do que todas essas especializações juntas.

– Será? Eu não me incomodaria de passar por ignorante diante de um homem idoso, que tivesse levado anos e anos para acumular seus conhecimentos. Mas esse tal Seldon tem a minha idade. Como pode saber de tanta coisa?

– Ele não teve que aprender o hábito do comando, Sire, a arte de tomar decisões que irão afetar a vida de todas as pessoas.

– Às vezes, Demerzel, tenho a impressão de que você está rindo de mim.

– Sire?! - A expressão de Demerzel era de censura e respeito ao mesmo tempo.

– Não importa. Vamos falar do seu canhão desregulado. Que razões você tem para considerá-lo perigoso? A mim não parece mais do que um provinciano, um simplório.

– Também o é. Mas há essa teoria matemática que ele desenvolveu.

– Diz ele que não serve para nada.

– Vossa Majestade achou que serviria. Eu também achei, depois que Vossa Majestade me falou a respeito. Outras pessoas também poderão pensar assim. O próprio matemático pode acabar se convencendo disso, agora que alguém despertou sua atenção. Quem sabe? Talvez ele acabe descobrindo um meio de tornar útil sua descoberta. Se isso acontecer, a pessoa que conseguir antever o futuro, mesmo sem exatidão, estará numa posição de imenso poder. Mesmo que Seldon não ambicione esse poder para si mesmo, e esse tipo de abnegação sempre me parece uma hipótese remota, ainda assim ele pode ser usado por alguém mais.

– Eu tentei convencê-lo. Não consegui.

– Ele não teve tempo suficiente para pensar, mas talvez tenha, na próxima vez. E

talvez ele não estivesse interessado em servir a Vossa Majestade, mas pudesse ser persuadido a trabalhar para ... digamos, o prefeito de Wye.

– Por que trabalharia para Wye, e não para nós?

– Como ele sempre explicou, é sempre difícil prever as emoções e o comportamento de indivíduos isolados.

Cleon assumiu um ar carrancudo e ficou algum tempo em silêncio. Depois voltou à carga:

– Acha mesmo que ele pode desenvolver essa tal de psico-história a ponto de dar-lhe alguma utilidade? Ele parece tão seguro de que isso é impossível...

– Talvez, com o passar do tempo, ele perceba que estava errado ao negar essa possibilidade.

Então, suponho que teria sido melhor mantê-lo aqui conosco.

– Não, Sire. O instinto de Vossa Majestade estava certo, quando deixou Seldon partir. Prendê-lo, ou coagi-lo de qualquer forma, iria produzir nele ressentimento e ansiedade, e isso não o ajudaria a desenvolver suas ideias, nem o tornaria mais propenso a trabalhar para nós. Melhor deixá-lo partir, como Vossa Majestade fez, mas mantê-lo sob vigilância. Assim poderemos saber se ele não está a serviço de nenhum dos inimigos de Vossa Majestade; e podemos estar certos de que, quando seus instrumentos científicos estiverem prontos, ele será trazido de volta até nós ... e aí poderemos ser mais persuasivos.

– Mas, e se ele for apanhado por algum dos meus inimigos ... ou melhor, por algum dos inimigos do Império, porque eu sou o Império? E se ele resolver, por sua própria iniciativa, servir a um desses inimigos? Como vê, essa possibilidade não está fora das minhas cogitações.

– Nem deveria. Farei o possível, Sire, para que tal coisa não aconteça, mas se apesar dos nossos esforços acabar sucedendo, então é melhor Seldon não trabalhar para ninguém do que trabalhar para a pessoa errada.

Cleon pareceu pouco à vontade.

– Deixo isso em suas mãos, Demerzel, mas vá com cuidado. Esse Seldon pode ser, no final das contas, apenas o proprietário de uma ciência teórica que não serve para nada.

– É bem possível, Sire. Mas é mais seguro admitir que esse homem é, ou pode tornar-se, alguém importante. Se comprovarmos que ele é um joão-ninguém, teremos perdido apenas um pouco do nosso tempo, e nada mais. Mas se descobrirmos um dia que o subestimamos, poderemos perder a Galáxia.

– Então está resolvido - disse Cleon. - Mas se acontecer algo desagradável, poupe-me os detalhes.

– Esperemos que não seja esse o caso - disse Demerzel.

5.

Seldon teve uma noite inteira e o início de uma manhã para refletir sobre seu encontro com o imperador. Ou, pelo menos, a variação de luminosidade nas passarelas, nos corredores móveis, nas praças e nos parques de Trantor indicava que havia transcorrido toda uma noite e parte da manhã.

Agora ele estava num pequeno parque, sentado num banco de plástico que se amoldava ao seu corpo e o fazia sentir-se com conforto. A julgar pela luz, seriam umas nove da manhã; o ar estava fresco, agradável, nem um pouco cortante ...

Seria assim o tempo todo? Seldon lembrou-se do céu ameaçador e cinzento do dia anterior, quando estava indo ao encontro de Cleon. Pensou também nos dias cinzentos, nos dias gelados, nos dias quentes e chuvosos de Helicon, seu planeta natal, e imaginou se alguém seria capaz de sentir falta daquilo. Seria possível sentar-se num parque de Trantor, desfrutando dia após dia de um clima ideal, a ponto de ter a impressão de estar boiando no nada ... e começar a ter saudade do uivo de uma ventania, ou de um frio cortante, ou de uma umidade irrespirável?

Talvez. Mas não no primeiro dia ou no segundo, nem na primeira semana. Ele tinha apenas aquele dia em Trantor; partiria na manhã seguinte, e tinha a intenção de aproveitar aquelas horas da melhor maneira possível. Quem sabe - talvez nunca mais retornasse a Trantor.

Ainda se sentia inquieto pelo fato de na véspera ter falado de um modo tão desassombrado diante de um homem que podia, a seu bel-prazer, ordenar o encarceramento ou a execução de quem quer que fosse - ou pelo menos podia decretar sua perda de status profissional, sua morte social e econômica.

Antes de se deitar, Seldon tinha consultado o arquivo enciclopédico no terminal de computador em seu quarto de hotel, à procura de informações sobre Cleon. O texto era altamente elogioso em relação ao imperador, como sem dúvida tinha sido em relação a todos os anteriores durante seus reinados, independentemente de seus feitos. Seldon não levou em conta esses elogios, mas seu interesse foi despertado pela informação de que Cleon tinha nascido no Palácio e jamais deixara suas dependências. Jamais estivera em Trantor propriamente dito, jamais

pusera os pés no interior de qualquer uma das incontáveis cúpulas que recobriam o planeta. Uma questão de segurança, talvez, mas isso queria dizer que o imperador era um prisioneiro, e não fazia muita diferença se ele admitia esse fato ou não. Era talvez a mais luxuosa prisão de toda a Galáxia, mas era uma prisão.

Embora Cleon tivesse se mostrado cortês e não parecesse ser um autocrata sanguinário à maneira de muitos de seus antecessores, Seldon lamentava ter atraído sua atenção, e achava reconfortante a ideia de que no dia seguinte estaria partindo rumo a Helicon, mesmo lembrando que lá era inverno, e um inverno bem rigoroso.

Olhou para o alto, para aquela luminosidade difusa. Embora a chuva fosse algo impossível ali, o ar estava longe de ser seco. Não muito longe de Seldon, ouvia-se o murmúrio de uma fonte; as plantas eram verdes e provavelmente nunca tinham sentido falta de umidade. De tempos em tempos, os arbustos próximos farfalhavam, como se animais miúdos estivessem correndo por baixo de suas folhas. E era possível escutar o zumbido das abelhas.

Na verdade, embora Trantor fosse considerado em toda a Galáxia um mundo artificial feito em metal e cerâmica, pelo menos naquele trecho tinha uma aparência decididamente primitiva.

Havia algumas outras pessoas desfrutando do clima ameno do parque, todas usando chapéus leves, alguns deles bem pequenos. Uma moça aparentemente bonita estava bem próxima dele, mas inclinada sobre um visor e Seldon não podia ver direito seu rosto. Um homem vinha se aproximando; seus olhos cruzaram distraidamente com os de Seldon, sem parecerem percebê-lo, e em seguida ele se sentou num banco próximo, mergulhando sua atenção num maço de telecópias; cruzou as pernas. Trajava uma espécie de calça muito justa, cor-de-rosa.

Seldon já tinha observado que os homens em Trantor davam preferência a roupas em tons pastéis (o que ele achava pouco comum), enquanto que as mulheres, em sua maioria, vestiam-se de branco. Mas num ambiente claro e reluzente como aquele, fazia sentido usar cores leves. Ele baixou os olhos, divertido, para seus trajes heliconianos, em que predominava o marrom-escuro. Se tivesse que permanecer mais algum tempo em Trantor (o que não era o caso) teria que comprar novas roupas, ou passaria a ser objeto de curiosidade, de riso ou de desagrado. O homem que folheava as telecópias, por exemplo, tinha voltado a olhar em sua direção, sem dúvida intrigado com aquelas vestimentas típicas de alguém de outro planeta.

Bem, pelo menos não estava rindo. Seldon podia encarar filosoficamente o fato

de alguém ver nele uma figura extravagante, mas em hipótese alguma isso o deixava contente.

Continuou observando discretamente o outro homem, que parecia agora travar uma discussão interna consigo mesmo: em dado momento deu a impressão de que ia dirigir a palavra a Seldon, depois pareceu mudar de ideia, em seguida fez menção de falar, mais uma vez. Seldon permaneceu onde estava, aguardando o resultado final.

Observou o outro com mais atenção. Era um homem alto, de ombros largos, e sem nenhum sinal de obesidade; seu cabelo era escuro com alguns reflexos dourados, o rosto bem barbeado, fisionomia séria; transmitia uma impressão de força, embora não fosse musculoso, e suas feições tinham traços bem acentuados - um rosto agradável, sem ser propriamente bonito.

No momento em que o homem pareceu perder (ou ganhar) a luta que travava consigo, e falou em sua direção, Seldon concluiu que simpatizava com ele.

– Desculpe-me - disse o outro -, mas creio que o vi participando da Convenção Decenal. Na área de matemática, não é isso? - Exatamente - respondeu Seldon

– Ah, eu bem sabia. Achei que o tinha reconhecido e sentei-me aqui até ter certeza. Desculpe se estou atrapalhando a sua privacidade ...

– Oh, não. Estou apenas passando o tempo.

– Deixe-me ver se me lembro bem. Você é o professor Seldon. Seldon.

– Hari Seldon. Chegou perto. E você?

– Chetter Hummin. - O homem pareceu algo embaraçado. - É um desses nomes inventados em casa, creio eu.

– Nunca encontrei ninguém chamado Chetter - disse Seldon.

– Nem Hummin, para falar a verdade. Isso o torna uma pessoa única, a meu ver. Talvez seja melhor do que viver sendo confundido com uma infinidade de Haris que existem por aí, sem falar nos Seldons.

Chegou seu banco mais para perto do outro, arrastando-o sobre os ladrilhos de cerâmica aparente.

– Por falar em coisas feitas em casa - continuou -, o que me diz desta roupa que estou usando? Não me tinha ocorrido a ideia de que talvez precisasse usar roupas trantorianas.

– Talvez precise comprar algumas - disse Hummin, tentando disfarçar o ar de reprovação com que fitou o traje de Seldon.

– Estou indo embora amanhã, e mesmo assim creio que não teria dinheiro. Os matemáticos costumam manejar números muito grandes, mas nunca em seu orçamento pessoal. Aliás, devo supor que você é matemático.

– Oh, não. Sou um zero nesse departamento.

– Oh - fez Seldon, desapontado. - Mas você me viu na Convenção.

– Estive lá como espectador. Sou jornalista. - Exibiu o maço de telecópias e só então pareceu perceber que ainda as segurava; guardou-as no bolso do casaco. - Fui lá para colher material para as holo-transmissões - Ficou pensativo um instante e depois comentou: - Aliás, estou cansado disso.

– Desse trabalho? Hummin assentiu.

– Estou cansado de passar a vida recolhendo fatos absurdos que nos chegam de todos os planetas. Estou numa espiral descendente, e detesto isso. - Lançou um olhar especulativo na direção de Seldon. - Mesmo assim, de vez em quando surge uma novidade realmente interessante. Ouvi dizer que você foi visto na companhia de um guarda imperial, indo na direção do Palácio. Por acaso terá sido recebido pelo imperador?

O sorriso apagou-se do rosto de Seldon, e ele respondeu devagar:

– Se isso tivesse acontecido, dificilmente eu poderia dar declarações públicas a respeito.

– Não, não tem nada a ver com publicação. Se você ainda não sabe, Seldon, deixe-me ser o primeiro a dizer-lhe: a primeira regra para os homens de imprensa daqui é que nada pode ser dito sobre o imperador, ou sobre seus círculos mais próximos, além do que é oficialmente divulgado. Claro que é uma bobagem, porque a quantidade de boatos que circula acaba sendo algo mais prejudicial do que a verdade. Mas é assim que a coisa funciona.

– Se você não pode publicar nada, meu caro, então por que pergunta?

– Curiosidade pessoal. Em minha profissão, acabo sabendo de muitas coisas além do que é transmitido para o público. Deixe-me arriscar uma suposição. Não vi sua conferência, mas houve rumores de que você falou sobre a possibilidade de se prever o futuro.

Seldon abanou a cabeça e murmurou: - Meu maior erro.

– O quê?

– Nada.

– Bem, qualquer tipo de previsão, desde que acurada, deve interessar ao

imperador, como deve interessar a qualquer governante. Portanto, tenho o palpite de que Cleon, Primeiro desse Nome, deu-se ao trabalho de fazer conduzir o professor Seldon ao Palácio e pediu-lhe para fazer uma ou duas previsões.

Seldon respondeu, bastante empertigado:

– Não tenho a intenção de falar a esse respeito. Hummin encolheu os ombros.

– Suponho que Eto Demerzel estava presente.

– Quem?

– Eto Demerzel. Nunca ouviu falar nele?

– Nunca.

O alter ego de Cleon. Seu cérebro, sua eminência parda .. ele tem sido chamado de todas essas coisas, se nos limitarmos ao que não tem caráter pejorativo. Demerzel certamente estava lá. - Hummin percebeu a expressão confusa de Seldon. - Ora, não importa. Talvez você não o tenha visto, mas ele estava lá. E se ele imagina que você pode prever o futuro ...

– Eu não posso prever o futuro - exclamou Seldon, abanando a cabeça com força. - Quem tiver assistido à minha conferência sabe que eu falei apenas numa possibilidade teórica.

– É a mesma coisa. Se ele pensa que você pode prever o futuro, não vai deixá-lo livre.

– Já deixou. Estou aqui, não estou?

– Isso não quer dizer nada. Ele sabe onde você está, e saberá o tempo inteiro. E quando ele quiser apanhá-lo ele o fará, não importa onde você esteja. Se ele decidir que você tem algo que lhe interessa, ele saberá arrancar isso de você. E se ele achar que você é perigoso, ele se livrará de você.

Seldon o encarou.

– O que está pretendendo com isso? Me amedrontar?

– Quero apenas preveni-lo.

– Não acredito numa palavra do que você diz.

– Não? Há alguns instantes atrás você se referiu a alguma coisa como seu maior erro. Talvez esteja imaginando que sua conferência foi um erro, porque ela o meteu numa enrascada, num tipo de situação em que você não gostaria de se ver envolvido.

Seldon mordeu o lábio inferior, preocupado. O palpite de Hummin estava muito

próximo da verdade ...

Foi nesse momento que Seldon percebeu a presença dos intrusos.

Não projetaram nenhuma sombra sobre eles, porque a luz do dia era suave e uniformemente distribuída; foi apenas um movimento que Seldon percebeu com o canto do olho, e que no mesmo instante se interrompeu.

2. FUGA

TRANTOR - ... A capital do Primeiro Império Galáctico ... Sob o reinado de Cleon, ela atingiu o seu crepúsculo. Aos olhos de todos, entretanto, estava no auge de seu esplendor. Sua superfície continental de duzentos milhões de quilômetros quadrados estava inteiramente recoberta por cúpulas (com exceção da área do Palácio Imperial) formando uma única e ilimitada megalópole que se estendia até mesmo para baixo das plataformas continentais. A população era de quarenta bilhões de habitantes, e embora houvesse indícios numerosos (e claramente visíveis, numa análise retrospectiva) de que os seus problemas estavam se multiplicando, aqueles que viviam em Trantor ainda tinham o planeta na conta do Mundo Eterno referido pelas lendas, e não imaginavam que ele um dia ...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

6.

Seldon ergueu os olhos. Um rapaz bastante jovem estava parado à sua frente, olhando-o com uma expressão que era um misto de divertimento e menosprezo. Ao seu lado outro rapaz, talvez um pouco mais jovem. Ambos eram de boa estatura e davam a impressão de fisicamente fortes.

Vestiam-se à moda trantoriana, mas com exagero, pelo que Seldon pôde avaliar: cores fortes e agressivas, cintos largos ornados com franjas, chapéus redondos com abas muito largas, e uma fita cor-de-rosa indo da aba do chapéu até a nuca.

Aos olhos de Seldon aquilo era cômico, e ele sorriu.

– Qual é a graça, meu camarada? - inquiriu o rapaz, em tom de desafio.

Seldon ignorou a atitude do outro e respondeu com polidez: - Desculpe meu sorriso, por favor. Apenas achei a sua roupa interessante.

– Ah, é? É a minha roupa, que é interessante? E o que me diz desses molambos de segunda-mão que você está usando?

Ele estendeu a mão e roçou com o dedo a lapela do casaco de Seldon - cuja cor, pensou ele, era lamentavelmente fosca e sombria, em comparação com as cores vivas do traje do outro.

– Minhas roupas são de outro planeta - disse ele -, mas infelizmente são as únicas de que disponho.

Naquele instante, não pôde deixar de perceber que as poucas pessoas que havia no parque estavam ficando de pé e se encaminhando para longe dali, como se pressentissem algum tipo de complicação e preferissem ficar a salvo. Seldon se perguntou se Hummin estaria a ponto de fazer o mesmo; mas preferiu não afastar os olhos do intruso à sua frente, e recostou-se um pouco mais à cadeira, para encará-lo.

– Então, você é um forasteiro - disse o rapaz. - Sim. Daí a minha indumentária.

– Indumentária? a que diabo é isso? É a linguagem do seu planeta?

– Não é bem isso. Estou me referindo às minhas roupas. Elas são do mundo de onde venho, por isso parecem estranhas.

– Você vem de onde?

– Helicon.

As sobrancelhas do rapaz convergiram uma para a outra.

– Nunca ouvi falar.

– Não é um planeta muito grande.

– Por que não vai embora para lá?

– Estou indo. Amanhã.

– Amanhã não. Vai hoje. Agora. O rapaz olhou para seu companheiro; Seldon acompanhou seu olhar e teve uma rápida visão de Hummin, ainda sentado. Mas o parque àquela altura estava deserto, a não ser pelos quatro.

– Não posso ir hoje - disse Seldon. - Ainda pretendo dar um passeio.

– Não pretende nada, cara. Você vai é embora. Seldon sorriu.

– Sinto muito, mas não vou. O rapaz voltou a olhar seu colega. - Gosta das roupas dele, Marbie? Marbie falou pela primeira vez.

– Não. São nojentas. Dá vontade de vomitar.

– A gente não pode deixar que ele saia por aí, fazendo as pessoas vomitarem. Não é, Marbie? Faz mal à saúde.

– Isso mesmo, Alem. Alem sorriu.

– Está vendo? Ouviu o que Marbie disse? Então Seldon ouviu a voz de Hummin.

– Olha aqui, pessoal. Alem, Marbie, seja qual for o nome de vocês. Já se divertiram. Por que não vão embora?

Alem, que se tinha inclinado ligeiramente na direção de Seldon, voltou a se endireitar e retrucou:

– Quem é você?

– Não é da sua conta - disse Hummin.

– É trantoriano?

– Também não lhe interessa.

Alem franziu a testa.

– Você veste roupas trantorianas. A gente não quer nada com você. Não se meta em complicações.

– Já estou metido. Isso quer dizer que nós somos dois. Dois contra dois não parece ser o tipo de briga que vocês gostam. Por que não dão uma volta e chamam alguns amigos? Aí talvez possam brigar conosco.

Seldon interveio:

– Fique afastado disso, Hummin. Agradeço a sua ajuda, mas não quero que lhe

aconteça alguma coisa.

– Esses caras não são perigosos, Seldon. São apenas dois lacaios baratos.

– Lacaios!

O termo pareceu enfurecer Alem, e Seldon imaginou que em Trantor ele devia ser considerado mais ofensivo do que em Helicon. - Olha aqui, Marbie - rosnou Alem. - Você toma conta desse filho de uma lacaia, e eu vou rasgar as roupas desse Seldon, que é o que nos interessa. Agora ...

Ele abaixou as mãos para agarrar Seldon pela lapela e fazê-lo ficar de pé. Seldon jogou o corpo para trás, num reflexo aparentemente instintivo, fazendo o banco inclinar-se; agarrou as mãos de Alem com força, e jogou o pé direito para cima, entre as pernas do outro, no instante em que o banco caía para trás. Alem pareceu voar sobre ele, aterrissando com violência sobre as costas e a nuca. Seldon rolou de lado rapidamente no instante em que tocou o chão, olhou para Alem caído a pouca distância, e em seguida virou-se para localizar Marbie. Alem continuou caído, o rosto contorcido de dor: seus polegares estavam torcidos, as costas machucadas, e uma dor aguda subia pelo seu baixo-ventre.

O braço esquerdo de Hummin tinha agarrado por trás o pescoço de Marbie, e com a mão direita ele torcia o braço do outro até um ângulo doloroso. O rosto de Marbie estava vermelho, e ele respirava com dificuldade. Aos seus pés, caído no chão, brilhava um punhal-laser.

Hummin afrouxou um pouco o aperto e disse a Seldon, numa voz que demonstrava preocupação:

– Você o machucou.

– Acho que sim - disse Seldon. - Se ele tivesse caído em outra posição poderia ter quebrado o pescoço.

– Que raio de matemático é você? - perguntou Hummin.

Um matemático heliconiano - disse Seldon. Abaixou-se, apanhou o punhal- laser e o examinou. - Uma coisa feia ... e perigosa.

– Um punhal comum faria o mesmo efeito - disse Hummin -, sem necessitar de uma fonte de energia. Mas vamos deixar esses dois irem embora. Duvido que queiram continuar.

Largou Marbie, que se afastou, arquejante. Esfregando o ombro e depois o pescoço, lançou um olhar cheio de ódio para os dois.

– É melhor que vocês caiam fora daqui - disse Hummin, asperamente. - Senão vamos dar queixa por assalto e tentativa de homicídio. Não será difícil provar

que esse punhal pertence a vocês.

Ficaram observando enquanto Marbie ajudava Alem a ficar de pé e o conduzia, cambaleando, curvado de dor. Ainda olharam para trás uma ou duas vezes, mas Seldon e Hummin se mantiveram impassíveis.

Seldon estendeu a mão.

– Não sei como agradecer a alguém que ajuda um quase desconhecido contra dois assaltantes. Duvido que eu tivesse conseguido enfrentá-los sozinho.

Hummin fez um gesto de desdém.

– Esses caras não me metem medo. São dois lacaios, desordeiros de rua. Tudo o que eu tinha a fazer era pôr minhas mãos em cima deles ... e você também, claro.

– Você é bom de briga - comentou Seldon. Hummin encolheu os ombros.

– Você também. - Sem mudar o tom de voz, continuou: - E vamos cair fora daqui. Estamos perdendo tempo.

– Por que ir embora? Está com medo de que aqueles dois voltem?

– Eles nunca voltarão aqui enquanto estiverem vivos. Mas você viu aqueles valentes que bateram em retirada daqui para não presenciar uma cena desagradável. Talvez algum deles tenha alertado a polícia.

– Melhor. Temos os nomes dos assaltantes. E podemos descrevê-los com razoável exatidão.

– Descrevê-los? Para a polícia? E por que motivo ela se interessaria?

– Eles praticaram uma agressão, e ...

– Não seja bobo. Não sofremos um arranhão. Eles dois é que devem estar indo para um hospital, principalmente Alem. Nós é que seríamos acusados de agressão.

– Mas isso é impossível. Aquelas pessoas viram que ...

– Nenhuma delas vai ser convocada a depor. Seldon, meta isso na sua cabeça. Aqueles dois vieram especificamente à sua procura. Sabiam que você estava usando roupas heliconianas, sabiam sua descrição. Talvez tenham visto até uma holografia sua. A minha suspeita é de que foram mandados aqui pelas pessoas que controlam a polícia, de modo que é melhor irmos embora o quanto antes.

Hummin pôs-se a caminho, arrastando Seldon pelo braço. O . matemático não teve como resistir e o acompanhou, como uma criança tentando acompanhar o passo de uma governanta apressada.

Entraram por uma galeria e, antes mesmo que os olhos de Seldon se acostumassem à meia-luz reinante ali no interior, ouviram o ruído estridente dos freios de um carro.

– Chegaram - murmurou Hummin. - Mais depressa! Seguiram a passos largos até atingir um corredor-móvel, e ali se misturaram à multidão.

7.

Seldon ainda tentou persuadir Hummin a levá-lo a seu hotel, mas o outro não lhe deu ouvidos.

– Está maluco? - disse em voz baixa. - Claro que estarão lá, à sua espera.

– Bem, minha bagagem também está lá, à minha espera.

– Então, que continue esperando.

Estavam agora num quarto não muito espaçoso, num edifício de apartamentos cuja localização exata Seldon não tinha a menor condição de avaliar. Olhou ao redor. Era um aposento único, quase totalmente ocupado por uma cama, uma escrivaninha com cadeira e um terminal de computador. Não havia cozinha, pia ou lavatórios. Antes de subirem até ali, Hummin conduzira Seldon até um banheiro coletivo no andar térreo. Pouco antes de Seldon terminar seu banho, um homem entrou no banheiro e, sem lhe dar muita atenção, lançou apenas um olhar de curiosidade para suas roupas.

Seldon mencionou o fato a Hummin quando saiu, e o jornalista sacudiu a cabeça, preocupado.

– Temos que nos livrar dessas suas roupas. É uma pena que Helicon seja um planeta tão distanciado da moda ...

Seldon o interrompeu, impaciente:

– Não acha que boa parte disso tudo é apenas imaginação, Hummin? Não nego que estou meio convencido, mas mesmo assim pode ser que isso não passe de uma espécie de ... de ...

– Acho que a palavra que você procura é paranoia

– Digamos que seja. Tudo isso pode não passar de paranoia de sua parte.

– Está bem, então pense um pouco mais a respeito. Não posso demonstrar isso matematicamente; mas você esteve com o imperador. Não o negue. Ele queria

algo de você, algo que você se recusou a fornecer. Não adianta negar. Meu palpite é que ele queria informações sobre o futuro, e você se esquivou. Talvez Demerzel esteja pensando que você apenas fingiu não estar de posse de todas as informações, e que as estava guardando para exigir depois um preço mais alto, ou que há mais alguém interessado nelas. Quem pode saber? Já lhe disse que se Demerzel estiver interessado em você pode encontrá-lo onde quer que você esteja. Eu estava lhe dizendo isso quando aqueles dois malucos apareceram. Olhe, eu sou jornalista, e sou trantoriano. Sei como essas coisas funcionam. Houve um momento em que o tal Alem disse: "esse Seldon é o que nos interessa. " Lembra disso?

– Agora que você falou, acho que sim.

– Para ele eu era apenas um intrometido que devia ser mantido à distância enquanto ele cumpria a sua missão, que era agredir você.

Hummin sentou-se, e fez um gesto na direção da cama.

– Deite aí, Seldon. Descanse um pouco, e fique à vontade.

– Quem quer que tenha mandado aqueles dois (e na minha opinião foi Demerzel) pode mandar outros, portanto temos que nos livrar dessas suas roupas. Estou achando que qualquer heliconiano que for encontrado neste setor usando esse tipo de traje vai ter muitos problemas até conseguir provar que não é Hari Seldon.

– Ora, o que é isso?!

– Estou falando sério. Tire essas roupas. Vamos ter que atomizá-las. Espero poder levá-las até uma unidade de eliminação sem ser percebido, mas antes disso temos que conseguir trajes trantorianos para você. Tenho que levar em conta que você é um pouco mais baixo que eu, mas não faz mal se houver uma pequena diferença.

Seldon abanou negativamente a cabeça.

– Não posso pagar. Os poucos créditos que me restam estão no cofre do hotel. Aqui, comigo, não tenho quase nada.

– Acertaremos isso mais tarde. Por enquanto, você fica aqui uma ou duas horas, e eu vou pegar as roupas.

Seldon abriu os braços e suspirou resignado.

– Está bem. Já que a coisa é tão séria, ficarei aqui.

– Promete que não volta para o hotel? Palavra de honra?

– Palavra de matemático Mas estou meio constrangido por estar dando todo esse trabalho, sem falar nas despesas. Afinal de contas, a despeito de toda sua história sobre Demerzel, aqueles caras não iam me ferir, nem me sequestrar No máximo iriam estragar minhas roupas.

– Mais do que isso. Iam levá-lo ao espaçoporto e enfiá-lo numa hiper-nave para Helicon.

– Era só uma ameaça boba. Não era para ser levada a sério.

– Por que não?

– Eu estou indo amanhã para Helicon. Disse isso a eles. E ainda pretende ir?

– Claro. Por que não?

– Por inúmeros motivos.

Seldon não conseguiu esconder sua momentânea irritação, - Olhe aqui, Hummin, já estou me cansando desta brincadeira. Não tenho mais o que fazer aqui e quero ir para casa. Minha passagem ficou no hotel, senão eu iria agora mesmo trocá-la para viajar hoje. Não estou brincando.

– Você não pode voltar para Helicon.

O rosto de Seldon enrubesceu de impaciência.

– Não posso? Por que não posso? Será que eles vão estar lá a minha espera?

Hummin assentiu.

– Não fique zangado, Seldon. Eles vão estar lá à sua espera.

Ouça o que eu digo: se você voltar para Helicon, estará praticamente nas mãos de Demerzel. Helicon é um lugar de confiança para o Império. Você já soube de alguma rebelião de Helicon, ou de alguma vez em que Helicon tenha tomado o partido de um anti-imperador?

– Isso nunca aconteceu, e por boas razões. Helicon é cercado por planetas muito maiores. Sua segurança depende da paz interna do Império.

– Exatamente. Portanto, as forças imperiais em Helicon podem sempre contar com a cooperação do governo local. Lá, você estaria o tempo inteiro sob vigilância cerrada. Quando Demerzel quisesse apanhá-lo, bastaria estender a mão. E se eu não estivesse agora a preveni-lo você não estaria sabendo de nada: continuaria trabalhando às claras, cercado por uma falsa sensação de segurança.

– Mas isso é ridículo. Se ele me queria em Helicon, porque não esperou simplesmente que eu voltasse para lá? Eu ia voltar amanhã. Por que mandar aqueles dois desordeiros para me apressar, correndo o risco de despertar minha

desconfiança?

– Ele não imaginou que isso aconteceria. Não sabia que eu ia estar por perto, e que arrastaria você para esta minha ... paranoia

– Está bem. Mas por que apressar minha partida, por uma questão de poucas horas?

– Talvez ele temesse que você mudasse de ideia.

– E para onde eu iria, senão para meu planeta? Se ele pode me apanhar em Helicon, pode fazê-lo em qualquer outro mundo. Pode me apanhar em ... em Anacreon, digamos, a dez parsecs de distância, se eu tivesse a ideia de fugir para lá. Para uma nave hiperespacial, a distância não importa. E mesmo que eu encontrasse um mundo menos subserviente ao Império do que Helicon, não poderia encontrar um que estivesse em rebelião frontal. O Império está em paz. Alguns planetas ainda se ressentem de injustiças do passado, mas nenhum deles iria desafiar as forças imperiais só para me proteger. Além disso, em qualquer lugar fora de Helicon eu não seria um cidadão local, e não haveria nem mesmo essa questão de princípios para fazê-los ficar a meu lado.

Hummin escutou com paciência, concordando com movimentos leves de cabeça, mas sua expressão continuava tão séria e impassível quanto antes.

– Tudo isso está correto - disse ele -, mas há um planeta que não está nas mãos do imperador. E deve ser isso que preocupa Demerzel.

Seldon hesitou. Passou em revista a história recente, e não conseguiu lembrar nenhum planeta onde as forças imperiais não exercessem seu domínio. Acabou indagando:

– Que planeta é esse?

– Você já está nele - disse Hummin -, e é isso, creio eu, que deixa Demerzel tão preocupado. Não é que ele esteja ansioso para vê-lo em Helicon: ele está ansioso para vê-lo longe de Trantor, antes que por algum motivo qualquer, até mesmo por curiosidade turística, você resolva ficar.

Os dois homens ficaram em silêncio por algum tempo até que Seldon falou, com voz sardônica:

– Trantor, capital do Império, com o quartel-general da frota numa estação orbital, e com as melhores unidades do exército aquarteladas em seu território. Se você acha que Trantor é um lugar seguro para mim, você está derivando da paranoia para a fantasia delirante.

– Não. Você não é deste mundo, Seldon. Não conhece Trantor. Aqui há quarenta

bilhões de pessoas, e há poucos planetas que tenham sequer um décimo dessa população. A complexidade cultural e tecnológica deste mundo é inimaginável. Este lugar onde estamos agora é o Setor Imperial. .. com o nível de vida mais alto da Galáxia, e habitado apenas por funcionários do Império. Mas no restante do planeta há mais de oitocentos diferentes setores, alguns dos quais com subculturas totalmente diversas da que temos aqui, e alguns deles inatingíveis às forças imperiais.

– Por que inatingíveis?

– O Império não pode exercer toda sua pressão aqui dentro de Trantor. Se o fizer, pode abalar este ou aquele aspecto de uma tecnologia da qual o planeta inteiro depende. Essa tecnologia se baseia em conexões tão numerosas e intrincadas que prejudicar uma única delas poderia provocar uma pane geral. Acredite em mim, Seldon. Você não faz ideia do que acontece em Trantor quando não se consegue amortecer um terremoto, ou quando uma erupção vulcânica não é desafogada a tempo, ou não se consegue dissipar uma tempestade, ou mesmo quando algum erro humano foge ao nosso controle. O planeta inteiro vacila, e todos os esforços se voltam no sentido de restaurar seu equilíbrio.

– Nunca ouvi falar nisso.

– Claro que não. - Um sorriso contido surgiu no rosto de Hummin. - Acha que o Império iria fazer propaganda de sua principal fraqueza? O que há é que eu sou um jornalista, e fico sabendo de fatos que não chegam ao conhecimento dos estrangeiros ou da própria população de Trantor, mesmo quando o Império pressiona para que esses fatos permaneçam ocultos. Pode acreditar no que digo. O imperador sabe, e Eto Demerzel também, que qualquer perturbação em Trantor pode destruir o Império.

– Por isso você me aconselha a permanecer aqui?

– Sim. Posso levá-lo para algum lugar em Trantor onde você estará totalmente fora do alcance de Demerzel. Não terá que mudar de nome e poderá prosseguir abertamente em seu trabalho, e ainda assim ele não poderá pôr as mãos em você. É por essa razão que ele queria forçá-lo a se afastar daqui, e se não fosse pelo golpe de sorte que nos aproximou (e pela sua habilidade em termos de defesa pessoal) tudo teria dado certo.

– Sim, mas terei que ficar aqui em Trantor durante quanto tempo?

– Durante o tempo que for necessário para sua própria segurança. Quem sabe? Talvez pelo resto da vida.

8.

Seldon olhou para sua própria holografia que brilhava no projetor doméstico de Hummin. Era algo mais realista e impressionante do que um espelho. Na verdade, parecia que havia dois dele parados no aposento.

Examinou a manga do casaco. Sua educação heliconiana o fazia desejar que sua cor fosse mais discreta, mas sentia-se grato a Hummin por ter escolhido cores mais suaves do que as que eram habituais naquele planeta. (Pensou nas roupas que seus dois assaltantes usavam, e sentiu um calafrio).

– Suponho - disse ele - que devo usar este chapéu aqui.

– No Setor Imperial, sim - disse Hummin. - Andar de cabeça descoberta aqui é considerado hábito plebeu. Nos demais setores, as regras são outras.

Seldon suspirou. O chapéu era redondo, e feito de um material suave que se amoldava à cabeça. A aba era de largura uniforme em toda a volta, embora não tão larga quanto a dos chapéus de Alem e Marbie. Seldon consolou-se um pouco ao perceber que, no momento em que punha o chapéu na cabeça, a aba se curvava sozinha, de um modo gracioso.

– Está faltando a correia sob o queixo - disse ele.

– É assim mesmo - respondeu Hummin. - Quem usa essa correia são os jovens magricelas.

– Os jovens o quê?

– Um magricela é alguém que usa roupas com O propósito de escandalizar. Tenho certeza de que em Helicon também há disso. - Oh, sim - grunhiu Seldon. - Há uma rapaziada que usa o cabelo longo, até o ombro, mas só de um lado ... e raspa o outro.

Deu uma gargalhada ao evocar a figura, e Hummin fez um trejeito divertido com a boca, antes de comentar:

– Deve ser uma coisa muito feia.

– Mas é pior ainda. Ao que parece há duas facções: uns deixam crescer o cabelo do lado direito, e outros do lado esquerdo; e cada grupo acha o estilo do outro tremendamente ofensivo. De vez em quando se cruzam na rua e há uma verdadeira batalha campal.

– Já que em Helicon é assim, imagino que você vai conseguir usar o chapéu, ainda mais sem a correia.

– Irei me acostumando - disse Seldon.

– De qualquer modo, vai chamar um pouco de atenção. É um modelo excessivamente discreto, e vai dar a impressão de que você está de luto. Além disso, não está perfeitamente ajustado ... você não parece muito à vontade. Mas, já que não vamos ficar muito tempo no Setor Imperial... Já viu o bastante?

E Hummin desligou a holografia.

– Quanto custou isto tudo? - inquiriu Seldon.

– Que diferença faz?

– Não gosto de ficar lhe devendo.

– Não se preocupe. Entrei nesta história porque quis. Mas estamos nos demorando demais por aqui. Tenho certeza de que minha descrição já circulou, e mais cedo ou mais tarde eles me identificarão e virão até aqui.

– Nesse caso a questão do dinheiro é realmente um problema menor - disse Seldon. - Você está correndo um risco pessoal por minha causa. Está correndo perigo.

– Sei disso. Mas foi uma decisão minha, e sei tomar conta de mim mesmo.

– Sim, mas por que ...

– Podemos discutir o aspecto filosófico mais tarde. Bem, já atomizei suas roupas, e não creio que alguém me tenha visto. Houve um dispêndio extra de energia, que ficou registrado, e alguém pode acabar adivinhando o que aconteceu. É muito difícil dissimular as coisas por aqui, quando se é vigiado por olhos rápidos e mentes espertas. Mas antes que eles consigam somar dois e dois, estaremos em lugar seguro.

9.

Caminharam ao longo de passarelas onde brilhava uma luz amarela e muito suave. Os olhos de Hummin se moviam numa e noutra direção, atentos, e ele procurava manter o passo de acordo com o fluxo da multidão, sem ultrapassar ninguém e sem ser ultrapassado.

Durante o trajeto, iam conversando descuidadamente sobre assuntos sem importância. Seldon, inquieto e com dificuldade para proceder do mesmo modo, comentou:

– Parece que se anda muito a pé por aqui. Há filas imensas em todas as direções, nas passarelas, nas calçadas ...

– E por que não? Andar ainda é o melhor meio de transporte a curta distância. É o mais conveniente, o mais barato, e o mais saudável. Séculos e mais séculos de avanço tecnológico não foram capazes de alterar isto. A propósito, Seldon, você sofre de acrofobia?

Seldon olhou sobre o parapeito à sua direita: havia um abismo escancarado entre as duas passarelas por onde as pessoas seguiam em direções opostas, e que eram cortadas a intervalos regulares por passadiços transversais. Ele estremeceu de leve.

– Se você se refere a medo das alturas, normalmente não. Mas não é muito agradável olhar daqui para baixo. A que altura estamos?

– Neste local, a uns quarenta ou cinquenta andares, creio eu. Isto é muito comum no Setor Imperial e em outras regiões mais desenvolvidas. Na maioria dos lugares, caminha-se praticamente ao nível do solo.

– Isto não estimula tentativas de suicídio?

– Raramente. Há métodos mais práticos. Além do mais, suicídio não é um problema social em Trantor. Se alguém está pretendendo acabar com a própria vida, temos centros especializados para isto, com vários métodos à escolha ... desde que o indivíduo se submeta antes a uma psicoterapia. O que acontece de vez em quando são acidentes, mas não me refiro a isto quando falo em acrofobia. Temos que ir agora a uma locadora de táxis onde sou conhecido ... já lhes prestei favores como jornalista e eles me retribuem isso de vez em quando. Lá posso ter certeza de que não registrarão minha ida nem o fato de que eu estava acompanhado. Terei que pagar um adicional, é claro; e se os homens de Demerzel os apertarem bastante eles terão que dizer a verdade e pôr a culpa em algum funcionário descuidado. Mas isso nos fará ganhar tempo.

– E onde entra a acrofobia?

– Para chegar lá temos que usar um elevador gravitacional; é mais rápido. É algo que pouca gente usa, e eu mesmo não o acho muito agradável, mas se você topar, será bem mais prático.

– E o que é isso?

– Ainda está em fase experimental. Talvez um dia seu uso esteja espalhado por todo o planeta, desde que se torne psicologicamente aceitável para um número razoável de pessoas. Depois disso, pode até mesmo ser adotado em outros mundos. É, por assim dizer, um poço de elevador sem cabine. Você dá um passo

para dentro do espaço vazio e desce devagar (ou sobe devagar) pela ação de antigravidade. É a única aplicação prática da antigravidade que foi possível estabelecer até agora. Talvez porque seja a mais simples.

– E o que acontece se houver uma falha de energia quando estivermos em pleno trajeto?

– ... Exatamente o que você está pensando. A gente cai e morre, a menos que esteja a pouca altura. Não ouvi falar que tivesse acontecido até hoje, e pode acreditar que, se acontecesse, eu ficaria sabendo. Talvez não pudesse ser noticiado por motivos de segurança, que é o pretexto das autoridades para esconder más notícias, mas eu saberia. Bem, já estamos chegando. Se não lhe agradar, então podemos ir pelo corredor móvel; mas é muito mais lento, e a maioria das pessoas costuma enjoar depois de certo tempo.

Pegaram uma passarela lateral e chegaram por fim a um amplo terraço onde havia uma fila de homens e mulheres, alguns com crianças. Seldon falou em voz baixa:

– Nunca ouvi nada sobre isso em Helicon. É claro que nossos noticiários são acima de tudo locais, mas é de supor que teríamos ouvido falar nesse tipo de coisa.

– Como já falei, ainda é algo experimental, e restrito ao Setor Imperial de Trantor. O governo não está interessado em dar muita publicidade ao projeto, pois o excessivo consumo de energia o torna pouco rentável. Foi tudo uma ideia do velho imperador, Stanel VI... o que surpreendeu a todo mundo morrendo pacificamente em sua cama. Antes de deixar o trono para Cleon, ele insistiu em instalar alguns desses elevadores; queria deixar o seu nome associado à antigravidade, pois, como acontece frequentemente aos velhos governantes que não fizeram nada de importante, estava preocupado com seu lugar na História. Ainda não sabemos se esse tipo de tecnologia poderá ter aplicações generalizadas; talvez seu único uso continue sendo esse tipo de elevador.

– Que outros usos poderia ter?

– Eles estão pensando em voo espacial. Mas isso iria requerer uma série de descobertas revolucionárias, e a maioria dos físicos acha que isso está fora de cogitações. Mas também diziam o mesmo do elevador.

A fila estava se tornando cada vez menor, e daí a pouco Seldon se viu, juntamente com Hummin, de pé na borda da abertura, com um poço vazio adiante. O ar à sua frente parecia emitir uma fraca cintilação. Num gesto instintivo, ele estendeu a mão - e sentiu uma espécie de choque. Não sentiu dor,

mas sua mão foi instantaneamente repelida.

– É só uma precaução - disse Hummin. - Para que ninguém cruze o limiar sem que os controles tenham sido ativados.

Acionou algumas teclas no painel de controle e a cintilação desapareceu.

Seldon curvou-se e olhou para o fundo do poço. Hummin advertiu:

– Será mais fácil se você fechar os olhos e deixar que eu o conduza. Não vai durar mais que alguns segundos.

O fato é que ele não deu muita chance de escolha a Seldon: agarrou-lhe o braço e mais uma vez Seldon não conseguiu resistir à contundência daquele comando; deram um passo para dentro do poço, e Seldon (que para seu próprio embaraço ouviu-se emitindo um débil gemido) pisou no vazio.

Fechou os olhos. Não experimentou qualquer sensação de queda, nenhum deslocamento do ar. Passaram-se alguns segundos, e Hummin o impeliu para a frente. Ele tropeçou, recuperou o equilíbrio, e percebeu que pisava solo firme novamente. Abriu os olhos.

– Conseguimos?

– Não morremos - disse Hummin secamente, e, sem relaxar o aperto no braço de Seldon, obrigou-o a caminhar.

– Estou perguntando - insistiu Seldon - se chegamos ao andar certo.

– Claro.

– O que teria acontecido se estivéssemos descendo e viesse alguém subindo?

– Há dois poços. Num deles todas as pessoas descem à mesma velocidade; no outro, sobem. O poço só permite a entrada de alguém quando não há outra pessoa a dez metros de distância. Se tudo funcionar direito, não há chance de colisão.

– Não senti absolutamente nada.

– E por que deveria sentir? Não há aceleração. -Depois do primeiro décimo de segundo você está se movendo a uma velocidade constante, e o ar à sua volta se desloca com a mesma velocidade.

– É maravilhoso.

– É mesmo, mas é antieconômico. E parece que não há muito esforço no sentido de aumentar a eficiência disso, ou torná-lo rentável. Por toda parte se escuta o mesmo refrão: "não vamos conseguir, é impossível". Aliás, esse refrão se aplica a tudo. - Hummin sacudiu os ombros com evidente irritação.

– Mas estamos chegando à locadora de táxis. Vamos resolver logo essa questão.

10.

Seldon procurou manter-se despercebido no terminal dos aerotáxis, mas não foi fácil. Tentar parecer excessivamente discreto - afastar-se, evitar encarar os transeuntes, examinar com atenção excessiva um veículo estacionado - seria a melhor maneira de atrair as atenções. Teria que se comportar com a normalidade dos que não têm o que temer.

Mas o que era normalidade? Ele não se sentia à vontade naquelas roupas sem bolsos, em que não tinha onde pôr as mãos. As duas bolsinhas penduradas ao cinto, de ambos os lados, batiam de leve contra seus quadris quando caminhava, dando-lhe a impressão constante de que alguém roçara nele.

Fitou as mulheres que passavam. Não conduziam bolsas, pelo menos não naquele modelo: a maioria conduzia nas mãos algo como caixinhas, ocasionalmente presas aos quadris com a ajuda de algum artifício que Seldon não chegou a identificar mas imaginou ser pseudo-magnético As vestes femininas (ele reparou com pesar) não revelavam muito as formas do corpo, nem eram decotadas. Alguns vestidos, no entanto, pareciam desenhados propositadamente para realçar as nádegas.

Enquanto Seldon observava os transeuntes, Hummin estava ocupado pagando os créditos necessários, e logo retomou com a ficha em cerâmica supercondutora que ativava um determinado aerotáxi.

– Entre aí, Seldon - disse ele, indicando um veículo pequeno, de dois assentos.

– E então? Teve que assinar seu nome?

– Claro que não. Sou conhecido aqui, e posso dispensar as formalidades.

– Eles sabem o que está se passando?

– Não perguntaram nada, e não dei qualquer informação. Hummin inseriu a ficha na ranhura e Seldon sentiu uma ligeira vibração quando o aerotáxi entrou em funcionamento.

– Estamos indo para a 0-7 - disse Hummin.

Seldon não tinha a menor ideia do que fosse a 0-7, mas imaginou que se tratasse de alguma via expressa.

O aerotáxi foi deslizando inicialmente pelo solo, abrindo caminho por entre os carros; finalmente alcançou uma rampa de curva ascendente, ganhou velocidade e, com uma pequena sacudidela, projetou-se no espaço.

Seldon, que ao sentar-se tinha sido automaticamente envolto numa espécie de malha de segurança, sentiu as costas pressionadas de encontro ao assento, e logo a seguir para a frente, sendo retido pela malha.

– Não é o mesmo que a antigravidade - comentou.

– Não - concordou Hummin. - Uma tênue propulsão a jato, o bastante para nos conduzir até os túneis lá no alto.

O que agora surgia diante deles era uma espécie de paredão monumental pontilhado de aberturas, num padrão regular que lembrava um tabuleiro de damas. Hummin manobrou o veículo na direção da abertura 0-7, evitando os aerotáxis que rumavam para outros túneis.

– Dá a impressão de que vamos bater - disse Seldon, depois de pigarrear.

– E bateríamos, se tudo dependesse de meus reflexos. Mas o táxi é computadorizado, e é o computador o que na realidade o manobra. O mesmo vale para os outros. Prepare-se ... lá vamos nós.

Penetraram na abertura 0-7 como se tivessem sido aspirados para dentro dela, e a luminosidade brilhante do espaço aberto foi substituída por uma luz amarela e difusa.

Hummin largou os controles e recostou-se, com um suspiro de satisfação.

– Bem, o primeiro estágio foi cumprido sem problemas. Poderíamos ter sido detidos na estação. Aqui, estamos razoavelmente seguros.

O deslocamento do táxi era suave, e as paredes do túnel passavam com rapidez. Não se ouvia quase nada além de um zumbido aveludado, à medida que o veículo se projetava à frente.

– A que velocidade estamos indo? - perguntou Seldon. Hummin lançou um olhar ao painel de controle.

– Trezentos e cinquenta quilômetros por hora - respondeu.

– Propulsão magnética?

– Sim. Imagino que vocês têm isso em Helicon.

– Temos uma linha, apenas. Nunca viajei nela, embora sempre tivesse a intenção. Mas não creio que se compare a isto.

– Certamente que não. Trantor tem muitos milhares de quilômetros destes túneis perfurando a camada superior do solo, e uma boa quantidade que penetra em trechos de mar com pouca profundidade. É o nosso principal meio de transporte a longa distância.

– Quanto tempo levaremos?

– Até chegarmos ao nosso destino? Um pouco mais de cinco horas.

– Cinco horas! - Seldon ficou boquiaberto.

– Não se preocupe. A cada vinte minutos, mais ou menos, há pequenas estações onde poderemos sair do túnel, parar, esticar as pernas, fazer um lanche ... Claro que prefiro fazer isso tão poucas vezes quanto for possível.

Ficaram calados durante algum tempo, e Seldon teve um sobressalto quando, pouco depois, um clarão relampejou à sua direita e, por alguns segundos, ele teve a visão de dois aerotáxis.

– Uma das tais estações - disse Hummin, respondendo à pergunta que Seldon não chegou a fazer.

O heliconiano estava pensativo, e voltou a falar logo em seguida.

– Hummin, estarei mesmo em segurança nesse lugar para onde estamos indo, seja ele onde for?

– Estará a salvo de qualquer ação explícita da parte do imperador. Mas sempre é preciso se precaver contra ações isoladas: um espião, um delator, um assassino profissional... Em todo caso, arranjarei uma guarda pessoal para você.

Seldon inquietou-se:

– Assassino profissional? Está falando sério? Acha mesmo que querem me matar?

– Demerzel, com certeza, não o quer. Acho que ele pretende usá-lo, não liquidá-lo. Contudo, podem surgir outros inimigos, ou pode haver uma combinação inesperada de circunstâncias, e você não pode seguir pelo mundo afora como um sonâmbulo.

Seldon abanou a cabeça e olhou para fora. Pensou que há apenas 48 horas atrás era um matemático insignificante e praticamente desconhecido, vindo de outro mundo e contente com a oportunidade de passar uns poucos dias em Trantor como turista, deleitando seus olhos provincianos com os prodígios daquele enorme planeta. E agora, não havia como fugir à realidade: era um homem perseguido, caçado pelos agentes do Império. O insólito da situação o esmagava, e ele sentiu um tremor.

– E quanto a você? - perguntou. - E quanto a isto que está fazendo agora?

Hummin fez uma expressão meditativa.

– Bem, imagino que eles não vão ter ideias muito agradáveis a meu respeito.

Posso acabar com a cabeça esmigalhada, ou meu tórax pode explodir pela ação de algum assaltante misterioso que jamais será identificado.

Não havia qualquer tremor em sua voz e sua expressão permaneceu inalterada, mas Seldon encolheu-se.

– Achei desde o começo que você sabia estar correndo esse tipo de risco - disse ele. - Mas não parece muito preocupado.

– Sou trantoriano, e há muito tempo. Conheço este mundo tão bem quanto qualquer outra pessoa. Conheço uma porção de gente, e muitos me devem favores. Gosto de me considerar um sujeito esperto, um sujeito difícil de enganar. Em outras palavras, Seldon, tenho certeza de que sei cuidar bem de mim mesmo.

– Isso me deixa satisfeito, e espero que você tenha razão, Hummin, mas ainda não entendi por que motivo está se metendo nisto. O que represento para você, afinal? Por que está se arriscando tanto por causa de alguém que é praticamente um estranho?

Hummin fez uns pequenos ajustes nos controles, com ar distraído, e depois virou o corpo para encarar Seldon. Seu olhar era firme, e totalmente sério.

– Quero salvá-lo do imperador pela mesma razão por que ele está à sua procura: pelos seus poderes de previsão do futuro.

Seldon sentiu uma funda pontada de desapontamento. Então no fim das contas não estava sendo salvo de coisa alguma: era apenas a presa disputada por dois antagonistas e incapaz de se defender. Murmurou com amargura:

– Nunca mais conseguirei viver minha própria vida, depois desta Convenção. Acho que arruinei meu futuro.

– Não, meu caro matemático, não salte direto para as conclusões. O imperador e seus funcionários precisam de você por uma única razão: tornar suas vidas mais seguras. Estão interessados em suas habilidades, mas só até o ponto em que elas possam servir para preservar a autoridade do imperador e de seu descendente, e manter a posição, o status, e o poder dos seus assessores. Mas eu preciso dos seus poderes para o bem da Galáxia.

– Há alguma diferença? - foi a pergunta ácida de Seldon. Hummin retrucou, o rosto carregado de preocupação:

– Se você não enxerga a diferença, é lamentável da sua parte.

Os seres humanos que ocupam a Galáxia já existiam muito antes de o imperador nascer; existiam antes de surgir a dinastia que ele representa; existiam antes

mesmo do surgimento do Império. A humanidade é muito mais antiga do que o Império. Talvez seja até mais antiga do que os 25 milhões de mundos habitados. Há lendas que falam de um tempo em que a humanidade habitava em um único planeta.

– Lendas! - Seldon encolheu os ombros.

– Sim, lendas, mas nada impede que isso tenha de fato ocorrido, há vinte mil anos ou mais. Imagino que a humanidade não tenha nascido já de posse dos conhecimentos que tornam possível o voo hiperespacial. Certamente houve uma época em que o homem não podia viajar a velocidades maiores que a da luz, e seu domínio estava restrito a um único sistema planetário.

– E se olharmos adiante, para o futuro, temos que concordar em que os habitantes da Galáxia continuarão a existir depois que você e o imperador tiverem morrido, depois que sua linha de sucessão esteja extinta e as próprias instituições do Império se tenham dissolvido. Nesse caso, não podemos nos preocupar em demasia com o destino de meros indivíduos, mesmo com o do imperador e o do jovem príncipe. Não podemos nos preocupar nem mesmo com a estrutura do Império. O que acontecerá, no futuro, com os quatrilhões de pessoas que habitam a Galáxia? O que será feito delas?

– Os planetas e as pessoas continuarão existindo, julgo eu.

– Você não sente nenhum impulso no sentido de investigar as condições dessa futura existência?

– Acho que podemos supor que continuarão existindo do mesmo jeito que agora.

– Podemos supor. Mas não poderíamos saber, com o auxílio dessa ciência da previsão de que você fala?

– Eu a chamo de psico-história. Sim, teoricamente poderíamos saber.

– E você não tem nenhuma ânsia de transformar essa teoria em prática?

– Eu gostaria muito, Hummin, mas a vontade de fazê-lo é uma coisa, e a possibilidade de fazê-lo é outra. Eu disse ao imperador que a psico-história não poderia ser transformada numa técnica suscetível de aplicações práticas, e agora me vejo forçado a dizer-lhe o mesmo.

– E você não tem nem sequer a intenção de tentar descobrir essa técnica?

– Não, não tenho, do mesmo modo que não tenho a intenção de empilhar um monte de pedras do tamanho de Trantor, contá-las de uma em uma e depois enfileirá-las por ordem decrescente de massa. Eu sei que é algo que eu jamais poderia concluir no espaço de uma vida inteira, e não seria idiota a ponto de

tentar.

– Mas tentaria, se soubesse a verdade a respeito da situação da espécie humana?

– Isso não faz sentido. Qual é a verdade sobre a situação da espécie humana? Você sabe, por acaso?

– Sei. E posso dizê-la em cinco palavras. Os olhos de Hummin voltaram a fitar o túnel à sua frente, aquela paisagem branca e imutável de paredes brilhantes que se alargavam ao vir ao seu encontro, envolviam o veículo durante um breve e vertiginoso instante, e voltavam a se afunilar e desaparecer lá atrás. Hummin falou devagar, escandindo as sílabas, e sua voz estava mais sombria do que nunca.

Ele disse:

– O Império Galáctico está morrendo.

3. UNIVERSIDADE

UNIVERSIDADE DE STREELING - Uma instituição de estudos avançados no Setor Streeling da antiga Trantor. .. Apesar de ser considerada famosa tanto no campo das ciências exatas quanto no das humanidades, não foi devido a isso que o nome da Universidade se impregnou tão fortemente na consciência contemporânea. Gerações inteiras de pesquisadores teriam provavelmente uma enorme surpresa se soubessem que nos tempos futuros a Universidade de Streeling seria lembrada, principalmente, porque um certo Hari Seldon teve ali um curto período de residência, durante a fase de sua vida que ficou conhecida como "A Fuga".

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

11.

Hari Seldon mergulhou num incômodo silêncio após a frase calmamente articulada por Hummin. Sentiu-se encolhido, minúsculo, ao constatar assim de súbito suas próprias deficiências.

Tinha inventado uma nova ciência, a psico-história. Tinha sutilmente expandido as leis da probabilidade, levando em conta novas complexidades e incertezas, até estar de posse de um elegante sistema de equações com incontáveis incógnitas - talvez um número infinito delas, embora ele ainda não pudesse afirmá-lo com segurança.

Mas era um quebra-cabeça matemático, e nada mais.

Ele dispunha da psico-história (ou pelo menos das bases da psico-história), mas somente a título de curiosidade matemática. Onde estava o conhecimento histórico que poderia, quem sabe, infundir algum sentido àquelas equações abstratas?

Seldon não o possuía. Nunca se tinha interessado por História.

Conhecia apenas as linhas gerais da história de Helicon; cursos a respeito desse pequeno fragmento da história humana eram, naturalmente, obrigatórios nas escolas heliconianas. Mas o que poderia haver por trás disso? Com certeza, os conhecimentos que ele tinha assimilado não continham mais do que esqueletos nus de uma porção de fatos, recolhidos por mãos alheias - metade lenda, metade informações distorcidas.

Ainda assim, como era possível alguém afirmar que o Império Galáctico estava morrendo? Ele existia enquanto império há dez mil anos; mesmo antes disso, Trantor, já como a capital do reino dominante, era a sede de um império virtual há mais de dois milênios. O Império tinha sobrevivido durante aqueles séculos iniciais em que setores inteiros da Galáxia, vez por outra, se recusavam a abrir mão de sua independência local. Tinha sobrevivido às vicissitudes das eventuais sublevações, das guerras dinásticas, dos períodos de depressão. A maioria dos planetas pouco se deixara afetar por tudo isso, e Trantor tinha crescido, sem sofrer maiores abalos, até se tornar o planeta-cidade que agora se autodenominava "O Mundo Eterno" .

Era bem verdade que nos últimos quatro séculos a turbulência política se tinha acentuado ligeiramente, dando lugar a um surto de assassinatos de imperadores e golpes de Estado. Mas mesmo isso já parecia ser coisa do

passado, e naquele momento a Galáxia parecia atravessar um de seus períodos de maior tranquilidade Sob o reinado de Cleon I (bem como sob o de seu pai, Stanel VI) os mundos do Império desfrutavam de prosperidade, e o próprio Cleon não era considerado tirano. Mesmo aqueles que contestavam o Império como instituição não tinham nenhuma queixa mais séria contra Cleon, ainda que nutrissem antipatia contra Eto Demerzel.

Então, por que motivo Hummin era capaz de dizer que o Império estava morrendo - e dizê-lo com tamanha convicção?

Hummin era um jornalista. Provavelmente tinha conhecimentos detalhados sobre a história da Galáxia, assim como também devia conhecer em detalhe sua atual situação. Talvez estivesse de posse de informações que poderiam fundamentar sua afirmativa, mas que informações seriam essas?

Por várias vezes Seldon esteve a ponto de abrir a boca para perguntar algo, mas a expressão sombria de Hummin o detinha. E havia um outro fator que o fazia temer a possível resposta: sua crença profundamente arraigada de que o Império Galáctico era um axioma, um ponto pacífico, a pedra fundamental sobre a qual repousavam todas as certezas. Talvez essa crença estivesse equivocada, mas nesse caso ele preferia nem tomar conhecimento disso.

Não, ele não podia estar enganado. O fim do Império Galáctico era algo tão inconcebível quanto o fim do próprio Universo, ou melhor: somente o fim do próprio Universo era uma razão admissível para que o Império, por sua vez, deixasse de existir.

Seldon fechou os olhos e tentou cochilar, mas não conseguiu, E agora? Teria que se dedicar ao estudo da história do Universo, para poder desenvolver sua teoria da psico-história?

E como o faria? Havia 25 milhões de mundos, cada qual com sua própria história, num tecido de infinita complexidade. Como poderia estudar tudo aquilo? Sabia da existência de filmes-livros, em muitos volumes, que abordavam a história da Galáxia. Chegara mesmo a consultar um deles certa vez, por alguma razão de que nem se lembrava mais; lembrava apenas tê-lo achado maçante, e não chegara a vê-lo nem pela metade.

Esses filmes-livros estudavam os mundos mais importantes. Alguns eram estudados ao longo de quase toda sua história; outros eram mencionados à medida que ganhavam importância, e até o ponto em que mergulhavam no esquecimento. Seldon lembrava que certa vez tinha procurado o nome de Helicon no índice, para constatar que havia uma única citação a respeito de seu

mundo. Digitando o código que dava acesso a essa citação, ele constatou que Helicon estava incluído numa relação de planetas que, em certa ocasião, tinham apoiado temporariamente um pretendente ao trono imperial que acabou não sendo bem-sucedido em suas aspirações. Helicon não chegou a sofrer represálias; talvez porque não fosse suficientemente importante.

Qual a utilidade que poderia ter esse tipo de história? Era evidente que a psico-história teria que levar em conta as ações, reações e interações de todos os planetas; de cada um com todos os restantes. Como poderia alguém estudar a história de 25 milhões de mundos e computar todas as suas interações? Uma tarefa impossível, e isso era apenas mais um argumento em favor de sua conclusão de que a psico-história tinha interesse teórico mas jamais poderia ser destinada a fins práticos.

Seldon sentiu-se levemente impelido para diante, e percebeu que o aerotáxi reduzia a velocidade.

- O que houve? - perguntou.

- Já nos distanciamos um bocado - disse Hummm. - Podemos correr o risco de parar um instante, ir ao banheiro, fazer um lanche rápido.

Durante os quinze minutos seguintes, a velocidade do aerotáxi foi reduzindo aos poucos, até que surgiu diante deles uma ampla reentrância, brilhantemente iluminada. Hummin manobrou-naquela direção, e logo eles estacionavam numa área já ocupada por meia dúzia de outros veículos.

12.

O olhar experimentado de Hummin pareceu avaliar, de um só relance, a área de estacionamento, os outros táxis, o restaurante, as passarelas, os homens e mulheres que por ali circulavam. Seldon, mais uma vez tentando não chamar a atenção de ninguém e sem saber como consegui-lo, examinava Hummin para registrar suas reações. Quando se sentaram à mesa e fizeram seus pedidos, ele perguntou, tentando parecer despreocupado:

- Tudo em ordem?

- Parece que sim - disse Hummin.

- Como sabe?

Os olhos negros de Hummin o fitaram de frente.

- Instinto - respondeu. - Anos e anos indo de um lado a outro à procura de notícias. Você olha ao redor e pensa: nada de interessante por aqui.

Seldon assentiu e sentiu-se aliviado. O tom de voz de Hummin tinha uma certa carga de ironia, mas no fundo ele estava dizendo a verdade.

Sua satisfação só durou até a primeira mordida que deu no sanduíche. Com a boca cheia, ele encarou Hummin, enquanto uma expressão de dolorosa surpresa se espalhava em sua face.

- É um restaurante de estrada, meu caro - disse Hummin.

- Comida rápida, barata, e não muito boa. É feita em casa, e contém um fermento de sabor muito forte; mas o paladar dos trantorianos já está acostumado.

Seldon engoliu com dificuldade, e protestou: - Mas, lá no hotel...

- Você estava no Setor Imperial, Seldon. Ali a comida é importada, e quando eles empregam micro-alimentação, é da melhor qualidade. E é algo muito caro, também.

Seldon avaliou se teria coragem de dar outra mordida.

- Quer dizer então que, durante o tempo em que eu ficar em Trantor ...

Hummin fez um sinal de cautela.

- Não deixe ninguém perceber que você está acostumado a pratos mais refinados. Há lugares em Trantor onde é pior ser identificado como um aristocrata do que como alguém de outro planeta. Mas posso lhe garantir que a comida não é assim em toda parte; estes restaurantes de beira de estrada são famosos pela má qualidade da comida. Se você for capaz de comer esse sanduíche poderá comer qualquer outra coisa em Trantor. E não precisa se preocupar: não vai lhe fazer mal, não é comida estragada ou coisa desse tipo. É um tempero forte, grosseiro, pode-se dizer; e você irá se acostumando. Conheço trantorianos incapazes de comer qualquer coisa que não apresente esse tipo de sabor.

- Como é a produção de comida em Trantor? - perguntou Seldon, depois de verificar que não havia ninguém sentado nas proximidades. - Sempre ouvi dizer que são necessários vinte planetas próximos e centenas de naves cargueiras para alimentar Trantor durante um único dia.

- E é assim. Também são necessárias centenas de naves para retirar o lixo do planeta. E se você quiser tornar essa história ainda mais interessante pode dizer que as naves que chegam trazendo comida vão embora do planeta carregadas de lixo. Nós importamos grandes quantidades de alimentos, mas a maior parte são

artigos de luxo. E exportamos lixo, depois de dar-lhe um tratamento que o torna inofensivo e de muita utilidade como fertilizante orgânico, coisa tão fundamental para outros mundos quanto a sua produção agrícola é para nós. Mas isso é apenas uma pequena parte do total.

- É mesmo?

- Claro. Além da pesca nos oceanos, temos hortas e fazendas por toda parte. E árvores frutíferas, granjas, criação de coelhos, e fazendas onde são cultivados micro-organismos ... geralmente são chamadas "fazendas de fermento", embora o fermento seja apenas pequena parte das suas culturas. E a maior parte do nosso lixo é reaplicada aqui mesmo, como fertilizante. O fato é que, sob vários pontos de vista, Trantor se assemelha a uma gigantesca colônia espacial. Já visitou uma delas? .

- Sem dúvida.

- Colônias espaciais são cidades auto-suficientes, onde tudo é artificialmente reciclado, onde há ventilação artificial, dias e noites artificiais, e assim por diante. A única diferença é que mesmo a maior dessas colônias tem apenas uns dez milhões de habitantes, e Trantor tem quatro mil vezes esse número. E, é claro, aqui dispomos de gravidade natural; e nenhuma colônia do espaço pode se rivalizar conosco em matéria de micro-alimentação Temos nossos reservatórios de fermento, criação de fungos, tanques de algas mais vastos do que qualquer coisa que você já tenha imaginado. E o sabor artificial é uma tecnologia muito avançada entre nós, usada sem a menor parcimônia. É daí que vem esse sabor que você está experimentando.

Seldon já estava quase terminando o sanduíche, e já não achava o sabor tão agressivo quanto na primeira dentada.

- Isso não vai me fazer mal?

- Pode afetar sua flora intestinal. De vez em quando algum desafortunado visitante de outro planeta é acometido de diarreia, mas isso é raro, e as pessoas rapidamente se acostumam. Em todo caso é melhor terminar seu milk-shake, mesmo que não esteja muito gostoso: ele contém um antidiarreico que o deixará tranquilo mesmo que você tenha o organismo sensível a essas coisas.

- Não fale assim - queixou-se Seldon. - Tem gente que é muito sugestionável.

- Esqueça isso e tome o milk-shake.

Terminaram a refeição em silêncio, e logo estavam novamente a caminho.

13.

Quando estavam mais uma vez em pleno voo ao longo daquele infindável túnel, Seldon resolveu formular a pergunta que vinha inquietando sua mente durante a última hora.

- Por que você diz que o Império está morrendo? Hummin o encarou:

- Como jornalista, vivo absorvendo estatísticas por todos os lados, até ter a impressão de que elas começam a me transbordar pelos ouvidos. E só tenho autorização para publicar pequena parte delas. A população de Trantor está diminuindo. Há 25 anos, era de quase 45 bilhões.

- Esse declínio é, em parte, consequência da queda na taxa de natalidade. Em Trantor, essa taxa nunca foi muito elevada. Se você prestar atenção, quando andar em Trantor. vai ver um número muito pequeno de crianças, comparado à população total. Mas mesmo esse índice está diminuindo cada vez mais. E há também a emigração. Há mais gente indo embora de Trantor do que vindo morar nela.

- Considerando o tamanho da população - disse Seldon -, não é de admirar.

- Mas mesmo assim é inquietante, porque nunca aconteceu antes. Além do mais, a dinâmica interna da Galáxia começa a dar sinais de estagnação. As pessoas acham que, só porque não há nenhuma rebelião séria no momento e tudo parece em paz, as dificuldades dos últimos séculos foram superadas. Mas o fato é que as lutas políticas, as sublevações, as agitações ... tudo isso são sinais de uma certa vitalidade. O que existe agora, ao contrário, é um tédio generalizado. As coisas estão calmas, não porque as pessoas estejam prósperas e satisfeitas, mas porque estão cansadas e sem motivação.

- Não estou muito certo disso - disse Seldon, em dúvida.

- Eu estou. Outro sintoma disso é a tecnologia antigravitacional que você conheceu hoje. Temos um pequeno número de elevadores desse tipo em operação, mas nenhum outro está sendo construído. No momento é um empreendimento não-lucrativo, e ninguém parece interessado em inverter essa situação. O nosso índice de evolução tecnológica vem há séculos se tornando cada vez mais lento, e pode-se dizer que no momento atual ele mal se arrasta. Em algumas áreas, já estacionou por completo. Nunca reparou nisso, Seldon? Afinal, você é um matemático.

- Nunca me preocupei com essas coisas.

- Ninguém se preocupa. É algo que as pessoas simplesmente constatam, e aceitam. Os cientistas de hoje não param de falar que isto ou aquilo é impossível, é impraticável, é inútil. Qualquer tipo de especulação criativa é logo alvo de críticas. Veja o seu caso. O que você me diz da psico-história? É teoricamente interessante, mas inútil do ponto de vista prático. Não é isso?

- Sim e não - retrucou Seldon, aborrecido. - Ela é inútil em termos práticos, mas não porque o meu senso de aventura esteja em declínio, posso lhe assegurar. Ela é de fato inútil.

- Ou pelo menos - disse Hummin, com sarcasmo - essa é a sua impressão, dentro da atmosfera geral de decadência que envolve o Império.

- Essa atmosfera de decadência é impressão sua - tornou Seldon. - Não lhe ocorre que talvez esteja equivocado?

Hummin ficou pensativo durante alguns instantes e disse:

- Sim. Posso estar equivocado. Digo essas coisas baseado apenas na intuição, em palpites. O que realmente preciso é de uma técnica de psico-história que possa ser aplicada...

Seldon encolheu os ombros, pouco disposto a engolir a isca.

- Não disponho de tal técnica - disse. - Mas, suponhamos que você esteja certo. Suponhamos que o Império esteja decadente, e que em dado momento vá desmoronar e fazer-se em pedaços. Ainda assim a humanidade prosseguirá sua existência.

- Sim, mas em que condições? Durante quase doze mil anos Trantor e seus governantes têm garantido a paz. Há interferências ocasionais: rebeliões, guerras localizadas, tragédias; mas no cômputo geral, e em áreas mais amplas, tem predominado a paz. Veja o caso de seu planeta, Helicon: por que ele é pró-Império? Porque é um planeta pequeno e, se o Império não estivesse presente para manter a ordem, seria absorvido pelos seus vizinhos.

- Quer dizer que se o Império vacilar o resultado será a guerra, a anarquia?

- Por certo. Não tenho muita simpatia nem pelo imperador nem pelas instituições do Império de modo geral, mas não disponho de nenhum substituto à altura. Não sei quem mais seria capaz de manter a paz na Galáxia, e não quero permitir a queda do Império, a menos que eu tenha em mãos algo mais.

- Você fala como se fosse o comandante da Galáxia - disse Seldon. - Você não quer permitir a queda do Império? Você quer ter alguma coisa em mãos? Quem é você para falar assim?

- Estou falando em termos genéricos, figuradamente - disse Hummin. - Não me preocupo com o destino individual de Chetter Hummin. Posso supor que o Império permanecerá de pé durante meu tempo de vida, e que pode até apresentar sinais de recuperação nesse intervalo. A decadência histórica não se dá em linha reta. Talvez a crise final ainda demore uns mil anos, quando eu já estiver morto. Também não penso em deixar descendentes: no que diz respeito às mulheres, tenho apenas relacionamentos ocasionais, e não tenho planos de ter filhos. Não vou deixar nenhum refém nas mãos do destino. Colhi informações sobre você após a Convenção, Seldon. Você também não tem filhos.

- Tenho meus pais e dois irmãos, mas nada de filhos. - Seldon esboçou um sorriso. - Já cheguei a gostar muito de uma mulher, certa vez, mas ela chegou à conclusão de que eu gostava muito mais da matemática.

- Era verdade?

- Eu achava que não, mas ela achava que sim, e foi embora.

- Nenhuma outra, depois disso?

- Não. Ainda dói muito quando lembro.

- Bem, como você pode ver, não nos custaria nada adiar essa questão e deixar que outras pessoas, no futuro, sofram com o que vier a acontecer. Em outros tempos, eu procederia assim, mas não agora, porque agora tenho um instrumento de ação, e de certa forma estou no comando.

- Qual é esse instrumento? - perguntou Seldon, antevendo a resposta.

- Você.

Seldon não perdeu tempo tentando mostrar-se chocado ou surpreso. Apenas abanou negativamente a cabeça e disse: - Está errado. Sou imprestável como instrumento.

- Por quê?

Seldon suspirou.

- Quantas vezes terei que repetir? A psico-história não é um estudo de natureza prática. Existe uma dificuldade fundamental. Todo o espaço e todo o tempo do Universo não bastariam para que fossem resolvidos os principais empecilhos.

- Tem certeza disso?

- Infelizmente, sim.

- A questão que se apresenta não é a de delinear todo o futuro do Universo, você sabe. Não é necessário levar em conta o comportamento individual de cada

pessoa em cada planeta. Há apenas algumas questões que você terá de responder: o Império vai cair? Quando? Como ficarão as condições de vida da humanidade depois disso? Alguma coisa pode ser feita para evitar essa queda, ou para suavizar suas consequências? São perguntas bastante simples, parece- me.

Seldon voltou a abanar a cabeça, e exibiu um sorriso triste. - A história da matemática está repleta de perguntas simples que receberam as mais complicadas respostas, ou não receberam nenhuma.

- Então não há nada que se possa fazer? Eu posso sentir que o Império está em declínio, mas não posso prová-lo. Todas as minhas conclusões são subjetivas, e não tenho como convencer alguém de que não estou equivocado. É uma perspectiva inquietante, a que estou expondo; as pessoas acham mais cômodo duvidar de minhas conclusões subjetivas, e o resultado é que nada vai ser feito para evitar a queda do Império ou para atenuá-la. Mas você podia provar a iminência dessa queda ... ou provar a sua impossibilidade, se fosse esse o caso.

- Mas é exatamente isso o que eu não posso fazer! Não posso achar provas onde elas não existem. Não posso tornar prático um sistema matemático que não possui aplicabilidade prática. Não posso fornecer' a você dois números pares que somados produzam um número ímpar, mesmo que isso seja de importância vital para você ou para toda a Galáxia.

- Você já faz parte da decadência - disse Hummin. - Está pronto a aceitar o fracasso.

- Qual a outra opção?

- Ora, não se pode tentar? Mesmo que isso lhe pareça um esforço inútil, será que você tem algo melhor a que dedicar sua vida? Tem algum objetivo mais nobre? Tem algum empreendimento que de algum modo possa justificar sua existência, aos seus próprios olhos?

Os olhos de Seldon piscaram.

- Milhões de planetas - disse ele. - Bilhões de culturas. Quatrilhões de pessoas. Decilhões de relacionamentos ... e você quer que eu reduza isso a fórmulas.

- Não, eu quero que você tente. Pelo amor desses milhões de mundos, bilhões de culturas, quatrilhões de indivíduos. Não pelo imperador, não por Demerzel. Pela humanidade.

- Não vou conseguir - disse Seldon.

- Nesse caso não estaremos em pior situação do que já estamos. Vai tentar?

E, contra sua própria vontade, e sem mesmo entender por que dizia aquilo,

Seldon ouviu sua voz responder:

- Sim, vou tentar.

E o destino de sua vida foi traçado.

14.

A viagem chegou ao fim e o aerotáxi penetrou numa área muito mais ampla do que aquela onde tinham parado anteriormente (o gosto do sanduíche retomou à boca de Seldon, e ele fez uma careta).

Hummin entregou o táxi e retomou até onde ele estava, enquanto guardava num bolso interno da camisa a carteira com créditos.

- Aqui você está completamente a salvo - disse. - Este é o Setor Streeling.

- Streeling?

- Foi batizado assim em homenagem a algum sujeito que deu início à colonização desta área, imagino. A maior parte dos setores de Trantor recebe seus nomes dessa forma, o que faz com que alguns desses nomes sejam ou não muito bonitos, ou difíceis de pronunciar. Por outro lado, haveria veementes protestos se você tentasse convencer os habitantes daqui a mudar o nome de Streeling para Alamedas Perfumadas, ou algo parecido.

- E aliás não é bem esse o caso - disse Seldon, aspirando fortemente o ar.

- Em qualquer parte de Trantor o ar não é propriamente perfumado, mas você irá se acostumando.

- Ainda bem que chegamos - disse Seldon. - Não que este lugar seja uma maravilha, mas eu já estava cansado de ficar sentado naquele táxi. Viajar através de Trantor deve ser horrível. Em Helicon podemos fazer viagens aéreas de um ponto a outro, em muito menos tempo do que levamos para percorrer estes dois mil quilômetros.

- Temos aerojatos também.

- Então, por que ...

- Tenho condições de conseguir um aerotáxi de um modo mais ou menos anônimo, mas com um aerojato a coisa seria muito diferente. E, mesmo que isto aqui seja um lugar seguro para você, é preferível que Demerzel não tenha nenhum indício concreto de sua localização. E aliás, ainda não chegamos,

propriamente. Temos que tomar o expressway para percorrer o trecho final.

Seldon já tinha ouvido esta expressão.

- Sei o que é. Aqueles trens em monotrilho, movidos por um campo eletromagnético.

- Isso mesmo.

- Não existem em Helicon. Até porque deles não precisamos.

Mas andei num deles em meu primeiro dia em Trantor, fui do aeroporto até o hotel. Para mim era novidade, mas se tivesse que utilizá-lo diariamente acho que o barulho e a multidão se tornariam insuportáveis.

- Você chegou a se perder? - perguntou Hummin, divertido.

- Não, a sinalização é bem eficaz. Tive certa dificuldade na hora de entrar e de sair, mas as pessoas me ajudaram. Agora estou percebendo que minhas roupas mostravam que eu vinha de outro planeta. Em todo caso, sempre aparecia alguém para me ajudar; acho que era divertido para eles, quando me viam hesitar ou tropeçar.

- Em todo caso, você agora é um veterano no expressway, e não vai sofrer nenhuma hesitação ou tropeço. - A voz de Hummin tinha um tom de simpatia, mas os cantos de sua boca estavam levemente contraídos. - Vamos lá.

Caminharam descontraidamente ao longo da passarela; o ar era claro, reproduzindo exatamente o tom de luz que seria de se esperar num dia nublado, e de vez em quando a luminosidade aumentava, como se o sol tivesse surgido por entre as nuvens. Automaticamente Seldon ergueu os olhos para verificar se isto de fato acontecia, mas o "céu" sobre suas cabeças era apenas um brilho leitoso.

Hummin percebeu o olhar de Seldon e comentou:

- Essas mudanças de luminosidade são programadas para atender a uma necessidade psicológica. Há dias em que as ruas parecem banhadas por uma luz do sol bastante intensa, e dias mais escuros e nublados do que hoje.

- Mas sem chuva, ou neve, não é verdade?

- E sem granizo, ou geada. Nada disso. Nada de excesso de umidade ou frio muito intenso. Trantor tem seus pontos positivos, Seldon, mesmo hoje em dia.

Pessoas caminhavam em ambas as direções; havia um número considerável de jovens e também algumas crianças acompanhando os adultos, a despeito do que Hummin dissera sobre a taxa de natalidade. Tudo parecia razoavelmente

próspero e respeitável. Ambos os sexos estavam igualmente representados, e as roupas eram visivelmente mais discretas do que no Setor Imperial. As roupas que Seldon usava, escolhidas por Hummin, pareciam perfeitamente adequadas àquele ambiente. Poucas pessoas estavam usando chapéus; com um suspiro agradecido, Seldon retirou o seu e o pendurou de lado.

Não havia qualquer abismo separando as duas pistas da passarela; como Hummin dissera antes, estavam andando praticamente ao nível do solo. Também não se via nenhum veículo, e Seldon chamou a atenção de Hummin para o fato

- São numerosos no Setor Imperial- disse Hummin - porque são usados pelos funcionários. Em outros lugares, os veículos privados não são numerosos, e os poucos que existem trafegam em túneis especiais, reservados para eles. O fato é que não são necessários, porque temos o expressway e, para distâncias menores, os corredores móveis. Para distâncias menores ainda, temos as passarelas, e aí podemos esticar as pernas um pouco.

Seldon estava escutando, a intervalos, uma série de rangidos e chiados; e avistou, a certa distância, os carros do expressway que passavam sem cessar.

- Lá está - apontou ele.

- Sim, mas temos que caminhar até a estação. Lá o número de carros é maior, e fica mais fácil subir num deles

Logo que se acomodaram num carro do expressway, Seldon virou-se para Hummin e disse:

- O que me impressiona é o quanto isto aqui é silencioso. Tudo o que sei é que a massa dos carros é impeli da por um campo eletromagnético, mas mesmo assim tudo me parece extremamente macio.

A intervalos, ele podia escutar um rangido mais forte, quando o carro em que estavam se comprimia de encontro aos outros.

- É um meio de transporte maravilhoso - concordou Hummin -, mas já ultrapassou seu clímax. Quando eu era mais jovem, isto era muito mais silencioso, e pessoas garantem que há cinquenta anos o único ruído que se ouvia era um leve sussurro. É claro que se deve dar a esses depoimentos um certo desconto, em função da nostalgia de quem fala.

- Por que não continua assim, então?

- Porque a manutenção é deficiente. Já lhe falei. É a decadência.

Seldon franziu a testa.

- Ora, as pessoas não se sentam lado a lado e dizem: Oh, o Império está em

declínio, vamos relaxar a manutenção do expressway.

- Claro que não é assim. Não é nada proposital. Os pontos fracos sofrem reparos, os vagões recebem nova pintura, os magnetos são trocados de vez em quando. Mas isso é feito de um modo cada vez mais negligente, mais descuidado, e a intervalos cada vez maiores. Não há muitos créditos disponíveis.

- Onde estão os créditos?

- Em outros setores. Tivemos séculos de agitação política. A armada é hoje muito maior do que era no passado, e muitas vezes mais cara. Os oficiais são muito mais bem remunerados, a fim de mantê-la sob controle. Conflitos, rebeliões, conflagrações menores de guerras civis, tudo isso acarreta mais despesas.

- Mas o Império está em paz sob Cleon. Temos tido cinquenta anos de paz.

- Sim, mas militares bem remunerados não acham justo que se rebaixem os seus salários só porque não estão em guerra. Os almirantes não querem deixar suas naves inativas e não querem ser rebaixados de patente só porque não há muito trabalho para eles. Desse modo, os créditos são destinados de forma improdutiva para as forças armadas, e áreas vitais da administração vão se deteriorando. É a isso que chamo decadência. E você? Não acha que eventualmente poderia enquadrar esse tipo de análise em suas noções de psico-história?

Seldon mudou de posição, sentindo-se de repente meio desconfortável. Então perguntou:

- Por falar nisso, para onde estamos indo?

- Para a Universidade de Streeling.

- Ah, é por isso que o nome do setor me pareceu familiar.

Já ouvi falar nessa Universidade.

- Não me surpreende. Trantor tem aproximadamente umas cem mil instituições de estudos avançados, e Streeling é uma das mil que estão no topo dessa faixa.

- Vou permanecer aqui?

- Por algum tempo. Um compus universitário é, em qualquer circunstância, um santuário inviolável. Você estará seguro aqui.

- Mas serei bem-vindo?

- Por que não? É difícil se achar um bom matemático nos dias de hoje. Você pode ser útil aqui. E eles lhe podem ser úteis também ... Para algo mais do que um simples esconderijo.

- Você quer dizer que num lugar como este eu poderei desenvolver minhas teorias.

- Você prometeu - disse Hummin, sério.

- Prometi tentar - replicou Seldon, e pensou consigo mesmo que era como prometer tentar fabricar uma corda de areia.

15.

A conversa foi morrendo aos poucos, e Seldon passou a observar as edificações do Setor Streeling, à medida que iam passando. Havia edifícios de estruturas baixas, enquanto que outros pareciam atingir o "céu". Havia largas passagens transversais interrompendo a sucessão de blocos, e numerosas alamedas.

A certa altura, Seldon percebeu que embora os edifícios se elevassem para o alto eles também tinham sua extensão subterrânea, e era bem possível que sua profundidade fosse ainda maior que a altura; mal a ideia lhe ocorreu, Seldon teve a certeza intuitiva de que isso de fato acontecia.

Ocasionalmente, ele podia avistar largas faixas verdes ao longe, bem afastadas do expressway, e mesmo algumas árvores.

Após certo tempo de contemplação, começou a perceber que a luminosidade lá fora diminuía. Virou-se para olhar em outras direções e em seguida para encarar Hummin, que a essa altura já tinha adivinhado a pergunta.

- A tarde está acabando - disse ele - e a noite vem aí. As sobrancelhas de Seldon se ergueram, e os cantos de sua boca descaíram um pouco.

- Oh, é impressionante. Posso imaginar o planeta inteiro ficando às escuras e, algumas horas depois, sendo iluminado novamente.

Hummin voltou a exibir seu sorriso contido, cuidadoso.

- Não é bem assim, Seldon. Trantor não anoitece todo ao mesmo tempo, nem amanhece. O anoitecer avança gradualmente ao longo do planeta, e é seguido, metade de um dia depois; pelo aumento de luz que indica a aurora. Na realidade, esse efeito segue muito de perto a sucessão natural de dia e noite acima das cúpulas, e de tal forma que em latitudes mais elevadas o dia e a noite mudam de extensão, de acordo com a estação do ano.

Seldon sacudiu a cabeça.

- Então, por que trancar-se embaixo de domos, e depois imitar o que aconteceria se se estivesse do lado de fora?

- Presumo que as pessoas prefiram assim. Os trantorianos apreciam as vantagens de viver num ambiente fechado, mas não querem ser lembrados desse fato o tempo inteiro. Você ainda não sabe muito sobre psicologia trantoriana, Seldon.

Seldon sentiu-se enrubescer de leve. Era apenas um heliconiano, e sabia muito pouco a respeito dos milhões de mundos que existiam em redor de Helicon. Trantor não era o único mundo que ele desconhecia; como poderia, então, ter esperanças de descobrir alguma aplicação prática para a psico-história?

Seria possível a qualquer número de pessoas, reunidas, manipular esses conhecimentos?

Isso lembrou a Seldon um problema que lhe havia sido proposto na juventude. Seria possível existir um bloco de platina relativamente pequeno, munido de alças de segurar, que não pudesse ser erguido pela força humana, não importa de quantas pessoas, sem ajuda mecânica?

A resposta era sim. Um metro cúbico de platina pesaria 22.420 quilos, em condições de gravidade padrão. Supondo que cada pessoa era capaz de erguer do chão um peso correspondente a 120 quilos, seriam necessárias 188 pessoas para erguer o cubo de platina. Só que não seria possível comprimir 188 pessoas ao redor de um metro cúbico de tal forma que cada uma pudesse segurar uma das alças. Talvez não se pudesse juntar mais do que nove pessoas num tal espaço; e alavancas, bem como outros artifícios, não poderiam ser utilizados, já que se tratava da "força humana, sem ajuda mecânica".

Do mesmo modo era possível argumentar a impossibilidade de reunir um número suficiente de pessoas para armazenar as informações necessárias à psico-história - mesmo que os fatos estivessem codificados em computadores, em vez de numa mente individual. Apenas um número limitado de pessoas poderia "se comprimir" em torno dessas informações, por assim dizer, e transmiti-las.

A voz de Hummin soou ao seu lado.

Você está pensativo, Seldon.

- Estou considerando minha própria ignorância.

- Uma tarefa bastante útil. Há quatrilhões de pessoas que só teriam a ganhar fazendo o mesmo. Mas estamos quase chegando. - Como sabe? - perguntou Seldon, olhando ao redor.

- Do mesmo modo que você soube quando andou no expressway pela primeira vez: olhando a sinalização.

Seldon avistou um dos sinais quando este passou, logo em seguida:

UNIVERSIDADE DE STREELlNG - 3 MINUTOS

- Descemos na próxima estação - avisou Hummin. - Cuidado, veja bem onde pisa.

Seldon seguiu Hummin à saída do vagão; observou que o céu tinha agora um tom carregado de púrpura, enquanto que por toda parte os prédios, os corredores móveis e as passarelas começavam a ser envolvidos por uma difusa luminosidade amarela.

Aquilo poderia muito bem passar por um anoitecer heliconiano

Se ele tivesse sido trazido vendado até ali, e a venda fosse removida, não seria difícil convencê-lo de que estava em algum setor particularmente moderno de uma das maiores metrópoles de Helicon.

- Durante quanto tempo deverei ficar aqui na Universidade, Hummin? - perguntou ele.

A voz calma de Hummin não se alterou nem um pouco quando ele disse:

- É difícil dizer, Seldon. Talvez a vida inteira.

- O quê?!

-Talvez não. Mas sua vida deixou de lhe pertencer desde que você proferiu aquela palestra sobre psico-história. O imperador e Demerzel reconheceram no mesmo instante a sua importância. Eu também. Pelo que posso supor, também outras pessoas. Isso significa apenas que você não é mais o dono de si próprio.

4. BIBLIOTECA

VENABILI, DORS - ... Historiadora, nascida em Cinna ... Sua vida poderia ter continuado a transcorrer sem nenhum acontecimento excepcional, não fosse pelo fato de que, depois que ela passou dois anos na faculdade da Universidade de Streeling, envolveu-se com o jovem Hari Seldon, durante "A Fuga". ..

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

16.

O quarto em que Hari Seldon se encontrava era maior do que o de Hummin no Setor Imperial. Era um quarto de dormir com um dos cantos sendo usado para o banheiro, e sem nenhum sinal de copa ou de cozinha. Não havia janelas; no teto via-se um ventilador protegido por uma grade, que produzia um ruído contínuo e sussurrante.

Seldon correu um olhar desgostoso pelo recinto.

Hummin interpretou esse olhar com sua agudeza habitual e disse:

- É só por essa noite, Seldon. Amanhã pela manhã virá alguém para levá-lo até a Universidade, e lá você estará mais à vontade.

- Não me leve a mal, Hummin, mas como pode ter certeza?

- Tomarei minhas providências. Conheço uma ou duas pessoas aqui. - Ele sorriu, sem muito humor. - Há alguns favores pelos quais posso esperar retribuição. Agora, vamos aos detalhes. - Seu olhar se fixou em Seldon. - O que você deixou em seu quarto de hotel está perdido. Alguma coisa insubstituível?

- Na verdade, não. Havia alguns objetos pessoais, coisas a que dou um valor afetivo por estarem associadas a minha vida, mas se estão de fato perdidas, tanto faz. Há também algumas anotações a respeito de minha conferência, alguns cálculos. Sem falar no texto da conferência propriamente dita.

- Esse texto já é do conhecimento público, pelo menos até ser considerado perigoso e retirado de circulação, o que certamente acontecerá. Mas posso conseguir uma cópia, sem dúvida. Em todo caso, creio que você seria capaz de reconstituí-lo, não?

- Sim, por isso falei que nada era de fato insubstituível. Deixei lá também alguns livros, uma quantia de aproximadamente mil créditos, roupas, minha passagem de volta para Helicon, esse tipo de coisas.

- Nada essencial, então. Darei um jeito para que você tenha uma ficha de crédito em meu nome, para que suas despesas sejam debitadas em minha conta. Isso resolverá seus problemas imediatos, por enquanto.

- É algo extremamente generoso de sua parte. Não posso aceitar.

- Não há generosidade envolvida nisso, uma vez que estou trabalhando para salvar o Império. Você tem que aceitar.

- Mas até que ponto posso me valer disso, Hummin? Na melhor das

hipóteses, estarei o tempo todo com a consciência pesada.

- Gaste o que precisar para sua sobrevivência e para ter um razoável conforto, Seldon. Evidentemente não o aconselho a comprar o ginásio de esportes da Universidade, ou gastar um milhão de créditos com bugigangas.

- Você não devia se preocupar com isso, mas de fato, se meu nome for registrado ...

- Tanto faz. O governo imperial é formalmente impedido de exercer qualquer tipo de controle sobre a Universidade ou seus membros. Existe completa liberdade aqui, tudo pode ser discutido, tudo pode ser falado.

- E quando há um crime?

- As autoridades universitárias se encarregam dele, com rigor, com imparcialidade. Mas os crimes violentos são praticamente inexistentes aqui. Os estudantes e os membros da Universidade valorizam a liberdade que têm, e conhecem os seus limites. Caso haja tumulto excessivo, motins, quebra-quebras e derramamento de sangue, o governo pode se achar no direito de romper esse "acordo de cavalheiros" e mandar as tropas invadirem o campus. Acontece que isso não interessa a ninguém, nem mesmo ao governo, de modo que o equilíbrio, mesmo delicado, se mantém. Em outras palavras: Demerzel não pode arrancá-lo do interior da Universidade, a menos que você lhe dê um motivo muito forte, coisa que não acontece por aqui há pelo menos uns 150 anos. Por outro lado, você não deve se deixar atrair para fora dos limites da Universidade, caso algum aiuno-espião consiga convencê-lo a ...

- Existem alunos-espiões?

- Como posso saber? É possível que sim. Qualquer indivíduo pode se tornar um agente a serviço de alguém, através de ameaças, de manipulações ou de dinheiro; pode haver pessoas a serviço de Demerzel, ou de muitos outros, se você quer saber. Resumindo: aqui, você vai estar razoavelmente seguro, mas ninguém está absolutamente a salvo. É preciso ter cuidado. Mas não é preciso viver amedrontado. No cômputo geral, você estará mais seguro aqui do que se tivesse retomado a Helicon ou ido para qualquer outro planeta da Galáxia que não Trantor.

- Espero que sim - disse Seldon, em voz lúgubre.

Tenho certeza - disse Hummin. - Senão, não o deixaria aqui.

Vai me deixar? - O olhar de Seldon acendeu-se instantaneamente. - Não pode fazer isso, Hummin. Você conhece este mundo, eu não.

- Você ficará entre pessoas que conhecem este mundo, e que conhecem esta parte do mundo muito melhor do que eu. Mas tenho que ir. Passei o dia inteiro com você e não posso abandonar meus afazeres por tanto tempo assim. Por outro lado, não posso atrair as atenções sobre mim; tenho as minhas dificuldades, assim como você tem as suas.

Seldon ruborizou-se.

- Tem razão. Não posso exigir que você fique se expondo ao perigo o tempo inteiro por minha causa. Espero que já não esteja irremediavelmente comprometido.

- Quem pode saber? - disse Hummin, calmamente. - Vivemos numa época perigosa. Quero apenas que você se lembre de uma coisa: se há alguém que pode tornar este mundo mais seguro, se não para nós pelo menos para os que vierem depois, esse alguém é você. Pense nisto, Seldon, e deixe que esta ideia seja sua motivação.

17.

O sono se esquivava à mente de Seldon. Ele se virava e revirava na cama, no meio da escuridão, pensando. Nunca se sentira tão sozinho e desamparado quanto depois que Hummin apertou rapidamente sua mão e partiu, deixando-o ali. Estava agora num mundo estranho, e numa parte desse mundo mais estranha ainda. Estava sem o único ser humano que podia considerar amigo, e mesmo este era alguém que ele só conhecera há um dia; não tinha ideia de para onde iria ou do que lhe poderia acontecer, fosse na manhã seguinte ou no futuro mais distante.

Nenhum desses pensamentos o ajudava a adormecer, é claro, mas quando, sem esperanças, ele começou a admitir que não poderia conciliar o sono naquela noite, e talvez até pelo resto da vida, o cansaço foi tomando conta dele, e acabou por vencê-lo.

Quando acordou ainda estava escuro, embora não totalmente, porque do lado oposto do quarto ele podia ver uma luz vermelha piscando repetidamente, acompanhada por um zumbido intermitente e incômodo que, sem dúvida, devia tê-lo despertado.

Seldon tentou recordar onde estava e atribuir algum significado a estas escassas mensagens captadas pelos seus sentidos; mas logo a luz parou de piscar, o zumbido cessou, e fortes pancadas começaram a soar à porta.

Ele deduziu que era à porta que alguém estava batendo, mas agora, novamente em plena escuridão, não conseguia adivinhar sua localização exata. Devia haver um interruptor de luz nas proximidades, mas ele não tinha como encontrá-lo.

Sentou-se na cama e tateou ao longo da parede à sua esquerda, quase em desespero, enquanto dizia:

- Um momento, por favor!

Seus dedos tocaram um contato e o quarto se encheu de uma luz suave. Ele saiu engatinhando da cama, contraindo os olhos, localizou a porta e, ao estender a mão para abri-la, foi contido por um pensamento de alerta. Numa voz subitamente desperta, cautelosa, perguntou:

- Quem está aí?

Uma voz suave, de mulher, respondeu:

- Meu nome é Dors Venabili, e quero falar com o Dr. Hari Seldon.

E no momento em que essa voz soou uma mulher surgiu ali, do lado de dentro da porta, a porta ainda trancada.

Por um breve momento, Seldon a fitou, estupefato, e depois percebeu que estava à frente dela apenas de cuecas. Soltou um grunhido e recuou na direção da cama, e só então compreendeu que o que tinha diante de si era uma holografia: a imagem não tinha contornos muito nítidos, e a mulher parecia não enxergá-lo. Estava simplesmente enviando a própria imagem, para ser identificada.

Seldon se deteve, a respiração ainda acelerada, e ergueu a voz, para ser ouvido através da porta:

- Espere um pouco, e já conversaremos. Dê-me ... uma meia hora, por favor.

A mulher, ou a holografia, respondeu: - Estou à espera. E sumiu.

No canto do quarto reservado ao banho não havia chuveiro, apenas uma esponja com que Seldon se esfregou. Havia pasta de dentes, mas nenhuma escova, de modo que ele utilizou os dedos. Depois, não teve escolha senão vestir as roupas que usava na véspera. Foi até a porta. No momento em que a abria, pensou que a mulher, na realidade, não se identificara: apenas fornecera um nome, e Hummin não lhe tinha dito o nome da pessoa que viria ao seu encontro, fosse essa Dors Não-sei-das-quantas ou alguém mais. Ele se sentira seguro porque a holografia mostrava uma mulher jovem e simpática, mas bem que poderia haver meia-dúzia de rapazes antipáticos em sua companhia.

Abriu apenas uma estreita fresta; a mulher estava sozinha, e Seldon abriu mais a porta, apenas o suficiente para deixá-la entrar, e a trancou por dentro em seguida.

- Desculpe - disse ele. - Que horas são?

- Nove - respondeu a mulher. - O dia já começou há algum tempo.

Em termos de tempo oficial, Trantor obedecia ao Padrão Galáctico, uma vez que somente assim seriam possíveis os contatos governamentais e o comércio interestelar. Cada planeta, entretanto, mantinha também um sistema cronológico local, e Seldon ainda não se tinha habituado às referências casuais dos trantorianos a respeito das horas.

Estamos no meio da manhã? - perguntou. Claro.

Oh. Não há janelas neste quarto - disse ele, em tom de desculpa.

Dors caminhou até a cama, estendeu o braço e tocou um círculo negro que havia na parede. No teto, mesmo por cima da cabeceira da cama, apareceram algarismos vermelhos; Seldon leu: 0903.

Ela deu um sorriso de superioridade.

- Desculpe, mas pensei que Chetter Hummin o tinha avisado de que eu viria às nove. O problema com ele é que está tão acostumado a saber de tudo que geralmente não lhe ocorre que de vez em quando as outras pessoas não saibam de algo. E eu não devia ter usado minha identificação rádio holográfica, Acho que vocês não têm isso em Helicon, e talvez eu o tenha assustado.

Seldon sentiu-se relaxar. O tom de voz dela era natural, amistoso; e a casual referência a Hummin deu-lhe mais segurança.

- Acho - disse ele - que está um pouco enganada a respeito de Helicon, Srta...

- Chame-me Dors.

- Está enganada sobre Helicon, Dors. Nós conhecemos a rádio holografia, embora eu nunca tenha podido comprar esse tipo de instrumento; o mesmo se dá com todas as pessoas do meu círculo de relações, daí eu ainda não ter presenciado o seu funcionamento. Mas logo percebi o que estava acontecendo.

Enquanto falava, Seldon a examinou. Ela não era muito alta; estatura média para uma mulher, pelo que ele pôde julgar. Seu cabelo era dourado com um leve tom de ruivo, embora não muito brilhante, e estava arranjado em minúsculos cachos em volta da cabeça. (Seldon tinha avistado inúmeras mulheres trantorianas usando aquele tipo de penteado; devia ser uma moda local, se bem que em Helicon aquilo provavelmente provocasse gargalhadas). Não era

particularmente bela, mas tinha um rosto agradável de olhar; para isso contribuíam os lábios, cheios e parecendo sempre recurvados num semi-sorriso cheio de humor. Era esguia, de corpo firme, e parecia bastante jovem - talvez jovem demais para ser de alguma utilidade, pensou ele, meio constrangido.

- Passei no exame?

Ela parecia ter o mesmo talento de Hummin para adivinhar os pensamentos. Ou talvez, pensou Seldon, faltasse a ele próprio o talento de ocultá-los.

- Desculpe - falou. - Não quis ser indiscreto, estava apenas tentando avaliar você. Estou num planeta estranho, onde não conheço ninguém e não tenho nenhum amigo.

- Por favor, Dr. Seldon, pode me considerar sua amiga. O Sr. Hummin me pediu para cuidar do senhor.

Seldon deu um sorriso melancólico. - Você é um pouco jovem para isso.

- Vai descobrir que não sou.

- Tentarei dar o mínimo de trabalho possível. Poderia repetir seu nome?

- Dors Venabili - disse ela, com ênfase na tônica da segunda sílaba. - Mas pode me chamar de Dors, e se não fizer nenhuma objeção vou chamá-lo de Hari. Aqui na Universidade as pessoas se tratam de um modo muito informal, e todos se esforçam para não evidenciar sinais de status ... tanto familiar quanto profissional.

- Chame-me de Hari, por favor.

- Ótimo. Sejamos informais, então. Por exemplo: o instinto de formalidade, se é que existe tal coisa, me levaria a pedir permissão para sentar-me. Mas como já chegamos a um acordo, eu simplesmente me sentarei aqui.

Dors sentou-se na única cadeira do quarto, enquanto Seldon pigarreava, novamente constrangido.

- É, eu realmente não estou de posse de minhas faculdades ... Devia ter-lhe pedido desde logo para sentar-se.

Ele se sentou na cama ainda desarrumada e pensou que devia ter lembrado de ajeitá-la, mas ... ora, afinal de contas fora pego de surpresa.

- Vamos trabalhar assim, Hari - disse ela, com simpatia. - Primeiro vamos tomar o café da manhã num dos cafés da Universidade. Depois eu lhe conseguirei um quarto num dos alojamentos, um quarto bem melhor que este aqui. Com direito inclusive a uma janela. Hummin me deu instruções para lhe

dar uma ficha de crédito em nome dele, mas a burocracia da Universidade vai retardar isto por um ou dois dias. Até então, pagarei suas despesas, e você me reembolsa mais tarde. Enquanto isso, creio que podemos usá-lo. Chetter Hummin me disse que você é um matemático, e por alguma razão a Universidade é carente de bons matemáticos.

- Hummin disse também que sou um bom matemático?

- Na verdade, sim. Disse-me que você era um indivíduo notável.

Bem ... - Seldon contemplou as próprias unhas. - Eu ficaria honrado de ser considerado assim, mas Hummin me conhece há menos de um dia; antes disso, ele me viu fazer uma conferência sobre um assunto cujo mérito ele não tinha condições de avaliar. Acho que ele estava apenas tentando ser gentil.

- Não concordo - disse Dors. - Ele próprio é um homem notável, e tem uma grande experiência no trato com as pessoas. Posso confiar no julgamento dele. Em todo caso, você terá oportunidades para mostrar quem é. Suponho que saiba trabalhar com computadores.

- Claro.

- Refiro-me à programação de computadores didáticos. Quero saber se você é capaz de elaborar programas para ensinar fases diversas da matemática contemporânea.

- Sim. É parte do meu trabalho como professor-assistente de matemática na Universidade de Helicon.

- Hummin me tinha falado a respeito. Você deve ter em mente, também, que todo mundo aqui vai saber que você é um não-trantoriano, mas isso não lhe deve acarretar nenhum problema sério. A maior parte das pessoas aqui é composta de trantorianos, mas as pessoas de outros planetas são geralmente aceitas. Ocasionalmente você vai se defrontar com algum tipo de gracejo ou de preconceito, mas isso é mais frequente entre os estrangeiros do que entre os próprios trantorianos. Aliás, eu também sou estrangeira aqui.

- Ah, é? - Seldon hesitou um pouco, e concluiu que seria conveniente fazer a pergunta. - De onde você vem?

- De Cinna. Já ouviu falar?

Ele achou que se mentisse para ser gentil acabaria sendo descoberto, e confessou: - Nunca.

- Não me surpreende. É provavelmente um mundo ainda menos importante do que Helicon. Mas, vamos voltar aos computadores didáticos. Essa programação

de que falei pode ser feita, suponho, com maior ou menor precisão.

- Certo.

- E você o faria com uma precisão maior.

- Julgo que sim. - Então está resolvido. A Universidade lhe pagará um salário para isso, portanto já podemos sair e comer alguma coisa. A propósito, você dormiu bem?

- Para minha surpresa, sim.

- Está com fome?

- Sim, mas ... - Ele hesitou.

- Ah, já sei - disse ela, com desembaraço. - Está preocupado com a qualidade da comida, não é? Descanse. Também sou estrangeira e posso entender como outras pessoas se sentem a respeito desse uso de micro-alimentação em todos os pratos de Trantor, mas o cardápio da Universidade não é mau, pelo menos no restaurante dos professores. Os estudantes é que sofrem um pouco ... mas isto lhes serve como experiência de vida.

Ela se ergueu e foi até a porta, mas se deteve quando Seldon perguntou:

- Você ensina na Universidade?

Ela virou-se, com um sorriso travesso nos lábios.

- Acha que não tenho idade para isso? Concluí meu doutorado em Cinna, há dois anos, antes de vir morar aqui. Farei trinta anos daqui a duas semanas.

- Desculpe - sorriu Seldon. - Mas é impossível alguém aparentar vinte e quatro anos e não gerar dúvidas quanto ao seu status acadêmico.

- Como ele é gentil! - exclamou Dors, e Seldon deixou-se percorrer por uma agradável e reconfortante sensação. Apesar de tudo, pensou ele, você não consegue trocar galanteios com uma mulher bonita e se sentir totalmente estrangeiro.

18.

Dors tinha razão: o café da manhã não foi desagradável. Havia um prato que era sem dúvida feito com ovos, e a carne era saborosamente defumada. Havia uma bebida à base de chocolate (Trantor era famosa pela sua produção de chocolate, e isso não incomodava nem um pouco a Seldon) provavelmente sintética, mas deliciosa; e os pãezinhos eram muito bons.

Seldon sentiu-se na obrigação de dizer:

Foi uma refeição muito agradável: a comida, o ambiente...tudo.

Que bom que você gostou - disse Dors.

Seldon olhou em volta. Havia largas janelas ao longo de uma das paredes, e, embora nenhuma luz solar entrasse ali (Seldon imaginou se chegaria a se acostumar àquela luminosidade difusa e cessaria de procurar por faixas de luz do sol nas paredes), o recinto estava bastante claro. Aparentemente, o computador que estabelecia as condições do tempo tinha decidido que era ocasião para um dia mais luminoso do que o usual.

As mesas eram para quatro pessoas, e a maioria estava totalmente ocupada; mas Dors e Seldon permaneciam sozinhos na sua. Dors tinha chamado até ali alguns dos homens e mulheres, apresentando-os a Seldon; nenhum se tinha reunido a eles, apesar de terem sido todos bastante polidos. Seldon percebeu que fora esta a intenção de Dors, embora não chegasse a descobrir sua tática.

Você não me apresentou a nenhum matemático, Dors - disse.

- Ainda não avistei nenhum que eu conheça. A maioria deles começa a trabalhar cedo; às oito já têm aulas. Tenho a impressão de que o aluno que é temerário a ponto de estudar matemática faz questão de se ver livre dessas aulas o mais cedo possível.

- Estou percebendo que você não trabalha com matemática.

- Nem de longe - riu Dors. - Nada a ver. Minha área é História. Publiquei alguns estudos sobre a ascensão de Trantor. .. não este planeta, mas o primitivo reino trantoriano. Suponho que este deverá ser o objeto de minha especialização: O Reinado de Trantor.

- Maravilha - disse Seldon.

- Maravilha? - Dors o olhou com estranheza. - Está interessado em história trantoriana, também?

- De certo modo, sim. Isso e outras coisas semelhantes. Nunca estudei história a sério, e acho que isso foi um erro.

- Por quê? Se você tivesse estudado história não lhe teria sobrado muito tempo para a matemática, e a necessidade de matemáticos é muito grande, principalmente nesta Universidade. Estamos até aqui com historiadores. - Ela ilustrou a frase erguendo a mão espalmada até a testa. - Para não falar em economistas, e cientistas sociais. Mas temos carência nas áreas de matemática e ciências exatas. Chetter Hummin chamou minha atenção para isto, certa vez.

Chamou a esse “fenômeno” “declínio científico”, e parecia acreditar que era algo generalizado.

- Quando digo que devia ter estudado história - respondeu Seldon -, não estou sugerindo que devia ter feito disso minha carreira. Mas devia conhecer o bastante para que me fosse útil no estudo da matemática. Meu campo de especialização é a análise matemática das estruturas sociais.

- Não soa muito atraente.

- E de um certo modo não é mesmo. É algo muito complicado, e torna-se inútil, caso eu não aprenda muito mais coisas sobre o modo como as sociedades evoluem. Minha visão dessas coisas ainda é muito estática ... você me entende.

- Não sei se entendo, porque não sei nada sobre esse assunto. Chetter me disse que você estava desenvolvendo algo chamado "psico-história", algo muito importante. É isso mesmo? Psico-história?

- Certo. Eu devia tê-la batizado "psicossociologia", mas me pareceu uma palavra horrível. Ou talvez eu instintivamente pressentisse que um certo conhecimento de história iria ser necessário, e não pensei mais no resto.

- Psico-história soa bem melhor, mas ainda não sei do que se trata.

- Não pense que sei muito mais do que você - disse Seldon.

Ficou pensativo durante alguns minutos, fitando a mulher do lado oposto da mesa e começando a sentir que ela podia tornar seu exílio naquele planeta menos semelhante a um exílio. Pensou naquela outra mulher que tinha conhecido há poucos anos atrás, mas logo afastou sua imagem da mente, com um esforço deliberado. Se tivesse de escolher uma companheira, algum dia, teria de ser alguém que entendesse a carreira científica e as exigências que ela impõe a um indivíduo.

Resolveu mudar de assunto.

- Chetter Hummin me disse que a Universidade não tem problemas com o governo - disse ele.

- Isso mesmo.

Seldon abanou a cabeça.

- Isso é uma generosidade incrível, vindo da parte de um governo imperial. O sistema educacional de Helicon não é nem um pouco independente de pressões oficiais.

- O de Cinna também não é, nem o de nenhum outro planeta, com exceção

talvez de um ou dois mundos mais importantes. Mas Trantor é outra realidade.

- Sim, mas por quê?

- Porque é o centro do Império. As universidades daqui têm enorme prestígio. Qualquer outra universidade pode formar profissionais, mas os administradores do Império ... os altos funcionários, e os incontáveis milhões de pessoas que compõem os tentáculos do Império em todos os recantos da Galáxia ... são todos educados em Trantor.

- Nunca vi as estatísticas ... - começou Seldon.

- Aceite minha palavra. É da maior importância que os funcionários e agentes imperiais tenham todos alguma base em comum, algum sentimento especial com relação ao Império. Por outro lado, eles não podem ser todos trantorianos de nascimento, senão os outros mundos iriam se sentir desconfortáveis. Por isso, Trantor deve atrair milhões de estrangeiros para serem educados aqui. Não importa de onde venham, qual o seu sotaque, qual a sua cultura nativa: o que interessa é que todos recebam um verniz trantoriano, e que possam todos se identificar uns com os outros por meio da educação que receberam em Trantor. É isso que mantém a coesão do Império. E os outros mundos se tornam mais fáceis de governar quando uma porção considerável dos representantes do

governo imperial é nascida e criada no próprio planeta.

Seldon voltou a sentir-se embaraçado. Nunca tinha parado para pensar em questões desse tipo, e começou a imaginar se alguém poderia ser um grande matemático se se dedicasse apenas à matemática e nada mais.

- Todo mundo tem consciência disso? - perguntou.

- Suponho que não - disse Dors, após pensar um pouco. - Existe tanto conhecimento para ser absorvido que os especialistas usam suas respectivas especializações como uma espécie de escudo protetor, para não se sentirem obrigados a absorver ainda mais informações, e acabarem soterrados por elas.

- Em todo caso, você sabe.

- Sim, mas esta é a minha especialidade. Sou uma historiadora que estuda a ascensão do Reinado de Trantor, e essa técnica administrativa foi uma das armas que possibilitaram a Trantor expandir sua influência e fazer a transição de reinado para império.

Seldon murmurou baixinho, quase que falando para si mesmo: - Que coisa prejudicial é a superespecialização. Secciona o conhecimento em milhares de pontos, e o deixa sangrando.

Dors encolheu os ombros.

- O que se pode fazer? Por outro lado, se Trantor pretende atrair estrangeiros para suas universidades, tem que lhes dar algo em troca, algo que compense o fato de que eles estão cortando os laços com sua cultura de origem e indo morar num mundo estranho, com uma estrutura incrivelmente artificial, e costumes um tanto exóticos. Moro em Trantor há dois anos e ainda não me acostumei totalmente. Acho que nunca me acostumarei. Mas como não estou aqui para ser funcionária do Império, não preciso me esforçar demais para ser trantoriana.

"O que Trantor oferece aos estrangeiros não é apenas a promessa de ascensão para um status social superior, com dinheiro e poder: é também a liberdade". Quem estuda aqui tem toda a liberdade para criticar o governo, organizar manifestações pacíficas contra ele, desenvolver suas próprias teorias e pontos de vista. Isso é importante para eles, e muitos vêm para cá a fim de experimentar essa sensação de liberdade.

- Imagino que também deve servir para aliviar as tensões sociais - disse Seldon. - Os estudantes dão rédeas soltas ao seu inconformismo, saboreiam a vaidade de se sentir revolucionários, e quando assumem seus postos na hierarquia imperial estão prontos para se instalar no conformismo e na obediência.

Dors assentiu com um gesto.

- Tem razão. Em todo caso, o governo tem todas estas razões para preservar a autonomia interna das universidades. Não é uma questão de generosidade, e sim de habilidade política.

- E quanto a você? Se não vai ser funcionária do Império, o que pretende ser, então?

- Historiadora. Vou ensinar, vou inserir nos currículos os meus próprios filmes- livros.

- Isso não parece dar muito status

- Nem muito dinheiro, Hari, o que é mais importante. No que se refere a status, é o tipo do jogo em que não faço questão de entrar: já vi muitas pessoas cheias de status social e profissional, mas não conheço uma só pessoa que pareça feliz. Status não é algo em que você pode pisar com firmeza: você tem que ficar lutando o tempo inteiro para não afundar. Até mesmo os imperadores acabam mal, na maioria das vezes. Tudo o que pretendo é retomar a Cinna algum dia e me tornar professora.

- E desfrutar do status de quem teve uma educação trantoriana.

Dors soltou uma risada.

- Imagino que sim, mas que utilidade tem isso ... em Cinna?

É um planeta insípido, cheio de fazendas e de gado, tanto do tipo quadrúpede quanto do bípede.

- Não vai ser monótono, depois de ter vivido em Trantor?

- Estou contando com isso. Se se tornar maçante demais, posso conseguir uma autorização e viajar para qualquer parte, fazendo pesquisas. É uma das vantagens da minha área.

Seldon começou a experimentar uma sensação amarga que até então lhe era desconhecida. Murmurou:

- Com um matemático é diferente. Tudo o que se espera dele é que se sente diante de um computador e se ponha a pensar. Aliás, por falar em computadores ... Interrompeu-se. A refeição já tinha terminado, e ele considerou que ela certamente tinha seus próprios afazeres. Mas Dors não parecia apressada.

- Sim? - disse ela. - Por falar em computadores ...

- Como posso conseguir permissão para frequentar a biblioteca de História?

Foi a vez de ela hesitar um pouco.

- Vou ver o que se pode fazer. Se você trabalhar com programação matemática, poderá ser considerado quase um membro do corpo docente, e eu poderei encaminhar esse pedido. O problema é que ...

- O que há?

- Não quero ferir seu orgulho; mas você é matemático, e disse que não conhece muita coisa sobre História. Como vai poder usar a biblioteca?

- Seldon sorriu.

- Suponho que seus computadores devem ser semelhantes aos de uma biblioteca especializada em matemática.

- Sim, mas cada área de especialização tem suas peculiaridades. Você não conhece os filmes-livros básicos de referência; não conhece as técnicas de filtrar informações e de saltar de um ponto de interesse para outro. Talvez você seja capaz de achar um intervalo hiperbólico no escuro, mas ...

- Você quer dizer uma integral hiperbólica - corrigiu Seldon com suavidade.

Dors ignorou.

- Mas provavelmente você não será capaz de localizar o texto do Tratado de

Poldark em menos de um dia e meio de esforço. - Acho que posso aprender.

- Bem ... caso você ... - Ela parecia insegura. - Caso você se disponha a isso, posso fazer uma sugestão. Costumo dar cursos para estudantes não-graduados, cursos de uma semana, uma hora por dia, sem contagem de créditos: são cursos que ensinam a utilizar uma biblioteca de História. Um desses cursos deverá começar dentro de três semanas. Se você não se sentir constrangido no meio de estudantes não-graduados ...

- E quanto a umas aulas particulares? - Seldon ficou um pouco surpreso ao escutar o tom levemente malicioso que se insinuou em sua voz, e que também não passou despercebido por Dors.

- Bem que eu poderia - disse ela. - Mas acho que um treinamento formal lhe seria mais útil. Estaremos trabalhando na biblioteca, e no final da semana você será incumbido de localizar determinadas informações de interesse histórico. O fato de estar competindo com outros alunos ajudará seu aprendizado, e neste sentido aulas particulares serão menos eficazes, posso garantir. Talvez o fato de estar competindo com não-graduados o incomode, se você vier a perceber que não está tendo o mesmo rendimento que eles. Mas tenha em mente que eles já estudaram história elementar, e você provavelmente não.

- Não se trata de "provavelmente" - disse Seldon. - Não estudei. Mas não me importo em competir com quem quer que seja, e não vou me sentir humilhado. A única coisa que me interessa é aprender os truques necessários para se trabalhar em pesquisa histórica.

Naquele momento já estava bastante claro, na mente de Seldon, o quanto aquela mulher lhe agradava, e o quanto ele estava disposto a aproveitar essa oportunidade de tomar umas aulas com ela. Também já percebia com clareza que tinha chegado a um momento decisivo de sua vida.

Ele tinha prometido a Hummin que tentaria elaborar um sistema prático para a psico-história; mas tinha sido uma promessa puramente do intelecto, sem motivação emocional. Agora, ele estava determinado a agarrar a psico-história pela garganta, caso fosse preciso, e transformá-la em algo útil. E isso talvez se devesse à influência de Dors Venabili.

Teria Hummin previsto justamente isto? Seldon chegou à conclusão de que Chetter Hummin era, com toda certeza, um indivíduo formidável.

19.

Cleon I tinha acabado de jantar, e a refeição, infelizmente, não tinha passado de uma cerimônia formal. Isso significava que ele se limitara a conversar com diversos funcionários, todos igualmente desconhecidos aos seus olhos; um diálogo composto de frases feitas cuja finalidade era provocar em cada um deles uma reação específica, reafirmando sua lealdade ao Império. A comida chegara morna ao seu prato, e já estava fria antes mesmo que ele chegasse a tocá-la.

Devia haver algum modo de evitar isso. Jantar logo, talvez: sozinho, ou na companhia de uma ou duas pessoas mais íntimas, e só depois, já descontraído, marcar presença num jantar formal, durante o qual comeria apenas uma pera importada. Cleon adorava peras. Mas talvez isso pudesse ofender os convidados, que veriam, nessa recusa do imperador em comer na sua companhia, um insulto calculado.

Sua esposa, é claro, em nada podia ajudá-lo; a bem da verdade, a mera presença dela apenas contribuiria para aumentar seu mal-estar. Cleon a tinha desposado apenas porque ela pertencia a uma família poderosa em conflito com a Coroa, e a união dos dois tinha como único propósito neutralizar essa dissidência. Quanto a ela própria, Cleon esperava, fervorosamente, que nada mudasse em suas relações. Permitia que ela vivesse uma vida independente, em seus aposentos; seus únicos contatos pessoais tinham se resumido às tentativas de produzir um herdeiro, pois Cleon não se sentia nem um pouco atraído por ela. E agora que o herdeiro tinha chegado ele podia, com alívio, ignorá-la por completo

Tinha recolhido um punhado de nozes ao se retirar da mesa e começou a mastigar uma. De repente chamou, em voz alta: - Demerzel!

- Sire? ..

Demerzel sempre aparecia no instante exato em que era chamado. Talvez porque se mantivesse o tempo todo ao alcance da voz, do outro lado da porta; talvez porque seu instinto de subserviência o ajudasse a pressentir o instante em que seria chamado - mas o importante é que ele aparecia, e isso (pensou Cleon, preguiçosamente) era o que importava. É claro que em certas ocasiões Demerzel estava ausente, em missão oficial; mas o imperador detestava essas ausências. Elas o deixavam inseguro.

- O que aconteceu com aquele matemático? - perguntou Cleon. - Esqueço seu nome.

Demerzel certamente sabia a quem o imperador estava se referindo, mas talvez

pretendesse submeter a um teste a memória de Cleon.

- A que matemático se refere, Sire? Cleon fez um gesto impaciente com a mão.

- Aquele que adivinha o futuro. O que veio falar comigo.

- Aquele que mandamos buscar?

- Sim, sim, o que mandamos buscar, mas ele veio falar comigo, não veio? Você estava encarregado desse assunto, se bem me lembro. Não é assim? Em que pé estamos?

Demerzel pigarreou.

- Fazendo o possível, Sire.

- Aha! Isso significa que você falhou, não é?

De certo modo, isso trouxe a Cleon uma sensação de satisfação.

Entre todos os seus ministros, Demerzel era o único que não procurava esconder os próprios erros. Os outros nunca admitiam ter errado, e, como o erro era algo muito comum, esse tipo de atitude tornava extremamente trabalhoso corrigir qualquer tipo de falha. Talvez Demerzel pudesse se dar o luxo de ser honesto porque errava muito raramente. Não fosse por Demerzel (pensou Cleon, com melancolia) ele talvez nunca tivesse chegado a conhecer a sinceridade. Talvez nenhum imperador jamais a tivesse conhecido; talvez fosse essa a razão por que os impérios ...

Cleon afastou esses pensamentos e, subitamente irritado pelo silêncio aquiescente do outro (afinal, tinha acabado de enaltecer mentalmente a honestidade de Demerzel), inquiriu, com acidez:

- E então? Falhou, não foi?

Demerzel não tergiversou

- Sire, creio que falhei parcialmente. Achei que teríamos problemas se o deixássemos ficar aqui em Trantor, onde as coisas nem sempre são fáceis de manipular. A conclusão lógica era a de que o lugar mais adequado para ele seria seu planeta natal. Sua viagem de volta estava marcada para o dia seguinte, mas sempre havia a possibilidade de que alguma circunstância imprevista o induzisse a permanecer em Trantor, portanto contratei dois marginais para que o forçassem a embarcar naquele mesmo dia.

Cleon pareceu divertir-se.

- Você conhece marginais, Demerzel?

- É importante ter contatos entre todo tipo de gente, Sire, porque cada um deles pode ter alguma utilidade; e os marginais não são os menos importantes. Infelizmente, nosso objetivo não foi alcançado.

- E por que não?

- Por incrível que pareça, Seldon os enfrentou e conseguiu derrotá-los.

- Ora, ora ... O matemático sabia brigar?

- Aparentemente, Sire, a matemática e as artes marciais nem sempre são atividades incompatíveis. Acabei descobrindo, ainda que tarde demais, que o tal planeta Helicon não é famoso por sua contribuição à matemática, mas pelo seu desenvolvimento nas artes marciais. Não ter sabido a esse respeito desde logo foi sem dúvida uma falha, Sire, e só posso rogar que me perdoe.

- Em todo caso, o tal matemático deve ter viajado de volta ao seu planeta no dia seguinte, como era sua intenção.

- Infelizmente, Sire, o episódio inteiro entrou em curto-circuito. Alertado pelos acontecimentos, o matemático abriu mão de retomar a Helicon, e resolveu permanecer em Trantor. Talvez tenha sido aconselhado neste sentido por um transeunte que estava presente no momento da luta; esta complicação adicional era impossível de prever.

O imperador franziu a testa.

- Está bem. Isso quer dizer que o nosso matemático ... como é mesmo o nome dele?

- Seldon, Sire. Hari Seldon.

- Isso quer dizer que o tal Seldon está fora de alcance.

- Num certo sentido, Sire. Seguimos seus passos, e no momento ele está na

Universidade de Streeling. Enquanto se mantiver ali, ele é intocável.

O imperador fez uma carranca, e seu rosto enrubesceu visivelmente.

- Detesto essa palavra, intocável - disse ele. - Não deveria haver nenhum ponto do Império que minha mão não pudesse alcançar. Mas aqui, em meu próprio planeta, existe alguém que você me diz ser intocável. Isso é mais do que eu posso aguentar!

- Sua mão pode alcançar a Universidade, Sire. Basta dar uma ordem, e um exército inteiro estará lá dentro, para trazer Seldon à sua presença. Uma tal medida, no entanto, é ... indesejável.

- Diga logo que é impraticável, Demerzel. Você parece o tal matemático

quando fala do seu truque de adivinhar o futuro. Não é que seja impossível. .. mas é impraticável. Eu sou um imperador rodeado de coisas que são totalmente possíveis, o problema é que poucas delas podem ser postas em prática. Não se esqueça, Demerzel. .. alcançar esse tal Seldon pode ser difícil, mas você está ao alcance da minha mão.

Eto Demerzel deixou passar em brancas nuvens esta última ameaça. Sendo uma eminência parda, sabia da sua própria importância no Império, e já tinha ouvido ameaças semelhantes. Esperou em silêncio enquanto Cleon lançava olhares fulminantes numa e noutra direção, tamborilando os dedos no braço da poltrona. Por fim, O imperador perguntou:

- Afinal, de que nos serve esse matemático, se ele está na Universidade de Streeling?

- Talvez toda esta complicação tenha resultado positivo, Sire.

Ao permanecer na Universidade, ele pode ser compelido a elaborar melhor a sua psico-história.

- Mas ele não disse que ela é impraticável?

- Talvez ele esteja errado. Talvez acabe descobrindo que estava errado. E se isso acontecer nós podemos dar um jeito de arrancá-lo de dentro da Universidade. Quem sabe até ele se junte a nós voluntariamente, de acordo com as circunstâncias?

O imperador permaneceu pensativo durante algum tempo, e depois perguntou:

- E se alguém o arrancar de lá, antes de nós?

- Quem poderia pensar tal coisa, Sire? - perguntou Demerzel, com suavidade.

- O prefeito de Wye, por exemplo! - gritou Cleon, num impulso repentino. - Ele ainda sonha em se apossar do Império.

- Está velho, Sire, e seus dentes não são mais tão afiados.

- Não esteja tão seguro disso, Demerzel.

- Além do mais, não temos razão para supor que ele saiba alguma coisa a respeito de Seldon, Sire.

- Ora, vamos, Demerzel Se a conferência de Seldon chegou aos nossos ouvidos, por que não aos de Wye? Se nós percebemos a possível importância de Seldon, por que não Wye?

- Se tal coisa acontecesse - disse Demerzel-, ou se pelo menos tivesse uma chance razoável de acontecer, talvez isso fosse razão suficiente para tomarmos

medidas radicais.

- Que tipo de medidas?

- Pode-se considerar - disse Demerzel com cautela - que é preferível ver Seldon nas mãos de ninguém do que nas mãos de Wye. Ou seja: anular sua existência, Sire

Você quer dizer: matá-lo.

- Se Vossa Majestade prefere assim. - disse Demerzel

20.

Hari Seldon deixou-se afundar na cadeira, no apartamento que tinha sido posto à sua disposição através de Dors Venabili. Não estava nem um pouco satisfeito.

Para falar a verdade, embora fosse esta a expressão que ele usava mentalmente, sabia que ela subestimava em muito seus verdadeiros sentimentos. Não, não estava pouco satisfeito: estava furioso; e ainda mais porque não sabia qual o motivo que o punha furioso. A História? Os historiadores e os pesquisadores da História? Os planetas e as pessoas que criavam essa História?

Qualquer que fosse o alvo de sua fúria, isso fazia pouca diferença. O fato é que suas anotações eram inúteis, seus conhecimentos recém-adquiridos eram inúteis, tudo era inútil

Já fazia quase seis semanas que ele estava na Universidade. Tinha conseguido um terminal de computador desde o início, e ali tinha começado a trabalhar - sem instruções, usando apenas os instintos que tinha desenvolvido ao longo de anos de pesquisa matemática. Era um trabalho vagaroso e cheio de interrupções, mas havia um certo prazer em ir descobrindo pouco a pouco o caminho certo na direção das respostas que procurava.

Então, começou o curso ministrado por Dors, o qual lhe ensinou boa quantidade de truques operacionais, e lhe trouxe dois constrangimentos.

Primeiro foram os olhares de soslaio que os alunos do curso começaram a lançar em sua direção; pareciam incomodamente cônscios da diferença de idade de Seldon em relação a eles, e franziam a testa cada vez que Dors o tratava por "doutor".

- Apenas não quero que eles fiquem pensando - justificou-se Dors - que você é algum tipo de estudante profissional que resolveu agora dedicar-se à História.

- Penso que isso já ficou claro desde o início - retrucou ele.

- Basta me tratar apenas por "Seldon", agora.

- Não - disse Dors; e de repente sorriu. - Além do mais, gosto de chamá-lo "Dr. Seldon". Gosto de ver a cara que você faz.

- Você cultiva um humor sádico muito peculiar.

- Vai me negar esse direito?

A resposta provocou uma gargalhada em Seldon, A resposta mais óbvia da parte dela teria sido na linha do "não, nada disso" , o fato de que ela aceitasse sua brincadeira e a respondesse à altura causou-lhe prazer. Era como um jogo; e esse pensamento o conduziu a uma mudança de assunto.

- Vocês jogam tênis aqui na Universidade?

- Existem quadras, sim, mas eu não jogo.

- Ótimo. Posso ensinar-lhe, e faço questão de chamá-la professora Venabili.

- Você já me chama assim durante as aulas.

- Vai ficar surpresa ao ver como isso soa ridículo numa quadra

de tênis.

- Posso até gostar

- Nesse caso, posso tentar descobrir alguma outra coisa de que você goste.

- Você cultiva um humor lúbrico muito peculiar

Ela havia colocado propositalmente a bola no ponto certo, e ele rebateu:

- Vai me negar esse direito?

Ela sorriu. Depois, saiu-se surpreendentemente bem na quadra de tênis.

- Tem certeza de que nunca jogou tênis antes? - perguntou ele, arquejante, após uma partida.

- Absoluta - respondeu Dors.

O outro constrangimento por que ele passou foi de ordem mais íntima. Depois de aprender as técnicas básicas de pesquisa histórica, ele sentiu-se enfurecer quando reavaliou suas primeiras tentativas de usar a memória do computador. A atitude mental requerida para isso era totalmente diversa da que se adotava ao estudar matemática. Algo igualmente lógico, uma vez que podia ser usado, de modo consistente e seguro, para se mover em qualquer direção que ele desejasse; mas era um ramo da lógica totalmente distinto daquele ao qual ele

estava habituado.

Mas, com ou sem instruções, movendo-se aos saltos ou se arrastando, ele não conseguia chegar a resultado algum.

Seu aborrecimento começou a se refletir na quadra de tênis.

Dors atingiu muito rapidamente um ponto em que ele não precisava mais levantar bolas fáceis para que ela tivesse tempo de avaliar a distância e a trajetória. Isso o levou a esquecer que ela era ainda uma principiante, e ele passou a desabafar suas irritações em golpes violentos, rebatendo a bola na direção de Dors como se estivesse disparando um facho sólido de raio laser.

Dors veio caminhando até a rede e disse:

- Posso entender o motivo pelo qual você quer me assassinar ... deve ser irritante ver alguém perder tantas bolas seguidas. Mas desta vez você errou minha cabeça por mais de três centímetros, nem sequer me tocou. Não pode fazer melhor do que isto?

Seldon, alarmado, tentou explicar-se, mas conseguiu apenas balbuciar algumas frases incoerentes.

- Olhe aqui - continuou Dors -, não estou pronta para aguentar devoluções desse tipo. Acho melhor tomarmos um banho de chuveiro, e depois irmos para um lugar qualquer, tomar um chá ... e aí talvez você concorde em me dizer o que estava tentando assassinar. Já que não era eu, precisamos descobrir a verdadeira vítima, do contrário você será um parceiro perigoso demais para se ter do outro lado da rede.

Durante o chá ele disse:

- Dors, tenho examinado todo o material histórico possível; ainda não tive tempo para nenhuma análise mais profunda, estou apenas checando, examinando por alto. Mesmo assim, uma coisa me parece óbvia. Todos os filmes-livros abordam apenas um pequeno número de eventos.

- Eventos de importância fundamental. Eventos que fizeram a História.

- Isso é apenas desculpa. Eles copiam uns aos outros. Existem 25 milhões de mundos, e essas obras só mencionam de forma significativa uns 25, se tanto.

- Você está examinando História Galáctica em geral. Consulte a história específica de cada mundo. Em cada um deles, as crianças aprendem primeiro sua história local, antes mesmo de saber que estão cercados por uma grande Galáxia. Você mesmo deve saber mais sobre Helicon, hoje, do que provavelmente sabe sobre a ascensão de Trantor ou sobre a Grande Guerra Interestelar.

- Esse tipo de conhecimento também é limitado - disse Seldon, com desalento. - Conheço a geografia de Helicon, os relatos de sua colonização, as narrativas das malfeitorias e das violências do planeta Jennisek ... nosso inimigo tradicional, embora nossos professores tivessem o cuidado de recomendar o uso do termo "nosso antigo rival". Mas nunca aprendi nada sobre as contribuições prestadas por Helicon à História Galáctica.

- Talvez porque não haja nenhuma.

- Não seja tola. É claro que deve haver. O que talvez não tenha havido seja alguma grandiosa batalha espacial em que Helicon esteve envolvido, ou alguma revolução importante, ou tratados de paz. Talvez nenhum adversário do Império tenha chegado a montar uma base em Helicon. Mas tem que haver algum tipo de influência sutil. Nada pode acontecer, seja em que parte for, sem afetar todas as coisas restantes. No entanto, não consigo localizar nada que me seja útil. Veja bem, Dors. Em matemática, tudo pode ser achado no computador; tudo o que descobrimos ou que viemos a saber, em vinte mil anos. Mas em História não sucede assim. Os historiadores selecionam o que consideram importante, mas o fato é que todos acabam considerando importantes exatamente as mesmas coisas.

- Mas, Hari - disse Dors -, a matemática é uma invenção ordenada da mente humana. Cada passo é a decorrência lógica de outro. Existem definições e axiomas, e todos são conhecidos. É ... é como se tudo fosse formado numa única peça. Já a História é diferente, é o resultado inconsciente dos atos e pensamentos de quatrilhões de seres humanos. Os historiadores têm que determinar o que é ou não relevante.

- Justamente - concordou Seldon -, mas preciso conhecer tudo o que constitui a História, se quiser formular as leis da psico-história.

- Nesse caso, você nunca vai poder formular essas tais leis.

Isso tinha sido na véspera. Agora, Seldon estava sentado na poltrona, em seu quarto, depois de mais um dia de esforço inútil, com as palavras de Dors ainda ecoando em seus ouvidos: "Nesse caso, você nunca vai poder formular essas tais leis."

Afinal, era isso mesmo que tinha pensado desde o princípio, e ainda estaria pensando da mesma forma, se não fosse pela convicção de Hummin de que ele estava errado, e do poder de persuasão de seu entusiasmo, que tinha acabado por contagiar Seldon.

Ele ainda não estava disposto a desistir, apesar de tudo. Tinha que haver uma

saída.

O problema é que não conseguia pensar em nenhuma.

5. SUPERFÍCIE

TRANTOR - ... Quase nunca é representado visualmente como se visto do espaço. Há muito tempo, se impôs às mentes de toda a humanidade como um mundo fechado, e sua imagem típica é a da colmeia humana que existe por baixo das cúpulas. No entanto, há uma parte exterior, e ainda se conservam algumas holografias tiradas do espaço que nos fornecem visões em vários graus de detalhe (ver figuras n°s 14 e 15). Deve-se notar que a parte externa das cúpulas, por sobre a vasta cidade e a atmosfera que a envolve, é uma região referida naquela época como "a Superfície", e que ...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

21.

Em todo caso, no dia seguinte Hari Seldon estava de volta à biblioteca. Por um lado, havia a promessa feita a Hummin. Prometera tentar, e não estava disposto a se envolver de modo apenas parcial nessa tentativa. Por outro, sentia-se devedor de alguma coisa a si mesmo. Detestaria admitir que tinha fracassado, ao menos enquanto podia convencer a si mesmo de que estava seguindo alguma pista promissora.

Assim, ele voltou a fitar a lista dos filmes-livros de referência que ainda não tinha examinado, tentando adivinhar naquele menu pouco apetitoso qual o título que poderia ter alguma remota possibilidade de lhe ser útil em alguma coisa. Estava prestes a decidir que a resposta era "nenhuma das alternativas", e já se resignava a escolher amostras de cada um, aleatoriamente, quando ouviu uma batidinha na parede do compartimento onde estava.

Erguendo os olhos, deu de cara com o rosto embaraçado de Lisung Randa a observá-lo através da abertura. Seldon o conhecia: tinham sido apresentados por Dors, e já haviam jantado juntos, em companhia de outras pessoas, diversas vezes.

Randa era professor-assistente de psicologia: um homem baixinho e roliço, com um rosto redondo e jovial, e um sorriso quase perpétuo. Tinha a pele pálida e os olhos estreitos, traços que podiam ser encontrados nos habitantes de

milhões de mundos. Seldon conhecia bem aquela aparência física, que era também a de muitos matemáticos ilustres, cujas holografias ele vira repetidas vezes; mas em Helicon jamais tinha encontrado pessoalmente um desses orientais. (Assim eram tradicionalmente chamados, embora ninguém soubesse por quê; e também se dizia que os próprios orientais não apreciavam essa denominação, embora também não se soubesse o motivo disso.)

"Existem milhões de nós aqui em Trantor", dissera Randa, sorrindo com desembaraço, quando Seldon, ao encontrá-lo pela primeira vez, não conseguira ocultar totalmente sua surpresa. "Você também vai encontrar uma grande quantidade de meridionais, que têm pele escura e o cabelo fortemente encaracolado. Já viu algum?"

"Não em Helicon", respondera Seldon.

"São todos ocidentais em Helicon, hem? Que coisa mais sem graça! Bem, não importa. Há lugar para todo mundo". (Seldon perguntou-se a si próprio por

que, diabos, havia meridionais, orientais e ocidentais, mas nenhum tipo que fosse chamado "os setentrionais". Tinha até mesmo procurado resposta para isso durante as suas pesquisas bibliográficas, mas sem sucesso.)

Agora, o rosto bem-humorado de Randa o espreitava com um olhar cômico de preocupação. - Você está bem, Seldon?

- Claro. - Seldon o encarou. - Por que não estaria?

- Estou julgando a partir dos sons que ouvi, meu caro. Você estava gritando.

- Gritando?! - Seldon o fitou com uma expressão que ia de ofendida a incrédula.

- Não muito alto ... algo assim. - Randa rangeu os dentes e emitiu um som agudo e gutural que vinha do fundo da garganta. - Se eu estiver enganado, perdoe-me essa intrusão. Sinto muito.

Seldon abanou a cabeça.

- Não há o que perdoar, Lisung. Eu costumo fazer esse tipo de barulho de vez em quando, mas posso lhe assegurar que é algo totalmente inconsciente. Nunca chego a perceber.

- Mas ao menos sabe o motivo.

- Claro que sei. Frustração.

Randa chamou Seldon para perto de si e abaixou a voz.

- Estamos incomodando as pessoas. Vamos até o saguão antes que nos ponham para fora.

No saguão, enquanto tomavam drinques leves, Randa disse: - Posso indagar, só por uma questão de interesse profissional, o que o faz sentir-se frustrado?

Seldon encolheu os ombros.

- Por que motivo as pessoas se sentem frustradas, geralmente? Estou enfrentando um problema, e não tenho feito nenhum progresso.

- Mas você é um matemático, Hari. Por que motivo alguma coisa na biblioteca de História iria deixá-lo assim?

- E quanto a você? O que estava fazendo lá?

- Passei pela biblioteca para encurtar caminho, mas ia em outra direção ... até que o ouvi gemendo. - Ele sorriu. - Como pode ver, o caminho agora ficou muito mais longo, mas em todo caso este é um encontro agradável.

- Eu bem gostaria de estar apenas passando por aquela biblioteca, mas o fato é que estou tentando resolver um problema matemático que requer alguns

conhecimentos de História, e temo não estar me saindo muito bem.

Randa olhou para Seldon com uma expressão insolitamente séria, e disse:

- Peço-lhe mil perdões, mas vou correr o risco de ofendê-lo agora. Estive investigando a seu respeito nos computadores.

- Investigando a meu respeito! - Os olhos de Seldon se dilataram de surpresa, e ele sentiu uma imediata irritação invadi-lo.

- É, acho que o ofendi. Mas, sabe, tenho um tio que também é matemático. Você deve ter ouvido falar dele. Kiangtow Randa.

Seldon ficou sem fôlego.

- Você é parente desse Randa?

- Sim. Ele é o irmão mais velho de meu pai, e ficou um tanto decepcionado porque eu não lhe segui os passos, uma vez que ele não tinha filhos. Achei que ele talvez gostasse de saber que eu tinha feito amizade com um matemático, e de certa forma eu queria me gabar sobre você, se fosse possível, de modo que fui checar as informações que a biblioteca de matemática tinha a seu respeito.

- Ah, então era isto que você andava fazendo por aqui. Bem, não creio que tenha encontrado muito do que se gabar.

- Você se engana. Fiquei impressionado. Não entendi coisíssima alguma do tema de seus escritos, mas as referências a respeito deles me pareceram muito favoráveis. E quando chequei os arquivos mais recentes descobri que você esteve presente à Convenção Decenal este ano. Portanto ... poderia me explicar o que é "psico-história"? Não preciso dizer que as duas primeiras sílabas excitam minha curiosidade.

- Vejo que foi lá que você pescou essa palavra.

- A menos que eu esteja totalmente equivocado, pareceu-me que você é capaz de prefigurar o rumo da história futura.

Seldon assentiu com um gesto fatigado da cabeça.

- É mais ou menos isso que é a psico-história, ou pelo menos o que ela deveria ser.

- Mas é um estudo sério? - Randa estava outra vez sorridente. - Você não está apenas jogando varetas?

- Jogando varetas?

- Estou me referindo a um jogo das crianças em meu planeta natal, Hopara. O objetivo do jogo é, supostamente, prever o futuro, e se você é um garoto esperto

pode conseguir bons resultados. Diga a uma mãe que a filha dela vai crescer, tornar-se uma linda moça e casar com um homem rico, e há grande probabilidade de você ganhar no mesmo instante uma fatia de bolo ou um meio-crédito. Ela não vai esperar para ver se a previsão se confirma; você é recompensado unicamente por ter dito o que disse.

- Sei como é. Mas não, não jogo varetas. A psico-história é apenas um estudo

abstrato. Estritamente abstrato. Não tem nenhuma aplicação prática, exceto ...

- Ah, era aí que eu queria chegar. As exceções são sempre a parte mais interessante.

- Exceto que eu gostaria muitíssimo de descobrir essa aplicação. Talvez, se eu conhecesse mais um pouco de História ...

- Então é por isso que está pesquisando História?

- Sim, mas isso não tem adiantado muito - disse Seldon com tristeza. - Existe História demais, e muito pouco dela chega a ser contado.

- E é isso o que o deixa frustrado? Seldon assentiu.

- Mas Hari, você só está aqui há algumas semanas.

- É verdade, mas já dá para perceber que ...

- Você não pode perceber coisa alguma em umas poucas semanas. Talvez você tenha que dedicar sua vida inteira para poder conquistar um pequeno avanço. Pode ser que sejam necessárias muitas gerações de matemáticos para poder abrir uma trilha nesse problema.

- Sei disso, Lisung, mas nem por isso me sinto melhor. Quero fazer eu mesmo algum progresso visível.

- Deixar-se perturbar por isso também não vai ajudá-lo nem um pouco. Mas, se isso pode fazê-lo sentir-se melhor, posso dar-lhe o exemplo de um assunto muito menos complexo do que a história humana, e um assunto que vem sendo estudado, sem resultado, há um tempo tão longo que nem sei como avaliar. Sei disso porque há um grupo trabalhando com isso aqui na Universidade, e um de meus amigos mais próximos está envolvido com ele. Você fala de frustração? Você não tem a menor ideia do que é sentir-se frustrado.

- Mas que assunto é esse? - Seldon começou a sentir a curiosidade a espicaçá-lo.

- Meteorologia.

- Meteorologia! - A resposta foi um anticlímax tão grande que Seldon ficou aborrecido.

- Não faça essa cara. Preste atenção. Todos os mundos habitados possuem uma atmosfera. Cada mundo possui sua própria composição atmosférica, sua própria escala de temperatura, sua própria relação entre rotação e translação, sua própria inclinação axial, sua própria distribuição de oceanos e massas continentais. O resultado é que temos 25 milhões de problemas diferentes, e ninguém até agora conseguiu encontrar uma generalização satisfatória.

- Isso é porque o comportamento de uma atmosfera entra com facilidade numa fase caótica. Todo mundo sabe disso.

- É o que diz meu amigo, Jenarr Leggen. Você o conheceu. Seldon procurou lembrar-se.

- Um sujeito alto? Nariz longo? Um que fala pouco?

- É esse mesmo. Bem, Trantor constitui um problema maior do que qualquer outro mundo. De acordo com os relatos, seu padrão meteorológico era bastante simples no início de sua colonização. Depois, com o crescimento populacional e o aumento de industrialização, passou a se consumir cada vez mais energia, e a se

descarregar cada vez mais calor na atmosfera. As calotas polares começaram a diminuir, as camadas de nuvens foram se tornando mais espessas, e o tempo começou a ficar cada vez pior. Isso encorajou as pessoas a desenvolver habitações subterrâneas, e pôs em movimento um círculo vicioso. Quanto mais o tempo piorava, mais eles escavavam a terra e construíam cúpulas, e o tempo ficava ainda pior. Agora, Trantor é um planeta quase constantemente nublado, e onde as chuvas são frequentes ... ou a neve, na época mais fria. O problema é que ninguém consegue encontrar uma racionalização satisfatória para esses fenômenos. Ninguém produziu ainda algum tipo de análise que explique por que a atmosfera se deteriorou exatamente dessa forma, ou que possa nos ajudar a predizer as suas f1utuações cotidianas.

Seldon encolheu os ombros. - Será isso tão importante?

- Para um meteorologista, sim. Então só você tem o direito de se sentir frustrado em seus projetos? Não seja chauvinista.

Seldon recordou o céu nublado e o vento gélido, no caminho para o Palácio Imperial. Perguntou:

- E o que está sendo feito a esse respeito?

- Há um grande projeto sendo desenvolvido aqui na Universidade, e Jenarr Leggen faz parte dele. Eles acham que se chegarem a compreender as mudanças atmosféricas de Trantor terão aprendido muita coisa sobre leis básicas de

meteorologia geral. Leggen sonha com isso, tanto quanto você sonha com sua psico-história; e instalou uma incrível parafernália de instrumentos na Superfície ... você sabe, na parte superior das cúpulas. Até agora não tem adiantado muito. Mas o fato é que se já faz tanto tempo que se pesquisa a atmosfera e não se obtém resultado, como é que você pode se queixar de não ter conseguido nada com a história da humanidade em umas poucas semanas?

Seldon pensou que Randa tinha razão, e que era ele próprio que estava sendo pouco razoável. E no entanto ... no entanto ... Hummin diria que esse fracasso na abordagem dos problemas científicos era mais um sinal dos tempos de decadência que viviam. Talvez ele tivesse razão, mas o caso é que estava se referindo a uma decadência generalizada, e a uma avaliação média de seus efeitos. Seldon não sentia nenhum tipo de degenerescência mental em si próprio.

Perguntou, movido por um real interesse:

- Quer dizer que as pessoas caminham sobre as cúpulas, no espaço aberto lá de cima?

- Sim, na Superfície. É uma coisa engraçada ... a maior parte dos trantorianos nativos jamais o faria. Eles não gostam de ver a Superfície. Sentem vertigens, ou coisa semelhante. A maior parte dos que trabalham nos projetos de meteorologia é de estrangeiros.

Seldon olhou pela janela, viu os gramados e o jardinzinho do campus, brilhantemente iluminados, sem sombras, sem calor excessivo, e disse, pensativo:

- Acho que não posso censurar os trantorianos por gostarem tanto deste

conforto que se desfruta aqui dentro, mas não é possível que alguns deles não sintam curiosidade de subir à Superfície. Eu já estou sentindo.

- Gostaria de ver uma equipe de meteorologia em ação?

- Creio que sim. Como se vai à Superfície?

- Sem problema algum. Um elevador leva você até o alto, uma porta se abre, e pronto. Já estive lá. É ... diferente.

- Isso me ajudaria a me distrair um pouco da psico-história - suspirou Seldon. - Seria agradável.

- Por outro lado - disse Randa -, meu tio costuma dizer que todos os conhecimentos são em última análise um só, e talvez ele tenha razão. Talvez você aprenda algo sobre meteorologia que possa lhe ser útil na sua psico-história. Não é possível?

Seldon deu um sorriso débil.

- Oh, sim, existe muita coisa possível. E completou consigo mesmo: mas nem todas são praticáveis.

22.

Dors pareceu divertir-se. - Meteorologia?!

- Sim - disse Seldon. - Há uma missão marcada para amanhã, e vou subir com eles.

- Cansou-se da História? Seldon assentiu, carrancudo.

- Cansei. Uma mudança vai me fazer bem. Além disso, Randa diz que esse é um outro problema onde os dados são tão numerosos que não há como manipulá-los matematicamente, e talvez me faça algum bem ver que não sou o único a ter esse tipo de problema.

- Espero que você não sofra de agorafobia. Seldon sorriu.

- Não, não sofro, mas sei por que pergunta. Randa me disse que os trantorianos são frequentemente agoráfobos e se recusam a subir à Superfície. Imagino que se sintam inseguros sem uma cobertura que os proteja.

Dors concordou.

- É uma explicação bem natural, mas também existem muitos trantorianos espalhados pelos outros mundos da Galáxia ... turistas, administradores, soldados. E a agorafobia também não é particularmente rara entre os estrangeiros .

- Está bem, Dors, mas eu não sofro de agorafobia. Sou um sujeito curioso, gosto de coisas diferentes, e amanhã estarei me juntando à equipe deles.

Dors hesitou.

- Eu devia ir com você, mas tenho uma agenda cheia amanhã. Em todo caso,

já que você não tem agorafobia, não deve haver nenhum problema, e provavelmente vai divertir-se. Ah, sim. Mantenha-se perto dos meteorologistas. Já ouvi falar sobre pessoas que se perderam lá em cima. - Terei cuidado. E já faz muito tempo que não me perco, seja onde for.

23.

Jenarr Leggen era um homem sombrio. Não tanto pela cor de sua pele, que era bastante clara, nem mesmo pelas sobrancelhas, que eram escuras e espessas. Era mais pelo fato de que essas sobrancelhas se arqueavam sobre olhos profundamente encovados e um nariz longo e protuberante, o que lhe dava um ar de perpétua infelicidade. Seus olhos não sorriam, e quando ele falava, o que não acontecia com frequência, sua voz era grave e forte, com uma ressonância surpreendente para um corpo tão magro.

- Você vai precisar de roupas mais quentes do que essa aí, Seldon - disse ele.

- Oh - fez Seldon, olhando ao redor:

Havia dois homens e duas mulheres que se preparavam para subir juntamente com eles e, a exemplo de Leggen, suas finas vestes trantorianas estavam cobertas com grossos suéteres em cores vivas. Os desenhos eram ousados, e não havia dois modelos semelhantes.

Seldon olhou para si próprio e disse:

- Sinto muito, mas não sabia. Além do mais, acho que não tenho nenhuma roupa apropriada para isso.

- Posso lhe conseguir uma, se não me engano tenho aqui uma de reserva. Um pouco velha, mas é melhor do que nada. Aqui está. - Muito quentes esses suéteres - comentou Seldon. - Podem se tornar desconfortáveis.

- Aqui, sim - concordou Leggen. - Mas na Superfície as coisas são diferentes. Muito frio, muito vento. É pena que eu não tenha perneiras e botas sobrando, pode ser que você venha a precisar.

Estavam levando consigo um carrinho repleto de instrumentos, e naquele instante os outros membros do grupo os estavam testando de um em um, com uma meticulosidade que aos olhos de Seldon pareceu exagerada.

- Seu planeta é frio? - perguntou Leggen.

- Em algumas regiões - disse Seldon. - O lugar de onde venho tem um clima ameno, mas chove com frequência

- É pena. Talvez você estranhe um pouco a Superfície.

- Acho que posso aguentar durante o tempo que vamos passar lá.

Quando terminaram os preparativos, encaminharam-se para um elevador que ostentava a indicação: SOMENTE PARA USO OFICIAL.

- É porque ele conduz à Superfície - explicou uma das mulheres - e quem sobe até lá deve fazê-lo por alguma boa razão.

Seldon não a conhecia, mas tinha ouvido um dos homens do grupo chamá-la de Clowzia. Não sabia se se tratava de nome, sobrenome ou apelido.

O elevador não era diferente dos que Seldon conhecia, em Helicon ou em Trantor (à exceção, claro, do elevador gravitacional que tinha usado com Hummin); mas o fato de saber que ele o estava levando para uma das partes mais inacessíveis do planeta, no espaço vazio sobre suas cabeças, deu a Seldon a impressão de estar entrando numa espaçonave.

Sorriu consigo mesmo. Uma fantasia boba.

O elevador sacolejava um pouco, e isso trouxe mais uma vez à mente de Seldon os prognósticos de Hummin sobre a decadência do Império. Leggen, juntamente com os outros homens e uma das mulheres, mantinha-se imóvel, à espera; era como se todos se tivessem desligado momentaneamente durante o trajeto. Clowzia, por outro lado, olhava para Seldon com evidente interesse.

Seldon inclinou-se e falou baixinho para ela (não queria perturbar o silêncio reinante):

- Estamos indo muito alto?

- Alto? - repetiu ela. Falou num tom de voz normal, como se não se sentisse constrangida em quebrar o silêncio. Parecia muito jovem, e Seldon pensou que era provavelmente uma estudante não graduada. Uma estagiária, talvez.

- Estamos demorando muito - disse ele. - Pelo que vejo, a Superfície deve ficar a uma altura de muitos andares.

Durante um instante, ela pareceu confusa, mas logo respondeu: - Oh, não. Não é que fique muito alto. Nós é que estamos saindo de uma região muito profunda. A Universidade fica a uma profundidade muito grande. Nosso consumo de energia é imenso, e a essa profundidade os custos energéticos são menores.

- Chegamos - disse Leggen. - Vamos retirar o equipamento. O elevador parou com uma ligeira oscilação, e a larga porta deslizou para o lado. A temperatura caiu bruscamente, fazendo Seldon enfiar as mãos nos bolsos e sentir-se grato por estar vestindo aquele suéter. Um vento gelado agitava seus cabelos, e ele pensou que um chapéu seria algo bem-vindo; como se estivesse lendo seus pensamentos, Leggen puxou algo de dentro do suéter, desdobrou-o e o colocou na cabeça. Os outros fizeram o mesmo.

Somente Clowzia hesitou, antes de colocar o seu, e o ofereceu a Seldon Ele recusou com um gesto.

- Não posso ficar com seu chapéu, Clowzia.

- Ora, o que é isso. Meu cabelo é longo, e muito espesso. Muito mais do que o seu, o seu é um pouco ... escasso.

Em outras circunstâncias Seldon reagiria com firmeza àquele adjetivo; mas naquele momento tudo O que pôde fazer foi pegar o chapéu e grunhir:

- Obrigado. Se sentir frio, pode pedi-lo.

Talvez ela não fosse tão jovem assim, talvez fosse apenas o seu rosto arredondado que lembrava o de uma criança. E agora que tinha chamado a atenção para seu cabelo, Seldon reparou que ele tinha uma tonalidade avermelhada, algo que ele jamais vira em Helicon.

Do lado de fora, o céu estava carregado, lembrando a Seldon o dia em que tinha sido conduzido ao Palácio Imperial. O ar estava mais frio, mas Seldon pensou que isso se devia ao fato de que seis semanas se tinham passado, e o inverno estava muito mais próximo. As nuvens eram mais espessas do que da outra vez, o céu estava mais escuro, com ar ameaçador - ou talvez fosse porque faltasse pouco tempo para anoitecer. Certamente alguém não subiria à Superfície para fazer um trabalho importante sem dispor de luz do dia por tempo suficiente; mas talvez eles esperassem se desincumbir rapidamente de suas tarefas.

Seldon considerou que devia ter perguntado antes, mas agora não era o momento mais adequado: os meteorologistas estavam todos ocupados, e suas reações variavam de excitação a aborrecimento.

Seldon examinou os arredores.

Estava de pé sobre o que lhe pareceu uma superfície de metal fosco, a julgar pelo som que se produziu quando ele discretamente bateu com os pés sobre ela. Não era metal descoberto, no entanto, pois ao caminhar ele deixava pegadas. A superfície estava visivelmente recoberta pelo que parecia poeira, areia, argila fina.

E por que não? Ninguém iria subir diariamente até ali para passar um aspirador de pó. Seldon abaixou-se e tomou aquela poeira entre os dedos, cheio de curiosidade.

Clowzia aproximou-se e, notando o que ele fazia, disse, com o tom de voz de uma dona-de-casa que pede desculpas:

- Limpamos esta parte aqui, por causa dos instrumentos. No restante da Superfície é muito pior, mas não tem importância. Vira uma camada isolante, entende?

Seldon respondeu com um grunhido e continuou olhando ao redor. O chão estava coberto de instrumentos incompreensíveis, que pareciam ter brotado como plantas no solo raso (se é que aquilo podia receber este nome). Seldon não tinha a menor ideia do que eram ou para que serviam.

Leggen vinha andando em sua direção. Erguia os pés e os pousava de novo no chão com todo cuidado, certamente para não perturbar os instrumentos. Seldon fez uma anotação mental para caminhar da mesma forma.

- Você aí! Seldon!

O tom de voz não era muito agradável, e ele replicou com frieza:

- Sim, Dr. Leggen?

- Oh, está bem. Dr. Seldon. - A voz era impaciente.

Aquele sujeito, o Randa, disse que você é um matemático. - Isso mesmo.

- Um bom matemático?

- Gostaria de dizer que sim, mas isso é algo difícil de garantir.

- E está interessado em problemas insolúveis?

- Estou mergulhado num - respondeu Seldon com fervor.

- Eu também. Bem, você está livre para examinar o que quiser por aí. Se tiver alguma pergunta, a nossa estagiária, Clowzia, pode ajudá-lo. E talvez você possa também nos ajudar.

- Gostaria muito, mas não entendo nada de meteorologia.

- Não há problema, Seldon. Quero apenas que você observe as coisas com atenção, e depois podemos conversar a respeito da matemática que eu emprego neste trabalho.

- Estou à sua disposição.

Leggen virou-se para ir embora, mas ainda encarou Seldon mais uma vez, o rosto sempre carrancudo.

- Se você ficar com muito frio, a porta do elevador está aberta.

Basta entrar e apertar o botão que diz UNIVERSIDADE. Ele o levará até embaixo e depois retomará automaticamente até aqui. Se esquecer, Clowzia pode ajudá-lo.

- Não vou esquecer.

Desta vez Leggen partiu e Seldon ficou vendo-o afastar-se sentindo as rajadas gélidas do vento atravessarem como lâminas o tecido do suéter. Clowzia veio

andando na sua direção, o rosto avermelhado pelo vento.

- O Dr. Leggen parece aborrecido - disse Seldon. - Ou ele é assim o tempo todo?

Ela deu uma risada.

- Ele parece aborrecido a maior parte do tempo, mas agora está aborrecido mesmo.

- Por quê? - indagou Seldon com naturalidade.

Clowzia olhou por sobre o ombro, e esse gesto fez ondular seu cabelo.

- Não é nada que me diga respeito, mas mesmo assim sei do que se trata. O Dr. Leggen tinha previsto que hoje, exatamente há esta hora, as nuvens iriam se dissipar, e ele contava com isso para fazer umas medições à luz do sol. Só que ... bem, olhe como está o céu.

Seldon assentiu com um gesto, e ela continuou:

- Temos um circuito de holovisão aqui em cima portanto ele sabia que o tempo estava nublado, mais do que o habitual; mas imagino que ele estava atribuindo isso a alguma falha dos instrumentos, e não a um erro em suas previsões. Mas até agora não acharam nada com defeito.

- Então é por isso que ele está com essa cara infeliz.

- Feliz ela não é nunca.

Seldon deu uma olhada de soslaio ao redor. A despeito das nuvens, a luminosidade era intensa. Ele percebeu que a superfície sob seus pés não era horizontal: estava de pé sobre uma cúpula achatada, e quando olhou à distância vislumbrou outras cúpulas em todas as direções, cada uma com altura e largura diferentes.

- A Superfície parece bem irregular - comentou ele.

- Em sua maior parte, eu acho. É assim que foi feito.

- Alguma razão especial para isso?

- Creio que não. O que me explicaram (quando vim até aqui e fiz a mesma pergunta que você acabou de fazer) foi que originalmente o povo de Trantor costumava recobrir de cúpulas as suas arenas de esportes, centros de comércio, praças, coisas desse tipo; depois passaram a fazer isso com cidades inteiras, de modo que logo havia um grande número de cúpulas lado a lado, com alturas e formatos diferentes. Quando foram todas se unindo, as pessoas decidiram que estava bem assim, e assim ficou.

- Quer dizer que algo que se deu de um modo assim, totalmente acidental, pode

chegar a ser encarado como tradição?

- Bem, se é assim que você vê a coisa, sim, acho que sim. (Se algo que se formou acidentalmente pode chegar a ser encarado como uma tradição quase inviolável, pensou Seldon, então isso pode ser considerado como uma das leis da psico-história? Parecia algo trivial, mas quantas outras leis assim, igualmente triviais, poderia haver? Um milhão? Um bilhão? Haveria um pequeno número de leis gerais a partir das quais essas leis triviais pudessem ser derivadas, como corolários? Como era possível saber? Por alguns minutos, perdido em pensamentos, ele quase esqueceu o vento cortante que o fustigava.)

Clowzia, no entanto, não esquecera o vento, porque num dado momento estremeceu e disse:

- Tempo horrível. Lá embaixo é muito melhor.

- Você é trantoriana?

- Sim.

Seldon recordou O comentário de Randa sobre a agorafobia dos trantorianos, e perguntou:

- Não se sente mal aqui em cima?

- Detesto isto aqui - disse Clowzia. - Mas preciso terminar meu curso, conseguir minha especialização e um bom trabalho; e o Dr. Leggen diz que sem pesquisa de campo isso será impossível. E aqui estou eu, odiando isto, principalmente quando está frio como agora. Com um frio assim, ninguém poderia supor que existe algum tipo de vegetação aqui no alto, não é?

- Vegetação? Está brincando.

Seldon lançou um olhar penetrante para Clowzia, suspeitando de algum tipo de piada à custa de um estrangeiro; tinha ela uma expressão totalmente inocente, mas até que ponto isso correspondia à realidade, ou era apenas causado pelo seu rosto de criança?

- Falo sério - disse ela. - Até mesmo aqui por perto, quando a temperatura está mais quente. Já reparou no solo? Nós limpamos esta área ao redor por causa dos instrumentos, como já expliquei, mas em outros pontos a terra se acumula, e chega a ser particularmente profunda nas depressões que se formam quando duas cúpulas se unem. E ali crescem plantas.

- Mas de onde vem a terra?

- Quando as cúpulas cobriam apenas partes do planeta, o vento depositava poeira sobre elas, aos poucos. Depois, quando Trantor já estava todo coberto e se

expandia cada vez mais para o subsolo, a terra escavada era trazida aqui para cima, quando era adequada para isso, e espalhada sobre as cúpulas.

- O peso não as afetaria?

- Oh, não, as cúpulas são muito fortes, e têm apoios internos por toda parte. De acordo com um filme-livro que vi certa vez, a intenção inicial era fazer plantações na Superfície, mas acabaram descobrindo que seria muito mais prático fazê-lo no interior das cúpulas. O fermento e as algas também poderiam ser cultivados embaixo, aliviando um pouco as colheitas convencionais, de modo que acabaram deixando a Superfície entregue a si mesma. Há animais na Superfície, também ... borboletas, abelhas, ratos, coelhos. Uma porção deles.

- As raízes das plantas não danificam as cúpulas?

- Até agora não, e estão aí há milhares de anos. As cúpulas recebem um tratamento especial para repelir as raízes. A maior parte da vegetação é composta de relva, mas também existem árvores. Você poderia vê-las se estivéssemos no verão, ou um pouco mais ao sul, ou a bordo de uma espaço nave. - Clowzia lançou para ele um rapidíssimo olhar oblíquo. - Você não viu Trantor, quando vinha descendo do espaço?

- Tenho que confessar que não, Clowzia. A hiper-nave nunca parecia estar na posição ideal para isso. E você? Já viu Trantor do espaço?

Ela deu um sorriso débil. - Nunca fui ao espaço.

Seldon voltou a olhar em torno. Tudo cinzento até onde a vista alcançava.

- Ainda não consigo acreditar - disse ele. - Estou me referindo à vegetação, claro.

- É verdade, no entanto. Já ouvi pessoas dizerem ... estou me referindo a estrangeiros, como você, que viram Trantor do espaço ... que o planeta é verde, porque é coberto por relva e arbustos rasteiros. Também existem árvores, conforme já lhe disse. Existe um pequeno bosque, não muito longe daqui. Jó o vi uma vez. Árvores com seis metros de altura.

- Onde?

- Não dá para ver daqui. É do lado oposto de uma das cúpulas, acho que ...

Ouviu-se um chamado à distância; Seldon só então reparou que eles vinham caminhando enquanto conversavam, e estavam agora a uma certa distância dos demais.

- Clowzia! - chamou alguém. - Venha aqui, estamos precisando de você.

- Estou indo! - respondeu ela. - Com licença, Dr. Seldon, mas preciso ir agora.

Ela correu de volta, tentando pisar com suavidade apesar do peso de suas botas forradas.

Seria tudo piada?, pensou Seldon. Estaria ela apenas se divertindo à custa de um forasteiro, com uma porção de histórias fantasiosas? Coisas desse tipo sempre aconteciam, em qualquer mundo, em qualquer tempo. Seu ar de transparente honestidade também não servia como garantia: especialistas em pregar peças costumavam cultivar exatamente esse tipo de imagem.

Árvores com seis metros de altura ... ali, na Superfície? Sem pensar duas vezes, Seldon caminhou na direção da cúpula mais alta que se via no horizonte. Balançou os braços ao caminhar, para ativar a circulação, mas seus pés já estavam bastante frios.

Clowzia não tinha apontado em nenhuma direção; bem que poderia tê-lo feito, para dar-lhe alguma pista sobre a localização do tal bosque. Por que não o fizera? Bem, talvez porque não tivesse tido tempo.

As cúpulas eram bem mais largas do que altas, o que era um alívio, pois de outro modo a caminhada ali seria muito mais difícil. Por outro lado, a suave inclinação significava que ele teria que andar um bom pedaço antes de atingir o topo de uma cúpula e poder olhar ao redor.

Por fim ele atingiu o alto, e pôde avistar o lado oposto da cúpula que estivera escalando. Olhou para trás a fim de certificar-se quanto à posição dos meteorologistas e de seus instrumentos. Estavam a boa distância, num vale afastado, mas Seldon podia avistá-los com clareza. Tudo bem, então.

Dali não podia avistar nenhum bosque, nem árvores, mas havia uma depressão que serpenteava entre duas cúpulas. De ambos os lados dessa espécie de desfiladeiro, o solo era mais compacto, e havia ocasionais manchas verdes que poderiam ser de musgo. Se ele seguisse ao longo daquela fenda, e ela se tornasse mais profunda, e o solo suficientemente espesso, talvez pudesse encontrar árvores mais adiante.

Olhou para trás, tentando estabelecer mentalmente alguns pontos de referência, mas tudo o que se avistava eram as curvas das cúpulas a subir e descer. Hesitou um pouco, lembrando-se da advertência de Dors sobre o risco de se perder; o que tinha parecido naquele instante um conselho supérfluo fazia muito sentido agora. Em todo caso, parecia-lhe claro que o tal desfiladeiro podia ter a mesma utilidade de uma estrada; se ele o seguisse até uma certa distância, tudo o que tinha de fazer depois era refazer o trajeto, e estaria de volta ao ponto

onde se achava.

Caminhou a passos largos e decididos, seguindo a curvatura descendente da cúpula. Um rumor surdo vinha do céu, mas ele não lhe deu maior atenção. Tinha decidido que queria avistar aquelas árvores, e essa era a única coisa importante para ele naquele momento.

O musgo ia se tornando cada vez mais espesso, e se espalhava pelo chão como um verdadeiro tapete; havia tufos de relva aqui e ali. Apesar da desolação que reinava na Superfície, o musgo era de um verde brilhante, e ocorreu a Seldon que num planeta nublado como aquele a quantidade de chuva devia ser considerável.

A fenda continuava seguindo numa curva suave, e de repente, exatamente sobre outra cúpula, Seldon avistou uma mancha escura de encontro a superfície cinza, e percebeu que tinha achado as árvores.

Nesse instante, como se a visão das árvores tivesse liberado sua mente para prestar atenção em outras coisas, ele voltou a perceber o rumor surdo que vinha escutando há algum tempo, e que distraidamente tinha atribuído a algum tipo de maquinaria. Só então pensou: mas, que maquinaria?

Ora, por que não havia de ser? Ele estava de pé sobre uma das milhares de cúpulas que recobriam centenas de milhões de quilômetros quadrados do planeta-cidade. Havia todos os tipos imagináveis de máquinas sob aquelas cúpulas - motores de ventilação, para dar só um exemplo. Talvez seu ruído pudesse ser escutado, num lugar e num momento em que não houvesse outro tipo de ruído.

Só que o ruído não parecia vir do chão. Seldon ergueu os olhos para o céu lúgubre e indistinto. Nada.

Continuou a esquadrinhar o espaço com a vista, enquanto rugas se formavam entre seus olhos, e então, lá, ao longe ...

Era apenas um pequeno ponto negro destacando-se de encontro ao céu cinzento. Fosse o que fosse, movia-se como se estivesse procurando se orientar; e um instante depois foi novamente oculto pelas nuvens.

Nesse instante, sem nem saber por que, Seldon pensou: estão à minha procura.

E antes mesmo de poder avaliar qual devia ser sua atitude, ele escolheu uma. Correu, correu desesperadamente ao longo da fenda, na direção das árvores, e na tentativa de atingi-las mais rapidamente virou para a esquerda e escalou uma cúpula menor, embarafustando através do mato rasteiro, fetos ressequidos,

arbustos espinhosos e pequenos frutos avermelhados.

24.

Seldon arquejou de encontro a uma árvore, agarrando-se a ela, colando a ela o seu corpo. Olhou o céu à procura do objeto voador, para saber sua posição exata e poder ocultar-se do lado oposto do tronco, como um esquilo.

A árvore estava gelada, sua casca era áspera e desagradável ao toque - mas podia servir de abrigo. Claro que não seria suficiente, caso eles o estivessem procurando com o auxílio de um sensor térmico, mas Seldon teve esperança de que aquele tronco gelado pudesse ajudar a confundir os sinais.

Sob os seus pés, o solo era duro e espesso. Mesmo num momento como aquele, em que tentava avistar seus perseguidores ao mesmo tempo em que evitava ser visto por eles, Seldon não pôde deixar de pensar na profundidade que aquele solo devia ter, no imenso tempo que devia ter levado para se acumular, e em quantas cúpulas nas regiões mais quentes de Trantor deviam suportar florestas inteiras sobre si; pensou também se as árvores cresciam de preferência nas fendas por entre as cúpulas, deixando a parte superior destas para o musgo, a relva e os arbustos menores.

Conseguiu avistá-lo novamente. Não era uma hiper-nave, nem mesmo um aerojato: era um íon-jato. Ele podia ver o débil clarão dos íons que brotavam dos vértices de um hexágono, neutralizando a atração gravitacional e permitindo que as asas mantivessem o veículo pairando no ar como um enorme pássaro. Era um veículo capaz de planar e de efetuar a exploração de um território.

Seldon notou que tinha sido salvo pelas nuvens. Mesmo se as pessoas a bordo estivessem usando sensores térmicos, estes indicariam apenas que havia alguém lá embaixo. O íon-jato teria que arriscar um mergulho abaixo da camada de nuvens para poder verificar quantas pessoas havia, e se alguma delas seria o indivíduo que estavam procurando.

O íon-jato estava mais próximo agora, e não podia permanecer oculto a Seldon. O ruído dos motores denunciava sua posição e os tripulantes não podiam desligá-los enquanto prosseguissem na sua busca. Seldon conhecia bem os íon-jatos: em Helicon ou em outros mundos abertos, onde o céu ficava limpo com frequência, eles eram um meio de transporte bastante comum, inclusive para uso particular.

Qual poderia ser a utilidade de um íon-jato em Trantor, onde toda a vida humana transcorria abaixo das cúpulas, e onde o céu era eternamente coberto por um colchão de nuvens? Qual, senão a de funcionar como veículos privativos dos órgãos de segurança do governo, com a função de localizar pessoas extraviadas na Superfície ... ou atraídas para lá?

Por que não? As forças do governo não podiam ter acesso ao território da Universidade, mas o lugar onde estava Seldon não pertencia a esse território. Ele estava na parte externa das cúpulas, uma região que devia estar fora da jurisdição de qualquer autoridade meramente local. Um veículo imperial podia ter o direito de pousar em qualquer trecho da Superfície e inquirir ou deter qualquer pessoa que fosse localizada ali. Hummin não lhe dissera nada a respeito, mas talvez essa ideia não lhe tivesse ocorrido.

O íon-jato estava cada vez mais próximo, esquadrinhando o terreno feito fera farejando sua presa. Iriam examinar mais de perto aquele grupo de árvores? Iriam aterrissar, e mandar até ali um ou dois guardas armados, para vasculhar cada moita e cada arbusto?

Se isso acontecesse, o que poderia ele fazer? Estava desarmado, e toda a sua técnica de luta corporal seria inócua diante da dor lancinante provocada por um neuro-chicote

O veículo, no entanto, não fazia menção de pousar. Ou não tinham considerado seriamente aquele pequeno bosque, ou ...

Uma nova ideia assaltou a mente de Seldon. E se aquilo, afinal de contas, não fosse um veículo patrulha? E se ele fizesse parte das experiências dos meteorologistas? Era mais do que admissível que experiências meteorológicas também envolvessem testes realizados nas camadas mais altas da atmosfera.

Estaria fazendo papel de idiota?

O céu estava mais escuro. As nuvens se adensavam ou, o que era mais provável, a noite começava a cair.

Estava cada vez mais frio, e tudo indicava que a temperatura continuaria a baixar. Devia ele permanecer ali, congelando, só porque um inofensivo íon-jato tinha passado por perto e ativado um sentimento paranoico que ele jamais experimentara antes? Teve um súbito impulso de abandonar o bosque e retornar à estação meteorológica.

Pensando bem, como poderia o homem que Hummin tanto temia - Eto Demerzel - adivinhar que Seldon estaria vagando pela Superfície justamente naquela hora, pronto para ser apanhado?

Durante alguns instantes, esses argumentos pareceram irrefutáveis e, tremendo de frio, Seldon começou a afastar-se das árvores.

Mas voltou correndo para lá, quando o veículo reapareceu, muito mais próximo do que antes. Seldon não o tinha visto fazer nada que se assemelhasse a alguma atividade meteorológica, que certamente envolveria tarefas como testes, medições, coleta de amostras. E, se essas coisas estivessem sendo feitas, seriam visíveis a um observador externo? Ele não tinha ideia do tipo de instrumentos que poderia haver lá dentro, ou de como funcionavam. Se aquele veículo estivesse de fato efetuando pesquisas, ele nunca teria como se certificar; em vista disso, como poderia se arriscar a ser visto em campo aberto?

E se Demerzel soubesse de sua ida à Superfície pelo simples fato de que agentes seus, infiltrados na Universidade, o tinham prevenido dos planos de Seldon? Lisung Randa, o simpático e sorridente oriental, tinha sugerido sua ida até lá. Para falar a verdade, tinha sugerido com uma certa insistência, e além disso o assunto não tinha surgido naturalmente na conversa, ou pelo menos não com bastante naturalidade. Seria Randa o agente imperial que teria dado o aviso a Demerzel?

E também havia Leggen, que lhe dera aquele suéter para vestir. Por que não lhe dissera nada a respeito com antecedência, para que ele pudesse providenciar as próprias roupas? Havia algo de especial no suéter que ele agora estava usando? Era totalmente de cor púrpura, enquanto que os dos outros membros da equipe seguiam o estilo trantoriano de padrões entrecruzados em diferentes cores. Quem quer que olhasse para o solo, de uma altura razoável, veria uma mancha avermelhada em movimento, misturada a outras de cores mais claras, e saberia imediatamente a quem perseguir.

E quanto a Clowzia? Para todos os efeitos, ela estava ali na Superfície para cumprir um estágio e ajudar os meteorologistas; como explicar a sua atitude, dirigindo-se espontaneamente a ele, um estranho, puxar conversa, e depois afastá-lo habilmente do lugar onde estavam os outros, de forma a que ele pudesse ser caçado com mais facilidade?

E, pensando bem, o que dizer de Dors Venabili? Ela sabia de sua ida à Superfície. Não tinha feito nada para dissuadi-lo. Devia tê-lo acompanhado, mas por coincidência estava cheia de compromissos.

Era uma conspiração. Claro que era uma conspiração. Àquela altura já estava plenamente convencido, e nem pensava mais em abandonar seu refúgio sob as árvores. (Seus pés já pareciam dois blocos de gelo, de nada adiantava sapatear no chão). Aquele íon-jato nunca mais iria embora?

No momento em que pensou isso o zumbido dos motores se tornou mais intenso e agudo, e o veículo elevou-se até as nuvens, sumindo logo em seguida.

Seldon apurou o ouvido, atento para captar o menor barulho, até ter certeza de que o íon-jato tinha de fato sumido. Mesmo depois de ter certeza ainda pensou que talvez aquilo não passasse de um estratagema para fazê-lo deixar seu esconderijo, e permaneceu onde estava, enquanto os minutos se arrastavam lentamente e a noite continuava a cair

Finalmente, quando percebeu que se não abandonasse seu abrigo acabaria congelando começou a caminhar, afastando-se pouco a pouco da proteção fornecida pelas árvores.

Pensando bem, era um crepúsculo particularmente sombrio; eles não seriam capazes de localizá-lo senão com a ajuda de um sensor-térmico, mas em todo caso ele ouviria o motor do íon-jato se aproximando. Parou a certa distância do bosque, contando os segundos, pronto para ocultar-se novamente ao escutar o menor ruído - embora não soubesse de que poderia adiantar isso, caso sua presença fosse detectada.

Olhou ao redor. Se fosse ao encontro dos meteorologistas poderia ver as luzes artificiais que eles certamente tinham, mas a não ser por elas não devia haver nenhum outro tipo de luz. Sua vista ainda alcançava uma certa distância, mas dentro de uns quinze minutos, meia hora no máximo, seria impossível. Sem uma lanterna, e com aquele céu de chumbo sobre sua cabeça, estaria numa total escuridão.

Amedrontado pela perspectiva de se perder do meio das trevas, Seldon percebeu que teria de encontrar o caminho de volta para a fenda por onde viera, e refazer seu trajeto, o mais rapidamente possível. Com os braços fortemente apertados ao peito para resguardar o calor do corpo, ele partiu na direção de onde supunha ter vindo.

É claro que devia haver uma certa quantidade de fendas semelhantes entre as cúpulas que se erguiam nas proximidades; mas de um modo ou de outro ele julgou reconhecer alguns arbustos de frutos rasteiros pelos quais tinha passado, e que agora pareciam negros, em vez de vermelhos. Não podia perder tempo. Tinha de acreditar que estava certo. Quando a fenda no terreno surgiu diante de seus olhos ele penetrou por ela, caminhando o mais rápido que podia, orientando-se pela pouca luz que restava e pela vegetação que se enroscava em seus pés.

Mas não iria permanecer Indefinidamente no interior daquela abertura.

Quando viera, ele tinha descido a encosta da mais alta das cúpulas que havia nos arredores, e tinha chegado à fenda seguindo um trajeto que ficava em ângulo reto em relação a ela. Pelo seu raciocínio, teria agora que virar à direita, depois virar de vez à esquerda, e isso o colocaria na direção da cúpula onde estavam os meteorologistas.

Depois que virou à esquerda, Seldon ergueu a cabeça e, com dificuldade, vislumbrou a curva de uma cúpula que se delineava à sua frente, de encontro aos derradeiros vestígios de luz que havia no céu. Tinha de ser aquela!

Ou ele estaria apenas se forçando a acreditar?

Não lhe restava alternativa senão achar que estava no caminho certo.

Mantendo os olhos fitos no topo da cúpula, para não se desviar de um trajeto razoavelmente reto, ele começou a escalada, caminhando com determinação e rapidez. À medida que se aproximava, a silhueta da cúpula contra o céu se tornava mais e mais indistinta. Se não estivesse errado, dali a pouco ele terminaria de subir a suave inclinação e começaria a andar sobre uma superfície praticamente achatada, de onde poderia avistar o lado oposto e ver as luzes dos meteorologistas.

Já estava escuro como breu, e ele já não conseguia avistar o que havia à sua frente. Desejou que houvesse ao menos algumas estrelas para fornecer um pouco de luz, e imaginou que aquela devia ser a sensação de ser cego. Agitou os braços à frente do rosto, como um inseto agita suas antenas.

O frio aumentava a cada minuto, e de quando em quando ele bafejava sobre as mãos para aquecê-las, e depois as enfiava sob as axilas. Lamentou não poder fazer o mesmo com os pés. Começou a pensar que poderia começar a chover; mas se houvesse precipitação seria com certeza de neve; ou, pior ainda, de geada.

Para a frente ... para a frente ... era tudo o que ele podia fazer. Num dado momento, começou a ter a sensação de estar caminhando numa descida. Ou a ansiedade o estava enganando ou já tinha ultrapassado a parte mais alta da cúpula.

Parou. Se tinha chegado ao alto da cúpula, já devia ser capaz de enxergar as luzes da estação de meteorologia. Haveria as lanternas conduzidas pelos cientistas, cintilando, movendo-se em várias direções como vaga-lumes.

Seldon cerrou com força os olhos para acostumá-los ainda mais à escuridão, e depois tentou novamente, sem sucesso. Fechar os olhos não tornava a treva mais intensa do que com eles abertos; abri-los não lhes trazia a menor quantidade de

luz.

Talvez Leggen e os outros já tivessem ido embora, levado consigo as lanternas, desligado os instrumentos. Talvez ele tivesse galgado a cúpula errada. Ou talvez seu trajeto ao escalar a cúpula tivesse descrito uma curva, de modo que estaria agora olhando numa direção equivocada. Ou talvez tivesse escolhido uma outra fenda no terreno, e durante todo o tempo não fizera mais do que se afastar do local para onde pretendia seguir.

O que fazer, então?

Se estivesse olhando na direção errada, então havia uma chance de avistar alguma luz caso olhasse à direita ou à esquerda: mas não havia nenhuma. Se tivesse entrado por uma fenda diferente daquela que percorrera antes, então não havia a menor possibilidade de retomar agora ao bosque e localizar a fenda correta.

Sua única chance estava em pressupor que estava olhando na direção certa, e que a estação meteorológica ficava mais ou menos à sua frente - só que àquela altura os cientistas já a teriam abandonado e ela estaria às escuras.

A solução era seguir em frente. Suas chances eram poucas, mas não havia outra escolha.

Ele avaliou que teria gasto cerca de meia hora para caminhar da estação meteorológica até o topo da cúpula, tendo ido em companhia de Clowzia até uma certa altura, mais perambulando do que caminhando a passo regular. Agora, ia a passos largos, apesar da esmagadora escuridão.

Continuou seguindo adiante, e em dado momento ocorreu-lhe que gostaria de saber que horas seriam, mas ali, na escuridão ...

Ele estacou. Ora, estava usando no pulso um crono-visor trantoriano, que informava o Tempo-Padrão Galáctico (como todos os crono-visores), bem como a hora local de Trantor. Os crono-visores heliconianos eram fosforescentes, e podiam ser consultados na escuridão de um quarto de dormir; por que não os trantorianos?

Com uma relutante apreensão ele tocou o ponto de contato que acionaria a fonte de luz do crono-visor O mostrador deste emitiu um brilho fraco, mas suficiente para mostrar o tempo: 18:47. Para que já fosse noite fechada, pensou Seldon, deviam estar em pleno inverno. Mas ... há quanto tempo teria ocorrido o solstício? Qual seria o grau de inclinação do eixo do planeta? Qual a duração do ano? A que distância do equador estava ele naquele instante? Seldon não tinha a menor condição de responder, no momento, aquelas perguntas; mas o que

importava era que aquele débil cintilar de luz era visível.

Ele não estava cego! De algum modo, o brilho do mostrador de seu crono-visor lhe trouxe uma esperança renovada.

Seu ânimo se fortaleceu. Decidiu continuar marchando na mesma direção, durante uma meia hora. Se nada encontrasse, prosseguiria durante cinco minutos, não mais do que isso. Se não obtivesse nenhum resultado, pararia para pensar. Se isso acontecesse, em todo caso, seria daí a 35 minutos. Até então ele se concentraria unicamente no ato de caminhar e de fazer o possível para manter o corpo aquecido. (Ele agitou vigorosamente os dedos dos pés, e verificou que ainda os sentia.)

Caminhou para a frente, com dificuldade. Meia hora se passou. Ele fez uma pausa e depois, vacilante, prosseguiu durante mais cinco minutos.

Agora, teria que tomar uma decisão. Não tinha encontrado coisa alguma. Ele podia estar em qualquer parte, muito, muito distante de qualquer passagem para o interior das cúpulas. Ou então poderia estar a apenas três metros à esquerda (ou à direita ... ou atrás) da estação meteorológica. Podia estar à distância de dois braços estendidos da própria abertura do elevador. .. a qual, no entanto, certamente estaria fechada naquele momento.

E agora?

Valeria a pena gritar? Ele estava rodeado por um silêncio que, não fosse pelo silvar do vento, seria total. Se na vegetação que recobria as cúpulas havia de fato pássaros, pequenos animais ou insetos, então eles não se achavam ali àquela altura da estação, ou àquela hora da noite, naquele local específico. Havia apenas o vento, que continuava a enregelar aos poucos o corpo de Seldon.

Talvez ele devesse ter vindo gritando enquanto caminhava.

Aquele ar frio poderia conduzir o som a uma distância razoável. Mas haveria alguém para ouvi-lo?

Poderiam ouvi-lo do interior da cúpula? Haveria ali algum instrumento que pudesse detectar seus movimentos? Haveria algum sentinela de sobreaviso, pelo lado de dentro, nas proximidades? ..

Isso soava ridículo. Teriam ouvido seus passos, não é mesmo? No entanto ...

Ele gritou.

- Socorro! Socorro! Alguém pode me ouvir?!. ..

Seu grito soou gutural, contrafeito. Parecia algo idiota, gritar no meio daquela vastidão mergulhada nas trevas.

No entanto, ele sentiu que mais idiota ainda seria hesitar, numa situação tão grave. O pânico estava começando a dominá-lo. Encheu os pulmões com o ar gelado e voltou a gritar, o mais alto que pôde. Inspirou novamente e novamente gritou, projetando a voz bem para o alto. E outra vez, e outra.

Fez uma pausa, já sem fôlego, virando a cabeça em todas as direções, mesmo que não conseguisse avistar coisa alguma. Não podia nem sequer detectar algum tipo de eco. Parecia que não lhe restava outra escolha senão esperar o amanhecer. Só que ... quanto tempo durava a noite naquela época do ano? E até que ponto poderia cair a temperatura?

Sentiu algo minúsculo e gelado tocar seu rosto. Algum tempo depois, voltou a senti-lo. .

Começava a gear em meio à escuridão ... e não havia como procurar algum tipo de abrigo.

Pensou: teria sido bem melhor que aquele íon-jato tivesse me avistado e recolhido. Talvez eu estivesse prisioneiro neste instante, mas pelo menos estaria mais aquecido e aliviado.

Ou, se Hummin nunca tivesse aparecido em sua vida, ele estaria de volta a Helicon há muito, muito tempo. Sob vigilância, mas aquecido e aliviado. Naquele instante, era tudo em que sua mente era capaz de pensar - calor e bem-estar

Tudo o que lhe restava era esperar. Deitou-se ao chão, enroscando-se sobre si mesmo, e pensando que, por mais longa que fosse a noite, não devia se permitir adormecer. Tirou os sapatos e esfregou com força os pés enregelados; voltou a calçá-los depressa.

Sabia que iria ter de repetir esse gesto a noite inteira, bem como esfregar as mãos e as orelhas, para manter o sangue circulando. Mas o mais importante de tudo era ter em mente que não podia adormecer: isso poderia significar a morte.

E, depois de pensar nisso com intensidade e determinação, ele sentiu que seus olhos começavam a se fechar e sua cabeça descaía, adormecida, enquanto a geada continuava a cair sobre seu corpo.

6. RESGATE

LEGGEN, JENARR - ... Embora suas contribuições à meteorologia sejam consideráveis, elas perdem importância diante daquilo que ficou conhecido como a "Controvérsia Leggen". É ponto pacífico que suas ações contribuíram para pôr em perigo a vida de Hari Seldon, mas existe uma acalorada discussão, há longo tempo, entre os que atribuem essas suas ações a circunstâncias fortuitas e os que as veem como parte de uma conspiração deliberada. Ambos os lados defendem apaixonadamente seus pontos de vista, e mesmo os estudos mais confiáveis não oferecem nenhuma conclusão definitiva. Entretanto, as suspeitas associadas ao seu nome contribuíram para arruinar a carreira e a vida pessoal de Leggen nos anos que se seguiram a ...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

25.

Ainda não tinha anoitecido quando Dors Venabili conseguiu localizar Jenarr Leggen. Ele respondeu ao seu cumprimento ansioso com um grunhido e um breve aceno de cabeça.

- E então? - perguntou ele, com certa impaciência. - Como foi que ele se saiu?

Leggen, que estava alimentando com dados seu computador, replicou:

- Como se saiu quem?

- Meu aluno de pesquisa histórica, Hari. Dr. Hari Seldon. Ele subiu com você à Superfície. E então? Foi de alguma utilidade?

Leggen ergueu as mãos do teclado do computador e fez um gesto vago no ar.

- Aquele sujeito heliconiano? Não nos serviu para nada. Não demonstrou nenhum interesse. Ficou o tempo todo olhando a paisagem, mesmo sem nenhuma paisagem para olhar. Um sujeito esquisito ... Por que você o mandou até lá?

- Não foi ideia minha, foi ideia dele. Mas, não compreendo ...ele estava muito interessado. Onde está ele agora?

Leggen encolheu os ombros. - Como vou saber? Por aí.

- Para onde ele foi depois que vocês desceram? Não lhe disse para onde ia?

- Ele não desceu conosco. Já lhe falei que não estava interessado.

- E quando desceu, então?

- Não sei, não lhe dei muita atenção. Tinha muitíssimo trabalho para fazer. Deve ter havido um vendaval e depois uma chuva fortíssima, há dois dias, e nenhum dos dois estava previsto. Nenhum dos nossos instrumentos fornecia indicações que explicassem isso, ou a ausência do sol que, segundo nossos cálculos, deveria aparecer hoje. Agora estou revendo todos os modelos, e lá vem você me atrapalhar.

- Então você não viu Seldon descer?

- Escute bem: eu não estava preocupado com ele. O idiota nem sequer estava adequadamente vestido, e vi logo que dali a meia hora ele não iria suportar o frio. Dei-lhe um suéter, mas isso não adiantava de nada para suas pernas e seus pés, de modo que mostrei-lhe o elevador, expliquei como funcionava, e falei que depois de trazê-lo para baixo ele retomaria automaticamente lá para a Superfície.

Tudo muito simples. Ele não suportou o frio, desceu, o elevador voltou a subir, e quando terminamos viemos todos embora.

- Mas você não sabe exatamente quando ele desceu?

- Não, não sei, já lhe disse que estava ocupado. Ele não estava entre nós quando nos preparamos para voltar; já estava escurecendo e tudo indicava que haveria geada, portanto ele deve ter vindo embora desde antes.

- Alguém o viu descer?

- Não sei. Clowzia, talvez. Estiveram juntos algum tempo. Por que não pergunta a ela?

Dors encontrou Clowzia em seus alojamentos, acabando de sair de um chuveiro quente.

- Estava gelado lá em cima - comentou ela.

- Você esteve com Hari Seldon na Superfície?

- Sim, durante algum tempo - respondeu Clowzia, erguendo as sobrancelhas. - Ele queria passear um pouco nas imediações, e andou me fazendo perguntas sobre a vegetação. É um homem inteligente, Dors. Parecia se interessar por tudo, e eu expliquei-lhe tudo o que podia, até que Leggen me chamou. Estava num daqueles seus dias insuportáveis. O tempo não estava muito bom, de modo que ...

Dors a interrompeu.

- Então você não viu Hari descer pelo elevador?

- Não, não o vi mais desde o instante em que Leggen me chamou. Bem, ele tem que ter descido, não é mesmo? Não estava mais lá quando descemos.

- Só que não consigo encontrá-lo em parte alguma. Clowzia pareceu perturbada.

- É mesmo? Ora, mas ele tem que estar em algum lugar.

- Sim, é claro que está em algum lugar. - A voz de Dors demonstrava uma ansiedade crescente. - E se estiver lá em cima?

- É impossível. Não estava. Claro que nós o procuramos por lá na hora de descermos, mas Leggen tinha-lhe ensinado como voltar, e ele não estava adequadamente vestido para um clima péssimo como o de hoje. Leggen disse-lhe que se sentisse muito frio voltasse antes de nós, e ele estava com frio, eu sei. O que mais podia ter feito, senão descer?

- Mas ninguém o viu descer. Aconteceu alguma coisa errada com ele,

enquanto você o viu por lá?

- Enquanto estivemos juntos, não. Ele estava perfeitamente bem, só se queixava um pouco do frio, naturalmente.

A essa altura, Dors estava dominada pela inquietação.

- Já que ninguém o viu descer, pode ser que ele ainda esteja lá. Não devíamos subir para verificar?

- Já lhe disse que demos uma olhada antes de descer - retrucou Clowzia com nervosismo. - Ainda estava claro, e não havia ninguém à vista.

- Vamos verificar, mesmo assim.

- Mas não posso levar você até lá. Sou uma estagiária, e não tenho a combinação que abre a porta de saída para a Superfície. Você tem que pedir isso ao Dr. Leggen.

26.

Dors sabia que Leggen não subiria com ela à Superfície por vontade própria; seria preciso obrigá-lo a-isso.

Mas antes ela checou novamente a biblioteca e os refeitórios, e em seguida ligou para o quarto de Seldon. Por fim, foi pessoalmente até lá e chamou à porta. Como Seldon não respondeu, ela foi até o zelador e conseguiu fazer com que este abrisse a porta. Seldon não estava lá. Dors entrou em contato com várias pessoas que ela vira na companhia de Seldon durante as últimas semanas; nenhuma delas o tinha visto.

Muito bem: ela obrigaria Leggen a levá-la até a Superfície. Mas àquela altura já tinha anoitecido; Leggen se recusaria obstinadamente a fazer o que ela queria, e durante quanto tempo poderiam ficar discutindo, se Seldon estava perdido lá no alto, numa noite sujeita a geada e a neve?

Uma ideia ocorreu-lhe de repente, e Dors correu até um terminal do computador da faculdade que dispunha de informações permanentes sobre o paradeiro de estudantes, professores e pessoal administrativo.

Seus dedos voaram sobre o teclado e pouco depois ela achou o que procurava.

Havia três; três deles, num outro setor do compus universitário.

Dors requisitou um aeroplanador e foi na direção do alojamento que o

computador indicara. Com toda a certeza, pelo menos um deles poderia ser localizado e poderia ficar à sua disposição.

Teve sorte. Na primeira porta em que tocou, acendeu-se de imediato a luz que solicitava identificação. Ela digitou seu número de identidade, que incluía a indicação sobre o departamento a que ela pertencia. A porta se abriu, e um homenzinho corpulento, de meia-idade, a encarou. Era evidente que tinha acabado de tomar um banho para ir jantar; seu cabelo louro-escuro estava ainda úmido, e ele estava sem camisa.

- Desculpe estar assim - disse ele. - Pegou-me desprevenido, Ora. Venabili. Em que lhe posso ser útil?

Quase sem fôlego, ela indagou:

- O senhor é Rogen Benastra, sismólogo-chefe, não é isso?

- Sim.

- Trata-se de uma emergência. Preciso examinar os registros sismológicos da Superfície nas últimas horas.

Benastra a encarou.

- Mas por quê? Nada aconteceu. Se tivesse acontecido eu já o saberia. O sismógrafo teria enviado um alerta.

- Não me refiro a impacto de meteoros.

- Nem eu. Não precisamos de sismógrafos para isso. Estou falando de granizo, de avarias minúsculas. Não houve nada hoje.

- Também não é disso que estou falando. Por favor, leve-me ao sismógrafo e leia os registros para mim. É uma questão de vida ou morte.

Tenho um encontro para jantar, e ...

- Eu disse vida ou morte, e estou falando sério.

- Não entendo por que ... - começou Benastra, mas a voz lhe foi morrendo, ante o olhar imperioso de Dors. Ele entrou, terminou de se enxugar, deixou um recado na secretária eletrônica, e enfiou uma camisa.

Sob o comando insistente de Dors, os dois meio andaram, meio correram, até chegarem ao prédio da Sismologia, um edifício baixo e achatado. Dors, que nada entendia de sismologia, perguntou: - Para baixo?! Estamos indo para o subsolo?!

- Claro, abaixo dos níveis habitados. O sismógrafo tem que estar fixado ao leito rochoso, distante da agitação e das vibrações que predominam aqui em cima. .

- Então, como é que ele pode, daqui, captar o que sucede na Superfície?

- É conectado a um conjunto de transdutores de pressão localizados no interior da própria espessura da cúpula. O impacto de qualquer partícula sólida faz o indicador oscilar na tela. Podemos detectar até mesmo o achatamento da cúpula causado por ventos mais fortes. Podemos inclusive ...

- Sim, sim - disse Dors, sem paciência para escutar louvores à sofisticação dos instrumentos. - Pode detectar passos de um ser humano?

- Passos? - Benastra pareceu desconcertado. - Não é algo que se espere registrar lá em cima.

- Claro que é. Um grupo de meteorologistas estava lá no alto hoje à tarde.

- Oh ... bem, passos seria algo muito difícil de distinguir.

- Pode-se distingui-los se se examinarem os dados com atenção suficiente, e é isso o que quero que faça.

O firme tom de comando em sua voz talvez tivesse desagradado ao cientista, mas se isso aconteceu ele preferiu deixar passar em branco. Tocou um contato, e a tela do computador iluminou-se.

Na extremidade direita da tela havia um ponto de luz arredondado, do qual partia uma finíssima linha horizontal que ia desaparecer na extremidade oposta. Essa linha parecia tremular ligeiramente, como se sofresse uma série de pequenos soluços a intervalos irregulares, os quais se moviam continuamente da direita para a esquerda. Seu efeito sobre os olhos de Dors era quase hipnótico.

- Está tudo tão quieto quanto possível - disse Benastra. - Tudo o que se vê aí é o resultado das mudanças de pressão atmosférica, talvez algumas gotas de chuva, a trepidação distante das máquinas. Não há mais nada lá em cima.

- Está bem, mas, e há algumas horas atrás? Verifique os registros relativos à tarde de hoje. Certamente está tudo gravado.

Benastra deu as instruções necessárias ao computador e por um ou dois segundos houve uma turbulência caótica na tela; em seguida tudo se aquietou e mais uma vez a linha horizontal surgiu.

- Vou aumentar a sensibilidade ao máximo - murmurou ele.

Logo começaram a se produzir variações mais acentuadas na linha, e à medida que se deslocavam para a esquerda seu padrão se alterava visivelmente.

- O que é isso? - perguntou Dors.

- Já que me informou da presença de pessoas lá em cima hoje, doutora, posso

supor que são passos ... a transferência de peso de um pé para o outro, o impacto das botas. Eu não teria conseguido adivinhá-lo se não soubesse que havia pessoas lá em cima. São aquilo que chamamos de "vibrações benignas", vibrações não associadas com nada que consideramos potencialmente perigoso.

- É possível dizer quantas pessoas estão caminhando aí?

- Assim, num golpe de vista, não. Entenda: o que estamos vendo é a resultante de todos os impactos em determinado instante. - O senhor disse que "não, num golpe de vista" . Mas os componentes dessa resultante podem ser analisados no computador? - Duvido. Esses efeitos são muito tênues, e temos que levar em conta os inevitáveis "ruídos". Os resultados não seriam dignos de confiança.

- Então está bem. Corra os registros para diante, até os passos cessarem. Pode fazer isso em fast-forward, por assim dizer?

- Se o fizer, os sinais irão todos se confundir e superpor, e veremos apenas uma linha horizontal com faixas menos nítidas acima e abaixo. O que posso fazer é saltar para diante de quinze em quinze minutos e em cada parada examinar normalmente os sinais.

- Ótimo. Faça isto, então.

Ficaram observando a tela até que Benastra falou: - Veja. Nada aqui, novamente.

Via-se na tela, mais uma vez, a linha horizontal sendo agitada pelos pequenos estremecimentos irregulares.

- Quando pararam os passos? - perguntou Dors.

- Há duas horas, ou um pouquinho mais.

- E quando pararam, eram em menor quantidade do que no início?

Benastra exibiu uma expressão levemente ofendida.

- Não tenho como dizer. E não creio que a análise mais sofisticada possa lhe dar essa resposta.

Dors comprimiu os lábios, e logo voltou à carga:

- Esse ... esse transdutor, como o senhor o chama, é o que está nas vizinhanças da estação meteorológica?

- Justamente; no local onde estão instalados os instrumentos, e onde os cientistas devem ter estado hoje. - E então ele perguntou, num tom cautelosamente incrédulo: - Quer que eu experimente os que ficam ao redor? De um em um?

- Não é preciso. Concentre-se nesse aí, mas continue adiantando os registros de quinze em quinze minutos. Talvez uma das pessoas tenha sido deixada para trás e tenha retomado até o ponto onde ficam os instrumentos.

Benastra abanou a cabeça e resmungou algo ininteligível.

A imagem na tela deu um novo salto, e Dors fez o mesmo. - O que foi isso? - perguntou ela, apontando.

- Não sei. Ruído.

- Não, é algo periódico. Podem ser os passos de uma única pessoa?

- Sim, como também podem ser dúzias de outras coisas.

- Estão surgindo num ritmo que lembra o de uma pessoa caminhando - retrucou ela. E depois: - Adiante um pouco.

Benastra obedeceu, e quando a imagem voltou a se instalar Dors observou:

- As oscilações estão maiores.

- Talvez. Podemos medi-las, se for o caso.

- Não é preciso. Estão visivelmente maiores. Os passos estão se aproximando do transdutor. Adiante mais um pouco. Veja quando eles cessam.

Daí a instantes Benastra falou:

- Parou há vinte ou 25 minutos atrás. - E complementou, prudentemente: - Seja lá o que for.

- São passos - retrucou Dors, com uma convicção capaz de mover montanhas. - Existe um homem lá em cima, e enquanto nós dois perdemos tempo aqui ele parou de caminhar e está a ponto de morrer congelado. Agora não venha me dizer seja lá o que for. Chame a Meteorologia e me ponha em contato com Jenarr Leggen. Eu lhe falei que era uma questão de vida ou morte. Vamos!

Benastra, com os lábios ligeiramente trêmulos já tinha ultrapassado há muito o ponto em que podia tentar resistir às ordens daquela mulher estranha e dominadora.

Menos de três minutos depois o holograma de Leggen reluzia na plataforma de comunicação. Ele tinha sido arrancado da mesa de jantar; trazia um guardanapo na mão, e sob seu lábio inferior havia uma mancha de aparência suspeita. Seu rosto alongado exibia uma carranca de meter medo.

- Vida ou morte? - disse ele. - O que quer dizer isto? E quem é você? - Só então seus olhos perceberam Dors, que tinha dado um passo mais para perto de Benastra, de modo a que sua imagem aparecesse no visor de Leggen. - Ah, é

você de novo. Mais aborrecimentos.

- Não, não é - disse Dors. - Acabo de consultar Rogen Benastra, sismólogo-chefe da Universidade. Depois que você e sua equipe deixaram a Superfície, o sismógrafo mostra sinais claros dos passos de alguém que lá permaneceu. É meu aluno Hari Seldon, que foi até lá sob sua responsabilidade e que agora, quase certamente, está sem sentidos sob a geada e pode morrer a qualquer momento.

- Portanto, você vai me conduzir à Superfície agora mesmo, de posse de todo o equipamento que venha a ser necessário. Se não fizer imediatamente, recorrerei à segurança universitária ... irei até próprio presidente, se necessário. De um modo ou de outro irei até lá em cima, e se algo acontecer a Hari devido a um único minuto de demora de sua parte, farei com que seja processado por negligência, incompetência, tudo o que for possível; farei com que perca todos os seus cargos e privilégios, e seja expulso da vida acadêmica. “E se Seldon morrer, é claro que farei com que você seja condenado por homicídio culposo, ou pior ainda, uma vez que acabo de adverti-lo de que ele está correndo risco de vida.”

Furioso, Jenarr voltou-se para Benastra: - Você detectou ...

Mas Dors o interrompeu:

- Ele me disse o que detectou, e acabei de dizer a você. Não venha com sua tática de rolo compressor para intimidá-lo. E então, vai ou não vai subir?

- Já lhe passou pela cabeça que pode estar enganada? - perguntou Jenarr, com a boca contraída. - Sabe o que posso fazer a você se isso não passar de um maldito rebate falso? Perda de cargos e privilégios é algo que pode suceder a qualquer um.

- Não quando o que está em jogo é assassinato - disse Dors.

- Estou pronta para responder um processo por injúria. Você está pronto a responder a um por homicídio?

O rosto de Jenarr se avermelhou de fúria, talvez mais por estar sendo coagido do que pela ameaça feita por Dors.

- Está bem, vamos lá - disse ele. - Mas não vou ter pena de você, minha cara doutora, se depois for verificado que seu aluno estava são e salvo no interior da cúpula durante as últimas horas.

27.

Os três entraram no elevador num silêncio carregado de hostilidade. Leggen tinha interrompido seu jantar pela metade, abandonando sua esposa no restaurante sem maiores explicações. Benastra não tinha jantado, e provavelmente tinha faltado a um compromisso com alguma companhia feminina, também sem dar satisfações. Quanto a Dors Venabili, também estava sem comer, e parecia mais tensa e sombria do que os outros dois. Conduzia consigo um cobertor térmico e dois emissores fotônicos.

Quando alcançaram a câmara de acesso à Superfície, Leggen, com a mandíbula contraída, digitou seu número de identificação, e a porta se abriu. Um vento gelado os envolveu, fazendo Benastra emitir um grunhido. Nenhum dos três estava adequadamente vestido, mas os dois homens, pelo menos, pretendiam demorar-se ali o mínimo possível.

- Está nevando - disse Dors, a voz tensa.

- Neve úmida - falou Leggen. - A temperatura está mais ou menos em torno do ponto de congelamento. Não chega a ser uma nevasca mortífera.

- Depende do tempo que se fica exposto a ela - replicou Dors. - Ficar mergulhado em neve derretida não deve fazer nenhum bem.

- Muito bem, mas onde está ele? - resmungou Leggen, percorrendo com o olhar a compacta escuridão que os cercava, e que se tornava ainda mais cerrada em contraste com a luz da câmara de acesso às suas costas.

- Por favor, Dr. Benastra - disse Dors -, segure esse cobertor para mim. Dr. Leggen, por favor, encoste a porta do elevador, sem trancá-la.

- Ela não tem tranca automática. Pensa que somos loucos? - Imagino que não, mas é possível fechá-la pelo lado de dentro, fazendo com que alguém fique do lado de fora impossibilitado de retomar para o interior da cúpula.

- Se existe alguém do lado de fora - disse Leggen -, mostre-me. Aponte onde está.

- Pode estar em qualquer parte.

Dors ergueu os braços; um emissor fotônico estava afixado a cada um dos seus pulsos.

- Não podemos procurar por toda parte - disse Benastra, em tom lamentoso.

Os emissores começaram a brilhar, espalhando raios de luz em todas as

direções. Os flocos de neve cintilavam como nuvens de pirilampos, tornando ainda mais difícil enxergar a uma grande distância.

- Os passos dele estavam cada vez mais fortes - disse Dors.

- Era evidente que ele estava se aproximando do transdutor. Onde é que se localiza o transdutor?

- Não tenho a menor ideia - disse Leggen, em voz cortante.

- Não pertence a minha área, nem é da minha responsabilidade.

- Dr. Benastra? ..

A resposta de Benastra foi hesitante.

- Não sei ao certo. Para falar a verdade, nunca estive aqui antes. Esse equipamento foi instalado há muito tempo. O computador deve saber sua localização exata, mas nunca nos ocorreu fazer essa pergunta. Olhem, estou morrendo de frio, e não sei qual a utilidade de minha presença aqui.

- Vai ter que ficar mais um pouco - disse Dors com firmeza.

- Siga-me. Vou descrever uma espiral de dentro para fora, a partir desta porta.

- Não dá para ver muita coisa, com esta neve - disse Leggen.

- Sei disso. Se não estivesse nevando, talvez já o tivéssemos descoberto, tenho certeza. Do jeito que está, deve levar alguns minutos, e isso nós podemos suportar. - Mas ela não estava tão confiante quanto suas palavras levavam a crer.

Começou a caminhar, balançando os braços, projetando a luz numa área tão vasta quanto lhe era possível, contraindo os olhos na esperança de distinguir uma mancha escura de encontro à neve.

E foi Benastra quem disse:

- O que é aquilo? - E apontou.

Dors fez as duas fontes de luz em seus pulsos convergirem, formando um brilhante cone de luz na direção que o sismólogo indicava. Então partiu a correr para lá, seguida pelos dois homens.

Lá estava ele - enrodilhado sobre si próprio, encharcado pela chuva e pela neve, a uns dez metros de distância da porta, e a uns cinco metros do instrumento meteorológico mais próximo. Dors apalpou-lhe o peito à procura das pulsações, mas não era necessário, pois ao primeiro toque Seldon agitou-se e soltou um gemido.

- Dê-me o cobertor térmico, Dr. Benastra - pediu Dors, numa voz que soou

fraca, de tanto alívio. Ela o desdobrou num gesto hábil e o espalhou sobre a neve. - Ajude-me a erguê-lo ... vamos embrulhá-lo nisto, e carregá-lo lá para baixo.

No elevador, vapor d'água começou a se elevar do corpo enrolado de Seldon, à medida que o cobertor se ajustava à temperatura do sangue. Dors disse:

- Quando o colocarmos no quarto, Dr. Leggen, quero que consiga um médico, e estou dizendo um bom médico, para vir vê-lo imediatamente. Se nada acontecer ao Dr. Seldon, tudo isto ficará entre nós, mas apenas se nada lhe acontecer. Lembre-se bem ...

- Não precisa me dar aulas - disse Leggen com frieza. - Lamento o que houve e farei o possível, mas o único erro que cometi foi permitir que este homem nos acompanhasse até a Superfície.

O cobertor agitou-se e uma voz fraca e muito baixa se fez ouvir. Benastra teve um sobressalto, pois a cabeça de Seldon estava encaixada em seu antebraço.

- Ele está tentando dizer algo - falou o sismólogo. Dors disse:

- Eu sei. Ele disse: o que está havendo?

- Ela não pôde deixar de dar uma gargalhada, ainda que curta. Parecia algo tão natural para se dizer ..

O médico estava satisfeitíssimo.

- Nunca tinha visto um caso de exposição ao mau tempo - explicou ele. - Não há muita chance de se ver isto em Trantor. - Pode ser - disse Dors, friamente - e fico muito feliz em lhe proporcionar a chance dessa nova experiência, mas será que isso implica o senhor não saber como tratar do Dr. Seldon?

O médico, um homem idoso, calvo, com um bigodinho grisalho, pareceu encrespar-se um pouco.

- Claro que sei como tratar dele. Casos semelhantes em outros planetas são muito frequentes, chegam mesmo a ser fato corriqueiro, e já li muita coisa a respeito.

O tratamento consistia na aplicação de um soro antivirótico, e num banho de micro-ondas

- Isto deve bastar - disse o médico. - Nos outros planetas, os hospitais dispõem de equipamentos muito mais sofisticados, mas não temos isto aqui em Trantor. Este é um tratamento para casos sem maior gravidade, e estou certo de que resolverá o problema.

28.

Dors concluiu mais tarde, enquanto Seldon ia se recuperando sem sofrer maiores sequelas, que ele só tinha sobrevivido por ser um estrangeiro. A treva, o frio, até mesmo a neve não eram elementos estranhos para ele. Um trantoriano provavelmente teria morrido em circunstâncias idênticas, se não pelo desgaste físico, pelo choque psicológico. Em todo caso ela não tinha certeza disso, uma vez que também não era natural de Trantor.

Afastando de sua mente esses pensamentos, ela puxou uma cadeira mais para perto da cama onde Seldon repousava, e preparou-se para esperar.

29.

Passou-se um dia inteiro, e na manhã do dia seguinte Seldon agitou-se na cama, abriu os olhos e encontrou Dors sentada ao lado de sua cama, examinando um filme-livro e tomando notas. Numa voz quase normal, ele perguntou: - Ainda está aí, Dors? Ela pôs de lado o filme-livro.

– Não posso deixar você sozinho, e não tenho confiança em mais ninguém.

- Estou com a impressão de que vi você aí todas as vezes que acordei. Esteve aí esse tempo todo? - Sim. Dormindo, ou acordada.

- E suas aulas?

- Tenho um assistente que está me substituindo por enquanto.

Dors inclinou-se e tomou a mão de Hari. Notando que ele ficava embaraçado (afinal, estava ainda na cama) ela a retirou.

- Hari, o que aconteceu? Tive tanto medo ... - Tenho algo a confessar - disse Seldon.

- O que é?

- Pensei que você talvez estivesse fazendo parte de uma conspiração ...

- Uma conspiração?

- Sim, para fazer-me subir à Superfície, onde eu estaria fora da jurisdição da Universidade e poderia ser capturado pelas forças do Império.

- Mas a Superfície não está fora da jurisdição da Universidade. A jurisdição setorial em Trantor vigora do centro do planeta até o céu.

- Ah, bom, mas eu não sabia. Entretanto, você disse que não me acompanharia até lá porque estava muito atarefada, e quando comecei a entrar em paranoia pensei que você me tinha abandonado deliberadamente. Por favor, me perdoe. Foi você que me salvou daquilo ali. Quem mais se incomodou comigo?

- São indivíduos ocupados - disse Dors, com tato. - Pensaram que você já tinha descido. Quer dizer: é uma desculpa mais do que compreensível.

- Clowzia disse o mesmo? - A jovem estagiária? Sim.

- Mesmo assim pode ter sido uma conspiração. Sem a sua participação, claro.

- Não, Hari, o que houve foi negligência de minha parte. Eu não devia em hipótese alguma ter permitido que você fosse sozinho à Superfície. Assumi o compromisso de protegê-lo, e não posso deixar de me sentir culpada pelo que aconteceu, pelo fato de você se ter perdido.

- Calma, espere aí - disse Seldon, irritado. - Eu não me perdi. O que você pensa que sou?

- Então, como você chama o que aconteceu? Você não estava lá quando os outros retomaram, e não voltou até a porta de acesso, ou perto dela, senão depois que já estava escuro.

- Mas isso não é tudo o que aconteceu. Eu não me perdi apenas porque comecei a andar sem direção e não consegui achar o caminho de volta. Já disse: suspeitei de uma conspiração, e tinha razões para isso. Não sou completamente paranoico

- Está bem. E o que houve, realmente?

Seldon contou-lhe tudo. Não lhe foi difícil recordar os mínimos detalhes: tudo aquilo tinha ficado remoendo em sua mente durante o dia anterior, como um pesadelo.

Dors ouviu tudo com o sobrecenho franzido.

- Isso é impossível. Um íon-jato? Tem certeza?

- Claro que tenho. Acha que andei tendo alucinações?

- Mas os agentes do Império não podiam estar à sua procura.

Não poderiam prendê-lo na Superfície sem provocar a mesma onda de protestos que causariam invadindo o campus universitário.

- Então que explicação você tem?

- Não sei ainda - disse Dors. - Mas talvez as consequências deste meu erro,

não acompanhando você à Superfície, possam ser muito mais graves. Hummin vai ficar furioso comigo.

- Não precisamos contar-lhe - disse Seldon, - Acabou tudo bem.

– Temos que contar-lhe - retrucou Dors, muito séria. - Talvez não tenha acabado ainda.

30.

Naquela noite, Jenarr Leggen apareceu para uma visita, logo após o jantar. Ficou olhando de Dors para Seldon durante um bom tempo, como se escolhendo o que dizer. Nenhum dos dois fez menção de vir a seu auxílio, limitando-se a esperar pacientemente. Leggen não lhes tinha causado a menor impressão de ser um especialista em bate-papos amenos.

Finalmente ele disse a Seldon: - Vim ver como você está.

- Perfeitamente bem - disse Seldon -, exceto que ando um tanto sonolento. A Dra. Venabili me explicou que este tratamento me provocará uma sensação de cansaço durante alguns dias, de modo que terei todo o repouso de que preciso. - Sorriu. - E não posso dizer que a ideia não me agrada.

Leggen aspirou profundamente o ar, soltou-o, hesitou e, quase como se estivesse forçando a saída das palavras, falou:

- Não vou tomar muito do seu tempo. Entendo que precise de repouso, mas quero dizer apenas que lamento muito que aconteceu. Eu não devia ter deduzido tão apressadamente que você tinha voltado à Universidade por conta própria. Já que você era um novato, eu devia ter-me sentido mais responsável pela sua segurança, afinal de contas permiti que nos acompanhasse. Espero que tenha a bondade de ... me perdoar. É tudo o que tenho a dizer.

Seldon bocejou, cobrindo a boca com a mão.

- Oh, perdão ... Já que tudo terminou bem, não há motivo para ninguém ficar magoado. E de certo modo não foi culpa sua. Eu não devia ter saído caminhando à toa, e além disso o que de fato aconteceu foi ...

Dors o interrompeu.

- Está bem, Hari, chega de falar. Relaxe um pouco. Gostaria de conversar um pouco com o Dr. Leggen antes de ele se retirar. Em primeiro lugar, Dr. Leggen, sei perfeitamente que deve estar preocupado quanto às possíveis consequências

desse caso sobre sua pessoa. Eu lhe garanti que nada de grave lhe aconteceria se o Dr. Seldon conseguisse se recuperar normalmente. Isso parece estar acontecendo, de modo que pode ficar tranquilo ... por enquanto. Mas há algo mais que gostaria de perguntar-lhe, e desta vez espero contar com sua cooperação espontânea.

- Tentarei, Dra. Venabili - disse Leggen, muito empertigado.

- Alguma coisa fora do comum aconteceu durante esta sua missão à Superfície?

- Claro que sim. Perdemos o contato com o Dr. Seldon, e acabei de pedir desculpas por isto.

- É evidente que não é a isso que me refiro. Aconteceu algum outro fato pouco usual?

- Não. Nada, absolutamente.

Dors olhou para Seldon, que franziu a testa. Parecia-lhe que Dors estava querendo verificar a veracidade de sua versão, confrontando-a com outra. Estaria pensando que ele imaginara a nave de patrulha? Seldon teve o impulso de protestar com veemência, mas ela o conteve com um gesto, como se já adivinhasse o que ele iria dizer. Ele cedeu, em parte por causa dela, em parte porque estava mesmo com sono. Fez votos para que Leggen não demorasse muito.

- Tem certeza? - prosseguiu Dors. - Não tiveram nenhuma interferência externa?

- Claro que não. Oh ... bem .. - Sim, Dr. Leggen?... - Avistamos um íon-jato.

- Isso lhe pareceu estranho?

- Não, certamente que não. Por quê? - Isto está me parecendo um interrogatório, Dra. Venabili, e não me está agradando nem um pouco.

- Entendo como se sente, Dr. Leggen, mas estas questões estão ligadas aos problemas que o Dr. Seldon andou enfrentando. Talvez essa história toda seja algo mais complicado do que me pareceu de início.

- Em que sentido? - Houve uma sutil mudança no tom da voz de Leggen. - Quer aprofundar mais o assunto, para me exigir novas desculpas? Sinto muito, mas não sei se estou disposto a isto.

- Talvez não, se não se incomodar de dizer por que considerou normal a presença de um íon-jato planando sobre aquela área.

- Porque, minha cara doutora, um bom número de estações meteorológicas em Trantor possui íon-jatos para o estudo direto das nuvens e das camadas superiores da atmosfera. A nossa estação, contudo, não os possui.

- Por que não? Isto lhes seria útil.

- De fato. Mas não competimos com as outras estações, e não mantemos informações sob segredo. Relatamos nossas descobertas e eles nos relatam as deles. Desse modo, é razoável que haja certa diversificação de atividades especializadas: seria uma bobagem se duplicássemos totalmente nossos recursos e nossos procedimentos. O dinheiro e a mão-de-obra que empregaríamos em íon-jatos podem ser destinados a refratômetros de mésons, enquanto que outras estações podem fazer o inverso. É evidente que existe um alto grau de competitividade e rivalidade em nosso meio, mas a ciência é algo (aliás a única coisa) que nos mantém unidos. - E acrescentou com ironia: - Creio que a doutora é capaz de compreender isto.

- Compreendo; mas não é uma grande coincidência que alguém tenha enviado um íon-jato para sobrevoar sua estação justamente no dia em que vocês faziam uma missão externa?

- De modo algum. Tínhamos anunciado que iríamos fazer umas medições naquele dia, e é bastante natural que alguma outra estação tenha tido a ideia de fazer, simultaneamente, medições nefelométricas ... ou seja, das nuvens. Avaliados em conjunto, esses resultados seriam mais significativos e mais úteis do que estudados separadamente.

Numa voz semi-indistinta, Seldon murmurou, de repente: - Então eles estavam fazendo medições, hem?

- Sim - disse Leggen. - O que mais poderiam estar fazendo?

Dors piscou os olhos como geralmente fazia quando estava tentando pensar depressa.

- Está bem - disse ela -, tudo isso faz sentido. A que estação pertencia o íon-jato?

Leggen balançou a cabeça.

- Dra. Venabili, como pode imaginar que eu saiba disso?

- Estou supondo que cada íon-jato meteorológico deva ter as insígnias de sua estação.

- E tem, mas lembre-se: eu não estava olhando na direção dele, nem lhe dei muita atenção. Tinha o meu próprio trabalho para fazer. Quando receber algum

comunicado, ficarei sabendo de que estação era.

- E se não houver nenhum comunicado?

- Então é por que seus instrumentos falharam. Acontece de vez em quando. - O punho direito de Leggen estava cerrado.- É só isto?

- Espere um momento. A que estações poderia pertencer, em tese, aquele íon-jato?

- A qualquer estação que possua um. Avisados com uma antecedência de um dia (e nossa missão foi divulgada com antecedência bem maior) eles poderiam vir de qualquer parte do planeta com uma dessas naves.

- Mas quem seriam os mais prováveis?

- É difícil dizer. Talvez Hestelonia, Wye, Ziggoreth, Norte Damiano. Uma dessas quatro estações seria mais provável, mas podem ser umas quarenta mais.

- Só mais uma pergunta, Dr. Leggen, uma só. Quando foi anunciado que seu grupo subiria à Superfície, por acaso terá sido mencionado que um matemático chamado Dr. Hari Seldon estaria fazendo parte do grupo?

Uma expressão de genuína surpresa cruzou o rosto de Leggen, para logo se transformar em irritação.

- Por que motivo eu iria divulgar nomes? - perguntou. - Que interesse haveria nisso?

- Está bem - disse Dors. - Permanece o fato de que o Dr. Seldon viu um íon-jato, e que isso o inquietou. Não sei bem por que, e aparentemente ele próprio não se recorda dos fatos com muita clareza. Ele fugiu correndo do íon-jato, perdeu-se, e não pensou em retomar à estação, ou não se atreveu, senão quando a noite já caía; e quando lá já havia escurecido por completo. O senhor não tem nenhuma culpa nisso, Dr. Leggen, de modo que podemos esquecer o incidente. De acordo?

- De acordo - disse Leggen. Despediu-se, pôs-se de pé e deixou o quarto.

Depois que saiu, Dors ergueu-se, retirou os chinelos que Seldon trazia nos pés, ajeitou-lhe o corpo na cama e puxou os lençóis sobre ele. Seldon já dormia profundamente.

Ela voltou a sentar-se, imersa em pensamentos. Até que ponto Leggen tinha falado a verdade, e exatamente o que poderia estar oculto por trás de suas palavras? Ela não sabia.

7. MYCOGEN

MYCOGEN - ... Um setor da antiga Trantor. .. Mergulhado em antigas lendas sobre seu próprio passado, Mycogen exercia pouca influência no planeta. Auto-suficiente, vivia praticamente isolado do restante ...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

31.

Quando Seldon acordou, havia outro rosto debruçado sobre ele, olhando-o com gravidade. Ele franziu o rosto e depois murmurou: - Hummin? ..

Hummin sorriu de leve.

- Lembra-se de mim?

- Foi um dia apenas, e já faz alguns meses, mas eu me lembro. Então você não foi preso, hem? Ou ...

- Como você está vendo estou aqui, são e salvo. Mas - e os olhos de Hummin se voltaram para Dors, que estava de pé ao lado - não foi fácil chegar até aqui.

- Estou feliz em vê-lo - disse Seldon. Dá-me licença? - E fez um gesto com o polegar indicando o banheiro.

- Fique à vontade - disse Hummin. - E tome seu café. Hummin não o acompanhou na ligeira refeição que ele fez em seguida; ele e Dors ficaram em silêncio o tempo inteiro. Hummin consultava um filme-livro numa atitude absorta. Dors examinava as próprias unhas. Depois, servindo-se de um microcomputador, começou a tomar notas.

Seldon os observou com atenção e não fez nenhuma tentativa de puxar conversa. O silêncio deles talvez se devesse a algum costume trantoriano em relação a pessoas doentes. A verdade é que ele já se sentia perfeitamente restabelecido, mas os outros talvez não o percebessem.

Foi somente depois que ele engoliu o último bocado e tomou o último gole de leite (devia estar ficando acostumado, porque o sabor já lhe parecia perfeitamente normal) que Hummin quebrou o silêncio.

- Como se sente, Seldon? - disse ele.

- Muito bem. O bastante para poder ficar de pé e voltar à ativa.

- É bom ouvir isso - disse Hummin, secamente. - Dors Venabili não devia ter permitido que tudo isto sucedesse.

Seldon franziu a testa.

- Nada disso. Eu insisti em ir à Superfície.

- Sei disso, mas ela devia tê-lo acompanhado, em quaisquer circunstâncias.

- Eu disse-lhe que não precisava de sua companhia. Dors interveio:

- Não foi assim, Hari. Não venha com mentiras cavalheirescas para me proteger.

Seldon prosseguiu, zangado:

- Mas não esqueça que Dors subiu à Superfície à minha procura, enfrentando fortes resistências, e sem dúvida alguma salvou minha vida. Isto não é mais do que a verdade. Já levou isto em conta, Hummin?

Dors, claramente embaraçada, o interrompeu outra vez.

- Por favor, Hari. Chetter Hummin tem toda razão em dizer que eu devia tê-lo impedido de ir à Superfície, ou pelo menos devia tê-lo acompanhado. Quanto ao que fiz depois, ele já me elogiou por isso.

- Em todo caso - disse Hummin -, tudo isso já passou, e podemos deixá-lo de lado. Vamos falar sobre o que aconteceu na Superfície, Seldon.

Seldon olhou pelo aposento, preocupado. - Podemos falar com segurança aqui? Hummin sorriu de leve.

- Dors instalou um Campo de Distorção em torno deste quarto. Podemos ter uma razoável certeza de que nenhum agente imperial na Universidade (supondo que exista algum) terá meios de penetrá-lo. Você é um sujeito desconfiado, Seldon.

- Não é da minha natureza - disse Seldon. - Fiquei assim depois daquela nossa conversa no parque. Você é um sujeito persuasivo, Hummin. Quando você terminou toda aquela sua história, eu estava avistando o rosto de Eto Demerzel em cada sombra.

- Não é impossível que ele esteja lá.

- Bem, se estivesse eu não poderia reconhecê-lo. Como é ele?

- Isso não tem importância nenhuma. Você nunca vai vê-lo, a menos que ele o queira ... e a essa altura tudo estará perdido. É isso que precisamos evitar. Vamos falar sobre o íon-jato que você avistou.

- Como já lhe disse, você me deixou amedrontado em relação a Demerzel. No momento em que o íon-jato surgiu, presumi que ele estaria à minha procura, que eu tinha feito papel de idiota ao deixar os limites da Universidade de Streeling e subir à Superfície, e que eu tinha sido atraído até lá com o propósito específico de que alguém me capturasse sem maiores problemas.

Dors interveio:

- Por outro lado, Leggen nos disse que ...

- Leggen esteve aqui? - perguntou Seldon, de imediato. - A noite passada?

- Sim. Não se lembra?

- Vagamente. Eu estava morto de cansaço. Está tudo confuso em minha memória.

- Leggen nos disse que o íon-jato era apenas uma nave meteorológica de outra estação. Uma nave perfeitamente normal e inofensiva.

- O quê? - Seldon fez uma expressão de incredulidade. - Não me convence.

Hummin falou:

- A questão agora é saber por que não lhe convence. Alguma coisa no íon-jato o fez pensar que podia ser perigoso? Refiro-me a algo específico, e não a algum tipo de suspeita que eu tenha plantado em seu espírito.

Seldon pensou um pouco, mordendo o lábio inferior, e depois respondeu:

- O comportamento dele. Ele parecia enfiar sua parte dianteira entre o lençol de nuvens, como se estivesse espiando, procurando algo lá embaixo; depois aparecia noutro ponto e repetia tudo, depois noutro, e assim por diante. Era como se estivesse esquadrinhando metodicamente a Superfície, seção por seção, e vindo cada vez mais sobre mim.

- Talvez você esteja personificando as coisas - sugeriu Hummin. - Talvez no momento você estivesse encarando o íon-jato como se este fosse um animal feroz ao seu encalço, mas é claro que não era nada disso. Era apenas um íon-jato, e se era de fato uma na e meteoro lógica , então seu comportamento era inteiramente normal e inofensivo.

- Não me pareceu assim.

- Suponho que não, mas ainda não podemos estar certos de nada. Sua ideia de que estava em perigo era apenas suposição. A opinião de Leggen de que era uma nave meteorológica também não passa disso.

Seldon retrucou, com teimosia:

- Não posso acreditar que tudo foi apenas um incidente casual.

- Vamos considerar a pior das hipóteses, então - disse Hummin. - Suponhamos que a nave estava à sua procura. Como essas pessoas poderiam saber que você estava lá, para ser capturado?

Foi a vez de Dors intervir:

- Perguntei ao Dr. Leggen se, em seus comunicados anteriores à missão, ele tinha incluído a informação de que Hari estaria fazendo parte do grupo. Em

circunstâncias normais, não havia razão para que o fizesse, e ele negou tê-lo feito, demonstrando uma surpresa que me pareceu real. Acredito nele.

Hummin disse, pensativo:

- Não esteja tão pronta a confiar nele. Ele negaria isso de qualquer forma, não é mesmo? O que você deve perguntar a si mesma é o motivo que o fez aceitar a presença de Seldon na equipe. Sabemos que de início ele fez objeções, mas logo em seguida cedeu, sem muita resistência. E isso me parece algo em desacordo com seu temperamento.

Dors ergueu as sobrancelhas:

- Isso reforça a possibilidade de que ele tenha arquitetado tudo.

- Talvez tenha aceito a presença de Hari apenas para colocá-lo numa posição onde seria capturado mais facilmente. Talvez tenha recebido ordens expressas para tanto. Podemos imaginar também que tenha induzido a estagiária, Clowzia, a atrair a atenção de Hari e conduzi-lo para longe do grupo, deixando-o isolado.

Isso explicaria a naturalidade com que encarou a ausência de Hari na hora de retomarem ao elevador. Insistiu em que Hari já havia voltado, e ele próprio já havia preparado terreno para essa versão, tendo-lhe mostrado como o elevador funcionava. Isso pode explicar também sua relutância em subir de novo à Superfície: ele não queria perder seu tempo procurando alguém que, no seu entender, já estaria muito longe dali.

Hummin, que tinha escutado tudo com muita atenção, falou: - Sua teoria contra Leggen está bem articulada, mas não devemos aceitá-la com tanta facilidade. Lembre-se de que ele acabou por acompanhá-la à superfície, no fim de tudo.

- Porque o sismólogo-chefe testemunhou que havia detectado passos lá em cima.

- O que quero saber é: Leggen demonstrou alguma surpresa quando Seldon foi encontrado? Quero dizer, além da surpresa de encontrar alguém sujeito a um extremo risco por causa de uma negligência de sua parte? Terá agido como se não esperasse que Seldon estivesse ali? Teve alguma reação como se pensasse: "mas o que é isso, então não pegaram o sujeito?" ...

Dors concentrou-se, e respondeu pouco depois:

- Ele estava claramente chocado com a presença de Hari ali. Mas não posso dizer que tenha visto em sua reação algo mais além de um justificado horror diante do fato.

- Tem razão. Eu já esperava isto.

Naquele instante, Seldon, que tinha acompanhado atentamente o diálogo, olhando de um para o outro, falou: - Não acho que tenha sido Leggen. Hummin voltou sua atenção para Seldon. - Por que diz isso?

- Como você mesmo referiu, ele era claramente contrário à minha ida. Foi preciso um dia inteiro de conversas, e acho que acabou concordando unicamente porque ficou com a impressão de que eu era um matemático muito competente, e que podia auxiliá-lo em suas teorias meteorológicas. Eu estava ansioso para ir à Superfície, e se ele tivesse recebido ordens para me levar até lá, não havia nenhum motivo para ser tão relutante a esse respeito.

- Acha razoável presumir que ele se interessou apenas pelo seu talento matemático? Vocês discutiram matemática? Leggen tentou lhe explicar alguma teoria?

- Não - disse Seldon. - Falou vagamente que trataríamos disso mais tarde. O problema é que ele estava totalmente envolvido com seus instrumentos. Fiquei sabendo que ele tinha previsto sol para aquela tarde, e que o sol não tinha aparecido; ele supôs então que os instrumentos estivessem com defeito, mas ficou comprovado não ser esse o caso. Isso o deixou frustrado. Penso que esse contratempo inesperado o deixou de mau humor, e desviou sua atenção de mim. Quanto a Clowzia, desconfiei dela por alguns minutos, mas agora, repassando os fatos, não creio que tenha deliberadamente me afastado da companhia dos demais. A iniciativa foi minha. Eu estava curioso a respeito da vegetação da Superfície, e fui eu que a conduzi naquela direção, e não o contrário. E em vez de Leggen colaborar com isso, o que ele fez foi chamá-la de volta, quando eu ainda estava à vista deles: quando andei até mais longe e os perdi de vista foi inteiramente por minha própria iniciativa.

- E, no entanto - disse Hummin, que parecia disposto a erguer objeções contra tudo que fosse dito -, se aquela nave estava procurando por você, quem estava a bordo devia saber que você se encontrava por ali. Quem poderia tê-los informado disso, se não Leggen?

- O homem de quem suspeito - disse Seldon - é um jovem Psicólogo da Universidade. Chama-se Lisung Randa.

- Randa? - disse Dors. - Não posso acreditar. Eu o conheço. Ele não poderia trabalhar para o imperador, é um sujeito anti-imperialista até a medula.

- Pode estar fingindo - disse Seldon. - Aliás, ele teria que ser abertamente anti-imperialista, e ao extremo, se quisesse encobrir o fato de ser agente do

Império.

- Pois é justamente isso o que ele não faz - tornou Dors.

- Não é extremado nem violento em coisa alguma. É um homem calmo, gentil, e seus pontos de vista são sempre expressos de modo delicado, quase tímido. Estou convencida de que as ideias dele são genuínas.

- E mesmo assim, Dors - disse Seldon, com energia -, foi ele a primeira pessoa que me falou do projeto meteorológico, foi ele que me sugeriu ir à Superfície, foi ele quem persuadiu Leggen a aceitar-me na missão, chegando até a exagerar meus talentos matemáticos, no esforço de convencê-lo. Por que estaria tão ansioso para que eu fosse lá? Por que se esforçou tanto?

- Por sua causa, talvez. Ele estava interessado em você, Hari, e deve ter achado que um pouco de meteorologia lhe seria útil em sua psico-história. Não acha?

- E ainda há outro ponto a considerar - disse Hummin, com suavidade. - Houve um considerável lapso de tempo entre o momento em que Randa lhe falou sobre o projeto meteorológico e o momento em que vocês foram de fato até a Superfície. Se Randa está inocente de qualquer tipo de conspiração, não teria nenhum motivo para guardar segredo sobre o que vocês falaram. E se ele é um indivíduo extrovertido, gregário ...

- É, sim - disse Dors.

- ... então é mais do que provável que ele tenha comentado sobre isso com um bom número de pessoas. Nesse caso, ficará quase impossível descobrir quem foi o informante. E há mais outra coisa. Suponhamos que Randa seja de fato anti-imperialista Isso não implica que não seja um agente; a questão seria: um agente de quem? Para que grupo ele trabalha?

Seldon estava perplexo.

- E para quem se poderia trabalhar, se não para o próprio Império? Para quem, se não para Demerzel?

Hummin ergueu a mão.

- Você ainda está longe ele entender a complexidade da política trantoriana, Seldon. -.Voltou-se para Dors. - Diga-me uma coisa: quais foram mesmo os quatro setores que Leggen citou, como sendo as prováveis estações de origem da nave meteoro lógica?

- Hestelonia, Wye, Ziggoreth e Norte Damiano.

- Você não influenciou esta resposta, de nenhuma maneira?

Não sugeriu nenhum desses nomes como a origem da nave?

- Positivamente não. Apenas perguntei se ele poderia especular sobre as mais prováveis estações.

- E quanto a você? - Hummin virou-se para Seldon. - Terá visto alguma marca, alguma insígnia do lado de fora do íon-jato?

Seldon teve o impulso de responder com rudeza que a nave mal podia ser vista por entre as nuvens, que emergia apenas a breves intervalos, que ele próprio não estava procurando por marcas, mas apenas tentando escapar - porém conteve-se. Sem dúvida, Hummin já sabia daquilo tudo. Respondeu apenas:

- Creio que não.

- Se a nave estava numa missão de sequestro - disse Dors -, então é bem provável que sua verdadeira insígnia tenha sido alterada.

- É a suposição mais lógica - concordou Hummin - e é possível que isso tenha sucedido, mas nesta Galáxia nem sempre é a lógica que comanda as coisas. Entretanto, já que Seldon não reparou em nenhum detalhe da nave, tudo o que podemos fazer é especular. O que está na minha mente é: Wye.

- Por quê? - ecoou Seldon[{2}] - Imagino que queriam me sequestrar, fossem eles quem fossem, pelos meus conhecimentos de psico-história.

- Não, não. - Hummin ergueu o dedo, como a chamar a atenção de um estudante jovem. - O que eu disse foi W-y-e. É o nome de um setor de Trantor, um setor muito especial. Tem sido governado por uma dinastia de prefeitos há mais ou menos uns três mil anos. É uma linha contínua, uma dinastia familiar ininterrupta. Houve uma época, há uns quinhentos anos atrás, em que dois imperadores e uma imperatriz da Casa de Wye sentaram no trono imperial. Foi um período relativamente curto, e nenhum dos monarcas de Wye se destacou ou foi particularmente bem-sucedido; mas os prefeitos de Wye nunca esquecem seu passado imperial.

- Eles não têm sido abertamente desleais para com as casas reais que os sucederam, mas também não demonstraram muito entusiasmo em defendê-las. Durante os períodos ocasionais de guerra civil eles sempre mantiveram uma espécie de neutralidade, assumindo atitudes que parecem ter sido planejadas no sentido de prolongar a guerra e tornar necessário um apelo à Casa de Wye como uma solução conciliatória. Nunca deu certo: mas eles nunca deixaram de tentar.

- O atual prefeito de Wye é particularmente hábil. Já está muito idoso, mas sua ambição não arrefeceu. Se acontecer qualquer coisa a Cleon, mesmo morte natural, o prefeito tem alguma chance de aspirar à sua sucessão, uma vez que o

filho do imperador ainda é uma criança. A população da Galáxia sempre se inclina um pouco em favor de um pretendente ao trono, se este já tem um imperador entres seus antepassados.

- Desse modo, se o prefeito de Wye já ouviu falar de você, talvez ache que você poderia ser-lhe útil como um profeta em favor de sua casa. Não faltarão motivos ao prefeito para tramar um fim rápido para Cleon, e usar você para profetizar a subida dele ao trono e o advento de uma era de paz e prosperidade que durará milênios. É evidente que, uma vez o prefeito instalado no trono, você não lhe será mais útil, e terá o mesmo destino de Cleon ... a sepultura.

Seguiu-se um silêncio carregado de presságios, que foi quebrado pela voz de Seldon.

- Mas não sabemos se é esse tal Wye que está tentando me sequestrar

- De fato. Ou que alguma pessoa esteja, no momento. Pode ser que o íon-jato fosse apenas uma nave de pesquisa meteorológica, como Leggen sugeriu. No entanto, à medida que se espalhem comentários sobre as potencial idades da psico-história (e isso certamente acontecerá) haverá um número crescente de poderosos e semi-poderosos em Trantor (ou quem sabe até em outros mundos) que poderão querer fazer uso de seus serviços.

- E o que devemos fazer? - perguntou Dors.

- Está aí uma boa pergunta. - Hummin ruminou a questão por algum tempo, e então continuou. - Talvez tenha sido um erro trazê-lo para cá. É muito óbvio que um professor escolha para se esconder o interior de uma Universidade. Streeling é apenas uma entre muitas, mas é uma das maiores e que desfrutam de mais liberdade, e já posso ver uma porção de tentáculos muito longos e muito finos entrando aqui, deslizando, tateando às cegas, vindo na direção deste quarto ... Acho que Seldon precisa ser removido daqui o mais rápido possível. De preferência, hoje. Mas ...

- Mas? - inquiriu Seldon.

- Não sei para onde.

- Acione um dicionário geográfico no computador - sugeriu Seldon - e escolha um lugar, ao acaso.

- Nunca faria isso - retrucou Hummin. - Haveria a probabilidade de encontrarmos um lugar menos seguro do que a média, tanto quanto a de encontrarmos um mais seguro. Não, não: isso é algo que deve ser decidido racionalmente. Seja lá como for.

32.

Os três permaneceram trancados nos aposentos de Seldon até depois do almoço. Durante esse período, Hari e Dors trocaram algumas frases casuais sobre este ou aquele assunto, mas Hummin manteve-se num silêncio quase absoluto: permaneceu muito empertigado em sua cadeira, quase não tocou na comida, e o seu rosto tinha uma expressão grave que o tornava mais velho do que era na realidade; mantinha um ar ausente e concentrado.

Seldon presumiu que ele estaria repassando mentalmente a imensa geografia de Trantor, em busca de um lugar que pudesse lhe servir de esconderijo. Uma tarefa nada fácil, por certo.

Helicon, o planeta natal de Seldon, era talvez um ou dois por cento maior do que Trantor, e sua área oceânica era menor. A superfície continental de Helicon era talvez 10% mais vasta do que a de Trantor: mas Helicon tinha uma população esparsa, e seus continentes eram apenas pontilhados de núcleos urbanos, enquanto que Trantor era todo uma única megalópole. Helicon estava dividido em vinte setores administrativos; Trantor tinha mais de oitocentos, cada um deles cheio de complexas subdivisões.

Por fim Seldon falou, quase em desespero:

- Talvez a melhor solução, Hummin, fosse escolher, entre esses nobres possivelmente interessados em meus talentos, qual o mais bem-intencionado, e me entregar a ele, para que ele me defendesse dos demais.

Hummin o fitou com imperturbável seriedade:

- Não é necessário. Eu conheço o mais bem-intencionado desses pretendentes, e você já está nas mãos dele.

Seldon sorriu.

- Você se coloca no mesmo nível do prefeito de Wye e do imperador da Galáxia?

- Em termos de posição política, não. Em termos de interesses nos seus talentos, sim. A única diferença é que eles querem pôr as mãos em você para aumentar o poder e a riqueza de que já dispõem, enquanto que eu não tenho nenhuma outra ambição senão o bem da Galáxia.

- Desconfio - disse Seldon, com secura - de que qualquer um desses seus

rivais diria a mesma coisa: que está interessado apenas no bem da Galáxia.

- Estou certo disso - falou Hummin. - Mas até agora o único deles com quem você teve contato pessoal foi o imperador, cujo único interesse era que você fizesse previsões fictícias para garantir a estabilidade de sua dinastia. Eu não lhe pedi nada desse tipo. Pedi-lhe apenas que aperfeiçoasse sua psico-história de modo a poder fazer predições matematicamente válidas, ainda que de natureza meramente estatística.

- É verdade - disse Seldon. E completou, com um meio-sorriso: - Pelo menos até agora.

- Já que tocamos no assunto, quero fazer uma pergunta. Como está indo o seu trabalho? Algum progresso?

Por alguns instantes, Seldon hesitou entre soltar uma gargalhada ou ceder a um acesso de fúria. Depois de um rápido intervalo, reprimiu esses dois impulsos e conseguiu falar com tranquilidade: - Progresso?! Em menos de dois meses? Hummin, isto é algo que pode muito bem exigir minha vida inteira, e a vida

inteira de doze gerações depois de mim, e ainda assim redundar em fracasso.

- Não estou me referindo a nada tão conclusivo quanto uma solução, ou mesmo o esboço de uma solução. Acontece que você me repetiu não sei quantas vezes que a utilização da psico-historia seria possível, mas jamais seria praticável. Tudo o que estou perguntando é se existe, agora, alguma esperança de reverter essa situação.

- Com franqueza, não.

- Desculpem-me - disse Dors. - Não sou conhecedora de matemática, e espero não estar fazendo nenhuma pergunta idiota. Mas como pode alguma coisa ser ao mesmo tempo possível e impraticável? Você já me disse que, teoricamente, alguém poderia encontrar e cumprimentar pessoalmente todos os habitantes do Império, mas que isso não poderia ser realizado na prática porque ninguém viveria durante o tempo necessário para fazê-lo. Como pode, no entanto, estar tão certo de que a psico-história é algo semelhante?

Seldon olhou para Dors com alguma incredulidade. - Você quer que eu explique isso?

- Sim - respondeu ela, e fez um gesto afirmativo com a cabeça, com tanto vigor que seus cabelos cacheados balançaram. - Para falar a verdade, eu também gostaria - disse Hummin.

- Sem matemática alguma? - perguntou Seldon, ainda com um esboço de

sorriso nos lábios.

- Por favor - concordou Hummin.

- Bem ... - Seldon mergulhou em seus próprios pensamentos, tentando encontrar o método ideal de apresentação das suas ideias Então começou. - Para entender qualquer aspecto do Universo, convém simplificá-lo o máximo possível, deixando incluídas nele apenas aquelas características e propriedades que podem contribuir para esse entendimento. Se queremos analisar a queda de um corpo, por exemplo, não temos que nos preocupar se ele é velho ou novo, se é vermelho ou verde, se tem cheiro ou não. Eliminamos esses detalhes, e assim não temos que lidar com fatores desnecessariamente complexos. Chamamos a essas simplificações de modelos ou simulações, e podemos manipulá-los seja através de uma representação numa tela de computador ou por meio de uma fórmula matemática. Se considerarmos, por exemplo, a teoria primitiva da gravitação não-relativista ...

- Você prometeu que não usaria matemática - interrompeu Dors no mesmo instante. - Não tente recorrer a ela, mesmo chamando-a de "primitiva".

- Não, não. Uso o termo "primitiva" apenas porque essa teoria é conhecida há muitíssimo tempo, até onde vão os nossos registros; sua descoberta está perdida nas brumas do passado, tanto quanto a descoberta do fogo ou da roda. Em todo caso, as equações dessa teoria abrangem a descrição dos movimentos de um sistema planetário, de uma estrela dupla, das marés, e de várias outras coisas. Usando essas equações, é possível montar uma simulação pictórica de um planeta orbitando em torno de uma estrela, ou de duas estrelas girando uma em redor da outra, numa tela bidimensional. .. ou mesmo montar sistemas mais complexos numa holografia tridimensional. Essas simulações simplificadas tornam mais fácil captar a essência desses fenômenos, muito mais do que se tivéssemos de estudar o fenômeno propriamente dito. De fato, sem as equações gravitacionais, nosso conhecimento dos movimentos planetários e da mecânica celeste em geral seria sem dúvida muito deficiente.

- No entanto, à medida que procuramos saber mais e mais coisas sobre o fenômeno, ou à medida que ele vai se tornando mais e mais complexo, precisamos de equações cada vez mais complexas, programações cada vez mais detalhadas, e isso nos leva a simulações computadorizadas cada vez mais difíceis de assimilar .

- Não seria possível criar a simulação de uma simulação? - perguntou Hummin. - Voltaríamos a avançar um degrau na direção do mais simples.

- Nesse caso você teria que eliminar algumas características do fenômeno que teriam de estar incluídas; sua simulação seria inútil. A chamada MSP, ou "Mínima Simulação Possível" torna-se complexa mais rapidamente do que o objeto que está sendo simulado, e num certo ponto a simulação e o fenômeno acabam por se confundir, por se equivaler. Desse modo é que foi estabelecido, há milhares de anos atrás, que o Universo como um todo, em sua imensa complexidade, não pode ser representado por nenhuma simulação mais simples do que ele próprio.

- Em outras palavras, não se pode traçar uma representação do Universo como um todo sem estudá-lo em sua totalidade. Também já foi demonstrado que não se pode criar simulações para uma pequena parte do Universo, e depois para outra, e para outra, e assim por diante, com o objetivo de reunir todas elas e formar uma representação total do Universo: para isso, seria necessário um número infinito de tais simulações parciais. Portanto, seria necessário um tempo infinito para entender a totalidade do Universo, e isso equivale a dizer que é impossível reunir as informações necessárias a essa tarefa.

Até agora estou entendendo - disse Dors, um tanto surpresa.

Então muito bem. Ora, nós sabemos que certas coisas relativamente simples são fáceis de simular, e à medida que essas coisas se tornam mais complexas a simulação vão ficando mais trabalhosa, até tornar-se finalmente impossível. Mas, em que nível de complexidade a simulação se torna impossível? Muito bem: o que demonstrei, usando um artifício matemático inventado no século passado (e difícil de usar mesmo quando se empregar um computador de grande tamanho e velocidade) foi que a nossa Galáxia fica muito aquém desse ponto. Ela pode ser representada por uma simulação mais simples do que ela própria. E fui mais além: demonstrei que isso implicaria a possibilidade de ser predizerem eventos futuros, ainda que estatisticamente ... ou seja, estabelecendo o grau de probabilidade de um conjunto específico de eventos, em vez de anunciar taxativamente que um desses eventos irá acontecer.

- Nesse caso - disse Hummin -, do momento em que você pode criar uma simulação para a sociedade galáctica, é apenas uma questão de pôr mãos à obra. O que o impede de fazê-lo?

- Tudo o que provei foi que para criar essa simulação não será preciso um tempo infinito. Mas se o tempo finito necessário for, digamos, um bilhão de anos, então a tarefa será impraticável. Em termos humanos, isso seria o mesmo que um tempo infinito.

- Seria esse, o tempo necessário? Um bilhão de anos?

- Não consegui estabelecer isso com precisão, mas tenho fortes suspeitas de que seria algo em torno desse número.

- Mas não tem certeza ainda. Estou tentando descobrir. Sem sucesso?

- Sem sucesso.

- A Biblioteca da Universidade não lhe tem servido para nada?

- Hummin lançou um olhar na direção de Dors ao fazer esta pergunta.

Seldon sacudiu negativamente a cabeça. - De modo algum - disse.

- Dors não pode ajudá-lo?

Dors suspirou. - Não entendo nada desse assunto, Chetter. Tudo o que posso fazer é mostrar a Hari o modo mais fácil de procurar uma informação. Se ele procura e não acha, não posso fazer mais nada.

Hummin pôs-se de pé.

- Nesse caso, a permanência de Seldon aqui na Universidade não tem mais razão de ser. Tenho que descobrir um lugar onde colocá-lo...

Seldon estendeu o braço e tocou no braço de Hummin.

- Espere aí - disse. - Tenho uma ideia, apesar de tudo. Hummin estreitou os olhos, numa expressão que tanto podia significar surpresa quanto desconfiança.

- Ah, tem uma ideia? E essa ideia surgiu quando? Agora mesmo?

- Não, não. É algo que está dando voltas em minha cabeça desde alguns dias antes da minha ida à Superfície. Tudo aquilo que aconteceu acabou fazendo com que eu me esquecesse, mas agora que falamos sobre a biblioteca voltei a me lembrar.

Hummin sentou-se.

- Então explique essa sua ideia, desde que não seja algo totalmente matemático.

- Não, não há nada de matemático nisto. Quando estava pesquisando história na biblioteca ocorreu-me que a sociedade galáctica era muito menos complicada antigamente. Há doze mil anos atrás, quando o Império estava em processo de estruturação, a Galáxia tinha apenas uns dez milhões de mundos habitados. Há vinte mil anos atrás, os reinos pré-imperiais abrangiam, todos juntos, apenas dez mil planetas. Indo ainda mais longe no passado, quem pode saber até que ponto a sociedade iria ficar reduzida? Talvez a um único planeta, como as lendas que

você mencionou certa vez, Hummin.

- Então você acha que seria capaz de desenvolver a psico-história se estivesse lidando com uma sociedade galáctica bem mais simples do que a atual.

- Parece-me que sim.

- Então - aduziu Dors, possuída por um súbito entusiasmo -, digamos que você formule a psico-história em relação a uma dessas sociedades mais simples do passado; digamos que você estude a situação pré-imperial e a partir dela faça predições sobre o que iria acontecer mil anos após a formação do Império ...

poderíamos então examinar o que teria acontecido nessa época, e ver até que ponto suas predições estavam corretas.

Hummin falou com frieza:

- Isso seria um teste muito pouco confiável, se levarmos em conta que já sabemos por antecipação a situação por volta do ano 1.000 da Era Galáctica. Esse conhecimento antecipado iria influenciá-lo inconscientemente: você seria levado a escolher para suas equações valores tais que lhe permitissem chegar aos resultados já sabidos.

- Não acho - discordou Dors. - Na verdade não sabemos como era a situação da Galáxia no ano 1.000 E.G.; teríamos que pesquisar para sabê-lo. Não se esqueça de que foi há onze milênios atrás.

O rosto de Seldon exibiu uma expressão de desânimo.

- O que significa isto, que não sabemos a situação no ano 1.000 E.G.? Havia computadores naquele tempo, não?

- Claro que sim.

- E unidades de armazenamento de memória, e registros audiovisuais? Imagino que tenhamos do ano 1.000 E.G. material comparável ao que temos do corrente ano de 12.020 E.G.

- Em teoria,, sim, mas na prática ... Veja bem, Hari, é como o que você vive nos dizendo. É possível ter registros completos sobre 1.000 E.G., mas do ponto de vista prático eles não existem.

- O que eu digo se refere a demonstrações matemáticas. Não vejo como pode se aplicar a registros históricos.

- Registros não duram para sempre - retrucou Dors, em atitude defensiva. - Bancos de memória podem ser destruídos ou danificados pelas guerras ou pela mera ação do tempo. Cada bit de memória, cada gravação que passa muito

tempo sem ser consultada pode ir se deteriorando em ruído. Costuma-se dizer que pelo menos um terço da Biblioteca Imperial consta de material ininteligível, mas a tradição impede que seja destruído. Outras bibliotecas são menos conservadoras. Na Universidade de Streeling, a cada dez anos nós eliminamos material inútil.

- É claro que registros consultados com frequência, e dos quais há cópias em bibliotecas de vários planetas, oficiais ou particulares, podem conservar-se acessíveis por milhares de anos; assim, os fatos essenciais da história galáctica permanecem conhecidos, mesmo que tenham se dado nos tempos pré-imperiais. Mas o fato é que quanto mais se recua no tempo mais precária é a conservação desse material.

- Não posso acreditar - disse Seldon. - Sempre achei que, toda vez que um registro estivesse ameaçado de deterioração, novas cópias seriam feitas. Como é possível deixar que todo esse conhecimento desapareça?

- Um registro que ninguém jamais consulta é um registro inútil - disse Dors. - Pode imaginar todo o tempo, todo o esforço e a energia que seriam necessários para ficarmos continuamente restaurando gravações que não interessam a ninguém? E esse desperdício iria crescer cada vez mais com a passagem do tempo.

- Mas seria preciso levar em conta que alguém, algum dia, poderia necessitar desses dados tão negligenciados hoje.

- Uma informação específica pode ser consultada apenas uma vez em mil anos. Preservá-la todo esse tempo apenas com esse objetivo seria improdutivo. Nas ciências exatas também sucede assim. Você ainda há pouco se referiu às equações gravitacionais primitivas, e disse que eram primitivas porque sua descoberta não pode ser localizada no passado. Por que isso acontece? Vocês, matemáticos e cientistas, não têm dados, informações, nada relativo a esse passado remoto quando as tais equações foram inventadas?

Seldon deu um grunhido e não tentou responder. Disse apenas:

- Hummin, minha ideia, então, fica por aí. Se analisarmos o passado e lidarmos com sociedades menores, há uma boa possibilidade de desenvolver a psico-história. Mas o conhecimento disponível decresce muito mais rapidamente do que o tamanho das sociedades, de modo que esse aspecto negativo se sobrepõe às vantagens, e a psico-história torna-se mais uma vez impraticável.

- Oh, claro - disse Dors. - Basta ver o Setor Mycogen. Hummin ergueu o rosto no mesmo instante.

- Exatamente! - exclamou. - Esse é o lugar ideal para esconder Seldon. Como não tive logo essa ideia?!

- Setor Mycogen - repetiu Seldon, olhando de um para o outro. - E onde fica esse tal Mycogen?

- Hari, por favor, mais tarde falaremos sobre isso. Agora temos que fazer nossos preparativos. Você viaja hoje à noite.

33.

Dors tinha insistido para que Seldon dormisse um pouco. Estariam partindo no período intermediário entre o apagar e o acender das luzes do "céu", no meio da noite artificial de Trantor, enquanto o resto da Universidade estaria adormecida. Dors insistiu para que ele repousasse o mais possível.

- E você - perguntou ele. - Vai dormir no chão outra vez? Ela encolheu os ombros.

- A cama só tem espaço para uma pessoa, e se tentássemos nos acomodar os dois nenhum de nós conseguiria dormir.

Ele lançou para ela um olhar momentaneamente carregado de desejo; depois disse:

- Então é minha vez de dormir no chão.

- Não. Afinal não fui eu que estive a ponto de entrar em coma, dormindo sob a geada.

O resultado foi que nenhum dos dois dormiu. “As luzes do quarto foram apagadas, e o perpétuo zumbido de Trantor era apenas um rumor surdo ao fundo do pesado silêncio que cobria a Universidade” mas Seldon insistiu em continuar conversando.

- Tenho lhe dado muito trabalho, Dors - disse. - Tenho até mesmo atrapalhado seu trabalho. Ainda assim, lamento que tenhamos de nos separar.

- Não vamos nos separar - respondeu ela. - Vou com você.

Hummin vai me conseguir uma dispensa.

- Não posso lhe pedir isso - disse Seldon, espantado.

- E não está. Foi Hummin que me pediu. Tenho que tomar conta de você: afinal de contas, falhei no episódio de sua ida à Superfície, e preciso me

reabilitar.

- Já lhe disse para não se sentir culpada daquilo, mas não posso negar que ficarei mais tranquilo tendo você comigo. Se ao menos eu pudesse ter certeza de que não estou atrapalhando sua vida... - Não, Hari, não está - disse ela suavemente. - E por favor, durma.

Seldon ficou em silêncio durante algum tempo e depois perguntou:

- Tem certeza de que Hummin pode resolver tudo satisfatoriamente, Dors?

- Ele é um homem notável - disse ela. - É muito influente aqui na Universidade, e em toda parte, pelo que posso ver. Se ele me diz que pode me conseguir uma licença permanente de minhas funções, é porque pode, de fato. É um homem muito persuasivo.

- Sei disso - concordou Seldon. - Às vezes fico imaginando o que será que ele quer de mim.

- Exatamente o que ele diz. É um homem idealista, sonhador, e que acredita muito fortemente nas próprias ideias

- Você fala como se o conhecesse muito bem. - Oh, conheço, sim.

- Intimamente?

Dors fez um ruído esquisito com a garganta.

- Não sei muito bem o que você está insinuando, Hari, mas, supondo a interpretação mais insolente ... a resposta é não, eu não o conheço intimamente. Aliás, será que é da sua conta?

- Desculpe - disse Seldon. - Não tenho a intenção, nem por um descuido, de invadir a ...

- A propriedade alheia? Isso é um insulto ainda pior. É melhor você ir dormir.

- Desculpe-me novamente, Dors, mas não consigo dormir. Vamos pelo menos mudar de assunto. Você ainda não me explicou o que é esse Setor Mycogen. Qual a vantagem para mim de ficar lá? Como é o local?

- É um pequeno setor, com uma população de uns dois milhões de pessoas, se me lembro bem. O detalhe a seu respeito é que os mycogenianos se apegam a um conjunto muito rígido de tradições sobre a história antiga, e fala-se que dispõem de registros muito remotos, que não estão disponíveis em nenhuma outra parte. Talvez eles lhe sejam mais úteis para estudar os tempos pré-imperiais do que qualquer historiador ortodoxo. Todo aquele nosso diálogo sobre história antiga trouxe Mycogen à minha lembrança.

- Você já teve acesso aos tais registros?

- Não, nem conheço ninguém que os tenha visto.

- Como pode ter certeza de que existem, então?

- Não tenho certeza, para falar a verdade. Os não-mycogenianos, de um modo geral, os consideram uma horda de malucos, mas talvez esse julgamento seja injusto. Eles dizem que têm esses registros, e é possível que seja verdade. Em todo caso, lá estaremos bem escondidos. Os mycogenianos são um povo muito reservado. E agora, por favor, vá dormir.

Seldon acabou conseguindo.

34.

Hari Seldon e Dors Venabili deixaram o território da Universidade quando o crono-visor marcava 03:00. Seldon deixou que Dors assumisse a liderança: ela conhecia Trantor melhor do que ele - tinha dois anos de vantagem. Ela e Hummin eram sem dúvida amigos muito próximos (até que ponto? A questão não parava de atormentá-lo) e cabia a ela executar suas instruções.

Ambos estavam vestindo capas leves que os envolviam por completo e que culminavam em capuzes muito justos. Esse tipo de traje tinha sido uma moda passageira na Universidade (e entre a juventude intelectual, como um todo) há alguns anos atrás, e embora nessa época pudesse provocar risadas tinha a excelente vantagem de recobri-los por completo e torná-los irreconhecíveis, pelo menos a um olhar menos atento.

Hummin tinha dito:

- Existe uma possibilidade de que o episódio da Superfície tenha sido casual e não haja nenhum agente no seu encalço, Seldon, mas devemos estar preparados para o pior.

- Então você não vem conosco? - perguntou Seldon, ansioso.

- Eu bem que gostaria - respondeu Hummin -, mas não posso ficar afastado do meu trabalho por muito tempo, senão acabarei na mira deles. Compreende?

Seldon suspirou. Claro que compreendia.

Entraram num carro do expressway e procuraram um assento que ficasse o mais distante possível daqueles já ocupados por outros passageiros. (Seldon imaginou por quais motivos haveria gente no expressway às três da manhã - mas logo lhe

ocorreu que isso era uma vantagem, pois fazia com que os dois passassem despercebidos.)

Ele ficou a observar o interminável panorama que desfilava através da janela à medida que aquela interminável linha de vagões se deslocava ao longo do também interminável monotrilho magnético.

O expressway ia deixando para trás blocos e mais blocos de conjuntos habitacionais, poucos dos quais atingiam certa altura, embora alguns, ele sabia, penetrassem profundamente no subsolo. Era evidente que, quando se dispõe de dezenas de milhões de quilômetros quadrados de área urbanizada, mesmo quarenta bilhões de pessoas não irão necessitar de edifícios muito altos ou muito próximos entre si. Seldon viu boa quantidade de áreas abertas, na maioria das quais parecia haver plantações, enquanto que outras serviam visivelmente como parques. E havia bom número de estruturas cuja finalidade ele não conseguia adivinhar. Fábricas? Prédios de escritórios? Quem podia saber? Um imenso cilindro deu-lhe a impressão de ser um reservatório de água. Afinal, Trantor tinha de ter um suprimento constante de água potável, e pareceu evidente a Seldon que eles de algum modo canalizavam a chuva da Superfície, que a seguir seria filtrada e tornada própria para consumo.

Mas Seldon não teve muito tempo para contemplar a paisagem. Dors murmurou:

- Temos que sair agora.

Ficou de pé e seus dedos firmes se cerraram sobre o braço de Seldon.

Ao saírem do expressway, ficaram durante alguns instantes parados na plataforma enquanto Dors examinava as placas de sinalização.

A sinalização era discreta, e havia grande número de indicações.

Seldon sentiu seu coração afundar quando constatou que a maior parte delas se compunha de pictografias e iniciais maiúsculas, códigos certamente compreensíveis para um nativo de Trantor, mas totalmente indecifráveis aos seus olhos.

Por aqui - disse Dors. - Como sabe?

- Olhe ali. Duas asas e uma seta.

- Duas asas? Oh. - Ele tinha interpretado o signo como um W invertido, largo e achatado, mas agora podia admitir que se tratava da representação estilizada das asas de um pássaro. - Por que não usam palavras? - perguntou, mal-humorado.

- Palavras variam de planeta para planeta - replicou Dors.

- O que aqui em Trantor é um aerojato, em Cinna pode ser chamado de asa-móvel, e em outros planetas de mergulhador. As duas asas e a seta são o símbolo galáctico para um transporte aéreo, e esse símbolo é usado em toda parte. Não o empregam em Helicon?

- Não muito. Helicon é um mundo culturalmente muito homogêneo, e temos a tendência de nos apegar aos nossos próprios modos de expressão, uma vez que nossos vizinhos nos deixam de certo modo encurralados.

- Está vendo? Sua psico-história pode abordar este ponto. Você pode demonstrar que apesar da existência de diferentes dialetos o uso de símbolos padronizados em toda a Galáxia pode funcionar como um fator de unificação.

- Não adianta de muita coisa - respondeu ele.

Enquanto seguia Dors em meio a ruas pouco iluminadas, uma parte da mente de Seldon tentava imaginar qual seria a taxa de criminalidade em Trantor, e se aquela seria uma região de alta periculosidade. Depois complementou seu pensamento:

- Pode-se ter um bilhão de regras, cada uma delas correspondendo a um fenômeno específico, e ainda assim não poder derivar disso nenhuma generalização. É por isso que se diz que alguns sistemas só podem ser interpretados por um modelo se este for tão complexo quanto o sistema propriamente dito. Dors, vamos pegar um aerojato?

Ela entre parou e voltou-se para ele com uma expressão divertida no rosto.

- Se estamos seguindo o sinal que indica aerojatos, para onde pensa que estamos indo? Para um campo de golfe? Não me diga que você tem medo de aerojatos, como a maior parte dos trantorianos.

- Não, não. Em Helicon se voa com toda liberdade, e já viajei muitas vezes de aerojato. Apenas me lembrei de que quando Hummin me levou à Universidade ele comentou que estava evitando um voo comercial porque isso deixaria um rastro muito fácil de ser seguido.

- Sim, mas porque naquela ocasião eles sabiam onde você estava, e já o tinham sob vigilância. Agora, não é o caso: provavelmente não sabem onde estamos agora, e além disso estaremos usando um aeroporto secundário, e um aerojato particular.

Quem vai pilotá-lo?

Algum amigo de Hummin, imagino. - Será de confiança?

- Se é um amigo de Hummin, com certeza sim.

- Você evidentemente tem Hummin em alto conceito - disse Seldon com um laivo de ciúme na voz.

- E com toda razão - respondeu Dors, sem modéstia. - Ele é o melhor.

O ciúme de Seldon não diminuiu nem um pouco, e pouco depois Dors apontou:

- Ali está o aerojato.

Era uma nave pequena, com asas de formato esquisito. Parado junto dela estava um indivíduo baixinho, vestindo uma roupa de cores berrantes, tipicamente trantoriana

- Nós somos psico - disse Dors.

- Eu sou história - disse o piloto.

Subiram para o aerojato e Seldon indagou: - De quem foi a ideia desta senha?

- Hummin - disse Dors.

Seldon soltou um grunhido.

- Nunca imaginei que Hummin tivesse senso de humor. Um sujeito tão soturno

Dors sorriu.

8. MESTRE DO SOL

MESTRE DO SOL 14 - ... Um líder do Setor Mycogen da antiga Trantor ... Como acontece com todos os líderes desse setor pouco desenvolvido, pouco se sabe a seu respeito. O lugar que ocupa na história deve-se inteiramente a seu relacionamento com Hari Seldon durante A Fuga ...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

35.

Havia apenas duas poltronas por trás do compacto compartimento do piloto, e quando Seldon se instalou numa delas sentiu que seu corpo estava sendo automaticamente envolvido por uma malha que se ajustou às suas pernas, seu peito e sua cintura, enquanto que uma espécie de capacete descia do teto para recobrir sua testa e suas orelhas. Sentiu-se aprisionado, e quando virou com dificuldade o rosto para a esquerda viu que Dors estava igualmente envolta numa malha semelhante.

O piloto instalou-se em seu assento e, enquanto checava os controles, falou:

- Sou Endor Levanian, às suas ordens. Essa malha de proteção é necessária durante a decolagem, devido à forte aceleração a que amos ser submetidos. Assim que estivermos voando em espaço aberto vocês ficarão livres novamente. Não precisam me dizer seus nomes. não é da minha conta. - Virou-se em seu assento e sorriu para eles: seu rosto lembrava o de um gnomo, e o sorriso espalhava uma porção de rugas pela sua face. - Algum problema psicológico crianças?

- Sou estrangeira, e estou acostumada a voar - disse Dors, descontraidamente.

- Eu também - disse Seldon, tentando aparentar dignidade.

- Muito bem, crianças. É evidente que isto aqui não é um aerojato convencional, e talvez vocês não estejam habituados a voos noturnos, mas espero que se divirtam.

Seu corpo já estava também recoberto pela malha, mas Seldon observou que os braços ficavam livres.

Um barulho surdo começou a se ouvir no interior da nave, crescendo em intensidade e adquirindo um tom cada vez mais agudo. Embora não chegasse a ser desagradável, Seldon instintivamente tentou esboçar o gesto de sacudir a cabeça para aliviar a pressão sobre os tímpanos, mas isso serviu apenas para apertar ainda mais a rede que o envolvia.

O barulho aumentou e o aerojato saltou no espaço (Seldon não encontrou nenhuma outra expressão para descrever o fato), fazendo com que os seus corpos fossem violentamente comprimidos de encontro ao assento e ao encosto das poltronas.

Através do para-brisa que ficava à frente do piloto, Seldon viu, com um estremecimento de pavor, a aproximação inexorável de um paredão monumental,

no qual surgiu de repente uma abertura circular. Era semelhante àquela na qual o aerotáxi tinha penetrado no dia em que ele e Hummin tinham deixado o Setor Imperial, mas embora esta fosse larga o bastante para conter o corpo do aerojato, certamente não tinha espaço por onde pudessem passar as asas.

Seldon virou a cabeça para a direita o melhor que pôde, ainda a tempo de ver a asa direita da nave dobrar-se sobre si própria e ser recolhida no interior de uma abertura na fuselagem.

O aerojato mergulhou na abertura, sendo imediatamente capturado pelo campo eletromagnético que o impulsionou ao longo de um túnel brilhantemente iluminado. A aceleração era constante, e a intervalos regulares ouviam-se estalidos; Seldon imaginou que o ruído indicasse a passagem de cada um dos magnetos do túnel.

Em menos de dez minutos o aerojato foi cuspido na atmosfera, penetrando como bala na súbita escuridão que o cercou por todos os lados.

Ao se ver livre do campo eletromagnético a nave começou a desacelerar, e Seldon desta vez se sentiu impelido para a frente, seu corpo sendo pressionado com força de encontro à malha protetora, fazendo-o perder o fôlego por alguns instantes.

Então a pressão cessou, e a malha foi automaticamente recolhida de volta aos escaninhos de onde saíra.

- Como estão, crianças? - soou a voz jovial do piloto.

- Não sei ao certo - respondeu Seldon. Virou-se para Dors.

- Você está bem?

- Com certeza - disse ela. - Acho que o Sr. Levanian estava fazendo um teste conosco para conferir se somos mesmo estrangeiros. Acertei, Sr. Levanian?

- Algumas pessoas gostam de emoções fortes - disse Levanian. - Vocês não?

- Dentro de certos limites - disse Dors. E Seldon completou:

- Como qualquer pessoa de bom senso poderá lhe dizer.- E prosseguiu: - Isto tudo talvez lhe parecesse menos engraçado, senhor, se as asas de sua nave tivessem sido arrancadas à entrada do túnel.

- Impossível. Já lhes falei que isto não é um aerojato convencional. As asas são controladas por computador. Elas mudam de comprimento, largura, curvatura e formato de modo a corresponder à velocidade do jato, à velocidade

e direção do vento, à temperatura, e mais uma meia-dúzia de variáveis. Elas só

podem sofrer algum tipo de dano se a própria nave for submetida a pressões que a despedacem por completo.

Seldon sentiu alguma coisa chocar-se de encontro à janela do seu lado.

- Está chovendo - falou.

- Aqui chove o tempo todo - disse o piloto.

Seldon espiou para fora. Em Helicon ou em qualquer outro planeta haveria luzes visíveis - a face luminosa da civilização, mas em Trantor estava tudo encoberto por uma camada de trevas.

Não totalmente, no entanto: num determinado ponto ele avistou o piscar intermitente de uma luz-guia. Talvez os pontos mais elevados da Superfície fossem providos de faróis.

Como de hábito, Dors percebeu a inquietação de Seldon. Dando um tapinha na mão dele, ela disse:

- Tenho certeza de que o piloto sabe o que faz, Hari.

- Também acho, Dors, mas ficaria muito agradecido se ele partilhasse os seus conhecimentos conosco.

Falou em voz alta o bastante para que o piloto o escutasse, e este logo respondeu:

- Nenhum problema. Para começar, estamos rumando para o alto. Em poucos minutos estaremos acima da camada de nuvens Lá no alto não estará chovendo, e vocês poderão avistar as estrelas.

O aviso foi bem sincronizado, e alguns instantes depois as primeiras estrelas começaram a cintilar através dos derradeiros farrapos de nuvens, e quando o piloto apagou as luzes internas da cabine eles se viram envoltos em escuridão e rutilância. Ali dentro a única luz era a do painel de controle, e do lado de fora o céu faiscava em constelações.

Dors falou:

- É a primeira vez que vejo as estrelas nestes últimos dois anos. Não são maravilhosas? Tão brilhantes ... e tantas, tantas.

O piloto respondeu:

- Trantor está mais próximo do centro da Galáxia do que a maioria dos outros mundos do Império.

Seldon estava sem fala. Helicon ficava situado num recanto remoto da Galáxia, e seu firmamento era insignificante comparado àquele.

- O voo está muito tranquilo - comentou Dors.

- É mesmo - disse Seldon. - Que tipo de propulsão tem esta nave, Sr. Levanian?

- Um motor de micro-fusão, e um jorro concentrado de gás superaquecido.

- Não sabia que já tínhamos desenvolvido aerojatos de micro-fusão Falam muito a respeito, mas ...

- São muito poucos ainda. Até o momento são usados apenas em Trantor, e unicamente pelos funcionários do governo.

- O custo deste tipo de voo deve ser muito alto.

- Tem razão, senhor.

- Quanto o Sr. Hummin está pagando por esta viagem?

- Nada, senhor. O Sr. Hummin é um amigo da companhia proprietária dos jatos.

Seldon soltou um grunhido. Depois perguntou:

- Por que não há um número maior desses jatos de micro-fusão?

- Em primeiro lugar, porque são muito caros. E a quantidade que existe já satisfaz a atual demanda.

- A demanda poderia ser aumentada, se se fabricassem naves maiores.

- É possível, mas a companhia ainda não conseguiu fabricar motores de micro- fusão fortes o bastante para conduzirem naves maiores do que esta.

Seldon recordou as queixas de Hummin sobre o baixo nível a que tinha chegado a inovação tecnológica.

Decadência - murmurou. - O quê? - disse Dors.

- Nada. Estava pensando em algo que Hummin me disse certa vez. - Olhou para as estrelas lá fora. - Estamos indo na direção do oeste, Sr. Levanian?

- Sim. Como sabe?

- Calculei que se estivéssemos indo para o leste já teríamos a esta altura avistado a aurora, uma vez que estaríamos indo em sua direção.

Mas a aurora acabou por alcançá-los, rodeando o planeta, até que a luz do sol, a luz brilhante e verdadeira de um sol, encheu a cabine. Isso não demorou muito, no entanto, uma vez que o aerojato logo descreveu uma curva descendente e penetrou no colchão de nuvens. O céu azul e a luminosidade dourada foram substituídos por um cinza cor de chumbo, e tanto Dors quanto Seldon soltaram

um gemido de desapontamento ao se verem privados daqueles preciosos momentos de verdadeira luz.

Quando surgiram no espaço abaixo da camada de nuvens, a Superfície estava imediatamente por baixo deles, e seu terreno, pelo menos naquela região, era uma mistura de fundos barrancos cobertos de vegetação, separados uns dos outros por largas áreas de relva rasteira. Era o tipo de solo que, segundo Clowzia, existia em vários pontos da Superfície.

Mais uma vez houve pouco tempo para observação. Uma abertura apareceu diante deles, rodeada por enormes letras que grafavam o nome MYCOGEN.

O aerojato foi na direção dela, e mergulhou.

36.

Aterrissaram num aeroporto que aos olhos de Seldon pareceu deserto. O piloto, tendo cumprido sua tarefa, apertou as mãos dos dois e voltou a elevar a

nave nos ares, para logo desaparecer numa abertura que surgiu à sua frente.

Parecia que não tinham nada mais a fazer senão esperar. Havia ali alguns bancos muito longos, onde caberiam talvez umas cem pessoas, mas Seldon e Dors Venabili eram os únicos seres humanos à vista. O aeroporto era retangular, cercado por paredões onde devia haver um bom número de túneis por onde aerojatos podiam chegar e partir; mas não havia nenhuma nave ali após a partida do jato que os trouxera, e nenhum chegou enquanto esperavam.

Ninguém circulava por ali, e não havia qualquer indicação de moradias humanas nas proximidades. Até mesmo o eterno zumbido de Trantor estava inaudível.

Aquela solidão começou a parecer opressiva a Seldon. Ele virou-se para Dors e disse:

- Afinal, o que viemos fazer aqui? Tem alguma ideia? Dors sacudiu a cabeça.

- Hummin me disse que seríamos procurados aqui por um tal de Mestre do Sol Catorze. Não sei nada além disso.

- Mestre do Sol Catorze? O que pode ser isso?

- Um ser humano, suponho. Pelo nome não dá para saber se é homem ou mulher. - Nome estranho.

- A estranheza está no olho de quem vê. Às vezes, pessoas que me conhecem apenas pelo nome pensam que sou homem. - Pobres-coitados - sorriu Seldon.

- Nem tanto. A julgar pelo meu nome, têm uma certa razão. Já me disseram que é um nome masculino bastante popular em alguns planetas.

- Nunca ouvi antes.

- É porque você não é um grande viajante. O nome "Hari" é bastante comum por toda parte, embora certa vez eu tenha conhecido uma mulher chamada "Hare", com a pronúncia igual à do seu nome, só que escrito com e. Em Mycogen, pelo que me recordo, nomes específicos ficam restritos a determinadas famílias, e recebem uma numeração.

- Mas Mestre do Sol me parece um nome meio extravagante.

- O que há de mal em um pouco de excentricidade? Em Cinna, "Dors" deriva de uma antiga expressão local que significa "dádiva da primavera".

- Você nasceu na primavera?

- Não. Abri os olhos pela primeira vez em pleno verão de Cinna, mas meus pais acharam este nome agradável, sem ligar para seu significado, que aliás já está quase esquecido.

- Nesse caso, então Mestre do Sol ..

E uma voz profunda e grave o interrompeu: - Este é o meu nome, homem da tribo.

Sobressaltado, Seldon virou-se para a esquerda. Um carro descoberto tinha de algum modo estacionado nas proximidades; era um modelo arcaico que mais lembrava um caixote ou um vagão de cargas. Ao volante estava um homem idoso, de estatura alta e com uma aparência robusta apesar da idade. Com gestos pausados, cheios de majestade, ele se apeou do carro.

Usava uma longa túnica branca com mangas muito largas e presas com

colchetes ao redor dos pulsos. Abaixo da túnica emergiam seus pés com enormes dedos protuberantes, calçados com sandálias leves; seu crânio tinha um belo formato, e era completamente calvo. Fitou os dois com olhos azuis calmos e profundos, e disse - Eu o saúdo, homem da tribo.

Com uma instintiva polidez, Seldon respondeu:

- Saudações, senhor. - E depois, sinceramente surpreso, indagou: - Como chegou até aqui?

- Pelo portão de entrada, que voltou a fechar-se após minha passagem. Vocês

não me ouviram.

- É verdade, mas não sabíamos a quem devíamos esperar. E ainda não sabemos.

- O homem da tribo Chetter Hummin avisou os Irmãos de que membros de duas tribos estavam para chegar, e pediu-me para que cuidasse deles.

- Então conhece Hummin.

- Nós o conhecemos. Ele nos tem prestado ajuda, e porque ele, um homem da tribo valoroso, nos tem prestado ajuda, devemos nós agora retribuir-lhe. Poucas pessoas vêm a Mycogen, e poucas também vão embora daqui. Minha obrigação é levá-los para lugar seguro, dar-lhes teto e abrigo, cuidar para que não os incomodem. Aqui estarão a salvo.

Dors inclinou a cabeça e disse:

- Ficamos gratos, Mestre do Sol Catorze.

Mestre do Sol girou o rosto para ela, exibindo uma expressão de desagrado e frieza.

- Não desconheço os costumes das outras tribos - disse. - Sei que entre elas é permitido à mulher falar sem que lhe tenha sido dirigida a palavra, e em vista disso não me considero ofendido. Entretanto, devo aconselhar mais cautela quando estiverem em meio a irmãos menos afeitos a tais costumes.

- Oh, é mesmo? - replicou Dors, claramente ofendida, ainda que Mestre do Sol não o estivesse.

- Sim - concordou o homem. - Também não se faz necessário empregar minha identificação numérica quando eu for o único da minha coorte a estar na sua presença. "Mestre do Sol" será suficiente. Agora devo pedir-lhes que me acompanhem, para que deixemos o quanto antes este local, que é de natureza excessivamente tribal para que nele eu me sinta à vontade.

- Sentir-se à vontade é importante para todos nós - disse Seldon, em voz talvez um pouco mais alta do que o necessário. - Mas não deixaremos este lugar sem que nos seja assegurado o direito de não sermos constrangidos a seguir seus costumes em detrimento dos nossos. Entre nós uma mulher tem o direito de falar em qualquer ocasião que lhe pareça oportuna. Se o seu compromisso é de nos fornecer segurança, essa segurança não deve ser apenas física, mas também psicológica

Mestre do Sol encarou Seldon de frente e disse:

- É ousado, jovem homem da tribo. Seu nome? ..

- Sou Hari Seldon, de Helicon. Minha companheira é Dors Venabili, de Cinna.

Mestre do Sol fez uma leve reverência quando o nome de Seldon foi pronunciado, mas não se moveu ao ouvir o de Dors. Falou:

- Prometi ao homem da tribo Hummin que manteria a vocês dois em segurança, e isso inclui a mulher que o acompanha, homem da tribo Seldon. Se ela insistir em exercer sua impudência, esforçar-me-ei para que seja considerada inocente. Há, no entanto, um aspecto a que ambos terão que se resignar. - Ele apontou, com uma expressão de infinito desprezo, primeiro para a cabeça de Seldon, depois para a de Dors.

O que quer dizer? - perguntou Seldon. Seus pelos cefálicos. - O que há com eles?

- Não devem ser vistos.

- Está me dizendo que terei de raspar minha cabeça, como a sua? Jamais farei isso.

- Minha cabeça não está raspada, jovem da tribo. Fui depilado quando alcancei a puberdade, assim como acontece a todos os Irmãos e suas mulheres.

- Se o caso é depilação, mais do que nunca a minha resposta é negativa. Jamais me submeterei.

- Homem da tribo, não lhe pedimos uma coisa nem outra. Nossa exigência é apenas para que seus pelos permaneçam cobertos enquanto estiver entre nós.

- Mas de que modo?

- Trouxe estas carapuças que se amoldarão ao seu crânio, juntamente com faixas que cobrirão as faixas super-ópticas, ou sobrancelhas. Deverão usá-las enquanto permanecerem entre nós. E naturalmente, homem da tribo Seldon, deverá barbear-se diariamente, ou mais, se for necessário.

- Mas por que temos que fazer isto?

- Porque entre nós os pelos são considerados obscenos.

- No entanto, seu povo deve estar informado de que entre os demais povos da Galáxia é normal manter os seus ... pelos cefálicos.

- Sabemos disso. E aqueles entre nós que precisam manter contatos com os homens das tribos, como é o seu caso, têm que avistar esses pelos. Fazemos o possível, mas não seria justo exigir de todos os Irmãos um tamanho sacrifício.

- Então está bem, Mestre do Sol- disse Seldon. - Gostaria apenas de fazer uma

pergunta: já que todos vocês nascem com pelos cefálicos, assim como nós, e já que o mantêm até a puberdade, por que é necessário removê-los? É apenas uma questão de hábito, ou existe alguma outra razão que justifique isto?

Com orgulho, o velho mycogeniano respondeu:

- Por meio da depilação nós mostramos ao jovem que ele, ou ela, atingiu a idade adulta, e através da depilação Os adultos irão sempre recordar quem são, e nunca esquecerão que os demais são apenas homens da tribo.

Sem esperar resposta (e Seldon, na verdade, não conseguiu pensar em nenhuma) ele retirou de algum compartimento oculto no interior da túnica um punhado de películas plásticas de diferentes tonalidades, olhou atentamente os dois rostos diante de si, erguendo primeiro uma das películas, depois as outras, diante de cada um.

- As cores devem ser razoavelmente parecidas - explicou. - Todas as pessoas perceberão que se trata de carapuças, mas elas não precisam ser repulsivamente óbvias.

Por fim, Mestre do Sol deu a Seldon uma das carapuças e mostrou-lhe como colocá-la.

- Ponha-a, por favor, homem da tribo Seldon - disse. - Achará isso um pouco desajeitado no início, mas logo se acostumará.

Seldon enfiou a película na cabeça, mas ela escapuliu por duas vezes quando ele tentou puxá-la por sobre o cabelo.

- Coloque-a primeiro sobre as sobrancelhas - disse Mestre do Sol. Seus dedos se mexiam nervosamente, como se estivesse ansioso para ajudar.

Reprimindo um sorriso, Seldon indagou: - Não pode colocá-la para mim?

Mestre do Sol deu um passo para trás, perturbado, e retrucou: - Não. Não devo. Poderia tocar em seu pelo cefálico. Com algum trabalho, e contando com as instruções de Mestre do Sol, Seldon enfiou a película sobre o crânio. As faixas que cobriam os supercílios ficaram perfeitamente ajustadas. Dors, que tinha observado tudo atentamente, não demorou em colocar a sua.

- Como é que isto sai? - perguntou Seldon.

- Basta puxá-la pela borda e pode-se retirá-la sem problema - disse o mycogeniano. - Ficará mais fácil de tirar e pôr se o seu pelo cefálico for cortado mais curto.

- Não faço questão disso - respondeu Seldon. Virando-se para Dors, disse em voz baixa: - Você ainda está bonita, Dors, mas isso deixa seu rosto um pouco

sem personalidade.

- A personalidade continua intacta aqui por baixo - respondeu ela. - E você irá se acostumando a me ver sem cabelo.

Ainda num sussurro, ele disse:

- Não espero ficar aqui o tempo bastante para me acostumar a isto.

Mestre do Sol, que com visível altivez tinha ignorado a troca de cochichos entre um mero casal de homens da tribo, disse:

- Se quiserem entrar no meu carro, poderei conduzi-los agora até Mycogen.

37.

- Francamente - cochichou Dors -, mal posso acreditar que estou em Trantor.

- Isso quer dizer que nunca viu antes nada parecido com isto?

- Estou em Trantor há apenas dois anos, e passei a maior parte desse tempo na Universidade, portanto não sou uma pessoa viajada neste mundo. Andei aqui e acolá e ouvi falar disso ou daquilo, mas nunca vi nem ouvi falar de algo

semelhante a isto ... esta uniformidade.

Mestre do Sol dirigia metodicamente e sem pressa. Na estrada havia outros carros, todos com a mesma aparência de furgões de transporte, e em todos eles viam-se homens calvos ao volante, os crânios lisos brilhando à luz do dia.

Em cada lado da estrada havia prédios de três andares, sem nenhum tipo de ornamentação; as linhas sóbrias cruzando-se em ângulos retos, a cor de um invariável cinza-escuro.

- Fúnebre - disse Dors. - Muito fúnebre.

- Igualitário - sussurrou Seldon. - Imagino que nenhum Irmão pode arrogar para si qualquer tipo de precedência sobre os demais.

Havia muitos pedestres ao longo da estrada por onde eles seguiam. Não se via nenhum sinal de corredores móveis, e em parte alguma se escutava o rumor de um expressway.

- As mulheres vestem cinzento - disse Dors.

- É difícil dizer - falou Seldon. - As túnicas não deixam ver o corpo, e toda cabeça careca se torna parecida com as outras.

- As pessoas de cinza estão sempre aos pares, ou na companhia de outra de branco - disse ela. - As pessoas de branco podem andar sozinhas, e Mestre do Sol veste branco.

- É, você deve estar certa. - Seldon ergueu a voz. - Mestre do Sol, estou curioso em ...

- Se tem curiosidade pode formular qualquer pergunta, embora nada me obrigue a respondê-la.

- Parece que estamos atravessando uma área residencial. Não há sinais de prédios de escritórios, áreas industriais ...

- Somos uma comunidade inteiramente agrícola. De onde vêm vocês, se não sabem disto?!

- Sabe que sou estrangeiro, Mestre do Sol - disse Seldon, muito empertigado. - Estou em Trantor há apenas dois meses. - Mesmo assim.

- Mas se são uma comunidade agrícola, Mestre do Sol, como se explica que ainda não tenhamos passado por nenhuma fazenda? - Estão no subsolo. - Foi a breve resposta.

- Isso quer dizer que, neste nível, Mycogen é totalmente residencial?

- É em outros níveis também. Somos isto que está a ver. Cada Irmão e sua família vive em instalações equivalentes; cada coorte vive no seio de uma comunidade análoga; todos possuem os mesmos carros e cada um dos irmãos dirige o seu. Não há servos e ninguém se beneficia do trabalho alheio. Nenhum dos Irmãos pode se vangloriar em relação a outro.

Seldon ergueu seus supercílios cobertos olhando para Dors e disse:

- Mas algumas pessoas vestem branco, enquanto que outras vestem cinza. Isto é porque algumas pessoas são Irmãos e outras são Irmãs. - E quanto a nós?

- Você é um homem da tribo, e um hóspede. Você e a sua ...

- Fez uma pausa e depois continuou: - Você e a sua companheira não terão que se submeter a todos os aspectos da vida de Mycogen. Não obstante, sua túnica será branca, a de sua companheira será cinza, e ambos viverão em aposentos de hóspedes, que são iguais aos nossos.

- Igualdade para todos parece um belo ideal, mas o que acontece quando a sua população começa a crescer? Para usar uma expressão comum: o bolo é cortado em fatias mais finas?

- Não temos aumento de população. Isso faria com que tivéssemos de ampliar

nossa área, coisa que não iria agradar aos homens da tribo vizinhos; a alternativa seria uma queda em nosso nível de vida.

- Mas, e se ... - começou Seldon.

- É o bastante, homem da tribo - interrompeu Mestre do Sol.

- Como já avisei, não estou na obrigação de responder suas perguntas. Nosso dever, conforme foi prometido ao homem da tribo Hummin, é o de abrigá-lo em segurança, na medida em que isso não viole o nosso modo de viver. Faremos isto, mas não faremos nada mais. A curiosidade é permitida, mas a nossa paciência se esgota com facilidade quando alguém pergunta em demasia.

Algo no seu tom dava a conversa por encerrada, e Seldon emudeceu, irritado. Hummin, em sua ânsia de ajudá-lo, tinha aparentemente exagerado em seus cálculos.

Não era segurança que Seldon procurava, ou pelo menos não era apenas isso. Ele procurava informações, também; e sem isso ele não podia (e não queria) permanecer naquele lugar.

38.

Seldon olhou com certa decepção para os seus aposentos. Havia uma cozinha pequena e um banheiro também pequeno, mas ambos privativos; duas camas estreitas, dois armários de roupas, uma mesa e duas cadeiras. Em suma: todo o necessário para duas pessoas dispostas a viver juntas num espaço tão exíguo.

- Também temos cozinhas e banheiros privativos em Cinna - disse Dors, com ar de resignação.

- Pois eu não - disse Seldon. - Helicon pode ser um planeta pequeno, mas lá eu vivia numa cidade moderna, com cozinhas e banheiros comunitários. Veja só que desperdício. Pode-se admitir isto num hotel, onde se fica temporariamente, mas se o setor inteiro vive desta forma, imagine a quantidade astronômica de cozinhas e banheiros que deve existir.

- Deve ser parte da filosofia igualitária deles - comentou Dors. - Ninguém fica brigando por uma mesa mais bem situada, ou para ser atendido mais depressa. Todos desfrutam das mesmas condições.

- E não têm a menor privacidade. Não é que eu me importe em demasia com isso, mas com você talvez seja diferente, e não quero dar a impressão de estar

tirando partido das circunstâncias. Devemos explicar a eles que precisamos de quartos separados, ainda que contíguos.

- Não acredito que dê certo - disse Dors. - O espaço aqui parece ser disputadíssimo, e eles devem estar surpresos com a própria generosidade em nos fornecer hospedagem. Vamos ter que nos conformar, Hari. Já somos adultos o bastante para enfrentar este tipo de situação. Não sou mais uma garotinha tímida, e você não vai querer me convencer de que é um adolescente desajeitado.

- Você só está aqui por minha causa. - E daí? É uma aventura.

- Então está bem. Que cama você prefere? Pode ficar com a que está mais próxima do banheiro, se quiser. - Seldon sentou-se na outra cama. - E há uma outra coisa que me incomoda. Durante o tempo em que estivermos aqui seremos considerados gente da tribo, como o próprio Hummin deve ser tido entre eles. Somos de outras tribos, e não das coortes daqui de Mycogen, e a maioria das coisas deles não são de nossa conta. Mas acontece que muitas dessas coisas são de minha conta, afinal de contas foi com esta finalidade que vim para cá. Preciso ter conhecimento de algumas das coisas que estas pessoas sabem.

- Ou pensam que sabem - disse Dors com um ceticismo de historiadora. - Ouço falar que eles têm lendas cuja origem remonta até os tempos primordiais, mas não creio que isso possa ser levado a sério.

- Não podemos saber enquanto não descobrirmos que lendas são essas. Não há nenhuma documentação sobre elas, lá fora?

- Não que eu saiba. Este é um povo terrivelmente fechado em si próprio, é algo quase psicótico. O fato de que Hummin tenha conseguido superar essas barreiras, fazendo com que eles nos recebam aqui, é um feito notável... realmente notável.

Seldon ficou pensativo durante algum tempo.

- Mas deve haver algum meio de nos aproximarmos deles - falou, por fim. - Mestre do Sol ficou surpreso, e até mesmo zangado, com o fato de eu não saber que Mycogen era uma comunidade agrícola. Parece que a respeito disso, pelo menos, eles não pretendem manter segredo.

- Acontece que não é um segredo. "Mycogen" é um nome derivado de palavras arcaicas que significam "produtor de fungos, ou de fermentos"; pelo menos foi o que me disseram, não sou uma paleolingüista. Em todo caso, eles cultivam aqui todas as variedades possíveis de microalimentação: cogumelos, fermentos, algas, bactérias, fungos multicelulares etc.

- Algo bastante comum - disse Seldon. - A maior parte dos mundos tem esse

tipo de cultura. Até mesmo Helicon.

- Mas não na escala que há em Mycogen. É a especialidade deles. Usam métodos que são tão arcaicos quanto o nome de seu setor: fórmulas secretas de fertilização, influências ambientais secretas. Quem pode saber ao certo? É segredo.

- Uma comunidade fechada.

- Mas com uma compensação. O detalhe mais importante é que eles fazem uso das proteínas de modo a criar variações de sabor extremamente sutis, de tal modo que a microalimentação deles não tem semelhante em parte alguma. Eles mantêm a produção numa escala relativamente reduzida, e os preços são astronômicos. Nunca provei da comida deles, e estou certa de que você também não, mas ela é vendida em grandes quantidades para a burocracia do Império, e para as classes abastadas de outros planetas. Mycogen depende desse comércio para manter seu equilíbrio econômico, portanto é do interesse deles Que todos conheçam este setor como a origem de um produto tão valorizado. Portanto, isto não é nenhum segredo.

- Mycogen deve ser um setor muito rico, então.

- Pobres eles não são, mas desconfio que não é a riqueza material o que procuram, e sim a proteção. O governo imperial os protege porque, sem eles, não haveria esse tipo de microalimentação tão rico em sutilezas de paladar, em especiarias tão aromáticas, em pratos tão variados. Isso quer dizer que Mycogen pode persistir em seu estilo de vida, por excêntrico que seja, e encarar de igual para igual seus vizinhos, que provavelmente os acham insuportáveis. - Dors relanceou os olhos ao redor. - Eles vivem uma vida austera. Já reparei que não têm holovisão, nem filmes-livros.

- Há um na prateleira de cima do armário. - Seldon levantouse para apanhá-lo, olhou o selo na parte exterior e fez uma expressão de desapontamento. - Um livro de culinária.

Dors o tomou nas mãos e começou a mexer nos controles. Demorou algum tempo, porque o modelo era diferente dos que ela conhecia, mas ela afinal conseguiu fazer com que a tela se acendesse, e começou a examinar as páginas. Disse:

- Há algumas receitas, mas a maior parte consiste em ensaios filosóficos sobre gastronomia. - Ela revirou o filme-livro nas mãos, olhando-o de um lado e do outro. - Parece ser um modelo único, não vejo por onde ejetar o microcartão e inserir outro. Puxa ... um visor para um único livro? Isso sim, é desperdício.

- Talvez achem que esse livro é o único que é necessário.- Seldon estendeu a mão para a mesinha entre as duas camas e apanhou outro objeto. - Isto aqui pode ser um fone, só que não estou vendo a tela correspondente.

- Talvez eles achem que a voz seria o bastante.

- Sim, mas como funciona? - Seldon ergueu o objeto, olhando-o por todos os ângulos. - Já viu algo igual a isto?

- Certa vez, num museu ... se é que é o mesmo objeto. Mycogen parece ter a firme intenção de preservar costumes arcaicos. Suponho que eles veem nisso outra maneira de se isolar do que eles chamam de homens da tribo, que afinal de contas os cercam por todos os lados e em grande número. O fato de serem antiquados e excêntricos faz com que não possam ser digeridos com facilidade, por assim dizer. Existe uma lógica tortuosa por trás disso tudo.

Ainda manipulando o objeto, Seldon exclamou:

- Êpa! Parece que consegui ligá-lo, ou ele se ligou sozinho. Mas não estou escutando nada.

Dors franziu a testa e apanhou um pequeno cilindro revestido de feltro que continuava pousado sobre a mesinha. Colocou-o no ouvido e exclamou:

- Espere! Estou ouvindo uma voz aqui. Experimente. - E estendeu o cilindro a Seldon, que o apanhou e tentou ajustá-lo ao ouvido.

- Ah - disse ele -, tem um prendedor. .. Machuca um pouco a orelha, mas ... - Escutou um instante e disse: - Você pode me ouvir? Sim, este é o nosso quarto ... Não, não sei o número. Dors, tem alguma ideia do nosso número?

Há um número inscrito no fone - disse ela. - Talvez seja isso.

Vamos ver - disse Seldon, em dúvida. E falou ao fone: O número inscrito neste aparelho é 6LT-3648A. Será isto? ... Bem, como posso aprender a usar corretamente este aparelho, e também como usar a cozinha? ... O que quer dizer isto, "funcionam do modo habitual"? Isso não me adianta muito ... Olhe aqui, eu sou um ... um homem da tribo.. um hóspede. Eu não sei qual é o "modo habitual" ... Sim, desculpe o meu sotaque, mas ainda bem que você pode reconhecer o sotaque de um homem da tribo ... Meu nome é Hari Seldon.

Houve uma pausa e Seldon olhou para Dors com uma expressão de martírio no rosto.

- Ele vai verificar os registros - disse. - Sou capaz de apostar como não vai achar meu nome ... Espere. Alô? Ah, achou meu nome? Ótimo! Nesse caso, pode me dar a informação que pedi? .. Sim ... Sim ... Sim ... E como posso ligar

para alguém fora de Mycogen? .. Oh, não? E como posso entrar em contato com Mestre do Sol Catorze, por exemplo? .. Bem, então seu assistente, ou sua secretária, o que quer que seja ... Oh, oh ... Muito obrigado.

Seldon pousou o fone sobre a mesinha, desprendeu o receptor da orelha com uma certa dificuldade, desligou o aparelho e disse:

- Eles mandarão alguém para nos mostrar tudo o que precisamos aprender aqui, mas não pôde garantir quanto tempo vai demorar. Não é possível fazer chamadas para fora de Mycogen, pelo menos não neste aparelho, de modo que se precisarmos de Hummin não temos como contatá-lo. E para falar com Mestre do Sol Catorze é preciso enfrentar uma porção de formalidades ... Isto pode ser uma sociedade igualitária, mas parece haver exceções, embora eles não o queiram admitir facilmente. - Olhou seu relógio. - Em todo caso, Dors, não tenho a menor vontade de ler um livro sobre culinária, e tratados sobre gastronomia menos ainda. Meu relógio ainda está ajustado para o horário de Streeling, de modo que não sei se é dia ou noite aqui: mas o fato é que não me importo, passamos a noite inteira acordados e acho que vou dormir um pouco.

- Eu também. Estou cansada.

- Então está bem. E na primeira manhã que se apresentar depois de acordarmos vou pedir-lhes para fazer uma visita às suas microplantações.

Dors o olhou surpresa.

- Você está interessado nisso?

- Não propriamente, mas se essa é uma coisa da qual eles se orgulham, talvez estejam dispostos a falar sobre ela, e uma vez eu consiga deixá-los em ponto de conversa, usando todo o meu encanto pessoal, posso levá-los a falar sobre as suas lendas. Penso que é uma estratégia bastante hábil.

- Espero que sim - disse Dors, em tom dúbio. - Mas não sei se os mycogenianos podem ser tapeados com essa facilidade. - Veremos - disse Seldon, carrancudo. - Eu tenho que conhecer essas tais lendas.

39.

A manhã seguinte encontrou Seldon fazendo uso mais uma vez do fone: estava faminto, e zangado.

Sua tentativa de entrar em contato com Mestre do Sol Catorze foi bloqueada por

alguém que insistia: Mestre do Sol não podia ser incomodado.

- Por que não? - indagou Seldon com aspereza.

- Evidentemente não é necessário responder essa pergunta - disse a voz fria do outro lado.

- Não viemos até aqui para ficar prisioneiros - tornou Seldon. - Nem para passar fome.

- Tenho certeza de que há uma cozinha e comida suficiente à sua disposição.

- Claro que há. Só que não sei como usar os utensílios da cozinha, nem sei como preparar a comida. Vocês a comem crua? Frita? Fervida? Assada? ..

- Não posso crer que ignorem isso.

Dors, que tinha ficado andando para lá e para cá durante esse diálogo, estendeu a mão para apanhar o fone, mas Seldon a afastou, cochichando:

- Se uma mulher lhe dirigir a palavra ele desliga na hora.- E depois, para o fone: - O que você crê ou não crê não interessa. Quero que mande alguém aqui, alguém que possa fazer algo a respeito da nossa situação, ou, quando eu entrar em contato com Mestre do Sol Catorze, o que acabará acontecendo, você pagará caro.

Não obstante, duas horas se passaram antes que aparecesse alguém - e a essa altura Seldon estava num estado verdadeiramente selvagem, e Dors, à beira do desespero, tentava acalmá-lo.

O recém-chegado era um jovem cujo crânio calvo era coberto de sardas, e que provavelmente seria ruivo, em outras circunstâncias.

Trazia consigo um certo número de pequenos potes, e parecia estar a ponto de dizer algo quando subitamente assumiu um ar constrangido e virou-se de costas para Seldon.

- Homem da tribo - disse, tomado de violenta perturbação

- sua carapuça não está bem ajustada.

Seldon, cuja paciência tinha atingido os limites, retrucou: - Isso não me incomoda.

Dors interveio:

- Deixe-me ajustá-la, Hari. Está um pouco erguida aqui do lado esquerdo.

Seldon resmungou:

- Pode virar-se agora, rapaz. Como se chama?

- Meu nome é Nuvem Cinzenta Cinco - disse o mycogemano, voltando-se aos poucos e lançando um olhar esquivo na direção de Seldon. - Sou um noviço, e trouxe uma refeição para vocês.- Hesitou. - Vem da minha própria cozinha, e foi preparada pela minha mulher, homem da tribo.

Ele colocou os potes sobre a mesa; Seldon ergueu uma das tampas e cheirou o que havia dentro, com desconfiança; seu rosto se ergueu surpreso na direção de Dors.

- Sabe, o cheiro não é nada mau - disse.

- Tem razão - concordou ela. - Daqui estou sentindo.

Nuvem Cinzenta disse:

- Não está tão quente quanto deveria, devido à demora no trajeto. Creio que vocês têm louças e talheres aqui em sua cozinha.

Dors foi providenciar o necessário; e depois que terminaram de comer, o que fizeram com enorme disposição, Seldon sentiu-se outra vez um homem civilizado.

Dors tinha percebido que o rapaz não se sentiria à vontade se fosse deixado a sós com uma mulher, e menos ainda se esta lhe dirigisse a palavra; coube-lhe, portanto, a tarefa de levar os pratos sujos para a cozinha e lavá-los, assim que conseguiu decifrar os comandos da máquina de lavar.

Enquanto isso Seldon perguntou ao mycogeniano qual era a hora pelo tempo local, e ao ouvir a resposta teve um sobressalto. - Quer dizer que estamos no meio da noite?

- Sim, homem da tribo - disse Nuvem Cinzenta. - Por isso demoramos em satisfazer o seu desejo.

Seldon compreendeu então por que motivo Mestre do Sol não podia ser incomodado. Quando pensou que a mulher de Nuvem Cinzenta tinha sido acordada para preparar a refeição que ele acabara de comer, sentiu uma pontada de remorso.

- Desculpe-nos - disse. - Somos apenas gente da tribo, e não tínhamos ideia de como usar a cozinha ou preparar a comida. Poderia nos mandar alguém pela manhã, para nos explicar tudo?

- Farei o melhor possível, homem da tribo - disse Nuvem Cinzenta, com gentileza. - Vou mandar-lhes duas Irmãs. Peço-lhe perdão se lhe imponho o distúrbio de uma presença feminina, mas são elas que cuidam dessas coisas.

Dors, que acabava de retomar da cozinha, disse (antes de recordar seu papel na

sociedade mycogeniana):

- Oh, está bem assim, Nuvem Cinzenta. Teremos muito prazer em receber as Irmãs.

Nuvem Cinzenta lançou lhe um olhar de soslaio, pouco à vontade, e nada disse.

Seldon partiu do princípio de que o jovem mycogeniano se recusaria a escutar o que uma mulher lhe dizia, e repetiu a frase: - Está bem assim, Nuvem Cinzenta. Teremos muito prazer em receber as Irmãs.

A expressão do rapaz se desanuviou de imediato.

- Farei com que estejam aqui logo cedo pela manhã. Depois que Nuvem Cinzenta saiu, Seldon comentou, satisfeito:

- As Irmãs devem ser exatamente o que precisamos.

- É mesmo, Hari? E de que modo?

- Ora, é claro que se as tratarmos como seres humanos normais, elas se sentirão gratas o bastante para nos contar suas lendas. - Se é que as conhecem - tornou Dors, com ceticismo. - Não faço muita fé no tipo de educação que os mycogenianos devem proporcionar às suas mulheres.

40.

As Irmãs chegaram umas seis horas depois; Dors e Seldon tinham dormido mais um pouco, tentando ajustar seus relógios biológicos.

As Irmãs penetraram no aposento com timidez, quase nas pontas dos pés. Suas túnicas (kirtles, no dialeto mycogeniano) eram de um cinza suave e aveludado, ornadas com debrum de um cinza mais escuro. Os kirtles tinham um certo atrativo, mas sem dúvida sua função principal era a de ocultar as formas do corpo humano.

Suas cabeças eram, evidentemente, calvas; os rostos não ostentavam nenhum tipo de pintura ou enfeite. Elas lançaram olhares curiosos para os leves retoques azuis nos cantos dos olhos de Dors, e o batom avermelhado que realçava os cantos de sua boca.

Durante alguns momentos Seldon ficou imaginando como alguém poderia ter absoluta certeza de que as irmãs eram de fato irmãs.

A resposta veio de imediato, quando elas lhes endereçaram saudações formais. A voz das duas era uma mistura de chilreio e trinado, e Seldon, lembrando a voz grave de Mestre do Sol e o timbre de barítono de Nuvem

Cinzenta, suspeitou de que as mulheres, à falta de outra identificação sexual óbvia, eram forçadas a cultivar determinados tipos de voz e de maneirismos sociais.

- Sou Gota de Chuva Quarenta e Três - disse uma delas - esta é minha irmã mais nova.

- Gota de Chuva Quarenta e Cinco - disse a outra. - Existem muitas Gotas de Chuva em nossa coorte. - E deu uma risadinha espremida.

- Tenho muito prazer em conhecer vocês duas - disse Dors com gravidade -, mas agora tenho de saber como devo chamá-las. Não posso ficar apenas dizendo "Gota de Chuva", não é mesmo? - Não - disse Gota de Chuva Quarenta e Três. - Deverá usar o nome inteiro, se estivermos ambas presentes.

Seldon perguntou:

- E o que acham de dizermos apenas Quarenta e Três e Quarenta e Cinco, senhoras?

As duas lançaram um rápido olhar na direção dele, mas não disseram uma palavra.

Dors falou com suavidade:

- Deixe que eu cuido delas, Hari.

Seldon afastou-se. Não era difícil supor que ambas eram jovens solteiras e, possivelmente, não deveriam conversar com um homem. A mais velha parecia também a mais séria das duas, e era provavelmente a mais puritana. Era difícil de julgar baseando-se num contato tão rápido, mas Seldon teve essa intuição e deixou-se guiar por ela.

- Sabem, Irmãs - disse Dors -, somos gente da tribo, e não temos ideia de como se opera esta cozinha daqui.

- Então não sabe cozinhar?! - Gota de Chuva Quarenta e Três lançou lhe um olhar chocado e cheio de censura. Gota de Chuva Quarenta e Cinco reprimiu mais uma risadinha. (Seldon pensou que sua ideia inicial a respeito das duas estava correta.)

Dors prosseguiu:

- Eu já possuí uma cozinha, mas era muito diferente desta aqui. Não conheço bem que tipos de comida são estes, e não sei como prepará-los.

- É muito simples - disse Gota de Chuva Quarenta e Cinco.

- Podemos mostrar-lhe.

- Vamos preparar um almoço gostoso e nutritivo - completou Gota de Chuva Quarenta e Três. - Um bom almoço para ... vocês dois.

Ela hesitou um instante antes das últimas palavras; era-lhe necessário um visível esforço para admitir a existência de um homem.

- Se não se importam - disse Dors -, gostaria de ir até a cozinha com vocês, e gostaria que me explicassem cada detalhe. Afinal de contas, Irmãs, não posso esperar que venham aqui três vezes por dia para cozinhar para nós.

- Mostraremos tudo - repetiu Gota de Chuva Quarenta e Três, com um gesto decidido de cabeça. - No entanto, talvez seja difícil para uma mulher da tribo aprender. Talvez ela não tenha ... jeito.

- Eu tentarei - sorriu Dors.

As três desapareceram no interior da cozinha. Seldon ficou com os olhos postos nelas, e tentou planificar sua próxima estratégia de ação.

9. MICROFAZENDA

MYCOGEN - ... As microfazendas de Mycogen são lendárias, embora atualmente subsistam apenas em expressões proverbiais do tipo de "rico como as microfazendas de Mycogen", ou "saboroso como os fermentos de Mycogen". Elogios desse tipo tendem a tornar-se cada vez mais exagerados com a passagem do tempo, por certo, mas Hari Seldon visitou essas microfazendas no transcurso da Fuga, e há referências, em suas memórias, que corroboram a opinião popular ...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

41.

- Mas isto é muito bom! - disse Seldon com entusiasmo. - É muito melhor do que a comida que Nuvem Cinzenta trouxe!

Atalhou Dors calmamente:

- Você precisa levar em conta que a mulher de Nuvem Cinzenta preparou aquela refeição às pressas, e no meio da noite. - Fez uma pausa e disse: - Gostaria muito que eles dissessem esposa. Eles fazem a palavra mulher parecer um utensílio, como "minha casa" ou "meu roupão". É aviltante.

- É de dar raiva. Mas do jeito que eles falam, também a palavra esposa acabaria soando do mesmo modo. É o estilo de vida deles, e as irmãs não parecem se incomodar. Não creio que eu e você possamos modificar isso à base de reprimendas. A propósito, aprendeu a manejar a cozinha?

- Sim, e as duas fizeram tudo parecer muito simples. Não achei que pudesse guardar na memória tudo quanto elas fizeram, mas ambas insistiram em dizer que não seria necessário. Por mim, me daria por satisfeita em aprender a esquentar os pratos. Mas aprendi que o pão deles tem algum tipo de microderivado que se adiciona antes de levá-lo ao forno, um fermento que aumenta a massa e dá ao pão essa consistência suave, quebradiça ... e um leve apimentado, você notou?

- Não sei definir muito bem, mas seja lá o que for, comeria ainda muito mais. E a sopa! Reconheceu aqueles vegetais?

- Não.

- E as fatias de carne? Sabe o que era?

- Não sei nem sequer se eram de fato fatias de carne. Em Cinna temos um prato feito com carneiro que é um pouco semelhante.

- Aquilo certamente não era carneiro.

- Eu disse que não sei nem sequer se era carne. Não creio que ninguém, fora de Mycogen, desfrute de uma refeição tão sofisticada. Nem mesmo o imperador, tenho certeza. Os produtos que os mycogenianos vendem não são os melhores, sou capaz de apostar. Eles guardam o melhor para si próprios. Hari, não podemos passar muito tempo aqui. Se nos acostumarmos a comer assim, nunca mais nos conformaremos àquela comida miserável que nos dão lá fora. - E ela soltou uma gargalhada.

Seldon riu também. Tomou mais um gole do suco de frutas, que era indescritivelmente mais delicioso do que qualquer suco de frutas que já tivesse provado em sua vida; falou:

- Quando Hummin me levou para a Universidade, paramos no caminho para fazer um lanche. A comida era fortemente tratada à base de fermento, e o gosto dela ... bem, não tenho termos de comparação, mas era algo inconcebível; mas também é inconcebível que algo possa ter este sabor aqui. Gostaria que as Irmãs tivessem permanecido conosco ... o mínimo que devíamos fazer era agradecer-lhes.

- Acho que elas já sabiam qual seria a nossa reação. Falei algo sobre o cheiro delicioso da comida, quando estava sendo preparada, e elas disseram, bem confiantes, que o gosto seria ainda melhor. - A mais velha das duas disse isso, suponho.

- Sim; a mais nova deu uma risadinha. Aliás, elas voltarão aqui depois. Prometeram de trazer um kirtle, para que eu possa acompanhá-las quando forem fazer compras. E também me avisaram de que eu teria de lavar o rosto antes de sair em público. Vão me mostrar onde poderei comprar alguns kirtles de boa qualidade para mim, e também onde é possível comprar algumas refeições já prontas, de todos os tipos, pratos que precisam apenas ser esquentados. Segundo eles, uma Irmã que se respeite não recorre a isso: prepara as refeições do começo ao fim. Parte desta refeição foi apenas esquentada, e elas me pediram desculpas por isso, embora dando a entender que gente da tribo como nós não notaria muita diferença, pois não somos capazes de reconhecer uma refeição "artisticamente" preparada. A propósito. elas parecem ter como ponto pacífico que eu farei todas as compras e ficarei encarregada das tarefas domésticas.

- É como dizemos em meu planeta - riu Seldon. - "Em Trantor ... como os trantorianos."

- É, eu sabia que sua atitude seria exatamente esta. - Eu sou humano - disse ele.

- A desculpa de sempre - disse Dors, com um meio-sorriso.

Seldon recostou-se na cadeira e espreguiçou-se, invadido por uma sensação de bem-estar físico.

- Dors, você está em Trantor há dois anos, e deve entender uma porção de

coisas que fogem à minha compreensão. Diga-me: você acha que uma ordem social tão esquisita quanto a dos mycogenianos faz parte de alguma visão sobrenaturalista que eles possuam?

- Sobrenaturalista?

Sim. Já ouviu algo que a fizesse pensar assim?

- Espere. O que quer dizer com "sobrenaturalista"?

- O óbvio. A crença em entidades que são independentes das leis naturais; que não estão sujeitas à lei da conservação de energia, por exemplo, ou pela existência de uma constante de ação.

- Sei. Você está querendo saber se Mycogen é uma comunidade religiosa.

Foi a vez de Seldon. - Religiosa? ..

- Sim. É um termo arcaico, mas os historiadores ainda o empregam; nossa área é repleta de termos arcaicos. "Religioso" não é exatamente a mesma coisa que "sobrenaturalísta", embora o termo seja rico em elementos sobrenaturalistas. Mas não posso responder à pergunta que você fez, contudo, porque nunca estudei Mycogen por esse ângulo. Mesmo assim, pelo pouco que vi até agora, e pelo meu conhecimento das religiões através da História, não me surpreenderia se a sociedade de Mycogen tivesse um fundamento basicamente religioso.

- Nesse caso, ficaria surpreendida se as lendas de Mycogen também tivessem substância religiosa?

- Não. .

- E, em consequência, não se baseassem em fatos históricos?

- Uma coisa não acarreta necessariamente a outra. O essencial das lendas pode ser autenticamente histórico, mesmo com distorções e com interferências sobrenaturalistas.

- Ah - fez Seldon, e pareceu mergulhar em conjeturas. Daí a algum tempo Dors quebrou o silêncio.

- Não é algo fora do comum. Existem consideráveis elementos religiosos na cultura de vários planetas. Isso tem crescido nos últimos séculos, à medida que o Império foi se tornando mais turbulento. Em Cinna, meu planeta, pelo menos um quarto da população se compõe de triteístas.

Seldon estava mais uma vez constatando de forma dolorosa sua própria ignorância em assuntos históricos. Disse:

- Houve algum tempo no passado em que a religião teve uma proeminência maior que a de hoje?

- Certamente. Ademais, novas formas religiosas continuam brotando constantemente. A religião de Mycogen, qualquer que seja ela, pode ser

relativamente nova e por enquanto restrita a este setor. Mas eu não poderia dar uma resposta mais exata sem um estudo considerável.

- Chegamos agora a um outro ponto, Dors. Você acha que as mulheres são mais propensas à religião do que os homens?

Dors ergueu os supercílios.

- Não sei se é possível fazer uma generalização tão simplificada quanto esta - disse ela, pensativa. - Desconfio que aqueles elementos de uma população que têm menor participação no usufruto dos bens materiais tornam-se mais inclinados a procurar conforto naquilo que você chama de sobrenaturalismo: são os pobres, os deserdados, os oprimidos. Na medida em que o sobrenaturalismo se sobrepõe à religião, eles acabam se tornando religiosos. É claro, no entanto, que há exceções, em ambos os sentidos. Muitos oprimidos jamais se tornam religiosos; muitos entre os ricos e os poderosos possuem algum tipo de religião.

- Mas em Mycogen - disse Seldon -, onde as mulheres parecem ser tratadas de modo subumano ... seria possível arriscar a hipótese de que elas seriam mais religiosas do que os homens, mais envolvidas com as lendas que sua sociedade tem preservado?

- Eu não apostaria minha reputação profissional nisto - disse Dors. - Mas apostaria meu salário de uma semana. - Ótimo - disse Seldon, meditativo.

Dors sorriu para ele.

- Aí você já tem um pedaço da sua psico-história, Hari. Regra n? 47.854: os oprimidos são mais religiosos do que os satisfeitos.

Seldon balançou a cabeça.

- Não brinque com psico-história, Dors. Você sabe que o que procuro não são pequenas regras, e sim vastas generalizações, e técnicas de manipulação. Não quero estabelecer uma religiosidade comparada como o resultado de cem regras específicas. Quero algo que me permita dizer, depois de tratado por algum sistema de lógica matemática: "Aha! este grupo de pessoas tende a ser mais religioso do que aquele outro grupo, desde que os seguintes critérios sejam observados, e desde que, em consequência, quando os indivíduos forem submetidos a tais e tais estímulos reagirão de tal ou tal forma."

- Que coisa mais horrível- disse Dors. - Você descreve seres humanos como se fossem simples artefatos mecânicos. "Aperte este botão X, e você terá a resposta Y."

- Nada disso. No caso da psico-história, haverá um número incalculável de

botões sendo apertados simultaneamente e em diferentes graus, e deflagrando respostas de natureza tão variada que as previsões relativas ao futuro terão de ser de natureza forçosamente estatística, e o ser humano individual permanecerá um agente dotado de livre-arbítrio.

- Como pode saber disto?

- Não sei - disse Seldon. - Sinto que é assim. É dessa forma que, no meu entender, devem funcionar as coisas. Se eu puder formular os axiomas, as Leis Fundamentais da Humanística, por assim dizer, e o tratamento matemático adequado a elas, então terei em mãos minha psico-história. Já provei que, em teoria, isto é possível...

- Só que impraticável.

- Continuo pensando assim.

Um tímido sorriso recurvou os lábios de Dors.

- É isto que você está fazendo, Hari ... tentando encontrar alguma solução para esse problema?

- Não sei, juro que não sei. Chetter Hummin está ansioso para descobrir uma solução, e por alguma razão estou ansioso para ajudá-lo. Ele é um homem muito persuasivo.

- É, sei disso.

Seldon fingiu não ter ouvido o comentário, embora uma levíssima contração cruzasse seu rosto, mas continuou:

- Hummin afirma que o Império está em decadência, que eventualmente deverá desmoronar, que a psico-história é a nossa única esperança para salvá-lo (ou pelo menos para atenuar a gravidade de sua queda), e que sem ela a humanidade será destruída ou, na melhor das hipóteses, conhecerá um prolongado e tenebroso período de miséria. E ele coloca sobre mim a responsabilidade de evitar tudo isso. Pois bem: o Império certamente terá uma vida bem mais longa que a minha, mas se eu aspirar a uma vida tranquila preciso tirar essa responsabilidade de cima dos meus ombros. Preciso convencer a mim mesmo (e também a Hummin) de que a psico-história não é uma solução, e de que, apesar de minhas teorias, ela não pode vir a ser desenvolvida. Portanto, tenho que seguir todas as trilhas possíveis, e mostrar que todas elas são falhas.

- Trilhas? Como, por exemplo, retroceder na história, até um tempo em que a sociedade humana era muito menor do que hoje? - Muitíssimo menor. E bem menos complexa.

- E mostrar que uma solução continua sendo impraticável?

- Sim.

- Mas quem poderá descrever para você esse passado remoto?

Se os mycogenianos dispõem de algum retrato coerente da Galáxia primordial, Mestre do Sol certamente não estará disposto a revelá-lo a um homem da tribo. Nenhum mycogeniano o faria. Esta é uma sociedade fechada em si mesma, quantas vezes teremos que repetir isto? Seus membros suspeitam dos homens das tribos até o ponto de uma verdadeira paranoia. Jamais nos dirão coisa alguma.

- Então preciso descobrir algum meio de fazê-los falar. As Irmãs, por exemplo. Elas não são capazes nem sequer de ouvir um homem, assim como Mestre do Sol não me ouve. E mesmo que falem com você, o que poderão saber, senão uma pequena coleção de frase feitas?

- Preciso começar por algum lugar.

- Deixe-me pensar - disse Dors. - Hummin me pediu para protegê-lo, e para mim isso significa que devo ajudá-lo sempre que possa. Então vejamos: o que sei sobre religião? Você sabe que isso não passa nem perto da minha especialidade. Sempre lidei com forças econômicas e não forças filosóficas, mas você não pode dividir a História em unidades básicas que não se interpenetrem. Por exemplo, a religião tende a acumular riquezas quando é bem-sucedida, e isso eventualmente tende a distorcer o desenvolvimento econômico de uma sociedade ... Existe, a propósito, uma das numerosas regras da História humana que você vai ter que derivar das suas Leis da Humanística ou como lá se chame.

Mas ...

Nesse ponto a voz de Dors sumiu, e ela quedou-se pensativa.

Seldon a observava atentamente, e os olhos dela estavam vagos, como se ela estivesse profundamente mergulhada em si mesma. Por fim, ela voltou a falar:

- Não é uma regra invariável. Mas me parece que na maioria dos casos uma religião possui um livro, ou um conjunto de livros, de significado especial: livros que lhes fornecem seus rituais, sua visão da história, seus poemas sagrados, e tudo o mais. Em geral, esses livros são acessíveis a todos, e funcionam como um meio de conquistar novas conversões àquela fé. Às vezes são livros secretos.

- Acha que Mycogen tem algum livro dessa espécie?

- Para ser franca, nunca ouvi falar em nenhum, e acho que teria ouvido, caso eles existissem abertamente. Isso significa que: ou não existem ou são mantidos

em segredo. Seja qual for o caso, não me parece que você vai pôr as mãos neles.

- Mas pelo menos é um ponto de partida - disse Seldon, sem muito otimismo.

42.

As Irmãs retomaram umas duas horas depois que Hari e Dors acabaram a refeição. Estavam ambas sorridentes, e Gota de Chuva Quarenta e Três, a mais séria das duas, estendeu um kirtle cinzento para que Dors o examinasse.

- Muito interessante - disse Dors, abrindo um largo sorriso, e balançando a cabeça com uma certa sinceridade. - Gosto deste bordado aqui, é tão bem- feito ...

- Ora, não é nada - chilreou Gota de Chuva Quarenta e Cinco. É apenas uma das minhas roupas velhas, e acho que não vai cair muito bem, porque você é mais alta do que eu. Mas vai lhe servir por algum tempo, e depois nós vamos levá-la à melhor kirtleria para que você mesma escolha alguns mais adequados. Você vai ver.

Gota de Chuva Quarenta e Três tinha um sorriso nervoso nos lábios mas não dizia nada, mantendo os olhos baixos, e por fim estendeu na direção de Dors um kirtle branco, cuidadosamente dobrado. Dors nem fez menção de desdobrá-lo, e o passou direto para as mãos de Seldon.

- Pela cor posso adivinhar que este é seu, Hari.

- Provavelmente - disse ele -, mas devolva-o. Ela não o entregou a mim.

- Oh, Hari... - murmurou Dors, com um leve aceno de cabeça.

- Não - retrucou Seldon com firmeza. - Ela não o entregou a mim, e vou esperar até que ela o faça.

Dors hesitou, e fez uma tentativa vacilante de devolver o kirtle a Gota de

Chuva Quarenta e Três. A Irmã, no entanto, pôs as mãos às costas e recuou, sem um vestígio de vida no rosto. Gota de Chuva Quarenta e Cinco relanceou apenas um rapidíssimo olhar na direção de Seldon, depois postou-se ao lado da irmã e a rodeou com os braços, num gesto protetor.

- Por favor, Hari - disse Dors. - Estou certa de que as Irmãs não têm permissão para conversar com homens que não sejam seus parentes. Qual a vantagem em deixá-las assim tão constrangi das? Elas não podem fazer nada.

- Não creio - tornou Seldon, implacável. - Se existe uma tal regra, ela se aplica apenas aos Irmãos. Duvido muito de que ela já tenha encontrado um homem da tribo antes.

Com voz suave, Dors dirigiu-se a Gota de Chuva Quarenta e Três: - Já encontrou antes algum homem da tribo, Irmã, ou uma mulher da tribo?

Houve uma longa hesitação, e depois um vagaroso gesto negativo com a cabeça. Seldon fez um gesto largo com os braços:

- Está vendo? Se existe regra de silêncio, ela se aplica apenas aos Irmãos. Acha que eles teriam enviado essas jovens, estas Irmãs, para nos servirem, se houvesse algum tipo de lei as proibindo de falar comigo?

- Talvez devessem falar apenas comigo, e eu serviria de intermediária entre você e elas.

- Bobagem. Não acredito nisso, e você também não. Não sou um mero homem da tribo, sou um hóspede ilustre em Mycogen, cheguei aqui recomendado por Chetter Hummin e fui trazido por Mestre do Sol Catorze em pessoa. Não admito ser tratado corno se não existisse, e se isso acontecer vou me queixar a Mestre do Sol Catorze.

Gota de Chuva Quarenta e Cinco começou a soluçar, e Gota de Chuva Quarenta e Três, ainda que mantendo-se quase impassível, enrubesceu visivelmente.

Dors esboçou uma nova tentativa de argumentar com Seldon, mas este a silenciou com um gesto brusco e encarou Gota de Chuva Quarenta e Três com expressão ameaçadora.

Finalmente ela falou; e desta vez já não chilreava. Sua voz era rouca e trêmula, como se ela tivesse que forçar-se a articular cada palavra na direção daquele homem, e isto fosse algo totalmente contrário ao seu instinto e à sua vontade.

- Não deve se queixar a nosso respeito, homem da tribo - disse ela. - Seria uma atitude injusta. Está me forçando a infringir os costumes do meu povo. O que deseja de mim?

Seldon deu um sorriso cativante e no mesmo momento estendeu as mãos para ela:

- Quero a roupa que trouxe para mim. O kirtle.

Em silêncio, ela colocou o kirtle nas mãos de Seldon. Ele fez uma ligeira reverência e disse:

- Obrigado, Irmã. - e relanceou um breve olhar na direção de Dors, como se dissesse: está vendo? Mas Dors, zangada, afastou o olhar.

Seldon desdobrou o kirtle, que era branco e sem bordados de nenhuma espécie: aparentemente, enfeites e ornamentos eram privativos das roupas femininas. A roupa vinha acompanhada de um cinto cheio de borlas; Seldon achou que não teria dificuldade em descobrir o modo correto de usá-lo.

- Vou ao banheiro vestir esta coisa - anunciou. - Não demoro mais que um minuto, ou pelo menos assim espero.

Entrou no minúsculo banheiro e, quando tentou fechar a porta, Dors forçou a passagem para dentro, e só depois de entrar cerrou a porta.

- O que foi que você fez, Hari? - Você foi de uma grosseria imperdoável. - Por que tratou a pobre moça daquele jeito?

- Eu tinha que obrigá-la a me dirigir a palavra - retrucou Seldon com impaciência. - Preciso dela para conseguir informações, você sabe disso. Lamento ter sido um pouco cruel, mas de que outro modo poderia vencer a inibição dela?

Fez um gesto para que Dors saísse; e quando saiu do banheiro viu que ela também já tinha vestido seu kirtle. A despeito da carapuça plástica que a tornava praticamente calva, e do desalinho do kirtle, Dors estava bastante atraente. O caimento da veste delineava os contornos de seu corpo, sem exibi-lo totalmente. Seu cinto, num tom de cinza ligeiramente diferente do da roupa, mais largo que o de Seldon, era preso na parte da frente por dois colchetes adornados com brilhantes pedras azuis. "As mulheres sempre dão um jeito de ficar mais bonitas, mesmo nas condições mais adversas", pensou Seldon.

Olhando para ele, Dors comentou:

- Agora você está parecendo um mycogeniano. Acho que estamos prontos para ser levados às compras pelas Irmãs.

- Sim - disse Seldon -, mas depois disso quero que Gota de Chuva Quarenta e Três me leve a um passeio nas microfazendas.

Os olhos de Gota de Chuva Quarenta e Três se dilataram, e ela deu um passo para trás.

- Sim - prosseguiu Seldon. - Eu gostaria muito de conhecê-las.

Gota de Chuva Quarenta e Três olhou rapidamente para Dors. - Mulher da tribo ... - começou a dizer.

- Parece que não conhece nada sobre as fazendas, Irmã - interrompeu Seldon.

Isso pareceu surtir efeito: ela ergueu o queixo com altivez e falou, ainda dirigindo-se a Dors:

- Eu trabalhei nas microfazendas. Todos os Irmãos e Irmãs o fazem, numa certa altura em suas vidas.

- Então muito bem, vamos dar esse passeio - disse Seldon.

- E não vamos recomeçar a discutir. Eu não sou um Irmão com quem você é proibida de conversar e de se relacionar. Sou um homem da tribo e um convidado ilustre. Estou usando este kirtle e esta carapuça para não atrair as atenções desnecessariamente, mas sou um erudito, e vim aqui para pesquisar. Não vou ficar trancado neste quarto, olhando as paredes. Quero ver aquilo que apenas vocês possuem, em toda a Galáxia ... as suas microfazendas. Pensei que vocês teriam orgulho em mostrá-las.

- Nós temos orgulho - tornou Gota de Chuva Quarenta e Três, finalmente encarando Seldon enquanto falava. - E eu as mostrarei, e não creio que descobrirá nenhum dos nossos segredos, se é para isso que está aqui, homem da tribo. Mostrar-lhe-ei as microfazendas amanhã pela manhã. Preciso de algum tempo para combinar a visita.

- Esperarei até amanhã - disse Seldon. - Mas está prometido? Tenho sua palavra de honra?

Gota de Chuva Quarenta e Três replicou, com visível desprezo: - Eu sou uma Irmã e eu farei conforme o disse. Manterei minha palavra, ainda que dada a um homem da tribo.

Sua voz adquiriu um tom glacial ao pronunciar estas últimas frases, enquanto seus olhos se dilatavam e pareciam chamejar. Seldon tentou adivinhar o que estaria se passando em sua mente, e começou a sentir-se um tanto desconfortável.

43.

Seldon não teve uma noite tranquila. Para começar, Dors anunciou que o acompanharia na visita às microfazendas, ao que ele objetou energicamente.

- Meu propósito - disse - é fazer com que ela fale livremente, colocando-a numa situação inusitada: sozinha com um homem, mesmo se tratando de um estranho. Transgredindo seus hábitos até esse ponto fica fácil ir mais longe

ainda. Se você nos acompanhar, no entanto, ela irá se dirigir apenas a você, e eu só pegarei as sobras.

- E se algo acontecer com você durante minha ausência, como na sua ida à Superfície?

- Nada vai acontecer. Por favor, Dors. Se quiser me ajudar, mantenha-se afastada, se não, não há mais nada que possamos fazer juntos. Estou falando sério. Isto é algo importante para mim. Por mais que eu me tenha apegado a você, agora quem toma as iniciativas sou eu.

Ela concordou, ainda que com enorme relutância, e disse: - Está bem, mas prometa que não será muito duro com ela.

- É a mim ou a ela que você tem que proteger? Garanto que não fui duro com ela para me divertir, e continuarei assim.

A lembrança dessa sua primeira discussão com Dors contribuiu para mantê-lo acordado durante a maior parte da noite, juntamente com o temor de que as duas Irmãs não aparecessem na manhã seguinte, a despeito da promessa de Gota de Chuva Quarenta e Três.

Mas elas chegaram, não muito tempo depois de Seldon ter acabado um rápido desjejum (ele tinha tomado a resolução de não se permitir engordar por excesso de auto complacência). Ele já estava vestido em seu kirtle, que se ajustou perfeitamente, e tinha aprendido o modo correto de prender o cinto.

Gota de Chuva Quarenta e Três, ainda com um brilho de frieza nos olhos, disse:

- Se estiver pronto, homem da tribo Seldon, minha irmã ficará aqui em companhia da mulher da tribo Venabili.

Sua voz não soava mais como um gorjeio, nem estava rouca como quando se dirigira a ele na véspera: era como se ela tivesse passado a noite ensaiando um modo de dirigir a palavra a um homem que não era um dos Irmãos.

Seldon imaginou se ela teria passado a noite em claro, e disse: - Estou pronto.

Meia hora depois, Gota de Chuva Quarenta e Três e Seldon desciam rumo ao subsolo. Embora já fosse dia, pelo relógio, o ar tinha uma luminosidade mais mortiça do que Seldon já tinha visto em qualquer parte de Trantor.

Não havia nenhuma razão óbvia para isto, uma vez que a luz do dia artificial que lentamente percorria o planeta evidentemente abrangia também o Setor Mycogen; mas Seldon supôs que os mycogenianos talvez preferissem as coisas daquela forma, apegados a algum de seus costumes primitivos. Aos poucos, seus

olhos foram se acostumando à penumbra.

Seldon tentou encarar com naturalidade as pessoas, fossem Irmãos ou Irmãs, com quem cruzavam em seu trajeto. Considerou que ele e Gota de Chuva Quarenta e Três seriam tomados como um Irmão e sua mulher, e não atrairiam nenhuma atenção, desde que nada fizessem de insólito.

Infelizmente, Gota de Chuva Quarenta e Três parecia querer atrair os olhares. Quando falava a Seldon, proferia apenas umas poucas palavras, em voz muito baixa, e pelo canto da boca. Era visível que a companhia de um homem não pertencente à sua cultura a deixava insegura, ainda que só ela soubesse do fato. Seldon pressentiu que, se lhe dissesse para ficar tranquila, isso apenas a deixaria ainda mais tensa do que já estava. (Ele imaginou qual seria a reação dela se por acaso encontrassem alguém que a conhecesse pessoalmente; tranquilizou-se quando foram chegando aos níveis mais profundos, onde havia um número bem menor de pessoas.)

A descida não era feita através de elevadores, e sim de rampas móveis dispostas aos pares, uma subindo e a outra descendo; Gota de Chuva Quarenta e Três referia-se a elas como escaladores. Seldon não estava certo de ter ouvido corretamente a palavra, que para ele era totalmente desconhecida.

Quanto mais se aprofundavam no subsolo, mais apreensivo Seldon ia ficando. A maior parte dos planetas possuía microfazendas, e tinha suas próprias variedades de microprodutos. Em Helicon, Seldon havia ocasionalmente frequentado esses locais para comprar molhos e condimentos, e sempre encontrara o ar invadido por uma intensa mistura de odores, capazes de fazer revirar o estômago.

As pessoas que trabalhavam nas microfazendas pareciam não se incomodar com isso; mesmo os visitantes casuais, apesar de inicialmente fazerem caretas, pareciam ir-se acostumando depois de um certo tempo. Seldon, no entanto, era particularmente suscetível àquele tipo de cheiro, e nesse instante estava preparado para se deparar com ele mais uma vez; tentou se consolar pensando que fazia um nobre sacrifício, em sua busca incansável de informações - mas isso não impedia que seu estômago se contraísse, de apreensivo que estava.

Quando já tinha perdido a conta do número de andares que tinham descido, Seldon, vendo que o ar continuava razoavelmente fresco, perguntou:

- Quando chegaremos aos níveis das microfazendas?

- Já estão os neles - foi a resposta.

Ele inalou profundamente. - Não parece, pelo cheiro.

- Cheiro? O que quer dizer com isso?

Gota de Chuva Quarenta e Três pareceu ofendida o bastante para erguer a voz.

- Pela minha experiência, há sempre uma espécie de odor desagradável associado às microfazendas. Você sabe. É algo associado aos fertilizantes necessários aos fungos, bactérias, saprófitas etc.

- Pela sua experiência? - A voz dela abaixou-se novamente. - Onde foi isso?

- Em meu planeta.

O rosto da Irmã se contorceu numa careta de repugnância. - Então o seu povo vive mergulhado na gabelle!

Seldon nunca tinha escutado a palavra, mas o olhar e a entonação não deixavam dúvidas quanto ao seu significado.

- É claro que não existe esse cheiro quando os produtos são consumidos - disse ele.

- Nossos microprodutos não têm esse cheiro em momento algum - retrucou a Irmã. - Nossos biotécnicos desenvolveram espécies perfeitas. As algas crescem na luz mais pura possível, e em soluções eletrolíticas cuidadosamente equilibradas. As saprófitas são nutridas com as melhores combinações de matéria orgânica. As fórmulas e as receitas que utilizamos são algo que os homens da tribo jamais chegarão a conhecer ... Venha, chegamos. Pode respirar à vontade, e não vai achar nenhum odor desagradável. Esta é uma das razões pelas quais nossa comida é valorizada em toda a Galáxia, e o próprio imperador não se alimenta de outra coisa ... embora ela seja de muito boa qualidade para um homem da tribo, se quer minha opinião, mesmo que esse homem se auto- intitule imperador.

Havia rancor na voz dela, rancor esse que parecia dirigido contra o próprio Seldon. Em seguida, como se temesse que ele não chegasse a perceber isso, ela completou:

- Ou mesmo que ele se auto intitule um hóspede ilustre. Eles penetraram num corredor estreito: de ambos os lados havia enormes tanques com espessas paredes de vidro nos quais se agitava um líquido verde-escuro, cheio de algas que se moviam em redemoinho, impulsionadas por bolhas de gás que brotavam do fundo do tanque; ricas em dióxido de carbono, deduziu Seldon.

Uma luz forte e de coloração rósea era diretamente projetada sobre os tanques, uma luz mais intensa do que a que brilhava ao longo do corredor.

Seldon fez um breve comentário a respeito. - Claro - disse a Irmã. - As algas produzem melhor com uma luz na extremidade vermelha do espectro.

- Presumo - disse Seldon - que tudo aqui é automatizado. Ela encolheu os ombros, sem dizer nada.

- Não estou vendo um grande número de Irmãos e Irmãs por aqui - insistiu ele.

- Mesmo assim há trabalho para ser feito, e eles o executam, ainda que não os vejamos. Os detalhes não são de sua conta, homem da tribo. Não perca seu tempo fazendo perguntas.

- Calma, não se zangue. Não quero ficar sabendo seus segredos de Estado, querida.

A palavra lhe escapou sem querer, e ele teve que segurar Gota de Chuva Quarenta e Três pelo braço, pois ela pareceu a ponto de sair correndo. Estacou; Seldon percebeu o quanto estava trêmula, e soltou-a, embaraçado. Tentou reatar a conversa:

- É que tudo isto aqui dá a impressão de ser automático.

- Tenha a impressão que bem entender, mas o fato é que isto aqui é controlado por mentes humanas e decisões humanas. Todos os Irmãos e as Irmãs têm que trabalhar aqui durante algum tempo. Alguns fazem disto a sua profissão.

Ela tinha voltado a falar com naturalidade, mas Seldon notou, para aumentar seu embaraço, que a mão de Gota de Chuva Quarenta e Três esfregava disfarçadamente o ponto onde ele a havia tocado, como se a mão dele a tivesse machucado.

- Isto aqui tem quilômetros de extensão - disse ela -, mas se entrarmos neste ponto você poderá conhecer a seção dos fungos.

Seguiram em frente, e Seldon não pôde deixar de notar a limpeza que reinava no local. Os vidros reluziam. O chão de ladrilhos parecia úmido, mas quando ele se abaixou durante um breve momento para tocá-lo com a ponta dos dedos constatou que estava seco. Também não era escorregadio - a menos que suas sandálias (que, ao estilo mycogeniano, deixavam aparecer o dedão do pé) tivessem solas aderentes.

Num detalhe Gota de Chuva Quarenta e Três estava certa: aqui e ali havia um Irmão ou Irmã trabalhando em silêncio, consultando medidores, ajustando controles, às vezes dedicando-se a uma tarefa tão prosaica quanto lustrar instrumentos - mas sempre fazendo seu trabalho com intensa concentração.

Seldon teve a prudência de não perguntar que trabalho era aquele: não queria causar à Irmã a humilhação de ter de confessar que não sabia, ou o aborrecimento de ser forçada a lembrar-lhe mais uma vez que certas informações estavam vedadas a um estranho.

Cruzaram uma porta vaivém, e de súbito Seldon sentiu um leve traço do odor que recordava; olhou para Gota de Chuva Quarenta e Três mas ela não parecia

tê-lo percebido, e daí a alguns minutos também ele foi se acostumando.

A qualidade da luz, ali, era bem diferente. O tom róseo desapareceu por completo, e a intensidade era muito menor: tudo estava mergulhado em penumbra, exceto por alguns pontos da maquinaria que eram iluminados por holofotes; nesses pontos, havia invariavelmente um Irmão ou uma Irmã nas proximidades. Alguns deles usavam na testa faixas luminosas que emitiam um brilho leitoso; à distância, Seldon podia discernir, aqui e acolá, manchas luminosas que se moviam em várias direções.

Enquanto caminhavam, ele observou o perfil de Gota de Chuva Quarenta e Três, que era tudo o que ele tinha para examinar. Em qualquer outra circunstância ele não poderia deixar de estar consciente daquele crânio calvo, os olhos sem pintura, a face pálida. Aquilo diluía a individualidade dela e a tornava quase invisível; mas assim, de perfil, Seldon podia distinguir alguma coisa. O desenho do nariz e do queixo, os lábios cheios, regularidade, beleza. A luz difusa do ambiente deixava os seus contornos mais brandos, e suavizava aquele deserto liso no alto de sua cabeça.

Seldon pensou, com surpresa: ela poderia ser muito bonita, se deixasse o cabelo crescer e lhe desse um arranjo adequado.

E depois lembrou-se de que isso era impossível: ela permaneceria calva pelo resto da sua vida.

Mas por quê? Por que tinham de fazer aquilo? Mestre do Sol tinha dito que daquele modo um mycogeniano se reconheceria como tal pelo resto da vida. Que enorme importância teria isso, para que o estigma da cabeça depilada fosse aceito como uma insígnia, um traço de identidade?

Em seguida (ele tinha o hábito de argumentar em defesa de ambos os lados, ao investigar uma questão) pensou: o hábito torna-se uma segunda natureza. Se alguém se acostumar a que as cabeças sejam raspadas, a visão de um crânio peludo parecerá monstruosa, poderá mesmo provocar náuseas. Ele próprio barbeava o rosto todas as manhãs, removia com cuidado os pelos faciais, sentindo-se mal ao perceber na pele a menor aspereza; e no entanto não

considerava seu rosto "calvo" ou, de qualquer maneira, pouco natural.

É claro que poderia deixar a barba crescer a qualquer momento, se assim quisesse: mas nunca queria.

Ele sabia que havia planetas onde os homens jamais se barbeavam; em outros, nem sequer prendiam ou penteavam os cabelos, deixavam-nos apenas crescer à vontade. Como reagiriam esses homens diante de seu rosto liso, suas bochechas e seu queixo totalmente raspados?

Enquanto continuava caminhando ao lado de Gota de Chuva Quarenta e Três (ao longo de um trajeto que parecia interminável) ele notou que de vez em quando ela lhe tocava o cotovelo para indicar uma mudança de direção, e ele teve a impressão de que ela começava a se acostumar à sua presença, pois não se apressava a retirar a mão; às vezes chegava a prolongar o toque por quase um minuto.

- Venha cá - disse ela

- O que é isso? - perguntou Seldon

Tinham parado junto a uma bandeja cheia de pequenas esferas, cada qual com uns dois centímetros de diâmetro. Um Irmão que estava trabalhando nas proximidades, e que tinha acabado de colocar ali a bandeja, olhou para eles com alguma curiosidade

Gota de Chuva Quarenta e Três sussurrou para Seldorr - Peça algumas.

Seldon compreendeu que ela não poderia falar a um Irmão sem que este tivesse se dirigido a ela, e perguntou, meio insegura.

- Posso ... posso pegar algumas, Irmão?

- Sirva-se de um punhado, Irmão - respondeu o outro, amigavelmente.

Seldon tomou nos dedos uma das esferas e estava a ponto de estendê-la para

Gota de Chuva Quarenta e Três quando percebeu que ela tinha considerado o convite como extensivo a ela própria e já se apoderava de dois punhados

A esfera era macia, lustrosa. Enquanto se afastavam, Seldon perguntou à Irmã:

É para comer? - E ergueu a esfera até o nariz. - Não têm cheiro - disse ela

- E o que são?

- Guloseimas, guloseimas cruas. Para o mercado externo elas recebem sabor artificial, mas aqui em Mycogen nós a comemos assim, ao natural. .. é a melhor maneira. - Ela colocou uma na boca e disse: - Eu nunca me canso de comê-las.

Seldon levou a esfera à boca: ela se dissolveu e desapareceu rapidamente. Durante um breve instante sua boca se encheu de água e logo aquilo tudo deslizou pela sua garganta abaixo

Ele parou um instante, deslumbrado. O gosto era levemente doce, e na verdade deixava um travo agradavelmente amargo, mas a sensação principal ainda lhe escapava.

- Posso pegar outra? - pediu.

- Pegue meia-dúzia - disse Gota de Chuva Quarenta e Três, estendendo a mão. - Elas nunca têm exatamente o mesmo sabor, e praticamente não contêm calorias, somente sabor.

Ela tinha razão. Ele tentou conservar a guloseima intacta em sua boca; tentou lambê-la aos poucos; tentou arrancar-lhe um pedaço com os dentes. Mas a mais leve lambida a dissolvia, e acontecia o mesmo quando ele a partia em duas com os dentes. O sabor de cada uma era indefinível, e nunca exatamente igual ao da anterior

- O único problema - disse a Irmã, com uma voz deliciada - é que de vez em quando você experimenta uma que é absolutamente fora do comum, e você nunca a esquece, mas também jamais a reencontra. Provei uma, quando eu tinha nove anos ... - Logo sua expressão tornou-se mais séria e ela disse: - É uma boa coisa. Ensina a todos nós o quanto as coisas do mundo são efêmeras.

Para Seldon, aquilo foi como um sinal. Tinham vagueado por ali durante bastante tempo; ela tinha aos poucos se acostumado à presença dele e já estava conversando quase normalmente. Tinham chegado ao ponto que ele pretendia. Tinha que ser agora!

44.

– Eu venho de um mundo, Irmã - disse ele - onde as pessoas vivem a céu aberto, como se dá em todos os planetas, com exceção de Trantor. A chuva cai, ou não cai; os rios secam, ou se avolumam, inundando tudo; a temperatura se eleva, ou se abaixa. Isso significa que as colheitas podem ser boas ou más. Aqui, no entanto, o ambiente está sob controle total. As colheitas não têm outra possibilidade, a não ser a de serem boas. Que lugar abençoado é Mycogen.

Esperou. Havia muitas respostas possíveis, e sua linha de ação ia depender de qual delas fosse escolhida pela moça.

Ela já estava falando com certa liberdade, e parecia não ter mais inibições por estar em companhia de um homem, portanto aquele longo passeio tinha servido aos propósitos de Seldon. Ela disse'

- O ambiente não é assim tão fácil de controlar. Surgem infecções viróticas de vez em quando, e às vezes se verificam algumas mutações repentinas e indesejáveis. Há ocasiões em que colheitas inteiras definham, ou ficam imprestáveis

- Isso me surpreende. E o que sucede então?

- Em geral não há outra solução senão inutilizar as colheitas estragadas, mesmo aquelas que estão apenas sob suspeita. Os depósitos e os tanques têm que ser totalmente esterilizados em seguida, e às vezes precisam ser destruídos.

- É quase uma cirurgia - comentou Seldon. - Vocês cortam fora o tecido estragado. - Sim.

- E quais são as medidas que tomam para que isso não aconteça?

- O que podemos fazer? Fazemos testes constantes para detectar qualquer mutação que possa surgir, novos vírus que podem estar aparecendo, alguma contaminação acidental ou mudança no ambiente. Raramente detectamos algo errado, mas quando isso acontece tomamos atitudes drásticas. O resultado disso é que os anos de más colheitas são raros, e mesmo quando acontecem isso só se

dá em regiões localizadas. O pior ano que tivemos até hoje ficou apenas 12% abaixo da nossa média, embora isso já tenha sido o suficiente para acarretar dificuldades. O problema é que mesmo o planejamento mais cuidadoso e os programas de computador mais eficientes não podem prever tudo ... há sempre fatores imprevisíveis.

(Seldon sentiu um tremor percorrê-lo. Era quase como se ela estivesse a falar sobre a psico-história - mas ela estava apenas falando sobre a produção nas microfazendas de uma minúscula parte da humanidade, enquanto que ele estava tentando considerar todas as múltiplas atividades que se processavam no interior de um gigantesco Império Galáctico.)

Um tanto desanimado, ele disse:

- Nem tudo, entretanto, é imprevisível. Existem forças que nos guiam, e que tomam conta de nós.

A Irmã empertigou-se, e virou-se para ele, lançando lhe um olhar penetrante - mas tudo o que disse foi: - O quê? ...

Seldon sentiu-se pouco à vontade.

- Acho que quando falamos sobre vírus ou mutações estamos nos referindo ao mundo natural, aos fenômenos que estão sujeitos às leis naturais. E isso deixa de fora o sobrenatural, não é mesmo? Deixa de fora tudo quanto não está submetido às leis da natureza e que, em consequência, pode controlar essas leis.

Ela continuou a fitá-lo, como se de um instante para outro ele tivesse começado a falar em algum dialeto remoto e desconhecido do Padrão Galáctico; e mais uma vez disse apenas:

- O quê?

Seldon continuou, titubeando de encontro a palavras que lhe eram pouco familiares, e que o embaraçavam:

- Estou me referindo a alguma essência superior, a algum grande espírito, algum ... ora, não sei que nome dar a isso.

Gota de Chuva Quarenta e Três começou a falar, numa voz cujo registro ia se tornando cada vez mais agudo, embora permanecendo baixa:

- Eu sabia. Eu sabia que era isso que você queria dizer, mas não acreditei, não podia. Você está nos acusando de ter uma religião. Por que não disse logo? Por que não disse o que era?

Esperou uma resposta, e Seldon, um tanto confuso diante daquela investida, falou:

- Porque eu não utilizo essa palavra. Eu chamo a isto de sobrenaturalismo.

- Chame como quiser! É religião, e nós não temos isso. Religião fica para os homens da tribo, para essa esc ...

A Irmã parou e engoliu em seco, como se estivesse a ponto de sufocar, mas Seldon entendeu que era escória a palavra que ela tinha deixado incompleta.

Gota de Chuva Quarenta e Três recobrou finalmente o equilíbrio. Falando devagar, e num tom um pouco mais grave do que sua habitual voz de soprano, disse:

- Não somos um povo religioso. Nosso reino é o desta Galáxia, e foi sempre assim. Se você tem uma religião ...

Seldon se sentiu apanhado numa armadilha; não tinha contado com isto, e ergueu a mão, num gesto de defesa.

- Calma, não é bem assim. Sou um matemático, e meu reino também é o desta Galáxia. Pensei apenas, devido à rigidez dos costumes daqui, que talvez o seu reino fosse ...

- Não pense isso, homem da tribo. Se os nossos costumes são rígidos é porque somos apenas uns poucos milhões, cercados por bilhões e bilhões de estranhos. Temos que ter a nossa própria marca, seja ela qual for, para que os poucos membros do nosso povo não se percam entre essas multidões, esses formigueiros humanos. Temos que marcar a nós mesmos com nossa ausência de pelos, nossas roupas, nosso comportamento, nosso modo de vida. Temos que saber com certeza quem somos, e temos que ter certeza de que os homens da tribo saberão quem somos. Trabalhamos em nossas microfazendas para que possamos ter algum tipo de valor aos seus olhos, e com isso ter a certeza de que nos deixarão viver em paz. É tudo que pedimos ... que nos deixem viver em paz.

- Não tenho a menor intenção de fazer mal a você ou ao seu povo. O que busco é o conhecimento, aqui como em toda parte

- E por isso nos insulta ao perguntar sobre nossa religião, como se vivêssemos pedindo a algum espírito misterioso e insubstancial para fazer por nós o que nós mesmos não conseguimos.

- Existem muitos povos, muitos planetas que acreditam em sobrenaturalismo de uma forma ou de outra; religião, se prefere usar esta palavra. Podemos discordar deles, não importa como, mas é tão possível que estejamos errados em nossa descrença quanto eles em sua fé. Em todo caso, não existe vergonha alguma nesse tipo de fé, e minhas perguntas não devem ser encaradas como ofensas

Mas ela não se tinha conformado ainda.

- Religião! - disse, com voz irritada. - Não temos nenhuma necessidade disso.

A boa disposição de Seldon, que tinha diminuído visivelmente durante toda a altercação, acabou chegando ao fundo. Todo o seu plano, toda essa expedição ao lado de Gota de Chuva Quarenta e Três, tinha resultado em nada.

Ela não tinha se dado por satisfeita, e continuou:

- Nós temos algo muito melhor do que religião. Temos História.

Numa fração de segundo todo o otimismo de Seldon se recompôs por inteiro; e ele sorriu.

10. LIVRO

O CASO DA MÃO SOBRE A COXA - ... Uma ocasião citada por Hari Seldon como o primeiro ponto decisivo em sua busca de um método para desenvolver a psico-história. Infelizmente, seus textos publicados não fornecem nenhuma indicação sobre o que teria realmente sido este "caso", e as especulações feitas a este respeito (que têm sido numerosas) são infrutíferas. Este continua sendo um dos mais intrigantes mistérios relativos à carreira de Seldon.

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

45.

Gota de Chuva Quarenta e Três encarou Seldon com olhos brilhantes; sua respiração estava acelerada.

- Não posso continuar aqui - disse ela. Seldon olhou em torno.

- Ninguém está nos perturbando. Mesmo o Irmão que nos deu as guloseimas não disse nada. Ele pareceu nos considerar uma dupla de pessoas perfeitamente normal.

- É porque não há nada de estranho em nós dois, se a luz estiver fraca, se você mantiver sua voz baixa o bastante para que seu sotaque de homem da tribo não apareça, e se eu me mantiver calma. Mas agora ... - A voz dela estava mais rouca do que nunca.

O que é que há agora?

Estou nervosa, e tensa. Estou ... transpirando.

- Quem vai notar? Relaxe. Fique calma.

- Não posso relaxar, aqui. Não posso ficar calma, num lugar onde possam nos ver.

- E para onde podemos ir?

- Aqui perto existem uns aposentos que servem para repouso. Sei onde ficam, já trabalhei aqui.

Ela partiu a passo rápido e Seldon a acompanhou. Subiram uma pequena rampa e lá no alto havia uma fileira de portas, bem afastadas uma da outra. Sozinho ele jamais as teria percebido.

- Aquela ali no final - disse ela. - Se estiver livre.

O aposento estava vazio: um pequeno retângulo brilhava com os dizeres NÃO OCUPADO, e a porta estava entreaberta.

Gota de Chuva Quarenta e Três olhou para todos os lados, empurrou Seldon para dentro, e o seguiu com rapidez. Quando fechou a porta, acendeu-se uma luz no teto, iluminando o recinto. Seldon perguntou:

- O letreiro na porta indica que isto aqui está ocupado?

- Sim, automaticamente, quando a porta se fecha e a luz de dentro é acesa.

Seldon podia sentir o ar que circulava lá dentro, acompanhado de um leve

rumor; mas haveria um lugar em Trantor onde aquele som e aquela sensação não estivessem presentes?

O quarto não era espaçoso, mas tinha um leito com um colchão firme e confortável, e lençóis limpos dobrados à cabeceira. Havia uma mesa e uma cadeira, uma pequena geladeira, e algo que parecia um forno embutido, certamente destinado a aquecer refeições.

Gota de Chuva Quarenta e Três sentou-se na cadeira, muito empertigada, fazendo um visível esforço para relaxar.

Seldon, em dúvida ao que devia fazer, ficou de pé até que ela, com um gesto impaciente, o fez sentar-se na cama. Com uma voz suave, como se falasse consigo mesma, Gota de Chuva Quarenta e Três disse:

- Se um dia ficarem sabendo que eu estive aqui com um homem, mesmo sendo um homem da tribo, serei banida.

Seldon ficou de pé num salto, dizendo: - Então vamos embora.

- Sente-se. Não posso sair enquanto estiver me sentindo assim. Você esteve me perguntando sobre religião. Afinal, você está procurando o quê?

Aos olhos de Seldon, ela estava totalmente transformada. Tinha sumido toda a passividade, toda a subserviência. Não havia mais o menor sinal da timidez, da atitude retraída diante da presença masculina. Os olhos dela o encaravam, estreitos, brilhantes.

- Já lhe disse - respondeu Seldon. - Procuro o conhecimento. Sou um pesquisador. Minha profissão e meu maior desejo é o de saber. Quero saber o que são as pessoas, e para isso preciso entender a História. Em muitos planetas, os registros históricos mais antigos (estou me referindo aos registros realmente antigos) degeneraram em mitos e lendas, tornando-se, muitas vezes, parte de um conjunto de crenças religiosas ou sobrenaturais. Mas se existe uma religião em Mycogen, então ...

- Eu lhe disse que nós temos História.

- Sim, já falou isso duas vezes. Mas é antiga? Até onde alcança?

- Vinte mil anos atrás.

- É mesmo? Vamos falar com franqueza. É História mesmo, ou é algo que já se diluiu em lenda? - História verdadeira, claro.

Seldon esteve a ponto de perguntar como ela podia responder com tanta segurança, mas mudou de ideia. Haveria alguma chance de registros históricos autênticos durarem vinte mil anos? Ele não era uma historiador; teria que

perguntar a Dors.

Ao mesmo tempo, era bastante claro para ele que em cada planeta as narrativas históricas mais antigas não passavam de uma colcha de retalhos de heroísmos de encomenda, e minidramas que deviam funcionar apenas como exemplos moralizantes e não deviam ser tomados ao pé da letra. Isso acontecia em Helicon, e ainda assim dificilmente se encontraria um heliconiano que não estivesse disposto a pôr a mão no fogo pela veracidade dessas narrativas e garantir que elas representavam pura História. Eles confirmariam, por exemplo, até mesmo relatos grotescos como o da primeira exploração de Helicon e dos combates com enormes e vorazes répteis voadores - embora em nenhum mundo conhecido e colonizado por seres humanos já tivesse sido registrada a existência de répteis capazes de voar.

Portanto, ele perguntou apenas:

- E como começa essa História de vocês?

Havia algo distante nos olhos da Irmã, que não pareciam estar focalizados em Seldon ou em nada naquele aposento. Ela disse: - Começa com um mundo, o nosso mundo. O único mundo.

- Um único mundo? - Seldon recordou que Hummin tinha mencionado lendas que falavam de um único planeta de onde toda a humanidade se tinha originado.

- Sim - disse ela. - Um planeta. Vieram outros depois, mas o nosso foi o primeiro. Um planeta vasto e aberto, com muito ar, com espaço para todas as pessoas, com terras férteis, lares hospitaleiros, pessoas amistosas. Vivemos ali por milhares de anos até que um dia tivemos que partir, e começamos a nos esconder num mundo e em outro, e um dia alguns de nós conseguiram encontrar esta região em Trantor, onde aprenderam a produzir esta comida que hoje nos garante uma certa liberdade. Aqui em Mycogen, temos agora nosso próprio modo de viver, e nossos próprios sonhos.

- E essas histórias fornecem detalhes sobre esse planeta original, esse planeta único?

- Oh, sim, está tudo em um livro, e todos nós o possuímos.

Todos nós o levamos conosco o tempo inteiro, de modo que nunca há um momento em que não possamos parar, abri-lo e ler algum trecho, para que não nos esqueçamos de quem somos, de quem éramos, e de que um dia teremos o nosso mundo de volta.

- Vocês sabem onde fica esse mundo, e quem vive lá agora? Gota de Chuva Quarenta e Três hesitou, depois sacudiu a cabeça com veemência.

- Não, não sabemos, mas descobriremos um dia.

- E você tem esse livro?

- É claro.

- Posso vê-lo?

Um sorriso se espalhou pelo rosto da Irmã.

- Então é isso o que você quer - disse ela. - Eu sabia que você tinha algo em mente, quando me pediu para que eu o trouxesse sozinho para conhecer as microfazendas. - Ela parecia um pouco embaraçada. - Mas não pensei que fosse o Livro.

- É só O que quero - disse Seldon, com ardor. - Garanto-lhe que não tinha em mente nada além disso. Se você me trouxe até aqui porque pensou que ...

Ela não deixou que ele terminasse:

- Já estamos aqui, não é? Você quer ou não quer o Livro?

- Está se propondo a mostrá-lo?

- Com uma condição.

Seldon fez uma pausa, avaliando as possibilidades de se envolver em problemas mais sérios; teria ele superado as inibições da Irmã num grau muito maior do que pretendia de início? Perguntou com cautela:

- Que condição?

A língua de Gota de Chuva Quarenta e Três passou nervosamente sobre os lábios, umedecendo-os; e então ela disse, com um visível tremor na voz:

- Que você retire sua carapuça.

46.

Hari Seldon ficou parado, fitando Gota de Chuva Quarenta e Três com olhos vazios. Houve um perceptível momento em que ele não compreendeu o que ela tinha acabado de dizer: ele tinha esquecido completamente que estava usando uma carapuça na cabeça.

Um instante depois ele ergueu a mão e, pela primeira vez, teve plena consciência daquela coisa que estava usando. Era uma película lisa, mas ele a sentia ceder de leve à pressão dos dedos, denunciando a presença dos cabelos por baixo; não

muito, porque afinal de contas seu cabelo era cortado curto, e não era muito espesso.

Ele perguntou, ainda apalpando o próprio crânio: - Por quê?

E ela:

- Porque eu tenho vontade. E porque é essa a condição para que você veja o Livro.

- Bem - disse ele -, se você realmente quer ...

Sua mão tateou à procura da borda da carapuça, para retirá-la, mas a moça o interrompeu:

- Não, por favor, deixe-me ...

O olhar dela era a tal ponto faminto que Seldon abaixou a mão e disse:

- Está bem ... como quiser.

Ela ergueu-se rápida da cadeira onde estava e sentou ao lado dele na cama. Devagar, com muito cuidado, ela despregou a película plástica ao lado de sua orelha. Umedeceu novamente os lábios com a ponta da língua, e estava ofegante quando por fim ergueu toda a carapuça, virando-a pelo avesso e retirando-a do crânio de Seldon; o cabelo dele, libertado daquela pressão, ergueu-se um pouco, revolto, em desalinho.

Seldon falou, perturbado:

- Manter o cabelo embaixo disso provavelmente fez o meu couro cabeludo suar. Se for assim, meu cabelo deve estar um pouco úmido.

Ele ergueu a mão, num gesto instintivo de ajeitar os cabelos, mas ela o deteve, dizendo:

- Não, não, eu faço isso. É parte das condições.

Lentos e hesitantes, seus dedos se aproximaram, tocaram o cabelo dele, recuaram, aproximaram-se mais uma vez e, desajeitadamente, começaram a acariciá-lo.

- Está seco - disse ela. - E é ... é bom.

- Já tocou pelos cefálicos antes? - perguntou Seldon.

- Às vezes, em crianças. Mas isto ... é diferente. - Seus dedos não paravam.

- Diferente, como? - Seldon, apesar do embaraço que sentia, continuava curioso.

- Não sei dizer. É diferente, e só. Um pouco depois ele perguntou: - Está

satisfeita?

- Não. Não me apresse, por favor. Você ... pode fazê-lo inclinar-se, ficar do jeito que quiser?

- Não exatamente. Eles estão naturalmente acostumados a uma posição, mas eu precisaria de um pente para acomodá-los, e não tenho nenhum comigo.

- Um pente?

- Um objeto com dentes longos, como um garfo ... só que os dentes ficam de lado, e são mais numerosos, e feitos de um material mais suave.

- Não pode usar os dedos? - Os dedos dela corriam e corriam por entre os cabelos de Seldon.

- Até um certo ponto sim, mas não é a mesma coisa.

- Aqui atrás é bem áspero.

- Os cabelos são mais curtos aí.

Gota de Chuva Quarenta e Três pareceu lembrar-se de algo. - As sobrancelhas - disse. - Não é assim que se chamam? Ela despregou as faixas que recobriam os supercílios de Seldon e começou a correr as pontas dos dedos sobre eles, no sentido contrário aos pelos.

- É tão bom! - disse ela, e deu uma risada aguda que por um momento lembrou a Seldon as risadas da irmã mais nova. - São lindos.

Já impaciente, Seldon perguntou:

- Há mais alguma coisa que faça parte das suas condições? Na penumbra, Gota de Chuva Quarenta e Três pareceu começar um gesto afirmativo, mas não o concluiu. Em vez disso, ela levou as mãos ao nariz e começou a cheirar as pontas dos dedos. Seldon imaginou que tipo de odor ela poderia estar sentindo.

- Como é estranho - disse ela. - Posso ... posso fazer isso novamente, outro dia?

Ainda sentindo-se meio pouco à vontade, Seldon replicou: - Desde que eu

tenha o Livro comigo, para poder estudá-lo ... talvez eu consinta.

Gota de Chuva Quarenta e Três enfiou a mão em seu kirtle e, de um recesso que Seldon não tinha percebido, retirou um pequeno livro feito de um material flexível e resistente. Ele o segurou, tentando controlar sua própria excitação.

Enquanto Seldon recolocava, cheio de cuidados, a sua carapuça sobre o cabelo, Gota de Chuva Quarenta e Três ergueu mais uma vez as mãos até o rosto

e, num gesto delicado, começou a lamber as pontas dos dedos.

47.

- Ela tocou seu cabelo?

Dors Venabili olhou para o cabelo de Seldon como se estivesse também desejosa de tocá-lo, mas Seldon deu um passo de lado, afastando-se dela.

- Não, por favor - disse ele. - Aquela moça fez com que isso parecesse uma perversão.

- E provavelmente era, do ponto de vista dela. E quanto a você, que tipo de prazer sentiu?

- Prazer? Eu tive calafrios. Só quando ela acabou eu pude respirar novamente. Fiquei o tempo inteiro pensando: que outras condições ela vai impor? ..

Dors deu uma risada:

- Você teve medo de que ela quisesse fazer sexo? Teve medo ... ou uma certa esperança?

- Posso lhe assegurar que isso nem me passou pela cabeça. única coisa em que eu conseguia pensar era no Livro.

Estavam no quarto, e Dors tinha ligado o Campo de Distorção, para se assegurar de que não seriam ouvidos.

A noite de Mycogen começava a cair. Seldon tinha removido sua carapuça e o kirtle; durante o banho, tinha dado atenção especial ao cabelo, ensaboando-o e enxaguando-o duas vezes. Agora estava sentado na cama, usando uma espécie de roupão leve que tinha encontrado no armário.

Dors perguntou, com os olhos brilhando de malícia: - Ela sabia que você tem pelos no peito?

- Espero sinceramente que isso não lhe tenha ocorrido.

- Pobre Hari. Você sabe, tudo isso é perfeitamente natural. Eu provavelmente teria problemas semelhantes se ficasse a sós com um Irmão. Ou talvez pior, uma vez que ele iria acreditar (sendo a sociedade aqui o que é) que uma mulher estaria pronta para obedecer suas ordens sem vacilar.

- Não, Dors. Você pode achar que foi algo natural, mas não foi com você que aconteceu. A pobre moça estava num alto grau de excitação erótica. Ela tinha

todos os seus sentidos envolvidos na coisa ... cheirou os dedos, lambeu. Acho que se fosse possível ouvir o cabelo crescendo ela teria escutado com a maior atenção.

- Mas é justamente isso que estou considerando natural. Qualquer coisa proibida acaba ganhando uma aura de atenção sexual. Você teria algum interesse por seios de mulheres, se vivesse numa sociedade onde eles estivessem à mostra o tempo todo?

- Creio que sim.

- Mas não ficaria mais interessado ainda se eles fossem mantidos ocultos, como acontece na maior parte das sociedades? Ouça, deixe-me contar algo que aconteceu comigo certa vez. Foi num acampamento de férias à beira de um lago, em Cinna ... Presumo que vocês tenham esse tipo de coisa em Helicon ... lagos, praias, coisas assim ...

- Claro - disse Seldon, ligeiramente ofendido.- Está pensando que Helicon é o quê? Um mundo feito de rochas e montanhas, onde a única água é a que se bebe?

- Desculpe, Hari. Eu só queria ter certeza de que você iria entender o ambiente onde se passa a história. as nossas praias em Cinna nós somos muito liberais quanto ao tipo de traje que as pessoas usam ... ou não usam.

- Praias de nudistas?

- Nem tanto, se bem que qualquer pessoa poderia tirar toda a roupa sem atrair muita atenção. O normal é usar o mínimo de roupa permitido pela decência, mas devo admitir que o nosso conceito de decência deixa pouquíssimo espaço para a imaginação

- Em Helicon - disse Seldon - nossos padrões de decência são um pouco mais rigorosos.

- Sim, já percebi isso pelo modo cerimonioso como você me trata, mas afinal cada pessoa tem seus próprios padrões. Enfim: eu estava certo dia sentada à beira do lago quando se aproximou um rapaz que eu tinha conhecido naquela manhã. Era um rapaz simpático e eu não tinha visto nada de errado a seu respeito; ele sentou no braço da minha cadeira e colocou a mão direita sobre a minha coxa esquerda (que estava nua, é claro) para se apoiar.

"Depois que conversamos alguns minutos ele falou, com uma certa malícia: 'Veja como são as coisas. Nós mal nos conhecemos, e no entanto eu considero perfeitamente natural o gesto de colocar minha mão sobre a sua coxa. E mais ainda: também parece natural a você, já que não parece se incomodar muito com

o fato de eu a estar tocando."

“Foi só nesse instante que tomei consciência real de que a mão dele estava sobre minha coxa”. A visão pública do corpo nu faz com que ele perca algo de seu apelo sexual. É como eu disse: é a proibição que estimula a vontade de ver.

"E aquele rapaz sabia disso também, porque continuou: E no entanto, se nos encontrássemos numa ocasião mais formal e você estivesse usando um vestido, você nem por sonhos permitiria que eu erguesse a barra do seu vestido e colocasse minha mão exatamente neste ponto onde ela está agora. "

"Dei uma risada, e continuamos a conversar sobre outros assuntos. É claro que, depois de ter chamado a atenção sobre a sua mão na minha coxa, o rapaz deve ter começado a se sentir menos à vontade, porque logo a retirou. "

"Naquela noite, ao me vestir para o jantar, tive o cuidado de pôr uma roupa mais formal do que seria necessário, ou do que a que estaria sendo usada pelas outras mulheres. Logo encontrei o tal rapaz, que estava sentado numa das mesas do restaurante. Aproximei-me, trocamos cumprimentos, e eu lhe disse: 'Estou usando este vestido, mas por baixo dele minha coxa está nua. Dou-lhe permissão para levantar" meu vestido e colocar sua mão na minha coxa, no mesmo ponto onde ela estava hoje cedo. "

"Bem ... ele tentou, tenho que reconhecer, mas todo mundo estava olhando em nossa direção. Eu não teria feito nenhum gesto para detê-lo, assim como nenhum dos presentes; mas ele não conseguiu. O lugar onde estávamos não era mais público do que o outro, e as mesmas pessoas estavam presentes em ambas as ocasiões. Era claro para todos que eu tinha tomado a iniciativa, e de que não faria nenhuma objeção ao seu gesto, mas ele simplesmente não conseguiu quebrar seu condicionamento. As regras estabeleciam que a mão sobre a coxa durante a tarde era diferente da mão sobre a coxa à noite, e isso tinha um significado maior do que qualquer explicação lógica. "

Seldon disse:

- Eu teria posto minha mão na sua coxa.

- Tem certeza?

- Absoluta.

- Mesmo vindo de um lugar onde os padrões de decência na praia são mais rígidos do que os nossos? - Sim.

Dors sentou-se em sua própria cama, depois recostou-se, as mãos cruzadas por trás da cabeça.

- Sendo assim, você não deve estar muito perturbado por eu estar usando um roupão com quase nada por baixo.

- Eu não estou escandalizado. Quanto a estar perturbado, isso depende da conotação que você queira dar à palavra. Não há dúvida de que estou plenamente consciente de como você está vestida. - Bem, se vamos ficar trancafiados aqui por muito tempo, vamos ter que nos acostumar a esse tipo de coisa.

- Ou tirar partido delas - sorriu Seldon. - Aliás, gosto muito do seu cabelo. Principalmente depois de vê-la careca o dia todo.

- Ótimo, mas não o toque. Não o lavei ainda. - Ela semicerrou os olhos. - É interessante. Você estabeleceu uma separação entre dois níveis de respeitabilidade ... o formal e o informal. O que você está dizendo é que Helicon é mais conservador, no plano informal, do que Cinna; e menos conservador no plano formal. É isso?

- Na verdade, fiz apenas uma comparação entre mim e o rapaz que colocou a mão na sua coxa. Não sei até que ponto somos representativos dos heliconianos e dos cinnianos. Posso imaginar sem dificuldade, em ambos os planetas, indivíduos perfeitamente conservadores ... bem como outros totalmente malucos.

- O que estamos discutindo, na verdade, é a diferença entre as pressões sociais. Eu não sou uma viajante com vastos conhecimentos sobre a Galáxia, mas já tive que me envolver muito com o estudo social da História. No planeta de Derowd houve um tempo em que o sexo pré-conjugal era absolutamente livre. Relações sexuais múltiplas eram permitidas a todas as pessoas solteiras, e relações sexuais em público só eram censuradas quando atrapalhavam o trânsito nas ruas. Depois do casamento, no entanto, a monogamia, era absoluta e inviolável. A teoria deles era de que se alguém tivesse a liberdade para realizar todas as suas fantasias antes do casamento poderia depois sossegar e se dedicar a assuntos mais importantes.

- E funcionava?

- Funcionou até três séculos atrás; alguns dos meus colegas garantem que a razão para isso foram pressões externas de outros mundos que estavam perdendo muitos turistas atraídos para Derowd. Como vê, também existe uma pressão social a nível galáctico.

- Pressão econômica, no caso.

- Pode ser. Mas, continuando: trabalhando na Universidade eu tenho a chance de estudar esse tipo de pressões sociais, mesmo sem viajar pela Galáxia. Encontro pessoas de dezenas de lugares, de Trantor ou de outros mundos, e uma

das maiores diversões nos departamentos de ciências sociais é comparar as pressões sociais em diferentes lugares.

"Aqui em Mycogen, por exemplo, tenho a impressão de que o sexo é rigidamente controlado, e só é admitido sob as regras mais severas, e esse controle é ainda mais rígido devido ao fato de o tema jamais ser discutido entre as pessoas. No Setor Streeling, também nunca se fala sobre sexo, mas ele não sofre nenhum tipo de restrição. No Setor Jennat, onde certa vez passei uma semana no curso de uma pesquisa, fala-se em sexo o tempo todo, mas apenas para condenar sua prática. Não creio que haja dois setores em Trantor, ou dois mundos fora de Trantor, que cultivem exatamente as mesmas atitudes em relação ao sexo.

Seldon comentou:

- Você faz tudo isso soar de um modo engraçado, até parece que ...

- Vou lhe dizer o que parece - cortou Dors. - Toda esta conversa sobre sexo deixou clara pelo menos uma coisa. Não vou permitir que você fique fora da minha vista nem uma vez mais.

- O quê?

- Por duas vezes eu o deixei sair sozinho; a primeira por negligência de minha parte, e a segunda por insistência sua. E em ambas as vezes ficou provado que eu errei. Lembre-se do que lhe aconteceu da primeira vez.

- Sim - reagiu Seldon, indignado -, mas nada me aconteceu agora.

- Você esteve a ponto de se envolver em complicações muito sérias. Imagine só se algum mycogeniano tivesse flagrado suas estripulias sexuais com uma das Irmãs.

- Ora, vamos, não havia nada de sexual...

- Você mesmo disse que a moça estava tomada de alta excitação erótica.

- Sim, mas ...

- Foi um erro, Hari. Meta isso na sua cabeça. De agora em diante, você não vai a nenhum lugar sem mim.

- Olhe aqui - disse Seldon, com frieza -, meu objetivo era fazer alguma descoberta sobre a História de Mycogen; e o resultado disso que você chama de minhas "estripulias sexuais" foi que eu consegui um livro ... o Livro.

- Mas claro! - exclamou Dors. - Claro que sim, o Livro! Ande, onde está ele?!

Seldon estendeu o livro, que Dors revirou nas mãos, com olhar atento.

- Não acho que ele nos seja muito útil, Hari - disse ela. - Não acho que isto aqui se ajuste a nenhum tipo de projetor que eu conheça. Isso quer dizer que você vai ter que pedir um projetor mycogeniano, e eles decerto vão lhe perguntar para quê, vão descobrir que você está de posse deste Livro, e vão tomá-lo.

Seldon sorriu.

- Se as suas premissas fossem corretas, Dors, suas conclusões seriam infalíveis, mas acontece que esse aí não é o tipo de livro em que você está pensando. Não é um livro para ser projetado. O texto está impresso sobre as páginas, e as páginas são viradas, de uma em uma. Gota de Chuva Quarenta e Três me deu algumas explicações.

- Um livro impresso! - Era difícil dizer se a expressão de Dors era de pasmo ou de divertimento. - Mas isso é da Idade da Pedra! - É com certeza de uma era pré-imperial - disse Seldon -, mas não inteiramente. Você já deve ter visto um livro impresso, acho. - Sou uma historiadora, Hari. Claro que já vi.

- Ah, mas igual a este aqui?

Dors, sorrindo, abriu o livro, depois virou a página, depois outra, e mais outra.

- Está em branco - disse ela.

- Parece que está em branco. Os mycogenianos são teimosamente primitivistas, mas não de todo. Eles se apegam à essência do que é primitivo, mas não fazem questão de usar as tecnologias modernas, quando isto lhes convém. Quem sabe?

- Pode ser, mas ainda não entendi onde você quer chegar.

- As páginas não estão em branco, estão cobertas com microimpressão. Dê-me o livro. Veja. É só apertar esta pequena saliência na parte interna da capa ... Veja!

A página onde o livro estava aberto foi subitamente coberta com linhas de texto que se moviam lentamente de baixo para cima.

Seldon disse:

- Pode-se controlar a velocidade do movimento para se ajustar à nossa velocidade de leitura, é só girar o botão numa direção ou na outra. Quando as linhas do texto atingem o limite superior, ou seja, quando você já leu até a derradeira linha, elas voltam para baixo, e se desligam. Você vira a página seguinte, e continua.

- De onde vem a energia?

- Uma pequena bateria de microfusão, embutida, e sua duração é a duração do livro.

- Então, quando ela se descarrega ...

- Você joga o livro fora, o que pode acontecer até mesmo antes de a bateria se esgotar. devido ao desgaste natural; aí você consegue outro exemplar. A bateria nunca é substituída.

Dors tomou o Livro nas mãos e o olhou por todos os lados, comentando:

- Devo admitir que nunca vi nada parecido.

- Nem eu. A Galáxia, como regra geral, entrou para a cultura visual tão rapidamente que acabou saltando esta possibilidade.

- Mas isto é visual.

- Sim, mas não do ponto de vista ortodoxo. Este tipo de livro tem as suas vantagens. Ele envolve o leitor muito mais intensamente do que um livro-filme comum.

- Deixe-me ver se consigo manejá-lo - disse Dors. - Onde está mesmo o botão? .. - Ela abriu uma página ao acaso, e pôs as linhas do texto em movimento. Olhou durante algum tempo e depois disse: - Acho que isto não lhe vai ser muito útil, Hari. Não . me refiro ao livro, e sim à linguagem. Está em pré-galáctico.

- Você não pode ler? Uma historiadora ...

- Uma historiadora está habituada a lidar com línguas arcaicas, mas dentro de certos limites. Isto aqui é antigo demais para mim. Posso entender palavras isoladas aqui e ali, mas não o bastante para que me seja de alguma utilidade.

- Então está bom - disse Seldon. - Se é realmente antigo, tem algum valor.

- Não tem nenhum, se você não puder lê-lo.

- Eu posso lê-lo - disse ele. - É bilíngue. Você não acha que Gota de Chuva Quarenta e Três é capaz de ler esse texto arcaico, não é?

- Se ela tiver recebido a educação adequada, por que não?

- Porque suspeito de que em Mycogen as mulheres não recebem outro tipo de educação senão aquela que é voltada para as tarefas domésticas. Alguns dos homens mais cultos devem ser capazes de ler isto, mas a maioria precisa de uma tradução em galáctico. - Seldon apertou outro botão. - Aqui está ela.

As linhas do texto instantaneamente mudaram para palavras em padrão galáctico.

- Maravilha - disse Dors, admirada.

- Poderíamos aprender uma porção de coisas com estes mycogenianos, mas não queremos.

- Não sabíamos nada sobre isto aqui.

- Não acredito. Eu estou sabendo agora, e você também.

Algum viajante deve vir a Mycogen de vez em quando, por motivos políticos ou comerciais ... de outro modo não haveria carapuças disponíveis com tanta facilidade. Em muitas oportunidades alguém deve ter posto os olhos num destes livros e visto como funciona, mas deve ter achado que era algo apenas curioso, e que não merecia mais atenção ... apenas por ser mycogeniano.

- Será que merece tanta atenção assim?

- Claro. Tudo merece. Ou pelo menos devia merecer. Se Hummin estivesse aqui provavelmente diria que a falta de interesse a respeito destes livros é mais um sinal da decadência do Império.- Ele ergueu o Livro e prosseguiu, num rompante de entusiasmo: - Mas eu estou interessado, e eu vou ler isto aqui, e isto vai me conduzir na direção da psico-história.

- Tomara - disse Dors -, mas, se quer meu conselho, é melhor dormir primeiro e começar a estudá-lo de manhã, com a cabeça descansada. Cochilar sobre essas páginas não lhe vai ser muito útil.

Seldon hesitou, e aí disse:

- Puxa, como você é maternal.

- Estou cuidando bem de você.

- Mas eu tenho uma mãe, ela está viva, em Helicon. Gostaria mais que você fosse minha amiga.

- Tenho sido sua amiga desde o momento em que nos conhecemos.

Ela sorriu, e Seldon voltou a hesitar, incerto quanto à reação que se esperava dele; acabou dizendo:

- Então vou considerar isto um conselho amigável, e vou dormir um pouco.

Estendeu o braço para pôr o Livro na mesinha entre as duas camas, mas,

depois de uma pequena vacilação, acabou enfiando-o debaixo do travesseiro.

Dors deu uma risada muito suave.

- Acho que você está com medo de que eu acorde durante a noite e leia o Livro antes de você. Não é isso?

- Não é impossível - respondeu Seldon, procurando não demonstrar embaraço. - Mesmo a amizade tem seus limites, e isto aqui é meu Livro, e a minha psico- história.

- Estou de acordo - disse ela - e posso garantir que sobre isso não discutiremos jamais. Aliás, tive a impressão, ainda há pouco, de que você ia dizer alguma coisa, quando o interrompi. Lembra?

Seldon pensou um pouco e disse: - Não.

Depois de apagar a luz, ele pensou apenas no Livro. Não se lembrou do episódio da mão sobre a coxa. Na verdade, ele tinha esquecido a história por completo ... conscientemente, pelo menos.

48.

Dors Venabili acordou e pelo seu crono-visor percebeu que ainda era noite.

Não ouvindo O ressonar de Hari, sentiu que a cama dele estava vazia. Se não tivesse deixado o apartamento, então estaria no banheiro.

Ela bateu de leve na porta: - Hari? ..

- Pode entrar - respondeu a voz dele, num tom absorto, e ela entrou.

A tampa da privada estava descida e Seldon estava sentado sobre ela, o livro aberto ao colo. Ao ver Dors, ele disse, não sem uma certa redundância:

- Estou lendo.

- Sim, já vi. Mas por quê?

- Não consegui dormir. Sinto muito. - Mas por que ler aqui?

- Se eu acendesse a luz do quarto, iria incomodá-la. - O Livro não tem iluminação?

- Não, tenho certeza. Quando Gota de Chuva Quarenta e Três me mostrou como funcionava, em momento algum ela mencionou iluminação. Aliás, acho que isso iria requerer tanta energia que a bateria não iria durar tempo bastante para se ler todo o Livro, - A voz dele tinha um tom de desapontamento.

- Então saia um instante - disse ela. - Já que estou aqui, quero usar o banheiro.

Quando Dors retomou ao quarto, encontrou Seldon sentado na cama, as pernas cruzadas, mergulhado no Livro. A luz estava acesa. Ela comentou:

- Você não parece satisfeito. Está decepcionado com o Livro? Ele ergueu os olhos, piscando.

- De certo modo, sim. Estive lendo trechos aqui e ali ... não tive tempo para mais do que isto. A coisa parece ser uma verdadeira enciclopédia, e um índice é composto quase totalmente por uma relação de nomes de pessoas e lugares que não têm muita utilidade para mim. Não tem nada a ver com o Império Galáctico, ou mesmo com o Trantor pré-imperial. Refere-se quase que exclusivamente a um único planeta e, até onde pude examinar, é uma interminável discussão sobre política interna.

- Talvez você esteja subestimando a antiguidade dele - disse Dors. - Talvez ele se refira a um período em que havia apenas um mundo ... apenas um mundo habitado, claro.

- Sim, eu sei - tornou Seldon, impaciente. - E é exatamente isso o que espero, desde que se trate da história desse mundo, e não de meras lendas. Mas não quero me forçar a pensar que é isto simplesmente porque gostaria que fosse.

- Essa questão de um único planeta de origem tem sido muito debatida ultimamente. A humanidade é uma única espécie que se espalhou através da Galáxia, de modo que deve ter se originado em algum lugar específico. Pelo menos, essa é a versão mais aceita no momento. Não se pode ter uma mesma espécie com origens independentes entre si, em mais de um planeta.

- Não acho que esse argumento seja definitivo - disse Seldon. - Os seres humanos podem ter surgido em mundos diferentes, como espécies diferentes, e depois podem ter cruzado entre si, dando origem a uma espécie intermediária.

- Não. Espécies não podem cruzar entre si. É por isso que são consideradas espécies diferentes.

Seldon pensou um pouco, depois encolheu os ombros:

- Bem, é melhor deixar isso a cargo dos biólogos.

- São justamente eles os maiores defensores da hipótese da Terra.

- Terra? É assim que eles chamam esse mundo original?

- É a designação popular desse mundo, embora não se tenha condições de saber seu nome oficial, supondo que houvesse um. E até agora não se tem nenhuma pista quanto a sua possível localização.

- Terra! - disse Seldon, recurvando os lábios. - Para mim, soa como um arroto[{3}]. Em todo caso, se o Livro trata desse mundo original, ainda não vi nada a respeito. Como é mesmo que se soletra esse nome?

Dors soletrou a palavra e Seldon correu a verificar o índice. - Está vendo? O nome não consta do índice, nem com essa grafia nem com nenhuma variação aceitável.

- É mesmo?

- E há outros planetas que são mencionados, ainda que de passagem. Não recebem nomes, e parece não haver nenhum interesse em outros mundos a não ser na medida em que eles possam influenciar diretamente o tal mundo local ... pelo menos é o que posso deduzir do pouco que li. Há uma passagem em que eles se referem a algo denominado "Os Cinquenta". Não sei o que querem dizer. com isto. Cinquenta líderes? Cinquenta cidades? A mim me pareceram cinquenta mundos.

- Eles dão algum nome a esse seu mundo, esse mundo ao qual se referem o tempo todo? - perguntou Dors. - Se não o chamam de Terra, então como o chamam.

- Chamam-no, como seria de se esperar, "o mundo", ou "o planeta". Às vezes chamam-no "O Mais Antigo", ou "O Mundo do Amanhecer", o que deve ter uma ressonância poética que me escapa. Acho que o mais indicado seria ler o Livro do começo ao fim, e aí as coisas começariam a se ajustar e a fazer mais sentido.

- Olhou para o livro em suas mãos com aborrecimento. - O problema é que isso iria exigir muito tempo, e não estou certo de que ao final eu me veria em melhor situação.

Dors suspirou.

- Sinto muito, Hari. Você parece tão desapontado ...

- Porque estou desapontado. Talvez a culpa seja minha, não devia ter-me permitido alimentar tantas esperanças. Ah, lembrei agora ... há um determinado ponto em que eles se referem ao seu mundo como Aurora.

- Aurora? - Dors ergueu os supercílios.

- Soa como nome próprio, mas não parece fazer nenhum sentido, pelo menos até onde possa entender. Essa palavra significa algo para você, Dors?

- Aurora ... - Dors pensou alguns instantes, com a testa ligeiramente contraída. - Não posso dizer que já tenha ouvido falar em algum planeta com este nome, seja na história do Império ou durante sua formação, mas não posso saber o nome de 25 milhões de planetas. Poderíamos verificar na Biblioteca da Universidade ... se um dia pusermos os pés em Streeling novamente. Não tem sentido procurar uma biblioteca aqui em Mycogen: tenho a impressão de que

todo o conhecimento deles é o que está nesse Livro, e de que eles não estão interessados em nada que não esteja aí.

Seldon bocejou e disse:

- Acho que tem razão. Em todo caso, é inútil continuar a ler agora, e duvido que eu consiga manter meus olhos abertos por muito tempo. Tudo bem se eu quiser apagar a luz?

- Eu acharia ótimo, Hari. E de manhã podemos dormir até um pouco mais tarde.

Na escuridão, Seldon disse em voz baixa:

- Além do mais, algumas das coisas que eles dizem são ridículas. Por exemplo, eles dizem que em seu mundo havia uma expectativa de vida em torno de três ou quatro séculos.

- Séculos?

- Sim, eles calculam sua idade em termos de décadas, em vez de anos. Isso me deu uma sensação esquisita, porque a maioria das coisas que eles dizem é tão corriqueira que quando surge algo assim estranho você é quase que induzido a acreditar sem mais nem menos.

- Se você está inclinado a acreditar nisso, é bom lembrar que muitas lendas sobre épocas primitivas atribuem aos líderes desses tempos uma extrema longevidade. Você entende: se eles são descritos como incrivelmente heroicos, é de supor que a duração de suas vidas esteja à altura de suas façanhas.

- É mesmo? - bocejou Seldon novamente.

- É, sim. E o melhor remédio para uma crise aguda de credulidade é ir dormir, e voltar a analisar o assunto no dia seguinte.

E Seldon, fazendo uma pausa apenas durante o tempo necessário para pensar que uma extrema longevidade seria de fato necessária a quem quer que pretendesse compreender uma Galáxia cheia de gente, adormeceu.

49.

Na manhã seguinte, descontraído e revigorado, Seldon sentiu-se ansioso para retomar o estudo do Livro, e perguntou a Dors:

- Que idade você daria às Irmãs Gota de Chuva? - Não sei ... vinte, 22 anos?

- Bem, suponhamos que elas vivam de fato três ou quatro séculos ...

- Hari ... Isto é ridículo.

- Eu estou dizendo suponhamos. Em matemática, nós dizemos o tempo inteiro: "Suponhamos que...", e aí vemos se isso nos conduz a uma conclusão que seja obviamente falsa, ou contraditória. Uma vida média muito longa implicaria, quase certamente, um período de desenvolvimento proporcionalmente longo. Elas poderiam aparentar vinte e poucos anos e, na realidade, já ter mais de sessenta.

Você pode tentar perguntar que idade elas têm. - Pode-se pressupor que elas mentiriam.

- E se olhássemos suas certidões de nascimento?

Seldon deu um sorriso retorcido.

- Aposto o que você quiser. .. uma noite na mesma cama, se estiver disposta ... aposto qualquer coisa em que elas dirão que não mantêm esse tipo de registros ou, se o fazem, que eles são vedados aos estranhos.

- Aposta recusada - disse Dors. - Caso isto seja verdade, será inútil fazer qualquer tipo de suposição sobre a idade delas.

- Oh, não. Veja a coisa por este ângulo. Se os mycogenianos têm uma expectativa de vida anormalmente longa, quatro ou cinco vezes maior que a de outras pessoas, então eles não podem gerar muitas crianças sem expandir tremendamente sua população. Lembre-se de que Mestre do Sol disse algo sobre o não crescimento da população, e na mesma hora pareceu aborrecido e recusou-se a falar mais a esse respeito.

- Onde você quer chegar? - perguntou Dors.

- Quando eu estava com Gota de Chuva Quarenta e Três não vi nenhuma criança.

- Nas micro-fazendas? - Sim.

- Esperava encontrar crianças ali? Estive com Gota de Chuva Quarenta e Cinco nas lojas, e nos níveis residenciais, e posso lhe garantir que vi numerosas crianças, de todas as idades, inclusive bebês, embora poucos.

- Oh. - Seldon parecia mortificado. -Isso quer dizer, então, que eles não podem ter uma expectativa de vida tão longa assim. - De acordo com sua linha de argumentação, não, com certeza. Pensou realmente que seria verdade?

- Não tanto assim. Mas o fato é que não podemos ficar nos bloqueando, e

também não podemos esboçar hipóteses sem testá-las de uma maneira ou de outra.

- Isso pode significar enorme perda de tempo, se você parar para considerar seriamente certas coisas que são claramente absurdas, logo ao primeiro olhar.

- Algumas coisas parecem absurdas à primeira vista, mas não o são, e isso é tudo. Aliás, isto me lembra outra coisa. Você é a historiadora aqui; em seu trabalho já ouviu falar de certas coisas, ou certos fenômenos, chamados robôs?

- Ah! Esta é outra lenda antiga, e uma muito popular. Há um número enorme de planetas onde se fala sobre a existência, nos tempos pré-históricos, de máquinas em forma humana, chamadas robôs.

"As histórias sobre os robôs provavelmente se originam todas de uma lenda principal, porque seu tema geral é o mesmo. Os robôs foram criados, e depois foram crescendo em número e em habilidades até atingirem um status quase sobre-humano. Começaram a ameaçar a humanidade, e foram destruídos. Em todos os casos se diz que essa destruição teve lugar numa época anterior aos registros históricos hoje disponíveis. Há um certo consenso de que essa lenda é uma descrição simbólica dos riscos e dos perigos associados à exploração da Galáxia, quando os seres humanos começaram a se espalhar para longe do mundo ou dos mundos que eram seu lugar de origem. Deve ter existido sempre o medo de encontrar inteligências diferentes ... e superiores."

- Talvez tenha acontecido ao menos uma vez, e isso deu origem à lenda.

- Exceto que em nenhum mundo não ocupado pelos humanos já se descobriram traços de inteligência pré-humana, ou não-humana.

- Mas por que "robôs"? A palavra tem algum significado? Nenhum que eu saiba, mas é o equivalente a "autômato". - Autômato ... claro. Por que não dizem logo assim? -

- Porque as pessoas gostam de usar termos arcaicos, devido às ressonâncias que têm, quando narram lendas antigas. Aliás, por que pergunta isto tudo?

- Porque eles falam em robôs, neste Livro mycogeniano! E de um modo muito favorável, inclusive. Dors ... você não ia sair com Gota de Chuva Quarenta e Cinco esta tarde?

- Sim, se ela aparecer novamente.

- Poderia fazer-lhe algumas perguntas e tentar arrancar dela as respostas, se fosse o caso?

- Posso tentar. Que perguntas?

- Eu gostaria que você tentasse descobrir, tão discretamente quanto possível, se existe alguma edificação em Mycogen que seja especialmente significativa, algo que esteja ligado ao passado, que tenha algum tipo de valor mítico, e que possa ...

Dors o interrompeu, tentando não sorrir:

- Você quer saber se em Mycogen existe um templo?

E Seldon, mais uma vez, a fitou com uma expressão de absoluta perplexidade:

- Templo? O que é um templo?

- Outro termo arcaico, de origem incerta. É um lugar com todas essas conotações que você mencionou ... significação, ligação com o passado, valor mítico. Muito bem, vou perguntar. É o tipo de coisa, no entanto, que eles podem ter certas restrições para falar a respeito ... com gente da tribo, claro.

- Mesmo assim, você deve tentar.

11. SACRATORIUM

AURORA - ... Um mundo mítico, supostamente habitado nos tempos primordiais, durante as primeiras épocas do voo interestelar. Alguns julgam tratar-se do igualmente mítico "mundo original" de onde proveio a humanidade, também chamado "Terra". O povo do Setor Mycogen (q. v.) da antiga Trantor proclamava ser descendente dos habitantes de Aurora, e fazia dessa afirmativa o dogma central de seu sistema de crenças, a respeito do qual pouca coisa mais se sabe ...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

50.

As duas Gotas de Chuva chegaram por volta do meio da manhã. Gota de Chuva Quarenta e Cinco parecia jovial como sempre, mas Gota de Chuva Quarenta e Três estacou assim que transpôs o umbral da porta, com ar sério e circunspecto. Manteve os olhos baixos e não lançou na direção de Seldon mais do que um rápido olhar.

Seldon, sem saber ao certo como proceder, fez um gesto a Dors, que disse, num tom de voz ao mesmo tempo formal e acolhedor: - Esperem um momento, Irmãs. Devo dar algumas instruções ao meu homem, ou ele não saberá o que fazer durante o resto do dia.

Trancaram-se no banheiro e Dors cochichou: - Alguma coisa errada?

- Claro. Gota de Chuva Quarenta e Três está visivelmente abalada. Por favor, diga-lhe que devolverei o Livro o mais rapidamente possível.

Dors concedeu a Seldon um olhar demorado e surpreso.

- Hari - disse ela -, você é uma pessoa de excelente coração, mas seu conhecimento das pessoas não é superior ao de uma ameba. Se eu mencionar esse Livro diante da pobre moça ela no mínimo vai ter a certeza de que você me contou tudo que aconteceu ontem, e aí sim, ela vai de fato ficar abalada. A única atitude correta é tratá-la exatamente como eu o faria em circunstâncias normais.

Seldon assentiu com a cabeça e disse, desanimado: - É, suponho que você tem razão.

Dors retomou ao apartamento por volta da hora do almoço, e encontrou Seldon sentado na cama, ainda folheando o Livro, mas com uma impaciência

visivelmente maior.

Ele a encarou carrancudo e disse:

- Se vamos passar muito tempo aqui vai ser preciso conseguir algum tipo de aparelho de comunicação, para ficarmos em contato. Eu não tinha a menor ideia de quanto tempo você iria ficar fora, e já estava começando a me preocupar.

- Bem, aqui estou eu - disse Dors, removendo cuidadosamente sua carapuça e contemplando-a sem muita simpatia. - O fato de você se preocupar me deixa satisfeita. Achei que você iria estar tão mergulhado no Livro que nem chegaria a perceber minha ausência.

Seldon soltou um grunhido.

- Quanto à comunicação - prosseguiu Dors -, duvido que esses aparelhos sejam fáceis de conseguir, aqui em Mycogen. Isso poderia acarretar facilidade de comunicação com as pessoas da tribo lá de fora, e desconfio que os líderes de Mycogen estão firmemente determinados a cortar qualquer interação possível com o mundo exterior.

- Sim - concordou Seldon, pondo o Livro de lado. - Isso é de esperar, pelo que já vi neste Livro. Descobriu alguma coisa a respeito do tal... templo?

- Sim - disse ela, removendo as faixas que lhe cobriam as sobrancelhas. - Ele existe. Há um certo número deles espalhados por todo o Setor, mas há um edifício central que parece ser o mais importante. - Fez uma pausa. - Você é capaz de acreditar que uma mulher reparou nos meus cílios e veio me dizer que eu não devia ser vista em público? Tenho a impressão de que ela quis dar parte de mim por atentado ao pudor.

- Não se preocupe com isso - tornou Seldon, impaciente. - Sabe onde fica esse tal templo mais importante?

- Tenho algumas orientações, mas Gota de Chuva Quarenta e Três me avisou que as mulheres não podem entrar lá a não ser em ocasiões especiais, nenhuma das quais está prevista para breve. O local é chamado de Sacratorium.

- É chamado do quê?

- Sacratorium.

- Que nome mais horrível. O que quer dizer isso?

Dors fez um gesto negativo com a cabeça.

- É um palavra nova para mim. E nenhuma das Gotas de Chuva sabia o seu significado. Para elas, Sacratorium não é o nome dado ao prédio, é o que o prédio é. Perguntar-lhes por que é chamado assim seria mais ou menos o mesmo que perguntar-lhes por que uma parede é chamada de parede.

- Há algo que elas saibam a respeito?

- Claro, Hari. Sabem para que serve. É um lugar que é dedicado a alguma coisa diferente da vida aqui em Mycogen. É dedicado a um outro mundo, um mundo mais antigo e melhor.

- O mundo onde eles viveram um dia, é isso?

- Certo. Gota de Chuva Quarenta e Cinco quase chegou a dizer isso, mas não o conseguiu. Ela não pôde pronunciar a palavra. - Aurora?

- Isso mesmo, mas tenho a impressão de que se você dissesse isto em voz alta

diante de um grupo de mycogenianos eles se sentiriam horrorizados. Gota de Chuva Quarenta e Cinco disse: "O Sacratorium é dedicado a ... " - e aí interrompeu-se, e desenhou as letras, de uma em uma, com a ponta do dedo sobre a palma da mão. E ficou vermelhíssima, como se estivesse fazendo um gesto obsceno.

- Estranho - disse Seldon. - Se o Livro é um ponto de referência confiável, Aurora é a sua tradição mais valiosa, seu principal fator de união, o centro ao redor do qual gira toda a vida dos mycogenianos. Por que a sua menção seria considerada obscena? Tem certeza de que não entendeu maio que ela quis dizer?

- Sim, tenho. E não é nenhum mistério. O excesso de referências a esse respeito acabaria chegando aos ouvidos dos estrangeiros. A melhor maneira de manter isto como segredo entre eles próprios é considerar tabu a simples menção da palavra.

- Tabu?

- Um termo técnico de antropologia. Designa pressões sociais muito poderosas que proíbem determinadas ações. O fato de as Irmãs não serem admitidas no Sacratorium provavelmente tem o poder de um tabu. Tenho certeza de que qualquer Irmã ficaria chocada se alguém lhe pedisse para invadir aquele local.

- As indicações que você tem são suficientes para que eu possa chegar por mim mesmo ao Sacratorium?

- Em primeiro lugar, Hari, você não vai até lá sozinho. Eu vou com você. Já conversamos sobre isto e deixei bem claro que não posso protegê-lo contra mulheres perigosas. Além disso, é impraticável ir até lá caminhando. Mycogen pode ser um Setor pequeno, em relação aos demais, mas não é tão pequeno assim.

- Pode-se pegar um expressway, então.

- Não há expressway atravessando o território de Mycogen. Isso tornaria muito fácil o contato entre os mycogenianos e as pessoas da tribo. Além disso, há transportes públicos do tipo que se pode encontrar em planetas menos desenvolvidos, e é isso que é Mycogen: um pedaço de um planeta subdesenvolvido, incrustado no corpo de Trantor, que por sua vez não passa de uma colcha de retalhos de sociedades desenvolvidas. E, Hari ... procure terminar de ler o Livro o mais depressa possível. Parece evidente que Gota de Chuva Quarenta e Três está numa situação difícil enquanto ele estiver em seu poder, e mais ainda se isso vier a ser descoberto.

- Quer dizer que o fato de um estranho ler esse livro também é tabu?

- Estou certa disso.

- Bem, devolvê-lo não vai fazer muita diferença. Eu diria que 95% dele é incrivelmente maçante. São guerras intermináveis entre grupos políticos, justificativas intermináveis para linhas de ação política cujo mérito não tenho como avaliar, intermináveis sermões éticos que, mesmo quando devidamente esclarecidos (e nem sempre isso acontece) adotam um tom de donos da verdade que dá até vontade de transgredi-los,

- Pelo jeito, até parece que eu estaria lhe fazendo um favor se levasse o livro embora.

- O problema é que há 5% dele que se refere a esse misterioso planeta Aurora. Continuo achando que existe algo por trás disso tudo, e que isso me pode ser útil. Por isso estou curioso a respeito do tal Sacratorium. .

- Acha que o Sacratorium pode contribuir para esclarecer o que o Livro diz a respeito de Aurora?

- De certo modo, sim. E também estou muito interessado no que o Livro fala sobre os autômatos, ou robôs, para usar a linguagem deles. Fiquei muito interessado nesse conceito.

- Mas você com certeza não está levando isso a sério? ...

- Quase. Se você tomar ao pé da letra certas passagens do Livro, elas implicam que certos robôs eram feitos à semelhança de seres humanos.

- Naturalmente. Se você vai construir um simulacro de ser humano, você vai fazer com que ele pareça um ser humano.

- Sim, simulacro significa "semelhança", mas uma semelhança pode ser apenas esquemática. Um desenhista pode esboçar uma figura com meros traços e ainda assim você pode reconhecer nela a semelhança de uma pessoa: um círculo para a cabeça, um traço vertical para o corpo, quatro linhas oblíquas para os braços e as pernas, e pronto. Mas eu estou me referindo a robôs que se parecem realmente com seres humanos, nos mínimos detalhes.

- Isso é ridículo, Hari. Imagine o trabalho que seria necessário para modelar o metal do corpo nas proporções corretas, para sugerir as curvas da musculatura ...

- E quem falou em metal? A impressão que me ficou foi a de que esses robôs eram orgânicos, ou pseudo-orgânicos; que eram recobertos de pele, e que não era possível distingui-los com facilidade de um ser humano, fosse como fosse.

Mas o Livro diz isso?

- Não de forma tão detalhada, mas dá para inferir que ...

- É uma inferência sua, Hari. Não pode pressupor isso assim tão seriamente.

- Deixe-me tentar. Há quatro coisas que pude deduzir a partir do que o Livro diz a respeito dos robôs ... e examinei cada uma das referências do índice remissivo. Em primeiro lugar: os robôs, ou pelo menos alguns deles, tinham a aparência exata de seres humanos. Em segundo lugar: tinham uma expectativa de vida bem longa, se podemos colocar assim.

- Seria melhor dizer "durabilidade" - disse Dors. - Do contrário, vai acabar pensando neles como pessoas de verdade. - Em terceiro - continuou Seldon, ignorando seu comentário -, alguns deles, ou pelo menos um deles, permanece vivo ainda hoje.

- Hari, esta é uma das lendas mais disseminadas que existem.

O herói antigo que não morre, mas permanece em animação suspensa, pronto para retomar e salvar seu povo no momento em que for necessário ... Ora, Hari, por favor! ...

- Em quarto lugar - prosseguiu Seldon, sem se deixar convencer -, existem alguns trechos dando a entender que o templo principal, ou Sacratorium, se bem que esta palavra não conste do Livro, contém um robô. - Fez uma pausa, e depois completou: - Percebeu?

- Não - disse Dors. - Percebi o quê?

- Se combinarmos os quatro pontos, teremos um robô, com a aparência perfeita de um ser humano, e que ainda está vivo, durante, digamos ... vinte mil anos, e que está no Sacratorium.

- Ora, vamos, Hari, não vai me dizer que você acredita nisso.

- Não vou dizer que acredito de fato, mas não posso deixar de considerar esta hipótese. Suponhamos que seja verdade?! Suponhamos (está bem, eu admito, é uma chance em um milhão) que tudo isso é real... Não vê o quanto isto pode vir a ser útil? Ele pode lembrar como era a Galáxia antes dos mais antigos registros de que dispomos. Ele pode me ajudar a tornar a psico-história possível.

- Mesmo que seja verdade, acha que os mycogenianos vão permitir que você veja o robô e o entrevistado?

- Não pretendo pedir a permissão de ninguém. No mínimo, posso ir até o Sacratorium, e ver se há alguém para ser entrevistado.

- Mas não agora: amanhã, pelo menos. Se você não mudar de ideia até lá, então nós dois vamos.

- Você mesma disse que eles não permitem que as mulheres... - Eles permitem que as mulheres olhem pelo lado de fora, disso tenho certeza, e desconfio de que isso é só o que vamos conseguir.

E nesse ponto Seldon não teve como convencê-la.

51.

Seldon não fez nenhuma objeção a que Dors assumisse o comando: ela já tinha passeado pelas ruas principais de Mycogen, e estava mais familiarizada com elas do que ele próprio.

Mas Dors, com a testa franzida, não estava tão entusiasmada com essa perspectiva.

- Podemos nos perder com facilidade - avisou.

- Mas temos o mapa - disse Seldon.

Ela o fitou com impaciência.

- Lembre-se de que estamos em Mycogen, Hari. O que eu precisaria ter agora era um cômputo-mapa, algo a quem eu pudesse fazer perguntas. Essa versão mycogeniana é apenas um pedaço de plástico dobrado. Não posso dizer a isso onde estou, seja falando, seja digitando um teclado, e isso também não pode me responder nada. É uma coisa impressa.

- Então leia e veja o que diz.

- É isto que estou tentando fazer, mas foi escrito para pessoas familiarizadas com este sistema. Vamos ter que perguntar a alguém.

- Não, Dors. Apenas como último recurso. Não quero atrair a atenção de ninguém. É melhor arriscar um pouco e tentarmos descobrir o caminho por nós mesmos, mesmo que isso signifique perder o rumo uma ou duas vezes.

Dors consultou detidamente o folheto e por fim resmungou: - Vejamos ... isto dá um grande destaque ao Sacratorium. Era de se imaginar ... presumo que qualquer pessoa em Mycogen deve se dirigir para lá numa oportunidade ou noutra. - Depois de se concentrar mais um pouco, ela disse: - Ah, estou vendo. Não há como pegar um transporte daqui até lá.

- O quê?

- Não se inquiete. Ao que parece, é possível ir daqui até outro ponto, e lá

pegar. um transporte para o Sacratorium. Teremos que passar de um para o outro.

Seldon relaxou.

- Ora, naturalmente. Não se pode pegar um expressway para metade dos lugares em Trantor sem ter que trocar de trem num certo ponto.

Dors lançou um olhar impaciente na direção dele.

- Eu sei disso. O que acontece é que estou acostumada a que essas coisas me digam como proceder. Quando é preciso descobrir por nós mesmos, até as coisas mais simples demoram a ficar claras.

- Está bem, querida, não precisa se irritar. Se já sabe o caminho, vá na frente, e eu a seguirei, humildemente.

E assim fizeram os dois, até chegarem a um cruzamento, onde pararam.

Três homens vestidos em kirtles brancos e um par de mulheres em kirtles cinza estavam parados na mesma esquina. Seldon tentou endereçar a todos um sorriso abrangente mas eles apenas o fitaram com indiferença e voltaram os olhos em outra direção.

Por fim o transporte chegou. Era uma versão fora de moda daquilo que Seldon, em Helicon, teria chamado de graviônibus. Havia no seu interior uns vinte bancos estofados, cada qual com capacidade para quatro passageiros. Cada um desses bancos dava para duas portas, uma de cada lado do veículo. Quando parava, emergiam passageiros de ambos os lados. (A princípio, Seldon chegou a se preocupar com relação aos passageiros que desciam pelo lado oposto à calçada, mas então notou que os demais veículos, qualquer que fosse a direção de onde vinham, paravam ao se aproximarem do ônibus, e só o ultrapassavam quando ele estava em movimento.)

Impaciente, Dors empurrou Seldon na direção de um banco onde havia dois lugares vagos, e o seguiu logo atrás. (Seldon já havia percebido que os homens sempre entravam e saíam em primeiro lugar.)

Quando sentaram, Dors murmurou:

Pare de prestar atenção às pessoas, e fique atento ao resto.

- Vou tentar.

- Por exemplo ...

Ela apontou para um pequeno quadrado embutido no encosto do banco fronteiro, e que ficava bem diante deles. No momento em que o veículo se pôs em movimento, o quadrado iluminou-se, indicando o nome da próxima parada,

bem como os edifícios principais e as avenidas mais importantes por onde iam passando.

- Isso deve nos ajudar a descer no lugar certo - disse ela.

- Ainda bem que o Setor não é completamente bárbaro.

- Ótimo - disse Seldon. Depois, inclinando-se para Dors, ele sussurrou. - Ninguém está nos olhando. Parece que essas fronteiras artificiais servem para preservar a privacidade das pessoas em todo tipo de lugar público, não acha?

- Sempre considerei isso normal. Se está pensando em fazer disso uma das regras da psico-história, não creio que vá causar grande sensação.

Como Dors tinha previsto, a placa luminosa à frente deles anunciou pouco depois que estavam se aproximando da parada onde deveriam descer e apanhar a linha direta até o Sacratorium.

Desceram do veículo e mais uma vez tiveram que esperar; alguns ônibus tinham acabado de sair, mas não se passou muito tempo até chegar outro. Era uma linha movimentada, o que não surpreendeu a Seldon: O Sacratorium era provavelmente o centro nervoso daquele Setor.

Entraram no graviônibus e Seldon sussurrou: - Não vamos pagar?

- De acordo com o mapa - respondeu Dors -, o transporte público é gratuito.

Seldon fez uma careta, projetando o lábio inferior para a frente, e disse:

- Que coisa mais civilizada. Suponho que não há nada no mundo que não tenha seu outro lado ... nem mesmo o barbarismo, o atraso.

Mas Dors o tocou com o cotovelo e cochichou:

- Sua regra sobre a privacidade acaba de ser quebrada ... Alguém está nos observando. O homem à sua direita.

52.

Seldon voltou rapidamente o olhar naquela direção. O homem sentado à sua direita era magro, e parecia bastante idoso. Tinha olhos castanho-escuros e a pele amorenada, e Seldon teve certeza de que teria cabelos negros, não fosse a depilação.

Ele olhou novamente para a frente. Este Irmão tinha uma aparência atípica, A maioria dos Irmãos em que tinha reparado eram altos, de pele clara, e com olhos

azuis ou cinzentos. Mas é claro que ele ainda não vira um número suficiente para poder formular uma regra geral.

Então houve um leve toque na manga direita de seu kirtle. Ele voltou-se, com alguma hesitação, e se deparou com um cartão onde estava escrito: CUIDADO, HOMEM DA TRIBO.

Num gesto automático, Seldon ergueu a mão até sua carapuça, quando o seu vizinho murmurou, de forma quase inaudível:

"Cabelo!". Sua mão logo o achou - uns poucos fios que tinham escapado de sob a carapuça, à altura de sua têmpora; ele certamente a tinha deslocado com algum gesto brusco. Com rapidez, e tão disfarçadamente quanto pôde, ajeitou a carapuça, e em seguida verificou se estava firme no lugar, fazendo um gesto como se a acariciasse de modo casual.

Virando-se para seu vizinho, fez um leve gesto com a cabeça, e murmurou:

- Obrigado.

O homem sorriu e disse, num tom de voz normal:

Indo para o Sacratorium? - Sim - respondeu Seldon.

- Fácil de adivinhar. Eu também vou para lá. Quem sabe possamos ir juntos? - Seu sorriso era amigável. - Estou com a minha ... minha ...

- Sua mulher. Claro. Podemos ir os três, então?

Seldon não sabia ao certo como reagir. Um breve olhar na outra direção mostrou-lhe que Dors estava olhando direto para a frente. Não demonstrava nenhum interesse na conversa entre os dois homens - uma atitude apropriada para uma Irmã. Mas ele sentiu uma pancadinha muito suave em seu joelho esquerdo, que ele interpretou como dizendo "Está bem, Hari". Em todo caso, seu senso natural de cortesia o fez dizer:

- Claro ... sem dúvida.

Não trocaram mais nenhuma frase até que a placa luminosa anunciou que estavam chegando ao Sacratorium, e o mycogeniano ergueu-se para descer do ônibus.

O graviônibus fez uma larga volta em torno da área bastante extensa que rodeava o Sacratorium, e quando parou houve um esvaziamento quase completo do veículo, os homens descendo sempre à frente das mulheres.

A voz do mycogeniano era um tanto vacilante devido à idade, mas seu tom era jovial.

- É um pouco cedo para o almoço, meus ... amigos - disse ele -, mas creiam-me, dentro de pouco tempo isto aqui estará repleto de gente. Não gostariam de comprar um lanche leve, e comê-lo aqui fora? Conheço bem esta área, e sei de um ótimo local.

Seldon imaginou se isso seria alguma tática para atrair homens da tribo desavisados até algum lugar onde os preços seriam astronômicos; mas resolveu arriscar.

- É muito gentil - disse. - Como não conhecemos bem o local, ficaremos gratos se nos conduzir.

Compraram um lanche - sanduíches e uma bebida semelhante ao leite - num balcão ao ar livre. O velho mycogeniano sugeriu que, uma vez que era um belo dia e eles eram visitantes, poderiam ir para o interior da área do Sacratorium e

fazer seu lanche do lado de fora do edifício, para melhor admirar o ambiente.

Durante a caminhada, Seldon notou que o Sacratorium era muito parecido com o Palácio Imperial, só que em escala reduzida, isso valia também para os jardins e demais terrenos que o cercavam. Era difícil para Seldon acreditar que o povo de Mycogen tivesse algum tipo de admiração pelas instituições do Império, ou mesmo algum tipo de sentimento que não fosse de ódio e desprezo; mas aquilo levava a crer que a identificação cultural mantinha-se de pé.

- É belo - disse o mycogeniano com evidente orgulho.

- Muito - disse Seldon. - Como brilha à luz do dia!

- Os jardins em torno do palácio são construídos como uma réplica dos jardins governamentais em nosso Mundo do Amanhecer. .. em miniatura, naturalmente.

- Já viu os jardins do Palácio Imperial? - perguntou Seldon com cautela.

O mycogeniano percebeu a implicação contida na pergunta mas não se deu por achado.

- Eles também copiaram o Mundo do Amanhecer. .. tão bem quanto lhes foi possível.

Seldon teve sérias dúvidas quanto a isto, mas guardou-as para si. Chegaram até um banco semicircular feito de pedra muito branca, que rebrilhava à luz do dia, a exemplo das paredes do Sacratorium.

- Ótimo - disse o mycogeniano, com os olhos radiantes de prazer. - Ninguém ocupou meu lugar. .. Digo que é meu lugar porque este é o meu banco favorito. Daqui temos uma bela visão da parede lateral do Sacratorium, por entre as

árvores. Por favor, sentem-se. A pedra não é fria, posso assegurar-vos E sua companheira ... pode sentar-se também. É uma mulher da tribo, eu sei, e tem hábitos diferentes. Ela ... ela pode falar, caso deseje.

Dors endereçou-lhe um olhar duro e sentou-se.

Seldon, reconhecendo que deveriam permanecer mais algum tempo na companhia do velho, achou de bom alvitre estender a mão e apresentar-se:

- Eu sou Hari, e minha companheira chama-se Dors. Acho que não dispomos de números.

- A cada um ... e a cada uma o seu costume - disse o outro, com simpatia. - Eu sou Micélio Setenta e Dois. Somos uma coorte numerosa.

- Micélio? - indagou Seldon, hesitante.

- Parece surpreso? Imagino que tenha encontrado apenas membros das famílias mais antigas, das famílias dos Anciãos. Nomes como Nuvem ou Raio de Sol ou Luz das Estrelas ... nomes de origem astronômica.

- Devo admitir que ... - principiou Seldon.

- Agora - prosseguiu o outro -, está encontrando os membros das classes mais humildes. Nossos nomes são inspirados no solo, e nos micro-organismos que cultivamos. São perfeitamente respeitáveis.

- Tenho certeza disso - respondeu Seldon. - E mais uma vez, obrigado por me ajudar quando ... quando tive o meu problema no ônibus.

- Ouça - disse Micélio Setenta e Dois -, eu lhes poupei uma porção de complicações. Se uma Irmã o tivesse avistado antes de mim, sem dúvida teria

começado à gritar, e o Irmão que estivesse mais próximo o teria atirado para fora do ônibus, sem nem sequer esperar que ele parasse.

Dors inclinou-se para a frente, a fim de encarar o Irmão, do outro lado de Seldon, e perguntou:

- E por que não foi essa sua reação?

- Eu? Não guardo animosidade contra os povos da tribo. Sou um estudioso.

- Um estudioso?

- Sim, o primeiro da minha coorte. Estudei na Escola do Sacratorium, e me saí muito bem. Sou versado em todas as artes antigas, e tenho licença para frequentar a biblioteca tribal, onde estão guardados os filmes-livros e os livros dos homens da tribo. Posso ver qualquer filme-livro ou ler qualquer livro que deseje. Temos também uma biblioteca de referência toda computadorizada, e

também posso usá-la. Esse tipo de coisa alarga a nossa mente ... Não me incomodo de avistar um pouco de cabelo. Já vi inúmeras vezes imagens de homens com cabelo. E de mulheres também. - Nesse ponto ele lançou um rapidíssimo olhar para Dors.

Comeram em silêncio durante algum tempo e depois Seldon falou:

- Reparei que todo Irmão que entra ou sai do Sacratorium está usando uma faixa vermelha.

- Oh, sim - disse Micélio Setenta e Dois. - Sobre o ombro esquerdo, e ao redor do lado direito do peito, em geral cheia de belos bordados.

- Qual a razão disso?

- Nós a chamamos de obiah. Simboliza a alegria que se experimenta ao entrar no Sacratorium, e o sangue que se derrama para preservá-lo.

- Sangue?! - Dors franziu a testa.

- Apenas um símbolo, claro. Nunca vi ninguém derramar sangue verdadeiro no Sacratorium. Em todo caso, não há muita alegria aí dentro. O que há são muitas lamentações, muitos queixumes, muita gente prostrada recordando o Mundo Perdido ... - Sua voz baixou de tom. - Muito tolo.

Dors perguntou:

- Você não é ... um crente?

- Sou um estudioso - respondeu Micélio, com visível orgulho. Seu rosto cobriu- se de rugas quando ele sorriu, e pareceu ainda mais idoso. Seldon surpreendeu- se imaginando que idade o homem teria ... muitos séculos? Não, já tinha abandonado essa hipótese. Não era possível; e, no entanto... .

- Qual a sua idade? - perguntou, quase involuntariamente. Micélio Setenta e Dois não pareceu ofendido, nem teve a menor hesitação em responder: . - Sessenta e sete. Seldon insistiu:

- Disseram-me que, segundo a crença de seu povo, seus antepassados viviam vários séculos.

Micélio lançou um olhar estranho a Seldon.

- Como sabe disso? Alguém deve ter estado falando sobre o que não devia ... mas em todo caso é verdade. Existe essa crença. Somente as pessoas simplórias a levam a sério, mas os Anciãos a encorajam, porque isso reafirma a nossa superioridade. Na verdade, a nossa expectativa de vida é maior do que em outras partes, porque temos uma alimentação superior, mas mesmo cem anos é uma

idade que raramente se atinge.

- Pelo que diz, não considera os mycogenianos superiores? - perguntou Seldon.

- Não há nada errado com os mycogenianos, Inferiores eles certamente não são. Ainda assim, creio que todos os homens são iguais. Até mesmo as mulheres

- completou, olhando de través para Dors.

- Não sei - disse Seldon - se muitos dos seus patrícios concordariam com isso.

- Ou muitos dos seus - tornou Micélio Setenta e Dois, com um leve ressentimento. - Eu, contudo, acredito. Um estudioso tem essa obrigação. Já vi e já li toda a grande literatura dos homens da tribo. Entendo a sua cultura. Já escrevi artigos a respeito dela. Posso sentar aqui e conversar com vocês tão tranquilamente como se vocês fossem ... como se fossem dois de nós.

Dors interveio, num tom de leve ironia:

- Parece orgulhoso de entender os costumes dos povos da tribo, Micélio Setenta e Dois. Já viajou para fora de Mycogen?

O velho mexeu-se inquieto no banco. - Não.

- Por que não? Iria nos conhecer ainda melhor.

- Eu não me sentiria bem. Teria que usar uma peruca. Ficaria envergonhado.

- Por que uma peruca? - indagou Dors. - Poderia continuar calvo.

- Não - respondeu Micélio. - Eu não seria tolo a esse ponto. Seria maltratado pelas pessoas que têm pelos

- Maltratado? Por quê? - perguntou Dors. - Em Trantor, bem como em outros mundos, há um grande número de pessoas que são naturalmente calvas.

- Meu pai é quase totalmente calvo - interveio Seldon - e imagino que quando estiver mais idoso serei calvo também. Meu cabelo já começa a ser um tanto escasso.

- Não é a mesma coisa - disse Micélio Setenta e Dois. - Vocês cultivam cabelos nas bordas do crânio, e sobre os olhos. Eu me refiro a quem é totalmente calvo, a quem não tem nenhum pelo

- No corpo inteiro? - perguntou Dors, interessada.

Desta vez, Micélio Setenta e Dois pareceu positivamente ofendido, e não disse uma palavra.

Seldon, ansioso para reconduzir a conversa na direção original, perguntou:

- Diga-me uma coisa, Micélio Setenta e Dois: os homens da tribo podem entrar no Sacratorium, como meros assistentes?

O velho sacudiu vigorosamente a cabeça.

- Nunca. É apenas para os Filhos do Amanhecer.

- Somente os Filhos? - perguntou Dors.

Micélio pareceu chocado durante um instante, depois respondeu, num tom magnânimo:

- Está bem, vocês são pessoas da tribo ... As Filhas do Amanhecer entram aí apenas em certos dias, em certas ocasiões. É assim que deve ser. Não estou dizendo que eu aprovo tais regras. Se dependesse de mim eu diria: "Entrem, podem entrar, aproveitem, se puderem." Outros podem aproveitar isto melhor do que eu.

- Nunca entra aí?

- Quando eu era jovem, meus pais me traziam, mas ... - Ele sacudiu a cabeça. - Tudo o que havia era gente fitando o Livro e lendo passagens dele suspirando e chorando com saudade dos velhos tempos. É muito deprimente. Não se pode conversar, não se pode rir, não se pode nem sequer olhar uns para os outros. Sua mente tem que estar totalmente voltada para o Mundo Perdido; completamente. - Fez um gesto de rejeição com a mão. - Isso não é para mim. Sou um estudioso, e quero ter o mundo inteiro à minha disposição.

- Muito bem - aprovou Seldon, vendo aí uma abertura. - Também nos sentimos assim. Somos estudiosos também, tanto eu quanto Dors.

- Eu sei - disse Micélio Setenta e Dois.

- Sabe? Como?

- Tinham que sê-lo, As únicas pessoas da tribo cuja entrada é permitida em Mycogen são funcionários do Império, diplomatas, comerciantes importantes, e estudiosos ... e para mim vocês têm a aparência de estudiosos, pesquisadores. Foi isso o que me atraiu em vocês. Os semelhantes se atraem. - Ele deu uma risada de satisfação.

- Pois acertou. Sou matemático, e Dors é historiadora. E você?

- Eu sou especialista em ... cultura. Li todas as grandes obras da literatura dos povos da tribo: Lissauer, Mentone, Novigor ...

- E nós lemos as grandes obras do seu povo, Micélio. Eu já li o Livro, por exemplo ... o livro sobre o Mundo Perdido.

Os olhos de Micélio Setenta e Dois se arregalaram de surpresa, e sua pele morena empalideceu um pouco.

- Leu o Livro? Como? Onde?

- Temos exemplares em nossa Universidade, e tendo permissão é possível lê-la.

-Têm exemplares do Livro?

- Sim.

- Imagina se os Anciãos sabem disso!

Seldon prosseguiu:

E também já li sobre os robôs.

- Robôs?

- Sim. É por isso que eu gostaria de poder entrar no Sacratorium. Eu gostaria de ver o robô.

Dors tocou com a ponta do pé no tornozelo de Seldon, mas ele a ignorou.

- Não acredito nessas coisas - disse Micélio, pouco à vontade. - Pessoas instruídas não creem nisso. - Mas sua voz tinha baixado de tom, como se ele temesse ser escutado.

- Ouvi dizer - insistiu Seldon - que existe um robô no Sacratorium.

- Não quero falar sobre essas coisas absurdas - disse Micélio.

- Se houvesse de fato um robô no Sacratorium - continuou Seldon -, onde estaria ele?

- Mesmo que houvesse, eu não poderia responder. Não entro aí desde criança.

- Mas não saberia, se houvesse um lugar especial, um lugar secreto?

- O único lugar especial é o aerie dos Anciãos. Somente eles podem entrar lá, mas lá não existe nada.

Já entrou lá?

- Claro que não.

- Então como sabe?

- Eu não sei. Não sei se não existe nenhum pé de romã lá dentro. Não sei se não existe nenhum órgão a laser. Não sei se não existe um milhão de coisas lá dentro. Mas será que a minha falta de conhecimento sobre a ausência dessas coisas prova que elas estão presentes lá?

Por um instante, Seldon não encontrou o que dizer.

Um vago sorriso se sobrepôs ao rosto aborrecido de Micélio Setenta e Dois.

- Isto é um argumento de intelectual... Estão vendo, não sou um homem fácil de se lidar. Em todo caso, não o aconselho a subir até o aerie dos Anciãos. O que aconteceria a um homem da tribo que fosse apanhado ali não seria nada agradável... Bem, desejo o melhor do Amanhecer a vocês.

Sem outro aviso ele se ergueu do banco e afastou-se. Seldon ficou olhando em sua direção, surpreso.

- O que foi que o fez ir embora assim? - perguntou.

- Acho - disse Dors - que é porque vem alguém se aproximando.

E era verdade. Um homem alto, vestindo um kirtle branco de talhe elegante, cruzado por uma brilhante faixa vermelha, ricamente ornamentada, caminhava com pompa em sua direção. Tinha o ar inconfundível de um homem investido de poder e autoridade; tinha também o ar ainda mais inconfundível de um homem que não está nem um pouco satisfeito.

53.

Hari Seldon ficou de pé ao ver o novo mycogeniano aproximar-se. Não tinha a menor ideia de qual devia ser o comportamento mais adequado naquelas circunstâncias, mas teve a nítida impressão de que erguer-se não poderia prejudicá-lo em nada. Dors Venabili também se levantou, e manteve os olhos prudentemente abaixados.

O outro parou diante deles. Era um homem também idoso, mas menos desgastado pela idade do que Micélio Setenta e Dois. Os anos conferiam dignidade ao seu rosto ainda belo. Sua cabeça calva tinha um belo talhe arredondado, e seus olhos eram de um azul brilhante, que contrastava com o vermelho vivo da faixa que usava atravessada sobre o peito.

O recém-chegado disse:

- Vejo que são pessoas da tribo.

Sua voz era um pouco mais aguda do que Seldon tinha esperado, mas ele falava pausadamente, como se estivesse cônscio do peso da autoridade em cada palavra saída de sua boca.

- É o que somos - respondeu Seldon com polidez, mas em tom firme. Não via

razão para não reconhecer a posição do outro, mas também não pretendia abandonar a sua.

- Seus nomes? ..

- Eu sou Hari Seldon de Helicon, e minha companheira é Dors Venabili de Cinna. E o seu nome, homem de Mycogen? ..

Os olhos do outro se estreitaram com desagrado, mas ele também era capaz de reconhecer o tom da autoridade ao se deparar com ele.

- Eu sou Faixa do Céu Dois - disse ele, erguendo um pouco a ponta do queixo -, um dos Anciãos do Sacratorium. E a sua posição, homem da tribo?

- Nós - tornou Seldon, enfatizando o pronome - somos pesquisadores da Universidade de Streeling. Sou matemático e minha companheira é historiadora. Estamos aqui para estudar os hábitos de Mycogen.

- Com autorização de quem?

- De Mestre do Sol Catorze, que nos recebeu à chegada.

Faixa do Céu Dois ficou um instante em silêncio e então um discreto sorriso se desenhou em seu rosto, dando-lhe um ar de quase benevolência.

- O Grande Ancião - disse ele. - Eu o conheço bem.

- Temos certeza disso - falou Seldon, com brandura. - Deseja algo mais, Ancião?

- Sim. - O homem tentou recuperar a pomposidade inicial.

- Quem era o homem que estava em sua companhia e que se afastou daqui à minha aproximação?

Seldon balançou a cabeça.

- Nunca o vimos antes, Ancião, e nada sabemos a seu respeito. Nós o encontramos por acaso, e perguntamos a respeito do Sacratorium.

- O que lhe perguntaram?

- Duas perguntas apenas, Ancião. Perguntamos se este edifício era o Sacratorium, e se pessoas da tribo tinham acesso permitido ao seu interior. A resposta foi afirmativa à primeira pergunta, e negativa à segunda.

- O que é verdade. E qual a razão de seu interesse pelo Sacratorium?

- Senhor, estamos aqui para estudar os costumes de Mycogen, e o Sacratorium é o coração e a alma de Mycogen.

- É inteiramente nosso, e restrito a nós.

- Mesmo se um Ancião ... se o Grande Ancião ... nos conceder permissão para entrar, tendo em vista o nosso propósito de pesquisa?

- Devo então supor que essa permissão foi concedida?

Seldon hesitou uma fração de segundo, ao sentir que Dors erguia rapidamente os olhos e o fitava de esguelha; mas reconheceu que não poderia arriscar uma mentira dessas proporções.

- Não - disse. - Ainda não.

- E talvez nunca seja - tornou o Ancião. - Estão ambos aqui em Mycogen ao abrigo de uma autoridade, mas mesmo a mais alta autoridade não pode exercer controle total sobre o público. Nós veneramos o Sacratorium, e a população pode se irritar facilmente com a presença de estrangeiros em qualquer ponto de Mycogen ... e, com mais razão ainda, nas vizinhanças do Sacratorium. Bastaria que uma pessoa menos tolerante erguesse o grito de Invasão!, e até mesmo uma multidão pacífica como a que por aqui circula logo estaria pronta a fazê-los em pedaços ... e não estou falando em sentido figurado. Para o seu próprio bem, mesmo que o Grande Ancião os tenha tratado com cordialidade ... vão embora. Já!

- Mas o Sacratorium ... - teimou Seldon, embora Dors já o puxasse pela manga do kirtle.

- O que há no Sacratorium que possa interessá-los? - indagou o Ancião. - Já o estão vendo. Não há nada no seu interior Que lhes possa ser útil.

- Há o robô - disse Seldon.

O Ancião o fitou com uma expressão de choque e surpresa no rosto e logo, inclinando-se até seus lábios ficarem bem próximos ao ouvido de Seldon, murmurou com aspereza:

- Vá embora agora mesmo, ou eu próprio erguerei o grito de Invasão! E se não fosse pelo Grande Ancião, não lhes daria nem mesmo esta chance de sair daqui.

E Dors, demonstrando um vigor surpreendente, praticamente arrancou Seldon do chão, afastando-se a passos rápidos e puxando-o pela manga, até que ele conseguiu recobrar o equilíbrio e emparelhou o passo ao dela.

54.

Foi só na manhã seguinte durante o desjejum (e não antes disso) que Dors resolveu abordar o assunto - e de um modo que a Seldon pareceu particularmente constrangido.

- Belo fiasco, aquele de ontem - disse ela.

Seldon tinha chegado a supor que tudo aquilo poderia passar em branco, e fechou a cara.

- Fiasco por quê? - perguntou.

- Ora, fornos enxotados de lá. E em troca de quê? O que foi que ganhamos com isso?

- Ganhamos a informação de que há um robô lá dentro.

- Micélio Setenta e Dois disse que não havia.

- Claro que disse. Ele é um estudioso, ou pensa que é, e o que ele não sabe sobre o Sacratorium encheria urna biblioteca do tamanho da que ele frequenta Ora ... você viu corno o Ancião reagiu.

- Claro.

- Não reagiria daquela forma se não houvesse de fato um robô. Ficou horrorizado quando viu que sabíamos de tudo.

- Isso são apenas suposições suas, Hari. E mesmo que houvesse um robô de fato, não poderíamos entrar lá.

- Podemos tentar, quanto a isso não há dúvida. Quando terminarmos o café, vou sair e comprar uma faixa para mim, uma daquelas obiahs, como eles as chamam. Vou colocá-la, manter meus olhos piedosamente baixos, e entrar lá.

- De carapuça? Vão descobrir você em um microssegundo.

- Não, não vão. Irei primeiro para a biblioteca onde está arquivado todo o material sobre os povos da tribo; eu gostaria de examiná-lo, de qualquer forma. Da biblioteca, que é um prédio anexo ao Sacratorium, segundo presumo, deve haver com certeza alguma entrada para o Sacratorium propriamente dito ...

- Onde você vai ser apanhado em flagrante.

- De modo algum. Você ouviu o que Micélio Setenta e Dois disse. Ficam todos com os olhos baixos, meditando sobre o seu Mundo Perdido, Aurora. Ninguém encara ninguém. Proceder assim seria provavelmente uma grave quebra de disciplina. Enfim: dali, chegarei até o aerie dos Anciãos ...

- Com toda essa facilidade? ..

- Num determinado momento, Micélio Setenta e Dois me aconselhou a não subir até o aerie dos Anciãos. Subir. Deve ficar em algum ponto naquela torre do Sacratorium, a torre central.

Dors balançou a cabeça.

- Não lembro as palavras exatas que ele usou, e não acredito que você também lembre. Acho que você está partindo de bases falsas para ... Espere.

Ela se interrompeu de súbito, o rosto contraído. - Sim? .. - indagou Seldon.

- Existe um termo arcaico, aerie, que significa "ninho de águias", ou "moradia situada nas alturas".

- Aha! Está vendo? Até que aprendemos algumas coisas em consequência do nosso pequeno fiasco de ontem. E se eu encontrar lá dentro um robô com vinte mil anos de idade, e ele for capaz de me dizer ...

- Está bem, vamos supor que semelhante coisa exista, o que é mais do que incrível, e que você a encontre, o que é altamente improvável: quanto tempo você acha que terão para conversar, antes de você ser descoberto?

- Não sei, mas se eu provar que o robô existe e se conseguir encontrá-lo, então darei um jeito de falar com ele. Agora é tarde para recuar. Hummin devia ter-me deixado em paz quando eu lhe disse que era impossível estruturar a psico-história. Agora que começo a achar que é possível, nada vai me deter, a não ser que me matem.

- Os mycogenianos podem estar dispostos a fazê-lo, e você não pode correr um tal risco.

- Posso, sim. Vou tentar.

- Não, Hari. Estou aqui para protegê-lo, e não posso concordar com isso.

- Tem que concordar. Tornar a psico-história possível é algo mais importante do que minha segurança. Minha segurança é importante apenas na medida em que eu possa trabalhar na psico-história. Impeça-me de fazê-lo e sua própria tarefa perde o sentido, Dors. Pense nisto.

Hari Seldon sentia-se tomado por uma nova e vigorosa motivação. A psico-história - aquela sua nebulosa teoria que, há pouco tempo atrás, ele não tinha a menor esperança de comprovar - agigantava-se agora diante dele, tornava-se cada vez mais real. Agora, ele tinha que acreditar que era possível: sentia isso em sua própria carne, As peças começavam a ajustar-se e, embora ele ainda não conseguisse visualizar em sua totalidade as estruturas mais amplas, ainda assim tinha certeza de que o Sacratorium viria adicionar mais uma importante peça ao

quebra-cabeças.

- Então vou com você, seu idiota - disse Dors -, para poder arrancá-lo de lá quando for preciso.

- Mulheres não podem entrar.

- E o que me faz uma mulher? Somente este kirtle cinza. Você não consegue ver meus seios por baixo dele. Com a carapuça, meu cabelo é invisível. Tenho o mesmo rosto lavado e sem marcas de qualquer homem. Os homens daqui têm rostos totalmente lisos.

Tudo de que preciso é um kirtle branco e uma obiah, e posso entrar lá dentro. Qualquer Irmã poderia, se não estivesse bloqueada por um tabu ... mas não é esse o meu caso.

Quem vai bloquear você sou eu. Você não vai. É muito perigoso.

Não é mais perigoso para mim do que para você. Mas preciso correr o risco.

- Então eu também preciso. Por que seus motivos serão mais imperiosos do que os meus?

- Porque ... - começou Seldon, e parou.

- Repita uma coisa para você mesmo - prosseguiu Dors, a voz dura como rocha. - Não vou deixar você entrar naquele templo sem mim. Se você insistir, vou desacordá-lo com uma pancada e amarrá-lo na cama. Caso não goste disso, é melhor abandonar qualquer intenção de fazer essa expedição sozinho.

Seldon hesitou e apenas soltou um resmungo mal-humorado.

Decidiu suspender a discussão, pelo menos por enquanto.

55.

O céu estava quase sem nuvens, mas era de um azul pálido, como se lá no alto houvesse uma névoa muito rarefeita a diluir sua cor. Isso era um toque delicado e sutil, pensou Seldon, mas de repente ele se surpreendeu com saudade de um sol verdadeiro. Ninguém em Trantor avistava o sol do planeta, a menos que subisse à Superfície, e mesmo assim numa ocasião em que a camada de nuvens permitisse.

E quanto aos trantorianos nativos? Sentiriam falta do sol? Pensariam nisso em alguma ocasião? Quando algum deles visitava um mundo aquecido por um

sol natural, ficaria parado, a contemplar aquilo com olhos meio cegos, cheios de espanto?

Por que, pensava ele, tantas pessoas passavam suas vidas inteiras sem procurar respostas para tantas perguntas possíveis - e até mesmo sem perceber a existência dessas perguntas? Haveria algo mais excitante no mundo do que procurar respostas?

Seu olhar desceu até o nível do chão. A larga avenida era ladeada por edifícios baixos, a maioria deles funcionando como lojas. Inúmeros carros individuais moviam-se em ambas as direções, todos observando a mão do trânsito pela direita. Parecia uma coleção de antiguidades, mas todos eram movidos a energia elétrica, e se deslocavam quase sem produzir ruído. Seldon pôs-se a imaginar se "antiguidade" seria sempre um termo pejorativo. Aquele silêncio seria a compensação pela pouca velocidade dos carros? A rapidez seria, afinal, uma coisa tão fundamental assim?

Havia um grande número de crianças caminhando pelas calçadas, e os lábios de Seldon se contraíram num leve esgar de aborrecimento. Era evidente que os mycogenianos não poderiam ter uma estimativa de vida anormalmente longa ... a menos que estivessem dispostos a recorrer ao infanticídio. As crianças de ambos os sexos (embora fosse difícil distinguir meninos e meninas) usavam kirtles que vinham apenas um pouco abaixo do joelho, o que contribuía para a incansável atividade física típica da infância.

As crianças ainda mantinham seu cabelo, aparado até mais ou menos uma polegada de comprimento; mas ainda assim as mais velhas entre elas traziam capuzes presos aos kirtles e os usavam puxados sobre a cabeça, escondendo o alto do crânio. Era como se já fossem crescidos o bastante para que seu cabelo começasse a parecer obsceno - ou já se sentissem na idade de querer ocultá-lo, impacientes pelo dia do rito de passagem em que seriam depilados.

Um pensamento ocorreu a Seldon.

- Dors - perguntou ele -, quando vocês foram às compras, quem pagou ... você, ou as Irmãs?

- Eu, é claro. As Gotas de Chuva em momento algum exibiram uma ficha de crédito. E por que deveriam? As compras eram para nós, não para elas.

- Mas a sua ficha de crédito é trantoriana, é uma ficha de mulher da tribo.

- Claro, Hari, mas isso não é problema. O povo de Mycogen pode manter sua própria cultura, seu modo de vida e seus costumes, enquanto quiser. Eles podem depilar suas cabeças e usar kirtles. Ainda assim, têm que usar o mesmo sistema de créditos que é utilizado no resto do mundo. Se não o fizerem estarão obstruindo O fluxo do comércio, e ninguém em seu perfeito juízo pensará em fazer isto. É a força do crédito, Hari. - E ela ergueu a mão no ar como se estivesse exibindo uma ficha de crédito.

- E eles aceitaram sua ficha?

- Sem nem sequer examiná-la. Também nem olharam para a minha carapuça. Créditos abrem todas as portas.

- Ainda bem. Então, posso ir comprar ...

- Não. Eu faço as compras. Os créditos podem abrir todas as portas, mas fazem isso mais facilmente para um mulher da tribo. Eles estão tão acostumados a prestar pouca atenção às mulheres que automaticamente fazem o mesmo comigo. E chegamos. É esta a loja onde tenho vindo.

- Espero você aqui fora. Consiga-me uma boa faixa ... uma obiah que cause ótima impressão.

- Não faça de conta que esqueceu o combinado. Vou comprar duas. E também um outro kirtle branco com as minhas medidas.

- Não parecerá estranho, uma mulher comprando um kirtle branco?

- Claro que não. Eles irão imaginar que ele se destina ao meu companheiro, que por acaso é do meu tamanho. Na verdade, não creio que eles se deem o trabalho de imaginar seja o que for, se a minha ficha de crédito for aceita.

Seldon ficou do lado de fora, esperando a qualquer momento alguém se aproximar e saudá-lo como homem da tribo (ou denunciá-lo ... mais provavelmente), mas isso não se deu. As pessoas que passavam por ele não lançavam sequer um olhar em sua direção, e os que o faziam pareciam não vê-lo. Ele estava especialmente inseguro em relação às mulheres, cada vez que via os kirtles cinzentos se aproximando aos pares ou, pior ainda, ao lado de um homem. Aquelas mulheres eram submetidas, relegadas a um segundo plano, desprezadas. Quer melhor maneira de ganhar uma breve notoriedade do que gritando de horror à visão de um estrangeiro? Mas as mulheres vinham,

passavam, iam embora.

Não esperam ver nada estranho, pensou Seldon, e acabam não vendo mesmo.

Isso (concluiu ele) era de bom augúrio para sua expedição ao Sacratorium. Lá seria muitíssimo menor a expectativa de avistar um homem da tribo, e isso tornaria muitíssimo maior a sua chance de passar despercebido.

Ele estava de muito bom humor quando Dors emergiu da loja. - Conseguiu tudo?

- Tudo.

- Então vamos voltar ao apartamento, e trocar de roupa.

O kirtle branco não caiu tão bem no corpo de Dors quanto o cinzento, já que ela não tinha podido prová-lo ... mesmo o mais obtuso dos vendedores ficaria alarmado com semelhante pedido.

- Como estou, Hari? - perguntou ela.

- Parece um garoto - disse ele. - Agora vamos experimentar a faixa, ou obiah ... Preciso me acostumar a chamá-la por este nome.

Dors tinha retirado sua carapuça e estava sacudindo o cabelo para os lados, com uma expressão de alívio. Disse com vivacidade: - Não ponha a faixa agora. Não vamos sair desfilando Mycogen afora vestidos dessa forma. A última coisa que podemos fazer é chamar a atenção de alguém.

- Não, não, nem pensei nisso. Quero apenas ver como é que se coloca.

- Não ponha essa aí, então. Ponha a outra, é de melhor qualidade, mais bem trabalhada.

- Tem razão, Dors. Se um de nós deve chamar um mínimo de atenção, sou eu. Ninguém pode imaginar que você é uma mulher.

- Não era isto que eu estava pensando ... Queria apenas que você ficasse bonito.

- Agradeço mil vezes mas desconfio que isto é impossível. Mas vejamos, como é que se põe esta coisa? ..

Juntos, Hari e Dors ensaiaram o gesto de pôr e de tirar suas obiahs, várias vezes seguidas, até conseguir fazê-lo com rapidez e naturalidade. Dors mostrou a Hari o modo exato como tinha visto um homem fazer na véspera, antes de entrar no Sacratorium. Quando ele a elogiou pela sua agudeza de observação, ela se ruborizou.

- Não é nada, Hari, apenas reparei, só isso.

- Então você é um gênio no que diz respeito a reparar.

Finalmente satisfeitos, os dois ficaram de pé a uma certa distância, cada um fazendo uma revisão final na aparência do outro. A obiah de Seldon brilhava, com um dragão bordado em vermelho vivo sobre fundo também vermelho, num matiz mais suave. A de Dors era menos berrante: apenas uma delgada linha vermelha correndo ao longo da faixa, e numa tonalidade discreta.

- Está bem assim - disse ela. - Apenas o bastante para demonstrar bom gosto. - E a retirou.

- Ótimo - disse Seldon. - Vamos guardar a obiah num bolso interno. Aqui neste outro estou levando minha ficha de crédito ... a de Hummin, para ser exato; a chave do apartamento, e o Livro.

- O Livro? Vai levá-lo?

- Tenho que levá-lo. Suponho que lá no Sacratorium todo mundo deve ter um exemplar do Livro consigo. Devem cantar alguns trechos, ou fazer leituras. Se for necessário, leremos ambos do mesmo Livro, e espero que ninguém repare. Está pronta?

- Pronta não estarei nunca, mas vou com você.

- Talvez seja uma viagem monótona. Quer verificar minha carapuça e ver se não há nenhum cabelo aparecendo desta vez? E por favor, não coce sua cabeça.

- Tentarei. E quanto a você, está tudo perfeito.

- Você também.

- Você parece nervoso, Hari.

- Adivinhe por quê ...

Num gesto impulsivo, Dors estendeu a mão e apertou a de Seldon com força, largando-a logo a seguir, como se surpreendida. Baixando a vista, ela alisou as dobras de seu kirtle branco. Seldon, ainda um tanto surpreso e indubitavelmente satisfeito, pigarreou, e disse apenas:

- Então, está bem. Vamos.

12. AERIE

ROBÔ - ... Um termo empregado nas antigas lendas de diversos planetas para designar o que é mais comumente chamado de "autômato". Os robôs são descritos geralmente como de forma vagamente humana e feitos de metal, embora alguns deles, supostamente, tenham tido constituição pseudo-orgânica. Existe uma crença popular de que Hari Seldon, durante "a Fuga", viu um robô verdadeiro, mas as fontes desta história são de autenticidade duvidosa. Em nenhum ponto dos volumosos escritos de Seldon ele menciona qualquer robô, embora...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

56.

Ninguém reparou neles.

Hari Seldon e Dors Venabili repetiram o mesmo trajeto do dia anterior, e desta vez ninguém lhes deu a menor atenção. Praticamente ninguém os fitou; em várias ocasiões tiveram que afastar seus joelhos para um lado a fim de permitir que um outro passageiro situado num assento interno descesse do ônibus. Logo perceberam que, quando um novo passageiro subia, a atitude correta era passar para os assentos centrais, caso houvesse algum desocupado.

Desta vez, menos preocupados com as ruas e avenidas por onde passavam, os dois logo se aborreceram com o cheiro dos kirtles não lavados, mas logo chegaram ao seu destino.

- Aqui fica a biblioteca - disse Seldon em voz baixa.

- Imagino que sim - disse Dors. - Pelo menos é o edifício que Micélio Setenta e Dois apontou ontem.

Caminharam despreocupadamente naquela direção.

- Respire fundo - disse Seldon. - Primeiro obstáculo.

A porta estava aberta, e brilhava uma luz suave no interior do recinto. Havia cinco largos degraus de pedra conduzindo para cima. Eles pisaram no degrau de baixo e esperaram alguns instantes até perceber que seu peso não fazia com que os degraus se movessem para cima. Dors fez uma careta e, com um gesto, incitou Seldon a subir a escada.

Caminharam até o alto, sentindo-se indiretamente encabulados pelo primitivismo de Mycogen. Atravessaram uma porta, além da qual havia uma mesa, e por trás dela um homem curvado sobre o computador mais rústico e primitivo que Seldon já vira em sua vida inteira.

O homem não ergueu a vista para encará-los. Não era necessário, pensou Seldon. kirtles brancos, cabeças lisas - todos os mycogenianos eram tão semelhantes que o olhar humano tendia a escorregar sobre suas imagens, e quem saía ganhando com isso eram os homens da tribo. '

O homem parecia absorto em algo muito importante, e perguntou apenas: - Pesquisa?

- Pesquisa - confirmou Seldon.

Ele fez um gesto com a cabeça indicando uma porta. - Podem entrar.

Aproveitem.

Eles passaram para o interior do recinto e, até onde podiam verificar, eram as únicas pessoas naquele setor da biblioteca. Talvez a biblioteca não fosse um local muito convidativo, ou então o número de pesquisadores era reduzido; ou, quem sabe, as duas coisas juntas.

Seldon cochichou:

- Pensei que teríamos de apresentar algum tipo de licença, ou formulário de permissão, e nesse caso eu teria que alegar que havia esquecido.

- Talvez qualquer presença humana aqui seja bem-vinda, sejam quais forem as circunstâncias. Já viu algum lugar parecido com este? Se um lugar pode estar tão morto quanto uma pessoa, então estamos no interior de um cadáver.

A maioria dos livros naquela seção eram livros impressos como o Livro que Seldon carregava no bolso. Dors caminhou ao longo das estantes, examinando as lombadas, e disse:

- Livros velhos, quase todos. Alguns clássicos. A maioria sem nenhum valor.

- Algum livro estrangeiro? Não-mycogeniano, quero dizer.

- Oh, sim. Se eles têm seus próprios livros, devem estar guardados em outra seção. Esta secção aqui deve ser para pesquisas sobre o mundo exterior, para uso de pobres eruditos autodidatas como aquele de ontem. Bem, aqui estão os livros de referência ... Uma Enciclopédia Imperial com uns cinquenta anos de idade, margem de erro de um dia no máximo ... e um computador.

Ela estendeu a mão para o painel, mas Seldon a interrompeu: - Espere. Você pode fazer algo errado, e isso nos denunciaria. Ele apontou para um discreto letreiro luminoso além das estantes, onde reluziam os dizeres: SACRATORIUM - ENTRADA. O segundo "A" em SACRATORIUM estava apagado; talvez um defeito recente, talvez por simples negligência. (O Império estava em decadência, pensou Seldon. Por toda parte. Até em Mycogen.)

Olhou em redor. Aquela pobre biblioteca (tão necessária ao orgulho mycogeniano, talvez tão valiosa para os Anciãos que podiam usá-la para reunir migalhas de um conhecimento destinado a confirmar suas próprias crenças e apresentá-las como sofisticadas ideias dos homens da tribo) parecia estar completamente vazia; ninguém tinha entrado ali depois deles.

- Vamos nos ocultar aqui, onde o bibliotecário não nos pode ver, e colocar

nossas faixas - disse Seldon.

Quando pararam diante da entrada do Sacratorium, ele falou, mais consciente do

que nunca de que depois de transposto aquele segundo obstáculo não haveria retorno possível:

- Dors, não venha.

Ela franziu a testa.

- Por que não?

- Não é seguro, e não quero que você corra nenhum risco.

- Estou aqui para proteger você - disse ela suavemente, mas com firmeza.

- Que tipo de proteção você pode me dar? Posso cuidar de mim mesmo, ainda que você não acredite nisto. E ser obrigado a cuidar de você seria uma desvantagem adicional. Não percebe isto? - Não se preocupe comigo, Hari - disse ela. - Quem tem de se preocupar sou eu. - Ela tocou com o indicador na faixa que descia em diagonal entre seus seios.

- Porque Hummin lhe pediu?

- Porque minhas ordens são essas.

Ela agarrou o braço de Seldon acima do cotovelo, e ele mais uma vez se surpreendeu com a firmeza de seus dedos. Ela disse: - Não aprovo isto, Hari, mas se você acha que tem de entrar ai, então eu vou com você.

- Então está bem. Mas se acontecer algo de errado e você tiver alguma chance de se safar, então corra. Não se preocupe comigo.

- Você está desperdiçando seu fôlego, Hari. E está me ofendendo.

Seldon tocou o pequeno painel quadrado que havia do lado, e a porta deslizou, abrindo-se à sua frente. Juntos, num movimento quase sincronizado, os dois caminharam através do umbral.

57.

Uma sala muito ampla, parecendo ainda maior devido à ausência de qualquer tipo de mobília. Nenhuma cadeira, nenhum banco, poltronas ou algo semelhante. Nenhuma mesa, nem cortinas, nem qualquer tipo de decoração.

Nenhuma lâmpada - apenas uma claridade uniforme e suave, igualmente distribuída por todo o espaço. As paredes não estavam inteiramente vazias. A intervalos irregulares, dispostos em diferentes alturas e a distâncias variáveis, havia telas pequenas, primitivas, bidimensionais, todas em pleno funcionamento.

Do lugar onde estavam Seldon e Dors não havia sequer a ilusão de uma terceira dimensão, nada que se assemelhasse a uma holovisão convencional.

Havia algumas pessoas ali, não muitas, e cada qual afastada das outras; todos vestiam kirtles brancos e faixas vermelhas, e se distribuíam ao acaso, diante das telas.

O silêncio era quase total; ninguém conversava, embora alguns movessem os lábios num murmúrio quase inaudível. Aquelas que andavam, cruzando o recinto, faziam-no com passos silenciosos, os olhos baixos.

A atmosfera era intensamente lúgubre.

Seldon se inclinou para Dors, que no mesmo instante pôs o dedo sobre os lábios, e apontou na direção de um dos monitores de televisão. A imagem mostrava um jardim de aspecto paradisíaco, recoberto de flores, revelado aos poucos por um vagaroso movimento de câmara.

Eles caminharam na direção do monitor, tentando imitar o modo como os mycogenianos presentes se deslocavam - passos lentos, cada pé sendo pousado no chão com infinita delicadeza.

Quando estavam a meio metro de distância da tela, uma voz suave e sugestiva começou a se fazer ouvir:

- ... O jardim de Antennin, numa reprodução feita a partir de antigos mapas e fotografias; ficava localizado nos arredores de Eos. Note-se que ...

Dors sussurrou, numa voz que Seldon quase não conseguiu escutar devido ao som que vinha da tela:

- O som é ligado quando alguém se aproxima, e se desligará se nos afastarmos daqui. Se ficarmos próximos à tela podemos conversar sem que nos escutem, mas não olhe para mim, e fique calado se alguém se aproximar.

Seldon, com a cabeça baixa e as mãos postas (tinha notado que esta era a posição adotada pela maioria) respondeu:

- Pelo que vejo, daqui a pouco alguém vai começar a chorar.

- Não admira. Estão lamentando a perda de seu Mundo.

- Espero que troquem os filmes de vez em quando. Deve ser terrível ver sempre os mesmos.

- São todos diferentes - disse Dors, depois de virar os olhos para a esquerda e a direita. - Talvez eles os mudem periodicamente. Não dá para saber.

- Espere! - exclamou Seldon, num tom de voz quase imperceptivelmente mais

alto. - Venha por aqui.

Ele fez um gesto com a cabeça, e Dors o acompanhou; puseram-se mais uma vez a imitar o andar solene dos Irmãos, mas os passos de Seldon iam se tornando mais largos à medida que sua impaciência aumentava e Dors, ao alcançá-lo, deu um rápido mas firme puxão na manga de seu kirtle, fazendo-o diminuir o ritmo.

Quando se ouviu o som da outra tela para onde se dirigiam, Seldon sussurrou:

- Veja ... robôs.

A imagem mostrava a parte lateral de uma casa cercada de relva, tendo ao fundo uma cerca, e em primeiro plano três figuras que só poderiam ser descritas como robôs. Eram aparentemente metálicas, e tinham forma vagamente humana.

A voz do locutor dizia:

- Esta é uma reprodução, recentemente construída, da famosa propriedade de Wendome, no terceiro século. O robô que é visto ao centro chamava-se Bendar, de acordo com a tradição, e serviu durante 22 anos antes de ser substituído, segundo rezam os registros antigos.

- Está vendo? - disse Dors. - "Recentemente construída".

Isso quer dizer que há uma renovação dos filmes.

- A menos - replicou Seldon - que esse locutor esteja dizendo "recentemente construída" durante os últimos mil anos.

Nesse instante um mycogeniano aproximou-se da tela que eles contemplavam e os cumprimentou numa voz baixa, embora não tão baixa quanto os sussurros dos dois:

- Saudações, Irmãos.

Não olhou para eles, e depois de um rápido e involuntário olhar de surpresa Seldon preferiu manter também seus olhos afastados. Dors tinha ficado impassível.

Seldon hesitou. Micélio Setenta e Dois tinha dito que ninguém conversava no interior do Sacratorium. Talvez tivesse exagerado. Além do mais tinha dito que não frequentava o Sacratorium desde criança.

Aflito, Seldon resolveu que devia falar. Murmurou: - Saudações a você, Irmão.

Não sabia se essa seria a forma correta de responder, ou mesmo se haveria alguma fórmula, mas o mycogeniano não pareceu ver nada de .estranho na resposta.

- Para ambos, em Aurora - disse o homem.

- E para você - respondeu Seldon; teve a impressão de que o outro esperava algo mais e completou: - ... em Aurora.

Houve um imperceptível relaxamento da tensão, mas Seldon sentiu que sua testa tinha ficado úmida.

O mycogeniano disse:

- Belas imagens ... Não as tinha visto ainda.

- Muito bem-feitas - disse Seldon e, num rompante de ousadia, arriscou: - Uma perda que jamais deverá ser esquecida.

O outro pareceu um tanto surpreso, e murmurou: - Sem dúvida, sem dúvida ... - e logo afastou-se. Dors ciciou:

- Não se arrisque. Não diga nada, se não for obrigado a falar.

- Pareceu-me natural. Em todo caso, parece que as imagens são mesmo recentes, se bem que esses robôs me desapontem um pouco. Não são o que eu esperava em matéria de autômatos. Quero ver os robôs orgânicos, os humanoides.

- Se é que existem - disse Dors, com alguma hesitação. - Se for esse o caso, não acho que sua função fosse a de tomar conta de jardins.

- É mesmo - disse Seldon. - Então, temos que localizar o aerie dos Anciãos.

- Se é que existe. A minha impressão é de que no meio deste espaço vazio não existe nada mais a não ser isso ... um imenso espaço vazio.

- Vamos olhar.

Caminharam lentamente ao longo da parede, passando à frente de cada uma das telas, demorando-se um pouco diante de cada uma, até que os dedos de Dors se cerraram sobre o braço de Seldon. Entre duas telas viam-se as linhas que demarcavam um retângulo na parede.

- Uma porta - disse Dors. Mas logo ela atenuou essa afirmativa, indagando: - Acha que é? ..

Seldon, sub-sub-repticiamente, virou-se naquela direção. Estava cônscio de que, naquele ambiente de profunda concentração, cada rosto, quando não estivesse fixo num monitor, deveria estar voltado para o chão, numa atitude de prece.

Como será que se abre? - perguntou ele. - Um comutador embutido.

- Não vejo nenhum.

- Não há nenhuma marca, mas estou vendo um ponto levemente descolorado. Está vendo? Quantas vezes terão tocado ali? Quantas mãos?

- É ... posso tentar. Fique de olho e me dê um chute se alguém olhar nesta direção.

Ele estendeu a mão e, inspirando profundamente, tocou o ponto descolorido na parede, sem resultado. Em seguida encostou nele toda a palma da mão.

Uma porta se abriu com absoluto silêncio - nem um estalido, nem um chiado. Seldon a cruzou tão rapidamente quanto pôde, e Dors logo o seguiu. A porta se fechou às suas costas.

- A questão é: alguém nos viu entrar? - disse Dors.

- Os Anciãos devem entrar por aqui o tempo inteiro - disse Seldon.

- Sim, mas será que alguém vai nos tomar por Anciãos? Seldon esperou um pouco, depois disse:

- Se fomos observados, e se alguém tivesse achado que havia algo de errado conosco, então esta porta teria se aberto novamente quinze segundos depois de nossa entrada.

- É possível - respondeu Dors secamente. - Também é possível que não haja nada para ser visto ou para ser feito deste lado da porta, e por isso ninguém se preocupou quando nos viu entrar. - É algo a se confirmar depois - tornou Seldon.

O lugar onde estavam era uma sala estreita e relativamente pouco iluminada, mas quando deram mais alguns passos para o seu interior a luminosidade foi aumentando proporcionalmente.

Havia poltronas largas e confortáveis, pequenas mesas, vários divãs, uma geladeira alta e maciça, armários.

- Se isto aqui é o aerie dos Anciãos - disse Seldon - eles parecem gostar de conforto, apesar da austeridade geral do Sacratorium.

- É de se esperar - disse Dors. - O ascetismo é muito raro entre classes dirigentes, a não ser na composição de sua imagem pública. Pode anotar isso em sua caderneta de aforismos psico-históricos. - Ela lançou um olhar em redor. - E nada de robô.

- Um aerie é um recinto em local elevado, não esqueça; não é o caso deste aqui. Há andares superiores, e isto aqui deve conduzir até lá. - Ele apontou para uma escadaria toda acarpetada, mas não foi na sua direção; em vez disso, seus olhos vaguearam incertos pelo recinto.

Dors percebeu o que ele estava procurando e disse:

- Não espere encontrar elevadores por aqui. Não esqueça o culto ao primitivismo dos mycogenianos. Não deve haver elevadores, e tem mais: se pisarmos no degrau inferior desta escada tenho certeza de que ela não começará a rolar para cima. Vamos ter que subir por ela ... vários andares, talvez.

- Subir por ela?!

- Pela lógica, ela deve conduzir ao aerie, se é que conduz a alguma coisa. Você quer chegar ao aerie ou não quer?

Caminharam juntos na direção da escada e começaram a subir por ela.

Subiram três andares. A luminosidade ia se reduzindo perceptível mente, à medida que chegavam mais alto. Seldon parou para respirar e disse:

- Sempre me considerei em boa forma física, mas estou detestando isto aqui.

- Você não está habituado a esse tipo específico de esforço corporal - disse Dors. Ela, no entanto, não mostrava nenhum sinal de fadiga.

Quando atingiram o terceiro andar, a escada acabava diante de uma porta.

- E se estiver trancada? - perguntou Seldon, mais a si mesmo do que a Dors. - Vamos arrombá-la?

- Por que estaria trancada - replicou ela -, se a porta de baixo estava aberta? Se isto aqui é o aerie dos Anciãos, deve existir um tabu proibindo o acesso a qualquer um que não seja um deles, e um tabu é mais eficaz do que qualquer tipo de tranca.

- Sim, mas só no que diz respeito a quem acredita em tabus - disse Seldon; mas ainda assim não fez nenhum gesto na direção da porta.

- Já que está hesitando - disse Dors -, ainda há tempo de voltar atrás. Aliás, eu o aconselharia a fazer isso.

- Só estou hesitando porque não sei o que posso encontrar aí dentro. Se estiver vazio ... - Ele calou-se, e logo a seguir acrescentou, com voz áspera: - Se estiver vazio, está vazio.

E num gesto decidido deu um passo à frente e tocou o comutador que abria a porta.

Ela deslizou para o lado, silenciosamente, e Seldon recuou um passo, pegado de surpresa pela intensidade da luz que vinha do interior do recinto.

E ali, bem à sua frente, com olhos vivos e brilhantes, braços semi-erguidos, um pé ligeiramente à frente do outro, reluzindo com um brilho metálico levemente

amarelo, estava uma figura humana. A princípio, pareceu a Seldon que a figura estava vestindo uma túnica bastante justa, mas a um segundo olhar ficou evidente que a túnica fazia parte do próprio objeto.

- O robô - disse Seldon, maravilhado. - Mas é de metal!

- Pior que isso - disse Dors, que tinha se movido rapidamente para um lado e para o outro. - Os olhos dele não me seguem. Os braços nem sequer oscilam. Não está vivo ... se é que se pode falar de "vivo" em relação a um robô.

E nesse instante um homem (sem a menor dúvida, um ser humano) surgiu por trás do robô e disse: - Talvez não. Mas eu estou vivo.

Num gesto quase automático Dors deu um passo à frente, e se interpôs entre Seldon e o homem que tinha aparecido de modo tão repentino.

58.

Seldon empurrou Dors para o lado, talvez com mais rudeza do que pretendia.

- Não precisa me proteger - disse ele. - É o nosso velho amigo ... Mestre do Sol Catorze.

O homem que os encarava, usando uma dupla faixa vermelha que era provavelmente sua insígnia de Grande Ancião, disse:

E você é o homem da tribo Seldon.

- Naturalmente.

- E esta, a despeito de suas vestes masculinas, é a mulher da tribo Venabili.

Dors não disse nada.

Mestre do Sol Catorze prosseguiu:

- Tem razão, homem da tribo. Não represento nenhum perigo físico para vocês. Sentem-se, por favor. .. ambos. Já que não é uma Irmã, mulher da tribo, não terá que retirar-se. Pode tomar assento junto a nós nesta poltrona, na qual, se aprecia esse tipo de distinção, será a primeira mulher a sentar-se.

- Não aprecio esse tipo de distinção - disse Dors, escandindo as sílabas.

Mestre do Sol Catorze fez um gesto de aprovação com a cabeça. - Seja como

quiser. Quanto a mim também me sentarei, porque tenho perguntas a fazer- lhes, e não pretendo fazê-las de pé.

Sentaram-se, num canto do aposento. Os olhos de Seldon se voltaram para o robô metálico.

Mestre do Sol Catorze disse: - É um robô.

- Eu sei - disse Seldon, laconicamente.

- Sei que sabe - disse Mestre do Sol Catorze, com a mesma concisão. - Mas agora que estabelecemos este ponto, por que motivo estão aqui?

Seldon o fitou sem titubear e disse: - Para ver o robô.

- Sabem que ninguém é admitido aqui no aerie, a não ser os Anciãos?

- Não sabia, mas suspeitava disso.

- Sabem que nenhuma pessoa da tribo é admitida no Sacratorium?

- Disseram-me isto.

- E ignorou esse aviso?

- Como já falei, queríamos ver o robô.

- Sabe que nenhuma mulher, mesmo uma Irmã, pode entrar no Sacratorium exceto em certas ocasiões, que são muito raras, e pré-fixadas?

- Disseram-me isto.

- E sabem que nenhuma mulher, em nenhuma hipótese, e por nenhum motivo, pode trajar vestes masculinas? No território de Mycogen isso é válido tanto para as Irmãs quanto para as mulheres da tribo.

- Ninguém me falou a esse respeito. Mas não estou surpreso.

- Muito bem. Quero que compreenda todas estas coisas.

- Agora: por que queria ver o robô?

Seldon encolheu os ombros.

- Curiosidade. Nunca vi um robô, e nem mesmo sabia que essas coisas existiam.

- E como chegou a saber de sua existência, e mais ainda, como soube que havia um deles justamente aqui?

Seldon demorou um pouco, e por fim disse: - Prefiro não responder essa pergunta.

- Foi para isso que o homem da tribo Hummin o enviou a Mycogen? Para investigar robôs?

- Não. O homem da tribo Hummin nos mandou para cá porque aqui

estaríamos em segurança. Acontece que somos pesquisadores, a Dra. Venabili e eu. O nosso mundo é o mundo do conhecimento, e o nosso único propósito é adquirir mais conhecimento. Mycogen é muito pouco conhecido para além de suas fronteiras, e nós queremos compreender melhor os seus costumes e suas ideias É um desejo dos mais naturais e, do nosso ponto de vista, inofensivo ... e até elogiável.

- Ah, mas nós não queremos que as tribos exteriores e os outros mundos saibam demais a nosso respeito. Este é o desejo que reputamos natural, e cabe a nós julgar o que nos pode ser ou não inofensivo. Portanto, pergunto-lhe novamente, homem da tribo: como soube que existia um robô em Mycogen, e que estava exatamente nesta sala?

Boatos - disse Seldon por fim.

- Insiste em afirmar isto?

- Insisto em afirmá-lo. Boatos.

Os olhos muito azuis de Mestre do Sol Catorze estreitaram-se, mas a sua voz permaneceu inalterada.

- Homem da tribo Seldon, nós temos colaborado há muito tempo com o homem da tribo Hummin. Para um homem da tribo, ele tem sido um indivíduo honesto e confiável. Para um homem da tribo, claro! Quando ele enviou vocês dois até aqui e os entregou à nossa proteção, nós asseguramos que ela seria concedida. Mas o homem da tribo Hummin, a despeito de suas qualidades, não deixa de ser um homem da tribo, e nós alimentávamos certos receios. Não sabíamos ao certo quais seriam os verdadeiros propósitos de vocês dois ... ou mesmo os dele.

- Nosso propósito é o conhecimento - insistiu Seldon. - Conhecimento científico. A mulher da tribo Venabili é uma historiadora, e também cultivo interesse pela História. Por que não poderíamos estar interessados na História de

Mycogen?

- Em primeiro lugar, porque nós não o desejamos. Mas, sigamos em frente. Duas das nossas Irmãs de maior confiança foram enviadas até vocês. Receberam instruções para cooperar, para atender suas necessidades, e ... qual a expressão que vocês usam? .. desempenhar seu papel, embora não de modo a despertar suspeitas. - Mestre do Sol Catorze sorriu, mas era um sorriso ameaçador.

"Gota de Chuva Quarenta e Cinco - prosseguiu ele - acompanhou a mulher da tribo Venabili às compras, mas nada de estranho aconteceu durante esses passeios. Claro que ela nos fez um relatório detalhado. Gota de Chuva Quarenta

e Três o conduziu, homem da tribo Seldon, até as nossas micro-fazendas Devia ter suspeitado da facilidade com que nossa Irmã aceitou acompanhá-lo a sós, algo inconcebível de acordo com nossos costumes; mas você argumentou que as leis aplicáveis aos Irmãos não se aplicariam aos homens da tribo, e convenceu-se, com excessiva facilidade, de que esse débil argumento tinha sido o bastante para persuadi-la. Ela acedeu ao seu desejo, ainda que em prejuízo de sua paz de espírito ... Por fim, inevitavelmente, ela foi interrogada a respeito de nosso Livro. Tê-lo passado às suas mãos sem nenhuma resistência iria com certeza despertar suas suspeitas, de modo que a Irmã foi forçada a fingir uma fantasia perversa que apenas um estrangeiro seria capaz de satisfazer; esse espírito de auto- sacrifício nunca será esquecido por nós. Suponho, homem da tribo, que o Livro ainda está em seu poder, e arrisco-me a supor que o tem consigo agora. Pode devolvê-lo? ... "

Seldon, aniquilado, permaneceu em silêncio, enquanto a mão enrugada de Mestre do Sol Catorze permanecia estendida, e ele insistia, com voz suave:

- Seria bem melhor do que se tivéssemos de recuperá-lo por meios violentos

Seldon devolveu o Livro. Mestre do Sol Catorze o folheou rapidamente, como

que se assegurando de que todas as páginas estavam intactas. Depois continuou, com um suspiro:

- Terá que ser destruído, conforme o nosso costume ... é uma pena. Mas prossigamos: uma vez de posse do Livro, tínhamos certeza de que seu próximo passo seria chegar ao Sacratorium. Vocês dois estavam sendo observados durante todo esse tempo, pois hão de reconhecer que nenhum Irmão ou Irmã, a não ser que estivesse completamente distraído, iria torná-los por mycogenianos. Reconhecemos uma carapuça no momento em que a avistamos: não existem mais do que setenta delas em Mycogen, quase todas em poder de homens da tribo em viagem de negócios, os quais permanecem o tempo quase inteiro confinados em edifícios do governo, durante sua estada em Mycogen. Desse modo, vocês dois não apenas foram vistos, mas imediatamente identificados, por onde quer que se deslocassem.

"O Irmão idoso que os encontrou ontem os informou sobre a biblioteca e o Sacratorium, mas teve também o cuidado de dizer-lhes sobre as proibições relativas a esses lugares, porque não tínhamos a intenção de atraí-los a uma armadilha. Faixa de Céu Dois também os preveniu ... e até com certa veemência. Ainda assim, ambos prosseguiram em seu intento.

"A loja onde foram adquiridos o kirtle branco e as duas obiahs nos informou de imediato sobre essa compra, e tivemos certeza quanto às suas intenções. Cuidamos para que a biblioteca fosse esvaziada, o bibliotecário foi instruído para portar-se com discrição, e o Sacratorium recebeu um número reduzido de Irmãos. O único Irmão que, inadvertidamente, lhes dirigiu a palavra, quase estragou tudo, mas afastou-se de imediato ao perceber quem eram. E então ... vocês vieram até aqui.

"Como podem ver, vocês tinham a intenção de penetrar neste local, e não fomos nós que os atraímos até aqui. Vieram por sua própria vontade e por seus próprios meios; e tudo que lhes pergunto agora é, mais uma vez: por quê?

Desta vez foi Dors quem respondeu com a voz firme, os olhos inabaláveis:

- Vamos explicar-lhe tudo mais uma vez, mycogeniano. Nós somos pesquisadores. Achamos que o conhecimento é algo sagrado, e é conhecimento o que buscamos. Vocês não nos atraíram até aqui, mas também não nos interceptaram, como poderiam ter feito antes mesmo que atingíssemos este edifício. Facilitaram tudo para nós, removeram os obstáculos naturais, e isso pode ser considerado uma armadilha. E qual o prejuízo que causamos? De modo algum causamos dano ao edifício, ou a esta sala, ou a qualquer pessoa, ou a isso. - Ela apontou o robô; e prosseguiu:

"Isso não passa de um bloco inerte de metal que vocês mantêm guardado; agora nós sabemos que é uma coisa morta, e este é todo o conhecimento que buscávamos. Pensamos que seria algo mais importante e de certo modo estamos desapontados; mas agora que sabemos do que se trata podemos sair daqui ... e, e se for do seu agrado, ir embora de Mycogen."

Mestre do Sol Catorze a escutou sem que a expressão de seu rosto se alterasse; quando ela terminou, ele virou-se na direção de Seldon e disse:

- Este robô, como podem ver, é um símbolo; um símbolo de tudo quanto perdemos, de tudo o que já não possuímos, um símbolo de tudo quanto, no decorrer de milênios, jamais pudemos esquecer, símbolo daquilo que pretendemos recuperar em nosso futuro. Ele é tudo que nos resta, e por isso ele é para nós algo fortemente real e verdadeiro, algo valioso ... e no entanto, para esta mulher, ele é apenas um bloco inerte de metal. O que eu pergunto é: concorda com essa opinião, homem da tribo Seldon?

Seldon replicou:

- Nós viemos de mundos que não estão acorrentados a tradições com milhares de anos de idade; nossos mundos estão em contato com tudo quanto aconteceu

entre esse passado e o tempo em que vivemos. Vivemos o presente, e para nós este presente é o produto de todo o passado, e não apenas de um momento remoto no tempo que devemos trazer agasalhado ao peito. Do ponto de vista intelectual somos capazes de compreender o significado que os mycogenianos atribuem ao robô, e naquilo que nos diz respeito nada impede que continue sendo assim. Mas nós só podemos enxergá-los com os nossos próprios olhos, assim como vocês só podem vê-lo com os seus. Para nós, é apenas um bloco inerte de metal.

- E agora - completou Dors - queremos ir embora.

- Mas não vão - disse Mestre do Sol Catorze. - Quando vieram até aqui, vocês cometeram um crime. É um crime apenas aos nossos olhos, como acabou de ser enfatizado. - Neste ponto, seus lábios se encurvaram num sorriso glacial. - Mas este é o nosso território, e dentro dele somos nós que fazemos as leis. E este crime, de acordo com as nossas leis, é punido com a morte.

- Vai nos abater a tiros? - perguntou Dors com ironia. Mestre do Sol Catorze assumiu uma expressão de desdém, e continuou a se dirigir apenas a Seldon:

- O que pensa que somos, homem da tribo Seldon? Nossa cultura é tão antiga quanto a sua; tão complexa, tão civilizada, tão humana quanto a sua. Eu não estou armado. Vocês serão julgados, e, uma vez que sua culpa é evidente, serão executados de acordo com a lei, de maneira rápida e indolor.

"Se tentassem fugir agora eu não poderia detê-los, mas lá embaixo há um grande número de Irmãos, muitos mais do que parecia haver quando vocês entraram no Sacratorium; e diante do seu comportamento eles seriam forçados a agir de maneira enérgica e violenta. Em nossa história há registros de homens da tribo que pereceram assim; não é uma morte agradável, e certamente não é uma morte indolor."

- Já ouvimos essa ameaça dos lábios de Faixa de Céu Dois - disse Dors. - Parece algo excessivo para uma cultura tão complexa, tão civilizada e tão humana quanto a de Mycogen.

- As pessoas podem ser induzidas à violência em momentos de forte emoção, homem da tribo Seldon - replicou Mestre do Sol Catorze, sem olhar para Dors -, não importa o quanto possam ser humanitárias em seus momentos de calma. Isto se dá em todas as culturas, e a sua mulher, que se diz historiadora, certamente sabe algo a respeito.

- Vamos ser razoáveis, Mestre do Sol Catorze - insistiu Seldon - A lei de Mycogen certamente vigora em relação a assuntos locais, mas não vigora em

relação a nós, como deve saber. Somos cidadãos não-mycogenianos do Império, e é o imperador, através de seus representantes oficiais neste Setor, que deve se encarregar de qualquer delito que venha a ser cometido por nós.

Mestre do Sol Catorze replicou:

- Talvez seja assim nas leis e nos documentos e nas telas de holovisão, mas neste momento não estamos tratando de teorias. Há muito tempo que o Grande Ancião tem o poder de punir crimes de sacrilégio sem que haja qualquer interferência do trono imperial.

- Caso os criminosos pertençam ao seu próprio povo - disse Seldon. - Em se tratando de estrangeiros, o caso é forçosamente outro.

- Neste caso específico, duvido muito. O homem da tribo Hummin os trouxe aqui como fugitivos, e aqui em Mycogen não somos tão curtos de inteligência que não possamos suspeitar de que estejam fugindo justamente das leis do imperador. Ele não faria nenhuma objeção se resolvêssemos poupar-lhe algum trabalho.

- Claro que objetaria - disse Seldon. - Mesmo que estivéssemos fugindo das autoridades imperiais, e mesmo que ele nos procurasse apenas com o intuito de nos punir, ainda assim ele nos quereria sãos e salvos. Permitir que nos executassem, por não importa que meios ou que motivos, sem a realização de um processo e um julgamento por parte do Império, seria um desafio à autoridade, e nenhum imperador admitiria esse precedente. Mesmo interessado em não prejudicar o comércio da micro-alimentação, ele seria obrigado a preservar a autoridade do trono. Os mycogenianos podem sentir o impulso de nos executar com sua próprias mãos, mas será que gostariam de ver as divisões do exército imperial invadirem seu setor, saquearem suas micro-fazendas e seus lares, profanar o Sacratorium e desrespeitar as Irmãs? Pense nisto.

Mestre do Sol Catorze voltou a sorrir, mas ainda uma vez não havia nada amistoso nesse sorriso.

- Na realidade - disse ele -, já pensamos nisso, e existe uma alternativa. Podemos condenar vocês dois e depois postergar sua execução a fim de que possam apelar para o imperador, solicitando uma revisão do processo. O imperador ficará grato por esta nossa submissão à sua autoridade, e mais grato ainda por lhe termos permitido pôr as mãos sobre vocês, sejam quais forem as razões que ele possa ter para isto; e Mycogen será duplamente beneficiado. É isto que desejam, então? O direito de apelar para o imperador no momento adequado, e deixar que ele decida que destino terão?

Seldon e Dors olharam um para o outro e se mantiveram em silêncio.

Mestre do Sol Catorze prosseguiu:

- Acho que vocês preferem ser entregues ao imperador a serem executados sumariamente; mas não sei por que tenho a impressão de que essa preferência se dá por uma margem muito estreita.

Nesse instante, uma outra voz soou no recinto.

- E eu acho - disse - que nenhuma dessas alternativas é aceitável, e que devemos procurar uma terceira.

59.

Dors foi a primeira a reconhecer o recém-chegado, talvez porque já o esperasse.

- Hummin! - exclamou. - Ainda bem que nos encontrou. Entrei em contato com você no momento em que percebi ser impossível dissuadir Hari desta ... - Ela ergueu os braços, num gesto largo - ... desta aventura.

Hummin tinha nos lábios um semi-sorriso que não atenuava a habitual gravidade de seu rosto, e sua expressão era um tanto fatigada.

- Eu estava envolvido com outras coisas, minha amiga - disse ele. - Nem sempre posso aparecer no instante em que sou chamado. E quando cheguei aqui tive que fazer o mesmo que vocês: providenciar um kirtle, uma obiah, para não falar numa carapuça, e vir até este lugar. Se tivesse chegado mais cedo teria evitado tudo o que aconteceu, mas imagino que ainda não seja tarde demais.

Mestre do Sol Catorze ainda não se tinha recobrado do que parecia ser um choque doloroso. Numa voz que tinha perdido momentaneamente sua grave sonoridade, perguntou:

- Como entrou aqui, homem da tribo Hummin?

- Não foi fácil, Grande Ancião, mas, como a mulher da tribo Venabili pode lhe dizer, sou uma pessoa muito persuasiva. Alguns cidadãos daqui ainda lembram quem sou e o que fiz por Mycogen no passado, e lembram que chego até a ser um Irmão Honorário. Esqueceu isto, Mestre do Sol Catorze?

O Ancião replicou:

- Não esqueci, mas mesmo as melhores lembranças podem ser invalidadas

por certas ações. Um homem da tribo aqui dentro, e uma mulher da tribo ... não pode haver crime maior. Tudo que já tenha feito por nós é insuficiente para compensar isto. Meu povo não é ingrato: ele saberá retribuir seus gestos de alguma outra forma, mas estes dois devem morrer, ou ser entregues às mãos do imperador.

- Também eu entrei aqui - disse Hummin com calma. - Isto não é também um crime?

- No seu caso - disse Mestre do Sol Catorze -, no seu caso pessoal, em se tratando de um Irmão Honorário, posso ... dispensar, por esta vez. Mas não estes dois.

- Porque espera alguma recompensa da parte do imperador? Algum favor? Alguma concessão? Já fez contato com ele, ou mais provavelmente com seu chefe do Estado Maior, Eto Demerzel?

- Recuso-me a falar sobre isto.

- O que equivale a dizer que sim ... Ora, vamos, não sei o que o imperador lhe prometeu, mas não pode ter sido muito. Ele não dispõe de muita coisa para dar, numa época decadente como a atual. Deixe que eu faça uma oferta. Estes dois lhe disseram que são pesquisadores?

- Sim.

- E são. Não estão mentindo. A mulher da tribo é uma historiadora, e o homem da tribo é um matemático. Os dois estão tentando juntar seus talentos para criar uma espécie de ciência matemática da história, a que eles chamam de "psico-história".

Mestre do Sol Catorze replicou:

- Não sei nada sobre essa psico-história, nem estou interessado em saber. Nem isto, nem nenhuma outra faceta de seus conhecimentos tribais me interessam.

- Ainda assim - disse Hummin -, peço que me ouça com atenção.

Hummin precisou de uns quinze minutos, falando com brevidade, para descrever como era possível sistematizar as leis naturais da sociedade (algo que seu tom de voz sempre destacava como que entre aspas) de modo a tornar possível a antecipação dos fatos futuros com um alto grau de probabilidade.

Quando ele terminou, Mestre do Sol Catorze, que tinha escutado tudo sem que a expressão de seu rosto se alterasse, disse: - Eu penso que se trata de um tipo de especulação altamente implausível.

Seldon, com uma expressão compungida no rosto, fez menção de dizer algo, certamente para concordar; mas a mão de Hummin, que repousava sobre seu joelho, apertou-o de leve, fazendo-o silenciar.

- É possível, Grande Ancião - prosseguiu Hummin -, mas o imperador não pensa assim. E quando digo o imperador, que não deixa de ser uma pessoa benevolente, estou na realidade me referindo a Demerzel, sobre cujas ambições não preciso dizer nada. Os dois ficariam extremamente satisfeitos se pusessem as mãos sobre estes dois cientistas, e foi por esta razão que eu os trouxe até aqui, para que ficassem em segurança. Não me passou pela cabeça que o Grande Ancião pudesse querer trabalhar para Demerzel, entregando-lhe os fugitivos.

- Eles cometeram um crime que ...

- Sim, sabemos disso, Grande Ancião, mas é um crime apenas porque assim está sendo considerado. Não houve nenhum dano real.

- Foi causado dano às nossas crenças, aos nossos mais ...

- Mas imagine o dano que será causado se a psico-história cair nas mãos de Demerzel. Sim, admito que talvez nada venha a resultar dessa ciência, mas suponhamos por um momento que isso possa acontecer, e que o Império possa fazer uso dela, prevendo o grau de probabilidade dos fatos futuros, agindo de acordo com esse conhecimento de que ninguém mais dispõe, tomando as medidas necessárias para construir um futuro mais adequado aos interesses imperiais.

- E daí?

- Existe alguma dúvida, Grande Ancião, de que um futuro mais adequado aos interesses imperiais seja o de uma centralização cada vez maior? Há muitos séculos que o Império vem passando por um processo de crescente descentralização. Muitos planetas devem ao imperador uma obediência meramente formal, e praticamente governam a si próprios. Até mesmo aqui, em Trantor, existe descentralização. Mycogen, para dar apenas um exemplo, é quase totalmente livre de interferências por parte do Império. Não existe nenhum funcionário imperial aqui ao seu lado para supervisionar suas decisões e seus atos na qualidade de Grande Ancião. Quanto tempo acha que isto vai durar, quando homens como Demerzel puderem moldar o futuro de acordo com seus próprios interesses?

- Continua a ser uma mera especulação, e muito frágil- disse Mestre do Sol Catorze -, mas devo admitir que é inquietante.

- Ora, vamos - disse Hummin -, sei muito bem o que está pensando. De todos

os homens da tribo, Demerzel é aquele em quem menos confia. As chances em favor da psico-história podem ser pequenas (se eu não fosse honesto não admitiria isto), mas não são nulas; e se ela puder significar uma restauração do seu Mundo Perdido, que outra atitude lhe resta? O que os mycogenianos não seriam capaz de arriscar, mesmo por uma possibilidade tão remota quanto esta? Pense bem! Eu lhe faço uma promessa, e minhas promessas não são feitas em vão. Liberte estes dois, e estará apostando numa chance remota, mas de acordo com seus desejos mais profundos, e deixando de lado um caminho que não o levará a nada.

Houve um longo silêncio até que Mestre do Sol Catorze deu um suspiro e disse:

- Não sei muito bem como é isto, homem da tribo Hummin, mas todas as vezes que nos encontramos acabo sendo convencido a fazer algo que de início não tinha a intenção de fazer.

- Já o enganei alguma dessas vezes, Grande Ancião?

- Mas já me ofereceu algo com chances tão remotas?

- E com um prêmio tão alto, em caso de vitória? Uma coisa compensa a outra.

Mestre do Sol Catorze fez um gesto afirmativo com a cabeça. - Tem razão.

Leve estes dois embora, para muito longe de Mycogen; e que eu nunca mais ponha os olhos neles, até o dia em que essa sua ciência ... mas isso certamente ultrapassará o tempo de vida que me resta.

- Talvez não seja assim, Grande Ancião. Mas seu povo tem esperado com paciência durante quase vinte mil anos. Que objeção fariam a esperar mais ... duzentos anos, digamos?

- Pelo meu desejo eu não esperaria mais um só minuto, mas meu povo poderá esperar durante todo o tempo que se fizer necessário.

E, ficando de pé, ele falou:

- Abrirei o caminho para vocês. Leve estes dois daqui!

60.

Eles estavam finalmente viajando no interior de um túnel. Hummm e Seldon tinham atravessado um quando foram de aerotáxi do Setor Imperial para a Universidade de Streeling. Agora estavam num outro túnel, indo de Mycogen

para ... Seldon não sabia onde, e hesitava em perguntar. O rosto de Hummin parecia talhado em granito, e não encorajava qualquer tentativa de conversação.

Hummin estava à frente, no veículo de quatro lugares, com um assento vazio à sua direita. Seldon e Dors ocupavam o banco de trás.

Seldon arriscou um sorriso para Dors, que parecia melancólica. - É bom vestir novamente roupas de verdade, hem?

- Nunca na minha vida - disse ela, com fervor - usarei ou pelo menos olharei na direção de algo que se assemelhe a um kirtle. E nunca, por qualquer pretexto, usarei uma carapuça. Para falar a verdade, vou me sentir mal toda vez que um careca passar na minha frente.

Foi Dors quem finalmente formulou a pergunta que Seldon Vinha relutando em fazer.

- Chetter - disse ela, num tom de Impaciência -, por que não nos diz para onde estamos indo?

Hummin ficou meio de lado no assento e olhou sério para os dois.

- Para algum lugar - respondeu - onde seja difícil vocês dois se meterem em complicações ... se bem que já estou começando a duvidar que um lugar assim possa existir.

No mesmo instante Dors pareceu abatida.

- Na verdade, Chetter, a culpa foi toda minha. Em Streeling, deixei que Hari subisse à Superfície, sem acompanhá-lo. Em Mycogen, pelo menos o acompanhei, mas agora acho que em hipótese alguma devia ter permitido que ele entrasse no Sacratorium.

- Eu ia entrar lá - disse Seldon com determinação. - Não foi culpa dela, absolutamente.

Hummin não fez o menor esforço para distribuir culpas; apenas disse:

- Pelo que entendi você queria ver o robô. Havia alguma razão para isso? Alguma que possa me dizer?

Seldon sentiu-se enrubescer.

- Nesse aspecto eu estava errado, Hummin. Não encontrei o que esperava encontrar, ou o que queria encontrar. Se eu soubesse que o que havia no aerie era aquilo, não teria me dado o trabalho de ir até lá. Pode considerar o caso como um completo fiasco. - Está bem, Seldon, mas então, o que você esperava encontrar ali? Conte-me tudo, bem direitinho, e não se preocupe em dar detalhes.

A viagem vai ser longa, e temos tempo de sobra.

- O caso é que fiquei sabendo que havia robôs com forma humana, e que esses robôs tinham uma vida muito longa; além do mais, talvez um deles ainda estivesse vivo, e poderia estar no aerie. Havia um robô ali, claro, mas era metálico, estava morto, servia meramente como símbolo. Se eu soubesse ...

- Isso mesmo. Se nós soubéssemos, não haveria necessidade de perguntas, ou de pesquisas de qualquer espécie. Mas onde você conseguiu informações sobre esses robôs com forma humana? Já que nenhum mycogeniano discutiria tais assuntos com você, só posso pensar numa fonte. O Livro mycogeniano ... um livro impresso movido a bateria, com texto em Auroriano arcaico e em galáctico contemporâneo. Estou certo?

- Sim.

- Como conseguiu um exemplar?

Seldon fez uma pausa, e murmurou. - É uma história meio embaraçosa.

- Eu não me embaraço com facilidade, Seldon.

Seldon contou todo o episódio, e Hummin permitiu que um sorriso muito contido surgisse em seu rosto. Depois disse:

- Não lhe ocorreu em momento algum que tudo isto poderia ser uma encenação? Nenhuma Irmã faria uma coisa assim, exceto sob ordens e ainda assim não seria facilmente persuadida.

Seldon fechou a cara e disse com aspereza:

- Não era tão óbvio assim. Existem pessoas pervertidas em qualquer lugar. E para você é muito fácil achar graça. Eu não tinha as informações que você tem ... nem eu, nem Dors. Se você não queria que eu caísse nessas armadilhas, devia pelo menos ter me avisado que elas existiam.

- Tem razão, e retiro o que disse. Em todo caso, acho que você não tem mais o Livro.

- Não. Mestre do Sol Catorze me fez devolvê-lo,

- Quanto dele você leu?

- Só uma pequena parte; não tive tempo. É um livro enorme, e posso dizer-lhe uma coisa, Hummin: tremendamente maçante.

- Sei disso, até porque já devo ter lido mais do que você. Não apenas é maçante, é totalmente não-confiável. É uma visão parcial da história; é muito mais uma visão mycogeniana oficial do que algo objetivo e argumentado. Há

muitos trechos que são deliberadamente obscuros, de modo que os estrangeiros, mesmo se chegarem a ler o Livro, jamais entenderão por completo o que estão lendo. Por exemplo: o que foi que você leu sobre robôs que despertou seu interesse?

- Já lhe disse. Falam de robôs com forma humana, robôs que não podiam ser diferençados de seres humanos quanto à sua aparência externa.

- Quantos desses robôs existiriam? - perguntou Hummin.

- Não dizem. Pelo menos não vi nenhum trecho em que fossem fornecidos números. Talvez tenha havido apenas uma pequena quantidade, mas um deles, a quem o Livro se refere como Renegado, parece ter tido uma importância negativa, mas não pude perceber qual.

- Você não me falou disso - interveio Dors. - Se tivesse falado eu poderia explicar-lhe que Renegado não é um nome próprio, e sim outro termo arcaico, que significa aproximadamente "traidor" . Esse termo antigo tem uma aura de horror muito mais forte, ao seu redor. De certo modo, um traidor oculta a sua traição, mas um renegado se vangloria dela. .

Hummin disse:

- Essas sutilezas de linguagem antiga eu posso deixar a seu cargo, Dors, mas em todo caso, se o Renegado existiu de fato, e se era um robô com aparência humana, então é claro que como traidor e inimigo não seria preservado justamente no aerie dos Anciãos.

- Eu não sabia o significado desse nome - disse Seldon -, mas, como já disse, fiquei com a impressão de que se tratava de um inimigo. Achei que talvez ele tivesse sido derrotado e preservado como uma recordação do triunfo de Mycogen.

- Havia alguma indicação dessa derrota do Renegado, no Livro? .

- Não, mas talvez estivesse nos trechos que não li...

- É improvável. Qualquer vitória mycogeniana seria alardeada no Livro, de forma inequívoca, e mencionada vezes sem conta.

- Havia ainda outro ponto no Livro, a respeito do Renegado - disse Seldon, com hesitação. - Mas não sei se o entendi bem.

- É como lhe disse - falou Hummin. - Às vezes eles são propositadamente obscuros.

- De qualquer forma, parecem dizer que o Renegado podia de alguma forma drenar emoções humanas ... influenciá-las ...

- Qualquer político pode - retorquiu Hummin, encolhendo os ombros. - Chama- se a isto "carisma" ... quando funciona.

Seldon deu um suspiro.

- Bem, eu queria acreditar, é só isto. Teria dado tudo para encontrar um antigo robô de forma humana que estivesse ainda vivo e que eu pudesse interrogar.

- Para quê?

- Para aprender coisas sobre a sociedade Galáctica primitiva, quando ela ainda consistia em um punhado de planetas. A psico-história poderia ser deduzida com mais facilidade tendo por base um universo assim reduzido.

- E tem certeza de que poderia confiar nessas informações? - perguntou Hummin. - Será que depois de muitos milhares de anos, essas lembranças do robô seriam confiáveis? Quantas distorções não já teriam sofrido?

- Tem razão - disse Dors, de súbito. - Seria equivalente aos registros computadorizados de que lhe falei, Hari. Pouco a pouco essas recordações do robô iriam sendo descartadas, perdidas, iriam se apagando ou sofrendo alterações. Você só poderia retomar até um determinado ponto, e quanto mais voltasse menos confiáveis seriam as informações colhidas ... não importa o que você fizesse.

Hummin concordou. ,

- Já ouvi alguém se referir a isto como "Princípio de Incerteza da Informação".

- Mas não. seria possível - disse Seldon, pensativo - que algumas informações, por motivos muito especiais, fossem preservadas? Alguns trechos do Livro Mycogeniano podem se referir a acontecimentos de há vinte mil anos atrás e ainda assim corresponderem ao que eram originalmente. Quanto mais valorizada e quanto mais cuidadosamente preservada for qualquer informação em particular, mais duradoura e fidedigna ela pode ser.

- A palavra-chave aí é: "qualquer informação em particular".

O que o Livro se interessa em preservar pode não ser o que você queria ver preservado, e o que um robô recorda melhor pode ser o que tem menos importância para você.

Seldon exclamou, em desespero:

- Cada vez que me viro numa direção procurando uma maneira de desenvolver a psico-história, parece que as coisas se combinam de modo a tornar isto impossível. Por que continuar tentando?

- Pode parecer inútil agora - disse Hummin, a voz sem transparecer qualquer emoção. - Mas, se alguém tiver o talento necessário, pode descobrir um novo caminho, algo que nenhum de nós seria capaz de imaginar agora. Dê um pouco mais de tempo a si mesmo, Seldon. Bem, pelo que vejo estamos nos aproximando de uma área de estacionamento. Vamos fazer uma parada e comer qualquer coisa.

Enquanto mastigavam pastéis de carneiro e fatias de um pão insípido (ainda pior após as iguarias de Mycogen), Seldon disse: - Você parece convencido, Hummin, de que sou eu essa pessoa com o "talento necessário" que mencionou. Mas é bem possível que não seja eu e você sabe disso.

- É verdade - disse Hummin. - Talvez não seja você. No entanto, não conheço no momento nenhum outro candidato a esse posto, de modo que vai continuar sendo você.

Seldon suspirou, dizendo:

- Está bem, vou tentar, mas não tenho mais a mínima esperança. É possível, mas não é praticável, foi o que eu disse desde o início; e agora estou mais convencido disso do que já estive em qualquer outro momento.

13. TERMOTUBOS

AMARYL, YUGO - ... Um matemático que, juntamente com o próprio Hari Seldon, pode ser considerado como um dos responsáveis pela estruturação da psico- história. Foi ele quem ...

... E no entanto as condições em que passou a primeira parte de sua vida chegam quase a ser mais impressionantes do que seus feitos matemáticos. Nascido na pobreza, no seio das classes baixas de Dahl, um setor da antiga Trantor, ele poderia ter sido relegado a uma vida de total obscuridade se não fosse pelo fato de Seldon, quase por acidente, encontrá-lo no transcurso da ...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

61.

O imperador de toda a Galáxia sentia-se desgastado - fisicamente desgastado. Seus lábios doíam devido ao sorriso cortês que ele tinha sido forçado a apresentar a intervalos regulares. Seu pescoço estava rígido por causa das inúmeras vezes que tinha precisado inclinar a cabeça para um lado ou para o outro, fingindo interesse. Seus ouvidos zumbiam pelo muito que tinham sido forçados a escutar. Todo o seu corpo se ressentia da quantidade de vezes que tinha sido obrigado a levantar, a sentar-se, a virar-se, a estender a mão, a assentir com a cabeça.

Tinha sido apenas uma cerimônia rotineira da corte, onde ele tinha encontrado prefeitos e vice-reis e ministros e suas esposas ou maridos, de mil e um lugares em Trantor e (ainda pior) de mil e um lugares da Galáxia. Havia quase mil pessoas presentes, envergando trajes que iam do sofisticado ao simplesmente grotesco; e Cleon tivera que escutar uma babei de sotaques que não se atenuavam nem um pouco quando o seu interlocutor se esforçava para imitar a pronúncia do Padrão Galáctico conforme ensinado na Universidade Galáctica. Pior que tudo, o imperador evitara o tempo inteiro fazer qualquer comentário substancial sobre qualquer assunto, ao mesmo tempo em que usava e abusava de palavras destituídas de substância.

Tudo tinha sido gravado, som e imagem, com a maior discrição ... e Eto Demerzel recorreria a essas gravações para ver se Cleon, Primeiro deste Nome, tinha-se comportado bem ... ou pelo menos era assim que o imperador colocava a questão para si próprio. Demerzel diria com certeza que estava apenas recolhendo dados para avaliar qualquer auto revelação involuntária da parte de alguns dos convidados; e era possível que fosse verdade.

Um homem de sorte, Demerzel.

O imperador não podia deixar o Palácio e seus imensos jardins, enquanto que Demerzel poderia percorrer toda a Galáxia, se o desejasse. O imperador estava sempre em evidência, sempre acessível, sempre forçado a lidar com visitantes, desde os mais ilustres até os que não passavam de importunos. Demerzel permanecia anônimo, e nunca se permitia ser visto no interior do Palácio. Continuava a ser apenas um nome que inspirava medo, uma presença invisível e por isso mesmo mais ameaçadora.

O imperador era o agente interno, com todos os atavios e todas as mordomias do poder. Demerzel era o agente externo, sem nada que o fizesse ficar em

evidência, nem mesmo um título formal - mas com sua mente e seus dedos tateando por toda parte, e sem exigir para seus infatigáveis esforços nenhuma recompensa a não ser aquela única - o exercício real do poder.

O imperador sentia um prazer macabro em considerar que a qualquer momento, sem aviso, com uma desculpa pré-fabricada ou mesmo sem desculpa alguma, ele poderia prender Demerzel, encarcerá-la, bani-lo, torturá-lo, executá-lo. Afinal de contas, em todos aqueles insuportáveis anos de inquietação constante, um imperador podia enfrentar dificuldades para fazer valer sua vontade em inúmeros planetas do Império, ou até mesmo em vários setores de Trantor - com sua corja de executivos e juristas locais, com quem ele tinha de lidar através de um labirinto de decretos, protocolos, termos de compromisso, tratados, e um emaranhado de documentos de direito interestelar, todos interligados e dependendo uns dos outros - mas pelo menos seus poderes permaneciam absolutos no que se referia ao Palácio Imperial e seus domínios.

E, no entanto, Cleon sabia que esses seus sonhos de poder eram inúteis. Demerzel tinha servido a seu pai, e Cleon era incapaz de recordar um tempo em que ele não tivesse recorrido a Demerzel para tudo. Era Demerzel quem tinha todas as informações, todas as estratégias, todos os instrumentos. Mais do que isso: quando alguma coisa saía errada, era Demerzel quem levava a culpa. O imperador permanecia acima das críticas, e nada tinha a temer - exceto, claro, os golpes palacianos, e a morte violenta à mão daqueles que lhe eram mais próximos e de mais confiança. Era para evitar isto, acima de tudo, que ele dependia de Demerzel.

Cleon sentia um leve tremor toda vez que pensava no que faria sem Demerzel. No passado, alguns imperadores tinham governado pessoalmente, secundados por chefes do Estado Maior destituídos de talento, e que tinham propositalmente mantido esse posto ocupado por incompetentes; e tinham se dado bem, até um certo ponto.

Mas para Cleon isto era impossível. Ele precisava de Demerzel. De fato, agora que a ideia de um assassinato lhe tinha ocorrido (e, dada a história recente do

Império, era inevitável que essa ideia lhe ocorresse) ele podia ver que não tinha como se desfazer de Demerzel. Por mais hábeis que pudessem ser suas manobras, Demerzel (ele tinha certeza disso) iria se antecipar a elas, saberia com antecedência o que estava para ser feito e, com sua incomparável destreza, desfecharia um golpe de Estado. Cleon estaria morto antes que pudesse pôr Demerzel nas correntes, e seu lugar seria ocupado por outro imperador a quem

Demerzel iria servir ... e dominar.

Ou iria Demerzel se cansar deste jogo, e proclamar-se imperador a si próprio?

Nunca! O hábito do anonimato era forte demais. Se Demerzel se expusesse ao mundo, então seus poderes, sua sabedoria, sua sorte (fosse lá o que fosse) o abandonariam. Cleon tinha certeza disso; era algo fora de discussão.

Portanto, enquanto ele se comportasse bem, estaria em segurança. Sem ambições próprias, Demerzel o serviria com fidelidade.

E agora ali estava Demerzel diante dele, vestido de modo tão simples e sóbrio que Cleon sentiu-se desconfortavelmente cônscio da excessiva ornamentação de suas vestes de cerimônia, que tinha acabado de despir com a ajuda de dois criados de quarto. Naturalmente, Demerzel não surgira diante dele senão quando estava finalmente a sós e em trajes mais à vontade.

- Demerzel - disse o imperador de toda a Galáxia -, estou exausto.

- Cerimônias oficiais são cansativas, Sire - murmurou Demerzel.

- E por isso tenho que comparecer a elas todas ás noites?

- Não são todas as noites; mas são essenciais. É gratificante para as pessoas encontrarem o imperador pessoalmente, e merecerem a sua atenção. Ajuda o Império a correr mais macio sobre os trilhos.

- Antigamente, quem fazia o Império correr sobre os trilhos era o poder - disse Cleon, taciturno. - Hoje é um sorriso, é um aceno com a mão, uma palavra cochichada a um ouvido, uma medalha no peito, uma placa comemorativa.

- Se isso ajudar a manter a paz, Sire, então há muito que dizer em seu favor. E o reino de Vossa Majestade tem sido bem-sucedido.

- Você sabe por quê ... porque tenho você comigo. O meu único talento efetivo é ser capaz de perceber a sua importância. - O imperador lançou uma olhadela astuta a Demerzel. - Meu filho, por exemplo, não precisa ser meu herdeiro. Não é um garoto talentoso ... por que não fazer você meu herdeiro?

Demerzel respondeu com uma voz gélida:

- Isso é impensável, Sire. Eu não usurparia o trono que tem um legítimo herdeiro. Além disso, se desagradei a Vossa Majestade, imploro uma punição justa. Estou certo de que nenhum erro que eu tenha cometido merece a punição de me tornar imperador.

Cleon deu uma risada.

- Essa é uma boa avaliação do que seja um trono real, Demerzel, e por causa dela

eu descarto a ideia de puni-lo. Vamos, vamos, conversemos sobre outros assuntos. Gostaria de dormir agora, mas não estou ainda pronto para os rituais com que eles me levam para a cama ... Vamos conversar.

- Sobre o quê, Sire?

- Sobre qualquer coisa ... Por exemplo, aquele matemático e sua psico- história. Penso nele de vez em quando. Hoje à noite, durante o jantar, estive pensando nele. Imaginei se uma análise psico-histórica seria capaz de prefigurar um método que tornasse possível ser imperador sem se submeter a essas intermináveis cerimônias.

- Arrisco-me a supor, Sire, que nem mesmo o psico-historiador mais hábil seria capaz disso.

- Bom, conte-me então as últimas notícias. Ele ainda está escondido entre aqueles carecas excêntricos de Mycogen? Você me prometeu que o arrancaria dali.

De fato, Sire, e fiz uma tentativa, mas lamento dizer que falhei.

Falhou? - O imperador permitiu-se franzir visivelmente a testa. - Demerzel, isto não me agrada.

- Nem a mim, Sire. Meu plano era levar o matemático a cometer alguma ação sacrílega ... uma coisa nada difícil em Mycogen, principalmente para um estrangeiro; mas algo que lhe acarretasse uma severa punição. O matemático seria forçado a apelar para a autoridade do Império, e nós o teríamos nas mãos. Providenciei isto ao preço de algumas concessões de nossa parte, concessões insignificantes para o Império mas muito importantes para Mycogen; a minha intenção era a de não nos envolver em momento algum na marcha dos acontecimentos. Tudo tinha que ser feito de modo indireto.

- Não duvido - disse Cleon -, mas o fato é que não deu certo. Imagino que o prefeito de Mycogen ...

- Lá ele é chamado de Grande Ancião, Sire.

- Pouco estou ligando para títulos. O Ancião recusou?

- Pelo contrário, Sire, ele ficou de acordo, e o matemático, Seldon, caiu na armadilha.

- E então?

- Deixaram-no fugir.

- Por quê? - exclamou Cleon, indignado.

- Quanto a isto não estou certo, Sire, mas suponho que alguém se antecipou a nós.

- Mas quem? O prefeito de Wye?

- É possível, Sire, mas tenho minhas dúvidas. Tenho Wye sob vigilância permanente. Se eles estivessem de posse do matemático eu já o saberia.

A essa altura o imperador não estava apenas de testa franzida, estava francamente enraivecido.

- Isto é mau, Demerzel, muito mau! Isto me desagrada profundamente! Um fracasso deste tipo me faz imaginar se você ainda é o mesmo homem que já foi um dia. Que medidas vamos tomar contra Mycogen por essa rebeldia contra o Império?

Demerzel curvou a cabeça diante da tempestade imperial, mas quando a reergueu sua voz permanecia fria e inalterada.

- Seria um erro castigar Mycogen agora, Sire. A agitação que se seguiria a essa

medida acabaria sendo favorável a Wye.

- Mas alguma coisa tem que ser feita.

- Talvez não. Sire. A situação não é tão má quanto parece.

- Como "não é tão má"?

- Vossa Majestade deve estar lembrado de que o matemático considerava sua psico-história algo impraticável.

- Claro que me lembro, mas que diferença faz? Quero dizer, para os nosso planos? ..

- Talvez nenhuma, mas se ela acabasse se tornando algo prático, Sire, poderia servir aos nossos planos de uma maneira infinitamente melhor. E de acordo com o que pude descobrir, o matemático está atualmente tentando trabalhar a sério em sua psico-história. O sacrilégio que cometeu em Mycogen foi, pelo que pude entender, parte de uma tentativa de resolver uma questão psico-histórica qualquer. Neste caso, Sire, será mais lucrativo para nós deixá-lo livre. Ele nos será muito mais útil quando tiver alcançado seus objetivos, ou quando estiver prestes a fazê-lo.

- E se Wye o apanhar primeiro?

- Cuidarei para que tal não aconteça.

- Com a mesma eficiência com que o trouxe de Mycogen para cá? ..

- Não falharei desta vez, Sire - replicou Demerzel com frieza.

- É melhor não falhar, Demerzel - disse o imperador. - Não tolerarei nenhum outro equívoco neste caso. - E, com voz rabugenta, acrescentou: - Pelo que vejo não vou dormir hoje à noite.

62.

Jirad Tisalver, do Setor Dahl, era um homem pequeno. O topo de seu crânio chegava apenas à altura do nariz de Hari Seldon. Isso não parecia incomodá-lo, no entanto. Tinha feições regulares e agradáveis, era um homem sorridente, com um espesso bigode negro e cabelos também negros e encaracolados.

Morava, com sua esposa e uma filha quase adolescente, num apartamento com sete pequenos quartos, imaculadamente limpo, mas quase desprovido de mobiliário.

Ele dizia:

- Peço desculpas, Sr. Seldon, Sra. Venabili, se não lhes posso dispensar o conforto a que devem estar acostumados, mas Dahl é um setor pobre, e não sou um de seus habitantes mais abastados. - Mais uma razão - disse Seldon - para pedirmos desculpas pelo transtorno causado por nossa presença aqui.

- Nenhum transtorno, Sr. Seldon. O Sr. Hummin nos pagou generosamente

pelo uso de nossos humildes aposentos, e esses créditos seriam bem-vindos ainda que sua presença não fosse ... e ela certamente o é.

Isso recordou a Seldon as palavras de despedida de Hummin, antes de deixar o Setor Dahl.

- Seldon - dissera ele -, este é o terceiro lugar que consigo para lhe servir de refúgio. Os dois primeiros eram setores notoriamente fora do alcance do Império, e isso talvez tenha servido para atrair atenções, uma vez que eram esconderijos previsíveis. Este aqui é diferente. É um setor pobre, sem nada de especial, e, para ser sincero, até certo ponto pouco seguro. Não é o tipo de lugar onde você buscaria refúgio, de modo que o imperador e seu chefe de Estado Maior talvez não voltem os olhos nesta direção. Seria demais pedir-lhe que, desta vez, procurasse ficar livre de complicações?

- Vou tentar, Hummin - disse Seldon, um pouco ofendido.

- Mas, por favor, procure lembrar que não procuro complicações . Estou apenas tentando aprender coisas que talvez demandem trinta vezes a duração de uma vida humana, e tudo isto para que possa ter uma mínima chance de estruturar a psico-história.

- Entendo muito bem - disse Hummin. - Esse seu aprendizado o levou até a Superfície em Streeling, depois até o aerie em Mycogen, e aqui em Dahl vai levá-lo sei lá aonde. Quanto a você, Dra. Venabili, sei que tem procurado cuidar de Seldon, mas precisa se esforçar um pouco mais. Meta na sua cabeça que ele é a pessoa mais importante em Trantor, ou mesmo em toda a Galáxia, e que deve ser mantido em segurança a qualquer custo.

- Continuarei a fazer o melhor possível - respondeu Dors muito empertigada.

- Quanto à família que vai hospedá-los, eles têm lá suas excentricidades, mas são basicamente boas pessoas, que já conheço há algum tempo. Procurem não metê-los em confusão.

Mas Tisalver, pelo menos, não parecia esperar nenhum problema da parte de seus novos inquilinos, e sua atitude efusiva diante da presença dos dois em sua casa parecia, mesmo descontando-se o aluguel que iria receber, bastante sincera

Ele nunca tinha deixado os limites do Setor Dahl, e seu apetite por histórias de lugares distantes parecia insaciável. Sua mulher, também, escutava tudo com um sorriso no rosto, e cheia de reverências e cortesias; e a filha, com um dedo na boca, espiava tudo com um olho, pela fresta da porta.

Isso se dava em geral após o Jantar, quando a família inteira se reunia na expectativa de ouvir os relatos de Seldon e Dors sobre o mundo exterior. A comida era abundante mas insípida, e às vezes difícil de mastigar, mas, mesmo depois da saborosa culinária de Mycogen, não chegava a ser intragável. A "mesa" era uma longa prateleira fixada ao longo da parede, e comiam-se as refeições em pé

Um cauteloso interrogatório levado a efeito por Seldon foi revelando aos poucos que esses eram os hábitos dos dahlitas como um todo, e que não eram devidos a penúria econômica. Naturalmente (explicou a Sra. Tisalver) havia altos executivos do governo, em Dahl, propensos a certo tipo de ostentação, como o uso de cadeiras (ela as chamava de "bancos corporais"): mas isso era visto com desdém pelos membros da sólida classe média.

Embora prontos a desaprovar tais luxos desnecessários, os Tisalvers não se cansavam de ouvir falar a respeito deles, e estalavam a língua, deliciados, diante de referências a colchões de dormir colocados sobre um estrado suspenso, arcas

e armários ricamente trabalhados, e a inesgotável variedade de pratos e talheres usados à mesa.

Também ouviam com atenção as referências aos hábitos culturais de Mycogen, enquanto Jirad Tisalver alisava com orgulho O próprio cabelo, deixando patente que breve aceitaria tanto uma depilação quanto uma emasculação. A Sra. Tisalver ficava furiosa à menor menção de subserviência feminina, e recusou-se terminantemente a crer que as Irmãs aceitassem tal coisa sem protestar.

A que lhes causou maior comoção, no entanto, foi a referência casual feita por Seldon sobre os domínios do Palácio Imperial. Quando, após uma ou duas perguntas, ficou claro que Seldon tinha pisado o solo do Palácio e falado pessoalmente com o imperador, uma espécie de pavor e reverência pareceram dominar a família inteira. Demorou um certo tempo até que se sentissem em condições de fazer perguntas, mas quando isso aconteceu Seldon constatou que dificilmente poderia satisfazer sua curiosidade; afinal de contas, ele tinha visto muito pouco do Setor Imperial, e menos ainda do interior do Palácio.

Uma tal resposta desapontou os Tisalvers, mas eles foram incansáveis e tentaram extrair de Seldon o máximo possível. Quando este terminou de narrar sua aventura palaciana, um novo espanto assaltou os Tisalvers ao constatarem que Dors, por seu lado, jamais tinha posto os pés no Palácio. Mais do que tudo eles rejeitaram o comentário casual de Seldon de que o imperador agia e falava como qualquer ser humano comum. Tal coisa parecia inconcebível para os Tisalvers.

Depois de três noites semelhantes, Seldon começou a ficar indócil. De início ele tinha visto com simpatia a perspectiva de não fazer nada (pelo menos durante o dia) a não ser ver alguns filmes-livros de História recomendados por Dors. Durante o dia, os Tisalvers colocaram seu visor de livros à disposição dos hóspedes, sem relutância, embora a garota parecesse descontente com isso e tivesse que ser mandada para o apartamento vizinho para fazer seus deveres de casa.

- Não adianta - disse Seldon, inquieto, andando pelo interior do quarto, depois de colocar um pouco de música para dificultar qualquer tentativa de escuta. - Entendo a sua fascinação pela História, mas para mim não passa de uma interminável coleção de detalhes; uma montanha, ou melhor, uma galáxia de dados na qual não consigo enxergar qualquer organização básica.

- Atrevo-me a dizer - disse Dors - que deve ter havido um tempo em que os seres humanos não viam nenhuma organização básica nas estrelas do céu, mas o fato é

que acabaram descobrindo a estrutura da Galáxia.

- E eu estou certo de que isso levou o tempo de muitas gerações, e não umas

poucas semanas. Também deve ter havido um tempo em que a física parecia ser apenas uma massa informe de observações não relacionadas, até que as leis básicas fossem descobertas ... e isso deve ter levado gerações. Mas ... o que me diz dos Tisalvers?

O que há com eles? São simpáticos. - São muito curiosos.

- Claro que são. Você não seria, estando no lugar deles?

- Mas será apenas curiosidade? Parecem ter um interesse insaciável no meu encontro com o imperador.

Dors parecia impaciente.

- Justamente. É natural. Você não ficaria interessado, se as posições estivessem invertidas?

- Eles me deixam nervoso.

- Foi Hummin que nos trouxe para cá.

- Sim, mas ele não é infalível. Ele me levou para a Universidade, e eu acabei sendo atraído até a Superfície. Ele nos entregou a Mestre do Sol Catorze, que nos jogou numa armadilha, você sabe disso. Gato escaldado tem medo de água fria. Só sei que estou cansado de responder perguntas.

- Então inverta a situação, Hari. Não está interessado em Dahl?

- Claro que estou. Para começar, então: o que você sabe sobre este setor?

- Nada. É apenas mais um entre oitocentos setores diferentes, e só estou em Trantor há dois anos.

- Justamente. E há 25 milhões de planetas, e eu só estou trabalhando neste problema há pouco mais de dois meses. Quer saber de uma coisa? Estou pensando em voltar para Helicon e retomar meus estudos sobre a matemática da turbulência, que foi o tema de minha tese de doutorado, e esquecer que um belo dia tive a ideia de que a turbulência física podia ter alguma relação com as sociedades humanas.

Naquela mesma noite, entretanto, Seldon disse a Tisalver: - Sabe, Sr. Tisalver, ainda não sei o que faz, qual a natureza do seu trabalho.

- Eu? - Tisalver tocou com a ponta dos dedos no peito, coberto por uma simples camiseta branca com mangas, que parecia ser a vestimenta oficial masculina em Dahl. - Nada demais. Trabalho na estação de holovisão local, sou programador.

É monótono, mas dá para viver.

- E é respeitável - disse a Sra. Tisalver. - Quer dizer, ele não tem que trabalhar nos termo-tubos

- Termo-tubos? - perguntou Dors, erguendo uma das sobrancelhas e tentando parecer interessadíssima .

- Oh, claro - disse Tisalver. - São a parte mais famosa de Dahl. Não são grande coisa, mas quarenta bilhões de pessoas em Trantor precisam de energia, e nós fornecemos boa parte dela. O resto do planeta não nos aprecia muito, mas gostaria de ver alguns desses setores mais sofisticados sendo forçados a fazer o que fazemos.

Seldon parecia meio confuso.

- Pensei que Trantor extraísse sua energia de estações orbitais que acumulam

energia solar.

- Em parte, sim - concordou Tisalver. - Em parte, também, de estações de fusão nuclear instaladas nas ilhas; e motores de micro-fusão, e estações eólias montadas na Superfície ... Mas metade - ele ergueu um dos dedos para dar ênfase, e seu rosto estava mais sério do que de costume -, metade vem dos termo-tubos Existem termo-tubos em muitas partes do planeta, mas em nenhum lugar se comparam aos de Dahl. Está falando sério quando diz que não sabia dos termo-tubos? Olhe bem para mim.

Dors interveio rapidamente:

- Sabe que somos estrangeiros, Sr. Tisalver. - Ela quase chegou a dizer "gente da tribo", mas corrigiu-se a tempo.- Especialmente o Dr. Seldon. Ele está em Trantor há apenas uns dois meses.

- É mesmo? - disse a Sra. Tisalver. Ela era um pouco menor do que o marido, cheia de corpo sem chegar a ser gorda, tinha os cabelos negros presos atrás num coque, e possuía belos olhos escuros. Como o marido, aparentava trinta e poucos anos.

(Depois de um período não muito longo, mas movimentado, numa sociedade como a de Mycogen, Dors ainda se surpreendia um pouco ao ver uma mulher interferir na conversa quando lhe dava vontade. Como nos acostumamos rapidamente a todo tipo de hábitos e valores, pensou ela; e fez uma anotação mental para lembrar isso a Seldon depois, como mais um item útil para a psico-história.)

- Oh, sim - respondeu. - O Dr. Seldon é de Helicon. A Sra. Tisalver exprimiu

uma educada ignorância:

- E onde fica esse lugar?

- Ora, bem ... - Dors virou-se para Seldon. - Onde é que fica, Hari?

Seldon pareceu desconcertado.

- Para ser sincero, não sei se conseguiria localizá-lo num modelo galáctico, sem olhar as coordenadas primeiro: Tudo o que sei é que, em relação a Trantor, fica do outro lado do buraco negro ao centro da galáxia, e chegar até lá de hiper-nave é algo meio trabalhoso.

A Sra. Tisalver suspirou:

- Não creio que Jirad e eu cheguemos a viajar de hiper-nave algum dia.

- Claro que viajaremos, Casilia, um dia ... - O Sr. Tisalver, jovial, voltou-se para Seldon. - Mas conte-nos mais alguma coisa sobre Helicon, Sr. Seldon.

Seldon abanou a cabeça.

- Não sei como fazê-lo. Para mim é apenas um planeta como qualquer outro. Somente Trantor é diferente do resto. Não existem termo-tubos em Helicon, ou provavelmente em qualquer outro mundo a não ser em Trantor. Fale-me a respeito deles.

("Somente Trantor é diferente do resto". A frase ficou ecoando na mente de Seldon e durante alguns instantes ele concentrou-se nela; por algum motivo, veio-lhe à mente a história da mão sobre a coxa narrada por Dors, mas Tisalver estava falando, e tudo isso sumiu da mente de Seldon tão depressa quanto surgira.)

Tisalver estava dizendo:

- Se quer mesmo saber sobre os termo-tubos, posso mostrar-lhe. - Virou-se para sua esposa. - Casilia, você se incomodaria se amanhã à noite eu levasse o Sr. Seldon para conhecer os termo-tubos?

- E eu - disse Dors, rapidamente.

- E a Sra. Venabili? ...

A Sra. Tisalver fechou a cara e disse em voz seca:

- Não creio que seja uma boa ideia. Nossos visitantes vão ficar aborrecidos.

- Não creio, Sra. Tisalver - disse Seldon, com seu melhor sorriso. - Gostaríamos muito de conhecer os termo-tubos E ficaríamos satisfeitos se se juntasse a nós ... bem como a sua filha, se ela também quiser vir.

- Para os termo-tubos?! - A Sra. Tisalver empertigou-se. - Não é lugar para uma mulher decente.

Seldon ficou desconcertado com a própria gafe, e disse: - Desculpe ... não quis ofendê-la.

- Não houve ofensa - acudiu Tisalver. - Casilia considera que é um ambiente indigno de nós, e de fato o é, mas uma vez que não trabalho ali não é nenhuma desonra fazer uma simples visita para mostrar o local aos nossos hóspedes. É um lugar desconfortável, no entanto, e eu jamais convenceria Casilia a usar o traje apropriado.

Com isto todos se ergueram, encerrando a conversa. As "cadeiras" dahlitas eram meros assentos moldados em plástico e instalados sobre pequenas rodas; os joelhos de Seldon sentiam-se terrivelmente incômodos naquela posição enrodilhada, e o assento parecia oscilar ao menor movimento do corpo. Os Tisalvers, no entanto, sentavam-se ali com firmeza e erguiam-se sem nem sequer apoiar-se nas mãos, o que para Seldon era uma façanha impossível. Dors também sentava e erguia-se dali sem dificuldade, e Seldon mais uma vez se maravilhou diante da graciosidade de seus movimentos.

Antes de irem para seus respectivos quartos, Seldon disse a Dors: - Tem certeza de que não sabe nada a respeito dos termotubos? Pela reação da Sra. Tisalver não parece ser um lugar muito agradável.

- Não pode ser algo tão desagradável assim, ou Tisalver não teria sugerido mostrá-los a nós. Vamos esperar para ver.

63.

– Vão precisar de uma roupa adequada - avisou Tisalver, enquanto a Sra. Tisalver fungava audivelmente, um pouco atrás.

Pela mente de Seldon passou a rápida visão de um kirtle, e ele indagou, inquieto:

- O que quer dizer com isto?

- Algo leve, como estou usando. Uma camiseta com mangas, calças largas, roupa de baixo leve, meias, sandálias abertas. Posso conseguir tudo isso para vocês.

- Ah, ótimo. Parece tudo em ordem.

- A Sra. Venabili, claro, usará a mesma coisa. Espero que lhe fique "bem".

As roupas que Tisalver entregou aos dois, e que eram dele próprio, ficaram um pouco justas, mas no geral serviram. Quando estavam todos prontos, despediram-se da Sra. Tisalver e ela, com um ar reprovativo mas resignado, ficou à porta vendo-os se afastarem.

Era o final da tarde, e o céu estava tomado por um agradável brilho crepuscular. Dentro em pouco as luzes de Dahl seriam acesas; a temperatura era amena, e quase não havia veículos à vista: todas as pessoas se deslocavam a pé. À distância podia-se escutar o onipresente zumbido de um expressway; e de vez em quando vislumbrava-se o cintilar das suas luzes.

Seldon notou que os dahlitas não pareciam estar andando em nenhuma direção especial; davam a impressão de estar apenas passeando sem destino, apenas pelo prazer de andar a pé. Se Dahl era de fato um setor pobre, as diversões gratuitas deviam ter ali um significado especial; e o que podia ser mais agradável, e mais gratuito, do que um passeio a pé durante o entardecer?

Pouco a pouco Seldon sentiu que seu passo começava a se harmonizar ao ritmo descontraído de todos, e detectou uma aura de cordialidade a envolver seu grupo. As pessoas se cumprimentavam umas às outras ao se cruzar, e trocavam algumas frases amistosas. Bigodes negros de diferentes formas e espessuras surgiam por toda parte, e pareciam uma marca registrada dos dahlitas, algo tão disseminado quanto os crânios calvos dos Irmãos mycogenianos.

Era um ritual de começo de noite, no qual todos se asseguravam de que mais um dia tinha transcorrido em paz, e que os amigos de cada um continuavam satisfeitos e tranquilos E (algo que logo se tornou evidente) Dors atraía todos os olhares. No brilho incerto do crepúsculo, seu cabelo avermelhado parecia mais escuro do que o normal, mas ainda assim se destacava dentro daquele oceano de cabeleiras negras (exceto por uma ou outra de tom mais grisalho), como uma moeda de ouro a cintilar num monte de carvão.

- Que coisa agradável - comentou Seldon.

- E é - disse Tisalver. - Num dia normal, eu estaria fazendo este passeio com a minha esposa, e ela estaria em seu elemento. Não há ninguém no raio de um quilômetro que ela não conheça pelo nome, e não saiba seu trabalho, sua vida. Eu não sou assim. Agora mesmo, metade dessas pessoas que estou cumprimentando ... eu não poderia lhe dizer como se chamam. Mas, em todo caso, não vamos continuar andando por muito mais tempo. Temos que pegar um elevador. O mundo lá embaixo está em plena atividade.

Iam descendo pelo elevador quando Dors disse:

- Presumo, Sr. Tisalver, que os termo-tubos são lugares onde o calor interno de Trantor é usado para produzir vapor que faz girar as turbinas geradoras de eletricidade.

- Oh, não. Existem pilhas térmicas altamente eficientes que produzem eletricidade de modo direto. Não me peça detalhes, por favor. Sou apenas um programador de holovisão. E também não os peça às pessoas lá embaixo. Esta coisa toda é como uma espécie de enorme caixa preta ... funciona, mas ninguém sabe como.

- E se algo sai errado?

- Raramente acontece, mas quando acontece é chamado um especialista em alguma parte. Alguém que entenda de computadores. A coisa toda é altamente computadorizada, claro.

O elevador parou e eles saíram. Uma onda de calor os envolveu. - Está quente - disse Seldon, desnecessariamente.

- Sim - disse Tisalver. - É isto que torna Dahl tão importante como fonte de energia. Aqui, a camada de magma está mais próxima da superfície do que em qualquer outro ponto de Trantor. Temos que trabalhar com esta temperatura.

- E quanto a ar condicionado? - perguntou Dors.

- Existe, mas é uma questão de custo. Nós ventilamos, desumidificamos e refrescamos o ar, mas se formos longe demais isso vai requerer muita energia, e o processo todo começa a ficar excessivamente caro.

Tisalver parou diante de uma porta e marcou um código. A porta se abriu, deixando escapar uma lufada de ar fresco, e ele murmurou:

- Precisamos pedir a alguém que nos mostre o local, e que mantenha sob controle as piadas de que a Sra. Venabili pode vir a ser vítima ... pelo menos por parte dos homens.

- Não ligo para piadas - disse Dors.

- Eu ligo - replicou Tisalver.

Um indivíduo jovem saiu de um escritório e se apresentou como Hano Lindor. Era muito parecido com Tisalver, mas Seldon achou que enquanto não se acostumasse a ver pessoas baixas, morenas, com cabelos negros e fartos bigodes, não poderia distinguir com facilidade um indivíduo de outro.

Lindor disse:

- Terei muito prazer em mostrar-lhes o que for possível. Mas devo avisar que não

é um espetáculo como podem estar pensando. - Seus olhos estavam fitos em Dors. - Não vai ser muito confortável. Acho melhor tirarmos as camisas.

- Aqui dentro está agradável - disse Seldon.

- Sim, mas só aqui dentro. Somos executivos e temos os nossos privilégios. Mas não podemos manter este nível de temperatura em toda parte; é por isso que os térmicos, ou seja, os trabalhadores, ganham um salário maior que o meu; ganham, para ser exato, os melhores salários de Dahl, e esta é a única razão pela qual conseguimos gente para trabalhar aqui. Ainda assim, é difícil conseguir térmicos para suprir a demanda. - Inspirou profundamente e disse: - OK, vamos mergulhar na panela.

Arrancou a camisa e a prendeu ao cinto; Tisalver e Seldon fizeram o mesmo.

Lindor olhou para Dors e disse: - Para seu próprio bem-estar, senhora ... mas não é obrigatório.

Tudo bem - disse Dors, e tirou a camisa.

Seu sutiã era branco, sem acolchoado, com cavas bem pronunciadas.

- Senhora ... - disse Lindor -, isto não é ... - Parou um instante, depois encolheu os ombros e disse: - Está bem, vamos.

Nos primeiros minutos, a única coisa que Seldon conseguiu perceber foram computadores e maquinaria, condutos gigantescos, luzes que piscavam, e telas iluminadas.

A luminosidade geral do ambiente era bastante reduzida, se bem que alguns pontos específicos da maquinaria estavam bem iluminados. Seldon olhou lá para o alto, na semipenumbra.

- Por que é tão escuro? - perguntou.

- Há luz suficiente ... onde é necessário - disse Lindor. Ele tinha uma voz bem modulada, e falava com rapidez, num tom severo. - A luminosidade ambiente é reduzida por razões psicológicas. A mente humana tem uma tendência a associar "mais luz" a "maior calor". Quando aumentamos as luzes os térmicos se queixam de que o local ficou mais quente, mesmo quando fazemos a compensação para manter a temperatura estável.

Dors falou:

- Parece que tudo é muito bem servido de computadores. Estou pensando por que todas as operações, então, não são deixadas a cargo dos computadores. Um ambiente como este é muito mais adequado à inteligência artificial do que à presença humana.

- Tem toda razão - disse Lindor -, mas não podemos nos arriscar a qualquer tipo de falha. Precisamos de pessoas por perto, para o caso de algo não estar correndo bem. Um defeito num computador pode causar problemas até a dois quilômetros de distância.

- O mesmo se dá quanto a um erro humano, não? - perguntou Seldon.

- Oh, sim, mas usando pessoas e computadores, o erro do computador pode ser localizado mais facilmente e corrigido por pessoas, e, simetricamente, o erro humano pode ser corrigido pelos computadores. O resultado disso é que nada de sério pode ocorrer a menos que computadores e técnicos falhem ao mesmo tempo, o que é uma possibilidade muitíssimo mais remota.

- Remota, mas sempre existe, não? - disse Seldon.

- Quase nunca sucede algo assim, mas acontece. Os computadores não são mais como antigamente ... nem as pessoas. - Todo mundo diz isso - disse Seldon, sorrindo.

- Não, não ... Não estou recordando os bons tempos do passado. É fato. São estatísticas.

Seldon mais uma vez lembrou-se de Hummin e de sua teoria sobre a decadência do Império.

- Vê o que eu digo? - disse Lindor, abaixando a voz. - Lá está um grupo de

térmicos ... do nível C-3, pelo que posso ver. Estão bebendo. Nenhum deles está em seu posto.

- Bebendo o quê? - perguntou Dors.

- Um líquido para repor as perdas eletrolíticas. Suco de frutas.

- Será que pode culpá-los? - disse Dors, indignada. - Num calor seco como este, é preciso beber algo.

- Faz ideia de por quanto tempo um C-3 veterano pode fazer render um copo de suco antes de retomar ao trabalho? E não há nada que possamos fazer quanto a isto, também. Se lhes dermos um intervalo de cinco minutos para beber esse copo e impedirmos que se reúnem em grupos para bater papo, estaremos detonando uma rebelião.

Estavam se aproximando do grupo de térmicos. Eram homens e mulheres (Dahl parecia ser uma sociedade anfissexual, com oportunidades iguais para todos), e estavam todos sem camisa. As mulheres usavam peças que podiam ser chamadas de sutiã, mas que eram estritamente funcionais: erguiam os seios para ajudar a ventilação do torso e diminuir a transpiração, mas não cobriam nada.

Dors sussurrou para Seldon:

- Muito prático isso, Hari. Eu estou encharcada.

- Tire seu sutiã, então - disse ele. - Não erguerei um dedo para impedi-la.

- Por alguma razão - disse ela -, achei que sua resposta seria esta. - Mas deixou o sutiã onde estava.

Pararam ao lado do grupo, que devia ter uma dúzia de térmicos. Dors voltou a falar baixinho:

- Se fizerem alguma piada, posso garantir que sobreviverei a isto.

Lindor, que a escutou, disse:

- Obrigado. Não posso garantir que não o farão. Em todo caso, é melhor que eu os apresente. Se eles pensarem que vocês são inspetores e que eu os estou acompanhando, podem ficar intratáveis. Os inspetores geralmente circulam por aqui sozinhos, sem ninguém da administração para vigiá-los. - Ergueu os braços pedindo atenção. - Térmicos! Quero apresentar-lhes duas pessoas. Temos dois visitantes estrangeiros ... dois pesquisadores, que vieram de outros mundos do Império. Eles vêm de planetas que têm problemas com a produção de energia, e vieram até aqui para ver como resolvemos esses problemas em Dahl. Eles creem que podem aprender alguma coisa.

- Vão aprender a suar ... - gritou um dos térmicos, e houve uma gargalhada rouca da parte do grupo.

- Ela vai acabar derretendo - exclamou uma das mulheres - coberta desse jeito.

Dors retrucou:

- Posso tirá-lo ... mas os meus não são páreo para os seus.

- A gargalhada dos térmicos recrudesceu, agora num tom de aprovação.

Mas um dos homens, ainda jovem, deu um passo à frente, fitando Seldon com olhos profundos; seu rosto era uma máscara de onde estava ausente qualquer

intenção de riso. Ele disse:

- Eu conheço você. Você é o matemático.

Adiantou-se mais, examinando o rosto de Seldon com um olhar ansioso e taciturno. Automaticamente, Dors deu um passo adiante, postando-se à frente de Seldon, e Lindor por sua vez colocou-se à frente dela, exclamando:

- Para trás, térmico! Veja como se comporta. Seldon o interrompeu:

- Espere aí! Deixem-no falar comigo. Por que será que todo mundo quer se postar à minha frente?!

Lindor abaixou a voz:

- Se eles se aproximarem, vai ver que eles não cheiram propriamente como flores de estufa.

- Posso aguentar - replicou Seldon bruscamente. - Você, rapaz. O que deseja?

- Meu nome é Amaryl. Yugo Amaryl. Eu o vi na holovisão.

- É possível, mas, e daí?

- Não me lembro do seu nome. - Não teria que se lembrar.

- O senhor falou sobre algo chamado psico-história.

- Não sabe como me arrependi disso.

- O quê?

- Nada. O que quer você?

- Conversar. Só um instante. Agora .

Seldon olhou para Lindor, que sacudiu a cabeça com firmeza:

- Não, enquanto estiver de serviço.

- Quando começa seu turno, Sr. Amaryl? - perguntou Seldon.

- Às dezesseis.

- Pode me encontrar às catorze?

- Certamente. Onde?

Seldon virou-se para Tisalver.

- Posso encontrar este homem em sua casa? Tisalver pareceu de súbito muito infeliz.

- Mas não é preciso! É apenas um térmico. Seldon retrucou:

- Ele me reconheceu. Sabe algo a meu respeito. Ele não pode ser apenas qualquer coisa. Vou recebê-lo em meu quarto. - O rosto de Tisalver não deu sinais de assentimento, e ele prosseguiu: - Meu quarto, pelo qual estou pagando aluguel. E o senhor estará fora de casa, em seu trabalho.

Tisalver disse em voz baixa:

- Não é por mim, Sr. Seldon. É minha mulher, Casilia. Ela não vai suportar tal coisa.

- Falarei com ela - disse Seldon, carrancudo. - Ela vai ter que suportar.

64.

Os olhos de Casilia Tisalver se arregalaram.

- Um térmico?! Não no meu apartamento!

- E por que não? - disse Seldon. - Ele vem ao meu quarto. Às catorze.

- Não posso admitir isto - disse a Sra. Tisalver. - É nisso que dá ir aos termo-tubos Jirad foi um idiota.

- De modo algum, Sra. Tisalver. Fomos até lá devido a um pedido meu, e fiquei fascinado. Preciso encontrar aquele rapaz. É algo indispensável para a pesquisa que estou fazendo

- Sinto muito se é, mas não posso admitir.

Dors Venabili ergueu a mão.

- Hari, deixe-me cuidar disto. Sra. Tisalver, se o Dr. Seldon precisa receber alguém em seu quarto esta tarde, esta pessoa adicional implica aluguel adicional. Podemos entender isto. Pelo dia de hoje, então, o aluguel do quarto do Dr. Seldon será duplicado

A Sra. Tisalver pensou um pouco

- Bem, é muito decente da parte de vocês, mas não se trata apenas dos créditos. É preciso pensar na vizinhança. Um térmico suado, malcheiroso ...

- Duvido que esteja suado e malcheiroso às catorze, Sra. Tisalver, mas deixe- me prosseguir. O Dr. Seldon precisa de fato encontrar esse homem; se não puder recebê-lo aqui vai ter que recebê-lo em algum outro local, mas não podemos ficar andando com ele para um lado e para outro ... seria demasiado inconveniente. O que teremos de fazer, nesse caso, será alugar um quarto em algum outro local. Não vai ser fácil, e preferimos não fazê-lo, mas teremos que dar um jeito. Teremos que pagar o aluguel até o dia de hoje e deixar o quarto, e naturalmente teremos que explicar ao Sr. Hummin por que tivemos que alterar os planos que ele tão gentilmente preparou para nós ...

- Espere. - O rosto de Sra. Tisalver tornou-se laboratório de cálculos. - Não gostaríamos de desagradar ao Sr. Hummin .. ou a vocês dois. Durante quanto tempo essa criatura permaneceria aqui?

- Ele virá às catorze. Seu turno de trabalho principia às dezesseis. Ele estará aqui por menos de duas horas, talvez até muito menos do que isto. Nós o encontraremos lá fora, eu e o Dr. Seldon, e o traremos para o quarto do Dr. Seldon. Qualquer vizinho que o aviste irá pensar que ele é um estrangeiro, um arrugo nosso

A Sra. Tisalver assentiu.

- Então que seja assim. Aluguel dobrado pelo quarto do Sr. Seldon por um dia, e o térmico virá nos visitar apenas essa vez. - Apenas essa vez - concordou Dors

Mais tarde, porém, quando Dors e Seldon estavam no quarto, ela disse:

- Por que você tem que ver esse homem, Hari? Será que entrevistar um térmico é também importante para a psico-história?

Seldon julgou perceber uma nota de sarcasmo na voz dela, e replicou com azedume:

- Não tenho que basear cada um dos meus atos nesse grandioso projeto, no qual, aliás, tenho cada vez menos fé. Também sou um ser humano, com curiosidades humanas. Estivemos naqueles termo-tubos durante horas, e você viu o tipo de gente que trabalha ali. São claramente incultos. São pessoas de baixo nível, sem trocadilho, e ainda assim houve um deles que me reconheceu. Deve ter me visto na holovisão por ocasião da Convenção Decenal, e lembrou-se da palavra "psico-história". Isso me pareceu um fato incomum, ou pelo menos algo pouco comum, e eu gostaria de trocar algumas palavras com esse indivíduo.

- Porque agrada à sua vaidade ter-se tornado famoso até mesmo entre os trabalhadores dos termo-tubos de Dahl?

- Bem ... talvez. Mas também espicaça minha curiosidade.

- E como sabe que ele não foi instruído por alguém e que sua intenção é apenas arrastar você para o perigo, como aconteceu antes?

Seldon se retraiu.

- Bem, não vou deixá-lo passar os dedos pelos meus cabelos. - Em todo caso, estamos mais experientes agora, não é mesmo? E desta vez estou certo de que você estará do meu lado. Quer dizer: você me deixou ir sozinho à Superfície, deixou-me ir sozinho às micro-fazendas com Gota de Chuva Quarenta e Três, mas agora não vai mais fazer isto, não é mesmo?

- Pode ter certeza absoluta disso - disse Dors.

- Então está bem: eu falarei com o rapaz e você ficará de guarda para detectar qualquer possível armadilha. Sabe que tenho toda confiança em você.

65.

Amaryl chegou alguns minutos antes das 14:00, olhando em redor com ar desconfiado. Tinha o cabelo penteado, e as pontas de seu bigode negro estavam levemente reviradas para cima. Sua camiseta era imaculadamente branca; havia um perceptível odor à sua volta, mas era claramente devido ao uso generoso de algum tipo de loção. Trazia na mão uma pasta.

Seldon, que o esperava do lado de fora, o tomou por um cotovelo e Dors pelo outro, e num instante estavam dentro do elevador. Chegaram ao andar dos Tisalver, e subiram sem demora para dentro do quarto de Seldon.

Amaryl disse, numa voz humilde: - Ninguém em casa, hem?

- Estão todos no trabalho - respondeu Seldon num tom neutro. Indicou a única cadeira do quarto, um assento fixado diretamente ao piso.

- Não - disse Amaryl. - Não preciso disso. Um de vocês dois pode usá-lo. - Agachou-se no chão com um movimento ágil.

Dors o imitou, sentando-se na beirada do colchão de Seldon, que repousava diretamente sobre o piso; Seldon também abaixou-se, mas de modo desajeitado, tendo que se apoiar nas mãos e não conseguindo encontrar um destino adequado para suas pernas.

- Muito bem, rapaz - disse ele. - Por que quer falar comigo?

- Porque você é um matemático. É o primeiro matemático que já encontrei ... assim de perto, claro, ao meu alcance.

- Os matemáticos são gente igual a todo mundo.

- Não para mim, Dr .... Seldon? ..

- Esse é o meu nome.

Amaryl pareceu satisfeito.

- Acabei me lembrando. Sabe de uma coisa, eu também queria ser um matemático.

- Muito bem. E o que o impede? Amaryl fechou a cara.

- Está falando sério?

- Bem, imagino que alguma coisa esteja lhe servindo de obstáculo ... - Sim, falo sério.

- O que me serve de obstáculo, Dr. Seldon, é que eu sou um dahlita, um térmico do Setor Dahl. Não posso pagar por uma boa educação, não tenho créditos suficientes para me educar. Uma educação de verdade, claro. Tudo o que eles me ensinaram foi a ler e cifrar, e usar um computador, e aí pronto, eu já podia ser um térmico. Mas eu queria mais do que isso, e comecei a estudar por conta própria.

- De certa forma é a melhor maneira de estudar. E como você fez?

- Eu conhecia uma bibliotecária que estava disposta a me ajudar. Era uma boa mulher, e ela me ensinou a usar os computadores para estudar matemática. Ela me passou também um programa de computador que me colocou em contato com outras bibliotecas. Eu ia para lá todos os meus dias de folga, e de manhã, quando largava meu turno de trabalho. Às vezes ela me trancava em sua sala, para que as outras pessoas não me atrapalhassem, e às vezes me deixava entrar quando a biblioteca estava fechada. Ela não sabia nada sobre matemática, mas me ajudou tanto quanto pôde. Era uma viúva, uma mulher idosa. Talvez me visse como filho ou coisa parecida. Ela não tinha filhos.

(Talvez, pensou Seldon, houvesse alguma outra emoção envolvida; mas logo ele afastou esse pensamento. Não era da sua conta.)

- Eu gostava de Teoria dos Números - continuou Amaryl.

- Elaborei algumas coisas a partir do que aprendi no computador, e dos livros-filmes onde estudei matemática. E descobri algumas coisas novas, que não estavam nos livros-filmes.

Seldon ergueu as sobrancelhas.

- Isso é interessante. Que tipo de coisas novas?

- Trouxe algumas para lhe mostrar. Nunca as mostrei a quem quer que fosse. As pessoas com quem convivo ... - Ele encolheu os ombros. - Iriam rir na minha cara, ou então ficar entediadas. Certa vez tentei conversar sobre isto com uma garota que eu conhecia, mas ela disse que eu era muito esquisito, e que não queria mais sair comigo. Há algum problema ... se eu lhe mostrar isto?

- De modo algum. Deixe-me ver.

Seldon estendeu a mão e depois de uma breve hesitação Amaryl lhe entregou

a pasta que tinha trazido.

Durante um longo tempo, Seldon examinou os escritos de Amaryl. Os trabalhos eram de uma extrema ingenuidade, mas ele não sorriu em momento algum. Acompanhou as demonstrações, nenhuma das quais era nova,

evidentemente - ou mesmo parecia nova.

Mas isso não tinha importância. Seldon ergueu os olhos.

- Você fez isto tudo sozinho?

Com um olhar amedrontado, Amaryl fez um gesto afirmativo. Seldon escolheu algumas páginas e as mostrou.

- O que o fez pensar assim? - Seu dedo correu ao longo de uma folha, acompanhando um raciocínio matemático.

Amaryl olhou o texto, franziu a testa, pensou um pouco. Então começou a explicar a linha de raciocínio que tinha adotado.

Seldon ouviu tudo e perguntou:

Já leu um livro de Anat Bigell?

- Sobre Teoria dos Números?

- O título é Dedução Matemática. Não é sobre Teoria dos Números especificamente.

Amaryl abanou a cabeça.

- Nunca ouvi falar nele. Sinto muito.

- Ele demonstrou este teorema aqui ... há trezentos anos atrás.

Amaryl pareceu chocado. - Mas eu não sabia!

- Estou certo que não. Acontece que você o demonstrou de uma maneira mais hábil do que a dele. Não é uma maneira rigorosa, mas em todo caso ...

- Rigorosa? O que quer dizer com isto?

- Não importa. - Seldon voltou a colocar as folhas no maço de onde as tinha tirado e guardou tudo outra vez na pasta. - Faça várias cópias disto. Pegue uma delas, faça com que seja datada por um computador oficial, e a coloque sob selo computadorizado. Minha amiga aqui presente, a Ora. Venabili, pode fazer com que você seja aceito na Universidade de Streeling sem ter que pagar, através de alguma modalidade de bolsa de estudo. Você terá que começar desde o princípio, e estudar outras matérias além de matemática, mas ...

Amaryl estava sem fôlego.

- Na Universidade de Streeling? Eles não vão me aceitar.

- Por que não? Dors, você pode conseguir isto, não é?

- Estou certa que sim.

- Não, não pode - disse Amaryl com veemência. - Não vão me aceitar. Sou um dahlita.

- E daí?

- Eles não aceitam gente de Dahl.

Seldon olhou para Dors. - Do que está falando? .. Dors abanou a cabeça. - Não faço ideia.

- A senhora é urna estrangeira - disse Amaryl. - Há quanto tempo está em Streeling?

- Há um pouco mais de dois anos, Sr. Amaryl.

- Já viu algum dahlita por lá ... alguém baixo, cabelo negro e crespo, grandes bigodes?

- Há estudantes com todas as aparências possíveis.

- Mas não há nenhum dahlita. Preste atenção da próxima vez que estiver lá.

- Mas por que não há? - perguntou Seldon.

- Eles não gostam de nós. Nós somos diferentes. Não gostam dos nossos bigodes.

- Você pode raspá-lo, se ... - A voz de Seldon morreu diante do olhar furioso que Amaryl dardejou sobre ele.

- Nunca! Por que vou raspá-lo? Meu bigode é minha masculinidade.

- Você não raspa a barba? Ela faz parte de sua masculinidade também.

- Não. Entre o meu povo, é só o bigode.

Seldon olhou mais uma vez para Dors e murmurou: - Cabeças raspadas, bigodes ... são todos malucos.

- O quê? - perguntou Amaryl, irritado.

- Nada. Diga-me: o que é que eles não gostam mais, nos dahlitas?

- Eles inventam coisas para não gostar de nós. Dizem que cheiramos mal. Que somos sujos. Que roubamos. Que somos violentos, que somos estúpidos.

- Por que dizem isso?

- Porque é fácil de dizer, e porque faz com que eles se sintam melhor. É claro que, se nós somos forçados a trabalhar nos termo-tubos, acabamos sendo sujos e cheirando mal. Somos pobres e marginalizados, então alguns de nós roubam, ou praticam a violência. Mas nem todos nós somos assim. O que me diz desses

cabelos amarelos no Setor Imperial, que pensam que são donos da Galáxia ... ou melhor, que são mesmo donos da Galáxia. Eles não são violentos? Nunca roubam? Se eles tivessem que fazer o trabalho que eu faço, teriam o mesmo cheiro que eu. Se tivessem de viver como eu vivo, também seriam sujos.

- Quem nega o fato de que em qualquer lugar existe todo tipo de pessoas? - disse Seldon.

- Ninguém discute isso. Acham que é assim, e mais nada. Sr. Seldon, eu preciso ir embora de Trantor. Não tenho a menor chance aqui, nenhuma maneira de reunir créditos, ou de receber uma educação, nenhuma maneira de me tornar matemático, ou de me tornar algo diferente do que eles dizem que sou ... um nada, uma coisa sem valor.

As últimas frases foram ditas com total frustração, quase desespero.

Seldon tentou ser razoável.

- A pessoa que está me alugando este quarto ... é um dahlita.

É um homem educado, tem um emprego decente.

- Oh, claro! - disse Amaryl com fervor. - Existem alguns desses. Eles deixam que alguns se deem bem, para mostrar que não é impossível. E esses que se dão bem podem viver uma boa vida, desde que não ponham os pés fora de Dahl. Mandem-nos sair daqui e eles vão ver como se tratam os dahlitas lá fora. Enquanto permanecem aqui dentro, eles se dão por satisfeitos tratando o resto de nós como animais ... faz com que eles se achem iguais aos cabelos amarelos. Essas pessoas educadas que lhe alugaram o quarto ... o que disseram elas, ao saber que um térmico viria até aqui? Como lhe disseram que eu seria? Estão fora de casa, não estão? Jamais ficariam no mesmo lugar que eu.

Seldon umedeceu os lábios.

- Eu não vou me esquecer de você. Darei um jeito para que saia de Trantor e vá para minha Universidade, em Helicon ... assim que eu próprio conseguir chegar lá.

- Promete? Dá sua palavra de honra? Mesmo sendo eu um dahlita?

- O fato de você ser dahlita não tem importância para mim. O fato de que você já é um matemático, isto sim, é importante. Mas ainda preciso me acostumar a essas coisas que você está dizendo. Sempre achei impossível que se pudesse alimentar sentimentos tão irracionais para com pessoas inofensivas.

Amaryl respondeu com amargura:

- É porque o senhor nunca teve ocasião de se interessar por essas coisas. Elas

podem estar acontecendo mesmo embaixo do seu nariz, e o senhor não as percebe, porque elas não o afetam.

Dors disse:

- Sr. Amaryl, o Dr. Seldon é um matemático, como o senhor, e às vezes a cabeça dele parece estar nas nuvens. Precisa compreender isto. Quanto a mim, sou historiadora. Sei o quanto é frequente um determinado grupo de pessoas olhar com desprezo para outro grupo. Existem alguns tipos de ódio grupal que chegam quase a ser ritualísticos, que não têm nenhuma justificação racional possível, e que têm uma influência enorme na história. É uma pena.

Amaryl replicou:

- É, é muito fácil dizer que é uma pena. A senhora diz que desaprova isso, fica se sentindo uma excelente pessoa, e vai cuidar de sua própria vida, sem se interessar mais pelo caso. Mas é algo muito pior do que "uma pena". É contra tudo o que é decente e natural. Somos todos iguais ... cabelos amarelos e cabelos negros, altos e baixos, orientais, ocidentais, meridionais e estrangeiros. Todos, todos nós, vocês dois, e eu, e até mesmo o imperador, todos nós descendemos do povo da Terra ... ou não?

- Descendemos de quem? - perguntou Seldon. Seus olhos dilatados de espanto se voltaram no mesmo instante para Dors. - Do povo da Terra - tornou Amaryl. - O planeta onde se originou a humanidade.

Um planeta? Um apenas?

Um único planeta, claro. A Terra.

- Quando você diz "Terra" isso quer dizer "Aurora", não é isso?

- Aurora?! O que é isso? Quero dizer Terra. Nunca ouviu falar da Terra?

- Não. Para falar a verdade, não.

- É um mundo mítico - começou Dors - que ...

- Não é mítico. Era um planeta de verdade.

Seldon suspirou.

- Já ouvi isso tudo antes. Bem, vamos repassar de novo. Existe algum livro dahlita que fale da Terra?

- Algum o quê?

- Está bem ... algum programa de computador?

- Não sei do que está falando.

- Meu rapaz, onde você ouviu falar da Terra?

- Meu pai me falou. Todo mundo sabe a respeito dela.

- Existe alguém que seja especialmente bem informado sobre ela? Você aprendeu alguma coisa a respeito, na escola?

- Na escola nunca me disseram uma palavra.

- Então, como é que as pessoas ficam sabendo?

Amaryl! encolheu os ombros com a expressão de quem está se sentindo excessivamente pressionado a respeito de algo sem importância.

- Sei lá. Todo mundo sabe. Se quer ouvir algumas histórias sobre a Terra, existe Mãe Rittah. Creio que ela ainda é viva.

- Sua mãe? Como é que ...

- Não é minha mãe. E o modo como todo mundo a chama. Mãe Rittah. É uma mulher muito velha, que mora em Billibotton, ou pelo menos morava.

- Onde é isso?

- Para lá - disse Amaryl, fazendo um gesto vago.

- Como posso chegar lá?

- Chegar lá? Você não pode. Nunca voltaria.

- Por que não?

- Pode me acreditar. Ora, você não vai querer ir lá.

- Eu gostaria de ver essa tal Mãe Rittah.

Amaryl abanou a cabeça.

- Sabe usar uma faca?

- Usar para quê? Que tipo de faca?

- Uma faca de luta. Como esta. - Estendeu a mão para o cinto, um cinto largo que prendia suas calças ao tronco. Parte do cinto se abriu e dali emergiu a lâmina de uma faca, uma lâmina fina, reluzente, mortal.

A mão de Dors desceu com rapidez e agarrou o punho direito de Amaryl. Ele deu uma risada.

- Não vou usá-la. Ia apenas mostrá-la a vocês. - Pôs a faca de volta ao cinto. - Você vai precisar de uma para se defender. Se não tiver uma faca destas, ou se a tiver mas não souber usá-la, nunca sairá vivo de Billibotton. Em todo caso ... - Seu rosto tornou-se mais uma vez sério e alerta. - Falou sério, Sr. Seldon, quando

disse que me levaria para Helicon?

- Absolutamente sério. É uma promessa. Escreva seu nome e onde pode ser encontrado por hiper-computador Você tem seu código, suponho.

- Tenho o do meu alojamento nos termo-tubos Serve?

- Sim.

- Está bem - disse Amaryl, lançando a Seldon um olhar carregado de franqueza. - Isso quer dizer que todo o meu futuro depende do senhor, Sr. Seldon, portanto, por favor não vá a Billibotton. Não posso perdê-lo, justamente agora. -

Voltou olhos suplicantes para Dors e disse: - Por favor, Sra. Venabili ... se é que lhe dá alguma atenção, não deixe que ele vá. Por favor!

14.BILLIBOTTON

DAHL - ... Por estranho que pareça, o aspecto mais célebre deste setor é Billibotton, um lugar semilendário a respeito do qual houve uma incrível proliferação de histórias. De fato, existe todo um gênero de literatura no qual heróis e aventureiros (bem como vítimas) são obrigados a enfrentar os perigos da travessia de Billibotton. Tais histórias acabaram se tornando tão estilizadas que a mais conhecida e presumivelmente a única autêntica entre elas, a que se refere a Hari Seldon e Dors Venabili, acabou adquirindo uma aura fantástica por pura e simples associação ...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

66.

Quando Hari Seldon e Dors Venabili ficaram a sós, Dors perguntou, pensativa:

- Você está mesmo pensando em ir ver essa tal Mãe não sei o quê?

- Estou com essa intenção.

- Você é um homem estranho, Hari. Parece estar indo de mal a pior. Quando estávamos em Streeling você deu um jeito de ir à Superfície, o que parecia algo inofensivo, e fez isso com um propósito perfeitamente racional. Em Mycogen você invadiu a aerie dos Anciãos, uma façanha muito mais arriscada, e com um propósito dos mais tolos. Agora em Dahl você está querendo ir a esse tal lugar, o que esse rapaz considera um verdadeiro suicídio, e por uma razão absurda.

- Estou curioso a respeito dessa referência à Terra. Preciso saber o que há por trás disso.

- É uma lenda, e nem mesmo é uma lenda interessante. Uma coisa rotineira. Os nomes mudam de planeta para planeta, mas o conteúdo é sempre o mesmo. Existe sempre a história de um mundo original, de uma idade de ouro. Existe, nas pessoas de sociedades complexas e cheias de problemas, uma espécie de atração por um passado supostamente simples e puro ... é algo universal. De um modo ou de outro, isso se dá em todas as sociedades, uma vez que cada pessoa acha o seu mundo complexo e cheio de problemas, por mais simples que ele pareça. Anote isso para a sua psico-história.

- Ainda assim - disse Seldon - devo considerar a possibilidade de que esse mundo único tenha existido. Aurora ... Terra ... o nome não importa. De fato ... Ele fez uma longa pausa, até Dors perguntar: - E então? ..

Ele abanou a cabeça.

- Lembra daquela história sobre a mão na coxa, que você me contou em Mycogen? Foi logo depois que eu consegui o Livro das mãos de Gota de Chuva Quarenta e Três ... Bem, essa história surgiu de novo em minha cabeça uma dessas noites, quando estávamos conversando com os Tisalvers. Eu disse algo que, por um instante, me fez lembrar. ..

- Lembrar o quê?

- Não sei. Foi uma ideia que surgiu e desapareceu no mesmo instante, mas todas as vezes que penso nessa noção de um planeta único tenho a impressão de

estar tocando em algo com as pontas dos dedos, mas é algo que sempre me foge.

Dors o olhou com surpresa.

- Não imagino o que possa ser. Essa história sobre a mão na coxa não tem nada a ver com a Terra ou Aurora.

- Eu sei, mas essa ... coisa ... que me escapa à mente parece ter alguma ligação com essa planeta único, e tenho a intuição de que preciso descobrir mais a respeito, seja como for. A respeito disso ... e dos robôs.

- Robôs? Pensei que o aerie de Mycogen tivesse encerrado esse assunto.

- De modo algum. Continuo pensando neles. - Ele fitou Dors com um olhar preocupado e disse: - Mas não tenho certeza. - Certeza de quê?

Mas ele apenas sacudiu a cabeça e não disse mais nada. Dors franziu a testa e disse:

- Hari, deixe-me dizer-lhe uma coisa. Na história oficial, e pode acreditar que sei do que estou falando, não existe nenhuma menção a um único mundo de origem. É uma crença popular, concordo; não apenas entre as pessoas rudes que se apegam a costumes folclóricos, como os mycogenianos e os térmicos de Dahl, mas há biólogos que insistem em que deve ter havido um único planeta de origem, por motivos que estão além da minha especialidade, e muitos historiadores de tendência mística gostam de especular sobre isso. Pelo que sei, tais especulações estão na moda entre as elites intelectuais, mas a História oficial não sabe de nada a respeito

- Mais um motivo - disse Seldon - para tentar ir além da história oficial. Tudo o que me interessa é descobrir um recurso que simplifique a psico-história de acordo com as minhas necessidades, e pouco me importa que tipo de recurso seja esse, se é um truque matemático, ou um truque histórico ou alguma coisa totalmente imaginária. Se esse rapaz com quem acabamos de falar tivesse um pouco mais de preparo técnico eu lhe entregaria este problema. Ele tem um pensamento muito engenhoso, muito original..

- E você vai ajudá-lo, então?

- Claro. Assim que tiver condições para isto.

- Será que é certo, fazer promessas que você não sabe se terá condições de cumprir.

- Eu quero cumpri-la. Se você é tão exigente quanto a promessas impossíveis, considere o caso de Hummin, quando prometeu a Mestre do Sol Catorze que eu iria usar a psico-história para devolver aos mycogenianos o seu mundo

primordial. A chance de que isto aconteça é praticamente nula. Mesmo se a psico-história chegar a funcionar, quem pode saber se ela poderá ser utilizada para um propósito tão limitado, tão específico? Este sim, é um caso típico de prometer o que não se pode dar.

Dors replicou com ardor:

- Chetter Hummin estava tentando salvar nossas vidas, e nos manter longe das mãos de Demerzel e do imperador. Não esqueça isso. E acho que ele de fato gostaria de ajudar os mycogenianos.

- E eu de fato gostaria de ajudar Yugo Amaryl, e estou mais próximo de ajudá-lo do que aos mycogenianos, de modo que você pode justificar um caso, mas não critique o outro. E tem outra coisa, Dors. - Os olhos dele faiscaram em desafio. - Preciso falar com essa tal de Mãe Rittah, e estou pronto para Ir sozinho.

- Nunca! - retrucou Dors. - Se você for, eu vou.

67.

A Sra. Tisalver voltou para casa, com a filha a reboque, uma hora após a saída de Amaryl. Não dirigiu uma palavra a Seldon e Dors, apenas fez um leve aceno de cabeça quando eles a cumprimentaram, e circunvagou o olhar pela sala, como se tentando detectar algum traço da passagem do térmico por ali. Depois aspirou o ar de modo explícito e lançou um olhar acusador para Seldon, antes de seguir para seu próprio quarto.

Tisalver chegou mais tarde; quando Seldon e Dors vieram jantar, ele aproveitou o fato de sua mulher ainda estar fazendo os derradeiros preparativos para a refeição e perguntou em voz baixa. - A tal pessoa esteve aqui?

- E já se foi - respondeu Seldon sério. - Sua esposa estava fora.

Tisalver assentiu e disse:

Vai precisar fazer isso outra vez? - Creio que não - disse Seldon

- Ótimo.

O jantar transcorreu quase todo em silêncio, mas depois dele, quando a garota se retirou para seu quarto a fim de se entregar ao duvidoso prazer de praticar com o computador, Seldon recostou-se e pediu:

- Falem-me um pouco sobre Billibotton

Tisalver fez uma cara atônita, e sua boca se moveu sem que ele emitisse um som. Casilia, no entanto, não perdia o dom da fala tão facilmente.

- É lá que seu novo amigo mora? - perguntou. - Vão retribuir-lhe a visita?

- Até agora - disse Seldon com calma -, tudo o que fiz foi perguntar sobre Billibotton.

- É uma favela - disse Casilia, com voz cortante. - A ralé mora lá. Ninguém vai lá, à exceção da gentinha que habita aquilo ali

- Fiquei sabendo que uma tal de Mãe Rittah mora lá.

- Nunca ouvi falar nela - disse Casilia, e fechou a boca com decisão. Era bastante óbvio que ela não queria saber o nome de ninguém que morasse em Billibotton.

Tisalver, lançando um olhar pouco à vontade na direção da esposa, disse:

- Já ouvi falar dela. É uma velha meio maluca, e dizem que lê a sorte das pessoas.

- E ela mora em Billibotton?

- Não sei, Sr. Seldon, nunca a vi. Ela é mencionada de vez em quando nos noticiários das holo-transmissões, quando faz suas profecias.

- Essas profecias se realizam? Tisalver torceu o nariz.

- Alguma profecia por acaso se realiza? As dela nem sequer fazem sentido.

- Falam alguma coisa sobre a Terra?

- Não sei. Não me surpreenderia.

- A menção da Terra não pareceu causar-lhe espanto. Já ouviu falar dela?

Desta vez Tisalver foi pegado de surpresa.

- Mas certamente, Sr. Seldon. É o planeta de onde todas as pessoas se originam ... ou pelo menos é o que se supõe.

- O que? se supõe? Não acredita nisso?

- Eu? Eu tenho instrução. Mas muita gente ignorante acredita.

- Existem filmes-livros sobre a Terra?

- Histórias para crianças às vezes mencionam a Terra. Lembro-me de que, quando eu era pequeno, minha história favorita começava assim: "Era uma vez, há muito tempo atrás, na Terra, quando a Terra era o único planeta ... " Lembra-se, Casilia? Você também gostava desta.

Casilia apenas encolheu os ombros, ainda pouco disposta a deixar-se dobrar.

- Gostaria de ver essa história algum dia - disse Seldon. - Tenho interesse de ver filmes-livros de verdade, quer dizer ... mais sérios; e filmes, ou textos impressos.

Não conheço nenhum, mas na biblioteca ...

- É, tentarei isto. Existe algum tabu a respeito da Terra?

- O que é tabu?

- É ... é uma espécie de costume muito forte, de que as pessoas não deveriam falar sobre a Terra, especialmente estrangeiros.

Tisalver o fitou com uma expressão tão desconcertada que tornou desnecessária qualquer resposta.

Foi a vez de Dors perguntar:

- Existe alguma regra a respeito da ida de pessoas de fora até Billibotton?

- Regras propriamente não - disse Tisalver, recobrando a firmeza. - Mas não é um boa ideia para ninguém pôr os pés ali. Eu jamais o faria.

- Por que não? - perguntou Dors.

- É perigoso, é violento. Todo mundo ali anda armado. Quer dizer: em Dahl todo mundo anda armado, mas em Billibotton eles usam as armas. Fique aqui nestes arredores! Isto aqui é seguro.

- Por enquanto - disse Casilia, numa voz soturna. - Talvez fosse melhor passarmos a sair sempre juntos. Hoje em dia os térmicos vão a qualquer lugar. - E houve mais um olhar ameaçador na direção de Seldon.

- Disse que em Dahl todo mundo anda armado? - perguntou Seldon. - As leis imperiais contra armas são muito severas. - Sei disso - disse Tisalver -, e aqui não há fuzis atordoadores, ou armas percussivas, ou sondas-psi, nada desse tipo. Mas há facas. - Fez uma expressão embaraçada.

- Leva uma faca consigo, Sr. Tisalver? - perguntou Dors.

- Eu? - Ele ficou horrorizado. - Sou um homem pacífico, e esta vizinhança é muito tranquila

- Temos um par delas em casa - disse Casilia, fungando um pouco. - Não temos tanta certeza quanto à vizinhança.

- Todo mundo tem facas consigo?

- Quase todo mundo, Sra. Venabili - disse Tisalver. - É um hábito. Não quer

dizer que todo mundo as use.

- Mas em Billibotton as usam, suponho.

- Às vezes. Quando estão muito exaltados, eles costumam brigar.

- E o governo permite isso? Estou me referindo ao governo imperial.

- Às vezes tentam fazer uma limpeza geral em Billibotton; mas facas são muito fáceis de esconder, e a tradição é muito forte. Além do mais, esse tipo de crime geralmente faz vítimas entre os próprios dahlitas, e não creio que isso cause muita preocupação entre o governo.

- E se um estrangeiro for morto?

- Se o fato for noticiado, o governo pode ficar inquieto, mas no final verifica-se que ninguém viu nada, ninguém sabe de nada. O governo prende algumas pessoas baseando-se em motivos vagos; mas nunca consegue provar coisa alguma. Presumo que acabam concluindo que a culpa foi dos estrangeiros, por terem se metido a andar por ali. Portanto ... não vá a Billibotton, mesmo que tenha uma faca.

Seldon abanou a cabeça, teimoso.

- Não pretendo usar uma faca. Não saberia como usá-la, pelo menos com a perícia necessária.

- Então é simples, Sr. Seldon - tornou Tisalver, com um tom funéreo. - Fique longe dali.

- Também não pretendo fazer isto - disse Seldon.

Dors acompanhava o diálogo com uma expressão claramente aborrecida, e perguntou a Tisalver:

- Onde se pode comprar uma faca? Ou se for o caso, podemos usar uma das suas?

Foi Casilia quem respondeu de imediato

- Aqui não se usam as facas alheias. Vocês terão que comprar a de vocês.

- Existem lojas de facas por toda parte - ajuntou Tisalver.

- Em princípio, não deviam existir ... sabe como é, teoricamente elas são ilegais. Mas qualquer loja de ferramentas as vende. Se vocês virem uma máquina de lavar na vitrine, é um sinal positivo.

- E como se chega em Billibotton? - perguntou Seldon.

- Pelo expressway. - Dors franziu a testa, e Tisalver sentiu-se Incômodo.

- E uma vez descendo do expressway, o que se faz? - Insistiu Seldon.

- Pegue o expressway indo na direção do leste - disse Tisalver. - É só seguir a sinalização. Mas, mesmo que tenha de ir, Senhor Seldon ... - Tisalver hesitou, e depois prosseguiu: - Não leve a Sra. Venabili. Às vezes as mulheres são tratadas ... de uma maneira muito pior.

- Ela não vai - disse Seldon.

- Tenho a impressão de que vai, sim - disse Dors, com calma e determinação.

68.

O bigode do balconista da loja de ferramentas era claramente tão farto quanto tinha sido em sua juventude, mas agora estava grisalho, embora os seus cabelos permanecessem escuros. O homem tocou automaticamente o bigode, cofiando-o para os lados, no momento em que Dors entrou na loja.

- A senhora não é dahlita - disse.

- Não, mas em todo caso quero comprar uma faca - respondeu ela.

- É contra a lei vender facas.

- Olhe, não sou policial, nem agente do governo. Estou indo para Billibotton.

O homem a olhou de cima a baixo. - Sozinha?

- Com meu amigo. - Ela fez um gesto de polegar sobre o ombro na direção de Seldon, que a esperava mal-humorado do lado de fora.

- Está querendo uma faca para ele? - Olhou para Seldon e não precisou de muito tempo para dizer: - É um estrangeiro também Deixe que ele entre e compre sua própria faca.

- Ele também não é agente do governo. E quero comprar a faca para mim.

O homem abanou a cabeça.

- Esses estrangeiros são malucos. Mas se está disposta a gastar alguns créditos, pode gastá-los aqui.

Ele enfiou a mão sob o balcão, e trouxe dali um cabo compacto e cilíndrico; deu-lhe uma hábil torção com os dedos, e fez emergir uma lâmina brilhante.

- É a maior que tem? - perguntou Dors.

- É a melhor faca para mulheres que já foi fabricada - afiançou o homem.

- Mostre-me uma faca masculina.

- Não vai querer uma que seja pesada demais. Sabe usar uma dessas coisas?

- Posso aprender, e peso não é coisa que me preocupe. Mostre-me uma faca para homens.

O balconista sorriu .

.- Bem, se quer mesmo ver uma ... - Meteu a mão noutra parte do balcão e trouxe dali um cabo bem mais grosso. Uma rápida torção, e emergiu dali uma lâmina que parecia pertencer a uma faca de açougueiro. Ele a estendeu para Dors, o cabo para frente, ainda sorrindo.

Ela disse:

- Mostre-me como se faz.

Ele apanhou outra faca, torcendo o cabo com os dedos numa direção para fazer a lâmina surgir, e na direção oposta para a recolher.

- Aperte o cabo, e depois torça - explicou.

- Faça outra vez.

O homem obedeceu.

- Está bem - disse Dors. - Feche-a, e me dê.

Ele obedeceu, jogando-a na direção de Dors, que a apanhou no ar sem dificuldade, para logo devolvê-la, pedindo:

- Faça isso mais rápido.

O homem ergueu as sobrancelhas por um instante e depois, sem aviso prévio, atirou a faca com força à esquerda de Dors. Sem esboçar nenhum movimento com a mão direita, ela apanhou o cabo da faca com a mão esquerda, e com um rápido movimento dos dedos fez a lâmina brotar, e logo em seguida desaparecer novamente. O homem ficou de boca aberta.

- Esta é a maior que tem? - perguntou ela.

- É, sim. Se for usá-la, vai acabar se cansando.

- Tudo bem, eu respiro mais fundo. Vou querer outra.

- Para seu amigo? - Não, para mim.

- Está pensando em usar duas facas?

- Eu tenho duas mãos.

O balconista suspirou.

- Senhora, por favor fique afastada de Billibotton. Não sabe o que eles fazem com as mulheres naquele lugar.

- Sou capaz de imaginar. Como posso pôr essas facas em meu cinto?

- Nesse que está usando é impossível. Não é um cinto próprio para facas. Mas posso lhe vender um.

- Um que guarde duas facas?

- Devo ter um cinto duplo por aí. .. mas ninguém nunca pede um deles.

- Eu estou pedindo.

- Talvez eu não tenha um do seu tamanho. Podemos cortá-lo, ou fazer o que for preciso. Vai lhe custar uma porção de créditos.

- Minha ficha de crédito pode cobrir isto.

Quando ela finalmente emergiu da loja, Seldon comentou, com azedume:

- Você fica ridícula com um cinto desse tamanho.

- É mesmo, Hari? Ridícula demais para acompanhar você a Billibotton? Então vamos voltar para o apartamento.

- Não. Vou até lá sozinho. Me sentirei muito mais seguro.

- Sabe que não adianta dizer isto, Hari. Ou vamos os dois, ou voltamos os dois para casa. Em hipótese alguma nos separaremos.

Havia alguma coisa na firmeza de seus olhos azuis, na linha resoluta de seus lábios, e no modo como suas mãos se apoiavam de ambos os lados do cinto, que convenceu Seldon de que ela falava sério.

- Está bem - disse ele. - Mas se você sobreviver, e se eu voltar a encontrar com Hummin, meu preço para continuar trabalhando na psico-história vai ser o seu afastamento ... por mais que eu tenha me apegado a você. Entendeu bem?

Dors sorriu.

- Esqueça isso. Não venha pôr o seu cavalheirismo em prática logo comigo. Nada vai me fazer mudar de ideia, e agora quero saber se você entendeu bem.

69.

Eles saíram do expressway quando o letreiro luminoso anunciou: BILLlBOTTON. Talvez como uma indicação do que os esperava, o segundo "I"

estava enegrecido de sujeira, mal deixando passar a luz.

Deixaram o vagão e seguiram por uma rua larga que passava ao lado. Era o começo da tarde, e à primeira vista Billibotton era muito semelhante à parte de Dahl que eles tinham acabado de deixar.

O ar, no entanto, estava impregnado de um odor muito forte, e as ruas estavam cobertas de lixo. Era possível deduzir que os carros-varredores automáticos não eram algo fácil de encontrar pela vizinhança.

E, embora a rua parecesse bastante normal, a atmosfera era de tensão, como uma mola enrolada com demasiada força.

Talvez fossem as pessoas. Circulava pela rua uma quantidade normal de pedestres, mas não eram como os pedestres em outros lugares, pensou Seldon. Os pedestres em geral, movidos pela pressa e pelas suas obrigações, tendem a estar absorvidos em si mesmos; e, nas enormes multidões que fervilhavam nos espaços superpopulosos de Trantor, as pessoas só podiam sobreviver psicologicamente se se ignorassem umas às outras. Os olhos não se cruzavam. As mentes sofriam um bloqueio. Cada pessoa criava em torno de si própria uma névoa artificial de privacidade, para se proteger. Como alternativa, haviam os rituais amistosos dos passeios noturnos em ambientes próprios para isso.

Em Billibotton, no entanto, estavam ausentes tanto o isolamento quanto o clima de cordialidade ... pelo menos no que dizia respeito a estrangeiros. Cada pessoa que passava, em qualquer direção, virava-se para examinar melhor Seldon e Dors. Cada par de olhos, como se ligado a eles por fios invisíveis, os seguia enquanto eles caminhavam ao longo da rua, com uma expressão malévola.

A roupa dos habitantes de Billibotton mostrava uma tendência para ser velha, cheia de manchas e eventualmente de rasgões. Havia um verniz de pobreza e sujeira a recobri-las, e Seldon começou a sentir desconforto no interior das roupas novas que estava usando.

- Onde você acha que deve morar a Mãe Rittah? - perguntou ele.

- Não faço ideia - disse Dors. - Você nos trouxe aqui, e é você que deve achar qualquer coisa. Minha função aqui é protegê-lo e penso que isso já vai me dar bastante trabalho.

- Pensei que bastaria perguntar a qualquer transeunte - disse Seldon -, mas por algum motivo não estou muito encorajado a fazer isso.

- Não o culpo. Duvido que as pessoas daqui fiquem muito entusiasmadas em ajudá-lo.

- Por outro lado, há os garotos - disse ele, fazendo um gesto na direção de um menino que aparentava uns doze anos, ou que pelo menos era jovem o bastante para não ostentar ainda o tradicional bigode dahlita. O menino tinha parado a uma certa distância e olhava na direção deles.

- Você deve achar - disse Dors - que um garoto dessa idade ainda não desenvolveu a antipatia típica que os billibottonianos sentem pelos forasteiros.

- O que acho - disse Seldon - é que ele ainda não é grande o bastante para exercer contra os forasteiros a violência típica com que os billibottonianos devem tratá-los. Talvez ele fuja de nós e grite palavrões à distância, mas duvido que nos ataque, se nos aproximarmos. - Ergueu a voz. - Ei, rapaz!

O garoto recuou um passo e continuou a fitá-los. - Venha cá - insistiu Seldon, com um gesto.

- Pra quê? - retrucou o garoto.

- Quero perguntar um endereço. Venha mais perto, não quero ficar gritando.

O garoto deu dois passos, aproximando-se. Tinha o rosto sujo, mas os olhos eram vivos e brilhantes. Suas sandálias eram diferentes uma da outra, e havia um grande remendo na sua calça.

- Que endereço? - perguntou ele.

- Estamos procurando a casa de Mãe Rittah.

- Pra quê, cara? - Os olhos do menino brilharam.

- Eu ... sou um professor. Sabe o que é um professor?

- É um cara que vai pra escola. .

- Você vai à escola?

O garoto cuspiu de lado com desprezo. - Eu não.

- Eu gostaria de fazer uma consulta com Mãe Rittah ... se você puder me levar à casa dela.

- Quer saber seu futuro? Você vem pra Billibotton, cara, usando essa roupa aí... eu vou dizer seu futuro. Você vai é se dar mal.

- Como é seu nome?

- Pra que quer saber?

- Para que a gente possa conversar como amigos, e depois você possa me levar à casa de Mãe Rittah. Sabe onde ela vive?

- Pode ser, ou pode ser que não. Meu nome é Raych. E o que é que eu ganho

se levar vocês lá?

- Gostaria de ganhar o que, Raych?

Os olhos do garoto foram até o cinto que Dors usava.

- A moça aí tem duas facas. Me dê uma e eu lhe levo lá.

- Isso aí são facas para gente adulta, Raych. Você ainda é muito jovem.

- Então sou jovem pra levar vocês na casa de Mãe Rittah. - Lançou um olhar astuto por entre a franja desordenada de cabelo que lhe caía sobre a testa.

Seldon ficou inquieto; não queria que uma multidão começasse a se agrupar em volta deles. Vários homens já tinham parado para olhar em sua direção, mas tinham seguido em seu caminho ao constatar que nada de interessante estava acontecendo. Mas se o garoto ficasse irritado, se dissesse ou fizesse algo agressivo na direção deles, alguém iria sem dúvida se aproximar.

Ele sorriu e perguntou: - Sabe ler, Raych?

O garoto voltou a cuspir.

- Eu não. Ler pra quê? ...

- Sabe usar um computador?

- Dos que falam? Claro que sei, todo mundo sabe.

- Então vamos fazer um trato. Você me leva até a loja de computadores mais próxima. Eu compro um computador pequeno para você e um programa que lhe vai ensinar a ler em poucas semanas.

Seldon teve a impressão de que os olhos do menino brilharam diante da oferta, mas logo se endureceram de novo.

- Não - disse ele. - Ou a faca, ou nada.

- Mas aí é que está, Raych. Você aprende a ler com o computador, e não diz nada a ninguém. Depois de um certo tempo, você aposta com alguém, dizendo que sabe ler. Aposte cinco créditos.

- Você ganha esses créditos com facilidade, e pode comprar uma faca.

O menino hesitou.

- Não. Ninguém vai apostar nada comigo. Ninguém tem créditos.

- Se você souber ler, pode conseguir um emprego numa loja de ferramentas, pode economizar seu salário e comprar uma faca, com desconto. Que tal?

- E o computador?

- Eu o compro agora mesmo, e o entrego quando você me levar à casa de Mãe Rittah.

- Tem créditos?

- Tenho uma ficha de crédito.

- Vamos ver esse computador primeiro.

A transação foi efetuada sem problemas, mas quando o garoto estendeu a mão para pegar o computador Seldon abanou a cabeça e o enfiou no bolso.

- Nada disso, Raych. Primeiro vai ter que me levar até Mãe Rittah. Tem certeza de que sabe onde é?

Raych fez uma cara de desdém.

-- Claro que sei. Vou levar vocês lá, mas quando chegar lá é melhor me dar mesmo o computador, senão eu chamo uns caras que eu conheço e boto eles atrás de vocês dois.

- Não precisa ameaçar - disse Seldon. - Vamos cumprir nossa parte do trato.

Raych começou a guiá-los pelas ruas, sob os olhares curiosos de vários

transeuntes.

Seldon ficou em silêncio durante a caminhada, e Dors o imitou. Ela, no entanto, estava muito menos perdida em seus próprios pensamentos, e permanecia intensamente alerta em relação aos arredores: encarava de frente os pedestres que se viravam para fitá-los, e uma vez, quando houve passos apressados às suas costas, ela se virou, em guarda, com um olhar ameaçador.

Por fim Raych parou e disse:

- Nesse prédio aqui. Ela tem casa, sabia?

Entraram num enorme conjunto habitacional e Seldon, que tinha a intenção de memorizar o caminho para não se perder na volta, logo se desorientou.

- Como pode saber o caminho num lugar como este, Raych? - perguntou.

O garoto encolheu os ombros.

- Ando por aqui desde menino - disse. - E os apartamentos têm número, quer dizer, quando ninguém arrancou ainda ... E tem umas setas, tem umas marcas. Se a gente é acostumado não dá pra se perder.

Raych era acostumado, aparentemente, porque eles foram penetrando sem hesitação naquele labirinto. Tudo ali respirava um ar de completa decadência: detritos amontoados, moradores refugiando-se nos portais, incomodados pela

presença dos estranhos. Garotos barulhentos corriam em todas as direções na disputa de algum tipo de jogo, e alguns deles gritaram Ei, sai do meio! quando a sua bola levitadora por pouco não atingiu Dors.

Raych parou diante de uma porta escura, coberta de arranhões, na qual brilhava fracamente o número 2782.

- É aí - disse, estendendo a mão.

- Primeiro vamos ver quem está aí dentro - disse Seldon com suavidade. Apertou o botão, mas nada aconteceu.

- Está quebrado - disse Raych. - Tem que bater na porta. Com força que ela é meia surda.

Seldon cerrou o punho e bateu à porta, sendo recompensado com um som de passos vagarosos vindo do interior. Uma voz anasalada soou:

- Quem quer falar com Mãe Rittah?

- Dois professores! - gritou Seldon.

Estendeu para Raych o pequeno computador, com os disquetes numa pequena caixa à parte; o garoto o recebeu com um sorriso, e saiu em carreira desabalada. Seldon voltou o rosto na direção da porta que se abria, e de Mãe Rittah.

70.

Mãe Rittah teria mais de setenta anos, mas tinha aquele tipo de rosto que à primeira vista parece não corresponder à idade. Bochechas redondas, uma boca miúda, um queixo também pequeno meio gorducho. Era de estatura pequena, talvez um metro e meio, e tinha um corpo roliço.

Mas havia finas rugas ao redor de seus olhos; e quando sorria, como sorriu à vista de seus visitantes, mais rugas se espalharam pelo seu rosto. Movia-se com dificuldade.

- Entrem, entrem - disse, numa voz baixa mas estridente, e espiando na direção deles como se a vista começasse a lhe falhar.

- São de fora ... São estrangeiros, não é mesmo? Não têm cheiro de Trantor.

Seldon teria preferido que ela não mencionasse "cheiro". O apartamento,

atulhado de móveis e objetos velhos e empoeirados, estava saturado de um odor rançoso de comida. O ar era tão espesso e úmido que ele ficou certo de que

aquele odor ficaria impregnado em suas roupas, quando saíssem dali.

Disse:

- Tem razão, Mãe Rittah. Sou Hari Seldon, de Helicon. Minha amiga é Dors Venabili, de Cinna.

- Ah! - fez ela, enquanto olhava em redor, sem conseguir encontrar um lugar onde os visitantes pudessem sentar.

- Preferimos ficar de pé, Mãe - disse Dors.

- Hem? - Ela se virou para Dors. - Tem que falar mais alto, minha menina. Meus ouvidos não são mais o que eram quando eu tinha sua idade.

- Por que não usa um aparelho de escutar? - perguntou Seldon, erguendo a voz:

- Não ajudaria, Sr. Seldon. Parece que há alguma coisa de errado com o nervo, e eu não tenho dinheiro para neuro-reconstrução. Mas ... vieram para que Mãe Rittah leia o seu futuro?

- Não propriamente - disse Seldon. - Viemos perguntar sobre o passado.

- Ótimo. É tão difícil adivinhar o que as pessoas querem ouvir.

- Deve ser uma arte muito difícil - sorriu Dors.

- À primeira vista é fácil, mas é preciso que se seja muito convincente ... Bem, faço por onde merecer meu cachê.

- Se tiver aqui um terminal de crédito - disse Seldon -, poderemos pagar-lhe um bom cachê, para que nos fale sobre a Terra .. sem tentar adivinhar o que queremos ouvir, é claro. Queremos a verdade.

A mulher, que tinha continuado a se mover pelo aposento, arrumando detalhes aqui e ali para deixá-lo à altura dos visitantes, estacou de súbito

- O que querem saber sobre a Terra?

- Para começar: o que é a Terra?

Os olhos da velha pareceram perder-se num ponto indefinido do espaço. Quando falou, sua voz era baixa e tranquila

- É um planeta, um planeta muito antigo. Já se perdeu ... já foi esquecido.

- Ele não faz parte da histona - disse Dors. - Isto, nós sabemos

- Ele vem muito antes da história, menina - disse Mãe Rittah com solenidade. - Ele existia antes do alvorecer da Galáxia. Era o único mundo onde vivia a humanidade. - Ela fez um firme gesto afirmativo com a cabeça.

Seldon perguntou:

- Havia algum outro nome para a Terra ... Aurora? Mãe Rittah fechou a cara.

- Onde ouviu falar disso?

- Em minhas pesquisas. Falaram-me de um planeta muito antigo, e já esquecido, chamado Aurora, no qual a humanidade vivia em paz, em tempos remotos.

- É mentira! - Mãe Rittah limpou a boca como se ela própria tivesse dito algo imperdoável. - Esse nome nunca deve ser mencionado senão como a fonte do Mal. Foi dali que todo o Mal surgiu. A Terra vivia só, até que um dia o Mal apareceu juntamente com seus planetas irmãos. O Mal quase destruiu a Terra, mas a Terra reorganizou suas forças e destruiu o Mal... com a ajuda dos heróis

- A Terra existia antes desse planeta do Mal..

- Tem certeza disso?

- Muito, muito antes. A Terra permaneceu sozinha na Galáxia por milhares de anos, milhões de anos.

- Milhões? A humanidade viveu lá por milhões de anos, sem que houvesse habitantes em nenhum outro mundo?

- É verdade. É verdade. É verdade!

- Mas como pode saber disso, Mãe Rittah? Está em algum programa de computador? Em algum livro? Tem alguma coisa aí que eu possa ler?

Mãe Rittah abanou a cabeça.

- Eu ouvi essas velhas histórias da boca de minha mãe, Que as ouviu da minha avó, e assim por diante. Eu não tive filhos, de modo Que conto as histórias a outras pessoas, mas elas vão acabar morrendo. Este é um tempo sem fé.

Dors interveio:

- Não é bem assim, Mãe. Há pessoas Que fazem especulações e hipóteses sobre esses tempos pré-históricos, e Que estudam algumas dessas velhas histórias sobre os mundos perdidos.

Mãe Rittah fez um gesto vigoroso com o braço, como se para afastar o que tinha ouvido.

- Olham para tudo isto com olhos frios - replicou. - São professores. Tentam acomodar tudo dentro das suas ideias Eu poderia contar-lhes histórias sobre o grande herói Ba-Lee, mas vocês não teriam tempo para escutá-las, e eu mesma já

estou muito fraca

Seldon perguntou:

- Já ouviu falar de robôs?

A mulher foi percorrida por um estremecimento, e ela quase gritou:

- Por que me pergunta essas coisas?! Robôs eram pessoas artificiais, eram todos maus, e eram instrumentos dos planetas do Mal. Foram destruídos, e nunca devem ser mencionados.

- Havia algum robô, em especial, que os planetas do Mal odiassem?

Mãe Rittah cambaleou na direção de Seldon, para fitá-la bem dentro dos olhos. Estava tão próxima que ele podia sentir-lhe a respiração.

- Veio aqui para zombar de mim? - perguntou ela. - Sabe dessas coisas todas, e vem me perguntar? Por que pergunta?

- Porque quero saber.

- Houve um homem artificial que ajudou a Terra. Seu nome era Da-Nee, amigo de Ba-Lee. Ele não morreu: está vivo em alguma parte, esperando a hora de voltar. Ninguém sabe quando soará essa hora, mas algum dia ele irá reaparecer, restaurar os grandes dias do passado, remover toda a crueldade, toda a injustiça, toda a miséria ... Assim foi prometido. - A estas palavras, ela fechou os olhos e sorriu, como que perdida em recordações.

Seldon ainda esperou calado durante algum tempo, depois suspirou e disse:

- Obrigado, Mãe Rittah. Foi muito útil para nós. Quanto lhe devo?

- É tão agradável encontrar estrangeiros - disse a velha. - Dez créditos. Posso lhes oferecer um refresco?

- Não, obrigado - disse Seldon com fervor. - Por favor, aceite vinte. Gostaríamos apenas que nos ensinasse como ir daqui até o expressway. E, Mãe Rittah ... se pudesse dar um jeito de passar para um disquete de computador essas histórias sobre a Terra, eu poderia pagar-lhe muito bem.

- Seria muito cansativo ... Pagar quanto?

- Iria depender do tamanho das histórias, e de serem muito bem contadas. Eu poderia pagar-lhe mil créditos.

Mãe Rittah umedeceu os lábios.

- Mil créditos? Mas como posso achá-lo, quando a história estiver pronta?

- Eu lhe darei um número de código de computador onde poderei ser

localizado.

Seldon entregou o número a Mãe Rittah, recebeu as instruções para se orientar e, quando saiu do apartamento com Dors, respirou cheio de alívio o ar relativamente mais limpo que circulava no beco.

71.

Enquanto caminhavam, Dors falou:

- Não foi uma entrevista muito longa, Hari.

- Sei disso. O local era muito desagradável, e achei que já tinha ouvido o bastante. É incrível como esses contos folclóricos tendem a aumentar as coisas.

- "Aumentar", como?

- Bem, os mycogenianos povoam o seu Aurora com pessoas capazes de viver séculos a fio; os dahlitas povoam a Terra com uma humanidade que viveu ali por milhões de anos. E ambos falam de robôs que são praticamente imortais. De qualquer modo, tudo isso dá o que pensar.

- Se o caso é de milhões de anos, então ... Espere. Para onde estamos indo?

- Mãe Rittah disse para seguirmos nesta direção até chegarmos a uma área de descanso, depois seguir o sinal que diz PASSAGEM CENTRAL, sempre à esquerda, e continuar acompanhando o sinal. Passamos por alguma área de descanso, na vinda? .

- Talvez estejamos voltando por um caminho diferente. Não me lembro de nenhuma área de descanso, mas na realidade não prestei muita atenção ao trajeto. Estava de olho nas pessoas, e ...

Sua voz morreu. Logo mais à frente a rua se alargava em duas direções.

Seldon lembrou-se. Eles tinham passado por ali. Havia uma dupla de vagabundos mal vestidos sentados no chão, um de cada lado.

Não tinha sido necessário, no entanto, que Dors ficasse de olho nos transeuntes, quando passaram ali pela primeira vez: naquele trecho não havia ninguém caminhando. Mas agora, lá à frente, eles podiam ver um grupo de homens, relativamente altos para o padrão dahlita, bigodes eriçados, braços musculosos reluzindo nus à luz amarelada que brilhava sobre a passagem.

Era evidente que estavam à espera deles dois e, quase automaticamente, Seldon e

Dors estacaram. Por um Instante tudo permaneceu imóvel, mas logo em seguida Seldon olhou para trás, mais dois ou três indivíduos acabavam de surgir e vinham em sua direção.

- Uma armadilha - disse Seldon por entre os dentes. - Eu não devia ter deixado você vir, Dors.

- Pelo contrário, foi justamente por isso que vim. Mas terá valido a pena passar por isto só para ver Mãe Rittah?

- Se sairmos desta, valeu, sim. - E, erguendo a voz, Seldon falou: - Dão licença?.

Um homem deu um passo à frente. Ficava exatamente à altura de 1,73m de Seldon, mas era de ombros mais largos e corpo bem mais musculoso. Um pouco flácido no entanto, notou Seldon.

- Eu sou Marron - disse com arrogância, como se aquele nome devesse causar impacto sobre os dois. - Estou aqui para dizer-lhes que não gostamos de forasteiros em nosso distrito. Se quiserem entrar aqui não há problemas, mas se quiserem sair vão ter que pagar.

- Está bem. Quanto?

- Quanto tiverem. Vocês são estrangeiros ricos, devem ter fichas de crédito, não? Passem para cá, então

- Não.

- Não precisa dizer não. Nós vamos tomá-las.

- Só podem tomar minha ficha se me matarem ou me ferirem gravemente, e ela só pode ser ativada pelo meu registro vocal. Da minha voz normal, claro.

- Não é problema, senhor. .. como vê, estou sendo bem educado. Nós podemos tomar sua ficha sem feri-lo demais.

- Quantos grandalhões de vocês são necessários para isso? Quantos são ... nove? - Seldon contou rapidamente. - Dez.

- Basta um. Eu.

- Sem ajuda de ninguém?

- Eu sozinho.

- Se o resto de vocês se afastar e nos der espaço, Marron, eu gostaria de ver você tentar.

- Não tem uma faca, forasteiro. Quer uma?

- Não. Use a sua, para equilibrar a luta. Eu lutarei sem faca.

Marron virou-se para os outros e disse:

- Ei, o rapaz aqui é metido a engraçado. Não está nem sequer com medo, não é uma beleza? Ah, seria uma covardia machucar o rapaz. Olhe aqui, senhor. Eu fico com a moça, está bem? Se não gostar disso, é só me entregar as fichas de crédito de vocês dois, e usar suas vozes para ativá-las. Agora, se disser que não, então, depois que eu cuidar dela, e isso vai levar um certo tempo ... - Ele riu alto. - Então, depois disso, posso dar um jeito em você.

- Não - disse Seldon. - Deixe a moça ir embora. Chamei você para uma briga, homem a homem, você com sua faca, eu sem nenhuma. Se achar que não dá, pode chamar um de seus amigos para ajudá-lo, mas deixe a moça ir embora.

- Pare, Hari! - gritou Dors. - Se o caso dele é comigo, deixe-o vir, e ver o que pode fazer. Fique aí, Hari, e não se mova.

- Ouviu isso? - disse Marron, com um sorriso largo. - Fique aí e não se mova! Acho que a moça gostou de mim. Vocês dois aí segurem o cara.

Cada um dos braços de Seldon foi agarrado com força, e ele sentiu a ponta de uma faca na nuca.

- Não se mexa - disse uma voz áspera ao seu ouvido - e pode assistir a tudo. A moça vai gostar. .. Marron é muito bom nisso.

Dors gritou de novo: - Não se mova, Hari!

Ela voltou-se e encarou Marron atentamente, com as mãos à altura do cinto.

Ele veio se aproximando com determinação e Dors esperou até que ele estivesse à distância de um braço; nesse instante ela fez um gesto rápido, e Marron subitamente se viu diante de suas enormes facas reluzentes.

A princípio ele pareceu recuar; mas logo deu uma gargalhada. - A moça tem duas facas ... facas de homem, vejam só. Eu tenho apenas uma, minha pequena, mas vai ser o suficiente. - Num movimento hábil ele fez surgir sua própria arma. - Não quero feri-la, moça, porque isto vai ser muito mais gostoso, para mim e para você, se eu não o fizer. .. Quem sabe eu posso desarmá-la, hem?

Dors retrucou:

- Não quero matá-lo. Vou fazer o possível para evitar fazer isso, mas mesmo assim quero que todos aqui sejam testemunhas. Se eu matar você é para proteger meu amigo, porque essa é a minha missão.

Marron fez uma cara exagerada de medo:

- Oh, por favor, não me mate, moça! - Depois prorrompeu numa gargalhada, sendo imitado pelos outros dahlitas.

Marron ameaçou um golpe com sua faca, mas sem chegar muito perto de Dors. Repetiu o gesto, e depois uma terceira vez; em momento algum Dors fez menção de desviar o corpo, percebendo que nenhum dos golpes era de fato endereçado contra ela.

Marron fechou a cara. Estava tentando assustá-la, mas tinha conseguido apenas tornar sem efeito as próprias ameaças. O golpe seguinte foi direto contra Dors, e a faca que ela tinha na mão esquerda se moveu veloz, chocando-se com a dele com uma força que jogou o braço de Marron para o lado. A outra faca de Dors fez um traço em diagonal sobre a camiseta branca, deixando um fino corte ensanguentado através do qual apareceram os pelos escuros.

Marron abaixou o olhar sobre si próprio, perplexo, enquanto os outros dahlitas soltavam exclamações de surpresa. Seldon sentiu que o aperto dos dois homens que lhe seguravam os braços diminuía um pouco, e retesou os músculos, à espera do momento adequado.

Desta vez Marron atirou-se para a frente e sua mão esquerda projetou-se, ao mesmo tempo em que a outra desferia o golpe, tentando agarrar o punho de Dors. Mais uma vez a faca na mão esquerda de Dors aparou o golpe, enquanto sua mão direita fazia um ágil movimento de esquiva: quando a mão de Marron tentou fechar-se sobre seu pulso, agarrou apenas a lâmina, recebendo um talho no meio da palma.

Dors saltou para trás e Marron, sangrando no peito e na mão esquerda, gritou sufocado pela raiva:

- Alguém aí, me jogue outra faca!

Houve um momento de hesitação, e então um dos dahlitas atirou uma faca. Marron ergueu o braço para pegá-la, mas Dors foi mais rápida. A lâmina em sua mão direita golpeou a faca que vinha pelo ar e a arremessou à distância, rodopiando.

Seldon sentiu que a pressão em seus braços diminuía um pouco mais e, num repelão, conseguiu soltar-se. Seus captores voltaram a cair sobre ele, soltando gritos roucos, mas ele ergueu o joelho com violência entre as pernas do primeiro, e desferiu no outro uma cotovelada no plexo solar que o mandou ao chão.

Ele abaixou-se e recolheu as facas dos dois homens que gemiam, caídos aos seus pés; e quando voltou a se erguer tinha facas em ambas as mãos, como Dors, Seldon não tinha a menor noção de como manejar aquelas armas, mas sabia que

isso jamais ocorreria aos dahlitas num momento como aquele.

Dors disse:

- Mantenha-os à distância, Hari. Não ataque ainda ... Marron, meu próximo golpe não vai ser apenas um arranhão.

Descontrolado pela raiva, Marron deu um rugido e atacou às cegas, tentando derrotar sua oponente através da mera energia cinética. Dors deu uma queda de corpo para o lado, esquivou-se ao golpe do braço direito de Marron e desferiu de passagem um pontapé no seu tornozelo direito, fazendo-o ir ao chão, enquanto a faca saltava à distância.

Dors ajoelhou-se sobre o corpo caído do dahlita e, colocando um punhal de encontro à sua garganta e outro sobre a nuca, gritou: - Renda-se!

Com um berro gutural Marron conseguiu golpeá-la com o braço, puxou-a para um lado, tentando pôr-se de pé; mas ainda não estava erguido e Dors já o atacava mais uma vez, com uma das facas descendo veloz sobre o seu rosto e arrancando-lhe um lado do bigode. Marron desta vez soltou um uivo como o de um animal em agonia, levando a mão ao rosto; quando a retirou, estava encharcada de sangue.

- Não vai voltar a crescer, Marron - disse Dors. - Um pedaço do lábio veio junto. Se me atacar de novo, você é um homem morto.

Ela ficou em guarda, mas para Marron já tinha sido o bastante.

Ele saiu cambaleando, soltando gemidos lamentosos, e deixando atrás de si um rastro de sangue.

Dors virou-se para os outros dahlitas. Os dois que Seldon havia derrubado ainda estavam no chão, desarmados e parecendo pouco ansiosos para se pôr de pé. Ela se curvou, e com rápidos movimentos cortou-lhes os cintos e o cós das calças.

- Vão ter que segurar suas calças, quando forem embora - disse ela.

Voltou-se para encarar os sete dahlitas que permaneciam de pé, como que petrificados de espanto.

- Quem de vocês jogou aquela faca? - perguntou ela. Silêncio.

- Não importa - continuou Dors. - Venham de um em um, ou todos juntos. Mas cada golpe que eu der, vai ser para matar.

E, como se estivessem todos bem ensaiados, os sete homens deram-lhe as costas e fugiram às carreiras.

Dors ergueu os supercílios e disse a Seldon:

- Desta vez, pelo menos, Hummin não pode dizer que eu não o protegi.

- Ainda não consigo acreditar no que vi - disse Seldon. - Não sabia que você era capaz de brigar assim ... nem mesmo de falar assim, para ser sincero.

Dors sorriu.

– Você também tem suas habilidades ... acho que formamos uma boa dupla. Recolha as lâminas de suas facas e as guarde no bolso. Acho que as notícias correm rápido por aqui, e vamos poder sair de Billibotton sem sofrer nenhum outro contratempo. E ela tinha toda razão.

15. DISFARCE

DAVAN - ... Nos tempos conturbados que foram os últimos séculos do Primeiro Império Galáctico, os motivos mais frequentes para as convulsões sociais nasciam do fato de que líderes políticos e militares lutavam entre si pela conquista do poder supremo (uma supremacia cujo valor ia se tornando cada vez menor a cada década). Só muito raramente surgia algo, antes do advento da psico-história, que pudesse ser considerado um movimento popular. Com relação a isto, um dos exemplos mais intrigantes é o de Davan, a respeito do qual pouca coisa se sabe com certeza, mas que deve ter encontrado Hari Seldon pelo menos uma vez, quando ...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

72.

Tanto Hari Seldon quanto Dors Venabili tinham tomado banhos cuidadosos e demorados, utilizando as instalações um tanto primitivas do banheiro da residência dos Tisalver. Tinham acabado de trocar de roupa e estavam no quarto de Seldon quando Jirad Tisalver retomou do trabalho. Seu toque à campainha foi um tanto tímido, ou assim pareceu, pois não soou durante muito tempo.

Seldon abriu a porta e disse, bem-humorado: - Boa noite, Sr. Tisalver ... e Sra. Tisalver.

Ela estava mesmo por trás do marido, a testa franzida, com uma cara de poucos amigos.

Tisalver arriscou uma pergunta, como se não estivesse muito certo da situação:

- Estão bem ... o Sr. e a Sra. Venabili? - Fez um sinal afirmativo com a cabeça, como que pedindo uma resposta tranquilizadora

- Muitíssimo bem. Entramos e saímos de Billibotton sem nenhum problema, e acabamos de tomar banho e de nos trocar. Garanto-lhe que não ficamos com nenhum cheiro. - Seldon ergueu o queixo enquanto falava, sorridente, dirigindo-se à Sra. Tisalver por sobre o ombro do marido.

Ela fungou alto, como se tentasse detectar alguma coisa no ar. Ainda hesitante, Tisalver comentou:

- Ouvi dizer que houve uma briga de faca. Seldon ergueu as sobrancelhas:

- É isso o que estão dizendo?

- Sim. O Sr. e a Sra. Venabili contra cem malfeitores, segundo fui informado ... e que vocês mataram a todos e fugiram. Foi isso mesmo? - Havia, apesar do tom relutante, um profundo respeito na voz do dahlita.

- Evidentemente que não - disse Dors, com voz impaciente. - Isso é ridículo. Por quem nos tomam? Genocidas? E acham que uma centena de bandidos iriam ficar parados, esperando, durante todo o tempo que nós dois levássemos para matar a todos? Pense um pouco.

- É o que todos estão dizendo - disse Casilia, com firmeza.

- E não queremos esse tipo de coisa em nossa casa.

- Em primeiro lugar - replicou Seldon -, não foi aqui que aconteceu. Em

segundo, não eram cem homens, eram apenas dez. Em terceiro, não morreu ninguém Houve uma certa altercação, mas depois disso eles se afastaram e nos deixaram passar.

- Eles se afastaram, e os deixaram passar? Esperam que acreditemos nisso, estrangeiros? - perguntou Casilia, com ar beligerante.

Seldon deu um suspiro. Ao menor impasse, os seres humanos tinham essa curiosa mania de se dividir em grupos antagônicos. Falou:

- Bem, admito que um deles sofreu alguns pequenos cortes. Mas nada de sério.

- E nenhum de vocês se machucou? - perguntou Tisalver, em cuja voz a admiração ficava mais e mais evidente.

- Nem um arranhão - disse Seldon. - A Sra. Venabili manejou muito bem suas duas facas.

- Isso eu acredito - disse a Sra. Tisalver, os olhos postos no cinto de Dors - e é justamente isso que não quero ver ocorrendo por aqui.

Dors respondeu com firmeza:

- Enquanto ninguém nos atacar aqui, nada vai ocorrer.

- Mas é por causa de vocês - disse Casilia - que a porta do nosso edifício está cheia de gentinha.

- Meu amor - disse Tisalver -, não vamos nos zangar por. ..

- Por quê? - retrucou ela com desdém. - Está com medo, só porque ela usa facas? Eu bem gostaria de vê-la usar essas facas.

- Não tenho a mínima intenção de usá-las aqui - disse Dors, fungando tão audivelmente quanto a Sra. Tisalver costumava fazer. - Mas, o que foi que disseram a respeito de gentinha à porta do edifício?.

Tisalver respondeu:

- O que minha mulher está querendo dizer é que um desses meninos vadios de Billibotton, pelo menos a julgar por sua aparência, está lá fora à sua procura, Sr. Seldon, e nós não estamos acostumados a coisas assim nesta vizinhança. Prejudica nossa respeitabilidade. - Sua voz soava como um pedido de desculpas.

- Está bem, Sr. Tisalver - disse Seldon. - Nós vamos lá fora, verificamos do que se trata, e o mandaremos embora o mais cedo..

- Não, espere aí - interrompeu Dors, aborrecida. - Estamos em nossos quartos.

Pagamos por eles. Nós é que decidimos quem pode e quem não pode nos visitar.

Se há lá fora um rapaz de Billibotton, ele é antes de tudo um dahlita. Mais do que isso: é um trantoriano. E mais importante do que ser um trantoriano, é um cidadão do Império e um ser humano. E além do mais, vindo à nossa procura e pedindo para falar conosco ele se transforma em nosso convidado. Portanto, nós vamos trazê-lo aqui para dentro.

A Sra. Tisalver não esboçou um movimento, e seu marido parecia incerto sobre o que fazer. Dors prosseguiu:

- Já que vocês acham que eu matei uma centena de arruaceiros em Billibotton, certamente não vão achar que eu tenho algo a temer desse garoto ... ou de vocês dois, se for o caso. - Sua mão direita desceu até o cinto, num gesto casual.

Tisalver teve um assomo inesperado de energia e disse:

- Sra. Venabili, não temos nenhuma intenção de ofendê-la.

É claro que os quartos lhes pertencem, e podem receber neles quem quer que lhes convenha. - Deu um passo atrás, puxou pelo braço a indignada Sra. Tisalver e a arrastou consigo, levando até o fim esse impulso de determinação pelo qual, sem dúvida, iria pagar caro mais tarde.

Dors lançou um olhar sem simpatia para o casal, e Seldon deu um sorriso seco.

- Que coisa atípica de você - disse ele. - Pensei que eu era a pessoa que entrava quixotescamente em todo tipo de dificuldade, e você era a pessoa prática e tranquila cujo único objetivo era evitar confusões.

Dors balançou a cabeça.

- Não suporto ver um ser humano ser tratado com desprezo s6 por causa do grupo social a que pertence. São gente respeitável como estes dois os maiores responsáveis pela existência dos marginais que há lá fora.

- E há outras pessoas mais respeitáveis ainda - disse Seldon - responsáveis pela existência destes dois aqui. Essas animosidades recíprocas fazem parte da humanidade, e ...

- Você vai ter que tratar disso na psico-história, não é mesmo?

- Certamente que sim ... se algum dia a psico-história chegar a existir e a tratar de alguma coisa. Ah, aqui está o menino que provocou toda esta discussão. E é Raych, o que de modo algum me surpreende.

73.

Raych entrou, olhando para todos os lados, visivelmente inibido. O dedo indicador de sua mão direita ergueu-se num gesto maquinal até o lábio superior, como que impaciente por sentir os primeiros pelos brotando ali. Por fim ele virou-se para a irritada Sra. Tisalver e fez uma reverência

desajeitada.

- Obrigado, dona. Tem uma casa muito bonita.

Quando a porta bateu com força às suas costas, ele virou-se para Seldon e Dors com um ar cúmplice de conhecedor:

- Belo lugar vocês arranjaram, hem?

- Que bom que você gosta - disse Seldon muito sério. - Como soube que estávamos neste endereço?

- Segui vocês, não é? Ei, moça - ele virou-se para Dors - a senhora briga como eu nunca vi uma mulher.

- Tem visto muitas mulheres brigando? - perguntou Dors, divertida.

Raych esfregou a mão no nariz.

- Não, nunca vi nenhuma. Mulheres não usam facas, só umas pequenas, para assustar os garotos. Mas não me assustam.

- Estou certa que não. Mas o que vocês fazem, que as mulheres são forçadas a puxar facas?

- Nada, nadinha. A gente brinca com elas um pouco, a gente grita ei, moça, deixe eu ... - Ele interrompeu-se e depois de um momento finalizou: - Nada não.

- Não tente isso comigo - disse Dors.

- Tá brincando? Depois do que fez com Marron? Ei, moça, onde foi que aprendeu a lutar daquele jeito?

- No meu planeta.

- Me ensine.

- Foi para isso que veio aqui?

- Foi não. Vim trazer um recado.

- De alguém que quer brigar comigo?

- Ninguém quer brigar com a senhora, moça. Olhe, a senhora está famosa em

Billibotton, todo mundo já ouviu falar. Pode andar lá por Billibotton e a rapaziada vai lhe abrir caminho, e vai lhe fazer cara bonita, pode acreditar. Puxa, moça, a senhora fez sucesso. É por isso que ele me mandou aqui.

- Raych - disse Seldon - pode nos dizer quem é ele?

- Um cara chamado Davan.

- E quem é ele?

- Um cara. Vive em Billibotton, e anda sem faca.

- E consegue sobreviver?

- Ele lê bem muito, e ajuda o pessoal quando eles têm problema com o governo. Aí o pessoal deixa ele em paz, por isso ele não precisa de faca.

- E por que não veio ele próprio? - perguntou Dors. - Por que mandou você?

- Ele não gosta desse lugar aqui, diz que se sente mal. Diz que as pessoas daqui são do lado do governo, que o pessoal daqui vi e lambendo o ... - O garoto fez uma pausa, olhou em dúvida para os dois estrangeiros, e continuou: - Só sei que ele nunca vem aqui, mas disse que dava para eu vir porque sou um garoto. - Ele sorriu. - Eles quase não deixaram, não foi? Quer dizer, a senhora aí, que parecia que estava me farejando. - Parou, desconcertado, e olhou para si próprio. - Lá no lugar donde eu venho não é moleza conseguir tomar banho.

- Está tudo bem - sorriu Dors. - Mas então onde vamos falar com esse Davan, já que ele não vem até aqui? Afinal de contas, se você não se importa, nós não gostaríamos de voltar a Billibotton.

- Mas eu já disse! - bradou Raych, indignado. - Vocês podem ir pra Billibotton, pra vocês é limpeza, lá. Mas no lugar que Davan está ninguém vai mexer com vocês.

- Onde é?

Aqui perto. Eu posso mostrar.

- E o que esse Davan quer conosco? - perguntou Dors.

- Sei lá. Mas ele disse assim ... - Raych semicerrou os olhos num esforço para lembrar. - "Diga que eu quero ver o homem que tratou um térmico de Dahl como ser humano, com a mulher que derrotou Marron numa briga de facas e não o matou quando podia tê-lo feito." Acho que foi isso.

Seldon sorriu.

- É, parece que está certo. Ele está à nossa espera?

- Está, sim.

- Então nós vamos. - Ele olhou para Dors com algo de dúvida, mas ela disse:

- Está bem, vamos. Não faço questão. E talvez não seja uma armadilha... a esperança é a última que morre.

74.

Havia no céu o brilho agradável do entardecer quando eles saíram à rua, um leve toque violeta e uma orla cor-de-rosa nas simulações de nuvens que se amontoavam lá no alto. Dahl podia se queixar do tratamento que recebia do Governo Imperial, mas com certeza não havia nada de errado com a atmosfera que os computadores daquele setor eram capazes de programar.

Dors disse, em voz baixa:

- Parece que ficamos famosos, Hari. Não tenha dúvida quanto a isso.

Seldon abaixou os olhos ainda voltados para o céu, e só então se deu conta de uma pequena multidão que se aglomerava nas proximidades da entrada do edifício dos Tisalver.

As pessoas do grupo olhavam para eles sem nenhuma dissimulação, e quando perceberam que os dois estrangeiros tinham notado sua presença ali um vago murmúrio circulou por entre elas, dando a impressão de que de um momento para outro iriam começar a aplaudir.

- Agora sei por que a Sra. Tisalver estava tão preocupada - disse Dors. - Eu devia ter sido um pouco mais simpática.

A multidão se compunha, em sua maior parte, de pessoas pobremente

vestidas, e não era difícil adivinhar que muitas delas vinham de Billibotton.

Obedecendo a um impulso repentino, Seldon ergueu o braço e acenou, sendo respondido com alguns aplausos. Uma voz anônima, perdida na multidão, gritou:

- Moça, mostre pra gente algum de seus truques com faca! Dors gritou de volta:

- Só se eu ficar zangada! - e houve uma gargalhada de aprovação.

Um homem deu um passo à frente. Certamente não era de Billibotton, e não dava sinais de ser um dahlita. Tinha apenas um bigodinho muito fino, e de pelos castanhos. Ele se apresentou: - Meu nome é Mario Tanto. Sou do Jornal-HV Trantoriano . Podemos registrar suas imagens para nossa transmissão desta

noite?

- Não - disse Dors. - Nada de entrevistas. O homem não se deu por achado.

- Fui informado de que vocês estiveram envolvidos numa briga de faca com um grupo de homens em Billibotton ... e que os derrotaram. - Ele sorriu. - Lamento, mas isso é notícia.

- Não - disse Dors. - Nós encontramos um grupo de homens em Billibotton, conversamos com eles, e fomos embora. Foi tudo o que aconteceu, e não temos nenhuma outra informação a dar.

- Como é seu nome? Você não parece trantoriana.

- Não tenho nome.

- E o de seu amigo aí?

- Ele também não tem.

O homem fez uma cara aborrecida.

- Olhe aqui, moça. Vocês são notícia, entende? E tudo o que estou tentando é fazer meu trabalho.

Raych puxou a manga de Dors, e ela se curvou para ouvi-lo sussurrar algumas palavras. Fez um sinal com a cabeça e voltou a erguer-se.

- Não acredito que seja de fato um jornalista, Sr. Tanto. A impressão que tenho é de que o senhor é um agente do governo imperial, tentando causar problemas à população de Dahl. Não houve briga nenhuma, e o senhor está tentando fabricar notícias sobre uma, talvez para justificar algum tipo de intervenção do Império em Billibotton. Se eu fosse o senhor, não me demoraria muito por aqui ... Não creio que o senhor seja muito popular entre estas pessoas.

A multidão tinha começado a murmurar desde às primeiras palavras de Dors, e ao escutar estas últimas frases já havia um movimento de empurra-empurra em redor de Mario Tanto, enquanto o murmúrio crescia e ele olhava nervoso em redor, até que por fim se afastou. Dors ergueu a voz às suas costas:

- Deixem-no ir embora! Não toquem nele. Não lhe deem nenhum pretexto para dizer que houve violência.

Continuaram em seu caminho, e Raych disse:

- Puxa, moça, devia ter deixado o pessoal acabar com ele.

- Você é um garoto sanguinário - disse Dors. - Vamos, é melhor nos levar logo aonde está esse seu amigo.

75.

O homem chamado Davan esperava por eles numa sala nos fundos de um restaurante caindo aos pedaços. Raych os guiou o tempo inteiro, mostrando mais uma vez estar tão à vontade por entre os becos arruinados de Billibotton quanto uma toupeira nos subterrâneos de Helicon.

Foi Dors quem pela primeira vez teve um impulso de precaução.

- Espere aí, Raych. Onde é mesmo que está nos levando?

- Pra ver Davan - disse o menino, impaciente. - Já falei.

- Mas isto aqui é uma área desabitada. Ninguém mora aqui.

Dors olhou ao redor com evidente desagrado. Não havia uma só pessoa à vista, e as placas e sinais luminosos que havia estavam total ou parcialmente apagados.

- É assim mesmo - disse o menino. - Davan gosta assim. Ele só vive se mudando, fica num lugar, fica noutro. Sabe como é ... não gosta de dar um tempo num lugar só.

- Por quê? - perguntou Dors.

- Por que é mais seguro.

- Seguro contra o quê?

- Contra o governo.

- E por que o governo teria alguma coisa contra Davan?

- Eu não sei, moça. Deixe eu lhe dizer uma coisa. Vou lhe mostrar onde é e lhe ensinar a chegar lá, e vocês vão.

Seldon interveio:

- Não, Raych, tenho certeza de que sem você nós vamos nos perder com facilidade. Aliás acho melhor você esperar enquanto estivermos lá, para poder nos trazer de volta.

Raych retrucou:

- E o que que eu ganho com isso? Vou ficar parado esperando, morrendo de fome?

- Você fica esperando, Raych, e se ficar com fome eu lhe pago um bom jantar. Qualquer coisa que você queira.

- Tá dizendo isso agora, moço. E depois?

Dors levou a mão ao cinto e puxou a faca, expondo-lhe a lâmina num gesto hábil, e disse:

- Está nos chamando de mentirosos, Raych?

Raych arregalou os olhos, mas não pareceu nem um pouco impressionado com a ameaça; deu um assobio e disse:

– Puxa, nem vi direito. Faça de novo, moça.

- Faço mais tarde ... se você esperar por nós. Se não ... - Dors o fitou bem de frente. - Se não, vamos atrás de você.

- Ah, qual é, moça ... - disse o garoto. - Vocês não vão atrás de mim coisa nenhuma. Vocês não são desse tipo. Mas eu espero, pode deixar. - Endireitou- se, fazendo pose. - Dou minha palavra.

Continuou a guiá-los em silêncio, até entrarem no restaurante abandonado; seus passos ecoavam nos amplos espaços vazios.

Davan ergueu os olhos quando os viu entrar, um olhar agressivo que logo se suavizou à visão de Raych. Fez um gesto interrogativo com a cabeça na direção dos outros dois. Raych respondeu:

- São esses aqui. - Deu um sorriso, e afastou-se.

- Sou Hari Seldon - disse Seldon. - Esta é Dors Venabili.

Fitou Davan com curiosidade. Era de tez morena e tinha o previsível bigode dahlita, mas além dele também ostentava uma barba cerrada. Era o primeiro dahlita não-barbeado que Seldon encontrava: até mesmo os arruaceiros de Billibotton tinham as faces e o queixo meticulosamente escanhoados.

- Como é seu nome, senhor? - perguntou Seldon. Davan.

- Raych deve ter-lhes dito.

- Seu sobrenome.

- Davan é o bastante. Foram seguidos até aqui, Sr. Seldon?

- Tenho certeza que não. Se alguém nos seguisse não duvido que Raych seria capaz de ver ou ouvir qualquer coisa. Se não ele, a Sra. Venabili ouviria.

Dors deu um leve sorriso.

- Tem muita confiança em mim, Hari.

- Cada vez mais - disse ele.

Davan mexeu-se em sua cadeira, preocupado.

- Mesmo assim - disse -, vocês já foram localizados.

- Localizados?

- Sim. Já fiquei sabendo sobre o pseudo-repórter.

– Já? - Seldon demonstrou surpresa. - Mas desconfio de que ele era de fato um jornalista ... e inofensivo. Nós o chamamos de agente imperial por sugestão de Raych, o que foi uma boa ideia. A multidão ficou irritada e nos livramos dele.

- Não, não - disse Davan. - Ele era de fato um agente. Meus amigos o conhecem, e ele de fato trabalha para o Império. Em todo caso, vocês não agem como eu. Vocês não usam nomes falsos e não mudam constantemente de esconderijo. Usam seus próprios nomes, e não fazem nenhum esforço para se disfarçar. Você é Hari Seldon, o matemático.

- Sim, sou - disse Seldon. - Por que inventaria um nome falso?

- O Império está à sua procura, não é mesmo?

Seldon encolheu os ombros.

- Tenho permanecido em lugares onde o Império não pode pôr suas mãos em mim.

- Não abertamente ... mas o Império não é obrigado a agir abertamente. Eu o

aconselharia a desaparecer, desaparecer mesmo.

- Desaparecer. .. assim? - Seldon olhou em volta, com evidente desagrado. A sala era um ambiente tão morto quanto os corredores que ele tinha atravessado para chegar até ali. Tudo estava recoberto de mofo, e a impressão geral era profundamente depressiva.

- Sim - disse Davan. - Poderia nos ser útil.

- De que modo?

- Conversou com um homem chamado Yugo Amaryl?

- Sim.

- Amaryl me disse que o senhor pode predizer o futuro.

Seldon deu um fundo suspiro. Estava incomodado por permanecer de pé naquela sala vazia. Davan estava sentado numa almofada, e havia outras almofadas em redor, mas nenhuma tinha aparência limpa. E ele não se sentia inclinado a e encostar nas paredes, que eram cobertas de imensas manchas de mofo.

Ele disse:

- Talvez não tenha entendido o que Amaryl lhe disse, ou talvez Amaryl não me compreendeu bem. Tudo o que fiz foi provar que é possível escolher certas condições iniciais. a partir das quais as possibilidades históricas, em vez de mergulhar em condições caóticas, Podem se tornar predizíveis, dentro de certo limite. No entanto, não sei que condições iniciais seriam essas, nem estou certo de que elas possam ser descobertas por uma pessoa ou grupo de pessoas num tempo finito. Entendeu?

- Não.

Seldon suspirou novamente.

- Deixe-me tentar outra vez. É possível prever o futuro, mas é impossível descobrir como tirar vantagem dessa possibilidade. Entendeu?

Davan endereçou um olhar sombrio a Seldon, depois a Dors. - Então, não pode prever o futuro.

- Isso mesmo, Sr. Davan.

- Chame-me Davan, apenas. Mas talvez um dia o senhor possa descobrir como fazê-lo.

- Pode ser.

- E é por isso que o Império o deseja.

- Não. - Seldon ergueu o dedo, num gesto didático. - Minha impressão é de que é por isso que o Império não está fazendo um grande esforço para pôr as mãos em mim. Eles gostariam de me apanhar, se pudessem fazê-lo sem maiores dificuldades, mas sabem que, no momento, eu ainda não sei de muita coisa, e portanto não convém pôr em risco o delicado equilíbrio político de Trantor, interferindo com os costumes e as leis deste ou daquele setor. É somente por isso que eu posso me deslocar com razoável segurança, e usando meu próprio nome.

Davan escondeu a cabeça nas mãos e murmurou:

- Isto é uma loucura. - Depois ergueu a cabeça para Dors:

- É a esposa do Sr. Seldon?

Dors respondeu calmamente:

- Não, sou sua amiga, e encarregada de protegê-lo.

- Conhece-o bem?

- Estamos juntos há alguns meses.

- Só isso?

- Só.

- Na sua opinião, ele fala a verdade?

- Eu sei que ele fala a verdade, mas, já que não confia nele, que motivo teria para confiar em mim? Se Hari, por algum motivo, estivesse lhe mentindo, eu deveria estar pronta a mentir também para ficar do lado dele.

Davan olhou de um para o outro com uma expressão de desamparo. Depois falou:

- Em todo caso ... querem nos ajudar?

- Quem é nós, e por que razão precisam de ajuda?

- Viram a situação aqui em Dahl - disse Davan. - Vivemos oprimidos. Deve ter consciência disso; e, pelo modo como tratou Yugo Amaryl, creio que tem uma certa simpatia por nós.

- Vocês têm toda nossa simpatia.

- E devem saber quem nos oprime.

- Suponho que vá me dizer que é o governo imperial, e admito que ele tem a sua parte nisso. Por outro lado, já reparei que aqui em Dahl existe uma classe média que despreza os térmicos, e grupos de criminosos que aterrorizam o resto do setor.

Os lábios se Davan se estreitaram, mas ele permaneceu imóvel. - É verdade - disse. - É mais ou menos isso. Mas tudo isso é encorajado pelo Império, por uma questão de princípios. Dahl é potencialmente uma fonte de sérios problemas para o governo. Se os térmicos entrassem em greve, Trantor iria experimentar quase de imediato um severo racionamento de energia ... com todas as consequências que isto acarreta. O problema é que as próprias classes abastadas de Dahl iriam mobilizar seus recursos para pagar os marginais de Billibotton, e fazê-los enfrentar os trabalhadores e abortar a greve. Já aconteceu antes. O Império permite que alguns dahlitas sejam relativamente ricos, porque com isso os converte em lacaios do governo; e ao mesmo tempo evita fazer com que as leis sobre controle de armas sejam seguidas à risca, permitindo assim que os grupos criminosos continuem fortes.

"O Governo Imperial faz isso em toda parte, não apenas em Dahl. Não podem impor sua vontade pela força, como nos velhos tempos, quando governavam com brutalidade explícita. Hoje em dia, Trantor tornou-se tão complexo, e pode sofrer perturbações tão facilmente, que as forças imperiais são obrigadas a manter suas mãos longe dos ...

- Uma forma de decadência - disse Seldon, recordando os comentários de Hummin.

- O quê? - disse Davan.

- Nada. Continue.

- As forças imperiais são obrigadas e se manter à distância, mas acabaram descobrindo que ainda assim podem agir de modo eficaz. Cada setor é estimulado a ver com desconfiança os seus vizinhos. No interior de cada setor, as classes econômicas e sociais são estimuladas a manter uma espécie de guerra perpétua umas contra as outras. O resultado disso é que o povo de Trantor é incapaz de qualquer forma de ação organizada. Por toda parte, as pessoas estão mais dispostas a se enfrentar umas às outras do que em se agrupar para pôr em xeque a tirania central; assim, o Império governa sem precisar lançar mão da força.

- E na sua opinião - disse Dors, - o que pode ser feito a respeito disso?

- Há anos que tento construir um sentimento de solidariedade entre as populações de Trantor.

- Posso imaginar - disse Seldon secamente - que a esta altura deve estar considerando essa uma tarefa das mais difíceis, e das mais ingratas.

- Tem toda razão - disse Davan -, mas o nosso partido está cada vez mais forte. Muitos desses lutadores de faca estão começando a perceber que há coisas melhores para fazer com uma faca do que usá-la uns contra os outros. Aquele grupo que atacou vocês em Billibotton é um bom exemplo dos que ainda não se juntaram a nós. Os nossos são aqueles que estão agora do seu lado: aqueles que o defenderam contra o tal agente que se dizia jornalista. Vivo aqui, no meio deles. Não é um modo de vida muito atraente, mas aqui estou em segurança. Temos simpatizantes nos setores vizinhos, e dia a dia o nosso número aumenta.

- E nós? - perguntou Dors. - Onde entramos nisto?

- Para começar, vocês dois são estrangeiros, e são dois eruditos. Precisamos de gente como vocês entre os nossos líderes. Nossas forças são recrutadas entre os pobres e os oprimidos, porque são eles os que mais sofrem; mas são os que têm menos condições para exercer a liderança. Uma pessoa como vocês vale uma centena deles.

- É uma avaliação esquisita, para quem diz estar defendendo os oprimidos - disse Seldon.

- Não digo que sejam melhores do que eles enquanto pessoas - apressou-se a

corrigir Davan. - Estou falando em termos de liderança. O partido precisa recrutar seus líderes entre homens e mulheres com preparo intelectual.

- Isso quer dizer que pessoas como nós dariam ao seu partido uma aura de respeitabilidade.

- É muito fácil tratar com sarcasmo uma causa nobre, Sr. Seldon; basta querer. Mas o senhor é mais do que respeitável e mais do que intelectual, Sr. Seldon. Mesmo não admitindo ser capaz de penetrar as névoas do futuro ...

- Por favor, Davan - disse Seldon -, não tente ser poético; e não fale no condicional. Não é uma questão de "não admitir". Eu não posso prever o futuro. E o futuro não é feito de névoas, e sim de uma parede de aço cromado.

- Deixe-me terminar. Mesmo que o senhor não consiga fazer previsões com uma, como direi, acuidade psico-histórica, ainda assim o senhor estudou história, e pode ter certas intuições a respeito do desenvolvimento futuro dos fatos. Não é assim?

Seldon balançou a cabeça.

- Posso ter uma certa intuição a respeito deles, mas por uma questão de afinidade com as intuições matemáticas. Não posso saber até que ponto posso traduzir isso em conceitos que tenham significação histórica. E, na verdade, eu não estudei história ... Gostaria de tê-lo feito. Hoje percebo o quanto me faz falta.

Dors interveio com tranquilidade:

- Eu sou a historiadora, Davan, e posso dizer algumas coisas, se isso lhe interessa.

- Claro que sim ... - disse Davan, e completou, com um misto de gentileza e de desafio: - Por favor.

- De início, temos que lembrar que já houve um grande número de revoluções, na História Galáctica, que derrubaram tiranias: seja em planetas isolados, em sistemas planetários, ocasionalmente no próprio Império ou nos governos regionais pré-Império. Na maioria das vezes, isso significou apenas uma troca de tiranos. Em outras palavras: uma classe dominante é substituída por outra ... às vezes por uma que é mais eficiente, e portanto mais capaz de se manter no poder. .. enquanto que os pobres e oprimidos continuam pobres e oprimidos como antes, ou até pior.

Davan, que escutava com atenção, falou:

- Sei muito bem disso. Todos nós sabemos. Talvez possamos aprender com os fatos do passado, para saber melhor o que devemos evitar. Além disso, a tirania

que existe agora é real. A que pode existir no futuro é meramente potencial. Se ficarmos receosos das mudanças devido à ideia de que essas mudanças podem piorar as coisas, então não existe mais a menor esperança de pôr fim às injustiças.

Dors prosseguiu:

- Um segundo ponto que você deve lembrar é que mesmo tendo o direito ao seu lado, mesmo que haja uma forte pressão no sentido de que se faça justiça, em geral são os tiranos no poder que detêm a força. Nada do que seus guerreiros armados de faca possam fazer pode se contrapor ao fato de que existe um exército equipado com armas cinéticas, químicas e neurológicas, disposto a usá-las contra seu povo. Você pode arregimentar do seu lado todos os pobres e oprimidos, e ainda por cima todos os respeitáveis, mas precisa descobrir algum modo de derrotar as forças de segurança e o exército imperial, ou pelo menos enfraquecer a lealdade que eles têm para com seus dirigentes.

Davan disse:

- Trantor é um mundo multi-governamental Cada setor tem seus próprios líderes, e muitos deles têm posições anti-imperiais Se pudermos ter um desses setores mais poderosos do nosso lado, isso mudaria a situação, não é mesmo? Não seríamos mais apenas um bando de vagabundos empunhando facas e

pedras.

- Isso significa que vocês têm de fato um setor mais forte do seu lado, ou que apenas têm planos de conseguir isso?

Davan ficou calado. Dors continuou:

- Posso imaginar que você deve estar pensando no prefeito de Wye. Se o prefeito está disposto a usar o descontentamento popular como meio para ter mais chances de desequilibrar o imperador, não lhe parece então que o seu objetivo maior seria justamente o de ocupar ele próprio o trono imperial? Por que iria ele arriscar a sua presente posição, que tem vantagens consideráveis, por um prêmio menor que esse? Ele não parece ser alguém muito interessado nas bênçãos da justiça e num tratamento humanitário para todas as pessoas.

- Quer dizer então - disse Davan - que qualquer aliado poderoso que venha a ficar do nosso lado pode acabar nos traindo?

- É uma situação mais do que comum na história da Galáxia.

- Se estivermos prevenidos contra isso, então não podemos nos antecipar, e traí-lo?

- Você quer dizer, usá-lo onde for necessário e então, em algum momento decisivo, assassinar o líder de suas forças?

- Talvez não tenha de ser exatamente assim, mas deve haver algum meio de nos livrarmos dele, se isso se mostrar necessário.

- Então o que temos é um movimento revolucionário no qual os líderes principais estão prontos a atraiçoar-se entre si, e cada qual está apenas à espera da oportunidade ideal para fazê-lo. Parece uma boa receita para produzir um caos!

- Então vocês não vão nos ajudar? - perguntou Davan. Seldon, que tinha acompanhado o diálogo entre Dors e Davan com a testa contraída, disse:

- Não é tão simples assim. Nós gostaríamos de ajudá-los. Estamos do lado de vocês. Acho que nenhum indivíduo sensato aceitaria apoiar um Império que se mantém a si próprio através de estímulo ao ódio e à desconfiança entre os povos. Mesmo quando isso parece funcionar, é algo que só pode ser descrito como meta estável: ou seja, está constantemente a ponto de se desequilibrar numa direção ou na outra. Mas a questão é: como podemos ajudar? Se eu já dispusesse da psico-história, se eu pudesse dizer-lhes o que é mais possível de acontecer, ou se eu pudesse dizer-lhes qual ação, entre um certo número de alternativas, teria mais chance de produzir uma consequência positiva, então eu poria minhas habilidades à sua disposição. Mas acontece que ainda não tenho isso. A melhor maneira que tenho para ajudá-lo é tentar desenvolver a psico- história.

- E quanto tempo isso vai demorar? Seldon encolheu os ombros.

- Não posso dizer.

- E como pode nos pedir para esperar indefinidamente?

- E que outra alternativa eu tenho, se no momento sou inútil para vocês? Só posso dizer uma coisa: até pouco tempo atrás eu estava convencido de que o desenvolvimento de uma psico-história era absolutamente impossível. Hoje, não estou mais tão certo.

- Tem alguma solução em mente?

- Não, apenas a intuição de que algum tipo de solução pode ser encontrado. Não sou capaz ainda de definir o que aconteceu e me fez começar a pensar assim, mas estou tentando. Deixe-me tentar mais um pouco. Talvez voltemos a nos encontrar.

- Ou talvez - disse Davan - se retornarem para a casa onde estão, vão se descobrir presos numa armadilha do governo imperial. O senhor pode pensar que

o Império o deixará trabalhar em paz na sua psico-história, Sr. Seldon, mas tenho certeza de que o imperador e seu parasita Demerzel não vão querer esperar para sempre, tanto quanto eu.

- Eles não vão ganhar nada se precipitarem - disse Seldon calmamente -, já que eu estou do seu lado, e não do lado deles. Vamos, Dors.

Os dois giraram nos calcanhares e deixaram Davan sozinho naquela sala em ruínas. Raych os esperava do lado de fora .

76.

Raych estava mastigando e lambendo os dedos, ao mesmo tempo em que amassava o invólucro em que a comida, fosse o que fosse, tinha estado acondicionada. Havia um forte odor de cebola no ar, a julgar por certas nuanças, era comida micro-fermentada

Dors retraindo-se um pouco diante do forte cheiro, perguntou: - Onde conseguiu comida, Raych?

- Os amigos de Davan. Eles me deram. Davan é legal.

- Então não vamos ter que lhe pagar um jantar? - perguntou Seldon, consciente de seu estômago vazio.

- Vão me dar uma coisa aí - disse Raych, com um olhar cobiçoso na direção de Dors. - Uma das facas, moça. Basta uma.

- Faca coisa nenhuma - disse Dors. - Você nos leva de volta, em segurança, e eu lhe darei cinco créditos.

- Como é que eu vou comprar uma faca com cinco créditos? - grunhiu o garoto.

- Não sei, mas é tudo o que vamos lhe dar - tornou Dors.

- Sacanagem, moça - disse Raych.

- Sacanagem se eu usar minha faca em você - disse Dors. - Vamos, vamos andando.

- Tá bem, calma aí - disse o garoto, e fez um gesto: - Por ali.

Começaram a caminhar de volta pelos corredores vazios, mas desta vez Dors, que não deixava de olhar em todas as direções, parou de súbito.

- Espere, Raych. Estamos sendo seguidos. Raych a olhou com impaciência.

- Tá ouvindo nada, moça.

Seldon inclinou a cabeça para o lado e disse: - Eu não estou ouvindo coisa alguma.

- Eu estou - disse Dors. - Bem, Raych, não queremos nenhuma brincadeira. Diga-me agora mesmo o que está acontecendo, ou vou bater tanto na sua cabeça que você vai ficar vesgo durante uma semana. Não pense que estou brincando.

Raych ergueu o braço num gesto defensivo.

- Bata, moça! Bata, pra ver uma coisa! São os caras de Davan. Eles tomam conta da gente, se aparecer algum valente.

- São os amigos de Davan?

- São. Eles estão indo pelos corredores de serviço.

A mão direita de Dors agarrou Raych pela gola da camisa o ergueu, enquanto ele esperneava: - Ei, moça! Ei!

Seldon exclamou:

- Dors! Não o machuque!

- Vou machucá-lo muito, se descobrir que ele está mentindo.

Estou aqui para proteger você, Hari, e não a ele.

- Não tô mentindo não! - debateu-se Raych. - Não tô não.

- Tenho certeza de que ele diz a verdade - falou Seldon.

- Vamos ver, Raych, diga-lhes para aparecerem, para que nós possamos vê-los. - Ela o largou, e limpou as mãos uma na outra. - Parece que é maluca, moça - disse Raych, ressentido. E ergueu a voz: - Ei, Davan! Apareça aí, pessoal!

Passaram-se alguns instantes e então, através de uma passagem escura ao longo do corredor, surgiram dois homens com bigodes negros, um deles com uma cicatriz correndo de ponta a ponta sobre o seu queixo. Ambos seguravam facas, mas com as lâminas recolhidas.

- Quantos mais de vocês há por aí? - perguntou Dors com aspereza.

- Um bocado - disse um dos recém-chegados. - São ordens. Estamos guardando vocês. Davan quer que vão em segurança.

- Obrigado - disse Dors. - Procurem ser mais discretos ainda. Raych, vamos andando.

- Raych retrucou, de mau humor:

- Tá vendo? Eu não tava mentindo.

- Tem razão - disse Dors -, ou pelo menos, acho que tem. Peço desculpas.

- Eu devia ficar com raiva - disse Raych, empertigando-se para parecer mais alto. - Mas deixa pra lá. Só dessa vez. - E pôs-se novamente a caminho.

Quando atingiram a avenida principal, o grupo invisível de guardas desapareceu; pelo menos os ouvidos agudos de Dors já não conseguiam distinguir seus passos. Àquela altura, no entanto, já caminhavam pela parte mais respeitável do Setor.

Dors comentou, pensativa:

- Não creio que tenhamos roupas que possam lhe servir, Raych.

- E pra que quer roupa pra mim, senhora? - O senso de cerimônia parecia retomar a Raych, uma vez fora dos corredores. - Eu tenho roupa.

- Pensei que você gostaria de vir até o apartamento conosco e tomar um banho.

Raych respondeu:

- Mas pra quê? Eu tomo banho noutro dia. E boto a outra camisa. - Ergueu um olhar astuto para Dors. - Tá chateada porque me deu uma dura, não é? Tá querendo ficar numa boa? .

Dors sorriu.

- É, sim, mais ou menos isso.

Raych fez uma gesto cavalheiresco com a mão.

- Deixa pra lá, não me machucou não. Agora, eu vou dizer uma coisa: a senhora é forte, pra uma moça. Me levantou como se eu não pesasse nadinha

- Eu estava aborrecida, Raych. Tinha que proteger o Sr. Seldon.

- A senhora é uma guarda-costas? - O garoto lançou a Seldon um olhar cheio de curiosidade. - O senhor tem uma moça de guarda-costas? !

- Não posso evitar - disse Seldon, com um sorriso torto. - Ela insiste. Além do mais, acaba se saindo muito bem.

- Pense melhor, Raych - disse Dors. - Tem certeza de que não quer tomar um banho, um bom banho quente?

- Não vai dar. Tá pensando que a madame vai me deixar entrar na casa dela de novo?

Dors ergueu o olhar e viu Casilia Tisalver de pé na entrada do prédio de apartamentos, olhando primeiro para ela, e depois para o garoto maltrapilho; era difícil dizer qual das duas visões lhe causava desagrado maior.

Raych disse:

- Bom, até logo, senhor, senhora. Não sei nem se ela vai deixar vocês entrarem na casa. - Pôs as mãos nos bolsos e retomou pelo mesmo caminho, afetando um ar de indiferença e despreocupação.

- Boa noite, Sra. Tisalver - disse Seldon. - Um pouco tarde, não é?

- É muito tarde - replicou a mulher. - E hoje tivemos aqui na rua uma confusão enorme, por causa daquele jornalista, depois que vocês atiçaram aquela gentinha contra ele.

- Não atiçamos ninguém contra ninguém - disse Dors.

- Eu estava lá - falou a mulher, intransigente. - E vi tudo. - Deu um passo de lado para deixá-los entrar, mas demorando-se o suficiente para que sua relutância fosse percebida.

- Ela está agindo como se o dia de hoje tivesse sido a gota d'água - disse Dors, quando subia ao lado de Seldon, encaminhando-se para seus quartos.

- E daí? - perguntou ele. - O que ela vai poder fazer a respeito?

- É justamente isso o que estou imaginando - disse Dors.

16. OFICIAIS

RAYCH - ... De acordo com Hari Seldon, seu primeiro encontro com Raych foi inteiramente acidental. Ele era apenas um garoto de rua a quem Seldon pediu informação sobre um endereço. Mas a partir daquele instante sua vida ficou entrelaçada à do grande matemático, até que ...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

77.

Na manhã seguinte, depois de tomar banho e se barbear, Seldon, nu da cintura para cima, bateu à porta de comunicação que separava seu quarto do de Dors, e chamou, à meia voz:

- Dors, abra aí, sou eu.

Ela abriu a porta. Os anéis acobreados de seus cabelos ainda estavam úmidos, e ela também estava nua da cintura para cima.

Seldon recuou instintivamente, embaraçado e surpreso. Dors deu um olhar rápido para si própria, para os seios que balançavam, com indiferença, e, pegando de uma toalha, envolveu com ela os cabelos úmidos.

- O que foi que houve? - perguntou. Olhando de lado, Seldon respondeu:

- Ia lhe perguntar a respeito de Wye. Dors respondeu com naturalidade:

- Sobre "por quê" em relação a quê? E por favor, Hari, não fique me ouvindo com um ouvido só, vire de frente para mim. Você certamente não é um homem virgem!

Seldon, magoado, replicou:

- Eu estava apenas tentando ser polido, mas se você não ficou ofendida, eu certamente não ficarei. E não quero saber nada a respeito de "por quê", e sim de Wye, o Setor Wye.

- O que quer saber? Em outras palavras: por que Wye?

- Ouça, Dors, estou falando sério. De momento em momento esse Setor Wye é mencionado por alguém, ou, para ser mais exato, mencionam o prefeito de Wye. Hummin falou dele, você, Davan. E eu não sei praticamente nada sobre o setor ou sobre o seu prefeito.

- Eu também não sou trantoriana, Hari. Sei muito pouco a respeito disso, mas não há problema em passar tudo para você. Wye fica próximo ao Polo Sul; é um setor muito grande, muito populoso ...

- Muito populoso? No Polo Sul?

- Não estamos em Helicon, Hari, nem em Cinna. Isto aqui é Trantor. Tudo fica situado no subsolo, e o subsolo é praticamente o mesmo nos polos ou no equador. Imagino que eles, naturalmente, mantenham a sua programação de dias e noites seguindo o mesmo padrão que se verifica fora dos domos ... os dias

muito longos no verão, as noites muito longas no inverno. Tais extremos, é claro, são mera afetação. Eles são orgulhosos de habitarem o Polo

- Na Superfície deve ser muito frio, sem dúvida.

- Oh, claro. A superfície de Wye é coberta de neve e gelo, mas não numa camada tão espessa quanto você pode pensar. Se isso acontecesse poderia danificar as cúpulas, mas o que se dá é algo muito diferente, e é a razão do poder político de Wye.

Ela virou-se para o espelho, removeu a toalha dos cabelos, e os recobriu com a rede de secar, que após uns cinco segundo os deixou soltos e brilhantes.

- Você não sabe o quanto é bom não estar usando uma carapuça - disse ela, enquanto vestia a blusa.

- Sim, mas o que tem a camada de gelo a ver com o poder de Wye?

- Pense bem. Quarenta bilhões de pessoas usam uma grande quantidade de energia; cada caloria dela acaba degenerando em calor, e é preciso livrar-se desse calor de alguma forma. Ele é canalizado para os polos, principalmente para o Polo Sul, que é o mais desenvolvido dos dois, e é descarregado no espaço. Nesse processo ele derrete a maior parte do gelo, e tenho certeza de que isso é uma das causas das nuvens e das chuvas de Trantor, não importa o quanto os meteorologistas insistam em dizer que as coisas são mais complexas do que isso.

- E o Setor Wye utiliza esse calor, antes de descarregá-lo?

- Pelo que sei, sim. A propósito, não tenho a mínima ideia da tecnologia envolvida na descarga desse calor, mas estou me referindo mesmo é ao poder político. Se Dahl parasse de produzir energia aproveitável, isso certamente causaria incômodos a Trantor, mas existem outros setores que produzem energia e que poderiam incrementar essa produção, além de também existir, é claro, energia armazenada de uma ou de outra forma. Depois de um certo tempo, seria preciso dar um jeito na situação em Dahl; mas não de imediato. Wye, por outro lado ...

- Sim? ..

- Bem, Wye é o escoadouro para pelo menos 90% do calor criado no planeta, e não há quem possa substituí-lo nessa função. Se Wye decidisse interromper essa sua emissão de calor, a temperatura de Trantor começaria imediatamente a aumentar.

- Inclusive em Wye.

- Sim, mas já que Wye fica no Polo Sul, pode dar um jeito de provocar um

influxo de ar frio. Não chegaria a fazer muita diferença, mas Wye conseguiria aguentar a situação por mais tempo do que o resto de Trantor. A questão é, portanto, que Wye é um problema muito delicado para o imperador, e que o prefeito de Wye é, ou pelo menos tem condições de ser, extremamente poderoso.

- E que tipo de pessoa é o atual prefeito de Wye?

- Isso eu não sei. O que cheguei a escutar ocasionalmente me deu a ideia de que é muito velho, e vive praticamente recluso, mas é um sujeito duro como o casco de uma hiper-nave, e muito hábil no jogo do poder.

- Mas por quê? Se é tão velho assim, não ficaria no poder por muito tempo.

- E quem sabe, Hari? Talvez ele tenha sonhado com isso a vida toda. Ou então é o jogo propriamente dito ... as manobras pelo poder, sem nenhum desejo efetivo pelo próprio poder. Talvez se ele conquistasse esse poder e viesse a ocupar o lugar de Demerzel, ou mesmo o trono imperial, ele viesse a se sentir desapontado, porque o jogo teria chegado ao fim. Ou então poderia, se ainda estivesse vivo, começar o jogo subsequente - o de se manter no poder, que pode ser igualmente difícil e igualmente gratificante.

Seldon balançou a cabeça.

- Não consigo imaginar como alguém pode desejar ser imperador.

- Nenhuma pessoa em seu juízo perfeito desejaria isso, concordo, mas a "ambição imperial", como é frequentemente chamada, é como uma doença que, uma vez contraída, cancela a sanidade mental do indivíduo. E quanto mais perto se está dos cargos de comando, mais suscetível se fica de contrair essa doença. A cada promoção que se recebe ...

- ... a doença vai se manifestando mais visivelmente. Sim, entendo muito bem. Mas também tenho a impressão de que Trantor é um mundo tão grande, as necessidades aqui são tão interligadas, as ambições tão conflitantes, que isso acaba sendo responsável pela maior parte das dificuldades do imperador, tornando mais difícil sua tarefa. Por que ele não sai simplesmente de Trantor, e se estabelece em um planeta mais simples?

Dors riu.

- Você não faria essa pergunta se conhecesse um pouco de história. Trantor é o Império, ao longo de milhares de anos de tradição. Um imperador que não esteja no palácio Imperial não é o imperador. Ele é antes de tudo um lugar, mais do que uma pessoa.

Seldon mergulhou em silêncio, o rosto rígido, e depois de algum tempo Dors

perguntou:

- Qual é o problema, Hari?

- Estou pensando - disse ele, num resmungo. - Desde que você me contou aquela história da mão sobre a coxa, tenho tido algumas ideias fugidias ... E agora essa sua observação sobre imperador sendo um lugar, mais do que uma pessoa; isso parece que tocou num ponto.

- Que ponto?

Seldon balançou a cabeça.

- Ainda estou pensando. Posso estar indo na direção errada.

- Fitou Dors de frente, e aí seus olhos pareceram entrar em foco. Em todo caso, acho melhor descer e tomar o café da manhã.

J- á é um pouco tarde, e não acho que a Sra. Tisalver esteja de tão bom humor que se disponha mandar servi-lo no quarto.

- Você é um otimista - disse Dors. - A minha impressão é de que o humor dela não vai permitir sequer que nós continuemos hospedados aqui. Ela vai nos mandar embora.

- Talvez esteja aborrecida, mas afinal estamos pagando.

- Sim, mas desconfio de que a má vontade dela conosco já ultrapassa o valor dos nossos créditos.

- Talvez o marido alimente uma boa vontade maior em relação ao aluguel.

- O marido? Se ele abrir a boca hoje, Hari, a única pessoa a ficar mais surpreendida do que eu será a Sra. Tisalver. Mas já estou pronta, e é melhor irmos descendo.

Desceram até a parte inferior do apartamento, o domínio dos Tisalver; e lá encontraram a dama em questão à sua espera com muito menos do que um café da manhã ... e com muito mais também.

78.

Casilia Tisalver estava de pé na sala, empertigada como um poste; tinha um semi-sorriso em seus lábios carnudos e um brilho estranho nos olhos. Seu marido tinha um ar melancólico, e estava encostado à parede. No centro da sala havia dois homens em postura rígida e tesa, como se tivessem visto as almofadas

no piso mas tivessem preferido ignorá-las.

Ambos tinham o bigode e a tez morena dos dahlitas; eram magros e vestiam roupas escuras tão semelhantes uma à outra que não podiam deixar de ser duas fardas. Havia uma delgada linha branca correndo ao longo dos ombros e descendo lateralmente pela perna das calças. Do lado direito do peito, cada um deles ostentava o emblema da espaçonave e do sol, o símbolo do Império Galáctico em cada planeta habitado da Galáxia; no presente caso, havia uma letra "D" no centro do sol.

Seldon deduziu imediatamente que os dois eram membros das forças de segurança de Dahl.

- O que significa isto? - perguntou, pondo-se em guarda. Um dos homens deu um passo à frente.

- Sou o oficial de setor Lanel Russ. Este é o meu colega, Gebore Astinwald.

Ambos ergueram dois holo-cartões de identificação que tremeluziram diante

dos olhos de Seldon, mas este não lhes deu muita atenção.

- O que desejam? - perguntou. Russ perguntou calmamente:

- É Hari Seldon, de Helicon?

- Sou.

- E a senhora, é Dors Venabili, de Cinna?

- Sou - disse Dors.

- Estou aqui para investigar uma queixa de que um certo Hari Seldon instigou ontem um tumulto nesta vizinhança.

- Não fiz isto - disse Seldon.

- Nossa informação - continuou Russ, olhando a tela de um computador de bolso - é de que o senhor acusou um jornalista de ser agente imperial, e incitou contra ele uma multidão de agressores.

Dors interveio:

- Fui eu que o acusei de ser agente do Império, oficial. Tive minhas razões para considerar que isso era verdade. Não é crime uma pessoa exprimir suas opiniões. Existe liberdade de expressão no Império.

- Isso não inclui uma opinião expressa com o objetivo deliberado de provocar uma agressão.

- Como pode afirmar que foi assim, oficial?

Nesse instante a Sra. Tisalver se interpôs, com sua voz estridente:

- Eu estou dizendo que foi assim, oficial. Ela viu que havia uma multidão presente, uma multidão dessa gentinha que vive à procura de baderna. Ela disse propositalmente que o homem era um agente do Império, e ela não sabia nada a respeito dele; disse, sim, disse para jogar os tais vagabundos contra o rapaz. Era evidente que ela sabia muitíssimo bem o que estava fazendo.

- Casilia - disse o Sr. Tisalver em tom de súplica, mas ela lançou contra ele apenas um olhar, reduzindo-o ao silêncio.

Russ voltou-se para a Sra. Tisalver.

- Foi a senhora quem registrou a queixa?

- Sim. Estes dois estão hospedados aqui há alguns dias e não têm feito outra coisa senão nos causar problemas. Convidaram gente de baixa reputação para dentro do meu apartamento, e prejudicaram a minha reputação junto à vizinhança.

- Oficial - perguntou Seldon -, é contra a lei convidar cidadãos de Dahl, pessoas limpas e pacatas, ao nosso quarto? Os dois quartos no andar superior são nossos quartos, nós os alugamos e estamos pagando por eles. Será um crime falar com dahlitas em Dahl?

- Não, não é crime - disse Russ. - Mas isto não faz parte da queixa. O que lhe deu motivos, Sra. Venabili, para supor que a pessoa a quem acusou fosse de fato um agente do Império?

- Ele tinha um bigode muito fino, e castanho - disse Dors. - Concluí que não era um dahlita, e achei que fosse um agente imperial.

- Concluiu? O seu companheiro, o Sr. Seldon, não tem bigode. Conclui que ele também é agente do Império?

- De qualquer forma - interveio Seldon -, não houve baderna. Pedimos às pessoas que não tomassem nenhuma atitude violenta contra o tal indivíduo, e tenho certeza de que elas nos atenderam.

- Tem certeza, Sr. Seldon? - disse Russ. - Nossa informação é de que ambos deixaram o local imediatamente após fazer a acusação. Como pode ter certeza quanto ao que sucedeu depois disso?

- Não posso ter certeza - disse Seldon. - Mas deixe-me fazer uma pergunta. O homem está morto, por acaso? Está ferido?

- O indivíduo em questão foi interrogado por nós. Ele nega que seja agente do Império, e não temos nenhuma informação indicando que ele o seja. Ele também

se queixa de ter sido tratado com violência.

- Pode estar mentindo em ambos os casos - disse Seldon.

- Eu sugiro que o examinem com uma sonda-psi.

- Isto não pode ser feito à vítima de um crime - disse Russ - O governo deste setor é muito claro a respeito. Todavia seria possível submeter os acusados do crime a uma sonda-psi. Aceitariam isto?

Seldon e Dors se entreolharam por um momento, e Seldon respondeu:

- Não. Claro que não.

- Claro que não - repetiu Russ, com uma nota de sarcasmo na voz. - Apesar de estarem tão dispostos a sugerir que isso fosse feito em outra pessoa.

O outro oficial, Astinwald, que até aquela altura não dissera uma palavra, sorriu levemente.

Russ continuou:

- Fomos informados de que há dois dias atrás o senhor e a senhora se envolveram numa luta de faca em Billibotton, e feriram gravemente um cidadão dahlita chamado ... - Ele apertou um botão em seu computador e consultou a tela - ... Elgin Marron.

- Suas informações dizem como a briga começou? - perguntou Dors.

- Isso é irrelevante no momento, senhora. Nega que a luta tenha ocorrido?

- Claro que não negamos isso - disse Seldon, começando a se irritar -, o que negamos é que tenhamos de alguma forma provocado essa briga. Nós fomos atacados. A Sra. Venabili foi ameaçada por esse tal Marron e era bastante claro que ele estava tentando violentá-la. O que aconteceu em seguida não foi mais do que uma reação em legítima defesa. Ou será que em Dahl o estupro é liberado?

Russ continuou a falar, em voz monocórdia:

- Disse que foram atacados? Por quantas pessoas?

- Dez homens.

- E o senhor sozinho, ajudado apenas por uma mulher, defendeu-se contra dez homens?!

- A Sra. Venabili e eu nos defendemos.

- Como se explica, então, que nenhum dos dois mostre qualquer sinal de violência? Algum dos dois tem ferimentos em algum local que não esteja à vista agora?

- Não.

- Como se explica então que, numa briga entre um casal e dez homens, nenhum dos dois apresente qualquer contusão, enquanto o queixoso, Elgin Marron, foi hospitalizado com graves ferimentos, e vai precisar sofrer um transplante de pele em seu lábio superior?

- Nós lutamos bem - disse Seldon, de cara fechada.

- Inacreditavelmente bem. O que me diz se eu lhe disser que três homens testemunharam que o senhor e sua amiga atacaram Marron, sem nenhuma provocação da parte deste?

- Digo-lhe que ninguém acreditaria nisso. Estou certo de que Marron tem ficha policial como arruaceiro e violento. Por outro lado, havia dez homens lá; e fica óbvio que seis entre eles se recusaram a prestar falso testemunho. Como é que os outros três explicam o fato de que não foram socorrer seu amigo ao vê-lo sofrer uma agressão gratuita e correr risco de vida? Está claro que estão mentindo.

- Sugere que apliquemos neles uma sonda-psi?

- Sim. E, antes que pergunte, continuo a recusar que o façam em nós.

Russ prosseguiu:

- Também fomos informados de que ontem, após deixar esta rua onde incitaram a multidão contra o jornalista, o senhor e sua companheira foram se encontrar com um tal Davan, um conhecido subversivo que está sendo procurado pelas forças de segurança. É verdade?

- Vai ter que prová-la sem nossa ajuda - disse Seldon. - E não temos a intenção de responder mais perguntas.

Russ guardou no bolso o computador.

- Receio que seja minha obrigação pedir que me acompanhem até nosso quartel-general para maiores esclarecimentos.

- Não creio que seja necessário, oficial- disse Seldon. - Somos estrangeiros e não praticamos nenhum ato contra a lei. Livramo-nos de um jornalista que estava nos importunando indevidamente. Tentamos nos defender de uma agressão que poderia culminar em rapto e assassinato, numa parte do setor conhecida pelo seu alto índice de criminalidade. E entramos em contato com um grande número de dahlitas. Não vemos, em tudo isso, nenhum motivo para prestar maiores esclarecimentos a quem quer que seja. Seria um profundo aborrecimento para nós.

- Quem decide isso sou eu - retrucou Russ. - Querem me acompanhar?

- Não - disse Dors.

- Cuidado com ela! gritou a Sra. Tisalver. - Ela usa duas facas.

O oficial Russ suspirou e disse:

- Obrigado, senhora, mas já estou sabendo disso. - Voltou-se para Dors. - Sabe que é um crime muito sério, neste setor, portar armas sem autorização? A senhora tem essa autorização?

- Não, oficial, não tenho.

- Então é óbvio que foi uma faca ilegalmente conduzida que feriu Elgin

Marron? Tem consciência de que isto aumenta em muito a gravidade do delito?

- Não houve delito, oficial- disse Dors. - Por favor, compreenda isto. Marron também portava uma faca, e tenho certeza de que também não tinha autorização para tal.

- Não temos prova alguma disso, e o fato é que Marron apresenta ferimentos a faca, e a senhora não.

- Claro que ele tinha uma faca, oficial. Se o senhor não sabe que todos os homens de Billibotton e a maioria dos homens de Dahl levam facas consigo, sem autorização, então é a única pessoa que não está a par disso. Por toda parte há lojas prontas a vender facas a qualquer pessoa. Não sabia disso?

- Não interessa o que eu sei ou não sei - respondeu Russ. - Nem interessa se há outras pessoas violando a lei, e quantas são.

- Tudo o que nos interessa neste momento é o fato de que a Sra. Dors Venabili violou a lei sobre porte de armas. Peço que me entregue essas facas imediatamente, senhora, e que em seguida os dois me acompanhem até o quartel-general.

- Se quer as facas venha buscá-las - desafiou Dors. Russ deu um suspiro.

- Não deve estar imaginando, senhora, que as únicas armas existentes em Dahl são facas, ou que eu esteja disposto a me envolver numa briga desse tipo. Tanto eu quanto meu companheiro dispomos de pistolas de raios que poderão destruí-los num instante, antes que a senhora possa estender a mão até o cinto, por mais rápida que seja. Mas não vamos usar essas armas, porque não viemos aqui para matá-los; cada um de nós tem um neuro-chicote, e não vacilaremos em usá-los. Espero que não me peça nenhuma demonstração. Ele não é mortal e não causa nenhum tipo de dano permanente, nem deixa marcas ... mas a dor é excruciante. Meu colega tem um neuro-chicote apontado em sua direção, e aqui está o meu. As facas, por favor, Sra. Venabili.

Houve uma pausa e então Seldon disse:

- Não adianta, Dors. Entregue as facas.

E nesse momento soaram batidas frenéticas à porta; e todos eles ouviram uma voz estridente que chamava em altos brados, do lado de fora.

79.

Raych não se tinha afastado muito daqueles arredores, após levar Dors e Seldon de volta ao apartamento dos Tisalver.

Tinha comido bastante enquanto esperava o fim do encontro que os dois tinham mantido com Davan; e mais tarde dormira um pouco, depois de ter achado um banheiro que se mantinha mais ou menos em funcionamento. Na verdade, não tinha nenhum lugar para onde ir, depois que os estrangeiros o tinham dispensado. Tinha uma casa pouco confortável, e uma mãe que não ficaria preocupada caso ele deixasse de aparecer por algum tempo. Ela nunca ligava.

Ele não sabia quem era seu pai, e às vezes imaginava se teria mesmo um. Tinham-lhe dito que ele forçosamente teria um pai, e as razões para isso tinham-lhe sido explicadas com crueza. Raych não sabia se devia acreditar numa história tão extravagante, mas em todo caso os detalhes o deixavam excitado.

Pensou naquilo em relação à senhora. Ela era muito mais velha do que ele, claro, mas era bonita, e brigava tão bem quanto um homem ... melhor do que um homem, até. Isso o deixou percorrido por sensações estranhas.

E ela lhe ofereceu um banho. De vez em quando Raych nadava nas piscinas de Billibotton, quando tinha alguns créditos sobrando, ou quando podia entrar sem pagar. Eram as únicas chances que ele tinha para tomar um banho completo, mas a água era fria, e ele tinha que esperar, depois, até secar por inteiro.

Um banho de chuveiro era diferente. Água quente, sabonete, toalhas, ar aquecido. Ele não sabia exatamente como seria isso; sabia, no entanto, que seria gostoso se ela estivesse por perto.

Ele já era bastante experiente no mundo das ruas para conhecer lugares onde podia se esconder num beco, nas proximidades de algum banheiro, e ainda assim permanecer nas proximidades do apartamento onde ela estava - e num local onde ninguém pudesse descobri-lo e expulsá-lo.

Passou a noite inteira sendo assaltado por ideias pouco usuais.

Que tal se aprendesse mesmo a ler e escrever? Será que isso teria alguma utilidade? Não sabia muito bem que utilidade seria essa, mas ela poderia dizer-lhe. Ele imaginava vagamente que alguém lhe daria dinheiro quando ele fizesse coisas que no momento ele era incapaz de fazer; mas não sabia que coisas seriam essas. Ele teria de aprender - mas como é que se aprende?

Se ele ficasse com os dois estrangeiros, talvez eles pudessem ajudá-lo. Mas será que eles gostariam de tê-lo ao seu lado?

Envolvido por esses pensamentos ele começou a cochilar:

Quando acordou mais tarde, não foi porque a luz ambiente tinha ficado mais intensa, e sim porque seus ouvidos atilados tinham começado a registrar as variações dos ruídos que vinham da rua principal, à medida que as atividades do dia iam começando.

Ele era capaz de identificar praticamente todo tipo de som, porque nos labirintos subterrâneos de Billibotton, se alguém queria sobreviver com um mínimo de segurança, era preciso registrar a presença das coisas antes de elas serem visíveis. E agora ele estava ouvindo o motor de um carro cujo som indicava: perigo. Um som oficial, um som ameaçador. ..

Raych sacudiu-se bruscamente e, quando se sentiu desperto, partiu na direção da passarela principal. Nem sequer precisou avistar o emblema da espaço nave e do sol na parte lateral do carro: as linhas do seu desenho foram suficientes. Ele percebeu na mesma hora que aquele carro tinha vindo para prender o homem e a mulher, porque eles dois tinham se encontrado com Davan. Ele não parou para analisar essas questões ou refletir sobre elas: já partia a toda carreira, esbarrando de um lado e do outro nas pessoas que já enchiam as passarelas naquele começo de dia.

Estava de volta em menos de quinze minutos. O carro ainda estava parado no mesmo lugar, e havia uma porção de curiosos em volta dele, olhando-o a uma distância respeitosa. Daí a pouco haveria um número bem maior. Raych subiu correndo as escadas, tentando lembrar a porta até onde viera na véspera. Não havia tempo para esperar o elevador.

Ele encontrou a porta, ou pelo menos achava que era aquela, e bateu, bateu com os punhos cerrados, gritando:

- Senhora! Senhora!

Estava tão perturbado que não conseguia lembrar o nome dela, mas lembrou parte do nome do homem.

- Hari! - gritou. - Me deixe entrar!

A porta se abriu e ele enfiou-se para dentro ... ou pelo menos tentou. A mão brutal de um oficial o agarrou pelo braço. - Calma aí, garoto. Onde pensa que vai?

- Me larga! Eu não fiz nada! - Ele olhou em redor. - Ei, moça, o que é que eles estão fazendo?

- Estão nos prendendo - disse Dors, a cara fechada.

- Pra quê? - perguntou Raych, debatendo-se. - Ei, me larga, Do Império. Não vá com eles, moça. Não é obrigada a ir com eles.

- Caia fora daqui - rosnou Russ, sacudindo o garoto com violência.

- Não caio. E vocês também não vão sair daqui, Do Império. Minha turma está vindo toda. Vocês não vão sair se não deixarem o pessoal.

- Que turma é essa? - O oficial franziu a testa.

- Estão do lado de fora agora, e devem estar botando o carro de vocês abaixo. E depois vão pegar vocês e dar um arraso.

Russ voltou-se para seu parceiro.

- Chame o quartel-general. Diga para mandarem um par de caminhões com Macros.

- Não! - Raych desvencilhou-se da mão de Russ e correu sobre Astinwald. - Não vai chamar coisa nenhuma!

Russ apontou o neuro-chicote e disparou.

Raych soltou um grito agudo, enquanto erguia a mão até o ombro direito e caía, as pernas se agitando convulsivamente.

Russ não teve tempo de voltar a apontar para Seldon. A mão do heliconiano o agarrou pelo pulso que erguia a arma e, com um puxão violento, arremessou o neuro-chicote no ar, ao mesmo tempo em que dobrava o braço do oficial às costas, pisando-lhe também o pé para mantê-lo parado; quando deu um puxão mais forte para cima, Seldon sentiu o ruído da omoplata ao deslocar-se, ao mesmo tempo em que Russ soltava um arquejo rouco de dor.

Astinwald tinha erguido sua pistola de raios, mas num átimo o braço esquerdo de Dors lhe rodeava por trás o pescoço, e uma faca brilhava de encontro à sua garganta.

- Mova um milímetro - disse ela - qualquer parte do seu corpo, e eu cortarei seu pescoço até atingir a espinha dorsal. Largue a pistola. Largue! Agora jogue o neuro-chicote no chão.

Seldon foi até onde Raych jazia todo encolhido, gemendo, e o abraçou. Depois virou-se para Tisalver.

- Tem gente lá fora - disse. - É uma gente que está enfurecida, e se entrar aqui vai arrebentar tudo o que vocês têm. Não vai deixar nem as paredes de pé. Se não quiser que isso aconteça, pegue essas armas e as jogue na sala ao lado. Faça o mesmo com as armas desse outro oficial que está caído. Vamos, rápido! Peça ajuda a sua mulher. Garanto que da próxima vez ela vai pensar duas vezes antes de jogar a polícia contra gente inocente. Dors, este sujeito aqui no chão vai ficar inofensivo por algum tempo. Ponha o outro fora de combate, mas sem matá-lo.

- Certo - disse Dors. Invertendo a posição da faca na mão direita, ela golpeou a cabeça de Astinwald com o cabo maciço, numa pancada que o fez afrouxar os joelhos e ir ao chão. Ela fez uma careta e comentou: - Detesto fazer essas coisas.

- Eles machucaram Raych - disse Seldon, tentando ignorar seu próprio desconforto diante de tudo aquilo.

Deixaram o apartamento às pressas e, uma vez do lado de fora, encontraram a passarela central apinhada de pessoas, homens na maioria, que ergueram um brado de triunfo no momento em que os três emergiram do prédio. Ao se aproximarem da multidão, eles sentiram o odor do suor e das roupas mal lavadas.

Alguém gritou:

- Cadê os Do Império?

- Lá dentro - respondeu Dors. - Deixem os dois em paz. Por enquanto estão fora de combate, mas daqui a pouco vão chegar reforços. É melhor vocês irem embora logo.

- E vocês? - perguntou uma dúzia de vozes.

- Vamos embora. Não vamos voltar.

- Eu cuido deles! - gritou Raych, libertando-se dos braços de Seldon e ficando de pé. Esfregava furiosamente o ombro direito. - Já dá pra andar, deixa eu ir, deixa eu ir.

A multidão abriu caminho para eles. Raych comandou. - Moço, moça, podem vir, vem, vem. Correndo!

Fugiram ao longo da passarela, seguidos de perto por algumas dúzias de dahlitas. e de súbito Raych parou ao lado de uma abertura, dizendo.

- Aqui, aqui, vamos entrar. Vou levar vocês pra um lugar onde ninguém vai achar vocês de jeito nenhum. É um lugar que nem Davan conhece. Problema é que a

gente vai ter que passar pelos esgotos. Não tem ninguém lá, mas é meio

fedido ... sabe como é que é?

– Acho que dá para sobreviver a isso - resmungou Seldon. E começaram a descer uma rampa espiralada, rumo aos níveis inferiores de Dahl, de onde um odor mefítico se elevava em sua direção.

80.

Raych conseguiu levá-los em segurança até o esconderijo. Para chegar lá, tiveram que escalar os degraus metálicos de uma escada que os conduziu até uma espécie de sótão, bastante amplo, cuja finalidade Seldon não conseguiu adivinhar. Estava repleto de uma maquinaria pesadona e silenciosa, cuja função também permaneceu envolta em mistério. O aposento estava razoavelmente limpo: uma corrente de ar permanente evitava que a poeira se acumulasse, e, mais importante ainda, reduzia a intensidade do odor predominante naquele nível do subsolo.

Raych parecia orgulhoso.

- E aí? Não é bom? - perguntou. Ainda esfregava o ombro de vez em quando, e fazia uma careta quando tocava em algum ponto mais dolorido.

- Podia ser pior - admitiu Seldon. - Sabe para que serve este lugar, Raych?

Raych encolheu os ombros, ou pelo menos esboçou o gesto, e fez uma careta.

- Sei lá. - E ajuntou, com despreocupação: - E quem precisa saber?

Dors tinha sentado no chão depois de passar a mão por ele e olhar com desconfiança para a palma. Ao ouvir a pergunta de Seldon, ergueu o rosto e disse:

- Se quer um palpite, eu penso que isto aqui é parte de um complexo que se destina a reciclar detritos, reduzindo sua carga tóxica. O produto final desse processo todo deve ser usado como fertilizante.

Seldon fez uma cara preocupada.

- Então as pessoas que controlam isto devem vistoriar o local periodicamente, e pelo que sabemos podem surgir a qualquer momento.

- Eu já vim aqui - disse Raych - e nunca vi ninguém.

- Presumo que Trantor tem tudo automatizado, onde quer que isso seja possível-

disse Dors. - E se existe alguma coisa que requer automatização é o tratamento de dejetos. Acho que estaremos em segurança ... ao menos por algum tempo.

- Não muito - disse Seldon. - Vamos ter fome e sede, Dors.

- Eu posso arranjar comida e água - acudiu Raych. - Quando a gente vive na rua tem que saber arrumar essas coisas.

- Obrigado, Raych - disse Seldon, com ar ausente -, mas no momento não

estamos precisando. - Farejou o ar. - Acho que jamais voltarei a sentir fome.

- Vai, sim - disse Dors. - E mesmo que este ar faça você perder o apetite, vai acabar sentindo sede. Pelo menos não teremos problemas de evacuação ... estamos praticamente em cima de um esgoto aberto.

Ficaram algum tempo em silêncio. O salão estava à meia-luz e Seldon pôs-se a imaginar por que os trantorianos não o deixavam logo às escuras, mas logo lhe ocorreu que jamais tinha visto escuridão completa em nenhuma área pública de Trantor. Provavelmente, pensou ele, um hábito característico de uma sociedade com energia em abundância. Era estranho que um mundo com quarenta bilhões de pessoas pudesse ser rico em energia, mas havia o calor interno do planeta para ser utilizado, sem contar a energia solar e as usinas de fusão nuclear instaladas no espaço. Aliás, não havia planetas com escassez de energia em todo o Império. Teria existido um tempo em que a tecnologia era tão primitiva a ponto de acarretar escassez energética?

Encostou-se numa tubulação por onde, provavelmente, corria parte do sistema de esgotos Quando esse pensamento lhe ocorreu ele afastou-se de imediato, e foi sentar-se ao lado de Dors.

- Existe algum modo de entrarmos em contato com Chetter Hummin? - perguntou.

- Para falar a verdade - disse ela -, eu já mandei uma mensagem para ele, ainda que a contragosto.

- A contragosto?

- Minhas ordens são para proteger você. Cada vez que sou forçada a entrar em contato com ele isso significa que falhei.

Seldon a fitou inquisitivamente, estreitando os olhos.

- Precisa ser assim tão compulsiva, Dors? Você não pode me proteger contra as forças de segurança de um setor inteiro.

- Suponho que não. Podemos nos livrar de alguns ...

- Pois é. Acabamos de fazê-lo. Mas eles vão mandar reforços. Carros blindados, neuro-canhões, vapor anestesiante. Não sei ao certo que tipo de armamentos eles têm aqui, mas com certeza vão usar o que tiverem de melhor.

- Tem razão - disse Dors, contraindo os lábios.

- Eles não vão achar vocês, moça - disse Raych de repente. Seus olhos vivos tinham acompanhado o diálogo dos dois. - Eles nunca acham Davan.

Dors deu um sorriso sem alegria e acariciou os cabelos do garoto, para logo em seguida olhar consternada a palma da própria mão. Disse:

- Não sei se você deve continuar conosco, Raych, Não quero que eles peguem você.

- Eles não vão me pegar. E se eu for embora quem vai arranjar comida e água pra vocês? E quem vai achar outro lugar pra vocês se esconderem, um lugar que os Do Império não conheçam?

- Não, Raych, eles vão acabar nos encontrando. Eles nunca se esforçaram a sério para encontrar Davan. Davan os aborrece, mas tenho a impressão de que eles não o levam muito a sério. Sabe o que quero dizer?

- Quer dizer que ele é somente um chute no... no joelho dos caras, mas os caras acham que não vale a pena perder tempo indo atrás dele.

- É, isso mesmo. Mas você viu que nós ferimos aqueles dois oficiais, e eles não vão nos perdoar por isso. Mesmo que seja necessário toda a força de que eles dispõem, mesmo que eles tenham que passar um pente fino em cada corredor e cada aposento de Dahl, eles vão chegar até nós.

- Então a culpa foi minha - disse Raych. - Se eu não tivesse entrado ali e levado aquela descarga vocês não tinham arrebentado os caras e não estavam nessa confusão toda.

- Não ... mais cedo ou mais tarde nós teríamos "arrebentado" os dois. Quem sabe? Talvez ainda seja preciso arrebentar alguns.

- Mas a senhora arrasou - disse Raych. - Se eu não estivesse ali todo ... todo doído, eu tinha visto melhor.

Seldon falou:

- Não vai ser possível enfrentar todo o sistema de segurança do setor. A questão é: o que farão conosco quando nos pegarem? Uma sentença de prisão, com certeza.

- Oh, não - tornou Dors. - Se for preciso, apelaremos para o imperador.

- O imperador?! - Raych arregalou os olhos. - A senhora conhece o imperador?!

Seldon fez um gesto.

- Qualquer cidadão da Galáxia pode apelar para o imperador, Raych. Mas isso me parece a última coisa a fazer, Dors. Desde que eu e Hummin deixamos o Setor Imperial, o que temos procurado é justamente fugir ao imperador.

- Não a ponto de ir parar no fundo de uma prisão dahlita.

Apelar ao imperador pode servir para adiar o desfecho do caso, e nesse intervalo podemos pensar em alguma outra coisa.

- E há Hummin.

- Sim - disse Dors, pouco à vontade. - Mas não podemos considerá-lo um faz-tudo. Primeiro: mesmo supondo que ele recebeu meu recado e tem condições de vir imediatamente a Dahl, como vai nos encontrar aqui? E mesmo que nos encontre, o que pode fazer contra as forças de segurança do setor?

- Nesse caso, precisamos pensar em fazer algo antes que nos encontrem.

- Podem vir comigo - disse Raych. - A gente sai na frente, e eles não vão alcançar a gente nunca, eu conheço cada buraco que tem aqui.

- Podemos sair na frente se houver apenas um grupo de perseguidores, mas com certeza serão vários, e fugindo de um acabaremos indo de encontro a outro.

Ficaram mergulhados num silêncio incômodo durante bastante tempo, cada um dos três percebendo o quanto estavam encurralados e sem esperanças. De súbito Dors moveu-se e disse, num sussurro baixo e tenso:

- Chegaram. Estou ouvindo.

Quedaram-se imóveis, atentos, escutando ... até que Raych saltou de pé e cochichou:

- Estão vindo dali. Vamos fugir por lá.

Seldon, que não tinha ouvido coisa alguma, sentiu-se desnorteado, mas preferiu confiar na agudeza de sentidos dos outros. No momento em que Raych começou a se mover rumo ao caminho de fuga que tinha indicado, uma voz distante chegou ecoando por entre as paredes metálicas do sistema de esgoto.

- Não se mexam ... não se mexam.

- É Davan - disse o garoto. - Como foi que ele soube que a gente estava aqui?

- Davan? - disse Seldon. - Tem certeza?

- Tenho toda. Ele veio ajudar a gente.

81.

Davan perguntou:

- O que aconteceu?

Seldon não chegou a se sentir muito aliviado. A presença de Davan, por certo significaria muito pouco em termos de enfrentar os agentes de segurança de todo o setor; mas em todo caso ele comandava um grande número de pessoas que talvez pudessem criar uma certa confusão ...

Ele disse:

- Você já deve saber o que aconteceu, Davan. Desconfio que muitas das pessoas que estavam hoje em frente ao prédio dos Tisalvers eram gente sua.

- Sim, vários deles. A versão que corre é de que vocês iam ser presos e derrotaram um esquadrão de oficiais do Império. Mas por que iam ser presos?

- Eram apenas dois - disse Seldon, erguendo dois dedos. - Dois oficiais do Império. E já foi o bastante. Quanto ao motivo da nossa prisão, uma parte foi devida ao encontro que tivemos com você.

- Isso não é o bastante. Os Do Império em geral não se incomodam muito comigo. - Acrescentou, com voz amarga: - Eles me subestimam.

- Talvez - disse Seldon -, mas a mulher que nos alugava os quartos prestou queixa, dizendo que tínhamos instigado a multidão contra o tal jornalista, ontem, quando íamos encontrar com você. Já sabe a respeito disso. Já que seus amigos estiveram envolvidos nos episódios de ontem e de hoje, e já que dois oficiais foram seriamente machucados, eles certamente vão querer dar uma batida geral nestes corredores, e você vai sofrer as consequências Sinto muito. Nunca tivemos a intenção de causar esse tipo de problema.

Mas Davan abanou a cabeça, dizendo:

- Não, você não conhece os Do Império. Para eles, isso ainda não é suficiente. Eles não querem nada contra nós: o setor teria que tomar uma atitude oficial a nosso respeito, e eles preferem nos deixar apodrecendo em Billibotton e em outras favelas. Eles estão atrás de vocês dois. O que foi que andaram fazendo?

Dors interveio com impaciência:

- Não fizemos nada, e em todo caso isso não interessa agora.

- Se é à nossa procura que eles estão, então vão acabar chegando aqui para nos desalojar. Se você estiver no caminho, vai se meter numa enrascada.

- Não. Eu tenho amigos ... amigos poderosos - disse Davan.

- Falei isto a vocês na noite passada. Esses amigos podem ajudar vocês dois tanto quanto a mim. Quando vocês se recusaram a nos ajudar abertamente, ontem, entrei em contato com eles. Eles sabem onde vocês estão, Dr. Seldon. O senhor é um homem famoso. Essas pessoas têm uma posição que lhes permite falar com o prefeito de Dahl e fazer com que o senhor seja deixado em paz, não importa o que tenha feito. Mas isso significa que terá que ir embora ... sair de Dahl.

Seldon sorriu, e sentiu-se tomado por uma sensação de alívio.

Falou:

- Então você conhece alguém capaz disso, Davan? Alguém que atende de imediato a um chamado, alguém capaz de dissuadir o governo de Dahl contra alguma ação precipitada, alguém que pode nos tirar daqui em segurança? Que ótimo ... isso não me surpreende. - Ele virou-se para Dors, sorridente. - O mesmo que em Mycogen. Como é que Hummin consegue isso?

Mas Dors sacudiu a cabeça.

- Está tudo rápido demais ... não estou entendendo.

- Pelo que vejo ele é capaz de qualquer coisa - disse Seldon.

- Eu o conheço melhor do que você, e há mais tempo - replicou ela. - E não acho que ele seja capaz de tudo.

Seldon sorriu.

- Não subestime Hummin. - E então, como que ansioso em mudar de assunto, voltou-se outra vez para Davan. - Mas como nos encontrou aqui? Raych disse que você não tinha a menor ideia sobre este local.

- Ele não sabe! - A voz de Raych tinha um tom estridente, cheio de indignação. - Esse lugar aqui é meu, quem achou fui eu. - Nunca tinha vindo aqui - disse Davan, olhando ao redor.

- Um lugar muito interessante. Raych é um garoto criado nestes corredores, e está muito à vontade neste labirinto.

- Sim, já percebem isso. Mas como você conseguiu nos achar?

- Um sensor térmico. Tenho um instrumento que detecta radiações infravermelhas, um padrão térmico específico que corresponde à temperatura de trinta e sete graus Celsius. Ele reage à presença de seres humanos, e a nenhuma outra fonte de calor. E indicou a presença de vocês três.

Dors não parecia convencida.

- Que utilidade pode ter isto em Trantor, onde há seres humanos por toda parte? - perguntou ela. - Esses sensores existem em outros mundos, mas aqui...

- Sei disso - disse Davan. - Acontece que são úteis nas favelas, nos corredores desertos e nas passarelas subterrâneas das partes mais decadentes do setor.

- E onde você o conseguiu? - perguntou Seldon.

- Digamos que o consegui, e isto é o bastante. Mas, Sr. Seldon, temos que dar um jeito de tirá-lo daqui. Há muitas pessoas à sua procura, e esse meu amigo poderoso quer protegê-lo.

- E onde está, esse seu amigo poderoso?

- Está se aproximando. Pelo menos o meu sensor está registrando a aproximação de um padrão térmico humano, e não imagino que possa ser outra pessoa.

A porta se abriu, e um homem entrou no recinto; mas a exclamação de alegria de Seldon morreu em seus lábios. O recém-chegado não era Chetter Hummin.

17. WYE

WYE - ... Um dos setores da antiga cidade-planeta de Trantor ... Nos derradeiros séculos do Império Galáctico, Wye era a zona mais poderosa e mais estável da cidade-planeta. Seus governantes alimentavam uma antiga aspiração ao trono imperial, baseados no fato de que alguns de seus antepassados tinham sido imperadores. Sob o governo de Mannix IV, Wye era um setor fortemente militarizado e (como foi alegado depois pelas autoridades do Império) estava planejando um golpe para assumir o controle do planeta ...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

82.

O homem que entrou no salão era alto e musculoso. Usava um longo bigode louro de pontas reviradas, e suíças que desciam de ambos os lados do rosto até embaixo do queixo, deixando descobertos a ponta do queixo e o lábio inferior, que tinha um brilho úmido. Tinha o cabelo muito fino, e cortado tão rente que por um desagradável momento Seldon sentiu-se quase de volta a Mycogen.

Usava uma roupa que era visivelmente um uniforme, todo em vermelho e branco, e seu peito era cruzado por um cinto bastante largo, decorado com botões de prata.

Quando falou, sua voz era de um baixo profundo, e tinha um sotaque que não se assemelhava a nada que Seldon já tivesse ouvido antes. A maioria dos sotaques desconhecidos geralmente lhe eram desagradáveis ao ouvido, mas este tinha uma qualidade quase musical, talvez devido à riqueza de sonoridades graves.

- Sou o sargento Emmer Thalus - retumbou ele, numa lenta sucessão de sílabas. - Vim à procura do Dr. Hari Seldon.

- Sou eu - disse Seldon. - E cochichou de lado para Dors:

- Se Hummin não pôde vir pessoalmente, mandou com certeza um belo espécimen da fauna local para representá-lo.

O sargento concedeu a Seldon um olhar imperturbável e um tanto ou quanto longo. Depois disse:

- Sim. Sua descrição me foi fornecida. Por favor, Dr. Seldon, queira me

acompanhar.

- Se me indicar o caminho ...

O sargento deu um passo para trás. Seldon e Dors deram um passo para a frente.

O sargento estacou e ergueu uma mão enorme, com a palma virada para Dors.

- As minhas instruções - disse - são para levar comigo o Dr. Hari Seldon. Não recebi ordens de conduzir nenhuma outra pessoa.

A princípio, Seldon não entendeu direito o que se passava. Depois, sua surpresa cedeu lugar à irritação.

- É impossível que tenha recebido tais instruções, sargento.

A Dra. Dors Venabili é minha colega e minha acompanhante. Ela deve vir

comigo.

- Isto não está de acordo com o que me disseram, Dr. Seldon.

- Pouco me importa o que lhe disseram. Sem ela não darei um passo.

- E tem mais - ajuntou Dors, claramente aborrecida -, as minhas instruções são para proteger o Dr. Seldon em quaisquer circunstâncias, e não poderei fazer isso se não estiver em sua companhia. Em consequência, onde ele for, eu também irei.

O sargento parecia desconcertado. . - As minhas instruções são para que nada desagradável lhe aconteça, Dr. Seldon. Se não quiser me acompanhar voluntariamente, devo levá-lo à força para o meu veículo. Tentarei ser tão gentil quanto possível.

Ele deu um passo na direção de Seldon, erguendo os braços na sua direção, como se com o propósito de agarrá-lo e arrastá-lo para longe dali.

Seldon esquivou-se, ficando fora do alcance dos braços do sargento, e ao mesmo tempo desferiu uma cutilada com a mão direita, atingindo o braço do sargento no ponto onde os músculos eram menos volumosos, acertando o osso.

O sargento perdeu o fôlego por alguns instantes e pareceu vacilar, mas logo se recuperou e, com o rosto impassível, avançou novamente. Davan permaneceu imóvel no lugar onde estava, observando o enfrentamento dos dois, mas Raych deslizou de sua posição, indo ficar por trás do sargento.

Seldon repetiu uma segunda vez seu golpe, e depois uma terceira; mas agora o sargento Thalus, prevendo o ataque, abaixou o ombro, recebendo a cutilada com seus músculos maciços.

Dors tinha sacado suas duas facas.

- Sargento - disse ela com determinação - vire-se para cá. Devo preveni-lo de que posso feri-lo gravemente, se continuar tentando submeter o Dr. Seldon contra a vontade deste.

O sargento estacou, mediu com os olhos as duas lâminas que estavam ergui das à sua frente, e disse:

- Minhas instruções me obrigam a preservar a integridade física do Dr. Seldon, mas não a de qualquer outra pessoa.

Com surpreendente rapidez, sua mão desceu até o neuro-chicote que trazia num coldre preso ao cinto. Ao mesmo tempo, Dors partiu em sua direção, as facas rebrilhando.

Nenhum dos dois completou o movimento.

Com um pulo rápido, Raych tinha empurrado o sargento para a frente com o braço esquerdo, enquanto com a mão direita subtraía a arma do seu coldre. No instante seguinte ele tinha recuado, empunhando o neuro-chicote com ambas as mãos, e gritando:

- Quietinho aí, sargento, senão vai ter!

O sargento voltou-se, e uma sombra de irritação cobriu seu rosto avermelhado; foi o único momento em que pareceu perder a compostura.

- Abaixe isso, garoto - disse ele. - Você não sabe usar essa coisa.

- Ah, sei não? - retrucou Raych. - Pois isso aqui é a trava de segurança, e está solta. Se vier me pegar eu atiro.

O sargento imobilizou-se. Ele certamente sabia o quanto era perigoso um neuro-chicote nas mãos de um garoto de doze anos.

Seldon também não estava gostando daquilo.

- Cuidado, Raych - disse. - Não atire. Mantenha o dedo afastado do contato.

- Não vou deixar esse cara me pegar.

- Ele não vai. Sargento, por favor, não se mova. Vamos fazer um acordo. O senhor recebeu instruções para me levar daqui, certo?

- Certo - disse o sargento, cujos olhos salientes estavam firmemente postos em Raych, o qual por sua vez o fitava com firmeza equivalente.

- Mas não lhe disseram para levar ninguém mais, certo?

- Justamente - respondeu ele com firmeza. Era visível que nem mesmo a ameaça de um neuro-chicote o faria recuar.

- Muito bem, sargento, mas, por favor, preste atenção. Alguém lhe disse para não levar outras pessoas?

- Eu disse que ...

- Não, não, escute, sargento: há uma diferença. Suas instruções foram somente: "Traga o Dr. Seldon"? Foi essa a ordem que recebeu, nem menção a nenhuma outra pessoa, ou as ordens foram mais específicas? Por exemplo: "Traga o Dr. Seldon, e somente ele?"

O sargento digeriu a pergunta por alguns instantes e depois respondeu:

- Recebi ordens de levá-lo, Dr. Seldon.

- Então não houve nenhuma menção a outras pessoas que, por esta ou aquela

razão, poderiam estar presentes?

Pausa. - Não.

- Ninguém lhe pediu para levar a Ora. Venabili, mas em compensação ninguém o proibiu de levá-la, não é assim?

Pausa. - Sim.

- Então o senhor pode levá-la ou não, ficando isso a seu critério?

Longa pausa.

- Suponho que sim.

- Muito bem. Aqui temos Raych, um garoto que está apontando para o senhor um neuro-chicote, o seu próprio neuro-chicote, não se esqueça; e o garoto está ansioso para usar a arma.

- E muito! - confirmou Raych.

- Ainda não, Raych - disse Seldon. - Do outro lado, temos a Dra. Venabili, com duas facas que ela sabe usar com muita eficiência, e finalmente aqui estou eu, que posso, se me der chance, quebrar seu pomo-de-Adão com um único golpe, de tal forma que o senhor jamais será capaz de articular novamente uma só palavra. Bem: o senhor está ou não inclinado a levar também a Ora. Venabili? Suas ordens, não esqueça, deixam essa decisão a seu cargo.

A voz do sargento era a de um homem derrotado, quando por fim ele respondeu:

- Eu levarei a mulher.

- E o garoto, Raych.

- E o garoto.

- Muito bem. Tenho a sua palavra de honra, sua palavra de honra como soldado, de que fará o que acabou de dizer, honestamente?

- Tem a minha palavra de honra como soldado - disse o sargento.

- Então está bem. Raych, devolva a arma do sargento. Vamos, não me faça esperar.

Raych, com as feições contraídas numa careta de desapontamento, olhou para Dors, que hesitou mas fez um sinal afirmativo com a cabeça. Seu rosto estava tão descontente quanto o do menino.

Ele estendeu a arma de volta ao sargento e disse:

- Só porque eles mandaram, seu grande ... - Suas últimas palavras se perderam num murmúrio ininteligível.

Seldon disse:

- Dors, guarde suas facas.

Dors fez um gesto de recusa com a cabeça, mas acabou obedecendo.

- E agora, sargento? - disse Seldon.

- O sargento olhou para a arma em sua mão, e depois para Seldon. Disse:

- O senhor é um homem de honra, Dr. Seldon, e a minha palavra será mantida. - Com um gesto hábil de militar, ele devolveu a arma ao coldre.

Seldon voltou-se para Davan e disse: - Davan, por favor esqueça o que acaba de ver aqui. Nós três estamos voluntariamente acompanhando o sargento Thalus. Diga a Yugo Amaryl, quando o encontrar, que não me esquecerei dele, e que quando tudo isto estiver terminado e eu recuperar minha liberdade, conseguirei que ele entre para a Universidade. E se houver qualquer coisa razoável que eu possa fazer pela sua causa, Davan, eu a farei. E agora sargento, vamos embora daqui.

83.

- Já tinha estado antes num aerojato, Raych? - perguntou Seldon.

Raych sacudiu a cabeça, incapaz de dizer uma só palavra. Olhava para a Superfície que passava por baixo deles, com um misto de medo e deslumbramento.

Seldon percebeu de repente o quanto Trantor era um mundo composto de expressways e de túneis. Mesmo as viagens mais longas eram feitas por via subterrânea, por toda a população. As viagens aéreas, por mais comuns que fossem em outros planetas, eram um luxo em Trantor; e aerojatos como aquele ...

Como é que Hummin tinha conseguido aquilo? imaginou Seldon.

Olhou através da janela para as incontáveis cúpulas cujas silhuetas curvas se erguiam e se abaixavam; o verde da vegetação que recobria aquela área do planeta; as faixas ocasionais cobertas pelo que seria pouco menos do que uma jângal; os braços de mar que eles sobrevoavam ocasionalmente, com suas águas cor de chumbo emitindo de súbito um lampejo cegante, quando o sol fendia momentaneamente a camada de nuvens.

Depois de mais de uma hora de voo, Dors, que estava mergulhada num filme-livro, acompanhando um romance histórico sem parecer muito interessada,

desligou-o e disse:

- Gostaria de saber para onde estamos indo.

- Se você não sabe - disse Seldon-, eu menos ainda. Você está em Trantor há muito mais tempo.

- Sim, mas só pelo lado de dentro - disse ela. - Aqui fora, avistando apenas a Superfície, estou tão perdida quanto um bebê recém-nascido.

- Oh, sim. Bem, presumo que Hummin saiba o que está fazendo.

- Tenho certeza de que sabe - disse Dors acidamente - mas isso talvez não tenha nada a ver com a presente situação. Por que você continua a pressupor que tudo isso se deve a uma iniciativa dele?

Seldon ergueu as sobrancelhas.

- Já que você perguntou ... não sei. Apenas supus que fosse assim. Por que não seria?

- Porque a pessoa que arranjou tudo isto não especificou que eu deveria ser levada juntamente com você. Eu simplesmente não consigo imaginar Hummin ignorando minha existência. E também pelo fato de que ele não veio pessoalmente, como fez em Streeling e em Mycogen.

- Você não pode esperar isso sempre, Dors. Talvez ele estivesse ocupado. O

que me surpreende não é que ele não tenha vindo pessoalmente desta vez; é que tenha podido vir nas vezes anteriores.

- Mesmo admitindo que ele não pôde vir em pessoa, será que ele mandaria um palácio-voador luxuoso e espalhafatoso como este? - Ela fez um gesto amplo indicando o aerojato espaçoso e ricamente equipado.

- Talvez fosse o que estivesse mais à mão. E talvez ele tenha imaginado que um veículo tão evidente quanto este não pareceria a ninguém o transporte mais adequado para dois fugitivos. O velho truque de fazer o contrário do truque mais óbvio.

- Um truque velho demais, na minha opinião. E ele mandaria um idiota como esse sargento Thalus para substituí-lo?

- O sargento não é um idiota. Ele apenas foi treinado para prestar total obediência. Com instruções adequadas, ele pode ser de inteira confiança.

- Então voltamos ao ponto onde estávamos, Hari. Por que não lhe deram instruções adequadas? Para mim é inconcebível que Chetter Hummin mandasse alguém levar você para fora de Dahl e não dissesse uma só palavra a meu respeito. Inconcebível.

Para isto Seldon não tinha nenhuma resposta, e seu ânimo murchou um pouco.

Mais uma hora se passou e por fim Dors disse:

- Parece que está ficando frio lá fora. O verde da Superfície está começando a ficar marrom, e acho que os aquecedores aqui dentro acabam de ser ligados.

- E o que quer dizer isto?

- Dahl fica na região dos trópicos, portanto estamos evidentemente viajando para o Norte ou para o Sul. .. e a uma considerável distância. Se eu tivesse alguma noção da direção em que nasce o sol eu poderia dizer.

Depois de um certo tempo, eles passaram sobre um trecho de praia onde havia uma franja de gelo rodeando as cúpulas que se erguiam ao longo da costa.

E então, inesperadamente, o aerojato mergulhou de cima para baixo.

Raych gritou:

- Vai bater! A gente vai morrer!

Os músculos da barriga de Seldon se contraíram, e ele cerrou os dedos sobre os braços da poltrona.

Dors não pareceu afetada, e apenas disse:

- Os pilotos aí na frente não parecem alarmados. Acho que vamos apenas entrar num túnel.

E no momento em que ela acabou de falar, as asas do jato se dobraram sobre si mesmas e se recolheram numa fenda no corpo da nave, que um instante depois penetrou como bala no interior de um túnel. A escuridão os envolveu durante um breve instante, mas logo em seguida a iluminação automática foi ligada, e eles puderam ver as paredes do túnel voando em sentido contrário, através das janelas.

- Nunca saberei se eles têm mesmo certeza de que o túnel não está já ocupado - disse Seldon.

- Pois eu estou certa de que eles confirmam isso uma dúzia de quilômetros antes - disse Dors. - Bem, algo me diz que este é o último trecho de nossa viagem, e breve vamos saber onde estamos. - Ela fez uma pausa e depois concluiu: - E algo me diz que não vamos gostar muito da resposta.

84.

O aerojato emergiu do túnel e se desviou para uma pista de aterrissagem com uma cobertura tão alta que pareceu a Seldon a coisa mais parecida a um céu diurno entre todas as que ele já vira em Trantor, desde que deixara o Setor Imperial.

A nave começou a parar muito mais cedo do que ele tinha esperado, mas à custa de uma quase insuportável pressão que os empurrou para a frente. Raych, especialmente, foi comprimido de encontro à poltrona dianteira, e começava a ter dificuldade para respirar, até que a mão de Dors o agarrou pelo ombro e o puxou um pouco para trás.

O sargento Thalus, imponente e teso, desceu do jato e se encaminhou para a porta traseira; depois de abri-la ajudou os passageiros a descerem do seu compartimento, de um em um.

Seldon foi o último. Virou ligeiramente o rosto ao passar pelo sargento, dizendo:

- Foi uma viagem agradável, sargento.

Um lento sorriso se espalhou pelo rosto largo do militar, erguendo um pouco

o lábio superior e o bigode. Ele tocou a aba do quepe numa quase continência, e disse:

- Obrigado mais uma vez, doutor.

A seguir, os três foram conduzidos ao banco traseiro de um carro de linhas arrojadas, e o sargento se sentou ao volante, pondo o veículo em movimento com surpreendente delicadeza.

Passaram por largos viadutos, ladeados por edifícios muito altos e imponentes, cujas janelas cintilavam à luz do dia. Como em toda parte em Trantor, podiam ouvir a uma certa distância o rumor surdo e contínuo de um expressway. As passarelas estavam cheias de pessoas que, em sua maior parte, pareciam muito bem-vestidas.

Por toda parte o ambiente tinha uma aparência limpa, talvez até em excesso.

A insegurança de Seldon aumentou. As preocupações de Dors quanto ao destino que os aguardava pareciam perto de se confirmar. Seldon inclinou-se na direção dela e murmurou:

- Acha que estamos de volta ao Setor Imperial?

- Não - disse Dors. - Os edifícios do Setor Imperial são um pouco mais rococó, e não estou vendo aqui nenhum indício da mania por parques que eles têm lá, se é que me entende.

- Então onde estamos, Dors?

- Hari, creio que vamos ter que perguntar.

A viagem não foi longa, e logo eles deslizaram para um estacionamento ao lado de uma imponente estrutura de quatro andares. Um friso esculpido representando animais imaginários se estendia ao longo do topo do edifício, decorado com faixas de pedra cor-de-rosa. Era uma fachada de beleza magnífica, habilmente desenhada.

- Isso aí - disse Seldon - me parece bastante rococó. Dors encolheu os ombros, sem saber o que dizer.

Raych deu um assobio e comentou, numa voz que tentava, sem sucesso, não demonstrar admiração:

- Puxa, que lugar mais maluco.

O sargento Thalus fez um gesto para Seldon, pedindo que o seguisse. Seldon deu um passo atrás e, também recorrendo à linguagem universal dos gestos, abriu os braços, para incluir Dors e Raych.

O sargento teve um momento de hesitação, diante da imponente entrada do edifício; fez uma expressão de desamparo, e seu bigode pareceu murchar um pouco. Depois disse, mal-humorado: - Está bem ... os três. Manterei minha palavra de honra. No entanto, outras pessoas podem não se considerar presas a esse meu compromisso, como sabe.

Seldon assentiu.

- Seu compromisso diz respeito apenas aos seus próprios atos, sargento.

O sargento pareceu aliviado e, por um momento, seu rosto se iluminou de emoção, como se estivesse a ponto de apertar a mão de Seldon ou manifestar sua gratidão de alguma outra forma. Mas pareceu mudar de ideia, e deu um passo para o degrau inferior da escadaria que levava à porta de entrada. Sob o seu peso, a escada começou imediatamente a rolar para cima.

Seldon e Dors fizeram o mesmo e não tiveram muito trabalho para manter o equilíbrio. Raych, que por um instante tinha ficado perplexo, logo se recuperou e correu até a escada, pisou no degrau e colocou ambas as mãos nos bolsos, começando então a assobiar com despreocupação.

A porta se abriu e por ela surgiram duas mulheres, uma de cada lado, em posições simétricas. Eram jovens e atraentes. Seus vestidos, que tinham cintos logo abaixo dos seios e desciam até os tornozelos, eram de um tecido suave cheio de pregas, e pareciam farfalhar quando elas se moviam. Ambas tinham cabelos castanhos que lhes caíam em rolos encaracolados, de ambos os lados do rosto. (Seldon achou o resultado agradável, mas ficou imaginando o tempo que elas deviam perder, todas as manhãs, para preparar aquele penteado. Ele não tinha observado penteados assim tão cheios de refinamento nas mulheres que tinha acabado de ver nas ruas.)

As duas mulheres lançaram aos recém-chegados olhares cheios de desdém.

Seldon achou que não era para menos. Depois dos acontecimentos do dia, ele e Dors não estavam com uma aparência muito melhor que a de Raych.

Ainda assim as duas fizeram cerimoniosas reverências para eles e em seguida ficaram de lado e executaram um gesto na direção do interior do prédio - com tal sincronismo e simetria de movimentos que Seldon não pôde deixar de se perguntar se elas ensaiariam aquilo durante muito tempo. Era claro que os três estavam sendo convidados a entrar.

Caminharam ao longo de um rico salão, cheio de móveis e de artigos de decoração cuja utilidade Seldon não conseguia imaginar. O piso era levemente colorido, e parecia cintilar com uma luminescência própria. Sua textura era algo

úmida, e Seldon notou com embaraço que estava deixando pegadas empoeiradas sobre ele.

E então uma outra porta se abriu de par em par e uma outra mulher surgiu. Era visivelmente mais velha do que as outras duas (as quais se curvaram simetricamente à sua entrada, flexionando os joelhos de tal modo que Seldon mal pôde acreditar que elas conseguissem manter o equilíbrio; era algo que sem dúvida requeria uma longa prática).

Seldon pensou se também ele devia executar alguma acrobacia ritual em sinal de respeito, mas já que não lhe ocorreu a mais leve ideia a respeito do que fazer, limitou-se a inclinar de leve a cabeça. Dors permaneceu ereta e, pelo que ele pôde avaliar, com uma certa atitude de menosprezo. Raych estava olhando boquiaberto em todas as direções e parecia nem sequer se dar conta de que mais uma pessoa tinha entrado no recinto

A mulher era roliça - não propriamente gorda, mas tinha o corpo cheio. Seu cabelo era penteado de um modo exatamente igual ao das outras duas, e seu vestido era no mesmo estilo, só que muito mais enfeitado - em demasia até, de acordo com as noções estéticas de Seldon.

Ela era visivelmente de meia-idade, e havia fios grisalhos espalhados pelos seus cabelos, mas as covinhas em seu rosto lhe davam uma aparência bem mais jovem. Os olhos castanhos eram brilhantes e alegres, e de um modo geral ela tinha uma aparência mais maternal do que propriamente idosa.

- Como estão? - disse ela. - Todos vocês.

Não parecia surpresa pela presença de Dors e de Raych, e os incluiu com naturalidade em sua saudação.

- Estou à sua espera já a bastante tempo - continuou ela, - e quase consegui contatá-lo na Superfície, em Streeling. O senhor é o Dr. Hari Seldon, com quem tenho tentado marcar um encontro. A senhora, creio, é a Dra. Dors Venabili, pois me informaram de que estava a fazer-lhe companhia. Quanto a este jovem, creio que não o conheço, mas de qualquer forma é bem-vindo entre nós. Bem ... não devemos perder muito tempo falando, porque imagino que todos precisam urgentemente descansar.

- E tomar um banho, madame - disse Dors, sem perder tempo. - Cada um de nós está precisando de um bom chuveiro.

- Oh, certamente - disse a mulher - e uma troca de roupas também.

Especialmente este rapaz. - Ela pôs os olhos em Raych, mas sem a expressão de desagrado demonstrada pelas outras duas mulheres. - Como é seu nome, rapaz?

- Raych ... - disse ele, numa voz constrangida. E completou logo em seguida - senhora.

- Mas que fantástica coincidência - disse ela, com os olhos cintilantes. - Um bom presságio, sem dúvida. O meu nome é Rashelle. Não é interessante? Mas, venham. Vamos cuidar de vocês. Depois, teremos tempo de sobra para jantar e conversar à vontade.

- Espere, madame - disse Dors. - Posso perguntar onde estamos?

- Wye, querida. E pode me chamar de Rashelle, soa mais amigável. Não gosto de formalidades.

Dors se endireitou.

- Está surpresa com a minha pergunta? Não é natural que , queiramos saber o nome do lugar onde estamos? ..

.Rashelle deu uma gargalhada cristalina.

- De fato, Dra. Venabili, temos que fazer algo com relação ao nome deste setor. Não fiz uma pergunta, e sim uma afirmativa. A senhora perguntou onde estava, e eu não lhe perguntei "por que" , eu lhe disse: Wye. Vocês estão no Setor Wye de Trantor.

- Em Wye?! - Seldon largou a pergunta num jato.

- Sim, Dr. Seldon, sem dúvida. Nós estávamos à sua procura desde o dia em que fez sua palestra na Convenção Decenal, e agora estamos muito felizes por tê-lo finalmente entre nós.

85.

Na verdade eles precisavam de um dia inteiro para descansar, relaxar, banhar- se, receber novas roupas (acetinadas e frouxas, no estilo de Wye) e dormir bastante.

Foi durante a sua segunda noite ali que foi servido o jantar que madame Rashelle havia prometido.

A mesa era enorme, ainda mais considerando-se que havia apenas quatro comensais: Hari Seldon, Dors Venabili, Raych e Rashelle. O teto e as paredes estavam banhados por uma luz suave, cujas cores mudavam a uma velocidade tal que podia ser percebida pelos olhos, mas não tão rápido que incomodassem a mente. A toalha da mesa, que não era feita de tecido (Seldon não conseguiu definir de que material era feita) também parecia brilhar com luz própria.

Os serviçais eram muitos e silenciosos, e numa das vezes em que a porta se abriu Seldon julgou perceber de relance uma fileira de soldados armados, de prontidão do lado de fora. Aquela sala podia ser uma luva de veludo, mas o punho de ferro não ficava muito distante.

Rashelle estava simpática e amistosa, e tinha criado uma simpatia especial por Raych, tendo insistido para que ele se sentasse ao seu lado.

Raych - esfregado, lavado, irreconhecível naquelas roupas novas, tinha tido o cabelo aparado e penteado; e mal se atrevia a emitir uma palavra, como se achasse que sua gramática já não estava à altura da sua aparência. Constrangido até não poder mais, ele observava Dors cuidadosamente, à medida que ela trocava um talher por outro, procurando imitá-la nos mínimos detalhes.

A comida era saborosa, mas fortemente temperada, a um tal ponto que Seldon não conseguia reconhecer a natureza exata de cada prato.

Rashelle, com seu rosto redondo iluminado por um sorriso que fazia brilhar duas fileiras de dentes muito alvos, disse:

- Deve estar pensando que em nossa comida usamos aditivos mycogenianos, mas não é assim. É tudo produzido em Wye. Não existe nenhum setor neste planeta tão autossuficiente quanto Wye. Trabalhamos muito para que seja assim.

Seldon assentiu com gravidade e disse:

- Tudo o que nos tem proporcionado é de primeira qualidade, Rashelle. Somos muito gratos por todas estas coisas.

E ainda assim, bem no seu íntimo, ele achou que a comida não se comparava aos padrões de Mycogen; e achou também que, como tinha segredado a Dors há algum tempo atrás, estava celebrando ali sua própria derrota. Ou a derrota de Hummin, o que vinha a ser a mesma coisa. Afinal de contas ele tinha sido capturado por Wye, justamente a hipótese que tinha causado tanta preocupação a Hummin logo após o incidente na Superfície.

- Talvez - estava dizendo Rashelle - no meu papel de anfitriã, perdoem-me se eu fizer algumas perguntas de natureza pessoal. Estarei certa se presumir que vocês três não constituem uma família? Ou seja: que você, Hari, e você, Dors, não são casados, e que Raych não é seu filho? ...

- Nós três não temos nenhum grau de parentesco - disse Seldon. - Raych nasceu em Trantor, eu em Helicon e Dors em Cinna.

- E como se conheceram?

Seldon procurou explicar tudo da maneira mais sintética que lhe foi possível.

- Não houve nada de romântico ou de especial em nossos encontros - concluiu.

- E ainda assim tomei conhecimento de que você criou um impasse junto ao meu ajudante, o sargento Thalus, quando ele manifestou a intenção de trazê-la sozinho de Dahl.

Seldon respondeu com gravidade:

- Eu me apeguei muito a Dors e a Raych, e não queria que nos separassem.

Rashelle sorriu:

Vejo que é um homem sentimental.

- Sim, sou. Sentimental... e perplexo.

- Perplexo?

- Oh, sim. E já que foi tão gentil a ponto de nos fazer perguntas pessoais, posso também fazer-lhe uma?

Certamente, meu caro Hari. O que quiser.

- Quando chegamos aqui, você me disse que Wye se interessava por mim desde o dia em que falei da Convenção Decenal. Qual o motivo para tal interesse?

- Você já sabe, com certeza. Nós estamos interessados na sua psico-história.

- Isso eu posso entender. Mas o que a faz pensar que, tendo-me aqui com vocês, também têm a psico-história?

- Ora, você não seria tão descuidado que a tivesse perdido no caminho.

- Pior que isso, Rashelle, eu nunca a tive comigo. As bochechas de Rashelle abriram duas covinhas.

- Mas em sua palestra você disse que a tinha. Não é que eu tenha entendido o que você falou. Não sou matemática. Mas eu tenho matemáticos ao meu serviço, e eles me explicaram tudo quanto você disse.

- Nesse caso, minha cara Rashelle, você deve ouvi-los com mais atenção. Posso supor que eles lhe disseram que defendi a psico-história como um conjunto concebível de predições, mas eles certamente lhe terão dito também que nada disso é praticável.

- Não posso acreditar nisso, Hari. Logo no dia seguinte você foi chamado para uma audiência com aquele pseudo-imperador, Cleon.

- Pseudo-imperador? - murmurou Dors com ironia.

- Claro - disse Rashelle, como se respondendo a uma pergunta seriíssima. - Pseudo-imperador. Ele não tem direito legal ao trono.

Seldon fez um gesto impaciente para mudar de assunto.

- Rashelle, eu disse a Cleon exatamente o que acabo de dizer-lhe, e ele me deixou partir.

Desta vez Rashelle não sorriu, e uma certa aspereza se infiltrou em sua voz.

- Sim, ele o deixou partir, assim como o gato da fábula deixou partir o rato. Mas ele o tem perseguido desde então ... em Streeling, em Mycogen, em Dahl. Ele o perseguiria até mesmo aqui, se se atrevesse a tanto. Mas, deixemos isso de lado. Nossa conversa está se tornando excessivamente séria. Vamos nos divertir, vamos ouvir um pouco de música.

Mal suas palavras soaram, o aposento foi invadido pelos sons agradáveis de uma música instrumental. Rashelle inclinou-se para Raych e disse suavemente:

- Garoto, se você não está muito à vontade com esse garfo, pode usar sua colher, ou os dedos. Não vou reparar.

- Sim, madame - disse Raych, e engoliu em seco, mas Dors cruzou o olhar com o dele, e seus lábios soletraram silenciosamente gar-fo.

Raych continuou empunhando o garfo. Dors disse:

- Esta música é muito agradável, madame. - Ela deixou bem evidente que estava recusando o tratamento informal proposto por Rashelle. - Mas não seria desejável que nos distraísse. Tenho a impressão de que o perseguidor do Dr. Seldon em todos esses lugares pode ter estado a serviço do Setor Wye. Certamente a senhora não estaria tão a par dos acontecimentos, se Wye não tivesse desempenhado um papel fundamental neles.

Rashelle deu uma gargalhada.

- Wye tem olhos e ouvidos por toda parte, é claro, mas não fomos nós os perseguidores. Se isso fosse verdade, nós os teríamos capturado sem cometer nenhuma falha ... como acabou acontecendo em Dahl, quando finalmente fomos buscá-los. Mas onde quer que uma perseguição fracasse, ou uma mão tente agarrar alguém e não consegue, podem estar certos de que se trata de Demerzel.

- Tem Demerzel em tão baixo conceito? - disse Dors.

- Sim. Isso a surpreende? Nós o derrotamos.

- Vocês? O Setor Wye?

- O setor, é claro, mas pode-se dizer que, desde que Wye venceu, sou eu a vitoriosa.

- Que coisa estranha - disse Dors. - Existe uma opinião generalizada em Trantor

de que os habitantes de Wye não participam em nada, seja de vitórias, de derrotas, ou de qualquer coisa semelhante. Considera-se que em Wye não há senão uma única vontade, e um único pulso forte, e que esse é o do prefeito. Certamente você, ou qualquer outro wyano, tem um peso relativamente pequeno nessas decisões.

Rashelle abriu um largo sorriso. Fez uma pausa para lançar um olhar benevolente a Raych e beliscar sua bochecha, e depois disse:

- Se você acredita que nosso prefeito é um autocrata e que não há outra vontade além da sua no governo de Wye, então você provavelmente está certa. Mas ainda assim eu posso usar o pronome que usei, porque a minha vontade pessoal deve ser levada em conta.

- Por quê? - perguntou Seldon.

- E por que não? - devolveu ela, enquanto os servos começavam a esvaziar a mesa. - Eu sou a prefeita de Wye.

86.

Raych foi o primeiro a manifestar alguma reação diante das palavras de Rashelle. Esquecendo o verniz de civilização que o vinha recobrindo de modo tão incômodo, ele soltou uma gargalhada rouca e disse:

- Ei, madame, a senhora não pode ser prefeita. Prefeito é negócio pra homem. Rashelle o olhou com simpatia e respondeu, numa imitação perfeita de seu

tom de voz:

- Ei, garoto, tem prefeito que é homem, e tem prefeito que é mulher. Bote isso na sua cabecinha.

Os olhos de Raych se arregalaram e ele pareceu atônito. Por fim conseguiu dizer:

- Ei, madame, a senhora fala legal.

- É isso aí - disse Rashelle. - É só eu querer.

Seldon pigarreou e disse:

- Você imita bem essa linguagem, Rashelle. Ela assentiu de leve com um gesto de cabeça.

- Não uso esse sotaque há muitos anos, mas é algo que nunca se esquece. Certa vez tive um amigo, um bom amigo, que era dahlita ... há muito tempo, quando

eu era jovem. - Ela suspirou. - Ele não falava assim, é claro, era um rapaz muito inteligente; mas gostava de imitar essa fala para se divertir, e me ensinou a fazê-lo também. Era muito excitante conversar com ele usando esse tipo de fala, era como se isso criasse um mundo só nosso, que excluísse todo o restante das pessoas. Era maravilhoso, e era também impossível. .. meu pai deixou isso muito claro. E agora surge diante de mim esse jovem maroto, Raych, para me fazer recordar aquele tempo tão distante. Ele tem o mesmo sotaque, os mesmos olhos, o mesmo jeito impudente ... e daqui a uns cinco ou seis anos vai ser a delícia e o terror das mulheres. Não é assim, Raych?

- Não sei, madame - disse Raych. - É capaz.

- Tenho certeza de que vai ser assim, e que você vai se parecer muito com meu ... meu velho amigo; e nessa época eu me sentirei bem mais segura se não puser os olhos em você. Bem, agora o jantar já acabou, e está na hora de você se recolher ao seu quarto, Raych. Pode ver um pouco de holovisão, se quiser. Não creio que você saiba ler.

Raych enrubesceu.

- Eu vou aprender a ler. Qualquer dia. O Sr. Seldon me garantiu.

- Estou certa de que vai.

Uma jovem aproximou-se de Raych, depois de fazer uma reverência graciosa na direção de Rashelle. Seldon não conseguiu perceber que tipo de sinal a tinha feito entrar no salão.

Raych perguntou:

- Eu não posso ficar com o Sr. Seldon e a Sra. Venabili?

- Você vai vê-los depois - disse Rashelle -, mas nós temos alguns assuntos para conversar, e agora você deve ir.

Dors deu a Raych uma ordem muda - Vá! -, e com uma careta o garoto deslizou de sua cadeira e seguiu a criada.

Quando ele deixou o salão, Rashelle voltou-se para Seldon e Dors e disse:

- O menino vai ficar em segurança, claro, e será bem tratado.

Por favor, não receiem nada a esse respeito. Quanto a mim, também estarei em segurança. Assim como essa criada surgiu agora, poderão surgir uma dúzia de homens armados, e com muito mais rapidez, se for necessário. Entendam bem isto.

Seldon retrucou calmamente:

- Não temos a menor intenção de causar-lhes algum mal, Rashelle ... ou devo dizer senhora prefeita?

- Rashelle será o bastante. Acontece que, segundo fui informada, você é muito hábil em lutas corporais, Hari, e você, Dors, também usa com muita destreza aquelas facas que mandei retirar de seus aposentos. Não quero que tentem inutilmente lançar mão desses talentos, uma vez que o meu propósito é ter Hari vivo, em perfeitas condições ... e amigável.

- É sabido por todos, senhora prefeita - disse Dors, insistindo no tom formal - que o governante de Wye nos últimos quarenta anos tem sido Mannix, Quarto deste Nome; e que ele ainda está vivo, e de plena posse de suas faculdades. Então ... quem é a senhora?

- Sou exatamente quem lhe disse ser, Dors. Mannix IV é meu pai. Ele ainda está, como disse você, vivo e de plena posse de suas faculdades. Aos olhos do imperador e de todo o Império, ele é o prefeito de Wye, mas está cansado das responsabilidades do poder e finalmente está propenso a transferi-lo para as minhas mãos, que estão dispostas a recebê-la. Sou filha única, e durante toda minha vida fui preparada para governar. Desse modo, meu pai é o prefeito de direito, e eu sou a prefeita de fato. As forças armadas de Wye já me juraram a sua lealdade ... e em Wye é isso que conta.

Seldon assentiu.

- Que seja, então - disse ele. - Mas mesmo assim, seja o governante Mannix IV ou Rashelle I (imagino que seja a primeira), não há nenhum sentido em me manter aqui. Já lhe disse que não disponho de uma psico-história em condições de funcionar, e não acho que alguém, seja eu ou outro, venha a dispor de uma em qualquer época. Falei exatamente isto ao imperador. Não posso ser útil nem a vocês nem a ele.

- Como você é ingênuo - disse Rashelle. - Conhece a História do Império?

Seldon sacudiu a cabeça.

- Nestes últimos tempos comecei a lamentar não conhecê-la melhor.

Dors o interrompeu secamente:

- Eu conheço a História do Império muito bem, embora minha especialidade seja história pré-imperial, senhora prefeita. Mas que diferença faz isto?

- Se conhecerem essa história, saberão que a Casa de Wye é antiga e ilustre, e que descende da dinastia daciana.

- Os dacianos governaram há cinco mil anos - disse Dors. - O número de seus

descendentes, nas 150 gerações que viveram e morreram desde essa época, já deve equivaler a metade da população da galáxia ... se todas as reivindicações de descendência, por mais absurdas, forem aceitas.

- As nossas reivindicações de descendência, Dra. Venabili, não são absurdas. - Pela primeira vez o tom de voz de Rashelle era frio e inamistoso, e seus olhos emitiram um brilho duro e metálico. - Estamos muito bem documentados. A Casa de Wye manteve-se constantemente em posições de mando político ao longo de todas essas gerações, e houve ocasiões em que ocupamos o trono imperial e governamos a galáxia.

- Os filmes-livros de História - disse Dors - referem-se habitualmente aos governantes de Wye como "anti-imperadores", nunca reconhecidos pela totalidade do Império.

- Isso depende de quem escreve os filmes-livros de história. No futuro seremos nós, porque o trono que um dia foi nosso voltará a sê-lo.

- Para conseguir isso terão que deflagrar uma guerra civil.

- Não haverá esse perigo - disse Rashelle, voltando a sorrir.

- É isso o que preciso deixar bem claro, porque preciso da ajuda do Dr. Seldon para prevenir uma tal catástrofe. Meu pai, Mannix IV, foi um homem de paz durante toda sua vida. Sempre foi leal a quem quer que ocupasse o Palácio Imperial, e soube manter Wye. como um dos pilares mais fortes da economia trantoriana, a bem da prosperidade de todo o Império.

- Não creio que, só por isso, o imperador tenha depositado nele nenhuma confiança especial - disse Dors.

- Suponho que é assim de fato - tornou Rashelle, muito calma -, uma vez que os imperadores que ocuparam o Palácio durante a vida de meu pai sabiam ser usurpadores e pertencentes a uma dinastia de usurpadores. Quem usurpa um trono não pode ter confiança num governante legítimo. E ainda assim meu pai soube manter a paz; é claro que ele conseguiu criar e manter imensas forças de segurança para levar a cabo essa tarefa e preservar a paz, a prosperidade e a estabilidade do setor; é claro, também, que as autoridades imperiais permitiram isto porque era de seu interesse que Wye permanecesse pacífico, próspero, estável... e leal.

- Mas Wye é leal? - perguntou Dors.

- Leal ao verdadeiro imperador, naturalmente - disse Rashelle - e atualmente atingimos aquele estágio em que nossa força é tão grande que podemos tomar facilmente o poder, num golpe-relâmpago, e antes que alguém possa dizer

"guerra civil" haverá um verdadeiro imperador, ou uma verdadeira imperatriz, se preferirem, no trono; e Trantor será um mundo tão pacífico quanto sempre o foi.

Dors balançou a cabeça.

- Posso chamar sua atenção para alguns pontos? - perguntou. - Na qualidade de historiadora?

- Estou sempre disposta a escutar - disse Rashelle, inclinando muito levemente a cabeça na direção de Dors.

- Seja qual for o poder das suas forças de segurança, por mais bem treinadas e bem equipadas que elas sejam, jamais poderão se igualar às forças militares imperiais alojadas em 25 milhões de mundos.

- Ah, a senhora acaba de pôr o dedo no ponto fraco do usurpador, Dra. Venabili. Existem 25 milhões de planetas, e as forças imperiais estão espalhadas por todos eles. Essas forças estão disseminadas ao longo de um espaço incalculável, sob um número gigantesco de oficiais, nenhum deles propriamente preparado para qualquer tipo de missão além dos limites de sua própria província, e cada um deles muito mais disposto a agir em nome de seus interesses pessoais do que em nome do Império. Nossas forças, por outro lado, estão todas aqui, em Trantor. Podemos desfechar e concluir nossa ação muitíssimo antes que todos esses longínquos generais e almirantes sequer tomem conhecimento de que estão sendo requisitados.

- Mas depois virá uma resposta ... e com força irresistível.

- Está tão certa disso? - disse Rashelle. - Nós estaremos no palácio, Trantor estará em nosso poder, e estará em paz. Por que as forças imperiais iriam se revoltar, quando, simplesmente deixando as coisas seguirem seu rumo, cada um desses líderes menores teria à sua disposição o seu pequeno mundo, a sua pequena província para governar?

- Mas é esse o seu propósito? - perguntou Seldon, admirado.

- Está me dizendo que pretende governar um Império deixando que ele se fragmente em mil pequenos pedaços?

- Exatamente - disse Rashelle. - Eu governarei Trantor, suas estações espaciais, e os sistemas solares próximos que fazem parte da província trantoriana. Eu preferiria ser imperatriz de Trantor do que imperatriz da Galáxia.

- Ficaria satisfeita, então, apenas com Trantor - disse Dors, num tom de visível descrença.

- E por que não? - disse Rashelle, subitamente inflamada. Ela inclinou-se para

diante, as palmas das mãos fortemente apoiadas sobre a mesa. - É isso que meu pai vem planejando há mais de quarenta anos. Ele só continua se apegando à vida para ver a concretização desse sonho. Para que queremos milhões de planetas, planetas remotos que não significam nada para nós, que nos enfraquecem, que drenam nossas forças e as diluem ao longo de absurdos parsecs cúbicos de espaço, que nos mergulham num caos administrativo, que nos arruínam com suas intermináveis disputas e problemas, e que afinal de contas são algo totalmente sem importância, no que nos diz respeito? Este planeta superpovoado, esta cidade planetária já é galáxia bastante para nós. Temos tudo do que precisamos para nos manter. Quanto ao restante da galáxia, que se faça em pedaços! Cada um desses militares menores pode ficar com seu próprio pedaço. Não vão ter que guerrear ... há bastante para todos.

- Mas vão guerrear, mesmo assim - disse Dors. - Cada um acabará por não se sentir satisfeito com sua própria província. E cada um vai ter medo de que seu vizinho não esteja satisfeito com a província que lhe coube. Cada um vai se sentir inseguro, e vai começar a pensar que a sua única garantia de segurança será assumir o poder sobre a galáxia inteira. Isso é historicamente certo, Madame Imperatriz de Coisa Nenhuma. Haverá um número infinito de guerras, nas quais o trono imperial e Trantor acabarão sendo envolvidos ... até a ruína de todos.

- Seria assim - disse Rashelle com desprezo - se ninguém pudesse enxergar mais longe do que você, se todos tivessem que se basear apenas nas lições comuns da História.

- E o que há para enxergar mais longe? - replicou Dors. - E em que tipo de lições alguém pode se basear, se não nas da História?

- O que há mais longe? - disse Rashelle. - Vou lhe dizer.: .. há ele!

E seu braço se ergueu num gesto decidido, o dedo indicador apontado para Seldon.

- Eu?! - disse Seldon. - Olhe, eu já lhe disse que a psico-história ...

- Não é necessário repetir o que já disse, meu bom Dr. Seldon ... não vai nos adiantar de nada. A senhora pensa, Dra. Venabili, que meu pai nunca pressentiu os perigos de uma guerra civil sem fim? Pensa que ele não empregou a sua mente privilegiada em busca de algum modo de evitar isso? Meu pai está pronto para tomar poder imperial há mais de dez anos, num golpe que não lhe iria lhe exigir mais do que um dia. A única coisa que o tem detido é a necessidade de assegurar a paz após a tomada do poder.

- E isso continua lhes faltando - disse Dors.

- Isso deixou de nos faltar no momento em que ouvimos comentários sobre a conferência do Dr. Seldon na Convenção Decenal. Percebi imediatamente que era disso que precisávamos. Meu pai, que já está muito velho, custou a compreender todo o alcance do fato. Quando eu lhe expliquei tudo, no entanto, ele entendeu o que isso significava, e foi então que transferiu formalmente o poder para as minhas mãos. Portanto é a você, Hari, que devo minha atual posição ... e é a você que deverei a posição ainda mais alta que terei no futuro- Eu já lhe disse que eu não posso ... - começou Seldon, sentindo-se

extremamente inquieto.

- Não tem a menor importância saber o que pode e o que não pode ser feito. O que importa é o que o povo vai ou não vai acreditar que é possível. Eles vão acreditar em você, Hari, quando você lhes disser que de acordo com as previsões psico-históricas Trantor poderá governar a si mesma, e que as províncias irão se transformar em reinos que conviverão em paz.

- Jamais farei uma tal predição - disse Seldon - sem dispor de uma psico- história verdadeira. Não vou fazer o papel de charlatão. Se você tem esses planos, então diga você essas coisas.

- Não, Hari, eles não me acreditariam. Acreditariam em você, o grande matemático. Por que não satisfazê-los, então?

- Acontece - disse Seldon - que o imperador também pensou em me usar como uma fonte de profecias que ele queria ver realizadas. Eu me recusei a fazer isso por ele. Pensa que concordaria em fazê-lo por você?

Rashelle ficou alguns momentos calada, e quando voltou a falar sua voz tinha perdido a intensa excitação de minutos atrás, e tinha um tom quase de adulação.

- Hari - disse ela -, pense bem na diferença que há entre mim e Cleon. O que Cleon pretendia de você era, sem dúvida alguma, uma espécie de propaganda destinada a mantê-lo no trono. Não adiantaria de nada você obedecer-lhe, porque o trono imperial está abalado. Então você não sabe que o Império Galáctico está num estado de decadência, e que não vai poder se manter por muito mais tempo? A própria Trantor está pouco a pouco se deteriorando, por causa do peso insuportável e crescente da administração de 25 milhões de mundos. O que está à nossa frente é a derrocada e a guerra civil, não importa o que você diga em favor de Cleon.

- Já ouvi algo semelhante - disse Seldon. - Pode ser verdade, mas e daí?

- Daí, deixemos que o Império se faça em pedaços sem que haja guerra. Ajude-me a estabelecer um governo firme sobre um domínio reduzido, o bastante para

poder ser governado com eficiência. Deixe-me conceder liberdade ao restante da galáxia, deixar que cada parte dela viva sua própria vida, de acordo com seus hábitos e sua cultura. A galáxia se tornará novamente um todo interligado, através de mecanismos como o livre comércio, o turismo, a comunicação; e assim poderemos evitar o seu desmoronamento às mãos das forças que, hoje, mal conseguem mantê-la de pé. Minha ambição é das mais moderadas: um mundo, e não milhões; paz, e não guerra; liberdade, e não escravidão. Pense um pouco a respeito ... e me dê sua ajuda.

Seldon disse:

- E por que a Galáxia iria acreditar em mim mais do que acreditaria em você? Eles não me conhecem, e quantos de seus generais-de-frota iriam se impressionar diante de uma mera palavra como "psico-história"?

- Não acreditariam em você agora, mas não estou pedindo que aja agora. A Casa de Wye esperou milhares de anos, e pode esperar alguns milhares de dias a mais. Colabore comigo, e eu tornarei seu nome famoso. Farei com que a promessa da psico-história brilhe através de todos os mundos habitados, e no momento certo, quando eu achar que é hora de jogar a cartada decisiva, você fará a sua profecia, e nós agiremos. Então, num piscar de olhos da história, a Galáxia estará submetida a uma Nova Ordem que a tornará estável e feliz pelos éons afora. Vamos, Hari ... vai recusar uma oportunidade como essa?...

18. DERRUBADA

THALUS, EMMER - ... Um sargento nas forças militares de segurança no Setor Wye da antiga Trantor ...

.. . Além dessas estatísticas biográficas absolutamente banais, nada se sabe a respeito deste indivíduo, a não ser que em uma ocasião ele teve nas mãos o destino da Galáxia.

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

87.

O café, na manhã seguinte, foi servido numa saleta ao lado dos quartos dos três prisioneiros, e foi farto, além de delicioso. Havia uma notável variedade de pratos, e uma quantidade mais do que suficiente de cada um.

Seldon instalou-se à mesa tendo diante de si uma montanha de salsichas fortemente temperadas, sem ligar para as lúgubres profecias de Dors com relação a estômagos e cólicas.

Raych disse:

– A dona...a senhora prefeita me disse, essa noite, quando veio me ver, que .

- Ela veio ver você? - perguntou Seldon.

- Sim. Ela disse que queria saber se eu tava legal. Disse que quando tivesse tempo ia me levar no zoo.

- Um zoo? - Seldon olhou para Dors. - Que tipo de zoo pode haver em Trantor? Gatos e cachorros?

- Há alguns animais naturais do planeta - disse Dors - e eu imagino que eles importam algumas espécies de outros mundos, e há também aqueles tipos de animais que existem em vários mundos, sendo que alguns planetas são mais ricos deles do que Trantor, naturalmente. Para falar a verdade, Wye tem um zoo que é bastante famoso, provavelmente o melhor do planeta, depois do zoo imperial.

- Ela é uma velha legal - disse Raych.

- Não é tão velha assim - disse Dors -, mas certamente está cuidando bem da

nossa alimentação.

- Isso é fato - admitiu Seldon.

Quando o desjejum terminou, Raych saiu para realizar algumas explorações.

Retomaram ao quarto de Dors, e Seldon comentou, com visível insatisfação: - Não sei até quando vão nos deixar em paz. Ela evidentemente planejou alguma estratégia para preencher nosso tempo.

- Até agora não temos muito do que nos queixar - disse Dors - Estamos muito mais à vontade aqui do que em Mycogen ou em Dahl.

- Dors, você não está se deixando convencer por aquela mulher, não?

- Eu? Por Rashelle? Claro que não. Como pode pensar isso?!

- Bem, você está confortavelmente instalada, a comida é ótima ... Seria bastante natural relaxar um pouco e aceitar o que a sorte nos destina.

- Sim, seria muito natural. E por que não fazer isso?

- Olhe, você estava me falando ontem à noite sobre o que pode acontecer se Rashelle tiver sucesso no que está planejando. Posso não ser um historiador, mas estou disposto a acreditar no que você diz, e o fato é que isso faz sentido ... mesmo para um não-historiador. O Império vai se fazer em pedaços, e esses pedaços ficarão lutando uns contra os outros ... indefinidamente. É preciso deter Rashelle.

- Concordo - disse Dors. - É preciso detê-la. A única coisa que não me ocorre é: como fazer isso num piscar de olhos? - Ela lançou para Seldon um olhar analítico. - Hari ... você não conseguiu dormir a noite passada.

- E você? - perguntou ele; era evidente que não tinha pregado o olho.

Dors o fitou com curiosidade, o rosto enevoado de preocupação. - Você passou a noite pensando na destruição da Galáxia, devido ao que eu falei?

- Isso, e mais outras coisas. Será que poderíamos fazer contato com Chetter Hummin? - As últimas palavras foram pronunciadas quase num sussurro.

- Tentei fazer isso quando tivemos que fugir da polícia em Dahl - disse ela. - Ele não apareceu. Tenho certeza de que recebeu meu recado, mas não veio. Pode ser que, devido a inúmeras razões, ele não tenha podido vir ao nosso encontro, mas certamente o fará, assim que lhe for possível.

Acha que lhe aconteceu alguma coisa?

- Não - disse Dors, pacientemente. - Não creio. Como pode saber? A notícia teria chegado aos meus ouvidos. Tenho certeza. E até agora não fiquei sabendo de nada.

Seldon franziu a testa e disse:

- Não estou tão seguro disso quanto você. Para ser sincero, não estou seguro a respeito de nada. E mesmo se Hummin aparecesse, o que poderia fazer, no presente caso? Ele não pode enfrentar o poder de Wye. Se existe aqui, como diz Rashelle, o exército mais organizado de Trantor, o que pode Hummin fazer contra ele?

- Isso é algo que não adianta discutir. Mas ... você não poderia convencer Rashelle, mesmo que fosse enfiando isso à força em sua cabeça, de que não tem em mãos a psico-história?

- Estou certo de que ela sabe muito bem que eu não tenho a psico-história, e que não a terei tão cedo ... se é que a terei um dia. Acontece que ela pretende dizer que eu a tenho, e se o fizer de modo convincente as pessoas acreditarão nela, e mais cedo ou mais tarde começarão a agir de acordo com as profecias que, segundo ela, eu terei feito ... mesmo que eu não pronuncie uma só palavra.

- Mas isso vai levar um certo tempo. Ela não pode construir sua reputação do dia para a noite. Para fazer isso com alguma eficiência deve levar pelo menos um ano.

Seldon estava andando de um lado para outro do quarto, girando nos calcanhares ao chegar à parede e retomando sobre os próprios passos.

- Pode ser - disse ele -, mas não sei ainda. Talvez ela esteja recebendo pressões para agir mais depressa. Ela não me parece uma pessoa que tenha aprendido a cultivar a paciência. E o seu pai, Mannix IV, talvez esteja ainda mais impaciente, devido à idade. Ele pode estar sentindo a proximidade da morte, e já que trabalhou a vida inteira perseguindo esse objetivo, talvez ele prefira vê-lo alcançado uma semana antes de sua morte do que uma semana depois dela ... Além disso ... - Seldon fez uma pausa e deixou seus olhos correrem ao longo do quarto vazio.

- Além disso o quê? - perguntou Dors.

- Bem, nós precisamos ficar livres. Sabe, resolvi o problema da psico-história.

Os olhos de Dors se arregalaram.

- Você conseguiu!! Já sabe o que fazer!

- Não totalmente. Pode levar décadas ... séculos, pelo que posso avaliar Mas agora sei que é algo que pode ser feito, não é apenas uma possibilidade teórica. Agora que sei que é possível, preciso de tempo, de tranquilidade, das mínimas condições que me permitam trabalhar nesse projeto. O Império deve se manter inteiro até que eu, ou talvez os meus sucessores, tenhamos aprendido como preservá-lo, ou como minimizar as consequências de sua queda, caso ela seja de fato inevitável. Foi exatamente isso que me manteve acordado a noite inteira: a sensação de ter um ponto de partida para meu trabalho, e de não poder ainda pôr as mãos à obra e dar-lhe início.

88.

Era o quinto dia depois de sua chegada em Wye, e, logo pela manhã, Dors

estava ajudando Raych a enfiar um traje elegante com o qual ele não tinha a menor familiaridade.

O garoto olhou cheio de dúvidas o holo-espelho à sua frente e viu sua própria imagem reproduzida com precisão, imitando todos os seus movimentos mas sem apresentar a inversão entre esquerda e direita que se dá nos espelhos comuns. Raych nunca tinha usado um holo-espelho, e não tinha resistido à tentação de estender a mão para a imagem, dando uma gargalhada, cheia de embaraço, no momento em que sua mão e a mão do reflexo passaram uma através da outra.

Depois ele falou:

- Essa roupa tá meio engraçada.

Ele examinou seu casaco, que era feito de um tecido extremamente maleável, com o cinto coberto de filigranas; e passou as mãos pelo colarinho duro que se erguia por trás de sua nuca, elevando-se até a altura das orelhas.

- Minha cabeça parece com uma bola dentro de um cesto - disse ele.

Dors respondeu:

- Mas é assim que as crianças ricas se vestem aqui em Wye. Todo mundo que avistar você vai achá-lo bonito, vai sentir inveja.

- Mesmo com meu cabelo assim, todo cortado?!

- Claro. Você vai usar este chapeuzinho redondo.

- Aí é que minha cabeça vai parecer mesmo com uma bola!

- É só você não deixar que ninguém a chute, então. Agora, lembre-se do que eu lhe disse. Preste atenção ao que acontece ao redor, e não se porte como um menino.

- Mas eu sou um menino - retorquiu ele, com os olhos muito abertos, numa expressão que parecia cheia de inocência.

- Muito me admira que diga isso - falou Dors. - Tenho certeza de que você vê a si mesmo como um adulto de doze anos.

Raych sorriu.

- OK. Vou ser um bom espião.

- Não é bem isso que estou pedindo. Não se arrisque. Não fique escutando nas frestas das portas. Se você for pegado, isso não vai ser útil a ninguém ... principalmente a você mesmo.

- Ah, que que é isso, moça? Tá pensando que eu sou menino? !

- Você acabou de dizer que é. Bem: escute tudo que for falado perto de você, mas sem que eles percebam. E lembre-se bem de tudo quanto ouvir, para nos dizer na volta. É muito simples.

- É. Fácil de dizer - disse ele com um sorriso - e fácil de fazer.

- E tenha cuidado. Raych piscou o olho. - Deixa comigo.

Um criado (tão delicadamente rude como só um criado arrogante consegue ser) veio buscar Raych para conduzi-lo até onde Rashelle estava à sua espera.

Seldon ficou olhando enquanto os dois se afastavam e disse, pensativo:

- Ele vai espionar as conversas com tanta atenção que nem vai ver o zoo. Não sei se é correto enviar um garoto para algo tão perigoso.

- Você acha? - disse Dors. - Raych foi criado nas favelas de Billibotton, não se esqueça. Acho que ele tem um repertório de esperteza maior do que o meu e o seu juntos. Além disso, Rashelle está gostando dele, e tudo quanto ele fizer será visto com simpatia ... Pobre mulher.

- Tem mesmo pena dela, Dors?

- Talvez você ache que ela não merece simpatia, porque é filha de um prefeito, e considera-se prefeita também; e porque está tentando destruir o Império ... Pode ser que tenha razão, Hari, mas ainda assim há alguns aspectos dela pelos quais é possível ter alguma simpatia. Por exemplo, ela teve um caso de amor infeliz. Isso é bastante evidente. Sem dúvida alguma ela teve o coração partido ... durante algum tempo, pelo menos.

Seldon perguntou:

- Já teve algum caso de amor com final infeliz, Dors? Dors pensou por alguns instantes e depois disse:

- Não, na verdade. Estou muito envolvida com meu trabalho para andar partindo o coração.

- Eu pensei isso.

- Então por que perguntou?

- Eu podia estar enganado.

- E quanto a você? ...

Seldon pareceu pouco à vontade.

- Para ser sincero, sim. Já passei muito tempo com o coração partido ... reduzido a pedaços, para ser sincero.

- Eu pensei isso.

- Então por que perguntou?

- Não por ter achado que podia estar errada, posso lhe garantir. Apenas queria ver se você mentiria a respeito, ou não ... Você não mentiu, e isso me alegra.

Houve uma pausa. Depois Seldon falou:

J- á se passaram cinco dias, e nada aconteceu.

- Exceto que estamos sendo muito bem tratados, Hari.

- Se os animais pudessem pensar, muitas vezes achariam que estavam sendo bem tratados, quando de fato estariam apenas sendo engordados para o matadouro.

- Eu admito que ela está engordando o Império para o matadouro.

Mas quando?

- Quando ela achar que está pronta, imagino.

- Ela se gabou de poder dar o golpe em apenas um dia, e a impressão que me ficou foi a de que poderia ser qualquer dia. - Mesmo se fosse assim, ela preferiria ter certeza de poder bloquear qualquer reação por parte do Império, e isso exigiria mais tempo.

- Quanto tempo? Ela quer bloquear essa reação usando a mim ... só que até agora não fez nenhum gesto nesse sentido. Não há sinais de que ela esteja tentando construir uma reputação para mim. Onde quer que eu vá em Wye ninguém me reconhece. Não há nenhuma multidão de wyanos se agrupando para me saudar nas ruas. Não há nada a meu respeito nas holo-transrnissões.

Dors sorriu:

- Dá até para imaginar que seu orgulho está ferido por permanecer no anonimato, Hari. Você é muito ingênuo. Ou não é um historiador, o que vem a ser o mesmo. Você devia estar mais orgulhoso de se tornar um historiador, através da psico-história, do que de poder salvar o Império com ela. Se todos os seres humanos entendessem a história, talvez parassem de viver repetindo os mesmos erros, vezes sem conta.

- Em que sentido sou ingênuo? - perguntou Seldon, erguendo a cabeça e olhando-a com ar desafiador.

- Não fique ofendido, Hari. Acho que é um dos seus traços mais atraentes, na verdade.

- Eu sei. Isso desperta seus instintos maternais, e afinal você recebeu ordens de cuidar de mim. Mas em que sentido eu sou ingênuo?

- Em achar que Rashelle iria tentar convencer a população inteira do Império de que você é um profeta. Ela nada conseguiria com isso. Quatrilhões de pessoas é algo muito difícil de se mover com rapidez. Existe inércia social e psicológica, assim como inércia física. E, começando a agir às claras, ela iria simplesmente atrair a atenção de Demerzel.

- E o que ela está fazendo, então?

- Meu palpite é de que as informações sobre você, devidamente enfeitadas e exageradas, estão indo para uma quantidade restrita de pessoas que têm importância vital. Estão indo para os vice-reis de setores, os almirantes das frotas, as pessoas de influência nas quais Rashelle julga ver simpatia pela sua causa ... ou antipatia pelo imperador. Bastaria que uma centena dessas pessoas se passasse para o lado dela para confundir as forças legalistas durante tempo suficiente para que Rashelle I implantasse a sua Nova Ordem com firmeza, e fosse capaz de esmagar qualquer tentativa de resistência. Pelo menos, penso que estes são os planos dela.

- E continuamos sem notícias de Hummin.

- Ainda acho que ele deve estar fazendo alguma coisa. Isto aqui é algo muito importante para ser ignorado. - Já lhe ocorreu que ele pode estar morto?

- É uma possibilidade, mas não creio nisso. Se Hummin tivesse morrido eu já estaria sabendo.

- Mesmo aqui?

- Mesmo aqui.

Seldon ergueu as sobrancelhas, mas não disse nada.

Raych retomou no final da tarde, alegre e excitado, com descrições vivas de macacos e de monstros bakarianos; esse assunto dominou as conversas durante todo o jantar.

Não foi senão depois da refeição, quando estavam de volta aos seus aposentos, que Dors disse:

- Agora, Raych, conte-me o que aconteceu com a prefeita.

Houve alguma coisa que ela disse ou fez que possa ser do nosso interesse?

- Teve uma - disse Raych, cujo rosto se iluminou. - Aposto que foi por causa disso que ela não veio jantar com a gente.

- E o que foi?

- Sabe, o zoo estava fechado pra todo mundo, menos pra gente. Tinha uma

porção de pessoas com a gente: ia eu, Rashelle, e aquela porção de caras de uniforme, e aquelas mulheres com roupa engraçada, e tudo mais. Aí chegou um cara de uniforme, quer dizer, um cara diferente, que não tava desde o começo; ele chegou e falou um negócio no ouvido de Rashelle, aí ela fez assim com a mão mandando todo mundo ficar no lugar onde estava, e foi saindo pra conversar com o tal cara, meio longe, onde ninguém podia ouvir. Eu fiquei meio de costas esse tempo todo, mas aí saí olhando de jaula em jaula e fui chegando perto do lugar onde os dois tinham ido conversar.

"Rashelle estava dizendo: mas como é que eles se atrevem? e ela parecia furiosa da vida. E o cara de uniforme parecia nervoso. Eu só dei uma olhadinha bem rápido, porque eu tinha de fingir que estava olhando os bichos; mas deu pra escutar muita coisa. O cara faiou que fulano, um nome que eu não entendi, mas parecia um general, esse tipo de coisa ... pois bem, ele falou que esse fulano tinha, ele e os oficiais dele, tinha jurado finalidade ao pai de Rashelle ... "

- Jurado fidelidade - disse Dors.

- Essa coisa aí; e que esses caras estavam tudo meio nervosos porque agora iam ter de obedecer a uma mulher. Ele disse que os tais caras só queriam o velho como prefeito, e que se o velho tava doente era pra ele botar no lugar dele outro cara, e não uma dama.

- E não uma dama? Tem certeza?

- Foi isso o que ele disse. Ele tava quase cochichando. Tava nervoso, e Rashelle tava tão irada que nem podia falar direito. Ela disse assim: "Vou pedir a cabeça dele, vou obrigá-lo a me jurar fidelidade amanhã mesmo, e quem quer que se recuse vai se arrepender." Foi assim mesmo que ela falou. Aí ela acabou com o passeio e dali mesmo a gente voltou, e ela não me disse mais nem uma palavra o tempo todo, ficou só ali, sentada no carro, com uma cara ruim, uma cara de muita raiva.

- Muito bom - disse Dors. - Não comente isto com ninguém, Raych,

- Tá OK. Era isso que queria?

- Era mais ou menos isto. Você agiu bem, Raych. Agora, volte para o seu quarto e esqueça toda esta história. Nem pense mais sobre isto.

Quando Raych se retirou, Dors voltou-se para Seldon.

- Muito interessante - disse ela. - Ao longo da História, filhas têm sucedido ao pai, ou mesmo à mãe, em prefeituras ou em outros cargos de poder. Já houve até mesmo imperatrizes, como você sabe, e não consigo me lembrar de que em algum momento da história do Império a autoridade delas tenha sido posta em

questão. É curioso que esse tipo de coisa acabe acontecendo logo agora, aqui em Wye.

- O que há de estranho? - perguntou Seldon. - Estivemos há pouco tempo em Mycogen, onde as mulheres são tratadas com visível menosprezo, e onde jamais alcançariam uma posição de poder, mesmo menor.

- Sim, claro, mas isso é uma exceção. Existem outros lugares onde são as mulheres que dominam. Por toda parte, no entanto, governo e poder são geralmente tratados de modo equissexual. Se há um número maior de homens em posições de liderança é geralmente porque as mulheres em geral se inclinam, por motivos biológicos, para a criação dos filhos.

- Mas qual é a situação aqui em Wye?

- equissexual, até onde tenho conhecimento. Rashelle não hesitou em assumir

a prefeitura, e imagino que o velho Mannix também não tenha hesitado em transferir o poder para a filha. Além disso, ela estava surpresa e furiosa diante da rebeldia dos tais oficiais. Ela visivelmente não contava com isso.

- E você parece muito satisfeita. Por quê?

- Porque é algo tão fora do comum que deve ter sido engendrado por alguém, e imagino que foi por Hummin.

- Acha mesmo que foi? - perguntou Seldon, pensativo.

- Sim.

- Quer saber de uma coisa? - disse ele. - Eu também acho.

89.

Era o seu décimo dia em Wye, e de manhã bem cedo o sinal de chamada à porta do quarto de Seldon começou a soar repetidas vezes, ao mesmo tempo em que se ouvia a voz aguda de Raych gritando:

- Sr. Seldon! Acorde! É guerra! É guerra!

Seldon precisou de apenas um segundo para emergir do sono profundo e saltar da cama, totalmente desperto. Estava um tanto trêmulo (os wyanos gostavam de manter seus aposentos muito bem refrigerados, como ele logo descobrira em seus primeiros dias ali), mas foi até a porta e a abriu.

Raych invadiu o quarto, excitado, os olhos muito abertos.

- Sr. Seldon, eles agarraram Mannix, o velho, o prefeito!

- Eles ...

- Eles quem, Raych?

- Os caras do Império! Dizem que passou a noite toda chegando jatos, todos cheios. A holo-transmissão tá falando disso o tempo todo. Pode ir ver lá no quarto da senhora. Ela disse para lhe deixar dormindo, mas eu achei que era melhor lhe acordar.

- Fez muito bem - disse Seldon, e, demorando-se apenas o tempo necessário para enfiar um roupão, rumou para o quarto de Dors. Ela já estava vestida, e estava sentada diante da holovisão.

Por trás da imagem clara e nítida de uma mesa aparecia um homem, com o símbolo da espaçonave e do sol claramente visível no lado esquerdo de sua túnica. De cada lado, apareciam dois soldados, também ostentando a insígnia do Império, e fortemente armados. O oficial sentado à mesa estava dizendo:

- ... está totalmente sob o controle de Sua Imperial Majestade.

O prefeito Mannix está ileso e em segurança, e permanece em plena posse de seus poderes institucionais, contando para isso com o auxílio amigável das tropas imperiais. Dentro de pouco tempo ele estará se dirigindo a todos vocês,

para pedir calma a todos os wyanos e para solicitar aos soldados wyanos ainda em armas que as deponham sem luta.

Seguiram-se outras emissões onde apareciam vários jornalistas com vozes impessoais, todos usando braçadeiras com o símbolo do Império. As notícias eram sempre as mesmas: a rendição desta ou daquela unidade das forças de segurança de Wye, depois de uma breve troca de tiros, e às vezes sem oferecer a menor resistência. Este ou aquele setor da cidade já estavam ocupados - e seguiam-se repetidas imagens de multidões de wyanos observando com ar sombrio as tropas imperiais desfilando em suas avenidas.

Dors disse:

- Foi executado com perfeição, Hari. A surpresa foi total. Não houve a menor chance de resistência, e não se verificou nada de mais sério.

Então o prefeito Mannix IV surgiu na imagem, como fora prometido. Estava de pé e, talvez a bem das aparências, não havia nenhum soldado do Império à vista, embora Seldon tivesse plena certeza de que um grande número deles estaria ali, logo além do raio de alcance das câmeras.

Mannix era idoso, mas sua força ainda era visível, apesar do desgaste da

idade. Seus olhos não fitavam de frente a holo-câmera, e ele pronunciava as palavras de um modo visivelmente forçado; mas, de acordo com o que tinha sido prometido, ele aconselhou todos os wyanos a permanecerem calmos, a não oferecer resistência, a evitar que Wye sofresse prejuízos maiores, e a cooperar com o imperador que, pela vontade de Mannix, ainda permaneceria muito tempo no trono.

- Nenhuma referência a Rashelle - disse Seldon. - É como se ela não existisse.

- Ninguém falou nela até agora - disse Dors -, e este lugar, que afinal de contas é a residência dela (ou uma das) ainda não foi atacado. Mas mesmo que ela consiga fugir daqui e se refugiar em algum setor vizinho, duvido que qualquer lugar em Trantor possa ser um lugar seguro para ela.

- Pode ser - disse uma voz -, mas durante algum tempo estarei segura aqui.

Rashelle entrou no quarto. Estava bem-vestida, e mantinha uma calma absoluta. Chegava mesmo a sorrir, mas não era um sorriso alegre: apenas a fria exibição de seus dentes muito brancos.

Os três a fitaram surpresos por alguns instantes, e Seldon surpreendeu-se imaginando se ela ainda teria todos aqueles servos do seu lado ou se eles teriam se apressado a abandoná-la ao primeiro sinal de adversidade.

Em voz um tanto fria, Dors disse:

- Posso ver, senhora prefeita, que suas esperanças de dar um golpe de Estado acabam de se dissipar. Alguém deve ter se antecipado aos seus planos.

- Ninguém se antecipou aos meus planos - retorquiu Rashelle. - Eu fui traída. Alguém promoveu uma sabotagem junto aos meus oficiais, e, indo contra toda a tradição e contra toda a racionalidade, eles se recusaram a obedecer a uma mulher, alegando obediência apenas ao seu antigo líder, meu pai. E, como era de se esperar de um bando de traidores, acabaram deixando que seu antigo líder fosse aprisionado, e não pudesse chefiar a resistência. - Ela olhou em redor à procura de uma cadeira, e sentou-se. - E agora o Império vai prosseguir seu trajeto rumo à decadência e à morte ... quando eu estava pronta para lhe oferecer uma nova vida.

- Pois eu acho - disse Dors - que o Império evitou um período indefinidamente longo de lutas inúteis e de destruição. Console-se com isto, senhora prefeita.

Era como se Rashelle não tivesse ouvido suas palavras.

- Tantos anos de preparativos ... destruídos numa única noite - disse ela, e ficou ali sentada, abatida, envelhecida vinte anos.

Dors disse:

- Isso dificilmente poderia ter sido feito numa única noite.

O suborno de seus oficiais, se é que isso ocorreu, deve ter requerido um certo tempo.

- Quanto a isso, Demerzel é um mestre, e eu devo tê-lo subestimado. Como ele o fez, não posso saber ... ameaças, propinas, argumentos brandos e enganadores. Ele é mestre na arte da dissimulação e da traição ... eu devia ter sabido. - Ela fez uma pausa e prosseguiu: - Se fosse um ataque armado da parte dele, eu não teria tido a menor dificuldade em rechaçar qualquer força que ele mandasse contra nós. Mas quem poderia pensar que Wye seria traído, que um juramento de fidelidade pudesse ser tão facilmente posto de lado?

Seldon argumentou, tentando ser objetivo:

- Mas presumo que o juramento foi feito ao seu pai e não a você.

- Absurdo - disse Rashelle, com ardor. - Quando meu pai me transmitiu seus poderes, como estava legalmente autorizado a fazer, ele automaticamente transferiu para mim todos os juramentos de lealdade que lhe tinham sido prestados. Há inúmeros precedentes. Faz parte do cerimonial que tais juramentos sejam repetidos diante do novo governante, mas é um preceito apenas ritualístico, e não uma imposição legal. Meus oficiais sabiam disso, embora tenham preferido esquecer. Estão usando minha condição de mulher como simples pretexto, mas o fato é que eles tremem de medo de uma vingança imperial que jamais viria, caso eles tivessem sido mais firmes; ou tremem de cobiça pensando em recompensas que lhes foram prometidas mas que eles jamais verão ... se é que eu conheço Eto Demerzel.

Ela virou-se subitamente para Seldon.

- É você, que ele quer. Sabe disso, não é mesmo? Demerzel nos atacou por sua causa.

Seldon ficou perplexo.

- Por minha causa?! Por quê?

- Não seja idiota. Pela mesma razão por que eu o trouxe para cá ... para usá-lo como um instrumento, é claro. - Ela suspirou.

- Pelo menos não fui traída por completo. Ainda há alguns soldados que permanecem leais ... Sargento!

O sargento Emmet Thalus entrou em passos leves e cautelosos que pareciam ligeiramente estranhos, considerando-se seu tamanho. Seu uniforme estava

impecável, e seu bigode louro tinha as pontas meticulosamente retorcidas.

- Senhora prefeita - disse ele, e com uma batida de calcanhares estacou em posição de sentido.

Ainda era, pelo menos aparentemente, o espécimen da fauna local que Seldon tinha identificado: um homem dedicado a obedecer ordens cegamente, totalmente alheio ao rumo dos acontecimentos e ao novo estado de coisas.

Rashelle enviou um sorriso tristonho para Raych.

- E como vai você, meu pequeno Raych? Cheguei a pensar que poderia fazer algo por você ... mas agora parece impossível. - Tudo OK, madame - disse Raych, desajeitadamente.

- Poderia também ter feito algo por você, Hari - prosseguiu ela -, e acho que também devo pedir-lhe perdão.

- Não há motivo para isso, madame.

- Sim, devo pedir-lhe perdão ... não posso deixar que Demerzel o tenha nas mãos, Hari. Seria tornar sua vitória completa, e isso não vou permitir.

- Não trabalharei para ele, madame, assim como não teria trabalhado para a senhora.

- Não se trata de trabalhar, Hari, e sim de ser usado. Adeus ... Sargento, liquide-o.

O sargento puxou sua pistola de raios e Dors, com um grito, jogou-se para a frente, mas Seldon a agarrou pelo cotovelo, desesperadamente.

- Calma, Dors - disse ele. - Calma, ou ele pode matá-la.

Ele não vai me fazer mal. Você também, Raych, fique para trás, e não se mexa.

Seldon encarou o sargento.

- Está hesitando, sargento ... porque sabe que não vai poder atirar. Eu podia tê-lo matado há dez dias atrás, mas não o fiz. E o senhor me deu sua palavra de honra, naquele dia, de que iria me proteger.

- O que está esperando? - gritou Rashelle. - Mandei que o matasse, sargento!

Seldon não disse mais nada: ficou encarando o sargento que, com os olhos

muito abertos, apontava a pistola para sua cabeça. - Eu dei uma ordem! - gritou Rashelle

- Eu tenho sua palavra - disse Seldon com calma. Por fim o sargento Thalus disse, com voz embargada:

- Desonrado ... de uma maneira ou de outra. - Sua mão se abaixou e a pistola caiu ao chão com um ruído metálico.

Rashelle gritou:

- Você também me traiu!

Antes que Seldon pudesse se mover ou que Dors conseguisse se soltar dos dedos firmes com que ele ainda a segurava, Rashelle empunhou a pistola de raios, apontou-a contra o sargento, e fez contato.

Seldon nunca tinha visto alguém ser morto por uma daquelas armas. Por alguma razão, talvez devido ao nome da arma, ele esperava ouvir uma explosão ensurdecedora, e pedaços de carne esfrangalhada voando em todas as direções. Mas pelo menos essa pistola wyana não tinha nenhum efeito desse tipo. Seldon não conseguiu saber que tipo de dano os raios causavam aos órgãos internos da pessoa atingida, mas, sem uma mudança de expressão, sem o menor esgar de dor, o sargento Emmet Thalus tombou de joelhos e rolou pelo chão, morto, liquidado, sem espaço para dúvidas nem para esperanças.

Rashelle virou-se para Seldon, e sua mão empunhava a pistola com uma firmeza que não lhe permitia qualquer esperança de vida além do próximo segundo.

Foi Raych, no entanto, quem entrou em ação no momento exato em que o sargento caiu. Colocando-se entre Seldon e Rashelle, ele começou a gesticular em desespero.

- Não atire, madame! - gritava ele.

Por um momento, Rashelle ficou desconcertada. - Afaste-se daí, Raych. Não quero ferir você.

Esse momento de hesitação era tudo do que Dors precisava.

Libertando-se com violência da mão de Seldon, mergulhou sobre Rashelle, chocando-se contra ela, fazendo-a cair com um grito, e arremessando a pistola mais uma vez ao chão.

Raych apanhou a arma.

Seldon respirando fundo, disse: - Raych, dê-me essa pistola. Mas Raych recuou.

- Não vai querer matar ela, vai, Sr. Seldon? Ela foi legal comigo.

- Não quero matar ninguém, Raych - disse ele. - Ela matou o sargento e teria me matado também; mas recusou-se a ferir você, e só por isso nós vamos deixar que

viva.

Por fim Seldon sentou-se, a pistola descuidadamente na mão direita, enquanto Dors removia o neuro-chicote do cinto do sargento.

Então soou uma nova voz.

- Eu tomarei conta dela de agora em diante, Seldon. Seldon ergueu os olhos e soltou uma exclamação de alegria. - Hummin! Finalmente!

- Lamento ter demorado tanto, Seldon, mas eu tinha muita coisa a fazer. Como está, Dra. Venabili? Suponho que esta é a filha de Mannix, Rashelle. Mas quem é o garoto?

- Raych é um jovem dahlita nosso amigo - disse Seldon. Um grupo de soldados entrou no aposento e, a um gesto de Hummin, rodeou Rashelle.

Dors, no momento em que pôde relaxar a vigilância que exercia sobre a outra mulher, passou as mãos sobre a roupa, alisando a blusa amarrotada. Seldon lembrou-se de repente que ainda estava de roupão.

Rashelle, lutando para libertar-se das mãos dos soldados, apontou para Hummin e dirigiu-se a Seldon:

- O que significa isto?

- Este é Chetter Hummin - disse Seldon. - É um amigo meu, e meu protetor neste planeta.

- Seu protetor? - Rashelle soltou uma gargalhada quase histérica. - Seu tolo! Seu idiota! Esse homem é Eto Demerzel, e se você olhar para o rosto de sua amiga Dors vai perceber que ela sabia de tudo desde o começo. Você esteve prisioneiro o tempo todo, muito mais do que esteve aqui em Wye!

90.

Hummin e Seldon sentaram-se para almoçar algumas horas mais tarde, naquele mesmo dia; durante a maior parte do tempo os dois ficaram como que envolvidos por um véu de silêncio.

Não foi senão no final da refeição que Seldon espreguiçou-se e perguntou, com voz jovial:

- Bem, senhor, como devo tratá-lo de agora em diante? Ainda penso em chamá-lo de "Chetter Hummin", mas mesmo aceitando o fato de que tem outras

identidades não posso chamá-lo de "Eto Demerzel". Deve ter algum título honorífico, e ainda não sei bem que tipo de tratamento usar. Espero suas instruções.

O outro respondeu, com gravidade:

- Chame-me de Hummin ... se não se incomodar. Ou de Chetter, se preferir. Sim, sou Eto Demerzel, mas com relação a você sou Hummin. Para falar a verdade, os dois são uma só pessoa. Eu lhe disse que o Império está marchando para a decadência. Eu acredito nisso, em ambas as identidades. Disse a você que preciso da psico-história como um meio de prevenir essa decadência, ou de trazer um tipo de revigoramento posterior, caso a ruína do Império seja inevitável; e em ambas as minhas personalidades eu acredito nisso.

- Mas você me teve em suas mãos. Presumo que você estava por perto quando tive meu encontro com Sua Majestade Imperial. - Com Cleon. Sim, é claro.

- E você poderia ter falado comigo, ali, exatamente como o fez mais tarde quando se apresentou como Hummin.

- E o que teria conseguido? Como Demerzel, eu tenho tarefas imensas. Tenho que manobrar Cleon, que é um governante bem-intencionado mas não muito brilhante; tenho de impedir que ele cometa erros. Tenho que desempenhar a minha parte na administração de Trantor e do Império. E, como você pode ver, tenho que dedicar muito tempo à missão de não permitir que Wye nos cause muitos problemas .

.- Sei disso - murmurou Seldon.

- Não é nada fácil, e quase saí derrotado. Passei anos enfrentando Mannix, aprendendo a conhecer seu modo de pensar, e planejando uma resposta para cada uma de suas ações. Não imaginei, em momento algum, que ele ainda em vida passaria o poder para as mãos de sua filha. Eu não a tinha estudado em profundidade, e não estava preparado para lidar com a sua imprudência. Diferentemente do pai, ela tinha sido criada considerando o poder como uma espécie de direito natural, e não tinha noção muito clara de suas limitações. Ela pôs as mãos em você, e me forçou a agir antes de estar totalmente pronto.

- Você quase me perdeu, em consequência disso. Por duas vezes, olhei para a boca de uma pistola.

- Sei disso - assentiu Hummin. - E podíamos ter perdido você na Superfície também ... um outro acidente que fui incapaz de prever.

- Mas você ainda não respondeu minha pergunta. Por que me pôs a correr através de Trantor para escapar de Demerzel, quando você próprio era Demerzel?

- Você disse a Cleon que a psico-história era apenas um conceito puramente teórico, uma espécie de jogo matemático que não tinha significado em termos práticos. Talvez isso fosse verdade, mas se eu o abordasse oficialmente, tinha certeza de que você apenas fincaria pé nas suas próprias opiniões. Por outro lado, me senti atraído pela simples noção de uma psico-história. Comecei a imaginar se afinal de contas ela seria ou não apenas uma espécie de jogo. Você deve compreender que eu não queria apenas usar você: eu queria uma psico-história real, e praticável.

"Portanto eu pus você a correr através de Trantor, com o temível Demerzel nos seus calcanhares o tempo inteiro. Achei que isso iria ajudar a estimular sua mente; tornaria a psico-história algo muito mais excitante do que um mero brinquedo matemático. Você tentaria desenvolver esse trabalho para servir a Hummin, um idealista sincero; coisa que não faria para servir a Demerzel, um lacaio imperial. Além disso, nesse trajeto você teria alguns vislumbres da vida em Trantor, e isso poderia ser-lhe útil... certamente muito mais útil do que ficar trancado numa torre de marfim num planeta distante, cercado apenas por seus colegas matemáticos. E então? Eu estava certo? Fez algum progresso?"

- Na psico-história? Sim. Pensei que você soubesse.

- Como saberia?

- Eu disse a Dors.

- Mas não a mim. Em todo caso, este é o momento. Ainda bem que há boas notícias.

- Não inteiramente - disse Seldon. - É apenas um minúsculo ponto de partida, algo muito simples, mas em todo caso é um começo.

- É um ponto de partida que pode ser explicado a um não matemático?

- Acho que sim. Veja bem: desde o início eu estava vendo a psico-história como uma ciência que tinha de levar em conta as interações entre 25 milhões de planetas, cada um com uma população média de quatro bilhões de pessoas. É demais. Não há como manipular algo tão complexo. Se eu queria obter sucesso, se havia alguma maneira de descobrir uma psico-história possível de ser usada, eu teria de achar um sistema mais simples.

"Então comecei a pensar que podia me voltar para o passado e lidar com um único mundo, um mundo que fosse o único ocupado pela humanidade nas eras remotas antes da colonização da Galáxia. Em Mycogen eles falavam de um planeta primordial chamado Aurora, e em Dahl ouvi falar de um planeta chamado Terra. Pensei que talvez fossem o mesmo mundo com dois nomes

diferentes, mas havia pelo menos um ponto em que ambos eram diferentes, de modo a tornar essa hipótese impossível. Mas isso não importava. Sabia-se tão pouca coisa a respeito de cada um deles, e ainda assim de mistura com mitos e lendas, que perdi as esperanças de elaborar a psico-história com o auxílio deles.

Seldon fez uma pausa e tomou um gole do seu suco de frutas, mantendo os olhos firmemente pousados em Hummin.

- E então? - disse Hummin.

- Nesse ínterim, Dors me narrou algo que fiquei denominando a história da mão sobre a coxa. Era um episódio que em si não tinha muita importância, apenas uma história divertida e um tanto trivial. Mas foi em função dela que Dors mencionou os diversos modos de encarar o sexo nos diversos setores de Trantor. Ocorreu-me, nessa hora, que ela estava tratando os setores de Trantor como se fossem planetas separados. Pensei, meio distraidamente, que em vez de 25 milhões de mundos diferentes eu tinha em mãos agora 25 milhões mais oitocentos ... Era uma diferença trivial, de modo que não pensei mais no caso.

"Mas ao longo de minha fuga, do Setor Imperial para Streeling, daí para Mycogen, daí para Dahl, daí para Wye, fui observando o quanto cada um era diferente do outro. Começou a crescer na minha mente a ideia de Trantor não como um mundo, mas como um complexo de mundos; só que eu ainda não tinha atingido o ponto crucial da questão.

"Foi somente quando conversei com Rashelle. Como vê, foi bom que eu tivesse sido capturado por Wye; e foi bom também que os sonhos grandiosos de Rashelle a tivessem levado a discutir comigo seus conceitos. Ela me disse que suas ambições se resumiam a Trantor e a alguns planetas adjacentes. Para ela, isso já constituía um Império, e ela considerava os mundos restantes como algo totalmente destituído de importância.

"Foi então que, num momento, tive a intuição de algo que devia estar se formando em minha mente há um tempo considerável. Por um lado, Trantor possuía um complexo sistema social, sendo um planeta populoso composto de oitocentos "mundos" menores. Ele era em si mesmo um sistema suficientemente complexo para fornecer sentido à psico-história; e por outro lado era bastante simples, comparado ao Império como um todo, para dar alguma esperança de que ela pudesse vir a ser utilizada.

"E quanto aos outros mundos, aos vinte e cinco milhões de mundos restantes? Bem, eram apenas uma porção de nulidades remotas. É claro que afetavam Trantor e eram afetados, mas isso eram efeitos de segunda ordem. Se eu pudesse

estruturar a psico-história, numa primeira aproximação, tendo apenas Trantor por base, então esses efeitos menores de seu relacionamento com os demais planetas poderiam ser adicionados depois, com modificações posteriores. Entende o que quero dizer? Eu estava procurando um único planeta sobre o qual eu pudesse basear a ciência da psico-história, e estava procurando por ele no

passado remoto ... quando o tempo inteiro o planeta de que eu precisava estava justamente por baixo dos meus pés.

Hummin murmurou, com evidente alívio e prazer: - Maravilhoso.

- Mas ainda está tudo por fazer, Hummin. Preciso estudar Trantor a fundo. Preciso desenvolver o instrumental matemático para poder manipulá-lo. Se eu tiver sorte e tiver uma vida longa, talvez consiga obter as respostas antes de morrer. Se não, meus sucessores terão que seguir meu caminho. É possível que o Império desmorone e se faça em pedaços antes que a psico-história possa ser utilizada.

- Farei o possível para ajudá-lo - disse Hummin.

- Sei disso - disse Seldon.

- Confia em mim, a despeito do fato de eu ser Demerzel?

- Inteiramente. Absolutamente. Mas confio apenas porque você não é Demerzel.

- Mas sou - insistiu Hummin.

- Não, não é. Sua identidade como Demerzel é tão distante da verdade quanto a sua identidade como Hummin.

- O que quer dizer com isto? - Os olhos de Hummin se arregalaram, e ele recuou ligeiramente.

- Quero dizer - falou Seldon - que você escolheu o nome Hummin de propósito, e que ele tem para você um significado especial. Hummin é uma pronúncia derivada de humano, não é?

Hummin não disse nada, e continuou de olhos fitos em Seldon, que finalmente disse:

- Porque você não é humano, não é mesmo, Hummin-Demerzel? Você é um robô.

19. DORS

SELDON, HARI - ... É comum pensar em Hari Seldon apenas em conexão com a psico-história, vê-lo apenas como a personificação da matemática e da mudança social. Não há dúvida de que ele encorajava isto, uma vez que em seus textos oficiais ele não fornece nenhuma indicação a respeito de como chegou a resolver os diversos problemas envolvidos na criação da psico-história. A julgar pelo que ele nos relata, seus saltos conceituais se davam no vazio. Do mesmo modo, ele nada nos diz sobre os becos-sem-saída onde deve ter penetrado, ou os rodeios desnecessários que forçosamente deve ter feito ...

... Quanto à sua vida pessoal, é uma imensa lacuna. No que diz respeito aos seus pais e demais parentes, temos conhecimento apenas de um punhado de informações, e não mais. Seu único filho, Raych Seldon, foi adotado, embora não se tenha informações mais detalhadas sobre o fato. Relativamente a sua esposa, sabe- se apenas que ela existiu. É evidente que Seldon tinha a intenção de se tornar uma mera cifra, com exceção do que se relacionava com a psico-história. É como se ele sentisse (ou desejasse que o mundo sentisse) que ele não viveu, que ele simplesmente "psico-historiou" .

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

91.

Hummin permaneceu muito calmo, sem que um só músculo se movesse em seu rosto, encarando Seldon - que por sua vez continuou à espera. A palavra estava com Hummin, pensou ele.

Hummin falou, mas disse apenas:

- Eu? Um robô? Por robô presumo que você queira dizer um ser artificial, como aquele objeto que você viu no Sacratorium de Mycogen.

- Não exatamente - disse Seldon.

- Nada de metal? Nada polido? Nada que seja um simulacro sem vida? - Hummin falava sem dar nenhuma indicação de que estivesse se divertindo.

- Não - disse Seldon. - Para ser uma criatura artificial não é necessário ser feito de metal. Estou falando de um tipo de robô indistinguível, na aparência, de um ser humano.

- Se é indistinguível, Hari, como você pode distingui-lo?

- Não é pela aparência.

- Explique.

- Hummin, durante a minha fuga para ficar a salvo de Demerzel, ouvi falar de dois mundos muito antigos - Aurora e Terra. Cada um deles era mencionado como sendo o primeiro mundo, ou o único mundo. Em ambos os casos os robôs eram mencionados, mas com uma diferença.

Enquanto falava, Seldon observava com atenção o homem do lado oposto da mesa, imaginando se ele acabaria por dar algum sinal de que era menos que humano - ou mais.

- Sempre que se falava em Aurora - prosseguiu ele -, havia um robô de quem se falava como um renegado, um traidor, alguém que tinha abandonado uma causa. Quando se falava na Terra, havia um robô que era considerado herói, que representava a salvação. Seria exagerado supor que esses dois robôs eram um só?

- E era? - murmurou Hummin.

- Foi isso que comecei a pensar, Hummin. Achei que Terra e Aurora eram dois mundos separados, coexistindo no tempo. Não sei qual dos dois surgiu primeiro. Pela arrogância e pelo senso de superioridade dos mycogenianos, cheguei a

supor que Aurora era .o planeta original, e que eles desprezavam os terrestres que eram seus descendentes, ou que eram uma degeneração de sua raça.

"Por outro lado, Mãe Rittah, quando me falou da Terra, estava convencida de que a Terra era o mundo original da humanidade; e certamente, a posição minúscula e isolada dos mycogenianos numa galáxia com quatrilhões de habitantes muito afastados do estranho ethos mycogeniano poderia significar que a Terra era de fato o planeta primordial, e Aurora era uma espécie de mutação aberrante. Não posso dizer qual das duas hipóteses é verdadeira, mas estou mostrando minha linha de raciocínio, para que você possa entender minhas conclusões finais."

Hummin assentiu.

- Percebo aonde quer chegar. Continue.

- Esses dois planetas eram inimigos. Mãe Rittah deixou isso bem claro. Quando eu comparo os mycogenianos (que personificam Aurora) com os dahlitas (que personificam a Terra), imagino que Aurora, fosse ou não o primeiro planeta, era sem dúvida o mais avançado cientificamente, o que podia produzir robôs mais elaborados, até mesmo indistinguíveis de um ser humano em sua aparência. Portanto, um tal robô teria que ter sido desenhado e construído em Aurora. Mas ele era um renegado; portanto, foi a Aurora que ele traiu. O povo da Terra o considerava um herói, portanto ele deve ter se passado para o lado dos terrestres. Por que esse indivíduo fez isso, quais as suas razões, isso é algo que não sei dizer

- Deveria dizer: "por que essa máquina fez isso ... " - comentou Hummin.

-Talvez, mas vendo você sentado aqui à minha frente torna-se quase

impossível para mim considerar um robô como uma coisa, e não como uma pessoa. Mãe Rittah estava convencida de que esse herói-robô ... que ela mencionava ... ainda existia, e que retornaria um dia quando fosse necessário. Quanto a mim, achei que não havia nada de impossível na noção de um robô imortal, ou pelo menos um que fosse imortal na medida em que se tomassem precauções para a reposição de partes defeituosas ou desgastadas.

- Mesmo o cérebro? - perguntou Hummin.

- Mesmo o cérebro. Na verdade não sei muita coisa a respeito de robôs, mas imagino que um novo cérebro pode receber em si a gravação de todos os registros de um cérebro usado. E Mãe Rittah também fez alusão a alguns estranhos poderes mentais. Pensei. é possível que sim. Posso ser um sujeito romântico, sob alguns pontos de vista, mas não tão romântico a ponto de pensar

que um único robô pode alterar o curso da história apenas largando uma das facções em luta e se juntando à outra. Um simples robô não poderia assegurar a vitória da Terra e a derrota de Aurora .. a menos que houvesse algo de estranho, algo muito especial a seu respeito

Hummin replicou;

- Já lhe ocorreu, Han, que você está lidando com lendas, lendas que devem ter sofrido distorções ao longo dos séculos e dos milênios, até o ponto de recobrir com um véu sobrenatural os acontecimentos mais simples? Como pode acreditar num robô que não apenas tem aparência humana, mas que é também imortal e tem superpoderes mentais? Não está começando a acreditar em algo sobre-humano?

- Sei muito bem o que são as lendas, e não me deixo levar por elas, nem acredito em contos de fadas. Entretanto, quando elas são confirmadas por acontecimentos estranhos que eu próprio testemunhei, ou que sucederam comigo.

- Acontecimentos como ... ?

- Hummin, confiei cegamente em você desde o nosso primeiro encontro. Claro ... você me ajudou a enfrentar aqueles dois desordeiros, quando nada o obrigava, e isso me predispôs a seu favor, já que naquele instante eu não podia imaginar que os dois tinham sido contratados por você e estavam cumprindo suas instruções. Mas, isso não importa.

- Não mesmo - disse Hummin, e finalmente um tom bem-humorado surgiu em sua voz.

- Eu confiei em você. Deixei-me convencer a não voltar para Helicon e me tornar um fugitivo através de Trantor. Acreditei, sem questionar, em tudo que você me disse. Coloquei-me inteiramente em suas mãos. Revendo tudo isso agora, tenho a impressão de que aquele não era eu. Não sou uma pessoa fácil de dominar, no entanto foi isso que aconteceu. Mais do que isso: nem achei estranho o fato de estar me comportando de um modo tão diferente do habitual.

- Você é quem sabe, Hari.

- E não era só comigo. Como é que Dors Venabili, uma bela mulher com sua própria carreira profissional, pôde abandonar seu trabalho de uma hora para outra a fim de me acompanhar em minha fuga? Como é possível que ela arriscasse sua vida para proteger a minha, assumindo a missão de me proteger como algo sagrado, e tornando-se quase obcecada pelo cumprimento dessa tarefa? Foi só porque você lhe pediu?

- Eu lhe pedi, sim

- E no entanto ela não me parece o tipo de pessoa capaz de promover uma mudança tão radical em sua vida simplesmente para atender um pedido de alguém. E também não posso acreditar que ela se tenha apaixonado loucamente por mim à primeira vista e isso a fez perder o autodomínio. De certa forma, eu até gostaria que sucedesse assim, mas ela me parece uma pessoa que sabe dominar com facilidade seu lado emocional, muito mais ... e aqui estou lhe falando com toda franqueza ... muito mais do que eu consigo em relação a ela.

- Ela é uma mulher maravilhosa - disse Hummin. - Não, acho que você esteja errado

Seldon continuou:

- Como se explica, mais adiante, que Mestre do Sol Catorze, um homem de arrogância monstruosa, líder de um povo que se considera povo eleito e privilegiado ... que um homem assim aceite em receber estranhos como eu e Dors, e os trate da melhor maneira possível? E depois que infringimos todas as suas regras e cometemos os piores sacrilégios, como se explica que ele se tenha deixado dissuadir tão facilmente de nos aplicar um castigo?

"Como é que você pôde convencer gente tão mesquinha e preconceituosa como os Tisalvers a nos receber? Como se explica que você esteja à vontade em qualquer ponto deste mundo, seja amigo de todos, influencie cada pessoa a despeito das peculiaridades de cada uma? E por falar nisso, como se explica o seu poder sobre Cleon? E, ainda que ele seja um indivíduo maleável, fácil de dominar, então como se explica o poder que você exerceu sobre o pai de Cleon, que segundo todos os testemunhos era um tirano ríspido e arbitrário? Como pôde conseguir tanta coisa, Hummin?

"- E mais: como se explica que Mannix IV de Wye tenha consumido décadas inteiras na preparação de um exército sem rival em todo o planeta, um exército treinado à perfeição nos mínimos detalhes ... e que esse exército não erguesse um dedo quando Rashelle tentou fazer uso dele? Como foi que você os convenceu a fazerem o papel de renegados ... o mesmo que você desempenhou um dia?

Hummin respondeu.

- Isso significa apenas que eu sou um indivíduo cheio de tato, habituado a lidar com pessoas dos mais diversos tipos; que estou numa posição que me permite prestar favores a pessoas importantes, e garantir-lhes que poderei voltar a prestá-los no futuro. Penso que nada do que fiz exige uma explicação sobrenatural.

- Nada do que você fez? Nem mesmo a neutralização do exército de Wye?

- Eles não queriam obedecer a uma mulher.

- Eles deviam saber há muitos anos que, no momento em que Mannix morresse ou decidisse deixar o poder, este poder iria para as mãos de Rashelle ... e no entanto eles jamais demonstraram qualquer descontentamento com isso, até o momento em que foi conveniente para você que assim acontecesse. Dors uma vez o descreveu como um homem muito persuasivo, e isso é verdadeiro. Você é muito mais persuasivo do que qualquer homem poderia ser. Mas não é mais persuasivo do que seria normal para um robô imortal, com estranhos poderes mentais ... E então, Hummin?

- É isso que você espera, Hari? - perguntou Hummin. - Espera que eu admita que sou um robô? Que tenho apenas a aparência de um ser humano? Que sou imortal? Que sou uma mente-prodígio?

Seldon inclinou-se sobre a mesa na direção de Hummin.

- Sim, Hummin, é isso que espero. Espero apenas que me diga a verdade, e isso que você acabou de falar é apenas o esboço dessa verdade. Você, Hummin, é o robô a quem Mãe Rittah se referiu como Da-Nee, amigo de Ba-Lee. Você tem que admiti-lo agora ... não lhe resta mais nenhuma escolha.

92.

Era como se eles estivessem no interior de um universo onde só cabiam os dois. Ali, no coração de Wye, no momento em que o exército wyano estava sendo desarmado pelas forças imperiais, eles estavam calmamente sentados diante um do outro. Ali, no vórtice dos acontecimentos que atraíam as atenções de todo o planeta, e de toda a Galáxia, havia aquela bolha de isolamento em cujo interior Seldon e Hummin jogavam seu jogo de ataque e defesa - Seldon tentando forçar Hummin a aceitar sua interpretação da realidade, Hummin não fazendo o menor movimento no sentido de aceitá-la.

Seldon não receava que fossem interrompidos. Tinha certeza de que aquele vácuo de isolamento onde estavam era um limite que ninguém conseguiria transpor, pois os poderes de Hummin (não... os poderes do robô) manteriam todos à distância, até que o jogo estivesse concluído.

Por fim Hummin, falou:

- Você é um sujeito engenhoso, Hari, mas ainda não vejo nada que me obrigue a reconhecer que sou um robô e que sou forçado a admitir esse fato.

Todos os fatos que você enumera são verdadeiros ... seu próprio comportamento, o de Dors, Mestre do Sol, os Tisalver, os generais wyanos; tudo pode ter acontecido de fato como você descreveu, mas isso não quer dizer que sua interpretação desses fatos esteja correta. Não duvido de que todos esses fatos possam ter uma explicação muito natural. Você confiou em mim porque acreditou no que eu lhe disse. Dors passou a considerar importante a sua segurança porque ela percebeu a importância da psico-história, uma vez que ela própria é historiadora. Mestre do Sol e os Tisalvers me deviam favores a respeito dos quais você não tem nenhuma informação, e os generais de Wye simplesmente se recusavam a ser comandados por uma mulher. Por que teremos que recorrer ao sobrenatural para explicar tudo isto?

Seldon perguntou:

- Hummin, você realmente acha que o Império está se desmoronando, e realmente considera importante fazer alguma coisa para que isso não aconteça, ou para que pelo menos as consequências não sejam tão graves?

- Acredito - disse Hummin, e Seldon sentiu que ele estava sendo sincero.

- Você realmente tem a intenção de me fazer estrutura r a psico-história? Acha que você mesmo não poderia fazê-lo?

- Eu não tenho essa capacidade.

- E você acha que somente eu posso manipular a psico-história, ainda que eu próprio duvide disso às vezes?

- Sim.

- Então você deve sentir que tem a obrigação de me ajudar nesta tarefa, desde que lhe seja possível.

- Sim.

- Nada disso seria influenciado por sentimentos de ordem pessoal, ou considerações egoístas?

Um sorriso leve cruzou muito rapidamente o rosto grave de Hummin, e por um momento Seldon pressentiu um imenso e árido deserto de cansaço por trás dos seus modos quietos.

- Construí toda a minha carreira sem dar atenção a sentimentos pessoais ou considerações egoístas - disse ele.

- Então, peço a sua ajuda. Posso elaborar a psico-história lançando mão apenas de Trantor, mas isso me acarretará uma série de dificuldades. Posso chegar a superá-las, mas isso se tornaria muitíssimo mais fácil se eu tivesse as respostas

para alguns fatos cruciais. Por exemplo: o primeiro mundo onde a humanidade se desenvolveu foi a Terra, foi Aurora, ou foi algum outro planeta? Qual era a relação entre a Terra e Aurora? Quem colonizou a Galáxia ... um dos dois, ou ambos? Se foi apenas um, por que o outro não o fez? Se foram ambos, como isso foi resolvido? Existem planetas que descendem de ambos, ou apenas de um deles? Como foi que os robôs se tornaram obsoletos? Com foi que Trantor se tornou o planeta imperial, e não algum outro mundo? O que aconteceu, nesse ínterim, à Terra e a Aurora? Existem mil perguntas que eu poderia lhe fazer agora, e mais cem mil que iriam surgindo à medida que eu me aprofundasse. Vai permitir que eu continue ignorando tudo isto, Hummin, vai permitir que eu falhe em minha tarefa, quando lhe seria tão fácil me ajudar a vencer?

Hummin replicou:

- Se eu fosse esse tal robô, como poderia ter espaço em minha mente para vinte mil anos de história de milhões de mundos diferentes?

- Não conheço a capacidade das mentes dos robôs. Não sei qual a capacidade da sua. Mas mesmo que você não tenha essa capacidade, deve manter essas informações registradas em algum lugar seguro, e facilmente acessíveis. E se

você tem essas informações e eu preciso delas, como pode se negar a fornecê-las? E se não se recusa a fornecê-las ... então como pode negar que é um robô, aquele robô, o Renegado? Seldon recostou-se à cadeira e inspirou profundamente; depois prosseguiu: -- Portanto, vou perguntar mais uma vez: você é esse robô? Se você deseja a psico-história, então tem de admiti-la. Se continuar negando que é um robô, e se chegar a me convencer disso, então as minhas chances com a psico-história vão se tornar muitíssimo mais remotas. Cabe a você decidir. Você é um robô? Você é Da-Nee?

E então Hummin disse, imperturbável como sempre: - Seus argumentos são irrefutáveis. Sim, eu sou R. Daneel Olivaw. O "R" significa robô .

93.

R. Daneel Olivaw continuou a falar muito mansamente, mas pareceu a Seldon que havia uma mudança muito sutil no seu tom de voz, como se ele falasse mais à vontade agora que não estava mais desempenhando um papel.

- Ao longo de vinte mil anos - disse ele -, ninguém descobriu que eu era um robô, a não ser quando era esta minha intenção. Em parte, isso aconteceu porque

os seres humanos deixaram de usar robôs há tanto tempo que muito pouca gente chega sequer a lembrar que eles existiam. E em parte aconteceu porque eu tenho a capacidade de detectar e de fingir emoções humanas. Detectá-las não dá muito trabalho, mas fingir emoções é algo difícil para mim, por motivos ligados à minha natureza robótica ... embora, quando necessário, eu seja capaz de fingir razoavelmente. Tenho essa capacidade, mas ao mesmo tempo tenho que evitar usá-la. Procuro nunca interferir com as emoções alheias, a não ser quando não me resta escolha; e quando interfiro, raramente faço mais do que fortalecer, tão pouco quanto possa, emoções que já estão ali. Se eu puder atingir os meus objetivos sem ler que lançar mão desses recursos, eu farei assim.

"Não foi preciso influir muito sobre Mestre do Sol Catorze para que ele aceitasse vocês dois ... digo 'influir' porque não considero isso uma coisa agradável de fazer Não tive que lançar mão disso porque ele me devia antigos favores e é um homem muito honrado, a despeito das excentricidades que vocês constataram. Interferi em suas emoções apenas da segunda vez, quando vocês tinham cometido um sacrilégio diante de seus olhos, mas isso não me exigiu muito. Ele não estava propriamente ansioso para entregar vocês às autoridades do Império, pelas quais ele não tem qualquer simpatia. Apenas estimulei um pouco essa falta de simpatia e ele devolveu vocês dois aos meus cuidados, aceitando os argumentos que eu tinha exposto, e que em outra ocasião ele consideraria suspeitos.

"Também não interferi em suas emoções, Hari. Você também não simpatizava com o Império. Isso se dá com a maioria das pessoas hoje em dia, e esse é um fator importante na decadência e no progressivo desgaste das instituições imperiais. Além do mais, você estava orgulhoso do conceito de psico-história, estava orgulhoso de ter tido essa ideia. Você não se importaria de tentar provar que ela podia ser uma atividade prática; isso viria alimentar ainda mais o seu orgulho.

Seldon franziu a testa.

- Desculpe-me, Sr. Robô, mas não me parece que eu seja um tal monstro de orgulho.

Daneel respondeu com delicadeza:

- Você não é nenhum monstro. Você tem plena consciência de que ser arrastado pelo orgulho não é algo admirável, nem útil, e em consequência você tenta reprimir esses impulsos; mas você também pode desaprovar o fato de que seu corpo seja comandado pelas batidas de seu coração, e não pode impedir nem uma coisa nem a outra. Você esconde seu orgulho de você mesmo, em benefício

de sua própria paz de espírito, mas não pode escondê-lo de mim. Ele está aí, não importa o quão cuidadosamente você consiga mascará-lo. Tudo que eu tive a fazer foi estimulá-lo um pouco, e logo a seguir você estava disposto a tomar uma série de atitudes para não cair nas mãos de Demerzel, atitudes que um momento antes você se recusaria a tomar. E em seguida estava disposto a trabalhar na psico-história com uma intensidade que, num momento antes, você acharia ridícula.

"Não achei necessário influenciar nada mais, e desse modo você chegou a perceber a minha verdadeira natureza. Se eu tivesse previsto esta possibilidade teria tomado minhas providências para evitá-la, mas as minhas habilidades não são infinitas. Também não lamento ter falhado, porque seus argumentos são sólidos, e é importante que você saiba quem eu sou, e que eu use isto que sou para ajudá-lo.

"As emoções, meu caro Seldon, são um impulso poderoso para as ações humanas, um impulso muito mais poderoso do que os próprios humanos são capazes de perceber. Você não sabe o quanto pode se conseguir com apenas um leve toque na direção certa ... e o quanto eu reluto em fazer isso.

Seldon estava respirando fundo, tentando enxergar a si mesmo como um homem dominado pelo orgulho, e não gostando disso nem um pouco.

- Reluta por quê? - perguntou.

- Porque é algo que pode muito facilmente escapar ao controle. Eu tinha que impedir que Rashelle convertesse o Império numa anarquia feudal. Se eu tivesse manipulado bruscamente os generais wyanos, o resultado poderia ter sido uma revolta sangrenta. Homens são homens ... e os generais de Wye são quase todos homens. Não é preciso muita coisa para fazer emergir os ressentimentos e o medo latente das mulheres que existem em qualquer homem, devido a alguma razão biológica que eu, como robô, não consigo compreender plenamente.

"Tudo o que precisei fazer foi estimular esses sentimentos, para fazer abortar os planos de Rashelle. Se eu tivesse feito um mínimo de pressão além do necessário, não teria conseguido o meu objetivo ... uma tomada do poder sem derramamento de sangue. A única coisa que eu pretendia era fazer com que os wyanos não oferecessem resistência, quando minhas tropas desembarcassem."

Daneel fez uma pausa, como se estivesse escolhendo as palavras, e depois prosseguiu:

- Não quero discutir matematicamente o modo como meu cérebro positrônico funciona. É algo mais complexo do que posso entender, embora talvez para você

não o fosse tanto, desde que você dedicasse algum tempo a esse estudo. Em todo caso, basta dizer que sou governado pelas Três Leis da Robótica, que são tradicionalmente formuladas em palavras... ou pelo menos o eram há muito tempo atrás. As Leis são:

"Primeira. Um robô não pode ferir um ser humano ou, por omissão, permitir que um ser humano seja ferido

"Segunda. Um robô deve obedecer as ordens que lhe sejam dadas pelos seres humanos, exceto quando tais ordens entrem em conflito com a Primeira Lei.

"Terceira. Um robô deve proteger sua própria existência, desde que isto não entre em conflito com a Primeira e a Segunda Leis.

"Acontece que eu tive um amigo ... há vinte mil anos atrás. Outro robô. Diferente de mim. Não podia ser confundido com um ser humano, mas era dotado de poderes mentais muito fortes, e foi através dele que eu conquistei os meus próprios poderes.

"Ele achava que deveria haver uma Lei ainda mais abrangente do que as Três Leis. Ele a chamava de Lei Zero, uma vez que deveria vir antes da Primeira. Essa Lei dizia:

"Lei Zero. Um robô não pode prejudicar a humanidade ou, por omissão, permitir que a humanidade sofra algum prejuízo.

"Portanto, a Primeira Lei passaria a ser assim redigida:

"Primeira. Um robô não pode ferir um ser humano ou, por omissão, permitir que um ser humano seja ferido, exceto para evitar entrar em conflito com a Lei Zero.

"E as demais Leis seriam igualmente modificadas. Entendeu?" Daneel fez uma pausa, e Seldon respondeu:

- Sim, entendi.

Daneel continuou.

- O problema, Hari, é que um ser humano é algo fácil de identificar. Eu posso apontar para um, distingui-lo. É fácil perceber o que pode ferir ou prejudicar um ser humano, e o que não pode ... relativamente fácil, pelo menos. Mas o que é a humanidade? Quando falamos dela, para onde apontamos? E como podemos definir o que significa prejuízo para a humanidade? Quando e que uma determinada linha de ação causará à humanidade mais bem do que mal... e como podemos prever isto? Esse robô que criou a Lei Zero morreu ... tornou-se permanentemente inativo - porque foi forçado a cometer ações que ele achava

que iriam salvar a humanidade, mas ele não tinha certeza disso. E quando ele foi desativado, deixou a guarda da Galáxia ao meu cargo.

"Desde essa época eu venho fazendo o possível. Procuro limitar minhas interferências a um mínimo, e me baseio nos próprios seres humanos para julgar o que é bom e o que não é. Os humanos podem trapacear; eu não. Eles podem errar o alvo: eu não me atrevo. Eles podem ferir ou prejudicar alguém, ainda que involuntariamente: eu seria automaticamente desativado se o fizesse. A Lei Zero não abre exceção para o mal causado involuntariamente.

"Mas em certos momentos eu sou forçado a tomar atitudes.

O fato de que eu ainda esteja em funcionamento mostra o quanto minhas ações têm sido moderadas e discretas. No entanto, desde que o Império entrou neste processo de decadência, tenho sido forçado a agir com frequência cada vez maior, e há algumas décadas estou desempenhando o papel de Eto Demerzel, tentando manipular o governo imperial de forma a protelar o desmoronamento ... e, como pode ver, ainda estou funcionando.

"Quando você pronunciou sua conferência na Convenção Decenal, percebi de imediato que, usando a psico-história como instrumento, seria possível identificar o que poderia ser bom ou mau para a humanidade. Com ela, poderíamos tomar nossas decisões menos às cegas. Eu poderia mesmo confiar nos seres humanos para tomar tais decisões, e me reservar apenas para as emergências de maior gravidade. Portanto, dei um jeito de fazer com que Cleon ouvisse falar da sua conferência e mandasse chamá-lo. Diante da sua negativa, fui forçado a descobrir outra maneira de fazer com que você aceitasse a incumbência. Entendeu, Hari?

- Sim, Hummin - murmurou Seldon, atemorizado. - Entendi.

- Para você, continuarei sendo Chetter Hummin, nas raras ocasiões em que voltaremos a nos encontrar. Eu lhe fornecerei todas as informações que você julgar necessárias, e, como Eto Demerzel, cuidarei de protegê-lo da melhor maneira possível. Mas você jamais poderá usar o nome Daneel para se referir a mim.

- Não pretendo fazê-lo - apressou-se Seldon a dizer. - Já que preciso de sua ajuda, atrapalhar os seus planos só poderiam me prejudicar.

- Sim, sei disso. - Daneel deu um sorriso cansado. - Apesar de tudo, você é vaidoso o bastante para pretender ser o único pai da psico-história, Jamais admitiria que alguém chegasse um dia a ficar sabendo que você precisou da ajuda de um robô.

Seldon enrubesceu. - Eu não ...

- Sim, embora você procure esconder isso até de você mesmo. E isto é importante, porque eu estou incrementando essa emoção em você quase imperceptivelmente, de tal modo que você jamais será capaz de falar sobre mim a quem quer que seja. Isso jamais lhe passará pela cabeça.

- Eu tenho a suspeita de que Dors sabe sobre ...

- Sim, ela sabe a meu respeito. E ela também não pode falar sobre mim a quem quer que seja. Agora que vocês dois conhecem minha verdadeira identidade, podem falar sobre isso um com o outro, mas não a alguma outra pessoa.

Daneel empurrou a cadeira para trás.

- Hari, tenho muito trabalho a fazer agora. Daqui a algum tempo, você e Dors serão levados de volta ao Setor Imperial. ..

- Aquele garoto, Raych ... ele tem que me acompanhar. Não posso abandoná-lo. E há um jovem dahlita, chamado Yugo Amaryl, que ...

- Compreendo. Raych acompanhará vocês dois, e você pode tomar as providências necessárias em relação a qualquer amigo seu. Todos vocês serão bem cuidados. E você começará a trabalhar na psico-história. Terá uma equipe. Terá computadores e todo o material de referência que considerar necessário. Procurarei interferir o mínimo possível, e se houver alguma resistência ao seu trabalho você terá que resolver os problemas sozinho, desde que isso não ameace a sorte de sua missão.

- Espere um pouco, Hummin - disse Seldon, com urgência na voz. - E se, apesar de toda sua ajuda e todo o meu trabalho, não for possível transformar a psico-história num instrumento prático? O que acontecerá, se eu falhar?

- Nesse caso - disse Daneel-, eu tenho à mão um segundo projeto. Algo em que venho trabalhando há muito tempo, noutro planeta, de um modo diferente. É algo também muito complicado, e sob certos aspectos mais radical do que a psico-história. Pode falhar também, mas as chances de sucesso são maiores quando abrimos duas trilhas do que quando abrimos apenas uma.

"Ouça o que lhe digo, Hari ... Se chegar um momento em que você for capaz de montar um instrumento destinado a impedir que o pior aconteça, dê um jeito de montar dois instrumentos, porque se um deles falhar o outro pode cumprir a tarefa. O Império deve ser preservado, ou então reconstruído sobre novas fundações. Faça com que haja duas, em vez de apenas uma, se for possível."

Ele ficou de pé.

- Agora tenho que voltar ao meu trabalho, e você vai voltar ao seu. Não se preocupe. Cuidarão de você.

Com um leve aceno de cabeça, ele afastou-se.

Seldon ficou a acompanhá-lo com o olhar, e depois murmurou:

- Primeiro tenho de falar com Dors.

94.

– O palácio foi liberado - disse Dors. - Rashelle não sofreu nenhum ferimento.

E logo você será levado de volta ao Setor Imperial, Hari.

- E você, Dors? - perguntou ele, com a voz levemente embargada.

- Creio que voltarei para a Universidade - disse ela. - Meu trabalho está parado, minhas aulas abandonadas.

Não, Dors. Tenho uma tarefa mais importante para você. - O que é?

- A psico-história. Não posso assumir esse projeto sem você.

- Claro que pode. Sou analfabeta em matemática.

- E eu em História ... e precisamos das duas.

Dors deu uma gargalhada.

- Desconfio de que você, como matemático, é alguém fora de série, mas eu como historiadora sou apenas razoável, nada de excepcional. Você pode encontrar uma grande quantidade de historiadores que serão muito mais úteis à psico-história do que eu.

- Nesse caso, Dors, deixe-me dizer-lhe que a psico-história precisa de muito mais do que de um matemático e uma historiadora. Precisa de uma grande disposição para enfrentar um trabalho que pode durar uma vida inteira. Sem você, Dors, eu não terei essa disposição .

- Claro que terá.

- Dors, se você não vier comigo, eu não terei. Dors o fitou, pensativa.

- Esta discussão é inútil, Hari. Sem dúvida que Hummin é quem vai tomar a decisão final. Se ele me mandar de volta à Universidade ...

- Ele não vai.

- Como pode ter certeza?

- Porque eu o disse claramente a ele. Se ele mandar você de volta à Universidade, eu voltarei para Helicon, e o Império pode vir abaixo.

- Você não pode estar falando sério.

- Claro que estou.

- Ainda não percebeu que Hummin pode modificar seus sentimentos de modo a que você queira trabalhar na psico-história, mesmo sem mim?

- Seldon sacudiu a cabeça.

- Hummin não tomaria uma decisão tão arbitrária. Já conversei com ele. Ele não pode manipular à vontade as mentes humanas, porque está limitado por algo que ele chama as Leis da Robótica. Mudar a minha mente até o ponto em que eu não queira mais você ao meu lado, Dors, seria uma mudança de tais proporções que ele não estaria disposto a correr o risco. Por outro lado, se ele me deixar em paz e se você se juntar a mim no projeto, ele terá o que deseja ... uma chance real de obter a psico-história. Por que não escolheria isto?

Dors retrucou:

- Ele pode não concordar, por razões só dele.

- Mas por quê?

- Você foi incumbida de me proteger, Dors. Hummin cancelou essa determinação?

- Não.

- Então ele deseja que você continue me protegendo. E eu preciso de sua proteção.

- Contra o quê? Agora você tem toda a proteção de Hummin, tanto no papel de Demerzel quanto no de Daneel, e isso é o máximo que você pode desejar.

- Se eu tivesse a proteção de todas as pessoas e todos os exércitos da Galáxia, ainda assim seria a sua que eu iria requisitar.

- Então você não precisa de mim para a psico-história. Precisa para sua proteção.

Seldon fechou a cara.

- Não! Por que está distorcendo minhas palavras? Por que está me forçando a dizer algo que você já sabe o que é? Não se trata de psico-história nem de proteção. Isso são apenas pretextos, e eu usarei qualquer outro pretexto que venha a ser necessário. Eu quero você ... só você. E se quer saber a verdadeira

razão para isso é simplesmente porque você é você.

- Você nem sequer me conhece.

- Isso não importa. Eu não ligo. Além do mais, conheço você de certa forma. Mais do que você imagina.

- É mesmo?

- Sim. Você obedece ordens a ponto de arriscar sua vida por mim sem hesitação e sem aparentemente se preocupar com as consequências Você aprendeu a jogar tênis com extrema rapidez. Você aprendeu a manejar facas com rapidez ainda maior, e se saiu perfeitamente bem na briga com Marron. Sobre humanamente bem ... eu diria. Seus músculos são incrivelmente fortes, e seus reflexos são incrivelmente rápidos. Você consegue perceber quando um quarto está sendo espionado, e consegue entrar em contato com Hummin de algum modo que não envolve nenhum tipo de instrumento.

- E o que você acha disso tudo? - perguntou ela.

- Ocorreu-me a ideia de que Hummin, como R. Daneel Olivaw, tem em mãos uma tarefa impossível. Como pode um único robô tentar dirigir um Império? Ele deve ter ajudantes.

- Isso é óbvio. Milhões deles, eu acho. Eu sou uma ajudante.

Você é um ajudante. Raych é um ajudante. - Você é um tipo diferente de ajudante.

- Em que sentido? Vamos, Hari, diga. Se você escutar sua própria voz dizendo isso, você vai perceber o quanto é sem sentido.

Seldon a fitou demoradamente, e por fim falou, em voz muito baixa:

- Não, não vou dizer. Não vou porque ... porque eu não me importo.

- Não? - perguntou Dors. - Você me quer. .. do jeito que eu sou?

- Eu quero você, do jeito que as coisas são. Você é Dors, e não importa o que mais você é. Não há outra coisa no mundo que eu deseje tanto.

Dors disse, suavemente:

- Hari, eu quero tudo o que há de bom para você, devido ao que eu sou. Mas eu sinto que, mesmo que eu fosse algo diferente, eu ainda iria querer para você tudo que há de bom. E eu não acho que eu seja boa para você.

- Boa ou má, eu não ligo. - Seldon caminhava de um lado para outro, os olhos baixos, como que sopesando o que iria dizer em seguida. - Dors, você já foi beijada?

- Claro, Hari. Faz parte da vida social, e eu vivo em sociedade.

- Não, não! Quero dizer: já beijou de verdade um homem? Apaixonadamente?

- Ora, Hari, sim.

- Gostou?

Dors hesitou, e depois disse:

- Quando beijei desse modo eu me senti melhor do que teria me sentido caso desapontasse um rapaz de quem eu gostava, e cuja amizade era importante para mim. - Nesse ponto, Dors enrubesceu, e virou o rosto para o outro lado. - Por favor, Hari. Isso é algo muito difícil de explicar.

Mas Seldon, mais determinado do que nunca, aumentou a pressão. - Então você o beijou por outros motivos ... para evitar ferir os sentimentos dele.

- Num certo sentido, é o que todo mundo faz.

Seldon ruminou esta resposta durante algum tempo, e de súbito perguntou:

- Você já pediu para ser beijada?

Dors fez uma pausa, como se repassando a própria vida.

- Não - disse, por fim.

- Ou desejou ser beijada outra vez, logo após um beijo?

- Não.

Já foi para a cama com um homem? - perguntou ele com uma voz suave, desesperada.

- Claro. Já lhe disse. Essas coisas fazem parte da vida.

- Seldon a agarrou pelos ombros como se quisesse sacudi-la.

- Mas já sentiu desejo, necessidade de estar muito perto de uma pessoa em especial? Dors, você já sentiu amor?

Dors ergueu os olhos muito lentamente, quase com tristeza, até fitar os olhos de Seldon.

- Sinto muito, Hari, mas ... não.

Seldon a largou, e seus braços ficaram pendendo, frouxos, junto ao corpo.

Dors tocou-lhe no braço com a mão e disse:

- Está vendo, Hari ... não sou mesmo o que você quer. Seldon ficou cabisbaixo, fitando o solo. Examinou mais uma vez toda a questão, tentando pensar racionalmente, até que por fim desistiu. Queria o que queria; e queria aquilo para

além de todo pensamento, e para além de toda racionalidade.

Ergueu os olhos para ela.

- Dors, querida ... mesmo assim, eu não me importo. Seldon pôs os braços em volta dela e foi aproximando o rosto muito devagar, como se temesse que ela tentasse se afastar, ao mesmo tempo em que a puxava mais para perto.

Dors não se moveu, e ele a beijou ... lentamente, demoradamente, e por fim com uma paixão cada vez maior - até que de súbito os braços dela o envolveram e o apertaram.

Quando ele finalmente parou, ela o fitou com olhos onde se refletia seu sorriso, e disse:

– Beije-me outra vez, Hari ... por favor.

* * *

{1} Todas as citações extraídas da Enciclopédia Galáctica aqui reproduzidas são de sua 116ª edição publicada no ano 1.020 E.F. pela Companhia Editora Enciclopédia Galáctica, Terminus, com a autorização dos editores.

{2} Trocadilho baseado na semelhança de pronúncia entre Wye e Why ("Por quê"). (N. do T.)

{3} Uma descrição fiel da pronúncia em inglês de Earth (Terra). (N. do T.)

ISAAC ASIMOV

Origens da Fundação

Tradução de
RONALDO SÉRGIO DE BIASI

Título original norte-americano
FORWARD THE FOUNDATION

Para todos os meus leitores fiéis

PARTE I: ETO DEMERZEL

DEMERZEL, ETO -... Embora não haja dúvida de que Demerzel tenha sido o verdadeiro governante durante a maior parte do reinado do imperador Cleon I, os historiadores se dividem quanto à natureza da sua administração. A interpretação clássica é de que ele era mais um na longa linha de opressores violentos e implacáveis que se sucederam no último século de existência do Império Galáctico, mas existem aqueles que insistem em defini-lo como um déspota benévolo. Este último ponto de vista está ligado ao seu relacionamento com Hari Seldon, que infelizmente até hoje não foi bem esclarecido, particularmente no que diz respeito ao curioso episódio de Laskin Joranum, cuja ascensão meteórica..

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA[1]

1

- Repito, Hari - disse Yugo Amaryl, - que seu amigo, Demerzel, está com problemas. - Ele enfatizou ligeiramente a palavra amigo, com uma inconfundível expressão de desagrado. Hari Seldon percebeu o tom amargo, mas preferiu ignorá-lo. Levantou os olhos do tri-computador e replicou:

- E eu repito, Yugo, que isso não faz sentido. - Em seguida, com um traço de contrariedade, apenas um traço, acrescentou: - Por que me faz perder tempo com a sua insistência?

- Porque acho que isso é importante - respondeu Amaryl, sentando-se e olhando para ele com ar desafiador. O gesto indicava que não sairia dali facilmente. Ali estava e ali pretendia ficar.

Oito anos antes, ele era um térmico em Dahl. Mais baixo na escala social, seria impossível. Seldon o tirara daquela situação, transformando-o em um matemático, em um intelectual... mais do que isso, em um psico-historiador.

Nem por um minuto poderia esquecer o que fora e o que era agora, nem a quem devia a mudança, e isso queria dizer que se tivesse que falar asperamente com Hari Seldon - para o bem de Seldon - nem o respeito e amizade que sentia pelo homem mais velho, nem a preocupação com a própria carreira, o fariam calar-se. Devia isso, e muito mais, a Seldon.

- Escute, Hari - disse, agitando a mão esquerda no ar, - por algum motivo que escapa à minha compreensão, você tem esse Demerzel em alta conta, mas eu não. Ninguém cuja opinião eu respeite, a não ser você, acha que ele vale alguma coisa. Pessoalmente, não me importo com o que possa acontecer a ele, Han, mas já que você se importa, não me resta alternativa a não ser conversar com você a respeito. Seldon sorriu, tanto pela franqueza do outro como pelo que considerava como uma preocupação infundada. Gostava de Yugo Amaryl. Era uma das quatro pessoas que conhecera durante o curto período em que fora um fugitivo na superfície do planeta Trantor: Eto Demerzel, Dors Venabili, Yugo Amaryl e Raych. Quatro pessoas diferentes de todas que conhecera desde então.

Cada uma dessas pessoas, à sua maneira, era indispensável. Precisava de Yugo Amaryl por causa dos seus conhecimentos dos princípios da psico-história e da forma como sabia aplicá-los a novas situações. Era uma tranquilidade saber que se alguma coisa acontecesse a Seldon antes que a matemática da disciplina

fosse totalmente formulada (e o progresso era tão lento, as dificuldades tão grandes!), pelo menos restaria alguém para continuar a pesquisa.

- Sinto muito, Yugo. Não queria me mostrar impaciente nem fazer pouco das suas apreensões. É esse o meu trabalho. Não é fácil ser chefe de departamento...

Foi a vez de Amaryl sorrir e conter o riso.

- Desculpe, Hari, eu não devia achar graça, mas você não foi talhado para essa posição.

- Sei disso muito bem, mas terei que aprender. Preciso dar a impressão de que estou trabalhando em alguma coisa inócua, e nada, nada pode ser mais inócuo do que ser chefe do Departamento de Matemática da Universidade de Streeling. Faço de conta que estou envolvido com tarefas sem importância para que ninguém fique curioso a respeito de nossas pesquisas no campo da psico-história, mas o problema é que eu realmente estou envolvido com tarefas sem importância e não tenho tempo para... - varreu com olhos o escritório, olhou para os computadores com arquivos aos quais apenas ele e Amaryl tinham acesso, e que, mesmo que alguém os consultasse, tinham sido cuidadosamente codificados em uma simbologia especial que apenas os dois eram capazes de compreender.

- Depois que estiver mais familiarizado com o cargo, começará a delegar poderes e terá mais tempo livre para outras atividades - afirmou Amaryl.

- Espero que sim - disse Seldon, sem muita convicção. - Mas, afinal, o que há de tão importante a respeito de Eto Demerzel?

- Simplesmente que Eto Demerzel, o primeiro-ministro do imperador, está criando todas as condições para um golpe de Estado. Seldon franziu a testa.

- Por que ele teria interesse em fazer isso?

- Não disse que ele tem interesse. Está simplesmente fazendo isso, conscientemente ou não... e com uma ajuda substancial dos seus inimigos políticos. Por mim, está bem, você entende. Acho que, em circunstâncias normais, seria ótimo vê-lo fora do palácio, fora de Trantor... até fora do Império. Acontece que você tem Demerzel em alta conta, e por isso acho que tenho o dever de preveni-lo, pois suspeito que não esteja acompanhando os acontecimentos políticos recentes tão de perto quanto deveria.

- Tenho coisas mais importantes para fazer - protestou Seldon.

- Como trabalhar no desenvolvimento da psico-história. Concordo. Mas como vamos desenvolver a psico-história se ignorarmos a política? Estou me referindo à política do dia-a-dia. Agora, agora, é o momento em que o presente está se transformando no futuro. Não podemos nos limitar a estudar o passado. Sabemos o que aconteceu no passado. É com o presente e o futuro próximo que

devemos comparar nossos resultados.

- Tenho a impressão de que já ouvi esse argumento antes.

- E vai ouvi-lo de novo. Parece que não adianta explicar isso a você. Seldon suspirou, recostou-se no assento e sorriu para Amaryl. O rapaz podia ser insolente, mas levava a sério a psico-história, e isso compensava tudo.

Amaryl ainda conservava a marca dos anos que passara trabalhando como térmico. Tinha os ombros largos e os músculos desenvolvidos de uma pessoa acostumada a trabalhos braçais. Não permitira que a flacidez se apossasse do seu corpo e isso era bom, porque inspirava Seldon a resistir à tentação de passar o tempo todo atrás de uma escrivaninha. Ele não tinha a mesma força física que Amaryl, mas ainda era um exímio truncador, embora já passasse dos quarenta anos e não pudesse manter aquilo para sempre. Por enquanto, porém, continuaria; graças aos exercícios diários, a cintura continuava fina e as pernas e braços ainda estavam firmes.

- Essa preocupação com Demerzel não pode ser simplesmente porque ele é meu amigo. Você deve ter outra razão.

- É claro que tenho. Enquanto você for amigo de Demerzel, sua posição aqui na universidade estará segura e poderá continuar a trabalhar em sua pesquisa da psico-história.

- Aí está. Eu tenho motivo para ser amigo dele. É fácil de entender.

- Você tem interesse em agradá-lo. Isso eu compreendo. Quanto à amizade entre vocês dois... isso eu não entendo. Entretanto... se Demerzel fosse alijado do poder, independentemente do efeito que isso pudesse ter sobre a sua posição, o governo passaria para as mãos de Cleon, o que certamente tornaria mais acelerada a decadência do Império. Chegaríamos à anarquia antes de termos tempo de investigar todas as implicações da psico-história e usar a ciência para salvar a humanidade.

- Entendo o que quer dizer. Acontece que, sinceramente, não acho que vamos desenvolver a psico-história a tempo de evitar a queda do Império.

- Mesmo que não seja possível impedir a queda, podemos amenizar seus efeitos, não podemos?

- Talvez.

- Pois é isso. Quanto mais tempo tivermos para trabalhar em paz, mais chance teremos de evitar a queda, ou pelo menos amenizar seus efeitos. Já que é assim, temos a obrigação de salvar Demerzel, mesmo que nós... mesmo que eu não goste dele. - Você disse ainda há pouco que gostaria de vê-lo fora do palácio, fora de Trantor e até fora do Império.

- Isso em circunstâncias normais. Acontece que não estamos vivendo em circunstâncias normais e precisamos do nosso primeiro-ministro, mesmo que ele

seja um instrumento de repressão e despotismo.

- Entendo. Mas que o faz pensar que o Império esteja tão próximo do abismo que a queda de um primeiro-ministro pode representar a gota d'água?

- A psico-história.

- Está usando a psico-história para fazer previsões? O arcabouço ainda não está completo. Como pode fazer previsões?

- Usando a minha intuição, Hari.

- As pessoas sempre usaram a intuição. Queremos algo mais, não queremos? Queremos um tratamento matemático que nos forneça as probabilidades de acontecimentos futuros a partir de uma série de condições iniciais. Se a intuição fosse suficiente, não haveria necessidade da psico-história.

- Não é uma questão de escolher uma ou outra, Hari. Estou falando de ambas. A combinação das duas pode ser melhor do que qualquer uma delas isoladamente... pelo menos até que a psico-história seja aperfeiçoada.

- Se um dia chegar a ser - afirmou Seldon. - Mas diga-me, onde está esse perigo para Demerzel? Por que afirma que é possível que ele seja deposto? Está falando em deposição, não está?

- Estou - respondeu Amaryl, muito sério.

- Então me explique. Perdoe a minha ignorância. Amaryl enrubesceu.

- Está sendo condescendente, Hari. Certamente já ouviu falar de Jo-Jo Joranum.

- Claro que sim. Ele é um demagogo... Espere, qual é mesmo o seu planeta? Nishaya, certo? Um planeta sem importância. Dedicado à criação de cabras, se não me falha a memória. Queijos de boa qualidade.

- Isso mesmo. Acontece que ele não é apenas mais um demagogo. Tem muitos seguidores e está ficando cada vez mais forte. Suas metas são a justiça social e uma maior participação política do povo.

- Foi o que ouvi dizer. Seu lema é: "O governo pertence ao povo."

- Não é bem isso, Hari. O que ele diz é que "O governo é o povo".

Seldon assentiu.

- Sabe de uma coisa? Concordo com ele.

- Eu também. Estaria do lado de Joranum, se acreditasse que estava sendo sincero. Acontece que usa esse lema apenas para se promover. No fundo, o que deseja é derrubar Demerzel. Depois disso, será fácil manipular o imperador Cleon. O objetivo final de Joranum é conquistar o trono. Você mesmo disse que houve vários episódios semelhantes na história do Império, e atualmente o Império está mais fraco e menos estável do que no passado. Um golpe que, em séculos passados, o teria apenas abalado, hoje pode ser capaz de despedaçá-lo. Será devastado pela guerra civil e não teremos a psico-história

para nos dizer o que deve ser feito.

- Agora estou entendendo aonde quer chegar, mas acho que não vai ser fácil derrubar Demerzel.

- Não faz ideia de como o apoio a ele tem crescido ultimamente.

- Isso não faz muita diferença. - Uma sombra pareceu passar pelo rosto de Seldon. - Imagino por que os pais o batizaram de Jo-Jo. Parece mais um apelido.

- Os pais não têm nada a ver com isso. Seu nome verdadeiro é Laskin, um nome muito comum em Nishaya. Ele próprio escolheu Jo-Jo, provavelmente a partir da primeira sílaba do sobrenome.

- Uma infantilidade, não acha?

- Não, não acho. A multidão repete: "Jo... Jo... Jo... Jo...", sem parar. É hipnótico.

- Nesse caso - disse Seldon, fazendo menção de voltar para diante do tricomputador e ajustar a simulação multidimensional que estava criando, - vamos ver o que acontece.

- Como pode ser tão displicente? Estou lhe dizendo que o perigo é real.

- Não, não é - declarou Seldon, subitamente sério. - Você não conhece todos os fatos.

- Quais são os fatos que não conheço?

- Discutiremos isso em outra ocasião, Yugo. No momento, continue o seu trabalho e deixe que eu me preocupe com Demerzel e a sobrevivência do Império.

Amaryl apertou os lábios. Estava acostumado a obedecer a Seldon sem discutir.

- Está bem, Hari.

Daquela vez, porém, era diferente. Voltou-se da porta e disse:

- Está cometendo um erro, Hari. Seldon sorriu.

- Acho que não, mas ouvi sua advertência e não Vou esquecê-la. Não se preocupe, vai dar tudo certo.

No momento em que Amaryl deixou o escritório, o sorriso desapareceu dos lábios de Seldon. Será que tudo iria dar certo mesmo?

2

Embora Seldon não tivesse esquecido a advertência de Amaryl, não pensava nela com frequência. Seu quadragésimo aniversário chegou e passou, com o golpe psicológico de praxe.

Quarenta anos! Já não era nenhum rapaz. A vida não mais se estendia à sua frente como um vasto território inexplorado, o horizonte perdido na distância. Estava em Trantor há oito anos e o tempo passara muito depressa. Mais oito anos e estaria chegando à casa dos cinquenta. Dali à velhice seria um passo.

E ainda não tinha conseguido desenvolver a psico-história como desejava! Amaryl falava em leis, formulava equações, baseando-se em parte na teoria e em parte na intuição, mas como poderia testar a validade das hipóteses? A psico-história não era uma ciência experimental, ou pelo menos as experiências exigiriam populações inteiras, levariam séculos para ser concluídas e envolveriam uma ausência total de responsabilidade ética.

Era um problema impossível, e ele se ressentia de ter que perder tempo com as atividades do departamento, de modo que foi para casa naquele dia de mau humor.

Normalmente, bastava pôr os pés do lado de fora do escritório para se sentir melhor. O campus tinha um pé-direito muito alto e lhe dava a sensação de estar ao ar livre sem a necessidade de submeter-se às intempéries, como em sua primeira e única visita ao Palácio Imperial. Havia árvores, gramados e alamedas, quase como se estivesse no campus da universidade onde se formara, em Helicon.

Naquele dia tinha sido criada a ilusão de um céu nublado, com a luz solar (não havia nenhum sol, é claro, mas apenas luz solar) aparecendo e desaparecendo a intervalos irregulares. E estava fazendo um pouquinho de frio. Apenas um pouquinho. Seldon tinha a impressão de que os dias frios estavam ficando um pouco mais frequentes nos últimos tempos. Será que Trantor estava economizando energia? Será que estava trabalhando com menos eficiência? Ou será (ele fez uma careta quando pensou nisso) que estava ficando velho e seu sangue tinha ficado mais ralo? Enfiou as mãos nos bolsos do casaco e encolheu os ombros.

Em geral, não precisava prestar atenção no caminho. Seu corpo conhecia muito bem o caminho do escritório até a sala do computador e dali até o apartamento. Caminhava sem reparar nas coisas que o cercavam, imerso em seus pensamentos. Naquele dia, porém, um som penetrou na sua consciência. Um som sem nenhum significado.

- Jo... Jo... Jo... Jo...

Era fraco e distante, mas o fez lembrar-se de alguma coisa. Sim, a

advertência de Amaryl. O demagogo. Estaria ali, no campus?

As pernas o fizeram mudar de rumo, quase sem pensar, e o levaram, passando por uma pequena colina, até o estádio, que era usado como campo de esportes e centro de reuniões dos estudantes.

No meio do campo, uma pequena multidão aplaudia com entusiasmo um desconhecido que discursava, em tom veemente, de cima de uma plataforma.

De uma coisa tinha certeza: aquele homem não era Joranum. Seldon vira Joranum algumas vezes na holovisão, e desde a conversa com Amaryl começara a prestar atenção nele. Joranum era corpulento e sorria com uma espécie de cumplicidade maliciosa. Tinha cabelos ruivos e olhos azuis.

O orador era franzino e tinha cabelos escuros. Seldon não estava prestando atenção nas palavras, mas ouviu a frase "...distribuir melhor o poder..." e os vivas com que foi recebida.

Ótimo, pensou Seldon, mas como pretende conseguir isso? Além do mais, será que está sendo sincero?

Agora estava no meio da multidão e olhou em torno, à procura de um conhecido. Avistou Finangelos, um jovem estudante de matemática. Era um rapazinho simpático, moreno, cabeludo.

- Finangelos! - chamou.

- Professor Seldon - disse Finangelos, depois de olhar fixamente para ele por alguns momentos, como se não pudesse reconhecê-lo longe de um terminal de computador.

Aproximou-se. - O senhor veio escutar esse sujeito?

- Vim para cá atraído pelo barulho. Quem é ele?

- O nome é Namarti, professor. Está falando em nome de Jo-Jo.

- Isso eu já sei - afirmou Seldon, enquanto a multidão prorrompia novamente em aplausos. Aparentemente, o orador tinha acabado de dizer mais alguma frase de efeito.

- Mas quem é esse Namarti? Não me lembro do nome. Em que faculdade ensina?

- Ele não é professor da universidade, professor. É um dos homens de Jo-Jo.

- Se ele não trabalha aqui, não tem direito de falar em público sem permissão. Será que ele tem permissão?

- Não sei, professor.

- Pois então vamos descobrir.

Seldon fez menção de dirigir-se para a plataforma, mas Finangelos segurou-o pelo braço.

- É melhor não fazer isso, professor. Ele não está sozinho. Havia seis

rapazes musculosos atrás do orador, de braços cruzados, com cara de poucos amigos.

- Seguranças?

- Isso mesmo.

- Mesmo que tenha uma permissão, ela não cobriria os seus capangas. Finangelos, telefone para a polícia do campus. Na verdade, não sei por que eles ainda não estão aqui.

- Talvez não queiram se envolver - murmurou Finangelos. - Por favor, professor, não faça nada até eu voltar. Se quer que eu chame a PC, eu chamo, mas espere até eles chegarem.

- Talvez eu possa resolver isso sozinho.

Começou a abrir caminho entre os espectadores. Não foi difícil. Alguns o reconheceram, e todos podiam ver o distintivo de professor que levava no ombro. Apoiando-se com as duas mãos, subiu para a plataforma com um leve gemido. Pensou com tristeza que dez anos antes teria vencido a altura de um metro usando apenas uma das mãos e sem gemer.

Endireitou o corpo. O orador tinha parado de falar e estava olhando para ele, desconfiado.

- Gostaria de ver sua permissão para falar aos estudantes - disse Seldon, calmamente.

- Quem é você? - perguntou o orador, em voz alta, como se quisesse que todos o escutassem.

- Sou um membro do corpo docente desta universidade - respondeu Seldon, também em voz alta. - Onde está sua permissão?

- Não reconheço o seu direito de me interrogar a respeito.

- Os rapazes que estavam com ele chegaram mais perto.

- Se não tem permissão, é melhor se retirar imediatamente.

- E se eu me recusar?

- Para seu governo, a polícia do campus está a caminho.

- Seldon voltou-se para os estudantes. - Meus caros alunos, o direito de expressão e manifestação é garantido nesta universidade, mas poderá ser revogado se permitirmos a realização de palestras não autorizadas por parte de... Sentiu uma mão pesada no ombro e interrompeu o que estava dizendo. Olhou para trás e viu que era um dos seguranças. O homem disse, com um forte sotaque que Seldon não conseguiu identificar imediatamente

- Dê o fora daqui, depressa.

- De que adiantaria? - disse Seldon. - A polícia do campus vai chegar a qualquer momento.

- Nesse caso - declarou o orador, Namarti, com um sorriso diabólico, -

vai haver um tumulto. Isso não nos assusta nem um pouco.

- Claro que não. Vocês bem que gostariam, mas não vai haver nenhum tumulto. Vão embora pacificamente.

Voltou-se de novo para os estudantes e tirou a mão que estava no seu ombro.

- Vamos cuidar para que seja assim, não vamos?

Alguém na multidão gritou:

- É o professor Seldon. Ele está certo. Deixem-no em paz!

Seldon percebeu que a multidão estava indecisa. Havia alguns, ele sabia, que adorariam um confronto com a polícia do campus, mesmo que fosse apenas por uma questão de princípios. Por outro lado, certamente havia outros que o conheciam pessoalmente ou que, mesmo que não o conhecessem, não aceitariam que um membro do corpo docente fosse intimidado por aqueles brutamontes.

- Cuidado, professor! - advertiu uma voz feminina. Seldon suspirou e olhou para os agressores. Não sabia se seria capaz de enfrentá-los. Apesar de ser um excelente truncador, talvez seus reflexos não fossem suficientemente rápidos.

Um dos capangas se aproximou, excessivamente confiante, é claro. Não estava com pressa, o que deu a Seldon o tempo de que necessitava. O homem estendeu o braço, tentando empurrá-lo, o que tornou as coisas ainda mais fáceis.

Seldon agarrou-lhe o braço, girou o corpo, fez um movimento rápido, com um gemido (por que tinha que gemer?) e o homem saiu voando, movido em parte pelo seu próprio

impulso. Foi cair na beira da plataforma, com o ombro deslocado.

A inesperada reação de Seldon fez a multidão dar vivas. Instantaneamente, um orgulho institucional tomou conta da plateia.

- Muito bem, professor! - exclamou uma voz solitária. Outros se juntaram a ele.

Seldon ajeitou o cabelo e procurou respirar normalmente. Empurrou com o pé o capanga caído para fora da plataforma.

- Mais alguém? - perguntou, sem levantar a voz. - Não acham melhor irem embora?

Vendo que Namarti e os outros cinco capangas não sabiam o que fazer, Seldon disse:

- Os estudantes estão do meu lado. Se insistirem, eles vão reduzi-los a pedacinhos... OK, quem é o próximo? Um de cada vez, por favor.

Disse a última frase em voz alta, fazendo pequenos movimentos desafiadores com os dedos. A multidão aplaudiu.

Namarti permaneceu teimosamente onde estava. Seldon colocou-se atrás dele e deu-lhe uma gravata. Vários estudantes subiram na plataforma e se

colocaram entre os dois e os guarda-costas, gritando:

- Um de cada vez! Um de cada vez!

Seldon apertou com mais força a garganta do outro e sussurrou no seu ouvido:

- Sei o que estou fazendo, Namarti. Tenho experiência. Um movimento em falso e esmago lhe a laringe. Se dá valor à sua voz, obedeça-me. Quero que diga aos seus capangas para irem embora. Se disser qualquer outra coisa, serão suas últimas palavras. E se voltar a este campus, não serei tão complacente.

Afrouxou ligeiramente a pressão. Namarti disse, com voz rouca:

- Vão embora. Vão embora.

Os capangas se retiraram apressadamente, levando com eles o colega ferido.

Momentos depois, quando a polícia do campus chegou, Seldon disse a eles:

- Desculpe, senhores. Alarme falso.

Deixou o estádio e foi a pé para casa, bastante contrariado. Revelara uma faceta de sua personalidade que não pretendia revelar. Ele era Hari Seldon, o matemático, e não Had Seldon, o truncador. Além do mais, pensou, aborrecido, Dors na certa ficaria sabendo. Pensando melhor, era melhor contar à moça o que acontecera, antes que ela ouvisse uma versão exagerada dos fatos. Ela não iria gostar nada.

3

Dors realmente não gostou.

Quando Seldon chegou, ela estava à espera na porta do apartamento, com a mão na cintura, muito parecida com a Dors que ele vira pela primeira vez naquela mesma universidade, oito anos antes. Esguia, de corpo fino, cabelos dourados com um leve tom de ruivo, muito bonita a seus olhos, embora talvez não fosse bonita em termos objetivos; Seldon não se sentia capaz de julgá-la em termos objetivos.

Dors Venabili! Foi o que Seldon pensou quando viu seu rosto calmo. Havia muitos planetas, e mesmo setores de Trantor, em que ela teria passado a se chamar Dors Seldon, mas isso, na opinião de Seldon, seria colocar indevidamente uma marca de propriedade na moça, o que ele se recusava a fazer,

embora o costume fosse adotado desde os tempos nebulosos da era pré-imperial.

- Já soube do que aconteceu - disse Dors, com um leve movimento de cabeça que mal agitou os cachos de cabelo dourado. - O que Vou fazer com você?

- Um beijo não seria nada mau.

- Pode ser, mas primeiro vamos discutir este assunto. Entre. - Seldon entrou e fechou a porta. - Você sabe, querido, que tenho meu curso e minha pesquisa. Ainda estou escrevendo aquela horrível história do Reino de Trantor, que você considera essencial para o seu trabalho. Será que eu devia largar tudo para ficar a seu lado e protegê-lo? Sinto-me responsável por você. Ainda mais agora, que está fazendo progresso no campo da psico-história.

- Fazendo progresso? Gostaria de estar. Mas você não precisa me proteger.

- Não preciso? Mandei Raych à sua procura. Afinal de contas, você estava atrasado e fiquei preocupada. Geralmente você avisa quando vai chegar tarde. Desculpe se estou falando como se fosse sua guardiã, Hari, mas a verdade é que sou sua guardiã.

- Já lhe ocorreu, minha guardiã, que de vez em quando posso querer um pouco de liberdade?

- Se alguma coisa acontecer com você, o que Vou dizer a Demerzel?

- Cheguei atrasado para o jantar? Você já ligou para o serviço de jantar?

- Não. Estava à sua espera. Já que está aqui, ligue você. É bem mais requintado que eu em matéria de comida. E não mude de assunto.

- Raych não informou que eu estava bem? Que mais há para discutir?

- Quando ele encontrou você, a situação estava sob controle, mas ele não teve tempo de me contar os detalhes. Em que tipo de confusão você se envolveu? Seldon deu de ombros.

- Estavam realizando uma reunião ilegal, Dors, e acabei com ela. Se eu não agisse, a universidade teria um problema e tanto pela frente.

- E só você estava em condições de evitá-lo? Hari, você não é mais um truncador. Você é um...

- Um velho? - completou Seldon.

- Para um truncador, sim. Você tem quarenta anos. Como se sente?

- Meio enferrujado.

- Posso imaginar. Se continuar a fazer de conta que ainda é um jovem atleta heliconiano, um dia desses vai quebrar uma costela. Agora conte-me exatamente o que aconteceu.

- Eu lhe contei que Amaryl acha que a demagogia de Joranum pode trazer dificuldades para Demerzel.

- Jo-Jo. Sim, você me contou. O que você não me contou? O que aconteceu hoje na universidade?

- Um grupo de estudantes se reuniu no estádio. Um partidário de Jo-Jo, chamado Namarti, estava fazendo um discurso...

- Namarti é Gambol Deen Namarti, o braço direito de Joranum.

- Parece que você sabe mais a respeito dele do que eu. Seja como for, ele estava falando para uma verdadeira multidão. Não tinha permissão para fazê-lo, e acho que pretendia causar algum tipo de tumulto. Se conseguisse fechar a universidade, mesmo que por pouco tempo, acusaria Demerzel de atentar contra a liberdade de expressão. Eles põem a culpa em Demerzel de tudo que acontece de errado. Mas eu os detive. Consegui pô-los para fora antes que houvesse um tumulto.

- Parece orgulhoso disso.

- E por que não? Nada mau, para um homem de quarenta anos.

- Foi por isso que interveio? Para mostrar do que ainda
é capaz?

Seldon pensou na resposta enquanto ligava para o serviço de jantar. Afinal, disse:

- Não. Eu estava realmente preocupado com a universidade. Também estava preocupado com Demerzel. Acho que as histórias de Yugo me afetaram mais do que eu pensava. É tolice, Dors, porque sei que Demerzel é perfeitamente capaz de cuidar de si mesmo. Não posso revelar isso a Yugo, nem a mais ninguém, mas nós dois conhecemos a verdade. - Respirou fundo. - Ainda bem que pelo menos posso conversar com você a respeito. Nós dois sabemos que Demerzel é intocável. Nós e mais ninguém.

Dors apertou um botão na parede e uma luz suave, cor de pêssego, iluminou a sala de jantar. Os dois foram até lá. A mesa já estava posta, com copos, talheres e pratos. Quando se sentaram, o jantar começou chegar (àquela hora tardia, a demora era mínima) e Seldon o recebeu com toda a naturalidade. Há muito tempo se acostumara àquela posição social, que tornava desnecessário que os dois frequentassem os refeitórios públicos.

Seldon saboreou os fermentes que aprendera a apreciar durante a estada em Mycogen, a única coisa naquele setor estranho, místico, retrógrado, machista, que não detestara.

- Que quer dizer com "intocável"? - perguntou Dors.

- Ora, querida, você sabe que ele é capaz de afetar as emoções das pessoas. Se achar que Joranum está ficando perigoso, pode... alterá-lo - afirmou, com um gesto vago. - Fazê-lo mudar de ideia.

Dors parecia pouco à vontade e a refeição prosseguiu em um silêncio

pouco natural. Só depois que terminaram e as sobras, pratos, talheres e todo o resto desceram pelo duto de refugos ao lado da mesa foi que a moça disse:

- Não sei se devo falar a respeito, Hari, mas não posso deixar que seja traído por sua inocência.

- Inocência? - repetiu Seldon, franzindo a testa.

- Isso mesmo. Nunca discutimos este assunto. Não esperava que ele viesse à baila, mas Demerzel tem suas limitações. Ele não é intocável. Pode ser vencido, e Joranum é um perigo real.

- Está falando sério?

- Estou. Você não compreende os robôs, principalmente um robô tão complexo como Demerzel, mas eu sim.

4

Houve um novo silêncio, mas dessa vez porque Seldon estava pensando furiosamente. Sim, era verdade, sua mulher parecia entender profundamente de robôs. Hari pensara nisso muitas vezes nos últimos anos, até desistir e esquecer o assunto. Se não fosse por causa de Eto Demerzel, um robô, Hari jamais teria conhecido Dors. Porque Dors trabalhava para Demerzel. Fazia oito anos que Demerzel colocara Dors no caso Hari, encarregando a moça de protegê-lo durante sua fuga pelos vários setores de Trantor. Embora agora fosse sua esposa, sua "cara-metade", Hari ocasionalmente pensava na estranha ligação de Dors com o robô. Era a única parte da vida de Dors que não lhe dizia respeito. E isso lhe trouxe à mente a questão mais crucial de todas: seria por amor que Dors estava com ele, ou apenas por obediência a Demerzel? Gostaria de acreditar na primeira hipótese, e no entanto...

Sua vida com Dors Venabili era feliz, mas por um preço, com uma condição. A condição era ainda mais penosa porque tinha sido estabelecida não em discussão aberta, mas por um acordo tácito. Seldon sabia que encontrara em Dors tudo que poderia desejar em uma esposa. Não tinha filhos, é verdade, isso não o incomodava. Tinha Raych, a quem amava como um filho.

O simples fato de pensar a respeito representava a quebra do acordo que lhes permitira viver em paz e conforto durante todos aqueles anos. A lembrança o deixou irritado.

Procurou pensar em outra coisa. Aprendera a aceitar o papel da moça

como protetora e continuaria a fazê-lo. Afinal de contas, era com ela que compartilhava um lar, uma mesa e uma cama... não com Eto Demerzel.

A voz de Dors tirou-o do devaneio.

- Eu perguntei se ficou aborrecido, Hari.

Seldon teve um sobressalto quando percebeu que a moça estava falando pela segunda vez.

- Desculpe, querida. Não, não fiquei aborrecido. Estava pensando em como responder à sua afirmação.

- A respeito de robôs? - Ela parecia muito calma ao pronunciar a palavra.

- Você afirmou que entende muito mais de robôs do que eu. Como espera que eu reaja? - Fez uma pausa e depois acrescentou (sabendo que estava correndo um risco):

- Isto é, sem ofendê-la.

- Não disse que você não entendia de robôs, e sim que não compreendia os robôs. Tenho certeza de que conhece muitas coisas a respeito de robôs, talvez até mais do que eu, mas conhecer não é necessariamente compreender.

- Dors, você está usando paradoxos para me irritar. Os paradoxos são sempre causados por ambiguidades, propositais ou não. Não gosto de paradoxos na ciência e não gosto deles em conversas informais, a menos que tenham propósitos humorísticos, o que não parece ser o caso.

Dors riu da sua maneira discreta, quase como se o humor fosse precioso demais para ser compartilhado sem reservas.

- Sabe que às vezes você fica pedante quando se aborrece? Mas Vou tentar lhe explicar. Não tive nenhuma intenção de irritar você.

A moça deu-lhe um tapinha na mão, e Seldon percebeu, surpreso (e ligeiramente envergonhado) que ela estava crispada. Dors prosseguiu:

- Você fala muito a respeito da psico-história. Pelo menos comigo. Já notou isso?

Seldon pigarreou.

- Claro que sim, e peço desculpas. O projeto é secreto, por sua própria natureza. A psico-história não dará certo a menos que as pessoas envolvidas nada saibam a respeito, de modo que só posso conversar sobre o assunto com Yugo e com você. Para Yugo, é tudo intuição. Ele é brilhante, mas é também tão irrefletido que preciso agir com prudência, para mantê-lo na linha. Entretanto, também tenho meus voos de imaginação, e gosto de repetir minhas ideias em voz alta, mesmo que... - ele sorriu - ...mesmo que eu saiba que você não entende uma palavra do que estou dizendo.

- Sei que pensa assim, e não me importo. Eu realmente não me importo, Hari, de modo que não quero que você mude a sua maneira de ser. Naturalmente,

não compreendo a sua matemática. Sou apenas uma historiadora, e nem mesmo uma historiadora da ciência. No momento, o estudo da influência das mudanças econômicas sobre os acontecimentos políticos toma a maior parte do meu tempo...

- Pensa que não sei? Ultimamente, você só tem falado sobre isso! E quando chegar a hora, seus conhecimentos serão muito úteis para a minha teoria da psico-história.

- Ótimo! Agora que sabemos por que você continua a meu lado... eu sabia que não era por causa de minha beleza radiante... deixe-me dizer que uma vez ou outra, quando sua discussão se desvia do terreno puramente matemático, tenho a impressão de que percebo aonde quer chegar. Você já comentou comigo várias vezes o que chama de necessidade de minimalismo. Acho que entendo o conceito. com isso, você quer dizer...

- Sei o que quero dizer.

Dors pareceu ofendida.

- Não seja tão orgulhoso, por favor, Hari. Não estou tentando explicar a psico-história a você. Estou tentando explicá-la para mim mesma. Você diz que gosta de repetir seus pensamentos em voz alta. Não é justo que eu faça o mesmo?

- É justo, mas não precisa me acusar de ser orgulhoso só porque...

- Chega! Cale a boca! Você me disse que o princípio do minimalismo é muito importante para a psico-história aplicada, ou seja, para a arte de tentar transformar acontecimentos indesejáveis em acontecimentos desejáveis, ou pelo menos aceitáveis. Você me disse que as mudanças a serem executadas devem ser as menores possíveis.

- É verdade - concordou Seldon, com entusiasmo, - porque...

- Não, Hari. Sou eu que estou tentando explicar. Nós dois sabemos que você conhece perfeitamente o assunto. Devemos usar o princípio do minimalismo porque toda mudança, qualquer mudança, tem milhares de efeitos colaterais que nem sempre podem ser previstos. Se a mudança for muito grande e os efeitos colaterais muito numerosos, o resultado estará muito longe do planejado, a ponto de se tornar imprevisível.

- Isso mesmo - disse Seldon. - É isso que define os efeitos caóticos. O problema é saber se existem mudanças suficientemente pequenas para que as consequências sejam previsíveis ou se a história humana é inevitavelmente caótica. Foi isso que, desde o início, me fez pensar que a psico-história não era...

- Eu sei, mas você não está me deixando concluir. Não estou interessada em saber se é possível executar mudanças suficientemente pequenas. O fato é que toda mudança maior que um certo mínimo é caótica. O mínimo pode ser

zero, mas, mesmo que não seja zero, deve ser muito pequeno, e não é fácil encontrar uma mudança que seja ao mesmo tempo suficientemente grande para ser significativa e suficientemente pequena para introduzir perturbações caóticas. Essa, pelo que pude entender, é a essência do princípio do minimalismo.

- Mais ou menos - observou Seldon. - Naturalmente, a questão pode ser expressa de forma muito mais compacta e elegante na linguagem da matemática. Veja, por exemplo...

- Poupe-me - disse Dors. - Já que você usa o princípio do minimalismo na psico-história, Hari, deveria também usá-lo com relação a Demerzel. Você tem o conhecimento, mas não a compreensão, porque aparentemente não lhe ocorreu aplicar as regras da psico-história às leis da robótica.

- Não entendo aonde você quer chegar - replicou Seldon, debilmente

- Ele também tem que usar o minimalismo, não é mesmo, Hari? Pela Primeira Lei da Robótica, um robô não pode fazer mal a um ser humano. Esta é a primeira regra para um robô comum, mas Demerzel não é um robô comum. Para ele, a Lei Zero é uma realidade e tem precedência até mesmo sobre a Primeira Lei. A Lei Zero diz que um robô não pode fazer mal à humanidade como um todo. Isso coloca Demerzel no mesmo dilema que você tem que enfrentar em seus estudos da psico-história. Não percebe?

- Estou começando a perceber.

- Espero que sim. Se Demerzel é capaz de influenciar as pessoas, certamente procura fazê-lo sem causar efeitos colaterais indesejáveis. Já que é primeiro-ministro do imperador, os efeitos colaterais com os quais tem que se preocupar devem ser muito numerosos.

- Que é que isso tem a ver com nossa discussão?

- Pense! Você não pode contar a ninguém, exceto eu, naturalmente, que Demerzel é um robô, porque ele ajustou a sua mente para que não possa fazê-lo. Mas o ajuste necessário foi tão grande assim? Você estava interessado a revelar a todos que ele é um robô? Estava interessado em desmoralizá-lo quando precisava da sua proteção, das suas verbas, da sua influência? Claro que não. O ajuste que ele teve de fazer foi muito pequeno, apenas o suficiente para impedir que você dissesse a verdade em um momento de raiva ou descuido. Um ajuste tão pequeno que provavelmente não teve efeitos colaterais significativos. É assim que Demerzel procura governar o Império em geral.

- E o caso de Joranum?

- O caso de Joranum é diferente. Ele faz oposição sistemática a Demerzel. É claro que Demerzel poderia mudar isso, mas não sem afetar profundamente a personalidade de Joranum, o que traria consequências que nem mesmo Demerzel seria capaz de prever. Em vez de correr o risco de fazer mal a

Joranum, de produzir efeitos colaterais capazes de fazer mal a outras pessoas e possivelmente a toda a humanidade, ele prefere deixar Joranum em paz até que consiga encontrar alguma mudança, alguma pequena mudança capaz de corrigir a situação sem introduzir complicações desnecessárias. É por isso que Yugo está certo e Demerzel é vulnerável.

Seldon tinha escutado, mas não respondeu. Parecia perdido nos seus pensamentos. Minutos se passaram antes que declarasse:

- Se Demerzel não pode fazer nada, então a responsabilidade é minha.

- Se ele não pode fazer nada, por que você poderia?

- Porque não estou sujeito às Leis da Robótica. Não preciso me preocupar com o minimalismo. Para começar, Vou falar com Demerzel.

Dors parecia levemente preocupada.

- Acha isso realmente necessário? Talvez seja imprudente revelar que existe uma ligação entre vocês dois.

- Chegamos a um ponto em que não adianta mais fingir que não existe uma ligação. É claro que não Vou anunciar isso na holovisão, mas preciso vê-lo.

5

A demora estava deixando Seldon irritado. Oito anos antes, logo depois de chegar a Trantor, podia tomar uma decisão e executá-la sem perda de tempo.

Tinha apenas um quarto de hotel e uns poucos pertences a deixar para trás e estava livre para viajar à vontade pelos setores de Trantor.

Agora, tinha que pensar nas reuniões do departamento, nas tarefas do dia-a-dia. Era difícil arranjar tempo livre para ir falar com Demerzel. Além disso, o outro também tinha uma agenda apertada. Não era fácil conciliar os horários dos dois.

Também não era fácil ver Dors sacudir a cabeça e dizer:

- Não sei o que pretende fazer, Hari. Ele respondeu, com impaciência:

- Nem eu mesmo sei o que pretendo fazer, Dors. Pretendo descobrir quando Demerzel me receber.

- A sua primeira obrigação é para com a psico-história. É o que ele vai lhe dizer.

- Talvez sim, talvez não.

Quando finalmente conseguiu marcar um encontro para dali a oito dias,

recebeu uma mensagem na tela da parede do escritório, escrita com caligrafia ligeiramente arcaica. O texto era ainda mais arcaico: "Anelo por uma audiência com o professor Hari Seldon."

Seldon ficou olhando para a mensagem, surpreso. Nem mesmo o imperador costumava receber bilhetes escritos em uma linguagem tão vetusta.

Além disso, a assinatura não estava escrita em letras de fôrma, como de costume. Tinha sido desenhada com capricho, com um requinte que a deixava perfeitamente legível mas ao mesmo tempo lhe emprestava a aura de uma obra de arte. A assinatura era de Laskin Joranum. Nada menos que Jo-Jo, anelando por uma audiência.

Seldon começou a rir baixinho. Agora estava clara a razão para a escolha de palavras e para a caligrafia. O autor queria transformar um simples pedido em objeto de curiosidade. Seldon não estava ansioso para conhecer o homem, ou por outra, normalmente não estaria. Tinha que admitir, porém, que o bilhete despertara o seu interesse.

Pediu à secretária para reservar uma hora e um lugar para a reunião. Seria na universidade, e não na sua casa. Uma conversa de negócios, nada de pessoal. E teria que acontecer antes do encontro com Demerzel.

- Isso para mim não é surpresa, Hari - disse Dors. - Você brigou com os seus amigos, um deles o seu braço direito; expulsou os do campus; humilhou-o, na pessoa dos seus representantes. Por isso, quer conhecê-lo. Acho melhor ir com você.

Seldon sacudiu a cabeça.

- Vou chamar Raych. Ele conhece todos os truques que conheço e é bem mais moço do que eu. Embora eu esteja certo de que não Vou precisar de um guarda-costas.

- Por que diz isso?

- Porque ele vai me procurar na universidade. Estaremos cercados de estudantes. Joranum é o tipo de homem que planeja seus movimentos de antemão. Ele não se arriscaria a tentar alguma coisa no meu território. Tenho certeza de que vai se portar de forma civilizada.

- Hum - fez Dors, levantando ligeiramente o canto da boca.

- É inteiramente mortal - concluiu Seldon.

6

Hari Seldon se manteve impassível e baixou a cabeça apenas o suficiente para não ser descortês. Tinha se dado ao trabalho de examinar uma série de holografias de Joranum, mas, como era frequente acontecer, o original, sem retoques, mudando constantemente em reposta a condições variáveis, não se parecia muito com as holografias. Talvez, pensou Seldon, fosse a resposta do observador ao "original" que tornava as coisas diferentes.

Joranum era um homem alto, tão alto quanto Seldon, mas maior em outras direções. E a diferença não estava nos músculos, porque dava a impressão de flacidez, embora não fosse exatamente gordo. Tinha rosto redondo, cabelos ruivos, olhos azuis. Usava um macacão desbotado e tinha um meio sorriso nos lábios que dava a impressão de afabilidade, embora deixasse claro, de alguma forma, que se tratava apenas de uma impressão.

- Professor Seldon - começou, com a voz grave e controlada de alguém que está acostumado a falar em público, - é um imenso prazer conhecê-lo. Foi muita bondade sua concordar em receber-me. Espero que não se aborreça por ter trazido um companheiro, um dos meus braços direitos, sem lhe pedir permissão. O nome dele é Gambol Deen Namarti. Acho que já se conhecem.

- É verdade. Lembro-me dele muito bem - disse Seldon, olhando para o outro e dirigindo-lhe um sorriso irônico.

Da vez anterior, Namarti estava discursando no Estádio Universitário. Agora, tinha oportunidade de examiná-lo com mais vagar. Era um homem de estatura mediana, rosto magro, muito pálido, cabelos escuros e boca larga. Sua expressão era de cautela.

- Meu amigo, Dr. Namarti... o título é em literatura antiga... pediu para vir comigo - afirmou Joranum. - Ele queria lhe pedir desculpas.

Olhou para Namarti e o outro disse, com voz impessoal:

- Sinto muito, professor, pelo que aconteceu no estádio. Eu não sabia que precisava de permissão para falar no campus e me deixei levar pelo entusiasmo do momento.

- O que é perfeitamente compreensível - acrescentou Joranum. - Ele também não sabia com quem estava falando. Acho que podemos esquecer aquele pequeno incidente.

- Estejam certos de que ele já foi esquecido - disse Seldon. - Este é meu filho, Raych Seldon. Como podem ver, eu também trouxe um companheiro.

Raych tinha o bigode preto e abundante que era a marca registrada dos dahlitas. Estava bem diferente de quando Seldon o conhecera oito anos antes, quando era um menino de rua, faminto e maltrapilho. Era baixo, mas rijo e flexível, e havia muito tempo que adotara uma expressão altiva para tentar

acrescentar alguns centímetros espirituais a sua altura física.

- Bom dia, meu jovem - disse Joranum.

- Com dia, senhor - respondeu Raych.

- Sentem-se, por favor - disse Seldon. - Posso oferecer-lhes alguma coisa para comer ou beber?

Joranum levantou as mãos em sinal de recusa.

- Não, obrigado. Esta não é uma visita social. - Sentou-se no lugar que Seldon indicara. - Embora eu tenha esperança de que muitas visitas desse tipo venham a ocorrer no futuro.

- Se vamos falar de negócios, é melhor começarmos.

- Professor Seldon, fui informado a respeito do pequeno incidente que o senhor gentilmente concordou em esquecer, e imaginei por que razão se teria disposto a correr o risco que correu. Porque foi um risco, deve admitir.

- Na verdade, não achei que estivesse correndo nenhum risco.

- Discordo do senhor. Seja como for, tomei a liberdade de levantar alguns dados a seu respeito, professor Seldon. O senhor é uma pessoa fascinante. Fui informado de que nasceu em Helicon.

- Sim, foi lá que nasci. Isso não é segredo.

- Faz oito anos que está aqui em Trantor.

- Isso também não é segredo.

- E ficou famoso, logo ao chegar, por ter feito uma palestra a respeito de uma teoria revolucionária chamada de... como é mesmo o nome?... psico-história.

Seldon teve um pequeno sobressalto. Como se arrependia de ter cometido aquela imprudência! Só que, naturalmente, não podia saber na época que estava cometendo uma imprudência.

Ele disse:

- Um caso de entusiasmo juvenil. Não deu em nada.

- Verdade? - Joranum olhou em torno com ar de surpresa. - E no entanto está aqui, à frente do departamento de matemática de uma das maiores universidades de Trantor, com apenas quarenta anos de idade. A propósito, tenho quarenta e dois anos, de modo que não o considero muito velho. Deve ser um matemático muito competente para chegar tão depressa a essa posição.

Seldon deu de ombros.

- Não compete a mim julgar.

- Ou talvez tenha amigos influentes.

- Nós todos gostaríamos de ter amigos influentes, Sr. Joranum, mas acho que não encontrará nenhum aqui. Professores universitários raramente têm amigos influentes, ou, como às vezes sou levado a pensar, amigos de qualquer

espécie. - Ele sorriu.

Joranum retribuiu o sorriso.

- Não consideraria o imperador como um amigo influente, professor Seldon?

- Claro que sim, mas o que tem isso a ver comigo?

- Fui levado a crer que o imperador era seu amigo.

- Estou certo de que está nos registros, Sr. Joranum, que oito anos atrás tive uma audiência com Sua Majestade Imperial. Ela durou menos de uma hora e o imperador não demonstrou nenhuma amizade especial pela minha pessoa. Desde aquele dia, não tornei a vê-lo, a não ser, naturalmente, na holovisão.

- Professor, não é necessário falar com o imperador para tê-lo como um amigo influente. É suficiente estar nas boas graças de Eto Demerzel, o primeiro-ministro.

Demerzel é seu protetor, o que significa que, para todos os efeitos práticos, o imperador também o é.

- Essa minha suposta relação com o primeiro-ministro está nos registros, ou encontrou qualquer coisa nos registros que o levou a concluir que sou um protegido de

Demerzel?

- Para que procurar nos registros quando é fato sabido que existe uma relação entre vocês dois? O senhor sabe que é verdade e eu sei que é verdade. Vamos aceitar isso como um fato e continuar. Por favor - acrescentou, levantando as mãos, - não tente negar. Seria perda de tempo.

- Na verdade - disse Seldon, - eu ia perguntar por que acha que ele me protegeria. com que objetivo?

- Professor! Está tentando me ofender fingindo pensar que sou um poço de ingenuidade? Mencionei a sua psico-história, na qual Demerzel está interessado.

- E eu lhe disse que foi um entusiasmo juvenil, que não deu em nada.

- Pode me dizer muitas coisas, professor. Não sou obrigado a acreditar no que me diz. Vamos, deixe-me falar francamente. Li o seu artigo original e tentei compreendê-lo com a ajuda de matemáticos de minha equipe. Eles me disseram que é uma fantasia, uma especulação irrealizável...

- Concordo com eles - disse Seldon.

- Mas tenho a impressão de que Demerzel está esperando que a psico-história seja desenvolvida e posta em prática. E se ele pode esperar, eu também posso. Seria mais interessante para o senhor, professor Seldon, que seja eu a esperar.

- Por quê?

- Porque Demerzel não vai continuar por muito tempo no poder. A opinião pública está se voltando contra ele. Quando o imperador se cansar de um primeiro-ministro impopular, que ameaça arrastá-lo com ele para o ostracismo, tratará de arranjar um substituto. Pode ser até que recorra à minha humilde pessoa. E o senhor ainda vai precisar de um protetor, alguém que lhe permita trabalhar em paz e com verbas adequadas.

- E o senhor seria esse protetor?

- Naturalmente, e pelas mesmas razões que Demerzel. Acho que a psico-história me permitirá governar o Império de forma mais eficiente.

Seldon fez que sim com a cabeça, pensativamente, esperou um momento e disse:

- Nesse caso, Sr. Joranum, por que devo me preocupar? Sou um modesto professor e levo uma vida tranquila, envolvido em atividades pedagógicas e de pesquisa. Está me dizendo que Demerzel é meu protetor atual e que será meu futuro protetor. Nesse caso, posso continuar a cuidar da minha vida. O senhor e o primeiro-ministro que se entendam. Seja quem for o vencedor, poderei contar com um protetor, ou pelo menos é o que está me dizendo.

O sorriso de Joranum pareceu ficar ainda mais forçado. Namarti, ao lado dele, olhou de cara feia para Joranum e fez menção de dizer alguma coisa, mas o outro silenciou-o com um gesto quase imperceptível. Joranum disse:

- Dr. Seldon, o senhor é um patriota?

- Claro que sou. O Império deu à humanidade milênios de paz e progresso.

- É verdade, mas nos últimos dois séculos o progresso foi bem menor.

Seldon deu de ombros.

- Não sei do que está falando.

- Sabe, sim. Sabe que os últimos dois séculos foram séculos de instabilidade política. Os reinados foram curtos. Alguns imperadores morreram assassinados...

- Não fale assim - interrompeu Seldon. - Não vê que podemos ser acusados de traição?

- Está vendo? - disse Joranum, recostando-se no assento. - Está vendo como se sente inseguro? O Império se encontra em franca decadência. Estou disposto a dizer isso abertamente. Aqueles que me apoiam o fazem porque sabem que é verdade. Precisamos de alguém ao lado do imperador que seja capaz de controlar o Império, subjugar os movimentos rebeldes que parecem estar surgindo em toda parte, dar às forças armadas a liderança natural de que carecem no momento, reformular a economia...

Seldon o interrompeu com um gesto impaciente.

- O senhor se propõe a fazer tudo isso?

- Exatamente. Não é uma tarefa fácil e duvido que haja muitos voluntários, por motivos óbvios. Demerzel certamente não é a pessoa indicada. Se ele continuar no poder, a decadência do Império continuará até o colapso total.

- O senhor acha que será capaz de reverter o processo?

- Sim, Dr. Seldon. com a sua ajuda. com a ajuda da psico-história.

- Talvez Demerzel pudesse usar a psico-história para evitar o colapso... se a psico-história existisse.

- Ela existe - afirmou Joranum, calmamente. - Não vamos fingir o contrário. Entretanto, isso não torna mais confortável a posição de Demerzel. A psico-história é apenas um instrumento. Precisa de um cérebro para compreendê-la e um braço para aplicá-la.

- E o senhor dispõe dos dois, ao que presumo?

- É verdade. Tenho as minhas qualidades. Quero que me dê a psico-história.

Seldon sacudiu a cabeça.

- Pode querer à vontade. Ela não existe.

- Existe, sim. Não Vou perder tempo com discussões tolas. - Joranum inclinou-se para a frente, como se estivesse querendo introduzir a voz no ouvido de Seldon, em vez de deixar que as ondas sonoras a levassem até lá. - O senhor afirmou que é um patriota. Preciso tomar o lugar de Demerzel para evitar que o Império seja destruído.

Entretanto, o próprio processo de substituição pode enfraquecer o Império de forma irreversível. Não desejo que isso aconteça. O senhor pode me ajudar a assegurar que a transição seja feita de forma suave... para o bem do Império.

- Isso não é verdade - disse Seldon. - Está me atribuindo conhecimentos que não possuo. Mesmo que estivesse disposto a ajudá-lo, não teria como fazê-lo.

Joranum levantou-se bruscamente.

- Bem, já sabe o que penso e o que espero do senhor. Pense a respeito. E pense no Império. Pode achar que tem uma dívida de amizade para com Demerzel, o homem que está prestes a arruinar os milhões de planetas que abrigam a humanidade. Tome cuidado. O que fizer poderá abalar os fundamentos do Império. Peço-lhe que me ajude em nome dos quatrilhões de seres humanos que habitam a Galáxia. Pense no Império.

A voz de Joranum se transformara quase num sussurro. Seldon sentiu-se emocionado.

- Nunca deixarei de pensar no Império - assegurou.

- Então é tudo que lhe peço no momento - disse Joranum. - Obrigado por me receber.

Quando a porta deslizou sem ruído e os dois homens se retiraram, Seldon ficou olhando para eles, pensativo. Franziu a testa. Alguma coisa o incomodava, mas não sabia bem o que era.

7

Os olhos escuros de Namarti permaneceram fixos em Joranum. Os dois estavam no escritório do setor de Streeling. Era uma sede modesta; ainda eram fracos em Streeling, mas não o seriam por muito tempo.

Era espantoso como o movimento estava crescendo. Começara do nada, fazia três anos, e agora seus tentáculos se estendiam em alguns lugares com mais força do que outros, é claro - por todo o planeta. Os Mundos Exteriores ainda estavam praticamente intocados. Demerzel se esforçara bastante para mantê-los satisfeitos, mas tinha sido um erro. Era ali, em Trantor, que as revoluções eram perigosas. Em outros lugares, podiam ser controladas.

Ali, Demerzel podia ser derrubado. Era estranho que não percebesse isso, mas Joranum sempre achara que a reputação de Demerzel era exagerada; que se revelaria um adversário insignificante se alguém tivesse coragem de desafiá-lo; e que o imperador seria o primeiro a sacrificá-lo se achasse que sua própria segurança estava em jogo.

Até o momento, pelo menos, todas as previsões de Joranum tinham se concretizado. Ele jamais fora derrotado, exceto em questões de menor importância, como aquele comício na universidade, interrompido graças à interferência de Seldon.

Talvez fosse essa a razão pela qual Joranum insistira em avistar-se com o professor. Mesmo um pequeno percalço merecia ser investigado. Joranum gostava da sensação de infalibilidade e Namarti precisava admitir que a visão de uma série interminável de sucessos era a forma mais garantida de assegurar o sucesso continuado. As pessoas tendiam a evitar a humilhação da derrota colocando-se do lado vencedor, mesmo contra as próprias convicções.

Mas será que a entrevista com Seldon tinha sido um sucesso, ou um segundo pequeno percalço a se juntar ao primeiro? Namarti não gostara da ideia

de acompanhar o chefe para desculpar-se humildemente e não achava que isso tivesse contribuído em nada para a causa.

Agora Joranum estava ali sentado, em silêncio, obviamente perdido em seus pensamentos, mordiscando um polegar como se pudesse extrair dele algum tipo de alimento

mental.

- Jo-Jo - disse Namarti, baixinho. Era uma das poucas pessoas que podiam chamar Joranum pelo diminutivo usado pelas multidões. Joranum usava o apelido carinhoso

para conquistar a estima das multidões, mas exigia respeito em particular, a não ser por parte dos poucos amigos que estavam com ele desde o começo.

- Jo-Jo - repetiu. Joranum levantou os olhos.

- Sim, G. D., o que foi? - Parecia levemente irritado.

- O que vamos fazer com aquele tal de Seldon, Jo-Jo?

- Fazer? Nada, no momento. Talvez ele passe para o nosso lado.

- Por que esperar? Podemos pressioná-lo. Basta puxarmos algumas cordinhas na universidade que a vida ficará insuportável para ele.

- Não, não. Até agora, Demerzel tem nos deixado em paz. O idiota está nos subestimando. A última coisa que queremos é que ele entre em ação antes que estejamos preparados.

E é o que pode acontecer se fizermos alguma coisa contra Seldon. Desconfio que Seldon desempenha um papel muito importante nos planos de Demerzel.

- Por causa dessa tal de psico-história?

- Isso mesmo.

- De que se trata? Nunca ouvi falar a respeito.

- Poucas pessoas ouviram. É uma forma matemática de analisar as sociedades humanas, que na prática equivale a prever o futuro.

Namarti franziu a testa e recuou ligeiramente. Será que Joranum estava brincando? Será que esperava que ele risse? Namarti tinha dificuldade em saber quando ou por que as pessoas esperavam que ele risse. Na verdade, raramente sentia vontade de rir.

- Prever o futuro? Como? - perguntou.

- Ah! Se eu soubesse, para que precisaria de Seldon?

- Francamente, não acredito nisso, Jo-Jo. Como é que alguém poderia prever o futuro? Isso é coisa de charlatães!

- Eu sei, mas depois que Seldon acabou com o seu comício, mandei investigá-lo. Em profundidade. Há oito anos, ele chegou a Trantor e apresentou um trabalho a respeito da psico-história em um congresso de matemática. Depois

disso, a coisa morreu. Nunca mais foi mencionada por ninguém, nem mesmo Seldon.

- Nesse caso, parece que não tinha nenhum valor.

- Oh, não, pelo contrário. Se tivesse desaparecido lentamente, se tivesse sido ridicularizada, eu concordaria com você. Mas o fato de ter sido suprimida de forma completa e definitiva só pode significar que se tornou um segredo capital. Talvez seja por isso que Demerzel nada tem feito para nos deter. Talvez não esteja nos subestimando; talvez esteja sendo guiado pela psico-história, que está prevendo alguma coisa da qual Demerzel pretende tirar partido no momento oportuno. Se for assim, nossa única saída é recorrer também à psico-história.

- Seldon afirma que a psico-história não existe.

- Você não diria a mesma coisa no lugar dele?

- Ainda acho que devíamos pressioná-lo.

- Seria inútil, G. D. Nunca ouviu a história do Machado de Venn?

- Não.

- É porque você não nasceu em Nishaya. É uma lenda famosa na minha terra natal. Para resumir, Venn era um lenhador que tinha um machado mágico capaz de derrubar qualquer árvore com um único golpe. Embora fosse extremamente valioso, o dono não se preocupava em escondê-lo ou defendê-lo, e mesmo assim ninguém se interessava em roubá-lo, porque Venn era a única pessoa capaz de levantar o machado.

"No momento, Seldon é a única pessoa capaz de usar a psico-história. Se ele fosse forçado a cooperar conosco, jamais poderíamos confiar nos seus conselhos. Ele poderia perfeitamente nos sugerir uma linha de ação que nos parecesse perfeitamente razoável mas que, a longo prazo, por algum detalhe sutil, nos levasse ao desastre. Não, ele precisa se juntar a nós voluntariamente e colaborar conosco porque deseja a nossa vitória."

- Como vamos conseguir isso?

- O filho de Seldon. Raych, acho que é esse o nome. Reparou nele?

- Não particularmente.

- G. D., G. D., precisa ser mais observador. O rapaz me escutou com um brilho nos olhos. Ficou impressionado, tenho certeza. Se há uma coisa de que entendo, é da minha capacidade de impressionar as pessoas. Sei quando uma pessoa está prestes a ser convertida para a nossa causa.

Joranum sorriu. Não foi o sorriso beatífico das aparições públicas, mas um sorriso genuíno, frio e ameaçador.

- Vamos ver o que podemos fazer com Raych - afirmou - e se, através dele, podemos chegar a Seldon.

8

Depois que os dois políticos saíram, Raych olhou para Hari Seldon e cofiou o bigode. O gesto era gratificante. Ali no setor imperial, alguns homens usavam bigodes, mas eram apêndices ralos, desprezíveis, de cor indefinida. A maioria raspava o lábio superior. Seldon, por exemplo, era um, e fazia muito bem. com a sua cor de cabelo, um bigode ficaria ridículo.

Ficou olhando para Seldon, que parecia perdido em seus pensamentos, à espera de que lhe desse atenção. Depois, não conseguiu mais se conter.

- Papai! - chamou.

Seldon levantou os olhos e exclamou:

- O quê?

Parecia um pouco aborrecido com a interrupção, pensou Ravch. Ele disse:

- Acho que não devia ter recebido aqueles dois.

- Por que não?

- Para começar, o mais magro... como é mesmo o nome dele?... aquele que enfrentou no estádio. Ele saiu daqui furioso.

- Mas ele me pediu desculpas!

- De má vontade. E o outro, Joranum... parece um tipo perigoso. E se eles estivessem armados?

- O quê? Aqui na universidade? No meu escritório? Impossível. Não estamos em Billibotton. Além do mais, se partissem para uma agressão, eram apenas dois. Eu saberia me defender.

- Não sei, não, papai. Você está ficando...

- Cuidado com o que diz, seu ingrato - disse Seldon, levantando o dedo em sinal de admoestação. - Está começando a falar como a sua mãe. Eu não estou ficando velho.

- Pelo menos, não tão velho assim. Além disso, você estava comigo e é um truncador quase tão bom como eu.

Raych torceu o nariz.

- Nem sempre a trunca resolve. - (Era inútil. Raych ouviu a própria voz e teve consciência de que, mesmo depois de oito anos, ainda achava mais fácil falar com o sotaque dahlita, que o identificava como membro da classe pobre. E era baixo, também, a ponto de às vezes se sentir raquítico. Por outro lado, tinha

seu bigode, e ninguém jamais o tratara com desprezo duas vezes seguidas.) - O que vai fazer a respeito de Joranum? - perguntou.

- Nada, por enquanto.

- Escute, papai, outro dia pedi uma listagem dos discursos de Joranum no meu computador. Todo mundo está falando nele, de modo que fiquei curioso para saber quais eram as suas propostas. Sabe de uma coisa? O que ele diz faz sentido. Não gosto dele, não confio nele, mas tenho que concordar com a maior parte de suas reivindicações.

Ele quer que todos os setores tenham direitos e oportunidades iguais, o que é muito justo, não acha?

- Claro que acho. Todas as pessoas civilizadas pensam dessa forma.

- Então por que não é assim? Por que o imperador não toma uma providência? Nem Demerzel?

- O imperador e o primeiro-ministro têm o Império inteiro para cuidar. Eles não podem pensar apenas em Trantor. É fácil para Joranum falar em igualdade. Ele não tem nenhuma responsabilidade administrativa. Se estivesse no governo, descobriria que seus esforços estariam diluídos por um Império de 25 milhões de planetas. Não apenas isso, mas teria que lutar contra os interesses dos próprios setores. Cada um está atrás de igualdade para si próprio, mas não defende a igualdade dos outros.

Diga-me, Raych, você acha que Joranum deveria ter uma oportunidade para colocar suas teorias em prática?

Raych deu de ombros.

- Não sei. Estou na dúvida... mas se ele tentasse fazer alguma coisa contra você, estaria no seu pescoço em um piscar de olhos.

- Quer dizer que sua lealdade a mim é maior que a sua preocupação com o Império.

- É claro que sim. Você é meu pai.

Seldon olhou para Raych com carinho, mas sentiu uma certa insegurança. Até que ponto podia chegar a influência quase hipnótica de Joranum?

9

Hari Seldon recostou-se na cadeira e o encosto se inclinou para trás, permitindo-lhe assumir uma postura semi-reclinada. Colocou as mãos atrás da cabeça e semicerrou os olhos. Mal parecia respirar.

Dors Venabili estava do outro lado da sala, com o visor desligado e os microfilmes de volta no lugar. Acabara de rever o que escrevera a respeito do incidente de Fiorina, um episódio marcante na história de Trantor, e resolvera descansar tentando adivinhar no que Seldon estava pensando.

Tinha que ser na psico-história. Provavelmente passaria o resto da vida investigando as ramificações daquela técnica semicaótica e terminaria com um trabalho inacabado, deixando aos outros (Amaryl, principalmente, se o rapaz também não se tivesse consumido no processo), com relutância, a tarefa de completá-lo.

Entretanto, isso lhe dava uma razão para viver. Viveria mais tempo com o problema do que sem ele, e isso agradava à moça. Um dia o perderia, ela sabia, e o pensamento a entristeceu. Não parecia que seria assim no começo, quando sua tarefa era simplesmente a de protegê-lo para defender o que sabia.

A partir de quando aquilo se tornara uma questão pessoal? Como podia ser uma questão pessoal? O que havia naquele homem que a fazia se sentir inquieta quando ele não estava por perto, mesmo quando sabia que se encontrava em perfeita segurança, de modo que as ordens que recebera não estavam sendo violadas? Só devia se preocupar com a segurança de Seldon. Como pudera permitir que outras coisas interferissem?

Conversara a respeito com Demerzel, quando a sensação se tornara inconfundível. O primeiro-ministro olhara para ela, muito sério, e dissera:

- Você é uma criatura complexa, Dors, e não tenho respostas simples para lhe oferecer. Na minha vida, conheci vários indivíduos em cuja presença sentia-me melhor comigo mesmo. Tentei comparar o prazer que sentira na presença dessas pessoas com a tristeza que senti quando elas finalmente se foram, para saber se o saldo tinha sido positivo ou negativo. Cheguei à conclusão de que o prazer de sua companhia superava de longe a tristeza de sua perda. Minha conclusão, portanto, é de que o que está experimentando agora fará bem a você.

Dors pensou: Hari um dia deixará um vazio, e esse dia vai ficando cada vez mais próximo, mas não devo pensar nisso.

Foi para não pensar no assunto que finalmente o chamou:

- Em que está pensando, Hari?

- Ha? - perguntou Seldon, focalizando os olhos com esforço.

- Na psico-história, imagino. Deve ter encontrado outro beco sem saída.

- Ora, ora. Você está totalmente enganada. - Ele deu uma risada. - Quer saber em que eu estava pensando? Em cabelo!

- Cabelo? De quem?

- No seu cabelo.

- Há alguma coisa errada com ele? Quer que eu o pinte de outra cor? Ou talvez, depois de todos esses anos, eu devesse deixar o grisalho aparecer?

- Deixe disso! Ninguém quer ver o seu cabelo grisalho! Mas o seu cabelo me fez pensar em outras coisas. Em Nishaya, por exemplo.

- Nishaya? O que é isso?

- Nishaya não fazia parte do reino pré-imperial de Trantor, de modo que não estou surpreso de que você nunca tenha ouvido falar nele. É um planeta, um planeta pequeno.

Isolado. Sem importância. Só o conheço porque me dei ao trabalho de consultar os registros. Bem poucos planetas entre os vinte e cinco milhões podem ser considerados importantes, mas duvido que exista um mais insignificante do que Nishaya. O que é muito significativo, você entende.

Dors pôs de lado as suas anotações e disse:

- Por que essa súbita tendência para falar por paradoxos, logo você, que afirma detestá-los? O que há de significativo no planeta ser insignificante?

- Oh, os paradoxos não me desagradam, quando são inventados por mim. Acontece que Joranum nasceu em Nishaya.

- Ah, é em Joranum que você está pensando.

- Isso mesmo. Estive lendo os seus discursos, por insistência de Raych. Não fazem muito sentido, mas desconfio que quando são pronunciados por ele o efeito pode ser quase hipnótico. Pelo menos, Raych ficou muito impressionado.

- Calculo que o efeito sobre os dahlitas deve ser considerável,

Hari. Joranum prega a igualdade entre os setores, o que agrada sobremaneira aos pobres térmicos. Lembra-se de quando estivemos em Dahl?

- Lembro-me muito bem, e, naturalmente, não culpo o rapaz. Só fico preocupado com o fato de Joranum ter nascido em Nishaya.

Dors deu de ombros.

- Ora, Joranum tinha que nascer em algum lugar, e Nishaya, como qualquer outro planeta, tem sua cota de migrantes.

- É verdade, mas, como eu disse, dei-me ao trabalho de consultar os registros. Cheguei a entrar em contato hiperespacial com um funcionário subalterno. Isso me custou uma soma considerável que, em sã consciência, não posso cobrar do departamento.

- Descobriu alguma coisa que compense o investimento?

- Acho que sim. Sabe que Joranum está sempre contando pequenas histórias para ilustrar seus pontos de vista. Histórias passadas em Nishaya, seu planeta natal. Aqui em Trantor, essa tática rende bons frutos, pois o faz parecer

um homem do povo, com uma filosofia simples e sempre um dito espirituoso na ponta da língua. Seus discursos estão coalhados dessas histórias. Através delas, faz questão de mostrar que veio de um mundo pequeno, que passou a infância numa fazenda, cercado pela natureza selvagem. Isso deixa as pessoas fascinadas, especialmente os trantorianos, que preferiam morrer a se verem cercados pela natureza selvagem, mas que mesmo assim adoram sonhar com esse tipo de vida.

- E daí?

- O engraçado é que a pessoa com quem conversei em Nishaya não conhecia nenhuma dessas histórias.

- Isso não é de surpreender, Hari. Nishaya pode ser um planeta pequeno, mas é um planeta. As histórias populares no setor em que Joranum nasceu podem não ser as mesmas do lugar onde vive o funcionário com quem você falou.

- Não, não. Histórias populares em geral são conhecidas em planetas inteiros. Além disso, tive muita dificuldade para entender o sujeito. Ele falava galáctico padrão com um forte sotaque. Pedi para falar com outras pessoas, só para conferir, e todas tinham o mesmo sotaque.

- E daí?

- Daí que Joranum não tem esse sotaque. Ele fala um excelente trantoriano. Melhor do que o meu. Meu "r" é forte, à maneira dos heliconianos. O dele, não. De acordo com os registros, tinha dezenove anos quando chegou a Trantor. Em minha opinião, é simplesmente impossível passar os primeiros dezenove anos de vida falando a versão nishayana do galáctico padrão e conseguir falar trantoriano sem sotaque. Olhe para Raych e sua maneira dahlita de falar. Ele está aqui desde os doze anos.

- Que é que você concluiu de tudo isso?

- O que concluí, depois de ficar a noite inteira aqui sentado, raciocinando... é que ele não pode ter nascido em Nishaya. Na verdade, acho que escolheu Nishaya como seu pretenso planeta natal simplesmente porque é tão insignificante, tão fora de mão, que ninguém pensaria em verificar suas alegações. Ele deve ter executado uma busca meticulosa para encontrar um planeta que atendesse às suas necessidades.

- Mas isso é ridículo, Hari. Por que ele mentiria a respeito do seu planeta natal? Para sustentar a farsa, teria que falsificar vários documentos.

- Acho que foi precisamente o que fez. Ele deve ter muitos seguidores nos órgãos públicos. Provavelmente, nenhum deles contribuiu com mais do que uma pequena alteração nos registros.

- Mesmo assim... por quê?

- Porque não quer que as pessoas saibam onde nasceu.

- Por que não? Todos os planetas do Império são iguais perante a lei.

- Isso não quer dizer muita coisa. Esses ideais igualitários raramente são respeitados na prática.

- Então de onde ele vem? Você faz alguma ideia?

- Faço. O que nos leva de volta à questão do cabelo.

- Como assim?

- Estava ali sentado com Joranum, olhando para ele, sentindo que havia alguma coisa errada, mas sem saber muito bem o quê. De repente, compreendi que era o seu cabelo. Havia alguma coisa nele, uma vida, um brilho... uma perfeição que não combinava com o resto. Percebi então que seu cabelo era artificial, cuidadosamente implantado em um couro cabeludo que normalmente não teria um fio de cabelo.

- Não teria? - Os olhos da moça se estreitaram. Era evidente que ela entendera o que Seldon estava querendo dizer.

- Então ele nasceu em...

- Isso mesmo. Ele nasceu aqui mesmo em Trantor, no setor retrógrado, tradicionalista de Mycogen. É isso que está tentando esconder.

10

Dors Venabili pensou friamente no assunto. Era sua única maneira de pensar. Nada de emoções.

Fechou os olhos para concentrar-se. Fazia oito anos que ela e Hari tinham estado em Mycogen e não haviam passado muito tempo naquele setor. Havia pouca coisa para apreciar ali, exceto a comida.

As imagens chegaram à sua mente. A sociedade austera, puritana, machista; a preocupação com o passado; a remoção de todos os pelos do corpo, um processo doloroso a que se submetiam voluntariamente para se tornar diferentes dos outros; suas lendas; suas memórias (ou fantasias) de um tempo em que governavam a galáxia, em que suas vidas eram prolongadas, em que os robôs existiam.

Dors abriu os olhos e perguntou:

- Por que, Hari?

- Por que o quê, querida?

- Por que ele não quer que saibam que nasceu em Mycogen?

Não acreditava que Seldon pudesse se lembrar de Mycogen tão bem quanto ela; na verdade, sabia que isso era impossível. Por outro lado, Seldon podia pensar melhor do que ela, ou pelo menos podia pensar de forma diferente. Dors se lembrava dos fatos e extraía deles todas as consequências lógicas; Seldon era capaz de voos mais altos. Ele gostava de dizer que a intuição era privilégio do assistente, Amaryl, mas a moça não se deixava enganar. Seldon gostava de bancar o matemático frio, que encarava o mundo com total isenção, mas Dors sabia que não era bem assim.

- Por que ele não quer que saibam que nasceu em Mycogen? repetiu, enquanto Seldon continuava ali sentado, com aquela expressão nos olhos que Dors sempre associara ao esforço para extrair mais uma pequena gota de validade e consistência dos conceitos da psico-história.

- É uma sociedade austera, uma sociedade limitadora - afirmou Seldon, afinal. - Existem aqueles que se revoltam contra a mania que eles têm de controlar cada ato, cada pensamento. Existem aqueles que não podem ser domados, que anseiam pela liberdade que o mundo exterior tem a oferecer. É compreensível.

- Esses descontentes implantam cabelos artificiais?

- Não, nem todos. Na maioria dos casos, os rebeldes... é assim que os mycogenianos chamam os desertores, e sentem desprezo por eles, é claro... usam perucas. É muito mais simples, mas menos satisfatório. Pelo que me contaram, apenas os rebeldes mais extremados implantam cabelos. O processo é difícil e doloroso, mas os resultados são excelentes. Nunca vi pessoalmente um exemplo, mas já tinha ouvido falar da técnica. Passei anos estudando os oitocentos setores de Trantor, na tentativa de formular as regras básicas e as equações da psico-história. Ainda não consegui muitos resultados, infelizmente, mas aprendi alguma coisa.

- Mas por que os rebeldes têm que ocultar o fato de que nasceram em Mycogen? Pelo que sei, não são perseguidos.

- Não, não são. Na verdade, os mycogenianos não são considerados inferiores. É pior do que isso. Eles não são levados a sério. São inteligentes, todos reconhecem, instruídos, bem-educados, cultos, excelentes cozinheiros, muito trabalhadores... mas ninguém os leva a sério. Os outros trantorianos acham que suas crenças e costumes são ridículos, totalmente divorciados da realidade. E essa pecha se estende a todos os mycogenianos, até mesmo os rebeldes. Ninguém consideraria seriamente a possibilidade de um mycogeniano chegar ao poder. Ser temido pode ser desejável para um governante. Ser odiado não é o fim do mundo. Ser ridicularizado, porém... isso é fatal. Joranum quer ser o próximo primeiro-ministro, e para isso tem que ocultar a sua origem. Assim,

apresenta-se como nativo de um planeta obscuro, a muitos anos-luz de distância de Mycogen.

- Existem pessoas que são naturalmente calvas.

- Nunca tão completamente depiladas quanto os mycogenianos. Nos Mundos Exteriores não teria muita importância. Lá, poucos ouviram falar em Mycogen. Os mycogenianos são tão isolacionistas que poucos deles já viajaram para fora do planeta. Aqui em Trantor, porém, a coisa é diferente. As pessoas podem ser calvas, mas em geral têm um resto de cabelo que revela que não são mycogenianas... ou deixam crescer a barba. Os poucos infelizes que são totalmente desprovidos de pelos, em geral por causa de uma doença qualquer, devem passar por maus momentos. Provavelmente andam por aí com um atestado médico, para provar que não nasceram em Mycogen.

Dors franziu a testa e perguntou:

- Isso nos ajuda em alguma coisa?

- Ainda não sei.

- Você não poderia tornar público que ele é um mycogeniano?

- Talvez não seja fácil. Ele deve ter tomado precauções para ocultar sua origem. Mesmo que isso fosse possível...

- Sim?

Seldon deu de ombros.

- Não quero estimular a discriminação racial. A situação social em Trantor já está suficientemente complicada. Prefiro não despertar paixões que nem eu nem ninguém poderia controlar. Por isso, só usarei esse tipo de argumento como último recurso.

- Então você também pratica o minimalismo.

- É claro.

- Nesse caso, o que pretende fazer?

- Tenho um encontro marcado com Demerzel. Talvez ele tenha alguma ideia.

Dors olhou para ele, muito séria.

- Hari, você está caindo na armadilha de esperar que Demerzel resolva todos os problemas para você?

- Não, mas talvez ele seja capaz de resolver pelo menos este.

- E se ele não for capaz?

- Então terei de pensar em alguma coisa, não é mesmo?

- Em que, por exemplo? Seldon franziu a testa, aborrecido.

- Dors, não sei. Não espera que eu seja capaz de resolver todos os problemas, espera?

11

Eto Demerzel não era visto com frequência. Preferia permanecer nos bastidores, por várias razões, entre elas a de que sua aparência praticamente não mudava com o passar do tempo.

Fazia anos que Hari Seldon não o via, a não ser em algumas de suas breves aparições em público. A última conversa que tivera com ele em particular ocorrera há muito tempo.

Ao encontrar-se com Demerzel, lembrou-se daquela época com nostalgia. O fato de que Demerzel parecia exatamente o mesmo só contribuiu para acentuar esse sentimento.

O rosto ainda era forte, as feições regulares. Ainda era alto e bem proporcionado. Tinha o mesmo cabelo castanho, com reflexos dourados. Não era bonito, mas conservava a aparência distinta. Parecia o protótipo do primeiro-ministro do Império, mais do que qualquer ocupante anterior do cargo. Era naquela aparência, pensou Seldon, que estava parte do seu poder sobre o imperador, e portanto sobre a corte imperial, e portanto sobre o Império. Demerzel se aproximou, com um sorriso amável nos lábios que, curiosamente, não alterava em nada a seriedade da sua postura.

- Hari, é um prazer tornar a vê-lo - disse. - Estava com medo de que mudasse de ideia e cancelasse a entrevista.

- E eu estava com medo de que o senhor a cancelasse, primeiro-ministro.

- Pode me chamar de Eto... se não quiser usar o meu nome verdadeiro.

- Sabe que não posso usá-lo. Meus lábios se recusariam a pronunciá-lo. Sabe disso muito bem.

- Não quando estamos sozinhos. Fale. Quero ouvi-lo. Seldon hesitou, como se não pudesse acreditar nas palavras do outro.

- Dancei - disse, afinal.

- R. Daneel Olivaw - corrigiu Demerzel. - Muito bem. Quero que jante comigo, Hari. Se eu jantar com você, não terei que comer, o que será um alívio.

- Como quiser. Se bem que comer sozinho não é a ideia que faço de um jantar entre amigos. Preferia que comesse alguma coisa...

- Se for para lhe agradar...

- Só que não posso deixar de pensar - disse Seldon, com ar preocupado - que talvez não seja prudente passarmos muito tempo juntos.

- Não se preocupe. Estou cumprindo ordens de Sua Majestade Imperial.

- Como assim, Daneel?

- O próximo Congresso Decenal de Matemática vai ser daqui a dois anos. Você parece surpreso. Tinha esquecido?

- Não. Simplesmente não tenho pensado no assunto ultimamente.

- Pretende comparecer? Da última vez, você foi uma das atrações.

- É verdade. com a minha psico-história. Grande sucesso.

- Você chamou a atenção do imperador. Nenhum outro matemático conseguiu essa proeza.

- Foi você quem se interessou por mim, e não o imperador. Depois, tive que fugir e permanecer fora das vistas do imperador até ter certeza de que estava no caminho certo. Você então permitiu que eu permanecesse em uma obscuridade segura.

- Ser o chefe do departamento de matemática de uma grande universidade não é exatamente o que eu chamaria de obscuridade.

- É, sim, porque esconde as minhas pesquisas no campo da psico-história.

- Ah, a comida está chegando. Vamos falar de coisas mais amenas. Como vai Dors?

- Ela é maravilhosa. Uma esposa e tanto. Seu único defeito é preocupar-se demais com a minha segurança.

- É o trabalho dela.

- Dors vive me lembrando isso. Falando sério, Daneel, sou muito grato a você por nos ter apresentado.

- Obrigado, Hari, mas, para ser franco, não estava pensando em casamento. Especialmente para Dors.

- Mesmo assim, obrigado pelo presente.

- Sinto desapontá-lo, mas esse presente, como a minha amizade, talvez ainda venha a trazer-lhe decepções.

Seldon não soube o que responder, e por isso, atendendo a um gesto de Demerzel, concentrou-se no prato que estava à sua frente.

Depois de algum tempo, fez um gesto com a cabeça para o pedaço de peixe que estava no garfo e disse:

- Não reconheço o organismo, mas certamente é um prato mycogeniano.

- Acertou em cheio. O imperador aprecia a cozinha de Mycogen, pelo menos de vez em quando. E sei que você a adora.

- É a desculpa que eles têm para existir. A única desculpa. Pelo menos, na minha opinião. Sei que para você é diferente.

- Tem razão. Seus ancestrais, há muitos anos, habitavam o planeta Aurora. Viviam trezentos anos, em média, e eram os senhores de cinquenta

planetas da galáxia. Foi um aurorano quem me projetou e construiu. Conheço melhor a história de Aurora do que qualquer mycogeniano. Um dia, porém, faz muito, muito tempo, eu os deixei. Escolhi o que me pareceu mais apropriado para o bem da humanidade; é o que venho fazendo desde então.

- Podemos ser ouvidos? - perguntou Seldon, subitamente preocupado.

Demerzel pareceu achar graça.

- Só agora você pensou nisso? Não se preocupe. Tomei as precauções necessárias. Além disso, você não foi visto por muitos olhos quando entrou aqui, nem será visto por muitos quando sair. E aqueles que o virem não ficarão surpresos. Tenho fama de ser um matemático amador de grandes pretensões mas pouca competência. Isso serve de consolo para os membros da corte que não simpatizam comigo. É natural, portanto, que eu esteja interessado no próximo congresso. Na verdade, é sobre isso que eu queria conversar com você.

- Não sei em que posso ajudar. Só há um assunto que estou em condições de discutir, mas não posso fazê-lo. Se comparecer ao congresso, será apenas como espectador.

Não pretendo apresentar nenhum trabalho.

- Compreendo. Entretanto, aconteceu uma coisa curiosa. Sua Majestade Imperial se lembrou de você.

- Graças a você, suponho.

- Não. Não tive nada a ver com isso. Às vezes, Sua Majestade Imperial me surpreende. Ele sabe que está para acontecer mais um congresso e aparentemente se lembra da sua palestra de oito anos atrás. Continua interessado na psico-história, entende? É possível até que peça para vê-lo. Seria uma grande honra... ser chamado duas vezes à presença do imperador, em um período de menos de dez anos!

- Você está brincando. O que eu ganharia com isso?

- Nada, provavelmente, mas quem é convocado para uma audiência não pode recusar... Como vão seus jovens pupilos, Yugo e Raych?

- Você deve estar farto de saber. Imagino que me vigie de perto.

- Claro que sim, mas apenas no que diz respeito à sua segurança. Sou muito ocupado e não tenho o dom da onisciência.

- Dors não conta tudo a você?

- Não. Ela evita falar comigo, a não ser que seja absolutamente necessário. Acho que não se sente bem no papel de espiã.

Seldon fez que sim com a cabeça.

- Meus rapazes vão bem. Cada vez fica mais difícil lidar com Yugo. Ele é melhor psico-historiador do que eu e acha que estou indo muito devagar. Quanto a Raych, é um moleque adorável; sempre foi. Ele me conquistou quando era um

menino de rua e, o que é ainda mais surpreendente, conquistou Dors. Acredito sinceramente, Daneel, que se Dors enjoasse de mim e tivesse vontade de ir embora, continuaria comigo assim mesmo por causa de Raych. Se Rashelle de Wye não simpatizasse com Raych, ele não estaria aqui hoje. Teria sido executado... - Remexeu-se na cadeira, inquieto. - Não gosto de pensar nisso, Daneel. Foi um acontecimento totalmente acidental, imprevisível. Como a psico-história poderia ter ajudado?

- Não me disse que a psico-história é capaz de lidar apenas com probabilidades e com grandes números, não com indivíduos?

- Mas se um indivíduo é muito importante...

- Acho que você vai chegar à conclusão de que nenhum indivíduo é realmente importante. Nem mesmo eu... ou você.

- Talvez tenha razão. Entretanto, por mais que eu tente, não consigo deixar de pensar em mim mesmo como uma pessoa importante. E você é importante, também. Foi por isso que vim discutir um certo assunto com você. Quero que seja franco comigo. Preciso saber.

- Saber o quê? - Os restos da refeição tinham sido tirados e a iluminação reduzida, o que dava a impressão de maior privacidade.

- Joranum - respondeu Seldon. Ele cuspiu a palavra, como se não fosse necessário dizer mais nada.

- Ah, entendo.

- Você sabe muita coisa sobre ele.

- É claro. Como poderia ser de outra forma?

- Pois eu quero que me conte.

- Em que exatamente você está interessado?

- Ora, Daneel, deixe de evasivas. Ele é perigoso?

- Claro que é. Tem alguma dúvida?

- Quero dizer: é perigoso para você? Para sua posição como primeiro-ministro?

- A resposta ainda é afirmativa.

- E permite que ele continue a ameaçar você? Demerzel se inclinou para a frente, apoiando o cotovelo na mesa.

- Certas coisas não dependem da minha permissão, Hari. Vamos ser realistas. Sua Majestade Imperial, Cleon I, está no trono há dezoito anos, e durante todo esse tempo tenho sido o seu primeiro-ministro, depois de ocupar um cargo secundário nos últimos anos do reinado do seu pai. É um longo tempo e os primeiros-ministros raramente permanecem muito tempo no poder.

- Você não é um primeiro-ministro comum, Daneel, e sabe disso. Você precisa continuar no poder até que a psico-história esteja totalmente

desenvolvida. Não sorria para mim. É verdade. Quando nos conhecemos, oito anos atrás, você me disse que o Império estava em franca decadência. Será que mudou de ideia?

- Não. Claro que não.

- Nos últimos anos, a decadência se acentuou ainda mais, não é?

- É verdade. Apesar de todos os meus esforços, as coisas pioraram.

- O que aconteceria sem você? Joranum está levantando o Império contra a sua pessoa.

- Trantor, Hari, Trantor. As províncias estão sob controle e razoavelmente satisfeitas, apesar da recessão e das quedas no comércio.

- Mas é Trantor que importa. Trantor, o planeta em que vivemos, a capital do Império, o centro administrativo, é que pode derrubar você. Não conseguirá se manter

no cargo se Trantor disser "Não".

- Concordo.

- Se você sair, quem cuidará das províncias? Quem impedirá que o Império entre rapidamente em colapso?

- Concordo que isso é uma possibilidade.

- É por isso que você precisa tomar uma providência. Yugo acredita que sua posição está seriamente ameaçada. É o que diz a sua intuição. Dors acha a mesma coisa, e explica tudo em termo das Três... ou por outra, em termos das Quatro Leis da... da...

- Da robótica - completou Demerzel.

- Raych parece concordar com as teses de Joranum. Ele é um dahlita, você entende. E eu... eu estou preocupado, e por isso vim falar com você. Acho que preciso que alguém me tranquilize. Diga-me que a situação está sob controle.

- Eu faria isso, se fosse verdade. Infelizmente, não posso tranquilizá-lo. Eu estou correndo perigo.

- E não está fazendo nada?

- Estou, sim. Faço o que posso para atender aos descontentes e para rebater as acusações de Joranum. Mas parece que o que estou fazendo não é suficiente.

Seldon hesitou e depois disse:

- Tenho razões para crer que Joranum é um mycogeniano.

- É mesmo?

- É o que penso. Poderíamos usar isso contra ele, mas acho que seria arriscado desencadearmos as forças do preconceito.

- Tem razão. Muitas das coisas que poderíamos fazer podem causar

efeitos colaterais indesejáveis. Quero que entenda, Hari, que não tenho medo de deixar meu cargo, se tiver certeza de que meu sucessor continuará o meu trabalho de retardar o máximo possível a decadência do Império. Entretanto, se meu sucessor fosse Joranum, as consequências seriam desastrosas.

- Então qualquer coisa que você faça para detê-lo será justificada.

- Não é bem assim. O Império pode entrar em colapso mesmo que Joranum seja derrotado e eu continue no poder. Por isso, não devo fazer nada contra Joranum se não tiver certeza de que meus atos não contribuirão para acelerar a decadência do Império. Até o momento, não encontrei nenhuma linha de atenção que esteja de acordo com esse requisito. É esse o meu dilema.

- O dilema do minimalismo - murmurou Seldon.

- O que disse?

- Dors me explicou que você talvez estivesse de mãos atadas por causa do princípio do minimalismo.

- É verdade.

- Então de nada adiantou eu vir aqui, Daneel.

- Está querendo dizer que veio para ser tranquilizado e vai sair tão apreensivo quanto chegou.

- Infelizmente.

- Mas eu também quis falar com você porque queria ser tranquilizado.

- Por mim?

- Por você e a sua psico-história. A saída que não consigo encontrar sozinho, talvez consiga encontrar com o auxílio da psico-história.

Seldon suspirou fundo.

- Daneel, a psico-história ainda não está desenvolvida a esse ponto.

O primeiro-ministro olhou para ele, muito sério.

- Você teve oito anos, Hari.

- Poderia levar oitenta, ou oitocentos, e não encontrar uma resposta. É um problema muito difícil.

- Não espero que a técnica esteja totalmente desenvolvida, Hari, mas pode ser que você tenha um esboço, um arcabouço, um princípio que eu possa usar para formular um plano de ação. Algo imperfeito, talvez, mas melhor que simples adivinhação.

- Nem mesmo isso - afirmou Seldon, em tom desanimado. - Vamos resumir a situação. Você precisa deter Joranum e continuar no poder para manter a estabilidade do Império por um tempo suficiente para que eu desenvolva a psico-história. Não poderá conseguir o seu intento, porém, a menos que eu desenvolva primeiro a psico-história. É isso?

- Parece que sim, Hari.

- Nesse caso, entramos em um círculo vicioso e o Império está com os dias contados.

- A menos que aconteça algo imprevisto. A menos que você faça algo imprevisto acontecer.

- Eu? Daneel, o que posso fazer sem a psico-história?

- Não sei, Hari.

Seldon levantou-se para sair, abatido.

12

Durante vários dias, Hari Seldon negligenciou suas tarefas de chefe de departamento para analisar notícias no seu computador. Não havia muitos computadores capazes de acompanhar o que estava acontecendo diariamente em 25 milhões de planetas. A sede do Governo Imperial dispunha de alguns desses computadores, é claro; algumas das grandes capitais das províncias também, embora a maioria se contentasse com uma ligação, via hiperespaço, com a Central de Notícias, em Trantor.

Um computador do departamento de matemática de uma grande universidade tinha capacidade suficiente para funcionar como um processador de notícias independente, e era exatamente o que Seldon se apressara a fazer com o seu computador. Afinal de contas, isso era necessário para as suas pesquisas no campo da psico-história, embora ele tomasse a precaução de apresentar outras razões, muito plausíveis, para a conversão.

Idealmente, o computador comunicaria qualquer coisa fora do comum que ocorresse em qualquer planeta do Império. Uma mensagem de advertência alertaria o operador para o fato. Na prática, essa mensagem raramente aparecia, porque a definição de "fora do comum" era muito restritiva e cobria apenas grandes acontecimentos.

Na falta de uma mensagem de advertência, o que o operador costumava fazer era dar uma olhada no que estava acontecendo em planetas escolhidos ao acaso. Não em todos os 25 milhões, é claro, mas em algumas dezenas. Era um trabalho deprimente, porque não havia planeta que não tivesse sua cota diária de pequenos desastres. Uma erupção vulcânica aqui, uma inundação ali, um colapso econômico acolá e, naturalmente, manifestações de massa.

Não se passara um dia, nos últimos mil anos, sem que houvesse

manifestações em pelo menos uma centena de planetas.

Naturalmente, acontecimentos como esses não podiam merecer mais do que alguns segundos de atenção. Seria absurdo alguém se preocupar com manifestações populares ou com erupções vulcânicas quando os dois fenômenos ocorriam constantemente nos mundos habitados. Pelo contrário: se um dia não houvesse nenhuma manifestação popular, em parte alguma, isso seria considerado um fato tão incomum que despertaria imediatamente a atenção das autoridades.

Até o momento, nenhum fato incomum despertara a atenção de Seldon. As províncias, com todos os seus tumultos e infortúnios, eram como o oceano num dia calmo: pequenas ondas e nada mais. Não encontrara nenhuma indicação de que a situação geral tivesse piorado nos últimos oito anos, ou mesmo nos últimos oitenta. Entretanto, Demerzel (na ausência do primeiro-ministro, Seldon não conseguia pensar nele como "Daneel") havia afirmado que a decadência continuara, e ele tinha meios de avaliar o estado do Império que estava além da capacidade de Seldon... pelo menos, até que pudesse se valer das ferramentas analíticas da psico-história.

Podia ser que a decadência fosse gradual a ponto de ser invisível até que uma situação crítica se instalasse; como uma casa que passa por um processo de deterioração sem que ninguém perceba até que um dia o teto desaba. Quando desabaria o teto? Era uma pergunta para a qual Seldon não tinha resposta. De vez em quando, Seldon examinava como estava a situação ali mesmo, em Trantor. Naturalmente, as notícias nesse caso eram mais substanciais. Em primeiro lugar, Trantor era o mais populoso de todos os planetas, com quarenta bilhões de habitantes. Além disso, seus oitenta setores constituíam um mini-império.

Finalmente, era ali que morava a família imperial, era ali que eram realizadas todas as cerimônias oficiais.

O que chamou a atenção de Seldon daquela vez, porém, foi o setor de Dahl. As eleições para o Conselho Setorial tinham colocado cinco joranumitas no governo. De acordo com os registros, era a primeira vez que os joranumitas conseguiam ganhar uma eleição.

Não era totalmente inesperado, já que as ideias de Joranum tinham tudo para ser bem recebidas em Dahl, mas Seldon considerou a vitória como um indício preocupante de que o demagogo estava ganhando terreno. Mandou fazer uma micro-imagem da notícia e levou a pastilha para casa naquela noite.

Raych levantou os olhos do computador quando Seldon entrou e achou necessário explicar-se.

- Estou ajudando a mamãe a recolher material para uma pesquisa - disse.

- E o seu próprio trabalho?

- Está em dia, papai.

- Ótimo... veja isso. - Mostrou a pastilha a Raych antes de colocá-la no micro-projetor.

Raych olhou para a imagem que apareceu no ar, diante dos seus olhos.

- Ah, eu já sabia.

- Já?

- Claro. Procuro me manter a par do que está acontecendo em Dahl. Sabe como é. Nasci lá.

- E o que achou?

- Não foi surpresa para mim. E para você? O resto de Trantor trata Dahl como se fosse a escória. Por que não deveriam apoiar Joranum?

- Você concorda com ele, também?

- Bem... - Raych franziu a testa, pensativo. - Devo admitir que algumas coisas que ele diz me agradam. É a favor da igualdade para todas as pessoas. Quem pode ser contra isso?

- Ninguém, se estiver falando sério. Se estiver sendo sincero. Se não estiver usando essa bandeira apenas para conseguir votos.

- É verdade, papai, mas a maioria dos dahlitas provavelmente pensa o seguinte: "O que temos a perder? Hoje em dia, somos discriminados, embora a lei nos garanta a igualdade."

- É difícil combater a discriminação através de leis.

- Isso não é consolo para quem está sofrendo a discriminação na carne.

Seldon pensou rapidamente. Disse:

- Raych, você nunca mais voltou a Dahl depois que eu e sua mãe o tiramos de lá, não é?

- Voltei, sim. Não se lembra? Nós três estivemos lá faz cinco anos.

- É verdade, mas aquela vez não conta - afirmou Seldon. - Ficamos no Hotel Internacional, que não tem nada de dahlita, e, pelo que me lembro, Dors não deixou você sair na rua sozinho nem uma vez. Afinal, tinha apenas quinze anos. O que acha de uma nova visita a Dahl, sozinho, agora que já fez vinte anos?

Raych riu.

- Você nunca vai conseguir convencer mamãe.

- Não digo que me agrade a ideia de fazer algo contra os desejos da sua mãe, mas não pretendo pedir permissão a ela. A questão é a seguinte: você estaria disposto a fazer isso para mim?

- Claro. Tenho curiosidade de saber o que aconteceu com meu antigo lar.

- Acha que a viagem não vai prejudicar seus estudos?

- Não. Uma semana sem ir à universidade não vai fazer a menor diferença. Além do mais, posso pedir a alguém para gravar as aulas. Não será difícil conseguir permissão.

Afinal, meu pai é um dos professores... a menos que você tenha sido despedido.

- Ainda não. Quero que entenda, porém, que não encaro isso como uma viagem de férias.

- Eu ficaria surpreso se encarasse. Você não sabe o que é uma viagem de férias, papai. Nunca soube.

- Não seja impertinente. Quando chegar lá, quero que tenha um encontro com Laskin Joranum.

Raych olhou para ele, surpreso.

- Como Vou conseguir isso? Não sei nem se vai estar lá.

- Vai, sim. Ele prometeu falar para o Conselho, saudando os novos membros joranumitas. Vou descobrir o dia exato e você poderá chegar alguns dias antes.

- Será que Joranum vai me receber, papai? Deve ser difícil marcar uma entrevista com ele.

- Também acho, mas Vou deixar os detalhes por sua conta. Quando você tinha doze anos, era furão como ninguém; espero que não tenha ficado mole com a idade.

Raych sorriu.

- Também espero. Suponha que eu consiga falar com ele. E aí?

- Aí, quero que descubra o que puder. O que ele está planejando. O que realmente está pensando.

- Acha que vai me contar?

- Por que não? Você tem o dom de inspirar confiança nos outros, seu moleque sem-vergonha. Vamos conversar a respeito.

Foi o que fizeram. Várias vezes.

Seldon estava preocupado com a situação, mas não queria se aconselhar com Yugo Amaryl, com Demerzel, e muito menos com Dors. Temia que não concordassem com a sua proposta. Temia que lhe mostrassem que seu plano era cheio de falhas. Para ele, era a única saída. Mas será que era mesmo uma saída? Em sua opinião, Raych era o único entre eles capaz de infiltrar-se nas fileiras de Joranum, mas ao mesmo tempo era um dahlita e simpatizava com as ideias de Joranum. Até que ponto podia confiar no rapaz?

Horrível! Raych era seu filho... jamais colocara em dúvida, até o momento, a sua lealdade.

13

Embora Seldon não confiasse inteiramente na eficácia do plano; embora receasse que ele pudesse desencadear uma reação prematura ou precipitar os acontecimentos na direção errada; embora estivesse torturado por dúvidas quanto à lealdade de Raych e a capacidade do rapaz de levar a missão a bom termo, não tinha nenhuma dúvida quanto à reação de Dors, quando se visse diante do *fait accompli*.

E não ficou desapontado, se essa era a palavra correta para descrever sua emoção.

Entretanto, de certo modo, Seldon ficou desapontado, porque Dors não levantou a voz, horrorizada, como esperava que fizesse; como se preparara para aceitar.

Como poderia adivinhar? Dors não era como as outras mulheres e nunca a vira realmente zangada. Talvez não fosse capaz de ficar de fato zangada. Limitou-se a olhar para ele, impassível, e perguntar, em tom desaprovador:

- Mandou-o a Dahl? Sozinho?

Por um momento, a reação imprevista deixou-o sem palavras. Depois, respondeu, com firmeza:

- Tive que fazer isso. Foi necessário.

- Deixe-me ver se entendi. Você o mandou àquele covil de ladrões; àquela toca de assassinos; àquele antro de criminosos?

- Dors! Não gosto de ouvir você falar assim. Apenas os preconceituosos usam esse tipo de estereótipos baratos.

- Você nega que Dahl seja como descrevi?

- Claro que nego. Dahl tem favelas e criminosos, isso todo mundo sabe, mas tem também outras coisas. Existem favelas e criminosos em todos os setores, até mesmo em Streeling e no Setor Imperial.

- Mas existem mais favelas e criminosos em Dahl que nos outros setores, não é? Um não é igual a dez. Você tem um computador. Consulte as estatísticas.

- Não é preciso. Dahl é o setor mais pobre em Trantor e existe uma correlação positiva entre pobreza, miséria e crime. Isso eu tenho que reconhecer.

- Isso você tem que reconhecer! E mandou Raych sozinho? Poderia ter ido com ele, poderia ter me pedido para ir com ele, poderia ter mandado meia dúzia dos colegas de turma com ele. Tenho certeza de que não perderiam a

chance de passar uma semana longe dos estudos.

- Para cumprir a missão que lhe confiei, Raych tinha que ir sozinho.

- Que missão?

Seldon recusou-se a responder.

- Então chegamos a esse ponto? - queixou-se Dors. - Não confia mais em mim?

- Não sei se vai dar certo. Prefiro correr o risco sozinho. Não quero envolver você nem qualquer outra pessoa.

- Mas não é você que está correndo o risco. É o pobre Raych.

- Ele não está correndo risco algum! - protestou Seldon, com impaciência. - Tem vinte anos, é esperto e forte como uma árvore. Não estou falando desses arbustos que criamos aqui em Trantor, em estufas, mas das árvores das florestas de Helicon. Além disso, Raych é um truncador.

- Você e sua trunca - murmurou Dors, com um sorriso amargo. - Pensa que tem uma resposta para tudo. Os dahlitas usam facas. Todos eles. Pistolas, também, provavelmente.

- Não sei, não. As leis com relação a armas de fogo são muito severas. Quanto a facas, tenho certeza de que Raych leVou uma. Ele costuma andar armado aqui no campus, embora seja proibido. Acha que não iria armado para Dahl?

Dors não disse nada.

Seldon também permaneceu em silêncio por alguns minutos. Depois, achou que era melhor tentar acalmá-la.

- Escute, Vou lhe contar o que Raych foi fazer em Dahl. Quero que ele tenha uma conversa com Joranum.

- Ah, é? O que espera que Raych consiga com isso? Que Joranum se arrependa do que está fazendo e volte para Mycogen?

- Francamente, Dors. Se está interessada apenas em me agredir com os seus sarcasmos, então é melhor não continuarmos a discussão. - Seldon deu-lhe as costas e olhou pela janela para o céu artificial, azul-acinzentado. - O que espero que ele faça - sua voz vacilou por um momento - é salvar o Império.

- Claro. Isso é muito mais fácil.

A voz de Seldon ficou firme de novo.

- Isso é o que eu espero. Você não tem nenhuma solução. O próprio Demerzel não tem nenhuma solução. Ele me disse que cabia a mim encontrar uma solução, e é o que estou tentando fazer. Foi por isso que mandei Raych para Dahl. Você sabe que ele tem o dom de inspirar confiança nos outros. Se funcionou conosco, estou convencido de que vai funcionar com Joranum. Se eu estiver certo, tudo acabará bem.

- Vai me dizer que está aplicando os conceitos da psico-história?

- Não. Não Vou mentir para você. Ainda não cheguei ao ponto de usar a psico-história para formular estratégias, mas Yugo está sempre falando em intuição, e eu tenho a minha.

- Intuição! Que é isso? Defina!

- É fácil. Intuição é a arte, inerente à mente humana, de descobrir a resposta certa a partir de informações incompletas ou mesmo parcialmente falsas.

- E foi isso que você fez.

- Foi isso que eu fiz - afirmou Seldon, com convicção. Por dentro, porém, não se sentia tão seguro. E se Raych não fosse suficientemente persuasivo? Pior ainda: e se a consciência de ser um dahlita fizesse o rapaz mudar de lado?

14

Billibotton era Billibotton; a suja, esparramada, escura, sinuosa Billibotton; uma cidade decrépita, mas com uma vitalidade que, na opinião de Raych, não era igualada por nenhuma outra cidade de Trantor. Talvez por nenhuma outra cidade do Império, pensou o rapaz, embora não conhecesse pessoalmente outro planeta além de Trantor.

Da última vez que estivera em Billibotton, tinha pouco mais de doze anos, mas até mesmo as pessoas pareciam iguais: ainda eram uma mistura de velhacaria e irreverência, de orgulho e ressentimento. Os homens ainda usavam fartos bigodes e as mulheres vestidos em forma de saco que, aos olhos mais velhos e mais sofisticados de Raych, agora pareciam extremamente deselegantes.

Como os homens podiam se sentir atraídos por mulheres vestidas daquela forma? Era uma pergunta tola. Mesmo quando tinha doze anos, fazia ideia da facilidade com que aqueles trajes podiam ser removidos.

De modo que ali estava, perdido nos seus pensamentos, caminhando por uma rua cheia de lojas, tentando convencer-se de que se lembrava deste ou daquele lugar, imaginando que, entre os passantes, devia haver pessoas que conhecera e que agora eram oito anos mais velhas. Entre eles talvez houvesse mesmo alguns amigos de infância; a ideia lhe trouxe à memória alguns dos apelidos com que costumavam se chamar. Não se lembrava mais dos nomes

verdadeiros.

Na verdade, as lacunas em suas lembranças eram enormes. Oito anos não era tanto tempo assim, mas correspondiam a dois quintos da sua existência, e sua vida depois que deixara Billibotton tinha sido tão diferente que o que ficara para trás mais lhe parecia um sonho nebuloso.

Entretanto, lembrava-se dos cheiros. Parou do lado de fora de uma padaria, pequena e encardida, para sentir o aroma do glacê de coco, que não encontrara em nenhum outro setor do planeta. Mesmo quando parará para comprar bolos com glacê de coco; mesmo quando eram anunciados como "à moda de Dahl", não passavam de reles imitações.

Sentiu uma tentação irresistível de entrar e comprar um bolo. Por que não? Tinha dinheiro, e Dors não estava ali para franzir o nariz e criticar a higiene da loja.

Quem se preocupava com limpeza nos velhos tempos?

A padaria era escura e os olhos de Raych levaram algum tempo para se acostumar. Havia umas poucas mesas no lugar, que certamente eram usadas pelos fregueses para fazer uma refeição ligeira, como café com bolo. Um rapaz estava sentado a uma das mesas, com uma xícara vazia à sua frente, usando uma camiseta que um dia tinha sido branca e provavelmente pareceria ainda mais suja se a iluminação fosse melhor.

O padeiro saiu de um quarto nos fundos e perguntou, de cara amarrada:

- O que vai querer?

- Um coquinho - disse Raych, no mesmo tom (não seria um billibottoniano se tratasse o outro com cortesia) e usando o termo coloquial que recordava dos velhos tempos. O termo não havia caído em desuso, pois o empregado entendeu e foi pegar um bolo, segurando-o com a mão. Raych, o moleque de rua, não teria achado nada de mais, mas Raych, o adulto, sentiu-se ligeiramente incomodado.

- Quer uma sacola?

- Não - disse Raych. - Vou comer aqui mesmo. - Tirou-o da mão do outro e deu uma dentada, semi-cerrando os olhos. Na infância, comer bolo de coco tinha sido uma festa.

Vez por outra, conseguia o dinheiro necessário; outras vezes, um amigo mais afortunado lhe permitia uma mordida; mais frequentemente, apoderava-se de um bolo quando ninguém estava olhando. Agora, podia comprar quantos quisesse.

- Ei! - chamou uma voz.

Raych abriu os olhos. Era o homem da mesa.

- Falou comigo? - perguntou Raych.

- Falei. Que que está fazendo?

- Comendo um coquinho. Que que tem com isso? - Automaticamente, assumira a maneira de falar dos billibottonianos.

- Que que está fazendo em Billibotton?

- Nasci aqui. Cresci aqui. Em uma casa. Não na rua, como você. - O insulto saiu com facilidade, como se ele nunca tivesse deixado Billibotton.

- É mesmo? Mas não se veste como um billibottoniano. Nem cheira como um. - Levantou o dedo mínimo, acusando o outro de ser efeminado.

- Não Vou falar do seu fedor. Eu subi na vida.

- Subiu na vida? Muito bemmm... - Dois outros homens entraram na padaria.

Raych ficou um pouco preocupado, porque não sabia se eles tinham sido chamados ou não. O homem da mesa disse aos recém-chegados: - Esse sujeito subiu na vida. Ele diz que nasceu em Billibotton.

Um dos recém-chegados cumprimentou-o com um gesto irônico e sorriu sem o menor traço de amabilidade. Seus dentes eram manchados.

- É sempre bom ver um billibottoniano subir na vida. Assim ele pode ajudar os colegas menos afortunados. Que tal uma ajuda para os pobres?

- Quanto você tem aí? - perguntou o outro.

- Ei! - exclamou o padeiro, de trás do balcão. - Saiam da minha loja, vocês três. Não quero confusão aqui.

- Não vai haver nenhuma confusão - disse Raych. - Estou saindo.

Fez menção de se retirar, mas o homem que estava sentado pôs uma perna no caminho.

- Não vá, amigo. Vamos sentir sua falta.

O padeiro, temendo pelo pior, desapareceu nos fundos da loja. Raych sorriu e disse:

- Uma vez, eu estava aqui em Billibotton com meu velho e minha velha e dez sujeitos nos cercaram. Dez. Eu contei. Dez. Tivemos que dar uma surra neles.

- É mesmo? - disse um dos recém-chegados. - Seu velho deu uma surra nos dez?

- Meu velho? Não. Ele não estava a fim de se cansar. Quem deu uma surra neles foi minha velha. Eu sei brigar melhor do que ela, e vocês são apenas três. De modo que é melhor me deixarem passar.

- Claro. É só deixar todo o seu dinheiro. E a roupa também.

O homem da mesa se levantou, com uma faca na mão.

- Pronto. Agora Vou ter que me cansar - disse Raych. Acabou de comer o bolo de coco e se voltou para o agressor. De repente, rápido como um raio,

apoiou-se na mesa com uma das mãos e desferiu um pontapé na virilha do homem.

Ele deu um grito e caiu. Ao mesmo tempo, Raych jogou a mesa em cima do segundo homem, imprensando-o contra a parede, e desferiu uma cutilada certeira no pescoço do terceiro homem.

Em dois segundos, Raych estava com uma faca em cada mão, perguntando:

- Algum de vocês ainda quer brigar?

Os três olharam para Raych de cara feia, mas permaneceram onde estavam. Raych disse:

- Nesse caso, até a vista.

Mas o padeiro, que se refugiara no quarto dos fundos, devia ter pedido ajuda, porque outros três homens entraram na loja, enquanto ele gritava:

- Arruaceiros! São todos arruaceiros!

Os recém-chegados usavam trajes idênticos, mas Raych não reconheceu o uniforme: calças enfiadas para dentro das botas, camisetas verdes e estranhos capacetes hemisféricos que pareciam vagamente cômicos. No ombro esquerdo das camisas havia um grande "J" maiúsculo.

Tinham jeito de dahlitas, mas não usavam o bigode típico dos dahlitas. Os bigodes eram pretos e fartos, mas estavam cuidadosamente aparados na altura dos lábios e não eram muito largos. Raych olhou-os com uma certa condescendência. Não tinham o mesmo vigor que o seu próprio bigode, mas teve de admitir que pareciam limpos e bem-cuidados.

O líder dos três homens disse:

- Sou o cabo Quinber. O que está acontecendo aqui? Os billibottonianos derrotados estavam se levantando com dificuldade. Era evidente que tinham levado a pior na briga. Um ainda andava meio curvado, o outro esfregava a garganta e o terceiro agia como se o seu ombro estivesse deslocado.

O cabo olhou filosoficamente para eles, enquanto seus dois auxiliares bloqueavam a saída. Voltou-se para Raych, o único que parecia inteiro.

- Você é daqui, rapaz?

- Nasci e cresci aqui, mas vivo no exterior há oito anos. - Deixou de lado o sotaque de Billibotton, mas ele não desapareceu totalmente, como também não estava totalmente ausente da forma de falar do cabo. Havia outras cidades em Dahl além de Billibotton, algumas com pretensões de refinamento. Raych perguntou:

- Vocês são da polícia? Não me lembro do uniforme que estão...

- Não somos da polícia. Você não vai encontrar muitos policiais em Billibotton. Somos da Guarda de Joranum e mantemos a paz neste bairro.

Conhecemos esses três e vamos cuidar deles. É em você que estamos interessados. Nome. Número de referência.

Raych forneceu os dados solicitados.

- O que aconteceu?

Raych contou o que acontecera.

- O que está fazendo aqui?

- Escute aqui - disse Raych. - Você não tem o direito de me interrogar. Se não é da polícia...

- Escute você - interrompeu o cabo, com ar severo. - Não me venha falar em direitos. Somos tudo que existe em Billibotton e temos o direito porque conquistamos o direito. Você disse que brigou com esses três homens e ganhou. Acredito em você. Mas não vai ganhar de nós. Nós temos permissão de andar armados... - O cabo tirou, sem pressa, uma pistola do cinto. - Agora diga-me o que faz aqui.

Raych suspirou. Se tivesse ido diretamente para o Palácio do Setor... se não tivesse parado para matar a saudade das ruas de Billibotton e de um bolo de coco...

- Vim conversar com o Sr. Joranum a respeito de um assunto muito importante, e já que o senhor parece fazer parte da organi...

- Veio falar com o Líder?

- Sim senhor.

- Armado com duas facas?

- Apenas para defesa pessoal. Não pretendia entrar com elas no palácio.

- É o que está dizendo. Vamos ter que levá-lo, rapaz. Pode levar algum tempo, mas você vai nos contar a verdade.

- Mas vocês não têm o direito de fazer isso! Não há nenhuma lei que...

- Então encontre alguém para se queixar. Até lá, você é nosso.

Raych ficou sem as facas e teve que ir com eles.

15

Cleon não era mais o jovem monarca das holografias. Talvez ainda fosse - nas holografias - mas o espelho lhe contava uma história diferente. Seu último aniversário tinha sido comemorado com a pompa e circunstância de costume, mas nem por isso deixava de ser o quadragésimo aniversário.

Não havia nada de errado em ter quarenta anos. Sua saúde era perfeita. Ganhara um pouco de peso, mas não muito. O rosto pareceria talvez um pouco mais velho se não fosse pelos micro ajustes que eram feitos periodicamente e que tinham deixado sua pele ligeiramente brilhosa.

Estava no trono há dezoito anos. Já era um dos mais longos reinados do século e não via nada que o impedisse de reinar durante mais quarenta anos, o que tornaria o seu reinado o mais longo da história do Império.

Olhou de novo para o espelho e pensou que sua imagem ficava melhor quando deixava o espelho plano, sem ligar a terceira dimensão.

Lembrou-se de Demerzel, o fiel, confiável, necessário, insuportável Demerzel. Esse não mudara nem um pouco. Conservava a mesma aparência do dia em que o conhecera e, até onde Cleon sabia, sem necessidade de micro ajustes. Naturalmente, Demerzel era muito discreto em tudo que fazia. Além disso, parecia jamais ter sido jovem.

Não tinha nada de jovem quando trabalhava para o pai de Cleon quando ele ainda era o príncipe herdeiro. Será que era melhor amadurecer cedo e não envelhecer mais?

Envelhecer!

Isso o fez lembrar-se de que mandara chamar Demerzel com um propósito específico e não para ficar ali parado, enquanto o imperador sonhava acordado. Demerzel poderia tomar os devaneios imperiais como sinal de senilidade.

- Demerzel - disse Cleon.

- Majestade?

- Aquele tal de Joranum. Estou farto de ouvir falar dele.

- Não precisa se preocupar, majestade. Joranum é um desses oportunistas que ficam em evidência por uns tempos e depois desaparecem.

- Mas ele está demorando para desaparecer.

- Às vezes leva um certo tempo, majestade.

- O que pensa dele, Demerzel?

- É perigoso, mas tem uma certa popularidade. Na verdade, é a popularidade que o torna perigoso.

- Se você o considera perigoso e eu me cansei de suas provocações, por que esperar mais? Não podemos simplesmente mandar prendê-lo, ou executá-lo?

- A situação política aqui em Trantor é delicada, majestade...

- Como sempre. Alguma vez você já me disse que a situação política não era delicada?

- Vivemos em tempos difíceis, majestade. Não devemos tomar nenhuma ação drástica contra ele se não tivermos certeza dos resultados.

- Não estou gostando da situação. Posso não ser muito letrado. Um imperador não tem tempo de estudar. Mesmo assim, conheço a história do Império. Nos últimos séculos, esses populistas, como são chamados, chegaram algumas vezes ao poder. Em todas essas vezes reduziram o imperador da época a um fantoche. Não quero ser um fantoche, Demerzel.

- Isso é impensável, majestade.

- Não será impensável se você não agir enquanto é tempo.

- Estou agindo, majestade, mas de forma cautelosa.

- Existe pelo menos um homem que não é tão cauteloso quanto você. Faz mais ou menos um mês, um professor universitário, um professor, acabou sozinho com uma manifestação dos joranumitas. Ele simplesmente se adiantou e deu um basta no que eles estavam fazendo.

- É verdade, majestade. Como ficou sabendo?

- Acontece que estou interessado nesse professor. Por que não me falou a respeito?

Demerzel respondeu, de forma quase servil:

- Seria correto incomodá-lo com todos os assuntos insignificantes que passam por minha mesa?

- Insignificantes? O professor em questão era Hari Seldon.

- De fato, era esse o seu nome.

- Um nome familiar. Não foi ele quem apresentou um trabalho, faz alguns anos, que nos chamou a atenção?

- Sim, majestade.

Cleon parecia satisfeito consigo mesmo.

- Como pode ver, eu tenho boa memória. Não dependo dos meus ministros para tudo. Interroguei Seldon a respeito do assunto daquele trabalho, não foi?

- Sua memória é sem dúvida invejável, majestade.

- O que aconteceu com a ideia de Seldon? Era um método para prever o futuro. Apesar da minha memória invejável, não me recordo do nome do método.

- Psico-história, majestade. Não era exatamente um método para prever o futuro, e sim uma teoria para prever tendências gerais da história humana.

- E o que foi feito dela?

- Nada, majestade. Como expliquei na ocasião, a ideia era totalmente inexequível. Um trabalho pitoresco, mas inútil.

- No entanto, Seldon enfrentou os joranumitas. Será que teria coragem de fazer isso se não soubesse de antemão que seria bem-sucedido? Será que isso não é prova de que essa tal de... psico-história está dando certo?

- Isso prova apenas que Hari Seldon é uma pessoa muito impulsiva, majestade. Mesmo que a teoria da psico-história tivesse fundamento, não permitiria prever eventos isolados.

- O matemático não é você, Demerzel. É Seldon. Acho que está na hora de interrogá-lo novamente.

Acho que seria perda de... Demerzel, é o que eu quero. Sim, majestade.

Providencie.

16

Raych escutava, tentando disfarçar a sua impaciência. Estava sentado numa cela improvisada, em um prédio de Billibotton, após ter passado por corredores dos quais não mais se lembrava. (Ele, que nos velhos tempos teria percorrido esses mesmos corredores sem hesitação, livrando-se de qualquer perseguidor.)

O homem que estava com ele, e que usava o uniforme verde da Guarda de Joranum, era um missionário, um torturador ou uma espécie de teólogo frustrado. Fosse o que fosse, anunciara que seu nome era Sander Nee e estava fazendo um longo discurso, com um sotaque dahlita muito carregado, que obviamente tinha sido decorado palavra por palavra.

- Se a população de Dahl deseja a igualdade, deve fazer por merecê-la. Precisamos de gente ordeira, respeitadora, cumpridora das leis. Os outros nos acusam de ser agressivos e arruaceiros para justificar sua intolerância. A única maneira de nos livrarmos dessa pecha é nos comportarmos de forma impecável. Se não agirmos assim...

- Concordo inteiramente com o senhor - interrompeu Raych, - mas preciso falar com o Sr. Joranum o mais cedo possível.

Nee sacudiu lentamente a cabeça.

- Não posso atendê-lo, a menos que tenha uma audiência marcada.

- Escute, sou filho de um professor da Universidade de Streeling. Um professor de matemática.

- Não conheço nenhum professor... pensei que você tinha dito que era de Dahl.

- Claro que sou. Não reconhece o meu sotaque?

- E seu velho ensina numa universidade? Não acredito.

- Na verdade, ele é meu pai adotivo.

O outro absorveu aquilo e sacudiu a cabeça.

- Conhece alguém em Dahl?

- Fale com Mãe Rittah. Ela me conhece. (Mãe Rittah devia estar com mais de oitenta anos. Será que ainda estava viva?)

- Nunca ouvi falar.

(Quem mais? Era pouco provável que aquele homem conhecesse um dos seus antigos companheiros. Seu melhor amigo tinha sido um rapaz chamado Cascão... ou pelo menos era o único nome pelo qual o conhecia. Mesmo na situação aflitiva em que se encontrava, Raych não conseguia se imaginar dizendo: "Conhece um rapaz da minha idade chamado Cascão?")

Finalmente, disse:

- bom, eu também conheço Yugo Amaryl.

Uma luz débil pareceu se acender nos olhos de Nee.

- Quem?

- Yugo Amaryl - repetiu Raych, esperançoso. - Ele trabalha para meu pai adotivo, na universidade.

- Ele também é um dahlita? Todos na universidade são dahlitas?

- Não, só ele e eu. Ele era um térmico.

- O que ele está fazendo na universidade?

- Meu pai o tirou dos termotubos faz oito anos.

- Hummm... Vou mandar alguém.

Raych teve que esperar. Mesmo que conseguisse sair do prédio, aonde poderia ir, no labirinto de corredores de Billibotton, sem que o capturassem quase instantaneamente?

Já não tinha mais o mapa da cidade na cabeça.

Vinte minutos se passaram antes que Nee voltasse acompanhado pelo cabo que o prendera na padaria. Raych ficou um pouco mais animado. O cabo parecia ser uma pessoa razoável. Ele perguntou:

- Quem é esse dahlita que você diz ser seu amigo?

- Yugo Amaryl. Um térmico que meu pai conheceu aqui em Dahl, faz oito anos, e levou para a universidade.

- Por que ele faria isso?

- Meu pai achou que Yugo tinha capacidade para fazer coisas mais importantes do que cuidar dos termotubos.

- O que, por exemplo?

- Estudar matemática. Ele...

O cabo interrompeu-o com um gesto.

- Em que termotubo ele trabalhava? Raych pensou por um momento.

- Eu era apenas um menino, na ocasião, mas acho que era em Tyrrell Dois.

- Passou perto. Ele trabalhava em Tyrrell Três.

- Então você o conhece?

- Não pessoalmente, mas a história dele ficou famosa entre os térmicos e eu também já trabalhei nos termotubos. Talvez tenha sido assim que você ouviu falar dele.

Pode provar que realmente conhece Yugo Amaryl?

- Preste atenção no que Vou lhe propor. Deixe-me escrever meu nome em um pedaço de papel, ao lado do nome do meu pai e de mais uma palavra. Entre em contato com alguém da comitiva do Sr. Joranum... ele deve chegar amanhã... e leia para ele o meu nome, o nome do meu pai e a outra palavra. Se nada acontecer, ficarei aqui até apodrecer, suponho, mas tenho certeza de que não vai ser assim. Acho que eles vão me tirar daqui a três segundos e você vai ser promovido por ter passado a informação.

Por outro lado, caso se recuse a me atender e eles descobrirem que estou aqui, o que vai acontecer mais cedo ou mais tarde, você será severamente punido. Afinal de contas, se você sabe que Yugo Amaryl saiu daqui para trabalhar para um matemático famoso, meta na sua cabeça que esse matemático famoso é meu pai. Ele se chama Hari Seldon.

A expressão do cabo mostrou com clareza que o nome não era totalmente desconhecido. Ele perguntou:

- Qual é a palavra que você vai escrever?

- Psico-história.

O cabo franziu a testa.

- O que significa?

- Não importa. Tudo que tem a fazer é passá-la adiante. O cabo lhe entregou uma folha de papel, tirada de um caderno.

- Está bem. Escreva tudo aqui e vamos ver o que acontece.

Raych percebeu que tremia. Ele também estava curioso para saber o que iria acontecer. Tudo dependia da pessoa a quem o cabo entregasse a mensagem.

17

Hari Seldon viu as gotas de chuva escorrerem pelas janelas envolventes

do carro imperial e foi assaltado por uma profunda nostalgia. Era a segunda vez em oito anos que saía da Cúpula para visitar o imperador no único espaço aberto que havia em Trantor, e das duas vezes estava chovendo. Da primeira vez, logo depois de sua chegada ao planeta, o mau tempo o deixara apenas irritado. Para ele, não era nenhuma novidade. O planeta natal, Helicon, tinha sua cota de tempestades, especialmente na região onde nascera e crescera.

Depois, porém, passara oito anos no interior de uma cúpula onde o clima era artificial, onde o mau tempo se limitava a nuvens programadas para aparecer a intervalos aleatórios, com chuvas regulares durante os períodos de descanso. Os furacões eram substituídos por brisas e não havia extremos de calor e frio, apenas pequenas mudanças que faziam a pessoa desabotoar a camisa de vez em quando ou vestir um agasalho leve vez por outra. Mesmo essas alterações suaves eram objeto de críticas.

No momento, porém, estava chovendo forte, coisa que não via há anos. Seldon estava adorando. Aquela chuva o fazia lembrar-se de Helicon, da infância, de uma época relativamente despreocupada de sua vida, e teve vontade de pedir ao motorista para tomar o caminho mais longo.

Impossível! O imperador queria vê-lo e seria uma longa viagem, mesmo que tomassem o caminho mais curto e não tivessem que enfrentar nenhum congestionamento. O imperador, é claro, não pretendia esperar por ele...

Era um Cleon diferente do que Seldon conhecera oito anos antes. Estava uns cinco quilos mais gordo e tinha uma expressão preocupada no olhar. A pele das bochechas e em volta dos olhos estava esticada demais e Hari reconheceu o resultado de um excesso de cirurgias plásticas. De certa forma, Seldon tinha pena de Cleon – apesar de todo o seu poder, o imperador não era imune à passagem do tempo.

Cleon I recebeu-o sozinho. Não totalmente só, é claro, pois um imperador nunca estava sozinho. Havia dois soldados estacionados em pontos estratégicos da sala, com a aparência de terem sido moldados em plástico, cada um com uma pistola carregada na mão. Era uma precaução de rotina contra assassinos que se apresentassem disfarçados de visitantes. Naturalmente, o imperador tinha que confiar nos soldados, e a história deixara bem claro que isso nem sempre era seguro.

- Prazer em vê-lo, professor - disse o imperador em tom coloquial. - Vamos dispensar as formalidades, como fizemos da outra vez em que nos encontramos.

- Como quiser, majestade - disse Seldon, muito sério. Nem sempre era seguro tratar o imperador de modo informal, mesmo que fosse para obedecer a uma ordem explícita.

Cleon fez um gesto imperceptível e a sala sofreu uma mudança drástica, quando a mesa foi posta automaticamente e os pratos começaram a aparecer. Seldon, confuso, não conseguiu acompanhar os detalhes.

- Vai comer comigo, Seldon? - perguntou o imperador. A entonação era de uma pergunta, mas tinha a força de uma ordem.

- Será uma honra, majestade - respondeu Seldon. Olhou em torno, curioso. Sabia muito bem que não se devia fazer perguntas ao imperador, mas não via outra saída. Disse, da forma mais casual possível, tentando fazer com que não soasse como uma pergunta: - O primeiro-ministro não vai comer conosco?

- Não, não vai - respondeu Cleon. - Está ocupado com outras coisas e, de qualquer forma, quero conversar com você em particular.

Comeram em silêncio por algum tempo, Cleon olhando fixamente para ele e Seldon respondendo com um sorriso amável. Cleon não era considerado uma pessoa cruel, mas, teoricamente, podia mandar prender Seldon, levantando contra ele alguma vaga acusação e, se quisesse de fato exercer sua influência, providenciar para que jamais fosse submetido a julgamento. Era sempre melhor evitar ser notado, o que, no momento, parecia impossível.

Certamente, tinha sido pior oito anos antes, quando fora conduzido à presença do imperador por guardas armados, mas a lembrança não lhe servia de consolo.

De repente, Cleon disse:

- Seldon, o primeiro-ministro é uma pessoa admirável, mas às vezes tenho a impressão de que as pessoas pensam que não tenho ideias próprias. Você concorda?

- De forma alguma, majestade - respondeu Seldon, calmamente. Era melhor não negar com muita veemência.

- Não acredito em você. Seja como for, tenho ideias próprias e me lembro de que na época em que chegou a Trantor estava interessado numa coisa chamada psico-história.

- Estou certo de que também se lembra, majestade, de que expliquei que se tratava de uma teoria matemática, sem nenhuma aplicação prática.

- Foi o que você disse. Ainda acha a mesma coisa?

- Sim, majestade.

- Tem trabalhado nisso desde então?

- Ocasionalmente, mas os resultados não são animadores. Infelizmente, o caos introduz um elemento de imprevisibilidade e...

- Quero que investigue um problema específico - interrompeu o imperador. - Prove a sobremesa, Seldon. Está deliciosa.

- Qual é o problema, majestade?

- O problema é um homem chamado Joranum. Demerzel me explicou, ha, polidamente que não posso prendê-lo e não posso usar a força para esmagar seus seguidores. De acordo com Demerzel, isso só servirá para agravar a situação.

- Se o primeiro-ministro pensa assim, deve ter suas razões.

- Mas não quero me preocupar com esse tal de Joranum. Demerzel não está fazendo nada!

- Estou certo de que ele está fazendo o que pode, majestade.

- Se está trabalhando para resolver o problema, não me mantém informado a respeito.

- Talvez isso se deva a um desejo natural, majestade, de mantê-lo fora da disputa. O primeiro-ministro talvez pense que se Joranum... se ele por acaso...

- Tomar o poder - completou Cleon, com uma expressão de profundo desagrado.

- Sim, majestade. Nesse caso, seria indesejável que houvesse uma inimizade declarada entre ele e Vossa Majestade. A estabilidade do Império deve ser mantida a todo custo.

- Prefiro manter a estabilidade do Império sem Joranum. O que sugere, Seldon?

- Eu, majestade?

- Você, Seldon - insistiu Cleon, impaciente. - Não acredito que a psico-história seja apenas um jogo. Demerzel é seu amigo. Acha que não sei? Ele espera algo de você. Ele espera que você aperfeiçoe a psico-história. É o que espero, também... Seldon, você está do lado de Joranum? Diga-me a verdade!

- Não, majestade, não estou do lado dele. Considero-o um grande perigo para o Império.

- Muito bem, acredito em você. Ouvi dizer que impediu uma manifestação dos joranumitas no campus da universidade onde leciona.

- Foi um ato impulsivo de minha parte, majestade.

- Pode enganar os outros, mas não a mim. Fez o que fez porque a psico-história lhe permitia prever as consequências.

- Majestade!

- Não adianta protestar. O que está fazendo para deter Joranum? Se está do lado do Império, deve estar fazendo alguma coisa.

- Majestade - começou Seldon, cauteloso, tentando adivinhar o quanto o imperador sabia, - mandei meu filho se encontrar com Joranum no setor de Dahl.

- Para quê?

- Meu filho é dahlita, e é muito esperto. Talvez descubra alguma coisa

que nos seja útil.

- Talvez?

- Não podemos ter certeza, majestade.

- Você me manterá informado?

- Sim, majestade.

- Seldon, não me diga que a psico-história é apenas um jogo; que ela não tem aplicações práticas. Não quero ouvir isso. Espero que faça alguma coisa para deter Joranum. O que será, não posso saber, mas você precisa fazer alguma coisa. Não me desaponte. Agora pode ir.

Seldon voltou para Streeling bem mais apreensivo do que partira. Cleon deixara bem claro que não toleraria um possível fracasso.

Agora tudo dependia de Raych.

18

Raych estava sentado na antessala de um edifício público de Dahl no qual jamais entrara, nem poderia ter entrado, quando era um moleque de rua. Para dizer a verdade, sentia-se pouco à vontade, como se estivesse invadindo um território proibido.

Tentou parecer calmo, seguro, afável.

O pai lhe dissera que eram qualidades que possuía naturalmente.

Se era esse o caso, tinha que tomar cuidado para não estragar tudo esforçando-se demais para parecer o que realmente era.

Procurou relaxar observando um assistente que operava um computador atrás da escrivaninha. Não se tratava de um dahlita. Na verdade, era Gambol Deen Namarti, o mesmo homem que estava com Joranum quando este fora falar com Seldon.

De vez em quando, Namarti levantava os olhos e olhava para Raych com hostilidade. Sua afabilidade natural não estava funcionando com Namarti, pensou o rapaz.

Raych não tentou anular a hostilidade com um sorriso amável. Teria parecido muito artificial. Limitou-se a esperar. Já tinha chegado muito longe. Quando Joranum chegasse, teria uma chance de falar com ele.

Joranum chegou, distribuindo sorrisos. Namarti levantou a mão e ele parou. Os dois conversaram em voz baixa, enquanto Raych os observava

atentamente, tentando sem sucesso fazer de conta que não estava prestando atenção. Parecia claro que Namarti estava aconselhando Joranum a não recebê-lo, o que o deixou contrariado. Por que Namarti era imune à sua afabilidade?

De repente, Joranum olhou para Raych, sorriu e empurrou Namarti para o lado. Ocorreu a Raych que Namarti podia ser o cérebro da dupla, mas era Joranum quem tinha todo o carisma.

Joranum deu um passo à frente e estendeu uma mão gorducha, ligeiramente úmida.

- Ora, ora. O filho do professor Seldon. Como vai?

- Vou bem, obrigado.

- Soube que teve algumas dificuldades para chegar aqui.

- Nem tanto, Sr. Joranum.

- Está trazendo um recado do seu pai, imagino. Espero que ele tenha mudado de ideia e decidido juntar-se a mim na grande cruzada.

- Acho que não. Joranum franziu a testa.

- Está aqui sem o conhecimento do seu pai?

- Não senhor. Foi ele que me mandou.

- Entendo... Está com fome, rapaz?

- Não no momento, obrigado.

- Incomoda-se se eu comer? Não tenho muito tempo para os "prazeres simples da vida" - afirmou Joranum, com um largo sorriso.

- Por mim está bem, Sr. Joranum.

Os dois foram juntos até uma mesa e se sentaram. Joranum desembrulhou um sanduíche e deu uma dentada. Perguntou, com a boca cheia:

- E para que ele mandou você, filho? Raych deu de ombros.

- Desconfio que ele achou que eu poderia descobrir algo que pudesse usar contra o senhor. Ele é unha-e-carne com o primeiro-ministro Demerzel.

- E você? Não é?

- Não senhor. Nasci em Dahl.

- Isso eu sei, rapaz. E daí?

- Daí que pertenço à categoria dos oprimidos e por isso estou do seu lado e quero ajudá-lo. Naturalmente, meu pai não pode saber.

- Ele não precisa saber. De que forma pretende me ajudar? - Joranum olhou rapidamente para Namarti, que estava encostado na escrivaninha, escutando, com os braços cruzados e ar reprovador. - Sabe alguma coisa a respeito da psico-história?

- Não senhor. Meu pai não gosta de conversar comigo a respeito, e mesmo que gostasse eu não seria capaz de compreender. O que sei é que ele não está conseguindo chegar a lugar algum.

- Tem certeza?

- Tenho certeza. Ele tem um assistente chamado Yugo Amaryl, que também é dahlita e às vezes conversa comigo a respeito. Ele está muito frustrado com a falta de resultados.

- Ah! Será que eu poderia ter uma conversa com esse Yugo Amaryl, um dia desses?

- Acho difícil. Ele não simpatiza muito com Demerzel, mas tem uma verdadeira veneração pelo meu pai. Jamais o trairia.

- E você?

Raych fez um muxoxo e depois murmurou, em tom desafiador:

- Antes de mais nada, sou um dahlita. Joranum pigarreou.

- Nesse caso, Vou repetir a pergunta. Como pretende me ajudar, meu filho?

- Tenho uma coisa para lhe contar que vai achar difícil de acreditar.

- Verdade? Experimente. Se eu não acreditar, direi a você.

- Tem a ver com o primeiro-ministro, Eto Demerzel.

- O que é?

Raych olhou em torno, desconfiado.

- Alguém pode me ouvir?

- Apenas eu e Namarti.

- Está bem. Acontece que Demerzel não é um homem. É um robô.

- O quê? - exclamou Joranum.

- Isso mesmo. Um homem mecânico, Sr. Joranum. Ele não é um ser humano, e sim uma máquina.

- Jo-Jo, não acredite no que o rapaz está dizendo! - interrompeu Namarti, veemente. - Isso é ridículo!

Joranum silenciou-o com um gesto. Seus olhos brilhavam.

- Por que diz isso?

- Meu pai esteve em Mycogen uma vez. Ele me contou. Em Mycogen, falam o tempo todo a respeito de robôs.

- Eu sei. Já ouvi falar.

- Os mycogenianos dizem que os antepassados conviviam com robôs, mas depois eles foram destruídos.

- Está bem, mas o que o faz pensar que Demerzel é um robô? - interveio Namarti. - Pelo pouco que conheço a respeito dessas fantasias, os robôs são feitos de metal, não são?

- É verdade - concordou Raych. - Acontece que havia uns poucos robôs que eram parecidos com seres humanos e podiam viver para sempre...

Namarti sacudiu a cabeça.

- Lendas! Lendas ridículas! Jo-Jo, por que estamos escutando...

- Não, não, G. D. - protestou Joranum. - Quero ouvir o que o rapaz tem a dizer.

- Mas é um absurdo, Jo-Jo.

- Nem sempre as coisas são o que parecem. Mesmo que fosse um absurdo, as pessoas vivem e morrem para defender absurdos. O que importa não é tanto o que é quanto o que as pessoas pensam que é... Diga-me, filho, que o faz pensar que Demerzel é um robô? Mesmo supondo que os robôs existam, por que afirma que o nosso primeiro-ministro é um robô? Foi ele próprio quem lhe contou?

- Não senhor - declarou Raych.

- Foi seu pai?

- Não senhor. Eu mesmo cheguei a essa conclusão.

- Como? Baseado em quê?

- Na maneira de ser de Demerzel. Ele não mudou nada desde que o conheci. Não envelheceu nem um pouco. Não parece ter emoções. Não parece ser humano.

Joranum recostou-se na cadeira e ficou olhando para Raych por um longo tempo. Era quase possível ver seu cérebro funcionando furiosamente. Afinal, disse:

- Suponhamos que ele seja um robô, meu rapaz. Qual a diferença? Por que se importa com isso?

- Claro que me importo - afirmou Raych. - Sou um ser humano. Não quero ser governado por um robô. Não quero que o Império seja governado por um robô.

Joranum voltou-se para Namarti com um gesto de aprovação.

- Ouviu isso, G. D.? "Sou um ser humano. Não quero ser governado por um robô. Não quero que o Império seja governado por um robô." Faça-o dizer isso na holovisão. Faça-o repetir essa declaração até que todos os cidadãos de Trantor a conheçam de cor...

- Ei! - protestou Raych, quando recuperou a fala. - Não posso repetir isso na holovisão. Meu pai não pode saber...

- Não, claro que não - interpôs Joranum rapidamente. - Não podemos deixar que isso aconteça. Vamos apenas usar as palavras. Encontraremos outro dahlita. Usaremos habitantes de outros setores, cada um falando no seu dialeto, mas sempre com a mesma mensagem: "Não quero ser governado por um robô. Não quero que o Império seja governado por um robô!"

- O que vai acontecer quando Demerzel provar que não é um robô? - perguntou Namarti.

- Francamente - disse Joranum. - Como é que ele vai fazer isso? É impossível. Psicologicamente impossível. O quê? O grande Demerzel, a eminência parda, o homem que sempre mexeu os pauzinhos durante todos esses anos, desde o tempo do pai de Cleon. Como terá coragem de descer do seu pedestal e declarar à população que é um humilde ser humano? Não, G. D., temos finalmente o nosso inimigo onde o queremos, e tudo graças a este jovem idealista!

Raych enrubesceu.

- Seu nome é Raych, não é? - disse Joranum. - Quando nosso partido chegar ao poder, não nos esqueceremos do que fez. Dahl será bem tratado e você ocupará um cargo importante na nossa administração. Um dia, Raych, você será o governador do setor de Dahl. Não se arrependerá do que fez. Está arrependido?

- De maneira alguma! - exclamou Raych, com veemência.

- Nesse caso, vamos providenciar para que volte para o lado do seu pai. Diga a ele que não lhe queremos mal, que o admiramos muito. Pode dizer-lhe que descobriu isso da forma que quiser. Se souber de alguma coisa que possa nos ser útil, principalmente a respeito da psico-história, volte a entrar em contato conosco.

- Combinado. Estava falando sério quando disse que Dahl será bem tratado no seu governo?

- Claro que sim. Igualdade entre os setores, meu rapaz. Igualdade entre os planetas. Vamos ter um novo Império, livre da corrupção, dos privilégios e das injustiças.

- É o que espero - concordou Raych, sacudindo a cabeça entusiasticamente.

19

Cleon, imperador da galáxia, caminhava apressadamente pelo corredor que ligava os seus aposentos particulares aos escritórios do imenso corpo de funcionários que viviam nos vários anexos de um palácio que funcionava como centro nervoso do Império.

Vários dos auxiliares imediatos o acompanhavam, com uma expressão de profunda preocupação estampada no rosto. O imperador não procurava outras pessoas; mandava chamá-las. Nas raras vezes em que caminhava, jamais

mostrava sinais de pressa ou de descontrole emocional. Como poderia? Era o imperador e, como tal, muito mais um símbolo do que um ser humano.

No momento, porém, parecia um ser humano. Afastava os passantes com um gesto impaciente da mão direita, enquanto, na esquerda, brandia um holograma reluzente.

- O primeiro-ministro - dizia, com uma voz estrangulada, nada parecida com o tom neutro e superior que assumira juntamente com o trono. - Onde esta o primeiro-ministro?

Todos os altos funcionários que encontrava no caminho gaguejavam e balbuciavam, incapazes de oferecer uma resposta coerente. Seguia em frente, furioso, deixando neles a impressão indubitável de que estavam tendo um pesadelo. Por fim, irrompeu no escritório de Demerzel, um tanto ofegante, e berrou, literalmente berrou:

- Demerzel!

Demerzel levantou os olhos com um traço de surpresa e se pôs de pé devagar, pois ninguém ficava sentado na presença do imperador, a menos que fosse convidado a fazê-lo.

- Majestade?

O imperador pousou o holograma com força na mesa do primeiro-ministro e perguntou:

- Que é isso? Pode me explicar o que é isso? Demerzel olhou para o holograma. Era um trabalho bem feito.

Quase se podia ouvir o menino, que devia ter uns dez anos, pronunciar as palavras que estavam escritas abaixo da sua imagem: "Não quero ser governado por um robô. Não quero que o Império seja governado por um robô."

- Majestade, também recebi um holograma igual a este - disse Demerzel, calmamente.

- Quem mais recebeu?

- Tenho a impressão, majestade, de que se trata de um panfleto que foi distribuído em todo o planeta.

- Quem é a pessoa para quem o menino está olhando? - perguntou o imperador, colocando o dedo indicador sobre o holograma. - É você?

- A semelhança é notável, majestade.

- Estou errado ao supor que o objetivo deste... deste panfleto, como você diz, é acusá-lo de ser um robô?

- Tive a mesma impressão, majestade.

- Os robôs não são homens mecânicos lendários, que aparecem nas histórias infantis?

- Os mycogenianos consideram como dogma de fé, majestade, que os

robôs...

- Não estou interessado nos mycogenianos e seus dogmas de fé. Por que está sendo acusado de ser um robô?

- É apenas uma metáfora, majestade. Querem insinuar que sou um homem sem coração, cujas decisões mais parecem ter sido tomadas por uma máquina impessoal.

- Isso seria muito sutil, Demerzel. Eu não sou tolo. - Colocou de novo o dedo sobre o holograma. - Estão tentando fazer as pessoas acreditarem que você realmente é um robô.

- Se as pessoas acreditarem, majestade, não há nada que possamos fazer.

- Isso não deve acontecer. Põe em risco a dignidade do seu cargo. Pior ainda: compromete a dignidade do imperador. Sugere que eu... eu seria capaz de escolher um homem mecânico Para meu primeiro-ministro. É intolerável. Escute, Demerzel, não existe uma lei que proíbe as pessoas de difamarem os funcionários do governo?

- Sim, existe uma lei, majestade, e é bastante severa. Data do tempo da grande reforma jurídica de Aburamis.

- E difamar a pessoa do imperador é considerado um crime capital, não é?

- Punível com a morte, majestade. Sim.

- Pois este holograma não ofende apenas a você, mas a mim também, e o responsável por ele devia ser executado. Naturalmente, só pode ser obra daquele Joranum.

- Também acho, majestade, mas vai ser difícil provar.

- Bobagem! As provas são suficientes. Quero que ele seja executado!

- O problema, majestade, é que as leis sobre difamação raramente são aplicadas. Neste século, pelo menos, não me lembro de nenhum caso.

- É por isso que a sociedade está se tornando tão instável e o Império está sendo abalado em suas raízes. As leis ainda estão nos livros. Basta colocá-las em prática.

- Acha que isso seria prudente? Faria com que Vossa Majestade parecesse um tirano, um déspota. O sucesso do governo atual está justamente no fato de ser um governo humano, esclarecido...

- Sim, e está vendo onde chegamos. Acho que está na hora de me amarem um pouco menos e me temerem um pouco mais.

- Recomendo que não tome nenhuma medida drástica, majestade. Poderia ser o estopim de uma revolução.

- Que você faria, então? Chegar para as pessoas e dizer: "Olhem para mim. Eu não sou um robô."

- Não, majestade, porque, como disse, isso comprometeria a minha dignidade e, pior ainda, a vossa.

- Então?

- Não estou bem certo, majestade. Ainda não tive tempo de pensar.

- Não teve tempo de pensar?... Entre em contato com Seldon.

- Majestade?

- Que há de tão difícil de entender na minha ordem? Entre em contato com Seldon.

- Quer que eu o chame ao palácio, majestade?

- Não, não há tempo para isso. Presumo que você possa providenciar uma linha de comunicações entre nós que seja à prova de escutas.

- É claro, majestade.

- Pois faça isso. Já!

20

Seldon não tinha a mesma tranquilidade que Demerzel, o que era natural, pois era feito apenas de carne e osso. A chamada ao escritório e o brilho súbito do campo decodificador eram uma indicação segura de que algo fora do comum estava ocorrendo. Já falara antes em linhas protegidas, mas nunca com o Palácio Imperial.

Esperava que algum funcionário do governo o colocasse em contato com Demerzel em pessoa. Em vista do tumulto causado pelo panfleto, não se surpreenderia com isso.

Quando, porém, a imagem do próprio imperador, cintilando ligeiramente por causa do campo decodificador, entrou no seu escritório (ou pareceu fazê-lo), Seldon ficou de boca aberta e não conseguiu nem levantar-se da cadeira.

Cleon fez um gesto impaciente para que permanecesse sentado.

- Deve estar a par do que está ocorrendo, Seldon.

- Refere-se ao panfleto, majestade?

- Exatamente. Que vamos fazer?

Seldon, apesar da permissão para permanecer sentado, finalmente

levantou-se.

- O panfleto não é tudo, majestade. Joranum está organizando manifestações em todo o planeta a respeito do assunto. Pelo menos foi o que ouvi nos noticiários.

- Eu ainda não sabia. Claro que não. Quem se daria ao trabalho de informar ao imperador?

- Isso não é assunto para o imperador, majestade. Estou certo de que o primeiro-ministro...

- O primeiro-ministro não está fazendo nada. Não consegue nem mesmo me manter informado. Estou recorrendo a você e a sua psico-história. Diga-me o que fazer.

- Majestade?

- Não Vou jogar o seu jogo, Seldon. Está trabalhando na psico-história há oito anos. O primeiro-ministro me disse que não seria aconselhável mandar prender Joranum.

Que devo fazer, então?

- N-nada, majestade! - gaguejou Seldon.

- Não tem nada para me dizer?

- Não me entendeu, majestade. Estou dizendo que não deve fazer nada. Nada! O primeiro-ministro tem toda a razão ao recomendar que não mande prender Joranum. Isso só serviria para piorar as coisas.

- Muito bem. O que vai servir para melhorar as coisas?

- Não fazer nada. Nem Vossa Majestade nem o primeiro-ministro. Deixar que Joranum proceda como quiser.

- De que forma isso vai nos ajudar?

- Isso logo ficará claro - afirmou Seldon, tentando disfarçar o seu nervosismo.

O imperador pareceu se acalmar subitamente, como se toda a sua raiva e indignação tivessem desaparecido.

- Ah! Estou entendendo! Você já sabe o que vai acontecer!

- Majestade! Não foi isso que eu...

- Não precisa dizer mais nada. Já ouvi o suficiente. Você sabe o que vai acontecer e não está preocupado, de modo que também não preciso me preocupar. Seja como for, ainda tenho as forças armadas. Elas me são leais e, caso haja uma insurreição, saberão como sufocá-la. Mas Vou esperar para ver se você está certo.

A imagem do imperador desapareceu e Seldon ficou ali sentado, olhando para o espaço vazio.

Desde aquele primeiro momento desafortunado em que mencionara a

psico-história no Congresso Decenal, oito anos antes, tivera que encarar o fato de que não possuía o que impulsivamente prometera.

Tudo que tinha eram algumas ideias vagas e o que Yugo Amaryl chamava de intuição.

21

Em dois dias, a cruzada de Joranum se estendera a todo o planeta, em parte por obra do líder, em parte através dos seus auxiliares. Como Hari comentou com Dors, era uma campanha que tinha todos os sinais de eficiência militar.

- Ele nasceu para ser um almirante da velha guarda - observou Seldon. - Sua presença na política é um desperdício.

- Desperdício? - protestou Dors. - Do jeito que vai, será primeiro-ministro em uma semana, e, se quiser, imperador em duas semanas. Ouvi dizer que já está sendo aclamado por algumas guarnições militares.

Seldon sacudiu a cabeça.

- Não vai durar muito, Dors.

- O quê? O partido de Joranum ou o Império?

- O partido de Joranum. A história do robô criou uma certa celeuma, especialmente porque o panfleto foi muito bem-feito, mas com o tempo a população vai cair em si e compreender que se trata de uma acusação ridícula.

- Hari, você se esqueceu de que está falando comigo! Essa acusação não é ridícula. Como será que Joranum descobriu que Demerzel é um robô?

- Raych lhe contou.

- Raych?

- Isso mesmo. Ele fez um bom trabalho. Joranum chegou a prometer-lhe que um dia será governador do setor de Dahl.

É claro que Joranum acreditou nele. Eu sabia que acreditaria.

- Está me dizendo que contou a Raych que Demerzel é um robô e fez com que ele passasse a informação a Joranum? - perguntou Dors, horrorizada.

- Não. Sabe que eu não poderia fazer isso. Não posso contar a ninguém que Demerzel é um robô. Garanti a Raych que Demerzel não é um robô, e mesmo isso foi difícil. Passei dois dias com uma dor de cabeça daquelas. Mas pedi a Raych para dizer a Joranum que Demerzel é um robô. Ele está convencido

de que mentiu.

- Mas por que fez isso, Hari? Por quê?

- Não foi por causa da psico-história, isso eu lhe garanto. Não cometa o mesmo erro do imperador, de achar que sou uma espécie de mágico. Tudo que queria era que Joranum acreditasse que Demerzel é um robô. Ele nasceu em Mycogen e ouve falar em robôs desde criança. Assim, estava predisposto a acreditar e convenceu-se de que o povo acreditaria com ele.

- E isso não vai acontecer?

- Não. Depois que passar o choque inicial, chegarão à conclusão de que se trata de uma acusação sem nenhum fundamento. Convenci Demerzel a fazer um pronunciamento pela holovisão subetérica, que será visto em Trantor e outros planetas-chave do Império. Falará sobre vários assuntos, mas não sobre a acusação que pesa sobre ele.

Existem crises suficientes no Império, você sabe, para justificar um pronunciamento desse tipo. As pessoas vão prestar muita atenção, mas não ouvirão uma única palavra a respeito de robôs. No final, um repórter vai perguntar a Demerzel o que pensa do panfleto. Ele se limitará a rir.

- Rir? Pensei que Demerzel não fosse capaz de rir. Na verdade, não me lembro nem de tê-lo visto sequer sorrir.

- Desta vez, Dors, ele vai rir. É uma coisa que ninguém associa a robôs. Você já viu os robôs que aparecem nessas fantasias holográficas, não viu? São sempre mostrados como máquinas frias, inumanas, incapazes de emoções. É isso que as pessoas esperam. Assim, Demerzel só precisa rir. Além do mais... lembra-se de Mestre do Sol Quatorze, o líder religioso de Mycogen?

- Claro que me lembro. Frio, inumano, incapaz de emoções. Ele também nunca ria.

- E não vai rir desta vez. Desde aquele incidente no campus, andei investigando a vida de Joranum. Conheço seu nome verdadeiro. Sei onde nasceu, onde moram os pais, onde estudou, e mandei tudo isso, com provas documentais, para o Mestre do Sol Quatorze. Duvido que ele goste de rebeldes.

- Pensei que você estivesse evitando usar o preconceito como arma.

- E estou. Se eu tivesse fornecido essa informação aos repórteres, para ser mostrada na holovisão, seria diferente. Enviei-a ao Mestre do Sol, que, afinal de contas, é o principal interessado.

- E que se encarregará de divulgá-la.

- Acho que não. Mesmo que o faça, ninguém em Trantor dá importância às declarações do Mestre do Sol.

- O que pretende conseguir com isso, então?

- Ainda não sei ao certo, Dors. Não disponho de uma análise psico-

histórica da situação. Nem mesmo sei se ela é possível. Só espero que minha intuição esteja certa.

22

Eto Demerzel estava rindo.

Não era a primeira vez. Estava ali sentado, com Hari Seldon e Dors Venabili, em uma sala à prova de escuta, e de vez em quando, a um sinal de Hari, começava a rir.

Tinha experimentado jogar a cabeça para trás e dar uma sonora gargalhada, mas Seldon meneara a cabeça em sinal de desaprovação.

- Está muito pouco convincente.

Por isso, Demerzel apenas sorriu e depois riu baixinho, com dignidade. Seldon fez uma careta.

- Estou perplexo - afirmou. - Não adianta lhe contar piadas. Você entende onde está a graça, mas apenas intelectualmente. Terá que memorizar o som de uma risada, e pronto.

- Por que não usamos uma claque holográfica? - sugeriu Dors.

- Nada disso! Nesse caso, não seria Demerzel, e sim um bando de idiotas pagos para rir. Não é isso que eu quero. Tente de novo, Demerzel.

Demerzel tentou mais algumas vezes, até que Seldon disse:

- Muito bem. Agora, memorize o som e tente reproduzi-lo quando lhe fizerem a pergunta. Procure parecer surpreso. Não deve reproduzir o som de riso com uma cara séria.

Sorria um pouquinho, só um pouquinho. Levante o canto da boca. - Os lábios de Demerzel se afastaram lentamente. - Nada mau. Pode fazer seus olhos faiscarem?

- Como assim? - protestou Dors, indignada. - Ninguém faz os olhos faiscarem. É apenas uma expressão metafórica.

- Está enganada - disse Seldon. - Quando os olhos ficam úmidos, por causa de uma sensação de dor, alegria, surpresa, o que seja... a luz se reflete neles de forma diferente.

- Você espera seriamente que Demerzel seja capaz de chorar?

- Meus olhos produzem lágrimas para fins de limpeza - informou Demerzel. - Nunca em excesso, porém. Talvez, se eu imaginar que meus olhos

estão ligeiramente irritados...

- Experimente - disse Seldon. - Não custa tentar.

E foi assim que quando o pronunciamento por uma rede de holovisão terminou e as palavras estavam sendo enviadas subetericamente para milhões de planetas a uma velocidade milhares de vezes maior que a da luz - palavras que eram sérias, objetivas, informativas e sem adornos de retórica... e que falavam de tudo, exceto robôs - Demerzel colocou-se à disposição dos repórteres para possíveis perguntas.

Não teve que esperar muito tempo. Logo a primeira pergunta foi:

- Sr. primeiro-ministro, o senhor é um robô?

A princípio, Demerzel se limitou a olhar para o repórter, deixando a tensão se acumular. Depois, sorriu, balançou ligeiramente o corpo e começou a rir. Não era uma gargalhada barulhenta, mas um riso franco, profundo, o riso de alguém que está apreciando um momento de fantasia. Era contagiante.

A plateia riu com ele.

Demerzel esperou que os risos cessassem e perguntou, olhando para a câmara com olhos faiscantes:

- Será que preciso responder?

23

- Tenho certeza de que funcionou - disse Seldon. - Naturalmente, os resultados não serão instantâneos, mas tudo indica que a situação está evoluindo na direção desejada.

Quando interrompi o comício de Namarti no campus da universidade, a multidão estava com ele até que mostrei claramente que não estava com medo, apesar de me encontrar em inferioridade numérica. Imediatamente, passaram para o meu lado.

- Acha que esta situação é análoga? - perguntou Dors, em tom de quem não estava convencida.

- Naturalmente. Já que não tenho a psico-história, é melhor começar a usar as analogias e o meu cérebro. Ali estava o primeiro-ministro, encurralado pelos seus acusadores, e enfrentou a situação com um sorriso e uma risada, uma reação totalmente inesperada para um robô, e que, portanto, constituía em si mesma uma resposta à pergunta. É claro que ele conquistou a simpatia da

audiência. Nada poderia impedir isso. Entretanto, é apenas o começo. Temos que esperar para saber o que o Mestre do Sol Quatorze tem a dizer.

- Acredita que ele também vai nos ajudar?

- Tenho certeza.

24

O tênis não era um esporte heliconiano e Hari Seldon jamais o praticara. Ele controlou a impaciência, portanto, e observou com interesse o imperador Cleon atravessar a quadra, com passos largos, para devolver a bola.

Na verdade, o que estavam jogando era Tênis Imperial, assim chamado porque se tratava de um dos esportes favoritos dos imperadores, uma versão do jogo que utilizava uma raquete computadorizada, capaz de alterar ligeiramente o ângulo dos golpes em resposta a uma pequena pressão no cabo. Dors Venabili uma vez tentara mostrar a Seldon como era o jogo, colocando uma raquete em sua mão e fazendo-o rebater uma bola. Seldon achara o esporte muito difícil; a bola rebatida por ele tinha ido parar fora da quadra. Era evidente que seriam necessários anos de treinamento para que jogasse razoavelmente bem.

Cleon colocou a bola fora do alcance do adversário e ganhou a partida. Trotou para fora da quadra, aplaudido pelos espectadores, e Seldon lhe disse:

- Parabéns, majestade. Jogou muito bem.

- Acha mesmo, Seldon? - disse Cleon, com indiferença. - Eles sempre me deixam ganhar. Não tem muita graça.

- Nesse caso, majestade, poderia ordenar que se empenhassem mais - observou Seldon.

- Isso não iria adiantar. Eles perderiam da mesma forma. E se ganhassem, eu acharia ainda menos graça do que ganhando sem merecer. Ser imperador tem suas desvantagens, Seldon. Joranum chegaria a essa conclusão se conseguisse chegar onde estou.

Desapareceu no vestiário imperial e voltou algum tempo depois, de banho tomado, usando trajes mais formais.

- Seldon - disse, ordenando aos outros, com um gesto, que se afastassem, - a quadra de tênis é um lugar discreto e está fazendo um dia maravilhoso, de modo que prefiro conversar com você aqui fora. Li a mensagem escrita por esse tal de Mestre do Sol Quatorze. Acha que vai fazer efeito?

- Certamente, majestade. Como teve oportunidade de ler, Joranum é acusado de ser um mycogeniano rebelde, que traiu seu próprio povo.

- Isso vai acabar com ele?

- Seu prestígio ficará seriamente abalado, majestade. Atualmente, ninguém mais acredita naquela história maluca de que o primeiro-ministro é um robô. Além disso,

Joranum passou a ser considerado como um mentiroso, um impostor e, pior que tudo, alguém que foi pego em suas mentiras.

- Alguém que foi pego, isso mesmo - observou Cleon, pensativamente. - Está querendo dizer que usar de meios tortuosos pode ser sinal de esperteza e portanto pode ser motivo de admiração, mas ser apanhado é sinal de burrice, e portanto jamais pode ser motivo de admiração.

- Tem um notável poder de síntese, majestade.

- Quer dizer que Joranum não oferece mais perigo.

- É cedo para dizer, majestade. Pode ser que consiga se recuperar. Ainda dispõe de uma organização e de seguidores fiéis. A história está cheia de exemplos de homens e mulheres que sobreviveram a reveses como esse, ou piores.

- Nesse caso, talvez seja melhor mandar executá-lo, Seldon.

Seldon sacudiu a cabeça.

- Seria uma atitude irrefletida, majestade. Não queremos criar um mártir, ou que Vossa Majestade fique parecendo um déspota.

Cleon franziu a testa.

- Você está falando como Demerzel. Sempre que me decido a tomar uma atitude, ele murmura: "déspota". Houve imperadores antes de mim que recorreram à força sempre que necessário e foram apreciados por isso.

- Sem dúvida, majestade, mas vivemos tempos difíceis. Além disso, seria uma execução inteiramente desnecessária. Podemos nos livrar de Joranum de uma forma que fará Vossa Majestade parecer um soberano esclarecido e benevolente.

- Parecer esclarecido?

- Mostrar que é esclarecido, majestade. Desculpe se não soube me expressar. Executar Joranum seria uma forma de vingança, o que a população talvez não encarasse com simpatia. Como imperador, porém, Vossa Majestade tem uma atitude bondosa, e mesmo paternal, em relação aos credos de todos os segmentos da sociedade, pois, no final de contas, são todos seus súditos.

- Aonde quer chegar?

- O que estou querendo dizer, majestade, é que Joranum ofendeu a dignidade dos mycogenianos e Vossa Majestade ficou horrorizado com o

sacrilégio que ele cometeu.

Que melhor solução do que entregar Joranum aos mycogenianos para que seja punido? Vossa Majestade será aplaudido por respeitar a fé de uma população humilde.

- E os mycogenianos o executariam?

- Talvez. As leis contra a blasfêmia são muito severas. No mínimo, será condenado à prisão perpétua com trabalhos forçados.

Cleon sorriu.

- Excelente. Fico com a fama de ser um imperador tolerante e esclarecido e eles fazem o serviço sujo.

- E realmente fariam, majestade, se Joranum fosse entregue a eles. Entretanto, isso não deixaria de criar um mártir.

- Agora me deixou confuso. O que está sugerindo que eu faça?

- Deixe Joranum escolher. Diga que ele deveria ser entregue aos mycogenianos para ser julgado, em nome do bem-estar dos súditos do Império, mas que Vossa Majestade, um soberano de bom coração, teme que o castigo imposto por eles seja muito severo. Assim, ofereça a ele a opção de ser enviado para Nishaya, o pequeno e obscuro planeta no qual alega ter nascido, onde poderá levar uma vida de obscuridade e paz. Naturalmente, Vossa Majestade providenciará para que seja bem vigiado.

- Acha que isso resolverá tudo?

- Com toda a certeza. Joranum estaria praticamente decretando a própria sentença de morte se escolhesse voltar para Mycogen, e não acho que tenha tendências suicidas. Garanto que vai escolher Nishaya, o que, embora seja a opção mais segura, o deixará muito longe dos centros de poder. Como exilado em Nishaya nunca mais terá a oportunidade de liderar um movimento revolucionário. Os seguidores o abandonarão. Poderiam lutar pela memória de um mártir com um ideal sagrado, mas não lutarão para defender um covarde.

- Espantoso! Como conseguiu planejar isso tudo, Seldon? - perguntou o imperador, visivelmente impressionado.

- Majestade, era razoável supor...

- Esqueça - interrompeu Cleon. - Duvido que me conte a verdade; mesmo que decidisse fazê-lo, não conseguiria acompanhar o seu raciocínio. Prefiro tratar de outro assunto. Demerzel vai deixar o cargo. Esta última crise o deixou extenuado e concordo com ele que está na hora de se aposentar. Por outro lado, não posso passar sem um primeiro-ministro. Sendo assim, a partir de agora, você é o novo primeiro-ministro.

- Majestade! - exclamou Seldon, com um misto de surpresa e horror.

- Primeiro-ministro - repetiu Cleon, com toda a calma.

- É a vontade do imperador.

25

- Não fique assustado - disse Demerzel. - A ideia foi minha. Já fiquei no cargo tempo demais e a sucessão de crises atingiu o ponto em que as Quatro Leis me deixam paralisado. Você é a pessoa mais indicada para ser meu sucessor.

- Eu não sou a pessoa mais indicada - protestou Seldon, irritado. - O que sei a respeito de administrar um Império? O imperador pensa que resolvi esta crise usando a psico-história. Você sabe que não é verdade.

- Isso não importa. Se ele acredita que você conhece as respostas para tudo através da psico-história, confiará cegamente em você, o que o tornará um ótimo primeiro-ministro.

- E se eu não corresponder ao que ele espera de mim?

- Tenho certeza de que o bom senso... ou intuição... o manterão no rumo certo, com ou sem a psico-história.

- Mas o que farei sem você... Daniel?

- Obrigado por me chamar assim. Não sou mais Demerzel, mas apenas Daneel. Quanto ao que fará sem mim... Que tal começar a pôr em prática algumas das ideias de Joranum quanto à igualdade e a justiça social? Pode ser que ele não estivesse sendo sincero; pode ser que as usasse apenas para conseguir o apoio da população; a verdade, porém, é que muita coisa que ele pregava faz sentido. E procure se valer da ajuda de Raych sempre que possível. Ele permaneceu leal a você, embora se sentisse atraído pelas ideias de Joranum, e deve estar se sentindo quase como um traidor. Mostre a ele que fez a escolha certa. Além disso, você terá uma excelente oportunidade de desenvolver a psico-história, pois contará com todo o apoio do imperador.

- E quanto a você, Daneel? O que vai fazer?

- A galáxia é muito grande. A Lei Zero me impele a trabalhar para o bem da humanidade, onde quer que me encontre. E, Hari...

- Sim, Daneel?

- Você ainda tem Dors. Seldon assentiu.

- Ainda tenho Dors.

Sem dizer mais nada, o robô se afastou, a veste pesada de ministro farfalhando enquanto ele atravessava, de cabeça erguida, o corredor do palácio.

Seldon ficou onde estava por alguns minutos, perdido em seus pensamentos. De repente, teve um sobressalto e se dirigiu, a passos rápidos, para os aposentos do primeiro-ministro.

Tinha mais uma coisa para dizer a Daneel... a mais importante de todas.

Chegou à antessala, iluminada por uma luz suave, e hesitou por um instante. Quando entrou, finalmente, constatou que não havia ninguém no quarto. A veste negra estava sobre uma cadeira. As paredes do apartamento do primeiro-ministro ecoaram as últimas palavras de Hari para o robô:

- Adeus, meu amigo.

Eto Demerzel não existia mais; . Daneel Olivaw desaparecera.

PARTE II: CLEON I

CLEON I- ...Embora frequentemente receba elogios por ter sido o último imperador em cujo governo o Primeiro Império Galáctico foi razoavelmente unido e próspero, o reinado de um quarto de século de Cleon I se caracterizou por uma contínua decadência. Não se pode atribuir ao monarca uma responsabilidade direta pelo fato, já que o Declínio do Império se deveu a fatores políticos e econômicos impossíveis de serem combatidos com os recursos disponíveis na época. Na verdade, foi muito feliz na escolha dos primeiros-ministros: primeiro Eto Demerzel e depois Hari Seldon. O imperador sempre acreditou que este último usaria a psico-história com sucesso para formular suas estratégias de governo. Cleon e Seldon enfrentaram juntos a conspiração dos joranumitas, que teve um desfecho inesperado...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

1

Mandell Gruber era um homem feliz. Pelo menos, dava essa impressão a Hari Seldon. Seldon interrompeu os exercícios matinais para observá-lo.

Gruber, que aparentava ter quarenta e tantos anos, ou seja, alguns anos a menos que Seldon, estava com a pele um pouco envelhecida pelo trabalho ao ar livre, mas tinha uma cara limpa, jovial, encimada por cabelos ruivos, muito ralos, que deixavam quase totalmente à mostra o couro cabeludo rosado. Ele assoviava baixinho enquanto examinava as folhas dos arbustos, em busca de sinais de insetos daninhos.

Ele não era o jardineiro-chefe, é claro. O jardineiro-chefe do Palácio Imperial era um alto funcionário que ocupava um escritório em um dos edifícios do gigantesco complexo palaciano, comandando um exército de homens e mulheres. Era provável que não pisasse nos jardins mais que uma ou duas vezes por ano.

Gruber pertencia àquele exército. Seu cargo, Seldon sabia, era Jardineiro de Primeira Classe, e bem merecido, depois de quase trinta anos de serviços bem prestados.

Quando ele parou no caminho de cascalho perfeitamente plano, Seldon lhe disse:

- Mais um dia perfeito, Gruber.

Gruber olhou para ele e seus olhos brilharam.

- É verdade, primeiro-ministro. Tenho pena dos que passam o dia trancados em um escritório.

- Como eu, por exemplo.

- Tem uma vida invejável, primeiro-ministro, mas se vai desaparecer no interior de um edifício em um dia como este, não posso deixar de sentir pena do senhor.

- Agradeço pela simpatia, Gruber, mas sabe muito bem que quarenta bilhões de trantorianos passam a vida inteira debaixo da cúpula. Tem pena de todos eles?

- Tenho, sim. Ainda bem que não nasci em Trantor e por isso consegui este cargo de jardineiro. Poucas pessoas neste planeta trabalham ao ar livre, mas sou um desses poucos afortunados.

- O tempo nem sempre está tão bonito.

- Isso é verdade. Tenho que ficar aqui mesmo quando está chovendo torrencialmente ou o vento ameaça me carregar. Mesmo assim, contanto que se

esteja vestido adequadamente...

Veja. - Gruber abriu os braços, em um gesto amplo como o seu sorriso, como se quisesse mostrar toda a extensão dos jardins imperiais. - Tenho meus amigos, as árvores, os gramados e todos os pequenos animais para me fazer companhia, e jardins para manter em formas geométricas, mesmo no inverno. Já reparou na geometria dos jardins, primeiro-ministro?

- Estou olhando para eles agora, não estou?

- Estou falando na planta geral dos jardins, que é maravilhosa. Eles foram projetados por Tapper Savand há mais de trezentos anos e mudaram muito pouco desde aquela época. Tapper foi um grande paisagista, o maior de todos... e é meu conterrâneo.

- Você nasceu em Anacreon?

- Isso mesmo. Um planeta localizado nos confins da galáxia, onde a natureza ainda é preservada e a vida pode ser doce. Vim para cá ainda rapaz, quando o atual jardineiro-chefe foi contratado pelo antigo imperador. Hoje estão falando em reformar os jardins. - Gruber suspirou fundo e balançou a cabeça. - Isso seria um grande erro. Estão ótimos do jeito que são, bem proporcionados, agradáveis aos olhos e ao espírito. Mas é verdade que, no passado, os jardins foram reformados várias vezes. Os imperadores logo se cansam do que é antigo e estão sempre em busca de novidades, como se o novo fosse sempre melhor. Nosso atual imperador, que tenha vida longa, está planejando uma reforma com o jardineiro-chefe. Pelo menos, é o que corre entre os jardineiros. - Disse a última frase rapidamente, como se estivesse envergonhado de repetir os mexericos palacianos.

- Pode ser que a reforma ainda demore.

- Espero que sim, primeiro-ministro. Por favor, se tiver uma chance, o que não deve ser fácil para um homem ocupado como o senhor, dê uma olhada na planta dos jardins.

É uma obra de rara inspiração. Se dependesse de mim, não tirariam uma folha que fosse do seu lugar, nem uma flor, nem um coelho, em todas essas centenas de quilômetros quadrados.

Seldon sorriu.

- É um homem dedicado, Gruber. Não ficarei surpreso de um dia for nomeado jardineiro-chefe.

- Espero que não. O jardineiro-chefe não respira ar puro, não tem tempo para apreciar a beleza das flores e esquece tudo que aprendeu da natureza. Ele mora ali, apontou Gruber, com uma expressão de desdém - e acho que não sabe mais distinguir um arbusto de um regato, a menos que um dos assistentes o leve para fora e ponha sua mão em um ou a mergulhe no outro.

Por um momento, parecia que Gruber iria cuspir no chão em sinal de desprezo, mas não encontrou nenhum lugar para depositar sua saliva. Seldon começou a rir.

- Grubei, gosto de conversar com você. Quando estou assoberbado com as tarefas do dia, é bom tirar alguns momentos para escutar a sua filosofia de vida.

- Ah, primeiro-ministro, não sou nenhum filósofo. Não tenho estudo para isso.

- Ninguém precisa de estudo para ser um filósofo. Basta uma mente ativa e muita experiência de vida. Tome cuidado, Gruber. Posso me sentir tentado a promovê-lo.

- Se me deixar como estou, primeiro-ministro, terá minha eterna gratidão.

Seldon estava sorrindo quando se despediu do jardineiro, mas o sorriso desapareceu no momento em que seus pensamentos se voltaram para os problemas do dia-a-dia.

Dez anos como primeiro-ministro... se Gruber soubesse como Seldon estava farto do cargo que ocupava, sua simpatia atingiria proporções astronômicas.

O jardineiro seria capaz de compreender o fato de que o progresso de Seldon no terreno da psico-história ameaçava colocá-lo diante de um dilema insuperável?

2

O passeio de Seldon pelos jardins do palácio era o epitome da paz. Difícil acreditar, ali no meio dos domínios imediatos do imperador, que estava em um planeta quase totalmente coberto por uma cúpula. Ali, naquele lugar, era como se estivesse no planeta natal, Helicon, ou em Anacreon, o planeta de Gruber.

Naturalmente, a sensação de paz era ilusória. Os jardins eram guardados... muito bem guardados.

Antigamente, no passado remoto, os jardins do Palácio Imperial, muito menos sofisticados, muito menos contrastantes com um planeta que apenas começava a construir cúpulas em regiões limitadas, eram abertos a todos os cidadãos e o imperador podia caminhar pelas alamedas, desacompanhado, cumprimentando os súditos com um gesto de cabeça.

Isso era coisa do passado. Agora, havia guardas armados e nenhum habitante de Trantor podia entrar nos jardins sem permissão. Isso, porém, não eliminava o perigo, pois este estava principalmente nos funcionários descontentes e nos soldados corruptos e subornáveis. O perigo para o imperador e seus ministros estava do lado de dentro do palácio, e não do lado de fora. O que teria acontecido se, naquela ocasião, quase dez anos antes, Seldon não estivesse acompanhado por Dors Venabili?

Tinha sido no seu primeiro ano como primeiro-ministro e era natural, supunha agora, que sua inesperada escolha para o cargo gerasse ressentimentos. Outros pretendentes, que se julgavam mais bem qualificados, por terem mais experiência, por terem mais anos de serviço e, acima de tudo, por terem uma opinião muito lisonjeira a respeito de si próprios, haviam ficado indignados com a nomeação de Seldon.

Eles não tinham conhecimento da psico-história ou da importância que o imperador atribuía a essa ciência, e a maneira mais simples de corrigir a situação era subornar um dos homens que havia jurado proteger o primeiro-ministro.

Dors talvez fosse naturalmente mais desconfiada do que Seldon. Ou talvez, antes de desaparecer de cena, Demerzel a tivesse instruído para vigiar de perto o novo primeiro-ministro. Fosse como fosse, depois que Seldon assumira o cargo, a moça passava quase todo o tempo a seu lado.

E foi na tarde de um dia quente e ensolarado que Dors vislumbrou o reflexo do sol (um sol que nunca era visto no interior da cúpula de Trantor) no metal de uma pistola.

- Abaixe-se, Hari! - gritou, e seus pés devoraram a grama quando correu em direção ao sargento.

- Passe-me essa pistola! - ordenou, em tom imperioso.

O pretenso assassino, imobilizado temporariamente pela visão de uma mulher correndo em sua direção, tentou reagir, apontando a pistola para Dors. A moça, porém, segurou-lhe com força o pulso direito e levantou-lhe o braço.

- Largue - disse, por entre dentes cerrados.

O sargento fez uma careta e tentou livrar o braço.

- Não faça isso, sargento - advertiu Dors. - Meu joelho está a cinco centímetros da sua virilha. Se mover um músculo, seu equipamento genital será coisa do passado. Fique bem quietinho. Isso mesmo. Agora, abra a mão. Se não deixar cair a pistola agora, quebro o seu braço.

Um jardineiro chegou correndo com um ancinho na mão, mas Dors fez um gesto para que se mantivesse a distância. A pistola caiu no chão.

Seldon também se aproximou.

- Deixe comigo, Dors.

- Nada disso. Esconda-se atrás daquelas árvores e leve a Pistola com você. Pode haver outros conspiradores por perto.

Dors continuava segurando o pulso do sargento. Ela disse:

- Agora, sargento, quero o nome da pessoa que o persuadiu a atentar contra a vida do primeiro-ministro, e o nome dos outros cúmplices.

O sargento permaneceu calado.

- Não seja tolo - disse Dors. - Fale! - Torceu-lhe o braço e o sargento caiu de joelhos. A moça encostou o bico do sapato no seu pescoço. - Se aprecia o silêncio, posso esmagar lhe a laringe e ficará em silêncio para sempre. É melhor falar.

O sargento falou.

Mais tarde, Seldon lhe disse:

- Como pôde fazer isso, Dors? Nunca pensei que fosse capaz de tal, tal... violência.

- Na verdade, eu não machuquei o homem, Hari. A ameaça foi suficiente. De qualquer forma, o mais importante era a sua segurança.

- Devia ter deixado que eu cuidasse dele.

- Para quê? Para não ferir o seu orgulho masculino? Para começar, você não teria sido suficientemente rápido. Afinal, já não é tão jovem. Em segundo lugar, fizesse você o que fizesse, ninguém se admiraria, porque você é homem. Sou mulher, e as mulheres não são consideradas tão agressivas quanto os homens. Além disso, poucas têm força suficiente para fazer o que fiz. Quando contarem a história, certamente vão exagerar. Ninguém mais terá coragem de atentar contra a sua vida. Terão medo de mim.

- Medo de você e de serem executados. O sargento e seus cúmplices foram condenados à morte, você sabe.

O rosto normalmente tranquilo de Dors assumiu uma expressão angustiada, como se não pudesse aceitar a execução do sargento traidor, mesmo sabendo que ele seria capaz de assassinar seu amado Hari sem pensar duas vezes.

- Não há necessidade de executar os conspiradores - protestou. - O exílio seria suficiente.

- É tarde demais para discutir a questão - afirmou Seldon. - Cleon já se decidiu pela pena de morte. Não que eu não tenha tentado dissuadi-lo.

- Quer dizer que conversaram a respeito?

- É claro. Eu disse a Cleon que bastava prendê-los ou desterrá-los, mas ele se recusou a me atender. Ele disse: "Sempre que tento resolver um problema através de uma medida simples e direta, alguém tem que me acusar de despotismo e tirania. Primeiro foi Demerzel; agora é você. Acontece que este

palácio é meu. Estes jardins são meus. Estes guardas são meus. Minha segurança depende da segurança deste lugar e da lealdade do meu povo. Acha que uma traição como a que acabamos de assistir pode ser punida com algo menos que a morte? De que outra forma podemos garantir a sua segurança? De que outra forma podemos garantir a minha segurança?"

"Argumentei que eles não podiam ser condenados sem julgamento." "Tem razão", concordou. "Serão submetidos a um julgamento sumário, e ai do juiz que não votar pela execução". Vou deixar isso bem claro."

Dors parecia horrorizada.

- Você está aceitando isso muito passivamente. Concorda com o imperador?

Seldon fez que sim com a cabeça, relutante.

- Concordo.

- Porque foi um atentado contra a sua vida. Trocou seus princípios pela vingança?

- Você me conhece, Dors. Não sou uma pessoa vingativa. Entretanto, não era apenas eu que estava em perigo, muito menos o imperador. Se há alguma coisa que a história recente no Império nos mostra, é que os imperadores não duram muito tempo no poder. É a psico-história que deve ser protegida. Mesmo que alguma coisa me aconteça, a psico-história um dia será desenvolvida, mas o Império está decaindo rapidamente e não temos muito tempo. Sou a única pessoa capaz de obter as técnicas necessárias a tempo de evitar o pior.

- Talvez você devesse transmitir o que sabe a outras pessoas - sugeriu Dors, muito séria.

- É o que estou fazendo. Yugo Amaryl seria um substituto razoável, e reuni um grupo de especialistas competentes, mas... eles não são... não são... - ele interrompeu a frase no meio.

- Não são tão bons quanto você, tão capazes, tão inteligentes? É isso que pensa?

- É o que penso - concordou Seldon. - Acontece que sou humano. Fui eu que criei a psico-história e, se for possível, quero que todos saibam disso.

- Humano - suspirou Dors, sacudindo a cabeça, quase tristemente.

Os conspiradores foram executados. Há mais de um século que não se ouvia falar de um expurgo daqueles. Dois conselheiros, cinco oficiais e quatro soldados, entre eles o infeliz sargento. Todos os guardas considerados suspeitos foram enviados para outros planetas.

Desde aquele dia, ninguém mais se atrevera a conspirar contra o governo e tão notório se tornara o cuidado com que o primeiro-ministro era protegido, para não falar da prodigiosa mulher que zelava por ele, que Dors não teve mais

necessidade de acompanhá-lo o tempo todo. Sua presença invisível já era uma proteção adequada, e o imperador Cleon desfrutou de quase dez anos de tranquilidade e de absoluta segurança.

Agora, porém, a psico-história estava finalmente chegando ao ponto em que se tornava possível fazer algumas previsões, e quando Seldon cruzou o jardim para passar do escritório de primeiro-ministro para o laboratório de psico-historiador, sabia muito bem que aquela era de paz estava provavelmente chegando ao fim.

3

Mesmo assim, Hari Seldon não pôde deixar de sentir uma ponta de satisfação quando entrou no laboratório. Como as coisas tinham mudado!

Tudo começara vinte anos antes, com as primeiras tentativas desajeitadas em um computador heliconiano de segunda. Tinha sido naquela época que tivera a primeira visão distante do que seria mais tarde conhecido como a matemática para-caótica.

Depois, vieram os anos na Universidade de Streeling, quando ele e Yugo Amaryl, trabalhando juntos, tentaram renormalizar as equações, livrar-se de infinitos incômodos e descobrir uma forma de contornar os piores efeitos caóticos. O progresso, porém, tinha sido muito pequeno.

Agora, depois de dez anos como primeiro-ministro, dispunha de um andar inteiro de computadores de última geração e uma equipe completa de especialistas trabalhando em uma grande variedade de problemas.

Naturalmente, nenhum dos membros da equipe, com exceção de Yugo, conhecia mais do que o problema específico que lhe tinha sido proposto. Cada um deles trabalhava apenas em um pequeno vale ou pico da gigantesca cadeia de montanhas de psico-história, que apenas Seldon e Amaryl eram capazes de ver como uma cadeia de montanhas.

Eles próprios podiam divisá-la apenas vagamente, os picos escondidos pelas nuvens, as encostas envoltas na neblina.

Dors Venabili estava certa, é claro. Já era tempo de revelar à equipe a verdadeira extensão do mistério. Dois homens não eram suficientes para analisar todas as implicações das novas descobertas. Além disso, Seldon estava envelhecendo. Mesmo que pudesse trabalhar durante mais algumas décadas, seu

período de maior criatividade certamente tinha ficado para trás.

O próprio Amaryl faria 39 anos no mês seguinte. Embora ainda fosse relativamente moço, não era tão jovem assim para um matemático, e estava trabalhando no problema quase há tanto tempo quanto Seldon. Sua capacidade de contribuir com novas ideias também devia estar se esgotando.

Amaryl o tinha visto entrar e estava se aproximando. Seldon olhou para ele com carinho. Amaryl era tão dahlita quanto Raych, o filho adotivo de Seldon, mas não se parecia em nada com um dahlita típico. Não usava bigode, não tinha sotaque, nem mesmo se considerava um dahlita. Mostrara-se indiferente à pregação de Jo-Jo Joranum, que afetara de forma tão profunda a população de Dahl.

Era como se Amaryl não tivesse vínculos com o seu setor, nem com o seu planeta, nem mesmo com o Império. Ele pertencia, total e exclusivamente, à psico-história.

Seldon sentiu uma ponta de inveja. Ele próprio tinha uma consciência muito nítida de que passara as primeiras três décadas de vida em Helicon e não podia deixar de considerar-se um heliconiano. Imaginou se essa consciência não prejudicaria suas análises psico-históricas. Para usar a psico-história de forma apropriada, era preciso colocar-se acima de setores e planetas e lidar apenas com a raça humana, o que era exatamente o que Amaryl fazia.

E o que ele próprio não fazia, admitiu para si mesmo, com um suspiro de resignação.

- Nós estamos fazendo progresso, Hari, suponho.

- Você supõe, Yugo? Simplesmente supõe?

- Não quero sair da minha nave sem um traje espacial. - Ele disse aquilo muito sério (não tinha muito senso de humor, pensou Seldon) e os dois entraram no escritório que compartilhavam. Era pequeno, mas bem protegido contra aparelhos de escuta. Amaryl sentou-se e cruzou as pernas. Ele disse:

- Seu último método para contornar o problema do caos parece estar funcionando... com algum sacrifício da precisão, é claro.

- É claro. O que ganhamos na reta, perdemos nos desvios. É assim que o universo funciona. O que temos de fazer é arranjar um jeito de tapeá-lo.

- Já conseguimos tapeá-lo um pouquinho. É como olhar por uma janela embaçada.

- Melhor que os anos que passamos tentando olhar por uma janela fechada.

Amaryl murmurou alguma coisa consigo mesmo e depois, disse:

- Podemos distinguir algumas formas.

- Explique!

- Não posso, mas tenho o Primeiro Radiante, no qual venho trabalhando como um... como um...

- Como um lamec. É um animal, uma besta de carga, que temos em Helicon. Não existe em Trantor.

- Se o lamec trabalha duro, é assim que tem sido o meu trabalho com o Primeiro Radiante.

Amaryl apertou o fecho de segurança da escrivaninha e uma gaveta se abriu silenciosamente.

Tirou da gaveta um cilindro opaco, de cor escura, que Seldon observou com interesse. Seldon projetara os circuitos do Primeiro Radiante, mas Amaryl se encarregara de construir o aparelho. Amaryl era muito habilidoso para aquele tipo de trabalho.

O escritório ficou escuro e equações e relações brilharam no ar. Números se espalharam abaixo delas, adejando pouco acima do tampo da escrivaninha, como se estivessem suspensos por fios invisíveis.

- Excelente - observou Seldon. - Algum dia, se vivermos o suficiente, veremos o Primeiro Radiante produzir um rio de símbolos matemáticos que traçará a história passada e futura. Nele, poderemos encontrar correntes e torvelinhos e descobrir maneiras de mudá-los de forma a obter novos padrões, mais desejáveis.

- Isso - disse Amaryl, secamente - se conseguirmos conviver com a ideia de que as ações que tomarmos, com a melhor das intenções, poderão ter trágicas consequências.

- Acredite, Yugo, jamais Vou para a cama sem que me ocorra uma ideia parecida. Acontece, porém, que esse dia ainda não chegou. Tudo que temos é isto... que, nas suas palavras, equivale a enxergar algumas formas através de uma janela embaçada.

- É verdade.

- E o que acha que está vendo, Yugo? - Seldon observou Amaryl com olhar crítico. Tinha ganhado um pouco de peso, estava ficando roliço. Passava tempo demais trabalhando nos computadores (e agora no Primeiro Radiante) e quase não fazia exercícios físicos. E embora tivesse tido algumas namoradas, nunca se casara. Um erro! Mesmo um homem fanático pelo trabalho é forçado a tirar algum tempo de folga para atender à esposa, para dedicar-se aos filhos.

Seldon pensou na sua silhueta esguia e na maneira como Dors se esforçava para conservá-la assim.

- O que estou vendo? O que estou vendo é que o Império não vai nada bem - disse Amaryl.

- Há muito tempo que o Império não vai bem.

- É verdade, mas desta vez trata-se de algo mais específico. A própria integridade do Império está ameaçada.

- Trantor corre perigo?

- Pode ser. Ou a Periferia. Ou a situação vai degenerar aqui, levando talvez a uma guerra civil, ou as províncias exteriores vão se rebelar.

- Não precisamos da psico-história para reconhecer essas possibilidades.

- O interessante é que parecem ser mutuamente exclusivas. Ou uma ou a outra. A probabilidade de que ambas ocorram é muito pequena. Aqui! Olhe! A matemática é sua. Observe!

Os dois examinaram o Primeiro Radiante durante um longo tempo. Afinal, Seldon comentou:

- Não entendi por que as duas possibilidades são mutuamente exclusivas.

- Nem eu, Had, mas de que adiantaria a psico-história se nos mostrasse apenas coisas que somos capazes de deduzir por outros meios? Ela está nos indicando uma coisa imprevista. Entretanto, fica faltando saber duas coisas. Primeiro: qual das duas alternativas é a melhor? Segundo: o que podemos fazer para aumentar a probabilidade de que a melhor alternativa se concretize?

- Eu sei qual é a melhor alternativa - afirmou Seldon. - Perder a Periferia e conservar Trantor.

- Tem certeza?

- Tenho. Afinal de contas, estamos aqui, não estamos?

- Não está querendo dizer que nossa escolha deve se basear em interesses pessoais...

- Não, mas a psico-história deve ser preservada a todo custo. De que adiantará salvar a Periferia, se as condições em Trantor nos forçarem a interromper a nossa pesquisa? Não digo que fôssemos assassinados, mas talvez nos impedissem de trabalhar. Nosso destino depende do desenvolvimento da psico-história. Se a Periferia se rebelar, isso apenas dará início a um processo de desintegração, que levará muito tempo para chegar à parte central do Império.

- Mesmo que esteja certo, Hari, o que devemos fazer para salvar Trantor?

- Para começar, temos de pensar a respeito. Depois de alguns momentos, Seldon rompeu o silêncio:

- Acaba de me ocorrer uma ideia desanimadora. E se o Império estiver no caminho errado? E se sempre tiver estado no caminho errado? Fico com essa impressão toda vez que converso com Gruber.

- Quem é Gruber?

- Mandell Gruber. Um jardineiro.

- Ah. Aquele que chegou correndo com um ancinho para defendê-lo, no dia do atentado.

- Esse mesmo. Nunca me esquecerei do que fez. Afinal de contas, mostrou-se disposto a enfrentar um número desconhecido de atacantes, presumivelmente armados com pistolas, para tentar salvar minha vida. Isso é que é lealdade. Seja como for, conversar com ele é como um sopro de ar puro. Não posso passar o tempo todo falando apenas com burocratas e psico-historiadores.

- Obrigado pela parte que me toca.

- Deixe disso, Amaryl. Você sabe o que quero dizer. Gruber aprecia a natureza. Ele gosta do vento, da chuva, do frio e de tudo mais que existe fora da cúpula. Eu mesmo às vezes sinto falta dessas coisas.

- Pois eu, não. Poderia passar o resto da vida sem ir lá fora.

- É porque você está acostumado ao nosso modo de viver. Suponha, porém, que o Império fosse constituído por planetas não-industrializados, de baixa densidade populacional, cujas Populações se dedicassem à agricultura e à pecuária. Não teriam todos uma melhor qualidade de vida?

- Sei lá. Para mim, parece horrível.

- Andei investigando a questão. Tudo indica que se trata de um caso de equilíbrio instável. Duas coisas podem acontecer a um planeta do tipo que acabei de descrever: ou a pobreza atinge níveis extremos e os habitantes passam a viver em condições subumanas, quase como animais, ou o planeta se industrializa. É como se a sociedade estivesse equilibrada em uma base muito estreita e tivesse que cair em uma das duas direções. Na prática, quase todos os planetas da galáxia caíram na direção da industrialização.

- Porque era a melhor.

- Talvez. Acontece que esse processo não pode continuar para sempre. Estamos observando atualmente os resultados do excesso de industrialização. O Império não vai resistir por muito tempo porque está... está superaquecido. Não conheço termo melhor. Não sei o que virá em seguida. Se, através da psico-história, conseguirmos evitar a queda, ou, o que é mais provável, conseguirmos apressar a recuperação depois da queda, estaremos trabalhando apenas para assegurar que haja outro período de superaquecimento?

Será esse o único futuro a que a humanidade pode aspirar, empurrar a pedra, como Sísifo, até o alto da montanha, só para vê-la rolar de volta?

- Quem é Sísifo?

- Um personagem de uma lenda antiga. Amaryl, você precisa ler mais.

Amaryl deu de ombros.

- Para saber quem é Sísifo? Isso não importa. Talvez a psico-história nos mostre o caminho para uma sociedade totalmente nova, diferente de tudo que conhecemos, que seja estável e desejável.

- Espero que sim - suspirou Seldon. - Espero que sim, mas ainda não vejo

nenhum sinal disso. Por enquanto, vamos ter que trabalhar pela emancipação da Periferia.

Isso marcará o início da Queda do Império Galáctico.

4

- Foi o que eu disse a Amaryl - comentou Hari Seldon. - "Isso marcará o início da Queda do Império Galáctico." E é verdade, Dors.

Dors até então não fizera nenhum comentário. Ela aceitava o cargo de Seldon da mesma forma como aceitava tudo mais... com toda a tranquilidade. Sua única missão era protegê-lo e proteger a psico-história. Entretanto, a posição de Seldon tornava mais difícil essa tarefa. A melhor defesa era não ser notado, e enquanto Seldon estivesse em evidência, graças à posição que ocupava, todas as precauções seriam insatisfatórias e insuficientes. Os aposentos luxuosos que agora ocupavam, as sofisticadas proteções contra dispositivos de escuta, a vantagem de dispor de uma verba quase ilimitada para suas pesquisas históricas

- Nada disso a satisfazia. Trocaria de bom grado tudo aquilo por seu antigo alojamento na Universidade de Streeling. Melhor ainda: por um apartamento anônimo em um setor anônimo, onde ninguém os conhecesse.

- Pode ser, Hari querido - disse, afinal. - Mas não é tudo.

- O que não é tudo?

- A informação que acaba de me fornecer. Você disse que vamos perder a Periferia. Como? Por quê?

Seldon sorriu.

- Gostaria de saber, Dors, mas a psico-história ainda não está suficientemente desenvolvida para nos fornecer todas as respostas.

- Nesse caso, diga-me a sua opinião. Os governadores desses planetas distantes têm interesse em proclamar a independência?

- Claro que esse é um fator de peso. Você sabe melhor do Que eu que houve rebeliões no passado, mas elas foram logo sufocadas. Desta vez, porém, os efeitos serão permanentes.

- Porque o Império está mais fraco?

- Sim, porque o comércio diminuiu, as comunicações se tornaram mais precárias, os governadores da Periferia se sentem mais fortes do que nunca. Se um deles tiver ambições pessoais...

- Pode descobrir qual deles vai ser?

- De forma alguma. Tudo que podemos extrair da psico-história a esta altura é o conhecimento de que se surgir um governador de capacidade fora do comum, que seja suficientemente ambicioso, encontrará condições extremamente favoráveis para rebelar-se contra o Império. O estopim pode ser outra coisa, como um grande desastre natural, ou uma guerra civil entre dois grupos de planetas. Nada disso pode ser previsto com precisão, mas sabemos que qualquer coisa do gênero que aconteça agora terá consequências mais sérias do que se tivesse acontecido há um século.

- Mas se você não sabe exatamente o que vai acontecer na Periferia, como poderá influir sobre os acontecimentos de forma a garantir que o Império comece a desmoronar da periferia para o centro, e não do centro para a periferia?

- Acompanhando de perto os fatos; tomando medidas para estabilizar a situação de Trantor e não tomando medidas para estabilizar a situação da Periferia. Não podemos esperar ainda que a psico-história nos permita controlar automaticamente o desenrolar da história, de modo que teremos de recorrer constantemente a ajustes manuais. No futuro, a técnica será aperfeiçoada e haverá menos necessidade de ajustes manuais.

- Mas isso só será possível no futuro. Certo?

- Certo. E mesmo assim, tudo não passa de uma esperança.

- Quais os perigos que ameaçam Trantor, caso a Periferia não se desligue do Império?

- As mesmas possibilidades: fatores econômicos e sociais, desastres naturais, disputas entre altos funcionários. E algo mais. Eu disse a Yugo que o Império está superaquecido. Acontece que Trantor é a parte mais superaquecida de todas. O planeta já chegou ao seu limite. Os problemas de infraestrutura... abastecimento de água, aquecimento, recolhimento de lixo, suprimento de combustíveis... são cada vez mais frequentes.

- O que me diz da morte do imperador? Seldon abriu os braços.

- Cleon vai morrer um dia, mas ele tem boa saúde e ainda é relativamente jovem. Os dois filhos são totalmente incapazes, mas certamente surgirão outros pretendentes ao trono. A luta pela sucessão será acirrada, mas provavelmente não conduzirá a nenhuma catástrofe, do ponto de vista histórico.

- Digamos, então, que ele seja assassinado. Seldon olhou em torno, preocupado.

- Não diga isso. Sei que estamos sozinhos, mas não use esta palavra.

- Hari, não seja tolo. É uma possibilidade que deve ser considerada. Houve uma época em que os joranumitas quase tomaram o poder. Se conseguissem seu intento, o imperador teria sido...

- Acho que não. Provavelmente o usariam como figura decorativa. Seja como for, é coisa do passado. Joranum morreu ano passado em Nishaya, em total esquecimento.

- Ele tinha seguidores.

- É claro. Todo mundo tem seguidores. Por acaso, nos seus estudos da história do Império e do Reino de Trantor, você leu alguma coisa sobre o Partido Globalista, fundado no meu planeta natal, Helicon?

- Não, Hari. Não se ofenda, mas os livros falam muito pouco sobre Helicon.

- Não estou ofendido, Dors. Feliz o planeta que não tem uma história, é o que sempre digo. Seja como for, há cerca de dois mil e quatrocentos anos, havia um grupo de pessoas em Helicon que afirmava que Helicon era o único planeta habitado no universo. Helicon era o universo e além dele só havia uma esfera celeste, salpicada de pontos luminosos.

- Como podiam pensar assim? Naquela época, já deviam Pertencer ao Império.

- É verdade, mas os globalistas acreditavam que todas as Provas de que o Império existia eram ilusórias ou forjadas, e todos os emissários do Império eram heliconianos disfarçados. Não havia nada que os convencesse do contrário.

- O que aconteceu?

- Acho que é sempre agradável pensar que o seu planeta é o planeta. Quando estavam no auge da popularidade, os globalistas tinham o apoio de cerca de dez por cento da população. Eram apenas dez por cento, mas constituíam uma minoria agressiva, que fazia mais barulho que a maioria indiferente e ameaçava tomar o poder.

- Mas eles não conseguiram, não é?

- Não, não conseguiram. O que aconteceu foi que o globalismo começou a afetar o comércio com o resto do Império e a economia de Helicon entrou em recessão. Quando a crença começou a afetar o bolso da população, sua popularidade diminuiu rapidamente. A ascensão e a queda do globalismo deixaram muita gente intrigada na época, mas tenho certeza de que a psico-história teria explicado o fenômeno de forma muito lógica.

- Entendo. Hari, por que me contou essa história? Suponho que tenha alguma relação com o assunto que estávamos discutindo.

- O que eu estava querendo mostrar é que movimentos desse tipo nunca morrem totalmente, por mais ridículas que sejam as suas premissas. Mesmo hoje em dia, mesmo hoje em dia, ainda existem globalistas em Helicon. Não são muitos, mas de vez em quando setenta ou oitenta deles se reúnem no que chamam de Congresso Global e extraem um imenso prazer de conversar a

respeito do globalismo. Pois bem: apenas dez anos se passaram desde a época em que o movimento joranumita parecia prestes a conquistar o poder, e eu ficaria surpreso se não tivessem restado alguns adeptos. Pode ser que daqui a mil anos ainda haja alguns adeptos.

- Essas pessoas não podem ser perigosas?

- Acho que não. O verdadeiro perigo estava no carisma de Jo-Jo, e ele está morto. Nem mesmo foi uma morte heroica ou dramática. Ele simplesmente definhou e morreu no exílio. Provavelmente, tinha perdido a vontade de viver.

Dors levantou-se e caminhou até a outra extremidade da sala, balançando os braços, com os punhos cerrados. Voltou e ficou de pé diante de Seldon, que continuara sentado.

- Hari, Vou lhe dizer o que está me preocupando. Se a psico-história aponta para a possibilidade de que ocorram tumultos em Trantor, e você acha que ainda restaram alguns joranumitas, pode ser que eles estejam tramando o assassinato do imperador.

Seldon riu nervosamente.

- Está vendo fantasmas, Dors. Calma.

Ele próprio, porém, tinha ficado impressionado com as palavras da moça.

5

O setor de Wye tinha a tradição de se opor à dinastia Entun de Cleon I, que governava o Império há mais de dois séculos. A oposição datava da época em que a linha de prefeitos de Wye assumira por algum tempo o governo do Império. A dinastia de Wye não tinha sido nem duradoura nem particularmente bem-sucedida, mas a população e as autoridades de Wye achavam difícil esquecer que tinham sido, ainda que de forma temporária e imperfeita, os supremos governante do Império. O breve período em que Rashelle, a prefeita de Wye, desafiara o poder do imperador, dezoito anos antes, contribuíra para aumentar tanto o orgulho quanto a frustração de Wye.

Por tudo isso, era razoável que o pequeno bando de conspiradores se sentisse mais seguro em Wye do que em qualquer outro setor de Trantor.

Cinco deles estavam sentados em torno de uma mesa, em um bairro pobre do setor. A sala em que se encontravam era pobremente mobiliada, mas dispunha de um equipamento à prova de escuta.

Em uma cadeira ligeiramente melhor que as outras estava sentado o

homem que parecia ser o líder. Um homem magro, de aspecto doentio, com uma boca larga e lábios tão pálidos que eram quase invisíveis. Os cabelos estavam começando a branquear e os olhos tinham um brilho feroz.

Estava olhando para o homem à sua frente, bem mais velho e corpulento, de cabelos brancos e bochechas roliças que balançavam quando ele falava.

- E então? - disse o líder, bruscamente. - É evidente que você ainda não fez nada. Explique por quê!

O homem mais velho tentou responder no mesmo tom. Ele disse:

- Sou um joranumita veterano, Namarti. Por que tenho que justificar minhas ações?

Gambol Deen Namarti, que um dia tinha sido o braço direito de Laskin "Jo-Jo" Joranum, replicou:

- Existem muitos joranumitas veteranos. Alguns são incompetentes, alguns são fracos; outros esqueceram nossa missão. É possível ser um joranumita veterano e não passar de um velho tolo.

O homem mais velho recostou-se na cadeira.

- Está me chamando de velho tolo? Eu? Sou Kaspal Kaspalov... estava ao lado de Jo-Jo quando você ainda não tinha entrado para o partido, quando não passava de um joão-ninguém à procura de uma causa.

- Não chamei você de tolo - protestou Namarti. - Disse apenas que alguns joranumitas são tolos. Você agora tem a oportunidade de provar que não é um deles.

- Minha ligação com Jo-Jo...

- Esqueça! Ele morreu!

- Seu espírito ainda vive.

- Se esse pensamento nos ajudar em nossa luta, então seu espírito ainda vive, mas para os outros, não para nós. Sabemos que ele cometeu uma série de erros.

- Não concordo com isso.

- Não insista em fazer um herói de um homem que errou. Ele pensou que fosse capaz de mudar o mundo apenas pela força de suas palavras...

- A história mostra que as palavras podem mover montanhas.

- Não as palavras de Joranum, obviamente, porque ele cometeu erros lamentáveis. Tentou, sem sucesso, esconder o fato de que era mycogeniano. Pior ainda, foi tolamente levado a acusar o antigo primeiro-ministro de ser um robô. Aconselhei-o a não levar adiante a acusação, mas ele não me deu ouvidos... e isso acabou com ele. Agora vamos começar do zero, está bem? Mesmo que usemos a memória de Joranum para conquistar o público, não vamos nos deixar influenciar por ela.

Kaspalov permaneceu em silêncio. Os outros três olhavam alternadamente para Namarti e Kaspalov e pareciam dispostos a deixar que Namarti conduzisse a discussão.

- Depois do exílio de Joranum em Nishaya, os joranumitas se dispersaram e o movimento quase desapareceu - afirmou Namarti. - Teria desaparecido, se não fosse por minha causa. Pouco a pouco, fragmento por fragmento, consegui reconstruí-lo, transformando-o numa rede que se estende por todo o planeta. Está a par disso, suponho.

- Perfeitamente, chefe - murmurou Kaspalov. O uso do título tornava claro que estava propondo uma reconciliação.

Namarti sorriu. Ele não insistia no título, mas gostava de ouvi-lo na boca dos correligionários. Ele disse:

- Você faz parte dessa rede e deve cumprir suas obrigações. Kaspalov se remexeu na cadeira. Era óbvio que estava passando por um drama íntimo. Afinal, resolveu falar.

- Acaba de me dizer, chefe, que aconselhou Joranum a não acusar o antigo primeiro-ministro. Ele não atendeu ao conselho, mas pelo menos você pôde expressar sua opinião.

Posso ter o mesmo privilégio de apontar o que considero como sendo um erro que estamos prestes a cometer? Terá a paciência de me escutar da mesma forma como Joranum o escutou, ainda que, como ele, decida não me atender?

- Claro que você pode expressar a sua opinião, Kaspalov. Está aqui para isso. Qual é o problema?

- Essa nossa nova tática, chefe. É um grande erro. Vai provocar tumultos e inquietação política.

- Naturalmente! É isso que queremos. - Namarti agitou-se na cadeira, controlando com esforço o seu ódio. - Joranum tentou usar a persuasão. Não deu certo. Vamos subjugar Trantor pela ação.

- Em quanto tempo? A que preço?

- Levaremos o tempo que for necessário e o custo será, na verdade, muito pequeno. Uma falta de energia aqui, um cano furado ali, um esgoto entupido, um sistema de ar-condicionado com defeito. Incômodo e desconforto; essas são as nossas armas.

Kaspalov sacudiu a cabeça.

- Essas coisas tendem a ser cumulativas.

- É claro, Kaspalov, e queremos que o descontentamento do público seja cumulativo, também. Escute, Kaspalov. O Império está em franca decadência. Todo mundo sabe disso. Todo mundo que tem um pingo de inteligência sabe disso. Mesmo que a gente não faça nada, a tecnologia do Império vai começar a

falhar. Estamos apenas dando um pequeno empurrão.

- É perigoso, chefe. A infraestrutura de Trantor é extremamente complexa. Um golpe mal calculado pode provocar um colapso. Puxe o barbante errado e Trantor desabará como um castelo de cartas.

- Isso não aconteceu até agora.

- Mas pode acontecer no futuro. E se a população descobrir que somos os responsáveis? Não se darão ao trabalho de chamar a polícia ou as forças armadas; seremos linchados em praça pública.

- Ninguém vai desconfiar. O alvo natural do ressentimento do povo é o governo... os conselheiros do imperador. Jamais pensarão em nós.

- E como vamos viver com nossa consciência, sabendo o que fizemos?

A última frase foi dita como um sussurro. O velho estava visivelmente emocionado. Dirigiu um olhar suplicante ao líder do partido, ao homem a quem jurara obediência.

Tinha feito isso com a impressão de que Namarti continuaria a carregar a bandeira da liberdade antes empunhada por Laskin Joranum; agora, Kaspalov não estava certo de que Jo-Jo aprovaria o que seu sucessor estava fazendo.

Namarti fez um muxoxo, como um pai diante de uma traquinagem de um filho.

- Kaspalov, será que você está ficando sentimental? Quando chegarmos ao poder, vamos juntar os pedaços e iniciar o processo de reconstrução. Será fácil conquistar o apoio das massas usando aquela velha conversa de Joranum a respeito da participação do povo no governo; depois que consolidarmos nossa posição, poderemos estabelecer um governo mais forte e eficiente. Ficaremos assim com um Trantor melhor e um Império mais sólido. Instituiremos uma espécie de conselho de Estado onde representantes das diversas regiões poderão discutir os problemas do Império até ficarem roucos, mas as decisões finais serão nossas. Kaspalov não disse nada. Namarti prosseguiu:

- Você parece indeciso. Por quê? Nosso plano vai dar certo. Até agora, funcionou perfeitamente. O imperador não sabe o que está acontecendo. O primeiro-ministro é um matemático que vive fora da realidade. Ele derrotou Joranum, é certo, mas depois disso não fez mais nada que prestasse.

- Ele inventou uma coisa chamada... chamada...

- Esqueça. Joranum atribuía uma grande importância a esse invento, mas isso, como a sua obsessão por robôs, se deve ao fato de ter nascido em Mycogen. Na verdade, o suposto invento não tem...

- Psicanálise histórica, ou coisa parecida. Ouvi Joranum dizer...

- Esqueça. Limite-se a fazer a sua parte. Você é o encarregado da ventilação do setor de Anemoria, não é? Providencie para que o sistema

apresente algum tipo de defeito. Uma pane que faça aumentar a umidade, uma falha nos filtros que produza um cheiro desagradável, qualquer coisa do gênero. Ninguém vai morrer; por isso, não há razão para sentir-se culpado. Você vai apenas tornar a vida das pessoas um pouco menos agradável, de modo a aumentar o nível geral de insatisfação. Podemos contar com a sua ajuda?

- O que será apenas um desconforto para as pessoas jovens e saudáveis pode pôr em risco a vida das crianças, dos idosos, dos doentes.

- Quer fazer uma revolução sem que ninguém saia ferido? Kaspalov murmurou alguma coisa.

- É impossível tomar o governo sem que ninguém se machuque - afirmou Namarti. - Faça a sua parte. Escolha um método que não coloque em perigo as vidas dos velhos e das crianças, se isso tranquiliza a sua consciência, mas faça o trabalho.

- Gostaria de perguntar mais uma coisa, chefe.

- Então pergunte - disse Namarti, em tom resignado.

- Até o momento, estamos apenas tentando abalar o prestígio do governo, mas vai chegar o dia em que você vai tirar vantagem da insatisfação popular para tomar o poder. Como pretende fazer isso?

- Quer saber exatamente como vamos fazer?

- Quero. Quanto mais depressa agirmos, menores serão os danos, mais eficiente será o ato cirúrgico.

- Ainda não chegamos a um acordo quanto à natureza exata desse ato cirúrgico - respondeu Namarti, destacando bem as palavras. - Logo que decidirmos, você será informado.

Até lá, concorda em fazer a sua parte?

- Concordo, chefe - respondeu Kaspalov, sem muita convicção.

- Nesse caso, pode ir - disse Namarti, dispensando-o com um gesto.

Kaspalov levantou-se e saiu. Namarti esperou que ele se retirasse e disse para o homem à sua direita:

- Não podemos mais confiar em Kaspalov. Ele se vendeu ao inimigo e quer conhecer nossos planos apenas para nos trair. Acabe com ele.

O outro assentiu e os três saíram, deixando Namarti sozinho. Ele desligou os painéis luminosos das paredes, deixando apenas um quadrado no teto para quebrar a escuridão.

Namarti pensou: toda corrente tem elos fracos, que precisam ser eliminados. Foi o que fizemos no passado; em consequência, nossa organização se tornou muito mais forte.

Sorriu na penumbra, contorcendo o rosto numa espécie de alegria feroz. Afinal, a rede agora se estendia até o palácio... era precária, é verdade, ainda não

totalmente digna de confiança, mas estava lá. E seria reforçada.

6

O tempo nos jardins do Palácio Imperial estava quente e ensolarado há vários dias.

Aquilo não era comum. Hari lembrou-se de que Dors uma vez lhe explicara como aquela região do planeta, onde os invernos eram frios e as chuvas frequentes, tinha sido escolhida para sede do governo.

- Ela não foi propriamente escolhida - explicara a moça. - O terreno pertence à nobreza desde a época do Reino de Trantor. Quando o Reino se tornou um Império, os imperadores passavam o ano em vários lugares: balneários, residências de inverno, casas de campo. Pouco a pouco, o planeta foi sendo coberto por cúpulas. Um dia, um imperador passou alguns dias aqui, gostou do lugar e mandou que o deixassem de fora quando o programa de instalação das cúpulas foi completado. Justamente porque era o único local do planeta que não tinha sido coberto por uma cúpula, ele se tornou algo especial, um lugar diferente dos outros. Em consequência, o imperador seguinte também decidiu morar aqui. Assim nasceu uma tradição que vem sendo mantida até hoje.

Como sempre acontecia quando ouvia relatos semelhantes, Seldon imediatamente tentara imaginar como a psico-história lidaria com um caso como aquele. Conseguiria prever que uma parte do planeta seria deixada do lado de fora da cúpula, embora sem especificar a região? Ou levaria à conclusão errônea de que várias partes do planeta seriam deixadas de fora, ou de que o planeta seria totalmente coberto? Como a psico-história podia levar em conta o gosto pessoal de um certo imperador que estava no trono em um momento crucial e tomara uma decisão apenas por um capricho? À sua frente, Seldon via o caos - e talvez a loucura. bom tempo deixara Cleon I visivelmente satisfeito.

- Estou ficando velho, Seldon - comentou. - Não preciso lhe dizer isso; somos da mesma idade. Sei que é sinal de velhice não ter vontade de jogar tênis ou de ir pescar, mesmo sabendo que o lago recebeu novos peixes, mas hoje prefiro passear nas alamedas.

Estava comendo sementes enquanto falava, algo parecido com o que em Helicon, o planeta natal de Seldon, seria chamado de sementes de abóbora, só que maiores e de sabor menos delicado. Cleon as quebrava com os dentes,

removia a casca fina e colocava a parte comestível na boca.

Seldon não gostava muito daquele tipo de semente, mas quando o imperador lhe ofereceu algumas, teve que aceitar.

O imperador estava com um punhado de cascas na mão e olhou em volta à procura de uma cesta de lixo. Não viu nenhuma, mas avistou um jardineiro a uma certa distância, em posição de sentido, como tinha de estar na presença do imperador, e com a cabeça respeitosamente baixa.

- Jardineiro! - chamou Cleon. O jardineiro se aproximou.

- Majestade!

- Jogue isto no lixo - ordenou Cleon, colocando as cascas na mão do jardineiro.

- Sim, majestade.

- Jogue também as minhas, Gruber - pediu Seldon.

Gruber estendeu a mão e disse, timidamente:

- Sim, primeiro-ministro.

O jardineiro se afastou, enquanto o imperador ficava olhando para ele, curioso.

- Conhece esse homem, Seldon?

- Conheço, sim, majestade. É um velho amigo.

- O jardineiro é um velho amigo seu? Quem é ele? Um matemático que está passando por uma fase difícil?

- Não, majestade. Talvez ainda se lembre da história. Aconteceu no dia em que... - Seldon hesitou, pensando na forma mais diplomática de descrever o incidente -...no dia em que o sargento ameaçou minha vida, logo depois que Vossa Majestade teve a generosidade de me nomear para o cargo de primeiro-ministro.

- O atentado. - Cleon olhou para o céu, como se estivesse em busca de paciência. - Não sei por que todo mundo tem medo de usar essa palavra.

- Talvez seja porque nos preocupemos com a possibilidade de que algo aconteça com o nosso imperador - disse Seldon, censurando-se mentalmente por ter aprendido tão depressa a recorrer à lisonja.

Cleon sorriu ironicamente.

- Entendo. E que isso tem a ver com Gruber? É esse o nome dele, não é?

- Sim, majestade. Mandell Gruber. Vossa Majestade talvez se lembre de que um jardineiro chegou correndo, com um ancinho na mão, para me defender do sargento.

- Oh, sim. Esse jardineiro era ele?

- Ele mesmo, majestade. Considero-o um amigo desde aquele dia, e faço questão de falar com ele sempre que venho passear no jardim. Acho que ele

toma conta de mim, sente-se responsável pela minha segurança. E eu, naturalmente, tenho muita simpatia por ele.

- E com razão. Já que estamos falando do assunto, como vai sua formidável esposa? Não a tenho visto ultimamente.

- Dors é uma historiadora, majestade. Vive mergulhada no passado.

- Ela não deixa você assustado? Soube como tratou aquele sargento. Quase tive pena dele.

- Minha mulher fica uma fera apenas quando acha que estou sendo ameaçado, majestade. No momento, a situação está muito tranquila.

O imperador olhou na direção em que o jardineiro tinha desaparecido.

- Nós recompensamos aquele homem?

- Tomei a liberdade de fazê-lo, majestade. Ele tem mulher e duas filhas; providenciei para que cada uma recebesse uma Quantia em dinheiro para a educação dos filhos.

- Excelente. Mas ele merece uma promoção, não acha? É bom jardineiro?

- Dos melhores, majestade.

- O jardineiro-chefe... o nome dele é Malcomber, se não me falha a memória... está chegando à idade de se aposentar. Deve ter quase oitenta anos. Acha que Gruber seria capaz de substituí-lo?

- Tenho certeza que sim, majestade, mas prefere continuar como está. Adora a vida ao ar livre.

- Ele se acostumará ao novo cargo, Seldon. Eu estou precisando de alguém com novas ideias. Hummm... Preciso pensar no assunto. Seu amigo Gruber pode ser exatamente a pessoa que eu estava precisando. A propósito, Seldon, o que você quis dizer quando afirmou que a situação está muito tranquila?

- Quis dizer apenas, majestade, que não existem no momento vozes dissidentes na Corte Imperial.

- Você não diria isso, Seldon, se fosse imperador e tivesse que lidar com todos esses funcionários e suas reclamações. Como pode me dizer que a situação está calma quando toda semana chegam notícias de distúrbios nos mais variados pontos de Trantor?

- Essas coisas acontecem.

- Pelo que me lembro, não costumavam acontecer com tanta frequência.

- Talvez não acontecessem, majestade. Nossa infraestrutura está velha e desgastada. Para reformá-la, seria necessária uma verdadeira fortuna. O momento não é propício para um aumento dos impostos.

- Não existe um momento propício para isso, Seldon. O que sei é que a população está cada vez mais descontente com os serviços públicos. Você

precisa tomar providências.

O que diz a psico-história?

- A mesma coisa que o bom senso: que tudo está envelhecendo.

- Sabe de uma coisa? Esta conversa está estragando o meu dia. Deixo o caso em suas mãos, Seldon.

- Sim, majestade - disse Seldon, humildemente.

O imperador se afastou e Seldon pensou consigo mesmo que a conversa também tinha estragado o seu dia. O colapso do celltro era a alternativa indesejável. O que fazer, porém para evitá-lo e transferir a crise para a Periferia?

A psico-história não explicava.

7

Raych Seldon estava muito contente, porque era a primeira vez em meses que tinha oportunidade de jantar com as duas pessoas que considerava como pai e mãe. Sabia muito bem que não eram seus pais biológicos, mas isso não importava. Sorriu para eles com amor.

O ambiente não era tão aconchegante como em Streeling, onde moravam em um pequeno apartamento que se encaixava como uma joia no cenário mais amplo da universidade.

Agora, infelizmente, nada podia esconder a pompa de uma suíte palaciana.

Raych às vezes se olhava no espelho e custava a acreditar que a vida que estava levando fosse verdadeira. Não era alto; tinha apenas 1,63m, bem menos que Hari e Dors. Era corpulento, mas por causa dos músculos, não de gordura. Tinha cabelos negros e o bigode típico dos dahlitas, que tratava de manter o mais farto possível.

No espelho, ainda podia ver o moleque de rua que tinha sido um dia, antes que o destino o fizesse conhecer Hari e Dors. Hari era muito mais jovem na época; na verdade, Raych estava agora mais ou menos com a mesma idade que Hari tinha quando se encontraram pela primeira vez.

Estranhamente, sua mãe, Dors, praticamente não mudara. Continuava jovem e esbelta como nos dias em que ela e Hari abordaram Raych em uma rua de Billibotton. E ele, Raych, nascido na Pobreza e na miséria, agora era funcionário público, desempenhando uma função secundária no Ministério de

Populações.

- Como vão as coisas no Ministério de Populações, Raych? - perguntou Seldon. - Estão fazendo algum progresso?

- Muito pouco, papai. As leis são votadas, os juízes passam sentenças, os políticos fazem discursos, mas é difícil mudar as pessoas. Por mais que se pregue a fraternidade, os homens não se consideram irmãos. O que mais me choca é que os dahlitas não são melhores que os outros nesse particular. Exigem ser tratados como iguais, mas, quando têm a oportunidade, são os primeiros a discriminar os outros.

- É impossível mudar o coração dos homens, Raych - afirmou Dors. - O máximo que se pode fazer é tentar eliminar algumas das injustiças mais flagrantes.

- O problema - acrescentou Seldon - é que durante a maior parte da nossa história ninguém se preocupou com essa coisa. Há muito tempo que a raça humana vem praticando alegremente o jogo do sou-melhor-do-que-você, e não é fácil consertar isso de uma hora para outra. Se permitimos que a sociedade seguisse o seu curso durante mil anos, não podemos reclamar se forem necessários cem anos, digamos, para reverter essa tendência.

- Às vezes, papai - disse Raych, - penso que me arranjou este emprego para me punir.

Seldon levantou as sobrancelhas.

- Que razão eu teria para puni-lo?

- O fato de simpatizar com as ideias de Joranum a respeito da igualdade entre os setores e o aumento da representação popular no governo.

- Não o culpo por isso. São boas ideias, mas você sabe que Joranum e seu grupo as estavam usando apenas como artifício para chegarem ao poder. Depois que conseguissem esse objetivo...

- Apesar de saber como eu me sentia, você me fez enganar Joranum.

- Não foi fácil para mim lhe pedir isso, meu filho.

- E agora me faz trabalhar na implementação do programa de governo de Joranum, apenas para me mostrar que se trata de uma tarefa quase impossível.

- Que acha, Dors? - disse Seldon para a esposa. - O garoto está me atribuindo um maquiavelismo que simplesmente não combina com o meu caráter.

- Claro que não - concordou Dors, com a sombra de um sorriso nos lábios. - Raych seria incapaz de pensar isso de você, não é, filho?

- Normalmente, você é a pessoa mais franca que conheço, papai - afirmou o rapaz. - Em caso de necessidade, porém, sabe mexer seus pauzinhos. Não é isso que pretende fazer com a psico-história?

- Até agora, não consegui fazer muita coisa com a psico-história - disse Seldon, em tom melancólico.

- É pena. Eu tinha esperança de que a solução para o problema do preconceito estivesse na psico-história.

- Talvez esteja, mas ainda falta muito para chegarmos lá. Depois que acabaram de jantar, Seldon disse:

- Agora, Raych, nós dois precisamos ter uma conversa.

- É mesmo? E eu não estou convidada? - perguntou Dors.

- Vamos falar de assuntos do governo, querida.

- Deixe disso, Hari. Você vai é pedir ao menino para fazer alguma coisa que eu não aprovaria.

- Garanto a você que não Vou pedir que faça nada que ele não queira fazer - afirmou Seldon.

- Tudo bem, mamãe - disse Raych. - Pode deixar. Prometo que depois conto tudo a você.

Dors revirou os olhos.

- Vocês dois vão invocar "segredo de Estado". Tenho certeza disso.

- O que preciso discutir com Raych é segredo de Estado, Dors - afirmou Seldon. - Estou falando sério.

Dors se levantou, cerrando os lábios. Deixou a sala com um apelo final:

- Não jogue o menino aos lobos, Hari. Depois que ela saiu, Seldon disse: - Infelizmente, jogar você aos lobos é exatamente o que eu terei de fazer, Raych.

8

Os dois se encontravam no escritório particular de Seldon, a sua "sala de meditação", como costumava dizer. Ali passara muitas horas tentando entender as complexidades do governo do Império e de Trantor. O primeiro-ministro perguntou ao filho:

- Está a par dos frequentes problemas que têm ocorrido nos serviços públicos, Raych?

- Estou - respondeu o rapaz. - Papai, você sabe que nosso planeta envelheceu. O que temos a fazer é tirar todo mundo daqui, derrubar tudo, substituir tudo, instalar computadores de última geração e trazer todo mundo de volta, ou melhor, trazer de volta metade da população. A vida em Trantor seria

bem melhor com apenas vinte bilhões de habitantes.

- Quais vinte bilhões? - perguntou Seldon, sorrindo.

- Quisera saber - respondeu Raych, de cara feia. - O problema é que não podemos reformar o planeta, e por isso temos que continuar a remendá-lo.

- Você está certo, Raych, mas estão acontecendo coisas estranhas. Quero saber o que pensa a respeito disto.

Tirou do bolso uma pequena esfera.

- O que é? - quis saber Raych.

- Um mapa de Trantor, programado com informações. Faça-me um favor, Raych, e abra um espaço vazio em cima da mesa.

Seldon colocou a esfera no meio da mesa e apertou um botão no braço da cadeira. Imediatamente, as luzes se apagaram e o tampo da mesa começou a brilhar com uma luminosidade branca e suave que parecia ter cerca de um centímetro de espessura. A esfera tinha se achatado e se expandira até ocupar toda a superfície da mesa.

Aos poucos, a luz se tornou mais forte em alguns lugares do que em outros, formando um desenho. Depois de trinta segundos, Raych exclamou, surpreso:

- É mesmo um mapa de Trantor!

- Claro que é. Eu não lhe disse? Só que você não compra um mapa como este em qualquer supermercado. É um desses brinquedinhos que os generais adoram. Poderia representar Trantor como uma esfera, mas uma projeção bidimensional será mais adequada para o que quero lhe mostrar.

- O que quer me mostrar, papai?

- Nos últimos dois anos têm ocorrido muitos acidentes. Como você diz, o planeta envelheceu e é inevitável que ocorram acidentes, mas eles estão ocorrendo com muita frequência e resultam, na imensa maioria dos casos, de falha humana.

- Isso não é razoável?

- Seria, dentro de certos limites. Acontece que no caso dos terremotos esses limites foram ultrapassados.

- Terremotos? Em Trantor?

- Admito que Trantor é um planeta de baixa atividade sísmica, e ainda bem que é assim, porque não seria nada prático ter que consertar a cúpula várias vezes por ano. Sua mãe garante que uma das razões pelas quais Trantor foi escolhido para capital do Império foi o fato de ser um planeta geologicamente moribundo. Foi essa a expressão pouco lisonjeira que usou. Pois bem: Trantor pode estar moribundo, mas não está morto. Uma vez ou outra ocorrem pequenos terremotos. Foram três, nos últimos dois anos.

- Eu não sabia disso, papai.

- Pouca gente sabe. A cúpula não é um objeto único. É dividida em centenas de partes, que podem ser abertas separadamente para aliviar as tensões no caso de um terremoto.

Como um terremoto dura no máximo um minuto, a cúpula não passa muito tempo aberta. Tudo acontece tão depressa que os trantorianos nem chegam a perceber que aconteceu alguma coisa fora do normal. É mais provável que sintam um pequeno tremor, ou escutem o barulho das máquinas, do que se deem conta de que estiveram expostos por alguns instantes ao tempo que estava fazendo do lado de fora.

- Isso é bom, não é?

- Deveria ser. É tudo controlado por computador. Quando os sensores detectam a aproximação de uma onda de choque, a cúpula é aberta antes que as vibrações tenham intensidade suficiente para causar prejuízos.

- Ainda parece bom.

- Acontece que nos últimos três terremotos o sistema falhou. A cúpula não se abriu e sofreu sérios danos. Os consertos foram demorados, custaram caro e o controle do tempo funcionou de forma precária durante um período considerável. Raych, quer saber qual é a probabilidade de que o sistema não funcione três vezes seguidas?

- É pequena?

- Muito pequena. Menor que um por cento. Tudo leva a crer que alguém tenha sabotado o sistema, Raych. Mais ou menos uma vez a cada cem anos, ocorre um vazamento de magma, algo muito mais sério do que um pequeno terremoto. Não quero nem pensar nas consequências de um vazamento desses, se não for detectado a tempo. Felizmente, isso não aconteceu até hoje, nem há razão para que venha a acontecer no futuro, mas... dê uma olhada. Aqui no mapa estão assinalados os locais onde ocorreram acidentes nos últimos anos que podem ser atribuídos a erro humano, embora não tenha sido possível determinar, em nenhum caso, quem foi o funcionário responsável.

- Isso porque todo mundo tratou de tirar o corpo fora.

- Tem razão. Esta é uma característica de qualquer burocracia, e Trantor abriga a maior burocracia de todos os tempos. Mas o que acha dos pontos no mapa?

O mapa mostrava pontinhos vermelhos que pareciam pequenas pústulas na superfície de Trantor.

- Não vejo nenhum padrão - disse Raych, cautelosamente. - Eles parecem estar distribuídos por toda a superfície.

- Exatamente. É isso que me intriga. Era de se esperar que as partes mais

antigas de Trantor, as partes que foram cobertas há mais tempo, estivessem com o equipamento em piores condições e fossem mais sujeitas a defeitos, o que aumentaria a probabilidade de uma falha humana. Vou colorir de azul as partes mais antigas de Trantor. Verá que os acidentes não parecem estar ocorrendo com maior frequência nas partes azuis do que nas partes brancas.

- E daí?

- Minha conclusão, Raych, é que os acidentes não se devem a causas naturais, mas estão sendo provocados deliberadamente em todo o planeta, de forma a criar um descontentamento geral.

- Isso parece impossível.

- É mesmo? Vamos analisar a distribuição cronológica dos acidentes.

As manchas azuis e os pontos vermelhos desapareceram. O mapa de Trantor ficou vazio por alguns instantes e depois os pontos vermelhos começaram a aparecer e desaparecer, um de cada vez, aqui e ali.

- Observe que a distribuição temporal também é uniforme. Acontece um acidente, depois outro, depois outro, a intervalos praticamente iguais.

- Acha que também é proposital?

- Tem que ser. Quem está fazendo isso quer causar o máximo de perturbação com o mínimo de esforço. Não faria sentido provocar um acidente logo depois de outro, porque os dois se cancelariam parcialmente nos noticiários e na opinião pública. Eles querem extrair o máximo de Cada acidente.

O mapa se apagou e a esfera voltou à forma original. Seldon guardou-a no bolso.

- Quem são os responsáveis,- perguntou Raych.

- Faz alguns dias, houve um crime de morte no setor de Wye - replicou Seldon.

- E daí? Embora Wye não seja um dos setores mais violentos, tenho certeza de todo dia ocorrem muitos assassinatos lá.

- Centenas - confirmou Seldon, balançando a cabeça. - Em certos dias, o número de homicídios em todo o planeta chega a quase um milhão. Muitos desses crimes jamais são solucionados. Os mortos simplesmente passam para os livros como estatísticas anônimas. Este assassinato, porém, foi fora do comum. O homem tinha sido esfaqueado, mas ainda estava vivo Quando o encontraram. Teve tempo para balbuciar uma única Palavra antes de morrer: "chefe". Isso despertou uma certa curiosidade e ele acabou sendo identificado. Trabalhava em Anamoria e não se sabe o que estava fazendo em Wye. Um funcionário mais diligente conseguiu descobrir que ele era um antigo joranumita chamado Kaspal Kaspalov, que havia sido muito ligado a Laskin Joranum. E agora estava morto. Assassinado.

Raych franziu a testa.

- Está suspeitando de uma conspiração dos joranumitas? Eles não existem mais.

- Não faz muito tempo, sua mãe me perguntou se eu achava que os joranumitas ainda estavam ativos; respondi que certas crenças custam a morrer, por mais ridículas que sejam, mas eu achava que o número de joranumitas era tão pequeno que não precisávamos nos preocupar com eles. Depois, comecei a pensar: e se os joranumitas conservaram sua organização? E se ainda têm uma certa força, são capazes de matar alguém que consideram um traidor e estão provocando esses acidentes como parte de um plano para tomar o poder?

- Não acha que está abusando da imaginação, papai?

- Pode ser. Pode ser que eu esteja totalmente errado. Acontece que o crime ocorreu em Wye, e, até agora, não houve nenhum acidente em Wye.

- O que é que isso prova?

- Isso pode significar que o centro da conspiração é em Wye e os conspiradores não querem tornar a vida desagradável para si próprios, apenas para o resto da população de Trantor. Pode significar também que os culpados não sejam os joranumitas, e sim os governantes de Wye, que ainda sonham em conquistar o Império.

- Papai, você não tem informações suficientes para chegar a nenhuma conclusão.

- Sei disso. Suponha, porém, que seja uma conspiração dos joranumitas. O braço direito de Joranum era um homem chamado Gambol Deen Namarti. Não temos nenhum registro de sua morte, nem sabemos o que aconteceu com ele nos últimos nove anos. Isso, em si, não quer dizer nada. Afinal de contas, é fácil uma pessoa se esconder no meio de quarenta bilhões. Houve uma época da minha vida em que tentei fazer a mesma coisa. Naturalmente, ele pode estar morto. Esta seria a explicação mais simples. Por outro lado, pode ser que não esteja.

- O que vamos fazer? Seldon suspirou.

- A coisa mais lógica a fazer seria procurar a polícia, as forças de segurança, mas não posso fazer isso. Não sou como Demerzel. Ele sabia intimidar as pessoas. Eu não sei. Ele tinha uma personalidade forte; eu sou apenas um... um matemático. Eu não devia estar no cargo de primeiro-ministro; não fui talhado para isso. E não estaria, se o imperador não atribuísse à psico-história uma importância maior que ela merece.

- Está sendo severo demais consigo mesmo, papai.

- Talvez esteja, mas me imagino procurando as forças de segurança, por exemplo, com o que mostrei para você no mapa - apontou para a mesa, agora

vazia - e afirmando que corremos um grande perigo por causa de uma conspiração de natureza e objetivos desconhecidos. Eles me escutam com ar solene e, depois que me retiro, começam a rir dos desvarios do "matemático". Naturalmente, não movem um músculo.

- Nesse caso, o que vamos fazer? - insistiu Raych.

- É você que vai fazer, Raych. Preciso de mais provas e quero que você as descubra para mim. Mandaria sua mãe, mas ela se recusa a sair de perto de mim. Eu mesmo não posso deixar o palácio tão cedo. Depois de mim mesmo e de Dors, você é a pessoa em quem mais confio. Pensando melhor, confio mais em você do que em nós dois. Você é jovem, é forte, sabe lutar trunca melhor do que eu e é muito inteligente. Quero que uma coisa fique bem clara. Não estou lhe pedindo para pôr a vida em risco. Nada de heroísmos. Sua mãe jamais me perdoaria se acontecesse alguma coisa com você. Descubra o que puder, e só. Talvez fique sabendo que Namarti está vivo e conspirando contra nós, talvez descubra que ele morreu há muito tempo. Talvez fique sabendo que os joranumitas ainda são um grupo ativo, talvez descubra que eles já se dispersaram. Talvez fique sabendo que os governantes de Wye pretendem derrubar o imperador, talvez descubra que não há razão para duvidar da sua lealdade. Todas essas informações seriam interessantes, mas não vitais. O que eu realmente quero que você descubra é se todos esses acidentes foram propositais, como desconfio, e, mais importante ainda, caso se trate realmente de sabotagem, o que os conspiradores pretendem fazer em seguida. Ao que tudo indica, devem estar planejando um golpe de vulto, e, nesse caso, é muito importante que eu saiba o que é.

- Tem alguma ideia do que devo fazer para começar? - perguntou Raych, desconfiado.

- Tenho sim, Raych. Quero que vá até Wye, onde Kaspalov foi assassinado. Descubra se ele continuava a se encontrar com os joranumitas e veja se consegue entrar para o grupo.

- Talvez não seja muito difícil. Posso alegar que sempre fui um joranumita de coração. Que no tempo de Jo-Jo eu era apenas um menino, mas fiquei muito impressionado com as ideias dele. O que não deixa de ser verdade.

- Só há um problema: alguém pode reconhecê-lo. Afinal de contas, seu pai é o primeiro-ministro. Você já apareceu algumas vezes na holovisão. Chegou a dar uma entrevista a respeito da igualdade entre os setores.

- É verdade, mas...

- É melhor não facilitarmos, Raych. Você vai usar sapatos de solas grossas, para aumentar sua altura, e Vou pedir a alguém para mudar a forma das suas sobrancelhas e lhe ensinar a mudar o timbre de voz.

Raych deu de ombros.

- Tanto trabalho por nada.

- E além disso - disse Seldon, - você vai ter que raspar o bigode.

Raych arregalou os olhos e ficou sem fala por alguns instantes. Depois, repetiu, incrédulo:

- Raspar o bigode?

- Isso mesmo. Ninguém o reconhecerá sem ele.

- Não posso fazer isso. Seria como cortar o meu... Vou! me sentir como se estivesse castrado!

Seldon sacudiu a cabeça.

- É apenas um hábito. Yugo é tão dahlita quanto você e não usa bigode.

- Yugo é maluco. Para ele, não existe nada além da matemática.

- Ele é um grande matemático e a falta de bigode não altera esse fato. Além do mais, não é como se você estivesse sendo castrado. Seu bigode crescerá de novo em duas semanas.

- Duas semanas! Vai levar dois anos para voltar a ser como... como...

Levantou as mãos, como que para cobrir e proteger o bigode.

- Raych, você tem que me atender - insistiu Seldon. - Esse sacrifício é necessário. Se você for espionar os joranumitas sem tirar o bigode, estará correndo um grande risco. Não posso permitir que isso aconteça.

- Prefiro morrer! - exclamou Raych.

- Não seja melodramático. Você prefere viver, e é por isso que vai ter que abrir mão do seu bigode por uns tempos. Só mais uma coisa - acrescentou Seldon, depois de uma leve hesitação. - Não conte nada a sua mãe. Deixe que eu o faça.

Raych baixou a cabeça e disse, em tom resignado:

- Está bem, papai.

- Vou pedir a alguém para cuidar do seu disfarce e providenciar o seu transporte aéreo até Wye - disse Seldon. - Anime-se, Raych, não é o fim do mundo.

Raych sorriu amarelo e Seldon ficou olhando enquanto ele se afastava. Era fácil recuperar um bigode, mas não um filho. Seldon estava perfeitamente a par do risco que Raych iria correr.

9

Todos nós temos nossas pequenas ilusões e Cleon - imperador da galáxia, rei de Trantor, e uma grande coleção de outros títulos que, em ocasiões especiais, eram recitados em tom pomposo - estava convencido de que era uma pessoa democrática. Sempre se aborrecia quando Demerzel (e mais tarde Seldon) - tentava demovê-lo de um curso de ação com o argumento de que “tal procedimento seria encarado como tirânico ou despótico”.

Em sua opinião, agir com firmeza e decisão não significava necessariamente ser despótico ou tirânico; a diferença estava na intenção.

Falava com saudade do tempo em que o imperador podia misturar-se livremente com os seus súditos. Lamentava a série de golpes de Estado e tentativas de assassinato que forçara o imperador a isolar-se em seu palácio.

É pouco provável que Cleon, que jamais se encontrara com outras pessoas a não ser em circunstâncias extremamente formais, conseguisse se sentir à vontade no meio de estranhos, mas ele gostava de imaginar que seria uma experiência muito agradável. Sentia-se grato, portanto, pela oportunidade rara de conversar com um dos empregados no jardim, de sorrir, de despojar-se dos adereços imperiais por alguns minutos. Isso o fazia sentir-se um democrata. Aquele jardineiro de quem Seldon lhe falara, por exemplo. Seria um prazer recompensá-lo, ainda que tardiamente, pela sua lealdade e bravura, e fazê-lo pessoalmente, em vez de deixar a tarefa a cargo de algum subalterno. Por isso, marcou um encontro com ele no jardim de rosas, que, na ocasião, estava florido. Seria um local apropriado, pensou Cleon, mas, naturalmente, o jardineiro teria que chegar primeiro. Seria impensável que o imperador tivesse que esperar. Uma coisa era ser democrático; outra, ser humilhado.

O jardineiro estava esperando por ele no meio das rosas, de olhos arregalados e lábios trêmulos. Ocorreu a Cleon que talvez ninguém tivesse se lembrado de explicar ao coitado a razão do encontro. Bem, trataria de tranquilizá-lo - se bem que, para falar a verdade, não se lembrava mais do nome do homem. Voltou-se para um dos auxiliares e perguntou:

- Como se chama o jardineiro?

- Mandell Gruber, majestade. Trabalha há vinte e dois anos nos jardins do palácio.

O imperador fez que sim com a cabeça e disse:

- Ah, Gruber. É um prazer falar com um jardineiro ilustre e trabalhador.

- Majestade - murmurou Gruber, com voz trêmula, - não sou um homem de muitos talentos, mas procuro ser bom no que faço.

- É claro, é claro - disse o imperador, imaginando se o jardineiro desconfiava que estivesse sendo sarcástico. Esses homens das classes inferiores não tinham a sensibilidade das pessoas bem-educadas. Era isso que dificultava

suas tentativas de se mostrar democrático.

Cleon disse:

- O primeiro-ministro me falou de sua coragem e lealdade, ao correr para defendê-lo, e de sua competência como jardineiro. Também me disse que são muito amigos.

- Majestade, o primeiro-ministro é muito bondoso, mas conheço meu lugar. Nunca falo com ele a menos que me dirija a palavra primeiro.

- Excelente, Gruber. Isso mostra que você tem bom senso, mas o primeiro-ministro, como eu, é um homem democrático, e sabe escolher os amigos.

Gruber fez uma reverência. O imperador disse:

- Como sabe, Gruber, o jardineiro-chefe, Malcomber, está muito velho e precisa se aposentar. As responsabilidades do cargo estão ficando pesadas demais para ele.

- Majestade, o jardineiro-chefe é muito respeitado por todos os jardineiros. Que viva ainda muitos anos, para que todos possam se beneficiar de sua experiência e sabedoria.

- Você fala bonito, Gruber - disse o imperador, em tom irônico, - mas nós dois sabemos que isso é bobagem. Ele não vai viver muitos anos, e mesmo que vivesse não teria forças para trabalhar. Ele próprio pediu para se aposentar até o final do ano e concordei. Só preciso encontrar um substituto.

- Oh, majestade, existem cinquenta homens e mulheres neste palácio que poderiam ocupar o cargo.

- Acredito, mas acontece que escolhi você - declarou Cleon, com um sorriso magnânimo. Era esse o momento que estava esperando. A qualquer momento, Gruber cairia de joelhos, em um êxtase de gratidão.

Quando isso não aconteceu, o imperador franziu a testa.

- Majestade, não mereço essa honra - afirmou Gruber.

- Bobagem - disse Cleon, aborrecido porque a sua escolha estava sendo questionada. - Já é mais do que tempo que suas qualidades sejam reconhecidas. Não precisará mais ficar sujeito às intempéries. Ocupará os aposentos do jardineiro-chefe, que mandei redecorar para você, e poderá trazer a família... você tem família, não tem, Gruber?

- Tenho, majestade. Mulher, duas filhas e um genro.

- Excelente. Sua vida vai melhorar, Gruber. Estará em um lugar confortável e protegido dos caprichos do tempo, como qualquer trantoriano que se preza.

- Vossa Majestade talvez não saiba que nasci em Anacreon...

- Sei, sim, Gruber. Todos os planetas são iguais aos olhos do imperador.

Está resolvido. Você vai ter o que merece.

Despediu-se do jardineiro com um aceno de cabeça e foi embora. Cleon estava satisfeito com sua última demonstração de benevolência. É claro que o homem podia ter demonstrado um pouco mais de gratidão, podia ter valorizado um pouco mais o seu gesto, mas pelo menos estava feito.

Era muito mais fácil fazer a felicidade de um jardineiro do que resolver o problema das falhas nos serviços públicos.

Em um momento de irritação, Cleon declarara que sempre que um acidente pudesse ser atribuído a falha humana, o responsável deveria ser executado.

- Depois de algumas execuções, tudo vai voltar ao normal, você vai ver - dissera a Seldon.

- Infelizmente, majestade, essa medida teria efeitos indesejáveis - argumentara Seldon. - Os funcionários provavelmente entrariam em greve; se tentasse fazê-los voltar ao trabalho, haveria uma insurreição, e se tentasse substituí-los por soldados, descobriria que eles não sabem operar direito as máquinas, de modo que a frequência das falhas aumentaria, em vez de diminuir.

Era por essas e outras que Cleon achava mais agradável a tarefa de escolher o novo jardineiro-chefe.

Quanto a Gruber, ficara simplesmente arrasado. Perderia as delícias do ar livre para ficar confinado entre quatro paredes.

Quem, porém, se atreveria a contestar uma ordem do imperador?

10

Raych olhou-se no espelho do quarto de hotel, em Wye, e não gostou do que viu. Estava sem bigode; as costeletas tinham sido aparadas; o cabelo estava cortado rente.

Parecia que tinha sido... tosquiado.

Pior que isso. Em consequência das mudanças, ficara com cara de bebê.

Era muito desagradável.

Além disso, não tinha feito nenhum progresso. Seldon lhe fornecera o relatório da polícia a respeito da morte de Kaspal Kaspalov. Não dizia muita coisa; apenas que Kaspalov tinha sido assassinado e a polícia local não

conseguira descobrir o criminoso. O relatório deixava evidente que a polícia não atribuía grande importância à investigação.

Não era de surpreender. No último século, a criminalidade aumentara acentuadamente em muitos planetas, especialmente na capital, sem que a polícia pudesse fazer muita coisa. Na verdade, o número de policiais diminuíra consideravelmente e eles estavam se tornando cada vez mais corruptos, embora isso fosse difícil de provar.

Com os salários se recusando a acompanhar o custo de vida, era inevitável que acontecesse. Era preciso pagar bem para que os funcionários públicos se conservassem honestos.

Se o governo não fizesse isso, eles arranjariam outras formas de se compensar pelos salários inadequados.

Seldon vinha tentando praticar essa doutrina há vários anos, mas era inútil. Não havia meio de aumentar os salários sem elevar os impostos, e a população não admitia qualquer aumento dos impostos. Aparentemente, preferia pagar dez vezes mais em propinas.

Tudo aquilo fazia parte (afirmara Seldon) do processo geral de decadência que a sociedade do Império vinha sofrendo nos últimos dois séculos.

Que deveria fazer? Estava no hotel onde Kaspalov se hospedara dias antes de ser assassinado. Esperava que ainda houvesse alguém ali que soubesse alguma coisa a respeito do crime. Se mostrasse interesse pela morte de Kaspalov, alguém poderia ficar assustado e tomar alguma atitude. Era perigoso, mas talvez fosse a única forma de conseguir alguma coisa.

Bem...

Raych olhou para o relógio. Estava quase na hora do jantar. Os hóspedes deviam estar tomando aperitivos no bar do hotel. Era melhor juntar-se a eles e ver o que acontecia.

11

Sob certos aspectos, Wye era um setor austero. (Na verdade, isso se podia dizer de todos os setores, embora a rigidez de um setor fosse completamente diferente da rigidez de outro.) Ali, as bebidas não eram alcoólicas, mas projetadas sinteticamente para estimular o organismo de outras formas. Raych não apreciava o gosto dos coquetéis de Wye, mas isso lhe dava

mais tempo para bebericar o seu drinque enquanto observava o que se passava em torno.

Seu olhar se deteve em uma jovem que estava a algumas mesas de distância. Era muito bonita, e deixava claro que Wye não era um setor austero sob todos os aspectos. A moça percebeu que ele estava olhando e, depois de um momento, sorriu ligeiramente e levantou-se. Dirigiu-se para a mesa de Raych, enquanto o rapaz a observava, pesaroso. No momento, infelizmente, não podia perder tempo com uma aventura amorosa. Ao chegar à mesa, ela parou por um momento e depois se sentou na cadeira em frente à do rapaz.

- Olá - disse. - Você não é um frequentador habitual. Raych sorriu.

- Acertou em cheio. Você conhece todos os frequentadores habituais?

- Quase todos - respondeu a jovem, muito à vontade. - Meu nome é Manella. Qual é o seu?

Raych ficou mais pesaroso ainda. Ela era alta, mais alta do que ele próprio, sem os sapatos de solas grossas, algo que sempre achara atraente em uma mulher. Tinha pele clara e cabelos longos e esvoaçantes, com reflexos vermelhos. As roupas que usava eram razoavelmente discretas e poderia, com algum esforço, passar por uma mulher respeitável da classe média.

- Meu nome não importa - respondeu Raych. - Não tenho dinheiro.

- Oh. É pena. - Manella fez uma careta. - Pode arranjar algum?

- Bem que gostaria. Estou desempregado. Sabe onde eu poderia arranjar um emprego?

- De que tipo? Raych deu de ombros.

- Não tenho muita experiência, mas também não sou orgulhoso.

A moça olhou para ele, pensativa.

- Vou lhe dizer uma coisa, estranho. Para você, eu daria um bom desconto.

Raych ficou surpreso. Em geral era bem-sucedido com as mulheres, mas isso quando estava usando bigode. Será que havia as que preferiam uma cara de bebê?

- Estou procurando um amigo que passou alguns dias hospedado aqui. Já que você parece conhecer todos os frequentadores, talvez possa me ajudar. O nome dele é Kaspalov.

- Kaspal - disse o rapaz, levantando ligeiramente a voz.

A moça sacudiu a cabeça.

- Nunca ouvi falar.

- É pena. Ele era um joranumita como eu. A moça não disse nada.

- Sabe o que é um joranumita? - insistiu Raych.

- Não, não sei. Já ouvi a palavra, mas não sei o que significa. Algum tipo

de profissão?

- Eu levaria muito tempo para explicar - disse o rapaz, desapontado.

Aquilo soou como um sinal de que Raych queria ficar sozinho e, depois de um momento de hesitação, a moça se levantou e afastou-se. Ela não sorriu, e Raych ficou um pouco surpreso de que tivesse ficado tanto tempo depois que ele deixara claro que não podia lhe pagar. (Seldon sempre lhe dissera que tinha a capacidade de despertar a afeição das mulheres, mas certamente isso não se aplicava às profissionais. Para elas, o dinheiro era a única coisa que importava. Isso também queria dizer que não ligavam para o fato de um homem ter uma estatura abaixo do normal, mas, felizmente, o mesmo acontecia com muitas mulheres comuns.)

Seus olhos acompanharam Manella automaticamente. A jovem parou em outra mesa, onde um homem estava sentado sozinho. Era um tipo de meia-idade, cabelos louros, rosto bem barbeado. Raych pensou que provavelmente ele ficaria melhor de barba, pois tinha um queixo muito saliente e um pouco assimétrico.

Aparentemente, a moça não teve mais sorte com o novo cliente em potencial. Os dois trocaram algumas palavras e ela seguiu caminho. O que estava acontecendo não devia ser frequente. Manella era sem dúvida uma mulher extremamente desejável.

Sem querer, começou a pensar no que aconteceria se deixasse a missão de lado por uma noite e... de repente percebeu que não estava sozinho. Desta vez, era um homem.

Na verdade, o homem com quem Manella acabara de falar.

Recriminou-se por ter-se distraído a ponto de permitir que um desconhecido se aproximasse sem ser visto. Aquilo não devia acontecer.

O homem olhou para ele com um brilho de curiosidade nos olhos.

- Você estava conversando com uma amiga minha. Raych não pôde deixar de sorrir.

- Ela é uma pessoa muito simpática.

- É verdade. E é muito amiga minha. Não pude deixar de ouvir o que você disse a ela.

- Espero não ter dito nada de errado.

- Absolutamente. Você disse que era um joranumita, não disse?

O coração de Raych deu um pulo. A ideia de falar com Manella tinha funcionado, afinal de contas. A palavra não significava nada para a moça, mas parecia significar alguma coisa para o seu "amigo".

Isso queria dizer que agora estava na pista certa? Ou simplesmente que estava em apuros?

12

Raych fez o possível para avaliar o interlocutor, sem permitir que seu rosto perdesse a expressão inocente. O homem tinha um olhar penetrante e a mão direita estava crispada de forma quase ameaçadora. O rapaz esperou pacientemente que o outro prosseguisse. O homem insistiu:

- Ouvi você dizer que era um joranumita.

Raych fez o possível para parecer nervoso. Não foi difícil.

- Por que pergunta? - replicou.

- Porque você é muito criança para isso.

- Engano seu. Costumava ouvir os discursos de Jo-Jo Joranum.

- Conhece-os de cor?

Raych deu de ombros.

- Não, mas concordo com suas ideias.

- Você é corajoso, admitindo em público que é joranumita. Algumas pessoas não gostam disso.

- Ouvi dizer que há muitos joranumitas em Wye.

- Pode ser. Foi por isso que veio para cá?

- Estou procurando um emprego. Talvez um colega joranumita possa me ajudar.

- Existem joranumitas em Dahl, também. De onde você é? Não havia dúvida de que ele reconhecera o sotaque de Raych.

Era uma coisa que não podia ser disfarçada. O rapaz respondeu:

- Nasci em Millimaru, mas passei a infância e a adolescência em Dahl.

- Fazendo o quê?

- Não muita coisa. Estudei um pouco.

- E por que é joranumita?

Raych ficou irritado. Ele não podia ter morado em um setor decrépito e discriminado como Dahl sem ter razões óbvias para ser joranumita. Ele respondeu:

- Porque acho que o povo deveria participar mais do governo e que deveria haver mais igualdade entre os setores e planetas. Não é o que pensam todas as pessoas de bom senso?

- Acha que o Império deve ser abolido?

Raych parou para pensar. Muita gente falava contra o governo, mas pregar a queda do imperador era considerado tabu.

- Não foi o que eu disse - protestou. - Acredito no imperador, mas acho que governar o Império é uma tarefa grande demais para um único homem.

- O Império não é governado por um único homem. Você se esquece da burocracia imperial. Que acha de Hari Seldon, o primeiro-ministro?

- Não acho nada. Não sei muita coisa a respeito dele.

- Tudo que sabe é que o povo deveria ter maior participação no governo, não é mesmo?

Raych procurou parecer confuso.

- É o que Jo-Jo Joranum costumava dizer. Não sei o nome que você daria a isso. Uma vez, ouvi alguém chamar de "democracia", mas não sei se está certo.

- Democracia é um sistema de governo que existe em alguns planetas. Não sei se a vida nesses planetas é melhor do que nos outros. Quer dizer que você é um democrata?

- Sinto-me mais como um joranumita - respondeu Raych.

- Naturalmente, se você é um dahlita...

- Só morei lá por uns tempos.

- ...você tende a lutar pela igualdade e coisas parecidas. Como os dahlitas são um povo oprimido, eles naturalmente combatem as injustiças.

- Existem muitos joranumitas em Wye. Eles não são oprimidos.

- Aqui, o motivo é outro. Os antigos governantes de Wye sempre quiseram ser imperadores. Você sabia?

Raych sacudiu a cabeça.

- Faz dezoito anos, a prefeita Rashelle quase conseguiu derrubar o imperador - afirmou o homem. - Os wyanos não são joranumitas autênticos; o que querem é a cabeça de Cleon.

- Não tenho nada com isso - disse Raych. - Não sou contra o imperador.

- Mas é a favor da representação popular, não é? Acha Que uma assembleia eleita pelo povo poderia governar o Império Galáctico sem se perder nos meandros da política partidária? Sem sofrer um processo de paralisia?

- Não estou entendendo.

- Acha que um grupo muito grande de pessoas poderia chegar rapidamente a uma decisão em caso de emergência? Ou eles se limitariam a ficar discutindo interminavelmente a situação?

- Não sei, mas não parece correto que um pequeno grupo decida o destino de todos os planetas.

- Está disposto a lutar pelas suas convicções? Ou prefere apenas falar sobre elas?

- Ninguém ainda me pediu para lutar - afirmou Raych.

- Suponha que alguém o fizesse.

- Lutaria por elas... se achasse que iria adiantar alguma coisa.

- É um rapaz corajoso. Quer dizer que veio a Wye para lutar pelas suas convicções.

- Não - protestou Raych, nervoso. - Não é verdade. Vim para cá em busca de um emprego. Não é fácil arranjar trabalho nos dias de hoje... e não tenho dinheiro. A gente precisa de dinheiro para viver.

- Entendo. Como se chama?

A pergunta foi feita bruscamente, mas Raych estava preparado.

- Planchet.

- Nome ou sobrenome?

- Não sei é o único que tenho.

- Pelo que entendi, você não tem dinheiro e estudou muito pouco.

- Infelizmente, é verdade.

- E não tem nenhuma experiência de trabalho?

- Não, mas sou muito esforçado.

- Está bem. Vou lhe fazer um favor, Planchet. - O homem tirou do bolso um pequeno triângulo branco e apertou-o até aparecer uma mensagem. Em seguida, esfregou-a com o dedo, fixando-a. - Vou lhe dar um endereço. Vá até lá com este cartão e talvez consiga um emprego.

Raych aceitou o cartão e examinou-o. Não conseguiu entender o que estava escrito. Olhou para o outro com o canto do olho.

- Será que não vão pensar que eu o roubei?

- Não pode ser roubado. O que coloquei aí foi o seu nome e a minha assinatura.

- E se me perguntarem o seu nome?

- Não vão perguntar. Você disse que precisava de um emprego. Essa é a sua chance. Não posso garantir nada, mas vai ter uma chance. - Entregou-lhe outro cartão. -

Aqui está o endereço.

Raych pôde ler com facilidade o que estava escrito no segundo cartão.

- Obrigado - murmurou.

O homem o dispensou com um gesto.

Raych levantou-se, saiu... e começou a pensar em que confusão estaria se metendo.

13

Para lá e para cá. Para lá e para cá.

Gleb Andorin ficou olhando enquanto Gambel Deen Namarti andava para lá e para cá. Namarti não conseguia ficar parado um só instante, tal a violência da sua paixão.

Andorin pensou: ele não é o homem mais inteligente do Império, ou mesmo do movimento, nem o mais esperto, nem o mais sensato. Tem que ser vigiado constantemente... mas não há ninguém tão decidido. Qualquer um de nós teria desistido, mas ele não. Acho que precisamos de alguém assim.

Namarti parou, como se estivesse sentindo os olhos de Andorin nas suas costas. Voltou-se e disse:

- Se pretende me recriminar mais uma vez pelo que aconteceu a Kaspalov, é melhor nem começar.

Andorin deu de ombros.

- De que adiantaria? O que está feito, está feito. Se houve algum prejuízo, paciência.

- Que prejuízo, Andorin? Que prejuízo? Se eu não tivesse feito nada, aí haveria um prejuízo. O homem estava a ponto de trair a nossa causa. Mais um mês e ele iria falar com...

- Eu sei. Eu estava lá. Ouvi o que ele disse.

- Então você compreende que não tive escolha. Não acha Que gostei de mandar matar um velho camarada, acha? Eu não tive escolha.

- Está certo. Você não teve escolha.

Namarti começou a andar de novo de um lado para o outro. De repente, perguntou:

- Andorin, você acredita em deuses? Andorin olhou para ele, surpreso.

- Acredito em quê?

- Em deuses.

- Nunca ouvi essa palavra. O que significa?

- Não existe no galáctico padrão. Significa influências sobrenaturais.

- Ah, influências sobrenaturais. Por que não disse logo? Não, não acredito nesse tipo de coisa. Por definição, algo é considerado sobrenatural quando não obedece às leis da natureza, e tudo que existe obedece às leis da natureza. Está se tornando místico? - perguntou Andorin, como se achasse que o outro estivesse brincando, mas seus olhos revelavam uma preocupação genuína.

Namarti fuzilou-o com os olhos. Aqueles olhos eram capazes de

intimidar qualquer um.

- Não seja idiota. Estive lendo a respeito. Trilhões de pessoas acreditam em influências sobrenaturais.

- Eu sei - concordou Andorin. - Sempre foi assim.

- Não se conhece a origem da palavra "deuses". Aparentemente, trata-se de um resíduo de uma língua primitiva, da qual só restou essa palavra. Sabe quantas diferentes

crenças existem em diferentes tipos de deuses?

- Imagino que o número de crenças deve ser aproximadamente igual ao número de variedades de tolos na população da galáxia.

Namarti ignorou a observação.

- Algumas pessoas acreditam que a palavra tenha aparecido no tempo em que toda a humanidade vivia em um único planeta.

- Isso não passa de uma lenda ridícula. É uma ideia tão absurda quanto a das influências sobrenaturais. A humanidade não teve um planeta de origem.

- Tem que ter tido, Andorin - afirmou Namarti, irritado. - Os seres humanos não podem ter surgido em vários planetas. Afinal, somos uma única espécie.

- Mesmo assim, na prática não existe nenhum planeta de origem. Ele não pode ser localizado, não pode ser definido, não pode ser discutido racionalmente e portanto não existe na prática.

- Esses deuses - disse Namarti, continuando sua linha de raciocínio - supostamente protegem a humanidade contra os perigos, ou pelo menos tomam conta da parte da humanidade que sabe como recorrer a eles. Na época em que existia apenas um planeta habitado, fazia sentido supor que os deuses estivessem particularmente interessados em cuidar desse mundo e de sua população. Eles se preocupariam com esse planeta como seu filho, ou seu irmão mais moço.

- Gostaria de vê-los cuidar de todo o Império.

- E se pudessem? E se fossem infinitos?

- E se o sol congelasse? De que adianta fazer hipóteses absurdas?

- Estou apenas especulando. Só isso. Nunca deu asas à mente? Você mantém seus pensamentos atrelados a uma coleira?

- Acho que é a maneira mais segura de viver. Que foi que a sua mente lhe disse depois de sair voando por aí, chefe?

Namarti olhou de cara feia para o outro, como se suspeitasse de um sarcasmo, mas Andorin encarou-o sem pestanejar.

- O que minha mente me disse - prosseguiu Namarti - foi o seguinte: se os deuses existem, devem estar do nosso lado.

- Excelente... se for verdade. O que o faz pensar assim?

- O que me faz pensar assim? Sem os deuses, seria apenas uma coincidência, suponho, mas uma coincidência muito conveniente para nós. - De repente, Namarti bocejou e sentou-se. Parecia exausto.

Ótimo, pensou Andorin. Talvez a imaginação febril do chefe estivesse dando lugar ao bom senso.

- A questão do colapso dos serviços públicos... - começou Namarti, falando mais baixo.

- Sabe, chefe, talvez Kaspalov não estivesse totalmente errado - interrompeu Andorin. - Quanto mais tempo continuarem os atos de sabotagem, maior a probabilidade de que as forças imperiais descubram que somos os responsáveis. Mais cedo ou mais tarde, o programa vai explodir, por assim dizer, em nossas mãos.

- Não é hora de parar. Até o momento, as coisas estão explodindo nas mãos do imperador. A insatisfação em Trantor é algo que posso sentir. - Levantou as mãos, esfregando os dedos. - Posso sentir. Estamos quase conseguindo. Está na hora do próximo passo.

Andorin sorriu ironicamente.

- Não estou interessado em conhecer os detalhes, chefe. Kaspalov estava e mandou eliminá-lo. Não sou Kaspalov.

- Justamente por não ser Kaspalov posso lhe contar. E porque sei de uma coisa que não sabia na ocasião.

- Imagino - disse Andorin, acreditando apenas em parte no que estava dizendo - que pretenda atacar o próprio Palácio Imperial.

Namarti levantou os olhos para ele.

- É claro. O problema é entrar lá. Tenho minhas fontes de informação, mas são apenas espiões. Preciso de homens de ação.

- Não vai ser fácil colocar homens de ação na região mais vigiada de toda a galáxia.

- Claro que não. Era isso que estava me preocupando ultimamente... até que os deuses me ajudaram.

- Acho que podemos deixar de lado a metafísica - observou Andorin, procurando não demonstrar o seu desagrado com aquela nova faceta do chefe. - O que aconteceu?

- Fui informado de que Sua Majestade, nosso amado imperador, Cleon I, nomeou um novo jardineiro-chefe. É a primeira vez que isso acontece em quase um quarto de século.

- E daí?

- Não percebe a importância do fato? Andorin pensou um pouco.

- Não sou um protegido dos seus deuses. Não sei aonde quer chegar.

- Se eles estão com um novo jardineiro-chefe, Andorin, vai acontecer o que sempre acontece quando muda a administração, o mesmo que aconteceria, guardadas as devidas proporções, se tivéssemos um novo primeiro-ministro, ou um novo imperador. O novo jardineiro-chefe certamente não vai querer trabalhar com o pessoal antigo. Vai forçar os antigos funcionários a se aposentarem e começar a contratar centenas de novos jardineiros.

- É possível.

- Mais do que possível. É garantido. Foi exatamente o que aconteceu quando o antigo jardineiro-chefe foi nomeado, quando o seu predecessor foi nomeado, e assim por diante. Centenas de desconhecidos dos Planetas Exteriores...

- Por que dos Planetas Exteriores?

- Use a cabeça, Andorin. O que é que os trantorianos entendem de jardinagem, se passam a vida debaixo de uma cúpula, cuidando de plantas em vasos? O que é que eles entendem da vida ao ar livre?

- Ah! Agora estou entendendo!

- De modo que o palácio vai ser invadido por estrangeiros. Eles serão cuidadosamente investigados, suponho, mas o exame não será tão rigoroso como se fossem trantorianos.

Isso quer dizer que poderemos introduzir alguns dos nossos, com identidades falsas. Mesmo que nem todos sejam contratados, uns poucos conseguirão entrar... uns poucos terão que entrar. Finalmente poderemos contar com agentes no palácio, apesar de toda a segurança que foi instalada depois que o atentado contra Seldon fracassou.

- Namarti pronunciou o nome "Seldon" como se fosse uma palavra obscena. - É a nossa chance, afinal.

Agora era Andorin que se sentia tonto, como se tivesse caído em um remoinho.

- Pensando melhor, chefe, essa história dos deuses deve ter algum fundamento, porque estava esperando para lhe contar uma coisa que se encaixa perfeitamente no seu plano.

Namarti olhou para o outro, desconfiado, e depois olhou em torno, como se temesse que estivessem sendo espionados. Sua Preocupação, porém, não tinha razão de ser.

A sala ficava no meio de um complexo residencial e era bem protegida contra aparelhos de escuta. Ninguém podia escutá-los e ninguém, mesmo com instruções detalhadas, podia chegar onde estavam, sem passar Por membros leais da organização.

- De que está falando? - perguntou Namarti.

- Encontrei o homem ideal para você. É muito jovem... e muito inocente. Um sujeito simpático, do tipo em que você confia à primeira vista. Tem um rosto franco, um olhar expressivo; viveu em Dahl; defende a igualdade entre os setores; acha que Joranum é a melhor coisa que apareceu desde os doces de Mycogen; e tenho certeza de que será fácil convencê-lo a fazer qualquer coisa para a causa.

- Você acha? - repetiu Namarti, em tom desconfiado. Ele é um dos nossos?

- Não exatamente. O rapaz sabe que Joranum era a favor da igualdade entre os setores.

- Era essa a sua bandeira. Certo.

- É a nossa, também. Mas o rapaz acredita nela. Quer que o povo participe do governo. Chegou a falar em democracia.

Namarti fez um muxoxo.

- Nos últimos vinte mil anos, nenhum governo democrático conseguiu se manter por muito tempo no poder.

- É verdade, mas isso não vem ao caso. Eu lhe digo, chefe, no momento em que vi aquele rapaz, tive certeza de que poderíamos usá-lo para alguma coisa, mas não sabia exatamente o quê. Agora sei. Podemos infiltrá-lo no Palácio Imperial, como jardineiro.

- De que forma? Ele entende de jardinagem?

- Não, acho que não. Ele me disse que não tinha nenhuma qualificação. No momento, está operando um guindaste, mas nunca tinha feito isso antes. Mesmo assim, se pudermos apresentá-lo como ajudante de jardineiro, com um par de tesouras na mão, será o suficiente.

- O suficiente para quê?

- Para introduzirmos no palácio alguém capaz de se aproximar da pessoa que quisermos sem despertar suspeitas. Estou lhe dizendo que o rapaz tem um ar de honestidade, de franqueza, que inspira confiança em qualquer um.

- E ele fará o que lhe pedirmos?

- Sem pestanejar.

- Como encontrou essa pessoa?

- Na verdade, não fui eu. Foi Manella.

- Quem?

- Manella. Manella Dubanqua.

- Oh. Aquela sua amiga. - Namarti fez uma careta de desaprovação.

- Ela é amiga de muita gente - afirmou Andorin, em tom condescendente. - Essa é uma das coisas que a tornam útil para a organização. É capaz de avaliar um homem rapidamente. Conversou com o sujeito... o nome dele é Planchet...

porque ele lhe chamou a atenção, e posso lhe assegurar que não é qualquer um que chama a atenção de Manella. Trocou algumas palavras com ele e depois me disse: "Tenho um peixe para você, Gleb." Deixarei que ela cuide dos peixes a qualquer dia da semana.

- O que você acha que esse seu maravilhoso agente vai fazer quando conseguir se infiltrar no palácio, Andorin? - perguntou Namarti, em tom irônico.

Andorin respirou fundo.

- O que vai fazer? Ora, se fizermos as coisas direito, até mesmo nos livrar para sempre no nosso amado imperador, Cleon I.

Namarti ficou vermelho de raiva.

- O quê? Está maluco? Qual a vantagem de assassinarmos Cleon? Ele é indispensável para nós. É a fachada atrás da qual poderemos controlar o Império. É o nosso passaporte para a legitimidade. Onde está o seu juízo? Precisamos dele como testa-de-ferro. Não vai nos atrapalhar em nada e tornará muito mais forte o nosso governo.

Andorin finalmente perdeu a calma.

- O que você pretende, então? O que está planejando? Já estou cansado de ouvir desaforos.

Namarti levantou a mão.

- Está bem. Está bem. Retiro o que disse. Mas pense um pouco, está bem? Quem foi que acabou com Joranum? Quem foi que acabou com nossas esperanças, dez anos atrás?

Foi aquele matemático, não foi? Hoje em dia, é ele que governa o Império com aquela conversa idiota a respeito da psico-história. Cleon não representa nada. Nosso verdadeiro inimigo é Hari Seldon. Hari Seldon que estamos tentando desmoralizar com esta série de acidentes. Os prejuízos que eles causam são interpretados como resultado de sua apatia, de sua incompetência. - Havia saliva nos cantos da boca de Namarti. - Quando ele for eliminado, todo o Império dará vivas. Deixem que saibam quem foram os responsáveis. - Levantou a mão e deixou-a cair, como se estivesse cravando uma faca no coração de alguém. – Seremos aclamados como heróis, como salvadores do Império. Hein? Hein? Acha que o seu rapaz será capaz de eliminar Hari Seldon?

Andorin tinha recuperado a calma, pelo menos na aparência.

- Tenho certeza que sim - afirmou. - Por Cleon, poderia ter algum respeito; ele está envolvido por uma aura de misticismo, como você sabe. - Namarti amarrou a cara, porque ele tinha destacado ligeiramente o "você". - No caso de Seldon, é diferente.

Por dentro, porém, Andorin estava furioso. Aquilo não era o que queria. Sentia-se traído.

14

Manella tirou os cabelos dos olhos e sorriu para Raych.

- Eu lhe disse que faria um bom abatimento. Raych piscou para ela e coçou o ombro nu.

- Na verdade, não me custou nada... a menos que tenha deixado a cobrança para depois.

A moça deu de ombros.

- Por que faria isso?

- Ainda me pergunta?

- Às vezes, tenho direito de me divertir.

- Comigo?

- com você.

Houve uma longa pausa e depois Manella observou, em tom carinhoso:

- Além disso, você ganha muito pouco. Como vai o trabalho?

- É melhor do que nada. Muito melhor. Você pediu àquele sujeito para me arranjar um emprego?

Manella sacudiu a cabeça devagar.

- Está falando de Gleb Andorin? Não pedi nada a ele. Apenas lhe disse que você estava procurando trabalho.

- Acha que ele vai ficar aborrecido porque você e eu...

- Por que deveria? Ele não tem nada com isso.

- O que é que ele faz?

- Não creio que Gleb trabalhe. Ele tem muito dinheiro. É parente dos antigos prefeitos.

- De Wye?

- Isso mesmo. Não gosta do governo. Gente como ele geralmente não gosta. Ele acha que Cleon devia ser... - A moça interrompeu o que estava dizendo e comentou: -

Acho que estou falando demais. Não vá sair por aí repetindo o que eu disse.

- Eu? Não ouvi nada do que você disse. Nem pretendo ouvir.

- Certo.

- Mas você estava falando daquele sujeito, Andorin. Ele é um joranumita

importante?

- Não sei.

- Nunca conversou com você a respeito da organização?

- Não.

- Entendo - disse Raych, procurando não parecer desapontado.

A moça olhou para ele, desconfiada.

- Por que o interesse?

- Eu gostaria de entrar também para a organização. Talvez seja um meio de subir na vida. Um emprego melhor. Mais dinheiro. Você sabe.

- Talvez Andorin possa ajudá-lo. Ele gosta de você. Isso ele me disse.

- Pode interceder por mim?

- Posso tentar. Gosto de você. Gosto de você muito mais do que de Gleb.

- Obrigado, Manella. Gosto de você, também. - Acariciou lhe as costas e desejou ardentemente que pudesse dedicar mais tempo à moça e menos à sua missão.

15

- Gleb Andorin - disse Hari Seldon, com voz cansada, esfregando os olhos.

- Quem é ele? - perguntou Dors Venabili, de mau humor, como tinha estado desde o dia em que Raych partira.

- Até poucos dias atrás, eu nunca tinha ouvido falar dele - explicou Seldon. - É esse o problema de tentar governar um planeta com quarenta bilhões de habitantes. Você nunca ouve falar de ninguém, exceto dos poucos que se intrometem na sua vida. Apesar de dispor do sistema de informações mais desenvolvido da galáxia, Trantor é um planeta de anônimos. Num piscar de olhos, podemos obter dados a respeito de qualquer cidadão, mas que cidadão? Acrescente a isso vinte e cinco milhões de Mundos Exteriores e o milagre é que o Império Galáctico tenha durado todos esses milênios. Francamente, acho que sobreviveu apesar do governo central, e não graças a ele. E agora, finalmente, está prestes a se desintegrar.

- Chega de filosofia, Hari - disse Dors. - Quem é esse Andorin?

- Alguém de quem eu devia ter ouvido falar. Acabo de examinar a sua ficha. É membro da família de prefeitos de Wye. Um membro importante. Tão importante que a Guarda Imperial tem um arquivo especial a seu respeito. Acham que ele é um tipo ambicioso, mas que é hedonista demais para fazer

alguma coisa de concreto.

- Está envolvido com os joranumitas?

Seldon fez um gesto vago.

- Aparentemente, a G. I. não sabe nada a respeito dos joranumitas. Isso pode querer dizer que eles não existem mais, ou, se existem, perderam toda a importância. Pode também querer dizer que a G. I. simplesmente não está interessada. A verdade é que não posso forçá-los a investigar ninguém; devo ficar grato por me fornecerem informações. E sou o primeiro-ministro...

- É possível que você não seja um bom primeiro-ministro? - perguntou Dors.

- É mais que possível. Há muito tempo não escolhem alguém menos indicado para o cargo. Mas isso não tem nada a ver com a Guarda Imperial. Apesar do nome, eles são totalmente independentes do governo. O próprio Cleon não parece conhecer muita coisa a respeito deles, embora, teoricamente, estejam diretamente subordinados ao imperador. Se soubéssemos mais a respeito da Guarda Imperial, estaríamos tentando incluí-la nas nossas equações psico-históricas, acredite.

- Eles estão do nosso lado, pelo menos?

- Acredito que sim, mas não posso jurar.

- Por que está interessado nesse homem?

- Em Gleb Andorin? Porque recebi uma mensagem indireta de Raych.

Os olhos de Dors brilharam.

- Você não me contou. Ele está bem?

- Tudo indica que sim, mas espero que não tente se comunicar de novo comigo. Se for pego em flagrante, não ficará bem por muito tempo. Seja como for, ele fez contato com Andorin.

- E com os joranumitas, também?

- Acho que não. O movimento joranumita é um movimento proletário, e Andorin é o aristocrata dos aristocratas. O que faria ele no meio dos joranumitas?

- Se Andorin pertence à família de prefeitos de Wye, pode ter pretensões ao trono imperial, não é verdade?

- Claro que sim. Eles estão de olho no trono há várias gerações. Lembra-se de Rashelle? Era tia de Andorin.

- Nesse caso, ele poderia estar usando os joranumitas como um degrau para chegar ao poder, não acha? Se é que eles ainda existem. Se existem, e se Andorin hesitando usá-los, vai descobrir que está jogando um jogo perigoso. Os joranumitas devem ter seus próprios planos e um homem como Andorin pode ver-se, de uma hora para a outra, montado num greti...

- O que e um greti?

- Um animal extinto, muito feroz, acredito. É apenas um provérbio que aprendi em Helicon. Quando você monta num greti, logo percebe que não pode apear, ou será devorado.

- Seldon fez uma pausa. - Mais uma coisa. Parece que Raych se envolveu com uma mulher que conhece Andorin. Através dela, pretendeu obter informações importantes. Estou lhe contando isto agora para que mais tarde não me acuse de ocultar nada...

Dors franziu a testa.

- Uma mulher?

- Ao que parece, uma mulher que conhece muitos homens e que pode extrair deles muitos segredos durante encontros íntimos.

- Ah, uma dessas - disse Dors, em tom preocupado. - Não gosto da ideia de Raych...

- Ora, ora. Raych tem trinta anos e muita experiência. Acho que saberá usar de bom senso no seu relacionamento com esta mulher... ou com qualquer outra. - Voltou-se para Dors com um olhar muito cansado, muito preocupado, e concluiu: - Acha que estou gostando disto? Acha que estou muito satisfeito com o que está acontecendo?

Dors não soube o que responder.

16

Gambol Deen Namarti não era, mesmo quando tudo estava tranquilo, conhecido pela sua polidez e suavidade, e a proximidade do clímax de uma década de planejamento o deixara ainda mais agressivo.

Levantou-se da cadeira e disse, em tom de censura:

- Levou muito tempo para chegar aqui, Andorin. O outro deu de ombros.

- O importante é que cheguei.

- E esse seu rapaz... essa peça notável que você conquistou para nossa causa. Onde está ele?

- Daqui a pouco estará aqui.

- Por que ainda não está?

Andorin hesitou ligeiramente, como se estivesse decidindo o que responder, e depois disse, em tom abrupto:

- Não quero que fale com ele até que eu saiba quais são as suas intenções.

- Que quer dizer com isso?

- Você me entendeu. Há quanto tempo o seu objetivo é derrubar Hari Seldon?

- Sempre foi! Sempre foi! É tão difícil de entender? Ele merece pagar pelo que fez a Jo-Jo. Além disso, é o primeiro-ministro; temos que livrar-nos dele.

- Mas é Cleon... Cleon... que deve ser derrubado! Se quiser a cabeça de Seldon, também, é problema seu; mas Cleon não pode ficar.

- Por que se preocupa tanto com uma figura decorativa?

- Você não nasceu ontem. Nunca lhe expliquei minha motivação porque ela era óbvia desde o começo. O que ganho apoiando seus planos se você pretende deixar o imperador no trono?

Namarti riu.

- Você está certo. Há muito tempo que você deixou claro Que pretendia usar-me como degrau para chegar ao trono.

- Não acha justo?

- Acho, sim. Eu planejo o golpe, corro todos os riscos, e depois, quando tudo estiver terminado, você colhe a recompensa. É muito justo.

- Você se esqueceu de dizer que a recompensa também será sua. Você vai ser o novo primeiro-ministro, não vai? Vai contar com toda a simpatia do novo imperador, não vai? Porque eu Vou ser - Andorin cuspiu as palavras com uma careta irônica - a nova figura decorativa, não Vou?

- É isso que gostaria de ser? Uma figura decorativa?

- Quero ser o imperador. Financiei o seu partido. Arranjei adeptos. Tornei sua organização respeitável aqui em Wye. Posso fazê-lo voltar à estaca zero.

- Impossível.

- Quer arriscar? Não pense que pode se livrar de mim como se livrou de Kaspalov. Se alguma coisa acontecer comigo, não haverá mais lugar para você e seus companheiros aqui em Wye, e duvido que encontrem o que precisam em outro setor.

Namarti suspirou.

- Então você faz questão de que o imperador seja morto.

- Eu não disse "morto". O que eu disse foi "derrubado". Os detalhes ficam por sua conta - afirmou Andorin, com um gesto autoritário, como se já estivesse no trono.

- E depois de derrubarmos Cleon você se tornará o novo imperador?

- Isso mesmo.

- Não, isso não vai acontecer. Você vai morrer, Andorin, e não será pelas

nossas mãos. Deixe-me ensinar-lhe alguns fatos da vida. Se Cleon for afastado, haverá uma disputa feroz pela sucessão; para evitar que haja uma guerra civil, a Guarda Imperial será forçada a eliminar todos os membros da família de prefeitos de Wye em que conseguir pôr as mãos. Você será provavelmente o primeiro. Por outro lado, se apenas o primeiro-ministro for eliminado, você estará seguro.

- Por quê?

- Um primeiro-ministro é apenas um primeiro-ministro. Eles vão e vêm. Podemos espalhar o boato de que Cleon se cansou de Seldon e mandou matá-lo. A Guarda Imperial levará algum tempo para agir e teremos tempo de consolidar nossa posição no poder. Na verdade, é bem possível que eles fiquem satisfeitos com a saída de Seldon.

- O que Vou fazer depois que você assumir o cargo de primeiro-ministro? Continuar esperando indefinidamente?

- Não. Depois que me tornar primeiro-ministro, darei um jeito de afastar Cleon. Pode ser até que consiga voltar a Guarda Imperial contra ele. Depois de me livrar de Cleon, chamarei você para ocupar o lugar dele.

- Por que faria isso? - perguntou Andorin.

- Como assim?

- Você quer vingar-se de Seldon. Depois de conseguir o seu intento, por que arriscaria o pescoço por minha causa? Não, você vai é fazer um acordo com Cleon e me deixar com meus sonhos impossíveis. Talvez até mande me matar.

- Não! - protestou Namarti. - Cleon nasceu no trono. Ele descende de várias gerações de imperadores... a orgulhosa dinastia Entun. Eu jamais conseguiria me entender com ele. Você, por outro lado, chegaria ao trono como membro de uma nova dinastia, sem ligações com o passado, pois os poucos imperadores nascidos em Wye foram, como todo mundo sabe, figuras medíocres. Você estará sentado em um trono instável, precisará de alguém para apoiá-lo... eu. Vamos, Andorin, nosso casamento não é um casamento de amor, que não dura um ano; é um casamento de conveniência, que pode durar uma vida. Temos que confiar um no outro.

- Jure que eu serei o novo imperador.

- De que adianta jurar, se não acredita na minha palavra? Digamos que acho você um imperador extremamente útil e pretendo colocá-lo no lugar de Cleon assim que for politicamente viável. Agora apresente-me ao homem que considera como o instrumento ideal para o nosso plano.

- Está bem. Só quero que não se esqueça do que lhe disse. Esse rapaz é um idealista não muito inteligente. Vai cumprir as instruções à risca, sem se preocupar com o perigo, sem se preocupar com segundas intenções. E tem um

jeito tão franco que a vítima confiará nele mesmo que esteja com uma pistola na mão.

- Acho isso impossível de acreditar.

- Espere até conhecê-lo - disse Andorin.

17

Raych baixou os olhos. Olhara de relance para Namarti e era o que bastava. Conhecera o homem dez anos antes, quando participara do plano para desacreditar Jo-Jo

Joranum, e um olhar era mais que suficiente.

Namarti mudara pouco em dez anos. A irritação e o ódio ainda eram seus traços principais - ou, pelo menos, era assim que Raych o via, pois o rapaz reconhecia que não era uma testemunha imparcial - e haviam moldado sua fisionomia. O rosto estava um pouquinho mais macilento, os cabelos tinham ficado grisalhos, mas os lábios finos traduziam a mesma determinação e os olhos escuros continuavam com o mesmo brilho feroz.

Manteve os olhos baixos. Namarti não parecia ser o tipo de pessoa que gosta de ser encarada de frente.

Namarti examinou Raych dos pés à cabeça, mas a leve expressão de desdém que raramente deixava seu rosto não desapareceu.

Voltou-se para Andorin, que estava a seu lado, nervoso, e disse, como se o rapaz não estivesse presente:

- Então este é o homem. Andorin fez que sim com a cabeça. Namarti voltou-se abruptamente para Raych.

- Como se chama?

- Planchet.

- Acredita na nossa causa?

- Sim, senhor. Sou um democrata e quero que o povo tenha maior participação nas decisões do governo - respondeu o rapaz, pausadamente, obedecendo à orientação de

Andorin.

Namarti olhou para Andorin.

- Ele sabe falar! - Voltou-se novamente para Raych: - Está disposto a arriscar a vida pela causa?

- Sim, senhor.

- Vai fazer o que lhe ordenarem? Sem perguntas? Sem titubear?

- Sei obedecer ordens.

- Conhece alguma coisa de jardinagem?

- Não, senhor - respondeu Raych, depois de um momento de hesitação.

- Então você é trantoriano? Nasceu debaixo da cúpula?

- Nasci em Millimaru, senhor, e passei a infância em Dahl.

- Está certo - disse Namarti. Voltou-se para Andorin. - Entregue-o temporariamente aos homens que estão à espera do lado de fora. Eles cuidarão do rapaz. Depois, volte aqui, Andorin. Quero falar uma coisa com você.

Quando Andorin voltou, Namarti tinha sofrido uma mudança profunda. Seus olhos brilhavam e a boca exibia um sorriso malévolo.

- Andorin, os deuses de que falamos outro dia estão mesmo do nosso lado! - exclamou.

- Eu lhe disse que o rapaz era perfeito para os nossos propósitos.

- Mais do que pensa, meu caro. Sabe, naturalmente, que Hari Seldon, nosso querido primeiro-ministro, conseguiu desmoralizar Joranum graças a uma armadilha plantada por seu filho, ou melhor, por seu filho adotivo, na qual Jo-Jo caiu ingenuamente, apesar dos meus conselhos.

- Sei - admitiu Andorin, balançando a cabeça. - Conheço a história. - Disse aquilo com ar de quem preferia nunca ter ouvido falar no assunto.

- Eu vi aquele menino apenas uma vez, mas seu rosto ficou gravado no meu cérebro. Será que ele pensou que dez anos a mais, sapatos de solas grossas e a falta do bigode seriam suficientes para me iludir? Aquele homem que você me apresentou é Raych, o filho adotivo de Hari Seldon.

Andorin empalideceu.

- Tem certeza, chefe? - perguntou, quando recuperou a fala.

- Tanta certeza quanto a de que você introduziu um inimigo no nosso meio.

- Eu não fazia ideia...

- Não fique nervoso - disse Namarti. - Talvez tenha sido a melhor coisa que fez em sua vida imprestável de aristocrata. Acho que foram os deuses que o inspiraram. Se eu não soubesse quem ele é, teria cumprido a contento a missão que certamente o trouxe aqui: espionar-nos e informar o pai a respeito de nossos planos mais secretos. Agora, porém, as coisas não vão funcionar assim. A vantagem está toda do nosso lado. Namarti esfregou as mãos, contente, e depois, meio sem jeito, como se aquilo não combinasse com a sua maneira de ser, deu uma sonora gargalhada.

18

- Acho que não poderemos mais nos ver, Planchet - disse Manella, em tom compungido.

Raych estava se enxugando depois de tomar um banho.

- Por quê?

- Gleb Andorin não quer.

- Por que não? Manella deu de ombros.

- Parece que você tem um trabalho importante pela frente e não deve perder tempo comigo. Talvez ele esteja pensando em promovê-lo.

- Que tipo de trabalho? Ele disse?

- Não, mas comentou que estava a caminho do setor imperial.

- É mesmo? Ele sempre lhe conta coisas assim?

- Você sabe como é, Planchet. Quando um homem está na cama com a gente, diz coisas que normalmente não diria.

- Entendo. O que mais ele disse? Manella franziu a testa.

- Por que quer saber? Ele também vive me perguntando a respeito de você. Acho que os homens são todos assim. Morrem de curiosidade a respeito dos outros homens.

- Que foi que você contou a ele sobre mim?

- Pouca coisa. Só que você é um tipo decente. Naturalmente, não posso contar a Gleb que gosto mais de você do que dele. Isso o deixaria magoado... se não o deixasse furioso.

Raych começou a se vestir.

- Então não vamos mais nos encontrar.

- Pelo menos por uns tempos, espero. Gleb pode mudar de ideia. Gostaria que ele me levasse para conhecer o setor imperial. Nunca estive lá.

Raych quase se traiu, mas conseguiu conter-se a tempo.

- Eu também nunca estive lá - declarou.

- É lá que estão os edifícios mais altos, as casas mais bonitas, os restaurantes mais famosos. É lá também que moram os homens ricos. Gostaria de conhecer alguns homens ricos.

- Melhor do que conhecer um pobretão como eu - observou Raych.

- É verdade. Não se deve pensar o tempo todo em dinheiro, mas também não se pode viver sem pensar em dinheiro. Especialmente agora, que acho que

Gleb se cansou de mim.

- Ninguém poderia se cansar de você - disse Raych, descobrindo, para própria surpresa, que estava sendo sincero.

- É isso que os homens sempre dizem, mas não é verdade. bom, Planchet, é isso aí. Cuide-se e, quem sabe, talvez um dia a gente se veja de novo.

Raych fez que sim com a cabeça e não soube o que dizer. Não havia nada que pudesse fazer para expressar seus sentimentos.

Procurou pensar em outra coisa. Precisava descobrir o que o Pessoal de Namarti estava planejando. Se o estavam separando de Manella, era porque algum evento importante se aproximava. A única pista de que dispunha era aquela pergunta extemporânea a respeito de jardinagem.

Não podia consultar Seldon. Desde o encontro com Namarti, vinha sendo vigiado de perto; todos os meios de comunicação com o exterior tinham sido cortados, outro sinal seguro de que algo estava para acontecer.

Mas se descobrisse o que estava para acontecer apenas depois do fato consumado, sua missão poderia ser considerada um fracasso.

19

Não estava sendo um dia bom para Hari Seldon. Fazia muito tempo que não tinha notícias de Raych; não tinha a menor ideia de como ele estava.

Além da natural preocupação com a segurança do rapaz (certamente tomaria conhecimento se algo realmente sério acontecesse), tinha de pensar no que os inimigos deviam estar planejando.

Devia ser algo sutil. Um ataque direto ao palácio estava totalmente fora de questão. O lugar estava muito bem defendido. Nesse caso, o que estariam tramando?

Aquilo o mantinha acordado à noite e distraído durante o dia.

A luz de advertência começou a piscar.

- Primeiro-ministro. Seu compromisso das duas horas, senhor...

- Que compromisso é esse?

- Com o jardineiro, Mandell Gruber. Está na sua agenda.

Seldon lembrou-se.

- Está bem. Mande-o entrar.

Aquilo não era hora para falar com Gruber, mas concordara em recebê-lo

num momento de fraqueza... o homem parecia tão ansioso! Um primeiro-ministro não devia ter momentos de fraqueza, mas Seldon era Seldon muito antes de ser primeiro-ministro.

- Entre, Gruber - disse, em tom carinhoso.

Gruber entrou, cumprimentou-o mecanicamente com a cabeça e ficou olhando de um lado para outro. Seldon tinha certeza de que o jardineiro jamais estivera em uma sala tão luxuosa, e teve vontade de dizer: "Gostou? Fique com ela, por favor. Eu não gosto dela." Em vez disso, falou:

- Que há com você, Gruber? Por que essa cara triste? O outro não respondeu; limitou-se a sorrir amarelo.

- Sente-se, homem - disse Seldon. - Ali, naquela cadeira.

- Oh, não, primeiro-ministro. Não quero sujá-la.

- Se isso acontecer, não será difícil de limpar. Faça o que estou dizendo... ótimo! Agora, descanse aí um minuto ou dois. Depois, diga-me qual é o problema.

Gruber ficou sentado em silêncio por um momento e depois as palavras saíram como uma enxurrada:

- Primeiro-ministro, querem que eu seja o jardineiro-chefe. Foi o imperador em pessoa que me convidou.

- Eu sei, Gruber, e quero aproveitar a oportunidade para lhe dar os parabéns pelo novo cargo. Sabe que talvez eu tenha contribuído para a sua promoção? Nunca me esqueci da forma como agiu no dia em que tentaram me assassinar, e tive oportunidade de comentar a respeito com Sua Majestade. De qualquer forma, sei que está perfeitamente qualificado para ser o novo jardineiro-chefe. Agora, diga-me o que o está incomodando.

- Primeiro-ministro, o que está me incomodando é justamente essa promoção. Não me sinto qualificado para o cargo.

- Modéstia sua. Gruber ficou agitado.

- Querem que eu passe o resto da vida em um escritório? Não nasci para isso. Gosto de trabalhar ao ar livre, com plantas e animais. Seria como uma prisão, primeiro-ministro.

Seldon arregalou os olhos.

- Bobagem, Gruber. Você não vai passar o tempo todo no escritório. Poderá circular livremente pelos jardins, supervisionando tudo. Terá o melhor dos mundos: ar livre à vontade, sem ter que trabalhar duro.

- Gosto de trabalhar duro, primeiro-ministro, e não vão me deixar sair. Vi o que aconteceu com o atual jardineiro-chefe. Ele não conseguiria deixar o escritório, mesmo que quisesse. A burocracia o mantém ocupado o dia inteiro. Quando quer saber o que está acontecendo nos jardins, temos que ir até lá contar

a ele. No máximo, observa as novidades na holovisão. Como se uma imagem pudesse revelar alguma coisa sobre seres vivos -acrescentou, em tom amargo. - Não, essa vida não é para mim, primeiro-ministro.

- Ora, Gruber, seja corajoso. Não vai ser tão mau assim. Você se acostumará. Vá devagar e tudo correrá bem.

Gruber sacudiu a cabeça.

- Logo de saída, Vou ter que contratar novos jardineiros. Isso vai tomar todo o meu tempo. Não quero esse trabalho, primeiro-ministro! - exclamou, com veemência.

- No momento, Gruber, pode ser que não queira esse trabalho, mas você não é um caso isolado. Sabe que eu preferia não ser primeiro-ministro? Este cargo é terrível. Desconfio que o próprio imperador às vezes tem vontade de ser um mortal comum. Estamos todos nesta galáxia para fazer o nosso trabalho, e o nosso trabalho nem sempre é agradável.

- Entendo o que quer dizer, primeiro-ministro, mas o imperador tem que ser imperador, porque foi educado para isso. O senhor tem que ser primeiro-ministro, porque não há mais ninguém à altura do cargo. No meu caso, porém, o que estamos discutindo é a posição de jardineiro-chefe. Existem cinquenta jardineiros no palácio que poderiam se sair tão bem ou melhor do que eu e não se importariam de passar o dia inteiro no escritório. O senhor disse que contou ao imperador que tentei salvar sua vida. Não poderia falar com ele de novo e explicar que a melhor recompensa seria me deixar como estou?

Seldon recostou-se na cadeira e disse, em tom solene:

- Gruber, eu faria isso se pudesse, mas tenho que lhe explicar uma coisa e espero que compreenda. O imperador, teoricamente, é o senhor supremo do Império. Na prática, porém, quase não manda nada. O Império é governado por mim. Meu poder é muito maior do que o dele, mas também não posso fazer muita coisa. Existem bilhões de pessoas em todos os níveis do governo, todas tomando decisões, todas cometendo erros, algumas agindo com bravura e heroísmo, outras com covardia e desonestidade. É impossível controlá-las. Está me acompanhando, Gruber?

- Estou, mas o que isso tem a ver com o meu caso?

- Acontece que existe apenas um lugar onde o imperador é realmente o senhor supremo: o Palácio Imperial. Aqui sua palavra é lei e existem tão poucos funcionários que ele pode dar as ordens pessoalmente. Pedir-lhe para voltar atrás de uma decisão que diz respeito ao palácio seria invadir o único setor que ele considera inviolável. Se eu dissesse a ele: "Por favor, majestade, reconsidere a nomeação de Gruber para jardineiro-chefe", ele provavelmente preferiria me demitir do que voltar atrás. O que talvez fosse bom para mim,

mas não ajudaria você em nada.

- Quer dizer que não pode mudar o que está feito?

- Exatamente. Não se preocupe, Gruber. Vou ajudar você no que puder. Sinto muito. Agora, infelizmente, tenho que cuidar de outros assuntos.

Gruber levantou-se, torcendo nas mãos o boné verde de jardineiro. Seus olhos estavam úmidos.

- Obrigado, primeiro-ministro. Sei que gostaria de ajudar. O senhor... o senhor é um homem bom.

Saiu da sala, cabisbaixo.

Seldon ficou onde estava, pensativo. Sacudiu a cabeça. Era só multiplicar os problemas de Gruber por um quatrilhão e teria os problemas da população dos 25 milhões de mundos do Império. Como podia ser responsável pela felicidade de todos eles, quando não conseguia resolver o problema de um único homem que o procurara em busca de ajuda?

A psico-história não podia salvar um homem. Poderia salvar um quatrilhão de homens?

Sacudiu a cabeça de novo, consultou a agenda, e de repente teve um sobressalto. Gritou ao comunicador, em tom urgente, Que em nada lembrava a sua circunspecção habitual:

- Não deixem aquele jardineiro sair do palácio! Mandem-no de volta para cá!

20

- Que história foi aquela de contratar novos jardineiros? - perguntou Seldon, sem convidar Gruber a sentar-se.

Gruber piscou os olhos, assustado por ter sido chamado de volta de forma tão inesperada.

- N-novos jardineiros? - gaguejou.

- Você disse: "Logo de saída, Vou ter que contratar novos jardineiros." Foram essas as suas palavras. Que novos jardineiros?

Gruber estava perplexo.

- Ora, com a nomeação do novo jardineiro-chefe, será necessário contratar novos jardineiros. É o costume.

- Nunca ouvi falar desse costume.

- Da última vez que o jardineiro-chefe foi substituído, o senhor ainda não era primeiro-ministro. Provavelmente, ainda nem morava em Trantor.

- Explique melhor o que acontece.

- Na verdade, os jardineiros nunca são demitidos. Alguns morrem; outros, se aposentam. Acontece que um jardineiro-chefe fica tanto tempo no cargo que quando é finalmente substituído a maioria dos auxiliares já está com idade avançada. Por isso, é costume que sejam todos aposentados e contratados novos jardineiros.

- Para formar uma equipe mais jovem.

- Para isso, e também porque o novo jardineiro-chefe normalmente assume o cargo com novos planos para os jardins. Os jardins do palácio cobrem uma área de quase quinhentos quilômetros quadrados; a reorganização pode levar vários anos, e serei o responsável por ela! Por favor, primeiro-ministro - insistiu Gruber, em tom suplicante, - um homem esperto como o senhor saberá encontrar uma forma de convencer o imperador a voltar atrás.

Seldon não estava prestando atenção.

- De onde vêm os jardineiros? - perguntou.

- Eles são recrutados nos outros planetas... há sempre gente disposta a trabalhar em Trantor. Vão começar a chegar às centenas. Levarei pelo menos um ano...

- De onde eles vêm? De onde?

- De qualquer um dos milhões de planetas do Império. Quanto mais variado o conhecimento dos nossos jardineiros, melhor. Qualquer cidadão do Império pode se candidatar.

- De Trantor, também?

- Não, não de Trantor. Não temos nenhum jardineiro nascido em Trantor. - Sua voz assumiu uma expressão de desdém. - Um trantoriano jamais será um bom jardineiro. Os parques que existem debaixo da cúpula são muito diferentes dos nossos jardins. As plantas estão em vasos e os animais são mantidos em jaulas. Os trantorianos não entendem nada de ecologia.

- Muito bem, Gruber, Vou lhe dar uma missão. Quero que descubra para mim os nomes de todos os jardineiros novos que vão chegar nas próximas semanas. Quero saber tudo sobre eles. Nome, planeta, número de identificação, experiência profissional. Tudo. Vou destacar alguns funcionários para ajudá-lo. Funcionários especialistas em processamento de dados. Que tipo de computador você usa?

- Um modelo bem simples, que serve apenas para manter um cadastro das espécies de plantas e animais, coisas assim.

- Tudo bem. Os homens que Vou mandar cuidarão disso, também. Não

quero que nada corra errado.

- Se ficar satisfeito com o meu trabalho...

- Gruber, não é hora de fazer acordos. Se eu não ficar satisfeito com o seu trabalho, será demitido sem direito a pensão.

Novamente sozinho, berrou ao comunicador:

- Cancele todas as audiências de hoje.

Deixou-se cair na cadeira, sentindo cada um dos seus cinquenta anos, e mais, sentindo a dor de cabeça piorar. Há muitos anos, há muitas décadas, que a segurança vinha sendo reforçada em torno do palácio, cada vez mais sólida, cada vez mais impenetrável. No entanto, vez por outra, hordas de completos desconhecidos tinham acesso ao palácio. Provavelmente não tinham que responder a nenhuma pergunta, a não ser: "Você entende de jardinagem?" Era uma estupidez tão grande que quase não dava para acreditar. E só conseguira detectá-la no último momento. Se é que o mal já não estava feito.

21

Gleb Andorin olhou para Namarti com os olhos semicerrados. Não gostava do outro, mas havia ocasiões em que o detestava mais que de costume, e essa era uma dessas ocasiões. Por que Andorin, um wyano da linhagem real (estava convencido disso) teria que trabalhar com aquele plebeu, aquele paranoico quase psicótico?

Andorin sabia a razão, e tinha que ser paciente, mesmo quando Namarti resolvia contar, mais uma vez, como conseguira, em dez anos, transformar um partido praticamente extinto num prodígio de organização. Será que ele repetia essa história para muita gente, ou escolhera Andorin como vítima?

O rosto de Namarti parecia brilhar de júbilo quando ele dizia, com voz cantada, como se conhecesse as palavras de cor:

- ...assim, ano após ano, trabalhei nesse sentido, sem desanimar, aumentando nossos efetivos, minando a confiança no governo, criando e intensificando a insatisfação no seio do povo. Quando houve um aumento geral dos impostos, eu... - Namarti interrompeu bruscamente o que estava dizendo. - Já lhe contei isso muitas vezes. Deve estar cansado de ouvir, não é?

Os lábios de Andorin se contraíram num leve sorriso. Namarti não era nenhum idiota; sabia que às vezes podia ser extremamente maçante. O problema

era que não conseguia se controlar.

- É, você já me contou isso muitas vezes - concordou Andorin. Não havia necessidade de ofender Namarti respondendo que sim; isso estava implícito.

O rosto chupado de Namarti ficou vermelho. Ele disse:

- Entretanto, minha luta poderia continuar indefinidamente, sem resultados concretos, se eu não dispusesse de uma arma decisiva. E sem que eu fizesse qualquer esforço, essa arma veio parar nas minhas mãos.

- Os deuses lhe enviaram Planchet - afirmou Andorin, em tom neutro.

- Isso mesmo. Daqui a alguns dias, um grupo de jardineiros será admitido no Palácio Imperial. - Fez uma pausa e pareceu saborear a ideia. - Homens e mulheres, em número suficiente para servirem de cobertura para os nossos agentes. Entre eles estarão você e Planchet, os únicos armados com pistolas.

- Não vamos passar do portão - afirmou Andorin. - Imagine, entrar no palácio com uma arma ilegal...

- Ninguém vai saber que estão armados - explicou Namarti. - Vocês não serão revistados. Está tudo previsto. Normalmente, seriam recebidos por um funcionário subalterno, mas no caso de vocês Seldon em pessoa se encarregará disso. O grande matemático sairá para dar boas-vindas aos novos jardineiros.

- Você tem certeza de que isso vai acontecer, suponho.

- Claro que tenho. Seldon vai ficar sabendo, mais ou menos no último momento, que o filho está entre os recém-chegados. Não resistirá ao impulso de sair para vê-lo.

No momento em que aparecer, Planchet vai sacar a pistola. Nossos agentes começarão a gritar: "Traição!" Na confusão subsequente, Planchet matará Seldon e será morto por você. Em seguida, você deixará o palácio, protegido pelos outros agentes.

- É mesmo necessário matar Planchet? Namarti franziu a testa.

- Está brincando? Quer que ele conte às autoridades o que sabe a nosso respeito? Além disso, sua morte faz parte do plano. Não se esqueça de que Planchet é na realidade Raych, o filho adotivo de Seldon. Vai parecer que os dois atiraram um no outro, ou que Seldon deu ordem para que atirassem no filho se ele fizesse algum movimento suspeito. Queremos dar a impressão de que a tragédia foi o resultado de uma briga de família. Todos vão se lembrar do que aconteceu no tempo de Manowell, o imperador Sanguinário. Isso, combinado com os transtornos a que a população vem sendo submetida em consequência de falhas sucessivas nos serviços públicos, fará com que exijam uma mudança de governo. O imperador será forçado a atendê-los. É aí que entramos em cena.

- Assim sem mais nem menos?

- Não, não vai ser sem mais nem menos. Não vivemos num mundo de

sonho. Provavelmente haverá um governo provisório, que vai fracassar. Cuidaremos para que fracasse.

Ao mesmo tempo, entraremos em cena, revivendo os antigos argumentos dos joranumitas, que os trantorianos jamais esqueceram totalmente. Em pouco tempo, serei primeiro-ministro.

- E eu?

- Você será o novo imperador.

- A probabilidade de que tudo dê certo é muito pequena. Isto está previsto. Aquilo está previsto. Tudo tem de funcionar ao mesmo tempo, sem nenhum erro. Em algum ponto, alguém vai fazer uma bobagem. É um risco inaceitável.

- Inaceitável? Para quem? Para você?

- Claro que para mim. Você quer que eu esteja presente para assegurar que Planchet mate Seldon e depois espera que eu mate Planchet. Por que eu? Por que não mandamos outro membro da organização, alguém que não faça muita falta se as coisas não correrem da forma prevista?

- Porque nesse caso a probabilidade de êxito seria ainda menor. Quem, a não ser você, tem tanto interesse nessa missão que jamais desistiria no último momento?

- O risco é muito grande.

- Não vale a pena? A sua recompensa será o trono imperial.

- E você, que risco está correndo? Vai ficar aqui, longe da ação, esperando pelas boas-novas.

Namarti fez uma careta de desdém.

- Você é um tolo, Andorin! Vamos estar bem-arranjados, tendo você como imperador! Pensa mesmo que não Vou correr nenhum risco? Se o plano falhar, se alguns dos nossos forem feitos prisioneiros, acha que não vão contar tudo que sabem? Se você fosse apanhado, resistiria ao tratamento carinhoso da Guarda Imperial apenas para não me denunciar? Depois de uma tentativa de assassinato fracassada, acha que eles não vasculhariam Trantor até me encontrarem? E quando me encontrassem, o que acha que fariam comigo? Risco? Corro um risco maior do que você, mesmo que não participe diretamente da ação. A coisa se resume ao seguinte, Andorin: você quer ou não quer ser imperador?

- Quero - afirmou Andorin, em voz baixa.

E assim ficou decidido que prosseguiriam com o plano.

22

Raych podia ver que estava sendo tratado de forma especial. Os candidatos a jardineiros tinham sido alojados em um dos hotéis do Setor Imperial, embora, naturalmente, não fosse um dos mais luxuosos.

Formavam um grupo heterogêneo. Havia indivíduos nascidos em cinquenta planetas diferentes, mas Raych praticamente não tivera oportunidade de conversar com eles.

Andorin, agindo de forma discreta, mantivera-o afastado dos outros.

Raych imaginava a razão pela qual o outro estaria agindo assim. A falta de contato com os companheiros deixava-o deprimido. Na verdade, vinha se sentindo deprimido desde que chegara ao Setor Imperial. Tentara reagir, mas sem muito sucesso. O rapaz estava sendo vigiado de perto e não tivera nenhuma oportunidade de avisar ao pai.

Pelo que sabia, podiam estar fazendo isso com todos os joranumitas do grupo. Raych calculava que era cerca de uma dúzia, entre homens e mulheres.

O que o intrigava era que Andorin o estava tratando quase com afeição. Ele o monopolizava, insistia para fazerem juntos todas as refeições, tratava-o com extrema deferência.

Poderia ser porque ambos haviam compartilhado o amor de Manella? Raych não conhecia suficientemente bem os costumes do Setor de Wye para saber se havia algum traço de poliandria naquela sociedade. Se dois homens amavam a mesma mulher, isso criava algum tipo de ligação entre eles?

Raych nunca tinha ouvido falar de nada parecido, mas não tinha a pretensão de conhecer mais que pequena fração das infinitas sutilezas que caracterizavam as sociedades galácticas, ou mesmo as sociedades trantorianas. Depois de pensar em Manella, teve dificuldade para tirá-la da cabeça. Sentia muita falta da moça, e ocorreu-lhe que talvez fosse essa a causa da sua depressão, embora, para dizer a verdade, o que sentia no momento, enquanto almoçava com Andorin, era quase desespero... um desespero inexplicável.

Manella!

Manella lhe dissera que tinha vontade de conhecer o Setor Imperial; teria convencido Andorin a atendê-la? O desespero o fez perguntar:

- Sr. Andorin, estive pensando. Quando viajou para cá, trouxe a Srta. Dubanqua em sua companhia?

Andorin pareceu genuinamente surpreso. Começou a rir.

- Manella? Consegue imaginá-la cuidando de um jardim? Não, não,

Manella é dessas mulheres que existem apenas para nossas horas de lazer. Fora disso, não serve para nada. Por que pergunta, Planchet?

Raych deu de ombros.

- Não sei. As coisas aqui estão meio devagar. Pensei que se ela... - não concluiu a frase.

Andorin olhou para ele, intrigado. Depois, disse:

- Não me venha dizer que Manella é uma pessoa especial para você. Posso lhe assegurar que para ela todos os homens são iguais. Quando isto terminar, haverá outras mulheres. Muitas mulheres.

- Quando é que isto vai terminar?

- Mais cedo do que imagina. E você vai desempenhar um papel muito importante nos nossos planos - afirmou Andorin, com um sorriso.

- Importante? Não Vou ser apenas... um jardineiro?

- Vai ser mais do que isso, Planchet. Você vai estar armado com uma pistola.

- O quê?

- Você me ouviu.

- Nunca atirei na minha vida.

- Não é difícil. Você levanta a arma, faz pontaria, puxa o gatilho e a pessoa morre.

- Eu não seria capaz de matar uma pessoa.

- Pensei que fosse um dos nossos; que fosse capaz de fazer qualquer coisa pela causa.

- Qualquer coisa, menos... matar. - Raych estava confuso. Quem esperavam que ele matasse? Qual seria o plano? Como poderia alertar os guardas do palácio antes que fosse tarde demais?

O rosto de Andorin assumiu uma expressão dura. De amigo e confidente, transformara-se em superior hierárquico.

- Você vai ter que matar - afirmou.

- Não. Não Vou matar ninguém. Não adianta insistir.

- Planchet, você vai me obedecer.

- Não sou um assassino.

- Mesmo assim.

- Como vai me obrigar?

- Não tem escolha.

Raych se sentiu confuso. Por que Andorin estaria tão confiante? Sacudiu a cabeça.

- Não Vou matar ninguém.

- Temos cuidado da sua alimentação, Planchet, desde que saímos de Wye.

Fiz todas as refeições com você. Supervisionei pessoalmente a sua dieta, especialmente o prato que acaba de comer.

De repente, Raych compreendeu.

- Desesperina!

- Acertou em cheio - disse Andorin. - Você é esperto, Planchet.

- Isso é contra a lei!

- Claro que é. Assassinato também.

Raych já ouvira falar da desesperina. Era uma modificação química de um tranquilizante totalmente inofensivo. A forma modificada, porém, em vez de tranquilidade, produzia desespero. Tinha sido prescrita, mas corriam boatos de que era usada pela Guarda Imperial.

- A desesperina tem esse nome por motivos óbvios. Deve estar desesperado, Planchet.

- Não estou, não - murmurou Raych.

- Pode mentir, mas não pode escapar aos efeitos da droga.

- Deixe-me em paz.

- Não adianta resistir, Planchet. Namarti reconheceu-o imediatamente, mesmo sem o bigode. Ele sabe que você é Raych Seldon, e, orientado por mim, vai matar o seu pai.

- Não antes de matar você! - exclamou Raych, levantando-se da cadeira. Andorin podia ser mais alto, mas ele era mais forte e mais ágil. Podia fazer picadinho do outro com uma mão atrás das costas. Ao se levantar, porém, percebeu que estava tonto. Sacudiu a cabeça, mas a tontura não passou.

Andorin levantou-se também, e recuou. Enfiou a mão direita no bolso e sacou uma arma.

- Como vê, vim preparado. Já me disseram que é um truncador de primeira. Infelizmente, não vai haver nenhuma briga corpo-a-corpo. - Fez um gesto com a arma. - Isto não é uma pistola; não pretendo matá-lo antes que cumpra a sua missão. É um chicote neurônico. Muito pior do que uma pistola. Vou apontá-lo para o seu ombro esquerdo e, acredite, a dor será tão forte que o homem mais estoico do mundo não conseguiria suportá-la.

Raych, que tinha dado dois passos na direção do outro, parou onde estava. com doze anos de idade, fora atingido de raspão por um chicote neurônico. Nunca mais se esquecera da dor que sentira.

- Além do mais - prosseguiu Andorin, - Vou usar a força máxima, de modo que os nervos do seu braço vão ser primeiro estimulados até que a dor se torne insuportável e depois danificados de forma irreversível. Seu braço esquerdo ficará inutilizado. Vou poupar o braço direito, para que você possa usar a pistola. Por outro lado, se você se sentar e ficar quieto, não perderá nenhum

braço. Naturalmente, você vai ter que comer de novo, de modo que o seu desespero vai aumentar ainda mais.

Raych sentiu o desespero induzido pela droga tomar conta da sua mente. Não havia mais o que fazer; teria que obedecer às ordens de Andorin.

23

- Não! - exclamou Hari Seldon, quase com violência. - Não quero que você vá lá fora, Dors!

- Então você também não vai, Hari - declarou a moça, com igual firmeza.

- Preciso ir!

- Não é sua obrigação. Quem recebe os novos empregados é o jardineiro-chefe.

- Pode ser, mas Gruber não está em condições de recebê-los.

- Ele deve ter um assistente, um substituto, sei lá. Deixe o antigo jardineiro-chefe cuidar disso. Ele só vai deixar o cargo no final do ano.

- O antigo jardineiro-chefe está muito doente. Além disso - acrescentou Seldon, com relutância - , existem impostores entre os novos jardineiros. Trantorianos.

Estão aqui por algum Motivo. Tenho os nomes de todos eles.

- Nesse caso, mande prendê-los. É simples. Por que complicar as coisas?

Porque não sabemos o que pretendem. Estão tramando coisa. Não vejo o que uma dúzia de espiões pode fazer, mas... Não, deixe-me dizer a coisa de outra forma. Existem muitas coisas que uma dúzia de espiões pode fazer, mas ainda não sei quais delas estão nos seus planos.

É claro que vamos prendê-los, mas antes eu gostaria de observá-los de perto e tentar descobrir quais são as suas verdadeiras intenções.

O ideal seria capturarmos todas as pessoas envolvidas na conspiração, e não apenas os falsos jardineiros. Não quero que esses doze homens e mulheres se queixem de que estão sendo discriminados, de que fomos nós que os obrigamos a fornecer dados falsos, caso contrário não conseguiriam o emprego. Desse jeito, o povo ficará do lado deles. Não, quero dar uma oportunidade para que eles próprios se denunciem. Além disso...

Houve uma longa pausa. Afinal, Dors perguntou, impaciente:

- Não vai dizer qual é o outro "além disso"?

- Um dos doze é Raych, usando o nome falso de Planchet - revelou Seldon, em voz baixa.

- O quê?

- Por que a surpresa? Enviei-o a Wye para se infiltrar no movimento joranumita, e parece que ele conseguiu o que queria. Tenho confiança em Raych. Se está aqui, sabe por que está aqui e deve ter um plano para impedir que os joranumitas consigam os seus objetivos. Mesmo assim, quero estar lá para ajudá-lo no que puder.

- Se quer ajudá-lo, mande os guardas do palácio cercarem os novos jardineiros.

- Não posso fazer isso sem que eles percebam. A segurança do palácio estará presente, mas não de forma ostensiva. Quero que pensem que estão seguros para fazer o que pretendem. No momento em que começarem a agir, nossos homens entrarão em ação.

- Será arriscado. Arriscado para Raych.

- Às vezes temos que correr riscos. Existe muito mais em jogo do que as vidas de alguns indivíduos.

- Que coisa mais impiedosa de se dizer!

- Acha que não tenho sentimentos? Você sabe que nossa primeira preocupação deve ser com o futuro da psico...

- Não precisa dizer. - Dors desviou os olhos, aflita.

- Compreendo que esteja apreensiva - disse Seldon, - mas vai ter de ficar aqui. Sua presença lá fora seria tão pouco apropriada que os conspiradores suspeitariam de que sabemos de tudo e cancelariam o plano. Não quero que cancelem o plano. - Fez uma pausa e depois prosseguiu. - Dors, você diz que o seu trabalho é zelar pela minha segurança. Não por mim, mas pelo que poderei fazer pela psico-história e, em consequência, por toda a raça humana. É isso que vem em primeiro lugar. O que conheço de psico-história me diz que preciso proteger o centro, custe o que custar, e é o que estou tentando fazer. Você entende?

- Entendo - disse Dors, sem encará-lo. Espero que eu esteja certo, pensou Seldon.

Se não estivesse, Dors jamais o perdoaria. Pior ainda, ele próprio jamais se perdoaria. com ou sem a psico-história.

24

Estavam dispostos em colunas, em posição de descansar, mãos atrás das costas, usando elegantes uniformes verdes, com bolsos grandes. Os uniformes eram iguais para ambos os sexos; alguns dos mais baixos deviam ser mulheres, mas era difícil ter certeza. Os capuzes cobriam os cabelos, mas, de qualquer forma, os jardineiros sempre cortavam o cabelo bem curto e jamais usavam barba ou bigode.

Por que era assim, ninguém sabia dizer. A palavra "tradição" explicava tudo, como explicava tantas outras coisas, algumas úteis, outras tolas.

Em frente a eles estava Mandell Gruber, ladeado por seus ajudantes. Gruber estava trêmulo, os olhos arregalados fitando o vazio.

Hari Seldon mordeu os lábios. Se Gruber conseguisse dizer "Sejam bem-vindos, em nome dos jardineiros do imperador", isso seria suficiente. O primeiro-ministro se encarregaria do resto.

Percorreu com os olhos o novo contingente até localizar Raych.

Seu coração bateu mais depressa. Ali estava o filho, sem bigode, na primeira fila, um pouco mais rígido que os outros, olhando fixamente para a frente. Seus olhos não se moveram para encontrar os de Seldon. Não houve nenhum sinal, mesmo sutil, de que o tivesse reconhecido.

Ótimo, pensou Seldon. É assim que se age, filho. Eles não vão desconfiar de nada.

Gruber murmurou a saudação e Seldon entrou em cena.

Adiantando-se, colocou-se à frente de Gruber e disse:

- Obrigado, jardineiro-chefe em exercício. Homens e mulheres, jardineiros do imperador, uma importante tarefa os aguarda. Serão responsáveis pelo viço e beleza da única área descoberta do nosso grande planeta de Trantor, capital do Império Galáctico. Se não temos os grandiosos panoramas dos mundos selvagens, mantemos aqui uma pequena joia de brilho inigualável. Trabalharão sob as ordens de Mandell Gruber, que em breve será nomeado jardineiro-chefe. Ele está diretamente subordinado a mim, que estou diretamente subordinado ao imperador. Assim, como podem ver, estão apenas três níveis abaixo do imperador na hierarquia do governo, e estarão sempre sob as vistas benignas de Sua Majestade. Estou certo de que neste exato momento o imperador os observa do Pequeno Palácio, sua residência particular, que é a construção que podem ver à direita, aquela com uma abóbada dourada, e está satisfeito com o que vê.

"Antes de começarem a trabalhar, naturalmente, passarão por um período de treinamento para se familiarizarem com os jardins e suas necessidades. Em seguida... Enquanto falava, Seldon estava se dirigindo para um ponto bem à frente de Raych, que permanecia imóvel, sem sequer pestanejar.”

De repente, Seldon franziu a testa. O homem que estava logo atrás de Raych lhe parecia familiar. Talvez não o reconhecesse, se não tivesse examinado recentemente o seu holograma. Aquele não era Gleb Andorin, de Wye? O protetor de Raych? O que estava fazendo ali?

Andorin devia ter notado o súbito interesse de Seldon, pois murmurou alguma coisa entre dentes e Raych tirou uma pistola do bolso do uniforme. Andorin imitou-o.

Seldon ficou atônito. Como tinham conseguido entrar com armas no palácio? Confuso, mal ouviu os gritos de "Traição" e os sons do tumulto que se formou em sua volta.

Tudo que ocupava a mente de Seldon era a pistola de Raych, apontada diretamente para ele, e o rosto do filho, uma máscara impassível. O primeiro-ministro compreendeu, horrorizado, que o filho estava prestes a apertar o gatilho, que lhe restavam poucos segundos de vida.

25

O efeito de um tiro de pistola sobre um ser humano é impressionante. Os órgãos internos são vaporizados. A implosão produz um som sibilante que pode ser ouvido a uma certa distância.

Hari Seldon não esperava ouvir aquele som; esperava apenas a morte. Foi portanto com grande surpresa que ouviu o ruído característico de um tiro de pistola. Baixou os olhos para olhar Para si próprio. Por que ainda estava vivo?

Raych continuava no mesmo lugar, a pistola na mão, os olhos esgazeados. Estava absolutamente imóvel, como se acometido

Por algum tipo de paralisia.

Atrás do filho, viu o corpo retorcido de Andorin, no meio de uma poça de sangue, e de pé a seu lado, com uma pistola na mão, um jardineiro. Tinha tirado o capuz; pôde ver que se tratava de uma mulher, com o cabelo cortado rente. Ela disse:

- Seu filho me conhece como Manella Dubanqua. Sou agente da Guarda

Imperial. Quer ver minhas credenciais, primeiro-ministro?

- Não será necessário - murmurou Seldon com esforço. Os guardas da segurança estavam começando a chegar. - Meu filho! O que aconteceu com o meu filho?

- Desesperina, ao que parece - afirmou Manella. - O efeito não vai durar muito tempo. - Estendeu a mão para tirar a arma da mão de Raych. - Desculpe por não ter agido antes. Estava esperando que eles dessem o primeiro passo e, quando isso aconteceu, quase fui pega de surpresa.

- Passei pelo mesmo problema. Precisamos levar Raych para o hospital do palácio.

De repente, Seldon ouviu um barulho estranho, vindo do Pequeno Palácio. O primeiro-ministro se lembrou de que o imperador devia estar observando a cena de longe, sem saber ao certo o que estava acontecendo.

- Tome conta do meu filho, Srta. Dubanqua - pediu Seldon. - Preciso ir falar com o imperador.

Atravessou correndo o jardim e entrou no Pequeno Palácio. Logo na entrada, cercado por um grupo de cortesãos horrorizados, estava o corpo de Sua Majestade Imperial, Cleon I, com o rosto deformado por um tiro de pistola. As ricas vestes de imperador agora lhe serviam de mortalha. Encolhido a um canto, olhando estupidamente para o vazio, estava Mandell Gruber.

Seldon suspirou fundo. Pegou a pistola que estava aos pés de Gruber. Era a mesma que pertencera a Andorin, tinha certeza.

- Gruber, o que você fez? - perguntou, sem levantar a voz.

- Estavam todos correndo e gritando... - balbuciou Gruber. - Pensei comigo mesmo: "Quem vai saber? Vão pensar que os conspiradores mataram o imperador." Depois, não tive forças para fugir.

- Mas por que, Gruber? Por quê?

- Para não ter que ser jardineiro-chefe - explicou Gruber, antes de perder os sentidos.

Seldon ficou olhando, pensativo, para o jardineiro inconsciente.

Tinham conseguido escapar por um triz. Ele estava vivo. Raych estava vivo. A conspiração fracassara e os joranumitas seriam perseguidos até o último homem.

O centro teria sido preservado, como exigia a psico-história.

Só que um homem, por um motivo banal, assassinara o imperador.

E agora, pensou Seldon, desolado, o que vamos fazer? O que vai acontecer?

PARTE III: DORS VENABILI

VENABILI, DORS - A vida de Hari Seldon está tão envolta em lendas e incertezas que provavelmente jamais será possível escrever uma biografia que se baseie inteiramente em fatos comprovados. Talvez o aspecto mais intrigante da existência de Seldon seja o seu relacionamento com Dors Venabili. Nada se sabe a respeito de Dors Venabili até sua chegada à Universidade de Streeling, para lecionar história. Pouco depois, conheceu Seldon, com quem se casou e viveu durante 28 anos. Alguns relatos lhe atribuem uma força e rapidez sobre-humanas, que lhe valeram o apelido de "mulher-tigre". Ainda mais curiosa que a sua chegada, porém, é a sua partida, pois, depois de um certo tempo, ela não é mais mencionada e não há nenhuma indicação do que aconteceu. Entre suas principais obras como historiadora, podemos mencionar...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA.

1

Wanda tinha quase oito anos de idade. Já parecia uma mocinha: muito séria, cabelos lisos castanho-claros, olhos azuis, que estavam escurecendo com o passar do tempo. Talvez acabasse com olhos castanhos, como o pai. Estava ali sentada, perdida nos seus pensamentos. Sessenta. Aquele era o número que a preocupava. O aniversário do avô estava chegando e ele iria fazer sessenta anos. Sessenta era um número muito grande. Na véspera, sonhara a respeito. Um sonho muito desagradável.

Resolveu ter uma conversa com a mãe. Ela devia saber.

Não foi difícil encontrar a mãe. Estava conversando com o avô, certamente a respeito do aniversário. Wanda hesitou. Não queria fazer aquela pergunta na frente do avô.

A mãe percebeu imediatamente que alguma coisa estava incomodando Wanda. Ela disse:

- Um minuto, Hari, deixe-me ver o que Wanda quer. O que foi, querida?

Wanda puxou-a pela mão.

- Aqui não, mamãe. É particular. Manella voltou-se para Hari Seldon.

- Está vendo como começam cedo? Vidas particulares. Problemas particulares... Está bem, filha, vamos conversar no seu Quarto?

- Vamos, mamãe - concordou Wanda, visivelmente Aviada.

As duas foram de mãos dadas até o quarto da menina. Chegando lá, Manella perguntou:

- Qual é o problema, Wanda?

- É o vovô, mamãe.

- O vovô?

- O vovô - repetiu a menina, começando a chorar. - Ele vai morrer?

- Seu avô? Quem lhe deu essa ideia, Wanda?

- Ele vai fazer sessenta anos. Está muito velho.

- Não, não está. Não é mais nenhum garoto, mas também não é um velho. As pessoas podem viver oitenta, noventa, até cem anos, e seu avô é um homem forte e saudável.

Ainda vai viver muito tempo.

- Tem certeza? - perguntou Wanda, fungando. Manella segurou a filha pelos ombros e olhou-a nos olhos.

- Todos nós temos que morrer um dia, Wanda. Já lhe expliquei isso. Só que não precisa se preocupar, porque no caso do seu avô esse dia está muito

distante. - Enxugou os olhos da filha com carinho. - O vovô vai continuar vivo até você crescer e ter filhos. Você verá. Agora venha comigo. Quero que fale com o seu avô.

Wanda fungou novamente.

Quando as duas voltaram à sala, Seldon olhou afetuosamente para a menina e perguntou:

- O que foi que houve, Wanda? Por que está triste? Wanda sacudiu a cabeça.

Seldon voltou-se para a mãe.

- O que foi, Manella? Manella também sacudiu a cabeça.

- Ela mesma vai ter que lhe contar.

Seldon sentou-se e deu um tapinha no próprio colo.

- Venha, Wanda. Sente-se aqui e me diga o que a está incomodando.

A menina se ajeitou no colo do avô e disse:

- Estou com medo. Seldon abraçou-a.

- Ah - Não precisa ter medo do seu velho avô. Manella fez uma careta.

- Usou a palavra errada. Seldon olhou para ela.

- Avô?

- Não. Velho.

Foi como se um dique se rompesse. Wanda começou a chorar convulsivamente.

- Você está velho, vovô.

- Acho que sim. Afinal, Vou fazer sessenta anos. - Seldon aproximou o rosto do de Wanda e suspirou. - Também não gosto de ficar velho, Wanda. É por isso que fico contente quando me lembro de que você só tem sete anos.

- Seu cabelo é branquinho, vovô.

- Nem sempre foi assim.

- Isso quer dizer que você vai morrer, vovô.

Seldon pareceu chocado. Perguntou a Manella:

- O que significa isso?

- Não sei, Hari. É coisa dela.

- Eu tive um sonho ruim - explicou Wanda.

Seldon pigarreou.

- Todos nós temos sonhos ruins de vez em quando, Wanda. É para o nosso bem. Os sonhos ruins nos ajudam a pôr para fora os pensamentos ruins.

- Sonhei que você tinha morrido, vovô.

- Entendo. A gente pode sonhar com a morte, mas não deve se preocupar. Olhe para mim. Não vê que estou vivo... alegre... rindo? Parece que estou morrendo? Diga-me.

- N-Não.

- Então? Agora vá brincar e esqueça esse sonho ruim que teve. Vou fazer aniversário e quero que todo mundo se divirta.

Wanda se afastou, razoavelmente satisfeita, mas Seldon gesticulou a Manella para que ficasse.

2

- Onde você acha que Wanda arranjou essa ideia? - perguntou Seldon.

- Seja razoável, Hari. Wanda tinha um animal de estimação, um gecko salvaniano, e ele morreu. O pai de um dos seus amiguinhos morreu num acidente. A toda hora ela vê alguém morrer na holovisão. É impossível esconder das crianças a existência da morte. Na verdade, nem seria aconselhável. A morte é uma parte essencial da existência; quanto mais cedo ela aprender isso, melhor.

- Não estou falando da morte em geral, Manella, mas da minha morte em particular. Quem foi que colocou essa ideia na cabeça da menina?

Manella hesitou. Gostava muito de Hari Seldon (quem não gostava?), mas tinha que dizer a verdade.

- Hari, foi você mesmo que colocou essa ideia na cabeça dela.

- Eu?

- Você mesmo. Há meses que vem falando que está para fazer sessenta anos e se queixa de que está ficando velho. A única razão pela qual vamos dar essa festa é para consolá-lo.

- Não tem graça nenhuma fazer sessenta anos - protestou Seldon, indignado. - Não perde por esperar. Você vai ver!

- Verei, se tiver sorte. Muita gente não chega aos sessenta. Seja como for, se você não para de falar que está ficando velho, acaba assustando uma garotinha impressionável.

Seldon suspirou.

- Sinto muito, mas é difícil para mim. Olhe para minhas mãos. Estão ficando manchadas, e daqui a pouco não vão servir mais para nada. Já se vai o tempo em que eu era um exímio truncador. Hoje em dia, uma criança me derrubaria.

- De que forma isso torna você diferente de qualquer sexagenário? Pelo

menos, sua cabeça está funcionando melhor do que nunca. Você mesmo já me disse várias vezes que é isso que importa.

- Eu sei, mas sinto falta do meu corpo.

- Especialmente quando Dors continua jovem como sempre - observou Manella, com um toque de malícia na voz.

- Pois é... - concordou Seldon. Desviou os olhos, mostrando claramente que preferia não discutir o assunto.

Manella fitou o sogro, preocupada. O problema era que ele não entendia nada de crianças ou de pessoas em geral. Era difícil acreditar que, após passar dez anos como primeiro-ministro, tivesse aprendido tão pouco a respeito das pessoas.

Naturalmente, estava totalmente concentrado em desenvolver a psico-história, que lidava com quatrilhões de pessoas... o que equivalia a não considerar pessoa alguma individualmente. E como podia entender de crianças quando jamais tivera contato com nenhuma criança além de Raych, que conhecera aos doze anos de idade? Agora, tinha Wanda, que era, e provavelmente jamais deixaria de ser, um mistério completo para o avô.

Manella pensou em tudo isso com carinho. Desejava sinceramente poder proteger Hari Seldon de um mundo que ele não compreendia. Era uma das poucas coisas que ela e a sogra, Dors Venabili, tinham em comum: o desejo de proteger Hari Seldon.

Manella salvara a vida de Seldon dez anos antes. Dors, naquele seu jeito estranho, considerara aquilo como uma afronta pessoal e jamais perdoara a moça. Logo depois,

Seldon tivera a oportunidade de salvar a vida de Manella. Ela fechou os olhos e toda a cena voltou à sua mente, como se estivesse acontecendo de novo.

3

Numa semana que Cleon tinha sido assassinado, e tinha sido uma semana terrível. Trantor mergulhara no caos.

Hari Seldon ainda era o primeiro-ministro, mas não tinha mais nenhum poder. Ele mandou chamar Manella Dubanqua.

- Queria lhe agradecer por ter salvado a vida de Raych e a minha. Ainda não tinha tido a oportunidade. Não pude fazer muita coisa na última semana -

acrescentou, com um suspiro.

- O que aconteceu com o jardineiro? - perguntou Manella.

- Foi executado! Sumariamente! Sem julgamento! Tentei salvar-lhe a vida, argumentando que tinha perdido o juízo, mas foi inútil. Se tivesse cometido outro crime qualquer, reconheceriam sua insanidade e o recolheriam a um asilo. Mas assassinar o imperador... - Seldon sacudiu a cabeça tristemente.

- O que vai acontecer agora? - perguntou Manella.

- Vou dizer-lhe o que penso. A dinastia Entun está acabada. Nenhum dos filhos de Cleon vai querer sucedê-lo no trono. Eles temem ser assassinados e não posso culpá-los por isso. É muito melhor retirar-se para uma das propriedades da família num dos Mundos Exteriores e viver confortavelmente até o final dos seus dias. Como membros da família real, têm esse privilégio. Eu e você talvez não sejamos tão afortunados.

- O que quer dizer com isso? - perguntou Manella, franzindo a testa.

Seldon pigarreou.

- Alguém pode argumentar que foi você quem atirou em Gleb Andorin, fazendo-o deixar cair a pistola usada por Mandell Gruber para matar Cleon. Assim, foi indiretamente responsável pelo crime. Podem mesmo afirmar que foi tudo premeditado.

- Isso é ridículo! Pertenço à Guarda Imperial! Estava cumprindo ordens!

- Você está usando a lógica, e a lógica vai ficar fora de moda por uns tempos - disse Seldon, com um sorriso triste. - O que vai acontecer agora, na falta de um sucessor legítimo para ocupar o trono imperial, é que os militares vão tomar o poder.

(Anos mais tarde, quando Manella veio a conhecer melhor os objetivos da psico-história, imaginou se Seldon não teria usado a técnica para prever o que estava para acontecer, já que realmente os militares assumiram o governo. Na época, porém, ele não fez nenhuma menção à sua nova teoria.)

- Se tivermos um governo militar - prosseguiu, - eles vão sentir a necessidade de dar uma demonstração imediata de força, agindo com vigor e crueldade, mesmo à custa da justiça e da racionalidade. Se a acusarem de participar do plano para assassinar o imperador, você será executada, não como um ato de justiça, mas como uma forma de intimidar a população de Trantor.

"Pode ser que também me acusem de fazer parte da conspiração. Afinal de contas, saí para receber os novos jardineiros, quebrando o protocolo. Se não o fizesse, não haveria nenhum atentado, você não teria que intervir em minha defesa e o imperador ainda estaria vivo. Está vendo como tudo se encaixa?”

- Não acredito que sejam capazes de cometer tamanha injustiça.

- Pode ser que não cometam. Vou fazer uma proposta aos militares que

talvez considerem aceitável.

- Qual vai ser essa proposta?

- Renunciar ao cargo de primeiro-ministro. Eles não me querem; estão loucos para me ver pelas costas. Acontece que tenho muitos aliados na corte e, o que é ainda mais importante, nos Mundos Exteriores. Se os militares me depuserem, mesmo que não me executem, a reação será considerável. Por outro lado, se eu renunciar, afirmando que, na minha opinião, o governo militar é a melhor solução para Trantor e para o Império, a transição se dará sem traumas. - Seldon sorriu e acrescentou: - Além disso, há a questão da psico-história.

Era a primeira vez que Manella ouvia a palavra.

- O que é isso?

- Uma teoria em que estou trabalhando. Cleon fazia muita fé na psico-história... mais até do que eu, no princípio... e muitos pensam que a psico-história se tornará um importante instrumento nas mãos do governo... seja qual for o governo. Não importa que não conheçam os detalhes da ciência. É melhor assim. A ignorância pode reforçar o que chamo de aspecto místico a situação. É provável que me deixem continuar a pesquisa como um cidadão comum, o que me leva a você.

- Como assim?

- Como parte do trato, pretendo pedir que seja desligada da Guarda Imperial com a promessa de que não será acusada de cumplicidade no assassinato de Cleon. Eles certamente vão concordar.

- Você está falando em acabar com a minha carreira!

- Sua carreira já acabou. Mesmo que não a acusem de nada, acha que permitiriam que continuasse a trabalhar para eles?

- O que Vou fazer? De onde Vou tirar o meu sustento?

- Deixe isso por minha conta. Ao que tudo indica, Vou voltar para a Universidade de Streeling com uma verba substancial para minha pesquisa na área da psico-história, e não será difícil contratá-la.

Manella arregalou os olhos.

- Por que faria isso?

- Ainda pergunta? Você salvou a vida de Raych. Salvou a minha vida. Não pensa que sou grato por isso?

Tudo se passou como ele dissera. Seldon renunciou ao cargo que ocupara durante dez anos. O recém-formado governo militar lhe agradeceu publicamente pelos serviços prestados. Voltou para a Universidade de Streeling, e Manella Dubanqua foi com ele e sua família.

4

Raych entrou, soprando as mãos.

- Todo mundo sabe que sou a favor da variedade no clima. Se o tempo fosse sempre o mesmo debaixo da cúpula, seria muito monótono. Hoje, porém, acho que exageraram um pouco no frio. Além do mais, está ventando muito. Alguém devia holografar para o controle do tempo.

- A culpa não é do controle do tempo - afirmou Seldon.

- Está ficando cada vez mais difícil controlar todos os parâmetros da nossa sociedade.

- Eu sei. Deterioração.

Raych esfregou o farto bigode preto com as costas da mão. Fazia aquilo com frequência, como se nunca tivesse conseguido esquecer os meses que passara sem bigode em Wye. Também tinha ganhado um pouco de peso e, no geral, parecia um membro satisfeito da classe média. Até o seu sotaque de Dahl estava menos carregado. Ele tirou o casaco e disse:

- Como vai o aniversariante?

- Um pouco melancólico. Espere, espere, meu filho. Daqui a dois meses, vai comemorar seu quadragésimo aniversário. Vai ver como é bom.

- Não tanto quanto fazer sessenta anos.

- Parem com essa brincadeira - ralhou Manella, que estava friccionando as mãos de Raych, tentando aquecê-las.

Seldon abriu os braços.

- É melhor atendê-la, Raych. Sua mulher acha que toda essa conversa a respeito do meu aniversário de sessenta anos deixou Wanda preocupada com a possibilidade de que eu morra a qualquer momento.

- Verdade? Então é isso. Quando passei por ela, ao chegar em casa, Wanda me disse que tinha tido um sonho ruim. Ela sonhou que você tinha morrido?

- Parece que sim - confirmou Seldon.

- Ora, ela vai superar isso. Afinal, não passa de um pesadelo.

- Não é tão simples assim - protestou Manella. - O sonho deixou a menina muito preocupada, e isso não é bom. Preciso ter uma conversa com ela.

- Como quiser, Manella - disse Raych, com um sorriso. - Você é minha querida esposa e tenho muito respeito pela sua opinião - concluiu, esfregando de novo o bigode.

Sua querida esposa! Não tinha sido fácil casar-se com Manela. Raych se lembrava muito bem da primeira reação da mãe quando lhe falara a respeito. Pesadelos! De vez em quando, ainda via o rosto furioso de Dors Venabili em seus pesadelos.

5

A primeira lembrança de Raych, depois que saíra do torpor causado pela desesperina, tinha sido a de estar sendo barbeado. Ao sentir a vibrolâmina no rosto, protestara debilmente:

- Não chegue nem perto do meu lábio superior, barbeiro. Quero meu bigode de volta.

O barbeiro, que recebera instruções de Seldon, usou um espelho para tranquilizá-lo.

Dors Venabili, que estava sentada à sua cabeceira, interveio:

- Deixe-o trabalhar, Raych. Não fique nervoso.

Os olhos de Raych se voltaram momentaneamente para Dors e ele ficou quieto. Depois que o barbeiro saiu, ela perguntou:

- Como está se sentindo, Raych?

- Péssimo - murmurou. - Tão deprimido que você nem imagina.

- Ainda é efeito da desesperina. Vai passar.

- Não acredito. Há quanto tempo foi isso?

- Não importa. Vai levar algum tempo. Você ingeriu uma dose muito grande.

Raych olhou em torno, inquieto.

- Manella apareceu para me ver?

- A mulher? - Sempre que Dors se referia a Manella, usava aquela palavra e aquele tom de voz. - Não. Você ainda não está em condições de receber visitas.

Interpretando o olhar de Raych, Dors apressou-se a acrescentar:

- Sou uma exceção porque sou sua mãe, Raych. Você não está em condições de ser visto por mais ninguém.

- Mais uma razão para que ela venha me ver - murmurou Raych. - Quero estar com Manella nos bons e nos maus momentos. - Virou-se de lado e disse, em tom desanimado:

- Quero dormir.

Dors Venabili sacudiu a cabeça. Mais tarde, disse a Seldon:

- Não sei o que vamos fazer com Raych, Hari. Parece que perdeu o juízo!

- Ele não está bem, Dors. Leve isso em conta.

- Não para de falar naquela mulher. Como é mesmo o nome?

- Manella Dubanqua. Um nome difícil de esquecer.

- Acho que pretende morar com ela. Casar-se com ela! Seldon deu de ombros.

- Raych já tem trinta anos. Idade suficiente para tomar suas próprias decisões.

- Como pais, temos todo o direito de dar a nossa opinião. Hari suspirou.

- Aposto que já deu a sua, Dors. E depois disso, tenho certeza de que ele vai fazer exatamente o que quer.

- Essa é sua palavra final? Não vai fazer nada para impedir Raych de se casar com uma mulher como aquela?

- Que espera que eu faça, Dors? Manella salvou a vida de Raych. Acha que ele vai se esquecer disso? Na verdade, ela também salvou a minha vida.

A observação pareceu deixar Dors ainda mais zangada. Ela disse:

- E agora você salvou a vida dela. Estão quites.

- Não foi bem o que eu...

- Claro que foi. Os militares corruptos que hoje governam o Império a teriam executado se você não renunciasse ao seu cargo e os apoiasse em troca da vida dela.

- Mesmo que eu esteja quite com Manella, como você diz, o mesmo não acontece com Raych. Além disso, minha querida, acho melhor tomar cuidado com o que diz quando fala do governo. Estes tempos não vão ser tão fáceis como no tempo de Cleon e sempre haverá informantes para repetir as suas palavras.

- Esqueça isso. Eu não gosto daquela mulher. Não tenho esse direito?

- Claro que tem, mas de que adianta isso?

Hari baixou os olhos e pareceu imerso em seus pensamentos. Os olhos negros de Dors, normalmente impassíveis, estavam brilhando de raiva. Hari olhou para ela.

- O que eu gostaria de saber, Dors, é: por que, Por que implica tanto com Manella? Ela salvou a nossa vida. Se não fosse por ela, eu e Raych não estaríamos aqui.

- Eu sei, Hari. Sei disso melhor do que ninguém. E se ela não estivesse lá, eu não poderia fazer nada para ajudá-los. Sei que acha que eu deveria me sentir grata por isso. Entretanto, cada vez que olho para aquela mulher, não

posso deixar de me lembrar do meu fracasso. Sei que o que sinto por ela não é racional... é algo que não posso explicar. Mas não me peça para gostar dela, Hari, porque está fora do meu alcance.

No dia seguinte, porém, Dors teve que ceder quando o médico disse:

- Seu filho está querendo falar com uma mulher chamada Manella.

- Ele não está em condições de receber visitas – replicou Dors.

- Pelo contrário. Está passando muito bem. Além disso, parece ser uma coisa muito importante para ele. Acho melhor atendê-lo.

De modo que mandaram chamar Manella. Raych a recebeu efusivamente e com o primeiro leve sinal de alegria desde que chegara ao hospital.

Ele fez um sinal inconfundível para que Dors se retirasse. A mãe saiu, trincando os dentes.

Dias depois, Raych comentou:

- Ela me aceitou, mamãe.

- E havia alguma dúvida, seu bobo? Você é a única saída para ela, agora que caiu em desgraça, foi expulsa da Guarda Imperial...

- Mamãe, não gosto que fale assim.

- Estou só pensando no seu bem.

- Sei cuidar de mim mesmo, obrigado. Se parar para pensar, verá que não sou um bom partido. Não sou nada bonito. Não sou alto. Papai não é mais primeiro-ministro.

Minha educação não é lá essas coisas. Mas Manella não está ligando para nada disso. Ela gosta de mim, e eu gosto dela.

- Mas você sabe quem ela é.

- Claro que sei. É uma mulher que me ama. É a mulher que eu amo. É isso que ela é.

- E antes de se apaixonar por essa mulher, quem era ela? Sabe o que ela teve que fazer enquanto espionava em Wye... você foi uma das suas "missões". Quantos outros houve antes de você? Conseguirá aceitar o passado dessa mulher? As coisas que fez em nome do dever? Agora, pode se dar ao luxo de ser tolerante. Mas quando tiver a primeira briga com ela, ou a segunda, ou a décima nona, perderá o controle e acabará dizendo: "Sua pu...".

- Está muito enganada! - protestou Raych, irritado. - Quando brigarmos, Vou chamá-la de irracional, implicante, presunçosa... um milhão de adjetivos que se apliquem à situação. E ela terá palavras semelhantes para mim. Mas serão todas palavras inócuas, que possam ser retiradas quando fizermos as pazes.

- Agora você pensa assim... mas espere até acontecer!

Raych estava pálido. Ele disse:

- Mamãe, você vive com papai há quase vinte anos. O papai é um homem

muito cordato, mas vocês tiveram suas discussões. Presenciei algumas delas. Em todos esses anos, ele alguma vez lhe faltou com o respeito? Sabe o que quero dizer. A propósito: eu já lhe faltei com o respeito? Pode me imaginar lhe faltando com o respeito, por mais zangado que esteja?

Dors não respondeu. Seu rosto não mostrava o que estava sentindo da mesma forma que o de Raych, mas era evidente que tinha ficado sem fala.

- Na verdade - disse Raych, aproveitando-se da vantagem temporária (e odiando-se por fazê-lo), - acho que você está é com ciúmes porque Manella salvou a vida do papai. Preferia que ela não fizesse nada e deixasse papai morrer? E eu também?

Dors finalmente recuperou a fala. Ela disse, com voz abafada:

- Hari insistiu em sair sozinho para receber os jardineiros. Não permitiu que eu o acompanhasse.

- Manella não teve nada a ver com isso.

- É por isso que quer se casar com ela? Por gratidão?

- Não. Por amor.

E assim foi. Depois da cerimônia, porém, Manella disse a Raych:

- Sua mãe compareceu ao casamento porque você insistiu, Raych, mas parecia uma daquelas nuvens de tempestade que às vezes eles soltam debaixo da cúpula.

Raych riu.

- Mamãe é uma pessoa de boa paz. Você está imaginando coisas.

- Não estou, não. Que devo fazer para que ela me aceite?

- Basta ter um pouco de paciência. Ela vai se acostumar com você.

Isso, porém, não aconteceu.

Dois anos depois do casamento, nasceu Wanda. A atitude de Dors com relação à criança foi melhor do que Raych e Manella esperavam, mas a mãe de Wanda continuou a ser "essa mulher" para a mãe de Raych.

6

Hari Seldon estava lutando contra a melancolia. Ele recebeu conselhos de Dors, Raych, Yugo e Manella. Todos tentavam convencê-lo de que sessenta anos não era uma idade avançada.

Eles simplesmente não eram capazes de entender. Seldon tinha trinta

anos quando a ideia da psico-história lhe ocorrera pela primeira vez, 32 quando apresentara seu primeiro trabalho em um congresso de matemática, depois do que tudo parecera ocorrer ao mesmo tempo. Fugindo dos inimigos, conhecera Demerzel, Cleon, Dors, Yugo e Raych, para não falar dos habitantes de Mycogen, Dahl e Wye.

"Tinha quarenta anos quando se tornara primeiro-ministro" cinquenta quando renunciara ao cargo. Agora, tinha sessenta. Passara trinta anos tentando aperfeiçoar a psico-história. Quantos anos ainda seriam necessários? De quantos anos ainda dispunha? Seu destino seria morrer antes de terminar o projeto?

Não era a ideia de morrer que o deixava aborrecido, repetiu para si próprio, e sim a de deixar o projeto inacabado.

Foi conversar com Yugo Amaryl. Desde que o projeto aumentara de vulto, não se viam mais com tanta frequência. Nos primeiros anos em Streeling, eram apenas os dois

trabalhando, ombro a ombro. Agora...

Amaryl estava com quase cinquenta anos. Não era mais nenhum garoto, e, sob vários aspectos, tivera uma vida estéril. Em todos aqueles anos, não se interessara por nada a não ser a psico-história. Nunca se casara; não praticava nenhum esporte; não tinha passatempos.

Amaryl piscou para Seldon, que não pôde deixar de notar as mudanças que o outro sofrerá. Boa parte provavelmente se devia ao fato de ter sido forçado a reconstruir os olhos. Enxergava muito bem, mas seus olhos tinham um aspecto pouco natural, e piscava mais devagar que o normal, o que lhe dava um ar sonolento.

- O que acha, Yugo? - perguntou Seldon. - Existe alguma luz no fim do túnel?

- Luz? Existe, sim - respondeu Amaryl. - Aquele novo assistente, Tamwile Elar, por exemplo. Lembra-se dele?

- Claro que me lembro. Fui eu que o contratei. É um sujeito muito agressivo e cheio de vida. Como está se saindo?

- Não posso dizer que me sinto à vontade com ele, Hari, mas tem uma mente privilegiada. O novo sistema de equações combina perfeitamente com o Primeiro Radiante, e talvez permita contornar o problema do caos.

- Talvez?

- Ainda é cedo para ter certeza, mas estou muito esperançoso. Até agora, as equações sobreviveram a todos os testes a Que foram submetidas. Estou começando a pensar nelas como equações acaóticas""...

- Imagino que ainda não tenhamos nenhuma demonstração rigorosa.

- Não, não temos, mas estou com meia dúzia de pessoas trabalhando no

problema, incluindo Elar, é claro. - Amaryl voltou-se para o seu Primeiro Radiante, que era tão sofisticado quanto o de Seldon, e observou as linhas curvas das equações luminosas se contorcerem no ar, pequenas demais para serem lidas sem ampliação. - com as novas equações, talvez seja possível começar a fazer previsões.

- Hoje em dia, cada vez que olho para o Primeiro Radiante, penso no Defragmentador e no modo como torna as curvas mais compactas. Foi um trabalho de Elar, também, não foi?

- Foi, sim. com a ajuda de outros pesquisadores.

- É bom poder contar com jovens brilhantes no projeto. Isso me faz acreditar no futuro.

- Acha que um dia Elar pode vir a ser o chefe do projeto? - perguntou Amaryl, ainda olhando para o Primeiro Radiante.

- Talvez. Depois que eu e você nos aposentarmos, ou morrermos.

Amaryl pareceu se acalmar e desligou o aparelho.

- Gostaria de terminar o projeto antes de me aposentar ou morrer.

- Eu também, Yugo. Eu também.

- A psico-história nos guiou muito bem nos últimos dez anos.

Seldon sabia que aquilo era verdade, mas não queria atribuir uma importância excessiva ao fato. Na verdade, tinham sido dez anos de tranquilidade, sem grandes surpresas.

A psico-história previra que o centro sobreviveria à morte de Cleon... previra esse fato de forma muito vaga e incerta... e o centro sobrevivera. Trantor estava em paz. Mesmo depois do assassinato de um imperador e do fim de uma dinastia, o centro sobrevivera.

No momento, estavam sendo governados por uma junta militar. Dors estava certa ao chamá-los de "moleques". Poderia até usar uma palavra mais forte. Mesmo assim, tinham conseguido preservar a unidade do Império e continuariam a fazê-lo por algum tempo. Tempo suficiente, talvez, para permitir que a psico-história viesse a desempenhar um papel ativo nos acontecimentos subsequentes.

Ultimamente, Yugo vinha falando a respeito da possível criação de Fundações, separadas, isoladas, independentes do próprio Império, servindo como sementes para a formação de um novo e melhor Império depois de um inevitável período de trevas. Seldon estava estudando as consequências de uma medida desse tipo. Entretanto, seu tempo era escasso, e não tinha mais (o que reconhecia com grande tristeza) a mesma energia da juventude. Sua mente, embora ainda perfeitamente lúcida e capaz, não era tão criativa quanto trinta anos antes; ele sabia que, com o passar do tempo, a diferença só poderia

aumentar.

Talvez devesse encarregar o jovem e brilhante Elar da tarefa, dispensando-o das demais obrigações. Seldon tinha que admitir para si mesmo, envergonhado, que a ideia não lhe agradava nem um pouco. Não inventara a psico-história para que um garoto aparecesse na última hora para colher os louros.

Entretanto, quisesse ou não, teria que recorrer cada vez mais à ajuda dos mais jovens. A psico-história não era mais monopólio de Seldon, Amaryl e uns poucos assistentes.

Durante sua década como primeiro-ministro, ela se convertera em um projeto importante, apoiado e financiado pelo governo; para sua surpresa, depois que renunciara ao cargo de primeiro-ministro, o projeto crescera ainda mais. Fez uma careta ao pensar no pomposo nome oficial: Projeto Seldon para o Desenvolvimento da Psico-história na Universidade de Streeling.

A junta militar aparentemente considerava o projeto como uma possível arma política; enquanto pensasse assim, dinheiro não seria problema. Sua única obrigação era apresentar relatórios anuais, que, porém, eram bastante vagos. Apenas resultados secundários eram relatados, e mesmo assim a matemática usada estava muito além da compreensão dos membros da junta. Despediu-se do antigo assistente com a convicção de que Amaryl, pelo menos, estava otimista quanto ao futuro da psico-história.

Mesmo assim, continuava a se sentir deprimido. Devia Ser a proximidade do aniversário, que o fazia sentir-se velho. Além do mais, aquilo estava perturbando sua rotina, e ele era um homem de hábitos regulares. O seu escritório e salas adjacentes tinham sido esvaziados e há vários dias não conseguia trabalhar direito. Os aposentos provavelmente seriam usados para abrigar uma exposição comemorativa e levaria algum tempo para tê-los de volta. Amaryl era a única exceção: ele se recusara terminantemente a ceder seu escritório e continuava a ocupá-lo normalmente.

Seldon gostaria de saber de quem tinha sido a ideia de comemorar o seu aniversário daquela forma. Não parecia ser coisa de Dors. Amaryl e Raych não se lembravam nem dos próprios aniversários. Suspeitou de Manella e interrogou-a a respeito. A moça admitiu que participara da organização da festa, mas afirmou que a ideia original tinha sido de Tamwile Elar.

Ele é brilhante em tudo, pensou Seldon.

Suspirou. Gostaria que seu aniversário já tivesse passado.

7

Dors enfiou a cabeça para dentro.

- Posso entrar?

- Claro. Por que não?

- Não é aqui que você costuma ficar.

- Eu sei - suspirou Seldon. - Tenho evitado meu lugar habitual por causa da ridícula festa de aniversário. Como eu gostaria que já tivesse passado.

- Lá vem você. Sempre que a mulher põe uma ideia na cabeça, ela toma a frente e cresce até não poder mais.

Seldon mudou de lado imediatamente.

- Vamos, ela tem boa vontade, Dors...

- Disso o inferno está cheio - retrucou Dors. - De qualquer modo, vim aqui discutir algo mais. Algo que pode ser importante.

- Vá em frente. O que é?

- Estive falando com Wanda sobre o sonho dela... - Ela hesitou.

Seldon pigarreou no fundo da garganta, depois disse:

- Não acredito nisso. É melhor deixar pra lá.

- Não. Você chegou a perguntar-lhe pelos detalhes do sonho?

- Por que eu deveria fazer a garota passar por isso?

- Nem Raych nem Manella o fizeram. Sobrou para mim.

- Mas por que razão torturá-la com perguntas sobre isso?

- Porque tenho a sensação de que devo - respondeu Dors, carrancuda. - Em primeiro lugar, ela não teve o sonho quando estava em casa, na cama.

- Onde estava ela, então?

- Em seu escritório.

- O que ela estava fazendo em meu escritório?

- Ela queria ver o lugar onde seria a festa e foi até seu escritório. E é claro que lá não havia nada para se ver, pois fora esvaziado para a preparação. Mas sua cadeira permanecia lá. A maior... de espaldar alto, braços longos, quebrada... aquela que você não me deixa trocar.

Hari suspirou, como se relembrasse uma antiga discordância.

- Não está quebrada. Eu não quero uma nova. Continue.

- Ela se enroscou na sua cadeira e começou a meditar no fato de que talvez você não estivesse realmente querendo uma festa e sentiu-se infeliz. Em seguida, ela deve ter adormecido, porque não se lembra de mais nada, a não ser de que no sonho havia dois homens (não eram mulheres, ela fez questão de

frisar). Dois homens, conversando.

- Qual o assunto da conversa?

- Ela não sabe exatamente. Disse que tinha algo a ver com a morte, e se lembrou logo de você, porque é uma das pessoas mais velhas que ela conhece. E se lembra nitidamente de três palavras que um deles pronunciou: "limonada da morte".

- O quê?

- Limonada da morte.

- Que significa isso?

- Não sei. Seja como for, os dois homens foram embora e ela se viu na cadeira, assustada e com frio... e desde então, tem estado muito agitada.

Seldon ficou pensativo por alguns momentos. Depois, disse:

- Escute, querida, que importância pode ter um sonho de criança?

- Não temos certeza se foi um sonho, Hari.

- Como assim?

- A própria Wanda não está certa. Ela disse que "deve ter adormecido". Foram essas as suas palavras. Não disse que adormeceu, mas que deve ter adormecido.

- E qual é a sua conclusão?

- De que devia estar cochilando, e, nesse estado, ouviu dois homens, dois homens de verdade, conversarem.

- Homens de verdade? Planejando assassinar-me com limonada?

- Algo parecido.

- Dors, eu sei que você se preocupa com minha segurança, mas acho que desta vez foi longe demais. Por que alguém estaria interessado em me matar?

- Já tentaram duas vezes.

- É verdade, mas as circunstâncias eram outras. O primeiro atentado ocorreu logo depois que Cleon me nomeou primeiro-ministro. Ao fazê-lo, ele passou por cima da hierarquia da corte, desagradando muita gente. Foi por isso que resolveram me eliminar. Da segunda vez, os joranumitas estavam tentando chegar ao poder e acharam que eu estava no caminho... isso, e mais o desejo distorcido de vingança por parte de Namarti.

Felizmente, nenhum dos dois atentados foi bem-sucedido, mas por que haveria um terceiro? Faz dez anos que renunciei ao cargo de primeiro-ministro; hoje sou apenas um matemático em fim de carreira. Os joranumitas foram presos e Namarti executado. Ninguém teria a menor razão para querer me matar. Por isso, Dors, é melhor esquecer o sonho de Wanda. Você fica nervosa quando se preocupa comigo, e não queremos que isso aconteça, não é mesmo?

Dors levantou-se e debruçou-se sobre a escrivaninha de Seldon.

- É fácil para você dizer que não há razão para alguém querer matá-lo, mas não é preciso nenhuma razão. O governo atual é totalmente irresponsável e se eles quiserem...

- Pare por aí! - exclamou Seldon. Em seguida, baixando a voz, acrescentou: - Nem uma palavra, Dors. Nem uma palavra contra o governo. Caso contrário, eles terão um motivo para querer acabar conosco...

- Estou falando apenas com você, Hari.

- No momento está, mas é melhor não se habituar mal. Se começar a dizer o que pensa a respeito do governo, logo se verá em apuros. Acostume-se a guardar as críticas para você mesma.

- Vou tentar, Hari - disse Dors, sem conseguir disfarçar sua indignação. Ela deu meia-volta e retirou-se.

Seldon ficou olhando para a porta, pensativo. Dors soubera envelhecer com elegância; às vezes, tinha a impressão de que ainda era a mesma mulher que conhecera há 28 anos. Os cabelos agora estavam grisalhos, mas conservavam o brilho habitual. A pele tinha menos viço, a voz ficara um pouco mais rouca e, naturalmente, usava trajes compatíveis com sua idade. Entretanto, seus movimentos ainda eram os de uma jovem. Era como se nada pudesse interferir com sua capacidade de proteger Seldon em caso de emergência.

Seldon suspirou. Aquela história de ser protegido, mais ou menos contra a vontade, dia após dia, podia ser um fardo pesado.

8

Logo depois, Seldon foi surpreendido pela chegada de Manella.

- Desculpe, Hari, mas o que Dors estava falando com você?

Seldon olhou para a nora. Aquele parecia ser o dia das interrupções.

- Nada de importante. Wanda teve um sonho. Manella fez um muxoxo.

- Eu sabia. Wanda me contou que Dors lhe fez um monte de perguntas. Por que ela não deixa minha filha em paz? Até parece que é crime ter um pesadelo.

- Na verdade - explicou Seldon, - Dors ficou preocupada com alguma coisa que Wanda lhe contou a respeito do sonho. Parece que ela ouviu alguém falar em "limonada da morte".

- Hum! - Manella ficou pensativa por alguns momentos e depois disse: -

Eu não daria muita importância a isso. Wanda é louca por limonada e já me pediu para servir a bebida na sua festa, misturada com gotas mycogenianas. Prometi atendê-la.

- O que você está querendo dizer é que talvez Wanda tenha ouvido alguma palavra parecida com limonada.

- Exatamente.

- Nesse caso, o que será que os homens realmente disseram?

- O que importa? E se ela realmente estava sonhando? Por favor, não quero que tornem a falar com ela a respeito.

- Está bem. Vou pedir a Dors para não tocar mais no assunto.

- Obrigada. Não importa que ela seja avó de Wanda, Hari. Sou a mãe, e sei o que é melhor para minha filha.

- Claro que sabe - concordou Seldon, em tom apaziguador. Depois que a moça saiu, ficou pensativo por um longo tempo. Ali estava outro fardo pesado: a competição permanente entre aquelas duas mulheres.

9

Tamwile Elar tinha 36 anos de idade e fazia quatro anos que trabalhava no projeto de Seldon. Era um homem alto, de olhos muito vivos, com um leve excesso de autoconfiança.

Os cabelos eram castanhos e ondulados, o que se tornava mais evidente porque eram bastante compridos. Tinha uma maneira brusca de rir e um inegável talento para a matemática.

Elar havia sido recrutado na Universidade de Mandanov e Seldon tinha de sorrir quando se lembrava da forma como Amaryl desconfiara dele a princípio. Na verdade,

Yugo Amaryl desconfiava de todo mundo. Seldon tinha certeza de que, no fundo do coração, Amaryl achava que a psico-história devia ser exclusividade dele e de Seldon.

Mesmo Amaryl, porém, tinha de admitir que a chegada de Elar dera um novo impulso ao projeto.

- As técnicas que Elar propôs para evitar o caos são extremamente interessantes - comentou um dia com Seldon. - Ninguém no nosso grupo seria

capaz de desenvolvê-las.

Eu, pelo menos, nunca tinha pensado em nada parecido. Acho que você também não, Hari.

- Devo estar ficando velho - observou Seldon, de cara feia.

- Se pelo menos ele não risse tão alto... - queixou-se Amaryl.

A verdade era que Seldon também estava tendo alguma dificuldade para aceitar Elar. Era um pouco humilhante saber que não chegara nem perto das "equações acaóticas", como agora eram chamadas. Seldon não se importava de não ter tido parte ativa no desenvolvimento do Defragmentador; afinal, não era o seu campo. No caso das equações acaóticas, porém, era diferente. Tentava consolar-se pensando que elas não existiriam sem a psico-história. Elar seria capaz de fazer o que ele próprio fizera três décadas antes? Estava convencido de que não. Mesmo assim, não conseguia se sentir perfeitamente à vontade com o rapaz. Um velho cansado diante de um jovem na flor da idade.

Entretanto, Elar nunca lhe faltara com o respeito ou insinuara de alguma forma que estava na idade de se aposentar.

Naturalmente, Elar estava interessado na festa de aniversário. Na verdade, como Seldon descobrira ao interrogar Manella, tinha sido o primeiro a sugeri-la. (Seria uma forma sutil de lembrar que Seldon estava ficando velho?) Rejeitou imediatamente a hipótese.

Devia estar se deixando influenciar pelas constantes desconfianças de Dors.

Elar se aproximou e disse:

- Mestre...

Seldon fez uma careta de desagrado, como sempre. Preferia que os colegas do projeto o chamassem de Hari, mas achava que ficaria ridículo chamar a atenção de Elar.

- Mestre - repetiu Elar. - Ouvi dizer que foi convocado para uma audiência com o general Tennar.

- É verdade. Ele é o novo chefe de Estado e provavelmente vai querer que eu lhe explique o que é a psico-história. É o que sempre fazem, desde o tempo de Cleon e Demerzel. - (O novo chefe de Estado! A junta era como um caleidoscópio, com alguns dos membros caindo em desgraça, enquanto outros surgiam do nada.)

- Pode ser, mas ele queria falar com o senhor imediatamente... no dia da sua festa de aniversário!

- Não tem importância. Vocês podem comemorar sem mim.

- Não, não podemos, mestre. Espero que não se importe, mas tomamos a liberdade de holografar para o secretário da junta e transferir a sua audiência

para a semana que vem.

- O quê?! - exclamou Seldon, aborrecido. - Não tinham esse direito!

- Ele concordou imediatamente. O senhor poderá usar bem esse tempo.

- Para que Vou precisar de uma semana? Elar hesitou.

- Posso falar francamente, mestre?

- Claro que pode.

Elar enrubesceu ligeiramente (ficava vermelho com facilidade, porque tinha pele clara), mas sua voz permaneceu firme.

- O que tenho a dizer não é simples, mestre. O senhor É um gênio da matemática. Nenhum membro do projeto duvida disso. Nenhum cidadão do Império, se conhecesse o senhor e entendesse de matemática, duvidaria disso. Entretanto, não é um gênio universal.

- Sei disso tão bem quanto você, Elar.

- Claro que sabe. Para ser mais explícito, o senhor não é capaz de lidar com pessoas comuns... com pessoas medíocres, digamos. O que lhe falta é uma certa prudência, uma certa habilidade política, e se estiver lidando com uma pessoa que seja ao mesmo tempo poderosa e medíocre, poderá facilmente pôr em risco o projeto e até sua própria vida, simplesmente por um excesso de franqueza.

- O que é isso? De repente voltei a ser criança? Há muitos anos que venho lidando com os políticos. Fui primeiro-ministro durante dez anos, como talvez se lembre.

- Perdão, mestre, mas a sua maneira de fazer política não era particularmente brilhante. Felizmente, teve que lidar com o primeiro-ministro que o precedeu, Demerzel, que era uma pessoa muito inteligente, e com o imperador Cleon, que tinha uma grande amizade pelo senhor. Agora, porém, vai ter que enfrentar os militares, que não são nem inteligentes nem amistosos. A situação é totalmente diversa.

- Já lidei com os militares e sobrevivi.

- Não com o general Dugal Tennar. Ele é um osso duro de roer.

- Você o conhece?

- Não pessoalmente, mas ele nasceu em Mandanov, que, como sabe, é o meu setor. Foi um líder local antes de entrar para a junta.

- O que sabe sobre ele?

- É um homem ignorante, supersticioso, violento. Não é uma pessoa fácil de lidar. O senhor pode usar a semana de Que dispõe para planejar sua estratégia.

Seldon mordeu o lábio inferior. Elar tinha certa razão; talvez fosse difícil argumentar com um tipo teimoso e inculto, com um poder incomensurável nas mãos.

- Eu dou um jeito - afirmou, sem muita convicção. - Seja como for, a junta militar se encontra em uma situação instável em relação ao Império. Já durou mais do que deveria ter durado.

- É mesmo? Não sabia que tínhamos analisado a estabili-psico-histórica da junta.

- Amaryl fez alguns cálculos, usando suas equações acaóticas - explicou Seldon. - Por falar nisso, alguns matemáticos as estão chamando de Equações de Elar.

- Eu jamais fiz isso, mestre.

- Ainda bem. Os elementos da psico-história devem ser apresentados de forma impessoal, para evitar preconceitos.

- Concordo plenamente, mestre.

- Na verdade - acrescentou Seldon, ligeiramente envergonhado, - sempre achei errado chamar as equações básicas da psico-história de Equações de Seldon. O problema é que o nome já está em uso a tanto tempo que não adianta querer mudá-lo.

- Em minha opinião, mestre, o seu caso é especial. Ninguém põe em dúvida o fato de que foi o inventor da ciência da psico-história. Se não se importa, porém, gostaria de voltar a falar do seu encontro com o general Tennar.

- O que mais há para discutir?

- Talvez fosse melhor o senhor não se encontrar com ele.

- Como, se ele mandou me chamar?

- O senhor poderia alegar que não está passando bem e mandar alguém em seu lugar.

- Quem?

Elar não respondeu, mas seu silêncio foi eloquente.

- Você? - perguntou Seldon.

- Por que não? Nasci no mesmo setor que o general, o que pode pesar. O senhor é um homem muito ocupado, de certa idade, e não será difícil convencê-los de que não está gozando de boa saúde. E acredito sinceramente... espero que não se ofenda, mestre... que saberei lidar com eles melhor do que o senhor.

- Mentir para eles, você quer dizer.

- Se for necessário.

- Estará correndo um grande risco.

- Nem tanto. Duvido que ele mande me executar. Se não ficar satisfeito com a minha atitude, posso alegar... ou o senhor pode alegar em minha defesa... que sou jovem e inexperiente. Seja como for, se alguém tem que correr algum risco, é melhor que seja eu. Estou pensando no bem do projeto, que necessita

muito mais do senhor do que de mim.

- Não Vou me esconder atrás de você, Elar - afirmou Seldon, com a testa franzida. - Se o general quer falar comigo, vai falar comigo. Recuso-me a permitir que se arrisque em meu lugar. Quem pensa que sou?

- Um homem franco e honesto, quando precisamos de um político.

- Posso ser político, quando é necessário. Não me subestime, Elar.

Elar deu de ombros, desanimado.

- Como quiser. É difícil discutir com o senhor.

- Na verdade, Elar, seria preferível que você não tivesse adiado o encontro. Eu preferia perder minha festa de aniversário e conversar logo com o general. Esta festa não foi ideia minha.

- Desculpe - disse Elar.

- Agora está feito. Vamos ver o que acontece. Seldon despediu-se de Elar e saiu. Às vezes, gostaria de ser um pouco mais atuante, tomando todas as decisões, deixando pouco espaço de manobra para os assistentes. Para fazer isso, porém, perderia um tempo enorme, tempo que seria roubado dos seus estudos da psico-história. Além do mais, não tinha temperamento para isso.

Suspirou. Teria que conversar com Amaryl.

10

Seldon entrou no escritório de Amaryl sem se fazer anunciar.

- Yugo, o encontro com o general Tennar foi adiado - anunciou, de supetão.

Como sempre, Amaryl levou alguns momentos para desviar a atenção do seu trabalho. Finalmente, levantou os olhos e perguntou:

- Qual foi a desculpa dele?

- A iniciativa não partiu dele. Alguns dos nossos matemáticos não quiseram que o encontro interferisse com minha festa de aniversário e pediram um adiamento de uma semana. Uma coisa desagradável.

- Então por que permitiu que fizessem isso?

- Não permiti. Eles fizeram tudo sem me avisar. - Seldon deu de ombros. - De certa forma, a culpa é minha. Tenho me queixado tanto de estar ficando velho que todo mundo se julga na obrigação de me consolar, afogando-me em festividades.

- Esta semana a mais talvez venha a calhar, sabia? Seldon ficou imediatamente tenso.

- Por quê? Alguma coisa deu errado?

- Não. Pelo que sei, nada deu errado, mas não custa examinarmos melhor nossa posição. Escute, Hari, depois de quase trinta anos de trabalho, esta é a primeira vez que finalmente vamos poder fazer uma previsão com o auxílio da psico-história. Não é nada do outro mundo, apenas um pequeno passo no desconhecido, mas tem um grande significado para nós. Muito bem. Queremos tirar vantagem dessa experiência, avaliar seus resultados, provar para nós mesmos que a psico-história é o que pensamos que é: uma ciência capaz de fazer previsões. Por isso, todo cuidado é pouco. Podemos usar esta semana extra para nos certificarmos de que não nos esquecemos de nada.

- Então vamos deixar como está. Antes de me encontrar com o general, voltarei a falar com você para ver se surgiu alguma novidade de última hora. Enquanto isso, Amaryl, prefiro que não comente com os outros a respeito desta pequena experiência. Se ela fracassar, não quero que o pessoal do projeto fique desanimado. Eu e você saberemos aceitar o insucesso com tranquilidade.

Amaryl deixou transparecer um dos seus raros sorrisos.

- Você e eu. Lembra-se quando éramos apenas nós dois?

- Lembro-me muito bem. Não pense que não sinto saudade daquele tempo. Quase não dispúnhamos de meios para trabalhar - Ainda não contávamos com o Primeiro Radiante, para não falar do Eletro-desfragmentador.

Mesmo assim, eram tempos felizes.

Felizes - concordou Amaryl, balançando a cabeça.

11

A universidade estava diferente e Hari Seldon não podia deixar de se sentir lisonjeado.

Os escritórios que formavam o complexo do projeto tinham ficado repletos de cores e luzes, com holografias mostrando Seldon e seus amigos em diferentes lugares e em diferentes épocas. Ali estava Dors Venabili, sorrindo, e realmente parecendo um pouco mais jovem. Ali estava Raych, ainda adolescente. Ali estavam Seldon e Amaryl, com cara de meninos, nos teclados dos seus computadores. Havia até mesmo uma holografia de Demerzel, que

encheu de saudade o coração de Seldon, pois ele nunca mais se sentira tão seguro como na época em que Demerzel era o primeiro-ministro.

O imperador Cleon não aparecia em nenhuma das holografias. Não que não existissem holografias dele, mas a junta militar não veria com bons olhos qualquer referência ao antigo imperador.

Sala após sala, edifício após edifício, toda a universidade tinha sido transformada em uma exposição como Seldon jamais vira igual. Até mesmo a iluminação da cúpula tinha sido desligada para produzir uma noite artificial na qual a universidade pudesse brilhar por três dias.

- Três dias! - exclamou Seldon, entre maravilhado e preocupado.

- Três dias - repetiu Dors Venabili, fazendo que sim com a cabeça. - A universidade fez questão.

- Quanta despesa! Quanto trabalho! - comentou Seldon, de testa franzida.

- O que você fez pela universidade vale muito mais que o que gastaram com a festa - argumentou Dors. - Quanto ao trabalho, é todo voluntário. Os estudantes cuidaram de tudo.

Uma vista aérea da universidade tinha acabado de aparecer e Seldon ficou olhando para ela, com um sorriso involuntário nos lábios.

- Não pode negar que está feliz - disse Dors. - Passou o último mês dizendo que não queria comemorar o seu aniversário, e agora olhe para você.

- É claro que fiquei comovido. Não imaginava que fossem preparar algo assim.

- Por que não? Você é um símbolo, Hari. O planeta inteiro, o Império inteiro conhece você.

- Está muito enganada - afirmou Seldon, sacudindo a cabeça. - Nem uma pessoa em um bilhão sabe alguma coisa a meu respeito, ou a respeito da psico-história. Ninguém fora do projeto faz a menor ideia de como a psico-história funciona, e mesmo entre os que trabalham no projeto poucos a compreendem.

- Isso não importa, Hari. É você que importa. Mesmo os quatrilhões que nada sabem a seu respeito ou a respeito da psico-história já ouviram dizer que Hari Seldon é o maior matemático do Império.

- Pelo menos, é assim que estão me fazendo sentir agora - afirmou Seldon, olhando em torno. - Mas três dias e três noites! O lugar vai ficar uma bagunça!

- Não, não vai. Todos os registros foram guardados. Os computadores e outros equipamentos estão em lugar seguro. Os estudantes destacaram vigias para assegurar que nada seja danificado.

- Você pensou em tudo, não foi, Dors? - comentou Seldon, em tom carinhoso.

- Não fui só eu. Seu colega Tamwile Elar tem trabalhado com incrível dedicação.

Seldon fez uma careta.

- Não gosta de Elar? - perguntou Dors.

- Ele vive me chamando de "mestre".

- E isso é crime? - disse Dors, sacudindo a cabeça.

Seldon ignorou o comentário e acrescentou:

- Além disso, é muito jovem.

- Ora, ora. Hari, você vai ter que aprender a envelhecer com elegância... e para isso, a primeira coisa a fazer é mostrar que está se divertindo. Isso deixará os outros felizes, como certamente é o seu desejo. Vamos, mexa-se. Não fique aqui escondido. Cumprimente a todos. Sorria. Pergunte como vão. E lembre-se de que, depois do banquete, vai ter que fazer um discurso.

- Detesto banquetes e detesto discursos mais ainda.

- Mesmo assim. Agora, mexa-se!

Seldon suspirou dramaticamente, mas obedeceu. Quando apareceu na entrada do salão principal, era uma figura imponente. Os trajes exagerados de primeiro-ministro eram coisa do passado, assim como as roupas de corte heliconiano que usara na juventude. Agora Seldon se vestia como um professor graduado: calças simples, de vincos bem marcados, acompanhadas por uma túnica modificada. Bordada com linha prateada, acima do coração, estava a inscrição: PROJETO SELDON DE PSICO-HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE STREELING. As letras se destacavam contra o discreto cinza-titânio da túnica. Os olhos de Seldon brilhavam em um rosto marcado pela idade; os sessenta anos transpareciam tanto nas rugas como nos cabelos brancos.

Entrou na sala onde as crianças estavam comendo. O aposento se achava totalmente vazio, a não ser pelas mesas de armar com as travessas de comida. Assim que o viram, as crianças correram em sua direção, pois sabiam que a festa era em sua homenagem. Seldon se encolheu.

- Esperem, esperem, crianças. Cheguem para trás. Tirou do bolso um pequeno robô computadorizado e colocou-o no chão. Em um Império sem robôs, era algo realmente extraordinário. No momento, parecia um pequeno animal peludo, mas era capaz de mudar repentinamente de forma (o que provocava gritinhos e risadas nas crianças) e quando o fazia, os sons e movimentos também mudavam.

- Podem brincar com ele, mas cuidado para não quebrá-lo. Mais tarde, haverá um para cada um de vocês.

Seldon saiu para o corredor que levava ao saguão principal e percebeu que Wanda o seguia.

- Vovô! - chamou a menina.

Wanda era diferente. Levantou-a no colo por um momento e depois tornou a colocá-la no chão.

- Está gostando da festa, Wanda? - perguntou.

- Estou - respondeu a menina, - mas não entre naquela sala.

- Por que não, Wanda? É o escritório onde eu trabalho.

- Foi lá que tive meu pesadelo.

- Eu sei, Wanda, mas isso já passou, não é? - Seldon hesitou e depois conduziu a menina até uma das cadeiras que estavam enfileiradas ao longo do corredor. Sentou-se e colocou a neta no colo.

- Tem certeza de que foi um sonho, Wanda?

- Acho que sim.

- Estava realmente sonhando?

- Acho que estava.

Seldon percebeu que não adiantava insistir. Decidiu mudar de tática.

- Os dois homens no seu sonho falaram em uma tal de limonada da morte, não foi?

Wanda assentiu com relutância.

- Tem certeza de que a palavra que eles usaram foi limonada?

Wanda assentiu novamente.

- Não poderia ter sido uma palavra parecida?

- O que eles disseram foi "limonada".

- Está bem, Wanda - disse Seldon, desistindo. - Pode ir. Brinque bastante e veja se não pensa mais nesse sonho.

- Até logo, vovô. - A menina parecia aliviada. Saltou do colo de Seldon e foi embora.

Seldon saiu à procura de Manella. Levou muito tempo para encontrá-la, porque a cada momento era abordado por pessoas que queriam cumprimentá-lo.

Finalmente, avistou-a a distância. Murmurando “Desculpe”.

- Com licença... Há uma pessoa com quem preciso... “Desculpe...”, conseguiu aproximar-se da moça.

- Manella - chamou, enquanto sorria mecanicamente em todas as direções.

- Sim, Hari. Alguma coisa errada?

- É o sonho de Wanda.

- Não me diga que ela ainda está preocupada com aquele sonho.

- Acho que sim. Escute, estão servindo limonada na festa, não estão?

- É claro. As crianças adoram limonada. Preparei misturas de limonada com gotas mycogenianas de vários sabores e coloquei em recipientes de formas

diferentes. As crianças estão experimentando para ver qual o sabor que mais lhes agrada. Os adultos estão provando, também. Por que não experimenta, Hari? Ficou uma delícia.

- Estou pensando. Se não foi um sonho, se Wanda realmente ouviu dois homens conversarem a respeito da limonada da morte... - ele interrompeu a frase, como se tivesse vergonha de prosseguir.

- Está com receio de que alguém tenha envenenado a limonada? - perguntou Manella. - Isso é ridículo. A essa altura, todas as crianças estariam passando mal...

- Eu sei - murmurou Seldon. - Eu sei.

Afastou-se e quase não viu Dors quando passou por ela. A moça agarrou-o pelo cotovelo.

- Que cara é essa? Você parece preocupado.

- Estive pensando na limonada da morte de Wanda.

- Eu também, mas ainda não cheguei a nenhuma conclusão.

- Não consigo tirar da cabeça a ideia de um envenenamento.

- Esqueça. Eu lhe asseguro que todas as comidas e bebidas desta festa foram analisadas a nível molecular. Sei que vai Pensar que mais uma vez me comportei como uma paranoica, mas minha missão é tomar conta de você e pretendo cumpri-la o melhor possível.

- E tudo está...

- Em perfeitas condições. Fique tranquilo.

Seldon sorriu.

- É ótimo saber disso. Sinto-me aliviado. Na verdade, eu mesmo não estava levando a sério minhas suspeitas.

- Ainda bem - disse Dors, secamente. - Estou muito mais preocupada com o fato de que daqui a alguns dias você vai se encontrar com Tennar, aquele monstro.

- Não o chame de monstro, Dors. Tome cuidado. As paredes têm ouvidos.

Dors imediatamente abaixou a voz.

- Você está certo. Olhe em volta. Todos esses rostos sorridentes... e no entanto quem sabe qual dos nossos "amigos" irá fazer um relatório ao chefe do governo e seus asseclas quando a noite terminar? Ah, os humanos! Pensar que mesmo depois de todos esses milhares de séculos ainda existe gente mesquinha e traiçoeira! Isso me parece tão desnecessário... No entanto, sei muito bem o mal que essas pessoas podem fazer. É por isso que preciso ir com você, Hari.

- Impossível, Dors. Isso apenas complicaria as coisas para mim. Irei sozinho e não haverá nenhum problema.

- Você não vai saber como lidar com o general. O rosto de Seldon assumiu uma expressão séria.

- E você, saberia? Está soando como Elar. Ele também acha que sou um velho idiota. Também quer ir comigo... ou melhor, ofereceu-se para ir em meu lugar. Imagino quantas pessoas em Trantor gostariam de tomar o meu lugar - acrescentou, ironicamente. - Dúzias? Milhões?

12

Fazia dez anos que o Império Galáctico não tinha um imperador, mas não havia nenhuma indicação desse fato na forma como o Palácio Imperial era cuidado. Milênios de tradição tornavam desnecessária a presença do imperador.

Naturalmente, não havia ninguém usando as vestes imperiais para presidir as cerimônias. Nenhuma voz imperial dava ordens; nenhum desejo imperial se manifestava; não havia elogios imperiais; nenhum prazer imperial alegrava os palácios, nenhuma doença imperial os entristecia. Os aposentos do imperador estavam vazios; a família imperial não existia.

Mesmo assim, um exército de jardineiros mantinha os jardins em perfeitas condições. Um exército de pedreiros e pintores mantinha os edifícios como novos. A cama do imperador, sempre vazia, tinha os lençóis trocados todas as manhãs; os quartos eram limpos; todo o pessoal do palácio, com exceção do imperador e sua família, continuava a trabalhar como se nada tivesse acontecido. Aqueles que estavam em posições de mando davam ordens como se o imperador estivesse presente, as mesmas ordens que o imperador daria. Em muitos casos, especialmente nos altos escalões, os funcionários eram os mesmos desde o tempo de Cleon. Os recém-contratados eram treinados de acordo com as antigas tradições.

Era como se o Império, acostumado a ser governado por um imperador, insistisse em perpetuar um mito; como se só esse mito pudesse preservar a unidade do Império.

A junta reconhecia esse fato, se não explicitamente, pelo menos de forma inconsciente. Em dez anos, nenhum daqueles militares que agora dirigiam os destinos do Império ousara ocupar os aposentos particulares do imperador. Fossem o que fossem, não tinham sangue real e portanto nada tinham a fazer ali. Uma População que aceitava a perda da liberdade não aceitaria qualquer sinal

de falta de respeito pelo imperador, vivo ou morto.

Mesmo o general Tennar não tinha coragem de tocar nas preciosas estruturas que durante tanto tempo haviam abrigado imperadores de uma dúzia de dinastias diferentes.

- Posso fundar uma nova dinastia - afirmou.

O general morava e trabalhava em construções que ficavam na Periferia do palácio; pouco elegantes, mas cercadas por fortalezas, suficientemente robustas para suportar um cerco.

Tennar era um homem atarracado, que usava bigode. Não um bigode farto, espalhafatoso, como o dos dahlitas, mas um bigode fino, bem aparado, que deixava uma faixa de pele nua acima do lábio. O bigode era ruivo e Tennar tinha olhos azuis e frios. Provavelmente, fora um homem bonitão na mocidade, mas agora estava muito gordo e os olhos eram fendas que refletiam a raiva com maior frequência do que qualquer outra emoção.

De modo que ele disse, com raiva, o que era compreensível para um general que se considerava senhor absoluto de milhões de mundos, mas não tinha coragem de intitular-se imperador:

- Posso fundar uma nova dinastia - afirmou, dirigindo-se a Hender Linn. Olhou em torno e fez uma careta de desprezo. - Este não é o lugar apropriado para quem governa um Império.

- Governar é o importante - afirmou Linn. - Melhor ser senhor em um cubículo do que uma figura decorativa em um palácio.

- Melhor ainda ser senhor em um palácio. Por que não?

Linn usava o título de coronel, mas jamais estivera envolvido em qualquer operação militar. Sua função era dizer a Tennar o que o outro queria ouvir, e transmitir suas ordens a outras pessoas. Vez por outra, argumentava com o chefe, mas apenas quando isso parecia seguro.

Linn era conhecido como "o lacaio de Tennar", e sabia que era assim que o chamavam. Isso não o incomodava. Como lacaio, ocupava uma posição confortável, e assistira à queda de muitos que eram orgulhosos demais para ser lacaios.

Naturalmente, chegaria a hora em que o próprio Tennar seria alijado da eterna disputa pelo poder entre os membros da junta, mas Linn achava, com uma certa fleuma, que reconheceria os sintomas a tempo de salvar a própria pele. Ou talvez afundasse junto com o general. Tudo tinha um preço.

- É claro que pode fundar uma dinastia, general - disse Linn. - Muitos outros o fizeram, na longa história do Império. Entretanto, isso leva tempo. As pessoas custam a se acostumar com as coisas. Quase sempre, apenas o segundo ou mesmo terceiro membro da dinastia é que consegue ser reconhecido como o

legítimo imperador.

- Não acredito. Basta que eu me apresente como o novo imperador. Quem terá coragem de me desafiar? Conhecem o meu poder.

- É verdade, general. Seu poder não é contestado em Trantor e na maior parte dos Mundos Interiores, mas é possível que os Mundos Exteriores ainda não estejam preparados para aceitar uma nova dinastia imperial.

- Mundos Interiores ou Mundos Exteriores, é o poder militar que controla a todos. Um velho provérbio imperial.

- É um bom provérbio - concordou Linn, - mas hoje em dia muitos dos vice-reis têm exércitos próprios, que podem não ser usados em defesa do poder central. Vivemos tempos difíceis.

- Então você recomenda cautela.

- Sempre recomendo cautela, general.

- Um dia desses você vai errar por excesso de cautela. Linn baixou a cabeça.

- Só posso recomendar o que me parece mais apropriado, general.

- Como quando me recomenda para tomar cuidado com esse tal de Hari Seldon?

- Ele é o seu inimigo mais perigoso, general.

- É o que você vive dizendo, mas não consigo entender. Ele não passa de um professor universitário.

- É verdade, mas já ocupou o cargo de primeiro-ministro.

- Eu sei, mas isso foi no tempo de Cleon. Seldon fez alguma coisa desde aquela época? Em tempos difíceis como os de hoje, com os vice-reis montando exércitos, por que um professor seria o meu inimigo mais perigoso?

- Às vezes é um erro - disse Linn, cautelosamente (porque era preciso ser cauteloso para ensinar uma coisa ao general) - supor que um homem quieto, discreto, seja necessariamente inofensivo. Os adversários de Seldon não o chamariam de inofensivo. Há dezoito anos, o movimento joranumita quase derrubou o poderoso primeiro-ministro de Cleon, Eto Demerzel.

Tennar fez que sim com a cabeça, mas a testa franzida mostrava que estava tendo dificuldade para se lembrar.

- Foi Seldon quem derrotou Joranum e sucedeu a Demerzel como primeiro-ministro. Entretanto, o movimento joranumita sobreviveu e conseguiu assassinar Cleon antes de ser dissolvido por Seldon.

- Mas Seldon escapou impune, não foi?

- Exatamente. Seldon escapou impune.

- Isso é estranho. Um primeiro-ministro que permite que o imperador seja assassinado deveria ter sido condenado à morte.

- Tem razão. Entretanto, a junta nada fez contra ele.

- Por quê?

- Por causa de algo chamado psico-história, general.

- Não sei do que se trata - afirmou Tennar.

Na verdade, lembrava-se vagamente de ter ouvido Linn mencionar aquele nome estranho em várias ocasiões. Não se mostrara interessado e Linn não era do tipo de forçar um assunto. Ainda não estava interessado, mas as palavras de Linn pareciam traduzir uma certa preocupação. Talvez fosse melhor ouvir o que ele tinha a dizer.

- Quase ninguém sabe do que se trata - afirmou Linn. - Entretanto, existem alguns... ha... alguns intelectuais que se interessam por ela.

- E o que é?

- Uma complexa teoria matemática. Tennar sacudiu a cabeça.

- Poupe-me os detalhes, por favor. Sei contar as divisões do meu exército. É toda a matemática de que preciso.

- Acontece que a psico-história pode tornar possível prever o futuro - declarou Linn.

O general arregalou os olhos.

- Então esse Hari Seldon é uma espécie de vidente?

- Eu não disse isso. As previsões da psico-história são previsões científicas.

- Não acredito.

- É difícil de acreditar, mas Seldon se tornou uma espécie de mito aqui em Trantor, e em certos lugares dos Mundos Exteriores. Se puder ser usada para prever o futuro, ou mesmo se as pessoas simplesmente pensarem que ela pode ser usada como tal, a psico-história se tornará um importante instrumento de sustentação do regime. Tenho certeza de que já compreendeu isso, general. Basta prevermos que nosso regime será duradouro e trará paz e prosperidade para o Império. Acreditando nisso, as pessoas se encarregarão de fazer com que as previsões se concretizem. Por outro lado, se Seldon quiser sabotar o seu governo, poderá prever uma guerra civil, o que terá o efeito de desestabilizar o regime.

- Nesse caso, coronel, basta assegurarmos que as previsões da psico-história sejam as que nos interessam.

- As previsões teriam que ser feitas por Seldon, que não é exatamente um simpatizante do regime. É importante, general, que façamos uma distinção entre o projeto que está sendo executado na Universidade de Streeling para desenvolver a psico-história e a pessoa de Hari Seldon. A psico-história pode ser extremamente útil para nós, mas apenas se outra pessoa que não Hari Seldon

esteja conduzindo os trabalhos.

- Existem outras pessoas capacitadas?

- Oh, sim. Será necessário apenas tirar Seldon do caminho.

- Qual é o problema? Uma ordem de execução, e pronto.

- Seria melhor, general, se o governo não se envolvesse diretamente nesse tipo de coisa.

- Explique!

- Convidei Seldon para vir aqui. Assim, poderá examiná-lo de perto e verificar se algumas ideias que tenho em mente são fundamentadas ou não.

- Para quando foi marcado o encontro?

- Deveria ocorrer imediatamente, mas os assistentes de Seldon no projeto pediram que esperássemos alguns dias, até terminarem as comemorações do seu sexagésimo aniversário.

Achei que isso atendia aos nossos interesses e concordei.

- Por que fez isso? - quis saber Tennar. - Detesto demonstrações de fraqueza.

- Tem razão, general. Tem toda a razão. Sua intuição, como sempre, está correta. Entretanto, pareceu-me que talvez houvesse uma certa vantagem em que o encontro tivesse lugar após as comemorações do aniversário de Seldon.

- Por quê?

- Porque poderíamos colher informações adicionais a respeito dele. Gostaria de ver parte das festividades?

O rosto do general Tennar permaneceu sombrio.

- Isso é necessário?

- Penso que achará interessante, general.

A reprodução visual e sonora era excelente; por algum tempo, a alegria da festa encheu o aposento austero onde se encontrava o general.

Linn comentou o que estava acontecendo em voz baixa.

- A maior parte da comemoração, general, está acontecendo no complexo do projeto, mas toda a universidade decidiu participar. Daqui a pouco vamos ter uma vista aérea e poderá ver que as festividades cobrem uma área considerável. Na verdade, embora eu não possa exibir provas no momento, existem certos lugares no planeta, especialmente universidades e fundações, onde estão sendo realizadas manifestações em homenagem a Seldon. As comemorações continuam e deverão durar pelo menos até amanhã.

- Está querendo me dizer que se trata de uma festa em escala planetária?

- Sob certo aspecto, sim. Apenas uma pequena parcela da população está envolvida, a dos intelectuais, mas eles estão espalhados por todo o planeta. Pode ser até que o aniversário de Seldon esteja sendo comemorado em outros planetas

além de Trantor.

- Onde conseguiu esta reprodução? Linn sorriu.

- Tenho meus contatos no projeto. Na verdade, dificilmente acontece alguma coisa lá sem que eu tome conhecimento.

- Pois bem, Linn, quais são as suas conclusões a respeito deste assunto?

- Ao que me parece, general, e tenho certeza de que concorda comigo, Hari Seldon se tornou uma figura extremamente popular entre os intelectuais. Seu nome está indissoluvelmente ligado à psico-história. Se o eliminássemos abertamente, destruiríamos a credibilidade da ciência, o que a tornaria inútil para nossos propósitos.

Por outro lado, general, Seldon está ficando velho e é natural que seja substituído por um discípulo mais jovem, alguém em cuja escolha podemos influir e que poderia ser manipulado de forma a permitir que usássemos a psico-história para apoiar o regime. Se Seldon puder ser afastado de forma não-traumática, nossos problemas estarão resolvidos.

- E você acha que devo conversar com ele - disse o general.

- Sim, para conhecê-lo pessoalmente e decidir o que devemos fazer. Mas devemos ser cautelosos, porque, como já disse, ele é uma figura muito popular.

- Já lidei com outras figuras populares - afirmou Tennar, em tom sombrio.

13

- Claro que gostei - disse Hari Seldon, com voz cansada. - Foi uma grande festa. Diverti-me a valer. Mal posso esperar pelo meu aniversário de setenta anos, para repetir a farra. A verdade, porém, é que estou exausto.

- Então vá dormir, papai - disse Raych, sorrindo. - Isso é fácil de curar.

- Não sei como Vou conseguir relaxar sabendo que terei que me encontrar com nosso Grande Líder amanhã à noite.

- Sozinho, você não vai - declarou Dors Venabili. Seldon franziu a testa.

- Não diga isso, Dors. É importante para mim conversar a sós com o general.

- Não quero que corra riscos desnecessários. Lembra-se do que aconteceu quando não me deixou ir com você cumprimentar os novos jardineiros?

- Como poderia não me lembrar, se você fala nisso no mínimo duas vezes

por semana? Neste caso, porém, já decidi que Vou sozinho. Que é que ele pode fazer comigo quando eu chegar lá, só e desarmado, para saber o que pretende?

- E o que acha que ele pretende? - perguntou Raych.

- Provavelmente, o mesmo que Cleon. Alguém lhe contou que a psico-história pode ser usada para prever o futuro, e ele quer aproveitar-se disso em seu benefício. Eu disse a Cleon, há quase trinta anos, que a ciência ainda não estava suficientemente desenvolvida para permitir qualquer tipo de previsão. Pretendo dizer a mesma coisa ao general Tennar.

- Acha que vai acreditar em você? - perguntou Raych.

- Tentarei ser convincente.

- Não quero que vá sozinho - insistiu Dors.

- O que você quer não faz diferença, Dors.

Nesse ponto, Tamwile Elar interveio. Ele disse:

- Sou a única pessoa presente que não pertence à família. Não sei se um comentário meu seria bem-aceito.

- Vá em frente - disse Seldon.

- Gostaria de propor uma solução de compromisso. Por que vários de nós não vão com o mestre, como uma espécie de escolta? Seria um fecho de ouro para as comemorações do seu aniversário! Espere, não estou sugerindo uma invasão do escritório do general. Nem mesmo que nosso grupo entre no palácio. Podemos reservar quartos de hotel no Setor Imperial, nas proximidades do palácio. O Hotel da Beira da Cúpula seria ideal. Teríamos mais um dia de festa.

- É disso que estou precisando - resmungou Seldon. - Mais um dia de festa.

- Não para o senhor, mestre - apressou-se a dizer Elar. - Poderá descansar à vontade. Nós nos encarregaremos de oferecer à população do Setor Imperial uma demonstração da sua popularidade... e talvez ao general, também. Se ele souber que estamos todos à sua espera, terá que tratá-lo de forma civilizada.

Todos ficaram em silêncio por algum tempo. Finalmente, Raych observou:

- Parece uma demonstração desnecessária. Não combina com a imagem que as pessoas fazem de papai.

- Não estou interessada na imagem de Hari, e sim na sua segurança - protestou Dors. - Se não podemos acompanhá-lo até o palácio, por que não esperar por ele nas vizinhanças? Gostei da sua ideia, Dr. Elar.

- Pois eu, não - afirmou Seldon. - Prefiro ir sozinho.

- Sinto-me responsável pela sua proteção pessoal - disse Dors - e insisto em acompanhá-lo até onde for possível.

Manella, que até então escutara a conversa sem fazer nenhum

comentário, observou:

- Sempre tive vontade de conhecer o Hotel Beira da Cúpula. Vai ser divertido.

- Não estava pensando na sua diversão - disse Dors, - mas aceito seu voto favorável.

Foi assim que, no dia seguinte, de manhã cedo, vinte colaboradores de Seldon no projeto da psico-história se registraram no Hotel da Beira da Cúpula, ocupando quartos cujas janelas davam para os jardins do Palácio Imperial.

À noite, soldados armados foram buscar Hari Seldon para o encontro com o general.

Quase no mesmo momento, Dors Venabili desapareceu, mas sua ausência não foi notada por um longo tempo. Quando finalmente foi notada, ninguém tinha a menor ideia do que lhe acontecera, e o clima festivo deu lugar a uma atmosfera de apreensão.

14

Ela vivera no Palácio Imperial durante dez anos. Como esposa do primeiro-ministro, tinha acesso livre ao palácio e podia sair da cúpula usando as impressões digitais como passe.

Na confusão que se seguira ao assassinato de Cleon, tinham se esquecido de cancelar o seu passe. Por isso, agora podia usá-lo para entrar nos jardins.

Ela sabia que só poderia fazer aquilo uma vez; a primeira coisa que fariam depois de descobri-la seria cancelar o passe. Não tinha importância; aquela era a hora de usá-lo.

No momento em que deixou a cúpula, o céu ficou mais escuro e a temperatura caiu vários graus. O mundo debaixo da cúpula era sempre um pouco mais claro durante a noite e um pouco mais escuro durante o dia do que do lado de fora. Além disso, naturalmente, a temperatura era mantida em níveis confortáveis. A maioria dos trantorianos não tinha consciência disso, já que passavam a vida inteira no interior da cúpula. Dors, por outro lado, conhecia muito bem os dois mundos e não se deixou impressionar pelo contraste.

Tomou o Caminho Central, que começava em frente ao Hotel da Beira da Cúpula. O passeio era muito bem-iluminado, de modo que a escuridão do céu não fazia a menor diferença.

Dors não esperava percorrer cem metros antes de ser detida; talvez menos, naqueles tempos paranoicos. A segurança do palácio não tardaria a detectar a presença de um estranho nos jardins.

Não se enganara. Um pequeno carro se aproximou e um guarda gritou da janela:

- Aonde vai?

Dors ignorou a pergunta e continuou a caminhar.

O guarda gritou "Pare!", pisou no freio e saltou do carro, o que era exatamente o que Dors queria que ele fizesse.

O guarda segurava uma pistola, não de forma ameaçadora, mas apenas para demonstrar que ela existia. Ele disse:

- Sua identificação.

- Preciso do seu carro - afirmou Dors.

- O quê? - exclamou o guarda, indignado. - Mostre sua identificação. Já!

- Não Vou mostrá-la - replicou a moça, calmamente, aproximando-se do guarda. O guarda recuou um passo.

- Se não parar e mostrar sua identificação, eu atiro.

- Não! Largue essa pistola.

O guarda cerrou os lábios e tentou apertar o gatilho, mas não teve tempo. Mais tarde, teve dificuldade para descrever o que acontecera. Tudo que pôde dizer foi:

- Como eu iria saber que estava diante da mulher-tigre? - (Mais tarde ainda, sentir-se-ia orgulhoso de tê-la conhecido) - Ela foi tão rápida que não consegui acompanhar seus movimentos. No momento em que decidi atirar, pensando tratar-se de algum tipo de fanática assassina, fui totalmente dominado.

Dors deu uma gravata no guarda, segurando-lhe o pulso com a outra mão, e disse:

- Largue a pistola, ou quebro o seu braço.

O guarda, quase sufocado, não teve escolha: deixou cair a arma.

Dors soltou-o, mas antes que o guarda tivesse tempo de se recuperar, viu-se sob a mira da própria pistola.

- Acho melhor não contar o que aconteceu aos seus superiores - disse Dors. - Se eles souberem que uma mulher desarmada tomou o seu carro e a sua pistola, seus dias no palácio estarão contados.

A moça entrou no carro e colocou-o em movimento. Sabia exatamente para onde ir. O veículo em que se encontrava, um carro de patrulha, não atrairia a atenção. Entretanto, tinha de correr o risco de abusar da velocidade, pois estava com pressa para chegar ao destino. Acelerou para duzentos quilômetros por hora.

A velocidade em que ia realmente atraiu a atenção. Ignorou as chamadas pelo rádio, perguntando por que ultrapassara o limite de velocidade, e, pouco depois, os detectores mostraram que outro carro a perseguia de perto.

Dors sabia que tinham dado o alarma e haveria outros carros à sua espera quando chegasse, mas não havia nada que pudessem fazer no momento, a não ser explodir o seu carro, coisa Que aparentemente não estavam dispostos a fazer sem conhecer Suas intenções.

Quando chegou ao edifício que procurava, dois carros estavam esperando por ela. Saltou calmamente e caminhou para a entrada.

Dois homens foram ao seu encontro, obviamente surpresos ao constatar que o motorista apressado não era um guarda, mas uma mulher em trajes civis.

- Que faz aqui? Por que estava correndo tanto?

- Tenho uma mensagem importante para o coronel Hender Linn - respondeu Dors.

- É mesmo? - disse o guarda, em tom sarcástico. Agora havia quatro homens entre ela e a porta de entrada. - Identificação, por favor.

- Não posso perder tempo - disse Dors.

- Eu pedi para ver a sua identificação.

- Estou com pressa.

- Já sei quem ela é! - exclamou um dos guardas. - E a mulher do antigo ministro, a Dra. Venabili. A mulher-tigre.

Os quatro recuaram um passo, mas um deles disse:

- A senhora está presa.

- Estou? - disse Dors. - Se sabem que sou a mulher-tigre, devem saber também que sou mais forte que os quatro, e que meus reflexos são muito mais rápidos que os de vocês. Por que não facilitam as coisas e me levam à presença do coronel Linn?

- A senhora está presa - repetiu o guarda, enquanto quatro pistolas eram apontadas para Dors.

- Se vocês insistem...

Dors se moveu rapidamente e dois dos guardas foram parar no chão, gemendo, enquanto Dors encarava os outros com uma pistola em cada mão. Ela disse:

- Fiz o possível para não machucá-los, mas pode ser que estejam com o pulso quebrado. Restam vocês dois, e sou mais rápida no gatilho. Não me forcem a atirar.

Os dois guardas que ainda estavam de pé ficaram absolutamente imóveis.

- Por que não me levam à presença do coronel e depois vão procurar um médico para os seus companheiros?

A sugestão não era necessária. O coronel Linn saiu do seu escritório.

- O que está acontecendo aqui? Quem é... Dors voltou-se para ele.

- Ah! Gostaria de me apresentar. Sou a Dra. Dors Venabili, esposa do professor Hari Seldon. Vim conversar com o senhor a respeito de um assunto importante. Esses quatro tentaram me deter e, em consequência, dois deles se machucaram. É melhor dispensá-los. Não Vou lhe fazer mal.

Linn olhou para os quatro guardas e depois para Dors.

- Não vai me fazer mal? Esses quatro guardas podem não ter conseguido detê-la, mas posso chamar mais quatro mil, se for preciso.

- Então chame-os - disse Dors. - Não chegariam a tempo de salvá-lo, se eu decidisse matá-lo. Dispense os guardas e vamos ter uma conversa civilizada.

Linn dispensou os guardas com um gesto.

- Entre, entre, vamos conversar. Deixe-me preveni-la, porém, Dra. Venabili, de que tenho uma excelente memória.

- Eu também - retrucou Dors. Entraram juntos no escritório de Linn.

15

- Diga-me exatamente o que veio fazer aqui, Dra. Venabili - Pediu Linn, educadamente. Dors sorriu para ele.

- Para começar - declarou, - vim aqui para provar que era capaz de fazê-lo.

- Hein?

Isso mesmo. Meu marido foi levado para uma entrevista com o general, em um carro oficial, com escolta. Deixei o hotel ao mesmo tempo em que ele, a pé, desarmada... e aqui estou. Acredite ou não, cheguei antes do meu marido. Tive que passar por cinco guardas para chegar ao senhor. Teria passado por cinquenta, se fosse preciso.

Linn fez que sim com a cabeça, resignadamente.

- Ouvi dizer que alguns a chamam de mulher-tigre.

- É verdade... Agora, que estou aqui, minha missão é zelar pela segurança do meu marido. Ele está se aventurando nos domínios do general, se me permite a expressão, e quero que saia daqui como chegou.

- No que me diz respeito, pode ficar tranquila. Não tenho a menor intenção de fazer mal ao seu marido. Mas se está preocupada, por que veio falar

comigo? Por que não procurou diretamente o general?

- Porque, dos dois, o único que pensa é o senhor. Houve um breve silêncio e depois Linn observou: - Este poderia ser um comentário muito perigoso... se chegasse aos ouvidos de uma certa pessoa.

- Mais perigoso para o senhor do que para mim, de modo que é do seu interesse cuidar para que isso não aconteça. Quero que saiba de uma coisa. Se pensa que pode prender o meu marido ou mandar executá-lo, e não haverá nada que eu possa fazer, está muito enganado.

Apontou para as duas pistolas que estavam na mesa à sua frente.

- Entrei nos jardins do palácio desarmada. Cheguei até aqui com duas pistolas. Se não pudesse contar com pistolas, usaria facas. Sou exímia com facas. E mesmo que não tivesse pistolas nem facas, nada poderia me deter. Esta mesa é feita de metal, não é?

Dors levantou as mãos, com os dedos bem abertos, como para mostrar que não estava segurando nenhum objeto. Depois, colocou-as sobre a mesa, com a palma para baixo.

De repente, Dors levantou o punho e golpeou a mesa com força, produzindo um ruído que era quase o de metal contra metal. Sorriu e levantou a mão.

- Não estou machucada - disse. - Não senti nenhuma dor. Mas pode observar que o tampo da mesa está ligeiramente amassado. Se eu atingisse com a mesma força a cabeça de uma pessoa, ela não sobreviveria. Nunca fiz uma coisa dessas; na verdade, jamais matei alguém. Entretanto, se o professor Seldon for ameaçado...

- A senhora continua a fazer ameaças.

- Ameaças, não. Promessas. Não farei nada se o professor Seldon sair daqui ileso. Caso contrário, coronel Linn, terei que matá-lo, e farei o mesmo com o general Tennar.

- Por mais ágil que seja, não pode enfrentar um exército inteiro, Dra. Venabili - disse Linn.

- As histórias que contam a meu respeito são exageradas - disse Dors, - mas muita coisa que você ouviu falar realmente aconteceu. Os seus guardas ficaram assustados quando me reconheceram, e eles mesmos se encarregarão de contar, com algumas fantasias, como cheguei até aqui. Até um exército hesitaria antes de me atacar, coronel

Linn, mas mesmo que o fizesse, e eu fosse vencida, vocês não teriam como evitar a indignação do povo. A junta está conseguindo manter a ordem, mas com muita dificuldade; para que complicar as coisas? A alternativa é simples: não façam mal ao professor Hari Seldon.

- Ninguém pretende lhe fazer mal.

- Por que, então, o chamaram aqui?

- Isso é algum mistério? O general ficou curioso a respeito da psico-história. Temos acesso aos registros do antigo governo. Cleon, o último imperador, se interessou.

Demerzel, que foi primeiro-ministro antes de Seldon, se interessou. Agora chegou a nossa vez. E ainda com mais razão.

- Por que com mais razão?

- Porque o tempo passou. Pelo que sei, a psico-história começou como uma ideia do professor Seldon. Ele vem trabalhando nela há quase trinta anos. Nesse período, o número de Pessoas empenhadas no projeto aumentou consideravelmente. Essas pessoas têm sido pagas pelos cofres públicos, de modo que, na verdade, suas descobertas pertencem ao governo. Pretendemos perguntar a ele em que estágio se encontra no momento a Psico-história. Certamente deve estar bem mais avançada que no tempo de Demerzel e Cleon. Esperamos algo mais prático do que a visão de equações dançando no ar. Está me entendendo?

- Perfeitamente - disse Dors, franzindo a testa.

- Mais uma coisa. Não cometa o erro de imaginar que a única ameaça ao seu marido vem do governo. É muito provável que ele tenha inimigos pessoais.

- Não me esquecerei disso. No momento, a única coisa que desejo é estar presente ao encontro do meu marido com o general, para ter certeza de que tudo correrá bem.

- Isso será difícil de conseguir. Nem mesmo eu tenho autoridade para interromper a entrevista, mas se esperar até que termine...

- Não me importa o que faça, quero estar segura de que Seldon sairá ileso daquela sala. E nem pense em me trair...

16

O general Tennar ficou olhando fixamente para Hari Seldon, enquanto seus dedos tamborilavam no tampo da escrivaninha.

- Trinta anos! - exclamou. - Trinta anos, e tem coragem de dizer que ainda não obteve nenhum resultado concreto?

- Na verdade, general, foram vinte e oito anos. Tennar ignorou a

observação.

- E tudo financiado pelo governo. Sabe quantos bilhões de créditos galácticos foram investidos no projeto, professor?

- Não conheço o número de cabeça, general, mas posso consegui-lo para o senhor em nossos computadores.

- Já fizemos esse levantamento. Professor, o governo não é uma fonte ilimitada de recursos. Os tempos mudaram. Não podemos nos dar ao luxo de ser tão desprendidos quanto Cleon em relação às verbas públicas. A população não receberia bem um novo aumento dos impostos, e precisamos de dinheiro para muitas coisas. Chamei-o aqui na esperança de que a sua psico-história pudesse ajudar o governo, de uma forma ou de outra. Se não é assim, infelizmente teremos que fechar a torneira. Se puder continuar a pesquisa sem apoio financeiro do governo, muito bem; se não, acho que chegou a hora de encerrar o projeto.

- General, está me fazendo uma exigência que não posso cumprir, mas se, como represália, retirar o apoio do governo, estará cometendo um grande erro. Se me der mais algum tempo, certamente os resultados começarão a aparecer.

- Provavelmente, você disse a mesma coisa ao meu antecessor. Não é verdade, professor, que de acordo com as previsões da psico-história o meu governo é instável e não vai durar muito tempo?

Seldon franziu a testa.

- A técnica ainda não está suficientemente desenvolvida para permitir esse tipo de previsão.

- Não é o que seus assistentes andam comentando por aí.

- É possível que tenham interpretado alguns dos nossos resultados como uma indicação de que a junta é uma forma instável de governo, mas existem outros resultados que poderiam ser interpretados de forma radicalmente oposta. É por isso que devemos continuar o nosso trabalho. No momento, seria muito fácil usar dados incompletos e teorias inacabadas para chegar à conclusão que desejássemos. - Mas se vocês divulgarem essa conclusão de que o governo é instável, afirmando que ela é sustentada pela psico-história, mesmo que isso não seja verdade, isso não comprometeria a estabilidade do governo?

- É bem possível, general. E se anunciássemos que o governo é estável, estaríamos contribuindo para estabilizá-lo. Tive essa mesma discussão com o imperador Cleon em várias ocasiões. A psico-história pode ser usada para manipular a opinião pública e conseguir resultados imediatos. A longo prazo, porém, as Previsões se revelarão incompletas, ou mesmo errôneas, e a ciência Perderá toda a sua credibilidade. Será como se nunca houvesse existido.

- Chega de conversa fiada! O que, exatamente, a psico-história tem a

dizer a respeito do meu governo?

- A meu ver, a psico-história revela que existem alguns elementos de instabilidade, mas, até o momento, é impossível dizer que medidas contribuiriam para aumentar ou reduzir essa instabilidade.

- Em outras palavras, a psico-história não revela nada que não pudéssemos saber sem ela, e é nisso que o governo vem investindo somas incalculáveis.

- Chegará o dia em que a psico-história nos revelará muita coisa que não poderíamos saber sem ela e o investimento será pago várias vezes.

- Quando vai chegar esse dia?

- Em breve, espero. O progresso tem sido animador nos últimos anos.

Tennar recomeçou a tamborilar na mesa.

- Não é o bastante. Dê-me um exemplo. Um exemplo interessante.

Seldon pensou um pouco e depois disse:

- Posso preparar um relatório para o senhor, mas vai levar algum tempo.

- Sei que vai. Dias, meses, anos... pensa que sou tolo?

- Não, claro que não, general. Por outro lado, não estava querendo me precipitar e lhe dizer algo que talvez não passe de uma interpretação pessoal dos resultados fornecidos pela psico-história. Entretanto, já que insiste...

- Eu insisto.

- Há poucos momentos, o senhor falou dos impostos. Disse que era difícil aumentá-los. Na verdade, isso sempre foi difícil. Todo governo precisa de dinheiro para fazer o seu trabalho. Só existem duas formas de conseguir esse dinheiro: roubá-lo dos vizinhos ou persuadir a população a contribuir, de forma voluntária e pacífica, com parte de suas economias. Desde que o Império Galáctico foi formado, há milhares de anos, a possibilidade de roubar os vizinhos praticamente desapareceu, a não ser no caso de uma rebelião ocasional. Trata-se, porém, de fenômenos isolados e pouco significativos. - Seldon respirou fundo e prosseguiu: - Assim sendo, a única forma que o governo possui de financiar seus gastos é pedir dinheiro ao povo, sob a forma de impostos. Teoricamente, é mais interessante para os cidadãos abrir mão de parte dos seus rendimentos para que o governo mantenha uma sociedade organizada do que se negar a contribuir e viver em uma anarquia caótica e perigosa.

"Entretanto, embora o pedido seja razoável e os cidadãos tenham muito a ganhar pagando impostos para manter um governo estável e eficiente, eles relutam em fazê-lo. Para vencer essa relutância, o governo procura dar a impressão de que não está sendo excessivamente ganancioso e está respeitando os direitos e as situações particulares dos cidadãos. Por isso, passa a taxar menos as pessoas de baixa renda, permite que sejam feitas deduções de vários

tipos antes que o imposto final seja calculado, e assim por diante. Com o passar do tempo, o cálculo do imposto a pagar se torna cada vez mais complexo, pois diferentes planetas, diferentes setores dentro de cada planeta e diferentes classes econômicas exigem e conseguem tratamento especial. O resultado é que o sistema de arrecadação de impostos do governo cresce em tamanho e complexidade até se tornar quase incontrolável. O cidadão comum não consegue mais compreender por que ou em quanto está sendo taxado; não sabe mais de que isenções pode se beneficiar. Frequentemente, o próprio governo não consegue responder a essas perguntas."

"Além do mais, uma porcentagem cada vez maior do dinheiro arrecadado tem que ser usada no sistema de coleta de impostos, para manter os registros, localizar e punir os sonegadores etc., de modo que os fundos disponíveis para finalidades produtivas começam a diminuir."

"No final, a situação se torna caótica. Os casos de desobediência civil se multiplicam. Os livros de história costumam pôr a culpa por essa situação na ganância dos banqueiros, na corrupção dos políticos, na truculência dos militares, na ambição dos vice-reis, mas esses são apenas indivíduos que tiram proveito da situação fiscal."

- Está me dizendo que nosso sistema de impostos é excessivamente complicado? - interrompeu o general bruscamente.

- Se não fosse, seria o único na história - respondeu Seldon. - Se há uma coisa que, segundo a psico-história, é inevitável, essa coisa é o crescimento excessivo do setor de coleta de impostos.

- E o que podemos fazer a respeito?

- Isso eu não sei. É por essa razão que gostaria de preparar um relatório, o que, como disse, vai levar algum tempo.

- Esqueça o relatório. O sistema de impostos é excessivamente complicado, não é? Não é isso que está dizendo?

- É possível que seja - respondeu Seldon, cautelosamente.

- Para consertar isso, temos que tornar o sistema de impostos mais simples, o mais simples possível, na verdade.

- Eu teria que examinar...

- Bobagem. O oposto da complexidade é a simplicidade, Não preciso de relatório algum para chegar a essa conclusão.

Nesse momento, o general levantou os olhos, como se estivesse sendo chamado, e realmente estava. Cerrou os punhos e, no meio da sala, apareceram as imagens holográficas do coronel Linn e Dors Venabili.

- Dors! O que está fazendo aqui? - exclamou Seldon, surpreso.

O general não disse nada, mas amarrou a cara.

17

O general tivera uma noite mal dormida. O coronel, também. Agora, olhavam um para o outro, sem saber o que fazer.

- Conte-me de novo o que essa mulher fez - disse o general.

Linn parecia ter um grande peso nos ombros.

- Ela é a mulher-tigre. É assim que a chamam. Na verdade, não parece humana. É algum tipo de superatleta, cheia de autoconfiança e, acredite, general, capaz de meter medo em qualquer um.

- Você ficou com medo dela? Uma mulher?

- Deixe-me contar-lhe exatamente o que ela fez, e mais algumas coisas a seu respeito. Não sei se tudo que dizem é verdade, mas vi com meus próprios olhos o que aconteceu ontem à noite.

Ele contou novamente a história e o general escutou com atenção.

- O que faremos agora? - perguntou, quando o outro concluiu o relato.

- Acho que não há muito que discutir. Queremos a psico-história...

- É verdade - concordou o general. - Seldon me disse uma coisa sobre os impostos que... deixe para lá. Depois eu lhe conto. Prossiga.

Linn, que, de tão agitado, tinha permitido que um leve traço de impaciência transparecesse na sua expressão, continuou:

- Como estava dizendo, queremos a psico-história sem Seldon. Cheguei à conclusão de que ele não passa de um velho professor que vive de glórias passadas. Teve quase trinta anos para tornar a psico-história um sucesso e falhou. Sem ele, com um homem mais jovem no leme, a psico-história poderá progredir muito mais rapidamente.

- Concordo com isso. E quanto à mulher?

- Aí é que está o problema. Desconfio que será difícil, talvez impossível, afastar Seldon sem resistência, e sem implicar o governo, enquanto essa mulher viver.

- Acredita realmente que ela poderá se vingar de nós se achar que fomos os responsáveis pelo afastamento de Seldon? - Perguntou o general, a boca retorcida em um esgar de desprezo.

- Acredito, general. Ela vai fazer exatamente o que prometeu.

- Está ficando medroso.

- Por favor, general. Estou apenas sendo sensato. Não pretendo recuar. Precisamos nos livrar dessa mulher. - Acrescentou, pensativamente: - Na verdade, é o que minhas fontes vêm me dizendo há algum tempo, só que eu não estava prestando atenção.

- Como vamos nos livrar dela?

- Não sei - respondeu Linn. - Mas pretendo arranjar um meio.

18

Seldon também tivera uma noite mal dormida, e o novo dia não parecia prometer nada melhor. Raramente se irritava com Dors, mas daquela vez estava realmente furioso.

- Que bobagem que você foi fazer! - exclamou. - Não bastava que o nosso grupo estivesse hospedado no Hotel da Beira da Cúpula? Isso era suficiente para fazer com que aquele ditador paranoico suspeitasse de uma conspiração.

- Por quê? Estávamos desarmados, Hari. Era uma ocasião festiva; estávamos acabando de comemorar o seu aniversário. Eles não tinham razão para se sentir ameaçados.

- Pode ser, mas logo depois você invadiu o Palácio Imperial. Isso foi imperdoável. Entrou no palácio para assistir à minha conversa com o general, quando eu tinha deixado bem claro, em várias ocasiões, que queria conversar com ele a sós. Eu tinha meus próprios planos, você sabe.

- Sua vontade, suas ordens e seus planos passam para segundo plano quando sua segurança está em jogo. Era com isso que eu estava preocupada: sua segurança.

- Eu não estava correndo nenhum perigo.

- Como pode ter certeza? Já houve dois atentados contra a sua vida. O que o faz pensar que não haverá um terceiro?

- Os dois atentados aconteceram quando eu era primeiro-ministro. Quem estaria interessado em assassinar um velho matemático?

- É exatamente o que pretendo descobrir - afirmou Dors. - E vou começar aqui mesmo, no Projeto.

- Não faça isso. Vai deixar meus assistentes nervosos. Deixe-os em paz.

- É exatamente o que não posso fazer. Hari, minha missão é protegê-lo.

Estou trabalhando nisso há vinte e oito anos. Não posso parar agora.

Alguma coisa nos seus olhos deixou bem claro que nada que o marido dissesse a faria mudar de ideia. A segurança de Seldon vinha em primeiro lugar.

19

- Posso interrompê-lo, Yugo?

- Naturalmente, Dors - disse Yugo Amaryl, com um largo sorriso. - O que posso fazer por você?

- Estou tentando descobrir umas coisinhas, Yugo, e decidi recorrer a você.

- Se eu puder ajudar...

- Vocês usam um aparelho no Projeto que é chamado de Primeiro Radiante. Hari fala nele de vez em quando. Faço uma ideia do aspecto que tem quando é ativado, mas nunca o vi funcionando. Poderia mostrá-lo para mim?

Amaryl se remexeu, pouco à vontade.

- Na verdade, o Primeiro Radiante é a parte mais secreta do Projeto, e você não está na lista dos usuários autorizados.

- Sei disso, mas nos conhecemos há vinte e oito anos...

- E você é a mulher de Hari. Acho que podemos fazer uma exceção. Na verdade, existem apenas dois Primeiros Radiantes completos. Um deles está no escritório de Hari, e o outro bem aqui.

Dors olhou para o cilindro preto que estava sobre a mesa. Parecia um objeto comum.

- Isto aqui?

- Isto aqui. Nele estão guardadas as equações que descrevem o futuro.

- Como você tem acesso a essas equações?

Amaryl apertou um botão e as luzes do escritório se apagaram, sendo substituídas por um brilho difuso. A moça se viu cercada por símbolos, setas, sinais matemáticos de todos os tipos. Pareciam estar se movendo em todas as direções, mas quando focalizava os olhos em uma equação em particular, ela parecia estar parada.

- Então este é o futuro? - perguntou Dors.

- Pode ser - disse Amaryl, desligando o instrumento. - Usei a ampliação máxima, para que você pudesse ver os símbolos. Sem a ampliação, nada é

visível, a não ser os padrões gerais de claro e escuro.

- Estudando essas equações, é possível descobrir o que o futuro reserva para nós?

- Teoricamente. - As luzes do escritório voltaram a se acender, devolvendo ao escritório seu aspecto prosaico. - Existem, porém, duas dificuldades.

- É mesmo? Quais são?

- Para começar, essas equações não são produto de um cérebro humano. Passamos décadas programando computadores cada vez mais poderosos, e foram eles que criaram as equações. Assim, não temos certeza de que estejam corretas.

- Podem estar totalmente erradas?

- Isso é possível. - Amaryl esfregou os olhos e Dors observou que seu rosto parecia cansado e envelhecido. Tinha doze anos menos que Hari, mas parecia mais velho.

- Naturalmente - prosseguiu Amaryl, - temos a esperança de que não estejam totalmente erradas, mas é aí que entra a segunda dificuldade.

Harl e eu estamos testando e modificando essas equações há muitos anos, mas ainda não sabemos exatamente o que significam, Foram criadas pelos computadores, de modo que devem significar alguma coisa, mas o quê? Existem algumas partes que, pouco a pouco, estamos começando a entender. No momento, trabalho no que chamamos de Grupo A-23, um sistema de equações particularmente difícil. Ainda não conseguimos relacioná-lo a nada que existe no nosso universo. Mesmo assim, a cada ano progredimos um pouco, e acredito sinceramente que um dia a psico-história será considerada como uma forma legítima e científica de prever o futuro.

- Quantas pessoas têm acesso a esses Primeiros Radiantes?

- Todos os matemáticos do Projeto têm acesso a eles, mas não à vontade. É preciso preencher uma requisição e o Radiante tem que ser ajustado para o grupo de equações com o qual o matemático deseja trabalhar. Às vezes, todos querem trabalhar com os Radiantes ao mesmo tempo e temos que estabelecer uma escala de prioridades. No momento, o movimento está fraco, provavelmente porque a maioria ainda não se recuperou das comemorações pelo aniversário de Hari.

- Existem planos para construir outros Primeiros Radiantes?

- Sim e não - respondeu Amaryl, fazendo uma careta. - Seria interessante dispor de um terceiro, mas alguém teria que tomar conta dele. Não pode ser usado indiscriminadamente.

Propus a Hari que Tamwile Elar... acho que você sabe quem é...

- Sei.

- Propus que Elar ficasse responsável pelo terceiro Radiante. Suas equações acaóticas e o Defragmentador que projetou mostram claramente que ele é o terceiro homem no Projeto, logo abaixo de Hari e de mim. Hari, porém, ainda não se decidiu.

- Por quê? Você sabe?

- Se Elar ganhar um Primeiro Radiante, isso equivalerá a reconhecê-lo publicamente como o terceiro homem do Projeto, acima de outros matemáticos mais velhos e experientes. Pode haver algumas dificuldades políticas, entende? Na minha opinião, não podemos perder tempo com questões políticas, mas Hari... você conhece Hari.

- É, eu conheço Hari. E se eu lhe disser que Linn já viu o Primeiro Radiante funcionando?

- Linn?

- O coronel Hender Linn. O lacaio de Tennar.

- Acho difícil de acreditar, Dors.

- Ouvi quando ele falou em equações dançando no ar, e é isso que acontece quando elas são projetadas pelo Primeiro Radiante, como tive ocasião de verificar a poucos instantes. Desconfio que esteve aqui e alguém lhe mostrou o aparelho.

Amaryl sacudiu a cabeça.

- Ninguém do nosso grupo levaria um membro da junta ao escritório de Hari, ou ao meu. Isso seria impensável. Talvez Linn tenha apenas ouvido falar do Primeiro Radiante.

- Nesse caso, um dos cientistas envolvidos no projeto teria que lhe contar. Desconfia de alguém?

Amaryl pensou um pouco e respondeu:

- Não.

- Está bem. Quando estávamos discutindo a possibilidade de Elar ficar responsável por um terceiro Radiante, você se referiu a dificuldades políticas. Suponho que em um projeto desses, que envolve centenas de pessoas, existam sempre pequenas brigas, questões pessoais, rivalidades...

- Oh, sim. Hari se queixa comigo de vez em quando. Para ele, tem sido uma dor de cabeça permanente.

- Essas brigas têm sido suficientemente sérias para interferir com o andamento do Projeto?

- Acredito que não.

- Existem alguns elementos mais briguentos que outros, ou capazes de despertar mais antipatias? Em outras palavras, não seria possível demitir, digamos, cinco ou seis por cento do pessoal e acabar com noventa por cento

dos atritos?

Amaryl levantou as sobrancelhas.

- Parece uma boa ideia, mas eu não saberia quem demitir. Para dizer a verdade, prefiro ficar no meu canto e não entrar nessa discussão.

- Isso é estranho - observou Dors. - Não estão sendo contraditórios?

- De que forma?

- Como podem ter a pretensão de prever e guiar o futuro, quando são incapazes de analisar e corrigir algo tão simples como as pequenas rixas entre os membros do próprio grupo que se propõe a desenvolver o Projeto? Amaryl começou a rir, o que não era comum em um homem como ele, pouco expansivo.

- Sinto muito, Dors, mas você escolheu o único problema que conseguimos resolver totalmente. Há alguns anos, Hari identificou as equações que representam os atritos pessoais; no ano passado, tive a oportunidade de dar os últimos retoques. Descobrimos que havia meios de reduzir os atritos entre membros específicos de um grupo. Em todos os casos, porém, a redução dos atritos entre duas pessoas implicava em um aumento dos atritos entre outras duas. Em nenhum caso observamos uma redução na média de atritos. Também não observamos nenhum aumento. O que conseguimos provar, com o auxílio das equações acaóticas de Elar, foi que a média de atritos era independente de qualquer intervenção externa. É o que Hari chama de "lei de conservação de problemas pessoais".

Essa descoberta deu origem à ideia de que, como a física, a dinâmica social tem suas leis de conservação. Na verdade, são essas leis que nos dão a esperança de resolver os aspectos mais complexos da psico-história.

- Isto tudo é muito interessante - disse Dors, - mas será que não vão chegar à conclusão de que nada pode ser mudado, de que tudo que é mau é conservado e a única forma de salvar o Império da destruição seria provocar outros tipos de destruição?

- Na verdade, alguns dos meus colegas pensam assim, mas não sou um deles.

- Muito bem. De volta à realidade. Existe alguma coisa, nos problemas pessoais dos membros do Projeto, que possa colocar em risco a vida de Hari?

- Claro que não. De onde tirou essa ideia?

- Não pode haver alguém que deteste Hari, por considerá-lo arrogante, egoísta, pronto a tomar todo o crédito para si próprio?

- Nunca ouvi ninguém dizer nada parecido a respeito de Hari.

Dors parecia insatisfeita.

- Duvido que alguém fizesse um comentário desses na sua presença. Obrigada, Yugo. Você me ajudou muito. Sei que seu tempo é precioso.

Depois que ela saiu, Amaryl ficou pensativo por alguns momentos. Sentia-se vagamente preocupado, mas voltou ao trabalho e outras coisas ocuparam sua mente.

20

Um dos poucos meios de que Hari dispunha para descansar um pouco do trabalho era visitar o filho, Raych, que morava em um apartamento perto da universidade. Seu amor pelo filho era cada vez maior. Tinha razões para isso, Raych tinha sido um filho dedicado, leal e capaz... mas, além disso, tinha a estranha qualidade de inspirar amor e confiança nas outras pessoas.

Hari notara isso pela primeira vez quando Raych era um menino de doze anos e conquistara imediatamente o seu coração e o de Dors. Lembrava-se do modo como afetara Rashelle, que na época era preferida de Wye; de como conseguira conquistar a confiança de Joranum, levando-o a cavar a própria sepultura. Até a bela Manella se rendera aos seus encantos. Hari não compreendia bem por que, mas se sentia em paz consigo mesmo toda vez que se encontrava com Raych.

Entrou no apartamento com a frase de costume:

- Tudo bem por aqui?

Raych pôs de lado as holografias que estava examinando e levantou-se para cumprimentá-lo.

- Tudo bem, papai.

- Não estou ouvindo Wanda.

- Por uma boa razão. Ela saiu com a mãe, para fazer compras.

Seldon sentou-se e olhou, de forma bem-humorada, para a confusão de material de consulta que estava espalhada sobre a mesa.

- Como vai o livro?

- O livro vai bem. Daqui a pouco sou eu que Vou ter de baixar ao hospital, com estafa. - Suspirou. - Mas já estava na hora de alguém fazer justiça a Dahl. Sabia que vai ser o primeiro livro inteiramente dedicado a esse setor?

Seldon já observara que sempre que Raych falava a respeito do seu setor natal, o sotaque dahlita ficava mais acentuado.

- E você, como está, papai? - perguntou Raych. - Sente-se aliviado, agora que o seu aniversário passou?

- Enormemente. Sabe que não gosto de festas.

- Não deu para notar.

- Tive que disfarçar. Não podia decepcionar os meus amigos.

- Deve ter ficado furioso quando a mamãe o seguiu até o palácio. Não se fala de outra coisa.

- Claro que fiquei. Sua mãe é a pessoa mais maravilhosa do mundo, Raych, mas também é muito teimosa. Poderia ter estragado os meus planos.

- Que planos são esses, papai?

Seldon recostou-se na cadeira. Era sempre agradável conversar com uma pessoa em quem confiava totalmente e que nada sabia a respeito da psico-história. Mais de uma vez expusera suas ideias a Raych e, ao fazê-lo, conseguira uma visão muito mais completa da situação. Perguntou:

- Estamos protegidos contra escuta?

- Claro que sim.

- Ótimo. O que fiz foi colocar certas ideias na cabeça do general Tennar.

- Que tipo de ideias?

- Conversamos um pouco a respeito dos impostos, e observei que, na tentativa de torná-los mais justos, o governo tendia a introduzir complicações desnecessárias, tornando o sistema complexo e oneroso. Para resumir: defendi a tese de que o sistema de taxação deve ser simplificado.

- Isso me parece fazer sentido.

- E faz, até certo ponto, mas é possível que, como resultado de nossa pequena discussão, Tennar venha a exagerar na direção oposta. Na verdade, os impostos não funcionam bem nos dois extremos. Quando são muito complicados, são difíceis de administrar e de explicar à população. Quando são excessivamente simples, o povo os considerará injustos e se recusa a pagá-los. O imposto mais simples é um imposto único, que tributa a todos da mesma forma, mas a injustiça de tratar ricos e pobres em pé de igualdade é grande demais para ser ignorada.

- Você não explicou isso ao general.

- Não tive oportunidade de fazê-lo.

- Acha que ele vai instituir um imposto único?

- Penso que vai iniciar estudos nesse sentido. Se o fizer, o fato logo se tornará público. Isso será suficiente para provocar tumultos e possivelmente desestabilizar o governo.

- Fez isso de propósito, papai?

- É claro.

Raych sacudiu a cabeça.

- Não entendo, papai. Na vida pessoal, é a pessoa mais conciliadora que

conheço. Em situações em que a maioria das pessoas teria um acesso de raiva, você se limita a dar um muxoxo.

- Você me faz parecer um banana.

- Não. Simplesmente um homem de bom coração. No entanto, é capaz de provocar deliberadamente uma situação em que haverá tumultos, repressão, mortes. Vai haver muito

sofrimento, papai. Já pensou nisso?

- Não penso em outra coisa, Raych. Quando comecei a trabalhar na psico-história, a ciência tinha para mim um interesse puramente teórico. Não me preocupava com suas aplicações práticas, que me pareciam extremamente remotas. À medida que os anos passam, porém, e que acumulamos mais conhecimentos, cada vez me convenço mais de que tenho obrigação de usá-la.

- Para causar mortes?

- Não, para evitá-las. Se nossas análises psico-históricas estiverem corretas, a junta não sobreviverá por muito tempo. O colapso final poderá ocorrer de várias formas, quase todas sangrentas e devastadoras. Este método, o de induzir o governo a adotar um imposto impopular, parece ser o menos doloroso. Isso, repito, se nossas análises estiverem corretas.

- E se não estiverem?

- Nesse caso, não temos a menor ideia do que poderá acontecer. Entretanto, acredito que chegou a hora de tentarmos usar na prática os conhecimentos da psico-história.

Faz algum tempo que estamos à espera de uma situação na qual possamos calcular as consequências com uma certa segurança e consideramos essas consequências toleráveis em comparação com as outras possibilidades. Pode-se dizer que é a primeira experiência psico-histórica em grande escala.

- Tenho de admitir que parece fácil.

- Parece, mas não é. Você não faz ideia de como a psico-história é complicada. Nada é simples. O imposto único tem sido praticado esporadicamente na história do Império.

Nunca foi popular e invariavelmente provoca reações, mas poucas vezes resultou na queda de um governo. Em alguns casos, o governo era tão forte que podia praticá-lo impunemente; em outros, a população conseguiu derrubá-lo sem derrubar o governo. Acontece, porém, que a situação no momento não pode ser considerada normal. Existem certas instabilidades, evidenciadas pela análise psico-histórica, que tornam a reação popular especialmente violenta e a repressão especialmente fraca.

Raych não pareceu convencido.

- Espero que dê certo, papai, mas não acha que o general vai dizer que

resolveu adotar o imposto único aconselhado pelos Psico-historiadores e arrastá-lo com ele?

- Pode ser que tenha gravado a nossa conversa, mas se decidir divulgá-la, vai ficar claro que o aconselhei a esperar até que eu pudesse analisar a situação com calma e preparar um relatório... e ele se recusou a esperar.

- O que mamãe pensa de tudo isso?

- Ainda não discuti o assunto com ela. Sua mãe está preocupada com outras coisas.

- É mesmo?

- É. Ela cismou que existe gente no Projeto conspirando contra mim! Acha que muitos gostariam de ver-me fora do Projeto. - Seldon suspirou. - Sou um deles. Se pudesse, renunciaria ao cargo de diretor e deixaria o trabalho de desenvolver a psico-história por conta de um dos meus assistentes.

- O que está incomodando mamãe é o sonho de Wanda - afirmou Raych. - Sabe como ela se sente a respeito da sua segurança. Aposto que se sonhasse com um atentado, chegaria imediatamente à conclusão de que estão conspirando para assassiná-lo.

- Então vamos torcer para que não tenha um sonho desses - disse Seldon, e os dois começaram a rir.

21

O pequeno Laboratório de Eletrodefragmentação era, por algum motivo, mantido a uma temperatura mais baixa que o normal. Dors Venabili tentou imaginar qual seria a razão, enquanto esperava, pacientemente, que a única ocupante do laboratório terminasse o que estava fazendo.

Dors observou a mulher. Era um tipo magro, de rosto comprido. Não era bonita; os lábios eram finos demais e o queixo um pouco fraco, mas os olhos castanho-escuros tinham uma expressão inteligente. Na placa sobre a mesa estava escrito: "Cinda Monay"- Finalmente, ela se voltou para Dors e disse: - Peço desculpas, Dra. Venabili. mas há certas operações que não podem ser interrompidas, mesmo para atender à mulher do diretor.

- Ficaria desapontada se se descuidasse do trabalho por minha causa. Ouvi falar que é uma excelente profissional.

- É sempre bom ouvir isso. Quem foi que andou me elogiando?

- Muita gente. Pelo que depreendi, é um dos poucos não-matemáticos que têm contribuído significativamente para o Projeto.

Monay fez uma careta.

- Há uma certa tendência para nos separar dos outros participantes. Na minha opinião, o que importa é o fato de haver contribuído ou não para o sucesso do Projeto. O fato de ser ou não matemática é irrelevante.

- Isso me parece razoável. Há quanto tempo está no Projeto?

- Dois anos e meio. Antes disso, era aluna de doutorado no Departamento de Física da Universidade de Streeling.

- Está satisfeita aqui?

- Fui promovida duas vezes, Dra. Venabili.

- Encontrou algum tipo de dificuldade? Nossa conversa é confidencial, naturalmente.

- O trabalho é duro, mas se está se referindo a dificuldades de relacionamento com outros empregados, a resposta é não. Pelo menos, não mais do que seria de se esperar em um projeto complexo como este.

- A que está se referindo?

- A brigas ocasionais. Somos humanos.

- Nada de sério? Monay sacudiu a cabeça.

- Nada de sério.

- Pelo que ouvi dizer, Dra. Monay, foi responsável pelo desenvolvimento de um aparelho que facilitou enormemente a utilização do Primeiro Radiante.

O rosto de Monay se iluminou em um sorriso.

- A senhora ouviu falar do Defragmentador Eletrônico? Depois que ele ficou pronto, o diretor mandou construir este pequeno laboratório e me encarregou de outros trabalhos na mesma área.

- Estou surpresa de que uma invenção tão importante não a tenha levado a uma posição de mais destaque dentro do Projeto.

- Ora, ora - disse Monay, um pouco sem graça. - Não quero que pense que fui a única responsável. Na verdade, meu trabalho foi apenas a de uma técnica. Uma técnica competente, modéstia à parte, mas apenas isso.

- Quem trabalhou com você?

- A senhora não sabe? Tamwile Elar. Ele foi o autor da teoria que tornou possível o aparelho. Eu projetei e construí o instrumento em si.

- Está querendo dizer que ele ficou com todo o crédito, Dra. Monay?

- Não, não. A senhora entendeu mal. O Dr. Elar não é esse tipo de homem. Ele fez questão de reconhecer a minha participação no trabalho. Na verdade, queria dar o nosso nome ao instrumento, mas isso não foi possível.

- Por que não?

- Por causa de uma regra imposta pelo diretor. Os aparelhos e equações não podem receber nomes de pessoas, para evitar ressentimentos. Por isso, ele é chamado oficialmente de Eletrodefragmentador. Quando estamos trabalhando juntos, porém, o Dr. Elar faz questão de chamá-lo pelos nossos nomes. E soa muito bem. Talvez, algum dia, as pessoas venham a chamá-lo da mesma forma. Espero que sim.

- Eu também espero - concordou Dors, educadamente. - Do jeito que está falando, esse Dr. Elar parece ser um homem decente.

- Claro que é - afirmou Monay. - Adoro trabalhar com ele. No momento, estou empenhada em desenvolver uma nova versão do aparelho, mais potente, que não compreendo muito bem... isto é... que não sei muito bem para que serve. Entretanto, ele me dá todas as instruções.

- Estão conseguindo sucesso?

- Estamos. Na verdade, já montei um protótipo, que o Dr. Elar pretende testar nos próximos dias. Se tudo correr bem, saberemos que estamos no caminho certo.

- Muito bem. O que acha que aconteceria se o professor Seldon deixasse de ser o diretor? Se ele se aposentasse?

Monay pareceu surpresa.

- O diretor está pensando em se aposentar?

- Não que eu saiba. Estou falando em tese. Suponha que ele decida se aposentar. Quem acha que seria o sucessor natural? Pelo que acaba de dizer, presumo que apoiaria o nome do professor Elar para substituí-lo.

- Oh, sim - respondeu Monay, depois de um momento de hesitação. - Ele é de longe o cientista mais brilhante da sua geração e tenho certeza de que teria competência para dirigir o Projeto. Entretanto, talvez seja muito jovem. Ainda existe um número considerável de fósseis... sabe o que quero dizer... que detestariam que um cientista mais moço passasse a sua frente.

- Pode citar algum "fóssil" em especial? Lembre-se de que esta nossa conversa é confidencial.

- O mais importante deles é o Dr. Amaryl. Ele é o príncipe herdeiro.

- Entendo. - Dors levantou-se. - Muito obrigada pela ajuda. Não vou tomar mais o seu tempo.

Ela saiu, pensando no Defragmentador. E em Amaryl.

22

- Aqui está você de novo, Dors - disse Yugo Amaryl.

- Desculpe, Yugo, por incomodar você duas vezes na mesma semana. Você tem poucas visitas, não é?

- Não encorajo as pessoas a me visitarem. Elas interrompem a minha linha de pensamento. Você, não, Dors. Vocês dois são especiais. Você e Hari. Jamais me esquecerei do que fizeram Por mim.

Dors dispensou o agradecimento com um gesto de mão.

- Esqueça, Yugo. Você tem trabalhado duro para Hari e o pouco que fizemos por você no passado já foi pago há muito tempo. Como vai o Projeto? Hari nunca conversa a respeito comigo...

O rosto de Amaryl se iluminou, como se ele tivesse sofrido uma infusão de vida.

- Muito bem. Muito bem. É difícil conversar a respeito sem usar termos matemáticos, mas é espantoso o progresso que conseguimos fazer nos últimos dois anos; mais do que em todos os anos precedentes. É como se, depois de batermos à porta por muito tempo, ela finalmente tenha começado a se abrir.

- Ouvi dizer que as novas equações propostas pelo Dr. Elar ajudaram muito.

- As equações acaóticas? Sim. Enormemente.

- E o Defragmentador foi útil, também. Conversei com a mulher que o projetou.

- Cinda Monay?

- Ela mesma.

- Uma moça muito inteligente. Temos sorte de poder contar com ela.

- Diga-me, Yugo... você trabalha com o Primeiro Radiante praticamente o tempo todo, não é?

- Não passo muito tempo sem consultá-lo. É verdade.

- E você o estuda usando o Defragmentador.

- Claro que sim.

- Já pensou em tirar férias, Amaryl? Amaryl olhou para ela, surpreso.

- Férias?

- Isso mesmo. Já deve ter ouvido essa palavra. Sabe o que são férias, não sabe?

- Por que iria tirar férias?

- Porque parece exausto.

- Às vezes fico um pouco cansado, mas não quero parar de trabalhar.

- Você se sente mais cansado com mais frequência que antigamente?

- Pode ser. Estou ficando velho, Dors.

- Você tem apenas quarenta e nove anos.

- É mais do que eu tinha o ano passado.

- Está bem, esqueça. Diga-me, Yugo... só para mudar de assunto. Como Hari está se saindo no seu trabalho? Está com ele a tanto tempo que ninguém o conhece melhor do que você. Nem mesmo eu. Pelo menos, no que diz respeito ao seu trabalho.

- Ele está se saindo muito bem, Dors. Ainda é o elemento mais importante do nosso grupo. A idade não teve nenhum efeito sobre ele; pelo menos, até agora.

- Isso é bom de ouvir. Infelizmente, a opinião que ele tem de si próprio não é tão lisonjeira quanto a sua. Não está aceitando bem a questão da idade. Custamos a convencê-lo de que o seu aniversário era uma data a ser comemorada. A propósito, você estava na festa? Não me lembro de tê-lo visto.

- Não fiquei muito tempo. Sabe que não me sinto à vontade em festas.

- Você acha que Hari está ficando velho? Não me refiro à sua capacidade mental, mas à sua capacidade física. Na sua opinião, ele está ficando cansado... cansado demais para aguentar o peso de suas responsabilidades?

Amaryl pareceu surpreso.

- Isso jamais me ocorreu. Não posso imaginar Hari cansado.

- Sabe de uma coisa? Acho que de vez em quando ele sente vontade de passar o cargo de diretor para alguém mais jovem.

Amaryl empertigou-se na cadeira e pôs de lado a caneta que tinha nas mãos desde que Dors entrara.

- O quê? Isso é ridículo! Impossível!

- Tem certeza?

- Tenho. Ele não pensaria em fazer uma coisa dessas sem discutir o assunto comigo.

- Seja razoável, Yugo. Hari está exausto. Ele procura não demonstrar, mas está. E se resolver se aposentar? O que será do Projeto? O que será da psico-história?

Amaryl semicerrou os olhos.

- Está brincando, Dors?

- Não. Estou apenas tentando prever o que vai acontecer.

- Ora, se Han se aposentar, certamente serei o novo diretor. Trabalhamos sozinhos no projeto durante muitos anos. Só nós dois. Ninguém mais. Tirando Hari, ninguém conhece o Projeto tão bem quanto eu. Fico surpreso com o fato de

você ter que me perguntar, Dors.

- Não há dúvida de que você é o sucessor legítimo de Hari, Yugo, mas é isso que deseja? Pode entender profundamente de psico-história, mas está disposto a se envolver com a política e a burocracia de um projeto de grande porte e renunciar à parte técnica do seu trabalho? O que está deixando Hari cansado é justamente esse esforço para que as coisas continuem funcionando a contento. Você seria capaz de assumir essa parte do trabalho dele?

- Sim, seria, e isto é uma coisa que prefiro não discutir. Escute, Dors, você veio aqui para me dizer que Hari pretende me passar para trás?

- Claro que não! Como pode pensar isso de Hari? Já o viu dar as costas a um amigo?

- Está bem. Nesse caso, vamos mudar de assunto. - De repente, Amaryl pareceu lembrar-se de que estava trabalhando. - Dors, se não se importa, estou cheio de coisas para fazer.

- É claro. Não pretendia tomar tanto do seu tempo. Dors saiu, com a testa franzida.

23

- Entre, mamãe - disse Raych. - A costa está limpa. Mandei Manella e Wanda darem uma volta.

Dors entrou, olhou para a direita e para a esquerda, por puro hábito, e sentou-se na cadeira mais próxima.

- Obrigada - disse Dors, e por alguns momentos limitou-se a ficar ali sentada, como se o peso do Império estivesse nos seus ombros.

Raych esperou um pouco e depois disse:

- Ainda não tive oportunidade de lhe perguntar a respeito daquela aventura no palácio. Nem todo mundo tem uma supermãe como você.

- Prefiro não falar sobre o assunto, Raych.

- Nesse caso, diga-me... normalmente, você não é de se revelar por suas expressões faciais, mas parece um pouco deprimida. Por quê?

- Porque, como você disse, estou me sentindo um pouco deprimida. Na verdade, estou aborrecida porque sei que coisas muito importantes estão se passando e não adianta nada falar com o seu pai. Ele é um homem maravilhoso, mas difícil de lidar. Quando afirmo que sua vida corre perigo, diz que tudo não

passa de um medo irracional de minha parte.

- Ora, mamãe, você parece mesmo ter uma preocupação exagerada com a segurança de papai.

- Muito obrigada. Está falando igualzinho a ele, e me deixa frustrada. Totalmente frustrada.

- Pois está na hora de desabafar, mamãe. Diga-me em que está pensando.

- Tudo começou com o sonho de Wanda.

- O sonho de Wanda! Mamãe! Talvez seja melhor não continuar. Não admira que papai se recuse a ouvi-la. Então uma garotinha tem um sonho e você fica preocupada. Isso é ridículo.

- Não acho que tenha sido um sonho, Raych. Acho que o que Wanda pensou que fossem personagens de um sonho eram duas pessoas de verdade, conversando sobre o que ela achou que fosse a morte do avô.

- Isso é mera especulação.

- Mesmo assim, suponha que seja verdade. As únicas palavras de que Wanda se lembra são: "limonada da morte". Por Que sonharia com isso? É muito mais provável que tenha ouvido alguma coisa e distorcido o que ouviu. Nesse caso, quais seriam as Palavras verdadeiras?

- Não faço a menor ideia - declarou Raych, em tom incrédulo.

Dors não pôde deixar de notar.

- Você acha que é tudo invenção minha. Entretanto, se eu estiver certa, existe uma conspiração contra Hari aqui mesmo no Projeto.

- Uma conspiração no Projeto? Isso me parece tão impossível como descobrir o significado de um sonho.

- Todo projeto de grande porte está cheio de rixas, ressentimentos, ciúmes de todos os tipos.

- Claro. Claro. Estamos falando de caras feias e palavras ásperas, e não de conspiração.

- É apenas uma diferença de grau. Uma diferença pequena, talvez.

- Você jamais conseguirá fazer papai acreditar nisso. Aliás, jamais conseguirá fazer com que eu acredite nisso. - Raych começou a andar de um lado para outro da sala. - Esteve tentando descobrir os responsáveis por essa suposta conspiração, não esteve?

Dors fez que sim com a cabeça.

- E não conseguiu nada. Dors assentiu.

- Não lhe ocorreu que se não descobriu os culpados é porque não existe nenhuma conspiração?

Dors sacudiu a cabeça.

- Até agora, não fui bem-sucedida, mas estou certa de que a conspiração

é real.

Raych riu.

- Para mim, mamãe, você está vendo fantasmas.

- Pensei em uma expressão que poderia ser confundida com "limonada". E se o que Wanda realmente ouviu foi "leiga culpada"?

- Como assim?

- Os matemáticos chamam de leigas todas as pessoas Que trabalham no projeto e não são especialistas em matemática - explicou Dors. - Suponha que alguém tenha falado em "leiga culpada da morte", querendo dizer que tinha descoberto forma de matar Hari na qual uma leiga desempenharia um papel importante. Isso não poderia ter soado para Wanda como "limonada da morte", considerando o fato de que nunca ouvira antes a palavra "leiga" e gosta muito de limonada?

- Está tentando me dizer que havia estranhos no escritório particular de papai... a propósito, quantas pessoas havia?

- Ao descrever o sonho, Wanda falou em dois homens. Tenho a impressão de que um deles era nada menos que o coronel Hender Linn, que estava ali para ver o Primeiro

Radiante em funcionamento e discutia com o outro homem o assassinato de Hari.

- Mais devagar, mamãe. O coronel Linn e outro homem estavam no escritório do papai, planejando um crime, sem saber que eram ouvidos por uma garotinha que cochilava em uma cadeira? É essa a sua teoria?

- Mais ou menos.

- Nesse caso, se falaram de uma leiga, isso quer dizer que um dos interlocutores, presumivelmente o que não era Linn, deve ser um matemático.

- Exatamente.

- Isso é totalmente impossível. Mesmo que fosse verdade, como pretende identificar a pessoa em questão? Mais de cinquenta matemáticos trabalham no projeto.

- Não interroguei a todos. Conversei apenas com alguns matemáticos, e uns poucos leigos, também, mas não descobri nenhuma pista. Naturalmente, não posso ser muito clara em minhas perguntas.

- Em resumo: ninguém com quem você falou revelou qualquer coisa a respeito de uma possível conspiração.

- É verdade.

- Isso não me surpreende, porque...

- Já sei o que vai dizer, Raych. Acha que os conspiradores me diriam a verdade? Não estou em posição de pressionar ninguém. Pode imaginar o que seu

pai faria se eu acusasse um dos seus preciosos matemáticos?

De repente, com uma mudança súbita de entonação, Dors Perguntou:

- Raych, você tem conversado com Yugo Amaryl ultimamente?

- Para dizer a verdade, não. Ele não é uma pessoa das mais sociáveis, você sabe. Se lhe tirassem a psico-história, desabaria como um balão vazio.

- Conversei com ele duas vezes na última semana - disse Dors - e me pareceu um pouco ausente. Não parecia apenas cansado. É como se não quisesse mais participar do nosso mundo.

- Yugo é assim mesmo.

- Ele tem piorado ultimamente? Raych pensou um pouco.

- Pode ser. Está ficando mais velho, você sabe. Nós todos estamos... menos você, mamãe.

- Você diria que Yugo atravessou a fronteira e se tornou um pouquinho instável, Raych?

- Quem? Yugo? Claro que não. Deixe-o com a sua psico-história, e viverá contente o resto da vida.

- Não concordo. Há uma outra coisa que lhe interessa: a sucessão.

- Que sucessão?

- Mencionei o fato de que seu pai um dia poderia querer se aposentar e descobri que Yugo faz questão fechada de ser o sucessor.

- Isso não me surpreende. Ele é considerado por todos como o sucessor natural do papai. Estou certo de que papai concorda com isso.

- Mas ele parece estar encarando a questão de forma patológica. Chegou a suspeitar de que eu estivesse ali para lhe dizer que Hari havia escolhido outra pessoa em seu lugar. Por que pensaria isso de Hari?

- Mas isso é incrível... - Raych interrompeu o que estava dizendo e ficou olhando para a mãe por alguns momentos. - Mamãe, você não está querendo insinuar que Yugo esteja Por trás de uma suposta conspiração, está?

- Isso é impossível?

- Sim, é impossível, mamãe. Se Yugo tem procedido estranhamente, é porque anda trabalhando demais. Ficar o dia e noite para aquelas equações é suficiente para deixar qualquer um maluco.

Dors levantou-se bruscamente.

- Você tem razão.

- Em quê? - perguntou Raych, surpreso.

- No que acaba de dizer. Isso me deu uma ideia totalmente nova. E muito importante, penso eu.

Foi-se embora sem dizer mais nada.

24

Dors Venabili disse a Hari Seldon, em tom de reprovação:

- Você passou quatro dias na Biblioteca Galáctica e mais uma vez não me levou.

Marido e mulher olhavam as imagens um do outro nas respectivas holotelas. Hari acabava de voltar de uma visita à Biblioteca Galáctica, no Setor Imperial, onde fora executar uma pesquisa bibliográfica. Estava ligando para Dors do seu escritório, para comunicar que estava de volta a Streeling. Mesmo zangada, pensou Hari, Dors era linda. Sentiu vontade de acariciar lhe o rosto.

- Dors - começou, com um tom apaziguador na voz, -não fui sozinho. Estava acompanhado por vários colegas e a Biblioteca Galáctica, mesmo nestes tempos tumultuados, é um lugar relativamente seguro. Acho que terei que voltar lá mais algumas vezes para continuar minha pesquisa.

- E vai continuar a fazê-lo sem me avisar?

- Dors, não posso viver com medo de tudo. Nem quero Que vá comigo e intimide os bibliotecários. Eles não são como a Junta militar. Preciso deles e quero contar com a sua simpatia, mas acho que podemos alugar um apartamento nas vizinhanças.

Dors amarrou a cara, sacudiu a cabeça e mudou de assunto.

- Sabe que conversei duas vezes com Yugo nos últimos dias?

- Ótimo. Fez muito bem. Ele não deve perder o contato com o mundo exterior.

- É verdade. Principalmente agora, que há alguma coisa errada com ele. Não é mais o Yugo que conhecemos durante todos esses anos. Tornou-se reticente, distante... parece interessado apenas em uma coisa: em assumir o seu lugar, quando você se aposentar.

- Isso seria natural, se ele viver mais do que eu.

- Não espera que viva?

- Bem, ele é onze anos mais moço, mas, por força das circunstâncias...

- O que estou tentando dizer é que Yugo está muito acabado. Parece mais velho do que você. E isso aconteceu de uns tempos para cá. Acha que está doente?

- Fisicamente? Penso que não. Nós todos somos submetidos a exames periódicos. Admito que ele parece cansado. Já tentei convencê-lo a tirar alguns

meses de licença; um ano inteiro, se quiser. Sugeri que saísse de Trantor, para se afastar o máximo possível do Projeto. O Projeto poderia perfeitamente pagar sua estada em Getorin, um planeta de lazer a poucos anos-luz daqui.

Dors sacudiu a cabeça, impaciente.

- É claro que ele recusou. Quando falei em férias, agiu como se fosse um palavrão.

- Nesse caso, o que podemos fazer? - perguntou Seldon.

- Podemos pensar um pouco - disse Dors. - Yugo trabalhou mais de vinte e cinco anos no Projeto e sempre gozou de excelente saúde. De repente, começa a fraquejar. Não pode ser a idade. Ele ainda não completou cinquenta anos.

- Aonde está querendo chegar?

- Diga-me uma coisa. Há quanto tempo você e Yugo vêm usando esse tal de Defragmentador nos Primeiros Radiantes?

- Há cerca de dois anos... um pouco mais, talvez.

- Presumo que o Defragmentador seja empregado por todos os usuários do Primeiro Radiante.

- Isso mesmo.

- E que os maiores usuários sejam você e Yugo.

- Exatamente.

- E que Yugo use o Primeiro Radiante mais do que você.

- Infelizmente, é verdade. Yugo está estudando o Primeiro Radiante e suas equações em tempo integral. Eu tenho que cuidar da parte administrativa do Projeto.

- Quais são os efeitos do Defragmentador sobre o corpo humano?

Seldon pareceu surpreso.

- Que eu saiba, nenhum efeito significativo.

- Nesse caso, quero que me explique uma coisa, Hari. O Defragmentador está em operação há mais de dois anos e nesse tempo você foi ficando cada vez mais cansado, irritadiço e... um pouco fora de contato com a realidade. Como explica isso?

- Estou ficando mais velho, Dors.

- Bobagem. Quem lhe disse que sessenta anos é uma idade avançada? Está usando a sua idade como uma desculpa, e quero que pare com isso. Yugo, embora seja mais moço, tem estado exposto ao Defragmentador com maior frequência, e por isso se sente mais cansado, mais irritadiço e, em minha opinião, muito mais afastado da realidade do que você. Sua preocupação com a sucessão chega a ser infantil. Qual a sua conclusão?

- Excesso de trabalho.

- Nada disso. É efeito do Defragmentador. Ele está afetando vocês dois.

Depois de pensar um pouco, Seldon disse:

- Não posso provar que está errada, Dors, mas acho isso extremamente improvável. O Defragmentador é um aparelho eletromagnético. Os seres humanos são constantemente expostos a campos do mesmo tipo que o que ele produz. Não vejo como Possa causar danos à saúde. Seja como for, é um instrumento indispensável ao progresso do nosso projeto.

- Escute, Hari, Vou lhe pedir uma coisa muito importante. Não saia da universidade sem me avisar e não faça nada fora do comum sem falar primeiro comigo. Está me entendendo?

- Dors, como posso concordar com isso? Quer me colocar em uma camisa-de-força!

- Vai ser por pouco tempo. Alguns dias. Uma semana.

- O que vai acontecer daqui a uma semana?

- Confie em mim. Tudo vai se esclarecer - afirmou Dors.

25

Hari Seldon bateu na mesa de leve e Yugo Amaryl levantou os olhos.

- Hari, que prazer! Há quanto tempo a gente não se vê!

- Eu devia vir aqui com mais frequência. Nos velhos tempos, passávamos o dia juntos. Agora, tenho que pensar em centenas de pessoas, aqui, ali, em toda parte, e

isso nos mantém afastados... Já soube da novidade?

- Que novidade?

- A junta vai criar um imposto único, e bastante pesado. Vai ser anunciado amanhã na holovisão. Inicialmente, será aplicado apenas em Trantor; os Mundos Exteriores

terão que esperar. Fiquei um pouco desapontado. Esperava que fosse cobrado imediatamente em todo o Império, mas parece que o general é mais cauteloso do que eu pensava.

- Trantor será suficiente - afirmou Amaryl. - Os Mundos Exteriores vão compreender que logo chegará a sua vez.

- Agora vamos ver o que acontece.

- O que vai acontecer é que os protestos vão começar no momento em que o imposto for anunciado e os tumultos vão começar antes mesmo que ele entre em vigor.

- Tem certeza?

Amaryl ligou o seu Primeiro Radiante e ampliou a parte apropriada das

equações.

- Veja você mesmo, Hari. Os resultados são muito claros. Se as previsões não se concretizarem, é porque nosso modelo não funciona, e me recuso a acreditar nisso.

- Eu também - disse Seldon, sorrindo. - Como tem se sentido ultimamente, Yugo?

- Bem. Razoavelmente bem. E você? De repente, comecei a ouvir boatos de que está pensando em se aposentar. Até mesmo Dors veio com essa história.

- Não ligue para Dors. Ela não sabe o que diz. Meteu na cabeça que há algum perigo rondando o Projeto.

- Que tipo de perigo?

- É melhor não perguntar. Quando minha mulher fica assim, não adianta discutir com ela.

- Está vendo a vantagem de ser solteiro? - observou Amaryl. Depois, baixando a voz: - Se você se aposentar, Hari, como ficará o Projeto?

- Ora, você vai me substituir, não vai? Não vai?

Amaryl limitou-se a sorrir.

26

Na pequena sala de conferências do edifício principal, Tamwile Elar escutava Dors Venabili com uma expressão de crescente perplexidade e irritação. Afinal, explodiu:

- Impossível! - Esfregou o queixo e prosseguiu, cautelosamente. - Não quero ser indelicado, Dra. Venabili, mas o que está sugerindo é ridí... não pode ser verdade. Não acredito que exista, em todo o Projeto de Psico-história, alguém capaz de planejar um assassinato. Se houvesse, eu certamente saberia. Nem pense mais nisso.

- Não só vou continuar a pensar - disse Dors, teimosamente - como pretendo provar que esse plano existe.

- Não sei como dizer isso sem ofendê-la, Dra. Venabili, mas se uma pessoa é persistente e está convencida de que suas fantasias são reais, pode sempre encontrar supostas provas para apoiá-las.

- Está insinuando que sou uma paranoica?

- Acho que sua preocupação com a segurança do mestre, da qual todos

nós certamente compartilhamos, atingiu as raias., atingiu as raias do exagero.

Dors pensou um pouco.

- Pelo menos, está certo ao afirmar que uma pessoa persistente pode sempre encontrar as provas que deseja. Seria fácil, por exemplo, levantar provas contra você.

Elar arregalou os olhos, estupefato.

- Contra mim? Como poderia fazer isso?

- Você vai ver. Para começar, a ideia da festa de aniversário foi sua, não foi?

- Não foi só minha, mas de muita gente. Como o mestre estava se queixando de estar ficando velho, parecia uma forma natural de animá-lo.

- Outros podem tem pensado no assunto, mais foi você quem propôs a festa e pediu a minha nora para ajudá-lo. Ela se encarregou dos detalhes e você a convenceu a organizar uma comemoração em grande estilo. Não foi assim?

- Não sei até que ponto influenciei Manella, mas mesmo que tenha sido como está dizendo, não vejo nada de errado no que fiz.

- Não acha que uma festa tão grande serviu apenas para chamar a atenção dos membros da junta para o fato de que Hari era uma pessoa muito popular, que poderia vir a se tornar uma ameaça para eles?

- Ninguém acreditaria que uma coisa dessas tenha passado pela minha cabeça.

- Estou apenas examinando uma possibilidade. Durante os preparativos da festa, você sugeriu que os escritórios centrais fossem esvaziados...

- Temporariamente. Por motivos óbvios.

- ...e insistiu para que permanecessem desocupados por alguns dias, antes da festa. Todo o trabalho foi interrompido.

- Achei que o mestre devia descansar para a festa. Que mal há nisso?

- Isso quer dizer que você podia se encontrar com quem quisesse nos escritórios vazios, e fazê-lo em total segredo. Esses escritórios, naturalmente, são bem protegidos contra escuta.

- Claro que me encontrei com muitas pessoas: sua nora, os decoradores, outras pessoas que estavam ajudando a organizar a festa. E daí?

- E se uma das pessoas com quem se encontrou fosse um membro da junta?

Elar olhou para Dors como se ela tivesse lhe dado um soco.

- Não gostei do que disse, Dra. Venabili. Por quem me toma?

Dors não respondeu diretamente. Ela disse:

- Você foi falar com o Dr. Seldon a respeito do convite que recebera para encontrar-se com o general e pediu para ir em seu lugar, argumentando que não

devia correr tal risco. Em consequência, o Dr. Seldon, naturalmente, fez questão de encontrar-se pessoalmente com o general, o que, poder-se-ia argumentar, era a sua intenção desde o começo.

Elar começou a rir, uma risada nervosa.

- Com todo o respeito, Dra. Venabili, está começando a soar como uma paranoica.

Dors prosseguiu:

- Depois da festa, você foi o primeiro a insistir para que nos hospedássemos no Hotel da Beira da Cúpula, não foi?

- Fui, e a senhora disse que era uma ótima ideia.

- Sua intenção não pode ter sido a de deixar a junta preocupada com outra demonstração da popularidade de Hari? E também de me deixar tentada a invadir o Palácio Imperial?

- Desde quando alguém é capaz de influenciá-la? - protestou Elar, sua incredulidade dando lugar à irritação.

Dors ignorou-o.

- Naturalmente, você esperava que minha invasão deixasse a junta ainda mais predisposta contra Hari.

- Mas por que, Dra. Venabili? Por que eu faria uma coisa dessas?

- Para livrar-se do Dr. Seldon e substituí-lo no cargo de diretor do Projeto.

- Como pode pensar isso de mim? Não acredito que esteja falando sério. Está fazendo apenas o que disse que faria no início desta conversa... mostrar do que uma pessoa é capaz quando se dispõe a encontrar falsas provas.

- Vamos falar de outra coisa. Eu disse que você estava em posição de usar os escritórios vazios para conversas particulares, e que poderia ter-se encontrado com um membro da junta.

- Essa acusação nem merece resposta.

- Acontece que você foi ouvido. Uma garotinha entrou na sala, deitou-se em uma cadeira e ouviu, sem querer, a conversa de vocês.

Elar franziu a testa.

- O que foi que ela ouviu?

- Ela contou que dois homens estavam falando a respeito da morte. Ela é muito pequena para compreender o teor da conversa, mas três palavras a impressionaram em especial: "limonada da morte".

- Agora a senhora parece estar passando da fantasia para a... com o perdão da palavra... para a loucura. O que significa "limonada da morte"? O que tem a ver comigo?

- Minha primeira reação foi tomar as palavras literalmente. A menina de

que estou falando adora limonada e pretendíamos servi-la na festa. Acontece que ninguém envenenou a limonada.

- Ainda bem...

- Foi então que percebi que a menina tinha ouvido algo diferente, que seu conhecimento imperfeito da língua e seu amor pela bebida transformaram em "limonada".

- Já descobriu o que foi que o homem realmente disse - perguntou Elar, com um sorriso irônico.

- Cheguei a pensar que ele tivesse falado em "leiga culpada".

- E o que isso quer dizer?

- Que um assassinato seria cometido por uma leiga... Por uma pessoa envolvida no projeto, mas que não é formada em matemática.

Dora se calou e franziu a testa. Levou a mão ao peito.

Elar perguntou, preocupado:

- Está passando mal, Dra. Venabili?

- Não - respondeu Dors, parecendo recompor-se. Durante alguns momentos, permaneceu em silêncio. Elar pigarreou e depois disse, muito sério: - Dra. Venabili, seus comentários estão ficando mais ridículos. Não acha que está na hora de encerrarmos esta conversa?

- Estamos quase terminando, Dr. Elar. "Leiga culpada" pode ser ridículo, como afirma. Também cheguei a essa conclusão... Você é responsável, em parte, pela invenção do Eletrodefragmentador, não é?

Elar pareceu estufar o peito quando disse, com orgulho:

- Totalmente responsável.

- Tem certeza? Ouvi dizer que o aparelho foi projetado por Cinda Monay.

- Ela é apenas uma técnica que seguiu minhas instruções.

- Uma leiga. O Defragmentador foi projetado por uma leiga. Possivelmente por uma leiga culpada.

- A senhora mesma reconheceu que essa associação de palavras é ridícula - disse Elar, impaciente. - Volto a insistir: por que não encerramos esta conversa?

Dors prosseguiu, sem lhe dar atenção.

- Embora você agora não queira reconhecer a participação da moça, não foi isso que disse a ela. Pelo contrário, declarou a Cinda que o aparelho era uma invenção de vocês dois. com isso, queria assegurar que ela continuasse a trabalhar de boa vontade no seu desenvolvimento. Chegou a batizar o instrumento com o nome dos dois, embora não seja esse o nome oficial.

- Claro que não é. É Eletrodefragmentador.

- Cinda me contou que você lhe havia pedido para introduzir alguns melhoramentos e que chegara a montar um protótipo para você do novo modelo.

- E daí?

- Desde que o Dr. Seldon e o Dr. Amaryl começaram a trabalhar com o Eletrodefragmentador, a saúde de ambos não é mais a mesma. Yugo, que passa mais tempo com o aparelho, foi o mais afetado.

- O Defragmentador é totalmente inofensivo.

Dors levou a mão à testa e fechou os olhos por um momento. Depois, disse:

- Agora você dispõe de um Defragmentador mais potente, capaz de matar mais depressa.

- Absurdo!

- Vamos considerar agora o nome do instrumento, um nome que, de acordo com a mulher que o projetou, é usado apenas por você. Imagino que o tenha batizado de Defragmentador Elar-Monay.

- Não me lembro de um dia ter usado esse nome - afirmou Elar.

- Não adianta negar. E o novo Defragmentador Elar-Monay seria usado para matar, sem que a morte pudesse ser atribuída a ninguém em particular. Seria apenas um acidente infeliz, com um aparelho em fase de testes. Seria o "Elar-Monay da morte", que aos ouvidos de uma menina se transformou em "limonada da morte".

Dors tornou a levar a mão ao peito.

- É melhor se sentar, Dra. Venabili - disse Elar.

- Estou perfeitamente bem. O que eu disse não é verdade?

- Escute, essa busca de palavras parecidas com "limonada" é totalmente irrelevante. Quem sabe o que a menina pode ter ouvido? O que importa é que está me acusando de ter em mãos um instrumento mortal. Leve-me aos tribunais, se quiser. Os peritos irão atestar que o Eletrodefragmentador, mesmo em sua nova versão, não tem nenhum efeito mensurável sobre seres humanos.

- Não acredito no que está dizendo - murmurou Dors, cambaleando ligeiramente.

- É óbvio que não está passando bem, Dra. Venabili - disse Elar. - Talvez esteja na minha vez de falar. A senhora me permite?

Dors não respondeu.

- Vou tomar o seu silêncio como sinal de aquiescência, doutora. Pensa que alguém que a conhece seria suficientemente tolo para atentar contra a vida do Dr. Seldon? A senhora estaria por perto para frustrar os planos do assassino, como pensa estar fazendo agora. É uma mulher extraordinária, Dra. Venabili, e enquanto estiver viva o mestre estará seguro.

- É verdade - concordou Dors, amarrando a cara.

- Eu disse isso aos membros da junta... por que eles não me consultariam

a respeito do Projeto? Estão muito interessados na psico-história, o que é perfeitamente natural. Não queriam acreditar no que contei a respeito da senhora, até que ocorreu o episódio de sua incursão no Palácio Imperial. Isso os convenceu, e finalmente concordaram com o meu plano.

- Ah! Estamos chegando no ponto crucial - murmurou Dors, fracamente.

- Eu lhe disse que o Defragmentador não tem nenhum efeito sobre os seres humanos, e é verdade. Amaryl e o seu precioso Hari estão apenas envelhecendo, embora a senhora se recuse a admitir o fato. E daí? Isso apenas mostra que são humanos. Os campos eletromagnéticos produzidos pelo aparelho não afetam substâncias orgânicas, mas podem induzir correntes espúrias em máquinas elétricas. Um homem artificial, feito de órgãos sintéticos, controlados por circuitos eletrônicos, provavelmente seria afetado. Dizem as lendas que esses homens e mulheres artificiais realmente existiram; os mycogenianos basearam neles a sua religião, e chamam esses seres de "robôs". Um robô provavelmente seria mais forte e mais rápido do que um ser humano, qualidades parecidas com as que a senhora parece exibir, Dra. Venabili. E um robô poderia ser afetado ou mesmo inutilizado por um Defragmentador de segunda geração, como o que tenho aqui, e que vem operando com baixa intensidade desde que começamos esta conversa. É por isso que está se sentindo mal, Dra. Venabili, e pela primeira vez na sua existência, tenho certeza.

Dors não disse nada; sentou-se devagar e ficou olhando para o jovem matemático.

Elar sorriu e prosseguiu.

- Naturalmente, com a senhora fora do caminho, o mestre e Amaryl não serão problema. O mestre não conseguirá se manter por muito tempo na direção do Instituto. A tristeza pela sua morte provavelmente o fará renunciar. Quanto a Amaryl, há muito tempo que perdeu o contato com a realidade. Não acredito que seja necessário matar nenhum dos dois. Como se sente, Dra. Venabili, ao ser desmascarada depois de todos esses anos? Tenho de admitir que foi muito hábil ao ocultar sua verdadeira natureza. É incrível que ninguém tenha descoberto a verdade antes de mim. Acontece que sou um matemático brilhante... um observador, um pensador, um investigador. Mesmo assim, não teria decifrado o enigma se não fosse pela sua dedicação fanática ao mestre e os surtos ocasionais de força sobre-humana que pareciam lhe acometer sempre que ele estava em perigo. Diga adeus à vida, Dra. Venabili. Tudo que tenho a fazer agora é ajustar o aparelho para a potência máxima e tudo estará terminado.

Dors pareceu tomar uma decisão e levantou-se devagar, murmurando:

- Minha blindagem é melhor do que você pensa.

Em seguida, com um grito de raiva, investiu contra Elar.

Elar arregalou os olhos e encolheu-se.

Dors deu-lhe uma cutilada no pescoço, esmagando as vértebras e seccionando a medula. Elar caiu morto no chão.

Dors controlou-se com esforço e cambaleou em direção à porta. Tinha que encontrar Hari, para lhe contar o que acontecera.

27

Hari Seldon levantou-se, assustado. Nunca tinha visto Dors com aquela aparência, o rosto contorcido, o corpo inclinado, cambaleando como se estivesse embriagada.

- Dors! O que aconteceu com você?

Correu na direção da esposa e segurou-a pela cintura, no momento em que ela desfalecia em seus braços. Levantou-a (ela pesava mais do que uma mulher comum da sua altura, mas ele não deu atenção a isso no momento) e colocou-a no sofá.

- O que aconteceu? - repetiu.

Ela lhe contou, aos arrancos, enquanto Seldon segurava sua cabeça e tentava acreditar no que estava acontecendo.

- Elar está morto - afirmou Dors. - Finalmente matei um ser humano. Foi a primeira vez. Isso torna as coisas ainda piores.

- Como você está, Dors?

- Muito mal. Elar colocou a potência do aparelho no máximo quando investi contra ele.

- Você pode ser consertada.

- Como? Não há ninguém em Trantor que saiba como fazê-lo. Preciso de Daneel.

Daneel. Demerzel. No fundo, Hari sempre soubera. Seu amigo, um robô, lhe deixara uma protetora, outro robô, para assegurar que a psico-história e as sementes das Fundações tivessem a oportunidade de criar raízes. O único problema tinha sido que Hari se apaixonara pela sua protetora... um robô. Agora tudo fazia sentido. Todas as suas dúvidas, todas as suas suspeitas tinham sido esclarecidas. Entretanto, isso não lhe importava nem um pouco. Tudo que interessava era Dors.

- Você não pode morrer.

- Não há nada que se possa fazer. - Dors abriu os olhos com dificuldade e olhou para Seldon. - O mais importante é: quem vai protegê-lo daqui em diante?

Seldon não podia vê-la claramente. Havia alguma coisa errada com os seus olhos.

- Não se preocupe comigo, Dors. É você... é você...

- Não, Hari. Diga a Manella... diga a Manella que eu a perdoo. Ela se saiu melhor do que eu. Explique tudo a Wanda. Você e Raych... tomem conta um do outro.

- Não, não, não! - exclamou Seldon, balançando o corpo para um lado e para outro. - Não pode fazer isso. Aguente, Dors. Por favor. Por favor, meu amor.

Dors sacudiu a cabeça debilmente e sorriu.

- Adeus, Hari, meu amor. Você fez muito por mim.

- Não fiz nada por você.

- Você me amou e seu amor me tornou... humana.

Os olhos continuaram abertos, mas Dors deixara de funcionar.

Yugo Amaryl entrou correndo no escritório de Seldon.

- Hari, os tumultos estão começando, mais cedo do que espera...

Olhou para Seldon e Dors e perguntou:

- O que aconteceu?

Seldon olhou para o amigo com uma expressão torturada.

- Tumultos! O que importam os tumultos? O que importa qualquer coisa agora?

PARTE IV: WANDA SELDON

SELDON, WANDA - ...Nos últimos anos de vida, Hari Seldon estabeleceu uma ligação muito forte (a ponto de tornar-se dependente, segundo alguns) com a neta, Wanda.

Órfã desde a adolescência, Wanda Seldon se dedicou de corpo e alma ao Projeto de Psico-história do avô, preenchendo a lacuna deixada por Yugo Amaryl...

Os resultados do trabalho de Wanda Seldon permanecem praticamente desconhecidos, já que foram conduzidos em segredo. Os únicos indivíduos que participaram dessa pesquisa, além de Wanda, foram o próprio Hari e um rapaz chamado Stettin Palver (um dos seus descendentes, Preem, contribuiria quatrocentos anos mais tarde para a reconstrução de Trantor depois do "Grande Saque" (300 E.F.)...).

Embora não se saiba exatamente qual foi o papel de Wanda Seldon no estabelecimento da Fundação, tudo leva a crer que sua contribuição tenha sido extremamente importante

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

1

Hari Seldon entrou na Biblioteca Imperial (mancando um pouco, como era cada vez mais frequente nos últimos anos) e se dirigiu para o estacionamento dos deslizadores, os pequenos veículos usados para percorrer os corredores intermináveis do complexo de edifícios. Deteve-se, porém, ao ver três homens sentados em uma das alcovas galactográficas, observando uma representação tridimensional da galáxia, na qual as estrelas giravam lentamente em torno do núcleo.

De onde se encontrava, Seldon podia ver que a Província de Anacreon estava assinalada em vermelho. Ficava na periferia da galáxia e ocupava um grande volume, mas a densidade de estrelas ali não era muito grande. Anacreon não se destacava por sua riqueza ou cultura e ficava a uma grande distância de Trantor, a capital do Império.

Seldon, agindo impulsivamente, sentou-se diante de um terminal de computador perto do trio e iniciou uma busca aleatória que sabia iria levar um tempo considerável.

O instinto lhe dizia que aquele interesse em Anacreon devia ser de natureza política... sua posição na galáxia o tornava um dos baluartes menos seguros do regime "imperial" vigente. Os olhos de Seldon permaneceram na tela, mas os ouvidos estavam atentos à discussão Que ocorria ao lado. Discussões políticas não eram frequentes na biblioteca.

Seldon não conhecia nenhum dos três homens. Isso não era de surpreender. Havia muitos frequentadores habituais, e Seldon conhecia quase todos, pelo menos de vista, mas a biblioteca estava aberta a todos, sem exceção. Qualquer um podia entrar e usar os seus recursos (por um período de tempo limitado, é claro. Apenas uns poucos, como Seldon, podiam "acampar" na biblioteca; Seldon dispunha de um escritório particular e acesso ilimitado aos computadores).

Um dos homens (Seldon pensou nele como "Nariz Adunco", por motivos óbvios), disse, em voz baixa e nervosa:

- É melhor deixar tudo como está. Muito melhor. Vai nos custar uma fortuna, e mesmo que a operação seja bem-sucedida, não poderemos permanecer lá para sempre. Assim que nos retirarmos, tudo voltará ao que era antes.

Seldon sabia do que estavam falando. Há três dias, tinha sido noticiado que o governo imperial optara por uma demonstração de força contra o vice-rei de Anacreon.

As análises psico-históricas de Seldon mostravam que a missão não surtiria os efeitos desejados, mas o governo em geral não agia sensatamente quando o seu prestígio estava em jogo. Seldon sorriu ironicamente ao ouvir Nariz Adunco repetir suas próprias palavras... sem precisar recorrer à psico-história.

Nariz Adunco continuou:

- Se deixarmos Anacreon em paz, o que estaremos perdendo? Continuará onde sempre esteve, na periferia do Império. Não pode levantar voo e ir para Andrômeda, pode? Ainda tem de comerciar conosco e a vida continua. Que diferença faz se reconhece ou não a autoridade do imperador?

O segundo homem, que Seldon batizara de "Careca", por motivos ainda mais óbvios, argumentou:

- Você esquece que as noticias se espalham depressa. Se Anacreon se tornar independente, os outros setores do perímetro vão querer imitá-lo. O Império vai se esfacelar.

- E daí? - sussurrou Nariz Adunco. - O Império já não consegue administrar seus domínios de forma eficiente. Cresceu demais. Melhor deixar os mundos da periferia

tomarem conta de si próprios; a Galáxia Interior ficará mais forte e mais rica. A periferia não precisa ser politicamente nossa para nos render dividendos econômicos.

O terceiro homem ("Bochechas Rosadas") resolveu intervir:

- Gostaria que você estivesse certo, mas as coisas não vão se passar dessa forma. Se os vice-reis da periferia declararem independência, a primeira coisa que farão será tentar aumentar o seu território à custa dos vizinhos. Haverá guerras e conflitos e o sonho de cada um dos vice-reis será tornar-se o novo imperador. Será como nos velhos tempos da Galáxia Feudal... uma idade das trevas que durou milhares de anos.

- Não acredito que as coisas cheguem a esse ponto - afirmou Careca. - O Império pode ser abalado, mas a unidade voltará quando as pessoas descobrirem que o colapso do Império terá como consequência apenas a guerra e a pobreza. Todos vão suspirar pelos anos dourados do Império e as coisas voltarão a ser como antes. A crise vai passar. Não somos mais um bando de bárbaros. A crise vai passar.

- Concordo plenamente - disse Nariz Adunco. - Não podemos nos esquecer de que o Império enfrentou muitas crises no decorrer da história e sempre sobreviveu.

Bochechas Rosadas sacudiu a cabeça.

- Não estamos falando apenas de mais uma crise. Isto é algo muito pior.

Faz tempo que o Império vem se deteriorando. Dez anos de governo militar destruíram a economia, e desde a queda da junta e a ascensão ao poder desde novo "imperador", o Império tem estado tão fraco que os vice-reis da periferia não precisam fazer praticamente nada. O Império vai desmoronar sob o seu próprio peso.

- E a lealdade ao imperador... - começou Nariz Adunco.

- Que lealdade? - disse Bochechas Rosadas. - Depois que Cleon foi assassinado, passamos dez anos sem um imperador e ninguém deu importância a isso. Além disso, este novo imperador é apenas uma figura decorativa. Não há nada que ele possa fazer. Não há nada que se possa fazer. Isto não é uma crise. Isto é o fim.

Os outros dois olharam de cara feia para Bochechas Rosadas.

- Você realmente acredita no que está dizendo! - exclamou Careca. - Pensa que o Império vai ficar parado, à espera do colapso final.

- Isso mesmo! O governo, como vocês dois, não vai acreditar no que está acontecendo, até que seja tarde demais.

- Se o governo acreditasse, que medidas deveria tomar? - quis saber Careca.

Bochechas Rosadas olhou para a galactografia, como se nela pudesse encontrar a resposta.

- Não sei. A verdade é que Vou morrer antes que o Império acabe de se desintegrar. Mais tarde, quando a situação ficar realmente ruim, outras pessoas podem se preocupar com isso. Não estarei mais aqui. Os bons tempos também terão ficado para trás, talvez para sempre. Não sou o único que pensa assim. Já ouviram falar de um sujeito chamado Hari Seldon?

- Claro - disse Nariz Adunco. - Ele não foi primeiro-ministro durante o reinado de Cleon?

- Isso mesmo - confirmou Bochechas Rosadas. - Seldon é uma espécie de cientista. Faz alguns meses, assisti a uma palestra dada por ele. Fiquei satisfeito de saber que não sou o único que acha que o Império está com os dias contados. Ele disse...

- Disse que a civilização vai desaparecer e a galáxia mergulhará em uma permanente idade das trevas? - perguntou Careca, em tom sarcástico.

- Não foi bem assim - respondeu Bochechas Rosadas. - Seldon parece ser um homem cauteloso. Disse que isso poderia acontecer. Nesse ponto, está errado. Isso vai acontecer.

Seldon ouvira o suficiente. Aproximou-se da mesa onde os três homens estavam sentados e encostou a mão no ombro de Bochechas Rosadas.

- Com licença - disse. - Posso falar com você por um momento?

Bochechas Rosadas levantou os olhos, surpreso, e disse:

- Ei, o senhor não é o professor Seldon?

- Sempre fui - respondeu Seldon. Entregou ao homem um cartão. - Gostaria de conversar com você em meu escritório da biblioteca, depois de amanhã, às quatro da tarde. Pode ser?

- Há essa hora, estarei trabalhando.

- Saia mais cedo. É muito importante.

- Não sei se vai dar...

- Faça o que estou dizendo - disse Seldon. - Se tiver problemas com o seu chefe por causa disso, eu ajeito as coisas. Vocês se incomodam se eu examinar a simulação da galáxia por um momento? Há muito tempo não faço isso.

Os três assentiram silenciosamente, intimidados por estarem na presença de um ex-primeiro-ministro. Um por um, recuaram, permitindo que Seldon se aproximasse dos controles do galactógrafo.

Os dedos de Seldon tocaram os botões e o vermelho que havia assinalado a província de Anacreon desapareceu. A galáxia agora era um disco prateado e difuso, com uma esfera luminosa no centro, bem mais compacta, no interior da qual ficava um buraco negro.

Não era possível distinguir as estrelas, naturalmente, a não ser que a imagem fosse ampliada, mas nesse caso apenas uma parte da galáxia seria visível e Seldon queria apreciá-la em sua totalidade... ter uma visão geral do Império que estava prestes a desaparecer.

Apertou um botão e uma série de pontos amarelos apareceu na imagem da galáxia. Os pontos representavam os planetas habitados, 25 milhões ao todo. Apareciam como pontos isolados na névoa tênue que representava a periferia da galáxia, mas a densidade aumentava em direção ao centro. Havia uma faixa aparentemente contínua (que se transformaria em pontos isolados se a ampliação fosse maior) em torno da esfera central. A esfera, naturalmente, permanecia sem nenhuma marca amarela; não havia planetas habitáveis na turbulenta região central.

Apesar do grande número de pontos amarelos, Seldon sabia que não mais que uma estrela em cada dez mil tinha pelo menos um planeta habitável. Isso apesar dos esforços dos engenheiros. Nem todas as obras civis da galáxia eram capazes de transformar a maioria dos planetas em mundos nos quais um ser humano pudesse caminhar sem a proteção de um traje espacial.

Seldon apertou outro botão. Os pontos amarelos desapareceram, mas uma pequena região ficou azul: Trantor e os planetas diretamente sob a sua jurisdição. Situado a uma distância confortável do núcleo central, Trantor era considerado, na linguagem popular, como o "centro da Galáxia". Era difícil não

se deixar impressionar pelo pequeno tamanho da Província de Trantor, que ocupava uma parte insignificante da galáxia, mas abrigava a maior concentração de riqueza, cultura e poder que a humanidade jamais conhecera.

No entanto, ela também estava condenada à destruição.

Era quase como se os homens pudessem ler os pensamentos de Seldon, ou talvez tivessem interpretado a expressão no seu rosto. Careca perguntou, em voz baixa:

- O Império vai mesmo ser destruído? Seldon respondeu, em tom ainda mais baixo:

- Pode ser. Pode ser. Qualquer coisa pode acontecer. Levantou-se, sorriu para os homens e afastou-se, enquanto gritava, em seus pensamentos: "Vai, sim! Vai, sim!"

2

Seldon suspirou e entrou em um dos deslizadores que estavam estacionados, lado a lado, em um nicho do corredor. Havia um tempo, não fazia muitos anos, em que se orgulhara de percorrer a pé os intermináveis corredores da biblioteca, repetindo para si mesmo que mesmo depois dos sessenta ainda se encontrava em boa forma. Agora, porém, aos setenta, cansava-se com facilidade e tinha que recorrer a um deslizador. Os jovens usavam as máquinas para ganhar tempo, mas Seldon o fazia por necessidade, o que era muito diferente.

Depois de digitar o local de destino, Seldon apertou um botão e o deslizador se levantou diamagneticamente a um centímetro do chão. Entrou em movimento, silenciosamente e sem solavancos. Seldon recostou-se no assento e ficou olhando as paredes dos corredores, para os passageiros de outros deslizadores, para pedestres ocasionais.

Passou por alguns bibliotecários e mesmo depois de tantos anos não pôde deixar de sorrir. Eram o grupo mais antigo do Império, o que cultivava as tradições mais antigas e mais respeitadas; mantinham-se fiéis a estilos de vida que tinham sido populares há muitos séculos, ou talvez há muitos milênios.

Os trajes que usavam eram sedosos e de cores claras, suficientemente largos para se parecerem com vestes, presos no pescoço e soltos no resto do corpo.

Em Trantor, como em todos os planetas, a moda para os homens oscilava

periodicamente entre barbas compridas e cara raspada. No momento, a cara raspada predominava em todos os setores, com exceção apenas para anomalias como os bigodes usados pelos dahlitas como Raych, o filho adotivo de Hari Seldon.

Os bibliotecários, porém, conservavam as barbas que tinham estado em moda no passado remoto. Todos eles usavam uma barba curta, cuidadosamente aparada, que se estendia de orelha a orelha, mas deixava exposto o lábio superior. Só isso era suficiente para revelar a sua profissão e deixar Seldon (que não usava barba) pouco à vontade quando estava no meio deles.

Na verdade, o traço mais característico de todos era o chapéu, que não tiravam da cabeça (nem para dormir, talvez, pensou Seldon). De forma quadrada, era feito de um material aveludado, em quatro partes que se juntavam com um botão no centro. Havia chapéus de muitas cores, e, aparentemente, cada cor tinha um significado próprio.

Para os iniciados, informava qual o tempo de serviço de um bibliotecário, a sua formação específica, o cargo que ocupava etc. Isso ajudava a estabelecer uma hierarquia entre eles. Cada bibliotecário podia, num relance, saber se devia se comportar de forma respeitosa (e em que grau) ou autoritária (e em que grau).

A biblioteca era o maior complexo de edifícios de Trantor (e talvez da galáxia), muito maior que o próprio Palácio Imperial, e tinha sido um dia uma joia arquitetônica de rara beleza. Entretanto, da mesma forma que o Império, estava velha e decrépita. Era como uma velha imperatriz, ainda usando as joias da mocidade num corpo enrugado e sem vida.

O deslizador parou em frente à porta enfeitada do escritório do bibliotecário-chefe e Seldon saltou.

Lãs Zenow cumprimentou Seldon com um sorriso nos lábios.

- Bom dia, meu amigo - disse, em sua voz aguda. (Seldon imaginava se ele havia sido um tenor na juventude, mas nunca tivera coragem de perguntar. O bibliotecário-chefe era, por definição, um modelo de austeridade, e a pergunta poderia ser considerada ofensiva.)

- bom dia - respondeu Seldon. Zenow tinha uma barba grisalha, quase branca, e usava chapéu branco. Seldon era capaz de compreender aquela cor sem necessidade de explicação. Era um caso de ostentação às avessas. A ausência total de cor era associada à posição mais importante.

Zenow esfregou as mãos, satisfeito.

- Mandei chamá-lo, Seldon, porque tenho boas notícias. Conseguimos encontrá-lo!

- Você quer dizer...

- Um planeta como o que pediu. Disse que queria um mundo bem

distante. Vai ver só o que arranjamos para você! A biblioteca não falha, Hari. Podemos encontrar qualquer coisa!

- Estou certo que sim, Lãs. Fale-me a respeito desse planeta.

- Primeiro Vou lhe mostrar onde fica. - Uma parte da parede deslizou para o lado, as luzes do escritório ficaram mais fracas e uma representação tridimensional da

Galáxia apareceu no meio da sala, girando lentamente. Novamente, a província de Anacreon estava assinalada em vermelho; Seldon teve a impressão de que o episódio com os três homens não passara de um ensaio para o seu encontro com o bibliotecário-chefe.

De repente, um ponto azul apareceu na extremidade mais distante da província.

- Ali está - disse Zenow. - É um planeta perfeito. De bom tamanho, com água à vontade, atmosfera de oxigênio, vegetação abundante, é claro. Muitas formas de vidas marinhas. Prontinho para ser usado. Não há necessidade de nenhum tipo de preparação; nada, pelo menos, que não possa ser feito depois que for ocupado.

- É um mundo desabitado, Lãs? - perguntou Seldon.

- Totalmente desabitado. Ninguém mora lá.

- Por que, se tem tantas qualidades? Se vocês sabem tantos detalhes, é porque o planeta foi explorado. Por que não foi colonizado?

- Foi explorado, mas apenas por sondas não-tripuladas. A falta de colonização provavelmente se deve ao fato de que fica longe de tudo. Não existe nenhum planeta habitado a uma distância tão grande do centro da galáxia. Isso, porém, não deve ser obstáculo para você. Você disse que quanto mais longe, melhor.

- É verdade - concordou Seldon. - Ainda penso assim. Ele tem um nome, ou é conhecido apenas por uma combinação de letras e números?

- Acredite ou não, tem um nome. Os cientistas que mandaram as sondas o batizaram de "Terminus", uma palavra arcaica que significa fim da linha. Um nome bem apropriado.

- Este planeta faz parte da província de Anacreon? - perguntou Seldon.

- Não - respondeu Zenow. - Se você observar a zona vermelha, verá que o ponto azul que representa Terminus está ligeiramente do lado de fora... a cinquenta anos-luz de distância, para ser exato. Terminus não pertence a nenhuma província; na verdade, nem faz parte do Império.

- Acho que você acertou em cheio, Lãs. Ele parece ser o mundo que estávamos procurando.

- Naturalmente - disse Zenow, com ar pensativo, - no momento em que

vocês ocuparem Terminus o vice-rei de Anacreon provavelmente vai reivindicar a posse do planeta.

- É possível - concordou Seldon. - Mas vamos deixar para resolver esse problema quando chegar a hora.

Zenow esfregou de novo as mãos.

- Que ideia magnífica! Iniciar um gigantesco projeto em um planeta virgem, distante e totalmente isolado, de modo que, ano após ano, década após década, uma gigantesca enciclopédia, abrangendo todo o conhecimento humano, possa ser escrita. Uma síntese do que existe nesta biblioteca. Se eu fosse mais Jovem, gostaria de participar da expedição.

- Você é quase vinte anos mais moço que eu - observou Seldon, com tristeza. (Quase todo mundo é mais moço que eu, pensou, com mais tristeza ainda.)

- Por falar nisso, soube que fez setenta anos há pouco tempo. Espero que a festa tenha sido um sucesso.

- Não comemoro meus aniversários - afirmou Seldon, de cara feia.

- Desde quando? Lembro-me muito bem de quando fez sessenta anos.

Seldon sentiu uma dor tão profunda como se a maior perda de sua vida tivesse acontecido na véspera.

- Não gosto de falar sobre o assunto - declarou, muito sério.

- Desculpe - disse Zenow, constrangido. - Vamos mudar de assunto. Se Terminus for realmente o planeta que deseja, imagino que seu trabalho de preparação do Projeto Enciclopédia ganhará um novo ímpeto. Como sabe, a biblioteca teria prazer em auxiliá-lo no que for preciso.

- Sei disso, Lãs, e sou imensamente grato. Pretendemos realmente redobrar o trabalho.

Ao se despedir, sentiu, como sempre, uma ponta de remorso pelo que estava fazendo. Lãs Zenow não tinha a menor ideia de suas verdadeiras intenções.

3

Hari Seldon varreu com os olhos o confortável escritório que ocupara na biblioteca Imperial nos últimos anos. Como o resto da biblioteca, tinha um vago ar de decadência, de esgotamento - de algo que ficara tempo demais no mesmo

lugar. Entretanto, Seldon sabia que poderia continuar por mais alguns séculos; por mais alguns milênios, com uma manutenção adequada.

Como tinha ido parar ali?

Mais uma vez, fez o passado desfilar na sua mente, percorreu a linha da vida com tentáculos mentais. Era parte do processo de envelhecimento, tinha certeza. Havia tanta coisa no passado, tão pouco no futuro, que a mente dava as costas ao túnel escuro à frente para contemplar a segurança do que ficara para trás. No seu caso, porém, havia aquela mudança. Durante mais de trinta anos, a psico-história seguira o que podia ser descrito como uma trajetória retilínea: um progresso lento, mas constante. Então, fazia seis anos, ocorrera uma reviravolta totalmente inesperada.

E Seldon sabia exatamente como acontecera, como um conjunto fortuito de acontecimentos tornara aquilo possível.

A principal responsável tinha sido Wanda, é claro. Hari fechou os olhos e se ajeitou na cadeira para recordar o que se passara. Wanda, que na ocasião tinha doze anos, estava muito aborrecida. A mãe, Manella, tivera outra filha, Bellis, e por algum tempo o bebê se tornara o centro das atenções.

O pai de Wanda, Raych, terminara o livro a respeito de Dahl, o setor onde nascera; o livro tinha sido um sucesso e Raych era agora uma figura popular. Frequentemente o convidavam para dar conferências, algo que fazia com todo o prazer, pois tinha um enorme interesse pelo assunto e, como gostava de dizer a Hari, "Quando falo a respeito de Dahl, não preciso disfarçar meu sotaque dahlita. Pelo contrário, todos esperam que eu fale com sotaque."

O resultado, porém, era que Raych passava muito tempo longe de casa, e quando estava em casa, era o bebê que queria ver.

Quanto a Dors - Dors era coisa do passado, e para Hari Seldon aquela dor ainda era muito profunda, muito recente. Reagia a ela de uma forma injusta. Tinha sido o sonho de Wanda, quatro anos antes, que dera início à série de eventos que culminara com o desaparecimento de Dors.

Wanda não tivera culpa alguma. Seldon sabia disso muito bem. Mesmo assim, afastou-se inconscientemente da menina, de modo que Wanda também não pôde contar com ele durante a crise provocada pelo nascimento da irmã.

Assim, a menina foi buscar consolo na única pessoa que sempre parecia alegre ao vê-la, a única com quem podia contar. Era Yugo Amaryl, segundo apenas para Hari Seldon no desenvolvimento da psico-história e primeiro em sua absoluta devoção à nova ciência. Hari tivera Dors e Raych, mas a psico-história era a esposa e os filhos de Yugo. Entretanto, sempre que Wanda estava presente, alguma coisa nele a reconhecia como a filha que não tivera e era acometido, apenas naquele momento, por uma vaga sensação de perda que apenas uma

demonstração de afeto pela menina conseguia atenuar. Na verdade, tendia a tratá-la como um adulto em miniatura, mas Wanda parecia apreciar aquele tipo de tratamento.

Fazia seis anos que ela entrara no escritório de Yugo. Ele olhou para ela com seus olhos reconstruídos e, como de costume, levou alguns segundos para reconhecê-la.

Então, disse:

- Ora, ora, é a minha amiga Wanda... Por que essa cara triste, querida? Uma mocinha tão bonita nunca devia ficar triste.

Wanda, com o lábio inferior trêmulo, respondeu:

- Ninguém gosta de mim.

- Isso não é verdade.

- Eles só querem saber do bebê. Nem se lembram de que eu existo.

- Eu gosto de você, Wanda.

- Então você é o único, tio Yugo.

Embora não pudesse mais subir no colo de Yugo, como costumava fazer quando era mais moça, encostou a cabeça no seu ombro e começou a chorar. Amaryl, sem saber o que fazer, limitou-se a abraçar a menina e dizer:

- Não chore. Não chore.

Por pura simpatia, e também porque tinha tão pouco em sua própria vida por que chorar, as lágrimas começaram também a rolar pelo seu rosto. De repente, ele disse, tomado por uma súbita inspiração:

- Wanda, quer ver uma coisa bonita?

- O quê? - soluçou Wanda.

Amaryl conhecia apenas uma coisa bonita em todo o universo. Ele perguntou:

- Você já viu o Primeiro Radiante?

- Não. O que é?

- É uma coisa que eu e o seu avô usamos em nosso trabalho. Veja, está bem aqui.

Apontou para o cubo negro sobre a mesa. Wanda olhou para o objeto e fez uma careta.

- É muito feio.

- Espere até eu ligar - disse Amaryl.

Apertou um botão. A sala ficou escura e depois encheu-se de pontos multicoloridos.

- Se eu ampliar esses pontos, eles vão se transformar em símbolos matemáticos.

Foi o que aconteceu. Em volta deles, apareceram sinais de todos os tipos:

letras, números, setas e formas que Wanda jamais vira antes.

- Não é lindo? - perguntou Amaryl.

- É, sim - concordou Wanda, observando atentamente as equações que (embora ela não soubesse) representavam futuros possíveis. - Só não gosto daquela parte. Acho que está errada - afirmou, apontando para uma equação colorida que pairava no ar, do lado esquerdo da sala.

- Errada? Por que acha que está errada? - perguntou Amaryl, franzindo a testa.

- Porque não é... bonita. Devia ser diferente.

Amaryl pigarreou.

- Vou tentar consertá-la - afirmou, examinando de perto a equação que a menina indicara.

- Muito obrigada, tio Yugo, por me mostrar essas luzes bonitas - agradeceu a menina. - Talvez um dia eu consiga entender o que querem dizer.

- De nada - respondeu Amaryl. - Espero que esteja se sentindo melhor.

- Estou, sim, obrigada - disse Wanda. E, depois de sorrir para o matemático, deixou a sala.

Amaryl ficou de pé onde estava, sentindo-se um pouquinho ofendido. Não gostava que criticassem o seu Primeiro Radiante, mesmo que a autora da crítica fosse uma menina de doze anos que não sabia do que estava falando.

Naquele momento, Amaryl não fazia ideia de que a revolução psico-histórica acabara de começar.

4

Naquela tarde, Amaryl foi até o escritório de Seldon, na Universidade de Streeling. Era uma coisa fora do comum, já que Amaryl jamais deixava seu escritório, mesmo que fosse para falar com um colega do outro lado do corredor.

- Hari - disse Amaryl, com a testa franzida, - aconteceu uma coisa muito estranha. Muito estranha mesmo.

Seldon olhou para Amaryl e ficou com pena do amigo. Tinha apenas 52 anos, mas parecia muito mais velho, curvado, tão pálido que parecia transparente. Quase à força, tinha sido examinado pelos médicos, que recomendaram que tirasse férias (alguns recomendaram a aposentadoria) e repousasse. Só assim, disseram os médicos, sua saúde melhoraria. Seldon

sacudiu a cabeça. Dissera aos médicos: "Se ele parar de trabalhar, vai morrer mais cedo... e infeliz. Não temos escolha."

De repente, Seldon percebeu que não estava prestando atenção na história de Amaryl. Ele disse:

- Desculpe, Yugo. Eu estava distraído. Pode começar de novo?

- Eu estava lhe dizendo que aconteceu uma coisa muito estranha. Muito estranha mesmo.

- O que foi, Yugo?

- Foi Wanda. Ela foi me visitar. Estava muito triste.

- Por quê?

- Acho que estava com ciúmes do bebê.

- Oh, entendo - disse Hari, com mais do que um traço de culpa na voz.

- Ela começou a chorar no meu ombro... e acho que chorei, também, Hari. Foi então que resolvi distraí-la, mostrando a ela o Primeiro Radiante. - Amaryl hesitou, como se não soubesse como prosseguir.

- Continue, Yugo. O que aconteceu?

- Wanda ficou olhando para os pontos luminosos e ampliei uma das partes, o Setor 42R254, para ser específico. Sabe qual é?

Seldon sorriu.

- Não Yugo, não conheço as equações tão bem quanto você.

- Pois devia - repreendeu-o Amaryl. - Como pode fazer um bom trabalho se... mas não importa. O que estou tentando dizer é que Wanda apontou para uma das equações do setor e disse que não gostava dela. Que não era bonita.

- E daí? Todos temos nossas preferências pessoais.

- É verdade, mas acontece que fiquei cismado com aquela equação, decidi examiná-la mais de perto e descobri que estava errada. Houve uma falha de programação e uma das equações, exatamente aquela para a qual Wanda havia apontado, não prestava. E para dizer a verdade, não era nada bonita.

Seldon ajeitou-se na cadeira e franziu a testa.

- Vejamos se entendi direito, Yugo. Está me dizendo que Wanda apontou para uma equação ao acaso, disse que estava errada, e tinha razão!

- Exatamente. Só que não apontou ao acaso. Ela sabia o que estava dizendo.

- Isso é impossível!

- Mas aconteceu. Eu estava lá.

- Não estou dizendo que não tenha acontecido. Estou dizendo que foi uma mera coincidência.

- É mesmo? Acha que, com todo o seu conhecimento da psico-história, você seria capaz de olhar para uma equação e dizer que está errada?

- Nesse caso, Yugo, por que você ampliou justamente aquela parte das equações? Que o fez escolher aquele setor para ser ampliado?

Amaryl deu de ombros.

- Essa foi a coincidência, se você quiser. Escolhi um setor qualquer.

- Não pode ter sido coincidência - murmurou Seldon. Ficou em silêncio por alguns segundos, perdido em seus pensamentos, e depois fez a pergunta que prosseguiria a revolução iniciada por Wanda. Ele disse: - Yugo, você já desconfiava dessas equações? Tinha algum motivo para pensar que alguma delas pudesse estar errada?

Amaryl brincou com o cinto da sua univeste e pareceu embaraçado.

- É, acho que sim...

- Você acha?

- Eu tinha um motivo, sim. Quando estava programando as equações (é um novo setor, você sabe), meus dedos escorregaram no teclado. Verifiquei o resultado e não encontrei nenhum erro. Mesmo assim, fiquei com aquilo na cabeça. Acontece que tinha outras coisas para fazer e segui em frente. Quando Wanda apontou justamente para o lugar que me preocupava, resolvi examinar tudo de novo... se não fosse por isso, não ligaria para o comentário da sua neta.

- E você escolheu justamente aquele setor para mostrar a Wanda. Como se estivesse sendo atormentado pelo seu inconsciente.

Amaryl deu de ombros.

- Quem sabe?

- Pouco antes disso, vocês tinham estado abraçados, chorando juntos.

Amaryl deu de ombros novamente, parecendo ainda mais embaraçado.

- Acho que sei o que aconteceu - afirmou Seldon. - Wanda leu seus pensamentos.

Amaryl deu um pulo, como se tivesse levado um choque.

- Impossível!

- Uma vez, conheci alguém que era dotado de poderes mentais fora do comum... - e se lembrou com saudade de Eto Demerzel, ou melhor, R. Daneel Olivaw - ...só que ele não era humano. Entretanto, sua capacidade de ler pensamentos, de interpretar as emoções alheias, de persuadir as pessoas a agirem de uma certa forma, aquilo era uma capacidade mental que independia do fato de não ser humano. Wanda deve ter uma capacidade semelhante.

- Não posso acreditar! - exclamou Amaryl, teimosamente.

- Eu posso - disse Seldon, - mas não sei o que fazer a respeito.

Ele podia perceber vagamente o início da revolução psico-histórica, mas apenas vagamente.

5

- Papai - disse Raych, com uma certa preocupação na voz, - você parece cansado.

- Eu realmente me sinto cansado - concordou Hari Seldon. - E você, como vai?

Raych tinha cinquenta anos agora. Não era muito mais moço que Yugo Amaryl, mas era muito mais saudável. Embora o cabelo estivesse começando a ficar grisalho, o bigode permanecia preto, farto e muito dahlita. Seldon desconfiava que ele era pintado, mas preferia não comentar a respeito.

- Está livre das conferências? - perguntou Seldon.

- Apenas por alguns dias. De qualquer maneira, é muito bom estar em casa e rever o bebê, Manella e Wanda... e você, papai.

- Obrigado, mas tenho uma novidade para você. Raych, vai ter que desistir das conferências por algum tempo. Preciso de você aqui.

Raych franziu a testa.

- Para quê? - Em duas ocasiões diferentes, tinha sido enviado em missões delicadas, mas isso fora na época dos joranumitas. No momento, pelo que sabia, as coisas estavam calmas, especialmente depois da queda da junta e da subida ao poder de um imperador que era pouco mais que uma figura decorativa.

- Por causa de Wanda - disse Seldon.

- Wanda? O que há de errado com Wanda?

- Não há nada de errado com ela, mas vamos ter que levantar o genoma completo da menina, além do seu, o de Manella e o do bebê.

- O de Bellis, também? Por quê? O que aconteceu? Seldon hesitou,

- Raych, você sabe que sua mãe e eu sempre achamos que você era um menino especial, capaz de inspirar confiança e afeição nas outras pessoas.

- Sei disso. Vocês sempre me diziam isso nos momentos difíceis. Mas Vou ser honesto com você. Nunca senti isso.

- Pode ser, mas conquistou a mim e... e a Dors. - (Ele achava difícil pronunciar o nome da esposa, mesmo quatro anos depois do seu desaparecimento.) - Conquistou Rashelle de Wye. Conquistou Joranum. Conquistou Manella. Como explica isso?

- Sou bonito e inteligente - disse Raych, rindo.

- Já lhe passou pela cabeça que talvez seja capaz de ler os pensamentos das outras pessoas?

- Não, isso nunca me passou pela cabeça. com todo o respeito, papai,

acho essa ideia ridícula.

- E seu lhe dissesse que Wanda foi capaz de ler os pensamentos de Yugo em um momento de crise?

- Pura coincidência. Ou imaginação, quem sabe?

- Raych, conheci uma pessoa que era capaz de ler pensamentos com a mesma facilidade com que eu e você conversamos.

- Quem era essa pessoa?

- Não posso falar a respeito, mas juro que é verdade.

- Bem...

- Estive na Biblioteca Imperial pesquisando o assunto. Existe uma lenda curiosa, que remonta a vinte mil anos atrás, mais ou menos a época em que foram realizadas as primeiras viagens hiperespaciais. A lenda fala de uma jovem, um pouco mais velha que Wanda, capaz de se comunicar com um planeta que girava em torno de uma estrela chamada Nemesis.

- É apenas um conto de fadas.

- Claro que sim, mas me faz lembrar o caso de Wanda.

- Papai, o que está planejando? - perguntou Raych.

- Ainda não sei ao certo, Raych. Preciso conhecer o genoma de Wanda e tenho que encontrar outros como ela. Desconfio que algumas crianças nascem com uma capacidade mental semelhante, mas ela lhes causa problemas e aprendem a ocultá-la. Quando crescem, o instinto de autopreservação faz com que esse talento fique oculto no seu subconsciente. É provável que entre os oitenta bilhões de habitantes de Trantor haja muitos como Wanda. Se eu descobrir qual é o genoma típico desses indivíduos, poderei localizá-los.

- E o que fará com eles se conseguir encontrá-los, papai?

- Tenho a impressão de que eles vão desempenhar um papel importante no desenvolvimento da psico-história.

- Então você pretende fazer de Wanda uma psicohistoriadora?

- Talvez.

- Como Yugo... não, papai!

- Por que não?

- Porque quero que minha filha tenha uma vida normal. Não permitirei que a obriguem a passar o dia todo sentada diante desse tal de Primeiro Radiante e a transformem em um monumento vivo à matemática.

- Mesmo que isso não aconteça, Raych, vamos precisar do genoma de Wanda. Há muito tempo que o governo tem planos para manter um registro dos genomas de toda a população. Isso só não foi feito até agora por causa do custo envolvido; ninguém duvida da utilidade de um arquivo desse tipo. Não preciso lhe explicar as vantagens. Quando mais não seja, conheceremos as tendências

de Wanda para sofrer vários tipos de doenças. Se dispuséssemos do genoma de Yugo, certamente ele estaria em muito melhor forma. Esse pedido você não pode me negar.

- Está bem, papai, pode levantar o genoma da Wanda, mas pare por aí. Aposto que Manella vai ficar ainda mais apreensiva do que eu com relação a esses supostos poderes da nossa filha.

- Está bem - concordou Seldon, - mas não se esqueça. Nada de viagens. Preciso de você aqui.

- Vamos ver - disse Raych, antes de sair.

Seldon ficou ali sentado, pensativo. Eto Demerzel, o robô capaz de ler pensamentos, saberia o que fazer. Dors, com seus conhecimentos não-humanos, talvez soubesse o que fazer.

Quanto a ele próprio, tinha uma vaga visão de uma nova psico-história, e nada mais.

6

Não foi fácil levantar o genoma completo de Wanda. Para começar, o número de biólogos qualificados para realizar esse tipo de análise era pequeno, e os poucos que existiam estavam sempre ocupados. Além disso, não podia discutir abertamente suas necessidades, como forma de despertar o interesse dos biólogos. Era absolutamente essencial, pensava ele, que os poderes mentais de Wanda fossem mantidos em segredo. Para culminar, o exame era extremamente caro.

Seldon sacudiu a cabeça e disse a Mian Endelecki, a médica com quem estava conversando:

- Por que o exame é tão caro, Dra. Endelecki? Não sou um especialista na área, mas sei que o processo é totalmente automático, de forma que, a partir de uma amostra das células da pele, o genoma completo pode ser levantado em questão de dias.

- É verdade. Acontece que descobrir a sequência dos nucleotídeos que compõem uma molécula de ácido desoxirribonucleico, com cada purina e purimidina no seu lugar correto, é apenas o começo, professor Seldon. Depois, é preciso estudar a sequência e compará-la com algum tipo de padrão.

"Infelizmente, embora alguns genomas completos estejam disponíveis,

eles representam uma fração insignificante do número de genomas que existem, de modo que é muito difícil estabelecer um padrão.”

- Por que tão poucos? - quis saber Seldon.

- Por várias razões. O custo é uma delas. Poucas pessoas estão dispostas a gastar dinheiro com esse tipo de análise, a menos que tenham fortes razões para acreditar que haja coisa errada com o seu genoma. E quando essas razões existem, relutam em fazer o exame com medo de encontrar alguma anormalidade. Sabendo de tudo isso, tem certeza de que ainda quer fazer o levantamento do genoma da sua neta?

- Tenho, sim. É muito importante.

- Por quê? Ela apresenta sintomas de alguma anomalia metabólica?

- Não. Se eu soubesse o antônimo de "anomalia", essa é a palavra para descrever o que se passa com minha neta. Ela é uma pessoa fora do comum e quero saber o que a torna fora do comum.

- Fora do comum em que sentido?

- Tem algo a ver com a mente da menina, mas não posso lhe fornecer detalhes, já que eu mesmo não compreendo muito bem o que está se passando. Talvez, depois de conhecer o genoma, as coisas fiquem mais claras.

- Quantos anos ela tem?

- Está para fazer treze anos.

- Nesse caso, Vou precisar da permissão dos pais. Seldon pigarreou.

- Isso não vai ser muito fácil. Ela é minha neta. Minha permissão não será suficiente?

- Por mim, estaria bem. Acontece que estamos falando de uma exigência legal. Não quero perder a minha licença para clinicar.

Seldon teve que falar de novo com Raych sobre o assunto. A conversa não foi fácil, porque o filho declarou novamente que ele e Manella queriam que Wanda tivesse uma vida normal. Que pretendia fazer se a menina tivesse uma genoma fora do comum? Trancafiá-la no laboratório, como uma cobaia? Hari, com sua dedicação fanática ao Projeto de Psico-história, obrigaria Wanda a trabalhar em excesso, privando-a da companhia de crianças da sua idade?

Seldon, porém, sabia ser insistente.

- Confie em mim, Raych. Jamais faria alguma coisa capaz de prejudicar Wanda. Acontece que isto é importante. Precisamos conhecer o genoma da menina. Se minhas suspeitas estiverem certas, chegamos a uma encruzilhada no desenvolvimento da psico-história. O resultado poderá afetar o futuro da galáxia!

Assim, Raych se deixou convencer e conseguiu também a aquiescência de Manella. Os três levaram Wanda ao consultório da Dra. Endelecki.

Mian Endelecki recebeu-os na porta. Tinha um rosto jovem, embora os

cabelos fossem totalmente brancos. Olhou para a menina, que entrou com uma expressão de curiosidade no rosto, mas sem nenhum sinal de apreensão ou medo. Depois, voltou-se para os três adultos que acompanhavam Wanda.

- Mãe, pai e avô... estou certa? - perguntou, com um sorriso.

- Acertou em cheio - respondeu Seldon.

Raych e Manella se limitaram a olhar para ela, com uma expressão preocupada.

- Wanda - começou a médica. - Seu nome é Wanda, não é?

- Sim senhora - respondeu a menina.

- Vou lhe explicar exatamente o que Vou fazer. Você é destra, suponho.

- Sim senhora.

- Muito bem. Vou passar um pouco de anestésico no seu braço esquerdo. Vai sentir apenas uma friagem na pele, nada mais. Em seguida, Vou raspar um pedacinho de pele. Não vai sentir nenhuma dor, não vai sair sangue e não vai ficar nenhuma marca. Quando eu terminar, Vou passar um pouco de desinfetante. Tudo isso vai levar apenas alguns minutos. Tudo bem?

- Tudo bem - disse Wanda, estendendo o braço.

Quando a coleta de material terminou, a Dra. Endelecki disse:

- Vou observar a amostra ao microscópio, escolher uma célula em bom estado e colocar o meu analisador de genes para funcionar. Ele vai fazer um levantamento dos nucleotídeos, um por um. Como são bilhões de posições, o processo levará várias horas. É tudo automático, naturalmente, de modo que não vamos ficar aqui parados, esperando. Depois de levantado o genoma, será preciso um tempo ainda maior para analisá-lo. Se quiserem um trabalho completo, terão que esperar umas duas semanas. É por isso que o exame é tão caro; o processo é lento e trabalhoso. Quando estiver tudo pronto, ligarei para vocês. - Deu as costas ao grupo, como se eles estivessem dispensados, e começou a trabalhar com o equipamento reluzente que estava sobre a mesa.

- Se encontrar alguma coisa fora do comum, gostaria que me comunicasse imediatamente - pediu Seldon. - Quero dizer: não espere para fazer uma análise completa se observar alguma coisa na primeira hora, digamos. Neste caso, o tempo pode ser precioso.

- A probabilidade de que eu encontre alguma coisa na primeira hora é muito pequena, professor Seldon, mas prometo entrar em contato com o senhor se descobrir alguma anormalidade.

Manella segurou Wanda pelo braço e saiu do consultório com passos firmes. Raych seguiu as duas, arrastando os pés. Seldon ficou para trás e disse:

- Este exame é mais importante do que a senhora pensa, Dra. Endelecki.

- Fique tranquilo, professor. Vou fazer um bom trabalho.

Seldon saiu, sentindo-se um pouco frustrado. De onde tirara a ideia de que seria possível levantar o genoma em cinco minutos e interpretá-lo em outros cinco? Na verdade, teria que esperar semanas para saber alguma coisa.

Franziu a testa. Chegaria um dia a dar prosseguimento ao seu plano de estabelecer uma Segunda Fundação, ou tudo não passava de um sonho impossível?

7

Hari Seldon entrou no consultório da Dra. Endelecki e cumprimentou-a com um sorriso nervoso.

- A senhora falou em duas semanas, doutora. Já faz mais de um mês - observou.

A Dra. Endelecki fez que sim com a cabeça.

- Desculpe, professor Seldon, mas eu queria ter certeza dos meus resultados.

- E então? Que foi que a senhora encontrou?

- Cento e poucos genes defeituosos.

- O quê? Genes defeituosos? Está falando sério?

- Claro que estou. E daí? Não existe nenhum genoma que não tenha pelo menos cem genes defeituosos; geralmente, encontramos um número muito maior. Não precisa se preocupar com isso.

- Se a senhora está dizendo...

A Dra. Endelecki suspirou e ajeitou-se na cadeira.

- O senhor não conhece muita coisa sobre genética, não é mesmo?

- Tem razão. Sabe como é, não se pode entender de tudo.

- É verdade. Eu, por exemplo, não sei nada sobre essa sua... como é mesmo o nome?... sobre essa sua psico-história. - A Dra. Endelecki deu de ombros e prosseguiu.

- Se quisesse me explicar do que se trata, teria que começar do início, e mesmo assim talvez eu não entendesse muita coisa. Mas voltando ao genoma da sua neta...

- Sim?

- Um gene imperfeito em geral não significa nada. Existem alguns genes defeituosos que podem provocar doenças terríveis, mas eles são raros. A maioria

dos genes defeituosos simplesmente não funciona com cem por cento de eficiência. São como uma roda ligeiramente desalinhada. O veículo perde um pouco de estabilidade, mas continua em condições de trafegar.

- Wanda está nesse caso?

- Está. Mais ou menos. Afinal de contas, se todos os genes fossem perfeitos, nós todos teríamos a mesma aparência e nos comportaríamos da mesma forma. São as diferenças nos genes que fazem as pessoas serem diferentes.

- Mas esses defeitos não pioram com a idade?

- Pioram. Todos nós sofremos os efeitos da passagem do tempo. Reparei que você manca ligeiramente. Por quê?

- Dor ciática.

- Nasceu com ela?

- Claro que não.

- Pois é. Alguns dos seus genes pioraram com o tempo e fazem você mancar.

- O que vai acontecer mais tarde com Wanda?

- Não sei. Não posso prever o futuro, professor; acredito que esta seja a sua especialidade. Entretanto, se eu fosse arriscar um palpite, diria que nada de extraordinário vai acontecer com Wanda, pelo menos do ponto de vista genético, além dos efeitos normais da velhice.

- Tem certeza? - perguntou Seldon.

- Como eu já disse, é apenas um palpite. O senhor queria conhecer o genoma de Wanda e correu o risco de descobrir coisas que talvez fosse melhor não saber. Eu lhe asseguro, porém, que não encontrei nada de muito errado nos padrões genéticos da menina.

- Esses genes imperfeitos... será que devemos consertá-los? É possível consertá-los?

- A resposta é não para as duas perguntas. Em primeiro lugar, qualquer tentativa de intervenção seria extremamente dispendiosa. Em segundo lugar, a probabilidade de conseguirmos uma mudança permanente seria reduzida. E, finalmente, este tipo de operação não é aprovado pela sociedade em geral.

- Por quê?

- Porque a sociedade em geral não aprova a ciência. O senhor devia saber disso melhor do que ninguém, professor. Infelizmente, desde a morte de Cleon, o misticismo vem se tornando cada vez mais popular. As pessoas não querem saber de consertar os genes através de métodos científicos. Preferem curar-se por imposição de mãos ou outra farsa do gênero. Francamente, estou encontrando cada vez maior dificuldade para prosseguir nas minhas pesquisas.

As verbas praticamente desapareceram. Seldon fez que sim com a cabeça.

- Compreendo muito bem este problema. Ele é explicado pela psico-história, mas eu não sabia que a situação estava se deteriorando tão depressa. Tenho estado ocupado demais com o meu trabalho para olhar o que se passa em torno. - Suspirou. - Há mais de quarenta anos que estou vendo o Império Galáctico se desintegrar, mas agora o colapso se acelerou. Não creio que seja possível aplicar a tempo as medidas necessárias para interromper o processo.

- Está trabalhando para isso? - perguntou a Dra. Endelecki, surpresa.

- Estou, sim.

- Boa sorte... Quanto à sua dor ciática, sabia que cinquenta anos atrás seria possível curá-la? Hoje, infelizmente, não é mais possível.

- Por quê?

- Porque os aparelhos necessários não existem mais, e os especialistas nesse tipo de problema estão trabalhando em outras coisas. A medicina está em decadência.

- Como tudo mais - murmurou Seldon. - Mas vamos voltar a Wanda. Acho que ela é uma mocinha fora do comum, com um cérebro privilegiado. O que é que os genes têm a dizer a respeito do cérebro de Wanda?

A Dra. Endelecki recostou-se na cadeira.

- Professor Seldon, o senhor sabe quantos genes são responsáveis pelo funcionamento do cérebro?

- Não.

- Como deve saber, de todos os órgãos do corpo humano, o cérebro é o mais complexo. Na verdade, até onde sabemos, não existe nada no universo que seja mais complexo que o cérebro humano. Assim, não ficará surpreso quando eu lhe disser que o funcionamento do cérebro é controlado por milhares de genes.

- Milhares?

- Milhares. É impossível examinar esses genes, um por um, e deduzir alguma coisa sobre o cérebro de Wanda que o diferencie dos cérebros de outras meninas. Wanda, como o senhor diz, pode ser uma menina fora do comum, com um cérebro fora do comum, mas não vejo nada no seu genoma que me diga alguma coisa a respeito do seu cérebro, além, naturalmente, do fato de que ele é normal.

- A senhora seria capaz de encontrar outras pessoas cujos genes ligados ao desenvolvimento do cérebro sejam semelhantes aos de Wanda? Pessoas com o mesmo "padrão cerebral"?

- Acho muito difícil. Mesmo que houvesse outro cérebro parecido com o dela, as diferenças a nível genético seriam enormes. Seria inútil procurar

semelhanças. Diga-me, professor, o que o faz acreditar que o cérebro de Wanda seja tão especial?

Seldon sacudiu a cabeça.

- Sinto muito. Não posso discutir esse assunto com a senhora.

- Nesse caso, tenho certeza de que não posso ajudá-lo. Como descobriu que o cérebro de Wanda tinha essas qualidades que o senhor não pode discutir comigo?

- Foi um acidente - respondeu Seldon. - Um mero acidente.

- Nesse caso, vai ter que descobrir outros cérebros iguais ao dela também por acidente. Não vejo outro meio.

Os dois ficaram em silêncio por alguns momentos. Finalmente, Seldon perguntou:

- A senhora tem mais alguma coisa para me contar?

- Acho que não. Receberá a minha conta pelo correio. Seldon levantou-se com esforço. A dor ciática o estava incomodando.

- Nesse caso, muito obrigado, doutora. Até a vista. Hari Seldon saiu do consultório sem saber o que faria em seguida.

8

Como a maior parte dos intelectuais, Hari Seldon usava constantemente a Biblioteca Imperial. Em geral, fazia suas consultas por computador, mas às vezes visitava-a pessoalmente, mais para fugir às pressões do Projeto de Psico-história do que por real necessidade. Nos últimos dois anos, desde que formulara pela primeira vez o plano para encontrar outros como Wanda, mantinha também um escritório particular na biblioteca, para ter acesso imediato aos dados ali armazenados.

Desta vez, porém, estava ali com o propósito específico de conversar com Lãs Zenow. Seria a primeira vez que os dois se encontravam pessoalmente.

Não era fácil conseguir uma entrevista com o bibliotecário-chefe da Biblioteca Imperial. Ele ocupava um cargo considerado tão importante que se costumava dizer que quando o imperador queria falar com o bibliotecário-chefe, tinha que ir até a biblioteca e esperar a sua vez.

Seldon, porém, não teve nenhum problema. Zenow conhecia-o muito bem de nome.

- É uma honra, primeiro-ministro - disse, à guisa de saudação.

Seldon sorriu.

- Sabe que deixei o cargo há quatorze anos.

- A honra do título ainda é sua. Apreciamos sua firme posição contra a brutal ditadura militar. A junta, em várias ocasiões, violou o princípio sagrado de neutralidade e disponibilidade universal da biblioteca.

(Ah, pensou Seldon, foi por isso que ele prontamente concordou em me receber!)

- Obrigado - respondeu, em voz alta.

- Que posso fazer pelo senhor? - perguntou Zenow, olhando automaticamente para o relógio na parede.

- O que vim lhe pedir não é simples - começou Seldon.

- Preciso de mais espaço na biblioteca. Gostaria de instalar aqui alguns colaboradores. Necessito de sua permissão para iniciar um projeto demorado e complexo, mas de grande importância.

O rosto de Lãs Zenow se contraiu em uma expressão de desagrado.

- Está pedindo muita coisa. Pode explicar a importância de tudo isso?

- Posso. O Império se encontra em um processo de desintegração.

Houve um longo silêncio. Depois, Zenow disse:

- Ouvi falar de suas pesquisas no campo da psico-história. Soube que nesses estudos está implícita a possibilidade de prever o futuro. É de previsões desse tipo que está falando?

- Não. Ainda não chegamos ao ponto de poder falar do futuro com segurança. Mas não é preciso a psico-história para saber que o Império está se desintegrando. As provas estão aí para quem quiser ver.

Zenow suspirou.

- Meu trabalho na biblioteca me absorve totalmente, professor Seldon. Não entendo nada de política.

- Se duvida, consulte as informações disponíveis aqui mesmo na sua biblioteca.

- Infelizmente, há muito tempo não faço isso - afirmou Zenow, com um sorriso triste. - Conhece o velho provérbio: "Em casa de ferreiro, o espeto é de pau." Eu tinha a impressão, porém, de que o Império estava em fase de recuperação. Afinal de contas, temos novamente um imperador.

- Apenas no nome, meu amigo. Na maioria das províncias da periferia, o nome do imperador é mencionado nas cerimônias oficiais, mas isso é tudo. As províncias formulam a sua própria política econômica e, mais importante ainda, controlam as forças armadas locais, que não estão sujeitas à autoridade do governo central. Se o imperador tentasse impor sua vontade fora da região

central, dificilmente seria obedecido. Não dou vinte anos para que algumas das Províncias Exteriores declarem sua independência.

Zenow suspirou novamente.

- Se o senhor está certo, tempos difíceis nos aguardam. O que isto tem a ver com o seu desejo de montar um escritório para o senhor e seus colaboradores aqui na biblioteca?

- Se o Império se desintegrar, a Biblioteca Imperial pode ser uma das vítimas da catástrofe.

- Oh, isso não vai acontecer! - exclamou Zenow. - Mesmo em tempos de crise, todos sempre compreenderam que a biblioteca, o repositório de todos os conhecimentos humanos, deve permanecer intocada. O mesmo vai acontecer no futuro.

- Não esteja tão certo. O senhor mesmo disse que a junta militar violou a neutralidade da biblioteca.

- Eles não causaram grandes prejuízos.

- Da próxima vez, a coisa pode ser mais séria. Não podemos permitir que o repositório dos conhecimentos humanos seja destruído.

- Como espera evitar que isso aconteça? Instalando-se aqui?

- Não. Levando adiante um projeto em que estou trabalhando. Pretendo criar uma grande enciclopédia onde estejam contidos todos os conhecimentos que serão necessários para que a humanidade reconstrua a civilização, caso os nossos piores temores se concretizem. Será uma espécie de "Enciclopédia Galáctica". Não vamos precisar de tudo que está guardado nas bibliotecas; apenas as informações essenciais.

- E se essa enciclopédia também for destruída?

- Espero que não seja. Pretendo encontrar um planeta localizado em uma região remota da galáxia, para onde eu possa transferir meus enciclopedistas e onde eles possam trabalhar em paz. Até encontrar esse lugar, porém, gostaria que o núcleo do grupo trabalhasse aqui e usasse os recursos da biblioteca para definir o que será necessário para o projeto.

Zenow fez uma careta.

- Sua ideia é muito louvável, professor Seldon, mas não posso lhe garantir nada.

- Por que não?

- Porque o bibliotecário-chefe não é um ditador. Terei que submeter sua proposta à diretoria, e não tenho grande esperança de que ela seja aprovada.

- Estou perplexo.

- Pois é verdade. Não estou em bons termos com a diretoria. Eles vêm lutando há vários anos para restringir o acesso à biblioteca e sempre fui contra.

Agora, ficaram zangados porque eu lhe cedi um pequeno escritório.

- Restringir o acesso?

- Exatamente. Querem que todo mundo que necessite de informações procure um bibliotecário, que então se encarregará de obter a informação solicitada. A diretoria não quer que as pessoas entrem livremente na biblioteca e operem os computadores. Dizem que as despesas de manutenção dos computadores e outros equipamentos da biblioteca estão ficando proibitivas.

- Mas isso é impossível! Existe uma tradição milenar no sentido de manter a biblioteca aberta a todos!

- É verdade, mas, nos últimos anos, as verbas para a biblioteca foram cortadas drasticamente e os recursos estão ficando escassos.

Seldon coçou o queixo.

- Se as verbas foram cortadas, imagino que vocês tiveram que congelar os salários e demitir funcionários, ou pelo menos não contratar mais ninguém.

- Exatamente.

- Nesse caso, não será impraticável aumentar a carga de trabalho dos funcionários que restaram exigindo que eles atendam aos pedidos do público?

- A ideia é não atender a todos os pedidos do público, mas apenas aqueles que considerarmos importantes.

- Quer dizer que biblioteca não só deixaria de ser aberta como também deixaria de ser completa?

- Infelizmente, sim.

- Não acredito que um bibliotecário tenha tido coragem de propor uma coisa dessas!

- O senhor não conhece Gennaro Mummery, professor Seldon. - Quando Seldon não deu sinal de ter reconhecido o nome, Zenow prosseguiu: - Ele é o líder do grupo que pretende restringir o acesso à biblioteca. Já tem muitos adeptos na diretoria. Se eu deixar o senhor e o seu grupo se instalarem na biblioteca, vários membros da diretoria que não estão do lado de Mummery, mas que se opõem a qualquer intervenção externa na biblioteca, podem se sentir tentados a apoiá-lo.

Nesse caso, serei forçado a renunciar ao cargo de bibliotecário-chefe.

- Escute aqui - disse Seldon, com súbita energia. - Essa história de restringir o acesso à biblioteca, de negar informações ao público, todas essas demissões e cortes de verbas, isso tudo é sinal de que o Império já está se desintegrando. Não concorda?

- Pode ser que tenha razão.

- Então deixe-me falar à diretoria. Quero explicar a eles o que o futuro nos aguarda e o que pretendo fazer. Talvez consiga convencê-los, como convenci

o senhor.

Zenow pensou por um momento.

- Está bem, mas não garanto os resultados.

- Tenho que tentar. Deixo as providências por sua conta. Eu gostaria de ter um encontro com a diretoria o mais cedo possível.

Seldon saiu da biblioteca em um clima de incerteza. Tudo que contara ao bibliotecário-chefe era verdadeiro... e trivial. A verdadeira razão pela qual queria usar a biblioteca não fora mencionada.

Em parte, isso se devia ao fato de que nem ele próprio sabia exatamente o que queria.

9

Hari Seldon estava sentado à cabeceira de Yugo Amaryl, com toda a paciência e muita tristeza no coração. Yugo estava muito doente. Os médicos nada podiam fazer para ajudá-lo, mesmo que quisesse recorrer a eles, o que não era o caso.

Tinha apenas 54 anos. Seldon estava com 66 e gozava de excelente saúde, com exceção da dor ciática ou o que quer que fosse que o fazia mancar.

Amaryl abriu os olhos.

- Ainda está aí, Hari?

Seldon fez que sim com a cabeça.

- Não Vou abandonar você.

- Até que eu morra?

- Sim. - Em seguida, acrescentou, em um rompante: - Por que fez isso, Yugo? Se tivesse se cuidado, poderia viver mais vinte, trinta anos.

Amaryl sorriu debilmente.

- Me cuidado? Está falando em tirar férias? Ir para o interior? Me distrair com frivolidades?

- Isso. Isso.

- Das duas, uma: ou eu ficaria louco para voltar para meu trabalho, ou me acostumaria com uma vida de lazer e os vinte ou trinta anos de que está falando não serviriam para nada. Olhe para você.

- O que quer dizer?

- Você foi primeiro-ministro durante dez anos. Qual foi a sua produção

científica nesse período?

- Dediquei um quarto do meu tempo à psico-história - declarou Seldon.

- Está exagerando. Se não fosse por mim, que continuei trabalhando em tempo integral, a psico-história teria estacionado.

Seldon fez que sim com a cabeça.

- Tem razão, Yugo. Sou-lhe grato por isso.

- E agora, que você passa metade do tempo ocupado com a burocracia, quem é que faz o trabalho de verdade? Quem?

- Você, Yugo.

- Exatamente. - Yugo tornou a fechar os olhos.

- No entanto, você sempre quis assumir o meu lugar, com burocracia e tudo, se vivesse mais do que eu - afirmou Seldon.

- Não senhor! Eu queria ser o chefe do projeto para ter certeza de que tudo continuaria a ser feito corretamente, mas pretendia delegar todas as tarefas burocráticas.

Amaryl estava respirando com dificuldade, mas seus olhos se abriram e se fixaram em Seldon. Ele perguntou:

- Que vai acontecer com a psico-história quando eu não estiver mais aqui? Já pensou nisso?

- Sim, já pensei. E quero conversar com você a respeito. Fique sabendo, Yugo, que a psico-história vai passar por uma revolução!

Amaryl franziu a testa.

- Que tipo de revolução? Não estou gostando do seu tom.

- Preste atenção. A ideia foi sua. Faz alguns anos, você me disse que devíamos estabelecer duas Fundações. Separadas, isoladas e seguras, preparadas para se tornarem o núcleo de um Segundo Império. Lembra-se disso?

- As equações psico-históricas...

- Eu sei. Elas sugeriam isso. Estou trabalhando neste projeto, Yugo. Consegui um escritório na Biblioteca Imperial...

- Na Biblioteca Imperial? - Amaryl parecia surpreso. - Não gosto deles. Um bando de idiotas pretensiosos.

- O bibliotecário-chefe, Lãs Zenow, até que é uma boa pessoa, Yugo.

- Conhece um bibliotecário chamado Mummery? Gennaro Mummery?

- Não, mas já ouvi falar dele.

- É um cretino. Tivemos uma discussão uma vez, quando me acusou de não ter devolvido um livro. Eu estava inocente e fiquei muito aborrecido, Hari. De repente, me senti como se estivesse em Dahl. Uma coisa que não falta no vocabulário dos dahlitas, Seldon, são palavras de baixo calão. Acho que usei algumas quando disse a ele que estava prejudicando a psico-história e passaria à

história como um vilão. Em vez de "vilão", usei um termo bem mais forte. - Amaryl deu uma risadinha. - O homem ficou sem fala.

De repente, Seldon compreendeu a razão da animosidade de Mummery com relação a pessoas de fora em geral e com relação à psico-história em particular, mas não disse nada.

- Você se lembra, Yugo, de que queria duas Fundações, para termos uma garantia extra, caso uma delas não desse certo? Pois nós fomos além.

- De que forma?

- Lembra-se de que Wanda leu a sua mente e viu que alguma coisa estava errada com uma das equações do Primeiro Radiante?

- Perfeitamente.

- Pois estamos trabalhando para localizar outras pessoas como ela. Teremos uma Fundação formada por cientistas convencionais, que preservará os conhecimentos da humanidade e servirá de núcleo para o Segundo Império. E teremos uma Segunda Fundação, formada apenas por psico-historiadores... indivíduos com poderes telepáticos, capazes de estudar os segredos da psico-história como se fossem uma única criatura. Eles ficarão encarregados de introduzir melhorias no plano de reconstrução da sociedade. Estarão perpetuamente nos bastidores, vigiando. Serão os guardiões do Império.

- Esplêndido! - exclamou Amaryl. - Esplêndido! Acho que escolhi o momento certo para morrer. Minha missão está cumprida.

- Não diga isso, Yugo.

- É verdade, Hari. Estou cansado demais para continuar. Obrigado... obrigado... por me contar a respeito da revolução. Estou muito... feliz... feliz... fe...

Foram suas últimas palavras.

Seldon começou a chorar. Mais um amigo que partia. Demerzel, Cleon, Dors e agora Yugo... deixando-o mais vazio e solitário do que nunca.

E a revolução graças à qual Amaryl morrera feliz talvez jamais se concretizasse. Conseguiria permissão para usar a biblioteca? Conseguiria encontrar outros iguais a Wanda? Mais importante ainda: conseguiria fazer tudo isso a tempo?

Seldon tinha 66 anos. Se tivesse começado aquela revolução aos 32 anos, quando chegara a Trantor, seria outra história.

Agora, talvez fosse tarde demais...

10

Gennaro Mummery o fez esperar. Era uma falta de consideração deliberada, que chegava às raias da insolência, mas Hari não se deixou abalar.

Afinal de contas, precisava de Mummery e não adiantava se irritar com o bibliotecário. Pelo contrário, isso só serviria para deixá-lo satisfeito.

Assim, Seldon esperou pacientemente até que Mummery se dignou aparecer. Era a primeira vez que se encontravam.

Mummery era baixo e roliço, com uma cara redonda e uma pequena barba preta. Estava com um sorriso no rosto, mas pela falta de humor, Seldon suspeitou que se tratasse de apenas um esgar. O sorriso revelava dentes amarelos e o chapéu regulamentar de Mummery era da mesma cor, com uma fita castanha.

Seldon sentiu uma ponta de náusea. Mummery era o tipo de pessoa capaz de despertar uma antipatia instantânea.

- Que posso fazer pelo senhor? - perguntou Mummery, de chofre. Olhou para o relógio na parede, mas não pediu desculpas por chegar atrasado.

- Vim aqui para lhe pedir que não se oponha a minha presença na biblioteca - disse Seldon.

Mummery fez um gesto vago.

- Está aqui há dois anos. A que oposição se refere?

- Até agora, o grupo de diretores que o apoiam ainda não é maioria, mas haverá outra reunião mês que vem e Zenow me disse que o resultado da votação é incerto.

Mummery deu de ombros.

- É verdade. Pode ser muito bem que a sua concessão... se é que podemos chamá-la assim... seja renovada.

- Mas quero mais do que isso. Quero trazer para cá alguns colaboradores. O projeto no qual estou trabalhando, a criação de um grupo capaz de preparar uma enciclopédia muito especial, não pode ser executado por uma única pessoa.

- Seus amigos podem trabalhar onde quiserem. Trantor é muito grande.

- Precisamos trabalhar na biblioteca. Sou um homem velho, e este projeto é urgente.

- Quem pode impedir a passagem do tempo? Não acho que a diretoria vá concordar com o seu pedido. Não acha que está passando dos limites, professor?

(Acho, sim, pensou Seldon, mas não disse nada.)

- Não consegui impedir que se instalasse aqui, professor - disse Mummery, - mas acho que conseguirei manter seus amigos do lado de fora.

Seldon percebeu que a conversa não estava levando a nada. Resolveu ser um pouco mais franco.

- Espero que compreenda a importância do trabalho que estou realizando - argumentou.

- Está se referindo à sua psico-história? Ora, ora... está trabalhando nela há quanto tempo? Quarenta anos? O que tem para mostrar?

- É justamente esse o ponto. Estamos no limiar de uma grande descoberta.

- Pois que essa descoberta seja feita na universidade. Por que tem de ser feita aqui na biblioteca?

- Sei o que o senhor quer: fechar a biblioteca ao público. Isso seria jogar por terra uma tradição milenar. Como tem coragem de pensar em um absurdo tão grande?

- Não é uma questão de coragem, mas de falta de dinheiro. O bibliotecário-chefe deve ter lhe contado os problemas que estamos enfrentando. As verbas foram cortadas, o número de funcionários diminuiu, o prédio está caindo aos pedaços. Que vamos fazer? Precisamos economizar, reduzir nossos serviços. E justo nessa hora vem nos pedir mais espaço e equipamentos?

- Esta situação já foi levada ao conhecimento do imperador?

- Professor, o senhor deve estar sonhando. Não é verdade que a sua psico-história revela que o Império está se deteriorando? Algumas pessoas o apelidaram de "Corvo"

Seldon, comparando-o a um legendário pássaro de mau agouro.

- É verdade que tempos difíceis nos esperam.

- E o senhor acredita que a biblioteca seja imune há esses tempos difíceis? Professor, a biblioteca é a minha vida e quero que ela continue a existir, mas não continuará a existir a menos que encontremos meios de esticar nosso limitado orçamento. E o senhor chega aqui querendo se aproveitar da biblioteca para seu proveito pessoal? Sinto muito, mas isso não será possível.

- E se eu arranjar dinheiro para vocês? - perguntou Seldon, em desespero.

- Como?

- Posso falar com o imperador. Já fui primeiro-ministro. Ele terá que me ouvir.

- Acha que vai conseguir arrancar dinheiro dele? - Mummery riu.

- Se eu conseguir, se a verba da biblioteca for aumentada, o senhor permitirá que eu traga meus assistentes?

- Traga antes o dinheiro - disse Mummery - e verei o que posso fazer.

Mas acho que não vai conseguir o dinheiro.

Ele parecia muito seguro do que dizia e Seldon imaginou quantas vezes a biblioteca teria apelado inutilmente ao imperador. E se a sua intermediação faria alguma diferença.

11

O imperador Agis XIV não tinha nenhum direito de usar esse nome. Ele o adotara, ao subir ao trono, com o propósito deliberado de ser confundido com os Agis que haviam governado dois mil anos antes, quase todos com muita competência, especialmente Agis VI, que reinara durante 42 anos e mantivera a ordem em um Império próspero com pulso firme mas sem abusar da autoridade.

De acordo com os registros holográficos, Agis XIV não se parecia nem um pouco com os antigos Agis. Entretanto, verdade seja dita, Agis XIV tampouco se parecia com a holografia oficial que era distribuída ao público. Na verdade, pensou Hari Seldon, com uma ponta de nostalgia, o imperador Cleon, com todas as suas fraquezas, pelo menos tinha um porte imponente.

O mesmo, porém, não se podia dizer de Agis XIV. Seldon nunca o vira antes de perto e as poucas holografias que conhecia eram extremamente lisonjeiras. O hológrafo da corte era um excelente profissional, pensou Seldon ironicamente.

Agis XIV era baixinho, tinha feições pouco atraentes e olhos saltados que não pareciam exibir o brilho da inteligência. Sua única qualificação para o trono era o fato de ser parente colateral de Cleon.

Para lhe fazer justiça, porém, jamais tentara desempenhar o papel de um poderoso imperador. Pelo contrário, gostava de ser chamado de "Cidadão Imperador" e apenas o protocolo e os protestos escandalizados da Guarda Imperial o impediam de entrar na Cúpula e vagar pelas ruas de Trantor. Diziam os boatos que, se dependesse dele, apertaria as mãos dos cidadãos comuns e ouviria pessoalmente suas queixas.

(O que o faz subir no meu conceito, pensou Seldon, mesmo que jamais venha a tornar-se realidade.)

Depois de fazer uma mesura, Seldon disse:

- Obrigado, majestade, por me receber.

Agis XIV tinha uma voz firme e melodiosa, que não combinava com a sua aparência. Ele respondeu:

- Um ex-primeiro-ministro tem seus privilégios, mas foi preciso certa coragem de minha parte para atender ao seu pedido.

Havia humor nas suas palavras e Seldon se surpreendeu pensando que um homem podia não parecer inteligente e mesmo assim ser muito inteligente.

- Coragem, majestade? - disse, em voz alta.

- Naturalmente. Não o chamam de "Corvo" Seldon?

- Majestade, ouvi esta expressão pela primeira vez faz pouco tempo.

- Aparentemente, ganhou esse apelido porque a psico-história prevê a queda do Império.

- A queda é apenas uma possibilidade, majestade...

- Foi por isso que associaram seu nome ao de um pássaro de mau agouro. Acontece que, na minha opinião, o pássaro de mau agouro é você, e não a psico-história.

- Espero que não, majestade.

- Ora, ora. O passado não deixa margem a dúvidas. Eto Demerzel, o primeiro-ministro do imperador Cleon, ficou impressionado com o seu trabalho e veja o que aconteceu: teve que renunciar ao cargo e deixar Trantor para sempre. O próprio Cleon ficou impressionado com o seu trabalho e veja o que aconteceu: foi assassinado. A junta militar ficou impressionada com o seu trabalho e veja o que aconteceu: foi deposta. Até os joranumitas, pelo que dizem, ficaram impressionados com o seu trabalho e foram todos presos. Agora, Corvo Seldon, você vem falar comigo. O que devo esperar?

- Ora, nada de mau, majestade.

- Também espero, porque, ao contrário de todos os outros que mencionei, não estou impressionado com o seu trabalho. Agora diga-me o que deseja.

Escutou atentamente, e sem interromper, enquanto Seldon explicava a importância de estabelecer uma Fundação destinada a preparar uma enciclopédia capaz de preservar os conhecimentos humanos se o pior viesse a acontecer.

- Pelo que vejo - disse Agis XIV, quando ele terminou, - você está realmente convencido de que a queda do Império é questão de tempo.

- Há uma alta probabilidade de que isso ocorra, majestade, e não devemos ficar de braços cruzados. Em outras palavras: gostaria de evitar a queda do Império se isso for possível e minimizar os efeitos dessa queda se não for.

- Corvo Seldon, se você continuar a meter o nariz nesses assuntos, tenho certeza de que o Império vai cair!

- Estou pedindo apenas permissão para trabalhar, majestade.

- Ora, isso você já tem. Não sei o que deseja de mim. Por que me contou

essa história a respeito de uma enciclopédia?

- Porque gostaria de trabalhar na Biblioteca Imperial, majestade. Mais precisamente, gostaria que outros trabalhassem comigo na biblioteca.

- Asseguro-lhe que não pretendo impedi-lo.

- Isso não basta, majestade. Preciso da sua ajuda.

- Que tipo de ajuda, Sr. Ex-primeiro-ministro?

- Financeira, majestade. Se a biblioteca não receber um reforço de verba, terá que fechar as portas ao público e me despejar.

- Dinheiro! Você me procurou para pedir dinheiro? - perguntou o imperador, em tom surpreso.

- Exatamente, majestade.

Agis XIV levantou-se, agitado. Seldon levantou-se também, mas Agis fez um gesto para que permanecesse sentado.

- Sente-se. Não me trate como um imperador. Não sou um imperador. Não queria este cargo, mas obrigaram-me a aceitá-lo. Eu era o parente mais próximo de Cleon. Eles me disseram que o Império precisava de um imperador. É por isso que estou aqui. Dinheiro! Você espera que eu tenha dinheiro! Diz que o Império está se desintegrando. De que forma acredita que ele vai se desintegrar? Está pensando em uma revolução? Em uma guerra civil? Em tumultos aqui e ali? Não. Pensa em dinheiro. Sabia que estou impossibilitado de arrecadar impostos em metade das províncias do Império? Elas ainda fazem parte do Império, prestam homenagem ao imperador, mas não me pagam nada e não tenho força suficiente para cobrar o que me devem. E se não pagam nada, não pertencem realmente ao Império, não é mesmo? Dinheiro! O Império está enfrentando um *déficit* crônico de gigantescas proporções. Não há dinheiro para nada. Pensa que tenho dinheiro para cuidar dos Jardins Imperiais? Sou forçado a economizar. A adiar reformas necessárias.

"Professor Seldon, se é de dinheiro que precisa, veio ao lugar errado. Onde vou arranjar verbas para a biblioteca? Eles deviam ficar agradecidos porque ainda estão incluídos no orçamento."

O imperador mostrou as mãos com as palmas para cima, como que para indicar que os cofres imperiais estavam vazios. Hari Seldon estava perplexo. Ele disse:

- Majestade, mesmo que lhe falte dinheiro, ainda lhe resta a autoridade. Não pode ordenar que a biblioteca me permita conservar meu escritório e deixe meus assistentes me ajudarem nesta tarefa vital?

Agis XIV tornou a sentar-se, como se estivesse aliviado porque o assunto não era mais dinheiro.

- Professor Seldon, deve saber que, segundo uma tradição milenar, a

biblioteca é independente do Estado. Ela estabelece suas próprias regras e vem fazendo isso desde o dia em que Agis VI, meu homônimo - ele sorriu, - tentou controlar as notícias divulgadas pela biblioteca. Ele fracassou. E se o grande Agis VI fracassou, como espera que eu tenha sucesso?

- Não estou lhe pedindo para usar a força, majestade, mas apenas para expressar o seu desejo. Como o funcionamento normal da biblioteca não será prejudicado, eles terão prazer em fazer a vontade do imperador.

- Professor Seldon, estou vendo que sabe muito pouco sobre a biblioteca. Basta que eu manifeste um desejo, mesmo que da forma mais discreta e educada, para que eles insistam em fazer o oposto. Não admitem nem a insinuação de que o governo está interferindo nas suas decisões.

- Nesse caso, o que devo fazer? - perguntou Seldon.

- Tive uma ideia. Como qualquer cidadão, posso visitar a biblioteca na hora que quiser. Ela fica no complexo do palácio, de modo que não estarei quebrando nenhum protocolo. Por que não vai comigo e nos portamos como velhos amigos? Não vou pedir nada, mas se nos virem juntos, talvez alguns membros da diretoria encarem o seu pedido com mais simpatia. Isso é tudo que posso fazer.

E Seldon, desapontado, ficou imaginando se isso seria suficiente.

12

Lãs Zenow disse, com uma certa admiração na voz:

- Eu não sabia que o senhor era tão amigo do imperador, professor Seldon.

- Por que não? Ele é um sujeito muito democrático e estava interessado em minhas experiências como primeiro-ministro, no tempo de Cleon.

- Para nós, foi um acontecimento fora do comum. Há muitos anos que não recebemos a visita de um imperador. Em geral, quando o imperador precisa de alguma coisa da biblioteca...

- Já sei. Manda que a informação seja entregue no palácio.

- Uma vez alguém sugeriu que o imperador recebesse um conjunto completo de computadores ligados aos nossos bancos de dados. Isso foi nos velhos tempos, quando havia dinheiro de sobra, mas mesmo assim a proposta foi recusada.

- Verdade?

- Oh, sim. A diretoria achou que a independência da biblioteca ficaria ameaçada se o imperador tivesse acesso direto às informações.

- E essa mesma diretoria que não se curvou às conveniências de um imperador, concordou em me deixar permanecer na biblioteca?

- Concordou, pelo menos por enquanto. Muitos pensam, e fiz o possível para apoiar essa ideia, que se não tratarmos bem um amigo pessoal do imperador, estaremos jogando fora a última chance de que haja um reforço de verba...

- De modo que, mais uma vez, é o dinheiro que fala.

- Infelizmente, sim.

- E Vou poder trazer meus assistentes? Zenow pareceu envergonhado.

- Temo que não. O imperador foi visto passeando com o senhor, não com seus assistentes. Sinto muito, professor.

Seldon deu de ombros e se sentiu tomado por profunda depressão.

Na verdade, ainda não dispunha de assistentes. Há algum tempo que procurava outros iguais a Wanda, sem sucesso. Ele também precisava de dinheiro para uma busca mais minuciosa. E ele também estava sem recursos.

13

Trantor, a capital do Império, mudara consideravelmente desde o dia em que Hari desembarcara pela primeira vez no planeta. Seria a névoa nacarada da memória de um velho que emprestava um brilho tão grande à Trantor de outrora?, pensou Seldon. Ou talvez fosse a exuberância da juventude - como um jovem de um mundo provinciano como Helicon podia deixar de se impressionar com as torres reluzentes, as cúpulas cintilantes, as multidões coloridas que circulavam, dia e noite, pelas ruas de Trantor.

Agora, pensou Hari, com tristeza, as ruas estão quase desertas, mesmo durante o dia. Bandos de desocupados controlavam várias regiões da cidade, competindo entre si pelos territórios. A Polícia Imperial tivera seus efetivos reduzidos; os poucos que restavam estavam concentrados na área do palácio ou trabalhavam no escritório central. Naturalmente, os guardas eram despachados para atender a emergências, mas só chegavam ao local depois que o crime tinha sido cometido; não estavam mais nas ruas para proteger os cidadãos de Trantor. Quem saía de casa sabia que estava correndo um risco calculado, um risco que

não era pequeno. Hari Seldon era um dos que preferiam correr esse risco, passeando diariamente a pé, como se desafiando as forças que estavam destruindo o Império e tentavam destruí-lo também.

Assim, Hari Seldon prosseguiu a caminhada, mancando e pensando na vida.

Nada tinha dado certo. Nada. Não conseguira identificar o padrão genético que tornava Wanda diferente das outras pessoas; sem isso, não poderia localizar outros iguais a ela.

A capacidade de Wanda de ler pensamentos aumentara consideravelmente nos cinco anos que se haviam passado desde o dia em que mostrara um erro no Primeiro Radiante de Yugo Amaryl. Wanda era "especial" sob vários aspectos. Era como se, depois de tomar conhecimento dos seus poderes mentais, estivesse decidida a compreendê-los, domesticá-los, dirigi-los. Quando entrou na adolescência, tornou-se mais madura, deixando de lado as risadinhas infantis que Hari tanto apreciava, e ao mesmo tempo tornando-se ainda mais valiosa para ele com sua determinação de ajudá-lo a estudar o seu "dom". Hari Seldon contara a Wanda que tinha planos de estabelecer uma Segunda Fundação, e a menina se comprometera a auxiliá-lo no que pudesse.

Naquele dia, porém, Seldon estava desanimado. Chegara à conclusão de que a capacidade mental de Wanda não o levaria a parte alguma. Não tinha dinheiro para continuar o trabalho: faltava verba para localizar outras pessoas como Wanda, verba para pagar os assistentes que trabalhavam no Projeto de Psico-história na Universidade de Streeling, verba para estabelecer a Fundação Enciclopédica no planeta Terminus.

E agora?

Continuou a caminhar na direção da Biblioteca Imperial. Poderia tomar um táxi, mas preferia ir a pé, mesmo sentindo um pouco de dor na perna. Precisava de tempo para pensar.

Ouviu um grito:

- Lá está ele!

Não prestou atenção. Gritaram de novo:

- Lá está ele! Psico-história!

A palavra o forçou a olhar para trás. Um grupo de rapazes se aproximava. Automaticamente, Seldon se colocou de costas para a parede de um prédio e levantou a bengala.

- O que vocês querem?

Eles riram.

- Dinheiro. Você tem dinheiro?

- Talvez, mas por que daria a vocês? Ouvi alguém falar em psico-história.

Sabem quem eu sou?

- Claro, você é Corvo Seldon - disse o líder dos rapazes. Parecia estar se divertindo com a situação.

- Você é um maluco! - gritou outro.

- Que vão fazer se eu não lhes der dinheiro?

- Vamos bater em você e tomar o seu dinheiro - respondeu o primeiro rapaz.

- E seu eu der o dinheiro?

- Vamos bater em você de qualquer maneira!

Todos começaram a rir. Hari levantou mais alto a bengala.

- Fiquem longe de mim! Todos vocês!

Àquela altura, já conseguira contá-los. Eram oito.

O coração de Hari começou a bater mais depressa. Uma vez, ele e Dors Venabili tinham se defendido com sucesso de dez agressores. Entretanto, ele tinha apenas 32 anos, e Dors... Dors era Dors.

Agora, era diferente. Brandiu a bengala.

O líder disse:

- Ei, parece que o velho vai nos atacar. Que vamos fazer? Seldon olhou rapidamente em torno. Não havia nenhum guarda à vista. Era parte do processo de deterioração da sociedade: o público estava desprotegido. Viu alguns pedestres, mas não adiantava pedir ajuda. As pessoas andavam mais depressa e mudavam de calçada para não passar perto deles. Ninguém queria se meter com um bando de arruaceiros.

- O primeiro que se aproximar de mim vai ficar com a cabeça quebrada.

- Ah, é? - O líder estendeu a mão e agarrou a bengala. Houve uma breve luta e a bengala foi arrancada da mão de Seldon. O líder jogou-a no chão. - E agora, velho?

Seldon encolheu-se, à espera dos golpes. Eles o cercaram, ansiosos para iniciar o espancamento. Seldon levantou os braços. Ainda não esquecera os golpes de trunca. Se estivesse lutando contra um ou dois, talvez fosse capaz de resistir, aparar os golpes, até mesmo contra-atacar. Entretanto, eles eram oito. Mesmo assim, tentou defender-se, mas no momento em que se esquivou do primeiro golpe, a perna direita, a da dor ciática, não suportou o peso do corpo e ele caiu, indefeso.

Nesse momento, ouviu um grito:

- Que está acontecendo aqui? Recuem, seus miseráveis! Recuem ou vão morrer!

O líder exclamou:

- Outro velho!

- Não sou tão velho assim - disse o recém-chegado, golpeando o líder no rosto com as costas da mão.

- Raych, é você! - exclamou Seldon, surpreso.

Raych conteve-o com um gesto.

- Fique fora disto, papai. Levante-se e vá embora.

- Você vai me pagar por isso - disse o líder, esfregando o rosto.

- Quero ver - retrucou Raych, sacando uma faca dahlita, comprida e reluzente. Uma segunda faca apareceu na outra mão.

- Ainda usa suas facas, Raych? - perguntou Seldon, com voz fraca.

- Nunca deixarei de usá-las - respondeu Raych.

- Você não sabe com quem está lidando - disse o líder, sacando uma pistola.

Imediatamente, uma das facas cortou o ar e atingiu o líder no pescoço. Ele deu um grito e caiu, enquanto os outros ficaram olhando.

Raych aproximou-se e disse:

- Quero a minha faca de volta.

Arrancou-a do pescoço do rapaz e limpou-a no peito da sua camisa. Depois, abaixou-se e pegou a pistola. Guardou a pistola no bolso e disse:

- Não gosto de usar pistolas, seu bando de imprestáveis, porque às vezes eu erro. com uma faca, porém, nunca erro. Nunca! Esse homem está morto. Vocês são sete. Pretendem ficar aí parados o resto do dia?

- Vamos pegá-lo! - gritou um dos rapazes, e os sete avançaram ao mesmo tempo.

Raych deu um passo para trás. Uma faca cruzou o ar, depois outra, e dois rapazes pararam, cada um com uma faca enfiada na barriga.

- Devolvam minhas facas - disse Raych, puxando-as de volta. - Esses dois ainda estão vivos, mas não vão durar muito. Restam cinco de vocês. Não acham melhor desistir?

Eles começaram a se afastar, mas Raych gritou:

- Levem seus mortos e moribundos! Não tenho o que fazer com eles!

Três dos rapazes voltaram, colocaram os três corpos nos ombros e foram embora.

Raych curvou-se para pegar a bengala de Seldon.

- Está em condições de andar, papai?

- Não sei. Torci a perna.

- Nesse caso, entre no meu carro. Que ideia a sua! Sair sozinho a pé!

- Por que não? Nunca me aconteceu nada.

- Por isso, você insistiu até que acontecesse. Entre no meu carro e lhe dou uma carona até em casa.

Raych programou o carro em silêncio e depois disse:

- Que pena que Dors não está mais conosco. A mamãe acabaria com os oito em cinco minutos.

Seldon ficou com os olhos úmidos.

- Eu sei, Raych. Eu sei. Pensa que não sinto falta de Dors todos os dias?

- Desculpe - disse Raych, em voz baixa.

- Como soube que eu estava sendo assaltado?

- Wanda me contou. Ela disse que você corria perigo e me indicou o local exato.

- E você veio para cá sem discutir?

- É claro. Sei que ela é capaz de ler seus pensamentos.

- Ela disse quantas pessoas estavam me atacando?

- Não. Só disse que eram muitos.

- Por que veio sozinho, Raych?

- Não tive tempo de procurar ajuda, papai. Além do mais, tenho confiança no meu braço.

- E com razão, filho. Obrigado.

14

Estavam em casa e Seldon tinha apoiado a perna machucada em uma almofada. Raych olhou para ele, preocupado.

- Papai, não quero que saia de novo sozinho nas ruas de Trantor.

Seldon franziu a testa.

- Por quê? Por causa do incidente?

- Exatamente. Você tem sessenta e nove anos e sua perna direita já não pode sustentá-lo em caso de emergência. E você tem inimigos...

- Inimigos!

- Inimigos. Sabe disso. Aqueles ratos de esgoto não estavam atrás de qualquer um. Não estavam de tocaia, à espera de um pedestre inocente. Quando gritaram "psico-história", estavam falando com você. E chamaram você de maluco. Sabe por quê?

- Não.

- Porque você vive em um mundo só seu, papai, e não toma conhecimento do que está se passando em Trantor. Pensa que os trantorianos não

sabem que o planeta está em franca decadência? Pensa que não sabem que a psico-história vem prevendo isso há anos? Não lhe ocorreu que eles possam culpá-lo por isso? Se as coisas piorarem, e tudo indica que vão piorar, muita gente vai dizer que foi você o responsável.

- Não acredito.

- Por que acha que há um grupo na Biblioteca Imperial que quer expulsá-lo de lá? Eles não querem estar por perto quando você for linchado. Por isso, é melhor tomar cuidado. Não deve sair sozinho. Talvez seja melhor contratarmos um guarda-costas. Infelizmente, a vida é assim, papai.

Seldon parecia extremamente infeliz. Raych ficou com pena dele e disse:

- Isso não vai ser por muito tempo, papai. Arranjei um novo emprego.

Seldon levantou os olhos.

- Um novo emprego? De que tipo?

- Vou ensinar em uma universidade.

- Que universidade?

- Universidade de Santanni.

- Santanni? Santanni fica a milhares de *parsecs* de Trantor, do outro lado da galáxia!

- Exatamente. É por isso que quero ir para lá. Passei a vida inteira em Trantor, papai, e estou cansado. Não há nenhum planeta no Império que esteja se deteriorando tão depressa. A violência aqui chegou a níveis inadmissíveis. A economia está em recessão, o parque industrial virou sucata. Santanni, por outro lado, é um mundo decente, ainda em desenvolvimento, e quero estar lá para construir uma nova vida com Manella, Wanda e Bellis. Vamos partir daqui a quatro meses.

- Todos vocês?

- E você também, papai. Você também. Não queremos deixá-lo em Trantor. Deve ir conosco para Santanni.

Seldon sacudiu a cabeça.

- É impossível, Raych. Você sabe disso.

- Impossível por quê?

- Você sabe. Por causa do Projeto. Da minha psico-história. Está me pedindo para abandonar o trabalho da minha vida?

- Por que não? Ele abandonou você.

- Está louco.

- Não, não estou. Como vai prosseguir? Não tem dinheiro. Não pode conseguir dinheiro. Não há mais ninguém em Trantor que esteja disposto a apoiá-lo.

- Depois de quarenta anos...

- Sei que é duro de admitir, papai, mas você teve quarenta anos para desenvolver a psico-história e fracassou. A culpa não foi sua. Você fez o que pôde, mas teve que enfrentar uma economia decadente, um Império prestes a se desintegrar. O próprio fenômeno que previu há quarenta anos se encarregou de pôr fim a suas pesquisas.

Sendo assim...

- Não. Não Vou parar. Darei um jeito de seguir em frente, custe o que custar.

- Vou lhe propor uma coisa, papai. Se a psico-história é tão importante para o senhor, leve-a com você. Comece tudo de novo em Santanni. Lá talvez encontre dinheiro e entusiasmo para sustentá-la.

- E os homens e mulheres que têm trabalhado comigo com tanta dedicação?

- Ora, papai. Eles estão abandonando o projeto porque seus salários estão em atraso. Daqui a um ano, não restará mais ninguém. Acha que me agrada falar desta forma com você? É porque ninguém quis falar assim, porque ninguém teve coragem de falar assim, que a situação chegou ao ponto que chegou. Vamos ser honestos um com o outro. Quando você sai para passear nas ruas de Trantor e é atacado simplesmente porque é Hari Seldon, não acha que está na hora de encarar a verdade?

- A verdade que se dane. Não pretendo sair de Trantor. Raych sacudiu a cabeça.

- Você sempre foi teimoso, papai. Tem quatro meses para mudar de ideia. Pense no assunto, está bem?

15

Fazia muito tempo que Hari Seldon não sorria. Continuava a dirigir o Projeto da mesma forma de sempre: ajudando a desenvolver a psico-história; fazendo planos para Terminus, estudando o Primeiro Radiante.

Entretanto, ele não sorria; limitava-se a trabalhar sem descanso e sem esperança de sucesso imediato. Pelo contrário, todos os esforços pareciam inúteis.

Estava sentado no escritório quando Wanda entrou. Olhou para ela e logo se sentiu melhor. Wanda sempre havia sido uma pessoa "especial". Seldon não se

lembrava exatamente de quando ele e os outros tinham começado a aceitar as declarações da menina como verdades incontestáveis; a impressão era de que sempre tinha sido assim. Desde o episódio da "limonada da morte", quando tinha menos de oito anos, a menina parecia saber o que estava acontecendo.

Embora Mian Endelecki tivesse assegurado que o genoma de Wanda era perfeitamente normal, Seldon ainda tinha certeza de que a neta possuía uma capacidade mental muito superior à da maioria dos mortais. Além disso, estava convencido de que havia outros como ela em Trantor. Gostaria de poder localizar esses "mentálicos" (era assim que se acostumara a chamá-los) e recrutá-los para trabalhar na Fundação. Era na linda neta, porém, que se concentravam as suas esperanças. Seldon olhou para ela, emoldurada pelo vão da porta do escritório, e sentiu um aperto no coração. Em poucos dias, ela estaria muito longe dali.

Como poderia suportar? Wanda agora era uma bela adolescente de dezessete anos. Longos cabelos louros, o rosto redondo, sempre sorridente. Agora mesmo estava sorrindo, e Seldon pensou: Por que não? Uma nova vida a aguardava em Santanni.

- Pois é Wanda, faltam apenas alguns dias - disse.

- Acho que não, vovô.

- O quê?

Wanda aproximou-se e segurou-lhe a cabeça com as mãos.

- Não Vou para Santanni.

- Seus pais mudaram de ideia?

- Não, eles vão.

- E você vai ficar? Por quê?

- Prefiro ficar aqui, vovô. com você.

- Não estou entendendo. Por quê? Seus pais estão de acordo?

- Não exatamente. Discutimos o assunto semanas a fio, e afinal eles cederam. Por que não, vovô? Mesmo que eu não vá, eles terão um ao outro, além da pequena Bellis.

Mas se eu for com eles, você ficará sozinho. Isso eu não posso permitir.

- Como conseguiu convencê-los?

- Tenho meus truques.

- Como assim?

- Sabe como é. Posso ver o que eles estão pensando e até fazer com que pensem o que eu quero.

- Como consegue isso?

- Não sei. Depois de algum tempo, eles simplesmente mudam de ideia. De modo que vou ficar aqui com você.

Seldon olhou para ela com um amor ilimitado.

- Isso é maravilhoso, Wanda. Mas Bellis...

- Não se preocupe com Bellis. Ela não é como eu.

- Tem certeza?

- Tenho. Além disso, papai e mamãe precisam de companhia, também.

Seldon teve vontade de dar vivas, mas se conteve. Tinha que pensar em Raych e Manella. Seria justo com eles?

- Wanda, e os seus pais? - perguntou. - Não vai sentir saudade deles?

- Claro que vou. Acontece que você precisa de mim. Eles compreendem isso.

- Como conseguiu fazê-los compreender?

- Com a força do pensamento.

- Como pode fazer isso?

- Não é fácil.

- E você fez isso porque...

- Porque gosto de você, é claro. E também porque..

- Sim?

- Porque me interesso pela psico-história. Já conheço muita coisa a respeito.

- Como?

- Pelo que posso ver na sua mente e nas de outras pessoas ligadas ao Projeto. Mas são apenas fragmentos. Quero saber tanto quanto você. Vovô, Vou precisar de um Primeiro Radiante só para mim. - Seus olhos brilharam e ela começou a falar mais depressa, com entusiasmo. - Quero estudar psico-história em profundidade. Vovô, você está velho e cansado. Sou jovem e cheia de energia. Quero aprender tudo que puder, para poder levar o Projeto adiante quando...

- Isso seria ótimo - observou Seldon, - mas há o problema da falta de dinheiro. Vou lhe ensinar tudo que puder, mas... mas nossos recursos são muito limitados.

- Vamos ver, vovô. Vamos ver.

16

Raych, Manella e a pequena Bellis estavam esperando no espaçoporto.

A nave se preparava para decolar e os três já tinham despachado a

bagagem.

- Papai, venha conosco - disse Raych. Seldon sacudiu a cabeça.

- Não posso.

- Se mudar de ideia, teremos sempre um lugar para você

- Eu sei, Raych. Estamos juntos há quase quarenta anos, e foram anos felizes. Tivemos sorte de encontrá-lo.

- A sorte foi minha. - Os olhos de Raych estavam cheios de lágrimas. - Todo dia penso na mamãe.

- Eu também - disse Seldon, desviando os olhos. Wanda estava brincando com Bellis quando veio o aviso para que todos embarcassem. Ela abraçou os pais pela última vez e os três se afastaram. Raych se voltou para acenar para Seldon. Este acenou de volta e colocou o braço instintivamente no ombro da neta.

Era a única que lhe restava. Durante sua longa vida, perdera todos os amigos, um por um. Primeiro Demerzel; depois, Cleon; em seguida, sua amada esposa, Dors, e o maior amigo, Yugo Amaryl. Agora era a vez de Raych.

Restava apenas Wanda.

17

- Está uma beleza lá fora - disse Hari Seldon. - Que noite maravilhosa! Já que vivemos debaixo de uma cúpula, era de se esperar que todas as noites fossem como esta.

- Se todas as noites fossem lindas, vovô, logo ficaríamos entediados - argumentou Wanda. - Uma pequena mudança de uma noite para outra é muito saudável.

- Isso pode ser verdade para você, que é jovem, Wanda. Tem muitas noites pela frente. Eu, não. Gostaria que todas as noites que me restam fossem bonitas.

- Ora, vovô, você não está tão velho assim. Sua perna melhorou e a mente continua lúcida como sempre. Eu sei.

- Claro. Continue. Você sabe como me consolar. - Acrescentou, em tom de queixa: - Estou com vontade de dar um passeio. Gostaria de aproveitar esta noite linda e dar um passeio até a biblioteca.

- O que quer fazer na biblioteca?

- Nada de especial. Gostaria de ir apenas pelo passeio. Mas...

- Mas o quê?

- Prometi a Raych que não sairia a pé na cidade sem um guarda-costas.

- Raych não está mais aqui.

- Eu sei, mas promessas são promessas.

- Ele não disse quem seria o guarda-costas, disse? Vamos dar um passeio e serei o seu guarda-costas.

- Você? - perguntou Seldon, rindo.

- Eu mesma. Estou lhe oferecendo meus serviços. Vá se vestir.

Seldon achou a ideia divertida. Pensou em dispensar a bengala, já que a perna realmente estava muito melhor, mas lembrou-se de que comprara uma bengala nova, cujo cabo era recheado com chumbo. Era mais resistente e mais pesada que a bengala antiga. Se Wanda iria lhe servir de guarda-costas, era melhor levarem pelo menos uma arma.

O passeio foi muito agradável e Seldon estava muito satisfeito por ter cedido à tentação... até chegarem a um certo lugar.

Seldon levantou a bengala em uma mistura de raiva e resignação e exclamou:

- Olhe para isso!

Wanda levantou os olhos. A Cúpula estava fracamente iluminada, como sempre acontecia no início da noite, para imitar o crepúsculo. Mais tarde, naturalmente, ficaria mais escura.

No lugar para onde Seldon estava apontando, porém, havia uma faixa negra na Cúpula. Todo um setor de luzes estava apagado.

- Na época em que cheguei a Trantor, uma coisa como essa seria impensável. Havia funcionários para cuidar das luzes dia e noite. A cidade funcionava, mas agora está mostrando sinais de decadência em todos esses pequenos detalhes e o que mais me aborrece é que ninguém liga. Por que não mandam abaixo assinados para o Palácio Imperial?

Por que não fazem reuniões de protesto? É como se a população de Trantor estivesse conformada com o fato de a cidade estar caindo aos pedaços. Por que então ficam zangados comigo quando chamo atenção para este fato?

- Vovô, há dois homens atrás de nós - disse Wanda, em voz baixa.

Tinham entrado na sombra produzida pelas luzes defeituosas, e Seldon perguntou:

- Estão apenas passeando?

- Não - respondeu Wanda, sem olhar para eles. - Eles pretendem assaltá-lo.

- Não pode detê-los com a força do pensamento?

- Estou tentando, mas são dois e estão decididos. É como... é como empurrar uma parede.

- A que distância estão de mim?

- Uns três metros.

- Estão se aproximando?

- Estão, vovô.

- Avise-me quando estiverem a um metro de distância. - Seldon deslizou a mão ao longo da bengala até segurá-la pela ponta, deixando livre o cabo recheado com chumbo.

- Agora, vovô! - sussurrou Wanda.

Seldon deu meia-volta e desferiu um violento golpe com a bengala. Um dos homens foi atingido no ombro e caiu no chão, gritando.

- Onde está o outro? - perguntou Seldon.

- Saiu correndo.

Seldon olhou para o homem caído e colocou o pé no seu peito.

- Examine os bolsos, Wanda - disse para a neta. - Alguém deve tê-lo pago para fazer isso e eu gostaria de ver os créditos... talvez ajudem a identificar o mandante. Pretendia acertá-lo na cabeça - acrescentou.

- Você o teria matado, vovô.

Seldon assentiu.

- Era essa a minha intenção. Que vergonha, não acha? Ainda bem que errei.

Uma voz áspera perguntou:

- Por que fez isso? - Um homem de uniforme chegou correndo, suando. - Passe essa bengala para cá!

- Tive que me defender, seu guarda - explicou Seldon.

- Mais tarde você me conta sua história. Temos que chamar uma ambulância para este pobre homem.

- Pobre homem? - repetiu Seldon, irritado. - Ele pretendia me assaltar! Queria que eu ficasse parado?

- Vi tudo de longe - disse o policial. - Esse sujeito não fez nada. Você o atacou sem nenhuma razão. Isso não é legítima defesa. É agressão e tentativa de assassinato!

- Seu guarda, estou lhe dizendo que...

- Não me diga nada. Vai ter chance de falar no tribunal.

- Seu guarda, se nos deixar explicar... - interveio Wanda.

- Vá para casa, mocinha - disse o policial. Wanda se empertigou toda.

- Isso eu me recuso a fazer. Aonde o meu avô for, eu irei junto.

- Nesse caso, venha conosco - resmungou o guarda.

18

Seldon estava furioso.

- Nunca fui preso em toda a minha vida. Alguns meses atrás, oito homens me atacaram na rua. Consegui derrotá-los, com a ajuda do meu filho, mas enquanto isso estava acontecendo, havia algum policial por perto? Não. Algum passante parou para nos ajudar? Não. Desta vez, eu estava preparado e derrubei um homem que estava a ponto de me assaltar. Havia algum policial por perto? Havia, mas ele me prendeu. Havia pessoal olhando, também, e eles acharam muito engraçado a polícia prender um velho por agressão e tentativa de assassinato. Em que tipo de mundo estamos vivendo?

Civ Novker, o advogado de Seldon, suspirou e disse calmamente:

- Em um mundo corrupto. Mas não se preocupe. Nada vai lhe acontecer. Vou libertá-lo mediante fiança. Dentro de alguns dias, será submetido a julgamento, mas o máximo que pode acontecer é ter que ouvir uma descompostura do juiz. Na sua idade e com a sua reputação...

- Esqueça a minha reputação - disse Seldon, ainda zangado. - Sou um psico-historiador, e no momento a psico-história é considerada responsável por todos os problemas de Trantor. Eles vão me mandar para a cadeia.

- Nada disso - protestou Novkar. - Pode haver alguns malucos interessados em prejudicá-lo, mas Vou cuidar para que nenhum deles faça parte do júri.

- Temos mesmo que submeter o vovô a tudo isso? - perguntou Wanda. - Ele não é mais nenhum garoto. Não podemos simplesmente levá-lo à presença do juiz e dispensar o julgamento por um júri popular?

O advogado voltou-se para ela.

- Podemos, sim, mas seria uma temeridade. Os magistrados são pessoas impacientes, intoxicadas pelo poder, que preferem mandar um acusado para a cadeia por um ano do que ouvir o que ele tem a dizer. Ninguém se arrisca a ficar à mercê dos caprichos de um juiz.

- Pois acho que é o que devíamos fazer - disse Wanda.

Seldon interveio:

- Escute, Wanda, acho que devíamos seguir o conselho do... - Antes que pudesse concluir, sentiu um aperto na barriga. Era o "empurrão" de Wanda. Mudou de ideia.

- Bem, se você insiste...

- Ela não tem o direito de insistir - protestou o advogado. - Não

permitirei que cometa essa tolice.

- Seldon é seu cliente - argumentou Wanda. - Tem que fazer a vontade dele.

- Posso me recusar a representá-lo.

- Nesse caso, faça isso - disse Wanda - e iremos sozinhos falar com o juiz.

Novker pensou um pouco e disse:

- Está bem, está bem. Já que faz tanta questão... Sou advogado de Hari há muitos anos e não vou abandoná-lo agora. Mas depois não diga que não lhe avisei. Provavelmente ele vai ser condenado à prisão e teremos muito trabalho para evitar que ele cumpra a pena.

- Não se preocupe - disse Wanda.

Seldon mordeu o lábio e o advogado voltou-se para ele.

- E você? Pretende deixar que sua neta decida por nós?

Seldon pensou um pouco e depois respondeu, para surpresa do advogado:

- Sim, é isso mesmo que pretendo fazer.

19

O juiz ficou olhando de cara feia para Seldon enquanto o matemático narrava sua versão dos fatos. Quando ele acabou, o magistrado lhe perguntou:

- Que o fez pensar que o homem que agrediu pretendia assaltá-lo? Ele lhe disse alguma coisa? Fez algum gesto ameaçador?

- Minha neta viu os dois homens se aproximarem e me disse que tinha certeza de que estavam planejando me atacar.

- Há de concordar que isso é muito pouco. Tem mais alguma coisa a dizer antes que eu anuncie meu veredicto?

- Um momento! - exclamou Seldon, indignado. - Não tenha tanta pressa para me julgar. Fui assaltado há poucos meses por oito homens armados, e só escapei vivo porque meu filho me socorreu. Como vê, tinha razões para pensar que seria assaltado de novo.

O magistrado remexeu nos seus papéis.

- Assaltado por oito homens. Deu queixa à polícia?

- Não havia nenhum guarda por perto. Nenhum.

- Isso não vem ao caso. Deu queixa à polícia?

- Não senhor.

- Por que não?

- Achei que não valia a pena perder meu tempo, já que nem eu nem meu filho tínhamos sido feridos.

- Como conseguiram derrotar oito homens, se eram apenas o senhor e seu filho?

Seldon hesitou.

- Meu filho está morando em Santanni, fora da jurisdição de Trantor. Assim, posso lhe contar que estava armado com duas facas e sabia como usá-las. Matou um dos homens e feriu seriamente outros dois. Os outros fugiram, carregando o morto e os feridos.

- Mas vocês não comunicaram a morte do homem à polícia?

- Não senhor. Pela razão que já mencionei. E lutamos em legítima defesa. Entretanto, se o senhor identificar o morto e os feridos, verá que estou falando a verdade.

- Identificar um morto e dois feridos sem nome e sem rosto, no meio da população de Trantor? O senhor sabia quantas pessoas são encontradas mortas diariamente no planeta, apenas com ferimentos produzidos por faca? Mais de duas mil. A menos que esses casos sejam comunicados imediatamente, nada podemos fazer. Assim, sua história de que já foi assaltado antes não pode ser comprovada. Assim sendo, vamos voltar aos fatos. Por que acha que o homem decidiu atacá-lo? Simplesmente porque o senhor cruzou o seu caminho? Porque achou que seria uma presa fácil? Porque dava a impressão de estar carregando uma grande quantia em dinheiro? O que acha?

- Acho que ele pretendia me atacar porque sabia quem eu era.

O magistrado consultou os seus papéis.

- O senhor é Hari Seldon, Professor Emérito da Universidade de Streeling. Por que alguém teria vontade de agredi-lo?

- Por causa das minhas ideias.

- Suas ideias? Bem... - O magistrado começou a remexer nos papéis. De repente, parou e olhou para Seldon. - Espere... Hari Seldon. - Um brilho de reconhecimento apareceu nos seus olhos. - Você é o Seldon da psico-história, não é?

- Sim, meritíssimo.

- Sinto muito. Não conheço nada a respeito da psico-história a não ser o nome e o fato de que o senhor anda por aí prevendo o fim do mundo ou coisa parecida.

- Não é bem isso, meritíssimo. Minhas opiniões são impopulares exatamente porque se revelaram verdadeiras. Acredito que é por essa razão que

existe gente que está disposta a agredir-me, ou, o que é mais provável, que está sendo paga para agredir-me.

O juiz olhou para Seldon e depois chamou o guarda que o havia prendido.

- Verificou a ficha do homem que foi ferido? Ele tem antecedentes?

O policial pigarreou.

- Sim senhor. Ele já foi condenado várias vezes por assalto a mão armada.

- Oh, então ele é um criminoso contumaz? E o professor? Já cometeu algum crime?

- Não senhor.

- Então você depara com um cidadão inocente tentando defender-se de um assaltante conhecido e prende o cidadão inocente. Foi isso que aconteceu?

O policial não disse nada.

- Pode ir, professor - disse o juiz.

- Obrigado, meritíssimo. Posso levar minha bengala?

O juiz estalou os dedos para o policial, que lhe entregou a bengala.

- Só mais uma coisa, professor - disse o juiz. - Espero que não volte a machucar alguém com essa bengala.

- Sim senhor. - Hari Seldon saiu do tribunal com a bengala nas mãos, mas com o cabo para cima.

20

Wanda não parava de chorar. O rosto estava molhado, os olhos vermelhos, as faces inchadas.

Hari Seldon andava em volta da neta, dava-lhe tapinhas nas costas, não sabia o que fazer para consolá-la.

- Vovô, eu não presto para nada. Pensei que era capaz de empurrar as pessoas, e realmente era, quando elas não se incomodavam de ser empurradas um pouquinho, como a mamãe e o papai. Cheguei a inventar um sistema de classificação, baseado em uma escala de 10, para o meu poder mental. Só que calculei mal. Pensei que tinha chegado ao nível 10, ou pelo menos ao nível 9. Agora percebo que ainda não passei do nível 7.

Wanda tinha parado de chorar e soluçava ocasionalmente enquanto Hari

lhe segurava a mão.

- Em geral, não tenho nenhum problema. Quando me concentro, posso "ouvir" os pensamentos das pessoas e, quando quero, posso "empurrá-las". Mas aqueles assaltantes! Eu podia ouvi-los perfeitamente, mas não consegui empurrá-los.

- Acho que você se saiu muito bem, Wanda.

- Está dizendo isso apenas para me consolar. Eu tinha uma ilusão. Achava que se alguém ameaçasse você, eu poderia defendê-lo usando apenas meu pensamento. Foi por isso que me ofereci para ser sua guarda-costas. Só que não foi bem assim. Aqueles dois apareceram e não pude fazer nada.

- Mas você fez! Fez o primeiro homem hesitar. Se não fosse isso, eu não teria chance de atingi-lo com a bengala.

- Não, não. Eu não tive nada a ver com isso. Tudo que fiz foi avisar a você que ele estava lá. Você fez o resto.

- O segundo homem fugiu.

- Porque você derrubou o primeiro. Não tive nada a ver com isso, também. - Wanda começou a chorar de novo. - E depois foi o juiz. Insisti para que fosse levado diante do juiz. Tinha certeza de que seria capaz de empurrá-lo e fazer com que ele lhe desse razão.

- O juiz me deu razão, não deu?

- Só quando descobriu quem você era. Não consegui influenciá-lo. Fracassei em toda a linha. Podia ter feito você ir parar na cadeia.

- Não, recuso-me a aceitar isso, Wanda. Se os seus poderes mentais não funcionaram da forma que você gostaria, foi porque estava trabalhando em condições extremas. Escute, Wanda, tive uma ideia.

Percebendo o entusiasmo na sua voz, a moça levantou os olhos.

- Que tipo de ideia, vovô?

- Você sabe que precisamos de dinheiro. Estamos temporariamente impossibilitados de continuar as pesquisas, e detesto a ideia de deixar quarenta anos de trabalho árduo irem por terra por falta de capital.

- Penso como você, vovô. Mas onde vamos arranjar o dinheiro?

- Vou solicitar uma nova audiência com o imperador. Já conversei com ele uma vez e pude ver que é um bom homem. Simpatizo com ele. Entretanto, não está exatamente nadando em riquezas. Se eu levar você comigo, e se você empurrá-lo, com muito jeito, talvez encontre uma fonte de dinheiro, qualquer coisa que nos ajude a continuar enquanto não damos um outro jeito.

- Acha mesmo que vai dar certo, vovô?

- Sem você, seria impossível. Com você... talvez dê certo. Não acha que vale a pena tentar?

Wanda sorriu.

- Sabe que eu faria qualquer coisa por você, vovô. Além do mais, é a nossa única esperança.

21

Não foi difícil conseguir uma audiência com o imperador. Os olhos de Agis brilhavam quando ele cumprimentou Hari Seldon.

- Olá, velho amigo. Veio me trazer má sorte?

- Espero que não - respondeu Seldon.

Agis tirou a vistosa capa que estava usando e, com um gemido cansado, jogou-a em um canto da sala, dizendo:

- Fique aí quietinha.

Olhou para Seldon e sacudiu a cabeça.

- Detesto essa coisa. Pesa uma tonelada e esquenta como carvão em brasa. Sempre tenho que usá-la quando estou sendo bombardeado por palavras sem sentido, ali de pé como uma estátua. É horrível. Cleon nasceu para isso, tinha jeito para isso. Eu, não. Tive apenas o azar de ser primo em terceiro grau de Cleon por parte de mãe e por isso me escolheram para ser o imperador. Não quer ser o imperador em meu lugar, Hari?

- Oh, não, nem pense nisso - disse Seldon, rindo.

- Agora me diga: quem é essa jovem de extraordinária beleza que o acompanha?

Wanda enrubesceu, e o imperador disse, em tom jovial:

- Não deve ficar envergonhada, minha cara. Uma das poucas prerrogativas do imperador é o direito de dizer o que bem entende. Ninguém se atreve a censurar as palavras do imperador. A única coisa que dizem é: "Majestade!" No caso de vocês, porém, não quero ouvir nenhum "Majestade". Detesto essa palavra. Quero que me chamem de Agis. Que também não é o meu nome de batismo. É o meu nome Imperial e tenho que me acostumar com ele. Bem... já falei demais. Que andou fazendo desde a última vez em que nos encontramos, Hari?

- Fui atacado duas vezes - disse Seldon, laconicamente.

O imperador pareceu ficar na dúvida se aquilo era uma piada ou não. Ele disse:

- Duas vezes? Verdade?

Seldon contou-lhe sobre os dois assaltos.

- Suponho que não havia nenhum policial por perto quando esses oito homens o ameaçaram.

- Não.

O imperador se levantou da cadeira e fez um gesto para que os dois permanecessem sentados. Começou a caminhar de um lado para o outro, como se estivesse tentando dar vazão ao seu aborrecimento. De repente, parou e voltou-se para Seldon.

- Durante milhares de anos - começou, - sempre que alguma coisa assim acontecia, as pessoas diziam: "Por que não vamos nos queixar ao imperador?" ou "Por que o imperador não toma uma providência?" E, no final, o imperador podia fazer alguma coisa, e fazia alguma coisa, mesmo que não fosse necessariamente a coisa mais acertada a fazer. Mas eu... Hari, eu não posso fazer nada. Absolutamente nada.

"Oh, sim, existe a chamada Comissão de Segurança Pública, mas eles parecem estar mais preocupados com a minha segurança do que com a do público. É de admirar que tenha conseguido esta audiência, porque a Comissão não parece gostar muito de você."

"Não há nada que eu possa fazer a respeito de coisa alguma. Sabe o que aconteceu com a autoridade do imperador depois que a junta foi derrubada e o... ah!... o poder imperial foi restaurado?"

- Acho que sim.

- Aposto que não sabe. Pelo menos, não totalmente. Hoje temos uma democracia. Sabe o que é uma democracia?

- Perfeitamente.

Agis franziu a testa.

- Aposto que acha que é um bom regime.

- Acho que é um bom regime.

- Pois está muito enganado. A democracia está acabando com o Império. Suponha que eu deseje colocar mais policiais nas ruas de Trantor. Nos velhos tempos, pegaria um pedaço de papel preparado para mim pelo secretário imperial e o assinaria com um floreio... e o policiamento ostensivo seria reforçado.

"Hoje em dia, é diferente. Minha ideia tem que ser apreciada pelo Congresso. Eles são 7.500 homens e mulheres que se dividem em um número incontável de facções no momento em que submeto qualquer proposta. Em primeiro lugar, de onde virão os recursos? Não se pode contratar, digamos, dez mil novos policiais sem ter que pagar mais dez mil salários. Mesmo que a

questão do dinheiro seja resolvida, quem vai escolher os novos policiais? Quem vai controlá-los?”

"Os congressistas discutem o assunto, trocam desaforos, fazem discursos inflamados... e não resolvem nada. Hari, não consegui nem mandar consertar algumas luzes da Cúpula que queimaram! Quanto vai custar? Quem é o responsável? Oh, as luzes vão ser consertadas, mas pode levar mais alguns meses. É assim que funciona a democracia.”

- Pelo que me lembro, o imperador Cleon estava sempre se queixando de que não conseguia fazer o que queria - observou Seldon.

- O imperador Cleon - disse Agis, impaciente - teve dois primeiros-ministros extremamente competentes, primeiro Demerzel e depois você, que trabalhavam para impedir que ele fizesse tolices. Eu tenho 7.500 primeiros-ministros que competem para ver quem faz a maior bobagem. Mas acho que não está aqui para se queixar desses ataques, Hari.

- Não, não estou aqui para isso. O problema é muito mais grave. Majestade... Agis... preciso de dinheiro.

O imperador olhou para ele, surpreso.

- Depois de tudo que lhe disse, Hari? Não tenho nenhum dinheiro. Oh, sim, existe dinheiro para manter o palácio funcionando, é claro, mas para consegui-lo tenho que enfrentar meus 7.500 congressistas. Se acha que posso chegar para eles e dizer: "Preciso de dinheiro para meu amigo Hari Seldon" e se pensa que Vou conseguir um quarto do que pedir em menos de dois anos, está sonhando. Isso simplesmente não vai acontecer.

Deu de ombros e disse, em tom mais ameno:

- Não me entenda mal, Hari. Gostaria de ajudá-lo, se pudesse. Gostaria particularmente de ajudá-lo por causa de sua neta. Olhando para ela, tenho vontade de oferecer-lhe todo o dinheiro do Império... mas isso, infelizmente, não está ao meu alcance.

- Agis, se não conseguirmos recursos, a psico-história deixará de existir, depois de quarenta e cinco anos.

- Se não conseguiu nenhum resultado concreto em quarenta e cinco anos, porque se preocupa com ela?

- Agis - insistiu Seldon, - não há mais nada que eu possa fazer. Fui atacado duas vezes justamente porque sou um psicohistoriador. As pessoas me consideram como um portador de maus presságios.

O imperador fez que sim com a cabeça.

- Você traz má sorte, Corvo Seldon. Eu já lhe disse isso.

Seldon levantou-se, com ar desolado.

- Nesse caso, está tudo perdido.

Wanda levantou-se também e ficou ao lado de Seldon. Sua cabeça chegava aos ombros do avô. Olhou fixamente para o imperador.

Quando Hari se voltou para sair, o imperador disse:

- Espere. Espere. Acabo de me lembrar de um versinho:

"A vida fica triste
E todos os males florescem
Quando a riqueza se acumula
E os homens empobrecem."

- O que significa isso? - perguntou Seldon, desanimado.

- Significa que o Império está em decadência, mas isso não impede que alguns indivíduos se aproveitem da situação para ganhar dinheiro. Por que não procura um dos nossos ricos empresários? Eles não dependem do congresso e podem, se quiserem, simplesmente assinar uma carta de crédito.

- Vou tentar isso - afirmou Seldon.

22

- Sr. Bindris - disse Hari Seldon, estendendo a mão para apertar a do outro, - é um prazer conhecê-lo. Obrigado por me receber.

- Por que não? - disse Terep Bindris, em tom jovial. - Conheço muito o senhor de nome.

- Fico lisonjeado. Presumo, então, que tenha ouvido falar da psico-história.

- Oh, sim, qual a pessoa bem-informada que não ouviu? Não que eu entenda alguma coisa do assunto, é claro. Quem é essa jovem que está com o senhor?

- É Wanda, minha neta.

- Uma mocinha muito bonita - disse ele, com um sorriso. - Acho que seria impossível deixar de atender a um desejo seu.

- Acho que está exagerando - disse Wanda.

- Não, não estou. Agora, por favor, sentem-se e me digam o que posso fazer por vocês. - Fez um gesto largo, pedindo que se sentassem em duas poltronas ricamente forradas, que estavam em frente à sua escrivaninha. As

poltronas, como a escrivaninha trabalhada, as portas de madeira maciça, que tinham deslizado sem ruído para deixá-los entrar, e o piso de obsidiana do amplo escritório de Bindris eram todos da melhor qualidade. Embora o ambiente fosse suntuoso, Bindris parecia ser uma pessoa simples. Era difícil acreditar que aquele homem franzino e cordial fosse um dos maiores magnatas de Trantor.

- Estamos aqui por sugestão do imperador.

- Do imperador?

- Sim, ele não estava em condições de nos ajudar, mas achou que um homem como o senhor talvez pudesse fazê-lo. O problema, naturalmente, é dinheiro.

Bindris fez cara de espanto.

- Dinheiro? - repetiu. - Não estou entendendo.

- Há quase quarenta e cinco anos, o estudo da psico-história vem sendo financiado pelo governo - começou Seldon. - Entretanto, os tempos mudam e o Império não é mais o que era.

- Sei disso.

- O imperador não tem recursos para continuar a apoiar a nossa pesquisa. Mesmo que os tivesse, não conseguiria convencer o Congresso. Assim, recomendou que procurássemos homens de negócio que, além de terem o dinheiro, podem dispor dele com mais facilidade.

Houve um longo silêncio. Finalmente, Bindris comentou:

- Acho que o imperador não entende nada de negócios. De quanto vocês precisam?

- Sr. Bindris, estamos falando de um empreendimento de vulto. Vamos precisar de alguns milhões.

- Alguns milhões"?

- Sim senhor. Bindris franziu a testa.

- Estamos falando de um empréstimo? Quando espera me pagar?

- Sr. Bindris, com toda a honestidade, não posso garantir que um dia possa lhe pagar. Estou lhe pedindo uma doação.

- Mesmo que quisesse dar-lhe o dinheiro (e por uma razão que não posso explicar, sinto um ímpeto irresistível de atendê-lo, isso não seria possível. O imperador pode ter o Congresso, mas tenho a minha diretoria. Não posso dar presentes desse tipo sem a aprovação da diretoria, e tenho certeza de que eles não vão concordar.

- Por que não? Sua firma é imensamente rica. Uns poucos milhões não significam nada para vocês.

- Não é bem assim - afirmou Bindris. - Os negócios no momento vão mal. Não o suficiente para nos colocar em dificuldades, mas o suficiente para

nos deixar preocupados. Se o Império está em decadência, os indicadores econômicos estão em baixa, também. Não podemos nos dar ao luxo de abrir mão de alguns milhões a fundo perdido. Sinto muito.

Seldon ficou sentado em silêncio e Bindris pareceu constrangido. Afinal, ele sacudiu a cabeça e disse:

- Escute, professor Seldon, gostaria realmente de ajudá-lo e a essa linda jovem que o acompanha. Infelizmente, não é possível. Entretanto, não somos a única firma de Trantor. Fale com outras, professor. Pode ter mais sorte.

- Está bem - disse Seldon, levantando-se com esforço. - Vamos tentar.

23

As lágrimas nos olhos de Wanda eram de frustração, e não de tristeza.

- Não consigo entender, vovô - disse a jovem. - Não consigo entender. Nos últimos dias, estivemos em quatro empresas diferentes. Cada vez nos trataram pior. Da última vez, fomos praticamente escorraçados. Desde então, ninguém mais nos recebeu. Recusam-se até a atender aos nossos chamados.

- Não há mistério nisso - disse Seldon. - Quando fomos ver Bindris, ele não sabia o que queríamos e nos tratou muito bem até que eu lhe pedi uma doação de alguns milhões de créditos. Depois disso, mostrou-se muito menos cordial. Imagino que a notícia tenha se espalhado e cada vez nos trataram pior, até que agora se recusam a nos receber. Por que o fariam? Se não vão nos dar o dinheiro, por que perder tempo conosco? A frustração de Wanda se voltou para ela própria.

- O que foi que fiz? Fiquei ali sentada, sem fazer nada.

- Eu não diria isso - protestou Seldon. - Bindris sentiu a sua influência. Ele realmente queria nos dar o dinheiro, principalmente por sua causa. Você conseguiu empurrá-lo.

- Não o suficiente. Além do mais, ele se interessou por mim porque me achou bonita.

- Bonita, não. Muito bonita - murmurou Seldon.

- O que vamos fazer agora, vovô? - perguntou Wanda. - Depois de todos esses anos, o estudo da psico-história será interrompido.

- De certa forma, isso seria de se esperar. Estou prevendo a derrocada do Império há mais de quarenta anos; agora, que chegou a hora, é natural que a psico-história soçobre com ele.

- Mas a psico-história poderia salvar o Império, ou pelo menos atenuar as consequências do colapso!

- Sei disso, mas que posso fazer?

- Vai ficar de braços cruzados?

Seldon sacudiu a cabeça.

- Não, vou tentar fazer alguma coisa, mas admito que não sei por onde começar.

- Preciso praticar mais - afirmou Wanda. - Deve haver uma forma de aumentar minha capacidade mental, de conseguir que as pessoas façam exatamente o que eu quero.

- Espero que seja bem-sucedida.

- O que vai fazer, vovô?

- Nada de extraordinário. Faz alguns dias, estive com três homens que estavam discutindo a respeito da psico-história e por alguma razão simpatizei muito com um deles. Pedi-lhe que me procurasse e ele concordou. Vem falar comigo esta tarde, no meu escritório.

- Pretende contratá-lo para trabalhar no Projeto?

- Bem que gostaria, mas não tenho dinheiro para pagar o seu salário. De qualquer maneira, decidi conversar com ele. Afinal, o que tenho a perder?

24

O rapaz chegou precisamente às quatro horas e Seldon sorriu. Ele gostava de pontualidade. Colocou as mãos sobre a mesa e fez menção de levantar-se, mas o rapaz disse:

- Professor, sei que sua perna às vezes o incomoda. Não precisa se levantar.

- Obrigado - disse Seldon. - Sente-se, por favor.

O rapaz tirou o paletó e sentou-se. Seldon disse:

- Deve me desculpar... Quando nos conhecemos, e o convidei para este encontro, me esqueci de perguntar o seu nome...

- Stettin Palver.

- Ah. Palver! Palver! Já ouvi esse nome antes.

- Acho que sim, professor. Meu avô frequentemente mencionava o fato de ter conhecido o senhor.

- Seu avô? Ah, é claro! Joramis Palver. Ele é dois anos mais moço do que eu. Tentei convencê-lo a me ajudar no estudo da psico-história, mas ele se recusou. Disse que a matemática não era o seu forte. Uma pena! A propósito: como vai o velho Joramis?

- Infelizmente, o velho Joramis não se encontra mais entre nós - respondeu Palver, muito sério. - Ele morreu.

Seldon fez uma careta. Dois anos mais moço... e estava morto. Um velho amigo, e a vida os afastara de tal forma que nem tomara conhecimento de sua morte. Seldon ficou pensativo por alguns momentos e depois murmurou:

- Sinto muito.

O rapaz deu de ombros.

- Ele teve uma boa vida.

- E você, meu rapaz, onde estudou?

- Na Universidade de Langano.

Seldon franziu a testa.

- Langano? Desculpe-me a ignorância, mas isso não fica em Trantor, fica?

- Não. Eu queria conhecer outro planeta. As universidades de Trantor, como deve saber, estão superlotadas. Queria um lugar onde pudesse estudar em paz.

- E o que foi que estudou?

- Nada de especial. História. Nada que pudesse me ajudar a conseguir um bom emprego.

Outra careta, pior que a primeira. Dors Venabili tinha sido uma historiadora.

- Mas agora você está em Trantor - disse Seldon. - Por quê?

- Precisava de dinheiro. De um emprego.

- De historiador?

Palver começou a rir.

- Quem me dera! Opero um guindaste. Nada que exija grandes conhecimentos.

Seldon olhou para Palver com uma ponta de inveja. Os músculos dos braços e do peito do rapaz eram realçados pelo tecido fino da camisa. Seldon nunca tinha sido um homem musculoso.

- Imagino que você tenha feito parte da equipe de boxe quando estava na universidade - observou Seldon.

- Eu? Não, não... sou um truncador.

- Um truncador! - exclamou Seldon, animado. - Nasceu em Helicon?

- Não é preciso nascer em Helicon para ser um bom truncador - afirmou Palver, em tom defensivo.

Não, pensou Seldon, mas os heliconianos ainda são os melhores. Em voz alta, ele disse:

- O seu avô não quis trabalhar comigo. E você?

- Como assim?

- Quando o conheci, estava conversando com outros dois rapazes a respeito da psico-história, e gostei das suas ideias. Que acha de trabalhar comigo?

- Como já disse, professor, tenho um emprego.

- De operador de guindaste. Ora, ora.

- Sou bem pago.

- O dinheiro não é tudo.

- Mas é importante. O senhor, por outro lado, não pode me pagar muito bem. Tenho quase certeza de que está em dificuldades financeiras.

- Por que diz isso?

- Pelo menos foi a impressão que me deu. Estou enganado?

Seldon cerrou os lábios e depois disse:

- Não, você está certo, não posso lhe pagar muito. Infelizmente. Acho que não temos mais nada que conversar.

- Espere, espere, espere. - Stettin levantou as mãos. - Mais devagar, por favor. A psico-história me interessa. Se eu trabalhar para o senhor, terei oportunidade de aprender psico-história, certo?

- É claro.

- Nesse caso, o dinheiro não é tudo, afinal de contas. Vamos fazer um trato. O senhor me ensina psico-história e me paga o que puder. Que tal?

- Excelente! - exclamou Seldon, com um sorriso. - A ideia me parece ótima. Só mais uma coisa.

- Sim?

- Fui atacado duas vezes nos últimos tempos. Da primeira vez, meu filho me salvou, mas depois disso mudou-se para Santanni. Da segunda vez, defendi-me com minha bengala de cabo de chumbo. Consegui escapar, mas fui julgado por agressão e tentativa de assassinato...

- Qual o motivo dos ataques? - quis saber Palver.

- Não sou muito popular. Estou prevendo a queda do Império há tanto tempo que agora, que ela está acontecendo, pensam que sou o responsável.

- Entendo. O que tem isso a ver com essa outra coisa que mencionou?

- Quero que seja meu guarda-costas. Você é jovem, é forte e, além de tudo, é um truncador. Exatamente a pessoa que eu preciso.

- Negócio fechado - disse Palver, com um sorriso.

25

- Veja só, Stettin - disse Seldon, quando os dois passeavam à noite em um dos setores residenciais de Trantor, perto de Streeling. Apontou para os detritos (lixo jogado dos carros que passavam ou que os pedestres tinham deixado cair) espalhados ao longo do passeio. - Nos velhos tempos, isso seria inconcebível. A polícia civil estava sempre presente. Os serviços públicos funcionavam. Mais importante que isso, porém, era o fato de que ninguém tinha coragem de jogar lixo na rua desse jeito. Trantor era o nosso planeta, nós nos orgulhávamos dele. Hoje é diferente... - Seldon sacudiu a cabeça, tristemente, resignadamente, e suspirou. - É... - Interrompeu bruscamente o que estava dizendo.

- Você aí, mocinho! - gritou para um menino malvestido que acabara de passar por eles, caminhando na direção oposta. Ele tinha acabado de colocar uma bala na boca, depois de jogar o papel no chão. - Pegue esse papel e jogue na cesta de lixo - ralhou Seldon.

- Pegue você - rosnou o menino, continuando a caminhar.

- É outro sinal de que a sociedade está em decadência, como foi previsto pela psico-história, professor Seldon - comentou Palver.

- Tem razão, Stettin. O Império está se desintegrando à nossa volta. Não há mais retorno possível. A apatia, a mediocridade e a cobiça se juntaram para destruir o outrora glorioso Império. O que tomará o seu lugar? Por que...

Ao ver a expressão no rosto de Palver, Seldon parou de falar. O rapaz parecia escutar atentamente, mas não as palavras de Seldon. Estava com a cabeça inclinada e uma expressão distante nos olhos. Era como estivesse se esforçando para ouvir um ruído distante.

De repente, voltou à realidade. Olhou em torno e segurou Seldon pelo braço.

- Hari, temos que sair daqui. Eles estão chegando...

O silêncio da noite foi quebrado pelo som de passos. Seldon e Palver deram meia-volta, mas era tarde demais, foram abordados por um bando de pivetes. Desta vez, Hari Seldon estava preparado. Levantou a bengala e ameaçou

com ela os agressores. Eles começaram a rir. Eram dois meninos e uma menina.

- Então não vai facilitar as coisas? - disse o que parecia ser o líder. - Pensa que pode conosco? Nós vamos... - De repente, o líder do bando estava no chão, vítima de um pontapé certeiro na barriga. Os outros dois se agacharam, preparando-se para a luta, mas Palver foi mais rápido. Eles também caíram, sem saber o que os atingira.

A briga durara poucos segundos. Seldon apoiou-se na bengala, trêmulo. Palver olhou em torno, ligeiramente ofegante por causa do esforço. Os três atacantes estavam caídos, imóveis, na calçada.

- Vamos dar o fora daqui! - exclamou Palver.

- Não podemos fazer isso, Stettin - protestou Seldon. Apontou para os vultos inconscientes. - Eles são apenas crianças. Podem estar morrendo. Como podemos abandoná-los aqui? Seria desumano... e é a humanidade que tenho lutado para proteger durante todos esses anos. - Seldon bateu com a bengala no chão para realçar suas palavras, seus olhos brilhavam de indignação.

- Bobagem - retorquiu Palver. - O que é inumano é a forma como pivetes como esses se aproveitam de cidadãos inocentes como o senhor. Acha que teriam pena do senhor? Seriam capazes de matá-lo por alguns trocados, e chutar o seu cadáver antes de fugir! Eles vão voltar a si daqui a pouco, e sobreviver para lamber suas feridas. Ou alguém vai encontrá-los e chamar a polícia. Professor, pense, por favor. Depois do que aconteceu da última vez, estará perdido se o seu nome for ligado a outro espancamento. Vamos sair daqui! - Palver agarrou Seldon pelo braço e o velho matemático, depois de olhar mais uma vez para trás, permitiu que o outro o conduzisse.

Quando o som das pegadas de Seldon e Palver desapareceu ao longe, outro vulto emergiu de trás de um carro abandonado. Rindo baixinho, o rapaz murmurou consigo mesmo:

- Quem é você para dizer o que é certo e o que é errado, professor?

Em seguida, saiu correndo para chamar a polícia.

26

- Ordem, quero ordem no tribunal! - exclamou a juíza Tejan Popjens Lih, primeira-magistrada da Corte Imperial. O interrogatório público do professor "Corvo" Seldon tivera uma grande repercussão. Ali estava o homem que previra

a queda do Império, o declínio da civilização, que exortava os outros a não se comportarem como bárbaros... ali estava ele, que, segundo uma testemunha ocular, comandara o espancamento brutal de três crianças. Ah, sim, prometia ser um interrogatório fascinante, que levaria, sem dúvida, a um julgamento ainda mais espetacular.

A juíza apertou um botão e um gongo soou no auditório lotado.

- Quero ordem no recinto! - insistiu para a multidão agora silenciosa. - Se necessário, mandarei evacuar a sala. É meu último aviso!

A juíza era uma figura imponente em sua toga escarlate. Nascida no planeta Lystena, situado a uma certa distância de Trantor, Lih tinha uma pele ligeiramente azulada que ficava mais escura quando se excitava e praticamente roxa quando estava realmente zangada. Diziam que apesar de sua reputação de ser uma grande jurista, apesar de ocupar uma das posições mais invejadas do Império, era uma pessoa extremamente vaidosa de sua aparência, do modo como as togas vermelhas destacavam sua pele turquesa.

Entretanto, Lih tinha fama de ser severa em suas sentenças, era um dos poucos magistrados que aplicavam a lei à risca.

- Ouvi falar do senhor, professor Seldon, e de suas teorias a respeito da queda iminente do Império. Conversei também com um colega que presidiu recentemente um processo em que esteve envolvido, acusado de espancar um homem com uma bengala reforçada com chumbo. Naquela oportunidade o senhor também alegou que estava se defendendo de um assalto. Referiu-se a um incidente anterior, sem registro na polícia, no qual o senhor e seu filho teriam sido atacados por oito marginais. Conseguiu convencer meu estimado colega de que estava agindo em legítima defesa, embora uma testemunha tenha afirmado o contrário. Desta vez, professor, terá que apresentar provas muito mais concretas.

Os três jovens que estavam processando Seldon se remexeram em seus assentos, na mesa da acusação. Não pareciam os mesmos da noite do ataque. Os dois rapazes usavam ternos limpos, a menina estava com uma túnica pregueada. Pareciam representantes típicos da classe média de Trantor.

O advogado de Seldon, Civ Novker, aproximou-se da bancada.

- Meritíssima, meu cliente ocupa lugar de destaque na sociedade trantoriana. Já foi primeiro-ministro. É amigo pessoal do nosso imperador, Agis XIV. Que razão teria para agredir crianças inocentes? Sempre defendeu a tese de que é preciso estimular a criatividade intelectual dos jovens trantorianos. Seu Projeto de Psico-história emprega muitos estudantes como estagiários. Há muitos anos que o professor Seldon pertence ao corpo docente da prestigiosa Universidade de Streeling.

"Além do mais... - Nesse ponto, Novker fez uma pausa e varreu com os

olhos a sala lotada, como se estivesse dizendo: "Esperem até ouvir isto... vão se envergonhar por terem duvidado da palavra do meu cliente." - ...o professor Seldon é um dos poucos cidadãos que têm acesso ilimitado à Biblioteca Imperial. Ele está usando das instalações da biblioteca para trabalhar no que chama de Enciclopédia Galáctica, uma obra monumental que se propõe a ser a síntese de toda a civilização imperial. Como, pergunto eu, podem duvidar da palavra de um homem tão ilustre?”

Com um gesto elaborado, Novker apontou na direção de Seldon, que estava sentado à mesa da defesa, parecendo positivamente pouco à vontade. Os elogios tinham feito Seldon corar (afinal de contas, seu nome ultimamente estava mais associado a críticas que a louvores) e sua mão tremia ligeiramente no cabo entalhado de sua fiel bengala.

A juíza Lih olhou para Seldon sem se deixar impressionar.

- Eu mesma tenho me feito essa pergunta, advogado. Fiquei acordada à noite, tentando encontrar uma explicação. Por que um homem como Seldon agrediria gratuitamente outras pessoas, quando é um dos primeiros a clamar contra o que chama de falência da lei e da ordem?

“De repente, tudo se fez claro. Frustrado por constatar que a maioria da população não lhe dá ouvidos, o professor Seldon talvez se julgue na obrigação de provar que suas previsões são verdadeiras. Afinal de contas, ele é um homem que passou a vida anunciando a "queda do Império", e tudo que tem para mostrar são algumas lâmpadas queimadas na Cúpula, uma falha ocasional nos transportes públicos, um corte de verbas aqui e ali... nada muito expressivo. Mas um assalto a mão armada, ou dois, ou três... isso chamaria a atenção do público.”

Lih recostou-se no assento e cruzou os braços, satisfeita. Seldon ficou de pé, apoiando-se na mesa. com grande esforço, aproximou-se da bancada, dispensando com um gesto o advogado.

- Meritíssima, permite que eu diga algumas palavras em minha defesa?

- Naturalmente, professor Seldon. Afinal de contas, isto não é um julgamento, mas apenas uma audiência preliminar, onde pretendemos ouvir todas as alegações, fatos e teorias pertinentes ao caso antes de decidirmos se haverá um julgamento. Limitei-me a apresentar uma teoria, estou muito interessada em ouvir o que tem a dizer.

Seldon pigarreou antes de começar.

- Dediquei minha vida ao Império. Servi com lealdade todos os imperadores desde Cleon I. A ciência da psico-história que ajudei a criar, longe de ser um arauto da destruição, se propõe a ser um agente de rejuvenescimento. Com ela, poderemos estar preparados para o que o futuro nos reserva. Se, como acredito, o Império continuar o seu processo de desintegração, a psico-história

nos ajudará a construir uma nova civilização, baseada no que havia de melhor na antiga civilização. Gosto dos nossos planetas, dos nossos povos, do nosso Império... como iria contribuir para a desordem que tanto abomino? É essa a minha defesa. Precisa acreditar em mim. Sou um homem dedicado ao intelecto, às equações matemáticas, à ciência... estou falando do fundo do meu coração. - Seldon deu meia-volta e retornou lentamente ao seu lugar, ao lado de Palver. Antes de se sentar, seus olhos procuraram Wanda, que estava sentada na plateia. A moça sorriu e piscou para ele.

- Professor Seldon, ainda não estou totalmente convencida. Já ouvimos os seus acusadores, o Sr. Palver e o senhor. Há mais uma pessoa que gostaria de interrogar: Rial Nevas, que se apresentou como testemunha do incidente.

Quando Nevas se aproximou da bancada, Seldon e Palver olharam um para o outro, assustados. Era o menino que Seldon repreendera pouco antes do ataque.

Lih estava fazendo uma pergunta ao menino.

- Poderia descrever exatamente o que viu na noite em questão, Sr. Nevas?

- Bem - começou Nevas, olhando para Seldon, - estava andando na calçada, cuidando de minha vida, quando vi esses dois. - Voltou-se e apontou para Seldon e Palver. - Estavam do outro lado da rua, vindo na minha direção. Logo depois, vi essas crianças. - Apontou para os três que estavam sentados à mesa da acusação. - Os dois homens estavam andando logo atrás das crianças. Eles não me viram porque estavam do outro lado da rua, e, além disso, só estavam preocupados com as suas vítimas. De repente, zás! O velho deu uma bengalada em uma das crianças, o outro cara derrubou as outras duas a pontapés e quando vi as três crianças estavam no chão. Depois, o velho e o amigo dele foram embora, como se nada tivesse acontecido. Fiquei chocado.

- É mentira! - explodiu Seldon. - Você não entende que minha vida está em jogo, seu imbecil? - Nevas limitou-se a olhar para Seldon, impassível. - Meritíssima - implorou Seldon, - não percebe que ele está mentindo? Lembro-me muito bem desse rapaz; admoestei-o por ter jogado um papel de bala na calçada pouco antes de sermos atacados. Comentei com Stettin que era mais um exemplo da decadência da sociedade, da apatia das autoridades, da...

- Basta, professor Seldon - ordenou a juíza. - Mais um rompante como este e terei que mandar retirá-lo da sala. Agora, Sr. Nevas - disse, voltando-se para a testemunha - gostaria que me contasse o que fez enquanto as crianças estavam sendo espancadas.

- Eu... ora, eu me escondi. Atrás de um carro estacionado. Fiquei ali, escondido. Tinha medo de que batessem em mim também, se me vissem. Foi por isso que me escondi. Depois que foram embora, corri e chamei a polícia.

Nevas começou a transpirar e tentou afrouxar o colarinho. Deslocou o corpo de uma perna para a outra, visivelmente pouco à vontade no estrado das testemunhas. Procurou não encarar a plateia, mas seu olhar foi irresistivelmente atraído para uma mocinha loura, muito bonita, que estava na primeira fila. Era como se ela estivesse lhe fazendo uma pergunta, forçando-o a responder.

- Sr. Nevas, o que tem a dizer a respeito da alegação do professor Seldon de que ele e o Sr. Palver o viram antes do incidente, de que o professor na verdade trocou algumas palavras com o senhor?

- Bem... não foi exatamente como eu disse... eu estava passando e... - Nevas deu com os olhos na mesa dos réus. Seldon estava com uma expressão triste, como se acreditasse que estava tudo perdido. Entretanto, o companheiro de Seldon, Stettin Palver, encarou-o e Nevas teve um sobressalto quando ouviu as palavras: "Conte a verdade!" Era como se Palver tivesse falado, mas seus lábios não haviam se movido. Assustado, Nevas virou a cabeça na direção da mocinha loura; ouviu-a dizer também: "Conte a verdade!", embora seus lábios permanecessem imóveis.

- Sr. Nevas, Sr. Nevas. - A voz da juíza interrompeu as divagações do rapaz. - Sr. Nevas, se o professor Seldon e o Sr. Palver estavam caminhando na sua direção e se encontravam atrás das três crianças, como pôde vê-los primeiro! Foi isso que disse em seu depoimento, não foi?

Nevas olhou em torno. Não podia escapar dos olhos, dos olhos que repetiam sem parar: "CONTE A VERDADE!" Voltando-se para Hari Seldon, Rial Nevas disse apenas "Sinto muito" e depois, para surpresa dos presentes, o menino de quatorze anos começou a chorar.

27

Estava fazendo um dia lindo. Daquela vez, pensou Hari Seldon, o controlador do tempo acertara em cheio: não estava nem muito quente nem muito frio, nem muito claro nem muito escuro. Embora a verba para a manutenção dos jardins tivesse acabado há muitos anos, as poucas plantas perenes que ladeavam os degraus (a biblioteca, construída no estilo clássico da antiguidade, se orgulhava de possuir uma das escadarias mais majestosas de todo o Império, perdendo apenas para a escadaria do Palácio Imperial, a maioria dos visitantes, porém, preferia usar a escada rolante) da escadaria principal da

biblioteca davam um tom alegre à paisagem. Seldon estava se sentindo decididamente otimista. Desde que ele e Stettin Palver tinham sido absolvidos de todas as acusações, Hari Seldon se sentia um novo homem. Embora a experiência tivesse sido dolorosa, a publicidade ajudara a causa de Seldon. A juíza Tejan Popjens Lih, que era considerada um dos magistrados mais influentes da Corte Imperial, senão o mais influente, tinha sido muito enfática em sua declaração, divulgada no dia seguinte ao do depoimento de Rial Nevas.

- Quando chegamos a um tal extremo, em nossa sociedade "civilizada" - disse a juíza, do alto da sua cátedra, - em que um homem da estatura do professor Hari Seldon é submetido a humilhações, vexames e mentiras simplesmente por causa de suas opiniões, esta é realmente uma fase negra para o Império. Admito que também fui iludida... a princípio. O que impediria o professor Seldon de usar meios escusos para confirmar suas previsões? Entretanto, como percebi mais tarde, eu estava redondamente enganada. - Neste ponto, a juíza franziu a testa e uma mancha azulada subiu pelo seu pescoço, tomando-lhe as faces. - Porque estava atribuindo ao professor Seldon os defeitos da nossa sociedade, uma sociedade em que a honestidade, a decência e a boa vontade são consideradas fraquezas, uma sociedade onde parece ser preciso recorrer à desonestidade e ao embuste simplesmente para sobreviver.

“O quanto nos desviamos do rumo correto! Fomos felizes desta vez, caros cidadãos de Trantor. Temos uma dívida de gratidão para com o professor Hari Seldon, por nos mostrar como realmente somos, resta-nos seguir o seu exemplo e nos mantermos vigilantes para que fatos como este não tornem a ocorrer.”

Depois da audiência, o imperador mandou a Seldon um holodisco de parabéns. Nele também expressava a esperança de que Seldon conseguisse novos fundos para o Projeto.

Enquanto subia a escada rolante, Seldon pensava a respeito do estado em que se encontrava no momento o Projeto de Psico-história. Seu bom amigo, o antigo bibliotecário-chefe Las Zenow, se aposentara. Até deixar o cargo, Zenow defendera com tenacidade as ideias de Seldon. Infelizmente, a diretoria não compartilhava da sua opinião, de modo que pouco pudera fazer. Entretanto, ele tinha assegurado a Seldon que o novo bibliotecário-chefe, Tryma Acarnio, era tão progressista quanto ele próprio. Além disso, Acarnio era um tipo muito popular, em bons termos com a diretoria.

- Hari, meu amigo - dissera Zenow, pouco antes de deixar Trantor para ir morar em Wenkory, seu planeta natal, - Acarnio é um bom homem, uma pessoa inteligente e de mente aberta. Tenho certeza de que fará o possível para ajudá-lo. Deixei com ele o arquivo a seu respeito e a respeito da Enciclopédia; quero que

ele compreenda a importância do seu trabalho. Cuide-se bem, meu amigo... Vou me lembrar de você com saudade.

Assim, naquele dia Hari iria se encontrar oficialmente pela primeira vez com o novo bibliotecário-chefe. Estava tranquilo, graças às palavras de Lãs Zenow, e disposto a explicar o que fosse necessário a respeito do Projeto e da Enciclopédia.

Tryma Acarnio se levantou no momento em que Hari entrou no escritório. Já havia deixado sua marca no lugar; enquanto Zenow ocupara todo o espaço disponível com holodiscos e tridijornais dos diferentes setores de Trantor e uma coleção fascinante de visiglobos que representavam vários planetas do Império, Acarnio mandara retirar todos aqueles objetos e deixara o escritório praticamente vazio. Uma parede inteira era agora dominada por uma grande holotela, onde, presumivelmente, Acarnio podia mandar projetar a informação que desejasse.

Acarnio era um homem baixo e atarracado, com um olhar ligeiramente estrábico, resultado de uma operação de correção de córnea malsucedida, que mascarava uma inteligência acima da média e uma percepção fora do comum para o que estava acontecendo à sua volta.

- Ora, ora, professor Seldon. Entre, sente-se. - Acarnio apontou para uma cadeira de espaldar reto em frente à escrivaninha. - Foi um acaso feliz que tenha solicitado esta entrevista, pretendia mandar chamá-lo assim que me instalasse.

Seldon fez que sim com a cabeça. Estava satisfeito por constatar que o novo bibliotecário-chefe considerava uma prioridade falar com ele, a ponto de pensar em fazê-lo nos dias atarefados logo após a posse.

- Antes, porém, de falarmos dos meus assuntos, certamente mais prosaicos, gostaria de saber o que o trouxe aqui.

Seldon pigarreou e inclinou-se para frente.

- Dr. Acarnio, Lãs Zenow certamente lhe falou a respeito do meu trabalho aqui e de minha ideia de promover a elaboração de uma Enciclopédia Galáctica. Las tinha um carinho especial por esse projeto e me cedeu um escritório na biblioteca, além de me permitir o acesso ilimitado aos vastos recursos aqui depositados. Na verdade, foi ele que sugeriu o local onde pretendemos instalar futuramente o projeto da Enciclopédia, um planeta distante chamado Terminus.

"Em uma coisa, porém, Las não pôde me ajudar. Para que o projeto não sofra nenhum atraso, é preciso que alguns dos meus auxiliares também possam ter acesso à biblioteca. Temos uma gigantesca tarefa pela frente, que é a de selecionar as informações que serão copiadas e transferidas para Terminus e servirão de base para a preparação da Enciclopédia.”

"Como deve saber muito bem, Las não contava com o apoio da diretoria da biblioteca. No seu caso, porém, é diferente. Por isso, vim aqui para lhe pedir o seguinte: poderia providenciar para que meus assistentes passem a gozar dos mesmos privilégios que eu, no que diz respeito ao acesso aos recursos da biblioteca?”

Seldon parou, quase sem fôlego. Estava certo de que o discurso, que ensaiara várias vezes na noite anterior, teria o efeito desejado. Esperou, confiante na reação de Acarnio.

- Professor Seldon - começou Acarnio. O sorriso de Seldon desapareceu. Alguma coisa no tom de voz do bibliotecário-chefe não estava certa. - Meu estimado predecessor fez questão de me explicar, com detalhes exaustivos, o trabalho do senhor aqui na biblioteca. Ele parecia apoiar sem reservas a sua pesquisa e era favorável a que estendêssemos aos seus colaboradores todos os privilégios de que goza atualmente. Ele me convenceu, professor Seldon... - A pausa de Acarnio fez Seldon levantar os olhos bruscamente. - ...a princípio. Estava disposto a convocar uma reunião especial da diretoria para propor que fosse cedido um conjunto de escritórios para o senhor e seus enciclopedistas. Infelizmente, professor Seldon, agora tudo mudou de figura.

- Mudou? - repetiu Seldon, surpreso. - Mudou por quê?

- Professor Seldon, o senhor acaba de ser acusado de espancar barbaramente três menores!

- Mas fui impronunciado! - protestou Seldon. - O caso nem foi levado a julgamento!

- Mesmo assim, professor, as notícias a respeito da audiência... como direi? ...mancharam a sua reputação de forma irremediável. Oh, sim, todas as acusações contra o senhor foram retiradas. Entretanto, antes que isso acontecesse, a imprensa discutiu exaustivamente o seu passado, as suas teses, o seu trabalho. E mesmo que uma juíza séria e bem-intencionada o tenha declarado inocente, o que dizer dos milhões, talvez bilhões de pessoas que o consideram, não como um psico-historiador pioneiro, lutando para preservar a glória da civilização, mas como um maníaco perigoso, disposto a provar a qualquer custo a decadência do Império?

"O senhor, pela própria natureza do seu trabalho, representa uma ameaça para o Império. Não me refiro ao Império como instituição, como uma estrutura gigantesca, anônima, monolítica. Não, estou falando da alma do Império... dos seus cidadãos. Quando o senhor diz que o Império está em decadência, está dizendo que eles estão em decadência. E isso, meu caro professor, ninguém gosta de ouvir.”

“Professor Seldon, infelizmente o senhor se tornou objeto de ridículo.”

- Desculpe, Dr. Acarnio, mas a verdade é que há muitos anos que sou ridicularizado em alguns círculos.

- Pode ser, mas apenas em alguns círculos. Neste último incidente, que foi comentado nos quatro cantos da galáxia, o senhor se expôs ao ridículo não só em Trantor, mas em muitos outros planetas. Ao lhe ceder um escritório, nós, da Biblioteca Imperial, estamos aprovando tacitamente o seu trabalho e assim corremos o risco de também nos tornarmos objeto de ridículo. Por mais que eu simpatize pessoalmente com seu projeto, como bibliotecário-chefe da Biblioteca Imperial de Trantor, minha obrigação é pensar em primeiro lugar na instituição. Assim sendo, professor Seldon, sou forçado a negar permissão para que seus assistentes se instalem na biblioteca.

Hari Seldon deixou escapar uma exclamação de surpresa e se empertigou na cadeira, como se tivesse sido atingido por um raio.

- Além disso - prosseguiu Acarnio, - o seu direito de acesso à biblioteca foi suspenso por duas semanas. A reunião especial da diretoria não foi cancelada, professor Seldon. Daqui a duas semanas, informaremos ao senhor a respeito da decisão que tomamos com relação a sua permanência aqui.

Acarnio parou de falar, colocou as mãos no tampo luzidio da escrivaninha e levantou-se.

- Isso é tudo, professor Seldon... por enquanto.

Hari Seldon também se levantou, embora com mais dificuldade que o bibliotecário-chefe.

- E se eu falasse à diretoria? - sugeriu. - Poderia explicar a eles a importância da psico-história e da Enciclopédia para a sobrevivência da civilização...

- Infelizmente, isso não será possível, professor - afirmou Acarnio, e nessas palavras Seldon entreviu o homem de que Las Zenow lhe falara. Logo depois, porém, o burocrata empedernido estava de volta, quando Acarnio o conduziu até a porta.

Quando a porta se abriu, Acarnio disse:

- Duas semanas, professor Seldon. Até lá.

Hari subiu no deslizador que estava à sua espera e as portas se fecharam.

“O que Vou fazer agora?” Pensou Seldon, desconsolado. “Será esse o fim do meu trabalho?”

28

- Wanda, querida, o que a mantém tão ocupada? - perguntou Hari Seldon, ao entrar no escritório da neta, na Universidade de Streeling. O escritório pertencera a Yugo Amaryl, o brilhante matemático cuja morte prematura, quatro anos antes, deixara uma grande lacuna no Projeto de Psico-história. Durante esse tempo, Wanda assumira gradualmente o papel de Yugo, refinando e ajustando o Primeiro Radiante.

- Estou trabalhando na equação do Quadrante 33A2D17. Recalibrei esse setor - apontou para uma mancha violeta suspensa no ar - levando em consideração o quociente padrão, e... Pronto! Exatamente como eu pensava... talvez. - Recuou um passo e esfregou os olhos.

- O que representa, Wanda? - perguntou Seldon, aproximando-se para observar a equação. - Ei, parece a equação de Terminus, mas... Wanda, é o inverso da equação de Terminus, não é?

- Isso mesmo, vovô. A equação de Terminus não estava funcionando muito bem... observe. - Wanda apertou um botão e apareceu no ar uma mancha vermelha. Seldon e Wanda foram examiná-la de perto. - Está vendo como agora tudo se encaixa, vovô? Levei semanas para chegar neste ponto.

- Como conseguiu? - perguntou Hari, admirando a beleza da equação, sua lógica, sua elegância.

- A princípio, concentrei-me exclusivamente na equação de Terminus, como se nada mais existisse. Para que Terminus funcione, aperfeiçoe a equação de Terminus. Parece lógico, não é? Mais tarde, porém, me dei conta de que é impossível introduzir uma equação no Primeiro Radiante e esperar que ela se integre perfeitamente ao que já existe. Um peso necessita sempre de um contrapeso.

- Acho que a ideia a que se refere é o que os antigos chamavam de yin e yang.

- Mais ou menos isso. Yin e yang. De modo que percebi que para aperfeiçoar o y in de Terminus, teria que localizar o seu yang. Foi o que fiz. - Caminhou de volta até a mancha violeta, que estava do lado oposto do Primeiro Radiante. - Depois que ajustei os parâmetros desta segunda equação, a equação de Terminus ficou perfeita. Harmonia! - Wanda parecia satisfeita consigo mesma, como se tivesse resolvido todos os problemas de todos os planetas.

- É fascinante, Wanda. Gostaria que você me explicasse mais tarde o que isso representa para o projeto, em sua opinião. No momento, porém, você deve ir

comigo até o meu escritório. Recebi uma mensagem urgente de Santanni há alguns minutos. Seu pai quer falar conosco imediatamente.

O sorriso de Wanda desapareceu. Estava preocupada com os recentes tumultos ocorridos em Santanni. Quando os orçamentos do Império eram reduzidos, as mais prejudicadas eram as províncias afastadas, que tinham menos acesso aos planetas ricos e densamente povoados do centro da galáxia e encontravam mais dificuldade para trocar seus produtos por bens de consumo. As naves de carga tinham deixado de pousar em Santanni, e o pequeno planeta se sentia cada vez mais isolado do resto do Império. Pequenas rebeliões tinham eclodido em todo o planeta.

- Espero que esteja tudo bem, vovô - disse Wanda, apreensiva.

- Não se preocupe, querida. Afinal de contas, se Raych conseguiu entrar em contato conosco, é porque nada aconteceu com eles.

No escritório de Seldon, ele e Wanda se sentaram diante da holotela. Seldon digitou um número de código e esperaram alguns segundos até que a ligação intragaláctica fosse completada. Pouco a pouco, a tela pareceu penetrar na parede, como se fosse a boca de um túnel. Desse túnel emergiu a silhueta familiar de um homem musculoso.

As feições do homem ficaram mais nítidas. Quando Seldon e Wanda reconheceram o bigode dahlita de Raych, o homem começou a falar.

- Papai! Wanda! - disse Raych (ou melhor, o holograma tridimensional de Raych, transmitido a partir de Santanni). - Prestem atenção. Não tenho muito tempo. - Estremeceu, como se tivesse ouvido uma explosão. - As coisas aqui não vão nada bem. O governo imperial foi deposto e uma junta provisória assumiu o poder. Podem imaginar a confusão. Acabo de colocar Manella e Bellis a bordo de uma nave que vai para Anacreon. O nome da nave é Arcadia VII.

"Devia ver Manella, papai. Não queria me deixar de jeito nenhum. Só consegui convencê-la quando argumentei que era para o bem de Bellis."

"Sei o que estão pensando, papai, Wanda. Claro que eu teria ido com eles... se pudesse. Não havia mais nenhum lugar a bordo. Não sabem o que tive de fazer para conseguir passagens para as duas. - Raych sorriu, um daqueles sorrisos maliciosos que Seldon e Wanda apreciavam tanto, e prosseguiu. - Além do mais, já que estou aqui, tenho que ajudar a tomar conta da universidade... podemos fazer parte do sistema universitário do Império, mas aqui é um lugar pacífico, dedicado ao conhecimento, e não à destruição. Se um desses rebeldes tentar fazer alguma coisa com o nosso equipamento..."

- Raych - interrompeu Seldon, - a coisa está feia? Estão lutando aí perto?

- Está correndo perigo, papai? - perguntou Wanda. Esperaram alguns segundos, até que a mensagem transpusesse os dez mil *parsecs* que os

separavam de Raych.

- Eu... eu não consegui entender o que disseram - respondeu o holograma. - Estão lutando aqui perto. Na verdade, é emocionante - disse Raych, sorrindo de novo. - Vou ter que desligar agora. Não se esqueçam de que Manella e Bellis estão a bordo do Arcádia VII, cujo destino é Anacreon. Voltarei a entrar em contato assim que puder. Não se esqueçam de que eu... - a comunicação foi interrompida e o holograma desapareceu antes que ele pudesse terminar a frase. O túnel da holotela deixou de existir e Seldon e Wanda se viram olhando para uma parede vazia.

- Vovô - perguntou Wanda, - o que acha que papai tentou nos dizer?

- Não faço ideia, querida. Mas uma coisa eu sei: seu pai é perfeitamente capaz de tomar conta de si mesmo. Tenho pena dos rebeldes que se aproximarem do seu pai! Vamos voltar àquela equação; daqui a algumas horas, tentaremos obter notícias a respeito do Arcádia VII.

- Comandante, não faz ideia do que aconteceu com a nave?

- Hari Seldon estava novamente participando de uma comunicação intragaláctica, mas desta vez seu interlocutor era o comandante da Base Militar Imperial de Anacreon.

Para aquela comunicação, Seldon estava fazendo uso da visitela, muito menos realista que a holotela, mas também muito mais simples.

- Estou lhe dizendo, professor, que não temos registro de nenhuma nave que se encontre a caminho deste planeta. Naturalmente, as comunicações com Santanni estão bastante precárias. É possível que a nave tenha tentado entrar em contato conosco através da estação de Santanni, sem sucesso, porém o mais provável é que tenha mudado de rumo. Quem sabe foi para Voreg, ou para Sarip. Já consultou esses planetas, professor?

- Não - respondeu Seldon, com voz cansada, - mas não vejo nenhuma razão para a nave deixar de pousar em Anacreon, se estava indo para Anacreon. Comandante, preciso localizar essa nave.

- Naturalmente - sugeriu o comandante, - o Arcádia VII pode ter sido abatido ao deixar a superfície de Santanni. Esses rebeldes atiram em tudo que veem. Simplesmente apontam seus lasers e fazem de conta que é em Agis que estão atirando. Aqui na periferia as coisas são muito diferentes, professor.

- Minha nora e minha neta estão a bordo daquela nave, comandante - explicou Seldon.

- Oh, sinto muito, professor - disse o comandante. - Entrarei em contato com o senhor assim que souber de alguma coisa.

Seldon desligou a visitela, desanimado. “Estou muito cansado”, pensou.

“Mas não devo me surpreender: venho prevendo isso há mais de quarenta anos.”

Ele riu baixinho. O comandante tinha se referido à vida "na periferia" com o intuito evidente de impressionar Seldon. Este, porém, estava perfeitamente a par das condições na periferia. À medida que a periferia se desintegrasse, como uma peça de tricô com um fio solto, a estrutura inteira se faria em pedaços, até a convulsão chegar ao centro: Trantor.

Seldon se deu conta de que uma campainha estava tocando. Era a campainha da porta.

- Sim?

- Estou com medo, vovô - disse Wanda, entrando no escritório.

- Por que, querida? - perguntou Seldon. Não havia ainda contado à neta a conversa que tivera com o comandante da base de Anacreon.

- Geralmente, embora eles estejam muito longe, posso sentir papai e mamãe aqui dentro - afirmou a moça, levando a mão ao peito. - Hoje, porém, não consigo senti-los. Ou por outra, passei a senti-los com menos intensidade, como se estivessem se apagando, como uma daquelas lâmpadas da Cúpula. Quero parar com isso, quero trazê-los de volta, mas não consigo.

- Wanda, acho que isso não passa de um produto da sua imaginação. Deve estar preocupada com sua família por causa da rebelião. Lembre-se de que a todo momento ocorrem levantes no Império... pequenas explosões, que aliviam a pressão. Sabe muito bem que a probabilidade de que alguma coisa aconteça a Raych, Manella e Bellis é extremamente pequena. Seu pai vai chamar a qualquer hora para dizer que tudo está bem, sua mãe e Bellis vão pousar em Anacreon a qualquer momento e gozar de férias forçadas. Merecemos mais piedade do que eles... estamos atolados de trabalho! Assim, querida, vá para a cama e tenha apenas bons pensamentos. Eu lhe asseguro que amanhã, à luz do dia, vai encarar as coisas com mais otimismo.

- Está bem, vovô - disse Wanda, sem parecer totalmente convencida. - Mas se amanhã não tivermos notícias deles, vamos ter que... vamos ter que...

- Wanda, o que podemos fazer, exceto esperar? - perguntou Seldon, em tom carinhoso.

Wanda saiu, curvada sob o peso de suas preocupações. Seldon ficou onde estava, permitindo finalmente que suas próprias preocupações chegassem à superfície.

Fazia três dias que tinham recebido a transmissão holográfica de Raych. Depois disso... nada. E o comandante da Base Militar de Anacreon não tinha nenhuma notícia de uma nave chamada Arcádia VII.

Seldon tentara entrar em contato com Raych em Santanni, mas todas as comunicações estavam interrompidas. Era como se Santanni e o Arcádia VII

simplesmente tivessem se desprendido do Império, como pétalas de uma flor.

Seldon sabia o que tinha a fazer. O Império podia estar em decadência, mas ainda não estava extinto. Seu poder, quando corretamente usado, ainda era espantoso. Seldon ligou para o imperador Agis XIV através do canal de emergência.

29

- Que surpresa... meu amigo Hari! - O rosto de Agis sorriu para Seldon na tela. - É um prazer falar com você, apesar de não ter entrado em contato comigo pelos canais oficiais. Vamos, você me deixou curioso. O que quer de mim?

- Majestade - começou Seldon, - meu filho Raych, a esposa e a filha moram em Santanni.

- Ah, Santanni - repetiu o imperador, e seu sorriso desapareceu. - Eles são um bando de ingratos, que...

- Por favor, majestade - interrompeu Seldon, surpreendendo tanto o imperador como a si próprio com aquela quebra flagrante do protocolo. - Meu filho conseguiu colocar Manella e Bellis a bordo de uma nave, a Arcádia VII, que se dirigia a Anacreon. Ele, porém, teve que ficar. Isso aconteceu há três dias. A nave não chegou a Anacreon e não tive mais notícias do meu filho. Todas as ligações com Santanni estão interrompidas. Por favor, majestade, pode me ajudar?

- Hari, como sabe muito bem, todos os laços oficiais entre Trantor e Santanni foram cortados. Entretanto, ainda tenho alguma influência em certas regiões de Santanni. Em outras palavras: posso contar com alguns súditos leais que ainda não foram localizados pelos rebeldes. Embora esteja impossibilitado de entrar em contato com essas pessoas, posso mostrar-lhe os comunicados que vêm me enviando periodicamente. Eles são, é claro, altamente confidenciais, mas, levando em conta a sua situação e a nossa amizade, Vou colocá-los à sua disposição.

"Estou esperando mais um despacho para daqui a uma hora. Se quiser, voltarei a chamar assim que chegar. Enquanto isso, mandarei alguém examinar todas as transmissões que recebemos de Santanni nos últimos três dias, para ver se existe qualquer menção a Raych, Manella ou Bellis Seldon.

- Obrigado, majestade. Muitíssimo obrigado. – Seldon ainda estava agradecendo quando a imagem do imperador desapareceu da tela.

Sessenta minutos depois, Hari Seldon ainda estava sentado no mesmo lugar, aguardando o chamado do imperador. Depois do desaparecimento de Dors, tinha sido a hora mais angustiante que jamais passara.

Era a incerteza que o deixava mais aflito. Toda a sua carreira fora baseada no conhecimento, tanto do presente como do futuro. Agora, porém, não sabia onde se encontravam as três pessoas que lhe eram mais caras.

A visitela tocou e Hari apertou um botão. O rosto de Agis apareceu.

- Hari - começou o imperador, e pela tristeza da sua voz, Seldon teve certeza de que se tratava de más notícias.

- Meu filho! - exclamou.

- Infelizmente - disse o imperador, - acabo de receber a notícia de que seu filho foi morto hoje cedo, quando os rebeldes bombardearam a biblioteca da Universidade de Santanni. Minhas fontes informaram que ele sabia do ataque, mas se recusou a abandonar o posto. Muitos dos rebeldes eram estudantes e seu filho achava que, se soubessem que continuava lá, não teriam coragem de fazer o que acabaram fazendo. O que ele não sabia era que o ódio deixa as pessoas cegas.

"Afinal de contas, a universidade era uma universidade imperial. Os rebeldes acham que é preciso destruir tudo que pertenceu ao Império, para começar tudo de novo. São uns tolos! Por que...” - Agis interrompeu a frase no meio, ao se dar conta de que Seldon não estava interessado na Universidade de Santanni nem nos planos dos rebeldes... pelo menos, não naquele instante.

"Hari, se isso lhe serve de consolo, lembre-se de que seu filho morreu tentando defender o conhecimento. Não era pelo Império que Raych estava lutando, mas pela humanidade.”

Seldon olhou para a câmera com os olhos marejados de lágrimas e perguntou, debilmente:

- E Manella? E a pequena Bellis? O que foi feito delas? A Arcádia VII já foi localizada?

- Todas as buscas foram infrutíferas, Hari. A Arcádia VII partiu de Santanni, como você tinha sido informado, mas está desaparecida. Pode ter sido sequestrada pelos rebeldes, pode ter feito um pouso de emergência em outro planeta... no momento, não há maneira de saber.

Seldon assentiu tristemente.

- Obrigado, Agis. Embora as notícias não sejam nada boas, agora sei o que aconteceu com meu filho. A incerteza era pior. Vossa Majestade é um amigo de verdade.

- Agora, meu amigo - disse o imperador, - Vou deixá-lo com suas memórias. - A imagem do imperador desapareceu da tela. Hari Seldon cruzou os braços sobre a mesa, baixou a cabeça e chorou.

30

Wanda Seldon ajeitou o cinto, apertando-o um pouco mais na cintura, pegou uma enxada e começou a remover as plantas daninhas que haviam aparecido no seu pequeno jardim, na entrada do edifício da Psico-história, na Universidade de Streeling. Em geral, Wanda passava a maior parte do tempo no escritório, trabalhando com o Primeiro Radiante. Encontrava consolo na precisa elegância estatística do aparelho; as equações imutáveis eram uma referência segura em um universo subitamente caótico.

Quando, porém, a saudade do pai, da mãe e da irmã menor apertava, quando nem mesmo as suas pesquisas conseguiam desviar seus pensamentos da terrível perda que sofrerá, Wanda invariavelmente se dirigia para o jardim, como se proteger a vida daquelas frágeis plantinhas contribuísse de alguma forma para aliviar seu sofrimento.

Desde a morte do pai, fazia um mês, e o desaparecimento da mãe e da irmã, Wanda, que sempre tinha sido magra, começara a perder peso. Um mês atrás Hari Seldon teria feito um escândalo por causa da perda de apetite da neta, agora, abalado pela dor, não parecia nem notar o fato.

Hari e Wanda Seldon, como os poucos membros restantes do Projeto da Psico-história, tinham passado por uma profunda transformação. Hari parecia ter desistido de trabalhar, passava a maior parte do tempo sentado em uma cadeira de braços, no solário da universidade, olhando para o vazio. Os membros do projeto contavam a Wanda que ocasionalmente o guarda-costas de Seldon, um homem chamado Stettin Palver, o levava para passear fora da universidade ou tentava envolvê-lo numa discussão a respeito do futuro do projeto.

Quanto a Wanda, estava cada vez mais envolvida no estudo do Primeiro Radiante. As equações eram fascinantes e a moça podia sentir o futuro, pelo qual

o avô tanto trabalhara, tomar forma diante dos seus olhos. Hari Seldon estava certo: os enciclopedistas tinham que ser enviados para Terminus, lá seria estabelecida a Fundação.

E o Setor 33A2D17? Nele Wanda podia ver o que Seldon chamara de Segunda Fundação. Mas como? Sem a orientação de Seldon, Wanda não sabia como proceder. A tristeza pelo desaparecimento de sua família era tão grande que no momento não tinha forças para abordar a tarefa sozinha.

Os outros membros do projeto, os cinquenta e poucos abnegados que haviam ficado, apesar de tudo, continuavam a trabalhar na medida do possível. Em sua maioria, eram enciclopedistas, selecionando as fontes de informações que teriam de copiar e classificar antes de uma possível mudança para Terminus... se um dia conseguissem ter pleno acesso à Biblioteca Imperial. No momento, aquilo não passava de uma esperança; o professor Seldon perdera seu escritório particular na biblioteca, de modo que as possibilidades de que outro membro do projeto recebesse tratamento privilegiado eram muito remotas.

Os membros restantes do projeto eram analistas históricos e matemáticos. Os historiadores interpretavam acontecimentos da história humana, passando suas descobertas aos matemáticos, que por sua vez tentavam encaixar esses eventos na grande

Equação Psico-histórica. Era um trabalho difícil e demorado.

Muitos membros do projeto haviam desistido. Os psicohistoriadores eram alvo de muitas piadas em Trantor, e os fundos limitados tinham obrigado Seldon a reduzir drasticamente os salários. Entretanto, a presença constante de Hari Seldon ajudara, até o momento, a superar as difíceis condições de trabalho. Na verdade, os que haviam ficado o fizeram por respeito e dedicação ao professor Seldon.

Agora, pensou Wanda Seldon, com tristeza, que motivo lhes resta para ficar? Uma leve brisa soprou uma mecha dos seus cabelos louros para diante dos olhos. A moça ajeitou-a distraidamente e continuou a capinar.

- Srta. Seldon, posso roubar um minuto do seu tempo?

Wanda voltou-se e levantou os olhos. Um rapaz de vinte e poucos anos estava de pé na alameda, a seu lado. Percebeu imediatamente que se tratava de um homem forte e inteligente. O avô soubera escolher.

- Estou reconhecendo você. É o guarda-costas do meu avô, não é? Seu nome não é Stettin Palver?

- Exatamente, Srta. Seldon - disse Palver, enrubescendo ligeiramente, como se estivesse orgulhoso de que uma moça tão bonita lhe desse atenção. - Srta. Seldon, é sobre o seu avô que eu gostaria de conversar. Estou muito preocupado com ele. Precisamos fazer alguma coisa.

- Fazer o que, Sr. Palver? Gostaria de saber. Desde que meu pai... - engoliu em seco, como se tivesse dificuldade de falar - ...desde que meu pai morreu e minha mãe e minha irmã desapareceram, mal consigo tirá-lo da cama de manhã. E, para dizer a verdade, eu mesma fiquei muito deprimida. Você compreende, não é? - Olhou-o nos olhos e viu que compreendia perfeitamente.

- Srta. Seldon - disse Palver, - sinto muitíssimo o que aconteceu. Entretanto, a senhorita e o professor Seldon estão vivos, e precisam continuar trabalhando na psico-história. O professor parece haver desistido. Tinha a esperança de que a senhorita pudesse fazê-lo mudar de ideia. Sabe como é, dar-lhe uma razão para prosseguir.

“Ah, Sr. Palver”, pensou Wanda, “talvez o vovô esteja certo. Será que vale a pena prosseguir?” Em voz alta, ela disse:

- Sinto muito, Sr. Palver, mas não consigo pensar em nada. - Apontou para a terra com a enxada. - E agora, como vê, preciso arrancar essas pragas.

- Não acho que o seu avô esteja certo. Acho que vale a pena prosseguir.

As palavras a tomaram de surpresa. Como podia saber o que estava pensando? A menos que...

- Você é capaz de ler pensamentos, não é? - perguntou Wanda, prendendo a respiração, como se tivesse medo de ouvir a resposta.

- Sou, sim - respondeu o rapaz. - Sempre fui, penso eu. A maior parte do tempo, não faço isso de maneira consciente... simplesmente fico sabendo o que as pessoas estão pensando.

"Às vezes - prosseguiu, encorajado pela compreensão que percebeu em Wanda, - tenho a sensação de que meus pensamentos estão sendo lidos por outra pessoa. Isso, porém, sempre acontece em uma multidão, e jamais consegui encontrar o responsável. Tenho certeza, porém, de que existem outros iguais a nós.”

Wanda segurou a mão de Palver, entusiasmada, deixando cair a enxada.

- Faz ideia do que pode significar esta descoberta? Para o vovô, para a psico-história? Um de nós não pode fazer muita coisa sozinho, mas todos juntos...

Wanda se dirigiu para o edifício da Psico-história, deixando Palver parado no jardim. Ao chegar ao saguão, parou e olhou para trás. “Venha, Sr. Palver, precisamos contar ao vovô a novidade”, disse a moça, sem abrir a boca.

“Está bem”, respondeu o rapaz da mesma forma, antes de juntar-se a ela.

31

- Está querendo dizer que enquanto eu procurava em todo o planeta por alguém com seus poderes, Wanda, ele estava aqui a meu lado esse tempo todo? - perguntou Seldon, incrédulo. Estava cochilando no solário quando Wanda e Palver o acordaram para lhe dar a espantosa notícia.

- Isso mesmo, vovô. Pense bem. Eu nunca tivera oportunidade de conversar com Stettin. Vocês dois passeavam pelas ruas, longe do projeto, e eu passava a maior parte do tempo trancada no escritório, trabalhando com o Primeiro Radiante. Na verdade, na única vez em que nossos caminhos se cruzaram, os resultados foram notáveis.

- Quando foi isso? - perguntou Seldon.

- Durante aquela audiência presidida pela juíza Lih - explicou Wanda. - Lembra-se da "testemunha" que jurou ter visto você e Stettin agredirem aqueles pivetes? Lembra-se de que ele de repente mudou de ideia e decidiu contar a verdade? Stettin e eu conseguimos reconstituir o que aconteceu. Nós dois estávamos pressionando Rial Nevas para que ele voltasse atrás. Ele tinha sido muito seguro em seu depoimento, duvido que um de nós pudesse influenciá-lo sozinho. Juntos, porém - a moça olhou timidamente para Palver, a seu lado, - nosso poder é indescritível!

Hari Seldon assimilou tudo aquilo e fez menção de falar. Wanda, porém, continuou:

- Na verdade, pretendemos passar a tarde testando nossa capacidade mental, juntos e separadamente. Pelo pouco que discutimos até agora, parece que o poder de Stettin é ligeiramente menor do que o meu... talvez ele esteja no nível 5 da minha escala. Somando o seu 5 com o meu 7, temos um total de 12! Pense nisso, vovô. É fantástico!

- Não compreende, professor? - interveio Palver. - Wanda e eu somos exatamente o que o senhor estava precisando. Podemos ajudá-lo a convencer os planetas da validade da psico-história, podemos ajudá-lo a encontrar outros iguais a nós, podemos ajudá-lo a continuar as pesquisas.

Hari Seldon olhou para os dois jovens. Seus rostos estavam cheios de vigor e entusiasmo, e isso fez bem ao seu velho coração. Talvez nem tudo estivesse perdido, afinal. Não pensava que conseguisse sobreviver àquela última tragédia, a morte do filho, mas agora compreendia que Raych continuava a viver, na pessoa de Wanda.

E em Wanda e Stettin, ele agora sabia, estava o futuro da Fundação.

- Sim, sim - concordou Seldon, balançando a cabeça para cima e para baixo. - Venham até aqui. Ajudem-me a levantar. Preciso ir até o escritório planejar o nosso próximo passo.

32

- Entre, professor Seldon - disse Tryma Acarnio, o bibliotecário-chefe, em tom gélido. Hari Seldon, acompanhado por Wanda e Palver, entrou no imponente escritório.

- Obrigado, Dr. Acarnio - agradeceu Seldon, sentando-se em uma cadeira. - Quero apresentar-lhe minha neta Wanda e meu amigo Stettin Palver. Wanda é um membro muito valioso do Projeto da Psico-história. Sua especialidade é a matemática. Quanto a Stettin, bem, Stettin está se revelando um psicohistoriador geral de primeira... isto é, quando não está trabalhando como meu guarda-costas - concluiu Seldon, com uma risadinha.

- Oh, isso é ótimo, professor - observou Acarnio, intrigado com o bom humor de Seldon. Esperava que o professor chegasse cheio de queixas, pedindo a volta dos seus antigos privilégios na biblioteca.

“O que não compreendo é a razão da sua visita. Sabe que nossa posição é clara: não podemos permitir que a biblioteca se associe a um indivíduo extremamente impopular. Somos, afinal de contas, uma biblioteca pública, e temos que respeitar a vontade do povo.”

Acarnio ajeitou-se na cadeira. Talvez agora tivesse que ouvir algumas queixas.

- Reconheço que não fui capaz de convencê-lo - disse Seldon. - Entretanto, achei que se ouvisse dois membros mais jovens do projeto... os psico-historiadores de amanhã, por assim dizer... talvez tivesse uma ideia melhor da importância do projeto, e da Enciclopédia, em particular, para o futuro da humanidade. Peço-lhe que escute o que Wanda e Stettin têm a dizer.

Acarnio olhou friamente para os dois jovens.

- Está bem - concordou, olhando ostensivamente para o relógio na parede. - Têm cinco minutos. Sou um homem muito ocupado.

- Dr. Acarnio - começou Wanda, - como meu avô certamente lhe explicou, a psico-história é um instrumento muito importante para a preservação da nossa cultura. Sim, preservação - repetiu, quando viu Acarnio arregalar os

olhos. - Fala-se muito na destruição do Império, e com isso se deixa de lado a verdadeira importância da psico-história. Porque com a psico-história, da mesma forma como se pode prever o inevitável declínio da nossa civilização, também é possível tomar medidas para preservá-la. Estou me referindo à Enciclopédia Galáctica. É por isso que precisamos da sua ajuda e da ajuda de sua grande biblioteca.

Acarnio não pôde deixar de sorrir. A mocinha tinha um encanto inegável. Tinha um jeito tão sincero, tão decidido. Olhou para ela, ali sentada, com os cabelos louros puxados para trás em um penteado discreto, que, em vez de esconder sua beleza, só contribuía para realçá-la. O que ela estava dizendo começava a fazer sentido. Talvez Wanda Seldon tivesse razão... talvez ele estivesse encarando o problema da perspectiva errada. Se se tratava na verdade de uma questão de preservar, e não de destruir...

- Dr. Acarnio - interveio o rapaz, Stettin Palver. – Esta grande biblioteca existe há milhares de anos. Mais do que o palácio Imperial, representa o poder do Império. Porque o palácio abriga apenas o chefe supremo, enquanto na biblioteca se encontra todo o conhecimento científico, cultural e histórico. Seu valor é incalculável.

“Não faz sentido preparar um tributo a este imenso repositório? É o que será a Enciclopédia Galáctica... uma síntese de todos os conhecimentos contidos no interior destas paredes. Pense nisso!”

De repente, tudo pareceu muito claro a Acarnio. Como fora deixar a diretoria (especialmente aquele antipático do Gennaro Mummery) convencê-lo a revogar os privilégios de Seldon? Las Zanow, uma pessoa de notório bom senso, tinha sido um defensor incondicional da Enciclopédia de Seldon.

Olhou novamente para os três que estavam sentados à sua frente, esperando por uma decisão. Se os dois jovens eram uma amostra representativa da nova equipe de Seldon, a diretoria teria dificuldade para justificar qualquer medida restritiva.

Acarnio levantou-se e atravessou o escritório com a testa franzida. Pegou uma esfera branca de cristal que estava sobre uma mesa e sopesou-a na palma da mão.

- Trantor - disse, em tom pensativo, - sede do Império, centro da galáxia. Pensando bem, é espantoso... Acho que nosso julgamento foi precipitado, professor Seldon. Agora que conheço melhor o seu projeto da Enciclopédia Galáctica - olhou de relance para Wanda e Palver, - compreendo como é importante que continue seu trabalho aqui. E, naturalmente, que seus auxiliares diretos tenham acesso às instalações da biblioteca.

Seldon sorriu e apertou a mão de Wanda.

- Não é apenas para maior glória do Império que estou disposto a ajudá-lo - prosseguiu Acarnio, aparentemente empolgando-se com a ideia (e com o som da própria voz). - O senhor é um homem famoso, professor Seldon. As pessoas podem considerá-lo um gênio ou um louco, mas todos parecem ter uma opinião a seu respeito. Se um nome como o seu for associado à biblioteca, isso servirá apenas para aumentar o nosso prestígio como um bastião intelectual da mais alta qualidade. Ora, o brilho da sua presença poderá ser usado para levantar os fundos necessários para atualizar nossas coleções, melhorar o nível dos nossos funcionários, manter as nossas portas abertas ao público por mais tempo...

"E a ideia da Enciclopédia Galáctica... que projeto monumental! Imagine qual será a reação quando o público souber que a Biblioteca Imperial se associou a um empreendimento destinado a preservar o esplendor da nossa civilização... nossa gloriosa história, nossas brilhantes conquistas, nossas fascinantes culturas. E pensar que eu, o bibliotecário-chefe Tryma Acarnio, terei sido um dos esteios deste grandioso projeto...” - Acarnio ficou olhando fixamente para a esfera de cristal, perdido em seus devaneios.

"Sim, professor Seldon - prosseguiu Acarnio, voltando à realidade. - O senhor e seus assistentes terão pleno acesso a nossas instalações... além de um conjunto completo de escritórios para realizarem o seu trabalho.” - Colocou a esfera de cristal de volta na mesa e voltou para seu lugar atrás da escrivaninha.

"Será necessária uma certa habilidade, é claro, para convencer a diretoria, mas estou acostumado a lidar com eles. Podem deixar por minha conta.”

Seldon, Wanda e Palver se entreolharam, exultantes. Tryma Acarnio dispensou-os com um gesto e eles saíram, deixando o bibliotecário-chefe em sua cadeira, sonhando com a glória e as honrarias com que a biblioteca seria distinguida durante a sua gestão.

- É espantoso - comentou Seldon, quando os três estavam de volta ao carro. - Deviam tê-lo visto alguns dias atrás. Disse que eu estava "ameaçando a segurança do Império", e coisas assim. Hoje, depois de alguns minutos com vocês dois...

- Não foi muito difícil, vovô - disse Wanda, antes de apertar um botão, fazendo com que o veículo entrasse em movimento. Recostou-se no assento e o piloto automático assumiu o controle, Wanda tinha digitado as coordenadas do local de destino no painel de controle. - Ele quer deixar o nome na história. Bastou ressaltarmos os aspectos positivos da Enciclopédia que o seu ego se encarregou do resto.

- No momento em que eu e Wanda entramos no escritório, tive certeza de que a parada estava ganha - acrescentou Palver, do banco de trás. - Nós dois

formamos uma dupla e tanto. - Palver inclinou-se para frente e apertou afetuosamente o ombro de Wanda. A moça deu-lhe um tapinha na mão.

- Não vejo a hora de contar a novidade aos enciclopedistas - disse Seldon. - Embora restem apenas trinta e dois, são gente boa e dedicada. Vou instalá-los na biblioteca e atacar o próximo problema... dinheiro. Talvez esta aliança com a biblioteca nos ajude a levantar fundos particulares. Vamos ver... tornarei a ligar para Terep Bindris, acho que ele simpatizou com o nosso projeto.

O carro parou em frente ao edifício da Psico-história, na Universidade de Streeling. As portas se abriram, mas Seldon não saltou imediatamente. Ele se voltou para Wanda.

- Wanda, gostaria que você e Stettin fossem comigo. Vocês me ajudaram a convencer Acarnio; sei que serão capazes de repetir a proeza com os empresários.

"Sei que detesta se afastar por muito tempo do seu adorado Primeiro Radiante, mas essas visitas darão a vocês dois a oportunidade de praticar, de desenvolver suas habilidades, de ter uma ideia do que são capazes de fazer.”

- Está bem, vovô, mas tenho certeza de que agora, que você tem o aval da biblioteca, as dificuldades serão bem menores.

- Existe outra razão pela qual considero importante que vocês andem juntos. Stettin, você me disse que, em certas ocasiões, "sentiu" que havia outra mente como a sua nas proximidades, mas não conseguiu localizá-la.

- É verdade - respondeu Palver. - Tive alguns lampejos, mas todas as vezes que isso aconteceu eu estava no meio de uma multidão. Além disso, nos meus vinte e quatro anos, esses lampejos ocorreram apenas quatro ou cinco vezes.

- Acontece, Stettin - disse Seldon, com voz tensa, - que cada um desses "lampejos" devia representar a mente de uma pessoa como você e Wanda... um mentálico. Wanda nunca teve esses "lampejos" porque levou uma vida reclusa. As poucas vezes em que se viu no meio de uma multidão, não devia haver nenhum mentálico por perto.

“Esta é outra razão, talvez a mais importante, para que vocês dois circulem pela cidade, comigo ou sem mim. Precisamos localizar outros mentálicos. Vocês dois juntos têm poder suficiente para convencer uma pessoa. Um grupo de pessoas como vocês, trabalhando em uníssono, terá poder suficiente para controlar um Império!”

Dito isso, Hari Seldon saltou do carro e se dirigiu, mancando, para o edifício da Psico-história. Wanda e Palver ficaram olhando para ele de longe, sem se dar conta da enorme responsabilidade que Seldon acabara de colocar em seus ombros.

33

Estava no meio da tarde e os raios do sol de Trantor se refletiam na casca metálica que envolvia o planeta. Hari Seldon se encontrava na plataforma de observação da Universidade de Streeling e levou a mão aos olhos, tentando protegê-los da luz ofuscante. Fazia anos que não deixava o ambiente protegido da Cúpula, a não ser em suas poucas visitas ao palácio, e isso não contava, porque os jardins do palácio também eram um ambiente protegido.

Seldon voltara a sair desacompanhado. Em primeiro lugar, Palver passava a maior parte do tempo com Wanda, trabalhando com o Primeiro Radiante, pesquisando os poderes dos mentálicos ou à procura de outros como eles. Se quisesse, Seldon poderia ter contratado outro rapaz, um estudante da universidade ou um membro do projeto, para trabalhar como seu guarda-costas. Ele sabia, porém, que não precisava mais de guarda-costas. Depois da audiência e do restabelecimento dos laços com a Biblioteca Imperial, a comissão de Segurança Pública manifestara um súbito interesse por Seldon. O matemático sabia que estava sendo seguido; em várias ocasiões, durante os últimos meses, chegara a avistar a distância o agente encarregado de segui-lo. Também não tinha dúvida de que a casa e o escritório estavam cheios de aparelhos de escuta, mas ele próprio ativava uma blindagem estática sempre que participava de conversas confidenciais.

Seldon não sabia ao certo o que a Comissão pensava a seu respeito... talvez nem mesmo eles soubessem. Quer o considerassem um profeta ou um louco, a verdade era que faziam questão se saber onde estava, e enquanto pensassem assim, não precisaria de um guarda-costas.

Uma leve brisa agitou o casaco azul de Seldon e os poucos cabelos brancos que lhe restavam. Debruçou-se na amurada e olhou para a cobertura de aço. Abaixo daquela cobertura, ele sabia, funcionavam as máquinas de um mundo extremamente complexo. Se a Cúpula fosse transparente, poderia ver os carros trafegando nas ruas, os gravitáxis percorrendo o intrincado complexo de túneis interligados, as naves espaciais sendo carregadas com produtos químicos a serem despachados para outros planetas do Império ou desembarcando sua carga de cereais provenientes de planetas agrícolas.

Abaixo da cobertura metálica, quarenta bilhões de pessoas estavam

vivendo suas vidas, com todas as alegrias, tristezas e outras emoções que caracterizam a vida humana. Era uma imagem que apreciava particularmente, aquele panorama das realizações humanas, e sentia uma dor no coração ao pensar que em apenas alguns séculos tudo aquilo estaria em ruínas. A grande Cúpula seria rasgada, revelando a vastidão estéril do lugar que tinha sido a sede de uma civilização florescente. Sacudiu a cabeça, tristemente, pois sabia que não havia nada que pudesse fazer para evitar a tragédia. Entretanto, ao mesmo tempo em que Seldon podia ver a Cúpula em ruínas, também sabia que do solo deixado exposto pelas últimas batalhas do Império nasceriam as primeiras plantinhas de um outro ciclo de vida e que, um dia, Trantor voltaria a ocupar um lugar de destaque no novo Império. Tudo isso era parte do Plano.

Seldon sentou-se em um dos bancos da plataforma. A perna latejava, o esforço da caminhada fora demais para ele. Mas valera a pena olhar mais uma vez para Trantor, respirar o ar puro e olhar para a vastidão do céu.

Seldon pensou em Wanda com saudade. Raramente se encontrava com a neta, e quando o fazia, Stettin Palver estava sempre presente. Fazia apenas três meses que Wanda e Palver se conheciam, mas eles já eram companheiros inseparáveis. Wanda assegurara a Seldon que aquele trabalho conjunto era essencial para o projeto, mas o matemático desconfiava que a ligação entre os dois envolvia mais que o mero interesse profissional. Lembrou-se dos sinais característicos, da forma como ele e Dors haviam procedido logo depois de se conhecerem. Os sinais estavam todos ali, na forma como os jovens olhavam um para o outro, com um interesse que resultava não só do estímulo intelectual, mas também da motivação emocional.

Além do mais, por sua própria natureza, Wanda e Palver pareciam se sentir mais à vontade um com o outro do que com outras pessoas. Na verdade, Seldon descobrira que quando estavam sozinhos Wanda e Palver não precisavam nem falar, o desenvolvimento de sua capacidade mental chegara a tal ponto que não precisavam usar palavras para se comunicar.

Os outros membros do projeto não conheciam os talentos especiais de Wanda e Palver. Seldon achara melhor manter em segredo o trabalho dos mentálicos, pelo menos até que o seu papel no plano estivesse bem definido. Na verdade, o plano em si estava bem definido... mas apenas na mente de Seldon. Quando mais algumas peças estivessem no lugar, revelaria o plano a Wanda e Palver e algum dia, por necessidade, a outros assistentes. Seldon levantou-se com dificuldade. Tinha que estar de volta à Cúpula em uma hora, para encontrar-se com Wanda e Palver. Tinham deixado um recado para ele dizendo que estavam preparando uma grande surpresa. “Outra peça para o quebra-cabeça, quem sabe?” Pensou Seldon. Olhou pela última vez para Trantor e, antes de se

encaminhar para o elevador de repulsão gravítica, sorriu e murmurou baixinho: "Fundação."

34

Hari Seldon entrou no escritório e descobriu que Wanda e Palver já tinham chegado e estavam sentados à mesa de conferências, na extremidade da sala. Como era habitual em se tratando dos dois, reinava um profundo silêncio. Seldon, porém, teve um sobressalto ao notar que havia outra pessoa com eles. Era estranho. Por polidez, Wanda e Palver usavam a comunicação verbal sempre que tinham companhia; entretanto, nenhum dos três estava falando.

Seldon examinou o estranho. Parecia meio desajeitado. Tinha cerca de 35 anos e o olhar míope de alguém que passa tempo demais estudando. Se não fosse por um certo ar de determinação, Seldon julgaria estar na presença de um tipo que poderia ser chamado de "maricás". Olhando-o mais de perto, Seldon observou também uma expressão de bondade, de gentileza, no seu rosto. Uma pessoa confiável, pensou o matemático.

- Meu avô - disse Wanda, levantando-se graciosamente da cadeira. Seldon sentiu um aperto no coração ao olhar para a neta. Mudara muito nos últimos meses, desde que perdera a família. Enquanto antes sempre o chamara de "vovô", agora usava o tratamento mais formal de "meu avô". No passado, parecia sempre disposta a dar uma risadinha, ultimamente, sua expressão serena era iluminada apenas ocasionalmente por um sorriso beatífico. Entretanto, agora como sempre, era uma moça linda, e essa beleza era superada apenas pelo prodigioso intelecto.

- Wanda, Palver - disse Seldon, beijando a neta no rosto e dando um tapinha no ombro do rapaz. - Como vai? - disse Seldon, voltando-se para o estranho, que também se levantara. - Meu nome é Hari Seldon.

- Muito prazer em conhecê-lo, professor - respondeu o homem. - Meu nome é Bor Alurin. - Alurin estendeu a mão a Seldon, na forma arcaica, e portanto mais formal, de cumprimento.

- Bor é psicólogo, Hari - explicou Palver, - e um grande fã do seu trabalho.

- E mais importante - acrescentou Wanda - é que é um de nós.

- Um de vocês? - Seldon olhou, surpreso, de um para outro. - Está

querendo dizer...? - Os olhos de Seldon brilharam.

- Isso mesmo, meu avô. Ontem, Stettin e eu estávamos passeando no setor de Ery, atentos ao que se passava em volta, como você nos recomendou, à procura de outros. De repente... ZÁS!... ali estava ele.

- Reconhecemos imediatamente os padrões mentais e tentamos estabelecer uma ligação - explicou Palver. - Estávamos em uma área comercial, perto do aeroporto, de modo que as calçadas estavam cheias de gente. Parecia uma tarefa impossível, mas Wanda simplesmente parou e chamou mentalmente: Venha cá. Logo depois, Bor se aproximou de nós e perguntou: O que desejam?

- Fantástico! - exclamou Seldon, sorrindo para a neta. - Dr... é doutor, não é?... Dr. Alurin, o que pensa de tudo isto?

- Bem - começou o psicólogo, - estou satisfeito. Sempre me senti diferente das outras pessoas, e agora sei por quê. E se posso ser útil a vocês, ora... - O psicólogo baixou os olhos, como se achasse que estava sendo presunçoso. - O que quero dizer é que Wanda e Stettin acham que posso contribuir de alguma forma para o projeto da psico-história. Professor, nada me agradaria mais.

- O que eles disseram é verdade, Dr. Alurin. Sua contribuição para o projeto pode ser valiosa. Naturalmente, terá que deixar a sua ocupação atual. Está disposto a fazer isso?

- É claro, professor, é claro. Posso precisar de um pouco de ajuda para convencer minha mulher... - ele deu uma risadinha tímida - ...se bem que nisso eu sou bom...

- Então está resolvido - declarou Seldon, laconicamente. - Seja bem-vindo ao projeto da psico-história. Eu lhe prometo, Dr. Alurin, que não se arrependerá de sua decisão.

- Wanda, Stettin - disse Seldon mais tarde, depois que Bor Alurin tinha ido embora. - Esta foi uma grande descoberta. Acham que poderão localizar mais mentálicos?

- Meu avô, levamos mais de um mês para encontrar Bor... não podemos prever com que frequência outros serão localizados.

"Para dizer a verdade, essa busca rouba tempo de nosso trabalho com o Primeiro Radiante, além de nos deixar atordoados. Agora que tenho Stettin para "conversar", a comunicação verbal me parece muito primitiva, muito caótica.”

O sorriso de Seldon desapareceu. Ele temia que isso acontecesse. À medida que Wanda e Palver aperfeiçoavam sua capacidade mental, toleravam cada vez menos a vida "comum".

- Wanda, Stettin, acho que chegou a hora de lhes contar mais alguma coisa a respeito da ideia que Yugo Amaryl teve há alguns anos e que usei como

base para o meu plano. Até agora, ainda não me sentia preparado para discutir o assunto em profundidade, porque nem todas as peças estavam no lugar.

"Como sabem, Yugo achava que devíamos estabelecer duas Fundações, como medida de segurança. Foi uma ideia brilhante. Gostaria que Yugo tivesse vivido tempo suficiente para vê-la concretizada. - Seldon fez uma pausa e deixou escapar um suspiro. -Mas vamos voltar ao que interessa. Há seis anos, quando percebi que Wanda tinha poderes mentais fora do comum, ocorreu-me que não só devíamos ter duas Fundações, mas elas deviam ser diferentes. Uma seria constituída por cientistas... os enciclopedistas que em breve estaremos enviando para Terminus serão os pioneiros desse grupo. A outra seria constituída pelos verdadeiros psico-historiadores... vocês. É por isso que eu estava ansioso para encontrar outros como vocês."

"Uma coisa, porém, é importante: a Segunda Fundação deve ser mantida em segredo. Sua força estará na sua discrição, na sua onipresença e onipotência telepática. Há alguns anos, quando se tornou evidente que eu precisaria dos serviços de um guarda-costas, percebi que a Segunda Fundação deveria ser a guarda-costas discreta e silenciosa da Fundação oficial."

"A psico-história não é infalível, mas suas previsões se baseiam na lei das probabilidades. A Fundação, especialmente na sua infância, terá muitos inimigos."

"Wanda, você e Palver são os pioneiros da Segunda Fundação, os guardiões da Fundação que será estabelecida em Terminus."

- Mas como, meu avô? - quis saber Wanda. - Somos apenas dois... ou melhor, três, se contarmos Bor. Para proteger a Fundação, necessitaríamos de...

- Centenas? Milhares? Encontrem tantos quantos forem necessários, Wanda. Vocês podem fazê-lo. Vocês sabem como fazê-lo.

"Quando me contou como haviam encontrado o Dr. Alurin, Stettin me disse que vocês simplesmente enviaram uma mensagem e ele os procurou. Não compreende? O tempo todo venho pedindo que saiam à procura de outros como vocês. Mas isso é difícil, quase penoso para vocês. Percebo agora que você e Stettin devem se isolar para formar o núcleo da Segunda Fundação. É de lá que lançarão suas redes no oceano da humanidade."

- Meu avô, o que está dizendo? - perguntou Wanda, chocada. Ela deixara o seu assento e estava ajoelhada ao lado da cadeira de Seldon. - Quer que vá embora?

- Não, Wanda - respondeu Seldon, com a voz embargada pela emoção. - Não quero que você vá embora, mas não há outro meio. Você e Stettin precisam se isolar do mundo físico. À medida que forem desenvolvendo sua capacidade mental, poderão atrair outros mentálicos... e a Segunda Fundação poderá crescer

em segredo.

"É claro que nos manteremos em contato. E cada um de nós conservará o seu Primeiro Radiante. Você sabe que tenho razão, que o que estou propondo é necessário, não sabe?"

- Sei, sim, meu avô - concordou Wanda. - Não se preocupe, não vou desapontá-lo.

- Sei que não vai, querida - disse Seldon.

Como era capaz de fazer isso... de mandar a neta querida para longe? Era seu último elo com um passado feliz, com Dors, Yugo e Raych. Era a única outra pessoa de sobrenome Seldon em toda a galáxia.

- Vou sentir muita falta de você, Wanda - afirmou Seldon, enquanto uma lágrima escorria pelo seu rosto enrugado.

- Só mais uma coisa, meu avô - disse Wanda, ao se levantar com Palver, preparando-se para sair. - Para onde vamos? Onde fica a Segunda Fundação?

Seldon levantou os olhos e declarou:

- O Primeiro Radiante já nos disse isso, Wanda.

Wanda olhou para Seldon, intrigada, Seldon segurou a mão da neta.

- Leia na minha mente, Wanda. Está lá.

Wanda arregalou os olhos e sondou a mente de Seldon.

- Estou vendo - murmurou. Seção 33A2D17: Ponto Final.

PARTE V: EPÍLOGO

Meu nome é Hari Seldon. Fui primeiro-ministro do imperador Cleon I. Sou Professor Emérito de Psico-história da Universidade de Streeling, de Trantor; diretor do Projeto de Psico-história; Diretor-executivo da Enciclopédia Galáctica, criador da Fundação.

Tudo isso impressiona, eu sei. Fiz muita coisa nos meus 81 anos, e estou cansado. Dando um balanço na minha vida, imagino se deveria... se poderia... ter feito certas coisas de forma diferente. Por exemplo: estava tão preocupado com o panorama geral da psico-história que deixei de prestar a atenção devida aos fatos e pessoas que cruzaram minha vida?

Talvez tenha deixado de fazer certos ajustes pequenos, incidentais, aqui e ali que de nenhuma forma comprometeriam o futuro da humanidade, mas talvez contribuíssem para melhorar consideravelmente a qualidade de vida daqueles que me eram caros. Yugo, Raych... Não posso deixar de pensar... poderia ter feito alguma coisa para salvar minha querida Dors?

Mês passado, acabei de gravar os hologramas das Crises. Meu assistente, Gaal Dornick, levou-os para Terminus para supervisionar a instalação do Cofre de Seldon. Ele cuidará para que o cofre seja lacrado e sejam divulgadas as instruções para sua abertura durante as Crises.

A essa altura, naturalmente, estarei morto.

O que eles vão pensar, esses futuros membros da Fundação, quando me virem (ou, mais exatamente, quando virem meu holograma) durante a Primeira Crise, daqui a quase cinquenta anos? Será que vão comentar que pareço muito velho, ou que minha voz é fraca, ou que pareço muito frágil, encolhido em minha cadeira de rodas? Será que vão compreender... apreciar... a mensagem que deixei para eles? Ora, não adianta especular. Como diziam os antigos, a sorte está lançada.

Ontem recebi uma mensagem de Gaal. Tudo está correndo bem em Terminus. Bor Alurin e os membros do projeto estão muito satisfeitos no "exílio". Não devia me vangloriar, mas não posso deixar de rir quando me lembro da expressão de contentamento no rosto daquele idiota do Linge Chen quando ele baniu o projeto para Terminus, dois anos atrás. Embora o exílio tenha sido baseado na Constituição do Império ("Uma instituição científica sustentada

pelo governo e parte do domínio pessoal de Sua Augusta Majestade, o Imperador" - o Comissário-chefe nos queria fora de Trantor, mas detestava a ideia de nos conceder total independência), ainda é fonte secreta de diversão saber que Terminus foi escolhido por Las Zenow e por mim para ser a sede da Fundação.

A única coisa que me aborrece com relação a Linge Chen é que não conseguimos salvar Agis. O imperador era um bom homem e um verdadeiro líder, embora seu cargo fosse apenas honorífico. Seu erro foi acreditar no próprio título, e a Comissão de Segurança Pública não tolerou aquele surto de independência.

Imagino o que terão feito com Agis... será que foi exilado para algum planeta da Periferia, ou assassinado, como Cleon?

A criança que hoje está sentada no trono é o mais perfeito exemplo de um imperador fantoche. Obedece a tudo que Linge Chen sussurra no seu ouvido e se imagina um estadista promissor. O palácio e a vida imperial não passam para ele de brinquedos em algum jogo fantástico.

Que farei agora? Depois que Gaal partiu, sinto-me totalmente só. Vez por outra, tenho notícias de Wanda. O trabalho no Ponto Final prossegue normalmente, na última década, ela e Stettin acrescentaram dezenas de mentálicos às suas fileiras. O poder deles está crescendo. Foi o grupo do Ponto Final, minha Fundação secreta, que induziu Linge Chen a enviar os enciclopedistas para Terminus.

Sinto falta de Wanda. Já se passaram vários anos desde que a vi pela última vez, sentei-me a seu lado, segurei-lhe a mão.

Quando Wanda partiu, embora eu mesmo tenha lhe pedido para ir, quase morri de tristeza. Essa foi, talvez, a decisão mais difícil que tive de tomar em minha vida. Embora jamais tenha contado a Wanda, quase voltei atrás. Entretanto, para que a Fundação fosse um sucesso, era preciso que Wanda e Stettin fossem para o Ponto Final, era uma exigência da psico-história. Assim, talvez a decisão não tenha sido minha, afinal.

É estranho ficar tão só. Não estou acostumado. Ainda venho aqui todo dia, ao meu escritório no edifício da Psico-história. Lembro-me quando este prédio estava cheio de gente, noite e dia. Às vezes, julgo ouvir as vozes de minha família há muito desaparecida, dos estudantes, dos colegas... se eu acreditasse nessas coisas, diria que os fantasmas do passado voltaram para me assombrar. Agora, os escritórios estão vazios e o zumbido do motor da minha cadeira de rodas ecoa nos corredores silenciosos.

Talvez eu devesse liberar o edifício, devolvê-lo à universidade, para que aqui fosse instalado outro departamento. Para mim, porém, é difícil abrir mão

deste lugar.

São tantas as lembranças...

Tudo que preciso agora, realmente, é isto, meu Primeiro Radiante. Este é o instrumento através do qual a psico-história pode ser computada, através do qual todas as equações do meu plano podem ser analisadas. Está tudo aqui, neste pequeno cubo negro. Fascinante, não é? No momento, estou equilibrando este aparelho aparentemente simples na palma da minha mão. Pensar que foi a isto que Yugo dedicou a sua vida.

Preciso apenas apertar um botão para que as luzes do escritório se apaguem e o Primeiro Radiante seja ativado. Agora suas equações se espalham em torno de mim, em um esplendor tridimensional. Suponho que aos olhos de um leigo este padrão multicolorido seja apenas uma confusão de números, figuras e formas. Mas para mim, como para Wanda, ou para Gaal, isto é a psico-história viva.

O que vejo agora diante de mim, em torno de mim, é o futuro da humanidade. A Galáxia! Trinta mil anos de caos comprimidos, organizados, num único milênio.

Ali! Aquela mancha, brilhando cada vez com mais intensidade, é a equação de Terminus. E ali! Distorcidos, fragmentados de forma irreparável, estão os símbolos de Trantor. E bem ao lado, uma luz constante, serena, que representa o Ponto Final.

Este, este é o trabalho da minha vida. Meu passado... o futuro da humanidade. A Fundação. Tão linda, tão viva. E nada poderá...

Dors!

SELDON, HARI - ...encontrado morto, com a cabeça tombada sobre a mesa do seu escritório da Universidade de Streeling, em 12.069 E.G. (l E.F.). Aparentemente, Seldon trabalhou até o último momento nas equações da psico-história, seu Primeiro Radiante estava ativado no momento de sua morte...

De acordo com as instruções de Seldon, o instrumento foi enviado a seu colega, Gaal Dornick, que recentemente emigrara para Terminus...

O corpo de Seldon foi lançado ao espaço, também de acordo com suas instruções. A cerimônia oficial pela sua morte, realizada em Trantor, foi simples, mas muito concorrida. É interessante observar que o ex-primeiro-ministro Eto Demerzel, velho amigo de Seldon, estava presente. Demerzel não era visto desde o seu misterioso desaparecimento, durante o reinado do imperador Cleon I. A Comissão de Segurança Pública tentou localizá-lo, sem sucesso, após a cerimônia...

Wanda Seldon, neta de Hari Seldon, não compareceu à cerimônia.

Amigos explicaram que estava muito abalada com a morte do avô. Até hoje, não foi mais vista em público...

Hari Seldon deixou a vida da forma que a viveu, pois morreu com o futuro que ajudara a criar se desenrolando em seu redor...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA

{1} Todas as citações extraídas da Enciclopédia Galáctica aqui reproduzidas são de sua 116ª edição, publicada no ano 1020 E.F. pela Companhia Editora Enciclopédia Galáctica, Terminus, com a autorização dos editores.

ISAAC ASIMOV

Fundação
Fundação e Império
Segunda Fundação

Tradução de
EDUARDO NUNES FONSECA

Título original norte-americano
FOUNDATION
FOUNDATION AND EMPIRE
SECOND FOUNDATION

PREFÁCIO

Uma obra de ficção implica geralmente em um pouco mais que saber escrever bem. O conhecimento científico é desejável, mas, acima de tudo, o que importa é imaginação.

Isaac Asimov talvez seja o maior polígrafo de nossa época, pelo menos e como registra a 115ª Edição da Enciclopédia Galáctica, e seus trabalhos se estendem desde obras de vulgarização cientifica, como O Corpo Humano e O Cérebro Humano em que um estilo leve e vivo estabelece um estudo completo do animal "Homo Sapiens", até os altos vôos de imaginação em que todo um novo Cosmos é construído, na trilogia que é atualmente um clássico: Fundação.

Os críticos literários normalmente afetam um total desconhecimento das obras de ficção cientifica, pretendendo com isso afetar uma ausência de conteúdo artístico neste gênero de literatura. Talvez tenham cometido aí mais um engano.

Entre outras coisas, qualquer manifestação através de qualquer classe de signos comporta uma apreensão e decodificação por parte de quem os recebe. Aí, é evidente, no processo de decodificação é que reside a maior ou menor dose de eficiência do autor, isto ê, se digo "laranja", duas possíveis interpretações, pelo menos, podem ser dadas: o fruto ou a cor. E claro que o sistema de codificação pode variar, mas sempre é importante e mesmo indispensável a presença daquele que se vê frente ao símbolo.

Neste caso, temos aqui um universo que se sente subitamente desnudado pelos psicohistoriadores, que são homens que aplicam a probabilidade a história. Vários problemas ligados ao conhecimento podem ser colocados aí: em que medida um fenômeno histórico pode ser alterado por esta ou aquela ação, que significância pode ter, por exemplo, o choque de um meteorito em termos da história de um povo? Alguns dirão que nenhuma influência poderá ter uma circunstância tão fortuita, a menos que chegue a destruir o arsenal, ou mesmo a sede do governo de um país. Mas que dizer da pedra negra da Mercaba, a que acorrem milhões de peregrinos todo ano?

O universo que aparentemente se mostra tão concreto e tão familiar ao homem começa a perder a sua consistência, e isso já é sobejamente indicado

pelas obras de Charles Fort. Este último em seu O Livro dos Danados indica acontecimentos naturais ocorridos' que se assemelham a impossíveis. Asimov limita-se a assinalar possibilidades, não para um mundo distante e diferente do nosso, apenas para um mundo que é o nosso e que não se torna distante de si mesmo com a expansão que sofre. Os seres humanos continuam tendo suas veleidades e mesquinharias, tudo parece muito normal e concreto.

É claro, nem tudo é real e concreto nesse processo, a probabilidade sempre lida com uma indução, ou melhor, serve de fundamento para esta. Assim, no mundo superordenado de Hari Seldon e dos psicohistoriadores, sempre o velho problema da indução se colocava: que variável não seria prevista, que problema poderia surgir que viesse a turvar as previsões de Seldon e sua equipe? Entre as várias opções possíveis, Asimov faz a feliz escolha de um mutante, que tem características bastante definidas e que por ser exceção mexe também com uma exceção no ser humano: as emoções.

É interessante observar que o lado emocional do homem parece ter sido completamente esquecido, nenhum desenvolvimento parece ter revolucionado nossas sensações e talvez precisamente disso advenha nossa força e nossa vulnerabilidade.

Até que ponto também a barbárie pode significar regressão, na medida em que o termo "barbárie" é definido em relação a uma determinada forma cultural? Assim, a vida bárbara dos polinésios fica muitos furos acima da nossa em termos de paz e relacionamento.

A tecnologia, esse terrível mito endeusado e colocado acima e fora da esfera de seu criador, isto é, o homem, gera uma sociedade constituída por multiplicidade de indivíduos, isto é, uma sociedade atomizada, em que cada átomo desconhece a existência de outros desde que a interação destes não lhe seja necessária.

Asimov sempre se preocupa com o problema da relação entre máquina e homem. Em sua obra já famosa, Eu, Robô, apresenta as leis da robótica que visam preservar o criador da criatura, em outras palavras, impedir que o Homem se transforme num novo Frankenstein. Como toda lei está sujeita a falhas, trata cuidadosamente, em muitas de suas obras posteriores, de explorar cuidadosamente as possíveis deficiências que esses irmãos eletromecânicos do Homem possam ter e que venham a provocar riscos à sua segurança.

Em O Grande Sol de Mercúrio temos a ação de um robô avariado quase destruindo a um ser humano, em Os Robôs nova análise profunda do tema, em

O Despertar dos Deuses a sua preocupação com o futuro da humanidade diz mais uma vez presente, procura cuidadosamente estabelecer as possibilidades do homem, mas é sem dúvida na trilogia da Fundação que essa investigação atinge o auge. Um novo universo de pesquisa é estabelecido e cada decorrência natural dos fatos sociais pertinentes é envolvido na pesquisa.

Os seres humanos depois de um longo período de tempo haviam concluí¬do, por uma alienação progressiva de sua própria condição, que era impossí¬vel a existência de qualquer outra forma de vida.

Todos, menos Hari Seldon, último grande cientista do Primeiro Império e que levara a ciência da psicohistória ao seu completo desenvolvimento. A psicohistória pode ser considerada a partir de Seldon como a Sociologia quintessenciada, a ciência do comportamento humano reduzida a equações matemáticas.

Enquanto indivíduo, o homem permanece imprevisível, mas as massas podem ser tratadas estatisticamente, de um modo muito parecido à forma com que hoje é encarado o problema da verdade científica. Segundo Seldon, quanto maior a multidão, maior a precisão obtida nos cálculos e a massa humana existente em sua época girava em torno dos quintilhões.

Seldon previu a decadência do Império e, ainda, que a Galáxia iria atravessar um período de trinta mil anos de miséria antes que se estabe¬lecesse novamente um governo unificado. Tentou remediar a situação através de duas colônias de cientistas a que chamou "Fundações". A Pri¬meira Fundação foi instalada num dos extremos da Galáxia sob grande publicidade e a Segunda foi instalada no outro extremo sob o mais completo silêncio.

A Primeira Fundação seguiu os Planos de Seldon, então morto há muito tempo, e através de sua ciência superior conquistou os planetas bárbaros que a cercavam, enfrentou os Condestáveis e derrotou-os, enfrentou o que restava do Império e venceu. Finalmente, encontrou algo que Seldon não pudera prever, o Mulo.

O Mulo era um mutante que dispunha do poder de controlar as emoções humanas e moldar os cérebros a seu bel-prazer, seus inimigos mais furiosos transformavam-se em seus asseclas mais convictos. Os exércitos não queriam, não podiam lutar com ele.

Mas a Segunda Fundação continuava em algum lugar, a seguir algum plano de Seldon. O Mulo precisava encontrá-la se quisesse completar sua vitoriosa posse da Galáxia.

Uma trama emocionante que só pode ser explicada frente a uma acurada análise da situação social que vivemos e pelas tendências que toma seu desenvolvimento.

Fundação ou Império?

– O Editor

FUNDAÇÃO

PARTE I – OS PSICOHISTORIADORES

HARI SELDON - ...nascido no ano de 11988 da Era Galáctica, morreu no ano 12069. As datas são geralmente apresentadas em termos da Era Fundacional, como o ano 79 é 1 E. F. Filho de pais da classe média em Helicon, setor de Arcturus (onde seu pai, conforme lenda de autenticidade duvidosa, cultivava tabaco, nas plantas hidropônicas do planeta), muito cedo mostrou a sua extraordinária propensão para a matemática. As piadas relacionadas com a sua habilidade são inúmeras, e algumas contraditórias. Com a idade de dois anos, dizem que...

...Sem dúvida, as suas maiores contribuições foram para o campo da psicohistória. Seldon encontrou este campo constituído por meia dúzia de vagos axiomas, quando o deixou, tornara-o uma profunda ciência estatística...

...A melhor autoridade para pormenores da sua vida, é a biografia escrita por Gaal Dornick que, quando jovem, encontrou Seldon dois anos antes da morte do grande matemático. A história do seu encontro...

*Enciclopédia Galáctica**

** Todas as citações da Enciclopédia Galáctica aqui reproduzidas são extraídas da 116? edição publicada em 1020 E. F. pela Empresa da Enciclopédia Galáctica, Ltda., Terminus, com autorização dos editores.*

Chamava-se Gaal Dornick e era um simples provinciano que nunca vira Trantor. Isto é, não na realidade. Vira-o muitas vezes no supervídeo, e eventualmente nos enormes boletins noticiosos tridimensionais, cobrindo uma Coroação Imperial ou a abertura de um Conselho Galáctico Apesar de ter vivido toda a sua vida no mundo de Synax, que circulava ao redor de uma estrela nos confins do Deserto Azul, ele não estava desligado por completo da civilização. Naquela altura, lugar algum da Galáxia, o estava.

Havia quase 25.000.000 de planetas habitados na Galáxia e todos se submetiam ao Império cuja capital era Trantor. Seria o último meio século de tal existência.

Para Gaal, esta viagem era o indubitável clímax de sua vida de jovem sábio. Ele já estivera no espaço, de modo que a viagem, como viagem e nada mais, pouco significava. É certo que anteriormente simplesmente viajara até o

único satélite de Synax para obter dados sobre as mecânicas da queda do meteoro, necessários à sua dissertação, porém pensando que viagens seriam viagens, quer durassem um dia ou um ano.

Já se preparara para o salto através do Superespaço, fenômeno que não experimentaria todos os dias. O salto era e seria para todo o sempre, o único método prático para as viagens interestelares. As viagens através do espaço vulgarmente conhecidas não se davam a velocidade mais rápida do que a da luz (um pouco do conhecimento científico pertencente entre os poucos que resistiam à passagem do tempo desde o início da história da Humanidade), e que significaria anos de viagem entre os sistemas habitáveis mais próximos. Através do Superespaço, região impossível de imaginar, que não era espaço nem tempo, matéria ou energia, algo ou nada, poderia atravessar a Galáxia em toda a sua extensão no intervalo de dois segundos.

Gaal esperara o primeiro desses saltos com medo e, no entanto, nada sentira além de um sobressalto interno que desapareceu no mesmo instante. Foi tudo. E depois disso, havia apenas a nave, grande e brilhante, o produto frio de 12.000 anos de progresso imperial, ele próprio, com seu diploma de matemática obtido recentemente e um convite do grande Hari Seldon para ir a Trantor, juntar-se ao vasto e um pouco misterioso Projeto Seldon.

O que Gaal esperava com ansiedade depois da desilusão do salto, era a primeira visão que teria de Trantor. Por isso nunca saía da sala de observação. As persianas de aço, retiradas das vigias, permitiam uma breve visão que ele aproveitava observando o brilho firme das estrelas, gozando a luminosidade de uma nebulosa, um conglomerado gigante de fogos-fátuos apanhados em movimento e imobilizados para sempre. Ou então a névoa azulada e fria de uma nebulosa gasosa, à distância de 5 anos-luz, estendendo-se para além da vigia como mancha de leite e dominando a sala com uma luz tênue, para desaparecer duas horas depois. A primeira aparição do sol de Trantor deu a impressão de um ponto duro e branco, quase perdido, e apenas reconhecido ao ser apontado pelo guia da nave. As estrelas avolumavam-se no centro Galáctico. Mas a cada salto, o sol brilhava mais intensamente ofuscando todas as outras luzes, empalidecendo-as.

Um oficial apareceu e disse:

- A sala de observação ficará fechada durante o resto da viagem. Preparem-se para a chegada.

Gaal seguiu-o, puxando pela manga do uniforme branco com o distintivo

imperial: o sol e a nave interplanetária.

- Seria possível deixar-me ficar? Gostaria de ver Trantor.

O oficial sorriu, e Gaal olhou embaraçado, lembrou-se sem razão de que falava com um sotaque provinciano. O oficial respondeu:

- Chegaremos a Trantor ao amanhecer.

- Quero vê-lo do espaço.

- Desculpe, mas é impossível. Se isto fosse um iate poderia fazê-lo, porém vamos nos aproximar pelo lado do sol e você ficaria queimado e cego com os efeitos da radiação.

Gaal voltou-lhe as costas. O oficial ainda lhe disse que as visitas de turismo em Trantor eram baratas.

- Obrigado.

Era criancice sentir-se desiludido, mas sentir-se criança num homem é quase natural. Nunca tinha visto Trantor, grande como a vida, espalhado na sua imensidade e não desejava esperar.

A nave desceu entre ruídos. Ouvia-se o sussurro longínquo da atmosfera a ser cortada, resvalando ao longo do metal, o ruído contínuo dos condicionadores lutando contra o calor da fricção, e o ruído mais lento das máquinas desacelerando-se. Ouvia-se ainda o tumulto de homens e mulheres reunindo-se nas salas de desembarque, os guinchos dos guindastes levantando a bagagem, o correio e as mercadorias, do centro da nave.

Gaal sentiu que a nave já não tinha um movimento independente. A gravidade planetária tinha a supremacia. Milhares de passageiros aguardavam pacientemente.

A bagagem de Gaal era mínima. Ele parou defronte de um balcão onde suas malas foram rapidamente revistadas. O seu passaporte foi inspecionado e carimbado. Não lhe deram atenção.

Estava em Trantor! O ar parecia mais pesado, a gravidade maior aqui do que no local onde nascera. Pensou se conseguiria se habituar à imensidade.

O Edifício de Desembarque era enorme. O teto perdia-se nas alturas, e Gaal quase podia imaginar as nuvens formarem-se por baixo dele. A parede fronteira não se via, só funcionários, balcões e chão até se perder tudo na

neblina.

O homem do balcão falou, o tom de sua voz era azedo:

- Mexa-se, Dornick. - Gaal ainda lhe perguntou para onde, porém a única resposta foi um gesto apontando para os sinais suspensos no alto onde se podia ler: Táxis para todos os pontos.

Um indivíduo saiu do anonimato e parou no mesmo balcão em que Gaal parará. O homem fez-lhe um movimento de cabeça e o indivíduo retribuiu por sua vez e seguiu o jovem emigrante. Chegou no momento de ouvir para onde Gaal se dirigia.

Gaal encontrou-se defronte do anúncio Supervisor. O homem a quem o letreiro se referia nem sequer o olhou:

- Para onde? - perguntou.

O jovem não tinha certeza, porém alguns segundos de hesitação signifi¬cavam mais gente em fila atrás dele.

O Supervisor olhou-o desta vez.

- Para onde?

Gaal não tinha muito dinheiro, respondeu descuidado:

- Para um bom hotel.

O Supervisor não se impressionou.

- São todos bons. Escolha um.

- O mais próximo, por favor.

O Supervisor apertou um botão. Um fio tênue de luz formou-se no chão, serpenteando entre outros de cores diferentes. Um bilhete luminoso foi-lhe apresentado.

O Supervisor pediu:

- Um ponto doze.

Gaal procurou as moedas.

- Para onde vou? - perguntou.

- Siga a luz. O bilhete continuará brilhando enquanto for na direção certa.

Gaal começou a andar. Havia centenas de pessoas seguindo suas rotas

individuais, cruzando-se, apressadas em chegar aos seus destinos.

O seu caminho terminou. Um homem de uniforme azul e dourado, berrante, confeccionado com pasto-têxtil, levou-lhe as malas.

- Direto para o Luxor - gritou.

O homem que seguia Gaal ouviu-o, e observou-o subindo em seu veículo.

O táxi subiu em linha reta. Gaal olhava tudo pela janela transparente, maravilhado com a sensação de voar dentro de uma estrutura fechada, agarrando-se instintivamente ao assento do motorista. A vastidão reduziu-se, e as pessoas tornaram-se formigas, dispersas em todas as direções. A cena restringiu-se ainda mais, e começou a desaparecer.

Em frente havia um paredão. Começava no meio de nada e terminava no meio de nada, longe do alcance dos olhos. Por todo ele apareciam as bocas dos túneis, o táxi lançou-se num deles, e logo desapareceu na escuridão. Durante curtos momentos, Gaal ficou pensando como é que seu motorista escolhera aquele túnel entre tantos.

Tudo era escuridão, brilhando apenas uma ou outra luz de sinalização. O ar parecia cheio de ruído de chuva. Gaal inclinou-se para frente, protegendo-se contra a desaceleração, no momento em que o táxi saía do túnel e subia para o nível do solo mais uma vez.

- Hotel Luxor - disse o motorista desnecessariamente depois de ajudar Gaal a transportar a bagagem, aceitou uma gorjeta, arranjou outro passageiro e partiu de novo. Durante todo este tempo, nem uma única vez se viu o céu.

TRANTOR - ...No início do décimo terceiro milênio, esta tendência atingiu o clímax. Como centro do Governo Imperial por centenas de gerações e localizado como estava, nas regiões centrais da Galáxia, entre os mundos mais densamente povoados e tecnologicamente avançados de todo o sistema, não podia deixar de ser o mais rico e denso agrupamento de seres humanos que a Raça jamais vira.

Sua urbanização progrediu rapidamente até atingir o apogeu. Toda a superfície de Trantor, 100 milhões de quilômetros quadrados de extensão, formavam uma única cidade. A numerosa população mal ultrapassava os 40 bilhões e devotava-se quase inteiramente às necessidades administrativas do Império. Apesar disso não bastava para a complexa tarefa. (Deve lembrar-se que a impossibilidade de

uma administração cuidada de todo o Império Galáctico, sob a direção pouco inspirada dos últimos imperadores, foi um fator considerável no Declínio.) Diariamente esquadras de navios (aos milhares) traziam os produtos de vinte mundos agrícolas para os mercados de Trantor...

A necessária dependência dos mundos exteriores, que asseguravam a sua manutenção, tornava Trantor cada vez mais vulnerável a conquista. No último milênio do Império a monotonia das numerosas revoltas fez com que os seus Imperadores se tornassem mais conscientes da realidade, de modo que a política imperial se tornou pouco mais do que uma teimosa proteção a sensível veia jugular de Trantor...

Enciclopédia Galáctica

Gaal não tinha absoluta certeza se o sol brilhava, se era dia ou noite. Tinha vergonha de perguntar. Todo o planeta parecia viver sob metal. A refeição, acabada de lhe ser servida, vinha rotulada de "almoço", porém havia planetas cujo horário dificilmente se adaptava às convenientes alterações do dia e da noite. A velocidade de rotações planetárias era variável e ele desconhecia os movimentos de Trantor.

De início seguira avidamente os letreiros que diziam "Solário", porém descobriu que este não passava de uma sala iluminada por radiação artificial. Deixou-se lá ficar alguns segundos, dirigindo-se a seguir para o átrio do hotel.

- Onde posso adquirir bilhetes para visitas de turismo? - perguntou ao empregado.

- Aqui.

- Quando é a partida?

- Perdeu uma agora mesmo, haverá outra amanhã, compre já o bilhete que eu lhe reservo o lugar.

O dia seguinte seria tarde demais, teria de estar em breve na Universidade.

- Não há uma torre de observação, ou algo semelhante? - insistiu ainda. - Ao ar livre.

- Também posso vender-lhe um bilhete para lá, se quiser. O melhor é deixar-me ver como está o tempo. Apertando um botão ao lado, o empregado leu a corrente de palavras e números que surgiram no visor. - Bom tempo. Pensando

melhor, acho que estamos em época de seca - acrescentou ainda em tom de conversa. - Eu, por mim, nunca saio. A última vez que estive ao ar livre foi há três anos. Vê-se uma vez e pronto. - Tome o seu bilhete, há um elevador especial à retaguarda do edifício. É só tomá-lo.

O elevador era do último tipo e trabalhava por repulsão da gravidade. Gaal e outras pessoas entraram, o operador acionou uma chave e quando o indicador da gravidade chegou ao zero ele sentiu-se suspenso no espaço, depois tornou a sentir um pouco do seu peso e no momento em que o elevador acelerava a subida gritou alarmado, ao sentir que os pés deixavam o chão, em virtude da aceleração.

- Meta os pés debaixo das guardas! Não sabe ler? - gritou-lhe o ascensorista irritado.

Os outros passageiros sorriam divertidos ao verem o seu esforço para de novo descer, agarrado à parede. Os pés de todos os passageiros estavam metidos em argolas de metal cromado que, em linhas paralelas, fixavam-se ao chão. Ele ignorara tal coisa ao entrar.

Sentiu dedos que o agarraram e o puxaram para baixo. Com um suspiro de alívio o jovem agradeceu e o elevador parou finalmente.

Dirigiu-se para um terraço descoberto, iluminado por intensa luz branca, que o cegava, o homem que o ajudara a descer vinha atrás dele e entabulou conversa:

- Sente-se, há muitos lugares.

- Também me parece. - Dirigiu-se para as cadeiras, mas parou antes de lá chegar.

- Se me der licença, irei até o parapéito, quero dar uma vista de olhos.

O homem fez um gesto amigável e Gaal debruçou-se no parapéito, contemplando o panorama.

Não conseguia ver o solo que se perdia no meio das complexas construções. Não havia horizonte, para além das colunas metálicas em silhuetas, estendendo-se numa uniformidade cinzenta, e Gaal imaginou que todo o resto seria igual, na superfície daquele planeta. Quase não havia movimento - algumas aeronaves passavam vagarosas - mas o movimento de bilhões de seres sucedia em algum lugar, estava certo disso, debaixo da pele metálica daquele mundo.

Árvores não havia, nem relva, nem terra. Nenhuma espécie de vida além

do homem. Em algum local, naquele mundo, pensou vagamente, se situaria o palácio do Imperador, entre milhas de solo natural, entre verduras, rodeado de flores, uma pequena ilha no meio do oceano de aço... mas invisível agora a seus olhos. Talvez estivesse a muitos quilômetros. Não sabia.

A sua visita urgia. Suspirou ruidosamente, tomando finalmente consciência da sensação de estar em Trantor, no planeta central de toda a Galáxia, caldeirão borbulhante da raça humana. Não viu suas fraquezas, não viu as naves chegarem com os alimentos, não percebia a veia jugular que ligava fragilmente os quarenta bilhões de seres em Trantor, com o resto da Galáxia. Tinha apenas a consciência daquela obra grandiosa, da completa e quase desprezível conquista total de um mundo.

Quando se voltou, o seu olhar parecia vago. O amigo do elevador indicava-lhe uma cadeira a seu lado, Gaal sentou-se. O homem sorriu.

- Chamo-me Jerril. É a primeira vez que vem a Trantor?

- É.

- Já imaginava. Trantor abate as pessoas, especialmente as de temperamento poético. Veja só: os trantores nunca vêm até aqui, não gostam. Causa-lhes apatia.

- Apatia? A propósito o meu nome é Gaal, porque apatia? É um panorama magnífico.

- Questão de opinião. Se você tivesse nascido numa cela e crescido num corredor, trabalhando num cubículo, com férias numa varanda repleta de gente, ao sair para o ar livre, sem nada além do céu sobre si, talvez lhe desse um ataque de nervos. É regra obrigarem-se as crianças virem aqui, uma vez por ano, depois dos cinco anos. Não sei se lhes faz bem ou não, na realidade não lhes serve de nada porque não gozam de suficiente ar livre, e nas primeiras vezes gritam até o histerismo. Deviam começar assim que nascem a vir aqui uma vez por ano... - Continuou: - Claro que não tem importância. Que diferença faz se nunca saírem? Lá embaixo são felizes e governam o Império. A que altura pensa que estamos?

- Quinhentos metros? - inquiriu inocentemente.

Jerril riu.

- Não, vinte metros apenas.

- O quê? Mas o elevador levou...

- Bem sei. Porém a maior parte do tempo foi consumido desprendendo-

se do nível do solo. É como um "iceberg", nove décimos estão invisíveis, estende-se mesmo até o oceano. Estamos tão baixo que podemos utilizar a diferença térmica entre o nível do solo e o subsolo, para nos dar toda a energia de que necessitamos. Já sabia?

- Não. Pensei que usassem geradores atômicos.

- Já os usamos, porém este método é mais barato.

- Compreende-se!

- Então que pensa de tudo isto? - Por momentos o ar bonacheirão desapareceu. - Está de férias? A negócios? De passagem, não?

- Não é bem assim. Sempre tive vontade de ver Trantor, mas o que aqui me trouxe, na verdade, foi um emprego

- Oh!

Gaal sentiu-se na obrigação de continuar a explicação.

- Um emprego no projeto do Dr. Seldon, na Universidade de Trantor.

- Com Corvo Seldon?

- A pessoa a quem me refiro é Hari Seldon, Seldon, o psicohistoriador. Não conheço nenhum Corvo Seldon.

- É o mesmo. Corvo é apelido, chamam-lhe assim porque ele prediz um fim desastroso.

- O quê? - Gaal estava seriamente surpreso.

- Não me diga que não sabia? - Jerril não sorria. - Você vai trabalhar com ele e não sabe?

- Vou sim, mas estou alienado dessas coisas, sou matemático. Qual é o motivo dessa previsão? Que espécie de desastre?

- Não adivinha?

- Não faço a mínima idéia. Tenho lido escritos do Dr. Seldon e dos seus colaboradores, mas tão-somente sobre teoria matemática.

- Esses são os que ele publica.

Gaal começou a irritar-se.

- Parece-me que vou até o meu quarto. Foi um prazer conhecê-lo.

Jerril acenou-lhe num adeus indiferente.

Gaal encontrou no quarto um indivíduo que o esperava. Durante alguns segundos ficou tão surpreso que não conseguiu articular o inevitável - que faz aqui - que lhe aflorou aos lábios.

O homem levantou-se. Era velho, quase completamente calvo e coxeava. Os olhos eram vivos e azuis.

- Sou Hari Seldon - disse, e Gaal identificou mentalmente aquele rosto com o que tantas vezes vira nas telas.

PSICOHISTÓRIA - ...Gaal Dornick empregando conceitos não matemáticos, relacionou e definiu a psicohistória com o ramo da matemática em relação às reações de grandes aglomerados humanos a estímulos econômicos e sociais...

...Subentendido em todas estas definições está o avocar-se que o aglomerado em questão está suficientemente desenvolvido para um tratamento estatístico válido. A dimensão necessária de tal aglomerado pode ser determinada pelo primeiro teorema de Seldon, que... É ainda imperativo que o aglomerado em si seja desconhecedor da análise psic o historie a que se acha submetido, para que todas as suas reações tenham validade...

A base da psicohistória encontra-se no desenvolvimento das funções de Seldon, as quais exibem propriedades coerentes com tais forças econômicas e sociais, a medida em que...

Enciclopédia Galáctica

- Bom dia, doutor. Eu... - Gaal hesitou.

- Pensou que só nos encontraríamos amanha? Assim seria, se as circunstâncias o permitissem. Todavia se vamos aproveitar suas capacidades, devemos fazê-lo rapidamente. Torna-se cada vez mais difícil conseguir recrutas.

- Não estou compreendendo, doutor.

- O senhor não esteve conversando com um homem na torre de observação?

- Sim, apenas sei que se chama Jerril.

- O nome nada representa. É um agente da Comissão de Segurança Pública. Seguiu-o desde que você desembarcou.

- Mas... por quê? Tudo isto me causa confusão.

- Ele não lhe disse nada a meu respeito?

Gaal hesitou.

- Referiu-se a você como "Corvo Seldon".

- Não lhe disse por quê?

- Disse-me que o senhor predizia uma catástrofe.

- É verdade. Trantor tem algum significado para você?

Todo mundo parecia muito interessado na sua opinião sobre Trantor desde que chegara. Gaal, no entanto não se sentia capaz de responder senão com uma palavra "Glorioso!"

- A sua resposta é irrefletida. E a psicohistória?

- Não pensei aplicá-la no caso.

- É preferível aplicá-la. Antes de nossas relações chegarem ao fim, meu jovem amigo, terá que aprender a aplicar a psicohistória a todos os problemas por mais rotineiros que lhe possam parecer. Observe. - Seldon tirou da algibeira o seu calculador. Dizia-se que até debaixo do travesseiro ele guardava um, para os momentos de insônia. O calculador estava consumido pelo uso e os dedos de Seldon, gastos mais pela idade, acariciaram o rijo plástico que o guarnecia. Símbolos vermelhos saltaram da matéria cinzenta.

- Eis as atuais condições do Império.

- Parece-me que essa representação não está completa - disse Gaal finalmente.

- Não, não está completa - concordou Seldon. - Alegro-me que não aceite cegamente a minha palavra. Todavia isto é uma aproximação que serve bem para demonstrar a proposição. Acha aceitável?

- Sim, mas dependendo da minha verificação - Gaal estava decidido a evitar qualquer armadilha.

- Bom. Acrescente a tudo isto a probabilidade do assassinato do Imperador, revoltas dos vice-reis, o regresso periódico a crises de depressão econômica, o declínio da exploração dos planetas...

Parecia nunca mais chegar ao fim, para cada razão mencionada, novos símbolos surgiam, integrando-se na função básica que se expandia e mudava. Gaal só o interrompeu uma única vez:

- Não vejo a validade dessa transformação de valores.

Seldon repetiu-a, porém, mais lentamente.

- Isso é feito por meio de uma operação de valores sociais...

- Proibida -interrompeu Gaal, outra vez.

- Bom. Você é rápido, mas não o é suficientemente. Não é proibida nessa relação. Vou provar-lhe pelo método da expansão.

O processo era mais lento, mas ao final Gaal disse humildemente:

- Obrigado, agora compreendo.

Seldon terminou:

- Isto será Trantor daqui a cinco séculos. Qual é a sua interpretação? Ahn? - inclinou a cabeça e aguardou.

- Destruição total! - exclamou Gaal - Mas... é impossível. Trantor nunca esteve...

Seldon apoderara-se de uma excitação febril, intensa, pois apenas o seu corpo envelhecera com os anos.

- Vamos, vamos, viu como eu obtive o resultado? Transformei os números em palavras. Esqueça por instantes o simbolismo.

Gaal interpretou:

- À medida que a especialização em Trantor aumenta, mais vulnerável, mais indefesa se torna. Além disso, quanto mais se tornar um centro administrativo do Império, mais valiosa se torna como presa. A incerteza da sucessão imperial aumenta as lutas entre a nobreza e origina o desaparecimento da responsabilidade social.

- Basta! Que me diz da probabilidade numérica da destruição total em cinco séculos?

- Nada posso afirmar.

- Pode utilizar a diferenciação?

Gaal sentiu-se pressionado. Seldon não lhe entregava o calculador, porém o segurava ante os olhos. Seu cérebro trabalhava com fúria, e sentiu a testa cobrir-se de suor.

- 85% de probabilidades mais ou menos.

- Nada mau - disse Seldon olhando-o com afeto - o número exato é 92,5%.

- É então essa a razão do "Corvo". Nunca vi esses cálculos nas comunicações.

- Claro que não. É impublicável. Pensa que o Império se exporia a tanto? Trata-se de uma simples demonstração de psicohistória, porém alguns dos resultados chegaram ao conhecimento da aristocracia... Seldon terminou com um gesto que explicava a sua inaptidão.

- Isso é mau.

- Não tanto assim, tudo foi devidamente calculado.

- E foi isso que os levou a investigar a minha pessoa?

- Tudo e todos relacionados com o meu projeto estão sob investigação.

- O senhor corre algum perigo?

- Sim. Há uma probabilidade de 1,7% de eu ser executado como traidor: contudo, essa probabilidade em nada altera o projeto. Também a levamos em conta. Bem, não pensemos nisso. Suponho que se encontrará comigo amanhã na Universidade?

- Sim - disse Gaal.

COMISSÃO DE SEGURANÇA PÚBLICA - ...A aristocracia ascendeu ao poder após o assassinato do Imperador Cleon I, último da dinastia Entum. No seu conjunto, formaram um elemento de ordem durante os séculos de instabilidade e incerteza do Império. Sob o "controle" das grandes famílias dos Chen e Divart transformaram-se em instrumento cego para a manutenção do status-quo... Não foram totalmente destruídos como poder de Estado, a não ser depois da ascensão de Cleon II ao trono. O primeiro comissário chefe...

...Assim sendo, o princípio do fim desta comissão pode ser ligado ao julgamento do Dr. Hari Seldon, dois anos antes do início da Era Fundacional. Esse julgamento encontra-se gravado na biografia de Hari Seldon, feita por Gaal Dornick...

Enciclopédia Galáctica

Gaal não chegou a cumprir o prometido. Foi acordado na manhã

seguinte pela campainha do comunicador. Respondeu, e a voz do empregado do hotel, um tanto sarcástica, informou-o de que se encontrava detido, sob ordens da Comissão de Segurança Pública.

Gaal correu para a porta, tão-só para descobrir que esta já não se abria. Só lhe restava vestir-se e aguardar.

Vieram buscá-lo e levaram-no para outro lugar, porém continuou detido. Submeteram-no a vários interrogatórios, sempre com a máxima delicadeza, tudo ultra civilizado. Explicou-lhes que era natural da província de Synax, que freqüentara tais e tais escolas e obtido o doutoramento em matemática, em tal e tal data. Pedira trabalho como colaborador do Dr. Seldon e fora aceito. Vezes sem conta deu estes pormenores, e vezes sem conta retornaram os seus inquisidores à questão de sua adesão ao Projeto Seldon. Como e quando ouvira ele mencionar tal projeto? Qual seria sua posição? Que instruções secretas recebera? De que constava o projeto Seldon?

Respondeu-lhes que não sabia. Não tinha quaisquer instruções secretas. Era um investigador, um matemático. Não tinha nenhum interesse em política. Finalmente o delicado inquisidor perguntou:

- Quando se dará a destruição de Trantor?

Gaal hesitou:

- Por mim não posso lhe dizer.

- E falado por outrem?

- Não posso responder pelos outros. - Pensou ter respondido com demasiada veemência.

- Alguém já lhe falou de tal destruição, fixou uma data? - Perante a hesitação do jovem o inquisidor prosseguiu: - O senhor foi seguido, doutor. Estávamos à sua espera no porto, quando o senhor chegou, na torre de observação, enquanto aguardava sua entrevista e é óbvio que seguimos toda sua conversa com o Dr. Seldon.

- Então já conhecem os seus pontos de vista sobre o assunto.

- Talvez, mas gostaríamos de ter a sua opinião.

- Ele é de opinião que Trantor será destruída dentro de cinco séculos.

- Provou-o matematicamente?

- Sem dúvida! - respondeu em tom de desafio.

- O senhor decerto defende... ahn... a infalibilidade da matemática?

- Se o Dr. Seldon a aceita, é válida.

- Então, vamos embora.

- Espere! Tenho direito a advogado. Exijo esse direito como cidadão do Império.

- Será atendido.

E foi.

Foi um homem alto que logo após entrou, um homem cujo rosto parecia ser feito de linhas verticais e tão magro que se duvidava existir espaço suficiente para um sorriso.

Gaal levantou a cabeça. Tantas coisas lhe sucederam e estava em Trantor há trinta horas apenas.

O homem disse:

- Sou Lors Avakim. O Dr. Seldon indicou-me para seu representante no Tribunal.

- Ah! Bem, então vejamos. Exijo um apelo imediato ao Imperador. Estou detido sem motivos. Estou inocente, qualquer que seja a acusação. Qualquer que seja! - Suas mãos não eram a representação empolada de suas palavras. - Deve me conseguir audiência com o Imperador, imediatamente.

Avakim espalhava cuidadosamente pelo chão o conteúdo de um envelope que sacara da algibeira, eram os impressos legais, tão finos que mais pareciam fitas, eram adotados pelo foro, por caberem numa minúscula cápsula, e serem assim esquivados a buscas. Havia, também, um gravador magnético.

Avakim olhou finalmente Gaal.

- A comissão tem, é natural, um fonocaptor nesta sala, de maneira a ouvir o que dizemos. É contra a lei, contudo o usarão.

Gaal cerrou os dentes com força.

- Contudo - e Avakim sentou-se resolutamente - o gravador que coloquei sobre a mesa, um gravador vulgar na aparência, mas que trabalha muito bem, tem a propriedade extra de anular o fonocaptor por meio de uma irradiação estática. A comissão não o descobrirá tão breve.

- Então posso falar?

- Seguramente.

- Quero uma audiência com o Imperador.

Avakim sorriu com ironia, provando assim haver espaço no seu rosto para um sorriso amarelo, o rosto se contraiu como que para arranjar esse espaço essencial. Disse apenas:

- O senhor é da província.

- Acima de tudo sou um cidadão do Império, tanto quanto qualquer membro da Comissão de Segurança.

- Certamente. No entanto, como provinciano não entende a vida de Trantor, tal como é. Não há audiências com o Imperador.

- Então, ninguém há acima da Comissão? Não há outro processo?

- Nenhum. Não há recurso prático. Legalmente, claro que pode apelar ao Imperador, contudo não conseguiria uma audiência. O atual Imperador não é o Imperador da dinastia Entum. Trantor encontra-se em mãos das famílias aristocráticas de cujos membros se compõem a Comissão de Segurança. Um desenvolvimento já previsto pela psicohistória.

- Nesse caso, se o Dr. Seldon pode prever a história de Trantor num futuro de quinhentos anos...

- Quinhentos não, mil e quinhentos.

- Sejam quinze mil. Por que não previu ele ontem os acontecimentos desta manhã, e não me avisou? Perdão, retiro o que disse. - Gaal sentou-se e descansou a cabeça nas palmas das mãos suadas. - Sei perfeitamente que a psicohistória é uma ciência estatística, e que não pode prever com segurança um futuro individual. O senhor compreenderá que me sinto um pouco transtornado.

- O senhor se engana. O Dr. Seldon era de opinião que o senhor seria detido esta manhã.

- O quê?

- Infelizmente é a verdade. A Comissão tem se tornado cada vez mais hostil às suas atividades. Novos membros que vêm se juntar ao grupo tiveram interferências cada vez maiores. Os gráficos indicam que, para conseguir a nossa finalidade, devia atingir-se o clímax agora. A Comissão movia-se vagarosamente demais, e o Dr. Seldon visitou-o ontem para forçá-los a aparecer. Nenhuma outra razão.

- Lastimo...

- Por favor, assim foi preciso. O senhor não foi escolhido, por qualquer razão pessoal. Deve compreender que os planos do Dr. Seldon, desenvolvidos matematicamente durante um período de dezoito anos, incluem todas as eventualidades de probabilidade significativa. Esta é uma delas. Fui aqui enviado unicamente para assegurar-lhe de que não há nada a temer. Tudo terminará bem. Quase certo para o projeto, e com probabilidades razoáveis para você.

- Quais são os números?

- Para o projeto mais de 99,9%.

- E para mim?

- A sua probabilidade é de 77,2%.

- Quer isso dizer que, em cada cinco das minhas possibilidades, há uma de ser condenado à prisão perpétua ou à execução?

- A última está abaixo de 1%.

- Cálculos sobre uma unidade não têm significado. Mande-me o Dr. Seldon.

- Infelizmente não posso. O Dr. Seldon também foi detido.

A porta foi violentamente aberta antes que Gaal pudesse sequer levantar-se. Entrou um guarda, dirigiu-se à mesa, apanhou o gravador, olhou-o por todos os lados e meteu-o no bolso.

Avakim interpelou-o calmamente:

- Necessito desse instrumento.

- Lhe será dado um, Conselheiro, que não irradie um campo estático.

- Nesse caso a minha entrevista terminou.

Gaal viu-o sair e sentiu-se ainda mais só.

O julgamento (como Gaal o denominava, embora tivesse pouca analogia com a elaborada técnica jurídica que conhecia através dos livros) durou pouco tempo. Estava apenas no terceiro dia, e no entanto Gaal não conseguia retroceder, mentalmente, ao seu início.

Ele próprio fora pouco incomodado. O ódio concentrava-se em Seldon, sem que este se apresentasse perturbado. Para o jovem aquele homem

representava o único ponto de apoio que lhe restava no mundo.

Os espectadores eram reunidos e escolhidos exclusivamente entre os barões do Império. A Imprensa e o público foram excluídos e duvidava-se que qualquer número significativo de estranhos tivesse sequer conhecimento do julgamento. A atmosfera era de visível hostilidade aos acusados.

Os cinco membros da Comissão de Segurança Pública estavam assentados atrás de sua mesa de juizes, como num trono. Trajavam-se de ouro e escarlate e de batinas justas e brilhantes como porta-vozes estridentes de suas funções judiciais. Ao centro sentava-se o Comissário-Chefe Linge Chen. Gaal que nunca vira um Lorde tão poderoso, olhava-o fascinado. Chen, durante todo o processo, raramente falou. Deixou patente que o discurso estava abaixo de sua dignidade.

O advogado da Comissão consultou os seus apontamentos e o interrogatório continuou, com Seldon no banco dos réus.

- Vejamos, Dr. Seldon: Quantos homens estão atualmente ligados ao projeto que o senhor dirige?

- Cinqüenta matemáticos.

- Incluindo o Dr. Gaal Dornick?

- O Dr. Dornick é o qüinquagésimo primeiro.

- Então há cinqüenta e um. Explore bem a sua memória Dr. Seldon. Talvez haja cinqüenta e dois ou cinqüenta e três? Ou talvez mais?

- O Dr. Dornick ainda não se ligou formalmente à minha organização. Quando o fizer, teremos cinqüenta e um membros. Até lá serão cinqüenta, como já frisei.

- Cinqüenta? Não serão aproximadamente 100.000?

- 100.000 matemáticos? Não!

- Não falei de matemáticos! Há ou não cem mil membros de todas as especialidades?

- De todas as especialidades é possível que sua estimativa esteja correta.

- É possível? Eu não pergunto, afirmo categoricamente que o é. Afirmo que o número de homens ligados ao seu projeto, Dr. Seldon, é de 98.572.

- O senhor está incluindo nesse número mulheres e crianças.

- (Levantando a voz) - 98.572 indivíduos, é essa a intenção da minha afirmação e creio que é indiscutível.

- Nesse caso devo aceitá-la como exata.

- (Consultando os apontamentos) - Deixemos por momentos esse caso, Dr. Seldon, e passemos a outro que já foi também debatido. Importa-se de repetir o que pensa sobre o futuro de Trantor?

- Disse e repito que Trantor se transformará em ruínas dentro dos próximos cinco séculos.

- Não considera essa afirmação como deslealdade ao Estado?

- Não, meu caro senhor. Verdades científicas permanecem além de lealdades ou deslealdades.

- O senhor está ciente de que a sua afirmação representa uma verdade científica?

- Absolutamente.

- Em que é que se baseia?

- Na prova matemática da psicohistória.

- Pode provar que essa matemática é válida?

- Apenas a outro matemático.

- (Sorrindo) - O que o senhor proclama, então, é que a sua verdade é de natureza tão esotérica, que fica além das possibilidades de compreensão de um homem comum. Quer-me parecer que a verdade deve ser mais cristalina, menos misteriosa e mais aceita.

- Para alguns cérebros ela não apresenta dificuldades. A parte física da transferência de energia, que é conhecida pelo nome de termodinâmica, tem-se apresentado clara e verdadeira através de todos os tempos, desde o homem das eras mitológicas e, mesmo assim, existem ainda pessoas, algumas das quais possivelmente aqui presentes, que seriam incapazes de representar um motor. E, no entanto, sua inteligência não deve ser por isso menosprezada. Duvido que os sábios Comissários...

A esta altura um dos Comissários inclinou-se para o advogado. Suas palavras eram ininteligíveis, porém o sibilar da voz era áspero. O advogado corou e interrompeu Seldon.

- Não nos encontramos aqui para ouvir discursos, Dr. Seldon. Aceitamos

sua exposição. Permita-me, no entanto, sugerir-lhe que suas previsões de desastre podem ter a intenção de abalar a confiança do povo no Governo Imperial de modo a atingir fins puramente pessoais. E que por mera previsão o senhor o espera conseguir tendo preparado para isso um exército de cem mil indivíduos.

- Em primeiro lugar o caso não é esse. Se fosse uma investigação sumária lhes mostraria que pouco mais de 10.000 são pessoas de idade militar e que, mesmo assim, nenhuma dessas dez mil tem qualquer espécie de treino militar.

- Atua o senhor como agente de outrem?

- Não me encontro a soldo de qualquer homem ou potência, senhor advogado.

- Age então desinteressadamente? Serve à Ciência?

- Exato.

- Vejamos então: pode o futuro ser alterado, Dr. Seldon?

- A resposta é óbvia. Este Tribunal pode ir pelos ares dentro das próximas horas ou pode não ir. Se o fosse o futuro seria alterado, por pouco, mas sem dúvida alterado.

- O senhor esgrime com palavras. Pode a história da raça humana ser alterada em sua totalidade?

- Sim.

- Facilmente?

- Não. Com muitas dificuldades.

- Porquê?

- A trajetória de um planeta contém uma inércia enorme. Para ser alterada deve deparar-se com algo com uma inércia proporcional. Deve haver o mesmo número de pessoas, ou se o número for menor, dar-lhe um longo prazo para a alteração. Compreende?

- Creio que sim. Trantor não será destruída se um grande número de indivíduos se decidir a atuar nesse sentido.

- Correto.

- Mais ou menos cem mil pessoas.

- Não. Esse número é excessivamente pequeno.

- Com certeza?

- Considere-se que Trantor tem uma população superior a quarenta bilhões. Considere-se, além disso, que o caminho que a levaria à destruição não pertence a Trantor "per si" mas ao Império em sua totalidade, e que o Império contém quase um quintilhão de seres humanos.

- Perfeitamente. Então talvez cem mil pessoas possam alterar essa trajetória, se eles e os seus descendentes trabalharem com essa finalidade nos próximos quinhentos anos.

- Temo que não. Quinhentos anos é curto prazo.

- Ah! nesse caso, Dr. Seldon, podemos tirar a seguinte conclusão partindo de suas afirmações: o senhor reuniu 100.000 pessoas limitadas ao seu projeto, que esses mesmos indivíduos são suficientes para alterar a história de Trantor nos próximos quinhentos anos. Em outras palavras, não podem evitar a destruição de Trantor, façam o que fizerem.

- Assim é, infelizmente.

- Por outro lado esses cem mil indivíduos não têm em mente qualquer fim ilegal.

- Exatamente.

- (Vagarosamente) - Nesse caso, Dr. Seldon, preste atenção, pois queremos uma resposta ponderada - qual é a finalidade desse grupo?

A voz do advogado tornara-se estridente. Preparara sua armadilha com habilidade, encurralando Seldon, cortando astutamente toda e qualquer possibilidade de uma resposta coerente.

Ouviu-se um sussurro no seio da assembléia que chegou mesmo até aos Comissários. Estes inclinaram-se uns para os outros, num movimento de ouro e escarlate. Só o chefe não se perturbou.

Hari Seldon não se moveu. Esperou que a febre se evaporasse.

- Diminuir os efeitos dessa destruição.

- Qual é o significado exato de sua resposta, Dr. Seldon?

- A explicação é banal: a remota destruição de Trantor não é em si um acontecimento único no esquema do desenvolvimento da humanidade. Será antes o clímax de um complicado drama que teve início há séculos e que se

acelera continuamente. Refiro-me, nobres senhores, ao declínio atual e conseqüente destruição do Império Galáctico.

O sussurro tornou-se um ruído. O advogado gritava.

- O senhor declara abertamente - e foi interrompido pelos gritos de "Traição" que se elevava em coro das galerias. Lentamente o Chefe ergueu o martelo e deixou-o cair uma só vez. O som lembrou um gongo. Quando as vibrações cessaram, cessaram também as vozes coléricas da galeria. O advogado respirou fundo.

- (Teatralmente) - O senhor compreende, Dr. Seldon, que fala de um Império que se mantém há doze mil anos, através de todas as vicissitudes e que tem atrás dele a devoção e o amor de um quintilhão de seres humanos?

- Estou bastante certo do estado atual do Império e da história que o precede. Com todo o respeito pela assistência reclamo um conhecimento muito mais vasto dessa história do que qualquer dos presentes.

- E mesmo assim continua prevendo a ruína?

- É uma previsão matemática, sem qualquer juízo moral. Pessoalmente lamento até o que está por vir. Mesmo que se admitisse que o Império fosse uma coisa má (e eu não o admito) o estado de anarquia que se seguiria à sua queda seria mil vezes pior. É contra esse estado de anarquia que eu pretendo lutar. A queda do Império é, meus senhores, um movimento contra o qual não será fácil lutar. É ditado por uma burocracia crescente, falta de iniciativa, congelamento de castas, excomunhão de curiosidade - centenas de outros fatores. Tem continuamente progredido de há séculos para cá, e apoderou-se demais da "massa humana" para poder parar.

- Não é evidente para todos que o Império esteja tão forte como sempre?

- A aparência de força está ao seu redor, parece ser duradoura. Contudo, senhor advogado, o tronco de uma árvore, até o momento em que a tempestade a parte em duas, tem toda a aparência de fortaleza. É essa tempestade que sopra neste momento através de todas as ramificações do Império. Escutem com os ouvidos da psicohistória e a ouvirão ranger.

- (Incerto) - Já dissemos, Dr. Seldon, que não nos encontramos aqui para...

- (Com firmeza) - O Império se desmoronará com todo o bem que trouxe. O conhecimento acumulado através dos anos apodrecerá e a ordem que impôs se desvanecerá. Guerras interestelares não terão fim. A população entrará

em decadência, os mundos dispersos perderão o contato com o corpo principal da Galáxia. E assim ficarão.

- (Uma voz sumida no meio do silêncio) - Para todo o sempre?

- A mesma psicohistória que prevê a queda pode também transmitir certezas quanto ás idades de trevas que se seguirão. O Império, como se acabou de dizer, manteve-se ao longo de doze mil anos. As trevas que hão de vir durarão não doze mas, sim, trinta mil anos. Um segundo Império se erguerá, mas entre ele e a nossa civilização haverá mil gerações sofrendo. Devemos lutar contra isso.

- (Um tanto recomposto) - O senhor contradiz-se. Disse anteriormente que não podia evitar a destruição de Trantor. Daí presumivelmente a queda - a tal queda do Império.

- E não digo agora que poderemos evitá-la. Mas não é ainda demasiado tarde para encurtar o interregno que se seguirá. É possível, meus senhores, diminuir a redução da anarquia para um milênio, se for permitido ao meu grupo atuar, agora. Encontramo-nos num momento delicado, a trajetória da enorme massa de acontecimentos pode ser desviada um pouco, só um pouco. Não será nada de grandioso, mas pode ser suficiente para apagar vinte e nove mil anos de miséria dos livros de história da humanidade.

- E como se propõe fazê-lo?

- Salvaguardando os conhecimentos da raça. A soma do conhecimento humano está para além de um só indivíduo, de mil indivíduos até. Com a destruição da nossa estrutura social a Ciência se fragmentará num milhão de pequenas partículas. Saber-se-á muito de pequenas facetas de um conhecimento total. Por si serão inúteis, fragmentos de usos e costumes não terão significado e não serão ultrapassados. Perder-se-ão através das gerações. Porém, se prepararmos agora um relatório completo de todo o conhecimento, nunca se perderá. As gerações vindouras constituir-se-ão sobre esses fundamentos sem a necessidade de redescobri-los. Mil anos farão o trabalho de trinta mil.

- Tudo isto...

- Todo o meu projeto: os meus trinta mil homens com as suas mulheres e filhos, estão-se dedicando à preparação da "Enciclopédia Galáctica". Não será terminada durante o meu tempo de vida. Não viverei sequer o tempo necessário para ver o seu início. Mas pela época da queda de Trantor estará completa e cópias desse trabalho estarão espalhadas por todas as bibliotecas da Galáxia.

O martelo do Comissário-Chefe voltou a soar. Hari Seldon deixou o banco e sentou-se tranqüilamente ao lado de Gaal. Sorriu e disse:

- Que tal achou a peça?

- O senhor não permitiu que os outros atores brilhassem. Mas o que acontecerá agora?

- Farão um intervalo no julgamento e tentarão chegar a um acordo comigo em particular.

- Como sabe?

- Serei honesto com você, jovem. Não sei. - E Seldon sorriu. - Tudo depende do Comissário-Chefe. Tenho-o estudado durante anos. Tentei analisar suas reações, mas o senhor também conhece o risco da introdução de elementos vagos nas equações psicohistóricas. Mesmo assim tenho esperanças.

Avakim aproximou-se, baixou a cabeça num cumprimento a Gaal, e inclinou-se para murmurar ao ouvido de Seldon. Funcionários anunciaram o adiamento do julgamento, e os guardas levaram-nos separadamente.

A sessão do dia seguinte foi totalmente diferente. Hari Seldon e Gaal Dornick estavam a sós com os Comissários na ampla sala. Estavam todos juntos, sentados a uma só mesa, quase sem qualquer separação entre juizes e acusados. Foram-lhes mesmo oferecidos charutos de uma caixa de plástico caleidoscópio que parecia água corrente. Os olhos eram atraídos ao movimento apesar de os dedos demonstrarem ser a superfície firme e seca.

Seldon aceitou e Gaal recusou.

- O meu advogado não está presente - intimou Seldon.

Um dos Comissários replicou:

- Já não se trata de um julgamento, Dr. Seldon. Estamos aqui para discutir a segurança do Estado.

Linge Chen moveu-se

- Eu falarei - e os outros Comissários encostaram-se preparados para ouvir. Ao redor de Chen formou-se um recinto de silêncio para o qual ele poderia deixar lançar suas palavras.

Gaal conteve a respiração. Chen, seco e rijo, mais velho na aparência do que o era de fato. Era, na realidade, o Imperador de toda a Galáxia. A criança

que usava o título era apenas um símbolo forjado por Chen, e já não era o primeiro. Chen abriu o discurso:

- Dr. Seldon, o senhor perturba a paz do Império. Ninguém que vive agora entre todas as estrelas da Galáxia estará vivo daqui a cem anos. Por que então preocuparmo-nos com acontecimentos que se desenrolarão daqui a quinhentos anos?

- Daqui a cinco anos nem eu estarei vivo - respondeu Seldon, e mesmo assim vive em mim essa preocupação. Chamem-na idealismo, chamem-na identificação de mim próprio com essa generalização mística que denominamos de "Homem".

- Não tento compreender o misticismo. Pode me dar uma boa razão para eu não me ver livre de você, e de um futuro desnecessário e inconfortável de cinco séculos o qual nem sequer chegarei a vislumbrar, dando uma ordem para a sua execução imediata.

- Há uma semana - respondeu Seldon tranqüilo - poderia tê-lo feito e retido talvez uma probabilidade em dez de continuar vivo ao fim de um ano. Agora essa probabilidade quase se extinguiu, há uma em dez mil.

O suspiro barulhento dos comissários demonstrava bem o seu pouco à-vontade. Gaal sentiu os cabelos eriçarem-lhe. Os olhos de Chen quase se cerraram.

- Como assim?

- A queda de Trantor - explicou Seldon - não pode ser detida seja qual for o esforço. Pode ser facilmente apressada, todavia. A história da interrupção do meu julgamento se espalhará através de toda a Galáxia. A frustração dos meus planos para esclarecer o desastre convencerá o povo da ridícula promessa que o futuro contém para ele. Já recordam até as vidas dos seus avós com inveja. Verão que as revoluções políticas e a estagnação do comércio aumentarão. O sentimento predominante da Galáxia será então o de egoísmo. Os ambiciosos não esperarão e os inescrupulosos pouco terão a temer. Pela ação de cada um deles apressar-se-á a decadência dos mundos. Ordene a minha execução e Trantor cairá dentro de cinqüenta anos ao invés de quinhentos, e o senhor dentro de um ano.

- Essas são palavras concebidas para amedrontar crianças. Sua morte não é a única satisfação que teremos.

Sua mão ergueu-se dos papéis onde descansava.

- Diga-me, sua atividade será unicamente a da preparação dessa enciclopédia de que nos falou?

- É esse o meu objetivo.

- E haverá necessidade de que esse trabalho seja feito em Trantor?

- Trantor - meu senhor - possui a Biblioteca Imperial, assim como os recursos da Universidade.

- E se os senhores fossem colocados em outro ponto? Digamos, num planeta onde as pessoas e distrações de uma metrópole não interfeririam em suas contemplações, onde os seus homens possam devotar-se inteiramente ao seu trabalho? Não oferecerá isso qualquer vantagem?

- Vantagens mínimas talvez.

- Tal mundo foi escolhido para vocês. Pode trabalhar em paz, Doutor, com os seus cem mil colaboradores ao seu redor. A Galáxia saberá que o senhor trabalhará para evitar a Queda - sorriu e continuou. - Uma vez que eu não creia em muitas coisas não me é difícil descrer dessa Queda de modo a estar inteiramente convencido de que direi a verdade ao povo. Entretanto o senhor, Doutor, não preocupará Trantor, e a paz do Império perdurará.

- Qual foi o mundo escolhido?

- Chama-se, creio, Terminas. - Negligentemente o Supremo Lorde folheou os papéis sobre a mesa. - A alternativa é a pena de morte para o senhor e para todos os seus colaboradores. Deixo de lado suas ameaças. A oportunidade que tem para escolher entre a morte e o exílio consta de cinco minutos. O mundo para onde será levado é desabitado, porém habitável e pode ser moldado a satisfazer as necessidades de estudiosos. É um pouco só...

- Mas fica no extremo da Galáxia! - interrompeu Seldon.

- Como já frisei, é um pouco solitário. Será perfeito para as suas necessidades de concentração. Ainda lhe restam dois minutos.

- Precisamos de tempo para preparar tal viagem. Estão envolvidas vinte mil famílias.

- Será dado o tempo necessário.

Seldon pensou durante um momento enquanto o último minuto expirava, e respondeu:

- Aceito o exílio.

O coração de Gaal quase parou. Via-se possuído de uma imensa alegria por ter escapado à morte. Contudo, no meio da sua satisfação encontrou ainda ocasião para ter pena de Seldon, pela derrota.

Por muito tempo ficaram silenciosos, enquanto o táxi corria vertiginosamente através dos quilômetros de túneis, dirigindo-se para a Universidade. Gaal foi o primeiro a falar.

- É verdade o que disse ao Comissário? Sua morte apressaria a queda?

- Nunca minto quanto a dados psicohistóricos, além de que nada me auxiliaria neste caso. Chen sabia que eu dizia a verdade. Ele é um político inteligente e os políticos, dada a própria natureza do seu trabalho, devem farejar a verdade.

- Então que necessidade teve de aceitar o exílio? - Seldon não respondeu.

Quando entraram na área da Universidade os músculos de Gaal relaxaram-se por completo.

Toda a Universidade se achava banhada de intensa luz, Gaal quase se esquecera de que existia o Sol. Não porque a Universidade se encontrasse sob céu aberto. Todos os edifícios se achavam cobertos por uma cúpula de vidro. Essa matéria era polarizada de maneira a poder-se olhar diretamente para a estrela da qual provinham as radiações da luz. Sua luz era refletida pelo vidro de modo a inundar tudo em redor.

Em si as estruturas da Universidade divergiam do tipo arquitetônico que predominava em Trantor. O brilho metálico era substituído por um branco tirante a marfim.

- Parece que os soldados já chegaram - disse Seldon.

- O quê? - Gaal olhou ao redor e não longe viu realmente a figura de uma sentinela.

Um oficial apresentou-se.

- Qual dos senhores é o Dr. Seldon? - Após Seldon ter-se apresentado o oficial continuou: - Estivemos à sua espera. O senhor e todos os seus homens se encontram, a partir deste momento, sob a lei marcial. Fui informado de que os senhores têm seis meses para preparar a partida para Terminus.

- Seis meses? - começou Gaal, porém calou-se ao sentir a leve pressão dos dedos de Seldon no seu braço.

- São essas as minhas ordens - repetiu o oficial.

Quando o militar se foi, Gaal virou-se para Seldon:

- O que poderemos fazer em seis meses? Seria melhor que tivessem acabado conosco.

- Calma, calma. Vamos para o meu escritório.

O escritório não era muito grande, porém confortável.

Se lá tivessem colocado fonocaptores, ou qualquer outro instrumento de detecção, tudo quanto poderiam ouvir seria uma conversa banal de frases construídas ao acaso.

- Muito bem - disse Seldon pondo-se à vontade, seis meses são suficientes.

- Não vejo como.

- Porque, meu rapaz, num plano como o nosso, as ações dos outros são condicionadas às nossas necessidades. Já não lhe disse que Chen esteve submetido a uma análise maior do que possivelmente qualquer outro homem em toda a história? O julgamento não começou antes das circunstâncias nos mostrarem que o desfecho nos seria favorável.

- Não me diga que fez com que?...

- ...Me exilassem para Terminus? Por que não? - Os seus dedos tatearam a mesa, e parte da parede à sua frente abriu-se.

- Ali dentro encontrará vários microfilmes - disse Seldon - retire o que estiver assinalado com a letra T.

Gaal esperou que Seldon ajustasse o filme ao projetor e este deu ao jovem um par de óculos. Gaal colocou-os e viu o filme desenrolar-se ante os seus olhos.

- Surpreso? - perguntou-lhe Seldon.

- O senhor preparou há dois anos a partida?

- Dois anos e meio. Claro está que não tínhamos certeza de que seria Terminus o local escolhido, mas nos baseamos numa suposição e atuamos de acordo com ela.

- Por quê? Não seria tudo muito mais controlado aqui em Trantor?

- Porque, trabalhando em Terminus, teremos o apoio Imperial, sem

causar o medo de colocar em perigo a segurança do Imperador.

- Mas o senhor provocou esses temores para que o forçassem ao exílio? Não compreendo.

- Talvez porque vinte mil famílias não se deslocariam para longe de Trantor de livre vontade.

- Não percebo porque seriam forçados. Não quer explicar-se?

- Ainda não. Por ora satisfaça-se em saber que será estabelecido um refúgio científico em Terminus. E que será estabelecido um outro no extremo oposto da Galáxia, na Ponte das Estrelas, por exemplo. Ademais eu morrerei dentro em pouco e o senhor verá mais do que eu. Não, não, nada de pesar nem de amabilidade. Os meus médicos dizem-me que não viverei além de dois anos. Porém a finalidade de minha vida foi alcançada e que circunstâncias melhores pode um homem almejar para a sua morte?

- E depois que o senhor morrer?

- Haverá sucessores - talvez o senhor, Dr. Dornick. Esses sucessores estarão habilitados a aplicar o toque final no esquema dos acontecimentos. Anacreon será instigado à revolta no momento propício. Após isso, os acontecimentos se sucederão por si mesmos.

- Não consigo entender.

- Compreenderá mais tarde. - O rosto de Seldon parecia um pouco cansado. - A maioria partirá para Terminus porém alguns permanecerão. Será fácil conseguir. Quanto a mim - terminou num sussurro que Gaal quase não ouviu - estou no fim.

PARTE II – OS ENCICLOPÉDICOS

TERMINUS — ...Sua localização (ver mapa) estava em desacordo com o importante papel que viria a desempenhar na História Galáctica e, no entanto, como muitos cronistas já o descreveram, inevitável. Localizado no limite extremo da espiral Galáctica, planeta único de um sol isolado, pobre de recursos e de valor econômico. Só foi povoado 500 anos após sua descoberta com a chegada dos Enciclopédicos...

Era inevitável que, com o aparecimento de uma nova geração, Terminus se tornasse algo mais de que um mero dependente dos psicohistoriadores de Trantor. Com a rebelião de Anacreon e a ascensão de Salvor Hardin ao poder, o primeiro da longa linha de...

Enciclopédia Galáctica

Lewis Pirenne trabalhava atarefado em sua mesa, num dos cantos da sala. O trabalho deveria ser coordenado e o esforço organizado. Os fios da teia deveriam ser desemaranhados.

Fazia cinqüenta anos. Cinqüenta anos para se estabelecerem e darem início à Fundação Enciclopédica Número Um, tornando-a uma unidade de trabalho sem obstáculos. Cinqüenta anos colhendo material. Cinqüenta anos de preparação.

Estava tudo pronto. Dentro de cinco anos viria à luz a publicação do primeiro volume do trabalho mais gigantesco até então concebido na Galáxia. Depois, com intervalos de dez anos, regularmente, volume após volume. Juntamente com eles apareciam suplementos, artigos especiais sobre assuntos de interesse mais atual, até que...

Pirenne remexeu-se inquieto, ao som surdo do vibrador de sua mesa. Já quase se esquecera da entrevista. Apertou o botão que abria a porta e pelo canto do olho observou a entrada da figura maciça de Salvor Hardin. Pirenne não ergueu o olhar.

Hardin sorriu para si. Tinha urgência, mas não se ofendeu com o tratamento, aliás habitual para com todos os que interrompiam o trabalho de Pirenne. Afundou-se na poltrona, em frente da mesa e esperou.

A caneta de Pirenne arranhava o papel, correndo. Não se percebia qualquer outro som ou movimento.

Hardin tirou do bolso uma moeda de aço inoxidável e começou a atirá-la ao ar. A moeda captava os raios de luz que entravam no aposento e refletia-os na parede. Vezes sem conta os seus dedos fizeram a moeda saltar, enquanto os seus olhos preguiçosamente seguiam os movimentos da luz. O aço inoxidável constituía-se um bom material para cunhagem, num planeta onde qualquer metal em uso era importado.

Pirenne ergueu a cabeça e piscou os olhos.

- Pare com isso!

- Ahn!

- Pare com essa brincadeira.

- Está bem. - Hardin guardou a moeda. - Quando estiver pronto, diga-me. Prometi estar de volta ao Conselho da Cidade, antes de ser posto à votação o plano para o novo aqueduto.

Pirenne suspirou e afastou-se da mesa.

- Estou pronto. Espero simplesmente que não venha me aborrecer com assuntos da cidade. Trate você deles, por favor. A Enciclopédia toma-me todo o tempo.

- Já ouviu as últimas notícias? - perguntou Hardin, fleumático.

- Que notícias?

- As notícias que o nosso aparelho de ultra-ondas recebeu há duas horas. O Governador Real da Prefeitura de Anacreon assumiu o título de rei.

- E daí?

- Significa - respondeu Hardin - que nos encontramos isolados das regiões interiores do Império. Já esperávamos por isso, contudo não torna a situação mais confortável. Anacreon cruza-se diretamente com a última rota comercial que nos resta para Santanni, Trantor e Vega. De onde virá agora o nosso metal? Há seis meses que não passa um carregamento de aço ou alumínio e agora, com certeza, não passará exceto pelo favor do Rei de Anacreon.

Pirenne mascou impacientemente:

- Obtenham-no através dele nesse caso.

- Como? Escute Pirenne: de acordo com a carta que estabeleceu esta Fundação o Conselho Administrativo do Comitê Enciclopédico tem plenos poderes. A autoridade que me foi conferida como mandatário de Terminus basta talvez para eu me assoar e se o senhor assinar uma ordem dando autorização, para espirrar em seguida. Tudo depende do senhor e do seu Conselho. Peço-lhe, portanto, em nome da cidade, cuja existência depende do comércio com o resto da Galáxia, para autorizar uma reunião de emergência.

- Pare! Uma propaganda eleitoral no momento vem pouco a propósito. Veja Hardin: o Conselho Administrativo não proibiu o estabelecimento de um governo municipal em Terminus. Compreendemos a necessidade de tal governo, devido ao aumento de população desde a data do estabelecimento da Fundação, há cinqüenta anos, e pelo número de pessoas envolvidas em assuntos extra-enciclopédicos. Não quer isto dizer, contudo, que o primeiro e único objetivo da Fundação tenha deixado de ser a publicação de uma Enciclopédia definitiva, englobando todo o conhecimento humano. Somos uma instituição científica, senhor Hardin, mantida pelo Estado. Não podemos - não devemos - interferir na política local.

- Política local! Por ordem do Imperador, Pirenne, é uma questão vital. O planeta Terminus por si só não pode manter uma civilização mecanizada. Faltam-lhe os metais. Não tem vestígios de ferro, cobre ou alumínio em toda a sua superfície e pouco mais tem de qualquer outra coisa. Que pensa o senhor do que sucederá à Enciclopédia, se este rei fanfarrão de Anacreon se decidir a fazer-nos a vida cara?

- A nós? Esquece-se que estamos sob o "controle" direto do Imperador? Não fazemos parte da administração. Lembre-se disso! Somos parte integrante dos domínios Imperiais e ninguém nos toca. O Império protege o que é seu.

- E a revolta do Governador de Anacreon foi por acaso sufocada? E foi Anacreon o único? Pelo menos vinte das prefeituras exteriores da Galáxia, toda a periferia na realidade, iniciaram o mesmo sistema. Digo-lhe que estou pouco seguro do Império e da sua habilidade para nos proteger.

- Governadores Reais, Reis - qual é a diferença? O Império tem-se mantido através de várias políticas com homens diferentes procurando cada um seus interesses. Já se revoltaram outros Governadores, e já foram depostos Imperadores e mesmo assassinados alguns, antes disto. Mas que têm todas essas coisas a ver com o Império em si? Esqueça-se disso, Hardin, não é nada conosco. Somos em primeira e última análise - cientistas. O que nos preocupa é a Enciclopédia. E já, Hardin, antes que me esqueça.

- Sim?

- Veja lá esse seu jornal! - Pirenne estava colérico.

- O jornal da cidade de Terminus? Não é meu. É propriedade particular. Que fez ele?

- Há semanas que traz, na primeira página, o cabeçalho pedindo que, por ocasião do qüinquagésimo aniversário do estabelecimento da Fundação, seja declarado feriado oficial, com comemorações, devo dizer, bastante impróprias.

- E por que não? O relógio de rádio abre o Primeiro Cofre dentro de três meses. Considero esse dia como algo especial.

- Mas não para paradas idiotas Hardin. O Primeiro Cofre e sua abertura dizem respeito exclusivamente à Prefeitura. Tudo o que for importante será comunicado ao povo. Esta é a última palavra. Comunique-a ao jornal.

- Lamento muito, Pirenne, porém a Constituição da cidade garante uma coisa sem importância denominada liberdade de Imprensa.

- Talvez sim, porém a Prefeitura não a acata. Sou o representante do Imperador em Terminus, Hardin, e tenho plenos poderes.

A expressão de Hardin era a de um homem que procura dentro de si as últimas reservas de paciência.

- A propósito de sua situação como representante do Imperador tenho uma última novidade a dar-lhe.

- A respeito de Anacreon? - A boca de Pirenne contraiu-se.

- Vai chegar um enviado especial mandado pelo Governo de Anacreon dentro de duas semanas.

- Um enviado? Aqui? Para quê?

Hardin levantou-se, empurrou a cadeira e olhou o admirado represen¬tante do poder imperial:

- Adivinhe se é capaz.

E foi embora - com desprezo.

Anselm-Haut-Rodric - "Haut" significando sangue nobre, vice-prefeito de Pluema e enviado extraordinário de Sua Alteza de Anacreon - e mais meia dúzia de títulos - foi esperado à sua chegada, por Salvor Hardin, com todo o

ritual imposto por razões de Estado.

Com um breve sorriso e uma desculpa o vice-prefeito tirara a sua arma do coldre e entregara-a a Hardin. Este último retribuiu o cumprimento entregando a sua... que pedira emprestada para a ocasião. Amizade e boa vontade foram assim seladas e se Hardin descobriu qualquer volume suspeito nos bolsos de Haut Rodric calou-se prudentemente.

A solenidade que lhe foi prestada - precedida e flanqueada por uma conveniente nuvem de funcionários menores - seguiu sua marcha lenta e cerimoniosamente até o Largo da Enciclopédia, ovacionado na sua trajetória por uma multidão apropriada, com a devida quantidade de entusiasmo.

O vice-prefeito Anselm recebeu as ovações com a condescendência e indiferença de um nobre.

- Esta cidade é todo o seu mundo? - perguntou a Hardin.

Hardin ergueu a voz de modo a ser ouvido acima do clamor.

- Somos um mundo novo, Excelência. Em nossa curta história poucos membros da nobreza visitaram o nosso pobre planeta. Daí o entusiasmo.

- Parece que a "nobreza" não reconheceu a ironia. Pensativamente observou: - Cinqüenta anos - hum-m-m! Deve haver por aqui muita terra inexplorada. Nunca pensaram dividi-la em propriedades?

- Por ora não há necessidade disso. Estamos extremamente centralizados. Somos obrigados a isso por causa da Enciclopédia. Algum dia talvez, quando a nossa população aumentar...

- Um mundo estranho, não existem camponeses.

Hardin refletiu que não era necessário ser muito inteligente para ver que "sua eminência" estava "tirando nabos da tigela". Replicou casualmente:

- Não, nem nobres.

As sobrancelhas de Rodric arquearam-se:

- E o seu chefe, o homem com quem me vou encontrar?

- O Dr. Pirenne? É o Diretor do Conselho, Administrativo e representante pessoal do Imperador.

- Só Doutor? Nenhum outro título? Um sábio? E está acima da autoridade civil?

- Decerto - replicou Hardin com amabilidade. - Somos todos mais ou menos sábios. Na verdade somos mais uma Fundação científica do que um mundo sob o "controle" direto do Imperador.

Houve uma ligeira ênfase na última frase, que pareceu desconcertar o vice-prefeito. O resto do caminho até o Largo da Enciclopédia foi percorrido em silêncio.

Se Hardin se aborreceu com a tarde e com a noite que se seguiu, teve pelo menos a satisfação de compreender que Pirenne e Haut Rodric - tendo-se encontrado em meio a enfáticos protestos de ternura e consideração mútuas - se detestavam cada vez mais.

Haut Rodric assistiu de olhar vítreo à conferência do Dr. Pirenne, durante a "visita de inspeção ao Edifício da Enciclopédia". Com um sorriso abstrato, mas delicado, ouviu o discurso enquanto passavam de armazém em armazém onde se guardavam os filmes de referência, e através das numerosas salas de projeção. Só depois de ter descido e passado pelos departamentos de composição, edição, publicação e filmagem é que fez a primeira afirmação compreensiva.

- Tudo isto é muito interessante. Mas parece-me estranho passatempo para homens. Qual é a vantagem?

Hardin notou que Pirenne não encontrava nenhuma resposta, apesar da expressão de seu rosto ser bastante eloqüente.

O banquete da noite foi quase uma imagem perfeita dos acontecimentos da tarde, pois Haut Rodric monopolizava a conversa descrevendo - com pormenores técnicos e bastante graça - as suas proezas como comandante militar durante a recente guerra entre Anacreon e o vizinho e novo Reino de Smyrno.

Os pormenores da história do vice-prefeito terminaram ao fim do jantar quando todos os funcionários de menor categoria já tinham se retirado. O último capítulo da descrição triunfante de naves e homens destruídos terminou quando Pirenne e Hardin o acompanharam até a varanda e se sentaram, absorvendo o ar quente da noite de verão.

- E agora - disse finalmente com jovialidade - a assuntos importantes.

- Por quem é - murmurou Hardin acendendo um longo charuto de tabaco de Vega - não restam muitos - refletiu inclinando a cadeira para trás.

A Galáxia estendia-se alta no céu com a sua forma nebulosa de horizonte a horizonte. As poucas estrelas que brilhavam naquela ponta do Universo eram

comparativamente insignificantes.

- Claro está - disse o vice-prefeito - que todas as discussões formais, isto é, a assinatura de tratados e outros aborrecimentos desse gênero terão lugar perante o... como o denominam? O Conselho?

- Conselho Administrativo - replicou Pirenne friamente.

- Estranho nome! De qualquer modo fica para amanhã. Podemos desde já acertar certos pormenores de homem para homem. De acordo?

- Plenamente - provocou Hardin.

- Tem havido algumas modificações na situação da Periferia, e o estado de seu planeta é um pouco incerto. Seria bastante conveniente se chegássemos a compreender-nos quanto a essa situação. A propósito, o senhor terá outro charuto desses?

Hardin ofereceu-o com relutância. Anselm Haut Rodric cheirou-o e imitou um som de prazer

- Tabaco de Vega! Onde o arranjou?

- Recebemos alguns no último carregamento. Pouco resta. Só o Espaço sabe quando receberemos mais.

Pirenne carregou o semblante. Ele não fumava e detestava o cheiro.

- Entendamo-nos, Eminência: a sua missão é apenas elucidar a situação?
Haut Rodric anuiu através da fumarada.

- Nesse caso terminará depressa. A situação com respeito à Fundação Enciclopédica Número Um é o que sempre foi.

- Ah! E o que é que tem sido sempre?

- Isto apenas: uma instituição científica mantida pelo Estado e parte do domínio pessoal de sua Augusta Majestade o Imperador.

O vice-prefeito não parecia intimidado, soprou alguns anéis de fumo.

- Bela teoria, Dr. Pirenne. Imagino que o senhor possui cartas com o Selo Imperial mas qual é a situação presentemente? Qual é a posição em relação a Smyrno? Não estão a mais de cinqüenta parsecs* da capital de Smyrno. E Konom e Daribow?

** Unidade de distância sideral equivalente a 3,26 anos-luz.*

- Nada temos a ver com qualquer prefeitura, como parte integrante do Império...

- Já não são prefeituras - lembrou-lhe Haut Rodric - agora são reinos.

- Seja. Nada temos a ver com eles. Na nossa qualidade de instituição científica.

- Ciência! Ciência! - vociferou o outro. - Que diabo tem isso com o fato de que podemos ver Terminus ocupado por Smyrno a qualquer momento?

- E o Imperador?

Haut Rodric acalmou-se:

- Bem, vejamos Dr. Pirenne: o senhor respeita a propriedade do Imperador e Anacreon também o faz, porém Smyrno talvez não. Lembre-se de que acabamos de assinar um tratado com o Imperador – o apresentarei amanhã a esse seu Conselho - que coloca sob nós a responsabilidade de manter a ordem dentro dos limites da Antiga Prefeitura de Anacreon por parte do Imperador. O nosso dever é patente, não é?

- Sim, sim, mas Terminus não faz parte da jurisdição de Anacreon.

- E Smyrno?

- Nem de Smyrno, nem de qualquer outra jurisdição.

- Smyrno sabe disso?

- Não me interessa o que Smyrno sabe!

- Mas interessa a nós. Terminamos neste momento uma guerra com ela e, no entanto, não recuperamos os dois sistemas estelares que nos foram roubados. O lugar que Terminus ocupa entre as duas nações é de caráter estratégico.

Hardin sentia-se cansado. Interrompeu:

- Qual é a sua proposta, Eminência?

O vice-prefeito parecia agora disposto a fazer propostas um pouco mais concretas.

- Parece-nos perfeitamente evidente que visto Terminus não ser capaz de se defender, Anacreon tomará essa tarefa à sua conta. Devem compreender que não desejamos interferir na administração interna.

Hardin grunhiu secamente.

- Cremos que seria melhor para todos se Anacreon estabelecesse uma

base militar neste planeta.

- E isso seria tudo o que desejariam, uma base militar dentro do vasto território desocupado, e nada mais?

- Bom, claro, haveria a questão de manter as forças de proteção.

Hardin deixou que a cadeira assentasse sobre os quatro pés e inclinou-se para a frente.

- Agora estamos chegando a qualquer coisa. Vamos pô-la em palavra. Terminus torna-se um protetorado e deve, portanto, pagar um tributo.

- Tributo não. Impostos. Protegemo-los e vocês pagam por isso.

Pirenne bateu na mesa com o punho cerrado.

- Deixe-me falar, Hardin.

- Eminência, não dou meia moeda por Anacreon, Smyrno e todas as suas politiquices e guerras. Já lhe disse que Terminus é uma instituição livre de impostos e mantida pelo Estado.

- Mantida pelo Estado! Mas nós somos o Estado, Dr. Pirenne, e não iremos mantê-los.

Pirenne ergueu-se colérico.

- Sou representante legal de...

- ...Sua Augusta Majestade, o Imperador, - ecoou Anselm Haut Rodric, azedamente - e eu sou o representante do Rei de Anacreon, Anacreon está um pouco mais próximo, Dr. Pirenne.

- Voltaremos ao que interessa - interrompeu Hardin - em que espécie aceitariam esses impostos, em mercadoria: trigo, batatas, vegetais, gado?

O vice-prefeito olhava-o admirado.

- O quê! Para que precisamos nós disso! Queremos ouro, claro. Cromo ou vanádio seriam ainda melhores, isto é, se os tiverem em abundância.

Hardin riu.

- Em abundância! Nem ferro temos. Ouro! Tome, olhe para as nossas moedas - atirou uma moeda ao enviado.

- De que é? Aço!

- Sim senhor.

- Não compreendo.

- Terminus é um planeta praticamente sem metais. Os que temos são importados. Conseqüentemente, não temos ouro, e nada para pagar a não ser que aceitem em pagamento algumas toneladas de batatas.

- E a sua produção industrial?

- Sem metais, de que faríamos nossas máquinas?

Houve uma pausa e Pirenne tentou de novo:

- Meus senhores, toda esta discussão é inútil. Terminus não é um planeta, mas uma instituição científica empenhada em preparar uma grande enciclopédia. Pelo Espaço, os senhores não respeitam a Ciência?

- Enciclopédias não ganham guerras. - Haut Rodric franziu o sobrolho. - Um mundo sem qualquer produção é praticamente vazio. Bem, pode pagar com terras.

- Que quer isso dizer?

- Este planeta está quase vazio e a terra é provavelmente fértil. Muitos nobres de Anacreon aceitariam um acréscimo as suas propriedades.

- O senhor tem a ousadia de propor?

- Não há necessidade de se alarmar tanto, Doutor. Há que cheguem para todos nós. Se lá chegarmos, e se o senhor colaborar, poderemos arranjar as coisas de modo que os senhores nada percam. Podem ser conferidos títulos e dadas garantias. Compreende-me?

Pirenne sibilou:

- Obrigado!

Hardin disse, então, ingenuamente:

- Poderia Anacreon fornecer-nos as devidas quantidades de plutônio para a nossa geradora de energia atômica? Temos apenas uma reserva mínima que em poucos anos se esgotará.

O silêncio que se seguiu durou alguns minutos. Quando Haut Rodric voltou a falar o seu tom de voz era bem diferente do que fora até então.

- Vocês têm energia atômica?

- Que tem isso de invulgar? A energia atômica tem cinqüenta mil anos de idade. Por que não havíamos de possuí-la? A não ser pela dificuldade de

conseguir plutônio.

- Claro, claro. - O enviado fez mais uma pausa e acrescentou desconsolado: - bem, cavalheiros, continuaremos a nossa discussão amanhã. Por certo me desculparão.

Pirenne seguiu-o com o olhar e rangeu os dentes:

- Aquele asno estúpido é imperdoável!

Hardin interrompeu-o:

- De modo algum. É um produto, do seu meio. Não entende muito além do: eu tenho uma arma e você não.

Pirenne virou-se para ele exasperado:

- Que desejava o senhor dizer com aquele discurso de bases militares e de tributos? O senhor está doido?

- Dei-lhe corda para ele se enforcar. Afinal revelou as verdadeiras intenções de Anacreon, a divisão de Terminus em propriedades. Não vou consentir que isso aconteça.

- O senhor não vai deixar? O senhor? E quem é o senhor? E posso já agora perguntar-lhe a intenção dessa idiotice sobre a energia atômica? Isso seria a melhor desculpa para fazer de nós um alvo militar.

- Sim - Hardin sorriu. - Um alvo militar do qual se deve afastar. Não é evidente a razão porque eu falei disso? Acontece que confirmou uma suspeita minha.

- Qual?

- Que Anacreon não tem energia atômica. Se a tivesse o nosso amigo compreenderia que o plutônio já não se utiliza nas geradoras de energia. Segue-se, portanto, que o resto da Prefeitura também não tem energia. Smyrno não a tem ou Anacreon não teria vencido a maioria das batalhas na recente guerra. Não é interessante?

- Bah!

Pirenne foi embora deixando Hardin ainda sorrindo. Este atirou fora o seu charuto e olhou a Galáxia que se estendia até o infinito.

- De volta ao petróleo e ao carvão, hem? - murmurou ele, e o restante de seus pensamentos guardou-os para si.

Quando Hardin negou ser dono do jornal, disse apenas meia verdade. Fora ele o incentivador da campanha para incorporar Terminus numa municipalidade autônoma - e fora eleito presidente da Câmara de modo que não era surpreendente que, embora não houvesse uma única ação do jornal em seu nome, mais de sessenta por cento eram controlados por ele de maneira duvidosa. Conseqüentemente, quando Hardin começou a sugerir a Pirenne que lhe fosse permitido assistir ás reuniões do Conselho Administrativo, não foi por coincidência que o jornal lançou-se numa campanha sugerindo o mesmo. E a primeira reunião, em massa, na história da Fundação realizou-se, pedindo representação da Cidade no governo nacional.

Eventualmente Pirenne capitulou, embora de mau humor.

Hardin, sentado ao fundo da mesa, especulava quanto à razão dos cientistas serem péssimos administradores. Talvez fosse por serem tão inflexíveis e pouco habituados a gente flexível.

Fosse como fosse, ali estavam Tomaz Sutt e Jord Fará à sua esquerda, Lundin Crast e Yate Fulham à sua direita. Pirenne estava sentado na cadeira da presidência. Conhecia-os bem a todos. Contudo, parecia ter adotado uma relativa pomposidade para a ocasião.

Hardin adormeceu através das formalidades iniciais, mas acordou na ocasião em que Pirenne bebia um pouco de água, à guisa de preparação, e começava :

- Sinto-me muito grato por poder informar aos membros do Conselho que, desde a nossa última reunião, recebi notícias de Lorde Dorwin, Chanceler do Império, dizendo que chegaria a Terminus dentro de duas semanas. E quase garantindo que nossas relações com Anacreon serão colocadas no devido lugar para nossa completa satisfação, logo que o Imperador seja informado do que se passa.

Sorriu e dirigiu-se a Hardin no extremo oposto da mesa.

- Foram dadas informações ao jornal a este respeito.

Hardin sorriu baixinho. Parecia evidente que uma das razões de sua admissão ao sacrossanto era o desejo de Pirenne lhe fazer admirar aquela informação.

- Deixando de lado expressões vagas, que espera de Lorde Dorwin?

Tomaz Sutt respondeu. Tinha o mau hábito de se dirigir na terceira pessoa, quando no seus momentos de circunspeção.

- É evidente que o Prefeito Hardin é um cínico profissional. Não pode deixar de ver que o Imperador não permitiria a infração dos seus direitos pessoais.

- Por quê? Que faria ele no caso da infração?

Houve pela sala um movimento de irritação. Pirenne disse-lhe:

- O senhor está fora de ordem e - pensando bem - fazendo afirmações um tanto perigosas.

- Devo considerar isso como resposta?

- Sim, se não tem mais nada a dizer.

- Não tire conclusões. Gostaria de fazer uma pergunta. Além deste golpe diplomático, que pode ou não ter qualquer significado, fez-se algo de concreto para suster a ameaça de Anacreon?

Yate Fulham cofiou o seu bigode ruivo e medonho.

- Vê aí uma ameaça?

- E o senhor não vê?

- Nenhuma. O Imperador...

- Grande Espaço! - Hardin aborrecia-se. - Que é isto? De vez em quando há alguém que diz "Imperador" ou "Império" como se fossem palavras mágicas. O Imperador está longe e tenho as minhas dúvidas quanto à importância que nos confere. E se se importar? Que pode ele fazer? O que havia da Armada Imperial por estas regiões está nas mãos dos quatro reinos, e Anacreon tem a sua parte. Teremos de lutar com armas, não com palavras! Compreendam bem a situação. Tivemos dois meses de graça especialmente por termos dado a Anacreon a idéia de que possuímos armas atômicas. Todos nós sabemos que isso é mentira. A energia atômica que temos é para fins pacíficos e não basta. Eles descobrirão a nossa mentira dentro de pouco tempo, e se acham que vão gostar de se verem enganados talvez vocês por seu lado se enganem.

- Meu caro senhor...

- Ainda não terminei. - Hardin ainda estava se aquecendo e gostava do efeito. - É muito bonito meter chanceleres no caso, mas mais bonito seria ainda meia dúzia de canhões atômicos e as respectivas bombas. Já perdemos dois

meses e talvez não tenhamos mais tempo a perder. Que se propõem fazer?

O nariz de Lundin Crast enrugou-se de irritação.

- Se pretende propor a militarização da Fundação não quero ouvir mais nada. Marcaria nosso ingresso no campo da política. Nós, Senhor Presidente da Câmara, somos uma fundação científica e nada mais.

Sutt continuou:

- Além disso, não compreende que a fabricação de armamentos seria retirar homens - homens de valor - da Enciclopédia? Não pode ser feito, aconteça o que acontecer.

- De fato, primeiro a Enciclopédia - e sempre - concordou Pirenne.

Hardin gemeu mentalmente. O Conselho parecia sofrer de "Enciclopedite". Quando respondeu o seu tom era gélido:

- Talvez não tenha ocorrido ao distinto Conselho que Terminus possa ter outros interesses além da Enciclopédia.

Pirenne replicou:

- Não posso conceber, Hardin, que a Fundação tenha outros interesses.

- Não falei da Fundação. Falei de Terminus! Receio que não entendam bem a situação. Existe mais de um milhão de seres aqui dos quais os empregados na Enciclopédia não ultrapassam os cento e cinqüenta mil. Nascemos aqui, vivemos aqui. Comparada com as suas casas, quintas e fábricas, a Enciclopédia pouco significa. Queremos proteger tudo isso.

O barulho emudeceu-o.

- Acima de tudo a Enciclopédia - gritou Crast. - Temos uma missão a cumprir.

- Diabos levem a missão! - gritou-lhe Hardin por sua vez. - Há cinqüenta anos isso poderia ter valor, hoje não! Esta é uma nova geração!

- Nada tem a ver uma coisa com a outra - respondeu Pirenne. - Nós somos cientistas.

Hardin anteviu uma brecha e aproveitou-a:

- Serão na verdade cientistas? Bela alucinação. Todo o seu grupo é o exemplo perfeito do que sucedeu à Galáxia durante milhares de anos. Que espécie de ciência é a de classificar e rotular o trabalho dos cientistas do último

milênio? Já pensaram em ir para frente, estender os limites desse conhecimento, melhorá-lo? Não! Sentem-se felizes na estagnação. Toda a Galáxia se sente feliz e se tem sentido ao longo de... só o Espaço o sabe. Eis o porquê das revoltas na Periferia, das interrupções de comunicações, das eternas guerras, da perda de energia atômica e retrocesso ao processo bárbaro da energia química. Se querem saber - gritou por fim - a Galáxia está se desintegrando.

Fez uma pausa e deixou-se cair na cadeira, não dando atenção a dois ou três membros que procuravam responder-lhe ao mesmo tempo.

Crast tomou a palavra:

- Não sei o que espera conseguir através de suas afirmações histéricas. Nada de construtivo, com certeza. Peço, senhor Secretário, que as palavras do senhor Hardin sejam riscadas das minutas e a discussão seja resumida a partir de sua interrupção.

Jord Fará mexeu-se pela primeira vez. Até então tinha se mantido fora da discussão, mesmo nos momentos de maior calor. Mas agora sua voz poderosa, pesada como o seu corpo de cem quilos, fez-se ouvir no seu tom mais baixo:

- Não nos teríamos esquecido de nada?

- De quê? - perguntou Pirenne irritado.

- De que neste mês comemoramos o qüinquagésimo aniversário.

Fará tinha o costume de observar pormenores com grande agudeza.

- Que tem isso?

- É que nessa data - continuou Fará calmamente - o cofre de Hari Seldon se abrirá. Já consideraram o que poderá haver nesse cofre?

- Não sei. Questões de rotina. Talvez um discurso de parabéns, vulgar. Não acho que o cofre tenha qualquer significado, apesar do jornal - e olhou Hardin fixamente - ter querido dar-lhe. Fiz com que essa história terminasse.

- Ah - disse Fará - mas talvez tivesse feito mal. Não lhes parece um silêncio antes de prosseguir, que o cofre vai se abrir numa hora bastante conveniente?

- Num momento inconveniente, quer o senhor dizer - murmurou Fulham. - Temos outras coisas com que nos preocupar.

- Coisas mais importantes do que uma mensagem de Hari Seldon? Acho que não - Fará crescia cada vez mais e Hardin olhou-o pensativo. Onde desejava

ele chegar?

- De fato - continuou com ar radiante - parecem todos esquecidos que Seldon foi o maior psicólogo da nossa época e que foi o instituidor da nossa Fundação. Parece-me razoável que ele tenha aplicado a sua ciência para determinar o provável curso da história, deste futuro próximo. Se o fez, como me parece, repito, deve ter havido maneira de nos avisar de qualquer perigo e talvez apresente uma solução. A Enciclopédia era-lhe muito querida.

Prevalecia na sala uma aura de dúvida. Pirenne interrompeu:

- Bem, não sei exatamente. A psicologia é uma grande ciência, mas, de momento, não temos entre nós nenhum psicólogo, creio. Parece-me termos entrado em terreno pouco familiar.

Fará virou-se para Hardin:

- O senhor não estudou psicologia com Alurin?

Hardin respondeu-lhe humildemente:

- Sim, mas não cheguei a terminar os meus estudos. Cansei-me da teoria, queria ser engenheiro psicólogo, mas não tive quaisquer facilidades de modo que entrei no campo mais parecido - o da política. É quase o mesmo.

- Que pensa do cofre?

- Não sei o que dizer. - Hardin decidiu acautelar-se.

Não voltou a falar durante o resto da reunião apesar de terem voltado à questão do Chanceler do Império. Nem sequer lhes deu atenção. Tinham-lhe apresentado um caminho desconhecido e tudo começava a tomar o seu devido lugar. Os ângulos iam-se desfazendo.

A psicologia era a chave. Disso estava certo. Desesperadamente tentou recordar-se da teoria psicológica que aprendera - e daí compreender as coisas logo de início.

Um grande psicólogo como Seldon poderia desvendar as emoções e reações humanas o suficiente para poder prever com largueza o desenvolvimento histórico do futuro.

Isso significava...

Lorde Dorwin aspirava rapé. Tinha o cabelo comprido, complicadamente encaracolado, ao qual juntava artificialmente suíças louras que acariciava com

todo o carinho. Quando falava dava a impressão de dizer preciosidades acentuando bem todas as sílabas.

Naquele momento Hardin não tivera ainda tempo de apresentar mais razões para detestar o nobre Chanceler, o efeito fora imediato. Os gestos elegantes da mão que acompanhavam as palavras e a condescendência estudada que acompanhava a mais simples afirmação, tinham um efeito desolador sobre Hardin.

O problema atual era descobrir a nobre personalidade. Desaparecera com Pirenne meia hora antes - como quem se vaporizara.

Hardin estava seguro de que a sua ausência durante as discussões preliminares agradaria a Pirenne.

Pirenne fora visto naquele andar, portanto, tratava-se apenas de experimentar todas as portas. A meio caminho Hardin soltou uma exclamação de prazer e adentrou um gabinete meio escuro. A silhueta do intrincado penteado de Lorde Dorwin era uma realidade contra a tela iluminada.

Lorde Dorwin olhou-o e disse:

- Ah, Hardin, sem dúvida nos procura.

Ofereceu-lhe a caixa de rapé, superembelezada, que Hardin recusou após o que Sua Dignidade aspirou uma pitada e sorriu graciosamente.

Pirenne carregou o cenho e Hardin permaneceu indiferente.

O único ruído a quebrar o silêncio que se seguiu foi o estalido da caixa de rapé de Lorde Dorwin ao fechar-se. Depois de guardá-la iniciou:

- Grande proeza esta sua Enciclopédia, Hardin. Um feito indubitável que está a par dos mais sublimes acontecimentos de todos os tempos.

- A maioria de nós assim pensa, milorde. Um acontecimento que, no entanto, ainda não se concretizou totalmente.

- Do pouco que me foi dado ver da eficiência da sua Fundação nada temo a esse respeito. - E inclinou a cabeça para Pirenne que lhe correspondeu com uma delicada cortesia.

Uma festa amorosa, pensou Hardin.

- Não me queixava da falta de eficiência, milorde, mas sim do excesso de eficiência da parte de Anacreon, apesar de essa atividade ser dirigida numa direção mais destrutiva.

- Ah, sim, Anacreon - um negligente movimento de mão - venho mesmo agora de lá. Profundamente bárbaro esse planeta. É absolutamente inconcebível que seres humanos possam viver aqui na periferia. A falta das condições mais elementares para a vida de um cavalheiro culto, a falta das mais fundamentais necessidades de conforto e conveniência, o completo desuso em que...

Hardin interrompeu-o secamente:

- Os anacreonianos, infelizmente, possuem todos os requisitos elementares para a guerra e todas as necessidades básicas para a destruição.

- Apoiado, apoiado. - Lorde Dorwin parecia estar contrariado, talvez por ter sito tão rudemente interrompido. - Porém não devemos discutir esses assuntos agora. Sinto-me realmente bastante preocupado. Doutor Pirenne, não me mostra o segundo volume? Por favor.

As luzes apagaram-se por mais de meia hora e Hardin bem poderia estar em Anacreon por toda a atenção que lhe foi dispensada. O livro projetado na tela pouco sentido tinha para ele: nem sequer o tentou seguir. Mas Lorde Dorwin teve momentos em que parecia humanamente excitado. Durante esses breves instantes Hardin notou que o Chanceler esquecia sua pose.

Quando as luzes se acenderam novamente, Lorde Dorwin disse:

- Maravi¬lhoso, verdadeiramente maravilhoso. Sr. Hardin, o senhor não se interessa por arqueologia?

Hardin saiu de sua abstração:

- Não, milorde, não posso dizer que esteja interessado. Sou um psicólogo por vocação inicial e político por decisão final.

- Ah, sem dúvida estudos interessantíssimos. Eu próprio - e serviu-se de enorme pitada de rapé - me dedico à arqueologia, sabe?

- Ah sim?

- Sua Alteza - interrompeu Pirenne - é bastante conhecedor dessa matéria.

- Talvez, talvez - consentiu Sua Dignidade complacentemente. - Tenho feito um trabalho incansável nessa ciência. Realmente li muito. Li todo o Jardim, o Obijassi, o Kromuiel, enfim todos eles.

- Já os ouvi citados - disse Hardin - porém nunca os li.

- Mas deve fazê-lo qualquer dia, meu caro senhor. Seria amplamente

recompensado. Creio que só para ver esta cópia de Lameth valeu a pensa esta viagem à Periferia. Acreditem ou não, falta-me esse autor na minha biblioteca. A propósito, Dr. Pirenne, o senhor não esqueceu sua promessa de revelar mais uma cópia para mim, antes de minha partida.

- Com todo o prazer.

- Lameth, devem saber - continuou o chanceler oficialmente - apresenta uma nova e interessante adição ao meu conhecimento prévio sobre a Questão da Origem.

- Que questão? - interrogou Hardin.

- A Questão da Origem. O lugar de origem da espécie humana. O senhor deve saber, com certeza, que se pensa que a raça humana ocupou inicialmente apenas um sistema planetário.

- Bem sei, bem sei.

- Ninguém sabe ao certo qual o sistema, encontra-se perdido nas brumas do passado. Existem, contudo, várias teorias. Sirius, dizem uns, outros insistem sobre Alfa Centauro, ou no Sol ou em Cyngi 61 - todos no setor de Sirius, como se vê.

- E que diz Lameth?

- Bom, ele parte de um caminho inteiramente diferente, tenta demonstrar que os restos arqueológicos no terceiro planeta do Sistema Arcturiano mostram que a humanidade existiu ali, antes de haver quaisquer indicações de viagens no espaço.

- E quer isso dizer que esse é o berço da humanidade?

- Talvez. Devo lê-lo de novo com atenção e pesar as provas antes de me pronunciar. Tem de se verificar o peso de suas observações.

Hardin conservou-se em silêncio durante alguns instantes.

- Quando Lameth escreveu esse livro? - perguntou finalmente.

- Há mais ou menos trezentos anos. Claro está que se baseou principalmente nos trabalhos prévios de Gleen.

- Então por que perder tempo? Poderia ir a Arcturus e estudar por si mesmo os vestígios.

Lorde Dorwin ergueu as sobrancelhas e a tampa da caixa de rapé ao mesmo tempo. Apressadamente aspirou a sua pitada.

- Mas para quê?

- Para obter a informação em primeira mão, já se vê.

- Mas onde reside essa necessidade? Parece-me um método estranho e duvidoso de conseguir algo. Veja bem, tenho os trabalhos dos velhos mestres - os grandes arqueólogos do passado. Comparo-os uns com os outros, equilibro as discrepâncias, analiso as afirmações conflituosas, decido a probabilidade de correção de cada uma e chego a uma conclusão. Esse é o método científico. Pelo menos, com ar condescendente, é assim que o vejo. Seria insofismável essa minha ida a Arcturus, ou ao Sol, por exemplo, e andar ás voltas quando os velhos mestres já cobriram todo esse campo, com muito maior eficiência do que eu jamais poderia sonhar atingir.

Hardin murmurou delicadamente:

- Estou vendo. Ele e os seus métodos científicos, não era de estranhar que a Galáxia se desintegrasse.

- Vamos, milorde - disse Pirenne - acho que é melhor voltarmos.

- Ah, sim, talvez.

Quando saíam, Hardin disse à queima-roupa:

- Milorde, posso fazer uma pergunta?

Lorde Dorwin sorriu brandamente dando ênfase à sua resposta com um elegante movimento de mão:

- Certamente, meu caro senhor, sinto prazer em ser-lhe útil. Se há algo que possa fazer por você através do meu conhecimento.

- Não exatamente sobre arqueologia, milorde.

- Não?

- Trata-se do seguinte: o ano passado recebemos notícias aqui em Terminus sobre a explosão de uma geradora atômica no planeta V de Gama Andrômeda. Só chegou até nós um pequeno rumor sem quaisquer pormenores. Não poderia dizer-me com exatidão o que aconteceu?

Os lábios de Pirenne torceram-se.

- Não compreendo a razão porque aborreceu Sua Dignidade com perguntas sem importância.

- Nada disso, Dr. Pirenne, não me aborrece nada, - intercedeu o

Chanceler. - Não há muito que dizer sobre o caso. A geradora explodiu e foi uma catástrofe. Me parece que morreram vários milhões de pessoas e que pelo menos metade do planeta foi destruído. O Governo considerou seriamente a aplicação de rigorosas restrições quanto ao uso indiscriminado da energia atômica - apesar de não ser coisa que se torne pública.

- Compreendo - disse Hardin. - Que se passava com a geradora?

- Verdadeiramente não se sabe - replicou Lorde, Dorwin indiferentemente. - Sofrera avarias havia alguns anos e o trabalho de reparação, assim como os materiais empregados eram de péssima qualidade. É bastante difícil, hoje em dia, encontrar quem compreenda os pormenores técnicos dos nossos sistemas de energia.

- Milorde compreende que os reinos independentes da Periferia desconheceram completamente o uso da energia atômica?

- Não me surpreende. Planetas bárbaros que são. Oh, mas meu caro senhor, não lhes chame independentes. Não o são realmente. Os tratados que fizemos com eles são prova positiva disso. Continuam a aceitar a soberania do Império. Teriam de fazê-lo, ou não teríamos qualquer contato.

- Talvez seja assim. No entanto, todos têm considerável liberdade de ação.

- Creio que sim. Considerável mas pouco importante. O Império está muito melhor deixando a Periferia entregue aos seus próprios recursos, como mais ou menos acontece. Não nos servem para nada. São pouco civilizados.

- Já o foram no passado, Anacreon foi uma das mais ricas províncias exteriores. Poderia até comparar-se favoravelmente como Vega, segundo consta.

- Mas isso foi há um século, Hardin. Não se pode tirar conclusões. As coisas eram bem diferentes no passado. Já não somos os mesmos homens. Contudo, você persiste, Hardin. Já lhe disse que não desejo comentar esses assuntos hoje. O Dr. Pirenne já me tinha colocado de sobreaviso contra você. Disse-me que o senhor procuraria interrogar-me, porém eu sou uma raposa velha. Deixemos isso para a próxima oportunidade.

E pronto.

Esta era a segunda reunião do Conselho a que Hardin assistia, se fossem excluíssem todas as conversas não formais que tivera com os membros do

Conselho e com o já longínquo Lorde Dorwin. Mesmo assim o Presidente da Câmara tinha uma idéia perfeitamente definida de que houvera pelo menos umas três reuniões para as quais jamais fora convidado. Parecia-lhe mesmo que nem para esta seria pedida a sua presença, não fosse o Ultimato.

Pelo menos parecia um Ultimato apesar de que uma leitura superficial do documento taquigrafado poderia levar a supô-lo uma amigável troca de amabilidades entre dois poderosos.

Hardin segurou-o de leve. Começava por um florido cumprimento de "Sua Poderosa Majestade", o Rei de Anacreon para o seu amigo e irmão, o Dr. Lewis Pirenne, Presidente do Conselho Administrativo da Fundação Enciclopédica Número Um, e terminava ainda mais colorido com um gigantesco selo multicor de esquisito simbolismo.

Era contudo um Ultimato.

Disse Hardin:

- Parece que não tivemos muito tempo afinal, só três meses. Embora pouco, o gastamos inutilmente. Dão-nos mais uma semana neste papel. Que faremos?

Pirenne estava agora preocupado.

- Deve haver uma saída. É incrível que cheguem a extremos depois do que Lorde Dorwin nos assegurou a respeito da atitude do Imperador e do Império.

Hardin ergueu-se.

- Estou vendo. Talvez o senhor tivesse a bondade de informar o Rei de Anacreon sobre esta alegada atitude.

- É verdade. Eu o fiz depois de ter consultado o Conselho por voto, e de ter recebido consentimento unânime.

- Quando teve lugar essa votação?

Pirenne agarrou-se à sua dignidade.

- Acho que não sou responsável perante o senhor, Sr. Hardin.

- Muito bem, não me satisfaz a resposta. Trata-se apenas de minha opinião, de que a sua diplomática comunicação sobre a valiosa contribuição de Lorde Dorwin foi a responsável por esta amigável nota. De outro modo, poderia ter levado mais tempo, apesar de eu pensar que por muito mais tempo que nos

dessem Terminus acabaria por estar condenada, dada a atitude do Conselho.

- E como chegou o senhor a tão notável conclusão? - perguntou Yate Fulham.

- De uma maneira simples. Requeri simplesmente o uso de um artigo há muito esquecido: o senso comum. Há um ramo do conhecimento humano denominado lógica simbólica que pode ser empregado para peneirar todas as inutilidades que rodeiam a linguagem humana.

- Que tem isso?

- Apliquei-a. Entre outras coisas apliquei-a neste documento. Para mim não era essencial, mas acho que o posso explicar melhor a cinco físicos mais por símbolos do que por palavras.

Hardin espalhou cinco folhas de papel sobre a mesa.

- Tenho a dizer-lhes que não fui eu o autor. Foi Muller Holk, da Divisão de Lógica, que assinou estas análises como podem verificar.

Pirenne inclinou-se sobre a mesa para ver melhor e Hardin continuou:

- A mensagem de Anacreon era um problema naturalmente simples, pois os homens que a compuseram eram mais homens de ação do que de palavras. Pode-se resumir imediatamente em símbolos que, traduzidos por palavras, querem dizer: ou nos dão o que nós queremos dentro de uma semana, ou levam uma tunda e ficam na mesma, sem nada.

O silêncio permaneceu enquanto os cinco membros do Conselho verificaram os símbolos. Depois o Dr. Pirenne sentou-se e tossiu pouco à vontade.

- Não há nenhuma saída, não é verdade Dr. Pirenne?

- Parece que não há.

- Muito bem. - Hardin arrumou as folhas. - Agora perante vocês há uma cópia do tratado entre Anacreon e o Império, incidentalmente um tratado assinado pelo mesmo Lorde Dorwin que aqui esteve na semana passada e junto está uma análise simbólica.

O tratado compunha-se de cinco folhas bem impressas e a análise de meia página, ou pouco menos.

- Como se pode ver, mais ou menos 90% do tratado não têm qualquer significado e podemos tirar de todo ele a seguinte conclusão, tão cheia de

interesse:

- Obrigações de Anacreon para com o Império: Nenhuma.

- Poderes do Império sobre Anacreon: Nenhum.

Novamente os cinco seguiram ansiosamente o raciocínio exposto na análise, conferindo-a com o tratado e quando terminaram Pirenne ainda mais preocupado estava.

- Parece estar tudo certo.

- Admite, então, que o tratado não passa de uma declaração de independência total da parte de Anacreon e o reconhecimento desse Estado por parte do Império?

- Assim parece.

- E supõe que Anacreon não o compreende, e que não anseia por dar ênfase a essa posição de independência, de modo a ressentir-se contra qualquer ameaça feita pelo Império? Particularmente, quando se torna óbvio que o Império nada pode fazer além de ameaçar, ou nunca teria consentido em sua independência.

- Então - interpelou Sutt - como interpretar as afirmações de Lorde Dorwin quanto ao apoio do Imperador? Pareciam... bem, pareciam satisfatórias.

Hardi recostou-se na cadeira.

- Se querem saber, essa parte é a mais interessante de todas. Admito ter pensado que Sua Serenidade fosse o mais consumado burro que jamais vi em toda a minha vida, porém, afinal é um grande diplomata e um homem inteligente. Tomei a liberdade de gravar todas as suas palavras.

Houve um longo murmúrio e Pirenne abriu desmesuradamente os olhos, horrorizado.

- E depois? Compreendo muito bem que foi uma falta imperdoável e uma coisa que nenhum cavalheiro faria. Também se Sua Serenidade tivesse percebido, teríamos passado momentos bem desagradáveis. Contudo não aconteceu nada disso, portanto acabou-se. Peguei o disco, copiei-o e o remeti também a Holk para análise.

- Onde está a análise? - perguntou Lundin Crast.

- Essa é a parte mais interessante como já lhe disse. Das três análises esta foi a mais difícil. Quando Holk, após dois dias de trabalho ininterrupto,

conseguiu eliminar afirmações sem significado, palavras imprecisas, qualificações inúteis, enfim todo o lixo, descobriu que não havia mais nada. Eliminara tudo. Cavalheiros, Lorde Dorwin em cinco dias de discussão nada disse, e de tal modo que os senhores não deram pela coisa. Eis o que o seu precioso Império lhes assegurou.

Se Hardin tivesse colocado uma bomba na sala (de mau cheiro), a confusão não teria sido maior. Esperou pacientemente que a confusão chegasse ao fim.

- De modo que - concluiu ele - quando enviaram ameaças, pois é a isso que se resumem com respeito à ação do Império contra Anacreon, estavam pura e simplesmente irritando um monarca que sabia muito bem o que poderia fazer. Naturalmente o seu "ego" pediria ação imediata, e o ultimato é o resultado final, o que me induz de volta à minha afirmação original: temos uma semana, que faremos?

- Parece-me - ofereceu Sutt - que não temos alternativa se não deixar que Anacreon estabeleça suas bases militares, aqui em Terminus.

- De acordo - replicou Hardin - mas que faremos quanto a escorraçá-los daqui na primeira oportunidade?

O bigode de Yate Fulham tremia.

- O senhor está decidido a que haja violência de qualquer modo!

- A violência, foi a resposta, é o último refúgio da incompetência. Na certeza, porém, de que não vou dar-lhes as boas-vindas, e toda a espécie de amabilidades.

- Mesmo assim, não gosto muito do seu método - insistiu Fulham. - É uma atitude perigosa, mais perigosa ainda, porque ultimamente uma grande parte da população parece responder calorosamente a todas as suas sugestões. Desde já lhe digo, Prefeito Hardin, que o Conselho não é de todo cego ás suas atividades. - Houve um murmúrio geral de aprovação. Hardin encolheu os ombros. Fulham continuou: - Se incitasse o populacho a um ato de violência, seria suicídio puro e nós não o permitiremos. A nossa atitude tem um único princípio básico, a Enciclopédia. O que se decida fazer, será feito ou não, de acordo com cautelas tomadas para segurança da Enciclopédia.

- Então os senhores chegam à conclusão que devemos continuar nossa intensa campanha de inércia?

- Já nos demonstrou que não podemos contar com o Império, como isso

pode ser, não sei. Se for necessário transigir...

Hardin teve a sensação de pesadelo de correr sem chegar a parte alguma.

- Não pode haver transigência! Não conseguem ver o que está por trás dessa história de bases militares? Haut Rodric disse-nos o que Anacreon queria, anexação de terra e imposição do seu sistema econômico, baseado no feudalismo. O que resta ainda do nosso "blefe", pode forçá-los a moverem-se vagarosamente, porém o movimento é mais do que certo.

Na sua indignação, Hardin havia-se erguido, e todos os outros se ergueram com ele, todos, exceto Jord Fará.

Então Jord Fará falou:

- Por favor, sentem-se todos. Já fomos bastante longe, penso eu. Vamos, Hardin, esse ar furioso não conduz a nada, nenhum de nós cometeu traição.

- Disso terão de me convencer!

Fará sorriu com ar bondoso.

- Estou certo de que não pretendeu dizer isso, deixem-me falar!

Os seus olhos estavam semicerrados, e o suor brilhava-lhe na pele do queixo.

- Parece-me não haver vantagem em esconder que o Conselho chegou à decisão de que a única solução para o problema de Anacreon se encontra no que nos será revelado, quando o Cofre for aberto daqui a seis dias.

- É essa a sua contribuição para o assunto?

- É.

- Se o entendo, devemos então continuar inertes, exceto aguardar serenamente e de boa fé, que o "Deus ex-machina" salte de dentro do Cofre.

- À exceção da sua fraseologia emotiva, é essa mais ou menos a idéia.

- Que falta de coragem! Na verdade, Dr. Fará, tal loucura é quase genial! Um cérebro inferior seria incapaz de concebê-la!

Fará novamente sorriu, indulgente.

- O seu gosto irônico é muito bom, porém encontra-se fora de lugar. Deve lembrar-se de meu raciocínio acerca do Cofre, tal como exposto há três semanas.

- Lembro-me muito bem. - Não nego que não passava de uma idéia

estúpida, do ponto de vista de lógica dedutiva. O senhor disse, interrompa-me quando eu me enganar, que Hari Seldon era o maior psicólogo do Sistema, daí, que ele poderia ter previsto o beco sem saída em que nos encontramos, finalmente, que poderia ter concebido o Cofre, como método de nos indicar a única saída.

- É essa a essência da idéia.

- Talvez então lhe agrade saber que dediquei parte dos meus pensamentos a esse assunto, nestas últimas semanas.

- Muito lisonjeiro, qual foi o resultado?

- Que a idéia necessita de um mínimo de senso comum.

- Por exemplo?

- Por exemplo, se este assunto de Anacreon foi previsto, por que não fomos nós colocados num planeta mais perto dos grandes centros da Galáxia? Já é do conhecimento comum que Seldon levou os Comissários de Trantor a estabelecer a Fundação em Terminus. Mas por quê? Por que pôr-nos aqui se já eram previstas as interrupções nas linhas de comunicações, o nosso isolamento do resto da Galáxia, a falta de metais em Terminus? Isso acima de tudo! Ou, se na verdade previu tudo, por que não avisou os primeiros colonizadores, de modo a que tivessem tempo de se prepararem, ao invés de esperarem pelo dia do juízo (como está sucedendo atualmente)? E não se esqueçam do seguinte: Mesmo que ele tenha previsto o problema naquela ocasião, isso não implica que nós não o possamos ver agora, bem analisadas as coisas, Hari Seldon não era um mago. Não existem truques para nos evadirmos de um dilema que ele tenha previsto, e nós não.

- Hardin, a verdade é que não conseguimos!

- Mas nem sequer tentaram! Primeiramente, recusaram-se a admitir a existência de uma ameaça! Depois depositam confiança cega no Imperador! Agora, transferiram-na para Hari Seldon! Confiem um pouco em vocês próprios! - Os seus punhos cerraram-se convulsivamente. - É quase doença, um reflexo condicionado que deixa de lado a independência de seus cérebros, quando se trata de se oporem à autoridade. Parece não haver dúvida no espírito de vocês, de que o Imperador é mais poderoso do que vocês, ou que Hari Seldon é mais sábio, não vêem que está tudo errado?

Ninguém se preocupou em lhe responder. Hardin continuou:

- Mas vocês não são os únicos. O Dr. Pirenne ouviu a dissertação de

Lorde Dorwin sobre o que pensava que fosse a pesquisa científica. Lorde Dorwin acha que a única maneira de se ser um bom arqueólogo é ler todos os livros sobre a matéria, escritos por Homens que morreram há séculos. Acha ele que a única maneira de solucionar quebra-cabeças arqueológicos é avaliar duas autoridades da mesma matéria, que se oponham. Pirenne ouviu-o, e não fez qualquer objeção. Não conseguem ver o que há de errado nisso? E mais de metade de Terminus está na mesma. Sentamo-nos, e cogitamos sobre o grande Todo da Enciclopédia. Consideramos que a grande finalidade da ciência é a classificação de minúcias ultrapassadas, é importante sim, mas não haverá trabalho mais para além? Aqui na Periferia, a energia atômica se perdeu. Em Gama Andrômeda, uma geradora explodiu, em virtude de péssima manutenção, e o chanceler do Império queixa-se de que os técnicos são escassos. E a solução? Treinar novos contingentes? Não! Tornam a energia atômica ainda mais limitada. Não vêem que o mal se propaga por toda a Galáxia? É uma adoração do passado. É a deteriorização - a estagnação!

Olhou-os um por um enquanto eles, por seu turno, o olhavam fixamente. Fará foi o primeiro a recompor-se:

- A filosofia mística não nos vai ajudar. Sejamos, portanto, realistas. Poderá negar-se que Hari Seldon possa ter determinado a trajetória histórica do futuro por simples técnica psicológica?

- Claro que não! - gritou-lhe Hardin. - Mas não podemos aguardar sua solução. Quando muito, ele pode nos indicar o problema, mas quanto à sua solução, teremos nós de descobri-la, ele não o poderia fazer por nós.

Fulham interrompeu:

- Onde quer chegar com esse... mostrar o problema?... Nós já conhecemos o problema!

Hardin voltou-se para ele.

- Acha que sim? Parece-lhe que a única preocupação de Seldon tenha sido Anacreon? Eu, de minha parte, discordo! Afirmo, que nenhum de vocês tem a mínima noção do que está acontecendo!

- E o senhor? - interrogou Pirenne com alguma hostilidade.

- Acho que tenho! - Hardin levantou-se e afastou a cadeira, seu olhar estava frio e fixo. - Se algo de definido é o mau cheiro que tresanda de toda a situação, há qualquer coisa maior do que tudo isto. Que cada um de vocês se interrogue. Por que não foi incluído um psicólogo entre a população primitiva da

Fundação? O único foi Bor Alurin, e esse não ensinou aos seus discípulos mais do que os princípios básicos.

- Muito bem. Diga-nos por que.

- Talvez por que um psicólogo tivesse imediatamente dominado a situação, depressa demais para o gosto de Hari Seldon. Assim, temos caminhado ás cegas, visualizando aqui e ali névoas da verdade, e nada mais. Era isso que Hari Seldon desejava! - E terminou com uma gargalhada vitoriosa. – Bom dia, meus senhores!

O silêncio que o seguiu até à porta foi quase triunfal.

Hardin mascava a ponta de seu charuto que estava apagado, porém o Prefeito da cidade de Terminus não o notava. Passara a noite anterior em claro, e tinha a sensação de que na noite seguinte sucederia o mesmo. Os seus olhos demonstravam-no bem.

- Julgo que é tudo - disse com ar cansado.

- Creio que sim - respondeu Yohan Lee. - Que tal parece?

- Nada mau. Tem de se ser imprudente, ou seja, não poderá haver hesitações. É necessário não lhes dar tempo para compreenderem a situação, uma vez na posição de comando, faça-o com naturalidade, como se fosse a única coisa que tivesse feito desde que nasceu, e eles obedecerão por instinto. É essa e essência do golpe.

- Se o Conselho se mostrar irresoluto...

- O Conselho? Não conte com ele! Depois de amanhã, a sua importância como fator preponderante em Terminus cessará, de nada valerão.

Lee concordou silenciosamente.

- Mesmo assim, parece incrível que nada tenham feito para fazer cessar nossa atividade. Tem certeza de que nada sabem?

- Fará é o único que desconfia. Às vezes fico nervoso, Pirenne desconfia de mim, desde que fui eleito Prefeito, verdade seja dita, jamais algum deles teve a capacidade de compreender o que realmente se passava. Todo o seu treino é um fracasso. Estão seguros que o Imperador, por ser Imperador, é todo poderoso. E a mesma crença se aplica ao Conselho Administrativo que, por atuar em nome do Imperador, pensa que jamais deixará de estar numa posição de comando, sua incapacidade de reconhecer a possibilidade de revolta é a nossa melhor aliada.

Hardin levantou-se e foi beber água:

- Como indivíduos não são maus, Lee, conquanto não se afastem muito de sua Enciclopédia e, depende de nós que eles ocupem esse lugar, futuramente. Quanto ao governarem Terminus, são de uma incompetência total. Bom, vá embora e comece a pôr as coisas em movimento, quero ficar só.

Sentou-se de novo em sua mesa e ficou olhando fixamente o copo de água. Pelo Espaço! Se na verdade conseguisse estar tão confiante como pretendia! Os Anacronianos chegariam dentro de dois dias, e ele nada possuía além de vagas noções sobre a finalidade que Hari Seldon estabelecera, havia 50 anos. Nem sequer conhecia o suficiente de psicologia - seu treinamento fora curto, muito curto para tentar sequer adivinhar o que se teria passado no cérebro do maior pensador daquele século. Ah, mas se Fará tivesse razão, se fosse Anacreon o único problema que Hari Seldon previra, se a Enciclopédia fosse tudo o que ele se interessasse por conservar - qual seria então o preço daquele golpe de estado?

Encolheu os ombros, e bebeu o seu copo de água.

No Cofre, havia muito mais do que seis cadeiras, como se tivessem sido esperadas mais de seis pessoas. Hardin notou-o, e sentou-se pensativo e cansado a um canto, o mais longe possível dos outros cinco.

Os membros do Conselho pareceram não se importar muito com essa distribuição. Entre os cinco, falava-se em murmúrios, escapando-se de vez em quando algum monossílabo sibilante, seguido imediatamente de silêncio. De todos eles, Jord Fará parecia o mais tranqüilo, tirara o seu relógio, e olhava o mostrador com ar sério.

Hardin, por seu turno, viu também as horas para concentrar em seguida a atenção sobre o cubículo de vidro, completamente vazio, que dominava metade da sala, era a única inconveniência daquela sala, pois não havia qualquer indicação de que, em determinado local, uma partícula de rádio se desfazia a caminho, no momento preciso em que um manipulo cairia, se estabeleceria uma ligação e...

As luzes se apagaram! Não completamente, mas tão de repente que Hardin deu um salto. Voltou os olhos para as luzes do teto, admirado, e quando os baixou de novo, o cubículo envidraçado já não estava vazio.

Ocupava-o, agora, um homem - um homem numa cadeira de rodas!

Durante alguns instantes imperou o silêncio, porém o indivíduo fechou o livro que tinha sobre os joelhos, e as suas mãos acariciaram-no, a boca se abriu num sorriso que lhe iluminou o rosto.

- Sou Hari Seldon. - Sua voz era calma, tranqüila.

Hardin quase se levantou para cumprimentá-lo, tão vivida era a imagem.

A voz continuou em tom de conversa:

- Como vêem, estou preso a esta cadeira de rodas e não posso levantar-me para cumprimentá-los. Há alguns meses seus antepassados partiram para Terminus, e desde então minha doença obrigou-me a esta cadeira. Não consigo vê-los, de modo que não sei quantos de vocês aí estarão, de qualquer modo, esta reunião será conduzida de maneira pouco formal. Se houver alguém que esteja de pé, faça o favor de se sentar, e se quiserem fumar, não vejo inconveniente. Sorriu de leve e prosseguiu: porque me haveria de importar? Na realidade não estou aqui.

Hardin procurou um charuto, distraído.

Hari Seldon afastou de si o livro, como se o pusesse sobre qualquer mesa a seu lado, e o livro desapareceu.

- Há 50 anos que esta Fundação foi estabelecida, 50 anos em que todos os da Fundação ignoraram o fim para o qual trabalhavam, essa ignorância era imperiosa, porém agora deixou de sê-lo. A Fundação Enciclopédica, para começar, é, e sempre foi, uma fraude!

Em redor de Hardin houve várias exclamações, todavia este nem sequer se virou para ver de onde partiam. Hari Seldon continuava imperturbável como seria de esperar:

- Uma fraude, no que respeita ao interesse que eu e todos os meus colegas temos, quanto à publicação dos volumes, é-nos total e completamente indiferente. Serviu a sua finalidade desde que, através dela, conseguimos do Imperador uma carta de autorização, os indivíduos, uma centena de milhar, de que necessitávamos para a organização do nosso plano, e conseguimos mantê-los ocupados enquanto os acontecimentos evoluíam, até que fosse muito tarde para recuarem.

- Nos 50 anos em que todos trabalharam neste projeto fraudulento,não há necessidade de amenizar as palavras, foi-lhes cortada a retirada, de modo a não terem alternativa senão prosseguirem com o plano que traçamos, e que é sumamente mais importante. Para esse fim, escolhemos este planeta e em tal

hora para que, dentro de cinqüenta anos, os acontecimentos lhes toldassem toda a liberdade de ação. Daqui por diante, através dos séculos o caminho que seguirão é inevitável. Serão postos à prova por uma série de crises, do mesmo modo que agora encaram a primeira delas, e de cada vez a liberdade será tão restrita como agora, de modo a serem forçados a seguir ao longo de um caminho único. Esse caminho foi determinado pela psicologia e por uma razão.

- Através dos anos a civilização Galáctica estacionou apesar de poucas pessoas o terem compreendido mas, agora finalmente, a Periferia rompe os vínculos e a unidade política do Império rompe-se também. Em alguma parte, nos cinqüenta anos que acabam de passar, os historiadores do futuro colocarão uma linha de arbítrio e dirão: aqui tem início a Queda do Império Galáctico. E terão razão apesar de serem poucos os que reconhecerão essa queda nos séculos mais próximos.

- Depois da queda surgirá inevitavelmente o barbarismo, um período que, segundo os nossos psicohistoriadores, sob circunstâncias vulgares durará trinta mil anos. Não podemos suster a Queda e não desejamos faze-lo. A cultura do Império perdeu todo o valor e virilidade que já teve. Mas podemos, sem dúvida, encurtar o período de barbarismo que se lhes seguirá - encurtá-lo para mil anos. As irregularidades desse corte não poderemos explicar-lhes, pela mesma razão que não podíamos contar-lhes a verdade sobre a Fundação há cinqüenta anos. Pois que, se esses meandros lhes fossem desvendados poderia o meu plano falhar, sem dúvida teria falhado se nós tivéssemos desvendado o segredo da Enciclopédia mais cedo, porque então através do conhecimento a sua liberdade se expandiria e o número de variáveis introduzidas aumentaria a tal ponto que a nossa psicologia não poderia controlá-la.

- Mas nada saberão, pois não existem psicólogos em Terminus e nunca existirão, à exceção de Alurin e esse era dos nossos.

- No entanto, isto posso dizer-lhes: Terminus e a sua Fundação genuína, no outro extremo da Galáxia, são as sementes da Renascença e os futuros fundadores do Segundo Império Galáctico, é a semente que impulsionará Terminus para esse clímax.

- A crise que atualmente enfrentam é evidente, mais simples do que qualquer das que se seguirão. Reduzindo-a a questões básicas trata-se do seguinte. O seu planeta está desligado dos centros ainda civilizados da Galáxia e ameaçado pelos seus vizinhos poderosos. O seu é um mundo de cientistas rodeado de vastos tentáculos de barbarismo, que se expande cada vez mais. São uma ilha de energia atômica, num oceano cada vez mais vasto de uma energia

mais primitiva. E, no entanto, são obrigados à inação pela falta de metais.

- Vejam, então, que forçados pelas circunstâncias serão forçados à ação. A natureza dessa ação, isto é, a solução do seu problema é evidente.

A imagem de Hari Seldon estendeu a mão e mais um vez apanhou o livro. Abriu-o e disse:

- Qualquer que seja o caminho que a sua história futura tome, devem incutir nos seus descendentes que o caminho já foi traçado e que, no fim, se encontra um novo e maior Império!

Os seus olhos voltaram-se para o livro e a sua figura desapareceu quando as luzes novamente se acenderam. Hardin levantou o olhar para encontrar Pirenne de olhos esbugalhados e lábios trêmulos.

A voz do Diretor era firme, mas sem tonalidade.

- Ao que parece você tinha razão. Se quiser se encontrar conosco às seis horas o Conselho aceitará o seu parecer quanto ao próximo movimento.

Cada um deles veio estender-lhe a mão, antes de partir. Hardin sorriu de si para si. No fundo eram bastante sãos, eram suficientemente científicos para admitir que tinham se enganado mas era já um pouco tarde para eles.

Consultou o relógio. A esta hora tudo devia ter terminado. Os homens de Lee deviam ter tomado o poder e o Conselho já não daria ordens.

Os anacronianos chegariam no dia seguinte, porém isso pouca diferença faria. Dentro de seis meses também eles não dariam mais ordens.

Na realidade, como Hari Seldon adivinhara desde o dia em que Anselm Haut Rodric lhe revelara a falta de energia atômica em Anacreon, a solução da primeira crise era evidente.

Tão evidente que fazia pena.

PARTE III – OS PREFEITOS

OS QUATRO REINOS - Nome dado às divisões da Província de Anacreon que se separaram do Primeiro Império, nos primeiros anos da Era Fundacional, para formarem reinos independentes e de curta duração. O maior e mais poderoso deles era o próprio Anacreon, que de área...

...Sem dúvida, o mais interessante aspecto da história dos Quatro Reinos, é o da estranha sociedade imposta sobre eles durante a administração de Salvor Hardin...

Enciclopédia Galáctica

Uma deputação!

Embora tenha sido prevista por Salvor Hardin, não era essa previsão que a tornava mais agradável. Pelo contrário, a antecipação contrariava-o. Yohan Lee era partidário de medidas extremas.

- Não entendo, Hardin, para que esta perda de tempo. Eles nada poderão fazer até à próxima eleição, legalmente e isso nos dá quase um ano. Despache-os.

- Nunca aprende Lee. Em quarenta anos que o conheço, você ainda não conseguiu aprender atacar pela retaguarda.

- Não é essa a minha maneira de lutar.

- Já sei! Suponho que essa seja a única razão porque confio em você. - Interrompeu para ir buscar um charuto. - Nossa jornada foi longa, desde o dia em que planejamos aquele golpe contra os Enciclopédicos. Estou ficando velho, sessenta e dois anos. Alguma vez você pensou na rapidez com que se passaram estes trinta anos?

- Eu tenho sessenta e seis e não me sinto velho.

- Lembre-se que não tenho a sua disposição.

Hardin aspirou lentamente a fumaça do charuto, há muito deixara de desejar o suave tabaco de Vega, que tanto lhe agradara na sua juventude. Esses dias em que o planeta Terminus traficava com todas as partes do Império Galáctico pertencia já à era para onde vão aqueles belos dias que fazem parte do

passado. Para os mesmos tempos, caminhava já o Império Galáctico.

Ficou imaginando quem seria o novo Imperador, se continuasse a existir Imperador, ou Império.

Espaço! Há trinta anos! Desde a interrupção das comunicações aqui no extremo limite da Galáxia, que todo o universo de Terminus consistira apenas no próprio Terminus e nos quatro reinos circunvizinhos.

Como os poderosos caíram! Reinos! No passado haviam sido prefeituras, todas parte da mesma província que, por sua vez, havia sido parte de um Estado, o qual por seu turno fora parte de um país, que por si fora parte do todo poderoso Império Galáctico.

E agora que o Império perdera o "controle" das partes mais afastadas da Galáxia, esses pequenos grupos de planetas tornavam-se reinos - com falsos reis e nobres, e guerras a propósito de tudo e de nada, vivendo de maneira patética, entre as ruínas do que fora parte de uma civilização. Uma civilização que, pouco a pouco, ia se desintegrando. A energia atômica caía no esquecimento. A ciência confundida com a mitologia, até que surge a Fundação. A Fundação que Hari Seldon havia estabelecido em Terminus para esse fim.

Lee estava à janela, e a sua voz truncou o silêncio de Hardin.

- Aí vêm eles, os cachorrinhos, num automóvel último modelo. - Deu alguns passos incertos pela sala, dirigiu-se à porta, e olhou para Hardin.

Hardin sorriu-lhe, e mandou-os sentar-se.

- Já dei ordens para que fossem trazidos aqui em cima.

- Para cá? Para quê? Você lhes dá demasiada importância!

- Por que dar importância a todas as formalidades de uma audiência oficial? Estou ficando velho demais para toda essa burocracia. Além disso, a adulação apresenta-se vantajosa quando se trata de jovens, especialmente se não existem compromissos. - piscou para ele. - Sente-se, Lee, e dê-me o seu apoio moral. Vou precisar dele contra este jovem Sermak.

- Esse Sermak - disse Lee gravemente - é perigoso. Tem os seus partidários, Hardin, não o menospreze.

- Foi coisa que nunca fiz, menosprezar um inimigo.

- Prenda-o! Pode acusá-lo de qualquer coisa.

Hardin não tomou conhecimento do último conselho.

- Ei-los Lee. - Em resposta ao sinal, a porta abriu-se.

Entraram um a um, a deputação compunha-se de quatro, e Hardin indicou-lhes as cadeiras dispostas em semicírculo, em frente da sua mesa. Os jovens aguardaram que Hardin falasse.

Hardin ofereceu-lhes charutos da caixa que pertencera a Jord Fará, membro do antigo Conselho Administrativo, nos tempos da Enciclopédia. Era ainda um produto do Império, apesar dos charutos serem um produto local. Um por um, com solenidade, os quatro deputados aceitaram charutos, que acenderam como num ritual.

Sef Sermak era o segundo da direita, o mais novo do grupo e o mais atraente, com o seu bigode louro bem aparado, e os seus olhos profundos de cor incerta. Os outros três, Hardin procurou desconhecê-los, eram todos vulgares. Concentrou toda a sua atenção sobre Sermak, o mesmo Sermak que, no seu primeiro mandato no Conselho da Cidade, deixara todo o corpo representante em pânico, e assim, foi a Sermak que ele se dirigiu:

- Estive particularmente interessado em vê-lo no mês passado. O seu ataque à política externa deste Governo foi maravilhoso.

O olhar de Sermak brilhou.

- O seu interesse muito me honra. O ataque pode ter sido ou não eficiente, porém tinha suas razões.

- Talvez. As suas opiniões são pessoais, claro. Mesmo assim o senhor é um tanto quanto jovem.

Secamente:

- É uma falha que todos nós apresentamos em dado período da vida. O senhor tornou-se Prefeito da Cidade, com menos dois anos do que eu.

O rapazinho raciocinava - pensou Hardin.

- Suponho que vem me consultar sobre o assunto da política externa, que tanto pareceu aborrecê-lo, na Câmara Municipal. O senhor fala pelos seus três colegas, deverei ouvir cada um separadamente?

Houve uma rápida troca de olhares entre os quatro deputados, finalmente, foi Sermak quem começou:

- Falo pelo povo de Terminus, um povo que atualmente não é sincera e honestamente representado, pelo conjunto de fantoches a que dão o nome de Conselho.

- Muito bem, por favor, continue!

- Indo diretamente ao que interessa, trata-se do seguinte: Nós estamos descontentes...

- Quer referir-se ao povo, com esse nós?

Sermak olhou-o com hostilidade, pressentindo uma armadilha, e respondeu friamente.

- Quero crer que os meus pontos de vista refletem os da maioria de Terminus, agrada-lhe essa definição?

- Uma afirmação dessas necessita de provas. Mas, por favor, prossiga. Estão descontentes?

- Sim, descontentes com a política que vem, há trinta anos, usurpando a Terminus toda possibilidade de defesa contra um ataque externo.

- Continue, continue!

- É bom que seja avisado antecipadamente pois que, em virtude dos fatos, decidimos formar um novo partido político, que defenda os interesses mais imediatos de Terminus, ao invés desse partido místico que apregoa um Império futuro. Vamos batalhar contra o senhor e contra todos os outros apaziguadores, e isso, bem depressa.

- A não ser que! Há sempre uma cláusula condicional.

- A cláusula, neste caso, nada significa, a não ser que se demitam imediatamente. Não peço uma mudança de política, não confio nos senhores, suas promessas de nada valem. A única coisa que aceitamos é a demissão.

- Sim senhor, é esse então o ultimato. É gentil de sua parte me avisarem, todavia vou ignorar o aviso.

- Não o tome como um simples aviso, mas sim como uma declaração de princípios e de ação. O novo partido já está formado, e iniciará amanhã suas atividades oficiais. Não existe limite e nem o desejo para contemporização e, para falar com franqueza, foi unicamente por reconhecermos os seus serviços para com a nossa cidade, que decidimos dar-lhe esta saída. Jamais pensei que o senhor a aceitasse, contudo queira tranqüilizar minha consciência. A próxima eleição será uma maneira muito mais eficaz de forçá-los a pedir demissão.

Levantou-se, e os outros o imitaram. Hardin ergueu o braço.

- Um momento. Sentem-se!

Sef Sermak voltou a sentar-se, e Hardin, sorrindo por trás de uma máscara de seriedade, adivinhou que o outro esperava desesperadamente uma contraproposta.

- Explique-se com fidelidade, qual a alteração que desejam na nossa política externa. Desejam que ataquemos imediatamente os Quatro Reinos?

- Não sugerimos nada desse gênero. A nossa proposta tende somente ao cessar de todo o apaziguamento. Toda sua administração política predominante foi a de auxílio científico aos Reinos. Ofereceu-lhes a energia atômica, ajudou a reconstrução de geradores por todos os territórios. Criou clínicas médicas, laboratórios de produtos químicos e fábricas.

- Quais são então as suas objeções?

- Tudo isso foi feito para que eles não nos atacassem. Com essas ofertas, foi comprando-os, é um caso de chantagem, e Terminus está quase sucumbido - com o resultado de estarmos agora à mercê desses bárbaros.

- Como?

- Porque lhes deu poder, armas, chegou ao ponto de lhes reparar as naves, de modo que eles se encontram hoje muito mais fortes do que o eram há trinta anos. As suas exigências aumentam diariamente, e com as armas que possuem, satisfarão de uma.vez por todas essas exigências, dominando Terminus pela força. Não é assim que a chantagem chega ao fim?

Hardin observava com um interesse, quase mórbido, o pequeno bigode louro de Sermak. O outro sentia-se seguro de si, ou jamais falaria tanto. Não restava dúvida que suas afirmações refletiam as de uma grande parte da população. Sua voz não traiu seus pensamentos, e foi quase negligentemente que Hardin inquiriu:

- Terminou?

- No momento, é tudo.

- Já reparou numa frase emoldurada que se encontra na parede, por trás de mim? Então leia-a!

- A violência é o último refúgio dos incompetentes - riu. - Essa é uma filosofia de velhos.

- Apliquei-a quando tinha a sua idade, meu caro Conselheiro e com êxito, por esse tempo o senhor ainda não havia nascido, mas é possível que tenham lhe ensinado na escola. - Olhou Sermak atentamente, e continuou em

tom comedido: - Quando Hari Seldon estabeleceu a Fundação, foi com a ostensiva finalidade de produzir uma grande Enciclopédia, e durante cinqüenta anos fizemos tudo isso, antes de conseguirmos descobrir o que ele na verdade almejava. Nessa época, já era tarde demais. Quando as comunicações com as regiões mais centrais do Império foram cortadas, descobrimo-nos num mundo de cientistas, concentrado numa única cidade, sem possuir indústrias, e cercados por reinos recém-formados e hostis, e em grande parte, bárbaros. Nós éramos uma ilha de energia atômica, num vasto oceano de barbarismo e, portanto, uma presa valiosa.

- Anacreon, atualmente o mais poderoso dos Quatro Reinos, exigiu e chegou a estabelecer uma base militar em Terminus, antes que os governadores da Cidade, os Enciclopedistas, compreendessem que essa ação antecedia a ocupação total de Terminus. Era assim que estavam as coisas antes de assumir o Governo. Que fariam os senhores em meu lugar?

Sermak encolheu os ombros.

- A pergunta é acadêmica. Claro que eu já sei como o senhor agiu.

- Mesmo assim, permita repeti-la: A tentação de reunir a pequena força de que dispúnhamos e combater, era grande. Era a solução mais simples, e a mais digna, mas, invariavelmente, a mais estúpida, era isso que vocês fariam com todo esse sermão de atacar primeiro. Ao invés, o que eu fiz, foi visitar os outros três reinos, um por um, apontei a cada um deles a desvantagem de deixar nas mãos de Anacreon o segredo da energia atômica, sugeri-lhes, então, que fizessem a única coisa que poderia ser feita em caso semelhante. Foi tudo. Um mês após as forças Anacreonianas terem desembarcado, o rei recebeu um ultimato de seus três vizinhos, e sete dias depois Anacreon deixava Terminus.

- Digam-se agora: onde estava a necessidade de violência?

O jovem conselheiro olhou para a ponta do seu charuto, pensativamente, antes de depositá-lo no cinzeiro.

- Não consigo descobrir a analogia. A insulina consegue trazer de volta um diabético à normalidade, porém uma apendicite necessita de intervenção cirúrgica. Não há nada a fazer. Quando todas as outras coisas falham, o único recurso é esse último recurso a que o senhor se refere. Empurraram-nos para ele.

- Ah sim, novamente essa minha política de apaziguamento. Parece-me que ainda não conseguiu apreender as necessidades fundamentais de nossa posição. O nosso problema não se resolveu pura e simplesmente com a partida de Anacreon. Esse foi apenas o início. Os Quatro Reinos eram, mais que nunca,

nossos inimigos, pois cada um deles desejava para si o uso exclusivo da energia atômica, e cada um deles se manteve afastado apenas por receio dos outros três. Equilibramo-nos durante muito tempo na ponta de uma espada afiada, e o menor desvio em qualquer das direções... Se, por exemplo, um dos reinos se tornasse poderoso demais, ou se dois deles formassem uma aliança, entende?

- Decerto. Essa era a hora de começarmos a nos preparar para a guerra.

- Pelo contrário. Essa era a hora de evitarmos a guerra a todo o custo. Joguei-os uns contra os outros, e auxiliei cada um por seu turno. Ofereci-lhes ciência, comércio, educação e medicina científica. Tornei Terminus mais valioso como uma fonte de bem-estar do que como objetivo militar. Vem surtindo efeito há trinta anos.

- Sim, mas foi forçado a prestar essas ofertas científicas, no meio do maior disfarce. Fez disso quase uma religião, para não falar mesmo de uma verdadeira religião, surgiu uma hierarquia de sacerdotes, e um complicado ritual sem qualquer significado.

Hardin franziu a testa.

- E que tem isso? Não vejo o que isso apresenta de importante para a nossa discussão. Comecei assim, porque alguns dos bárbaros olhavam a nossa ciência como uma espécie de magia, e assim foi mais fácil que eles a aceitassem nessa base. O sacerdócio criou-se a si mesmo, e se o ajudarmos, conseguiremos o nosso objetivo com um mínimo de resistência. É de pouco interesse, portanto, esse assunto.

- Mas esses sacerdotes têm a seu cargo os geradores de energia, acho que isso tem mesmo muito interesse.

- É verdade, mas também é verdade que fomos nós quem os treinamos. O conhecimento da matéria com que trabalham é empírico, e acreditam piamente em toda a mentira que os cerca.

- E se um deles conseguir romper esta máscara, e se tiver capacidade suficiente para pôr de parte o empirismo, o que é que impedirá de aprender as verdadeiras técnicas, e de se vender ao que melhor pague? A que alto preço pagaremos então esta nossa valorização?

- Há poucas possibilidades de que isso aconteça, Sermak. Não seja superficial. Os melhores homens nos planetas dos Quatro Reinos são para cá enviados, uma vez por ano, para serem educados no sacerdócio, e os melhores entre eles aqui ficam, como estudantes. Se acha que os demais, sem

conhecimento prático das ciências mais elementares, ou pior ainda, com a aprendizagem deficiente que recebem todos os sacerdotes, podem penetrar de um salto nos segredos da energia atômica, da eletrônica, teorias de vibração, e não sei o que mais, então deixe-me dizer-lhe que tem uma idéia muito romântica e idiota sobre a ciência. É necessário ter um treino que dure uma vida inteira e um cérebro excelente para chegar lá.

Yohan Lee levantara-se durante o discurso, e deixara a sala. Voltara naquele instante, e quando Hardin acabou de falar, Lee inclinou-se para ele e murmurou-lhe algo ao ouvido, depois entregou-lhe um rolo de chumbo. Então retomou o seu lugar, com um olhar hostil a deputação.

Hardin acariciou o rolo, enquanto observava a deputação através das pálpebras semicerradas. Repentinamente, abriu-o com violência, e só Sermak teve o bom-senso de não dar uma rápida olhadela ao papel que de lá caiu.

- Resumindo, cavalheiros, o Governo é da opinião de que sabe muito bem o que está fazendo.

Lia enquanto falava. Havia várias linhas de código sem sentido, cobrindo a página, e três palavras curtas, rabiscadas a um canto, que compunham a mensagem. Absorveu o conteúdo de uma só vez, e atirou o papel no cinzeiro.

- E com isto - disse então - terminamos a nossa entrevista. Foi um prazer conhecê-los. Obrigado por terem vindo.

Apertou a mão de cada um deles cerimoniosamente e deixou-os sair.

Hardin já havia muito tempo que não ria, mas quando Sermak e os seus três silenciosos parceiros saíram do alcance da sua voz, ele riu e olhou divertido para Lee.

- Que achou desta falsa batalha?

Lee respondeu de mau humor:

- Não estou bem certo, se aquele indivíduo estaria blefando. Trate-o com delicadeza, e talvez perca as próximas eleições, tal como ele o diz.

- É muito provável, muito provável se não acontecer nada antes.

- Certifique-se bem para que as coisas não aconteçam de maneira errada. Digo-lhe que este Sermak tem muitos partidários. Suponha que ele não se disponha a esperar até às eleições? Houve um momento em que você e eu conseguimos os nossos objetivos pela maneira mais violenta, apesar de toda sua publicidade contra a violência.

Hardin arqueou uma das sobrancelhas.

- Você está muito pessimista, Lee. É singularmente contrariador, ou não falaria de violência. A nossa pequena revolução foi bem sucedida, sem a perda de uma única vida humana, lembra-se? Foi uma medida necessária, posta em ação no momento oportuno, e passou suavemente, sem dor, e quase sem esforço. Quanto a Sermak, o caso apresenta-se bem diferente. Você e eu, Lee, não somos os Enciclopédicos. Nós estamos preparados. Deixe os seus homens seguirem esses jovens, Lee, mas de uma maneira simpática. Não os deixe compreender que estão sendo seguidos - porém mantenha olhos bem abertos.

Lee riu, porém com um riso amarelo.

- Julgava que eu iria esperar pelas suas ordens? Sermak e os seus partidários já estão sob vigilância há mais de um mês.

- Chegou primeiro, heim? Está bem, a propósito - acrescentou num tom mais moderado - o embaixador Verisof regressa a Terminus, espero que seja por pouco tempo.

Houve alguns minutos de silêncio, até que Lee o rompeu.

- Era essa a mensagem? Os acontecimentos já estão se precipitando?

- Não sei. Não lhe posso dizer nada antes de ouvir o que Verisof tem para me contar. Pode ser que tenha razão. Bem analisadas as coisas, deve acontecer antes das eleições. Parece que você ficou levemente mortificado.

- É por não saber como é que as coisas vão suceder. A posição está elevada, talvez alta demais mesmo para você.

- Você também, Brutus? - murmurou Hardin. Depois, falando em voz alta: - Quer isso dizer que vai se juntar ao Sermak?

Lee sorriu contrafeito.

- Venceu mais uma vez. Vamos almoçar?

Havia muitas sátiras atribuídas a Hardin - sátiro conhecidíssimo - muitas das quais apócrifas. Afirma-se, no entanto, que em certa ocasião, disse:

- Dá resultado ser sincero, especialmente se você tem a reputação de um homem sutil.

Poly Verisof servira-se daquele conselho mais de uma vez, pois estava já no décimo quarto ano de suas duplas funções em Anacreon, funções que o

faziam às vezes pular como se tivesse os pés nus sobre brasas.

Para o povo de Anacreon ele representava o sumo-sacerdote, representante direto da Fundação o que, para aqueles "bárbaros", era o nó do mistério, e o centro físico da religião que criara - com a ajuda de Hardin - nas três décadas anteriores. Como tal, dispensavam-lhe homenagens que se tornaram horrivelmente fatigantes, pois desprezava, em seu íntimo, o ritual do qual se tornara centro.

Mas para o Rei de Anacreon - o antigo, e o jovem que ocupava naquele momento o trono - ele era o embaixador de uma força que devia, ao mesmo tempo, ser temida e invejada.

Ao todo, era um trabalho difícil, e a sua primeira viagem a Terminus, num período de três anos, apesar do incidente perturbador que a tornara necessária, revestia-se da natureza de um feriado.

E desde que não era a primeira vez que deveria viajar em absoluto segredo, mais uma vez fez uso da sátira de Hardin sobre o evidente.

Pôs os trajes civis - em si um feriado - e embarcou numa nave de passageiros, para a Fundação, em segunda classe. Uma vez em Terminus, fez o seu trajeto através da multidão na estação de desembarque, e ligou para o Palácio do Governo, de um visifone público.

- O meu nome é Jan Smite. Tenho visita marcada com o Prefeito, esta tarde.

A eficiente jovem de voz monótona, do outro lado da linha, fez nova ligação, trocou algumas palavras rapidamente, e respondeu a Verisof, num tom de voz automático:

- O Prefeito Hardin o receberá dentro de meia hora, e desligou o aparelho. A partir daí, o embaixador em Anacreon comprou a última edição do jornal da cidade de Terminus, casualmente dirigiu-se ao Parque do Palácio, e leu calmamente página por página todo o jornal, enquanto esperava. Ao fim de meia hora, meteu o jornal debaixo do braço, entrou no Palácio e apresentou-se na antecâmara.

Através de todo este processo não foi reconhecido, contudo sua presença era tão imperiosa que ninguém lhe deu a mínima atenção. Hardin olhou-o e sorriu.

- Aceita um charuto? Que tal a viagem?

Verisof aceitou o charuto.

- Interessante. Havia um sacerdote na cabina ao lado da minha, que se dirigia para cá, a fim de fazer um curso especial de preparação de sintéticos radioativos - para o tratamento de câncer.

- Mas com certeza não lhes chamou sintéticos radioativos!

- Acho que não. Para ele, era Alimento Sagrado. O Prefeito sorriu. - Continue.

- Travou uma discussão teológica comigo e fez todo o possível por me arrancar ao meu sórdido materialismo.

- E não chegou a reconhecer o sumo-sacerdote?

- Sem a minha túnica escarlate? Além disso, era Smyrniano. Apesar de tudo, foi uma experiência interessante. É extraordinário, Hardin, como a religião da ciência criou raízes. Escrevi um ensaio sobre o assunto - para meu prazer, não serviria para ser publicado. Tratando do problema sociologicamente parece que quando o velho Império começou a desfazer-se, poderia considerar-se que a ciência como ciência falhara nestes mundos exteriores. Para ser novamente aceita, teria de se apresentar sob um disfarce, e foi precisamente o que sucedeu. É uma beleza (de inferir), especialmente com a ajuda da lógica simbólica.

- Interessante! - O Prefeito pôs os braços por trás da nuca, e disse repentinamente: - Comece a me falar da situação em Anacreon.

O embaixador tirou o charuto da boca.

- As coisas parecem caminhar mal.

- De outro modo não se encontraria aqui.

- Com certeza que não. Eis a posição. O homem-chave em Anacreon é o Príncipe Regente Wienis. É o tio do Rei Leopoldo.

- Bem sei, porém Leopoldo atingirá a maioridade no ano que vem, segundo me consta. Fará dezesseis anos em fevereiro próximo, penso.

- Sim. - Uma pausa, para depois acrescentar. - Se estiver vivo. O pai do rei morreu em circunstâncias muito suspeitas. Um dardo no peito durante uma caçada, pensaram que foi um acidente.

- Parece lembrar-me de Wienis quando estive em Anacreon, na hora em que os expulsamos de Terminus. Foi antes do seu tempo. Deixe-me ver. Se me lembro bem, era um jovem extremamente moreno, cabelo preto, e com um defeito na vista direita. Tinha o nariz adunco de uma maneira engraçada.

- É o mesmo. O defeito e o nariz adunco, ainda lá estão, porém o cabelo agora está branco. É um indivíduo que joga sujo. Felizmente para nós, é o idiota mais egocêntrico de todo o planeta. Julga-se diabolicamente esperto, o que torna a sua loucura ainda mais visível.

- Geralmente, assim é.

- A sua idéia de partir um ovo anda na escala da explosão atômica. Testemunha-o o imposto sobre a propriedade do Templo, que ele tentou impor sobre nós, quando o velho rei morreu há dois anos. Lembra-se?

Hardin acenou pensativamente, e depois sorriu.

- Os sacerdotes causaram um enorme burburinho.

- Conseguíamos ouvi-los em Lucreza. Desde então tem sido mais cuidadoso, mas mesmo assim gosta de fazer as coisas pelo lado mais difícil. De algum modo, é pena, sua autoconfiança é ilimitada.

- Provavelmente, uma supercompensação para um complexo de inferioridade. Geralmente os filhos mais novos dos reis sofrem esse mal.

- É o mesmo. Tenho a impressão que ele até espuma pela boca quando pensa em atacar a Fundação. Nem se dá o trabalho de ocultá-lo. A verdade é que sob o ponto de vista militar, ele está apto a fazê-lo e sair-se bem da empresa. O velho rei criou uma esplêndida marinha, e o próprio Wienis não dormiu nestes últimos dois anos. A princípio o imposto sobre o Templo destinava-se a aumentar o armamento, e como isso não deu resultado, já por duas vezes aumentou o imposto de renda.

- Não há revolta?

- Nada de importância. Obediência à autoridade foi o texto de todos os discursos no reino durante anos. Não que Wienis se mostrasse grato pelo favor.

- Pano de fundo eu tenho. Agora conte-me o que aconteceu.

- Há duas semanas, uma nave mercante de Anacreon descobriu a carcaça de um cruzador de batalha da antiga Frota Imperial. Deve ter andado vagando pelo espaço há pelo menos três séculos.

Os olhos de Hardin brilharam de interesse.

- Já haviam me falado nisso. O Conselho de Navegação enviou-me uma petição, pedindo que lhes fornecesse a nave para fins de estudo. Segundo me disseram, está em boas condições.

- Em condições demasiado boas - respondeu Verisof secamente. - Quando Wienis recebeu, na semana passada, a sua sugestão de que a nave deveria ser entregue à Fundação, quase teve ataques.

- Ainda não obtive uma resposta dele.

- Nem obterá, a não ser com canhões, segundo ele pensa. Veio ver-me no dia em que deixei Anacreon, e pediu-me para que a Fundação deixasse o cruzador em condições de combate, antes de o entregarem definitivamente à Frota de Anacreon. Teve a audácia de me dizer que a sua nota da semana passada indicava um plano da Fundação para atacar Anacreon. Disse-me que uma recusa de reparar o cruzador seria uma confirmação de suas suspeitas, disse-me que medidas para as defesa de Anacreon iriam ser imediatamente tomadas. As suas palavras exatas são: Forçarem-no a tomar medidas. É por isso que estou aqui.

- Claro que ele espera uma recusa, e seria uma perfeita desculpa, a seu ver, para um ataque imediato.

- Estou vendo, Verisof. Bem, temos pelo menos seis meses, de modo que mande reparar a nave e ofereça-a com os meus cumprimentos. Ponha-lhe o nome de Wienis, como sinal de nossa estima e afeto.

- Suponho que essa seja a única saída lógica, Hardin, todavia, estou preocupado.

- Com que?

- Afinal, trata-se de um cruzador! Naquele tempo sabia-se construir. A capacidade cúbica é de meia vez a de toda a Frota de Anacreon. Possui detonadores atômicos capazes de destruir um planeta e uma couraça que podia suportar um raio-Q, sem perigo de permitir radiação. E demasiado bom, Hardin.

- Superficial, Verisof, superficial. Nós sabemos muito bem que o armamento que ele atualmente possui chegava para derrotar Terminus, muito antes de podermos reparar o cruzador para nosso uso. Que importa, se lhe dermos também o cruzador? Sabe muito bem que nunca chegaremos a uma guerra.

- Suponho que sim, mas Hardin...

- Então? Por que pára? Continue.

- Escute! Isto já não é bem da minha alçada, mas, enfim, tenho lido o jornal, e...

Colocou o jornal sobre a mesa, e indicou a primeira página.

- Que vem a ser isto?

Hardin leu em voz alta:

- Um grupo de Conselheiros formam um novo partido político.

- É o que diz, mas o que há por trás de tudo isso? O senhor está muito mais em contato com assuntos internos do que eu, mas, aqui neste artigo atacam-no de todas as maneiras menos com a violência física. São fortes?

- Bastante! Possivelmente passarão a controlar o Conselho, depois das próximas eleições.

- Não antes? - Verisof olhou Hardin de soslaio. - Há outros métodos de conseguir "controle", além das eleições.

- Confunde-nos com Wienis?

- Não, mas a reparação da nave levará meses e a única coisa certa depois de feita a entrega é um ataque. A nossa cessão será tomada como sinal de fraqueza e a adição do cruzador à Frota de Anacreon dobrará sua força. Ele vai atacar, tão certo como eu ser sumo-sacerdote. Por que dar mais oportunidades? Ou revela o plano da campanha ao Conselho, ou força Anacreon imediatamente à capitulação!

- Usar de força a esta altura? Antes de surgir a crise? É a única coisa que não devo fazer. Existem Hari Seldon e o Plano!

Verisof hesitou e depois murmurou:

- Tem então certeza de que existe um plano?

- Não há nenhuma dúvida. Eu estava presente por ocasião da abertura do Cofre e a gravação de Seldon revelou-o.

- Não é a isso que eu me refero, Hardin, contudo não consigo perceber como é que se pode catalogar a História com uma antecipação de mil anos. Talvez Hari Seldon tivesse exagerado. - E perante o sorriso sarcástico de Hardin, continuou: - Você sabe muito bem que a psicologia não é o meu forte.

- Exatamente. Não é de nenhum de nós. É verdade que eu recebi um certo estudo, embora elementar, na minha juventude - o suficiente para saber do que é capaz a psicologia, ainda que não saiba explorar todas as suas possibilidades. Não há dúvida de que Seldon fez mesmo o que programou fazer. A Fundação, como ele diz, foi estabelecida como uma espécie de refúgio

científico - um meio pelo qual deveria se conservar a ciência e a cultura do Império moribundo através de séculos de barbarismo que já começaram para que seja reafirmada num segundo Império.

Verisof concordou, embora com alguma dúvida.

- Todos sabem que é assim que tudo se deveria passar. Mas será justo arriscarmo-nos tanto? Deveremos arriscar o presente por um futuro incerto?

- Somos obrigados, porque o futuro não é incerto. Foi calculado por Seldon. Cada crise na nossa História foi calculada e assinalada no mapa, dependendo em certa medida do êxito na resolução da crise anterior. Esta é apenas a segunda crise e só o Espaço sabe que terrível efeito poderia ter o menor desvio.

- É uma especulação um tanto ou quanto vaga.

- Não! Hari Seldon disse, quando da abertura do Cofre, que com cada crise a nossa liberdade de ação se mostraria tão reduzida que só restaria um caminho.

- De modo a manter-nos num corredor?

- Para evitar desvios, sim, porém enquanto houver mais de um caminho a seguir, a crise não chegou. Devemos deixar que os acontecimentos se sucedam por si, e é isso que eu vou fazer.

Verisof não respondeu. Mordiscou o lábio inferior num silêncio embaraçado. Já no ano anterior Hardin discutira com ele o problema - o verdadeiro problema: a maneira de resolver as preparações hostis de Anacreon. E só porque ele, Verisof, falara contra o apaziguamento.

Hardin parecia seguir os pensamentos do seu embaixador.

- Seria preferível que eu nunca lhe tivesse falado nisto.

- O que o leva a dizer isso? - perguntou Verisof surpreso.

- Porque agora há seis pessoas que o conheceram: você e eu, os outros quatro embaixadores, Yohan Lee - que têm uma vaga noção do que está por acontecer, e temo que a idéia de Seldon fosse o segredo absoluto!

- Por quê?

- Porque mesmo a avançada psicologia de Seldon deve ter os seus limites. Não poderia jamais cobrir muitas variáveis independentes. Com características individuais jamais ele poderia trabalhar. Do mesmo modo que

você nunca poderia aplicar a teoria cinética dos gases a moléculas individuais. Ele trabalhava com multidões, populações de planetas que não possuem um conhecimento antecipado dos resultados de suas ações.

- Receio não compreender.

- Que posso eu fazer? Não tenho conhecimentos psicológicos suficientes para explicar cientificamente o que acabo de dizer. Mas pelo menos uma coisa você sabe: não há psicólogos experientes em Terminus, nem textos matemáticos nos livros de ciências. É evidente que Seldon não desejava que alguém conhecesse antecipadamente os acontecimentos, queria-nos cegos, e tinha razão, de acordo com as leis da psicologia das multidões.

- Como já lhe disse uma vez nunca soube para onde nos encaminhávamos quando expulsei os Anacronianos. A minha idéia era manter um equilíbrio de poderes e nada mais. Foi só mais tarde que me pareceu ver um esquema dos acontecimentos. Fiz todo o possível para não atuar de acordo com esse conhecimento. Interferência alteraria completamente o Plano.

Verisof concordou pensativo.

- Já ouvi argumentos quase tão complicados como esses nos templos em Anacreon. Como espera descobrir o momento adequado para atuar?

- Já o descobri. Você próprio já admitiu que, uma vez reparado o cruzador, nada há que faça com que Wienis deixe de nos atacar. Não haverá então opção.

- Muito bem. Isso é tudo quanto ao aspecto externo. Deve admitir agora que as próximas eleições verão um novo e hostil Conselho que forçará a ação contra Anacreon. Aí também há opção.

- Sim.

- Assim que desaparecerem todas as opções é porque a crise chegou. Mesmo assim preocupa-me.

Fez uma pausa e Verisof esperou. Vagarosamente, quase com relutância, Hardin continuou:

- Tenho a idéia, só uma noção, de que as pressões interna e externa foram planejadas para chegarem simultaneamente. Atualmente poucos meses há de diferença. Wienis provavelmente atacará antes da Primavera e as eleições serão realizadas daqui a um ano.

- Parece então não ter importância.

- Não sei. Pode ser devido a qualquer erro de cálculo ou talvez pelo fato de eu saber demais. Eu tentei jamais deixar que o meu conhecimento influenciasse minhas ações, mas sei lá o que se teria passado. E qual o efeito desta discrepância? Há, contudo uma coisa que já decidi.

- O que é?

- Quando a crise se apresentar, irei a Anacreon. Quero estar lá. Agora chega, Verisof. Está ficando tarde. Vamos sair e gastar a noite. Quero me divertir.

- Divirta-se aqui. Não quero que me reconheçam ou já sabe o que este novo partido, desses seus preciosos Conselheiros, diria. Peça um conhaque.

Hardin pediu - mas não muito.

Nos tempos idos quando o Império Galáctico abraçava toda a Galáxia e Anacreon fora a mais rica de todas as Prefeituras da Periferia, mais do que um Imperador visitara o Palácio do vice-rei em grande gala. E nenhum deles partira sem deixar de experimentar sua habilidade na caça ao Nyak, um pássaro que bem poderia ser considerado uma fortaleza emplumada.

A fama de Anacreon decaíra com o decorrer dos tempos. O Palácio do vice-rei era uma massa em ruínas, à exceção da parte restaurada pela Fundação. Além disso, nenhum Imperador visitava Anacreon havia pelo menos duzentos anos.

Porém a caça ao Nyak continuava a ser desporto real e boa pontaria com arma de dardos continuava a ser a grande qualificação dos reis de Anacreon.

Leopoldo I, Rei de Anacreon - como falsamente se intitulava - Senhor dos Domínios Externos apesar de não ter ainda dezesseis anos, já havia provado sua habilidade. Abatera o seu primeiro Nyak com menos de treze anos, o seu décimo sexto caíra na primeira semana após a subida ao trono. Voltava agora do seu quadragésimo sexto.

- Serão cinqüenta antes de atingir a maioridade - exultava - querem apostar?

Mas cortesãos não fazem apostas quanto à habilidade do Rei. Há sempre o perigo mortal de se ganhar. Como ninguém topasse, o Rei foi mudar de roupa, exultante.

- Leopoldo!

O rei parou ao som da única voz que o faria parar. Virou-se de má

vontade.

Wienis achava-se à entrada do seu quarto e olhava furioso o seu sobrinho.

- Mande-os embora - impacientemente - livre-se deles.

O rei fez um sinal e os dois camareiros curvaram-se e voltaram a descer as escadas. Leopoldo entrou no quarto do tio. Wienis observou atentamente o traje de caça do sobrinho.

- Logo você deverá atender assuntos mais importantes do que a caça ao Nyak.

Voltou as costas e caminhou para a sua mesa. Desde que envelhecera para a caça antipatizara-se com tal desporto.

Leopoldo compreendia muito bem a atitude antipática de seu tio e não foi, por isso, sem malícia que começou entusiasticamente:

- Devia ter ido conosco hoje, tio. Conseguimos descobrir um dos selvagens de Samia que era um autêntico monstro. Verdadeiramente desportivo. Perseguimo-lo durante duas horas dentro de uma área de cento e vinte quilômetros. Pus-me do lado do Sul - e fez todos os movimentos como se cavalgasse ainda o aerociclo - e atirei-me em mergulho. Apanhei-o debaixo da asa esquerda, o que o enraiveceu. Esperei que ele voltasse a mergulhar e, quando o fez, estava à curta distância, e então...

- Leopoldo!

- Bom! Apanhei-o.

- Estou certo disso. Quer ouvir-me agora?

O rei encolheu os ombros e apanhou uma castanha de Lera que comeu, carrancudo. Não se atrevia a encarar o tio.

Wienis começou sem qualquer preâmbulo:

- Visitei hoje a nave.

- Que nave?

- Há só uma nave. A NAVE. A que a Fundação está reparando para a nossa Frota. O antigo cruzador imperial. Fui suficientemente claro?

- Ah! Esse? Como vê tinha razão ao dizer-lhe que a Fundação o repararia se o pedíssemos. É exagero essa sua história de eles pretenderem nos atacar. Se o quisessem para que repariam a nave? Não faz sentido.

- Leopoldo, você é um idiota!

O rei, que acabara de comer a castanha, corou.

- Vamos ver - a sua ira era quase ridícula - acho que não me deve tratar dessa maneira. Esquece-se que dentro de dois meses atingirei a maioridade.

- Sim, e está em boas condições para assumir as funções reais. Se gastasse metade do tempo em que caça com problemas de administração, eu deixaria a regência imediatamente e com a consciência tranqüila.

- Não me interessa. Nada tem a ver com o caso. O fato é que, apesar de ser regente e meu tio sou eu o rei e você o meu súdito. Não me deveria chamar de idiota e não devia sentar-se na minha presença, não me pediu autorização. Acho que é melhor tomar cuidado, ou tomarei providências imediatas.

O olhar de Wienis estava frio:

- Posso dirigir-me a você como Vossa Majestade?

- Pode.

- Muito bem. Vossa Majestade é um idiota.

Os olhos escuros do regente lançavam chispas e o jovem rei sentou-se devagar como que lentamente empurrado. Durante um instante o rosto do regente assumiu um ar de sardônica satisfação, mas logo desapareceu. Os seus lábios grossos abriram-se num sorriso e a sua mão caiu sobre o ombro do rei.

- Não se importe, Leopoldo, jamais deveria falar-lhe daquela maneira. Por vezes, no entanto, torna-se difícil um comportamento com propriedade, quando a pressão dos acontecimentos é tal que, compreende? - Se as palavras eram de conciliação o olhar não se amenizara.

Leopoldo respondeu incerto:

- Os assuntos de Estado são tremendamente difíceis. - Pensou, não sem apreensão, se iria ouvir um sermão de pormenores sem significado, sobre o comércio do ano com Smyrno, ou a disputa latente sobre os mundos do Corredor Vermelho.

Wienis falou-lhe outra vez:

- Meu rapaz, pensei dizer-lhe isto mais cedo e talvez o devesse ter feito, porém sei que o seu espírito jovem se impacienta com os pormenores áridos da diplomacia.

Leopoldo concordou:

- Tem toda a razão.

O tio interrompeu-o com firmeza:

- Contudo, atingirá a maioridade dentro de dois meses. Além disso, na época difícil que vamos atravessar você tomará uma parte ativa. Daqui por diante será o rei.

De novo Leopoldo concordou, porém sua expressão era de total incom¬preensão.

- Vai haver guerra, Leopoldo.

- Guerra! Mas não foi assinada a paz com Smyrno?

- Não é nada com Smyrno, é com a própria Fundação.

- Mas eles concordaram em reparar a nave. O tio disse.

As cordas vocais paralisaram-se-lhe ao ver a expressão de seu tio.

- Leopoldo - o tom amistoso desapareceu - devemos falar de homem para homem. Vai haver guerra com a Fundação, quer a nave seja reparada ou não, muito mais depressa na verdade em virtude de a nave ser reparada. A Fundação é a fonte do poder. Toda a grandeza de Anacreon, todas as suas naves e cidades, o seu povo e comércio dependem das migalhas que lhes deixe a Fundação. Recordo ainda o tempo em que as cidades de Anacreon eram aquecidas a carvão e combustíveis líquidos. Passemos adiante, nunca poderá imaginar o que isso representava.

- Parece-nos - sugeriu o rei humildemente - que deveríamos estar gratos.

- Gratos! - rugiu Wienis. - Gratos pela miséria que nos resta enquanto que para eles guardam sabe o Espaço o que! e com que finalidade em mente? Para que um dia possam governar toda a Galáxia?

Sua mão pousou sobre o joelho do jovem e os olhos semicerram-se.

- Leopoldo, você é o Rei de Anacreon. Os seus descendentes e os descendentes, por seu turno, podem vir a ser senhores do Universo, se você tiver o poder que a Fundação guarda só para si!

- Há razão no que me diz. - O olhar brilhou-lhe e empertigou-se na cadeira. - Que direito têm de guardar as coisas só para eles? Não é justo. Anacreon também significa algo.

- Enfim você começa a compreender. E agora, meu rapaz, que fazer se Smyrno decide atacar a Fundação antes de nós e auferir assim todas as

vantagens? Quanto tempo pensa que passaria antes de nos tomarmos seus vassalos? Quanto tempo manteria você o trono?

Leopoldo começou a excitar-se.

- Pelo Espaço! Tem razão. Devemos ser os primeiros a atacar. É preciso defendermo-nos.

O sorriso de Wienis aumentou ligeiramente.

- Além disso, uma vez no princípio do reinado de seu avô, Anacreon chegou a estabelecer uma base militar no planeta da Fundação, Terminus - uma base de importância vital para nossa defesa. Fomos obrigados a abandonar essa base, como resultado das maquinações do cabeça da Fundação, um sujeito esperto, um estudioso, sem um pingo de sangue nobre nas veias. Compreende, Leopoldo? O seu avô foi humilhado por esse plebeu. Lembro-me bem dele! Pouco mais velho era do que eu quando veio a Anacreon, como o seu sorriso diabólico e cérebro igual ao do próprio demônio, e com o poder dos outros três reinos a apoiarem-no, unidos e em covarde aliança, contra a grandeza de Anacreon.

- Por Seldon! - A sua face congestionou-se e os olhos adquiriram o brilho da embriaguez. - Se eu fosse o meu avô mesmo assim teria lutado.

- Não, Leopoldo. Nós decidimos esperar, lavar a honra em melhor oportunidade. Era a esperança de seu pai antes de sua morte prematura, que ele a... bem, bem... - Wienis virou-se por um momento como que para controlar sua emoção. - Era o meu irmão, mesmo assim se o seu filho fosse...

- Não deixarei de apoiá-lo. Já decidi. É natural que seja Anacreon que destrua esse ninho de víboras e imediatamente.

- Imediatamente não. Primeiro devemos esperar que acabem os reparos do cruzador. O fato de aceitarem reparar a nave prova que nos temem. Os idiotas tentam nos aplacar, mas não vamos nos desviar do nosso caminho, não é verdade?

O punho de Leopoldo abateu-se sobre a mesa.

- Enquanto eu for Rei de Anacreon isso não acontecerá.

- Além disso, devemos esperar a chegada de Salvor Hardin.

- Salvor Hardin! - O rei espantou-se tanto que o seu rosto tomou o ar habitual, que fora substituído por linhas duras durante alguns minutos.

- Sim, Leopoldo. O chefe da Fundação em pessoa virá a Anacreon por

ocasião de seu aniversário, provavelmente para nos acalmar com palavras doces.

- Mas nada o salvará.

- Salvor Hardin! - O nome fora quase murmurado.

- Tem medo do nome? E esse mesmo, Salvor Hardin, que por ocasião de sua última visita nos obrigou a arrastar-nos no pó. Não se esqueça desse insulto à casa real. Ainda por cima partindo de um plebeu, um rato de esgoto.

- Não, não tenho medo. Não devo ter. Não terei. Nós lhe pagaremos com juros - porém... temo-o um pouco.

O regente levantou-se:

- Medo? De que? De que, meu jovem. As palavras morreram-lhe nos lábios.

- Seria uma blasfêmia atacar a Fundação. Quero dizer - fez uma pausa.

- Continue.

Leopoldo sentia-se confuso.

- Quero dizer, se existisse na verdade um Espírito Galáctico, talvez ele - ahm! - não gostasse. Não acha?

- Não acho nada - foi a resposta. Wienis sentou-se e a boca torceu-se num sorriso esquisito. - É com essa história do Espírito Galáctico que enche a cabeça? É o que faz educá-lo com liberalidade. Vejo que tem dado ouvidos a Verisof.

- Explicou-me bastan...

- Acerca do Espírito Galáctico?

- Sim.

- Minha imberbe criança! Verisof ainda acredita nessa fantochada menos do que eu, e eu não lhe dou qualquer crédito. Quantas vezes já lhe inculcaram essas idiotices? E quantas vezes já lhe disseram que tudo isso não são mais do que idiotices?

- Eu sei, porém Verisof afirma.

- Quero que o Verisof seja excomungado. É disparate.

Houve um curto silêncio de rebeldia, até que Leopoldo se recompôs:

- Todos acreditam nesses disparates, no entanto... Quero dizer, a respeito

do profeta Hari Seldon e como ele fez da Fundação uma divulgadora de suas ordens para que num dia muito remoto haja um regresso ao Paraíso Terrestre. E como quem desobedece aos seus mandamentos será destruído por toda a eternidade. Acreditam. Já presidi aos festivais e sei que acreditam.

- Sim, eles acreditam, mas nós não. E pode agradecer que assim seja, pois de acordo com toda essa palhaçada, você é o Rei por direito divino - portanto, você mesmo é semi-divino. Muito a propósito. Elimine todas as possibilidades de revolta e assegure cega obediência em tudo. Eis a razão porque deve tomar parte ativa ao ordenar a guerra contra a Fundação. Eu sou apenas regente e bastante humano. Você é o Rei e para eles um semideus.

- Suponho que na realidade não o sou.

- Na realidade não o é - veio a réplica carregada de ironia - mas é para todos menos para a Fundação. Compreende? Para todos menos os da Fundação. Uma vez que eles forem destruídos, quem o poderá negar? Pense nisso!

- E depois disso seremos nós que operaremos as geradoras dos templos e as naves que voam sem tripulantes, e o alimento sagrado que cura o câncer e todo o resto? Verisof disse-me que os únicos que poderiam fazê-lo seriam os que fossem abençoados pelo espírito.

- Verisof disse! Fique comigo, Leopoldo, e não se preocupe com eles. Juntos reconstruiremos um Império, não unicamente o reino de Anacreon, mas outro que compreende os bilhões de sóis da Galáxia. Não será isso melhor do que todo esse palavreado sobre o Paraíso Terrestre?

- Sim.

- Verisof pode prometer-lhe mais?

- Não.

- Muito bem. - A sua voz tornou-se autoritária. - Posso, nesse caso, considerar este assunto como encerrado?

Esperava por uma resposta - e continuou:

- Vá embora. Descerei mais tarde. Só uma coisa, Leopoldo.

O jovem voltou-se à entrada da porta.

Wienis estava sorridente, porém o olhar mantinha-se firme.

- Tenha você cuidado com essas caçadas ao Nyak. Desde o infeliz acidente que vitimou seu pai tenho sempre estranhos pressentimentos quanto a

você. No meio da confusão com dardos cruzando-se no ar nunca se está seguro. Fará tudo que eu disser no que respeita à Fundação, não é verdade?

Os olhos de Leopoldo abriram-se de espanto, porém deixaram de fitar o tio - Sim, decerto.

- Bem! - observou a figura do sobrinho que se distanciava e voltou para a mesa.

Os pensamentos de Leopoldo ao abandonar a câmara estavam sombrios e cheios de temores. Talvez o melhor fosse derrotar a Fundação e ganhar o poder de que Wienis falava. Contudo, depois quando a guerra terminasse e ele estivesse seguro no trono... tornou-se consciente do fato de que Wienis e os seus dois arrogantes filhos eram, em linha direta, pretendentes ao trono.

Mas ele era Rei. E os reis podiam condenar à morte.

Mesmo tios e primos.

A seguir a Sermak, Lewis Bort era o mais ativo na colheita de elementos dissidentes que se fundiam agora no barulhento Partido de Ação. Não fizera, no entanto, parte da deputação que visitara Hardin no ano anterior. Não era por falta de merecimento, pelo contrário. Estivera presente na capital de Anacreon nessa data.

Tinha-a visitado como simples cidadão. Não viu qualquer oficial e não fez nada de importância. Entreteve-se a bisbilhotar nos cantos mais obscuros do planeta. Voltou a Terminus numa tarde de Inverno e uma hora depois sentava-se à mesa de Sermak.

Suas primeiras palavras não foram calculadas para melhorar a atmosfera de unia reunião já consideravelmente deprimida pelo anoitecer.

- Temo - disse - que a nossa opinião se defina em fraseologia melodramática como uma "Causa Perdida".

- Acha que sim? - perguntou Sermak, sombrio.

- Já ultrapassou tudo o que se possa pensar, Sermak. Não há espaço para qualquer outra opinião.

- Os armamentos - iniciou Dokor Walto, um tanto ou quanto oficioso, porém Bort interrompeu-o.

- Esqueça isso, é uma história antiga. - Deixou o olhar percorrer todo o

círculo. - Refiro-me ao povo. Admito que a minha idéia inicial tenha sido a de tentarmos fomentar uma revolta no palácio e de instalar como rei alguém mais favorável à Fundação. Era uma boa idéia e ainda o é. A única coisa que falha é a impossibilidade de concretizá-la. O grande Salvor Hardin fez tudo para isso.

- Apresente-nos todos os pormenores, Bort - interrompeu Sermak.

- Pormenores! Não há pormenores a serem apresentados! Pensam que é assim simples? Trata-se de toda a situação política de Anacreon. E de toda religião estabelecida pela Fundação. Dá resultado!

- É necessário ver-se para se poder acreditar. Tudo o que aqui se pode ver é um enorme colégio devotado à preparação de sacerdotes e, de vez em quando, num canto obscuro da cidade, um espetáculo especialmente preparado para os fiéis que vêm em romaria. Sobre nós não tem qualquer espécie de efeito. Mas em Anacreon...

Lem Tarki cofiou a barba bem cuidada, e pigarreou.

- Que espécie de religião é? Hardin sempre disse que tudo isso não passava de uma diversão criada para que a nossa ciência fosse aceita sem grandes complicações. Lembra-se, Sermak, do que ele nos disse no dia...

- As explicações de Hardin - lembrou-lhe Sermak - não têm qualquer valor objetivo. Mas diz-nos que espécie de religião é, Bort?

- Etnicamente é perfeita. Pouco varia das muitas filosofias do antigo Império. Altos padrões de moralidade e tudo o mais. Desse ponto de vista nada há a criticar-se. A religião é uma das grandes influências civilizadoras da História, e nesse aspecto, aceita-se perfeitamente.

- Tudo isso nós sabemos - interrompeu Sermak impacientemente. - Entre diretamente no que interessa.

- A religião que a Fundação criou e ajudou foi concebida em linhas estritamente autoritárias. O sacerdócio tem todo o "controle" dos instrumentos científicos que oferecemos a Anacreon, porém só aprenderam a utilização desses mesmos instrumentos de uma forma empírica. Acreditam piamente nessa religião, e no valor espiritual do poder que controlam. Por exemplo: há aproximadamente dois meses, um idiota qualquer resolveu mexer na geradora instalada no Templo de Tessaki - uma das maiores. Claro que fez com que explodissem uns cinco quarteirões. Foi considerado uma vingança divina, mesmo pelos sacerdotes.

- Recordo-me. Os jornais trouxeram uma reportagem da história. Não sei

é a que ponto quer chegar.

- Então ouça. O sacerdócio forma uma hierarquia, no cume da qual se encontra o Rei. Este é considerado uma espécie de Deus menor. É monarca absoluto, por direito divino, e o povo, e mesmo os sacerdotes, acreditam que assim seja. Não se pode derrubar um rei assim. Estão vendo?

- Só um momento - Walto interrompeu nesta altura. - Que queria dizer com essa observação, de ser Hardin o causador de tudo? Onde é que ele entra na história? Bort olhou com amargura o seu interlocutor. A Fundação tem mantido toda esta ilusão com assiduidade. Demos todo o nosso apoio científico por detrás dessa mentira. Não se dá um único festival que o rei não presida, cercado por uma aura radioativa, que lhe banha de luz o corpo, formando uma coroa sobre a cabeça. Quem quer que lhe toque, fica severamente queimado. Pode mover-se de um lado para o outro através da atmosfera, em momentos cruciais, supõe-se que por inspiração do espírito divino. Pode encher o templo de luz, com um simples gesto. Não têm fim os truques que são empregados em seu benefício, e até os sacerdotes acreditam neles, embora eles próprios operem os mecanismos que os desencadeiam.

- Mau! - observou Sermak mordendo o lábio.

- Sinto-me capaz de chorar como a fonte do Parque do Palácio, ao pensar na oportunidade que perdemos. Considerem a situação há trinta anos, quando Hardin salvou a Fundação do domínio de Anacreon. Na ocasião, o povo não fazia a mínima idéia de que o Império se encontrava em decadência. Cuidaram de quase todos os seus assuntos desde a revolta de Zeônia, mas mesmo depois de rompidas as comunicações e o velho pirata, avô de Leopoldo, ter-se proclamado Rei, nunca chegaram a compreender que o velho Império se desfizera.

- Se o Imperador quisesse, poderia ter retomado o "controle" apenas com dois cruzadores, e com a ajuda da revolução que teria estourado. E nós, nós poderíamos ter feito o mesmo, mas não. Em vez disso, Hardin estabeleceu a adoração dos monarcas. Pessoalmente, não compreendo. Por quê?

- O que faz Verisof? - inquiriu Jaim Orsy. - Houve tempo em que ele foi um Acionista fanático. Que faz ele lá? Também está cego?

- Não sei. Para eles é o sumo-sacerdote. Pelo que sei, atua como conselheiro técnico dos sacerdotes. Mas é um testa-de-ferro.

Fez-se silêncio ao redor da mesa, e todos olharam para Sermak. O jovem chefe do Partido roia nervosamente uma unha, por fim disse em voz alta:

- Não me cheira bem!

Mais uma vez olhou para todos os que cercavam a mesa, e disse energicamente :

- Hardin não é nenhum idiota.

- Pois parece ser - retorquiu Bort.

- Nunca! Há qualquer coisa que não está correta. Cortar o nosso próprio pescoço tão completa e irremediavelmente requereria uma estupidez sem tamanho. Muito mais do que Hardin poderia jamais possuir, se fosse idiota, o que desde já tenho de negar. Por outro lado a criação de uma religião que não permitisse discórdias internas, por outro lado, armar Anacreon com todas as armas necessárias a uma guerra. Não consigo vislumbrar nada.

- Admito que o assunto seja um tanto ou quanto obscuro, porém os fatos falam por si. Que mais podemos pensar?

- É traição. Está a soldo deles! - exclamou Walto.

Mas Sermak sacudiu a cabeça, impaciente.

- Também não se trata disso. Todo este negócio é anormal e sem significado. Diga-me, Bort, ouviu falar num cruzador de batalha, que a Fundação deve reparar, para depois ser usado pela Frota de Anacreon?

- Cruzador de batalha?

- Um antigo cruzador imperial.

- Não, mas isso não quer dizer nada. Os portos são santuários completamente vedados ao público. Nunca se ouve dizer nada sobre a Armada.

- Têm escapado rumores. Alguns membros do Partido já levantaram a questão no Conselho. Hardin nunca o negou. Os seus partidários falaram de difamadores e deixaram a coisa passar em branco. Pode ser que tenha qualquer significado.

- É da mesma espécie que o resto. Se for verdade será loucura. Mas não seria jamais pior do que o resto.

- Suponho que Hardin não tenha em reserva qualquer arma secreta. Isso pode...

- Tem sim. Uma enorme caixa de surpresas da qual, no momento oportuno, sairá um diabo que irá assustar o velho Wienis, até à loucura. A Fundação bem pode encomendar a sua alma se estiver lidando com armas

secretas.

- Bem. A questão resume-se nisto: quanto tempo temos ainda?

- É uma boa pergunta. Mas não a faça a mim, que não sei como responder-lhe. A Imprensa de Anacreon nem sequer menciona o nome da Fundação. Nesta altura vem repleta de manifestações que se aproximam, e mais nada. Leopoldo atinge a maioridade na semana que vem.

- Temos então alguns meses, pode ser que nos dê tempo.

- Não dá tempo para nada. Já lhes disse que o Rei é como um Deus. Supõe talvez que ele tenha de fazer discursos de propaganda para que o povo se excite? Supõe, talvez, que ele nos tem de acusar de tentativa de agressão, e todos os demais truques emocionais?

- Quando chegar o momento de atacar, Leopoldo dará uma ordem, e todo o povo lutará. Só isto. Pode ser que ele dê essa ordem amanhã, pelo que sabemos, e vocês podem encher isso de tabaco e fumá-lo.

Todos tentaram falar ao mesmo tempo, e o punho de Sermak abatia-se sobre a mesa, pedindo silêncio, quando a porta abriu e Levi Norast entrou correndo. Subiu as escadas em dois saltos, deixando atrás de si um rasto de neve.

- Vejam bem isso! - gritou, atirando um jornal para cima da mesa. - Os visores não transmitem outra coisa.

O jornal foi aberto e cinco cabeças debruçaram-se sobre ele.

- Grande Espaço! Ele vai a Anacreon! A Anacreon!

- É traição! Walto deve ter razão. Hardin vendeu-nos e vai agora receber o preço que estipulou - chiou Tarki.

Sermak ergueu-se.

- Não temos tempo a perder. Vou pedir ao Conselho, amanhã que Hardin seja julgado. E se isso falhar...

A neve parara de cair, porém o solo gelado dificultava a marcha do carro, através das ruas desertas. A madrugada estava fria, não só no sentido poético, como no sentido bastante literal e mesmo no estado turbulento da política da Fundação, ninguém, quer Acionista ou pró-Hardin, se atrevia a sair à rua e iniciar suas atividades naquela hora da manhã.

Yohan Lee não gostava disso, e o seus resmungos tornavam-se cada vez

mais audíveis.

- Vai parecer muito mal, Hardin. Irão dizer que você fugiu.

- Deixe-os dizer o que quiserem. Quero ir a Anacreon, e quero fazê-lo sem qualquer alarde. Por agora basta, Lee.

Hardin encostou-se no assento estofado do carro bem aquecido, contudo havia qualquer coisa de frígido naquele manto branco que se estendia pelas ruas, mesmo visto através do vidro, que o aborrecia.

- Um dia, quando pudermos, criaremos nós as condições atmosféricas de Terminus. Pode muito bem ser feito.

- Por mim, gostaria de ver outras coisas feitas antes disso. Por exemplo, o condicionamento de Sermak. Uma bela cela, seca, a vinte graus centígrados durante o ano inteiro, é o que ele está pedindo.

- A partir daí é que eu realmente passava a ter necessidade de um guarda-costas. - E olhou para dois dos homens de Lee, sentados ao lado do motorista, olhos firmes percorrendo as ruas vazias, mãos nas armas prontas a disparar.

- Não resta dúvida de que você está querendo começar uma guerra civil.

- Quero? Há muita lenha na fogueira, não havendo necessidade de mais um pouco, essa lhe digo eu. Primeiro: Sermak levantou vôo ontem, na reunião do Conselho, e pediu sua exoneração e conseqüente julgamento.

- Tinha todo o direito de fazê-lo, além disso sua moção foi derrotada por 206 votos contra 184.

- Uma maioria de vinte e dois, quando tínhamos contado com um mínimo de sessenta. Não negue que não vale a pena.

- Foi um erro - admitiu Hardin.

- Está bem. Segundo: depois da votação, os cinqüenta e nove membros do Partido Acionista abandonaram a reunião.

Hardin calou-se, e Lee continuou:

- E em terceiro lugar, antes de sair, Sermak gritou que você era um traidor e que ia a Anacreon para receber as trinta peças de prata, que é a maioria da Câmara, ao recusar o voto para sua exoneração, participara da traição e que o nome do seu partido não era em vão Acionista. Que tal lhe parece?

- Alarde, suponho eu.

- E agora foge ao nascer do dia como um criminoso. Deve encará-los, Hardin, e se for obrigado, declare a lei marcial!

- A violência é ultimo refúgio...

- ...dos incompetentes. Bolas!

- Está bem, veremos. Agora, ouça-me com atenção, Lee: há trinta anos o Cofre se abriu e no qüinquagésimo aniversário do início da Fundação, apareceu uma gravação de Hari Seldon para nos dar uma primeira idéia do que realmente se passava.

- Bem me recordo - Lee recordava-se com um meio sorriso. - Foi no dia em que tomamos conta do Governo.

- É verdade. Foi na época de nossa primeira crise. Esta é a nossa segunda - e daqui a três semanas será o octogésimo aniversário da Fundação. Não lhe parece significativo?

- Acha que ele vai voltar?

- Ainda não terminei. Seldon nunca falou em voltar, compreende, mas parece-me coerente com todo o seu plano. Fez sempre o possível para nos manter na ignorância. Nem há qualquer maneira de se poder afirmar que o fecho do Cofre esteja preparando para tornar a se abrir - a não ser que o desmanchássemos e, provavelmente, estará preparado para se destruir se o tentássemos. Tenho lá estado em todos os aniversários, desde a primeira aparição para o que desse e viesse. Ele nunca apareceu, mas esta é a primeira vez, desde então, em que há uma verdadeira crise.

- Então ele virá.

- Talvez. Não sei. Contudo, a questão é esta: na sessão do Conselho de hoje, depois de anunciar que eu parti para Anacreon, anunciará também que, no próximo dia catorze de março, haverá mais uma gravação de Hari Seldon que contém uma mensagem de maior importância, com respeito à crise recente e concluída com êxito. É muito importante, Lee. Não diga mais nada, não obstante as perguntas que fizerem.

Lee olhou-o.

- Eles acreditarão em mim?

- Não importa. Criará confusão e é isso que eu quero. Entre o pensarem se é verdade ou não, e o que eu quero dizer se não for - decidirão adiar toda e qualquer ação até depois de catorze de março. Estarei de volta muito antes disso.

Lee parecia cheio de dúvidas.

- Mas esse "concluído com êxito" é mentira!

- É mentira, mas serve. Eis-nos no porto!

A nave que os esperava aparecia como uma sombra de névoa, Hardin marchou pela neve e, à entrada, voltou-se com a mão estendida.

- Adeus, Lee. Detesto deixá-lo nesta caldeira, mas não confio em mais ninguém. Cuidado, não salte para dentro do fogo.

- Não se preocupe. Basta o calor da caldeira. Obedeço às suas ordens. - Deu um passo atrás e a porta fechou-se.

Salvor Hardin não se dirigiu imediatamente ao planeta Anacreon. Só chegou na véspera da coroação, tendo visitado oito dos sistemas estelares principais, parando só o tempo suficiente para conferenciar com os representantes locais da Fundação.

A viagem deixou-o opressivo e atônito quanto à vastidão do reino. Era como se fosse nada, um ponto comparado com a vastidão incomensurável do Império Galáctico, do qual fora, havia muito, uma parte bem distinta, mas para alguém cujos hábitos de pensamento tivessem sido criados à volta de um único planeta, um pensamento já formado, por si só, a área e a população de Anacreon seriam causa para admiração.

Seguindo de perto as fronteiras da antiga Prefeitura de Anacreon, abraçava vinte e cinco sistemas estelares, seis dos quais tinham pelo menos um planeta habitado. A população de dezenove bilhões, ainda que menor do que nos dias gloriosos do Império, aumentava rapidamente com o aumento de desenvolvimento científico criado pela Fundação.

E foi só então que Hardin compreendeu a grandiosidade dessa tarefa. Naqueles trinta anos só o mundo que formava a capital se desenvolvera. As províncias exteriores possuíam ainda imensas vastidões onde a energia atômica não fora reintroduzida. Mesmo o progresso que fora conseguido podia ter-se tornado impossível se não fosse pelas relíquias deixadas pelo desaparecimento do Império.

Quando Hardin chegou à capital, encontrou todo o comércio paralisado. Nas províncias exteriores ainda havia festas, mas aqui, no planeta Anacreon, não havia um único indivíduo que deixasse de tomar parte nas cerimônias religiosas que anunciavam a chegada da maioridade do seu Rei-deus, Leopoldo.

Hardin conseguira roubar apenas meia hora ao arrasado Verisof, antes daquele seu embaixador ser forçado a correr para um outro festival religioso. Mas, aquela meia hora fora bem aproveitada, e Hardin satisfeito preparou-se para o fogo de artifício daquela noite.

No todo, atuava como um observador, pois não tinha estômago para as tarefas religiosas que teria de enfrentar caso se tornasse conhecida a sua identidade. Assim, quando o salão de baile do palácio se encheu de uma multidão brilhante composta da mais alta nobreza, ele viu-se encostado, quase totalmente ignorado.

Fora apresentado a Leopoldo no meio de muita gente, e a uma distância segura, pois o rei ficava à parte numa grandiosidade solitária e impressionante, cercado pelo brilho mortal de uma aura radioativa. E em menos de uma hora, esse mesmo rei se sentaria sobre um trono maciço feito de uma liga de ródio-irídio com incrustações de pedras preciosas, e então o trono subiria majestosamente, permanecendo suspenso no ar, atravessando depois o espaço que o separava da janela na qual os olhos da multidão plebéia estavam colados, quando vissem o seu rei, gritariam até a histeria. O trono não seria tão maciço, claro está, se não contivesse um motor atômico.

Já passava das onze. Hardin impacientava-se e punha-se nas pontas dos pés, para melhor poder ver. Resistiu ao impulso de subir em uma cadeira, até que por fim viu Wienis que, através da multidão, se dirigia para ele, e descontraiu-se. Wienis avançava lentamente. Quase a cada passo, tinha de parar para dirigir uma palavra amável a um nobre cujo avô teria ajudado o avô de Leopoldo a conquistar o reino, tendo daí recebido o seu título e um ducado.

Finalmente, conseguiu ultrapassar o último par do reino, e chegar até Hardin. A boca torceu-se num quase sorriso, e os olhos, debaixo das sobrancelhas grisalhas, brilharam-lhe de satisfação.

- Meu caro Hardin - disse em voz baixa - deve estar tremendamente aborrecido, para se recusar a revelar a sua identidade.

- Nada disso, Alteza. Tudo isto é extremamente interessante. Em Terminus não temos nada que se lhe compare.

- Não duvido. Importava-se de vir até ao meu quarto para podermos conversar mais à vontade?

- Com prazer.

De braços dados, subiram os dois ao andar superior, e mais de uma

duquesa levantou o "lorgnon", surpreendida, meditando sobre a identidade do aparentemente insignificante estranho, a quem o regente concedia tal honra. Na câmara de Wienis, Hardin acomodou-se confortavelmente e aceitou com um murmúrio de gratidão o cálice de licor que o regente lhe ofereceu.

- Vinho de Locris, Hardin - disse Wienis - das adegas reais. O genuíno com duzentos anos. Foi preparado ainda antes da Revolução de Zeônia.

- Uma bebida verdadeiramente real - concordou Hardin delicadamente. - À saúde de Leopoldo I, Rei de Anacreon.

Beberam, e Wienis acrescentou, aproveitando uma pausa

- E dentro de pouco tempo Imperador da Periferia, e mais além, quem sabe? Talvez a Galáxia volte a unir-se um dia.

- Sem dúvida. Será Anacreon um traço de união?

- Por que não? Com a ajuda da Fundação, a nossa superioridade científica sobre o resto da Periferia seria indiscutível.

Hardin pôs de parte o cálice vazio e disse:

- Está bem, à exceção de que a Fundação se comprometeu a auxiliar qualquer nação que lhe peça auxílio científico. Devido aos altos ideais do nosso governo, e à grande finalidade moral do nosso fundador, Hari Seldon, não podemos mostrar favoritismo. Não pode ser evitado Alteza.

O sorriso de Wienis aumentou.

- O Espírito Galáctico, para usar o rifão popular, ajuda aqueles que por si se ajudam. Acredito sinceramente que a Fundação, de vontade própria, nunca colaboraria.

- Não quero chegar a tanto. Reparamos para Anacreon o cruzador Imperial, apesar da minha administração de navegação o querer para si para estudos.

- Para estudo! - O Regente repetiu aquelas últimas palavras com ironia. - Sim, mas não o repariam se eu não tivesse ameaçado com guerra.

- Não estou muito certo disso.

- Eu estou. A ameaça sempre se manteve.

- E continua a manter-se?

- Agora é tarde demais para falarmos de ameaças. - Wienis lançara um

rápido olhar ao relógio sobre a sua mesa. - Você, Hardin, já esteve uma vez antes em Anacreon, não esteve? Éramos os dois jovens, então. Mesmo assim, já tínhamos maneiras diferentes de ver as coisas. Você é o que se chama um homem de paz, não é verdade?

- Suponho bem que sim. Pelo menos considero a violência como um meio pouco econômico de atingir um fim. Há sempre melhores substitutos, embora por vezes sejam menos diretos.

- Já ouvi o seu famoso dito: - A violência é o último refúgio dos incompetentes. - E no entanto - o Regente cocou uma orelha, afetando abstração - não me considero exatamente incompetente.

Hardin aquiesceu com delicadeza, e não respondeu.

- E apesar disso - continuou Wienis - sempre acreditei na ação direta. Acredito no abrir caminho para determinado objetivo e segui-lo direto. Tenho ganho muito com esse processo, e espero lucrar ainda mais.

- Eu sei - interrompeu Hardin. - Creio que está abrindo um caminho para você e para os seus descendentes, que conduz diretamente ao trono, considerando a recente e infeliz morte do pai do Rei - seu irmão mais velho - e o estado precário de saúde do próprio Rei. Não está muito bem de saúde, não é?

Wienis acusou o impacto, e a sua voz tornou-se mais áspera.

- Talvez seja aconselhável evitar certos assuntos, Hardin. Talvez se considere privilegiado, como Prefeito de Terminus, de fazer algumas observações, mas se é essa a sua idéia, deixe-a de lado. Não me amedronto com palavras. Tem sido minha filosofia que todas as dificuldades desaparecem quando enfrentadas com coragem, e até hoje não dei as costas a nenhuma.

- Não duvido. A que dificuldade especial se recusa a dar as costas neste momento?

- A dificuldade de convencer a Fundação a colaborar. A sua política de paz levou-o a cometer sérios erros, simplesmente por ter menosprezado a ousadia do seu adversário. Nem todos têm tanto medo da ação direta como você.

- Dê-me um exemplo - sugeriu Hardin.

- Você, por exemplo, veio a Anacreon sozinho, e veio até à minha câmara sozinho.

Hardin olhou à sua volta.

- E que tem isso?

- Nada - respondeu o Regente - exceto que lá fora há cinco policiais bem armados, e prontos para atirar. Acho que não deve tornar a sair, Hardin.

As sobrancelhas do Prefeito arquearam-se interrogativamente.

- Não tenho qualquer desejo imediato de partir. Tem assim tanto medo de mim?

- Não tenho medo nenhum. Talvez isto seja uma maneira de o impressionar com a minha determinação. Posso denominar de uma atitude?

- Denomine-a do que quiser - disse Hardin indiferente. - Não vou incomodar-me por causa deste incidente, não obstante os nomes que lhe dê.

- Estou certo de que essa atitude mudará com o tempo. Contudo ainda outro erro, Hardin, e um erro grave. Parece que o planeta Terminus está completamente indefeso.

- Naturalmente. Que temos nós a temer? Não ameaçamos os interesses de ninguém e servimos a todos.

- Enquanto se mantiveram indefesos, amavelmente nos ajudaram a nos armarmos, auxiliando-nos especialmente na reconstrução da Armada, uma grande Armada. Falando com sinceridade, agora com a doação do cruzador imperial tornou-se invencível.

- Alteza, está perdendo o seu tempo. - Hardin fez menção de se levantar. - Se quiser declarar guerra, e está amavelmente informando-me do fato, quer ter a gentileza de permitir que eu entre em contato com o meu Governo, imediatamente.

- Sente-se, Hardin. Não estou declarando guerra, e você não vai entrar em contato com o seu Governo, de qualquer forma. Quando a guerra for declarada - não declarada Hardin, mas feita - a Fundação será informada disso a tempo, pelas explosões atômicas da Armada de Anacreon, sob a chefia do meu próprio filho, a bordo da nave Almirante Wienis, outrora cruzador da Armada Imperial.

- E quando irá tudo isso acontecer?

- Se está verdadeiramente interessado, as naves deixaram Anacreon há precisamente cinqüenta minutos, às onze, e o primeiro tiro será disparado assim que avistem Terminus, o que deve acontecer amanhã à tarde. Pode, portanto, considerar-se prisioneiro de guerra.

- É precisamente assim que me considero, Alteza, mas para falar a

verdade, sinto-me um pouco desiludido.

- É tudo quanto me tem a dizer?

- Julguei que no momento da coroação, à meia-noite, seria a hora lógica de pôr a esquadra em movimento. Evidentemente que, se quer começar a guerra ainda como Regente, está bem. Seria mais dramático, da outra maneira.

O Regente olhou-o fixamente.

- Pelo Espaço! De que é que o senhor está falando?

- Não compreende? - A voz de Hardin estava calma. - Eu tinha preparado minha contra-ofensiva para a meia-noite.

Wienis ergueu-se da cadeira.

- Está blefando. Não há qualquer contra-ofensiva. Se conta com o apoio dos outros reinos, o melhor é perder as esperanças. As Armadas deles todas juntas não bastam para enfrentar a nossa.

- Já sei, e não tenciono disparar um único tiro. Simplesmente, há uma semana que dei ordens para que Anacreon, hoje à meia-noite, ficasse sob interdição.

- Interdição?

- Se não compreende, deixe-me explicar-lhe em poucas palavras: quer dizer que, à meia-noite, todos os sacerdotes em Anacreon estarão em greve, a não ser que eu ordene o contrário. Mas não posso fazê-lo porque me encontro prisioneiro, não o faria mesmo que pudesse! - Inclinou-se para o seu interlocutor, e continuou animadamente: - Não compreende, alteza, que atacar a Fundação é o maior sacrilégio que se pode cometer?

Wienis procurava controlar-se.

- Não diga isso a mim, Hardin, conserve essas mentiras para as multidões.

- Meu caro Wienis, mas para quem é que julga que eu faço estas coisas? Há pelo menos um quarto de hora que, em cada templo de Anacreon, há uma multidão ouvindo as exortações dos sacerdotes sobre esse mesmo assunto. Não há um único indivíduo em todo o planeta que, a esta hora, não saiba que o seu Governo se lançou num ataque vicioso e sem qualquer provocação, contra o centro de sua religião. Faltam apenas quatro minutos para a meia-noite, o melhor que tem a fazer é ir para o salão e observar o desenrolar dos acontecimentos. Eu estarei seguro aqui, com cinco guardas à porta. - Recostou-se na cadeira, serviu-

se de mais um cálice de vinho de Locris, e ficou olhando para o teto, numa atitude de grande indiferença.

Wienis atroou o ar com uma praga, e correu para fora do quarto.

O silêncio caíra sobre a nobreza no salão, enquanto abriam caminho até o trono. Leopoldo estava sentado lá, braços apoiados, cabeça erguida, rosto imóvel. Os enormes candeeiros tinham abrandado a sua luz, e as pequenas luzes multicolores das lâmpadas atômicas, que ponteavam o teto, faziam com que a auréola, que cercava o rei, mais se avolumasse, formando uma coroa de fogo sobre sua cabeça.

Wienis parou no alto das escadas. Ninguém o viu, todos os olhares estavam dirigidos para o trono. Ficou onde se encontrava, cerrou os punhos e esperou, daquela vez, Hardin nada ganharia com o seu blefe.

Naquele momento o trono moveu-se. Sem ruído subiu e pairou no ar. A três palmos do chão ia avançando lentamente para a enorme janela. Ao som do sino que anunciava a meia-noite parou defronte da janela e a auréola do rei morreu.

Durante um segundo o rei não se moveu, rosto contraído de surpresa, sem a sua luz, um ser meramente humano, o trono vacilou e tombou no chão, com estrondo, enquanto todas as luzes do palácio se apagaram.

Através da confusão que se seguiu ouviu-se a voz poderosa de Wienis, pedindo archotes. De uma maneira ou outra a sala foi lentamente sendo iluminada com os gigantescos archotes que serviram na procissão da Coroação.

Para o salão corriam os guardas com archotes verdes, vermelhos e azuis à luz dos quais se viam rostos amedrontados.

- Não há mal nenhum - gritou Wienis. - Mantenham os seus lugares. A energia voltará dentro de momentos. - Voltou-se para o Capitão da Guarda que o esperava em posição de sentido. - Que está acontecendo, capitão?

- Alteza, o palácio está cercado pelo povo da cidade.

- Que querem.eles?

- Vem à frente um sacerdote que foi identificado como sendo o sumo-sacerdote Poly Verisof. Pede a libertação imediata do prefeito Salvor Hardin e o cessar da guerra contra a Fundação. - O relato foi feito numa voz incolor, mas os olhos demonstravam bem o seu receio.

- Se algum desses malditos tentar ultrapassar os portões, mate-o. Nada

mais por enquanto. Deixe-os gritar. Amanhã ajustaremos contas.

O salão estava mais uma vez iluminado. Wienis correu para o trono e pôs Leopoldo, pálido e amedrontado, de pé.

- Venha comigo. Olhou uma vez mais para a janela. A cidade estava às escuras. Da rua subiam os gritos confusos da multidão. Só do lado direito onde ficava o templo de Argolid havia luz. Soltou uma praga e arrastou consigo o rei.

Wienis entrou nos seus aposentos como um furacão, seguido pelos cinco guardas. Leopoldo seguiu-o de olhos amedrontados, incapaz de proferir palavra.

- Hardin - disse Wienis com voz rouca - você joga com forças superiores às suas.

O prefeito ignorou Wienis. À luz pálida da lâmpada atômica que ardia a seu lado manteve-se sentado, um sorriso de ironia vincando-lhe o rosto.

- Bom dia, Majestade - disse a Leopoldo. - Quero cumprimentá-lo pela sua coroação.

- Hardin - gritou mais uma vez Wienis - ordene aos sacerdotes que voltem às suas tarefas.

- Ordene você - Wienis - e veja para quem são superiores as forças. Neste momento não há uma única máquina em movimento em Anacreon. Não brilha uma única luz, a não ser nos Templos. Não há uma gota de água exceto nos Templos. Na parte fria do planeta não há calor, exceto nos Templos. Nos hospitais não aceitam mais doentes e os geradores estão fechados. As naves estão impossibilitadas de se mover. Se não estiver gostando da situação, Wienis, ordene aos sacerdotes que voltem ao trabalho. Eu não o faço.

- Pelo Espaço, Hardin, é o que vou fazer. Se isto for o fim que seja. Veremos se os seus sacerdotes são mais fortes do que o exército. Esta noite todos os templos do planeta estarão sob guarda.

- Muito bem, mas como é que vão ser transmitidas as ordens? Todas as linhas de comunicação no planeta estão interrompidas. O rádio não funciona, a televisão não funciona, e o serviço de ultra-ondas também não. Para ser franco, o único comunicador que funciona em todo o planeta - fora dos Templos, está claro - é o televisor deste quarto e mesmo esse só o arranjei para a recepção.

Hardin continuou perante o emudecimento de Wienis:

- Pode mandar o seu exército forçar a entrada do Templo de Argolid a fim de se pôr em contato com o resto do planeta, através do aparelho de ondas

que lá existe. Mas se o fizer esse seu contingente será massacrado e então quem protegerá o palácio e a sua vida, Wienis?

- Podemos resistir, demônio, pelo menos por hoje. Deixe que a multidão urre, e que a energia morra, porém nós havemos de resistir. E quando chegarem as notícias de que a sua Fundação foi tomada, essa sua preciosa turba descobrirá sobre que vácuo assenta a sua religião para a seguir escorraçar os seus sacerdotes e atacá-los. Dou-lhe até amanhã à tarde, Hardin que pode fazer parar a energia em todo o Anacreon, mas nada poderá fazer para impedir a minha Armada. - A sua voz era agora de exultação. - Vão a caminho, Hardin, com o grande cruzador que você mesmo mandou reparar - à cabeça.

Hardin replicou prontamente:

- Sim, o cruzador que eu mesmo mandei reparar, mas a meu modo. Diga-me, Wienis: já ouviu falar numa cadeia de ultra-ondas? Vejo que não. Dentro de aproximadamente dois minutos poderá ver qual o efeito.

O televisor vibrou, e ele emendou:

- Não, em dois segundos Sente-se Wienis, e ouça.

Theo Aporat era um dos mais categorizados sacerdotes de Anacreon. Era-lhe devida sua nomeação como sacerdote-chefe da nave almirante Wienis. Contudo não era simplesmente uma questão de honra ou de primazia. Ele conhecia bem a nave, pois trabalhara na sua reparação sob as ordens dos homens santos da Fundação. Ele mesmo colaborara quando estes sábios instalaram um aparelho tão sagrado que nunca fora colocado antes em qualquer outra nave. Fora reservado para aquela unidade colossal - a cadeia de ultra-ondas. Não seria de espantar que se sentisse mal quanto ao fim a que se destinava aquela nave. Jamais acreditara no que lhe dissera Verisof - que a nave era um veículo do mal, que suas armas se voltariam contra a Fundação, que se voltariam contra essa mesma Fundação onde ele fora educado na juventude e da qual provinham todas as bênçãos.

Mas agora já não podia duvidar depois do que o almirante lhe dissera.

Como podia o rei, descendente de Deus, permitir um ato tão abominável? Seria o rei culpado? Não seria antes uma ação daquele amaldiçoado Regente Wienis, sem conhecimento do rei. E fora o filho do próprio Wienis, almirante da nave que lhe dissera há cinco minutos:

- Atente para as suas bênçãos e ao descanso das almas, sacerdote, que eu

atento para a minha nave.

Aporat teve um sorriso de maldade. Atenderia às bênçãos, mas também ás maldições, e esse príncipe Lefkin, depressa cantaria uma outra ária. Naquele momento entrara na sala das comunicações gerais. O seu acólito acompanhava-o, e os oficiais da guarda não lhes deram maior importância. O sacerdote-chefe tinha entrada franca em todas as partes da nave.

- Feche a porta - ordenou Aporat, olhando em seguida o seu cronômetro. - Faltavam cinco minutos para as doze. Tudo fora bem planejado.

Com movimentos rápidos, ele moveu todas as pequenas alavancas que abriam as comunicações de modo que, em toda a imensa nave, se vissem e ouvissem sua imagem e sua voz.

- Soldados da nave real Wienis! Ouçam! É o sacerdote quem lhes fala! - Sua voz vibrou de extremo a extremo da nave. - A nave destina-se a um sacrifício. Sem o saber estão atuando de modo a condenar a alma de vocês à eterna frigidez do Espaço! Ouçam! É intenção do almirante levar esta nave até à Fundação, e ali reduzir a pó a fonte de todas as bênçãos, de modo a submetê-la à sua vontade pecaminosa. E desde que é essa a sua intenção, eu, em nome do Espírito Galáctico, demito-o do seu comando, pois não há comando onde for retirada a bênção do Espírito. Nem mesmo o divino rei poderá reinar sem o seu consentimento. - A sua voz assumiu um som cavo, enquanto o acólito o escutava com veneração e os dois oficiais com temor crescente. - E por esta nave se destinar a uma tarefa demoníaca, dela é também retirada a bênção do Espírito.

Levantou os braços, e, perante os mil televisores de toda a nave, os soldados acovardaram-se enquanto que a imagem do sacerdote prosseguia na sua exortação:

- Em nome do Espírito Galáctico e do seu profeta Hari Seldon, e dos seus intérpretes, os santos homens da Fundação, amaldiçôo esta nave. Que os seus televisores fiquem sem imagem. Que suas hélices, como os lemes, se paralisem. Que suas armas, como punhos, percam sua função. Que os seus motores como um coração, cessem de bater. Que suas comunicações, como a sua voz, emudeçam. Que os seus ventiladores, como sua respiração, desapareçam. Que suas luzes, como a sua alma, se percam no nada. Em nome do Espírito Galáctico assim amaldiçôo esta nave.

Com a sua última palavra, ao bater a última badalada da meia-noite, a mão de alguém, à distância de milhares de anos-luz, no Templo de Argolid, abriu a cadeia de ultra-ondas que, transmitida a velocidade instantânea, abriu outra,

controlando assim toda a nave.

E a nave morreu!

Pois é característica principal da religião da ciência, todas as coisas proclamadas poderem ser concretizadas, e maldições como as de Aporat poderem na realidade ser mortais.

Aporat viu a escuridão descer sobre a nave e o cessar imediato do distante ruído dos motores superatômicos. Naquele momento exultou, e da algibeira de sua túnica retirou uma lâmpada que inundou de luz toda a sala. Olhou os dois soldados que, embora fossem corajosos, torciam-se de joelhos, no extremo de um terror mortal.

- Reverência, salve as nossas almas. Somos pobres homens ignorantes dos crimes dos nossos chefes - gemeu um.

- Sigam-me - disse Aporat com severidade. - Ainda não perdeu sua alma.

A nave era um turbilhão de escuridão na qual o terror era quase palpável. Os soldados seguiam onde quer que Aporat aparecesse seguido da sua luz, tentando tocar a sua túnica, pedindo misericórdia.

A sua resposta era sempre a mesma:

- Sigam-me!

Encontrou o príncipe Lefkin tentando abrir caminho no meio da escuridão e clamando por luzes. O almirante olhou o sacerdote com ódio.

- Eia! - Lefkin herdara os olhos azuis de sua mãe, mas todas as outras características o denunciariam como filho de seu pai. - Qual é o significado de suas ações traidoras? Devolva a energia à nave, aqui quem manda sou eu.

- Jamais!

Lefkin olhou à sua volta.

- Prendam esse homem ou, pelo Espaço, mandarei matar todos os homens que aqui se encontram. - Fez uma pausa e depois gritou: - É o almirante que ordena. Prendam-no!

Depois perdendo completamente a cabeça:

- Deixam-se enganar por este palhaço? Sentem covardia perante uma religião composta de nuvens e de raios de lua! Este homem é um impostor e esse Espírito Galáctico de que fala é uma fraude da imaginação com o fim de ...

Aporat interrompeu-o furiosamente.

- Prendam o blasfemador! Escutam-no com perigo das vossas almas.

E de supetão o nobre almirante caiu agarrado por dezenas de soldados.

- Tragam-no e sigam-me.

Aporat voltou-se, e com Lefkin arrastado, regressou à sala de comunicações. Ali mandou pôr o ex-comandante perante o único televisor que trabalhava.

- Ordene ao resto da Armada que prepare o seu regresso a Anacreon.

E Lefkin desgrenhado, batido e sangrando, meio inconsciente assim fez.

- E agora - continuou Aporat com firmeza - que estamos em contato com Anacreon, fale como eu lhe ordeno.

Lefkin fez um gesto negativo, e a multidão de soldados rosnou.

- Fale! Comece: a Armada de Anacreon...

Lefkin começou a falar.

Reinava um silêncio total nos aposentos de Wienis, quando a imagem do príncipe Lefkin apareceu no televisor. Houve uma exclamação de espanto do Regente, ao ver o uniforme esfarrapado do seu filho, deixando-se em seguida cair numa cadeira com o rosto contraído de surpresa e apreensão.

Hardin escutou atentamente, mãos cruzadas sobre os joelhos, enquanto o Rei Leopoldo se encolhia no canto mais escuro da sala, aterrorizado. Mesmo os guardas tinham perdido toda a postura tradicional, e amontoavam-se junto à porta olhando furtivamente a imagem no televisor.

Lefkin falava com voz cansada e relutante, fazendo freqüentes pausas como se estivesse sendo obrigado.

- A Armada de Anacreon... consciente da natureza da sua missão... e recusando ser parte... desse abominável sacrilégio... regressa a Anacreon... dando o seguinte ultimato... a esses pecadores blasfemos... que se atreveriam a usar força profana... contra a Fundação... fonte de todas as bênçãos... e contra o Espírito Galáctico. Cessem imediatamente toda a guerra contra... a verdadeira fé ... e garantam-nos de maneira a satisfazer a nossa Armada... representada pelo nosso... sacerdote Theo Aporat... que tal guerra nunca será no futuro... retomada, e que - houve aqui uma longa pausa para depois continuar - e que o ex-príncipe

Regente Wienis... seja aprisionado... e julgado perante um tribunal eclesiástico... pelos seus crimes. Caso contrário, a Armada Real... ao regressar a Anacreon, reduzirá o palácio a pó... e tomará quaisquer outras medidas... que lhe pareçam necessárias... para destruir esse ninho de pecadores...

A voz terminou com um soluço, a imagem desapareceu da tela.

Os dedos de Hardin acariciaram a lâmpada atômica e a sua luz foi diminuindo até o regente, rei e guardas não serem mais do que sombras, e pela primeira vez se viu a auréola que cercava Hardin.

Era menos brilhante do que a feérica luz que envolvera o rei, e menos espetacular, menos impressionante, mas mais útil e efetiva.

A voz de Hardin era ligeiramente sarcástica ao dirigir-se ao mesmo Wienis que uma hora antes o tinha declarado prisioneiro de guerra, e a Terminus no ponto de destruição, e que agora não passava de uma sombra, aniquilado e silencioso.

- Há uma antiga fábula - disse Hardin - talvez tão antiga quanto a humanidade, pois que os mais antigos arquivos que a contêm são meras cópias de outras ainda mais antigas, que talvez interesse:

- Um cavalo, tendo como inimigo um ferocíssimo lobo, vivia em temor permanente pela sua vida. Tendo chegado ao desespero, ocorreu-lhe a idéia de procurar um aliado forte. Assim aproximou-se de um homem e ofereceu-lhe aliança, frisando que o lobo também era inimigo do homem. O homem aceitou a aliança e prometeu matar o lobo imediatamente, se o seu novo aliado permitisse a utilização da sua maior rapidez. O cavalo aceitou e permitiu ao homem que lhe colocasse um freio e uma sela. O homem então montou-o, caçou o lobo e matou-o. O cavalo contente, agradeceu ao homem e disse: Agora que o nosso inimigo está morto, tire-me este freio e sela, e devolva-me a liberdade. O homem riu e respondeu: - Não me diga isso. Vá andando. E aplicou-lhe as esporas.

O silêncio continuava. A sombra que era Wienis não se moveu. Hardin continuou então tranqüilamente.

- Espero que compreenda a analogia. Na sua ansiedade pela dominação total dos seus povos, os reis dos Quatro Reinos aceitaram a religião da ciência que os tornava divinos, e essa mesma religião da ciência era o seu freio e sela, pois deixava o sangue desse poder nas mãos dos sacerdotes - que recebiam ordens nossas e não de vocês. Vocês mataram o lobo, mas não conseguiram livrar-se do...

Wienis pôs-se de pé num salto, olhar enlouquecido, a voz incoerente.

- De você eu me livrarei. Não escapará. Não me importa que nos matem a todos, que destruam tudo, mas você não escapará!

- Guardas! Matem aquele diabo! Matem-no! Matem-no!

Hardin deu uma volta na cadeira de maneira a poder encarar os guardas, e sorriu. Houve um que lhe apontou a arma, para logo baixá-la. Os outros nem sequer se moveram.

Salvor Hardin, cercado por uma tênue auréola, sorrindo de modo tão confiante, perante quem se desfizera todo o poderio de Anacreon, era demais para eles.

Com uma praga Wienis correu para o guarda mais próximo, arrancou-lhe a arma da mão e, apontando-a para Hardin, acionou o gatilho.

O feixe de energia foi absorvido pelo campo magnético que envolvia Hardin, e neutralizado. Wienis continuava a acionar o gatilho, rindo como um louco.

Hardin continuava sorridente, no seu canto, Leopoldo cobria os olhos e gemia. Por fim, com um grito de desespero, Wienis apontou a arma contra ele próprio, e caiu fulminado no chão.

O rosto de Hardin contraiu-se, e ele murmurou:

- Até o fim, um homem de ação direta. O último refúgio!

O Cofre estava cheio de gente, o número ultrapassava a sua capacidade.

Salvor Hardin comparou mentalmente esta assistência, com a anterior que esperara a primeira aparição de Hari Seldon, havia trinta anos. Haviam sido apenas seis, os cinco velhos Enciclopédicos e ele próprio. Fora naquele mesmo dia que ele e Yohan Lee tinham decidido agir.

Agora tudo era diferente sob todos os aspectos. O Conselho da Cidade, em sua totalidade, esperava a aparição de Seldon. Ele próprio continuava a ser o Prefeito, agora todo-poderoso, e desde a queda de Anacreon, muito popular. Quando regressava de Anacreon, com a notícia da morte de Wienis, e dos novos tratados assinados com o atemorizado Leopoldo, fora recebido com um unânime voto de confiança. Quando isto foi seguido em ordem sucessiva, por outros tratados semelhantes, assinados pelos outros três reinos - tratados tais que davam à Fundação plenos poderes a fim de que o caso de Anacreon não fosse repetido -

formaram-se procissões em todas as ruas de Terminus. Nem o nome de Hari Seldon fora jamais tão exaltado.

Tal popularidade ele sentira depois da primeira crise.

Do outro lado da sala, Sef Sermak e Lewis Bort discutiam animadamente, pois os recentes acontecimentos pareciam ter esfriado o seu entusiasmo. Tinham aderido ao voto de confiança, e feito discursos em público, proclamando o seu erro, desculpando-se de certas frases pouco condizentes que tinham empregado em debates anteriores, argumentando que tinham simplesmente seguido o que lhes ditara o seu juízo e a sua consciência - para logo em seguida se lançarem numa nova campanha Acionista. Yohan Lee puxou pela manga de Hardin, e apontou significativamente para o relógio.

Hardin levantou a cabeça.

- Olá, Lee. Ainda está contra mim? Que há desta vez?

- Dentro de cinco minutos estará na hora.

- Acho que sim. Da outra vez apareceu à tarde.

- E se ele não vier?

- Quando é que vai parar com essas suas dúvidas? Se não vier, acabou-se.

- Se isto falhar, estaremos metidos em mais outra encrenca. Sem o apoio de Seldon para o que você acabou de fazer, Sermak ficará livre para poder recomeçar. Ele é partidário da anexação dos Quatro Reinos, e expansão imediata da Fundação - pela força se necessário. Já iniciou até a sua campanha.

- Um homem que coma fogo uma vez, deverá comê-lo sempre, mesmo que para isso o tenha de acender. E você deve ter preocupações, mesmo que tenha de matar-se para as arranjar.

Lee teria respondido se não fossem as luzes começarem, naquele momento, a se apagar, levantou o braço para apontar o cubículo de vidro que dominava a sala, e deixou-se cair numa cadeira com um suspiro.

O próprio Hardin endireitou-se, à vista da figura que enchia agora o cubículo - um homem numa cadeira de rodas! Só ele, de todos os presentes, se recordava do dia, passado há décadas, em que a mesma figura havia aparecido pela primeira vez, o homem da cadeira de rodas, desde então, não tinha envelhecido, enquanto que ele...

O homem inclinou-se para a frente, mãos acariciando um livro sobre os

joelhos.

- Sou Hari Seldon! - A voz era meiga.

Quase não se ouvia a respiração dos presentes, e Seldon continuou em tom de conversa:

- Esta é a segunda vez que aqui me encontro. Claro que não sei se algum dos presentes aqui estava da primeira vez. Na verdade não tenho poderes para dizer, por sentido de percepção, se alguém se encontra nesta sala, mas isso não importa. Se a segunda crise foi superada com êxito, devem estar aqui, não há qualquer outra possibilidade. Se não estiver ninguém, quer dizer que a segunda crise foi muito pesada para as suas forças.

- Duvido, porque os meus cálculos indicam uma possibilidade de noventa e oito ponto quatro por cento, de não haver qualquer desvio do Plano, nos primeiros oitenta anos.

- De acordo com os nossos cálculos, dominam agora os reinos bárbaros que circundam a Fundação. Como da primeira crise, conseguiram-no através do uso do Equilíbrio do Poder, da segunda, venceram pela aplicação do Poder Espiritual contra o Poder Temporal. Contudo, não quero que se tornem muito confiantes. Não é meu sistema dar-lhes qualquer conhecimento antecipado, através destas gravações, mas posso indicar-lhes com segurança que, o que agora conseguiram, foi unicamente um novo equilíbrio - equilíbrio esse que melhora consideravelmente a posição de vocês. O Poder Espiritual, conquanto seja suficiente para se defender dos ataques do Temporal, não é suficiente para, por sua vez, atacar. Por causa do crescimento de uma força oponente conhecida como Regionalismo ou Nacionalismo, o Poder Espiritual não pode prevalecer. Estou certo de que nada disto seja novidade para vocês.

- Devem perdoar-me por lhes falar de maneira imprecisa. Os termos que emprego são, quando muito, meras aproximações, mas nenhum de vocês está habilitado a compreender a verdadeira simbologia da psicohistória, e assim devo me esforçar. Neste caso, a Fundação está no início do caminho que levará a fundação de um novo Império. Os reinos circunvizinhos são ainda muito fortes em comparação com vocês. Fora deles há ainda uma vasta selva de barbarismo, que se estende por toda a Galáxia. Dentro desses limites, ainda existe o que resta do Império Galáctico - que apesar de decadente e debilitado, é ainda muito poderoso.

Nesta altura, Hari Seldon levantou o livro e abriu-o. O seu rosto tornou-se solene.

- E nunca se esqueçam de que há oitenta anos foi estabelecida uma outra Fundação, do outro lado da Galáxia, na Ponte das Estrelas. Estarão sempre lá para serem avaliados. Cavalheiros, estendem-se à sua frente novecentos e vinte anos do Plano. O problema é de vocês. Resolvam-no!

Os olhos baixaram-se para o livro e a sua imagem desapareceu, enquanto que as luzes voltavam. Na confusão de vozes que irrompeu, Lee inclinou-se para Hardin e segredou:

- Ele não disse quando voltaria.

Hardin retorquiu:

- Bem sei, mas confio que não volte, antes que você e eu estejamos confortavelmente mortos!

PARTE IV – OS COMERCIANTES

COMERCIANTES — ... na vanguarda da propagação política da Fundação estavam os Comerciantes, alcançando com os seus tentáculos as mais remotas distâncias da Periferia. Meses, e mesmo anos, passavam-se entre as suas idas e vindas a Terminus, muitas das vezes suas naves não passavam de improvisados barcos quase primitivos, sua honestidade não era exemplar, a sua audácia...

Através de tudo, forjaram um Império mais duradouro do que o pseudo religiosismo despótico dos Quatro Reinos...

Histórias sem conta de suas figuras solitárias, adotivas, meio sisudas meio brincalhonas, de um conceito extraído de um dos epigramas de Salvor Hardin (Nunca permitam que o sentido de moralidade impeça de fazer o que é justo!), são passadas de geração em geração. E difícil estabelecer quais das histórias são verídicas e quais são lendas. Provavelmente não há nenhuma que não tenha sofrido deturpação...

Enciclopédia Galáctica

Limmar Ponyets estava ensaboado quando a chamada chegou ao seu receptor - uma situação um tanto ou quanto ridícula, mesmo no espaço da Periferia Galáctica.

Por sorte, a parte de uma nave mercante privativa, que não é destinada à arrumação de mercadorias, é extremamente pequena, tanto que o chuveiro se encontrava a poucos centímetros do painel de "controle". Ponyets ouviu claramente o ruído do receptor.

A escorrer sabão e pragas, correu até o aparelho para ajustar o fone, de modo que três horas mais tarde uma outra nave parava ao lado da sua, e um jovem sorridente atravessava o espaço entre as duas, através do tubo de ar, estendido entre as naves.

Ponyets puxou sua melhor cadeira, enquanto ele próprio se sentava no banco de comando.

- Que andou fazendo, Gorm? Você vem me perseguindo desde a Fundação?

Les Gorm puxou um cigarro e abanou a cabeça com ar decidido.

- Eu? Nem por sombras. Fui o tolo que caiu na asneira de aterrar em Glyptal IV, no dia seguinte ao da chegada do correio, de modo que me mandaram correr atrás de você, com isto.

A pequena esfera brilhante mudou de mãos, e Gorm ajuntou:

- É confidencial. Supersecreto. Não pode ser confiado aos transmissores e tudo o mais. É o que depreendo. Pelo menos é um estojo pessoal, e ninguém além de você poderá abri-lo.

Ponyets olhou o estojo com desgosto.

- Isso vejo eu. Até hoje ainda não ouvi falar de um único destes que trouxesse boas notícias.

O estojo abriu-se na sua mão, e dele saiu uma fita transparente que se desenrolou. Os olhos correram pela mensagem, pois quando a última parte da fita se desenrolava, já a primeira amarelecia e encarquilhava. Em minuto e meio tornara-se negra, e começava já a desintegrar-se, molécula por molécula.

Ponyets exclamou:

- Oh, Galáxia!

Les Gorm interpelou-o sossegadamente:

- Posso ajudar ou é muito secreto?

- Posso dizer-lhe desde que pertence à Agremiação. Devo ir a Askone.

- Por quê?

- Aprisionaram um comerciante. Guarde segredo.

A expressão de Gorm alterou-se.

- Preso. Mas isso é contra a Convenção.

- Também a interferência na política local o é.

- Então foi isso que ele fez? - Gorm meditou. - Quem é ele? Alguém que eu conheça?

- Não! - Pelo tom de voz de Ponyets, Gorm perceber que não devia fazer mais perguntas.

Ponyets levantou-se, e olhou pensativo para fora da vigia, murmurou coisas vagas e fortes contra a parte da Galáxia que podia dali ser avistada, e por fim disse em voz alta:

- Mas que grande enrascada! Ainda por cima minha quota está em atraso.

Fez-se luz no intelecto de Gorm.

- Hei, amigo! Askone é área interditada.

- É verdade. Não se pode vender nem um canivete em Askone. Não compram aparelhagem atômica de qualquer espécie. Atrasado como estou, não sei o que acontecerá se tiver de ir lá.

- Não há alguma maneira de poder livrar-se?

Ponyets abanou a cabeça.

- Conheço o indivíduo em questão. Não se pode abandonar um amigo. Nada a fazer. Estou nas mãos do Espírito Galáctico, e sigo com alegria o caminho que ele me indica.

Gorm fez uma careta. O outro olhou-o e riu.

- Esqueci. Nunca leu o "Livro do Espírito", não é?

- Nem sequer ouvi falar nele.

- Teria sim, se tivesse tido preparação religiosa.

- Preparação religiosa? Para o sacerdócio. - Gorm estava profundamente chocado.

- Receio que sim. E o meu segredo vergonhoso e secreto. Acho, no entanto que constitui um problema sério demais para os Reverendos. Expulsaram-se, por razões suficientes para que a Fundação se encarregasse de me dar uma educação mais vulgar. Olhe lá, o melhor é eu ir embora. Como vai a sua quota deste ano?

- Gorm apagou o cigarro e ajeitou o boné.

- A minha última carga já vai seguindo. Acho que tudo vai bem.

- Homem de sorte! - Minutos depois de Gorm ter saído, ainda ele estava entregue às suas meditações.

Então Eskel Gorov estava em Askone - e na prisão!

Era mau! Na verdade era muito mais delicado do que parecia. Uma coisa era contar a um jovem inexperiente uma versão diluída do negócio de modo a satisfazer-lhe a curiosidade: outra coisa era encarar a verdade.

Limmar Ponyets era uma das poucas pessoas a saber que Eskel Gorov

não era sequer um comerciante, mas sim uma coisa muito diferente: um agente da Fundação!

Duas semanas passadas! Duas semanas perdidas.

Uma semana para chegar a Askone, em cujos extremos limites tinham aparecido vigilantes naves de guerra vindas ao seu encontro em números cada vez maiores. Qualquer que fosse o seu sistema de detecção, trabalhava - e bem.

Puseram-se ao seu lado, sem um sinal, mantendo a distância, colocando-o em direção ao centro de Askone.

Ponyets poderia ter resolvido a situação caso tivesse desejado, pois aquelas naves nem sequer eram verdadeiras naves de guerra, mas sim naves de cruzeiro do tempo do Império e sem armas atômicas eram impotentes. Porém Eskel Gorov estava prisioneiro em suas mãos, e Gorov não era de perder. Os askonianos deviam-no saber.

Depois mais outra semana - uma semana caminhando um caminho fatigante entre nuvens de oficiais subalternos que formavam a barreira entre o Grão-mestre e o mundo. Cada insignificante subsecretário tinha de ser aplacado, para que essa assinatura figurasse no papel que lhe dava direito a ver o oficial imediatamente superior.

Pela primeira vez os seus papéis de comerciante eram inúteis.

Agora, por fim, o Grão-mestre encontrava-se do outro lado daquela porta dourada, flanqueada por guardas - e duas semanas tinham-se passado.

Gorov continuava prisioneiro, e a carga de Ponyets apodrecia inútil, no porão da nave.

O Grão-mestre era um homem baixo, um homem pequeno que começava a perder o cabelo, e com um rosto cheio de rugas, cujo corpo parecia não poder suportar a enorme gola de peles que trazia à volta do pescoço. A um sinal dele, a linha de homens armados abriu-se para dar passagem a Ponyets, até à Cadeira de Estado.

- Não diga nada! - exclamou o Grão-mestre, e os lábios de Ponyets que se preparavam para formular palavras, fecharam-se.

- Isso mesmo. Não tolero conversas inúteis. Não pode me ameaçar, e a adulação está fora de ocasião. Nem há qualquer espaço para queixas. Já perdi a conta das vezes que os avisamos, de que as suas máquinas diabólicas não têm

lugar em Askone.

- Senhor, não há qualquer tentativa para inocentar o comerciante em questão. Não é política dos comerciantes introduzirem-se onde não são chamados. Mas a Galáxia é grande, e uma fronteira foi ultrapassada sem querer. Trata-se de um engano deplorável.

- Decerto deplorável! Mas será engano? O pessoal de Glyptal bombardeia-me com pedidos de negociações desde que este homem foi feito prisioneiro. Por eles fui informado, e por várias vezes, de sua chegada. Parece-me uma campanha de salvamento bem organizada. Parece ter sido tudo bem antecipado - em demasia, para que haja enganos, deploráveis ou não.

Os olhos do askoniano estavam repletos de ironia. Continuou:

- E vocês, comerciantes, voando como borboletas de mundo para mundo, serão tão loucos quanto os seus direitos, que pensam poder aterrar em Askone, no seu mundo maior, no centro do seu sistema, e depois considerá-lo como um engano de demarcação de limites? Vamos, vamos, decerto que não.

Ponyets sentiu-se desanimar, mas não o mostrou.

- Se foi feita alguma tentativa para negociar, foi contra os regulamentos mais estritos da nossa Agremiação.

- Tão contrários que, talvez, o seu colega o pague com a vida.

O comerciante sentiu convulsões no estômago. Ali parecia não haver qualquer irresolução.

- A morte, venerando senhor, é um fenômeno tão irrevogável, que para ele deve haver qualquer opção.

Houve uma pausa antes de vir a resposta cautelosa.

- Já ouvi dizer que a Fundação era rica.

- Rica? Decerto! Mas a nossa riqueza encontra-se precisamente naquilo que recusam. As nossas mercadorias atômicas valem...

- As suas mercadorias não têm valor, pois que lhes falta a bênção ancestral. São objetos amaldiçoados, por estarem sob interdição ancestral. - As palavras eram firmes como uma fórmula recitada.

As pálpebras do Grão-mestre semicerraram-se, e ele disse significativamente:

- Não têm mais nada de valor?

O comerciante não lhes apreendeu o significado.

- Não entendo! Que querem?

O askoniano abriu os braços.

- O senhor me pede que troque de lugar, e que lhe exponha os meus desejos. Acho que não. O seu estimado colega tem de ser castigado da maneira prescrita pelo código de Askone: a morte pelo gás. Somos um povo justo. O camponês mais pobre em caso semelhante não sofreria menos. Eu próprio não sofreria castigo menor.

- Veneradíssimo, poderia me permitir falar com o prisioneiro?

- A lei de Askone não permite comunicação com um homem condenado.

Mentalmente, Ponyets tentou pela última vez.

- Veneradíssimo, posso pedir-lhe ao menos que tenha piedade da alma dele? Durante todo o tempo em que sua vida esteve em perigo, esteve separado da consolação espiritual. Mesmo agora, encara a perspectiva de não estar preparado para ser recebido no seio do Espírito Onipotente.

O Grão-mestre olhou-o desconfiado.

- O senhor é um dos Curadores da Alma?

Ponyets deixou pender a cabeça com ar de humildade.

- Para isso fui preparado. Nas expansões vazias do Espaço os comerciantes têm necessidade de homens como eu, que cuidem do outro lado desta vida de comércio e perseguição de tantos prazeres mundanos.

- Todo o homem devia ter a alma preparada para ir ao encontro dos espíritos ancestrais, no entanto nunca acreditei que vocês, comerciantes, fossem crentes.

Eskel Gorov mexeu-se na cama, quando Limmar Ponyets entrou pela porta fortemente reforçada. Quando aquela se fechou barulhentamente, Gorov acordou sobressaltado.

- Ponyets! Mandaram você!

- Pura coincidência, ou então trabalho do meu malévolo demônio pessoal. Primeiro: arruma encrenca em Askone, segundo: meu roteiro de vendas leva-me à distância de 150 parsecs do sistema onde se dão os acontecimentos

englobados pela primeira parte, terceiro: já trabalhamos em conjunto e a Administração sabe muito bem. Veja bem se não é tudo certo e bom. A resposta é mais que simples.

- Cuidado! Deve haver alguém à escuta. Você tem por acaso um distorcionador?

Ponyets apontou para o bracelete que lhe ornamentava o pulso, e Gorov descontraiu-se. Ponyets olhou ao redor. A cela estava nua e era ampla, bem iluminada e não havia nenhum mau cheiro. Nada mal. Tratam-no como a um príncipe.

- Como conseguiu chegar até aqui? Estou nesta prisão solitária há quase duas semanas.

- Desde que cheguei. Parece-me que aquele passarão que manda aqui tem os seus pontos fracos. Inclina-se para palavras meigas, de modo que usei um truque que deu resultado: eis-me na qualidade de seu conselheiro espiritual. Bem depressa mandaria degolá-lo, sem que isso o preocupasse, porém o destino desconhecido dessa sua problemática alma, preocupa-o. É um pouco de psicologia empírica. Um comerciante deve saber um pouco de tudo.

Gorov sorria com ironia.

- A verdade é que você freqüentou um seminário maior. Está bem, Ponyets, estou contente por terem me enviado você. Porém o Grão-mestre não está unicamente interessado na minha alma. Ele falou-lhe de resgate?

- Deu uma leve sugestão. Também ameaçou com a morte pelo gás. Joguei na certeza e evitei alguma armadilha. Trata-se então de uma extorsão? Que deseja ele?

- Ouro.

- Ouro? O próprio metal? Para que o quer ele?

- É o seu negócio.

- Onde é que conseguirei ouro?

- Onde puder. Ouça-me que isto é importante. Nada me acontecerá, enquanto sua senhoria tiver cheiro de ouro no nariz. Prometa-lhe todo o ouro que ele quiser. Depois volte à Fundação, se for necessário, para arranjá-lo. Quando eu estiver livre, seremos escoltados até fora do sistema, e então nos separaremos.

- Para depois voltar e tentar novamente.

- A minha missão é vender aparelhos atômicos em Askone.

- Mas eles o apanham outra vez antes de ter tempo de fazer o que quer que seja. Já sabe disso.

- Não sei de nada, mesmo que o saiba, não importa.

- Na segunda vez vão matá-lo.

Gorov encolheu os ombros.

- Se devo negociar com o Grão-mestre, quero conhecer toda a história. Até agora andei ás cegas, de modo que as poucas coisas que disse iam deixando sua veneradíssima pessoa fora de si.

- É muito simples. A única maneira que temos de aumentar a segurança da Fundação aqui na Periferia, é formar um império comercial controlado pela religião. Somos ainda muito fracos para forçar um controle político. É tudo o que podemos fazer para segurar os Quatro Reinos.

- Até aqui compreendo. E qualquer sistema que não aceite aparelhos atômicos não pode ser colocado sob "controle" religioso.

- E pode tornar-se um foco de independência e hostilidade.

- Basta de teorias. O que é que impede a venda? Religião? O Grão-mestre deu-o a entender.

- É uma forma de adoração ancestral. A sua tradição fala de um passado mau do qual foram salvos por heróis anônimos e virtuosos. Compara-se ao período anárquico de há um século, quando as tropas imperiais foram expulsas, e foi estabelecido um governo independente. Todo progresso é identificado com o regime imperial do qual se lembram com horror.

- Mas têm umas lindas naves que me identificaram a distância. Cheira-me ali energia atômica.

- Essas naves devem ser restos do Império. Provavelmente com motores atômicos. O que têm, guardam. O caso é que não querem renovar e que sua economia interna é não-atômica. É isso que devemos modificar.

- Como é que o faremos?

- Quebrando a resistência em determinado ponto. Falando com sinceridade, se conseguirmos vender um canivete com campo magnético a um nobre, seria de seu interesse forçar leis que o autorizassem a usá-lo. Parece estúpido, contudo é psicologia pura. Realizar vendas estratégicas em pontos

estratégicos seria criar uma facção pró-atômica na corte.

- E mandaram-no para esse fim, enquanto que eu estou aqui simplesmente para resgatá-lo e partir, ficando você, entretanto tentando. Não acha que está ao contrário?

- De que maneira?

- Ouça - disse Ponyets repentinamente exasperado. - Você é um diplomata, não um negociante, e denominá-lo comerciante não faz com que o seja. Trata-se de um assunto para alguém que faça das vendas a sua vida, e eu aqui, com uma carga inteira apodrecendo, e com uma quota que, neste ritmo, nunca chegarei a preencher.

- Quer dizer que vai arriscar a sua vida numa coisa que não lhe diz respeito?

- Quer dizer com essa que se trata de uma questão de patriotismo, e que os comerciantes não são patrióticos.

- São até, notoriamente, contrários a essas coisas. Os pioneiros nunca o são.

- Está bem, de acordo. Não ando pelo espaço para salvar a Fundação ou qualquer coisa semelhante. Procuro ganhar dinheiro, e esta é uma boa oportunidade. Se posso ajudar a Fundação ao mesmo tempo, tanto melhor. E já arrisquei a minha vida por muito menos.

Ponyets levantou-se e Gorov fez o mesmo.

- Que vai fazer?

O comerciante riu.

- Gorov, por enquanto ainda não sei. Mas se o ponto crucial do assunto é efetuar uma venda, sou o homem ideal. Geralmente não sou de muita conversa, mas há uma coisa de que me orgulho: até hoje ainda não deixei de preencher a quota.

A porta abriu-se quase instantaneamente, após ele ter batido, e dois guardas puseram-se a seu lado.

- Um espetáculo! - disse o Grão-mestre com frieza. Acomodou-se em suas vestes de pele e a sua mão fina segurou o bastão de ferro que lhe servia de bengala.

- É ouro, reverendo.

- É ouro - concordou o Grão-mestre com ar descuidado.

Ponyets pôs a caixa no chão, e abriu-a com toda a aparência de confiança de que dispôs na ocasião. Sentiu-se só perante a hostilidade universal, do mesmo modo que se sentira no espaço, no primeiro ano. O semicírculo de conselheiros barbudos que o observavam, impressionaram-no desagradavelmente. Entre eles estava Pherl, o favorito que se sentava ao lado do Grão-mestre, e que olhava o comerciante com visível hostilidade. Ponyets tinha-lhe sido apresentado, e tendo percebido nele um inimigo, desde logo o marcou como sua primeira vítima.

Fora do salão, uma pequena multidão aguardava os acontecimentos. Ponyets estava isolado de sua nave, sem armas, preparado para subornar, Gorov continuava como refém. Fez os ajustes finais naquela monstruosidade que lhe tinha custado uma semana de sacrifícios e rezou de novo para que a sonda de chumbo-quartzo agüentasse.

- O que é? - perguntou o Grão-mestre.

- Isto é um pequeno aparelho que eu próprio construí.

- Isso é evidente, mas não é a informação que eu quero. É alguma das abominações da magia negra do seu mundo?

- É de natureza atômica - admitiu Ponyets com gravidade - mas não é necessário que qualquer um lhe toque, ou tenha algo a ver com ele. E só para mim, e se contiver coisas abomináveis, serei eu o contaminado.

O Grão-mestre tinha levantado a bengala de ferro para a máquina numa atitude ameaçadora, enquanto os seus lábios se moviam numa invocação de purificação. O conselheiro de rosto magro, que se sentava a seu lado, inclinou a cabeça e segredou-lhe ao ouvido.

- E qual é a ligação entre esse seu aparelho demoníaco e o ouro que salvará a vida do seu conterrâneo?

- Com esta máquina posso transformar o ferro que deitam fora em ouro de melhor qualidade. É o único mecanismo inventado pelo homem que pode fazer do ferro, o ferro feio, veneradíssimo, de que é feita a cadeira onde você se senta e as paredes deste edifício, ouro maciço, brilhante e pesado.

- Transmutação? Houve loucos que se dizem capazes dessa habilidade, todos pagaram pelo sacrilégio.

- Conseguiram-no alguma vez?

- Não. - O Grão-mestre parecia divertir-se. - Êxito em produzir ouro tem sido um crime que traz o seu próprio veneno. É a tentativa mais o falhar, que são fatais. Tome! Veja o que pode fazer com a minha bengala.

- O meu modelo é pequeno e a sua bengala muito comprida.

- Randel, as suas fivelas. Depressa homem, pagarei em dobro se for preciso.

As fivelas passaram de mão em mão, até chegarem ao Grão-mestre, que lhes tomou o peso e depois as atirou para o chão.

Ponyets apanhou-as e perante o cilindro colocou-a de maneira que não pudesse falhar, era absolutamente necessário ser bem sucedido.

O transmutador cacarejou durante uns dez minutos enquanto o cheiro de ozone penetrava a atmosfera. Os cortesãos recuavam, murmurando e novamente Pherl falou ao ouvido do Grão-mestre, sem que este se movesse.

E as fivelas transformaram-se em ouro.

Ponyets apresentou-as ao Grão-mestre com um murmúrio de delicadeza. O velho hesitou e, por fim, fez um gesto de repulsa. O seu olhar fixou-se sobre o transmutador. Ponyets disse rapidamente:

- Cavalheiros, isto é ouro. Ouro por dentro e por fora. Podem sujeitá-lo a todas as provas físicas e químicas que conhecerem, se quiserem comprovar alguma coisa. Não pode ser diferenciado do ouro natural. Qualquer ferro pode ser transmudado desta maneira. Não haverá interferência de ferrugem, nem uma quantidade moderada de ligas metálicas.

No entanto, foi o ouro que brilhava na palma de sua mão, que argumentou por ele. Quando o Grão-mestre estendeu por fim a mão, Pherl interveio.

- Reverendo, o ouro é de uma fonte pecaminosa.

- Da lama pode nascer uma rosa - disse Ponyets, rapidamente. - No comércio com os seus vizinhos, há muitos materiais que devem ser comprados, materiais de toda espécie, e tenho certeza de que não vão inquirir se a fonte desse material é ou não ortodoxa. Não vou oferecer-lhes a máquina, mas sim o ouro.

- Reverendo, não aceite o ouro feito de ferro aqui na sua presença, isto é uma afronta aos seus antepassados.

- Contudo, ouro é ouro, Pherl, você é muito rígido. - No entanto recolheu a mão estendida.

- Reverendo, você é a sabedoria personificada. Considere, desistir de um pagão não é perder nada perante os antepassados, enquanto que com o ouro que você receber em troca, poderá decorar o lugar onde descansam os seus espíritos. E mesmo que o ouro fosse o mal em si, tal mal desapareceria uma vez que o metal fosse usado para um fim piedoso.

- Pelos ossos do meu avô - foi a resposta veemente do velho. - Pherl, que me diz você deste jovem. A sua afirmação é válida. É tão válida como as palavras dos meus antepassados.

- Assim pareceria - respondeu Pherl - que a sua validade não seja uma traição do Espírito do Mal.

- Ainda faço melhor - continuou Ponyets. - Que o ouro seja guardado como refém. Coloquem-no sobre o altar dos seus antepassados e prendam-me durante trinta dias. Se ao fim desse tempo não houver sinal de ira, se não se der algum desastre, decerto seria prova de que a oferta foi aceita. Que mais posso oferecer-lhes?

E quando o Grão-mestre se ergueu procurando a desaprovação, não houve um único homem que não estivesse de acordo. Até o próprio Pherl concordou.

Ponyets sorriu enquanto meditava quanto à utilidade de uma educação religiosa.

Outra semana se passou antes que se conseguisse um encontro com Pherl. Ponyets sentiu a tensão, mas não se preocupou, já estava habituado. Saíra dos limites da cidade sob guarda. Encontrava-se agora sob guarda na vila de Pherl. Não havia nada a fazer senão aceitar as coisas tal como sucediam.

Pherl, fora do círculo dos Conselheiros parecia mais alto e mais jovem. Nem parecia o mesmo sem os trajes de cerimônia.

- Você é um homem estranho, não fez nada nesta última semana e em especial nestas últimas duas horas, além de insinuar que eu necessito de ouro. Parece-me estranho trabalho, o seu, pois quem não precisa de ouro? Por que não dá mais um passo?

- Não é o ouro simplesmente. Não, ouro só de nada vale. É tudo o que

está por trás.

- O que poderá estar por trás do ouro? Não me diga que me vai fazer outra estúpida demonstração?

- Estúpida? - disse Ponyets com desagrado.

- Definitivamente. Mas a estupidez, estou certo, foi propositada. Poderia ter avisado o Venerável, se tivesse tido certeza dos motivos. Se eu fosse você teria feito o ouro a bordo de minha nave, e o ofereceria depois. O espetáculo que nos deu, e o antagonismo que daí resultou, poderiam bem ter sido dispensados.

- É verdade - admitiu Ponyets - mas desde que fui eu, arrisquei o antagonismo para poder chamar sua atenção.

- Só por isso? - Pherl não fez qualquer esforço para esconder o seu desprezo. - Dá para desconfiar que a proposta dos trinta dias de prova foi na esperança de modificar essa atenção para algo de mais substancial. Porém se o ouro provar ser impuro?

- Quando o juízo dessa pureza ou impureza depende daqueles que estão diretamente interessados...

Pherl parecia ao mesmo tempo surpreso e satisfeito com a resposta do outro.

- Um ponto sensato. Diga-me, agora, por que esse desejo de chamar a minha atenção?

- Assim farei. No curto espaço de tempo que tenho aqui estado, observei alguns fatos úteis, que lhe dizem respeito, mas que me interessam. Por exemplo, você é jovem, muito jovem para membro do Conselho, e mesmo de uma família relativamente nova.

- Critica a minha família?

- De maneira alguma. Os seus antepassados são grandes e santos, todos o admitirão. Mas haverá quem diga que não é um membro de uma das Cinco Tribos.

Pherl recostou-se.

- Com todo o respeito aos que estão envolvidos - e não procurou sequer esconder seu veneno - as Cinco Tribos, como dizem, esgotaram suas forças e afinaram o sangue. Nem cinqüenta membros das Tribos estão vivos. Ademais, há aqueles que não desejam ver ninguém fora das Tribos como Grão-mestre. E um favorito tão jovem está bem apto a criar inimizades entre os grandes do

Estado, segundo se diz. A idade do Grão-mestre vai aumentando, e a sua proteção não ultrapassará sua morte, quando será um inimigo que interprete as palavras do seu Espírito.

- Ouve demais para um estrangeiro. Tais orelhas deveriam ser cortadas.

- Pode decidir isso mais tarde.

- Deixe-me antecipar. Vai-me oferecer poder e riqueza, por meio dessas malditas máquinas que traz a bordo de sua nave?

- Suponha que sim. Qual seria a sua objeção? Apenas pessoal quanto ao bem e mal?

Pherl abanou a cabeça:

- Ouça, meu caro Estrangeiro, não é nada disso. Sua opinião sobre nós nesse seu agnosticismo pagão é o que é, contudo não sou totalmente escravo da nossa mitologia, apesar de assim parecer. Sou um homem educado e culto. Toda a profundidade dos nossos costumes religiosos, mais no sentido ritual que ético, foi elaborada para as massas.

- Qual é então a sua objeção?

- Precisamente isso: as massas. Talvez eu estivesse interessado em negociar com você, porém suas pequenas máquinas, para serem úteis, devem ser usadas. Como poderia eu adquirir riquezas, digamos, se eu tivesse de usar um barbeador elétrico no maior dos segredos? Mesmo que o meu queixo estivesse mais limpo, como é que eu seria rico? E como é que eu evitaria a câmara de gás, ou uma revolta, se fosse apanhado usando tal coisa?

- Claro que tem razão. A única solução seria educando seu povo no uso de materiais atômicos, para conveniência deles, e para seu lucro substancial. Seria um trabalho de titãs, não o nego, porém o pagamento seria ainda mais titânico. Porém neste momento, a preocupação é sua e não minha, pois eu não ofereço, nem lâmina nem faca, nem triturador mecânico de lixo.

- O que é que oferece?

- Ouro puro. Pode ficar com a máquina que eu demonstrei na semana passada.

- O transmutador? - Pherl levantou-se e o seu rosto contraiu-se.

- Exatamente. O fornecimento de ouro será igual ao fornecimento de ferro. Imagino que isso basta para suprir todas as dificuldades. Basta mesmo para o lugar mais alto do planeta, a despeito da pouca idade e dos inimigos. E é

seguro.

- Como?

- O segredo é a única essência do seu uso, o mesmo segredo do qual falou em relação aos produtos atômicos. Pode enterrar o transmutador na cela mais profunda da maior fortaleza, ou na sua propriedade mais longínqua, e mesmo assim lhe trará fortuna instantânea. É o ouro que compra e não a máquina, e o ouro não traz a marca de fabricação, pois não pode ser distinguido da criação natural.

- E quem operará a máquina?

- Você mesmo. Não precisa mais do que cinco minutos de treino. Posso montá-la quando quiser.

- E em troca?

- Bem - Ponyets tornou-se cuidadoso - o preço é elevado, porém esta é a minha vida. Digamos, por essa valiosa máquina, o equivalente a 30 centímetros cúbicos de ouro, em ferro fundido. Afianço-lhe - disse Ponyets corando — que pode reaver o preço, em menos de duas horas.

- Verdade, e dentro de uma hora, depois de se ter ido embora, a minha máquina poderia estar reduzida a pó. Preciso de uma garantia.

- Tem a minha palavra.

- Boa garantia. Mas a sua presença seria ainda melhor. Prometo pagar-lhe uma semana depois da entrega em condições.

- Impossível.

- Impossível? Quando já incorreu na pena de morte, só pelo fato de me ter oferecido algo para compra? A única alternativa é a minha palavra de que amanhã, à noite, caso não aceite, estará na câmara de gás.

A face do comerciante mantinha-se impassível.

- Leva-me vantagem, e não é justo. Pelo menos poderá dar a sua palavra por escrito?

- E tornar-me também um cúmplice? Não senhor! - Pherl sorria satisfeito. - Não senhor! Só um de nós é que é tolo.

Por fim o comerciante disse com voz apagada:

- Estamos de acordo, então.

Gorov foi solto ao trigésimo dia, e 250 quilos do mais puro ouro tomaram o seu lugar. Com ele, foi retirada a interdição que pairava sobre a sua nave. Na jornada que os fazia sair do sistema de Askone, tal como quando haviam entrado, as naves daquele planeta escoltaram-nos.

Ponyets observou o ponto que, à distância, era a nave de Gorov, enquanto a voz do amigo rompia o silêncio, pelo amplificador etérico. Dizia ele:

- Mas não era isso o que se pretendia, Ponyets. Um transmutador não serve. A propósito, onde é que o arranjou?

- Eu o construí. Na realidade não serve para nada. O consumo é proibitivo em escala maior, caso contrário, a Fundação não teria de percorrer toda a Galáxia à procura de metais pesados. Foi um truque, de qualquer modo, até eu fiquei impressionado.

- Mas esse truque não valeu de nada.

- Tirou-o de enrascadas.

- Isso pouco importa. Terei de voltar, assim que nos virmos livres da escolta.

- Por quê?

- Você mesmo o explicou a esse político seu amigo. O transmutador foi um meio para atingir um fim, mas sem qualquer valor em si, que ele comprava o ouro e não a máquina. Foi boa psicologia, mas...

- Mas o que?

- Mas o que nós pretendemos é vender-lhes uma máquina que tenha valor em si, algo que eles queiram usar abertamente, algo que os faça pender para as técnicas atômicas como uma vantagem.

- Percebo tudo isso muito bem. Já me explicou uma vez antes. Mas repare só no que advém da minha venda. Enquanto o transmutador durar, Pherl cunhará ouro, ouro suficiente para comprar as próximas eleições. O atual Grão-mestre não deve viver muito tempo.

- Está contando com a gratidão?

- Não! Conto mas é com um interesse inteligente. Um transmutador consegue uma eleição para ele, outros mecanismos...

- Não! Não! A sua premissa é falsa. Não é ao transmutador que ele vai

dar crédito, mas sim ao ouro. É isso que eu estou tentando dizer-lhe.

Ponyets sorriu, e ajeitou-se confortavelmente, pensando que já pusera o outro à prova, por tempo suficiente.

- Tão depressa não, Gorov. Ainda não terminei. Existem outras máquinas, também, envolvidas no assunto.

Houve uma pausa e depois Gorov perguntava cauteloso:

- Que outras máquinas?

- Vê aquela escolta?

- Vejo. Agora me explique que outras máquinas são.

- Se me deixar. Aquela é a armada particular de Pherl. O velho fez-lhe a honra de a conceder. Para onde pensa que nos levam? Às suas minas no exterior de Askone. Ouça! Já lhe dissera que estava nisto para ganhar dinheiro e não para salvar mundos. Vendi aquele transmutador por nada. Nada, exceto o risco da câmara de gás, mas isso não preenche uma quota. Voltemos ao assunto das minas. As minas vêm com os lucros. Vamos encher-nos de zinco, Gorov. Zinco até lotar esta nave e a sua. Vou descer com Pherl para receber enquanto você fica por aqui e me cobre com todas as armas que tiver, no caso de Pherl não ser digno de crédito. Esse zinco é o meu lucro.

- Pelo transmutador?

- Por todo o carregamento de produtos atômicos. Preço dobrados como bônus. Admito que o roubei, porém devo me defender.

- Importa-se de explicar?

- É tudo tão evidente, Gorov. Aquele idiota pensava que ia me enganar, porque a sua palavra vale mais do que a minha para o Grão-mestre. Levou o transmutador e incorreu na pena capital. Em qualquer situação podia me acusar e desculpar-se.

- Isso é evidente.

- Pois é, mas Pherl nunca ouvira falar de um microfilmador.

Gorov de repente começou a rir.

- Pois é. Ele ficou pensando que estava na mó de cima, e no dia seguinte eu levei o microfilmador no meio da aparelhagem, de modo que o apanhei com a boca na botija, operando o transmutador.

- E mostrou-lhe o resultado?

- Mostrei-lhe dois dias depois. A princípio não quis acreditar, mas quando eu lhe disse que tinha tudo preparado para uma transmissão na praça principal da cidade, o pobre idiota caiu de joelhos. E fez tudo quanto eu pedi.

- E tinha na verdade qualquer coisa preparada?

- Não tem qualquer importância. Fechou o negócio. Comprou tudo quanto eu tinha, e tudo quanto você tinha, em troca de zinco. Naquele momento acho que eu era capaz de tudo. Vou dar-lhe uma cópia do contrato antes de descer, como precaução.

- Mas, irá ele usar os produtos? Feriu-lhe o "ego".

- Por que não? É a única maneira de cobrir as perdas, e se conseguir ganhar dinheiro, salvará o seu orgulho. Será o próximo Grão-mestre, e o melhor homem que poderíamos ter a nosso favor.

- Não haja dúvida de que foi uma ótima venda - disse Gorov - porém você tem uma técnica de vendas muito pouco honesta. Não é de admirar que o tenham expulsado do seminário. Não tem o mínimo sentido de moralidade?

- Já sabe o que Salvor Hardin disse a respeito da moral?

PARTE V – OS PRÍNCIPES MERCADORES

COMERCIANTES — ... Com inevitabilidade psicohistórica, o "controle" econômico da Fundação aumentou. Os comerciantes tornaram-se ricos, e com a riqueza veio o poder...

Esquece-se freqüentemente que Hober Mallow começou sua carreira como um comerciante vulgar. Porém nunca se esquece que terminou a sua vida como o primeiro dos Príncipes Mercadores...

Enciclopédia Galáctica

Jorane Sutt uniu as palmas das mãos e disse:

- Está tudo muito confuso. Para falar a verdade - e isto na maior das confidencias - pode ser uma das crises Seldon.

O homem que o encarava procurou um cigarro nos bolsos do curto casaco Smymiano.

- Não creio muito nisso, Sutt. Como regra geral, todos os políticos começam a gritar por uma crise, quando chega a época das decisões.

Sutt não pôde deixar de sorrir.

- Não estou procurando votos nesta altura, Mallow. Estamos frente a frente com armas atômicas e não sabemos a sua proveniência.

Hober Mallow, de Smyrno, Mestre Comerciante, continuou indiferentemente fumando o seu cigarro.

- Continue. Se tem mais alguma coisa a dizer, diga-o agora. - Mallow nunca cometia o erro de ser delicado em demasia, em especial com um homem da Fundação.

Sutt apontou o mapa tridimensional que se achava sobre a mesa. Quando ajustou a alavanca de controle, meia dúzia de sistema estelares foram assinalados em luz vermelha.

- Ali - indicou calmamente - é a República Koreliana.

O comerciante anuiu.

- Já estive lá. É um buraco pestilento. Embora tenha o nome de

República, é sempre um indivíduo da família Argo que é eleito Comodoro, cada vez que há eleições. E se houver alguém que não goste, o melhor que tem a fazer é calar-se. - Torceu a boca e repetiu: - Já estive lá.

- Mas o senhor voltou, o que nem sempre acontece com muitos. Três naves mercantes invioláveis, sob as cláusulas da Convenção, desapareceram no território da República, no ano passado. E todas essas naves estavam armadas com explosivos nucleares e convencionais e defendidos por campos magnéticos.

- Quais foram as últimas notícias dessas naves?

- Relatórios rotineiros. Nada mais.

- E que diz Korell?

Sutt replicou com ar irônico:

- Não houve maneira de saber. A Fundação, através da Periferia, é temida pelo seu poder. Pensa o senhor que íamos perder essas naves e depois pedir que nos fossem restituídas?

- Bem, então diga-me o que deseja de mim?

Jorane Sutt não se deu ao luxo de se zangar. Como secretário do Prefeito, adquirira muita paciência. Metodicamente respondeu:

- Espere um momento. Como vê, três naves perdidas no mesmo setor durante um ano, não pode ser acidental, e a energia atômica só pode ser conquistada com energia atômica. O problema ressalta automaticamente: se Korell tem armas atômicas, onde é que as adquire?

- E onde é?

- Há duas opções: ou os korelianos as fabricam...

- Impossível!

- Concordo! A outra, é que estamos sendo traídos.

- Acha que sim? - O tom de voz de Mallow era monótono.

O secretário disse calmamente:

- Não há nada de milagroso na possibilidade. Desde que os Quatro Reinos aceitaram a Convenção da Fundação, tivemos de lidar com grandes grupos de população dissidente, em cada uma dessas nações. Cada um desses reinos tem os seus pretendentes e os seus nobres que não conseguem, por muito que se esforcem, gostar da Fundação. Talvez algum deles tenha começado a agir.

Mallow ficara vermelho.

- Há algo de especial que me queira dizer a mim? Eu sou Smyrniano.

- Eu sei. O senhor nasceu em Smyrno, uma parte dos Quatro Reinos. O senhor só pode ser considerado da Fundação única e exclusivamente pela educação. Por nascimento será sempre um estrangeiro. Com toda a probabilidade o seu avô deveria ser barão no tempo das guerras de Anacreon e Loris, e as propriedades de família foram anexadas, quando Sef Sermak fez a redistribuição das terras.

- Não! Pelo Espaço Negro, não! O meu avô era um pobre trabalhador que morreu trabalhando no carvão, com um salário miserável, antes da chegada da Fundação. Não devo nada ao velho regime. Mas nasci em Smyrno e não devo me envergonhar disso. As suas sugestões de traição à Fundação não vão fazer com que me comece a babar de medo. E agora, ou dê-me ordens ou faça as suas acusações, mas decida-se.

- Meu caro Mestre, pessoalmente não me interessa que seu pai tenha sido rei de Smyrno, ou o maior mendigo do planeta. Aceitei aquela rima para que o senhor visse que eu não me interesso por essas coisas. O senhor é Smyrniano. Conhece os estrangeiros. É um comerciante, e dos melhores. Já foi a Korell e conhece os korelianos. É lá que deverá ir.

Mallow respirou fundo.

- Como espião?

- Não. Como comerciante, mas com os olhos bem abertos. Se conseguir descobrir a proveniência das armas... Devo lembrar-lhe que duas das naves perdidas tinham tripulações smyrnianas.

- Quando deverei partir?

- Logo que a sua nave estiver pronta.

- Então, dentro de seis dias.

- Partirá então. No almirantado lhe serão fornecidos todos os detalhes.

- Muito bem. - O comerciante levantou-se, cumprimentou e saiu.

Sutt esperou que ele desaparecesse, e depois esfregou as mãos, como para lhes restaurar a circulação, depois encolheu os ombros e entrou no gabinete do prefeito. O prefeito fechou o visor e recostou-se na cadeira.

- Que tal o acha, Sutt?

- Pode ser que esteja fingindo - respondeu Sutt, e o seu olhar perdeu-se na distância.

Ao anoitecer do mesmo dia, no apartamento de Jorane Sutt, situado no vigésimo primeiro andar do Edifício Hardin, Publis Manlio tomava vagarosamente o seu cálice de vinho.

Era esse mesmo Publis Manlio que tinha a seu cargo duas das mais importantes tarefas da Fundação. Era Ministro dos Negócios Externos do gabinete Municipal, e para todos outros planetas, à exceção da Fundação, era também Primaz do Templo, Mestre do Alimento Sagrado, Mestre dos Templos, etc, numa profusão de sílabas confusas, porém sonantes. Dizia ele:

- Mas o Prefeito concordou com o envio desse comerciante. É um ponto a considerar.

- É pouco. Não nos apresenta nada de imediato. Todo este assunto é o mais cru dos estratagemas, desde que não possamos antecipar qual seja seu objetivo. É como que deitar uma corda, tendo esperanças que na ponta da mesma haja um laço.

- Verdade. E esse Mallow é um indivíduo capaz. Que acontece, se não conseguimos enganá-lo?

- É um risco que teremos de correr. Se houver traição, são os homens capazes que estarão envolvidos. Se não, é necessário um homem capaz para que consiga descobrir a verdade. Além disso, Mallow estará sob vigilância. Vamos, o seu cálice está vazio.

- Obrigado. Não quero mais.

Sutt encheu o cálice e respeitou o silêncio do outro. Qualquer que fosse o conteúdo desse silêncio, ele foi repentinamente quebrado, numa explosão.

- Sutt, que é que você tem em mente?

- O seguinte, Manlio. Estamos em plena crise Seldon.

- Como o sabe? Seldon tornou a aparecer no Cofre?

- Não foi preciso tanto. Raciocine. Desde que o Império Galáctico abandonou a Periferia, e nos deixou entregues a nós mesmos, nunca tivemos um oponente que possuísse energia atômica. Pela primeira vez encontramos um, por si, isso já é bastante significativo, mas ainda há mais. Pela primeira vez em setenta anos enfrentamos uma crise política. A sincronização das duas crises,

interna e externa, faz com que não haja qualquer dúvida.

Os olhos de Manlio semicerraram-se.

- Mesmo assim não basta. Até agora houve duas crises Seldon, e dessas duas vezes a Fundação esteve em perigo de ser exterminada. Não pode haver terceira crise, sem que exista esse perigo.

- O perigo está próximo. Qualquer idiota pode reconhecer uma crise quando ela aparece, a verdadeira função do Estado é destruí-la ainda no embrião. O nosso caminho histórico foi planejado antecipadamente. Sabemos que Hari Seldon estabeleceu as probabilidades históricas desse futuro. Sabemos que algum dia havemos de reconstituir o que foi o Império Galáctico. Sabemos que isso levará aproximadamente mil anos. Sabemos também, que nesse espaço de tempo teremos de encarar certas crises definidas. A primeira crise veio cinqüenta anos após o estabelecimento da Fundação, e a segunda trinta anos depois da primeira. Após a última já se passaram quase setenta e cinco anos, já é tempo, Manlio.

Manlio esfregou o nariz, ainda não totalmente convencido.

- E o senhor já elaborou os seus planos para encarar essa crise? Sutt aquiesceu.

- E eu - acrescentou Manlio, - tenho uma parte nesses planos?

Sutt de novo lhe disse que sim.

- Antes de nos preocuparmos com uma ameaça externa, de natureza atômica, temos de arrumar a nossa própria casa. Esses comerciantes. . .

- Ah! - o primaz abriu completamente os olhos, desta vez.

- Não há dúvida que esses comerciantes não são úteis, mas tornaram-se muito fortes, incontroláveis. São estrangeiros, educados fora da religião. De um lado, damos-lhes conhecimentos e por outro não controlamos as suas atividades.

- E se descobrirmos que há traição?

- Se o conseguíssemos, ação direta e suficiente, seria imediatamente tomada. Mas isso não tem qualquer significado. Mesmo se a traição não existisse entre eles, formariam sempre um elemento incerto na nossa sociedade, Não estariam ligados a nós por patriotismo ou descendência comum, nem mesmo por respeito religioso. Debaixo de sua chefia, as províncias exteriores, as quais desde o tempo de Hardin nos olham como o Planeta Sagrado, podiam separar-se de nós.

- Vejo a doença, mas não a cura. . .

- A cura deve vir rapidamente, antes que esta nova crise seja declaradamente aguda. Se tivermos de lutar contra armas atômicas, no exterior, e com a dissensão, no interior, as forças, dividindo-se, seriam menores. — Sutt baixou o copo que tinha na mão. - Essa é a sua tarefa.

- Minha?

- Eu, por mim, não posso fazê-lo. A minha posição não tem o apoio legislativo.

- Mas o prefeito...

- Impossível. A sua personalidade é inteiramente negativa. Só é enérgico quando se trata de fugir de responsabilidades. Mas se formasse um novo partido que colocasse em perigo a sua reeleição, talvez ele se deixasse levar.

- Mas Sutt, eu não sou um político profissional.

- Deixe isso a meu cargo. Quem sabe, Manlio? Desde o tempo de Hardin que o lugar de Prefeito e Primaz não pertencem a uma só pessoa. Mas talvez isso aconteça agora... se a sua tarefa for bem desempenhada.

Do outro lado da cidade, num subúrbio menos luxuoso, Hober Mallow mantinha a sua segunda entrevista daquele dia. Já muito que esperava, e naquele momento disse cuidadosamente:

- Sim, já ouvi falar das suas campanhas, para que seja admitida representação direta dos comerciantes, no Conselho. Mas por que eu, Twer?

Jaim Twer, solicitado ou não, lembraria sempre a qualquer pessoa que pertencera ao primeiro grupo de estrangeiros a ser educado religiosamente pela Fundação, abriu-se num sorriso.

- Eu sei o que estou fazendo. Lembre-se quando eu o conheci, no ano passado?

- No Congresso dos Comerciantes? .

- Certo. Foi você o secretário do Congresso, você os teve à sua mercê. Além disso, as massas pertencentes à Fundação também escutam você. Tem o que se chama charme... ou pelo menos, boa publicidade de suas aventuras, o que vem a dar no mesmo.

- Está tudo muito bem, mas por que é que só se lembraram agora?

- Porque agora é que surgiu a nossa oportunidade. Sabe que o Secretário da Educação pediu demissão? Ainda não é do conhecimento público, porém em breve será.

- Como é que sabe?

- Isso... não importa. - A sua mão fez um gesto de desprendimento. - É assim. O Partido Acionista está cindindo-se, podemos pô-lo fora de combate agora, se levantarmos a questão de igualdade de direitos para os comerciantes, ou antes, democracia pro... e anti...

Mallow olhou com atenção as suas mãos grossas.

- Peço imensa desculpa, Twer, porém devo partir em negócios, na semana que vem. Escolha outro.

Twer interrogou-o:

- Negócios? Que espécie de negócios?

- Muito supersecretos. Prioridade extra. Falei com o secretário do Prefeito, e todas essas coisas.

- Sutt, a Víbora? - Jaim Twer ia-se excitando. - É um truque. Esse bandido quer é ver-se livre de você, Mallow...

- Espere lá! - A mão de Mallow caiu sobre o punho cerrado do outro.

- Não se enerve. Se for um truque, eu ajustarei as contas com esse senhor, quando voltar. Se não for, a tal víbora estará em nossas mãos. Ouça, vamos enfrentar uma crise Seldon.

Mallow esperou pela reação, mas esta não chegou a vir. Twer simplesmente o olhou surpreso.

- O que vem a ser isso?

- Pela Galáxia! - Mallow explodiu. - Que diabo andou fazendo enquanto esteve na escola? Qual é o significado dessa pergunta idiota?

O outro interrompeu:

- Se quiser ter a bondade de explicar.. .

Houve uma longa pausa.

- Eu explico: - As sobrancelhas de Mallow franziram-se, e ele falou pausadamente: - Quando o Império Galáctico começou a decair, e quando os limites da Galáxia caíram no barbarismo e se perderam, Hari Seldon e o seu

grupo de psicólogos fundaram uma colônia, a Fundação, aqui, onde a desordem era maior, para que pudéssemos incubar a arte, a ciência e a técnica, e formar mais tarde o núcleo do Segundo Império.

- Ah sim, sim. . .

- Ainda não terminei - disse o comerciante com frieza. - O curso futuro da Fundação foi determinado de acordo com a ciência da psicohistória, então desenvolvida em grande escala, e preparadas as condições, de modo a forçar uma série de crises que nos obrigassem ao longo da rota preestabelecida para um Império futuro, mais rapidamente. Cada crise, cada crise Seldon, marca uma época da nossa História. Aproximamo-nos agora de mais uma - a terceira.

- Claro que me devia ter lembrado. Já faz muito tempo que saí da escola... há mais tempo do que você.

- Suponho que sim. Esqueça o que lhe disse. O que importa é que vou ser enviado para o centro dessa crise. Não há maneira de poder dizer o que acontecerá, entretanto, nem quando voltarei, e as eleições para o Conselho realizam-se todos os anos.

Twer olhou-o.

- Está na pista de alguma coisa?

- Não.

- Tem algum plano definido?

- Nem sequer penso nisso.

- Bem. ..

- Nada bem, Hardin disse uma vez: Para se conseguir êxito, não é suficiente fazer planos. Deve improvisar-se também. Eu vou improvisar.

Twer abanou com a cabeça, duvidoso, e ficaram os dois de pé olhando um para o outro. Mallow disse repentinamente:

- Por que não vem comigo? Não fique tão espantado, homem! Você já foi comerciante, antes de decidir que havia mais ação na política. Pelo menos foi o que me disseram.

- Para onde vai? Diga-me apenas isso.

- Para os lados do Aglomerado de Whassalia. Não posso fornecer mais pormenores, antes de partir. Que diz?

- Supõe que Sutt não me queira perder de vista?

- Não é provável. Se está ansioso por se ver livre de mim, também não se importará com você. Além disso, tenho o direito de escolher a minha tripulação. Levo quem desejar.

Havia um brilho estranho nos olhos do homem mais velho.

- Está bem, vou. Será a minha primeira viagem, em três anos.

Mallow apertou-lhe calorosamente a mão.

- Bem! Muito bom! E agora tenho de ir buscar os outros rapazes. Sabe onde está amarrada a "Estrela", não sabe? Apareça amanhã. Adeus.

Korell é um fenômeno que se repete continuamente na História: uma república cujo presidente tem todos os atributos dos monarcas absolutos, menos o titulo. Gozava, pois do vulgar despotismo, sem a restrição dessas duas influências moderadoras, que geralmente se encontram nas verdadeiras monarquias: honra real e etiqueta palaciana.

Materialmente, o seu nível era baixo. Passados eram os dias do Império Galáctico, sem outros testemunhos além dos monumentos silenciosos e das estruturas em ruínas. O dia da Fundação não havia ainda chegado, e na determinação do seu Governador, o comodoro Asper Argo, com as estritas leis que regiam os comerciantes e proibição de todos os missionários - e nunca chegaria.

O porto em si era decrépito, e a tripulação do "Estrela" estava ciente desse fato. Os hangares continham uma atmosfera irrespirável, e Jaim Twer bem o sentia, enquanto jogava o seu jogo de solitário.

Hober Mallow observou pensativamente:

- Há aqui bom material para comércio. - Ia olhando tranqüilamente pela vigia. Até então nada mais se podia dizer a propósito de Korell. A viagem fora vazia de acontecimentos. As naves que compunham o esquadrão de interceptação, que os havia esperado, eram todas pequenas, velhas relíquias de glórias passadas. Tinham-se mantido à distância, receosos e continuavam a manter-se já fazia uma semana, enquanto que o pedido de Mallow ao Governo local para que lhe fosse concedida uma audiência, continuava sem resposta.

Mallow repetiu:

- Boa oportunidade para comércio, aqui. Pode até denominar-lhe

território virgem.

Jaim Twer olhou-o impaciente, e pôs de lado as cartas.

- Que tenciona fazer, Mallow? A tripulação já murmura, os oficiais preocupam-se, e eu já começo a pensar se...

- A pensar o que?

- A pensar a respeito da situação, e a seu respeito. Que estamos nós fazendo?

- Estamos à espera.

O velho comerciante grunhiu e ficou vermelho.

- Você está andando às cegas, Mallow. Há uma guarda à volta do porto, e há naves no espaço por cima de nós. Suponha que eles se preparam para nos atacar.

- E tinham desperdiçado uma semana.

- Talvez estejam à espera de reforços.

O olhar de Twer era severo. Mallow sentou-se abruptamente.

- Sim, já pensei nisso. É uma bela enrascada que se apresenta. Primeiro, chegamos até aqui sem qualquer dificuldade. Talvez isto não queira dizer nada, pois só três navios, das muitas centenas que por aqui passaram no ano passado se perderam. A percentagem é baixa. Talvez isso queira também dizer que o número de naves equipadas com armas atômicas, que eles possuem, seja pequeno, e que não se queiram expor, até melhorar o potencial.

- Mas também poderia significar que, afinal, eles não possuem energia atômica. Ou talvez a tenham e a escondam, com medo que nós descubramos qualquer coisa. Uma coisa é assaltar naves mercantes de armamento leve, outra é tentar algo contra o enviado extraordinário da Fundação, quando o simples fato da sua presença possa querer dizer que a Fundação começa a suspeitar de qualquer coisa. Combine isto com...

- Um momento Mallow, um momento. - Twer levantou as mãos. -Você está me afogando com palavras. Onde é que pretende chegar? Não importam as entrelinhas.

- Tem de ser, ou não poderá compreender, Twer. Estamos ambos à espera. Eles não sabem o que eu estou fazendo aqui e eu por minha vez não sei o que eles preparam lá fora. Mas estou em posição mais fraca, porque sou um só,

ao passo que eles são um mundo inteiro - talvez possuidores de energia atômica. Não posso fraquejar, ou estarei perdido. Com certeza este jogo é perigoso, nada me diz a não ser que haja um buraco no solo à nossa espera. Mas já sabíamos isso desde o início. Que mais podemos fazer?

- Eu não... O que está acontecendo agora?

Mallow olhou, e sintonizou o visor, na tela apareceu o rosto do sargento de serviço.

- Diga sargento.

- Perdão. Os homens permitiram a entrada de um missionário da Fundação.

- Um que? - A face de Mallow tornou-se lívida.

- Um missionário. Necessita de hospitalização...

- Haverá muitos mais a necessitarem do mesmo, por causa disto. Ordene aos homens que se dirijam para as estações de combate.

A sala da tripulação estava quase vazia. Cinco minutos depois da ordem, mesmo os homens que não estavam de serviço, achavam-se a postos. A grande virtude naquelas regiões anárquicas da Periferia era a velocidade e a rapidez, a tripulação de um mestre comerciante não tinha rival.

Mallow entrou, e mirou o missionário por todos os lados. Depois o seu olhar encontrou o do tenente Tinter, que pouco à vontade se moveu para um dos lados, e depois apanhou o sargento da guarda, Demen, cuja figura sólida protegia o outro.

O mestre comerciante virou-se para Twer, e fez uma pausa, refletindo:

-Twer, reúna os oficiais aqui, mas com bastante calma, exceto os coordenadores e o calculador de trajetórias. Os homens devem manter suas posições, até segunda ordem.

Houve um intervalo de cinco minutos, no qual Mallow abriu as portas dos lavabos, espreitou por trás do bar, dos cortinados e correu as grossas cortinas que ocultavam as vigias. Por meio minuto chegou a sair da sala, e quando voltou, vinha cantarolando, distraído.

Os oficiais começaram a entrar. Twer foi o último a entrar e fechou a porta silenciosamente atrás de si. Mallow disse calmamente:

- Primeiro, quem deixou este homem entrar sem minha autorização?

O sargento de serviço adiantou-se um passo. Todos os olhos se viraram para ele.

- Perdão, senhor. Não era uma questão de quem. Era como se fosse por acordo tácito. Ele era um dos nossos, pode dizer-se, enquanto que estes estrangeiros por aqui...

Mallow interrompeu-lhe o discurso:

- Simpatizo com os seus sentimentos, sargento, e compreendo-o. Estes homens estavam sob o seu comando?

- Sim, senhor.

- Quando tudo isto terminar, quero-os detidos nas suas cabinas durante uma semana. O senhor, sargento, está afastado de todos os deveres de supervisão, pelo mesmo espaço de tempo. Compreendido?

O rosto do sargento não se alterou, mas houve um perceptível descair de ombros. Disse secamente:

- Sim, senhor.

- Podem retirar-se. Voltem aos seus postos de combate. - A porta fechou-se atrás deles, e o pandemônio começou.

Twer intrometeu-se.

- Por que o castigo, Mallow? Sabe muito bem que os korelianos matam os missionários que aprisionam.

- Qualquer decisão contra as minhas ordens é má por si só, não importando quantos pontos favoráveis haja para tal ação. Ninguém devia entrar ou sair desta nave, sem autorização.

O tenente Tinter murmurou revoltado.

- Sete dias sem ação. Não se pode manter a disciplina dessa maneira.

As palavras de Mallow pareciam um balde de água gelada.

- Eu posso. Não há qualquer mérito na disciplina, debaixo de circunstâncias normais. Exijo-a em face da morte, ou então é inútil. Onde está esse missionário? Tragam-no aqui à minha frente.

O comerciante sentou-se, enquanto que a figura envolvida por uma capa vermelha era cuidadosamente encaminhada para a frente.

- Como se chama reverendo?

- Ahm? -. Todo o corpo do missionário virou-se para Mallow. Os seus olhos estavam indecisos, e havia ferimento numa das têmporas. Ele ainda não falara nem fizera qualquer movimento, durante todo o tempo que durara o interregno.

- O seu nome, reverendo?

O missionário repentinamente criou vida. Os seus braços tomaram uma atitude de abraçar todos os que se encontravam no aposento.

- Meu filho... meus filhos. Que possam estar sempre nos braços protetores do Espírito Galáctico!

Twer adiantou-se, e disse em voz rouca:

- O homem está doente. Levem-no para a cama. Ordene que o levem e que cuidem dele. O homem está machucado.

O braço musculoso de Mallow empurrou-o para trás.

- Não interfira, Twer, ou terei de mandá-lo para fora da sala. O seu nome, reverendo?

As mãos do missionário juntaram-se em atitude de súplica.

- Como homens civilizados, salvem-se da ira dos selvagens. Salvem-se desses brutos que me perseguem e que afligiriam o Espírito Galáctico com os seus crimes. Eu sou Jord Parma, de Anacreon, fui educado pela Fundação, pela própria Fundação, meus filhos. Sou um sacerdote do Espírito, iniciado em todos os seus mistérios, e vim aqui enviado pela voz da minha consciência. Sofri nas mãos daqueles a quem o Espírito não iluminou. Na medida em que são filhos do Espírito, e em nome desse mesmo Espírito, peço que me salvem.

Uma voz interrompeu-os, vinda da caixa do alarme de emergência:

- Unidades inimigas à vista! Pedem-se instruções!

Todos os olhares se viraram automaticamente para o alto-falante. Mallow soltou uma praga. Correu para o fone e ordenou:

- Mantenham a vigilância! É tudo! - e desligou.

Dirigiu-se para as vigias e abrindo os cortinados, espreitou para fora.

Unidades inimigas! Vários milhares delas, personificadas por uma multidão de korelianos. Aquela multidão estendia-se de extremo a extremo da

nave e à luz dos archotes de magnésio, os que vinham à frente aproximavam-se cada vez mais.

- Tinter! - O comerciante não se voltou, contudo a parte de trás do seu pescoço estava vermelha. - Ponha o alto-falante externo para funcionar, e veja o que eles desejam. Pergunte-lhes se trazem com eles um representante da lei. Não faça promessas nem ameaças, ou juro que o mato.

Tinter virou-se e saiu.

Mallow sentiu uma mão rija no seu braço, e fez um movimento brusco para se libertar. Era Twer. A voz era como um assobio de cólera ao ouvido de Mallow.

- Mallow, você deve ficar com este homem. Não há outro meio de manter a decência e a honra. Pertence à Fundação, e de qualquer forma... é um sacerdote. Esses selvagens lá fora... Está me ouvindo?

- Ouço-o muito bem, Twer. - O tom de Mallow era incisivo. - Tenho mais que fazer aqui além de guardar missionários. Farei o que quiser e por Seldon e toda a Galáxia, se tentar me impedir, estrangulo-o. Não se meta no meu caminho, Twer, ou não viverá mais.

Voltou-se, e passou pelo outro.

- Reverendo Parma! Já sabia que, de acordo com as convenções, nenhum missionário pode entrar no território de Korell?

O missionário tremia.

- Não posso deixar de ir onde o Espírito me leva meu filho. Se estes seres que vivem na escuridão recusam a luz, não será mais uma prova de que necessitam dela?

- Não é isso que está em jogo, reverendo. O senhor está aqui contra as ordens da Fundação e de Korell. De acordo com a lei, não posso protegê-lo.

As mãos do missionário elevaram-se de novo. O seu ar vago de há pouco desaparecera completamente. Lá fora, o alto-falante exterior da nave lançava sua voz metálica e rouca contra a turba, cujo murmúrio de revolta podia ser ouvido. O som punha-o a tremer.

- Ouve-os? Por que me fala de lei, a mim? De lei feita pelos homens? Existem leis mais altas. Não foi o Espírito Galáctico que disse: - Não deve ficar impávido diante da mágoa do teu semelhante? E não disse também: - Como fizer para com os humildes e ofendidos, assim lhe farão? Não tem uma nave? Não

tem armas? E não tem por trás de você a Fundação? E à sua volta não está o Espírito que rege todo o Universo? - Fez uma pausa para respirar.

Naquele momento a voz externa do "Estrela" cessou, e Tinter voltou, com o olhar perturbado.

- Fale!

- Senhor. Eles querem que entreguemos a pessoa de Jord Parma.

- Senão...?

- Há várias ameaças. É difícil interpretá-las todas. Há tantos... e parecem na verdade encolerizados. Há alguém entre eles que diz governar o distrito, e ter poderes judiciais, porém não há dúvida que não é ele quem manda, neste momento.

- Com poderes ou não, ele representa a lei. Diga-lhes que se esse governador, ou policial, ou o que quer que seja, se aproximar sozinho da nave, lhe será entregue a pessoa de Jord Parma.

Apareceu uma pistola na sua mão.

- Não sei o que é insubordinação. Jamais a enfrentei. Mas se aqui houver alguém que pensa que pode me ensinar lhe darei em troca o meu antídoto.

A pistola moveu-se num semicírculo, até parar em frente de Twer. Com um grande esforço os punhos do velho comerciante descontraíram-se, e o rosto assumiu um aspecto normal. A sua respiração era ruidosamente expelida pelas narinas.

Tinter saiu e cinco minutos depois uma figura atarracada saiu do meio da multidão. Aproximou-se da nave, com evidentes sinais de temor e apreensão. Por duas vezes se virou a meio caminho, e por duas vezes as ameaças daquele monstro de muitas cabeças, fizeram-no avançar novamente.

- Muito bem. - Mallow fez um gesto curto com o cano da pistola, que continuava a apontar. - Grun e Upshur, levem-no para fora.

O missionário gritou. Levantou os braços, e os dedos rígidos estenderam-se, enquanto que as mangas do seu hábito descobriam os braços finos sulcados de veias. Houve uma luz que iluminou momentaneamente todo o aposento. Mallow pestanejou, e de novo fez o sinal que mandava retirar o missionário.

A voz do sacerdote soou de novo, enquanto lutava em vão para se desfazer das mãos que o agarravam.

- Amaldiçoado seja o traidor que abandona o seu semelhante ao mal e à morte. Ensurdecidos sejam os ouvidos que são surdos ao rogo do indefeso. Cegos sejam os olhos que não vêem a inocência. Negra para todo o sempre seja a alma que se consorcia com as trevas. . .

Twer tapou os ouvidos com as mãos. Mallow guardou a pistola.

- Dispersem-se, e voltem para as respectivas estações. Mantenham vigilância até seis horas depois da multidão se dispersar. Plantões duplos durante as quarenta e oito horas seguintes. Novas instruções serão dadas depois. Twer,venha comigo.

Encontraram-se sós nos aposentos privativos de Mallow. Mallow indicou uma cadeira e Twer sentou-se. O seu enorme corpo parecia ter encolhido. Mallow olhou-o com ironia.

- Twer, parece que esses dois anos de política fizeram-no esquecer os hábitos dos comerciantes. Lembre-se de que posso ser muito democrático na Fundação, porém só pela tirania posso governar a minha nave como quero. Nunca saquei uma arma para os meus homens, e não teria de fazê-lo desta vez, se você não tivesse desobedecido a ordem. Você não tem qualquer posição oficial, mas encontra-se aqui a meu convite, e toda a cortesia lhe será devida... em particular. Contudo, daqui por diante, à frente dos meus homens eu sou "senhor", e não "Mallow". E quando eu der uma ordem, terá de andar mais depressa do que o mais baixo dos recrutas, ou ponho-o a ferros com uma rapidez que você nem sequer imagina. Entendido?

O "leader" do Partido engoliu em seco. Com relutância, disse:

- As minhas desculpas.

- Aceitas. Aperta-me a mão?

Os dedos frios de Twer foram engolidos pela enorme mão de Mallow. Twer disse:

- Minhas intenções eram ótimas. É difícil mandar um homem para a morte. Esse governador covarde não poderá protegê-lo. É um assassinato.

- Não posso evitá-lo. Francamente, o incidente não cheirava muito bem. Observou?

- O que?

- Este porto encontra-se numa zona longe da cidade. Repentinamente um missionário foge. De onde vem? Vem para cá. Coincidência? Junta-se enorme

multidão. De onde vem? A cidade mais próxima, de tamanho razoável, deve ficar pelo menos a uns cem quilômetros. No entanto eles chegam dentro de meia hora. Como?

- Como? - ecoou Twer.

- Bem, e se o missionário tivesse sido trazido para cá e posto em liberdade para servir de isca. O nosso reverendo Jord Parma estava consideravelmente confuso. Parecia não ter tido tempo para ordenar as idéias.

- Maus tratos...

- Talvez! E talvez a idéia tenha sido meterem-nos a defender cavalheirescamente o homem. Ele estava aqui contra as leis da Fundação e de Korell. Se eu o mantivesse aqui, seria um ato de guerra contra Korell, e a Fundação não teria direito legal para nos defender.

- Isso... isso é ir longe demais.

O alto-falante cortou a resposta de Mallow.

- Foi recebida uma comunicação oficial, senhor.

- Envie-me imediatamente!

O envelope brilhante chegou quase imediatamente. Mallow abriu-o e abriu a folha que ele continha. Esfregou a folha entre o indicador e o polegar apreciativamente.

- Diretamente da capital. Escrito no papel timbrado do próprio comodoro.

Leu-o de um só relance e observou:

- Com que então era ir longe demais?

Atirou a folha para Twer e continuou:

- Meia hora após termos reenviado o missionário, recebemos finalmente um delicado convite para aparecermos na augusta presença do comodoro... depois de sete dias de espera. Acho que passamos na prova que nos foi imposta.

Comodoro Asper era um homem do povo, por aclamação. O que lhe restava de seus cabelos grisalhos, caía-lhe atrás sobre os ombros, a camisa que vestia necessitava de limpeza e além de tudo o mais tinha um defeito de dicção.

- Aqui não há ostentação, comerciante Mallow. Não há falsos

espetáculos. Em mim, vê antes de mais nada o primeiro cidadão do Estado. É o que Comodoro significa, e esse é o único título que possuo. - Parecia extraordinariamente satisfeito com tudo. - Para ser franco, considero esse fator como sendo o de maior importância nas relações entre Korell e a sua nação. Compreendo que vocês gozam da mesma bênção republicana que nós.

- Exatamente, comodoro - Mallow fez uma nota mental do fato. - É um fator que eu considero o principal nas relações de paz e de amizade existentes entre os nossos dois governos.

- Paz! Ah! - A grande barba branca do comodoro acompanhava suas caretas sentimentais. - Acho que não há duas pessoas na Periferia que tenham tão perto do coração o mesmo ideal de paz que eu tenho. Posso afirmar, sem receio de mentir, que desde que sucedi a meu pai na chefia do Estado, a paz nunca foi violada. Talvez eu não devesse dizer o que sou, mas contaram-me que o meu povo me chama Asper, o Bem-amado.

Mallow deixou que os seus olhos passeassem sobre o jardim bem arranjado onde os homens da guarda passeavam com as suas armas de feitios estranhos, talvez para protegerem o amado comodoro. Seria compreensível. Mas as altas e fortes muralhas que cercavam o palácio tinham sido reforçadas havia pouco tempo - estranha ocupação para um Bem-amado.

- Felizmente o é, comodoro. Os déspotas e monarcas dos mundos circunvizinhos que não têm a bênção de uma administração iluminada muitas vezes não possuem qualidades que podem tornar um governante Bem-amado.

- Tais como? - Havia uma nota de cuidado na voz do comodoro.

- Tais como a preocupação pelo bem do seu povo. Por outro lado, Vossa Excelência não pode deixar de compreender.

O comodoro manteve os olhos no chão enquanto passeavam e as suas mãos afagavam-se uma à outra.

Mallow continuou serenamente:

- Até agora, o comércio entre as nossas duas nações tem sofrido em virtude das restrições impostas pelo seu Governo sobre os nossos comerciantes. Decerto já se lhe tornou aparente que comércio ilimitado...

- Comércio livre! - sussurrou o comodoro.

- Seja comércio livre. Deve compreender que traria benefício a ambas as partes. Há coisas que os senhores têm e que nós queremos, e vice-versa. Só

poderá trazer crescente prosperidade. Um presidente com uma administração tão digna de nota, um amigo do povo... posso dizer... um membro do povo... não precisa de que eu me entenda sobre a matéria. Não insultarei a sua inteligência, elaborando.

- Verdade! Eu mesmo já o vi. Mas que quer: o seu povo ás vezes é tão difícil. Estou a favor de todo o comércio que a nossa economia possa suportar, mas não nos seus termos. Não sou aqui o único a pôr e a dispor. Sou o mais humilde criado deste meu povo. O meu povo não quer um comércio que força a aceitação do vermelho e dourado.

Mallow endireitou-se.

- Uma religião compulsória?

- Com efeito assim tem sido. Decerto se lembra do caso de Askone, já se passaram vinte anos. Primeiro, venderam alguns dos seus produtos e depois o seu povo pediu completa liberdade para o trabalho missionário, de modo que toda a aparelhagem funcionasse devidamente, que fossem erguidos Templos da Saúde, depois foi o estabelecimento de escolas religiosas, direitos autônomos para todos os oficiais da religião, e com que resultado? Askone é agora um membro do grande sistema da Fundação e o Grão-mestre nem pode considerar como suas as roupas íntimas que usa. Não, não, a dignidade de um povo independente nunca poderia permiti-lo.

- Mas eu não sugiro nada do que me fala - disse Mallow.

- Não?

- Não. Eu sou um Mestre Comerciante. A minha religião é o dinheiro. Toda esta palhaçada de sacerdotes e de religião me aborrece, e fico contente de saber que o senhor também jamais a aceitará. Torna-o mais no meu tipo de personalidade.

O comodoro riu com um riso agudo.

- Bem dito! A Fundação já me devia ter mandado um homem como o senhor antes. - Apoiou uma mão amigável sobre o enorme ombro de Mallow. - Homem, até agora você me falou de coisas que não são obrigatórias, fale-me agora das que são.

- O que na verdade há, é que o senhor ficará cheio de riquezas.

- Ah, sim? Mas para que quero eu riquezas? A verdadeira fortuna é ter o amor do seu povo, e isso eu já tenho.

- Pode ter as duas coisas, pois é possível colher amor com uma das mãos, e ouro com a outra.

- Isso, meu jovem amigo, seria um fenômeno que eu gostaria de observar, se fosse possível. Como poderá ser conseguido?

- Oh, de várias maneiras. A dificuldade está no escolher entre elas. Deixe-me ver, bem, os artigos de luxo, por exemplo. Este objeto que aqui tenho...

Mallow tirou do bolso uma corrente dourada, de metal polido.

- Isto, por exemplo.

- O que é?

- Tem de ser demonstrado. Pode-me apresentar uma garota? Uma qualquer. E um espelho alto, também.

- Bom, bom, entremos então em casa.

O comodoro referia-se ao lugar onde vivia, como uma casa. O populacho indubitavelmente a chamaria um palácio. Para o olhar direto de Hober Mallow parecia uma fortaleza. Estava construída numa colina que dominava a capital. As paredes eram grossas e reforçadas. Todos os caminhos que levavam até lá eram guardados, e a sua arquitetura estava preparada para a defesa. Precisamente o tipo arquitetônico conveniente para Asper, o Bem-amado. Uma moça jovem passava perto deles. Ela cumprimentou o comodoro, que disse:

- Esta é uma das damas da comodora. Servirá?

- Perfeitamente.

O comodoro observou atentamente, enquanto Mallow prendia a corrente em volta da cintura da jovem. Depois deu um passo atrás.

- É só isso?

- Por favor, corra as cortinas. Jovem, há um pequeno botão perto do fecho. É capaz de girá-lo? Não vai fazer-lhe nenhum mal.

A moça assim fez, deu um profundo suspiro de surpresa, olhou para as mãos e soltou uma exclamação. Partindo da sua cintura, a moça foi envolvida por uma luminosidade de cor variante, que lhe formava uma coroa de fogo por cima da cabeça. Era como se alguém tivesse arrancado do céu um aurora boreal e a tivesse soldado numa capa.

A moça parou em frente do espelho e mirou-se nele fascinada.

- Tome isto. — Mallow deu-lhe um colar de cristais escuros. - Ponha-o em volta do pescoço.

A jovem dama assim fez, e cada pedra que entrava no campo de radiação parecia transformar-se numa labareda de ouro e carmim.

- Que pensa disto? - perguntou-lhe Mallow. A jovem não respondeu, mas nos seus olhos havia fascinação, o comodoro fez um gesto e, relutante, ela girou de novo o botão, e a glória morreu. Ela foi-se... com uma recordação.

- É para o senhor, comodoro, como presente para a comodora. Considere-o como um pequeno presente da parte da Fundação.

O comodoro avaliou o peso da corrente e do colar.

- Como é que é feito?

Mallow encolheu os ombros.

- Isso é uma pergunta para os nossos técnicos. Mas funcionará para você sem... repito... sem qualquer auxílio dos sacerdotes.

- Analisando bem a coisa, não passa de uma bugiganga feminina. Não compreendo de onde viria o tal lucro.

- Dão-se bailes, recepções, banquetes... essa espécie de coisas?

- Claro!

- Compreende o que as mulheres pagarão por essa espécie de jóias? Pelo menos dez mil créditos.

O comodoro soltou uma exclamação de surpresa.

- E já que a unidade de energia deste adorno não dura mais do que seis meses, haverá necessidade freqüente de substituição. Agora, poderemos ceder-lhe a quantidade que quiser, ao preço equivalente de mil créditos de ferro fundido. Há um lucro de novecentos por cento para você.

O comodoro parecia estar extremamente preocupado com cálculos mentais.

- Pela Galáxia, como as velhas damas vão brigar por isto! Não vou pôr à disposição delas um grande fornecimento, de forma a deixá-las fazer as ofertas. Claro que não as deixaria saber que sou eu pessoalmente...

Disse Mallow:

- Posso explicar-lhe como se manobra uma corporação, como testa de

ferro. Depois, mais para diante, podemos fornecer-lhes a nossa linha completa de aparelhos domésticos. Temos fornos e fogões que cozinham a carne mais dura, em dois minutos, facas que não precisam ser afiadas. Temos uma pequena máquina de lavar, que lava uma enorme quantidade de roupa automaticamente, máquinas de lavar louça, aspiradores, enceradeiras, produtos de iluminação... enfim, tudo quanto desejar. Pense como vai aumentar sua popularidade, tornando todas estas maravilhas acessíveis ao seu povo. Pense no lucro incalculável que vem beneficiar o seu Governo. O público pagará o que o senhor pedir, e não há qualquer necessidade que saibam quanto é que paga por sua vez. E lembre-se, também, que nenhum destes produtos necessita da supervisão sacerdotal. Todos se sentirão imensamente felizes.

- A exceção de você próprio. Qual é o seu ganho?

- O que todo o comerciante ganha, pelas leis da Fundação. Os meus homens e eu recebemos metade de todos os lucros. Se o senhor me comprar tudo o que eu tenho para lhe vender, não se preocupe, que ambos nos sairemos bem da nossa empresa. Muito bem, mesmo.

O comodoro entregava-se ás suas cogitações.

- Qual é a forma de pagamento que pediu? Ferro?

- Ferro, carvão e bauxita. Também tabaco, especiarias, magnésio e polpa de madeira. Não lhe peço nada que o senhor não tenha em abundância.

- Parece-me aceitável.

- Acho que sim. Outra coisa: posso também reabastecer de acessórios as suas fábricas?

- Como?

- Veja, por exemplo, o caso de suas fundições de aço. Tenho pequenas invenções que reduziriam os custos de produção, em noventa e nove por cento. Podia dar cinqüenta por cento aos fabricantes, e ainda guardar quase outro tanto para você. Podia mostrar-lhe precisamente o que quero dizer, aqui na cidade. Não demoraria muito tempo.

- Tudo isso é possível, comerciante Mallow. Mas só amanhã. Quer dar-nos o prazer de jantar esta noite conosco?

- Os meus homens.. . - começou Mallow dizendo. . .

- Que venham todos - tornou o comodoro expansivo. - Uma união amigável das nossas duas nações. Nos dará oportunidade de discutirmos um

pouco mais este assunto. Com uma única condição: é de não haver qualquer discussão religiosa. Não pense que isto será uma brecha de entrada aos missionários.

- Comodoro, dou-lhe a minha palavra de honra que a religião comeria todos os meus lucros.

- Então por ora basta. Vou mandá-lo escoltar até à sua nave.

A comodora era muito mais jovem do que o seu marido. O seu rosto era pálido e frio, e os cabelos negros eram presos na nuca. Sua voz estava cheia de irritação.

- Já terminou, meu nobre marido? De todo? Suponho que agora posso ir para o jardim.

- Não há necessidade de dramatizar, minha querida Lícia. Aquele jovem é nosso convidado para o jantar desta noite, e pode falar com ele tudo o que desejar, e mesmo divertir-se com as coisas que eu vou dizer. Temos de arranjar lugar para os seus homens. Espero que não sejam muitos.

- Provavelmente são uns comilões, e você gemerá durante duas noites seguidas, quando vir a despesa.

- Talvez não. Apesar de sua opinião, o jantar deve ser farto.

- Com que então você se torna amigo desses bárbaros. Talvez fosse por isso que não consentiu que ouvisse sua conversa. Talvez se prepare para atraiçoar o meu pai.

- De forma alguma.

- Espera que eu acredite em você? E fui eu sacrificada com este casamento. Poderia ter escolhido um homem muito melhor do que você, mesmo entre a ralé do meu mundo nativo.

- Talvez a senhora deseje voltar para o seu mundo, mas para eu poder reter a parte do seu corpo que melhor conheço, como recordação, teria de mandar cortar-lhe a língua, antes de deixá-la partir. E para melhorar um pouco a sua beleza, cortaria também as pontas do nariz e das orelhas.

- Não teria coragem para isso, meu velho. O meu pai mandaria pulverizar sua nação-brinquedo. De qualquer maneira, ele poderia fazê-lo, se eu lhe dissesse que você está negociando com esses bárbaros.

- Não há necessidade de ameaças. Terá oportunidade de interrogar aquele homem, à noite. Entretanto, "madame", é favor não soltar a língua.

- Às suas ordens?

- Tome este presente e cale-se.

Depois de lhe ter colocado os adornos, foi o próprio comodoro que acionou o botão. A comodora teve uma exclamação de surpresa, tocou de leve no colar, e ficou fascinada. O comodoro esfregou as mãos com satisfação.

- Pode usá-lo esta noite... haverá mais, de onde esse veio. Agora cale a boca.

A comodora calou-se.

Jaim Twer estava pouco à vontade.

- Por que está de cara torcida?

Hober Mallow saiu do transe.

- A minha cara está torcida? Não devia estar.

- Alguma coisa deve ter acontecido ontem... quero dizer... além da festa. Há enrascadas, não há Mallow?

- Enrascadas? Não! Pelo contrário. Preparei-me para atirar o meu corpo contra uma porta supostamente fechada, e encontrei-a aberta. Deixam-nos entrar nesta fundição com muita facilidade.

- Suspeita de alguma armadilha?

- Por amor de Seldon, não seja melodramático! Esta entrada simples quer dizer que não há nada para ver.

- Energia atômica? Parece não haver qualquer indício de política atômica, em Korell. Seria muito difícil esconder uma coisa dessas.

- Não, se estiver no início, Twer, e se for aplicada a uma economia de guerra. Só a encontraria nos estaleiros e nas fundições.

- De modo que se não encontrarmos...

- É porque nada têm... ou porque nada querem mostrar. Atire uma moeda ao ar e adivinhe.

Twer abanou a cabeça.

- Gostaria de ter estado ontem com você.

- Também eu. Não tenho qualquer objeção ao apoio moral. Infelizmente foi o comodoro quem ditou os termos do encontro, e não eu. Parece-me que está lá fora o carro que nos escoltará até a fundição. Está com os aparelhos?

- Todos eles.

A fundição era ampla, com o cheiro que nenhuma quantidade de reparações lhe poderia jamais tirar. Naquele momento estava vazia, e o silêncio não era natural, como não era hábito ser visitada pelo comodoro e pela sua Corte. Mallow pegou uma folha de aço e colocou-a nos suportes. Depois pegou o instrumento que Twer lhe entregava.

- Este instrumento é perigoso, tal como uma serra, é tudo questão de não deixar apanhar os dedos.

Ao dizer estas palavras, deixou que a ponta corresse ao longo da folha, que imediatamente ficou cortada em duas partes. Os espectadores deram um salto, e Mallow riu.

- O comprimento do corte pode ser ajustado até um centésimo de polegada. Desde que seja determinada a espessura da folha com exatidão, pode fazer-se um corte de qualquer tamanho.

E apanhando aquele instrumento começou a aparar o aço.

- Querem, no entanto, diminuir a espessura de uma folha? Temos uma plaina do mesmo tipo. Ou broca? O princípio é sempre o mesmo.

Agora, amontoavam-se todos em semicírculo, como se estivessem vendo um espetáculo de magia, um ato de variedades, ao invés de uma simples demonstração. As mais altas patentes do Governo empurravam-se umas às outras, para melhor poderem ver as habilidades de Mallow com a broca atômica.

- Uma última demonstração. Tragam-me dois pedaços de tubo de aço. Um dos dignitários foi buscar dois pedaços de tubo.

Mallow, de um só golpe, cortou ambas as extremidades de um e de outro, e depois uniu-os. Os dois pedaços formavam um só, sem necessidade de blocos ou de juntas ou alisamento.

Mallow olhou o seu grupo de espectadores, ia proferir mais umas palavras, porém de repente parou. A base do seu estômago parecia ter ficado repentinamente gelada.

A guarda pessoal do comodoro, no meio da excitação geral, tinha-se aproximado do grupo na primeira fila e, pela primeira vez, Mallow teve de ver as estranhas armas que usavam à cintura.

Eram armas atômicas, disso não tinha nenhuma dúvida, mas o mais importante era o distintivo que via estampado na coronha dessas armas. A Nave e o Sol! A mesma Nave e o Sol de que todos os livros de História falavam, como sendo o distintivo do Império Galáctico.

Mallow continuou a falar, a despeito dos seus funestos pensamentos. Quando achou que a lengalenga era suficiente, parou. De qualquer maneira já tinha o que queria. O distintivo que via naquelas coronhas era a finalidade de sua viagem.

O Império! Os pensamentos redemoinhavam. Tinham passado cento e cinqüenta anos, mas o Império continuava a existir, em qualquer ponto da Galáxia. E começava de novo a emergir na Periferia. Mallow sorriu.

A "Estrela" estava no espaço havia dois dias, quando Hober Mallow, na sua cabina, entregou ao tenente Drawt um envelope, um rolo de microfilme, e um esferóide prateado.

- Daqui a uma hora o senhor assumirá o comando da "Estrela", até à minha volta... ou para sempre.

Drawt fez menção de se levantar, mas Mallow não o deixou.

- Fique quieto e ouça! O envelope contém a posição exata do planeta para onde deve se dirigir. Uma vez ali, deverá aguardar dois meses por mim. Se a Fundação descobrir o seu paradeiro antes desses dois meses, o microfilme é o meu relatório desta viagem. Contudo, - a sua voz tomou um tom sóbrio - se eu não regressar ao fim desses dois meses, e se as naves da Fundação não descobrirem o seu pouso, deve se dirigir para o planeta Terminus, e entregar a cápsula como relatório. Compreendeu?

- Muito bem, senhor.

- Em nenhum momento, está o senhor ou qualquer outro oficial, autorizado a ampliar o meu relatório.

- E se formos interrogados?

- É como se não soubessem de nada.

- Muito bem.

A entrevista terminou e, cinqüenta minutos depois, uma nave salva-vidas largava da "Estrela".

Onum Barr era muito velho para ter medo. Desde as últimas perturbações que ele vivia sozinho, nos limites da sua terra, com os livros que conseguira salvar das ruínas. Não havia nada que receasse perder, nem mesmo o que restava de sua vida, de modo que enfrentou o estranho sem qualquer temor.

- A sua porta estava aberta - explicou o estranho.

O seu acento era ríspido, e Barr não deixou de notar a arma que trazia à cintura. Na obscuridade do pequeno compartimento o velho não deixou de ver o brilho do campo magnético que rodeava o homem.

- Não há motivos para conservá-la fechada. Deseja alguma coisa de mim?

- Sim. - O estranho não se moveu do meio do compartimento. - A sua casa é a única nestas redondezas?

- É um local ermo, mas há uma cidade para leste. Posso mostrar-lhe o caminho.

- Dentro de pouco tempo. Posso sentar-me?

- Se as cadeiras o agüentarem. - Também as cadeiras eram velhas, relíquias de uma juventude melhor.

- Chamo-me Hober Mallow. Sou de uma província longínqua.

Barr assentou e sorriu.

- Sua língua já o acusou há muito. Sou Onum Barr de Siwena... e já fui cidadão do Império.

- Então Siwena é aqui. Só me consegui guiar por mapas antigos.

- Deveriam ser na verdade muito antigos, para que a posição das estrelas se tivesse alterado.

Barr deixou-se ficar quieto, enquanto que o olhar do outro se desvanecia nos seus pensamentos. Notou que o escudo magnético desaparecera do redor do estranho, e admitiu para si mesmo que a sua pessoa já não parecia formidável, nem para estranhos... nem mesmo aos seus inimigos.

- A minha casa é pobre e os meus recursos escassos. Posso dividir com

você o que tenho, se o seu estômago conseguir agüentar pão negro e milho seco.

Mallow abanou a cabeça.

- Não, já comi e não posso demorar. Tudo o que necessito são as direções para o centro do Governo.

- Isso é fácil, e a minha pobreza não aumenta com isso. Refere-se à capital do planeta, ou ao Setor Imperial?

O estranho olhou-o interessado.

- Não são a mesma coisa? Estou em Siwena, ou não?

O velho patrício confirmou com um sinal de cabeça, vagaroso.

- Siwena sim, mas não mais a capital do Setor Normânico. Parece que afinal, o seu velho mapa o enganou. As estrelas podem se manter durante séculos, mas as fronteiras políticas não são muito elásticas.

- É pena que assim seja. A nova capital fica muito longe?

- Fica em Orsha II. O seu mapa o guiará, quanto tempo tem?

- Cento e cinqüenta anos.

- Assim tão velho? A História tem dado muitas voltas desde então. Sabe alguma coisa disso?

Mallow abanou a cabeça, em sinal negativo.

- É feliz. Foi um período mau para as províncias, à exceção do reinado de Stannel VI, e ele já morreu há cinqüenta anos. Desde então, não se tem passado de ruínas e de revoltas, revoltas e ruínas. Barr imaginou se ainda seria capaz de conversar. A vida neste confim era solitária, e pouca oportunidade havia de falar com outros homens.

- Ruína? Parece que a província está empobrecida.

- Talvez não completamente. Os recursos físicos de vinte e cinco planetas de primeira grandeza levam muito tempo a serem esgotados. Comparado, no entanto, com a prosperidade do século passado, caminhamos para a decadência e não há qualquer sinal de que cesse. Por que está assim tão interessado em tudo isto? É jovem, e o seu olhar brilha.

- Sou um comerciante daquelas bandas... dos confins da Galáxia. Descobri alguns mapas antigos e vim à procura de novos mercados. Naturalmente, conversas de províncias empobrecidas preocupam-me. Não se

pode procurar dinheiro onde ele não existe. Que tal está Siwena?

- Não sei dizer, talvez ainda sirva. Mas você, um comerciante? Parece mais um homem de ação. A sua mão está sempre perto da arma, e há cicatrizes no seu rosto.

- Da região de onde venho não há lei. Lutas e cicatrizes fazem parte da vida de um comerciante. Mas a luta só é boa quando tem por objetivo o dinheiro, mas se eu puder obtê-lo sem esforço, muito melhor. Valerá ainda a pena lutar pelo que aqui ainda há? Lutas sou perito em descobrir.

- Seria na verdade fácil. Aliste-se no que resta das "Estrelas Vermelhas" de Wiscard. Não sei, no entanto, se deva chamar a esses indivíduos de lutadores ou piratas. Podia também juntar-se ao nosso gracioso vice-rei... por direito de assassínio, pilhagem e rapina.

O rosto do ancião afogueou-se.

- Não fala do vice-rei com muita simpatia. E se eu fosse um de seus espiões?

- E se for? Que pode levar? - O seu braço descarnado fez um gesto largo que abrangeu toda a mansão arruinada.

- A sua vida.

- Seria fácil tirá-la. Já está comigo há muito tempo. Porém você não é um dos homens do vice-rei, ou o meu instinto de autoconservação não me deixaria falar.

- Como sabe?

- Parece que suspeita. Vamos, aposto em como pensa que eu estou tentando falar contra o Governo. Não! Eu já ultrapassei a política.

- Quem a ultrapassou? As palavras que usou para descrever o vice-rei... quais foram... assassínio, pilhagem, tudo isso. Não me pareceu muito objetivo. Não me pareceu que tivesse deixado a política.

O velho encolheu os ombros.

- As recordações magoam, quando vêem repentinamente. Ouça! Julgue por você. Quando Siwena era capital provincial, era eu membro do Senado provincial. A minha família era antiga e venerada. Um dos meus avós, foi... Não, isso não importa. Glórias passadas são alimento pobre.

- Deduzo que houve uma guerra civil, ou revolução.

O semblante de Barr tornou-se carregado.

- As guerras civis naquela época eram crônicas, porém Siwena tinha-se mantido aparte. Sob a égide de Stanell VI, quase que reconquistou sua antiga prosperidade, mas seguiram-se imperadores fracos, e imperadores fracos significam vice-reis fortes, até que o nosso último vice-rei... Wiscard, cujos restos ainda hoje se dedicam à pirataria entre as "Estrelas Vermelhas"... decidiu tentar apoderar-se da Púrpura Imperial. Não foi o primeiro a tentar, e se tivesse sido bem sucedido não seria desde já o primeiro. Porém falhou. Quando o almirante do Imperador se aproximou da província à frente de uma esquadra, a própria Siwena se rebelou contra o vice-rei rebelde.

- Por favor, continue! - Mallow estava tenso, esperando ouvir a continuação da história.

- Obrigado. É bondade de sua parte incentivar um velho. Revoltaram-se! Ou talvez deva dizer, rebelamo-nos, pois eu fui um dos responsáveis. Wiscard deixou Siwena à nossa frente, o planeta e com ele a província foram abertos ao almirante, com todos os gestos de lealdade possíveis para com o Imperador. Por que o fizemos, não sei. Talvez nos sentíssemos leais ao símbolo, ainda que não à pessoa do Imperador. Talvez temêssemos o horror de um cerco.

- E então?

- Parece que mesmo assim o almirante não ficou satisfeito. Queria a glória de conquistar uma província rebelde, e os seus homens queriam a pilhagem que tal conquista acarretaria. De modo que, enquanto o povo se juntava nas praças de todas as cidades, aclamando o Imperador e o seu almirante, este mandou ocupar todos os armazéns, e depois mandou executar a população com descargas atômicas.

- Sob que pretexto?

- Sob o pretexto de que a população se revoltara contra o seu vice-rei, abençoado pelo Imperador. E o almirante tornou-se o novo vice-rei, após um mês de massacres, pilhagem e de toda a espécie de horrores concebíveis. Eu tinha seis filhos. Cinco morreram... de maneiras diversas. Tinha uma filha. Espero que ela tenha morrido, eventualmente. Eu escapei por ser velho. Vim para cá, muito velho para causar preocupações ao nosso novo vice-rei. Não me deixaram nada, porque eu ajudei a expulsar um Governador rebelde, e roubei assim um almirante de sua glória.

- E o seu sexto filho?

- Esse. - Barr sorriu forçado. - Esse está seguro, pois juntou-se às forças do almirante, sob um nome falso. É artilheiro na frota pessoal do vice-rei. Não, nada do que está pensando, não é um filho desnaturado. Ele visita-me quando pode, e traz-me o que pode. É ele que me mantém vivo. Um dia virá em que o nosso vitorioso almirante encontrará a morte, e o meu filho será o seu carrasco.

- E diz tudo isso a um estranho? Põe em perigo a vida do filho.

- Não. Estou ajudando-o, introduzindo um novo inimigo. E fosse eu amigo do vice-rei, como sou seu inimigo, o aconselharia a encher o espaço de naves, até o extremo limite da Galáxia.

- Lá, não há naves?

- Encontrou alguma por acaso? Algum guarda o interrogou? Sendo as naves poucas para guardar as outras províncias, que também estão cheias de sua parte de intrigas e iniqüidades, não se pode dispensar nenhuma para guardar os limites bárbaros. Nenhum perigo jamais nos ameaçou, dos confins da Galáxia... até você chegar.

- Eu? Eu não represento perigo.

- Haverá outros que o seguirão.

- Não o compreendo.

- Escute! - a voz do ancião era febril. - Conheci-o quando entrou. Tinha um campo magnético à volta do seu corpo quando o vi entrar.

- É verdade. Tinha.

- Bem. Havia uma falha, porém você não o sabia. Ainda há coisas de que eu me lembro, embora hoje em dia seja decadente alguém dedicar-se ao estudo. Os acontecimentos precipitam-se, e quem não souber lutar contra a corrente, como eu, é arrastado. Contudo já fui um estudioso, e sei que em toda a história da energia atômica nunca foi inventado um campo magnético portátil. As que temos são enormes, capazes de proteger uma cidade, e uma nave, jamais um só indivíduo.

- E que se pode deduzir?

- Há histórias que conseguem atravessar o espaço. Os caminhos por onde passam são estranhos, e cada vez se tornam mais distorcidos... mas quando eu era um jovem, apareceu uma nave com estrangeiros que não conheciam os nossos costumes, e não sabiam dizer de onde vinham. Falaram de magos, nos confins da Galáxia, magos que brilhavam no escuro, que voavam pelo espaço

sem qualquer ajuda, e a quem as armas não conseguiam atingir.

- Nós rimos, ri também. Esqueci disso até hoje. Mas você também brilha na escuridão e se eu tivesse uma arma tenho certeza de que não o molestaria. .. Diga-me: também pode voar pelo espaço, do mesmo modo que se encontra aí sentado?

Mallow respondeu calmamente:

- Não entendo onde quer chegar.

- Essa resposta basta-me. Não interrogo os meus hóspedes. Porém se na verdade existem tais magos e se você for um deles, não resta dúvida que o seguirão. Tudo irá bem. Necessitamos de sangue novo. Mas também se dá o caso contrário, o nosso vice-rei também sonha, como Wiscard.

- Também anda atrás da coroa do Imperador?

- O meu filho ouve algumas histórias. Na corte pessoal do vice-rei é inevitável e ele me conta. O nosso almirante não recusaria a Coroa se a oferecessem, porém mantém um caminho de retirada. Conta-se de que se o golpe para se apoderar na coroa falhar, ele tem planos para formar um novo Império nos territórios Bárbaros. Já se diz, embora eu não o afirme, que até deu em casamento uma das suas filhas a um rei sem importância, de um daqueles reinos desconhecidos da enorme Periferia.

- Se der ouvidos a todas as histórias.. .

- Eu sei, mas há muitas mais. Eu sou velho e digo disparates, mas que diz você? - E os seus olhos cansados penetravam fundo.

O comerciante considerou.

- Não digo nada, mas gostaria de lhe perguntar uma coisa. Siwena tem energia atômica? Espere um pouco: - que tem conhecimentos aplicados nesse campo, já sei. O que quero saber é se têm geradoras intactas, ou se durante a revolta foram destruídas?

- Destruídas! Não! Metade do planeta desapareceria antes que fosse permitida a destruição da mais insignificante geradora. São irreparáveis, e a principal fonte de energia da armada. Temos a maior e melhor geradora, fora de Trantor.

- Que eu teria de fazer se quisesse ver uma dessas estações?

- Nada! - exclamou Barr decidido. - Não poderia aproximar-se de qualquer centro militar, sem que fosse instantaneamente morto. Nem você, nem

ninguém. Siwena ainda não recuperou os direitos civis.

- Quer dizer que todas as estações centrais estão sob guarda da milícia?

- Não. Há as subestações urbanas, as que fornecem energia para a iluminação e aquecimento das casas, funcionamento de veículos, etc. Mas são quase a mesma coisa. São controladas pelos técnicos.

- Quem são eles?

- Um grupo especializado que supervisiona as geradoras. Essa honra é hereditária, sendo os mais jovens iniciados desde muito cedo, como aprendizes. Uma estrita consciência do dever, e tudo o mais. Só um técnico poderia entrar numa estação.

- Estou entendendo.

- Não quero dizer que não haja casos onde os técnicos não possam ser comprados. Nos dias em que nós temos nove imperadores em cinqüenta anos, e que sete deles são assassinados... quando o menor dos capitães aspira à usurpação da vice-realeza, e os vice-reis ao Império, suponho que um técnico seja suscetível de ser comprado. Mas seria necessário muito dinheiro, e eu não tenho nenhum. Você tem?

- Dinheiro? Não! Mas nem sempre é preciso dinheiro para comprar uma pessoa.

- Mesmo sendo o dinheiro, o poder que pode comprar todas as outras coisas?

- Há mesmo muitas coisas que o dinheiro não consegue comprar. E agora, se me disser qual é a cidade mais próxima que tenha uma dessas geradoras, agradeço-lhe.

- Espere! Onde vai correndo? Você vem aqui e eu não lhe faço perguntas. Na cidade, onde os habitantes são ainda apelidados de rebeldes, seria interrogado pelo primeiro guarda que passasse em serviço, e visse as suas roupas ou ouvisse a sua voz.

Levantou-se, e de um canto escuro dum velho armário, tirou um folheto.

- O meu passaporte... falsificado. Foi com ele que eu consegui fugir.

Pôs o folheto nas mãos de Mallow, e fechou sobre ele a mão.

- A descrição não lhe serve, mas se o brandir, há grandes possibilidades de que não olhem com muita atenção.

- Mas você... você fica sem ele.

- Que importa. Mais uma precaução a tomar. Não fale demais! O seu sotaque é uma barbaridade, suas palavras estranhas, e de vez em quando deixa escapar arcaísmos surpreendentes. Quanto menos falar, menos suspeitas levantará. Agora, vou dizer-lhe qual o caminho a tomar para a cidade.

Cinco minutos depois, Mallow havia sumido. Voltou a olhar uma só vez, por um momento, antes de partir definitivamente. Quando Onum Barr saiu para o jardim, na manhã seguinte, encontrou a seus pés um pequeno caixote, contendo provisões, provisões, como seria natural encontrar-se a bordo de uma nave, eram estranhas no sabor e na preparação.

Mas eram boas, e durariam muito tempo.

O técnico era um homem atarracado, com a pele esticada e brilhante de gordura. O seu cabelo era ralo, e através dele via-se o crânio luzidio. Os anéis que lhe adornavam os dedos eram pesados e grossos, as roupas perfumadas, e era o primeiro homem que Mallow via naquele planeta, que não tinha ar esfomeado.

- Vamos meu homem, depressa. Tenho assuntos importantes à minha espera. Parece um estrangeiro... - observou de perto as vestes estranhas de Mallow, e o seu olhar estava carregado de suspeitas.

- Não sou destas redondezas - respondeu Mallow calmamente - mas isso não importa. Tive a honra e o prazer de lhe enviar um pequeno presente, ontem...

O homem prestou-lhe atenção.

- Recebi-o ontem. Interessante. Há de ser útil.

- Tenho outros presentes, e todos mais interessantes. Muito diferentes do que lhe enviei ontem.

O homem calou-se por um momento, pensativo.

- Parece-me adivinhar o curso que vai tomar a nossa entrevista, já aconteceu outras vezes. Vai julgar dar-me alguns presentes sem qualquer importância, o que julgar ser suficiente para corromper a alma de um técnico. E sei muito bem o que quer em troca. Houve muitos outros que tiverem a mesma idéia brilhante. Quer ser adotado pela nossa irmandade. Quer que lhe seja ensinado o segredo da energia atômica, e o cuidado para com os maquinismos. Vocês, cães de Siwena... e a sua roupa de corte estranho deve ser usado para sua

segurança... pensam que podem escapar ao castigo que lhes aplicamos diariamente, e que merecem, entrando para a nossa sociedade, para que sejam por ela protegidos.

Mallow ia começar a falar, mas a voz do técnico elevou-se.

- Agora desapareça antes que dê o seu nome ao Protetor da Cidade. Pensa que atraiçoaria assim toda a confiança depositada em mim? Os traidores siweneses que me precederam talvez o tivessem feito. Mas agora nós somos diferentes. Maravilho-me de como não o mato imediatamente, eu mesmo, com minhas próprias mãos.

Mallow sorriu. Todo o discurso não passava de uma artificialidade de tom e conteúdo, de modo que toda a indignação se transformava numa farsa. O comerciante olhou bem humorado para as duas mãos gorduchas que o seu interlocutor havia nomeado como possíveis carrascos imediatos, e disse:

- Sua Sabedoria engana-se em três pontos. Primeiro: não sou nenhum dos homens do vice-rei, enviado para provar a sua honestidade. Segundo: o meu presente é tal que nem o Imperador em toda a sua grandeza jamais possuirá outro igual. Terceiro: o que eu desejo em troca é muito pouco, quase nada.

- Isso você diz! - Sua voz tomou um tom de sarcasmo. - Que doação imperial é essa, que o seu poder deseja dar-me? Algo que o Imperador não tem?

Mallow levantou-se e empurrou a cadeira para o lado.

- Esperei três dias para falar com Sua Sabedoria, porém a demonstração não demorará mais do que três minutos. Se o senhor puxar essa arma cuja coronha vejo perto de sua mão. . .

- Eh?

- ...e atirasse sobre mim, ficaria muito agradecido.

- O que?

- Se eu morrer, pode declarar à Polícia que eu tentei suborná-lo. Receberá elogios. Se eu não morrer, poderá guardar o meu escudo.

Pela primeira vez o técnico tomou consciência da fraca luminosidade que envolvia o seu visitante. Olhando o suspeito, sacou da sua arma, apontou e acionou o gatilho. A linha dirigida ao coração de Mallow desviou-se. Enquanto o olhar de paciência de Mallow não se alterava, a carga atômica atirada contra ele desfazia-se no ar. A arma do técnico tombou para o chão, com um ruído seco.

- O Imperador terá um escudo magnético individual? Você pode tê-lo.

- É técnico?

- Não.

- Então... onde conseguiu isto?

- Que lhe importa? Quer? - Uma corrente pequena caiu sobre a mesa. - Aí a tem.

O técnico apanhou-a, e segurou-a com nervosismo.

- Está completa?

- Completa.

- De onde vem a energia?

O dedo de Mallow apontou para uma das esferas que compunham a corrente. O rosto do técnico, ao olhar para Mallow, estava congestionado.

-Senhor: há vinte anos que sou técnico de grau superior, e estudei sob a supervisão do grande Bler, da Universidade de Trantor. Se possuir charlatanice suficiente para me dizer que uma esfera do tamanho de uma noz contém uma geradora atômica, levo-o perante o Protetor, em menos de um minuto.

- Explique-o então, se quiser. Eu lhe afirmo que está completo.

O técnico pôs a corrente à volta da cintura, e seguindo os gestos de Mallow, apertou a esfera. A radioatividade que o envolvia atenuou-se. Sua arma levantou-se, porém ele parecia hesitar ainda. Quando disparou contra si mesmo, o fogo bateu-lhe na mão e saltou, sem produzir qualquer efeito. Ele se virou.

- E se agora eu o matasse, e ficasse com o escudo?

- Experimente! - disse Mallow. - Pensa que lhe dei a última amostra? - E também ele se deixou envolver completamente pela luz. O técnico riu nervosamente.

- E que vem a ser esse nada que deseja em troca?

- Quero ver suas geradoras.

- Saiba que isso é proibido. Significa sermos os dois lançados no espaço, se nos apanham...

- Não quero tocar-lhes nem experimentá-las de qualquer forma. Quero simplesmente vê-las de longe.

- E se eu não permitir?

- Fique com o seu escudo, e eu fico com as outras coisas. Por exemplo, uma arma especialmente desenhada para atravessar esse campo magnético.

Os olhos do técnico olharam ao redor.

- Venha comigo.

A casa do técnico era um pequeno edifício de dois andares, no exterior da imensidão cubicular e sem janelas que dominava o centro da cidade. Mallow passou de um para o outro, através de um túnel, e viu-se na atmosfera carregada de ozone, da sala de "controle" da geradora.

Durante quinze minutos seguiu silencioso o seu guia. Os seus olhos não perdiam o mais insignificante pormenor, mas os seus dedos nada tocavam.

- Já viu o suficiente? Neste caso não poderia confiar nos meus ajudantes.

- Já alguma vez confiou? - perguntou Mallow com sarcasmo. - Já vi tudo.

Voltaram ao escritório, e Mallow disse pensativo:

- E tudo isto está em suas mãos?

- Tudo.

- E mantém tudo isto em ordem de bom funcionamento?

- Assim é.

- E se houver alguma avaria?

O técnico meneou a cabeça com indignação.

- Não há avarias. Foram construídas para durar uma eternidade.

- Uma eternidade é muito tempo. Suponha você...

- Não é científico supor casos sem uma finalidade em vista.

- Está bem. Suponha que eu agora disparasse de modo a inutilizar uma das parte vitais? Suponho que estes maquinismos não são imunes a forças atômicas. Que fariam perante uma avaria vital?

- Então - gritou o técnico furioso - você morreria.

- Isso eu já sei. Mas que fariam à geradora? Poderiam repará-la?

- Já conseguiu o que queria, agora vá embora! Já não lhe devo nada!

Mallow cumprimentou-o e saiu.

Dois dias depois estava de volta à base onde a "Estrela" o esperava, para regressar ao planeta Terminus. E dois dias depois o escudo que Mallow oferecera ao técnico deixou de funcionar, e nunca mais funcionou apesar de todas as suas maldições.

Mallow descansava pela primeira vez em seis meses. Estava deitado de costas no alpendre da sua nova casa, tomando um banho de sol. Os braços estavam estirados, mas os músculos repousavam.

O homem que se encontrava ao seu lado, acendeu um charuto, e colocou-o entre os dentes, acendendo em seguida outro para si.

- Deve ter trabalhado demais. Talvez precise de um longo repouso.

- Talvez sim, Jael, mas prefiro descansar numa cadeira da sala do Conselho. Porque na verdade eu vou conquistar esse lugar e quem vai me ajudar será você.

Ankor Jael arqueou as sobrancelhas.

- Como é que eu entro nisto?

- Já entrou. Primeiro, porque é um velho político. Segundo, porque o expulsaram do seu lugar no gabinete, e quem o fez foi Jorane Sutt, o mesmo que não quer ver a mim no gabinete. Não acha que tenho grande oportunidade, não?

- Nem por isso - concordou o ex-Ministro da Educação. - Você é de Smyrno.

- Isso não é impedimento legal. Fui educado pela Fundação.

- Vamos mais devagar. Desde quando é que o preconceito reconhece a lei? Que diz Jaim Twer?

- Ele já falou em me pôr no Conselho, há mais de um ano, mas eu já o ultrapassei. De qualquer maneira, ele não o teria conseguido. Não tem tino suficiente. É vulgar, e força demais as coisas... para dar uma expressão de caráter negativo, unicamente. Vou dar um golpe e precisarei de você.

- Jorane Sutt é o político mais esperto que há no planeta, e vai ser o seu principal oponente. Não vou dizer que conseguirei superá-lo em esperteza. De qualquer modo, não deixe de pensar que ele vai lutar muito, e com jogo sujo.

- Eu tenho dinheiro.

- Isso é uma ajuda. Mas é preciso muito para comprar o preconceito... de você ser de Smyrno.

- Mas eu tenho muito.

- Vou ver o que se pode fazer. Mas depois não me venha dizer que eu é que tive culpa. Quem é?

Mallow pensou um pouco e disse:

- O próprio Jorane Sutt, se não me engano. Vem cedo, mas eu compreendo, ando fugindo dele há quase um mês. Vá para a sala aqui ao lado, e ouça a conversa. Empurrou o membro do Conselho para fora da sala, e cobriu-se com um roupão de seda. A luz solar sintética voltou ao normal.

O secretário do Prefeito entrou aprumado, enquanto um mordomo fechava a porta atrás dele. Mallow apertou o cinto e disse:

- Escolha uma cadeira, Sutt.

Sutt mostrou um sorriso.

- Se me disser quais as suas condições, podemos entrar em acordo, imediatamente.

- Que condições?

- Não sejamos ingênuos. Por exemplo: que fez em Korell? O seu relatório foi incompleto.

- Já o dei há meses, na ocasião o senhor ficou satisfeito.

- Sim, mas desde então a sua atitude tem-se tornado significativa. Sabemos muito bem o que anda fazendo, Mallow. Sabemos com certeza, quantas fábricas está montando, com que pressa o faz, e quanto lhe custa. E este palácio que tem aqui, que lhe importou em mais do que o meu salário de um ano, e a forma como tem aliciado as camadas mais altas da Fundação.

- E assim? Além de provar que tem espiões muito capazes, nada mais prova.

- Mostra que possui dinheiro que não possuía há um ano. E isso pode mostrar muita coisa... que se tenha passado em Korell, sem nosso conhecimento. De onde lhe vem todo esse dinheiro?

- Meu caro Sutt! O senhor na verdade não espera que eu lhe diga!

- Não.

- Bem me parecia, é por isso mesmo que vou dizer: vem direitinho dos cofres do comodoro de Korell.

Sutt pestanejou.

- Infelizmente para você o dinheiro é legítimo. Sou um Mestre Comerciante, e troquei várias bugigangas por cobre e ferro fundido. Cinqüenta por cento do lucro é meu, pelo contrato que tenho com a Fundação. O resto desse dinheiro vai para o Estado ao fim do ano, quando todos os bons cidadãos pagam os seus impostos de rendimento.

- Não houve qualquer menção de um acordo comercial no seu relatório.

- Também não menciona o que é que eu comi no meu almoço, daquele dia, ou o nome da minha atual amante, ou qualquer outro pormenor irrelevante. Fui enviado para manter os olhos bem abertos... assim disse o senhor. Nunca os fechei. Desejava saber o que tinha acontecido às naves mercantes da Fundação apreendidas. A verdade é que nunca ouvi falar nelas. Queria saber se Korell tinha energia atômica. O meu relatório fala das armas atômicas em poder da guarda pessoal do comodoro. Não vi qualquer outro sinal. As armas que vi são relíquias do antigo Império, e pode ser que nem sequer funcionem. Que eu saiba, cumpri todas as instruções, e sou um agente livre. Pela lei da Fundação, um Mestre Comerciante pode abrir novos mercados onde puder, e receberá metade de todos os lucros que haja. Quais são as suas objeções?

Sutt deixou que os seus olhos fitassem a parede, e respondeu com calma.

- É costume de todos os comerciantes expandirem a religião com o seu comércio.

- Sou responsável perante a lei, e não perante os costumes.

- Há momentos em que os costumes podem ser leis mais elevadas.

- Apele então para o tribunal.

- Além de tudo o senhor é um smyrniano. Parece que a educação e a religião não conseguiram apagar esse traço do seu sangue. Ouça e entenda: Isto está além dos mercados e do dinheiro, temos perante nós a ciência do grande Hari Seldon que nos afirma que de nós depende um futuro Império e que do caminho que lá leva jamais poderemos sair. A religião que temos é o nosso grande meio para atingir esse fim. Com ela, dominamos os Quatro Reinos, quando eles já se preparavam para nos esmagar. É a melhor maneira de poder controlar homens e mundos. A razão do desenvolvimento do comércio foi para introduzir e divulgar esta religião mais rapidamente, e para nos certificarmos que

a introdução das novas técnicas e de novos sistemas de economia se achariam debaixo do nosso "controle" absoluto.

- Conheço a teoria na íntegra - interrompeu-o Mallow.

- Sim? Não esperava tanto. Então vê claramente que a sua tentativa de comércio, pelo comércio em si, a produção em massa de aparelhos sem qualquer valor, que poderão afetar superficialmente a economia universal, a subversão da política interestelar, ao deus do lucro, o divórcio da energia atômica da nossa religião... pode simplesmente terminar com a queda e negação de uma política que teve êxito durante um século.

- E já era tempo - respondeu Mallow indiferente - no caso de uma política ultrapassada, perigosa e impossível. Embora o seu êxito tenha sido completo nos Quatro Reinos, poucos outros planetas da Periferia a aceitaram. No momento em que nos apoderamos do "controle" dos Reinos, só a Galáxia sabe, quantos exilados puderam levar a história de como Salvor Hardin usou o sacerdócio e a superstição popular para destronar a independência e poder dos monarcas seculares. E se isso por si não bastasse, o caso de Askone, há duas décadas, o demonstraria. Não existe um único rei na Periferia que não preferisse cometer suicídio, antes de permitir a entrada de um sacerdote no seu território. Não proponho forçar Korell ou qualquer outro mundo a aceitar seja o que for que não queiram. Não, Sutt. Se a energia atômica os torna perigosos, uma amizade sincera através do comércio será muitas vezes melhor do que uma regência insegura, baseada numa odiada supremacia de um poder espiritual estranho, o qual, uma vez que fraqueje, não poderá deixar atrás de si nada mais substancial do que temor e ódio imortais.

- Muito bem analisado! - disse Sutt cinicamente. - De modo que, voltando ao original ponto de partida da discussão, quais sãos as suas condições? O que quer para trocar as suas idéias pelas minhas?

- Pensa que minhas convicções estão à venda?

- Por que não? Não é esse o seu negócio, comprar e vender?

- Só com lucro. Pode oferecer-me mais do que eu estou ganhando?

- Poderia levar três quartos dos seus lucros, ao invés da metade. Mallow riu. - Uma bela oferta. Porém seria um décimo daquilo que atualmente posso ganhar. Não tem nada melhor?

- Poderia ter um lugar no Conselho.

- Eu o terei assim que desejar.

Sutt, com um movimento brusco, cerrou o punho.

- Pode também ter um período de prisão. De vinte anos, se eu levar minha idéia avante. Veja o lucro que há nisso.

- Nenhum, a não ser que consiga preencher essa ameaça.

- Um julgamento por assassinato.

- Assassinato de quem?

- De um sacerdote de Anacreon ao serviço da Fundação.

- E quais são as provas?

O secretário do Prefeito inclinou-se para a frente.

- Mallow, não estou blefando. As preliminares acabaram. Tenho só de assinar um papel para que o caso seja levado ao tribunal imediatamente. Você abandonou um cidadão da Fundação à morte e tortura nas mãos de uma turba estrangeira, e tem só cinco segundos para se livrar do castigo que merece. Por mim era melhor que se decidisse ao contrário, pois seria muito mais seguro como inimigo destruído do que como amigo convertido à força.

- Assim seja, então. Faça o seu desejo.

- Bom! Era o Prefeito que desejava tentar um meio-termo e não eu. Seja testemunha de que não tentei demais.

Abriu a porta e saiu.

Mallow olhou Ankor Jael que regressava à sala.

- Você o ouviu?

- Desde que conheço aquela "cobra", nunca o vi tão zangado.

- Que conclui daí?

- A política de domínio através do poder espiritual é sua idéia fixa, mas se bem me parece, sua finalidade não é tão espiritual como diz. Foi por esta mesma razão que eu fui expulso do gabinete.

- Não precisava me dizer. Que pensa que ele quer?

- Ele não é estúpido, de modo que deve ser a bancarrota de nossa política religiosa, que não nos traz qualquer conquista há mais de setenta anos. Portanto, ele utiliza-a para fins puramente pessoais.

- Qualquer dogma baseado na fé e no emocionalismo é uma arma

perigosa para ser utilizada contra os outros, pois nunca se terá certeza de que esse fogo não se virará contra nós. Há cem anos que apoiamos um ritual e uma mitologia que se vai tornando venerada e tradicional... e imóvel. Parece que não está mais sob o nosso "controle".

- Como? Não pare, quero sua opinião.

- Suponha que um homem ambicioso use o poder da religião contra nós, ao invés de a nosso favor.

- Quer dizer que Sutt. . .

- Claro que é Sutt. Suponha que ele consiga imobilizar as várias hierarquias dos planetas sob nosso domínio, e atirá-las contra a Fundação em nome da religião ortodoxa, que possibilidades teríamos? Postando-se à cabeça dos religiosos, poderia declarar guerra à heresia, representada por você, e tornar-se eventualmente rei. Foi Hardin que disse: Uma arma atômica é boa, contudo aponta para os dois lados.

- Bom, Jael: meta-me no Conselho, para eu poder combatê-lo.

- Talvez não. Que história foi essa de deixar um sacerdote ser morto? Não é verdade, é?

- É verdade! - exclamou Mallow descuidado.

- Ele tem provas?

- Deve tê-las! Jaim Twer era agente dele, embora nenhum dos dois suspeitasse que eu soubesse. E Jaim Twer foi testemunha ocular.

- Isso é mau!

- Mau? Que há de mau nisso? O sacerdote estava no planeta, ilegalmente, de acordo com as próprias leis da Fundação. Foi utilizado pelo Governo de Korell, como isca, involuntariamente ou não. Por todas as leis do senso-comum, eu só tinha uma atitude a tomar... e essa ação estava dentro da lei. Se ele me levar a julgamento, se cobrirá de ridículo.

Jael de novo meneou a cabeça.

- Não Mallow, você não está vendo bem a questão. Já tinha dito que o jogo dele é sujo. Ele não quer condená-lo, pois sabe muito bem que não pode fazê-lo, mas quer arruinar o seu crédito junto ao povo. Ouviu o que ele disse? Que às vezes o costume é mais elevado do que a lei? Pode sair do julgamento, livre como um passarinho, mas se o povo pensar que você abandonou um sacerdote, toda a sua popularidade desaparecerá. Todos admitirão que agiu como

devia ter agido, que foi mesmo sensato. Mas aos seus olhos, será um bruto e um monstro. Nunca seria eleito para o Conselho. Poderia até perder o seu título de Mestre Comerciante, se a sua cidadania lhe fosse retirada por voto. Não nasceu em Terminus, sabe? Que pensa que Sutt quer?

- E então!

- Meu rapaz, farei por você o que puder, porém você está numa enrascada séria.

A Câmara do Conselho estava literalmente cheia, no quarto dia do julgamento de Hober Mallow, Mestre Comerciante. O único conselheiro ausente devia maldizer a cabeça partida que não o deixava estar presente. As galerias estavam lotadas daqueles espectadores de perseverança diabólica que tinham conseguido entrar. Os que não tiveram tanta sorte enchiam a praça acompanhando pelos visores trimensionais.

Ankor Jael atravessou toda aquela multidão com a ajuda de um policial, e por fim chegou ao lado de Hober Mallow. Mallow respirou aliviado.

- Foi por pouco! Já conseguiu?

- Tome lá. É tudo quanto pediu.

- Bom. Como está o povo lá fora?

- Estão furiosos. Nunca deveria ter permitido um julgamento público.

- Mas eu não quis impedir.

- Fala-se de lincharem você. E nos planetas exteriores, os homens de Publis Manlio...

- Queria falar-lhe sobre isso, Jael. Ele está jogando a Hierarquia contra mim, não está?

- Se está! A coisa mais bem planejada que eu tenho visto. Como Ministro do Exterior, toma conta do caso sob o ponto da lei interestelar, para a acusação. Como Sumo-Sacerdote e Primaz da Igreja, açula as hordas fanáticas...

- Esqueça-se disso. Lembre-se da citação que me fez, de Hardin? Agora é que eles vão ter a prova de que ele tinha razão.

O Prefeito tomava naquele momento o seu lugar e os conselheiros levantavam-se em sinal de respeito.

- Hoje é a minha vez. Sente-se e divirta-se - sussurrou Mallow.

O processo teve início e quinze minutos após, Mallow atravessou a sala no meio de um zumbido hostil. Em Terminus e em todos os outros planetas exteriores, aquele rosto aparecia ante os olhos dos telespectadores.

- Para poupar tempo, admito a verdade de todas as acusações que me foram imputadas. A história do sacerdote e da multidão é exata em todos os pormenores. - Mallow esperou que o silêncio voltasse à sala. - Contudo o quadro que as suas descrições apresentam não chega a ser completo. Peço autorização para dar esse fecho, porém à minha maneira. Peço a indulgência se minha história de início parecer irrelevante.

- Começarei por onde começou a acusação: no dia em que conheci Jorane Sutt e Jaim Twer. Já sabem o que aconteceu nesses encontros, pois as conversas já foram descritas, a essa descrição nada tenho a acrescentar... exceto o que pensei nesse dia.

- Os meus pensamentos eram suspeitos, pois os acontecimentos daquele dia foram estranhos. Considerem: duas pessoas que eu mal conheço fazem-me propostas extraordinárias. Uma foi o secretário do Prefeito que me propôs o trabalho de agente, cuja natureza confidencial e importância já foi exposta. A outra, chefe de um partido político, me pede para me candidatar ao Conselho. Naturalmente procurei os motivos que pudessem levá-las a fazer tais propostas e pareceram-me óbvias. Sutt não confiava em mim. Talvez pensasse que eu vendesse armas atômicas ao inimigo e que planejava qualquer revolta. Talvez ele tivesse analisado a manobra, de qualquer modo, acho que necessitava de uma pessoa de sua confiança, ao meu lado, esta última hipótese não me ocorreu antes de Jaim Twer ter entrado em cena, mais tarde.

- Considerem: Twer apresentou-se como um comerciante que se dedicava à política, e eu não conhecia qualquer pormenor da sua carreira de comércio, apesar do meu conhecimento nesse campo ser bastante vasto. Depois, apesar de Twer se vangloriar de uma educação da Fundação, jamais ouvira falar duma Crise Seldon.

Hober Mallow esperou que o impacto de suas palavras alcançasse o objetivo, e foi premiado pela primeira vez com a atenção da galeria. Só os habitantes de Terminus o ouviram, pois os dos planetas exteriores só teriam versões censuradas de acordo com a religião. Não saberiam nada de uma Crise Seldon. No entanto, haveria outras coisas que eles não perderiam.

- Quem poderá aqui dizer que um homem educado pela Fundação ignore

este fato? Há apenas um tipo de educação Fundacional que exclui toda e qualquer menção de história planejada e que só se refere a Seldon como um espírito mítico... Desde aquele instante, fiquei sabendo quem era Jaim Twer. Soube que ele estava sob as ordens religiosas e que talvez fosse até um sacerdote, e que durante os três anos em que se fizera passar por líder de um partido político, estivera a soldo de Jorane Sutt e jamais fora comerciante.

- Naquele momento andei ás cegas. Não sabia quais as idéias de Sutt quanto à minha pessoa e como ele parecia querer me dar corda, eu decidi também dar-lhe um pouco da minha. Compreendi que Twer deveria acompanhar-me na minha viagem, como agente não-oficial de Jorane Sutt. Se ele não fosse haveria outras maneiras, e essas, talvez eu não percebesse a tempo. Um inimigo conhecido é relativamente inofensivo. Convidei Twer a acompanhar-me e ele aceitou.

- Isto, senhores jurados, explica-lhes duas coisas: Primeiro: que Twer não é um amigo meu que depõe contra mim ditado pela sua consciência. É um espião fazendo um trabalho pelo qual foi pago. Segundo: explica a minha atitude quando, pela primeira vez, apareceu o sacerdote, que me acusam de ter mandado matar... uma atitude até agora desconhecida, por não ter sido mencionada.

Um sussurro percorreu a sala mais uma vez. Mallow pigarreou, para aclarar a voz.

- Não quero descrever o que senti quando soube que tínhamos a bordo um refugiado. Nem quero me lembrar. O principal foi a incerteza. De momento, pareceu-me uma manobra de Sutt. Senti-me completamente desarmado. Só havia uma coisa a fazer: desfazer-me de Twer durante cinco minutos. De modo que mandei um dos meus oficiais levá-lo. Na sua ausência montei um gravador visual, de modo que o que acontecesse pudesse ficar para estudo futuro. Isto foi na esperança de que aquilo que me confundia naquele momento se tornasse cristalino no futuro.

- Já voltei o gravador umas cinqüenta vezes, desde então. Tenho-o aqui comigo, neste momento e vou repetir a tarefa aqui perante o tribunal, pela qüinquagésima vez.

O Prefeito bateu o martelo pedindo silêncio na sala. Todos se aglomeraram para melhor poderem ver. O próprio Sutt fez um sinal ao Sumo-sacerdote que, nervoso, olhava Mallow com olhar expressivo. O centro da sala foi desocupado, e as luzes apagadas. Ankor Jael ajustou o projetor, uma cena saltou na tela, ao vivo, em cor e três dimensões.

Havia um missionário, aniquilado e confuso, entre o sargento e o tenente. A imagem de Mallow esperava pacientemente, enquanto os homens entravam um a um. Twer vinha à retaguarda.

Toda a cena foi revivida, palavra por palavra, gesto por gesto. O reverendo Jord Parma fez o apelo. Mallow sacou a arma e o missionário foi arrastado de braços erguidos numa maldição final, e de novo um pequeno relâmpago. A cena findou-se com os oficiais horrorizados e Twer com as mãos sobre as orelhas, enquanto Mallow guardava a arma. As luzes acenderam-se novamente, Mallow, agora o Mallow em carne e osso, recomeçou a sua narração.

- O incidente, como vêem, é precisamente como a acusação o descreveu... superficialmente. Em breve o explicarei. Toda a emoção de Twer durante o que se passou mostra evidentemente uma educação sacerdotal. Foi nesse mesmo dia que eu apontei algumas incoerências no ocorrido, ao próprio Twer. Perguntei-lhe de onde viria um missionário, para aparecer assim no meio de uma região quase deserta. Claro que a acusação não deu qualquer relevância a tais fatos.

- Outros fatos a considerar: o missionário em Korell, desafiando tanto as leis korelianas como as da própria Fundação, exibe-se numa vestimenta muito distinta e nova. Há ali qualquer coisa que não está certa. Na hora, sugeri que o missionário fosse um cúmplice do comodoro, para nos forçar a um ato de violência, de agressão, para em seguida poder destruir a nossa nave, da própria missão de que fora incumbida, para salvar um só homem que, finalmente, seria também destruído como a nave onde se encontrava. As palavras "honra" e "dignidade" aqui não fazem sentido.

- Por qualquer razão estranha a acusação esqueceu-se do reverendo Parma, como indivíduo. Não nos apresentaram qualquer antecedente. As incoerências de que falei explicam a razão. As duas coisas estão ligadas. A acusação não forneceu pormenores quanto a Jord Parma, porque não pode. A cena que viram, parecia-lhes falseada, porque na verdade o era. Jamais existiu Jord Parma. Todo este julgamento é a maior farsa jamais forjada, por causa de um problema que nunca existiu.

Mais uma vez teve de esperar que o silêncio reinasse de novo.

- Vou exibir-lhes a ampliação de uma fotografia imóvel. Ela falará por si.

Mais uma vez apareceu na tela a figura de Jord Parma, dedos entrelaçados, braços erguidos, mangas caídas até o meio dos braços. Agora, da mão do missionário surgia um brilho que havia sido como um relâmpago, na

passagem anterior.

- Mantenham a vista naquela luz que ele tem na mão. Amplie a cena, Jael.

O instantâneo cresceu rapidamente. Toda a figura foi eliminada da tela, até ficar apenas a mão. A luz transformara-se numa série de letras pequenas, porém distintas: PSK.

- Aquilo é uma espécie de tatuagem. Sob a luz vulgar é invisível, mas ao contato com os raios ultravioleta... É um método de identificação secreta, um tanto ou quanto ingênuo, mas nem por isso deixa de funcionar em Korell, onde é difícil encontrar raios ultravioleta. Mesmo na nossa nave, a detecção é acidental. Talvez algum de vocês já tenha se lembrado do possível significado daquelas três letras. Jord Parma fez um trabalho magnífico. Não sei onde aprendeu. No entanto, PSK quer dizer: "POLÍCIA SECRETA DE KORELL".

- Posso também usar de prova colateral, que posso apresentar ao Conselho, se me for pedido, trouxe essas provas de Korell. E onde está agora o caso da acusação? Já fizeram e refizeram a sugestão monstruosa de que eu deveria ter lutado pelo missionário, com sacrifício da minha nave e de mim, em honra da Fundação.

- E por um impostor?

- Deveria eu tê-lo feito, por um agente secreto de Korell, disfarçado em trajes e linguagem de sacerdote, provavelmente emprestados por algum exilado de Anacreon? Deixariam Jorane Sutt e Publis Manlio cair numa estúpida e odiosa armadilha ...

A sua voz perdeu-se no meio do tumulto da multidão que gritava. Sentiu-se elevado no espaço e carregado aos ombros de muitos indivíduos. Pela janela aberta ainda pôde ver a torrente de homens que corria pela praça ao seu encontro.

Mallow procurou Ankor Jael, pois era impossível distinguir um único rosto no meio de tanta gente. Depressa, porém, se tornou consciente de um cântico, a princípio baixinho, mas que pouco a pouco ia aumentando, numa pulsação de loucura:

- VIVA MALLOW! VIVA MALLOW! VIVA MALLOW!

Ankor Jael olhou para Mallow com o rosto cansado. Os dois últimos dias

haviam sido cansativos.

- Mallow, você deu um belo espetáculo, mas não o estrague querendo saltar alto demais. Não pode estar falando a sério quando fala em ser candidato à Prefeitura. O entusiasmo das massas é uma grande força, porém conhecidamente variável.

- Exatamente! Temos de fomentá-lo! O único modo de fazê-lo é continuar o espetáculo.

- Então, que quer agora?

- Quero que Sutt e Manlio sejam presos.

- O que?

- Exatamente o que acaba de ouvir. O Prefeito que mande prende-los! Não me interessam as ameaças que você faça. Eu controlo a multidão... pelo menos hoje. Ele não se atreverá a enfrentá-la.

- Mas com que acusação?

- Acusações evidentes. Eles incitaram os sacerdotes dos outros planetas a tomarem partido nas lutas da Fundação. Isto é ilegal. Perigo para o Estado. Não me interessa condená-los. Deixe-os fora de circulação, até eu ser Prefeito.

- Mas as eleições só se realizarão daqui a seis meses.

- Não é demais! Eu tomaria conta do Governo pela força, se fosse obrigado, da mesma maneira que Salvor Hardin o fez há cem anos. Vem aí uma crise, e eu terei de ser Prefeito e Sacerdote ao mesmo tempo.

- Afinal, vai ser Korell?

- Claro! Vão declarar guerra eventualmente, apesar de eu crer que vão levar ainda um par de anos.

- Com armas atômicas?

- Que pensa você? Que essas naves da Fundação foram postas fora de combate com pistolas de pressão de ar? Eles recebem as naves do próprio Império! Ainda está lá! Aqui na Periferia, já desapareceu, mas no centro da Galáxia continua bem vivo. Ao menor movimento em falso, pode ser que os tenhamos em cima de nós. É por isso que eu devo conjugar os dois cargos. Sou o único homem capaz de combater a crise.

- Como? Que vai fazer?

- Nada!

- Só isso? - Jael sorriu, incerto.

- Quando eu mandar nesta Fundação, o que vou fazer, é: nada. Cem por cento de nada. Este é o segredo desta crise.

Asper Argo, o Bem-amado, comodoro de Korell, recebeu sua mulher de mau humor. Para ela, não era aplicado o seu cognome, e ele bem o sabia. Ela dirigiu-se a ele com voz untuosa como o seu cabelo e fria como os seus olhos.

- Devo compreender que o meu gracioso senhor chegou a uma conclusão quanto ao destino da Fundação.

- Ah sim? E que coisas mais abarca a sua compreensão?

- Já chega, meu nobre marido. Teve mais uma das suas vacilantes consultas com os seus conselheiros. Uma manada que, perante o desprazer de meu pai, não faz outra coisa senão apertar contra os seios os fabulosos lucros.

- E qual é a fonte, minha querida, da qual a sua maravilhosa compreensão deduz todas estas coisas?

- Se eu lhe dissesse, a minha fonte seria um cadáver e não uma fonte.

- Como sempre, será o que desejar. Quanto ao desprazer do seu pai, ele recusa-se a fornecer-nos mais naves.

- Mais naves! Mas você já tem cinco. E já lhe foi prometida uma sexta.

- Foi prometida o ano passado.

- Mas só uma delas pode destruir completamente a Fundação. Uma única!

- Não poderia atacar o seu planeta, mesmo que tivesse uma dúzia de naves.

- E por quanto tempo conseguiriam manter-se se o seu comércio fosse destruído, e as suas cargas de brinquedos e de lixo reduzidas a pó?

- O lixo custa dinheiro. Muito dinheiro.

- Mas se você fosse o senhor da Fundação, não teria tudo o que ela contém? Teria também o respeito e a gratidão de meu pai, que vale mais do que tudo que a Fundação possa dar. Passaram-se três anos desde que esses bárbaros vieram para cá com o seu espetáculo. Basta!

- Minha querida! Estou ficando velho e cansado! Falta-me paciência para aturar essa sua afiada língua. Diz saber o que eu decidi. Acabou-se, há guerra entre Korell e a Fundação.

- Até que enfim você usou de sabedoria, embora tenha sido apenas na velhice. E agora, quando for o senhor daquela província, terá algum peso no Império. Por um lado, poderemos deixar este mundo bárbaro, e vivermos na corte do vice-rei.

Ela se foi com um sorriso, uma das mãos na anca. O cabelo brilhava no escuro. O comodoro esperou, e disse depois, para a porta já fechada, com ódio:

- Quando eu for senhor do que você chama aquela província, talvez eu seja suficientemente respeitável para poder passar sem a arrogância do pai, e sem a língua da filha. Inteiramente sem eles.

O tenente da "Nebulosa" olhava horrorizado pelo visor.

- Galáxias Galopantes! - devia ter sido um grito, mas saiu só um murmúrio. - O que é aquilo?

Era uma nave. Como uma baleia ao lado de um peixe de aquário. No seu costado, brilhava o distintivo do Império. Todos os alarmas da nave trabalhavam histericamente.

Ordens foram transmitidas. A "Nebulosa" preparou-se para fugir, caso pudesse... enquanto da sala das comunicações partia uma mensagem para a Fundação.

Repetidamente! Parcialmente um pedido de socorro, principalmente um aviso de perigo.

Hober Mallow arrastou os pés e folheou os relatórios. Os dois anos na Prefeitura, tinham-no tornado mais brando, mais paciente... mas não o haviam feito gostar de relatórios de governo, nem da linguagem oficial em que se achavam escritos.

- Quantas naves conseguiram aprisionar?

- Quatro no solo. Duas não dão sinal. Todas as outras estão de volta, e sem segurança. Devíamos ter feito melhor.

Não ouvindo qualquer resposta. Mallow levantou a cabeça.

- Preocupa-o alguma coisa?

- Gostaria que Sutt viesse até aqui.

- E vamos ouvir outro sermão sobre a pequena fonte dos nossos afazeres.

- Não, não vamos, você é teimoso. Pode ser que você tenha todo o plano do exterior, perfeitamente arranjado, mas o interno está muito longe disso.

- Não é essa sua função? Para que o nomeei então, Ministro da Educação e Propaganda?

- Ao que parece, para me arranjar uma morte prematura, pois não me presta qualquer colaboração. Durante todo o ano passado gritei para que tivesse cuidado com Sutt e os seus partidários. O que lhe acontecerá se Sutt forçar uma eleição especial, e o expulsar?

- Não sei.

- E o seu discurso de ontem à noite praticamente garantiu a eleição a Sutt. Havia alguma necessidade de ser assim tão franco?

- O que eu fiz foi desviar a chuva da horta de Sutt.

- Não pela maneira como o fez. Diz que tinha previsto tudo, e não explica qual a razão de seu comércio com Korell durante três anos, com vantagem para eles. O seu único plano de batalha é retirar-se sem dar combate. Abandona todos os setores comerciais que estejam perto de Korell, e declara assim um empate. Não promete uma ofensiva, nem sequer num futuro próximo ou longínquo. Que quer que eu faça com tamanha porcaria?

- Bem sei que não tem qualquer promessa de aventura.

- Não há sequer um apelo às massas.

- É praticamente a mesma coisa.

- Acorde enquanto é tempo, Mallow. Você tem duas opções: ou dá ao povo um política externa dinâmica, ou faça uma aliança com Sutt.

- Se falhei na primeira, experimentemos a segunda. Sutt acaba de chegar.

Sutt e Mallow não se encontravam desde o dia do julgamento, dois anos atrás. Nenhum deles achou o outro mudado, exceto no que dizia respeito às posições que ocupavam atualmente, e que eram diversas das de então.

Sutt tomou o seu lugar sem um cumprimento. Mallow ofereceu um charuto e disse:

- Jael fica conosco. Ele deseja acima de tudo uma aliança, e poderá servir de intermediário, no caso dos espíritos se exaltarem demais.

- Uma aliança será de toda a conveniência para você. Em dada ocasião pedi para que expusesse as condições. Suponho que agora os papéis se invertam.

- Sua suposição é lógica.

- Então estas são as minhas condições: Deve trocar todas estas novidades de política pelo comércio e voltar à velha e sã política dos nossos antepassados.

- Refere-se à conquista pela religião?

- Exatamente.

- Nada menos?

- Nada.

Mallow sorveu o fumo lentamente, e a ponta de charuto ficou vermelha.

- No tempo de Hardin a conquista pela religião era nova e radical, e homens como você se opunham a ela. Agora está experimentada e sugada, tudo o que um Jorane Sutt acharia bem aceitar. Porém, diga-me: como pensa tirar-nos desta enrascada?

- De sua enrascada. Eu nada tenho a ver com isso.

- Considere minha pergunta modificada.

- O indicado é uma ofensiva em larga escala. O empate com que parece contentar-se é fatal. Será uma confissão de fraqueza aos outros mundos da Periferia, para quem a aparência de força é vital. Cairiam todos em cima de nós. Devia compreender isso. Você é de Smyrno, não é?

- Se conseguir derrotar Korell, como vai se haver com o Império? - Mallow decidiu ignorar a pergunta de Sutt.

- Os seus relatórios sobre a visita a Siwena são bastante completos. O vice-rei do setor Normânico quer criar a dissensão na Periferia, para seu proveito pessoal. Não vai arriscar tudo contra um extremo da Galáxia, quando tem cinqüenta vizinhos hostis e um imperador contra quem quer rebelar-se. Faço uso de suas palavras.

- Talvez arrisque, Sutt, se achar que somos suficientemente perigosos. E vai pensá-lo se destruirmos Korell, com um ataque direto. "Teremos de ser muito mais sutis.

- Como, por exemplo?

- Sutt, lhe darei uma oportunidade. Não tenho necessidade de você, mas posso utilizá-lo. De modo que vou dizer-lhe o que se passa, e depois pode escolher entre formar comigo um gabinete, ou continua sendo mártir apodrecendo numa cela.

- Já tentou uma vez.

- Não com muita vontade. O momento oportuno acaba de chegar. Ouça! Quando cheguei a Korell, comprei o comodoro com as brincadeiras que todo comerciante traz em estoque. De início, quis apenas entrar numa fundição. Não tinha qualquer outro plano, e nesse fui bem sucedido Obtive o que quis. Mas foi só depois de minha visita ao Império que compreendi que podem desenvolver as relações comerciais existentes, e torná-las uma nova arma. O que nós estamos atravessando é uma Crise Seldon, Sutt, e essas crises não são resolvidas por esforços individuais, mas sim por forças de origem histórica. Hari Seldon quando planejou o futuro curso da História não contou com heroísmos, mas sim com economia e sociologia. De modo que as crises têm de ser resolvidas pelos meios disponíveis na hora em que se sucedem. No momento o comércio!

Sutt assumiu um ar irônico.

- Não quero parecer pouco inteligente, porém seu argumento não me demonstra nada.

- Depressa achará o contrário. Considere que até à data o poder do comércio tenha sido menosprezado. Pensou-se que era necessário haver sacerdotes controlados por nós, para tornar esse comércio uma arma poderosa. Não é nada disso, e esta é a minha contribuição para a situação da Galáxia. Comércio sem sacerdotes! Só comércio! Simplificando as coisas, Korell está agora em guerra conosco. Conseqüentemente, o nosso comércio com essa república parou. Mas a verdade é que de três anos para cá a vida desse planeta tem sido mais e mais baseada em produtos atômicos, que nós introduzimos, e que só nós poderemos continuar a manter. Que pensa que irá acontecer quando as pequenas geradoras atômicas começarem a deixar de funcionar, e todos os aparelhos começarem a parar?

- As aplicações domésticas pequenas serão as primeiras. Depois de meio ano de guerra, a faca atômica de uma dona de casa deixa de funcionar. O aquecedor deixará de aquecer, depois a máquina de lavar, a seguir o seu fogão. Que acontecerá?

Sutt disse com calma:

- Nada! Durante a guerra o povo espera condições de emergência.

- Verdade. São capazes de mandar os seus filhos morrerem da maneira mais horrível. Manterão a moral sob violentos bombardeios, e se tiverem de viver de pão seco e água suja, enterrados em subterrâneos, também o farão. Mas é difícil agüentar as pequenas coisas que não se espera. Por isso é que vai haver um empate, a lamentar, sem mortos nem feridos. Haverá uma faca que não corte, um fogão que não cozinhe, etc, etc. O povo acabará por se revoltar.

- É nisso que põe suas esperanças? Uma revolta das donas de casa? Que saiam todas para a rua, gritando: " Dêem-nos as nossas máquinas atômicas!"

- Não é isso. Espero, no entanto, um fundo de descontentamento, que será transmitido a figuras proeminentes, mais tarde.

- E quem serão esses personagens mais importantes?

- Todos os industriais de Korell. As máquinas também começarão a parar, depois de dois anos. As indústrias que se metamorfosearam, graças aos nossos produtos atômicos, se encontrarão repentinamente arruinadas. Nada funcionará.

- As fábricas já funcionavam antes de você aparecer por lá.

- Mas não lucravam a décima parte. Quanto tempo pensa que se manterá o comodoro com os industriais e os financistas contra ele? E o tempo que levará a transformação?

- Durante o tempo que quiser. Isto é: se lhe ocorrer pedir geradoras atômicas ao Império.

- Você se perde, Sutt, tal como o comodoro se perde. Não entendeu nada. O Império nada pode repor. O Império sempre calculou as coisas em grande escala, mas para as pequenas coisas não tem qualquer remédio. As suas geradoras são gigantescas. Mas nós e a nossa pequena Fundação, quase sem recursos metálicos, tivemos de lutar contra a economia da grande produção. As nossas geradoras tiveram de ser concebidas em proporções minúsculas, porque não tínhamos metal. Tivemos de descobrir novos métodos e técnicas que o Império não pôde seguir, por não poder fazer qualquer avanço científico. Com todas as armas, não conseguiram uma arma que protegesse um só indivíduo. Os seus motores são enormes, ao passo que os nossos cabem numa única sala. E quando eu disse a um dos seus especialistas que um pedaço de chumbo do tamanho de uma noz poderia conter uma geradora atômica, ele quase se engasgou. Nem eles compreendem os seus próprios colossos. Teriam de

encontrar uma máquina no caso de se estragar um pequeno parafuso.

- Toda esta guerra é uma luta entre estes dois sistemas: O Império e a Fundação. Entre o grande e o pequeno. Nós compramos os outros povos com coisas úteis no dia a dia, ao passo que as coisas que o Império oferecer só servem para a guerra. Um rei ou um comodoro pode pegar em armas e fazer a guerra. Todos os governadores, através da História, esqueceram-se do bem-estar do seu povo, por uma coisa denominada a glória da conquista. Mas Asper Argo não resistirá à depressão econômica que avassalará o seu país dentro de dois anos.

Sutt foi até à janela, pensou contemplando o anoitecer, e depois virando-se para Mallow, disse:

- Não! Você não é o homem.

- Não acredita em mim?

- Não confio em você. Fala bem demais. Já me enganou antes, e não há razão para que não me engane novamente. Tudo o que diz tem pelo menos três significados. - E continuou. - Supondo que você era um traidor. Todas as suas ações seriam precisamente as que agora pratica. Forçaria a Fundação à inatividade.

- Não haverá então aliança?

- Você deve sair: de boa vontade ou pela violência.

- Eu bem que o avisei!

- E eu o aviso por meu turno. Se mandar me prender, mandarei espalhar a verdade sobre sua pessoa. Toda a Fundação se unirá contra o domínio de um estrangeiro e eles têm consciência do destino que nenhum smyrniano pode ter e isso o destruirá.

Mallow virou-se para os guardas e disse calmamente:

- Levem-no. Está preso.

- É a sua última oportunidade.

Cinco minutos depois Jael disse:

- Você arrumou um mártir para a causa.

- Este não é o Sutt que eu conhecia. Está cego.

- Mais perigoso ainda.

- Mais perigoso? Besteira! Perdeu todo o poder de raciocínio.

- Tem demasiada confiança, Mallow. Ignora a possibilidade de uma revolta popular.

Mallow olhou-o.

- De uma vez para sempre, Jael, não há possibilidade de uma rebelião do povo.

- Está muito seguro de si mesmo.

- Estou seguro da validade de resolução das Crises Seldon, interna e externamente. Houve coisas que não disse a Sutt. Ele tentou controlar a Fundação através das forças religiosas, como controlava o mundo externo, mas falhou... o que é um sinal seguro de que o "controle" religioso chegou ao fim. O "controle" econômico é diferente. E foi Salvor Hardin quem disse que uma arma aponta para dois lados ao mesmo tempo. Nós dependemos dos mundos exteriores na mesma medida em que eles dependem de nós. Não há uma única linha de produção que eu não controle. Onde a propaganda de Sutt vingar, a prosperidade morrerá, onde falhar, continuará a prosperidade. Pelo mesmo fator que me leva a crer que Korell não se revoltará contra a prosperidade, assim também creio que nós também não nos revoltaremos.

- Você nos transformará em Comerciantes e Príncipes Mercadores. O que acontecerá no futuro?

- O futuro não me pertence. Seldon deve tê-lo previsto. Deverão vir outras coisas, quando o poder econômico deixar de ser eficaz, como agora o deixou de ser a religião. Os meus sucessores que resolvam esses novos problemas como eu resolvi este hoje.

KORELL — ...E assim depois de três anos de guerra, que nunca foi combatida, a República de Korell rendeu-se incondicionalmente e Hober Mallow tomou o seu lugar ao lado de Hari Seldon e Salvor Hardin nos corações dos habitantes da Fundação.

Enciclopédia Galáctica

FUNDAÇÃO E IMPÉRIO

para Mary e Henry
por
paciência e tolerância.

PRÓLOGO

A Decadência do Império Galáctico.

Era um Império colossal, alargando-se por milhões de mundos que iam de extremo a extremo da poderosa espiral dupla que formava a Via-láctea.

Esteve em declínio durante séculos antes de um homem se tornar realmente ciente dessa decadência. Este homem foi Hari Seldon, o homem que representou a única fagulha de esforço criador no meio da pressão da decadência. Criou e elevou a um alto grau de perfeição a ciência da psicohistória.

A psicohistória trabalha considerando não o homem, mas o homem-massa. Era a ciência da multidão, multidão considerada no seu total de bilhões. Podia prever as reações com uma precisão que uma ciência menor só poderia resolver e prever com o mesmo rigor do ressalto de uma bola de bilhar. A reação de um homem não podia ser prevista utilizando a matemática, a reação de um bilhão é algo diferente.

Hari Seldon delineou as tendências sociais e econômicas da época, estendeu para frente as curvas evolutivas e previu o acelerado declínio da civilização e o intervalo de trinta mil anos que deveria transcorrer antes de um novo Império vigoroso poder emergir das ruínas.

Era muito tarde para impedir esse declínio, mas não muito tarde para impedir o aparecimento de um interregno de barbarismo. Seldon estabeleceu duas Fundações nos "extremos opostos da Galáxia" e a sua localização foi de tal modo calculada que os acontecimentos de um milênio deviam unir-se e entrelaçar-se de tal modo que levassem ao nascimento mais rápido de um Segundo Império, mais robusto e mais duradouro.

Fundação (Gnome Press, 1951) contou a história de uma destas Fundações durante os dois primeiros séculos de vida.

Começa com um povoamento de cientistas físicos em Terminus, um planeta colocado na extremidade de um dos braços da espiral da Galáxia. Separados dos distúrbios do Império, esses cientistas trabalharam como compiladores de um compêndio de conhecimento universal, a Enciclopédia Galáctica, desconhecendo o profundo papel que lhes fora destinado pelo já falecido Seldon.

Como o Império se fosse corrompendo, as outras regiões caíram nas mãos de "reis" independentes. A Fundação viu-se ameaçada por eles. Contudo, atirando os insignificantes soberanos uns contra os outros, sob a orientação do primeiro prefeito, Salvor Hardin, conseguiram manter uma independência precária. Sendo os únicos possuidores da força atômica no meio de mundos que estavam perdendo a cultura e regressando ao carvão e ao petróleo, conseguiram, por isso, ganhar um ascendente. A Fundação tornou-se o centro "religioso" dos reinos vizinhos.

Vagarosamente, a Fundação criou uma economia comercial ao mesmo tempo que a Enciclopédia recuava para um plano mais distante. Os seus comerciantes, negociando com instrumentos atômicos que o Império nem sequer podia ter copiado nos seus dias de maior solidez, penetravam centenas de anos-luz através da Periferia.

Sob Hober Mallow, o primeiro Príncipe Mercador da Fundação, desenvolveram as técnicas de guerra econômica a ponto de derrotarem a República de Korell, embora este mundo fosse apoiado por uma das outras províncias que tinha saído do Império.

Decorridos duzentos anos, a Fundação era o Estado mais poderoso da Galáxia, com exceção dos remanescentes do Império que, concentrados no terço central da Via-láctea, ainda controlavam três quartos da população e da riqueza do Universo.

Parece inevitável que o próximo perigo a ser enfrentado pela Fundação fosse um último golpe do Império agonizante.

O futuro deve ser esclarecido pela batalha entre a Fundação e o Império.

PARTE I – O GENERAL

EM BUSCA DOS MÁGICOS

BEL RIOSE... Na sua carreira relativamente curta, Riose ganhou o titulo de "O Ultimo Imperial" e conseguiu-o merecidamente. Um estudo das suas campanhas revela-o como um equivalente de Peurifoy na capacidade estratégica, sendo-lhe talvez superior na habilidade que demonstrou em conduzir homens. O fato de ter nascido nos dias do declínio do Império assim o permitia, porém era-lhe inteiramente impossível igualar a crônica de Peurifoy como conquistador. Dispôs, contudo, de algumas possibilidades quando, sendo o primeiro general do Império a fazê-lo, enfrentou a Fundação com firmeza...

Enciclopédia Galáctica

Bel Riose sem escolta, o que está em desacordo com aquilo que a etiqueta cortesã prescreve para o chefe de uma esquadra estacionada num sombrio sistema estelar, na Fronteira do Império Galáctico.

Bel Riose era jovem e enérgico - suficientemente enérgico para ser capaz de aceitar que o fim do Universo podia ser tão próximo como provável, provocado por uma corte onde não havia emoção e era apenas calculista - e indiscreto além disso. Circulavam a seu respeito histórias estranhas e improváveis, caprichosamente repetidas por centenas de pessoas e obscuramente conhecidas por milhares de outras, intrigadas pela última faculdade, a possibilidade de uma aventura militar dava utilização às outras duas. A combinação era subjugante.

Saiu do sujo carro terrestre de que se tinha apropriado e dirigiu-se à porta da velha mansão que era o seu destino. Bateu. O olho fotônico que movimentava a porta estava em funcionamento, contudo a porta abriu-se manualmente.

Bel Riose sorriu para o ancião:

- Sou Riose...

- Reconheço-o. - O ancião continuou imóvel e sem surpresa no seu lugar. - Que assunto o traz?

Riose desceu um degrau em sinal de submissão:

- É de paz. Se o senhor for Ducem Barr, peço-lhe o favor de me dar uns

momentos de atenção.

Ducem Barr afastou-se para o lado e, no interior da casa, as paredes reluziam de calor. O general penetrou na luz do dia. Apalpou a parede do gabinete, depois do que olhou fixamente para as pontas dos dedos:

- O senhor conseguiu isto em Siwena?

Barr sorriu fracamente:

- Não podia ser em outra parte, julgo eu. Eu próprio cuido da casa tão bem quanto posso. Tenho que lhe pedir desculpa por tê-lo obrigado a esperar à porta. O aparelho automático assinala a presença de um visitante, porém não abre a porta.

- Os seus inventos estragam-se depressa? - A voz do general era ligeiramente trocista.

- Alguns deles não são muito úteis. Pode sentar-se, cavalheiro bebe chá?

- De Siwena? Meu caro senhor, é socialmente impossível não bebê-lo.

O velho patrício retirou-se silenciosamente com uma reverência leve que fazia parte da herança cerimoniosa legada por uma remota aristocracia dos melhores dias do último século

Riose fitou as costas do seu anfitrião quando este se afastou, e a sua clássica urbanidade provocou-lhe um sentimento de indecisa irritação. Sua educação fora puramente militar, sua experiência também. Tinha, como se costuma dizer, enfrentado a morte muitas vezes, contudo uma morte sempre caracterizada por uma natureza familiar e tangível. Conseqüentemente, não havia inconseqüência no fato de o idolatrado leão da Vigésima Esquadra ter-se sentido deprimido na atmosfera bolorenta do velho aposento.

O general reconheceu as pequenas caixas de marfim preto que estavam nas prateleiras como livros. Seus títulos não lhe eram familiares. Conjecturou que a ampla estrutura existente numa das extremidades do aposento era o receptor que transmudava os livros em visão e som logo que lhe fosse feito o pedido. Nunca vira nenhum em funcionamento, porém tinha ouvido falar deles.

Ouvira uma vez contar que, havia muito tempo, durante a idade de ouro, quando o Império se estendera pela Galáxia inteira, nove casas em cada dez possuíam receptores idênticos - e idênticas filas de livros. Porém agora havia fronteiras para vigiar: os livros eram para os velhos. E metade das histórias que se contavam a respeito dos tempos antigos eram míticas, fosse como fosse. Mais

de metade.

Chegou o chá, e Riose sentou-se. Ducem Barr levantou a sua xícara.

- A sua honra.

- Muito obrigado. À sua.

Ducem Barr observou deliberadamente:

- Você disse que era novo? Trinta e cinco?

- Quase acertou. Trinta e quatro.

- Nesse caso - disse Barr, com uma ênfase cortês, não vejo melhor começo do que informá-lo pesarosamente de que não estou na posse de amuletos de amor, poções ou filtros. Nem sou capaz de influenciar, no mínimo que seja, os favores de qualquer jovem senhora com mais recursos do que você.

- Não preciso de ajudas artificiais a esse respeito, senhor. - A complacência evidentemente presente na voz do general aumentara divertidamente. - Costuma receber muitos pedidos de semelhantes produtos?

- Muitos. Infelizmente, um público mal informado tende a confundir erudição com feitiçaria, e a vida amorosa parece ser aquele fator que requer uma farta quantidade de remendos mágicos.

- E por isso pareceu-lhe muito natural que eu estivesse aqui também por isso. Mas eu sou diferente. Não associo a erudição com coisa alguma exceto com os meios de responder a perguntas obscuras.

O siweniano observou sombriamente:

- Você pode estar tão enganado como eles!

- Isso pode suceder ou não. - O jovem general pousou a sua xícara no brilhante estojo e voltou a enchê-la. Deixou cair a cápsula aromática que lhe ofereceram, com um pequeno borrifo. - Diga-me então, patrício, o que vêm a ser os mágicos? Os autênticos.

Barr pareceu espantado com aquela designação que há muito deixara de ser usada. Respondeu:

- Não há mágicos.

- Todo mundo fala deles. Siwena está cheia de histórias a seu respeito. Há seitas alicerçadas com base neles. Há umas estranhas ligações entre eles e os grupos existentes entre os seus compatriotas, que sonham e dizem tolices a

respeito dos velhos tempos a que eles denominam liberdade e autonomia. Esta matéria pode tornar-se eventualmente um perigo para o Estado.

O ancião meneou a cabeça.

- Por que é que me pergunta? Você desconfia de alguma rebelião encabeçada por mim?

Riose encolheu os ombros.

- Nunca. Nunca. Oh, não, é uma idéia completamente ridícula. Seu pai estava exilado nesse tempo, e o senhor mesmo é um patriota e um chauvinista. É uma indelicadeza da minha parte, como seu hóspede, dizer-lhe isto, mas assim o exige a minha missão. Estará conspirando agora? Duvido.

Siwena viu-se com o espírito derrotado por estas três gerações mais próximas. O ancião replicou com dificuldade:

- Vou ser obrigado a ser tão indelicado como anfitrião como você o é como hóspede. Vejo-me obrigado a recordar-lhe que, uma vez, um vice-rei pensou como você está fazendo quanto ao desânimo dos siwenianos. Por ordem desse vice-rei meu pai tornou-se um pobre fugitivo, os meus irmãos mártires e minha irmã uma suicida. E esse vice-rei teve uma morte suficientemente horrorosa às mãos desses mesmos escravos siwenianos.

- Ah, sim, e você tocou numa coisa que desejava lhe dizer. Há três anos que a misteriosa morte deste vice-rei deixou de ser um mistério para mim. Havia um jovem soldado da sua guarda pessoal cujas ações foram interessantes. Você foi esse soldado, porém não há necessidade de pormenores, julgo eu.

Barr estava tranqüilo.

- Nenhuma. O que é que você propõe?

- Que responda às minhas perguntas.

- Mas não sob ameaça. Estou velho, mas não tão velho que a vida não tenha para mim um significado particular.

- Prezado senhor, estamos em tempos difíceis - disse Riose, a propósito - e tem filhos e amigos. Tem uma pátria pela qual vociferou frases de amor e loucura no passado. Olhe, se eu me decidisse a empregar a violência, não iria contentar-me com um objetivo tão limitado como bater-lhe.

Barr disse friamente:

- O que é que você quer?

Riose segurou a xícara vazia enquanto falava:

- Ouça-me, patrício. Estamos em uma época em que os soldados mais afortunados são aqueles cujas funções são comandar paradas engalanadas que passam através dos jardins do palácio imperial nos dias de festa e escoltar as naves cintilantes de prazer que transportam Sua Imperial Magnificência para os planetas de verão. Eu... eu sinto uma falta. Eu sinto uma falta aos trinta e quatro, e continuarei a sentir essa falta. Porque, veja bem, estou disposto a lutar. Foi por isso que eles me mandaram para cá. Eu também sou um desmancha-prazeres na corte. Não respeito a etiqueta. Ofendo os almofadinhas e os senhores almirantes, todavia também sou bom comandante de naves e de homens distribuídos de repente para ficarem isolados no espaço. Por isso Siwena é o desterro. Trata-se de um mundo fronteiriço, uma província rebelde e árida. Fica muito longe, suficientemente longe, para satisfazer todo mundo.

- E estou na mesma. Não há rebeliões para esmagar lá embaixo, e nas fronteiras do vice-rei não há revolta, pelo menos isso não sucede desde que o falecido pai de Sua Majestade Imperial, de gloriosa memória, deu o exemplo de Mountel de Paramay.

- Um imperador enérgico - murmurou Barr.

- É verdade, e precisávamos de mais assim. É ele o meu senhor, lembre-se disto. São os seus interesses que eu defendo.

Barr encolheu os ombros indiferentemente:

- E a que respeito vem essa conversa toda?

- Eu lhe digo em duas palavras. Os mágicos que eu mencionei vieram do outro lado, do outro lado das defesas fronteiriças, onde as estrelas estão fracamente disseminadas...

- Onde as estrelas estão fracamente disseminadas - observou Barr. - E o frio do espaço penetra nelas!

- É uma poesia? - resmungou Riose. Os versos pareciam-lhe frívolos em tal momento. - Seja como for, eles são da Periferia, do único local onde eu tenho liberdade de combater pela glória do Imperador.

- E isso serve os interesses de Sua Majestade Imperial e satisfaz o seu próprio gosto por um bom combate.

- Exatamente. Mas eu queria saber aquilo com que vou combater e é para isso que peço o seu auxílio.

- Por que é que você quer saber?

Riose mordiscou casualmente um bolo.

- Porque há três anos que investigo todos os rumores, todos os mitos, todos os boatos que se referem aos mágicos e consulto todas as bibliotecas de informação, e só dois fatos isolados são unanimemente considerados em conjunto e são, portanto, verdadeiros com toda certeza. O primeiro é que os mágicos vêm da fronteira da Galáxia, em frente de Siwena, o segundo é que seu pai encontrou uma vez um mágico, vivo e real, e falou com ele.

O idoso siweniano encolheu os ombros, e Riose continuou:

- O melhor que faria era contar-me aquilo que sabe...

Barr disse pensativamente:

- Seria interessante contar-lhe determinadas coisas. Seria uma tentativa psicohistórica de minha própria conta:

- Que espécie de tentativa?

- Psicohistórica. - Havia uma aresta desagradável no sorriso do ancião. Depois acrescentou, encrespadamente: - Você agiria melhor se bebesse mais chá. Vou ocupá-lo com uma conversa bastante demorada.

Encostou-se nas almofadas moles da cadeira. As paredes luminosas tinham amaciado o seu fulgor, passando para uma vermelhidão rosa marfim, que suavizou até o perfil duro do soldado.

Ducem Barr começou:

- Aquilo que vi pessoalmente resulta de dois acidentes, o acidente de ter nascido filho de meu pai e o de ter nascido filho do meu país. Começou há mais de quarenta anos atrás, logo a seguir ao grande Massacre, quando meu pai estava foragido nas florestas do Sul, quando eu era artilheiro na esquadra pessoal do vice-rei. Este mesmo vice-rei, a que já me referi, que tinha ordenado o Massacre, e que morreu depois disso daquela morte cruel.

Barr sorriu com dureza, e continuou:

- Meu pai era um Patrício do Império e Senador de Siwena. Chamava-se Onum Barr.

Riose interrompeu-o impacientemente:

- Conheço muito bem as circunstâncias do seu exílio. Você não precisa gastar tempo com isso.

O siweniano ignorou esta interrupção e prosseguiu sem um desvio:

- Durante o seu exílio foi ter com ele um homem extraviado, um comerciante da fronteira da Galáxia, um homem novo que falava com um sotaque estranho, que não conhecia nada da história Imperial recente e que estava protegido por um escudo-proteção individual.

- Um escudo-proteção individual? - perguntou Riose deslumbrado. -O que você está me dizendo é extravagante. Que gerador podia ser tão poderoso que pudesse condensar um escudo do tamanho de um único homem? Pela Grande Galáxia, isso quer dizer que ele carregava cinco mil miríades-toneladas de fonte de energia atômica em volta dele num pequeno carrinho de rodas?

Barr disse tranqüilamente:

- Trata-se de um daqueles mágicos a respeito de quem você ouviu boatos, histórias e mitos. A designação "mágico" não é levianamente aplicada. Não carregava com ele um gerador suficientemente grande para ser visível, mas, pelo contrário, uma arma tão pesada como a que você possa carregar com uma mão terá tanto peso e tamanho como o escudo que ele trazia.

- É esta a história toda a respeito deles? Os mágicos nasceram dos murmúrios de um homem velho e destroçado pelo sofrimento e pelo exílio?

- A história dos mágicos é muito anterior a meu pai, cavalheiro. E a prova é mais concreta. Depois de ter deixado o meu pai, esse comerciante, a quem os homens denominam mágico, visitou um técnico na cidade onde meu pai o tinha conduzido, e ali deixou um escudo-gerador do tipo que ele trazia consigo. Esse gerador foi recuperado por meu pai depois do seu regresso do exílio, após a execução do sanguinário vice-rei. Levou um enorme tempo para achar... O gerador está pendurado na parede atrás de você, cavalheiro. Não trabalha. Nunca trabalhou senão nos dois primeiros dias, mas se olhar para ele, há de ver que não há, no Império, nenhum projetado como ele.

Bel Riose esticou-se para o cinturão de metal com tirantes que estava ajustado na parede curva. Puxou-o com um pequeno ruído de sucção até que a pequena peça, com um escudo de adesivo, lhe ficasse ao alcance da mão. Chamou-lhe a atenção o elipsóide do vértice do cinturão. Era do tamanho de uma noz.

- Isto... - disse ele.

- Era o gerador - respondeu Barr. - Realmente era o gerador. O segredo da sua construção ainda não foi descoberto até agora. As investigações

subeletrônicas revelaram que se fundiu numa única massa de metal e nem todos os cuidadosos estudos dos modelos de difração foram suficientes para identificar as delicadas partes que ali existiam antes da fusão.

- Nesse caso as suas "provas" continuam a assentar na espuma de palavras não autorizadas por uma evidência concreta.

Barr encolheu os ombros:

- Você me pediu que lhe dissesse o que sabia e ameaçou que me obrigaria a dizê-lo pela força. Se agora prefere encarar as coisas com ceticismo, que quer que lhe diga? Acha que me devo calar?

- Vamos em frente! - disse o general, asperamente.

- Continuei as pesquisas de meu pai depois de ele ter morrido, e aconteceu-me então o segundo acidente que mencionei e que me ajudou, porque Siwena era bem conhecida de Hari Seldon.

- E quem é Hari Seldon?

- Hari Seldon foi um cientista do reinado do Imperador Daluben IV. Foi um psicohistoriador, o último e o maior de todos eles. Visitou uma vez Siwena, quando Siwena era um grande centro comercial, rico em artes e ciências.

- Hum - resmungou Riose, com desagrado — onde é que há algum planeta estagnado que não se ponha a reivindicar que foi uma terra de prosperidade superabundante nos tempos antigos?

- Os tempos de que lhe estou falando datam de há dois séculos atrás, quando o Imperador dominava até à estrela mais distante, quando Siwena era um mundo interior e não uma província fronteiriça semibárbara. Nesses dias, Hari Seldon previa o declínio do poder Imperial e a eventual volta ao barbarismo da Galáxia inteira.

Riose riu bruscamente:

- Ele previa semelhante coisa? Nesse caso previa mal, meu bom cientista. Calculo que é este o nome que se dá a si mesmo. Porque o Império é agora mais poderoso do que aquilo que foi durante um milênio. Os seus velhos olhos estão cegos pela fria monotonia da fronteira. Volte para os mundos secretos de antigamente, volte para o ardor e para a prosperidade do centro.

O ancião meneou sombriamente a cabeça:

- A circulação cessou primeiro nas outras fronteiras. Levará quase uma década para atingir o coração. Isto é, da década aparente e evidente para todos,

tão distinta da década secreta que é uma velha história de alguns quinze séculos.

- E assim esse tal Hari Seldon previa uma Galáxia de barbarismo uniforme - disse Riose, bem humoradamente. - E que fez ele então?

- Estabeleceu por isso duas fundações nos dois extremos opostos da Galáxia... Fundações dos melhores, e dos mais jovens, e dos mais robustos, para procriar, crescer e desenvolver. Os mundos em que foram colocados foram cuidadosamente escolhidos, o mesmo sucedendo com a época e o meio ambiente. Tudo foi ajustado de modo a que o futuro, tal como estava previsto pela invariável matemática da psicohistória, isolasse o seu precoce isolamento do corpo principal da civilização Imperial e provesse o gradual crescimento dos germes do Segundo Império Galáctico, transformando um inevitável interregno de barbarismo de trinta mil anos a um simples milênio.

- E qual foi o fim de tudo isto? O senhor parece conhecê-lo pormenorizadamente.

- Não sei e nunca o soube - disse o patrício com compostura. - Isto é o trabalhoso resultado da articulação de determinadas provas descobertas por meu pai e um pouco mais aprofundadas por mim. A base é fraca e a existência da superestrutura foi romantizada para preencher as enormes lacunas existentes. Mas estou convencido de que isto é essencialmente verdade.

- Você se deixa convencer facilmente.

- Julga que sim? Já conto quarenta anos de investigações.

- Ora! Quarenta anos! Eu podia acabar com a questão em quarenta dias. De fato, eu suponho que tenho obrigação. Eu devo ser... diferente.

- E como é que você faria isso?

- De uma forma evidente. Podia tornar-me um explorador. Podia descobrir essa Fundação de que fala e observá-la com os meus próprios olhos. Você disse que são duas?

- Os registros referem-se a duas. Apenas se descobriu uma prova sólida para uma, o que é compreensível, visto que a outra está colocada na ponta extrema do longo eixo da Galáxia.

- Bem, vou visitar essa que nos fica próxima. - O general já estava de pé, ajustando o cinto.

- Você sabe onde é que deve ir? - perguntou Barr.

- Num certo sentido, sei. Nos registros daquele falecido vice-rei, que

vocês assassinaram em hora oportuna, há uma pequena quantidade de histórias de outros bárbaros. De fato, uma das suas filhas foi pedida em casamento por um príncipe bárbaro. Ali averiguarei qual há de ser o meu caminho.

Estendeu a mão:

- Agradeço a hospitalidade que me dispensou.

Ducem Barr tocou-lhe na mão com os dedos e fez uma reverência formal:

- Tive muita honra na sua visita.

- E anoto também as informações que me deu - continuou Bel Riose. - Haverei de agradecer-lhe quando estiver de regresso.

Ducem Barr acompanhou o seu visitante submissamente até à porta externa e disse tranqüilamente ao vê-lo desaparecer no carro terrestre:

- E se chegar a voltar.

OS MÁGICOS

FUNDAÇÃO... Com quarenta anos de expansão atrás dela, a Fundação enfrentou a ameaça de Riose. Os tempos épicos de Hardin e Mallow tinham desaparecido e com eles uma sólida coragem e resolução...

Enciclopédia Galáctica

Havia quatro homens no aposento e esse aposento ocupava uma posição separada, pelo que ninguém podia aproximar-se. Os quatro homens olhavam tranqüilamente uns para os outros, e depois fitavam vagarosamente a mesa que os separava. Havia quatro garrafas em cima da mesa e muitos copos cheios, mas ainda ninguém lhes tinha tocado.

Nessa altura o homem que estava perto da porta estendeu o braço e começou a tamborilar um ritmo lento, surdo, em cima da mesa. Foi ele que disse:

- Vocês vão ficar aqui sentados olhando uns para os outros? Qual é o assunto de que se deve falar em primeiro lugar?

- Fale você primeiro, nesse caso - disse o homem alto que lhe estava defronte. - Você é a pessoa que deve estar mais preocupada.

Sennett Forell riu entredentes com um mau humor silencioso.

- Porque você pensa que eu sou o mais rico. Bem... Ou então você espera que eu continue como tinha começado. Calculo que você não esteja se esquecendo que foi a minha própria Esquadra Comercial que capturou a nave espiã deles.

- Você é o proprietário da maior esquadra - disse o terceiro - e tem também os melhores pilotos, o que vem a ser outra maneira de dizer que você é o mais rico. Era um risco terrível, e teria sido muito grande para qualquer de nós.

Sennett Forell voltou a rir entredentes.

- Há certa facilidade em arriscar os rendimentos que herdei de meu pai. Afinal de contas, o ponto essencial quando se corre um risco é que a contrapartida valha a pena. Aqui, neste caso, a prova é o fato da nave inimiga ter

sido isolada e capturada sem prejuízos para nós ou informações para os outros.

Que Forell era um parente colateral afastado do falecido grande Hober Mallow era reconhecido através da Fundação. Que era filho ilegítimo de Mallow era aceito por um grupo considerável de pessoas.

O quarto homem piscou os olhinhos furtivamente. As palavras deslisaram-lhe entre os lábios finos:

- Ele não é nada para dormir sobre este rico triunfo, representado pela captura dessa pequena nave. Mas, provavelmente, deverá deixar zangado o jovem depois.

- Você pensa que ele precisava de motivos? - indagou Forell, desdenhosamente.

- Julgo que sim, por isso, para o salvar do vexame, teve de criar um. - O quarto homem falou vagarosamente - Hober Mallow trabalhava de outro modo. E Salvor Hardin. Esses deixavam que os outros seguissem pelos duvidosos caminhos da força, enquanto eles manobravam pelo seguro e tranqüilamente.

Forell encolheu os ombros:

- Esta nave provou já o seu valor. Os motivos são baratos e nós devemos vender este com lucro. - Havia a satisfação do comerciante nato nesta afirmação. Continuou: - O jovem é do velho Império.

- Já sabemos isso - disse o segundo homem, o mais alto dos quatro, com uma onda de descontentamento.

- Desconfiamos disso - corrigiu Forell, em voz baixa. - Um homem que chega com naves e riqueza, com propostas de amizade, e com ofertas de comércio, só é sensível ao estribilho de competição e, todavia nós estamos certos de que a máscara do lucro não é uma face afinal de contas. Mas agora...

Havia uma marca de indistinta lamentação na voz do terceiro homem quando começou a falar:

- Podíamos ter sido muitíssimos mais cuidadosos. Podíamos ter averiguado primeiro o que se passava com ele. Podíamos ter averiguado primeiro antes de o termos autorizado a sair. Podíamos ter mostrado uma verdadeira prudência.

- Isto já tinha sido discutido e decidido - disse Forell. Repelia o assunto com um gesto final e positivo.

- O Governo é mole - lastimou-se o terceiro homem. - O Prefeito é um

idiota.

O quarto homem olhou à volta para os outros três e tirou a ponta do charuto da boca. Deixou-a cair casualmente na fenda que estava à sua direita onde desapareceu com um silencioso silvo de desintegração. E disse com ironia:

- Espero que o cavalheiro que falou em último lugar só o tenha feito por força do hábito. Podemos ser obrigados a lembrar aqui que nós somos o governo.

Houve um murmúrio de concordância. Os olhinhos do quarto homem estavam fitos na mesa.

- Então deixem-nos ficar somente com a administração política. Este jovem... este estrangeiro podia ter sido um possível freguês. Tem havido casos desses. Três dos nossos tentaram prendê-lo com um contrato antecipado. Nós temos um acordo - um acordo de cavalheiros - contra isso, mas tentamos.

- Foi você que o fez - resmungou o segundo homem.

- Reconheço que sim - disse o quarto, calmamente.

- Nesse caso vamos esquecer o que devíamos ter feito no princípio - interrompeu Forell impaciente - e continue com o que devemos fazer agora. Seja como for, se o tivéssemos aprisionado, ou morto, o que é que teria acontecido? Não temos certeza das suas intenções, e o que seria pior, podíamos provavelmente destruir um Império eliminando rapidamente a vida de um homem. Podia haver navios sobre navios emboscados do outro lado, esperando exatamente que não regressasse.

- Isso mesmo - aprovou o quarto homem. - Agora, o que é que vocês tiraram da nave capturada? Eu também sou suficientemente velho para essas conversas.

- Isso pode dizer-se em algumas poucas palavras - replicou Forell, muito carrancudo. - É um general Imperial ou qualquer graduação correspondente a essa que aqui possa haver. É um homem novo que provou o seu talento militar - assim ouvi dizer - e que é o ídolo dos seus homens. Uma carreira mais ou menos romântica. As histórias que eles contam a seu respeito, não há dúvida que metade são mentiras, mas precisamente por isso o que se verifica por aí é que é um tipo de homem prodigioso.

- Quem são esses "eles"? - perguntou o segundo homem.

- A tripulação da nave capturada. Olhe, tenho todas as suas declarações

registradas em microfilme, coloquei-as em lugar seguro. Mais tarde, se quiserem, podemos ouvi-las. Podem ouvir pessoalmente os homens falar, se pensarem que é necessário. Disse-lhes apenas o essencial.

- Como é que você conseguiu isso deles? Como é que sabe que eles lhe disseram a verdade?

Forell franziu as sobrancelhas.

- Não fui nada suave, meu caro cavalheiro. Comecei por inutilizá-los, droguei-os loucamente, e servi-me da Sonda impiedosamente. Eles falaram. E vocês podem ouvi-los quando quiserem.

- Nos velhos tempos - disse o terceiro homem, com súbita falta de oportunidade - eles teriam aplicado a psicologia pura. Sem dor, sabe, mas muito seguro. Não há possibilidade de fraude.

- Bem, isso era o melhor negócio que eles tinham nos tempos antigos - disse Forell, secamente. - Agora estamos nos dias de hoje.

- Mas - disse o quarto homem - o que é que ele quer daqui, esse general, esse romântico homem-prodígio? - Havia uma persistência teimosa e aborrecida na maneira como voltava ao assunto.

Forell lançou-lhe um olhar rápido e mordaz:

- Você pensa que ele confidencia os pormenores dos seus assuntos políticos com a tripulação? Eles não os conhecem. Não havia nada a tirar-lhes a este respeito, e eu experimentei, a Galáxia bem o sabe.

- O que nos deixa...

- Tirar as nossas próprias conclusões, como é evidente. - Os dedos de Forell estavam outra vez tamborilando tranqüilamente. - O jovem é um chefe militar do Império, embora esteja se passando por um principezinho de pouca importância de uma das estrelas perdidas num canto excêntrico da Periferia. Isto só nos assegurará que os seus motivos reais nos são desconhecidos, pois ele não tiraria nenhum benefício deles se nós os conhecêssemos. Combina a natureza da sua profissão com o fato de que o Império já subvencionou um ataque contra nós no tempo de meu pai, e as possibilidades tornaram-se agora idênticas. Esse primeiro ataque falhou. Duvido que o Império nos esteja reconhecido por isso.

- Não há nada nas suas descobertas - perguntou o quarto homem cautelosamente - que nos dê uma certeza qualquer? Você não está nos escondendo nada?

Forell respondeu polidamente:

- Não posso esconder nada. Em um caso como este não pode haver questão de rivalidade de negócios. A unidade é forçosa entre nós.

- Patriotismo? - Havia zombaria na voz do terceiro homem.

- O patriotismo que vá para o diabo - respondeu Forell tranqüilamente.

- Você pensa que eu dou duas baforadas de emanação atômica pelo futuro Segundo Império? Você pensa que eu arrisco uma única missão comercial para facilitar o seu caminho? Mas... você supõe que as conquistas Imperiais podem ajudar o meu negócio ou o seu? Se o Império ganhar, haverá um grande número de corvos desejosos de carne podre para suspirar pelos despojos da batalha.

- E nós seremos os despojos - acrescentou o quarto homem, secamente.

O segundo homem rompeu bruscamente o silêncio, e mexeu o seu volume iradamente, de tal modo que a cadeira estalou sob o seu peso.

- Mas porque é que estamos falando disso? O Império não pode ganhar, não acha? Temos a garantia de Seldon de que nós acabaremos por formar o Segundo Império. Trata-se apenas de mais uma crise. Já houve três antes desta.

- Só mais uma crise, claro que sim! - ponderou Forell. - Mas quando se verificaram as duas primeiras, tínhamos Salvor Hardin para nos guiar, na terceira, havia Hober Mallow. E quem temos nós agora? - Olhou sombriamente para os outros e continuou. - As leis psicohistóricas de Seldon, em que é tão confortante confiar, possuem uma contribuição variável, uma certa iniciativa normal por parte do próprio povo da Fundação. As leis de Seldon ajudam aqueles que se ajudam a si mesmos.

- As circunstâncias fazem o homem - disse o terceiro homem. - Aqui tem mais um provérbio para seu uso.

- Você não pode contar com isso, pelo menos com certeza absoluta - resmungou Forell. - O caminho que se impõe agora não parece ser esse. Se esta é a quarta crise, nesse caso Seldon tinha-a previsto. Se a previu, nesse caso ela pode ser vencida, e deve haver uma maneira de consegui-lo.

- Agora o Império está mais forte do que nós, sempre o fora. Mas é a primeira vez que estamos em risco de sofrer o seu ataque diretos, de modo que a sua solidez torna-se terrivelmente ameaçadora. Nesse caso, se pode ser vencida, deve ser mais uma vez como em todas as crises passadas por meio de um

método diferente da utilização da pura força. Nós devemos descobrir o lado fraco do inimigo e atacá-lo ali.

- E qual é esse lado fraco? - perguntou o quarto homem. — Você tenciona sugerir uma teoria?

- Não. Aqui está o ponto em que preciso ser orientado. Os nossos grandes líderes do passado viam sempre os pontos fracos dos inimigos e dirigiam-se para lá. Mas agora...

Havia um abandono na sua voz, e por um momento ninguém se arriscou a qualquer comentário. Nessa altura o quarto homem disse:

- Precisamos de espiões.

Forell virou-se para ele vivamente:

- É isso mesmo! Não sei quando é que o Império atacará. Ainda devemos ter tempo.

- Hober Mallow entrava pessoalmente nos domínios Imperiais - sugeriu o segundo homem.

Forell meneou a cabeça:

- Nada assim de tão direto. Nenhum de nós é precisamente um jovem, e todos nós estamos enferrujados com as fitas vermelhas e os pormenores administrativos. Precisamente de jovens agora no campo oposto...

- Os comerciantes independentes? - perguntou o quarto homem.

E Forell abanou a cabeça e murmurou:

- Se ainda der tempo...

A MÃO MORTA

Bel Riose interrompeu o seu aborrecido passeio para fitar esperançosamente quando o seu ajudante entrou.

- Alguma notícia do "Astral"?

- Nenhuma. O destacamento de exploração esquadrinhou o espaço, mas os instrumentos não detectaram nada. O comandante Yume informou que a Esquadra está pronta para um ataque de represália imediata.

O general abanou a cabeça.

- Não, por causa de uma nave patrulha, não. Por enquanto não. Diga-lhe para duplicar... Espere! Eu escrevo o recado. Coloque-o em código e transmita-o por um raio fechado. - Escreveu enquanto falava e entregou o papel ao oficial que estava à espera. - O siweniano já chegou?

- Ainda não.

- Bem, mande-o entrar assim que chegue.

O ajudante fez uma continência crispada e saiu. Riose começou a meditar sobre a situação.

Quando a porta voltou a abrir-se, foi Ducem Barr que se deteve no limiar. Vagarosamente, nos calcanhares do ajudante que vinha anunciá-lo, encaminhou-se para o aposento brilhante em cuja parede havia um modelo estereoscópico da Galáxia, e no centro da qual Bel Riose estava de pé, vestindo seu uniforme de combate.

- Patrício, bom dia! - O general empurrou uma cadeira para diante, com os pés, e despediu o ajudante com um gesto e a recomendação: - Esta porta é para permanecer fechada até que eu a abra.

Ficou de pé diante do siweniano, com as pernas afastadas, a mão agarrada ao pulso da outra, atrás das costas, balançando o corpo vagarosamente, pensativamente, oscilando sobre os pés. Então, rudemente:

- Patrício, você é um súdito leal do Imperador?

Barr, que mantivera um silêncio indiferente até essa altura, enrugou a testa de maneira vaga:

- Não tenho motivos para gostar das leis Imperiais.

- O que é uma maneira indireta de dizer que pode ser um traidor.

- É verdade. Mas o simples ato de não ser um traidor é também uma maneira indireta de poder vir a ser um auxiliar ativo.

- Geralmente também é verdade. Mas se recusar a sua ajuda neste ponto - disse Riose, deliberadamente - o fato será considerado traição e tratado como tal.

As sobrancelhas de Barr juntaram-se.

- Reserve suas vergastadas verbais para os seus subordinados. Faça uma simples exposição das suas necessidades e podemos ver se precisa realmente de mim.

Riose sentou-se e cruzou as pernas:

- Barr, tivemos uma discussão há relativamente pouco tempo, há cerca de meio ano atrás.

- A respeito dos seus mágicos?

- Isso mesmo. Você se lembra de eu lhe ter dito que iria visitá-los.

Barr acenou que sim com a cabeça. Deixou os braços continuarem molemente no regaço:

- Você preparava-se para visitá-los nos seus retiros, e esteve fora estes últimos quatro meses. Acabou encontrando-os?

- Encontrá-los? Foi isso mesmo que fiz - exclamou Riose. Tinha os lábios rígidos enquanto falava. Parecia esforçar-se para impedir que os molares se desfizessem. - Patrício, eles não são mágicos, são diabos. São tão difíceis de compreender como as outras nebulosas dali. Imagine! É um mundo do tamanho de um lenço de assoar, de uma unha, com recursos tão insignificantes, forças tão diminutas, uma população tão microscópica como nunca bastariam aos mais retrógrados mundos dos poeirentos prefeitos das Estrelas Escuras. Apesar disso, é um povo tão orgulhoso e ambicioso que sonha tranqüila e metodicamente em governar a Galáxia.

- Sendo assim, estão tão seguros de si mesmos que não têm pressa nenhuma. Movem-se vagarosamente, fleumaticamente, falam nos séculos que serão necessários para isso. Absorvem mundos com vagar, deslizam através dos sistemas com lenta complacência.

- E saem-se bem. Não há ninguém que os detenha. Construíram uma comunidade porcamente comercial que enrola os seus tentáculos em volta dos

sistemas mais avançados que os seus braços de brinquedo conseguem atingir. E os seus comerciantes - que é a designação que os seus agentes se dão - vão penetrando parsec após parsec nos outros mundos.

Ducem Barr interrompeu a vaga raivosa:

- Qual é a parte exata desta informação, e qual é a parte que é simples palpite?

O soldado tomou fôlego e ficou calmo:

- A fúria não me cega. Estou lhe dizendo que estive nos mundos mais próximos de Siwena do que da Fundação, onde o Império era um mito distante, e os comerciantes eram verdades vivas. Nós próprios fomos iludidos por comerciantes.

- Foi a própria Fundação que lhe disse que aspirava ao domínio da Galáxia?

- Iam dizer uma coisa dessas! - Riose tornara-se outra vez violento. - Não era assunto que me falassem. Pessoa com responsabilidades oficiais não dizia nada. Falavam exclusivamente de negócios. Contudo falei com homens comuns. Absorvi as idéias do povo comum, o seu "manifesto destino", a sua calma aceitação de um grande futuro. É uma coisa que não se pode ocultar, um otimismo universal que eles não procuram esconder de maneira nenhuma.

O siweniano mostrou abertamente uma satisfação tranqüila:

- Você deve ter verificado que parece confirmar-se completamente a reconstrução dos acontecimentos a que procedi, feita embora com os pouquíssimos elementos que tinha reunido sobre o assunto.

- Não há dúvida - replicou Riose com um sarcasmo acanhado - que é uma homenagem aos seus poderes analíticos. E é também uma demonstração enérgica e precisa dos perigos crescentes que correm os domínios de Sua Majestade Imperial.

Barr encolheu os ombros como se aquilo lhe não dissesse respeito e Riose inclinou-se para diante, para examinar a largura dos ombros do ancião, fitando-o nos olhos com curiosa brandura. E disse:

- Agora patrício, não se trata disso. Não tenho nenhum desejo de me mostrar bárbaro. Pela minha parte, a herança da hostilidade siweniana contra o Império significa um peso odioso, e hei de fazer tudo o que estiver em minhas mãos para eliminá-lo. Porém o meu foro é militar e é impossível a interferência

nos negócios civis. Provocaria a minha destituição e me tornaria inútil para sempre. Compreende? Sei que compreende isso. Entre nós dois vamos deixar que a atrocidade de quarenta anos atrás seja compensada pela vingança que você tirou do seu autor e procurar assim esquecer o que se passou. Eu preciso de sua ajuda. Sou obrigado a admitir isto francamente.

Havia um toque de urgência na voz do jovem, porém Ducem Barr meneou a cabeça delicada e deliberadamente num gesto negativo. Riose insistiu suplicantemente:

- Você não está entendendo, patrício, e eu duvido da minha habilidade para conseguir levá-lo a compreender o que quero dizer. Não posso argüir no seu próprio campo. Você é um sábio, eu não. Mas posso dizer-lhe isto: seja o que for que você pense do Império, é obrigado a admitir os seus grandes serviços. Suas forças armadas têm cometido crimes isolados, mas em geral têm sido uma força de paz e de civilização. Foi a Armada Imperial que criou a Pax Imperium que governou toda a Galáxia durante dois mil anos. Compare os dois milênios de paz sob a égide do Sol e da Nave com os dois milênios de anarquia interestelar que os precederam. Lembre-se das guerras e devastações desses tempos antigos e diga-me se, com todas as suas faltas, o Império não é digno de ser conservado.

- Compare - continuou ele vigorosamente - aquilo a que está reduzida a outra faixa da Galáxia nestes dias de autodeterminação e independência e pergunte a si mesmo se por causa de uma pequena desforra você deve obrigar Siwena a baixar da sua posição, de província colocada sob a proteção de uma poderosa Armada, para a de um mundo bárbaro numa Galáxia bárbara, todos mergulhados na sua fragmentária independência e na sua degradação e miséria comuns.

- É assim tão mau... tão depressa? - murmurou o siweniano.

- Não, admitiu Riose. - Não há dúvida que devemos estar salvos nós mesmos, mesmo quadruplicando a duração das nossas vidas. Mas é pelo Império que eu luto, ou seja, trata-se de uma tradição militar que só significa alguma coisa para mim, e que não posso lhe transmitir. Trata-se de uma tradição militar construída no âmbito da Instituição Imperial a que sirvo.

- Você está se tornando místico e eu sempre tive dificuldade em compreender o misticismo das outras pessoas.

- Não importa. Você compreende o perigo desta Fundação.

- Fui eu que lhe indiquei aquilo a que você chama perigo antes de você ter saído para fora dos limites de Siwena.

- Nesse caso você compreende que ele deve ser detido enquanto embrionário ou, então, não o poderá ser de modo algum. Você já sabia desta Fundação antes de qualquer outra pessoa ter ouvido falar nela. Você sabe mais a seu respeito do que qualquer outra pessoa no Império. Você sabe provavelmente qual é a melhor maneira de atacá-la, e você pode provavelmente prevenir-me das suas contramedidas. Vamos, sejamos amigos.

Ducem Barr corou. Disse monotonamente:

- Qualquer ajuda que eu lhe pudesse dar não significaria nada. Por isso eu desejo ter completa liberdade de lhe dizer o meu parecer, para justificar o seu persistente pedido.

- Eu serei o juiz das suas intenções.

- Não, estou falando seriamente. Nem toda a força que o Império pudesse utilizar seria suficiente para esmagar este mundo de pigmeus.

- Por que não? - os olhos de Bel Riose brilharam orgulhosamente. - Não, se deixe ficar onde está. Eu lhe direi quando é que você deve sair. Por que não? Está enganado se pensa que subestimo este inimigo que descobri, patrício - e a sua voz ganhou um acento relutante - perdi uma nave durante a viagem de regresso. Não tenho provas de que tenha caído nas mãos da Fundação, mas não foi localizada e deve ter sido simplesmente um acidente, e a nave desaparecida deve certamente encontrar-se ao longo da rota que seguimos. Não é uma perda importante - menos da décima parte de uma mordida de pulga, mas pode significar que a Fundação já iniciou as hostilidades. Semelhante ânsia e semelhante desprezo das conseqüências podem significar forças secretas das quais não conheço nada. Você pode me ajudar respondendo a uma pergunta específica? Qual é a sua força militar?

- Não faço a mínima idéia.

- Então explique você mesmo com os seus próprios termos. Por que é que você disse que o Império não pode se defender deste pequeno inimigo?

O siweniano voltou a sentar-se uma vez mais e o seu olhar vagueou para além dos olhos fitos de Riose. Falou vagarosamente:

- Porque acredito nos princípios da psicohistória. Trata-se de uma ciência estranha. Alcançou a maturidade matemática com um homem, Hari Seldon, e morreu com ele, pois nenhum homem, a partir de então, conseguiu manipular com destreza a complexidade da doutrina. Mas durante esse curto período, revelou tratar-se do mais poderoso instrumento inventado até então para

o estudo da humanidade. Sem pretender prognosticar as ações dos indivíduos, considerados pessoalmente, formulou leis capazes de análise matemática e de extrapolação para governar e predizer a ação coletiva dos grupos humanos.

- Assim...

- Foi esta psicohistória que Seldon e o grupo com que ele trabalhava aplicaram com a sua força total no estabelecimento da Fundação. O lugar, tempo e condições, tudo conspira matematicamente e assim, inevitavelmente, para o desenvolvimento do Império Universal.

A voz de Riose tremia de indignação:

- Você quer dizer que essa arte pode predizer que atacarei a Fundação e perderei esta e aquela batalha por esta e aquela razão? Você está tentando dizer que eu sou um autômato estúpido seguindo um caminho predeterminado até à destruição.

- Não - replicou o velho patrício, abruptamente. - Já lhe disse que a ciência não tinha nada a ver com as ações individuais. É o vasto conjunto total da ação que pode ser previsto.

- Nesse caso nós vivemos estreitamente agarrados na mão premente da Deusa da Necessidade Histórica?

- Da necessidade Psicohistórica - corrigiu Barr, brandamente.

- E se eu puser em ação as minhas prerrogativas de desistir inteiramente de atacar? Qual é a flexibilidade da Deusa? Quais os seus recursos?

Barr encolheu os ombros:

- Ataque agora ou nunca, com um único navio, ou com todo o poderio do Império, com a força militar ou servindo-se da pressão econômica, por via de uma ingênua declaração de guerra ou com emboscada traiçoeira, sirva-se de tudo o que você tiver no arsenal dos seus perfeitos exercícios de livre-arbítrio. Você estará perdido.

- Por causa da mão morta de Hari Seldon?

- Por causa da mão morta da matemática do comportamento humano que nunca pode ser parada, desviada, nem atrasada.

Encararam-se um ao outro no beco sem saída em que estavam, até que o general deu um passo atrás. Disse simplesmente:

- Vou aceitar esse desafio. É uma mão morta contra uma vontade livre.

O IMPERADOR

CLEON II, vulgarmente designado "O Grande" o último imperador poderoso do Primeiro Império, é importante devido ao renascimento político e artístico que se processou durante o seu longo reinado. E mais conhecido pelo romance, todavia, de sua ligação com Bel Riose, e para o homem comum ele é apenas o "Imperador de Riose". É importante não admitir que os acontecimentos do último ano do seu reinado ofusquem os quarenta anos de...

Enciclopédia Galáctica

Cleon II era Senhor do Universo. Cleon II sofreu também de um mal doloroso e não diagnosticado. Para as estranhas evoluções dos negócios humanos, as duas afirmações não se excluem mutuamente, não sendo sequer particularmente incoerentes. Houve na história um número cansativamente numeroso de precedentes.

Porém a carreira de Cleon II não tem mais precedentes. Se nos debruçarmos sobre uma extensa lista de casos similares não melhoraremos o seu sofrimento pessoal com um trabalho eletrônico. Esse sofrimento tornava-o tão pequeno que o levava a pensar em onde o seu bisavô fora governador pirata de um planeta de poeira-atômica, e ele próprio repousava no palácio de verão de Ammenetik, o Grande, como se descendesse de uma linha de governadores Galácticos que se estendesse pelos tempos afora até um passado remoto. Atualmente não encontrava conforto em saber que os esforços de seu pai tinham varrido o reino de seus leprosos sinais de rebelião, devolvendo-o à paz e unidade de que desfrutara sob Stannel VI, o que trouxera como conseqüência que nos vinte e cinco anos do seu reinado nem uma sombra de revolta tivesse obscurecido sua brilhante glória.

O Imperador da Galáxia e Senhor de Tudo lastimava-se quando recostava a cabeça na reconstituinte superfície de força que existia ao redor de sua almofada. Caindo numa moleza em que nem sequer se mexia, e dominado por um formigueiro agradável, Cleon distendia-se um bocado. Soerguia-se com dificuldade e fitava morosamente as paredes distantes do quarto enorme. Era um péssimo quarto para uma pessoa só. Era excessivamente grande. Todos os quartos eram muito grandes. Porém era preferível estar só durante estes períodos de invalidez a suportar os galanteios dos cortesãos, a sua pródiga simpatia, a sua

estupidez cortês e condescendente. Era melhor estar só do que observar aquelas máscaras insípidas atrás das quais se iam tecendo as tortuosas especulações oferecidas pelas possibilidades de morte e pelas riquezas da sucessão.

Estava dilacerado pelos pensamentos. Havia os seus três filhos, três jovens fortes e robustos, cheios de esperanças e virtudes. Onde é que se meteriam naqueles dias maus? Estavam à espera, não havia dúvida. Vigiavam-se uns aos outros, e todos vigiavam a ele.

Agitou-se desassossegadamente. E agora Brodrig pedia ansiosamente uma audiência. O Brodrig de origem humilde, fiel porque era odiado com um ódio unânime e cordial, que constituía o único ponto de harmonia entre as dúzias de panelinhas em que estava dividida a sua corte.

Brodrig, o fiel favorito, que tinha de ser fiel e que a menos que tomasse a nave mais rápida existente na Galáxia, no dia em que o Imperador morresse, seria remetido para a câmara atômica logo no dia seguinte.

Cleon II apertou o botão liso no braço do seu grande divã e a enorme sala que ficava no fundo do quarto dissolveu-se por transparência. Brodrig avançou ao longo do tapete vermelho, e inclinou-se para beijar a mão flácida do Imperador.

- Como tem passado senhor? - perguntou o Secretário Privado num tom baixo de ansiedade conveniente.

- Ainda vivo - vociferou o Imperador, exasperado - se pode dizer que se vive quando qualquer patife, capaz de ler um livro de medicina, se serve de mim como se fosse um campo virgem e receptivo para as suas experiências sem valor nenhum. Se existe um remédio imaginável, químico, físico, ou atômico, que ainda não tenha sido experimentado, e se existe alguém que tenha sabido destas experiências em qualquer canto afastado do reino, há de aparecer um dia antes para experimentá-la. E, entretanto outro livro recém descoberto, ou simplesmente falsificado, será utilizado como autoridade. Pela memória de meu pai - rugiu ele barbaramente - parece que não há um bípede que seja capaz de estudar a doença que tem diante dos olhos, com esses mesmos olhos. Não há um que seja capaz de contar o ritmo do pulso, sem um livro dos antigos diante dele. Estou doente e eles dizem que o mal é "desconhecido". Os loucos! Se no decurso de um milênio os corpos humanos aprenderem novos métodos de morrer misteriosamente, esses métodos não foram abrangidos pelos estudos dos antigos e permanecem incuráveis para todo o sempre. Se não fosse assim os antigos estariam ainda vivos, ou então eu.

O Imperador deixou-se escorregar para trás, diminuindo o ritmo da respiração com uma praga, enquanto Brodrig o fitava com alguma dúvida. Cleon II disse impacientemente:

- Quantos é que estão à espera lá fora?

E apontava com a cabeça na direção da porta. Brodrig respondeu pacientemente:

- No Grande Vestíbulo há o número habitual.

- Bem, que esperem. Estou ocupado com os assuntos de Estado. Vá declará-lo ao Capitão da Guarda. Ou espere, vamos esquecer dos assuntos de Estado. Eu tinha precisamente anunciado que não daria audiência, e deixe o Capitão da Guarda que se aborreça. Os chacais podem trair-se entre eles.

O Imperador riu sem vontade.

- Corria o boato, senhor - disse Brodrig, vagarosamente - de que é o seu coração que lhe provoca perturbações.

O sorriso do Imperador levou pouco tempo a ser substituído pelo anterior sorriso de mofa.

- Podem prejudicar outros mais do que a mim próprio se alguém decidir agir prematuramente com base nesse boato. Todavia vamos ver o que é que você deseja. Pode levantar-se.

Brodrig levantou-se da posição ajoelhada perante um gesto de permissão e disse:

- Há qualquer coisa que se refere ao general Bel Riose, o Governador Militar de Siwena.

- Riose? - Cleon II franziu irritadamente as sobrancelhas. - Não tenho lugar para ele. Espera, foi ele que me mandou aquela quixotesca mensagem há uns meses atrás? Sim, me lembro. Desejava permissão para entrar numa carreira de conquistador para glória do Império e do Imperador.

- Exatamente, senhor.

O Imperador riu brevemente:

- Pensa que tenho alguns generais atrás de mim, Brodrig? Parece-me ser um curioso atavismo. Qual foi a resposta? Eu suponho que tenha tomado cuidado com ele.

- Assim fiz, senhor. Recebeu instruções para fornecer informações

adicionais e para não dar nenhum passo que envolvesse uma ação naval sem ordens adicionais do Império.

- Hum. É suficiente para nos manter defendidos. Quem é esse Riose? Já esteve alguma vez na corte?

Brodrig disse que não com a cabeça e os seus lábios torceram-se levemente:

- Iniciou sua carreira como cadete na Guarda há uns dez anos atrás. Tomou parte no caso de Lemul Cluster.

- Lemul Cluster? Bem sei, a minha memória não me falha inteiramente... Foi nesse tempo que um jovem soldado salvou duas naves de um choque frontal com... ou... foi isto ou outra coisa qualquer? - Agitou impacientemente uma mão. - Não me recordo de detalhes. Foi qualquer coisa heróica.

- Foi Riose esse soldado. Promoveram-no por isso - disse Brodrig secamente - e nomearam-no para um posto no campo de batalha, como capitão de uma nave.

- E agora é Governador Militar de um sistema fronteiriço e ainda novo. Um homem capaz, Brodrig!

- Não é de confiança, senhor. Vive no passado. É um sonhador dos tempos antigos, ou antes, dos mitos de que se serviam esses tempos antigos. Alguns homens são inofensivos em si próprios, mas a sua estranha ausência de realismo torna-os loucos para os outros. - Acrescentou: - Seus homens, julgo eu, estão completamente sob seu controle. Ele é um dos seus populares generais.

- É? - cismou o Imperador. - Bem, adiante Brodrig, não quero ser apenas servido por incompetentes. Eles certamente não ficam com inveja da sua própria fidelidade.

- Um traidor incompetente não é um perigo. Há muito mais razões para manter vigiados os homens capazes.

- Você entre eles, Brodrig? - Cleon II riu e depois fez uma careta dolorida. - Bem, nesse caso, pode esquecer a preleção por enquanto. Que nova revelação há no que se refere a este jovem conquistador? Espero que não se tenha apenas limitado a reminiscências.

- Foi recebida outra mensagem, senhor, do General Riose.

- Oh? E para que efeito?

- Fez uma viagem de espionagem ao território desses bárbaros e requer

uma expedição em massa. Os seus argumentos são extensos e razoavelmente aborrecidos. Não tinham importância para aborrecer Vossa Imperial Majestade até agora, durante a sua indisposição. Particularmente desde que será discutida demoradamente durante a sessão do Conselho dos Lordes. - Deitou um olhar oblíquo ao Imperador.

Cleon II franziu os sobrolhos.

- Os Lordes? Será um assunto para eles, Brodrig? Isso significa uma quantidade de longas interpretações da Carta. Sempre se acaba nisso.

- Não pode ser evitado, senhor. Podia ter sido melhor se o seu augusto pai tivesse vencido a última rebelião sem ser obrigado a aceitar a Carta. Mas desde que ela existe, temos de suportá-la, por enquanto.

- Suponho que tem razão. Nesse caso os Lordes devem ser ouvidos. Mas para que esta solenidade toda, homem? Trata-se, afinal de contas, de um ponto de reduzida importância. O triunfo numa fronteira remota com tropas reduzidas dificilmente é um negócio de Estado.

Brodrig sorriu ligeiramente. Disse friamente:

- É negócio de um romântico idiota, mas precisamente um romântico idiota pode ser uma arma mortal quando um rebelde não-romântico se serve dele como instrumento. Senhor, o homem era popular e continua sendo. É jovem. Se ele anexar um ou dois planetas bárbaros e errantes, se tornará um conquistador. Ora, um jovem conquistador que provou a sua habilidade para excitar o entusiasmo de pilotos, mineiros, comerciantes e uma ralé da mesma espécie é perigoso em qualquer época. Ainda que lhe falte o desejo de fazer como seu augusto pai fez ao usurpador, Ricker, há ainda a hipótese de um dos nossos Lordes do Domínio se decidir a utilizá-lo como arma.

Cleon II mexeu um braço precipitadamente e retesou-se sob o efeito da dor. Relaxou-se lentamente, mas desaparecera-lhe o sorriso, e sua voz tornou-se um sussurro:

- Você é um súdito precioso, Brodrig. Desconfia sempre mais do que é necessário e eu só preciso levar em consideração metade das precauções que você sugere para estar completamente defendido. Ele poderá encontrar-se com os Lordes. Nós veremos o que eles dizem e tomaremos as nossas medidas de acordo com isso. O jovem, calculo eu, ainda não se lançou em movimentos hostis.

- Não se diz nada a esse respeito. Mas já pede reforços.

- Reforços! - Os olhos do Imperador cintilaram com espanto. - Mas que força tem ele?

- Dez naves de combate, senhor, com um complemento total de naves auxiliares. Duas dessas naves estão equipadas com motores recuperados da antiga Grande Esquadra, e uma delas tem uma bateria de artilharia da mesma origem. As outras naves não são modernas, dos últimos cinqüenta anos, porém ainda podem ser utilizadas.

- Dez naves devem parecer armamento adequado para qualquer empresa razoável. Porque, com menos de dez naves, conseguiu meu pai sua primeira vitória contra o usurpador. Quem são esses bárbaros que ele atacará?

O Secretário Privado levantou um par de sobrancelhas arrogantes:

- Refere-se a eles como sendo "a Fundação".

- A Fundação? O que vem a ser isso?

- Não há nenhum registro a esse respeito, senhor. Procurei cuidadosamente nos arquivos. A área da Galáxia que ele indica coincide com a antiga província de Anacreon, que há dois séculos foi abandonada a si mesma por roubos, barbarismo e anarquia. Não há planeta conhecido pela designação de Fundação, seja como for. Havia uma vaga referência a um grupo de cientistas enviado para esta província pouco antes de ela se separar da nossa proteção. Estavam preparando uma Enciclopédia. - Sorriu fracamente. - Suponho que lhe chamavam a Enciclopédia Fundação.

- Bem - o Imperador observou-o sombriamente - isso me parece uma fraca base para poder ir avante.

- Não estou andando para diante, senhor. Não foi recebida uma palavra sequer dessa expedição depois do aumento da anarquia nessa região. Se os seus descendentes ainda estiverem vivos e conservam o seu nome, nesse caso devem ter certamente regressado ao barbarismo.

- E para isso ele deseja reforços. - O Imperador lançou um olhar feroz ao seu secretário. - Isso é muito peculiar, propor-se combater selvagens com dez naves e pedir mais antes de lançar um ataque, é surpreendente. Já começo a me lembrar desse Riose, era um rapaz simpático, de uma família leal. Brodrig, há aqui implicações que eu não consigo compreender. Isto deve ter mais importância do que parece. - Os seus dedos brincaram preguiçosamente com o lençol brilhante que lhe cobria as pernas rígidas. Continuou: - Preciso de um homem desse tipo, de um homem que tenha visão, cérebro e lealdade, Brodrig...

O secretário inclinou a cabeça submissa:

- E as naves, senhor?

- Ainda não! - O Imperador gemeu suavemente quando mudou de posição no seu leito macio. Apontou um dedo fraco: - Não, enquanto não soubermos mais alguma coisa. Convoque o Conselho dos Lordes para um dos dias desta semana. Também deve ser uma boa oportunidade para novas apropriações. Isso deve ter prioridade absoluta. - Meneou a cabeça para afastar o formigueiro doloroso da almofada com o irradiante campo de força. - Vá embora, Brodrig, e mande-me entrar o médico. É o pior zangão do grupo.

COMEÇA A GUERRA

Do ponto de irradiação de Siwena, as forças do Império encaminharam-se cautelosamente para a escuridão desconhecida da Periferia. Naves gigantescas venciam as vastas distâncias que separavam as estrelas errantes da extremidade da Galáxia, e sondavam o caminho em volta do limite que ficava mais no exterior da influência da Fundação.

Mundos isolados no seu novo barbarismo de dois séculos voltavam a sentir mais uma vez a sensação dos senhores feudais do Império, pisando o seu solo. Jurou-se lealdade perante a artilharia maciça que estava sobre suas cidades capitais.

Tinham deixado guarnições, guarnições de homens com o uniforme Imperial com a insígnia brilhante do Sol e da Nave colocada nos ombros. Os homens velhos deram notícia disso e lembraram-se uma vez mais das esquecidas narrativas dos pais dos seus avós, dos tempos em que o universo era grande, rico e pacífico, e aquele mesmo símbolo do Sol e da Nave governava tudo.

Então as grandes aves continuaram a tecer suas linhas de bases avançadas em volta da Fundação. E como cada mundo via logo designado o seu próprio lugar na estrutura, o relatório voltava para trás, para Bel Riose, que estabelecera o seu quartel-general na aridez rochosa de um planeta errante, com um sol fraco. Agora Riose descontraía-se e sorria severamente para Ducem Barr:

- Bem, o que é que você pensa, patrício?

- Eu? Mas que valor pode ter aquilo que eu penso? Não sou militar. - Ao dizer isto fingiu um olhar cansadamente desgostoso, perante a desordem cada vez maior do aposento que ia terminar na pedra, e que fora rasgado na parede de uma caverna, tendo instalado ar e luz artificiais, e calor que forneciam a única ilusão de vida na vastidão de um mundo deserto.

- Pela ajuda que lhe posso dar - murmurou ele - ou que lhe desejo dar, podia mandar-me de volta para Siwena.

- Ainda não. Ainda não. - O general virou a cadeira para o canto onde estava apoiada a esfera enorme, brilhantemente transparente, que representava a antiga prefeitura imperial de Anacreon e os seus setores vizinhos. - Mais tarde, quando isto estiver mais adiantado, você poderá regressar aos seus livros e a tudo o mais. Eu cuidarei que os bens de sua família sejam devolvidos a você e

aos seus filhos para o resto da vida.

- Muito obrigado — replicou Barr, com uma ironia difusa - porém eu deposito fé no resultado feliz de tudo isto.

Riose riu sem jeito:

- Não me indisponha outra vez contra suas lamentações. Este mapa fala mais evidentemente do que todas as suas teorias calamitosas. - Acariciou delicadamente o seu perfil arqueado e invisível. - Você é capaz de ler um mapa em projeção radial? Pode? Bem, veja por você mesmo. As estrelas douradas representam os territórios Imperiais. As estrelas vermelhas são aquelas que estão submetidas pela Fundação e as cor-de-rosa aquelas que estão provavelmente dentro da influência da esfera econômica. Agora veja...

A mão de Riose cobriu um botão arredondado, e vagarosamente uma área de brancas e ásperas cabeças de alfinete transformou-se num azul profundo. Como uma taça de fundo virado para o ar eles ficaram encaixados entre o vermelho e o cor-de-rosa.

- Estas estrelas azuis estão sendo ocupadas pelas minhas forças - disse Riose com tranqüila satisfação - e elas ainda continuam a avançar. Ainda não apareceu qualquer oposição. Os bárbaros estão tranqüilos. E, particularmente, não verificou nenhuma oposição por parte das forças da Fundação. Essas estão dormindo tranqüilamente e bem.

- Você espalha suas forças por toda a parte, não é assim? - perguntou Barr.

- Realmente - disse Riose -, e a despeito das aparências, não é assim. Os pontos-chave que guarneci e fortifiquei são relativamente poucos, porém foram cuidadosamente escolhidos. O resultado é que as forças mobilizadas são reduzidas, mas grandes os resultados estratégicos. Há muitas vantagens, mais do que pode parecer para quem não fez ainda um estudo cuidadoso das táticas espaciais, se bem que seja evidente para qualquer pessoa, por exemplo, em que eu possa lançar um ataque a partir de qualquer ponto nesta esfera cercada e, por isso, quando eu tiver terminado, será impossível à Fundação atacar pelos flancos ou pela retaguarda. Não terei flancos nem retaguarda em relação a eles. Esta estratégia do Cerco Prévio já foi anteriormente aplicada notadamente nas campanhas de Loris VI, há uns dois mil anos, mas sempre imperfeitamente, sempre com o conhecimento e a interferência combativa do inimigo. Isto é diferente.

- O caso ideal do compêndio? - A voz de Barr era lânguida e indiferente.

Riose mostrou-se impaciente:

- Você ainda pensa que as minhas táticas vão falhar?

- Assim deve ser.

- Você deve compreender que não há caso na história militar em que, tendo-se completado um cerco, as forças atacantes não tenham eventualmente ganho, exceto nos casos em que exista uma força exterior suficiente para romper o cerco.

- Se você assim o diz.

- E você ainda se mantém fiel à sua doutrina?

- Decerto.

Riose encolheu os ombros:

- Continuarei na mesma.

Barr deixou que o irritado silêncio durasse um momento, depois do que perguntou tranqüilamente:

- Você já recebeu alguma resposta do Imperador?

Riose tirou um cigarro de um recipiente da parede, colocado atrás de sua cabeça, pôs um filtro entre os lábios e aspirou a chama cuidadosamente. Acabou por dizer:

- Refere-se ao meu pedido de reforços? Já chegou, isto é tudo. É precisamente essa a resposta.

- Não mandam naves.

- Nenhuma. Já estava meio desconfiado. Francamente, patrício, eu nunca devia ter consentido que as suas teorias me enchessem de pânico a ponto de fazer um pedido antecipado de reforços. Isto me colocou em uma posição muito incômoda.

- É assunto encerrado?

- Definitivamente. As naves são difíceis. As guerras civis dos últimos dois séculos despedaçaram mais de metade da Grande Esquadra e o que restou está em condições verdadeiramente lastimáveis. Você sabe disto tão bem como sabe que as naves que construímos agora não são de primeira qualidade. Não me parece que haja um único homem na galáxia atual que seja capaz de construir um motor hiper-atômico de primeira classe.

- Sei isso muito bem - disse o siweniano. Os seus olhos estavam pensativos e meditativos. - Mas não calculava que você o soubesse também. Por isso sua Majestade Imperial não está em condições de conceder naves. A psicohistória podia ter predito isto, de fato deve tê-lo feito, com toda certeza. Eu diria que a mão morta de Hari Seldon ganhou o primeiro assalto.

Riose respondeu duramente:

- As naves que tenho bastam-me. O seu Seldon não ganhou coisa nenhuma. Se a situação se tornar mais séria, nessa altura devem estar disponíveis mais naves. Até o momento o Imperador não deve conhecer a história toda.

- É mesmo? Por que é que você não a contou?

- Foram evidentemente... as suas teorias. - Riose fitou-o sarcasticamente. - A história é, com todo o respeito que lhe é devido, altamente improvável Se a evolução que se verificar o autorizar e se os acontecimentos me vierem dar uma prova, nesse caso, mas só então, farei referência a uma situação de emergência.

- E como elemento adicional - Riose olhou à sua volta, descuidadamente - a história, desapoiada pelos fatos, tem um cheiro de lesa majestade que só muito escassamente podia ser agradável à Sua Majestade Imperial.

O velho patrício sorriu:

- Você pensa que revelar-lhe que o seu augusto trono está em perigo de subversão, devido a uma porção de bárbaros esfarrapados dos confins do universo não é aviso que possa ser compreendido ou apreciado. Nesse caso, você não espera nada dele.

- A menos que veja aparecer um enviado especial daqui a pouco.

- E por que um enviado especial?

- Trata-se de um velho costume. Um representante direto da coroa está presente em todas as campanhas militares que se processam sob os auspícios do governo.

- É verdade? Por quê?

- Trata-se de uma tradição de preservar o símbolo da chefia pessoal do Imperador em todas as campanhas. Adquiriu, todavia, a função secundária de vigiar a fidelidade dos generais. Nem sempre sucede assim a este respeito.

- Você vai achar isso inconveniente, general. Uma autoridade estranha, penso eu.

- Não duvido que assim seja - Riose corou de leve - mas não pode ser evitado...

O receptor que estava na mão do general reluziu ardentemente, e com um som intrusivo, o cilindro de comunicação estalou e saiu pela fenda. Riose foi desenrolando-a:

- Ótimo! Aqui está ele!

Ducem franziu os sobrolhos numa meia pergunta. Riose esclareceu:

- Você sabe que capturamos um desses comerciantes. Vivo, e com a nave intacta.

- Já ouvi falar dele.

- Muito bem, estão agora mesmo trazendo-o para cá, e deve estar aqui dentro de um minuto. Pode continuar sentado, patrício. Desejo que esteja aqui quando o interrogar. Foi por isso que lhe pedi para vir hoje aqui, antes de mais nada. Você pode estar atento quando eu deixar passar pontos importantes.

O sinal da porta ressoou e um toque do general fez girar a ampla porta. O homem que estava de pé no limiar era alto e barbudo, vestindo um curto casaco de couro plástico, com um capuz empurrado para a nuca. Tinha as mãos livres, e homens armados à sua volta, não mostrou nenhuma perturbação aparente. Avançou sem objetivo, e olhou à sua volta com olhos perscrutadores. Saudou o general com um aceno grosseiro de mão e uma meia reverência.

- Como se chama? - perguntou Riose, vagamente.

- Lathan Devers. - O comerciante meteu os dedos no amplo e vistoso cinto: - Você é o patrão?

- E você é um comerciante da Fundação?

- Exatamente. Ouça, se você é o patrão, faria melhor se dissesse aos seus mercenários que deixem o meu cargueiro em paz.

O general levantou a cabeça e olhou friamente para o prisioneiro:

- Responda às perguntas. Não aceito ordens não autorizadas.

- Muito bem. Quis ser delicado. Contudo um dos seus rapazes já está pronto para ser colocado no caixão por ter metido os dedos onde não devia.

Riose transferiu o olhar para o tenente de guarda.

- Este homem está falando a verdade? No seu relatório, Vrank, não havia

referência a nenhuma perda.

- Não houve nenhuma, senhor - o tenente falava sufocadamente, apreensivamente - durante o ataque. Tomaram-se posteriormente algumas disposições para revistar o barco, pois começou a correr o boato de que havia uma mulher a bordo. Neste momento, senhor, foram localizados muitos instrumentos de natureza desconhecida, instrumentos que o prisioneiro referiu serem coisas do seu comércio. Um deles lançou uns relâmpagos quando o tocaram, e o soldado que o tocou morreu.

O general virou-se novamente para o comerciante:

- Quer isto dizer que o seu barco carrega explosivos atômicos?

- Pela Galáxia, claro que não. Para que? Aquele louco agarrou um punção atômico, mal e com avidez e levou uma desintegração máxima. É coisa que não se deve fazer. Podia perfeitamente ter apontado uma pistola-nêutron à cabeça que conseguia o mesmo resultado. Eu poderia ter evitado, se não se tivessem sentado cinco homens em cima do meu peito.

Riose fez um gesto para o guarda que se mantinha na expectativa:

- Pode ir embora. A nave capturada deve ser selada para evitar toda e qualquer intrusão. Sente-se, Devers.

O comerciante assim fez, no lugar indicado, e resistiu estoicamente ao duro exame do general Imperial e ao olhar curioso do patrício siweniano. Riose disse:

- Você é um homem sensato, Devers.

- Muito obrigado. Você está impressionado pela minha cara ou precisa de mais alguma coisa? Eu digo-lhe o que sou. Sou um bom homem de negócios.

- É a respeito da mesma coisa. Você entregou a nave quando podia ter decidido a desperdiçar nossas munições e ter destruído a si próprio como poeira eletrônica. Pode resultar disso um bom tratamento para você, se continuar dentro deste tipo de perspectiva da vida.

- Bom tratamento é o que eu mais desejo, patrão.

- Ótimo, e cooperação é o que eu mais desejo. - Riose sorriu, e disse à parte em voz baixa para Ducem Barr: - Espero que a palavra "desejo" signifique aquilo que estou imaginando. Você alguma vez ouviu esta espécie de jargão bárbaro?

Devers replicou suavemente:

- Está bem. Ponho-me à sua disposição. Mas a que espécie de cooperação é que se refere, patrão? Para lhe falar honestamente, não sei onde estou. - Olhou à sua volta. - Que lugar é este, por exemplo, e qual é a sua idéia?

- Ah, já me esqueci da outra metade das apresentações. Peço desculpas. - Riose estava de bom-humor. - Este cavalheiro é Ducem Barr, Patrício do Império. Eu sou Bel Riose, Par do Império, e General de Terceira Classe das forças armadas de Sua Majestade Imperial.

O queixo do comerciante pendeu. Depois:

- O Império? Isso quer dizer o velho Império que nos ensinavam na escola? Hui! Tolice! Eu sempre tive noção de que já deixara de existir de todo.

- Olhe à sua volta. Está nele - disse Riose carrancudamente.

- Podia tê-lo reconhecido, não obstante - e Lathan Devers levantou os olhos para o teto. - Foi um sujeito com ar muito cortês que pegou com muita habilidade a minha velha nave. Nenhum reino da Periferia podia tê-lo feito assim. Enrugou a testa: - Qual é o seu jogo, patrão? Ou devo chamar-lhe general?

- O jogo é a guerra.

- O Império contra a Fundação, não é?

- Isso mesmo.

- Porquê?

- Penso que você sabe porque.

O comerciante fitou-o rudemente e meneou a cabeça.

Riose deixou o outro deliberar, depois do que disse devagarinho:

- Tenho certeza de que você sabe porque.

Lathan Devers resmungou:

- Está calor, aqui - e pôs-se de pé para tirar o casaco com capuz. Depois do que voltou a sentar-se e esticou as pernas.

- Sabe - replicou ele, confortavelmente - eu imagino que vocês estão pensando que eu devia lançar um grito de guerra e desatar a apontar armas à minha volta. Eu podia surpreendê-lo antes de você poder se mexer se escolhesse a minha oportunidade, e este velho parceiro, que está sentado e não diz nada, também não poderia me deter.

- Contudo você não o conseguiria - disse Riose, num tom confidencial.

- Não conseguiria - anuiu Devers, amistosamente. - Em primeiro lugar, se eu o matasse, isso não iria parar a guerra, ao que suponho. Há mais generais no lugar de onde você veio.

- Trata-se de uma dedução muito correta.

- Além do que, eu seria provavelmente abatido uns dois segundos depois de o ter derrubado, e morto logo a seguir, ou talvez demoradamente, depende. Mas se me matassem, eu nunca viria a saber em que é que consistem os seus planos. E não haveria nenhuma compensação no caso.

- Eu disse que você era um homem sensato.

- Mas há uma coisa que lhe quero dizer, patrão. Eu gostaria que me explicasse o que queria dizer quando me declarou que eu sabia porque é que vocês nos declararam guerra. Cá por mim não sei, e nunca consigo chegar ao fim em jogos de adivinhação.

- Sim? Você nunca ouviu falar de Hari Seldon?

- Não. Eu disse que não gosto de jogos de adivinhação.

Riose lançou um olhar de relance a Ducem Barr, que sorriu com breve suavidade e voltou à sua expressão de sonho interior. Riose disse com uma careta:

- Não se trata de você gostar ou não gostar de jogos, Devers. Há uma tradição, ou fábula, ou história sensata - não é isso que me preocupa - a respeito da sua Fundação, que diz que vocês acabarão por fundar o Segundo Império. Eu conheço mais ou menos uma versão pormenorizada da grande charlatanice psicohistórica de Hari Seldon, e os seus planos finais de agressão contra o Império.

- Ah sim? - Devers meneou pensativamente a cabeça. - E que é que eu lhe devo dizer de tudo isto?

- Conhece este tema? - perguntou Riose com perigosa brandura. - Você está aqui, mas não para perguntar nada. Eu desejo que você saiba o que se passa a respeito da fábula de Seldon.

- Mas se é uma fábula...

- Não brinque com as palavras, Devers.

- Não estou brincando. De fato, eu desejo ser inteiramente honesto com

você. Você sabe tudo o que eu sei a esse respeito. É uma estúpida tolice, já meio esquecida. Todos os mundos têm os seus contos de aventuras, você não pode proibi-los de prosseguir o seu caminho. Pois eu tenho ouvido esta espécie de conversa, Seldon, Segundo Império e assim por diante. Serve para contar à noite às crianças para que elas adormeçam ouvindo estas tolices. Os jovens projetam círculos visíveis nos seus quartos de brincadeira com os seus projetores de bolso e absorvem as emoções de Seldon. Mas isto é estritamente para pessoas não adultas. Quando muito, será para adultos não inteligentes. - O comerciante meneou a cabeça.

Os olhos do general Imperial estavam obscurecidos.

- É realmente assim? Você está desperdiçando as suas mentiras, homem. Eu estive no planeta Terminus. Conheço a Fundação. Tenho me dedicado a examiná-la com muito cuidado.

- E nesse caso põe-se a me fazer perguntas? A mim, quando não me demoro lá dois meses cada dez anos? Você está desperdiçando o seu tempo. Vá para diante com a sua guerra, se está empenhado em correr atrás de suas fábulas.

E Barr falou pela primeira vez, maciamente:

- Você está assim tão seguro da vitória da Fundação?

O comerciante virou-se. Corou de leve e uma cicatriz antiga que tinha numa têmpora tornou-se lívida:

- Hm-m-m, o parceiro silencioso. O que é que você aproveitou daquilo que eu disse, doutor?

Riose meneou a cabeça muito vagarosamente para Barr, e o siweniano continuou em voz baixa:

- Digo isto porque esta declaração de guerra o havia de aborrecer se você pensasse que o seu mundo poderia perdê-la, e sofrer as amargas conseqüências da derrota, ao que me parece. O meu mundo morreu uma vez e ainda assim continua.

Lathan Devers cofiou a barba, olhou para os presentes um após outro, depois do que sorriu repentinamente:

- Ele fala sempre assim, patrão? Ouça - e tornou-se sério - o que é uma derrota? Já vi guerras e já vi derrotas. O que acontece quando o vencedor assume o domínio? Quem é que fica aborrecido? Eu? Os sujeitos como eu? - Meneou a cabeça com ironia. - Compreendam isto - o comerciante falava agora de maneira

vigorosa e séria - há cinco ou seis mandões gordos que habitualmente dirigem um planeta médio. Esses recebem a paulada atrás da orelha, mas eu não vou agora perder a paz de espírito por sua causa. Veja. O povo? O populacho? Decerto alguns morrerão e os restantes haverão de ser obrigados a pagar impostos extras durante um tempo. Mas hão de acabar por se pôr de fora, e passarão a trabalhar debaixo das ordens de outros. E depois voltarão à sua antiga situação novamente em confusão.

As narinas de Ducem Barr estremeceram, e os tendões da sua velha mão direita contraíram-se, mas não disse nada. Os olhos de Lathan Devers estavam fitos nele. Não perderam nada. E disse:

- Olhe. Eu gasto a vida no espaço com minhas engenhocas de meia pataca e sujeito às minhas responsabilidades perante as Associações Comerciais. Há uns parceiros gordos lá para trás - e o seu dedo polegar apontou para trás, por cima do ombro - sentados em casa e recebendo os meus rendimentos minuto a minuto, durante o ano - livres de aborrecimentos e mais satisfeitos do que eu. Suponha que você governasse a Fundação. Você há de precisar sempre de nós. Você precisará mais de nós do que as Associações Comerciais - porque não sabe o que existe à sua volta, e nós podemos satisfazer as exigências da caixa. Podemos ficar em muito melhor situação com o Império. Pois claro que podemos, e eu sou um homem de negócio. Se ele nos trouxer mais proveitos, sou pelo Império.

E fitou os dois com irônica beligerância.

O silêncio durou dois minutos, e depois um rolo ressoou ao sair de sua fenda. O general apanhou-o e abriu-o, relanceando a escrita limpa e colocou os visores em circuito com um movimento circular.

- Prepare um plano indicando a posição de cada nave em ação. Espere ordens mantendo a armada completamente em setores defensivos.

Alcançou a capa. Quando estava colocando-a nos ombros, sussurrou a Barr num tom monótono:

- Deixo-lhe o homem. Vou aguardar os resultados. Estamos em guerra e eu posso ser cruel nos fracassos. Lembre-se disso! - Saiu, com uma saudação dirigida aos dois.

Lathan Devers olhou para ele enquanto saía.

- Bem, alguma coisa o picou. Onde é que ele foi?

- Para uma batalha, como é evidente - disse Barr, mal-humorado. - As

forças da Fundação estão se preparando para a primeira batalha. Você faria melhor se se apressasse.

Entraram no aposento soldados armados. O seu porte era respeitoso e os seus rostos mostravam-se severos. Devers seguiu o velho e soberbo patriarca siweniano para fora do aposento.

O aposento onde os meteram era pequeno e vazio. Continha duas camas, um televisor, chuveiro e instalações sanitárias. Os soldados saíram, e a grossa porta ressoou com um estrondo vazio.

- Hum? - Devers olhou em volta de maneira desaprovadora. - Isto parece-me destinado a ser permanente.

- E é - disse Barr, brevemente. O velho siweniano virou-lhe as costas. O comerciante perguntou irritadamente: - Qual é o seu jogo, doutor?

- Não tenho jogo nenhum. Você fica a meu cargo, mais nada.

O comerciante corou e avançou. O queixo elevou-se por cima do patrício imóvel.

- Ah sim? Mas você está nesta cela comigo e quando vocês avançarem, os canhões tanto estarão apontados para você como para mim. Ouça, vocês ficaram nervosos por causa das minhas noções a respeito de guerra e paz. - Esperou sem qualquer resultado: - Muito bem, deixe-me dizer-lhe uma coisa. Você disse que o seu país foi esmagado uma vez. Por quem? Por um povo cometa de outra nebulosa?

Barr olhou para ele:

- Pelo Império.

- Ah sim? Nesse caso, o que é que você está fazendo aqui?

Barr manteve um eloqüente silêncio.

O comerciante deixou cair o lábio e meneou vagarosamente a cabeça. Tirou a pulseira chata e comprida que trazia no pulso direito e segurou-a na mão:

- O que é que você pensa disto?

Estendeu-a ao companheiro com a mão esquerda. O siweniano pegou o ornamento. Imitou vagarosamente o gesto do comerciante e colocou-o no pulso. O estranho zumbir no pulso tornou-se mais rápido. A voz de Devers mudou mais uma vez.

- Veja, doutor, você agora está em condições de agir. Falo apenas por

acaso. Se este aposento tem um campo elétrico a circundá-lo, eles não ouvirão coisa alguma. O que você tem aí é um Distorcedor de Campo, um genuíno invento de Mallow. Vendo-o por vinte e cinco créditos em qualquer mundo daqui até à outra extremidade. Você pode conseguir a liberdade. Conserve os lábios imóveis quando falar e mantenha-se tranqüilo. Você conseguira compreender o estratagema.

Ducem Barr ficou repentinamente aborrecido. Os olhos incômodos do comerciante estavam luminosos e animadores. Foi diminuindo suas perguntas sem ritmo. Barr disse:

- O que é que você quer? - As palavras modularam-se de entre os seus lábios imóveis.

- Eu lhe digo. Você faz tanto barulho com a boca como aquilo a que denominamos um patriota. Contudo, o seu próprio mundo foi trucidado pelo Império, e aí está você jogando as bolas com o general do Império bem educado e bem penteado. Não lhe parece que há nisto uma certa falta de sentido?

Barr disse:

- Já fiz a minha parte. Um vice-rei Imperial e conquistador morreu por minha causa.

- Ah sim? Recentemente?

- Há quarenta anos.

- Há... quarenta... anos! - As palavras pareciam ter dificuldade em ganhar sentido no espírito do comerciante. Franziu os sobrolhos. - Trata-se de um longo período para conservar na memória. Esta porcaria vestida com uniforme de general sabe disso?

Barr acenou que sim. Os olhos de Devers tornaram-se obscuros enquanto pensava.

- Você deseja que o Império vença?

E o velho patrício siweniano começou subitamente a falar com uma profunda cólera:

- O Império e todas as suas obras podem perecer na catástrofe universal. Siwena inteira roga todos os dias por isso. Eu tive irmãos outrora, uma irmã, um pai. Agora tenho filhos e netos. O general sabe onde pode encontrá-los.

Devers esperou. Barr continuou num sussurro:

- Mas isto não me deteria se os resultados compensassem o risco. Eles haviam de compreender a maneira como morrer.

O comerciante observou delicadamente:

- Então você matou uma vez um vice-rei, heim? Sabe, estou cismando aqui numas coisas. Tivemos outrora um administrador, seu nome era Hober Mallow. Visitou uma vez Siwena, é este o seu mundo, não é? Ele encontrou um homem chamado Barr.

Ducem fitou-o duramente:

- O que é que você sabe sobre isso?

- Aquilo que sabem todos os comerciantes da Fundação. Você podia ser um velho companheiro encantador, colocado aqui especialmente para conseguir me levar a dizer coisas. Claro, eles apontam-lhe pistolas desintegradoras e você odeia o Império e fará o possível por dar cabo deles. Quando conseguir isto hei de abrir-lhe o meu coração e o general não há de ficar nada satisfeito. Mas aqui não há muitas chances de que isso aconteça, doutor. Não obstante isso mesmo, gostaria que me provasse que você é o filho de Onum Barr de Siwena - o sexto e mais novo que escapou ao massacre.

A mão de Ducem Barr agitou-se quando ele abriu a caixa de metal Uso, encaixado na parede. O objeto de metal separou-se com um estalido surdo quando ele o meteu com força nas mãos do comerciante.

- Olhe para isto - disse ele.

Devers olhou. Levou aos olhos a grossa argola central da corrente sem abertura e praguejou suavemente.

- Ou isto é o monograma de Mallow, ou sou um principiante do espaço, e o modelo já tem cinqüenta anos de idade.

Levantou o olhos e sorriu.

- Aperte, doutor. Um campo atômico do tamanho de um homem é a única prova de que preciso - e estendeu-lhe a sua larga mão.

O FAVORITO

As pequeninas naves tinham aparecido das profundidades vazias e arremessaram-se pelo meio da Armada. Sem um choque ou uma explosão de energia, moveram-se através da área ocupada pelas naves, depois do que dispararam e desapareceram, enquanto as galeras Imperiais giravam à volta deles como animais sem ordem. Havia dois faróis silenciosos que pontilhavam o espaço como dois mosquitos pequeninos engelhados numa decomposição atômica, e o resto desaparecera.

As grandes naves realizaram buscas, depois do que regressaram à sua tarefa original e palmo a palmo, a grande teia do Cerco continuou.

O uniforme de Brodrig era imponente, cuidadosamente cortado e cuidadosamente envergado. Passeava através dos jardins do obscuro planeta Wanda, agora temporariamente transformado em quartel-general Imperial, e estava tranqüilo, sua expressão era sombria.

Bel Riose acompanhava-o no passeio, com o seu uniforme de combate aberto no pescoço, e triste no seu monótono cinzento-escuro. Riose indicou o banco liso e preto debaixo do fragrante feto-arbóreo, cujas largas folhas espatuladas se desenhavam fragilmente contra o sol branco.

- Veja isto, senhor. É uma relíquia do Império. Os bancos ornamentados, construídos para o amor, para o devaneio, novos e ainda em condições de serem usados, enquanto as fábricas e os palácios caem em ruínas esquecidas.

Sentou-se, enquanto o Secretário Privado de Cleon II se deixava ficar de pé, muito teso, diante dele e cortava destramente as folhas que lhe ficavam por cima, com golpes precisos de seu bastão de marfim. Riose cruzou as pernas e ofereceu um cigarro ao outro. Tirou um para ele próprio enquanto ia dizendo:

- Era isto mesmo que esperava da iluminada sabedoria de Sua Majestade Imperial, que mandasse um observador tão competente como o senhor. Faz desaparecer qualquer ansiedade que eu pudesse ter sentido pensando que a urgência de assuntos mais importantes talvez obrigasse a esquecer, por momentos, uma pequena campanha da Periferia.

- Os olhos do Imperador estão em toda a parte - disse Brodrig, sem raciocínio. - Não devemos subestimar a importância da campanha, por ora deve parecer que se está dando uma importância exagerada as dificuldades que

apresenta. É claro que não são suas pequenas naves a barreira indicada para movimentarmos nas intrincadas manobras preliminares de um cerco.

Riose ruborizou-se, porém manteve o domínio de si.

- Eu não quero arriscar as vidas dos meus homens, que são poucos, todavia, ou a destruição das minhas naves que são insubstituíveis, lançando um ataque muito arrojado. O estabelecimento de um Cerco força-me a concentrar todas as minhas possibilidades no último ataque, por mais difícil que possa vir a ser. Já tomei a liberdade de lhe explicar as razões militares que me levam a isto.

- Bem, bem, eu não sou militar. Neste caso, você garante-me que aquilo que consideramos como sendo patente e evidentemente correto é, na realidade, errado. Podemos conceder-lhe que assim seja. Sua cautela deixa o problema fora de causa. No seu segundo relatório, você pedia reforços. E isto contra um inimigo fraco, pequeno, e bárbaro, com o qual você não tivera ainda, nessa altura, uma única escaramuça. Pretender mais forças em tais circunstâncias era pormenor para dar ao seu pedido um sabor de quase incapacidade, ou coisa pior, pois que na sua curta carreira você ainda não pudera dar suficientes provas de arrojo e imaginação.

- Fico-lhe muito grato - disse o general, friamente - mas devo lembrar-lhe que há uma diferença entre arrojo e cegueira. Há lugar para uma jogada decisiva se conhece o inimigo e se pode calcular os riscos pelo menos de maneira grosseira, mas pôr tudo em ação contra um inimigo desconhecido é cegueira propriamente dita. Você podia ter-me perguntado qual a razão que leva um homem a realizar, com segurança, uma corrida de obstáculos durante o dia, quando à noite esbarra com a mobília do seu quarto.

Brodrig afastou as outras palavras com um esmerado piparote dos dedos.

- É dramático, mas não satisfatório. Você observou pessoalmente este mundo bárbaro. Tem, além disso, em seu poder um prisioneiro inimigo para interrogar, esse tal comerciante. Entre você e o prisioneiro não há uma noite de distância.

- Não? Peço licença para lhe recordar que um mundo que se foi desenvolvendo durante dois séculos no isolamento, não deve considerar-se conhecido para basear um ataque inteligente apenas com o conhecimento obtido por um mês de visita. Sou soldado, não um desses heróis de filmes, com o peito em forma de barrica, que aparecem nas histórias subetéricas e trimensionais. E um único prisioneiro, e ainda por cima um prisioneiro que é um membro obscuro de um grupo econômico que não tem íntima conexão com o mundo inimigo,

também não pode facilitar o conhecimento total dos segredos mais profundos da estratégia inimiga.

- Você já o interrogou?

- Já.

- E então?

- Forneceu alguns dados, mas não muito importantes. A sua nave é fraca, não tem qualquer importância. Vende umas pequenas bagatelas engraçadas, mas mais nada. Tenho comigo algumas dessas habilidades, que pretendo remeter ao Imperador como curiosidades. Naturalmente, há uma boa porção delas na nave cujo funcionamento eu não compreendo, e não trouxe nenhum técnico comigo.

- Mas você já teve consigo alguns homens que sabiam - observou Brodrig.

- Sei muito bem - replicou o general num tom levemente mordaz. - Mas esses loucos foram embora antes de terem satisfeito todas as minhas necessidades. Já pedi que me mandassem homens entendidos no funcionamento dos estranhos campos de circuitos atômicos que a nave contém. E não obtive resposta.

- Homens desse tipo não podem ser espalhados por toda parte, general. Certamente que existirá, na sua vasta província, algum homem que entenda de coisas atômicas.

- Houvesse aqui apenas um já eu teria reparado os motores parados que fornecem força motriz a duas naves da minha pequena frota. Duas naves, entre as minhas pobres dez, que não podem sustentar uma batalha mais prolongada por falta de suficiente suprimento de força. Um quinto da minha força condenada a uma putrefata atividade de consolidação de posições atrás das linhas.

Os dedos do secretário tamborilaram impacientemente:

- Sua preocupação não é única a esse respeito, general. O Imperador também tem preocupações idênticas.

O general jogou fora o cigarro rasgado, que não chegara a acender, tirou outro, e encolheu os ombros:

- Bem, vamos ao seguinte ponto, há falta de técnicos de primeira classe. Podia ter feito mais progressos com o meu prisioneiro se tivesse minha Sonda Psíquica em bom estado.

As sobrancelhas do secretário levantaram-se:

- Você tem uma Sonda?

- Já muito velha e falha sempre que preciso dela. Apliquei-a enquanto o prisioneiro estava dormindo, e não consegui nada. É demais para a Sonda. Experimentei-a nos meus próprios homens e a reação foi inteiramente correta, mas sucede que não há um único homem do meu estado-maior técnico que seja capaz de me dizer por que é que falha no prisioneiro. Ducem Barr, que é um teórico de talento, embora não seja um mecânico, diz que a estrutura física do prisioneiro não pode ser afetada pela Sonda desde que, a partir da infância, ele tenha sido sujeito aos ambientes estranhos e aos estímulos neurais. Não compreendo nada disso. Mas já podia ter dado algum resultado. Guardei-a com essa esperança.

Brodrig encostou-se ao seu bastão.

- Eu verei se é possível conseguir um especialista disponível na capital. Entretanto, que homem vem a ser o que mencionou há pouco, o siweniano? Você conserva muitos inimigos nas suas boas graças.

- Ele conhece o inimigo. Conhece-o muito bem, e guardo-o para futuras referências e pela ajuda que pode me dar.

- Mas trata-se de um siweniano e do filho de um rebelde proscrito.

- É velho e impotente, e conservo a família como refém para responsabilizar-se pelos atos dele.

- Está bem. Penso, contudo, que devia falar com esse comerciante pessoalmente.

- Certamente - anuiu Riose, suavemente. - Como leal súdito do Imperador, aceito o seu representante pessoal como meu superior. Contudo, desde que o comerciante está numa base permanente, você terá que abandonar as áreas da frente num momento interessante.

- Sim? Mas interessante de que maneira?

- Interessante devido ao fato de o cerco se completar hoje. Interessante devido ao motivo de que dentro de uma semana, a Vigésima Esquadra da Fronteira avançará para o coração da resistência.

Riose sorriu e foi embora.

Brodrig sentiu-se humilhado, embora sem distinguir muito bem por que.

SUBORNO

O sargento Mori Luk fizera-se um soldado ideal das fileiras. Era oriundo do enorme planeta agrícola das Plêiades onde só a vida do exército podia romper os laços com o solo e com a penosa vida de trabalho duro e ingrato, era típico produto deste meio. Não tinha imaginação e enfrentava por isso o perigo sem medo, era suficientemente robusto e ágil para enfrentá-lo afortunadamente. Aceitava as ordens instantaneamente, conduzia inflexivelmente os homens que estavam sob as suas ordens e respeitava o seu general sem a mais insignificante divergência.

E não obstante tudo isto, era de natureza alegre. Se matava um homem no cumprimento do seu dever sem uma partícula de hesitação, fazia-o também sem uma migalha de animosidade.

Que o sargento Luk tocasse a campainha da porta antes de entrar era mais uma prova de tato, pois estaria inteiramente de acordo com as suas prerrogativas entrar sem fazer qualquer espécie de sinal.

As duas pessoas que estavam lá dentro olharam para sua refeição da tarde e uma delas arrastou os pés pelo chão para ocultar a voz ritmada que saía do transmissor de baterias de bolso com viva animação.

- Mais livros? - perguntou Lathan Devers.

O sargento puxou o pequeno rolo de filme mal enrolado e cocou o queixo:

- Pertencem ao Engenheiro Orr, mas ele não deve voltar tão cedo para cá. Ele trouxe isto para mandar para os filhos, sabe, uma coisa a que você podia denominar recordação, sabe.

Ducem Barr girou o rolo nas mãos com interesse:

- E onde é que o engenheiro o conseguiu? Não tinha também um transmissor, não?

O sargento meneou a cabeça com enfado. Apontou para os restos que se viam aos pés da cama.

- Isto é a única coisa que ainda está no lugar. Este parceiro, Orr, conseguiu estes livros num daqueles mundos miseráveis que nós capturamos agora. Eles tinham um grande prédio só para isto e matamos uma porção de

nativos que tentavam impedir que nos apoderássemos deles.

Olhou para ele com prazer:

- Vai ser uma linda recordação para as crianças.

Fez uma pausa, depois do que acrescentou furtivamente:

- Há grandes notícias circulando por aí, a propósito. É só falatório, mas mesmo assim, é coisa excessivamente grande para poder ficar em segredo. O general já acabou o seu trabalhinho. - E meneou lenta e gravemente a cabeça.

- O que vem a ser isso? - perguntou Devers. — O que é que ele fez?

- Completou-se o Cerco, mais nada. - O sargento riu por entredentes com uma arrogância paternal. - Pôs a rolha, já pensaram? Não é mesmo um lindo trabalho? Um dos meus camaradas que é um fantasista parlante, disse que ele avançava com tanta brandura e constância como a música das esferas, seja o que for que elas sejam.

- A grande ofensiva vai ser desencadeada? - perguntou Barr suavemente.

- Espero que sim - foi a ruidosa resposta. - Tenho que voltar para a minha nave agora que a minha armada voltou a se transformar numa única peça. Estou cansado de andar por aí sentado em cima do embornal.

- Também eu? - resmungou Devers, de maneira súbita e nervosa. Prendeu um pedaço do lábio com os dentes e mordiscou-o.

O sargento fitou-o de modo hesitante, e disse:

- O melhor que tenho a fazer é ir embora. O capitão deve estar fazendo a ronda e não tenho interesse nenhum que ele me apanhe aqui dentro.

Fez uma pausa quando já estava à porta.

- A propósito, senhor - disse com súbita e grande timidez para o comerciante: - Ouvi isto de minha mulher. Ela disse que o pequeno frigorífico que você me deu para lhe enviar era um material muito fino. Não lhe custou nada, e coube-lhe dentro exatamente um mês de abastecimentos completamente gelados. Gostou muito dele.

- Está muito bem. Esqueça isso.

A grande porta abriu-se lentamente e voltou a fechar-se atrás do sorriso do sargento. Ducem Barr voltou a deixar-se cair na cadeira:

- Bem, uma justa troca pelo frigorífico. Vou dar uma espiada no livro.

Ah, o título sumiu.

Desenrolou mais ou menos uns cinco centímetros do filme e observou-o à luz. Depois do que murmurou:

- Bem, que me espetem uma espada no embornal, como diz o sargento. Isto é "O Jardim de Summa", Devers.

- Ah sim? - disse o comerciante, sem interesse. Empurrou para o lado a parte do jantar que não comera. - Sente-se, Barr. Escutar esta literatura dos velhos tempos não me parece trazer nada de bom. Você ouviu o que disse o sargento?

- Claro que ouvi. E por quê?

- Vai ser desencadeada a ofensiva. E nós aqui sentados!

- Onde é que você queria estar sentado?

- Você sabe o que quero dizer. Não estou habituado a ficar esperando.

- Sim? - Barr removeu cuidadosamente o filme velho do transmissor e instalou o novo. - Você contou-me uma boa porção da história da Fundação no mês passado, e parece que os grandes líderes das crises anteriores pouco mais fizeram do que permanecer sentados... e esperar.

- Ah, Barr, mas eles sabiam para onde é que deviam ir.

- Sabiam? Suponho que eles disseram fazer o que estava determinado, e apesar disso reconheço que talvez o fizessem. Mas não há prova de que essas coisas não se tenham realizado tão bem, ou melhor, do que se eles tivessem sabido para onde iam. As questões básicas, econômicas e sociológicas, não são dirigidas por homens individuais.

Devers riu desdenhosamente:

- Não há maneira eficaz de saber se essas coisas teriam trabalhado melhor ou pior, de maneira alguma. Você está querendo demonstrar que mostrar as costas não é o mesmo que mostrar o rabo. - Seus olhos estavam pensativos: - Ora veja, suponha que eu o desintegrasse!

- Quem? Riose?

- Sim.

Barr suspirou. Os seus olhos idosos estavam perturbados por causa de uma reflexão a respeito do passado remoto.

- O assassínio não é a melhor maneira de resolver estas coisas, Devers. Eu matei uma vez, sob provocação, quando tinha os meus vinte anos, mas isso não resolveu nada. Extirpei um vilão de Siwena, e não o julgo Imperial, e era o jugo Imperial e não o vilão que interessava.

- Mas Riose não é apenas um vilão, doutor. É ele que tem a responsabilidade de todos os movimentos do exército. Se não fosse ele o exército iria realizar outra tarefa. Estão presos a ele como se fossem bebês. O sargento até se baba todo quando nos referimos a ele.

- Mesmo assim. Há mais exércitos e mais líderes. Você pode se meter num abismo. Há Brodrig, por exemplo - e ninguém consegue encher mais os ouvidos do Imperador do que ele. Ele podia pedir centenas de naves enquanto Riose é obrigado a combater com dez. Conheço-o de reputação.

- E depois? O que é que sabe a respeito dele: - Os olhos do comerciante abandonaram o desalento em que tinham caído para ganhar uma repentina vivacidade.

- Você quer um esboço breve? É um covarde de origem humilde que tem subido graças ao fato de lisonjear constantemente os caprichos do Imperador. É muito odiado pela aristocracia da corte, que também é composta de vermes, porque para ele não existem nem família nem humildade. É ele que dita a opinião do Imperador em todas as coisas, e é o instrumento do Imperador nas coisas mais desagradáveis. É falso por natureza, porém leal por necessidade. Não há homem no Império tão sutil na vilania ou tão cruel nos prazeres. E diz-se que não há maneira de conseguir favores do Imperador senão por seu intermédio, e o único caminho para consegui-lo é através da infâmia.

- Raios! - Devers puxou pensativamente a barba cuidadosamente limpa. - E é esse o parceiro que o Imperador mandou para vigiar o Riose. Sabe que me ocorreu uma idéia?

- Não.

- Suponha que este Brodrig ganha aversão pelo nosso jovem e amado general.

- Provavelmente já o odeia. Não é notado pela sua capacidade de amar.

- Suponha que ele ficasse realmente cheio de aversão. O Imperador podia ouvi-lo a esse respeito, e Riose podia se ver em papos-de-aranha.

- Hum, hum. Mais ou menos provável. Mas agora o que é que você propõe para que isto aconteça?

- Não sei. Acha que ele possa ser subornado?

O patrício sorriu delicadamente:

- Sim, de certa maneira, mas não da maneira como você subornou o sargento - não com um frigorífico de algibeira. E ainda que você atinja a sua escala de suborno, não terá riquezas para tanto. Não há talvez ninguém tão facilmente subornável, mas falta-lhe precisamente a honestidade básica de uma corrupção honesta. Ele não se deixará subornar, por nenhuma importância. Pense em outra coisa qualquer.

Devers cruzou uma perna por cima do joelho e meneou a cabeça rápida e impacientemente:

- Há a primeira alusão, contudo.. .

Deteve-se, o sinal da porta estava brilhando novamente e o sargento voltou a aparecer no limiar da porta. Vinha excitado, e sua face rude estava vermelha e sorridente.

- Senhor - começou, numa agitada tentativa de deferência - estou muito agradecido pelo frigorífico, e vocês sempre têm me falado com muita delicadeza, embora eu seja apenas filho de um lavrador e vocês sejam grandes senhores. - O sotaque da Plêiade aumentara enormemente, quase excessivamente para ser compreendido com facilidade e com a excitação a sua grosseira ascendência de camponês eliminava completamente o seu porte de soldado preparado durante tanto tempo e tão cuidadosamente.

Barr pergunta suavemente:

- Que aconteceu, sargento?

- Lorde Brodrig vem vê-los. Amanhã! Eu sei, porque o capitão me disse que tivesse os meus homens preparados para uma revista amanhã para... para ele. E eu pensei... que devia avisá-los.

Barr disse:

- Muito obrigado, sargento, apreciamos muito a sua atitude. Mas está tudo em ordem, homem, não precisamos de...

Porém o olhar na face do sargento Luk estava agora inequivocamente cheio de pavor. Falou num sussurro.

- Vocês decerto não ouviram as histórias que se contam a respeito dele. Ele tem vigarizado o próprio diabo no espaço. Não, não ria. Ainda se contam histórias mais terríveis a respeito dele. Dizem que tem homens com pistolas

desintegradoras que fazem tudo o que ele manda, e quando desejam divertir-se dizem que destroem qualquer pessoa que encontram pela frente. E quando fazem isto - riem. Dizem também que o Imperador tem medo dele, e que ele obriga o Imperador a aumentar os impostos e que não o deixa ouvir as queixas do povo. E ele odeia o general, é o que se diz. Dizem que ele gostaria de matar o general, em virtude de o general ser grande e sábio. Mas não pode porque o nosso general é um competidor para todos e ele sabe que Lorde Brodrig é má pessoa.

O sargento pestanejou, sorriu com uma repentina timidez que era incoerente perante a sua própria explosão e encostou as costas à porta. Meneou a cabeça, sacudidamente:

- Vocês se lembrem do que lhes estou dizendo. Esperem por eles.

E foi embora. E Devers olhava para o alto, com olhos fixos:

- Isto vem pôr as coisas no nosso caminho, não lhe parece, doutor?

- É coisa que depende - replicou Barr, secamente —, de Brodrig, ou não será?

Porém Devers estava pensando, e por isso não o ouviu. Estava pensando ativamente.

Lorde Brodrig desviou a cabeça quando entrou nos corredores das instalações onde vivia o homem da nave comercial, e os seus dois guardas armados seguiram-no vivamente, com as pistolas carregadas e os olhares profissionalmente carrancudos de capangas mercenários.

O Secretário Particular ia lançando à sua volta olhares perdidos que nada significavam. Se o demônio do espaço o tinha comprado, perdera qualquer marca visível de posse. Brodrig podia ser considerado, com mais razão, uma amostra do estilo da vida da corte, fazendo a sua aparição a bordo de uma nave, para animar a dura e simples fealdade de uma base militar.

O corte severo e justo do seu uniforme cintilante e imaculado reforçava-lhe a ilusão de altura, do alto da qual os seus olhos frios e sem expressão olhavam paira baixo, para o comerciante, seguindo o declive de um grande nariz. As guarnições de madrepérola dos seus punhos flutuaram como membranas quando agitou o bastão de marfim no chão diante dele e se inclinou delicadamente.

- Não - disse ele, com um pequeno gesto - você fica aqui. Esqueça-se

dos seus brinquedos, não estou interessado neles.

Puxou uma cadeira à sua frente, limpou-a cuidadosamente com o lenço de tecido cintilante preso no alto do bastão branco, e sentou-se também. Devers lançou olhares do companheiro para a cadeira, mas Brodrig disse preguiçosamente:

- Vocês estão na presença de um Par do Reino.

Sorriu. Devers encolheu os ombros.

- Se vocês não estão interessados no meu estoque comercial, por que é que me detêm?

O Secretário Privado fitou-o friamente, e Devers acrescentou um lento "Senhor".

- Por discrição. - disse o secretário. - Você não vai provavelmente acreditar que eu fosse percorrer 200 parsecs através do espaço, para inspecionar bugigangas. Foi você que eu vim ver. - Tirou uma pastilha cor-de-rosa de uma caixa gravada e colocou-a delicadamente entre os dentes. Sugou-a lentamente e delicadamente.

- Por exemplo - disse ele - quem é você? Você é realmente um cidadão deste mundo bárbaro que deu origem a toda esta fúria militar?

Devers meneou gravemente a cabeça.

- E você foi realmente capturado por ele depois de ter iniciado esta contenda a que ele chama guerra? Estou me referindo ao nosso jovem general.

Devers voltou a acenar que sim.

- Ora! Muito bem, meu digno estrangeiro. Estou verificando que sua fluência de linguagem é mínima. Vejo-me na obrigação de lhe indicar o caminho. Parece que o nosso general travou uma luta aparentemente sem sentido, com enormes dispêndios de energia - e isto através de um desamparado mundo que é uma picadela de pulga no fim de parte alguma, e que para um homem lógico não devia merecer um tiro de uma única pistola. Contudo o general não é falho de lógica. Pelo contrário, devo dizer que ele é extremamente inteligente. Está de acordo comigo?

- Não posso dizer outra coisa, senhor.

O Secretário examinou as unhas e continuou:

- Ouça ainda, no que se refere a este caso. O general não iria desintegrar

os seus homens e barcos numa estéril procura de glória. Eu sei que ele fala da glória e da honra Imperiais, mas é inteiramente evidente que ele não tem a pretensão de ser um dos insuportáveis semideuses antigos da Idade Heróica. Há aqui mais alguma coisa do que glória - e ele toma um cuidado extremo e desnecessário consigo. Agora se você fosse meu prisioneiro e me contasse tão pouca coisa como contou ao nosso general, eu seria capaz de lhe abrir o abdome e enforcá-lo com seus próprios intestinos.

Devers permaneceu rijo. Os olhos moveram-se negligentemente, primeiro para um dos guardas valentões do secretário, e depois para o outro. Estavam preparados, vivamente preparados.

O secretário sorriu:

- Bem, agora você transformou-se num diabo silencioso. De acordo com o general, nem sequer uma Sonda Psíquica lhe faz impressão, e isso foi um equívoco da sua parte, certamente, pois me convenceu que o nosso jovem militar palrador estava mentindo. Parecia estar de muito bom humor. Meu honesto comerciante - disse ele - eu tenho uma Sonda Psíquica pessoal, uma que lhe deve servir particularmente bem. Está vendo isto...

E entre o dedo polegar e o indicador, negligentemente levantados, apareciam, em molhos apertados, retângulos cor-de-rosa e amarelos cuja identidade era evidente.

Devers replicou apenas:

- Parece-me dinheiro.

- É mesmo dinheiro, é o melhor dinheiro do Império, pois que é garantido pelas minhas próprias propriedades, que são mais extensas do que as do próprio Imperador. Cem mil créditos. Tudo aqui! Entre dois dedos! Seus!

- E por que, senhor? Sou bom comerciante, porém todos os meus negócios caminham em duas direções.

- Por quê? Pela verdade! O que é que o general quer, afinal de contas? Por que é que ele desencadeou esta guerra?

Lathan Devers suspirou, e meneou a cabeça pensativamente.

- Qual é o seu objetivo, afinal de contas? - Os seus olhos estavam seguindo os movimentos das mãos do secretário, enquanto este contava o dinheiro vagarosamente, nota por nota.

- Em uma palavra, o Império.

- Hum. Que ordinário! Sempre se chegou com isto ao fim. Mas porquê? Será este o caminho que leva da fronteira da Galáxia ao cume do Império tão grosseira e inevitavelmente?

- A Fundação - disse Devers, penetrantemente - tem segredos. Eles possuem livros, livros muito velhos - tão velhos que a linguagem em que estão escritos só pode ser compreendida por alguns dos homens mais eruditos. Mas os segredos estão protegidos pelo ritual e pela religião, e ninguém se pode servir deles. Eu tentei e agora aqui estou - e há lá uma sentença de morte à minha espera.

- Entendo. E esses velhos segredos? Vamos, por cem mil eu mereço os mais secretos pormenores.

- A transmutação dos elementos - esclareceu Devers, suavemente. Os olhos do secretário apertaram-se e perderam algum do seu desapego:

- Tenho ouvido dizer que a transmutação prática é impossível devido à existência das leis atômicas.

- Assim é, se forem usadas forças atômicas. Mas os antigos eram uns rapazes encantadores. Havia fontes de energia ainda maiores do que os átomos. Se a Fundação utilizasse estas fontes como eu sugeri...

Devers sentiu uma sensação leve e insinuante no estômago. A isca estava lançada, o peixe estava mordendo. O secretário disse repentinamente.

- Continue. O general, tenho certeza, está a par de tudo isto. Mas o que é que ele tenciona fazer uma vez que tenha terminado esta ópera de truão?

Devers continuou decidido:

- Com a transmutação ele passa a controlar a economia da totalidade dos elementos superiores do Império. Os minerais deixarão de valer um espirro quando Riose puder fazer tungstênio com alumínio e irídio com ferro. Poderá eliminar um sistema de produção total baseado na escassez de certos elementos e na abundância de outros. Será a maior crise que o Império já teve, e só Riose estará em condições de travá-la. E há a questão desta nova força que mencionei, o uso da qual não estará interdita a Riose por obstáculos religiosos.

- Agora não há nada que possa fazê-lo parar. Ele vai agarrar a Fundação pelas costas, e uma vez que ele a tenha liquidado, será Imperador dentro de dois anos.

- Certamente - Brodrig riu claramente. - Irídio extraído do ferro, foi o

que você disse, não foi? Vamos, vou-lhe dizer um segredo de Estado. Você sabe que a Fundação já esteve em contato com o general.

As costas de Devers retesaram-se.

- Você me parece surpreso. E por que não? Parece-me lógico agora. Eles ofereceram-lhe cem toneladas de irídio por ano para assinar a paz. Uma centena de toneladas de ferro convertido em irídio, violando os seus princípios religiosos para salvar o pelo. Bastante imparcialmente, mas numa atitude que não é incompreensível o nosso general rigidamente incorruptível recusou - pois sabe que pode conseguir o irídio e o Império também. E o pobre Cleon dizendo que ele é um general honesto. Meu comerciante tagarela, você tem direito ao seu dinheiro.

Arremessou-o e Devers rastejou atrás das notas que voavam. Lorde Brodrig deteve-se junto da porta e voltou-se:

- Uma lembrança, comerciante. Os meus companheiros de jogo, armados com estas pistolas, não têm ouvidos, nem língua, nem educação, nem inteligência. Não podem ouvir nada, nem falar, nem escrever, nem sequer sob a influência da Sonda Psíquica. Mas são uns verdadeiros peritos em execuções interessantes. Eu o comprei por cem mil créditos. Você deve ter vendido uma boa e respeitável mercadoria. Deve esquecer-se daquilo que vendeu para sempre e se alguma vez você... disser... repetir a nossa conversa a Riose, será executado. Mas executado à minha maneira.

E naquela delicada face apareceram umas súbitas linhas duras de ávida crueldade que transformaram o seu sorriso estudado numa bocarra vermelha e rosnadora. Durante um brevíssimo segundo, Devers viu aquele que tinha comprado ao seu comprador, e desviou dele os olhos.

Silenciosamente, Brodrig saiu à frente dos seus dois impulsivos "companheiros de jogo", com suas pistolas, e foi para os seus aposentos.

E quando Ducem Barr lhe fez uma pergunta, ele disse com grosseira satisfação:

- Não, isso é a parte estranha do caso. Ele subornou-a.

Dois meses de guerra difícil tinham deixado a sua marca em Bel Riose. Havia uma pesada gravidade à sua volta, e andava com muito pouca paciência. Foi com impaciência que se dirigiu ao respeitador sargento Luk:

- Espere lá fora, soldado, e leve esses homens para seus aposentos assim que eu terminar. Não deixe entrar ninguém enquanto eu não chamar. Ninguém, compreende?

O sargento fez a continência e abandonou rigidamente o aposento, e Riose com um resmungo de aborrecimento remexeu nos papéis que, em cima da mesa, esperavam por despacho, atirou-os para o cimo da gaveta e fechou-a com raiva.

- Sentem-se - disse ele secamente, para os dois que estavam à espera. - Não tenho muito tempo. Falando a verdade, eu não devia estar mais aqui, porém precisava falar com vocês.

Virou-se para Ducem Barr, cujos longos dedos acariciavam com interesse o cubo de cristal em que estava gravado o simulacro do perfil da face austera de Sua Majestade Imperial, Cleon II.

- Em primeiro lugar, patrício - disse o general - o seu Seldon está perdido. Para dizer a verdade ele combate bem, mas estes homens da Fundação enxameiam como abelhas sensíveis e fogem como mulheres. Todos os planetas são defendidos imperfeitamente e, uma vez tomados, todos os planetas provocam rebeliões e por isso é tão difícil dominá-los como conquistá-los. Mas eles estão prisioneiros, e estão seguros. O seu Seldon está perdido.

- Mas ele não tem por ora nada perdido - murmurou Barr delicadamente.

- A própria Fundação manifesta menos otimismo. Ofereceram-me milhões para que eu não obrigasse este Seldon à prova final.

- Corre esse boato.

- Ah, os boatos correm à minha frente? Vocês já ouviram falar no último?

- Qual é o último?

- Ora, que Lorde Brodrig, o favorito do Imperador, é agora o segundo comandante, a seu próprio pedido.

Devers falou pela primeira vez.

- A seu próprio pedido, patrão? Para chegar onde? Ou você está subindo para dar de comer a esse parceiro? - E riu entredentes.

Riose replicou, calmamente:

- Não, não se pode dizer isso. Limitou-se a comprar o cargo por aquilo

que eu considerava um preço justo e adequado.

- O que é que ele deu em troca?

- Deu em troca uma requisição de reforços apresentada ao Imperador.

O sorriso insolente de Devers alargou-se:

- Nesse caso ele comunicou com o Imperador, hum? E diga-me lá, patrão, você tem estado à espera desses reforços, mas eles algum dia chegarão. Certo?

- Errado! Já devem estar chegando. Cinco naves de linha rápidas e robustas, com uma mensagem pessoal de felicitações do Imperador, e mais naves a caminho. Onde é que está o erro, comerciante? - perguntou ele, com ironia.

Devers falou através dos lábios gelados:

- Não há erro nenhum!

Riose deu alguns passos para fora da mesa e encarou o comerciante, com a mão apoiada na coronha de sua pistola desintegradora.

- Eu disse, onde é que está o erro, comerciante? Parece que as notícias o perturbaram. Certamente que não lhe foi agora nascer um repentino interesse pela Fundação.

- Não nasceu.

- Pois... há alguns pontos duvidosos a seu respeito.

- Quais são eles, patrão? - Devers sorriu fracamente, e remexeu os punhos nos bolsos. - Logo que s diga tratarei de esclarecer devidamente.

- Aí vão eles. Você foi capturado sem dificuldade. Você se rendeu ao primeiro tiro apesar de ter uma couraça defensiva. Você se mostrou inteiramente propenso a desertar do seu mundo, e isto sem receber nada em troca. É interessante tudo isto, não é?

- Eu ansiava por estar do lado do vencedor, patrão. Sou um homem sensato, foi assim que o senhor mesmo me chamou.

Riose replicou com acento rouco e difícil:

- Admito isso! Todavia não foi capturado mais nenhum comerciante desde então. Sua nave não é uma nave comercial senão disporia da velocidade suficiente para fugir, se assim o preferisse. Não se trata de uma nave comercial senão disporia de um campo de cobertura que lhe permitisse absorver todos os

golpes que lhe fossem vibrados por um cruzador rápido, no caso de ter preferido o combate. E não se trata de um comerciante senão teria combatido até à morte quando a ocasião o justificava. Os comerciantes têm sido os chefes e os instigadores dos combates de guerrilhas nos planetas ocupados e dos raides aéreos no espaço ocupado. Nesse caso é você o único homem sensato? Você não combate nem foge, mas torna-se traidor sem que nada o solicite. Você é único, espantosamente único - de fato, suspeitosamente único.

Devers replicou secamente:

- Estive ouvindo a sua dedução, mas você não tem nada contra mim. Aqui estou há seis meses, e tenho-me comportado bem.

- É verdade, e tenho correspondido a esse fato com bom tratamento. Tenho mantido a sua nave sem qualquer estrago e tenho-o com muita consideração. Mas você tem se mostrado pouco generoso. Se tivesse oferecido voluntariamente uma informação, por exemplo, a respeito das suas engenhocas, elas podiam-nos ter sido proveitosas. Os princípios atômicos por via dos quais foram construídas devem estar sendo utilizados em qualquer uma das asquerosas armas da Fundação. É assim?

- Sou apenas comerciante - disse Devers - e não um desses grandes técnicos solenes. Eu vendo o produto, mas não o fabrico.

- Bem, isso verei com pormenores. Foi por isso que mandei chamá-lo. Por exemplo, sua nave foi examinada e possui um campo para repelir as armas atômicas. Você nunca usou nenhum, todavia, todos os soldados da Fundação o usam. Isto torna-se evidentemente significativo de que há informações que você optou por não me dizer. É assim?

Não houve resposta. Continuou:

- E devem haver provas ainda mais concretas. Fiz uma experiência com a minha Sonda Psíquica. Voltou a falhar mais uma vez, porém em contato com o inimigo revela-se completamente eficiente.

Sua voz era secamente ameaçadora e Devers deu-se conta da pistola diretamente encostada ao seu diafragma, a pistola do general, até então no coldre. O general disse tranqüilamente:

- Você vai tirar sua pulseira e qualquer outro ornamento metálico que traga consigo e entregá-lo. Devagar! Os engenhos atômicos podem distorcer, veja bem, e a Sonda Psíquica podia só encontrar a estática. Assim está bem. Dê-me isso.

O receptor na mesa do general estava brilhando e a cápsula da mensagem saiu com um estalo da fenda, perto do lugar onde Barr estava sentado, segurando ainda o cristal trimensional do Imperador. Riose deu alguns passos para trás da mesa, com a pistola desintegradora ainda apontada. Disse para Barr:

- E você também patrício. Sua pulseira também o condena. Você foi de alguma ajuda no início, de qualquer maneira, e não sou vingativo, porém decidirei o destino da sua família de acordo com os resultados da Sonda Psíquica.

E como Riose pegasse na mensagem-cápsula para ler, Barr levantou o cubo envolvido em cristal de Cleon e serena e metodicamente deu com ele na cabeça do general. Sucedeu também que Devers o agarrou. Era como se um súbito demônio tivesse irrompido no ancião.

- Fora! - disse Barr, com um sussurro silvado entredentes. - Rápido! - Apanhou o desintegrador de Riose e escondeu-o na blusa.

O sargento Luk voltou-se quando eles apareceram depois do estalido da porta se ter ouvido muito perto. Barr ordenou:

- Leve-nos, sargento!

Devers fechou a porta atrás dele.

O sargento Luk conduziu-os em silêncio para os seus aposentos, e então, depois de uma breve pausa, seguiu em frente, pois havia o cano de uma pistola desintegradora encostada ás suas costelas, e uma voz seca nos seus ouvidos, dizendo:

- Para a nave comercial.

Devers adiantou-se vivamente para abrir a comporta do ar, e Barr disse:

- Deixe-se ficar onde está, Luk. Você tem sido um homem decente, e não queremos matá-lo.

O sargento reconheceu o monograma da pistola. Gritou com uma fúria assoladora:

- Vocês mataram o general.

Com um grito feroz e incoerente, atirou-se cegamente contra a fúria desintegradora da pistola e desmoronou-se numa ruína desintegrada.

A nave comercial decolou por cima do planeta morto, e antes dos

alarmes luminosos começarem a pestanejar contra a espumosa teia de aranha formada pelas nebulosas do céu da Galáxia, outras formas escuras decolaram.

Devers ordenou severamente:

- Segure isto, Barr - e deixe-me ver se eles têm alguma nave que possa competir com a minha em velocidade.

Verificou que eles não possuíam nenhuma! E uma vez no espaço aberto, a voz do comerciante pareceu perdida e morta quando disse:

- A isca que eu forneci a Brodrig era boa demais. Até parece que eu queria empurrá-lo para os braços do general.

Lançaram-se rapidamente para as profundezas do aglomerado de estrelas que era a Galáxia.

PARA TRANTOR

Devers fez uma curva por cima do pequeno globo morto, esperando avistar algum tímido sinal de luz. O controle direcional estava examinando lenta e completamente o espaço com os compactos feixes de sinais que suas ondas iam lançando. Barr observava pacientemente sentado na cama portátil baixa que estava num canto. Perguntou:

- Já não há vestígios deles?

- Dos rapazes do Império? Não. - O comerciante resmungou as palavras com evidente impaciência. - Perdemos os embornais há muito tempo. Espaço! Com os saltos cegos que demos através do híperespaço, eles não devem ter tido a sorte de saber em qual terra onde vamos pousar. Eles não nos podiam ter seguido a não ser que nos tivessem atingido, o que não conseguiram.

Encostou-se para trás e relaxou o pescoço com um puxão:

- Não sei o que estes rapazes do Império andaram mexendo por aqui. Penso que alguns dos entreplanos estão fora do alinhamento.

- Nesse caso, penso eu, você está tentando encontrar a Fundação.

- Estou chamando a Associação, ou tentando.

- A Associação? Quem são eles?

- Associação dos Comerciantes Independentes. Nunca ouviu falar dela, heim? Bem, você não deve ser o único. Nós não andamos por aí falando de nós.

Houve um silêncio momentâneo que se centrou em torno do Indicador 200 de Recepção que não reagia, e Barr disse:

- Você já está na rota?

- Não sei. Tenho apenas uma vaga noção do lugar onde estamos, e vamos com aparelhos que não funcionam. É por isso que não estou me servindo do controle direcional. Podia levar anos, sabe.

- Podia?

Barr apontou, e Devers endireitou-se e ajustou os seus audifones.

Dentro da pequena esfera escura havia uma pequena e ardente brancura. Durante meia hora, Devers esteve atento ao frágil e rastejante fio de

comunicação que chegava através do hiperespaço para ligar dois pontos colocados à distância que levaria quinhentos anos a percorrer. Acabou por se recostar na cadeira, desesperançadamente. Olhou para cima, e tirou os audifones.

- Ouça doutor. Há um chuveiro que pode utilizar se quiser, mas é mais fácil servir-se da água quente.

Agachou-se diante de um dos armários que se alinhavam ao longo de uma parede e espreitou para o que havia lá dentro:

- Você não é vegetariano, espero?

- Sou onívoro. Mas o que vem a ser essa Associação? Você os perdeu?

- Parece. Estava na última rota, foi a única que sobrou. Não tem importância, penso eu. Tenho tudo isto em conta. - Endireitou-se e colocou os dois recipientes em cima da mesa. - Espere uns cinco minutos, doutor, depois abra-o, puxando o contato. Contém um prato, comida e garfo, uma coisa muito útil quando uma pessoa está com pressa, se não estiver interessado em coisas acessórias como guardanapos. Suponho que você deseja saber o que é que andava fazendo dentro da Associação.

- No caso de não ser segredo.

Devers meneou a cabeça:

- Para você não é. O que Riose disse era verdade.

- A respeito da oferta de um tributo?

- Uh-huh. Eles ofereceram-lhe e ele recusou. As coisas estão más. Eles estão atacando os outros sóis de Loris.

- Loris está fechado para a Fundação?

- O que? Oh, ninguém pode saber. Trata-se de um dos Quatro Reinos originais. Você podia chamar-lhe parte da Unha interior de defesa. Mas não é isto que está mal. Eles tinham combatido com grandes naves que nunca foram encontradas anteriormente. E isto quer dizer que Riose não nos estava mentindo. Ele tinha recebido mais naves. Brodrig mudara de opinião, e enviara aquela mensagem.

Seus olhos estavam sombrios e juntou o recipiente da comida aos pontos de contato e esperou que ele se abrisse rapidamente. O conteúdo cozido a fogo lento exalou o seu aroma através do aposento. Ducem Barr estava comendo.

- Tanto melhor - disse Barr - para as improvisações, nesse caso. Aqui

não podemos fazer nada, não podemos romper através das linhas Imperiais para regressar à Fundação, não podemos fazer nada senão esperar, esperar pacientemente. Ainda que, se Riose já alcançou a linha interior, tenho a esperança de que a nossa espera não seja muito demorada.

E Devers pousou o garfo:

- Esperar, não é? - rosnou ele, com ferocidade. - Isso estará bem para você. Eu não tenho nada que estar parado.

- Não tem? - Barr sorriu suavemente.

- Não. E realmente vou lhe dizer. - A irritação de Devers chegou ao máximo. - Já me cansei de estar metido neste negócio como se fosse uma coisa interessante qualquer metida numa lamela de microscópio. Eu tenho amigos por aqui e por ali, moribundos, e um mundo inteiro para acolá, a minha casa, também agonizante. Você é um estrangeiro. Você não pode saber.

- Já vi amigos mortos. - As mãos do ancião tremiam e os seus lábios e os seus olhos estavam fechados. - Você é casado?

Devers respondeu:

- Os comerciantes não são casados.

- Bem, eu tenho dois filhos e um sobrinho. Eles tinham sido prevenidos, mas, por qualquer razão, não podiam entrar em ação. A nossa fuga significa a sua morte. A minha filha e os meus dois netos, assim espero, abandonaram o planeta a salvo antes deles, mas mesmo excluindo-os, já arrisquei e perdi mais do que você.

Devers estava soturnamente selvagem:

- Eu sei. Mas isto é uma circunstância que não se escolhe. Você podia ter sido honesto com Riose. Eu nunca lhe perguntei...

Barr meneou a cabeça:

- Isso não é coisa que se escolha, Devers. Deixe sua consciência livre, não arrisquei os meus filhos por você. Eu cooperei com Riose durante tanto tempo quanto me atrevi. Mas havia a Sonda Psíquica.

O patrício siweniano abriu os olhos e estes estavam secos com o sofrimento.

- Riose chamou-me uma vez, foi há cerca de um ano atrás. Falou-me de um culto centralizado em torno dos mágicos, mas senti a verdade. Ele não

andava à procura de um culto. Bem vê, faz agora quarenta anos que Siwena estava ameaçada como seu mundo. Foram esmagadas cinco revoltas. Foi então que descobri os antigos arquivos de Hari Seldon - e agora este "culto" espera.

- Espera pelo começo dos "mágicos" e está pronto. Os meus filhos são chefes daqueles que esperam. É este segredo que está no meu espírito e que a Sonda nunca devia tocar. E por isso eles deviam morrer como reféns, a alternativa é a sua morte como rebeldes e de metade de Siwena com eles. Veja que eu não tinha por onde escolher! E não sou um estrangeiro.

Os olhos de Devers apagaram-se, e Barr continuou maciamente:

- É de uma vitória da Fundação que depende a esperança de Siwena. É por uma vitória da Fundação que os meus filhos são sacrificados. E Hari Seldon não pré-calculou a inevitável salvação de Siwena como fez com a Fundação. Eu não tenho certeza pelo meu povo - só esperança.

- Mas você está, todavia satisfeito por aguardar. Mesmo com a Armada Imperial em Loris.

- Eu queria ficar à espera para saber, com absoluta certeza - disse Barr com simplicidade - se eles tinham desembarcado no planeta Terminus.

O comerciante franziu os sobrolhos desesperadamente:

- Não sei. Não posso realmente trabalhar com isto, não sou nenhum mágico. Psicohistória ou não, estamos numa situação terrivelmente sinistra, e estamos fracos. O que é que Seldon diz a este respeito?

- Não há nada para dizer. Já está tudo dito. Agora estamos em luta. Lá simplesmente porque não ouve as esferas girarem e os gongos soarem isso não significa que as coisas estejam menos certas.

- Talvez, porém eu me sinto satisfeito por você ter estourado o crânio de Riose. Ele é maior inimigo do que todo o seu exército.

- Estourado o seu crânio? Com Brodrig no posto de segundo comandante? - A face de Barr crispou-se com ódio. - Siwena inteira teria sido seu refém. Brodrig vem provando o seu valor há muito tempo. Existia um mundo que há cinco anos atrás perdeu um macho em cada dez e simplesmente por não ter liquidado os impostos ainda por pagar. Este mesmo Brodrig era o recebedor de impostos. Não, Riose devia viver. Os seus castigos são favores em comparação com Brodrig.

- Mas seis meses, seis meses, na Base inimiga, sem nada para nos guiar...

As mãos robustas de Devers apertaram-se uma contra a outra, de tal modo que lhe estalaram as articulações. - Nada que nos pudesse informar!

- Bem, agora vamos esperar. Você lembra-me... - Barr apalpou o bolso. - Você podia ter lembrado que lhe mostrasse isto. - E lançou a pequena esfera de metal para cima da mesa.

Devers agarrou-a:

- O que vem a ser?

- A cápsula-mensagem. Aquela que Riose recebeu um pouco antes de o ter acertado. Parece-lhe que isto tenha alguma importância?

- Não sei. Depende do que tiver lá dentro! - Devers sentou-se e girou a cápsula cuidadosamente na mão.

Quando Barr saiu do banho quente, alegre, no meio da suave e morna corrente de ar seco, encontrou Devers calado e absorvido no banco de trabalho. O siweniano começou a dar palmadas no corpo com um ritmo intenso e falou um pouco acima do som ritmado das pancadas:

- O que é que você está fazendo?

Devers levantou a cabeça. Gotículas de transpiração deslizaram-lhe pela barba:

- Estou pensando se posso abrir esta cápsula.

- Pode abri-la sem a característica pessoal de Riose? - Havia uma leve surpresa na voz do siweniano.

- Se não puder, devo renunciar da Associação e nunca mais comandarei uma nave para o resto da minha vida. Já fiz três análises eletrônicas do interior, e utilizei pequenas chaves de que o Império nunca ouviu falar e que foram especialmente fabricadas para a abertura de cápsulas. Bem sei que já fui ladrão, antes disto. Um comerciante é sempre um ladrão em miniatura.

Inclinou-se para a pequena esfera, e um pequeno instrumento liso sondou-a delicadamente e lançou faíscas vermelhas sempre que o contato foi mais demorado. Comentou:

- Esta cápsula é um trabalho imperfeito, felizmente. Estes rapazes Imperiais não tratam isto com muito capricho, pode-se verificar isso muito bem. Já alguma vez viu uma cápsula da Fundação? Tem metade deste tamanho e é impossível de analisar eletronicamente.

Nesse momento estava rígido, os músculos dos ombros por baixo da túnica estavam visivelmente tensos. A sua frágil Sonda carregou vagarosamente...

Estava silencioso enquanto fazia isto, mas Devers descontraiu-se e suspirou. Tinha na mão a esfera brilhante com a mensagem desenrolada como uma língua de pergaminho.

- É de Brodrig - disse ele. Acrescentou, com desdém. — O método de escrever a mensagem é de duração permanente. Se fosse uma cápsula da Fundação, a mensagem ficaria oxidada em menos de um minuto.

Mas Ducem Barr fitava-o silenciosamente. Leu a mensagem rapidamente:

DE: AMMEL BRODRIG, ENVIADO EXTRAORDINÁRIO DE SUA MAJESTADE IMPERIAL, SECRETÁRIO PRIVADO DO CONSELHO, E PAR DO REINO,

PARA: BEL RIOSE, GOVERNADOR MILITAR DE SIWENA, GENERAL DAS FORÇAS IMPERIAIS, E PAR DO REINO. SAÚDO-O.

PLANETA 1120 NÃO RESISTIU MUITO TEMPO. OS PLANOS DE OFENSIVA CONTINUAM REGULARMENTE COMO ESTAVA PLANEJADO. O INIMIGO ENFRAQUECE VISIVELMENTE E OS DERRADEIROS FINS EM VISTA DEVEM SER CERTAMENTE ALCANÇADOS.

Barr levantou a cabeça da mancha quase microscópica e exclamou amargamente:

- O louco! O abandonado janota desintegrado! Isto é uma mensagem?

- Hein? - disse Devers. Estava vagamente desapontado.

- Não diz nada - resmungou Barr. - O nosso cortesão bajulador está agora brincando com os generais. Com Riose fora de campo, é ele o comandante em chefe e deve pôr o seu espírito mesquinho a vomitar os seus pomposos relatórios referentes às campanhas militares de que ele nunca entendeu nada. "O planeta tal e tal não resistiu muito tempo". "A ofensiva continua". "O inimigo enfraquece". O pavão sem miolos.

- Bem, agora, espere um minuto. Ouça...

- Jogue-a fora. - O velho homem deu meia volta mortificado. - A Galáxia sabe que eu nunca esperei vir a ser um guia importante do mundo, mas em tempo de guerra é razoável que assuma este papel, exatamente quando a ordem mais rotineira tem de ser abandonada para não dificultar militarmente os movimentos e não conduzir finalmente a complicações. Foi por isto que me esforcei para levá-la. Mas isto! Seria melhor que a tivesse deixado ficar. Um minuto de tempo desperdiçado de Riose era mais útil do que esse mesmo minuto agora utilizado num objetivo mais construtivo.

Devers tinha se levantado:

- Você quer ouvir e parar de andar às voltas com suas ruminações? Pelo amor de Seldon...

Puxou outra vez a mensagem e colocou-a diante do nariz de Barr:

- Agora leia outra vez. O que é que pensa destes "Derradeiros fins em vista"?

- A conquista da Fundação. É?

- Parece-lhe? E talvez ele queira dizer a conquista do Império. Você sabe que era isto que ele calculava que fosse o objetivo final.

- E se assim for?

- Se assim for! - O sorriso de Devers, que aparecia só de um lado da cara, estava perdido na barba. - Porque, observe então, e há de ver.

Com um dedo a malbaratada folha monogramada da mensagem-pergaminho voltou para o ponto de origem através da fenda. Desapareceu com um zunido breve e o globo fechou-se, ficando outra vez impossível de abrir. Em alguma parte do interior ouvia-se o fraco zumbido oleado dos controles como se eles recuperassem equilíbrio com movimentos ao acaso.

- Agora não há método conhecido de abrir esta cápsula sem conhecimento da característica pessoal de Riose, não é assim?

- Para o Império, não? - disse Barr.

- Nesse caso a afirmação de que aquilo que ela contém nos é desconhecido é absolutamente autêntica.

- Para o Império, assim é.

- E o Imperador pode abri-la, não pode? As Características Pessoais dos oficiais do Governo devem estar arquivadas. Assim se passa na Fundação.

- O mesmo acontece na capital Imperial.

- Nesse caso quando você, como patrício siweniano e par do reino, disser a este Cleon, a este Imperador, que o seu favorito papagaio-doméstico e o seu brilhante general estão ambos à espera para se atirarem a ele, e lhe entregar a cápsula como prova, o que é que ele pensará que são os "derradeiros fins" de Brodrig?

Barr sentou-se vagarosamente.

- Espere, não o estou compreendendo. - Sorveu as bochechas e disse: - Você não está falando realmente a sério, não é?

- Estou. - Devers mostrava-se furiosamente excitado. - Ouça, nove dos últimos dez imperadores morreram com as gargantas cortadas, ou com os estômagos desintegrados por qualquer um dos seus generais com idéias muito ambiciosas na cabeça. Você já me contou isto mais de uma vez. O Imperador, que é um homem velho, há de acreditar em nós e terá pressa em mandar cortar primeiro a cabeça de Riose.

Barr resmungou sem energia.

- É coisa grave. Por respeito pela Galáxia, homem, você não pode vencer uma crise de Seldon por intermédio de um esquema medonho, impraticável e cheio de idéias livrescas como este. Suponha que você nunca tivesse a cápsula. Suponha que Brodrig não empregara a palavra "derradeiros". Seldon não iria depender de um acaso fortuito como este.

- Podia o acaso surgir de outra maneira qualquer, não há lei nenhuma que diga que Seldon não pode tirar vantagem desse acaso.

- Certamente. Mas... - Barr deteve-se, depois do que falou calmamente, mas com visível constrangimento. - Olhe, em primeiro lugar, como é que você espera chegar ao planeta Trantor? Você não conhece a localização no espaço e certamente não se lembra das coordenadas, já para não falar nas tábuas astronômicas. Você nem sequer sabe qual é a nossa própria posição no espaço.

- Você não pode continuar perdido no espaço - riu Devers. Já estava outra vez nos comandos. - Vamos descer no planeta mais próximo, e haveremos de sair de lá com posições completas e as melhores cartas de navegação que os cem mil palhaços de Brodrig puderem comprar.

- É um tiro no nosso estômago. As nossas descrições estão em todos os planetas desta zona do Império.

- Doutor - disse Devers, pacientemente - não se faz uma nogueira de uma bengala. Riose disse que a minha nave se entregara com excessiva facilidade e, irmão, não estava enganado. Esta nave tem bastante poder de fogo e bastante combustível no casco para se conservar afastada de qualquer coisa que a incomode e torna provável que encontre a profundidade aconselhável no interior da fronteira. E temos os escudos pessoais, ainda. Os rapazes do Império nunca os conseguirão descobrir, e eles nem sequer pensam em descobri-los.

- Muito bem - disse Barr - muito bem. Suponha que já esteja em Trantor. E agora quer avistar-se com o Imperador? Você pensa que ele tem horas marcadas para estar no escritório?

- Calculo que vamos ter tempo de nos preocupar com isso em Trantor - disse Devers.

E Barr resmungou com impotência:

- Outra vez muito bem. Há aí meio século que estava desejando fazer mais uma visita a Trantor antes de morrer. Agora estamos a caminho.

O motor hiperatômico estava em funcionamento. As luzes piscaram e houve a rápida deslocação interior que assinalava a mudança para o híperespaço.

EM TRANTOR

As estrelas eram tão compactas como joio num campo abandonado e pela primeira vez, Lathan Devers transferiu as imagens para a direita do décimo ponto de primeira importância, calculando as reduções através das hiper-regiões. Havia uma sensação claustrofóbica provocada pela necessidade de saltos que não ultrapassavam um ano-luz. Havia uma assustadora aspereza num céu que desusava sem qualquer interstício, em todas as direções. Estava-se perdendo num mar de radiação.

E no centro de um aglomerado de dez mil estrelas, que brilhavam rasgando em fragmentos a escuridão fracamente circundante, estava circulado o enorme planeta Imperial, Trantor. Mas era mais do que um planeta, era o pulso vivo de um Império de vinte milhões de sistemas estelares. Só tinha uma função, a administração, um objetivo, o governo, um produto manufaturado, a lei.

O mundo inteiro era uma distorção funcional. Não havia um objeto vivo na sua superfície senão homens, os animais domésticos e os parasitas. Não havia fio de erva, nem fragmento de solo descoberto podia ser encontrado fora da centena de quilômetros quadrados do Palácio Imperial. Não havia água fora das terras do Palácio a não ser no vasto sistema de cisternas subterrâneas que conservavam a reserva de água de um mundo.

O lustroso, indestrutível, incorruptível metal que formava a superfície ininterrupta do planeta era a base da enorme estrutura de metal que emaranhava o planeta. Havia estruturas ligadas por estradas a pique, atadas por corredores, cheias de nichos de repartições, pavimentadas com os grandes retalhos centrais que tinham coberto quilômetros quadrados, cheio de coberturas típicas do mundo de divertimento cintilante que enchia de vida todas as noites.

Qualquer pessoa podia ter sua atividade no mundo de Trantor e não viver senão num prédio conglomerado, nem jamais ver a cidade.

Uma esquadra de naves em número maior do que todas as esquadras de guerra do Império estava todos os dias descarregando sua carga em Trantor para alimentar os quarenta bilhões de pessoas que nada forneciam em troca a não ser a realização da tarefa de desembaraçar as miríades de problemas que espiralavam através da administração central do mais complexo governo que a Humanidade alguma vez conhecera.

Vinte mundos agrícolas eram o celeiro de Trantor. Um universo era o seu

escravo...

Firmemente segura pelos enormes braços metálicos que a seguravam de ambos os lados, a nave comercial repousava delicadamente no fundo da enorme rampa que conduzia para o hangar. Devers raivosamente abrira caminho através das múltiplas complicações de um mundo concebido em trabalho no papel e dedicado ao princípio do original e quatro cópias.

Fora a parada preliminar no espaço, onde fizera sua aparição o primeiro questionário, que depois se havia de multiplicar por centenas. Houvera depois a centena de exames impertinentes, a administração rotineira de uma Sonda simples, as fotografias da nave, a Análise Característica dos dois homens, e o subseqüente registro da mesma, a procura de contrabando, o pagamento da taxa de entrada e finalmente a questão das carteiras de identidade e o visto de visitantes.

Ducem Barr era siweniano e súdito do Imperador, mas Lathan Devers era um desconhecido que não dispunha dos documentos necessários. O oficial de serviço no momento viu-se esmagado com pedidos, contudo Devers não entrou. De fato, teria de ser ouvido pelos serviços oficiais de investigação.

Uma centena de créditos, em notas novas, amarfanhadas, garantidas pelas propriedades de Lorde Brodrig, fizeram a sua aparição vindas de algum lugar e mudaram tranqüilamente de mãos. O oficial tossiu de modo importante e ficou assegurada a sua complacência. Apareceu uma nova figura no postigo indicado. Entregou tudo rápida e eficientemente, tendo, além disso, incluído as características de Devers, formal e corretamente estabelecidas.

Os dois homens, comerciante e patrício, entraram em Trantor.

No hangar a nave comercial era mais uma nave para ser recolhida, fotografada, registrada, verificado o seu conteúdo, fotocopiadas as carteiras de identidade dos passageiros, e logo que tivesse sido paga a taxa indicada, registrada e recebida.

E nessa altura Devers estava num enorme terraço, dominando o sol branco e radiante, ao longo do qual havia mulheres a tagarelar, crianças a brincar e homens sorvendo calmamente bebidas e vendo os grandes televisores que faziam cintilar as notícias do Império.

Barr contou o número necessário de moedas de irídio para tirar o jornal que estava no alto de uma pilha. Era o Notícias Imperiais de Trantor, órgão do governo. Lá dentro, nas instalações do jornal, havia um leve rumor de edições adicionais que estavam sendo impressas pelo sistema de telepatia a 15.000

quilômetros de distância por túneis - 8.000 por aparelhos aéreos, tal como dez milhões de exemplares estavam sendo impressos da mesma maneira nesse momento, em dez milhões de outras instalações de jornais por todo o planeta.

Barr olhou de relance para o cabeçalho e disse secamente:

- O que faremos em primeiro lugar?

Devers esforçava-se por se libertar da sua própria depressão. Estava num universo tão afastado do seu, num mundo que o comprimia com as suas trapalhadas, no meio de pessoas cujas ações eram incompreensíveis e cuja linguagem quase o era também. As cintilantes torres metálicas que o rodeavam e que continuavam ininterruptamente numa multiplicidade sem fim pelo horizonte afora, oprimiam-no, aquela vida totalmente ocupada, negligente, de um mundo metropolitano causava-lhe uma horrível sensação de isolamento e dava-lhe tamanha falta de importância que o tomavam um pigmeu.

Disse:

- Parece que o melhor é sair daqui, doutor.

Barr estava calmo, e sua voz era suave:

- Quis dizer-lhe isso, mas é difícil compreender quando uma pessoa ainda não viu, sei muito bem. Você sabe quantas pessoas querem avistar-se com o Imperador todos os dias? Cerca de um milhão. Sabe quantas ele atende? Umas dez. Teremos de passar por cima do serviço burocrático, o que torna as coisas ainda mais difíceis. Não temos possibilidades de pagar aos aristocratas.

- Temos quase cem mil créditos.

- Um simples par do reino pode custar isso, e precisamos de pelo menos três ou quatro para formar uma ponte adequada para chegar até o Imperador. E devem ser necessários uns cinqüenta comissários e supervisores classificados para o mesmo, estes devem custar-nos, talvez, uma centena cada um. E precisaremos falar. Em primeiro lugar, eles não devem notar o seu sotaque e, em segundo, você não conhece a etiqueta do suborno Imperial. É uma arte, garanto-lhe.

A terceira página do Noticias Imperiais trazia o que ele queria e passou o jornal a Devers. Devers leu vagarosamente. O vocabulário era estranho, mas conseguiu compreendê-lo. Olhou para cima, e os seus olhos estavam obscuros de concentração. Deu uma palmada na folha de jornal, raivosamente, com as costas da mão.

- Você crê que isto pode ser de confiança?

- Dentro de certos limites - replicou Barr, calmamente. - É bastante improvável que a esquadra da Fundação tenha sido destruída. Já teriam relatado isto várias vezes, se seguissem a usual técnica de reportagem de guerra de uma capital do mundo que está afastada da atual cena de combate. O que isto significa, todavia, é que Riose ganhou outra batalha, que ele não devia ter esperado. Fala-se aí na captura de Loris. Trata-se do planeta capital do Reino de Loris?

- É - ponderou Devers - ou daquilo a que se costumava dar o nome de Reino de Loris. E não está distanciado sequer 60 anos-luz da Fundação. Doutor, temos que ir embora para começar a agir depressa.

Barr encolheu os ombros:

- Você não pode agir assim em Trantor. Se tentar, acabará na ponta de um desintegrador atômico, com toda a certeza.

- Levaremos muito tempo para conseguir o que queremos?

- Um mês, se tivermos sorte. Um mês, e os nossos cem mil créditos no caso de serem suficientes. E isto é na hipótese de não se meter na cabeça do Imperador a idéia de se pôr a caminho dos Planetas de verão, onde nunca concede audiências.

- Mas a Fundação...

- ... Há de tratar dela mesma, como até aqui. Olhe, vamos cuidar da questão do jantar. Estou com muito apetite. E depois a noite é nossa e podemos utilizá-la como quisermos. Nunca mais voltaremos a Trantor ou qualquer outro mundo como você bem o sabe.

O Agente Ministerial das Províncias Exteriores estendeu as mãos gorduchas com impotência e nobreza aos peticionários, fazendo umas solenes oscilações de cabeça.

- O Imperador está indisposto, cavalheiros. É realmente inútil que eu apresente o caso ao meu superior. Sua Majestade Imperial não recebeu ninguém durante a semana.

- Ele há de nos receber - disse Barr, com um ar circunspecto. - É apenas questão de dizer que se trata de um membro do estado-maior do Secretário Privado.

- Impossível - replicou o comissário enfático. - Seria um grande erro de minhas funções fazer pressão para tanto. A não ser que os senhores me contassem explicitamente qual é a natureza do assunto que querem tratar. Eu gostaria de ajudá-los compreendam, mas naturalmente preciso de uma coisa menos vaga, alguma coisa que eu possa apresentar ao meu superior como razão para levar o assunto adiante.

- Se o meu assunto fosse de tal caráter que pudesse ser exposto a qualquer pessoa - observou Barr, suavemente - nenhum interesse haveria para justificar um pedido de audiência com Sua Majestade Imperial. Eu proponho que você vislumbre uma possibilidade. Devo lembrar-lhe que se Sua Majestade Imperial ligar aos nossos assuntos a importância que lhe garantimos que ele lhe há de dar, você pode ficar completamente certo de que receberá as honras que lhe cabem por ter nos ajudado agora.

- Sim, mas... - o comissário encolheu os ombros, sem mais palavras.

- Há uma possibilidade - acrescentou Barr. - Naturalmente, um risco deve ter a sua compensação. É um grande favor que estamos pedindo, mas já temos de lhe estar muito agradecidos pela gentileza que teve em nos dar esta oportunidade para expor os nossos problemas. Mas se você nos permitir que expressemos a nossa gratidão embora reduzidamente com...

Devers fez uma carranca. Já tinha ouvido este discurso com variações insignificantes umas vinte vezes no último mês. E acabou, como sempre, com um rápido gesto de estender umas notas meio escondidas. Aqui, porém, a história foi outra. Habitualmente as notas desapareciam imediatamente, neste caso ficaram completamente à vista, enquanto o comissário as contava vagarosamente, analisando-as tanto no verso como no anverso. Houve uma sutil mudança de tom na sua voz:

- Emitido pelo Secretário Privado, heim? Bom dinheiro!

- Voltando ao assunto de que estávamos falando... - insistiu Barr.

- Não, espere - interrompeu o comissário - vamos voltar atrás umas quantas fases. Eu realmente estou com desejo de saber o que pode ser o assunto de vocês. Este dinheiro está limpo e é novo, e vocês devem ter uma boa porção dele, pois me consta que vocês já se avistaram com outros funcionários antes de mim. Ora, vamos, de que é que se trata?

Barr disse:

- Não compreendo o que você está sugerindo.

- O quê? Ora veja, eu poderia provar que vocês estão ilegalmente no planeta, pois que a identificação e o Cartão de Entrada do seu silencioso amigo são certamente irregulares. Não se trata de um súdito do Imperador.

- Nego isso.

- Não me importa nada o que você diz - replicou o comissário com repentina brusquidão. - O funcionário que assinou o seu Cartão a troco de cem créditos confessou, sob pressão, e sabemos mais do que aquilo que você pensa.

- Se está insinuando, senhor, que a soma que lhe pedimos para aceitar é insuficiente tenho em vista os riscos.. .

O homem sorriu:

- Pelo contrário, é mais do que suficiente. - Pôs as notas de lado. - Para voltar ao que estava dizendo, é o próprio Imperador que tem mostrado muito interesse pelo caso de vocês. Não é verdade, cavalheiros, que estiveram recentemente prisioneiros do general Riose? Não é verdade que vocês escaparam do meio do seu exército, para dizer as coisas com brandura, com espantosa facilidade? Não é verdade que possuem uma pequena fortuna em notas emitidas pelas propriedades de Lorde Brodrig? Em resumo, não é verdade que vocês são dois assassinos que foram aqui mandados para... Bem, vocês é que nos vão dizer quem lhes paga e para quê!

- Não sei - disse Barr, com uma raiva lisonjeira. - Eu nego o direito de um pequeno funcionário nos acusar de crimes. Vamos embora.

- Vocês não vão embora coisa nenhuma. - O comissário levantou-se e os seus olhos não tardaram a mostrar que estava muito atento. - Vocês não precisam responder agora às minhas perguntas, podem reservar isso para mais tarde quando há de ser também mais difícil. Não sou um comissário, sou tenente da Polícia Imperial. Vocês estão presos.

Trazia uma pistola desintegradora, brilhante e eficiente, na mão fechada, ao mesmo tempo que sorria:

- Há homens mais importantes do que vocês que meti hoje na cadeia. Vamos metê-los num lindo abrigo, muito limpo.

Devers rosnou e puxou vagarosamente pela sua própria pistola. O tenente da Polícia sorriu mais abertamente e apertou os contatos. A linha de força desintegradora atingiu o peito de Devers com um violento sopro de destruição, mas que tocou inofensivamente sua farda e se desfez em partículas de luz.

Devers disparou por seu turno, e a cabeça do tenente ficou isolada da parte superior do torso que desapareceu. Estava ainda sorridente como se o divertisse o raio de fulgor solar que entrou através do buraco recentemente aberto na parede. Saíram pela porta dos fundos.

Devers disse roucamente:

- Vamos depressa para a nave. Não devem demorar a dar o alarme. - Praguejou com um silvo feroz. - Eis outro plano que vai por água abaixo. Parece que o espaço inteiro me lançou pragas.

Estavam no descampado que encontraram repleto de multidões atentas aos grandes televisores. Não tinham tempo a perder, menosprezaram as palavras ensurdecedoras e estrepitosas que os alcançaram. Mas Barr apanhou um exemplar das Notícias Imperiais antes de mergulhar na grande porta do hangar, de onde a nave alçou vôo precipitadamente, através de uma cavidade gigante aberta até o teto.

- Você é capaz de ir embora? - perguntou Barr.

Dez naves da Polícia seguiam pertinazmente a pista da nave que saíra infringindo as regras legais de saída que era radiodirecionada, e desobedeceram a todas as regras de velocidade em vigor. Atrás deles, contudo, estavam seguindo naves novinhas do Serviço Secreto, em perseguição de uma embarcação cuidadosamente descrita, tripulada por dois assassinos identificados.

- Veja você - disse Devers, e lançou-se brutalmente no hiperespaço três mil quilômetros acima da superfície de Trantor. A nave transformou-se, assim, numa massa planetária, significando inconsciência para Barr e um terrível nevoeiro de dor para Devers, mas alguns anos-luz depois o espaço por cima deles estava limpo. O sombrio orgulho que Devers tinha pela sua nave irrompeu à superfície. Disse:

- Não há uma nave Imperial que seja capaz de me perseguir seja onde for.

E depois, amargamente. - Mas não há, em parte alguma, ponto para onde possamos ir, e não podemos lutar contra eles. O que é que faremos? O que é que alguém poderia fazer?

Barr mexeu-se debilmente na sua cama. O efeito da hipervelocidade ainda não lhe tinha passado, e doíam-lhe os músculos todos. Disse:

- Ninguém pode fazer coisa alguma. Está tudo terminado. Olhe!

Entregou-lhe o exemplar das Noticias Imperiais que ainda conseguira agarrar, e o cabeçalho foi suficiente para o comerciante.

- Destituídos e presos, Riose e Brodrig - murmurou Devers. Olhou de maneira vazia para Barr. - Por quê?

- A notícia não diz nada a esse respeito, mas que problema que teria surgido? A guerra com a Fundação está terminada, e neste momento, Siwena está revoltada. Leia a notícia e veja. - A sua voz estava cheia de energia. - Veja se consegue parar em qualquer uma das províncias e descubra os detalhes que nos faltam. Se você não se importa, por mim vou dormir agora.

E assim fez.

Com saltos de gafanhoto de magnitude sempre crescente, a nave comercial estava atravessando a Galáxia no seu regresso para a Fundação.

O FIM DA GUERRA

Lathan Devers sentiu-se definitivamente incomodado e vagamente ressentido. Recebera sua condecoração e suportara com muito estoicismo a oratória redundante do Prefeito que escoltara a faixa de fitas carmesim. Isto acabara com a sua parte de participação nas cerimônias, mas, naturalmente, forçaram-no formalmente a continuar ali. E era principalmente esse lado formal - de um tipo que podia se recostar para bocejar ruidosamente ou para enrolar confortavelmente um pé em volta das pernas de uma cadeira - o que lhe dava uma grande vontade de voltar para o espaço, ao qual pertencia.

A delegação siweniana, com Ducem Barr como membro que desempenhava o papel principal, assinou a Convenção, e Siwena transformou-se na primeira província a passar diretamente do domínio político do Império para uma Fundação econômica.

Cinco Naves Imperiais de comando - capturadas quando Siwena se rebelara na retaguarda das linhas da Esquadra das Fronteiras do Império - relampejaram por cima das cabeças, grandes e maciças, lançando uma saudação rimbombante ao passarem por cima da cidade.

Nada mais além de bebidas, etiqueta e umas conversas insignificantes agora...

Uma voz chamou-o. Era Forell, o homem que, Devers pensou-o friamente, podia comprar vinte dele com os lucros de uma manhã, mas um Forell que agora curvava um dedo para ele com uma condescendência genial.

Encaminhou-se para a sacada onde predominava o frio da noite, e inclinou-se delicadamente, enquanto fazia uma careta que lhe eriçava a barba. Barr também ali estava, sorridente. Disse:

- Devers, você deve vir em meu socorro. Estou sendo acusado de modéstia, um crime horrível e completamente contra a natureza.

- Devers - Forell tirou o charuto apagado do canto da boca enquanto falava - Lorde Barr afirma que sua viagem à capital de Cleon não teve qualquer efeito que contribuísse para a demissão de Riose.

- Absolutamente nenhum, senhor - respondeu Devers, conciso. -Nós nunca vimos o Imperador. Os relatos que roubamos quando voltamos referiam-se ao julgamento, revelando que ele fora preso e demitido devido ao arrogante

predomínio que estava assumindo e às suas ligações secretas. Havia uma confusão de opiniões a respeito do general, sendo geralmente aceito que ele tinha ligações subversivas na corte.

- E estava inocente?

- Riose? - interpôs-se Barr. - Claro! Pela Galáxia, estava! Brodrig era um traidor dos princípios gerais, mas nunca foi culpado das acusações que lhe foram feitas. Foi uma farsa judicial, mas necessária, previsível, inevitável.

- Calculo que por necessidade psicohistórica - Forell soletrou a frase sonoramente com a facilidade bem-humorada de uma longa familiaridade.

- Exatamente. - Barr tornou-se sério. - Eu jamais o compreendera até então, mas uma vez que estamos inteirados das causas, o problema tornou-se simples. Podemos ver, agora, que o substrato social do Império cria guerras de conquista que ele não pode sustentar, quando sob imperadores fracos é fracionado em parcelas por generais competentes e que se encontram na dependência de um trono sem valor e seguramente natimorto, quando sob Imperadores fortes, o Império fica congelado num rigor de paralisia em que a desintegração cessa por momentos, mas só graças aos sacrifícios de todos os progressos viáveis.

Forell resmungou através de fortes baforadas:

- Você não está sendo nada claro, Lorde Barr. - Barr sorriu vagarosamente.

- Ahm, parece-me que sim. É difícil não ser arrastado para a psicohistória. As palavras são umas imperfeitas substitutas, cheias de fiapos, das equações matemáticas. Mas deixe-me ver agora...

Barr meditou, enquanto Forell se espreguiçava, com as costas encostadas à balaustrada, e Devers olhou para o céu aveludado e evocou atonitamente Trantor. Nessa altura Barr continuou:

- Veja, senhor, você - e Devers, e estou convencido de que todos, tinham a idéia de que derrotar o Império exigiam que primeiro se separasse o Imperador do seu general. Você, e Devers, e qualquer outra pessoa estavam certos - certos durante um determinado espaço de tempo, certos durante aquele período em que o princípio de desunião interna era o que mais nos importava. Mas vocês estavam errados, de qualquer maneira, pensando que esta divisão interna era coisa que podia ser provocada na sua totalidade por atos individuais, por inspiração de momento. Você, Devers, procurou subornar e mentiu. Você apelou

para a ambição e para o medo. Mas não conseguiu com os seus sofrimentos. De fato, as coisas ficavam aparentemente piores depois de qualquer de suas tentativas. E através de tudo isto, correndo duramente por cima das pequenas ondas, o ondear de Seldon foi continuando para diante, serenamente - porém com muita irresistibilidade.

Ducem Barr virou-se e olhou por cima da balaustrada para as luzes de uma cidade alegre. Disse:

- Havia uma mão morta exaurindo tudo de nós, do poderoso general e do grande Imperador, do meu mundo e do seu - a mão morta de Hari Seldon. Ele sabia que um homem como Riose deveria falhar, pois que o seu triunfo é que trouxe o fracasso, e quanto maior é o triunfo mais certo é o fracasso.

Forell disse secamente:

- Não posso dizer que você fale com clareza.

- Um momento - continuou Barr fervorosamente. - Repare bem na situação. Um general fraco nunca nos podia ter posto em perigo, evidentemente. Um general forte, durante o reinado de um Imperador fraco, nunca nos poderia ter posto em perigo, também, porque teria apontado as suas armas para um objetivo muito mais rendoso. Os acontecimentos tinham provado que três quartas partes dos Imperadores dos últimos dois séculos foram generais rebeldes e vice-reis rebeldes, antes de serem Imperadores. Por esse motivo a combinação de Imperador forte e general forte podia prejudicar a Fundação, pois que um Imperador forte não poderia ser destronado facilmente, e um general forte é forçado a virar-se para o exterior, a passar as fronteiras. Mas, o que é que mantém o Imperador forte? O que é que tornava Cleon forte? É evidente. Ele é forte, porque não permite a existência de súditos fortes. Um cortesão que se torna excessivamente rico, ou um general que se torna excessivamente popular, são perigosos. Toda a história recente do Império prova que qualquer Imperador inteligente pode ser bastante forte.

- Riose conseguiu vitórias, pelo que o Imperador se tornou desconfiado. Todo o ambiente da época o forçou a ser desconfiado. Riose recusa um suborno? E para desconfiar, deve haver razões ocultas. O seu cortesão de maior confiança põe-se subitamente a favor de Riose? É para desconfiar, mais motivos para desconfiar. Não eram as ações individuais que eram de desconfiar. Alguma coisa mais teria de se fazer e por isso é que as nossas conspirações individuais foram desnecessárias e algum tanto inúteis. Foi o êxito de Riose que o tornou suspeito. Por isso foi destituído, acusado, condenado, assassinado. A Fundação voltou a

vencer. Porque, veja bem, não há uma combinação concebível de acontecimentos que não venha a resultar na salvação da Fundação. Era inevitável, por mais que Riose fizesse, por mais que nós fizéssemos.

O magnata da Fundação meneou gravemente a cabeça:

- Seja! Mas o que aconteceria se o Imperador e o general tivessem sido a mesma pessoa? Hein? O que aconteceria então? Isto é um caso que você não poderia investigar, pois que assim você não poderia provar os seus pontos de vista de modo algum.

Bar encolheu os ombros:

- Eu não posso provar coisa alguma. Não conheço matemática. Mas apelo para a sua razão. Em um Império em que todos são aristocratas, todos os homens fortes, todos os piratas podem aspirar ao Trono - e, como a história mostra, muitas vezes a seguir uns aos outros - o que é que acontecia sempre a um Imperador forte que se preocupasse pessoalmente com as guerras estrangeiras no ponto mais extremo da Galáxia? Quanto tempo podia ele permanecer longe da capital antes de alguém desfraldar as bandeiras da guerra civil e forçá-lo a sair pela porta fora? A formação social do Império não tardaria a expulsá-lo, decorrido bem pouco tempo. Disse uma vez a Riose que nem todas as forças do Império poderiam desviar a mão morta de Hari Seldon.

- Bom! Bom! - Forell estava expansivamente satisfeito. - Nesse caso você está insinuando que o Império nunca mais pode ameaçar.

- Assim me parece, de fato - anuiu Barr. - Francamente, Cleon não deve viver mais um ano e já deve estar começando a luta pela sucessão, o que é quase coisa natural, e isso pode querer dizer a última guerra civil do Império.

- Nesse caso - disse Forell - não há mais inimigos.

Barr mostrava-se pensativo.

- Há uma segunda Fundação.

- No outro extremo da Galáxia? Durante séculos, não.

Devers virou-se subitamente ao ouvir isto, e a sua face estava sombria quando fitou Forell:

- Talvez haja inimigos internos.

- Haverá? - perguntou Forell, friamente. - Quais, por exemplo?

- O povo, por exemplo, que se aumentar a riqueza, de ver concentrar-se

excessivamente fora das mãos daqueles que a produzem. E que se pode decidir a pôr fim a esta concentração. Compreende o que quero dizer?

Vagarosamente, o olhar de Devers desviou-se com desprezo e foi invadido por uma cólera provocada pelas palavras de Forell.

PARTE II – O MULO

NOIVA E NOIVO

O MULO. Ainda se sabe menos quanto ao "Mulo" do que a respeito de qualquer outra personagem de igual importância para a história galáctica. Não se sabe qual era o verdadeiro nome, o início de sua vida é mera conjectura. Mesmo o período de sua maior nomeada é principalmente conhecido através dos olhos dos seus antagonistas e, principalmente, através dos de uma jovem noiva...

Enciclopédia Galáctica

O primeiro espetáculo de Haven que Bayta observou foi inteiramente o contrário de espetacular. O marido mostrou-o lá fora - uma estrela escura perdida no meio do vácuo da extremidade da Galáxia. Tinham ultrapassado os últimos aglomerados esparsos, dirigindo-se para o lugar onde cintilavam solitariamente alguns pontos de luz extraviados. E tudo o que ali existia era pobre e obscuro.

Torã estava inteiramente consciente do fato e tornava-o como sendo o mais próximo prelúdio para a vida de casado, faltava à Ana Vermelha a capacidade de causar impressão e os seus lábios ondularam autoconscientemente:

- Eu sei, Bay... Não se trata exatamente de uma mudança oportuna, não é? Quero eu dizer, da Fundação para isto.

- Uma mudança horrível, Torã. Eu nunca devia ter casado com você. E quando sua face se mostrou momentaneamente sofredora, antes de ele ter virado a cara, ela acrescentou com o seu "agradável sotaque" especial:

- Muito bem, tolo. Agora veja se perde esse trejeito carrancudo dos lábios e concede-me aquele olhar especial de carneiro semimorto - igual ao que mostrava quando julgava que tinha a cabeça escondida no meu ombro, enquanto eu afagava seu cabelo cheio de eletricidade estática. Estava sempre descobrindo uma tolice qualquer, lembra-se? Esperava por mim para me dizer "Hei de ser feliz em qualquer parte com você, Bay" ou "Até os abismos interestelares podiam ser o meu lar, meu carinho, desde que você estivesse ao meu lado!" Suponho que se lembra disto.

Apontou-lhe um dedo e tirou-o depressa antes de levar uma dentada.

Ele respondeu:

- Se eu me render, e admitir que você tem razão, vai fazer o jantar?

Ela acenou que sim, com satisfação. E ele sorriu, e voltou a olhar para ela. Não era uma beleza de grau idêntico ao de muitas outras - ele admitia que assim fosse - mesmo se todo mundo olhasse para ela duas vezes. Tinha o cabelo escuro e brilhante, liso todavia, a boca era grande - mas as suas sobrancelhas meticulosas, de textura cerrada, separavam a testa branca e abaulada dos olhos quentes, de um tom de mogno, que estavam sempre sorridentes.

E atrás de uma fachada de prática, isenta de romantismos, resolutamente construída e constantemente defendida, que se mostrava dura perante a vida, exatamente a pequena poça de brandura que nunca se tornava evidente quando pressentia a existência da troça em alguém, mas que podia aparecer no caso de se encontrar perante alguém que a conhecesse perfeitamente - desde que esse alguém não mostrasse que estava interessado nela.

Torã ajustou desnecessariamente os comandos e decidiu distender-se. Houve um salto interestelar, e depois vários anos-luz na "reta" antes de qualquer movimento manual se tornar necessário. Inclinou-se sobre as costas do banco para olhar para dentro do paiol de mantimentos, onde Bayta ia fazendo prestidigitações com os recipientes apropriados.

Havia quase um laivo de vaidade na atitude que assumia para com Bayta. O temor satisfeito que marcava o triunfo de alguém que estivera pairando durante três anos nos limites de um complexo de inferioridade.

No fim de contas ele era um provinciano e não apenas um provinciano, mas ainda o filho de um comerciante renegado. E ela era oriunda da própria Fundação, e não apenas isso, pois podia seguir o rastro dos seus antepassados até Mallow.

E com tudo isto, sentia um pequeno tremor invadi-lo. Voltar para Haven, para o seu mundo de rochas e para as suas cidades-cavernas era bastante mau. Mas ter diante dele a hostilidade tradicional existente contra um comerciante na Fundação - reduzido a ser um nômade numa cidade residencial - era pior.

Todavia... depois de comer, o último salto!

Haven era uma chama raivosamente carmesim, e o segundo planeta era um pedaço de luz rubro como um arco dividindo a atmosfera iluminada da meia esfera de escuridão. Bayta deu uma olhadela para a larga mesa de visão com as suas linhas que se entrecruzavam formando uma teia de aranha que centrava nitidamente Haven II.

Disse gravemente:

- Gostaria de encontrar seu pai primeiro. Se ele decidir ser antipático comigo...

- Nesse caso - disse Torã de maneira prática - seria a primeira garota bonita que lhe inspiraria uma atitude dessas. Antes de ele ter perdido o braço e ser obrigado a deixar de andar à volta da Galáxia, ele. . . Bem, se lhe perguntar o que se passou, ele há de dizer-lhe tudo o que aconteceu naqueles anos em que nós estivemos metidos sob um penedo. Depois de certo tempo acabei por pensar que ele estava com fantasias, porque nunca contou a mesma história duas vezes da mesma maneira...

Haven II estava arremetendo ao seu encontro. O mar cercado rodava pesadamente por baixo deles, de um cinza-ardósia no meio da obscuridade e perdia-se de vista, aqui e além, por meio dos punhados de nuvens. Havia montanhas projetando-se esfarrapadamente ao longo da costa.

O mar tornou-se enrugado quando se aproximaram e como virassem para fora mudando de horizonte quase na parte final, avistaram um desvanecido vislumbre de praia com enormes campos de gelo.

Torã resmungou sob o efeito da violenta desaceleração:

- Fechou suas coisas?

A face rechonchuda de Bayta estava vermelha na espuma-de-esponja muito aderente, do traje de couro aquecido por dentro.

A nave baixou rangendo no campo aberto, bem no fundo do alto planalto. Eles elevaram-se desajeitadamente na plena escuridão da noite exterior galáctica, e Bayta arfou quando o frio aumentou, e o vento fraco redemoinhou vaziamente. Torã mediu o seu ângulo e tocou levemente com o cotovelo provocando uma desajeitada corrida sobre o terreno regular e compacto em direção à mancha faiscante de luz artificial que aparecia à distância.

A guarda avançada veio ao encontro deles a meio caminho, e depois de uma sussurrada troca de palavras, continuaram a avançar. O vento e o frio desapareceram quando o portão de rocha se abriu para depois se fechar atrás deles. O interior quente, branco com paredes luminosas, estava cheio de um zumbido alvoroçado e incoerente. Havia homens vigiando instalados às suas mesas, e Torã apresentou os seus documentos. Houve um aceno de mão para diante depois de uma rápida olhadela e Torã sussurrou à mulher:

- Papai deve ter legalizado as formalidades. O lapso de tempo que se

gasta normalmente aqui é de cinco horas.

Encaminharam-se para a abertura e Bayta disse repentinamente:

- Oh, meu...

A caverna da cidade estava iluminada pela luz do dia - a branca luz do dia de um sol novo. Não era que se tratasse de um sol, evidentemente. Aquilo que devia ser o céu estava perdido na vermelhidão desfocada de um brilho que tudo cobria. E o ar quente dispunha da densidade adequada e tinha um cheiro de folhagem.

Bayta observou:

- Isto aqui, Torã, é belo.

Torã sorriu com um ansioso deleite:

- Ora, Bay, decerto que não se parece com nenhuma das da Fundação, mas é a maior cidade de Haven II - vinte mil pessoas, sabe - e vai ver como gosta dela. Nenhum palácio de diversões, mas também nenhuma polícia secreta.

- Oh, Torie, é mesmo uma cidade de brinquedo. É toda branca e cor-de-rosa - e tão limpa.

- Bem... - Torã olhou para a cidade juntamente com ela. As casas tinham dois andares em sua maioria, eram feitas com a pedra da região cheia de veios regulares. As torres da Fundação estavam ausentes, e assim como a colossal harmonia de casas dos Velhos Reinos - mas havia ali a pequenez e a individualidade, uma relíquia da iniciativa pessoal numa Galáxia de vida de massas.

Ele disse de repente com súbita atenção:

- Bay... Ali vem papai! Ali... onde estou apontando, tola. Não o vê?

Ela o avistou. Era apenas a sugestão de um homem grande, acenando freneticamente, com os dedos todos esticados como se andasse às apalpadelas no ar. O estrondoso grito estava alcançando-os ali. Bayta arrastou o marido, movendo-se rapidamente por cima do relvado cuidadosamente aparado. Ela desviou os olhos para um homem pequeno, de cabelo branco, quase impossível de se ver atrás do robusto Maneta, que continuava a caminhar e a gritar.

Torã gritou por cima do ombro:

- É o meio-irmão de meu pai. Aquele que uma vez esteve na Fundação. Você já o conhece.

Eles meteram-se pelo relvado, rindo infantilmente, e o pai de Torã emitiu um grito final para consumar sua alegria. Segurou o casaco curto e apertou o cinto de metal gravado, o qual era uma concessão ao luxo. Os seus olhos saltaram de um jovem para outro, e disse logo após inalar um pouco de ar:

- Você escolheu um dia terrível para voltar para casa, rapaz!

- O que? Oh! é o dia do nascimento de Seldon, não é?

- É. Tive de alugar um carro para vir até aqui, e fui obrigado a trazer o feroz Randu para dirigi-lo. Não há um veículo público para ir seja onde for.

Tinha os olhos fitos em Bayta, e não a abandonava. Falou com ela mais suavemente:

- Tenho o seu cristal comigo e é bom, mas pode-se ver que é obra de um amador.

Tinha um pequeno cubo de transparência fora do bolso do casaco e, com a luz, a sorridente facezinha explodiu para uma vivida vida colorida com uma miniatura de Bayta.

- Essa aí? - disse Bayta. - Agora gostaria de saber porque é que Torã lhe teria mandado essa caricatura. Estou surpreendida porque se tenha dado ao trabalho de vir me esperar, senhor.

- O que é isso? Chame-me Fran. Não sou nada do que você está pensando. Por isso, penso que você pode tomar o meu braço, e eu a levo para o carro. Até agora não imaginara que o meu rapaz soubesse o que estivesse fazendo lá por cima. Parece-me que agora sou obrigado a mudar de opinião. Penso que deverei mudar de opinião.

Torã disse ao seu meio-tio, em voz baixa:

- O que andou fazendo o velhote? Andou atrás de mulheres?

Randu enrugou completamente a face quando olhou para cima e sorriu.

- Quando se pode, Torã, quando se pode. Às vezes, a gente se lembra que vai fazer sessenta, e isso desanima. Mas não tarda que comece a rir outra vez, esse grande diabo, e então volta a ser ele mesmo. É um comerciante à maneira antiga. Mas você, Torã. Onde foi descobrir uma mulher tão linda?

O rapaz riu entredentes e abanou os braços.

- Quer que lhe conte a história de três anos de uma vez, tio?

Foi no pequeno vestíbulo da casa que Bayta tirou sua capa de viagem e a

touca e abanou os cabelos soltos. Sentou-se, cruzou as pernas, e voltou à contemplação daquele homem grande e vermelho. Disse:

- Imagino que está fazendo contas e por isso vou ajudá-lo, idade, vinte e quatro, altura, um e sessenta e cinco, peso, cinqüenta e cinco, especialidade, história. - Ela constatou que ele mexia sempre o corpo como se quisesse ocultar que perdera um braço.

Fran inclinou-se ainda mais e disse:

- Já que você diz... peso exato, sessenta quilos.

Riu ruidosamente ao vê-la corar. Depois disse, dirigindo-se a todos em geral:

- Você pode dizer sempre o peso de uma mulher calculando pelos braços, com a devida experiência, claro. Você aceita uma bebida, Bay?

- Entre outras coisas - disse ela, e saíram os dois, enquanto Torã procurava diligentemente na estante de livros, à procura de novidades.

Fran regressou sozinho e disse:

- Ela já vem.

Deixou-se cair pesadamente numa ampla cadeira de canto e pôs a sua perna esquerda, de articulações rígidas, no tamborete que estava defronte dele. Voltara o riso à sua face vermelha, e Torã virou o rosto para ele.

Fran disse:

- Bem, está em casa, rapaz, e estou satisfeito com isso. Gosto de sua mulher. Não é uma pateta chorona.

- Eu casei com ela - observou simplesmente Torã.

- Bem, isso já é uma coisa completamente diferente, rapaz. - Tinha os olhos cheios de sombras. - Hipotecar o futuro é uma maneira tonta de agir. Na minha longa vida, e com mais experiência, nunca fiz semelhante coisa.

Randu interrompeu-o do canto onde estava tranqüilamente de pé:

- Ora, Franssart, que comparações está fazendo? Desde que se arrebentou no desastre, seis anos atrás,nunca esteve o tempo suficiente num lugar para poder requerer casamento. E a partir de então, quem ia te querer?

O maneta endireitou-se na cadeira e replicou violentamente:

- Muitas, meu velho caduco cheio de neve...

Torã observou com rápida diplomacia:

- Trata-se literalmente de uma formalidade legal, papai. A situação tem os seus convenientes.

- Muito maiores para a mulher - resmungou Fran.

- E se assim é - argüiu Randu - o rapaz é que deve decidir. O casamento é um hábito antigo entre os Fundadores.

- Os Fundadores não são os modelos indicados para serem imitados por um comerciante honesto - trovejou Fran.

Torã voltou a interrompê-lo:

- Minha mulher é Fundadora. - Olhou para um e para o outro, e depois acrescentou tranqüilamente: - Ela vem vindo.

A conversa assumiu um tom de generalidades depois da refeição da tarde, que Fran temperara com três histórias de reminiscências formadas em partes iguais de sangue, mulheres, lucros e fantasia. O pequeno televisor estava ligado, no qual estava sendo exibido, num sussurro, um drama clássico qualquer, a que ninguém dava importância. Randu colocara-se numa posição mais confortável no assento baixo e via subir a fumaça lenta do seu comprido cachimbo, enquanto Bayta se ajoelhara em cima da macieza da pele branca da almofada, pele que ali fora ter há muito tempo no regresso de uma missão comercial, e agora se expunha apenas em ocasiões de muita cerimônia.

- Você estudou história, minha pequena? - perguntou ele, meigamente. Bayta acenou que sim com a cabeça:

- Fui o desespero dos meus professores, mas por acaso aprendi um pouco.

- Com distinção - observou Torã, muito satisfeito - só isso!

- E que vai fazer com o que aprendeu? - perguntou Randu, suavemente.

- Do que aprendi? Agora? Aplicá-lo.

O velhote sorriu delicadamente:

- Bem, nesse caso, o que é que você pensa da situação galáctica?

- Penso - respondeu Bayta de maneira concisa - que está prestes a verificar-se uma crise de Seldon... e que ela não se apresenta inteiramente de acordo com o plano de Seldon. É uma ruptura.

- Hum - resmungou Fran, do seu canto. - Que maneira de falar de Seldon. - Mas não voltou a dizer mais nada em voz alta. Randu mordeu o cachimbo especulativamente:

- É mesmo? Por que é que diz isso? Eu fui pela Fundação, sabe, nos meus tenros anos, e também me pus uma vez a meditar grandes pensamentos dramáticos. Mas, agora, por que é que é que você diz isso?

- Bem - os olhos de Bayta enevoaram-se com pensamentos quando torceu a ponta dos seus sapatos simples na branca macieza da manta de viagem e aninhou o seu pequeno queixo numa mão roliça - parece-me que o objetivo total do plano Seldon era criar um mundo melhor do que aquele que foi o do Império Galáctico. Esse mundo estava decaindo irremediavelmente, há uns três séculos atrás, quando Seldon estabeleceu a Fundação pela primeira vez, e, se a história diz a verdade, estava decaindo em conseqüência de uma tripla doença de inércia, despotismo e má distribuição dos bens do Universo.

Randu meneou a cabeça vagarosamente, enquanto Torã fitava a mulher com olhos envaidecidos e brilhantes, e Fran, no seu canto, ia estalando a língua nos dentes, ao mesmo tempo que enchia cuidadosamente o seu copo.

Bayta prosseguiu:

- Se a história de Seldon for verdadeira, ele previa o colapso total do Império através de suas leis de psicohistória, e foi capaz de prever os necessários trinta mil anos de barbárie antes do estabelecimento de um novo Segundo Império para devolver à humanidade a civilização e a cultura. O objetivo final da sua vida de trabalho era estabelecer condições tais que pudessem assegurar um rejuvenescimento muito rápido da humanidade.

A voz profunda de Fran voltou a irromper:

- E foi por isso que ele estabeleceu as duas Fundações, honra seja feita ao seu nome.

- E foi por isso que ele estabeleceu as duas Fundações - concordou Bayta. - A nossa Fundação foi uma concentração de cientistas do Império moribundo com vista a continuar no caminho da ciência e conduzir o homem para novas alturas. E a Fundação foi por isso situada no espaço e o meio histórico era aquele que, através de cuidadosos cálculos do seu gênio, Seldon previra para dentro de um milhar de anos dar nascença a um novo e grande Império.

A moça disse brandamente:

- Trata-se de uma antiga história. Todos vocês a conhecem. Durante quase três séculos todos os seres humanos da Fundação a conheceram. Mas pensei que seria apropriada para fazer uma evocação... muito rápida. Hoje ê o aniversário do nascimento de Seldon, sabe, e mesmo sendo eu da Fundação, e vocês de Haven, temos isto em comum...

Acendeu vagarosamente um cigarro, e olhou para ele de maneira ausente:

- As leis da história são tão absolutas como as leis da física, e se as probabilidades de erro são grandes, é apenas porque a história não lida com tantos problemas humanos como a física faz átomos, sendo que se torna necessário considerar ainda variações individuais. Seldon predisse uma série de crises durante os mil anos de crescimento, cada uma das quais forçaria a uma nova mudança da nossa história para um caminho pré-calculado. São estas crises que nos dirigem - e portanto devemos agora estar enfrentando uma crise.

- Agora! - repetiu ela, com vigor. - Já se passou quase um século desde que se verificou a última e, neste século, cada um dos vícios do Império está sendo repetido na Fundação. Inércia! A nossa classe dirigente só conhece uma lei, nada de mudança. Despotismo! Só conhecem uma regra, a força. Má distribuição! Só conhecem um desejo, defender os seus bens.

- Enquanto outros morrem de fome! - rugiu Fran subitamente com uma poderosa pancada do punho no braço da cadeira. - Moça, as suas palavras são pérolas. As tripas gordurosas dos seus comilões arruínam a Fundação, enquanto os bravos comerciantes escondem sua pobreza nas escórias de mundos como Haven. É uma desgraça para Seldon, um pedaço de lama na sua cara, uma imundície na sua barba. - Levantou o seu braço ao alto, e então a sua face alongou-se. - Se eu tivesse o braço que me falta! Se, ao menos uma vez, eles me tivessem ouvido!

- Papai - disse Torã - falar é fácil.

- Falar é fácil. Falar é fácil - o pai imitou-o rudemente. - Podemos viver aqui e morrer aqui para sempre e você o disse, falar é fácil.

- Este é o nosso moderno Lathan Devers - disse Randu, fazendo gestos com o cachimbo - este nosso Fran. Devers morreu nas minas de escravos há uns oitenta anos atrás em companhia do seu bisavô paterno, porque lhe faltava sabedoria e lhe sobrava coragem.. .

- Pois, pela Galáxia, eu teria feito o mesmo se lá estivesse. - praguejou Fran. - Devers foi o maior comerciante da história - maior do que o impostor

tagarela, Mallow, o adorado fundador. Se o corta-goelas, que era governador da Fundação, o matou porque ele amava a justiça, é maior a dívida de sangue que temos para com ele.

- Vamos em frente, moça - disse Randu. Vamos em frente, ou então, pela certa, ele põe-se a falar toda a noite e delira até amanhã.

- Não há mais nada para dizer - replicou ela melancolicamente. - Deve verificar-se uma crise, mas não sei como é que ela se manifestará. As forças progressivas da Fundação estão terrivelmente oprimidas. Vocês, os comerciantes, podem ter vontade, mas estão perseguidos e desunidos. Se todas as forças de boa vontade dentro e fora da Fundação se pudessem unir...

O riso de Fran foi um grito rouco:

- Ouça o que ela diz, Randu, ouça o que ela diz. Dentro e fora da Fundação, é o que ela está dizendo. Moça, moça, não há esperança nesses frouxos da Fundação. No meio deles há alguns que mantêm a vontade e o resto está vencido, vencido e morto. Não há suficiente coragem nesse mundo totalmente podre para salvar a honra de um bom comerciante.

Bayta esforçou-se por protestar fracamente contra o vento que tudo submergia. Torã levantou-se e tapou-lhe a boca com a mão.

- Papai - disse ele, friamente - você nunca esteve na Fundação. Não sabe nada a respeito dela. Eu lhe digo que o subterrâneo ali é corajoso e tem atrevimento bastante. Posso dizer-lhe que Bayta é um daqueles que...

- Muito bem, rapaz, não quis ofender. Mas, por qual razão se zangaram?

- Estava verdadeiramente perturbado. Torã prosseguiu ardorosamente:

- O que o perturba, papai, é que você tem uma perspectiva provinciana das coisas. Você pensa que porque algumas centenas de milhares de comerciantes fugiram para cavernas num planeta inútil no fim de parte alguma, eles são um grande povo. Decerto, se algum cobrador de impostos da Fundação ali aparece jamais volta a aparecer, porém isso é um heroísmo barato. O que é que você faria se a Fundação mandasse uma esquadra?

- Nós a desintegraríamos - disse Fran, secamente.

- E ser desintegrados - com a balança a seu favor. Vocês não sabem quantos são, não têm armas, estão desorganizados e quando a Fundação medita no valor que vocês têm, compreende logo isto. Por isso você agiria melhor se procurasse os seus aliados na própria Fundação, se fosse capaz.

- Randu - disse Fran, olhando para o irmão como um grande touro impotente.

Randu tirou o cachimbo dos lábios.

- O rapaz tem razão, Fran. Quando você ouve os pequenos pensamentos profundos que há dentro de você, sabe que ele tem razão. Mas trata-se de pensamentos pouco confortáveis, e por isso você quer afogá-los com esse trovejar por cima de nós. Eles permanecem apesar disso. Torã, vou-lhe dizer o que é que deduzo de tudo o que se tem dito até então.

Lançou pensativamente uma baforada por um instante, depois do que mergulhou o cachimbo no cinzeiro, esperando pelo silencioso relâmpago, e tirou-o limpo. Lentamente, encheu-o outra vez com pancadas precisas do dedo mindinho.

Começou:

- Sua sugestão a respeito do interesse que a Fundação manifesta por nós, Torã, é um ponto importante. Houve duas recentes visitas ultimamente para cobranças de impostos. O ponto inquietante é que o segundo visitante apareceu acompanhado por uma nave de patrulha. Desembarcaram na Cidade de Gleiar, impedindo-nos de fazer qualquer mudança, e eles nunca mais dali saíram, naturalmente. Agora eles certamente irão embora. Seu pai está ciente de tudo isto, Torã, realmente está a par de tudo. Olhe para este teimoso vadio do inferno. Ele sabe que Haven está em dificuldades e sabe que estamos impotentes, contudo vai repetindo suas fórmulas. Acarinha-as e defende-as. Mas uma vez que ele disse tudo isto, e desabafou o seu desafio, sente que confessou sua obediência como um homem e um Comerciante Touro, porque ele é tão razoável como qualquer de nós.

- De quem é que se trata? - perguntou Bayta. Ele sorriu-lhe.

- Formamos um pequeno grupo, Bayta, apenas na nossa cidade. Ainda não fizemos nada, por enquanto. Ainda não procuramos estabelecer contato com outras cidades, porém é um princípio.

- Mas para que?

Randu abanou a cabeça.

- Não sabemos, de momento. Esperamos um milagre. Decidimos que, como você disse, devia estar para ocorrer uma crise de Seldon. - Gesticulou amplamente para o alto. - A Galáxia está cheia de resíduos e detritos do Império destruído. Os generais enxameiam. Você calcula o tempo que pode ser

necessário para um audacioso?

Bayta meditou, e depois meneou a cabeça decididamente, pelo que os longos cabeços lisos, com simples anéis interiores, agitaram-se em torno das orelhas.

- Não, não há possibilidade. Não há nenhum desses generais que não diga que um ataque à Fundação é um suicídio. Bel Riose, do velho Império, foi um homem superior a qualquer deles e atacou com os recursos de uma galáxia, e não venceu porque enfrentava o Plano Seldon. Há algum general que não saiba isto?

- Mas que tal se nós os incitássemos?

- E para onde? Para uma fornalha atômica? E qual é a possibilidade que você vê de incitá-los?

- Bem, há uma... nova. Há um ou dois anos, comecei a ouvir falar de um homem esquisito a quem davam o nome de Mulo.

- O Mulo? - pensou. - Já ouviu falar dele, Torie?

Torã meneou a cabeça. Ela perguntou:

- O que há a respeito dele?

- Não sei. Mas ele conseguiu vitórias, ao que dizem, com disparidades impossíveis. Pode ser que os boatos sejam exagerados, mas seria interessante, fosse como fosse, estabelecer contato com ele. Provavelmente nenhum homem, com habilidade suficiente e suficiente ambição, se resolve acreditar em Hari Seldon e nas suas leis de psicohistória. Nós podíamos encorajar esta incredulidade. Ele podia atacar.

- E a Fundação vencerá.

- Decerto, mas não necessariamente logo a seguir. Podia ser uma crise e nós podíamos tirar vantagem de tal crise para forçar um compromisso com os déspotas da Fundação. No caso de suceder o pior, eles nos esqueceriam durante o tempo suficiente para nos habilitar a levar o plano mais adiante.

- O que é que pensa disto, Torie?

Torã sorriu francamente e puxou por uma madeixa castanha que estava solta por cima de um olho.

- Aquilo que ele está sugerindo não nos pode ser prejudicial, mas quem é o Mulo? O que é que você sabe a seu respeito, Randu?

- Nada, por enquanto. Por isso podemos servir-nos de você, Torã, e de sua mulher, se ela o desejar. Falamos muitas vezes nisto, eu e o seu pai. Falamos disto vezes sem conta.

- Em que sentido, Randu? O que é que você pensa fazer conosco? - O jovem lançou um rápido olhar interrogativo à mulher.

- Vocês já tiveram lua-de-mel?

- Bem... sim... se podemos chamar à viagem da Fundação uma lua-de-mel.

- Vocês não achariam melhor passar a lua-de-mel em Kalgan? É semitropical - praias, desportos aquáticos, aves de caça - o lugar indicado para umas férias tranqüilas. Está a vinte e um mil anos-luz daqui... não é muito longe.

- Quem é que está em Kalgan?

- O Mulo! Os seus homens, pelo menos. Ocupou-o no mês passado, e sem uma batalha, embora o Condestável de Kalgan tivesse difundido uma ameaça de reduzir o planeta a pó iônico antes de abandoná-lo.

- Onde é que está agora o Condestável?

- Não se sabe - disse Randu, com um encolher de ombros. - O que é que você diz?

- O que é que nós vamos fazer?

- Não sei. Eu e Fran estamos velhos, somos provincianos. Os comerciantes de Haven são essencialmente provincianos. Exatamente como você disse. O nosso comércio é muito restrito, e não vagueamos pela Galáxia como fizeram os nossos antepassados. Cale-se, Fran! Contudo vocês dois conhecem a Galáxia. Bayta, especialmente, fala com um belo sotaque da Fundação. Nós apenas desejamos que vocês acabem por descobri-lo. Se vocês pudessem estabelecer contato... mas não nos atrevemos a esperar tanto. Suponhamos que vocês dois pensassem no caso. Vocês podiam encontrar-se com o nosso grupo todo se assim o desejassem... oh, não antes da próxima semana. Vocês precisam de algum tempo para tomar fôlego.

Houve uma pausa e nessa altura Fran trovejou:

- Quem é que deseja mais bebida? Quero dizer, depois de mim?

O CAPITÃO E O PREFEITO CIVIL

O capitão Han Pritcher não estava acostumado ao luxo daquilo que o cercava e também não estava nada impressionado. Como atitude geral, desencorajava as auto-analises e todas as formas de filosofia e metafísica não diretamente aliadas ao seu trabalho.

O seu trabalho consistia largamente naquilo que o Departamento de Guerra chamava "informação", os sofisticados "espionagem", e os romancistas, "material para aventuras de espiões". E, desgraçadamente, a despeito das frívolas tagarelices dos televisores, "informação", "espionagem" e "material para aventuras de espiões", é nos melhores dos casos um trabalho sórdido de rotina enganadora e de pouca fidelidade. É desculpado pela sociedade desde que feito no "interesse do Estado", mas do ponto de vista de sua filosofia pessoal parecia que o capitão Han Pritcher chegava sempre à conclusão de que, mesmo neste âmbito de puro interesse, a sociedade se acomodava muito mais facilmente do que a sua própria consciência e por isso desencorajava-o a especulação filosófica.

E agora, no luxo da antecâmara do governador civil, os seus pensamentos giravam interiormente em volta dele mesmo.

Os homens tinham ido passando sucessivamente por cima dele, sendo continuamente promovidos, embora demonstrassem menor habilidade, o que era notoriamente admitido. Resistira a uma chuva de notas agressivas e reprimendas oficiais e sobrevivia. E prosseguiria teimosamente no seu próprio caminho, apoiado na firme crença de que a insubordinação naquele mesmo santo "interesse do Estado" devia ser reconhecida pelo valor do serviço que prestava.

Por isso ali estava na antecâmara do Prefeito civil - com cinco soldados a lhe fazerem uma respeitosa guarda, e provavelmente com corte marcial à espera.

As pesadas portas de mármore abriram-se vagarosamente, silenciosa¬mente, revelando paredes forradas com cetim, carpete de plástico vermelho, e mais duas portas de mármore embutidas de metal. Dois funcionários com trajes perfeitos de há três séculos atrás, avançaram e anunciaram:

- Audiência para o capitão Han Pritcher, da Informação.

Deram um passo atrás com uma saudação cerimoniosa quando o capitão se adiantou. Sua escolta deteve-se fora da porta, e ele entrou sozinho.

Do outro lado da porta, havia um grande aposento estranhamente simples, atrás de uma grande mesa estranhamente angulosa estava sentado um homem, quase perdido naquela imensidão.

O Prefeito civil Indbur - o terceiro que tinha sucessivamente este nome - era o neto do primeiro Indbur, que se mostrara brutal e capaz, e que exibira a primeira qualidade de maneira espetacular devido à sua maneira de se aproveitar do poder, e o último pela habilidade com que pusera fim aos últimos remanescentes das eleições livres e ainda pela enorme habilidade com que mantinha autoridade relativamente pacífica.

O Prefeito civil era também filho do segundo Indbur, o qual fora o primeiro Prefeito civil da Fundação que sucedera no seu posto por direito de nascimento - e que só era meio parecido com o pai, pois se limitava a ser apenas brutal.

Por isso o Prefeito civil Indbur era o terceiro do nome e o segundo a suceder por direito de nascimento, e era o mais insignificante dos três, pois que não era nem brutal nem capaz - apenas um excelente guarda-livros que nascera em lugar errado.

Indbur Terceiro era uma combinação peculiar de características sintéticas de todo mundo, exceto dele próprio. Para ele, um pomposo amor pelo arranjo geométrico era "sistema", um infatigável e febril interesse pelas minúsculas coisas da burocracia do dia a dia era "diligência", indecisão quando honesta era "cautela", e cega obsti¬nação quando forte, "decisão".

Além disso, tudo ele não desperdiçava o dinheiro, não matava homens desnecessariamente, e pensava extremamente bem.

Se as tristes reflexões do capitão Pritcher iam seguindo por aquelas linhas enquanto permanecia respeitosamente no seu lugar diante da ampla mesa, o grosseiro arranjo das suas feições restituía-o não sem perspicácia ao domínio dos acontecimentos. Ele nem tossia, movendo-se com leveza, nem arrastava os pés até que a face magra do Prefeito civil se levantou vagarosamente quando o seu ocupado buril terminou a tarefa de fazer anotações marginais, em uma folha de papel, impressas em linhas muito apertadas, foi retirado de uma pilha muito direita e colocada em cima de outra pilha também muito direita.

O Prefeito civil Indbur entrelaçou as mãos cuidadosamente diante dele, abstendo-se deliberadamente de perturbar o cuidadoso arranjo dos acessórios colocados em cima da mesa. E disse, como identificação:

- Capitão Han Pritcher, da Informação.

E o capitão Pritcher, em estrita obediência ao protocolo, dobrou um joelho quase até o chão e inclinou a cabeça até ouvir as palavras de "à vontade."

- Levante-se, capitão Pritcher!

O Prefeito civil disse com um ar de cálida simpatia:

- Você está aqui, capitão Pritcher, por causa de determinadas ações disciplinares tomadas contra o senhor pelo seu oficial superior. Os papéis referentes a essa decisão chegaram aqui, no habitual decurso dos acontecimentos, para eu tomar conhecimento, e como não há problema na Fundação que não tenha interesse para mim, decidi incomodar-me a pedir informações adicionais a respeito do seu caso. Espero que você não esteja surpreso.

O capitão Pritcher disse, sem qualquer emoção:

- Não, Excelência. Sua justiça é proverbial.

- Ah sim? Ah sim? - Havia agrado no seu tom, e as lentes coloridas de contato que usava refletiam a luz de uma forma que dava uma cintilação austera, seca aos seus olhos. Meticulosamente puxou para fora uma série de fichas encadernadas a metal colocando-as diante dele. As folhas de pergaminho estalavam duramente à medida que ele as ia passando, obedecendo os seus longos dedos a um desígnio, enquanto ia falando. - Tenho aqui sua folha de serviço completa, capitão. Você tem quarenta e três anos e está prestando serviço como oficial das Forças Armadas há dezessete anos. Nasceu em Loris, de pais anacreonianos, não teve doenças infantis graves, um ataque de mio... bem, isto não tem importância... educação, pré-militar na Academia de Ciências, especialidade, hiper-motores, grau acadêmico... hum, hum, muito tom, você foi louvado... entrou no Exército como suboficial no centésimo segundo dia do ano 293 da Era Fundacional.

Piscou os olhos momentaneamente enquanto fechava o primeiro livro, e abria o segundo.

- Bem vê - disse ele - na minha administração, nada é entregue ao acaso. Ordem! Sistema!

Tirou dos lábios um glóbulo de geléia cor-de-rosa e perfumado. Era hábito, e encontrava nele satisfação. Testemunha desse fato era faltar na mesa do Prefeito o quase inevitável relâmpago-atômico para a eliminação do tabaco apagado. O Prefeito não fumava. Não, e da mesma maneira, os seus visitantes.

A voz do Prefeito civil zumbiu, metodicamente, moduladamente,

resmungadamente entremeando-lhe aqui e além comentários sussurrados de igual suavidade e do mesmo insípido louvor ou reprovação.

Vagarosamente, voltou a colocar as folhas na sua pilha original.

- Bem, capitão - disse ele, animadamente - sua folha de serviço é pouco comum. Sua habilidade é fora de série, bem se vê, e os seus serviços são preciosos, estando além de qualquer discussão. Noto que você foi duas vezes ferido no cumprimento do dever, que foi condecorado com a Ordem de Mérito por bravura que ultrapassou o que lhe era exigido pelo dever. Trata-se de fatos que não podem ser minimizados, seja por quem for.

A expressão vazia do rosto do capitão Pritcher mantinha-se cortês. Continuava rigidamente reto. O protocolo exigia que uma pessoa honrada, em audiência com o Prefeito civil, não se sentasse - um ponto talvez desnecessariamente reforçado pelo fato de a única cadeira existente no aposento ser aquela em que se sentava o Prefeito. O protocolo recomendava, entre outras coisas, que nunca se respondesse senão a perguntas formuladas diretamente.

Os olhos do Prefeito civil sondaram meticulosamente o soldado e sua voz tornou-se irada e pesada:

- Contudo, você não foi promovido nos dez últimos anos, e o relatório do seu superior volta a insistir reiteradamente na inflexível teimosia de seu caráter. Você é apresentado como um insubordinado crônico, incapaz de manter uma atitude correta para com os seus superiores oficiais, aparentemente desinteressado em manter relações de amizade com seus colegas e, ainda por cima, um grande forjador de encrencas. O que é que você tem a dizer de tudo isto, capitão?

- Excelência, parece-me estar de acordo comigo próprio. Minhas proezas a favor do Estado e os ferimentos que recebi testemunham que isto que me parece correto a mim é também feito no interesse do Estado.

- Uma declaração de perfeito soldado, capitão, porém uma perigosa doutrina. Mais do que isso, ainda. Especificamente, você é acusado de ter recusado, por três vezes, a realizar uma missão, mesmo perante ordens assinadas pelos meus delegados legais. O que é que você tem a dizer sobre isso?

- Excelência, a missão denunciava uma falta de estudo das circunstâncias, pois que se ignoravam problemas de primordial importância.

- Ah, e quem foi que lhe disse que os problemas de que você fala são realmente de capital importância, e no caso de o serem, quem lhe disse que eles

eram desconhecidos pela ordem que lhe deram?

- Excelência, estas coisas são bastante evidentes para mim. Minha experiência e meu conhecimento dos acontecimentos - e os meus superiores não negam o valor de nenhum deles - tornam as coisas claras.

- Mas, meu excelente capitão, você não vê que está se mostrando arrogante quando decide determinar pessoalmente o caminho da Polícia de Informação, e que ultrapassa os direitos do seu superior?

- Excelência, os meus deveres são inicialmente para com o Estado, e não para com meu superior.

- Isso é ardiloso visto que o seu superior também tem o seu superior, e que esse superior sou eu, e eu sou o Estado. Mas vamos adiante, você não terá com que se queixar da minha justiça que disse há pouco ser proverbial. Evidencia-se nas suas próprias palavras a natureza da ruptura da disciplina que o conduzia a isto.

- Excelência, o meu dever é, primeiramente, para com o Estado e não me obriga a levar a vida de um marinheiro comercial reformado no mundo de Kalgan. As minhas instruções eram para dirigir a atividade da Fundação no planeta, aperfeiçoar uma organização para agir como resistência contra o Condestável de Kalgan, particularmente no que se referia à sua política estrangeira.

- Sei isso muito bem. Continue!

- Excelência, os meus relatórios acentuaram continuamente as posições estratégicas de Kalgan e dos sistemas que ele controla. Relatei as ambições do Condestável, os seus recursos, a sua determinação de estender o seu domínio e a sua essencial amizade - ou, talvez, neutralidade - em relação à Fundação.

- Li os seus relatórios cuidadosamente. Continue!

- Excelência, regressei há dois meses atrás. Durante este período, não houve indício de guerra iminente, não se verificou qualquer indício a não ser uma excessiva boa vontade de aproveitar qualquer hipótese de ataque que se possa conceber. Há um mês atrás, um desconhecido soldado de fortuna apoderou-se de Kalgan sem combate. O homem que foi antigamente Condestável de Kalgan há muito tempo que deixou aparentemente de viver. Os homens não falam em traição, falam apenas na força e no gênio deste estranho líder, desse Mulo.

- O que é que disse? - O Prefeito inclinou-se para diante, e fitou-o,

ofendido.

- Excelência, é conhecido por Mulo. Pouco se fala dele, num sentido real, mas eu tenho apanhado os fios e os fragmentos do que se diz a seu respeito e separei aqueles que apresentam maiores probabilidades de verdade. Trata-se, aparentemente, de um homem vulgar de nascimento e sem representação social. O pai é desconhecido. A mãe morreu quando ele era criança. A sua instrução, a de um plebeu. Sua educação, a do mundo dos vadios, e a das zonas marginais do espaço. O único nome que tem é o de Mulo, um nome que, segundo me informaram, ele se deu a si próprio, e significando por explicação popular, a sua imensa força física, e a teimosia dos seus objetivos.

- Qual é a força militar, capitão? Não me importa o seu físico.

- Excelência, os homens falam em esquadras enormes, mas nisto podem estar influenciados pela estranha queda de Kalgan. O território que ele controla não é extenso, embora não se possam definir com exatidão os limites que realmente ocupa. Apesar de tudo, este homem deve ser investigado.

- Hum-m-m. Claro! Claro! - O Prefeito caiu num devaneio, e vagarosamente com vinte e quatro golpes do seu buril riscou seis retângulos de forma hexagonal em cima da folha branca de um bloco de papel, que rasgou, dobrando-a cuidadosamente em três partes, para depois colocá-la na vasta fenda. Ali verificou-se uma rápida e silenciosa desintegração atômica..

- Diga-me agora, capitão, qual é a alternativa que encara? Você me disse que isto "deve" ser investigado. Não foi uma ordem de investigar que lhe deram?

- Excelência, há regiões esquecidas no espaço, e parece que elas nunca pagaram os impostos.

- Ah, é por aí que se vai? Você não sabe, e não tem ouvido dizer que estes homens que não pagam os impostos, são descendentes dos fantásticos comerciantes das eras primitivas da nossa história, anarquistas, rebeldes, maníacos sociais que reivindicam sua descendência de antepassados da Fundação e escarnecem da cultura da Fundação? Você não sabe, e nunca ouviu dizer, que essas regiões esquecidas do espaço são em muito maior número do que você julga, que essas regiões conspiram conjuntamente, umas com as outras, e com todos os elementos criminosos que ainda existem em todo o território da Fundação? Você não ouviu dizer, capitão?

O momentâneo arrebatamento do Prefeito desfez-se rapidamente:

- Excelência, tenho ouvido falar de tudo isso. Mas como servidor do

Estado, devo servi-lo fielmente e serve mais fielmente quem serve a Verdade. Por maiores que sejam as implicações políticas dessa ralé dos antigos comerciantes - o Condestável que herdou os destroços do velho Império tem o poder. Os comerciantes não têm nem armas nem recursos. Não têm unidade. Não sou um cobrador de impostos para receber ordens como um rapaz de recados.

- Capitão Pritcher, você é um soldado, e confia nas armas. É uma fraqueza que não deve ser confessada até o ponto em que envolve obediência para comigo. Tome cuidado. Minha justiça não é simplesmente fraqueza. Capitão, já se provou que os generais da Idade Imperial e os guerreiros da idade atual são igualmente impotentes contra nós. A ciência de Seldon que prediz o caminho da Fundação baseia-se, não num heroísmo individual, como você entende, mas nas orientações sociais e econômicas da história. Nós já passamos sucessivamente por quatro crises, não é verdade?

- Excelência, é certo que passamos. Por ora a ciência de Seldon só é conhecida pelo próprio Seldon. Nós mesmos temos apenas fé. Nas três primeiras crises, como me têm cuidadosamente ensinado, a Fundação foi comandada por líderes sensatos que previram a natureza das crises e tomaram as devidas precauções. De outra maneira, que se pode dizer?

- É assim mesmo, capitão, mas você está omitindo a quarta crise. Ora, vamos, capitão, nós não tínhamos líder digno desse nome naquela época e enfrentamos o hábil adversário, as pesadas armas, a poderosa força de todos eles. Todavia ganhamos graças à inevitabilidade da história.

- Excelência, isso é verdade. Mas a história que menciona tornou-se inevitável só depois de termos combatido desesperadamente durante mais de um ano. A nossa inevitável vitória custou-nos meio milhar de barcos e meio milhão de homens. Excelência, o plano de Seldon ajuda aqueles que se ajudam.

O Prefeito civil franziu os sobrolhos e foi subitamente arrancado de sua paciente exposição. Ocorreu-lhe que havia um ardil na condescendência, visto que o capitão estava enganado se julgava autorizado a argüir eternamente para inchar de satisfação, para chafurdar na dialética.

Disse asperamente:

- Não obstante, capitão, Seldon garantiu a vitória sobre os guerreiros e nós não devemos, nestes tempos tão ocupados, favorecer uma dispersão de esforços. Esses comerciantes que você diz são descendentes da Fundação. Uma guerra com eles seria uma guerra civil. O plano de Seldon não faz distinções entre eles e nós, pois que eles e nós somos a Fundação. Por isso eles devem ser

convencidos a unirem-se a nós. Saia e aguarde as nossas ordens.

- Excelência...

- Não lhe fiz nenhuma pergunta a que deva responder, capitão. Você vai aguardar as nossas ordens. Você deve obedecer a essas ordens. Qualquer argumento que acrescente, quer se dirija a mim quer àqueles que me representam, será considerado traição. Está desculpado, por agora.

O capitão Han Pritcher voltou a ajoelhar, depois do que se retirou com passos macios e vagarosos.

O Prefeito Indbur, terceiro de nome, e o segundo Prefeito civil da história da Fundação a receber o seu cargo por linha hereditária, recuperou o equilíbrio, e tirou mais outra folha de papel da pilha bem arrumada que estava à sua esquerda. Era um relatório a respeito dos fundos públicos poupados devido à redução da quantidade de espuma de metal eliminada nos uniformes da força policial. O Prefeito Indbur cortou uma vírgula supérflua, corrigiu uma palavra mal escrita, escreveu três anotações marginais, e colocou-a em cima da pilha bem alinhada da direita. Tirou outra folha de papel da pilha que estava à esquerda...

O capitão Han Pritcher da Informação encontrou uma Cápsula Pessoal à sua espera quando voltou para o quartel. Continha ordens, sublinhadas rigidamente a vermelho com a palavra "urgente" impressa por cima, e toda coberta com a maiúscula precisa "I".

O capitão Pritcher recebia ordens para se dirigir ao "mundo rebelde chamado Haven", em termos muito severos.

O capitão Han Pritcher, sozinho no seu rápido carro aéreo de um lugar, pôs-se silenciosa e calmamente a caminho de Kalgan. Dormiu nessa noite o sono de um homem afortunadamente cabeçudo.

O TENENTE E O PALHAÇO

Se, comentada a uma distância de vinte e um mil anos luz, a queda de Kalgan diante dos exércitos do Mulo produzira reflexos que tinham excitado a curiosidade de um velho comerciante, a apreensão de um capitão teimoso, e o aborrecimento de um Prefeito civil meticuloso - para aqueles que estavam pessoalmente em Kalgan, nada produziu e não excitou ninguém. Há uma invariável lição para a humanidade no fato de a distância no tempo, assim como no espaço, criar lendas. Deve lembrar-se, de passagem, que a lição tem sido permanentemente esquecida.

Kalgan era Kalgan. E era o único mundo neste quadrante da Galáxia que parecia não saber que o Império sucumbira, que os Stannels já não governavam havia muito tempo, que a grandeza desaparecera, e a paz também desaparecera.

Kalgan era o mundo do luxo. Com a estrutura do gênero humano a oscilar, mantinha a sua integridade como forjador de prazer, comprador de ouro e vendedor de lazer. Escapou às desagradáveis vicissitudes da história, porque nenhum conquistador destruiria, ou pelo menos prejudicaria, seriamente um mundo repleto de belicismo para comprar a sua imunidade.

Contudo até Kalgan tinha finalmente instalado o quartel-general de um condestável e as suas meiguices tinham sido temperadas pelas exigências da guerra.

Eles desbravavam matagais, modelavam praias suaves, e as suas cidades brilhantemente fascinantes repercutiam na fronteira ocupada por mercenários importados e comoviam os cidadãos. Os mundos da sua província tinham sido armados e o seu dinheiro investido em naves de combate ao invés de em subornos, pela primeira vez na sua história. O seu Prefeito provava, sem qualquer dúvida, que estava determinado a defender o que era seu e ávido de se apoderar do que era dos outros.

Era um dos grandes da Galáxia, um forjador de guerra e de paz, um construtor de Impérios, um fundador de dinastias. E tratava-se de um desconhecido, com uma alcunha ridícula que pegara, e aos seus exércitos, e ao seu Império crescente e não travara ainda uma única batalha.

Por isso Kalgan estava como anteriormente, e os seus cidadãos padronizados apressavam-se a regressar à sua antiga vida, enquanto os estrangeiros profissionais da guerra se fundiam facilmente nos novos grupos que

apareciam.

Outra vez como sempre, havia as cuidadosas caçadas de luxo aos animais nativos das matas que nunca contataram formas de vida humana, e naves caça-pássaros no ar, o que só era fatal para as Grandes Aves.

Nas cidades, fugitivos da Galáxia podiam escolher as variedades de prazer que lhes agradavam para gastar seu dinheiro, desde os etéreos palácios-celestes de espetáculo e fantasia que abriam suas portas para o povo mediante uma moeda de meio crédito, até os anônimos e discretos salões que só eram conhecidos por gente de grande riqueza.

Para a vasta inundação, o aparecimento de Torã e Bayta não chegava sequer a ser mais uma gota de água. Registraram sua nave num grande hangar comum na Península de Leste e dirigiram-se para aquele ponto de encontro de classes médias, o Mar Interior - onde os prazeres eram inteiramente legais, totalmente respeitáveis, e o povo não era insuportável.

Bayta trazia consigo óculos escuros contra a luz, e um vestido branco e fino contra o calor. Com os braços aquecidos pelo calor, apenas dourados pelo sol, com as pernas cruzadas, ela olhava fixamente, com olhos firmes e abstratos, para o comprido corpo do marido, ali estendido - quase brilhante no reflexo do branco esplendor do sol.

- Não está cansado? - perguntou em primeiro lugar, porém Torã era de uma estrela vermelha agonizante. A despeito dos três anos que passara na Fundação, a luz do sol era um luxo, e durante quatro dias a sua pele, preparada de antemão para resistir aos raios solares, não sentira a aspereza das roupas, a não ser uns calções muito curtos. Bayta chegou-se muito para ele, em cima da areia, e puseram-se a conversar num sussurro.

A voz de Torã era lúgubre, como se não fosse pronunciada por um rosto distendido:

- Não, eu admito que esteja em qualquer parte. Mas onde? E quem é ele? Este mundo não diz nada a seu respeito. Talvez ele não exista.

- Existe, sim - replicou Bayta, cujos lábios quase não chegavam a mover-se. - É um homem hábil, afinal de contas. O seu tio tem razão. É um homem que devemos utilizar, no caso de termos tempo para isso.

Houve uma curta pausa. Torã sussurrou:

- Sabe realmente o que está dizendo, Bayta? Eu estou sonhando no meio de um torpor provocado pelo sol. Todas as coisas me aparecem com uma grande

nitidez, agradavelmente. - Sua voz quase desapareceu, depois do que ele insistiu:

- Lembre-se do que o Dr. Amann ensinava no colégio, Bay. A Fundação nunca pode perder, porém o que ela pode fazer, não pode ser feito pelos seus governadores. Recorde-se que a história real da Fundação começa quando Salvor Hardin expulsou os Enciclopédicos e tomou posse do planeta Terminus como primeiro prefeito civil? E quando no século seguinte, o falecido Hober Mallow se apoderou do poder por métodos quase tão drásticos como este? Ou seja, por duas vezes os governadores foram derrotados, e por isso pode voltar a acontecer. Por que é que isso não há de acontecer conosco?

- Trata-se de um velho argumento repetido pelos livros, Torã. Isso não passa de um bom, porém inútil sonho.

- Será? Vamos segui-lo até o fim. O que é Haven? Não é uma parte da Fundação? É simplesmente parte do proletariado exterior, por assim dizer. Se sairmos vencedores, a vitória será sempre da Fundação, e só os governadores presentes não lucrarão.

- Há uma grande diferença entre "nós podemos" e "nós desejamos". Tudo isso é mero falatório.

Torã torceu-se:

- Olha, Bayta, você está apenas num daqueles seus momentos de humor azedo e imaturo. Por que é que deseja acabar com a minha brincadeira? Se não quer compreender, então vou dormir.

Porém Bayta estava esticando a cabeça, e subitamente - quase um "não o acompanho" - sorriu, e tirou os óculos para olhar para a praia lá embaixo, tendo apenas a mão em pala por cima dos olhos.

Torã olhou também, depois do que se levantou e girou os ombros para acompanhar o seu olhar. Aparentemente, ela estava olhando para uma figura magra, de pés no ar, que caminhava sobre as mãos para divertimento de uma multidão ocasional. Era um dos mendigos acrobatas que enxameavam pela praia, que dobravam as articulações elásticas e se desmanchavam em contorções em troca de algumas moedas.

Havia um guarda da praia que encaminhava para ele e, com um gesto repentino com a mão, o palhaço pôs a mão no nariz e fez-lhe uma careta. O guarda avançou ameaçadoramente e deitou-o abaixo, todo dobrado, com um pontapé no estômago. O palhaço rolou sobre si mesmo sem interromper o movimento inicial e foi embora, enquanto o guarda, espumando de raiva, era

cercado por uma multidão pouco satisfeita com ele.

O palhaço prosseguiu o seu caminho, esfarrapado, através da praia. Passou rapidamente por muitas pessoas, hesitou freqüentemente, acabou por parar. A multidão original dispersara-se. O guarda fora embora.

- Ali está um parceiro muito engraçado - disse Bayta, divertida, e Torã concordou com indiferença. O palhaço estava agora suficientemente perto para que pudessem observá-lo sem dificuldade. Sua face magra conjugava-se na testa com um nariz de grandes dimensões e de tipo carnudo, que parecia quase com capacidade de agarrar. Seus membros magros e compridos, e o corpo débil, acentuado pelo que, trazia vestido, moviam-se com facilidade e com graça, mas havia também a sugestão de ter sido arremessado ao acaso.

Olhar para ele obrigava a sorrir.

O palhaço pareceu repentinamente dar conta dos seus olhares, pois parou depois de ter passado por eles e, com uma volta brusca, aproximou-se. Seus olhos rasgados e castanhos fixaram-se em Bayta. Ela pareceu inteiramente desconcertada.

O palhaço sorriu, mas só havia tristeza na sua cara e quando falou foi com o fraseado suave e complicado dos Setores Centrais.

- Estivesse eu em condições de utilizar a capacidade que os bons Espíritos me concederam - disse ele - nesse caso eu diria que esta senhora não poderia existir, pois que nenhum homem são seria capaz de imaginar que um sonho se havia de transformar em realidade. Contudo, a minha falta de juízo dá-me fé aos olhos seduzidos e encantados.

Os olhos de Bayta arregalaram-se. E disse:

- Caramba!

Torã riu:

- Oh, você é enfeitiçadora. Vamos, Bay, isto merece uma moeda de cinco créditos. Dê a ele.

Porém o palhaço afastara-se com um salto:

- Não, minha senhora, não me deve ter compreendido. Eu não falo para receber dinheiro, ou seja, o que for, mas apenas para louvar os seus olhos radiantes e seu rosto suave.

- Bem, nesse caso obrigado - disse Torã. - Ouça, você pensa que ela tem o sol nos olhos?

- E não falo apenas dos olhos e do rosto - balbuciou o palhaço, e suas palavras tropeçavam umas nas outras por causa da fúria com que as pronunciava - mas também do seu espírito, claro e forte e de uma natureza tão perfeita.

Torã pôs-se de pé, desdobrou a túnica branca que trazia debaixo dos braços havia quatro dias, e enfiou-se nela.

- Agora, ouça - disse ele - suponha que me vá dizer o que deseja, e pare de aborrecer a senhora.

O palhaço deu um passo atrás, com medo, e o seu corpo mágico tremia:

- Posso-lhe garantir que não lhe desejo mal nenhum. Sou estrangeiro nesta terra e por aquilo que tenho dito vê-se que sou apenas de espírito estouvado, há, todavia, coisas numa face que eu sou capaz de ler. Atrás da beleza desta senhora, há uma alma generosa, e que me ajudaria na minha perturbação no caso de eu ter dito alguma coisa insolente.

- Cinco créditos serão capazes de lhe fazer passar a perturbação? - perguntou Torã, de maneira áspera, estendendo-lhe a moeda.

Mas o palhaço não se mexeu para recebê-la, e Bayta disse:

- Deixe-me falar com ele, Torie. - E acrescentou rapidamente, à meia voz: - Não há razão para ficar aborrecido com a maneira como ele fala. Trata-se apenas do seu dialeto, a maneira como nós falamos provoca-lhe uma estranheza igual.

Perguntou-lhe:

- O que é que vem a ser sua perturbação? O guarda não lhe fez mal, não é? Ele não o conseguiu atingir.

- Oh, não, não se trata dele. Ele apenas não vai com a minha cara. Há outro que eu evito e ele é uma tempestade que varre os mundos de lado a lado e os arremessa de supetão uns contra os outros. Há uma semana que ando por aqui, e tenho dormido nas ruas da cidade, e oculto-me no meio da multidão. Tenho olhado para muitas faces para que me socorram na minha desdita. E vim acabar aqui. - Repetiu a última frase num tom fraco e ansioso, e os seus olhos rasgados mostravam-se perturbados: - E vim acabar aqui.

- Agora - disse Bayta, - eu gostaria de ajudá-lo, mas realmente, amigo, eu não possuo proteção capaz contra uma tempestade que varre o mundo de ponta a ponta. Para falar a verdade, eu podia usar...

Ouviu-se uma voz alta e vigorosa dirigida a eles:

- Agora é que vai saber como elas mordem, meu chacal...

Era o guarda da praia, com o rosto rubro, e boca rosnadora, que se aproximara correndo. Tinha-lhe apontado uma pistola.

- Vocês dois segurem-no. Não o deixem ir embora. - Sua mão pesada caiu no ombro fraco do palhaço, que estava choramingando sob o apertão que o guarda lhe dava.

Torã perguntou:

- O que ele fez?

- O que ele fez? O que ele fez? Olhe agora, esta é muito boa! - O guarda meteu a mão dentro da bolsa que lhe pendia do cinto, e tirou um lenço vermelho, com que limpou o queixo molhado. Disse: - Vou-lhes dizer o que ele fez. Ele desertou. Só fala a respeito de Kalgan e eu o teria reconhecido antes se ele não estivesse de pés para o ar e esta cara de falcão para cima. - E agitou sua presa com um humor cruel.

Bayta disse com sorriso:

- E de onde é que ele fugiu, senhor?

O guarda levantou a voz. Havia uma multidão à volta deles, de olhos arregalados e bisbilhotando, e com o aumento de audiência, o sentimento de importância do guarda cresceu em proporção direta.

- De onde é que ele fugiu? - declamou ele com enorme sarcasmo. - Bem, calculo que você já tenha ouvido falar no Mulo.

Pararam todas as bisbilhotices, e Bayta sentiu, de repente, uma dor seca na boca do estômago. O palhaço só tinha olhos para ela - continuando, todavia a tremer sob a mão musculosa do guarda.

- E quem - continuou o guarda iradamente - podia ser esta esfarrapada peça, senão o próprio bufão de Sua Excelência que fugiu de livre e espontânea vontade? - Agitou o seu prisioneiro com um solavanco maciço. -Admite que é verdade, louco?

Houve apenas uma resposta repleta de medo, e o quase inaudível sussurro da voz de Bayta ao ouvido de Torã. Torã deu um passo à frente, dirigindo-se ao guarda de maneira amistosa:

- Agora, meu amigo, suponha que vá tirar a mão de cima dele por um momento. Este artista que você tem aí agarrado estava dançando para nós e ainda não dançou o suficiente para justificar sua gratificação.

- Aqui! - A voz do guarda levantou-se numa repentina solicitude. - Há um prêmio...

- Há de tê-lo, no caso de provar que este é o homem que procura. Suponha que esteja enganado. Sabe muito bem que, no caso de se meter com um visitante, o caso pode ser muito sério para você.

- Mas você está interferindo com Sua Excelência e isto será sério para você. - Voltou a sacudir o palhaço. - Volte a pôr-se de pé para o ar, monte de sucata e devolver a gratificação.

A mão de Torã moveu-se rapidamente e a arma do guarda disparou, quase lhe arrancando metade de um dedo. O guarda gemeu de dor e de raiva. Torã empurrou-o violentamente para o lado, e o palhaço, solto, lançou-se atrás dele.

A multidão, que se estendia a perder de vista, deu pouca atenção ao que se passou a seguir. Havia no meio dela um esticar de pescoços, e um movimento centrífugo como se muitos tivessem decidido a pôr-se à maior distância do centro de atividade.

Houve, então, um alvoroço, e ouviu-se uma ordem tempestuosa à distância. Formou-se mecanicamente um corredor e dois homens lançaram-se por ali, com chicotes elétricos em descuidada prontidão. Em cima de cada uma das blusas cor de púrpura estava desenhada uma flecha de raio com um planeta desintegrado por baixo. Um gigante escuro, com a farda de tenente, vinha atrás deles, escuro de pele e carrancudo.

O homem escuro falou com uma perigosa delicadeza que tinha pouca necessidade de gritos para acionar suas fantasias. Perguntou:

- Foi você o homem que nos avisou?

O guarda estava segurando a mão atingida, e respondeu com uma face distorcida pela dor:

- Eu reclamo a recompensa, poderoso, e acuso este homem...

- Você há de receber a recompensa - disse o tenente, sem olhar para ele. Virou-se rapidamente para os seus homens: - Levem-no.

Torã sentiu o palhaço agarrar-se fortemente à sua túnica. Levantou a voz e segurou-lhe a mão:

- Peço-lhe desculpas, tenente, este homem é meu amigo.

Os soldados ouviram a declaração sem pestanejar. Um deles levantou o

chicote casualmente, porém a ordem do tenente voltou a fazê-lo descer. A sua escura autoridade girou para diante e plantou o corpo quadrado diante de Torã:

- E você quem é?

E a resposta veio secamente:

- Um cidadão da Fundação.

Ele ficou pensando - juntamente com a multidão, durante um momento. O silêncio de expectativa foi quebrado por um intenso alvoroço. O nome de Mulo podia provocar medo, mas era, afinal de contas, um nome novo e dificilmente atingia tão profundamente os elementos vitais como aquela velha designação da Fundação - que destruíra o Império - e o medo de quem governava um quadrante da Galáxia com implacável despotismo. O tenente manteve o sangue-frio. Perguntou:

- Está ciente da identidade do homem que está atrás de você?

- Ouvi dizer que é um fugitivo da corte do seu comandante, mas a minha única garantia é que se trata de um amigo meu. Você precisa de provas seguras da sua identidade para poder prendê-lo.

Houve grandes acenos de cabeça entre a multidão, contudo o tenente não ligou para tal fato.

- Você tem documentos provando que é cidadão da Fundação?

- Estão na minha nave.

- Você sabe que suas atitudes são ilegais? Posso mandar matá-lo.

- Sem dúvida alguma. Mas depois de ter prendido um cidadão da Fundação, seria provável que o seu corpo fosse remetido para a Fundação esquartejado, como compensação parcial. Isto já aconteceu com outros condestáveis.

O tenente umedeceu os lábios. A observação era verdadeira. Perguntou:

- O seu nome?

Torã decidiu tirar proveito de sua vantagem:

- Responderei às suas perguntas na minha nave. Pode procurar o número da célula no hangar, está registrada com o nome de "Bayta".

- Não vai desistir do fugitivo?

- Para o Mulo, talvez. Mande seu senhor!

A conversa degenerara em um sussurro e o tenente virou-se bruscamente para o lado.

- Dispersem a multidão! - disse ele aos seus homens, com reprimida ferocidade.

Os chicotes elétricos levantaram-se e desceram. Houve berros e um vasto ondear de dispersão e fuga. Torã só interrompeu uma vez o seu devaneio durante o regresso ao hangar. Disse, quase consigo:

- Galáxia, Bay, que oportunidade tive! Eu estava tão assustado...

- Pois - disse ela, com voz ainda emocionada, e os seus olhos mostravam também alguma coisa semelhante à veneração - ele estava cheio de más intenções.

- Bem, entretanto não sei o que aconteceu. Eu apenas subi e apontei a pistola, que nem sequer tinha certeza de saber usar, e conversei um pouco com ele. Não sei porque é que o fiz.

Olhou por cima das costas do banco da pequena nave aérea de curto alcance que os transportava para fora da zona da praia, para o canto onde o palhaço do Mulo rangia os dentes, dormindo, e acrescentou com desagrado:

- Foi a coisa mais difícil que fiz até hoje.

O tenente deteve-se respeitosamente diante do coronel da guarnição, e o coronel olhou para ele e disse:

- Bem feito. Fez aquilo que devia fazer.

Mas o tenente não se retirou imediatamente. Disse num tom sombrio:

- O Mulo perdeu a disputa diante de uma multidão, senhor. Vai ser necessário empreender uma ação disciplinar para se voltar à devida atmosfera de respeito.

- Essas medidas já foram tomadas.

O tenente deu meia volta, então, quase com ressentimento:

- Gostaria de acrescentar, senhor, que ordens são ordens, mas ficar firmem diante daquele homem com uma arma na mão e suportar a sua absoluta insolência, foi a coisa mais difícil que fiz até hoje.

O MUTANTE

O "hangar" em Kalgan é uma instituição peculiar considerada em si mesma, nascida da necessidade de arrumação do vasto número de naves até ali conduzidas pelos visitantes do estrangeiro, a que se acrescentava a simultânea e conseqüente necessidade de acomodações para instalar as pessoas, provocada pelo mesmo motivo. A pessoa que, pela primeira vez, pensava na solução que evidentemente se podia dar ao caso, depressa se tornou milionária. Os seus herdeiros - tanto pelo sangue como pelas ligações financeiras - estavam naturalmente entre as pessoas mais ricas de Kalgan.

O "hangar" espalhara-se largamente ao longo de alguns milhares de quilômetros quadrados de território, e "hangar" não é termo que possa descrever suficientemente aquilo de que se tratava. É essencialmente um hotel - para naves. O estrangeiro paga adiantadamente e a sua nave é levada para um ancoradouro de onde pode tirá-la para o espaço a qualquer momento que o deseje. O visitante continua vivendo na sua nave, como sempre. São satisfeitos os serviços de assistência comum de hotelaria, tais como a renovação da reserva de alimentos e o fornecimento de medicamentos a preços especiais, ao mesmo tempo que se dá assistência à própria nave, transporte especial dentro de Kalgan, em troca de uma quantia reduzida.

Como resultado, o visitante acumula, numa única fatura, o espaço ocupado no hangar e o hotel, o que é uma medida econômica. Os próprios vendedores ocasionais servem-se do espaço terrestre, com amplos lucros. O governo cobra pesados impostos. Ninguém dá muita importância a isso. Ninguém perde. Simples!

O homem seguia o seu caminho para baixo, para as zonas sombrias dos corredores vazios que ligavam as múltiplas alas do "hangar", especulara em tempos idos a respeito da novidade e utilidade do sistema descrito mais acima, porém fizera essas reflexões em momentos mais livres de preocupações - pois era evidentemente impossível fazê-las agora.

As naves de modelo antigo, no que diz respeito à altura e à largura, estavam colocadas na zona inferior, em extensas filas de células cuidadosamente alinhadas, e o homem as foi examinando fila após fila. Era um técnico naquilo que agora estava fazendo - e se o seu exame prévio do registro do hangar não lhe dera possibilidade de encontrar uma informação específica por meio das

indicações dúbias de um vôo específico - havia ali milhares de naves - o seu conhecimento especializado podia proceder à seleção daqueles milhares até reduzi-los à nave que lhe interessava.

Verificou-se o fantasma de um suspiro no meio do silêncio, quando o homem parou e foi desaparecendo gradualmente debaixo de uma das filas, um inseto rastejando por baixo do olhar dos arrogantes monstros de metal que ali se encontravam.

Aqui e ali a cintilação de luz de uma vigia devia indicar a presença de um homem que regressara muito cedo dos prazeres organizados para os simples - ou mais privados - prazeres pessoais.

O homem parou, e teria sorrido se alguma vez tivesse sorrido. Certamente as circunvoluções do seu espírito efetuaram e equivalência mental de um sorriso. A nave onde parou era bem brilhante e evidentemente rápida. Não se tratava de um modelo comum e naqueles dias a maior parte das naves deste quadrante da Galáxia imitava os modelos da Fundação ou eram construídos por técnicos da Fundação. Mas este era especial. Tratava-se de uma nave da Fundação - e não só por causa das pequenas protuberâncias existentes no casco, e que eram os nós de proteção que só os barcos da Fundação deviam possuir. Havia ali outros elementos.

O homem desceu sem hesitação.

A barreira eletrônica impôs-se através da linha de barcos como um privilégio para manter o segredo na parte da manobra, que não era o mais importante de tudo. Venceu-a facilmente, e sem pôr o alarma em funcionamento, graças à utilização de uma força neutralizadora especial que tinha à sua disposição.

Assim o primeiro contato do intruso com a nave, pela parte de fora, foi o acidental e quase amigável sinal do zumbido surdo na sala de estar da nave, e que era o resultado da palma da mão encostada na pequena fotocélula da principal comporta de ar comprimido.

E quando ele ia procedendo a estes bem sucedidos exames, Torã e Bayta sentiam unicamente uma segurança incerta entre as paredes de aço do Bayta. O palhaço do Mulo informara que com aquele débil corpo usava o nome senhoril de Magnífico Giganticus, instalou-se à mesa e comeu avidamente a comida que lhe puseram à frente.

Os seus olhos tristes e castanhos só se levantaram do recipiente para seguir os movimentos de Bayta na cozinha, combinada com despensa, onde se

encontravam.

- Os agradecimentos de um homem fraco são de muito pouco valor - balbuciou ele - porém vocês os têm, pois que, realmente, na semana passada me vi reduzido a umas migalhas insignificantes - e se todo o meu corpo é pequeno, já o meu apetite é habitualmente grande.

- Bem, nesse caso, coma! - disse Bayta, com um sorriso. - Não perca tempo com agradecimentos. Não há um provérbio da Galáxia Central a respeito da gratidão e que me lembro ter ouvido uma vez?

- Na verdade há, minha senhora. Ouviu-o uma vez de um homem sábio, e diz assim: "A gratidão é melhor e mais real quando não se evapora em frases vazias". Mas ai, minha senhora, eu sou apenas uma porção de frases vazias, assim me quer parecer. Quando as minhas frases vazias agradam ao Mulo, ele manda-me dar uma pequena gratificação e um grande nome -por exemplo, veja lá, chamava-me a princípio Bobo, muito simplesmente, um nome que não lhe agradava - e então quando as minhas pobres frases vazias não lhe agradavam, ele sacudia os meus pobres ossos: batia-me e açoitava-me.

Torã apareceu vindo da cabina do piloto:

- Não há agora nada a fazer senão esperar, Bay. Espero que o Mulo seja capaz de compreender que um barco da Fundação é território da Fundação.

Magnífico Giganticus, antigamente Bobo, abriu muito os olhos e exclamou.

- Quão grande é a Fundação diante da qual até os cruéis servidores do Mulo tremem.

- Você também ouviu falar da Fundação? - perguntou Bayta, com um pequeno-sorriso.

- E quem é que não ouviu? - A voz de Magnífico era um misterioso sussurro. - Há aqueles que dizem que é um mundo de grande magia, com chamas que podem consumir planetas, e segredos de grandíssima força. Dizem que nem a mais alta nobreza da Galáxia podia alcançar a nobreza e a educação considerada como inteiramente natural e própria de um simples homem que possa dizer: "Sou cidadão da Fundação", sendo ele um bárbaro mineiro do espaço, ou um zé-ninguém como eu.

Bayta disse:

- Vamos, Magnífico, você não termina de comer se continua

conversando. Aqui tem mais um pouco de leite aromatizado. É bom.

Pôs um jarro em cima da mesa e arrastou Torã para fora do quarto.

- Torie, o que é que vamos fazer com ele? - e apontava com a cabeça para a cozinha.

- O que quer dizer?

- Se o Mulo chegar, o que é que nós vamos dizer?

- Bem, e que mais, Bay? - Parecia agastado, e o gesto com que atirou para trás a madeixa era testemunha disso.

Continuou impacientemente:

- Antes de chegarmos aqui tinha uma vaga idéia de que tudo que nós tínhamos a fazer era perguntar pelo Mulo, e então tratar desse assunto apenas desse assunto, sabe, nada de definitivo.

- Eu sei o que você quer dizer, Torie. Eu não tinha muitas esperanças de ver o Mulo pessoalmente, mas pensava que podíamos recolher algum conhecimento, em primeira mão, a respeito desta embrulhada, e então conversar um pouco mais com as pessoas, que nós conhecemos melhor, a respeito desta intriga interestelar. Eu não sou uma espiã de romances de espionagem.

- Você não está entendendo, Bay - cruzou os braços e franziu o sobrolho. - Estamos numa linda situação! Nunca soubera que havia uma pessoa como o Mulo, exceto nestas últimas e excêntricas notícias. Calculo que ele seja assim parecido com o seu palhaço?

Bayta fitou-o.

- Não imagino como é que ele possa ser. Não sei o que é que deva dizer ou fazer. Compreende?

O zumbido interior ressoou com o seu intermitente barulho rebarbativo. Os lábios de Bayta moveram-se sem palavras:

- O Mulo?

Magnífico estava à porta de entrada, com os olhos arregalados, com a voz reduzida a um sussurro:

- O Mulo?

Torã sussurrou:

- Estou preparado para recebê-lo.

O contato abriu a comporta de ar e a porta exterior fechou-se atrás do recém-chegado. O disco perfurado mostrou apenas a sombra de uma única pessoa.

- É apenas uma pessoa - disse Torã, com evidente alívio, e sua voz estava quase trêmula quando se curvou para o tubo de sinalização: - Quem é você?

- O melhor que tem a fazer é deixar-me entrar, não lhe parece? - As palavras saíam fracamente do receptor.

- Sou obrigado a informá-lo de que estamos num barco da Fundação e, conseqüentemente, no território da Fundação, por tratado internacional.

- Sei disso muito bem.

- Apareça com suas armas descarregadas, ou então disparo. Estou bem armado.

- Feito.

Torã abriu a porta interior e apertou o contato da pistola desintegradora, com o polegar apoiado no gatilho de pressão. Ouviu-se o som de passos e a porta girou e abriu-se, e Magnífico exclamou:

- Não é o Mulo. É apenas um homem.

O "homem" saudou o palhaço sombriamente:

- Exato. Eu não sou o Mulo. - Abriu os braços e estendeu as mãos: - Não estou armado, e venho aqui em missão pacífica. Você podia acalmar-se e tirar a pistola desintegradora. Sua mão não está suficientemente firme para que o meu espírito possa estar em paz.

- Quem é você? - perguntou Torã, bruscamente.

- Eu podia perguntar-lhe quem é você - disse o estrangeiro, friamente - visto que você está aqui sob falsos pretextos, não eu.

- Como assim?

- Você não pode reclamar a qualidade de cidadão da Fundação quando é um comerciante não-autorizado do planeta.

- Não é bem assim. Como é que você sabe?

- Porque eu sou cidadão da Fundação, e tenho os meus documentos para provar. Onde estão os seus?

- Penso que o melhor que tinha a fazer seria desfazer-me de você.

- Eu penso que não. Se você soubesse alguma coisa a respeito dos métodos da Fundação, e a despeito de sua impostura, você saberia que se eu não voltasse vivo para a minha nave num espaço de tempo predeterminado, sairia dali um sinal para o mais próximo estado-maior da Fundação, e duvido que suas armas pudessem ter grande efeito, falando em termos práticos.

Houve um silêncio irresoluto e então Bayta sugeriu, calmamente:

- Largue o desintegrador, Torã, e encare as coisas como são. O que ele está dizendo tem foros de verdade.

- Muito obrigado - disse o estrangeiro.

Torã pousou a pistola na cadeira que estava a seu lado:

- Suponha que você vá explicar-me tudo agora.

O estrangeiro permaneceu de pé. Tinha o esqueleto alto e os membros grandes. Sua face consistia numa sucessão de planos chatos e ásperos e era de algum modo evidente que nunca sorria, contudo os seus olhos precisavam de vigor. Começou:

- As noticias correm, especialmente quando as coisas estão aparentemente além do que se pode acreditar. Suponho que não haja uma pessoa em Kalgan que não saiba que os homens do Mulo foram hoje atingidos por dois turistas da Fundação. Eu soube dos pormenores antes do anoitecer e, como já disse, não há no planeta turistas da Fundação, excetuando-se a mim próprio. Nós sabemos dessas coisas.

- Quem são esses "nós"?

- "Nós" somos... "nós"! Eu próprio sou um! Eu sei que vocês estavam no "hangar" - pelo menos disseram isso. Eu tinha minhas maneiras de manusear os registros, e minhas maneiras de entrar a bordo.

Virou-se para Bayta subitamente:

- Você é da Fundação - por ter lá nascido, não é?

- Se eu sou?

- Você é membro da oposição democrática - aquilo a que eles denominam "o subterrâneo". Não me lembro do seu nome, mas lembro-me muito bem de suas feições. Você saiu de lá recentemente, e não o teria feito se não se tratasse de um caso muito importante.

Bayta encolheu os ombros:

- Você sabe de tudo.

- Sei. Você saiu com um homem. É este?

- Será necessário dizer-lhe?

- Não. Estou apenas procurando uma plataforma de entendimento mútuo. Julgo que a "senha" durante a semana em que você se retirou tão precipitadamente era "Seldon, Hardin e Liberdade". Porfirat Hart era o orientador da sua seção.

- Como é que você descobriu tudo isso? - Bayta tornara-se subitamente violenta. - Você veio daqui desempenhar sua atividade policial? - Torã segurou-a pelos ombros, mas ela libertou-se com um safanão e avançou.

O homem da Fundação disse tranqüilamente:

- Ninguém contou. Sei tudo apenas porque o subterrâneo fala demais em lugares duvidosos. Eu sou o capitão Han Pritcher da Informação, e também sou um orientador de seção... mas nunca gostei de me apresentar com este nome.

Fez uma pausa, depois continuou:

- Não, você não me compreendeu. Em nosso assunto é melhor exagerar a desconfiança do que a oposição. Preferia, porém, deixar estas formalidades para trás.

- Sim - disse Torã - suponho que é melhor fazê-lo.

- Posso sentar-me? Obrigado. - O capitão Pritcher estendeu uma perna muito comprida por cima do joelho e deixou um braço prender atrás das costas da cadeira. - Começarei por dizer que não sei qual o aspecto que tudo isto tem - visto do seu ângulo. Vocês dois não são da Fundação, porém não seria uma grosseira conjectura supor que são de um dos mundos comerciais independentes. Isto não me importa grande coisa. Mas, apenas por curiosidade, o que é que os levou a desejar viajar com este parceiro, este palhaço que vocês se esforçaram por deixar em segurança? Vocês arriscaram a vida com ele.

- Não posso dizer por que.

- Hum-m-m. Bem, penso que você não o deseja fazer. Mas se vocês estão à espera que o próprio Mulo chegue atrás de uma fanfarra de buzinas, tambores e órgãos elétricos - relaxem! O Mulo jamais trabalha dessa maneira.

- O que? - disseram juntos Torã e Bayta, e no canto onde Magnífico se ocultava com ouvidos quase visivelmente esticados, houve um repentino salto de alegria.

- É assim mesmo. Eu tenho procurado entrar pessoalmente em contato com ele, e tenho feito muito mais trabalho nesse sentido do que aquele que podem realizar dois amadores. Porém não consigo. O homem não possui características pessoais, nunca consentiu que alguém o fotografasse ou simulasse e apenas o vêem os seus assessores mais íntimos.

- É isso que explica o interesse que tem por nós, capitão? - perguntou Torã.

- Não. A chave é este palhaço. Este palhaço é uma daquelas poucas pessoas que o viram. Preciso dele. Ele pode ser a prova de que preciso - e eu preciso de uma qualquer. A Galáxia sabe - para acordar a Fundação.

- Então precisa ser acordada? - interrompeu Bayta com repentina exaltação. - Contra que? E em que papel vai você atuar como sinal de alarma, no de democrata rebelde ou no de polícia secreto e provocador?

O rosto do capitão ficou reduzido às suas linhas secas.

- Quando a Fundação inteira está ameaçada, Madame Revolucionária, tanto perecem os democratas como os tiranos. Deixe-nos salvar os tiranos de um tirano ainda maior, para depois os derrubarmos um por um.

- Qual é o grande tirano de que você está falando? - encolerizou-se Bayta.

- O Mulo! Eu conheço muita coisa a seu respeito, o bastante para ter sido a minha desgraça, se me tenho movido com menos esperteza. Mande sair o palhaço daqui. Isto é coisa que exige segredo.

- Magnífico - disse Bayta, com um gesto, e o palhaço saiu calmamente. A voz do capitão era grave e intensa, e baixou-a logo que Torã e Bayta fecharam a porta. Disse:

- O Mulo é um operador sagaz, muito sagaz para não compreender as vantagens do magnetismo e sedução da chefia pessoal. Se ele não as aplica, é por alguma razão. Esta razão deve ser o fato de que o contato pessoal revelaria alguma coisa que é de suma importância não mostrar.

Afastou os pormenores marginais e continuou mais animadamente:

- Eu fui por isso mesmo ao local onde ele nasceu e interroguei as pessoas que o conheceram durante o tempo em que ele viveu lá. Poucas delas estão ainda vivas. Lembram-se do bebê que nasceu há trinta anos, da morte de sua mãe, e de sua juventude singular, O Mulo não é um ser humano!

E os seus dois ouvintes recuaram horrorizados pelas implicações que obscuramente percebiam. Ainda não compreendiam nada, inteira ou claramente, mas a ameaça contida na frase era definitiva.

O capitão continuou:

- Trata-se de um mutante, e evidentemente pela sua carreira subseqüente, que conseguiu um grande êxito. Não sei quais são os seus poderes ou a sua exata dimensão, pois que ele é aquilo a que nossos emocionadores denominariam um "super-homem", mas subir do nada, para chegar a vencedor do Condestável de Kalgan em dois anos, é revelador. Estão vendo o perigo, não é verdade? Pode um acidente genético de propriedades biológicas imprevisíveis ser considerado como incluído no cálculo do plano Seldon?

Bayta falou, vagarosamente:

- Não estou compreendendo. Isto é uma espécie qualquer de complicada astúcia. Por que é que os homens do Mulo não nos mataram quando o podiam ter feito, se ele é um super-homem?

- Respondo-lhe que não sei qual é o alcance de suas mutações. Pode ainda não estar preparado para se atirar contra a Fundação, e será sinal de grande sabedoria resistir às provocações até surgir essa oportunidade. Espero que vocês me deixarão falar com o palhaço.

O capitão encarou o trêmulo Magnífico, que desconfiava deste homem alto e rude, o qual estava a encará-lo. O capitão soletrou lentamente:

- Você viu o Mulo com os seus próprios olhos?

- Vi-o perfeitamente, respeitável senhor. Eu senti o peso dos seus braços em meu próprio, também.

- Não duvido que assim fosse. Pode descrevê-lo?

- É assustador por assim dizer, respeitável senhor. É um homem de poderosa estatura. Perto dele, até o senhor seria um magricela. Tem o cabelo de carmesim vivo, e utilizando toda a minha força e todo o meu peso, eu não podia puxar-lhe os braços para baixo, uma vez que ele os tivesse estendidos, mesmo que fosse a grossura de um cabelo. - A debilidade de Magnífico parecia estar prestes a um colapso no meio de uma barafunda de braços e de pernas. - Muitas vezes, para divertir seus generais ou para divertir-se, suspendia-me com um dedo, pelo meu cinto, a uma altura terrível, enquanto eu recitava poesias. Só depois do vigésimo verso me tirava dali, ou improvisava alguns com ritmo perfeito, ou voltava a pendurar-me outra vez. É um homem de força

extraordinariamente superior, e os olhos dele, respeitável senhor, não se podem ver.

- O quê? O que disse agora?

- Ele usa óculos, respeitável senhor, de uma curiosa natureza. Diz-se que são opacos e que ele vê através de uma poderosa magia que transcende os poderes humanos. Ouvi dizer - e a sua voz tornou-se mais baixa e misteriosa - que ver os seus olhos é ver a morte, que ele mata com os olhos, respeitável senhor.

Os olhos de Magnífico arregalaram-se num repente, tomando-lhe o rosto todo. Balbuciou:

- É verdade. Pela minha vida que é verdade.

Bayta aspirou profundamente:

- Isto soa-me a verdade, capitão. O que vai fazer diante de tudo isto?

- Bom, deixe-me estudar a situação. Você tem mais alguma dúvida por aqui? A barreira superior do hangar está livre?

- Posso sair a qualquer momento.

- Então saia. O Mulo pode não desejar opor-se à Fundação, porém ele corre um risco medonho deixando que o Magnífico ande adiante dele. Provavelmente ele leva as pessoas a julgá-lo pelo aspecto e proclama que é acima de tudo um pobre diabo. Por isso pode ser que haja naves à nossa espera lá em cima. Se nos perdermos no espaço, quem é que vai dar importância ao crime?

- Você tem muita razão - reconheceu Torã, sombriamente.

- De qualquer maneira, você possui um escudo e é provavelmente muito mais rápido do que eles, por isso logo que esteja na atmosfera livre prepare um círculo neutro para outro hemisfério, e depois interrompa apenas sua rota exterior para uma aceleração elevada.

- Sim - disse Bayta, friamente - e quando voltarmos para a Fundação, o que sucederá então, capitão?

- Por que, vocês são então cidadãos colaboradores da Kalgan, não são? Eu não sei nada em contrário, certo?

Ninguém respondeu. Torã pôs os comandos em ação. Houve um imperceptível solavanco.

Foi quando Torã já deixara Kalgan bem à retaguarda para tentar o seu primeiro salto interestelar, que a cara do capitão Pritcher se apresentou, pela primeira vez com rugas leves - pois nenhuma nave do Mulo tentara de qualquer maneira impedir-lhes a saída.

- Olhe como eles nos deixam levar o Magnífico daqui para fora - disse Torã. - Não é nada bom para sua história.

- A menos que - corrigiu o capitão - ele deseje que o levemos realmente daqui para fora, e nesse caso não seria nada bom para a Fundação.

Foi depois do último salto, quando dentro de uma distância de vôo neutro da Fundação, que as primeiras notícias difundidas por ultra-ondas atingiram a nave.

E havia uma notícia que era anunciada com simplicidade. Parecia que um condestável - não identificado pelo locutor aborrecido - tinha apresentado protestos à Fundação por ter sido raptado um dos membros da sua corte. O anunciador prosseguiu com notícias desportivas.

O capitão Pritcher disse friamente:

- Afinal de contas, já vai um passo à nossa frente. - Acrescentou, pensativamente - está preparado para ir contra a Fundação e está servindo-se disto como uma desculpa para agir, o que nos torna as coisas mais difíceis. Vamos ser obrigados a agir antes de estarmos realmente preparados.

O PSICÓLOGO

Havia razão para o fato de se dizer que o elemento conhecido como "ciência pura" era a forma de vida libertadora na Fundação. Na Galáxia onde a predominância, e até a sobrevivência da Fundação continuava garantida pela superioridade de sua tecnologia e - embora a despeito dos grandes acessos de valorização da força física no último século e meio - estava ligada ao Cientista uma certa imunidade. Era necessário e sabia-o.

Do mesmo modo, havia razão para o fato de Ebling Mis - só aqueles que não o conheciam lhe acrescentavam os títulos ao nome - ser a livre forma de vida da "ciência pura" da Fundação. Num mundo onde a ciência era respeitada, ele era o Cientista - com maiúscula e sem sorrisos. Ele era imprescindível, e sabia-o.

E por isso acontecia que, quando os outros se ajoelhavam aos seus pés, ele recusava a homenagem e acrescentava estrepitosamente que os seus antepassados, no seu tempo, não dobravam os joelhos diante de nenhum fedorento Prefeito civil. E, no tempo dos seus antepassados o Prefeito civil era eleito de maneira regular e era obrigado a andar quando havia vontade e as únicas pessoas que herdavam alguma coisa, por direito de nascimento, eram os idiotas congênitos.

E por isso sucedeu também que, quando Ebling Mis decidiu permitir que Indbur o honrasse com uma audiência, não se dobrou às habituais regras rígidas de entregar o requerimento e aguardar a resposta favorável, mas, desajeitando os seus dois casacos formais, aquele que gozava de reputação menos má e colocado de farra, na cabeça, num excêntrico chapéu de forma indescritível, e aceso, ao passar, um charuto proibido pela etiqueta, passou indiferentemente por dois guardas que bronqueavam, sem qualquer efeito, e penetrou no palácio do Prefeito.

A primeira sugestão que sua excelência teve desta intrusão foi quando ouviu, subindo do seu jardim, a barafunda gradualmente crescente de altercações e respostas berradas com grande reforço de pragas inarticuladas.

Lentamente, Indbur deixou cair a sua bela espátula, lentamente, levantou-se e lentamente, franziu os sobrolhos. Pois que, Indbur concedia a si próprio, um dia de descanso por semana, e durante duas horas, ao começo da tarde, quando o tempo o permitia, ocupava-se do seu jardim. Ali, no seu jardim,

as flores estavam dispostas em quadrados e em triângulos, conjugadas numa ordem severa de vermelho e de amarelo, com pequenas quantidades de violeta nos vértices, e o verde bordando o conjunto em linhas rígidas. Ali no seu jardim, ninguém o perturbava - ninguém!

Indbur tirou as luvas e deixou-as cair no chão, enquanto ia avançando para a pequena porta do jardim. Inevitavelmente, perguntou:

- O que quer dizer isso?

Esta mesma pergunta, com esta mesma expressão, foi lançada para a atmosfera em ocasiões semelhantes por uma incrível variedade de homens, desde que a humanidade foi criada. Não há memória de a pergunta ter sido feita com outro objetivo que não apenas o de ressalvar a dignidade pessoal.

Mas a resposta foi literal desta vez, pois o corpo de Mis entrou de mergulho pela porta adentro, com um grito e um abanão de punho cerrado para alguém que estava, contudo, agarrado aos restos da sua capa.

Indbur moveu-se na sua direção com um solene e desagrado franzir de sobrancelhas, e Mis inclinou-se para apanhar aquela ruína que era o seu chapéu, sacudindo uns salpicos de lama que lhe estavam agarrados, colocou-o debaixo do sovaco e disse:

- Olhe, Indbur, estes seus incríveis favoritos devem ser acusados de terem rasgado uma boa capa. Esta capa já passou por um amontoado de coisas.

O Prefeito deixou-se ficar ali de pé, muito rígido, olhando com desagrado, e disse com arrogância do cimo do seu metro e cinqüenta e seis:

- Não me lembro nada de você ter pedido uma audiência, Mis. Certamente você não pediu que lhe fosse concedida alguma.

Ebling Mis olhou para baixo, para o Prefeito, com uma expressão que refletia aparentemente uma incredulidade cheia de surpresa:

- Galáxia, Indbur, você não recebeu ainda o meu pedido. Entreguei-o a um lacaio vestido com um uniforme púrpura, há uns dias. Eu devia ter entregado diretamente, mas sei como você admira as formalidades.

- Formalidades! - Indbur virou os olhos exasperados. - Você já ouviu alguma vez falar em organização correta? Futuramente você terá que apresentar seu pedido de audiência, feito corretamente em três vias, para que o governo saiba qual é o seu objetivo. Você terá então de esperar até que se tenha cumprido o curso habitual dos acontecimentos que lhe há de levar a notificação de quando

haverá audiência, para ser recebido. E você então aparece, vestido corretamente, corretamente vestido, compreende? e com o comportamento devido, também. Agora, vá embora.

- Mas o que é que está mal na minha roupa? - perguntou Mis, apaixonadamente. - É o melhor casaco que tenho e que estes demônios incríveis me rasgaram. O abandonarei tão depressa assim que comunicar aquilo que tenho de lhe comunicar. Galáxia, se isto não envolvesse uma crise de Seldon, iria embora agora mesmo.

- Uma crise de Seldon! - Indbur deu a sua primeira amostra de interesse.

Mis era um grande psicólogo - um democrata, grosseiro, e certamente rebelde, mas um psicólogo, também. Na sua incerteza, o Prefeito quase transformou em palavras de angústia interior que o apunhalou subitamente quando Mis cortou uma flor ao acaso, levando-a às narinas para aspirar, porém, deixou-a de lado com uma torcidela de nariz.

Indbur disse friamente:

- Quer me acompanhar? Este jardim não foi feito para conversas sérias.

Sentiu-se melhor na sua alta cadeira, atrás da sua ampla mesa, da qual podia olhar para baixo para os poucos cabelos que tornavam a cabeça pelada de Mis numa coisa inefavelmente cor-de-rosa. Sentiu-se muito melhor quando Mis lançou uma série de olhares automáticos à sua volta, procurando uma cadeira que não havia e permanecendo de pé metido nas suas roupas de um corte já fora de moda. E o que mais o refez no meio de tudo foi quando, em resposta a uma cuidadosa pressão do contato indicado, um lacaio de libre apareceu submisso e apressadamente, curvando-se no seu caminho para a mesa, e colocando em cima dela um volume encadernado a metal.

- Agora - disse Indbur, cada vez mais senhor da situação - de forma a tornar a sua entrevista não autorizada o mais curta possível, - apresente o seu relatório no mais reduzido número de palavras que lhe seja possível.

Ebling Mis disse vagarosamente:

- Você sabe o que tenho feito nos últimos dias?

- Tenho aqui os seus relatórios - replicou o Prefeito, com satisfação - juntamente com resumos autorizados. Segundo a minha maneira de os compreender, suas investigações no campo das estruturações matemáticas da psicohistória procuraram refazer o trabalho de Hari Seldon neste plano e, eventualmente, procuram definir o projetado curso da história futura, para uso da

Fundação.

- Exatamente - reconheceu, secamente. - Quando Seldon estabeleceu a Fundação pela primeira vez, foi suficientemente sensato para não incluir psicólogos entre os cientistas aqui colocados - pelo que a Fundação tem agido sempre às cegas ao longo do curso das exigências históricas. No decurso das minhas investigações, tenho-me baseado muito em sugestões que se fundamentam no Cofre do Tempo.

- Estou a par de tudo isso, Mis. É uma perda de tempo repeti-lo.

- Não estou repetindo coisa nenhuma - gritou Mis - porque aquilo que lhe vou dizer não consta de nenhum desses relatórios.

- O que quer você dizer com isso de não estar nos relatórios? - indagou Indbur, estupidamente. - Você devia...

- Galáxia! Deixe que lhe diga isto à minha maneira, sua minúscula criatura ofensiva. Pare de me meter palavras pela boca dentro e de me interrogar a respeito de todos os meus relatórios ou então sairei daqui para fora e deixo que as coisas todas se esmigalhem à sua volta. Lembre-se, seu incrível louco, que a Fundação seguirá o seu caminho do começo ao fim porque o deve fazer, mas se eu sair agora daqui - você não irá com ela.

Atirando o chapéu ao chão, de tal forma que lhe saltaram os salpicos de lama que tinha agarrados, subiu os degraus da escada em que estava assentada a enorme mesa e, empurrando violentamente os papéis, sentou-se a um canto dela.

Indbur pensou furiosamente em se havia de chamar a guarda, ou se devia servir-se dos desintegradores embutidos na mesa. Porém, o rosto de Mis estava olhando para ele, de cima para baixo, e não havia outra coisa a fazer senão deixar-lhe ver uma cara com a melhor disposição possível.

- Dr. Mis - gaguejou ele, com uma formalidade sem resultado - você deve...

- Cale-se - replicou Mis, furiosamente - e ouça. Aqui nesta coisa - e a palma de sua mão estendeu-se pesadamente em cima dos elementos encadernados em metal - há uma embrulhada feita com os meus relatórios, jogue-a fora. Todos os relatórios que eu escrevo são obrigados a passar por uns vinte funcionários, até chegarem à sua mão, e depois desta espécie de controle voltam a passar pelas mãos de outros vinte. Isto é uma maneira acurada de conseguir que nada daquilo que se remete permaneça secreto. Bem, eu trago comigo qualquer coisa que é confidencial. E tão confidencial, que nem os

rapazes que trabalham comigo sentem o cheiro do que está acontecendo. Eles executaram o trabalho, decerto, mas todos eles fizeram umas pecinhas sem imbricação, e fui eu que juntei a todas. Você sabe o que vem a ser o Cofre do Tempo?

Indbur meneou negativamente a cabeça, porém Mis continuou com o seu ruidoso gozo da situação:

- Bem, vou lhe dizer alguma coisa porque tive a sorte de imaginar esta incrível situação da Galáxia! Há muito tempo, sou capaz de ler no seu espírito sua pequenina fraude. Você pôs a mão direita perto de um pequeno botão que poderá chamar uns quinhentos homens armados para me porem daqui para fora, porém você tem medo daquilo que eu sei, você está com medo de uma Crise de Seldon. Além de que, se você tocar em qualquer coisa que esteja na sua mesinha, ficará sem a sua incrível cabeça antes de eles terem tempo de chegar. Você e o bandido do seu pai e o pirata do seu avô têm sido as sanguessugas da Fundação há muitíssimo tempo, seja como for.

- Isso é traição — murmurou Indbur.

- É, certamente que é - anuiu Mis muito satisfeito. - mas que tem você a dizer a este respeito? Deixe que lhe conte o que se passa com o Cofre do Tempo. Este Cofre do Tempo é aquilo que Hari Seldon utilizava a princípio para nos ajudar a evitar os pontos incompletos. Em todas as crises, Seldon preparou um simulacro pessoal para ajudar e explicar. Quatro crises no total - quatro aparições. A sua primeira aparição registrou-se no momento da primeira crise. A segunda deu-se um momento depois do bom êxito da evolução da segunda crise. Os nossos antepassados estiveram presentes para ouvi-lo ambas as vezes. Na terceira e na quarta crises, ele foi ignorado - provavelmente porque não era necessário, mas recentes investigações - que não foram incluídas nesses relatórios que tem em seu poder - indicam que ele apareceu fosse como fosse, e nos prazos indicados. Compreende?

Não esperou que lhe desse resposta. O seu charuto, uma ruína esfarrapada e desfeita, foi finalmente atirado fora, rebuscou um novo charuto, e acendeu-o. Expeliu a fumaça com violência. Continuou:

- Oficialmente eu estou procurando reconstruir a ciência da psicohistória. Bem, nenhum homem está em condições de fazer isso e não o conseguiria fazer daqui a um século, pelo menos. Porém eu tenho feito progressos aproveitando elementos mais simples e estou em condições de utilizá-los como um pretexto para me meter no Cofre do Tempo. Aquilo que

tenho feito envolve a determinação, com um erro insignificante que não lhe elimina a certeza, da data exata da próxima aparição de Hari Seldon, e estou em condições de lhe dizer o dia exato, por outras palavras, o momento em que a próxima crise de Seldon, a quinta, atingirá o seu apogeu.

- E quando é que isso se verificará? - perguntou Indbur, muito tenso.

E Mis deixou estourar a bomba com um cuidadoso desapego:

- Dentro de quatro meses - disse ele. - Quatro incríveis meses, menos dois dias.

- Quatro meses - comentou Indbur, com uma veemência incaracterística. - Impossível.

- Impossível, minha incrível visão.

- Quatro meses? Você compreende o que isso quer dizer? Se uma crise atingir o clímax dentro de quatro meses, isso quer dizer que está evoluindo há anos.

- E por que não? Há alguma lei da natureza que exija que o processo de maturação se processe à plena luz do dia?

- Mas nada está iminente. Nada pesa sobre nós. - Indbur quase torceu as mãos de ansiedade. Com um repentino e espasmódico aumento de ferocidade, guinchou: - É capaz de sair da minha mesa e deixar-me pô-la em ordem? Como você espera que eu pense?

Mis, espantado, levantou-se vagarosamente e afastou-se para um lado.

Indbur voltou a colocar os objetos nos seu nichos apropriados com um movimento febril. Depois falou rapidamente:

- Você não tem o direito de aparecer aqui com essas coisas. Se você tivesse apresentado a sua teoria...

- Não se trata de uma teoria.

- Eu disse que é uma teoria. Se você a tivesse apresentado juntamente com as suas provas e argumentos, de maneira apropriada, eu a teria remetido para o Gabinete de Ciências Históricas. Ali podia ter sido devidamente discutida, e as análises resultantes me seriam apresentadas, e então, decerto, havia de ser adotada a atitude mais indicada. Tal como foi feito, você incomodou-me embora não intencionalmente. Ah, aqui está.

Tinha uma folha de papel transparente e prateado na mão, abanando-a na

direção do psicólogo que estava perto dele.

- Isto é um pequeno resumo que faço pessoalmente, todas as semanas, dos assuntos estrangeiros que estão em discussão. Ouça, já concluímos negociações para um tratado comercial com Mores, continuam as negociações para estabelecer outro com Lyonesse, mandamos uma delegação para celebrar outro com Bonde, recebemos algumas queixas ou coisa assim de Kalgan e prometemos estudar o assunto, protestamos contra algumas práticas comerciais muito incorretas verificadas em Asperta e eles prometeram examinar o assunto.

Os olhos piscos do prefeito chegaram ao fundo da lista de apontamentos em código, pelo que colocou cuidadosamente a folha no lugar mencionado na pasta indicada.

- Eu lhe digo, Mis, que não há uma única coisa que indique mal-estar mas apenas ordem e paz...

A porta que estava longe abriu-se de par em par e, numa coincidência muito dramática de maneira a sugerir apenas que se tratava de vida real, entrou um nobre vestido com extremo rigor.

Indbur estava meio corado. Tinha a curiosa sensação redemoinhante de irrealidade que se registra nos dias em que tudo acontece muito depressa. Depois da intrusão de Mis e das suas grosseiras exaltações, verificava-se a entrada do seu secretário, que era igualmente imprópria e por isso mesmo perturbadora, pois que não fora anunciada e esse, pelo menos, conhecia a etiqueta.

O secretário ajoelhou-se.

Indbur perguntou com dureza:

- Então?

O secretário falou para o alto:

- Excelência, o capitão Pritcher das Informações, tendo regressado de Kalgan, em desobediência às suas ordens, feitas em conformidade com instruções anteriores, a sua ordem X20-513, foi detido, e aguarda execução. Aqueles que o acompanhavam estão detidos para serem interrogados. Está sendo apresentado um relatório completo.

Indbur, em agonia, replicou:

- Está sendo recebido um relatório completo. E então?

- Excelência, o capitão Pritcher relatou, de maneira vaga, a existência de intenções ofensivas por parte do novo Condestável de Kalgan. De acordo com as

instruções anteriores, sua ordem X20-651, não está sendo ouvido formalmente, porém suas informações estão sendo registradas e apresentado um relatório completo.

Indbur resmungou:

- Está sendo recebido um relatório completo. E então?

- Excelência, há um quarto de hora que estão sendo recebidos relatórios da fronteira de Salinnian. Naves identificadas como sendo Kalganianas penetraram em território da Fundação, sem autorização. As naves estão armadas. Registraram-se combates.

O secretário estava dobrado a meio. Indbur permanecia de pé. Ebling Mis pessoalmente chocado, inclinou-se para o secretário, e bateu-lhe rudemente no ombro.

- Ouça, o melhor que você tem a fazer é libertar esse capitão Pritcher, e trazê-lo para cá. Vá fazer isso.

O secretário saiu, e Mis virou-se para o prefeito:

- Não lhe parece que será melhor pôr sua máquina em ação, Indbur? Quatro meses, bem sabe.

Indbur deixou-se ficar de pé, com os olhos arregalados. Só um dos seus dedos parecia vivo e entretinha-se a riscar rápidos triângulos em cima do tampo liso da mesa que tinha diante dele.

CONFERÊNCIA

Quando os vinte e sete mundos comerciais independentes, que só estavam unidos devido à desconfiança que tinham em relação ao planeta-mãe da Fundação, decidiram entre si realizar uma assembléia, cada um deles se considerava o maior, com uma arrogância que nascia de sua pequenez, petrificados que estavam pelo seu próprio isolamento, ao mesmo tempo que azedados pelo perigo permanente, houve negociações preliminares com o fim de eliminar uma porção de questões minúsculas e mesquinhas, suficientemente chocantes, todavia, para fazer desanimar os mais perseverantes.

Não foi fácil fixar antecipadamente numerosos pormenores como métodos de votação, tipo de representação, se por mundo ou população. Trata-se de assuntos que envolvem problemas de importância política. Não foi fácil fixar assuntos de prioridade à mesa, tanto de conselho como de jantar, pois são assuntos que envolvem importância social.

O lugar onde se devia realizar a reunião deu azo a grandes discussões - pois que era problema em que todos os elementos provinciais queriam ficar à frente. E ao cabo de delicadas manobras diplomáticas decidiu-se pelo mundo de Randole, que alguns comentadores haviam sugerido como sendo o mais indicado por razões lógicas que derivavam de sua posição central.

Randole era um mundo pequeno - e, no que se referia ao potencial militar, talvez o mais fraco dos vinte e sete. O que, como é evidente, foi mais um fator contribuindo para a lógica da escolha.

Era um mundo repartido em várias faixas de temperaturas desiguais, de que a Galáxia se gabava bastante, mas que se fazia notar pelo número de sua população. Era um mundo, por outras palavras, onde as duas zonas laterais se caracterizavam pelos excessos de calor e de frio, enquanto a vida só era possível na região cheia de pássaros, onde incidia uma luz média.

Era um mundo invariavelmente pouco convidativo para aqueles que ainda não o tinham experimentado, mas onde existiam pontos estrategicamente colocados e a cidade de Randole estava localizada num deles.

Estendia-se ao longo de encostas de suaves inclinações, em frente das montanhas recortadas que se alinhavam ao fundo, ao longo da margem do hemisfério frio, e que se encarregavam de deter o espantoso gelo. O ar quente e seco da região tropical derramava-se sobre a cidade, enquanto a água foi

carreada das montanhas - e entre as duas zonas a cidade de Randole tornava-se um jardim sem momentos mortos, nadando na manhã de um eterno junho.

Todas as casas se aninhavam no meio de jardins floridos, expostos à influência dos elementos. Todos os jardins se revelavam um terreno de horticultura poderosamente organizada, onde as plantas de luxo cresciam de maneira fantástica, destinadas ao comércio com o estrangeiro - pelo que Randole quase se transformara num mundo de produção, perdendo muitas das características de um mundo tipicamente comercial.

Assim sendo, e obedecendo a este esquema, a cidade de Randole era um pequeno ponto suave e luxuoso, no meio de um planeta horrível - um minúsculo retalho do Éden e este foi também um fator que contribuiu para a lógica da escolha.

Os estrangeiros vindos de todos os outros vinte e seis mundos comerciais: delegados, mulheres, secretários, jornalistas, naves e tripulações, quase duplicariam a população de Randole, e os seus recursos foram obrigados a esticar-se até atingirem os seus limites máximos. Todo mundo comia e bebia à vontade e descansava quanto lhe apetecia.

Havia no meio de tudo isto alguns fanfarrões que não tinham inteira consciência de que todo este volume da Galáxia se ia consumindo lentamente numa espécie de guerra tranqüila e soporífera. E aqueles que disso tinham consciência formavam três classes. A primeira era constituída pelos muitos que conheciam pouco e eram muito presunçosos...

Tal como o jovem piloto espacial de Haven que trazia consigo o símbolo de Haven no laço do punho, e que conseguia conservar os óculos nos olhos, para ocultá-los das moças randolianas que estavam defronte dele e sorriam debilmente. Estava dizendo:

- Atravessamos, sem medo algum, pelo meio da zona de guerra para chegarmos até aqui e fizemos de propósito. Viajamos à volta de um minuto-luz ou coisa assim, de forma neutra, direto por Horleggor...

- Horleggor? - interrompeu um nativo de pernas muito altas, que se fazia de anfitrião nessa reunião particular: - Foi esse mundo que o Mulo conquistou na semana passada, não foi?

- Onde é que ouviu dizer que o Mulo o tinha conquistado? - perguntou o piloto com arrogância.

- Na rádio da Fundação.

- O quê? Bem, o Mulo ocupou Horleggor. Nós quase esbarramos com um comboio de naves dele e isto quando eles estavam chegando lá. Ele ainda não iniciara a ocupação quando por ali passamos, e o batedor passou num segundo.

Houve alguém que se intrometeu na conversa em voz alta:

- Não se meta com isso. A Fundação acerta sempre no queixo do inimigo quando chega a hora. Espere, fique aí sentado e espere. A Fundação sabe muito bem quando deve voltar ao ataque. E então - zás.

- A voz grossa sumiu e sucedeu-se um riso irônico.

- Mesmo assim - continuou o piloto de Haven, depois de uma curta pausa - como eu disse, avistamos as naves do Mulo e pareceram-me muito boas, muito boas. É o que lhe digo, pareciam novas.

- Novas? - observou o nativo, pensativamente. - Nesse caso são eles mesmos que as constroem? - Partiu um galho que lhe pendia por cima, cheirou-o com delicadeza, depois do que triturou-o com os dentes, e os tecidos feridos deixaram escorrer uma seiva e espalharam um cheiro de hortelã. E disse: - Você quer me dizer que eles derrotaram as naves da Fundação com aparelhos construídos por eles mesmos? Ora, vamos.

- Nós os vimos, doutor. E eu sou capaz de distinguir uma nave de um cometa, sabe, são coisas que conheço bem.

O nativo dobrou-se até o chão:

- Você sabe o que estou pensando. Ouça, não se deixe enganar. As guerras não podem começar sozinhas, e nós temos uma porção de cabeças astutas ruminando coisas. Eles sabem o que estão fazendo.

Uma pessoa bem intencionada disse de repente:

- Você veja o que faz a Fundação. Espere pelo último minuto, e então - zás! - E riu exageradamente, com estupidez, abrindo a boca perto de uma moça que estava passando diante dele.

O randoliano começou a dizer:

- Por exemplo, meu velho, você pensa, talvez, que os rapazes do Mulo estão galgando espaço sem obstáculos. Não-ão-ão. - E agitou um dedo horizontalmente. - Pelo caminho que estão seguindo, e desde que subam um pouco mais, vão encontrar os nossos rapazes. E havemos de metê-los em ordem, e provavelmente fomos nós que construímos aquelas naves. É mesmo assim,

afinal de contas ele não pode vencer a Fundação, mas pode torná-la muito débil, e quando o fizer - nessa altura aparecemos nós.

A moça observou:

- É só disso que você sabe falar, Klev? Da guerra? Você me causa tédio.

O piloto de Haven disse, num acesso de galanteria:

- Mude de assunto. É melhor não entediar as garotas.

Alguém tocou um estribilho e tamborilou uma caneca acompanhando o ritmo. Os pequenos grupos de dois que se tinham formado começaram com torções e meneios, e alguns grupos similares de dois emergiram do solário que ficava ao fundo.

A conversa tornou-se mais generalizada, mais variada, mais inexpressiva...

Havia ainda aqueles que conheciam um pouco mais e que eram menos inconfidentes.

Tal como aquele maneta Fran, cujo amplo volume representava Haven como delegado oficial e que levava uma vida ardente em conseqüência disso, e cultivava novas amizades, com mulheres quando podia e com homens quando não podia ser de outro modo.

Estava na plataforma solar da casa da montanha de um dos seus novos amigos, onde repousava pela primeira vez daquilo que eventualmente lhe provava a necessidade de viver duas vidas enquanto estivesse em Randole. O novo amigo era Iwo Lyon, uma alma gêmea de Randole. A casa de Iwo estava afastada do bloco geral de casas, aparentemente mergulhada num mar de perfume floral e de rumores de insetos. A plataforma solar era constituída por uma faixa de relvado colocada num ângulo de quarenta e cinco graus, e nela se estirava Fran, embebendo-se completamente ao sol. Comentou:

- Não temos nada como isto, em Haven.

Iwo replicou, muito ensonado:

- Daqui pode-se ver o lado frio. Há um lugar a vinte milhas daqui onde o oxigênio corre como água.

- Não pode ser.

- É mesmo.

- Bem, deixe-me dizer-lhe, Iwo... Nos velhos tempos, antes de ter ficado

sem o braço, eu distribuía uns murros à minha volta, vê... e você não pode compreender isto, mas... - A história que começou a contar arrastou-se consideravelmente, e Iwo não conseguiu entendê-la.

Iwo disse, entre bocejos:

- Eles não os fazem como nos tempos antigos, isso é verdade.

- Não suponho que não conseguem. Bem, agora - Fran entusiasmou-se - você não pode dizer isso. Já lhe falei no meu filho, já? Ele pertence à velha escola, se quiser. Há de tornar-se um grande comerciante, sou eu que lhe digo. Trata-se de um homem à maneira antiga, da cabeça aos pés. Da cabeça aos pés, se excetuarmos o fato de estar casado.

- Você quer dizer que se casou com um contrato legal? Com uma moça?

- Isso mesmo. Não seguiu o meu exemplo. Agora estão a caminho de Kalgan, onde vão passar a lua-de-mel.

- Kalgan? Kalgan? No momento em que a Galáxia está neste estado?

Fran sorriu amplamente, e disse com um significado obscuro:

- Foram para lá exatamente antes do Mulo ter declarado guerra à Fundação.

- Ah sim?

Fran meneou afirmativamente a cabeça e inclinou-se para Iwo que continuava meio adormecido:

- De fato, posso dizer-lhe uma coisa, se você ainda não se encontra a par do que está acontecendo. O meu rapaz foi para Kalgan para cumprir uma missão. Claro que não estou autorizado a revelar que espécie de missão se trata, como deve compreender, mas você olha para a situação tal como está e calculo que possa entender o que se passa, com um pequeno esforço. Seja como for, o meu rapaz era o homem indicado para esse trabalho. Nós os comerciantes, precisamos de uma espécie de defesa. - Sorriu, de maneira astuta. - Ora, aqui estamos. Não posso dizer agora o que é que ele foi fazer, o meu rapaz foi para Kalgan e o Mulo pôs as suas naves em ação. O meu rapaz!

Iwo estava devidamente impressionado. Entrou por seu turno no caminho das confidencias.

- Isso é bom. Você sabe, eles dizem que nós possuímos quinhentas naves prontas para lançar na batalha na hora indicada.

Fran disse autoritariamente:

- Mais do que isso, talvez. Trata-se de verdadeira estratégia. É destas coisas que eu gosto. - Coçou asperamente a pele da barriga. - Mas você se esquece de que o Mulo é um rapaz ativo, também. O que aconteceu em Horleggor está dando cabo de mim.

- Ouvi dizer que ali ele perdeu umas dez naves.

- É certo, mas ele tinha mais uma centena e a Fundação foi obrigada a retirar. É uma coisa boa ver aqueles tiranos vencidos, mas não há nada de estimulante em tudo isto.

- A pergunta que eu me faço é onde é que teria ido o Mulo buscar estas naves? Corre o boato surdo de que fomos nós que as fabricamos.

- Nós? Os comerciantes? Haven possui as maiores fábricas de naves entre todos os mundos independentes e não fabricamos uma nave que não seja para nós próprios. Você quer dizer que há algum mundo que está construindo uma esquadra para o Mulo nas suas fábricas, afastando-se da combinação de ação unida? Isto é um... conto de fadas.

- Sendo assim, quem é que as fabrica?

E Fran encolheu os ombros:

- Fabrica-as ele próprio, calculo eu. E isto também dá cabo de mim.

Fran piscou os olhos sob a luz do sol e enrolou os dedos dos pés em volta da madeira macia do descanso envernizado dos pés. Mergulhou suavemente no sono e o seu volumoso roncar misturou-se com o sibilar dos insetos.

Havia ainda, finalmente, os assuntos verdadeiramente graves que eles sabiam ser consideráveis e sobre os quais não trocaram qualquer confidencia.

Tal como Randu, o qual no quinto dia da convenção geral dos comerciantes entrou no Vestíbulo Central e encontrou os dois homens a quem pedira que ali ficassem, à espera dele. Os quinhentos bancos estavam vazios e continuariam assim. Randu observou rapidamente, quase antes de se sentar:

- Nós três representamos cerca de metade do potencial militar dos Mundos Comerciais Independentes.

- É verdade - reconheceu Mangin de Iss - o meu colega e eu já tínhamos comentado o fato.

- Eu estou preparado - disse Randu - para falar direto e com clareza. Não estou interessado em teimosias ou em sutilezas. A nossa posição tornou-se radicalmente pior.

- Em conseqüência de... - encorajou Ovall Gri, de Mnemon.

- Da evolução que se verificou à última hora. Por favor! Vamos começar pelo início. Primeiro, a posição em que estamos foi de nossa escolha e é indubitável que está fora do nosso controle. As nossas negociações originais não foram com o Mulo, mas com vários outros, em particular com o ex-condestável de Kalgan, a quem o Mulo derrotou, poupando-nos assim muito trabalho.

- Sim, mas esse Mulo é um substituto muito indesejável - disse Mangin. - Eu não quero deixar me prender pelos pormenores.

- Há de querer quando conhecer todos os pormenores. - Randu inclinou-se e colocou as mãos em cima da mesa com as palmas para cima, num gesto evidente. Continuou: - Há um mês atrás mandei o meu sobrinho e a mulher do meu sobrinho para Kalgan.

- O seu sobrinho! - exclamou Ovall Gri, deveras surpreendido. - Eu não sabia que ele era seu sobrinho.

- Com que objetivo? - perguntou Mangin, secamente. - Este? - E o seu polegar enorme desenhou no ar um grande círculo fechado.

- Não. Se você quer dizer com isso guerra do Mulo com a Fundação, não. E como é que eu podia aspirar tão alto? O rapaz não conhece nada, nem da nossa organização nem dos nossos objetivos. Contei-lhe que eu era um membro menor de uma associação patriótica no interior de Haven e a sua função em Kalgan era apenas a de um observador amador. Os meus motivos eram, devo admitir, um tanto obscuros. Necessariamente, eu estava com curiosidade de saber o que se passava a respeito do Mulo. Ele é um fenômeno estranho, porém isto já é por demais conhecido: não iria até esse ponto. Em segundo lugar, poderia efetuar um curso de instrução educacional interessante para um homem que tem experiência com a Fundação e a Fundação subterrânea, revelando possibilidades de futura utilização para nós. Você vê...

O rosto comprido de Ovall ficou reduzido a linhas verticais quando mostrou os seus grandes dentes.

- Nesse caso você deve ter ficado surpreso com o resultado, desde que não haja uma palavra a respeito dos comerciantes, suponho eu, quando não há ninguém que não saiba que o seu sobrinho seqüestrou um súdito do Mulo em

nome da Fundação, fornecendo ao Mulo um motivo de guerra. Galáxia, Randu, você inventa romances de espionagem. E eu que me matei sem conseguir descobrir que você tinha uma mão metida nisto. Vamos, foi um trabalho hábil.

Randu meneou a cabeça branca:

- Não foi feito por mim. Nem, intencionalmente, pelo meu sobrinho, que está agora prisioneiro na Fundação, e pode não chegar a viver para ver a conclusão do seu trabalho tão hábil. Porém conseguiu saber alguma coisa a respeito deles. A Cápsula Pessoal viajou de contrabando, de todas as maneiras possíveis, passando através da zona de guerra, tendo sido levada para Haven, e viajando daqui para lá. Gastou um mês nestas andanças.

- E?

Randu inclinou uma mão pesada em cima da palma da outra e disse, melancolicamente:

- Estou com medo que estejamos destinados a desempenhar papel idêntico ao que foi outrora desempenhado pelo condestável em Kalgan. O Mulo é um mutante!

Registrou-se uma náusea momentânea, uma tímida impressão de excitada opressão. Randu podia facilmente ter imaginado que assim sucederia. Quando Mangin falou, a firmeza da sua voz continuava inalterada:

- Como é que você sabe?

- Só porque o meu sobrinho assim o disse, porém ele estava em Kalgan.

- Que espécie de mutante? Há muitas espécies, como sabe?

Randu forçou sua nascente impaciência a desaparecer:

- Há todas as espécies de mutantes, é certo, Mangin. Todas as espécies! Mas só uma espécie de Mulo. Que espécie de mutante podia iniciar como um desconhecido, reunir um exército, estabelecer aquilo a que chamam a sua base original num asteróide de oito quilômetros, depois capturar um planeta, depois um sistema, depois uma região e acabar por atacar a Fundação, para derrotá-la em Horleggor. E tudo isto em dois ou três anos?

Ovall Gri encolheu os ombros:

- É por isso que pensa que ele acabará por derrotar a Fundação?

- Não sei ainda. Mas suponho que assim suceda.

- Desculpe, eu não posso consentir que isto vá mais adiante. Você não

pode derrotar a Fundação. Olhe, não há nenhum acontecimento novo que tenhamos de considerar exceto os relatórios de um... bem, de um rapaz sem experiência. Suponha que o deixemos de parte, por enquanto. Apesar de todas as vitórias do Mulo, não fomos derrotados até agora, e a menos que ele consiga uma posição bastante melhor do que aquela que tem agora, não vejo razão para mudar de orientação. Compreende?

Randu franziu os sobrolhos e perdeu a esperança de conseguir alguma coisa para os seus argumentos. Disse para ambos:

- Nós já estabelecemos algum contato com o Mulo?

- Não - foi a resposta de ambos.

- É certo, não obstante, que tentamos, não foi? É certo que não há grande utilidade nas nossas reuniões a menos que o consigamos encontrar, não é assim? E certo que, por enquanto, nos limitamos a beber mais do que a pensar e fazemos mais galanteios do que obras - estou citando palavras do artigo de fundo de hoje da Tribuna de Randole - e tudo porque não conseguimos estabelecer contato com o Mulo. Cavalheiros, temos quase um milhar de naves esperando ser lançadas na batalha, no momento indicado, para nos apoderarmos do controle da Fundação. Eu disse que nós poderíamos alterar a situação. Eu disse que devíamos lançar este milhar de naves agora contra o Mulo.

- Você pretende defender o Tirano Indbur e as sanguessugas da Fundação? - perguntou Mangin, com uma calma venenosa.

Randu agitou uma mão enfastiada:

- Poupe-me os adjetivos. Contra o Mulo, foi o que eu disse, e não me importa quem ele possa ser.

Ovall Gri corou:

- Randu, eu não tenho nada a ver com isto. Você pode apresentar sua proposta ao conselho plenário esta noite, se está particularmente sedento de política suicida.

E saiu sem mais qualquer palavra e Mangin foi atrás dele silenciosamente, deixando Randu passar vagarosamente uma hora solitária, mergulhado numa meditação interminável e insolúvel.

E no conselho plenário daquela noite, ele não disse nada.

Mas foi Ovall Gri que empurrou a porta do seu quarto na manhã seguinte, um Ovall Gri sumariamente vestido e que não se tinha barbeado nem

penteado o cabelo.

Randu olhou fixamente por cima da mesa de um pequeno desjejum que já quase desaparecera, com um espanto suficientemente nítido e persistente para obrigá-lo a deixar cair o cachimbo, Ovall disse roucamente:

- Mnemon foi bombardeado no espaço por um ataque traiçoeiro.

Randu arregalou os olhos:

- A Fundação?

- O Mulo! - explodiu Ovall. - O Mulo! - As suas palavras precipitaram-se: - Um ataque não provocado e deliberado. A maior parte da nossa esquadra tinha-se reunido à flotilha internacional. As poucas naves que deixaram com o Esquadrão Doméstico foram insuficientes e foram eliminadas do céu. Não se verificou qualquer aterragem, e não se podia verificar, pois metade dos atacantes são dados como destruídos - mas é a guerra - e eu vim aqui para perguntar como é que Haven irá agir nesta circunstância.

- Haven, tenho certeza, aderirá ao espírito da Carta da Federação. Mas, está vendo? Ele nos ataca também.

- Este Mulo é um miserável. Estará em condições de derrotar o universo? - Vacilou e sentou-se para agarrar os pulsos de Randu: - Os nossos poucos sobreviventes relataram que o Mulo poss... que o inimigo possui uma nova arma. Um campo-atômico depressor.

- O que?

Ovall disse:

- A maior parte das nossas naves perderam-se porque suas armas atômicas não conseguiram disparar. O que só podia ter acontecido por acidente ou sabotagem. Deve ter sido uma arma do Mulo. Trabalha perfeitamente, o efeito era intermitente, havia várias formas de neutralização - os meus comunicados não são pormenorizados. Mas bem vê que este tal instrumento muda a natureza da guerra e possivelmente, torna obsoleta toda a nossa esquadra.

Randu transformou-se num homem muito, muito velho. Sua face pendeu desalentadamente:

- Receio que tenha nascido o monstro que nos irá devorar a todos. Já lhe devíamos ter dado combate...

O AUDIOVISOR

A casa de Ebling Mis ficava nuns arrabaldes nada pretensiosos da Cidade de Terminus e era bem conhecida pela inteligência, pelos literatos e por todos os bons leitores da Fundação. Suas notáveis características, o juízo que sobre elas se possam fazer, dependem, de modo subjetivo da fonte material em que se firma a opinião. Para um biógrafo atento, essa casa era o "símbolo do refúgio de uma realidade não-acadêmica", uma colunista da society falava emocionada e calmamente da sua "atmosfera terrivelmente masculina de descuidada desordem", um doutor em filosofia chamou-a com brusquidão "livresca, mas desorganizada", um amigo de formação não-universitária disse que "era boa para tomar uma bebida de vez em quando e você podia pôr os pés em cima do sofá" e um jovial locutor de rádio, que se vestia de maneira muito bizarra, falou da "empedernida, subterrânea, insensata vivenda do blasfemador, esquerdista e careca Ebling Mis".

Para Bayta, que não precisou esperar por audiência, pois, foi imediatamente recebida e que levava a vantagem de dispor de informações de primeira mão, era simplesmente negligente.

Exceto durante os primeiros dias, sua prisão não lhe causara grandes aflições. Nada surgia tão distante, parecia, como aquela meia hora à espera em casa do psicólogo - talvez sob secreta observação. Depois estivera, com Torã, pelo menos...

Talvez ela conseguisse dominar sua tensão, não fosse o comprido nariz de Magnífico caído de uma forma que revelava obviamente sua própria tensão.

As pernas delgadas de Magnífico estavam dobradas por baixo do queixo, como se aquela severidade estivesse dominando-o, convencendo-o a deixar-se levar pessoalmente ao desespero, e a mão de Bayta esboçou um gesto suave e automático para acalmá-lo. Magnífico encolheu-se, depois sorriu.

- Decerto, minha senhora, deve parecer que meu corpo se recusa a acompanhar as impressões de meu espírito e está sempre esperando receber uma bofetada de outras mãos.

- Não precisa torturar-se, Magnífico. Estou aqui com você, e não consentirei que ninguém lhe bata.

Os olhos do palhaço fitaram-se nela, e depois lançou-se impetuosamente

para frente:

- Não tarda muito que eles me ponham longe de você - e do seu amável marido - e, palavra, pode rir, mas eu estava sozinho sem amigo nenhum.

- Não vou rir de nada. Eu também estava.

O palhaço animou-se, e abraçou-se estreitamente aos joelhos. Disse:

- Você algum dia viu este homem que nos recebe? - Era uma pergunta cautelosa.

- Não. Mas trata-se de um homem famoso. Tenho-o visto em notícias aparentes e ouvi a seu respeito uma porção de coisas mais ou menos agradáveis. Penso que se trata de um homem bom, Magnífico, que não nos há de desejar mal.

- Sim? - O palhaço mexeu-se com desassossego. - Pode ser que assim seja, minha senhora, mas ele já me interrogou, e suas maneiras são tão abruptas e barulhentas que me causaram arrepios. Está cheio de palavras estranhas, e por isso as respostas às suas perguntas não me conseguiam sair da garganta nem com saca-rolhas. Quase podia compreender o romancista que uma vez brincou com a minha ignorância, num conto em que dizia, que em tais momentos o coração se aloja na traquéia e impede as pessoas de falar.

- Isto agora é diferente. Somos dois contra um, e ele não será capaz de nos assustar aos dois, não é?

- Não, minha senhora.

Nessa altura rangeu em algum lugar uma porta, e entrou pela casa dentro uma voz aguda. Exatamente do outro lado do aposento, concretizou-se em palavras com um violento:

- Pela Galáxia, daqui para fora! - e dois policiais surgiram pela porta aberta, em rápida retirada.

Ebling Mis entrou com as sobrancelhas franzidas, depositou no chão um pacote cuidadosamente embrulhado, aproximou-se para apertar a mão de Bayta com uma pressão carinhosa. Bayta devolveu vigorosamente o cumprimento, de maneira masculina. Mis fez uma dupla reverência quando se virou para o palhaço, e lançou um olhar demorado para a moça. Perguntou:

- Casada?

- Sim. Com todas as formalidades legais.

Mis fez uma pausa. Depois continuou:

- A propósito, é feliz?

- Até aqui.

Mis encolheu os ombros, e virou-se outra vez para Magnífico. Desembrulhou o pacote:

- Sabe o que é isto, rapaz?

Magnífico levantou-se rápido e apoderou-se do instrumento de múltiplos botões. Foi passando os dedos pelas miríades de contatos nodosos, atirou-se subitamente para trás com uma cambalhota de alegria, ameaçando a destruição da mobília pobre. Vociferou:

- Um Audiovisor - e de uma qualidade capaz de extrair alegria do coração de um morto. - Os seus longos dedos acariciaram-no devagar e suavemente, apertando suavemente os botões, deixando-se ficar momentaneamente num botão, depois noutro - e no ar diante dele surgiu uma cor rosada, macia e brilhante, dentro do nível de visão.

Ebling Mis observou:

- Muito bem, rapaz, você,disse que podia tocar uma destas engenhocas, e está com sorte. Você nunca teve uma tão harmoniosa como esta, aposto. Trouxe-a de um museu. - Virando-se então para Bayta: - Nem eu podia fazê-la, nem ninguém na Fundação pode fazê-la funcionar corretamente.

Inclinou-se muito e disse vivamente:

- O palhaço não fala sem você estar presente. Deseja ajudar-me?

Ela meneou a cabeça.

- Está bem! - disse ele. - O seu estado de pavor quase se estabilizou, e tenho dúvidas que a sua força mental ofereça possibilidades de sujeitá-lo a uma sonda psíquica. Se quiser extrair alguma coisa dele de outra maneira, devo examiná-lo absolutamente sossegado. Compreende?

Ela voltou a menear a cabeça.

- Este Audiovisor é o primeiro passo no processo. Diz que pode contar com ele e sua reação, agora, torna quase certo que se trata de uma das grandes alegrias de sua vida. Por isso, seja bom ou mau aquilo que ele aceitar, devemos mostrar-nos interessados e apreciadores. Agora mostre-se amigável e íntima comigo. Acima de tudo, obedeça àquilo que eu sugerir, em tudo. - Houve um

rápido olhar para Magnífico, encolhido a um canto do sofá, procedendo a rápidos ajustamentos dentro do instrumento. Estava completamente absorto.

Mas disse num tom confidencial a Bayta:

- Algum dia ouviu um Audiovisor?

- Uma vez - disse Bayta, num tom igualmente desprendido - num concerto de instrumentos excêntricos. Não fiquei muito impressionada.

- Bem, duvido que você tenha ouvido um bom executante. Há muito poucos executantes realmente bons. Não é que se requeira um tipo especial de coordenação física - um piano multiteclado exige mais, por exemplo, mas pede, também, um certo tipo de mentalidade livremente evolucionada. - Em voz mais baixa: - E sucede assim porque a nossa estrutura viva é melhor do que pensamos. Muito mais vezes do que se pensa, os bons executantes são totalmente idiotas para as outras coisas. Trata-se de uma daquelas estranhas constatações que tornam a psicologia interessante.

E acrescentou, num esforço patente para apresentar uma conversa inteligente.

- Você sabe como trabalham estas coisas engenhosas? Olho para elas para ver se sou capaz de compreender, e tudo o que consigo compreender daquilo é que suas radiações estimulam diretamente o centro ótico do cérebro, sem nunca tocar no nervo ótico. É evidentemente a utilização de uma sensação que nunca se verifica na natureza comum. Notável, quando se pensa nisso. O que você ouve está bem. É coisa comum. Tímpano, caracol e por aí afora. Mas - Shh! Ele está pronto. Gostaria que você desligasse o interruptor. Ele trabalha melhor no escuro.

Na escuridão, Magnífico estava reduzido a uma simples sombra. Ebling era uma massa respirando pesadamente. Bayta sentou-se, também, arregalando os olhos ansiosamente e da primeira vez não conseguiu ver nada. Havia um frágil, agudo trilo no ar, que ia subindo gradativamente de tom. Ficou suspenso no ar, gotejou e estorceu-se, ganhou corpo, e decaiu rapidamente, reduzindo-se a um som que fazia o efeito do rasgar-se de uma cortina delicada.

Um pequeno globo de cor pulsante cresceu com um jorro rítmico e explodiu no meio do ar em gotas disformes que ondularam e desceram como correntes oscilantes em desenhos entrelaçados. Estes fundiram-se em pequenas esferas, não havendo duas da mesma cor - e Bayta começou a descobrir coisas.

Verificou que fechando os olhos, os padrões de cores se tornavam mais

claros, que todos os pequenos movimentos de cor tinham o seu próprio pequeno elemento de som, que não podia identificar as cores e, finalmente, que os globos não eram globos, porém pequenas figuras.

Pequenas figuras, pequenas labaredas movediças, que dançavam e bruxuleavam nas suas miríades, que se retiravam para longe e regressavam de alguma parte, que se entrançavam em volta uma da outra e aglutinavam-se numa nova cor.

Incoerentemente Bayta pensou nos pequenos bulbos de cor que apareciam pela noite quando fechava as pálpebras até lhe doerem, e fitou-os pacientemente. Havia o velho efeito familiar do ponto de cor movediça com ritmo de polca, os círculos contraindo-se concentricamente, as massas disformes que estremeciam momentaneamente. E tudo isto amplo, multivariado - e cada pequeno ponto de cor era uma minúscula figura.

Arremessavam-se aos pares para ela, e ela levantava as mãos com um repentino arfar, porém eles estremeciam e durante um instante ele era o centro de uma brilhante nevada, enquanto uma luz fria lhe escorregava dos ombros e lhe descia pelos braços patinando luminosamente, irrompendo dos dedos rígidos e reunindo-se vagarosamente num foco luzindo no meio do ar. Debaixo daquilo tudo, o som de uma centena de instrumentos flutuava em líquidas correntes até ela não poder distingui-las da luz.

Ela gostaria de saber se Ebling Mis sentia a mesma coisa e, em caso negativo, o que é que ele estaria vendo. O prodígio passou, e então...

Estava olhando outra vez. As pequenas figuras - seriam pequenas figuras? - pequenas mulheres esguias com cabelos cor de fogo que giravam e se curvavam muito rapidamente do espírito para o foco? - Reuniam-se umas às outras em grupos em forma de estrelas que iam girando - e a música eram risos desmaiados - risos de moças que começavam dentro do ouvido.

As estrelas desapareceram todas ao mesmo tempo, faiscando umas atrás das outras, afastando-se vagarosamente para a estrutura - e de baixo, um palácio lançou-se para o alto em rápida evolução. Cada tijolo era uma cor diminuta, cada cor uma diminuta faísca, cada faísca uma luz que feria, que mudava de intensidade e deixava nos olhos um céu ocupado por vinte minaretes cobertos de jóias.

Um tapete voador lançou-se pelo espaço, redemoinhando, planando numa trama insubstancial que mergulhava pelo espaço todo, e ali nasciam luminosas cataratas, dolorosas e ascedentes, que se corporizavam em árvores que

cantavam com uma música toda particular.

Bayta sentiu-se dominada por tudo aquilo. A música nascia em volta dos seus vôos rápidos e líricos. Ela estendeu a mão para tocar numa árvore frágil e florescentes grãozinhos boiavam para baixo e murchavam, cada um deles com o seu som nítido e débil.

A música estalou em vinte címbalos, e diante dela incendiou-se uma superfície que, num jorro lançou-se em cascata por invisíveis degraus até o regaço de Bayta, onde se derramou e fluiu numa rápida corrente, levantando a ardente escuma até sua blusa, enquanto através do seu regaço se desenhava um arco-íris e sobre ele as pequenas figuras...

Uma praça e um jardim, e homens minúsculos e mulheres sobre uma ponte, expandindo-se até onde ela podia ver, torcendo-se através dos soberbos crescendos de música transformados em fios que se dirigiam para ela...

E então - pareceu nascer uma pausa assustada, um movimento hesitante, abstrato, um rápido colapso. As cores desapareceram, entrançando-se num globo que se contraiu, se avermelhou e desapareceu.

E voltou a haver apenas escuridão.

Um pé vagaroso raspou o pedal, apertou-o, e a luz inundou o aposento, a luz insípida de um sol prosaico. Bayta pestanejou até às lágrimas, enquanto pensava demoradamente naquilo que desaparecera. Ebling Mis estava reduzido a uma grossa inércia, com os olhos ainda arrasados e a boca ainda aberta. Só o próprio Magnífico .estava desperto, e acariciou o seu audiovisor numa atitude extasiada.

- Minha senhora - suspirou ele - é de fato de um efeito dos mais mágicos. É equilibrado e responde quase além do que se podia esperar da sua delicadeza e estabilidade. Se fosse um pouco melhor, eu poderia operar maravilhas. Gostou da minha composição, minha senhora?

- Era sua? - murmurou Bayta. - De sua própria autoria?

Para seu terror, a sua tímida face lançou um olhar avermelhado para a extremidade do seu enorme nariz.

- De minha autoria, sim, minha senhora. O Mulo não gostava dela, mas, vezes e vezes sem conta, toquei-a para meu próprio prazer. Aconteceu uma vez, na minha juventude, que vi o palácio - um lugar gigantesco forrado com jóias que observei à distância na época do grande carnaval. Havia pessoas de um esplendor nunca sonhado até então e uma magnificência maior do que qualquer

outra que eu mais tarde visse, quando ao serviço do Mulo. Apenas criei uma pobre substi¬tuta, mas a minha pobre mente impede que possa fazer mais. O título que lhe dou é "Lembrança de Haven".

Agora, voltando a si no meio da tagarelice, Mis conseguiu regressar também à vida ativa:

- Olhe - disse ele - olhe, Magnífico, você não gostaria de tocar esta mesma composição para outras pessoas?

Durante um momento, o palhaço ficou dobrado para trás:

- Para outras pessoas? - gaguejou.

- Para milhares de pessoas - exclamou Mis - nos grandes Auditórios da Fundação. Você passaria a ser o seu próprio senhor, e honrado por todos, rico, e... e - a imaginação não lhe conseguiu sugerir mais nada. - É tudo isto? Eh? Que me diz você?

- Mas como é que pode ser isso tudo, poderoso senhor, se na verdade sou apenas um pobre palhaço, incapaz de fazer as grandes coisas do mundo?

O psicólogo deu um sopro, e passou as costas da mão pela testa. Disse:

- Mas você toca, homem. O mundo é seu se quiser tocar para o prefeito e para os seus Trustes comerciais. Não lhe agradaria isso?

O palhaço olhou para Bayta:

- Ela poderia ir comigo?

Bayta riu:

- Oh, certamente, meu tolo. Você ainda desejaria viver ao meu lado agora que está prestes a tornar-se rico e famoso?

- Eu desejaria estar sempre ao seu lado - replicou ele fervorosamente - e seguramente toda a riqueza da Galáxia haveria de ser sua antes de eu conseguir pagar a dívida que tenho para com a sua amabilidade.

- Mas - disse Mis, casualmente - se você me quisesse ajudar primeiro...

- Em que?

O psicólogo fez uma pausa e sorriu:

- Aceitando a aplicação de uma pequena sonda de superfície que não doe. Só tocarei na camada superficial do seu espírito.

Havia um fulgor de medo mórbido nos olhos de Magnífico:

- Não quero sonda nenhuma. Já a vi utilizar. Esgota o espírito e deixa a cabeça completamente vazia. O Mulo utilizava-a nos traidores e depois deixava-os vaguear vazios de espírito pelas ruas, até que um golpe qualquer de misericórdia os matava. - Levantou a mão para tirar Mis da sua frente.

- Isto é uma sonda psíquica - explicou Mis pacientemente - que só prejudicará uma pessoa no caso de ser mal utilizada. A sonda que tenho em meu poder é uma sonda de superfície e nem sequer poderia fazer mal a um bebê.

- É assim mesmo, Magnífico - acrescentou Bayta. - É só para nos ajudar a vencer o Mulo e a mantê-lo longe de nós. Uma vez que isso estiver feito, você e eu ficaremos ricos e famosos para o resto das nossas vidas.

Magnífico levantou uma mão trêmula:

- É capaz de me segurar a mão, nesse caso?

Bayta agarrou-a entre as suas, e o palhaço observou assustadamente a aproximação das lustrosas chapas terminais, com os olhos muito arregalados.

Ebling Mis descansou descuidadamente em uma das cadeiras prodigamente distribuídas pelos aposentos particulares do prefeito Indbur, sempre mal agradecido para as deferências que lhe mostravam e esperou pelo pequeno e excitado prefeito com muito pouca simpatia. Tirou uma ponta de charuto e deitou fora uma partícula de tabaco.

- E, incidentalmente, se deseja alguma coisa para o seu próximo concerto no Auditório Mallow, Indbur - disse ele - pode deitar todas essas engenhocas eletrônicas no cano de esgoto de onde saíram e decidir-se a ter o pequeno capricho de tocar audiovisor para si. Indbur - é uma coisa que não é deste mundo.

Indbur replicou impertinentemente:

- Não o mandei chamar para ouvir conferências suas a respeito de música. O que há a respeito desse Mulo? Diga-me já. O que há a respeito desse Mulo?

- O Mulo? Bem, eu lhe digo... utilizei uma sonda de superfície e consegui pouco. Não posso utilizar a sonda psíquica porque o palhaço tem um medo horrível dela, pelo que, provavelmente, a sua resistência daria cabo dos seus incríveis fusos mentais logo que o contato se estabelecesse. Foi por isso que vim aqui, se você ao menos conseguir parar de tamborilar com os dedos... Em primeiro lugar, eliminei a tensão da pressão física exercida pela idéia do Mulo. Ele é provavelmente robusto, mas a maioria das histórias fantásticas que o

palhaço conta a seu respeito são, provavelmente, exageradas pela sua própria memória medrosa. O Mulo usa óculos estranhos e os seus olhos matam, o que torna evidente que dispõe de forças mentais.

- Já é alguma coisa para começar - murmurou o prefeito, com azedume.

- Então a sonda confirmou-o, e a partir daí temos trabalhado matematicamente.

- E daqui a quanto tempo é que viremos a saber o resultado? As suas palavras retumbantes quase me deixam surdo.

- Dentro de um mês, diria eu, e nessa altura já terei alguma coisa para lhe dizer. E também pode ser que não, certamente. Mas o que há com ele? Se isto tudo foi exterior aos planos de Seldon, as nossas possibilidades são realmente reduzidas, incrivelmente reduzidas.

Indbur pôs-se a girar em volta do psicólogo todo furioso:

- Agora é conosco, traidor. Mentira! O que você disse não passa de um desses criminosos rumores espalhados pelos vendedores de quinquilharias que andam pregando o derrotismo e o pânico através da Fundação, e tornam o meu trabalho duplamente árduo.

- Eu? Eu? - Mis franziu vagarosamente os sobrolhos.

Indbur praguejou para ele:

- Porque, pelas nuvens de cinza do espaço, a Fundação ganhará - a Fundação deve ganhar.

- A despeito da perda de Horleggor?

- Isso não foi uma perda. Você também engoliu essa mentira que corre, por aí. Nós nos encontramos em inferioridade numérica e traídos...

- Por quem? - perguntou Mis, desdenhosamente.

- Pelos democratas piolhentos que vivem nos esgotos - gritou Indbur por cima do ombro. - Há muito que sabia que a esquadra estava sendo ocupada por células democráticas. A maior parte delas foi eliminada, todavia permanece por explicar a rendição de vinte naves no ardor do combate. O suficiente para forçar uma derrota aparente. A este respeito, meu grande linguarudo, ingênuo patriota e resumo das virtudes primitivas, quais são as suas próprias ligações com os democratas?

Ebling Mis encolheu os ombros:

- Você delira, dá-se conta disso? O que há depois da retirada, e da perda de metade de Siwena? Foram outra vez os democratas?

- Não. Não foram democratas - e o homenzinho sorriu secamente. - Nós nos retiramos... como a Fundação sempre se retirou perante um ataque, até que a inevitável marcha da história nos volte a arrastar. Já estou vendo os resultados. Aquilo que se denomina o subterrâneo dos democratas publicou manifestos afirmando que oferecem ajuda e fidelidade ao Governo. Pode ser que seja um artifício, uma dissimulação da sua profunda traição, porém estou fazendo bom uso disso, e a propaganda que eles estão lançando há de ter os seus efeitos, seja qual for o esquema desses rastejantes traidores. E melhor ainda do que isso. . .

- Ainda melhor do que isso, Indbur?

- Julgue por você mesmo. Há dois dias atrás, aquilo a que se chama a Associação dos Comerciantes Independentes declarou guerra ao Mulo e a esquadra da Fundação foi reforçada, em conseqüência disso, com um milhar de naves. Está vendo, este Mulo está indo longe demais. Ele encontrou-nos divididos e desavindos uns com os outros e sob a pressão dos seus ataques unimo-nos e tornamo-nos fortes. Ele deve perder. É inevitável, como sempre.

Mis mostrava algum ceticismo:

- Nesse caso, você quer dizer que Seldon fez planos até para prever a fortuita aparição de um mutante.

- Um mutante! Eu não consigo distingui-lo de um ser humano, nem você seria capaz, se não fossem os delírios de um capitão indisciplinado, de alguns jovens estrangeiros, e mais de um prestidigitador e palhaço. E você forneceu-me a mais conclusiva evidência de tudo, você mesmo.

- Eu mesmo? - Por um momento, Mis ficou aturdido.

- Você mesmo - insistiu o prefeito. - O Cofre do Tempo abrirá dentro de nove semanas. E qual deve ser o resultado? Abre uma crise. Se este ataque do Mulo não for a crise, onde estará essa "autêntica" crise, aquela que o Cofre deverá abrir? Responda-me, sua bola de toucinho.

O psicólogo encolheu os ombros:

- Muito bem, se isso o torna feliz. Faça-me um favor, porém. Apenas no caso... apenas no caso do velho Seldon realizar sua palestra e ela for muito desagradável, espero que você me deixará estar presente à Grande Abertura.

- Muito bem. Ponha-se daqui para fora. E desapareça da minha vista durante nove semanas.

- Com incrível prazer, seu encarquilhado - murmurou Mis consigo mesmo, ao sair.

QUEDA DA FUNDAÇÃO

Havia uma atmosfera em volta do Cofre do Tempo impregnada de emoções que se orientavam em várias direções ao mesmo tempo. Não era uma atmosfera de decadência, pois estava bem iluminada, e bem acondicionada, e os quadros coloridos das paredes luziam vivamente, e a fila de cadeiras fixas era confortável e aparentemente destinada a uso perpétuo. Não era muito antiquada, pois três séculos não lhe tinham infligido nenhuma marca evidente. Não havia certamente nenhuma tentativa de criar medo ou respeito, pois as mobílias eram simples e para uso diário - e de fato de uma singeleza próxima da pobreza.

Posteriormente foram retirados todos os elementos acessórios, mas alguma coisa ficou e essa alguma coisa estava centralizada em volta do cubículo de vidro que dominava metade do aposento com a sua transparência vazia. Por quatro vezes, em três séculos, o vivo simulacro do próprio Hari Seldon tinha-se sentado ali e falara. Falara por duas vezes, sem dispor de qualquer audiência.

Durante três séculos e nove gerações, insistira em comparecer o ancião que vira dias do Império universal que ele próprio projetara e ainda entendia mais da Galáxia dos seus tetra-tetranetos do que os seus próprios descendentes.

O cubículo vazio esperava pacientemente.

O primeiro a chegar foi o prefeito civil Indbur III, conduzindo o seu carro terrestre de cerimônia através das ruas silenciosas, porém cheias de expectativa. Estava à sua espera a sua própria cadeira, mais elevada do que todas as outras que ali estavam arrumadas, e mais ampla. Estava colocada à frente de todas as outras, e Indbur dominava tudo, exceto o brilho cintilante dos vidros vazios que lhe ficava defronte.

O solene oficial que estava à sua esquerda inclinou a cabeça reverente:

- Excelência, foram feitos preparativos, encarando a hipótese de uma ampla difusão subetérica da comunicação oficial que vossa excelência fará esta noite.

- Ótimo. Entrementes, devem continuar a ser difundidos programas especiais interplanetários referentes ao Cofre do Tempo. Decerto que não se devem insinuar no assunto previsões ou especulações de qualquer espécie. A reação popular continua a ser satisfatória?

- Excelência, é muitíssimo boa. Os rumores corruptos que dominavam

ultimamente o teor dos boatos estão diminuindo. Todo mundo está a par do que se vai passar.

- Ótimo! - fez um gesto para frente com a mão e examinou o complicado cronômetro que trazia no pescoço, para uma verificação.

Faltavam vinte minutos para o meio-dia!

Um grupo escolhido de grandes sustentáculos da administração - os chefes das grandes organizações comerciais - foi aparecendo individualmente ou aos pares com o grau de pompa apropriado ao seu "status" financeiro e lugar no favor governativo. Cada um deles apresentava-se pessoalmente, recebia uma graciosa palavra, ou duas, e ocupava a cadeira que lhe estava reservada. De algum lugar, deslocado no meio da afetada cerimônia de tudo aquilo, Randu de Haven fez a sua aparição e abriu caminho, que não fora anunciado até a cadeira do prefeito.

- Excelência! - murmurou ele, e fez uma reverência.

Indbur franziu os sobrolhos:

- Você não tem audiência marcada.

- Excelência, pedi uma para a semana.

- Lamento que os assuntos de Estado implicados na aparição de Seldon tenham...

- Excelência, lamento também, mas tenho que lhe pedir que anule sua ordem dispondo que os barcos dos Comerciantes Independentes sejam distribuídos pelas esquadras da Fundação.

Indbur ficara rubro perante a interrupção:

- Não estamos em ocasião de discutir.

- Excelência, estamos na única ocasião possível - sussurrou Randu em tom premente. - Como representante dos Mundos Comerciais Independentes, tenho de lhe dizer que qualquer ordem de ação não poderá ser cumprida. Deve ser anulada a ordem antes de Seldon nos resolver o problema. Uma vez ultrapassado o estado de urgência, será muito tarde para uma conciliação e a nossa aliança não poderá subsistir.

Indbur fitou Randu friamente:

- Você sabe que sou eu o comandante das forças armadas da Fundação? Que tenho o direito de determinar a política militar em todas as circunstâncias?

- Excelência, é assim de fato, mas algumas coisas são inoportunas.

- Não reconheço que haja qualquer inoportunidade. É perigoso permitir que os seus povos separem as esquadras nesta emergência. A ação dividida coloca-nos nas mãos do inimigo. Devemos nos unir, embaixador, tanto militar como politicamente.

Randu sentiu os músculos da garganta contraírem-se. Omitiu a cortesia do título inicial:

- Você julga que está livre de perigo agora que Seldon deve falar, e atira-se contra nós. Há um mês você estava meigo e conciliador, quando as nossas naves derrotaram o Mulo em Terei. Podia lembrar-lhe, senhor, que a Esquadra da Fundação foi derrotada em combate aberto cinco vezes, e que as naves dos Mundos Comerciais Independentes têm apresentado as suas vitórias como sendo suas.

Indbur franziu os sobrolhos perigosamente:

- Você não continuará a ser bem recebido em Terminus, embaixador. O seu regresso vai ser pedido ainda esta noite, embaixador. Entretanto, suas ligações com as forças democráticas subversivas em Terminus serão, e estão sendo, investigadas.

Randu replicou:

- Quando for obrigado a sair, as nossas naves irão comigo. Não sei a respeito dos seus democratas. Só sei que as naves da sua Fundação se têm rendido ao Mulo por traição dos seus oficiais superiores, não dos marinheiros, democratas ou outros quaisquer. Digo-lhe ainda que vinte naves da Fundação se entregaram em Horleggor obedecendo às ordens do seu contra-almirante, quando estavam ilesas e fora de ação. O contra-almirante era o seu próprio associado íntimo, que presidiu ao julgamento do meu sobrinho, quando ele chegou, pela primeira vez, de Kalgan. Não é o único caso que conhecemos a este respeito e as nossas naves e homens não devem arriscar-se a ficar sob o comando de traidores potenciais.

Indbur replicou:

- Você ficará sob vigilância quando sair daqui.

Randu saiu da sala sob os olhares silenciosos da insolente reunião dos governadores de Terminus. Faltavam dez minutos para o meio-dia!

Bayta e Torã já haviam chegado também. Levantaram-se das cadeiras

em que estavam sentados à retaguarda e acenaram a Randu quando este passou. Randu sorriu gentilmente:

- Afinal de contas vocês estão aqui. Como é que conseguiram isso?

- Magnífico foi o nosso estadista - sorriu Torã. - Indbur insiste na sua composição Audiovisor baseada no Cofre do Tempo, com ele próprio, não o duvide, como herói. Magnífico recusou-se a esperar sem nós e não houve argumento capaz de convencê-lo do contrário. Ebling Mis está conosco, ou estava. Anda vadiando em qualquer parte. - Então, com um súbito acesso de ansiosa gravidade: - Mas o que é que está correndo mal, tio? Você não me parece estar muito bem disposto.

Randu meneou a cabeça:

- Suponho que não. Estamos em tempos muito maus, Torã. Quando o Mulo se desfizer deles, há de chegar a nossa vez, e tenho medo.

Aproximou-se uma figura alta e solene, vestida de branco, e saudou-os com uma reverência seca. Os olhos escuros de Bayta sorriam, quando lhe estendeu a mão:

- Capitão Pritcher? Então não anda no espaço em missão?

O capitão pegou-lhe na mão e curvou-se sombriamente:

- Nada disso. O Dr. Mis, segundo me parece, tem trabalhado com instrumentos no meu cérebro, mas só temporariamente. Regresso ao quartel amanhã. Que horas são?

Faltavam três minutos para as doze!

Magnífico oferecia um aspecto de miséria e de dolorosa depressão. O corpo estava curvado, no seu eterno esforço para se autoprojetar. O seu grande nariz estava comprimido pelas narinas, e os seus olhos grandes e postos no chão, lançavam chispas desassossegadamente à sua volta. Agarrou a mão de Bayta e quando ela se sentou, ele sussurrou:

- Supõe, minha senhora, que todas as grandes personagens estavam no auditório, talvez, quando eu... quando eu toquei o audiovisor?

- Todos, tenho certeza - garantiu-lhe Bayta, e apertou-lhe a mão. -Tenho certeza de que todos pensam que você é o mais maravilhoso executante da Galáxia e que o seu concerto foi o maior que eles viram, e por isso mesmo você deve endireitar-se e sentar-se corretamente. Devemos ter dignidade.

Ele sorriu debilmente com o seu falso olhar carrancudo e esticou

vagaro¬samente suas longas pernas. Era meio-dia...

... e o cubículo de vidro já não estava vazio.

Era duvidoso que alguém tivesse testemunhado a aparição. Era uma perfeita ruptura, um momento antes não havia ali ninguém e no momento seguinte já lá havia alguém.

No cubículo estava uma figura, numa cadeira de balanço, velha e rangente, da qual se levantava uma face enrugada com olhos brilhantes e vivos, e cuja voz, quando falou, era a coisa mais viva que possuía. Havia um livro colocado no seu regaço, e a sua voz ressoou repousadamente.

- Sou Hari Seldon!

Falou no meio de um silêncio, atroador devido à sua intensidade.

- Sou Hari Seldon! e não sei se está aqui alguém, pelo menos servindo-me do mero sentido da percepção, mas isto não tem importância. Receio, todavia, que se verifique um colapso no Plano. Pela primeira vez, em três séculos, as percentagens de probabilidade de ausência de desvio são de nove-quatro ponto dois.

Fez uma pausa para sorrir, depois do que acrescentou delicadamente:

-Como vamos continuar, se alguém desejar sentar-se, pode fazê-lo. E se alguém desejar fumar, pode fazê-lo. Eu não estou aqui em carne e osso. Não preciso de cerimônias.

- Agora, vamos falar do problema que nos ocupa neste momento. A Fundação está, pela primeira vez, perante a hipótese, ou talvez esteja até nas últimas fases que nos vão levar a uma guerra civil. Até agora, os ataques que sempre se verificaram foram devidamente vencidos e assim tem acontecido inevitavelmente, de acordo com as leis estritas da psicohistória. O ataque que agora consideramos é lançado por um grupo exterior da Fundação, extremamente indisciplinado, contra o excessivo autoritarismo do governo central. O procedimento foi necessário, o resultado evidente.

A dignidade da audiência formada por gente bem nascida encontrava-se a ponto de quebrar. Indbur estava ereto na sua cadeira. Bayta olhou para a frente com olhos perturbados. O que é que o grande Seldon estava dizendo? Ela perdera uma porção de palavras...

- ...Que o compromisso estabelecido é necessário de duas maneiras. A revolta dos Comerciantes Independentes introduz um elemento de nova incerteza

num governo que, talvez, tenha nascido com demasiada confiança. O elemento de rivalidade está restaurado. Embora vencido, um elevado aumento da democracia...

Havia agora vozes excitadas. Os murmúrios iam crescendo na escala de som, e havia já neles laivos de pânico. Bayta disse ao ouvido de Torã:

- Por que é que ele não diz nada a respeito do Mulo? Os Comerciantes nunca se revoltaram.

Torã encolheu os ombros. A figura sentada falava alegremente acima e através da crescente desorganização :

- ...um novo governo de coalizão foi o necessário e benéfico resultado da lógica guerra civil a que foi levada a Fundação. E agora só os remanescentes do velho Império estão a caminho de nova expansão e neles, nos anos mais próximos, de qualquer modo, não haverá problema. Decerto, eu não posso revelar a natureza das próximas provas...

Os lábios de Seldon moviam-se silenciosamente, no meio de um tumulto enorme.

Ebling Mis estava próximo de Randu, com a face rubra. Falava:

- Seldon está fora do seu domínio. Ele engana-se quanto à crise. Vocês, os Comerciantes, estão planejando uma guerra civil?

Randu respondeu com voz fraca:

- Estávamos preparando, sim. Nós a abandonamos quando surgiu o Mulo.

- Nesse caso o Mulo é uma característica adicional que não está preparada para ser incluída na psicohistória de Seldon. Agora o que é que está acontecendo?

No meio do súbito silêncio, Bayta olhou para o cubículo e voltou a vê-lo vazio. O ardor atômico das paredes morrera, e a macia corrente de ar condicionado estava ausente.

Em alguma parte o som de uma sirena aguda e ascendendo ao longo da escala, levou Randu a formar as palavras com os lábios:

- Raide do espaço!

E Ebling Mis encostou o relógio de pulso ao ouvido e escutou:

- Parem já com isso, pela Galáxia! Há por aqui algum relógio que esteja

trabalhando? - A sua voz era estridente.

Vinte relógios foram quase automaticamente levados aos ouvidos. E em menos de vinte segundos era absolutamente indubitável que nenhum deles estivesse trabalhando.

- Nesse caso - disse Mis, com uma determinação cruel e horrível - há alguma coisa que eliminou toda a força atômica no Cofre do Tempo - e o Mulo está desferindo ataques.

Ouviu-se a voz agoniada de Indbur acima do barulho:

- Voltem para os seus lugares! Está a cento e cinqüenta anos-luz de distância.

- Estava - replicou Mis - há uma semana atrás. Mas agora mesmo, Terminus está sendo bombardeada.

Bayta sentiu que uma depressão a invadia brandamente. Sentiu as articulações contraírem-se excessivamente, até que a respiração forçou-a a distender-se com uma dor aguda que lhe passava pela garganta contraída.

Ia-se tornando evidente o barulho de outra multidão que se reunia lá fora. As portas abriram-se bruscamente e adentrou uma figura aterrada que falou rapidamente a Indbur, que chamara por ela.

- Excelência - sibilou - não há veículo que ande na cidade, não há uma linha de comunicação para o exterior que esteja funcionando. A Décima Esquadra foi dada como derrotada e as naves do Mulo estão no espaço exterior. O estado maior...

Indbur encolheu-se e transformou-se numa figura desanimada e impotente no meio do piso. Em todo o vestíbulo, não havia agora uma única voz que se levantasse. A multidão, que continuava a aumentar, estava aterrada de medo, mas silenciosa, e pairava ali, perigosamente, um horror de pânico. Indbur estava excitado. Os lábios estavam se tornando brancos. Esses lábios moveram-se antes que os olhos se abrissem, e a palavra que pronunciou foi:

- Rendição!

Bayta levantou-se para gritar também, não por amargura ou humilhação, mas simples e claramente para dar vazão a um enorme desespero assustado.

Ebling Mis puxou-lhe pela manga:

- Vamos embora, jovem senhora...

Afastaram-se vigorosamente da cadeira onde estava.

- Vamos sair daqui - disse ele - e traga o seu músico consigo. - Os lábios do rechonchudo cientista estavam trêmulos e sem cor.

- Magnífico - chamou Bayta, por instinto.

O palhaço contraiu-se com horror. Tinha os olhos vítreos.

Ela bateu-lhe fortemente, porém com afeto. Torã debruçou-se para ele e agitou-lhe os pulsos com violência. Magnífico levantou-se inconscientemente e Torã carregou-o como se fosse um saco de batatas.

No dia seguinte, as naves de combate do Mulo, disformes e pretas, espalharam-se pelos campos de aterragem do planeta Terminus.

O general atacante desceu rapidamente pela rua vazia da Cidade de Terminus, num carro terrestre de fabrico estrangeiro, que se encaminhou para o ponto em que estava uma cidade inteira de carros atômicos inutilizados.

A proclamação de ocupação foi feita decorridos vinte e quatro horas após o minuto em que Seldon aparecera diante dos anteriores poderosos senhores da Fundação.

De todos os planetas da Fundação, só os Comerciantes Independentes continuavam vivos e contra eles se virava agora a força do Mulo - conquistador da Fundação.

O INÍCIO DA PROCURA

O planeta solitário, Haven - o único planeta de um antigo sol de um setor galáctico que se espalhara desigualmente pelo vácuo intergaláctico estava cercado.

Estava cercado, considerando o termo num sentido estritamente militar, pois que não havia área do espaço situada do lado galáctico que estivesse a menos de sessenta anos-luz de distância da base avançada do Mulo. Durante os quatro meses decorridos após o momento em que se verificara a perturbadora queda da Fundação, as comunicações de Haven desapareceram como se fossem uma teia de aranha posta sobre o fio de uma navalha. As naves de Haven convergiam agora para dentro do seu mundo pátrio, e só o próprio Haven era agora uma base de combate.

E, quanto a outros aspectos, o cerco estava realmente fechado, pois que já tivera início a submissão às idéias de desamparo e de ruína...

Bayta prosseguia vagarosamente seu caminho através da ala ladeada por cravos oscilantes, ultrapassando as filas de mesas com tampos de plástico leitoso, e dirigiu-se às cegas para o seu lugar. Deixou-se cair na cadeira alta e de braços, respondendo com saudações mecânicas ao que lhe diziam e mal conseguia ouvir, esfregando os olhos exaustos e cheios de comichão com as costas da mão cansada, e acabou por apanhar o cardápio.

Teve tempo de se dar conta de uma violenta reação mental de repugnância diante da pronunciada presença de várias travessas de fungos de cultura, que eram considerados extremamente delicados em Haven, e que a Fundação classificara como altamente impróprios para comer - e nessa altura percebeu o soluço perto dela e olhou para cima.

Até então seu conhecimento de Juddee, a loura sem relevos, de nariz chato e indiferente, limitara-se, sempre que atravessava em diagonal a sala de jantar, à reflexão superficial de que não a conhecia. E agora Juddee chorava, mordendo deploravelmente um lenço úmido, abafando os soluços de tal modo que seu rosto estava cheio de manchas vermelhas. Sua roupa informe à prova de radiação estava atirada por cima dos ombros, e a face transparente do escudo caíra-lhe no prato e ali permanecia.

Bayta juntou-se às três moças que estavam sempre falando de cremes para os ombros, eternamente aplicados e eternamente ineficazes e das loções que

amaciavam os cabelos, num murmúrio incoerente.

- Qual é o problema? - sussurrou ela.

Uma delas virou-se para ela e encolheu os ombros com um discreto:

- Não sei. - Depois do que, percebendo quanto o seu gesto era descomensurado, apressou-se a puxar Bayta para o lado: - É um dia difícil para ela, parece-me. Está preocupadíssima por causa do marido.

- Anda em patrulha no espaço?

- Anda.

Bayta colocou uma mão amistosa em volta dos ombros de Juddee.

- Por que é que não vai para casa, Juddee? - Sua voz tinha um tom prático e divergia profundamente das vozes ineptas, débeis e moles que a tinham precedido.

Juddee fitou-a, meio ressentida:

- Já faltei uma vez esta semana...

- Nesse caso ficará com duas faltas. Se você conseguir uma licença, sabe muito bem que poderia faltar três dias na próxima semana... por isso deve voltar agora para casa afim de mostrar o seu patriotismo. Alguma de vocês, moças, trabalha no mesmo departamento que ela? Bem, nesse caso suponho que vocês lhe tomem conta do cartão. É melhor passar primeiro pelo banheiro, Juddee, e coma os pêssegos e o creme que lhe fazem falta. Vá embora! Adeus!

Bayta voltou para o seu lugar e tornou a pegar o cardápio com uma lentidão sombria. Estas atitudes eram contagiantes. Uma garota desfeita em lágrimas devia deixar o seu departamento em estado frenético naqueles dias de nervos tensos. Tomou uma decisão insípida, apertou o botão indicado com o cotovelo e colocou o cardápio no local apropriado.

A moça alta e escura que estava defronte dela, dizia:

- Não podemos fazer muita coisa a não ser chorar, não é verdade?

Seus lábios espantosamente carnudos moviam-se pouco, e Bayta verificou que os seus fins eram cuidadosamente influenciados pela necessidade de exibir aquele sorriso artificial, que era realmente a última palavra no que respeitava a sofisticação.

Bayta perscrutou qual seria a insinuante estocada contida nas palavras pronunciadas com olhos pestanudos e saudou a diversão provocada pela chegada

do almoço, quando a portinha de sua unidade se abriu pela parte de dentro e a comida apareceu. Rasgou cuidadosamente o envoltório do talher e manuseou os objetos cuidadosamente, enquanto iam esfriando. E observou:

- Você não pode pensar em outra coisa qualquer, Hella?

- Oh, claro que posso - respondeu Hella. - Eu posso!

Agitou o cigarro com um movimento de dedos ocasional e destro dentro do pequeno nicho e o minúsculo relâmpago atômico surgiu pouco depois do lançamento.

- Por exemplo - e Hella entrelaçou as mãos magras e bem delineadas debaixo do queixo - penso que podíamos fazer um belo acordo com o Mulo e pôr fim a toda esta estupidez. Então eu não teria as... hum... facilidades de sair cedo dos lugares quando o Mulo aqui estivesse.

A testa lisa de Bayta manteve-se sem uma prega. Sua voz mostrou-se nítida e indiferente:

- Me parece que você não tem nem irmão nem marido nas naves que estão em combate, ou tem?

- Não. Mas juro por todos os meus créditos que não vejo razão para sacrificar os irmãos e os maridos das outras.

- O sacrifício deve ser mais seguro do que a rendição.

- A Fundação rendeu-se e está em paz. Nossos homens estão longe e a Galáxia está contra nós.

Bayta encolheu os ombros e disse amavelmente:

- Estou com medo do primeiro casal que se aborrecer com você. - Voltou ao seu prato de vegetais e comeu-o com a plena compreensão do silêncio que se fizera ao redor. Nenhuma das que se sentira chocada com o diálogo se atrevera a replicar ao cinismo de Hella. Foi embora tranqüilamente, depois de ter apertado o botão que limpou a mesa, pondo-a em ordem para o próximo ocupante que a fosse substituir.

Uma outra moça, três lugares adiante, murmurou do seu lugar para Hella:

- Quem é ela?

Os lábios movediços de Hella articularam com indiferença:

- É a sobrinha do nosso coordenador. Você não a conhecia?

- Sim? - Os seus olhos examinaram o último relance das costas que iam desaparecendo: - O que é que ela esteve fazendo aqui?

- Exatamente uma assembléia de moças. Você não sabe que é elegante ser patriota? Isso tudo é tão democrata, que me provoca os nervos.

- Ora, Hella - disse a moça roliça que estava à sua direita. - Ela nunca põe o tio acima de nós. Por que você não a deixa em paz?

Hella ignorou a vizinha com um brilho majestoso nos olhos e acendeu outro cigarro.

A nova moça estava ouvindo a tagarelice dos olhos brilhantes que estavam do outro lado. As palavras surgiram rapidamente:

- ...e ela imagina que por ter estado no Cofre... e eles contaram que o prefeito espumava de raiva e houve uma barafunda e todo tipo de coisas, sabe. Ela saiu de lá antes que o Mulo desembarcasse, e eles disseram que ela tinha a mais inteligente capacidade de fuga... conseguiu passar através do bloqueio e tudo... eu desejava muito que ela escrevesse um livro a este respeito, um destes livros de guerra muito populares, sabe. E parece que ela esteve também num desses mundos do Mulo... Kalgan, sabe... e...

Retiniu a campainha indicando que estava na hora e a sala de jantar esvaziou-se lentamente. A voz do guarda-livros zumbiu e a voz da moça interrompeu-o com os convencionais esgazeares de olhos:

- Realmen-te-te-te-te? - nos pontos apropriados.

As grandes luzes, do porão foram diminuindo de intensidade na gradual descida através da escuridão que queria dizer sono para aqueles que trabalhavam arduamente, quando Bayta regressou para casa.

Torã veio ter com ela à porta, com uma fatia de pão com manteiga na mão.

- Onde é que você andou? - resmungou ele, com a boca cheia. Depois acrescentou com mais nitidez: - Fiz um jantar "recozinhando" as coisas que havia. Se não estiver lá muito bom, não me censure.

Mas ela o media, com os olhos arregalados:

- Torie! Onde é que está seu uniforme? Por que é que está vestido à paisana?

- Ordens, Bay. Randu subiu agora mesmo com Ebling Mis, e o que há a esse respeito, não sei. São as únicas coisas de que tenho conhecimento até agora.

- Eu também vou? - Ela encaminhou-se impetuosamente para ele. Ele beijou-a antes de lhe responder: - Julgo que sim.. Deve ser perigoso, talvez.

- O que é que não é perigoso?

- Exatamente. Oh, sim, já mandei chamar o Magnífico, porque talvez ele queira ir conosco.

- Isso quer dizer que o seu concerto na Fábrica de Máquinas terá de ser cancelado.

- É evidente.

Bayta dirigiu-se ao aposento seguinte e sentou-se diante de uma refeição que mostrava todos os sinais de ter sido "recozida". Cortou os sanduíches ao meio, com gesto eficiente, e disse:

- Essa anulação do concerto é muitíssimo desagradável. As moças da fábrica estavam ansiosas por assistir. O Magnífico também estava muito interessado. Não vale um caracol, tudo isso, porém é um tipo bastante excêntrico.

- Remexe com seus complexos maternais, Bay, é isso que ele faz. Um dia acaba por ter um filho, e nessa ocasião o Magnífico tem de se pôr a andar.

Bayta respondeu mordendo o sanduíche:

- Surpreende-me que o meu complexo maternal possa resistir a esta agitação toda.

E nessa altura deixou cair o sanduíche e surgiu-lhe uma grave seriedade.

- Torie.

- Hu-m-m?

- Fui hoje até a Prefeitura, ao Gabinete de Produção. Foi por isso que hoje cheguei tão tarde.

- O que é que foi fazer lá?

- Bem... - ela hesitou, incerta. - Fui ver o que se estava produzindo. Eu estava com dificuldade em compreender o que se passa na fábrica. Moral - não existe nenhuma. As moças tomam bebedeiras escandalosas sem nenhuma razão. Aquelas que não ficam doentes tornam-se rabugentas. Exatamente uns pequenos ratinhos desvairados de medo. Na minha seção, a produção não atinge um quarto daquilo que devia ser, e não há um dia em que não tenhamos a folha de presenças incompleta.

- Muito bem - disse Torã. - Foi então ao G. de P. O que é que conseguiu lá?

- Fiz uma porção de perguntas. E veja bem, Torie, está acontecendo o mesmo em todo o Haven. A produção declina, aumentando ao mesmo tempo a sedição e a deslealdade. O chefe do gabinete limitou-se a encolher os ombros - depois de permanecer sentada uma hora na antecâmara, à espera dele, e só me recebeu porque eu era sobrinha do coordenador - e disse que o assunto não era de sua alçada. Francamente, não compreendo cem que é que ele se preocupa.

- Vamos, ele não quis ser grosseiro, Bay.

- Penso que não o fez de propósito. - Ela mostrava-se impetuosa: -Disse-lhe que algo não corria bem. Trata-se da mesma horrível frustração que me dominou no Cofre do Tempo quando Seldon nos abandonou você também deve sentir coisa idêntica.

- Bem, isso já ficou para trás - continuou ela com violência bárbara.

- E nunca estaremos em condições de resistir ao Mulo. Mesmo se tivéssemos os meios materiais, faltam-nos o coração, o espírito, a coragem... Torie, não há ninguém que queira lutar.

Torã não se lembrava de Bayta ter chorado sequer alguma vez, e não chorou nem desta vez. Na verdade, não o fez. Mas Torã pôs-lhe a mão de leve no ombro e sussurrou:

- Veja se esqueça disso, filha. Eu sei o que é que está pensando. Mas não há nada...

- Pois não há nada que possamos fazer! Todo mundo diz isto - e temos de nos limitar a ficar sentados, à espera que a faca nos tire a vida.

Ela voltou ao que lhe sobrava do sanduíche e do chá. Tranqüilamente, Torã estava arrumando.

Randu, no cargo de coordenador para que fora recentemente nomeado - e que era propriamente um posto de guerra da conferência de cidades de Haven, fora transferido, a pedido, para um aposento elevado, da janela do qual podia observar os telhados e os arbustos altos da cidade. Agora, no meio das luzes apagadas do abrigo, a cidade retrocedia para um plano falho de distinção dos matizes, Randu não se deu ao cuidado de meditar no simbolismo da situação.

Disse a Ebling Mis, cujos olhos claros e pequenos pareciam não ter outro interesse a não ser na taça cheia, de cor vermelha, que tinha na mão:

- É costume dizer em Haven que quando as luzes do abrigo se apagam, são horas de os justos e austeros trabalhadores irem dormir.

- Você tem dormido muito, ultimamente?

- Não! Desculpe tê-lo chamado tão tarde, Mis. Seja como for, prefiro a noite a estes dias de agora. Em Haven, as pessoas concordam, de modo bastante estrito, que a falta de luz significa sono. Também sucede o mesmo comigo. Porém agora é diferente...

- Você está escondido - disse Mis, positivamente. - Você está rodeado de pessoas durante o período de trabalho, e sente os olhos e esperanças postos em você. Você não consegue suportar toda essa carga. Durante o período de sono, você é livre.

- Quer dizer que também sente o mesmo? Este miserável sentimento de derrota?

Ebling fez vagarosamente que sim com a cabeça:

- Também o sinto. Trata-se de uma psicose das massas, um incrível pânico da população. Galáxia, Randu, o que é que você espera? Você tem uma cultura que evolui totalmente na crença cega e notória de que um herói popular do passado tem tudo planejado e está tomando cuidadosamente conta de todas as pequeninas peças de suas incríveis vidas. O padrão de pensamento evocado tem características de religião e você sabe o que isto significa.

- Nem um pouquinho.

Mis não estava grandemente entusiasmado com a necessidade da explicação. Nunca estava. Por isso resmungou, olhou fixamente para o comprido charuto que girou pensativamente entre os dedos e disse:

- Caracteriza-se poderosas reações de fé. A fé não pode ser rapidamente eliminada com um grande choque, pois em tal caso os resultados são uma completa ruptura mental. Há casos moderados - histeria, sensação mórbida de insegurança. Nos casos adiantados - loucura e suicídio.

Randu mordiscou a unha do polegar:

- Quando Seldon nos faltou, ou por outras palavras, quando desapareceu aquilo que nos amparava, e nos vimos obrigados a viver apenas de nós mesmos, os nossos músculos estavam de tal modo atrofiados que não conseguimos viver sem ele.

- E isso. É uma espécie de metáfora grosseira, mas é isso.

- E você, Ebling, como se sente com seus músculos?

O psicólogo sorveu uma grande baforada do seu charuto e deixou que a fumaça saísse preguiçosamente para fora.

- Emperrados, mas não atrofiados. A minha profissão trouxe como resultado um aumento de pensamento independente.

- E você vê alguma saída para isto?

- Não, mas deve haver alguma. Talvez Seldon não tenha feito previsões para o aparecimento do Mulo. Talvez ele não tenha garantido a nossa vitória. Mas, nesse caso, tampouco assegurou a derrota. Ele apenas nos indicou o jogo para que o orientássemos conforme quiséssemos. O Mulo pode ser vencido.

- Como?

- Da única maneira pela qual é possível vencer alguém: de forma simples, atacando em massa os seus pontos fracos. Ora veja, Randu, o Mulo não é um super-homem. Se acabar por ser derrotado, todas as pessoas verificarão isso pessoalmente. Trata-se apenas de alguém que não conhecemos e as lendas amontoam-se rapidamente. Supõe-se que ele seja um mutante. Bem, mas que espécie de mutação é a dele? Um mutante equivale a "super-homem" para a ignorância da humanidade, e não é nada disso. Pode calcular-se que todos os dias nascem vários milhões de mutantes na Galáxia. Destes vários milhões, todos, exceto um ou dois por cento, podem ser apenas detectados por meio de microscópio e de análises químicas. Destes um ou dois por cento de macromutantes, isto é, aqueles com mutações detectáveis a olho nu ou por simples exame do cérebro, todos, exceto um ou dois por cento, são excêntricos, e são encaminhados para os centros de curiosidades, os laboratórios", e a morte. Dos poucos macromutantes cujas diferenças são positivas, quase todos são inofensivas curiosidades, com uma aparência incomum em qualquer aspecto, sendo normais, e freqüentemente subnormais em muitos outros. Compreende o que estou dizendo, Randu?

- Compreendo. Mas o que vem a ser o Mulo?

- Suponho que o Mulo possa ser um mutante, podemos calcular que tem algum atributo, indubitavelmente mental, que pode ser utilizado para conquistar mundos. Quanto a outros aspectos, ele tem, com certeza, os seus defeitos, que devemos explorar. Ele não seria tão reservado, tão esquivo aos olhos dos outros, se este defeito não fosse aparente e fatal. Se for um mutante.

- E existe alternativa possível?

- Pode haver. A existência da mutação continua a firmar-se nas declarações do capitão Han Pritcher que as comunicou ao Serviço de Informações da Fundação. Tirou suas conclusões a partir de relatos muito superficiais feitos por aqueles que reivindicam ter conhecido o Mulo ou alguém que podia ter sido o Mulo - na infância ou quando era um rapazinho. Pritcher trabalhou com elementos escassos, e estes testemunhos podiam ter sido facilmente arranjados pelo Mulo, para servir os seus próprios objetivos, pois é certo que o Mulo tem sido muito auxiliado pela reputação que tem de ser um mutante-super-homem.

- Isso é interessante. Há muito tempo que pensa assim?

- Jamais pensara nisto, no sentido de lhe dar crédito. Trata-se simplesmente de uma opção a ser considerada. Por exemplo, Randu, suponha que o Mulo descobriu uma forma de radiação capaz de deprimir a energia mental tal como está em poder de uma que deprime as reações atômicas. Entende, hein? Poderia este fato explicar o que está acontecendo agora, e aquilo que atingiu a Fundação?

Randu parecia imerso numa melancolia quase muda. Disse:

- Há a considerar também as nossas próprias investigações feitas no palhaço do Mulo.

E agora Ebling Mis hesitava:

- É também inútil. Eu falei seriamente ao Prefeito antes do colapso da Fundação, principalmente para lhe levantar o moral, parcialmente para levar os meus objetivos a bom fim. Mas, Randu, se os meus instrumentos matemáticos fossem o suficiente, nesse caso servindo-me apenas do palhaço, eu poderia analisar o Mulo completamente. Então podíamos apanhá-lo. Podíamos explicar as tênues anomalias que me impressionaram.

- Quais, por exemplo?

- Ora pense, homem. O Mulo derrotou à vontade as naves da Fundação, mas não conseguiu forças bastante para derrotar a enfraquecida esquadra dos Comerciantes Independentes, sendo obrigado a bater-se em retirada em combate aberto. A Fundação caiu com um sopro, os Comerciantes Independentes resistem contra toda a sua força. Utilizou, a princípio, os seus Campos Depressores contra as armas atômicas dos Comerciantes Independentes de Mnemon. O elemento surpresa levou-os a perder esta batalha, porém conseguiram descobrir maneira de se opor ao Campo. Nunca mais ele foi capaz de voltar a utilizá-lo contra os Independentes.

- Mas repetidas vezes esse Campo voltou a trabalhar contra as forças da Fundação. Trabalha na própria Fundação. Por quê? Para os nossos conhecimentos presentes, é ilógico. Deve haver muitos fatores de que nós desconhecemos.

- Traição?

- Isso é coisa que não faz nenhum sentido, Randu. Um palavrão vazio de sentido. Não havia nenhum homem na Fundação que não tivesse certeza da vitória. Quem iria trair o lado que tinha certeza da vitória?

Randu encaminhou-se para a janela abaulada e olhou sem ver para o fundo indistinto. E disse:

- Nós agora temos a certeza de derrotá-lo, no caso do Mulo ter um milheiro de fraquezas, se lhe arranjarmos uma série de situações difíceis...

Não se voltou. Foi como se suas costas repentinamente dobradas, a maneira nervosa como esfregava as mãos uma na outra atrás das costas, tivessem voz. Disse:

- Escapamos com facilidade depois do episódio do Cofre do Tempo, Ebling. Havia outros que podiam ter escapado como nós. Alguns assim fizeram. A maior parte deles, não. O Campo Depressor podia ter sido contracompensado. Pedia habilidade e certa quantidade de trabalho. Todas as naves da Armada da Fundação podiam ter rumado para Haven ou outros planetas próximos para continuar a luta, se assim o tivessem desejado. Nem um por cento o fez. Realmente, eles desertaram para o inimigo.

A Fundação subterrânea, na qual muitas pessoas pareciam confiar tão exageradamente, não sofreu até agora quaisquer conseqüências mais sérias. O Mulo tem sido bastante diplomata para prometer salvaguardar a propriedade e os lucros dos grandes Comerciantes e eles firmaram acordos com ele.

Ebling Mis observou teimosamente: - Os plutocratas sempre estiveram contra nós.

- Eles sempre conservaram o poder, também. Ouça, Ebling, temos razão para supor que o Mulo e os seus agentes já estiveram em contato com homens poderosos entre os Comerciantes Independentes. Sabe-se que pelo menos dez, dos vinte e sete Mundos Comerciais, se aliaram ao Mulo. Talvez mais dez outros. Há personalidades aqui mesmo em Haven, que não se sentiriam infelizes sob o domínio do Mulo. Há aparentemente uma incrível tentação para abandonar o perigoso poder político, se lhes prometer conservar os seus negócios

econômicos, acima de tudo.

- Você pensa que Haven pode derrotar o Mulo?

- Não penso que Haven lute. - E agora Randu virou a face perturbada para o psicólogo: - Penso que Haven está aguardando a rendição. Foi por isso que o mandei chamar. Mandei-o chamar para que saia de Haven.

Ebling Mis lançou uma baforada de fumo sorvendo as bochechas com espanto:

- Já?

Randu parecia horrorosamente cansado:

- Ebling, você é o maior psicólogo da Fundação. Os autênticos mestres psicólogos desapareceram com Seldon, contudo você é o melhor que temos. Você é a nossa única possibilidade de derrotar o Mulo. Você não pode ficar aqui, terá de ir para a parte que resta do Império.

- Para Trantor?

- Isso mesmo. O que foi antigamente o Império está hoje com os ossos à mostra, mas alguma coisa ainda deve persistir no centro. Eles levaram para lá os registros, Ebling. Você pode instruir-se ainda mais em psicologia matemática, talvez com isso você seja capaz de interpretar o cérebro do palhaço. Ele há de querer ir consigo, certamente.

Mis respondeu secamente:

- Duvido que ele esteja disposto a ir, devido ao medo que tem do Mulo, a não ser que a sua sobrinha vá também com ele.

- Sei isso muito bem. Torã e Bayta vão sair daqui com você por essa única razão. E, Ebling, há mais outro grande objetivo. Hari Seldon estabeleceu duas Fundações há três séculos atrás, uma em cada extremidade da Galáxia. Você deve descobrir essa Segunda Fundação.

CONSPIRADOR

O palácio do prefeito - o que fora outrora o palácio do prefeito - era uma grande mancha avultada na escuridão. A cidade permanecia tranqüila sob o domínio dos conquistadores e dos bajuladores que os serviam, e sob o branco indistinto das grandes Nebulosas havendo aqui e ali uma estrela solitária, dominando o céu da Fundação.

Em três séculos a Fundação passara de um projeto particular de um pequeno grupo de cientistas para um império comercial tentacular, estendendo-se profundamente pela Galáxia e meio ano tinha-a arremessado das alturas para o estatuto de mais uma província conquistada.

O capitão Han Pritcher recusou-se a compreender isto.

A cidade soturna na noite tranqüila, o palácio escuro, ocupado pelos intrusos, eram suficientemente simbólicos, mas o capitão Han Pritcher, mesmo dentro do portão exterior do palácio, com a diminuta bomba atômica debaixo da língua, recusava-se a compreender.

Uma forma surgiu muito perto - o capitão inclinou a cabeça.

O sussurro assumiu um tom mortalmente baixo:

- O sistema de alarma é como sempre foi, capitão. Continue! Não registrará coisa alguma.

Lentamente, o capitão mergulhou através da baixa passagem abobadada, e encaminhou-se para o caminho marginado por fontes que fora o jardim de Indbur.

O dia do Cofre do Tempo verificara-se quatro meses atrás, e sua memória esbarrava nesta recordação tão vivida. Singularmente e separadamente, as impressões voltavam a aparecer, mal recebidas, sobretudo à noite.

O velho Seldon, pronunciando as suas benevolentes palavras que haviam sido tão destruidoramente prejudiciais - provocando uma confusão indescritível - Indbur, com o seu traje de prefeito incoerentemente brilhante sob a sua face contraída e inconsciente - as multidões assustadas aglomerando-se rapidamente, esperando silenciosamente pela inevitável palavra de ren¬dição - o jovem Torã, desaparecendo por uma porta lateral com o palhaço do Mulo atravessado aos ombros.

E ele próprio, de algum modo fora de tudo, com seu carro que não funcionava. Abrindo caminho com os ombros ao longo e através da turba dos chefes que estavam abandonando a cidade - com destino desconhecido.

Precipitando-se cegamente para os vários espaços que eram - que sempre o foram - as habitações de uma democracia subterrânea que durante oitenta anos, estivera em declínio e dividindo-se. E os espaços estavam vazios.

No dia seguinte, naves pretas estrangeiras surgiram no céu mergulhando suavemente no meio dos prédios muito compactos da cidade próxima. O capitão Han Pritcher fora acumulando dentro de si uma enorme dose de desamparo e de desespero.

Pôs-se a viajar com paixão.

Em trinta dias cobrira trezentos quilômetros a pé, envergando o traje de um operário de fábricas hidropônicas cujo corpo encontrara, morto há pouco, à margem de uma estrada, e deixara crescer uma barba enorme e furiosamente avermelhada...

E descobriu que estava prestes a alcançar o subterrâneo.

A cidade chamava-se Newton, o bairro residencial era um daqueles que se caracterizaram pela elegância suave que se levantava no meio da sujidade, a casa era a de um membro anônimo de um motim, e o homem tinha olhos pequenos, um esqueleto amplo, e os punhos fechados formavam um grande volume nos bolsos, enquanto o seu corpo vigoroso se levantava imóvel à entrada da porta aberta. O capitão murmurou:

- Eu venho de Miran.

O homem devolveu o lance com ar carrancudo:

- Miran é cedo este ano.

O capitão replicou:

- Não tão cedo como no ano passado.

O homem não se afastou para o lado. Perguntou:

- Quem é você?

O capitão aspirou um imperceptível, mas longo hausto de ar, e explicou calmamente:

- Sou Han Pritcher, capitão da Esquadra, e membro do Partido Democrático Subterrâneo. Poderá me deixar entrar?

O Raposo deu um passo para o lado. Informou:

- O meu verdadeiro nome é Orum Palley.

Estendeu-lhe a mão. O capitão apertou-a.

O aposento estava bem arrumado, mas não havia grande profusão de coisas. A um canto levantava-se um decorativo projetor de livros, que aos olhos militarmente treinados do capitão podia facilmente mostrar ser um desintegrador de respeitável calibre, devidamente camuflado. As lentes de projeção ocultavam a porta de entrada, e o conjunto podia ser controlado à distância.

O Raposa seguiu o olhar do hóspede barbudo, e sorriu fracamente. Disse:

- É isso mesmo! Mas só no tempo de Indbur e dos seus vampiros sem coração. Não poderia fazer grande coisa contra o Mulo, não acha? Nada nos pode ajudar contra o Mulo. Você está com fome?

Os músculos dos maxilares do capitão estavam tensos sob a barba, e meneou a cabeça.

- Levará um minuto se você não puder esperar. - O Raposo tirou latas de um armário e colocou duas diante do capitão Pritcher. - Meta os dedos lá dentro, e coma quando estiver suficientemente quente. O meu controlador de calor está com defeito. São coisas como esta que nos lembram que estamos em guerra - ou que estávamos.

Suas palavras rápidas tinham um tom jovial, mas só no que ele dizia havia esse tom jovial - pois que os seus olhos estavam frios e pensativos. Sentou-se diante do capitão e disse:

- Não deve haver nada, porém posso prostá-to mesmo no local onde você está sentado, se houver algo a seu respeito de que eu não goste. Sabe disso?

O capitão não respondeu. As latas de conservas diante dele abriram-se com uma leve pressão. O Raposo disse, concisamente:

- Cozido! Desculpe, realmente estamos com falta de alimentos.

- Eu sei - respondeu o capitão. Pôs-se a comer rapidamente, sem levantar a cabeça. O Raposo continuou:

- Lembro-me de já tê-lo visto. Tento lembrar-me, porém a barba está definitivamente atrapalhando.

- Não fiz a barba nos últimos trinta dias. - Acrescentou depois,

vio¬lentamente: - O que é que você deseja? Tenho a senha combinada e tenho a identificação.

O outro estendeu uma mão:

- Oh! Eu admito que você se chame Pritcher. Mas há muitos que conhecem inclusive a senha, possuem identificações e a identidade - e que estão com o Mulo. Já ouviu falar de Lewaw, hein?

- Ouvi.

- Está com o Mulo.

- O que? Ele...

- Sim. Era o homem a quem eles chamavam "Contra a Rendição". - Os lábios do Raposo agitaram-se com movimentos de riso, mas houve neles nem som nem humor. - Também sucede o mesmo com Willig. Com o Mulo! Garre e Noth. Com o Mulo! Por que é que Pritcher não havia de estar também na mesma? De onde é que eu poderia saber?

O capitão limitou-se a menear a cabeça.

- Mas o problema não é esse - insistiu o Raposo baixinho. - Eles devem saber o meu nome, já que o Noth está a serviço deles - por isso se você está em ordem, estamos em pior situação daquela que corri nos últimos tempos, desde que demos pelas suas naves.

O capitão tinha acabado de comer. Recostou-se:

- Se vocês não têm organização aqui, onde é que poderei encontrar? A Fundação pode ter-se rendido, mas eu não.

- Ora! Você não pode vadiar muito, capitão. Os homens da Fundação são obrigados a ter autorizações de viagem para se deslocarem de cidade para cidade. Sabe o que é? E também carteiras de identidade. Tem alguma? E acontece ainda que todos os oficiais da antiga Armada foram intimados a apresentarem-se nos quartéis mais próximos dos ocupantes. Isto é com você?

- É, sim. - A voz do capitão era seca. - Mas posso deslocar-me através do medo. Eu estava em Kalgan pouco tempo antes de eles serem vencidos pelo Mulo. Dali a um mês, nenhum dos antigos oficiais do condestável estava em liberdade, visto serem os condutores naturais de qualquer revolta. O movimento subterrâneo soube sempre que nenhuma revolução pode triunfar sem controle de pelo menos, parte da Armada. É evidente que o Mulo também sabe isto.

O Raposo meneou a cabeça pensativamente:

- Bastante lógico. O Mulo é perfeito.

- Descartei-me do uniforme logo que pude. Deixei crescer a barba. Afinal de contas pode ser que tenha havido outros que tenham feito a mesma coisa.

- Você é casado?

- Minha mulher morreu. Não tenho filhos.

- Nesse caso você não tem reféns possíveis.

- Nenhum.

- Quer a minha opinião?

- No caso de ter alguma.

- Não sei qual é a política do Mulo ou o que é que ele pretende, porém os operários qualificados não foram prejudicados, até agora. Têm-lhes pago os salários, por enquanto. Está aumentando a produção de toda espécie de armas atômicas.

- Sim? Isso dá idéia de que se trata de uma ofensiva contínua.

- Não sei. O Mulo é um sutil filho de uma cadela, e pode estar apenas procurando reduzir os operários à submissão. Se Seldon não foi capaz de imaginar o seu aparecimento, com toda a sua psicohistória, não serei eu que vou me matar tentando fazê-lo. Mas você já traz roupas de trabalho. Isso sugere alguma coisa.

- Não sou um operário qualificado.

- Você tem um curso militar atômico, não tem?

- Certamente.

- Isso chega. A Produtora de Escudos Atômicos, Ltda., está localizada na cidade. Diga-lhes que tem alguma experiência. Essa gente que garantia a Indbur o funcionamento da fábrica também lá ficou trabalhando - agora para o Mulo. Não fazem perguntas, enquanto precisarem de mais operários para fabricar suas drogas. Entregam-lhe um cartão de identidade e você pode pedir um quarto no dormitório da Corporação do bairro. E pode começar agora o trabalho.

Desta forma o capitão Han Pritcher, da Esquadra Nacional, tornou-se o operário especialista de escudos Lo Moro da 45ª Fábrica Produtora de Escudos Atômicos, Ltda. E de agente da Inteligência, desceu na escala social para "conspirador" - uma designação que o levou meses depois a penetrar naquilo que

fora o jardim particular de Indbur.

No jardim, o capitão Pritcher consultou o radômetro na palma da mão. O escudo interno de precaução ainda estava funcionando, e ele esperou. Durante meia hora ficou ali, preso à bomba atômica que havia em sua boca. Ia-a rolando escrupulosamente com a língua.

O radômetro desligou numa escuridão nefasta e o capitão avançou rapidamente. Até aqui, tudo tinha corrido bem.

Refletiu objetivamente que a existência da bomba atômica era também uma coisa perfeita, que a sua morte era a sua morte - mas também a morte do Mulo. E assim alcançaria o clímax de uma guerra particular que vinha sustentando há quatro meses, uma guerra que passara brevemente através de uma fábrica de Newton...

Durante dois meses o capitão Pritcher usara avental de chumbo e pesadas máscaras, até que todas as suas características atitudes militares tivessem perdido todas as arestas exteriores. Era um operário, recebia o seu salário, gastava as noites na cidade, e nunca discutia política.

E então, um dia, um homem tropeçou ao passar pela sua bancada e meteu-lhe um pedaço de papel no bolso. Havia nele a palavra "Raposo". Lançou-o na câmara atômica, onde se desintegrou com um tênue silvo, emitindo a energia através de um milimicrovóltio - e voltou para o seu trabalho.

Fora essa noite à casa do Raposo, e participou de uma partida de cartas com mais dois homens que conhecia de reputação e outro que conhecia de nome e de vista. Enquanto as cartas iam passando e repassando de uns para os outros puseram-se a falar. O capitão disse:

- Trata-se de um erro fundamental. Vocês estão vivendo num passado que desapareceu de todo. Durante oitenta anos a nossa organização tem vivido à espera do momento histórico indicado. Deixamo-nos cegar pela psicohistória de Seldon, uma das primeiras proposições da qual era que as ações individuais de nada valem, que não fazem história, e que os complexos fatores sociais e econômicos passam por cima deles, transformando esses atores individuais em fantoches. - Reuniu cuidadosamente suas cartas, avaliou o seu valor e disse, quando fazia uma jogada: - Por que não matamos o Mulo?

- Ora bem, e qual seria o resultado útil que se tiraria de uma ação desse tipo? - perguntou o homem à sua esquerda, violentamente.

- Ora veja - disse o capitão, descarregando duas cartas - a atitude a

tomar. Trata-se de um homem - entre trilhões. A Galáxia não irá deixar de girar pelo fato de ter morrido um homem. Mas o Mulo não é um homem, é um Mutante. Ele já transtornou o plano de Seldon, e se analisarem todas as implicações, parece que - um homem - um mutante - perturba a totalidade da psicohistória de Seldon. Se ele nunca tivesse vivido, a Fundação não teria desabado. Se ele deixasse de viver, ela deixaria de estar arrasada.

- Vamos ver: os democratas combateram os prefeitos e os comerciantes durante oitenta anos, graças à dissimulação. Trata-se de experimentar o assassínio.

- Agora? - interpôs o Raposo com frio senso comum. O capitão replicou, vagarosamente:

- Gastei três meses raciocinando na solução mais indicada para o caso. Cheguei aqui e encontro-a em cinco minutos. - Olhou rapidamente para o homem cuja face larga e rosada sorria do lugar onde estava: - Você antigamente foi camareiro do prefeito Indbur, e não me lembro de que você pertencia ao subterrâneo.

- Nem eu, se quer que lhe diga. Bem, nessa casa, nas suas atribuições de camareiro, você verificava periodicamente o funcionamento do sistema de alarma do palácio.

- Verificava.

- E o Mulo está agora ocupando o palácio.

- Foi isso que se anunciou - todavia ele é um conquistador modesto que não gosta de discursos, nem de proclamações, nem de aparições em público, de qualquer natureza que sejam.

- Isso é uma velha história, e em nada nos afeta. Você, meu ex-camareiro, sabe bem aquilo que precisamos.

As cartas terminaram e o Raposo recolheu as apostas. Lentamente, deu novas cartas. O homem que fora antigamente camareiro foi o único a levantar as cartas.

- Desculpe, capitão, eu verificava o sistema de alarma, porém tratava-se de uma rotina. Não sei nada sobre ele.

- Espero que, se o seu espírito mantiver uma memória eidética dos controles, possamos sondá-la com a profundidade suficiente, servindo-nos de uma sonda psíquica.

A face rubra do camareiro empalideceu subitamente e descaiu. As cartas que tinha à mão estremeceram com a repentina contração dos punhos:

- Uma sonda psíquica?

- Você não sentirá dor nenhuma - disse o capitão, secamente. - Sei como é que se deve usá-la. Não haverá mal nenhum se passar por uns dias de fraqueza. E se o fizer, é uma possibilidade que aceita e pela qual terá de pagar o seu preço. Há alguns entre nós, tenho certeza disso, que a partir dos controles do alarma poderão determinar as combinações do comprimento das ondas. Há alguns entre nós que podem manufaturar uma pequena bomba controlada por relógio e eu próprio irei levá-la para dentro da casa do Mulo.

Os homens juntaram-se por cima da mesa. O capitão continuou:

- Numa noite previamente determinada estalará uma desordem na cidade de Terminus, nas vizinhanças do palácio. Não será uma verdadeira revolução. Um distúrbio... e depois toca a andar. Logo que a guarda do palácio for atraída... ou, e isso será o mínimo a conseguir, distraída...

Os preparativos duraram um mês a partir desse dia, e o capitão Han Pritcher, da Esquadra Nacional, que começara como conspirador, desceu mais ainda na escala social e tornou-se "assassino".

O capitão Han Pritcher, assassino, estava no próprio palácio, e descobriu que estava sombriamente satisfeito com a sua psicologia. Um completo sistema de alarma exterior significava poucos guardas no interior. Neste caso, queria dizer nenhum.

A planta do pavimento estava nítida no seu espírito. Ele era apenas uma protuberância mo vendo-se silenciosamente ao longo da rampa bem atapetada. Mais adiante, encostou-se à parede e aguardou. Tinha diante dele a pequena porta fechada de um aposento particular. Atrás daquela porta devia estar o mutante que vencera os invencíveis. Era cedo - a bomba ainda tinha dez minutos de vida dentro dela.

Passaram cinco minutos e não se ouvia um único som em todo o mundo. O Mulo tinha cinco minutos para viver... e os mesmos tinha o capitão Pritcher...

Lançou-se para diante num súbito impulso. O plano já não corria o risco de falhar. Quando a bomba explodisse, o palácio explodiria também com ele... o palácio inteiro. Havia uma porta entre eles - trinta centímetros entre eles: não era nada. Mas ele desejava ver como é que o Mulo e ele iriam morrer ao mesmo tempo.

Por fim, com um gesto insolente, precipitou-se fulminante para a porta...

Abriu-a e ficou cego com a luz ofuscante.

O capitão Pritcher cambaleou, depois do que conseguiu dominar-se. O homem grave que estava de pé, a meio do pequeno aposento, diante de um aquário suspenso, fitou-o friamente.

O seu uniforme era de um preto sombrio, e como ele batesse no aquário com gesto ausente, este oscilou rapidamente e um peixe, com uma cor vivamente laranja e vermelhão, pulou de dentro.

Disse:

- Entre, capitão!

A língua do capitão estremecia com o pequeno globo de metal que criava debaixo dela um relevo detestável - o que significa a impossibilidade física de falar, como muito bem sabia o capitão. Eram os seus últimos minutos de vida.

O homem fardado continuou:

- Você agiria melhor se jogasse fora essa ridícula bola e ficasse com a boca livre para falar. Não se desintegrará.

Os minutos iam passando e com um movimento vagaroso e úmido o capitão inclinou a cabeça e cuspiu o globo prateado para a palma da mão. Atirou-o contra a parede com uma força furiosa. Ressaltou com um clarão breve e seco, rolando inofensivamente para o chão. O homem fardado encolheu os ombros:

- Tanto trabalho para chegar a este resultado. Fosse como fosse, não teria dado bom resultado, capitão. Eu não sou o Mulo. Você teria de se satisfazer com o seu vice-rei.

- Como é que você conseguiu saber? - murmurou o capitão, roucamente.

- A responsabilidade pertence a um sistema eficiente de contra-espionagem. Posso citar-lhe o nome de todos os membros do seu pequeno grupo, todas as particularidades do plano...

- E deixou que isto fosse adiante?

- Por que não? Um dos meus grandes objetivos era acabar com você e com alguns outros. Particularmente com você. Já podia tê-lo em meu poder há alguns meses, quando estava trabalhando na Fábrica de Escudos de Newton Mas

assim é melhor. Se você não tivesse indicado as várias linhas do plano, um dos meus próprios homens havia de sugerir qualquer coisa parecida, para você fazer. O resultado é absolutamente dramático e um tanto humorístico.

Os olhos do capitão estavam secos:

- Pronto, tudo acabou aqui. Não tem mais nada a dizer-me?

- Estou começando agora. Vamos, capitão, sente-se. Deixe essa atitude heróica para os idiotas que se impressionam com isso. Capitão, você é um bom rapaz. De acordo com as informações que tenho em meu poder, foi você o primeiro a reconhecer o poder do Mulo. Desde então você tem-se interessado pessoalmente, algum tanto ousadamente, pela vida anterior do Mulo. Você foi um daqueles que andaram com o seu palhaço, o qual, incidentalmente, ainda não foi encontrado e por isso você será integralmente pago. Naturalmente, a sua habilidade é reconhecida e o Mulo não é um daqueles que têm medo da habilidade dos seus inimigos, quando tem possibilidade de convertê-la na habilidade de um novo amigo.

- É isso que me está propondo? Oh, não!

- Oh, sim! Era esse objetivo da comédia desta noite. Você é um homem inteligente, embora suas pequenas conspirações contra o Mulo venham a terminar em comédias. Você pode apenas dignificar essa sua atividade com o nome de conspiração. Fez parte do seu treino militar o comando de naves desintegradoras em ações de desespero?

- Uma pessoa deve admitir primeiro que não tem esperança.

- Assim será - garantiu o vice-rei, delicadamente. - O Mulo conquistou a Fundação. Está transformando-a rapidamente num arsenal para consecução dos seus grandes fins.

- Que grandes fins?

- A conquista de toda a Galáxia. A reunião de todos os mundos demolidos num novo Império. A realização, seu engenhoso e desanimado patriota, do próprio sonho de Seldon, setecentos anos antes de chegar ao termo do prazo por ele idealizado. E você pode ajudar-nos nessa obra.

- Posso, sem dúvida nenhuma. Mas não quero, sem dúvida nenhuma.

- Tenho conhecimento - comentou o vice-rei - de que só resistem ainda três Mundos Comerciais Independentes. Não resistirão durante muito tempo. Serão as últimas forças da Fundação a desaparecer. Você ainda continua.

- Continuo.

- Todavia você não ganhará. Fazer um recrutamento voluntário é o meio mais eficiente. Mas fazê-lo de outra forma também dará resultado. Desgraçadamente, o Mulo está ausente. Está lutando, como sempre, contra os Comerciantes que ainda resistem. Mas está em contínuo contato conosco. Você não terá que esperar muito tempo.

- Para que?

- Para conversar com ele.

- O Mulo - disse o capitão, friamente - descobrirá que há coisas que estão além da sua habilidade.

- Porém ele não perde. Eu também julgava que lhe podia resistir. Você não me reconhece? Ora vamos, você estava em Kalgan, por isso deve ter me visto. Eu usava monóculo, uma túnica púrpura de corte severo, uma coroa alta...

O capitão murmurou aterrado:

- Você era o condestável de Kalgan.

- Isso mesmo. E agora sou o leal vice-rei do Mulo. Como vê, ele é persuasivo.

INTERLÚDIO NO ESPAÇO

O bloqueio continuava a apertar-se gradualmente. No vasto vazio do espaço, nem todas as naves que ainda existiam podiam dirigir-se para os seus postos de abrigo, mesmo a pouca distância. Para isso exigia-se uma nave esmeradamente construída, um piloto destro, uma dose moderada de sorte, e espaços abertos para conseguir passar.

Com os olhos friamente calmos, Torã conduzia uma nave que não acei¬tava submeter-se à situação reinante, dirigindo-se da vizinhança de uma estrela para junto de outra. Se a vizinhança da grande massa tornava difíceis e irregulares os saltos interestelares, tornava também impossível, ou quase, a utilização dos instrumentos inimigos de detecção.

E uma vez ultrapassada a cintura de naves, penetrou na esfera inferior do espaço morto, através de cujo subéter bloqueado não era possível emitir nenhuma mensagem, e a viagem fez-se perfeitamente bem. Pela primeira vez, em três meses. Torã sentiu que rompera o isolamento.

Passou-se uma semana antes que os novos programas estúpidos e auto-laudatórios, divulgados pelo inimigo, dissessem mais alguma coisa do que os pormenores do controle crescente que ia assumindo sobre a Fundação. Foi uma semana em que a nave comercial blindada de Torã passou rapidamente por dentro e por fora da Periferia, com violentos saltos.

Ebling Mis penetrou na cabina de pilotagem e Torã levantou a cabeça, piscando os olhos, de cima das suas cartas.

- Que assunto o traz aqui? - Torã encaminhou-se para a pequena câmara central que Bayta tinha inevitavelmente transformado em sala de estar.

Mis puxou uma cadeira:

- As estrelas que me façam cócegas. Os jornalistas do Mulo estão anunciando um boletim especial. Pensei que talvez você desejasse que o ouvisse aqui, a seu lado.

- E fez muito bem. Onde é que está Bayta?

- Sentada à mesa da sala de jantar guardando os restos do cardápio - ou coisa que o valha.

Torã sentou-se na lona que servia de cama ao Magnífico e esperou. A

propaganda rotineira dos "boletins especiais" do Mulo apresentava sempre a mesma monotonia. Primeiro vinha a música marcial, após o que se seguia a melíflua brandura do anunciador. Apareciam os assuntos menos importantes, que abriam caminho para outros, marcando passo. Depois havia uma pausa. Vinham as trombetas e a crescente excitação e o clímax.

Torã suportou tudo isto. Mis pôs-se a resmungar consigo mesmo.

O leitor das notícias pronunciou, observando uma fraseologia convencional de correspondente de guerra, as untuosas palavras que transformavam em som o metal fundido e a carne desintegrada de uma batalha no espaço.

- Os esquadrões rápidos, sob as ordens do tenente-general Sammin, bateram hoje duramente as forças que procuravam atacá-lo em iss... - A face cuidadosamente inexpressiva do locutor desapareceu da tela, sumindo gradualmente, para se transformar na escuridão de um espaço onde fileiras de naves ziguezagueavam rapidamente, através do vácuo, travando uma batalha implacável. A voz continuou pelo meio da insondável trovoada... - A mais espantosa ação da batalha foi o combate marginal entre o cruzador-pesado Cluster e três naves inimigas da classe "Nova"...

O panorama da tela mudou e definiu-se. Uma grande nave faiscou e um dos frenéticos atacantes reluziu furiosamente, girou em torno do foco, voltou para trás e tornou ao ataque. O Cluster descreveu uma curva impetuosa e surgiu a proa cintilante, que destruiu aos atacantes, dando uma volta com ponderação.

O afável e desapaixonado locutor continuou a informar com uma dicção calma, depois da desaparição da última proa e do último destroço.

Houve, então, uma pausa, aparecendo depois uma imagem e uma voz largamente parecidas com as do combate travado em Mnemon, para que a notícia fosse acrescentada com uma pormenorizada descrição de um território observado do ar - a imagem de uma cidade desintegrada - confusão e prisioneiros de guerra - e depois voltou a afastar-se. Mnemon já não tinha muito tempo de vida.

Mais uma pausa e desta vez o som rouco dos esperados desaforos. A tela encadeou lentamente por um corredor comprido e impressionantemente cheio de soldados alinhados onde penetrou rapidamente o informador do governo, vestindo uma farda de membro do Conselho de Estado. O silêncio era opressivo.

A voz que finalmente se ouviu era solene, vagarosa e enxuta:

- Por ordem do nosso soberano, anuncia-se que o planeta Haven, até aqui em pé de guerra por seu desejo, foi submetido e aceitou a derrota. Neste momento as forças do nosso soberano estão ocupando o planeta. A oposição foi dispersa, descoordenada e rapidamente esmagada.

A cena voltou a desaparecer, regressando o primeiro locutor para participar, com grande pompa, que seriam noticiados outros acontecimentos logo que ocorressem. Ouviu-se então música de dança, e Ebling Mis girou o campo que cortava a corrente.

Torã corou e deu uns passos irresolutos, sem uma palavra. O psicólogo não deu um passo para detê-lo. Quando Bayta apareceu, vinda da cozinha, Mis continuava em silêncio. Disse:

- Eles ocuparam Haven.

E Bayta perguntou:

- Já? - Os seus olhos estavam arregalados e havia neles uma certa descrença.

- Sem uma batalha. Sem um inconcebí... - Deteve-se e engoliu em seco. - É melhor você ir ter com Torã. Isto não foi nada agradável para ele. Calculo que desta vez vamos ter de comer sem ele.

Bayta olhou na direção da cabina de pilotagem, depois do que se virou desanimadamente:

- Muito bem!

Magnífico estava sentado à mesa, sem dar notícia do que acontecera. Não falou nem comeu, limitando-se a olhar fixamente para diante dele com um terror concentrado que parecia tirar-lhe toda a vitalidade do seu corpo esguio.

Ebling Mis puxou, com ar ausente, sua sobremesa de frutos gelados e disse, secamente:

- Dois mundos comerciais lutaram. Lutaram, foram derrotados, e morreram e não se renderam... Só Haven... Exatamente como sucedeu com a Fundação...

- Mas por quê?

O psicólogo meneou a cabeça:

- Isto forma uma peça indissolúvel com a totalidade do problema. Todas as facetas excêntricas fazem uma alusão direta à natureza do Mulo. Primeiro, o

problema referente à maneira como ele pôde conquistar a Fundação, com pouco derramamento de sangue e basicamente com um único golpe, enquanto os Mundos Comerciais Independentes resistiam. As imobilizações das reações atômicas eram uma arma de pequeno alcance - já discutimos isto de fio a pavio até ficarmos doentes - e o trabalho foi feito inteiramente pela Fundação.

Randu sugeriu - e as sobrancelhas espessas de Ebling contraíram-se até se unirem - que podia ter sido um Controle-Depressor de irradiação.

- É possível que tenha sido isso que fez o trabalho em Haven. Mas, nesse caso, por que é que não foi utilizado em Mnemon e em Iss - que ainda agora continuam a combater com intensidade verdadeiramente demoníaca, obrigando a utilizar metade de esquadra da Fundação acrescentada às forças do Mulo para derrotá-los? Pois, reconheci as naves da Fundação no ataque.

Bayta sussurrou.

- A Fundação, agora Haven. O desastre parece roçar por nós, sem nos tocar. Escapamos sempre por um fio. Será esta a última vez?

Ebling Mis não estava ouvindo. Estava meditando consigo mesmo um outro ponto:

- Mas há outro problema... outro problema, Bayta, você se lembra daquelas notícias dizendo que o palhaço do Mulo não fora encontrado em Terminus, que se desconfiava que se pusera a caminho de Haven, ou que então fora capturado pelos seus primeiros raptores? Há qualquer coisa que lhe está ligado, Bayta e que não desapareceu, e que nós ainda não nos incomodamos em localizar o que possa ser. O Magnífico deve saber alguma coisa que é fatal para o Mulo. Tenho certeza disso.

Magnífico, lívido e gaguejante, protestou:

- Senhor... nobre senhor... na verdade, juro que tenho ocupado meu pobre espírito em dar satisfação a todos os seus desejos. Contei-lhe tudo aquilo que sabia até os mais íntimos pormenores, e com a sua sonda o senhor teria extraído do meu pobre espírito qualquer outra coisa que sei, mas que não sei que sei.

- Bem sei... bem sei. É uma coisa qualquer muito pequena. Uma sugestão tão pequena que nem você nem eu conseguimos saber o que possa ser. Tenho, todavia, a impressão de que acabarei por descobrir o que é... pois Mnemon e Iss acabarão por ser derrotados, e quando assim acontecer, nós seremos os derradeiros remanescentes, os últimos detritos da Fundação independente.

As estrelas começaram a amontoar-se apertadamente quando penetraram no âmago da Galáxia. Começaram a sobrepor-se campos gravitacionais com intensidade suficiente para introduzir perturbações num salto interestelar que não pode ser iniciado.

Torã ficou ciente disto quando um salto atirou sua nave em cheio para dentro do fulgor de uma gigante vermelha que cintilou viciosamente e que perdera a sua capacidade de atração, pelo que conseguiu afastar-se para o lado, porém só depois de doze horas sem dormir, atordoado de choques.

Com mapas restritos ao raio de ação e uma experiência que ainda não estava totalmente desenvolvida, tanto operacional como matematicamente, Torã resignou-se a passar dias ocupados no cuidadoso levantamento de plantas sempre que os saltos lhe permitiam.

Iniciou-se, assim, um esboço em comunidade. Ebling Mis colaborava nas observações matemáticas de Torã e Bayta fazia testes a respeito dos possíveis percursos, servindo-se dos vários métodos generalizados, procurando soluções aplicáveis na prática. Até Magnífico se atirava ao trabalho na máquina de calcular, fazendo computações rotineiras, um tipo de trabalho que, uma vez explicado, era uma fonte de grande divertimento para ele, ao mesmo tempo que se revelava extremamente eficiente.

Pelo que, decorrido um mês ou quase, Bayta estava em condições de vigiar a linha vermelha que abria o caminho serpeando através do modelo de nave trimensional, em plena Via-láctea, a meio caminho do seu centro, e comentou com prazer satírico:

- Sabe com que é que isto se parece muito? Parece-se com um verme terrestre de três metros, atormentado por uma indigestão. Finalmente, é bem capaz de nos levar outra vez para Haven.

- Sou capaz, sim - resmungou Torã, com um farfalhar irritado de seu mapa - se não se calar.

- E no meio disto tudo - continuou Bayta - talvez exista um caminho que vá direto pelo meio, reto como um meridiano de longitude.

- Sim? Bem, em primeiro lugar, minha obscura pensadora, são provavelmente necessárias quinhentas naves, durante quinhentos anos, para estudar esta rota com todos os seus pontos de referência, e os meus míseros mapas de meia pataca não me ajudam nada. Além disso, talvez essas rotas em linha reta não sejam uma boa coisa para escapar. Eles, provavelmente, entupiram-nas com as suas naves. E além disso...

- Oh, pela consideração que a Galáxia lhe merece, pare de andar para diante e para trás com sua indignação virtuosa. - E levantou as mãos ao ar.

Ele gritou:

- Está bem! Vamos embora! - E pegou-lhe nos pulsos e puxou-a para baixo, pelo que Torã, Bayta e cadeira formaram um trio emaranhado no chão. Transformaram-se numa luta arquejante e rastejante, formada sobretudo por risos sufocados e vários golpes desferidos em brincadeira. Torã abandonou imediatamente a brincadeira diante da entrada esbaforida de Magnífico.

- O que é?

As rugas de ansiedade tornavam o rosto do palhaço mais comprido e enrugavam-lhe a pele, de forma esbranquiçada, por cima da enorme ponte que era o seu nariz:

- Os instrumentos estão se comportando de maneira muito esquisita, senhor. Como conheço a minha ignorância, não toquei em coisa alguma...

Em dois segundos, Torã encontrou-se na cabina de pilotagem. Disse tranqüilamente para Magnífico:

- Vá chamar Ebling Mis. Preciso dele junto de mim.

Disse a Bayta, que tentava pôr um pouco de ordem nos cabelos, servindo-se para isso dos dedos:

- Fomos detectados, Bay.

- Detectados? - E os braços de Bayta caíram: - Por quem?

- A Galáxia o sabe - resmungou Torã - porém imagino que por alguém com desintegradores já alinhados e apontados.

Sentou-se e já estava enviando para o subéter, em voz baixa, o código de identificação da nave. E quando Ebling Mis entrou, com um roupão de banho e os olhos remelosos, Torã informou com uma calma desesperada:

- Parece que adentramos as fronteiras de um Reino local interior que se chama Autarquia de Filia.

- Nunca ouvi falar dele - disse Mis, abruptamente.

- Bem, nem eu - replicou Torã - mas estamos sendo detidos por uma nave filiana agora mesmo, e não sei quais as conseqüências que isso envolve.

O capitão-inspetor da nave filiana entrou a bordo com seis homens

armados atrás dele. Era pequeno, tinha cabelo ralo, lábios pequenos e pele seca. Tossiu asperamente quando se sentou e abriu o livro que trazia debaixo do braço, numa página em branco.

- Os seus passaportes e o certificado de alfândega da nave, por favor.

- Não temos nada disso - respondeu Torã.

- Nada, hein? - E pegou um microfone que trazia suspenso ao pescoço e falou rapidamente no bocal: - Três homens e uma mulher. Os documentos não estão em ordem. - E tomou uma nota semelhante no livro.

Perguntou:

- De onde é que vocês vêm?

- Siwena - respondeu Torã cautelosamente.

- Onde fica isso?

- A trezentos mil anos-luz, oitenta graus a oeste de Trantor, quarenta graus...

- Não vale a pena, não vale a pena! - Torã podia ver o seu interrogador escrever no livro: "Ponto de origem - Periferia".

O filiano continuou:

- Para onde é que vão?

Torã respondeu:

- Setor de Trantor.

- Objetivo?

- Viagem de recreio.

- Levam alguma carga?

- Não.

- Hum-m-m. Bem, verifiquem-me isto. - Fez um aceno, e dois homens puseram-se logo em atividade, Torã não fez um movimento para interferir.

- O que foi que os trouxe ao território de Filia?

Os olhos do filiano brilharam sem amizade.

- Não sabíamos onde estávamos. Tenho falta de um mapa em condições.

- Você vai ser obrigado a pagar cem créditos por essa falta... e, claro, as

importâncias habituais exigidas para pagamento dos direitos alfandegários, etc. - Voltou a falar ao microfone - mas desta vez ouviu mais do que falou. Então, para Torã:

- Sabe alguma coisa a respeito de tecnologia atômica?

- Alguma coisa - replicou Torã, pondo-se na defensiva.

- Sim? - O filiano fechou o livro e acrescentou - Os homens da periferia têm uma sólida reputação de conhecerem coisas. Traga uma roupa de trabalho e venha comigo.

Bayta foi atrás deles:

- O que é que vocês vão fazer com ele?

Torã afastou-a delicadamente para o lado, e perguntou friamente:

- Onde é que você deseja ir comigo?

- As nossas instalações de produção de energia precisam de uns acertos de pouca importância. Aquele terá de vir consigo. - E o seu dedo apontado mostrava diretamente Magnífico, cujos olhos castanhos estavam abertos e úmidos por um choro de medo.

- O que é que vocês pretendem fazer com ele? - perguntou Torã violentamente.

O oficial fitou-o com frieza:

- Estou informado de atividades piratas nestas vizinhanças. A descrição de um desses ladrões conhecidos condiz mais ou menos com ele. Trata-se de uma forma rotineira de identificação.

Torã hesitou, mas seis homens e seis desintegradores são argumentos eloqüentes. Abriu o armário para apanhar a roupa. Uma hora depois subiu verticalmente do interior da nave filiana e esbravejou :

- Não há nada desarranjado nos motores que eu seja capaz de ver. Os cátodos são autênticos, os tubos L estão corretamente alimentados e as resistências das análises são perfeitas. Quem é que está encarregado disto?

O engenheiro-chefe respondeu tranqüilamente:

- Eu.

- Bem, leve-me daqui para fora.

Levaram-no para a zona dos oficiais e para a pequena antecâmara onde

só havia um indiferente guarda-bandeira.

- Onde está o homem que veio comigo?

- Espere, por favor - respondeu o guarda-bandeira.

Quinze minutos depois o Magnífico foi conduzido para ali.

- O que é que eles lhe fizeram? - perguntou Torã rapidamente.

- Nada. Nada mesmo. - Magnífico meneou a cabeça numa negação vagarosa.

Pagou duzentos e cinqüenta créditos para satisfazer as exigências de Filia - cinqüenta créditos pela sua libertação imediata - e voltaram a estar outras vez livres no espaço. Bayta disse com um sorriso forçado:

- Não mandaram uma escolta atrás de nós? Não nos deram os habituais pontapés para nos pôr fora da fronteira.

E Torã replicou, carrancudamente:

- Não se tratava de um barco filiano... e não fomos abandonados por enquanto. Cheguem aqui.

Eles comprimiram-se à sua volta. Ele disse, claramente:

- Essa era uma nave da Fundação e os homens que estavam a bordo eram os do Mulo.

Ebling inclinou-se para apanhar o charuto que tinha deixado cair. Observou:

- Aqui? Mas estamos a noventa mil anos-luz da Fundação.

- E nós também estamos aqui. O que é que os impede de fazerem a mesma coisa? Galáxia, Ebling, você não se vai pôr a pensar que somos uma nave excepcional? Vi as máquinas deles, e isso é suficiente para mim. Digo-lhes que era um motor da Fundação, numa nave da Fundação.

- O que é que eles andam fazendo por aqui? - perguntou Bayta, com lógica - Quais são as possibilidades de se verificar um encontro ocasional de duas naves circulando no espaço?

- Mas o que é que isso tem de importante? - perguntou Torã, fogosamente. - Ele deve ter nos seguido.

- Seguido? - gritou Bayta. - Através do hiperespaço?

Ebling Mis interpôs-se cansadamente:

- Pode-se fazer isso, desde que se disponha de uma boa nave e de um grande piloto. Porém a possibilidade não me impressiona.

- Eu não tenho dissimulado minha rota - insistiu Torã. - Percorri-a em velocidade média e em linha reta. Um homem cego podia calcular a nossa reta.

- O diabo se podia — exclamou Bayta. - Com os saltos amalucados que você deu, observando a nossa direção inicial, não há possibilidade de nos seguir. Nós saímos do salto numa direção errada mais de uma vez.

- Estamos perdendo tempo - explodiu Torã, com um ranger de dentes, - Trata-se de uma nave da Fundação tripulada por homens do Mulo. Mandou-nos parar. Revistou-nos. Tinha Magnífico - só - comigo, como refém, para poder garantir que vocês ficariam tranqüilos, em caso de haver desconfiança. E estivemos prestes a ser liquidados no espaço há pouco.

- Vamos ver agora - e Ebling Mis agarrou-o. - Você vai agora destruir-nos por causa de uma nave que julga pertencer ao inimigo? Pense, homem, aqueles estúpidos andam atrás de nós, seguindo uma rota impossível, através da parte da Galáxia que é desconhecida, conseguem localizar-nos e depois deixam-nos ir embora?

- Eles estão, porém, vendo para onde vamos.

- Nesse caso por que é que nos mandaram parar e nos deixaram continuar sob nossa responsabilidade? Você não pode coadunar as duas formas de ver, como sabe.

- Eu seguirei a minha maneira de encarar. Deixe-me em paz, Ebling, ou então devo mandá-lo dar o fora.

Magnífico saltou do seu pouso oscilante, na sua cadeira de balanço favorita. As suas grandes narinas tremiam com excitação:

- Peço-lhes que perdoem interrompê-los, porém senti a minha pobre mente repentinamente preocupada com um pensamento estranho.

Bayta antecipou-se ao gesto de enfado de Torã, e estendeu a mão para Ebling:

- Coragem, Magnífico, e fale. Estamos ouvindo-o com sinceridade.

Magnífico disse:

- Durante a minha estadia na nave deles, que estava repleta de engenhos, senti-me.assombrado e distraído pela tagarelice daquela gente toda e pelo medo que tive. Na verdade, não me lembro de muita coisa que me aconteceu. Muitos

homens olharam para mim e falaram comigo, e eu não os compreendi. Mas no meio dos últimos, tal como o fulgor de um raio de sol consegue romper através de uma cobertura entre as nuvens, havia uma cara que eu conheci. Foi um relâmpago, apenas um simples vislumbre e logo ficou gravada na minha memória de maneira firme e brilhante.

Torã perguntou:

- Quem era ele?

- O capitão que estava conosco há muito tempo, quando você me livrou da primeira vez da escravidão.

Fora intenção óbvia de Magnífico causar sensação e o deliciado sorriso que se desenhou largamente na sombra de seu enorme nariz, atestava que a conseguira realizar com êxito.

- O capitão... Han... Pritcher? - perguntou Mis, asperamente. - Tem certeza de que será ele? Está completamente seguro?

- Juro, senhor - e pôs a mão de fraca ossatura em cima do peito apertado. - Eu seria capaz de afirmar a verdade do que estou dizendo, mesmo diante do Mulo e era capaz de jurar mesmo no seu nariz, mesmo que ele tivesse atrás de si toda a sua força para me obrigar a negar isto que estou dizendo.

Bayta observou com pura admiração:

- Nesse caso, o que é que você sabe mais a respeito do caso?

O palhaço fitou-a ansiosamente:

- Minha senhora, tenho uma teoria. Surgiu-me, já completamente definida, como se o Espírito Galáctico a tivesse metido delicadamente no espírito. - Levantava agora a voz acima de uma objeção de Torã, que o queria interromper. - Minha senhora - continuou, dirigindo-se exclusivamente a Bayta - se este capitão tivesse, como nós, escapado com uma nave, como nós, estivesse em viagem para cumprir um objetivo de sua própria ideação, se topou conosco por acaso - havia de suspeitar que o estávamos seguindo para lhe armar alguma cilada, tal como nós desconfiamos dele pelo mesmo motivo. Que admiração que ele tenha desempenhado sua comédia para entrar na nossa nave?

- Nesse caso, por que é que ele nos desejava a bordo de sua nave? - perguntou Torã. - Isso não faz sentido.

- Pois, por que é que ele fez isso? - bradou o palhaço, com uma repentina inspiração. - Ele mandou um subordinado que não nos conhecia, mas que nos

descreveu pelo microfone. O capitão que ouviu estas descrições ficou impressionado pelo meu próprio pobre retrato, pois, na verdade, não há muita gente nesta grande Galáxia que se pareça com a minha mediocridade. Eu era a prova da identidade de todas as outras pessoas.

- E por que é que nos deixou vir embora?

- O que é que nós sabíamos da sua missão, e do sigilo que lhe está ligado? Ele andou nos espionando e verificou que não éramos um inimigo e, por isso, deixou-nos vir embora, é obrigado a pensar de forma a expor o seu plano por via do alargamento do conhecimento dele?

Bayta disse lentamente:

- Não seja teimoso, Torie. Isto fornece explicações para o que aconteceu.

- Podia ter sido assim - anuiu Mis.

Torã parecia desamparado em face da resistência coletiva. Havia qualquer coisa nas fluentes explanações do palhaço que o aborrecia. Qualquer coisa estava mal no meio daquilo. Já ele estava confundido e, a despeito de sua tentativa de se dominar, sua cólera diminuía.

- Por um momento - sussurrou ele - pensei que podíamos ter-nos encontrado com uma das naves do Mulo.

E os seus olhos estavam obscurecidos pelo sofrimento que lhe causava a perda de Haven. Os outros compreenderam.

MORTE EM NEOTRANTOR

NEOTRANTOR. O pequeno planeta de Delicass, que depois recebeu o nome de Grande Saque, foi aproximadamente durante um século a sede da última dinastia do Primeiro Império. Foi um mundo obscuro e um obscuro Império e a sua existência tem apenas uma importância formalista. Debaixo do iniciador da dinastia Neotrantoriana...

Enciclopédia Galáctica

Neotrantor era o nome! Neotrantor! E no momento em que se diz o nome ficam esgotadas, de uma única vez, todas as semelhanças do novo Trantor com o grande original. A seis anos-luz de distância, o céu do Velho Trantor ainda brilhava e a Capital Imperial da Galáxia dos séculos anteriores ainda continuava a girar através do espaço, na silenciosa e eterna repetição de suas órbitas.

Ainda havia homens residindo na Velha Trantor. Não muitos - talvez uma centena de milhões, quando cinqüenta anos antes ali formigavam quarenta bilhões. O vasto mundo de metal estava reduzido a destroços cheios de farpas. Os elevados blocos de multitorres do singular cinturão de edifícios, foram deteriorados e vazios - embora conservando ainda os primitivos alvéolos-desintegradores e os canais de incêndio - fragmentos do Grande Saque de quarenta anos atrás.

Era estranho que um mundo que fora o centro de uma Galáxia durante dois mil anos - que governara um espaço e fora o lar de legisladores e governadores cujos caprichos se espalhavam por anos-luz - pudesse morrer em um mês. Era estranho que, um mundo que se mantivera intocável através de milênio e se mantivera igualmente intocável através das guerras civis e das revoluções palacianas de outro milênio - acabasse finalmente por morrer.

Era estranho que a Glória da Galáxia acabasse por se transformar num cadáver apodrecido. E patético!

Ainda teriam de decorrer séculos, contudo, antes que as poderosas obras de cinqüenta gerações de pessoas decaíssem e deixassem de ser utilizadas. Só as forças do homem em declínio, só isso, iriam torná-las inúteis.

Os milhões que ficaram depois do desaparecimento de bilhões arrancaram a base de metal resplandecente do planeta e puseram à mostra a terra que não fora atingida por um raio de sol durante mil anos.

Cercados pelas perfeições mecânicas dos esforços humanos, rodeados pelas maravilhas industriais do gênero humano livre da tirania daquilo que o rodeava, eles regressavam à terra. Nos vastos terrenos de tráfego cresciam o trigo e o milho. Na sombra das torres, pastavam carneiros.

Mas Neotrantor existia - uma obscura aldeia de um planeta afogado na sombra do poderoso Trantor, até que uma família real, com a língua de fora, fugindo diante do fogo e das chamas do Grande Saque, correra para ela como último refúgio - e ali se refugiara, despojada de tudo, enquanto subsistia o rugido da vaga de rebelião. Dali governara com esplendor espectral sobre o remanescente do Império.

Vinte mundos agrícolas formavam um Império Galáctico.

Dagobert IX, governador de vinte mundos de cavaleiros e camponeses obstinados, era Imperador da Galáxia, Senhor do Universo.

Dagobert IX fizera vinte e cinco anos no dia em que chegara com seu pai ao território de Neotrantor. Os seus olhos e o seu espírito mantinham ainda viva a recordação da glória e do poder de que tinha desfrutado o Império nos seus dias gloriosos. Mas seu filho, que um dia viria a ser Dagobert X, nascera em Neotrantor. Os únicos mundos que conhecia eram aqueles vinte.

O carro aberto de Jord Commason era o mais requintado veículo do seu tipo em toda a Neotrantor e, afinal de contas, com justa razão. Essa circunstância estava diretamente ligada ao fato de Commason ser o maior latifundiário de Neotrantor. Em tempos idos fora o companheiro e o gênio diabólico do jovem príncipe herdeiro, que estava dominado pela garra obstinada de um Imperador de meia-idade. E agora era o companheiro e ainda o gênio diabólico de um príncipe herdeiro de meia-idade que abominava e dominava um velho imperador.

Por isso Jordan Commason, no seu carro aéreo, o qual com os seus acabamentos de madrepérola e sua decoração de ouro e luminosidades não precisava de brasão de armas para ser identificado, sobrevoava as suas terras e as milhas de searas de trigo ondulante que lhe pertenciam, e as grandes debulhadoras e ceifeiras que eram suas, e os caseiros e os maquinistas que lhe pertenciam - e resolvia os seus problemas cautelosamente.

A seu lado estava o seu motorista curvado e mirrado, que guiava a nave cuidadosamente pelo meio das camadas elevadas de vento, e sorria. Jord

Commason falou para o vento, o ar e o céu:

- Lembra-se do que lhe disse, Inchney?

O cabelo cinzento e ralo de Inchney inflamou-se luminosamente no meio do vento. O seu sorriso esboçado alargou-se de modo muito fraco pelos lábios e as rugas verticais do queixo cavaram-se como se estivessem guardando um seu eterno segredo. O sussurro de sua voz passou-lhe entredentes:

- Lembro-me, senhor, e tenho pensado nisso.

- E o que é que pensou, Inchney? - Havia alguma impaciência no tom com que a pergunta foi feita.

Inchney lembrou-se que fora jovem e belo, e que fora um aristocrata na Velha Trantor. Inchney lembrou-se que era um velhinho desfigurado em Neotrantor, que ainda vivia por favor do fidalgo Jord Commason, e pagava esta mercê concedendo a sua sutileza quando lha pediam. Sussurrou outra vez:

- Visitantes da Fundação, senhor, é uma coisa que é conveniente não ter. Especialmente, senhor, quando eles aqui aparecem com uma única nave e só trazem um único combatente. Como é que eles podiam ser bem recebidos?

- Bem recebidos? - perguntou Commason, sombrio. - Talvez sim. Mas aqueles homens são mágicos e talvez sejam poderosos.

- Bolas - resmungou Inchney - a distância cria uma névoa que esconde a verdade. A Fundação é apenas um mundo. Os seus cidadãos são apenas homens. Se dispararmos contra eles, eles morrem.

Inchney manteve a nave na rota. Um rio formava meandros faiscantes por baixo deles. Voltou a sussurrar:

- E não há um homem de que eles agora falam que está vencendo os mundos da Periferia?

Commason tornou-se repentinamente desconfiado:

- O que é que sabe a esse respeito?

Já não havia sorriso na face do motorista:

- Nada, senhor. Foi apenas uma pergunta fútil.

A hesitação do fidalgo foi curta. Disse, com uma brutalidade direta:

- As perguntas que faz nunca são inúteis e o seu método de adquirir conhecimentos mantém-se sempre fiel a um objetivo a atingir. Mas... aí tem!

Chamam Mulo a esse homem, e apareceu aqui um dos seus súditos há uns meses atrás para... tratar de negócios. Estou a espera de outro... agora... para fechar o negócio.

- E esses recém-vindos? Não serão as pessoas de quem está à espera, por acaso?

- Falta-lhes a identificação que deviam trazer.

- Eles contaram que a Fundação foi capturada...

- Eu não lhe disse nada disso.

- Mas corre por aí - continuou Inchney, friamente - e se é verdade, podem nesse caso ter fugido da destruição e podem ser considerados inimigos pelos homens do Mulo.

- Sim? - Commason mostrava-se indeciso.

- E, senhor, desde que é bem sabido que o amigo de um conquistador é apenas sua última vítima, temos de tomar algumas medidas de honesta autodefesa. Porque há muitas coisas como sondas psíquicas, e nós dispomos agora de quatro cérebros da Fundação. Existe muita coisa a respeito da Fundação que deve ser proveitoso conhecer, muita coisa até a respeito do Mulo. E nessa altura a amizade do Mulo será uma prenda menos subjugante.

Commason, na calma da atmosfera superior, virou-se com um estremecimento devido à sua primeira idéia:

- Mas se a Fundação não tiver caído? Se as notícias que chegam até nós forem falsas? Dizia-se que tinham profetizado que não podia cair.

- Já se foi o tempo dos profetas, senhor.

- Mas imagine que ela não tenha caído, Inchney. Pense! Se ela não pôde cair. O Mulo faz-me promessas, na verdade... - Fora muito longe, e quis voltar atrás. - Isto é, mostrou ostentação. Mas as ostentações são apenas vento e as ações são concretas.

Inchney riu estrondosamente:

- As ações são efetivamente concretas, uma vez começadas. Dificilmente alguém podia descobrir, além disso, o receio pela atividade de uma Fundação situada no outro extremo da Galáxia.

- Há ainda o príncipe - murmurou Commason, quase consigo.

- Ele também está negociando com o Mulo, senhor?

Commason não podia se esquivar rapidamente agindo sob a complacente manobra da mudança de assunto:

- Não inteiramente. Não como eu estou fazendo. Mas está se tornando desorientado, mais incontrolável. Apareceu um demônio dentro dele. Se eu prender estas pessoas e ele ficar com elas para seu próprio uso. pois não lhe falta uma certa sagacidade, eu já não estarei em condições de discutir com ele. - Franziu os sobrolhos e as faces descaíram-lhe molemente, com desagrado.

- Vi esses estrangeiros ontem, por uns momentos - disse o encarnecido motorista, sem qualquer ligação - e ela é uma mulher estranha e sinistra. Caminha com a liberdade de um homem e tem uma palidez assustadora, em contraste com os cabelos negros. - Havia quase ardor no silvo rouco de sua voz sussurrada, pelo que Commason virou-se para ele com uma surpresa repentina. Inchney continuou: - O príncipe, penso eu, não procurará pôr em ação sua sagacidade, se lhe for feita uma proposta razoável. Podia, senhor, ficar tranqüilo, se lhe cedesse a moça...

Houve um relampejo em Commason:

- É uma idéia! É uma idéia, realmente! Inchney volta para trás! E, Inchney, se tudo correr bem, haveremos de voltar a discutir esse assunto de sua liberdade.

Foi com um quase supersticioso sentido de simbolismo que Commason encontrou uma Cápsula Pessoal à sua espera, no seu gabinete particular, quando ali regressou. Commason esboçou um leve sorriso. O homem do Mulo estava chegando e a Fundação realmente fora derrotada.

As idéias nebulosas de Bayta, quando as tinha, sobre um palácio Imperial, não atinavam com a realidade e, no seu íntimo, havia uma vaga sensação de desapontamento. O quarto era pequeno, quase simples, quase comum. O palácio não oferecia grande vantagem sobre a residência do prefeito que ficara atrás na Fundação... e Dagobert IX...

Bayta tinha idéias definidas a respeito da presença que devia ter um imperador. Pensava que não se devia parecer com um avô qualquer. Pensava que não devia ser fraco, lívido e enrugado - ou servir taças de chá pelas suas próprias mãos e exprimir preocupação sobre o conforto dos seus visitantes. Porém era assim que ele era. Dagobert IX riu entre dentes quando deitou chá na sua xícara.

- É um grande prazer para mim, minha querida. É um daqueles momentos em que fujo das cerimônias e dos cortesãos. Há tempos que não recebo visitas, vindas das outras províncias. O meu filho encarregou-se desses

pormenores, agora que estou velho. Ainda não viram o meu filho? Um belo rapaz. Talvez um pouco teimoso. Porém é jovem. Quer mais uma cápsula de sabor? Não?

Torã esforçou-se por fazer uma interrupção:

- Vossa Majestade Imperial...

- Diga.

- Vossa Majestade Imperial, não era minha intenção interromper-vos...

- Não se preocupe, não há interrupção nenhuma. Esta noite se realizará a recepção oficial, mas até lá estaremos livres. Deixe ver, de onde é que você disse que vinham? Parece-me que já decorreu um largo espaço de tempo desde que se fez a última recepção oficial. Você disse que tinham vindo de Anacreon?

- Da Fundação, Imperial Majestade!

- Sim, a Fundação. Agora me lembro. Eu a tinha localizado. Fica na província de Anacreon. Nunca estive lá. O meu médico proíbe-me viagens longas. Não me lembro de ter recebido nenhum relatório recente do meu vice-rei em Anacreon. Quais são as condições que ali existem atualmente? - concluiu ele ansiosamente.

- Senhor - murmurou Torã. - Não há queixas a fazer.

- Isso é deveras agradável. Hei de elogiar o meu vice-rei.

Torã olhou desesperadamente para Ebling Mis, cuja voz brusca se fez ouvir:

- Senhor, fomos avisados de que devíamos pedir-lhe autorização para podermos visitar a Biblioteca da Universidade Imperial em Trantor.

- Trantor? - perguntou o imperador, maciamente. - Trantor? - Nesse momento um olhar deu à sua face uma expressão de dor perplexa: - Trantor? - voltou a sussurrar. - Já me lembro. Estou fazendo planos para voltar para lá com uma nuvem de naves. Vocês poderão vir comigo. Em conjunto, havemos de destruir o rebelde, Gilmer. Juntos, havemos de restaurar o Império!

A sua figura dobrada endireitara-se. Sua voz havia recuperado vigor. Durante um momento seus olhos mostraram-se brilhantes. Depois, piscou as pálpebras e disse fracamente:

- Gilmer morreu. Deixem ver se me consigo lembrar... Sim, sim! Gilmer morreu! Trantor morreu... Durante um momento pareceu-me... De onde foi que

disse que vieram?

Magnífico sussurrou para Bayta:

- É mesmo um imperador? De qualquer maneira eu pensava que os imperadores fossem maiores e mais cultos do que os homens comuns.

Bayta fez-lhe sinal para ficar tranqüilo. E disse:

- Se sua Imperial Majestade puder assinar uma ordem autorizando a nossa ida a Trantor, isso seria de grande utilidade para a causa pública.

- A Trantor? - O imperador estava perturbado e não conseguia compreender.

- Senhor, o vice-rei de Anacreon, em nome de quem estamos falando, manda-nos que lhe participemos que Gilmer ainda está vivo...

- Vivo! Vivo - trovejou Dagobert. - Onde? Haverá guerra!

- Imperial Majestade, esta informação não deve ser publicada agora. As informações a respeito do lugar onde se encontra não são precisas. O vice-rei mandou que lhe participássemos o fato e só em Trantor poderemos descobrir o lugar onde será provável encontrar o palácio em que se esconde. Uma vez descoberto...

- Sim, sim... Ele deve ser encontrado... - O velho imperador curvou-se para a parede e apertou a pequena fotocélula com um dedo trêmulo. Murmurou, depois de uma pausa sem sentido: - Os meus criados ainda não vieram. Não posso esperar por eles.

Estava rabiscando numa folha em branco, e terminou com um floreado "D". Disse:

- Gilmer aprenderá a conhecer a força do seu imperador. De onde foi que vocês vieram? Anacreon? Quais são as condições que lá se verificam? O nome do imperador é poderoso?

Bayta tirou-lhe o papel dos dedos compridos:

- Sua Majestade Imperial é adorado pelo povo. O seu amor por ele é perfeitamente conhecido.

- Eu gostaria de visitar o meu bom povo de Anacreon, porém o meu médico disse... Não me lembro do que me disse, mas... - Olhou para cima, com os seus penetrantes olhos pardos: - Vocês estavam falando de Gilmer?

- Não, Imperial Majestade.

- Ele não avançará mais. Voltem para trás e digam isto ao povo. Trantor agüentará! Meu pai é agora o comandante da esquadra e o verme rebelde chamado Gilmer há de gelar no espaço com a sua canalha regicida. - Endireitou-se na cadeira e os seus olhos tornaram-se outra vez perturbados: - O que é que eu estava dizendo?

Torã levantou-se e inclinou-se para ele:

- Sua Imperial Majestade tem sido muito amável conosco, porém o período de ausência que nos foi concedido já está esgotado.

Durante um momento, Dagobert IX assumiu de fato o ar de um imperador quando se levantou e ficou de pé, com as costas direitas enquanto, um a um, os seus visitantes recuavam através da porta...

...e ali intervieram vinte homens armados que fizeram um círculo à volta deles. Uma arma de mão reluziu...

Bayta ia recuperando paulatinamente a consciência, mas sem lhe surgir a necessidade de perguntar: "Onde é que estou?" Lembrava-se claramente do velhíssimo homem que a si mesmo se chamava imperador e dos outros homens que os esperavam fora. O formigueiro artrítico que sentia nas articulações dos dedos queria dizer que fora utilizada uma pistola de choque.

Deixou-se ficar com os olhos fechados, e prestou uma dolorosa atenção às vozes. Havia duas. Uma era vagarosa e cautelosa, escondendo a astúcia sob a superfície deferente. A outra era rouca e grossa, quase néscia, sendo pronunciada em jatos viscosos. Bayta não ouviu nada. A voz rouca predominava.

Bayta conseguiu apanhar as últimas palavras:

- Há de viver para sempre esse velho do diabo. Cansa-me. Aborrece-me. Commason, hei de tê-lo. Também estou ficando velho.

- Alteza, nos deixe ver primeiro qual a utilidade que estas criaturas podem ter. Pode ser que tenhamos mais chances de chegar ao poder do que aquelas que seu pai ainda possui.

A voz rouca perdeu-se num sussurro indistinto. Bayta só conseguiu apanhar esta frase:

- ...a moça ...mas - a outra voz acariciadora tornou-se um murmúrio sujo, baixo, e rápido por entredentes seguido por uma frase de camarada e quase paternal: - Dagobert, você não tem idade. Mente quem não disser que você não parece um rapaz de vinte anos.

Riram os dois, e o sangue de Bayta pôs-se a correr geladamente. Dagobert... alteza... O velho imperador falara de um filho teimoso e a sugestão contida no murmúrio que acabara de ouvir confirmava que se tratava dele. Porém quantas coisas não acontecem às pessoas na vida real...

A voz de Torã ouviu-se numa demorada e áspera corrente de pragas. Ela abriu os olhos e Torã, que estava debruçado por cima dela, fez uma tentativa para socorrê-la. E disse, com ferocidade:

- O imperador há de responder por este banditismo. Solte-nos.

Estava ainda debruçado sobre Bayta cujos pulsos e tornozelos estavam presos à parede e ao soalho por um poderoso campo de atração.

O Voz Rouca aproximou-se de Torã. Era barrigudo, os seus olhos fitos no chão tinham um brilho escuro e o cabelo caía-lhe pela testa. Havia uma pena colorida no seu chapéu pontiagudo e a franja do seu gibão estava bordada com esponja metálica prateada. Riu escarninhamente com grande divertimento:

- O imperador? Esse pobre e inválido imperador?

- Tenho o seu salvo-conduto. Nenhum súdito pode impedir a nossa liberdade.

- Mas eu não sou um súdito, detrito do espaço. Sou o regente e o príncipe herdeiro e sou eu que assumo a direção dos negócios. O que sucede com o meu pobre e ingênuo pai, é que ele gosta de ver visitantes de vez em quando. E satisfazemos-lhe a vontade. Ele diverte a sua fantasia de trocista Imperial.

E a essa altura apareceu diante de Bayta, que o fitou desdenhosamente. Ele examinou de perto e o seu hálito tinha um fortíssimo cheiro de hortelã. Disse.

- Tem olhos agradáveis, Commason... fica com eles mais bonitos quando estão completamente abertos. Penso que ela os conservará assim. Deve ser um prato exótico para um gosto exausto, eh?

Verificou-se uma agitação fútil da parte de Torã, que o príncipe herdeiro ignorou e Bayta voltou a sentir uma sensação gelada na pele. Ebling Mis ainda estava inconsciente, mas com uma sensação de surpresa, Bayta notou que os olhos de Magnífico estavam abertos, totalmente abertos, como se estivesse acordado há vários minutos. Aqueles grandes olhos castanhos giraram sobre Bayta e fitaram-na, enterrados numa face reduzida a uma massa amorfa.

Choramingou, e apontou com a cabeça para o príncipe herdeiro:

- Isso que ele tem é o meu audiovisor.

O príncipe herdeiro virou-se rapidamente para a nova voz:

- Isto é seu, monstro? - Tirou o instrumento do ombro a que estava pendurado, suspendeu-o pelas alças verdes, que Bayta ainda não notara. Foi-lhe passando os dedos desajeitadamente, experimentou tocar um acorde e, para azar seu, não conseguiu nada: - Você é capaz de tocar esta coisa, monstro?

Magnífico voltou a menear a cabeça. Torã disse repentinamente:

- Vocês roubaram uma nave da Fundação. Se o imperador não nos vingar, a Fundação há de fazê-lo.

Foi o outro, Commason, que respondeu vagarosamente:

- Qual Fundação? Ou o Mulo já deixou de ser o Mulo?

Ninguém lhe deu resposta. O riso do príncipe rasgou-lhe a boca de lado a lado, mostrando-lhe os dentes. O campo que ligava o palhaço foi desligado e ele mexia vigorosamente os pés. O audiovisor já estava nas suas mãos.

- Toque para nós, monstro - disse o príncipe. - Toque para nós uma serenata de amor e beleza para a minha senhora estrangeira que aqui está. Diga-lhe que a prisão grosseira do meu pai não é um palácio, mas que poderei levá-la para um onde ela nadará em água de rosas e saber o que é o amor de um príncipe. Cante o amor de um príncipe, monstro.

Pôs uma grossa coxa em cima de uma mesa de mármore e deixou cair a perna preguiçosamente, enquanto o seu sorriso fátuo despertava arrebatadoramente em Bayta uma raiva silenciosa. Os tendões de Torã tentaram forçar o campo, num esforço desesperado e doloroso. Ebling Mis movia-se e gemia. Magnífico gaguejou:

- Os meus dedos estão reduzidos a uma dureza inútil...

- Toque, monstro! - impôs o príncipe. As luzes obscureceram-se a um gesto seu dirigido a Commason e cruzou os braços na obscuridade, aguardando.

Magnífico mexeu os dedos com rápidos e rítmicos saltos de extremo a extremo do instrumento de múltiplos botões - e através do aposento irrompeu um arco-íris duro e vertiginoso. Ouviu-se um som baixo, repousante - palpitante, choroso. Transformou-se num riso sombrio, e por baixo dele ressoou um vagaroso dobre de sinos.

A escuridão parecia intensificar-se e tornar-se mais compacta. A música alcançou Bayta através das espessas dobras de mantas invisíveis. Foi alcançada por uma luz repentina, que subia das profundezas como se uma simples candeia brilhasse no fundo do abismo.

Automaticamente os seus olhos se abriram. A luz resplandeceu, porém permaneceu tênue. Moveu-se de maneira faiscante, uma cor confusa, e a música tornou-se subitamente descarada, depravada - florescendo num brusco crescendo. A luz vacilou rapidamente num movimento veloz para um ritmo perverso. Alguma coisa se enlaçou na luz. Alguma coisa que possuía venenosas escalas metálicas que se ia entrelaçando nela e nela suspirava.

Bayta lutou com uma estranha emoção, após o que se deixou cair numa agonia mental. Quase se lembrou do período do Cofre do Tempo, daqueles últimos dias de Haven. Havia esta horrorosa, aborrecida, pegajosa teia de aranha de sofrimento e desespero. Encolheu-se sob o peso daquilo que a oprimia.

A música estrondeou por cima dela, rindo-se horrivelmente e a caligrafia de terror no lado errado do telescópio no pequeno círculo de luz perdeu-se quando se afastou febrilmente para longe. Sentia a testa simultaneamente quente e fria.

A música terminou. Devia ter durado uns quinze minutos e Bayta viu-se inundado pelo imenso prazer da sua ausência. A luz acendeu-se e o rosto de Magnífico permanecia fechado, lúgubre, para os seus olhos insensatos, sob as pálpebras úmidas.

- Minha senhora - gaguejou - como é que se sente?

- Bem, apesar de tudo - murmurou ela - mas por que é que você tocou uma coisa dessas?

Ela fitou as outras pessoas que se encontravam no aposento. Torã e Mis estavam flácidos e impotentes contra a parede e seus olhos espumavam. Havia o príncipe, estranhamente imóvel, ainda com a perna pendendo da mesa. Havia Commason, respirando com dificuldade, com a boca aberta e descaída. Commason titubeou e bocejou descuidadamente, quando Magnífico deu um passo em sua direção.

Magnífico virou-o, e com um salto, libertou os outros. Torã investiu rapidamente e com mãos ásperas e duras agarrou o latifundiário pelo pescoço.

- Você vem conosco. Vamos precisar de você para termos certeza de que chegaremos à nossa nave.

Duas horas depois, na cozinha da nave, Bayta servia um empadão, ainda quente e Magnífico celebrou o regresso ao espaço atirando-se a ele com um magnificente desprezo pelas boas maneiras.

- Está bom, Magnífico?

- Hum-m-m-m!

- Magnífico?

- Sim, minha senhora?

- O que foi que você tocou há pouco?

O palhaço torceu-se:

- Eu... eu confesso que não sei. Aprendi isto há muito tempo e o audiovisor tem um efeito muito profundo sobre o sistema nervoso. É verdade que era uma coisa diabólica, e não se destina à sua meiga inocência, minha senhora.

- Oh, isso não, Magnífico. Eu não sou tão inocente como isso. Não me lisonjeie. Eu vi algo parecido com o que eles viram?

- Espero que não. Toquei só para eles. Se viu, foi apenas uma parte... de longe.

- E já foi suficiente. Você sabe que conseguiu derrubar o príncipe?

Magnífico falou com crueldade enquanto ia comendo um grande bocado de empadão:

- Matei-o, minha senhora.

- O que? - Ela engasgou-se, dolorosamente.

- Estava morto quando parei de tocar, pois caso contrário teria continuado. Não me importei com Commason. Suas maiores ameaças eram morte ou tortura. Mas, minha senhora, o príncipe olhava para você com ar perverso - e engasgou-se com uma mistura de indignação e de embaraço.

Bayta viu-se invadida por estranhas idéias que reprimiu com firmeza.

- Magnífico, você é um doido muito galante.

- Oh, minha senhora. - E meteu o nariz vermelho no empadão, pois alguém havia de deixar de comer.

Ebling Mis entrou pela porta adentro. Trantor estava perto - os seus raios metálicos luziam terrivelmente. Torã também ali se encontrava de pé. Comentou

com grande mordacidade:

- Não temos nada a fazer aqui, Ebling. O homem do Mulo chegou à nossa frente.

Ebling Mis esfregou a testa com uma mão que parecia esvaziada da sua forma rechonchuda. Sua voz foi um murmúrio abstrato. Torã estava aborrecido:

- Eu disse que as pessoas sabem que a Fundação caiu. Eu disse...

- Eh? - Mis levantou a cabeça, embaraçado. Depois pousou uma mão suave no pulso de Torã, tendo-se completamente esquecido de qualquer conversa anterior: - Torã, eu... estive olhando para Trantor. Você sabe... Tenho o estranho sentimento... exatamente desde que chegamos a Neotrantor. É um impulso, um impulso forte que me está empurrando lá para dentro. Torã, eu posso fazê-lo, sinto que posso fazer. As coisas começam a tornar-se nítidas no meu espírito, nunca foram tão nítidas.

Torã abriu os olhos - e encolheu os ombros. As palavras não lhe davam nenhuma confiança. Perguntou, fazendo uma tentativa:

- Mis?

- Sim?

- Você não viu uma nave chegar a Neotrantor quando estávamos saindo?

A resposta foi concisa:

- Não.

- Eu vi. Calculo que seja imaginação, mas pareceu-me que era aquela nave filiana.

- Aquela em que viajava o capitão Han Pritcher?

- Aquela que só o espaço sabe quem está lá dentro. A informação de Magnífico... Está nos seguindo, Mis.

Ebling Mis não disse nada.

Torã continuou energicamente:

- Aconteceu-lhe alguma coisa? Não está se sentindo bem?

Os olhos de Mis estavam pensativos, luminosos e esquisitos. Não respondeu.

AS RUÍNAS DE TRANTOR

A localização de um objetivo no grande mundo de Trantor apresenta um problema único na Galáxia. Não há continente ou oceano para localizar a um milhar de quilômetros de distância. Não há rios, nem lagos, nem ilhas para surpreender o espetáculo através dos rasgões das nuvens.

O mundo forrado de metal era, fora, uma cidade colossal e só o velho palácio Imperial podia ser identificado com facilidade do espaço exterior, por um estrangeiro. Bayta circundou o mundo a uma altitude quase de carro aéreo em repetidas e trabalhosas buscas.

Das regiões polares, onde o gelo que cobria as espirais de metal, fornecia a sombria evidência de avaria ou abandono das máquinas de condicionamento da temperatura, encaminharam-se para o sul. Podiam fazer correlações ocasionais - (ou correlações presumíveis) - entre aquilo que viam e aquilo que lhes mostrava o velho mapa que tinham conseguido em Neotrantor.

Mas os equívocos desapareciam à medida que iam caminhando. A abertura na cobertura metálica do planeta media oitenta quilômetros. A zona verde fora do padrão geral estendia-se por centenas de quilômetros quadrados, incluindo a poderosa elegância das antigas residências Imperiais.

Bayta pairava e orientava-se lentamente a ela mesma. Havia só as grandes super-vias originárias para orientá-la. Compridas setas lançadas em linha reta no mapa, faixas lisas e brilhantes por baixo deles.

Aquilo que o mapa indicava ser a área da Universidade foi alcançado seguindo um cálculo de derrota já desaparecida, e a nave aterrou na superfície plana do que fora uma vez um campo de aterragem de movimento muito intenso.

Foi só quando submergiram na confusão metálica que a suave beleza aparente que se via do ar se transformou numa vaga de coisas partidas e retorcidas que ficara na esteira do Saque. Havia espirais truncadas, suaves paredes úmidas e deformadas e surgiu até, por um instante, o vestígio de uma área de terra roçada, talvez com a extensão de várias centenas de hectares, escura e arada.

Lee Senter observava a maneira como a nave ia descendo cautelosamente, para a superfície. Era uma estranha nave, não de Neotrantor e suspirou interiormente. Naves estranhas e negociações confusas com os homens

de outro espaço, que podiam significar o fim dos curtos dias de paz, um regresso aos grandiosos tempos de outrora, repletos de morte e de luta. Senter era o chefe do grupo, estavam a seu cargo os livros antigos e lera muito a respeito desses dias. Não tinha desejo de regressar a eles.

Talvez tivessem decorrido dez minutos desde que a estranha nave começara a descer para o abrigo mais próximo, porém neste período impuseram-se demoradas recordações. Apareceu primeiro a grande fazenda da sua infância - que permanecia apenas na sua mente como grandes multidões de gente ocupada. Depois apareceu a partida das famílias novas para novas terras. Havia dez, nessa altura, uma única criança, perplexa e assustada.

Depois houvera as novas construções, as grandes chapas de metal para serem arrancadas e postas de lado, o solo abandonado para ser cavado, arejado e revigorado, os prédios vizinhos para serem derrubados e arrasados, outros para serem transformados em residências.

Havia searas para crescer e serem ceifadas, pacíficas relações com as fazendas vizinhas a estabelecer...

Havia crescimento e expansão, e a eficiência tranqüila do autogoverno. Havia o começo de uma nova geração de jovens duros e pequenos nascidos para a terra. Havia o grande dia, quando ele fora escolhido para chefe do Grupo e pela primeira vez, desde o dia em que fizera dezoito anos, deixou de fazer a barba e viu aparecer os primeiros pelos da sua Barba de Chefe.

E agora a Galáxia podia intrometer-se e podia ser o fim do breve idílio de isolamento...

A nave aterrou. Observou silenciosamente quando a porta se abriu. Emergiram quatro pessoas, cautelosas e vigilantes. Havia três homens, diferentes, velho, novos, magros e gordo. E uma mulher caminhando no meio deles como se fosse um companheiro. As suas mãos empurraram para trás as duas madeixas de pelos brilhantes da barba quando se decidiu ir ao encontro deles. Fez um amplo gesto de paz. Tinha as duas mãos diante dele, com as palmas duras e calosas levantadas para cima: O jovem aproximou-se dois passos e repetiu o gesto:

- Venho em paz.

O acento era estranho, mas as palavras foram compreensíveis e bem-vindas. Replicou, em voz grossa:

- Em paz será recebido. Vocês serão bem recebidos pela hospitalidade do

Grupo. Têm fome? Terão de comer. Têm sede? Terão de beber.

A resposta veio vagarosamente:

- Ficamos-lhe muito agradecidos pela sua gentileza e levaremos boas notícias do seu Grupo quando regressarmos ao nosso mundo.

Uma resposta original, porém boa. Atrás dele começavam a aparecer os homens do Grupo, e dos recessos das estruturas circundantes emergiram as mulheres.

Na sua residência particular, tirou a caixa decorada com espelho do seu lugar oculto na parede e ofereceu a cada um dos visitantes os compridos charutos roliços que estavam reservados para as grandes ocasiões. Diante da mulher, hesitou. Ela ocupara um lugar no meio dos homens. Os estrangeiros, evidentemente divertidos, observavam tal desfaçatez com curiosidade. Ofereceu-lhe a caixa, de maneira rígida.

Ela aceitou um com um sorriso, e lançou uma baforada de fumo aromático, com todo o prazer que se podia esperar. Lee Senter reprimiu um sen¬timento de escândalo.

A conversa muito limitada, travada durante a refeição, referiu-se polida¬mente à maneira como se trabalhava a terra em Trantor. Foi o velho que perguntou:

- O que há a respeito, os hidropônicos? De certo, num mundo como este de Trantor, os hidropônicos devem ser a coisa indicada.

Senter abanou a cabeça lentamente. Sentia-se um pouco deslocado. O seu conhecimento do assunto derivava daquilo que lera nos livros e que não lhe era familiar:

- Penso que se trata de uma maneira de cultivar, utilizando produtos químicos? Não, em Trantor não utilizamos esse sistema. Esses hidropônicos exigem um mundo industrial, por exemplo, uma grande indústria química. E quando se dá uma guerra ou uma catástrofe, quando a indústria deixa de funcionar, o povo passa fome. Nem todos os alimentos podem ser cultivados artificialmente. Alguns perdem o seu valor alimentar. A terra é mais barata, é melhor, e sempre mais digna de confiança.

- E a sua produção de alimentos é suficiente?

- Suficiente, talvez monótona. Temos criação que nos fornece ovos, e produzimos leite para os nossos produtos de queijaria - contudo a nossa dieta é

reforçada com os produtos provenientes do nosso comércio externo.

- Comércio? - O jovem pareceu animado por um interesse repentino. - Vocês fazem comércio. Mas o que é que vocês exportam?

- Metal - foi a resposta breve. - Ora dê-se ao cuidado de olhar. Temos uma reserva infinita, já trabalhada. Eles vêm de Neotrantor com naves, demolem uma área determinada - aumentando o nosso espaço de cultura - e em troca nos dão carne, frutas enlatadas, alimentos concentrados, máquinas agrícolas e coisas semelhantes. Eles levam o metal e ambas as partes lucram.

Banquetearam-se com pão e queijo, e um prato de vegetais que era indiscutivelmente delicioso. Foi durante a sobremesa de frutas cristalizadas, o único artigo do cardápio que era importado que, pela primeira vez, os estrangeiros passaram a ser mais alguma coisa do que simples visitas. O jovem apresentou um mapa de Trantor.

Lee Senter estudou-o calmamente. Apontou para ele - e disse com gravidade:

- Os terrenos da Universidade são uma área estática. Ali não cultivamos nada. E, de preferência, nem sequer lá entramos. É uma das nossas poucas relíquias dos tempos passados que mantemos inalteradas.

- Nós queríamos fazer uma observação, depois de nos conhecermos. Não iremos estragar nada. A nossa nave será o nosso refém. - O velho fez esta oferta, avidamente, febrilmente.

- Nesse caso posso levá-los lá - disse Senter.

Nessa noite os estrangeiros dormiram, e nessa noite Lee Senter enviou uma mensagem para Neotrantor.

CONVERTIDO

A frágil vida de Trantor decorria suavemente, sem sentido, quando eles penetraram na zona dos espaçados edifícios vazios dos terrenos da Universidade. Havia ali um silêncio solene e solitário.

Os estrangeiros da Fundação nada sabiam dos turbulentos dias e noites do Saque sangrento que deixara a Universidade ilesa. Nada sabiam do período que se sucedera ao colapso do poder Imperial, quando os estudantes, com armas emprestadas e as faces pálidas mostrando uma coragem sem experiência, formaram um corpo de voluntários para proteger e defender o santuário da ciência da Galáxia. Não sabiam nada dos Sete Dias de Combates e do armistício que deixara a Universidade livre, quando até o palácio Imperial estremecia sob as botas de Gilmer e de seus soldados, durante o curto intervalo de seu governo.

Aquela gente da Fundação, aproximando-se pela primeira vez, compreendia apenas que, num mundo que fazia a transição de um velho mundo esvaziado para uma nova forma de vida, esta área era uma tranqüila e graciosa peça de museu, evocando uma antiga grandeza.

Eram intrusos, num certo sentido. Eram repelidos pelo vácuo meditativo. A atmosfera acadêmica parecia estar ainda viva e parecia agitar-se iradamente perante a profanação.

A biblioteca era um pequeno edifício realmente decepcionante que se alargava por um vasto subterrâneo, revelando um volume colossal de silêncio e de sonho. Ebling Mis fez uma pausa diante dos elaborados murais do aposento de recepção. Sussurrou - alguém tinha de sussurrar ali:

- Penso que vamos passar pelos gabinetes-catálogos, pelo caminho que estamos seguindo. Vou ficar lá. - Tinha a testa enrugada, e as mãos tremiam-lhe: - Não quero que ninguém me perturbe, Torã. Você será capaz de me trazer as minhas refeições?

- Tudo o que você quiser. Havemos de ajudá-lo em tudo o que pudermos. Se desejar, trabalharemos sob a sua orientação...

- Não. Devo ficar sozinho.

- Você está pensando que há de acabar por encontrar aquilo de que precisa.

Ebling Mis replicou com uma certeza:

- Sei que a encontrarei.

Torã e Bayta passaram a viver uma "vida doméstica" de uma maneira mais normal do que em qualquer outro período de sua vida de casados. Era estranha espécie de "vida doméstica". Viviam no meio da magnificência com uma simplicidade imprópria. Sua alimentação era largamente fornecida pela fazenda de Lee Senter e era paga com pequenos instrumentos atômicos que podiam ser encontrados em qualquer nave comercial.

Magnífico aprendeu a servir-se pessoalmente dos projetores no gabinete de leitura da biblioteca e devorava novelas e romances de aventuras a tal ponto que quase se esquecia de comer e de dormir, tanto como Ebling Mis.

O próprio Ebling estava completamente sepultado. Instalara uma rede que ia rebocando através do Gabinete das Referências de Psicologia. Sua face ia se tornando adelgaçada e esvaída. O seu vigor de conservador desaparecera e as suas pragas favoritas tinham morrido, quase sem se dar por isso. Foi um período em que tanto a aparição de Torã como a de Bayta tinham o ar de serem uma intromissão violenta.

Estava mais tempo em companhia de Magnífico, que lhe trazia as refeições e muitas vezes se sentava à espera dele, durante horas, estranhamente absorto e fascinado, enquanto o envelhecido psicólogo transcrevia equações sem fim, anotava referências de um sem-número de filmes, agitava-se incansavelmente dominado por um terrível esforço mental para chegar a um fim que só ele antevia.

Torã chegou ao seu aposento às escuras e chamou com secura:

- Bayta!

Bayta apareceu com ar culpado:

- Sim? Quer alguma coisa, Torie?

- Claro, quero falar com você. Em que espaço é que está vivendo? Anda com esta má disposição toda desde que viemos para Trantor. O que é que aconteceu?

- Oh, Torie, cale-se - disse ela, aborrecida.

- Oh, Torie, cale-se! - arremedou ele, com impaciência. Depois acrescentou com repentina suavidade: - Não quer me dizer o que não está bem, Bayta? Há alguma coisa que a aborrece.

- Não! Não é nada, Torie, se você continuar assim me aborrecendo e tornando a aborrecer-me, é que acabo por ficar maluca. Eu estou apenas... pensando.

- Pensando em que?

- Em nada. Bem, a respeito do Mulo e de Haven e da Fundação, e de todas as coisas. A respeito de Ebling Mis e do inferno a que ele se sujeita para descobrir qualquer coisa a respeito da Segunda Fundação, e meditando se essa descoberta nos ajudará quando a conseguirmos, e um milhão de coisas mais. Está satisfeito? - A sua voz soava com agitação.

- Se está apenas meditando, como é que há de conseguir parar? Não é agradável e não parece de grande ajuda para a situação.

A voz de Magnífico ouviu-se lá fora com um grito agitado:

- Minha senhora...

- O que é? Entre...

A voz de Bayta engasgou-se repentinamente quando a porta aberta mostrou uma face ampla e áspera...

- Pritcher - exclamou Torã.

Bayta gaguejou:

- Capitão! Como é que conseguiu nos encontrar?

Han Pritcher entrou. Sua voz mostrou-se nítida e normal, e completamente despojada de sentimento:

- O meu posto é agora de coronel... sob o Mulo.

- Ao serviço do... Mulo! - a voz de Torã arrastou-se.

Os três formavam um quadro. Magnífico encarou-o friamente e recuou para trás de Torã. Ninguém lhe pôs obstáculos. Bayta disse, com as mãos trêmulas agarradas uma à outra:

- Você veio nos prender? Você passou realmente ao serviço dele?

O coronel replicou rapidamente:

- Não vim para prendê-los. As minhas instruções não lhes fazem referência. No que lhe diz respeito, estou livre e prefiro servir-me da nossa velha amizade, se me derem licença para isso.

O rosto de Torã estava torcido devido a uma fúria reprimida:

- Como é que você nos encontrou? Você estava na nave filiana, nesse caso? Você seguiu-nos.

A grosseira falta de expressão do rosto de Pritcher deu indícios de ter estremecido de maneira embaraçada:

- Eu estava na nave filiana! Encontrei-os da primeira vez... bem... por acaso.

- É um acaso matematicamente impossível.

- Não. Antes simplesmente improvável, até onde os meus conhecimentos chegam. Em qualquer caso, você confessou aos filianos - não há, decerto, qualquer nação que se chame atualmente Filia - que você estava se dirigindo para o setor de Trantor, e a partir daí o Mulo estabeleceu os seus contatos com Neotrantor, e era fácil tê-los retido ali. Desgraçadamente, vocês saíram antes de eu ter chegado, mas não muito tempo antes. Tive tempo de ordenar aos fazendeiros de Trantor que me remetessem o relatório referente à sua chegada. Assim se fez e aqui estou. Posso me sentar? Sou amigo, acreditem em mim.

Sentou-se. Torã inclinou a cabeça e pensou inutilmente. Com uma paralisada falta de emoção, Bayta preparou o chá. Torã fitou-o asperamente:

- Bem, o que é que você deseja... coronel? Em que é que consiste sua amizade? Se você não nos prende, o que vem a ser então? Uma custódia de proteção? Chame os seus homens e dê-lhes as ordens.

Pritcher meneou pacientemente a cabeça:

- Não, Torã. Eu vim falar com vocês por minha própria iniciativa, para persuadi-los quanto à inutilidade do que estão fazendo. Se falhar, vou embora. Mais nada.

- Mais nada? Nesse caso pode começar a receitar sua propaganda, ponha fora o seu discurso, e ponha-se a andar. Eu não quero chá, Bayta.

Pritcher aceitou uma xícara, com uma grave frase de agradecimento. Olhou para Torã com uma firmeza nítida quando o sorveu ligeiramente. Acrescentou:

- O Mulo é um mutante. Ele não pode ser vencido devido à verdadeira natureza da mutação...

- Por quê? Em que consiste a mutação? - perguntou Torã, com um humor birrento. - Suponho que você nos irá dizer isso agora, não?

- Vou, sim. O conhecimento que tiverem do fato não lhes dará

oportunidade de o atingirem. Bem vê, ele é capaz de ajustar o equilíbrio dos sentimentos humanos. Parece um estranho insignificante, mas é imbatível.

Bayta interrompeu-o:

- O equilíbrio emocional? - Franziu os sobrolhos: - Você não quer nos explicar? Eu não consigo compreender perfeitamente.

- Quero dizer que é fácil para ele instilar num general capaz, sabem, um sentimento de completa lealdade para com o Mulo e uma fé completa na sua vitória. Os seus generais são emocionalmente controlados. Não podem trair, não o podem enfraquecer e o controle é permanente. Os seus inimigos mais capazes tornam-se os seus subordinados mais disciplinados. O condestável de Kalgan entregou o seu planeta e transformou-se no vice-rei da Fundação.

- E você - acrescentou Bayta, amargamente - atraiçoa a sua causa e transforma-se no enviado do Mulo a Trantor. Estou vendo!

- Ainda não terminei. Os trabalhos de inversão do Mulo são ainda mais eficazes. O desespero é uma emoção. No momento crucial, os homens-chave da Fundação, homens-chave de Haven, se desesperaram. Os seus mundos caíram sem ter sido necessário um esforço de grande monta.

- Você quer dizer com isso - sugeriu Bayta, tensamente - que a sensação que tive no Cofre do Tempo derivou do fato de o Mulo estar trabalhando com o meu controle emocional.

- E com o meu também. Com o de todos. Como é que Haven teve o fim que teve?

Bayta virou-lhe as costas. O coronel Pritcher continuou com grande seriedade:

- Tal como trabalha com os mundos, assim trabalha com as pessoas, Pode pôr em ação uma força que obriga um mundo a ficar em condições de se render voluntariamente quando ele assim o deseja, você é capaz de criar um servo devotado ao seu serviço quando tem vontade?

Torã perguntou vagarosamente:

- Como é que você sabe que isso é verdade?

- É capaz de explicar a queda da Fundação e de Haven de outra maneira? Pode explicar a minha conversão de outra maneira? Pense, homem! O que é que você, ou eu, ou a totalidade da Galáxia, conseguiram fazer contra a Mulo durante este tempo todo? Teriam feito ao menos uma pequena coisa qualquer?

Torã decidiu-se a levantar o desafio:

- Pela Galáxia, eu posso! - Com um súbito tom de altiva satisfação, gritou: - O seu maravilhoso Mulo teve contatos com Neotrantor, como você disse, para ali nos deterem, não foi? Esses contatos morreram ou sucedeu-lhes pior. Matamos o príncipe herdeiro e deixamos o outro reduzido a um idiota choramingas. O Mulo não conseguiu nos reter lá, e por isso não conseguiu terminar essa operação.

- Ora, não é isso, de forma alguma. Não se tratava dos nossos homens. O príncipe herdeiro era uma mediocridade sempre encharcado de vinho. O outro homem, Commason, é fenomenalmente estúpido. Era uma força no seu mundo, mas isto não obstava a que fosse bêbedo, malvado, e completamente incompetente. Nós não tínhamos realmente nada a fazer com eles. Eram, num certo sentido, meras simulações...

- Foram eles que nos detiveram, ou tentaram fazê-lo.

- Tenho a dizer outra vez que não. Commason tinha um escravo pessoal, um homem chamado Inchney. A Retenção era a sua política. É velho, mas serve temporariamente aos nossos objetivos. Vocês não conseguiriam mata-lo, reparem bem.

Bayta redemoinhou rapidamente ao seu encontro. Não tinha tocado no seu próprio chá:

- Mas, segundo suas próprias declarações, suas próprias emoções foram influenciadas. Você adquiriu fé e confiança no Mulo, um ser não-natural, uma fé doentia no Mulo. Qual será o valor de suas opiniões? Você perdeu toda a possibilidade de ter pensamentos objetivos.

- Está enganada. - O coronel abanou lentamente a cabeça. - Só as minhas emoções estão imobilizadas. A minha razão é aquilo que sempre foi. Pode ser influenciada numa certa direção pelas minhas emoções condicionadas, mas não é forçada. E há umas quantas coisas que eu posso ver mais nitidamente agora do que quando tinha liberdade de dirigir o meu sistema emocional.

- Posso verificar que o programa do Mulo é inteligente e digno. Desde o momento em que fui... convertido, estive examinando sua carreira desde o começo, há uns sete anos atrás. Com a sua força mental de mutante, ele começou por dominar um líder triunfante e o seu bando. Com isto, e o seu poder, conquistou um planeta. Com isto, e o seu poder, estendeu suas garras até poder apanhar o condestável de Kalgan. Cada um dos seus passos abre um caminho lógico aos seguintes. Com Kalgan no bolso, ele dispunha de uma esquadra de

primeira classe, e com isso, e o seu poder, podia atacar a Fundação.

- A Fundação é a chave. Trata-se da maior área de concentração da Galáxia, e agora que as técnicas atômicas da Fundação estão nas suas mãos, é ele o atual senhor da Galáxia. Com estas técnicas, e o seu poder, ele pode forçar os remanescentes do Império a reconhecer o seu governo, e finalmente, com a morte do velho imperador, que está maluco e não estará muito mais tempo neste mundo, a coroá-lo seu imperador. Será de nome tal como o é de fato. Com isto, e o seu poder, onde há mundo na Galáxia que se possa oporá ele?

- Nestes últimos sete anos, ele fundou um novo Império. Em sete anos, outras palavras, ele deve ter efetuado tudo aquilo que a psicohistória de Seldon só podia ter feito em mais de setecentos. A Galáxia acabará por ter finalmente paz e ordem. E vocês não conseguirão detê-lo, do mesmo modo que não são capazes de deter o movimento de um planeta apenas com os seus ombros.

Seguiu-se um longo silêncio à explicação de Pritcher. O chá que ficara na xícara esfriara. Ele esvaziou a xícara, voltou a enchê-la, e bebeu vagarosamente. Torã mordeu raivosamente a unha do polegar. O rosto de Bayta estava frio, distante e lívido. Depois Bayta disse com um fio de voz:

- Não estamos convencidos. Se o Mulo deseja que nos ponhamos a seu lado, que venha pessoalmente apresentar-nos suas condições. Você lutou com ele até o último momento da sua conversão, imagino eu, não foi?

- Assim sucedeu - respondeu solenemente o coronel Pritcher.

- Nesse caso, conceda-nos o mesmo privilégio.

O coronel Pritcher levantou-se. Com um ar crispado de determinação, disse:

- Nesse caso vou embora. Como disse a princípio, minha missão atual não tem nada a ver com o caminho de vocês. Por conseguinte, não penso que seja necessário participar suas presenças aqui. Não se trata de uma grande amabilidade. Se o Mulo desejar que vocês parem, não duvido que ele tenha outros homens designados para fazer esse trabalho, e vocês serão detidos. Mas, o que não tem grande mérito, eu não contribuirei para esse fim mais do que aquilo que é meu desejo.

- Muito obrigada - disse Bayta indistintamente.

- E faço o mesmo com o Magnífico. Onde é que ele está? Venha cá, Magnífico, não lhe quero fazer mal. . .

- O que é que há a respeito dele? - perguntou Bayta, com súbita animação.

- Nada. As minhas instruções também não o mencionam. Tenho ouvido dizer que andam à procura dele, porém o Mulo há de acabar por encontrá-lo quando isso se tornar indispensável. Eu não direi nada. Posso cumprimentá-los?

Bayta apertou-lhe a mão. Torã fitou-o com ar feroz, recusando-se a corresponder ao cumprimento. Houve o deslizar descendente dos ombros de ferro do coronel. Encaminhou-se para a porta, virou-se e disse:

- Mais uma coisa. Não pensem que não estou a par da causa da obstinação de vocês. Sei que vocês andam à procura da Segunda Fundação. O Mulo, no devido tempo, há de tomar as medidas necessárias. Nada ajudará vocês... Mas já conheci vocês em outras circunstâncias, talvez haja alguma coisa na minha consciência que me anime a fazer isto, seja como for, tento ajudá-los e afastá-los do perigo final antes que seja muito tarde. Adeus.

Saudou repentinamente e foi embora.

Bayta virou-se para o silencioso Torã e sibilou:

- Eles também sabem o que se passa com a Segunda Fundação.

No recôndito da biblioteca, Ebling Mis, desconhecedor de tudo, inclinou-se sobre a faísca de luz no meio dos espaços obscuros e pôs-se a resmungar triunfantemente consigo mesmo.

MORTE DE UM PSICÓLOGO

Depois disso decorreram as duas últimas semanas de Ebling Mis. E nessas duas semanas, Bayta esteve com ele três vezes. A primeira vez foi na noite seguinte àquela em que se encontraram com o coronel Pritcher. A segunda foi uma semana depois. E a terceira vez voltou a ser mais uma semana depois - no último dia - o dia da morte de Mis.

Primeiro, verificou-se a noite que se seguiu à visita do coronel Pritcher, a primeira hora da qual foi gasta pelo casal aflito numa meditação frenética e desagradável. Bayta disse:

- Torie, temos de contar isto a Ebling.

Torã observou vagarosamente:

- Pensa que pode ajudá-lo?

- Nós somos apenas dois. Não podemos desprezar qualquer ajuda de valor que possa aparecer. Talvez ele possa ajudar.

Torã replicou:

- Ele está mudado. Perdeu peso. Está reduzido à pele e osso, quase não se vê. - Os dedos riscaram o ar metaforicamente. - Às vezes penso que não poderá ajudar em grande coisa, como sempre. Às vezes, penso que nada poderá ajudar.

- Não pode! - A voz de Bayta sofreu uma torção e revelou uma fraqueza: - Torie, não pode! Quando você diz isto, penso no Mulo que anda atrás de nós. Deixe-me ir contar isto ao Ebling. Torie... agora!

Ebling Mis levantou a cabeça da extensa mesa, e os seus olhos turvos ficaram a observá-los enquanto se iam aproximando. O seu cabelo ralo estava eriçado, os lábios moviam-se descansadamente, sugerindo palavras.

- Eh? - perguntou ele. - Alguém deseja falar comigo?

Bayta dobrou os joelhos:

- Viemos acordá-lo? Quer que nós vamos embora?

- Ir embora? Quem é? Bayta? Não, não, fique! Há cadeiras? Eu as vi... - Os dedos apontavam vagamente.

Torã puxou duas, Bayta sentou-se e tomou uma das flácidas mãos do psicólogo nas suas.

- Podemos falar com você, doutor? - Ela raras vezes usava este título.

- Há alguma coisa correndo mal? - Voltou a surgir nos seus olhos abstratos uma minúscula centelha. Sua face desbotada voltou a ganhar um toque de cor. - Há alguma coisa correndo mal?

Bayta respondeu:

- O capitão Pritcher esteve aqui. Deixe-me ser eu a dizer, Torã. Lembra-se do capitão Pritcher, doutor?

- Lembro... lembro... - Contraiu os lábios e voltou a distendê-los. - Um homem alto. Democrata.

- Sim, esse mesmo. Ele descobriu uma mutação do Mulo. Esteve aqui, doutor, e contou-nos isso.

- Mas não há nada de novo nessa afirmação. A mutação do Mulo é correta. - E com espanto honesto: - Eu não lhes contei? Será que me esqueci de lhes contar?

- Esqueceu-se de nos contar o que? — insistiu Torã, rapidamente.

- Mas é evidente que a respeito da mutação do Mulo. Ele influi por via das emoções. Controle emocional! Eu não lhes tinha dito? Por que é que me teria esquecido? - Lentamente, pôs-se a mordiscar o lábio inferior e meditou.

Depois do que, vagarosamente, a vida subiu à sua voz e as suas pálpebras se abriram amplamente, como se no seu espírito frouxo tivesse surgido a evidência de um rastro bem definido. Falou como um sonho, olhando entre os seus dois ouvintes mais do que para qualquer deles.

- É uma coisa realmente muito simples. Não exige conhecimentos especializados. Nas matemáticas da psicohistória, decerto, trabalha-se mais rapidamente, porque uma equação de terceiro grau não envolvendo mais... Nunca tinha pensado nisto. Pode ser dito com palavras comuns... grosseiramente... e tem um sentido interior, que não é habitual nos fenômenos psicohistóricos. Perguntem a si mesmos... O que é que pode contrariar o cuidadoso esquema de história de Hari Seldon, heim? - Olhou para um e para outro com uma ansiedade interrogativa e suave. - O que foram as previsões originais de Hari Seldon? Primeiro, que não haveria mudança fundamental na sociedade humana durante os próximos mil anos. Por exemplo, suponham que

havia uma mudança radical na tecnologia da Galáxia, tal como a descoberta de novos princípios para a utilização da energia, ou aperfeiçoamento da aplicação da neurobiologia eletrônica. As mudanças sociais tornariam obsoletas as equações originais de Seldon. Mas isto não se verificou, não é verdade?

- Ou suponham que uma nova arma fora inventada por forças exteriores à Fundação, capaz de se opor a todos os armamentos da Fundação. Isto poderia causar um desvio ruidoso, todavia, menos certamente. Porém, foi exatamente isso o que sucedeu. O campo Depressor Atômico do Mulo foi uma arma grosseira e podia ser contrariada. E foi esta a única novidade que ele apresentou, embora sendo pobre. Mas havia uma segunda hipótese, mais sutil! Seldon supunha que as reações humanas aos estímulos permaneceriam constantes. Admitindo que a primeira reação se conservou correta, nesse caso a segunda deve ter falhado! Algum fator deve estar torcendo as respostas emocionais dos seres humanos, pois, caso contrário, Seldon não podia ter caído e a Fundação não podia ter caído. E que outro fator senão o Mulo? Estou vendo corretamente? Há alguma falha no raciocínio?

A mão roliça de Bayta apertou suavemente as dele:

- Não existe nenhuma falha, Ebling.

Mis estava satisfeito como uma criança.

- Isto e algo mais foram conclusões que me surgiram com relativa facilidade. Digo-lhes que algumas vezes me admirei que não tivesse entrado mais cedo no âmago do problema. Eu parecia anular o tempo em que tudo fora um mistério para mim à medida que as coisas iam se tornando do que podia ser, e seja como for, dentro de mim, vejo e compreendo. E meus amigos, as minhas teorias parecem sempre estar aumentando. Há uma força em mim... que vai sempre em frente... que eu não consigo deter... e não quero comer ou dormir... mas andar sempre para adiante... e então... e então...

A sua voz era um sussurro, a sua mão devastada e percorrida por veias azuis ficou tremendo debaixo de sua testa. Havia um frenesi nos seus olhos que desbotavam e continuavam abertos. Disse mais calmamente:

- Então eu nunca lhes dissera nada a respeito dos poderes mutantes do Mulo, hein? Mas nesse caso... quem é que lhe disse o que acontecia com eles?

- Foi o capitão Pritcher, Ebling - respondeu Bayta. - Lembra-se?

- Disse-lhes? - Havia um resquício de afronta no seu tom. - Mas como é que ele conseguiu descobri-los?

- Foi condicionado pelo Mulo. Agora é coronel, um homem do Mulo. Veio aqui aconselhar-nos a que nos rendêssemos ao Mulo, e contou-nos aquilo que você nos contou.

- Nesse caso o Mulo sabe onde estamos? Tenho de me apressar... Onde está o Magnífico? Não veio com vocês?

- O Magnífico está dormindo - esclareceu Torã, impacientemente. - Já passa da meia-noite, sabe?

- Está? Nesse caso... Eu estava dormindo quando vocês aqui chegaram?

- Estava - disse Bayta decididamente - e não vai pôr-se a trabalhar outra vez, agora. Você vai se meter na cama. Vamos embora, Torã, ajude-me. E você pare de me empurrar, Ebling, porque é só para seu bem e não quero metê-lo primeiro debaixo de um chuveiro. Tire-lhe os sapatos, Torie, e venha aqui amanhã cedo e leve-o para o ar livre antes que ele enfraqueça completamente com esta vida que está levando. Olhe para você, Ebling, você está ficando coberto de teias de aranha. Tem fome?

Ebling Mis meneou a cabeça e olhou da sua cama de lona numa confusão impaciente.

- Queria que amanhã me trouxessem o Magnífico - murmurou ele.

Bayta puxou-lhe o lençol até o queixo.

- Você há de ter-me aqui amanhã, com roupas limpas. Você está precisando de um banho e depois sair e visitar a fazenda e tomar um pouco de sol em cima dessa pele.

- Não posso fazer isso - protestou Mis com voz débil. - Está ouvindo? Estou muito ocupado.

Seus cabelos ralos desenharam-se em cima do travesseiro como uma franja de prata em volta da cabeça. Sua voz tornou-se um murmúrio confidencial:

- Vocês precisam desta Segunda Fundação, não precisam?

Torã virou-se rapidamente e inclinou-se para a cama de lona por cima dele: - O que há a respeito da Segunda Fundação, Ebling?

O psicólogo tirou um braço para fora e os seus dedos rígidos agarraram camisa de Torã:

- A Fundação, onde se realizou uma grande Convenção psicológica

presidida por Hari Seldon. Torã, localizei as atas desta Convenção. Vinte e cinco nutridos filmes. Já estive observando vários resumos. E então?

- Então, você sabe que é muito fácil descobrir, a partir deles, a localização exata da Primeira Fundação, desde que se saiba tudo a respeito da psicohistória. Encontram-se ali freqüentes referências, quando estamos em condições de compreender as equações. Contudo, Torã, ninguém menciona a Segunda Fundação. Não há referência em parte alguma.

Torã franziu as sobrancelhas preocupadamente:

- Quer dizer que ela não existe?

- Decerto que existe - exclamou Mis, zangado - quem foi que disse que não existia? Mas ninguém fala dela. A sua significação, e tudo o que a ela se refere, tornou-se mais secreta, mais obscura. Não compreende? É a mais importante das duas. É a mais crítica, aquela que tem importância! Consegui descobrir as atas da Convenção de Seldon. O Mulo ainda não ganhou...

Calmamente, Bayta apagou as luzes:

- Durma!

Em silêncio, Torã e Bayta tomaram o caminho dos seus próprios quartos.

No dia seguinte, Ebling Mis tomou banho e penteou-se sem ajuda de ninguém, viu o sol de Trantor e sentiu o vento de Trantor pela última vez. No fim do dia estava outra vez mergulhado no gigantesco recôndito da livraria, e nunca mais dali voltou a sair.

Durante a semana que se seguiu, a vida voltou outra vez ao seu ritmo normal. O sol de Neotrantor era uma estrela calma e brilhante no céu noturno de Trantor. A fazenda estava atarefada com as sementeiras da Primavera. Os terrenos da Universidade estavam silenciosos no seu aban¬dono. A Galáxia parecia vazia. O Mulo podia nunca ter existido.

Bayta estava meditando nisto mesmo enquanto observava Torã acendendo cuidadosamente o seu charuto, e olhando para as seções de céu azul visíveis entre os enxames de torres de metal que limitavam o horizonte.

- Está um lindo dia - disse ele.

- Está sim. Tem alguma coisa mencionada na relação, Torie?

- Claro que sim. Meio quilo de manteiga, doze ovos, uma medida de feijão... Vou agora mesmo lá embaixo, Bay. Tratei tudo direitinho.

- Ótimo. E veja que as verduras sejam da última colheita e não relíquias de museu. Viu o Magnífico, por acaso?

- Desde o desjejum que não o vejo. Parece-me que estava lá embaixo com Ebling Mis, vendo um filme.

- Muito bem. Não perca muito tempo, pois preciso dos ovos para o jantar.

Torã pôs-se a caminho virando a cabeça para trás com um sorriso e acenando com a mão. Bayta voltou para trás quando perdeu Torã de vista entre o labirinto de metal. Hesitou diante da porta da cozinha, voltou vagarosamente pelo mesmo caminho e entrou na colunata que levava ao elevador que servia os gabinetes interiores.

Ebling Mis estava ali, com a cabeça inclinada sobre os visores do projetor, imóvel, um corpo gelado, indagador. Magnífico encontrava-se perto dele, enroscado numa cadeira, com olhos agudos e indagadores, uma trouxa com beiços de ardósia e um nariz que tornava acentuado o seu rosto irregular.

Bayta disse devagarinho:

- Magnífico...

Magnífico apressou-se a pôr-se de pé. Sua voz era um sussurro ávido:

- Minha senhora!

- Magnífico - disse Bayta. - Torã foi à fazenda e só regressará daqui a um pouco de tempo. Quer ser bom rapaz e ir atrás dele levar-lhe um recado que vou escrever?

- Com muito prazer, minha senhora. Os meus pequenos préstimos estão inteiramente às suas ordens, para os insignificantes usos que lhe puder dar.

Ela ficou sozinha com Ebling Mis, que não se mexera. Firmemente, ela pousou-lhe a mão no ombro.

- Ebling...

O psicólogo encarou-a, com uma exclamação lamurienta,

- Quem é? -Piscou os olhos. - É você, Bayta? Onde está o Magnífico?

- Mandei-o levar um recado. Preciso estar a sós com você um momento. - Foi pronunciando as suas palavras com exagerada nitidez. - Desejo falar com você, Ebling.

O psicólogo esboçou um movimento para regressar ao seu projetor, mas a mão que lhe estava pousada no ombro era firme. Ela sentiu o osso debaixo da manga transparente. A carne parecia ter-se dissolvido muito regularmente, desde que chegaram a Trantor. Sua face estava magra, amarelada, e trazia uma barba rija de meia semana. Os seus ombros curvavam-se visivelmente, mesmo numa posição sentada. Bayta disse:

- O Magnífico não o está aborrecendo, não é, Ebling? Ele passa dia e noite aqui embaixo.

- Não, não, não! De maneira nenhuma. Por que, não compreendo. Permanece em silêncio e nunca me incomoda. Às vezes leva os filmes que já me serviram, parece adivinhar aquilo que desejo sem ser necessário eu falar. É por isso mesmo que o deixo ficar aqui.

- Muito bem... mas, Ebling, esta atitude não o surpreende? Está ouvindo o que lhe digo, Ebling? Esta atitude não o surpreende?

Ela puxou uma cadeira para o lado dele e fitou-o como se lhe quisesse ler a resposta nos olhos. Ebling Mis meneou a cabeça:

- Não. O que é que você quer dizer com isso?

- Quero dizer que o coronel Pritcher e você disseram que o Mulo pode condicionar as emoções dos seres humanos. Mas está bem certo disso? Não é o próprio Magnífico uma falha na sua teoria?

Fez-se silêncio.

Bayta reprimiu um poderoso desejo de agitar o psicólogo.

- O que há de mal com você, Ebling? O Magnífico era o palhaço do Mulo. Por que é que ele não o condicionou para que lhe tivesse amor e fé? Porque, veja bem, todas as pessoas que estiveram em contato com o Mulo ficam assim determinadas.

- Mas... mas ele foi condicionado. Sim, com certeza, Bay! - Parecia ir firmando sua certeza à medida que ia falando. Você supõe que o Mulo trata o seu palhaço de maneira que trata os seus generais? Dos últimos precisa de fé e lealdade, mas do seu palhaço ele precisa apenas de fé. Você nunca se deu conta de que o contínuo estado de pânico do Magnífico é patológico por natureza? Você supõe que é natural para um ser humano andar tão assustado como ele tem andado durante todo este tempo? Um medo prolongado torna-se cômico. Era,

provavelmente, cômico para o Mulo e proveitoso, também, pois que obscurece qualquer ajuda que pudéssemos ter obtido precocemente do Magnífico.

Bayta perguntou:

- Quer dizer com isso que as informações do Magnífico a respeito do Mulo são falsas?

- Estava desencaminhado. Estava dominado por um medo patológico. O Mulo é o gigante físico que o Magnífico pensa. É mais provavelmente um homem comum, desde que deixemos de lado suas forças mentais. Mas divertiu-se aparecendo como super-homem aos olhos do pobre Magnífico... - O psicólogo encolheu os ombros. - Seja como for, a informação de Magnífico depressa deixará de ter importância.

- Onde é que fica, então?

Mas Mis pareceu perder-se nessa altura e regressou ao projetor.

- Onde é que fica, então? - insistiu ela. - A Segunda Fundação?

Os olhos do psicólogo fitaram-se nela.

- Você ouviu dizer alguma coisa a esse respeito? Não me lembro de ter contado isso a alguém. Ainda não está inteiramente pronto. O que foi que lhe disseram?

- Nada - respondeu Bayta, intensamente. - Oh, Galáxia, não me conte nada, mas desejava que você tivesse acertado porque estou mortalmente cansada. Quando é que você saberá ao certo?

Ebling Mis olhou para ela, vagamente triste:

- Bem, agora, minha... minha querida, não desejo feri-la. Esqueço-me às vezes... de quem são os meus amigos. Às vezes parece-me que não devo falar disto a ninguém. Há necessidade de mantermos o segredo, mas em relação ao Mulo, não em relação a você, minha querida. - Deu-lhe umas palmadinhas no ombro com uma débil amabilidade.

Ela teimou:

- O que é que há acerca da Segunda Fundação?

A voz dele era um murmúrio automático, agudo e sibilante:

- Conhece a perfeição com que Seldon ocultou o seu rastro? As atas da Convenção de Seldon não poderiam ter sido utilizadas por mim ainda há um mês atrás, antes desta estranha perspicácia ter aparecido. Ainda agora, ela me parece

tênue. Os documentos publicados pela Convenção são muitas vezes aparentemente sem relação entre si, sempre obscuros. Mais de uma vez senti curiosidade de saber se os membros da Convenção sabiam que tudo isto estava no espírito de Seldon. Penso algumas vezes que ele utilizou a Convenção apenas como uma gigantesca fachada, e sem uma única ajuda ergueu a estrutura...

- Das Fundações? - sugeriu Bayta.

- Da Segunda Fundação! Para a nossa Fundação era simples. Mas a Segunda Fundação era apenas um nome. Foi mencionada, mas se havia alguma referência, estava profundamente escondida sob os elementos matemáticos. Ainda não há muito que eu apenas começara a compreender, mas durante estes sete dias, os fragmentos têm-se ido agrupando num conjunto que forma um quadro vago. A Fundação Número Um era um mundo de cientistas físicos. Representava uma concentração da ciência agonizante da Galáxia, mantendo as condições necessárias para continuar viva. Não foram incluídos psicólogos. Era uma distorção peculiar, e deve ter tido um objetivo. A explicação habitual foi que a psicohistória de Seldon trabalhava melhor nos lugares onde os indivíduos formavam unidades de trabalho - seres humanos - sem conhecimento do que estava por acontecer, podendo, por conseguinte, reagir com naturalidade perante todas as situações. Está seguindo o que estou dizendo, minha querida...

- Estou sim, doutor.

- Então ouça atentamente. A Fundação Número Dois era um mundo de cientistas mentais. Era a imagem do nosso mundo num espelho. A psicologia, e não a física, tinha o domínio. - Triunfantemente: - Está compreendendo?

- Não.

- Mas pense, Bayta, utilize a cabeça. Hari Seldon sabia que a sua psicohistória podia prever apenas probabilidades, e não certezas. Havia sempre uma possibilidade de erro e, à medida que o tempo passava, esta margem de erro aumentava numa escala geométrica. Seldon queria naturalmente protegê-la o melhor possível contra tal possibilidade. A nossa Fundação era cientificamente vigorosa. Podia adquirir exércitos e armas. Podia contrapor a força à força. Mas podia defender-se do ataque mental de um mutante como o Mulo?

- Isto devia ser para os psicólogos da Segunda Fundação! - Bayta sentiu a excitação percorrer-lhe o corpo todo.

- Sim, sim, sim! Certamente!

- Mas eles não fizeram nada até aqui.

- E você sabe o conhecimento que eles têm disto?

Bayta meditou a pergunta:

- Não sei. Você tem alguma prova de quem são eles?

- Não. Há muitos elementos acerca dos quais nada sei. A Segunda Fundação pode não ter sido estabelecida já completa, podendo por isso comparar-se com o que nós éramos. As estrelas sabem bem qual é agora a dimensão da sua força. Estarão eles suficientemente fortes para lutar com o Mulo? Estarão eles cientes do perigo, em primeiro lugar? Terão chefes capazes?

- Mas se eles estão dentro do Plano de Seldon, nesse caso o Mulo deve ser vencido pela Segunda Fundação.

- Ah - e o rosto magro de Ebling Mis contraiu-se pensativamente - é isso outra vez? Mas a Segunda Fundação foi um trabalho mais difícil do que a Primeira. A sua complexidade é imensamente maior e conseqüentemente as suas possibilidades de erro correm paralelamente a essa complexidade. E se a Segunda Fundação não derrotar o Mulo, isso será mau - fundamentalmente mau. É o fim, pode ser o fim, da raça humana tal como a conhecemos.

- Não.

- Sim. Se os descendentes do Mulo herdarem as suas forças mentais... Compreende? O Homo sapiens não poderia rivalizar com eles. Haveria uma nova raça dominante, uma nova aristocracia, como o Homo sapiens condenado ao trabalho escravo como uma raça inferior. Não será assim?

- Sim, é isso mesmo.

- E ainda que por qualquer impossibilidade o Mulo não funde uma dinastia, estabelecerá, contudo um novo Império falseado, sustentado apenas pela sua própria força. Morrerá com a sua morte, a Galáxia voltará outra vez ao ponto onde estava quando ele apareceu, exceto que deixariam de existir Fundações distintas e que podia aparecer um autêntico e saudável Segundo Império. Ficariam eliminados milhares de anos de barbárie. E não significaria fim imediato.

- O que é que nós podemos fazer? Podemos avisar a Segunda Fundação?

- Devemos, pois caso contrário é possível que continuem a viver na ignorância, que nós não podemos deixar continuar. Mas não há maneira de avisá-los.

- Não há maneira?

- Não sei onde é que eles estão localizados. Estão "na outra extremidade da Galáxia", mas isto é tudo o que se sabe, e há milhões de mundos para escolher qual será o deles.

- Mas, Ebling, isso aí não diz? - Ela apontava vagamente para os filmes que cobriam a mesa.

- Não, não dizem. Nem dizem onde posso acabar por encontrá-los, por ora. O segredo deve significar alguma coisa. Deve haver uma razão... - Voltou a aparecer-lhe nos olhos uma expressão perplexa. - Mas eu desejo que você vá embora. Tenho perdido muito tempo, e isto está andando devagar... perdido devagar.

Inclinou-se para frente, petulante e franzindo as sobrancelhas. Aproximaram-se os passos macios de Magnífico.

- Seu marido está em casa, minha senhora.

Ebling Mis não respondeu ao cumprimento do palhaço. Voltara ao seu projetor.

Nessa tarde Torã, tendo ouvido o que ela lhe disse, indagou:

- E pensa você que ele está realmente no caminho certo, Bay? Não está... Pensa que ele... - Sentia-se hesitante.

- Ele está no caminho certo, Torie. Ele está doente, sei isso muito bem. A mudança que nele se verificou, a perda de peso, a maneira como fala... ele está doente. Mas em tudo o que se refere ao Mulo ou à Segunda Fundação, ou em qualquer outra coisa em que ele esteja trabalhando, devemos consultá-lo, e ouvi-lo. É lúcido e claro como o céu de outro espaço. Ele sabe daquilo que fala. Acredito no que ele diz.

- Nesse caso há esperança. - Tratava-se de uma meia pergunta.

- Eu... eu não tenho pensado nisso. Talvez! Talvez não! De agora em diante passo a trazer um desintegrador comigo. - A arma de canos luzidios estava na mão enquanto falava. - Precisamente para o caso, precisamente para o caso...

- Para o caso de que?

Bayta riu com um laivo de histeria:

- Ainda não pensei nisso. Talvez eu seja também uma maluquinha - como Ebling Mis.

Ebling Mis tinha, nessa altura, sete dias à sua frente para viver e os sete

dias escoaram-se, um após outro, tranqüilamente.

Para Torã, havia uma espécie de espanto à volta deles. Estavam cobertos pelos dias quentes e pelo silêncio intenso, com sua letargia. Todas as vidas pareciam ter perdido suas qualidades de ação, o que transformava o meio ambiente num infinito mar de hibernação.

Mis era uma entidade escondida cujo trabalho de escavação não produzia nada e não lhe dava, a saber, a ele mesmo. Tinha-se trancafiado ali dentro. Nem Torã nem Bayta podiam vê-lo. Só as características idas e vindas de Magnífico tornavam evidente sua existência. Magnífico, tornado silencioso e pensativo, passava com as suas grandes bandejas de comida e um ar silencioso e atento onde se evidenciava tristeza.

Bayta era uma criatura cada vez mais metida consigo. Desaparecera sua vivacidade, sua competência autogarantida oscilava. Ela, também, procurava sua própria companhia, absorta e aflita, e uma vez Torã tinha-se lançado sobre ela empunhando o desintegrador. Ela afastara-o rapidamente do seu caminho, forçando-se a um sorriso.

- O que é que acontece com você, Bayta?

- Domino-me. Será um crime?

- Você ainda acaba perdendo a cabeça.

- Então perco-a mesmo. Pequena perda!

A vida de casado tinha prevenido Torã quanto à futilidade de discutir com uma mulher quando esta evidenciava um humor sombrio. Encolheu os ombros e deixou-a ficar. No dia seguinte, Magnífico apareceu às pressas e esbaforido diante deles. Agarrou-os, assustado:

- O doutor sábio está chamando vocês. Não está bem.

E não estava bem. Encontrava-se na cama, com os olhos desmesuradamente arregalados, desmesuradamente brilhantes. Estava sujo, irreconhecível.

- Ebling! - exclamou Bayta.

- Deixe-me falar - rosnou o psicólogo, que levantou um pouco o seu peso sobre o cotovelo, com esforço: - Deixe-me falar. Acabei: entrego-lhes o trabalho. Não tomei notas, destruí os restos de todos os diagramas. Ninguém mais deve conhecê-los. Tudo deve ficar registrado nos seus espíritos.

- Magnífico - disse Bayta, com dureza direta: - Vá lá para cima!

Relutantemente, o palhaço levantou-se e encaminhou-se para a saída. Os seus olhos sombrios estavam fitos em Mis. Mis gesticulou debilmente:

- Não há razão para isso, deixem-no ficar. Fique, Magnífico.

O palhaço sentou-se rapidamente. Bayta pôs-se a examinar o pavimento. Vagarosamente, vagarosamente, pôs-se a mordiscar o lábio inferior com os dentes. Mis disse, num sussurro:

- Estou convencido de que a Segunda Fundação pode ganhar, se não for prematuramente apanhada pelo Mulo. Ela tem defendido o seu próprio segredo, o segredo deve ser mantido, ela tem um objetivo. Vocês devem ir lá, a nossa informação é vital... pode estar nela a diferença total em relação ao futuro. Estão me ouvindo?

Torã exclamou, quase em agonia:

- Estamos, estamos! Diga-nos como é que devemos ir, Ebling? Onde é?

- Eu lhes digo - disse a voz moribunda. Nunca chegou a dizê-lo.

Bayta, cujo rosto se tornara lívido, empunhou o seu desintegrador e disparou, com um estrondo de explosão. A parte superior de Mis desaparecera e um buraco irregular abria-se na parede atrás dele. Dos dedos paralisados, o desintegrador de Bayta caiu no pavimento.

FIM DA BUSCA

Não havia uma palavra a dizer. O eco do disparo afastou-se pelos outros aposentos e reboou com um rumor rouco e agonizante. Antes de desaparecer, abafou o estrondo seco do desintegrador de Bayta ao cair no pavimento, sufocou o choro de Magnífico que se ia elevando gradualmente, afogou o inarticulado grito de Torã.

Houve um silêncio de agonia.

A cabeça de Bayta estava dobrada na obscuridade. Uma lágrima refletiu a luz quando caiu. Bayta nunca havia chorado até então.

Os músculos de Torã quase estalaram com o seu espasmo, mas não se relaxou - sentiu-se como se nunca mais devesse voltar a descerrar os dentes. A face de Magnífico era uma máscara seca e vazia de vida. Finalmente, por entre os dentes ainda cerrados, Torã lançou para fora uma voz irreconhecível:

- Nesse caso, também é uma mulher do Mulo. Ele conseguiu apanhá-la!

Bayta levantou a cabeça, e sua boca torceu-se com uma dolorosa alegria:

- Eu, uma mulher de Mulo? Isso é irônico! – Sorriu, com esforço e jogou o cabelo para trás. Vagarosamente, sua voz foi regressando ao tom normal, ou a qualquer coisa que com ele se parecia. - Já está arrumado, Torã, agora posso falar. Embora eu continue viva, não sei nada. Mas posso começar a falar...

A tensão de Torã ficara destruída por via do seu próprio peso e fê-lo passar para um entorpecimento flácido:

- Falar acerca de quê, Bayta? O que há a dizer a respeito disto?

- A respeito da calamidade que nos tem seguido. Nós já tínhamos reparado nisso, Torie. Não se lembra? Quantas derrotas sucederam nos nossos calcanhares e nunca no momento em que nos podiam beliscar? Estávamos na Fundação e ela sucumbiu desastrosamente quando os Comerciantes Independentes ainda combatiam, mas nós estávamos, nessa época, a caminho de Haven. Estávamos em Haven e ele sucumbiu desastrosamente enquanto os outros ainda combatiam, e dessa vez também de lá tínhamos saído. Viemos para Neotrantor e agora ele foi indubitavelmente alcançado pelo Mulo.

Torã ouviu e meneou a cabeça:

- Não compreendo.

- Torie, há muitas coisas que não acontecem na vida real. Você e eu somos pessoas insignificantes, não iríamos passar de um turbilhão de problemas políticos para outro, continuamente, durante o espaço de um ano, a menos que carreguemos esse turbilhão conosco. A menos que carreguemos a origem da infecção conosco! Está entendendo o que quero dizer?

Os lábios de Torã estreitaram-se. Seu olhar fixou-se horrivelmente nos restos sangrentos do que fora uma vez um ser humano e sentiu mal-estar.

- Vamos para fora, Bay. Vamos para o ar livre.

Estava escuro lá fora. O vento soprou sobre eles com monótono arranco e desarranjou o cabelo de Bayta. Magnífico tinha-se arrastado atrás deles e agora rondava à sua volta sem entrar na conversa que mantinham. Torã disse com dificuldade:

- Você matou Ebling Mis porque compreendeu que ele era o foco da infecção? - Às vezes os seus olhos cravavam-se nela. - Era ele o Mulo? - Ele não conseguia, não podia compreender as implicações existentes em suas palavras.

Bayta riu:

- O pobre Ebling, o Mulo? Galáxia, não! Não o poderia ter morto se ele fosse o Mulo. Ele teria detectado a emoção que acompanhou o meu movimento e o mudaria em amor, devoção, adoração, terror, qualquer coisa que lhe agradasse. Não, matei Ebling por que ele não era o Mulo. Matei-o porque ele sabia onde ficava a Segunda Fundação, e em dois segundos teria revelado o segredo ao Mulo.

- Teria revelado o segredo ao Mulo? - perguntou Torã estupidamente. - Revelado ao Mulo...

E nessa altura lançou uma exclamação abrupta, e virou-se para encarar com horror o palhaço, que se agachara, inconsciente e aparentemente sem compreender o que tinha ouvido.

- Não é o Magnífico? - Torã sibilou a pergunta.

- Ouça! - disse Bayta. - Lembre-se do que aconteceu em Neotrantor? Oh, pense por você, Torie...

Porém ele meneou a cabeça e resmungou para ela. Ela continuou, com ar cansado:

- Houve um homem que morreu em Neotrantor. Morreu sem que ninguém lhe tivesse tocado. Não é verdade? Magnífico tocava o seu audiovisor e

quando acabou, o príncipe herdeiro estava morto. Agora, não há qualquer coisa de estranho nisto? Não é singular que uma criatura com medo de tudo, aparentemente impotente por causa do terror, tenha capacidade de matar quando deseja?

- A música e os efeitos luminosos - disse Torã - têm um profundo efeito emocional...

- Sim, um efeito emocional. Um efeito até muito grande. Porém acontece que os efeitos emocionais são a especialidade do Mulo. O que, admito eu pode ser considerado uma coincidência. E uma criatura que pode matar por sugestão não pode estar tão possuída de medo. Bem, o Mulo determinou o seu espírito, suponha-se, e o fato pode ser explicado desta maneira. Porém, Torã, recordava-me de uma pequena parte da seleção do audiovisor que matou o príncipe herdeiro. Só um pouquinho, mas o suficiente para obrigar a me lembrar do mesmo sentimento de desespero que me assaltara no Cofre do Tempo e em Haven. Torã, não havia possibilidade de me enganar quanto a esse sentimento peculiar.

A face de Torã estava se tornando sombria:

- Eu... também o senti. Compreendo. Jamais pensara...

- Foi então que me ocorreu a primeira sugestão. Tratava-se apenas de um sentimento vago, uma intuição, se quiser. Não havia nada em que me pudesse firmar. E nessa altura Pritcher contou-nos o que se passava com o Mulo e a sua mutação e tudo se tornou claro, num instante. Fora o Mulo quem criara o desespero no Cofre do Tempo, foi o Mulo que criou o desespero em Neotrantor. Era a mesma emoção. Por conseguinte, o Mulo e o Magnífico eram a mesma pessoa. Não lhe parece que foi um lindo trabalho, Torie? Não é exatamente como um axioma em geometria, o todo é igual à soma das partes?

Ela estava à beira da histeria, porém dominou-se e voltou a recuperar a sobriedade fazendo um esforço. Continuou:

- A descoberta assustou-me até a morte. Se o Magnífico fosse o Mulo, ele poderia identificar minhas emoções e orientá-las para atingir os seus próprios objetivos. Não me atrevia a deixá-las conhecer. Passei a evitá-lo. Afortunadamente, ele passou a evitar-me também, estava excessivamente interessado em Ebling Mis. Planejei matar Mis antes que ele pudesse falar. Planejei-o secretamente, tão secretamente quanto me foi possível, tão secretamente que nem sequer me atrevia a confessar isso a mim mesma. Se me fora possível matar o próprio Mulo... Porém eu não podia tentar essa

possibilidade. Ele havia de perceber isso, e teríamos perdido tudo.

Ela parecia esgotada de emoção. Torã disse abruptamente e com determinação:

- É impossível. Olhe para esta miserável criatura. Ele o Mulo? Nem sequer consegue ouvir aquilo que estamos dizendo.

Porém quando os seus olhos seguiram o dedo apontado, Magnífico estava ereto e alerta, os seus olhos brilhavam. A sua voz não tinha o menor indício de sotaque.

- Ouvi o que ela disse, meu amigo. Acontece, apenas, que estive sentado meditando no fato de, com toda a minha inteligência e previdência, ter podido cometer um erro, e perder tanta coisa.

Torã deu uns passos atrás como se com medo que o palhaço lhe pudesse tocar ou que o seu hálito o pudesse contaminar. Magnífico meneou a cabeça, e respondeu à pergunta que não chegava a ser feita:

- Eu sou o Mulo.

Já não parecia grotesco, os seus lábios carnudos, seu nariz trombudo perderam as qualidades que forçavam ao riso. Tinha-lhe desaparecido o medo, o seu porte era firme. Estava no domínio da situação com uma facilidade que nascia do hábito. Disse, francamente:

- Sentem-se também. Para frente, vocês podiam estender-se ao comprido e instalarem-se confortavelmente. A partida está jogada, e eu gostaria de lhes contar uma história. É uma fraqueza minha, desejo pessoas que me ouçam.

E quando os seus olhos se fixaram em Bayta, eram ainda os velhos, macios e escuros olhos castanhos de Magnífico, o palhaço.

- Não há realmente nada da minha infância - começou ele, mergulhando com o corpo todo numa explicação rápida e impaciente - que eu seja capaz de recordar. Talvez possam compreender isto. A minha alteração é glandular, nasci com este nariz. Não me foi possível viver uma infância normal. Minha mãe morreu antes de poder me ver. Não conheci meu pai. Cresci ao acaso, ferido e torturado em espírito, cheio de autopiedade e odiado pelos outros. Era então conhecido como sendo uma criança esquisita. Todos me evitavam, a maior parte das pessoas com aversão, algumas com medo. Ocorreram acidentes esquisitos... Bem, nunca me lembro! O suficiente para habilitar o capitão, Pritcher, nas investigações que fez a respeito da minha infância, a compreender que eu era um mutante, o que era mais do que eu tinha compreendido até atingir os meus vinte

anos.

Torã e Bayta ouviam friamente. O barulho da sua voz chegava até eles, sentados no chão como eles estavam, quase desapercebidos. O palhaço - ou o Mulo - colocou-se diante deles com pequenos gestos, falando com braços cruzados.

- A noção total do meu poder fora do comum parece ter-me parecido vagarosamente, através de mudanças insignificantes. Antes de ter chegado ao fim, não o conseguia compreender. Para mim, os espíritos dos homens são mostradores, com ponteiros, que indicam as emoções dominantes. É uma imagem pobre, mas como poderei explicar isto de outra forma? Lentamente, compreendi que podia penetrar dentro desses espíritos e girar o ponteiro para o ponto que eu quisesse, e que podia fixá-lo ali para sempre. E então levei outro tanto tempo para constatar que as outras pessoas não podiam fazê-lo. Porém acabou por nascer em mim a consciência do poder, e com ele, o desejo de me emancipar da miserável posição de minha vida anterior. Talvez possam compreendê-lo. Não é fácil ser uma raridade, ter espírito e compreensão e ser uma exceção. Riso e crueldade! Ser diferente! Ser um intruso! Vocês nunca passaram por isso!

Magnífico olhou para o céu e balançou, apoiando-se nos pés, e continuou a recordar inflexivelmente:

- Porém dei-me ocasionalmente conta do que se passava, e decidi que a Galáxia e eu podíamos seguir o mesmo ritmo Vejamos, eles tiveram os seus períodos de domínio, e eu mostrara-me paciente a esse respeito, durante vinte e dois anos. A minha vez! E havia de ficar assim para o resto dos meus dias! E as desigualdades causariam muito medo à Galáxia. Um de mim! Trilhões deles!

Fez uma pausa para fitar Bayta com um olhar muito rápido:

- Mas eu tinha uma fraqueza. Pessoalmente eu não era nada. Se quisesse alcançar o poder, só o podia fazer por intermédio dos outros. Só podia conseguir o êxito através de algum intermediário. Sempre! Foi como Pritcher contou. Através de um pirata, consegui a minha primeira base asteroidal de operações. Através de um industrial consegui o meu primeiro apoio num planeta. Através de uma infinita variedade de outras pessoas, liquidei o condestável de Kalgan, venci o próprio Kalgan e consegui uma armada. Depois disto, foi a Fundação e vocês dois entraram na história.

- A Fundação - disse ele, lentamente - foi a mais difícil tarefa com que me tinha defrontado. Para vencê-la, eu teria de atrair o favor das pessoas,

destruir, ou inutilizar uma extraordinária proporção da sua classe governante. Podia tê-lo feito de supetão, mas era possível um golpe reduzido, e não me descuidei de fazê-lo. Afinal de contas, se um homem forte pode levantar trezentos quilos, isso não significa que esteja ávido de fazê-lo seguidamente. O meu controle emocional não é uma tarefa fácil, e prefiro não utilizá-lo, onde não for inteiramente necessário. Por isso aceitei aliados no primeiro ataque que fiz à Fundação.

- Como meu palhaço, eu procurei o agente, ou agentes da Fundação que deviam ter sido enviados a Kalgan para investigar a minha humilde pessoa. Soube agora que era Han Pritcher que estava encarregado disso. Por um golpe de sorte, encontrei vocês ao invés dele. Sou um telepata, mas não completamente e, minha senhora, vocês eram da Fundação. Deixei-me seduzir por isso. Não era fatal que Pritcher viesse juntar-se a nós depois, porém isto foi o ponto inicial de um erro que foi fatal.

Torã mostrou-se excitado pela primeira vez. Falou num tom insultado:

- Ouça agora. Você quer dizer que, quando fiz frente àquele oficial em Kalgan, apenas com uma pistola de choque e o livrei, que você me havia controlado emocionalmente. - Sua voz era balbuciante: - Você quer dizer que tenho sido dominado a partir de então.

Apareceu um sorriso tênue no rosto de Magnífico:

- E por que não? Você pensa que não é provável? Pergunte a si mesmo nesse caso... Teria se arriscado a morrer por um desconhecido grotesco que jamais, se estivesse no pleno domínio do seu raciocínio? Eu imagino que vocês ficaram surpresos com os resultados quando meditaram depois neles a sangue frio.

- É certo - disse Bayta, distantemente - assim foi. É completamente angustiante.

- Acontece, porém - continuou o Mulo - que Torã não correu qualquer risco. O tenente tinha as suas próprias instruções para nos deixar ir embora. Por isso nós, os três e Pritcher, nos encaminhamos para a Fundação e vejam como a minha campanha se iniciou instantaneamente. Quando Pritcher foi julgado em tribunal marcial, e nós estávamos presentes, eu estava ocupado, os juizes militares daquele tribunal iriam mais tarde comandar os seus esquadrões durante a guerra. Renderam-se com grande facilidade e a minha Armada ganhou a batalha de Horleggor, e outros combates de menor importância.

- Por intermédio de Pritcher, consegui estabelecer contato como Dr. Mis,

que me forneceu um audiovisor, inteiramente de sua própria vontade, o que simplificou imensamente a minha tarefa. Só que esta não decorria inteiramente de acordo com aquilo que eu desejava.

Bayta interrompeu:

- Aqueles concertos! Sempre me esforcei para compreender o que é que havia com eles. Agora já estou vendo.

- Sim - continuou Magnífico - o audiovisor atua como invento desfocador. De certa forma, é um instrumento primitivo para conseguir controle emocional a partir do próprio executante. Com ele, posso manejar mais intensamente pessoas em grupo e pessoas individualmente. Os concertos que realizei em Terminus, antes de sua queda e em Haven, também antes de ter caído, contribuíram para a derrota geral. Eu podia ter obrigado o príncipe herdeiro de Neotrantor a ficar muito doente sem o audiovisor, mas não o poderia ter morto. Compreende?

- Mas Ebling Mis foi o meu contato mais importante. Ele podia ter sido... -Magnífico fez esta observação com desgosto, depois do que se apressou a continuar: - Existe uma faceta especial no emocional que vocês não conhecem. A intuição, perspicácia ou tendência para a suspeita, seja o que for que lhe quiserem denominar, pode ser tratada como uma emoção. Pelo menos, eu posso fazê-lo. Vocês não compreendem o que quero dizer, não é? - Não esperou pela negativa: - A mente humana trabalha com uma eficiência muito reduzida. Vinte por cento é a percentagem habitualmente utilizada. Quando, momentaneamente, há um relâmpago de grande força, chama-se suspeita, ou perspicácia, ou intuição. Descobri muito cedo que podia levar as pessoas a fazerem uma utilização de uma alta eficiência mental. E um processo mortal para a pessoa submetida a essa utilização, porém é proveitoso... O campo depressor atômico que utilizei na guerra contra a Fundação foi o resultado da alta pressão exercida sobre um técnico de Kalgan Outras vezes trabalho por intermédio de outras pessoas. Ebling Mis era um autêntico touro. As suas potencialidades eram elevadas e eu precisava dele. Já antes de minha guerra com a Fundação ter começado eu tinha enviado delegados para negociar com o Império. Foi nessa época que comecei a procurar a Segunda Fundação. Naturalmente, não a consegui encontrar. Naturalmente, soube que devia encontrá-la e Ebling Mis foi a resposta para essa obrigação. Com o seu espírito e a sua elevada eficiência, ele podia possivelmente refazer o trabalho de Hari Seldon.

- E o fez parcialmente. Levei-o até o limite máximo. O processo era implacável, porém devia ser completado. Por fim já estava moribundo, mas

viveu... - Voltou a interrompê-lo o desgosto. - Ele podia ter vivido ainda muito tempo. Juntos, nós três podíamos ter avançado para a Segunda Fundação. Podia ter sido a última batalha, mas por equívoco meu, perdeu-se.

Torã excitou-se e perguntou com voz áspera:

- Por que é que você precisa se expandir dessa maneira? Qual foi o seu equívoco... e o que quer dizer com esta explicação?

- Porque sua mulher foi o meu equívoco. Sua mulher é uma pessoa fora de série. Jamais encontrara alguma como ela em toda a minha vida. Eu... Eu... - Quase repentinamente, a voz de Magnífico calou-se. Foi com dificuldade que se recobrou. Havia espanto à sua volta quando continuou: - Ela me agradou antes de eu ter tido tempo de dominar suas emoções. Ela nunca se sentiu repelida por mim nem divertida comigo. Ela tinha pena de mim. Ela gostava de mim! Não compreendem? Não são capazes de ver o que isto significava para mim? Até essa altura nunca uma pessoa... Bem, eu... aceitei isto. As minhas próprias emoções trabalhavam em falso, apesar de ser senhor de todas as outras. Firmei isto no seu espírito, vejam bem, não exerci influência sobre ela. Acalentei o sentimento natural com muito agrado. Foi este o meu equívoco - o primeiro.

- Você, Torã, estava sob controle. Você nunca desconfiou de mim, nunca me interrogou, nunca viu nada de estranho ou de peculiar na minha pessoa. Por exemplo, quando a nave "filiana" nos mandou parar. Eles conheciam a nossa localização, naturalmente, porque eu estava em comunicação com eles como me tenho mantido em comunicação com os meus generais, em todas as circunstâncias. Quando eles nos mandaram parar, eu fiz tentativas para ir a bordo para controlar Han Pritcher, que lá viajava como prisioneiro. Quando o deixei, era coronel, um homem do Mulo e no comando. O conjunto da ação decorreu inteiramente sob a sua observação, Torã. Contudo, você aceitou a explicação que dei do caso, embora estivesse cheia de trapalhadas. Compreende o que quero dizer?

Torã fez uma careta e replicou:

- Como é que você consegue manter-se em comunicação com os seus generais?

- Não há nenhuma dificuldade no caso. Os transmissores de ultra-ondas são fáceis de manejar e altamente portáteis. Nem eu podia ser detectado num sentido real! Qualquer pessoa que me surpreendesse a fazê-lo esqueceria depois de eu lhe ter extirpado uma camada de sua memória. Aconteceu, ocasionalmente.

- Em Neotrantor, as minhas desvairadas emoções voltaram a dominar-me. Bayta não estava sob meu controle, mas mesmo assim jamais poderia ter desconfiado de mim se eu tivesse mantido a cabeça no lugar quanto ao príncipe. Suas intenções em relação a Bayta me aborreceram. Matei-o. Foi um gesto desvairado. Um combate obstrutivo podia ter feito o mesmo serviço. E todavia as suas suspeitas podiam não se ter transformado em certezas, se eu tivesse impedido o falatório bem intencionado de Pritcher, ou tivesse dado menos atenção a Mis e mais a você...

Encolheu os ombros.

- Nesse caso é o fim? - perguntou Bayta.

- É o fim, realmente.

- E então agora?

- Vou continuar com o meu programa. Que eu possa encontrar outro indivíduo com um espírito tão elevado e treinado como Ebling Mis nestes dias degenerados, é coisa de que duvido. Terei de continuar a procurar a Segunda Fundação, por outro lado. Num certo sentido, você me derrotou.

E agora Bayta estava de pé, triunfante.

- Num certo sentido? Só num certo sentido? Nós o derrotamos inteiramente. Todas as suas vitórias fora da Fundação não valem nada, desde que a Galáxia é agora um vácuo de barbárie. A própria Fundação é uma vitória menor e é a Segunda Fundação que o derrotará. A sua única chance estava em localizá-la e atacar antes de ela conseguir estar preparada. Você, agora, já não conseguirá vencê-la. Ela estará preparada para recebê-lo, em todos os minutos de agora em diante. Neste momento, neste momento a máquina pode ter começado a funcionar. Você saberá, quando ela o vencer, e o seu curto prazo de poder tiver chegado ao fim, e você for apenas mais um empertigado conquistador, passando rápida e mesquinhamente pela face sangrenta da história. - Ela respirava com dificuldade, quase gaguejando, devido à veemência com que se exprimia: - E nós o derrotamos, eu e Torã. Estou satisfeita por morrer.

Porém os olhos castanhos e melancólicos do Mulo eram os olhos castanhos, melancólicos e apaixonados do Magnífico.

- Não vou matá-la nem ao seu marido. É, afinal de contas, impossível que vocês dois me firam mais e se os matasse não conseguiria com isso recuperar Ebling Mis. Os meus equívocos são inteiramente pessoais, e assumo inteira responsabilidade por eles. O seu marido e você podem continuar a viver!

Vão em paz, por causa daquilo a que eu denomino amizade. - Então, com um repentino toque de prece: - E entrementes eu continuo sendo o Mulo, o homem mais poderoso da Galáxia. Ainda haverei de derrotar a Segunda Fundação.

E Bayta lançou as suas últimas setas com uma certeza calma e firme:

- Não conseguirá! Agora já tenho fé na sabedoria de Seldon. Você será o último governador de sua dinastia, assim como é o primeiro.

Alguma coisa foi atingida no Magnífico:

- Da minha dinastia? Sim, eu pensei nisso, muitas vezes. Que podia ter fundado uma dinastia. Que podia ter uma consorte à minha altura.

Bayta surpreendeu repentinamente o sentido do brilho dos seus olhos e ficou horrorosamente gelada. Magnífico meneou a cabeça:

- Estou sentindo sua repulsa, porém isto é estúpido. Se as coisas fossem de outra maneira, eu podia fazê-la feliz com muita facilidade. Seria um arrebatamento artificial, não haveria diferença entre ele e a emoção genuína. Mas as coisas agora estão definidas. Dou a mim mesmo o nome de Mulo... mas não por causa da minha força... como é óbvio...

Deixou-os ficar, sem olhar para trás uma única vez.

SEGUNDA FUNDAÇÃO

PRÓLOGO

O Primeiro Império Galáctico durara dezenas de milhares de anos. Incluíra todos os planetas da Galáxia num regime centralizado, algumas vezes tirânico, outras vezes benevolente, mas sempre ordenado. Os seres humanos já haviam esquecido que pudesse haver qualquer outra forma de existência.

Todos, menos Hari Seldon.

Hari Seldon fora o último grande cientista do Primeiro Império. Fora ele que levara a ciência da psicohistória ao seu integral desenvolvimento. A psicohistória era a quintessência da sociologia, era a ciência do comportamento humano reduzida a equações matemáticas.

O ser humano individual é imprevisível, porém as reações das multidões humanas, descobriu Seldon, podem ser tratadas estatisticamente. Quanto maior a multidão, tanto maior a precisão que pode conseguir-se. E a grandeza das massas humanas com que Seldon trabalhava era nada menos do que a população da Galáxia que, no seu tempo, se contava por quintilhões. Foi Seldon, pois, quem previu, contra todo o senso comum e a crença popular, que o brilhante Império que parecia tão forte achava-se num estado de decadência e declínio irremediáveis. Previu (ou resolveu as suas equações e interpretou os seus símbolos, o que vem a dar na mesma) que, entregue a si mesma, a Galáxia viria a atravessar um período de trinta mil anos de misé¬ria e anarquia antes de se estabelecer mais uma vez um governo unificado.

Meteu mãos à obra para remediar a situação, para provocar um estado de coisas que restaurasse a paz e a civilização num único milhar de anos. Cuidadosamente, instalou duas colônias de cientistas a que denominou "Fundações". Instalou-as, deliberadamente, "em extremos opostos da Galáxia". Uma Fundação foi estabelecida à luz plena da publicidade. A existência da outra, a Segunda Fundação, foi abafada pelo silêncio. Em Fundação (Gnome, 1951) e Fundação e Império (Gnome, 1952) descrevem-se os três primeiros séculos da história da Primeira Fundação. Começou como uma pequena comunidade de Enciclopédicos perdida no vazio da periferia exterior da Galáxia. Enfrentava crises periódicas a que era conduzida pelas variáveis das relações humanas e das correntes sociais e econômicas do tempo. Sua liberdade de movimentos estava restrita apenas a uma curta linha e quando se movia nessa direção abria-se diante dela um novo horizonte de desenvolvimento. Tudo fora planejado por Hari Seldon, então já morto há muito tempo.

A primeira Fundação, com a sua ciência superior, apoderou-se dos planetas bárbaros que a rodeavam. Enfrentou os anárquicos Condestáveis que deixaram o Império moribundo e derrotou-os. Enfrentou o que restava do próprio Império, sob o seu último Imperador forte e o seu último General forte, e derrotou-o.

Depois enfrentou algo que Hari Seldon não previra: o poder irresistível de um simples ser humano, um Mutante. A criatura, conhecida por O Mulo, nascera com a aptidão de moldar as emoções dos homens e de forjar as suas mentes. Os seus mais encarniçados opositores transformaram-se nos seus servos mais devotados. Os exércitos não podiam, não queriam lutar contra ele. Perante ele, a Primeira Fundação caiu e os planos de Seldon transformaram-se parcialmente em ruínas.

Restava, porém, a misteriosa Segunda Fundação, o alvo das buscas. O Mulo devia encontrá-la para tornar completa a sua conquista da Galáxia. Os fiéis ao que restava da Primeira Fundação tinham de encontrá-la por uma razão totalmente oposta. Mas onde estava ela? Isso, ninguém sabia.

Esta é, então, a história da procura da Segunda Fundação!

PARTE I – A INVESTIGAÇÃO DO MULO

DOIS HOMENS E O MULO

O MULO — Foi depois da queda da Primeira Fundação que os aspectos construtivos do regime do Mulo assumiram forma. Depois do colapso completo do Primeiro Império Galáctico, foi ele quem primeiro ofereceu a história um volume unificado do espaço de alcance verdadeiramente imperial. O primitivo império comercial da Fundação vencida fora variado e fracamente unido, apesar do apoio impalpável das predições da psicohistória. Não tinha comparação com a "União dos Mundos" sob o domínio do Mulo, firmemente governada, que compreendia um décimo do volume da Galáxia e um quinze avôs da sua população. Particularmente durante a época da chamada Procura..."

Enciclopédia Galáctica

A Enciclopédia tem muito mais a dizer sobre o assunto do Mulo e do seu Império, porém nem tudo é relativo às conseqüências próximas imediatas e, em qualquer caso, a maior parte do que tem a dizer é demasiado árida para os nossos propósitos. Neste ponto, o artigo diz respeito principalmente às condições econômicas que levaram ao advento do "Primeiro Cidadão da União" - o título oficial do Mulo - e às conseqüências econômicas desse advento.

Se o autor do artigo fica atônito, em qualquer ocasião, com a rapidez com que o Mulo se ergueu do nada até o vasto domínio em cinco anos, não o deixa transparecer. Se mais adiante se mostra surpreso com a cessação súbita da expansão, em favor de uma consolidação de cinco anos do território, oculta o fato.

Abandonamos, por conseguinte, a Enciclopédia, continuamos o nosso próprio caminho para os nossos próprios fins, e retomamos a história no Grande Interregno - entre o Primeiro e o Segundo Império Galáctico - no fim daqueles cinco anos de consolidação.

Politicamente, a União está calma. Economicamente, está próspera. Poucos estariam dispostos a trocar a paz, sob o pulso firme do Mulo, pelo caos que houvera anteriormente. Nos mundos que haviam conhecido a Fundação cinco anos antes, poderia haver um desgosto nostálgico, mas nada mais. Os chefes da Fundação estavam mortos, eram inúteis, porém os convertidos eram úteis. E, de entre os convertidos, o mais útil era Han Pritcher, agora tenente-general.

Nos tempos da Fundação, Han Pritcher fora capitão e membro da Oposição Democrática clandestina. Quando a Fundação se rendeu ao Mulo sem luta, Pritcher lutou contra o Mulo, isto é, lutou até se tornar um convertido.

A conversão não era a normalmente conseguida pelo poder de uma razão superior. Han Pritcher sabia disso, muito bem. Sabia que fora modificado porque o Mulo era um Mutante com poderes mentais perfeitamente capazes de amoldar as condições dos seres humanos como lhe conviesse. Mas isso o satisfazia integralmente. Era como devia ser. O perfeito contentamento com a conversão era o seu principal sintoma, mas Han Pritcher já nem sequer se mostrava curioso pelo assunto.

E agora que estava de volta de sua quinta grande expedição à imensidade da Galáxia, fora da União, era com algo como alegria natural que o veterano homem do espaço e agente dos Serviços Secretos considerava a sua próxima audiência com o "Primeiro Cidadão". O seu rosto duro, esculpido numa madeira escura e sem veios, que parecia não ser capaz de sorrir sem estalar, não o denunciava, mas as indicações exteriores eram desnecessárias. O Mulo podia ver as suas emoções interiores, até a mais superficial, tal como um homem normal poderia ver o franzir dum sobrolho.

Pritcher deixou o seu carro aéreo nos velhos hangares vice-reais e penetrou na zona do palácio a pé, como era exigido. Andou um quilômetro ao longo da estrada principal, indicada com setas, que estava deserta e silenciosa. Pritcher sabia que naqueles quilômetros quadrados de terreno do palácio não havia um só guarda, um só soldado, um só homem armado.

O Mulo não necessitava de proteção. O Mulo era o seu próprio protetor, todo-poderoso.

Os passos de Pritcher ressoavam suavemente aos seus próprios ouvidos. O palácio erguia-se diante dele nas suas cintilantes paredes metálicas incrivelmente leves e fortes, com os arcos atrevidos, de vãos imensos, quase febris, que caracterizavam a arquitetura do Último Império. Dominava altaneiramente os terrenos vazios e a cidade apinhada de gente no horizonte.

Dentro do palácio estava aquele único homem, sozinho, de cujos atributos mentais inumanos dependia a nova aristocracia, e toda a estrutura da União.

A enorme porta, lisa, rodou, maciça, abrindo-se à aproximação do general, e ele entrou. Deu um passo rumo à larga e vasta rampa, que se moveu debaixo dele, subindo. Subiu rapidamente no elevador silencioso. Parou diante

da pequena porta lisa da própria sala do Mulo, na mais alta magnificência das extremidades agudas do palácio.

A porta abriu-se...

Bail Channis era novo e era, além disso, um Não convertido, o que quer dizer, em linguagem do povo, que a sua caracterização emocional não fora adaptada pelo Mulo. Permanecia exatamente como fora formado pelo molde original de sua hereditariedade, com as subseqüentes modificações do seu meio ambiente. O que satisfazia também a ele.

Não tendo ainda trinta anos, estava já maravilhosamente bem visto na capital. Era bem simpático e vivo de espírito, portanto bem sucedido na sociedade. Era inteligente e senhor de si, portanto bem sucedido com o Mulo. E agradavam-lhe plenamente estes dois êxitos. E agora, pela primeira vez, o Mulo convocara-o para uma audiência pessoal.

Desceu a pé a longa estrada cintilante que seguia direto às extremidades de alumínio esponjoso onde, outrora, fora a residência do vice-rei de Kalgan, que governava sob os velhos imperadores, onde fora mais tarde a residência dos príncipes independentes de Kalgan, que governavam no seu próprio nome, e onde era agora a residência do Primeiro Cidadão da União, que governava um império.

Channis cantarolava baixinho. Não tinha dúvidas sobre aquilo de que se tratava. Da Segunda Fundação, evidentemente! Daquele espectro que tudo abarcava, a mera consideração do qual fizera recuar o Mulo da sua política de expansão sem limites para uma cautela estática. O termo oficial era "consolidação".

Havia boatos - os boatos são livres. O Mulo descobrira a localização da Segunda Fundação e a atacaria. O Mulo chegara a um acordo com a Segunda Fundação, e dividiriam a Galáxia. O Mulo decidira que a Segunda Fundação não existia, e se apoderaria de toda a Galáxia.

Inútil enumerar todas as fofocas que se ouviam nas antecâmaras. Nem sequer seria a primeira vez que tais boatos haviam circulado. Mas agora apresentavam mais consistência, e todos os espíritos livres e expansivos que prosperavam com a guerra, com a aventura militar e com o caos político e murchavam nos tempos de estabilidade e de paz estagnada, estavam eufóricos.

Bail Channis era um deles. Não temia a misteriosa Segunda Fundação.

Não temia sequer o Mulo e vangloriava-se disso. Talvez alguns que não aprovavam alguém ao mesmo tempo tão jovem e tão bem instalado na vida, esperassem secretamente pelo acerto de contas com o alegre mulherengo que empregava a sua agudeza de espírito, abertamente, à custa da aparência física e da vida retirada do Mulo. Ninguém se atrevia a juntar-se e poucos se atreviam a rir, mas como nada lhe aconteceu, sua reputação cresceu proporcionalmente.

Channis improvisava palavras para a canção que cantarolava. Palavras sem nexo, com um estribilho repetido: "A Segunda Fundação ameaça a Nação e toda a Criação".

Chegara ao palácio.

A enorme porta, lisa, rodou, maciça, abrindo-se à sua aproximação, e ele entrou. Deu um passo rumo à larga e vasta rampa, que se moveu debaixo dele, subindo. Subiu rapidamente no elevador silencioso. Parou diante da pequena porta lisa da própria sala do Mulo, na mais alta magnificência das extremidades agudas do palácio.

A porta abriu-se...

O homem que outro nome não tinha senão o de o Mulo, e outro título senão o de Primeiro Cidadão, olhava através da transparência unilateral da parede para a brilhante e soberba cidade no horizonte.

No crepúsculo, que caía, as estrelas iam emergindo, e todas, sem exceção, lhe deviam obediência.

Sorriu com amargura passageira e este pensamento. A obediência que deviam era a uma personalidade que poucos chegaram a conhecer.

O Mulo não era um homem para ser visto, não era um homem para ser visto sem troça. Não pesava mais do que cinqüenta e cinco quilos, com a sua altura de 1,70m. Os seus membros eram talos ossudos que rompiam da sua magreza em ângulos desgraciosos. E a sua face magra era quase encoberta pela proeminência de um bico carnudo que se projetava à distância de sete centímetros.

Apenas os seus olhos destoavam da farsa completa que era o Mulo. Na sua suavidade, uma suavidade estranha no maior conquistador da Galáxia, a tristeza nunca predominava.

Na cidade encontrava-se toda a alegria de uma capital suntuosa de um

mundo suntuoso. Poderia ter estabelecido a sua capital na Fundação, o mais forte de seus inimigos agora conquistados, porém era muito longe, nos confins da Galáxia. Kalgan, localizada num ponto mais central, com uma longa tradição de lugar de lazer da aristocracia, convinha-lhe estrategicamente.

Porém não encontrou a paz na sua tradicional alegria, realçada por uma prosperidade sem modelo.

Temiam-no, obedeciam-lhe e talvez até o respeitassem, a uma distância razoável. Mas quem podia olhá-lo sem desprezo? Só aqueles que convertera. E qual era o valor da sua lealdade artificial? Faltava-lhe gosto. Poderia ter adotado títulos e um ritual forçado, e inventado complicações, mas nem isso mudaria nada. Melhor era, ou pelo menos não seria pior, ser simplesmente o Primeiro Cidadão, e isolar-se.

Houve uma onda súbita de revolta dentro dele, forte e brutal. Nem um pedaço da Galáxia devia ser-lhe negado. Durante cinco anos mantivera-se silencioso e oculto ali em Kalgan por causa da ameaça eterna, nebulosa, propagada por todo o espaço, da nunca vista, nunca ouvida e desconhecida Segunda Fundação. Tinha trinta e dois anos. Não era velho, porém sentia-se velho. O seu corpo, fossem quais fossem os seus poderes mentais de mutante, era fraco.

Todas as estrelas! Todas as estrelas que podia ver, e todas as estrelas que não podia ver. Tudo deveria ser seu! Vingança de tudo, de uma humanidade da qual não fazia parte, de uma Galáxia a que não se ajustava.

Por cima de sua cabeça, a luz de alerta, fria, piscou. Podia seguir o progresso do homem que entrara no palácio e simultaneamente, como se o seu sentido de mutante tivesse sido projetado e sensibilizado no crepúsculo solitário, sentiu o fluxo de conteúdo emocional tocar as fibras do seu cérebro.

Reconheceu sem esforço a identidade. Era Pritcher.

Era o Capitão Pritcher da Fundação de outros tempos, o Capitão Pritcher que fora ignorado e ultrapassado pelos burocratas daquele governo decadente, o Capitão Pritcher cuja tarefa como espião insignificante ele liquidara, tirando-o da lama, o Capitão Pritcher que fizera primeiro coronel e depois general cujo âmbito de atividade ampliara de acordo com a dimensão da Galáxia.

O agora General Pritcher que, embora rebelde indomável quando começara era inteiramente leal. E no entanto, com tudo isso, não leal por causa dos benefícios recebidos, não leal por gratidão, não leal por justa retribuição, mas leal apenas através do artifício da Conversão.

O Mulo estava consciente daquela forte e inalterável camada superficial de lealdade e amor que coloria todas as ondulações e redemoinhos da emotividade de Han Pritcher, camada que ele próprio implantara cinco anos antes. Por baixo dela, profundos, estavam os traços originais de individualismo, obstinado, de impaciência perante as regras, de idealismo, mas até ele próprio já tinha dificuldade em descobri-los.

A porta atrás de si se abriu, e ele voltou-se. A transparência da parede transformou-se gradualmente em opacidade e a luz púrpura da tardinha deu lugar ao brilho resplandecentemente branco da energia atômica.

Han Pritcher sentou-se no lugar indicado. Não havia reverências nem genuflexões, nem o uso de expressões honoríficas nas audiências privadas com o Mulo. O Mulo era simplesmente "Primeiro Cidadão". Era tratado por "Senhor". Uma pessoa sentava-se na sua presença e podia virar-lhe as costas se lhe agradasse.

Para Han Pritcher tudo isto eram evidências do poder seguro e confiante daquele homem, o que o fazia sentir-se confortavelmente satisfeito. O Mulo disse:

- O seu relatório final chegou ontem às minhas mãos. Não posso negar que o acho um tanto desanimador, Pritcher.

Os sobrolhos do general franziram-se.

- Sim, creio que sim, mas não vejo a que conclusões diferentes podia ter chegado. Não há de fato nenhuma Segunda Fundação, Senhor.

O Mulo pensou, e depois sacudiu lentamente a cabeça, como já fizera muitas vezes.

- Há o testemunho de Ebling Mis. Continua a haver o testemunho de Ebling Mis.

Não era uma história nova. Pritcher disse, sem amenizar as palavras:

- Mis pode ter sido o maior psicólogo da Fundação, mas era uma criança de colo comparado com Hari Seldon. Ao tempo em que investigava os trabalhos de Seldon estava submetido ao estímulo artificial de seu próprio domínio cerebral. Pode tê-lo levado longe demais. Ele devia estar enganado, Senhor, devia estar enganado.

O Mulo suspirou, projetando para frente a sua face lúgubre sobre o caniço fino do pescoço.

- Se ao menos tivesse vivido mais um minuto. Estava prestes a dizer-me onde se achava a Segunda Fundação. Ele sabia. Não teria necessidade de retroceder. Não teria necessidade de esperar e continuar a esperar. Tanto tempo perdido. Cinco anos decorridos para nada.

Pritcher não poderia ser severo para com a fraca aspiração do seu dominador, a sua caracterização mentalmente condicionada proibia-o. Ao invés disso estava perturbado, vagamente pouco à vontade. Disse:

- Mas que explicação outra pode ser possível, senhor? Saí cinco vezes. Foi o senhor mesmo quem traçou as rotas. E não deixei nem um asteróide por ver. Foi há trezentos anos que se supõe ter Hari Seldon, do Antigo Império, estabelecido duas Fundações para atuarem como núcleos de um novo Império que substituiria o moribundo. Cem anos depois de Seldon, a Primeira Fundação, a que nós conhecemos tão bem, era conhecida por toda a Periferia. Cento e cinqüenta anos depois de Seldon, ao tempo da última batalha com o antigo Império, era conhecida por toda a Galáxia. E agora, passados trezentos anos, onde estaria essa misteriosa Segunda? Em nenhum movimento da corrente Galáctica se ouviu alguma vez qualquer coisa dela.

- Ebling Mis disse que se conservava secreta. Apenas o segredo pode transformar a sua fraqueza em força.

- Um segredo tão profundo como este ultrapassa a possibilidade de a considerarmos existente.

O Mulo levantou os grandes olhos, penetrantes e desconfiados.

- Não. Ela existe de fato. - Um dedo ossudo apontou, cortante. - Vai haver uma pequena mudança de tática.

Pritcher franziu as sobrancelhas.

- Tenciona ir pessoalmente? Não o aconselharia.

- Não, claro que não. O senhor terá que sair mais uma vez, a última vez, mas com outra pessoa em comando conjunto.

Houve um silêncio, e a voz de Pritcher era grave quando perguntou:

- Quem, senhor?

- Há um jovem aqui em Kalgan, Bail Channis.

- Nunca ouvi falar dele, senhor.

- Não, creio que não, mas é possuidor de um espírito ágil, é ambicioso...

e não é um convertido.

O longo queixo de Pritcher tremeu por um rápido instante.

- Não consigo vislumbrar a vantagem disso.

- Há uma, Pritcher. O senhor é um homem experiente e cheio de recursos. Tem-me prestado relevantes serviços. Porém é um convertido. A sua motivação é simplesmente uma lealdade forçada e impotente à minha pessoa. Quando perdeu as suas motivações congênitas, perdeu qualquer coisa, qualquer capacidade sutil, que não me é possível substituir.

- Não sinto isso, senhor - disse Pritcher, com um timbre de voz antipático. - Sinto-me tal qual como era no tempo em que era seu inimigo. Não me sinto inferior em coisa alguma.

- Não, naturalmente - e a boca do Mulo torceu-se num sorriso - o seu julgamento neste assunto é muito pouco objetivo. Agora veja, esse Channis é ambicioso por si mesmo. É inteiramente digno de confiança, não por lealdade, mas para consigo mesmo. Sabe que é nas abas do meu casaco que anda dependurado, e faria fosse o que fosse para ampliar o meu poder, para que a viagem, pendurado, pudesse durar muito e ir longe e para que o destino pudesse ser grandioso. Se for consigo, haverá juntamente esse impulso adicional por trás da busca dele, esse impulso por si mesmo.

- Então - disse Pritcher, ainda insistente - por que não promover a minha própria conversão, se pensa que isso me melhorará? Agora, dificilmente poderia ser indigno de confiança.

- Isso nunca, Pritcher. Enquanto estiver ao alcance do meu braço ou de desintegrador, o senhor estará firmemente mantido em conversão, mas se eu o libertasse neste instante, estaria morto no seguinte.

As narinas do General dilataram-se.

- Magoa-me que possa pensar assim.

- Não tenho a intenção de magoá-lo, mas a si é impossível conceber quais seriam os seus sentimentos se fossem livres de se formar seguindo as linhas da sua motivação natural. O espírito humano ressente-se da sujeição. O hipnotizador humano normal não pode hipnotizar uma pessoa contra a sua vontade, por essa razão. Eu posso, porque não sou um hipnotizador, mas acredite, Pritcher, que o ressentimento que o senhor não pode mostrar e nem sequer sabe que tem, é algo que eu não desejaria enfrentar.

A cabeça de Pritcher inclinou-se. A futilidade desconcertou-o e deixou-o ofuscado e arisco por dentro. Disse com um esforço:

- Mas como pode o senhor confiar nesse homem, quero dizer, confiar nele totalmente, como pode confiar em mim na minha conversão?

- Bem, suponho que não posso confiar integralmente. É por isso que o senhor deve ir com ele. Está vendo, Pritcher - e o Mulo afundou-se na larga poltrona, de encontro a cujas coisas macias parecia um palito anguloso animado de vida - que se ele viesse a encontrar a Segunda Fundação e se viesse a ocorrer-lhe que um acordo com eles poderia ser mais proveitoso do que comigo... compreende?

Uma luz de satisfação profunda brilhou nos olhos de Pritcher.

- Assim está melhor, senhor.

- Exatamente. Mas lembre-se de que ele deve ter as rédeas tão livres quanto possível.

- Certamente.

- E... hum... Pritcher. O jovem é bem simpático, agradável e extremamente encantador. Não o deixe enganá-lo. Tem um caráter perigoso e sem escrúpulos. Não se meta no caminho dele, a não ser que esteja preparado para enfrentá-lo como deve ser. É tudo.

O Mulo estava de novo só. Deixou as luzes apagarem-se e a parede à sua frente voltou a mudar para a transparência. O céu estava agora cor de púrpura e a cidade era uma mancha de luz no horizonte.

Para que era tudo isto? E se fosse o senhor de tudo quanto havia, e depois? Isso impediria os homens como Pritcher de serem altos e desempenados, confiantes em si mesmos, fortes? Perderia Bail Channis a sua aparência? Seria ele próprio diferente do que era?

Amaldiçoou as suas dúvidas. O que pretendia realmente atingir?

Por cima da sua cabeça, a luz de alerta piscou. Podia seguir o progresso do homem que entrara no palácio e, quase contra a sua vontade, sentiu o fluxo suave de conteúdo emocional tocar as fibras do seu cérebro.

Reconheceu sem esforço a identidade. Era Channis. Nele, não viu o Mulo uniformidade, mas a diversidade primitiva de um espírito forte não tocado e não moldado senão pelas múltiplas desorganizações do Universo. Contorcia-se em fluxos e ondas. Havia cautela à superfície, uma fina capa, de efeito calmante,

mas com toques de zombaria cínica nos seus redemoinhos escondidos. Por baixo havia a forte corrente do interesse próprio e do amor próprio, com um jorro de humor cruel e um charco profundo e quieto de ambição no fundo de tudo.

O Mulo sentiu que podia estender e represar a corrente, arrancar o charco da sua bacia e fazê-lo seguir outro curso, secar uma corrente e começar outra. Mas para que? Se podia fazer inclinar a cabeça anelada de Channis na mais profunda adoração, modificaria isso o seu próprio aspecto grotesco que o fazia evitar o dia e amar a noite, que fazia dele um recluso dentro de um império que era incondicionalmente seu?

A porta atrás de si abriu-se, e ele voltou-se. A transparência da parede transformou-se gradualmente em opacidade, e a escuridão deu lugar à claridade artificial resplandecentemente branca da energia atômica. Bail Channis sentou-se rápido e disse:

- Esta não é uma honra inteiramente inesperada, senhor.

O Mulo esfregou o queixo com quatro dedos ao mesmo tempo, e pareceu um pouco irritado na sua resposta.

- Por que, meu rapaz?

- Um palpite, creio. A não ser que eu queira admitir que tenha andado dando ouvidos a boatos.

- Boatos? A qual das várias dúzias de boatos está se referindo?

- Às que dizem que está sendo planejada a renovação da Ofensiva Galáctica. Tenho uma esperança em mim de que isso seja verdade e de que poderia desempenhar um papel apropriado.

- Então pensa que há uma Segunda Fundação?

- Por que não? Tornaria as coisas muito mais interessantes.

- E também vê interesse nela?

- Certamente. No seu próprio mistério! Que melhor assunto pode encontrar-se para conjecturas? Os suplementos dos jornais ultimamente não vêm cheios de qualquer outra coisa, o que provavelmente é significativo. O Cosmos fez um dos seus escritores de artigos especiais compor uma mágica sobre um mundo constituído por seres de puro espírito, a Segunda Fundação, está vendo, que tinham desenvolvido a força mental até energia suficientemente grandes para competirem com tudo quanto é conhecido da ciência física. Naves do espaço poderiam ser destruídas a anos-luz de distância, planetas poderiam ser

desviados das suas órbitas...

- Sim, é interessante. Mas tem pessoalmente quaisquer noções sobre o assunto? É partidário dessa noção do poder mental?

- Não pela Galáxia! Acha que criaturas assim se manteriam no seu planeta? Não, Senhor. Eu penso que a Segunda Fundação permanece escondida porque é mais fraca do que nós julgamos.

- Nesse caso, posso explicar-me muito facilmente. Gostaria de chefiar uma expedição para localizar a Segunda Fundação?

Por um momento, Channis pareceu aprisionado pelo ímpeto súbito dos acontecimentos a uma velocidade ligeiramente maior do que aquela para a qual estava preparado. A sua língua ficara aparentemente presa a um silêncio que se demorava. O Mulo disse, secamente:

- Então?

Channis enrugou a testa.

- Decerto. Mas para ir aonde? Tem alguma informação útil?

- O General Pritcher irá com você...

- Então não sou eu que chefio?

- Julgue por si mesmo quando eu terminar. Ouça, você não é da Fundação, é natural de Kalgan, não é? Pois é. Ora bem. Portanto, o seu conhecimento do plano de Seldon pode ser impreciso. Quando o primeiro Império Galáctico estava em decadência, Hari Seldon e um grupo de psicohistoriadores, analisando o futuro curso da história por meio de instrumentos matemáticos que já não existem nestes tempos degenerados, estabeleceu duas Fundações, uma em cada extremo da Galáxia, de tal maneira que as forças econômicas e sociológicas que evoluíam lentamente as fariam servir como focos para o Segundo Império. Hari Seldon estabeleceu o seu plano sobre um milhar de anos para consegui-lo. Sem as Fundações, se passariam trinta mil anos. Mas não pôde contar comigo. Sou um mutante e sou imprevisível para a psicohistória, que apenas pode lidar com as reações médias de números. Está entendendo?

- Perfeitamente, senhor. Mas que tem isso a ver comigo?

- Compreenderá dentro em pouco. Tenho a intenção de unificar a Galáxia agora e de atingir o objetivo de Seldon, de um milhar de anos, em trezentos. Uma Fundação, o mundo dos cientistas físicos, ainda permanece

florescente, sob o meu domínio. Na prosperidade e na ordem da União, as armas atômicas que eles desenvolveram são capazes de lidar seja com o que for na Galáxia, exceto, talvez, com a Segunda Fundação. Portanto, tenho de saber mais sobre ela. O General Pritcher tem a opinião declarada de que ela não existe. Sei que não é assim.

Channis perguntou, delicadamente:

- Como sabe, senhor?

Então, as palavras do Mulo foram de súbito indignação pura:

- Porque tem havido interferências nos espíritos sob o meu domínio. Delicadamente! Sutilmente! Mas não tão sutilmente que eu não percebesse. E essas interferências estão aumentando e atingindo homens valiosos de uma certa discrição ao ter-me mantido quieto durante estes anos? Aqui está a sua importância. O General Pritcher é o melhor homem que me restou, por conseguinte, já não é seguro. Claro que ele não sabe disso. Mas você é um não-convertido e, por conseqüência, não de imediato assinalável como um homem do Mulo. Pode iludir a Segunda Fundação durante mais tempo do que um dos meus próprios homens, talvez durante um tempo suficientemente mais longo. Compreende?

- Hum... Sim. Mas perdoe-me, senhor, se lhe pergunto. Como são perturbados esses seus homens, de modo que eu possa dar pela mudança no General Pritcher, no caso de acontecer qualquer coisa. Voltar a ser não-convertidos? Tornam-se desleais?

- Não. Disse-lhe que era sutil. É mais perturbador do que isso, porque é mais difícil de descobrir, e às vezes tenho de esperar antes de agir, sem ter a certeza sobre se um homem-chave está sendo normalmente excêntrico ou foi atingido. A sua lealdade mantém-se intacta, mas a iniciativa e o engenho extinguem-se. Fico com uma pessoa perfeitamente normal, aparentemente, porém completamente inútil. No ano passado, seis foram assim tratados, seis dos melhores. - Um canto da sua boca contraiu-se. - Estão agora encarregados de bases de treino, e vão para eles os meus desejos mais fervorosos de que não lhes surjam emergências sobre as quais tenham de decidir.

- Suponha, senhor... suponha que não é a Segunda Fundação. E se fosse outro, tal como o Senhor, outro mutante?

- O planejamento é muito cauteloso, de alcance muito longo. Um homem sozinho teria mais pressa. Não, é um mundo, e você vai ser a minha arma contra ele.

Os olhos de Channis brilhavam quando disse:

- Estou fascinado com a oportunidade.

O Mulo, porém, captou o súbito regozijo emocional. Disse:

- Sim, aparentemente ocorre-lhe que efetuará um serviço sem igual, digno de uma recompensa sem igual, talvez até a de ser o meu sucessor. É precisamente assim. Mas também há castigos sem igual, compreende? As minhas ginásticas emocionais não estão limitadas apenas à criação da lealdade.

E o pequeno sorriso dos seus lábios finos era medonho, quando Channis saltou horrorizado do seu lugar. Pois apenas por um instante, apenas por um instante como um relâmpago, Channis sentira a agonia de uma aflição irresistível abater-se sobre ele. Abatera-se sobre ele com uma dor física que lhe obscurecera insuportavelmente o espírito e depois levantara-se. Agora nada mais ficara senão a onda forte da cólera. O Mulo disse:

- A cólera não ajudará nada... pois é você agora que está encobrindo-a, não está? Mas eu posso vê-la. Portanto, é só lembrar de que essa espécie de coisa pode ser feita mais intensa e mantida. Já matei homens por domínio emocional e não há morte mais cruel. - Fez uma pausa e disse: - É tudo!

O Mulo estava novamente só. Deixou as luzes apagarem-se e a parede à sua frente voltou a mudar para a transparência. O céu estava negro e o corpo nascente da Lenta Galáctica espalhava os seus feixes de lantejoulas através das profundidades aveludadas do espaço.

Toda aquela zona de nebulosa era uma massa de estrelas tão numerosas que se misturavam umas com as outras e não deixavam nada senão uma nuvem de luz. E tudo ia ser seu...

Agora era só mais um último arranjo a fazer e poderia ir dormir.

PRIMEIRO INTERVALO

O Conselho Executivo da Segunda Fundação estava em sessão. Para nós são meras vozes. Nem a cena exata da reunião nem a identidade dos presentes são essenciais neste momento.

Nem, rigorosamente falando, podemos sequer considerar uma

reprodução exata de qualquer parte da sessão, a não ser que desejemos sacrificar completamente até o mínimo de compreensão que temos o direito de esperar.

Lidamos aqui com psicólogos, mas não meramente psicólogos, digamos de preferência cientistas com uma orientação psicológica, isto é, homens cuja concepção fundamental da filosofia científica está apontada para uma direção inteiramente diferente de todas as orientações que conhecemos. A "psicologia" dos cientistas, surgida no meio dos axiomas deduzidos dos hábitos de observação da ciência física, tem apenas a mais vaga relação com PSICOLOGIA.

O que é ir quase tão longe como podemos ir ao explicar a cor a um cego, sendo nós próprios tão cegos como o nosso ouvinte.

O fato primordial a ter em conta é o de que as mentes reunidas compreendiam cabalmente os trabalhos de cada uma delas, não só em teoria geral, mas também na aplicação específica dessas teorias, durante um longo período, a indivíduos particulares. A fala, tal como a conhecemos, era desnecessária. Um fragmento de uma oração gramatical equivalia quase a uma redundância fastidiosa. Um gesto, um resmungo, a curva duma linha facial, e até uma pausa significativamente demorada, produziam suco informativo.

Tomamos, por conseguinte, a liberdade de traduzir livremente uma pequena parte da conferência para as extremamente específicas combinações de palavras necessárias a mentes orientadas, desde a infância, para uma filosofia da ciência física, com risco até de se perderem as gradações mais delicadas.

Havia uma "voz" predominante, e essa pertencia ao indivíduo conhecido simplesmente por Primeiro Orador.

Disse ele:

- Agora parece já estar perfeitamente definido o que deteve o Mulo na sua primeira arremetida louca. Não posso dizer que o assunto se reflita em confiança na... bem, na organização da situação. Aparentemente quase nos localizou, por meio da energia cerebral artificialmente aumentada do que chamam um "psicólogo" na Primeira Fundação. Este psicólogo foi assassinado precisamente antes de poder comunicar a sua descoberta ao Mulo. Os acontecimentos que levaram a esse assassinato foram completamente fortuitos para todos os cálculos anteriores à Fase Três. Suponho que queira continuar.

Foi o Quinto Orador que foi indicado por uma inflexão de voz. Disse, em tom antipático:

- É certo que a situação foi mal conduzida. Somos, sem dúvida, altamente vulneráveis ao ataque em massa, particularmente a um ataque dirigido por um tal fenômeno mental como é o Mulo. Pouco depois de ter atingido, pela primeira vez, a eminência Galáctica com a conquista da Primeira Fundação, seis meses depois, para ser exato, estava em Trantor. Dentro de outro meio ano estaria aqui, e as probabilidades seriam estupendamente contra nós, 96,3 mais ou menos 0,05% para ser exato. Perdemos um tempo considerável analisando as forças que o detiveram, Sabemos, evidentemente, o que estava impedindo-o assim em primeiro lugar. As ramificações internas de uma deformidade física são óbvias para todos nós. Contudo, foi só com a entrada na Fase Três que pudemos determinar, depois do fato, a possibilidade da sua ação anômala em presença de outro ser humano que tivesse uma afeição sincera por ele. E desde que tal ação anômala dependia da presença desse ser humano no momento adequado, a coisa toda era fortuita nessa medida. Os nossos agentes têm certeza de ter sido uma garota que matou o psicólogo do Mulo, uma moça em quem o Mulo confiou por via do sentimento e que, conseqüentemente, não controlou mentalmente, simplesmente por ela gostar dele. Desde esse conhecimento que nos preveniu e para os que desejarem detalhes, foi redigido um estudo matemático do assunto para a Biblioteca Central, temos mantido o Mulo afastado por métodos não-ortodoxos com os quais arriscamos diariamente todo o esquema da história de Seldon. E é tudo.

O Primeiro Orador fez uma pausa por um instante, para permitir aos indivíduos reunidos apreenderem a totalidade das implicações. Depois disse:

- A situação é, portanto, altamente instável. Com o esquema original de Seldon vergado até o ponto de fratura e tendo de acentuar que nos enganamos inadequadamente em todo este assunto com a nossa horrível falta de previsão, estamos perante um colapso irreversível do Plano. Está nos faltando o tempo. Penso que só nos resta uma solução, e até essa é arriscada. Temos de permitir que o Mulo, em certo sentido, nos encontre. - Outra pausa, durante a qual verificou as reações, e depois: - Repito, em certo sentido!

DOIS HOMENS SEM O MULO

A nave estava quase pronta para partir. Nada faltava senão o destino. O Mulo sugerira um regresso a Trantor, o mundo que era a carcaça de uma incompatível metrópole Galáctica do mais vasto Império que a humanidade conhecera, o mundo morto que fora capital de todas as estrelas.

Pritcher discordava. Era um velho caminho, já totalmente explorado.

Encontrou-se com Bail Channis na sala de navegação da nave. O cabelo anelado do jovem estava apenas suficientemente desalinhado para permitir um único caracol lhe pendesse sobre a testa, como se tivesse sido cuidadosamente ali posto, e até os dentes se abriam num sorriso que condizia com ele. O rígido oficial sentiu-se vagamente endurecer contra o outro. A excitação de Channis era evidente.

- Pritcher, é muita coincidência.

O general disse, friamente:

- Não estou a par do assunto da conversa. Oh bem, então puxe uma cadeira, meu velho, e vamos a isso. Tenho observado as suas notas. Acho-as excelentes.

- Agrada-me... muito que assim seja.

- Mas pergunto a mim mesmo se chegou às mesmas conclusões que eu. Tentou alguma vez analisar o problema dedutivamente? Quero eu dizer: está tudo muito bem em passar as estrelas a pente fino, ao acaso, e fazer o que você fez em cinco expedições é saltar muito de estrela em estrela. Isto é óbvio. Mas calculou quanto tempo levaria para examinar detidamente todos os mundos conhecidos, nesta proporção?

- Sim, várias vezes. - Pritcher não sentia pressa em ir ao encontro do jovem, mas era importante empalmar a mente do outro, mente não controlada e por isso imprevisível.

- Bem, então, suponha que somos analíticos sobre isso e tentamos decidir precisamente o que é que procuramos?

- A Segunda Fundação - disse Pritcher com gravidade.

- Uma Fundação de psicólogos - corrigiu Channis - que são tão fracos em ciência física como a Primeira Fundação era fraca em psicologia. Ora bem,

você é da Primeira Fundação e eu não sou. As implicações são provavelmente evidentes para você. Temos de encontrar um mundo que governa em virtude das aptidões mentais e que, todavia, está muito atrasado cientificamente.

- É necessariamente assim? - perguntou Pritcher, calmamente. - A nossa própria "União dos Mundos" não está cientificamente atrasada, apesar de nosso chefe dever a sua força aos seus poderes mentais.

- Porque tem à sua disposição as aptidões da Primeira Fundação - foi a resposta ligeiramente impaciente - e ela é o único reservatório de tal conhecimento na Galáxia. A Segunda Fundação deve viver entre os fragmentos esgotados do Império Galáctico destruído. Não há escolha.

- Então o senhor postula o poder mental, bem como a falta de recursos físicos, suficientes para estabelecer o seu domínio sobre um grupo de mundos?

- A falta de recursos físicos comparativa. Contra as decadentes áreas vizinhas são competentes para se defenderem. Contra as forças renascentes do Mulo, com a sua retaguarda de economia atômica amadurecida, não podem agüentar-se. Além disso, por que é a sua localização tão bem escondida, tanto ao princípio pelo fundador, Hari Seldon, como agora por eles mesmos? A sua própria Primeira Fundação não fez segredo de sua existência, nem foi feito segredo por eles, quando era uma simples cidade indefesa num planeta isolado, há trezentos anos.

Os traços regulares do rosto escuro de Pritcher crisparam-se sardonicamente.

- E agora que acabou a sua profunda análise, gostaria de ter uma lista de todos os reinos, repúblicas, estados-planetas e ditaduras de uma espécie ou de outra dessa região política selvagem lá de fora, que corresponde à sua descrição e a vários fatores além disso?

- Então tudo isto já foi analisado? - Channis nada perdera do seu ímpeto.

- Não a encontra aqui, naturalmente, mas temos um guia completamente elaborado para as unidades políticas da Periferia da Oposição. Supôs realmente que o Mulo trabalharia simplesmente por mera coincidência?

- Pois bem - e a voz do jovem elevou-se numa explosão de energia - que me diz quando à Oligarquia de Tazenda?

Pritcher agarrou pensativamente uma orelha.

- Tazenda? Mas... creio que a conheço. Não é na Periferia, não? Parece-

me que fica precisamente a um terço do caminho que vai ao centro da Galáxia.

- Pois é. E daí?

- Os registros que temos situam a Segunda Fundação no outro extremo da Galáxia. O Espaço sabe que é a única coisa que temos para prosseguir. Seja como for, para que falar de Tazenda? De qualquer maneira, o seu desvio angular do arco radial da Primeira Fundação é apenas de cerca de cento e dez a cento e vinte graus, nada que se pareça com cerca de cento e oitenta.

- Há outro ponto nos registros. A Segunda Fundação foi estabelecida em Ponte das Estrelas.

- Nunca foi localizada tal região na Galáxia.

- Por ser um nome local, suprimido mais tarde para maior segredo. Ou talvez um nome inventado de propósito por Seldon e pelo seu grupo. No entanto, há alguma relação entre "Ponte das Estrelas" e 'Tazenda", não lhe parece?

- Uma vaga semelhança de local? Insuficiente.

- Já esteve lá alguma vez?

- Não.

- Todavia está mencionado nos seus registros.

- Onde? Ah, sim, mas foi apenas para apanhar alimentos e água. Não havia com certeza nada digno de observação sobre esse mundo.

- Desceu no planeta-líder? No centro do governo?

- Não tenho certeza.

Channis ficou pensativo sob o olhar frio do outro. Depois:

- Quer olhar comigo pela Lente por um momento?

- Decerto.

A Lente era, talvez, a característica mais recente dos cruzadores interestelares da época. Era, na realidade, uma complicada máquina de calcular que podia projetar numa tela a reprodução do céu noturno tal como se via de qualquer ponto dado da Galáxia.

Channis ajustou as coordenadas, e as luzes das paredes da sala de pilotagem foram apagadas. À débil luz vermelha do painel de instrumentos da Lente o rosto de Channis brilhava. Pritcher sentou-se no assento do piloto, com as longas pernas cruzadas, o rosto perdido na obscuridade. Lentamente,

enquanto passava o período de indução, os pontos de luz iam aumentando de brilho na tela, até ficarem cerrados e resplandecentes com os grupos de estrelas generosamente povoados do centro da Galáxia.

- Isto - explicou Channis - é o céu noturno de Inverno tal como se vê de Trantor, isto é, o ponto importante que, tanto quanto sei, foi até agora negligenciado na sua procura. Qualquer orientação inteligente deve partir de Trantor como ponto zero. Trantor era a capital do Império Galáctico, mais ainda científica e culturalmente do que politicamente e, por conseguinte, o significado de qualquer nome descritivo deveria derivar, nove vezes em dez, de uma orientação Trantoriana. Recordar-se em ligação com isto de que, embora Seldon fosse de Helicon, na direção da Periferia, o seu grupo trabalhava precisamente em Trantor.

- O que é que tenta mostrar-me? - A voz uniforme de Pritcher mergulhou, velada, no crescente entusiasmo do outro.

- O mapa explicará. Vê a nebulosa escura? - A sombra do seu braço caiu sobre a tela, substituindo-se à cintilação da Galáxia. O dedo, apontando, tocou uma pequena área negra que parecia um buraco no tecido salpicado de luz. - Os registros de estrelas chamam-lhe a Nebulosa de Pelot. Olhe bem para ela. Vou ampliar a imagem.

Pritcher já via mais vezes o fenômeno da expansão da Imagem da Lente, porém conteve a respiração. Era como estar olhando do visor de uma nave do espaço, arrojando-se através duma Galáxia horrivelmente apinhada sem entrar no hiperespaço. As estrelas divergiam na sua direção, a partir de um centro comum, espalhavam-se para fora e desapareciam nos limites da tela. Simples pontos tornavam-se duplos e depois globulares. Áreas nebulosas dissolviam-se em miríades de pontos. E sempre aquela ilusão de movimento.

Enquanto aquilo se passava, Channis falou:

- Notará que estamos nos movendo ao longo da linha reta de Trantor à Nebulosa de Pelot, de modo que, de fato, estamos ainda olhando segundo uma orientação estelar equivalente à de Trantor. Há, provavelmente, um ligeiro erro por causa do desvio da luz, para o qual eu não tenho dados matemáticos seguros para calcular, mas tenho certeza de que não pode ser significativo.

A escuridão espalhava-se pela tela. À medida que a rapidez de aumento baixava, as estrelas escapavam-se pelas quatro margens da tela numa despedida pesarosa. Nas orlas da nebulosa que crescia, o brilhante universo de estrelas cintilou inesperadamente, em sinal da luz que estava apenas escondida atrás dos

redemoinhantes fragmentos de átomos não-irradiantes de sódio e de cálcio, que enchiam muitos anos-luz de espaço. Channis voltou a apontar:

- E isto foi chamado "A Boca" pelos habitantes desta região e isso é significativo porque é só da orientação Trantoriana que se parece com uma boca.

O que ele indicou era uma fenda no corpo da Nebulosa, com a conformação de uma boca dura e arreganhada, de perfil delineado pela auréola resplandecente da luz estelar que a enchia.

- Siga "A Boca" - disse Channis - siga "A Boca" na direção da garganta, onde ela se adelgaça até ficar uma tênue e frágil linha de luz.

Mais uma vez a tela se expandiu um pouco, até a Nebulosa se afastar da "Boca", bloqueando toda a tela exceto aquele fio delgado, e o dedo de Channis seguiu-o para baixo, silenciosamente, até onde chegava ao fim, e depois, enquanto o seu dedo continuava a mover-se para diante, até um ponto onde uma única estrela cintilava isolada. Aí o seu dedo parou, pois, para além era o negrume inalterável.

- "Ponte das Estrelas" - disse o jovem, simplesmente. - O tecido da Nebulosa é delgado aqui e a luz desta única estrela consegue abrir caminho através dele apenas nesta direção, para ser vista brilhando em Trantor.

- Está tentando me dizer que... - e a voz do general do Mulo morreu numa suspeita.

- Não estou tentando. Aquilo é Tazenda, "Ponte das Estrelas".

As luzes acenderam-se. A lente piscou e apagou-se. Pritcher aproximou-se de Channis em três longas passadas.

- O que foi que o levou a raciocinar assim?

Channis recostou-se em sua cadeira, com uma expressão estranhamente embaraçada.

- Foi acidental. Gostaria de obter crédito intelectual por isto, porém foi apenas acidental. Em todo o caso, fosse como fosse que aconteceu, ajusta-se. De acordo com as nossas referências, Tazenda é uma oligarquia. Domina vinte e sete planetas habitados. Não está evoluída cientificamente. E, sobretudo, é um mundo obscuro que aderiu a uma neutralidade estrita quanto à política local da sua região estelar, e não é expansionista. Acho que devemos visitá-lo.

- Informou o Mulo disto?

- Não. Nem vamos informar. Estamos agora no espaço, prestes a fazer o

primeiro salto.

Pritcher, assaltado por um horror súbito, deu um pulo para o visor. O espaço frio veio ao encontro dos seus olhos quando o regulou. Contemplou fixamente a vista, depois se voltou. Automaticamente, sua mão procurou a curva dura e confortável da coronha do seu desintegrador.

- Por ordem de quem?

- Por ordem minha general - era a primeira vez que Channis usava o título do outro - enquanto o atraía aqui. Talvez não sentiu a aceleração, porque se verificou no momento em que eu estava ampliando o campo da Lente, e imaginou, sem dúvida, que era uma ilusão do movimento aparente das estrelas.

- Por quê? O que está realmente fazendo? Então qual era a razão do seu despropósito acerca de Tazenda?

- Isso não era disparate. Fui todo franqueza. Vamos para lá. Partimos porque estava planejando partir daqui a três dias. General, o senhor não acredita que há uma Segunda Fundação e eu acredito. O senhor está apenas cumprindo por dever as ordens do Mulo, eu admito o perigo sério. A Segunda Fundação teve agora cinco anos para se preparar. Como se prepararam não sei, mas suponhamos que eles tenham agentes em Kalgan. Se eu trouxer no meu espírito o conhecimento do paradeiro da Segunda Fundação, podem descobri-lo. A minha vida poderia deixar de estar segura, e eu tenho um grande amor pela minha vida. Mesmo quanto a uma tênue e remota possibilidade como essa, prefiro jogar na certeza. Portanto, ninguém sabe de Tazenda senão o senhor, e o senhor descobriu só depois de estarmos no espaço. E ainda assim, há a questão da tripulação.

Channis estava novamente sorrindo, ironicamente, num evidente domínio total da situação. A mão de Pritcher largou o desintegrador e, por um momento, penetrou-o um vago desconforto. O que era que o impedia de agir? O que era que o entorpecia? Tempo houvera quando era um rebelde capitão sem promoção do império comercial da Primeira Fundação, em que teria sido, ele próprio, em vez de Channis que teria decidido uma ação pronta e atrevida como aquela. O Mulo teria razão? Estaria sua mente dominada interessada na obediência a ponto de perder a iniciativa? Sentiu um desânimo crescente e sufocá-lo numa estranha lassidão. Disse:

- Bom trabalho! No entanto consulte-me, no futuro, antes de tomar decisões desta natureza.

O sinal piscando chamou a sua atenção.

- É a casa das máquinas - disse Channis inesperadamente. - Terão tudo a postos para o salto passados cinco minutos do aviso, e pedi-lhes que me informassem se houvesse qualquer dificuldade. Quer assumir o comando?

Pritcher inclinou a cabeça, mudo, e ficou a cogitar, na solidão inesperada, nos males resultantes de se aproximar dos cinqüenta anos. O visor estava escassamente estrelado. O corpo principal da Galáxia estava enevoado num dos extremos. Que sucederia se estivesse livre da influência do Mulo?...

Mas estremeceu de horror só de pensá-lo.

O Engenheiro-chefe Huxlani olhou vivamente o jovem sem uniforme que se conduzia com a segurança de um oficial da Esquadra e parecia estar numa posição de autoridade. Huxlani, como tripulante efetivo da Esquadra quase desde a idade em que o leite lhe corria pela boca, confundia geralmente a autoridade com as insígnias específicas.

Contudo o Mulo designara aquele homem e o Mulo tinha, evidentemente, a última palavra, a única palavra quanto a isso. Nem sequer subconscientemente o punha em dúvida. O domínio emocional era profundo. Estendeu a Channis o pequeno objeto oval, sem uma palavra. Channis pegou-o e sorriu com simpatia.

- É um homem da Fundação, não é, Chefe?

- Sim, senhor. Servia na Esquadra da Fundação dezoito anos antes do Primeiro Cidadão tomar posse dela.

- Treino da Fundação em engenharia?

- Técnico qualificado de Primeira Classe, Escola Central de Anacreon.

- Muito bem. E encontrou isto no circuito de comunicações, onde eu lhe pedi que desse uma olhada?

- Sim, senhor.

- Pertence ao circuito?

- Não, senhor.

- Então o que é?

- É um hiper-detector.

- Isso não basta. Não sou um homem da Fundação. O que é?

- É um aparelho que permite que a nave seja detectada através do hiperespaço.

- Por outras palavras, podemos ser seguidos, seja para onde for?

- Sim, senhor.

- Está bem. É uma invenção recente, não é? Foi desenvolvida por um dos Institutos de Pesquisas estabelecidos pelo Primeiro Cidadão, não foi?

- Creio que sim, senhor.

- E os seus trabalhos são segredos de Estado. Está certo?

- Creio que sim, senhor.

- Contudo, ele aqui está. É intrigante. - Channis passou o hiper-detector de uma para outra mão, automaticamente, durante alguns segundos. Depois, vivamente, estendeu-o. - Então tome-o e volte a pô-lo exatamente onde o encontrou e exatamente como o encontrou. Compreendeu? E depois esqueça deste incidente. Por completo!

O Engenheiro-chefe fez a continência quase automática, voltou-se rapidamente e saiu.

A nave saltou através da Galáxia, seguindo uma longa linha de pontos por entre estrelas. Os referidos pontos eram os escassos intervalos de dez a sessenta segundos-luz passados no espaço normal, e entre eles estendiam-se os espaços vazios de cem e mais anos-luz" que representavam os "saltos" através do hiperespaço.

Bail Channis sentou-se diante do painel de instrumentos da Lente e sentiu, mais uma vez, a onda de quase adoração ao contemplá-la. Não era um homem da Fundação, e a interinfluência de forças ao girar de um botão ou ao corte de um contato não era para ele uma segunda natureza.

Não que a Lente devesse necessariamente deixar indiferente um homem da Fundação. Dentro do seu corpo incrivelmente compacto havia os circuitos eletrônicos suficientes para indicar, até à precisão de um bico de alfinete, cem milhões de estrelas separadamente, na relação exata de umas para com as outras. E como se isto só por si não fosse uma proeza, era capaz, além disso, de transferir qualquer parte dada do Campo Galáctico para qualquer dos três eixos espaciais, ou de proceder à rotação de qualquer parte do Campo em volta de um centro.

Era por causa disso que a Lente quase realizara uma revolução nas

viagens interestelares. Nos primeiros tempos das viagens interestelares, o cálculo de cada "salto" através do hiperespaço significava uma soma de trabalho de um dia a uma semana, e a maior parte desse trabalho era o cálculo, mais ou menos preciso da "Posição da Nave" na escala de referência Galáctica. Isso significava essencialmente a observação exata de pelo menos três estrelas largamente afastadas umas das outras, cujas posições, referidas no arbitrário triplo-zero Galáctico, eram conhecidas.

E era na palavra "conhecidas" que estava a questão. Para alguém que conheça o campo das estrelas a partir de um certo ponto de referência, as estrelas são tão individuais como as pessoas. Saltemos, porém, trinta e cinco anos-luz e nem sequer o nosso próprio sol é reconhecível. Pode até nem ser visível.

A resposta era, obviamente, a análise espectroscópica. Durante séculos, o objetivo principal da engenharia interestelar era a análise do "reconhecimento de luz" de cada vez mais estrelas cada vez mais pormenorizadamente. Com isto, e com a precisão crescente do próprio "salto", foram adotadas rotas de viagem através da Galáxia, e as viagens interestelares tornaram-se menos uma arte e mais uma ciência.

E não obstante, mesmo no tempo da Fundação, com máquinas de calcular aprimoradas e um novo método de esquadrinhar mecanicamente o campo das estrelas à procura de um "reconhecimento de luz" conhecido, levava às vezes dias para localizar três estrelas e depois calcular a posição em regiões não previamente familiares ao piloto.

Fora a Lente que modificara tudo isto. Por um lado, precisava apenas de uma simples estrela conhecida, por outro, até um novato como Channis podia manejá-la.

Nesse momento, de acordo com os cálculos do "salto", a estrela mais próxima de tamanho considerável era Vincetori e estava agora centrada no visor uma estrela brilhante. Channis tinha esperanças de que fosse Vincetori.

O campo da tela da Lente era imediatamente posto ao lado do visor e, com dedos cuidadosos, Channis tirou as coordenadas de Vincetori. Cortou um contato, e o campo de estrelas surgiu numa visão brilhante. Também estava centrada nele uma estrela brilhante, mas parecia não haver qualquer outra característica comum. Ajustou a Lente segundo o Eixo Z e ampliou o Campo até o fotômetro mostrar que ambas as estrelas eram de igual brilho.

Channis procurou no visor uma segunda estrela de brilho conside¬rável, e encontrou no campo da tela uma que lhe correspondia. Fez girar a tela,

devagar, para uma deflexão angular semelhante. Torceu a boca e rejeitou o resultado com uma careta. A fez girar novamente e outra estrela foi colocada em posição, depois uma terceira. Então sorriu, mostrando os dentes. Era aquela. Talvez um especialista com uma percepção das afinidades treinada pudesse ter acertado na primeira tentativa, porém ele conseguira-o em três. Era aquele o ajustamento. Na sua parte final, os dois campos sobrepunham-se e fundiam-se num mar de nitidez imperfeita. A maior parte das estrelas apareciam em duplicata. Porém o ajustamento perfeito não demorou muito tempo. As estrelas duplas coincidiram, ficou um só campo, e a "Posição da Nave" podia agora ser lida diretamente nos quadrantes. O trabalho todo levara menos de meia hora.

Channis encontrou Han Pritcher no seu alojamento privado. O general estava aparentemente se preparando para deitar. Levantou os olhos.

- Novidades?

- Nada de espacial. Estaremos em Tazenda com outro salto.

- Bem sei.

- Não quero aborrecê-lo se deseja recolher-se, mas deu uma olhada no filme que trouxemos de Cil?

Han Pritcher lançou um olhar depreciativo ao objeto em questão, que estava numa caixa preta, na estante baixa.

- Dei.

- E que pensa dele?

- Penso que, se houve alguma vez qualquer conhecimento da História, se perdeu completamente nessa região da Galáxia.

Channis riu largamente.

- Compreendo o que quer dizer. Bastante árido, não é?

- Não, se gostar de crônicas pessoais de governantes. Diria que é provavelmente indigno de confiança em ambos os sentidos. Onde a história diz respeito a personalidades principais, os esboços tornam-se pretos ou brancos consoante os interesses do escritor. Acho-o todo ele simplesmente inútil.

- Mas diz algo acerca de Tazenda. Foi esse pormenor que tentei destacar quando lhe dei o filme. Foi o único que consegui encontrar que lhe fizesse alguma referência.

- Está bem. Têm bons e maus governantes. Conquistaram uns tantos

planetas, ganharam algumas batalhas, perderam umas tantas. Não há nada caracteristicamente distinto neles. Não dou grande coisa pela sua teoria, Channis.

- Mas passaram-lhe uns tantos pormenores. Notou que eles nunca fizeram alianças? Mantiveram-se sempre completamente fora da política deste canto do enxame das estrelas. Como diz, conquistaram uns tantos planetas, mas depois pararam e isso sem qualquer assustadora derrota importante. É tal qual como se tivessem se expandido o bastante para se protegerem, mas não o bastante para atraírem a atenção.

- Muito bem - veio a resposta sem emoção. - Não tenho objeção para pousarmos. No pior dos casos, é uma pequena perda de tempo.

- Oh não! No pior dos casos, é a derrota completa. Se for a Segunda Fundação. Lembre-se de que seria um mundo só o Espaço sabe de quantos Mulos.

- Qual sua intenção?

- Pousar em qualquer dos planetas menores submetidos. Descobrir primeiro tanto quanto pudermos acerca de Tazenda, e improvisar depois a partir daí.

- Está muito bem. Não faço objeções. Agora, se não se importa, gostaria de apagar a luz.

Channis saiu com um aceno.

E na escuridão de um apertado compartimento, numa ilha de metal em movimento, perdida na vastidão do espaço, o General Han Pritcher permaneceu acordado, seguindo os pensamentos que o haviam levado a percorrer distâncias tão fantásticas.

Se tudo o que concluíra tão penosamente fosse verdade e de que maneira estavam todos os fatos começando a ajustar-se, então Tazenda era a Segunda Fundação. Não havia outra solução. Mas como? Como?

Podia ela ser Tazenda? Um mundo vulgar? Um mundo sem distinção? Um bairro pobre no meio do naufrágio de um Império? Um estilhaço entre os fragmentos? Recordava, como visto à distância, o rosto enrugado e a voz débil do Mulo quando costumava falar do psicólogo da velha Fundação, Ebling Mis, o único homem que, talvez, tivesse adquirido o conhecimento do segredo da Segunda Fundação. Pritcher lembrava-se da tensão das palavras do Mulo:

- Foi como se o assombro tivesse dominado Mis. Foi como se alguma coisa acerca da Segunda Fundação tivesse ultrapassado todas as expectativas, tivesse seguido uma direção completamente diferente da que ele devia ter suposto. Se eu pudesse ter lido os seus pensamentos ao invés de suas emoções! Contudo, as emoções eram simples e acima de tudo o mais estava sua enorme surpresa.

Surpresa era a nota tônica. Algo supremamente assombroso! E agora chegava aquele rapaz, aquele frangote de dentes à mostra, todo alegre com Tazenda e com a sua indistinta subnormalidade. E havia de ter razão. Havia de ter. De outro modo, nada fazia sentido.

O último pensamento consciente de Pritcher tinha um toque de horror. Aquele hiper-detector metido no tubo Etérico ainda estava lá. Verificara-o uma hora antes com Channis bem longe.

SEGUNDO INTERVALO

Era um encontro casual na ante-sala da Câmara do Conselho, apenas poucos momentos antes de passarem à Câmara para se inteirarem do assunto do dia, e os poucos pensamentos relampejavam rapidamente aqui e ali.

- Então o Mulo está a caminho?

- Foi também o que ouvi. Arriscado! Extremamente arriscado!

- Não será se as coisas funcionarem com as funções determinadas.

- O Mulo não é um homem vulgar e é difícil manipular os seus instrumentos escolhidos sem detecção por parte dele. As mentes controladas são difíceis de tocar. Dizem que ele foi apanhado acompanhando vários casos.

- Sim, não vejo como isso pode ser evitado.

- As mentes não controladas são mais fáceis. Mas há tão poucas em posição de autoridade subordinadas a ele...

Entraram na Câmara. Outros da Segunda Fundação seguiram-nos.

DOIS HOMENS E UM CAMPONÊS

Rossem é um desses mundos marginais, habitualmente omitidos na história Galáctica e quase nunca impondo à atenção dos homens de miríades de planetas mais felizes.

Nos últimos tempos do Império Galáctico, uns tantos presos políticos haviam habitado os seus ermos, ao mesmo tempo que um observatório e uma pequena guarnição da Esquadra serviam para evitar que permanecesse totalmente deserto. Mais tarde, nos dias negros da discórdia, ainda antes do tempo de Hari Seldon, os homens mais fracos cansaram-se das décadas periódicas de insegurança e de perigo, fartos de planetas saqueados e da sucessão fantasmagórica de imperadores efêmeros, abrindo o seu caminho para a Púrpura por uns escassos anos ruins e infrutíferos, esses homens fugiram dos centros povoados e buscaram abrigo nos recantos áridos da Galáxia.

Ao longo dos recantos frios de Rossem, as aldeias cresceram em desordem. O seu sol era um sol pequeno, vermelho e mesquinho, que conservava os seus resíduos de calor para si mesmo, enquanto a neve caía, cerrada, durante nove meses do ano. O resistente trigo nativo jazia adormecido na terra durante aqueles meses cheios de neve, depois crescia e amadurecia a uma velocidade quase de pânico, quando a relutante radiação do sol elevava a temperatura até cinqüenta graus.

Pequenos animais semelhantes a cabras tosavam as pastagens, rompendo a fina camada de neve com as pequeninas patas de três cascos.

Os homens de Rossem tinham, assim, o seu pão e o seu leite e, quando podiam dispor de um animal, até a sua carne. As florestas escuras e sinistras, que cobriam metade da região equatorial do planeta, forneciam uma madeira dura e de veio fino para as casas. Esta madeira, juntamente com certas peles e minerais, tinha até valor de exportação e as naves do Império apareciam de vez em quando, trazendo em troca maquinaria agrícola, aquecedores atômicos e até aparelhos de televisão. Estes últimos não eram realmente incoerentes, pois o longo inverno impunha ao camponês uma hibernação solitária.

A história imperial decorreu longe dos camponeses de Rossem. As naves de comércio traziam-lhes novidades, impacientemente fornecidas, ocasionalmente, chegavam novos fugitivos, uma vez chegou um grupo relativamente grande, em conjunto, e ficou, e estes recebiam habitualmente

notícias da Galáxia.

Foi então que os Rossemianos souberam de batalhas devastadoras e de populações dizimadas ou de imperadores tirânicos e vice-reis rebeldes.

Suspiraram e abanaram as cabeças, aconchegando mais as suas golas de peles às caras barbudas, enquanto se sentavam à roda da praça da aldeia, sob um fraco sol, e filosofavam sobre a maldade dos homens.

Depois as naves de comércio deixaram de aparecer e a vida tornou-se mais áspera. Os fornecimentos de alimentos estrangeiros, de tabaco, de maquinaria, pararam. Palavras vagas de pedaços de emissões captadas pela televisão trouxeram notícias cada vez mais perturbadoras. E finalmente espalhou-se que Trantor tinha sido saqueado. O grande mundo capital de toda a Galáxia, a residência esplêndida, historicamente famosa, inacessível e incomparável dos imperadores fora despojada, arruinada e totalmente destruída depois.

Era qualquer coisa de inconcebível, e muitos dos camponeses de Rossem, esmiuçando os seus campos, pensaram que o fim da Galáxia estivesse próximo.

Depois, num dia não diferente dos demais, chegou outra vez uma nave. Os velhos das aldeias abanaram sabiamente as cabeças e levantaram as suas velhas pupilas, murmurando que fora assim no tempo de seus pais, porém não era na realidade. Esta nave não era uma nave Imperial. Faltava-lhe à proa a insígnia resplandecente da Nave Espacial e do Sol. Era uma coisa atarracada, feita de pedaços de naves mais velhas e os homens que vinham dentro dela chamavam-se a si próprios soldados de Tazenda.

Os camponeses ficaram confusos. Não tinham ouvido falar de Tazenda, mas hospedaram, todavia, os soldados segundo os usos tradicionais da hospitalidade. Os recém-chegados inquiriram apertadamente quanto à natureza do planeta, o número dos seus habitantes, o número das suas cidades - uma palavra tomada pelos camponeses como significando "aldeias", com a confusão correspondente - o seu tipo de economia, e assim por diante.

Vieram outras naves e foram espalhadas proclamações por todo aquele mundo, dizendo que Tazenda era agora o mundo dirigente, que seriam estabelecidos postos de coleta de impostos rodeando o equador, a região desabitada, que seriam cobradas anualmente percentagens de trigo e de peles de acordo com a produção.

Os Rossemianos tinham pestanejado solenemente, incertos sobre a

palavra "impostos". Quando chegou a época da cobrança, muitos pagaram ou deixaram-se ficar quietos, confundidos, enquanto os homens uniformizados do outro mundo carregavam o grão colhido e as peles nos grandes carros terrestres.

Aqui e ali, camponeses indignados formaram bandos e apareceram com antigas armas de caça, porém nada aconteceu. Dispersaram-se resmungando quando chegaram os homens de Tazenda e viram com desânimo tornar-se mais dura a sua árdua luta pela existência.

Porém atingira-se um novo equilíbrio. O governador Tazendiano vivia austeramente na aldeia de Gentri, de onde eram excluídos todos os Rossemianos. Ele e os funcionários, seus subordinados, eram obscuros seres de outro mundo que nunca eram vistos pelos Rossemianos. Os cobradores de impostos, Rossemianos a serviço de Tazenda, apareciam periodicamente, mas agora eram pessoas habituais e os camponeses tinham aprendido a esconder o seu trigo, a conduzir o seu gado para a floresta e a absterem-se de ter a sua cabana de modo a parecer ostensivamente próspera. Depois, com uma expressão estúpida de quem não compreende, acolhiam todas as perguntas incisivas quanto às suas disponibilidades, limitando-se a apontar o que eles podiam ver.

Mesmo isso durou pouco e os impostos decresceram, quase como se Tazenda se houvesse cansado de extorquir uns centavos de tal mundo.

O comércio prosperou e talvez Tazenda o achasse mais proveitoso. Os homens de Rossem já não recebiam em troca as polidas criações do Império, porém até as máquinas Tazendianas e os alimentos Tazendianos era melhores daquilo que tinham. E havia roupas para as mulheres, de tecidos diferentes dos pardacentos tecidos caseiros, o que era algo muito importante.

Assim, a história Galáctica mais uma vez fluiu bastante pacificamente, e os camponeses lá foram lutando pela vida, arrancando-a da terra áspera. Narovi aspirou por entre a barba quando saiu da sua cabana. Estavam caindo as primeiras neves sobre a terra áspera e o céu estava encoberto, de cor-de-rosa sombrio. Olhou de revés para o alto e decidiu que não estava próxima uma verdadeira tempestade. Podia ir a Gentri sem muita dificuldade e ver-se livre do seu excedente de trigo em troca de alimentos enlatados, suficientes para o inverno. Berrou através da porta, que abriu um pouco:

- O carro foi abastecido de combustível, rapaz?

Uma voz gritou lá de dentro, e o filho mais velho de Narovi, com uma barba curta, ruiva, ainda rala, juntou-se a ele.

- O carro - disse ele, de mau humor - está abastecido e anda bem. Os

eixos é que estão em más condições. Disso eu não sou culpado. Já lhe disse que precisa ser consertado por um técnico.

O homem recuou e olhou para o filho de sobrolhos franzidos, depois projetou o queixo peludo para a frente.

- E a culpa é minha? Onde e de que maneira posso eu conseguir consertos de um técnico? Então a colheita não foi outra coisa senão mesquinha durante cinco anos? Os meus rebanhos escaparam da peste? As peles subiram por si mesmas?...

- Narovi! - A voz conhecida veio lá de dentro e o fez parar no meio da frase. Resmungou:

- Bem, bem, agora sua mãe tem que se meter em assuntos entre pai e filho. Traga o carro aqui para fora e veja se os reboques estão atrelados com segurança.

Juntou as mãos enluvadas e olhou outra vez para cima. As nuvens avermelhadas, sombrias, estavam se acumulando, e o céu cinzento que se mostrava pelas fendas não tinha calor. O sol estava oculto. Estava prestes a desviar a vista, quando os seus olhos vislumbraram qualquer coisa e o seu dedo se levantou para o alto automaticamente, enquanto sua boca se abriu num grito, com desprezo total pelo ar frio.

- Oh mulher! - chamou ele com energia: - Venha cá, mulher!

Uma cara indignada apareceu à janela. Os olhos da mulher seguiram o dedo e fixaram-se. Com um grito, desceu correndo as escadas de madeira, apanhando ao sair, um velho agasalho e um lenço de cabeça. Apareceu com o lenço posto de qualquer maneira envolvendo-lhe a cabeça e as orelhas, e o agasalho pendurado nos ombros. Ela rouquejou:

- É uma nave do espaço exterior.

E Narovi observou impacientemente:

- E o que é que podia ser mais? Temos visitas, mulher, visitas!

A nave descia lentamente para pousar no campo nu e gelado, na parte Norte da quinta de Narovi.

- Mas o que é que vamos fazer? - arquejou a mulher. - Podemos oferecer hospitalidade a esta gente? Vamos oferecer-lhes o chão sujo do nosso casebre e os restos do pão da semana passada?

- Então hão de ir para casa dos nossos vizinhos? - Narovi passou do tom

corado produzido pelo frio ao purpúreo, os seus braços estenderam-se, na sua macia cobertura de peles, e agarraram os ombros fortes da mulher. - Mulher da minha alma - rosnou ele - traga as duas cadeiras do nosso quarto para baixo: trate de matar uma cria agora e assá-la com batatas, faça pão fresco. Vou agora acolher estes homens poderosos do espaço exterior... e... e... - Fez uma pausa, pôs a cabeça de lado e balbuciou, hesitante: - Vou trazer também uma vasilha do meu trigo fermentado. Beber cordialmente é agradável.

A boca da mulher abrira-se em vão frente a este discurso. Nada saiu. E quando passou aquela fase foi só um guincho de discordância que se ouviu. Narovi levantou um dedo.

- O que foi que os Magistrados da aldeia disseram há umas noites atrás, mulher? Eh, puxa pela memória! Os Magistrados andaram de fazenda em fazenda, pessoalmente, imagine a importância do caso, para nos dizerem que, se pousassem quaisquer naves do exterior, devíamos informá-los imediatamente por ordem do governador. E agora não vou aproveitar a oportunidade para ficar nas boas graças dos que estão no poder? Olhe para aquela nave. Já viu alguma vez qualquer nave parecida com. ela? Estes homens dos mundos exteriores são ricos, importantes. O próprio governador manda mensagens tão urgentes a respeito deles que os Magistrados andam de fazenda em fazenda no tempo frio. Talvez tenha sido comunicado por todo o Rossem que estes homens são extraordinariamente desejados pelos Senhores da Tazenda e é na minha fazenda que estão pousando. - Agitava-se claramente de ansiedade. - Agora, a hospitalidade como deve ser, a menção do meu nome ao governador, e o que é que não poderá ser nosso?

A mulher sentiu subitamente a aspereza do frio através de suas leves roupas caseiras. Precipitou-se para a porta, gritando por cima do ombro:

- Então vá embora depressa!

Porém estava falando a um homem que já ia correndo na direção do ponto do horizonte ao encontro do qual a nave descia. Nem o frio daquele mundo nem os seus espaços vazios, desolados, preocupavam o General Han Pritcher. Nem a pobreza do local, nem o próprio camponês alagado em suor.

O que o incomodava era a questão da sensatez da tática que seguiam. Ele e Channis estavam ali sozinhos.

A nave, deixada no espaço, podia cuidar de si mesma em circunstâncias ordinárias, mas ainda assim sentia-se pouco seguro. Era Channis, evidentemente,

o responsável por aquele lance. Olhou de revés para o jovem e viu-o piscando o olho alegremente para o espaço da divisão de peles que apareciam, momentaneamente, os olhos de uma mulher espreitando, de boca aberta.

Channis, pelo menos, parecia completamente à vontade. Pritcher saboreou o quadro com pouca satisfação. O jogo dele já não tinha muito mais tempo para continuar, tal qual desejava. Mas entretanto, os seus transmissores receptores de pulso, de ultra-ondas, eram a sua única ligação com a nave.

Então o camponês, seu hospedeiro, com um sorriso enorme, inclinou a cabeça várias vezes, e disse, numa voz cheia de respeito:

- Nobres Senhores, suplico autorização para lhes dizer que o meu filho mais velho, um rapaz bom e digno, que a minha pobreza impede de educar como a sua sensatez merece, me informou que os Magistrados chegam daqui a pouco. Confio em que a sua estadia aqui seja tão agradável quanto os meus humildes recursos, pois sou um pobre agricultor, embora trabalhador, honesto e humilde, como todos lhe dirão.

- Magistrados? - disse Channis, com ligeireza. - Os homens principais desta região?

- Exatamente, Nobres Senhores, e todos eles homens honestos e dignos, porque toda a nossa aldeia é conhecida através de Rossem como um lugar reto e justo, apesar da vida ser dura e do produto dos campos e das florestas escasso. Talvez, Nobres Senhores, desejem referir aos Magistrados o meu respeito e honra pelos viajantes, e pode acontecer que eles requisitem um carro a motor, novo, para nós, pois o velho mal pode arrastar-se e a nossa subsistência depende do que dele resta.

Parecia humildemente ansioso e Han Pritcher meneou a cabeça em assentimento com a apropriada condescendência distante, exigida pelo papel de "Nobres Senhores" que lhes fora distribuído.

- Chegará aos ouvidos dos seus Magistrados uma informação da sua hospitalidade.

Pritcher aproveitou os momentos de silencio que se seguiram para falar ao aparentemente meio-adormecido Channis.

- Não estou nada encantado com esta reunião dos Magistrados - disse ele. - Tem alguma idéia a respeito?

Channis pareceu surpreso.

- Não, o que é que o preocupa?

- Parece que temos coisas mais importantes a fazer do que tornamo-nos notáveis aqui.

Channis falou apressadamente, em voz baixa e monótona:

- Pode ser útil tornamo-nos notáveis nos nossos próximos movimentos. Não encontraremos o tipo de homens que queremos, Pritcher, metendo simplesmente a mão dentro de uma mala, às escuras e remexendo. Homens que dominam por meio de artifícios mentais não precisam ser homens necessariamente de poder. Em primeiro lugar, os psicólogos da Segunda Fundação são talvez, uma minoria da população, tal como na sua própria Primeira Fundação os técnicos e cientistas formavam uma minoria. Os habitantes vulgares são, provavelmente, isso mesmo, muito vulgares. Os psicólogos podem até estar bem escondidos e os homens de posição aparentemente dominante podem honestamente pensar que são os verdadeiros senhores. A nossa solução para este problema pode ser encontrada aqui, neste pedaço gelado de planeta.

- Não estou entendendo de modo nenhum.

- Ora, veja bem, que é bastante lógico. Tazenda é, provavelmente, um mundo enorme, de milhões ou centenas de milhões de homens. Como poderíamos identificar os psicólogos entre eles e ficarmos habilitados a informar corretamente o Mulo de que localizamos a Segunda Fundação? Porém aqui, neste pequeno mundo de camponeses, neste planeta submetido, todos os governantes Tazendianos, informa-nos o nosso hospedeiro, estão concentrados na sua aldeia principal de Gentri. Pode haver lá apenas umas poucas centenas deles, Pritcher, e entre eles devem estar um ou mais homens da Segunda Fundação. Iremos lá, eventualmente, mas vamos ver primeiro os Magistrados. É um passo lógico no caminho.

Afastaram-se rapidamente um do outro quando o seu hospedeiro de barba negra irrompeu novamente na sala, evidentemente nervoso.

- Nobres Senhores, os Magistrados estão chegando. Suplico autorização para pedir-lhes mais uma vez que digam, se possível, uma palavra a meu favor... - Quase se dobrou ao meio, num paroxismo de adulação.

- Nos lembraremos certamente de você - disse Channis. - São estes os Magistrados?

Aparentemente eram. Eram três.

Aproximou-se um deles. Inclinou-se com um respeito digno, e disse:

- Sentimo-nos honrados. Foram tomadas providências quanto ao transporte e esperamos ter o prazer da sua companhia na nossa Sala de Reuniões.

TERCEIRO INTERVALO

O Primeiro Orador fitava ansiosamente o céu noturno. Nuvens amontoadas corriam através do pálido brilho das estrelas. O espaço parecia ativamente hostil. Estava, quando muito, frio e feito, mas agora continha aquela estranha criatura, o Mulo e o próprio conteúdo parecia escurecê-lo e turvá-lo numa ameaça sinistra.

A reunião acabara. Não fora longa. Houvera dúvidas e perguntas, inspiradas pelo problema matemático, difícil, de lidar com um mutante mental de caracterização incerta. Todas as permutações extremas foram levadas em consideração. Tinham, mesmo assim, certeza? Em algum lugar naquela região do espaço, ao alcance, considerados os espaços Galácticos, estava o Mulo. Que faria ele?

Era bastante difícil manejar os seus homens. Eles reagiam e estavam reagindo, de acordo com o plano. Mas quanto ao próprio Mulo?

DOIS HOMENS E OS MAGISTRADOS

Os Magistrados desta região particular de Rossem não eram exatamente o que deles se poderia esperar. Não eram uma mera extrapolação dos camponeses, eram mais idosos, mais autoritários, menos amigáveis. De modo algum.

A dignidade que os caracterizara no primeiro encontro acentuara-se, até atingir o sinal de ser a sua característica predominante.

Estavam sentados à volta da sua mesa oval como se fossem outros tantos pensadores, graves e de movimentos lentos. Muitos passaram um pouco o período de maior vigor físico, embora os poucos que tinham barbas as usassem curtas e bem tratadas. Bastantes, porém, pareciam ter menos de quarenta anos, de modo a tornar-se absolutamente evidente que "Os Magistrados" era mais uma expressão de respeito do que inteiramente a descrição literal da idade.

Os dois do espaço exterior ficaram à cabeceira da mesa, e absorveram, no silêncio solene que acompanhou uma refeição frugal, que parecia mais formal do que nutritiva, a nova atmosfera contrastante.

Após a refeição, e depois de terem sido feitas uma ou duas observações respeitosas, demasiado curtas e simples para se lhes chamar discursos, por alguns dos Magistrados tidos aparentemente em maior consideração, a reu¬nião passou a decorrer sem-cerimônia.

Foi como se a dignidade de acolhimento das personalidades estrangeiras houvesse finalmente cedido o lugar às qualidades rústicas e amigáveis da curiosidade e da amizade.

Juntaram-se ao redor dos dois estrangeiros e o dilúvio de perguntas começou. Perguntaram se era difícil manejar uma nave espacial, quantos homens eram precisos para fazê-lo, se podiam ser feitos motores melhores para os seus carros, para qualquer tipo de terreno, se era verdade que raramente nevava em outros mundos, como se dizia ser o caso de Tazenda, quantas pessoas viviam no seu mundo, se era tão grande como Tazenda, se era longe, como eram tecidas as suas roupas e o que era que lhes dava aquele brilho metálico, por que não usavam peles, se barbeavam todos os dias, que espécie de pedra era a do anel de Pritcher... A torrente de perguntas não tinha fim.

As perguntas eram quase sempre dirigidas a Pritcher, como se, mais

velho, lhe atribuíssem a maior autoridade. Pritcher viu-se forçado a responder cada vez a mais perguntas. Era como um mergulho numa multidão de crianças. As suas perguntas eram de extrema e desarmante admiração. A sua ânsia de saber era absolutamente irresistível e não podia deixar de ser satisfeita. Pritcher explicou que as naves espaciais não eram difíceis de manejar e que as tripulações variavam consoante o tamanho, de um a muitos, que os motores dos seus carros para qualquer terreno lhe eram desconhecidos, em qualquer pormenor, mas podiam, sem dúvida, ser melhorados, que os climas dos mundos variavam quase infinitamente, que viviam muitas centenas de milhões de pessoas no seu mundo, mas que ele era menor e mais insignificante do que o grande império de Tazenda, que as suas roupas eram tecidas com fibras plásticas de silicone, cujo brilho metálico era produzido artificialmente por uma orientação adequada das moléculas superficiais, que podiam ser aquecidas artificialmente, de modo que as peles eram desnecessárias, que se barbeavam todos os dias, que a pedra do seu anel era uma ametista. A torrente alongava-se. Achou-se preso àqueles provincianos ingênuos, contra sua vontade.

E, logo que respondia, havia sempre uma rápida conversa entre os Magistrados, como se debatessem a informação obtida. Era difícil seguir aquelas discussões entre eles, pois recaíam no próprio dialeto, com sotaque, da língua Galáctica universal que, em virtude do longo afastamento das correntes da linguagem viva, se tornara arcaica.

Quase poderia dizer-se que ficavam, nesses breves momentos de conversa entre si, à beira do entendimento, mas que se conciliavam de modo a evitar os laços apertados da compreensão. Até que, finalmente, Channis interrompeu para dizer:

- Meus caros senhores, devem responder também a nós, pois somos estrangeiros e teríamos muito interesse em saber tudo o que pudermos sobre Tazenda.

O que aconteceu então foi reinar um grande silêncio, e os Magistrados, até ali volúveis, permaneceram calados. Suas mãos, que se tinham mexido num acompanhamento tão rápido e delicado de suas palavras, como para lhe dar maior alcance e os variados cambiantes de entendimento, caíram subitamente, abandonadas. Fitaram-se furtivamente uns aos outros, aparentemente desejando cada um deles que outro ficasse em evidência. Pritcher interveio rapidamente:

- O meu companheiro pede-lhes isto como amigo, pois a fama de Tazenda enche a Galáxia e nós, evidentemente, informaremos o governador da lealdade e amor dos Magistrados de Rossem.

Não se ouviu nenhum suspiro de alívio, porém as caras desanuviaram-se. Um dos Magistrados cofiou a barba entre o polegar e o indicador, desfazendo o seu ligeiro ondeado com uma leve pressão, e disse:

- Somos servidores fiéis dos Senhores de Tazenda.

O aborrecimento de Pritcher por causa da pergunta grosseira de Channis amenizou-se. Era aparente, pelo menos, que a idade que ultimamente sentia pesar-lhe ainda não o privara da sua própria capacidade de atenuar os despropósitos dos outros. Continuou:

- Não conhecemos grande coisa na nossa parte longínqua do universo, da história dos Senhores de Tazenda. Supomos que governam aqui há muito tempo. - O mesmo Magistrado que falara antes, respondeu: - Nem o avô do mais idoso pode se lembrar de algum tempo em que os Senhores estivessem ausentes.

- Foi um tempo de paz?

- Foi um tempo de paz! - Hesitou. - O governador é um Senhor forte e poderoso que não hesitaria em castigar os traidores. Nenhum de nós é traidor, evidentemente.

- Imagino que castigou alguns no passado como mereciam.

Nova hesitação.

- Aqui jamais alguém foi traidor, nem os nossos pais, nem os pais dos nossos pais. Mas houve-os em outros mundos, e a morte deles seguiu-se rapidamente. Nem é bom pensar nisso, porque nós somos homens humildes, pobres agricultores, que não nos interessamos por assuntos políticos.

Eram evidentes a ansiedade da sua voz e a preocupação geral nos olhos de todos eles. Pritcher disse, suavemente:

- Pode informar-nos como podemos obter uma audiência com o governador?

E instantaneamente destacou-se da situação um indivíduo espantado, pois o Magistrado disse, após um longo intervalo:

- Então não sabe? O governador estará aqui amanhã. Esteve à sua espera. Foi uma grande honra para nós. Nós... esperamos sinceramente que lhe dêem informações satisfatórias a nosso respeito, bem como quanto à nossa lealdade para com ele.

Pritcher sorriu um pouco a contragosto.

- Esperavam-nos?

O Magistrado olhou admirado de um para o outro.

- Mas... há uma semana que estamos à espera de vocês.

Os seus alojamentos eram indubitavelmente luxuosos para aquele mundo. Pritcher já vivera em outros piores. Channis não mostrava senão indiferença pelos aspectos exteriores. Porém havia um elemento de tensão entre eles, de uma natureza diferente.

Pritcher sentia se aproximar o momento de uma decisão definida e, no entanto era ainda desejável uma espera adicional. Ver primeiro o governador seria arriscar o jogo até um ponto perigoso, contudo ganhar esse jogo podia multiplicar muitas vezes os ganhos. Sentiu uma onda de cólera ao ver a ligeira ruga entre os sobrolhos de Channis, a leve incerteza com que o jovem deixava transparecer. Detestava a representação inútil e ansiava pelo seu fim. Disse:

- Parece que se anteciparam a nós.

- Pois é - disse Channis, simplesmente.

- Só isso? Não tem mais nada a dizer? Chegamos aqui e verificamos que o governador nos espera. Provavelmente saberemos pelo governador que a própria Tazenda nos espera. Então qual a vantagem de nossa missão?

Channis levantou os olhos, sem tentar esconder o tom enfadado da sua voz:

- Esperar-nos é uma coisa, saber quem nós somos e porque viemos, é outra.

- Espera ocultar essas coisas a homens como os da Segunda Fundação?

- Talvez. Por que não? Está pronto a pôr as mãos no fogo? Suponha que a nossa nave foi detectada no espaço. É extraordinário que um Estado mantenha postos de observação de fronteira? Mesmo que fôssemos estrangeiros vulgares, teríamos interesse para eles.

- Interesse suficiente para um governador vir ao nosso encontro, ao invés do oposto?

Channis encolheu os ombros.

- Esse problema enfrentaremos depois. Vamos ver que tal é o governador.

Pritcher fez uma carranca, uma espécie de carranca pálida. A situação estava se tornando ridícula. Channis continuou com uma animação artificial:

- Pelo menos sabemos uma coisa. Ou Tazenda é a Segunda Fundação, ou um milhão de indícios de evidência apontam unanimemente o caminho errado. Como interpreta o terror patente que estes indígenas têm por Tazenda? Não vejo sinais de domínio político. Os seus grupos de Magistrados reúnem-se aparentemente com liberdade e sem interferência alguma. A carga tributária de que eles falam não me parece grande, nem eficientemente lançada e cobrada. Os nativos falam muito de pobreza, mas parecem vigorosos e bem alimentados. As casas são toscas e as suas aldeias são rudes, porém são adequadas ao seu fim. De fato, este mundo me fascina. Nunca vi nenhum mais proibitivo, embora esteja convencido de que não há sofrimento entre a população e de que suas vidas, sem complicações, conseguem ter uma felicidade bem equilibrada que falta às populações refinadas dos centros avançados.

- É, então, um admirador das virtudes campesinas?

- As estrelas me defendam! - Channis parecia divertido com a idéia. - Limito-me a apontar o significado de tudo isto. Aparentemente, Tazenda é um Estado administrador da eficiência do antigo Império ou da Primeira Fundação, ou até a nossa própria União. Todos estes puseram a eficiência mecânica à disposição dos seus súditos, à custa de valores mais intangíveis. Tazenda traz-lhes a suficiência. Não vê que toda a orientação do seu predomínio é diferente? Não é física, mas psicológica.

- Realmente? - Pritcher permitiu-se a ironia. - E o terror com que os Magistrados falaram do castigo para a traição, pelas bocas desses bondosos psicólogos administradores? Como coaduna isso com a sua tese?

- E eles foram vítimas do castigo? Falam do castigo apenas dos outros. É como se o conhecimento do castigo tivesse sido tão bem implantado neles que nunca foi preciso utilizar o próprio castigo. As atitudes mentais apropriadas estão tão inseridas nos seus espíritos, que eu tenho certeza de que não existe nem um soldado Tazendiano no planeta. Não está vendo tudo isto?

- Verei, talvez - disse Pritcher, friamente - quando vir o governador. E a propósito, que faremos se as nossas mentalidades forem controladas?

Channis replicou com um desprezo brutal:

- Você deve estar acostumado a isso.

Pritcher empalideceu perceptivelmente e, com um esforço, voltou-lhe as

costas e saiu. Nesse dia não voltaram a falar um ao outro.

Foi no meio do silêncio da noite frígida enquanto ouvia o outro mover-se ligeiramente na cama, que Pritcher sintonizou o seu transmissor de pulso no comprimento de ultra-ondas para o qual o transmissor de Channis não podia ser sintonizado e com os toques dá unha, sem rumor, entrou em contato com a nave.

A resposta chegou em pequenos períodos de vibração, sem ruído, que mal ultrapassavam o limiar da sensibilidade auditiva. Pritcher perguntou por duas vezes:

- Não houve comunicações?

Duas vezes veio a resposta:

- Nenhuma. Continuamos à espera.

Levantou-se da cama. Estava frio no quarto, e ele enrolou-se no cobertor de peles, sentando-se na cadeira, fitando a multidão das estrelas, tão diferentes no brilho e na complexidade do seu conjunto de nevoeiro cerrado na Lente Galáctica, que dominava o céu noturno da Periferia de onde era natural.

Ali, em algum lugar, entre as estrelas, estava a resposta às complicações que o acabrunhavam, e sentiu o desejo ardente da solução chegar. Mais uma vez, por um momento, perguntou a si mesmo se o Mulo tinha razão, se a Conversão lhe roubara o gume firme e afiado da confiança própria. Ou era simplesmente a idade e as flutuações daqueles últimos anos?

Na realidade, não se importava. Estava cansado.

O governador de Rossem chegou com um mínimo de ostentação. A sua única companhia era o homem uniformizado que conduzia o carro terrestre por toda parte. O próprio carro era de desenho fácil, mas parecia ineficaz a Pritcher. Manobrava desajeitadamente, mais de uma vez reagiu ao que podia ser uma mudança de velocidade demasiado rápida. Era evidente à primeira vista, pelo seu desenho, que utilizava combustível químico e não atômico.

O governador Tazendiano pisou, a fina camada de neve e avançou por entre duas filas de respeitosos Magistrados. Não olhou para eles e entrou rapidamente. Eles o seguiram.

Do alojamento que lhes haviam destinado, os dois homens da União do Mulo observavam. O governador era atarracado, bastante gordo, baixo, nada impressionante.

Mas isso que significava?

Pritcher amaldiçoou-se pela falta de coragem. O seu rosto, para ser exato, mantinha uma calma gelada. Não havia humilhação diante de Channis, mas sabia muito bem que a sua pressão sangüínea subira e a garganta secara.

Não era um caso de medo físico. Não era um desses homens broncos, sem imaginação, de carne sem nervos, demasiado estúpidos para terem medo, mas o medo físico podia ele explicar e dar-lhe o devido desconto.

Mas isto era diferente. Era o outro medo.

Volveu um rápido olhar para Channis. O jovem passava negligentemente os olhos pelas unhas de uma das mãos, revistando-as com vagar, à procura de qualquer irregularidade insignificante.

Algo no íntimo de Pritcher ficou imensamente indignado. Que tinha Channis a temer do domínio mental?

Pritcher conteve mentalmente a respiração e tentou pensar no passado. Como fora ele antes do Mulo o ter convertido, quando era um Democrata de antes quebrar que torcer? Era difícil recordar. Não podia situar-se mentalmente a si mesmo. Não conseguia romper os fios apertados que o ligavam emocionalmente ao Mulo. Intelectualmente, podia lembrar-se de ter tentado uma vez assassinar o Mulo, mas nem à custa dos maiores esforços de que era capaz podia recordar-se das suas emoções naquela contingência. Podia ser que isso fosse, no entanto, a legítima defesa do seu próprio espírito, pois só ao pensamento intuitivo do que poderiam ter sido essas emoções, sem imaginar os pormenores, mas entendendo meramente o seu impulso, o seu estômago sentiu náuseas.

Que aconteceria se o governador interferisse na sua mente? Que aconteceria se os tentáculos insubstanciais de um homem da Segunda Fundação se insinuassem pelas fendas emocionais da sua caracterização, abrissem caminho entre elas e se lhes juntassem?...

Não houvera nenhuma sensação da primeira vez. Não houvera dor nem luta mental, nem sequer um sentimento de descontinuidade. Amara sempre o Mulo. Houvera um tempo, muito tempo antes, tão longo tempo antes como cinco curtos anos, em que pensara que não o amava, que o odiava, mas isso era apenas uma ilusão horrível. O pensamento dessa ilusão causava-lhe embaraços.

Porém não houvera dor.

Iria o encontro com o governador duplicar aquilo? Iria tudo aquilo que já passara, todos os seus serviços ao Mulo, toda a orientação da sua vida, juntar-se

ao vago sonho da vida de um outro que hasteava a palavra Democracia? O Mulo também seria um sonho, e a sua lealdade apenas a Tazenda...

Voltou as costas, vivamente. Lá estava aquele desejo forte de vomitar.

Então a voz de Channis soou nos seus ouvidos:

- Penso que chegou o momento, General.

Pritcher tornou a voltar-se. Um dos Magistrados abrira a porta silenciosamente e estava no limiar, com um respeito calmo e digno. Disse:

- Sua Excelência o Governador de Rossem, em nome dos Senhores de Tazenda, tem muito prazer em conceder-lhes uma audiência e solicita a presença dos senhores perante ele.

- Caso arrumado! - Channis apertou o cinto com um puxão e enfiou na cabeça um capacete Rossemiano.

O maxilar de Pritcher endureceu. Isto era o começo do verdadeiro jogo.

O governador de Rossem não era de aparência respeitável, até porque estava de cabeça descoberta e o seu cabelo já ralo, castanho claro, tendendo para o grisalho, dava-lhe um ar de suavidade. Baixou a vista para eles, e os seus olhos, metidos no meio de uma rede fina de rugas circundantes, pareciam calculistas. Porém o seu queixo recém-barbeado era branco e pequeno. Pela convenção universal dos seguidores da pseudociência de ler o caráter pela estrutura óssea facial, parecia "fraco".

Pritcher evitou os olhos dele e fitou-lhe o queixo. Não sabia que isso seria efetivo, se alguma coisa poderia sê-lo. A voz do governador tinha um tom alto, indiferente:

- Bem-vindos a Tazenda. Acolhemo-los em paz. Já se alimentaram?

As suas mãos, de dedos longos e veias salientes, indicaram-lhe uma mesa em forma de U.

Inclinaram-se e sentaram-se. O governador sentou-se do lado de fora da base do U e eles do lado de dentro, ao longo de ambos os braços sentou-se a dupla fila dos silenciosos Magistrados.

O governador falava em frases curtas e abruptas, gabando a comida importada de Tazenda, e apresentava na realidade uma qualidade diferente, embora não fosse muito melhor do que a comida mais grosseira dos Magistrados, depreciando o clima de Rossem, referindo-se como que casualmente às complicações das viagens no espaço. Channis pouco falou,

Pritcher absolutamente nada. Depois chegou-se ao fim. Acabou-se a compota de pequenos frutos, os guardanapos foram utilizados e postos de lado e o governador recostou-se na cadeira. Os seus olhos pequenos faiscavam.

- Informei-me quanto à nave. Naturalmente, gostaria de providenciar que ela recebesse o devido cuidado e revisão. Disseram-me que o seu paradeiro é desconhecido.

- É verdade - replicou Channis, em tom delicado. - Deixamo-la no espaço. É uma grande nave, adequada para longas viagens em regiões hostis e sentimos que, pousando-a aqui, poderiam levantar-se dúvidas quanto às nossas intenções pacíficas. Preferimos pousar sozinhos, desarmados.

- Um ato amigável - comentou o governador, sem convicção. - Disse que é uma grande nave?

- Não é uma nave de guerra, Excelência.

- Ah, sim. De onde vieram?

- De um pequeno mundo no setor de Santanni, Excelência. Pode ser que não tenha conhecimento da sua existência porque tem pouca importância. Estamos interessados em estabelecer relações comerciais.

- Comércio, hem? E que têm para vender?

- Máquinas de toda espécie, Excelência. Em troca de víveres, madeira, minerais...

- Ah, bem... - O governador parecia ter dúvidas. - Conheço pouco desses assuntos. Talvez possa conseguir-se proveito mútuo. Talvez, depois de ter examinado com tempo as suas credenciais, porque serão pedidas muitas informações pelo meu Governo antes das coisas poderem prosseguir... e depois de ter visto a nave, talvez, diria eu, fosse aconselhável dirigirem-se para Tazenda.

Não houve resposta a isto, e a atitude do Governador esfriou perceptivelmente.

- É necessário, contudo, que eu veja a nave.

Channis disse, distante:

- A nave, infelizmente, está sendo reparada neste momento. Se Vossa Excelência não se opõe a dar-nos quarenta e oito horas, estaremos ao seu dispor.

- Não estou habituado a esperar.

Pritcher encontrou pela primeira vez o brilho do olhar do outro, olhos nos olhos e o seu entusiasmo explodiu suavemente no íntimo. Durante um momento teve a sensação de estar se afogando, mas depois os seus olhos desviaram-se.

Channis não vacilou e disse:

- A nave não pôde pousar durante quarenta e oito horas, Excelência. Estamos aqui desarmados. Duvida de nossas intenções honestas?

Houve um longo silêncio, e depois o governador disse, de mau humor:

- Fale-me do mundo de onde vieram.

E foi tudo. Acabou assim. Não houve mais coisas desagradáveis. O governador, tendo cumprido o seu dever oficial, perdeu aparentemente o interesse e a audiência teve um fim insípido. Quando terminou oficialmente, Pritcher encontrou-se de volta ao seu alojamento e auto-analisou-se.

Cuidadosamente, contendo a respiração, "sentiu" suas emoções. Parecia, certamente, não estar diferente para consigo mesmo, mas sentiria ele qualquer diferença? Sentira-se diferente após a conversão pelo Mulo? Não parecera tudo natural? Como devia ser? Experimentou.

Com uma fria determinação, gritou para dentro das cavernas silenciosas da sua mente, e o grito era: "A Segunda Fundação deve ser descoberta e destruída". A emoção que o acompanhou era um ódio verdadeiro. Não havia a menor hesitação envolvida com ele.

Depois estava na sua idéia substituir pela palavra "Mulo" a expressão "Segunda Fundação", contudo o seu entusiasmo suspendeu-se à mera emoção e a sua língua ficou travada.

Até ali, bem.

Mas teria sido manejado de outro modo, mais sutilmente? Teriam sido feitas pequeninas modificações, modificações que não podia detectar devido a sua própria existência vedar o seu julgamento?

Não havia maneira de dizê-lo.

Ainda sentia, porém, absoluta lealdade para com o Mulo! Se isso não estivesse alterado, nada mais realmente importava.

Voltou mais uma vez o seu espírito para a ação. Channis estava ocupado no seu lado da sala. A unha do polegar de Pritcher voltou a trabalhar com o seu emissor-receptor de pulso.

E então, à resposta que chegou, sentiu uma onda de alívio envolvê-lo e deixá-lo fraco.

Os músculos imóveis da face não o atraiçoaram, mas no seu íntimo gritava de alegria e quando Channis se voltou para enfrentá-lo soube que a farsa estava quase no fim.

QUARTO INTERVALO

Os dois oradores passaram um pelo outro na rua e um deles fez parar o outro.

- Recebi o aviso do Primeiro Orador. - Houve um piscar meio-apreensivo nos olhos do outro. - Ponto de intersecção?

- Sim! Oxalá estejamos vivos para ver o romper do dia!

UM HOMEM E O MULO

Não havia qualquer sinal nas ações de Channis de que estivesse consciente de qualquer modificação sutil na atitude de Pritcher e nas relações entre eles. Recostou-se no banco duro de madeira e estendeu os pés para frente.

- Que idéia fez do governador?

Pritcher encolheu os ombros.

- Absolutamente nenhuma. Claro que não me pareceu um gênio mental. Um exemplar muito pobre da Segunda Fundação, se é o que se supõe que seja.

- Eu penso que não era, sabe? Não tenho uma idéia segura sobre ele. Suponha que o senhor fosse um homem da Segunda Fundação. - Channis ficou mais pensativo. - Que faria o senhor? Suponha que tivesse uma idéia dos nossos propósitos aqui. Como nos manobraria?

- Conversão, evidentemente.

- Como o Mulo? - Channis levantou os olhos vivamente. - Se eles nos tivessem convertido, nós saberíamos? Sei lá... E se eles fossem apenas psicólogos, porém muito espertos?

- Nesse caso, se fosse eu, daria cabo de nós o mais rapidamente possível.

- E a nossa nave? Não! - Channis levantou o indicador. - Estamos blefando, meu caro Pritcher. Só pode ser blefe. Mesmo que eles tenham na mão o domínio emocional, nós, o senhor e eu, somos apenas testas de ferro. É o Mulo que devem combater e estão precisamente sendo tão cuidadosos conosco como nós estamos sendo com eles. Estou partindo do princípio de que sabem quem nós somos.

Pritcher fitou-o, friamente.

- Que pretende fazer?

- Esperar. - A palavra foi pronunciada entredentes. - Deixe-os vir ao nosso encontro. Talvez estejam preocupados com a nave, ou mais provavelmente com o Mulo. Blefaram com o governador. Não deu certo. Ficamos na mesma. A próxima pessoa que vão mandar há de ser um homem da Segunda Fundação, e proporá um pacto de qualquer espécie.

- E depois?

- Depois faremos o pacto.

- Creio que não.

- Por pensar que isto atraiçoaria o Mulo? Eu não vou atraiçoá-lo.

- Não. O Mulo pode bem haver-se com as suas traições, com qualquer que pudesse inventar. Mas continuo a achar que não.

- Por pensar, então, que não conseguiríamos enganar os da Fundação?

- Talvez não. Mas a razão não é essa.

O olhar de Channis caiu sobre o que o outro empunhava, e disse, sombrio:

- Quer dizer que é essa a razão?

Pritcher fez balançar o seu desintegrador.

- Exatamente. Está sob prisão.

- Porquê?

- Por traição para com o Primeiro Cidadão da União.

Os lábios de Channis apertaram-se um de encontro ao outro.

- O que está acontecendo?

- Traição, como eu disse, e correção do caso efetuada por mim.

- Qual é a prova? Ou são evidências, presunções, devaneios? Você está doido?

- Eu não, e você? Supõe que o Mulo envie garotos de peito em missões ridículas para nada? Eu achava a coisa estranha. Porém perdi o meu tempo duvidando de mim mesmo. Por que ele mandaria você? Porque sorri e se veste bem? Por ter vinte e oito anos?

- Talvez por ser digno de confiança. Ou não está procurando obter razões lógicas?

- Ou por não ser digno de confiança. O que é bastante lógico, pelo caminho que as coisas tomam.

- Estamos competindo em paradoxos, ou é tudo um jogo de palavras para ver quem consegue dizer menos com mais palavras?

O desintegrador avançou, com Pritcher atrás dele. Parou, ereto, diante do jovem.

- Ponha-se de pé! - Channis assim fez, sem muita pressa, e sentiu a ponta do cano do desintegrador tocar o seu cinto, sem um estremecimento dos músculos do estômago. Pritcher disse: - O que o Mulo queria era encontrar a Segunda Fundação. Ele falhara, eu falhara e o segredo que nenhum de nós pôde encontrar é um segredo bem oculto. Restava, portanto, uma possibilidade ainda a tentar, e que era a de encontrar um investigador que já conhecesse o esconderijo.

- E esse sou eu?

- Aparentemente foi assim. Não o sabia então, evidentemente, mas apesar do meu espírito ser menos rápido, aponta, ainda, a direção certa. Como foi fácil acharmos a "Ponte das Estrelas"! Como foi miraculoso o seu exame da Região certa do Campo da Lente no meio de um número infinito de possibilidades! E tendo-o conseguido, com que facilidade observamos exatamente o ponto certo para a observação! Você foi um idiota grosseiro! Avaliou-me tão mal que não o chocou qualquer combinação de acasos impossíveis como sendo demais para eu engolir?

- Quer dizer que fui muito bem sucedido?

- Bem sucedido demais para qualquer homem leal.

- E por que não avaliar os padrões de êxito que me fixou tão baixos? O desintegrador aumentou a pressão, embora no rosto que enfrentava Channis apenas o brilho frio dos olhos traísse a cólera crescente. - Porque você está a soldo da Segunda Fundação.

- A soldo? - E, com um desprezo infinito: - Prove-o!

- Ou sob a sua influência mental.

- Sem conhecimento do Mulo? Ridículo.

- Com o conhecimento do Mulo. É exatamente o meu ponto crucial, meu jovem tolo, com conhecimento do Mulo. Supõe que, a não ser assim, ele lhe daria uma nave para brincar? Você conduziu-nos à Segunda Fundação, como se supunha que fizesse.

- Tentar perceber alguma coisa no meio desse amontoado de disparates é como procurar agulha em palheiro. Mas posso perguntar por que se supunha que eu faria tudo isso? Se fosse um traidor, por que os conduziria à Segunda Fundação? Por que não andar de um lado para o outro através da Galáxia, pulando alegremente, sem encontrar mais do que você encontrou?

- Por causa da nave. E porque os homens da Segunda Fundação

precisam, como é evidente, de armamento atômico para se defenderem.

- Deve inventar mais do que isso. Uma nave não significa nada para eles e se pensam que poderão aprender a ciência a partir dela e construir centrais de energia atômica no ano seguinte, os homens da Segunda Fundação serão na verdade muito, mas muito ingênuos. De uma ingenuidade tão grande como a sua, diria eu.

- Terá oportunidade de explicar isso ao Mulo.

- Vamos regressar a Kalgan?

- Pelo contrário, ficaremos aqui e o Mulo se juntará a nós daqui a uns quinze minutos, pouco mais ou menos. Você com a sua inteligência aguda, com a sua esperteza, pensa que não nos seguiu, seu monumento de amor próprio? Você se fez de isca, mas bem ao contrário. Pode não ter conduzido as nossas vítimas até nós, mas conduziu-nos com certeza até às nossas vítimas.

- Posso me sentar - perguntou Channis - e explicar-lhe uma coisa por meio de esquemas? Por favor.

- Fique de pé.

- Pois bem, também posso explicar de pé. Pensa que o Mulo nos seguiu por causa do hiper-detector posto no circuito de comunicações?

O desintegrador podia ter oscilado, mas Channis não o juraria. Disse:

- Não parece surpreso. Mas não perco tempo supondo que se sente surpreso. Sim, sabia do caso. E agora que lhe mostrei que sabia algo que você imaginava que eu não soubesse, vou lhe dizer uma coisa que você não sabe e que eu tenho certeza que não sabe.

- Está se permitindo utilizar muitos preliminares, Channis. Pensava que a sua capacidade de invenção estivesse melhor lubrificada.

- Não há invenção nenhuma. Houve, de fato, traidores, evidentemente, ou agentes inimigos, se prefere esse termo, porém o Mulo soube-o de uma forma bastante curiosa. Parece que alguns dos seus convertidos foram influenciados. Está vendo?

O desintegrador, dessa vez, oscilou, indubitavelmente.

- Acentuo isto, Pritcher. Era por isso que ele precisava de mim. Era um Não-convertido. Ele não lhe salientou que precisava de um Não-convertido, quer lhe tenha dado ou não a verdadeira razão?

- Experimente outra coisa qualquer, Channis. Se eu fosse contra o Mulo o saberia. - Serenamente, rapidamente, Pritcher sondava o seu espírito. Sentia o mesmo. O homem, evidentemente, estava mentindo.

- Quer dizer que se sente leal para com o Mulo. Talvez. A lealdade não era influenciada. Detectável facilmente demais, disse o Mulo. Mas como se sente mentalmente? Apático? Sentiu-se sempre normal desde que começou esta viagem? Ou sentiu-se algumas vezes estranho, como se não fosse exatamente você mesmo? Que está tentando fazer? Abrir um buraco através do meu corpo, sem puxar o gatilho?

Pritcher recuou o seu desintegrador uns centímetros.

- Que está tentando me dizer?

- Digo que foi influenciado, que foi manobrado. Você não viu o Mulo instalar aquele hiper-detector, não viu ninguém fazê-lo. Limitou-se a encontrá-lo e presumiu que fosse o Mulo, e desde então presume que estava nos seguindo. Claro que o transmissor-receptor de pulso que o senhor usa entra em contato com a nave num comprimento de onda para o qual o meu não serve. Pensa que eu não sabia disso? - Falava agora rapidamente, encolerizado. A sua capa de indiferença diluíra-se em ferocidade. - Mas não é o Mulo que vem direto a nós do espaço exterior. Não é o Mulo.

- Quem, se não ele?

- Ora bem, quem supõe que seja? Encontrei o hiper-detector no dia em que partimos. Mas não pensei que fosse o Mulo. Ele não tinha razão para usar meios de tal maneira indiretos. Não vê o contra-senso? Se eu fosse um traidor e ele o soubesse, podia ser convertido tão facilmente como você o foi e ele obteria de meu espírito o segredo da localização da Segunda Fundação, sem me mandar correr através da Galáxia. Pode você guardar um segredo contra a vontade do Mulo? E se eu não sabia, então não podia conduzi-lo. Portanto, para que enviar-me em qualquer dos casos? É óbvio que o hiper-detector deve ter sido colocado por um agente da Segunda Fundação e é ele que vem agora direto a nós. E você teria sido enganado se o seu espírito precioso não tivesse sido influenciado? Que espécie de normalidade é a sua que pensa que uma tolice imensa seja a sensatez? Eu .trazer uma nave à Segunda Fundação? Que fariam eles com uma nave? É a você que eles querem, Pritcher. Você sabe mais sobre a União do que qualquer outra pessoa, exceto o Mulo e não é perigoso para eles, enquanto que ele é. Foi por isso que implantaram a direção da procura no meu espírito. Claro que me era impossível encontrar Tazenda procurando-a ao acaso, através da Lente. Sabia

isso, mas sabia que havia a Segunda Fundação nos seguindo e sabia que maquinaram as coisas assim. Por que não fazer o seu jogo? Era uma batalha de subterfúgios. Eles nos queriam e eu queria a sua localização e que o Espaço leve aquele que não puder iludir o outro. Mas somos nós que estamos perdendo enquanto você estiver me apontando esse desintegrador. E não é idéia sua, evidentemente, é deles. Me entregue o desintegrador, Pritcher. Sei que lhe parece um erro, porém não é o seu espírito que fala, é a Segunda Fundação dentro de si. Me entregue o desintegrador, Pritcher, e enfrentaremos juntos o que está para acontecer.

Pritcher enfrentava, horrorizado, uma confusão crescente. Casualidade! Podia estar tão enganado? Por que esta eterna dúvida sobre si mesmo? Por que não estava ele seguro? Que fazia Channis soar-lhe tão plausível?

Razoabilidade!

Ou era o seu próprio espírito torturado que lutava contra a invasão alheia? Estaria dividido em dois?

Viu, confusamente, Channis de pé à sua frente, de mão estendida, e certificou-se, de repente, que ia entregar-lhe o desintegrador.

E quando os músculos do seu braço estavam prestes a contrair-se de modo apropriado para fazê-lo, a porta se abriu, sem pressa, atrás de si e ele voltou-se.

Talvez haja homens na Galáxia que podem ser confundidos com outros, até por homens com todo o seu vagar. Correspondentemente, pode haver estados de espírito em que até indivíduos nada parecidos se confundam entre si. Todavia o Mulo ergue-se acima de qualquer combinação dos dois fatores.

Nem toda a agonia de espírito de Pritcher foi capaz de impedir o fluxo mental instantâneo de refrescante vigor que o inundou. Fisicamente, o Mulo não podia dominar qualquer situação, e não dominou aquela.

Era uma figura bastante ridícula no seu revestimento de roupas que o engordavam mais do que o normal, sem lhe permitir, mesmo assim, atingir dimensões normais. O seu rosto estava encoberto e o queixo habitualmente dominante ocupava o que restava com uma proeminência avermelhada pelo frio. Não podia, talvez, existir maior incoerência do que ver nele a salvação. Disse:

- Guarde o seu desintegrador, Pritcher.

Depois voltou-se para Channis, que encolhera os ombros e se sentara.

- O contexto emocional aqui existente parece bastante confuso e consideravelmente em conflito. O que é isso de alguém, a não ser eu, estar seguindo-os? Pritcher interveio vivamente:

- Foi colocado um hiper-detector na nossa nave por ordem sua, senhor?

O Mulo volveu-lhe um olhar frio.

- Com certeza. É muito provável que qualquer organização da Galáxia, a não ser a União dos Mundos, tivesse acesso a ela?

- Ele disse...

- Bem, ele está aqui, General. A citação indireta não é necessária. Estava dizendo alguma coisa, Channis?

- Sim, mas aparentemente errada, Senhor. Era minha opinião que o detector fora posto por alguém a soldo da Segunda Fundação e que fôramos conduzidos aqui por qualquer propósito deles, ao que eu estava preparado para me opor. Tinha, além disso, a impressão de que o general estava mais ou menos controlado por eles.

- Fala como se já não pensasse assim.

- De fato, não. Ou não seria o senhor que entraria por essa porta.

- Ora bem. Então vamos pôr tudo isso em pratos limpos. - O Mulo despiu a camada exterior de roupa, almofadada e aquecida eletricamente. - Importa-se de que eu também me sente? Ora, agora estamos seguros e inteiramente livres de qualquer perigo de intrusão. Nenhum natural deste pedaço de gelo terá vontade de se aproximar deste lugar, asseguro-lhes - e havia uma gravidade inflexível na sua insistência em relação aos seus poderes.

Channis mostrou o seu aborrecimento.

- Para que o isolamento? Alguém vai nos servir chá e trazer umas bailarinas?

- Dificilmente. Qual era essa sua teoria, meu rapaz? Um homem da Segunda Fundação estava seguindo sua pista por meio de um dispositivo que ninguém tem senão eu e... como disse que descobriu este lugar?

- Na aparência, senhor, parecia evidente, de acordo com os fatos conhecidos, que foram incutidas certas noções na minha cabeça...

- Pelos mesmos homens da Segunda Fundação?

- Não podem ser outros, suponho eu.

- Então não lhe ocorreu que, se um homem da Segunda Fundação pudesse forçá-lo, ou atraí-lo, ou induzi-lo a ir à Segunda Fundação para os seus próprios fins, presumo que imaginou ter ele empregado métodos semelhantes aos meus, embora, lembre-se, eu possa implantar apenas emoções e não idéias, não lhe ocorreu que se o pudesse fazer havia pouca necessidade de pôr um hiper-detector para segui-lo?

Channis levantou os olhos e encontrou os grandes olhos do seu senhor com um estremecimento súbito. Pritcher resmungou, e os seus ombros mostraram uma descontração visível.

- Não - disse Channis - isso não me ocorreu.

- Ou que, se eram obrigados a segui-lo, não podiam sentir-se capazes de o dirigir, e que, sem ser dirigido, podia ter infinitamente pouca probabilidade de descobrir o caminho como descobriu? Ocorreu-lhe isso?

- Também não.

- Por que não? O seu nível intelectual terá retrocedido a tal ponto muito-menos-que-provável?

- A única resposta é uma pergunta, senhor. Está aliando-se ao General Pritcher, acusando-me de traidor?

- Tem alguma defesa no caso de ser?

- Apenas a que apresentei ao general. Se eu fosse um traidor e conhecesse a localização da Segunda Fundação, o senhor poderia converter-me e apoderar-se do conhecimento diretamente. Se sentiu a necessidade de seguir a minha pista, então eu não teria conhecimento prévio e não seria um traidor. Respondo ao seu paradoxo com outro paradoxo.

- Então qual é a sua conclusão?

- Que não sou traidor.

- Com o que tenho de concordar, dado que o seu argumento é irrefutável.

- Então posso perguntar-lhe por que é que nos seguiu secretamente?

- Porque há uma terceira explicação para todos os acontecimentos. Tanto você como Pritcher explicaram alguns fatos à sua maneira individual, mas não todos. Eu, se me derem tempo, explicarei todos. E em relativamente pouco tempo, de modo que há pouco perigo para aborrecimento. Sente-se, Pritcher, e dê-me o desintegrador. Já não há perigo de sermos atacados. Por ninguém daqui e por ninguém de fora. Por ninguém, realmente, até da Segunda Fundação.

Graças a você, Channis.

A sala estava iluminada de forma Rossemiana habitual, por meio de fios aquecidos eletricamente. Havia uma única lâmpada suspensa do teto e, ao seu fosco brilho amarelado, os três projetavam suas sombras individuais.

O Mulo disse:

- Uma vez que achei necessário seguir a pista de Channis, é evidente que esperava lucrar alguma coisa com isso. Uma vez que ele se dirigiu para a Segunda Fundação a uma velocidade e sentido de direção espantosos, podemos supor, com toda a razão, que era isso que eu esperava que acontecesse. Uma vez que não adquiri o conhecimento diretamente dele, qualquer coisa me deve ter impedido. Esta é a verdade. Está entendendo Pritcher?

Contudo Pritcher disse, embaraçado:

- Não, Senhor.

- Então eu explico. Só um tipo de homem pode ao mesmo tempo conhecer a localização da Segunda Fundação e impedir-me de sabê-lo. Channis, receio que você seja, em pessoa, um homem da Segunda Fundação.

Os cotovelos de Channis apoiaram-se nos joelhos quando ele se inclinou para diante e respondeu por entre os lábios hirtos e encolerizados:

- Qual é a prova direta? A dedução provou, hoje, estar errada por duas vezes.

- Também há prova direta, Channis. Foi bastante fácil. Disse-lhe que os meus homens tinham sido influenciados. O influenciador tinha de ser, evidentemente, alguém que: a) fosse um Não-convertido e b) estivesse bastante próximo do centro das coisas. O campo era vasto, mas não inteiramente ilimitado. Você era bem-sucedido demais, Channis. As pessoas gostavam muito de você. Progrediu muito. Admirei-me... E então animei-o a encarregar-se desta expedição, e isso não o fez recuar. Observava as suas emoções. Não se sentia incomodado. Você mostrou confiança demais, Channis. Nenhum homem de real competência poderia ter evitado uma investida de incerteza diante de uma tarefa como esta. Visto que a sua mente a evitou, ou estava louca ou dominada. Foi fácil pôr à prova as opções. Apoderei-me de sua mente em um momento de descontração, enchi-o de aflição por um instante e depois retirei-a. Após isso, você encolerizou-se com uma arte tão consumada que eu podia ter jurado que fosse uma reação natural, se não fosse o que se passou primeiro. Pois que, quando forcei as suas emoções, só por um instante, por pequeno instante antes

de você poder dominar-se, sua mente resistiu. Era tudo quanto precisava saber. Ninguém poderia ter resistido, nem sequer por um pequeno instante, sem um domínio semelhante ao meu.

Channis respondeu em tom baixo e amargurado:

- Pois bem, e agora?

- Agora você vai morrer como um homem da Segunda Fundação que é. Absolutamente necessário, como suponho que imagina.

E mais uma vez Channis viu diante de si a ponta do cano de um desintegrador, dirigido desta vez por uma mente, não capaz como a de Pritcher de ser torcida de improviso para lhe servir, mas tão amadurecida como a sua e tão resistente à força como a sua. E tempo disponível para uma correção dos acontecimentos era exíguo.

O que se seguiu depois é difícil de descrever por alguém com o complemento normal dos sentidos e com incapacidade normal para o domínio emocional.

Essencialmente, foi isto o que Channis avaliou no pequeno espaço de tempo necessário para o polegar do Mulo se apoiar no gatilho: a caracterização emocional corrente do Mulo era de uma determinação dura e polida, não obscurecida pela mínima hesitação. Se Channis estivesse interessado, posteriormente, em calcular o tempo decorrido desde a determinação de atirar até à chegada das energias desintegradoras, poderia ter verificado que a margem de que dispunha era apenas de um quinto de segundo.

Era um tempo muito exíguo.

O que o Mulo verificou nesse exíguo espaço de tempo foi que o potencial emocional do cérebro de Channis se enrijou subitamente, sem a sua própria mente sentir qualquer impacto, e que, ao mesmo tempo, uma onda de puro ódio, de ódio impressionante, desabou sobre si, vinda de uma direção inesperada.

Foi esse novo elemento emocional que afastou seu polegar do contato. Nenhuma outra coisa poderia tê-lo conseguido. Quase juntamente com a alteração do seu modo de agir, veio a avaliação completa da nova situação.

Era um quadro que continha muito menos do que o significado dele proveniente exigiria, de um ponto de vista dramático. Lá estava o Mulo, de polegar afastado do desintegrador, fitando Channis intensamente. Lá estava Channis, rígido, não se atrevendo ainda respirar. E lá estava Pritcher,

convulsionado em sua cadeira, com cada um dos seus músculos num espasmódico ponto de ruptura, com cada um dos seus tendões estorcendo-se num esforço para saltar para frente, com o rosto finalmente contorcido, abandonado à rigidez resultante da disciplina, numa irreconhecível máscara da morte, de ódio horroroso, e os seus olhos apenas fixos no Mulo.

Apenas uma ou duas palavras foram trocadas entre Channis e o Mulo, apenas uma ou duas palavras e aquela corrente extremamente reveladora de consciência emocional, que continua sendo sempre o verdadeiro intercâmbio de compreensão entre homens como ele. Por causa das nossas próprias limitações é necessário traduzir em palavras o que se passou depois. Channis disse, tenso:

- Está entre dois fogos, Primeiro-cidadão. Não pode dominar duas mentes ao mesmo tempo, sendo uma delas a minha e, portanto, deve escolher. Pritcher agora está livre da sua conversão. Rompi os vínculos. É o antigo Pritcher, o que tentou assassiná-lo uma vez, o que pensou que o senhor é o inimigo de tudo o que é livre, justo e sagrado e, além disso, o que sabe que o senhor o forçou a uma adulação sem par durante cinco anos. Estou dominando-o através agora da supressão da sua vontade, contudo se o senhor me matar isso acaba e, num espaço de tempo consideravelmente menor do que lhe é necessário para mover o seu desintegrador ou até a sua vontade, ele o matará.

O Mulo compreendeu claramente que assim era. Não se mexeu.

Channis continuou:

- Se tentar voltar a colocá-lo sob seu domínio, para matá-lo, para fazer seja o que for, nunca será suficientemente rápido para voltar-se outra vez para me deter. - O Mulo permaneceu imóvel. Apenas um leve suspiro de compreensão. - Portanto - disse Channis - atire o desintegrador ao chão e permanecemos quites, e poderá voltar a contar com Pritcher.

- Cometi um erro - disse o Mulo, finalmente. - Foi um grave erro estar um terceiro presente, quando o enfrentei. Introduziu uma variável a mais. É um erro que deverá ser corrigido, suponho eu.

Deixou cair descuidadamente o desintegrador e chutou-o para o outro canto da sala. Simultaneamente, Pritcher caiu num sono profundo.

- Estará normal quando acordar - disse o Mulo, com indiferença.

Toda a troca de idéias, desde o momento em que o polegar do Mulo ameaçava disparar até ao momento em que deixou cair o desintegrador, durara menos de um segundo e meio. Contudo, imediatamente abaixo dos limites da

consciência, por um instante imediatamente acima dos limites da detecção, Channis notou um fugitivo clarão emocional na mente do Mulo. E era ainda um clarão de triunfo seguro e confiante.

UM HOMEM, O MULO, E OUTRO

Dois homens, aparentemente descontraídos e inteiramente à vontade, em pólos opostos sob o aspecto físico, com todos os nervos, que serviam como detectores emocionais, tensos.

O Mulo, pela primeira vez em longos anos, não tinha confiança suficiente no seu próprio destino. Channis sabia que, embora pudesse proteger-se por ora, seria um esforço muito grande para ele, ao passo que o ataque que o ameaçava não era nada disso para o seu adversário. Numa prova de resistência, Channis sabia que perderia.

Contudo seria mortal pensar nisso. Abandonar ao Mulo uma fraqueza emocional seria entregar-lhe uma arma. Há já aquele vislumbre, fosse do que fosse, fosse o que fosse de um vencedor, na mente do Mulo.

Ganhar tempo...

Por que os outros demoravam? Seria esse o motivo da confiança do Mulo? Que sabia o seu adversário que ele não sabia? A mente que vigiava nada lhe dizia. Se pudesse ler as idéias. E ainda assim... Channis deteve rudemente o seu rodopio mental. Havia apenas uma coisa a fazer: ganhar tempo...

Então Channis disse:

- Uma vez que está decidido e não foi negado por mim depois do nosso pequeno duelo por Pritcher, que eu sou um homem da Segunda Fundação, gostaria que me dissesse por que vim para Tazenda.

- Oh, não - e o Mulo riu, com maior confiança - eu não sou Pritcher, não tenho necessidade de lhe dar explicações. Você teve o que pensou serem as suas razões. Fossem elas quais fossem, os seus atos convinham-me e, por conseguinte, não tenho mais que averiguar.

- Deve haver, contudo, lacunas como essa na sua concepção da história. Será Tazenda a Segunda Fundação que esperava encontrar? Pritcher falou muito de sua outra tentativa para descobri-la, e do seu instrumento psicológico, Ebling Mis. Tagarelou um pouco algumas vezes sob o meu... hum... ligeiro encorajamento. Lembre-se de Ebling Mis, Primeiro Cidadão.

- Para quê?

- Confiança!

Channis sentiu aquela confiança emergir abertamente, como se, com a passagem do tempo, qualquer ansiedade que o Mulo pudesse ter fosse desaparecendo progressivamente.

Disse, reprimindo firmemente a arremetida do desespero:

- Então falta-lhe a curiosidade? Pritcher falou-me da enorme surpresa de Mis por qualquer coisa. A sua insistência drástica na celeridade se destinaria a um rápido aviso da Segunda Fundação? Por quê? Por quê? Ebling Mis morreu, a Segunda Fundação não foi avisada, e, contudo, a Segunda Fundação existe.

O Mulo sorriu com verdadeiro prazer, e num ímpeto repentino e surpreendente de crueldade que Channis sentiu com antecedência e que desapareceu subitamente.

- Contudo aparentemente a Segunda Fundação foi avisada. Caso contrário, como e por que motivo chegou um tal Bail Channis a Kalgan para manobrar os meus homens e encarregar-se da tarefa bastante ingrata de levar a melhor comigo? O aviso chegou muito tarde, eis tudo.

- Então - e Channis permitiu que a piedade transparecesse nele - o senhor desconhece o que seja a Segunda Fundação, ou seja, o que for do significado mais profundo de tudo o que se passou.

Ganhar tempo!

O Mulo sentiu a piedade do outro, e os seus olhos estreitaram-se numa hostilidade instantânea. Esfregou o nariz, no seu gesto familiar dos quatro dedos, e retrucou mordaz:

- Então se divirta. E daí, quanto à Segunda Fundação?

Channis falou deliberadamente mais por palavras do que por simbologia emocional. E disse:

- Pelo que ouvi, foi o mistério que cercava a Segunda Fundação que mais intrigou Mis. Hari Seldon fundou as suas duas unidades de modo tão diferente! A Primeira Fundação era uma ostentação que, em dois séculos, ofuscava metade da Galáxia. E a Segunda era um abismo escuro. Não compreenderá por que foi assim, a não ser que possa sentir mais uma vez a atmosfera intelectual dos tempos do Império moribundo. Era uma época de absolutos, das grandes generalidades finais, pelo menos em pensamento. Era obviamente um sinal de cultura decadente que fossem construídas barragens contra o desenvolvimento ulterior das idéias. Foi sua revolta contra essas barragens que tornou Seldon famoso. Havia nele aquela última fagulha de

criação juvenil que iluminou o Império com um brilho de pôr de sol e prefigurou obscuramente o Sol nascente do Segundo Império.

- Muito dramático. E então?

- Então criou as suas Fundações conforme as leis da psicohistória. Mas quem sabia melhor do que ele que até essas leis eram relativas? Ele nunca criou um produto acabado. Os produtos acabados são para as mentalidades decadentes. O seu mecanismo era evolutivo e a Segunda Fundação era o momento dessa evolução. Nós, Primeiro Cidadão da sua Temporária União dos Mundos, nós somos os guardiões do Plano de Seldon! Só nós!

- Está tentando falar para você mesmo para encorajá-lo - inquiriu o Mulo, com desprezo - ou está tentando impressionar-me? Porque a Segunda Fundação, o Plano de Seldon, o Segundo Império, tudo isso não me impressiona nem um pouco, nem atinge qualquer fonte de compaixão, simpatia, responsabilidade, nem qualquer outra fonte de auxílio emocional que possa tentar obter de mim. E seja como for, pobre louco, fale da Segunda Fundação, no pretérito, pois está destruída.

Channis sentiu a potência emocional que oprimia sua mente aumentar de intensidade, enquanto o Mulo se levantava da cadeira e se aproximava. Lutou furiosamente, mas qualquer coisa avançou de rastos, dentro de si, demolindo e vergando a sua mente para trás, cada vez mais para trás.

Sentiu a parede atrás de si e o Mulo ficou à sua frente, com os braços descarnados curvados, de mãos nas ancas, e os lábios sorrindo sardonicamente sob aquela montanha que era o seu nariz. O Mulo disse:

- Seu jogo chegou ao fim, Channis, o jogo de todos vocês, de todos os homens do que foi a Segunda Fundação. Do que era! Do que era! Para que estava aqui sentado à espera durante este tempo todo, com sua tagarelice para Pritcher, quando podia tê-lo derrubado e ter-lhe tirado o desintegrador sem o mínimo esforço físico? Estava à minha espera, não é? À minha espera para me receber numa situação que não despertaria minhas suspeitas. O pior para você é que eu não precisava despertar. Conhecia-o. Conhecia-o muito bem, Channis, da Segunda Fundação! Mas o que está esperando agora? Continua a atirar-me palavras como se o simples som da sua voz me imobilizasse na cadeira. E durante todo o tempo em que fala qualquer coisa sua mente está à espera, à espera, sempre à espera. Porém não vem ninguém, nenhum daqueles que espera, nenhum dos seus aliados. Está aqui sozinho, Channis, e sozinho ficará. Sabe por quê? Porque a Segunda Fundação avaliou-me mal até os últimos resquícios do

fim. Muito cedo conheci o plano deles. Pensaram que o seguiria aqui e seria carne para o cozido deles. Devia ser realmente uma isca, uma isca para um pobre mutante, tolo e fraco, tão obcecado pela conquista de um Império que cairia cegamente numa armadilha evidente. Mas estou prisioneiro deles? Pergunto a mim mesmo se lhes ocorreu que eu, dificilmente, viria aqui sem a minha esquadra, contra a artilharia de cada uma das unidades da qual estão inteira e lastimosamente indefesos. Teria lhes ocorrido que eu não faria uma pausa para discutir nem aguardaria os acontecimentos? As minhas naves foram lançadas contra Tazenda há doze horas e cumpriram integral e completamente a missão. Tazenda ficou em ruínas, os seus centros de população foram varridos da face do planeta. Não houve resistência. A Segunda Fundação já não existe Channis, e eu, o animal raro, o feio, o fraco, sou o Senhor absoluto da Galáxia.

Channis não pôde fazer mais nada senão menear debilmente a cabeça.

- Não... Não...

- Sim... Sim... - arremedou o Mulo. - E se é você o último que está vivo, e pode ser que seja, também não será por muito tempo.

Seguiu-se depois uma pausa, curta e cheia de expectativa, e Channis quase berrou com a dor súbita daquela penetração dilacerante dos mais recônditos tecidos da sua mente. O Mulo recuou e murmurou:

- Ainda não basta. Afinal de contas, não passa no exame. O seu desespero é falso. O seu medo não é acabrunhamento total que está ligado à destruição de um ideal, mas o medo menor da destruição pessoal, como que pingando gota a gota. - E a mão fraca do Mulo agarrou Channis pela garganta num aperto muito rápido, mas que Channis era incapaz de evitar. - Você é o meu seguro, Channis, é o meu guia e salvaguarda contra qualquer sub-avaliação que eu possa fazer. - Os olhos do Mulo passaram sobre ele. Insistentes... Inquisidores... - Terei calculado bem, Channis? Terei levado a melhor sobre os seus homens da Segunda Fundação? Tazenda está destruída, totalmente destruída, então por que é falso o seu desespero? Onde está a realidade? Tenho de ter a realidade e a verdade! Fale, Channis, fale. Não terei então penetrado bastante profundamente? O perigo ainda existe? Fale Channis! Onde foi que cometi um erro?

Channis sentiu as palavras serem-lhe arrancadas da boca. Não saíram voluntariamente. Cerrou os dentes contras elas, mordeu a língua, retesou todos os músculos da sua garganta. Todavia elas saíram arquejantes, puxadas à força e dilacerando-lhe a garganta, a língua e os dentes na sua trajetória.

- A verdade - guinchou ele - a verdade...

- Sim, a verdade. Que falta fazer?

- Seldon estabeleceu a Segunda Fundação aqui. Aqui, como eu disse. Não disse nenhuma mentira. Os psicólogos chegaram e dominaram a população nativa.

- De Tazenda? - O Mulo mergulhou mais profundamente nos conhecimentos emocionais do outro, puxando por eles brutalmente. - Foi Tazenda que eu destruí. Você sabe o que quero. Passe-me.

- Não de Tazenda. Eu disse que os homens da Segunda Fundação podiam não ser os que estavam aparentemente no poder. Tazenda é a figura de proa... - As palavras eram quase inaudíveis, formando-se por si mesmas contra cada um dos átomos da vontade do homem da Segunda Fundação. -Rossem... Rossem... Rossem... é o mundo...

O Mulo largou-o e Channis caiu, num acesso de dor e de tortura.

- E pensou enganar-me! - disse o Mulo, em voz baixa.

- E foi enganado! - Foi essa a última partícula moribunda de resistência em Channis.

- Porém não durante tempo suficiente para você e para os seus. Estou em comunicação com a minha Esquadra. E depois de Tazenda pode vir Rossem. Mas primeiro...

Channis sentiu levantar-se contra ele uma escuridão cruciante e o movimento automático para levar a mão aos olhos ofuscados não pôde desviá-la. Era uma escuridão que sufocava e enquanto sentia a mente dilacerada e ferida cambaleando para trás, recuando para o negrume eterno, lá estava o quadro do Mulo triunfante, qual fantasma a rir, com o longo nariz carnudo a estremecer de riso. O som desvaneceu-se. A escuridão abraçou-o amorosamente.

Terminou com o impacto súbito de uma sensação que era como o fulgor, em linha quebrada, de uma faísca de trovoada e Channis voltou lentamente à realidade, enquanto a vista lhe voltava, dolorosamente, transmitindo-lhe imagens embaçadas através dos olhos arrasados de lágrimas.

Doía-lhe a cabeça de maneira insuportável e era só com uma punhalada de dor atroz que conseguia levar uma das mãos a ela. Era evidente que estava vivo. Levemente, como pluma apanhada por uma corrente de ar que já houvesse passado, seus pensamentos aquietaram-se e amontoaram-se para descansar.

Sentiu-se embebido de conforto, vindo de fora. Lentamente, torturadamente, voltou o pescoço, e o alívio transformou-se numa angústia cortante.

É que a porta estava aberta e o Primeiro Orador estava de pé, precisamente no limiar. Tentou falar, gritar, avisá-lo, porém a língua permaneceu imóvel e ficou sabendo que uma parte da mente poderosa do Mulo ainda o mantinha preso e sufocava toda a fala dentro de si.

Voltou o pescoço mais uma vez. O Mulo ainda estava na sala. Estava encolerizado e de olhos faiscantes. Já não ria, todavia seus dentes estavam à mostra num sorriso feroz.

Channis sentiu a influência mental do Primeiro Orador descer suavemente sobre sua mente com um toque curativo, e houve depois uma sensação paralisante quando ela entrou em contato com a defesa do Mulo durante um instante de luta, e se retirou. O Mulo disse, com mordacidade, com uma fúria que era grotesca no seu corpo:

- Então temos outro me cumprimentando? - A sua mente ágil estendeu os seus tentáculos para fora da sala... para fora... para fora...

- Você está só - disse ele.

E o Primeiro Orador interrompeu-o com aquiescência:

- Estou inteiramente só. É necessário que esteja só, uma vez que fui eu que calculei mal o seu futuro, há cinco anos. Teria havido uma certa satisfação para mim em corrigir essa falha sem auxílio. Infelizmente, não contei com a força do seu Campo de Repulsão Emocional que circundava este lugar. Levou-me muito tempo a atravessá-lo. Felicito-o pela habilidade com que foi construído.

- Não lhe agradeço nada - retrucou com hostilidade - não troque cumprimentos comigo. Veio até aqui para juntar o seu fragmento de cérebro ao daquele pilar partido do seu país, que ali está?

O Primeiro Orador sorriu.

- Ora! O homem a quem chama Bail Channis cumpriu bem sua missão, tanto mais que não era nem de longe um rival seu. Posso ver, claramente, que o senhor o maltratou, mas pode ser que possamos deixá-lo inteiramente bom mesmo assim. É um homem valente, senhor. Apresentou-se como voluntário para esta missão, apesar de nós podermos prever, com precisão, uma enorme probabilidade de dano para a sua mente, uma alternativa mais de temer do que a do simples estropiamento.

A mente de Channis palpitava futilmente com o que queria dizer e não podia, com o aviso que queria gritar, e era incapaz de fazê-lo. Podia apenas emitir aquele fluxo contínuo de medo... medo...

O Mulo estava calmo.

- Sabe, evidentemente, da destruição de Tazenda.

- Sei. O ataque da sua Esquadra esta previsto.

Com um olhar mau:

- Sim, também penso que sim. Mas não prevenido, hem?

- Não, não prevenido. - A simbologia emocional do Primeiro Orador era clara. Era quase um horror de si mesmo, um desgosto de si próprio. - E a culpa é minha, mais minha do que sua. Quem poderia imaginar os seus poderes há cinco anos? Suspeitamos desde o início, desde o momento em que conquistou Kalgan, que o senhor tinha o poder do controle emocional. O que não era muito surpreendente, Primeiro Cidadão, como posso explicar-lhe. O contato emocional, tal como o senhor e eu possuímos, não é um desenvolvimento tão novo. Está, com efeito, implícito no cérebro humano. A maioria dos homens pode ler suas emoções de maneira primitiva, associando-as formalmente à expressão facial, tom de voz, etc. Um grande número de animais possui essa faculdade num grau mais elevado, utilizam, em grande parte, o sentido do olfato, e as emoções envolvidas são, obviamente, menos complexas. A espécie humana é, sem dúvida, capaz de muito mais, porém a faculdade de dirigir o contato emocional teve tendência para atrofiar-se com o desenvolvimento da fala, há um milhão de anos atrás. Foi o grande progresso da nossa Segunda Fundação deste sentido esquecido ter sido restabelecido em pelo menos algumas das suas potencialidades.

- Não nascemos, porém, com o seu uso total. Um milhão de anos de decadência é um obstáculo muito grande, e devemos educar o sentido, exercitá-lo como exercitamos os nossos músculos. E aqui está a diferença principal. O senhor nasceu como ele.

- Até aí pudemos nós calcular. Pudemos também calcular o efeito de tal sentido sobre uma pessoa em um mundo de homens que não o possuíam, o homem que enxerga em terra de cegos... Calculamos a extensão em que a megalomania se apoderaria de si, e calculamos que estávamos preparados. Mas não estávamos preparados para dois fatores.

- O primeiro era a grande extensão do seu sentido. Nós podemos induzir

o contato emocional apenas quanto à vista, razão por que somos mais indefesos contra as armas físicas do que o senhor imagina. A vista desempenha um enorme papel. Não é assim com você. Está definitivamente sabido que o senhor tenha tido homens sob o seu domínio, e, mais do que isso, tenha tido contatos emocionais íntimos com eles, quando estavam fora do seu campo de visão e fora do alcance auditivo. Isso foi descoberto muito tarde.

- Em segundo lugar, não conhecíamos seus defeitos físicos, particularmente do que lhe pareceu tão importante que adotou o nome de "O Mulo". Não previmos que era não um simples mutante, mas um mutante estéril, e o aumento da distorção psíquica devida ao seu complexo de inferioridade escapou-nos. Levamos em consideração apenas uma mania de grandezas e não uma paranóia intensamente psicopática. Sou eu o responsável por termos falhado, porque era eu o chefe da Segunda Fundação quando o senhor conquistou Kalgan. Quando destruiu a Primeira Fundação, descobrimos, mas tarde demais, e por causa dessa falha morreram milhões em Tazenda.

- E vai corrigir as coisas agora? - Os lábios finos do Mulo crisparam-se, sua mente palpitou de ódio. - Que vai fazer? Engordar-me? Restituir-me o vigor masculino? Tirar do meu passado a longa infância num meio estranho? Lamenta os meus sofrimentos? Lamenta minha infelicidade? Não me entristeço com o que fiz na minha necessidade. A Galáxia que se proteja como puder, já que não se mexeu para me proteger quando eu tive necessidade.

- Suas emoções são, logicamente - disse o Primeiro Orador - filhas do passado e não devem ser condenadas, simplesmente modificadas. A destruição de Tazenda era inevitável. A alternativa teria sido uma destruição maior através da Galáxia em geral, num período de séculos. Fizemos o melhor que pudemos com os nossos recursos limitados. Retiramos tantos homens de Tazenda quantos pudemos. Descentralizamos o resto do mundo. Infelizmente nossas decisões estiveram, por força, longe de ser as necessárias. Restaram muitos milhões para morrer. Não o lamenta?

- De modo algum. Lamento-os tanto quanto os cem milhões que devem morrer em Rossem, daqui a não mais de seis horas.

- Em Rossem? - perguntou o Primeiro Orador rapidamente. Voltou-se para Channis que conseguira, à custa de muito esforço, ficar meio sentado, e a sua mente exerceu sua força. Channis sentiu o duelo das mentes que se batiam por ele. Depois houve um curto período durante o qual as cadeias cederam, e as palavras jorraram em desordem de sua boca:

- Falhei completamente, senhor. Ele arrancou-me à força dez minutos antes de sua chegada. Não pude resistir-lhe e não tenho justificações a apresentar. Ele sabe que Tazenda não é a Segunda Fundação, sabe que é Rossem.

E as cadeias fecharam-se novamente sobre ele. O Primeiro Orador franziu o sobrolho.

- Estou vendo. Que pretende fazer?

- Tem realmente alguma dúvida? Acha realmente difícil decifrar a verdade? Durante todo o tempo em que esteve me falando sobre a natureza do contato emocional, todo este tempo em que esteve dirigindo-me palavras tais como mania de grandezas e de perseguições, tenho estado trabalhando Tenho mantido contato com a minha Esquadra e ela já tem suas ordens Dentro de seis horas, a menos que eu, por qualquer razão, dê ordem em contrário, bombardeará Rossem, exceto esta aldeia isolada e uma área de cento e cinqüenta quilômetros quadrados em seu redor. O senhor dispõe de seis horas e em seis horas, não conseguirá derrubar minha mente nem salvar o resto de Rossem.

O Mulo espalmou as mãos e riu mais uma vez, enquanto o Primeiro Orador parecia encontrar dificuldades em absorver este novo estado de coisas. Perguntou:

- A alternativa?

- Há alguma razão para haver ao menos uma alternativa? Não lucrarei mais com qualquer alternativa. É a mim que me compete defender as vidas dos habitantes de Rossem? Talvez, se permitirem às minhas naves pousar e se submeterem todos os homens da Segunda Fundação ao domínio mental, suficiente para servir os meus próprios fins, possa dar contra-ordem quanto ao bombardeio. Pode valer a pena submeter tantos homens de rara inteligência ao meu domínio. Mas por outro lado seria um esforço considerável, e talvez afinal de contas não valesse a pena, de modo que não estou particularmente interessado de que concorde com isso. Que me diz homem da Segunda Fundação? Que arma tem o senhor contra a minha mente, que é pelo menos tão forte quanto a sua, e contra as minhas naves, que são mais poderosas do que qualquer coisa que tenha sonhado possuir algum dia?

- Que arma tenho eu? - repetiu lentamente o Primeiro Orador. - Ora, nada, exceto um grãozinho, um grão pequenino de conhecimento que o senhor, mesmo agora, ainda não possui.

- Fale depressa - riu o Mulo - fale com imaginação. Por muito hábil que seja, desta o senhor não escapa.

- Pobre mutante! - exclamou o Primeiro Orador. - Não tenho nada de que fugir. Pergunte a si próprio por que razão Bail Channis foi enviado a Kalgan como isca, Bail Channis que, embora jovem e valente, é-lhe quase tão inferior no poder mental como este seu oficial adormecido, este Han Pritcher. Por que razão não fui eu, ou outro dos nossos chefes, que seria mais capaz de medir-se com você?

- Talvez - veio a resposta muito confiante - vocês não fossem suficientemente tolos, visto que talvez nenhum de vocês seja capaz de medir-se comigo.

- A verdadeira razão é mais lógica. O senhor sabia que Channis era um homem da Segunda Fundação. A ele faltava-lhe a capacidade para escondê-lo. E sabia, também, que lhe era superior, de modo que não tinha receio de fazer a jogada dele e de segui-lo como ele desejava a fim de levar a melhor sobre ele mais tarde. Se eu tivesse ido para Kalgan, o senhor teria me assassinado, porque eu teria sido um perigo real, ou teria evitado a morte ocultando a minha identidade, mas teria falhado em persuadi-lo a seguir-me no espaço. Foi só a inferioridade conhecida que o fez cair na armadilha. E se o senhor tivesse permanecido em Kalgan, nem toda a força da Segunda Fundação poderia causar-lhe dano, rodeado como estava pelos seus homens, pelas suas máquinas e pelo seu poder mental.

- O meu poder mental ainda o tenho comigo - disse o Mulo - e os meus homens e as minhas máquinas não estão muito longe.

- Na verdade assim é, porém o senhor não está em Kalgan. Está aqui, no Reino de Tazenda, que lhe foi evidentemente apresentado como a Segunda Fundação, muito logicamente apresentado. Tinha de ser assim apresentado, pois o senhor é um homem prudente, Primeiro Cidadão e seguiria apenas a lógica dos fatos.

- Exato. E foi uma vitória momentânea para o seu lado. Porém eu tinha tempo para sacar a verdade do seu homem, Channis, e ainda tinha a prudência suficiente para considerar que tal verdade podia existir.

- De nossa parte, porém, um lado não inteiramente suficiente e sutil, havíamos considerado que o senhor podia dar mais esse passo e, conseqüentemente, Bail Channis estava preparado para você.

- Isso não estava com certeza, porque lhe despi totalmente o cérebro, como um frango depenado. Ficou tremendo diante de mim, nu e aberto e quando ele disse que Rossem era a Segunda Fundação, era a verdade real, porque o

humilhara de tal maneira, deixara-o tão liso que nem um resíduo de engano poderia ter encontrado refúgio em qualquer fenda microscópica.

- É bem verdade. E tanto melhor para a sua perspicácia. Mas já lhe disse que Bail Channis era um voluntário. Sabe que espécie de voluntário? Antes de deixar a nossa Fundação para ir a Kalgan encontrar-se com você, submeteu-se a uma cirurgia emocional de natureza drástica. Acha que ele era suficiente para enganá-lo? Acha que Bail Channis, mentalmente intacto, teria possibilidade de enganá-lo? Não, o próprio Bail Channis foi enganado, por necessidade e voluntariamente. Bail Channis acredita honestamente, até ao âmago mais recôndito de sua mente, que Rossem é a Segunda Fundação. E durante três anos, até agora, nós, os da Segunda Fundação, erigimos a aparência dela aqui no Reino de Tazenda, preparando-nos e ficando à sua espera. E conseguimos, não conseguimos? O senhor chegou à Tazenda e, para além dela, até Rossem, mas não pode ir mais além.

O Mulo pôs-se de pé:

- Atreve-se a dizer-me que Rossem também não é a Segunda Fundação?

Channis, no chão, sentiu as suas cadeias rebentarem de vez sob um jorro de força mental por parte do Primeiro Orador, e endireitou-se. Soltou um grito longo e incrédulo:

- Quer dizer que Rossem não é a Segunda Fundação?

As lembranças de sua vida, o conhecimento do seu espírito, tudo girava obscuramente à sua volta, em confusão. O Primeiro Orador sorriu.

- Está vendo, Primeiro Cidadão? Channis está tão confuso como o senhor. Claro que Rossem não é a Segunda Fundação. Então nós seríamos tão doidos ao ponto de guiarmos ao nosso maior, mais poderoso e mais perigoso inimigo, para o nosso próprio mundo? Oh, não! Deixe a sua Esquadra bombardear Rossem, Primeiro Cidadão, se pretende levar as coisas assim, deixe-os destruir tudo quanto possam, porque, quando muito, podem matar apenas Channis e eu próprio e isso não o deixará numa situação privilegiada de nenhum modo.

- E isto porque a Expedição da Segunda Fundação a Rossem, que esteve aqui durante três anos e esteve em atividades temporariamente, como os Magistrados, nesta aldeia, embarcou ontem e está a caminho de Kalgan. Evitarão a sua Esquadra, evidentemente, e chegarão a Kalgan um dia antes do senhor lá chegar, razão por que lhe digo tudo isto. A não ser que eu dê contra-ordens, o senhor, quando regressar, encontrará um Império em revolta, um reino

desintegrado e apenas os homens que estiverem consigo, na sua Esquadra que aqui está, lhe permanecerão leais. Serão evidentemente inúteis em número. Além disso, os homens da Segunda Fundação terão se apoderado da sua Esquadra Metropolitana e tomarão as precauções para que o senhor não reconverta ninguém. O seu Império chegou ao fim, mutante.

Lentamente, o Mulo inclinou a cabeça, enquanto a cólera e o desespero bloqueavam sua mente.

- Sim, é muito tarde... muito tarde. . Agora estou pressentindo.

- Agora está vendo - concordou o Primeiro Orador - e já não está.

No desespero daquele momento, quando a mente do Mulo se expôs, aberta, o Primeiro Orador, preparado para esse momento e antecipadamente seguro de sua natureza, entrou nela celeremente. Foi necessária apenas uma fração de segundo bastante insignificante para consumar a transformação.

O Mulo ergueu os olhos e disse:

- Então volto para Kalgan?

- Decerto. Como se sente?

- Muitíssimo bem. - A sua testa enrugou-se. - Quem é o senhor?

- Isso tem alguma importância?

- Absolutamente não. - Abandonou o assunto e tocou no ombro de Pritcher. - Acorde, Pritcher, vamos para casa.

Apenas duas horas mais tarde Bail Channis se sentiu suficientemente forte para andar sozinho. Perguntou:

- Nunca se recordará?

- Nunca. Vai conservar os seus poderes mentais e o seu Império, mas suas motivações são agora inteiramente diferentes. A noção de uma Segunda Fundação é para ele um espaço vazio e é um homem de paz. Será também um homem muito mais feliz daqui para frente, durante os poucos anos de vida que o seu físico mal ajustado lhe permitir. E então, depois de ele morrer, o Plano de Seldon continuará, seja como for.

- E é verdade - inquiriu Channis - é verdade que Rossem não é a Segunda Fundação? Digo-lhe que poderia jurar que sei que é. Não estou louco.

- Não está louco, Channis, está simplesmente, como eu disse, transformado. Rossem não é a Segunda Fundação. Venha! Nós também vamos

regressar para casa.

ÚLTIMO INTERVALO

Bail Channis estava sentado no pequeno quarto de azulejos brancos e conservava sua mente em repouso. Estava contente por viver no presente. Via as paredes, a janela e a relva lá fora. Não tinham nomes. Eram apenas coisas. Havia uma cama e uma cadeira, e livros que se desfolhavam por si, na tela aos pés da cama. Havia a serviçal que lhe trazia a comida.

Á princípio fizera esforços para juntar os pedaços de coisas que ouvira. Tal como aqueles dois homens falando um com o outro. Um deles dissera:

- Agora afemia total. Está purificado, e suponho que sem danos. Será apenas necessário restituir-lhe o registro de sua caracterização original de ondas cerebrais.

Lembrava-se dos sons, e pareciam-lhe por qualquer razão sons peculiares, como se significassem alguma coisa. Mas para que se incomodava? Era melhor observar as lindas cores na tela ao pés da coisa em que estava deitado.

Depois entrou alguém que lhe aplicou uma coisa, e ele dormiu durante muito tempo. E quando aquilo passou, a cama tornou-se de súbito uma cama, soube que estava num hospital e as palavras de que se recordava faziam sentido. Sentou-se.

- Que aconteceu?

O Primeiro Orador estava a seu lado.

- Está na Segunda Fundação e voltou a ter a sua mente, a sua mente original.

- Sim! Sim! - Channis alcançou a realidade de ser ele mesmo, e havia nisso um triunfo e uma alegria incríveis.

- E agora me diga - disse o Primeiro Orador - agora sabe onde está a Segunda Fundação?

E a verdade chegou como uma onda enorme, e Channis não respondeu. Como Ebling Mis antes dele, estava consciente de uma surpresa única, enorme, paralisante. Até que, por fim, meneou a cabeça e disse:

- Pelas estrelas da Galáxia! Agora sei.

PARTE II – INVESTIGAÇÃO EFETUADA PELA FUNDAÇÃO

ARCÁDIA

DARELL, ARKADY, romancista, nascida em 11/5/362 E.F. e falecida em 1/7/443 E.F. Embora escritora de ficção, Arkady Darell é mais conhecida pela biografia de sua avó, Bayta Darell. Baseada em informações de primeira mão, serviu durante séculos como fonte principal de informação em relação ao Mulo e aos seus tempos... Tal como "Memórias Devassadas", a sua novela "O Tempo, o Tempo, e para além do Tempo" é um reflexo emocionante da brilhante sociedade Kalganiana dos princípios do Interregno, baseada, ao que se diz, numa visita a Kalgan na sua juventude...

Enciclopédia Galáctica

Arcádia Darell declamou com firmeza ao microfone do seu transcritor: "O Futuro do Plano de Seldon, por A. Darell", e depois pensou obscuramente que um dia, quando fosse uma grande escritora, escreveria todas as suas obras-primas sob o pseudônimo de Arkady, apenas Arkady, sem nenhum sobrenome.

"A. Darell" era precisamente a espécie de coisa que devia colocar em todos os seus temas de Composição e Retórica, tão desenxabida. Todas as outras crianças deviam fazê-lo também, à exceção de Olynthus Dam, já que a classe rira muito quando ele o fizera pela primeira vez. E "Arcádia" era um nome de moça pequena, que lhe tinham posto porque a bisavó também se chamava assim. Os seus pais não tinham mesmo nenhuma imaginação. Agora que tinha catorze anos e dois dias, era de pensar que reconhecessem o simples fato da idade adulta e lhe chamassem Arkady. Os seus lábios apertaram-se ao pensar no pai, desviando os olhos do visor de livros, durante o tempo apenas suficiente para dizer: - Mas se você continua fingindo que tem dezenove anos, que fará quando tiver vinte e cinco anos e todos os rapazes pensarem que tem trinta?

De onde estava estendida, atravessada na cadeira de braços especial, vislumbrava o espelho do toucador. Seu pé estorvava um pouco a vista, com a chinelo pendurado no dedo grande, portanto calçou-o e sentou-se com o pescoço bem ereto, duma maneira pouco natural que tinha a certeza, no entanto, de a aumentar em altura nada menos de cinco centímetros, dando-lhe um aspecto de realeza esbelta.

Durante um momento, considerou pensativamente seu rosto - demasiado gordo. Abriu os maxilares um centímetro, com os lábios fechados, e observou os

traços resultantes da magreza forçada, sob todos os ângulos. Lambeu os lábios com um ligeiro roçar da língua e os fez sobressair um pouco numa maciez úmida. Depois baixou as pupilas de um modo eloqüentemente aborrecido. Ora bolas! Ainda se as suas faces não fossem daquele cor-de-rosa idiota!

Tentou puxar os cantos dos olhos com os dedos, esticando um pouco as pálpebras para cima, para obter aquela languidez misteriosa e exótica das mulheres dos sistemas estelares interiores, porém suas mãos interpunham-se entre ela e o espelho, e não podia visualizar bem o rosto.

Depois levantou o queixo, admirou-se meio de perfil e, com os olhos um pouco enviesados por estar olhando pelos cantos e os músculos do pescoço a doerem-lhe levemente, disse, numa voz, uma oitava mais baixa do que o seu timbre normal: - Se o pai pensa realmente que me faz qualquer partícula de diferença, o que podem pensar alguns rapazes idiotas está mesmo...

Lembrou-se, então, de que tinha ainda o microfone aberto na mão, e, com um "ora bolas!", fechou-o. O papel ligeiramente cor-de-violeta com a margem cor-de-pêssego do lado esquerdo, apresentava escrito o seguinte:

O FUTURO DO PLANO DE SELDON

"Se o pai pensa realmente que me faz qualquer partícula de diferença o que podem pensar alguns rapazes idiotas, está mesmo... Ora bolas!"

Tirou a folha da máquina com aborrecimento, e outra folha saltou para o lugar daquela.

Sua expressão amenizou-se, no entanto, passado aquele vexame, e sua boca pequena franziu-se num sorriso de satisfação íntima. Apreciou o papel, fungando levemente. Absolutamente certo. Precisamente aquele toque apropriado de elegância e encanto. E a caligrafia era mesmo a última palavra. A máquina fora-lhe dada havia dois dias, no seu primeiro aniversário de adulta. Dissera ela:

- Pai, todos, todos mesmo os da minha classe que têm a mais ligeira pretensão de serem alguém, têm uma. Ninguém, senão alguns borra-botas usaria máquinas manuais...

O vendedor dissera:

- Não há modelo ao mesmo tempo tão compacto e tão adaptável. Ortografa e faz a pontuação de acordo com o sentido da frase. É, evidentemente, de grande valia para a educação, dado que encoraja quem a utiliza a empregar uma enunciação cuidadosa e a respirar de modo a ter certeza de soletrar

corretamente, para não falar em que exige uma maneira adequada e elegante de falar para se conseguir a pontuação correta.

Ainda assim, seu pai tentara ficar com uma equipada com caracteres tipográficos, como se ela fosse uma velha professora, antipática e solteirona.

Mas quando foi entregue, era o modelo que ela desejava, embora obtida com um pouco mais de choraminguice e de resmungos do que conviria à idade de catorze anos e a transcrição era fornecida numa escrita encantadora e inteiramente feminina, com as mais belas e graciosas maiúsculas que alguém já vira. Até a expressão "Ora bolas!" exalava encanto, fosse como fosse, quando escrita pelo transcritor.

Tinha, porém, do mesmo modo, que pôr aquilo em ordem. Sentou-se, portanto, ereta na cadeira, pôs o primeiro rascunho diante de si com um ar ocupado, e começou outra vez, nítida e claramente, com o abdome enco¬lhido, o peito levantado e a respiração cuidadosamente controlada. Entoou, com um fervor dramático:

- O Futuro do Plano de Seldon. A história da Fundação é, tenho certeza, bem conhecida de todos nós, que tivemos a sorte de sermos educados pelo sistema escolar do nosso planeta, eficiente e provido de bons professores.

(Pronto! Aquilo poria as coisas no bom caminho com Miss Erlking, aquela velha bruxa abjeta).

Essa história é, em grande parte, a história do Grande Plano de Hari Seldon. As duas são uma só. Mas a pergunta que está hoje no espírito da maioria das pessoas é a de saber se este Plano continuará, em toda a sua grande sabedoria, ou se será vergonhosamente destruído, ou ainda, se já não o foi, talvez, assim destruído.

Para compreender isto, parece melhor recapitularmos rapidamente alguns dos tópicos principais do Plano, tal como até aqui foi revelado à humanidade.

(Esta parte era fácil porque caíra História Moderna no semestre anterior).

Há quase quatro séculos, nos tempos em que o Império Galáctico estava decaindo para a estagnação que precedeu a morte final, um homem, o grande Hari Seldon, previu a aproximação do fim. Por meio da ciência da psicohistória, cuja intrínseca matemática foi esquecida já há muito tempo,

(Fez uma pausa provocada por uma pequena dúvida. Estava certa de que "intrínseca" se pronunciava como se o s fosse c cedilha, mas a ortografia não

parecia estar bem. Ora, a máquina dificilmente se enganaria...)

Ele e os homens que com ele trabalhavam eram capazes de predizer o curso das grandes correntes sociais e econômicas que então predominavam na Galáxia. Era-lhe possível considerar como certo que, entregue a si mesmo, o Império se dissolveria e que, depois disso, haveria pelo menos trinta mil anos de caos, precedendo o estabelecimento de um novo Império.

Era muito tarde para prevenir a grande Queda, porém era ainda possível, pelo menos, observar o período intermediário do caos. O Plano foi desenvolvido, por conseguinte, de maneira que apenas um simples milênio separaria o Segundo Império do Primeiro. Estamos completando o quarto século desse milênio, e muitas gerações de homens viveram e morreram en¬quanto o Plano de Seldon continuou a sua obra inexorável.

Hari Seldon estabeleceu duas Fundações nos extremos opostos da Galáxia, pela forma e sob as circunstâncias que se originaram da melhor solução matemática para o seu problema psicohistórico. Numa delas, a nossa Fundação, estabelecida em Terminus, foi concentrada na ciência física do Império e, através da posse dessa ciência, a Fundação foi capaz de resistir aos ataques dos reinos bárbaros que se separaram e se tornaram independentes nos con¬fins do Império.

A Fundação, na verdade, foi capaz de conquistar por sua vez estes reinos efêmeros por meio da chefia de uma série de homens experientes e heróicos como Salvor Hardin e Hober Mallow, que foram capazes de interpretar o Plano inteligentemente e de guiar a nossa terra através das suas (Aqui também escrevera "intrínseca", mas decidiu não se arriscar uma segunda vez) complicações. Todos os nossos planetas veneram ainda as suas memórias, apesar de séculos terem ficado para trás.

Eventualmente, a Fundação estabeleceu um sistema comercial que domi¬nou uma grande parte dos setores Anacreôntico e Siweniano da Galáxia, e derrotou até os restos do antigo Império sob o comando de seu último gran¬de general, Bel Riose. Cada uma das crises que Seldon previra surgira no seu tempo propício e fora resolvida, e a Fundação dera, com cada uma das soluções, um passo de gigante para o Segundo Império e para a paz.

E então, (A respiração faltou-lhe neste ponto, e ela sibilou as palavras entredentes. Mas o Transmissor simplesmente as escreveu, calma e graciosamente). tendo desaparecido os últimos vestígios do Primeiro Império, e apenas com ineficazes senhores da guerra a dominarem os fragmentos e os despojos do colosso caído, (Tirara aquela frase de um filme que vira pela

televisão na semana anterior, mas a velha Miss Erlking nunca ouvia nada senão sinfonias e preleções, de modo que nunca saberia), apareceu o Mulo.

Este homem estranho não estava previsto no Plano. Era um mutante, cujo nascimento não poderia ter sido predito. Tinha o poder estranho e misterioso de controlar e manipular as emoções humanas, e desta forma, podia sujeitar todos os homens à sua vontade. Com uma rapidez de cortar a respiração, tornou-se um conquistador e construtor de um Império, até que conseguiu, inclusive, derrotar a própria Fundação.

Nunca obteve, porém, o domínio universal, uma vez que foi detido na sua primeira investida esmagadora, pela sabedoria e atrevimento de uma grande mulher (Ali estava de novo aquele velho problema. O pai insistiria em que ela nunca deveria salientar o fato de ser neta de Bayta Darell. Todo mundo o sabia, e Bayta era talvez a mais proeminente de todas as mulheres que haviam existido, e detivera o Mulo sem auxílio de ninguém) de forma que a verdadeira história é conhecida na sua totalidade apenas por alguns poucos.

(Pronto! Se tivesse que ler aquilo na aula, aquela parte final poderia ser dita em voz abafada, e haveria, com certeza, alguém que perguntasse qual era a verdadeira história. E então, pois bem, e então não poderia deixar de dizer a verdade se lhe perguntassem, poderia? No seu espírito estava já, sem palavras, lançando-se numa explicação ofendida e eloqüente a um pai severo e perguntador).

Passados cinco anos de domínio restrito, verificou-se outra modificação, cujas razões não são conhecidas e o Mulo abandonou os seus planos de conquista subseqüente. Os seus últimos cinco anos foram os de um déspota iluminado.

Dizem alguns que a transformação do Mulo foi efetuada pela intervenção da Segunda Fundação. Contudo, ninguém jamais descobriu a localização exata desta outra Fundação, nem conhece a sua função exata, de modo que esta teoria se mantém não-provada.

Toda uma geração se passou desde a morte do Mulo. Qual será então o futuro, agora que ele apareceu e desapareceu? Ele interrompeu o Plano de Seldon e parecia tê-lo reduzido a frangalhos, embora, logo que morreu, a Fundação se tenha levantado de novo, como uma "Nova" das cinzas de uma estrela moribunda. (Isto era de sua autoria).

Mais uma vez o planeta Terminus constitui o centro de uma federação comercial quase tão grande e tão rica como antes da conquista, e até mais

pacífica e democrática.

Estará isto previsto? Estará o grande sonho de Seldon ainda vivo e se formará ainda um Segundo Império Galáctico daqui a seiscentos anos? Eu, por mim, assim o creio, porque (Esta era a parte mais importante. Miss Erlking continuava sempre fazendo aquelas garatujas a lápis vermelho, que diziam: "Mas isto é apenas descritivo. Quais são as suas reações pessoais? Pense! Exprima-se por si mesma! Penetre na própria alma!" Penetre na própria alma... Muito sabia ela acerca de almas, com seu semblante cor de limão que nunca sorrira na vida...) nunca, em tempo algum, a situação política foi tão favorável. O antigo Império está completamente morto e o período do domínio do Mulo pôs fim à época dos senhores da guerra que o precederam. A maior parte das extensões vizinhas da Galáxia está civilizada e pacífica.

Além disso, a situação interna da Fundação está melhor do que nunca. Os tempos despóticos das autoridades locais hereditárias anteriormente à conquista cederam lugar às eleições democráticas dos primeiros tempos. Já não há mundos dissidentes de comerciantes independentes, já não há injustiças e desajustamentos que acompanharam a acumulação de grandes fortunas nas mãos de poucos.

Não há razão, conseqüentemente, para temer o fracasso, a não ser que seja verdade que a Segunda Fundação represente por si mesma um perigo. Os que assim pensam não têm provas para confirmar sua convicção, mas apenas vagos receios e superstições. Penso que nossa confiança em nós mesmos, em nossa Nação e no grande Plano de Hari Seldon deveriam afastar dos nossos corações e dos nossos espíritos todas as incertezas e, (Hum! Isto era banal, mas esperava-se qualquer coisa assim para encerrar). portanto, digo...

Foi aqui que parou "O Futuro do Plano de Seldon", pois houve o ruído de leves pancadas na janela e, quando Arcádia se levantou sobre um dos braços da cadeira, deu de cara com um rosto sorridente atrás do vidro, cuja simetria de traços era interessantemente acentuada pela curta linha vertical de um dedo diante dos lábios.

Com a pequena pausa necessária para assumir uma atitude de perplexidade, Arcádia desmontou do braço da cadeira, dirigiu-se ao divã que enfrentava a grande janela onde surgira a aparição, e, ajoelhando-se sobre ele, olhou para fora pensativamente.

O sorriso nos lábios do homem sumiu rapidamente. Enquanto os dedos de uma das suas mãos embranqueciam com a força de se agarrar ao peitoril, fez

com a outra um sinal. Arcádia obedeceu calmamente e baixou a alavanca que fazia encaixar suavemente o terço inferior da janela na sua fenda da parede, permitindo ao ar quente da Primavera misturar-se com o condicionado do interior.

- Não pode entrar - disse ela, com afetação. - As janelas estão todas protegidas e dispostas de modo a abrirem-se apenas para as pessoas que moram aqui. Se entrar, desencadeará toda uma série de alarmas. - Fez uma pausa, e depois acrescentou: - Parece bastante idiota equilibrando-se nessa saliência por baixo da janela. Se não for cuidadoso, cai e quebra o pescoço e uma boa quantidade de lindas flores.

- Nesse caso - disse o homem à janela, que estivera pensando aquilo mesmo, com um arranjo ligeiramente diferente dos adjetivos - quer fazer o favor de desligar a proteção e me deixar entrar?

- Não pense nisso - disse Arcádia. - Está pensando talvez numa casa diferente, porque eu não sou o tipo de moça que deixa entrar homens estranhos nos seus... no seu quarto a estas horas da noite. - Os seus olhos, ao dizê-lo, mostravam-se pesadamente carregados de cólera, ou algo semelhante.

Todos os traços de humor haviam desaparecido do rosto do jovem estranho. Murmurou:

- Esta é a residência do Dr. Darell, não é?

- Por que razão haverei de lhe responder?

- Oh, Galáxia!... Adeus!...

- Se tentar, meu rapaz, darei o alarma pessoalmente. (Isto tinha a intenção de um golpe refinado e sofismado de ironia, uma vez que, aos olhos esclarecidos de Arcádia, o intruso era evidentemente um adulto de trinta anos, pelo menos, bastante mais velho do que ela, de fato).

Houve uma longa pausa. Depois ele disse, com energia:

- Ora bem. Olhe lá, garota, se não quer que eu fique e não quer que vá embora, que deseja que eu faça?

- Pode entrar. O Dr. Darell mora realmente aqui. Vou desligar a proteção.

Cautelosamente, após um olhar pesquisador, o jovem estendeu a mão através da janela e içou-se, entrando. Sacudiu a poeira dos joelhos com umas palmadas enérgicas, e levantou o rosto corado para ela.

- Tem certeza absoluta de que o seu caráter e reputação nada sofrerão

quando me encontrarem aqui, tem?

- Não tanto como a sua sofreria porque, logo que ouvir passos lá fora, gritarei, berrarei e direi que você forçou a entrada aqui.

- Ah, sim? - replicou ele, com uma cortesia exagerada. - E como tenciona explicar a abertura da proteção?

- Psiu! Isso seria fácil. Em primeiro lugar, não havia nenhuma proteção...

Os olhos do homem esbugalharam-se de desapontamento.

- Era tudo fingido? Que idade tem, garota?

- Considero, essa pergunta muito impertinente, meu rapaz. Não estou acostumada a ser tratada por "garota".

- Não me admiro. Talvez seja a avó do Mulo disfarçada. Importa-se de que eu saia agora, antes de arrumar algum linchamento, comigo no papel principal?

- Faria melhor em não sair, porque o meu pai o espera.

O olhar do homem tornou-se cauteloso. Um dos seus sobrolhos levantou-se, quando disse:

- Heim, esteve alguém com seu pai?

- Não.

- Alguém entrou em contato com ele ultimamente?

- Apenas gente metida no comércio, e você.

- Aconteceu algo extraordinário?

- Só você.

- Esqueça de mim, por favor. Não, não se esqueça de mim. Diga-me, como soube que seu pai me esperava?

- Oh, isso foi fácil. Na semana passada recebeu uma Cápsula Pessoal, daquelas que só podem ser abertas pela própria pessoa, com uma mensagem que se evapora por si. Sabe o que é. Atirou o invólucro da cápsula para o Desintegrador de Desperdícios, e ontem deu à Poli, que é a nossa criada, um mês de férias para ela poder visitar a irmã na cidade de Terminus, e esta tarde fez a cama do quarto dos hóspedes. Portanto, fiquei sabendo que ele esperava alguém e que eu não devia saber nada do assunto. Normalmente, conta-me tudo.

- Ah, conta? Surpreende-me que o faça. Eu pensava que você sabia tudo

antes de ele lhe contar.

- Habitualmente sei. - Depois riu. Estava começando a sentir-se muito à vontade. O visitante era mais velho, mas tinha um ar muito distinto, com o cabelo castanho anelado e olhos azuis. Talvez pudesse voltar a encontrar alguém semelhante, alguma vez, quando fosse mais velha.

- E como foi precisamente - perguntou ele - que soube que era a mim que ele esperava?

- Bem, quem poderia ser mais? Ele esperava alguém tão secretamente, compreende-se o que quero dizer e então você aparece por aqui, tentando esgueirar-se pelas janelas, ao invés de vir pela porta da frente, como faria se tivesse algum juízo. - Lembrou-se de um dito favorito e usou-o imediatamente: - Os homens são estúpidos!

- Está muito segura de si, não é verdade, garota? Isto é, menina. Podia estar enganada, sabe? Que aconteceria se eu lhe dissesse que tudo isto é um mistério para mim e que, tanto quanto sei, o seu pai aguardava qualquer outra pessoa e não a mim?

- Oh, não acredito nisso! Não lhe disse que entrasse senão depois de o ver deixar cair a sua pasta.

- A minha que?

- A sua pasta, rapaz. Não sou cega. Não a deixou cair por acidente porque olhou para baixo, primeiro, de modo a ficar seguro de que ela cairia bem. Então deve ter imaginado que cairia mesmo atrás das sebes e não seria vista, portanto deixou-a cair e não olhou depois para baixo. Ora, desde que pulou a janela ao invés de vir pela porta da frente, isso deve significar que tinha receio de se aventurar na casa antes de investigar o local. E depois de ter tido algumas dificuldades comigo, tomou cuidado com a sua pasta antes de tomar cuidado consigo, o que significa que considera, seja o que esteja na sua pasta, mais valioso do que a sua própria segurança e isso significa que, enquanto estiver aqui dentro e a pasta estiver lá fora e eu sei que está lá fora, você está desamparado com toda a probabilidade.

Fez uma pausa para uma inspiração necessária, e o homem disse, corajosamente:

- A não ser que eu pense em agredi-la até deixá-la semimorta, e em sair daqui com a pasta.

- A não ser, rapaz, que eu tenha um bastão de basebol debaixo da minha

cama, que posso alcançar em dois segundos de onde estou sentada. E sou muito forte para uma moça!

Beco sem saída. Finalmente, com uma cortesia forçada, o "rapaz" disse:

- É melhor apresentar-me, já que nos tornamos camaradas. O meu nome é Pelleas Anthor. E o seu?

- Arca... Arkady Darell. Prazer em conhecê-lo.

- E agora, Arkady, quer ser uma boa menina e chamar seu pai? Arcádia empertigou-se. - Não sou mocinha. Penso que é muito rude, especialmente quando está pedindo um favor.

Pelleas Anthor suspirou.

- Muito bem. Quer ser uma boa, amável e querida velhinha, cheinha de alfazema, e chamar seu pai?

- Também não era isso que eu queria dizer porém vou chamá-lo. Contudo nem assim tirarei os meus olhos de você, rapaz - e desatou a bater com os pés no chão.

Ouviu-se o som de passos apressados no vestíbulo, e a porta abriu-se de supetão.

- Arcádia. - Houve uma tênue explosão de ar expirado, e o Dr. Darell perguntou: - Quem é o senhor?

Pelleas endireitou-se, mostrando-se totalmente calmo.

- Dr. Toran Darell? Sou Pelleas Anthor. Creio que recebeu comunicação a meu respeito. Pelo menos, sua filha diz que recebeu.

- A minha filha diz que recebi? - Dirigiu-lhe um olhar de esguelha, de sobrolhos franzidos, que dirigiu inofensivo nos olhos bem abertos e na impenetrável teia de inocência com que ela enfrentou a acusação. O Dr. Darell disse, finalmente: - Estive à sua espera. Quer fazer o favor de descer comigo? - Contudo deteve-se quando seu olhar captou uma sombra de movimento, que Arcádia percebeu simultaneamente.

Correu para o Transcritor, o que era inteiramente inútil, visto que o pai estava ao pé dele. O pai disse, docemente:

- Você o deixou trabalhar durante este tempo todo, Arcádia.

- Pai - gaguejou ela, com autêntica angústia - é muito pouco cavalheiresco ler a correspondência privada de outra pessoa, especialmente

quando é correspondência falada.

- Ah, sim - disse o pai - porém isto é "correspondência falada" com um homem, um estranho, no seu quarto! Como pai, Arcádia, devo protegê-la contra o mal.

- Ora bolas! Não era nada disso.

Pelleas sorriu.

- Oh, isso é que era, Dr. Darell. A menina ia acusar-me de toda espécie de coisas, e devo insistir em que leia, mas que não seja para limpar o meu nome.

- Oh!... - Arcádia reteve as lágrimas com esforço. O seu próprio pai nem sequer confiava nela. E aquele maldito Transcritor... Se aquele idiota maluco não tivesse aparecido fazendo fosquinhas na janela, fazendo-a esquecer-se de desligá-lo. E agora o pai ia fazer longos e amáveis discursos sobre o que as moças não devem fazer. Não havia, ao que parecia, coisa nenhuma que elas devessem fazer exceto, talvez, angustiar-se e morrer.

- Arcádia - disse o pai, suavemente - não me apraz que uma menina. Bem o sabia. Bem o sabia. Seja tão impertinente para com homens mais idosos do que ela.

- Ora, o que é que ele esperava vindo espreitar pela minha janela? Uma senhora tem direito a não ser molestada... Agora terei de fazer outra vez toda a minha maldita composição.

- Não lhe compete avaliar sua correção aparecendo à sua janela. Devia simplesmente não o ter deixado entrar. Devia ter me chamado imediatamente, em especial se pensava que eu o esperava.

Ela disse, impertinente:

- Era exatamente a mesma coisa se o não tivesse visto... a esse estúpido. Vai dar cabo de tudo se continuar a dirigir-se às janelas ao invés de se dirigir às portas.

- Arcádia, ninguém pediu sua opinião quanto a assuntos de que nada sabe.

- Ah, isso é que também sei. É a Segunda Fundação, é o que é.

Houve um silêncio. Até Arcádia se sentiu um pouco nervosa, encolhendo o abdome. O Dr. Darell perguntou, suavemente:

- Onde foi que ouviu isto?

- Em parte alguma, mas que mais há que seja tão secreto? E não tem que se preocupar que eu diga a alguém.

- Sr. Anthor - disse o Dr. Darell - tenho de lhe pedir desculpa por tudo isto.

- Oh, está muito bem - foi a resposta, num tom bastante surdo. - Não é culpa sua se ela está vendida às forças da escuridão. Mas importa-se de que lhe faça uma pergunta antes de irmos? Menina Arcádia...

- Que deseja?

- Por que pensa que é estúpido entrar pelas janelas ao invés de entrar pelas portas?

- Por que se apregoa tolamente o que está tentando esconder. Se eu tivesse um segredo, não poria adesivo em minha boca para deixar todos sabendo que tinha um segredo. Falaria tanto como habitualmente, mas sobre qualquer outra coisa. Nunca leu nenhum dos ditos de Salvor Hardin? Foi o nosso primeiro Prefeito, sabe?

- Sim, sei.

- Pois bem, ele costumava dizer que só uma mentira que não tivesse vergonha de si mesma teria possibilidade de êxito. Também disse que nada devia ser verdadeiro, porém tudo devia soar verdadeiro. Pois bem, quando você entra por uma janela, é uma mentira que tem vergonha de si mesmo e não soa como verdade.

- Então que teria feito?

- Se fosse eu, e quisesse avistar-me com meu pai para cuidar de um assunto altamente secreto, travaria conhecimento com ele abertamente e o encontraria com ele para tratar de toda a espécie de coisas estritamente legítimas. E depois, quando todo mundo soubesse tudo a seu respeito e o relacionasse com o meu pai como um assunto de rotina, poderia ser tão altamente secreto que jamais alguém pensaria em supô-lo.

Anthor olhou para a moça de modo esquisito, e depois para o Dr. Darell. E disse:

- Vamos lá. Preciso apanhar uma pasta que está no jardim. Ah, um momento! Só uma última pergunta. Arcádia, tem realmente um bastão de basebol debaixo da cama, tem?

- Não, não tenho.

- Ah, pensei que tivesse.

O Dr. Darell parou à porta.

- Arcádia - disse ele - quando tornar a escrever a sua composição sobre o Plano de Seldon, não seja misteriosa sobre sua avó. Não há necessidade nenhuma de mencionar essa parte.

Ele e Pelleas desceram as escadas em silêncio. Depois, o visitante pergun¬tou, numa voz forçada:

- Importa-se de me dizer, senhor, que idade tem ela?

- Catorze anos, feitos anteontem.

- Catorze anos? Grande Galáxia!... E diga-me uma coisa. Já disse alguma vez que espera casar um dia?

- Não, não disse, pelo menos a mim.

- Bem, se ela algum dia o fizer, dê-lhe um tiro, ao que estiver para casar com ela, é claro. - Fitou sinceramente nos olhos o homem mais idoso. - Estou falando sério. A vida não poderia trazer-lhe maior horror do que viver com ela, como há de ser quando tiver vinte anos. Não tenho a intenção de ofendê-lo, evidentemente.

- Não me ofende. Julgo saber o que quer dizer.

Lá em cima, o objeto da terna análise deles enfrentou o Transcritor com um enfado revoltado e disse, estupidamente:

- Ofuturodoplanodeseldon. E o Transcritor, com um aprumo infinito, traduziu aquilo em elegantes e complicadas maiúsculas para:

"O FUTURO DO PLANO DE SELDON”

O PLANO DE SELDON

MATEMÁTICA. A síntese do cálculo de n- variáveis e de n-geometria dimensional é a base do que Seldon chamou uma vez "a minha pequena álgebra da humanidade..."

Enciclopédia Galáctica

Consideremos uma sala!

A localização da sala não está em questão no momento. É apenas suficiente dizer que nessa sala, mais do que em qualquer outro lugar, existia a Segunda Fundação.

Era uma sala que, através dos séculos, fora a morada da ciência pura. Não tinha, contudo, nenhuma das engenhocas a que a ciência, através de milênios de associação, acabou por ser considerada equivalente. Era, ao invés disso, uma ciência que lidava com conceitos matemáticos apenas, de modo semelhante à especulação das antigas, muito antigas raças, nos tempos primitivos, pré-históricos, antes da tecnologia vir a nascer, antes do Homem se haver espalhado para além de um só mundo, agora desconhecido.

Por um lado, havia naquela sala, protegida por uma ciência mental até então inatacável pelo poder físico combinado do resto da Galáxia, o Primeiro Radiante, que mantinha na sua vitalidade o Plano de Seldon, completo.

Por outro lado, havia também um homem nessa sala, o Primeiro Orador.

Era o décimo segundo na linha dos guardiões principais do Plano, e o seu título não tinha maior significação do que o fato de, nas reuniões dos chefes da Segunda Fundação, falar em primeiro lugar.

O seu antecessor derrotara o Mulo, porém os destroços dessa luta gigantesca ainda juncavam o caminho do Plano... Durante vinte e cinco anos, ele e a sua administração haviam tentado forçar uma Galáxia de seres humanos obstinados e estúpidos a regressar ao caminho... Era uma tarefa gigantesca.

O Primeiro Orador levantou os olhos para a porta que se abria. Até enquanto o fazia, na solidão da sala, considerava o seu quarto de século de esforço, que tão lenta e inevitavelmente se aproximava agora do seu clímax, até enquanto estivera tão ocupado, o seu espírito estivera considerando o recém-

chegado com uma expectativa amável. Um jovem, um estudante, um dos que, eventualmente, prosseguiriam a tarefa.

O jovem ficou parado no limiar, de modo que o Primeiro Orador se dirigisse a ele e o encaminhasse, com uma mão amigável pousada no ombro. O estudante sorriu com alguma timidez, e o Primeiro Orador correspondeu-lhe, dizendo:

- Primeiro devo dizer-lhe por que está aqui.

Estavam agora frente à frente, um de cada lado da mesa. Nenhum deles falava de maneira que pudesse ser reconhecida como tal, por qualquer homem na Galáxia, que não fosse igualmente membro da Segunda Fundação.

A linguagem foi, originariamente, o expediente por meio do qual o Homem aprendeu, imperfeitamente, a transmitir os pensamentos e emoções do seu espírito. Erigindo sons arbitrários e combinações de sons como representação de gradação de cores mentais, desenvolveu um método de comunicação, porém um método que, na sua inabilidade e pesada inadequação, fez degenerar toda a delicadeza do espírito numa transmissão grosseira e gutural de sinais.

Os resultados podem ser seguidos profundamente e todo o sofrimento que a humanidade conheceu pode ser avaliado apenas pelo fato de nenhum homem na história da Galáxia, até Hari Seldon e muito poucos homens depois dele, ter conseguido compreender realmente outro homem. Cada ser humano vivia atrás de uma parede impenetrável de névoa sufocante, dentro da qual ninguém mais existia senão ele. Havia, ocasionalmente, os sinais sumidos das profundidades da caverna em que outro homem estava metido, de modo que cada um podia caminhar às apalpadelas na direção do outro. Contudo, por não se conhecerem uns aos outros, não poderem compreender-se uns aos outros, não ousarem confiar uns nos outros, e sentirem desde a infância os terrores e insegurança desse isolamento definitivo, havia o medo da perseguição do homem pelo homem, a rapacidade selvagem do homem para com o homem.

Os pés, durante dezenas de milhares de anos, patinharam e arrastaram-se na lama, retendo os espíritos que, durante o mesmo tempo, estavam preparados para a companhia das estrelas. Com uma persistência implacável, o Homem procurara instintivamente iludir as grades da prisão da linguagem comum. Semântica, lógica simbólica, psicanálise, tudo foram expedientes por meio dos quais a linguagem pudesse ser apurada ou dispensada.

A psicohistória foi o desenvolvimento da ciência mental, ou antes, a sua

matematização final, que afinal obteve êxito. Através do desenvolvimento da matemática necessário para compreender os fatos da fisiologia dos nervos e da eletroquímica do sistema nervoso deviam ser investigados como forças nucleares, tornou-se primeiro possível desenvolver realmente a psicologia. E através da generalização do conhecimento psicológico do indivíduo para o grupo, a sociologia foi matematizada.

Os grupos maiores, os bilhões que ocupavam os planetas, os trilhões que ocupavam Setores, os quadrilhões que ocupavam toda a Galáxia, tornaram-se, não simples seres humanos, mas forças gigantescas suscetíveis de tratamento estatístico, de modo que, para Hari Seldon, o futuro tornou-se claro e inevitável, e o Plano pôde ser estabelecido.

Os mesmos progressos básicos da ciência mental que haviam conduzido ao desenvolvimento do Plano de Seldon, foram os que também tornaram desnecessário ao Primeiro Orador usar palavras para se dirigir ao Estudante. Cada reação a um estímulo, por muito ligeira que fosse, era completa¬mente indicativa de todas as modificações mínimas, de todas as correntes vacilantes que percorriam a mente do outro. O Primeiro Orador não podia sentir instintivamente o conteúdo emocional da mente do Estudante, como o Mulo teria sido capaz de fazer, dado que o Mulo era um Mutante, com poderes nem sempre suscetíveis de se tornarem compreensíveis para qualquer homem normal, nem sequer para um homem da Segunda Fundação, antes o deduzia como resultado de um treino intensivo.

Uma vez, porém, que é intrinsecamente impossível em uma sociedade baseada na linguagem indicar realmente o método de comunicação dos homens da Segunda Fundação entre si, todo este assunto será ignorado daqui em diante. O Primeiro Orador será representado como falando de maneira normal, e se a tradução não é sempre inteiramente válida, é pelo menos o melhor que pode fazer-se dadas as circunstâncias.

Fingir-se-á, por conseguinte, que o Primeiro Orador disse, de fato, "Primeiro devo dizer-lhe por que está aqui", ao invés de sorrir precisamente de certo modo e levantar um dedo exatamente de certa maneira. O Primeiro Orador disse:

- Estudou ciência mental com afinco e bem durante a maior parte de sua vida. Absorveu tudo o que os seus professores podiam dar-lhe. E tempo para você e para uns quantos outros como o senhor, de começarem a aprendizagem para Oradores.

Agitação do outro lado da mesa.

- Não... Deve aceitar isto impassivelmente. O senhor tinha esperança de ser aprovado. Temia não sê-lo. De fato, tanto a esperança como o temor são fraquezas. O senhor sabia que seria aprovado e hesitou em admitir o fato porque tal conhecimento podia marcá-lo como demasiado senhor de si e, portanto, não servindo. Disparate! O homem mais estúpido é aquele que não tem consciência de ser sabedor. Faz parte de sua aprovação que soubesse que seria aprovado.

Descontração do outro lado da mesa.

- Exatamente. Agora sente-se melhor e sua guarda baixou. Está mais apto para se concentrar e mais apto para compreender. Lembre-se de que, para dar verdadeiro resultado, não é necessário manter a mente atrás de uma barreira apertada e controlada que, para a sondagem inteligente, é tão informativa como uma mentalidade nua. Deve-se, de preferência, cultivar inocência, conhecimento de si mesmo e consciência desinteressada de si mesmo, que não deixa a uma pessoa nada para esconder. A minha mente está aberta para você. Deixe que seja assim para nós dois. - E continuou: - Não é fácil ser Orador. Em primeiro lugar, não é fácil ser um Psicohistoriador, e nem o melhor Psicohistoriador deve necessariamente qualificar-se para ser um Orador. Há aqui uma distinção a fazer. Um Orador deve não só ter conhecimento das complicações matemáticas do Plano de Seldon, como deve ter simpatia por ele e pelos seus fins. Deve amar o Plano, deve ser para ele a vida e o alento. Mais do que isso, deve ser para ele um amigo vivo. Sabe o que é isto?

A mão do Primeiro Orador ondulou suavemente por cima do cubo negro e brilhante no meio da mesa. Não tinha nenhuma característica essencial.

- Não, Orador, não sei.

- Ouviu falar do Primeiro Radiante?

- Isto? - Espanto.

- Esperava algo mais nobre e inspirador de temor respeitoso? Bem, é natural... Foi criado nos tempos do Império pelos homens do tempo de Seldon. Durante quatrocentos anos tem servido perfeitamente as nossas necessidades sem precisar de reparações ou afinações. E felizmente que assim é, dado que ninguém da Segunda Fundação está habilitado a manejá-lo de qualquer forma técnica. - Sorriu suavemente. - Os da Primeira Fundação seriam capazes de fazer outro, mas é claro que jamais devem saber de sua existência.

Baixou a alavanca do seu lado da mesa e a sala ficou na escuridão.

Apenas por um momento, porém, uma vez que, com um vigor gradualmente aumentado, duas das longas paredes da sala brilharam intensamente. Primeiro, um branco pérola, sem matizes, depois um traço de ligeiro negrume aqui e ali e, finalmente, as equações perfeitamente nítidas, impressas a preto, com uma ou outra linha vermelha que ondulava através daquela floresta mais escura, como um ribeirinho coleante.

- Venha cá, meu rapaz, fique aqui de pé diante da parede. Não fará sombra. Esta luz não irradia do Radiante de maneira normal. Para lhe dizer a verdade, não tenho nem a mais vaga idéia do meio por que é produzido este efeito, mas você não fará sombra. Tenho certeza que não.

Puseram-se ambos de pé, no meio da luz. Cada uma das paredes tinha dez metros de comprimento e quatro de altura. Os caracteres eram pequenos e cobriam inteiramente a superfície.

- Isto não é o Plano todo - disse o Primeiro Orador. - Para escrevê-lo todo em ambas as paredes, as equações individuais deveriam ser reduzidas a dimensões microscópicas, porém não é necessário. O que vê agora representa as partes principais do Plano. Aprendeu isto, não aprendeu?

- Sim, Orador, aprendi.

- Reconhece alguma parte?

Um pequeno silêncio. O Estudante apontou com um dedo e, quando o fez, a linha de equações desceu pela parede até a simples série de operações em que pensara (dificilmente poderia considerar-se o rápido e largo gesto do dedo como tendo sido suficientemente preciso) ficar ao nível da vista. O Primeiro Orador riu de leve.

- Há de verificar que o Primeiro Radiante está sintonizado com o seu espírito. Pode esperar mais surpresas desta pequena engenhoca. Que ia dizendo sobre a equação que escolheu?

- Que é... - balbuciou o Estudante -... que é uma integral de Rigell, utilizando a distribuição planetária de uma tendência indicadora da presença de duas classes econômicas principais no Planeta, ou talvez num setor, adicionando-lhe um padrão emocional instável.

- E que significa?

- Representa o limite de tensão, dado que temos aqui - apontou e, mais uma vez, as equações desceram - uma série convergente.

- Muito bem - disse o Primeiro Orador. - E diga-me o que pensa de tudo isto. Que é uma obra de arte acabada, não é?

- Sem dúvida!

- Errado! Não é. - Disse isto com uma voz estridente. - Esta é a primeira lição do que deve desaprender. O plano de Seldon não é nem completo nem correto. Ao invés disso, é apenas o melhor que podia ser feito na época. Mais de uma dúzia de gerações de homens esquadrinharam estas equações, trabalharam sobre elas, separaram-nas até à última parcela decimal e voltaram a juntá-las. Fizeram mais do que isso. Viram passar quase quatrocentos anos e confrontaram a realidade com as predições e equações, e assim aprenderam.

- Aprenderam mais do que Seldon alguma vez soube e se pudéssemos repetir o trabalho de Seldon com o conhecimento acumulado desses séculos, poderíamos fazer obra melhor. Não é isto perfeitamente claro para você?

O estudante parecia chocado.

- Antes de obter a sua aptidão para Orador - continuou o Primeiro Orador - deverá fornecer uma contribuição original para o Plano. Não é assim uma blasfêmia tão grande. Cada uma das marcas vermelhas que vê na parede é a contribuição de um dos nossos homens que viveram depois de Seldon. Ora... ora. Vejamos - e olhava para cima. - Ali!

A parede toda pareceu desabar sobre ele.

- Isto - disse ele - é a minha. - Uma linha vermelha, muito fina, circundava duas setas e incluía dois metros quadrados de deduções ao longo de cada uma das direções indicadas. Entre as duas havia uma série de equações em vermelho.

- Não parece - disse o Orador - ser muito. Está num ponto do Plano que não atingiremos senão daqui a um tempo tão longo como o que já passou. Está no período de união, quando o Segundo Império que há de vir é de personalidades rivais que ameaçarão dividi-lo, se a luta for equilibrada ou fixá-lo numa situação de rigidez, se a luta for desequilibrada. Ambas as possibilidades estão aqui consideradas, seguidas, e está indicado o método de evitar a ambas. No entanto, é tudo uma questão de probabilidades e pode existir um terceiro curso. É um de verossimilhança comparativamente baixa, de doze ponto sessenta e quatro por cento, para ser exato, mas até contingências menores já se verificaram e o Plano está apenas quarenta por cento completo Esta terceira probabilidade consiste num possível compromisso entre duas ou mais das personalidades em conflito que foram consideradas. Isto, demonstrei eu, congelaria o Segundo Império num

molde inútil, e depois, eventualmente, infligiria mais danos por meio de guerras civis do que os que se verificariam se um compromisso não houvesse sido feito em primeiro lugar. Felizmente, isso também pôde ser evitado. E foi essa a minha contribuição.

- Se posso interrompê-lo, Orador... Como é feita uma modificação?

- Por meio da organização do Radiante. Verá no seu próprio caso, por exemplo, que a sua matemática será rigorosamente verificada por cinco juntas diferentes, e que lhe será exigido que a defenda contra um ataque preparado e sem tréguas. Dois anos se passarão, e o seu desenvolvimento será novamente revisto. Aconteceu mais de uma vez que um trabalho aparentemente perfeito tenha revelado os seus enganos só de um período de indução de meses e anos. Às vezes, o próprio contribuinte descobre a falha.

- Se, passados dois anos, outro exame, não menos pormenorizado do que o primeiro, ainda é favorável e, melhor ainda, se no intervalo o cientista descobriu pormenores adicionais, evidência subsidiária, a contribuição será adicionada ao Piano. Foi o auge da minha carreira, será o auge da sua. O Primeiro Radiante pode ser ajustado à sua mente, e todas as correções e adições podem fazer-se através de conexão mental. Não haverá nada que indique que a correção ou adição seja sua. Nunca, em toda a história do Plano, houve personalização. É antes uma criação de todos nós. Compreende?

- Sim, Orador!

- Então, basta. - Alguns passos para o Primeiro Radiante, e as paredes voltaram a ficar vazias, exceção feita da zona da iluminação normal da sala, ao longo de sua parte superior. - Sente-se aqui em frente da minha mesa e deixe-me falar com você. É suficiente para um Psicohistoriador, como tal, saber a sua Bioestatística e a sua Eletromatemática neuroquímica. Alguns não sabem mais nada e estão credenciados apenas a serem técnicos estatísticos. Mas um Orador deve ser capaz de discutir o Plano sem Matemática. Se não o Plano em si mesmo, pelo menos a sua filosofia e os seus objetivos. Antes de tudo, qual é o objetivo do Plano? Diga-me, por favor, pelas suas próprias palavras, e não tente procurar às apalpadelas uma opinião favorável. Asseguro-lhe que não será julgado pela sua polidez e suavidade.

Era a primeira oportunidade do Estudante para dizer mais do que um dissílabo, e ele hesitou antes de mergulhar no espaço de expectativa aberto à sua frente. Disse, com timidez:

- Como resultado do que aprendi, penso que é intenção do Plano

estabelecer uma civilização humana baseada numa orientação inteiramente diferente de tudo o que haja existido anteriormente, orientação essa que, de acordo com as descobertas da Psicohistória, não poderia jamais nascer espontaneamente...

- Alto! - O Primeiro Orador foi categórico. - Não deve dizer "jamais". Isso é uma preguiçosa apreciação superficial dos fatos. Na verdade, a Psicohistória prediz apenas probabilidades. Um acontecimento particular pode ser infinitesimalmente provável, contudo a probabilidade é sempre maior do que zero.

- Sim, Orador. Se posso então corrigir-me, a orientação desejada é bem conhecida como não tendo probabilidade significativa de vir a verificar-se espontaneamente.

- Melhor. Qual é a orientação?

- É a de uma civilização baseada na ciência mental. Em toda a história conhecida da Humanidade, os progressos foram feitos, em primeiro lugar, na tecnologia física, na capacidade de manejar o mundo inanimado ao redor, do Homem. O domínio de si mesmo e da sociedade foi deixado ao acaso ou às vagas apalpadelas de sistemas éticos intuitivos, baseados na inspiração e na emoção. Como resultado, jamais existiu uma cultura vinte e cinco por cento mais estável, e estas apenas como resultado de uma grande miséria humana.

- E por que não é espontânea a orientação de que falamos?

- Porque uma larga minoria de seres humanos está mentalmente equipada para tomar parte no progresso da ciência física, e todos recebem os benefícios visíveis e sem preparação dela resultantes. Só uma minoria insignificante, porém, é inerentemente capaz de guiar o Homem através das maiores implicações da Ciência Mental, e os benefícios dela derivados, embora mais duradouros, são mais sutis e menos aparentes. Além disso, desde que tal orientação levasse ao desenvolvimento de uma ditadura benevolente dos mentalmente melhores, virtualmente uma subdivisão mais elevada do Homem seria mal recebida e não poderia ser estável sem a aplicação de uma força que rebaixaria o resto da Humanidade ao nível dos brutos. Tal desenvolvimento é repugnante e deve ser evitado.

- Qual é então a solução?

- A solução é o Plano de Seldon. Foram preparadas e mantidas condições de tal modo que, num milênio a partir de seu início, seiscentos anos a partir de agora, terá se estabelecido um Segundo Império Galáctico no qual a

Humanidade estará pronta para o domínio da Ciência Mental. Nesse mesmo intervalo, a Segunda Fundação, no seu desenvolvimento, terá produzido um grupo de Psicólogos apto para assumir a chefia. Ou, como pensei muitas vezes, a Primeira Fundação fornece a armação física de uma simples unidade política, e a Segunda Fundação fornece a armação mental de uma classe governante já feita.

- Estou vendo. Bastante adequado. Pensa que qualquer Segundo Império, ainda que formado no termo estabelecido por Seldon, servirá como cumprimento do seu Plano?

- Não, Orador, creio que não. Há vários Segundos Impérios possíveis que podem formar-se no período de tempo entre novecentos e mil e setecentos anos depois do início do Plano, mas só um deles é o Segundo Império.

- E em vista de tudo isto, por que é necessário que a existência da Segunda Fundação seja oculta, acima de tudo, da Primeira Fundação?

O Estudante procurou um sentido oculto na pergunta, porém não conseguiu localizá-lo. Perturbou-se na sua resposta:

- Pela mesma razão por que os detalhes do Plano, como um todo, devem ser ocultos da Humanidade em geral. As leis da Psicohistória são estatísticas por natureza e tornam-se inválidas se as ações dos homens individuais não forem casuais por natureza. Se um grupo considerável de seres humanos soubesse dos pontos-chave do Plano, suas ações seriam governadas por esse conhecimento e deixariam de ser casuais no sentido dos axiomas da Psicohistória. Por outras palavras, deixariam de ser perfeitamente previsíveis. Desculpe-me, Orador, mas sinto que a resposta não é satisfatória.

- Está bem que o faça. Sua resposta é absolutamente incompleta. É a própria Segunda Fundação que deve ser oculta, e não apenas o Plano. O Segundo Império não está ainda formado. Ainda temos uma sociedade que receberia mal uma classe governante de psicólogos, que recearia o seu desenvolvimento e lutaria contra ela. Compreende isso?

- Sim, Orador, compreendo. Este ponto nunca foi desenvolvido...

- Não minimize. Nunca foi apresentado em aula, embora o senhor fosse capaz de deduzi-lo. Este e muitos outros pontos apresentaremos agora e no futuro próximo, durante a sua aprendizagem. Voltará a me ver daqui a uma semana. Gostaria de ter, nesse momento, comentários seus quanto a um problema que vou lhe apresentar agora. Não exijo um tratamento completo e rigorosamente matemático. Isso levaria um ano para um perito e não uma semana para você. Mas quero uma indicação quanto a tendências e direções...

- Tem aqui uma bifurcação no Plano num período de tempo de meio século. Os detalhes necessários estão incluídos. Notará que o caminho seguido pela realidade presumida diverge de todas as predições previstas, sendo a sua probabilidade de menos de um por cento. Fará a estimativa do tempo durante a qual a divergência pode continuar antes de tornar-se incorrigível. Considere também o fim provável caso não seja corrigida, e um método razoável de correção.

O estudante mexeu o visor ao acaso e olhou insensivelmente para as passagens apresentadas na pequena tela incorporada. Disse:

- Por que este problema particular, Orador? Tem evidentemente um significado que não é de modo nenhum puramente acadêmico.

- Obrigado, rapaz. É tão rápido como eu esperava. O problema não é suposto. Há perto de meio século, o Mulo irrompeu na história Galáctica e foi, durante dez anos, o maior acontecimento do universo. Não haviam sido tomadas providências quanto a ele, era imprevisto. Fez vergar o Plano com relativo perigo, mas não fatalmente. Para detê-lo antes de se tornar fatal, fomos, contudo, forçados a tomar parte ativa contra ele. Revelamos nossa existência e, infinitamente pior, uma parte do nosso poder. A Primeira Fundação soube de nós, e as suas ações são previstas contando com esse conhecimento. Observe no problema apresentado. Aqui, e aqui. Naturalmente, não falará disto a ninguém.

Houve uma pausa forçada quando a compreensão se infiltrou no espírito do estudante. Ele disse:

- Então o Plano de Seldon falhou?

- Ainda não. Pode apenas ter falhado. As probabilidades de êxito são ainda de vinte e um ponto quatro por cento, segundo o último cálculo.

OS CONSPIRADORES

Para o Dr. Darell e Pelleas Anthor, as noites passavam-se em conversa amigável e os dias em trivialidades agradáveis. Podia ser uma visita normal. O Dr. Darell apresentara o jovem como um primo do espaço anterior, e o interesse fora abrandado pelo clichê.

Fosse como fosse, porém, podia ser mencionado um nome no meio da conversa vulgar. Haveria uma solicitude fácil, e o Dr. Darell poderia dizer "não" ou poderia dizer "sim". Uma chamada pelo circuito aberto da Onda Comum fez um convite casual: "Quero que conheça o meu primo".

E os preparativos de Arcádia prosseguiram à sua própria maneira. De fato, os seus atos poderiam ser considerados os menos honestos de todos. Por exemplo, convenceu Olynthus Dam, na escola, a oferecer-lhe um receptor de som completo, de fabrico caseiro, por métodos que indicavam que o seu futuro prometia perigo para todos os homens com quem pudesse entrar em contato. Para evitar detalhes, diremos apenas que demonstrou um tal interesse na ocupação predileta de Olynthus, por ele mesmo reclamada - tinha uma oficina caseira - combinado com uma tão bem modulada transferência deste interesse para as feições bochechudas do próprio Olynthus, que o infeliz rapaz se encontrou: 1) discorrendo muito longa e animadamente sobre os princípios do motor de hiper-ondas, 2) tornando-se nebulosamente consciente dos grandes olhos, absortos, que pousavam tão de leve nos seus, 3) pondo à força nas mãos condescendentes dela a sua maior criação, o supracitado receptor de som.

Arcádia continuou depois a cultivar as relações com Olynthus em grau cada vez menor, precisamente durante o tempo suficiente para afastar toda a suspeita de o receptor de som ter sido a causa de sua amizade. Durante alguns dos meses que se seguiram, Olynthus tateou repetidamente, com os tentáculos do espírito, a memória daquele curto período de sua vida, até que, finalmente, por falta de suplemento, desistiu e deixou-a escapulir.

Quando veio a sétima noite, e se sentaram cinco homens na sala de estar de Darell fumando, depois do jantar, a escrivaninha de Arcádia, no andar de cima, estava ocupada por aquele produto caseiro totalmente irreconhecível da ingenuidade de Olynthus.

Cinco homens, portanto, O Dr. Darell, obviamente com o seu cabelo grisalho e meticuloso no vestir, parecendo um tanto mais velho do que os seus

quarenta e dois anos, Pelleas Anthor, perspicaz e sério, parecendo jovem e inseguro de si e os três novos homens: Jole Turbor, produtor de televisão, volumoso e de lábios grossos, Dr. Elvett Semic, professor jubilado de física da Universidade, magríssimo e enrugado, com as roupas a dançarem-lhe no corpo, Homir Munn, bibliotecário, antipático e muitíssimo pouco à vontade.

O Dr. Darell discorreu com facilidade, num tom normal e trivial:

- Este encontro foi combinado, meus senhores, por um pouco mais do que simples razões sociais. Podem tê-lo adivinhado. Dados que foram escolhidos propositadamente por causa dos antecedentes, podem também avaliar o perigo que ele implica. Não o menosprezarei, mas acentuarei que somos todos homens condenados, seja como for. Notarão que nenhum de vocês foi convidado com qualquer tentativa de segredo. Não foi pedido a nenhum de vocês para vir aqui sem ser visto. As janelas não estão ajustadas para não se ver aqui dentro. Não há nenhum escudo protetor de qualquer espécie ao redor da sala. Basta-nos atrair a atenção do inimigo para sermos destruídos e a melhor maneira de atrair essa atenção é assumir uma atitude falsa e teatral de segredo.

(Ah!, pensou Arcádia, inclinada para ouvir as vozes que saíam, um pouco estridentes, da pequena caixa).

- Compreendem isso?

Elvett Semic mordiscou o lábio inferior e sorriu num tique nervoso que precedia todas as suas frases.

- Ora, continue. Fale-nos do jovem.

O Dr. Darell disse:

- O seu nome é Pelleas Anthor. Era aluno do meu velho colega Kleise, que morreu no ano passado. Kleise mandou-me o seu modelo cerebral até o quinto subnível, antes de morrer, modelo esse que foi confrontado por mim com o do homem que está diante de vocês. Sabem, claro, que um modelo cerebral não pode ser duplicado até esse ponto, nem por homens da Ciência da Psicologia. Se não o sabem, terão de aceitar a minha palavra quanto a isto.

Turbor disse, franzindo os lábios:

- Devemos começar de qualquer maneira. Aceitaremos sua palavra quanto a isso, especialmente sendo o maior eletroneurologista da Galáxia após a morte de Kleise. Pelo menos, foi dessa maneira que o descrevi no comentário de televisão, e ainda acredito nisso. Que idade tem, Anthor?

- Vinte e nove anos, Senhor Turbor.

- Hum! E é também eletroneurologista? Um dos grandes?

- Apenas um estudante dessa ciência. Mas trabalho arduamente, e tive o benefício do aprendizado de Kleise.

Munn interrompeu. Gaguejava um pouco nos períodos de tensão.

- Eu... eu queria que... que começássemos. Penso que... que estamos to... todos falando demais.

O Dr. Darell ergueu um dos sobrolhos, olhando na direção de Munn.

-Tem razão, Homir. Continue, Pelleas.

- Só daqui a pouco - disse Pelleas Anthor, lentamente - porque antes de começarmos, embora eu aprecie o sentimento do Sr. Munn, devo pedir os dados das ondas cerebrais.

Darell enrugou a testa.

- O que é isso, Anthor? A quais dados de ondas cerebrais se refere?

- Aos modelos de todos vocês. O senhor tirou o meu, Dr. Darell. Devo tirar-lhe o seu e os de vocês todos. E devo ser eu mesmo a fazer as medições.

Turbor disse:

- Não há razão para ele confiar em nós, Darell. O rapaz está no seu direito.

- Muito obrigado - disse Anthor. - Então, se o senhor nos conduzir ao seu laboratório, Dr. Darell, prosseguiremos. Esta manhã tomei a liberdade de verificar o seu aparelho.

A ciência da eletroencefalografia era ao mesmo tempo nova e antiga. Era antiga no sentido de que o conhecimento das micro-correntes geradas pelas células nervosas dos seres vivos pertencia àquela imensa categoria do conhecimento humano, cuja origem se perdera completamente. Era um conhecimento que vinha de tão longe como os restos mais primitivos da história humana...

E contudo era também nova. O fato da existência de micro-correntes repousou através de dezenas de milhares de anos do Império Galáctico como um desses itens ativos e caprichosos, porém inteiramente inúteis, do conhecimento humano. Alguns tentaram formar classificações de ondas em acordadas e adormecidas, calmas e excitadas, sãs e doentes, mas até as concepções mais

vastas haviam tido as suas hordas de exceções viciadoras.

Outros tentaram demonstrar a existência de grupos de ondas cerebrais, análogos aos bem conhecidos grupos sangüíneos, e demonstrar que o ambiente externo era o fator definidor. Esta era a gente de espírito apressado que proclamava que o Homem podia ser dividido em subespécies. Mas uma tal filosofia não podia abrir caminho contra o esmagador impulso universal causado pelo fato de existir o Império Galáctico, uma unidade política abrangendo vinte milhões de sistemas solares, envolvendo todos os homens, desde o mundo central de Trantor, agora uma memória esplêndida e impossível do grandioso passado, até o mais isolado asteróide da periferia.

E então houve novamente, numa sociedade entregue, como a do Primeiro Império, às ciências físicas e à tecnologia inanimada, um vago mas poderosamente sociológico empurrão para o estudo da mente. Era menos respeitável porque menos imediatamente útil, e era pobremente financiado uma vez que era menos proveitoso.

Após a desintegração do Primeiro Império, verificou-se a fragmentação da ciência organizada, recuando cada vez mais, até para além dos princípios básicos da energia atômica, regressando a energia química do carvão e do petróleo A única exceção a isto foi, é claro, a Primeira Fundação, onde a fagulha da ciência, revitalizada e tornada mais intensa, foi mantida e alimentada para transformar-se em chama. Mas também ali era o físico que dominava, e o cérebro, exceto para a cirurgia, era um campo abandonado.

Hari Seldon foi o primeiro a exprimir o que veio mais tarde a ser aceito como verdade.

"As micro-correntes nervosas ", disse ele uma vez, " trazem em si mesmas a fagulha de cada impulso e resposta variáveis, conscientes e inconscientes. As ondas cerebrais registradas claramente em papel milimétrico, com seus trêmulos altos e baixos, são os espelhos das pulsações de pensamento combinadas de bilhões de células. Em teoria, a análise deveria revelar os pensame¬tos e emoções do indivíduo, até os últimos e os menores. Deveriam ser detectadas as diferenças devidas não apenas a grandes defeitos físicos, hereditários ou adquiridos, mas também a estados de emoção inconstantes, ao progresso da educação e da experiência, até a qualquer coisa tão sutil com uma modificação da filosofia da vida do indivíduo"

Mas nem mesmo Seldon pôde ir além da especulação. Agora, porém, havia cinqüenta anos que os homens da Primeira Fundação estavam penetrando

naquele vasto e complicado armazém de novos conhecimentos. A aproximação era, naturalmente, segundo novas técnicas como, por exemplo, o uso de eletrodos nas suturas do crânio por um método recém desenvolvido que permitia efetuar o contato diretamente com as células cinzentas, sem sequer haver necessidade de raspar um bocado do crânio. E então apareceu um aparelho de registro que registrava automaticamente os dados da onda cerebral com um total geral e como funções separadas de seis variáveis independentes.

O que era, talvez, mais significativo era o respeito crescente em que eram tidos a encefalografia e os seus especialistas. Kleise, o maior de todos, participava dos congressos científicos em pé de igualdade com os físicos. O Dr. Darell, embora já fora de atividade científica, era conhecido pelos seus brilhantes progressos em análises encefalográficas, quase tanto como pelo fato de ser filho de Bayta Darell, a grande heroína da geração anterior.

E assim, agora, o Dr. Darell sentou-se na sua própria cadeira, com o toque delicado dos eletrodos, leves como plumas, mal sugerindo qualquer pressão sobre o seu crânio, enquanto as agulhas registradoras, encerradas no vácuo, para cima e para baixo. Estava de costas para o aparelho, de outro modo, como se sabia muito bem, a vista das curvas oscilantes induzia a um esforço inconsciente para as controlar, com resultados perceptíveis. Sabia, apesar disso, que o quadrante central estava apresentando a curva Sigma fortemente ritmada e pouco variável que era de esperar da sua mente poderosa e disciplinada. Podia ser fortalecida e purificada no quadrante subsidiário, respeitante às ondas do cerebelo. Haveria nela os saltos nítidos, quase descontínuos, do lobo frontal, e a ligeira tremura das regiões sub-superficiais, com o escasso alcance das suas freqüências...

Conhecia o seu próprio modelo de onda cerebral como um artista deveria estar perfeitamente consciente da cor dos seus olhos.

Pelleas Anthor não fez qualquer comentário quando Darell se levantou da cadeira reclinada. O jovem extraiu do aparelho os sete registros, e relanceou a vista por eles, com o olhar rápido mas abarcando tudo de quem sabe exatamente quais as pequenas facetas do quase nada que se procura.

- Se não importa, Dr. Semic.

O rosto de Semic, amarelado pela idade, estava sério. A Eletroencefalografia era uma ciência da sua velhice, da qual pouco conhecia, uma novidade que encarava com um leve ressentimento. Sabia que era velho e que o seu modelo de ondas o mostraria. As rugas da sua face mostravam-no,

bem como o seu andar curvado, o tremor da sua mão, mas tudo isso dizia respeito apenas ao seu corpo. Os modelos de ondas cerebrais poderiam mostrar que a sua mente também estava velha. Era uma invasão embaraçosa e sem garantias da última fortaleza protetora do homem, a sua própria mente.

Os eletrodos foram ajustados. O processo não causava prejuízos, obviamente, desde o princípio ao fim. Havia apenas aquele pequeno formigueiro, muito abaixo do limiar da sensibilidade. Depois foi a vez de Turbor, que ficou calmamente sentado e sem emoção durante os quinze minutos do processo, e de Munn, que deu um salto ao primeiro toque dos eletrodos, e passou depois a sessão revirando os olhos como se desejasse virá-los para trás e olhar através de um buraco no seu occipital.

- E agora - disse Darell, quando tudo estava preparado.

- E agora - disse Anthor, com um ar de quem pede desculpa - há mais uma pessoa na casa.

Darell, franzindo a testa, perguntou:

- A minha filha?

- Pois sugeri que ficasse em casa esta noite, se está recordado.

- Para análise encefalográfica? Em nome da Galáxia, para quê?

- Não consigo prosseguir sem ela.

Darell encolheu os ombros e subiu a escada. Arcádia, avisada, tinha o receptor de som desligado quando ele entrou, depois, seguiu-o para o andar de baixo com humilde obediência. Era a primeira vez, em sua vida, exceto para tirar, em criança, o seu modelo mental básico, para fins de identificação e registro, que se encontrava sob os eletrodos.

- Posso ver? - perguntou ela quando terminou, estendendo a mão. O Dr. Darell disse: - Jamais compreenderia, Arcádia. Não será hora de ir para a cama?

- É, sim pai, - disse ela, modestamente. - Boa noite para todos.

Correu pela escada acima e meteu-se na cama, com um mínimo de preparação básica. Com o receptor de som de Olynthus ao lado da almofada, sentiu-se como uma personagem de um livro-filme, e apertava-o contra o peito, num êxtase de "coisa de espionagem". As primeiras palavras que ouviu eram de Anthor, e foram:

- As análises, meus senhores, são todas satisfatórias. A da criança igualmente.

Criança pensou ela, desgostosa, e revoltou-se contra Anthor na escuridão.

Anthor abriu a pasta e tirou dela várias dúzias de registros de ondas cerebrais Não eram originais. Nem a pasta estava provida de um fecho qualquer. Se a chave tivesse sido empunhada por qualquer mão que não a sua, o conteúdo dela teria se queimado silenciosa e instantaneamente, transformando-se em cinzas indecifráveis. Uma vez tirados da pasta, os registros se queimariam após meia hora.

Porém, durante sua curta duração, Anthor falou apressadamente,

- Tenho os registros de vários funcionários governamentais de pouca expressão em Anacreon. Este é o de um psicólogo da Universidade de Locris, este, de um industrial de Siwena. O resto é o que vêem.

Juntaram-se apertadamente. Para todos menos Darell, eram outros tantos estremecimentos desenhados em pergaminho. Para Darell gritavam em um milhão de línguas. Anthor mencionou por alto.

- Chamo a sua atenção, Dr. Darell, para a região no planalto entre as ondas Tau secundárias no lobo frontal, a única coisa que estes registros apresentam em comum. Quer utilizar a minha Régua Analítica, senhor, para verificar a minha exposição?

A Régua Analítica era considerada um parente afastado, como um, arranha-céus é para uma cabana, desse brinquedo de jardim de infância, a Régua de cálculo logarítmica. Darell utilizou-a com a perícia de uma longa prática. Fez desenhos à mão livre do resultado e, como Anthor declarava, havia planaltos incaracterísticos em regiões de lobo frontal onde seria de es¬perar fortes oscilações.

- Como interpretaria isso, Dr. Darell? - perguntou Anthor.

- Não tenho certeza e não vejo como é possível. Até nos casos de amnésia há supressão, porém não remoção. Cirurgia cerebral drástica, talvez?

- Oh, sim, qualquer coisa foi cortada! - gritou Anthor, impacientemente. - Não o foi, todavia, no sentido físico. Sabe que o Mulo poderia ter feito precisamente isso. Poderia ter suprimido toda a capacidade para uma certa emoção ou atitude de espírito, e não deixar nada além de um nivelamento semelhante. Ou, a não ser ele...

- Ou, a não ser ele, a Segunda Fundação poderia tê-lo feito. É isso que quer dizer? - perguntou Turbor, com um leve sorriso.

Não havia necessidade real de fazer aquela pergunta totalmente retórica.

- O que foi que o levou a suspeitar, Sr. Anthor? - perguntou Munn.

- Não fui eu. Foi o Dr. Kleise. Ele colecionava modelos de ondas cerebrais, um tanto como faz a Polícia Planetária, porém segundo linhas diferentes. Especializou-se em intelectuais, funcionários governamentais e empresários que, se a Segunda Fundação observa-se que é evidente o curso histórico da Galáxia, o nosso, tem de fazê-lo sutilmente e do modo mínimo possível. Se eles trabalham por intermédio das mentes, como devem trabalhar, é por meio das mentes de pessoas influentes, cultural, industrial ou politicamente. E foi por estes que ele se interessou.

- Está bem - objetou Munn - mas há alguma corroboração? Como é que esta gente atua, quero dizer, estes com o planalto? Pode ser que seja tudo um fenômeno perfeitamente normal.

Fitou os outros sem esperança, com os seus olhos azuis de algum modo parecidos com os de uma criança, mas não encontrou um eco encorajador.

- Deixo isso ao Dr. Darell - disse Anthor. - Pergunte-lhe quantas vezes viu ele este fenômeno nos seus estudos gerais ou em casos relatados na literatura sobre a geração anterior. Depois pergunte-lhe quais são as oportunidades de ser descoberto em quase um de cada mil casos entre as categorias que o Dr. Kleise estudou.

- Suponho que não haja dúvida - disse Darell, pensativamente - de que estas são mentalidades artificiais. Houve interferência com elas. Em certo sentido, já suspeitava disto...

- Eu sei, Dr. Darell - disse Anthor - e também sei que trabalhou com o Dr. Kleise. Gostaria de saber por que deixou de trabalhar.

Não havia, sem dúvida, hostilidade na pergunta dele, talvez nada mais senão cautela mas, fosse como fosse, resultou numa longa pausa. Darell olhou de um para o outro dos seus convidados, e disse bruscamente:

- Porque não havia objetivo para a batalha de Kleise. Estava competindo com um adversário muito forte para ele. Estava detectando o que nós, ele e eu, sabíamos que detectaria, que não éramos senhores de nós mesmos. E eu não quis saber! Tinha o meu orgulho próprio. Gostava de pensar que a nossa Fundação era senhora da sua alma coletiva que os nossos antepassados não haviam lutado e morrido por nada. Pensei que fosse mais simples voltar a cara para o lado enquanto não tivesse certeza absoluta. Não precisava de minha posição, uma vez

que a pensão do Governo, concedida à família de minha mãe, chegaria para as minhas necessidades, sem complicações. O laboratório de minha casa seria suficiente para manter o tédio afastado, e a vida terminaria um dia... Depois Kleise morreu...

Semic sorriu e disse:

- Esse indivíduo Kleise, não o conheço. Como morreu ele?

Anthor interrompeu.

- Morreu. Pensou que morreria. Disse-me seis meses antes que estava prestes a...

- Agora nós estamos também p...perto demais, não estamos? - sugeriu Munn, com a boca seca, enquanto seu pomo-de-adão subia e descia.

- Estamos - disse Anthor, sem rodeios - mas já estivemos, fosse como fosse, todos nós. Foi por isso que foram todos escolhidos. Eu sou aluno de Kleise. O Dr. Darell foi seu colega. Jole Turbor denunciou pela televisão a nossa fé cega na mão salvadora da Segunda Fundação, até que o Governo o demitiu, mediante a intervenção, que eu poderia mencionar, de um poderoso financeiro cujo cérebro mostra o que Kleise costumava denominar Planalto de Interferência. Homir Munn tem a maior coleção privada de Muliana, se posso empregar a expressão para significar dados coligidos com respeito ao Mulo, existente, e publicou alguns ensaios contendo especulações sobre a natureza e função da Segunda Fundação. O Dr. Semic contribuiu mais do que ninguém para a matemática da análise encefalográfica, embora eu não creia que tenha percebido que a sua matemática pudesse ser assim aplicada.

Semic esbugalhou os olhos e gaguejou, arfando:

- Não, meu jovem amigo Eu estive analisando os movimentos intranucleares, o problema do corpo "n", como sabe. Perdi-me na encefalografia.

- Portanto, sabemos qual é a nossa posição. O Governo não pode, obviamente, fazer nada acerca do assunto. Não sei se o prefeito, ou alguém de sua administração, é conhecedor da seriedade da situação, uma coisa eu sei, e é que nós cinco não temos nada a perder e estamos em posição de lucrar muito. A cada progresso do nosso conhecimento, podemos alargar-nos segundo rumos seguros. Somos apenas um princípio, compreendem.

- Até que ponto está disseminada - interpôs Turbor - essa infiltração da Segunda Fundação?

- Não sei. É uma resposta. Todas as infiltrações que descobrimos estavam nos confins exteriores da nação. O mundo capital pode estar ainda limpo, embora, mesmo isso, não seja certo. De outro modo, não os teria posto à prova. O senhor era particularmente suspeito, Dr. Darell, dado que abandonou a pesquisa com Kleise. Este nunca lhe perdoou, como sabe. Pensei que talvez a Segunda Fundação o tivesse corrompido, mas Kleise insistiu sempre em que o senhor era um covarde. Perdoe-me, Dr. Darell, se explico isto para tornar clara a minha própria posição. Eu, pessoalmente, penso que compreendo a sua atitude e, se foi covardia, considero-a venal.

Darell tomou uma inspiração antes de replicar.

- Eu fugi! Denomine a isso como quiser. Tentei, contudo, manter a nossa amizade, embora ele nunca me tenha escrito nem falado até o dia em que me mandou os dados de suas ondas cerebrais, e isso foi quando muito por uma semana antes de morrer...

- Se não se importa - interrompeu Homir Munn, com um rasgo de eloqüência nervosa - eu n...não vejo o que pensa fazer. Somos um p... pobre bando de conspiradores, se vamos nos limitar a falar, a falar e a f...falar. E não vejo que mais possamos fazer, seja como for. Isto é m...muito infantil. Ondas ce...cerebrais e mais isto, e mais aquilo, e tudo isso. Há qualquer coisa precisa que tenha a intenção de fazer?

Os olhos de Pelleas Anthor brilharam.

- Há, sim senhor. Necessita¬mos de mais informações sobre a Segunda Fundação. É necessário. O Mulo passou os primeiros cinco anos do seu domínio precisamente nessa procura de informação e falhou ou fomos todos levados a crer. Mas depois deixou de procurar. Por quê? Por ter falhado? Ou por ter conseguido?

- M... mais conversa - disse Munn, com azedume. - Como conseguiremos saber algum dia?

- Se quiser ouvir-me... A capital do Mulo era Kalgan. Kalgan não fazia parte da esfera de influência comercial da Fundação antes do Mulo e não faz parte dela agora. Kalgan é governado atualmente por um tal Stettin, a não ser que haja para amanhã outra revolução. Stettin denomina-se a si próprio Primeiro Cidadão e considera-se a si mesmo o sucessor do Mulo. Se existe alguma tradição naquele mundo, baseia-se na super-humanidade e grandeza do Mulo, uma tradição quase supersticiosa em intensidade. Como resultado disso, o antigo palácio do Mulo é mantido como santuário. Nenhuma pessoa não-autorizada

pode entrar, nunca se tocou em nada lá dentro.

- E então?

- Então por que é assim? Em tempos como estes, nada acontece sem motivo. Suponhamos que não é só a superstição que torna o palácio do Mulo inviolado? Suponhamos que a Segunda Fundação arranjou as coisas assim? Resumindo, suponhamos que os resultados da procura de cinco anos do Mulo estão dentro...

- Ora! Conversa! f... fiada.

- Por que não? - perguntou Anthor. - Ao longo da sua história, a Segunda Fundação ocultou-se e interferiu nos negócios Galácticos apenas superficialmente. Sei que a nós pareceria mais lógico destruir o palácio ou, pelo menos, de lá retirar informações. Mas devem considerar a psicologia desses mestres psicólogos. São Seldons, são Mulos, trabalhando de forma indireta, através da mente. Nunca destruiriam ou removeriam quando pudessem atingir os seus fins criando um estado de espírito, hein?

Não houve resposta imediata, e Anthor continuou:

- E o senhor, Munn, é precisamente a pessoa que pode conseguir as informações de que necessitamos.

- Eu? - Foi um grito de espanto. Munn olhou de uns para os outros. - Não posso fazer uma coisa dessas. Não sou um homem de batalha nem herói de filme de televisão. Sou um bibliotecário. Se puder ajudá-los dessa maneira, muito bem, e exporei à Segunda Fundação, porém não irei ao espaço para qualquer coisa qui... quixotesca como essa.

- Ouça, - disse Anthor, pacientemente - o Dr. Darell e eu concordamos em que o senhor é o homem ideal. É a única maneira de fazê-lo naturalmente. O senhor diz que é um bibliotecário. Ótimo! Qual é o seu campo principal de interesse? Muliana! Já tem a maior coleção da Galáxia de material sobre o Mulo. É natural que queira mais, mais natural para si do que para qualquer outra pessoa. O senhor poderia pedir autorização para entrar no Palácio de Kalgan sem levantar qualquer suspeita. Poderia ser-lhe recusada, mas não suspeitariam de si. Além disso, tem um cruzador individual. É sabido que tem visitado planetas estrangeiros durante as suas férias anuais. Já esteve até em Kalgan. Não compreende que precisa apenas agir como sempre o fez?

- Mas eu não posso dizer apenas, q... quer fazer-me o favor de me deixar entrar no seu santuário mais sagrado, S... Senhor Primeiro Cidadão?

- Por que não?

- Por que, pela Galáxia, ele não me deixa!

- Muito bem, então. Pois não deixa. E o senhor, então, volta para casa e pensaremos em qualquer outra coisa.

Munn olhou ao redor numa rebelião sem esperança. Sentiu-se persuadido fazer algo que detestava. Ninguém se ofereceu para ajudá-lo a livrar-se. E assim foram tomadas duas decisões na casa do Dr. Darell. A primeira foi uma decisão relutante de concordância por parte de Munn de largar para o espaço logo que as suas férias de Verão começassem.

A outra foi uma decisão altamente não-autorizada por parte de um membro inteiramente não-oficial da reunião, tomada enquanto desligava um receptor de som e se acomodava para um sono atrasado. Esta segunda decisão não nos interessa no momento.

CRISE PRÓXIMA

Passara-se uma semana na Segunda Fundação, e o Primeiro Orador estava mais uma vez sorrindo para o Estudante.

- Deve ter-me trazido resultados interessantes, ou não estaria tão encolerizado.

O estudante pousou a mão sobre a pilha de papel de cálculo que trouxera consigo, e disse:

- Tem certeza de que o problema é real?

- As premissas são verdadeiras. Não alterei nada.

- Então devo aceitar os resultados, o que não é meu desejo.

- Naturalmente. Mas que têm os seus desejos a ver com isso? Bem, diga-me o que é que o perturba tanto. Não, não deixe suas deduções de lado. Eu as sujeitarei depois à análise. Entretanto fale comigo. Deixe-me julgar sua compreensão.

- Então, Orador, torna-se muito aparente que se verificou uma grande transformação sob todos os aspectos na psicologia básica da Primeira Fundação. Enquanto souberam da existência de um Plano de Seldon sem conhecerem nenhum de seus pormenores, estavam confiantes mas incertos. Sabiam que seriam bem sucedidos, mas não sabiam quando nem como. Havia, conseqüentemente, uma atmosfera contínua de tensão e de esforço, o que Seldon desejava. Por outras palavras, podia contar-se com a Primeira Fundação para trabalhar com a potência máxima.

- Uma metáfora duvidosa - disse o Primeiro Orador - porém compreendo-o.

- Mas agora, Orador, sabem da existência de uma Segunda Fundação no que diz respeito ao detalhe, ao invés de simplesmente como uma antiga e vaga declaração de Seldon. Têm uma vaga noção de sua função como guardiã do Plano. Sabem que há uma organização que observa todos os seus passos e não os deixará cair. Portanto deixam de perseguir seu objetivo e permitem-se ser transportados de liteira. Outra metáfora, creio.

- Continue, todavia.

- E esse verdadeiro abandono do esforço, essa inércia crescente, essa

tendência ao comodismo e à cultura decadente e de prazeres, significam a ruína do Plano. Eles precisam de propulsão própria.

- É tudo?

- Não, há mais. A reação da maioria é como a descrevi. Mas existe uma grande probabilidade de uma reação de minoria. O conhecimento da nossa guarda e da nossa influência despertarão entre alguns, não complacência, mas hostilidade. Isto resulta do teorema de Korilov...

- Sim, sim. Conheço o teorema.

- Desculpe-me, Orador. É difícil evitar a matemática. Em qualquer caso, o efeito é o de que, não só o esforço da Fundação se atenua, como também parte dele se volta contra nós, ativamente contra nós.

- E isso é tudo?

- Resta outro fator cuja probabilidade é moderadamente baixa...

- Muito bem. Qual é?

- Enquanto as energias da Primeira Fundação estavam apenas dirigidas para o Império, enquanto os seus únicos inimigos eram destroços imensos e desatualizados que restavam das carnificinas do passado, estavam, obviamente, apenas interessados nas ciências físicas. Conosco formando uma parte nova e grande do seu ambiente, podemos impor-lhes uma mudança de opinião. Podem tentar tornar-se psicólogos...

- Essa mudança - disse o Primeiro Orador, calculadamente - já se verificou.

Os lábios do estudante comprimiram-se numa linha pálida.

- Então está tudo liquidado. É a incompatibilidade básica com o Plano. Orador, poderia eu ter conhecimento disto se tivesse vivido... fora?

O Primeiro Orador respondeu com seriedade:

- Sente-se humilhado, meu rapaz, por que, pensando que compreendia tanto e tão bem, descobre de repente que muitas coisas aparentes lhe eram desconhecidas. Pensando que fosse um dos Senhores da Galáxia, descobre de repente que está próximo da destruição. Terá, naturalmente, ressentimento contra a torre de marfim em que viveu, o retiro em que foi educado, as teorias em que foi instruído. Já tive uma vez esse sentimento. É normal. Era necessário, contudo, que não tivesse contato direto com a Galáxia nos seus anos de formação, que permanecesse aqui, onde todo o conhecimento é filtrado para si e

a sua mente é cuidadosamente aguçada. Podíamos ter-lhe mostrado este... este fracasso parcial do Plano mais cedo e ter-lhe poupado o choque, porém o senhor não teria percebido convenientemente sua significação, como percebe agora. Então não encontra absolutamente nenhuma solução para o problema?

O estudante meneou a cabeça e disse, quase desanimado:

- Nenhuma!

- Bem, não é de espantar. Ouça, rapaz. Há um processo de ação e vem sendo seguido há mais de uma década. Não é um processo normal, mas um processo a que fomos forçados contra a nossa vontade. Envolve baixas probabilidades e perigosas suposições... Fomos forçados a lidar por vezes com reações individuais, porque era o único caminho possível e, como sabe, a psico-Estatística, por sua própria natureza, não tem significado quando aplicada simplesmente a números planetários.

- Estamos sendo bem sucedidos? - arfou o Estudante.

- Não há ainda maneira de afirmá-lo. Mantivemos até aqui a situação estável, porém, pela primeira vez na história do Plano, é possível às ações inesperadas de um simples indivíduo destruí-lo. Ajustamos um número mínimo de estranhos a um estado de espírito necessário, temos os nossos agentes, porém os seus caminhos são previstos. Não se atrevem a improvisar. Isto deveria ser evidente para você. E não lhe ocultarei o pior... se formos descobertos, aqui neste mundo, não será apenas o plano que será destruído, mas nós próprios, os nossos seres físicos. Está vendo, portanto, que a nossa solução não é muito boa.

- Mas o pouco que descreveu não soa de modo nenhum como uma solução, mas como um palpite desesperado.

- Não, digamos antes de um palpite inteligente.

- Quando será a crise, Orador? Quando saberemos se fomos ou não bem sucedidos?

- Dentro de um ano, sem dúvida.

O Estudante considerou aquilo e meneou a cabeça. Apertou a mão do Orador.

- Bem, é bom saber-se.

Rodou nos calcanhares e saiu.

O Primeiro Orador olhou para fora em silêncio quando a janela ganhou transparência. Para lá das estruturas gigantescas, para as miríades de estrelas

silenciosas.

Um ano passaria célere. Estaria qualquer deles, qualquer dos herdeiros de Seldon, vivo ao final dele.

PASSAGEIRA CLANDESTINA

Foi um pouco mais de um mês antes de poder dizer-se ter começado o Verão. Começado, no sentido de Homir Munn ter redigido o seu relatório financeiro final do ano fiscal, cuidando de que o bibliotecário substituto, nomeado pelo Governo, estivesse ao corrente das sutilezas do lugar - o do ano anterior fora absolutamente insatisfatório - e providenciado no sentido de ter o seu pequeno cruzador, o Unimara, batizado em conseqüência de um episódio terno e misterioso de vinte anos antes, desembaraçado da sua complexa proteção de Inverno.

Deixou Terminus muito mal disposto. Não havia ninguém para vê-lo partir. Isso não seria de estranhar, uma vez que ninguém estivera também das outras vezes. Sabia muito bem ser importante que esta viagem não fosse, de maneira alguma, diferente de qualquer outra que tivesse feito anteriormente, mas sentia-se embebido de um vago ressentimento. Ele, Homir Munn, estava arriscando sua vida em façanhas muito arriscadas e, contudo deixavam-no só.

Pelo menos assim pensava.

E foi por pensar erradamente que no dia seguinte foi um dia de confusão, quer no Unimara quer na casa suburbana do Dr. Darell. Atingiu primeiro, quanto ao tempo, a casa do Dr. Darell, por intermédio de Poli, a criada, cujas férias de um mês eram agora inteiramente uma coisa do passado. Desceu as escadas correndo, perturbada e balbuciante.

O bom doutor foi de encontro a ela, que tentou em vão transmitir sua emoção em palavras, mas acabou por lhe estender uma folha de papel e um objeto cúbico. Ele pegou-os de má vontade e perguntou:

- O que é que se passa, Poli?

- Ela foi embora, senhor doutor.

- Foi embora, quem?

- Arcádia!

- Que quer dizer com o seu "foi embora"? Foi embora para onde? De que é que está falando?

Então ela bateu o pé no chão.

- Não sei. Foi embora, e há uma mala e algumas roupas que foram com

ela, e deixou uma carta. Por que não a lê, ao invés de se deixar imóvel? Ai, os homens!

O Dr. Darell encolheu os ombros e abriu o envelope. A carta não era comprida e, à exceção da assinatura angulosa, "Arkady", era, na escrita enfeitada e fluente, do transcritor de Arcádia.

Querido Pai:

Seria simplesmente muito pungente dizer-lhe adeus em pessoa. Poderia chorar como uma menina e você ficaria envergonhado comigo. Estou, portanto, escrevendo-lhe uma carta ao invés de dizer-lhe quanto irei sentir sua falta, apesar de ter estas férias de verão absolutamente maravilhosas com o Tio Homir. Terei muito cuidado e não demorarei a voltar para casa. Entretanto, deixo-lhe uma coisa que é muito minha. Agora pode ficar com ela.

Sua filha, que muito lhe quer, Arkady.

Leu-a de fio a pavio várias vezes, com uma expressão que se tornava cada vez mais desanimadora. Disse, rígido:

- Leu isto, Poli?

Poli permaneceu na defensiva.

- Não posso ser censurada por isso, senhor doutor. O envelope tem "Poli" escrito do lado de fora, e eu não poderia saber que havia uma carta para o senhor lá dentro. Não sou bisbilhoteira, e durante os anos em que estive com...

Darell levantou a mão num gesto apaziguador.

- Está muito bem, não importância. Queria apenas certificar-me de que compreendeu o que aconteceu.

Estava refletindo rapidamente. Era inútil dizer-lhe que esquecesse o assunto. Em relação ao inimigo, "esquecer" era uma palavra sem sentido, e a advertência, além de tornar o assunto mais importante, teria o efeito oposto.

Disse ao invés disso:

- É uma menina muito original, como sabe. Muito romântica. Desde que lhe arranjamos um meio de ir a passeio pelo espaço, este verão, ficou completamente excitada.

- E por que ninguém me disse nada sobre esse passeio pelo espaço?

- Foi tratado enquanto você esteve fora, e nos esquecemos. Não é nada mais complicado do que isso.

As emoções originais de Poli encontravam-se agora numa indignação simples e irresistível.

- É simples, não é? A pobre menina foi embora com uma mala, sem levar consigo roupas decentemente cosidas, e sozinha ainda por cima. Quanto tempo vai permanecer fora?

- Então! Não quero que se preocupe com isso, Poli. Haverá muita roupa para ela na nave. Foi tudo tratado. Pode fazer o favor de dizer ao Sr. Anthor que desejo vê-lo? Ah, mas primeiro, é este o objeto que Arcádia me deixou? - Girou-o na mão.

Poli abanou a cabeça.

- Tenho certeza que não sei. A carta estava em cima dele, e é tudo o que posso dizer. Esquecer-se de me dizer... realmente. Se a mãe dela fosse viva...

Darell fez-lhe sinal para sair.

- Chame o Sr. Anthor, me faz favor.

O ponto de vista de Anthor sobre o assunto diferia radicalmente do pai de Arcádia. Acentuou as suas observações iniciais com os punhos cerrados e puxões de cabelos e, daí, passou para o azedume.

- Grande Espaço! Por que espera? Por que estamos ambos à espera? Ligue para o aeroporto espacial pelo visor e peça que entrem em contato com o Unimara.

- Mais devagar, Pelleas, ela é minha filha.

- Mas a Galáxia não é sua.

- Ora, espere um pouco. Ela é uma moça inteligente, Pelleas e pensou isto cuidadosamente. Faríamos melhor em seguir os seus pensamentos enquanto o caso está recente. Sabe o que é esta coisa?

- Não, mas que importância pode ter?

- Tem, porque é um receptor de som.

- Isso?

- É de construção caseira, mas funciona. Verifiquei-o. Não está vendo? E

a sua maneira de nos dizer que participou de nossas conversas sobre política. Sabe onde Homir Munn vai e por que. Decidiu que seria excitante ir também.

- Oh, Grande Espaço! - resmungou o homem mais novo. - Mais uma mente para a Segunda Fundação roubar.

- Excetuando que não há razão para que a Segunda Fundação deva, a priori, recear que uma passageira de catorze anos seja um perigo, a não ser que nós façamos qualquer coisa para chamar a atenção sobre ela, tal como fazermos voltar para trás uma nave do espaço sem qualquer outro motivo senão tirá-la de lá. Esquece com quem estamos lidando? Quão mínima é a possibilidade que nos separa de sermos descobertos? Como ficaremos indefesos depois?

- Mas não podemos deixar tudo dependente de uma criança desmiolada.

- Ela não é desmiolada, e nós não temos nenhuma opção. Não tinha necessidade de escrever a carta, mas o fez para nos impedir de nos dirigirmos à polícia à procura de uma criança perdida. A sua carta sugere que convertamos todo o assunto numa oferta amigável por parte de Munn de levar a filha de um velho amigo para umas curtas férias. E por que não? É meu amigo há quase vinte anos. Conhece-a desde os três anos de idade, quando a trouxe comigo, de regresso de Trantor. É uma coisa perfeitamente natural e, de fato, deveria até dirimir qualquer suspeita. Um espião não carregaria consigo, de um lado para outro, uma sobrinha de catorze anos.

- Está bem. E que fará Munn quando descobri-la?

O Dr. Darell ergueu os sobrolhos.

- Não sei, mas presumo que ela conseguirá maleá-lo.

De qualquer modo, porém, a casa estava muito só naquela noite, e o Dr. Darell descobriu que o destino da Galáxia fazia pouca diferença quando a vida de sua desmiolada filha corria perigo.

A excitação no Unimara, embora envolvendo menos pessoas, foi consideravelmente mais intensa.

No compartimento da bagagem, Arcádia viu-se, em primeiro lugar, auxiliada pela experiência e, em segundo lugar, embaraçada pelo inverso.

Assim, enfrentou a aceleração inicial com firmeza, e a náusea sutilíssima que acompanhava a saída para o primeiro salto através do híper-espaço, com estoicismo. Ambas tinham sido experimentadas em saltos anteriores no espaço, e

ela estava tensa ao lhes fazer frente. Sabia, também, que os compartimentos de bagagem estavam incluídos nos sistemas de ventilação das naves e que até podiam ser inundados de luz. Esta última característica excluiu-a, no entanto, por ser pouco romântica. Permaneceu no escuro, como convinha a um conspirador, respirando muito suavemente e escutando a pequena miscelânea de ruídos que cercava Homir Munn.

Eram ruídos indistintos, provocados por um homem sozinho. O arrastar dos sapatos, o farfalhar de tecido de encontro ao metal, o soprar do assento de uma cadeira estofada comprimindo-se sob o peso, o estalo nítido de um interruptor de comando, ou o roçar suave da palma de uma mão por uma célula foto-elétrica.

Havia, no entanto, a falta de experiência que apanhava Arcádia desprevenida. Nos livros-filmes ou nos televisores, os passageiros clandestinos Vem pareciam ter uma capacidade ilimitada para a obscuridade. Claro que havia sempre o perigo de deslocar alguma coisa que caísse com estrondo, ou o de espirrar, na televisão era quase certo que se espirrava. Sabia tudo isto e tinha muito cuidado. Havia, também, a possibilidade de ter de encarar a sede fome. Estava prevenida para isso com latas de conserva tiradas da despensa. Mas restavam ainda as coisas que os filmes nunca mencionavam, e Arcádia começou a compreender, com um certo receio que, apesar das melhores intenções do mundo, poderia ficar escondida no compartimento por um tempo limitado.

Ora um cruzador individual de recreio, como era o Unimara, o espaço habitável consistia essencialmente de uma sala única, de modo que não havia sequer a possibilidade arriscada de esgueirar-se para fora do compartimento, enquanto Munn estivesse ocupado em qualquer outro local.

Esperou que chegassem até ela os ruídos do sono. Ainda se soubesse que ele ressonava. Pelo menos saberia de onde se localizava a tarimba, e poderia reconhecer o chiar do colchão quando o ouvisse. Houve um longo suspiro e depois um bocejo. Esperou o silêncio crescente, pontuado pelo ligeiro protesto da tarimba contra uma mudança de posição ou pelo mexer de uma perna.

A porta do compartimento da bagagem abriu-se facilmente à pressão do seu dedo, e o pescoço estendeu-se...

Houve um ruído definitivamente humano que soou abruptamente. Arcádia permaneceu rígida. Silêncio. O silêncio continuava.

Tentou espreitar pela porta, sem mover a cabeça, mas não conseguiu. A cabeça seguia os olhos.

Homir Munn estava naturalmente acordado, lendo na cama, banhado pela luz suave e circunscrita da cabeceira, e fitou a escuridão de olhos muito abertos, estendendo uma das mãos, furtivamente, para debaixo da almofada.

A cabeça de Arcádia recuou precipitadamente. Depois, a luz apagou-se completamente e a voz de Munn disse, com aspereza:

- Tenho um desintegrador em mãos e juro pela Galáxia, que disparo.

Então Arcádia gemeu:

- Sou eu. Não dispare.

E notável como o romance é uma flor frágil. Uma arma com um atirador nervoso pode estragar a coisa toda.

A luz voltou, em toda a nave, e Munn estava sentado na cama. O cabelo um pouco grisalho no seu peito estreito e a barba de um dia mal semeada no seu queixo, emprestavam-lhe uma aparência inteiramente ilusória de baixeza.

Arcádia saiu do compartimento sacudindo o seu casaco de "metalene" que se supunha ser garantido contra as rugas.

Passado um momento de espanto em que quase saltou da cama mas, lembrando-se, puxou o lençol até os ombros, Munn gaguejou:

- O... o... o que...

Era completamente incompreensível.

Arcádia disse, mansamente:

- Quer desculpar-me por um instante? Devo lavar as mãos. - Conhecia o interior da nave, e esgueirou-se rapidamente. Quando regressou, com a coragem voltando-lhe pouco a pouco, Homir Munn estava de pé, à sua frente, com um roupão de banho desbotado por fora e uma fúria que o remoia por dentro.

- Pelos buracos negros do Espaço, que está você... fazendo a bordo desta nave? Co...como é que chegou aqui? O que é que você p... pensa que vou fazer com você? O que é que se passa aqui?

Poderia ter feito perguntas indefinidamente, porém Arcádia interrompeu-o suavemente.

- Queria apenas ir também, Tio Homir.

- Por quê? Não vou a parte alguma.

- Vai a Kalgan obter informações sobre a Segunda Fundação.

Então Munn emitiu um rugido selvagem e sucumbiu completamente. Durante um momento apavorado, Arcádia pensou que ele iria ter um ataque de histerismo ou bater com a cabeça nas paredes. Estava ainda empunhando o desintegrador, e o estômago dela ficou gelado ao observá-lo.

- Cuidado!... Tenha calma!... - foi tudo quanto pôde dizer.

Ele fez um esforço tremendo para voltar a uma normalidade relativa, e atirou o desintegrador para cima da cama com tanta violência que poderia tê-lo disparado, abrindo um buraco no casco da nave.

- Como conseguiu entrar? - perguntou ele, lentamente, como se estivesse prendendo muito cuidadosamente cada uma das palavras com os dentes, para evitar que tremessem antes de deixá-las sair.

- Foi fácil. Cheguei ao hangar com a minha mala de viagem, e disse: -"A bagagem do Sr. Munn!", e o homem de serviço limitou-se a fazer um gesto com o polegar, sem sequer levantar os olhos.

- Devo levá-la de volta, fique sabendo - disse Homir, e sentiu no seu íntimo uma súbita alegria selvagem ao pensá-lo. Pelo espaço, não era por culpa sua.

- Não pode - disse Arcádia, calmamente. - Chamaria a atenção.

- O que?

- Sabe muito bem. Toda a razão de ser da sua ida a Kalgan foi a de ser natural, para você, ir e pedir autorização para ver os registros do Mulo. E deve ser tão natural que não pode chamar a atenção de nenhum modo. Se regressasse com uma moça, passageira clandestina, poderia até chegar a figurar nas reportagens do telejornal.

- Onde foi b... buscar essas idéias sobre Kalgan? Essas... hum... criancices?... - Estava longe, evidentemente, de ser demasiado loquaz para convencer até alguém que soubesse menos do que Arcádia.

- Ouvi - não pode evitar completamente o orgulho - com um receptor de som. Sei tudo a esse respeito, e, portanto, deve me deixar ir.

- E quanto ao seu pai? - Jogou um trunfo sutil. - Tanto quanto sabe, você foi raptada... morta.

- Deixei um bilhete - disse ela, cobrindo o trunfo - e ele provavelmente sabe que não deve fazer espalhafato, ou seja, o que for. Há de receber, talvez, um espacigrama dele.

Para Munn, a única explicação era feitiçaria, pois o sinal do receptor soou furiosamente dois segundos depois de ela acabar de falar. Eu disse:

- Aposto que é o meu pai - e era.

A mensagem não era longa e era dirigida a Arcádia. Dizia: "Muito obrigado pelo seu lindo presente a que tenho certeza de ter dado boa aplicação. Divirta-se".

- Está vendo? - disse ela. - São as instruções.

Homir habituou-se a ela. Passado algum tempo, estava satisfeito com a companhia dela. Imaginava, eventualmente, como passaria sem ela. Tagarelava! Estava excitada! Acima de tudo, não estava nada preocupada. Sabia que a Segunda Fundação era o inimigo, mas isso não a incomodava. Sabia que teria de lidar em Kalgan com circunstâncias hostis, mas dificilmente poderia esperar.

Talvez isso resultasse de ter catorze anos.

Fosse como fosse, a viagem de uma semana de duração significava agora conversa ao invés de introspecção. Para ser exato, não era uma conversa muito esclarecedora, uma vez que respeitava, quase integralmente, as idéias da moça sobre o assunto de como tratar melhor com o Senhor de Kalgan. Divertidas e disparatadas, mas expostas com acentuada deliberação.

Homir descobriu-se ser capaz de sorrir ao ouvi-la, e perguntava a si mesmo de que rebento de ficção histórica tirara ela a sua noção distorcida do grande universo.

Era a noite anterior ao último salto. Kalgan era uma estrela brilhante no vazio escassamente refulgente dos confins exteriores da Galáxia. O telescópio da nave fazia dela uma bolha cintilante de diâmetro mal perceptível.

Arcádia estava sentada de pernas cruzadas na cadeira confortável. Vestia calças e camisa que pertencia a Homir. O seu guarda-roupa, mais feminino, fora lavado e passado a ferro para quando pousassem. Ela disse:

- Vou escrever novelas históricas, sabe? - Estava feliz com o passeio. O Tio Homir não se importava nem um pouco de ouvi-la, e a conversa era muito mais agradável quando se podia falar com uma pessoa realmente inteligente que levava a sério o que ele dissesse. - Continuou: - Li livros e mais livros sobre todos os grandes homens da história da Fundação. Sabe, como Seldon, Hardin, Mallow, Devers e todos os outros. Li até a maior parte do que escreveu acerca do Mulo, apesar de não ser muito agradável ler aquelas partes em que a Fundação parece derrotada. Não preferia ler uma história em que saltassem as partes

idiotas e trágicas?

- Sim, preferia - assegurou-lhe Munn, gravemente - mas não seria uma história honesta, não é verdade, Arkady? Jamais alcançará o respeito acadêmico, a não ser que apresentasse a história completa.

- Ora! Quem se importa com o respeito acadêmico? - Ele achava-a deliciosa. Não deixara de lhe chamar Arkady durante dias. - As minhas novelas serão interessantes e vão vender e ser famosas. Qual é a vantagem de escrever livros se não se venderem e não se tornarem bem conhecidos? Não quero que me conheçam apenas alguns professores velhos. Deve ser todo o mundo. - Os seus olhos brilharam de prazer a esse pensamento e ajeitou-se numa posição mais confortável. - De fato, logo que consiga que o Pai deixe, vou visitar Trantor, de modo a colher material de fundo sobre o Primeiro Império. Nasci em Trantor, sabia?

Ele sabia, todavia disse:

- Ah, nasceu? - e deu à sua voz a quantidade precisa de admiração. Foi recompensado com algo que ficava entre um raio de luz e um sorriso pretensioso.

- Minha avó... sabe, Bayta Darell, ouviu falar dela... esteve uma vez em Trantor com o meu avô. De fato, foi quando detiveram o Mulo, quando toda a Galáxia estava submetida a ele e minha mãe e meu pai foram para lá também quando se casaram. Eu nasci lá. Vivi mesmo lá até mamãe morrer, na época tinha apenas três anos e não me lembro de muita coisa. Já esteve alguma vez em Trantor, Tio Homir?

- Não, não posso dizer que estive. - Recostou-se de encontro ao tabique e continuou a ouvi-la distraído. Kalgan estava muito perto, e sentia voltar a inquietação.

- Não é mesmo o mundo mais romântico? Meu pai diz que sob o governo de Stannel V, tinha mais população do que qualquer grupo de dez mundos hoje. Diz que era um grande mundo de metal, uma única grande cidade, que era a capital de toda Galáxia. Mostrou-me cenas que filmou em Trantor. Agora está tudo em ruínas, mas ainda é estupendo. Adoraria voltar a vê-lo. Realmente... Tio Homir!

- O que é?

- Por que não irmos lá depois de deixarmos Kalgan?

Algum do seu receio reapareceu-lhe no rosto.

- O que? Não vá agora começar com isso. Isto é trabalho e não recreio, recorde-se.

- Mas é trabalho - retrucou ela. - Pode haver quantidades incríveis de informações em Trantor, não lhe parece?

- Não, não me parece. - Pôs-se de pé. - Agora afaste-se do computador. Vamos realizar o último salto, e depois deitar. - Em todo caso deveria haver algo bom em pousarem, estava farto de tentar dormir em cima de um sobretudo, no chão de metal.

Os cálculos não foram difíceis. O “Manual das Rotas do Espaço" era perfeitamente explícito quanto à rota Fundação-Kalgan. Houve o empuxo momentâneo da passagem através do hiperespaço, e o ano-luz final ficou para trás.

O sol de Kalgan era agora um sol grande, brilhante e amarelo esbranquiçado, invisível atrás das vigias que se haviam fechado automaticamente, do lado iluminado. Kalgan estava apenas à distância de uma noite de sono.

O SENHOR

De todos os mundos da Galáxia, Kalgan era o que apresentava, talvez, a história mais singular. A do planeta Terminus, por exemplo, era de uma ascensão quase ininterrupta. A de Trantor, outrora capital da Galáxia, era a de uma queda quase ininterrupta. Todavia a de Kalgan...

Kalgan ganhou fama inicialmente como o mundo do prazer da Galáxia, dois séculos antes do nascimento de Hari Seldon. Era um mundo de prazer, no sentido de ter montado uma indústria - uma indústria imensamente proveitosa - do divertimento. E era uma indústria estável. Era a indústria mais estável da Galáxia. Quando toda a Galáxia perecia pouco a pouco como civilização, foi quando muito o peso de uma pluma a catástrofe que se abateu sobre Kalgan. Fosse como fosse que a economia e a sociologia dos setores vizinhos da Galáxia se modificassem, havia sempre uma "elite", e é sempre característica de uma "elite" dispor de lazeres como a maior recompensa da sua qualidade de "elite".

Kalgan esteve ao serviço, sucessivamente, dos janotas enfadados e perfumados da Corte Imperial, com suas mulheres cintilantes e libidinosas, dos condestáveis, rudes, que governavam com austeridade os mundos que conquistaram com sangue, com as suas meretrizes desenfreadas e lascivas, dos homens de negócios gordos e exuberantes da Fundação, com suas amantes apetitosas e perversas.

Não havia discriminação de espécie nenhuma, desde que tivessem dinheiro. E uma vez que Kalgan servia a todos e não excluía ninguém, uma vez que sua comodidade tinha uma procura segura, uma vez que tinha a sensatez de não interferir na política de qualquer mundo, de não ava¬liar a legitimidade de ninguém, prosperou quando nada mais prosperava e manteve-se opulenta quando todos caíram na miséria.

Isto é, até o Mulo. Então, de algum modo, caiu perante um conquistador que era alheio ao divertimento ou a qualquer coisa que não fosse a conquista. Para ele todos os planetas se assemelhavam, até Kalgan.

E assim, durante uma década, Kalgan desempenhou o estranho papel de metrópole Galáctica, de senhora do maior Império após a ruína do Império Galáctico.

Então, com a morte do Mulo, tão súbita como a ascensão, veio a queda. A Fundação separou-se e, com ela e depois dela, uma grande parte do resto dos

domínios do Mulo. Cinqüenta anos depois apenas permanecera a memória desorientadora daquele curto período de poder, como uma quimera. Kalgan nunca se recompôs completamente. Jamais conseguiu voltar a ser o mundo indiferente de prazer que fora, pois a fascinação do poder nunca larga inteiramente a sua presa. Viveu, ao invés, sob o domínio de uma sucessão de homens a que a Fundação chamou de Senhores de Kalgan, masque se intitulavam a si mesmos Primeiros Cidadãos da Galáxia, numa imitação do único título do Mulo, e que mantinham a quimera de também serem conquistadores.

O atual Senhor de Kalgan mantinha essa posição havia cinco meses. Ganhara-a, de início, por virtude de sua posição à frente da esquadra Kalganiana, e por via de uma lamentável falta de cautela por parte do Senhor anterior. Contudo, ninguém em Kalgan era suficientemente estúpido para se ocupar da questão da legitimidade por demasiado tempo ou demasiado perto. Aquelas coisas aconteciam, e eram aceitas.

No entanto, aquela espécie de sobrevivência dos mais aptos, além de premiar a crueldade e o mal, permitia ocasionalmente que a capacidade se evidenciasse. Lorde Stettin, o Senhor, era bastante competente e não era fácil manejá-lo.

Não era fácil para Sua Excelência, o Primeiro Ministro, que, com uma admirável imparcialidade, servira o último senhor tão bem como o atual, e que, se vivesse bastante tempo, serviria o próximo com a mesma honestidade. Não era fácil para Lady Callia, que era mais do que amiga de Stettin mas menos do que sua esposa.

Os três estavam sós nessa noite nos aposentos privados de Lorde Stettin. O Primeiro Cidadão, volumoso e resplandecente no uniforme de almirante que adorava, franzia as sobrancelhas, ameaçador, da cadeira não estofada em que estava sentado tão rigidamente como o plástico de que era feita. O seu Primeiro Ministro, Lev Meirus, enfrentava-o com uma indiferença longínqua, afagando distraída e ritmicamente a linha profunda que se encurvava desde o nariz adunco, ao longo da face magra e encovada, até quase à ponta do queixo de barba grisalha. Lady Callia estava graciosamente reclinada sobre a coberta de peles de um sofá de espuma, com os seus lábios carnudos tremendo um pouco num amuo não observado.

- Senhor - disse Meirus. Era a única forma de tratamento utilizada para quem era intitulado apenas Primeiro Cidadão. - Falta-lhe uma certa visão da continuidade da história. Sua própria vida, com as suas tremendas reviravoltas, leva-o a pensar no curso da civilização como algo igualmente dócil a uma

modificação súbita. Mas não é.

- O Mulo demonstrou o contrário.

- Mas quem pode seguir suas pegadas? Era mais do que um homem, lembre-se. E também não foi inteiramente bem sucedido.

- Meu cachorrinho - murmurou Lady Callia, encolhendo-se depois ante o gesto furioso do Primeiro Cidadão.

Lorde Stettin disse, asperamente:

- Não interrompa, Callia. Meirus, estou farto de inação. O meu antecessor passou a vida preparando a Esquadra para torná-la um instrumento admiravelmente efetivo sem igual na Galáxia. E morreu com essa máquina magnífica jazendo indolentemente. Vou eu contar na mesma? Eu, um Almirante da Esquadra?

- E por quanto tempo antes da máquina enferrujar? Atualmente é um escoadouro do Tesouro e não retribui nada. Os seus oficiais anseiam por domínio e o seus homens por saque. Todo Kalgan deseja o regresso do Império e a glória. Não pode compreender isso?

- Isso são apenas palavras que utiliza, todavia eu entendo-lhes o sentido. Domínio, saque, glória, agradáveis quando se obtêm, porém o processo de obtê-los é muitas vezes arriscado e sempre desagradável. A primeira maré favorável pode não durar. E, em toda a história, nunca foi sensato atacar a Fundação. Até o Mulo deveria ter sido mais sensato para refrear...

Havia lágrimas nos olhos azuis, vazios, de Lady Callia. Ultimamente o seu "Cachorrinho" mal a via, e agora, quando lhe tinha prometido a noite, aquele homem horrível, magro e grisalho, que olhava sempre através dela ao invés de olhar para ela, forçara a entrada. E o "Cachorrinho" deixara-o entrar. Não ousava dizer nada, até um soluço forçado a aterrorizou. Stettin falava agora com um tom de voz que ela detestava, dura e impa¬ciente. Dizia:

- O senhor é um escravo do passado. A Fundação é maior em volume e população, todavia está mal unificada e se desfará com um sopro. O que os mantém juntos atualmente é apenas a inércia, uma inércia que eu sou suficientemente forte para esmagar. O senhor está hipnotizado pelos velhos tempos em que apenas a Fundação tinha energia atômica. Foram capazes de esquivar-se às últimas marteladas do Império moribundo, e depois enfrentaram apenas a anarquia sem cérebro dos condestáveis, que teriam de opor-se às naves atômicas da Fundação com velhos cascos e restos de naves.

- Mas o Mulo, meu caro Meirus, modificou isso. Espalhou os conhecimentos que a Fundação acumulara para si mesma, através de metade da Galáxia, e o monopólio da ciência foi-se para sempre. Podemos comparar-nos a eles.

- E a Segunda Fundação? - perguntou Meirus, friamente.

- E a Segunda Fundação? - repetiu Stettin, tão friamente como ele. - O senhor conhece suas intenções? Levou dez anos para deter o Mulo, se é que foi realmente ela o fator, do que alguns duvidam. Não está no fato de uma grande maioria dos psicólogos e sociólogos da Fundação serem de opinião que o Plano de Seldon ficou completamente destroçado desde o tempo do Mulo? Se o Plano se foi, então existe um vácuo que eu posso preencher tão bem como o homem que se seguir.

- O nosso conhecimento dessa matéria não é suficientemente grande para garantir o jogo.

- O nosso conhecimento, talvez não, porém temos um visitante da Fundação no Planeta. Não sabia? Um tal Homir Munn que, segundo compreendi, escreveu artigos sobre o Mulo, e exprimiu exatamente essa opinião, de que o Plano de Seldon já não existe.

O Primeiro Ministro meneou a cabeça.

- Já ouvi falar dele ou, pelo menos, dos seus escritos. O que pretende ele?

- Pede autorização para entrar no palácio do Mulo.

- Ah, sim? Seria prudente recusar. Nunca é aconselhável perturbar as superstições que mantêm um planeta seguro.

- Levarei isso em consideração, e voltaremos a falar.

Meirus inclinou-se e saiu. Lady Callia disse, lacrimosa:

- Está zangado comigo, Cachorrinho?

Stettin voltou para ela ferozmente.

- Não lhe disse que nunca me chamasse por esse nome ridículo na presença de outras pessoas?

- Antigamente você o admirava.

- Bem, mas agora não gosto, e que isto não volte a acontecer.

Fitava-a, carrancudo. Era um mistério para ele que ainda a tolerasse. Era uma coisa macia e de cabeça oca, agradável ao tato, com uma feição dócil que era uma faceta conveniente para uma vida áspera. Contudo, até essa afeição estava se tornando aborrecida. Sonhava com o casamento, em ser a Primeira Dama. Ridículo!

Estava tudo muito bem enquanto fora apenas almirante, todavia agora, como Primeiro Cidadão e conquistador, precisava de mais. Precisava de herdeiros que pudessem unificar os seus futuros domínios, algo que o Mulo nunca tivera, razão por que o seu Império não sobrevivera à sua estranha vida não-humana. Ele, Stettin, precisava de alguém das grandes famílias históricas da Fundação com quem pudesse fundir as dinastias.

Perguntava a si mesmo, mal-humorado, por que não se livrava de Callia imediatamente. Não haveria perturbações. Ela havia de choramingar um pouco... Deixou o pensamento de parte. Tinha também as suas coisas boas, de vez em quando.

Callia começava a ficar mais animada. Desaparecera a influência do Barba-Grisalha, e o rosto de granito do seu "Cachorrinho" estava agora mais suave. Ergueu-se num movimento todo feminino e mostrou-se terna para com ele.

- Não vai ralhar comigo, não?

- Não. - Afagou-a, por instinto. - Agora sente-se quietinha por um pouco, sim? Quero raciocinar.

- Sobre o homem da Fundação?

- Sim.

- Isto foi depois de uma pausa.

- O que é?

- Você disse que o homem tem uma menina com ele. Lembra-se? Posso vê-la quando vier? Eu nunca. ..

- Para que é que você pensa que eu quero que ele traga a fedelha consigo? Então a minha sala de audiência é algum liceu? Basta de disparates, Callia.

- Mas eu cuidarei dela, Cachorrinho. Nem tem que incomodar-se com ela. É só porque raramente vejo crianças, você sabe como gosto delas.

Olhou-a com sarcasmo. Nunca se cansava daquela aproximação.

Gostava de crianças, isto é, de crianças filhas dele, isto é, de crianças filhas legítimas dele, isto é, do casamento. Riu.

- Neste caso, esta coisinha pequena - disse ele - é uma grande moça de catorze ou quinze anos. Talvez seja tão alta quanto você.

Callia pareceu esmagada.

- Bom, seja como for, posso? Ela poderia me falar da Fundação. Sempre desejei ir lá, bem sabe. O meu avô era um homem da Fundação. Não me leva lá algum dia, Cachorrinho?

Stettin sorriu ao pensamento. Talvez a levasse como conquistador. A boa disposição que o pensamento lhe deu fez-se sentir nas suas palavras:

- Levo, sim, levo. E pode ver a garota e falar com ela sobre a Fundação tanto quanto quiser. Mas não ao meu lado, entende?

- Garanto-lhe que não o incomodo. Falarei com ela nos meus aposentos. - Estava novamente feliz. Não era muito freqüente, nos últimos tempos, ser-lhe permitido levar avante seus caprichos. Deitou-lhe os braços ao pescoço e, após um ligeiríssima hesitação, sentiu os tendões dele descontraírem-se e a grande cabeça veio pousar-se suavemente no seu ombro.

A SENHORA

Arcádia sentia-se triunfante. Como a vida se transformara desde que Pelleas Anthor encostara a cara de idiota à sua janela, e tudo por que ela tivera a visão e a coragem de fazer o que devia ser feito.

Ali estava ela em Kalgan. Fora ao grande Teatro Central, o maior da Galáxia, e vira em pessoa alguns dos cantores, famosos até na distante Fun¬dação. Fizera compras sozinha ao longo da Via Florida, centro da moda do mundo mais alegre do Espaço. E fizera a sua própria escolha, pois Homir não entendia absolutamente nada daquilo. As vendedoras não fizeram absolutamente nenhuma objeção aos vestidos compridos e brilhantes com aquelas riscas verticais que a faziam parecer tão alta, e o dinheiro da Fundação dava para tudo. Homir dera-lhe uma nota de dez créditos, e quando a trocou em notas Kalganianas transformou-se num maço bastante volumoso.

Fizera até um novo penteado, meio curto atrás com dois brilhantes caracóis em cada uma das têmporas. E o cabelo fora tratado de tal maneira que parecia mais dourado do que nunca, brilhava, pura e simplesmente.

Mas isto, isto era o melhor de tudo. Para ser franco, o Palácio de Lorde Stettin não era tão grandioso e pródigo de luxo como os teatros, ou tão misterioso e histórico como o antigo palácio do Mulo, no qual até então apenas avistaram as torres solitárias lançadas para as alturas, mas era, imagine-se, o palácio de um autêntico Lorde. Sentia-se arrebatada pela glória do momento.

Mas não era só isso. Estava agora frente a frente com a Amante dele. Arcádia tinha a palavra no seu espírito com letra maiúscula, pois sabia o papel que tais mulheres haviam desempenhado na história, sabia do seu encanto e poder. De fato, pensara muitas vezes em vir a ser, ela própria, uma dessas criaturas brilhantes e todo-poderosas, mas, fosse como fosse, as amantes não estavam então na moda na Fundação e, além disso, o Pai não a deixaria se as coisas se encaminhassem para essa direção.

Com certeza Lady Callia não se ajustava perfeitamente à noção que Arcádia tinha do papel. Por um lado era ela rechonchuda e, por outro, não parecia de modo nenhum ser perversa e perigosa, antes como que míope e curta de vista. A sua voz, também, era estridente ao invés de rouca, e...

Callia disse:

- Quer mais chá, minha filha?

- Tomo mais uma xícara, muito obrigada, Sua Senhoria. - (Ou seria sua majestade?). - Arcádia continuou, com a condescendência de um conhecedor: - Que lindas pérolas as que traz, Senhora. (Assim, por extenso, "Senhora", parecia melhor).

- Oh! Acha que sim? - Callia pareceu ficar vagamente satisfeita. Tirou-as e as fez balançar, lácteas, de um lado para o outro. - Gosta delas? Pode ficar com elas, se gosta.

- Oh!... Quer realmente dizer... - Encontrou-se com elas na mão, e então, repelindo-as pesarosa, disse: - O meu pai não gostaria.

- Não gostaria das pérolas? São umas pérolas lindas...

- Não gostaria de que as aceitasse, quero dizer. Ele diz que não se devem aceitar presentes caros das outras pessoas.

- Não se deve? Todavia... quero eu dizer, isto foi um presente do Cacho... do Primeiro Cidadão. Acha que não foi correto eu aceitar?

Arcádia corou.

- Não tinha a intenção...

Callia cansara-se do assunto. Deixou as pérolas caírem no aposento, e disse:

- Vai contar-me coisas da Fundação. Conte, imediatamente, por favor.

Arcádia ficou de repente sem saber o que dizer. Que pode dizer-se de um mundo enfadonho até às lágrimas? Para ela, a Fundação era uma cidade suburbana, uma casa confortável, as necessidades aborrecidas da educação, as eternidades sem interesse de uma vida calma. Disse, incerta:

- É tal qual como se vê nos livros-filmes, suponho eu.

- Oh, vê livros-filmes? Eles me provocam uma dor de cabeça tão grande quando tento... Mas, sabe? Sempre gostei de histórias de amor da televisão sobre, os seus comerciantes, homens grandes e selvagens. É sempre excitante. O seu amigo, o senhor Munn, é um deles? Não parece nem de perto ser selvagem. A maior parte dos comerciantes tinham barbas e grandes vozes de baixo, e eram tão dominadores com as mulheres... não acha?

Arcádia sorriu de leve:

- Isso é apenas parte da História, Senhora. Quero dizer quando a

Fundação era jovem, os comerciantes eram os pioneiros que alargavam as fronteiras e levavam a civilização ao resto da Galáxia. Aprendemos tudo isso na escola. Mas esse tempo passou. Já não temos comerciantes, apenas Companhias e coisas assim.

- Realmente? Que pena. Então que faz o Sr. Munn, se não é um comerciante?

- O Tio Homir é bibliotecário.

Callia levou uma das mãos à boca e riu furtivamente.

- Quer dizer que cuida de livros-filmes? Ora esta! Parece uma coisa tão idiota para um adulto fazer.

- É um bibliotecário muito bom, Senhora. É uma ocupação que é muito bem vista na Fundação. - Pousou a pequena xícara de chá, brilhante, na mesa metalizada de um branco alvíssimo.

Sua hospedeira mostrou-se muito pesarosa.

- Mas, minha querida filha, tenho certeza de que não quis ofendê-la. Deve ser um homem muito inteligente. Pude vê-lo nos seus olhos logo que o vi. Eram tão... tão inteligentes. E deve ser valente, também, para querer ver o palácio do Mulo.

- Valente? - A vigilância interior de Arcádia agitou-se. Era daquilo que estava à espera. Intriga! Intriga! Perguntou, com grande indiferença, fitando indolentemente a ponta do polegar. - Por que é preciso ser valente para ver o palácio do Mulo?

- Não sabe? - Os seus olhos arredondaram-se e a sua voz baixou de tom. - Está amaldiçoado. O Mulo, quando morreu, ordenou que ninguém entrasse lá até ser estabelecido o Império da Galáxia. Ninguém em Kalgan, se atreveria a entrar nem nos terrenos.

Arcádia ponderou aquilo.

- Mas isso é uma superstição!...

- Não diga isso. - Callia ficou aflita. - O Cachorrinho diz sempre isso, embora diga também que é melhor dizer que não é, para manter o domínio sobre o povo. Contudo, noto que ele próprio nunca foi lá. Thallos também nunca esteve lá, ele que era Primeiro Cidadão antes do Cachorrinho. - Ocorreu-lhe um pensamento e voltou a ser toda ela curiosidade. - Mas por que deseja o Sr. Munn ver o palácio?

E foi aqui que o plano cuidadoso de Arcádia pôde entrar em ação. Sabia muito bem pelos livros que a amante de um dirigente era o poder real atrás do trono, que era ela a verdadeira mola de influência. Por conseguinte, se o tio Homir falhasse com Lorde Stettin e tinha certeza de que falharia, ela devia reparar essa falha com Lady Callia. Com toda a fraqueza, Lady Callia tinha algo de um enigma. Não parecia nada esperta. Mas o certo era que toda a história provava...

Disse:

- Há uma razão, Senhora, mas guardá-la-á como um segredo?

- Juro-o - disse Callia, fazendo um sinal apropriado sobre a brancura macia e encapelada do seu seio.

Os pensamentos de Arcádia mantiveram-se uma frase adiante das palavras.

- O Tio Homir foi uma grande autoridade sobre o Mulo, sabe? Escreveu livros e mais livros sobre isso, e pensa que toda a História Galáctica foi modificada desde que o Mulo conquistou a Fundação.

- Oh, que pena!

- Pensa que o Plano de Seldon...

Callia bateu as palmas.

- Do Plano de Seldon eu sei. Os programas de televisão sobre os comerciantes eram sempre sobre o Plano de Seldon. Supunha-se que arranjava maneira da Fundação ganhar sempre. A ciência tinha qualquer coisa a ver com isso, embora eu nunca conseguisse ver bem como. Fico sempre tão inquieta quando tenho de ouvir explicações. Mas continue, continue, minha querida. É diferente quando é a menina a explicar. Faz parecer tudo tão claro.

Arcádia continuou:

- Bem, então não vê que, quando a Fundação foi derrotada por Mulo, o Plano de Seldon não funcionou desde então? Portanto, quem estabelecerá o Segundo Império?

- O Segundo Império?

- Sim, um dia tem de ser estabelecido um, mas como? É esse o problema, está vendo? E há a Segunda Fundação.

- A Segunda Fundação? - Estava completamente perdida.

- Pois, há os planejadores da história, que estão seguindo as pegadas de Seldon. Detiveram o Mulo por ele ser prematuro, porém agora podem estar apoiando Kalgan.

- Porquê?

- Por que Kalgan pode oferecer agora a melhor oportunidade de ser o núcleo de um novo Império.

Obscuramente, Lady Callia parecia ser capaz de compreender aquilo.

- Quer dizer que o Cachorrinho vai fundar um novo Império?

- Não podemos afirmá-lo. O Tio Homir pensa que sim, mas tem que ver os registros do Mulo para descobri-lo.

- É tudo muito complicado - disse Lady Callia, indecisa. Arcádia desistiu. Fizera o melhor que pudera.

Lorde Stettin andava de muito mau humor. A conversa com o maricas da Fundação não fora absolutamente nada compensadora, pior, fora embaraçosa. Ser o senhor absoluto de vinte e sete mundos, chefe da maior máquina militar da Galáxia, possuidor da mais alta ambição do Universo, e ficar reduzido a debater disparates com um antiquário.

Maldição!

Iria violar os costumes de Kalgan? Iria permitir que o palácio do Mulo fosse revirado para um doido poder escrever mais um livro? A causa da ciência! O caráter sagrado do conhecimento! Grande Galáxia! Podiam ser-lhe aqueles lugares comuns atirados à cara com toda a seriedade? Além disso, e sentiu um ligeiro arrepio ao pensá-lo, havia o caso da maldição. Não acreditava nela, nenhum homem inteligente poderia acreditar, mas se a desafiasse teria de ser por uma razão melhor do que as apresentadas por aquele.

- O que é que você quer? - disparou ele, e Lady Callia encolheu-se visivelmente no vão da porta.

- Está ocupado?

- Estou. Estou ocupado.

- Mas não há ninguém, Cachorrinho. Não poderia falar com você só por um minuto?

- Oh, Galáxia! O que quer? Apresse-se.

As palavras dela foram vacilantes.

- A moça disse-me que iam ao palácio do Mulo. Pensei que podíamos ir com ela. Deve ser maravilhoso lá dentro.

- Ah, ela lhe disse isso, não disse? Pois muito bem, nem vai ela nem vamos nós. Agora vá cuidar de sua vida. Basta de aturá-la.

- Mas, Cachorrinho, por que não? Não vai deixá-los ir? A moça disse que você iria fundar um Império!...

- Não me interessa o que ela disse... Que foi que você disse? - Deu um grande passo para ela e agarrou-a firmemente acima do cotovelo, de modo que os seus dedos afundaram-se profundamente na carne macia. - Que foi que ela disse?

- Está me machucando. Não consigo lembrar-me do que ela disse, se continua a olhar para mim assim. - Largou-a, e ela ficou um momento esfregando em vão as marcas verme¬lhas. Lamentou-se: - A moça fez-me prometer que não diria.

- Tenho muita pena, mas diga! E já!

- Bom, ela disse que o Plano de Seldon estava modificado e que havia outra Fundação em algum lugar que estava trabalhando para você construir um Império. É tudo. Disse que o Sr. Munn era um cientista muito importante e que o palácio do Mulo teria provas de tudo isso. Foi tudo o que ela disse. Está zangado?

Mas Stettin não respondeu. Deixou a sala, apressadamente, seguido pelos olhos espantados de Callia que o fitavam tristemente. Foram expedidas duas ordens sob o selo oficial do Primeiro Cidadão, passada menos de uma hora. Uma teve o efeito de mandar quinhentas naves de combate para o espaço, para o que se designava oficialmente como "manobras". A outra teve o efeito de lançar um único homem na confusão.

Homir Munn cessou os seus preparativos para partir quando a segunda ordem lhe chegou às mãos. Era, evidentemente, a autorização oficial para entrar no palácio do Mulo. Leu-a e releu-a, com tudo menos alegria.

Arcádia estava deleitada. Sabia o que acontecera.

Ou, fosse como fosse, pensava que sabia.

ANSIEDADE

Poli pôs o almoço na mesa sem deixar de manter os ouvidos no gravador de notícias que transmitia tranqüilamente os boletins do dia. Aquele trabalho podia ser feito com bastante facilidade, sem perda de eficiência. Dado que todos os tipos de comida eram enlatados, devidamente esterilizados, em embalagens que serviam como unidades preparadoras, os seus deveres quanto ao almoço não consistiam em mais do que escolher o cardápio, colocando as diversas iguarias na mesa e recolhendo os resíduos depois. Deu um estalo com a língua perante o que viu, e queixou-se em voz baixa, apreciando.

- Oh, as pessoas são tão ruins - disse ela, e Darell apenas pigarreou como resposta.

A voz dela elevou-se para o tom estridente que empregava para deplorar o mal do mundo.

- Ora, por que é que estes terríveis Kalganianos fazem uma coisa destas? Poderia pensar-se que dessem paz às pessoas. Mas não, é só inquietação e sempre inquietação.

- Ora, olhe para aquele cabeçalho: - "Multidões em motim diante do Consulado da Fundação". Oh, como eu gostaria de lhes dar um bocado do meu espírito, se pudesse! É esse o mal das pessoas, é que nem sequer se lembram. Nem sequer se lembram, Sr. Dr., não têm memória de espécie alguma. Veja a última guerra depois do Mulo morrer... claro que eu era uma menina... mas veja o rebuliço e a aflição. O meu tio foi morto, tendo só vinte e poucos anos e só depois de casado, com uma filhinha. Ainda agora me lembro dele... tinha cabelo loiro e uma covinha no queixo. Tenho um cubo trimensional dele em algum lugar... E agora a filhinha dele já tem um filho na Esquadra, e o mais provável, se acontecer alguma coisa... E tivemos as patrulhas do bombardeio, e todos os velhos prestando serviço, em turnos, na defesa estratosférica... Posso imaginar o que seriam capazes de fazer se os Kalganianos chegassem tão longe. Minha mãe costumava falar-nos do racionamento de alimentos, dos preços e dos impostos. Uma pessoa mal conseguia sobreviver com o que tinha...

- Podia pensar-se que as pessoas, se tivessem juízo, nunca mais haveriam de querer começar outra vez a coisa, nunca mais haveriam de querer ter nada com isso. E eu suponho que também não é o povo que quer, creio que os Kalganianos também prefeririam ficar sentados em casa com as suas famílias a

andarem por aí em naves, feitos doidos, arriscando-se a morrer. É aquele homem horrível, Stettin. É assombroso como se deixam viver pessoas assim. Mata o velho... qual é o nome dele?... Thallos, e agora só está ansioso por ser o senhor de tudo. E não sei porque ele quer lutar contra nós. Está condenado a ser vencido como os demais o foram. Talvez esteja tudo no Plano, mas às vezes tenho receio de que deve ser um plano muito perverso para conter tantas lutas e só, embora, falando a verdade, não tenha nada a dizer de Hari Seldon por que, tenho a certeza, sabe muito mais disso do que eu, e talvez eu seja atrevida em colocá-lo em dúvida... E a outra Fundação também é merecedora de censura. Podiam deter Kalgan agora, e pôr tudo em ordem. De qualquer maneira hão de fazê-lo no fim, e pode pensar-se que o deviam fazer antes de ter provocado qualquer dano.

- Disse alguma coisa, Poli?

Os olhos de Poli abriram-se muito e depois semicerraram-se encolerizados.

- Não, nada, Sr. Dr., absolutamente nada. Não tenho nem uma palavra a dizer. É mais fácil uma pessoa sufocar-se até à morte do que dizer uma palavra nesta casa. Anda-se de um lado para o outro, numa roda-viva, mas tenta dizer uma palavra... - E foi embora, agitada.

A saída dela causou tão pouca impressão a Darell como lhe fizera o seu falar.

Kalgan! Disparate! Um inimigo meramente físico! Esses foram sempre batidos! Contudo não podia divorciar-se daquela crise tola. Sete dias antes, o prefeito pedira-lhe que fosse o Diretor de Pesquisa e Desenvolvimento. Prometera uma resposta nesse dia.

Bem...

Irritou-se, inquieto. Por que ele? Poderia recusar? Pareceria estranho e não ousava parecer estranho. Afinal de contas, que lhe importava Kalgan? Para ele havia apenas um inimigo. Sempre houvera apenas um.

Enquanto sua mulher fora viva, fora demasiado feliz para não se esquivar à tarefa, para não se esconder. Aqueles dias longos e calmos em Trantor, com as ruínas do passado à sua volta! O silêncio de um mundo arruinado e o esquecimento de tudo!

Mas ela morrera. Haviam sido, ao todo, menos de cinco anos, e compreendeu depois disso que apenas poderia viver lutando contra aquele vago e temível inimigo que o privava da dignidade de ser humano controlando o seu

destino, que fazia da vida uma luta miserável contra um fim predeterminado, que fazia de todo o universo um jogo de xadrez odioso e mortal.

Chamassem-lhe sublimação, era ele o primeiro a chamar-lhe assim, contudo a luta dera sentido à sua vida.

Primeiro fora na Universidade de Santanni, onde se juntara ao Dr. Kleise. Haviam sido cinco anos bem empregados.

E, no entanto Kleise era um mero colecionador de dados. Não poderia ser bem sucedido na tarefa real, e quando Darell sentiu isso como uma certeza, viu que era tempo de deixá-lo.

Kleise tinha artífices trabalhando em segredo para ele e com ele, tinha indivíduos cujos cérebros investigava, tinha uma Universidade atrás de si. Tudo isto eram fraquezas.

Kleise não podia compreender isso, e ele, Darell, não podia explicar-lhe. Tornaram-se inimigos. Estava bem, assim tinha de ser. Tinha de abandonar renunciando, para o caso de alguém vigiar.

Onde Kleise trabalhava com mapas, Darell operou com conceitos mate¬máticos nos recessos de sua mente. Kleise trabalhava com muitos homens, Darell com nenhum. Kleise, numa Universidade, Darell no silêncio de uma casa de subúrbio. E estava quase atingindo o que pretendia.

Um homem da Segunda Fundação não é humano, pelo menos no que diz respeito ao seu cérebro. O fisiologista mais hábil, o neuroquímico mais sutil poderiam não detectar nada, que a diferença lá deveria estar, no entanto. E desde que a diferença era da mente, era nela que deveria ser detectável.

Um homem como o Mulo - e não havia dúvida de que os homens da Segunda Fundação tinham os poderes do Mulo, congênitos ou adquiridos com o poder de detectar e controlar as emoções humanas, deduzir daí o circuito eletrônico necessário para o efeito, e deduzir dele os últimos pormenores do encefalógrafo em que não pudesse deixar de ser denunciado. E agora Kleise voltara à sua vida, na pessoa do seu jovem e ardoroso aluno, Anthor.

Tolice! Tolice! Com os seus gráficos e mapas de gente que tinha sido influenciada. Aprendera a detectar aquilo havia anos, mas para que servia? Queria o braço, não a ferramenta. Tivera, porém, de concordar em juntar-se a Anthor, uma vez que era a maneira de agir mais tranqüila.

Tal como agora se tornaria o Administrador de Pesquisa e Desenvolvimento. Era o modo de proceder mais sossegado! E assim se mantinha

como um conspirador dentro de uma conspiração.

O pensamento de Arcádia atormentou-o por um momento, e fugiu dele, estremecendo. Se o houvessem deixado entregue a si mesmo, aquilo nunca teria acontecido, se o houvessem deixado entregue a si mesmo, jamais alguém teria estado em perigo senão ele, se o houvessem deixado entregue a si mesmo...

Sentiu crescer a ira contra o falecido Kleise, contra o vivo Anthor, contra todos os tolos bem intencionados... Bem, ela poderia tomar conta de si mesma. Era uma mocinha muito ajuizada. Poderia tomar conta de si mesma! Isto era um murmúrio na sua mente... Poderia mesmo?

No momento em que o Dr. Darell dizia de si para si, pesarosamente, que poderia, estava ela sentada na antecâmara austera do Serviço Executivo do Primeiro Cidadão da Galáxia. Estava ali sentada havia meia hora, correndo os olhos lentamente pelas paredes. Havia dois guardas armados à porta quando entrara com Homir Munn. Em outras circunstâncias não permaneciam lá. Estava só, agora, mas sentia a inimizade da própria mobília da sala. E pela primeira vez.

Por que seria?

Homir estava com Lorde Stettin. Bom, haveria algum mal nisso?

Não o saber deixava-a furiosa. Em situações semelhantes, nos livros-filmes na televisão, o herói previa a conclusão, estava preparado para ela quando chegava... e ela... limitava-se a ficar ali sentada. Tudo podia acontecer. Tudo! E ela ali sentada, nada mais.

Bem, voltar novamente atrás. Recordar o que se passara. Talvez surgisse alguma coisa.

Durante duas semanas, Homir passara dentro do palácio do Mulo. Levara-a lá uma vez, com autorização de Stettin. Era grande e horrivelmente maciço, fugindo ao toque da vida para jazer adormecido dentro de suas memórias, respondendo às passadas com um estalido oco ou um barulho selvagem. Não gostara dele.

Antes as grandes e alegres estradas reais da cidade-capital, os teatros e espetáculos de um mundo essencialmente mais pobre do que a Fundação, mas gastando grande parte de sua riqueza em ostentação. Homir voltava à noite. Maravilhava-se...

- É um mundo de sonhos para mim - dizia ele. - Se pudesse ao menos demolir o palácio pedra por pedra, camada por camada de alumínio esponjoso. Se pudesse transportá-lo para Terminus. Que museu faria.

Parecia ter perdido a relutância anterior. Estava, ao invés, impaciente, inflamado. Arcádia sabia-o pelo único sinal seguro: não gaguejava durante esse tempo. Uma vez disse:

- Há resumos dos registros do General Pritcher...

- Conheço o nome: Foi o renegado da Fundação que vasculhou a Galáxia em busca da Segunda Fundação, não foi?

- Não precisamente um renegado, Arkady. O Mulo convertera-o.

- Oh, é a mesma coisa!

- A procura a que se referiu era uma tarefa sem esperança. Os registros originais da Convenção de Seldon, estabelecendo ambas as Fundações há quinhentos anos, fazem apenas leve referência à Segunda Fundação. Dizem que está localizada "no outro extremo da Galáxia, na Ponte das Estrelas". Era tudo quanto o Mulo e Pritcher tinham para investigar. Não tinham meios de reconhecer a Segunda Fundação mesmo que a encontrassem. Que loucura!

- Há registros - Falava ele para consigo, porém Arcádia ouvia avidamente - que devem abranger perto de um milhar de mundos, não obstante o número de mundos disponíveis para estudo tenha sido de aproximadamente um milhão. E não estamos melhor quanto...

Arcádia interrompera-o ansiosamente, sibilando com rispidez:

- Shhhh! Homir ficara rígido e voltara depois, lentamente, à posição anterior. - É melhor não falarmos - resmungara ele.

E agora Homir estava com Lorde Stettin e Arcádia esperava do lado de fora, sozinha, sentindo o sangue palpitar-lhe no coração sem nenhuma razão. Aquilo era mais assustador do que qualquer outra coisa, o fato de parecer não haver razão.

Do outro lado da porta, também Homir estava em papos-de-aranha. Lutava com uma intensidade furiosa para evitar gaguejar, mas, evidentemente, mal podia, como resultado, pronunciar claramente duas palavras seguidas.

Lorde Stettin estava com seu uniforme de gala, com os seus metro e oitenta de altura, queixada larga e boca dura. Os seus punhos maciços e arrogantes acentuavam poderosamente as frases.

- Muito bem, teve duas semanas e vem-me com contos da carochinha. Vamos, diga-me o pior. A minha Esquadra vai ser arrasada? Terei de combater os fantasmas da Segunda Fundação tal como os homens da Primeira?

- Eu... eu repito, Senhor, não sou a...adi...adivinho. Eu... eu estou com...completamente a... atrapalhado.

- Ou quer regressar para avisar os seus compatriotas? A sua comédia que vá para o Espaço Perdido. Quero a verdade, senão tenho de a tirar juntamente com metade das suas tripas.

- Estou di... di... dizendo-lhe só a verdade e permito-me lem... lembrar-lhe, Se... Senhor, que sou um cidadão da Fundação. N... não pode tocar-me sem sofrer as conseqüências.

O Senhor de Kalgan riu estrepitosamente.

- Uma ameaça para assustar crianças. Um horror suficiente para derrotar um idiota. Olhe, senhor Munn, olhe que eu fui paciente com o senhor. Ouvi-o durante vinte minutos, enquanto o senhor esmiuçava disparates enfadonhos que devem ter-lhe custado noites de insônia para compor. Foi um esforço perdido. Eu sei que não está aqui apenas para remexer o passado do Mulo e para se divertir com elas. Veio aqui por mais do que admitiu. Não é verdade?

Seria tão impossível Homir Munn extinguir o ardente pavor que crescia nos seus olhos, como deixar de respirar nesse momento. Stettin viu-o e deu uma palmada no ombro do homem da Fundação que ele e a cadeira em que estava sentado vacilaram com o impacto.

- Ora bem! Agora vamos ser francos. O senhor está investigando o Plano de Seldon. Sabe que ele já não existe. Sabe, talvez, que sou eu agora o vencedor inevitável, eu, e os meus herdeiros. Então, homem, que interessa quem funde o Segundo Império, desde que seja fundado? A história não tem favoritos, ou tem? Tem medo de me dizer? Está percebendo que conheço sua missão...

Munn perguntou, com dificuldade:

- Que... que... que quer de... de mim?

- A sua presença. Não quero ver o Plano estragado por excesso de confiança. O senhor percebe mais destas coisas do que eu, pode descobri pequenas falhas que poderiam passar-me. Vamos, no fim será recompensado, terá um quinhão generoso no saque. Que pode esperar da Fundação? Que vire a maré de uma derrota talvez inevitável? Que prolongue a guerra? Ou é apenas um desejo patriótico de morrer pela sua terra?

- Eu eu... - e mergulhou finalmente no silêncio. Não conseguia articular palavra.

- Ficará - disse o Senhor de Kalgan, confiante. - Não tem escolha. Ah é verdade... - era uma idéia quase esquecida - estou informado de que sua sobrinha é da família de Bayta Darell.

Homir proferiu um "Sim" sobressaltado. Não podia confiar em si próprio até o ponto de tecer qualquer coisa que não fosse a verdade nua e crua.

- É uma família de realce na Fundação? –

Homir inclinou a cabeça num sinal afirmativo.

- À qual não tolerariam certamente que... que... que se fizesse mal.

- Fazer mal! Não seja tolo, homem! Estou pensando no contrário. Que idade tem ela?

- Catorze anos.

- Ah, sim? Bem, nem sequer a Segunda Fundação, ou até o próprio Hari Seldon, poderiam impedir o tempo de passar ou as garotas de se tornarem mulheres. - Dito isto, voltou-se e alcançou a grandes passadas uma porta, que abriu violentamente. Trovejou: - Por que cargas d'água é que trouxe sua carcaça para cá?

Lady Callia pestanejou, olhando para ele, e disse com voz sumida:

- Não sabia que havia alguém com você.

- Mas há. Hei de falar com você mais tarde, agora quero vê-la pelas costas, e rapidamente.

Os passos dela eram ouvidos numa fuga precipitada ao longo do corredor. Stettin regressou.

- Ela é um dos restos de um intervalo que durou muito tempo. Acabará dentro em pouco. Catorze anos, foi o que disse?

Homir permaneceu olhando para ele com um horror jamais visto.

Arcádia estremeceu ao abrir-se silenciosamente uma porta, dando um salto ao perceber o movimento pelo canto do olho. O dedo que a chamava ansiosamente não encontrou resposta durante uns longos momentos e, depois, como que correspondendo à precauções forçadas pela própria vista daquela figura branca e trêmula, dirigiu-se para ela nas pontas dos pés.

Os passos delas era um som abafado no corredor. Era Lady Callia, eviden¬temente, que lhe pegava na mão com tanta força que a magoava e, por qualquer razão, não se importava de segui-la. De Lady Callia, pelo menos, não

tinha receio. Mas por que aquilo?

Estavam agora no quarto de vestir, todo cor-de-rosa e açúcar em fios. Lady Callia encostou-se à porta, com ela. Disse:

- Este é o caminho privado para ele vir ter comigo, do seu gabinete... ao meu quarto. Do dele, sabe? - e apontava com o polegar, como se até o pensamento dele lhe esmagasse a alma com medo. - É uma sorte... é uma sorte... - As suas pupilas haviam ocultado o azul.

- Pode me dizer... - começou Arcádia, timidamente. Mas Calha já estava se movendo ansiosamente.

- Não, filha, não. Não há tempo. Tire suas roupas. Por favor. Por favor. Arranjo-lhe outras e assim não a reconhecerão.

Já estava em frente do roupeiro, atirando trapos inúteis para o chão, em montes descuidados, procurando desesperadamente qualquer coisa que uma moça pudesse usar sem tornar-se um convite vivo para divertimentos amorosos.

- Aqui esta. Isto serve. Tem de servir. Tem dinheiro? Tome, leve-o todo... e mais isto - e depois despojou as orelhas e os dedos. - Vá para casa... regresse à sua Fundação.

- Mas Homir... o meu tio. - Protestou em vão através das dobras do tecido metálico finamente perfumado, luxuoso, que lhe estava sendo enfiado à força pela cabeça.

- Não sairá daqui. O Cachorrinho o reterá para sempre, mas você não deve ficar. Oh, querida, não compreende?

- Não. - Arcádia forçou uma pausa. - Eu não compreendo.

Lady Callia apertou as mãos fortemente uma de encontro à outra.

- Deve voltar para avisar sua gente de que vai haver guerra. Está claro? - O terror absoluto parecia paradoxalmente ter emprestado aos seus pensamentos uma lucidez que estava inteiramente fora da sua índole. - Agora saia daqui!

Saíram por outro caminho. Passaram por oficiais que as olhavam, mas não viam razão para deter alguém que só o Senhor de Kalgan podia deter com impunidade. Os guardas batiam os calcanhares e apresentavam armas quando elas passavam pelas portas.

Arcádia mal respirou durante os anos que o percurso pareceu levar. Contudo, desde o aceno do dedo branco até chegar fora do portão exterior, com gente, barulho e trânsito à distância, haviam transcorrido apenas vinte e cinco

minutos. Olhou para trás com uma piedade súbita e amedrontada.

- Eu... eu... não sei por que está fazendo isto, Senhora, mas muito obrigada... Que vai acontecer ao tio Homir?

- Não sei - lastimou-se a outra. - Apresse-se! Vá direto ao aeroporto. Não espere. Ele pode estar à sua procura justamente neste momento.

Arcádia, porém, ainda hesitava. Abandonaria Homir e, agora que sentia o ar livre à sua volta, começava a desconfiar, embora tardiamente.

- Mas que lhe importa que ele o faça?

Lady Callia mordeu o lábio inferior e murmurou:

- Não posso explicá-lo a uma menina como você. Seria impróprio. Mas há de crescer, e eu... eu conheci o Cachorrinho quando tinha dezesseis anos. Não posso consentir que fique, entende? - Havia uma hostilidade um tanto receosa nos olhos dela.

As implicações gelaram Arcádia. Disse, num murmúrio:

- Que fará ele a você quando descobrir?

Respondeu, lamuriosa:

- Não sei - e levou uma das mãos à cabeça enquanto partia, quase correndo ao longo do largo caminho de acesso ao palácio do Senhor de Kalgan.

Arcádia continuou por um segundo eterno, sem se mover, pois naquele momento, antes de Lady Callia deixá-la, vira qualquer coisa. Aqueles olhos amedrontados, frenéticos, tinham-se iluminado momentaneamente, como um relâmpago, com um divertimento frio. Um divertimento imenso, não-humano.

Era enxergar muito num piscar tão rápido de um par de olhos, contudo Arcádia não tinha dúvidas sobre o que vira.

Corria agora, corria desesperadamente, procurando loucamente uma cabina pública desocupada onde se pudesse telefonar e pedir um transporte público. Não estava fugindo de Lorde Stettin, não estava fugindo dele nem de todos os cães de caça humanos que pudessem lançar-lhe aos calcanhares, nem de todos os seus vinte e sete mundos enfeixados num único fenômeno gigantesco, açulado à sua sombra.

Estava fugindo de uma simples e frágil mulher que a ajudara a evadir-se, de uma criatura que a carregara com dinheiro e jóias, que arriscara a sua própria vida para salvá-la, de uma entidade que sabia, com certeza e finalmente, ser uma

mulher da Segunda Fundação.

Um táxi aéreo desceu suavemente com um ligeiro ruído. O deslocamento do ar roçou a face de Arcádia e agitou-lhe o cabelo por baixo da leve touca que Callia lhe dera.

- Para onde, minha senhora?

Lutou desesperadamente para baixar o timbre de sua voz, para não soar como a de uma criança.

- Quantos aeroportos há na cidade?

- Dois. Para qual deles quer ir?

- Qual é o mais próximo?

Ele a fitou.

- Kalgan Central, minha senhora.

- Então para o outro, se faz favor. Tenho dinheiro suficiente. - Tinha uma nota de vinte na mão. A denominação da nota pouca diferença lhe fazia, porém o homem do táxi sorriu gentilmente.

- Tudo o que quiser, minha senhora. Os táxis do céu levam-na seja aonde for.

Refrescou a face de encontro ao estofo ligeiramente mofado. As luzes da cidade moviam-se vagarosamente por baixo dela.

Que havia de fazer? Que havia de fazer?

Foi nesse momento que se convenceu que era uma tolinha, uma garotinha estúpida, longe do pai e aterrorizada. Os seus olhos estavam marejados de lágrimas e havia no fundo da sua garganta um pequeno grito sem som que a magoava por dentro.

Não tinha medo de Lorde Stettin. Disso se encarregaria Lady Callia. Lady Callia! Madura, gorducha, estúpida, mas agarrada ao seu senhor, fosse como fosse. Agora estava tudo bastante claro. Estava tudo claro.

Aquele chá com Callia em que fora tão esperta. A esperta Arcadiazinha! Algo dentro de si a sufocou e detestou-se. Aquele chá fora uma manobra, e Stettin fora depois manobrado de modo a Homir acabar por ser afinal autorizado a inspecionar o palácio. E ela, a tola Callia, assim o quisera, e arranjara as coisas de forma que a esperta Arcadiazinha fornecesse uma justificação indiscutível, uma justificação que não levantaria suspeitas no espírito das vítimas e

envolveria, ainda, um mínimo de interferência da sua parte.

Por que razão estava então livre? Homir era um prisioneiro, evidentemente... A não ser que... A não ser que fosse para regressar à Fundação como isca... uma isca para levar outros a cair nas mãos de... deles. Não devia, portanto, regressar à Fundação...

- Aeroporto, minha senhora. - O táxi aéreo parará. Estranho! Nem sequer notara. Que mundo de sonhos era.

- Muito obrigada. - Pagou-lhe com uma nota sem nada ver, bateu com a porta e pôs-se a correr ao longo do pavimento elástico.

Luzes. Homens e mulheres despreocupados. Grandes painéis brilhantes de horários, com os números móveis que seguiam toda e qualquer nave que chegava e partia.

Para onde ia? Não se importava. Apenas sabia que não ia para a Fundação! Qualquer outro lugar, fosse qual fosse, serviria.

Graças fossem dadas a Seldon por aqueles momentos de descuido, a última fração de segundo em que Callia negligenciara a sua comédia por ter de se haver apenas com uma criança, e deixara transparecer o seu divertimento!

Então ocorreu a Arcádia qualquer coisa mais, qualquer coisa que se estivera agitando e movendo na base do seu cérebro desde que o vôo começara, qualquer coisa que extinguiu nela para sempre os catorze anos.

E compreendeu que devia fugir.

Isso acima de tudo. Ainda que localizassem todos os conspiradores da Fundação, ainda que apanhassem o seu próprio pai, não podia, não se atrevia a arriscar um aviso. Não podia arriscar a sua própria vida pela salvação de Terminus... Era a pessoa mais importante da Galáxia. Era a única pessoa importante da Galáxia. Compreendeu-o, enquanto estava parada diante da bilheteria e perguntava a si mesma para onde iria.

E era assim porque, em toda a Galáxia, ela e só ela, excetuados eles, os próprios, conhecia a localização da Segunda Fundação.

ATRAVÉS DA GRADE

TRANTOR. Pelos meados do Interregno, Trantor era uma sombra. No meio das minas colossais vivia uma pequena comunidade de agricultores...

Enciclopédia Galáctica

Não há e nunca houve nada como um azafamado aeroporto dos arrebaldes da capital de um planeta populoso. Lá estão as grandes naves repousando majestosamente nos seus hangares. Se escolher a ocasião apropriada, se terá a visão impressionante da descida de um desses gigantes, deitando-se para descansar, ou, ainda mais de eriçar os cabelos, a largada veloz de um monstro de aço. Todas as operações nela implicadas são quase sem ruído. A força motriz é a onda silenciosa dos núcleos atômicos, mudando depois para sistemas mais compactos...

Em termos de área, noventa e cinco por cento do aeroporto ficam assim descritos: Muitos quilômetros quadrados são reservados para os aparelhos, para os funcionários que trabalham neles e para os calculadores que servem ambos.

Só cinco por cento dos aeroportos são reservados para o povo, para quem são as estações de trânsito para todas as estrelas da Galáxia. É certo que muito poucos entre a multidão anônima se dão ao trabalho de considerar a engrenagem tecnológica que liga os caminhos do espaço. Talvez alguns deles se impressionem casualmente ao pensamento dos milhares de toneladas representados pelo aço que se afunda no espaço e parece tão pequeno na distância. Um desses cilindros ciclópicos poderia, concebivelmente, perder o raio de orientação e esmagar-se a um quilômetro do seu ponto de descida calculado, através, talvez, da cobertura de vidro das imensas salas de espera, de modo que só um sutil vapor orgânico e alguns fosfatos em pó assinala¬riam a passagem de um milhar de homens.

Isso não podia, contudo, acontecer nunca com a aparelhagem de segurança em uso, e só os neuróticos considerariam a possibilidade por mais de um momento. No que pensam eles, então? E que não é apenas uma multidão, é uma multidão com um objetivo. Esse objetivo paira sobre o campo e torna a atmosfera densa: formam-se filas, os pais guiam os filhos, a bagagem é manobrada em massas precisas - as pessoas vão para qualquer parte.

Considere-se, então, o isolamento psíquico completo de uma simples unidade desta multidão com intenções perfeitamente definidas, que não sabe para onde ir, mas que sente, mais intensamente do que qualquer dos outros pode talvez sentir, a necessidade de ir para alguma parte, para qualquer parte! Ou quase para qualquer parte!

Mesmo sem a telepatia ou qualquer dos métodos definidos da mente contatar a mente, há num tal ambiente, numa tal intangível disposição de espírito, uma contradição suficiente que leva ao desespero. Para levar? Mais, para ser dominado, submerso e afogado por ele.

Arcádia Darell, vestida com roupas alheias, num planeta alheio, na situação alheia do que parecia ser uma vida alheia, desejava ardentemente a segurança da caverna. Não sabia que era isso que desejava. Sabia apenas que o mundo representava um grande perigo. Desejava um lugar retirado em algum lugar, algum lugar bem afastado, um local num recanto inexplorado do universo, onde jamais alguém a procurasse.

E ali estava, com catorze anos, suficientemente cansada para oitenta, suficientemente aterrorizada para cinco anos apenas.

Qual dos estranhos das centenas que passavam por ela que na realidade roçavam por ela ao ponto de sentir tocarem-lhe, seria um homem da Segunda Fundação? Qual dos estranhos não teria outro remédio senão destruí-la instantaneamente por causa do seu conhecimento culpado e único, de saber onde estava a Segunda Fundação?

E a voz que se lhe dirigiu abruptamente foi um estrondo de trovão que gelou um grito na sua garganta.

- Ouça, garota! - dizia ele, irritado. - Vai utilizar a bilheteria ou vai ficar aí parada?

Reparou, pela primeira vez, que estava parada diante de uma bilheteria. Mete-se uma nota de valor alto numa fenda, aperta-se o botão por baixo da indicação do destino escolhido, e sai um bilhete, juntamente com o troco, feito por um aparelho eletrônico, que jamais erra. Era uma coisa muito vulgar, e não se justificava que alguém ficasse parado diante dela durante cinco minutos.

Arcádia meteu na fenda uma nota de duzentos créditos e reparou subitamente no botão marcado "Trantor". Trantor, capital morta do Império morto, o planeta onde nascera. Apertou o botão, num sonho. Nada aconteceu a não ser começarem a acender-se e apagar-se uns algarismos vermelhos que marcavam 172,18... 172,18... 172,18...

Era a importância que faltava. Outra nota de duzentos créditos. O bilhete foi entregue pela máquina. Soltou-se quando o pegou, e o troco saiu a seguir. Apanhou o troco e fugiu. Sentiu o homem atrás de si, tocando-a, ansioso pela sua vez de se servir da máquina, esquivou-se da frente dele e não olhou para trás.

Não havia, porém, para onde fugir. Todos era seus inimigos.

Sem dar inteiramente por isso, observava os sinais gigantescos e brilhantes que apareciam no ar: Steffani, Anacreon, Fermus... Havia até um que dizia Terminus. Era o que desejava, contudo não se atrevia...

Poderia ter alugado, por uma pequena quantia, um notificador que regulasse para qualquer destino e que, colocado na sua mala, seria ouvido apenas por ela quinze minutos antes da partida. Mas tais aparelhos são para as pessoas que estão seguras ou que podem, pelo menos, dispor de uma pausa para pensar neles.

Depois, tentando olhar simultaneamente em ambas as direções, enquanto corria foi precipitar-se de cabeça de encontro a uma barriga mole. Ouviu um resfolegar sobressaltado e um resmungo, e uma mão agarrou o seu braço.

Agitou-se desesperadamente, mas perdeu o fôlego e não conseguiu mais do que emitir um gemido abafado no fundo da garganta. O seu captor segurou-a firmemente e esperou. Os olhos dela foram focalizando-o lentamente até que conseguiu vê-lo. Era bastante baixo e gordo.

Tinha o cabelo branco e abundante, penteado para trás, num estilo pompadoriano que parecia incoerente com uma cara redonda e rubicunda que proclamava sua origem camponesa.

- O que é que há? - disse ele, finalmente, com uma curiosidade franca, pestanejando. - Parece assustada.

- Sinto muito - tartamudeou Arcádia num frenesi - porém, tenho pressa. Desculpe.

Mas ele não fez caso nenhum, e disse:

- Tome cuidado, menina, vai deixar cair o bilhete. - Tirou-o sem resistência dos seus dedos brancos e olhou para ele com todas as evidências de satisfação. - - Era o que eu pensava - disse ele, e depois chamou em voz alta, num tom que se assemelhava ao de um boi: - Mama!

Imediatamente apareceu uma mulher um pouco mais baixa, um pouco mais redonda, um tanto mais rubicunda. Enrolou com um dedo um caracol

rebelde do cabelo grisalho, para metê-lo debaixo do chapéu muito fora de moda.

- Papá - disse ela, repreendendo-o - por que você grita no meio de uma multidão como esta? As pessoas olham para você como se estivesse doido. Pensa que está no sítio?

Sorriu abertamente para a silenciosa Arcádia, e acrescentou:

- Porta-se como um urso. - E depois, secamente: - Papá, largue a menina. Que está fazendo?

Mas "o Papá" limitou-se a acenar-lhe com o bilhete.

- Olhe - disse ele -vai para Trantor.

A cara da "Mama" mostrou imediatamente uma alegria raposa.

- É de Trantor? Já disse que lhe largue o braço, Papá! - Virou de lado a mala de viagem muito usada que carregava consigo, e obrigou Arcádia a sentar-se, com uma pressão suave, mas sem moleza. - Sente-se - disse ela - e descanse os seus pezinhos. Ainda falta uma hora para a nave e os bancos estão apinhados de vadios adormecidos. É de Trantor?

Arcádia inspirou profundamente e rendeu-se. Disse numa voz rouca:

- Nasci lá.

A "Mama" bateu palmas alegremente

- Há um mês que aqui estamos e até agora não encontramos ninguém dos nossos rincões. Que bom! Os seus pais... - e olhou vagamente em redor.

- Não estou com os meus pais - disse Arcádia, cuidadosamente.

- Sozinha? Uma menina? - A "Mama" era ao mesmo tempo uma mistura de indignação e de simpatia. - Como é que aconteceu isso?

- Mama! - O "Papá" puxou-lhe pela manga. - Deixe-me que lhe diga. Há qualquer coisa errada. Creio que ela está amedrontada. - A sua voz, embora tivesse a intenção óbvia de ser um murmúrio, era perfeitamente audível para Arcádia. - Estava observando-a e vi que estava fugindo sem ver para onde ia. Antes de poder me afastar do seu caminho, veio de encontro a mim. E sabe que mais? Penso que está em dificuldades.

- Então cale a boca, Papá. De encontro a você qualquer pessoa pode vir. - Mas sentou-se ao lado de Arcádia em cima da mala, que rangeu fortemente com o peso, e pôs um braço à volta dos ombros trementes da garota. - Está fugindo de alguém, minha querida? Não tenha medo de me dizer. Eu a ajudo.

Arcádia olhou de soslaio os bondosos olhos cinzentos da mulher, e sentiu os lábios tremerem. Uma parte do seu cérebro estava lhe dizendo que ali estava gente de Trantor com quem poderia ir, que poderia ajudá-la a manter-se nesse planeta até poder decidir o que fazer depois, para onde ir depois. E outra parte do seu cérebro estava lhe dizendo, muito mais alto, numa embrulhada incoerente, que não se lembrava de sua mãe, que estava mortalmente cansada de lutar contra o universo, que queria apenas enrolar-se num cantinho, sentindo uns braços fortes e suaves a rodeá-la, que, se a sua mãe fosse viva, poderia... poderia...

Então, pela primeira vez nessa noite, pôs-se a chorar como uma criancinha, e feliz por isso, agarrando-se apertadamente ao vestido fora de moda e molhando de lágrimas uma parte dele, enquanto uns braços macios a seguravam apertadamente e uma mão suave acariciava os seus caracóis.

O "Papá!' ficou desamparado olhando para o par, procurando futilmente um lenço de assoar que, quando apareceu, lhe foi arrancado da mão.

A "Mama" lançou-lhe um olhar feroz, advertindo-o de que devia ficar calado. As multidões ondulavam ao redor do pequeno grupo com a verdadeira indiferença das multidões desunidas de toda a parte. Estavam efetivamente sós. Finalmente, o choro chegou ao fim e Arcádia sorriu debilmente enquanto enxugava os olhos vermelhos com o lenço emprestado.

- Ora bolas! -murmurou ela. - Eu...

- Silêncio! Não fale - disse a "Mama", ruidosamente. - Fique sentada e descanse um pouco. Poupe o fôlego. Depois, diga-nos o que é que vai mal, e vai ver que colocamos tudo em ordem e tudo ficará bem.

Arcádia empenhou-se em reunir o que lhe restava de sua coragem. Não podia dizer-lhes a verdade. Não podia dizer a verdade a ninguém, todavia estava demasiado cansada para inventar uma mentira convincente.

Disse, num murmúrio:

- Agora estou melhor.

- Bom - disse a "Mama". - Então agora diga por que está em dificuldades. Não fez nada de mau, não é? Claro que, seja o que for que tenha feito, nós a ajudaremos, mas diga-nos a verdade.

- Por um amigo de Trantor faremos tudo - acrescentou o "Papá", expansivo. - Não é verdade, Mamã?

Cale a boca, Papá - foi a resposta sem rancor.

Arcádia vasculhou sua malinha de mão. Isso, pelo menos, era ainda seu, apesar da rápida mudança de roupas a que fora forçada nos aposentos de Lady Callia. Encontrou o que procurava e estendeu-o à "Mama".

- Estes são os meus papéis - disse, timidamente. Era um brilhante pergaminho sintético que lhe havia sido entregue pelo embaixador da Fundação no dia de sua chegada e fora visado pela autoridade Kalganiana competente. Era grande, aparatoso e impressionante. A "Mama" olhou desamparada para ele e passou-o ao "Papá", que se inteirou do seu conteúdo com um impressionante aperto dos lábios. Depois disse: - É da Fundação?

- Sou, mas nasci em Trantor. Veja que diz aí...

- Ah, sim. Parece-me em ordem. Chama-se Arcádia, hein? É um bom nome Trantoriano. Mas onde está o seu tio? Diz aqui que veio na companhia de Homir Munn, tio.

- Foi preso - disse Arcádia tristemente.

- Preso?!... - disseram os dois ao mesmo tempo.

- Por quê? - perguntou a "Mama". - Fez alguma coisa?

Meneou a cabeça.

- Não sei. Viemos apenas de visita. O Tio Homir tinha assuntos a tratar com Lorde Stettin, mas... - Não precisava fazer qualquer esforço para provocar um estremecimento. Ele ali estava.

O "Papá" ficou impressionado.

- Lorde Stettin?! Hum, o seu tio deve ser um homem importante.

- Não sei do que se tratava, mas Lorde Stettin queria que eu ficasse... - Estava se recordando das últimas palavras de Lady Callia, que haviam sido pronunciadas com a intenção de serem para seu bem. Uma vez que Callia, como agora sabia, agira em seu benefício, a história poderia servir por uma segunda vez. Fez uma pausa, e a "Mama" perguntou, interessada: - E por quê você?

- Não tenho certeza. Ele... ele queria jantar a sós comigo, mas eu disse que não, porque queria que o Tio Homir também fosse. Olhava para mim com um ar divertido e punha um braço ao redor dos meus ombros.

A boca do "Papá" estava um pouco aberta, mas a "Mama" ficou subitamente corada e zangada.

- Que idade tem, Arcádia?

- Catorze anos e quase meio.

A "Mama" inspirou profundamente e disse:

- Parece impossível que se deixe tal gente viver. Os cães das ruas são melhores. Está fugindo dele, minha querida, não está?

Arcádia acenou afirmativamente. Então a "Mama" disse:

- Papá, vá já direto às Informações e procure saber com exatidão quando é que a nave para Trantor vai partir. Depressa!

Mas o "Papá" deu um passo e parou. Ecoaram palavras metálicas em tom muito alto por cima das suas cabeças, e cinco mil pares de olhos dirigiram-se para cima espantados.

"Homens e mulheres", dizia a voz, com energia e secamente. "O aeroporto está sendo revistado à procura de um fugitivo perigoso e está agora cercado. Ninguém pode entrar e ninguém pode sair. A busca será, no entanto, efetuada com grande rapidez, e nenhuma nave pousará ou decolará da pista durante o intervalo, de modo que não perderão suas naves. Repito, ninguém perderá sua nave. Vai ser baixada a grade. Que ninguém se mova do lugar até a grade ser retirada. De contrário, seremos forçados a usar os nossos chicotes neurônicos".

Durante o minuto ou menos em que a voz dominou a vasta cúpula da sala de espera do aeroporto, Arcádia não poderia ter-se movido nem que todo o mal da Galáxia se estivesse concentrado numa bola e se atirasse de encontro a ela.

Só poderiam referir-se a ela. Nem era sequer necessário formular essa idéia como um pensamento específico. Mas por que...

Callia maquinara sua fuga, e Callia era da Segunda Fundação. Então por que a procura, agora? Teria Callia falhado? Poderia Callia falhar? Ou isto era parte do plano, cujas complicações ela não compreendia?

Por um momento vertiginoso, teve a tentação de pôr-se de pé num salto e gritar que desistia, que iria com eles, que... que...

Mas a mão da "Mama" apertou-lhe o pulso.

- Rápido! Rápido! Vamos para a sala das senhoras antes de eles começarem.

Arcádia não compreendeu. Limitou-se a segui-la cegamente. Infiltraram-se pelo meio da multidão, por entre as pessoas escoradas como se fossem troncos, com a voz ecoando ainda suas últimas palavras.

A grade estava descendo, e o "Papá", de boca aberta, via-a baixar. Ouvira falar dela e lera a seu respeito, mas nunca fora de fato objeto dela. Rebrilhava no ar uma simples série de cerrados feixes de radiação cruzados, que tornava o ai incandescente numa rede inofensiva de luz deslumbrante.

Era sempre assim utilizada de modo a descer lentamente, de forma a poder representar uma rede descendo, com todas as terríficas implicações psicológicas de uma armadilha.

Estava agora ao nível da cintura, três metros entre as linhas brilhantes. O "Papá" viu-se sozinho nos seus trinta metros quadrados, porém os quadrados adjacentes estavam apinhados. Sentia-se claramente isolado, mas sabia que mover-se para a maior anonimidade de um grupo significaria atravessar uma daquelas linhas brilhantes, desencadeando um alarma e ocasionando a descida do chicote neurônico.

Esperou.

Podia distinguir, por cima das cabeças da multidão timidamente calada e à espera, a agitação longínqua que seria a linha de policiais cobrindo a vasta área do pavimento, iluminado de quadrado a quadrado.

Passou-se muito tempo antes de um uniforme entrar no seu quadrado e anotar tudo cuidadosamente num livro de notas oficial.

- Documentos!

O "Papá" estendeu-os e foram-lhe tirados com as maneiras de um cavalheiro.

- Você é Preem Palver, natural de Trantor, em Kalgan há um mês, regressando a Trantor. Responda sim ou não.

- Sim, sim.

- Que veio fazer em Kalgan?

- Sou representante comercial da nossa cooperativa agrícola. Vim negociar um acordo com o Departamento da Agricultura de Kalgan.

- Hum! Sua mulher está junto? Onde está ela? Consta em seus papéis.

- Por favor. Minha mulher está no... - Apontou.

- Hanto! - gritou o policial. Outro uniforme juntou-se a ele.

O primeiro disse, secamente:

- Outra dama metida na caneca. Pela Galáxia! O local deve estar apinhado delas. Tome nota do nome dela - e indicou-lho nos papéis que o mencionavam.

- Mais alguém com você?

- A minha sobrinha.

- Não está mencionada nos papéis.

- Veio sozinha.

- Onde está ela? Não se incomode, já sei. Escreva também o nome da sobrinha, Hanto. Qual é o nome dela? Escreve Arcádia Palver. O senhor fica aqui, Palver. Nos ocuparemos das mulheres antes de nos irmos embora.

O "Papá" esperou um tempo infindo. Depois, passado muito tempo, apareceu a "Mama", vindo ao seu encontro, com a mão de Arcádia firmemente na sua e os dois policiais atrás dela. Entraram no reservado do "Papá", e um deles perguntou:

- Esta velha faladora é sua mulher?

- Sim, senhor - disse o "Papá", tranqüilo.

- Então é melhor dizer-lhe que vai se meter em encrencas se continuar a falar da maneira como o faz com a polícia do Primeiro Cidadão. - Empertigou-se encolerizado. - É esta a sua sobrinha?

- Sim, senhor.

- Quero os documentos dela.

Olhando para o marido, "Mama" meneou a cabeça ligeiramente, mas não menos firmemente. Houve uma curta pausa, e o "Papá" disse, com um sorriso débil:

- Penso que não posso fazer isso.

- O que é que quer dizer com isso de não o poder fazer? - O policial estendeu a mão aberta. - Passe-os para cá.

- Imunidade diplomática - disse o "Papá", suavemente.

- Que quer dizer com isso?

- Já disse que sou representante comercial da minha cooperativa agrícola. Estou acreditado junto ao governo Kalganiano como representante oficial estrangeiro, e os meus documentos provam-no. Mostrei-os e agora não quero ser mais importunado.

Durante um momento, o policial foi colhido de surpresa.

- Tenho de examinar os seus documentos. São ordens.

- Vá embora - interrompeu a "Mama", subitamente. - Quando quisermos alguma coisa de você, nós o chamaremos, seu... seu vadio.

Os lábios do policial se contraíram.

- Mantenha-nos sob as vistas, Hanto. Vou buscar o tenente.

- Não quebre uma perna! - gritou-lhe "Mama" quando ela se afastava. Alguém riu, mas depois calou-se abruptamente.

A busca aproximava-se do fim. A multidão estava ficando inquieta. Quarenta e cinco minutos haviam decorrido desde que a grade começara a descer, e isso era muito demorado para causar o melhor efeito. O tenente Dirige abriu caminho apressadamente para o centro da multidão compacta.

- É esta a moça? - perguntou ele, enfadado. Olhou-a e correspondia evidentemente à descrição. Tudo aquilo por causa de uma criança. Depois disse: - Os seus documentos, por faz favor. O "Papá" começou:

- Eu já expliquei...

- Eu sei o que foi que explicou, e sinto muito - disse o tenente - mas tenho as minhas ordens e não posso deixar de cumpri-las. Se lhe interessar fazer mais tarde um protesto, pode fazê-lo. Entretanto, se for necessário, terei de empregar a violência.

Houve uma pausa, e o tenente esperou pacientemente. Então o "Papá" disse, abruptamente:

- Dê-me os seus documentos, Arcádia.

Arcádia meneou a cabeça, em pânico, porém "Papá" insistiu.

- Não tenha receio. Dê-nos.

Desamparada, estendeu a mão e deixou os documentos mudarem de mãos.

O "Papá" desdobrou-os, percorreu-os com os olhos cuidadosamente e

depois passou-os ao policial.

O tenente, por sua vez, percorreu-os com a vista cuidadosamente. Levantou os olhos durante um longo momento para pousá-los em Arcádia, e fechou o livro de apontamentos com um estalo seco.

- Tudo em ordem - disse ele. - Vamos embora.

Afastou-se e, passados dois minutos ou pouco mais, a grade desapareceu e a voz vinda de cima significava a volta à normalidade. O barulho da multidão, subitamente liberada, recrudesceu. Arcádia disse:

- Mas como... como...

E o "Papá" disse:

- Silêncio! Não diga nem uma palavra. É melhor irmos para a nave. Deve estar na pista daqui a pouco.

Estavam na nave. Tinham uma sala de estar privativa e uma mesa reservada na sala de jantar. Já estavam afastados dois anos-luz de Kalgan quando Arcádia se atreveu finalmente a abordar o assunto. Então disse:

- Mas eles andavam à minha procura, Sr. Palver, e tinham com certeza a minha descrição e todos os pormenores. Por que me deixaram escapar?

A cara do "Papá" abriu-se num sorriso largo sobre o seu prato de rosbife. O a minha querida Arcádia! Foi fácil. Quando se passa a vida a lidar com agentes e compradores e com cooperativas competidoras, sempre se aprende algumas manhas. Já tive vinte anos ou mais para aprendê-las. Fique sabendo menina, que quando o tenente desdobrou os seus documentos e encontrou dentro deles, muito dobradinha, uma nota de quinhentos créditos. É simples não é?

- Devo pagar-lhe... garanto-lhe que tenho bastante dinheiro.

- Ora! - Apareceu no largo rosto do "Papá" um sorriso embaraçado, ao recusar o dinheiro. - Para uma mulher do campo...

Arcádia desistiu.

- Mas se ficasse com o dinheiro e me prendesse do mesmo modo? E se me acusasse de suborno?

- E perder quinhentos créditos? Conheço essa gente melhor do que você.

Arcádia sabia, porém, que ele não conhecia melhor as pessoas. Não aquelas pessoas. Nessa noite, na cama, ponderou o caso cuidadosamente e concluiu que nenhuma tentativa de suborno teria impedido um tenente da polícia

de prendê-la, a não ser que tivesse sido planejado. Eles não queriam apanhá-la, mas tinham tomado todas as providências para o fazerem.

Por que razão? Para terem certeza de ela partir? E partir para Trantor? O casal obtuso e de bom coração com quem estava agora seria apenas um par de instrumentos nas mãos da Segunda Fundação, tão impotentes com ela?

Deviam ser! Mas seriam?

Era tudo tão vago. Como poderia lutar contra eles? Fizesse o que fizesse, só poderia ser o que aqueles terríveis onipotentes queriam. Todavia tinha de levar a melhor com eles. Tinha de ser, Tinha de ser! Tinha de ser!!!

INÍCIO DA GUERRA

Por razão ou razões desconhecidas dos membros da Galáxia na época em questão, o Tempo-padrão Intergaláctico define a sua unidade fundamental, o segundo, como o tempo durante o qual a luz viaja 299,776 quilômetros. 86.400 segundos são arbitrariamente considerados iguais a um Dia-padrão Intergaláctico, e 365 desses dias a um Ano-padrão Intergaláctico.

Por quê 299,776?... Ou 86.400?... Ou 365?...

É tradição, diz o historiador, iniciando a questão. Por causa de certas e variadas relações numéricas misteriosas, dizem os místicos, os ocultistas, os numerologistas, os metafísicos. Por que o planeta-mãe original da humanidade tinha certos períodos naturais de rotação e translação, dos quais essas relações poderiam derivar, diziam muito poucos.

Porém ninguém realmente sabia.

Fosse como fosse, a data em que o cruzador da Fundação Hober Mallow encontrou a esquadrilha Kalganiana, chefiada pelo Destemido, e em que, após a recusa de autorizar a entrada a bordo de um grupo de busca, foi atacado e desintegrado, foi a de 185-11692 E.G. Isto é, foi no 185º dia do ano de 11692 da Era Galáctica, iniciada com o advento do primeiro Imperador da tradicional dinastia Kamble. Foi também a de 185-419 D. S., contando do nascimento de Seldon, ou 185-348 E.F., contando do estabelecimento da Fundação. Para Kalgan, foi em 185-56 P.C., contando do estabelecimento da Primeira Cidadania pelo Mulo. Em qualquer caso, evidentemente, por conveniência, o ano era arranjado de maneira a ter o mesmo número de dias independentemente do verdadeiro dia em que se iniciara a era.

Havia, além disso, para todos os milhões de mundos da Galáxia, milhões de tempos locais, baseados nos movimentos dos seus próprios vizinhos celestes. Escolha-se, porém, a era que se escolher - 185-11692, 419-348-56, ou qualquer outra - foi esse o dia que os historiadores indicavam mais tarde quando falavam do início da guerra Stettiniana.

Para o Dr. Darell, contudo, não foi nenhum desses dias. Foi simples e precisamente o trigésimo segundo dia desde que Arcádia partira de Terminus. Quanto custou a Darell manter a impassibilidade nesses dias, nem todos podiam imaginar.

Mas Elvett Semic pensou que podia. Era um velho, e gostava de dizer que o seu sistema nervoso se havia calcificado ao ponto de tornar os seus processos de pensamento entorpecidos e pesados. Atraía e quase acolhia bem o menosprezo universal dos seus poderes em decadência, por ser o primeiro a rir deles. Mas os seus olhos, nem por estarem gastos, viam menos e o seu espírito, nem por ser experiente e circunspecto, passara a ser menos ágil.

Torceu os lábios entre os dedos e disse:

- Por que não faz qualquer coisa?

O som foi um choque físico para Darell, sob o qual estremeceu. Disse, de mau humor:

- Onde íamos nós?

Semic fitou-o com um olhar grave.

- Faria melhor tentar qualquer coisa para sua filha. - Os seus dentes esparsos e amarelos puseram-se à mostra numa boca que estava aberta numa pergunta muda.

Mas Darell replicou, friamente:

- A questão é a seguinte: pode arranjar um Ressonador Symes-Molff na escala necessária?

- Bom, já disse quê podia, mas você não estava prestando atenção. . .

- Desculpe, Elvett. O caso é o seguinte: o que estamos fazendo agora pode ser mais importante para todos na Galáxia do que a questão de saber se Arcádia está a salvo. Pelo menos, para todos, exceto Arcádia e eu, e por mim quero ficar com a maioria. Qual será o tamanho do Ressonador?

Semic mostrou-se indeciso.

- Não sei. Pode verificá-lo nos catálogos.

- Mais ou menos de que tamanho? Uma tonelada? Um quilo? Um quarteirão de comprimento?

- Oh! Pensei que quisesse com exatidão. É do tamanho pequeno - Indicou a primeira articulação do seu polegar. - Mais ou menos

- Muito bem. E pode fazer qualquer coisa como isto? - Fez um esboço rápido no bloco que tinha na mão, depois passou-o ao velho físico que lhe deitou uma vista de olhos indecisa e murmurou:

- Sabe que o cérebro fica calcificado quando se é tão velho como eu. Que está tentando fazer?

Darell hesitou. Ansiava desesperadamente, nesse momento, por dispor do conhecimento físico oculto no cérebro do outro, de modo que não precisasse de pôr o seu pensamento em palavras. Porém o anseio era inútil, e explicou.

Semic meneava a cabeça.

- São precisos hiperampliadores. São as únicas coisas que funcionariam suficientemente depressa. E uma quantidade tremenda deles.

- Mas pode ser construído?

- Sim, com certeza.

- Pode arranjar as peças todas? Quero dizer, sem provocar comentários? Como se fossem para o seu trabalho normal?

Semic ergueu o lábio superior.

- Não posso arranjar cinqüenta hiperampliadores. Nunca utilizaria tantos em toda a minha vida.

- Estamos trabalhando num projeto de defesa. Não pode pensar em qualquer coisa inofensiva em que pudesse utilizá-los? Temos o dinheiro necessário.

- Hum... Talvez possa pensar em qualquer coisa.

- A que medida é que pode reduzir o tamanho da engenhoca toda?

- Os hiperampliadores podem ser de tamanho microscópico... fio... válvulas... Pelo Espaço, essa coisa tem algumas centenas de circuitos!

- Bem sei. Grande como? Semic indicou com as mãos.

- Muito grande - disse Darell. - Tenho de pendurá-lo no cinto.

Amassou lentamente o seu esboço, formando uma bola que ia comprimindo. Quando se transformou numa bolinha dura, amarela, do tamanho de uma uva, atirou-o para o cinzeiro, onde desapareceu com o tênue fulgor branco da decomposição molecular. Depois disse:

- Quem está à porta?

Semic inclinou-se sobre a mesa, para a pequena tela leitosa sobre o sinal da porta. E disse:

- É o jovem Anthor. E vem alguém com ele.

Darell empurrou a cadeira para trás.

- Não diga ainda nada aos outros sobre isto, Semic. Se eles descobrirem, será um conhecimento mortal e basta arriscar duas vidas.

Pelleas Anthor foi um turbilhão palpitante de atividade que entrou no gabinete de Semic, o qual, fosse como fosse, conseguia corresponder à idade do seu ocupante. No torpor lento da sala, as mangas da túnica de Anthor, soltas, pareciam ainda tremular com a brisa do exterior.

- O Dr. Darell, o Dr. Semic. .. Orum Dirige.

O outro homem era alto, com um nariz comprido e reto que dava ao seu rosto magro uma aparência saturnina. O Dr. Darell estendeu-lhe a mão. Anthor sorriu levemente.

- O Tenente Dirige - acrescentou. Depois, significativamente: - de Kalgan.

Darell voltou-se e encarou o jovem.

- O Tenente Dirige, de Kalgan - repetiu ele, distintamente. - E o traz aqui. Por quê?

- Por que foi o último homem de Kalgan que viu a sua filha. Calma, amigo!

O olhar de triunfo de Anthor transformou-se subitamente num olhar de preocupação, e meteu-se entre os dois, lutando violentamente com Darell. Lentamente, e não com suavidade, obrigou o homem mais velho a sentar-se.

- Que quer o senhor fazer? - Anthor afastou um anel de cabelo castanho da testa, sentou-se ao lado sobre a mesa e começou a balançar uma perna, pensativo. - Pensei que lhe trazia boas notícias.

Darell dirigiu-se diretamente ao policial.

- Que quer ele dizer ao chamar-lhe o último homem que viu a minha filha? A minha filha morreu? Por favor, diga-o sem rodeios. - O seu rosto estava branco de apreensão.

O Tenente Dirige disse, inexpressivamente:

- A frase foi do último homem de Kalgan. Ela agora não está em Kalgan. Não tenho qualquer conhecimento, além disso.

- Ouça - interrompeu Anthor - deixe esclarecer o assunto. Desculpe, Dr., se exagerei um pouco o drama. O senhor é tão inumano sobre isto, que eu

esqueço que tem sentimentos. Em primeiro lugar, o Tenente Dirige é um dos nossos. Nasceu em Kalgan, mas o pai era um homem da Fundação levado para aquele planeta a serviço do Mulo. Respondo pela lealdade do Tenente à Fundação. Ora, eu entrei em contato com ele no dia seguinte àquele em que deixamos de receber o relatório diário de Munn...

- Por quê? - interrompeu Darell, ferozmente. - Pensei que estivesse inteiramente decidido que não deveríamos fazer qualquer movimento sobre o caso. Arriscou as vidas deles e as nossas.

- Porque - foi a resposta igualmente feroz - estou metido neste jogo há mais tempo do que o senhor. Por que conheço certos contatos em Kalgan dos quais o senhor não sabe nada. Por que atuo com um conhecimento mais profundo, compreende?

- Penso que está completamente doido.

- Quer ouvir ou não?

Houve um pausa, e Darell baixou os olhos. Os lábios de Anthor franziram-se num meio sorriso.

- Muito bem, doutor. Dê-me alguns minutos. Conte-lhe, Dirige.

Dirige falou com facilidade:

- Tanto quanto sei, Dr. Darell, sua filha está em Trantor. Pelo menos tinha um bilhete para Trantor no aeroporto do Leste. Estava com um Representante Comercial daquele planeta que dizia ser ela sua sobrinha. A sua filha parece ter um número muito grande de parentes, Dr. Aquele foi o segundo tio que teve num período de duas semanas, heim? O Trantoriano tentou até subornar-me... provavelmente pensa que foi por isso que os deixei seguir. - Sorriu numa careta ao pensamento.

- Como estava ela?

- Ilesa, tanto quanto pude ver. Aterrorizada. Não a culpo por isso. Todo o departamento estava à procura dela. Ainda continuo a não saber por que.

Darell inspirou profundamente, parecendo que o fazia pela primeira vez em vários minutos. Tinha consciência do tremor das suas mãos e dominou-o com esforço.

- Então ela está bem. Esse Representante Comercial, quem era ele? Volte a falar dele. Que papel desempenha ele no caso?

- Não sei. Conhece alguma coisa de Trantor?

- Vivi lá algum tempo.

- Agora é um mundo agrícola. Exporta principalmente forragens e cereais. Tudo de alta qualidade! Vendem por toda a Galáxia. Há uma ou duas dúzias de cooperativas no planeta e cada uma delas tem os seus representantes no estrangeiro. Uns "caras" bem espertos. Conhecia o registro deste. Já estivera anteriormente em Kalgan, habitualmente com a mulher. Perfeitamente honesto. Perfeitamente inofensivo.

- Hum! - disse Anthor. - Arcádia nasceu em Trantor, não nasceu, Dr.?

Darell acenou que sim.

- Tudo se conjuga, vê? Queria partir, rapidamente e para longe, e Trantor sugerir-se-ia por si. Não pensa que seja assim?

Darell perguntou:

- E por que não haveria de regressar para cá?

- Talvez estivesse sendo perseguida e sentisse que tinha de seguir em outra direção, heim?

O Dr. Darell perdeu o ânimo de aprofundar mais. Pois bem, deixei-a a salvo em Trantor, ou tão a salvo como alguém podia estar em qualquer parte daquela obscura e horrível Galáxia. Encaminhou-se para a porta, sentiu Anthor tocar-lhe de leve na manga e parou, mas não se voltou.

- Importa-se que vá para casa com o senhor, Dr.?

- É bem-vindo - foi a resposta automática.

À noite, o alcance exterior da personalidade do Dr. Darell, aquele que entrava em contato imediato com as outras pessoas, havia-se solidificado uma vez mais. Recusara comer a refeição da noite e tinha, ao invés, voltado com uma insistência febril ao avanço, passo a passo, do conhecimento da intrincada matemática da análise encefalográfica.

Só perto da meia-noite voltou a entrar na sala de estar. Pelleas Anthor ainda estava lá, manejando os botões da televisão. Os passos atrás de si levaram-no a deitar os olhos por cima do ombro.

- Olá! Ainda não está na cama? Passei horas à volta da televisão tentando apanhar qualquer coisa que não sejam noticiários. Parece que a nave da Fundação Hober Mallow está atrasada e perdeu contato com a estação.

- Realmente? De que é que suspeitam?

- Que pensa o senhor? De alguma malandrice Kalganiana. Há informações de terem sido,avistadas naves Kalganianas na zona em que a Hober Mallow foi ouvida pela última vez.

Darell estremeceu, e Anthor esfregou a testa, indeciso.

- Ouça Dr. - disse ele - por que não vai para Trantor?

- Por que haveria de ir?

- Porque não tem utilidade para nós aqui. O senhor não é o mesmo. Não pode ser. Além disso, indo para Trantor, poderia efetuar um trabalho. A velha Biblioteca Imperial, com os registros completos das Reuniões da Comissão de Seldon, é lá que está...

- Não! A Biblioteca foi completamente vasculhada e não auxiliou ninguém.

- Auxiliou Ebling Mis uma vez.

- Como sabe? Sim, ele disse que encontrara a Segunda Fundação, e a minha mãe matou-o cinco segundos depois como única maneira de impedi-lo de revelar inconscientemente a sua localização ao Mulo. Mas ao fazê-lo, tornou impossível também, como compreende, saber ao certo se Mis conhecia realmente a localização. Apesar de tudo, nunca mais ninguém foi capaz de deduzir a verdade desses registros.

- Ebling Mis, se bem se lembra, estava trabalhando sob o impulso condutor do espírito do Mulo.

- Também sei isso, mas o espírito de Mis estava, por via precisamente dessa influência, num estado anormal. Sabemos nós, o senhor e eu, alguma coisa quanto às possibilidades de uma mente sujeita ao domínio emocional de outra, quanto às suas habilidades e limitações? E seja como for, não vou para Trantor.

Anthor franziu os sobrolhos.

- Pois bem, mas por quê essa veemência? Apenas sugeri que tinha... Ora bolas! Pelo Espaço, que não o compreendo. Parece dez anos mais velho, está, evidentemente, passando horas de angústia, não está fazendo nada de valor. Se eu estivesse no seu lugar, iria e traria a garota.

- Exatamente! E é também o que eu desejo fazer. Mas é por isso que não o farei Ouça, Anthor e tente compreender. Está lidando, estamos ambos lidando, com algo completamente para além das nossas possibilidades de luta. A sangue frio, se tem algum, sabe que é assim, seja o que for que possa pensar nos seus

momentos de Dom Quixote.

- Soubemos durante cinqüenta anos que a Segunda Fundação é a descendente real e discípula da matemática Seldoniana. O que isso significa, como também sabe, é que nada acontece na Galáxia que não desempenhe um papel nos seus cálculos. Para nós, toda a vida é uma série de acidentes a serem enfrentados por meio de improvisações. Para eles, toda a vida tem um propósito determinado e deveria ser enfrentada através do cálculo prévio.

- Porém elas têm a sua fraqueza. O trabalho deles é estatístico, e só a ação de massa da humanidade é verdadeiramente inevitável. Ora, eu não sei onde desempenho um papel, como indivíduo, no curso previsto da história. Talvez não tenha um papel definido, já que o Plano deixa os indivíduos entregues à indeterminação e ao livre arbítrio. Mas eu sou importante e eles, eles, compreende, podem ter pelo menos calculado a minha reação provável. Portanto desconfio dos meus impulsos, dos meus desejos, das minhas reações prováveis.

- Prefiro presenteá-los com uma reação improvável. Ficarei aqui, apesar de ansiar muito desesperadamente por partir. Não! E não, porque anseio desesperadamente por partir.

O homem mais novo sorriu com azedume.

- O senhor não conhece sua própria mente tão bem como eles poderiam conhecê-la. Suponha que, conhecendo-o, contassem com o que pensa, apenas pensa que é a reação improvável, simplesmente por saberem com antecipação qual seria sua linha de raciocínio.

- Nesse caso, não há escapatória possível, porque se eu sigo o raciocínio que acaba de esboçar e vou para Trantor, eles podem ter também previsto isso. Há um ciclo infinito de jogos duplos de parte a parte. Por mais longe que vá, seguindo esse ciclo, apenas posso ir ou ficar. O ato complicado de atraírem a minha filha através da metade da Galáxia não pode ter tido a intenção de me fazer ficar onde estou, uma vez que o mais certo seria eu ficar se eles não tivessem feito nada. Apenas pode ter a intenção de me fazer deslocar, e por conseguinte, não irei. E além disso, Anthor, nem tudo é produto da Segunda Fundação, nem todos os acontecimentos são os resultados do seu teatro de fantoches. Pode não ter tido nada que ver com as idas e vindas de Arcádia, e ela pode estar a salvo em Trantor quando todos nós estivermos mortos.

- Não - disse Anthor, cortante - agora está na pista.

- Tem uma interpretação opcional.

- Tenho... se quiser ouvir.

- Ora, diga! Paciência não me falta.

- Bom. Então... até que ponto conhece bem sua própria filha?

- Até que ponto pode qualquer indivíduo conhecer qualquer outro? Evidentemente, o meu conhecimento é inadequado.

- Nessa base, também o meu é, e talvez até mais, mas pelo menos a vi com olhos desconhecidos. Em primeiro lugar, é uma romântica feroz, a filha única numa torre de marfim acadêmica, crescendo num mundo irreal de televisão e de filmes de aventuras. Vive numa fantasia sobrenatural por si própria construída de espionagem e intriga. Em segundo lugar, é inteligente, suficientemente inteligente, fosse como fosse, para levar a melhor conosco. Planejou cuidadosamente escutar a nossa primeira conferência e conseguiu. Planejou cuidadosamente ir a Kalgan com Munn e conseguiu. Em terceiro lugar, tem um culto profano por uma heroína, pela avó, sua mãe, que derrotou o Mulo. Até aqui, tenho razão, penso eu. Pois então, muito bem. Ora eu, o que não acontece consigo, recebi um relatório completo do Tenente Dirige e, além disso, minhas fontes de informação em Kalgan são bastante completas. E todas as fontes conferem. Sabemos, por exemplo, que, em conferência com o Senhor de Kalgan, foi recusada a admissão de Homir Munn no Palácio do Mulo, e que esta recusa foi subitamente revogada depois de Arcádia ter falado com Lady Callia, a amiguinha do Primeiro Cidadão.

Darell interrompeu-o.

- E como sabe tudo isso?

- Por uma razão. Munn foi entrevistado por Dirige como parte da campanha da polícia para localizar Arcádia. Temos, naturalmente, uma transcrição completa das perguntas e respostas.

- E veja a própria Lady Callia. Correm rumores de que perdeu a boa graça de Stettin, porém o rumor não nasceu dos fatos. Não só se mantém não substituída, não só é capaz de transformar a recusa do Lorde a Munn numa aceitação, como também pode maquinar abertamente a fuga de Arcádia. Assim foi, pois uma dúzia de soldados de guarda no palácio do governo de Stettin testemunharam que foram vistas juntas na última noite. Apesar disso, não foi castigada, e isto sem embargo do fato de Arcádia ter sido procurada com todas as aparências de diligência.

- Mas qual é a sua conclusão de toda essa torrente de conexão

defeituosa?

- A de que a fuga de Arcádia foi arranjada.

- Tal como eu disse.

- Mas com este acréscimo: o de que Arcádia deve ter sabido que era auxiliada, o de que Arcádia, a mocinha esperta que via maquinações por todos os lados, viu esta e seguiu o tipo de raciocínio que o senhor utiliza. Queriam que ela regressasse à Fundação, e, por conseguinte foi para Trantor ao invés. Mas por que Trantor?

- Sim, por quê?

- Por ter sido lá que Bayta, a avó transformada em ídolo, escapou quando estava em fuga. Consciente ou inconscientemente, Arcádia imitou isso. Pergunto a mim mesmo, então, se Arcádia estaria fugindo do mesmo inimigo.

- Do Mulo? - perguntou Darell, com um sarcasmo cortês.

- Claro que não. Entendo, pelo inimigo, uma mentalidade contra a qual não podia lutar. Estava fugindo da Segunda Fundação ou da influência dela que poderia encontrar-se em Kalgan.

- Que influência é essa de que fala?

- Espera que Kalgan seja imune a essa ameaça ubíqua? Seja como for, chegamos ambos à conclusão de que a fuga de Arcádia foi arranjada, não é verdade? Foi procurada e achada, mas deliberadamente deixada escapulir por Dirige. Por Dirige, compreende? Mas como foi isso? Por ele ser um dos nossos. Mas como sabiam eles isso? Estavam contando com ele como traidor, hein, Dr.?

- Agora está dizendo que pretendiam honestamente recapturá-la. Francamente, está me cansando um bocado, Anthor. Termine o que tem a dizer, quero ir para a cama.

- O que tenho a dizer rapidamente se acaba. - Anthor tirou um pequeno grupo de fotoregistros do bolso interior. Eram sacudidelas familiares dos encefalógrafos. - As ondas cerebrais de Dirige - disse Anthor, inesperadamente - tiradas depois do seu regresso.

Para Darell era perfeitamente visível a olho nu, e o seu rosto estava lívido quando ergueu a vista.

- Está controlado.

- Exatamente. Permitiu a Arcádia escapar, não por ser dos nossos, mas

por ser dos da Segunda Fundação.

- Mesmo depois de saber que ela ia para Trantor e não para Terminus?

Anthor encolheu os ombros.

- Tinha sido engrenado para deixá-la ir. Não havia maneira de ele modificar isso. Era apenas um instrumento, está vendo? Foi apenas Arcádia que seguiu o caminho menos provável, e talvez esteja a salvo, ou pelo menos a salvo até a Segunda Fundação poder modificar os planos para levar em conta este estado de coisas alterado...

Fez uma pausa. A pequena luz reveladora do aparelho de televisão estava piscando. Num circuito independente, isso significava a chegada de notícias de emergência. Darell também viu e, com o movimento mecânico do longo hábito, ligou a televisão. Estava no meio de uma frase, mas ficaram sabendo antes de ser completada que a Hober Mallow, ou os destroços que restavam, fora encontrada e que, pela primeira vez em meio século, a Fundação estava de novo em guerra.

O queixo de Anthor estava esculpido numa linha dura.

- Ora bem, Dr., o senhor ouviu. Kalgan atacou, e Kalgan está sob o domínio da Segunda Fundação. Quer seguir o exemplo de sua filha e mudar-se para Trantor?

- Não. Arrisco-me. Aqui.

- Dr. Darell, o senhor não é tão inteligente como sua filha. Pergunto a mim mesmo até que ponto pode confiar-se em si. - Fitou Darell por um momento, e depois, sem uma palavra, saiu da sala.

E Darell ali ficou, na incerteza e quase no desespero.

Desprezado, o aparelho de televisão era uma miscelânea de imagem e som excitados, enquanto descrevia em pormenores nervosos a primeira hora de guerra entre Kalgan e a Fundação.

GUERRA

O prefeito da Fundação tentou alisar, sem resultado, o cabelo eriçado em escova que lhe guarnecia o crânio. Suspirou.

- Tantos anos que perdemos, tantas oportunidades que desperdiçamos! Não faço recriminações, Dr. Darell, mas nós merecemos a derrota.

Darell disse, calmamente:

- Não vejo razão para não confiarmos nos acontecimentos, senhor.

- Falta de confiança? Falta de confiança? Pela Galáxia, Dr. Darell, em que basearia o senhor qualquer outra atitude? Ora, convenhamos...

Conduziu Darell quase à força para o límpido ovóide que repousava graciosamente suportado pelo seu tênue campo de força. Brilhou interiormente a um toque da mão do prefeito. Era um mapa trimensional exato da dupla espiral Galáctica.

- Em amarelo - disse o prefeito, excitado - temos a região do Espaço sob o domínio da Fundação, e em vermelho a que está sob o domínio de Kalgan.

O que Darell viu foi uma esfera avermelhada no interior de um revestimento amarelo que a cercava por todos os lados, exceto pelo que conduzia ao centro da Galáxia.

- A Galactografia - disse o prefeito - é o nosso maior inimigo. Os nossos almirantes não fazem segredo da nossa posição estratégica ser quase desesperadora. Ora, observe. O inimigo tem linhas de comunicação interiores. Está concentrado, pode enfrentar-nos por todos os lados com a mesma facilidade. Pode defender-se com um mínimo de forças. Quanto a nós, estamos espalhados. A distância média entre os sistemas habitados no interior da Fundação é quase três vezes superior à de Kalgan. Ir de Santanni a Locris, por exemplo, é uma viagem de sete mil e quinhentos anos-luz para nós, mas apenas de dois mil e quatrocentos anos-luz para eles, se nos mantivermos dentro dos nossos respectivos territórios.

Darell disse:

- Compreendo tudo isso, senhor.

- E não compreende que isso pode significar a derrota?

- Na guerra, há mais coisas a considerar além das distâncias. Eu digo que não podemos perder. É absolutamente impossível.

- E por que diz isso?

- Por causa da minha própria interpretação do Plano de Seldon.

- Ora! - Os lábios do prefeito contorceram-se, e as mãos atrás das costas bateram uma na outra. - Então o senhor também se fia no auxílio místico da Segunda Fundação?

- Não, apenas na ajuda da inevitabilidade, bem como da coragem e persistência.

Por trás, porém, da sua confiança fácil, interrogava-se. E se...

Bem... e se Anthor tivesse razão, e Kalgan fosse um instrumento direto dos feiticeiros mentais? E se fosse sua intenção derrotar e destruir a Fundação? Não! Não fazia sentido! E contudo...

Sorriu amargamente. Sempre o mesmo. Sempre aquela tentativa de ver através do granito opaco, que, para o inimigo, era tão transparente. As verdades galactográficas da situação também não eram desconhecidas de Stettin.

O Senhor de Kalgan estava de pé diante de uma duplicata do mapa Galáctico que o prefeito e Darell haviam examinado, com a diferença de que, enquanto o prefeito franzia os sobrolhos, Stettin sorria.

O seu uniforme de almirante resplandecia imponentemente na sua figura maciça. A banda vermelha da Ordem do Mulo, com que o galardoara o Primeiro Cidadão anterior, por ele substituído seis meses antes pela força, atravessava o seu peito diagonalmente, do ombro direito à cintura. A estrela da Prata com os Cometas Duplos e as Espadas fulgurava brilhantemente no seu ombro esquerdo.

Dirigiu-se aos dois homens do seu estado-maior cujos uniformes eram pouco menos vistosos do que o seu, e igualmente ao seu Primeiro Ministro, magro e grisalho, uma teia de aranha escura perdida na claridade. Stettin disse:

- Penso que as decisões são claras. Podemos nos permitir esperar. Para eles, cada dia de demora será mais um golpe na sua moral. Se tentarem defender todas as frações dos seus domínios, se dispersarão e poderemos romper em dois ataques simultâneos aqui e ali. - Indicou as direções no mapa Galáctico, duas lanças de um branco puro atravessando a camada amarela a partir da bola vermelha que a mesma envolvia, isolando Terminus de ambos os lados por um

arco apertado. - Desta maneira, cortamos a esquadra deles em três partes que podem ser derrotadas separadamente. Se conseguirem se concentrar, abandonam dois terços dos seus domínios voluntariamente, e se arriscarão provavelmente à rebelião.

Apenas a voz fina do Primeiro Ministro se infiltrou por entre o silêncio que se seguiu.

- Em seis meses - disse ele - a Fundação se tornará seis meses mais forte. Os seus recursos são maiores, como todos sabemos, a sua esquadra é numericamente superior, o seu potencial humano é virtualmente inexaurível. Talvez um assalto rápido fosse mais seguro.

Era de crer-se que a voz dele fosse a menos influente da sala. Lorde Stettin sorriu e espalmou a mão num gesto categórico.

- Os seis meses, ou um ano, se necessário, não nos custarão nada. O homens da Fundação não podem preparar-se, são ideologicamente incapazes disso. É da sua própria filosofia acreditar que a Segunda Fundação os salvará. Mas não será assim desta vez, certo?

Os homens na sala agitaram-se, pouco à vontade.

- Os senhores têm falta de confiança , creio eu - disse Stettin, num tom de voz gelado. - É necessário descrever mais uma vez os relatórios dos nossos agentes nos territórios da Fundação, ou repetir as descobertas do Sr. Homir Munn, o agente da Fundação agora ao nosso... hum... serviço? Vamos adiar, meus senhores.

Stettin voltou para os seus aposentos privados ainda com um sorriso fixo na face. Interrogava-se às vezes, quanto a esse Homir Munn. Um pândego de espírito débil que não confirmava certamente o que dele esperara. Fornecia, contudo, informações interessantes e convincentes em si mesmas, especialmente quando Callia estava presente.

O seu sorriso alargou-se. Aquela maluquinha gorducha tinha, apesar de tudo, a sua utilidade. Conseguia pelo menos, com sua sedução, arrancar mais coisas de Munn do que ele e com menos amolação. Por que não oferecê-la a Munn? Franziu o sobrolho. Callia e os seus ciúmes estúpidos. Pelo Espaço! Se tivesse ainda aquela Darell... Por que não reduziu a pó a cabeça de Callia por aquilo?

Não conseguia afirmar perfeitamente com a razão.

Talvez por ela ir conseguindo manobrar o Munn. E ele precisava de

Munn. Fora Munn, por exemplo, quem demonstrava que, pelo menos na crença do Mulo, não havia nenhuma Segunda Fundação. Os seus almirantes necessitavam daquela garantia.

Gostaria de tornar públicas as provas, mas era melhor deixar a Fundação acreditar no seu auxílio inexistente. Na verdade, não fora Callia que apontara essa vantagem? Exatamente. Dissera...

Ora, que disparate! Ela não podia ter dito fosse o que fosse.

E no entanto...

Meneou a cabeça para aclarar as idéias e passou a pensar em outra coisa.

FANTASMA DE UM MUNDO

Trantor era um mundo de detritos que renascia. Colocado como uma jóia embaciada no meio da multidão desorientadora de sóis no centro da Galáxia, entre os montões e os grupos de estrelas acumulados com uma prodigalidade sem desígnio, sonhava alternadamente com o passado e com o futuro.

Tempo houvera em que as faixas insubstanciais do domínio se haviam estendido desde sua capa metálica até os confins mais remotos do espaço estelar. Fora uma só cidade, albergando quatrocentos bilhões de administradores, a capital mais poderosa que jamais existira.

Até que a decadência do Império o atingira eventualmente e, no Grande Saque de um século antes, as suas forças em declínio haviam sido forçadas a dobrar-se sobre si mesmas e aniquiladas para sempre. Na ruína devastadora da morte, a cobertura de metal que rodeava o planeta enrugou-se e amarfanhou-se num escárnio dolorido da sua própria grandeza.

Os sobreviventes despedaçaram a chaparia metálica e venderam-na para outros planetas em troca de sementes e de gado. O solo ficou outra vez descoberto e o planeta regressou aos seus primórdios. Nas áreas, que foram aumentando, de agricultura primitiva, esqueceu o seu passado complicado e colossal. Ou teria esquecido, se não fossem os fragmentos ainda imponentes que erguiam as suas ruínas maciças de encontro ao céu num silêncio amargo e dignificante.

Arcádia fitava a orla metálica do horizonte com o coração agitado. A aldeia em que os Palvers viviam não era para ela senão um amontoado desordenado de casas, pequeno e primitivo. Os campos que a rodeavam eram de um amarelo dourado, terrenos semeados de trigo.

Mas ali, precisamente para além do ponto que a vista alcançava, estava a memória do passado, ainda brilhando num esplendor não-oxidado e abrasando-se em fogo onde o sol de Trantor incidia nas suas fulgurantes estruturas principais. Estivera ali uma vez, durante os meses que haviam passado desde que chegara a Trantor. Subira para o pavimento liso, e sem juntas, e aventurara-se pelas estruturas silenciosas e poeirentas onde a luz penetrava pelos rasgões das paredes e divisórias arruinadas.

Era o pesar solidificado. Era uma blasfêmia.

Saíra de lá agitada, correndo até os pés lhe voltarem a pousar suavemente na terra nua. E ali, agora, apenas podia olhar, num anseio imenso. Não se atrevia a voltar a perturbar aquele sono imponente.

Sabia que nascera em qualquer parte daquele mundo, perto da antiga Biblioteca Imperial, que era o mais verdadeiro Trantor de Trantor. Era o lugar sagrado entre os sagrados, o santo dos santos! Só ela, em todo aquele mundo sobrevivera ao Grande Saque e mantivera-se durante um século completa e intacta, desafiando o universo.

Fora ali que Seldon e o seu grupo haviam tecido sua teia inimaginável. Fora lá que Ebling Mis havia penetrado o segredo e ficara sentado, paralisado pela surpresa imensa, até ser assassinado para impedir o segredo de ir mais longe. Fora ali, na Biblioteca Imperial, que haviam vivido os seus avós durante dez anos, até o Mulo morrer e poderem voltar à Fundação renascida. Fora ali, à Biblioteca Imperial, que seu próprio pai voltara com a noiva para tornar a encontrar a Segunda Fundação, mas falhara. Fora ali que nascera e fora ali que sua mãe morrera. Gostaria de visitar a Biblioteca, mas Preem Palver meneara a cabeça redonda.

- São milhares de quilômetros de caminho, Arkady, e há tanto que fazer aqui. Além disso, não é bom perturbar o seu silêncio. Sabe que é um santuário, não é verdade?

Todavia Arcádia sabia que ele não queria visitar a Biblioteca, que era novamente o mesmo caso do Palácio do Mulo. Havia medo supersticioso por parte dos pigmeus do presente pelas relíquias dos gigantes do passado. Seria horrível, porém, sentir animosidade contra o engraçado homenzinho por causa disso. Estavam em Trantor havia quase três meses e em todo esse tempo, ele e ela, o "Papá" e a "Mama", haviam sido maravilhosos para com ela...

E que recebiam em troca? Por que envolvê-los na ruína comum? Avisara-os de que talvez estivesse marcada para a destruição? Não! Deixara-os assumirem o papel mortal de protetores.

Sua consciência atormentava-a, mas que escolha tinha ela?

Desceu com relutância a escada, para o desjejum. As vozes chegaram até ela. Preem Palver colocara o guardanapo no colarinho com uma contorção de pescoço e atirara-se aos seus ovos cozidos com uma satisfação sem inibições.

- Estive ontem na cidade, Mama - disse ele, manejando o garfo e quase abafando as palavras com a grande boca cheia.

- E que há pela cidade, Papá? - perguntou "Mama", com indiferença, sentando-se, revistando cuidadosamente a mesa e voltando a levantar-se para buscar o sal.

- Oh, nada de bom! Chegou uma nave comercial de Kalgan com jornais de lá. Estão em guerra.

- Guerra! Ah, sim? Ora! Deixe-os partir as cabeças uns aos outros, se não têm mais juízo dentro delas. O cheque do seu ordenado já chegou? Volto a dizer-lhe, Papá, que avise o velho Cosker de que esta não é a única cooperativa no mundo. Já basta que lhe paguem o que eu me envergonho de dizer às minhas amigas. Podiam pelo menos ser pontuais!

- Pontuais ou não, tanto faz - disse "Papá", com irritação. - Ouça, não me venha com conversas tolas no desjejum, que a comida não me passa da garganta - e fez um grande estrago nas torradas com manteiga enquanto o dizia. Acrescentou, um tanto mais moderadamente: - A luta é entre Kalgan e a Fundação, e estão nisto há dois meses.

As mãos esfregaram-se uma na outra no arremedo de uma luta no espaço.

- Hum... E como é que vão as coisas?

- Vão mal para a Fundação. Bem, você viu Kalgan, tudo soldados. Estavam preparados, a Fundação não estava, e portanto... pff!...

Mas subitamente a "Mama" pousou o garfo e disparou:

- Idiota!

- Heim?

- Cabeça dura! A sua bocarra nunca está quieta nem calada. Apontou rapidamente, e quando "Papá" olhou por cima do ombro lá estava Arcádia, paralisada, no limiar da porta. Perguntou:

- A Fundação está em guerra?

O "Papá" olhou desamparado para "Mama", depois inclinou a cabeça afirmativamente.

- E está perdendo?

De novo o sinal afirmativo.

Arcádia sentiu um nó horrível na garganta, e aproximou-se lentamente da mesa.

- Está tudo acabado? - murmurou.

- Acabado? - repetiu "Papá", com uma sinceridade falsa. - Quem disse que estava acabado? Na guerra pode acontecer muita coisa e... e...

- Sente-se, querida - disse "Mama", carinhosamente. - Ninguém devia falar antes do desjejum. Não se está em boas condições sem comida no estômago.

Todavia Arcádia ignorou-a.

- Os Kalganianos estão em Terminus?

- Não - disse "Papá", com seriedade. - As notícias são da semana passada, e Terminus ainda está lutando. Isto é sério. Estou dizendo a verdade. E a Fundação ainda está firme. Quer que lhe traga os jornais?

- Quero!

Leu-os enquanto comia o que conseguia engolir do desjejum, e os seus olhos anuviaram-se ao ler. Santanni e Korell haviam sido capturados, sem luta. Uma esquadrilha da Fundação tinha caído numa emboscada no setor de Ifni e destruída quase até à última nave.

E agora a Fundação voltara a ser constituída pelo núcleo dos Quatros Reinos, a Nação original, tal como fora construída no tempo de Salvor Hardin, o primeiro prefeito. Mas ainda lutava, podia haver ainda uma reviravolta e acontecesse o que acontecesse, devia informar o pai. Fosse como fosse havia de alcançar os ouvidos dele. Havia de conseguir!

Mas como, com uma guerra de permeio?

Depois do desjejum perguntou ao "Papá":

- Vai sair brevemente em missão, Sr. Palver?

O "Papá" estava sentado na grande cadeira, no relvado fronteiro à casa, aquecendo-se ao sol. Segurava entre os dedos gordos um grosso charuto.

- Em missão? - repetiu, preguiçosamente. - Quem sabe? São uma belas férias e a minha saída ainda não está marcada. Mas para que havemos de falar em novas missões? Está impaciente, Arkady?

- Eu? Não, gosto disto daqui. São muito bons para mim, o senhor e a senhora Palver. - Ele fez um gesto espalhando suas palavras. Arcádia disse: - Estava pensando na guerra.

- Não pense nisso! Que pode fazer? Se é qualquer coisa para a qual não

pode ser útil, por que se mortifica?

- Mas eu estava pensando que a Fundação perdeu a maior parte dos seus mundos agrícolas. Provavelmente estarão racionando os alimentos.

O "Papá" mostrou-se pouco à vontade.

- Não se aflija, não há de haver dificuldades.

Ela mal ouviu.

- Gostaria de levar-lhe mantimentos. Foi nisso que pensei. Sabe? Depois do Mulo morrer e da Fundação se revoltar, Terminus esteve quase isolado durante algum tempo, e o General Han Pritcher, que sucedeu ao Mulo, também durante algum tempo, estabeleceu-lhe um cerco. Os víveres tornaram-se escassos, e o meu pai diz que o pai dele lhe disse que tinham apenas concentrados aminoácidos secos, que tinham um sabor horrível. Um ovo chegou a custar duzentos créditos. Então romperam o cerco a tempo e as naves com víveres puderam chegar de Santanni. Deve ter sido um tempo horroroso. Talvez esteja acontecendo o mesmo agora.

Houve uma pausa, e Arcádia disse:

- Sabe? Aposto que a Fundação seria agora capaz de pagar preços de mercado negro por víveres. O dobro, o triplo, e mais. Eia! Se alguma cooperativa, por exemplo, aqui de Trantor, se encarregasse do negócio, poderiam perder algumas naves, mas aposto que ficariam milionários antes da guerra terminar. Os comerciantes da Fundação, nos tempos antigos, costumavam fazer isso. Havia uma guerra, lá iam eles vender o que era mais necessário, e aceitavam correr os riscos. Costumavam fazer tanto como dois milhões de lucro, em cada viagem. E conseguiam obter esse lucro do que podiam transportar só numa nave.

O "Papá" mostrou-se agitado. O charuto apagou-se sem ele notar.

- Um acordo para o fornecimento de víveres, hein? Hum... mas a Fundação fica tão afastada!

- Ora, bem sei. Suponho que não poderia chegar lá partindo daqui. Se tomasse uma nave de carreira regular, provavelmente não conseguiria aproximar-se mais do que Massena ou Smushyk e depois disso, teria de alugar uma nave pequena de patrulha ou qualquer coisa parecida para atravessá-lo por entre as linhas de combate.

A mão do "Papá" alisava o cabelo, enquanto calculava.

Duas semanas mais tarde estavam prontos os preparativos para a missão. A "Mama" insultou-o durante a maior parte do tempo, primeiro por causa da obstinação incurável com que ele procurava o suicídio, depois por causa da obstinação incrível com que recusava permitir-lhe que o acompanhasse. O "Papá" disse:

- Por que se porta como uma velha dama, Mama? Não posso levá-la. É um trabalho de homem. Que pensa que seja uma guerra? Um divertimento? Uma brincadeira de crianças?

- Então por que é que você vai? Você é um homem, meu velho tonto, com uma perna e metade de um braço na sepultura.. Deixe ir algum dos novos, não um careca gordo como você.

- Não sou careca - retorquiu o "Papá", com dignidade - ainda tenho tufos de cabelo. E por que não haveria de ser eu a ganhar a comissão? Por que um dos novos? Ouça, isto pode representar milhões.

Ela sabia disso e calou-se.

Arcádia viu-o mais uma vez antes dele partir. Perguntou-lhe:

- Vai a Terminus?

- Por que não? É a primeira a dizer que precisam de pão, arroz e batatas. Pois bem, faço um acordo com eles e hão de tê-los.

- Então está bem... só mais uma coisa. Se vai a Terminus, poderia... seria capaz de ir ver meu pai?

O rosto do "Papá" enrugou-se e pareceu dissolver-se em simpatia.

- Ora, nem era preciso pedir. Claro que vou vê-lo. Direi que está a salvo e tudo vai bem, e que quando a guerra terminar a levarei de volta.

- Muito obrigada. Vou dizer-lhe como encontrá-lo. O nome dele é Dr. Toran Darell e vive em Stanmark. É mesmo fora da Cidade de Terminus, e pode apanhar um carro aéreo de ligação que vai chegar lá. Moramos em Channel Drive, 55.

- Espere que escrevo isso.

- Não, não! - A mão de Arcádia impediu-o. - Não deve escrever nada. Tem de se lembrar, procurá-lo sem a ajuda de ninguém.

O "Papá" parecia intrigado. Depois encolheu os ombros.

- Então está bem. Channel Drive, 55, em Stanmark, fora da Cidade de

Terminus, e chega-se lá de carro aéreo. Está bem?

- Mais uma coisa.

- Diga.

- Diz uma coisa da minha parte?

- Claro.

- Quero dizer-lhe ao seu ouvido.

Ele inclinou a bochecha para ela, e o som murmurado passou de um para o outro. Os olhos do "Papá" mostravam-se intrigados.

- É isso que quer que eu diga? Mas não faz sentido.

- Ele compreenderá o que quer dizer. Diga-lhe só que fui eu que mandei esse recado e que ele compreenderá o que quer dizer. E diga-o exatamente da maneira como eu disse. Sem nenhuma diferença. Não se esquece dele?

- Como posso me esquecer? Cinco palavrinhas. Ouça...

- Não, não. - Não conseguia estar quieta, com a intensidade dos seus sentimentos. - Não o repita. Jamais o repita seja a quem for. Esqueça de tudo, exceto para o meu pai. Prometa-me.

O "Papá" voltou a encolher os ombros.

- Está bem, prometo.

- Está bem - disse ela, tristemente, e enquanto ele descia o caminho para onde o táxi aéreo o esperava para levá-lo ao aeroporto, perguntava a si mesma se não teria assinado a sentença de morte dele. Perguntava a si mesma se voltaria alguma vez a vê-lo. Mal se atrevia a voltar a entrar em casa e encarar a boa e simpática "Mama". Talvez, quando tudo tivesse passado, fosse melhor matar-se pelo que lhes fizera.

FIM DA GUERRA

BATALHA DE QUORISTON. Travada em 17/9/377E. F. entre as forças da Fundação e as de Lorde Stettin de Kalgan, foi a última batalha com conseqüências durante o Interregno...

Enciclopédia Galáctica

No seu novo papel de correspondente de guerra, Jole Turbor viu-se num uniforme da Esquadra e gostou bastante dele. Agradava-lhe voltar ao espaço. A debandada louca na luta fútil contra a Segunda Fundação deixara-o na excitação de outra espécie de luta com naves materiais e homens normais.

Para dizer a verdade, a luta da Fundação não fora até aí notável pelas suas vitórias, mas era ainda possível ser filósofo. Passados seis meses, a parte principal da Fundação ainda permanecia intacta e a parte principal da Esquadra ainda existia. Com os novos aumentos de efetivos desde o começo da guerra, estava numericamente quase tão forte e tecnicamente mais forte do que antes da derrota em Ifni.

E entretanto, as defesas planetárias estavam sendo reforçadas, as forças armadas melhor treinadas, a eficiência administrativa libertava-se pouco a pouco da ferrugem e uma grande parte da esquadra Kalganiana conquistadora estava sendo imobilizada pela necessidade de ocupar o território "conquistado". De momento, Turbor estava com a Terceira Esquadra nos confins exteriores do setor de Anacreon. Na linha da sua política de fazer daquilo uma "guerra do homem comum", estava entrevistando Fenner Leemor, Engenheiro de Terceira Classe, voluntário.

- Conte-nos alguma coisa a seu respeito - pediu Turbor.

- Não tenho muito que dizer. - Leemor arrastou os pés e deixou que um sorriso tênue e acanhado cobrisse o rosto, como se pudesse ver todos as milhões de pessoas que, sem dúvida, podiam vê-lo nesse momento. - Sou Locriano. Sou empregado numa fábrica de carros aéreos, chefe de seção e bem pago. Sou casado e tenho duas filhas: Ouça, não poderia dizer-lhes qualquer coisa, para o caso de estarem ouvindo?

- Pois diga, amigo, a televisão é toda sua.

- Ai que bom! Muito obrigado. - E balbuciou: - Olá, Milla, se estiver ouvindo. Estou ótimo. Sunni está boa? E Tomma? Estou sempre pensando em vocês e talvez vá de licença quando regressarmos à base. Recebi sua encomenda com comida, porém vou devolvê-la. Temos o nosso rancho normal, mas dizem que os civis estão um pouco apertados. Acho que é tudo.

- Irei visitá-la da próxima vez que for a Locris, amigo, e me assegurarei de não ter falta de comida. Está bem?

O jovem sorriu abertamente e inclinou a cabeça num sinal afirmativo.

- Muito obrigado, Sr. Turbor. Ficaria muito grato por isso.

- Muito bem. Então, vamos lá saber. .. É um voluntário, não é?

- Claro que sou. Se alguém procura briga comigo, não tenho que esperar que ninguém me empurre para me meter nela. Alistei-me no dia em que ouvi o que se passou com a Hober Mallow.

- Esse é o verdadeiro espírito de luta. Já entrou em ação muitas vezes? Noto que traz duas estrelas de combate.

- Em Ptah - cuspiu o jovem. - Mas isso não foram combates, foram caçadas. Os Kalganianos não combatem, a não ser que haja diferença de cinco para um ou maiores a seu favor. Mesmo assim não se aproximam muito e tentam atacar-nos nave por nave. Um primo meu esteve em Ifni, numa nave que escapou, a velha Ebling Mis. Diz que lá foi a mesma coisa. Tinham a Esquadra Principal contra uma só divisão da nossa, e quando nos restavam só cinco naves, assim mesmo eles se limitavam a rodear ao invés de combater. Ora, nesses combates nós tínhamos a metade das naves deles.

- Então pensa que vamos ganhar a guerra?

- Aposto tudo. E agora que não estamos nos retirando... Mesmo se as coisas se tornassem muito más, espero que seria a ocasião para a Segunda Fundação entrar no baile. Ainda temos o Plano de Seldon, e eles também sabem disso.

Os lábios de Turbor crisparam-se um pouco.

- Está então contando com a Segunda Fundação?

A resposta veio com uma surpresa sincera.

- Bem, não é com o que todos contam?

O Oficial Subalterno Tipellum entrou na câmara de Turbor após a

emissão. Estendeu um cigarro ao correspondente e deu um piparote no boné, que ficou em equilíbrio instável sobre a nuca.

- Fizemos um prisioneiro - disse.

- Ah, sim?

- É um cara meio maluco. Diz que é neutro e que tem imunidade diplomática, nada menos. Creio que não sabem o que fazer com ele. O nome dele é Palvro, Palver ou qualquer coisa assim, e diz que é de Trantor. Não sei o que diabo está ele fazendo numa zona de guerra.

Mas Turbor ergueu-se subitamente, sentando-se na tarimba, e a soneca que estava para tirar ficou esquecida. Lembrava-se perfeitamente bem de sua última entrevista com Darell, no dia seguinte àquele em que a guerra fora declarada, quando estava de partida.

- Preem Palver - disse. Foi uma declaração que fez.

Tipellum fez uma pausa e deixou a fumaça escapar-se pelos cantos da boca.

- Pois é - disse - mas, pelo Espaço, como sabe?

- Isso não interessa. Posso vê-lo?

- Pelo Espaço, não posso dizer-lhe. O velhote o tem na sua própria câmara para interrogatório. Todos acham que é um espião.

- Diga ao velhote que o conheço, se é quem pretende ser. Assumo a responsabilidade.

O Comandante Dixyl, na nave-almirante da Terceira Esquadra, observava incansavelmente o Grande Detector. Nenhuma nave podia evitar ser uma fonte de radiação subatômica, nem sequer jazendo como uma massa inerte, e cada ponto focai dessa radiação era uma pequena fagulha no campo tridimensional.

Todas as naves da Fundação estavam avisadas e não ficava nenhuma centelha por examinar, agora que o espiãozinho que pretendia ser neutro fora apanhado. Por momentos, aquela nave estranha provocara agitação no posto do comando. A tática precisaria ser modificada de um momento para o outro. Tal como as coisas se apresentavam...

- Está o senhor a par de todos os detalhes? - perguntou.

O Comandante de Esquadrilha Cenn abanou a cabeça em sinal

afirmativo.

- Vou conduzir minha esquadrilha através do hiper-espaço. Raio, 30 000 anos-luz, teta 268,52 graus, fi, 84,55 graus. Regresso ao ponto de partida às 13,30. Ausência total: 11,43 horas.

- Perfeitamente. Vamos contar com um regresso absolutamente exato no que respeita tanto ao espaço como ao tempo. Entendido?

- Sim, meu comandante. - Olhou para o relógio de pulso. - As minhas naves estarão a postos às 01,40.

- Bem - disse o Comandante Dixyl.

A esquadrilha Kalganiana não estava agora ao alcance do detector, todavia estaria em breve. Havia informações independentes para efeito. Sem a esquadrilha de Cenn, as forças da Fundação seriam gravemente excedidas em número, mas o Comandante estava inteiramente confiante. Inteiramente confiante.

Preem Palver olhou tristemente à sua volta, primeiro para o almirante, alto e magro, depois para os outros, todos de uniforme, e finalmente para aquele último, grande e forte, com o colarinho aberto e sem gravata - diferente dos outros - que manifestou desejo de falar com ele.

Jole Turbor estava dizendo:

- Tenho perfeita consciência, senhor almirante, das sérias possibilidades que aqui estão em causa, todavia afirmo-lhe que, se me for permitido falar com ele durante alguns minutos, poderei pôr termo à incerteza atual.

- Há alguma razão especial para não poder interrogá-lo na minha presença?

Turbor mordiscou os lábios e mostrou-se obstinado.

- Senhor Almirante - disse ele - desde que fui destacado para suas naves, a Terceira Esquadra teve uma imprensa favorável, excelente. Pode pôr homens de guarda do lado de fora da porta, se quiser, e pode voltar dentro de cinco minutos. Mas, entretanto, condescenda um pouco comigo e as suas relações públicas não sofrerão. Está compreendendo?

E ele compreendeu. Turbor, então, no isolamento que se seguiu, voltou-se para Palver e disse:

- Rápido! Qual é o nome da garota que raptou?

Palver limitou-se a esbugalhar os olhos e a menear a cabeça.

- Deixe de disparates - disse Turbor. - Se não responder, será um espião, e os espiões são mortos sem julgamento em tempo de guerra.

- Arcádia Darell! - arquejou Palver.

- Ora muito bem! Está em segurança?

Palver inclinou a cabeça afirmativamente.

- O melhor que tem a fazer é ter certeza disso, ou não será bom para você.

- Está em perfeita saúde, absolutamente em segurança - disse Palver, num murmúrio.

O almirante voltou.

- Então?

- Este homem não é um espião, senhor almirante. Pode acreditar no que ele lhe diz. Responsabilizo-me por ele.

- Ah, sim? - O almirante franziu os sobrolhos. - Então representa uma cooperativa agrícola de Trantor, que quer fazer um tratado de comércio com Terminus para fornecimento de cereais e batatas? Pois muito bem, contudo não pode partir agora.

- Por que não? - perguntou Palver, rapidamente.

- Porque estamos no meio de uma batalha. Depois de ela ter terminado, partindo do princípio de estarmos ainda vivos, o levaremos a Terminus.

A esquadra Kalganiana, que girava pelo espaço, detectou as naves da Fundação a uma distância incrível e foi ela própria detectada. Como pequenos pirilampos nos Grandes Detectores uma da outra, foram-se aproximando através do vácuo. O almirante da Fundação franziu os sobrolhos e disse:

- Deve ser este o ataque principal deles. Olhe para os números. - E a seguir: - Mas não se agüentam conosco, desde que possamos contar com o destacamento de Cenn.

O comandante Cenn partira horas antes, à primeira detecção do inimigo que avançava para eles. Não havia maneira de alterar outra vez o plano. Daria ou não resultado, contudo o almirante sentia-se perfeitamente à vontade. Tal como os oficiais. Tal como os tripulantes. Voltou a observar os pirilampos. Cintilavam, como num bailado mortal, em formações precisas.

A esquadra da Fundação voltou-se lentamente. Passaram-se horas, e a esquadra mudou lentamente de direção, provocando o inimigo que avançava, e levando-o a desviar-se ligeiramente de sua rota. Depois a esquadra voltou a fazer o mesmo mais vezes.

No espírito dos responsáveis pelo plano de batalha havia uma certa área do espaço que devia ser ocupado pelas naves Kalganianas. As da Fundação sairiam furtivamente dessa área, e as Kalganianas se introduziriam nela. As que voltassem a sair seriam atacadas, súbita e ferozmente: as que permanecessem dentro dela não seriam tocadas.

Tudo dependia da relutância das naves de Lorde Stettin em tomarem a iniciativa, da sua condescendência em manterem-se onde ninguém as atacaria.

O comandante Dixyl fitava friamente o relógio de pulso. Eram 13,10.

- Faltavam vinte minutos - disse.

O tenente a seu lado confirmou, tenso, meneando a cabeça.

- Até aqui parece ir tudo bem, meu comandante. Temos mais de noventa por cento deles encurralados. Se conseguirmos mantê-los assim...

- Sim! Se...

As naves da Fundação estavam outra vez seguindo para frente, muito lentamente. Não avançavam com a rapidez suficiente para forçarem uma retirada Kalganiana, mas com a rapidez necessária para desencorajarem um avanço inimigo. Eles preferiram esperar.

E os minutos passavam.

Às 13,25, a campainha de sinais do almirante soou em setenta e cinco naves de linha da Fundação, que investiram com a máxima aceleração rumo ao plano frontal da Esquadra Kalganiana, composta de trezentas naves. Os escudos de defesa Kalganianos entraram em ação, deslumbrantes, e os imensos raios de energia apareceram, chicoteando o espaço. Cada uma das trezentas naves se concentrou na mesma direção, na direção dos seus loucos atacantes que arremetiam contra eles, sem precauções, e...

Às 13,30, cinqüenta naves comandadas por Cenn surgiram do nada, num único salto através do hiper-espaço para um lugar determinado, num tempo determinado e alinharam-se numa fúria devastadora à retaguarda Kalganiana desprotegida.

A armadilha funcionou perfeitamente.

Os Kalganianos ainda tinham o número a seu favor, porém não estavam com disposição para verificar. O seu primeiro esforço foi para fugirem, e a formação, uma vez quebrada, tornou-se ainda mais vulnerável, pois as naves inimigas atravessavam-se no caminho uma das outras.

Pouco depois, aquilo tomou as proporções de uma caçada de gatos contra ratos. De trezentas naves Kalganianas, coração e orgulho da sua esquadra, só umas sessenta, ou menos, muitas delas seriamente avariadas, conseguiram voltar a Kalgan. As perdas da Fundação foram de oito naves num total de cento e vinte e cinco.

Preem Palver pousou em Terminus no auge da celebração. Achou perturbador o entusiasmo louco, mas antes de deixar o planeta realizara duas coisas e recebera um pedido. As duas coisas realizadas eram: 1) a conclusão de um acordo pelo qual a cooperativa de Palver entregaria vinte carregamentos de alimentos por mês durante o ano seguinte, por preço de guerra, sem haver, graças à batalha recente, o correspondente risco de guerra e, 2) a comunicação ao Dr. Darell das cinco palavras curtas de Arcádia.

Durante um momento de surpresa, Darell ficara a fitá-lo de olhos esbugalhados. Depois fizera-lhe o pedido. Era o de levar uma resposta a Arcádia. Palver gostou dela, era uma resposta simples e fazia sentido. Era: "Agora pode voltar. Não haverá qualquer perigo".

Lorde Stettin estava num estado de frustração raivoso. Ver quebrarem-se nas mãos todas as suas armas, sentir o tecido sólido do seu poder militar romper-se como fio podre que, repentinamente, se verificava ser aquele de que era feito, transformaria a própria fleuma em lava ardente. Porém estava indefeso, se bem o sabia. Não dormia realmente bem havia semanas. Não fizera a barba durante três dias. Cancelara todas as audiências. Os seus almirantes estavam abandonados a si mesmos e ninguém sabia melhor do que o Senhor de Kalgan que pouco tempo se passaria e sem mais derrotas, antes de ter que se haver com a rebelião interna.

Lev Meirus, Primeiro Ministro, não era uma solução. Ali estava de pé, calmo e prematuramente velho, com o seu dedo magro e nervoso seguindo, como sempre, o vinco da ruga entre o nariz e o queixo.

- Então! - gritou-lhe Stettin. - Colabore com alguma coisa! Estamos derrotados, compreende? Derrotados! E por quê? Eu não sei por que. Aí tem, não sei por que. E você sabe por quê?

- Penso que sei - disse Meirus, calmamente.

- Traição! - A palavra foi pronunciada suavemente, e seguiram-se outras palavras tão suavemente como aquela. - Você teve conhecimento da traição e ficou calado. Serviu o tolo que eu expulsei da Primeira Cidadania e pensa que pode servir qualquer rato imundo que me substitua. Se assim foi, hei de tirar-lhe as entranhas por isso e queimá-las diante dos seus olhos ainda vivos.

Meirus não se perturbou.

- Tentei alertá-lo com as minhas próprias dúvidas, não uma, mas muitas vezes. Aturdi-lhe os ouvidos com elas, e o senhor preferiu o conselho de outros porque satisfaziam melhor o seu egocentrismo. As coisas tornaram-se, não como eu temia, porém ainda piores. Se não interessa ouvir-me agora, diga-o, Senhor, e o deixarei. Tratarei no devido tempo com o seu sucessor, cujo primeiro ato, sem dúvida, será assinar um tratado de paz.

Stettin ficou olhando para ele com os olhos vermelhos. Os seus punhos enormes fechavam-se e abriam-se.

- Fale, sua lesma cinzenta.

- Falei. Disse-lhe muitas vezes, Senhor, que não é o Mulo. Pode controlar naves e canhões, mas não pode controlar as mentes dos seus súditos. Tem consciência Senhor, de quem está combatendo? Está combatendo a Fundação, que nunca é derrotada, a Fundação, que está protegida pelo Plano de Seldon a Fundação, que está destinada a estabelecer um novo Império.

- Não há Plano nenhum. Já não há. Munn assim o disse.

- Então Munn está enganado. E se tivesse razão, que importaria isso? O senhor e eu não somos o povo, Senhor. Os homens e mulheres de Kalgan e dos seus mundos submetidos acreditam sincera e profundamente no Plano de Seldon, tal como todos os habitantes deste extremo da Galáxia. Quase quatrocentos anos de história ensinam o fato de que a Fundação não pode ser derrotada. Nem os reinos, nem os senhores da guerra, nem o próprio antigo Império Galáctico puderam fazê-lo.

- O Mulo o fez.

- Exatamente, mas ele estava para além dos cálculos, e o Senhor não está. E o que é pior é que o povo sabe que o senhor não está. E assim, as suas naves entram em combate temendo a derrota por qualquer maneira desconhecida. O tecido insubstancial do Plano está suspenso sobre eles, de modo que são cautelosos, olham antes de atacar e interrogam-se muito. Enquanto que do outro lado, esse mesmo tecido insubstancial enche o inimigo de confiança,

repele o medo, mantém o moral em face das primeiras derrotas. E por que não? A Fundação foi sempre derrotada no princípio e sempre venceu no fim. E o seu próprio moral, Senhor? Está por toda a parte no território inimigo, os seus próprios domínios não foram invadidos, não estão ainda em perigo de invasão, e não obstante o Senhor está derrotado. Não acredita sequer na possibilidade de vitória, porque sabe que não há nenhuma. Portanto, submeta-se, ou será derrotado até ficar de rastos. Submeta-se voluntariamente, e pode salvar alguma coisa. O Senhor dependia do metal e da energia e eles sustentaram-no enquanto puderam. Ignorou o espírito e o moral e estes desampararam-no. Agora, siga o meu conselho. Tem em seu poder o homem da Fundação, Homir Munn. Liberte-o e mande-o de volta a Terminus com suas ofertas de paz.

Os dentes de Stettin rangiam por trás dos seus lábios pálidos e cerrados. Que escolha tinha ele?

No primeiro dia do novo ano, Homir Munn partiu de Kalgan. Mais de seis meses haviam passado desde que deixara Terminus, e, nesse intervalo, uma guerra havia desencadeado a sua fúria e havia-se desvanecido.

Viera só, mas voltava escoltado. Viera como simples cidadão, e partia na qualidade de verdadeiro, embora não nomeado, embaixador de paz. E o que mudara mais fora a sua anterior preocupação pela Segunda Fundação. Ria ao pensar nisso, e imaginava em pormenores exuberantes o quadro da revelação final ao Dr. Darell, àquele enérgico, jovem e competente Anthor, a todos eles...

Sabia. Ele, Homir Munn, sabia finalmente a verdade.

"EU SEI..."

Os últimos dois meses da guerra Stettiniana não levaram muito tempo a passar para Homir. No seu cargo insólito de embaixador extraordinário, encontrou-se como centro dós negócios interestelares, um papel que não podia deixar de achar agradável.

Não houve mais batalhas de importância, apenas umas tantas escaramuças acidentais que mal podiam merecer destaque, e os termos do tratado foram estabelecidos com pequena necessidade de concessões por parte da Fundação. Stettin manteve-se no seu cargo, e mais nada. A sua esquadra foi desmantelada e suas possessões exteriores ao próprio sistema metropolitano tornaram-se autônomas, sendo-lhes permitido voltar pelo regresso ao estado anterior, pela independência completa ou pela confederação dentro da Fundação, conforme escolhessem.

A guerra terminou formalmente num asteróide do próprio sistema estelar de Terminus, local da base mais antiga da Esquadra da Fundação. Lev Meirus assinou por Kalgan, e Homir foi um espectador interessado. Não viu, durante todo esse período, o Dr. Darell nem qualquer dos outros. Mas isso pouco importava. As suas novidades se conservariam, e, como sempre, sorriu ao pensá-lo.

O Dr. Darell regressou a Terminus algumas semanas depois do Dia da Vitória contra Kalgan e, nessa mesma noite, sua casa serviu de local de reunião para os cinco homens que, dez meses antes, haviam traçado os seus primeiros planos. Demoraram-se a jantar e a tomarem o vinho, como se hesitassem em voltar ao velho assunto.

Foi Jole Turbor que, espreitando constantemente com um só olho para as profundidades de púrpura do cálice de vinho, resmungou, mais do que falou.

- Bem, Homir, estou vendo que agora você é um homem de negócios. Manejou bem as coisas.

- Eu? - Munn riu alto e alegremente. Por qualquer razão, havia meses que não gaguejava. - Não tive nada a ver com isso. Foi Arcádia, A propósito, Darell, como vai ela? Ouvi dizer que voltou de Trantor.

- Está certo o que ouviu - disse Darell, calmamente. - A nave dela deve chegar esta semana. - Olhou para os outros, disfarçadamente, houve apenas

exclamações confusas e amorfas de prazer, nada mais.

Turbor disse:

- Então está realmente acabado. Quem havia de prever isto dez meses atrás. Munn foi a Kalgan e voltou, Arcádia foi a Kalgan e a Trantor e está de volta, tivemos uma guerra e a vencemos. Pelo Espaço! Dizem-nos que as grandes correntes da história podem ser previstas, mas não parece concebível que tudo aquilo que acaba de acontecer, com absoluta confusão para aqueles de nós que viveram os acontecimentos, possa ter sido previsto.

- Besteira! - disse Anthor, com azedume. - Seja como for, o que é que o traz tão triunfante? Fala como se tivéssemos vencido realmente uma guerra, quando a verdade é que não vencemos nada senão uma rixa insignificante que serviu apenas para distrair os nossos espíritos do verdadeiro inimigo.

Houve um silêncio desagradável, em que apenas o ligeiro sorriso de Homir Munn deitava uma nota discordante.

Anthor bateu no braço da cadeira com um punho cerrado e cheio de fúria.

- Sim, refiro-me à Segunda Fundação. Ninguém fala nela e, se julgo corretamente, fazem-se todos os esforços para não pensar nela. Será por esta atmosfera falaz de vitória que envolve este mundo de idiotas ser tão atraente que sentem dever participar? Então dêem saltos mortais, trepem pelas paredes, dêem palmadinhas nas costas uns dos outros e atirem confetes pela janela. Façam como mais lhes agradar, mas livrem-se desse estado de espírito e quando acabarem e tornarem a ser quem são, voltem e vamos discutir esse problema que continua existindo agora tal como existia há dez meses, quando estavam sentados, espreitando por cima do ombro, cheios de medo sem saberem de que. Pensam realmente que os Senhores da Mente da Segunda Fundação são menos temíveis por terem derrotados um esgrimista idiota de naves espaciais?

Fez uma pausa, corado e arquejante. Munn disse, calmamente:

- Agora quer ouvir-me, Anthor? Ou prefere continuar o seu papel de conspirador bombástico?

- Diga o que tem a dizer, Homir - disse Darell - mas vamos abster-nos de utilizar uma linguagem excessivamente dura. É uma coisa muito boa quando há ocasião, porém neste momento aborrece-me.

Homir Munn reclinou-se na sua cadeira de braços e voltou a encher cuidadosamente o cálice.

- Fui enviado a Kalgan - disse - para descobrir o que pudesse nos registros contidos no Palácio do Mulo. Passei vários meses tentando fazê-lo. Não pretendo tirar proveito do caso. Como indiquei, foi Arcádia que, intrometendo-se ingenuamente conseguiu a entrada para mim. Não obstante, mantém-se o fato de que, ao meu conhecimento original da vida e da época do Mulo, o qual, admito-o, não era pequeno, acrescentei os frutos de muito labor entre os testemunhos fundamentais que não haviam estado à disposição de mais ninguém.

- Estou, por conseqüência, numa posição única para avaliar o verdadeiro perigo da Segunda Fundação, em muitíssimo melhor posição do que está aqui o nosso excitável amigo.

- É - esganiçou Anthor - qual é a sua avaliação do perigo?

- Ora! É de zero.

Houve uma curta pausa, e Elvett Semic perguntou com um ar de surpreendida incredulidade:

- Quer dizer que não há nenhum perigo?

- Decerto. Amigos, não há nenhuma Segunda Fundação!

As pálpebras de Anthor fecharam-se lentamente, e ficou quieto, pálido e sem expressão. Munn continuou, monopolizando a atenção e gostando disso:

- E, o mais importante, nunca houve.

- Em que fundamenta - perguntou Darell - essa conclusão surpreendente?

- Nego - disse Munn - que seja surpreendente. Todos conhecem a história da procura da Segunda Fundação pelo Mulo. Mas que sabem vocês da intensidade dessa procura da idéia fixa dela? Tinha recursos tremendos à sua disposição e não poupou nenhum. Tinha aquela idéia fixa e, contudo falhou. Não foi localizada nenhuma Segunda Fundação.

- Dificilmente se esperaria que fosse encontrada - acentuou Turbor, impacientemente. - Tinha meios para se proteger contra as mentes investigadoras.

- Mesmo quando a mente que estivesse investigando fosse o intelecto de mutante do Mulo? Penso que não. Porém ouçam, não esperam decerto que lhes transmita a essência de cinqüenta volumes de relatórios em cinco minutos. Nos termos do tratado de paz, tudo isso fará parte, eventualmente, do Museu Histórico de Seldon e terão todos a liberdade de proceder a uma análise tão demorada como a que efetuei. Encontrarão, porém, a conclusão a que ele chegou

claramente definida, e é a que já exprimi. Não há, nunca houve, Segunda Fundação.

Semic objetou:

- Bom, então o que foi que fez o Mulo parar?

- Grande Galáxia! O que é que supõe que o fez parar? Foi a morte que o fez parar, como fará parar a todos nós. A maior superstição da época é a de o Mulo ter sido detido, de qualquer maneira, numa carreira de conquistador de tudo, por entidades misteriosas superiores até a ele. É o resultado de olhar para tudo com uma falsa evidência.

- Certamente ninguém na Galáxia desconhece que o Mulo era um aborto tanto físico como mental. Morreu com trinta e tantos anos porque o seu corpo mal ajustado não podia lutar mais para manter em funcionamento a sua maquinaria rangedora. Foi um inválido durante vários anos antes de morrer. O seu melhor estado de saúde nunca foi mais do que a fraqueza de um homem normal. Pois bem, conquistou a Galáxia e pela ordem natural das coisas, foi indo até morrer. É um assombro que tenha se mantido tanto tempo e tão bem. Amigos, isto está escrito na mais clara letra de imprensa. Apenas deverão ter paciência. Apenas deverão tentar olhar todos os acontecimentos com nova visualização.

Darell disse pensativo:

- Bom, vamos tentar, Munn. Será uma tentativa interessante e que, mais não seja, nos ajudará a lubrificar os nossos pensamentos. Que diz quanto àqueles homens com os quais houve interferências cujos registros Anthor nos trouxe há um ano? Ajude-nos a vê-los em foco.

- Facilmente. Que idade tem, como ciência, a análise encefalográfica? Ou pondo a coisa sob outro prisma, qual é o estado de desenvolvimento do estudo das ramificações neurônicas?

- Admito que estamos no inicio dessa ciência - disse Darell.

- Exatamente. Qual pode ser então a certeza da interpretação do que ouvi Anthor e você chamarem o Planalto de Interferência? Você tem as suas teorias, mas até que ponto pode ter certeza suficiente para considerá-lo uma base firme para a existência de uma força poderosa para a qual todas as outras provas são negativas? É fácil explicar o desconhecido postulando uma vontade super-humana e arbitrária. É um fenômeno muito humano. Houve casos ao longo de toda a história Galáctica em que sistemas planetários isolados retrocederam ao

estado bárbaro. E que aprendemos nós com eles? Que, em todos os casos, tais bárbaros atribuem as forças da natureza para eles incompreensíveis, tempestades, pestes, secas, a seres sensíveis mais poderosos e mais arbitrários do que os homens.

- Chama-se a isso antropomorfismo, creio eu, e quanto à matéria em causa somos nós os bárbaros e entregamo-nos a ele. Conhecendo pouco da ciência mental culpamos de tudo o que não compreendemos uns super-homens, os da Segunda Fundação neste caso, baseados na sugestão que Seldon nos lançou.

- Ah - interrompeu Anthor - então lembra-se de Seldon! Pensei que se tinha esquecido dele. E Seldon disse, disse de fato, que havia uma Segunda Fundação. Ora, ponha isso em evidência.

- E o senhor tem, porventura, consciência de todos os objetivos de Seldon? Sabe que necessidades estavam contidas nos seus cálculos? A Segunda Fundação pode ter sido um espantalho muito necessário, com um fim altamente específico em vista. Como derrotamos Kalgan, por exemplo? Que disse você na sua última série de artigos. Turbor?

Turbor moveu-se.

- Sim, estou vendo onde quer chegar. Estive em Kalgan quando a guerra estava para terminar, e era perfeitamente evidente que o moral do planeta era incrivelmente mau. Dei uma olhadela às notícias gravadas deles, e não há dúvida de que esperavam ser vencidos. Na realidade, estavam completamente atrofiados pelo pensamento de que, eventualmente, a Segunda Fundação deitaria mão às coisas, ao lado da Primeira, naturalmente.

- Exatamente - disse Munn. - Estive lá durante toda a guerra. Disse a Stettin que não havia Segunda Fundação alguma e ele acreditou em mim. Ele sentiu-se seguro. Mas não houve meios de fazer o povo deixar de crer no que havia crido durante toda a vida, de modo que o mito serviu eventual¬mente para um objetivo muito útil no jogo de xadrez cósmico de Seldon.

Os olhos de Anthor abriram-se, repentinamente, e fixaram-se, sarcásticos, no rosto de Munn.

- Afirmo que está mentindo.

Homir empalideceu.

- Não vejo que deva aceitar uma acusação dessa natureza, e muito menos responder.

- Não o digo com qualquer intenção de ofensa pessoal. O senhor não pode se impedir de mentir. Não tem consciência de estar mentindo, mas mente da mesma forma.

Semic pousou a mão mirrada na manga do jovem.

- Pare para respirar, meu rapaz.

Anthor sacudiu-o sem amabilidade nenhuma, e disse:

- A minha paciência está esgotada com os senhores todos. Não vi este homem mais do que meia dúzia de vezes na minha vida e, no entanto vejo nele uma transformação incrível. Os senhores todos o conheceram durante anos, contudo não notam nada. É bastante para deixar uma pessoa doida. A este homem dão o nome de Homir Munn? Não é o Homir Munn que conheci.

Houve uma miscelânea de exclamações de surpresa, acima da qual a voz de Munn gritou:

- O senhor pretende que eu seja um impostor?

- Talvez não, no sentido vulgar - berrou Anthor, acima do alarido - porém um impostor apesar de tudo. Calem-se todos! Exijo que me ouçam! - Encarou-os de sobrolho carregado, ferozmente, levando-os a obedecer. - Algum dos senhores se lembra de Homir Munn como eu me lembro, do bibliotecário introvertido que nunca falava sem um embaraço evidente, do homem de voz tensa e nervosa que gaguejava proferindo suas frases incertas? Este homem soa-lhes como ele? É fluente, é confiante, está cheio de teorias e, pelo Espaço, não gagueja. É a mesma pessoa?

Até Munn pareceu confuso, e Pelleas Anthor continuou.

- Bem, vamos submetê-lo à prova?

- Como? - perguntou Darell.

- O senhor pergunta como? Pela forma evidente. Tem o registro encefalográfico dele de há dez meses, não tem? Faça agora outro e compare. - Apontou para o carrancudo bibliotecário, e disse violentamente: - Desafio-o a recusar submeter-se à análise.

- Não me oponho - disse Munn, arrogantemente. - Sou o homem que sempre fui.

- Pode o senhor sabê-lo? - disse Anthor, com desdém. - Vou mais longe. Não confio em ninguém aqui. Quero que todos se submetam à análise. Houve uma guerra, Munn esteve em Kalgan, Turbor esteve a bordo das naves e

percorreu todas as zonas de guerra, Darell e Semic estiveram também ausentes, não faço idéia onde. Só eu fiquei em isolamento e segurança, portanto não confio em nenhum de vocês. Para ser imparcial, submeto-me igualmente à prova. Estamos de acordo, ou vou embora imediatamente e sigo o meu próprio caminho?

Turbor encolheu os ombros e disse:

- Não faço objeção alguma.

Semic acenou num assentimento silencioso, e Anthor esperou por Darell. Finalmente, Darell inclinou a cabeça afirmativamente.

- Comece por mim - disse Anthor.

As agulhas traçaram o seu frágil caminho através das quadrículas, enquanto jovem neurologista se mantinha sentado, imóvel, no assento de recosto, com os olhos cerrados, meditando. Darell tirou do arquivo a pasta que continha o antigo registro encefalográfico de Anthor. Mostrou-o a Anthor.

- Este é o seu próprio, não é?

- É, sim. É o meu registro. Faça a comparação.

O investigador projetou na tela os dois registros, o novo e o antigo. Lá estavam todas as seis curvas de cada registro e, na escuridão, ouviu-se a voz de Munn com uma áspera nitidez.

- Olhe, olhe, aí. Há uma modificação.

- Estas são ondas primárias do lobo frontal. Não quer dizer nada, Homir. Estes recortes adicionais que está apontando são apenas cólera. São os outros que valem.

Apertou um botão, e os seis pares misturaram-se par a par e coincidiram. Só a maior amplitude das ondas primárias mostrava duplicação.

- Satisfeito? - perguntou Anthor.

Darell limitou-se a inclinar a cabeça afirmativamente, e sentou-se por sua vez. Seguiu-se Semic, e depois Turbor. As curvas foram tiradas em silêncio, e em silêncio comparadas. Munn foi o último a sentar-se. Hesitou durante um momento e, depois, com um toque de desespero na voz, disse:

- Olhem lá! Sou o último e estou sob tensão. Espero que seja feito o devido desconto por isso.

- Será - assegurou-lhe Darell. - Nenhuma das suas emoções conscientes

afetará senão as ondas primárias, e essas não são importantes.

Parecia terem-se passado horas, no silêncio total que se seguiu. Depois, na escuridão em que se procedia à comparação, Anthor disse, roucamente:

- Claro, claro, é apenas o ataque de um complexo. Não foi isso que ele nos disse? Não há nada disso de interferência, é tudo uma noção antropomórfica idiota... Mas olhem para isto! Uma coincidência, suponho.

- O que é? - guinchou Munn.

A mão de Darell pousou com força no ombro do bibliotecário.

- Calma, Munn!... Foi manobrado, foi ajustado por eles.

Depois a luz acendeu-se e Munn olhou à sua volta com um olhar alterado, fazendo uma tentativa horrível para sorrir.

- Não pode estar falando sério, certamente. Há um propósito nisto. Está me experimentando.

Porém Darell apenas meneou a cabeça.

- Não, não, Homir. É verdade.

Os olhos do bibliotecário encheram-se subitamente de lágrimas.

- Não sinto diferença nenhuma. Não posso acreditar. - E numa súbita convicção: - Estão todos metidos nisto. É uma conspiração. - Darell tentou um gesto apaziguador, porém sua, mão foi repelida. Munn rosnou: - Estão planejando me matar. Pelo Espaço, estão planejando me matar.

Numa investida, Anthor saltou-lhe em cima. Houve o estalar nítido de osso contra osso, e Homir ficou estendido, flácido, com aquele olhar de medo imóvel no rosto. Anthor levantou-se, agitado, e disse:

- O melhor é amarrá-lo e amordaçá-lo. Mais tarde, decidiremos que fazer. - Passou a mão pelo cabelo comprido, alisando-o.

Turbor perguntou:

- Como adivinhou que havia algo nele que não estava certo?

Anthor voltou-se para ele, com um sorriso irônico.

- Não foi difícil. Bem se vê, é que acontece que eu sei onde está realmente a Segunda Fundação.

Os choques sucessivos apresentam um efeito decrescente. Foi de fato com suavidade que Semic perguntou:

- Tem certeza? Quero dizer... como já passamos pela mesma coisa com Munn...

- Não é a mesma coisa de maneira alguma - retorquiu Anthor. - No dia em que a guerra começou, Dr. Darell, falei com o senhor muito a sério. Tentei fazê-lo deixar Terminus. Teria dito então o que vou agora dizer-lhe, se tivesse sido capaz de confiar no senhor.

- Quer dizer que sabia a resposta há seis meses? - perguntou Darell, sorrindo.

- Soube-a desde o momento em que soube que Arcádia partira para Trantor.

Darell pôs-se de pé, subitamente consternado.

- Que tinha Arcádia a ver com isso? Que está insinuando?

- Absolutamente nada que não seja evidente em face de todos os acontecimentos que conhecemos tão bem. Arcádia vai para Kalgan e foge aterrorizada para o próprio centro da Galáxia, ao invés de regressar para casa. O tenente Dirige, o nosso melhor agente em Kalgan, é vítima de interferência. Homir Munn vai para Kalgan e ê vitima de interferência. O Mulo conquistou a Galáxia, porém, erradamente, fez de Kalgan o seu quartel-general, e ocorre-me perguntar a mim mesmo se seria um conquistador ou, talvez, um instrumento. A cada volta que damos, encontramo-nos com Kalgan, Kalgan, só Kalgan e nada mais, só Kalgan, o mundo que, fosse como fosse, sobreviveu intacto a todas as lutas dos condestáveis por mais de um século.

- Então a sua conclusão. ..

- É óbvia. - Os olhos de Anthor brilhavam. - A Segunda Fundação é Kalgan.

Turbor interrompeu-o.

- Estive em Kalgan, Anthor. Estive lá na semana passada, e se havia lá qualquer Segunda Fundação eu estou doido. Pessoalmente, penso que é o senhor quem está doido.

O jovem virou-se para ele com rapidez e disse, ferozmente:

- Então o senhor é um gorducho idiota. Que espera que seja a Segunda Fundação? Um liceu? Pensa que há Campos de Radiação, em focos cerrados, a soletrarem "Segunda Fundação" em verde e púrpura, ao longo das rotas das naves que chegam? Ouça o que eu lhe digo, Turbor. Onde quer que eles estejam,

formam uma oligarquia fechada. Devem estar tão bem escondidos no mundo em que existem como esse próprio mundo está na Galáxia como um todo.

Os músculos do maxilar de Turbor contorceram-se.

- Não gosto de sua atitude, Anthor.

- Isso me incomoda muito, com certeza - foi a resposta sarcástica. - Dê uma olhada à sua volta, aqui em Terminus. Estamos no centro, no coração, na origem da Primeira Fundação com todo o seu conhecimento da ciência física. Ora, muito bem, quantas pessoas da população são cientistas físicos? Consegue o senhor manejar uma Estação Transmissora de Energia? Que sabe o senhor do manejo de um motor hiperatômico? Hein? O número de verdadeiros cientistas em Terminus, até em Terminus, não chega a um por cento da população. E que dizer da Segunda Fundação, onde o segredo deve ser mantido? Haverá ainda menos sabedores, e esses estarão escondidos até do seu próprio mundo.

- Ouça - disse Semic, cuidadosamente - nós acabamos de liquidar Kalgan.

- Liquidamos, claro que liquidamos - disse Anthor, com ironia. - Ah, e celebramos essa vitória! As cidades ainda estão iluminadas, ainda estão queimando fogos de artifício, ainda estão gritando pelos televisores. Mas agora, agora, quando a procura é mais uma vez a da Segunda Fundação, onde está o último lugar para o qual olharemos, onde está o último lugar para o qual olhará quem quer que seja? Exatamente Kalgan! Fique sabendo que não os prejudicamos, não os prejudicamos efetivamente. Destruímos algumas naves, matamos alguns milhares de pessoas, desmembramos o seu Império, tomamos conta, de seu poder comercial e econômico, mas tudo isso não quer dizer nada. Apostaria que nem um membro da classe dirigente de Kalgan foi realmente derrotado. Pelo contrário, estão agora a salvo da curiosidade. Mas não da minha curiosidade. Que diz, Dr. Darell?

Darell encolheu os ombros.

- Interessante. Estou tentando coordenar tudo isso com uma mensagem que recebi de Arcádia há alguns meses.

- Oh, uma mensagem? - perguntou Anthor. - que dizia ela?

- Bem, não tenho certeza. Cinco palavras curtas. Mas é interessante.

- Ouça - interrompeu Semic, com um interesse preocupado - há qualquer coisa que não compreendo.

- O que?

Semic escolheu suas palavras cuidadosamente, erguendo-se o seu lábio superior a cada uma delas como para deixá-las sair, isolada e relutantemente.

- Ora bem. Homir Munn estava dizendo apenas há pouco que Hari Seldon estava fingindo quando disse que estabelecera uma Segunda Fundação. Agora estão dizendo que não é assim, que Seldon não estava fingindo, não é?

- Exato, não estava fingindo. Seldon disse que estabelecera uma Segunda Fundação e estabelecera-se de fato.

- Pois então, muito bem, porém disse também mais alguma coisa. Disse que estabelecera as duas Fundações em extremos opostos da Galáxia. Isso, meu rapaz, foi logro então? Porque Kalgan não está no extremo oposto da Galáxia?

Anthor pareceu aborrecido.

- Isso é um ponto de menor importância. Essa parte pode muito bem ter sido uma cobertura para protegê-los. Mas pense bem, apesar de tudo. Qual seria a utilidade real de ter os Senhores da Mente no extremo oposto da Galáxia? Qual é a função deles? Ajudar a preservar o Plano. Quem são os jogadores das cartas principais do Plano? Nós, a Primeira Fundação. De onde podem eles, então, observar-nos melhor e servir os seus próprios fins? No extremo oposto da Galáxia? Ridículo! Estão, na realidade, a menos de cento e cinqüenta anos-luz, o que é muito mais sensato.

- Gosto desse argumento - disse Darell. - Faz sentido. Olhem aqui, Munn já retomou os sentidos há algum tempo, e eu proponho que o desamarremos. Não pode realmente fazer nenhum mal.

Anthor mostrou-se discordante, mas Homir fazia sinais afirmativos inclinando a cabeça vigorosamente. Cinco segundos depois estava esfregando os pulsos da mesma forma vigorosa.

- Como se sente? - perguntou Darell.

- Podre - disse Munn, de mau humor - mas não importa. Há algo que quero perguntar a esse garoto esperto que está aqui. Ouvi o que tinha a dizer, e gostaria que me autorizassem a perguntar o que faremos a seguir.

Houve um silêncio estranho e incoerente. Munn sorriu amargamente.

- Sim, suponham que Kalgan seja a Segunda Fundação. Mas quem são eles em Kalgan? Como vão descobri-los? Como vão haver-se com eles se os descobrirem, hein?

- Bem - disse Darell - por muito estranho que pareça, posso responder a isso. Querem que lhes diga o que Semic e eu estivemos fazendo nestes seis meses passados? Isso pode dar-lhe outra razão, Anthor, porque eu estava ansioso para ficar em Terminus este tempo todo. Em primeiro lugar - prosseguiu ele - trabalho na análise encefalográfica com mais determinação do que qualquer dos senhores pode suspeitar. Detectar mentes da Segunda Fundação é um pouco mais delicado do que descobrir simplesmente um Planalto de Interferência, e na realidade não fui bem sucedido. Mas me aproximei bastante. Sabe qualquer de vocês como funciona o controle emocional? Tem sido um assunto popular dos escritores de ficção desde o tempo do Mulo, e muito disparate foi escrito, dito e gravado acerca dele. Na maior parte dos casos, tem sido tratado como algo misterioso e oculto. Claro que não é. Que o cérebro seja a fonte de uma miríade de pequenos campos eletromagnéticos, todos sabem. Cada emoção passageira faz variar estes campos de maneira mais ou menos complicada, e isso também todos deviam saber. Ora, é possível conceber uma mente que possa sentir estes campos variáveis é até ressoar com eles, isto é, pode existir um órgão especial do cérebro que consiga assumir as características de qualquer modelo de campo que possa detectar, seja ele qual for. Exatamente como o faria, não tenho idéia, mas isso não tem importância. Se eu fosse cego, por exemplo, poderia aprender, apesar disso, o significado dos fótons e da energia quântica, e poderia ser racional para mim que um fóton de tal energia pudesse provocar alterações químicas em quaisquer órgãos do corpo, de modo que a sua presença fosse detectável. Contudo é óbvio que eu não seria capaz, por isso, de compreender a cor. Estão todos entendendo?

Houve uma inclinação de cabeça convincente de Anthor, e indecisa por parte dos outros.

- Tal hipotético Órgão da Mente, ajustando-se por si mesmo aos Campos emitidos por outras mentes, poderia efetuar o que é popularmente conhecido como "ler as emoções", ou até "ler as mentes", o que é, na realidade, algo ainda mais delicado. Não é senão um passo fácil imaginar, a partir daí, um órgão similar que pudesse de fato forçar um ajustamento em outra mente. Poderia orientar com o seu campo mais forte o mais fraco da outra mente, tal como um ímã forte orientará os dois pólos atômicos de uma barra de ferro e a deixará magnetizada depois disso. Resolvi a matemática da característica dos homens da Segunda Fundação no sentido de desenvolver uma função que haveria de predizer a combinação necessária de ramificações neurônicas para permitir a formação de um órgão como o descrevi, mas, infelizmente, a função é complicada demais para resolver por meio de qualquer dos instrumentos

matemáticos atualmente conhecidos. Isso é muito mau, porque significa que nunca poderei detectar um trabalhador da Mente apenas pelo seu modelo encefalográfico.

- Contudo consegui fazer mais alguma coisa. Consegui, com o auxílio de Semic, construir o que descreverei com um aparelho de Estática Mental. Não está fora das possibilidades da ciência moderna criar uma fonte de energia que duplique um modelo encefalográfico-padrão de campo eletromagnético. Além disso, pode ser feito para variar completamente ao acaso, criando, no que diz respeito a esse particular sentido da mente, uma espécie de "barulho" ou "estática" que mascara outras mentes com as quais pode estar em contato. Continuam a entender?

Semic riu disfarçadamente. Ajudara cegamente a criar, mas imaginara o que era e imaginara corretamente. O velhote ainda tinha uma ou duas habilidades...

Anthor disse:

- Acho que sim.

- O aparelho - continuou Darell - é bastante fácil de produzir e tive sob o meu domínio todos os recursos da Fundação, ocultos da pesquisa de guerra. E agora, as repartições do Prefeito e as assembléias legislativas estão rodeadas de Estática Mental. E também assim está a maioria das nossas fábricas-chave. E este edifício também está. Eventualmente, qualquer lugar que queiramos pode ficar absolutamente a salvo da Segunda Fundação ou de qualquer futuro Mulo. E aqui está.

Terminou muito simplesmente espalmando a mão num gesto.

Turbor parecia atordoado.

- Então está tudo acabado. Grande Seldon, está tudo acabado.

- Bem - disse Darell - não é bem assim.

- Como não é bem assim: Há qualquer coisa mais?

- Há, ainda não localizamos a Segunda Fundação!

Anthor rugiu:

- O senhor está tentando dizer que...

- Sim, estou. Kalgan não é a Segunda Fundação.

- Como o senhor sabe?

- É fácil - murmurou Darell. - Veja, é que acontece que eu sei onde está realmente a Segunda Fundação.

A RESPOSTA QUE SATISFAZIA

Turbor desatou a rir. Explodia em gargalhadas sonoras, tempestuosas, que ressoavam nas paredes e morriam sufocadas. Meneou a cabeça de leve, e disse:

- Grande Galáxia, isto vai durar toda a noite. Um após outro, apresentamos os nossos espantalhos para serem colocados abaixo. Nos divertimos, mas não chegamos a conclusão alguma. Pelo Espaço! Pode ser que todos os planetas sejam a Segunda Fundação. Pode ser que não tenham planeta, mas apenas homens-chave espalhados por todos os planetas. E que importa, uma vez que Darell diz que temos defesa perfeita?

Darell sorriu contrafeito.

- Defesa perfeita não é o suficiente, é apenas algo que nos mantém no mesmo lugar. Não podemos ficar para sempre de punhos cerrados, olhando freneticamente para todos os lados à procura do inimigo desconhecido. Devemos conhecer não só como vencer, mas também quem devemos derrotar. E há um mundo específico em que o inimigo existe.

- Vamos ao ponto em questão - disse Anthor, aborrecido. - Qual é a sua informação?

- Arcádia - disse Darell - mandou-me uma mensagem e, até recebê-la, nunca vi o óbvio. Talvez nunca veria a evidência. E, contudo foi uma simples mensagem que dizia: "Uma circunferência não tem fim". Estão vendo?

- Não - disse Anthor, obstinadamente, falando também, com toda a evidência, pelos outros.

- "Uma circunferência não tem fim" - repetiu Munn, pensativamente, e a sua testa enrugou-se.

- Bem - disse Darell, com impaciência - para mim foi claro... Qual é o único fator absoluto que conhecemos quanto à Segunda Fundação? Eu lhes digo! Sabemos que Hari Seldon situou-a no extremo oposto da Galáxia. Homir Munn teorizou que Seldon mentiu sobre a existência da Fundação. Pelleas Anthor admitiu que Seldon disse a verdade até aí, mas que mentiu sobre a localização da Fundação. Porém eu digo que Hari Seldon não mentiu em nenhum pormenor, que disse a absoluta verdade.

- Mas o que é o outro extremo? A Galáxia tem uma configuração achatada em forma de lente. Um corte longitudinal, ao longo do seu achatamento, é um círculo, delimitado por uma circunferência, e uma circunferência não tem fim, como Arcádia compreendeu. Nós, nós, a Primeira Fundação, estamos situados em Terminus na circunferência desse círculo. Estamos, por definição, num extremo da Galáxia. Agora sigam a circunferência desse círculo e encontrem o outro extremo. Sigam-na, sigam-na, e não encontram o outro extremo. Regressam apenas ao ponto de partida.

- E aí encontram a Segunda Fundação.

- Aí? - repetiu Anthor. - Quer dizer aqui?

- Sim, quero dizer aqui! - gritou Darell, energicamente. - Ora, em que outro lugar poderia ser? Foi o senhor mesmo que disse que, se os homens da Segunda Fundação eram os guardiões do Plano de Seldon, era inverossímil que pudessem estar situados no assim chamado outro extremo da Galáxia, onde estariam tão isolados como concebivelmente poderiam estar. O senhor pensou que cento e cinqüenta anos-luz de distância era mais sensato. E eu digo-lhe que isso também é demasiado longe, que não haver distância absolutamente nenhuma é mais sensato. E onde poderiam estar mais seguros? Quem os procuraria aqui? Oh, é o velho princípio do lugar mais evidente ser o menos suspeito.

- Por que ficou o pobre Ebling Mis tão surpreso e desanimado com a sua descoberta da localização da Segunda Fundação? Ali estava ele, procurando-a desesperadamente para avisá-la da vinda do Mulo, apenas para descobrir que o Mulo já tinha capturado ambas as Fundações de um só golpe. E por que falhou o próprio Mulo na sua procura? Por que não? Se alguém está à procura de uma ameaça inconquistável, dificilmente poderá procurar entre os inimigos já conquistados. E assim, os Senhores da Mente puderam traçar, com toda a calma, os seus planos para deter o Mulo, e conseguiram detê-lo. Oh, é enlouquecedoramente simples! Aqui estamos nós com os nossos conluios e os nossos esquemas, pensando que estamos guardando segredo, quando estamos durante o tempo todo no verdadeiro coração e núcleo da fortaleza do nosso inimigo. É humorístico.

O ceticismo de Anthor não abandonou o seu rosto.

- Acredita sinceramente nessa teoria, Dr. Darell?

- Acredito sinceramente nela.

- Então, qualquer dos nossos vizinhos, qualquer homem por quem

passemos na rua, poderia ser um super-homem da Segunda Fundação, com a sua mente observando a nossa e sentindo a pulsação dos pensamentos dela?

- Exatamente.

- E nos foi permitido prosseguir durante este tempo todo sem sermos molestados?

- Sem sermos molestados? Quem lhe disse que não fomos molestados? Foi o senhor mesmo quem mostrou que houve interferência com Munn. O que é que o faz pensar que o enviamos a Kalgan, em primeiro lugar inteiramente por nossa própria vontade, ou que Arcádia nos escutou e o seguiu por sua própria vontade? Ora! Talvez fomos molestados sem descanso. Além disso, por que haveriam eles de fazer mais do que fizeram? É de longe mais útil para eles induzirem-nos em erro do que apenas nos fazerem parar.

Anthor mergulhou em meditação e emergiu dela com uma expressão descontente.

- Bem, então Não gosto disto. A sua Estática Mental não vale um pensamento. Não podemos ficar dentro de casa para sempre, e logo que sairmos estamos perdidos, com o que pensamos agora que sabemos. A não ser que possa construir uma máquina pequena para cada habitante da Galáxia.

- Sim, mas não está inteiramente desamparado, Anthor. Estes homens da Segunda Fundação têm um sentido especial que nos falta. É a sua força e também a sua fraqueza. Por exemplo, há qualquer arma de ataque que seja efetiva contra um homem de vistas normais e que seja inútil contra um cego?

- Claro que há - disse Munn, prontamente. - Uma luz nos olhos.

- Exatamente - disse Darell. - Uma boa luz, forte e ofuscante.

- Bem, e daí? - perguntou Turbor.

- A analogia é clara! Tenho um aparelho de Estática Mental. Cria um modelo eletromagnético artificial que, para a mente de um homem da Segunda Fundação, é o que seria um raio de luz para nós. O aparelho de Estática Mental é caleidoscópio. Varia rápida e continuamente, mais depressa do que a mente receptora pode segui-lo. Pois bem, considerem-no uma luz que pisca, a espécie de luz que nos provocaria uma dor de cabeça se continuasse por tempo suficiente. Intensifiquem agora essa luz, ou esse campo eletromagnético, até ser ofuscante, e se tornará um sofrimento, um sofrimento insuportável. Apenas, porém, para os que tiverem o sentido apropriado, não para os desprovidos desse sentido.

- Já experimentou de fato fazê-lo? - perguntou Anthor, começando a entusiasmar-se.

- Em quem? Claro que não experimentei, mas dará certo.

- Bem, onde tem o senhor os comandos para o Campo que rodeia a casa? Gostaria de ver essa coisa.

- Aqui. - Darell meteu a mão no bolso do casaco. Era uma coisa pequena, mal fazendo volume no bolso. Estendeu ao outro o cilindro negro, munido de botões de comando. Anthor examinou-o cuidadosamente e encolheu os ombros.

- Não fico mais esclarecido por olhar para ele. Ouça, Dr. Darell, o que é que não devo tocar? Não quero desligar a defesa da casa por acidente, compreende?

- Não desliga - disse Darell, com indiferença. - O comando está bloqueado. Deu um piparote na alavanca de um interruptor, que não se moveu.

- E este botão, para que é?

- Esse faz modificar o grau de variação do modelo. Este outro aqui faz variar a intensidade. Era a ele que me referia.

- Posso?... — perguntou Anthor, pondo os dedos no botão de intensidade. Os outros comprimiam-se junto dele.

- Por que não? - disse Darell, encolhendo os ombros. - Não nos afeta. Lentamente, quase contra-vontade, Anthor rodou o botão, primeiro para um lado, depois para o outro. Turbor rangia os dentes, enquanto Munn piscava os olhos rapidamente. Era como se estivessem apurando o seu sistema sensorial inadequado para localizarem aquele impulso que não podia afetá-los. Finalmente, Anthor encolheu os ombros e atirou a caixa de comando para o Dr. Darell.

- Bom, suponho que devemos aceitar a sua palavra quanto a isto. Mas é decerto difícil imaginar que estivesse acontecendo qualquer coisa quando rodei o botão.

- Mas naturalmente, Pelleas Anthor - disse Darell, com um sorriso impenetrável. - A caixa que lhe dei é uma imitação. Veja, tenho outra. - Abriu o casaco e tirou uma duplicata da caixa de comando que Anthor estivera examinando, a qual pendia do seu cinto. - Está vendo? - disse Darell, e, num único gesto, rodou o botão de intensidade para o máximo.

Então, com um grito não-humano, Pelleas Anthor tombou no chão. Rolava em agonia, agarrando e puxando futilmente os cabelos com os dedos crispados, embranquecidos pelo esforço.

Munn mudou de lugar apressadamente para impedir o contato com aquele corpo que se contorcia, e os seus olhos eram dois abismos de horror. Semic e Turbor eram um par de estátuas de gesso, imóveis e brancos. Darell, sombrio, voltou a rodar o botão. E Anthor contorceu-se debilmente uma ou duas vezes e permaneceu imóvel. Estava vivo, porém com a respiração ofegante.

- Vamos levá-lo para o sofá - disse Darell, agarrando o jovem pela cabeça. - Ajudem-me.

Turbor pegou-o pelos pés. Era o mesmo que levantarem uma saca de farinha. Depois, após longos minutos, a respiração tornou-se mais calma e as pálpebras de Anthor estremeceram e abriram-se. Seu rosto estava amarelo, horrível, seu cabelo e seu corpo estavam alagados em suor, e a sua voz, quando falou, era de falsete e irreconhecível.

- Não - murmurou ele - não, não faça isso! Não faça isso outra vez! O senhor não sabe... Ai!... - Foi um lamento longo e trêmulo.

- Não voltaremos a fazê-lo - disse Darell - se nos disser a verdade. É um membro da Segunda Fundação?

- Dê-me água - suplicou Anthor.

- Vá buscá-la, Turbor - disse Darell - e traga a garrafa de uísque.

Repetiu a pergunta depois de ter dado a beber a Anthor um gole de uísque e dois copos de água. Algo pareceu distender-se no jovem.

- Sim - disse ele, num tom cansado - sou membro da Segunda Fundação.

- A qual - continuou Darell - está localizada em Terminus?

- Sim, sim. Acertou em todos os detalhes, Dr. Darell.

- Muito bem! Agora explique o que aconteceu nestes seis meses.

- Queria dormir - murmurou Anthor.

- Mais tarde! Agora fale!

Um suspiro trêmulo, depois palavras, em voz baixa e apressada. Os outros se inclinaram sobre ele para ouvirem o som.

- A situação estava tornando-se perigosa. Sabíamos que Terminus e os

seus cientistas físicos estavam se interessando por modelos de ondas cerebrais e que os conhecimentos estavam amadurecidos para o desenvolvimento de algo semelhante ao aparelho de Estática Mental. E havia uma hostilidade crescente para com a Segunda Fundação. Devíamos detê-la sem arruinarmos o Plano de Seldon. Nós... nós tentamos controlar o movimento. Tentamos juntar-nos a ele. Desviaríamos de nós a suspeita e os esforços. Tomamos providências no sentido de Kalgan declarar guerra como distração adicional. Foi por isso que enviei Munn a Kalgan. A suposta amante de Stettin era uma das nossas. Providenciou para Munn fazer as jogadas apropriadas. ..

- Callia é... - gritou Munn, mas Darell fez-lhe sinal para se calar. Anthor continuou, sem perceber qualquer interrupção:

- Arcádia seguiu-o. Não tínhamos contado com isso, não podemos prever tudo, de modo que Callia a manobrou para ela ir para Trantor, para evitar a interferência. E é tudo, exceto que perdemos.

- Tentou induzir-me a ir para Trantor, não tentou? - perguntou Darell. Anthor fez um sinal afirmativo.

- Devia afastá-lo do caminho. O triunfo crescente na sua mente era suficientemente claro. Estava resolvendo os problemas da Estática Mental.

- Por que não controlou a minha mente?

- Não podia... não podia. Tinha as minhas ordens. Estávamos trabalhando de acordo com um Plano. Se improvisasse, poderia pôr tudo a perder. Um plano apenas prediz probabilidades... o senhor sabe isso... como o Plano de Seldon. - Falava arquejante e quase incoerentemente. A cabeça balançava-lhe de um lado para o outro numa agitação inquieta... - Lidávamos com indivíduos... não com grupos... implicando probabilidades muito baixas... desorientação. Além disso... se o controlasse... algum outro inventaria o aparelho... inútil... tinha de controlar os tempos... mais delicado... plano do próprio Primeiro Orador... não conheço todos os aspectos... exceto que... não deu certo... Ah... - Calou-se e ficou prostrado.

Darell agitou-o asperamente.

- Não pode dormir ainda. Quantos são vocês?

- Heim? Que diz?... Ah!... não muitos... ficaria surpreso... cinqüenta... não precisamos de mais.

- Todos aqui em Terminus?

- Cinco... seis no Espaço exterior... como Callia... preciso dormir.

Endireitou-se de repente, parecendo fazer um esforço gigantesco, e as suas expressões ganharam nitidez. Era uma última tentativa de justificar-se, de justificar sua derrota.

- Quase que o apanhei no fim. Desligaria as defesas e me apoderaria de você. Havia de ver quem é que mandava. Mas o senhor deu-me uma imitação dos comandos... suspeitou de mim...

E finalmente adormeceu. Turbor perguntou, num tom suspeitoso:

- Há quanto tempo suspeitava, Darell?

- Desde que chegou - foi a resposta calma. - Disse que vinha da parte de Kleise. Mas eu conhecia Kleise, e sei em que condições nos separamos. Era um fanático quanto à Segunda Fundação e me afastei dele. As minhas próprias intenções eram razoáveis, uma vez que pensava ser melhor e mais seguro seguir sozinho as minhas próprias idéias. Mas não podia dizer isto a Kleise, nem ele iria querer ouvir se dissesse. Para ele, eu era um covarde e um traidor, talvez até um agente da Segunda Fundação. Era um homem que não perdoava, desde esse tempo até quase o dia de sua morte esteve afastado de mim. Então, subitamente, nas suas últimas poucas semanas de vida escreveu-me, como um velho amigo, recomendando o seu melhor aluno e o mais promissor como colaborador, para recomeçar a antiga investigação. Não condizia com o seu caráter. Como lhe seria possível fazer tal coisa sem estar sob influência exterior? Então comecei a perguntar a mim mesmo se o único objetivo não seria meter no meu círculo de amizade um autêntico agente da Segunda Fundação. E de fato assim era...

Suspirou e cerrou os olhos por um momento. Semic perguntou, hesitante:

- Que fazemos nós com eles todos... com estes indivíduos da Segunda Fundação?

- Não sei - disse Darell, tristemente. - Poderíamos exilá-los, suponho eu. Para Zoranel, por exemplo. Podem ser mandados para lá, e o planeta saturado de Estática Mental. Os sexos podem ser separados, ou, melhor ainda, podem ser esterilizados, e daqui a cinqüenta anos a Segunda Fundação será uma coisa do passado. Ou talvez uma morte suave para todos eles fosse mais humano.

- Acha - perguntou Turbor - que poderíamos aprender o uso deste sentido deles? Ou nasceram com ele, como o Mulo?

- Não sei. Penso que é desenvolvido através de um longo treinamento,

dado que há indicações pela encefalografia de que suas potencialidades estão latentes na mente humana. Mas para que quer esse sentido? Não serviu de nada para eles.

Franziu os sobrolhos. Apesar de não dizer nada, os seus pensamentos gritavam.

Fora muito fácil... fácil demais. Haviam caído aqueles invencíveis, haviam caído como vilões de literatura, e isso não lhe agradava.

Galáxia! Quando pode um homem saber que não é um fantoche? Como pode um homem saber que não é um fantoche?

Arcádia estava de volta, e os pensamentos dele afastaram-se receosos do que teria de enfrentar no fim.

Então, uma noite, já tarde, perguntou tão casualmente quanto pôde:

-Arcádia, o que foi que a levou a decidir que Terminus continha ambas as Fundações?

Tinham ido ao teatro, para os melhores lugares, com visores trimensionais privativos. O vestido dela era novo para a ocasião, e sentia-se feliz. Olhou para ele durante um momento, e depois respondeu:

- Ah, não sei, Pai. Ocorreu-me de repente.

Formou-se uma capa de gelo ao redor do coração do Dr. Darell.

- Pense - disse ele, com veemência. - É importante. O que foi que a levou a decidir que ambas as Fundações estavam em Terminus?

Ela franziu ligeiramente os sobrolhos.

- Bem, havia Lady Callia. Percebi que ela era da Segunda Fundação. Anthor também assim o disse.

- Mas ela estava em Kalgan - insistiu Darell. O que foi que a levou a decidir-se por Terminus?

Arcádia demorou então vários minutos antes de responder. Que fora que a levara a decidir? Que fora que a levara a decidir? Tinha a sensação horrível de qualquer coisa escorregar-lhe por entre os dedos. Disse:

- Lady Callia sabia o que se passava, e deve ter obtido as informações de Terminus. Isso não lhe soa acertado, Pai? - Porém ele limitou-se a menear a cabeça. - Pai - gritou ela - Eu sabia. Quanto mais pensava, mais segura estava. Fazia sentido.

Apareceu nos olhos do pai aquele olhar perdido.

- Não serve de nada, Arcádia, não serve de nada. A intuição é suspeita quando relacionado com a Segunda Fundação. Entende isso, não entende? Devia ter sido intuição, e deve ter havido controle?

- Controle?! Quer dizer que me modificaram? Oh, não, não podiam. - Recuava pouco a pouco, afastando-se dele. - Mas Anthor não disse que eu acertara. Admitiu-o tudo. E você encontrou o bando todo precisamente aqui em Terminus, não encontrou? Não encontrou? - Respirava agitadamente.

- Eu sei, mas... Arcádia, deixe-me fazer uma análise encefalográfica de seu cérebro?

Ela meneou a cabeça violentamente.

- Não, não! Estou com medo.

- De mim, Arcádia? Não há nada a temer. Mas devemos saber. Compreende isso, não compreende?

Depois disso, ela interrompeu-o apenas uma vez. Tocou-lhe no braço, precisamente antes de ser ligado o último interruptor.

- Que acontecerá se eu estiver diferente, Pai? Que deverá fazer?

- Não devo fazer nada, Arcádia. Se estiver diferente, nós iremos embora. Voltaremos para Trantor, você e eu e... e não nos importamos com mais coisa nenhuma na Galáxia.

Nunca na vida de Darell uma análise fora tão lenta nem lhe custara tanto e, quando acabou, Arcádia encolheu-se toda e não se atreveu a olhar. Depois ouviu-o rir e isso foi indicação suficiente. Levantou-se e lançou-se nos seus braços abertos. Ele balbuciava desordenadamente enquanto se abraçavam:

- A casa está protegida pela Estática Mental máxima e suas ondas cerebrais são normais. Nós os apanhamos realmente, Arcádia, e podemos voltar a viver.

- Pai - arquejou ela - podemos agora permitir que nos condecorem?

- Como soube que pedi para nos deixarem de fora? - Abraçou-a com todo o ardor e voltou a rir. - Não interessa, você sabe. Está bem, pode receber sua condecoração numa plataforma, com discursos.

- Ouça uma coisa, Pai.

- Sim?

- Pode chamar-me Arkady daqui em diante?

- Mas... claro, Arkady.

Lentamente, a magnitude da vitória ia penetrando nele e saturando-o. A Fundação, a Primeira Fundação, agora a única Fundação, era senhora absoluta da Galáxia. Já não se erguia nenhuma barreira entre eles e o Segundo Império, a realização final do Plano de Seldon.

Bastava alcançarem-no... Graças a...

A RESPOSTA QUE ERA VERDADEIRA

Uma sala não-localizada num mundo não-localizado!

E um homem cujo plano dera certo. O Primeiro Orador levantou os olhos para o Estudante.

- Cinqüenta homens e mulheres - disse ele - cinqüenta mártires! Sabiam que a coisa significava a morte ou a prisão perpétua, e nem sequer podiam ser orientados para evitar que fraquejassem, uma vez que a orientação poderia ser detectada. Não obstante, não fraquejaram. Levaram o plano avante, porque amavam o Plano maior.

- Poderiam ter sido menos? — perguntou o Estudante, indeciso.

O Primeiro Orador meneou a cabeça, lentamente.

- Era o limite mais baixo. - Um número menor poderia não ser convincente. De fato, o puro objetivismo exigiria setenta e cinco, para deixar margem para o erro. Deixemos isso. Estudou o curso da ação tal como foi traçado há quinze anos pelo Conselho dos Oradores?

- Estudei, sim, Orador.

- E comparou-o com os desenvolvimentos que de fato se verificaram?

- Sim, Orador. - E, depois de uma pausa: - Fiquei absolutamente maravilhado, Orador.

- Bem sei. Fica-se sempre. Se soubesse quantos homens se esforçaram durante quantos meses, anos, para lhe darem o polimento da perfeição, ficaria menos maravilhado. Agora diga-me o que se passou, por palavras. Quero a sua tradução da matemática.

- Sim, Orador. - O jovem ordenou os seus pensamentos. - Essencialmente, era necessário que os homens da Primeira Fundação ficassem inteiramente convencidos de terem localizado e destruído a Segunda Fundação. Desse modo, haveria uma reversão à intenção original. Para todos os efeitos, Terminus voltaria a não saber de nós, a não nos incluir em qualquer dos seus cálculos. Estamos novamente escondidos e seguros, pelo preço de cinqüenta vidas.

- E o objetivo da guerra Kalganiana?

- Mostrar à Fundação que podiam bater um inimigo físico, reparar o dano feito ao seu amor-próprio e à sua auto-confiança pelo Mulo.

- Está sendo insuficiente na sua análise. Lembre-se de que a população de Terminus nos encarava com uma ambivalência distinta. Detestavam e invejavam a nossa suposta superioridade, porém, ao mesmo tempo, confiavam implicitamente em nós para os protegermos. Se tivéssemos sido "destruídos" antes da guerra Kalganiana, isso poderia ter significado desencadear-se o pânico através da Fundação. Não teriam nunca a coragem de enfrentar Stettin quando ele, depois, atacasse e ele voltaria a atacar. A "destruição" só poderia verificar-se com um mínimo de efeitos nocivos em pleno arrebatamento da vitória. Esperar nem que fosse um ano, depois dela, poderia significar que existia uma convicção de êxito muito fria.

O Estudante inclinou a cabeça em assentimento.

- Estou vendo. Assim o curso da história prosseguirá sem desvio na direção indicada pelo Plano.

- A não ser que - acentuou o Primeiro Orador - venham a ocorrer acidentes ulteriores, imprevistos e individuais.

- Mas para isso - disse o Estudante - nós ainda existimos. Mas... Mas... há uma faceta do atual estado de coisas que me preocupa, Orador. A Primeira Fundação ficou dispondo do aparelho de Estática Mental, uma arma poderosa contra nós. Isso, pelo menos, não é como era antes.

- É uma boa observação. Mas não têm ninguém contra quem o utilizarem. Tornou-se um aparelho estéril, tal como, sem acicate da nossa própria ameaça contra eles, a análise encefalográfica se tornará uma ciência estéril. Outras variedades do conhecimento darão mais uma vez compensações mais importantes e imediatas. Assim, esta primeira geração de cientistas da Primeira Fundação será também a última e, dentro de um século, a Estática Mental será uma coisa do passado.

- Bem... - O Estudante estava calculando mentalmente - suponho que tem razão.

- Mas o que eu quero que essencialmente compreenda em toda a extensão, por causa do seu futuro no Conselho, é a consideração dada às pequenas nulidades que foram introduzidas à força no nosso plano da última década e meia, apenas porque estávamos lidando com indivíduos. Houve a maneira pela qual Anthor teve de criar a suspeita contra si mesmo de modo a amadurecer no devido tempo, mas isso foi relativamente simples. Houve a

maneira pela qual a atmosfera foi de tal modo manipulada que a ninguém em Terminus ocorreria, prematuramente, que o próprio Terminus podia ser o centro do que buscavam. Esse conhecimento teve de ser fornecido à jovem Arcádia, que não seria ouvida por ninguém, exceto pelo pai. Teve de ser mandada para Trantor, depois, para haver a certeza de que não teria contato prematuro com o pai. Esses dois eram os pólos de um motor hiperatômico, permanecendo cada um deles inativo sem o outro. E o interruptor tinha de ser acionado, o contato tinha de ser feito, precisamente no momento exato. Disso eu me encarreguei!

- E a batalha final tinha de ser manobrada apropriadamente. A esquadra da Fundação devia se embebida de auto-confiança, ao passo que a esquadra de Kalgan devia ser preparada para estar pronta para fugir. Disso também eu me encarreguei!

O Estudante disse:

- Parece-me, Orador, que o senhor... quero dizer, que todos nós... estávamos contando que o Dr. Darell não suspeitasse de Arcádia ser um instrumento nosso. Segundo a minha verificação dos cálculos, havia qualquer coisa como trinta por cento de probabilidades de que ele suspeitasse de fato. Que aconteceria então?

- Tomamos cuidado com isso. Que lhe ensinaram acerca dos Planaltos de Interferência? Que são eles? Não são, decerto, prova da introdução de uma tendência emocional. Isso pode ser feito, sem qualquer probabilidade de detecção possível, pela análise encefalográfica mais refinada que é concebível. É uma conseqüência do Teorema de Leffert, como sabe. É a remoção, a ablação, de tendências emocionais prévias que se revela. Deve revelar-se. Ora, evidentemente, Anthor adquiriu a certeza de Darell conhecer tudo quanto se referia aos Planaltos de Interferência. Todavia... quando pode um indivíduo ser colocado sob domínio sem revelá-lo? Onde não há tendência emocional prévia a remover, em outras palavras, quando o indivíduo é uma criança recém-nascida com um quadro em branco no lugar da mente. Arcádia Darell foi uma criança assim, aqui em Trantor, há quinze anos, quando foi traçada a primeira linha da estrutura do plano. Nunca saberá que foi condicionada, e ainda bem, pois o seu condicionamento implicou o desenvolvimento de uma personalidade precoce e inteligente.

O Primeiro Orador riu por um momento.

- Em certo sentido, é a ironia de tudo isto que é mais impressionante. Durante quatrocentos anos, tantos homens cegos pelas palavras de Seldon "o

outro extremo da Galáxia". Aplicaram o seu próprio pensamento peculiar da ciência física ao problema, calculando o outro extremo com transferidores e réguas, acabando eventualmente, ou num ponto da periferia a cento e oitenta graus da circunferência da Galáxia, ou voltando ao ponto de partida. Todavia, o nosso maior perigo residia no fato de haver uma solução possível baseada num modo físico de pensar. A Galáxia, como sabe, não é simplesmente um ovóide achatado de qualquer espécie, nem a periferia é uma curva fechada. Na realidade, é uma dupla espiral, com pelo menos oitenta por cento dos planetas habitados no Braço Principal. Terminus é o ponto extremo exterior do braço da espiral, e nós estamos no outro, uma vez que... qual é o extremo oposto de uma espiral? Claro que é o centro. Mas isto é ridículo, é uma solução acidental e irrelevante. A solução podia ter sido alcançada imediatamente se os investigadores se tivessem lembrado de que Hari Seldon era um cientista social, não um cientista físico, e ajustou os seus métodos de pensar de acordo com isso. Que poderia significar "extremo oposto" para um cientista social? Extremos opostos no mapa? Evidentemente que não. Essa é apenas a interpretação mecânica.

- A Primeira Fundação estava na periferia, onde o Império original era mais fraco, onde a sua influência civilizadora era menor, onde sua riqueza e cultura estavam quase ausentes. E onde fica o extremo social oposto da Galáxia? Claro que é no lugar onde o Império original era mais forte, onde a sua influência civilizadora era maior, onde sua riqueza e cultura estavam mais fortemente presentes.

- Aqui! No centro! Em Trantor, capital do Império no tempo de Seldon.

- E era tão evidente. Hari Seldon deixou a Segunda Fundação atrás de si para manter, melhorar e ampliar o seu trabalho. Isso era sabido, ou imaginado, há cinqüenta anos. Mas onde podia isso ser feito melhor? Em Trantor, onde o grupo de Seldon trabalhara e onde haviam sido acumulados os dados de décadas. O objetivo da Segunda Fundação era o de proteger o Plano dos inimigos. Isso também era sabido! E onde estava a fonte de maior perigo para Terminus e para o Plano? Aqui! Aqui em Trantor, onde o Império, apesar de estar, como estava, morrendo, poderia, durante três séculos ainda, destruir a Primeira Fundação, se apenas o tivesse decidido fazer. Depois, quando Trantor caiu, foi saqueado e totalmente destruído, há um curto século, nós estávamos naturalmente aptos a proteger o nosso quartel-general e, em todo o planeta, só a Biblioteca Imperial e os terrenos em redor ficaram intactos. Isto era bem conhecido da Galáxia, mas até essa sugestão aparentemente esmagadora lhes escapou.

- Foi aqui em Trantor que Ebling Mis nos descobriu, e foi aqui que providenciamos no sentido de não sobreviver à descoberta. Para fazê-lo, foi necessário arranjarmo-nos de modo a conseguirmos que uma garota normal da Fundação pudesse derrotar os tremendos poderes de mutante do Mulo. Evidentemente, tal fenômeno poderia ter atraído a suspeita para o planeta em que aconteceu... Foi aqui que estudamos o Mulo pela primeira vez e planejamos sua derrota final. Foi aqui que Arcádia nasceu e que começou o encadeamento de acontecimentos que conduziram o grande regresso ao plano de Seldon.

- E todas estas fendas no nosso segredo, todos estes buracos abertos, passaram despercebidos por Seldon ter falado no "outro extremo" à sua maneira, e terem-no interpretado à maneira deles.

O Primeiro Orador já acabara há muito tempo de falar com o Estudante. Fora, na verdade, uma exposição para si mesmo, ali, de pé diante da janela, enquanto levantava os olhos para o esplendor incrível do firmamento, para a imensa Galáxia que estava agora segura para sempre.

- Hari Seldon chamou a Trantor "A Ponte das Estrelas" - murmurou ele. - E por que não essa imagem poética? Todo o universo foi em tempos conduzido deste planeta, todas as linhas de comunicação das estrelas vinham até aqui. "Todos os caminhos levam a Trantor", diz o velho provérbio, "e é lá a ponte de todas as estrelas”.

Dez meses antes, o Primeiro Orador vira aquele mesmo amontoado de estrelas, em parte alguma tão apinhadas como no centro daquela imensa acumulação de matéria a que o Homem denomina Galáxia, cheio de receios. Porém, agora havia uma sombria satisfação no rosto nédio e rubincudo de Preem Palver, o Primeiro Orador.

ISAAC ASIMOV

Limites da Fundação

A decisão de um só homem mudando os destinos da galáxia

Tradução de
NORBERTO DE PAULA LIMA

Título original norte-americano
FOUNDATION'S EDGE

Dedicado a Betty Prashker,
que insistiu,
e a Lester del Rey,
que atormentou

Prólogo

O Primeiro Império Galáctico estava caindo. Estivera decaindo e se fragmentando por séculos, e só um homem percebeu completamente o fato.

Era Hari Seldon, o último grande cientista do Primeiro Império, e foi ele que aperfeiçoou a psico-história – a ciência do comportamento humano reduzida a equações matemáticas.

O ser humano individual é imprevisível, mas as reações das multidões humanas, Seldon descobriu, podiam ser tratadas estatisticamente. Quanto maior a multidão, maior a precisão que poderia ser atingida. E o tamanho das massas humanas com que Seldon trabalhava era nada menos que a população de todos os milhões de mundos habitados da Galáxia.

As equações de Seldon lhe diziam que, deixado a si mesmo, o Império cairia e que trinta mil anos de miséria e agonia se passariam antes que um Segundo Império se reerguesse das ruínas. Ainda assim, se se pudessem ajustar algumas das condições já existentes, aquele Interregno poderia ser diminuído para um só milênio – apenas mil anos.

Foi para garantir isto que Seldon estabeleceu duas colônias de cientistas, que ele chamou “Fundações”. Com intenção deliberada estabeleceu-as “em extremos opostos da Galáxia”. A Primeira Fundação, centrada na ciência física, foi estabelecida à luz do sol da publicidade. A existência da outra, a Segunda Fundação, um mundo de cientistas psico-históricos e “mentálicos”, foi afogada no silêncio.

Na Trilogia da Fundação, é narrada a história dos primeiros quatrocentos anos do Interregno. A Primeira Fundação (comumente conhecida simplesmente como “Fundação”, pois que a existência de uma outra era desconhecida de quase todos) começou como uma pequena comunidade perdida no vazio da Periferia Exterior da Galáxia. Periodicamente defrontava-se com uma crise em que as variáveis das relações humanas – e das correntes econômicas e sociais da época se fechavam à sua volta. Sua liberdade de movimento ficava apenas ao longo de uma certa linha, e quando se deslocava naquele sentido, um novo horizonte de

desenvolvimento se abria diante dela. E tudo havia sido planejado por Hari Seldon, morto havia muito.

A Primeira Fundação, com sua ciência superior, tomou os planetas barbarizados que a circundavam. Defrontou-se com os chefetes anárquicos que rompiam com o Império moribundo e derrotou-os. Defrontou-se com o próprio remanescente do Império, sob seu último Imperador forte e seu último general forte – e bateu-o.

Parecia que o “Plano de Seldon” estava se desenvolvendo suavemente e que nada evitaria que o Segundo Império fosse estabelecido em tempo – e com um mínimo de devastação intermediária.

Mas a psico-história é uma ciência estatística. Sempre há pequena chance que algo dê errado, e algo deu errado – algo que Hari Seldon não poderia ter previsto. Um homem, chamado o Mula, apareceu do nada. Tinha poderes mentais numa Galáxia que não os tinha. Podia moldar as emoções humanas e conformar suas mentes de modo que seus oponentes mais encarniçados se transformavam em seus servidores mais devotados. Os exércitos não podiam, e *não queriam* combatê-lo. A Primeira Fundação caiu e o Plano de Seldon parecia estar em ruínas.

E sobrou a misteriosa Segunda Fundação, que foi apanhada despreparada pela súbita aparição do Mula, mas que agora estava elaborando lentamente um contra-ataque. Sua grande defesa era sua localização desconhecida. O Mula procurou-a para tornar completa a sua conquista da Galáxia. Os leais ao que foi deixado da Primeira Fundação procuraram-na para obter ajuda.

Nenhum dos dois a encontrou. O Mula foi detido pela ação de uma mulher, Bayta Darell, e que ganhou tempo suficiente para a Segunda Fundação organizar uma ação adequada, com o que pôde deter o Mula permanentemente. Lentamente, prepararam-se para restabelecer o Plano de Seldon.

Mas, de certa maneira, o disfarce da Segunda Fundação tinha-se ido. A Primeira Fundação sabia da existência da Segunda, e a Primeira não queria um futuro em que fosse sobrepujada por mentalistas. A Primeira Fundação era superior em força física, ao passo que a Segunda Fundação era prejudicada não só por este fato, mas por encarar uma tarefa dupla: não só tinha de deter a Primeira Fundação, mas reconquistar sua anonimidade..

Esta Segunda Fundação, sob seu maior ‘Primeiro Orador”, Prim Palver, conseguiu-o. À Primeira Fundação concedeu-se uma vitória aparente, parecendo derrotar a Segunda Fundação, e avançou rumo a uma força cada vez maior, pela

Galáxia, totalmente ignorante de que a Segunda Fundação ainda existia.

Agora, estamos a quatrocentos e noventa e oito anos depois do nascimento da Primeira Fundação. Está no ápice de sua força, mas há um homem que não aceita aparências...

1. CONSELHEIRO

– Não acredito nisso, é claro – disse Golan Trevize, na ampla escadaria do Seldon Hall, contemplando a cidade a rebrilhar ao sol.

Terminus era um planeta ameno, com uma elevada relação água! terra. A introdução do controle climático tornara-o ainda mais confortável e consideravelmente menos interessante, costumava pensar Trevize.

– Não acredito em nada disso – ele repetiu, sorrindo. Seus dentes brancos e regulares brilharam em seu rosto juvenil.

Seu amigo e colega Conselheiro, Munn Li Compor, que adotara um nome intermediário, desafiando a tradição de Terminus, abanou a cabeça, recalcitrando. – Em que você não acredita? Que salvamos a cidade?

– Ah, nisso acredito. Conseguimos, não é? E Seldon disse que *conseguiríamos*, e que *estaríamos* certos ao fazê-lo, ele sabia de tudo há uns quinhentos anos.

A voz de Compor caiu de tom e disse, num quase-sussurro: – Olhe, eu não me importo que você fale disso comigo, porque aceito essas coisas como simples conversa, mas se você ficar gritando essas coisas no meio do povo, outros ouvirão e, francamente, não quero estar por perto quando um raio o atingir. Não estou certo se a ponta ria vai ser boa.

O sorriso de Trevize era inabalável. – Há algum mal em dizer que a cidade está salva? E que o fizemos sem uma guerra?

– Não havia uma guerra para lutar – disse Compor. Tinha o cabelo de um amarelo-manteiga, olhos de céu azul, e sempre resistiu ao impulso de alterar aqueles tons já fora de moda.

– Já ouviu falar da guerra civil, Compor? – Trevize era alto, cabelos negros, com uma suave ondulação,e tinha o habito de andar com os polegares encaixados no cinto de fibra macia que sempre usava.

– Uma guerra civil na área da capital?

– A questão foi suficiente para acarretar uma Crise Seldon. Destruiu a carreira política de Hannis. Colocou você e eu no Conselho na última eleição e a questão permaneceu... – E torceu a mão lenta- mente, para um lado e para o

outro, como uma balança procurando o equilíbrio.

Parou na escadaria, ignorando os outros membros do governo e meios de comunicação, bem como os tipos da alta sociedade que cavaram um convite para testemunhar a volta de Seldon (ou a volta de sua imagem, pelo menos).

Todos estavam descendo a escada, conversando, rindo, rejubilando-se com a correição de tudo, banhados na aprovação de Seldon.

Trevize deixara-se ficar, deixava a multidão passar à sua volta. Compor, tendo descido dois degraus, fez uma pausa – um cordão invisível se distendendo entre eles. Disse: – Você não vem?

– Não há pressa. Não vão começar a reunião do Conselho até que a Prefeita Branno tenha revisado a situação de sua maneira usual, arrastando os pés, sílaba por sílaba. Não tenho pressa de suportar outro discurso pesado. Veja só a cidade!

– Estou vendo. Já a vi ontem, também.

– Sim, mas você a viu quinhentos anos atrás, quando foi fundada?

– Quatrocentos e noventa e oito – corrigiu-o Compor automaticamente. – Daqui a dois anos, teremos a celebração do sesquimilênio e a prefeita Branno ainda estará no cargo, se não contarmos com eventos, esperemos, de menor probabilidade.

– Esperemos – disse Trevize, secamente. – Mas, como era há quinhentos anos, quando foi fundada? Uma cidade! Uma vila, ocupa da por um grupo de homens preparando uma Enciclopédia que nunca foi acabada!

– Claro que foi acabada.

–- Você está se referindo à Enciclopédia Galáctica que temos agora? O que temos não é aquilo em que eles estavam trabalhando. A que temos está num computador, e é revisada diariamente. Já viu o original incompleto?

– Quer dizer, o do Museu Hardin?

– O Museu Salvor Hardin das Origens. Digamos o nome inteiro, por favor, já que você é tão cuidadoso sobre datas exatas. Já o examinou?

– Não. Deveria?

– Não, não vale a pena. Mas, de qualquer maneira – lá estavam eles – um grupo de enciclopedistas, formando o núcleo de uma cidade – um vilarejo num mundo virtualmente desprovido de metais, rodeando um sol isolado do resto da Galáxia, à margem, bem no limite. E agora, quinhentos anos depois, somos um

mundo suburbano. Todo o local é um grande parque, com todo o metal que queremos. Estamos no centro de tudo, agora!

– Não de fato – disse Compor. – Ainda estamos circulando à volta de um sol isolado do resto da Galáxia. Ainda nos limites da Galáxia.

– Ah, não, está falando isso sem pensar. É esse o tema de toda esta pequena Crise Seldon. Somos mais que o mundo isolado de Terminus. Somos a Fundação, que estende seus tentáculos por toda a Galáxia e a governa de sua posição limítrofe. Podemos fazê-lo porque não estamos isolados, exceto pela posição, e isto não conta.

–Está bem; aceito. – Compor estava claramente desinteressado e desceu mais um degrau. O cordão invisível entre eles estendeu-se mais.

Trevize estendeu a mão, como que para puxar seu companheiro escada acima, de novo. – Não percebe a significância, Compor? Há esta enorme mudança, mas não a aceitamos. Em nossos corações, queremos a pequena Fundação, aquela operação pequena, num mundo só, que tínhamos nos velhos tempos – os tempos dos heróis de ferro e nobres santos, que se foram para sempre.

– Ora, vamos!

– Estou falando sério. Olhe só o Seldon Hall. Para começar, nas primeiras crises, nos tempos de Salvor Hardin, era só a Cápsula do Tempo, um pequeno auditório onde a imagem holográfica de Seldon aparecia. E era tudo. Agora, é um mausoléu colossal, mas há uma rampa de campo de força no lugar? Uma esteira deslizante? Um ascensor gravítico? Não, só estes degraus, e subimos e descemos por eles como Hardin teria de fazer. Em momentos estranhos e imprevisíveis, nos agarramos, com medo, ao passado.

Estendeu os braços, apaixonadamente. – Há algum componente estrutural metálico visível? Nenhum. Não ficaria bem, pois no tempo de Salvor Hardin não havia metal nativo algum, e pouquíssimo metal importado. Instalamos mesmo plástico envelhecido, rosado pela idade, quando construímos esse enorme amontoado, de modo que visitantes de outros mundos possam parar e dizer: “Pela Galáxia! Que adorável plástico antigo!” Estou lhe dizendo, Compor, é uma impostura.

– E em que você não acredita, então? No Seldon Hall?

– E todo o seu conteúdo – disse Trevize sussurrando com raiva. – Não acredito realmente que haja algum sentido em esconder-se aqui, na fronteira do Universo, só porque nossos ancestrais assim o fizeram. Acredito que deveríamos

estar lá, no meio de tudo.

– Mas Seldon diz que você está errado, O Plano Seldon está funcionando como deveria.

– Eu sei, eu sei. E toda criança em Terminus é educada acreditando que Hari Seldon formulou um Plano, que previu tudo há cinco séculos, que estabeleceu a Fundação de tal modo que ele poderia localizar essas crises, e que sua imagem apareceria holograficamente durante essas crises, e nos dizer o mínimo que precisaríamos saber até a próxima crise, e assim nos levar através de mil anos de história, até que pudéssemos seguramente constituir um Segundo e Maior Império Galáctico sobre as ruínas da estrutura velha e decrépita que estava caindo aos pedaços há cinco séculos, e há dois séculos desintegrara-se completamente -

– Por que está me contando tudo isto, Golan?

– Para lhe mostrar que é uma impostura. É tudo uma farsa. Ou se era real no começo, é uma farsa agora! Agora somos senhores de nós mesmos. Não somos nós que estamos seguindo o Plano.

Compor olhou para o outro, interrogativo. – Você já disse coisas como esta antes, Golan, mas eu sempre pensei que estava dizendo coisas ridículas só para me provocar. Pela Galáxia, de fato creio que você fala sério.

– É claro que estou falando sério!

– Não pode estar. Ou isto é alguma piada complicada às minhas expensas, ou você perdeu a cabeça.

– Nem um, nem outro – disse Trevize, quieto agora, pendurando os polegares em seu cinto, como se não mais precisasse dos gestos das mãos para pontuar sua paixão. – Especulei sobre isto antes, admito, mas era apenas intuição. A farsa desta manhã, porém, tomou tudo subitamente muito simples para mim e pretendo, por outro lado, tornar tudo muito claro para o Conselho.

Compor retrucou: – Você está louco!

– Está bem, venha comigo e ouça.

Os dois desceram a escadaria. Eram os únicos a ficar para trás – os últimos a completar a descida. E ao Trevize adiantar-se ligeira mente, os lábios de Compor moveram-se silenciosamente, lançando uma palavra sem voz na direção das costas do outro: – Seu louco!

2.

A Prefeita Harla Branno convocou o início da sessão do Conselho Executivo. Seus olhos olharam, sem nenhum sinal visível de interesse, para a reunião, mas ninguém duvidava que ela anotara todos os que estavam presentes, e todos os que ainda não chegaram.

Seu cabelo grisalho estava penteado de modo que não era marcadamente feminino, nem imitação do masculino. Era simplesmente o penteado dela, nada mais. Seu rosto comum não era notado pela beleza, mas de certa forma, nunca era beleza que alguém procurava nele.

Era a administradora mais capaz do planeta. Ninguém podia, ou realmente a acusava, do brilho dos Salvor Hardins e dos Hober Mallows, cujas histórias enriqueceram os primeiros dois séculos da existência da Fundação, mas tampouco alguém a associaria à insensatez dos Indburs hereditários que dirigiram a Fundação pouco antes dos tempos do Mula.

Seus discursos não exaltavam, nem ela possuía o dom do gesto dramático, mas tinha a capacidade de tomar decisões silenciosas e segui-las enquanto estivesse convencida de ter razão. Sem qualquer carisma óbvio, tinha a habilidade de persuadir os eleitores de que aquelas decisões silenciosas seriam as melhores.

Como pela doutrina Seldon, a mudança histórica é em grande parte difícil de desviar (sempre descontando o imprevisível, algo que a maioria dos seldonistas esquece, a despeito do catastrófico incidente do Mula), a Fundação poderia ter retido sua capital em Terminus sob quaisquer condições. Apenas “poderia”. Seldon, em sua última aparição, na qualidade de um simulacro de quinhentos anos de idade, calmamente colocara a probabilidade de ela continuar em Terminus em 87,2 por cento.

Não obstante, mesmo para os seldonistas, isso significava haver uma probabilidade de 12,8 por cento que a mudança para algum ponto mais perto do centro da Federação da Fundação poderia ter sido feita, com todas as temíveis conseqüências que Seldon delineara. Que esta chance, dentre oito, não ocorreu, devia-se à Prefeita Branno.

Era certo que ela não a permitiria. Através dos períodos de considerável impopularidade, ela ateve-se à decisão de que Terminus era a sede tradicional da Fundação e que lá permaneceria. Seus inimigos políticos caricaturaram seu forte maxilar como se feito de granito, para ilustrar sua teimosia (com o que atingiram algum efeito, deve-se admitir).

E agora Seldon apoiara o ponto de vista dela, e pelo menos por hora, isto lhe daria uma esmagadora vantagem política. Informou-se que, um ano antes, ela dissera que se na próxima aparição de Seldon este a apoiasse, consideraria sua tarefa completada com sucesso. Então se aposentaria e assumiria o papel de decana dos políticos, ao invés de arriscar futuros embates políticos.

Ninguém realmente acreditara nela, estava em casa, em meio aos embates políticos, a um ponto que poucos predecessores estiveram, e agora que a imagem de Seldon viera e se fora, não havia nela o menor sinal de aposentadoria.

Ela discursava numa voz perfeitamente clara, e num desavergonhado sotaque da Fundação (ela uma vez servira como embaixatriz em Mandress, mas não adotara o antigo estilo de discursar do Império, que estava agora tão em voga –- e era parte do que quase tinha sido um impulso quase Imperial em direção às Províncias Interiores).

Disse ela: – A Crise Seldon passou, e é uma tradição, e uma tradição sábia, que nenhuma represália de qualquer espécie – em ações ou verbalmente – seja tomada contra os que apoiaram o lado errado. Muitas pessoas honestas acreditaram ter boas razões para desejar o que Seldon não desejou. Não há sentido em humilhá-las a ponto de só poderem reconquistar seu auto-respeito denunciando o próprio Plano de Seldon. Por outro lado, é um forte e desejável costume que aqueles que apoiaram o lado perdedor aceitem a derrota com alegria, e sem mais discussões. O assunto está ultrapassado para nós, ambos os lados, para sempre.

Fez uma pausa, e encarou firmemente as faces ali reunidas por um momento, e continuou: – Metade do tempo passou, povo do Conselho – metade do intervalo de mil anos entre os Impérios. Foi um tempo de dificuldades, mas já caminhamos bastante. De fato, já somos quase um Império Galáctico, e não restam inimigos externos significativos.

– O Interregno duraria trinta mil anos, se não fosse pelo Plano de Seldon. Após trinta mil anos de desintegração, poderia não restar força alguma com que fundar um Império de novo. Restariam apenas mundos isolados, e provavelmente agonizantes.

- O que temos hoje, devemos a Hari Seldon, e é em sua mente, há muito morta, que devemos confiar quanto ao resto. O perigo, daqui por diante, Conselheiros, somos nós mesmos, e deste ponto em diante, não deve haver dúvida oficial quanto à validade do Plano. Concordemos agora, tácita e firmemente, que não deve haver dúvidas oficiais, criticismos, ou condenações do

Plano. Devemos apoiá-lo inteiramente. Provou a si mesmo por mais de cinco séculos. É a segurança da humanidade, e não se deve brincar com ele - De acordo?

Houve um murmúrio abafado. A Prefeita mal ergueu os olhos para buscar prova visual de argumento - Ela conhecia cada membro do Conselho, e como cada um reagiria. Na onda da vitória, não haveria objeções: No ano seguinte, talvez. Mas não agora. Ela abordaria os problemas do ano seguinte no ano seguinte.

Sempre excetuando...

– Controle do pensamento, Prefeita Branno? – perguntou Golan Trevize, descendo pelo anfiteatro e falando em voz alta, como que para compensar o silêncio dos demais. Não se preocupou em tomar o assento que, por ele ser membro novo, era na última fileira.

Branno ainda não erguera os olhos: – Sua opinião, Conselheiro Trevize?

– É que o governo não pode impor uma proibição à liberdade de expressão, que todos os indivíduos – certamente, acima de tudo, incluindo os Conselheiros e Conselheiras que foram eleitos para este fim – têm o direito de discutir assuntos políticos do dia, e que nenhum assunto político pode possivelmente ficar divorciado do Plano de Seldon.

Branno cruzou as mãos e ergueu o olhar; seu rosto estava sem expressão: – Conselheiro Trevize, o senhor entrou neste debate irregularmente e estava fora da ordem, ao fazê-lo. Entretanto, pedi-lhe para expressar a sua opinião, e agora vou responder-lhe. Não há limite à liberdade de expressão no contexto do Plano de Seldon. É só o Plano em si mesmo que nos limita, por sua própria natureza. Pode haver muitas maneiras de interpretar os eventos antes que a imagem de Seldon force a decisão final, mas uma vez tomada esta decisão, não mais pode ser questionada no Conselho. Nem pode ser questionada antecipadamente, como se alguém dissesse: Se Hari Seldon dissesse assim e assim, ele estaria errado.

– E se alguém honestamente achasse assim, Senhora Prefeita?

– Então alguém poderia dizê-lo, se fosse um particular, discutindo o assunto privadamente.

– Quer dizer então que as limitações à liberdade de expressão que a senhora propõe devem-se aplicar inteira e especificamente aos funcionários do governo?

– Exatamente. E este não é um princípio novo da lei da Fundação. Foi aplicado antes por Prefeitos de todos os partidos. Um ponto de vista particular

nada significa; uma expressão oficial de opinião tem peso e pode ser perigosa. Não chegamos tão longe a ponto de arriscar algum perigo, até agora.

– Posso apontar, Senhora Prefeita, que este seu princípio tem sido aplicado, esparsa e ocasionalmente, a atos específicos do Conselho. Nunca foi aplicado a algo tão vasto e indefinível como o Plano de Seldon.

– O Plano de Seldon é o que mais precisa de proteção, pois é precisamente aí que o questionamento pode ser fatal.

– A senhora não consideraria, Prefeita Branno – e Trevize voltou-se, dirigindo-se agora às fileiras onde estavam sentados os membros do Conselho, que pareciam ter a um só tempo perdido a respiração, como que esperando o resultado de um duelo. – Vocês não considerariam, membros do Conselho, que há toda razão para pensar que não há nenhum Plano de Seldon?

– Todos testemunhamos sua eficácia hoje – disse a Prefeita Branno, mais calma, enquanto Trevize alteava a voz, e tornava-se mais exaltado.

– Precisamente por termos visto sua eficácia hoje, Conselheiros e Conselheiras, é que podemos ver que o Plano de Seldon, como nos foi ensinado a acreditar que é, não pode existir.

– Conselheiro Trevize, o senhor está fora de ordem e não deve continuar nessa linha.

– Tenho o privilégio do cargo, Prefeita.

– Aquele privilégio foi retirado, Conselheiro.

– A senhora não pode retirar o privilégio. Sua afirmação limitando a liberdade de expressão não pode, em si, ter força de lei. Não houve voto formal do Conselho, Prefeita, e mesmo que houvesse, eu teria o direito de questionar a sua legalidade.

– A remoção, Conselheiro, nada tem a ver com minha afirmação de proteção ao Plano de Seldon.

– Do quê, então, depende?

– O senhor é acusado de traição, Conselheiro. Desejo fazer ao Conselho a cortesia de não prendê-lo dentro da Câmara do Conselho, mas esperando à porta, há membros da Segurança que o levarão sob custódia, quando o senhor sair. Peço-lhe agora que saia em silêncio. Se fizer qualquer gesto impensado, então isso será considerado um perigo real e a Segurança entrará na Câmara. Acredito que o senhor não tornará isso necessário.

Trevize fez uma expressão de desagrado. Havia um silêncio sepulcral na

sala. (Será que todos esperavam isto – todos, exceto ele e Compor?) Olhou para trás, para a saída. Não viu ninguém, mas não tinha dúvidas de que a Prefeita Branno não estava blefando.

Gaguejou, com raiva: – Eu repre... represento um eleitorado importante, Prefeita Branno.

– Sem dúvida, eles ficarão desapontados com você.

– Sobre que evidência a senhora faz essa acusação absurda?

– Isso aparecerá no devido momento, mas esteja certo de que temos toda evidência de que precisamos. O senhor é um rapaz sumamente indiscreto, e deveria perceber que alguém, mesmo sendo seu amigo, não desejaria acompanhá-lo na traição.

Trevize girou para encontrar os olhos azuis de Compor. Encontrou-os como que de pedra.

A Prefeita Branno disse calmamente: – Todos são testemunhas disto, agora que fiz minha última declaração: que o Conselheiro Trevize voltou-se para fitar o Conselheiro Compor. O senhor nos deixará agora, Conselheiro, ou nos forçará a nos envolver na indignidade de uma prisão dentro da Câmara?

Golan Trevize virou-se, subiu os degraus de novo, e à porta, dois homens uniformizados, e bem armados, surgiram de cada lado.

E Harla Branno, acompanhando-o com o olhar, impassível, sussurrou com os lábios entreabertos: – Seu louco!

3.

Liono Kodell fora Diretor da Segurança por toda a administração da Prefeita Branno. Não era um trabalho estafante, como ele gostava de dizer, mas quer estivesse mentindo ou não, não se podia saber ao certo. Ele não parecia mentiroso, mas isso não queria dizer necessariamente alguma coisa.

Ele parecia à vontade e amigável, e pode bem ser que isso fosse apropriado para o seu trabalho. Tinha estatura abaixo da normal e peso acima do normal, usava um basto bigode (muito inusitado para um cidadão de Terminus) que agora era mais branco que grisalho, olhos castanhos luminosos, e uma faixa de cor primária marcando o bolso do peito de seu sobretudo:

– Sente-se, Trevize, vamos manter isto numa base amigável, se possível.

– Amigável? Com um traidor? – Trevize enganchou os polegares em seu cinto e ficou de pé.

– Acusado de traidor. Ainda não chegamos ao ponto em que a acusação – mesmo pela própria Prefeita – é equivalente a condenação. Acredito que jamais chegaremos a isso. Meu trabalho é livrá-lo, se eu puder. Gostaria muito de fazê-lo agora, enquanto nenhum mal foi feito – exceto, talvez, ao seu orgulho – ao invés de ser forçado a transformar isto em assunto de julgamento público. Espero que você esteja comigo neste sentido.

Trevize não amoleceu: – Não nos preocupemos com gentilezas. Seu trabalho é me considerar como se eu fosse um traidor. Não sou um, e sinto a necessidade de que isso lhe seja satisfatoriamente demonstrado. Por que você não precisa provar a sua lealdade para mim?

– Em princípio, nada impede. O triste, porém, é que tenho o poder do meu lado, e você não tem nenhum. Por causa disto, é meu privilégio questionar, e não seu. Se qualquer suspeita de deslealdade ou traição caísse sobre mim, aliás, creio que seria substituído, e então eu seria questionado por alguém mais, que,espero sinceramente, não me trataria pior do que pretendo tratá-lo.

– E como você pretende tratar-me?

– Eu espero que como amigo e igual, se me tratar assim.

– Devo oferecer-lhe uma bebida? – perguntou Trevize, amargoso.

– Depois, talvez, mas por hora, apenas sente-se. Estou pedindo como amigo.

Trevize hesitou, então sentou-se. Qualquer outro desafio pareceu-lhe sem sentido. – E agora?

– Agora, posso pedir-lhe para responder às minhas perguntas sincera e completamente, e sem evasivas?

– E se não? Qual é a ameaça por detrás disto? Uma Sonda Psíquica?

– Acredito que não.

- Também não acredito nisso. Não num Conselheiro. Não revelará traição nenhuma, e quando eu for liberado, terei a sua cabeça, e também a da Prefeita, talvez. Talvez valha a pena fazer você experimentar uma Sonda Psíquica.

Kodell franziu o sobrolho e abanou a cabeça: – Ah, não, não. Muito perigo de dano cerebral. É demorado de curar, às vezes, e não valeria a pena. Definitivamente, não. Sabe, às vezes, quando a Sonda é usada em desespero de causa...

– Uma ameaça, Kodell?

– Estou enunciando um fato, Trevize. Não me interprete mal, Conselheiro. Se eu tiver que usar a Sonda, vou usá-la, e mesmo que você seja inocente, não terá outro recurso.

– O que você quer saber?

Kodell calcou um botão da mesa à sua frente: – O que eu perguntar e o que você responder às minhas perguntas será gravado, som e imagem. Não quero nenhuma afirmação voluntária sua ou qualquer coisa não-cooperativa. Não agora. Você entende, estou certo.

– Entendo que você vai gravar apenas o que lhe agradar – disse Trevize, com desprezo.

–Está certo, mas de novo, não me leve a mal. Não vou distorcer nada do que você disser. Vou usar ou não, e é tudo. Mas você sabe que eu não vou usar a gravação, e você não vai perder o seu tempo e o meu.

– Veremos.

– Temos razão para pensar, Conselheiro Trevize – e o toque formal de sua voz era evidência bastante de que ele estava gravando –, que o senhor afirmou abertamente, e em numerosas ocasiões, que não acredita na existência do Plano de Seldon.

Trevize falou lentamente: – Se eu o disse tão abertamente, e em numerosas ocasiões, o que mais você precisa?

– Não percamos nosso tempo com jogos de palavras, Conselheiro. O senhor sabe que o que eu quero é uma afirmação clara com sua própria voz, caracterizada por sua própria impressão vocal, em condições em que o senhor esteja senhor de si e em plena consciência.

– Porque, eu suponho, o uso de qualquer hipno-efeito, químico ou outro, alteraria as impressões vocais?

– Muito notavelmente.

– E você está ansioso por demonstrar que não fez uso de qualquer método ilegal ao interrogar um Conselheiro? Não o culpo.

– Ainda bem que não me culpa, Conselheiro. Então, vamos continuar. O senhor afirmou abertamente, e em numerosas ocasiões, que não acredita na existência do Plano de Seldon. Admite isso?

Trevize respondeu lentamente, escolhendo as palavras: – Não creio que o

que chamamos Plano de Seldon tenha o significado que usualmente aplicamos ao termo.

– Uma afirmação vaga. Quer explicar melhor?

– Minha opinião é que o conceito usual de que Hari Seldon, há quinhentos anos, fazendo o uso da ciência matemática da psico-história, elaborou o curso dos eventos humanos até o último detalhe e que estamos seguindo um curso destinado a nos levar do Primeiro Império Galáctico ao Segundo Império Galáctico ao longo da linha de probabilidade máxima, é ingênuo. Não pode ser assim.

– O senhor quer dizer que, em sua opinião, Hari Seldon nunca existiu?

– Não, absolutamente; é claro que ele existiu.

– Ou que ele nunca tenha desenvolvido a ciência da psico-história?

– Não, claro que não quero dizer tal coisa. Veja, Diretor, eu teria explicado isto ao Conselho, se me tivesse sido permitido, e vou explicar a você. A verdade do que vou dizer é tão simples...

O Diretor de Segurança, calma e obviamente, desligara o dispositivo de gravação.

Trevize interrompeu-se, contrariado: – Por que fez isso?

– Está desperdiçando o meu tempo, Conselheiro. Não estou lhe pedindo discursos.

– Está pedindo para explicar minha opinião, não é?

– Não, absolutamente. Estou pedindo que responda a perguntas – simples, direta e sinceramente. Responda apenas às perguntas e não ofereça nada que eu não esteja pedindo. Faça isso e não vai levar muito tempo.

– Você quer dizer que vai omitir as minhas afirmações que reforcem a versão oficial do que se supõe que eu tenha feito?

– Estamos pedindo apenas que faça afirmações verdadeiras, e garanto-lhe que não vamos distorcê-las. Por favor, deixe-me tentar de novo. Estávamos falando sobre Hari Seldon. – O gravador estava funcionando mais uma vez e Kodell repetiu calmamente: – Ou que ele nunca tenha desenvolvido a ciência da psico-história?

– Claro que ele desenvolveu a ciência que chamamos de psico-história – respondeu Trevize, não conseguindo mascarar sua impaciência, e gesticulando, exasperado.

– Que o senhor definiria... como?

– Pela Galáxia! É usualmente definida como o ramo da matemática que trata das reações gerais de grandes grupos humanos a dados estímulos, sob dadas condições. Em outras palavras, supõe-se que prediga mudanças históricas e sociais.

– O senhor diz “supõe-se que”. O senhor questiona isso do ponto de vista do conhecimento matemático?

– Não; não sou um psico-historiador. Mas tampouco o é qualquer membro do governo da Fundação, ou qualquer cidadão de Terminus, ou...

A mão de Kodell ergueu-se. Disse baixinho:– Conselheiro, por favor! – E Trevize calou-se.

– O senhor tem qualquer razão para supor que Hari Seldon não fez a análise necessária que combinaria, tão eficientemente quanto possível, os fatores de probabilidade máxima e duração mínima, no caminho que leva do Primeiro ao Segundo Império, por intermédio da Fundação?

– Eu não estava lá; como posso saber? – respondeu Trevize, sardonicamente.

– O senhor pode saber se ele não o fez?

– Não.

– O senhor talvez negue que a imagem holográfica de Hari Seldon que apareceu em cada uma de um certo número de crises históricas nos últimos quinhentos anos seja, de fato, uma reprodução do próprio Hari Seldon, feita no último ano de sua vida, pouco antes do estabelecimento da Fundação?

– Suponho que não posso negar isso.

– O senhor “supõe”. O senhor se importa em dizer se é uma fraude, uma falsificação imaginada por alguém, na história passada, com algum propósito?

Trevize suspirou: – Não, não estou sustentando isso.

– O senhor está disposto a sustentar que as mensagens que Hari Seldon transmite de algum modo são manipuladas por alguém?

– Não; não tenho razão para pensar que tal manipulação seja possível, ou útil.

– Percebo, O senhor testemunhou a aparição mais recente da imagem de Seldon - O senhor acha que esta análise – preparada há quinhentos anos – não se adequa às atuais condições, bem de perto?

– Ao contrário – disse Trevize, subitamente animado. – Correspondeu bem de perto.

Kodell pareceu indiferente à emoção do outro. –- No entanto, Conselheiro, após a aparição de Seldon, o senhor ainda insiste que o Plano de Seldon não existe.

– Claro que sim! Insisto que não existe *precisamente* por que a análise foi tão perfeitamente adequada...

Kodell tinha desligado o gravador. – Conselheiro – disse, abanando a cabeça –, o senhor me dá ainda o trabalho de apagar. Pergunto se ainda conserva essa estranha crença, e o senhor começa a me dar razões. Deixe-me repetir a pergunta.

E ainda: – No entanto, Conselheiro, após a aparição de Seldon, o senhor ainda insiste que o Plano de Seldon não existe.

– Como sabe disso? Ninguém teve chance de falar com meu amigo delator, Compor, depois da aparição.

- Vamos dizer que adivinhamos, Conselheiro. E digamos que o senhor já respondeu “Claro que sim”. Se o senhor disser isso mais uma vez sem voluntariamente acrescentar informação, podemos continuar.

– Claro que sim – disse Trevize, ironicamente.

– Bem, eu vou escolher qual dos “Claro que sim” soa mais natural. Obrigado, Conselheiro – e o gravador foi desligado de novo.

– Isso é tudo?

– Para o que preciso, sim.

- O que você precisa, muito claramente, é de um conjunto de perguntas e respostas que possa apresentar a Terminus e toda a Federação da Fundação que ele governa, para mostrar que eu aceito a lenda do Plano de Seldon totalmente. O que tornará qualquer retratação que venha a fazer quixotesca ou totalmente maluca.

– Ou mesmo traição, aos olhos de uma multidão excitável, que vê o Plano como essencial à segurança da Fundação. Talvez não seja necessário dar isto a público, Conselheiro Trevize, se pudermos chegar a alguma espécie de acordo, mas se for necessário, faremos com que a Federação venha a saber.

– O senhor é louco o bastante – replicou Trevize – para estar totalmente desinteressado no que eu realmente tenho a dizer?

– Enquanto ser humano, estou muitíssimo interessado, e havendo um momento apropriado, escutá-lo-ei com interesse, e uma certa quantidade de ceticismo. Enquanto Diretor de Segurança, porém, no momento presente, tenho exatamente o que quero.

– Espero que você saiba que isto não lhe causará nenhum bem, e tampouco à Prefeita.

– É esquisito, mas não sou dessa opinião. Agora, o senhor sairá. Sob guarda, é claro.

- Para onde devo ser levado?

Kodell meramente sorriu. – Até logo, Conselheiro. O senhor não foi perfeitamente cooperativo, mas não seria realista esperar que fosse.

Estendeu a mão.

Trevize, erguendo-se, ignorou-a. Alisou os vincos de seu cinto, e disse: – Você só vai adiar o inevitável. Outros devem pensar como eu agora, ou pensarão, mais tarde. Aprisionar-me ou matar-me só servirá para levantar suspeitas, e eventualmente acelerar tal forma de pensar. Ao fim, a verdade e eu venceremos.

Kodell retraiu a mão e abanou a cabeça, lentamente: – Trevize, você é um louco.

4.

Só quando chegou a meia-noite foi que dois guardas vieram remover Trevize daquilo que era, ele tinha de admitir, uma sala luxuosa no Quartel-general da Segurança. Luxuosa, mas trancada. Uma cela de prisão, fosse qual fosse o seu nome.

Trevize teve mais de quatro horas para interrogar a si mesmo, amargamente, andando incansavelmente por todo esse tempo.

Por que confiou em Compor?

E por que não? Parecia concordar tão claramente! Não, não foi isso. Ele parecia tão pronto para aceitar a argumentação! Não, tampouco isso. Ele pareceu tão estúpido, tão facilmente dominável, tão certamente sem idéia e opinião próprias que Trevize aproveitou a oportunidade de usá-lo como uma confortável caixa de ressonância. Compor ajudara Trevize a improvisar e burilar suas opiniões. Fora útil, e Trevize confiara nele por nenhuma outra razão que não fora a conveniência de fazê-lo.

Mas agora, era inútil decidir se deveria ter adivinhado sobre Compor. Deveria ter seguido a generalização simples: não confie em ninguém.

No entanto, como alguém pode atravessar uma vida sem confiar em ninguém?

Claramente, era preciso.

E quem diria que Branno teria a audácia de remover um Conselheiro do Conselho... e que nenhum dos outros Conselheiros se moveria para proteger um deles mesmos? Muito embora tivessem discordado de Trevize no mais fundo do coração, mesmo que estivessem prontos a apostar sobre seu sangue, gota a gota, pela correição de Branno; ainda, por princípio, deveriam ter-se interposto contra esta violação de suas prerrogativas. Branno de Bronze, ela era por vezes chamada, e certamente atuava com um rigor metálico...

A menos que ela mesma já estivesse nas garras...

Não! Isso o levaria à paranóia!

E ainda assim...

Sua mente andava em círculos, na ponta dos pés, e não tinha rompido o círculo inutilmente vicioso quando os guardas vieram.

– O senhor terá de vir conosco, Conselheiro – o mais graduado dos dois disse, com gravidade sem emoção. Sua insígnia indicava ser um tenente. Tinha uma pequena cicatriz na face direita, e parecia cansado, como se estivesse já há muito naquele trabalho, e feito muito pouco – como se poderia esperar de um soldado cujo povo estivera em paz por um século.

Trevize não se moveu: – Seu nome, tenente.

– Sou o tenente Evander Sopellor, Conselheiro.

– Você percebe que está transgredindo a lei, tenente Sopellor? Não pode prender um Conselheiro.

– Temos ordens diretas, senhor – respondeu o Tenente.

– Isso não importa. Você não pode receber ordem de prender um Conselheiro. Deve entender que se arrisca a uma corte marcial, como resultado.

– O senhor não está sendo preso, Conselheiro.

– Então, não preciso ir com você, preciso?

– Fomos instruídos para escoltá-lo até sua casa.

– Eu sei o caminho.

– É para protegê-lo, no caminho.

– De quê? Ou de quem?

– De qualquer multidão que possa se reunir.

– À meia-noite?

– Por isso esperamos pela meia-noite, senhor. E agora, para sua proteção, devemos pedir que nos acompanhe. Devo dizer, não como ameaça, mas a título de informação, que estamos autorizados a usar a força, se necessário.

Trevize percebera os chicotes neurônicos de que estavam armados. Levantou-se com o que, esperou, fosse dignidade. – Para minha casa, então. Ou será que descobrirei que vão me levar para a cadeia?

– Não fomos instruídos para lhe mentir, senhor – disse o tenente, com um orgulho todo dele. Trevize tomou consciência de que estava na presença de um profissional que exigiria uma ordem direta antes de mentir; e mesmo assim, sua expressão e o tom de voz o trairiam.

– Peço-lhe desculpas, tenente. Não quis implicar que duvidava de sua palavra.

Um veículo terrestre estava esperando por eles lá fora. A rua estava vazia e não havia sinal de viv'alma, quanto mais uma multidão, mas o tenente fora sincero. Não disse que haveria uma multidão lá fora, ou que se formaria uma. Referira-se a "qualquer multidão que possa se reunir". Disse apenas "que possa".

O tenente cuidadosamente manteve Trevize entre ele e o carro. Trevize não poderia ter-se esgueirado e correr, O tenente entrou imediatamente e sentou-se ao seu lado, no banco de trás.

O carro saiu.

– Um vez estando eu em casa, poderei dedicar-me a meus negócios livremente, isto é, poderei sair, se quiser?

– Não temos ordens para interferir com o senhor, Conselheiro, de qualquer maneira, exceto que devemos protegê-lo.

– Até que ponto? O que isso significa, neste caso?

– Estou instruído para dizer-lhe que uma vez estando em casa, não poderá deixá-la, As ruas não são seguras para o senhor e eu sou responsável pela sua segurança.

– Quer dizer que estou sob prisão domiciliar,

– Não sou advogado, Conselheiro. Não sei o que isso significa.

Olhava diretamente para a frente, mas seu cotovelo o tocava de lado, Trevize não podia se mover, mesmo que levemente, sem que o tenente viesse a saber,

O carro parou na frente da pequena casa de Trevize, no subúrbio de Flexner. Naquele momento, ele não tinha companheira. Flavella tinha se cansado da vida errática a que o Conselheiro era forçado, de modo que não esperava ninguém em casa.

– Posso sair agora? – perguntou Trevize.

– Sairei primeiro, Conselheiro. Vamos escoltá-lo até lá dentro.

– Para minha segurança?

– Sim, senhor.

Havia dois guardas esperando junto à porta de entrada, do lado de dentro. Um quebra-luz estava brilhando, mas as janelas estavam opacas, e nada se via do lado de fora.

Por um momento, ele ficou indignado com a invasão, mas logo deu de ombros. Se o Conselho não podia protegê-lo na própria Câmara do Conselho, então certamente sua casa não seria o seu castelo.

– Quantos de vocês há aqui no total? Um regimento?

– Não, Conselheiro – veio uma voz dura e monótona –, só uma pessoa, além das que vê, e estive esperando pelo senhor há um bom tempo.

Harla Branno, Prefeita de Terminus, estava junto à porta que levava à sala de estar. – Já está bem em tempo, não acha, para conversarmos?

Trevize começou: – Todo esse palavrório para...

Mas Branno impôs, em voz baixa: – Calma, Conselheiro. E vocês quatro, fora! Tudo estará bem aqui dentro.

Os quatro guardas saudaram e fizeram meia-volta. Trevize e Branno ficaram a sós.

2. PREFEITA

5.

Branno estivera esperando por uma hora, pensando calmamente. Tecnicamente, ela era culpada de arrombamento e invasão. E mais: violara bem inconstitucionalmente os direitos de um Conselheiro. Pelas leis estritas que regulavam as ações dos Prefeitos – desde os dias de Indbur III e do Mula, quase dois séculos antes – ela era passível de “impeachment”.

Neste dia em particular, porém, por vinte e quatro horas, ela não poderia errar.

Mas isso passaria. Ela não poderia deixar de ficar inquieta.

Os primeiros dois séculos foram a Idade de Ouro da Fundação, os Tempos Heróicos; pelo menos em retrospecto, mas não para aqueles infelizes que viveram naqueles tempos inseguros. Salvor Hardin e Hober Mallow foram os dois grandes heróis, semideificados a ponto de rivalizar com o incomparável Hari Seldon. Os três estavam numa trípode sobre a qual repousava toda a lenda da Fundação (e mesmo sua história).

Naqueles dias, entretanto, a Fundação fora um mundinho insignificante, com um fraco poder sobre os Quatro Remos, e apenas com uma fraca consciência da extensão com que o Plano de Seldon estava mantendo sua mão protetora sobre ela, cuidando dela mesmo contra o remanescente do poderoso Império Galáctico.

E quanto mais poderosa a Fundação ia ficando enquanto entidade política e comercial, menos significantes seus governantes e militares pareciam ficar. Lathan Devers foi quase esquecido. Se é que ele era lembrado, era mais por sua trágica morte nas minas de escravos do que por sua luta desnecessária mas bem-sucedida contra Bel Riose.

Quanto a Bel Riose, o mais nobre dos adversários da Fundação, ele também fora esquecido, ou colocado na sombra, pelo Mula, que só, dentre os inimigos, rompeu o Plano de Seldon e derrotou e governou a Fundação. Só ele fora o Grande Inimigo – de fato, o último dos Grandes.

Era pouco lembrado que o Mula fora, essencialmente, derrotado por uma só pessoa, uma mulher: Bayta Darell, e que ela conquistou esta vitória sem a ajuda de ninguém, sem sequer o apoio do Plano de Seldon. Assim também foi esquecido que seu filho e sua neta, Torã e Arcádia Darell tinham derrotado a Segunda Fundação, deixando a Fundação, a Primeira Fundação, suprema.

Estes vitoriosos dos últimos dias não mais eram figuras heróicas. A época tomara-se expansionista demais para fazer algo além de diminuir os heróis à dimensão de mortais ordinários. Em compensação, no passado, a biografia que Arcádia escreveu de sua avó a reduzira de heroína a personagem de romance.

E desde então, não houve mais heróis, nem mesmo figuras de romance. A guerra kalganiana foi o último momento de violência a engolfar a Fundação, e esse foi apenas um conflito menor. Quase dois séculos de virtual paz! Cento e vinte anos sem sequer uma nave arranhada.

Tinha sido uma boa paz, Branno não o negava, e uma paz lucrativa. A Fundação não tinha fundado um Segundo Império Galáctico; estava apenas a meio caminho, pelo Plano de Seldon, mas enquanto Federação da Fundação, mantinha um forte controle econômico sobre um terço das unidades políticas esparsas da Galáxia, e influenciava aquelas sobre as quais não tinha controle. Havia poucos lugares onde o “Eu sou da Fundação” não inspirava respeito. Não havia ninguém mais respeitado em todos os milhões de mundos habitados do que o Prefeito de Terminus.

Aquele ainda era o titulo. Foi herdado do líder de uma só cidadezinha quase despercebida, num mundo solitário, na fronteira mais distante da civilização, uns quinhentos anos antes, mas ninguém sonharia em mudá-lo ou dar-lhe um átomo de glória a mais ao título. Tal como estava, só o quase esquecido título de Majestade Imperial poderia rivalizar com ele em portento.

Exceto no próprio Terminus, onde os poderes do Prefeito eram cuidadosamente cerceados. A memória dos Indburs ainda permanecia. Não era sua tirania que o povo não conseguia esquecer, mas o fato de que perderam para o Mula.

E ali estava ela, Harla Branno, a mais forte a governar desde a morte do Mula (e ela sabia disso), e apenas a quinta mulher a fazê-lo. Apenas neste dia ela pôde usar sua força abertamente.

Lutou por sua interpretação do que julgara estar certo e o que deveria estar, contra a oposição encarniçada daqueles que ansiavam pelo prestigioso Interior da Galáxia, e pela aura do poder imperial; e fora vitoriosa.

Mas ainda não, dizia ela. Ainda não! Pule muito cedo para o interior, e perderá de um e de outro lado. E Seldon aparecera e a apoiara numa linguagem quase idêntica.

Tornou-a temporariamente tão sábia quanto Seldon, aos olhos da Fundação. Sabia, no entanto, que eles podiam esquecer disso a qualquer momento.

E esse rapaz se atrevia a desafiá-la neste dia dos dias!

E se atrevia a ter razão!

Esse era o perigo. Ele estava certo! E, estando certo, poderia destruir a Fundação!

E agora, ela o encarava, e estavam a sós.

Disse tristemente: – Você não poderia ter-me visitado privada- mente? Tinha de gritar tudo na Câmara do Conselho, em seu desejo idiota de fazer-me de tola? O que fez, rapaz insensato?

6.

Trevize sentiu-se corar, e lutou para controlar sua fúria. A Prefeita era uma senhora que faria sessenta e três anos em seu próximo aniversário. Ele hesitava em se engajar numa briga verbal com alguém quase com o dobro de sua idade.

Além do que, ela era traquejada em lutas políticas e sabia que se pudesse fazer com que o oponente perdesse o equilíbrio logo de início, a batalha estava meio-vencida. Mas era preciso uma audiência para tornar uma tal tática eficaz, e não havia ninguém perante quem alguém pudesse ser humilhado. Só estavam ali os dois.

Assim, ele ignorou as palavras dela e fez o máximo para observá-la desapaixonadamente Ela era uma senhora vestindo a moda unissex que já prevalecia há dois séculos. Mas não lhe era adequada. A Prefeita, líder da Galáxia – se é que poderia haver um líder galáctico – era apenas uma velha que podia ser confundida com um velho; exceto que seu cabelo cinza-feno estava bem puxado e preso atrás, ao invés de solto, ao estilo masculino.

Trevize sorriu simpaticamente. Por mais que um oponente de idade procurasse fazer o epíteto “rapaz” soar como um insulto, este “rapaz” em particular tinha a vantagem da juventude e boa aparência – e toda a consciência

de ambos.

Reconheceu: – É verdade. Tenho trinta e dois e portanto sou um rapaz, de certa forma. E sou um Conselheiro, e portanto, a *ex officio*, insensato. A primeira condição é inevitável. Quanto à segunda, só posso dizer que lamento.

– Sabe o que fez? Não fique aí procurando parecer brilhante. Sente-se. Ponha sua mente para funcionar, se puder, e responda-me racionalmente

– Sei o que fiz. Disse a verdade tal como a vi.

– E neste dia é que você tentou me desafiar com ela? Num dia em que o meu prestígio é tal que eu poderia expulsá-lo da Câmara do Conselho e prendê-lo, sem que ninguém protestasse?

– O Conselho recuperará o fôlego, e vai protestar. Podem estar protestando agora mesmo. E vão me escutar mais ainda pela perseguição a que a senhora está me submetendo

- Ninguém vai escutá-lo, porque se eu achasse que você poderia continuar, eu o consideraria um traidor segundo todo o peso da lei.

– Então, eu teria de ser julgado. E teria o meu dia no tribunal.

– Não conte com isso. Os poderes de emergência de um Prefeito são enormes, mesmo que raramente usados

– Em que base a senhora declararia uma emergência?

– Inventaria as bases. Tenho a engenhosidade suficiente para tanto, e não temo assumir os riscos políticos. Não me provoque, meu rapaz. Vamos chegar a um acordo aqui ou você nunca ficará livre de novo. Ficará aprisionado pelo resto da vida, pode estar certo disso.

Encaravam-se: Branno de cinza, Trevize em vários tons de marrom.

– Que tipo de acordo?

– Ah! Você está curioso! Assim é melhor. Então podemos encetar uma conversação, ao invés de uma confrontação. Qual é o seu ponto de vista?

– A senhora bem o sabe. Já esteve rastejando na lama com o Conselheiro Compor, não é?

– Quero ouvir de você; e à luz da Crise Seldon que acabamos de passar

– Muito bem, se é isso que a senhora quer... Senhora Prefeita! – Ele estivera a ponto de dizer “sua velha!” – A imagem de Seldon estava correta, muito impossivelmente correta, depois de quinhentos anos. É a oitava vez que aparece, segundo creio. Em algumas ocasiões, ninguém estava lá para ouvi-lo.

Em pelo menos uma ocasião, no tempo de Indbur III, o que ele tinha a dizer estava totalmente fora de sincronia com a realidade; mas aquele foi o tempo do Mula, não é? Mas quando, em qualquer dessas ocasiões, ele esteve tão correto quanto agora?

Trevize permitiu-se um pequeno sorriso: – Nunca antes, Senhora Prefeita, tanto quanto concerne a nossos registros do passado, Seldon conseguiu descrever a situação tão perfeitamente, em todos os seus mínimos detalhes

– É sua sugestão, pois, que a aparição de Seldon, a imagem holográfica, é falsificada; que as gravações de Seldon foram preparadas por um contemporâneo, assim como eu, quem sabe, e que um ator estava fazendo o papel de Seldon?

– Não é impossível, Senhora Prefeita, mas não é o que eu quero dizer. A verdade é muito pior. Acredito que a imagem de Seldon que vemos é real, e que a sua descrição do momento histórico presente é a descrição que ele preparou há quinhentos anos atrás. Disse o mesmo para o seu homem, Kodell, que cuidadosamente guiou-me por uma charada na qual eu parecia apoiar as superstições do fundacionista irracional.

– Sim, a gravação será usada, se necessário, para permitir que a Fundação nunca o deixe ficar realmente na oposição

Trevize abriu os braços: – Mas estou. Não há Plano de Seldon no sentido em que acreditamos haver, e não tem havido por talvez dois séculos. Já há dois anos que suspeito disso, e o que passamos na Cápsula do Tempo, há doze horas, só serve de prova.

– Porque Seldon foi muito preciso?

– Isso mesmo. Não sorria. É a prova definitiva.

– Não estou sorrindo, como pode ver. Continue.

– Como ele poderia ter sido tão acurado? Há dois séculos, a análise de Seldon do que era então o presente, estava completamente errada. Trezentos anos se passaram desde que a Fundação nasceu, e ele estava longe do alvo. Completamente!

– Isso, Conselheiro, o senhor explicou há uns momentos atrás. Foi por causa do Mula. O Mula era um mutante com um intenso poder mental e não haveria maneira de prevê-lo no Plano.

– Mas de qualquer modo, lá estava ele, previsto ou não. O Plano de Seldon descarrilou. O Mula não governou por muito tempo e não teve sucessor.

A Fundação reconquistou sua independência e seu domínio, mas como o Plano de Seldon poderia ter voltado ao alvo depois de um rasgão tão grande em sua trama?

Branno estava apreensiva e suas mãos nodosas estavam firmemente entrelaçadas: – Você sabe a resposta a isto. Éramos uma de duas Fundações. Você leu os livros de história.

– Li a biografia que Arcádia escreveu, de sua avó; leitura obrigatória na escola, afinal, e li suas novelas, também. Li a versão oficial da história, e a do Mula, depois. Permite-me duvidar dela?

– Em que sentido?

– Oficialmente nós, a Primeira Fundação, devíamos reter o conhecimento das ciências físicas, e fazê-las progredir. Devíamos operar abertamente, nosso desenvolvimento histórico seguindo, quer soubéssemos ou não, o Plano de Seldon. Havia, porém, a Segunda Fundação, que deveria preservar e desenvolver mais as ciências psicológicas, inclusive a psico-história, e sua existência deveria permanecer um segredo até para nós. A Segunda Fundação era o agente de ajuste fino do Plano, visando ajustar as correntes da história Galáctica, quando se desviassem dos caminhos delineados pelo Plano.

– Então, você responde a si mesmo. Bayta Darell derrotou o Mula, talvez sob inspiração da Segunda Fundação, muito embora sua neta insista que não foi assim. Foi a Segunda Fundação, sem dúvida, que trabalhou para trazer a história galáctica de volta ao Plano, depois que o Mula morreu e, muito obviamente, tiveram sucesso. Em nome de Terminus, do que o senhor está falando, Conselheiro?

– Senhora Prefeita, se seguirmos o relato de Arcádia Darell está claro que a Segunda Fundação, ao fazer a tentativa de corrigir a história galáctica, minou todo o esquema de Seldon, pois que na tentativa de corrigir, destruiu seu próprio anonimato. Nós, a Primeira Fundação, percebemos que nossa imagem especular, a Segunda Fundação, existia, e não podíamos continuar vivendo com o conhecimento de que éramos manipulados. Assim, labutamos para encontrar a Segunda Fundação e destruí-la.

Branno assentiu: – E tivemos sucesso, de acordo com a narrativa de Arcádia Darell, mas muito obviamente, não antes que a Segunda Fundação tivesse colocado a história galáctica firmemente de volta nos trilhos, depois de sua disrupção pelo Mula. E ainda está nos tri lhos.

– A Senhora consegue acreditar nisso? A Segunda Fundação, de acordo

com a narrativa, foi localizada, e seus vários membros eliminados. Isso foi em 378 E.F., há cento e vinte anos. Por cinco gerações, supostamente estivemos operando sem a Segunda Fundação, e ainda assim, ficamos tão perto do alvo, no que concerne ao Plano, que a senhora e a imagem de Seldon falaram quase identicamente.

– Isto pode ser interpretado como eu ter percebido o significado do desenvolvimento histórico com uma notável intuição.

– Desculpe-me. Não quero lançar dúvida sobre sua notável intuição, mas a mim me parece que a explicação mais óbvia é que a Segunda Fundação nunca foi destruída. Ainda nos dirige. Ainda nos manipula. E *é por isso* que voltamos aos trilhos do Plano de Seldon.

7.

Se a Prefeita parecia chocada pela assertiva, não mostrava nenhum sinal.

Já passava da uma hora, e ela queria desesperadamente acabar com aquilo, mas não podia apressar-se. O rapaz tinha de ser cansado, e ela precisava dar corda, para não perdê-lo. Não queria se livrar dele inutilmente, quando ele é que poderia ser o primeiro a servir a deter minada função.

Respondeu ela: – De fato? Você diz então que a história da guerra kalganiana, de Arcádia, e a destruição da Segunda Fundação eram falsas? Inventadas? Uma brincadeira? Uma mentira?

Trevize deu de ombros: – Não precisam ser. Isso está além do assunto. Suponha que o relato de Arcádia fosse completamente veraz, ao máximo de seu conhecimento. Suponha que tudo ocorreu exatamente como Arcádia disse; que o ninho dos segundofundacionistas fora descoberto, e que eles foram eliminados. Como poderíamos dizer, porém, que acabamos com todos? A Segunda Fundação estava mexendo com toda a Galáxia. Não estavam manipulando isoladamente a história de Terminus, ou mesmo da Fundação, apenas. Suas responsabilidades envolviam mais que nosso mundo-capital, ou toda nossa Federação. Poderia haver segundofundacionistas a mil parsecs de distância, ou mais. Será provável que tenhamos agarrado todos? E se falhamos em agarrar todos, poderíamos dizer que vencemos? O Mula poderia tê-lo dito, em seu tempo? Ele tomou Terminus, e com ele, todos os mundos que controlava diretamente, mas os Mundos Mercantes Independentes ainda restaram. Ele tomou os Mundos Mercantes, mas ainda restaram três fugitivos: Ebling Mis, Bayta Darell e seu marido. Manteve

ambos os homens sob controle e deixou Bayta, e só Bayta, sem controle. Fez isto por sentimentalismo, se devemos acreditar no romance de Arcádia. E bastou apenas isto. De acordo com o que nos diz Arcádia, uma pessoa, apenas Bayta, foi deixada para agir como quisesse, e por causa de suas ações, o Mula não conseguiu localizar a Segunda Fundação, e assim foi derrotado.

– Uma pessoa deixada intocada – continuou ele – e tudo foi perdido! Eis a importância de um indivíduo, a despeito de todas as lendas que cercam o Plano de Seldon, quanto a que o indivíduo é nada e a massa é tudo. E se deixamos não apenas um segundofundacionista para trás, mas várias dúzias, como parece perfeitamente possível, o que então? Não se reuniriam, reconstruiriam suas fortunas, retomariam suas carreiras, multiplicariam seu número por recrutamento e treinamento, e de novo fazendo peões de nós?

Branno disse gravemente: – Você acredita nisso?

– Tenho certeza.

– Mas diga-me, Conselheiro, por que deveríamos nos preocupar? Por que um lamentável remanescente continuaria se agarrando a uma tarefa que não é bem-vinda por ninguém? O que os leva a manter a Galáxia ao longo de seu caminho rumo ao Segundo Império Galáctico? E se o pequeno bando insiste em cumprir esta missão, por que deveríamos nos preocupar? Por que não aceitarmos a trajetória do Plano e ficarmos gratos porque eles cuidarão que não vamos nos per der?

Trevize esfregou os olhos. A despeito de sua juventude, ele parecia o mais cansado dos dois. Fitou a Prefeita e disse: – Não posso acreditar! A senhora está sob a impressão de que a.Segunda Fundação está fazendo tudo isso por nós? Que eles são alguma espécie de idealistas? Não lhe é claro, pelo seu conhecimento da política, dos assuntos práticos do poder e da manipulação, que eles estão fazendo isso por si mesmos? Somos o bordo de ataque. Somos o motor, a força. Trabalhamos e suamos, e sangramos e choramos. Eles meramente controlam, ajustando um amplificador aqui, fechando um contato ali, e fazendo tudo com facilidade e sem risco para eles. Então, quando tudo estiver pronto e quando, depois de mil anos de trabalho duro, tivermos estabelecido o Segundo Império Galáctico, o povo da Segunda Fundação virá com a mudança, na qualidade de elite governante.

E Branno disse: – Quer eliminar a Segunda Fundação, então? A meio caminho do Segundo Império, você quer arriscar-se a completar a tarefa por si mesmo, e servindo como a sua própria elite? É isso?

– Certamente! Isso mesmo! Não é o que a senhora quer também? Nós não vamos viver para ver isso, mas a senhora tem netos, e algum dia, eu poderei tê-los, e eles também terão os seus netos, e assim por diante. Quero que eles tenham os frutos de nosso trabalho, e quero que eles olhem para nós, no passado, como a origem, e que nos elogiem pelo que cumprimos. Não quero que tudo caia como uma conspiração oculta idealizada por Seldon, que não é um herói meu. Digo-lhe que ele é uma ameaça maior que o Mula, se deixarmos que este Plano chegue a termo. Pela Galáxia, desejaria que o Mula afinal tivesse acabado totalmente como Plano, e para sempre! Teríamos sobrevivido a ele. Ele era o único da espécie, e mortal. A Segunda Fundação parece ser imortal.

– Mas você gostaria de destruir a Segunda Fundação, não é mesmo?

– Se eu soubesse como!

– Já que você não sabe como, não acha provável que ela é que vai destruí-lo?

Trevize tomou um ar de desprezo: – Pensei que mesmo a senhora poderia estar sob o controle deles. Sua adivinhação acurada quanto ao que a imagem de Seldon diria, e seu subseqüente tratamento em relação a mim, tudo isso poderia ser da Segunda Fundação. A senhora poderia ser uma concha oca, recheada com a Segunda Fundação.

– Então por que está falando comigo desse modo?

– Porque se a senhora está sob o controle da Segunda Fundação, estou perdido, de qualquer jeito, e posso muito bem desabafar um pouco da minha raiva, e porque, de fato, estou jogando, acreditando que a senhora *não está* sob o controle deles, que a senhora está simplesmente sem consciência do que está fazendo.

Ao que respondeu Branno: – E você ganha o jogo, de qualquer modo. Não estou sob o controle de ninguém, senão no meu próprio. Ainda assim, você não pode ter certeza de que estou dizendo a verdade? E se eu estivesse sob o controle da Segunda Fundação, será que eu o admitiria? Será que mesmo eu saberia estar sob o controle deles? Mas, nada se ganha com tais perguntas. Acredito não estar sob o controle deles, e você não tem chance se não acreditar também. Considere o seguinte, porém: se a Segunda Fundação existe, é certo que sua maior necessidade é certificar-se de que ninguém na Galáxia sabe que eles existem. O Plano de Seldon só funciona direito se os peões, isto é, nós, não têm consciência de como o Plano funciona e como são manipulados. Foi porque o Mula focalizou a atenção da Fundação sobre a Segunda Fundação que esta foi

destruída no tempo de Arcádia. Ou deveria dizer quase destruída, Conselheiro?

– A partir disto – prosseguiu Branno – podemos deduzir dois corolários. Primeiro, podemos supor razoavelmente que, de modo geral, eles interferem o mínimo que podem. Podemos presumir que seria impossível nos dominar a todos. Mesmo a Segunda Fundação, se existe, deve ter limites para seu poder. Dominar alguns e deixar que outros adivinhem o ato introduziria distorções no Plano. Conseqüentemente, chegamos à conclusão de que sua interferência é tão delicada, indireta e esparsa quanto possível, e que portanto não estou controlada. Tampouco você.

– Esse é um corolário, e eu tendo a aceitá-lo; talvez unicamente por um pensamento positivo. Qual é o outro?

– Um mais simples e mais inevitável. Se a Segunda Fundação existe e quer guardar essa existência em segredo, então uma coisa é certa. Qualquer um que pense que ela ainda existe, e falar sobre o assunto, e o anunciar, e gritar para toda a Galáxia, deve, de alguma maneira sutil, ser removido imediatamente por eles, varrido, eliminado. Não seria essa sua conclusão, também?

– Por isso a senhora me colocou sob custódia, Prefeita? Para me proteger da Segunda Fundação?

– De certa maneira. Até certo ponto. A cuidadosa gravação feita por Liono Kodell, de suas crenças, será publicada não só para manter o povo de Terminus e da Fundação sem ser perturbado por sua conversa mole, mas para não perturbar a Segunda Fundação. Se ela ainda existe, não quero que sua atenção se dirija para você.

– Imagine só – disse Trevize, com uma pesada ironia. – Por minha segurança? Por meus adoráveis olhos cor de mel?

Branno inquietou-se e então, sem aviso, riu-se baixinho: – Não sou tão velha, Conselheiro, para não perceber que o senhor tem adoráveis olhos cor de mel e há trinta anos, poderia ter sido um bom motivo. Agora, porém, não me moveria um milímetro para salvá-los, ou o resto de você, se mesmo seus olhos estivessem envolvidos. Mas se a Segunda Fundação existe, e se a atenção deles for atraída para você, poderão não se contentar só com você. Há a minha vida a considerar, e a de numerosos outros, bem mais inteligentes e valiosos que você e que todos os planos que você tenha feito.

– Ah, a senhora então acredita que a Segunda Fundação existe, a ponto de reagir tão cuidadosamente à possibilidade de uma resposta dela?

Branno desceu o punho sobre a mesa à sua frente: – Mas é claro que

acredito, seu louco consumado! Se não soubesse da existência da Segunda Fundação, e se não a estivesse combatendo tão dura e eficazmente quanto pudesse, eu cuidaria do que você poderia dizer sobre tal assunto? Se a Segunda Fundação não existisse, importaria que você anunciasse o contrário? Há meses que tenho desejado calá-lo, antes que viesse a público, mas não tinha o poder político para maltratar um Conselheiro. A aparição de Seldon melhorou a minha imagem e deu-me o poder – mesmo que temporário – e naquele momento, você *veio* a público. Movi-me imediatamente, e agora vou matá-lo sem a menor dor de consciência, ou microssegundo de hesitação, se não fizer exatamente como eu disser.

– Toda nossa conversa agora – acrescentou –, numa hora em que preferiria muito estar na cama, dormindo, destinou-se a fazê-lo acreditar em mim. Quero que saiba que o problema da Segunda Fundação, que tive o cuidado de fazer você delinear, dá-me razão suficiente e inclinação para acabar com o seu cérebro, sem julgamento.

Trevize quase ia se erguendo.

Branno interrompeu-o: – Vamos, não tente qualquer movimento. Sou apenas uma velha, como você sem dúvida está dizendo para si mesmo, mas antes que pudesse pôr a mão em mim, estaria morto. Estamos sendo observados, rapazinho tolo, por gente minha.

Trevize sentou-se de novo. Disse, um pouco abalado: – Você não faz sentido. Se acreditasse que a Segunda Fundação existe, não estaria falando dela tão livremente. Não se exporia aos perigos que diz que eu estou me expondo a mim mesmo.

– Ah, reconhece que eu tenho um pouco mais de bom senso que você. Em outras palavras, você acredita que a Segunda Fundação existe, mas fala livremente sobre ela, porque é insensato. Eu acredito que ela existe, e também falo livremente, mas tomo minhas precauções. Como parece que você leu cuidadosamente a história de Arcádia, talvez se lembre que ela fala de seu pai como tendo inventado o que ela chamou de “Dispositivo de Estática Mental”. Serve como escudo contra o tipo de poder mental da Segunda Fundação. Ainda existe, e foi muito aperfeiçoado, também, sob condições do mais alto segredo. Esta casa, no momento, está razoavelmente segura contra a espionagem deles. Isso entendido, deixe-me dizer o que deve fazer.

– E o que é?

– Deve descobrir se o que você e eu pensamos de fato é assim. Deve

descobrir se a Segunda Fundação ainda existe, e caso afirmativo, onde. Isso significa que você deverá deixar Terminus e ir não sei para onde – mesmo que resulte, como nos dias de Arcádia, que a Segunda Fundação existe no meio de nós. Significa que você não retornará até ter algo para nos contar; e se não tiver nada para contar, nunca voltará, e a população de Terminus terá um doido a menos.

Trevize encontrou-se gaguejando: – Como, por Terminus, posso procurá-los sem me denunciar? Simplesmente arranjarão uma morte conveniente para mim, e você não saberá de nada a mais.

– Então não procure por eles, criança ingênua. Procure algo diferente. Procure por algo com todo seu coração, com toda sua mente, e se, no processo, cruzar com eles porque eles não se preocuparam em lhe dar atenção, então tanto melhor! Você pode, neste caso, nos enviar a informação por hiperonda fechada e codificada, e então poderá voltar, como recompensa.

– Suponho que a senhora tenha algo em mente para que eu procure.

– Claro que tenho. Conhece Janov Pelorat?

– Nunca ouvi falar.

– Vai conhecê-lo amanhã. Ele vai lhe dizer pelo que vão procurar, e ele vai partir com você numa de nossas naves mais avançadas. Só irão vocês dois, pois dois já é o bastante para arriscar. E se porventura voltarem sem nos satisfazer de que têm o conhecimento que queremos, então explodirão no espaço antes de chegarem a um parsec de Terminus. E isso é tudo. Esta conversa está encerrada.

Levantou-se, olhou para suas mãos, e lentamente colocou suas luvas. Voltou-se para a porta, e por ela entraram dois guardas, armas na mão. Abriram alas para deixá-la passar.

À porta, virou-se: – Há outros guardas lá fora. Não faça nada para perturbá-los, ou nos poupará o trabalho de aturá-lo vivo.

– Então perderá também os benefícios que eu poderei trazer-lhe – respondeu Trevize, e com esforço, conseguiu dizê-lo sem rancor.

– Arriscaremos isso – disse Branno, com um sorriso nada surpreso.

8.

Lá fora, Liono Kodell estava esperando por ela: – Escutei tudo, Prefeita.

A senhora foi extraordinariamente paciente.

– E estou extraordinariamente cansada. Acho que o dia teve setenta e duas horas. Você assume, agora.

– Claro, mas diga-me... Havia realmente um Dispositivo de Estática Mental à volta da casa?

– Ora, Kodell – disse Branno, cansada. – Você bem sabe. Qual a chance de alguém estar espiando? Imagina que a Segunda Fundação está espionando tudo, em todo lugar, sempre? Não sou uma jovem romântica, como é o Trevize; ele pode pensar isso, mas não eu. E mesmo se fosse esse o caso, a presença de um DEM não nos denunciaria imediatamente? E portanto, seu uso não indicaria à Segunda Fundação a existência de um escudo contra seus poderes – uma vez que detectassem uma região mentalmente opaca? O segredo da existência de um tal escudo – até que estejamos prontos para usá-lo totalmente – não é algo que vale mais que Trevize, mas também algo que vale mais que você e eu juntos? E no entanto...

Estavam no veículo terrestre, Kodell dirigindo: – E no entanto... – repetiu Kodell -

– E no entanto, o quê? – disse Branno. – Ah, sim. E aquele rapaz é inteligente. Chamei-o de tolo de várias maneiras, meia dúzia de vezes, só para mantê-lo no seu lugar, mas ele não é nada bobo. É jovem, e leu muitas das novelas de Arcádia Darell, e fizeram-no pensar que é assim que a Galáxia é – mas ele tem intuições rápidas sobre si mesmo, e seria uma pena perdê-lo.

– Está certa então que ele vai se perder?

– Bem certa – respondeu Branno, triste. – De qualquer modo, é melhor assim. Não precisamos de jovens românticos investindo cegamente por aí e esmagando, talvez um instante, o que levamos anos para construir. Além do que, ele servirá a um propósito: Certamente atrairá a atenção dos segundofundacionistas – sempre presumindo que eles existam, e realmente estejam preocupados conosco. E enquanto forem atraídos para ele, talvez nos ignorem. Talvez ainda possamos ganhar mais que a boa sorte de sermos ignorados. Poderão, esperemos, inadvertidamente se mostrar a nós, em sua preocupação com Trevize, e nos deixando uma oportunidade e tempo para pensar em contra-medidas.

– Trevize, então, atrai o raio.

Os lábios de Branno torceram-se: – Ah, a metáfora que tenho procurado! Ele é o nosso pára-raios, absorvendo o golpe e nos protegendo do mal.

– E esse tal Pelorat, que também estará no trajeto do raio?

– Ele poderá sofrer, também. Isso não se pode evitar.

Kodell assentiu: – Bem, você sabe que Salvor Hardin costumava dizer: Nunca deixe o seu senso moral evitar que você faça o que é certo.

– No momento, não tenho um senso moral – murmurou Branno –, tenho um senso de estar esgotada até os ossos. E ainda.. . poderia mencionar muitas pessoas que eu preferiria perder, ao invés de Golan Trevize. Ele é um belo rapaz. E é claro, sabe disso. – Suas últimas palavras foram borradas, ao fechar os olhos e cair num sono profundo.

3. HISTORIADOR

9.

Janov Pelorat tinha os cabelos brancos e sua face, em repouso, parecia inexpressiva. E raramente estava em outro estado que não em repouso. Tinha altura e peso medianos, e tendia a se mover sem pressa e falar ponderadamente. Parecia consideravelmente mais velho do que seus cinqüenta e dois anos.

Nunca deixara Terminus, algo muito inusitado, especialmente para alguém da sua profissão. Ele mesmo não estava certo se suas maneiras sedentárias se deviam ou eram a despeito de sua obsessão pela história.

A obsessão o assaltara bem de súbito, aos quinze anos, quando, durante uma indisposição, foi-lhe dado um livro de lendas antigas. Nele, encontrou repetidamente o motivo de um mundo só e isolado – um mundo que nem mesmo tinha consciência de seu isolamento, pois que nunca conhecera nada além.

Sua indisposição começou a passar imediatamente. Em dois dias, tinha lido o livro três vezes, e estava fora da cama. No dia seguinte, estava no terminal de um computador, verificando quaisquer registros que a Biblioteca da Universidade de Terminus poderia ter sobre lendas semelhantes.

Foram precisamente essas lendas que o ocuparam desde então. A Biblioteca da Universidade de Terminus de modo algum fora um grande recurso, sob este aspecto, mas quando ficou mais velho, descobriu as alegrias dos empréstimos entre bibliotecas. Tinha cópias em sua posse que haviam sido tomadas de sinais hiper-radirecionais tão distantes quanto Ifnia.

Tornara-se professor de história antiga e agora começava sua primeira licença sabática – uma que ele solicitara com a idéia de fazer uma viagem espacial (sua primeira) a Trantor mesmo – trinta e sete anos depois de ter começado a carreira.

Pelorat tinha bem consciência de que era muito incomum para uma pessoa de Terminus nunca ter estado no espaço. Nunca fora sua intenção se notabilizar desta maneira. Mas sempre que ele poderia ter ido para o espaço, algum novo livro, algum novo estudo, alguma nova análise aparecia no seu caminho. Então ele adiaria sua projetada viagem até ter dissecado o material

novo, e ter acrescido, se possível, mais um item de fatos, ou especulação, ou imaginação, à montanha já colecionada. Ao fim, só lamentava que aquela viagem a Trantor, em especial, nunca fora feita.

Trantor tinha sido a capital do Primeiro Império Galáctico. Fora o trono dos Imperadores por doze mil anos e, antes disso, capital de um dos mais importantes reinos pré-imperiais, que aos pouquinhos foi dominando ou absorvendo outros reinos até fundar o Império.

Trantor tinha sido uma cidade que abrangeu um mundo inteiro, uma só cidade, toda de metal. Pelorat lera sobre isto nas obras de Gaal Dornick, que a visitara no tempo do próprio Hari Seldon. O volume de Dornick não mais circulava, e o que Pelorat tinha poderia ter sido vendido por metade do salário anual do historiador. A *sugestão* de que ele poderia vendê-lo causaria grave ofensa.

É claro que, no que concernia a Pelorat, o importante de Trantor era a Biblioteca Galáctica que, nos tempos imperiais (quando era a Biblioteca Imperial), fora a maior da Galáxia. Trantor foi a capital do maior e mais populoso império que a humanidade já vira. Uma só cidade, atingindo o planeta inteiro, com uma população bem além dos quarenta bilhões, e sua Biblioteca, o registro reunido de todo trabalho criativo (às vezes, não tão criativo) da humanidade, sumário completo de seu conhecimento. E tudo estava computerizado de maneira tão complexa, que eram precisos especialistas para manejar os computadores.

E mais, a Biblioteca tinha sobrevivido. Para Pelorat, era o que havia de mais surpreendente. Quando Trantor caiu e foi saqueada, quase dois séculos e meio antes, sofreu assombrosa destruição, e as histórias de miséria humana e morte eram insuportáveis de repetir – mas a Biblioteca tinha sobrevivido, protegida (pelo que se dizia) pelos estudantes da Universidade, que usaram armas engenhosamente concebidas. (Alguns pensavam que a defesa pelos estudantes bem poderia ter sido muito romantizada.)

Em qualquer caso, a Biblioteca suportou o período de devastação. Ebling Mis outrora tinha trabalhado numa Biblioteca intacta, num mundo arruinado, quando quase localizara a Segunda Fundação (de acordo com a crença do povo da Fundação, mas que os historiadores sempre encararam com reserva). As três gerações de Darells: Bayta, Torã e Arcádia – cada uma, em uma ou outra ocasião, estiveram em Trantor. Porém, Arcádia não visitara a Biblioteca, e desde seu tempo, a Biblioteca não mais afetou a história galáctica.

Nenhum fundacionista houvera estado em Trantor, em cento e vinte anos,

mas não havia razão para crer que a Biblioteca ainda não estivesse lá. Que não tinha sofrido nada era a evidência mais segura de que ainda devia estar lá. Sua destruição teria causado algum ruído.

A Biblioteca estava fora de moda, arcaica – já estava assim desde o tempo de Ebling Mis – mas, tanto melhor. Pelorat sempre esfregava as mãos de excitação quando pensava numa Biblioteca velha e fora de moda. Quanto mais velha e obsoleta, mais provável ter o que ele precisava. Em seus sonhos, ele entrava na Biblioteca, e perguntava, alarmado, sem fôlego: – A Biblioteca foi modernizada? Vocês jogaram fora as antigas fitas e computerizações? E sempre imaginava a resposta de velhos e empoeirados bibliotecários: – Assim como era, professor, ainda é.

E agora, seu sonho seria realidade. A própria Prefeita lhe assegurara isso. Como ela veio a saber de seu trabalho, não tinha certeza. Ele não conseguira publicar muitas obras. Pouco do que fizera era sólido o bastante para ser aceitável para publicação, e o que aparecera, não deixou sinal. Ainda assim, diziam que Branno de Bronze sabia tudo do que acontecia em Terminus, e tinha olhos nos extremos de cada dedo, das mãos e dos pés. Pelorat quase acreditava nisto, mas se ela reconhecia o seu trabalho, por que, por Terminus, ela não viu sua importância, e lhe deu um pequeno apoio financeiro antes?

De algum modo, pensou ele, com tanto amargor quanto ele podia gerar, a Fundação tinha os olhos firmemente no futuro. Era o Segundo Império e seu destino, o que a absorvia. Não tinham tempo, nem desejo de espiar de volta o passado – e irritavam-se com os que o faziam.

Tanto mais estúpidos isto os tornava, mas ele não podia varrer sozinho a insensatez. E talvez fosse bom, assim. Ele poderia abraçar-se à grande pesquisa, forte contra seu peito, e viria o dia quando seria lembrado como o grande Pioneiro do Importante.

Isso significava, é claro (e ele era intelectualmente demasiado honesto para se recusar a percebê-lo) que ele também estaria absorvido no futuro – um futuro em que ele seria reconhecido, e em que ele seria um herói, lado a lado com Hari Seldon. De fato, ele seria o maior, pois como a elaboração de um futuro claramente visualizado de um milênio se poderia comparar com a elaboração de um passado perdido de pelo menos vinte e cinco milênios? E chegou o dia; este era o dia.

A Prefeita dissera que seria no dia depois daquele em que a imagem de Seldon aparecesse. Essa era a única razão pela qual Pelorat estivera interessado na Crise Seldon que por meses ocupara toda mente em Terminus, e de fato,

quase todas as mentes da Federação.

Parecera-lhe da mais completa insignificância se a capital da Fundação permanecesse em Terminus, ou se mudasse para qualquer outro lugar. E agora que a crise fora resolvida, permanecia incerto quanto a que lado da matéria Hari Seldon defendera, ou se a questão disputada fora sequer mencionada.

Era suficiente que Seldon tinha aparecido, e que agora, este era o dia.

Foi pouco depois das duas da tarde que um veículo terrestre deslizou até parar na calçada de sua casa um tanto isolada, um pouco longe de Terminus propriamente dita.

Uma porta traseira deslizou para trás. Um guarda com o uniforme do Corpo de Segurança da Prefeitura saiu, então um rapaz, e mais dois guardas.

Pelorat, malgrado ele mesmo, ficou impressionado. A Prefeita não só conhecia o seu trabalho, mas claramente o considerava da mais al ta importância. A pessoa que deveria ser o seu companheiro merecia uma guarda de honra, e fora-lhe prometida uma nave de primeira classe, que seu companheiro estaria capacitado a pilotar. Muito desvanecedor! Muito.

A governanta de Pelorat abriu a porta. O rapaz entrou e os dois guardas tomaram posição a cada lado da entrada. Pela janela, Pelorat viu que o terceiro guarda permanecia lá fora, e que um segundo carro havia chegado. Guardas adicionais!

Perturbador!

Voltou-se, para encontrar o rapaz em sua sala, e surpreendeu-se ao reconhecê-lo. Já o tinha visto nas holonoticias: – Você é aquele Conselheiro. Você é Trevize!

Golan Trevize. Isso mesmo. E o senhor é o Professor Janov Pelorat!

– Sim, sim – respondeu Pelorat. – Você é aquele que...

– Seremos companheiros de viagem – respondeu Trevize, marmóreo. – Ou pelo menos assim mo disseram.

– Mas você não é um historiador.

– Não, não sou. Como disse, sou um Conselheiro, um político.

– Sim, é mesmo. - . mas, o que estou dizendo? Eu sou o historiador, portanto que necessidade tenho de um outro? Você sabe pilotar uma espaçonave.

– Sim, até que sou bom nisso.

– Bem, é tudo o que precisamos. Excelente! Receio não ser um espírito

prático, como vocês; de modo que, meu rapaz, se por acaso você o é, faremos uma boa equipe. Esperemos, então, que eu possa superar minhas incertezas sobre o espaço. Nunca estive no espaço, você sabe, Conselheiro. Sou um “bicho da terra”, sabe? Aliás, gostaria de uma xícara de chá? Posso pedir a Kloda que nos prepare algo. Pelo que sei, ainda há algumas horas antes de partirmos, afinal. No entanto, já estou totalmente preparado. Tenho tudo o que é necessário para nós dois. A Prefeita tem sido muito cooperativa. Surpreendente... o interesse dela no projeto.

– O senhor sabia a respeito disto, então? Já há quanto tempo?

– A Prefeita entrou em contato comigo – aqui Pelorat fez uma careta, parecendo fazer alguns cálculos – há duas, talvez três sema nas atrás. E agora tenho bem claro na mente que preciso de um piloto, e não de um segundo historiador, e também estou contente que meu companheiro seja você, meu caro rapaz.

– Duas, talvez três semanas atrás – repetiu Trevize, soando um pouco atordoado. – Então, ela esteve preparada todo este tempo. E eu... – e silenciou.

– Como disse?

– Nada, professor. Tenho o mau hábito de resmungar para mim mesmo. É algo com que o senhor terá de se acostumar, se nossa viagem se estender muito.

– E vai, e vai – disse Pelorat, empurrando o outro para a mesa da sala de refeições, onde um elaborado chá estava sendo preparado por sua governanta. – A Prefeita disse que deveríamos demorar tanto quanto quiséssemos, e que a Galáxia inteira estava à nossa frente, e de fato, onde quer que fôssemos, poderíamos requisitar fundos da Fundação. Ela disse, é claro, que deveríamos ser razoáveis. O que também prometi. – Riu-se e esfregou as mãos. – Sente-se bom rapaz, sente-se. Esta pode ser nossa última refeição em Terminus, por um longo tempo.

Trevize sentou.se. – O senhor tem família, professor?

– Tenho um filho. Ele está na faculdade, Universidade de Santanni. Ele é químico, creio, ou algo assim. Puxou pela mãe. Ela não está comigo há já um bom tempo, de modo que não tenho responsabilidades, e creio que você também não tem nenhuma... sirva-se de sanduíches, rapaz.

– Nenhum dependente, no momento. Umas poucas mulheres. Elas vão e vêm.

– Sim; sim, é delicioso, quando funciona. Ainda mais delicioso quando você descobre que não precisa levar nada a sério. Sem filhos, então?

– Nenhum.

– Ótimo! Você sabe, estou no melhor dos humores. Fiquei meio ressabiado quando você chegou, admito, mas acho tudo muito animador, agora. O que preciso é de juventude e entusiasmo, e alguém que saiba os caminhos da Galáxia. Estamos numa busca, você sabe. Uma pesquisa notável. – O rosto e a voz tranqüilos de Pelorat atingiram uma animação inusitada, sem nenhuma mudança particular de expressão ou entonação. – Imagino se lhe contaram algo a respeito.

Os olhos de Trevize se estreitaram. – Uma busca notável?

– Sim, realmente. Uma pérola de grande valor está escondida entre as dezenas de milhões de mundos habitados na Galáxia, e não temos nada, senão as pistas mais tênues para nos guiar. Mesmo assim, será um prêmio incrível se pudermos encontrá-la. Modéstia à parte... nossos nomes ressoarão por todas as eras, até o fim dos tempos

– O prêmio de que o senhor fala, essa pérola de grande valor..

– Pareço Arcádia Darell, a escritora, você sabe, falando da Segunda Fundação, não é mesmo? Não admira que você esteja admirado. – Pelorat inclinou a cabeça para trás, como se fosse gargalhar, mas meramente sorriu: – Nada tão tolo e sem importância, asseguro-lhe.

– Se o senhor não está falando da Segunda Fundação, professor, de que está falando?

Pelorat ficou subitamente grave, como se pedisse desculpas: – Ah, então a Prefeita não lhe contou? Estranho... Passei décadas ressentido com o governo e sua incapacidade de entender o que estou fazendo, e agora a Prefeita Branno está sendo notavelmente generosa!

– Sim – respondeu Trevize, não tentando esconder um tom irônico –, ela é uma mulher de uma notável filantropia oculta, mas ela não me contou sobre o que tudo isto vem a ser.

– Você não está informado de minha pesquisa, então?

– Lamento, mas não estou.

– Não precisa se desculpar. Está perfeitamente bem. Não tenho sido exatamente um sucesso estrondoso. Então, deixe-me contar. Você e eu vamos procurar, e encontrar, pois tenho uma excelente possibilidade em mente: a Terra.

10.

Trevize não dormiu bem naquela noite. Repetidamente, ele percorria a cadeia que aquela velha construíra em torno dele. E de modo algum podia encontrar uma saída.

Estava sendo levado ao exílio, e nada podia fazer. Ela fora calmamente inexorável, e nem se deu ao trabalho de mascarar a inconstitucionalidade de tudo aquilo. Ele confiara em seus direitos de Conselheiro, e de cidadão da Federação, e ela nem mesmo formalmente os respeitara.

E agora esse Pelorat, esse estranho acadêmico que parecia se encontrar no mundo, sem fazer parte dele, disse-lhe que a temível megera estivera fazendo arranjos para isto havia semanas.

Ele sentiu-se como o “menino” como ela o chamara.

Devia ser exilado junto com um historiador que ficava sempre chamando-o de “caro rapaz”, e que parecia estar sob um silencioso ataque de alegria por começar uma busca por toda a Galáxia pela... Terra?

E o que, em nome da avó do Mula, era a “Terra”?

Ele perguntara, mas é claro! E no momento mesmo em que foi mencionada.

– Desculpe, professor, sou um ignorante na sua especialidade, e confio que o senhor não se irritará se eu pedir uma explicação em termos simples: o que é a “Terra”?

Pelorat observou-o gravemente, enquanto vinte segundos lenta- mente se passavam. – É um planeta; o planeta original. Aquele onde os seres humanos primeiro apareceram, meu caro rapaz.

Trevize olhou, com cara de bobo: – Primeiro apareceram? Vindos de onde?

– De lugar algum. É o planeta onde a humanidade se desenvolveu por um processo evolucionário, a partir de animais inferiores.

Trevize ficou pensando, então abanou a cabeça: – Não sei do que o senhor está falando.

Uma expressão de enfado cruzou brevemente o rosto de Pelorat. Limpou a garganta e disse: – Houve um tempo em que Terminus não tinha seres humanos em sua superfície. Foi povoado por humanos a partir de outros mundos. Você sabe disso, eu suponho?

– Sim, é claro – retrucou Trevize, impaciente. Estava irritado com o súbito tom professoral do outro.

– Muito bem, e isso é válido para todos os outros mundos: Anacreon; Santanni; Kalgan... todos eles. Todos eles, em algum momento do passado, foram descobertos. As pessoas chegavam neles, vindas de outros mundos. Isso é válido mesmo para Trantor. Pode ter sido uma vasta metrópole por vinte mil anos, mas antes, não era nada.

– Ora,e o que foi, antes?

– Um deserto! Pelo menos, de humanos.

– É difícil de acreditar.

– É verdade; os antigos registros mostram isso.

- E de onde vieram as pessoas que primeiro povoaram Trantor?

– Ninguém tem certeza. Há centenas de planetas que alegam ter sido populados nas nuvens difusas da antiguidade, e cujo povo apresenta lendas intrincadas sobre a natureza da primeira chegada da humanidade. Os historiadores tendem a descartar essas coisas, e discutir em torno da “Questão das Origens”.

– E o que é isso? Nunca ouvi falar.

– O que não me surpreende. Não é um problema histórico popular, agora, admito, mas houve um tempo, durante a decadência do Império, quando levantou uma certa celeuma entre os intelectuais. Salvor Hardin o menciona brevemente, em suas memórias. É a questão da identidade e localização daquele planeta onde tudo começou. Se olharmos para trás, no tempo, a humanidade vai refluindo para dentro, dos mundos mais recentemente povoados, para os mais antigos, e para outros ainda mais antigos, até que tudo se concentra num só – o original.

Trevize pensou logo na falha óbvia do argumento: –Não poderia haver um grande número de planetas originais?

– Claro que não. Todos os seres humanos, por toda a Galáxia, são de uma só espécie. Uma só espécie *não pode* se originar em mais de um planeta. Totalmente impossível.

– Como sabe?

– Em primeiro lugar... – Pelorat indicou o primeiro dedo de sua mão esquerda com o primeiro dedo da direita, e então pensou melhor no que seria sem dúvida uma longa e intrincada exposição: – Meu caro rapaz, dou-lhe minha

palavra de honra – foi o que disse, colocando as mãos na cintura, e falando com grande seriedade.

Trevize assentiu formalmente e disse: – Eu nem sonharia em duvidar, professor Pelorat. Digamos, então, que haja um planeta de origem, mas não poderia haver centenas a reclamar essa honra para si?

– Não só poderia, mas há. Mas todas as alegações são desprovidas de mérito. Nenhum dessas centenas que aspiram ao crédito da prioridade mostra qualquer traço de uma sociedade pré-hiperespacial, quanto mais qualquer traço de evolução humana a partir de organismos pré-humanos.

– Então o senhor está dizendo que há um planeta original, mas que, por alguma razão, não reclama o título para si?

– Acertou precisamente a questão.

– E o senhor vai procurá-lo?

– Nós vamos. E essa é nossa missão. A Prefeita Branno já arranjou tudo. Você vai pilotar nossa nave até Trantor.

– Para Trantor? Não é o planeta da origem! O senhor o disse agora há pouco.

– Claro que não é Trantor; é a Terra.

– Então por que não me diz para pilotar a espaçonave até a Terra?

– Creio que não estou me fazendo muito claro. “Terra” é um nome lendário. Está encerrado em mitos antigos. Não tem significado do qual possamos estar certos, mas é conveniente usar a palavra, como um sinônimo de duas silabas para: “o planeta de origem da espécie humana”. Exatamente que planeta no espaço real estamos definindo como “Terra”, isso não é conhecido.

– E é conhecido em Trantor?

– Espero encontrar informação lá, certamente. Trantor possui a Biblioteca Galáctica, a maior do sistema.

– Certamente essa biblioteca foi pesquisada pelas pessoas que o senhor disse estarem interessadas na “Questão das Origens”, no tempo do Primeiro Império.

Pelorat assentiu, pensativo: – Sim, mas talvez não o suficiente. Aprendi muito sobre a “Questão das Origens”, que talvez os imperiais de há cinco séculos não sabiam. Poderia pesquisar os antigos registros com uma maior compreensão, percebe? Tenho pensado nisso por muito tempo, e tenho uma

excelente possibilidade em mente.

– O senhor contou tudo isto à Prefeita Branno, eu imagino, e ela aprovou?

– Aprovou? Meu caro rapaz, ela ficou extasiada. Disse-me que Trantor era exatamente o lugar onde encontrar tudo o que eu precisaria saber.

– Sem dúvida – resmungou Trevize.

E isso era parte do que o ocupava naquela noite. A Prefeita Branno o estava mandando descobrir o que podia sobre a Segunda Fundação. Estava enviando-o com Pelorat, de modo que ele poderia mascarar o seu real objetivo com a pretensa busca da Terra, uma busca que poderia carregá-lo para qualquer ponto da Galáxia. Era um disfarce perfeito, de fato, e ele admirou o engenho da Prefeita.

Mas, Trantor? Qual o sentido disso? Uma vez em Trantor, Pelorat se embarafustaria pela Biblioteca Galáctica e nunca emergiria de lá. Com pilhas infinitas de livros, filmes e gravações, com inumeráveis computerizações e representações simbólicas, ele certamente não quereria sair nunca mais.

Além do que...

Ebling Mis fora uma vez a Trantor, no tempo do Mula. A história dizia que ele descobrira a localização da Segunda Fundação ali, onde morreu antes de poder revelá-la. Mas, então veio Arcádia Darell, e ela também conseguiu localizar a Segunda Fundação. Mas o local que ela encontrou foi o próprio Terminus, e ali o ninho da Segunda Fundação foi varrido. Onde quer que a Segunda Fundação estivesse agora seria em qualquer outro lugar; então, o que mais Trantor teria para revelar? Se ele estava procurando pela Segunda Fundação, era melhor ir a qualquer lugar que não Trantor.

Além do que...

Que outros planos Branno teria, ele não sabia, mas não podia especular junto a ela. Branno então ficara extasiada sobre uma viagem a Trantor, hein? Se Branno queria Trantor, eles não iriam justamente é para Trantor! Qualquer lugar, mas não Trantor!

E, exausto, com a noite se aproximando do alvorecer, Trevize caiu num sono irregular.

11.

A Prefeita Branno tivera um bom dia, naquele que se seguiu à prisão de Trevize. Ela ficara em posição privilegiada, e o incidente nunca mais foi mencionado.

Não obstante, ela sabia que o Conselho logo emergiria de sua paralisia, e objeções seriam levantadas. Ela teria de agir rapidamente. Assim, colocando muitos assuntos de lado, continuava a tratar do caso de Trevize.

No momento em que Trevize e Pelorat estavam discutindo acerca da Terra, Branno defrontava-se com o Conselheiro Munn Li Compor, no escritório da prefeitura. Enquanto ele se sentava à frente de sua escrivaninha, ela o avaliava de novo.

Ele era mais baixo e mais magro que Trevize, e só dois anos mais velho. Ambos eram Conselheiros novatos, jovens e irrequietos, e isso devia ser só o que tinham em comum, pois eram diferentes sob todos os outros aspectos.

Onde Trevize parecia irradiar uma brilhante intensidade, Compor emitia uma quase serena auto-confiança. Talvez fosse seu cabelo loiro e olhos azuis, não muito comuns entre fundacionistas. Emprestavam-lhe uma delicadeza quase feminina que (julgava Branno) o tornava menos atraente às mulheres do que Trevize. Ele claramente era vaidoso quanto ao seu aspecto, porém, e extraia o máximo dele, ostentando o cabelo um tanto longo e certificando-se de que estava cuidadosamente ondulado. Usava uma leve sombra azul nas pálpebras abaixo das sobrancelhas, para acentuar a cor de seus olhos. (Sombras de vários tons tomaram-se comuns entre os homens, nestes últimos dez anos.)

Ele não era mulherengo. Vivia pacatamente com sua esposa, mas ainda não registrara intenção parental, e não se sabia ter uma segunda companheira clandestina. Nisso também era diferente de Trevize, que mudava de companheira tão freqüentemente quanto mudava os cintos de cores berrantes, pelos quais era notório.

Havia pouco sobre ambos os conselheiros que o departamento de Kodell não tivesse descoberto, e o próprio Kodell sentava-se quietamente num canto da sala, exalando um confortável bom humor, como sempre.

Branno disse: – Conselheiro Compor, o senhor prestou à Fundação um bom serviço, mas desgraçadamente para o senhor, não é da espécie que pode ser louvada em público ou paga de qualquer maneira ordinária.

Compor sorriu. Ele tinha dentes brancos e regulares, e Branno ociosamente imaginou, por um instante somente, se todos os habitantes do setor de Sirius tinham aquela aparência. A história de Compor, sobre descender

daquela região em especial, um tanto periférica, remontava à sua avó materna, que também tinha cabelos louros e olhos azuis e que afirmava que a mãe dela é que vinha do setor de Sirius. De acordo com Kodell, porém, não havia nenhuma forte evidência em favor disso.

As mulheres sendo o que são, Kodell dissera, ela poderia ter alegado uma descendência distante e exótica para acrescer a seu “glamour” e seu encanto, já formidáveis.

– E é assim que são as mulheres? – Branno perguntara secamente, e Kodell sorrira e murmurara que estava se referindo às mulheres comuns, é claro.

Compor retrucou: – Não é necessário que o povo da Fundação saiba de meu serviço: apenas a senhora.

– Eu sei, e não o esquecerei. O que também não farei é deixá-lo presumir que suas obrigações agora estão encerradas. Você embarcou numa corrida complicada, e deve continuar. Queremos mais a respeito de Trevize.

– Já lhe disse tudo concernente a ele.

– Isso pode ser o que você queria que eu aceitasse. Isso pode mesmo ser o que você sinceramente acredita. No entanto, responda às minhas perguntas: conhece um cavalheiro chamado Janov Pelorat?

Apenas por um instante, a testa de Compor enrugou-se. Disse cuidadosamente: – Talvez o reconhecesse, se o visse, mas o nome não parece causar nenhuma associação, para mim.

– Ele é um erudito.

A boca de Compor arredondou-se num “Oh?” quase de desprezo, mas não pronunciado, como se se surpreendesse que a Prefeita esperasse que ele soubesse a respeito de eruditos.

– Pelorat é uma pessoa interessante que, por razões particulares, tem a ambição de visitar Trantor. O conselheiro Trevize o acompanhará. Agora, como você tem sido um bom amigo de Trevize, e talvez conheça o seu modo de pensar, diga-me: acha que Trevize consentirá em ir para Trantor?

Ao que respondeu Compor: – Se a senhora providenciar que Trevize entre na nave, e se a nave for pilotada para Trantor, o que ele pode fazer senão ir para lá? Certamente, a senhora não está sugerindo que ele se amotine e tome a nave.

– Você não entendeu. Ele e Pelorat estarão sós na nave e Trevize no comando.

– Está me perguntando se ele iria voluntariamente para Trantor?

– Sim, é isso o que estou perguntando.

– Senhora Prefeita, como poderia eu saber o que ele faria?

– Conselheiro Compor, o senhor esteve muito perto de Trevize. O senhor sabe da crença dele na existência de uma Segunda Fundação. Ele nunca lhe falou de suas teorias sobre onde ela poderia existir, e onde poderia ser encontrada?

– Nunca, Senhora Prefeita.

– Acha que ele a encontrará?

Compor riu: – Creio que a Segunda Fundação, o que quer que tenha sido e por mais importante que possa ter sido, foi varrida no tempo de Arcádia Darell. Acredito na História dela.

– De fato? Neste caso, por que traiu seu amigo? Se ele estivesse procurando por algo que não existisse, que mal poderia ter feito, propondo suas infundadas teorias?

– Não é só a verdade que pode prejudicar. Suas teorias poderiam ser frágeis, mas poderiam ter sucesso em abalar o povo de Terminus, e ao introduzir dúvidas e temores quanto ao papel da Fundação no grande drama da história galáctica,enfraqueceria seu controle da Federação e seus sonhos de um Segundo Império Galáctico. Claramente, a senhora mesma pensou nisso, ou não teria mandado prendê-lo na própria sala do Conselho, e não o estaria forçando ao exílio sem julgamento. Por que o fez, aliás, se posso perguntar, Prefeita?

– Vamos dizer que fui cuidadosa o suficiente para imaginar se havia uma pequeníssima chance de que ele poderia estar certo, e que a expressão de suas opiniões poderia ser ativa e diretamente perigosa.

Compor nada disse.

– Concordo com o senhor, mas sou forçada, pelas responsabilidades de minha posição, a considerar a possibilidade. Deixe-me perguntar-lhe de novo se o senhor teria qualquer indicação quanto a se ele poderia pensar que a Segunda Fundação existe, e para onde ele poderia ir.

– Não tenho nenhuma.

– Ele nunca lhe deu nenhuma pista nesse sentido?

– Não, claro que não.

– Nunca? Não dispense a idéia facilmente. Pense! Nunca mesmo?

– Nunca – confirmou Compor, peremptório.

– Nenhuma pista? Nenhuma observação jocosa? Nenhum cismar abstrato, em momentos que poderiam assumir significado, agora ao rememorar-se?

– Nenhum, assevero-lhe, Senhora Prefeita, seus sonhos de uma Segunda Fundação são feitos do mais nebuloso luzir das estrelas. A senhora bem o sabe, e desperdiça o seu tempo e os seus nervos com sua preocupação a respeito.

– Por acaso o senhor não estaria virando a bandeira de novo, protegendo o amigo que entregou em minhas mãos?

– Não, entreguei-o pelo que me pareceram boas e patrióticas razões. Não tenho motivo para lamentar tal ação, ou mudar minha atitude.

– Então o senhor não pode me dar nenhuma pista sobre para onde ele poderá ir, uma vez a nave esteja à sua disposição?

– Como já disse, eu...

– E no entanto, Conselheiro – e aqui as rugas do rosto da Prefeita dobraram-se, evidenciando a sua astúcia –, eu gostaria de saber para onde ele vai.

– Nesse caso, creio que a senhora deveria colocar um hiper-relê na nave dele.

– Pensei nisso, Conselheiro. Ele é, porém, um homem desconfiado, e suspeito que o descobriria, por mais engenhosamente que fosse ocultado. Claro, poderia ser colocado de maneira que ele não pudesse removê-lo sem danificar a nave, e assim poderia ser forçado a deixá-lo no lugar.

– Uma excelente idéia.

– Exceto que, então, ele ficaria inibido. Poderia não ir para onde pensou, se sentisse livre e sem peias. O conhecimento que eu ganharia ser-me-ia inútil.

– Nesse caso, parece que a senhora não pode ficar sabendo para onde ele vai.

– Eu poderia, pois pretendo ser muito primitiva. Uma pessoa que espera o completamente sofisticado e fica em guarda contra ele, pode muito bem nunca pensar no completamente primitivo. Estou pensando em mandar seguir Trevize.

– Seguir?

– Exatamente. Por um outro piloto, numa outra espaçonave. Está vendo como ficou abismado com a idéia? Ele também ficaria igualmente abismado. Poderia não pensar em sondar o espaço e investigar uma massa que o

acompanhasse e, em qualquer caso, providenciaremos que sua nave não esteja equipada com os últimos detectores de massa.

– Senhora Prefeita, falando com todo o respeito possível, devo apontar sua falta de experiência com o vôo espacial. Uma nave seguir outra, é algo que nunca é feito, porque não adianta. Trevize escapará no primeiro Salto hiperespacial. Mesmo que não saiba estar sendo seguido, aquele primeiro Salto será seu caminho para a liberdade. Se ele não tiver um hiper-relê a bordo de sua nave, não poderá ser detectado.

– Admito minha falta de experiência. Diversamente de você e Trevize, não tive treinamento naval. No entanto, meus assessores me dizem – e eles têm tal treinamento – que, se uma nave for observada imediatamente antes de um Salto, sua orientação, velocidade e aceleração possibilitam avaliar qual seria o Salto – de uma maneira geral. Dado um bom computador e um excelente senso de julgamento, um piloto que o seguisse poderia duplicar o Salto de perto o suficiente para retomar a pista no outro extremo – especialmente se quem segue tiver um bom detector de massa.

– Isso poderia acontecer uma vez – disse Compor, energicamente –, mesmo duas vezes, se o piloto tiver muita sorte, mas é tudo. Não se pode confiar em tais coisas.

– Talvez possamos... Conselheiro Compor, o senhor participou de hiper-corridas, em sua juventude. Como vê, sei muito a seu respeito, O senhor é um excelente piloto, e fez coisas admiráveis quando se tratou de seguir um competidor por um Salto.

Os olhos de Compor se arregalaram. Ele quase se torceu em sua poltrona. – Eu estava no colégio, então; agora, sou mais velho.

– Não *tão* mais velho. Não completou trinta e cinco. Conseqüentemente, você vai seguir Trevize, Conselheiro. Onde ele for, você o seguirá, e fará um relatório para mim. Vai partir assim que Trevize se for, o que será em umas poucas horas. Se recusar a tarefa, Conselheiro, será aprisionado por traição. Se levar a nave que vamos lhe entregar, e não conseguir segui-los, não precisa se preocupar em voltar. Será destruído no espaço, se tentar voltar.

Compor levantou-se bruscamente: – Tenho uma vida para viver. Tenho trabalho a fazer. Tenho uma esposa. Não posso deixar tudo!

– Pois vai ter que deixar. Os de nós que escolhem servir à Fundação devem estar preparados a qualquer momento para servi-la de maneira prolongada e desconfortável, se for necessário.

– Minha esposa deve ir comigo, é claro.

– Você me toma por uma idiota? Ela fica aqui, é claro.

– Como refém?

– Se gostar da palavra. Prefiro dizer que você vai rumo ao perigo, e meu bondoso coração quer que ela fique onde não correrá perigo algum. Não há espaço para discussão. Você está tão preso quanto Trevize, e estou certa de que você entenderá que devo agir depressa, antes que a euforia que envolve Terminus se desgaste. Receio que minha estrela logo estará descendo.

12.

– A senhora não facilitou nada para ele, Senhora Prefeita – disse Kodell.

A Prefeita respondeu, bufando: – E por que deveria? Ele traiu um amigo.

– O que nos foi muito útil.

– Sim, foi o que resultou. Sua próxima traição, porém, talvez não seja útil.

– E por que deveria haver outra?

– Ora, vamos, Liono – disse Branno, impaciente –, não brinque comigo. Qualquer um que apresente tal duplicidade fica para sempre suspeito de repetir-se.

– Ele pode fazer as pazes com Trevize. Juntos, eles podem...

– Você não acredita nisso. Com toda sua insensatez e ingenuidade Trevize vai direto para seu objetivo. Ele não entende a traição e nunca, sob nenhuma circunstância, vai chegar a um acordo com Compor uma segunda vez.

– Desculpe, Prefeita, mas deixe certificar-me se sigo seu pensamento. Até que ponto *a senhora* pode confiar em Compor? Como sabe que ele seguirá Trevize e informará honestamente? Conta com o medo dele pelo bem-estar de sua esposa, como coerção? Seu desejo de voltar para ela?

– Ambos são fatores, mas não confio inteiramente nisso. Na nave de Compor haverá um hiper-relê. Trevize suspeitaria de algo assim e procuraria por um. Entretanto Compor, sendo o espião, eu presumo, não suspeitará estar sendo espionado, e não procurará um. É claro, se o fizer, e se descobrir, então deveremos depender da atração de sua esposa.

Kodell riu-se: – E pensar que uma vez lhe dei lições. E o propósito dessa

perseguição?

– Uma camada dupla de proteção. Se Trevize for apanhado, pode ser que Compor aja de acordo com o que esperamos e nos dê informações de que Trevize não seria capaz.

– Mais uma pergunta. E se, por algum acaso, Trevize encontrar a Segunda Fundação, e soubermos através dele, ou de Compor, ou se acumularmos razões para suspeitar de sua existência – a despeito das mortes de ambos?

– Estou esperando que a Segunda Fundação de fato exista, Liono. Em qualquer caso, o Plano de Seldon não vai nos ajudar por muito mais tempo. O grande Hari Seldon o idealizou nos dias de agonia do Império, quando o avanço tecnológico estava virtualmente parado. Seldon também era um produto de seus dias, e por mais brilhante que essa ciência semi-mítica da psico-história tenha sido, não poderia erguer-se muito além de suas raízes. Certamente não preveria um avanço tecnológico rápido. E é o que a Fundação tem conseguido, especialmente neste último século. Temos detectores de massa de um tipo que nem se poderia sonhar antes, computadores que respondem ao pensamento, e acima de tudo, o escudo mental. A Segunda Fundação não pode nos controlar por muito mais tempo, mesmo que o possam agora. Desejo, nos anos finais de meu mandato, iniciar Terminus num novo caminho.

– E se, de fato, não existir Segunda Fundação?

– Então começaremos um novo caminho imediatamente.

13.

O sono perturbado que finalmente tomara Trevize não durou muito. Um toque em seu ombro foi repetido uma segunda vez.

Trevize acordou, estremunhado, e totalmente incapaz de entender por que deveria estar numa cama estranha. – O quê? Quê?...

Pelorat disse-lhe, à guisa de desculpa: – Lamento, Conselheiro Trevize. O senhor é meu hóspede, e devo-lhe o descanso, mas a Prefeita está aqui. – Ele estava de pé, ao lado da cama, de pijama de flanela, e tremendo um pouco. Os sentidos de Trevize pularam para um despertar desconfiado, e então lembrou-se.

A Prefeita estava na sala de Pelorat, parecendo tão impecável quanto sempre. Kodell estava com ela, cofiando levemente seu bigode branco.

Trevize ajustou seu cinto e imaginou se e quando os dois – Branno e Kodell – ficavam separados.

Trevize disse, galhofeiro: – O Conselho já se recuperou? Seus membros estariam preocupados pela ausência de um deles?

Ao que respondeu a Prefeita: – Há sinais de vida, sim, mas não o suficiente para lhe causar nenhum bem. Não há questão quanto a que eu ainda tenha poder suficiente para forçá-lo a partir. Será levado ao Espaçoporto de Ultimato...

– Não o Espaçoporto de Terminus, Senhora Prefeita? Devo ser privado de uma despedida adequada dos milhares que choram?

– Vejo que já recuperou sua tendência para tolices adolescentes, Conselheiro, o que muito me agrada. Detém o que de outro modo poderia ser o elevar-se de um pequeno traço de consciência moral. No Espaçoporto de Ultimato, você e o professor Pelorat partirão em silêncio.

– E nunca voltaremos?

– E talvez nunca retomem. É claro – e aqui, ela sorriu por um instante –, se você descobrir algo de tamanha importância e utilidade que mesmo eu fique contente de tê-lo de volta com a informação, você voltará. Poderá até mesmo ser tratado com honras.

Trevize assentiu, descuidadamente: – Isso até pode acontecer.

– Quase qualquer coisa pode acontecer. Em todo caso, você estará confortável. Ser-lhe-á destinado um cruzador de bolso recém- construído, o Far Star, segundo o nome do cruzador de Hober Mallow. Uma só pessoa pode pilotá-lo, se bem que pode transportar até três pessoas com um conforto razoável.

Trevize foi sacudido de sua disposição cuidadosamente ostentada, de ironia bem-humorada: – Totalmente armado?

– Desarmado, mas totalmente equipado quanto ao resto. Onde quer que vão, serão cidadãos da Fundação, e sempre haverá um cônsul a quem recorrer, de modo que não precisarão de armas. Poderão levantar fundos segundo suas necessidades. Não ilimitadamente, devo acrescentar.

– A senhora é generosa.

– Bem o sei, Conselheiro. Mas, compreenda-me. O senhor está ajudando o professor Pelorat a achar a Terra. O que quer que o senhor pense estar procurando, estará procurando pela Terra. Todos os que encontrarem deverão pensar o mesmo. E lembre-se sempre que o Far Star não está armado.

– Estou procurando pela Terra – disse Trevize. – Entendi perfeitamente.

– Então pode partir agora.

– Perdão, mas certamente há mais em tudo isso do que já discutimos. Já pilotei naves antes, mas não tenho experiência com um cruzador de bolso do último tipo. E se eu não conseguir pilotá-lo?

– Pelo que sei, o Faz Star é totalmente computerizado. E, antes de me perguntar, você não precisa saber manejar o computador de uma nave de último tipo. Ele mesmo lhe dirá qualquer coisa que precise saber. Está precisando de algo em especial?

Trevize olhou para si mesmo, lamentando: – Uma muda de roupas.

– Vai encontrá-la a bordo. Inclusive essas fitas que você usa, ou cintos, ou seja lá como se chamem. O professor também terá tudo o que precisar. Tudo o que é razoável já está a bordo, muito embora devo apressar-me a dizer que isto não inclui companhia feminina.

– Isso é mau – disse Trevize. – Seria agradável, mas afinal, não tenho nenhuma candidata no momento. Ainda assim, presumo que a Galáxia seja populosa, e uma vez longe daqui, posso fazer como me agradar.

– Em relação a companheiras? Sirva-se!

Ela levantou-se, pesadamente: – Não vou levá-lo ao espaçoporto, mas há quem o faça por mim, e não faça nenhum esforço para qualquer coisa que não lhe seja pedida. Acredito que poderão matá-lo, se fizer um esforço para escapar. O fato de que eu não estarei com eles removerá qualquer inibição.

E Trevize disse: – Não farei nenhum esforço não autorizado, Senhora Prefeita, mas uma coisa...

– Sim?

Trevize procurou depressa em sua mente, e finalmente disse, com um sorriso que ele esperava muito que não parecesse forçado: – Pode chegar o tempo, Senhora Prefeita, que a senhora vai me pedir um favor. E então farei como achar melhor, mas me lembrarei destes dois últimos dias.

A Prefeita Branno suspirou: – Poupe-me o melodrama. Se vier esse dia, ele virá, mas por hora não estou pedindo nada.

4. ESPAÇO

14.

A nave parecia ainda mais impressionante do que Trevize – com suas memórias dos tempos em que a nova classe de cruzador fora brilhantemente propagandeada – esperara.

Não era o tamanho que impressionava – pois era até pequena. Fora projetada para manobrabilidade e velocidade, para motores totalmente gravíticos e, acima de tudo, computerização avançada. Não precisava de tamanho – o tamanho faria fracassar o seu propósito.

Era um aparelho de um só tripulante que podia substituir com vantagem as naves mais velhas, que requeriam uma tripulação de uma dúzia ou mais. Com uma segunda, ou mesmo uma terceira pessoa para fazer turnos ao comando, tal nave poderia combater uma frota muito maior de naves de fora da Fundação. Ademais, podia ultrapassar e escapar de qualquer outra nave então existente.

Havia uma elegância em torno dela – nenhum linha desperdiçada, nenhuma curva supérflua dentro ou fora. Cada metro cúbico era utilizado ao máximo, de modo a deixar uma aura paradoxal de espaço interior. Nada que a prefeita pudesse ter dito sobre a importância de sua missão poderia ter impressionado Trevize mais que a nave com a qual pedira que fosse executada.

Branno de Bronze, pensou ressentido, o tinha manobrado para uma missão perigosa do maior significado. Ele poderia não ter aceito com tanta determinação se ela não arranjasse as coisas de modo que ele quisesse mostrar a ela o que ele podia fazer.

Quanto a Pelorat, estava transportado de maravilha: – Você acredita – disse ele, pousando um dedo delicadamente no casco, antes de subir a bordo – que eu nunca estive perto de uma nave espacial?

– É claro que acredito, se o senhor assim o diz, professor, mas como conseguiu?

– Mal saberia dizer, para ser honesto com você, meu caro rap... quero dizer, Trevize. Presumo ter estado demasiado preocupado com a minha pesquisa. Quando se tem em casa um excelente computador, capaz de atingir outros

computadores em qualquer ponto da Galáxia, mal é preciso fazer algum movimento, você sabe. De certo modo, eu esperava que espaçonaves fossem maiores que isto.

– Este é um modelo pequeno, mas mesmo assim, é maior por dentro que qualquer outra nave de mesmo porte.

– Como pode ser? Você está fazendo pouco de minha ignorância.

– Não, não; estou falando sério. Esta é uma das primeiras naves totalmente gravitizadas.

– E o que isso significa? Mas por favor, não explique se for preciso se estender pela física. Aceitarei sua palavra, como você aceitou a minha ontem, quanto à unicidade da espécie humana e o mundo único de origem.

– Vamos tentar, professor Pelorat. Por todos os milhares de anos de vôo espacial, tivemos motores químicos, iônicos e hiperatômicos, e todas estas coisas foram volumosas. A antiga Frota Imperial tinha naves de quinhentos metros de comprimento sem mais espaço habitável dentro dela do que o de um pequeno apartamento. Afortunadamente, a Fundação se especializou em miniaturização por todos os seus séculos de existência. Faz uso da antigravidade e o dispositivo que a possibilita virtualmente não toma nenhum espaço, e de fato, está incorporado ao casco. Se não fosse por isso, ainda precisaríamos do motor hiperatômico.

Um guarda da Segurança aproximou-se: – Precisam embarcar, cavalheiros!

O céu estava ficando claro, se bem que o nascer do sol ainda estava a uma hora de distância.

Trevize olhou em volta: – Minha bagagem já foi carregada?

– Sim, Conselheiro, o senhor encontrará a nave totalmente equipada.

– Com roupas, eu suponho, que não sejam do meu tamanho ou ao meu gosto.

O guarda sorriu, súbita e quase infantilmente: – Pelo contrário, a Prefeita nos fez trabalhar extra nestas últimas trinta ou quarenta horas, e arranjamos de tudo o que lhe agrada, bem satisfatoriamente. Sem limites quanto aos custos. Escute só – e olhou em volta, como que para certificar-se de que ninguém observava esta repentina confraternização – vocês dois são sortudos. Melhor nave do mundo: totalmente equipada, exceto as armas. Estão nadando na sopa e no mel.

– Sopa estragada, possivelmente – disse Trevize. – Bem, professor, está pronto?

– Com isto, estou – e ergueu uma chapinha quadrada de uns vinte centímetros de lado, numa caixa de plástico prateado. Trevize subitamente tomou consciência de que o professor a estivera segurando desde que saíram de casa, passando-a de um mão para a outra, e nunca deixando-a de lado, mesmo quando pararam para um rápido desjejum.

– E o que é isso, professor?

- Minha biblioteca. Indexada por assunto e origem, e consegui colocar tudo em uma só folha. Se você acha que essa nave é uma maravilha, imagine esta folha. Uma biblioteca inteira! Tudo o que reuni! Maravilhoso! Maravilhoso!

– Bem – disse Trevize –, realmente é sopa e mel!

15.

Trevize maravilhou-se com o interior da nave. A utilização do espaço era engenhosa. Havia uma despensa, com suprimento de comida, roupas, filmes e jogos. Havia um ginásio, uma sala de estar, e dois quartos de dormir praticamente iguais.

– Este – disse Trevize – deve ser o seu, professor. Pelo menos, tem uma leitora FX.

– Ótimo – disse Pelorat, satisfeito. – Que burro eu fui em evitar viagens espaciais. Poderia viver aqui, meu caro Trevize, na mais total satisfação.

– Mais espaçoso do que eu esperava – comentou Trevize, alegre.

– E os motores, estão de fato no casco, como disse?

– Os dispositivos de controle estão, de qualquer modo. Não precisamos armazenar combustível ou usá-lo localizadamente. Estamos recorrendo à energia fundamental do universo, de modo que o combustível e os motores estão todos ... lá fora – e fez um gesto vago.

– Bem, agora que penso no assunto... E se algo sair errado?

Trevize deu de ombros: - Fui treinado em navegação espacial, mas não destas naves. Se algo sair errado com a gravítica, receio não poder fazer nada a respeito.

– Mas você sabe operar esta nave, pilotá-la?

– Eu mesmo estou pensando nisso...

– Você supõe que seja uma nave automática? Talvez sejamos apenas passageiros? Poderíamos apenas ter de sentar e esperar.

– Eles têm dessas coisas no caso de naves de ligação entre planetas e estações espaciais, dentro de um sistema estelar, mas nunca ouvi falar em viagem hiperespacial automatizada. Pelo menos, não até agora... não até agora.

Olhou em volta de novo, e apareceu um fio de apreensão nele. Aquela bruxa velha da Prefeita, será que podia manobrar tanto à frente dele? Será que a Fundação também tinha o vôo interestelar automático, depositando-o em Trantor bem contra a vontade dele, sem que ele nada pudesse falar, como se fosse mais uma peça do mobiliário a bordo da nave?

Respondeu com uma animação que não sentia: – Professor, sente-se. A Prefeita disse que esta nave era completamente computerizada. Se seu quarto tem uma leitora FX, o meu deve ter um terminal de computador. Fique à vontade, e deixe-me olhar as coisas por mim mesmo, por algum tempo.

Pelorat imediatamente pareceu ansioso: – Trevize, meu caro amigo, você não vai sair da nave, vai?

– Não é meu plano, absolutamente, professor. E se eu tentasse, pode contar que eu seria detido. Não é intenção da Prefeita deixar- me sair. Tudo o que eu estou planejando fazer é aprender o que faz o Far Star funcionar. – E, sorrindo: – Não vou desertá-lo, professor.

Ele estava ainda sorrindo, enquanto entrava no que achava ser o seu próprio quarto, mas seu rosto ficou sério ao fechar a porta suavemente atrás de si. Por certo, deve haver algum meio de se comunicar com um planeta nas vizinhanças da nave. Era impossível imaginar uma nave deliberadamente isolada de suas vizinhanças, e, quem sabe, num recesso da parede, poderia haver um Ligador. Poderia usá-lo para chamar o escritório da Prefeita para perguntar sobre os controles.

Cuidadosamente inspecionou as paredes, e o criado-mudo junto à cabeceira da cama, e a mobília lisa e limpa. Se nada aparecesse por ali, inspecionaria todo o resto da nave.

Estava para ir embora quando seu olho percebeu um brilho sobre a superfície lisa, castanho-claro, da escrivaninha. Um circulo de luz, com letras bem claras: INSTRUÇÕES DO COMPUTADOR.

Ahá!

No entanto, seu coração batia acelerado. Havia computadores e computadores, e havia programas que levavam um longo tempo para dominar. Trevize nunca cometera o erro de subestimar sua própria inteligência, mas, por outro lado, não era um Grão-mestre em programação. Havia aqueles com todo o jeito para saber usar um computador, e aqueles que não o tinham... e Trevize sabia muito bem em que categoria estava.

Em sua estada na Frota da Fundação, ele atingira o posto de tenente e, ocasionalmente, fora o oficial do dia, tendo assim ocasião de usar o computador da nave. Ele nunca tinha estado totalmente encarregado, porém, e nunca se esperara que soubesse qualquer coisa além das manobras de rotina que se exigia serem de conhecimento do oficial do dia.

Lembrou-se, com um sentimento humilhante, dos volumes ocupa dos pela cópia impressa de um programa detalhadamente descrito, e podia lembrar-se do comportamento do Sargento-Técnico Krasnet ao console do computador da nave. Ele o tocava como se fosse o mais complexo dos instrumentos musicais da Galáxia, e fazia tudo com um à-vontade, como se até se entediasse com a sua simplicidade – e mesmo assim, por vezes tinha necessidade de consultar os volumes, praguejando sozinho, todo embaraçado.

Hesitantemente, Trevize pousou um dedo sobre o círculo de luz, e imediatamente a luz se expandiu até cobrir todo o tampo da escrivaninha. Sobre ela, agora havia o perfil de duas mãos: direita e esquerda. Com um movimento pronto e suave, a mesa inclinou-se a quarenta e cinco graus.

Trevize tomou o assento à frente da mesa. Não eram necessárias palavras. Estava claro o que se esperava que fizesse.

Colocou as mãos sobre as silhuetas em cima da mesa, que estavam posicionadas para que ele o fizesse sem o mínimo esforço. O tampo da mesa parecia macio, quase aveludado, onde o tocou, e suas mãos se afundaram nele.

Ficou a observar suas mãos, aparvalhado, pois afinal, elas não haviam mergulhado. Estavam na superfície, seus olhos lhe diziam. Mas, para seu tato, era como se a mesa tivesse cedido, e como se algo estivesse segurando suas mãos, suave e quente.

Isso era tudo?

E agora?

Olhou à volta, e então fechou os olhos, em resposta à sua sugestão.

Nada ouvia. Não estava escutando *nada*!

Mas, dentro de seu cérebro, como se fosse um de seus próprios pensamentos vagabundos, encontrava-se a sentença: “Por favor, feche os olhos e relaxe. Vamos fazer a conexão”.

Através das mãos?

De algum modo, Trevize sempre presumiu que se alguém fosse se comunicar pelo pensamento com um computador, seria através de um capacete, com elétrodos contra os olhos e crânio.

Mas, as mãos?

E por que não as mãos? Trevize encontrou-se flutuando, afastando-se, quase cochilando, mas sem perda da acuidade mental. Por que não as mãos?

Os olhos nada mais eram que órgãos sensoriais. O cérebro nada mais era senão um quadro central de comutação, encerrado em ossos e removidos da superfície de trabalho do corpo. Eram as mãos a superfície de trabalho, as mãos é que sentiam e manipulavam o universo.

Os humanos pensam com as mãos. Eram suas mãos a resposta à curiosidade, que sentiam e apertavam e giravam e erguiam, e sopesavam. Havia animais de cérebros de tamanho respeitável, mas não tinham mãos, e isto fazia toda a diferença.

E enquanto ele e o computador estavam de mãos dadas, seus pensares confundiram-se, e não mais importava se seus olhos estivessem abertos ou fechados. Abri-los não melhorava sua visão, nem fechá-los a piorava.

De qualquer dos modos, via o quarto na mais completa clareza não só na direção em que estava olhando, mas a toda volta, e acima, e abaixo.

Via todos os aposentos da espaçonave e lá fora também. O sol estava se erguendo e seu brilho estava atenuado na neblina da manhã, mas podia olhar diretamente para ele, sem ficar ofuscado, pois o computador filtrava automaticamente as ondas de luz.

Sentiu o vento suave e sua temperatura, e os sons do mundo à sua volta. Detectava o campo magnético do planeta e as mínimas cargas elétricas nas paredes da nave.

Ficou consciente dos controles da nave, sem mesmo conhecê-los em pormenor. Sabia apenas que se quisesse erguer a nave, ou virá-la, ou acelerá-la, ou usar qualquer de suas capacidades, o processo era o mesmo análogo do corpo. Precisava apenas usar sua vontade.

Mas, sua vontade não era totalmente sem restrição. O próprio

computador podia se impor. No momento, havia uma sentença formada em sua cabeça, e ele sabia exatamente e como a nave decolaria. Não havia flexibilidade no que concernia àquilo. Mas depois, ele sabia com a mesma certeza, ele estada totalmente à vontade para decidir.

Descobriu – ao lançar para fora a rede de consciência intensificada pelo computador – que podia sentir a condição da atmosfera superior; que podia "ver" os padrões climáticos; que podia detectar as outras naves que enxameavam para cima, e as outras, que estavam se dirigindo para a descida. Tudo tinha de ser levado em conta, e o computador estava fazendo isso. Se o computador não o estivesse fazendo, Trevize percebeu, bastaria apenas desejar, e assim seria.

Pouco importavam os compêndios de programação; não havia nenhum. Trevize pensou no Sargento-Técnico Krasnet, e sorriu. Já lera muito sobre a imensa revolução que a gravítica causaria ao mundo, mas a fusão de computador e mente ainda era segredo de estado. Certamente produzida uma revolução ainda maior.

Tinha consciência da passagem do tempo. Sabia exatamente que horas eram, no tempo local de Terminus e pelo Padrão Galáctico.

Como sair dali?

E no mesmo instante em que este pensamento veio-lhe à mente, suas mãos foram liberadas e o tampo da escrivaninha voltou à posição original – e Trevize foi deixado aos seus sentidos nus.

Sentiu-se cego e inerme, como se por um momento tivesse sido carregado e protegido por uma supercriatura e agora fosse abandonado. Se não soubesse que poderia restabelecer contato a qualquer momento, seria reduzido às lágrimas.

Tal como estava, simplesmente se esforçava para se reorientar, para se ajustar às suas limitações; então levantou-se, meio tonto, e saiu da sala.

Pelorat ergueu o olhar. Tinha ajustado sua Leitora, obviamente:

– Funciona muito bem. Tem um excelente programa de pesquisa. Achou os controles, meu rapaz?

– Sim, professor, e tudo está bem.

– Nesse caso, não deveríamos fazer algo para a decolagem? Quero dizer, autoproteção? Não deveríamos nos amarrar a alguma coisa, ou algo assim? Procurei instruções por aí, mas nada encontrei, e isso me deixou nervoso. Precisei voltar à minha biblioteca. De algum modo, quando estou trabalhando...

Trevize tinha estendido as mãos para o professor, como que para barrar e cessar o dilúvio de palavras. Agora, precisava falar mais alto, para calá-lo: – Nada disso é necessário, professor. A antigravidade é equivalente de não-inércia. Não há sensação de aceleração quando a velocidade varia, pois que tudo na nave sofre a variação simultaneamente.

– Quer dizer que nem vamos saber quando estivermos fora do planeta, e já no espaço?

– Exatamente o que quero dizer, porque agora mesmo, enquanto lhe falo, decolamos. Estaremos cortando a alta atmosfera em poucos minutos, e em meia hora, estaremos no espaço sideral!

16.

Pelorat pareceu encolher-se um pouco, enquanto ficava olhando para Trevize. Sua longa face retangular ficou petrificada, e sem mostrar qualquer emoção, transparecia um grande mal-estar.

Então seus olhos viraram: à direita.... à esquerda.

Trevize lembrou-se de como se sentira em sua primeira viagem além da atmosfera.

Disse tão casualmente quanto pôde: – Janov – era a primeira vez que se dirigia ao professor familiarmente, mas neste caso, era a experiência que se dirigia à inexperiência, e era necessário parecer o mais velho dos dois –, estamos perfeitamente seguros aqui. Estamos no ventre metálico de uma nave de combate da Frota da Federação. Não estamos totalmente armados, mas não há lugar da Galáxia em que o nome da Fundação não nos proteja. Mesmo se alguma nave enlouquecesse e nos atacasse, poderíamos nos mover para fora de seu alcance em um instante. E garanto-lhe que descobri que posso manobrar a nave perfeitamente.

Pelorat disse: – É a idéia, Go... Golan, do nada.

– Ora, há exatamente o nada à volta de Terminus. Há apenas uma muito tênue camada de ar entre nós, na superfície do planeta e o nada logo acima. Tudo o que estamos fazendo é atravessar essa camada sem importância.

– Pode ser sem importância mas é o que respiramos.

– Respiramos aqui, também. O ar nesta nave é mais limpo e mais puro, e ficará assim indefinidamente, mais do que a atmosfera natural de Terminus.

– E os meteoritos?

– O que há com os meteoritos?

– A atmosfera nos protege dos meteoritos. Da radiação também, aliás.

– A humanidade tem viajado pelo espaço por vinte milênios, eu creio...

– Vinte e dois. Se formos pela cronologia Hallblockiana, isso fica bem claro, contando...

– Chega! Já ouviu falar de acidentes com meteoritos ou mortes por radiação? Quero dizer, recentemente? Quero dizer, no caso de naves da Fundação?

– De fato, não acompanhei as notícias sobre tais assuntos, mas sou um historiador, meu rapaz, e...

– Historicamente, sim, tem havido tais coisas, mas a tecnologia se aperfeiçoa. Não há um meteorito grande o bastante para nos danificar que possa se aproximar de nós antes que possamos tomar ação evasiva. Quatro meteoritos – aproximando-se simultaneamente a partir dos vértices de um tetraedro – possivelmente poderiam nos acertar, mas calcule as chances, e verá que vai morrer de velho um trilhão de trilhão de vezes antes de ter uma chance de 50 por cento de observar um fenômeno tão interessante.

– Quer dizer, se você estivesse ao computador?

– Não – respondeu Trevize, com desdém. – Se eu estivesse operando o computador, com base em meus próprios sentidos e respostas, seríamos atingidos antes de saber o que aconteceu. É o próprio computador que trabalha nisso, respondendo milhões de vezes mais depressa que você ou eu poderíamos. – Estendeu a mão, abruptamente: – Janov, venha, deixe-me mostrar-lhe o que o computador pode fazer, e deixe-me mostrar como é o espaço.

Pelorat arregalou os olhos, engasgando um pouco. Então riu-se um pouquinho: –Não tenho certeza se quero saber, Golan.

– Claro que não tem certeza, Janov, porque não sabe o que há para conhecer. Arrisque! Venha! No meu quarto!

Trevize segurou a mão do outro, quase levando, quase puxando. Disse, ao sentar-se ao computador: – Já viu a Galáxia, Janov? Já olhou para ela?

– Você quer dizer, no céu?

– Sim, claro, onde mais?

– Já vi, sim. Todos já a viram. Se se olha para cima, ela é visível.

– Já olhou para ela numa noite clara e quando os Diamantes estão abaixo do horizonte?

Os “Diamantes” são aquelas poucas estrelas luminosas e próximas o bastante para ter um brilho razoável no céu noturno de Terminus. Eram um pequeno grupo que abrangia um arco de não mais de vinte graus, e grande parte da noite ficava abaixo do horizonte. A parte este grupo, havia umas poucas estrelas isoladas, fracas, mal visíveis a olho nu. Nada mais havia que não a fraca leitosidade da Galáxia: a vista que é de esperar quando se vive num mundo como Terminus, no extremo da espiral mais externa da Galáxia.

– Suponho que sim, mas por que olhar muito? É uma cena comum.

– Claro que é comum. Por isso que ninguém a vê. Para que ficar olhando, se se pode ver a qualquer momento? Mas agora, vai vê-la realmente, e não de Terminus, onde a neblina e as nuvens estão sempre atrapalhando. Vai vê-la como se nunca a tivesse visto de Terminus, não importa como a observou, e não importa quão clara a noite. Como eu gostaria de nunca ter estado no espaço antes para, como você, poder ver a Galáxia em toda sua beleza crua pela primeira vez.

Empurrou uma cadeira na direção de Pelorat: – Sente-se aí, Janov. Poderá levar algum tempo. Ainda preciso me acostumar ao computador, mas pelo que já percebi, sei que a visão é holográfica, de modo que não precisaremos de uma tela de qualquer tipo. Faz contato direto com meu cérebro, mas creio que posso fazê-lo produzir uma imagem real que você verá, também. Quer apagar a luz, por favor? Não, mas que bobagem a minha. O computador o fará. Fique onde está.

Trevize fez contato com o computador, dando-lhe as mãos com calor e intimidade.

A luz amorteceu, e então apagou completamente, e no escuro, Pelorat agitou-se.

– Não fique nervoso, Janov. Posso ter alguma dificuldade para controlar o computador, mas começarei logo, e você terá de ser paciente comigo. Está vendo? O crescente?

Estava pendurado no escuro, à frente deles. Um pouco fraco, a imagem ondulando, de início, mas ficando mais brilhante e nítida.

A voz de Pelorat revelava admiração: – Aquilo é Terminus? Já estamos tão longe assim?

– Sim, a nave está se movendo depressa.

A nave estava descrevendo uma curva na sombra noturna de Terminus, que aparecia como um espesso crescente bem luminoso. Trevize sentiu uma urgência momentânea para enviar a nave num amplo arco, que os carregaria para o lado diurno do planeta, para mostrá-lo em toda sua beleza, mas refreou-se.

Pelorat podia achar tudo isto novidade, mas aquela beleza não era tão nova. Havia muitas fotografias, muitos mapas, muitos globos. Toda criança sabia qual era o aspecto de Terminus. Um planeta aquático – ou quase – rico em e pobre em minerais; bom em agricultura e pobre em indústria pesada, mas o melhor da Galáxia em alta tecnologia e miniaturização.

Se ele pudesse fazer o computador usar microondas e traduzi-las num modelo visível, veriam cada uma das dez mil ilhas habitadas de Terminus, juntamente com a única grande o bastante para ser considerada um continente, onde estava localizada a cidade de Terminus,

Meia-volta!

Foi apenas um pensamento, um exercício da vontade, mas a vista mudou imediatamente. O crescente iluminado moveu-se para as margens do campo visual e desapareceu. A escuridão de um espaço sem estrelas encheu seus olhos.

Pelorat pigarreou: – Gostaria que você trouxesse Terminus de volta, meu rapaz, sinto como se estivesse cego. – Havia um pouco de angústia em sua voz.

– Você não está cego; olhe!

No campo visual entrou uma película nebulosa de pálida luminescência. Expandiu-se e ficou mais brilhante, até que toda a sala parecia brilhar.

Reduzir!

Outro exercício da vontade, e a Galáxia recuou, como vista por um telescópio às avessas, cada vez mais poderoso em sua capacidade de redução. A Galáxia se contraía e tornava-se uma estrutura de luminosidade variável. Mais brilho!

Ficou mais luminosa, sem mudar de tamanho, e como o sistema estelar a que Terminus pertencia estava acima do plano galáctico, a Galáxia não era vista exatamente de lado. Era uma espiral dupla fortemente achatada, com brechas escuras do lado iluminado de Terminus. O luzir leitoso do núcleo – distante e diminuído pela distância – parecia sem importância.

Pelorat sussurrou, admirado: – Você está certo. Nunca vi nada assim, antes. Nunca pensei que havia tanto detalhe

– E como poderia? Não se pode ver a outra metade, quando a atmosfera

de Terminus está na frente. Mal se pode ver o núcleo, da superfície de Terminus.

– Que pena que estamos vendo tão de lado

– Não precisamos. O computador pode mostrar qualquer orientação, Só preciso expressar o desejo – e nem mesmo em voz alta.

Mudança de coordenadas!

Este exercício da vontade de modo algum foi um comando preciso. Mesmo assim, a imagem da Galáxia começou a sofrer uma pequena mudança, sua mente guiando o computador e fazendo o que ele queria.

Lentamente, a Galáxia estava virando, de modo a ser vista em ângulo reto com o plano galáctico. Expandiu-se como um torvelinho gigante, luminoso, com curvas de escuridão, e nós brilhantes, e um brilho central homogêneo.

Ao que perguntou Pelorat: – Como o computador pode vê-la de uma posição no espaço que deve estar a mais de cinqüenta mil parsecs deste lugar? – E acrescentou em voz baixa: – Desculpe-me perguntar, não sei nada a respeito disto.

– Sei sobre este computador tanto quanto você. Mesmo um computador simples, porém, pode ajustar as coordenadas e mostrar a Galáxia em qualquer posição, começando com o que pode captar na posição natural, isto é, como apareceria da posição local do computador no espaço. É claro, faz uso apenas da informação que pode captar, para começar, mas quando muda para uma visão ampla, mostrará borrões e falhas, naquilo que pode mostrar. Neste caso, porém...

– Sim?

– Temos uma vista excelente. Desconfio que o computador está dotado de um mapa completo da Galáxia, e portanto, pode mostrá-la de qualquer ângulo com igual facilidade.

– O que você quer dizer com “um mapa completo”?

– As coordenadas espaciais de todas as estrelas da Galáxia devem estar nos bancos de memória do computador.

– Todas as estrelas? – Pelorat parecia assombrado.

– Bem, talvez nem todos os três bilhões. Incluiria as estrelas com planetas povoados, por certo, e provavelmente todas as estrelas de classe espectral K e acima. O que significaria pelo menos setenta e cinco bilhões.

– *Todas* as estrelas dos sistemas povoados?

– Talvez não exatamente todas. Afinal, havia vinte e cinco milhões de

sistemas povoados, no tempo de Hari Seldon – o que parece bastante, mas é apenas uma estrela em cada doze mil. E depois, nos cinco séculos desde Seldon, a desagregação geral do Império não evitou que a colonização continuasse. Creio até que a encorajou. Há ainda muitos planetas habitáveis para onde se pode ir, de modo que pode haver uns trinta milhões, agora. E possível que nem todos os novos estejam nos registros da Fundação.

– Mas, e os velhos? Seguramente todos eles devem estar lá, sem exceção.

– Imagino que sim. Não posso garantir, claro, mas eu ficaria surpreso se qualquer sistema habitado há muito colonizado estivesse ausente dos registros. Deixe-me mostrar-lhe algo – se minha habilidade em controlar o computador for suficiente.

As mãos de Trevize se enrijeceram um pouco com o esforço, e pareceram afundar mais ainda no abraço do computador. Isso talvez não fosse necessário; ele poderia ter apenas pensado quieta e casualmente: Terminus!

Pois ele pensou assim e ali estava, em resposta, um coruscante diamante vermelho bem na borda do torvelinho.

– Ali está nosso sol! É a estrela em tomo da qual Terminus orbita.

– Ah – reconheceu Pelorat, com um longo e trêmulo suspiro.

Uma mancha luminosa amarela ressaltou num rico acúmulo de estrelas, perto do coração da Galáxia, bem de lado da nebulosidade central. Estava mais para o lado da Galáxia em que estava Terminus, do que para o outro lado.

– E ali – disse Trevize – está o sol de Trantor.

Outro suspiro, e então Pelorat disse. – Está certo? Sempre falam de Trantor como localizado no centro da Galáxia.

– E está, de certa forma. Está tão perto do centro quanto um planeta possa estar e ainda ser habitável. Está mais perto que qualquer outro grande sistema populado. O centro real da Galáxia consiste de um buraco negro com massa de quase um milhão de estrelas, de modo que o centro é um lugar violento. Tanto quanto saibamos, não há vida no centro real, e talvez não possa haver vida nenhuma ali. Trantor é o sub-anel mais interno dos braços espirais, e, creia-me, se você pudesse ver o seu céu noturno, pensaria ser mesmo o centro da Galáxia. Está cercado por um acúmulo extremamente rico de es trelas.

– Já esteve em Trantor, Golan? – perguntou Pelorat, claramente com inveja.

– De fato, não, mas vi representações holográficas de seu céu.

Trevize ficou contemplando a Galáxia, acabrunhado. Na grande busca da Segunda Fundação, no tempo do Mula, como todos brincaram com mapas galácticos! E quantos volumes foram escritos e filmados sobre o assunto!

E tudo porque Hari Seldon dissera, no começo, que a Segunda Fundação seria estabelecida “no outro extremo da Galáxia”, chamando aquele lugar de “Star’s End”

No outro extremo da Galáxia! Mesmo enquanto Trevize pensava nisso, uma fina linha azul apareceu à vista, esticando de Terminus, através do buraco negro central da Galáxia, até o outro extremo. Trevize quase saltou. Ele não ordenara diretamente aquela linha, mas pensara nela bem claramente, e isso foi o bastante, para o computador.

Mas, é claro, a rota em linha reta ao lado oposto da Galáxia não era necessariamente uma indicação do “outro extremo” de que Seldon tinha falado. Foi Arcádia Darell (se se podia acreditar em sua autobiografia), que fizera uso da frase “um círculo não tem fim” para indicar o que todos agora aceitavam como verdade.

E embora Trevize procurasse de súbito suprimir o pensamento, o computador foi mais rápido que ele. A linha azul desapareceu e foi substituída por um círculo que nitidamente cercava a Galáxia em azul e passou pela mancha vermelho-escura do sol de Terminus.

Um circulo não tem fim, e se o circulo começou em Terminus, então se procurarmos pelo “outro lado”, meramente retornaria a Terminus, e onde a Segunda Fundação de fato fora encontrada, habitando o mesmo mundo que a Primeira.

Mas, se na realidade não tivesse sido encontrada – e se o assim chamado achado da Segunda Fundação tivesse sido uma ilusão – o que então? O que além de uma linha reta e um círculo fariam senti do nesta conexão?

E Pelorat disse: – Você está criando ilusões? Por que aquele círculo azul?

– Eu estava apenas testando os meus controles. Você gostaria de localizar a Terra?

Houve silêncio por um momento ou dois, e então Pelorat disse: – Você está brincando?

– Não; vou tentar.

Ele tentou. Nada aconteceu.

– Desculpe – disse Trevize.

– Não está aí? Não há Terra?

– Suponho que poderia não ter pensado bem minha ordem, mas isso não é provável. Acho mais é que a Terra não está listada nas entranhas do computador.

Pelorat alegou: – Pode estar listada sob outro nome -

Trevize animou-se logo: – Que outro nome, Janov?

Pelorat nada disse, e, no escuro, Trevize sorriu. Ocorreu-lhe que as coisas simplesmente poderiam estar se encaixando em seus lugares. Deixe passar, por algum tempo. Deixe amadurecer. Ele deliberadamente mudou de assunto: Imagino se podemos manipular o tempo.

– Tempo! E como podemos fazer isso?

– A Galáxia está girando. Leva quase meio bilhão de anos para Terminus se mover em tomo de toda a circunferência da Galáxia por uma vez. As estrelas mais próximas do centro completam a jornada muito mais depressa, é claro, O movimento de cada estrela, em relação ao buraco negro central, poderia ser gravado no computador e, assim, pode-se fazer o computador multiplicar cada movimento por bilhões de vezes e tomar visível o efeito rotacional. Posso tentar fazê-lo.

Assim o fez, e não pôde evitar tensionar os músculos com o esforço de vontade que estava exercendo – como se estivesse agarrando a Galáxia, e acelerando-a, torcendo-a, forçando-a a girar, contra uma terrível resistência.

A Galáxia estava se movendo. Lenta, poderosamente, estava girando na direção que deveria distender os braços espirais.

O tempo estava passando incrivelmente depressa, enquanto assistiam – um tempo falso, artificial – e ao se tomar assim, as estrelas se tomavam coisas evanescentes.

Algumas das maiores – aqui e ali – avermelhavam-se e ficavam mais brilhantes, ao se expandirem em gigantes vermelhas. E então uma estrela dos agrupamentos centrais explodiu sem ruído, num lampejo cegante que, por pequena fração de segundo, atenuou a Galáxia, e desapareceu. Então outra, num dos braços espirais, e ainda mais outra, não muito longe.

– Supernovas – disse Trevize, um tanto estremecido.

Seria possível que o computador podia prever exatamente que estrelas explodiriam e quando? Ou estava apenas usando um modelo simplificado, que servia para mostrar o futuro das estrelas em termos gerais, e não precisamente?

Pelorat disse, num sussurro apressado: – A Galáxia parece uma coisa viva, rastejando pelo espaço.

– É mesmo – concordou Trevize – mas estou ficando cansado. A menos que eu aprenda a fazer isto com menos tensão, não vou poder fazer esta brincadeira por muito tempo.

Ele afastou-se. A Galáxia retardou-se, parou, inclinou-se, até voltar à vista lateral que tinham tido no começo.

Trevize fechou seus olhos e respirou profundamente. Tinha consciência de Terminus reduzindo de tamanho atrás deles, com os últimos traços perceptíveis de atmosfera desaparecendo de vista. Também tinha consciência de todas as naves enchendo o espaço próximo ao planeta.

Não lhe ocorreu verificar se havia algo especial a respeito de qualquer uma daquelas naves. Haveria uma gravítica tal como a dele, e se guindo sua trajetória mais de perto do que a mera chance permitiria?

5. ORADOR

17.

Trantor!

Por oito mil anos, fora a capital de uma grande e poderosa entidade política que abarcava uma sempre crescente união de sistemas planetários. Por doze mil anos depois disto, foi a capital de uma entidade política que abarcava toda a Galáxia. Era o centro, o coração, a epítome do Império Galáctico.

Era impossível pensar no Império sem pensar em Trantor.

Trantor não atingiu seu ápice físico senão quando o Império estava em avançada decadência. De fato, ninguém percebia que o Império tinha perdido o impulso, sua previsão, porque Trantor rebrilhava de metal.

Seu crescimento atingira um pico, com a cidade rodeando todo o planeta. Sua população fora estabilizada (por lei) em quarenta e cinco bilhões, e a única área verde estava no Palácio Imperial e no complexo da Universidade-Biblioteca Galáctica.

A terra da superfície de Trantor estava revestida de metal. Seus desertos e áreas férteis foram igualmente engolfados, e transformados em colméias humanas, selvas administrativas, elaborações computerizadas, vastos armazéns de alimentos e peças de reposição. Suas cordilheiras foram derrubadas; seus abismos preenchidos. Os infinitos corredores da cidade, enterrados nas plataformas continentais, e os oceanos foram transformados em cisternas aquaculturais subterrâneas – a única (e insuficiente) fonte nativa de alimento e minerais.

As conexões com os Mundos Exteriores, dos quais Trantor obtinha os recursos de que necessitava, dependiam de seus milhares de espaçoportos, suas dez mil belonaves, suas dez mil espaçonaves mercantes, seu milhão de cargueiros espaciais.

Nenhuma cidade tão vasta fora reciclada tão rigorosamente. Nenhum planeta da Galáxia fez tanto uso da energia solar ou chegou a extremos tamanhos para se livrar do excesso de calor. Radiadores brilhantes se erguiam pela atmosfera rarefeita, no lado noturno, e eram retraídos na cidade de metal, no lado

diurno. Com a revolução planetária, os radiadores erguiam-se à medida que a noite progressivamente caía à volta do mundo, e desciam à medida que o dia ia se erguendo. Assim Trantor sempre tivera uma assimetria artificial que era quase o seu símbolo.

Em seu ápice, Trantor governara o Império!

Governava frouxamente, mas nada poderia ter governado bem o Império. O Império era grande demasiado para ser dirigido por um só mundo – mesmo sob o mais dinâmico dos Imperadores. Como Trantor podia fazer, senão governar mal quando, na era da decadência, a coroa imperial era comerciada de um lado para outro por políticos matreiros, e incompetentes insensatos, e a burocracia se tornara uma subcultura de corruptos?

Mesmo em seu pior período,houve algum valor naquele maquinário. O Império não poderia ter sido governado sem Trantor.

O Império desabava metodicamente, mas enquanto Trantor permanecia Trantor, um núcleo do Império permanecia e retinha um ar de orgulho, de milênios, de tradição e poder, e exaltação.

Só quando o impensável acontece: quando Trantor finalmente caiu e foi saqueado, quando seus cidadãos foram mortos aos milhões e deixados à míngua aos bilhões; quando seu revestimento noturno de metal foi arranhado e perfurado e fundido pelo ataque da frota “bárbara” – só então se considerou que o Império havia caído. Os remanescentes daquele mundo que uma vez fora grande, desfizeram mais o que sobrou, e em uma geração, Trantor foi transformado do maior planeta que a raça humana jamais vira, num inconcebível emaranhado de ruínas.

Isso tinha sido havia dois séculos e meio. No resto da Galáxia, a Trantor-tal-como-fora ainda não estava esquecida. Viveria para sempre como o local favorito de novelas históricas, o símbolo e memória favorita do passado, o termo favorito para provérbios tais como: “Todas as naves pousam em Trantor”; “Assim como procurar uma pessoa em Trantor” e “Não se parecem mais que isto e Trantor”.

Em todo o resto da Galáxia...

Mas isto não era verdade em Trantor mesmo! Aqui, a velha Trantor estava esquecida. A superfície de metal foi-se embora, quase em todo o lugar. Trantor era agora um mundo esparsamente habitado, de lavradores auto-suficientes, um lugar onde as naves de comércio raramente aportavam e não eram particularmente bem-vindas, se e quando vinham. A própria palavra

“Trantor”, se bem que ainda em uso oficial, era chamado “Hame”, que em seu dialeto era o que seria chamado “Home” no Galáctico-Padrão.

Quindor Shandess pensava em tudo isto e mais, ao sentar-se num abençoado estado de semitorpor, em que podia deixar sua mente percorrer um fluxo autopropelido e desorganizado de pensamentos.

Tinha sido Primeiro Orador da Segunda Fundação por dezoito anos, e poderia manter-se por mais dez ou doze, se sua mente permanecesse razoavelmente vigorosa continuando as guerras políticas.

Era o análogo especular do Prefeito de Terminus que governava a Primeira Fundação, mas quão diferentes eram! O Prefeito de Terminus era conhecido em toda a Galáxia, e a Primeira Fundação era simplesmente “a Fundação.”

O Primeiro Orador da Segunda Fundação era conhecido apenas de seus associados.

E no entanto, ainda era a Segunda Fundação, sob ele e seus predecessores, que detinha o real poder. A Primeira Fundação era suprema no campo da força física, da tecnologia, das armas de guerra. A Segunda Fundação era suprema no campo da força mental, da capacidade de controle. Em qualquer conflito entre as duas o que importaria quantas naves e armas a Primeira Fundação tivesse, se a Segunda Fundação poderia controlar as mentes daqueles que a controlavam?

Mas, quanto tempo ele poderia se confortar com a consciência deste poder secreto?

Ela era o vigésimo quinto Primeiro Orador, e seu mandato já estava um pouquinho além da média. Talvez não deveria ser tão rigoroso com os aspirantes mais novos? Havia o Orador Guendibal, o mais perspicaz e o mais novo. Hoje à noite estariam juntos, e Shandess estava ansioso. Deveria considerar também a possível ascensão de Guendibal?

A resposta à pergunta era que Shandess não tinha real intenção de deixar seu posto. Gostava demais dele.

Ficava ali sentado, em sua velhice, ainda perfeitamente válido. Seu cabelo era grisalho, mas sempre fora claro, e o usava bem curto, de modo que a cor mal importava. Seus olhos eram de um azul mortiço e sua roupa conformava-se ao estilo pobre dos lavradores trantorianos.

O Primeiro Orador podia, se quisesse, passar por um cidadão Há mish{*}

comum, mas seu poder oculto, no entanto, existia. Ele poderia focalizar seus olhos e mente a qualquer momento, e eles então agiriam de acordo com a sua vontade e nada se lembrariam depois.

Raramente acontecia. Quase nunca. A Regra de Ouro da Segunda Fundação era: “Não faça nada a menos que precise, e quando precisar agir, hesite”.

O Primeiro Orador suspirou, baixinho. Viver na velha Universidade, com a sombra da grandeza das ruínas do Palácio Imperial não muito longe, fazia ocasionalmente alguém imaginar o quão de Ouro a Regra poderia ser.

Nos dias do Grande Saque, a Regra de Ouro fora esticada quase até rebentar. Não havia maneira de salvar Trantor sem sacrificar o Plano de Seldon, para o estabelecimento de um Segundo Império. Seria humano salvar os quarenta e cinco bilhões, mas não poderiam poupá-los sem a retenção do cerne do Primeiro Império, o que retardaria o Plano. Levaria a uma destruição ainda maior alguns séculos depois, e talvez nenhum Segundo Império depois...

Os antigos Primeiros Oradores trabalharam no Saque, claramente previsto, por décadas, mas não encontraram solução – nenhuma maneira de garantir a salvação de Trantor e o eventual estabelecimento do Segundo Império. O mal menor tinha de ser escolhido, e Trantor morrera!

Os segundofundacionistas da época conseguiram – por uma margem bem estreita – salvar o complexo da Universidade-Biblioteca e houve culpa para sempre, por causa daquilo, também. Muito embora ninguém jamais demonstrasse que a salvação do complexo levou à ascensão meteórica do Mula, sempre havia a intuição de existir alguma conexão.

O quanto aquilo arruinara quase tudo!

Ainda assim, seguindo-se às décadas do Saque, e do Mula, veio a Idade de Ouro da Segunda Fundação.

Antes disso, por mais de dois séculos e meio, depois da morte de Seldon, a Segunda Fundação se enterrou, coma toupeira, na Biblioteca, na única intenção de sair do caminho dos imperiais. Serviam como bibliotecários de uma sociedade em decadência, que se importava cada vez menos com a mais que nunca mal nomeada Biblioteca Galáctica, que logo caiu no desuso que mais se adequava ao propósito dos segundofundacionistas.

Era uma vida ignóbil. Eles meramente conservavam o Plano, ao passo que no outro extremo da Galáxia, a Primeira Fundação lutava por sua vida contra inimigos cada vez maiores, sem ajuda da Segunda Fundação nem qualquer

conhecimento real a respeito dela.

Foi o Grande Saque que libertou a Segunda Fundação – outra razão (o jovem Guendibal – que tinha coragem – recentemente disse que essa foi a razão principal) pela qual o Saque foi deixado continuar.

Depois do Grande Saque, o Império acabou, e, em todo o tempo que se seguiu, os sobreviventes trantorianos nunca invadiram o território da Segunda Fundação sem serem convidados, Os segundofundacionistas providenciaram para que o complexo Universidade- Biblioteca, que sobrevivera ao Saque, também sobrevivesse ao Grande Renascimento. As ruínas do Palácio foram preservadas, também. O metal tinha-se ido quase em todo o resto do planeta. Os grandes e infindáveis corredores foram cobertos, soterrados, retorcidos, ignorados; e tudo sob a rocha e o solo, tudo exceto aqui, onde o metal ainda circundava espaços abertos.

Podia ser visto como um grande memorial de grandeza, o sepulcro do Império, mas para os trantorianos – o povo Hamish – esses lugares eram assombrados, cheios de fantasmas, que não deviam ser perturbados. Só os segundofundacionistas jamais punham os pés nos antigos corredores, ou tocavam seu brilho de titânio.

E, mesmo assim, tudo dera quase em nada, por causa do Mula.

O Mula de fato estivera em Trantor. E se ele tivesse descoberto a natureza do mundo em que estava? Suas armas físicas eram muito superiores àquelas à disposição da Segunda Fundação, e suas armas mentais, tão grandes quanto as dela. A Segunda Fundação era sempre atrapalhada pela necessidade de nada fazer, senão o que fosse a estrita necessidade, e pelo conhecimento de que quase qualquer esperança de ganhar a luta mais imediata poderia implicar eventualmente uma perda ainda maior.

Não fosse por Bayta Darell e seu rápido movimento... E isso também fora sem a ajuda da Segunda Fundação!

E então – a Idade de Ouro, quando, de algum modo, os Primeiros Oradores da época encontraram maneiras de se tomarem ativos, detendo o Mula em sua carreira de conquistas, controlando, por fim, a sua mente; e então detendo a própria Primeira Fundação, quando ela, por sua vez, tomou consciência, e ficou curiosa sobre a natureza e identidade da Segunda Fundação. Houve Prim Palver, décimo nono Primeiro Orador, e o maior de todos eles, que conseguira pôr fim a todo perigo – não sem um terrível sacrifício – e que salvara o Plano de Seldon.

E agora, por cento e vinte anos, a Segunda Fundação de novo como fora antes, ocultando-se numa parte assombrada de Trantor. Não mais se escondiam dos imperiais, mas ainda da Primeira Fundação – uma Primeira Fundação quase tão grande quanto o Império Galáctico tinha sido, e ainda maior em experiência tecnológica.

Os olhos do Primeiro Orador fecharam-se no calor agradável e passaram para aquele estado indefinido de experiências alucinatórias que não eram exatamente sonhos, e não eram exatamente pensamento.

Chega de cismar. Tudo estaria bem. Trantor ainda era a capital da Galáxia, pois a Segunda Fundação estava aqui, e era mais poderosa e estava mais no controle do que qualquer Imperador jamais estivera.

A Primeira Fundação seria contida, e guiada, e se moveria corretamente. Por mais formidáveis que fossem suas naves e armas, nada poderiam fazer enquanto os principais líderes, se necessário, pudessem ser mentalmente controlados.

E o Segundo Império viria, mas não seria como o primeiro. Seria um Império Federado, com seus componentes possuindo um considerável governo autônomo, de modo que não haveria nada da força aparente e fraqueza real de um governo unitário, centralizado. O novo Império seria mais frouxo, mais dúctil, mais flexível, mais capaz de tolerar tensões, e não seria sempre guiado – nem sempre – pelos homens e mulheres ocultos, da Segunda Fundação. Trantor então ainda seria a capital, mais poderosa, com seus quarenta mil psico-historiadores, do que jamais fora com seus quarenta e cinco bilhões...

O Primeiro Orador acordou, num sobressalto, O sol estava mais baixo, no céu. Ele estivera resmungando? Será que tinha falado algo em voz alta?

Se a Segunda Fundação tinha que saber muito e dizer pouco, os Oradores governantes tinham que saber mais ainda e falar ainda menos, e o Primeiro Orador era o que mais tinha de saber e menos de falar.

Sorriu, com um ar astuto. Era sempre tão tentador tornar-se um patriota trantoriano – ver todo o propósito do Segundo Império – como trazer de volta a hegemonia trantoriana. Seldon já tinha advertido a respeito; previra mesmo isso, cinco séculos antes de acontecer.

O Primeiro Orador não tinha dormido muito, porém. Ainda não era hora da audiência de Guendibal.

Shandess estava ansioso por aquele encontro. Guendibal era jovem o bastante para ver o Plano com novos olhos, e perspicaz o bastante para ver o que

outros poderiam não ver. E não estava além das possibilidades que Shandess aprendesse com o que o jovem tivesse a dizer.

Ninguém jamais teria certeza sobre o quanto Prim Palver – o grande Palver em pessoa – tinha tirado proveito daquele dia em que o jovem Kol Benjoam, ainda não chegado aos trinta anos quando veio falar-lhe de possíveis maneiras de lidar com a Primeira Fundação. Benjoam, que depois foi reconhecido como o maior teórico desde Seldon, nunca falou daquela audiência, nos anos subseqüentes, mas eventualmente tomou-se o vigésimo primeiro dos Primeiros Oradores. Havia os que creditavam a Benjoam, mais que a Palver, os grandes feitos da administração deste.

Shandess entretinha-se com a idéia do que Guendibal poderia dizer. Era tradicional que jovens talentosos, confrontando-se com o Primeiro Orador sozinhos, pela primeira vez, colocassem sua tese inteira na primeira sentença. E certamente eles não pediriam aquela preciosa primeira audiência por algo trivial algo que poderia arruinar toda sua carreira futura convencendo o Primeiro Orador que eram pesos-pena.

Quatro horas depois, Guendibal o encarava. O jovem não mostrou nenhum sinal de nervosismo. Esperou calmamente que Shandess falasse primeiro.

E Shandess disse: – O senhor pediu uma audiência particular, Orador, sobre um assunto de importância. Poderia por favor sumariar o assunto para mim?

E Guendibal falou manso, quase como se estivesse descrevendo o que comeu no jantar: – Primeiro Orador, o Plano de Seldon é sem sentido!

18.

Stor Guendibal não exigia a evidência de outrem para ter seu senso de valores. Ele não conseguia lembrar de quando não se reconheceu como incomum. Tinha sido recrutado pela Segunda Fundação quando tinha apenas dez anos, por um agente que reconheceu as potencialidades de sua mente.

Ele tinha se saído notavelmente bem nos estudos, e seguiu a psico-história assim como uma espaçonave responde a um campo gravitacional. A psico-história o atraíra e ele fez uma curva na sua direção, lendo o texto de Seldon sobre seus fundamentos, quando os outros de sua idade estavam meramente tentando resolver equações diferenciais.

Quando chegou aos quinze, entrou para a Universidade Galáctica de Trantor (como a Universidade de Trantor fora oficialmente rebatizada), depois de uma entrevista durante a qual, quando lhe foi perguntado quais eram suas ambições, respondeu firmemente: – Ser Primeiro Orador antes dos quarenta.

Não se preocupou em mirar a cadeira do Primeiro Orador com qualificações. Ganhá-la, de um modo ou de outro, parecia-lhe uma certeza. Era consegui-la na juventude o que lhe parecia o objetivo. Mesmo Prim Palver tinha quarenta e dois anos, quando de sua ascensão ao cargo.

A expressão do entrevistador estremeceu quando Guendibal disse aquilo, mas o jovem já tinha o talento da psico-linguagem e soube interpretar aquele estremecimento. Ele sabia, tão certamente quanto se o entrevistador o tivesse anunciado, que uma pequena anotação iria para sua ficha, apontando que ele seria difícil de controlar.

É lógico!

Guendibal pretendia mesmo ser de trato difícil.

E agora, ele tinha trinta anos. Faria trinta e um em questão de dois meses, e já era membro do Conselho de Oradores. Tinha nove anos, no máximo, para tomar-se Primeiro Orador, e sabia que o conseguiria. Esta audiência com o Primeiro Orador era crucial para seus planos, e labutando para causar a impressão adequada, não poupou esforços em polir seu domínio da psico-linguagem.

Quando dois Oradores da Segunda Fundação se comunicam um com o outro, a linguagem é como nenhuma outra na Galáxia. É tanto uma linguagem de gestos fugazes quanto de palavras, mais de detecção de padrões mentais variáveis que qualquer outra coisa.

Um estranho ouviria pouco, ou nada, mas em pouco tempo, muitas idéias seriam trocadas e a comunicação seria irreprodutível em sua forma literal a qualquer outro que não fosse também Orador.

A linguagem dos Oradores tinha sua vantagem em velocidade e infinita delicadeza, mas tinha a desvantagem de tornar quase impossível mascarar a verdadeira opinião.

Guendibal sabia sua própria opinião sobre o Primeiro Orador. Achava que o Primeiro Orador era um homem que já ultrapassara o seu ápice intelectual. O Primeiro Orador – na avaliação de Guendibal – não esperava nenhuma crise, não estava treinado para encarar uma, e faltava-lhe a acuidade para enfrentar uma, caso aparecesse. Com toda a boa vontade e amabilidade de Shandess, ele

era a própria matéria-prima dos desastres.

Tudo isto Guendibal precisava esconder não meramente de palavras, gestos e expressões faciais, mas mesmo de seus pensamentos. Ele não conhecia modo de fazê-lo com eficiência bastante para evitar que o Primeiro Orador percebesse traços de sua opinião.

Nem Guendibal poderia evitar saber de algo dos sentimentos do Primeiro Orador em relação a ele. Através da bonomia e boa vontade – bem aparentes e razoavelmente sinceras – Guendibal podia perceber a aresta distante de condescendência e admiração surpresa, e apertava seu controle mental para evitar revelar qualquer ressentimento, por sua vez – ou tão pouco quanto possível.

O Primeiro Orador sorriu e reclinou-se em sua poltrona. De fato, não pousou os pés no tampo da mesa, mas transmitiu sobre ela a mistura certa de auto-confiança segura e amizade informal – só o bastante para deixar Guendibal incerto quanto ao efeito de sua assertiva.

Como Guendibal não fora convidado para sentar-se, as ações e atitudes que lhe estavam disponíveis para minimizar a incerteza ficavam limitadas. Era impossível que o Primeiro Orador não entendesse isso.

Shandess disse: – O Plano de Seldon é sem sentido? Que afirmação notável! Tem consultado o Radiante Primário ultimamente, Orador Guendibal?

– Eu o estudo com freqüência, Primeiro Orador. É meu dever fazê-lo, e também meu prazer.

– Por algum acaso, você estuda só aquelas porções que caem sob seu olhar, vez ou outra? Já o observou microscopicamente – um sistema de equações aqui, um fiozinho de ajuste ali? Altamente importante, é claro, mas eu sempre achei um excelente exercício ocasional observar o curso total. O estudo do Radiante Primário acre por acre tem seus usos – mas observá-lo como um continente é inspirador. Para dizer-lhe a verdade, Orador, eu mesmo não o faço há muito. Quer juntar-se a mim?

Guendibal não se atreveu a calar-se por muito tempo. Aquilo tinha de ser enfrentado, e fácil e agradavelmente, ou muito bem poderia ficar sem se fazer nada: – Seria uma honra e um prazer, Primeiro Orador.

O Primeiro Orador deprimiu uma alavanca ao lado de sua mesa. Havia uma daquela no escritório de todo Orador, e a do escritório de Guendibal de modo algum era inferior á do Primeiro Orador. A Segunda Fundação era uma sociedade equalitária em todas as suas manifestações de superfície – aquelas sem

importância. De fato, a única prerrogativa oficial do Primeiro Orador era aquela explícita em seu título – ele era sempre o primeiro a falar.

A sala escureceu, ao se baixar a alavanca, mas quase imediatamente a escuridão ergueu-se para uma penumbra nacarada. Ambas as longas paredes ficaram levemente leitosas, e então mais brilhantes e mais brancas, e finalmente apareceram equações nitidamente escritas – tão pequenas que não podiam ser lidas facilmente.

– Se você não tem objeções – disse o Primeiro Orador, deixando bem claro que nenhuma seria permitida –, reduziremos a ampliação para ver o máximo que pudermos de uma vez só.

A escrita nítida reduziu-se a fios de cabelo, finos meandros negros sobre o fundo de pérola.

O Primeiro Orador tocou as teclas do pequeno console embutido no braço de sua poltrona: – Vamos voltar ao começo, quando Hari Seldon era vivo – e vamos ajustá-lo para um lento movimento progressivo. Vamos delimitá-lo de modo a ver apenas uma década de desenvolvimento de cada vez. Dá uma sensação maravilhosa do fluxo da história, sem distorções com os detalhes. Imagino se você já fez isto.

– Nunca exatamente assim, Primeiro Orador.

– Deveria; a sensação é fascinante. Observe a falta de traçado no começo. Não havia muita chance para alternativas, nas primeiras poucas décadas. Os pontos de ramificação, porém, aumentam exponencialmente com o tempo. Se não fosse pelo fato de que, assim que se toma um ramo em particular, há a extinção de uma vasta seqüência de outros em seu futuro, tudo logo ficaria incontrolável. É claro, ao tratar com o futuro, precisamos ser cuidadosos quanto às extinções em que confiarmos.

– Eu sei, Primeiro Orador. – Havia um toque de secura na resposta de Guendibal, que ele não conseguiu remover completamente.

O Primeiro Orador não respondeu a isto. – Note as linhas tortuosas de símbolos em vermelho. Há um padrão nelas. Segundo toda a aparência, eles existem aleatoriamente, pois que cada Orador ganha seu lugar acrescentando refinamentos ao plano original de Seldon. Pareceria não haver maneira, afinal, de predizer onde um refinamento pode ser acrescido facilmente, ou onde um Orador em particular encontrará a tendência de seu interesse ou habilidade, mas há muito que suspeito que a mistura de Seldon Preto e Orador Vermelho segue uma lei estrita que é fortemente dependente do tempo, e pouca coisa mais.

Guendibal observava os anos passando, e as linhas capilares em preto e vermelho formando um padrão entrelaçado quase hipnótico. O padrão nada significava por si só, é claro. O que contava eram os símbolos de que se compunha.

Aqui e ali um arabesco azul brilhante fazia sua aparição, sobressaindo-se, ramificando-se e tornando-se proeminente, então caindo sobre si mesmo e desaparecendo sobre o preto ou o vermelho.

Disse o Primeiro Orador: – Desvio Azul – a sensação de desgosto, originando-se em ambos, encheu o espaço entre eles: – Nós o apanhamos de novo, e de novo, e logo chegaremos ao Século dos Desvios, eventualmente.

E foi o que aconteceu. Podia-se dizer exatamente quando o avassalador fenômeno do Mula momentaneamente encheu a Galáxia, com o Radiante Primário tomando-se cheio de arabescos ramificados em azul – muitos mais começando do que poderiam ser eliminados – até que toda a sala pareceu ficar azul, com as linhas engrossando e marcando a parede com uma poluição cada vez mais luminosa. (Poluição era a única palavra possível).

Atingiu um pico e então empalideceu ,adelgaçou-se, e juntaram-se por um longo século antes de reduzir-se a seu fim. Quando se foi, e quando o Plano voltou ao preto e vermelho, estava claro que a mão de Prim Palver estivera ali.

Avante; avante...

– Aí está o presente – disse o Primeiro Orador,com uma sensação de conforto.

Avante; avante...

Então, um estreitamento num nó indiscernível de preto, com pouco vermelho aparecendo.

– Esse é o estabelecimento do Segundo Império – disse o Primeiro Orador.

Desligou o Radiante Primário e a sala ficou banhada na luz normal.

– Foi uma experiência emocionante – disse Guendibal.

– Sim – sorriu o Primeiro Orador e você é cuidadoso em não identificar a emoção, tanto quanto não consegue identificá-la. Não importa. Deixe-me ressaltar alguns pontos. Você notará primeiro a total ausência de Azul-Desvio depois do tempo de Prim Palver – pelas duas últimas décadas, em outras palavras. Notará que não há probabilidades razoáveis de Desvios acima da quinta classe pelos próximos cinco séculos. Você notará também que começamos

a estender os refinamentos da psico-história além do estabelecimento do Segundo Império. Como você sem dúvida sabe, Hari Seldon, muito embora um gênio transcendente, não é, e nem poderia ser, onisciente. Fizemos aperfeiçoamentos em cima dele. Sabemos mais sobre psico-história do que ele jamais poderia saber. Seldon encerrou seus cálculos com o Segundo Império, e nós fomos além. De fato, se posso dizer sem querer ofender, o novo Hiper-Plano, que vai além do estabelecimento do Segundo Império, é grandemente de minha autoria, e valeu-me meu cargo atual.

– Digo-lhe tudo isto – continuou ele – para que você me poupe ulteriores discussões desnecessárias. Com tudo isso, como você conseguiu concluir que o Plano de Seldon não tem sentido? É impecável. O mero fato de que sobreviveu ao Século dos Desvios – com todo o respeito pelo gênio de Palver – é a melhor evidência de que o que temos é sem falha. Onde está sua fraqueza, meu rapaz, para que você rotule o Plano como sem sentido?

Guendibal estava rígido, de pé: – O senhor está certo, Primeiro Orador. O Plano de Seldon não tem falha.

– Você retira sua observação, então?

– Não, Primeiro Orador. Sua falha é sua ausência de falhas. Sua infalibilidade é fatal!

19.

O Primeiro Orador observou Guendibal com equanimidade. Tinha aprendido a controlar suas expressões, e era divertido observar a inaptidão de Guendibal neste aspecto. A cada troca de palavras, o rapaz fazia o que podia para esconder seus sentimentos, mas a cada vez, ele os expunha completamente.

Shandess o estudava desapaixonadamente. Era um rapaz esbelto, não muito acima da estatura normal, com lábios finos e mãos ossudas e inquietas. Tinha olhos escuros e sérios, que tendiam a se tornar intensos.

Ele seria, o Primeiro Orador percebeu, uma pessoa difícil de demover de suas convicções.

– Você fala por paradoxos, Orador.

– Parece um paradoxo, Primeiro Orador, porque há muito sobre o Plano de Seldon que tomamos como pressuposto, e aceitamos inquestionavelmente.

– E o que é que você questiona, então?

– A própria base do Plano. Todos sabemos que o Plano não vai funcionar se sua natureza – ou mesmo sua existência – for conhecida por muitos daqueles cujo comportamento destina-se a prever.

– Creio que Hari Seldon entendia isso. Acredito mesmo que ele tornou isso um de seus dois axiomas fundamentais da psico-história.

– Ele não antecipou o Mula, Primeiro Orador, e portanto, não podia antecipar a extensão com que o povo da Primeira Fundação ficaria obcecado com a Segunda Fundação, uma vez que sua importância fosse evidenciada pelo Mula.

– Hari Seldon... – e, por um momento, o Primeiro Orador estremeceu e caiu em silêncio.

O aspecto físico de Hari Seldon era conhecido de todos os membros da Segunda Fundação. Por todo lugar encontravam-se reproduções dele, em duas e três dimensões, fotográficas e holográficas, em baixo-relevo e alto-relevo, sentado, de pé... Todas eram de um homem velho, bonachão, rosto vincado com a sabedoria dos anciãos, simbolizando a quintessência do gênio bem amadurecido.

Mas o Primeiro Orador agora lembrava-se de ter visto uma fotografia tida como do jovem Seldon. Ela era desprezada, pois que a idéia de um jovem Seldon era quase uma contradição. No entanto, Shandess a vira, e de repente veio-lhe a idéia de que Stor Guendibal parecia-se notavelmente com o jovem Seldon.

Ridículo! Era o tipo de superstição que afligia a todos, vez ou outra, por mais racionais que fossem. Foi iludido por uma fugaz semelhança. Se tivesse a fotografia na frente dele, veria de imediato que a similaridade era ilusória. Mas, por que aquela idéia tola ter-lhe-ia ocorrido *agora*?

Recobrou-se. Fora um tremor momentâneo – um descarrilar transiente do pensamento – muito breve para ser notado por qualquer um que não um Orador. Guendibal poderia interpretá-lo como quisesse.

– Hari Seldon – disse muito firmemente a segunda vez – sabia muito bem que havia um número infinito de possibilidades que não podia antecipar, e por essa razão estabeleceu a Segunda Fundação. Não previmos o Mula tampouco, mas o reconhecemos, quando caiu sobre nós, e o detivemos. Não previmos a subseqüente obsessão da Primeira Fundação quanto a nós, mas logo percebemos quando apareceu, e a detivemos. O que há em tudo isso onde possivelmente você possa achar um defeito?

– Por uma coisa: a obsessão da Primeira Fundação conosco ainda não passou.

Houve um distinto decréscimo na deferência com que Guendibal estivera falando. Notara o tremular na voz do Primeiro Orador (Shandess decidira) e o interpretou como incerteza. Isso precisava ser compensado.

E o Primeiro Orador disse bruscamente: Deixe-me antecipar. Haverá pessoas da Primeira Fundação que – comparando as dificuldades febris dos primeiros quase quatro séculos de existência, com a placidez das últimas doze décadas – chegarão à conclusão de que só pode ser a Segunda Fundação que está cuidando do Plano – e, é claro, estarão certas ao assim concluírem. Decidirão que a Segunda Fundação poderá não estar destruída, afinal – e é claro, estarão certos em assim decidir. De fato, recebemos relatórios de que há um rapaz do mundo-capital da Primeira Fundação, Terminus, um funcionário de seu governo, que está bem convencido de tudo isto. Esqueço seu nome...

– Golan Trevize – disse Guendibal, em voz baixa. – Fui eu que primeiro observei o assunto nos relatórios, e fui eu que dirigi o assunto para seu escritório.

– Mesmo? – retrucou o Primeiro Orador, com exagerada poli dez. – E como sua atenção veio a se focalizar sobre ele?

– Um de nossos agentes em Terminus enviou um relatório tedioso sobre os membros recém-eleitos de seu Conselho – uma questão perfeitamente rotineira usualmente enviada e ignorada por todos os Oradores. Este captou minha atenção por causa da natureza da descrição do novo Conselheiro, Golan Trevize. Pela descrição, ele parecia inusitadamente autoconfiante e combativo.

– Reconheceu uma alma irmã, não é mesmo?

– Não tanto – retrucou Guendibal, rigidamente. – Ele parecia um inconformista que só fazia coisas ridículas, descrição que não se aplica a mim. Em qualquer caso, dirigi um estudo aprofundado. Não me levou muito tempo para decidir que ele teria sido bom material para nós, se tivesse sido recrutado ainda criança.

– Talvez, mas você sabe que não recrutamos em Terminus.

– Sei muito bem disso. Em qualquer caso, mesmo sem nosso treinamento, ele tem uma intuição incomum. É claro, muito indisciplinada. Portanto, não fiquei muito surpreso que ele percebesse o fato de a Segunda Fundação ainda existir. Achei importante o suficiente para dirigir um memorando sobre o assunto para o seu escritório.

– E pela sua atitude, suponho que houve um novo desenvolvi mento?

– Tendo percebido o fato de que ainda existimos, graças às suas capacidades intuitivas altamente desenvolvidas, ele então as utilizou de um modo caracteristicamente indisciplinado e, como resultado, foi exilado de Terminus.

O Primeiro Orador ergueu os sobrolhos: – Você se interrompeu de repente. Quer que eu interprete a importância disso. Sem usar meu computador, deixe-me aplicar mentalmente uma aproximação grosseira das equações de Seldon, e adivinhar que uma Prefeita astuta, capaz de suspeitar que a Segunda Fundação existe, prefere não ter um individuo indisciplinado gritando o fato para toda a Galáxia e assim alertar a tal da Segunda Fundação para o perigo. Suponho que Branno de Bronze decidiu que Terminus está mais seguro com Trevize fora do planeta.

– Ela poderia tê-lo aprisionado ou assassinado silenciosamente.

– As equações não são confiáveis quando aplicadas a indivíduos, como você bem sabe. Tratam apenas com massas humanas. O comportamento individual é, portanto, imprevisível, e é possível presumir que a Prefeita é um ser humano que acha que a prisão, quanto mais o assassinato, é impiedosa.

Guendibal nada disse por um momento. Era um nada eloqüente, e o manteve tempo o bastante para que o Primeiro Orador ficasse incerto, mas não tanto a ponto de induzir uma irritação defensiva.

Prolongou o silêncio até o momento exato e então disse: – Essa não é minha interpretação. Creio que Trevize, neste momento, representa o bordo de ataque da maior ameaça à Segunda Fundação em toda sua história – um perigo maior mesmo que o Mula!

20.

Guendibal estava satisfeito. A força da assertiva funcionou direi to. O Primeiro Orador não a esperava, e foi apanhado desprevenido. A partir deste momento, Guendibal passou da defensiva ao ataque. Se tinha ainda qualquer dúvida, deveria desaparecer com a observação seguinte de Shandess.

– Isto tem algo a ver com sua tese de que o Plano de Seldon não tem sentido?

Guendibal jogou aparentando completa certeza, dirigindo com um didatismo que não permitiria que o Primeiro Orador se recuperasse: – Primeiro Orador, é um artigo de fé que foi Prim Palver quem restaurou o Plano em seu

curso, depois da violenta aberração do Século dos Desvios. Estude o Radiante Primário e verá que os Desvios só desapareceram duas décadas depois da morte de Palver, e nenhum Desvio apareceu desde então. O crédito pode ficar com os Primeiros Oradores depois de Palver, mas isso é improvável.

– Improvável? Por certo que nenhum de nós não foi nenhum Palver, mas... por que improvável?

– Permite-me demonstrar, Primeiro Orador? Usando a matemática da psico-história, posso mostrar claramente que as chances do desaparecimento total de Desvios são muito microscopicamente pequenas para terem ocorrido por meio de qualquer coisa que a Segunda Fundação pode fazer. Não precisa exigir a demonstração, se não tiver tempo, ou não desejá-la, o que exigiria meia hora de muita atenção. Posso, como alternativa, convocar uma reunião plenária da Mesa dos Oradores e demonstrá-lo lá. Mas isso significaria uma perda de tempo para mim, e uma controvérsia desnecessária.

– Sim, e uma possível desmoralização minha. Demonstre-me a questão agora, mas uma palavra de advertência – e o Primeiro Orador estava fazendo um esforço heróico para se recuperar –, se o que você me mostrar não tiver valor, não vou esquecer disso.

– Se se provar sem valor – disse Guendibal com um orgulho natural, que sobrepujou o outro – terá minha demissão no mesmo instante.

De fato, levou mais que meia hora, pois o Primeiro Orador questionou a matemática com uma intensidade quase selvagem.

Guendibal tomou parte do tempo pelo uso do seu Micro-Radiante. O dispositivo – que podia localizar qualquer porção do vasto Plano holograficamente e que não exigia parede ou console de escrivaninha – entrara em uso havia uma década, e o Primeiro Ora dor nunca pegara o jeito de lidar com aquilo. E Guendibal sabia disso. E o Primeiro Orador sabia que ele sabia.

Guendibal enganchou-o em seu polegar direito, e manipulou seus controles com os outros quatro dedos, usando a mão deliberadamente como se fosse um instrumento musical. (De fato, ele escrevera um pequeno trabalho sobre as analogias.)

As equações que Guendibal apresentou (após tê-las encontrado com segurança e facilidade) moviam-se para a frente e para trás como minhocas, acompanhando seus comentários. Ele podia obter definições, se necessário; estabelecer axiomas; e apresentar gráficos, tanto bi quanto tridimensionais (para não falar das projeções de relações multidimensionais).

Os comentários de Guendibal eram claros e incisivos, e o Primeiro Orador abandonou o jogo. Foi vencido, e disse: – Não me lembro de já ter visto uma análise desta natureza. De quem é esse trabalho?

– Primeiro Orador, é meu próprio. Já publiquei a matemática básica que ela envolve.

– Muito inteligente, Orador Guendibal. Algo como isto coloca-o na linha de sucessão para Primeiro Orador, caso eu morra... ou me aposente.

– Não pensei nesse assunto, Primeiro Orador... mas se não há chance de o senhor acreditar nisso, retiro o comentário. Pensei nisso e espero ser o Primeiro Orador, pois quem quer que seja o sucessor deve seguir um procedimento que só eu vejo claramente.

– Sim – respondeu o Primeiro Orador –, uma modéstia mal co- locada pode ser muito perigosa. Que procedimento? Talvez o atual Primeiro Orador possa acompanhá-lo. Se eu for velho demais para não ter dado o salto de criatividade que você deu, não sou tão velho que não possa entendê-lo.

Era uma rendição cortês, e o coração de Guendibal abriu-se, inesperadamente, para o outro, mesmo ao perceber que era exatamente essa a intenção do Primeiro Orador.

– Obrigado, Primeiro Orador, pois preciso muitíssimo de sua ajuda. Não posso esperar virar a Mesa sem a sua iluminada liderança. – (Troca de gentileza.) – Presumo, pois, que o senhor já viu, pelo que demonstrei, que é impossível que o Século dos Desvios tenha sido corrigido sob nossa política, ou que todos os Desvios tenham cessado, desde então.

– Está claro para mim – disse o Primeiro Orador. – Se a sua matemática está correta, para que o Plano tenha se recuperado como fez, e para funcionar perfeitamente, como parece estar funcionando, seria necessário para nós ser capazes de predizer as reações de pequenos grupos de pessoas – mesmo de indivíduos isolados – com algum grau de certeza.

– Isso mesmo. Desde que a matemática da psico-história não permite isto, os Desvios não deveriam ter desaparecido, e ainda mais, nunca deveriam ter permanecido ausentes. O senhor vê, assim sendo, que o que eu queria dizer antes era que a falha do Plano de Seldon estava na sua ausência de falhas.

Ao que respondeu o Primeiro Orador: – Ou o Plano de Seldon apresenta Desvios, ou há algo de errado com a sua matemática. Como devo admitir que o Plano de Seldon não apresentou Desvios em mais de um século, segue-se que não há nada errado com a sua matemática – exceto que não detectei nenhuma

falácia ou passo em falso.

– O senhor faz mal em excluir uma terceira alternativa. É bem possível que o Plano de Seldon não possua Desvios e ainda não haja nada errado com a minha matemática, quando diz ser tal coisa impossível.

– Não consigo perceber qual é a terceira alternativa.

– Suponha que o Plano de Seldon esteja sendo controlado por meio de um método psico-histórico tão avançado que as reações de pequenos grupos de pessoas – talvez mesmo de indivíduos isolados – possam ser preditos, métodos que nós, da Segunda Fundação, não possuímos. Então, e só *então* minha matemática prediria que o Plano de Seldon de fato não experimentaria Desvios!

Por um instante (pelos padrões da Segunda Fundação), o Primeiro Orador não deu resposta. Então disse: – Não há método psico-histórico tão adiantado de que eu tenha conhecimento, ou, estou certo pelo seu comportamento, você. Se você e eu não sabemos de nenhum, a chance de que qualquer outro Orador, ou qualquer grupo de Oradores tenha desenvolvido tal micropsico-história – se posso chamá-la assim – e a tenha mantido em segredo do resto da Mesa, é infinitesimalmente pequena. Não concorda?

– Concordo.

– Então, ou sua análise está errada, ou a micropsico-história está nas mãos de algum grupo fora da Segunda Fundação -

– Exatamente, Primeiro Orador, esta última alternativa deve ser a correta.

– Pode demonstrar a veracidade de tal afirmação?

– Não posso, de qualquer maneira formal, mas considere – já não houve uma pessoa que pôde afetar o Plano de Seldon tratando com pessoas individualmente?

– Presumo que se refere ao Mula.

– Sim, por certo.

– O Mula podia apenas destruir. O problema aqui é que o Plano de Seldon está funcionando bem demais, consideravelmente mais perto da perfeição que a sua matemática permitiria. Seria preciso um Anti-Mula – alguém tão capaz de sobrepujar o Plano como o Mula, mas agindo pelo motivo oposto – sobrepujar não para destruir, mas para aperfeiçoar.

– Exatamente, Primeiro Orador. Gostaria de ter pensado nessa expressão. O que foi o Mula? Um mutante. Mas, de onde ele veio? Como ele veio a ser? Ninguém realmente sabe. Não poderia haver mais alguém como ele?

– Aparentemente, não. A única coisa bem conhecida sobre o Mula é que ele era estéril. Daí o seu nome. Ou pensa que isso é um mito?

– Não estou me referindo a descendentes do Mula. Poderia ser que o Mula fosse um membro aberrante do que é – ou agora se tornou – um grupo considerável de pessoas com poderes “muarinos” que – por alguma razão deles mesmos – não estão destruindo o Plano de Seldon, mas o apóiam?

– E por que, pela Galáxia, o apoiariam?

– Por que nós o apoiamos? Planejamos um Segundo Império em que nós – ou melhor, nossos descendentes intelectuais – é que tomarão as decisões. Se algum outro grupo está apoiando o Plano ainda mais eficazmente que nós, não podem estar planejando deixar a tomada de decisões para nós. Eles é que tomarão as decisões – mas com que fim? Não deveríamos procurar saber para que tipo de Segundo Império eles nos estão empurrando?

– E como você propõe descobrir?

– Bem, por que a Prefeita de Terminus exilou Golan Trevize? Ao fazê-lo, ela deixa uma pessoa possivelmente perigosa mover-se livremente pela Galáxia. Que ela o faça por razões humanitárias, não posso crer. Historicamente, os governantes da Primeira Fundação sempre agiram realisticamente, o que quer dizer, usualmente, sem consideração pela “moralidade”. Um de seus heróis – Salvor Hardin – aconselhou contra a moralidade na verdade. Não; creio que a Prefeita agiu sob compulsão dos agentes dos Anti-Mulas, para usar a sua expressão. Acho que Trevize foi recrutado por eles e acho que ele é a cabeça de ponte do perigo, para nós. Mortalmente perigoso.

–Por Seldon! – disse o Primeiro Orador. – Você pode estar certo! Mas como convenceremos a Mesa?

– Primeiro Orador, o senhor subestima a sua eminência.

6. TERRA

21.

Trevize estava ansioso e aborrecido. Ele e Pelorat estavam sentados na pequena área da sala de refeições terminando o almoço.

E disse Pelorat: – Estamos no espaço só há dois dias, e considero-me bem à vontade, muito embora sinta falta de ar fresco, da natureza, e tudo o mais. Estranho! Nunca pareci notar todas essas coisas quando estavam todas à minha volta. No entanto, entre minha microficha e aquele seu notável computador, tenho toda minha biblioteca comigo – ou tudo o que importa dela, pelo menos. E não me sinto minimamente assustado por estar no espaço exterior, agora. Surpreendente!

Trevize fez um grunhido. Seus olhos estavam focalizados para dentro.

Pelorat disse, delicadamente: – Não quero me intrometer, Golan, mas, realmente, não creio que esteja escutando. Não que eu seja uma pessoa particularmente interessante – sempre fui meio chato, sabe? Mas você parece preocupado de uma outra maneira. Estaríamos em dificuldades? Não precisa me contar, por favor. Não há muito que eu possa fazer, suponho, mas não vou entrar em pânico, meu caro rapaz.

– Em dificuldades? – Trevize pareceu voltar a si, estremunhado.

– Quero dizer, a nave. É um modelo novo, de modo que suponho que algo poderia sair errado – e Pelorat permitiu-se um sorriso curto e inseguro.

Trevize abanou a cabeça, vigorosamente: –Foi estúpido de minha parte deixá-lo em tamanha incerteza, Janov. Não há absolutamente nada errado com a nave. Está funcionando perfeitamente. Só que estive procurando por um hiper-relé -

– Ah, percebo... Mas não entendi bem. O que é um hiper-relê?

– Bem, deixe-me explicar-lhe, Janov. Estou em comunicação com Terminus. Pelo menos, posso entrar em contato a qualquer momento que eu quiser, e Terminus pode, em contrapartida, entrar em comunicação conosco. Eles conhecem a localização da nave, tendo observado a sua trajetória. Mesmo se não

o tivessem feito, poderiam localizar-nos sondando o espaço de suas vizinhanças, à procura de massa, o que os alertaria para a presença de uma nave, ou possivelmente um meteorito. Mas ainda poderiam detectar um padrão de energia, que não só distinguiria uma nave de um meteorito, mas identificaria uma nave em particular, pois nunca duas naves podem fazer uso da energia exatamente da mesma maneira. De certo modo, nosso padrão é uma característica, não importa que acessórios ou instrumentos liguemos ou desliguemos. A nave pode ser desconhecida, é claro, mas se for uma nave cujo padrão energético esteja registrado em Terminus – como o nosso – poderá ser identificada assim que detectada.

– Parece-me, Golan, que o progresso da civilização nada mais é que um exercício da limitação da privacidade.

– Você pode estar certo. Mais cedo ou mais tarde, porém, precisaremos nos deslocar pelo hiper-espaço, ou estaremos condenados a ficar a um ou dois parsecs de Terminus pelo resto de nossas vidas. Então seremos incapazes de iniciar qualquer viagem interestelar senão no grau mais mínimo. Ao passar pelo hiperespaço, por outro lado, sofreremos uma descontinuidade no espaço comum. Passaremos daqui para ali – e com isto quero dizer um espaço de centenas de parsecs, por vezes – num só instante do tempo experimentado. Subitamente ficaremos enormemente distanciados, numa direção que é muito difícil de predizer, e, num sentido prático, não mais poderemos ser detectados.

– Percebo.

– A menos, é claro, que eles tenham instalado um hiper-relê a bordo. Um hiper-relê envia um sinal pelo hiper-espaço – um sinal característico desta nave – e as autoridades de Terminus saberiam sempre onde estamos. Isso responde à sua pergunta, como vê. Não haveria lugar na Galáxia onde pudéssemos nos esconder, e nenhuma combinação de Saltos pelo hiper-espaço nos possibilitaria escapar dos instrumentos deles.

– Mas, Golan – perguntou Pelorat, suavemente –, então não que remos a proteção da Fundação?

– Sim, Janov, mas só quando a pedirmos. Você disse que o progresso da civilização significa uma continua restrição da privacidade. Bem, não quero ser tão progressista assim. Quero liberdade para me mover não-detectado, tanto quanto quiser – a menos que, e até que eu queira proteção. Assim eu me sentiria melhor, muitíssimo melhor se não houvesse um hiper-relê a bordo.

– E você achou um, Golan?

– Não, não achei. Se tivesse achado, poderia tentar torná-lo inoperante.

– Você reconheceria um se o visse?

– Essa é uma das dificuldades. Eu poderia não conseguir reconhecê-lo. Eu sei qual o aspecto de um hiper-relê, de um modo geral, e sei as maneiras de testar um objeto suspeito – mas esta nave é novíssima, projetada para aplicações especiais. Um hiper-relé poderia ter sido incorporado em sua construção de tal maneira que não aparente nenhum sinal de sua presença.

– Por outro lado, pode não haver hiper-relê algum, e é por isso que você não o encontrou.

– Não ousaria presumir isso, e não gosto da idéia de fazer um salto, até eu saber.

Pelorat pareceu iluminar-se: – É por isso que simplesmente temos derivado pelo espaço. Estive imaginando por que não Saltamos. Já ouvi falar sobre Saltos, você sabe. Sendo um pouco nervoso a respeito dessas coisas, de fato, eu estava imaginando quando você me mandaria me amarrar, tomar uma pílula, ou algo assim.

Trevize conseguiu sorrir: – Não precisa ficar apreensivo. Não estamos mais nos tempos antigos. Numa nave como esta, simplesmente deixe tudo por conta do computador. Você dá as instruções e ele faz o resto. Você não ficará sabendo de nada que acontece, exceto que o panorama do espaço subitamente mudará. Se você já viu um show de slides, vai saber o que acontece, quando se é subitamente projetado de um lugar para outro. Bem, é assim que o Salto vai parecer.

– Ai de mim! E não se vai sentir nada? Acho isso de algum modo desapontador.

– Eu nunca senti nada, e as naves em que estive ainda não eram tão avançadas quanto esta nossa. Mas não é por causa do hiper-relê que não Saltamos. Precisamos nos afastar ainda um pouco mais de Terminus – e do sol, também. Quanto mais distantes estivermos de qualquer objeto maciço, mais fácil controlar o Salto, e reemergir no espaço nas coordenadas exatas que se deseje. Numa emergência, pode-se arriscar um Salto apenas a duzentos quilômetros da superfície de um planeta, e confiar na sorte, podendo acabar num lugar seguro. Como há muito mais volume seguro do que inseguro na Galáxia, pode-se contar razoavelmente com a segurança. Ainda há a possibilidade de que fatores aleatórios o farão reemergir a uns poucos milhões de quilômetros de uma estrela de grande porte, ou no núcleo galáctico – você estará frito antes de poder piscar.

Quanto mais longe estiver de qualquer massa, menores esses fatores ficam, e menos provável que algum imprevisto ocorra.

– Nesse caso, recomendo-lhe cuidado. Não estamos numa pressa aterradora.

– Exatamente. Especialmente porque eu gostaria muitíssimo de achar o hiper-relê antes de fazer um movimento. Ou achar um modo de me convencer de que não há hiper-relê.

Trevize pareceu deslizar de volta para sua concentração particular, e Pelorat disse, erguendo a voz um pouco para superar a barreira da preocupação: – Quanto ainda nos resta?

– Quê?

– Quero dizer, quando daremos o Salto, se você não tiver mais inquietações com o hiper-relé, meu caro amigo?

– À nossa atual velocidade e trajetória, eu acho que no quarto dia de viagem. Vou calcular a data exata no computador.

– Bem, você tem dois dias ainda para a revista. Posso fazer uma sugestão?

– Vá em frente.

– Sempre descobri, em meu trabalho – bem diferente do seu, é claro, mas possivelmente podemos generalizar – que focalizar estritamente um só problema particular é derrotar a si mesmo. Por que você não relaxa e conversa sobre outra coisa, enquanto sua mente inconsciente resolve o problema para você?

Trevize ficou olhando, por um momento, chateado, e então riu: – Bem, e por que não? Diga-me, professor, o que o fez interessar-se pela Terra? O que lhe trouxe esta estranha noção de um planeta em particular, do qual tudo começou?

– Ah! – E Pelorat assentiu com a cabeça, começando a se recordar. – Temos de voltar um pouco ao passado. Por trinta anos, planejei ser um biólogo, quando estava na escola. Estava particularmente interessado nas variações das espécies em diferentes mundos. A variação, como você sabe, bem, talvez você não saiba, então não vai se importar se eu lhe disser – é muito pequena. Todas as formas de vida, por toda a Galáxia – pelo menos todas as que encontramos até agora – partilham uma química baseada em água e proteína – ácido nucléico.

– Freqüentei a academia militar, que enfatizava a nucleônica e a gravítica, mas não sou bem um especialista bitolado. Sei um pouco da base química da vida. Ensinaram-nos que água, proteínas e ácidos nucléicos são as

únicas bases possíveis para a vida.

– Isso, eu acho, é uma conclusão não garantida. É mais seguro dizer que nenhum outra forma de vida ainda foi encontrada – ou de qualquer forma, foi reconhecida – e deixemos assim, por hora. O que é mais surpreendente é que espécies indígenas – isto é, espécies encontradas num só planeta e nenhum outro – são pouco numerosas. A maioria das espécies que existem, incluindo o homo sapiens, em particular, são distribuídas por todos, ou pela maioria dos mundos habitados da Galáxia e têm parentesco próximo, bioquímica, fisiológica e morfologicamente. As espécies indígenas, por outro lado, estão amplamente separadas em suas características, tanto das for mas mais difundidas, quanto umas das outras.

– Bem, e o que isso quer dizer?

– A conclusão é que um mundo da Galáxia – um só mundo – é diferente dos restantes. Dezenas de milhões de mundos na Galáxia – ninguém sabe exatamente quantos – desenvolveram a vida. Era uma vida simples, esparsa, frágil – não muito variegada, não facilmente mantida, e não facilmente difundida. Um mundo, um só mundo, desenvolveu vida aos milhões de espécies – sim, milhões, com certeza – algumas altamente especializadas, altamente desenvolvidas, com forte tendência à multiplicação e propagação, e inclusive nós. Fomos inteligentes o bastante para formar uma civilização, desenvolver o vôo hiperespacial e colonizar a Galáxia – e, ao nos propagarmos pela Galáxia, carregamos conosco muitas outras formas de vida – formas relacionadas umas com as outras e conosco.

– Parando para pensar nisso – disse Trevize, com alguma indiferença – suponho que tem razão. Quero dizer, estamos numa Galáxia humana. Se presumirmos que tudo começou num só mundo, então aquele planeta deveria ser diferente. Mas, por que não? As chances de a vida se desenvolver de um modo tão caótico devem ser muito pequenas, na verdade – talvez uma numa centena de milhões – de modo que as chances são de ter ocorrido num só mundo habitado dentre cem milhões. Tinha de ser em algum deles.

– Mas o que tornou aquele mundo em particular tão diferente dos outros? – continuou Pelorat, animado. – Quais foram as condições a torná-lo único?

– Mero acaso, quiçá. Afinal, os seres humanos e as formas de vida que carregaram consigo agora existem em dezenas de milhões de planetas, todos podendo sustentar a vida, de modo que qualquer um desses mundos poderia ser o tal.

– Não! Uma vez evoluída a espécie humana, uma vez tendo desenvolvido a tecnologia, uma vez tendo-se endurecido na dura luta pela sobrevivência, poderia então adaptar-se à vida em qualquer mundo que seja minimamente hospitaleiro – em Terminus, por exemplo. Mas você consegue imaginar vida inteligente se desenvolvendo em Terminus? Quando Terminus foi inicialmente ocupado por humanos, nos dias dos Enciclopedistas, a forma mais elevada de vida vegetal que produzia era uma espécie de musgo sobre as rochas, as formas animais mais elevadas eram pequenos corais no oceano e insetos voadores na terra. Acabamos com eles e enchemos o mar e a terra com peixes, e coelhos e cabras, e grama, grãos, árvores, e o mais. Nada deixamos da vida indígena, exceto pelo que existe em zoológicos e aquários.

– Hum – respondeu Trevize.

Pelorat ficou olhando para ele por todo um minuto, então suspirou e disse; – Você não se importa mesmo, não é? Notável! Não consigo achar ninguém, que se interesse, não sei por quê. Minha falha, eu acho. Não consigo fazer este assunto interessante, mesmo que a mim interesse tanto.

– É interessante; realmente é. Mas... e daí?

– Não o surpreende que pode ser cientificamente interessante estudar o mundo que originou o único equilíbrio realmente florescente que a Galáxia já conheceu?

– Talvez, se você for um biólogo. Eu não sou, você bem o sabe. Deve perdoar-me.

– É claro, meu caro rapaz. é que nunca encontrei nenhum biólogo interessado, tampouco. Eu lhe disse já ter estudado biologia. Apresentei o assunto a meu professor e ele mesmo não estava interessado. Disse-me para me voltar para algum problema prático. Isso me desgostou tanto que passei para o curso de história – que tinha sido mais um passatempo meu desde minha adolescência, e abordei a “Questão das Origens” daquele ângulo.

– Mas ao menos lhe motivou o trabalho de uma vida, de modo que você deve agradecer a seu professor tão pouco ilustrado.

– Sim, suponho que se possa ver o assunto assim. E esse trabalho de uma vida é um trabalho interessante, do qual nunca me cansei. Mas eu gostaria muito que interessasse a você. Detesto esta sensação de falar só para mim mesmo, para sempre.

Trevize jogou a cabeça para trás e riu gostosamente.

O rosto quieto de Pelorat mostrou um traço de ressentimento: – Por que

está rindo de mim?

– Não de você, Janov, estava rindo de minha própria estupidez. No que lhe concerne, sou-lhe grato. Você estava perfeitamente certo, sabia?

– Sobre perceber a importância das origens humanas?

– Não, não. Bem, isso também. Mas eu quero dizer que você estava certo em dizer-me para parar de pensar conscientemente em meu problema e voltar minha mente para qualquer outra coisa. E funcionou. Quando você estava falando sobre a maneira como a vida evoluiu, finalmente ocorreu-me que eu sabia como achar aquele hiper-relê, se é que existe.

– Ah, aquilo!

– Sim, aquilo! Essa é minha monomania, no momento. Estive procurando aquele hiper-relê tal como se estivesse na lata velha de minha nave de treinamento, estudando cada urna de suas partes visualmente, procurando algo que se destacasse do resto. Esqueci que esta nave é o produto resultante de milhares de anos de evolução tecnológica. Não percebe?

– Não, Golan.

– Temos um computador a bordo. Como pude esquecer?

Ele acenou e passou para o quarto ao lado, puxando Pelorat consigo.

– Preciso apenas comunicar-me – disse, colocando as mãos sobre o contato do computador.

Era uma questão de tentar atingir Terminus, que agora estava alguns milhares de quilômetros para trás.

Atingir! Falar! Era como se terminações nervosas brotassem e se estendessem para fora com assustadora velocidade – a velocidade da luz, é claro – para estabelecer contato.

Trevize sentiu-se tocando – bem, não exatamente tocando, mas “sensoriando”.. bem, não exatamente sensoriando, mas... não importava, pois não havia palavra para aquilo.

Ele estava consciente de Terminus ao seu alcance, e, muito embora a distância entre ele e o planeta estivesse aumentando de uns vinte quilômetros por segundo, o contato persistia como se o planeta e a nave estivessem imóveis e separados por alguns metros.

Ele nada dizia. Forçava-se a ficar calado. Estava meramente testando o princípio da comunicação; ele não estava comunicando ativamente.

Lá fora, a oito parsecs de distância, estava Anacreon, o mais próximo planeta importante – em seu quintal, pelos padrões galácticos. Enviar uma mensagem pelo mesmo sistema, à velocidade da luz, que estava funcionando para Terminus – e receber igualmente uma resposta – levaria cinqüenta e dois anos.

Atingir Anacreon! Pensar em Anacreon! Pensar nele tão claramente quanto puder. Você conhece sua posição relativa a Terminus e ao núcleo galáctico; estudou sua planetografia e história; resolveu problemas militares quando foi necessário recapturar Anacreon (no caso impossível – nestes dias – de ser tomado por um inimigo).

Pelo espaço! Você esteve em Anacreon!

Imaginar! Visualizar! Você vai sentir como estando lá, pelo hiper-relê.

Nada! Seus terminais nervosos estremeceram e pousaram no nada. Trevize desligou-se: – Não há hiper-relé a bordo da Far Star, Janov. Definitivamente. E se eu não tivesse seguido a sua sugestão, imagino o quanto teria me levado para atingir esta conclusão.

Pelorat, sem mover um músculo facial, positivamente estava radiante – Estou tão contente por ter sido de alguma utilidade! Isto quer dizer que vamos Saltar?

– Não, ainda esperaremos mais dois dias, por segurança. Precisamos nos afastar de qualquer massa, lembra-se? Ordinariamente, considerando que tenho uma nave nova e não-testada, com que não estou de modo algum familiarizado, provavelmente me levaria dois dias para calcular o procedimento exato – o hiper-impulso apropriado para o primeiro Salto, especialmente. Tenho a sensação, porém, de que o computador fará tudo.

– Ai de mim! Isso vai nos deixar um tempo um tanto enfadonho, eu receio.

– Enfadonho? – e Trevize sorria amplamente. .– Tudo menos isso! Você e eu, Janov, vamos conversar sobre a Terra.

– De fato? Ou você só está tentando agradar a um velho? É muita bondade sua, muita mesmo.

– Bobagem! Estou tentando agradar a mim mesmo. Janov, você fez de mim um convertido. Como resultado do que me disse, percebo que a Terra é o objeto mais importante e mais devoradoramente interessante no Universo.

22.

Certamente devia ter atingido Trevize no momento em que Pelorat apresentara seu enfoque da Terra. Foi só porque sua mente estava reverberando com o problema do hiper-relé, que não respondera de imediato. E no instante em que o problema se fora, ele respondeu.

Talvez a frase isolada de Hari Seldon repetida com mais freqüência era sua observação concernente à Segunda Fundação estar “no outro extremo da Galáxia” em relação a Terminus. Seldon até mesmo dera um nome ao lugar. Deveria estar no “fim das estrelas”, em “Star’s End”

Isto fora incluído no depoimento de Gaal Dornick, no dia do julgamento perante a Corte Imperial. “O outro extremo da Galáxia”: eram as palavras que Seldon usara com Dornick, e desde aquele dia, seu significado era alvo de polêmica.

O que conectava um extremo da Galáxia com “o outro extremo”? Seria uma linha reta, uma espiral, um círculo, ou o quê?

E agora, luminosamente, subitamente, ficara claro para Trevize que não era reta nem curva que deveria, ou poderia ser traçada no mapa da Galáxia. Era mais sutil que aquilo.

Estava perfeitamente claro que um extremo da Galáxia era Terminus. Estava na borda da Galáxia, sim, o nosso limite da Fundação – o que dava à palavra “extremo” um significado literal. Era, porém, o mundo mais novo da Galáxia, na época em que Seldon falava, um mundo que estava para ser fundado, que ainda não existira um só momento.

Qual seria o outro extremo da Galáxia, naquele enfoque? O outro limite da Fundação? Ora, seria o mundo mais velho da Galáxia? E de acordo com o argumento que Pelorat apresentara – sem o saber – isso só poderia ser a Terra. A Segunda Fundação muito bem poderia estar na Terra!

Mas também Seldon dissera que o outro extremo da Galáxia estava no “fim das estrelas”. Quem podia dizer que ele não falava metaforicamente? Traçando a história da humanidade para trás, como Pelorat fez, a linha se estenderia para trás, a partir de cada sistema planetário, até um outro, alguma outra estrela de onde os primeiros imigrantes vieram, e então para outra estrela anterior – até que finalmente todas as linhas se recolheriam no planeta onde a humanidade teria tido origem. Era a estrela que brilhava sobre a Terra, que era o “fim das estrelas”.

Trevize sorriu e disse quase amorosamente: – Diga-me mais sobre a Terra, Janov.

Pelorat abanou a cabeça: – Já lhe disse tudo o que há para dizer, realmente. Vamos descobrir mais em Trantor.

– Não, não vamos, Janov. Não vamos encontrar nada lá, Por quê? Porque não estamos indo para Trantor. Eu controlo esta nave e garanto-lhe que para lá é que não vamos.

Pelorat ficou com a boca aberta. Forçou recuperar o fôlego por um momento e disse, desconsolado: – Ó, meu caro rapaz!

– Ora, vamos, Janov. Não fique assim. Vamos encontrar a Terra.

– Mas é só em Trantor que...

– Não, não é. Trantor é só algum lugar onde você pode estudar filmes que estão se desfazendo, e documentos poeirentos, e ficar quebradiço e poeirento também.

– Por décadas eu sonhei...

– Você sonhou em encontrar a Terra.

-Mas é só...

Trevize levantou-se, inclinou-se para a frente, agarrou a lapela da túnica de Pelorat, e disse: – Não repita isso, professor; não repita. Quando você me disse pela primeira vez que íamos procurar a Terra, mesmo antes de entrarmos nesta nave, disse que estava certo de poder encontrá-la porque, e vou citar suas próprias palavras: “Tenho uma excelente possibilidade em mente”. Agora eu não quero mais ouvi-lo dizer “Trantor” de novo. Eu só quero que me conte sobre essa excelente possibilidade.

– Mas precisa ser confirmada. Até agora, é apenas um pensamento, uma esperança, uma vaga possibilidade.

– Ótimo! Fale-me a respeito dela!

– Você não entende; simplesmente, não entende. Não é um campo onde alguém, que não eu, tenha feito pesquisa. Não há nada histórico, nada firme, nada real. As pessoas falam da Terra como se fosse um fato, e também como se fosse um mito. Há um milhão de lendas contraditórias...

– Mas de que consistiu a sua pesquisa?

– Fui forçado a coligir cada lenda, cada fragmento de história suposta, cada lenda, cada nebuloso mito. Mesmo ficção! Qualquer coisa que incluísse o

nome da Terra ou a idéia de um planeta de origem. Por mais de trinta anos, estive colecionando tudo o que pude encontrar de cada planeta da Galáxia. Agora, se eu pudesse encontrar algo mais confiável que tudo isso, na Biblioteca Galáctica em... Mas você não quer mais que eu diga aquele nome.

– É isso mesmo, não fale. Ao invés disso, diga-me que um desses itens chamou a sua atenção, e diga-me das suas razões para pensar que de todos os outros, esse seria legítimo.

Pelorat abanou a cabeça: – Golan, desculpe-me, mas aí você está falando como um político, ou um militar. Não é assim que a história funciona.

Trevize respirou fundo e controlou-se: – Diga-me como funciona, Janov. Temos dois dias; eduque-me.

– Você não pode confiar em qualquer mito, nem em qualquer grupo de mitos. Tive de reunir todos, analisar todos, organizar todos, elaborar símbolos para representar diferentes aspectos de seu conteúdo – lendas sobre clima impossível, detalhes astronômicos de sistemas planetários discordantes dos que existem atualmente, local de origem de heróis culturais especificamente enunciados como não sendo nativos, e literalmente centenas de outros itens; não adianta repassar toda a lista. Mesmo dois dias não seriam suficientes. Gastei mais de trinta anos, estou lhe dizendo.

– Então elaborei um programa de computador que pesquisou todos esses mitos, procurando componentes comuns, e busquei uma transformação que eliminaria as impossibilidades reais. Gradualmente construí um modelo de como a Terra deve ter sido. Afinal de contas, se todos os humanos se originaram num só planeta, aquele único planeta deve representar aquele fato que todos os mitos das origens, todas as lendas sobre heróis culturais devem ter em comum. Você quer que eu entre em pormenores matemáticos?

– Não no momento, obrigado, mas como sabe que não vai se perder com a sua matemática? Sabemos ser um fato que Terminus foi fundado só há cinco séculos, e que os primeiros humanos chegaram como colonos de Trantor, mas foram reunidos de dezenas – se não centenas – de outros mundos. Porém, alguém que não soubesse disto, presumiria que Hari Seldon e Salvor Hardin, nenhum deles oriundo de Terminus, vieram da Terra, e que Trantor era realmente um nome que equivaleria à Terra. Certamente, se Trantor tal como descrito no tempo de Seldon fosse procurado – um mundo com toda sua superfície revestida de metal – ele não seria encontrado, e poderia ser considerado um mito irreal.

Pelorat parecia contente: – Retiro minha observação anterior sobre

políticos e militares, meu caro rapaz. Você tem um notável senso da intuição. É claro, eu tive que estabelecer critérios. Inventei uma centena de falsidades baseadas em distorções da história presente e limitando mitos do tipo que eu coligira. Tentei então incorporar minhas invenções no modelo. Uma de minhas invenções até se baseava na história primitiva de Terminus. O computador rejeitou-as todas. Todas elas. Para dizer a verdade, isso pode significar que eu simplesmente não tinha o talento literário para inventar algo razoável, mas fiz o melhor que pude -

– Estou certo que sim, Janov. E o que o seu modelo lhe disse sobre a Terra?

– Um certo número de coisas, de diversos graus de verossimilhança. Uma espécie de perfil. Por exemplo, cerca de 90 por cento dos planetas habitados na Galáxia têm períodos de rotação entre vinte e duas e vinte e seis Horas Galácticas-Padrão. Bem...

Trevize interrompeu: – Espero que não tenha dado atenção a isso, Janov. Não há mistério. Para que um planeta seja habitável, não se deseja que gire tão depressa que os padrões de circulação atmosférica produzam condições impossivelmente tempestuosas, ou tão lentamente que as variações de temperatura sejam extremas. É uma propriedade auto-seletiva. Os seres humanos preferem viver em planetas com características adequadas, e quando todos os planetas habitáveis se assemelham quanto a estas características, alguns dizem: “Que notável coincidência!”, quando não é nada notável, e nem mesmo uma coincidência.

– De fato – respondeu Pelorat calmamente – esse é um fenômeno bem conhecido das ciências sociais. Na física também, acredito, mas não sou um físico e não tenho certeza. Em qualquer caso, é o chama do “principio antrópico”. O observador influencia os eventos que observa, pelo mero ato de observá-los, ou por estar lá para observá-los. Mas a questão é: – Onde está o planeta que serviu como modelo? Que planeta gira precisamente em um Dia Galáctico-Padrão de vinte e quatro Horas Galácticas-Padrão?

Trevize ficou olhando, pensativo, e projetou o lábio inferior: – Acha então que poderia ser a Terra? Claro que o Padrão Galáctico poderia ter sido escolhido pelas características locais de qualquer mundo, não poderia?

– Pouco provável. Não é a maneira humana. Trantor foi o mundo-capital da Galáxia por doze mil anos o mundo mais populoso por vinte mil anos – e não impôs seu período de rotação de 1,08 Dias Galácticos-Padrão para toda a Galáxia. E o período de rotação de Terminus é de 0,91 DGP, e não o impomos

aos planetas por nós dominados. Todo planeta faz uso de seus próprios cálculos em seu sistema de Dia Planetário Local, e para questões de interesse interplanetário, converte – com a ajuda de computadores – entre o DPL e o DGP. O Dia Galáctico-Padrão deve vir da Terra!

– Por que é uma necessidade?

– Por uma coisa: outrora a Terra foi o único mundo habitado, de modo que o seu dia e ano seriam o padrão, e muito provavelmente permaneceria o padrão, por causa da inércia social, à medida que outros mundos iam sendo povoados. Então, também o modelo que elaborei foi o de uma Terra que girava em torno de seu eixo em exatamente vinte e quatro Horas Galácticas-Padrão e girava em torno de seu sol em exatamente um Ano Galáctico-Padrão.

– Não poderia ser uma coincidência?

Pelorat riu-se: – Agora você é que está falando de coincidências. Gostaria de fazer uma aposta sobre a chance de uma tal coisa acontecer por coincidência?

– Bem, bem – resmungou Trevize -

– De fato, há mais nesse assunto - Há uma medida arcaica de tempo, chamada mês...

– Já ouvi falar.

– Aparentemente, encaixa-se no período de revolução do satélite da Terra em torno do planeta. Entretanto...

– Sim?

– Bem, um fator um tanto surpreendente do modelo é que o satélite que mencionei é grande; mais de um quarto do diâmetro da Terra.

– Nunca ouvi falar de tal coisa, Janov. Não há um planeta povoado na Galáxia com um satélite assim.

– Mas isso é ótimo – disse Pelorat com animação. – Se a Terra é um mundo único na sua produção de espécies variegadas, e na evolução da inteligência, então o que nos falta é alguma peculiaridade física.

– Mas o que um grande satélite teria a ver com espécies variadas, inteligência, e tudo o mais?

– Bem, aí atingimos uma dificuldade. Não sei, realmente. Mas vale a pena examinar, não acha?

Trevize levantou-se e cruzou os braços à frente do peito: – Mas, qual é o problema, afinal? Consulte as estatísticas sobre os planetas habitados e descubra

um que tenha um período de rotação e revolução que sejam exatamente um Dia Galáctico-Padrão e um Ano Galáctico-Padrão. E se também tiver um satélite gigante, achou o que queria. Presumo de sua afirmação, que você tem em mente uma “excelente possibilidade”, e que procedeu exatamente assim, e que descobriu o seu mundo.

Pelorat parecia desconcertado: – Não é exatamente o que aconteceu. Consultei as estatísticas, ou pelo menos foi o que pedi ao Departamento de Astronomia e, para ser franco, não há um tal mundo.

Trevize sentou-se de novo, abruptamente: – Mas isso significa que todo o seu argumento cai.

– Não é absolutamente o que me parece.

– O que você quer dizer com “não absolutamente”? Você apresenta um modelo com toda espécies de descrição detalhada e não pode encontrar nada que se encaixe? Seu modelo então é inútil. Precisa recomeçar tudo de novo!

– Não! Isso só quer dizer que as estatísticas sobre planetas povoados são incompletas. Afinal de contas, há dezenas de milhões deles, e alguns são mundos obscuros. Por exemplo, não há dados confiáveis sobre a população de quase a metade. E quanto a seiscentos e quarenta mil mundos povoados, quase não há informação além de seus nomes e, por vezes, localização. Alguns galactógrafos estimaram haver até dez mil planetas de modo algum arrolados. Os mundos presumivelmente preferem assim. Durante a Era Imperial, pode tê-los ajudado a se esquivar da taxação.

– E nos séculos que se seguiram, também – disse Trevize cinicamente. – Pode tê-los ajudado a servir de base de operações para piratas, o que ocasionalmente pode ter-se mostrado mais lucrativo que o comércio normal.

– Não sei nada a respeito disso – comentou Pelorat, duvidoso.

– Não faz mal, parece-me que a Terra deveria estar na lista dos planetas habitados, mesmo contra sua vontade. Seria o mais antigo de todos, por definição, e não poderia ter passado despercebido nos primeiros séculos da Civilização Galáctica. E uma vez na lista, ficaria nela. Por certo que neste ponto, poderíamos contar com alguma inércia social.

Pelorat hesitou e pareceu angustiar-se: – De fato, há... existe um planeta chamado “Terra” na lista dos planetas habitados.

Trevize encarou-o: – Tenho a impressão de que você me disse agora há pouco que a Terra não estava na lista.

– Enquanto “Terra”, não. Há, porém, um planeta chamado “Gaia”.

– E o que tem a ver com o resto? Como é mesmo: Gaiá?

– Diz-se G-A-I-A. Significa “Terra”.

– Por que deveria significar “Terra”, Janov, e não qualquer outra coisa? O nome não tem significado algum para mim.

O rosto de Pelorat, ordinariamente sem expressão, chegou perto de uma careta. Não sei se você vai acreditar, mas se for pela minha análise dos mitos, havia várias línguas diferentes, mutuamente ininteligíveis, na Terra.

– O quê?!

– Isso mesmo. Afinal, temos milhares de diferentes maneiras de falar por toda a Galáxia...

– Através da Galáxia, há certas variações dialetais, mas não são mutuamente ininteligíveis. E mesmo se a compreensão de algumas delas é difícil, compartilhamos todos o Galáctico-Padrão.

– Certamente, mas há a constante viagem interestelar. E se algum mundo tivesse ficado isolado por um período prolongado?

– Mas você está falando da Terra. Um só planeta. Onde o isolamento?

– A Terra é o planeta de origem, não esqueça, onde a humanidade eventualmente deve ter sido primitiva além da imaginação. Sem a viagem interestelar, sem computadores, sem nenhuma tecnologia, lutando para erguer-se a partir de ancestrais não-humanos.

– Mas isso tudo é tio ridículo!

Com este comentário, Pelorat deixou cair a cabeça, embaraçado: – Talvez não adiante discutir isto, meu velho. Nunca consegui tomar o assunto convincente para ninguém. Minha culpa, estou certo.

Trevize arrependeu-se na hora: – Janov, desculpe-me. Falei sem pensar. São opiniões, afinal, com as quais não estou acostumado. Você tem desenvolvido suas teorias já por mais de trinta anos, enquanto que vim a conhecê-las de uma vez só. Você precisa fazer concessões. Olhe, eu vou supor que há um povo primitivo na Terra, que fala duas línguas completamente diferentes, mutuamente ininteligíveis.

– Meia dúzia, quiçá? – disse Pelorat, desafiadoramente. – A Terra pode ter estado dividida em várias grandes massas continentais e pode ser que, de início, não houvesse comunicação entre elas. Seus habitantes poderiam ter

desenvolvido uma língua própria.

Trevize falou, com uma cuidadosa seriedade: – E em cada um desses continentes, uma vez que tenham tomado conhecimento uns dos outros, podem ter-se feito uma “Questão das Origens”, e ficaram pensando em qual deles os seres humanos primeiro derivaram de outros animais.

– Podem muito bem tê-lo feito, Golan. Seria uma atitude muito natural para eles.

– E numa daquelas línguas, “Gaia” significava “Terra”. E a própria palavra “Terra” deriva de uma outra daquelas línguas.

– Sim; sim.

– E enquanto o Galáctico-Padrão é a língua que descendeu da língua particular em que “Terra” significa “Terra”, o povo da Terra, por alguma razão chama seu planeta de “Gaia”, a partir de uma outra de suas línguas.

– Exatamente! Você aprende depressa, Golan.

– Mas parece-me que não há necessidade de fazer mistério disto. Se Gaia é realmente a Terra, a despeito da diferença nos nomes, então Gaia, por seu argumento prévio, deveria ter um período de rotação de exatamente um Dia Galáctico, um período de revolução de exatamente um Ano Galáctico, e um satélite gigante que gira em torno dela exatamente em um mês.

– Sim, é o que deveria ser.

– E então, ela satisfaz ou não a esses requisitos?

– De fato, não sei dizer. A informação não é dada nas tabelas.

– É mesmo? Bem, Janov, então vamos zarpar para Gaia, e vamos cronometrar seus períodos e observar seu satélite?

– Eu gostaria, Golan – Pelorat hesitou. – O problema é que sua localização não é dada exatamente, tampouco.

– Você quer dizer que tem o nome e nada mais, e essa é sua excelente possibilidade?

– Mas é por isso que quero visitar a Biblioteca Galáctica!

– Espere aí. Você disse que a tabela não dá a localização exatamente. Mas dá qualquer espécie de informação?

– Está arrolada no Setor de Sayshell,{*-} e acrescenta um ponto de interrogação.

– Ora, Janov, não fique desanimado, pois. iremos ao Setor de Sayshell e, de algum modo, vamos encontrar Gaia!

7. LAVRADOR

23.

Stor Guendibal praticava corrida pela estrada de terra próxima à Universidade. Não era prática comum para segundofundacionistas se aventurarem pelo mundo rural de Trantor. Podiam fazê-lo, por certo, mas quando o faziam, não se aventuravam muito longe, ou por muito tempo.

Guendibal era uma exceção e, no passado, ficava a pensar por quê. Cismar significava explorar a própria mente, algo que especialmente os Oradores eram encorajados a fazer. Suas mentes eram a um tempo suas armas e seus alvos, e tinham de mantê-las tanto ofensiva como defensivamente bem afiadas.

Guendibal decidira, para sua própria satisfação, que a razão pela qual ele era diferente é porque viera de um planeta que era tanto mais frio quanto mais maciço que a média dos planetas habitados. Quando ele foi levado para Trantor, era menino (através da rede cuidadosamente lançada por toda a Galáxia pelos agentes da Segunda Fundação, à caça de talentos), e encontrou-se num campo gravitacional mais fraco e num clima deliciosamente ameno. Naturalmente, ele gostou de espairecer ao ar livre, mais do que os outros poderiam.

Em seus primeiros anos em Trantor, tomou consciência de seu porte atarracado, baixinho, e temia que se acomodar ao conforto de um mundo benigno o deixaria totalmente frouxo. Assim, passou a fazer uma série de exercícios, que ainda o mantinham atarracado, mas o deixavam lépido e bem disposto. Parte de seu regime eram estas longas caminhadas e corridas – sobre o que alguns na Mesa dos Oradores murmuravam. Guendibal desprezava seu papaguear.

Mantinha seus próprios costumes, a despeito do fato de ser de primeira geração. Todos os outros, à Mesa, eram de segunda e terceira geração, com pais e avós que haviam sido segundofundacionistas. E eram todos mais velhos que ele, também, O que seria de esperar senão mexericos?

Por um antigo costume, todas as mentes à Mesa dos Oradores estavam abertas (supostamente de um modo global, pois era raro o Orador que não

conservava um cantinho de privacidade em algum lugar – a longo prazo, sem efeito, é claro) e Guendibal sabia que o que eles sentiam era inveja. E assim era; assim como Guendibal sabia que sua própria atitude era defensiva, supercompensando a ambição. E eles também sabiam.

Além do mais (a mente de Guendibal reverteu às razões de suas aventuras pelo sertão) ele passara sua infância num mundo grande, vasto, com cenários amplos e grandiosos – e num vale fértil daquele mundo, cercado pelo que acreditava ser a mais bela cadeia de montanhas da Galáxia. Eram inacreditavelmente espetaculares no inverno carrancudo daquele planeta. Lembrava-se de seu antigo mundo e das glórias de uma infância agora distante. Sonhava freqüentemente com isso. Como poderia ser levado a confinar-se a umas poucas dúzias de milhas quadradas de arquitetura antiga?

Olhava em torno com menoscabo, enquanto corria. Trantor era um mundo suave, mas não tinha a beleza da rusticidade. Apesar de ser um mundo agrícola, não era fértil.

Nunca tinha sido. Talvez isso, tanto quanto qualquer outro fator, levaram-no a ser o centro administrativo de, primeiro, uma vasta união de planetas, e depois, de um Império Galáctico. Não havia impulso para se tornar qualquer outra coisa. Não era lá muito bom para nada mais.

Depois do Grande Saque, uma coisa que mantinha Trantor progredindo era seu enorme estoque de metal. Era uma grande mina, suprindo meia centena de mundos com aço-liga, alumínio, titânio, cobre, magnésio, tudo a baixo preço, e devolvendo destarte o que tinha acumulado por milhares de anos; esgotando suas reservas a uma taxa centenas de vezes mais rápida do que a taxa original de acumulação.

Havia ainda um suprimento enorme de metais disponível, mas estavam sob o solo, e mais difíceis de extrair. Os lavradores Hamish (que nunca chamavam a si mesmos “trantorianos”, termo que consideravam de mau agouro e que os segundofundacionistas reservavam para si mesmos) acabaram se tornando relutantes em comerciar com o metal. Superstição, sem dúvida.

Bobagem deles. O metal que ficara sob o solo poderia estar envenenando este mesmo solo, reduzindo ainda mais sua fertilidade. Mas, por outro lado, a população estava muito esparsa e a terra podia sustentá-la. E de qualquer modo, sempre havia algumas vendas de metal.

Os olhos de Guendibal exploravam o horizonte plano. Trantor estava geologicamente vivo, como quase todos os planetas habitados, mas já haviam se

passado pelo menos cem milhões de anos desde o último grande período geológico de elevação de montanhas. As elevações que existiram foram erodidas em colinas suaves. De fato, muitas delas foram niveladas na fase de revestimento de metal da história de Trantor.

Para o sul, bem fora das vistas, estava a praia de Capital Bay, e além, o Oceano Oriental, ambos restabelecidos depois da disrupção das cisternas subterrâneas.

Para o norte, as torres da Universidade Galáctica, obscurecendo a Biblioteca, baixa, porém larga (a maior parte da qual era subterrânea), e o remanescente do Palácio Imperial, ainda mais ao norte.

Imediatamente a cada lado, fazendas, com edifícios aqui e ali. Ele passava por algumas cabeças de gado, cabras, galinhas – a grande variedade de animais domésticos encontrada em qualquer fazenda trantoriana. Nenhum deles lhe deu a mínima atenção.

Guendibal pensou casualmente que em qualquer lugar da Galáxia, em qualquer do vasto número de mundos habitados, se poderiam encontrar esses animais, e que não haveria dois planetas onde eles seriam exatamente iguais. Lembrou-se das cabras de seu mundo, e de sua própria cabra de leite, que ele mesmo outrora ordenhara. Eram muito maiores e mais resolutas que os espécimes pequenos e filosóficos que foram trazidos para Trantor e ali estabelecidos desde o Grande Saque. Pelos mundos habitados da Galáxia, havia muitas variedades destes animais, em número quase incontável, e por mais sofisticada que fosse a pessoa em qualquer mundo, não havia quem não jurasse por sua espécie favorita, quer fornecesse carne, leite, ovos, lã ou qualquer outra coisa que produzisse.

Como de costume, nenhum Hamish à vista. Guendibal tinha a sensação de que os lavradores fugiam à vista daqueles que chamavam de “dotô” (uma pronúncia errada – talvez deliberada – da palavra “doutor” no dialeto deles). – Superstição, de novo.

Guendibal relanceou o sol de Trantor. Estava bem alto no céu, mas seu calor não era opressivo. Neste lugar, nesta latitude, o calor era sempre suave, e o frio nunca em demasia. (Guendibal até sentia falta do frio por vezes, ou pensava que sentia falta. Nunca mais voltara a seu mundo natal. Talvez, admitia para si mesmo, por não querer se decepcionar.)

Tinha a sensação agradável de músculos fortalecidos e retesados, e decidiu que já tinha corrido o suficiente. Passou a caminhar, apenas, respirando

profundamente.

Estaria pronto para a reunião da Mesa, que se aproximava, e para um último esforço para forçar uma alteração na política, uma nova atitude que reconheceria o crescente perigo da Primeira Fundação e alhures e que colocaria um fim na fiabilidade fatal no funcionamento “perfeito” do Plano. Quando eles perceberiam que essa mesma per feição era o sinal mais certo do perigo?

Se qualquer um que não ele fizesse a proposição, teria passado sem problemas. Mas como as coisas estavam agora, haveria problemas, mas passaria do mesmo jeito, pois o velho Shandess o apoiava, e sem dúvida, continuaria a apoiar. Não queria entrar para os livros de história como aquele Primeiro Orador sob quem a Segunda Fundação fenecera.

Hamish!

Guendibal estava surpreso. Tomou consciência do distante fiapo de uma mente antes de ver a pessoa. Era uma mente Hamish – um lavrador – grosseira, nada sutil. Cuidadosamente Guendibal retraiu a sua, deixando um toque tão leve que não poderia ser detectado. A política da Segunda Fundação era muito firme quanto a este aspecto. Os lavradores eram os escudos inconscientes da Segunda Fundação. Deviam ficar tão intocados quanto possível.

Ninguém que vinha a Trantor para negócios ou turismo jamais via algo além dos lavradores, e talvez mais alguns estudiosos sem importância, vivendo no passado. Removam-se os lavradores, ou meramente altere-se a sua inocência, e os estudiosos se tornariam mais conspícuos – com resultados catastróficos- (Era uma das demonstrações clássicas que os neófitos da Universidade deviam elaborar sozinhos. Os tremendos Desvios indicados pelo Radiante Primário quando as mentes dos lavradores eram mesmo levemente alteradas eram assombrosos.)

Guendibal viu-o. Era um lavrador, certamente, Hamish até o cerne. Era quase uma caricatura do que um lavrador trantoriano deveria ser – alto e forte, pele bronzeada, vestido grosseiramente, braços expostos, cabelo escuro, olhos escuros, passos longos e deselegantes. Guendibal sentia como se pudesse cheirar o celeiro à volta dele. (Não os despreze, pensou. Prim Palver não desprezou fazer o papel de lavrador, quando isto foi necessário para seus planos. Mas que péssimo lavrador ele foi – baixo, gordo e flácido. Foi sua mente que impediu que a adolescente Arcádia o fizesse de tolo, não seu corpo.)

O lavrador se aproximava dele, pisoteando a estrada, encarando-o abertamente – algo que aumentou a curiosidade de Guendibal. Nenhum homem

ou mulher Hamish nunca o tinham olhado desse modo. Mesmo as crianças corriam para longe, e ficavam olhando, à distância.

Guendibal não diminuiu seu passo. Haveria espaço bastante para passar pelo outro sem comentário nem olhar, e assim seria melhor. Determinou-se a ficar longe da mente do lavrador.

Guendibal foi para um lado da estrada, mas o lavrador não deixou aquilo escapar. Parou, abriu bem as pernas, abriu os braços, para bloquear a passagem, e disse: – Hô! Océ é um dotô?

Por mais que tentasse evitar, Guendibal não podia deixar de sentir uma onda de beligerância na mente que se aproximava. Parou. Seria impossível tentar passar sem conversação e isso seria, por si mesmo, uma tarefa cansativa. Acostumado como estava ao intercâmbio ligeiro e sutil de som e expressão, e pensamento e mentalidade que se combinavam para compor a comunicação entre os segundofundacionistas, era cansativo recorrer à combinação de palavras tão-somente. Era como levantar uma rocha com os braços e ombros, tendo uma alavanca bem à mão.

Guendibal falou calmamente e com uma cuidadosa falta de emoção: – Sim, sou um estudioso, sim.

– Hô! E claro que ocê é um dotô. Ou será qui tamo falando outra língua, agora? I eu num sei que ocê é um dôlis? – Inclinou a cabeça, zombeteiro. – Só pudia sê, baxínhu, branco, nariz impinádu...

– O que quer de mim, hamish? – perguntou Guendibal, sem se comover.

– Meu sobrenómi é Rufirant. E meu nómi é Karoll. – Seu sotaque tornou-se mais notavelmente Hamish. Seus “rr” ficaram mais guturais.

– O que quer comigo, Karoll Rufirant?

– I como ocê si chama, dotô?

– Importa? Pode continuar a me chamar de “dotô”.

- Si eu pregunto, importa que ocê respôndi, dotozinho improádu.

– Está bem: meu nome é Stor Guendibal, e agora, vou tratar dos meus negócios.

– I u qui são us seus negócio?

Guendibal sentiu os cabelos se arrepiarem na sua nuca. Havia outras mentes presentes. Não precisava se voltar para saber que havia mais três hamish atrás dele. À distância, outros. O cheiro dos lavradores era forte.

– Os meus negócios, Karoll Ruf’irant, certamente nada têm a ver com os seus.

– É mému? – A voz de Rufirant se ergueu. – Ei, génti, ele diz qui us negócio dele num é cum a gente!

Ouviram-se risadas atrás, e uma voz soou: – Tá certo, pruquê us negócio dele é fuçá us livro i si isfregá nus computadô, i isso num é coisa di hómi!

– Seja o que for o meu negócio – disse Guendibal firmemente – vou indo tratar deles, agora.

– I como é qui ocê vai fazé, dotô?

– Passando por vocês.

– Quê tentá? Num tem medo dus meu braço?

– Seus e dos seus companheiros? Ou só você? – E Guendibal su bitamente caiu no grosseiro dialeto hamish: – ‘Tá cum médu di mi infrentá sozinho?

Falando estritamente, não era adequado provocá-lo assim desta maneira, mas evitaria um ataque em massa, e isso sim é que deveria ser evitado, para não forçar uma indiscrição ainda maior de sua parte.

E funcionou. A expressão de Rufirant mudou: – Eu áchu, seo livresco, que ocê é qui tá cum mêdu. Gente, ábri ala! Fica pra trais i dexa ele passá, prá vê si eu tó cum mêdu.

Rufirant ergueu seus grandes braços e movimentou-os. Guendibal não temia a ciência pugilística do lavrador; havia porém sempre a chance de ser atingido por um golpe feliz.

Guendibal aproximou-se cuidadosamente, trabalhando com delicadeza e rapidez na mente de Rufirant. Não muito, só um toque, sem poder ser sentido – mas o suficiente para retardar os reflexos de um crucial nada. Então para fora, e nas mentes de todos os outros, que agora se reuniam em maior número. A mente do Orador Guendibal disparava daqui para ali com virtuosismo, nunca descansando numa só mente o bastante para deixar uma marca, mas o suficiente para a detecção de algo que poderia vir a ser útil.

Aproximou-se do lavrador como um gato, alerta, atento, e aliviado porque ninguém mais fez um movimento para interferir.

Rufirant atacou de repente, mas Guendibal viu o golpe em sua mente antes que qualquer músculo começasse a contrair-se, e deu um passo para o lado. O golpe passou zunindo, por um fio. Mas Guendibal continuava de pé,

inabalado. Houve um suspiro coletivo dos outros.

Guendibal não fez sequer uma tentativa para aparar ou devolver um golpe. Seria difícil defender-se sem paralisar seu próprio braço, e devolver um golpe não adiantaria, pois o lavrador o suportaria sem problema.

Podia manobrar com o homem como contra um touro, forçando- o a perder a pontaria. Isso serviria para abater sua moral, mais que a oposição direta.

Investindo como um touro, e rugindo, Rufirant atacava. Guendibal estava pronto, e afastou-se rápido para um lado, apenas o suficiente para que o lavrador não conseguisse agarrá-lo. Mais uma investida. E mais um golpe perdido.

Guendibal sentia a própria respiração começar a assobiar pelo seu nariz. O esforço físico era pequeno, mas o esforço mental de tentar controlar sem controlar era enormemente difícil. Ele não poderia agüentar muito tempo mais.

E disse, tão calmamente quanto podia, golpeando levemente o mecanismo de depressão do medo de Rufirant, para despertar o mínimo possível o que certamente deveria ser o medo supersticioso do lavrador em relação aos eruditos: – Agora, vou tratar de meus negócios.

O rosto de Rufirant ficou distorcido de raiva, mas por um mo mento, não se moveu. Guendibal podia sentir o seu pensamento. O pequeno erudito derretera – como que por magia. Guendibal podia sentir o medo do outro se elevar por um momento.

Mas então o furor hamish subiu mais alto e afogou o medo.

E Rufirant gritou: – Companheiro! O dotô é dançarino. Sarta na ponta dos pé e zomba da regra honesta dos hamish, de gorpe por gorpe. Agarra ele. Vamo trocá gorpe por gorpe, intão. Ele pódi dá u primêru, di lambuja, i eu, eu vã pur úrtimu.

Guendibal localizou os espaços que ainda havia entre aqueles que agora o cercavam. Sua única chance era manter um daqueles espaços tempo bastante para poder passar no meio deles, e então correr, confiando em seu próprio fôlego e em sua capacidade para amortecer a vontade dos lavradores.

Para a frente e para trás, ele negaceava, sua mente doendo de tanto esforço.

Mas não adiantava. Havia muitos deles, e a necessidade de se ater às regras do comportamento trantoriano era uma férrea imposição.

Sentiu mãos em seus braços. Foi agarrado.

Poderia interferir com ao menos algumas daquelas mentes. Mas seria

inaceitável, e sua carreira seria destruída. Mas sua vida – sua própria vida estava em risco.

Como isto podia ter acontecido?

24.

A reunião da Mesa não estava completa.

Não era costume esperar se qualquer Orador estivesse atrasado. Nem tampouco, pensou Shandess, a Mesa estava com disposição para esperar. Stor Guendibal era o mais jovem, e longe de estar cônscio o bastante deste fato. Agia como se a juventude fosse uma virtude por si só e a velhice uma questão de negligência da parte daqueles que deviam ter mais bom senso. Guendibal não era popular junto aos outros Oradores. Não era, para dizer a verdade, totalmente popular com o próprio Shandess. Mas, popularidade não era o que estava em questão aqui.

Delora Delarmi interrompeu as divagações dele. Estava olhando para ele com seus grandes olhos azuis, seu rosto redondo – com seu costumeiro ar de inocência e amizade – mascarando uma mente aguçada (para todos, exceto os segundofundacionistas de seu nível), e ferocidade de concentração.

Disse, sorrindo: – Primeiro Orador, vamos esperar mais? – A reunião não tinha sido ainda formalmente aberta, de modo que, falando estritamente, ela podia abrir uma conversação, muito embora um outro poderia ter esperado Shandess falar primeiro, pelo direito que lhe dava o título.

Shandess olhou para ela de maneira pacificadora, a despeito da leve quebra de etiqueta: – Ordinariamente não esperaríamos, Oradora Delarmi, mas como a Mesa se reunirá precisamente para ouvir o Orador Guendibal, é adequado esticar um pouco o protocolo.

– Onde está ele, Primeiro Orador?

– Isso, Oradora Delarmi, eu não sei.

Delarmi olhou à volta o retângulo de rostos. Havia o Primeiro Orador e o que deveriam ser outros onze Oradores. Só doze. Por cinco séculos, a Segunda Fundação tinha expandido seu poder e suas obrigações, mas todas as tentativas para expandir a Mesa além de doze tinham falhado.

Eram doze após a morte de Seldon, quando o segundo Primeiro Orador (o próprio Seldon sempre fora considerado como o primeiro da linha) a

estabelecera, e ainda eram doze.

Por que doze? Aquele número se dividia facilmente em grupos de mesmo tamanho. Era pequeno o bastante para consultas como um todo, e grande o bastante para fazer trabalhos em subgrupos. Mais teria sido difícil de operar; menos, demasiado inflexível.

Assim eram as explicações. Mas, de fato, ninguém sabia por que o número fora escolhido – ou por que deveria ficar imutável. Mas mesmo a Segunda Fundação poderia se tomar escrava da tradição.

Levou para Delarmi apenas um momento para sua mente examinar a questão, ao olhar de rosto para rosto, de mente para mente, e então para o assento vazio – o assento do mais novo.

Estava satisfeita ao não encontrar nenhuma simpatia para com Guendibal. O rapaz, ela sempre sentira, tinha todo o encanto de uma centopéia, e era melhor que fosse tratado como uma. Até agora, só sua capacidade e talento inquestionáveis impediram qualquer um de abertamente propor um julgamento para expulsão. (Só dois Oradores já tinham sofrido “impeachment” – mas não condenados – na sesqüimilenar história da Segunda Fundação.)

O desprezo óbvio, entretanto, implicado por perder uma reunião da Mesa, era pior que qualquer ofensa, e Delarmi estava deliciada em perceber que a predisposição para um julgamento tinha-se adiantado pouco mais de um degrau.

– Primeiro Orador, se o senhor não sabe do paradeiro do Orador Guendibal, eu ficaria encantada em dizer-lhe.

– Sim, Oradora?

– Quem dentre nós não sabe que este rapaz (não usou nenhum título honorífico ao falar dele, e foi algo que todos notaram, é claro) continuamente acha o que fazer entre os hamish? O que esses negócios poderão ser, eu não questiono, mas ele está com eles, agora, e sua preocupação com eles é claramente importante o suficiente para ter precedência sobre esta Mesa.

– Acredito – disse um dos outros Oradores – que ele meramente caminha, ou corre, como uma forma de exercício físico -

Delarmi sorriu mais uma vez. Ela gostava de sorrir. Não lhe custava nada. – A Universidade, a Biblioteca, o Palácio, e toda a região que os rodeia são nossas. É pequena, em comparação com o planeta todo, mas contém espaço o bastante, penso, para exercício físico. Primeiro Orador, podemos começar?

O Primeiro Orador suspirou, dentro de si. Tinha todo o poder para manter a Mesa esperando – ou adiar a reunião até um momento em que Guendibal estivesse presente.

Nenhum Primeiro Orador podia exercer seu cargo eficientemente, porém, sem ao menos o apoio passivo dos outros Oradores, e nunca era sensato irritá-los. Mesmo Prim Palver ocasionalmente fora forçado a alguma adulação para conseguir as coisas à sua maneira. Além do que, a ausência de Guendibal era perturbadora, mesmo para o Primeiro Orador. O jovem Orador poderia muito bem aprender que ele não era a personificação da lei.

E agora, na qualidade de Primeiro Orador, com efeito, falou em primeiro lugar, dizendo: – Vamos começar. O Orador Guendibal apresentou algumas surpreendentes deduções a partir dos dados do Radiante Primário. Acredita existir alguma organização que está trabalhando para manter o Plano de Seldon mais eficazmente do que nós, e que assim o faz para cumprir seus próprios propósitos. À luz disto, antes de mais nada, precisamos saber mais, para nossa auto-defesa. Todos vocês já foram informados disto, e esta reunião é para permitir-lhes uma oportunidade de interrogar o Orador Guendibal para que possamos chegar a alguma conclusão quanto à nossa orientação futura.

De fato, era desnecessário falar tanto. Shandess manteve sua mente aberta, de modo que todos ficaram sabendo. Falar era uma questão de cortesia.

Delarmi olhou rapidamente á sua volta. Os outros dez pareciam contentes em lhe permitir tomar o papel de porta-voz anti-Guendibal: – No entanto, Guendibal – de novo a omissão do honorífico – não sabe, e não pode dizer o que ou quem essa organização é.

A frase foi enunciada como uma afirmativa, roçando a fronteira da rudeza. Era tanto quanto dizer: posso analisar sua mente; não se dê ao trabalho de explicar.

O Primeiro Orador reconheceu a rudeza e tomou a rápida decisão de ignorá-la. – O fato de o Orador Guendibal – pontilhisticamente evitou a omissão do honorífico e nem mesmo apontou o fato, sublinhando-o – não saber e não poder dizer o que a outra organização é, não significa que ela não exista. O povo da Primeira Fundação, através da maior parte de sua história, não sabia virtualmente nada a nosso respeito, e, de fato, sabe quase nada sobre nós, agora. E você questiona a nossa existência?

– Não se segue – disse Delarmi – que por sermos desconhecidos e no entanto, existirmos, que qualquer coisa, para existir, só precise ser desconhecida

– e riu-se um pouco.

– É bem verdade. Por isso que a afirmação do Orador Guendibal deve ser examinada com muito cuidado. É baseada em rigorosa dedução matemática, que repassei eu mesmo e que insto todos vocês a considerar. Não deixa de ser – e procurou moldar a mente de maneira a melhor expressar suas opiniões – convincente.

– E esse primeirofundacionista, Golan Trevize, que flutua por sua mente, mas que o senhor não mencionou? – Outra impolidez, e, agora, o Primeiro Orador corou um pouco. – O que há sobre ele?

– É pensamento do Orador Guendibal que este homem, Trevize, é a ferramenta, quiçá involuntária, desta organização, e que não devemos ignorá-lo -

– Se – disse Delarmi, reclinando-se em sua poltrona, e empurrando seu cabelo cinzento para trás, afastando-o de seus olhos – esta organização, o que quer que seja, existir, e se for perigosamente poderosa em suas habilidades mentais, e está tão escondida, será provável que tenha manobrado tão abertamente através de alguém tão conspícuo como um Conselheiro exilado da Primeira Fundação?

– Não é crível – falou gravemente o Primeiro Orador. – No entanto, observei algo muito inquietante. Não compreendo. – Quase involuntariamente enterrou o pensamento, envergonhado de que os outros pudessem vê-lo.

Cada um dos Oradores notou aquela ação mental e, como era rigorosamente exigido, respeitaram-no. Delarmi também, mas o fez com impaciência. Disse, de acordo com a fórmula de praxe: – Podemos pedir que o senhor nos deixe conhecer os seus pensamentos, pois que entendemos e perdoamos qualquer vergonha que o senhor possa sentir?

– Como você, não vejo em que bases dever-se-ia supor que o Conselheiro Trevize seja uma ferrramenta da outra organização, ou a que propósito possivelmente poderia servir se o fosse. Mas o Orador Guendibal parece ter certeza disso, e não se pode ignorar o possível valor da intuição em qualquer um qualificado para ser Orador. Por tanto, tentei aplicar o Plano a Trevize.

– A uma pessoa isolada? – disse um dos Oradores numa surpresa murmurada, e então indicou sua contrição de imediato, por ter acompanhado a pergunta com um pensamento que era o claro equivalente de: – Mas que idiota!

– A uma só pessoa – confirmou o Primeiro Orador – e você tem razão. Que idiota eu sou! Sei muito bem que o Plano possivelmente é inaplicável a indivíduos, nem mesmo a pequenos grupos. Entretanto, eu estava curioso.

Extrapolei as Interseções Interpessoais bem além dos limites razoáveis, mas o fiz de dezesseis diferentes maneiras e escolhi uma região, mais que um ponto. Então fiz uso de todos os pormenores que conhecemos sobre Trevize – um Conselheiro da Primeira Fundação não passa totalmente despercebido – e da Prefeita da Fundação. Então lancei tudo junto, de maneira um tanto precipitada, receio. – Fez uma pausa.

– Bem? – quis saber Delarmi. – Acredito que o senhor ... Os resultados foram surpreendentes?

– Não houve nenhum resultado, como todos poderiam esperar. Nada pode ser feito com um só indivíduo, no entanto... no entanto...

– No entanto?

– Já passei quarenta anos analisando resultados, e fiquei acostumado a obter uma clara sensação do que os resultados seriam antes de serem analisados – e raramente tenho me enganado. Neste caso, mesmo sem obter resultados, desenvolvi a forte sensação de que Guendibal estava certo e que Trevize não devia ser deixado à própria sorte.

– E por que não, Primeiro Orador? – perguntou Delarmi, claramente assustada com a forte sensação na mente do Primeiro Orador.

– Estou envergonhado por ter-me permitido a tentação de usar o Plano para um propósito para o qual não se destina. Estou ainda mais envergonhado agora, por permitir-me ser influenciado por algo que é puramente intuitivo. Mas preciso, pois esta sensação é demasiado forte. Se o Orador Guendibal estiver certo – se estivermos sob um perigo que vem de alguma direção – então sinto que quando vier o tempo em que nossos negócios estiverem em crise, será Trevize quem terá e vai jogar a carta decisiva.

– Em que bases o senhor sente isso? – perguntou Delarmi, chocada.

O Primeiro Orador Shandess olhou à roda da mesa, num estado de miséria: – Não tenho base nenhuma. A matemática psico-histórica nada fornece, mas à medida que observava o jogo das inter-relações, parecia-me que Trevize é a chave de tudo. Deve-se prestar atenção neste jovem.

25.

Guendibal sabia que não voltaria a tempo para a reunião da Mesa. Poderia mesmo ser que ele não mais voltasse de modo algum.

Foi seguro firmemente e experimentava desesperadamente à sua volta qual a melhor maneira que podia conseguir para forçá-los a soltá-lo.

Rufirant estava à frente dele, exultante. – Océ ti preparado, dotô? Gorpe por gorpe, soco por soco, à moda dos hamish. Intão, ocê é o menor; bate primero.

Ao que Guendibal disse: – E arguém vai ti segurá, como a mim?

E Rufirant disse: – Deixa ele. Nao, não. Só sorta us braço. Dexa os braço sorto, mas sigura bem as perna. Num quero qui ele dance.

Guendibal achou-se pregado ao chão. Seus braços estavam livres.

– Bate, dotã – disse Rufirant. – Dá um soco.

E então a sonda da mente de Guendibal encontrou algo que respondia indignação, um senso de injustiça e piedade. Ele não tinha escolha; teria de correr o risco de reforçar descaradamente e depois improvisar com base em...

Não havia necessidade! Nem mesmo tocara esta novamente, mas ela reagiu como ele queria. Precisamente.

Ele subitamente tomou consciência de um pequeno vulto – atarracado, com cabelo negro longo e emaranhado, e braços estendidos para a frente – investindo para dentro de seu campo de visão e empurrando o lavrador hamish.

O vulto era de mulher. Guendibal pensou amargamente que não tê-la notado até que seus olhos a identificassem, era uma medida de sua tensão e preocupação.

– Karoll Rufirant! – ela gritou para o lavrador – , ocê é muito metido a valentão, e é um covarde! Gorpe por gorpe, à moda hamish? Océ é duas veis do tamanho do dotô. Vai corrê mais perigo atacando eu. Tem vantage batê nessa coisinha ai? Tem vergonha, isso sim. Todo mundo vai apontá o dedo e dizê: “Aquele é o Rufirant, famoso espancadô de criança”. Vão dá risada, eu acho, e nenhuma muié hamish decente vai bebê cum ocê – i nenhuma muié hamish decente vai querê ficá cum océ.

Rufirant estava tentando deter aquela torrente, desviando os golpes que ela lhe dirigia, tentando fracamente responder e apaziguar:

– Ora, carma, Sura!

Guendibal percebia que as mãos não mais o agarravam, e que Rufirant não mais o fitava, e que as mentes de todos não mais estavam preocupadas com ele.

Sura não estava preocupada com ele, tampouco; sua fúria estava unicamente concentrada em Rufirant. Guendibal, recuperando-se, agora procurava tomar medidas para manter aquela fúria viva e reforçar a vergonha incômoda que invadia a mente de Rufirant, e fazê-lo tão hábil e levemente de modo a não deixar marca. De novo, não houve necessidade.

E a mulher disse: – Tudo ocêis: vai pra trais. Óia aqui. num basta qui esta montanha do Karoll aqui seja como um gigántï perto dêsti magrela? Pricisa tê mais cincu ou seis di oceis prá passá a mema vergonha i vortá prá fazenda cum a glória di batê em criança? Um vai dizê: “Eu segurei o braço do fracote”, e também: “O gigante do Rufirant ismagô a cara dele quandu ele num pudia respondê”. 1 otro vai dizê: “Mais eu também sigurei u pé dele, tamém merêçu elogiu”. 1 u grandi Rufirant vai dizé: – Eu num cunseguia agarrá ele, i us meu colega agarraro ele, e cum a ajuda di mais seis, fiz cum ele o qui eu bem intendi”.

– Mais, Sura – fez Rufirant, quase gemendo – , eu disse pru dotô qui ele pudia dá u priméru soco.

– I ocê ‘tava cum um bruto medo dus gorpe dus bracinho dele, né, Rufirant, seo cabeça dura. Vamo. Dexa ele ir prá onde ‘tava indo, e o resto di oceis pódi rastejá di vorta prá casa, si é qui oceis pódi sê bem-vindo nas suas casa. I é melhó isquecê as grândi coisa qui fizero nestí dia. Mais ninguém vai isquecé, pruqué eu vã espaiá elas, se oceis mi dexá mais nervosa qui eu já tô agora.

E todos saíram quietamente, cabeças baixas, sem olhar para trás.

Guendibal ficou olhando para eles, e de novo para a mulher. Ela estava vestida com uma blusa e calças, com sapatos grosseiros. Seu rosto estava molhado com suor e respirava pesadamente. Seu nariz era um pouco grande, seus seios, pesados (tanto quanto Guendibal podia avaliar através de sua blusa solta), e seus braços, descobertos, musculosos. Mas, afinal, a mulher hamish trabalhava nos campos, junto de seu homem.

Ela olhava para ele séria, mãos na cintura: – Bem, dotô, prá quê ficá atrasado? Vai pro Lugá dus Dotã. ‘Tá cum medo? Qué qui eu ti acompanhe?

Guendibal sentia o cheiro de suor naquelas roupas que claramente não eram lavadas há um bom tempo, mas naquelas circunstâncias seria muito descortês mostrar qualquer repugnância.

– Agradeço-lhe, senhorita Sura...

– O nómi é Novi... – ela interrompeu, resmungando. - Sura Novi. Pódi

falá Novi. Num piicisa dizê u otro nómi.

– Agradeço, Novi. Você pode ter-me ajudado bastante. É bem vinda para me fazer companhia, não porque eu tenha medo, mas por que sua companhia me dá prazer. – E inclinou-se graciosamente, como poderia tê-lo feito para uma das moças da Universidade -

Novi enrubesceu, pareceu insegura, e então tentou imitar seu ges to.– O prazê... é todo meu – ela disse, como que procurando pelas palavras que mais adequadamente expressariam seu prazer, e para afetar um ar de cultura.

Caminharam juntos. Guendibal sabia bem que cada passo à vontade o deixaria mais indesculpavelmente atrasado para a reunião da Mesa, mas agora, ele tinha uma chance de pensar no significado do que ocorrera, e estava friamente contente por se deixar atrasar.

Os prédios da Universidade cresciam à frente deles, quando Sura Novi parou e disse, hesitante: – Seo dotô?

Aparentemente, pensou Guendibal, à medida que ela se aproximava do que chamava o “Lugá dos Dotõ”, ia ficando mais polida. Ele teve um impulso momentâneo de dizer: “Ocê num qué falá cum este fracote?” – Mas isso a deixaria totalmente envergonhada.

– O que é, Novi?

– É tudo muito fino e rico, no Lugá dus Dotô?

– É bonito – respondeu Guendibal.

– Uma veis eu sonhei que ‘tava lá. 1. - - i qui eu era uma dotora.

– Algum dia – falou Guendibal, polidamente – vou mostrar-lhe o lugar.

O olhar que ela deu mostrou-lhe que ela não aceitou aquilo como mera polidez. Disse: – Eu sei iscrevê. Um professã primário mi insinô. Si eu ti iscrevê uma carta – e ela tentou mencionar isto casualmente –, cõsnu é qui eu iscrevo prá ela chegá até ocê?

– Apenas escreva: “Casa dos Oradores, apartamento 27”, e ela chegará a mim. Mas, eu preciso ir, Novi.

Inclinou-se de novo, e de novo ela tentou imitar o gesto. Foram-se em direções opostas e Guendibal prontamente a esqueceu. Pensou, ao invés, na reunião da Mesa e, em particular, na Oradora Delora Delarmi. E seus pensamentos não eram nada gentis.

8. LAVRADORA

26.

Os Oradores estavam sentados à volta da Mesa, congelados em seu escudo mental. Era como se todos – unanimemente – tivessem escondido suas mentes para evitar um irretratável insulto ao Primeiro Orador, após sua afirmação concernente a Trevize. Sub-repticiamente relanceavam para Delarmi e mesmo aquilo era revelador. De todos, ela é que era mais conhecida pela irreverência – mesmo Guendibal respeitava mais as convenções.

Delarmi estava consciente dos olhares, e sabia que não tinha escolha senão encarar esta situação impossível. De fato, ela não queria se esquivar. Em toda a história da Segunda Fundação, nenhum Primeiro Orador jamais fora impedido por erro de análise (e por detrás do termo, inventado à guisa de fachada, estava a inominável incompetência). Tal impedimento agora tornava possível. E ela não daria um passo atrás, sequer.

– Primeiro Orador! – E ela falou com seus lábios finos e incolores quase invisíveis, na brancura geral de seu rosto: – O senhor mesmo diz não ter base para sua opinião, e que a matemática psico-histórica nada mostra. O senhor nos pede uma decisão crucial sobre uma sensação mística?

O Primeiro Orador ergueu o olhar, o rosto corrugado. Tinha consciência do escudo universal, à Mesa. Sabia o que significava. Disse friamente – Não oculto a falta de evidência. Não lhes apresento nada com falsidade, O que ofereço é a sensação fortemente intuitiva de um Primeiro Orador, um com décadas de experiência, que gastou quase o tempo de uma vida com uma análise estrita do Plano de Seldon. – Olhou à roda com uma orgulhosa rigidez que já apresentara antes, e com a qual os escudos mentais atenuaram-se e caíram. O de Delarmi (quando ele fitou-a) foi o último a cair.

Ela disse com uma franqueza tranqüila que encheu sua mente como se nada mais houvesse ali jamais: –Aceito sua declaração, Primeiro Orador. Entretanto, acho que talvez o senhor queira reconsiderar. Tal como o senhor pensa agora, já tendo expressa sua vergonha em ter de recorrer à intuição,

gostaria que suas observações fossem canceladas da gravação, caso, em julgamento, elas sejam...

E a voz de Guendibal interrompeu: – O que são essas declarações que deveriam ser canceladas da gravação?

Todos os pares de olhos se voltaram em uníssono. Se seus escudos não estivessem levantados durante aqueles cruciais momentos anteriores, teriam tido consciência de sua aproximação muito tempo antes de assomar à porta.

–Todos os escudos erguidos, há um momento? Ninguém percebeu minha entrada? – disse Guendibal sardonicamente. – Que reunião mais rotineira da Mesa, a que temos aqui! Ninguém estava em guarda quanto à minha chegada? Ou todos esperavam com certeza que eu não viria?

Esta explosão era uma violação flagrante de todas as normas. Para Guendibal, chegar tarde já era ruim o suficiente. Entrar sem ser anunciado, era ainda pior. Falar perante o Primeiro Orador antes que este reconhecesse sua presença, era o pior de tudo.

O Primeiro Orador voltou-se para ele. Tudo o mais foi suplantado. A questão disciplinar vinha em primeiro lugar.

– Orador Guendibal, o senhor está atrasado. Chegou sem se fazer anunciar. O senhor falou. Há alguma razão pela qual o senhor não deva ser suspenso de seu posto por trinta dias?

– É claro. A moção pela suspensão não deve ser considerada até que consideremos quem se certificou de que eu deveria me atrasar – e por quê. – As palavras de Guendibal eram frias e comedidas, mas sua mente revestia seus pensamentos com raiva, e ele pouco se importava com quem os estivesse captando.

E por certo que Delarmi os captava. Disse de maneira tensa: – Esse homem está louco.

– Louco? Essa mulher é que está louca, ao dizer isso. Ou tem a consciência culpada - Primeiro Orador, dirijo-me especialmente ao senhor para propor uma questão de privilégio pessoal.

– Privilégio pessoal de que natureza, Orador?

– Primeiro Orador, acuso alguém aqui de tentativa de homicídio.

A sala explodiu, com todos os Oradores levantando-se num bruaá simultâneo de palavra, expressão e estado mental.

O Primeiro Orador levantou os braços, e gritou: – O Orador pré cisa ter

uma chance de expressar sua questão de privilégio pessoal. – Viu-se obrigado a intensificar sua autoridade, mentalmente, de maneira muito imprópria para o lugar, mas não havia escolha.

O tumulto aquietou-se.

Guendibal esperou imóvel até que o silêncio fosse audível e mentalmente profundo. Disse: – A caminho para cá, caminhando ao longo de uma estrada hamish, a uma distância tal e a uma velocidade tal que facilmente garantiriam que eu chegasse bastante a tempo para a reunião, fui interpelado por vários lavradores e por pouco escapei de ser espancado, e talvez morto. Tal como aconteceu, fui retardado e cheguei neste exato momento. Permitam-me apontar, para começar, que não sei de nenhuma circunstância, desde o Grande Saque, que um segundofundacionista tenha sido interpelado com falta de respeito – muito menos atacado – por um dos hamish.

– Tampouco eu – confirmou o Primeiro Orador.

Delarmi interrompeu: – Os segundofundacionistas habitualmente não caminham sós em território hamish! Você os provoca com seu comportamento!

– É verdade que habitualmente caminho só em território hamish. Já caminhei por lá centenas de vezes, em todas as direções. Mas nunca fui abordado antes. Outros não caminham com a mesma liberdade que eu, mas ninguém se exila do mundo ou se aprisiona na Universidade, e ninguém jamais foi abordado. Lembro-me de ocasiões em que Delarmi. . – e então, como se lembrando do honorífico muito tarde, deliberadamente converteu isso num verdadeiro insulto: – – Quero dizer, quando a Oradora Delarmi esteve em território hamish, vez ou outra, ela não foi abordada.

– Talvez – respondeu Delarmi, com olhos arregalados e fixos – porque não me dirigi a eles, em primeiro lugar, e porque me mantive afastada. Porque me comportei como quem merece respeito, e o recebi.

– Estranho, e eu estava para dizer que foi porque você apresentou um aspecto mais formidável que eu. Afinal, poucos se atrevem a se aproximar de você, mesmo aqui... Mas diga-me, por que, de todas as ocasiões para interferir, os hamish escolheriam este dia para se defrontarem comigo, quando devo apresentar-me numa importante reunião da Mesa?

– Se não foi por seu comportamento, então deve ter sido por acaso – retrucou Delarmi. – Nunca ouvi dizer que mesmo toda a matemática de Seldon tenha removido o papel de acaso, da Galáxia; certamente não no caso de eventos individuais. Ou você também está falando a partir de inspiração intuicional? – E

houve um suave suspiro mental de um ou dois dos Oradores, com este ataque indireto ao Primeiro Orador.

– Não foi meu comportamento; não foi acaso. Foi interferência deliberada.

– Como podemos ter certeza disso? – interpôs gentilmente o Primeiro Orador. Não podia evitar senão amolecer para Guendibal, em resultado da última observação de Delarmi.

– Minha mente está aberta para o senhor, Primeiro Orador. Dou- lhe – e a toda a Mesa – minha memória dos eventos.

A transferência não levou mais que alguns momentos. O Primeiro Orador disse: - Chocante! Você se comportou bem, Orador, sob circunstâncias de considerável pressão. Concordo que o comportamento hamish é anômalo e pede uma investigação. Entrementes, por favor, junte-se à nossa reunião. . -

– Um momento! – intrometeu-se Delarmi. – Como podemos ter certeza de que o relato do Orador é acurado?

As narinas de Guendibal expandiram-se com aquele insulto, mas reteve seu nível de compostura. – Minha mente está aberta.

– Já conheci mentes abertas que não estavam abertas.

– Não tenho dúvidas quanto a isso, Oradora, pois que você, como todos nós, deve manter a própria mente sob inspeção todo o tempo. Minha mente, porém, quando aberta, está aberta.

Ao que disse o Primeiro Orador: – Não vamos ter outras...

– Uma questão de privilégio pessoal, Primeiro Orador, com as desculpas pela interrupção – disse Delarmi.

– Privilégio pessoal de que natureza, Oradora?

– O Orador Guendibal acusou um de nós de tentativa de homicídio, presumivelmente instigando o lavrador a atacá-lo. Enquanto a acusação não for retirada, devo ser vista como a possível assassina, bem como todas as outras pessoas nesta sala, incluindo o senhor, Primeiro Orador -

Disse o Primeiro Orador: – O senhor vai retirar a acusação, Ora dor Guendibal?

Guendibal tomou seu assento e pousou as mãos nos braços da poltrona, agarrando-os com força, como para tomar posse dela, e disse:

– Vou retirá-la, assim que alguém me explicar por que um lavrador

hamish, reunindo vários outros, deliberadamente deveria se dispor a me atrasar a caminho desta reunião.

– Por mil razões, quiçá – retorquiu o Primeiro Orador. – Repito que este evento será investigado. Agora, temporariamente, Orador Guendibal, e no interesse de continuar a presente discussão, quer retirar a sua acusação?

– Não posso, Primeiro Orador. Gastei longos minutos tentando, tão delicadamente quanto podia, sondar a mente dele procurando maneiras de alterar seu comportamento sem causar dano, e falhei. Sua mente não tinha a flexibilidade que deveria ter. Suas emoções estavam fixas, como se por uma mente exterior.

E Delarmi disse, com um súbito sorrisinho: – E você pensa que um de nós era a mente exterior? Não poderia ter sido a sua misteriosa organização que está competindo conosco, mais poderosa que nós?

– Poderia.

– Nesse caso, nós, que não somos membros dessa organização da qual só você sabe, não somos culpados, e você deveria retirar sua acusação. Ou será que você está acusando um de nós aqui de estar sob o controle desta estranha organização? Será que um de nós aqui não é bem o que parece ser?

– Talvez – respondeu Guendibal, estolidamente, bem consciente de que Delarmi estava lhe dando corda, com um bom cabresto na ponta.

– Poderia ser – continuou Delarmi, pegando o cabresto e preparando-se para apertá-lo – que você sonha com uma misteriosa organização, secreta, desconhecida, oculta, como um pesadelo de paranóia. Adequar-se-ia com sua fantasia paranóide de que lavradores hamish estão sendo influenciados, e que os Oradores estão sob um controle oculto. Estou disposta, porém, a seguir esta peculiar linha de pensamento por mais algum tempo. Qual de nós aqui, Orador Guendibal, o senhor acha que está sob controle? Poderia ser eu?

– Não creio, Oradora. Se você estivesse tentando se livrar de mim, e de uma maneira tão indireta, não anunciaria tão abertamente sua aversão por mim.

– Um engodo dentro do outro, talvez? – E Delarmi estava virtualmente ronronando. – Isso seria uma conclusão comum numa fantasia paranóide.

– Assim poderia ser. Você tem mais experiência nesses assuntos do que eu.

O Orador Lestim Gianni interrompeu, acaloradamente: – Escute aqui, Orador Guendibal, se o senhor está exonerando a Oradora Delarmi, está

dirigindo suas acusações tanto mais fortemente ao resto de nós. Em que bases qualquer de nós desejaria retardar sua presença nesta reunião, quanto mais desejá-lo morto?

Guendibal respondeu depressa, como se estivesse esperando por esta pergunta: – Quando entrei, o ponto em discussão era o cancelamento de declarações da gravação, declarações feitas pelo Primeiro Orador. Eu era o único Orador que não esteve em posição de ouvir tais observações. Deixem-me saber quais eram e acho que então lhes poderei dizer o motivo para me retardarem.

E o Primeiro Orador disse: – Eu afirmei – e foi algo de que a Oradora Delarmi e outros tomaram como exceção – que eu decidira, com base em intuição e um uso altamente impróprio da matemática que todo o futuro do Plano pode repousar sobre o exilado da Primeira Fundação – Golan Trevize.

Guendibal respondeu: – O que outros oradores podem pensar é lá com eles. De minha parte, concordo com esta hipótese. Trevize é a chave. Acho sua súbita expulsão pela Primeira Fundação demasiado peculiar para ser inocente.

E Delarmi: – Você se importaria em dizer, Orador Guendibal, se Trevize está nas garras dessa misteriosa organização – ou se as pessoas que o exilaram, estão? Talvez tudo e todos estejam sob seu controle, exceto você e o Primeiro Orador, e eu, que você declarou que não estou controlada?

– Esses desvarios não requerem resposta. Ao invés disto, deixe- me perguntar se há qualquer Orador aqui que gostaria de expressar concordância neste assunto com o Primeiro Orador e eu mesmo? Já leram, eu presumo, o tratamento matemático que eu, com a aprovação do Primeiro Orador, circulei entre vocês.

Houve silêncio.

– Repito meu pedido. Ninguém?

De novo, o silëncio.

– Primeiro Orador, agora o senhor tem o motivo para o meu atraso.

– Enuncie-o explicitamente.

– O senhor exprimiu a necessidade de cuidar de Trevize, esse primeiro-fundacionista. Representa uma iniciativa política importante, e se os Oradores leram meu tratamento, saberiam, de uma maneira geral, do que estava no ar. Se, não obstante, eles unanimemente discordaram do senhor – unanimemente – então, pela auto-limitação tradicional, o senhor ficaria incapacitado de ir adiante. Se mesmo um Orador o apoiasse, então o senhor estaria capacitado a implantar

essa nova política.. Eu era um orador que o apoiaria, como qualquer um que lesse meu trabalho saberia, e era necessário que, a qualquer custo, eu fosse mantido longe da Mesa. Esse truque quase teve sucesso, mas agora estou aqui, e apóio o Primeiro Orador. Concordo com ele e ele pode, de acordo com a tradição, desprezar o acordo dos dez outros Oradores.

Delarmi golpeou a mesa com o punho: – A implicação é que alguém sabia antecipadamente do que o Primeiro Orador aconselharia, sabia antecipadamente que o Orador Guendibal o apoiaria, e que todos os mais, não: enfim, que alguém sabia o que era impossível saber. Há também a implicação ulterior de que esta iniciativa não é do agrado da organização inspirada pela paranóia do Orador Guendibal, e que estão lutando para preveni-la, e que, portanto, um ou mais de nós está sob o controle daquela organização.

– A implicação está aí – concordou Guendibal. – Sua análise é magistral.

– A quem você acusa? – exclamou Delarrni.

– A ninguém. Conclamo o Primeiro Orador para cuidar deste assunto. Está claro que há alguém em nossa organização que está trabalhando contra nós. Sugiro que todos os que estejam trabalhando para a Segunda Fundação passem por uma exaustiva análise mental. Todos, inclusive os Oradores. Inclusive eu mesmo – e o Primeiro Orador.

A reunião da Mesa interrompeu-se numa confusão ainda maior e um tumulto maior que os que já estavam gravados.

E quando o Primeiro Orador finalmente falou a frase de adiamento, Guendibal – sem falar com ninguém – dirigiu-se de volta para seu quarto. Sabia bem não ter um só amigo entre os Oradores, que mesmo qualquer apoio que o Primeiro Orador pudesse dar-lhe seria hesitante, na melhor das hipóteses.

Ele não sabia dizer se temia por si mesmo ou se por toda a Segunda Fundação. O sabor da derrocada era amargo em sua boca.

27.

Guendibal não dormiu bem. Seus pensamentos de vigília e seus sonhos durante o sono eram igualmente sobre a querela com Delora Delarmi. Numa passagem de um sonho, houve mesmo uma confusão entre ela e o lavrador hamish, Rufirant, de modo que Guendibal encontrou-se encarando uma Delarmi desproporcional avançando sobre ele com punhos enormes e um doce sorriso, que revelava dentes aguçados como agulhas.

Finalmente, ele acordou, mais tarde que o usual, sem nenhuma sensação de ter descansado, e com o zumbido do comunicador no criado-mudo funcionando em surdina. Virou-se, para descer a mão sobre o contato.

– Sim? Quem é?

– Orador! – A voz era a do vigia do térreo, num tom quase desrespeitoso. – Há uma visita que quer falar-lhe.

– Visita? – Guendibal ligou sua agenda e a tela não mostrou nada à frente dele. Apertou o botão do relógio: eram 832 da manhã. Perguntou, um tanto entediado: – Mas quem é, em nome do tempo e do espaço?

– Não quer dar o nome, Orador. – E então, com uma clara reprovação: – Um desses hamish, Orador. Veio a seu convite. – Esta última sentença foi dita com uma reprovação ainda mais evidente.

– Mande esperar na sala de recepção até eu descer. Vai levar algum tempo.

Guendibal não se apressou. Ao longo das abluções matinais, ele se perdia em pensamentos. Que alguém estava utilizando os hamish para atrapalhar seus movimentos, fazia sentido – mas ele gostaria de saber quem era esse alguém. E o que era essa nova intrusão dos hamish em seu próprio domicilio? Alguma espécie de armadilha complicada?

Como, em nome de Seldon, um lavrador hamish entraria na Universidade? Que razão poderia apresentar? Que razão poderia ter, na realidade?

Por um momento fugaz, Guendibal imaginava se deveria ir armado. Decidiu contra isto quase imediatamente, pois sentia-se desdenhosamente seguro de poder controlar qualquer lavrador isolado no terreno da Universidade, sem qualquer perigo para si mesmo – e sem qualquer indício de marcar inaceitavelmente uma mente hamish.

Guendibal decidiu que tinha sido afetado demasiado fortemente pelo incidente com Karoll Rufirant, no dia anterior. Aliás, será que foi mesmo por causa do lavrador? Não mais sob a influência, talvez – de o que ou quem quer que fosse – ele poderia até mesmo ter vindo ter com Guendibal para se desculpar pelo que fizera, e preocupado com uma possível punição. Mas como Rufirant saberia aonde ir? Com quem falar?

Guendibal foi resolutamente pelo corredor abaixo e entrou na sala de espera. Parou, estupefato, e então voltou-se para o funcionário, que fingia estar ocupado em seu cubículo de vidro.

– Vigia, você não disse que a visita era uma mulher.

E o vigia respondeu quietamente: – Orador, eu disse “um hamish”. O senhor não fez mais perguntas.

– Informação mínima, vigia? Devo lembrar que essa é uma de suas características. – (E ele precisava verificar se o vigia era homem de Delarmi. E precisava se lembrar, doravante, de prestar atenção nos funcionários que o rodeavam. “Inferiores” que era demasiado fácil ignorar das alturas de seu recém-conquistado cargo de Orador).

– Alguma das salas de conferência está disponível?

– A de número 4 é a única disponível, Orador. Estará livre por três horas. – Relanceou brevemente para a mulher hamish, para Guendibal, com a mais total inocência.

– Usaremos a de número 4, vigia, e aconselho-o a limitar seus pensamentos... Guendibal golpeou, não muito de leve, no escudo do funcionário, que não o ergueu depressa o bastante. Guendibal sabia muito bem que estava abaixo de sua dignidade impor-se a uma mente mais fraca, mas uma pessoa que era incapaz de escudar uma conjectura desagradável contra um superior deveria aprender a não mais se permitir isso. O funcionário ficaria com uma leve dor de cabeça por algumas horas. E era muito bem feito.

28.

O nome dela não lhe surgiu logo à mente, e Guendibal não estava com disposição de mergulhar mais fundo na memória. Ela mal podia esperar que ele se lembrasse, em qualquer caso.

Ele disse, distraidamente: – Você é...

– Eu só a Novi, professô dotô – disse ela, quase engasgando. – Meu primêru nómi é Sura, mas pódi mi chamá só di Novi.

– Isso mesmo, Novi. Encontramo-nos ontem, agora me lembro. Não me esqueci que você veio em minha defesa. – Não conseguia se forçar a adotar a pronúncia hamish dentro da Universidade. – Agora, como você conseguiu chegar aqui?

– Dotô, o sinhô disse qui eu pudia iscrevé uma carta. Ocê disse qui divia iscrevê: “Casa dos Oradores, Apartamento 27”. Eu mesma vim trazê ela, e mostrá u iscrito, eu mema qui iscrevi, dotô. – O que disse com uma espécie de

orgulho. – Elis perguntaro: “Pra quem é êssi iscrito?” 1 eu ovi u seu nómi quando ocô falô cum aquêli vagabundo grandalhão du Ruflrant; intão eu disse qui era pru professô dotô Stor Guendibal.

– E eles a deixaram passar, Novi, não pediram para ver a carta?

– Eu ‘tava cum muito médu. Eu âchu qui êlis tivero pena de mim. Eu disse: “U dotô Guendibal mi primeteu mostrá o Lugá dus Dotã, i êlis sorriro. Um dêlis na porta disse pru ôtru: “1 num é só isso qui êli vai mostrá prá ela”. 1 êlis mi disséru prá ondi ir, i disséru prá num ir em ninhum ôtru lugá, ou eu seria ixpulsa na hora.

Guendibal corou um pouco. Por Seldon! Se ele sentisse necessidade de se entreter com mulheres hamish, não seria de maneira tão aberta, e sua escolha seria feita mais seletivamente. Olhou para a mulher trantoriana com um abanar de cabeça interior.

Ela parecia muito jovem, mais jovem talvez que a aparência que o trabalho duro lhe deu. Ela não podia ter mais de vinte e cinco anos, idade em que as mulheres hamish já costumavam estar casadas. Usava seus cabelos negros em tranças, o que significava que ela era solteira. Virgem, de fato, e ele não estava surpreso. Seu desempenho de ontem mostrara que ela tinha enormes talentos para megera e duvidou que seria fácil encontrar um homem hamish que se atreveria a suportar o jugo de sua língua e seu punho sempre pronto. Nem tampouco sua aparência tinha muito atrativo. Muito embora ela tivesse se dado a algum trabalho para se fazer apresentável, seu rosto era anguloso e comum, suas mãos vermelhas e nodosas. O que ele podia ver de sua figura parecia construído para resistência, mais que para a graça.

Seu lábio inferior começou a tremer, sob aquele escrutínio. Ele sentiu o embaraço dela, e o medo, e sentiu pena. De fato, ontem ela fora de utilidade para ele, e isso era o que contava.

Disse, numa tentativa de ser cordial e consolador: – Com que em tão você veio conhecer o... Lugar dos Doutores?

Ela arregalou bem os olhos negros (que não deixavam de ser belos) e disse: – Dotô, u sinhô num si irrite cumigo, mas eu vim prá eu mema virá dotora

– Você quer ser uma doutora? – Guendibal parecia atingido por um raio. –Minha boa mulher...

Fez uma pausa. Como, por Trantor, podia-se explicar a uma lavradora completamente não-sofisticada o nível de inteligência, treinamento e energia requeridos para ser o que os trantorianos chamavam “um dotô”?

Mas Sura Novi continuou, atrevidamente: – Sei lê i sei iscrevê. Já li lívrus intérus du comêçu ao fim, também. 1 eu quéru muito sê dotôra. Num quéru sé muié di fazendêru. Num sã gênti prá lavora. Num vã casá cum fazendêru, ou tê fílhu di fazendêru. – E, erguendo a cabeça, orgulhosamente: – Já fui pidida em casamento, muitas veis. 1 eu sempre dígu: “Nao”. Sô educada, mais dígu “não”.

Guendibal podia ver muito claramente que ela mentia. Nunca fora pedida, mas manteve a expressão inalterada. – E o que você vai fazer da sua vida, se não se casar?

Novi bateu na mesa com a palma da mão: – Vô sê dotora; num vô trabaiá na lavora di jeito ninhum.

– E se eu não puder fazer de você uma doutora?

– Intão, eu num só nada, i ispéru até morrê. Num sô nada na vida, si num fâ dotora.

Por um momento, teve o impulso de sondar a mente dela e descobrir a extensão de sua motivação. Mas estaria errado fazê-lo. Um Orador não fica se divertindo passeando pelas mentes indefesas dos outros. Havia um código para a ciência e a técnica do controle mental – a mentálica – assim como para outras profissões. Ou deveria haver. (Subitamente lamentou ter atacado aquele funcionário).

Disse então: – E por que não ser uma lavradora, Novi? – Com um pouco de manipulação, poderia fazê-la contente com isso, e manipular algum marmanjo hamish para ser feliz em casar-se com ela – e ela em casar-se com ele. Não faria mal algum. Seria até uma caridade.

Mas era contra a lei, e assim sendo, impensável

– Eu num quéru sê. Um pião é um cretino. Trabaia cos torrão de terra, i fica iguar a um torrão de terra. Si eu virá lavradora, viro torrão de terra, tamém. Num vai tê tempo prá lê i iscrevê, i eu vê is quecê cômu é. Minha cabeça – e levou a mão à têmpora – vai ficá amarga i podre. Não! Um dotô é diferénti, Pensativo! – Ela queria dizer com a palavra, Guendibal notou, “inteligente”, mais que “ponderado”

– Um dotô vive cum us livru, i cum... cum... isqueci u nómi. – E fez um gesto como se fizesse uma vaga manipulação que nada significaria para Guendibal, se ele não tivesse as radiações da mente dela, para guiá-lo.

– Microfilmes. Como você sabe sobre os microfilmes?

– Nus livru, eu leio sobre muita coisa – disse ela, toda orgulhosa.

Guendibal não podia reprimir mais o desejo de saber mais sobre ela. Esta hamish era inédita, nunca ouvira falar de nada assim. Os hamish nunca eram recrutados, mas se Novi fosse mais jovem, digamos, uns dez anos...

Que desperdício! Ele, não a perturbaria; não a perturbaria minimamente, mas de que adiantava ser um Orador se não se podia observar mentes inusitadas, e aprender com elas?

– Novi, quero que se sente aqui por um momento. Fique bem quietinha. Não diga nada. Nem pense em dizer algo. Só pense em dormir. Entendeu?

O medo dela retomou imediatamente: – Pruquê priciso fazê íssu, dotô?

– Porque quero pensar em como você poderia se tomar uma doutora.

Afinal, não importava o que ela poderia ter lido, não havia maneira possível pela qual ela soubesse o que ser uma “doutora” realmente significasse. Portanto, era necessário descobrir o que ela pensava que era uma doutora

Muito cuidadosamente, e com uma delicadeza infinita, ele sondou a mente dela; sondar sem, de fato, tocar – como pousar a mão numa superfície metálica polida sem deixar impressões digitais. Para ela, um doutor era alguém que estava sempre a ler livros. Não fazia a menor idéia de porque se liam livros. Para ela, ser doutora era fazer – segundo a imagem em sua mente – o mesmo trabalho que ela estava acostumada a fazer – apanhar coisas, carregar coisas, cozinhar, lavar, obedecer ordens – mas dentro da Universidade, onde havia muitos livros disponíveis e onde ela teria tempo para lê-los, e, muito vagamente, “ficar estudada”. O que resultava em seu desejo de ser uma serva – serva *dele*

Guendibal fez uma carranca. Uma empregada hamish – e uma simplória, sem graça, sem educação, semi-analfabeta. Inimaginável. Ele simplesmente teria de desviá-la. Deveria haver alguma maneira de ajustar seus desejos de modo a fazê-la uma lavradora feliz, de alguma maneira que não deixasse marca, alguma maneira na qual nem Delarmi encontraria defeito.

Ou será que ela tinha sido enviada por Delarmi? Será que tudo isto seria um plano complicado para atraí-lo a brincar com uma mente hamish, de modo que poderia ser apanhado e destituído?

Ridículo. Ele estava em perigo de ficar paranóico. Em algum local da fiação simples de sua mente descomplicada, um nadinha das correntes mentais precisava ser desviado. Só precisaria de um empurrãozinho.

Era contra a letra da lei, mas não faria mal, e ninguém jamais perceberia.

Parou.

Voltar. Voltar. Voltar.

Pelo espaço! Quase o perdeu!

Será que ele era vítima de uma ilusão?

Não! Agora que sua atenção fora despertada, ele podia discernir claramente. Havia um minúsculo desarranjo – um desarranjo anormal. Mas era tão delicado, tão livre de ramificações.

Guendibal emergiu da mente dela. – Novi!

Seus olhos entraram em foco: – Sim, dotô?

– Você pode trabalhar comigo, vou fazer de você uma doutora.

Alegre, olhos acesos, ela ia respondendo: – Dotô...

Ele percebeu instantaneamente. Ela ia jogar-se aos pés dele. Pôs as mãos nos ombros dela e a segurou. – Não se mova, Novi, fique onde está. Pare!

Era o mesmo que falar com um animal semi-treinado. Quando viu que a ordem tinha penetrado, deixou-a estar. Percebeu os músculos fortes ao longo de seus braços.

– Se você vai ser uma doutora, precisa se comportar como uma. Significa que você deverá estar sempre quieta, falar sempre baixo, e sempre fazer o que eu lhe disser. E precisa tentar aprender a falar como eu. Também vai precisar conhecer outros doutores. Não vai ficar com medo?

– Num tenhu médu, dotô; si u sinhô ficá cumigo.

– Estarei com você. Mas agora, primeiro... preciso arranjar-lhe um quarto, designar-lhe um lavatório, um lugar na sala de refeições, e roupas, também. Vai ter de usar roupas mais adequadas a uma dou tora, Novi

– Isso é tudo o qui... – ela ia dizendo, desanimada.

– Vamos arranjar outras.

Estava claro que ele precisava arranjar uma mulher para providenciar roupas novas para Novi. Também precisaria de alguém para ensinar à hamish os rudimentos de higiene pessoal. Além do que, apesar de que as roupas que ela estava vestindo serem provavelmente o melhor de que ela dispunha, e que ela tinha se arrumado ao máximo, ainda emanava um odor levemente desagradável.

E precisava certificar-se de que o relacionamento entre eles fosse entendido. Era um segredo de todos que os homens (e as mulheres, também) da

Segunda Fundação faziam incursões ocasionais entre os hamish, para seu entretenimento. Se não houvesse interferências com as mentes dos hamish, no processo, ninguém nem pensava em levantar objeções. O próprio Guendibal nunca havia se dedicado a isto, e gostava de pensar que era porque não sentia necessidade de sexo que pudesse ser mais grosseiro e de tempero mais forte do que o que era disponível na Universidade. As mulheres da Segunda Fundação podiam ser pálidas, em comparação com as hamish, mas eram limpas, e sua pele era suave.

Mas mesmo que o assunto fosse mal.entendido e se torcesse o nariz para um Orador que não só se voltasse para os hamish, mas trouxesse um deles para seus aposentos, teria de agüentar aquele embaraço. Tal como era, esta lavradora, Sura Novi, era a sua chave para a vitória no inevitável duelo que se aproximava com a Oradora Delarmi, e o resto da Mesa.

29.

Guendibal não viu Novi senão na hora do jantar, quando ela lhe foi levada pela mulher a quem ele dera explicações sem.fim sobre a situação – pelo menos, sobre o caráter não-sexual da situação. Ela entendeu – ou, pelo menos, não se atreveu a mostrar qualquer indicação de incapacidade de entender, o que talvez fosse igualmente bom.

Novi estava agora à frente dele, tímida, orgulhosa, embaraçada, triunfante tudo ao mesmo tempo, numa mistura incongruente.

– Você está muito bem, Novi.

As roupas que lhe deram caíam surpreendentemente bem, e não havia dúvida que ela não parecia nem um pouco ridícula. Será que tinham apertado sua cintura? Levantaram seus seios? Ou será que tudo isso apenas não era particularmente notável em suas roupas de camponesa?

Suas nádegas eram proeminentes, mas não desagradavelmente. Seu rosto, claro, continuava o mesmo, mas quando o tom da vida ao ar livre desaparecesse, e ela aprendesse a cuidar de seu aspecto, não pareceria feio.

Pelo Antigo Império! Aquela mulher realmente pensava que Novi passaria a ser sua amante! E tinha procurado embelezá-la para ele.

E então, pensou. – Bem, e por que não?

Novi teria de enfrentar a Mesa dos Oradores, e quanto mais atraente

parecesse, mais facilmente poderia impor sua opinião.

Foi com este pensamento que a mensagem do Primeiro Orador chegou até ele. Era o tipo de harmonia comum numa sociedade mentálica. Era chamada, mais ou menos informalmente, o “Efeito Coincidência”. Se você pensa vagamente em alguém, quando alguém está pensando vagamente em você, há um estímulo mútuo e crescente, que em questão de segundos faz os dois pensamentos nítidos, decididos, e, para todas as aparências, simultâneos.

Pode ser surpreendente, mesmo para aqueles que o entendem intelectualmente, particularmente se os pensamentos vagos preliminares forem muito apagados – de um lado ou do outro (ou de ambos) – a ponto de terem passado despercebidos conscientemente.

– Não poderei estar com você esta noite, Novi. Tenho trabalho de doutor para fazer. Vou levá-la a seu quarto. Haverá alguns livros, lá, e você pode praticar a sua leitura. Vou mostrar-lhe como dar sinal se precisar de ajuda para qualquer coisa – vejo-a amanhã.

30.

Guendibal disse polidamente: – Primeiro Orador?

Shandess meramente inclinou a cabeça. Parecia sorumbático, e com todo o peso de sua idade. Parecia um homem que não bebia, mas que de vez em quando podia tomar uma dose mais forte. Disse, por fim: – “Chamei” você...

– Sem mensageiro. Presumi, pelo “chamado”direto, que era algo importante.

– E é. Sua presa... O primeiro-fundacionista... Trevize...

– Sim?

– Ele não está vindo para Trantor.

Guendibal não pareceu surpreso. – E por que deveria? A informação que recebemos foi que ele ia partir com um professor de história antiga, que estava à busca da Terra.

– Sim, o Planeta Primitivo das lendas. E é por isso que ele deveria estar vindo para Trantor Afinal de contas, o professor sabe onde é a Terra? Você sabe? Eu sei? Podemos ter certeza de que sequer existe, ou se jamais existiu? Certamente eles teriam de vir a esta Biblioteca para obter a informação necessária. Se é que pode ser obtida em algum lugar, é aqui. Até esta hora, não

senti a situação chegar ao nível de uma crise – que o primeiro-fundacionista viria aqui e nós, através dele, aprenderíamos o que precisássemos saber.

– Que certamente seria a razão pela qual não lhe é permitido vir aqui.

– Mas onde ele está indo, afinal de contas?

– Pelo que sei, ainda não descobrimos.

O Primeiro Orador falou, um pouco irritado: –-Você parece estar muito calmo.

– Imagino se não é melhor assim. O senhor quer que ele venha a Trantor para mantê-lo seguro e usá-lo como fonte de informações. Porém nós não forneceríamos uma fonte de informação mais importante, envolvendo outros ainda mais importantes que ele mesmo, se ele for onde quiser e fizer o que quiser, desde que não o percamos de vista?

– Não o bastante! Você me persuadiu da existência desse nosso novo inimigo, e agora não posso descansar. Pior: persuadi a mim mesmo que precisamos segurar Trevize, ou perdemos tudo. Não posso me livrar da sensação de que ele – e nada mais – é a chave.

Guendibal respondeu, intensamente: – O que quer que aconteça, não vamos perder, Primeiro Orador. Isso só seria possível se esses Anti-Mulas, para usar de novo o seu termo, continuassem a se esconder no subterrâneo, despercebidos de nós. Mas agora, sabemos que eles existem. Não mais estamos trabalhando às cegas. Na próxima reunião da Mesa, se pudermos trabalhar juntos, poderemos contra-atacar.

– Não foi a questão de Trevize que me fez chamá-lo. O assunto apareceu primeiro só porque me parece uma derrota pessoal. Deixei de analisar esse aspecto da situação. Estava errado em colocar o impulso pessoal acima da política geral, e penitencio-me por isso. E há ainda algo mais.

– Ainda mais sério, Primeiro Orador?

– Mais sério, Orador Guendibal. – O Primeiro Orador suspirou e tamborilou seus dedos sobre a mesa enquanto Guendibal ficava de pé pacientemente à sua frente, e esperava.

O Primeiro Orador finalmente disse, de modo afável, como se isso atenuasse o golpe: – Numa reunião de emergência da Mesa, convocada pela Oradora Delarmi...

– Sem o seu consentimento, Primeiro Orador?

– Para o que ela queria, precisava do consentimento de apenas três outros

oradores, sem contar a mim. Na reunião de emergência que então foi convocada, o senhor foi impedido, Orador Guendibal. Foi acusado de ser indigno do posto de Orador, e deve ser julgado. É a primeira vez em mais de três séculos que um mandato de impedimento é expedido contra um Orador.

Guendibal retrucou, tentando combater qualquer sinal de fúria:

– Certamente, o senhor mesmo não votou pelo meu “impeachment”.

– Não, mas fiquei sozinho. O resto da Mesa foi unânime, e a votação foi de dez a um pelo “impeachment”. O quorum para “impeachment”, como você sabe, é de oito votos, incluindo o Primeiro Orador, ou dez sem ele.

– Mas eu não estava presente.

– Você não poderia ter votado.

– Poderia ter falado em minha defesa.

– Não naquela altura. Os precedentes são poucos, mas bem claros. Sua defesa será no julgamento, que virá o mais cedo possível, naturalmente.

Guendibal baixou a cabeça, meditando. – Isto não me preocupa demasiado, Primeiro Orador. Seu instinto inicial, eu creio, estava certo. A questão de Trevize tem precedência. Posso sugerir que adie o julga mento com base nisso?

O Primeiro Orador ergueu a mão: – Não o culpo por não entender a situação, Orador. O “impeachment” é um evento tão raro que eu mesmo fui forçado a consultar os procedimentos legais envolvidos. Nada tem precedência sobre ele. Somos forçados a nos mover diretamente para o julgamento, adiando tudo o mais.

Guendibal pousou os punhos sobre a mesa e inclinou-se para o Primeiro Orador: – O senhor não está falando sério.

– É a lei.

– A lei não pode ficar no caminho de um perigo claro e imediato.

– Para a Mesa, Orador Guendibal, você é o perigo claro e imediato. Não, ouça-me! A lei envolvida neste caso baseia-se na convicção de que nada pode ser mais importante que a possibilidade de corrupção ou o mau uso do poder de parte de um Orador.

– Mas não sou culpado de nenhuma dessas coisas,Orador, e o senhor o sabe. Isto tudo é uma questão de vingança pessoal de parte da Oradora Delarmi. Se há algum abuso do poder, é de parte dela. Meu crime é nunca ter trabalhado

para me fazer popular – até aqui, eu admito – e dei muito pouca atenção a imbecis que são velhos o bastante para serem senis, mas ainda jovens o bastante para deterem o poder.

– Como eu, Orador?

Guendibal suspirou. – Está vendo? Fiz de novo. Não me refiro ao senhor, Primeiro Orador. – Muito bem, então: vamos fazer um julga mento relâmpago. Vamos fazê-lo amanhã. Ainda melhor: esta noite! Vamos acabar com ele e passar à questão de Trevize. Não podemos nos atrever a esperar.

– Orador Guendibal, não acho que o senhor compreende a situação. Já tivemos "impeachments" antes – não muitos, só dois. Nenhum deles resultou em condenação. Você, porém, será condenado! Você não mais será membro da Mesa e não mais terá palavra nos assuntos políticos. De fato, nem mesmo terá voto na reunião anual da Assembléia.

– E o senhor não vai fazer nada para evitar isso?

– Não posso. Eu seria vencido unanimemente na votação. Então seria forçado a pedir demissão, o que penso que é o que os Oradores gostariam de ver.

– E Delarmi se tornaria Primeira Oradora?

– Isso certamente é uma forte possibilidade.

– Mas não devemos deixar que isso aconteça!

– Exatamente! É por isso que terei de votar por sua condenação.

Guendibal suspirou fundo. – Ainda peço um julgamento-relâmpago.

– Você deve ter tempo para preparar sua defesa.

– Que defesa? Eles não ouvirão defesa nenhuma. Julgamento-relâmpago!

– A Mesa deve ter tempo para preparar a acusação dela.

– Não prepararão acusação nenhuma, e nem vão querer preparar nada. De fato, preferirão condenar-me amanhã do que depois de amanhã – e hoje à noite, mais que amanhã. Sugira isso para eles.

O Primeiro Orador levantou-se. Defrontaram-se um ao outro por sobre a mesa. Disse: – Por que está com tamanha pressa?

– Essa questão do Trevize não pode esperar.

– Uma vez você condenado e eu enfraquecido perante uma Mesa unida contra mim, o que se terá conseguido?

Guendibal disse, num sussurro intenso. – Não tema! A despeito de tudo,

não serei condenado.

9. HIPERESPAÇO

31.

– Está pronto, Janov?

Pelorat ergueu os olhos do livro a que estava assistindo: – Você quer dizer, para o Salto, meu velho?

– É, para o Salto hiperespacial, sim.

Pelorat engoliu em seco: – Você tem mesmo certeza que não será desconfortável de maneira alguma? Eu sei que é uma coisa boba esse receio, mas o pensamento de ter a mim mesmo reduzido a táquions incorpóreos, que nunca ninguém jamais viu ou detectou...

– Ora, vamos, Janov, é uma coisa já aperfeiçoada. Palavra de honra! O Salto tem estado em uso há vinte e dois mil anos, como você mesmo explicou, e nunca ouvi falar sequer de uma morte no hiperespaço. Poderíamos sair do hiperespaço num lugar desconfortável, mas então o acidente aconteceria no espaço – e não enquanto somos compostos de táquions.

– Triste consolo, é o que me parece.

– Não vamos cair em erro, tampouco. Para lhe dizer a verdade, eu estava pensando em fazer a coisa sem lhe contar, de modo que você nunca soubesse o que estava acontecendo. Afinal de contas, acabei pensando que seria melhor que você passasse conscientemente pela experiência, para ver que não havia problema de qualquer tipo, e poderia doravante esquecer qualquer preocupação a respeito.

– Bem – ia respondendo Pelorat, ainda em dúvida. – Suponho que você esteja certo, mas honestamente, não tenho pressa nenhuma.

– Posso garantir-lhe que...

– Não, não, meu velho; aceito suas garantias inequivocamente. É apenas que... Você já leu Santerestil Mau?

– Claro; não sou nenhum iletrado.

– Certamente, certamente. Eu nem deveria ter perguntado. Lembra-se bem dele?

– Tampouco sou amnésico.

– Pareço ter o talento para ofender as pessoas. Tudo o que quero dizer é que fico pensando nas cenas em que Santerestil e seu amigo Ban fugiram do Planeta 17 e estão perdidos no espaço. Fico pensando naquelas cenas perfeitamente hipnóticas em meio às estrelas, movendo-me preguiçosamente, num profundo silêncio, tudo inalterável... Nunca acreditei na história, sabe? Gostei muito dela, e fiquei comovido, mas nunca acreditei nela. Mas agora... depois que me acostumei com a noção de estar no espaço, estou experimentando aquilo e... é bobagem, eu sei, mas não quero desistir. É como se eu fosse Santerestil.

– E eu sou Ban – interrompeu Trevize, com um pouquinho de impaciência.

– De certa forma, O pequeno aglomerado de estrelinhas lá fora está imóvel, exceto nosso sol, é claro, que deve estar encolhendo, mas nós não percebemos. A Galáxia conserva sua pálida majestade inalterável. O espaço é silencioso e eu não tenho distrações.

– Exceto eu.

– Exceto você. Mas aí, Golan, meu caro amigo, falar-lhe sobre a Terra e tentar ensinar-lhe um pouco sobre pré-história tem seus prazeres, também. E eu tampouco quero que isso chegue a um fim.

– E não vai. Não de imediato, de qualquer forma. Você não supõe que vamos dar o Salto e vamos chegar na superfície de um planeta, não é? Ainda estaremos no espaço, e o Salto não terá levado nenhum tempo mensurável. Poderá bem se passar toda uma semana antes de chegarmos a qualquer superfície; portanto, relaxe.

– Por superfície, você não quer dizer Gaia. Poderemos estar perto de lugar algum quando sairmos do Salto.

– Eu sei disso, Janov, mas estaremos no setor certo, se sua informação está correta. Se não estiver, então...

Pelorat abanou a cabeça, sombriamente: – Como pode ajudar estar no setor certo, se não soubermos das coordenadas de Gaia?

– Janov, suponha que você está em Terminus, rumando para a cidade de Argiropol, sem saber onde é essa cidade, exceto que está em algum lugar do istmo. Uma vez no istmo, o que faria?

Pelorat esperou cuidadosamente, como sentindo alguma resposta

terrivelmente sofisticada que tivesse que encontrar. Finalmente desistindo: – Suponho que teria de perguntar a alguém.

– Exatamente! O que mais haveria para fazer? Está pronto?

– Você quer dizer, agora? – Pelorat levantou-se depressa, seu rosto agradavelmente desprovido de emoções agora chegando tão perto quanto podia da preocupação. – O que devo fazer? Sentar? Ficar de pé? O quê?

– Mas, pelo tempo e pelo espaço, Pelorat! Não precisa fazer nada! Apenas venha para meu quarto, de modo que eu possa usar o computador, e então fique de pé ou sentado, ou dê umas cambalhotas – o que quer que o deixe confortável. Minha sugestão é que você se sente à frente da visitela e fique olhando. Estou certo de que será interessante. Venha!

Foram pelo curto corredor até o quarto de Trevize e ele mesmo sentou-se perante o computador. – Quer fazer o Salto, Janov? – perguntou, de abrupto. – Eu lhe dou os números, e você pensa neles, O computador vai fazer o resto.

– Não, obrigado, O computador não funciona bem comigo, não sei por quê. Você já disse que é preciso praticar, mas não acredito nisso. Há algo a respeito de sua mente, Golan...

– Não seja tolo.

– Não, não! Aquele computador parece feito de encomenda para você. Você e ele parecem um só organismo, quando estão ligados. Quando eu estou ligado, há dois objetos envolvidos: .Janov Pelorat e o computador. Não é a mesma coisa.

– Ridículo – respondeu Trevize, mas ficou vagamente orgulhoso com o pensamento e tocou os descansos para as mãos, do computador, com dedos amorosos.

– Assim sendo, prefiro olhar, isto é, acho que nada de mais aconteceria, mas prefiro ficar olhando. – Fixou os olhos ansiosamente na visitela, e na nebulosa com o fino pó de estrelas. – Avise-me quando estiver para acontecer. – Lentamente, ele se apoiou contra a parede e se segurou.

Trevize sorriu. Pousou as mãos nos descansos, e sentiu a união mental. Vinha a cada dia com mais facilidade, e mais intimamente, também, e mesmo que zombasse do que Pelorat dissera, de fato era o que sentia. Parecia-lhe mal precisar pensar nas coordenadas de qual quer maneira consciente. Quase parecia que o computador sabia o que ele queria, sem o processo consciente de “dizer”. Retirava a informação de seu cérebro, sozinho.

Mas Trevize lhe “disse” e então pediu um intervalo de dois minutos antes do Salto.

– Muito bem, .Janov, temos dois minutos: 120 – 115 – 110 – Fique olhando a visitela.

E foi o que Pelorat fez, com os cantos da boca levemente tensos, e segurando o fôlego.

Trevize ia dizendo, em voz baixa: 15 – 10–5 –4 –2 – 1 – Sem movimento perceptível, sem sensação perceptível, a vista na tela mudou. Houve um espessamento distinto do campo de estrelas, e a Galáxia desapareceu.

Pelorat assustou-se e disse: – O que foi aquilo?

– O que foi o quê? Você se encolheu, mas foi porque quis. Não sentiu nada; vamos, reconheça!

– Está bem, reconheço.

– Então é isso mesmo. Quando a viagem hiperespacial era relativamente nova, num passado distante, de acordo com os livros, havia uma sensação interior esquisita, e algumas pessoas sentiam tonturas ou náusea. Talvez fosse psicogênico, talvez não. Em qualquer caso, com mais e mais experiência com a hiperespacialidade, e com melhor equipamento, isso diminuiu. Com um computador como este a bordo, qualquer efeito está bem abaixo do limiar de sensação. Pelo menos, é o que penso.

– E eu também, devo admitir. Onde estamos, Golan?

– Apenas um passo à frente. Na região kalganiana. Há ainda um longo caminho a percorrer, e antes de fazermos um outro movimento, precisaremos aferir a precisão do Salto.

– O que me incomoda é... onde está a Galáxia?

– À nossa volta, Janov. Estamos bem dentro dela, agora. Se focalizarmos adequadamente a visitela, poderemos ver suas partes mais distantes como uma faixa luminosa através do céu.

– A Via-láctea! – Pelorat exclamou com alegria. – Quase todos os mundos a descrevem em seu céu, mas é algo que não vemos em Terminus. Mostre-a para mim, velho amigo!

A visitela girou o seu campo, dando o efeito de uma ondulação nas estrelas a atravessá-la, e então apareceu uma luminosidade espessa, de pérola, quase enchendo o campo visual. A tela deu uma panorâmica, com a Via-láctea adelgaçando-se, e depois engrossando.

Disse Trevize: – É mais espessa na direção do centro da Galáxia. Não tão espessa ou luminosa quanto poderia ser, quiçá, por causa das nuvens escuras nos braços espirais. Vê-se algo assim da maioria dos mundos habitados.

– E da Terra, também.

– Isso não a distinguiria. Essa característica não a identificaria.

– É claro que não. Mas você sabe...Você não estudou a história da ciência, não é?

– Não muito, muito embora li alguma coisa, é claro. Ainda assim, se você tem perguntas a fazer, não espere que eu seja um entendido no assunto.

– É só que fazer este Salto trouxe-me à mente algo que sempre me intrigou. É possível elaborar uma visão do Universo em que a viagem hiperespacial é impossível, e em que a velocidade da luz no vácuo é a máxima absoluta.

– Por certo que sim.

– Sob estas condições, a geometria do Universo é tal que é impossível fazer a viagem que acabamos de fazer em menos tempo que um raio de luz levaria. E se a fizéssemos à velocidade da luz, nossa experiência de duração não mais coincidiria com a do Universo em geral. Se este lugar está a, digamos, quarenta parsecs de Terminus, se tivéssemos chegado aqui à velocidade da luz, não teríamos sentido o lapso de tempo – mas em Terminus e em toda a Galáxia, ter-se-iam passado cento e trinta anos, Agora, fizemos uma viagem, não à velocidade da luz, mas a milhares de vezes a velocidade da luz, na verdade, e não houve adiantamento do tempo em lugar nenhum. Pelo menos, eu espero que não.

Ao que respondeu Trevize: – Não espere que eu lhe dê a matemática da Teoria Hiperespacial de Olanjen. Tudo o que posso dizer é que se você tivesse viajado à velocidade da luz, dentro do espaço normal, o tempo de fato teria avançado à razão de 3,26 anos por parsec, tal como você descreveu, O assim chamado “Universo relativista”, que a humanidade entendeu tanto quanto podemos sondar a pré-história – muito embora esse seja o seu departamento, eu creio – continua válido, e suas leis não foram rejeitadas. Em nossos Saltos hiper-espaciais, porém, fazemos algo dentro das condições em que a relatividade funciona e as regras são diferentes. Hiperespacialmente, a Galáxia é um objeto pequeno – idealmente um ponto não-dimensional onde não pode haver efeito relativista algum.

– De fato, nas formulações matemáticas da cosmologia, há dois símbolos

para a Galáxia: G para a “Galáxia relativista”, onde a velocidade da luz é a máxima, e G para a “Galáxia hiperespacial”, onde a velocidade realmente não tem significado. Hiperespacialmente, o valor de toda velocidade é zero, e não nos movemos; em relação ao espaço propriamente dito, a velocidade é infinita. Não posso explicar as coisas nem um pouco além disto.

– Ah, sim: exceto que uma das lindas armadilhas da física teórica é colocar um símbolo ou um valor que tenha significado em numa equação que trata com G – ou vice-versa – deixando-o lá para que algum estudante calcule. As chances são enormes de que o estudante caia na armadilha e geralmente fica lá, suando e perdendo o fôlego, nada parecendo dar certo, até que algum veterano bondoso o ajude a sair dessa. Quase fui apanhado assim, uma vez.

Pelorat considerou isto gravemente por algum tempo, e então disse, quase perplexo: – Mas qual é a verdadeira Galáxia?

– As duas, dependendo do que você está fazendo. Se você está lá em Terminus, pode usar um carro para cobrir distâncias terrestres e um navio para cruzar uma distância pelo mar. As condições são diferentes em cada caso e, assim, qual é o verdadeiro Terminus, terra ou mar?

Pelorat concordou: – As analogias são sempre arriscadas, mas eu prefiro aceitar essa ao invés de arriscar minha saúde mental pensando ainda mais sobre o hiperespaço. Vou me concentrar só no que me ocupa por hora.

Considere o que acabamos de fazer – disse Trevize – como nossa primeira parada rumo à Terra.

E, pensou consigo mesmo, rumo a sabe-se lá o quê mais.

32.

– Bem disse Trevize. – Perdi um dia.

– Hã? – Pelorat ergueu os olhos de sua cuidadosa indexação. – De que maneira?

Trevize abriu os braços: – Não confiei no computador. Não me atrevi a fazê-lo, de modo que conferi nossa posição atual com a posição que visamos com o Salto. A diferença não é mensurável. Não houve erro detectável.

– E isso é bom, não é?

– É mais do que bom: é inacreditável! Nunca ouvi falar de tal coisa. Passei por muitos Saltos, e os dirigi, de todas as maneiras e com todo tipo de

equipamento. Na escola, tive de calcular um com um computador manual e então enviar um hiper-relê para conferir os resultados. Naturalmente, eu não podia enviar uma nave de verdade, pois além da despesa, eu poderia facilmente colocá-la no meio de uma estrela, lá do outro lado.

– Nunca fiz nada tão errado, é claro – continuou Trevize –, mas sempre havia um erro considerável. Sempre há algum erro, mesmo com os especialistas. Precisa haver, pois há sempre tantas variáveis. Pense o seguinte: a geometria do espaço é complicada demais para se manipular e o hiperespaço compõe todas essas complicações com uma complexidade toda própria que não podemos presumir que entendemos. Por isso que precisamos ir passo a passo, ao invés de fazer um só grande Salto, daqui até Sayshell. Os erros ficariam cada vez piores com a distância.

– Mas você disse que este computador não errava – falou Pelorat.

– Ele disse que não errava. Eu ordenei.lhe que conferisse nossa posição atual contra nossa posição pré-calculada – "o que é" contra "o que foi pedido". E ele disse que as duas eram idênticas dentro de seus limites de medição, e eu pensei: "E se ele estiver mentindo?"

Até aquele momento, Pelorat estivera segurando sua impressora na mão. Agora largou-a, parecendo abalado: – Está brincando? Um computador não pode mentir. A menos que você pensou que ele estaria defeituoso.

– Não, não é isso o que pensei. Pelo espaço! Eu pensei mesmo que ele estava mentindo! Este computador é tão avançado que não posso pensar nele senão como humano – supra-humano, quiçá. Humano o bastante para ter orgulho – e, quem sabe, mentir. Dei-lhe instruções – elaborar um curso pelo hiperespaço rumo a uma posição próxima do Planeta Sayshell, capital da União de Sayshell. Ele o fez, e mapeou um curso em vinte e nove etapas, o que é arrogância da pior espécie.

– E por que arrogância?

– O erro no primeiro Salto faz o segundo Salto um tanto menos certo desse mesmo valor, e o erro acrescido faz o terceiro Salto bastante incerto, e não-confiável, e assim por diante. Como calcular vinte e nove escalas de uma só vez? O vigésimo nono poderia terminar em qualquer ponto da Galáxia, num lugar qualquer. Assim eu o dirigi para fazer a primeira escala, apenas. Então poderíamos conferir antes de continuar.

– Uma aproximação cuidadosa – aprovou Pelorat, calorosamente. – Eu aprovo!

– Sim, mas tendo feito a primeira escala, o computador não poderia sentir-se ofendido, por eu não ter confiado nele? Então ele seria forçado a salvar seu orgulho, dizendo-me não haver erro nenhum, quando eu perguntasse? Talvez ele achasse impossível admitir um erro, devido a imperfeição? Se assim for, poderíamos bem dispensar um computador.

O rosto longo e suave de Pelorat entristeceu-se: – O que podemos fazer neste caso, Golan?

– Podemos fazer o que já fiz: perder um dia. Conferi a posição de várias das estrelas vizinhas pelos métodos mais primitivos possíveis: observação telescópica, fotografia, e medidas manuais. Comparei cada posição atual com a posição esperada, se não tivesse havido erro. E o trabalho levou-me todo o dia, e cansou-me para nada.

– Sim, mas o que aconteceu?

– Encontrei dois grandes erros e os verifiquei de novo, e os encontrei em meus cálculos. Era eu que tinha cometido os erros. Corrigi os cálculos, e passei-os pelo computador a partir do início – só para ver se ele apresentaria os mesmos resultados, independentemente. Exceto que ele os apresentou com muito mais casas decimais, resultou que meus valores ficaram certos, e evidenciaram que o computador não tinha cometido erro algum. O computador pode ser um arrogante filho-do-Mula, mas ele tem razões para ser arrogante!

Pelorat suspirou, de alívio: – Bem, *isso* é bom!

– Sim, de fato! Vou deixar então que ele faça as outras vinte e oito escalas.

– De uma só vez? Mas...

– Não todas de uma vez. Nada tema. Não me transformei num temerário... ainda. Vou fazê-las uma depois da outra – mas após cada escala ele vai conferir as vizinhanças, e, se estivermos dentro de limites toleráveis, será autorizado a fazer a seguinte. Em qualquer momento que achar o erro demasiado grande – e, creia-me, não estabeleci tolerâncias generosas – terá de parar e recalcular as escalas remanescentes.

– E quando você vai fazer isso?

– Quando? Agora mesmo. Veja, você está trabalhando na inde xação de sua biblioteca...

– Oh, mas esta é a oportunidade de fazê-lo, Golan. Tive a intenção de fazê-lo por anos, mas algo sempre acontecia e ficava no meu caminho.

– Não tenho objeções. Continue, e não se preocupe. Concentre-se na indexação. Vou cuidar de tudo o mais.

Pelorat abanou a cabeça: – Não seja tolo; não poderei relaxar até que tudo isto tenha acabado. Estou petrificado de medo.

– Então, não deveria ter-lhe contado, mas eu precisava contar para alguém, e você é o único alguém, por aqui. Deixe-me explicar- lhe francamente. Há sempre a chance de que pararemos numa posição perfeita no espaço interestelar, e isso resultará na posição precisa ocupada por um meteoro a alta velocidade, ou um mini-buraco negro, caso em que a nave ficaria arruinada, e estaríamos mortos. Tais coisas, em teoria, poderiam acontecer.

– As chances, porém, são muito pequenas. Afinal, você poderia estar na sua casa, Janov – em seu escritório, e trabalhando em seus filmes ou em sua cama, dormindo – e um meteoro poderia estar se dirigindo para você, através da atmosfera de Terminus, e atingi-lo bem na cabeça, e matá-lo. Mas as chances são pequenas.

– De fato, a chance de interceptar a trajetória de alguma coisa fatal, mas muito pequena para que o computador possa prevê-la, no decurso de um Salto hiperespacial, é muitíssimo menor que a de ser atingido por um meteoro em sua casa. Nunca ouvi falar de uma nave ser perdida dessa maneira, em toda a história da viagem hiperespacial. Qualquer outro tipo de risco – assim como acabar no meio de uma estrela – é ainda menor.

Então Pelorat disse: – E por que afinal você me contou tudo isso? Trevize fez uma pausa, baixou a cabeça, pensativo, e acabou dizendo: - Eu não sei... Ou melhor: eu sei. O que eu pressuponho é que, por mínima que possa ser a probabilidade de uma catástrofe, se um número suficientemente grande de pessoas se arriscar, a tal catástrofe deverá acontecer, eventualmente. Não importa quão certo eu possa estar de que nada sairá errado, há sempre uma vozinha perturbadora dentro de mim, que diz: “Talvez aconteça desta vez”. E faz- me sentir culpado. É, acho que é isso. Janov, se algo sair errado, perdoe-me!

– Mas, Golan, meu caríssimo amigo, se algo sair errado, ambos morreremos instantaneamente. Eu não estarei capacitado a perdoar, nem você a ser perdoado.

– Eu sei, eu sei; portanto, perdoe-me agora, sim?

Pelorat sorriu: – Não sei por que, mas isto me alegra. Há algo agradavelmente humorístico em tudo isto. E claro, Golan, eu o perdôo. Há muitos mitos sobre alguma forma de vida após a morte, na literatura dos

mundos, e se porventura houver um tal lugar... quase a mesma chance de aterrissar num buraco negro – e nós dois acabarmos no mesmo lugar, então serei testemunha de que você fez o melhor que podia, e minha morte não será deixada à sua porta.

– Obrigado! Agora, estou aliviado. Estou disposto a me arriscar, mas não gostei da idéia de você também se arriscar comigo.

Pelorat agarrou a mão do outro: – Sabe, Golan, só o conheço há uma semana, e suponho que não deveria fazer julgamentos apressados nestes assuntos, mas creio que você é um excelente sujeito. Mas, vamos em frente e vamos acabar logo com isso.

– Absolutamente! Tudo o que tenho de fazer é tocar aquele contato. O computador já tem as suas instruções e está apenas esperando que eu diga: Partida! Você gostaria de..

– Jamais! Ele é todo seu! É o seu computador!

– Muito bem; é também a minha responsabilidade. Ainda estou procurando me esquivar dela, como vê. Mantenha os olhos na tela!

Com uma mão notavelmente firme, e com seu sorriso parecendo totalmente genuíno, Trevize fez o contato.

Houve uma pausa momentânea, e então o campo de estrelas mudou – e de novo – e de novo. As estrelas apareciam cada vez mais densas e luminosas, sobre a visitela.

Pelorat estava contando, respiração presa. No “15” houve uma parada, como se alguma peça do equipamento se quebrasse.

Pelorat sussurrou, claramente temendo que qualquer ruído pudesse danificar fatalmente o mecanismo: – O que está errado? O que aconteceu?

Trevize deu de ombros: – Imagino que ele está recalculando. Algum objeto no espaço está acrescentando uma protuberância perceptível ao formato do campo gravitacional geral – algum objeto que não foi levado em conta – alguma estrela-anã não-mapeada ou algum planeta errante...

– Perigo?

– Como ainda estamos vivos, quase certamente não há perigo. Um planeta poderia estar a cem milhões de quilômetros de distância, e ainda introduzir uma alteração gravitacional grande o bastante para exigir re-calculação. Uma estrela-anã poderia estar a dez bilhões de quilômetros de distância e...

A tela mudou de novo, e Trevize caiu em silêncio. Mudou de novo e de novo. Por fim, quando Pelorat disse “28”, não houve mais movimento.

Trevize consultou o computador: – Aqui estamos – disse ele.

– Contei o primeiro Salto como “1”, e esta série, comecei por “2”. Isso totaliza vinte e oito Saltos. E você disse vinte e nove.

– O recálculo no Salto 15 provavelmente nos economizou um Salto. Posso verificar com o computador, se você quiser, mas realmente, não há necessidade. Estamos nas vizinhanças do planeta Sayshell. O computador assim o diz, e eu não duvido. Se eu orientasse a tela adequadamente, veríamos um belo sol, bem brilhante, mas não serve para nada sobrecarregar a capacidade de filtragem da tela. O planeta Sayshell é o quarto, e está a cerca de 3,2 milhões de quilômetros de distância de nossa posição atual, o que é o mais perto que desejaríamos estar ao fim de um Salto. Podemos chegar lá em três dias – ou dois, se tivermos pressa.

Trevize tomou fôlego e tentou escoar a tensão.

– Percebe o que isto significa, Janov? Toda a nave em que estive – ou de que ouvi falar – teria feito estes Saltos com um intervalo de pelo menos um dia, para trabalhosos cálculos e aferição, mesmo com um computador. A viagem teria levado quase um mês. Ou talvez de duas a três semanas, se estivessem com muita pressa. E nós, nós a fizemos em meia hora. Quando todas as naves estiverem equipadas com um computador como este aqui.

E Pelorat disse: – Imagino por que a Prefeita nos deixou usar uma nave assim tão avançada. Deve ser incrivelmente dispendiosa.

– É experimental – respondeu Trevize, secamente. – Talvez a boa da mulher estivesse com vontade de nos deixar experimentar e ver que deficiências poderiam aparecer.

– Está falando sério?

– Não fique nervoso. Afinal de contas, não há nada com que se preocupar. Não achamos quaisquer deficiências. Mas eu não esfregaria isto na cara dela, no entretanto. Não solicitaria em nada o senso de humanidade dela. Além do que, ela não nos deu nenhuma arma ofensiva, o que corta as despesas consideravelmente.

Pelorat acrescentou, pensativo: – É no computador que estou pensando. Parece estar tão bem ajustado para você – e não pode ser tão bem ajustado assim para qualquer um. Mal funciona direito comigo.

– Tanto melhor para nós, por funcionar bem com um de nós.

– Sim, mas será isso meramente o acaso?

– E o que mais, Janov?

– Certamente a Prefeita o conhece muito bem.

– Acredito que sim, o velho canhão.

– Ela não poderia mandar fazer um computador especialmente para você?

– Por quê?

– Fico imaginando se não estamos indo exatamente para onde o computador quer que vamos.

Trevize ficou olhando: – Você quer dizer que, enquanto eu estou conectado ao computador, é o computador... e não eu... que realmente está nos controles?

– Só imaginei.

– Isso é ridículo, paranóide, ora, tenha paciência, Janov. Trevize voltou-se para o computador para focalizar o planeta Sayshell na tela, e para calcular um curso no espaço normal para ele.

Ridículo!

Mas, por que Pelorat introduziu aquela noção em sua mente?

10. MESA

33.

Dois dias tinham-se passado, e Guendibal não se sentia tão deprimido quanto enfurecido. Não havia razão por que não poderia haver uma audiência imediata. Mas se ele estivesse despreparado – se ele precisasse de tempo – então eles o forçariam a uma audiência imediata, disso ele tinha certeza

Mas como nada mais se defrontou com a Segunda Fundação desde a maior crise, a do Mula, eles desperdiçavam tempo – e sem nenhum propósito senão irritá-lo.

E eles conseguiam irritá-lo, e, por Seldon! Isto tornaria o seu contra-ataque tanto mais pesado. E estava determinado a contra-atacar.

Olhou à sua volta. A ante-sala estava vazia. Tinha sido assim já por dois dias. Ele era um homem marcado, um Orador que todos sabiam – por meio de uma ação sem precedentes nos cinco séculos da história da Segunda Fundação – logo perderia sua posição. Seria destituído, ocupando um simples posto de segundofundacionista, apenas.

Uma coisa, porém – uma coisa muito honrada – era ser um segundofundacionista qualquer, especialmente se se tinha algum honorífico, como Guendibal, mesmo depois de um “impeachment”. Mas era totalmente outra coisa ter sido Orador e depois ser destituído.

Mas não vai acontecer, pensou Guendibal, enraivecido, mesmo tendo sido evitado por dois dias. Apenas Sura Novi o tratava como antes, mas era muito ingênua para entender a situação. Para ela, Guendibal ainda era o “Dotô”

E também irritava Guendibal o fato de ainda encontrar nisto um certo conforto. Sentia-se envergonhado quando começava a notar que seu ânimo se erguia quando notava que ela o olhava com veneração. Será que ele estava ficando grato por dons assim tão pequenos?

Um funcionário emergiu da Câmara para lhe dizer que a Mesa ia recebê-lo, e Guendibal marchou para dentro. O funcionário era um que Guendibal bem conhecia; era um que sabia – até a mínima fração – o grau preciso de civilidade de que cada Orador era digno. No momento, o que cabia a Guendibal era

decepcionantemente pouco. Mesmo o funcionário pensava nele como condenado.

Estavam todos sentados gravemente, à volta da Mesa, com a roupa preta do julgamento. O Primeiro Orador Shandess parecia um pouco desconfortável, mas não permitia que seu rosto se vincasse no menor traço inamistoso. Delarmi – uma das três Oradoras que havia – nem mesmo olhou para ele.

E o Primeiro Orador disse: – Orador Stor Guendibal, o senhor foi impedido por se comportar de maneira indigna de um Orador. O senhor, perante todos nós, acusou a Mesa, vagamente e sem evidência – de traição e tentativa de homicídio. Implicou que todos os segundofundacionistas – incluindo os Oradores e o Primeiro Orador – requerem uma completa análise mental para certificar quem dentre eles não é confiável. Tal comportamento rompe os liames da comunidade, sem a qual a Segunda Fundação não pode controlar uma Galáxia intrincada e potencialmente hostil, sem o que não pode construir, com segurança, um Segundo Império viável.

– Como todos nós testemunhamos essas ofensas, passaremos à apresentação formal do caso para o processo. Passaremos assim diretamente à segunda etapa. Orador Stor Guendibal, o senhor tem uma defesa a apresentar?

E agora Delarmi – ainda sem olhar para ele – permitiu-se um pequeno sorriso felino.

Guendibal respondeu: – Se a verdade pode ser considerada uma defesa, eu tenho uma. Há bases para suspeitar que houve uma quebra na segurança. Essa quebra pode envolver o controle mental de um ou mais segundofundacionistas – não excluindo os membros aqui presentes – o que criou uma crise mortal para a Segunda Fundação. Se, de fato, vocês apressarem este julgamento porque não podem perder tempo, talvez possam vagamente reconhecer a seriedade da crise, mas nesse caso, por que perderam dois dias depois de eu ter requerido formalmente um julgamento imediato? Confirmo que foi essa crise mortal que me forçou a dizer o que disse. Eu teria me comportado de uma maneira indigna de um Orador se eu não tivesse agido assim.

– Ele apenas repete a ofensa, Primeiro Orador – disse Delarmi, suavemente.

O assento de Guendibal estava mais afastado da Mesa, em relação aos dos outros – já em claro sinal de rebaixamento. Empurrou-o ainda mais para trás, como se isso pouco lhe importasse, e levantou-se.

– Vão condenar-me agora, de abrupto, à revelia da lei... ou posso detalhar

minha defesa?

Disse o Primeiro Orador: – Esta assembléia não é de foras-da-lei, Orador. Sem muitos precedentes para nos orientar, inclinamo-nos na sua direção, reconhecendo que se nossas capacidades demasiado humanas poderiam nos desviar da justiça absoluta, é melhor deixar ir-se um culpado do que condenar um inocente. Portanto, muito embora o caso que se nos apresenta seja tão grave que não podemos levianamente deixar ir o culpado, permitir-lhe-emos que apresente o caso da maneira que bem entender, e por tanto tempo quanto queira, até que seja decidido, por voto unânime, incluindo o meu próprio (e ergueu a voz, nesta frase), que já se ouviu o suficiente.

Então disse Guendibal: – Deixe-me começar, então, dizendo que Golan Trevize – o primeiro-fundacionista que foi expulso de Terminus e que o Primeiro Orador e eu acreditamos ser o bordo de ataque da crise que está se acumulando – moveu-se numa direção inesperada.

– Uma informação – interrompeu docemente a Oradora Delarmi. – Como o orador (a entonação claramente indicava que a palavra não era o honorífico) sabe disto?

– Fui informado pelo Primeiro Orador, mas confirmo a informação por mim mesmo. Nestas circunstâncias, porém, considerando minhas suspeitas quanto ao nível de segurança da Câmara, deve-se permitir-me manter secretas as minhas fontes de informação.

Retrucou o Primeiro Orador: – Vou reservar-me o julgamento sobre isso. Vamos continuar sem esse item de informação, mas se no julgamento da Mesa a informação se mostrar necessária, o Orador Guendibal terá de fornecê-la.

Delarmi interpôs: – Se o orador não der a informação agora, é apenas justo que eu presuma que ele tem um agente a seu serviço, um agente particularmente empregado pôr ele, e que não é, em geral, responsável perante a Mesa. Não podemos ter certeza de que um tal agente esteja obedecendo às regras de comportamento que governam o pessoal da Segunda Fundação.

O Primeiro Orador respondeu, com algum desagrado: – Vejo todas as implicações, Oradora Delarmi. Não há necessidade de recitá-las para mim.

– Estou meramente mencionando para registro, Primeiro Orador, pois que isto agrava a ofensa e não é um item mencionado na acusação, que, eu gostaria de acrescentar, não foi lida totalmente, e que proponho que a ela seja acrescido este item.

– O escrevente tem instrução para acrescentar este item – disse o

Primeiro Orador – e as palavras precisas serão ajustadas oportunamente. Orador Guendibal – ele, ao menos, respeitava o título – sua defesa de fato é um passo para trás. Continue.

– Não só esse Trevize moveu-se em direção inesperada, mas a uma velocidade sem precedentes. Minha informação, que o Primeiro Orador ainda não tem, é que ele viajou quase dez mil parsecs em bem menos de uma hora.

– Num só Salto? – quis saber um dos Oradores, incrédulo.

– Em mais de duas dúzias de Saltos; algo que é ainda mais difícil de imaginar que um só Salto. Mesmo que ele seja localizado agora, levará tempo para segui-lo, e se ele nos detectar e realmente quiser fugir de nós, não poderemos alcançá-lo. E vocês perdem o seu tempo em brincar de "impeachment" e deixando passar dois dias, para saborear melhor as suas brincadeiras.

O Primeiro Orador conseguiu mascarar sua angústia: – Por favor, diga-nos, Orador Guendibal, o que o senhor pensa que possa ser o significado disto.

– É uma indicação, Primeiro Orador, dos avanços tecnológicos que estão sendo feitos pela Primeira Fundação, que é muito mais poderosa agora do que no tempo de Prim Palver. Não poderíamos nos contrapor a eles, se nos achassem e estivessem livres para agir.

A Oradora Delarmi ergueu-se: – Primeiro Orador, nosso tempo está sendo gasto com irrelevâncias. Não somos crianças para nos assustarmos com lendas da Vovó Torção do Espaço. Não importa quão impressionante a maquinaria da Primeira Fundação seja, quando, em caso de crise, as mentes deles estarão sob nosso controle.

– O que o senhor tem a dizer, Orador Guendibal? – perguntou o Primeiro Orador.

– Simplesmente que chegaremos à questão da mente no seu devido tempo. Por hora, só quero sublinhar o superior – e crescente – poderio tecnológico da Primeira Fundação.

Interveio o Primeiro Orador: – Passe para o ponto seguinte, Orador Guendibal. Seu primeiro ponto, devo adverti-lo, não me impressiona como sendo muito pertinente ao assunto contido na acusação de "impeachment".

Houve um claro gesto de concordância da Mesa, em geral.

– Está bem; passarei adiante - Trevize tem um companheiro em sua atual jornada. – Fez uma pausa momentânea para destacar melhor o que iria

pronunciar. – Um certo Janov Pelorat, um erudito obscuro que devotou sua vida a detectar mitos e lendas concernentes à Terra.

– E você sabe tudo isso a respeito dele? Seu informante oculto, eu presumo? – quis saber Delarmi, que se estabelecera em seu papel de promotora, com um claro sentimento de conforto.

– Sim, eu sei tudo isto a respeito dele – reconheceu Guendibal, estolidamente. – Há alguns meses atrás, a Prefeita de Terminus, uma mulher enérgica e capaz, ficou interessada neste erudito, também, aliás. Nem conservei isto só para mim. Toda a informação que adquiri foi colocada à disposição do Primeiro Orador.

– Sou testemunha disso – reconheceu o Primeiro Orador, em voz baixa.

Um Orador mais velho perguntou: – E o que é essa Terra? É o mundo original que costumamos encontrar nas fábulas? Aquele que criou tanto caso nos velhos tempos do Império?

Guendibal assentiu: – Nas lendas da Vovó Torção do Espaço, como diria a Oradora Delarmi. Suspeito que o sonho de Pelorat era vir a Trantor para consultar a Biblioteca Galáctica, para achar a informação concernente à Terra, que ele não conseguiu obter no serviço de biblioteca interestelar disponível em Terminus.

– Quando deixou Terminus com Trevize, deve ter estado sob a impressão de que aqueles sonhos seriam realizados. Certamente estávamos esperando os dois e contávamos com a oportunidade de examiná-los, em nosso próprio benefício. Como resultou – e como agora todos vocês já sabem – eles não virão. Voltaram-se para algum destino que ainda não está claro, e por alguma razão que ainda não é conhecida.

O rosto redondo de Delarmi tinha todo o aspecto de um querubim, ao dizer: – E por que isto é tão perturbador? Não estamos melhor nem pior pela ausência deles. Aliás, desde que eles nos descartaram tão facilmente, podemos deduzir que a Primeira Fundação desconhece a verdadeira natureza de Trantor, e podemos aplaudir o trabalho braçal de Prim Palver.

– Se não pensássemos mais nisso, efetivamente poderíamos chegar a uma tal solução reconfortante – retrucou Guendibal. – Mas será que esta mudança não teria sido resultante de não se ver a importância de Trantor? Poderia ser que a mudança de rota resultou de uma ansiedade em relação a Trantor, que, ao examinar esses dois homens, visse a importância da Terra?

Houve uma agitação na Mesa.

– Qualquer um – começou Delarmi friamente – pode inventar proposições que soam formidavelmente e acomodá-las em sentenças bem balanceadas. Mas será que fazem sentido, quando são inventadas? Por que alguém se importaria com o que nós, da Segunda Fundação, pensamos da Terra? Se é o real planeta das origens, ou se é um mito, ou se não há local de origem, só para começar, é por certo algo que deve interessar apenas a historiadores, antropólogos e colecionadores de folclore, assim como esse seu Pelorat. Por que nós?

– Por que, com efeito? – replicou Guendibal. – Como é, então, que não há referências à Terra, na Biblioteca?

Pela primeira vez, algo na atmosfera que não era hostilidade, fez-se sentir em volta da Mesa.

– Não há nenhuma? – perguntou Delarmi.

Disse Guendibal, bem calmamente: – Quando pela primeira vez chegou-me noticia de que Trevize e Pelorat poderiam estar vindo para cá à busca de informação a respeito da Terra, eu, naturalmente, pedi ao computador de nossa Biblioteca que fizesse um rol dos documentos contendo tal informação. Fiquei levemente intrigado, quando ele não descobriu nada. Nem pequenas referências. Nem uma só palavra. Nada!

– Mas então vocês insistiram para que eu esperasse dois dias antes que esta audiência pudesse ter lugar, e ao mesmo tempo, minha curiosidade foi ainda mais espicaçada pelas novas de que os primeiro fundacionistas, afinal de contas não estavam vindo para cá. Eu precisava ficar cismando, de algum modo. Enquanto o resto de vocês estava aí, como diz o provérbio, bebericando vinho enquanto a casa estava caindo, repassei alguns livros de história de minha propriedade. Encontrei passagens que especificamente mencionavam algumas investigações sobre a “Questão das Origens” nos últimos tempos imperiais. Havia referências a documentos particulares – tanto impressos quanto filmados – e havia citações. Retornei à Biblioteca e fiz uma verificação em pessoa, para encontrar tais documentos. Garanto-lhes que não havia nenhum.

Delarmi respondeu: – Mesmo sendo assim, não é preciso se surpreender. Se a Terra é de fato um mito.

– Então eu a encontraria sob as referências mitológicas. Se fosse uma história da Vovó Torção do Espaço, eu a encontraria sob as antologias da Vovó Torção do Espaço. Se fosse uma ficção da mente doentia, eu a encontraria sob a psicopatologia. O fato é que existe algo sobre a Terra, ou ninguém teria ouvido

falar dela, e com efeito, reconhecer esse nome como o do presuntivo planeta de origem da espécie humana. Por que, então, não há referência alguma a ela na Biblioteca, em lugar nenhum?

Delarmi ficou calada por um momento e então um outro Orador interpôs-se. Era Leonis Cheng, um homem de pequena estatura, com um conhecimento enciclopédico das minúcias do Plano de Seldon, e uma atitude um tanto míope em relação à Galáxia real. Seus olhos tendiam a piscar rapidamente, enquanto falava:

– É bem sabido que o Império, em seus dias finais, tentou criar uma mística imperial abafando todo interesse nos períodos pré-imperiais.

Guendibal concordou: – Abafar é o termo preciso, Orador Cheng. E isso não é equivalente a destruir evidências. Como o senhor devia saber melhor que ninguém, outra característica do decaimento imperial foi um súbito interesse em tempos mais antigos – e presumivelmente – melhores. Acabo de referir-me ao interesse na "Questão das Origens" nos tempos de Hari Seldon.

Cheng interrompeu com um estrondoso pigarro: – Sei disso muito bem, meu jovem, e conheço muito mais desses problemas sociais do decaimento do Império do que você parece pensar que sei. O processo de "imperialização" superou em muito esses jogos diletantes a respeito da Terra. Sob Cleon II, durante o último renascimento do Império, dois séculos depois de Seldon, a imperialização atingiu o seu pico, e toda especulação sobre a questão da Terra chegou a um termo. Houve mesmo uma diretriz no tempo de Cleon sobre isto, com referência ao interesse em coisas tais como (e creio que faço a citação corretamente) "especulação passada e contraproducente, que tende a minar o amor do povo pelo Trono Imperial".

Guendibal sorriu: – Então é no tempo de Cleon II, Orador Cheng, que o senhor coloca a destruição de toda referência à Terra?

– Não tiro nenhuma conclusão. Simplesmente disse o que disse.

– Foi hábil de sua parte não tirar conclusões. No tempo de Cleon, o Império pode ter passado por um renascimento, mas a Universidade e Biblioteca, pelo menos, estavam em nossas mãos, ou, de qual quer maneira, nas de nossos predecessores. Teria sido impossível que qualquer material fosse removido da Biblioteca sem o conhecimento dos Oradores da Segunda Fundação. Na verdade, uma tal tarefa deveria ser confiada aos Oradores, embora o Império moribundo não viesse a saber disso.

Guendibal fez uma pausa, mas Cheng, nada dizendo, ficou olhando

acima da cabeça do outro.

Guendibal continuou: – Segue-se que a Biblioteca não poderia ter sido esvaziada do material sobre a Terra no tempo de Seldon, desde que então a "Questão das Origens" era uma preocupação ativa. Não poderia ter sido esvaziada depois porque a Segunda Fundação estava encarregada dela. Mas a Biblioteca está vazia dele agora. Como pode ser?

Delarmi interrompeu, impacientemente: – Pode parar de ostentar o dilema, Guendibal. Já o percebemos. E o que você sugere como solução? Que você mesmo removeu os documentos?

– Como de hábito, Delarmi, você penetra o âmago da questão. – E Guendibal fez uma mesura na direção dela, em sardônico respeito (ao que ela se permitiu um leve levantar do lábio). – Uma solução é que a limpeza foi feita por um Orador da Segunda Fundação, alguém que saberia usar curadores sem deixar memória para trás, e computadores sem deixar nenhum registro para trás.

O Primeiro Orador Shandess ruborizou: – Ridículo, Orador Guendibal. Não posso imaginar um Orador fazendo isto. Qual seria sua motivação? Mesmo se, por alguma razão, o material sobre a Terra fosse removido, por que escondê-lo do resto da Mesa? Por que arriscar uma completa destruição da própria carreira mexendo com a Biblioteca, quando as chances de ser descoberto são tão grandes? Além do que, acho que nem o mais hábil dos Oradores conseguiria levar tal tarefa a cabo sem deixar rastros.

– Então deve ser, Primeiro Orador, que o senhor discorda da Oradora Delarmi em sua sugestão de que eu o fiz.

– Por certo que sim! Por vezes, duvido de seu julgamento, mas ainda não cheguei a considerá-lo totalmente maluco.

– Então nunca deve ter acontecido, Primeiro Orador. O material sobre a Terra ainda deve estar na Biblioteca, pois agora parece termos eliminado todas as maneiras possíveis pelas quais poderia ter sido removido; e no entanto, o material ainda não está lá.

Delarmi disse, afetando cansaço: – Bem, bem, vamos acabar com isso. De novo, o que você sugere como solução? Estou certa de que você pensa que tem uma.

– Se você está certa, Oradora, todos podemos estar igualmente certos. Minha sugestão é que a Biblioteca foi limpa por alguém da Segunda Fundação que estava sob o controle de uma sutil força exterior à Segunda Fundação. A limpeza passou despercebida porque a mesma força providenciou para que

passasse despercebida.

Delarmi riu-se: – Até que você descobriu tudo! Você – o não- controlado e incontrolável. Se essa misteriosa força existisse, como você descobriu a ausência de material da Biblioteca? Por que você não foi controlado?

Guendibal alegou, gravemente: – Não é questão para riso, Oradora. Eles podem sentir, tal como eu, que toda interferência deve ser mantida num mínimo. Quando minha vida esteve em perigo há alguns dias, eu estava mais preocupado em impedir-me de mexer com uma mente hamish do que com minha proteção. Assim pode ser com esses outros – enquanto eles tenham julgado seguro deixar de interferir. Esse é o perigo, o perigo mortal. O fato de que eu descobri o que aconteceu pode significar que eles sintam que já ganharam. E nós continuamos a nossa brincadeira, por aqui!

– Mas, que objetivo eles podem ter em tudo isso? Que objetivo possível? – perguntou Delarmi, movendo seus pés e mordendo os lábios. Sentiu seu poder desvanecendo, com a Mesa ficando cada vez mais interessada – preocupada...

– Pense só: a Primeira Fundação, com seu enorme arsenal de poder físico, está procurando pela Terra. Fingem mandar dois exilados, esperando que pensemos que é tudo o que eles são, mas por que seriam equipados com uma nave de poder inacreditável – naves que podem mover-se dez mil parsecs em menos de uma hora – se eles fossem apenas exilados?

– Quanto à Segunda Fundação, não estivemos procurando pela Terra, e claramente medidas foram tomadas sem o nosso conhecimento para manter qualquer informação sobre a Terra longe de nós. A Primeira Fundação agora está tão perto de encontrar a Terra e nós estamos tão longe de fazê-lo, que...

Guendibal interrompeu-se e Delarmi voltou: – Que o quê? Termine sua lenda infantil. Você sabe ou não sabe de alguma coisa?

– Eu não sei tudo, Oradora. Não penetrei toda a profundidade da teia que está nos circundando, mas sei que a teia está lá. Não sei qual a importância de encontrar a Terra, mas estou certo de que a Segunda Fundação está em enorme perigo e, com ela, o Plano de Seldon e o futuro de toda a humanidade.

Delarmi levantou-se. Não estava sorrindo e falou com voz tensa, mas controlada: – Tolices! Primeiro Orador, ponha um fim a isto! O que está em pauta é o comportamento do acusado. O que ele diz é não só infantil mas irrelevante. Ele não pode atenuar seu comportamento elaborando uma teia de teorias que só fazem sentido em sua própria mente. Peço uma votação sobre o assunto agora – um voto unânime pela condenação.

– Espere – interveio Guendibal agressivamente. – Fui informado de que teria uma oportunidade de defender-me, e resta ainda um item – só mais um. Deixem-me apresentá-lo, e poderão passar a uma votação sem mais objeções de minha parte.

O Primeiro Orador esfregou os olhos, cansado: – Pode continuar, Orador Guendibal. Deixe-me apontar à Mesa que a condenação de um Orador ao "impeachment" é tão grave, e de fato, sem precedentes, que não queremos dar a impressão de não permitir uma defesa completa. Lembrem-se também que mesmo que o veredito satisfaça a nós, poderá não satisfazer àqueles que vierem depois de nós, e não posso acreditar que um segundofundacionista de qualquer categoria – muito menos os Oradores da Mesa – não consigam apreciar inteiramente a importância da retrospectiva histórica. Vamos agir de modo que possamos estar certos da aprovação dos Oradores que nos sucederão nos séculos vindouros.

Delarmi falou, amargamente: – Corremos o risco, Primeiro Orador, de ter a posteridade rindo de nós por elaborar sobre o óbvio. Continuar a defesa foi *sua* decisão.

Guendibal respirou fundo: – Seguindo a *sua* decisão, pois, Primeiro Orador, desejo chamar uma testemunha – uma jovem mulher que encontrei há três dias, e sem a qual talvez eu não pudesse absolutamente chegar à reunião da Mesa, ao invés de meramente me atrasar.

– A mulher de que o senhor fala é conhecida da Mesa? – quis saber o Primeiro Orador.

– Não, Primeiro Orador, ela é nativa deste planeta.

Os olhos de Delarmi se arregalaram: – Uma mulher hamish?

– De fato! Isso mesmo!

Ao que Delarmi disse: – E o que temos a ver com eles? Nada que eles digam pode ser de qualquer importância. Eles simplesmente não existem!

Os lábios de Guendibal retraíram-se um pouquinho sobre seus dentes, em algo que dificilmente poderia ser confundido com um sorriso. Disse bruscamente: – Fisicamente, todos os hamish existem. São seres humanos e executam sua parte no Plano de Seldon. Em sua proteção indireta da Segunda Fundação, desempenham papel crucial. Desejo desassociar-me da desumanidade da Oradora Delarmi, e espero que sua observação seja conservada no registro, e doravante considerada como evidência da possível inadequação dela para o posto de Oradora. O resto da Mesa concordará com a incrível observação da

Oradora e me privará de minha testemunha?

– Chame sua testemunha,Orador – disse o Primeiro Orador.

Os lábios de Guendibal relaxaram nas feições normais, sem expressão de um Orador quando está sendo pressionado. Sua mente estava em guarda e fechada, mas por detrás desta barreira protetora, sentia que o ponto perigoso já havia passado, e que ele era vitorioso.

34.

Sura Novi parecia tensa. Seus olhos estavam arregalados, e seu lábio inferior estava tremendo ligeiramente. Suas mãos abriam-se e fechavam-se lentamente, e seu peito arfava pesadamente. Seu cabelo estava puxado para trás, e tinha uma trança enrolada num coque; seu rosto queimado de sol mostrava um tique, de vez em quando. Suas mãos estavam sempre ajeitando sua saia longa. Olhava rapidamente à volta da Mesa – de Orador para Orador – seus grandes olhos cheios de assombro.

Devolveram-lhe o olhar com graus variáveis de desprezo e desconforto. Delarmi conservou seus olhos bem acima da cabeça de Novi, esquecida de sua presença.

Cuidadosamente, Guendibal tocou a epiderme da mente dela, confortando-a e relaxando-a. Ele poderia ter feito o mesmo acariciando a mão ou o rosto dela, mas aqui, sob estas circunstâncias, isso era impossível, claro.

Disse ele: – Primeiro Orador, estou amortecendo a percepção consciente desta mulher, de modo que seu testemunho não seja distorcido pelo medo. Faça o obséquio de observar – e os demais, se quiserem juntem-se a mim e observem que não vou, de modo algum, modificar a mente dela.

Novi teve um sobressalto de terror com a voz de Guendibal, o que não o surpreendeu de modo algum. Percebeu que ela nunca ouvira segundofundacionistas de classe elevada falar entre si. Ela nunca experimentara aquela estranha e rápida combinação de som, tom, expressão e pensamento. O terror, porém, dissipou-se tão rapidamente quanto veio, quando ele acalmou sua mente.

Uma expressão de placidez cruzou o rosto dela.

– Há uma cadeira atrás de você, Novi; por favor, sente-se – ofereceu Guendibal.

Novi fez uma mesura curta e desajeitada, e sentou-se, rigidamente.

Ela falava bem claramente, mas Guendibal fazia com que repetisse quando seu sotaque hamish ficava muito forte. E como ele mantinha uma linguagem formal em deferência à Mesa, ocasionalmente tinha de repetir para ela suas próprias perguntas.

A história da luta entre ele e Rufirant foi bem descrita, e silenciosamente.

Guendibal perguntou: – Você mesma viu tudo isso, Novi?

– Não, dotô, ô eu tinha parado a briga ántis. Rufirant é um bom sujeito, mais é meiu lerdo prá pensá.

– Mas você descreveu tudo. Como é possível, se você não viu tudo?

– Rufirant andô mi contându depois, quando eu preguntei. Êli ‘tava cum vergonha.

– Vergonha? Você sabe se ele já tinha se comportado dessa maneira em outras ocasiões?

– Rufirant? Não, dotô! Éli é gentir, memo sendo grandalhão. Ëli num é briguêntu, i tem mêdu dus dotô. Custuma dizê qui êlis são fórti itém podêris.

– Por que ele não pensava assim quando me encontrou?

– Isquisito; num intêndu. – Ela abanou a cabeça. – Êli num era mais êli mêmu. Eu díssi pra Eli: – Sêo cabeça de pau, é da tua conta assartá us dotô? I Êli respondeu: – Eu num sei u qui aconteceu. Era cômu si eu ‘tivesse dum lado, di pé, e assistindo um otro qui num era eu.

O Orador Cheng interrompeu: – Primeiro Orador, de que vale fazer esta mulher informar o que um homem lhe contou? O homem não está disponível para ser interrogado?

– Está. Se, ao se completar o testemunho desta mulher, a Mesa desejar mais evidencia, estarei pronto a chamar Karoll Rufirant – meu recente antagonista – à barra. Se não, a Mesa pode passar diretamente ao julgamento, quando eu tiver acabado com esta testemunha.

– Muito bem – disse o Primeiro Orador. – Continue com a sua testemunha.

– E você, Novi? Achou norma! você mesma interferir numa luta desta maneira?

Novi não disse nada por um momento. Uma pequena ruga apareceu entre suas sobrancelhas espessas, e então desapareceu: – Num sei. Num quiria qui

fizessem mar prus doto. Fui irnpurrada, i sem pensá, mi intrumeti. – Fez uma pausa: – I si pricisá, eu faço túdu di nóvu!

Guendibal disse: – Novi, você vai dormir, agora. Não vai pensar em nada. Vai descansar e não vai nem mesmo sonhar.

Novi resmungou por um momento. Seus olhos fecharam-se e sua cabeça caiu para trás, contra o espaldar de sua cadeira.

Guendibal esperou por um momento, e então: – Primeiro Orador, com o devido respeito, por favor siga-me para dentro da mente desta mulher. Vai achá-la simples e simétrica, o que é afortunado, pois o que o senhor verá poderia não ser visível, em qualquer outro caso. Aqui! E aqui! Observou? Se os demais entrarem, será mais fácil se o fizerem um de cada vez.

Houve um zumbido crescente à volta da Mesa.

Guendibal perguntou: – Há alguma dúvida?

Delarmi ia dizendo: – Eu duvido, porque... – e interrompeu-se a ponto de dizer o que, mesmo para ela, era indizível.

E Guendibal disse, por e!a: – Pensa que eu deliberadamente alterei esta mente, para apresentar falsa evidência? Pensa, portanto, que sou capaz de fazer um ajuste tão delicado – uma fibra mental claramente deformada, sem nada nela ou em sua vizinhança que esteja minimamente perturbada? Se eu pudesse fazer isso, que necessidade teria eu de enfrentar qualquer um de vocês? Por que eu me submeteria à indignidade de um julgamento? Por que batalhar para convencê-los? Se eu pudesse fazer o que se pode ver na mente desta mulher, vocês todos estariam inermes perante mim, a menos que estivessem muito bem prevenidos. O fato cru é que nenhum de vocês poderia manipular uma mente como a desta mulher foi manipulada. Tampouco eu. No entanto, foi feito.

Pausa, contemplando cada um dos Oradores, e então fixando o olhar em Delarmi. Falou lentamente: – Agora, se algo mais é requerido, chamarei o lavrador hamish, Karoll Rufirant, a quem examinei e cuja mente também foi alterada desta mesma maneira.

– Isso não será necessário – disse o Primeiro Orador, que estava apresentando uma expressão assustada. – O que vimos foi avassalador

Nesse caso – retorquiu Guendibal – posso despertar esta hamish e dispensá-la? Há pessoas lá fora para cuidar da recuperação dela.

Quando Novi saiu, dirigida de leve por Guendibal, pelo cotovelo, ele retomou: – Deixem-me sumariar rapidamente. As mentes podem – e foram

alteradas de maneiras que estão além do nosso poder. Destarte, os próprios curadores poderiam ter sido influenciados para remover material da Biblioteca – sem nosso conhecimento, nem o deles. Vimos como foi arranjado para que eu fosse retardado para chegar á reunião da Mesa. Fui ameaçado; fui salvo. O resultado foi meu "impeachment". O resultado desta concatenação aparentemente natural de eventos é que eu poderia ser removido de uma posição de poder – e o curso de ação que defendo, e que ameaça essa gente, poderia ser negado.

Delarmi inclinou-se para a frente. Estava claramente abalada: – Se essa organização secreta é tão competente, como você conseguiu descobrir tudo isso?

Guendibal sentia-se livre para sorrir, agora: – Não me dê crédito; não reclamo competência superior à de outros Oradores; certamente não à do Primeiro Orador. Entretanto, esses Anti-Mulas – como o Primeiro Orador veio a chamá-los, muito a propósito – não são infinitamente sábios nem imunes a todas as circunstâncias. Talvez tenham escolhido esta hamish em particular como seu instrumento precisamente porque ela precisava de pouco ajuste. Por seu próprio caráter, era simpática a quem ela chama de "doutores", e os admira intensamente. Mas então, uma vez isto passado, seu contato momentâneo comigo reforçou sua fantasia de ela mesma se tomar uma "doutora". Veio a mim no dia seguinte, com esse propósito em mente. Curioso com esta ambição particular dela, estudei sua mente – coisa que, por certo, por outro motivo eu não teria feito, dei com aquele ajuste, e notei seu significado. Se alguma outra mulher tivesse sido escolhida – uma com uma tendência pró-doutores menos natural – os Anti-Mulas poderiam ter de elaborar mais o ajuste, mas as conseqüências poderiam não se ter seguido, e eu continuaria ignorante de tudo isto. Os Anti-Mulas calcularam errado – ou não pude ram antecipar imprevistos o suficiente. Que eles possam tropeçar dessa maneira, é encorajador.

Disse Delarmi: – O Primeiro Orador e você chamam a essa organização os "Anti-Mulas". Presumo que é porque eles parecem trabalhar para manter a Galáxia no caminho do Plano de Seldon,ao invés de desagregá-lo, como fez o próprio Mula. Se os Anti-Mulas fazem isso, por que eles são perigosos?

– Por que eles trabalhariam, se não fosse com algum propósito? Não sabemos que propósito é esse. Um cínico poderia dizer que eles pretendem entrar na dança em algum momento futuro, e dirigir a corrente em outra direção, uma que seja mais do agrado deles do que do nosso. Essa é minha própria opinião, mesmo que eu não me destaque pelo cinismo. Será que a Oradora Delarmi estaria disposta a sustentar, por puro amor e fé, que todos sabemos

formam tão grande parte de seu caráter, que eles são altruístas cósmicos fazendo todo o trabalho por nós, sem sequer sonhar em recompensa?

Houve um leve murmúrio de risada em torno da Mesa, e Guendibal percebeu que tinha ganho. E Delarmi sabia que tinha perdido, pois surgiu uma onda de raiva que transpareceu por seu rígido controle mental como um momentâneo raio de sol através de uma espessa copa de árvore.

Guendibal continuou: Quando primeiro experimentei o incidente com o lavrador hamish, saltei para a conclusão de que um outro Orador estava por detrás dele. Quando notei o ajuste na mente da mulher hamish, eu sabia que estava certo quanto à conspiração, mas errado quanto ao conspirador. Peço desculpas quanto ao erro de interpretação, e rogo que considerem as circunstâncias como atenuantes.

O Primeiro Orador disse: – Creio que isto pode ser tomado como desculpa...

Delarmi interrompeu. Estava bastante calma, de novo, seu rosto estava amigável, sua voz totalmente sacarina: – Com o mais total respeito, Primeiro Orador, se posso interromper – vamos abandonar essa questão do "impeachment". Neste momento, eu não votaria pela condenação, e imagino que ninguém o faria. Eu sugeriria mesmo que o "impeachment" seja riscado do registro imaculado do Orador. O Orador Guendibal inocentou-se de maneira muito capaz. Eu o congratulo por isso – e por descobrir uma crise que o resto de nós poderia deixar escoar indefinidamente, com resultados incalculáveis. Ofereço ao Orador as *minhas* sinceras desculpas por minha anterior hostilidade.

Ela virtualmente sorria para Guendibal, que sentiu uma relutante admiração pela maneira como ela mudou de direção instantaneamente, para reduzir suas próprias perdas. Também sentiu que tudo isto era apenas a preliminar de um novo ataque, de uma nova direção.

Estava também seguro de que o que estava para vir não seria nada agradável.

35.

Quando se esforçava por ser encantadora, a Oradora Delora Delarmi tinha um jeito todo seu de dominar a Mesa dos Oradores. Sua voz ficava macia, seu sorriso indulgente, seus olhos rebrilhavam, ela era toda doçuras. Ninguém se importava em interrompê-la, até que o golpe descesse.

E disse: – Graças ao Orador Guendibal, penso que agora todos nós entendemos o que devemos fazer. Não vemos os Anti-mulas; nada sabemos sobre eles, exceto de seus fugazes toques nas mentes de pessoas bem aqui na própria fortaleza da Segunda Fundação. Não sabemos o que o centro de poder da Primeira Fundação está tramando. Podemos nos defrontar com uma aliança dos Anti-Mulas e da Primeira Fundação. Não sabemos. Sabemos que esse Golan Trevize e seu companheiro, cujo nome me escapa no momento, estão indo não sabemos para onde – e que o Primeiro Orador e Guendibal acham que Trevize detém a chave do resultado desta grande crise. O que, então, devemos fazer? Claramente, devemos descobrir tudo o que pudermos a respeito de Trevize: para onde está indo, o que pensa, qual pode ser o seu propósito; ou de fato, se é que ele tem algum destino, algum pensamento, algum propósito; ou se de fato ele não poderia ser uma mera ferramenta de uma força muito maior que ele.

Guendibal interveio: – Ele está sob observação.

Delarmi deu um sorriso indulgente: – Por quem? Por um de seus agentes extraplanetários? Deve-se esperar que tais agentes possam se contrapor aos poderes que vimos serem demonstrados aqui? Por certo que não. No tempo do Mula, e depois, também, a Segunda Fundação não hesitou em enviar – e mesmo sacrificar – voluntários dentre os melhores que tínhamos, pois nada mais adiantaria. Quando foi necessário restaurar o Plano de Seldon, Prim Palver mesmo viajou pela Galáxia como negociante trantoriano para trazer de volta aquela menina, Arcádia. Não podemos nos sentar aqui e esperar, agora que a crise pode ser maior que em qualquer dos casos anteriores. Não podemos nos apoiar em funcionários subalternos – espiões e meninos de recado.

Ao que disse Guendibal: – Por certo que você não está sugerindo que o Primeiro Orador deixe Trantor agora?

– Certamente, não. Precisamos muito dele aqui. Por outro lado, há você, Orador Guendibal. Foi você que percebeu corretamente e corretamente avaliou a crise. Você que detectou a sutil interferência exterior com a Biblioteca e com as mentes hamish. Você que sustentou seus pontos de vista contra a oposição unida de toda a Mesa – e venceu. Ninguém aqui viu tão limpamente quanto você, e ninguém poderia ser tão confiável para continuar a enxergar tão nitidamente. É você quem deve, em minha opinião, sair para se defrontar com o inimigo. Será que tenho o consenso da Mesa?

Não foi preciso nenhuma votação formal para revelar um tal consenso. Cada Orador sentia as mentes dos outros e ficou claro, para um Guendibal amedrontado, que, no momento de sua vitória, e da derrota de Delarmi, aquela

mulher formidável estava conseguindo mandá-lo irrevogavelmente para o exílio, numa missão que poderia deixá-lo ocupado por um período indefinido, ao passo que ela ficava para trás, para controlar a Mesa e, portanto, a Segunda Fundação, e, portanto, a Galáxia – enviando tudo junto, quem sabe, para o desastre.

E se Guendibal-no-exílio de algum modo conseguisse a informação que permitiria que a Segunda Fundação evitasse a crise que estava se acumulando, seria Delarmi a ganhar o crédito por tê-lo permitido, e o sucesso dele nada mais seria que a confirmação do poderio dela. Quanto mais rápido fosse Guendibal, quanto mais eficiente fosse o seu sucesso, mais seguramente ele confirmaria a força dela.

Era uma linda manobra; uma recuperação inacreditável.

E tão claramente ela dominava a Mesa mesmo agora, que estava virtualmente usurpando o papel do Primeiro Orador. O pensamento de Guendibal nesta direção foi apagado pela fúria que captou vindo do Primeiro Orador.

Voltou-se. O Primeiro Orador não estava fazendo esforço algum para ocultar sua ira – e logo ficou claro que mais uma crise interna estava despontando para substituir a que acabara de ser resolvida.

36.

Quindor Shandess, o vigésimo quinto Primeiro Orador, não tinha nenhuma ilusão extraordinária sobre si mesmo.

Sabia que não era um daqueles poucos Primeiros Oradores dinâmicos que iluminaram os cinco séculos de história da Segunda Fundação – mas tampouco precisava sê-lo. Controlava a Mesa num período quieto da prosperidade Galáctica, e não era tempo para dinamismo. Parecia ser um tempo de jogar um jogo estacionário e ele tinha sido o homem adequado a este papel. Seu predecessor o escolhera por esta razão.

– Você não é um aventureiro, você é um erudito – dissera o vigésimo quarto Primeiro Orador. – Você preservará o Plano, onde um aventureiro poderia arruiná-lo. Preservação! Que esta seja a palavra-chave para a sua Mesa.

Ele tentara, mas isto significou um mandato passivo, o que ocasionalmente foi interpretado como fraqueza. Havia rumores que sempre reapareciam, que ele queria renunciar, e as intrigas se davam abertamente para garantir a sucessão numa direção ou noutra.

Não havia dúvida, na mente de Shandess, de que Delarmi era uma líder da luta pela sucessão. Era a personalidade mais forte na Mesa e mesmo Guendibal, com todo o fogo e loucura da juventude, retraiu-se perante ela, como estava fazendo agora mesmo.

Mas, por Seldon, ele poderia ser passivo, ou mesmo fraco, mas havia uma prerrogativa do Primeiro Orador de que nenhum da linhagem jamais abriu mão, e nem ele o faria.

Levantou-se para falar, e rapidamente se impôs o silêncio em torno da Mesa. Quando o Primeiro Orador erguia-se para falar, não podia haver interrupções. Mesmo Delarmi ou Guendibal não se atreve riam a interromper.

– Oradores! Concordo que nos defrontamos com uma perigosa crise, e que devemos tomar medidas de força. Eu é que deveria sair ao encontro do inimigo. A Oradora Delamil, com a gentileza que a caracteriza, excusou-me da missão, afirmando que sou necessário aqui. A verdade, porém, é que não sou necessário nem aqui nem lá. Estou ficando velho; estou ficando cansado. Há muito tem havido a expectativa de que algum dia eu renunciaria, e talvez eu o deva fazer. Quando esta crise for superada com sucesso, eu vou renunciar.

– Mas é claro, é privilégio do Primeiro Orador escolher o seu sucessor. E é o que vou fazer agora. Há um dos Oradores que há muito tem dominado as reuniões da Mesa; que, pela força de sua personalidade, freqüentemente forneceu a liderança que eu não pude oferecer. Todos sabem que estou falando da Oradora Delarmi.

Fez uma pausa, e então continuou: – Só o senhor, Orador Guendibal, está registrando desaprovação: Posso perguntar por quê? – Sentou-se, de modo que Guendibal pudesse ter o direito a responder.

– Não desaprovo, Primeiro Orador – falou Guendibal, em voz baixa. – É sua prerrogativa escolher o seu sucessor.

– E assim o farei. Quando você retomar – com o sucesso ao iniciar o processo que porá um termo a esta crise – será o momento de minha aposentadoria. Meu sucessor então estará diretamente encarregado de conduzir qualquer política que possa ser necessário conduzir, e completar aquele processo. Tem algo a acrescentar, Orador Guendibal?

Guendibal falou calmamente: – Quando o senhor fizer a Oradora Delarmi a sua sucessora, Primeiro Orador, espero que o senhor ache adequado aconselhá-la a...

O Primeiro Orador interrompeu-o com brusquidão: – Eu falei na Oradora

Delarmi, mas não a nomeei minha sucessora. Mas, o que o senhor tinha a dizer?

– Minhas desculpas, Primeiro Orador. Eu deveria ter dito: presumindo que o senhor faça a Oradora Delarmi a sua sucessora, quando da minha volta desta missão, o senhor acharia adequado aconselhá-la a...

– Tampouco vou fazê-la minha sucessora no futuro, sob quaisquer condições. E agora, o que tem a dizer? – O Primeiro Orador era incapaz de fazer este anúncio sem uma pontada de satisfação com o golpe que estava para aplicar em Delarmi. Não poderia fazê-lo de modo mais humilhante.

– Bem, Orador Guendibal, o que o senhor tem a dizer?

– Que estou confuso.

O Primeiro Orador ergueu-se de novo. – A Oradora Delarmi tem dominado e liderado, mas não é tudo o que é necessário para o posto de Primeiro Orador. O Orador Guendibal viu o que nós não vimos. Enfrentou a hostilidade unânime da Mesa, e forçou-a a reconsiderar a questão, e arrastou-a a concordar com ele. Tenho minhas suspeitas quanto à motivação da Oradora Delarmi em colocar a responsabilidade de ir ao encontro de Golan Trevize nos ombros do Orador Guendibal, mas é onde a carga deve ser depositada. Eu sei que ele terá sucesso – coloco minha intuição nisto – e quando ele voltar, o Orador Guendibal se tornará o vigésimo sexto Orador.

Sentou-se abruptamente e cada Orador passou a tornar bem clara sua opinião num vozerio misturado com pensamento e expressão. O Primeiro Orador não deu atenção à cacofonia, mas ficou olhando à frente, indiferentemente - Agora que estava feito, ele percebia – com alguma surpresa – o grande conforto que havia em deixar cair o manto da responsabilidade. Deveria tê-lo feito antes disto – mas não o poderia.

Só agora é que ele tinha encontrado o seu sucessor óbvio.

E então, de alguma maneira, sua mente captou a de Delarmi, e olhou para ela.

Por Seldon! Ela estava calma e sorridente. Seu desapontamento desesperado não era aparente; o que era sinal de que ela não desistira. Ficou a imaginar se não tinha feito o jogo dela. O que mais ainda havia para ela fazer?

37.

Delora Delarmi teria aparentado livremente seu desespero e

desapontamento se isso se tivesse mostrado de qualquer utilidade.

Ter-lhe-ia dado muita satisfação dar um murro naquele louco senil que controlava a Mesa, ou naquele imbecil precoce com quem a Fortuna havia conspirado – mas uma satisfação não era o que ela queria. Ela queria algo mais.

Ela queria ser a Primeira Oradora.

E enquanto houvesse uma carta para jogar, ela a usaria.

Sorriu gentilmente, e conseguiu erguer a mão como se estivesse para falar, e então manteve a pose tempo bastante para garantir que quando ela falasse, tudo estaria não só normal, mas radiantemente quieto.

– Primeiro Orador, como o Orador Guendibal disse antes, eu não desaprovo. É sua prerrogativa escolher o seu sucessor. Se falo agora, é para poder contribuir – eu espero – para o sucesso do que agora tornou-se a missão do Orador Guendibal. Posso explanar meus pensamentos, Primeiro Orador?

– Por favor; faça-o – disse brevemente o Primeiro Orador. Ela estava muito suave, muito cordata, parecia-lhe.

Delarmi inclinou a cabeça, gravemente. Não mais sorria: – Temos naves. Não são tecnologicamente tão magnificentes quanto as da Primeira Fundação, mas transportarão o Orador Guendibal. Ele sabe como pilotar uma, creio, como todos nós. Temos nossos representantes em todos os principais planetas da Galáxia, e seremos bem-vindos em qualquer lugar. Ademais, ele pode se defender contra até mesmo esses Anti-Mulas, agora que está bem consciente de seu perigo. Mesmo quando não tínhamos consciência, suspeito que eles teriam preferido trabalhar com as classes inferiores e mesmo com os lavradores hamish. É claro, inspecionaremos exaustivamente as mentes de todos os segundofundacionistas, inclusive dos Oradores, mas estou certa de que elas ficaram invioladas. Os Anti-Mulas não se atreveriam a interferir conosco.

– Não obstante – prosseguiu – não há razão por que o Orador Guendibal deva arriscar-se mais do que deve. Não pretende engajar-se em temeridades e será melhor se sua missão, até certo ponto, seja disfarçada – caso consiga surpreender a eles. Será útil se ele for no papel de comerciante hamish. Prim Palver, todos sabemos, saiu pela Galáxia como comerciante.

Ao que disse o Primeiro Orador: – Prim Palver tinha um propósito especifico ao fazê-lo; o Orador Guendibal não tem. Se um disfarce de alguma espécie for necessário, estou certo de que ele será engenhoso o suficiente para adotar um.

– Com todo o respeito, Primeiro Orador, desejo apontar um disfarce sutil.

Prim Palver, o senhor se lembrará, levou consigo sua mulher e companheira de muitos anos. Nada estabeleceu tão completamente a natureza rústica de seu caráter quanto o fato de estar viajando com sua esposa. Dissipou toda suspeita.

Guendibal respondeu: – Não tenho esposa. Já tive companheiras, mas nenhuma que seria voluntária para assumir o papel marital.

– Isso é bem sabido, Orador Guendibal – disse Delarmi – mas as pessoas presumirão esse papel, desde que qualquer mulher vá com você. Certamente alguma voluntária pode ser encontrada. E se você sentir a necessidade de apresentar evidência documental, isso pode ser-lhe fornecido. Creio que uma mulher deveria ir com você.

Por um momento, Guendibal prendeu a respiração. Por certo que ela não estava querendo...

Será que era um piano para ter parte no sucesso? Seria um plano para ocupar conjuntamente, ou por revezamento, o cargo de Primeiro Orador?

Guendibal falou, sério: – Estou honrado pela Oradora Delarmi achar que ela...

E Delarmi riu-se abertamente, olhando para Guendibal com o que pareceu um afeto quase verdadeiro. Caíra na armadilha e parecia um bobo. A Mesa não se esqueceria da piada.

– Orador Guendibal, eu não teria a impertinência de tentar com partilhar desta missão. Ela é sua, e apenas sua, assim como o posto de Primeiro Orador será seu, e seu apenas. Eu nunca pensaria que você me quereria consigo. Realmente, Orador, em minha idade, eu não me considero mais como uma encantadora....

Havia sorrisos por toda a volta da Mesa, e mesmo o Primeiro Orador procurava esconder o seu.

Guendibal sentiu o golpe e procurou não complicar a perda tentando responder à altura, com a mesma leveza. Era uru trabalho perdido.

Disse tão pouco ferozmente quanto pôde: – Então, o que você sugere? Não passou por minha cabeça, asseguro-lhe, que você quisesse me acompanhar. Está melhor com a Mesa e não na agitação dos negócios galácticos, eu sei.

– Concordo, Orador Guendibal, concordo. Minha sugestão, porém, refere-se ao seu papel como comerciante hamish. Para torná-lo indiscutivelmente autêntico, que melhor companheira você poderia ter, senão uma mulher hamish?

– Uma mulher hamish? Uma segunda vez, numa rápida sucessão,

Guendibal foi apanhado de surpresa, e a Mesa adotou.

– Aquela mulher hamish – Delarmi prosseguiu –, aquela que o salvou de uma surra. Aquela que o contempla com veneração. Aquela cuja mente você sondou e que então, muito involuntariamente, salvou-o de algo bem pior que uma surra. Sugiro que você a leve.

O impulso de Guendibal era recusar, mas ele sabia que ela esperava exatamente isto. Significaria ainda mais diversão para a Mesa. Estava claro agora que o Primeiro Orador, ansioso por atacar Delarmi, tinha cometido um erro ao nomear Guendibal como seu sucessor – ou, no mínimo, que Delarmi rapidamente tinha transformado aquela decisão num engano.

Guendibal era o mais jovem dos Oradores. Tinha irritado a Mesa e então conseguira evitar a condenação por ela. De uma maneira bem real, tinha humilhado a Mesa. Ninguém podia vê-lo como herdeiro presuntivos sem ressentimento.

Isso por si só já seria difícil de superar, mas agora eles também se lembrariam quão facilmente Delarmi o lançara no ridículo, e o quanto gostaram disso. Ela usaria o fato para convencê-los, o que seria fácil, de que a ele faltava a idade e a experiência para o cargo de Primeiro Orador. Sua pressão conjugada forçaria o Primeiro Orador a mudar sua decisão, enquanto Guendibal estivesse fora, em sua missão. Ou, se o Primeiro Orador mantivesse sua posição, ele se encontraria eventualmente numa posição em que estaria para sempre inerme contra uma oposição unida.

Percebeu tudo isso num só instante, e percebeu igualmente que poderia responder sem hesitação:

– Oradora Delarmi, admiro sua perspicácia. Eu mesmo tinha pensado em surpreender vocês. De fato, foi minha intenção levar comigo a mulher hamish, se bem que não pela excelente razão que você apresentou. Foi por causa de sua mente que desejei levá-la comigo. Todos vocês examinaram aquela mente. Viram-na tal como era: surpreendentemente inteligente, mas mais que isso, clara, simples, totalmente sem mácula. Nenhum toque nela por terceiros passará despercebido, como estou certo que todos vocês concluíram.

– Imagino se lhe ocorreu, Oradora Delarmi, que ela serviria como um excelente alarme. Eu detectaria a primeira presença sintomática de mentalismo por intermédio da mente dela, antes, eu creio, que pela minha mente.

Houve uma espécie de silêncio surpreso perante isso, e ele disse, superficialmente: – Ah, ninguém percebeu isso. Bem, não importa! E agora,

sairei. Não há tempo a perder.

– Espere – disse Delarmi, sua iniciativa perdida uma terceira vez. – O que pretende fazer2

Guendibal deu de ombros: – Por que entrar em detalhes? Quanto menos a Mesa souber, menos provável que os Anti-Mulas possam perturbá-la.

Disse tal coisa como se a segurança da Mesa fosse sua principal preocupação. Encheu sua mente com a idéia, e deixou transparecer.

Isso os agradaria. Mais que isso, a satisfação que lhes causaria os impediria de ficar imaginando se, de fato, Guendibal sabia exatamente o que deveria fazer.

38.

O Primeiro Orador falou com Guendibal a sós, naquela noite.

– Você estava certo; não pude evitar roçar abaixo da superfície da sua mente, e vi que você considerou o anúncio como um erro, e foi. Foi minha ansiedade em apagar aquele eterno sorriso do rosto dela, e responder à maneira tão sem-cerimônia com que ela tão freqüentemente usurpa meu papel.

Guendibal disse, gentilmente: – Poderia ter sido melhor se o senhor me dissesse em particular, e então esperasse por minha volta, para dar mais um passo.

– Isso não me teria permitido atingi-la. Pobre motivação para um Primeiro Orador, eu sei.

– Isto não vai detê-la, Primeiro Orador. Ela ainda vai fazer intrigas para conseguir o posto, e talvez com boas razões. Estou certo de que há alguns que argumentam que eu deveria ter recusado a sua nomeação. Não seria difícil alegar que a Oradora Delarmi tem a melhor mente da Mesa, e seria uma melhor Primeira Oradora.

– A melhor mente à Mesa, mas não longe dela – resmungou Shandess. – Ela não reconhece inimigos reais, exceto se forem outros Oradores. Ela nunca deveria ter sido feita Oradora, para começar. Posso proibi-lo de levar aquela hamish? Ela o manobrou para aceitar a coisa, eu sei.

– Não, não: a razão que adiantei para levá-la é verdadeira. Ela vai ser o meu alarme, e sou grato à Oradora Delarmi por me levar a perceber tal coisa. A mulher vai se mostrar muito útil, estou convencido disso.

– Muito bem, então. Aliás, eu também não estava mentindo. Estou mesmo certo de que você vai conseguir fazer o que quer que seja necessário para pôr fim a esta crise. – Se é que você pode confiar em minha intuição.

– Creio que posso confiar nela, pois concordo com o senhor. Prometo-lhe que o que quer que aconteça, darei melhor do que recebo. Voltarei, para ser Primeiro Orador, o que quer que os Anti-Mulas ou a Oradora Delarmi possam fazer.

Guendibal estudou sua própria satisfação, à medida que falava Por que estava tão contente, tão insistente, nesta aventura com uma nave solitária no espaço? Ambição, é claro. Prim Palver certa vez fizera exatamente este tipo de coisa, e ele ia mostrar que Stor Guendibal também podia fazê-lo. Ninguém poderia impedi-lo de ser Primeiro Orador depois desse feito. E no entanto, haveria ali algo além da ambição? A atração do combate? O desejo geral de excitação em alguém que estivera confinado a um lugarejo escondido num planeta atrasado por toda a vida adulta? Ele não entendia inteiramente, mas sabia que estava desesperadamente determinado a ir.

11. SAYSHELL

39.

Janov Pelorat observava, pela primeira vez em sua vida, à medida que a estrela brilhante gradativamente ia se tomando um orbe, o que Trevize chamara um ‘micro-Salto”, O quarto planeta – aquele habitável, e seu destino imediato, Sayshell – cresceu de tamanho e proeminência mais lentamente – por um período de vários dias.

O computador apresentou um mapa do planeta, continuamente exibido numa tela portátil, que Pelorat sustentava no colo.

Trevize, com o aprumo de alguém que em seus tempos já aportara em dúzias de mundos, disse: – Não comece a procurar muito tão cedo, Janov. Precisamos passar por todo o procedimento de entrada primeiro, o que pode ser muito chato,

Pelorat ergueu os olhos: – Mas por certo que isso é apenas uma formalidade.

– E é; mas ainda assim, pode ser muito chato.

– Mas é tempo de paz.

– Ë claro. Isso significa que vão nos deixar passar. Primeiro, porém, há uma questãozita de equilíbrio ecológico. Todo planeta tem o seu, e nenhum o quer perturbar. Assim, naturalmente fazem questão de inspecionar a nave à cata de organismos indesejáveis, ou infecções. É uma precaução razoável.

– Não carregamos essa espécie de coisas, ao que me parece.

– Não, não carregamos, e eles logo vão saber disso. Lembre-se também que Sayshell não é membro da Federação da Fundação, assim deveremos sofrer algum atraso, a título de demonstração de independência por parte deles.

Uma pequena nave veio inspecioná-los, e um funcionário da alfândega de Sayshell veio a bordo. Trevize foi brusco, não tendo esquecido seus dias de militar.

– A Far Star, vinda de Terminus. Os papéis da nave. Desarmado. Nave particular. Meu passaporte. Há um passageiro. O passaporte dele. Somos turistas.

O funcionário alfandegário usava um garrido uniforme em que o

carmesim era a cor dominante. As faces e o lábio superior estavam bem barbeados, mas tinha uma barba curta dividida de tal modo que dois tufos se projetava para ambos os lados de seu queixo. Perguntou: – Nave da Fundação?

Ele pronunciou “Nave da Fundazão”, mas Trevize teve o cuidado de não corrigi-lo, nem sorrir. Havia tantas variedades de dialeto do Galáctico-padrão quantos planetas, e cada um falava o seu, Enquanto houvesse compreenmútua, não importava.

– Sim, senhor. Nave da Fundação. Propriedade particular.

– Muito bem. Sua calga, pur favor.

–Minha o quê?

– Sua calga. O que está tlansportando?

– Ah, sim, minha carga. Aqui está o manifesto. Apenas propriedade pessoal. Não estamos aqui para comerciar. Corno lhe disse, somos simplesmente turistas.

O funcionário olhou à volta, com curiosidade: – Ë uma nave um tanto sofisticada, para turistas.

– Não pelos padrões da Fundação – disse Trevize, num momento de bom humor. – Tenho o bastante para me permitir isto.

– O senhor está sugerindo que eu poderia enricar? – E o funcionário olhou-o por um instante, e logo desviou o olhar.

Trevize hesitou um momento para interpretar o significado da palavra, e então mais um momento para decidir seu curso de ação. – Não, não é minha intenção suborná-lo, e o senhor não parece o tipo de pessoa que poderia ser subornada, mesmo que essa fosse minha intenção. Pode inspecionar a nave, se quiser.

– Não há necessidade – respondeu o oficial, pondo de lado o seu gravador de bolso. – O senhor já foi inspecionado especificamente quanto a infecção contrabandeada e passou. A nave recebeu um comprimento de onda que servirá como feixe de aproximação.

Saiu. Todo o procedimento tomara quinze minutos. Pelorat disse, em voz baixa: – Ele poderia criar caso? Ele esperava uma propina?

Trevize deu de ombros: – Subornar o funcionário da alfândega é tão velho quanto a Galáxia, e eu já o teria feito, se ele tentasse fazer uma segunda aproximação. Mas tal como foi, acho que ele preferirá não se arriscar com uma nave da Fundação, e uma tão sofisticada, aliás. A velha Prefeita, abençoado seja

o seu couro duro, disse que o nome da Fundação nos protegeria onde quer que fôssemos, e ela não estava errada. Poderia ter-nos custado muito mais tempo.

– Por quê? Ele pareceu ter descoberto tudo o que queria saber.

– Sim, mas foi cortês o bastante para nos inspecionar por varredura remota por rádio. Se ele quisesse, poderia ter visitado toda a nave com um aparelho manual, e levado horas. Poderia ter colocado a nós dois num hospital de campanha e nos mantido lá por dias.

– O quê? Mas, meu caro amigo!

– Não fique alarmado. Ele não o fez. Pensei que poderia, mas não o fez. O que significa que estamos livres para aterrissar. Gostaria de descer graviticamente – o que nos levaria quinze minutos – mas não sei qual a localização dos lugares permitidos para isso, e não quero causar problemas. O que significa que teremos de seguir o feixe de rádio – o que levará horas – enquanto espiralamos atmosfera abaixo.

Pelorat parecia alegre. – Mas isso é excelente, Golan! Vamos passar devagar o bastante para observar o terreno? – Levantou sua visitela portátil, com o mapa numa ampliação pequena.

– Mais ou menos. Precisaríamos passar sob a cobertura de nuvens e estaríamos nos deslocando a uns poucos quilômetros por segundo. Não será como passear de balão pela atmosfera, mas você poderá re conhecer a planetografia.

– Excelente! Excelente!

Trevize disse, pensativo: – Imagino, porém, se vamos ficar no planeta Sayshell tempo bastante para justificar o ajuste do relógio da nave ao tempo local.

– Depende do que planejarmos fazer, eu creio, O que acha que podemos fazer, Golan?

– Nossa tarefa é encontrar Gaia, e eu não sei quanto tempo isso nos levará.

– Podemos ajustar só nossas pulseiras e deixar o relógio da nave como está.

– Está bem, então – respondeu Trevize. Olhou para o planeta, numa visão ampla sob eles. – Não adianta esperar mais. Vou ajustar o computador para o feixe de rádio que nos foi designado e ele poderá usar a gravítica para imitar um vôo convencional. Isso mesmo! Vamos descer, Janov, e vejamos o que podemos

descobrir.

Ficou contemplando o planeta pensativamente, à medida que a nave começou a se mover ao longo de sua curva eqüipotencial suavemente ajustada.

Trevize nunca tinha estado na União de Sayshell, mas sabia que ao longo do último século ela tinha sido constantemente inamistosa em relação à Fundação. Ficou surpreso – e um tanto desorientado – por terem passado pela alfândega tão rapidamente.

Simplesmente não parecia razoável.

40.

O nome do funcionário alfandegário era Jogoroth Sobhaddartha e estava servindo na estação esporadicamente por toda sua vida.

Não se incomodava com aquela vida, pois lhe dava uma chance – um mês a cada três – de ver seus livros, ouvir música, e estar longe de sua mulher e do filho pequeno.

É claro, durante os últimos dos anos, o chefe da alfândega era um Sonhador, o que era irritante. Não há ninguém tão insuportável quanto uma pessoa que não dá nenhuma desculpa para uma ação em particular do que dizer que foi instruído para isso num sonho.

Pessoalmente, Sobhaddartha decidiu não acreditar em nada disso, tendo o cuidado de não dizê-lo em voz alta, pois a maioria das pessoas em Sayshell reprovava dúvidas antipsíquicas Tomar-se conhecido como materialista poderia colocar em risco sua aposentadoria, que já estava próxima.

Cofiou os dois tufos em seu queixo, um com a mão direita e o outro com a esquerda, limpou o pigarro um tanto ruidosamente e então, com um à-vontade um tanto impertinente, disse: – Era aquela nave, chefe?

O chefe, que tinha o nome igualmente sayshelliano de Namarath Godhisavatta estava preocupado com um assunto de informações originadas no computador, e não ergueu o olhar. – Que nave?

– A Far Star. A nave da Fundação. Aquela que deixei passar. Aquela que foi holografada de todos os ângulos. Foi aquela com que o senhor sonhou?

Godhisavatta agora ergueu os olhos. Era um baixinho, com olhos quase negros e cercados por rugas finas que não foram produzidas por nenhuma tendência a sorrir. – Por que pergunta?

Sobhaddartha empertigou. e deixou que suas sobrancelhas escuras e abundantes se aproximassem uma da outra: – Disseram ser turistas, mas nunca vi uma nave como aquela antes, e minha opinião é que são agentes da Fundação.

Godhisavatta reclinou-se em sua Poltrona: – Veja, meu caro, por mais que eu tente, não consigo me lembrar de ter pedido sua opinião.

– Mas, chefe, considero meu dever patriótico apontar que.. Godhisavatta cruzou os braços sobre o peito e fitou o subordinado, que (muito embora mais impressionante na estatura física e no porte) se permitiu abater e assumir uma aparência submissa, sob o olhar de seu superior.

Godhisavatta disse; – Meu bom homem, se você souber o que é melhor para você, vai fazer seu trabalho sem comentário – ou vou providenciar que não haja pensão quando você se aposentar, o que será logo, se ouvir mais alguma coisa sobre um assunto que não lhe concerne.

Em voz baixa, Sobhaddartha respondeu; – Sim, senhor. – E então, com um grau de subserviência suspeito em sua voz, acrescentou: – Estaria no âmbito de meus deveres, senhor, informar que uma segunda nave está ao alcance de nossas telas?

– Considere-a informada – disse Godhisavatta, irritado, voltando ao seu trabalho.

– Com características muito similares àquela que acabo de deixar passar – disse Sobhaddartha ainda mais humildemente.

Godhisavatta colocou suas mãos sobre a escrivaninha e ficou de pé: – Uma segunda nave?

Sobhaddartha sorriu, interiormente. Aquela pessoa sanguinária, nascida de uma união irregular (referia-se ao chefe), claramente não tinha sonhado com duas naves. Acrescentou: – Aparentemente, senhor! Agora, voltarei ao meu posto e esperarei ordens e espero, se nhor...

– Sim?

Sobhaddartha não podia resistir, apesar de arriscar a sua pensão: – E espero, senhor, que não tenhamos deixado passar a nave errada.

41.

A Far Star movia-se rapidamente sobre a superfície do planeta Sayshell, e Pelorat a observava fascinado. À camada de nuvens estava mais tina e rarefeita

do que em Terminus, e precisamente como o mapa mostrava, as massas de terra eram mais compactas e extensas – inclusive áreas desérticas maiores, a julgar pela cor enferrujada de boa parte da extensão continental.

Não havia sinal de qualquer coisa viva. Parecia um mundo de deserto estéril, planície cinzenta, de rugas infinitas que poderiam representar áreas montanhosas, e, é claro, o oceano.

– Parece sem vida – murmurou Pelorat.

– Não se espera ver sinais de vida a esta altitude. Ao baixarmos mais, você verá a terra apresentando manchas verdes. Ainda antes, na verdade, será possível ver as luzes na paisagem noturna. Os seres humanos têm a tendência de iluminar os seus mundos, quando vem a escuridão; nunca ouvi falar de um mundo que seja exceção a essa regra. Em outras palavras, o primeiro sinal de vida que se vê não só é humano, mas também tecnológico.

Pelorat disse, meditativo: – Os seres humanos são de natureza diurna, afinal de contas. Parece-me que dentre as primeiríssimas tarefas de uma tecnologia em desenvolvimento seria a conversão da noite em dia. De fato, se a um mundo faltasse a tecnologia e tivesse de desenvolvê-la, seria possível seguir o desenvolvimento tecnológico pelo aumento de iluminação no seu lado escuro. Quanto tempo levaria, na sua opinião, para sair da escuridão uniforme para a iluminação uniforme?

Trevize riu: – Você tem estranhos pensamentos, mas eu suponho que isso se deve a ser um mitólogo. Não creio que um mundo jamais venha a adquirir um brilho uniforme. A luz da noite acompanharia o padrão da densidade populacional, de modo que os continentes brilhariam em nós e fieiras. Mesmo Trantor em seu apogeu, quando era uma só grande estrutura, deixava escapar luz daquela estrutura só em pontos esparsos.

A terra foi ficando verde, como Trevize previra, e na última órbita em torno do globo, apontou marcas que disse que eram cidades. – Não é um mundo muito urbanizado. Nunca estive na União de Sayshell antes, mas de acordo com a informação que o computador me dá, tendem a se apegar ao passado. A tecnologia, aos olhos de toda a Galáxia, sempre esteve associada à Fundação, e onde quer que a Fundação seja impopular, há a tendência de se apegar ao passado – exceto, é claro, no que concerne às armas de guerra. Garanto-lhe que Sayshell é bem moderno quanto a este aspecto.

– Ai de mim, Golan; isso não vai acabar ficando desagradável, não é? Somos fundacionistas, afinal de contas, e estando em território inimigo...

– Não é território inimigo, Janov. Eles serão perfeitamente polidos, não tema. A Fundação só não é popular, e isso é tudo. Portanto, porque eles são orgulhosos de sua independência e porque não gostam de se lembrar que são muito mais fracos que a Fundação e permanecem independentes só porque deixamos que eles continuem assim, permitem-se o luxo de não gostarem de nós.

– Receio, ainda assim, que seja desagradável – disse Pelorat, desapontado.

– De modo algum. Ora, vamos, Janov, estou falando só da atitude oficial do governo sayshelliano. Uma pessoa do planeta é apenas povo, e se formos agradáveis e não agirmos como se fôssemos os Senhores da Galáxia, eles também serão agradáveis. Não estamos chegando em Sayshell para estabelecer o domínio da Fundação. Somos apenas turistas, fazendo o tipo de perguntas sobre Sayshell que qualquer turista faria. E podemos relaxar um pouco legitimamente, também, se a situação permitir. Não há nada errado em ficar aqui por alguns dias, e experimentar o que eles têm a oferecer. Talvez tenham uma cultura interessante, paisagens interessantes, comida interessante, e, se tudo o mais falhar, mulheres interessantes. E temos dinheiro para gastar!

Pelorat fez uma careta: – Ora, meu caro rapaz...

– Ora, vamos. Você não é tão velho assim. Será que não está interessado?

– Não digo que eu jamais tenha exercido esse papel adequadamente, mas certamente esta não é ocasião para tal. Temos uma missão. Queremos atingir Gaia. Não tenho nada contra uma boa diversão; de fato, não, mas se começarmos a nos envolver, poderá ser difícil cair fora. – Abanou a cabeça e disse, calmo: – Acho que você receou que eu poderia gostar demais da Biblioteca Galáctica em Trantor, e não quisesse mais sair de lá. Certamente a Biblioteca é para mim o que uma jovenzinha atraente de olhos negros, ou umas cinco ou seis, seriam para você.

– Não sou um tarado, Janov, mas não tenho nenhuma intenção de ser ascético, tampouco. Muito bem, prometo-lhe que vamos continuar com esse negócio de Gaia, mas se algo agradável aparecer no meu caminho, não há razão na Galáxia pela qual eu não deva reagir normalmente.

– Se pelo menos você puser Gaia em primeiro...

– Eu vou; eu vou. Apenas lembre-se que não deve dizer a ninguém que somos da Fundação. Eles vão saber que somos, porque temos créditos da Fundação, e falamos com um forte sotaque de Terminus, mas se não dissermos nada a respeito, poderão fingir que somos estrangeiros sem residência fixa, e

serão amigáveis. Se fizermos questão de ser fundacionistas, eles vão conversar conosco polidamente, mas não vão nos contar nada, não vão mostrar nada, não vão nos levar a lugar algum, e vão nos deixar totalmente sós.

Pelorat suspirou: – Acho que nunca vou entender as pessoas.

– Não é nada difícil. Tudo o que tem a fazer é olhar bem de perto para si mesmo, e vai entender tudo o que precisa. De modo algum somos tão diferentes. Como Seldon teria elaborado o seu Plano – e não me importo quão sutil foi sua matemática – se ele não entendesse as pessoas; e como ele poderia, se as pessoas não fossem fáceis de entender? Mostre-me alguém que não consegue entender as pessoas, e vou mostrar-lhe alguém que construiu uma falsa imagem de si mesmo, sem querer ofendê-lo.

– Ora, não é nada. Admito que sou inexperiente e que passei uma vida um tanto egocêntrica e restrita. Pode ser que nunca dei uma boa olhada para mim mesmo, de modo que deixarei que seja o meu guia e conselheiro, no que quer que diga respeito a pessoas.

– Ótimo; então, ouça meu conselho agora e aprecie a paisagem. Estaremos aterrissando logo e garanto-lhe que não vai sentir nada. O computador e eu vamos cuidar de tudo.

– Golan, não fique agastado. Se uma jovem porventura...

– Esqueça! Apenas deixe-me cuidar da aterrissagem.

Pelorat voltou-se para olhar para o mundo na ponta da espiral da nave, que se contraía. Seria o primeiro mundo estranho sobre o qual poria os pés. Este pensamento de algum modo o assombrava, a despeito de todos os milhões de planetas da Galáxia terem sido colonizados por pessoas que não tinham nascido sobre eles.

Todos exceto um, pensou ele, com tremor e antecipado deleite.

42.

O espaçoporto não era grande, pelos padrões da Fundação, mas era bem conservado. Trevize observou a Far Star sendo deslocada para um berço e trancada em seu lugar. Receberam um elaborado recibo em código.

Pelorat disse, voz baixa: – Vamos deixá-lo aqui, assim?

Trevize fez que sim e colocou a mão no ombro do outro, para reconfortá-lo. – Não se preocupe – disse em voz baixa.

Entraram no veículo terrestre que alugaram, e Trevize ligou nele o mapa da cidade, cujas torres podia ver no horizonte. – Cidade de Sayshell; capital do planeta. Cidade – planeta – es trela – todos com o nome de Sayshell.

– Preocupo-me com a nave – insistiu Pelorat.

– Mas não há nada para se preocupar. Estaremos de volta esta noite, porque é onde dormiremos, se quisermos ficar aqui mais que algumas horas. Você precisa entender, também, que há um código interestelar de ética espaçoportuária que, tanto quanto eu saiba, nunca foi quebrado, mesmo em tempo de guerra. As espaçonaves que vêm em paz são invioláveis. Qualquer mundo onde esse código fosse quebrado seria boicotado pelos pilotos espaciais de toda a Galáxia. E garanto-lhe, nenhum mundo arriscaria isso. Além do que...

– O quê?

– Além do mais, arranjei com o computador que qualquer um que não pareça um de nós, nem tenha a nossa voz, seja morto se tentar subir a bordo. Tomei a liberdade de explicar isso para o Comandante do Porto. Disse-lhe muito polidamente que adoraria desligar esse acessório em deferência à reputação que o Espaçoporto da Cidade de Sayshell tem por sua absoluta integridade e segurança em toda a Galáxia, mas que a nave é de um modelo novo e eu não sabia como desligá-lo.

– E ele não acreditou nessa, com toda a certeza.

– É claro que não! Mas ele teve de fingir que sim, pois de outro modo ele não teria alternativa senão aceitar uma ofensa. E como não haveria nada mesmo que ele pudesse fazer a respeito, ser insultado só poderia levar a uma humilhação. E como isso seria a última coisa que ele desejaria, o caminho mais simples a seguir foi acreditar no que eu disse.

– E isso, é um outro exemplo de como as pessoas são?

– Sim; e você vai ficar acostumado com isso.

– Como você sabe que este veículo não tem microfones?

– Pensei que bem poderia ter. Assim, quando eles me ofereceram um, peguei um outro, ao acaso. Se eles todos têm microfones – bem, o que estivemos dizendo de tão terrível?

Pelorat parecia infeliz: – Não sei como dizer, mas parece mesmo mal-educado reclamar, mas não gosto do cheiro daqui... Há um... odor.

– Neste veículo?

– Bem, para começar, no espaçoporto. Suponho que é como cheiram os

espaçoportos, mas este veículo trouxe o cheiro com ele. Podemos abrir as janelas?

Trevize riu - – Acho que poderia descobrir que parte do painel de controle faz o truque, mas não vai adiantar. Este planeta simplesmente fede. É tão ruim assim?

– Não é muito forte; mas dá para notar – e é um tanto repulsivo. Será que o mundo inteiro cheira assim?

– Sempre esqueço que você nunca esteve em outro mundo. Todo mundo habitado tem o seu cheiro característico. É em geral toda a vegetação, mas suponho que os animais e os seres humanos contribuam. E tanto quanto eu saiba, ninguém gosta do cheiro de qualquer planeta quando desce nele pela primeira vez. Mas você se acostuma, Janov. Em algumas horas, prometo que não vai mais notar.

– Certamente, você não quer dizer que todos os mundos cheiram como este.

– Não; como eu disse, cada um tem o seu. Se realmente prestássemos atenção ou se nossos narizes fossem mais aguçados, como os dos cães anacreonianos, provavelmente poderíamos dizer o mundo em que estamos com uma só cheirada. Quando entrei na frota, nunca conseguia comer no primeiro dia num novo planeta; então aprendi o truque dos velhos espaçonautas de cheirar um lenço com o cheiro do mundo nele, durante a descida. Quando se sai ao ar livre, não se percebe mais o cheiro. E depois de um momento, fica-se endurecido; aprendemos a não ligar para o cheiro. O pior torna-se voltar para casa.

– Por quê?

– Você acha que Terminus não cheira?

– Está me dizendo que ele cheira?

– É claro que sim. Uma vez acostumado ao cheiro de algum outro mundo, como Sayshell, você vai ficar abismado com o fedor de Terminus. Nos velhos dias, sempre que as comportas se abriam em Terminus, depois de uma missão mais longa, toda a tripulação dizia: “De volta para a lixeira”.

Pelorat parecia repugnado.

As torres da cidade estavam perceptivelmente mais perto, mas Pelorat manteve os olhos fixos em suas vizinhanças imediatas. Havia outros veículos movendo-se em ambos os sentidos e um ocasional aerocarro lá em cima, mas Pelorat estava estudando as árvores.

– A vida vegetal parece estranha. Acha que algumas plantas sejam nativas?

– Duvido – disse Trevize, distraído. Estava estudando o mapa e tentando ajustar a programação do computador do carro. – Não há muita vida nativa em qualquer planeta humano. Os colonos sempre importaram suas próprias plantas e animais, quer no tempo da colonização, quer pouco tempo depois.

– Mas, parece estranho.

– Não espere encontrar as mesmas variedades de planeta para planeta, Janov. Certa vez disseram-me que o pessoal da Enciclopédia Galáctica compilou um atlas das variedades que chegou a oitenta e sete gordos discos de computador, e mesmo assim, era incompleto – e de qualquer modo,já ultrapassado, quando foi terminado.

O carro continuava a viagem, e os subúrbios se abriram e os engoliram. Pelorat estremeceu de leve: – Não é grande coisa a arquitetura das cidades deles.

– Sua alma, sua palma – disse Trevize, com a indiferença do viajante espacial experimentado.

– Aliás, para onde estamos indo?

– Bem – respondeu Trevize, com alguma exasperação – , estou tentando fazer o computador guiar esta coisa para o centro de turistas. Espero que o computador conheça as ruas de mão única e o regulamento de tráfego, porque eu não os conheço.

– E o que faremos lá, Golan?

– Para começar, somos turistas, de modo que é o lugar para onde naturalmente iríamos, e queremos ser tão inconspícuos e naturais quanto pudermos. E em segundo lugar, onde você iria para obter informação sobre Gaia?

– A uma universidade – ou a uma sociedade de antropologia – ou a um museu – mas certamente não a um centro de turistas.

– Bem, você está errado. No centro de turistas seremos o tipo intelectual, ansioso para obter uma lista das universidades na cidade e dos museus, e tudo o mais. Decidiremos para onde ir em primeiro lugar e lá poderemos encontrar as pessoas certas para consultar a respeito de história antiga, galactografia, mitologia, antropologia, ou qualquer outra coisa que você puder pensar. Mas tudo começa no centro de turistas.

Pelorat calou-se, e o carro movia-se tortuosamente, ao se juntar ao

tráfego local. Mergulharam numa via secundária e passaram por sinais que poderiam estar representando direções e instruções de tráfego, mas num estilo de caligrafia que os tornava totalmente ilegíveis.

Afortunadamente, o carro se comportava como se conhecesse o caminho, e quando parou e manobrou para dentro de um estacionamento, apareceu um anúncio: AMBIENTE EXTRAPLANETÁRIO DE SAYSHELL, naquelas mesmas letras difíceis de ler, e logo em baixo: CENTRO DE TURISTAS DE SAYSHELL, nas letras do Galáctico-Padrão, mais fácil de ler.

Adentraram pelo edifício, que não era tão grande quanto a fachada os levara a acreditar. Certamente não era muito movimentado, lá

Havia uma série de saletas de espera, uma das quais ocupada por um homem lendo as tiras de notícias emergindo de um pequeno ejetor; uma outra continha duas mulheres que pareciam estar jogando algum complicado jogo de cartas e fichas. Atrás de um balcão muito grande para ele, com controles computerizados piscando que pareciam demasiado complexos para ele, estava um entediado funcionário sayshelliano vestindo o que parecia um axadrezado multicolorido.

Pelorat só ficava olhando; e sussurrou: – Certamente, este é um mundo de roupas bem extrovertidas.

– É mesmo – disse Trevize. – Já reparei. As modas sempre mudam, de planeta para planeta, e por vezes, de região para região, num mesmo mundo. E também mudam com o tempo. Há cinqüenta anos atrás, todos em Sayshell poderiam estar vestindo só preto. Aceite essas coisas tais como são, Janov.

– É, suponho que é o que me resta; mas prefiro nossa própria moda. Pelo menos, não é uma agressão ao nervo óptico.

– Por que tantos de nós só usam cinza sobre cinza? Isso ofende algumas pessoas, também. Já ouvi se referirem a nós como “vestidos de pó”. E talvez seja mesmo a ausência de cores da Fundação que mantenha os outros povos no arco-íris – só para enfatizar a independência deles. Mas é tudo uma questão de se acostumar. Vamos, Janov.

Os dois se dirigiram ao balcão, e ao fazê-lo, o homem na saleta abandonou suas notícias, levantou-se e veio ao encontro deles, sorridente. As roupas dele também eram em tons de cinza.

Trevize não o olhou, de início, mas quando o fez, parou, estarrecido.

Quase perdeu o fôlego: – Pela Galáxia! Meu amigo – o traidor!

12. AGENTE

43.

Munn Li Compor, Conselheiro de Terminus, pareceu inseguro ao estender a mão direita para Trevize.

Trevize olhou sério para aquela mão, e não a apertou. Disse, aparentemente para o ar: – Não estou em posição de criar uma situação na qual eu talvez seja preso por perturbar a ordem pública num planeta estrangeiro, mas eu o farei se este indivíduo se aproximar mais um passo.

Compor parou instantaneamente, hesitou, e por fim disse em voz baixa, depois de relancear para Pelorat: – Posso ter uma chance de falar? Explicar? Você vai escutar?

Pelorat olhou de um para outro com uma leve ruga em seu rosto comprido: – O que significa isto, Golan? Viemos até este mundo distante e logo encontramos algum conhecido seu?

Os olhos de Trevize permaneceram fixos em Compor, mas torceu o corpo levemente,para deixar claro que estava falando com Pelorat.

– Esta... criatura... pelo menos é o que se depreende de seu formato, humana... outrora foi meu amigo em Terminus. E como é meu hábito com amigos, confiei nele. Contei-lhe sobre minhas opiniões, que talvez não fossem do tipo que pudessem ser ventiladas em qual quer lugar. E ele as levou às autoridades, em pormenor, ao que parece, e nem se preocupou em me contar o que fez. Por essa razão, fui direitinho para uma armadilha e agora estou no exílio. E agora este... ser humano... quer ser reconhecido como amigo. Voltou-se de frente para Compor e passou os dedos pelos cabelos, conseguindo apenas desarranjá-los ainda mais. – Escute aqui: eu tenho uma pergunta para você. O que está fazendo aqui? De todos os mundos da Galáxia em que você podia estar, por que está neste aqui? E por que agora?

A mão de Compor, que tinha permanecido estendida durante todo o discurso de Trevize, agora caiu a seu lado e o sorriso deixou sua face. O ar de auto-confiança, que ordinariamente era parte integrante dele, tinha-se ido, e em

sua ausência, parecia mais jovem que seus trinta e quatro anos, e um pouco acabrunhado. – Posso explicar! Mas só do começo.

Trevize olhou rapidamente à volta: – Aqui? Você realmente quer tratar desse assunto aqui? Num local público? Quer que eu o nocauteie aqui depois de ter ouvido o bastante de suas mentiras?

Compor erguia ambas as mãos agora, palmas uma contra a outra: – Ë o lugar mais seguro, acredite! – E então, interrompendo-se e percebendo o que o outro estava para dizer, acrescentou, apressado: – Ou não acredite, não importa. Estou dizendo a verdade. Estou no planeta há algumas horas, e já sei, é um dia especial, aqui em Sayshell. É um dia de meditação, por algum motivo. Quase todos estão em casa – ou deveriam estar. – Veja como este lugar está vazio. Você não supõe que seja assim todo dia.

Pelorat concordou: – Eu estava mesmo tentando descobrir por que estava tão vazio. – Pelorat inclinou-se para a orelha de Trevize e acrescentou: – Por que não o deixa falar, Golan? Ele parece num estado miserável, o pobre camarada, e ele pode mesmo estar tentando se desculpar. Não parece justo não lhe dar uma chance.

– O dr. Pelorat parece ansioso por ouvi-lo. Vou conceder-lhe isso, mas se quiser falar comigo, seja breve. Hoje parece ser um bom dia para eu perder o bom humor. Se todos estão meditando, alguma perturbação que eu causar poderá não atrair os guardiões da lei. E amanha eu talvez não tenha tanta sorte. Por que perder esta oportunidade?

Compor disse, em voz tensa: – Se você quer me acertar, faça-o logo. Não vou sequer me defender. Vamos, bata em mim, mas escute!

– Vamos lá, fale! Vou ouvir por alguns momentos.

– Em primeiro lugar, Golan..

– Dirija-se a mim por “senhor Trevize”, por favor. Não quero mais que você me trate com intimidade.

– Em primeiro lugar, senhor Trevize, o senhor fez um bom trabalho em me convencer das suas opiniões...

– Você escondeu isso muito bem. Eu poderia jurar que você só se divertia às minhas custas.

– Aparentei isso para esconder de mim mesmo o fato de que você estava conseguindo me abalar muito. Vamos nos sentar junto àquela parede. Mesmo com o lugar vazio, alguns ainda podem vir aqui e não creio que precisemos dar

na vista desnecessariamente.

Lentamente, os três homens cruzaram a maior parte da extensão da grande sala. Compor estava procurando sorrir de novo, mas continuou cuidadosamente à distância de um braço longe de Trevize.

Sentaram.se cada um num assento, que cedeu, quando seus corpos se colocaram sobre eles, e se amoldaram ao formato de seus quadris e costas. Pelorat sobressaltou-se e quis levantar-se.

– Relaxe, professor disse Compor. – Já passei por isso. Eles estão à nossa frente, em algumas coisas. É um mundo que acredita em pequenos confortos.

Voltou-se para Trevize, colocando um braço para trás, sobre o encosto de sua poltrona, e falando com mais facilidade: – Você me abalou. Fez-me sentir que a Segunda Fundação existe, o que é profundamente perturbador. Considere as conseqüências, se eles ainda estivessem por aí. Não parece que eles viriam atrás de você? Removê-lo como a uma ameaça? E se eu acreditasse em você abertamente, eu também poderia ser removido. Percebe minha posição?

– Percebo um covarde.

– De que adiantada esse heroísmo barato? – foi o que respondeu Compor, olhos azuis arregalando-se de indignação. – Você, ou eu, podemos nos contrapor a uma organização capaz de moldar nossas mentes e emoções? A única maneira que encontraríamos para lutar eficazmente seria, para começar, ocultar nosso conhecimento.

– Então, você o escondeu e está seguro? Mas você não o escondeu da Prefeita Branno, não é? Esse foi um risco e tanto.

– Sim! Mas pensei que valia a pena. Falar apenas entre nós poderia, no máximo, acarretar que só nós mesmos ficássemos mentalmente controlados, ou com nossas memórias totalmente apagadas. Se eu contasse à Prefeita, por outro lado... ela conhecia bem o meu pai, você sabe. Meu pai e eu éramos imigrantes de Smirno, e a Prefeita teve uma avó que...

– Sim, sim! – ia dizendo Trevize, com impaciência –, e há muitas gerações atrás, você pôde detectar seus ancestrais até o Setor de Sirius. Você já contou isso a todas as pessoas que conhece. Continue, Compor!

– Então eu fiz com que ela ouvisse. Se eu pudesse convencer a Prefeita de que havia perigo, usando os seus argumentos, a Federação poderia tomar alguma atitude. Não estamos tão inermes quanto nos dias do Mula e, na pior das hipóteses, este conhecimento perigoso se difundida mais amplamente e nós mesmos não estaríamos num perigo tão especifico.

Trevize disse, sardonicamente: – Ponha em perigo a Fundação, mas deixe a nós seguros. Bom tema patriótico.

– Isso seria a pior das hipóteses. Eu estava contando com a melhor. – Sua testa estava ficando um pouco suada. Parecia estar fazendo força contra o desprezo inamovível de Trevize.

– E você não me falou nada desse seu plano tão inteligente, não?

– Não, não disse, e estou arrependido. A Prefeita ordenou-me para não contar. Disse que queria saber tudo o que você sabia, mas que você era o tipo de pessoa que emudeceria se soubesse que suas observações estavam sendo passadas adiante.

– E como ela estava certa!

– Eu não sabia – não podia adivinhar – não tinha jeito de conceber que ela estava planejando prendê-lo, e expulsá-lo do planeta.

– Ela estava esperando pelo momento político certo, quando minha condição de Conselheiro não me protegeria. Não previu isso, também?

– Como poderia? Você mesmo não previu isso!

– Se eu soubesse que ela tinha conhecimento de minhas opiniões, eu o teria previsto.

Compor retrucou, com um súbito traço de insolência: – Isso é muito fácil de dizer – depois que tudo aconteceu!

– E o que você quer de mim, aqui? Agora que você também já deixou as coisas acontecerem

– Para compensar tudo o que aconteceu. Para compensar todo o mal que eu, contra a minha vontade – contra a minha vontade – fiz contra você.

– Céus! – disse Trevize, secamente. – Quanta bondade a sua! Mas você não respondeu à minha pergunta original. Como veio acabar aqui? Como pode ter acabado no mesmo planeta que eu?

– Não é necessária nenhuma resposta complicada para isso. Eu o segui!

– Pelo hiperespaço? Com minha nave dando Saltos em série?

Compor abanou a cabeça: – Não há mistério. Tenho uma nave igual à sua, com o mesmo tipo de computador. Você sabe que eu sempre soube o truque de adivinhar em que direção uma nave sairia pelo hiperespaço. Usualmente, não é uma adivinhação muito boa, e erro duas vezes a cada três, mas com o computador, fico muito melhor. E você hesitou muito no começo, dando-me uma

chance de avaliar a direção e a velocidade com que você estava indo, antes de entrar no hiperespaço. Alimentei os dados – juntamente com minhas próprias extrapolações intuitivas – e o computador fez o resto.

– E você ainda chegou à cidade antes de mim?

– Sim. Você não usou a gravítica, e eu, sim. Adivinhei que você viria à capital, de modo que desci diretamente, ao passo que você... – e Compor fez um curto movimento espiral com o dedo, como uma nave seguindo um feixe direcional.

– Você se arriscou a um choque com os funcionários sayshelianos.

– Ora! – O rosto de Compor abriu-se num sorriso que lhe dava um inegável charme, e Trevize sentiu-se quase amigo dele, de novo. – Não sou um covarde todo o tempo, e com todas as coisas.

Trevize voltou a ficar impassível: – E como você arranjou uma nave como a minha?

– Precisamente da mesma maneira que você arranjou. A velha – a Prefeita Branno – deu-me uma.

– E por quê?

– Estou sendo inteiramente franco com você. Minha missão era segui-lo. A Prefeita queria saber para onde você iria, e o que faria.

– O que você tem lhe informado fielmente, eu suponho.Ou traiu a Prefeita, também?

– Eu a informei. De fato, não tinha escolha. Ela colocou um hiper-relê a bordo de minha nave, que eu supostamente não deveria achar, mas que acabei encontrando.

– E daí?

– Desgraçadamente, está ligado de tal maneira que não posso removê-lo sem imobilizar a nave. Pelo menos, não há maneira que eu conheça para poder removê-lo. Conseqüentemente, ela sabe onde estou – e sabe onde você está.

– Suponha que você não pudesse seguir-me. Então ela não saberia onde estou. Pensou nisso?

– Claro que sim. Pensei em informar logo de cara que eu o tinha perdido, mas ela não teria acreditado, não é? E eu não poderia voltar para Terminus por sabe-se lá quanto tempo. E eu não sou como você, Trevize. Não sou um sujeito sem compromissos. Tenho uma esposa em Terminus – que está grávida – e quero

voltar para ela. Você pode se permitir pensar só em si mesmo; eu não. Além do que, vim para avisá-lo. Por Seldon! Estou tentando, mas você não quer me escutar. Fica só falando em outras coisas.

– Não fiquei impressionado por sua súbita preocupação por mim. Contra o quê poderia você me alertar? Parece que a única coisa contra a qual devo me precaver é você. Você me traiu, e agora me segue para me trair de novo. Ninguém mais está me causando nenhum mal.

Compor disse, sincero: – Esqueça o teatro, homem. Trevize, você é um pára-raios! Foi enviado para provocar alguma reação da Segunda Fundação – se é que há alguma coisa assim como a Segunda Fundação. Tenho um sentido intuitivo para outras coisas que não a perseguição hiperespacial e estou certo que é isso o que ela está planejando. Se você tentar achar a Segunda Fundação, eles tomarão consciência disso e tomarão medidas contra você mesmo. Se o fizerem, mostrarão a ponta do dedo, e é quando a Prefeita Branno sairá à caça deles.

– Uma pena que a sua famosa intuição não estivesse funcionando quando Branno estava planejando prender-me.

Compor enrubesceu e resmungou: – Sabe que nem sempre funciona.

– E agora, sua intuição lhe diz que ela está planejando atacar a Segunda Fundação. Ela não se atreveria.

– Creio que sim. Mas não vem ao caso, O que importa é que agora mesmo ela o está usando como isca.

–E daí?

– Daí por todos os buracos negros do espaço! Não procure pela Segunda Fundação! Ela não vai se importar se você for morto nessa busca, mas eu me importo. Sinto-me responsável por isto, e me importo.

– Ó, estou tocado! – disse Trevize, friamente. – Mas acontece que tenho outra coisa para fazer, no momento.

– E o que é?

– Pelorat e eu estamos à busca da Terra, o planeta que alguns pensam foi o lar original da raça humana. Não é mesmo, Janov?

Pelorat assentiu: – Sim, é um tópico puramente científico e de interesse a longo prazo, para mim.

Compor ficou sem reagir, por um instante; e então: – Procurando pela Terra? Mas por quê?

– Para estudá-la – respondeu Pelorat. – Sendo o mundo em que se desenvolveram os seres humanos – presumivelmente a partir de formas de vida inferior, ao invés de, como nos outros, meramente ter chegado já feito – deveria ser um estudo fascinante por sua originalidade.

– E – acrescentou Trevize – um mundo onde, possivelmente, eu poderia aprender mais sobre a Segunda Fundação. Apenas possivelmente.

Mas Compor devolveu: – Não há Terra alguma; não sabia disso?

– Não existe? – Pelorat parecia sem ação, como sempre fazia, quando se preparava para ostentar a sua teimosia. – Está dizendo que não houve planeta em que a espécie humana originou-se?

– Não, não. É claro que houve uma Terra. Não questiono isso. Mas não há nenhuma Terra atualmente. Nenhuma Terra habitada. Ela se foi!

Pelorat contrapôs, sem se abalar: – Há lendas. -.

– Espere, Janov – interrompeu Trevize. – Diga-me, Compor, como sabe disso?

– Como? É minha herança cultural. Remeto minha ascendência ao Setor de Sirius, se é que posso repetir esse fato sem entediá-lo. Todo mundo por lá sabe da Terra. Ela está naquele setor, o que significa não só que não é parte da Federação da Fundação, como também, aparentemente, por isso ninguém em Terminus se preocupa com ela. Mas é lá que está a Terra, sem dúvida alguma.

– Essa é uma boa sugestão, sim – disse Pelorat. – Houve já um considerável entusiasmo por essa “Alternativa de Sirius”, como foi chamada, nos dias do Império.

Compor disse, veemente: – Não é só uma alternativa; é um fato!

Pelorat retorquiu: – O que você diria se eu lhe dissesse quantos lugares da Galáxia são chamados “Terra”, ou já foram chamados “Terra” pelas pessoas que viviam em suas vizinhanças estelares?

– Mas essa é de verdade – insistiu Compor. – O Setor de Sirius é a porção da Galáxia habitada há mais tempo. Todos sabem disso.

– É o que os sirianos alegam, é verdade. – Pelorat voltou à carga, sem se comover.

Compor parecia frustrado: – Mas eu lhe digo...

Ao que interpôs Trevize: – Mas, diga-nos o que aconteceu à Terra. Você disse que ela não é mais habitada. Por que não?

– Radiatividade. Toda a superfície planetária é radiativa por causa de reações nucleares que saíram de controle, ou explosões nucleares – não tenho certeza – e agora, a vida é impossível, lá.

Os três ficaram olhando um para o outro por um pouco, e então Compor achou necessário repetir: – Eu lhes digo que não há mais Terra. Não adianta procurar por ela.

44.

A face de Janov Pelorat, por um momento, não esteve sem expressão. Não que não transparecesse paixão – ou qualquer das emoções mais instáveis. É que seus olhos tinham-se estreitado – e uma espécie de forte intensidade tinha enchido cada plano de seu rosto.

Falou, e sua voz não apresentava qualquer traço de sua tentativa usual de qualidade: – Como disse que sabia de tudo isso?

– Já lhe disse, é minha herança cultural.

– Não seja tolo, rapaz. O senhor é um Conselheiro. O que quer dizer que nasceu num dos mundos da Federação – Smirno, acho que você disse antes.

– Isso mesmo.

– Ora, então de que herança cultural está falando? Está me dizendo que tem gens sirianos que lhe conferem conhecimento congênito dos mitos sirianos referentes à Terra?

Compor parecia desarvorado: – Não, é claro que não.

– Então, o que está tentando me fazer acreditar?

Compor fez uma pausa, e pareceu reorganizar seus pensamentos. Disse calmamente: – Minha família tem livros antigos da história de Sirius. É uma herança externa, não intrínseca. Não é algo de que falamos para qualquer um, especialmente se se tem pretensões a uma carreira política. Trevize pensa que tenho, mas acredite, só menciono o fato aos amigos chegados.

Havia um pouco de amargor em sua voz: – Teoricamente, todos os cidadãos da Fundação são iguais, mas aqueles dos mundos antigos da Federação são mais iguais que os dos mundos mais novos, e aqueles oriundos de planetas de fora da Federação são os menos iguais de todos. Mas, não importa. À parte os livros, visitei uma vez os planetas antigos. Trevize! Ei, Trevize!

Trevize tinha se afastado lentamente para um extremo do salão, e olhava por uma janela triangular. Servia para dar uma vista do céu, e cortava a vista da cidade: mais luz e mais privacidade. Trevize ficou na ponta dos pés para poder olhar para baixo.

Voltou através da sala vazia. – Interessante desenho de janela. Chamou-me, Conselheiro?

– Sim; lembra-se da viagem que fiz logo após a formatura?

– Depois da formatura? Lembro-me bem. Éramos camaradas. Camaradas para sempre. Alicerçados na confiança mútua. Dois contra o mundo. Você foi para sua viagem. Eu me alistei na Frota, cheio de patriotismo. Por alguma razão, achei que não devia viajar com você – algum instinto me dizia para não ir. Gostaria que esse instinto ficasse comigo.

Compor não reagiu ao gambito: – Visitei Comporellon. A tradição familiar dizia que meus ancestrais eram originários de lá, pelo menos do lado paterno. Éramos da família governante nos tempos antigos antes de o império nos absorver, e meu nome deriva daquele planeta, ou pelo menos é o que sustenta a tradição familiar. Tínhamos um velho e poético nome, pois a estrela Comporellon orbita em torno de... Épsilon Eridani.

– E o que isso significa? – quis saber Pelorat.

Compor abanou a cabeça: – Não sei se isso tem qualquer significado. É só tradição. Eles vivem com uma grande quantidade de tradições. É um mundo antigo. Têm longos e detalhados registros da história da Terra, mas ninguém fala muito a respeito. São supersticiosos. Sempre que mencionam esse nome, erguem ambas as mãos com o indicador e o médio cruzados, para afastar a má sorte.

– Você falou disso para alguém quando voltou?

– É claro que não Quem estaria interessado? E eu não impingi a lenda para ninguém. Não, muito obrigado! Eu tinha uma carreira política a zelar, e a última coisa que quero destacar é minha origem estrangeira.

– E sobre o satélite? Descreva o satélite da Terra – cortou Pelorat.

Compor parecia surpreso: – Não sei nada sobre isso.

– Ela tem um satélite?

–Não me lembro ter lido ou ouvido nada a respeito. Mas estou certo de que, se se consultar os registros comporelianos, pode-se descobrir isso.

– Mas e você, nada sabe?

– Não sobre o satélite. Não que eu me lembre.

– Humm. E como a Terra veio a ficar radiativa?

Compor abanou a cabeça e nada disse.

Pelorat insistiu: – Pense! Você deve ter ouvido falar de alguma coisa!

– Foi há sete anos atrás, professor. Não sabia então que agora o senhor me interrogaria a respeito. Havia uma espécie de lenda – e eles a consideravam história.

– E qual era a lenda?

A Terra era radiativa, ostracizada e maltratada pelo Império, sua população definhando, e que de algum modo iria destruir o Império.

– Um mundo agonizante iria destruir todo o Império? – interpôs Trevize.

Compor disse, na defensiva: – Eu disse que era uma lenda! Não sei dos detalhes. Bel Arvardan estava envolvido na lenda, disso eu sei.

– E quem era ele? – quis saber Trevize.

– Um personagem histórico. Fui conferir. Era um honesto arqueólogo nos primeiros dias do Império, e ele sustentava que a Terra era no Setor de Sirius.

– Já ouvi esse nome antes – confirmou Pelorat.

– Ele é um herói do folclore de Comporellon. Olhe, se quiser saber destas coisas, vá a Comporellon. Não adianta nada ficar à-toa por aqui.

Ao que disse Pelorat: – Como eles diziam, exatamente, que a Terra planejava destruir o Império?

– Isso eu não sei, – Uma certa monotonia estava penetrando a voz de Compor.

– A radiação tinha algo a ver com isso?

– Não sei. Havia lendas de algum expansor da mente desenvolvi do na Terra – um sinapsificador, ou coisa assim.

– E criada supermentes? – perguntou Pelorat, nos tons mais profundos da incredulidade.

– Não acho, O que mais me lembro é que não funcionou. As pessoas ficavam brilhantes e morriam cedo.

Trevize entrou na conversa: – Era provavelmente um mito moralizante. Quem pede muito, perde mesmo o que já tem.

Pelorat voltou-se para Trevize, um pouco irritado: – O que você sabe sobre mitos moralizantes?

Trevize ergueu os sobrolhos: – O seu campo pode não ser o meu, Janov, mas isso não quer dizer que eu seja totalmente ignorante.

– E o que mais você se lembra sobre o que chamou de “sinapsificador”, Conselheiro Compor? – perguntou Pelorat.

– Nada, e não vou ficar aqui sendo interrogado. Escute, eu o segui de acordo com as ordens da Prefeita. Não recebi ordens de fazer contato pessoal com você. Só o fiz para avisá-lo de que estava sendo seguido, e que foi exilado para servir aos propósitos da Prefeita, quaisquer que possam ser. Não havia nada mais a tratar, mas fui surpreendido com essa questão da Terra. Deixe-me repetir: o que quer que tenha existido no passado, Bel Arvardan, o sinapsificador, seja lá o que for, nada tem a ver com o que existe hoje. E digo e repito: a Terra é um mundo morto. Aconselho-o enfaticamente a ir a Comporellon, onde descobrirá tudo o que quiser saber. Apenas vá embora daqui.

– E é claro, você fielmente informará à Prefeita que estamos indo para Comporellon, e nos seguirá, só para se certificar. Ou talvez a Prefeita já saiba. Eu imagino se ela não o instruiu e o ensaiou cuidadosamente em todas as palavras que nos disse aqui, porque para os propósitos dela, é em Comporellon que ela nos quer, não é?

Compor empalideceu. Levantou-se e quase gaguejou, num esforço para controlar a voz: – Tentei explicar. Tentei ser útil. Mas não deveria. Você pode muito bem jogar-se num buraco negro, Trevize!

Voltou-se sobre os calcanhares e saiu pisando duro, sem olhar para trás.

Pelorat aparentava estar chocado: – Isso foi um passo em falso, de sua parte, Golan, meu velho. Eu poderia ter conseguido mais com ele.

– Não, você não poderia – Trevize contestou, gravemente. – Não poderia ter tirado dele uma só palavra que ele não quisesse dizer. Janov, você não sabe o que ele é... Até hoje, eu mesmo não sabia o que ele era.

45.

Pelorat hesitou, não querendo perturbar Trevize, que estava sentado em sua poltrona, imerso em pensamentos.

Por fim, Pelorat disse: – Vai ficar sentado aí toda a noite, Golan?

Trevize teve um sobressalto: – Não, você tem razão. Estaremos melhor com gente à nossa volta. Vamos!

Pelorat levantou-se e disse: – Não haverá gente à nossa volta.Com por disse que era uma espécie de dia de meditação.

– Foi o que ele disse? Havia tráfego quando viemos pela estrada?

– Sim, algum.

– Até bastante, eu pensei. E então, quando entramos na cidade, ela estava vazia?

– Não muito. Mas você tem de admitir que este lugar está vazio.

– Sim, está. Chamou-me muito a atenção. Mas vamos, Janov, estou com fome. Deve haver algum lugar onde se possa comer, e onde possamos pagar por alguma coisa boa. De qualquer modo, podemos achar um lugar para experimentar alguma novidade saysheliana, ou se não tivermos coragem de comê-la, podemos arranjar alguma boa comida galáctica. Vamos, uma vez que estivermos num ambiente seguro, vou lhe dizer o que realmente aconteceu aqui.

46.

Trevize reclinou-se, com uma agradável sensação de renovação. O restaurante não era dispendioso, pelos padrões de Terminus, mas era, por certo, novidade. Era parcialmente aquecido por um forno aberto, onde a comida era preparada. A carne era servida em pedaços do tamanho de bocados – acompanhada por numerosas variedades de molhos – que eram apanhados com a mão, os dedos protegidos da gordura e do calor por folhas verdes e macias, que eram frias, úmidas e tinham um sabor vagamente mentolado.

Cada folha servia para um bocado de carne, e o todo era engolido de uma vez. O garçon explicou cuidadosamente como tinha de ser feito. Aparentemente acostumado com hóspedes de outros planetas, ele sorria paternalmente, enquanto Trevize e Pelorat pescavam os pedaços fumegantes de carne, e ficava claramente deliciado com o alívio dos estrangeiros quando descobriam que as folhas conservavam os dedos frios e esfriavam a carne, também, à medida que se mastigava.

Trevize comentou: – Delicioso! – e eventualmente partiu para uma segunda porção. O mesmo fez Pelorat.

Por fim chegaram a uma sobremesa esponjosa, vagamente doce, e a uma

xícara de café com um sabor de caramelo para o que abana ram as cabeças, em dúvida. Acrescentaram xarope, ao que o garçon é que abanou a cabeça.

Daí Pelorat quis saber: – Bem, e o que aconteceu lá no centro de turistas?

– Você quer dizer, com Compor?

– E há outra coisa que poderíamos discutir?

Trevize olhou em volta. Estavam numa alcova profunda e tinham alguma privacidade, mas o restaurante estava cheio, e o zumbido natural do ruído era uma cobertura perfeita.

Disse, em voz baixa: – Não é estranho que ele nos tenha seguido até Sayshell?

– Disse que tinha sua habilidade intuitiva.

– Sim, ele foi campeão intercolegial de hiper-rastreamento. Nunca questionei isso, até hoje. Eu bem vejo que alguém possa avaliar para onde se vai num Salto pelas manobras preparatórias, se se tem algum discernimento e prática, certos reflexos – mas eu não consigo imaginar como um rastreador pode avaliar uma série de Saltos, Só podemos nos preparar para o primeiro; o computador faz todos os outros, O rastreador pode avaliar esse primeiro, mas por que mágica ele pode adivinhar o que está nas entranhas do computador?

– Mas ele o fez, Golan.

– Por certo que sim; e a única maneira possível pela qual posso imaginar que o tenha feito é sabendo antecipadamente para onde estávamos indo. Sabendo, e não avaliando.

Pelorat ficou digerindo a idéia. – E bem impossível, meu rapaz. Como ele poderia saber? Só decidimos sobre nosso destino depois de estarmos a bordo da Far Star.

– Eu sei. E que tal este dia de meditação?

– Compor não mentiu para nós, O garçon disse que era um dia de meditação, quando viemos aqui e lhe perguntamos.

– Sim, foi o que ele disse, mas ele disse que o restaurante não es tava fechado. De fato, o que ele disse foi: “A cidade de Sayshell não é nada provinciana. Não fecha”. Às pessoas meditam, em outras palavras, mas não na cidade grande, onde todos são sofisticados e não há lugar para a pieguice da aldeia. Assim, há tráfego, e a cidade continua trabalhando – talvez não tanto quanto nos dias comuns – mas se trabalha.

– Mas, Golan, ninguém entrou no centro de turistas enquanto estávamos lá. Eu notei isso. Nenhuma pessoa entrou.

– Eu também notei isso. Até fui à janela a certa altura, e olhei pa ra fora e vi claramente que as ruas em volta do centro apresentavam uma boa quantidade de pedestres e veículos – e, mesmo assim, ninguém entrou. O dia de meditação foi apenas um bom disfarce. Não teríamos desconfiado da afortunada privacidade se eu simplesmente não estivesse absolutamente determinado a nunca mais confiar naquele filho de forasteiros.

– E o que tudo isto significa, então?

– Acho que é simples, Janov. Temos aqui alguém que sabe para onde vamos, desde a hora em que chegamos a esta decisão, mesmo estando em astronave diferente, e também temos alguém que pode conservar um edifício público vazio, enquanto está cercado de gente, para que possamos conversar convenientemente em particular.

– Você quer que eu acredite que ele pode fazer milagres?

– Por certo que sim. Se Compor for agente da Segunda Fundação e puder controlar as mentes; se ele pode ler a sua mente e a minha, numa espaçonave distante; se ele pode influenciar as coisas a seu favor, imediatamente, num posto alfandegário , se ele pode aterrissar graviticamente, sem nenhuma patrulha de fronteira ultrajada, por seu desafio aos feixes direcionais; e se ele puder influenciar mentes de modo a impedir que as pessoas entrem num edifício onde ele não quer que entrem.

– Por todas as estrelas! – e Trevize continuou com um ar de notável ressentimento. – Posso mesmo seguir essas tendências até a escola. Eu não quis ir na viagem com ele. Lembro-me que não queria ir. Não foi por influência dele? Ele tinha de estar só. Para onde ele realmente foi?

Pelorat empurrou os pratos à frente dele, como se quisesse abrir um espaço à sua roda para ter lugar para pensar. Parecia ser um gesto que dava sinal para o robô de serviço, uma mesa que se movia por si mesma, parando perto deles e esperando, até que eles colocaram os pratos e talheres sobre ela.

Quando estavam sós, Pelorat disse: – Mas isso é loucura. Nada aconteceu lá que não poderia ter acontecido naturalmente. Uma vez que você coloca em sua cabeça que alguém está controlando os eventos, pode interpretar tudo a essa luz, sem achar uma certeza razoável em lugar algum. Vamos, meu velho, é tudo circunstancial, e uma questão de interpretação. Não ceda à paranóia.

– Não vou ceder tampouco à complacência.

– Bem, vamos considerar o assunto logicamente. Suponha que ele seja um agente da Segunda Fundação. Por que ele correria o risco de levantar as nossas suspeitas mantendo o centro de turistas vazio? O que ele disse de tão importante que algumas pessoas a alguma distância – que, aliás, estariam imersas em suas próprias atividades pudessem atrapalhar?

– Há uma resposta fácil para isso, Janov. O que era tão importante em sua conversa conosco? Faria sentido supor, como ele mesmo insistiu, que foi ao nosso encontro apenas para explicar o que tinha feito, desculpar-se por sua conduta, e avisar-nos das complicações que poderiam estar à nossa espera. Por que precisaríamos procurar algo além disto?

O pequeno receptáculo para cartões no outro extremo da mesa brilhou e os números representando o valor da refeição se acenderam. Trevize procurou, sob seu cinto, o cartão de crédito que, com seu sinal da Fundação, era válido em qualquer lugar da Galáxia – ou em qualquer lugar para onde um cidadão da Fundação pudesse ir. Inseriu-o na fenda apropriada. Levou um momento para completar a transação, e Trevize (com seu cuidado congênito) verificou o saldo remanescente, antes de guardar o cartão.

Olhou em volta casualmente, para se certificar de que não havia nenhum interesse indesejável por ele nos rostos dos poucos que ainda estavam no restaurante, e então disse: – Por que procurar outro motivo? Por que procurar mais? Não foi tudo sobre o que conversa mos. Ele falou sobre a Terra. Disse-nos que estava morta, e instou que fôssemos a Comporellon. Devemos ir?

– É algo que estive sopesando, Golan.

– E saímos logo daqui?

– Poderemos voltar, depois de verificar aquele Setor de Sirius.

– Não lhe ocorreu que todo o propósito dele era nos desviar de Sayshell e tirar-nos daqui? Que estivéssemos em qualquer lugar, menos aqui?

– E por quê?

– Eu não sei. Veja: eles esperavam que fôssemos a Trantor. Era o que você queda fazer e talvez era algo com que eles contassem. Estraguei as coisas insistindo em ir para Sayshell, que era a última coisa com que eles contavam, e agora eles nos querem longe daqui.

Pelorat parecia distintamente infeliz: – Mas, Golan, você está apenas enunciando frases. Por que eles não nos quereriam aqui em Sayshell?

– Eu não sei, Janov. Mas para mim basta que eles nos queiram fora. Eu

vou ficar é aqui mesmo. Não penso em partir.

–Mas... mas... olhe, Golan, se a Segunda Fundação quisesse que partíssemos, por que simplesmente não influenciaram nossas mentes para que quiséssemos partir? Por que se importar em arrazoar conosco?

– Agora que você levantou a questão, não será o que fizeram em seu caso, professor? – e os olhos de Trevize se estreitaram, numa súbita suspeita. – Não está querendo partir?

Pelorat olhou para Trevize, pasmado. – Creio que isso faz algum sentido.

– E claro que é isso o que quereria, se tivesse sido influenciado.

– Mas eu não fui...

– É claro que juraria não ter sido, se realmente tivesse sido.

– Se você me encurrala desse jeito, não há modo de desmentir sua afirmação. E o que vai fazer?

– Ficarei em Sayshell. E você também. Não pode navegar aquela nave sem mim; assim, se Compor o influenciou, influenciou a pessoa errada.

– Muito bem, Golan. Ficaremos em Sayshell até termos razões independentes para sair. A pior coisa que podemos fazer, afinal de tudo, pior que ficar ou partir, é nos separarmos. Vamos, meu velho, se eu tivesse sido influenciado, será que eu mudaria de idéia e ficaria com você de bom grado, como agora?

Trevize pensou por um momento e então, com um sacudir interior, sorriu e estendeu a mão: – Concordo, Janov. Agora, vamos voltar à nave e pensar num recomeço amanhã. Se é que poderemos.

47.

Munn Li Compor não se lembrava de quando tinha sido recrutado. Primeiro, porque na época era muito criança; depois, os agentes da Segunda Fundação eram meticulosos em remover seus rastros, tanto quanto possível.

Compor era um “Observador”, e para um segundofundacionista, era instantaneamente reconhecido como tal.

Significava que Compor estava familiarizado com a mentálica, e podia conversar com segundofundacionistas à sua própria maneira, até um certo ponto, mas estava no degrau mais baixo da hierarquia. Podia captar relances dos

estados mentais, mas não podia ajustá-los. A educação que recebera nunca fora tão longe. Ele era um Observa dor, não um Fazedor.

Isto no máximo o fazia de segunda classe, mas ele não se importava – não muito. Sabia qual sua importância no conjunto das coisas.

Durante os primeiros séculos da Segunda Fundação, ela subestimara a tarefa à sua frente. Imaginara que sua mancheia de membros poderia monitorar a Galáxia inteira e que o Plano de Seldon, para ser mantido, requereria apenas o mais ocasional e leve dos toques, aqui e ali.

O Mula os arrancara dessas ilusões. Vindo do nada, apanhou a Segunda Fundação (e, é claro, a Primeira – mesmo que isso não importasse) totalmente de surpresa, e os deixara inermes. Levou cinco anos até um contra-ataque ser organizado, e então só ao custo de um certo número de vidas.

Com Palver, foi conseguida uma recuperação total, de novo a um terrível custo, e ele finalmente conseguiu tomar as medidas apropriadas. As operações da Segunda Fundação, ele decidiu, devem ser enormemente expandidas sem ao mesmo tempo aumentar as chances de detecção indevidamente, de modo que ele instituiu o corpo dos Observadores.

Compor não sabia quantos Observadores havia na Galáxia, ou sequer quantos havia em Terminus. Não era da conta dele saber. Idealmente não deveria haver conexão detectável entre dois Observa dores quaisquer, de modo que a perda de um não acarretaria a perda de qualquer outro. Todas as conexões estavam nos escalões superiores em Trantor

Era ambição de Compor ir a Trantor, algum dia. Muito embora ele considerasse isso extremamente improvável, ele sabia que, ocasionalmente, um Observador poderia ser levado a Trantor e promovido, mas isso era raro. As qualidades que faziam um bom Observador não eram as que apontavam rumo à Mesa.

Havia Guendibal, por exemplo, que era quatro anos mais jovem que Compor. Deve ter sido recrutado enquanto menino, assim como Compor, mas ele foi removido diretamente para Trantor, e era agora um orador. Compor não tinha ilusões sobre o porquê disso. Tinha estado muito em contato com Guendibal recentemente, e tinha experimentado o poder da mente daquele jovem. Não poderia ter-lhe resistido por um segundo, sequer.

Compor, normalmente, não tinha consciência de sua baixa condição. Quase nunca havia tempo para pensar nela Afinal (como no caso de outros Observadores, ele imaginou), era só inferior pelos padrões de Trantor. Em seus

próprios mundos não-trantorianos, em suas próprias sociedades não-mentálicas, era fácil para os Observadores obterem condição elevada.

Compor, por exemplo, nunca tivera problema em entrar para boas escolas, ou encontrar boa companhia. Pôde usar a mentálica que sabia, de um modo simples, para destacar sua capacidade intuitiva natural (a capacidade natural foi exatamente o porquê ele foi recrutado para começar, ele tinha certeza) e, destarte, mostrar-se um ás no rastreamento hiperespacial- Tornou-se um herói no colégio, e isto proporcionou-lhe o primeiro degrau de uma carreira política. Uma vez passada esta presente crise, não se poderia dizer o quanto ele poderia progredir.

Se a crise se resolvesse com sucesso, como era o que parecia, não seria lembrado que foi Compor o primeiro a notar Trevize, não como ser humano (qualquer um poderia fazer isto), mas como uma mente?

Encontrara Trevize no colégio e viu-o, de início, apenas como um companheiro jovial e perspicaz. Uma manhã, porém, tentando acordar, no fluxo de semiconsciência que acompanhava a emersão do sono, ele sentiu pena por Trevize nunca ter sido recrutado.

Trevize não poderia ser recrutado, é claro, pois ele nascera em Terminus, e não era como Compor, nativo de um outro mundo. E mesmo que não se levasse isso em conta, era já muito tarde. Só os bem jovens são plásticos o suficiente para receber uma educação na mentálica; o doloroso princípio daquela arte – e o era mais que uma ciência – em cérebros adultos, já enferrujados em seus moldes, era uma coisa que só foi surgir duas gerações depois de Seldon.

Mas se Trevize não podia ter sido recrutado logo para começar, e já passara da idade para uma segunda chance, o que levantou a preocupação de Compor?

Em seu encontro seguinte, Compor penetrou na mente de Trevize profundamente, e descobriu o que deveria tê-lo perturbado inicialmente. A mente de Trevize apresentava características que não se adaptavam às regras que lhe foram ensinadas. Repetidamente, escapava-lhe. Ao acompanhar seu funcionamento, encontrou falhas – não, não poderiam ser falhas reais – saltos de não-existência. Havia lugares em que o modo de pensar de Trevize mergulhava profundamente demais para ser seguido.

Compor não tinha meios de determinar o que isto significava, mas observava o comportamento de Trevize à luz do que tinha descoberto, e começou a suspeitar que Trevize tinha uma habilidade excepcional para chegar

às conclusões certas a partir do que pareceriam dados insuficientes.

Será que isto teria algo a ver com as falhas? Por certo, era uma questão de mentalismo muito além de seus próprios poderes – para a própria Mesa, quem sabe. Ele tinha a incômoda sensação de que os poderes decisórios de Trevize eram desconhecidos, em sua verdadeira grandeza, para si mesmo, e que ele poderia ser bem capaz de...

De fazer o quê? O conhecimento de Compor não era suficiente. Ele quase podia ver o significado do que Trevize possuía – mas não exatamente. Só havia a conclusão intuitiva – ou talvez apenas uma adivinhação – que Trevize poderia ser potencialmente uma pessoa da maior importância.

Arriscou-se a presumir que assim poderia ser e arriscar-se a não parecer qualificado para um posto tão baixo. Afinal de contas, se estivesse correto...

Ele não tinha certeza, em retrospectiva, de como conseguiu achar coragem para continuar seus esforços. Não conseguia penetrar as barreiras administrativas que rodeavam a Mesa. Já tinha se conformado com uma reputação duvidosa. Tinha se exaurido até chegar (desesperado) até o membro mais jovem da Mesa e, finalmente, Stor Guendibal respondera ao seu chamado.

Guendibal escutou pacientemente e daquela data em diante houve um relacionamento especial entre eles. Foi em atenção a Guendibal que Compor manteve sua amizade com Trevize, e sob a orientação de Guendibal que ele cuidadosamente construiu a situação que resultara no exílio de Trevize. E foi através de Guendibal que Compor ainda poderia (ele estava começando a esperar) realizar seu sonho de promoção para Trantor.

Todas as preparações, porém, foram destinadas a enviar Trevize para Trantor. A recusa de Trevize em partir para lá tomou Compor inteiramente desprevenido e (Compor pensou) fora imprevista por Guendibal, igualmente.

De qualquer modo, Guendibal estava correndo para aquele local, e para Compor, isso aprofundava a sensação de crise.

Compor enviou seu hipersinal.

48.

Guendibal foi despertado de seu sono pelo toque em sua mente. Era eficaz, e não perturbava minimamente. Como afetava o centro de vigília

diretamente, ele simplesmente acordou.

Sentou-se na cama, o lençol caindo de seu torso musculoso e bem conformado. Reconheceu o toque; as diferenças eram tão distintas para os mentalistas quanto as vozes, para aqueles que se comunicavam primariamente pelo som.

Guendibal enviou o sinal-padrão, perguntando se um pequeno atraso era possível, e o sinal de chamada “sem emergência” retornou.

Sem uma pressa indevida, então, Guendibal atendeu à rotina matinal. Ainda estava na ducha da nave – com a água servida sendo drenada para os mecanismos de reciclagem – quando fez contato de novo.

– Compor?

– Sim, Orador.

– Já falou com Trevize e com o outro?

– Pelorat. Janov Pelorat. Sim, Orador.

– Bom. Dê-me mais cinco minutos e vou providenciar o visual.

Passou por Sura Novi, a caminho dos controles. Ela olhou para ele interrogativamente e fez que ia falar, mas ele pousou um dedo sobre os lábios, e ela calou-se imediatamente. Guendibal ainda sentia-se um pouco desconfortável com a intensidade de adoração/respeito na mente dela, mas estava começando a se tomar uma parte reconfortantemente normal de seu ambiente, de algum modo.

Enganchou um pequeno tentáculo de sua mente na dela, e agora não haveria meio de afetar-se a mente dela, sem afetar a dele. A simplicidade da mente dela (e havia um enorme prazer estético em contemplar essa simetria sem adornos, Guendibal não podia parar de pensar) tornava impossível a qualquer mente estranha se infiltrar nas suas vizinhanças sem detecção. Sentiu gratidão pelo impulso cortês que o movera naquele momento em que ficaram juntos fora da Universidade, e que a levou a vir para ele precisamente quando podia ser mais útil.

– Sim, Orador.

– Relaxe, por favor. Eu preciso estudar a sua mente. Não se ofenda, por favor.

– Como queira, Orador. Posso perguntar a finalidade?

– Para me certificar de que você está intocado.

Compor respondeu: – Eu sei que o senhor tem adversários políticos na

Mesa, Orador, mas seguramente nenhum deles...

– Não especule, Compor; relaxe... Sim, você está intocado. Agora, se cooperar comigo, estabeleceremos contato visual.

O que se seguiu, no sentido ordinário da palavra, era uma ilusão, pois ninguém que não fosse auxiliado pelo poder mentálico de um segundofundacionista bem treinado poderia detectar qualquer coisa, pelos sentidos ou por qualquer dispositivo de detecção física.

Era a constituição facial e seu aspecto pelo contorno mental, e mesmo o melhor mentalista só conseguia produzir uma figura incerta, em meio a sombras. O rosto de Compor estava ali, no meio do ar, como se visto por uma fina cortina de gaze, sempre a se mover, e Guendibal sabia que sua própria face aparecia de maneira idêntica perante Compor.

Pela hiperonda física, a comunicação podia ser estabelecida por imagens tão claras que interlocutores a mil parsecs de distância poderiam se considerar face a face. A nave de Guendibal estava assim equipada.

Porém, havia vantagens na “mentalista-visão”. A principal era que não podia ser espionada por qualquer dispositivo conhecido da Primeira Fundação. Nem tampouco um segundofundacionista podia espionar a mentalista-visão de um outro, O jogo da mente poderia ser acompanhado, mas não a delicada mudança da expressão facial que dava à comunicação os seus pontos mais finos.

Quanto aos Anti-Mulas – a pureza da mente de Novi era suficiente para garantir-lhe que nenhum estava por perto.

– Diga-me precisamente, Compor, a conversa que teve com Trevize e com o tal de Pelorat. Precisamente, até o nível mental.

– Ê claro, Orador.

Não levou muito tempo. A combinação de som, expressão e mentalismo comprimia o assunto consideravelmente, a despeito do fato de que havia muito mais para contar ao nível mental do que pelo mero palrar.

Guendibal olhava com toda atenção. Havia pouca redundância, ou nenhuma, na mentalista-visão. Na visão real, ou na hipervisão física através dos parsecs, via-se enormemente mais como bits de informação do que era absolutamente necessário para a compreensão, e podia-se perder muito, sem perder nada significativo.

Sempre havia histórias de horror passadas de instrutor para estudante em Trantor, histórias que eram destinadas a impressionar os jovens com a

importância da concentração. O mais freqüentemente repetido era certamente o menos confiável. Uma história falava do primeiro relatório sobre o progresso do Mula antes de ter tomado Kalgan – e do funcionário subalterno que recebeu o relatório e teve nada mais que a impressão de um animal semelhante ao cavalo, por não ter visto ou entendido o pequeno piscar que significava “nome pessoal”. O funcionário portanto decidiu que toda aquela coisa não tinha importância para ser passada adiante para Trantor. Quando chegou a mensagem seguinte, já era muito tarde para tomar ação imediata, e mais cinco amargos anos tiveram de passar.

O evento quase com certeza nunca acontecera, mas isso não importava. Era uma história dramática e servia para motivar todos os estudantes para o hábito da concentração atenta. Guendibal lembrava-se de seus dias de estudante, quando ele cometeu um erro de recepção que parecia, em sua mente, ser tão insignificante quanto compreensível. Seu professor, o velho Kendast, um tirano até a raiz de seu cerebelo, simplesmente fez um esgar e disse: “Um animal semelhante ao cavalo, Cadete Guendibal?” – e isso foi o bastante para fazê-lo desabar de vergonha.

Compor acabara.

Guendibal disse: – Sua estimativa, por favor, da reação de Trevize. Você o conhece melhor que eu; melhor que ninguém.

– Foi clara o bastante. As indicações mentálicas eram inconfundíveis. Ele pensa que minhas palavras e ações representam minha extrema ansiedade em fazê-lo ir para Trantor ou para o Setor de Sirius ou qualquer lugar, exceto, de fato, aquele para onde está indo agora. Significou, em minha opinião, que ele vai ficar firmemente onde está. O fato de que associei muita importância à sua mudança de posição, em suma, forçou-o a dar a isto a mesma importância, e como ele sente que seus interesses são diametralmente opostos aos meus, agirá contra o que ele interpreta como sendo o meu desejo.

– Está certo disso?

– Muito certo.

Guendibal pensou um pouco no assunto, e decidiu que Compor estava correto. Disse: – Estou satisfeito. Você fez bem. Sua história da destruição radiativa da Terra foi sabiamente escolhida para ajudar a produzir a reação adequada sem a necessidade de manipulação direta da mente. Elogiável!

Compor pareceu lutar contra si mesmo por um momento. – Orador – disse ele –, não posso aceitar seu elogio. Não inventei a lenda. Realmente há um

planeta chamado “Terra” no Setor de Sirius e realmente é considerado o lar original da humanidade. Era radiativo, no começo, ou eventualmente ficou, e ficou cada vez pior, até que o planeta morreu. De fato, existiu uma invenção intensificadora da mente que deu em nada. Tudo isto é considerado história no planeta natal de meus ancestrais.

– Mesmo? Que interessante! – disse Guendibal, sem convicção óbvia. – Tanto melhor. Saber quando a verdade nos servirá é admirável, pois que nenhuma inverdade pode ser apresentada com a mesma sinceridade. Palver uma vez disse: – Quanto mais próximo da verdade, melhor a mentira, e a própria verdade, quando puder ser usada, é a melhor mentira.

Compor acrescentou: – E há mais uma coisa para dizer. Ao seguir instruções para manter Trevize no Setor de Sayshell até que o senhor chegasse – e fazê-lo a todo custo – tive que ir tão longe em meus esforços que está claro que ele suspeita que estou sob a influência da Segunda Fundação.

Guendibal concordou: – Isso, eu acho, é inevitável sob as circunstâncias. Sua monomania sobre o assunto seria suficiente para fazê-lo ver a Segunda Fundação mesmo onde ela não está. Precisamos simplesmente levar isso em consideração.

– Orador, se é absolutamente necessário que Trevize fique onde está até que o senhor possa alcançá-lo, a coisa ficaria mais simples se eu fosse ao seu encontro, para tomá-lo a bordo de minha nave, e o trouxesse para cá. Levaria menos de um dia...

– Não, Observador – cortou Guendibal. – O senhor não deve fazer isso. O pessoal de Terminus sabe onde o senhor está. O senhor tem um hiper-relê em sua nave que não pode remover, não é?

– Sim, Orador.

– E se Terminus souber que o senhor desceu em Sayshell, e seu embaixador em Sayshell souber disso – o embaixador saberá também que Trevize terá descido. Seu hiper-relê dirá a Terminus que o senhor saiu para um certo ponto a centenas de parsecs de distância e voltou; e o embaixador os informará que Trevize, entretanto, permaneceu no setor. A partir disto, quanto o pessoal de Terminus poderá avaliar? A Prefeita de Terminus, sob todos os pontos de vista, é uma mulher muito perspicaz, e a última coisa que queremos é alarmá-la apresentando-lhe uma charada obscura. Não queremos que ela traga boa parte de sua frota para cá. As chances disso são, de qual quer maneira, desconfortavelmente altas.

– Com todo o respeito, Orador, que razão temos para temer a frota, se podemos controlar o comandante?

– Por mínima que seja a razão, ainda há menos razão para temer se a frota não está aqui. Fique onde está, Observador. Quando alcançá-lo, juntar-me-ei ao senhor na sua nave, e então...

– E então, Orador?

– Ora, então eu assumo o comando.

49.

Guendibal ficou sentado em seu lugar, enquanto desfazia a menta lista-visão, e ficou ali longos minutos – meditando.

Durante esta longa viagem para Sayshell, inevitavelmente longa em sua nave, que de modo algum podia equiparar-se ao avanço tecnológico dos produtos da Primeira Fundação, repassou todos e cada um dos relatórios sobre Trevize. Os relatórios se estenderam por quase uma década.

Vistos como um todo, e à luz dos eventos recentes, não mais havia qualquer dúvida que Trevize daria um maravilhoso recruta para a Segunda Fundação, se a política. de nunca tocar os nativos de Terminus não estivesse estabelecida desde o tempo de Palver.

Não havia como dizer quantos recrutas da mais alta qualidade foram perdidos para a Segunda Fundação ao longo dos séculos. Não havia maneira de avaliar cada um dos quatrilhões de pessoas que povoavam a Galáxia. Nenhum deles seria mais promissor que Trevize, no entanto, e certamente nenhum poderia estar num local mais sensível.

Guendibal abanou a cabeça, de leve. Trevize nunca deveria ter sido desprezado, tivesse ou não nascido em Terminus. E devia-se dar crédito ao Observador Compor, por ter percebido isso, mesmo depois de muitos anos de distorção.

Trevize não mais lhes era útil, porém, é claro. Era muito velho para ser moldado, mas ainda tinha a intuição congênita, aquela capa cidade de adivinhar uma solução na base de informação totalmente inadequada e algo... algo...

O velho Shandess – que, a despeito de passado do zênite, era Primeiro Orador e, no todo, tivera sido um bom Orador – viu algo ali, mesmo sem os dados correlacionados, e sem o raciocínio que Guendibal elaborou no decurso de

sua viagem. Trevize, pensava Shandess, era a chave para a crise.

Por que Trevize estava aqui em Sayshell? O que estava ele planejando? O que estava fazendo?

E não podia ser tocado! Disso, Guendibal tinha certeza. Até que fosse conhecido precisamente qual era o papel de Trevize, seria totalmente errado tentar modificá-lo de qualquer modo. Com os Anti-Mulas, quem quer que fossem, o que quer que pudessem ser, em campo, um movimento errado em relação a Trevize (Trevize, acima de tudo) poderia explodir um micro-sol em suas caras, de modo totalmente inesperado.

Sentiu uma mente flutuando perto da sua, e distraidamente afastou-a como se fosse um insistente inseto trantoriano – mais com a mente que com a mão. Sentiu a instantânea reação da dor causada, e sobressaltou-se.

Sura Novi tinha a palma da mão contra a testa: – Perdão, dotô, mais mi deu a maió dô di cabeça, de repênti.

Guendibal logo ficou contrito: – Lamento, Novi. Não estava pensando, ou melhor, estava pensando com muita força. – Instantaneamente, e com delicadeza, suavizou os perturbados tendões mentais dela.

Novi sorria com novo ânimo: – Passô de repénti, também. A sua voiz simpática, dotô, mi faiz bem.

– Ótimo! Há algo errado? Por que está aqui? – Ele hesitava penetrar na mente dela em pormenor, para descobrir sozinho. Mais e mais, ele sentia relutância em invadir a privacidade dela.

Novi titubeou. Inclinou-se levemente para ele. – ‘Tô preocupada. O sinhô ‘tava olhando pru nada i fazêndu barúlhu, i u róstu tava torcéndu. Fiquei aqui, morréndu di médu, cum médu qui u sinhô ‘tava caíndu – du – i eu sem sabê u qui fazê.

– Não foi nada, Novi. Não tema. – Ele afagou a mão dela. – Não há nada a temer, entende?

O medo – ou qualquer emoção mais forte – estragava a simetria de sua mente. Ela a preferia calma e pacífica e feliz, mas hesitava em ajustá-la nessa posição, por influência exterior. Ela sentira o ajustamento prévio como efeito de suas palavras, e pareceu-lhe melhor assim.

– Novi, por que não devo chamá-la Sura?

Ela ergueu o olhar, desgostosa: – Ora; dotô, num fais íssu, não.

– Mas Rufirant a chamava assim naquele dia em que nos encontramos.

Agora que a conheço bem...

–Eu sei qui êli mi chamava assim, dotô. É cômu um ômi fala cuma moça qui num tem ômi, qui num tá prometida, qui num tá compreta. Si chama pélu priméru nómi. Ë mais miô u sinhô mi chamá “Novi”, i eu fico orguiosa. 1 si eu num tênhu ómi, tênhu um dotô, i gosto. Ispero qui u sinhõ num si ofenda di mi chamá “Novi”.

– Claro que não, Novi.

E sua mente estava lindamente lisa, e Guendibal gostava disso. Mas será que ele devia gostar tanto?

Um pouco envergonhado, lembrou-se que o Mula fora supostamente afetado desta maneira por aquela mulher da Primeira Fundação, Bayta Darell, para sua própria desgraça.

Isto, é claro, era diferente. Esta hamish era sua defesa contra mentes alienígenas e ele queria que ela servisse a esta finalidade o mais eficazmente possível.

Não; isso não era verdade Seu cargo de Orador estaria com prometido se deixasse de entender sua própria mente, ou, pior, se deliberadamente a alterasse para evitar a verdade. A verdade era que lhe agradava vê-la calma e pacífica e feliz endogenamente – sem a interferência dele – o que lhe agradava simplesmente porque ela lhe agradava; e pensou (desafiadoramente) que não havia nada errado com isso.

– Sente-se, Novi.

Ela o fez, equilibrando-se precariamente na beira da poltrona, e sentando-se tão longe quanto os limites da sala permitiam. Sua mente estava inundada de respeito.

– Quando você me viu fazendo ruídos, Novi, eu estava falando à distância, à maneira dos doutores.

Novi disse triste, olhos baixos: – Eu vêju, dotô, qui tem muita coisa dus dotó qui eu num intêndu, i nem póssu imaginá. É arte difícir cômu subi im montanha. Tênhu vergonha di vi prá sê dotora. Cumo é qui u dotô num si riu di mim?

– Não é vergonha aspirar a alguma coisa, mesmo que esteja além de nosso alcance. Agora, você já está muito velha para ser feita doutora tal como eu sou, mas nunca está velha demais para aprender mais do que já sabe, e poder fazer mais do que já sabe. Vou lhe ensinar algo a respeito desta nave. Quando

atingirmos nosso destino, você já saberá bastante a respeito dela.

Ele sentiu-se deliciado. E por que não? Ele estava deliberadamente dando as costas para o estereótipo do povo hamish. Afinal, que direito tinha o grupo heterogêneo da Segunda Fundação de estabelecer um tal estereótipo? Os jovens produzidos por ela só ocasionalmente eram adequados para se tomarem segundofundacionistas. Os filhos dos Oradores quase nunca estavam qualificados para se tornarem Oradores. Houve três gerações de Linguesters, três séculos atrás, mas sempre houve a suspeita de que o Orador do meio daquela série não estava realmente qualificado. E se isto fosse verdade, quem era aquele pessoal da Universidade para se colocar num pedestal tão alto?

Observou os olhos de Novi brilharem, e isso o agradou muito.

Ela disse: – Vô tentá aprendê túdu u qui u sinhô mi insiná, dotô.

– Tenho certeza que sim – respondeu, e então. - - hesitou. Ocorreu-lhe que, em sua conversação com Compor, ele de modo algum indicou, a qualquer momento, que não estava sozinho. Não deu o menor indício de ter companhia.

Uma mulher poderia ficar subentendida, quem sabe; pelo menos, Compor não ficaria surpreso. Mas, uma hamish?

Por um momento, a despeito de qualquer coisa que Guendibal pudesse fazer, o estereótipo reinava supremo e ele descobriu-se grato por que Compor nunca estivera em Trantor e nunca reconheceria Novi como uma hamish.

Afastou tais pensamentos. Não importava se Compor sabia ou se qualquer um soubesse. Guendibal era um Orador da Segunda Fundação, e podia fazer como quisesse dentro das restrições do Plano de Seldon – e ninguém poderia interferir.

Novi disse: – Dotô, dispois de nóis chegá, quando é que nóis vai se separá?

Olhou para ela e respondeu, talvez com mais força do que pretendia: – Não vamos nos separar, Novi.

E a hamish sorriu, encabulada, e, por toda a galáxia!, ficou com o aspecto que qualquer mulher ficaria.

13. UNIVERSIDADE

50.

Pelorat retorceu o nariz, quando ele e Trevize reentraram na Far Star.

Trevize disse, com indiferença: – O corpo humano é um poderoso emissor de odores. A reciclagem nunca funciona instantaneamente, e odores artificiais meramente se sobrepõem, nunca substituem.

– E eu suponho que não há duas naves que cheiram igual, depois de terem sido ocupadas por um certo período por várias pessoas.

– Isso mesmo, mas você sentia o cheiro do planeta Sayshell de pois de uma hora?

– Não – admitiu Pelorat.

– E você não vai sentir o cheiro da nave daqui a pouco, também. De fato, se você morar bastante tempo na nave, vai aceitar o cheiro que o receberá na volta como o cheiro do lar. E, aliás, se você se tomar um viajor galáctico depois disto, Janov, vai ter de aprender que não é educado comentar o cheiro de qualquer nave, ou de qualquer mundo, com aqueles que vivem na nave ou no planeta. Entre nós, é claro, está tudo bem.

– Com efeito, Golan, o engraçado é que realmente considero a Far Star como minha casa. Pelo menos foi feita na Fundação. – Pelorat sorriu. – Você sabe, nunca me considerei um patriota. Gosto de pensar que reconheço só a humanidade como minha nação, mas devo reconhecer que estar longe da Fundação enche meu coração de amor por ela.

Trevize estava preparando a sua cama: – Você não está muito longe da Fundação, sabe? A União de Sayshell é quase totalmente cercada por território da Federação. Temos aqui um embaixador e uma enorme presença, de cônsules para baixo. Os sayshelianos gostam de se opor a nós em palavras, mas usualmente são muito cuidadosos sobre fazer qualquer coisa que possa nos desagradar. Janov, vamos dormir, agora. Não chegamos a lugar algum, hoje, e precisamos nos sair melhor, amanhã.

Ainda, não havia dificuldade em ouvir através da parede entre os dois

quartos, e quando a nave estava escura, Pelorat, tossindo sem parar, finalmente disse, em voz não muito alta: – Golan?

– Sim?

– Não está dormindo?

– Não, enquanto você fala.

– Chegamos a algum lugar, hoje. Seu amigo, Compor...

– Ex-amigo – resmungou Trevize.

– Seja qual for a condição dele, falou sobre a Terra e nos disse algo que não tinha encontrado em minhas pesquisas antes. Radiatividade!

Trevize ergueu-se e apoiou-se num cotovelo: – Olhe, Janov, se a Terra está realmente morta, isso não quer dizer que tenhamos de voltar para casa. Eu ainda quero encontrar Gaia.

Pelorat fez um ruído com a boca, como se estivesse soprando penas. – Meu caro amigo, eu também. Tampouco penso que a Terra está morta. Compor pode ter contado o que ele acha ser a verdade, mas quase não há setor na Galáxia que não tenha uma lenda ou outra que coloque a origem da humanidade em algum planeta local. E eles quase invariavelmente chamam-no Terra ou algum nome que seja de perto equivalente. – Fez uma pequena pausa e continuou: – E o que chamamos “Globocentrismo”, em antropologia. As pessoas tendem a admitir tacitamente que são melhores que seus vizinhos; que sua cultura é mais antiga e superior à de outros mundos; o que há de bom em outros mundos foi tomado emprestado deles, ao passo que tudo o que é distorcido ou pervertido é estrangeiro, vindo de alhures. E a tendência é igualar a superioridade na qualidade com a superioridade na duração. Se não conseguem sustentar razoavelmente que seu planeta é a Terra, ou seu equivalente – e o princípio da espécie humana – quase sempre fazem o melhor que podem para colocar a Terra em seu próprio setor, mesmo quando não a podem localizar exatamente.

Ao que Trevize disse: – E você está tentando me dizer que Compor estava apenas seguindo um hábito comum quando disse que a Terra existiu no Setor de Sirius. Mesmo assim, o Setor de Sirius, com efeito, tem uma longa história; assim, todos os mundos dele deveriam ser bem conhecidos, e seria fácil verificar o assunto, mesmo sem ir até lá.

Pelorat deu uma risadinha: – Mesmo que você demonstrasse que provavelmente nenhum mundo do Setor de Sirius fosse a Terra, isso não ajudaria. Você subestima as profundezas em que o misticismo pode enterrar a racionalidade, Golan. Há pelo menos meia dúzia de setores na Galáxia onde

respeitáveis eruditos repetem, com toda a aparência de solenidade e sem traço de um sorriso, lendas locais de que a Terra, ou o que quer que escolham chamá-la, está localizada no hiperespaço, e não pode ser alcançada, exceto por acidente.

– E eles dizem que alguém já a atingiu, por acidente?

– Há sempre lendas e sempre há uma recusa patriótica em não acreditar, mesmo que as lendas não sejam minimamente críveis, e nunca são acreditadas por ninguém que não seja do mundo que as produziu.

– Então, Janov, não vamos nós passar a acreditar nelas. Vamos entrar em nosso próprio hiperespaço particular do sono.

– Mas, Golan, é esse negócio da radiatividade da Terra o que me intriga. Para mim, parece ter a marca do verossímil – ou uma espécie de verdade.

– O que você quer dizer com uma espécie de verdade?

– Ora, um mundo que é radiativo, seria um mundo em que a radiação dura estaria presente em concentração mais alta que o usual. A taxa de mutações seria mais alta nesse mundo, e a evolução agiria mais depressa – e mais diversamente. Eu lhe disse, se é que você se lembra, que dentre os pontos nos quais quase todas as lendas concordam é que a vida na Terra era incrivelmente variada: milhões de espécies de todos os tipos de vida. E esta diversidade da vida – este desenvolvimento verdadeiramente explosivo que poderia ter originado a inteligência na Terra, e então seu impulso a se esparramar pela Galáxia. Se a Terra fosse, por alguma razão, radiativa, isto é, mais radiativa que os outros planetas – isso poderia explicar todos os aspectos pelos quais a Terra é – ou foi – única.

Trevize fez silêncio por um instante. – Em primeiro lugar, não temos razão para crer que Compor estava dizendo a verdade. Pode muito bem ter mentido deslavadamente para nos induzir a abandonar este local e sair à-toa rumo a Sirius que foi exatamente o que ele quis fazer. E mesmo se ele estivesse dizendo a verdade, o que ele disse é que lá havia tanta radiatividade que a vida tornou-se impossível.

Pelorat fez o gesto de soprar, de novo. – Não havia muita radiatividade para deixar a vida se desenvolver na Terra, e é mais fácil para a vida se manter – uma vez estabelecida – que se desenvolver em primeiro lugar. Admitindo, pois, que a vida estabeleceu-se e manteve-se na Terra, o nível de radiatividade não poderia ser incompatível com a vida, para começar, e só poderia decair com o tempo. Não há nada que possa elevar o nível da radiatividade.

– Explosões nucleares? – sugeriu Trevize.

– E o que isso teria a ver com tudo o mais?

– Quero dizer, suponha que explosões nucleares tenham ocorrido na Terra?

– Na superfície da Terra? Impossível. Não há registro na história da Galáxia de qualquer sociedade tão louca a ponto de usar explosões nucleares como arma de guerra. Nunca teríamos sobrevivido. Durante as insurreições triguelianas, quando ambos os lados foram reduzidos à fome e desespero, e quando Jendipurus Khoratt sugeriu o início de uma reação de fusão em...

– Ele foi enforcado pelos marujos de sua própria frota. Eu conheço a história Galáctica. Eu estava pensando num acidente.

– Não há registro de acidentes dessa natureza que seja capaz de elevar significativamente a intensidade da radiatividade de um planeta, em geral – e suspirou. – Suponho que acabemos sendo obrigados a ir ao Setor de Sirius e fazer alguma prospecção por lá.

– Algum dia, talvez, iremos. Mas por hora...

– Sim, sim; vou parar de falar.

Calou-se, e Trevize ficou deitado, no escuro, pensando, por quase uma hora, se já tinha atraído demasiado a atenção, e se não seria aconselhável ir ao Setor de Sirius e então voltar para Gaia, quando a atenção – a atenção de todos – estivesse em algum outro lugar.

Não tinha chegado a uma conclusão clara, no momento em que caiu no sono. Seus sonhos foram perturbados.

51.

Não voltaram para a cidade senão na metade da manhã seguinte. O centro de turistas estava bem cheio agora, mas conseguiram obter as instruções necessárias para chegar a uma biblioteca, onde, por sua vez, receberam instruções sobre o uso dos modelos locais dos computadores processadores de informação.

Passaram cuidadosamente pelos museus e universidades, começando com os mais próximos, e verificaram qualquer informação disponível sobre antropólogos, arqueólogos e historiadores da antiguidade.

E Pelorat disse: – Ahá!

E Trevize respondeu, com alguma aspereza: – Ahá? Ahá o quê?

– Este nome, Quintesetz. Parece familiar.

– Você o conhece?

– Não, é claro que não, mas já li alguns de seus trabalhos. Na nave, onde posso recorrer à minha coleção bibliográfica...

– Não vamos voltar agora, Janov. Se o nome é familiar, já é um ponto de partida. Se ele não puder nos ajudar, sem dúvida alguma poderá nos aconselhar para onde ir. Levantou-se. – Vamos achar um meio de ir para a Universidade de Sayshell. E como não haverá ninguém lá na hora do almoço, vamos comer, primeiro.

Só no fim da tarde foi que conseguiram chegar até a universidade, encontraram o caminho por seu labirinto, e encontraram-se numa ante-sala, esperando por uma moça que saíra à busca de informação e que poderia – ou não – levá-los a Quintesetz.

– Fico imaginando – disse Pelorat, incomodado – quanto mais deveremos esperar. Deve estar chegando o fim do dia escolar.

E como se isto fosse um sinal, a moça que viram havia uma meia hora aproximou-se rapidamente deles, sapatos rebrilhando de vermelho e violeta, e golpeando o chão com uma nota musical aguda, ao caminhar. O tom variava com a velocidade e a força dos passos.

Pelorat fez uma careta. Ele supunha que cada mundo tivesse suas próprias maneiras de assaltar os sentidos, assim como cada um tinha o seu cheiro, Agora cismava se, não mais notando o cheiro, conseguiria não notar a cacofonia das moças na moda, quando andavam.

Ela veio até Pelorat e parou: – Posso saber o seu nome completo, professor?

– Janov Pelorat, senhorita,

– Planeta natal?

Trevize começou a erguer uma mão, como que para ordenar silêncio, mas Pelorat, não vendo, ou não percebendo, disse:– Terminus.

A moça sorriu amplamente, e pareceu gostar: – Quando eu disse ao professor Quintesetz que um professor Pelorat estava perguntando por ele, ele disse que o veria se fosse Janov Pelorat, de Terminus, mas não outro,

Pelorat piscou rápido: – Você... você... quer dizer que ele ouviu falar de

mim?

– Certamente, é o que parece.

Pelorat conseguiu dar um sorriso sem jeito, ao voltar-se para Trevize: – Ele ouviu falar de mim! Honestamente, eu nunca pensei... Quero dizer, escrevi pouquíssimos trabalhos, e não pensei que alguém... – Sacudiu a cabeça. – Eles não eram realmente importantes.

– Ora, vejam – disse Trevize, sorrindo –, pare de se abraçar num êxtase de auto-estima e vamos lá. – Voltou-se para a moça: – Presumo, senhorita, que há alguma espécie de transporte para nos levar?

– Podemos ir a pé. Não precisaremos deixar o complexo deste edifício, e terei prazer em levá-los até lá. Vocês dois são de Terminus? – E lá foi ela.

Os dois seguiram-na, e Trevize disse, com um traço de aborrecimento: – É, somos. Isso faz diferença?

– Não, não, é claro que não. Há pessoas em Sayshell que não gostam de fundacionistas, mas aqui na universidade somos mais cosmopolitas. Viva e deixe viver; é o que sempre digo. Quero dizer, fundacionistas são gente, também. Sabe o que quero dizer?

– Sim, eu sei o que você quer dizer. Muitos de nós dizem que também os sayshelianos são gente.

– E é assim que deveria ser. Nunca vi Terminus. Deve ser uma cidade bem grande.

– De fato, não é – disse Trevize, casualmente. – Suspeito ser menor que a cidade de Sayshell.

– Você está brincando! – ela respondeu. – É a capital da Federação da Fundação, não é? Quero dizer, não há outra Terminus, há?

– Não, há só uma Terminus, tanto quanto eu saiba, e é de onde viemos: a capital da Federação da Fundação.

– Ora, então, deve ser uma cidade enorme! E vocês percorreram todo esse caminho para ver o professor. Temos muito orgulho dele, sabe? É considerado a maior autoridade de toda a Galáxia.

– Realmente? Em quê?

Seus olhos se arregalaram, de novo. – Você deve estar me provocando! Ele deve saber mais sobre história antiga que... que eu sei sobre minha própria família. – E ela continuou andando à frente, sobre seus sapatos musicais.

Não se pode ser chamado de gozador e provocador sem desenvolver uma tendência nesse sentido. Trevize sorriu e disse: – O professor sabe tudo sobre a Terra, eu suponho?

– Terra? – Ela parou à porta de um escritório e olhou para ele, sem expressão.

– Você sabe; o mundo onde a humanidade começou.

– Ah, você quer dizer o.planeta-que-foi-primeiro. Creio que sim. Creio que ele deve saber tudo a respeito. Afinal, está localizado no Setor de Sayshell. Todos sabem disso! Este é o escritório dele. Deixem-me anunciá-los.

– Não agora – disse Trevize. – Espere um minuto. Fale-me sobre a Terra.

– Na verdade, não ouvi ninguém chamá-lo Terra. Suponho que seja uma palavra da Fundação. Nós o chamamos de Gaia, aqui.

Trevize lançou um olhar rápido para Pelorat: – Mesmo? E onde está localizado?

– Em lugar nenhum. Está no hiperespaço, e não há jeito de ir lá. Quando eu era menininha, minha avó disse que Gaia esteve uma vez no espaço real, mas ficou tão aborrecida com...

– Com os crimes e a estupidez dos humanos – murmurou Pelorat –, que, de vergonha, deixou o espaço e recusou-se a ter qualquer coisa a ver com os seres humanos que enviara pela Galáxia afora.

– Ah, você conhece a história, então! Está vendo? Uma amiga minha diz que é superstição. Mas eu é que sei. Se é boa o bastante para os professores da Fundação...

Um letreiro brilhante no vidro opaco da porta dizia: SOTAYN QUINTESETZ ABT, na caligrafia saysheliana, de difícil leitura, e embaixo, escrito da mesma maneira: DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA ANTIGA.

A mulher colocou o dedo num círculo de metal polido. Não houve nenhum ruído, mas o vidro cinzento ficou leitoso por um momento e uma voz suave disse, distraidamente: “Identifique-se, por favor”.

– Janov Pelorat, de Terminus – disse Pelorat – com Golan Trevize, do mesmo planeta. – A porta se abriu imediatamente.

52.

O homem estava de pé, andou à volta de sua escrivaninha e adiantou-se ao encontro deles; era alto e de meia-idade. Sua pele era de um castanho-claro, e seu cabelo, crespo, era grisalho. Estendeu a mão para cumprimentar, e sua voz era macia e baixa: – Sou S.Q. e é uma alegria conhecê-los, professores.

Trevize disse: – Não tenho um título acadêmico. Meramente acompanho o professor Pelorat. Pode chamar-me simplesmente Trevize. É um prazer conhecê-lo, professor Abt.

Quintesetz levantou uma mão, claramente embaraçado. – Não, não; Abt é simplesmente um título bobo que não tem significado algum fora de Sayshell. Ignore-o, por favor, e chame-me S.Q. Tende mos a usar as iniciais no relacionamento social comum, em Sayshell. Estou mais contente por conhecê-los a ambos, já que estava esperando um só.

Pareceu hesitar um momento, então estendeu a mão direita, de pois de limpá-la nas calças.

Trevize tomou-a, imaginando qual seria a maneira adequada de cumprimentar em Sayshell.

Quintesetz disse, então: – Por favor, sentem-se. Receio que só encontrarão poltronas inanimadas, mas eu não quero que minhas poltronas me abracem. É a última moda, poltronas que abraçam, hoje, mas prefiro um abraço que signifique algo, não é melhor?

Trevize sorriu, e disse: – E quem não gosta? Seu nome, S.Q., parece ser dos Mundos da Fronteira, e não de Sayshell. Desculpe-me, se a observação for impertinente.

– Não me importo; minha família descende, em parte, de Askona. Há cinco gerações atrás, meus trisavós deixaram Askona quando o domínio da Fundação ficou mais pesado.

Pelorat respondeu: – E nós somos fundacionistas. Nossas desculpas.

Quintesetz abanou a mão, bem-humorado. – Eu não vou guardar ressentimento por um intervalo de cinco gerações. Não que tais coisas não tenham acontecido, o que é mais lamentável. Querem comer alguma coisa? Beber? Querem música de fundo?

– Se não se importa – falou Pelorat –, eu gostada de ir direto aos negócios, se a etiqueta saysheliana o permitir.

– A etiqueta saysheliana não é uma barreira para isso, garantolhe. O senhor não faz idéia de como isto é notável, dr. Pelorat. Só há duas semanas que

li seu artigo sobre os mitos das origens na Revista Arqueológica, que me surpreendeu como uma síntese notável, para dizer pouco.

Pelorat enrubesceu de prazer. – Estou deliciado em saber que o senhor o leu. Tive de condensá-lo, é claro, pois a revista não queria editar um estudo completo. Tenho planejado escrever um tratado sobre o assunto.

– Oxalá o escreva. De qualquer modo, assim que li o artigo, tive o desejo de conhecê-lo. Tive mesmo a idéia de visitar Terminus para ir ao seu encontro, muito embora isso seja difícil de arranjar...

– E por quê? – quis saber Trevize.

Quintesetz mostrou-se embaraçado: – Lamento ter de dizer que Sayshell não está ansioso para juntar-se à Federação da Fundação, e desencoraja qualquer comunicação social com a Fundação. Temos uma tradição de neutralismo, percebe? Mesmo o Mula não nos perturbou, exceto para nos extorquir uma declaração de neutralidade. Por essa razão, qualquer requerimento para licença para visitar território da Fundação geralmente, e em particular quanto a Terminus, é visto com suspeita, mesmo que um estudioso como eu, em assunto acadêmico, provavelmente acabasse obtendo um passaporte. Mas, nada disso foi necessário: o senhor acabou vindo a mim. Mal posso acreditar. Fico me perguntando: por quê? O Senhor já ouviu falar de mim, assim como eu ouvi falar do senhor?

– Conheço o seu trabalho, S.Q., e em meu arquivo tenho resumos de seus artigos. Foi por isso que vim até o senhor. Estou explorando a questão da Terra, que é o suposto planeta de origem da espécie humana, bem como o período primitivo da exploração e povoamento da Galáxia. Em especial, vim aqui para saber sobre a fundação de Sayshell.

– Pelo seu artigo, presumo que o senhor esteja interessado em mitos e lendas.

– E mesmo em história, fatos objetivos – se é que existem. Se não, mitos e lendas.

Quintesetz levantou-se e passou a andar depressa, para lá e para cá em todo o seu escritório, parou pan olhar para Pelorat, e continuou andando.

Trevize falou, com impaciência: - Bem, senhor...

– Esquisito! Realmente esquisito! Foi apenas ontem que...

Pelorat perguntou: – O que foi ontem mesmo?

– Eu lhe disse, dr. Pelorat; posso chamá-lo J.P.? Acho pouco natural usar

o nome inteiro.

– Sim, por favor.

– Eu lhe disse, J.P., que admirei seu artigo e que queria vê-lo. A razão pela qual queria vê-lo é que você tinha claramente uma extensa coleção de lendas concernentes ao começo dos mundos, e ainda não tinha a nossa. Em outras palavras, eu queria vê-lo para dizer-lhe precisa aquilo pelo que você veio me perguntar.

– E o que isto tem a ver com ontem, S.Q.? – perguntou Trevize.

– Temos lendas. Uma lenda. Uma lenda importante para nossa sociedade, pois tornou-se nosso mistério central.

– Mistério? – inquiriu Trevize.

– Não quero dizer um enigma, ou algo assim. Esse, acredito, seria o significado usual da palavra no Galáctico Padrão. Há um significado especializado, aqui. Significa “algo secreto”; algo de que apenas alguns adeptos conhecem o significado total, algo de que não se deve falar para estranhos. E ontem foi o dia.

– O dia de que, S. Q.? – perguntou Trevize, exagerando levemente o seu ar de impaciência.

– Ontem foi o Dia da Fuga.

– Ah! – foi dizendo Trevize – um dia de meditação e silêncio, quando se supõe que todos fiquem em casa.

– Algo assim, em teoria, exceto que nas cidades maiores, as regiões mais sofisticadas há pouca observância dos costumes antigos. Mas vejo que já conhecem o assunto.

Pelorat, que ficou agastado com o tom apressado de Trevize, corrigiu logo: – Ouvimos falar ontem, quando chegamos.

– Justo neste dia! -_ disse Trevize, sarcasticamente – Escute aqui, S.Q, como disse, não sou acadêmico, mas tenho uma pergunta. Você disse estar falando de um mistério central, querendo dizer que não se deveria falar dele para estranhos. Por que, então, está falando disto conosco? Nós somos estranhos.

– De fato, são. Mas não sou um observador do dia e a profundidade da minha superstição neste assunto tampouco é grande. O artigo de J.P., porém, reforçou um sentimento que tenho já há muito. Um mito ou lenda simplesmente não é feito do vácuo. Nada acontece assim. De algum modo tem algum núcleo de verdade, por mais distorcido que possa ser, e eu gostaria de saber da verdade

atrás de nossa tenda do Dia da Fuga.

– É seguro conversar a respeito? – quis saber Trevize.

Quintesetz deu de ombros. – Não inteiramente, eu creio. Os elementos conservadores de nossa população ficariam horrorizados. Entretanto, eles não controlam o governo, e não o têm feito por um século, já. Os secularistas são fortes e seriam ainda mais fortes, se os conservadores não tirassem vantagem de nossas tendências – per doem-me – anti-Fundação. E como também estou discutindo o assunto por meu interesse acadêmico em história antiga, a Liga dos Acadêmicos me apoiaria fortemente, se fosse necessário.

– Neste caso – interveio Pelorat – você nos contaria sobre o seu mistério central, S.Q.?

– Sim, mas deixe certificar-me de que não seremos interrompidos, ou que ninguém nos ouça. Se se quer encarar o touro, não precisa esmurrar o focinho dele, como diz o provérbio.

Fez piscar um sinal na face de um instrumento em sua escrivaninha e disse: – Estamos incomunicáveis, agora.

– Tem certeza que não há abelhudos por aqui?

– Abelhudos?

– Espiões! Olhos e ouvidos nas paredes! Sujeitos a algum dispositivo que nos tenha sob observação visual, ou auditiva, ou ambas.

Quintesetz pareceu chocado: – Não aqui em Sayshell.

Trevize, desconfiado: – Se você diz assim...

– Por favor, continue, S.Q. – insistiu Pelorat.

Quintesetz estufou os lábios, reclinou-se em sua cadeira (que cedeu levemente, sob a pressão) e juntou as pontas dos dedos umas contra as outras. Parecia estar especulando sobre como começar.

– Sabem o que é um robô?

– Um robô? – repetiu Pelorat. – Não.

Quintesetz olhou na direção de Trevize, que abanou lentamente a cabeça.

– Mas sabem o que é um computador?

– É claro – replicou Trevize, impaciente.

– Bem, uma ferramenta móvel computerizada...

– É uma ferramenta móvel computerizada! – Trevize estava perdendo a

calma. – Há infinitas variedades e eu não sei de nenhum termo geral para elas, exceto ferramenta móvel computerizada

– ... e que se parece exatamente com um ser humano, é um robô – S.Q. completou sua definição, equanimemente. – A característica de um robô é que ele é humaniforme.

– Por que humaniforme? – perguntou Pelorat, honestamente perplexo.

– Não tenho certeza. É uma forma notavelmente ineficiente para uma ferramenta, garanto-lhes, mas estou apenas repetindo a lenda. “Robô” é uma antiga palavra de nenhuma língua reconhecível, apesar de que os expertos digam que tem a conotação de “trabalho”.

– Não posso pensar em nenhuma palavra – disse Trevize ceticamente – que soe sequer vagamente como “robô” e que tenha qualquer conexão com “trabalho”.

– Nada em Galáctico, certamente – disse Quintesetz –, mas é o que dizem.

Pelorat alegou: – Pode ter sido etimologia reversa. Esses objetos eram usados para trabalhar, e assim a palavra ficou significando “trabalho”. De qualquer modo, por que está nos contando isso?

– Porque é uma tradição firmemente estabelecida aqui em Sayshell que quando a Terra era um mundo isolado, e a Galáxia estava toda desabitada perante ela, é que os robôs foram idealizados, inventados. Havia então duas espécies de humanos: naturais e inventa dos, carne e metal, biológico e mecânico, complexo e simples...

Quintesetz interrompeu-se e disse, com uma ruidosa gargalhada: – Desculpe, mas é impossível falar sobre robôs sem mencionar o Livro da Fuga. O povo da Terra idealizou robôs... e não preciso dizer mais nada: isso é claro o bastante.

– E por que idealizaram robôs? – quis saber Trevize.

Quintesetz ignorava: – Quem pode saber, a esta distância no tempo? Talvez fossem pouco numerosos e precisaram de ajuda, particularmente na grande tarefa de explorar e povoar a Galáxia.

Trevize alegou: – Sugestão razoável. A Galáxia colonizada, os robôs não mais seriam necessários. Por certo que não há ferramentas móveis computerizadas humanóides, hoje em dia, na Galáxia.

– Em qualquer caso – continuou Quintesetz – a história continua assim,

se é que posso simplificar enormemente e deixar de lado muito floreio poético que, francamente não aceito, muito embora o povo em geral goste, ou finja que gosta. Em torno da Terra, vicejaram colônias nas estrelas adjacentes, e estes planetas-colônia eram muito mais ricos em robôs que a própria Terra. Havia mais utilidade para robôs nos mundos novos e desocupados. A Terra mesmo voltou atrás; não queria mais robôs, e se rebelaram contra eles.

– E o que aconteceu? – perguntou Pelorat.

– Os Mundos Exteriores eram mais fortes. Com a ajuda de seus robôs, os filhos derrotaram e controlaram a Terra, a Mãe. Perdoem- me, mas não consigo deixar de ficar repetindo citações do Livro. Mas houve aqueles da Terra que fugiram de seu mundo – com naves melhores e modalidades mais potentes de vôo hiperespacial. Voaram para estrelas e planetas distantes, muito além dos planetas próximos anteriormente colonizados. Novas colônias foram fundadas – sem robôs – onde os humanos podiam viver livremente. Foram os Tempos da Fuga, como foram chamados, e o dia em que os primeiros terráqueos atingiram o Setor de Sayshell, este exato planeta, de fato, é o Dia da Fuga, celebrado anualmente por milhares de anos.

Pelorat concluiu: – Meu caro amigo, o que você está então dizendo é que Sayshell foi fundado diretamente a partir da Terra.

Quintesetz hesitou um momento. – É, essa é a crença oficial.

– Obviamente – continuou Trevize – você não aceita isso.

– Parece-me... – Quintesetz começou, e então desabafou: – Mas pelas Grandes Estrelas e pelos Pequenos Planetas, é claro que não! É totalmente improvável, mas é o dogma oficial, e por mais secularizado que o governo se torne, conservar as aparências é sempre essencial. Mas, voltemos ao assunto. Em seu artigo, J.P., não há indicação de que você saiba desta história, de robôs e duas ondas de colonização, uma pequena, com robôs, e uma grande, sem.

– Por certo que não a conhecia – admitiu Pelorat. – Estou ouvindo-a pela primeira vez e, meu caro S.Q., sou-lhe eternamente grato por ter-me dado a conhecê-la. Estou perplexo por nem sombra disto ter aparecido em qualquer dos escritos...

– Mostra – afirmou Quintesetz – quão eficiente é o nosso sistema social. É nosso segredo sayshelliano; o nosso grande mistério.

– Quiçá – encerrou Trevize, secamente. – No entanto, a segunda onda de colonização – a onda sem os robôs – deve ter-se deslocado em todas as direções. Por que só em Sayshell este grande segredo existe?

Ao que retrucou Quintesetz: – Pode existir alhures, e ser igualmente segredo. Nossos próprios conservadores acreditam que apenas Sayshell foi colonizado a partir da Terra, e que todo o resto da Galáxia, a partir de Sayshell. Isso, claro, é provavelmente bobagem.

Pelorat falou: – Esses enigmas subsidiários podem ser esclareci dos com o tempo. Agora que tenho o ponto de partida, posso procurar informação similar em outros planetas. O que conta é que descobri qual a pergunta a fazer, e uma boa questão é, claro, a chave pela qual infinitas respostas podem ser deduzidas. Foi um evento feliz que eu...

Trevize interrompeu: – Sim, Janov, mas o bom S.Q. aqui ainda não nos contou toda a história, com certeza, O que aconteceu com as colônias mais antigas e seus robôs? As suas tradições dizem isso?

– Não em minúcia, mas na essência. Os humanos e os humanóides não podem viver juntos, aparentemente. Os mundos com robôs morreram. Não eram viáveis,

– E a Terra?

– Os humanos a abandonaram e estabeleceram.se aqui e presumivelmente, muito embora os conservadores possam discordar, em outros planetas, também,

– Certamente nem todos os humanos abandonaram a Terra. O planeta não ficou deserto.

– Presumivelmente não. Eu não sei.

Trevize disse, de repente: – Foi deixado radiativo?

Quintesetz assustou-se: – Radiativo?

– É o que estou perguntando.

– Não que eu saiba. Nunca ouvi falar de tal coisa.

Trevize colocou um nó de seu dedo contra os dentes e ficou pensando, Por fim, disse: – S.Q., está ficando tarde, e ultrapassamos o suficiente do seu tempo, talvez. – Pelorat fez um movimento como se fosse protestar, mas a mão de Trevize estava apertando seu joelho, de modo que Pelorat, a contragosto, submeteu-se.

Quintesetz falou: – Gostei muito de poder ter sido útil.

– Você foi, e se houver qualquer coisa que pudermos fazer em troca, é só falar.

Quintesetz riu baixinho: – Se o bom J.P. fizer a gentileza de não mencionar o meu nome em conexão com qualquer coisa que ele escreva sobre o nosso mistério, será um pagamento suficiente.

Pelorat disse, ansioso: – Você poderia receber o crédito que merece – e talvez ser mais apreciado – se pudesse visitar Terminus e mesmo ficar lá como visitante em nossa universidade, por um período mais extenso. Poderíamos arranjar isso. Sayshell pode não gostar da Federação, mas não saberá recusar um pedido direto de permissão para que você vá a Terminus para presenciar, digamos, um colóquio sobre algum aspecto da história antiga.

O sayshelliano quase ficou de pé. – Está querendo dizer que pode puxar os cordões de modo a arranjar isso?

– Ora, eu não tinha pensado antes, mas J.P. está perfeitamente certo – disse Trevize – Isso seria exeqüível, se tentássemos E, é claro, quanto mais gratos você nos tornar, mais entusiasticamente tentaremos.

Quintesetz parou, e interrogou: – O que quer dizer, senhor?

– Tudo o que tem a fazer é nos contar sobre Gaia, S.Q. – contra- pôs Trevize. – Toda a luz no rosto de Quintesetz apagou-se.

53.

Quintesetz baixou os olhos para sua mesa. Passou a mão distraidamente sobre o cabelo curto e crespo. Então olhou para Trevize e apertou os lábios. Foi como se estivesse determinado a não falar.

Trevize ergueu os sobrolhos e esperou, e ao fim, Quintesetz falou, com a voz estranhamente embargada: – Está ficando mesmo tarde, já está escurecendo.

Até então ele tinha falado em bom Galáctico, mas agora suas palavras assumiram uma forma estranha, como se o linguajar sayshelliano estivesse prorrompendo através de sua polidez.

– Escurecendo, S.Q.?

– Já é quase noite.

Trevize concordou. – Acabei me esquecendo da hora. E estou com fome, também. Quer juntar-se a nós para a refeição da noite, S.Q., às nossas expensas? Poderíamos então continuar, quem sabe, nossa discussão a respeito de Gaia.

Quintesetz levantou-se pesadamente. Era mais alto que os dois homens de Terminus, mas era mais velho e mais gorducho, e sua altura não lhe emprestava a aparência de força. Parecia muito mais cansado do que quando os

dois chegaram.

Piscou, e disse: – Esqueci de minha hospitalidade. Vocês são extraplanetários e não seria apropriado que me entretivessem. Venham para minha casa. É no campus, e não é longe, e se quiserem conversar, posso fazê-lo mais à vontade lá do que cá. Só o que lastimo – ficou meio encabulado – é que só posso oferecer-lhes uma refeição limitada. Minha esposa e eu somos vegetarianos; se vocês são carnívoros, só posso expressar minhas desculpas mais sinceras.

– J.P. e eu ficaremos muito contentes em nos esquecer de nossas naturezas carnívoras por uma refeição – disse Trevize. – Sua conversa vai compensar muito mais que isso, espero.

– Posse prometer-lhes uma refeição interessante, qualquer que seja a conversação – continuou Quintesetz –, se seu paladar se adequar às especiarias sayshelianas. Minha mulher eu fizemos um estudo raro de tais coisas.

– Estou ansioso por qualquer exoticidade que você queira nos apresentar, S.Q. – disse Trevize friamente, se bem que Pelorat ficara um pouco nervoso com esta perspectiva.

Quintesetz foi à frente, mostrando o caminho. Os três deixaram a sala e foram por um corredor aparentemente infinito, com o saysheliano cumprimentando estudantes e colegas vez ou outra, mas sem fazer qualquer tentativa de apresentar seus companheiros. Trevize estava incomodamente cônscio de que os outros fitavam com curiosidade seu cinto, que por acaso era um dos de cor cinza. Um tom suave não era o que havia de *rigueur* na moda do campus, aparentemente.

Por fim passaram pela porta, para o ar livre. Estava, de fato, escuro, e um pouco frio, com árvores avultando-se à distância e um gramado em um tom escuro, de cada lado da calçada.

Pelorat parou, dando as costas para o reluzir do prédio de onde acabavam de sair, e das luzes ao longo das calçadas do campus. Olhou direto para cima.

–Lindo! – disse ele. – Há um verso famoso de um de nossos melhores poetas que fala do “cintilar do amplo céu de Sayshell”.

Trevize ficou olhando, de acordo, e disse em voz baixa: – Somos de Terminus, S.Q., e meu amigo, pelo menos, nunca viu outros céus. Em Terminus, vemos apenas a nebulosa opaca da Galáxia, e umas poucas estrelas são visíveis a olho nu. Você mesmo apreciaria o seu céu ainda mais, se tivesse vivido algum tempo sob o nosso.

Quintesetz disse, gravemente: – Nós o apreciamos em sua totalidade, garanto-lhes. Não por estarmos numa área não-congestionada da Galáxia, mas porque a distribuição das estrelas é notavelmente regular. Não creio que encontrarão, em qualquer região da Galáxia, estrelas de primeira grandeza tão geralmente distribuídas. Mas não demais, porém. Já vi céus de planetas que estão na periferia de cúmulos globulares, onde se vêem muitas estrelas brilhantes. Estraga a escuridão do céu noturno, e reduz consideravelmente a sua magnificência.

– Concordo – assentiu Trevize.

– Conseguem perceber aquele pentágono quase regular de estrelas quase do mesmo brilho? – perguntou Quintesetz. – As Cinco Irmãs, nós as chamamos. Está naquela direção, pouco acima do topo das árvores. Estão vendo?

– Sim, vejo – disse Trevize. – Muito bonitas.

– Sim – concordou Quintesetz. – Simbolizam o sucesso no amor e não há carta de amor que não termine num pentágono de pontos, para indicar o desejo de fazer amor. Cada uma das cinco estrelas é um diferente estágio do processo, e há poemas famosos que competiram uns com os outros em tornar cada estágio tão explicitamente erótico quanto possível. Em meus dias de juventude, tentei versificar sobre o assunto e jamais pensaria que viria o tempo em que me tornaria tão indiferente às Cinco Irmãs, se bem que acho que seja nosso destino comum. Estão vendo aquela estrela fraca perto do centro das Cinco Irmãs?

– Sim.

– Aquela, supõe-se que representa o amor não-correspondido. Há uma lenda de que aquela estrela foi uma vez tão brilhante quanto as outras, mas apagou-se, de dor... – e continuou andando, mais depressa.

54.

O jantar, Trevize foi forçado a admitir, fora delicioso. Houve uma variedade sem fim, e o tempero e o preparo era sutil, mas eficaz.

Trevize disse: – Todos esses vegetais, que foram um prazer para devorar, aliás, são todos parte da dieta galáctica, não são, S.Q.?

– Sim, é claro.

– Presumo, porém, que há formas de vida indígenas, também.

– Ë claro, o planeta Sayshell era um mundo com oxigênio quando os

primeiros colonizadores chegaram, de modo que apresentava formas de vida. E preservamos parte da vida nativa, pode estar certo. Temos parques naturais bastante extensos, onde a fauna e a flora do Antigo Sayshell ainda sobrevivem.

Pelorat disse, entristecido: – Nesse ponto, vocês estão mais adiantados que nós. Havia pouca vida terrestre em Terminus quando os humanos chegaram, e receio que por um longo tempo não foi feito nenhum esforço organizado para preservar a vida marinha, que produziu o oxigênio que tornou Terminus habitável. Terminus tem um ecossistema agora que é de natureza puramente Galáctica.

– Sayshell – replicou Quintesetz, com um sorriso de modesto orgulho – tem um longo e constante histórico de valorização da vida.

E Trevize escolheu aquele momento para dizer: – Quando deixamos o seu escritório, S.Q., creio que foi sua intenção nos oferecer o jantar e então falar sobre Gaia.

A esposa de Quintesetz, uma mulher muito simpática, gorducha e bem morena, que pouco falara durante a refeição, ergueu o olhar, assustada, levantou-se, e deixou a sala sem fazer ruído.

– Minha esposa – disse Quintesetz, incomodado – é bem conservadora, receio, e fica meio sem jeito com a menção da... palavra. Por favor, desculpem-na. Mas, por que pergunta sobre isso?

– Porque é importante para o trabalho de J.P., eu creio.

– Mas por que vieram perguntar para mim? Estávamos discutindo sobre a Terra, robôs, a fundação de Sayshell. O que tudo isto tem a ver... com o que você perguntou?

– Talvez nada, e há tantas coisas estranhas sobre a questão. Por que sua esposa ficou tão perturbada com a menção de Gaia? Por que *você* ficou perturbado? Alguns falam dela até com bastante naturalidade. Só hoje nos disseram que Gaia é a própria Terra, e desapareceu no hiperespaço por causa dos males provocados pela espécie humana.

Um olhar de dor cruzou o rosto de Quintesetz. – Quem lhe contou tanta besteira?

– Alguém que conheci lá na universidade.

– Isso é só superstição.

– Então, não é parte- do dogma central de suas lendas concernentes à Fuga?

– Não, é claro que não. É apenas uma fábula que apareceu entre o povo não-educado.

– Está certo? – perguntou friamente Trevize.

Quintesetz reclinou-se em sua cadeira e ficou contemplando os restos da refeição á sua frente. – Venham para a sala de estar. Minha esposa não deixará limpar esta sala enquanto estivermos aqui, discutindo... isto.

– Mas, tem certeza de que é uma fábula? – repetiu Trevize, quando sentaram-se em outra sala, à frente de uma janela côncava para cima e para dentro para dar uma vista clara do maravilhoso céu noturno de Sayshell. As luzes da sala foram atenuadas, para evitar a competição, e o rosto moreno de Quintesetz fundiu-se na penumbra.

Ao que Quintesetz replicou: – E você, está certo? Pensa que qualquer mundo pode dissolver-se no hiperespaço? Deve entender que o cidadão mediano tem apenas a noção mais vaga do que seja o hiperespaço.

– A verdade – tornou Trevize – é que eu mesmo só tenho a mais vaga noção do que o hiperespaço seja, e já estive nele centenas de vezes.

– Deixe-me falar de realidades, pois. Asseguro-lhes que a Terra, onde quer que esteja, não está localizada nos limites da União de Sayshell, e que o mundo que vocês mencionaram não é a Terra.

– Mas, S.Q., mesmo que você não saiba onde está a Terra, deveria saber onde está o mundo que eu mencionei. Deve estar dentro das fronteiras da União de Sayshell. Até aí sabemos, não é, Pelorat?

Pelorat, que estivera escutando estolidamente, sobressaltou-se ao ser interpelado: – Se é esse o problema, Golan, eu sei onde é.

Trevize virou-se para ele: – Desde quando, Janov?

– Desde a noitinha, meu caro Golan. Você nos mostrou as Cinco Irmãs, S.Q., a caminho de seu escritório para cá. Você apontou uma estrelinha no centro do pentágono. Tenho certeza de que é Gaia.

Quintesetz hesitou – seu rosto, escondido na penumbra, estava além de qualquer traço de interpretação. Por fim, disse: – Bem, é o que os nossos astrônomos dizem, à boca pequena. É um planeta em torno daquela estrela.

Trevize ficou contemplando Pelorat, mas a expressão no rosto do professor era indecifrável. Trevize voltou-se para Quintesetz: – Então fale-nos daquela estrela. Tem suas coordenadas?

– Eu? Não. – Foi quase violento em sua recusa. – Não tenho coordenadas

estelares aqui. Vocês podem obtê-las em nosso departamento de astronomia, se bem que, imagino, não sem algum trabalho. Não admira que viagens àquela estrela não são permitidas.

– Por que não? Está dentro de seu território, não é?

– Espaciograficarnente, sim. Politicamente, não.

Trevize esperou que algo mais fosse dito. Quando nada aconteceu, levantou-se: – Professor Quintesetz – ele disse, formalmente – eu não sou um policial, nem soldado, nem diplomata, ou assassino. Não estou aqui para forçá-lo a dar informações. Ao invés disto, contra a minha vontade, poderei ir ao nosso embaixador. Deve ficar bem claro que não é por meu interesse pessoal essa requisição de informações. É assunto da Fundação, e não quero transformar isto em um incidente interestelar. Não creio tampouco que a União de Sayshell vá querer uma coisa dessas.

Quintesetz disse, inseguro: – O que é esse negócio da Fundação?

– Não é algo que eu possa discutir com o senhor. Se Gaia é algo que o senhor não pode discutir comigo, então vamos transferir tudo ao nível governamental, e sob estas circunstâncias, poderá ser pior para Sayshell. Sayshell manteve sua independência em relação à Federação, e não faço objeções a isso. Não tenho motivo algum para desejar o mal a Sayshell e não quero ir falar com o nosso embaixador. De fato, até prejudicada minha carreira, pois estou sob instruções estritas para obter essa informação sem transformá-la em assunto governamental. Por favor, diga-me, então, se há alguma razão consistente pela qual o senhor não possa discutir Gaia. O senhor será preso, ou punido de algum modo, se falar? O senhor quer me dizer simplesmente que eu não tenho alternativa senão partir para o nível diplomático?

– Não, não – disse Quintesetz, que soava totalmente confuso. – Nada sei sobre questões governamentais. É que simplesmente não falamos sobre aquele mundo.

– Superstição?

– Bem... sim! Superstição! Pelos céus de Sayshell, de que jeito posso ser melhor do que a pessoa idiota que lhes disse que Gaia estava no hiperespaço, ou do que minha mulher, que nem mesmo fica numa sala onde Gaia é mencionada, e que talvez tenha até deixado a casa por medo de ela ser esmagada por...

– Por um raio?

– Por algum golpe vindo de longe. E eu, mesmo eu, hesito em pronunciar o nome! Gaia! Gaia! As silabas não ferem! Estou ileso! No entanto, hesito. Mas

peço que acreditem em mim quando digo que honestamente não sei as coordenadas do sol de Gaia. Posso tentar ajudá-los a consegui-las, se quiserem, mas deixem-me adverti-los de que não discutimos isso aqui na União. Mantemos as mãos e as mentes longe disso. Posso dizer-lhes o pouco que é conhecido – realmente conhecido, mais que apenas suposto. E duvido que vocês poderão aprender mais em qualquer outro planeta da União.

– Sabemos que Gaia é um planeta antigo, e há quem pense que seja o mundo mais antigo deste setor da Galáxia, mas não temos certeza. O patriotismo nos diz que o planeta Sayshell é o mais velho; o medo nos diz que o planeta Gaia é que é. A única maneira de combinar os dois é supor que Gaia é a Terra, pois que é conhecido que Sayshell foi diretamente colonizado pelo povo da Terra.

– A maioria dos historiadores pensa – entre eles mesmos – que o planeta Gaia foi fundado independentemente. Pensam que não é colônia de qualquer planeta de nossa União, e que a União não foi colonizada por Gaia. Não há um consenso quanto a uma idade comparativa, sobre se Sayshell foi habitado antes, ou Gaia.

Disse Trevize: – Até aqui, o que você sabe é coisa alguma, pois que qualquer alternativa possível é crença deste ou daquele.

Quintesetz assentiu, com amargor: – É o que parece. Foi relativamente tarde, em nossa história, que tomamos consciência da existência de Gaia. Estávamos antes preocupados em formar a União, em combater o Império Galáctico, e então encontrar nosso papel apropriado como província imperial, e limitar o poder dos vice-reis.

– Só nos tempos em que a fraqueza do Império já estava bastante adiantada, um dos últimos vice-reis, que estava sob um controle central bem fraco, então, veio a perceber que Gaia existia, e parecia manter sua independência da província saysheliana, e mesmo do próprio Império. Simplesmente mantinha-se no isolamento e no segredo, de modo que virtualmente nada era conhecido sobre ela, não mais do que agora. O vice-rei decidiu tomá-la. Não temos pormenores do que aconteceu, mas sua expedição foi desbaratada e poucas naves retornaram. Naqueles dias, é claro, as naves também não eram de boa qualidade, nem muito bem pilotadas.

– Sayshell mesmo se rejubilou pela derrota do vice-rei, que era considerado um opressor imperialista, e a *débâcle* levou diretamente ao restabelecimento de nossa independência. A União de Sayshell rompeu seus laços com o império, e ainda celebramos o aniversário daquele evento como o Dia da União. Só por gratidão deixamos Gaia em paz por quase um século, mas

veio o tempo em que ficamos fortes o bastante para começarmos nós mesmos a pensar numa pequena expando imperialista. Por que não tomar Gaia? Por que não estabelecer pelo menos uma União Alfandegária? Enviamos uma frota, e ela foi desbaratada, também.

– Posteriormente, confinamo-nos a tentativas ocasionais de comércio – tentativas que foram invariavelmente mal sucedidas. Gaia insistia firmemente em seu isolamento e nunca – pelo que todos sabem – fez a menor tentativa de comerciar ou comunicar-se com qualquer outro mundo. Certamente nunca fez o menor movimento hostil contra qualquer um em qualquer direção. E então...

Quintesetz intensificou a luz tocando um controle no braço de sua poltrona. Sob a luz, o rosto de Quintesetz assumia uma expressão claramente sardônica. Continuou: – Como vocês são cidadãos da Fundação, talvez se lembrem do Mula.

Trevize enrubesceu. Em cinco séculos de existência, a Fundação foi conquistada apenas uma vez. A conquista fora temporária, e não interferira seriamente com sua ascensão rumo ao Segundo Império, mas seguramente todos que se ressentiam da Fundação e queriam aguilhoar seu amor próprio não deixavam de mencionar o Mula, seu único conquistador. E era provável (pensava Trevize) que Quintesetz elevara o nível da iluminação para ver o amor próprio da Fundação ser aguilhoado.

– Sim, nós da Fundação nos lembramos do Mula.

– O Mula – prosseguiu Quintesetz – governou um Império por algum tempo, um quase tão grande quanto a Federação agora controlada pela Fundação. Mas não governou a nós. Deixou-nos em paz. Passou por Sayshell numa oportunidade, porém. Assinamos uma declaração de neutralidade e um acordo de amizade. Não pediu nada mais. Fomos os únicos de quem ele nada pediu nos dias antes que a doença deteve sua expansão e forçou-o a esperar pela morte. Ele não era um homem irrazoável, vocês sabem. Não fazia uso irrazoável da força, não era sanguinário, e governava humanamente.

– Só que ele era um conquistador – disse Trevize, sarcasticamente.

– Como a Fundação – devolveu Quintesetz.

Trevize, sem resposta, disse, irritado: – O senhor tem algo mais a dizer sobre Gaia?

– Só uma afirmação feita pelo Mula. De acordo com o relato do encontro histórico entre o Mula e o Presidente Kallo, da União, o Mula é descrito como tendo assinado o documento com um floreio e disse: “Vocês são neutros mesmo

em relação a Gaia, por este documento, o que é afortunado, para vocês. Mesmo eu não me aproximaria de Gaia".

Trevize abanou a cabeça. – E por que, no caso dele? Sayshell estava ansioso para declarar neutralidade, e Gaia não tinha jamais perturbado ninguém. O Mula estava planejando a conquista de toda a Galáxia na época; para que perder tempo com insignificâncias? Havia tempo bastante para cuidar de Sayshell e depois de Gaia.

– Talvez, talvez – disse Quintesetz –, mas de acordo com uma testemunha da época, uma pessoa em quem tendemos a acreditar, o Mula pousou sua caneta, quando disse: "Mesmo eu não me aproximaria de Gaia". Sua voz então sumiu e, num sussurro que não deveria ter sido ouvido, ele acrescentou: "de novo".

– Que não deveria ter sido ouvido, você disse. Então, como foi ouvido?

– Porque sua caneta rolou da mesa quando a pousou e um saysheliano automaticamente aproximou.se e abaixou-se para apanha-la. Seu ouvido estava próximo da boca do Mula quando o termo "de novo" foi pronunciado, e ele o ouviu. Nada disse até a morte do Mula.

– Como pode provar que isso não foi uma invenção?

– A vida desse homem não foi do tipo a tornar provável que inventaria algo desse tipo. Seu relato é aceito.

– E se for?

– O Mula nunca esteve nem perto da União de Sayshell, exceto nesta ocasião, pelo menos depois de ter aparecido no cenário Galáctico. Se já tivesse ido a Gaia, teria de ser antes de aparecer na Galáxia.

– E daí?

– Bem, onde o Mula nasceu?

– Não creio que alguém saiba – afirmou Trevize.

– Na União de Sayshell, há uma forte tendência a acreditar que ele tenha nascido em Gaia.

– Por causa daquelas palavrinhas?

– Só em parte. O Mula não podia ser derrotado porque tinha estranhos poderes mentais. Gaia não poderia tampouco ser derrotada.

– Gaia ainda não foi derrotada. Isso não prova necessariamente que não possa acontecer.

– Nem o Mula se aproximaria dela. Investigue os arquivos de seu governo. Veja se qualquer outra região que não a União de Sayshell foi tão cautelosamente tratada. E sabe que ninguém que já foi a Gaia com o propósito de comércio pacífico jamais voltou? Por que supõe que sabemos tão pouco daquele planeta?

– Sua atitude parece-se muito com superstição – respondeu Trevize.

– Chame o que quiser. Desde o tempo do Mula, varremos Gaia para longe de nossos pensamentos. Não queremos que eles pensem em nós. Só nos sentimos seguros se fingimos que o planeta não está lá. Pode ser que o próprio governo secretamente tenha iniciado e encorajado a lenda de que Gaia desapareceu no hiperespaço, na esperança de que o povo esqueça que há um astro real com aquele nome.

– Pensa, pois, que Gaia é um mundo de Mulas?

– Pode ser. Aconselho-os, para o seu bem, a não irem para lá. Se o fizerem, poderão nunca mais retomar. Se a Fundação interferir com Gaia, mostrará menos inteligência que o Mula. Pode contar isso ao seu embaixador.

Trevize falou: – Dê-me as coordenadas e estarei no mesmo momento fora de seu mundo. Chegarei a Gaia, e então retornarei.

– Vou arranjar-lhes as coordenadas –disse Quintesetz.–O departamento de astronomia trabalha à noite, é claro, e vou arranjá-las para vocês agora, se puder. Mas deixem-me sugerir uma vez mais que não deveriam fazer qualquer tentativa de atingir Gaia.

Trevize replicou: – Mas eu tenho a intenção de fazer essa tentativa.

E Quintesetz disse, pesarosamente – Então, vai arriscar o suicídio.

14. AVANTE!

55.

Janov Pelorat estava a observar a paisagem cinzenta, à penumbra da madrugada, com uma estranha mistura de pesar e incerteza.

– Não ficamos tempo o suficiente, Golan. Parece um mundo agradável e interessante. Gostaria de saber mais sobre ele.

Trevize ergueu os olhos do computador, com um sorriso malicioso: – E você, não acha que eu também gostaria de ficar? Tivemos três refeições completas no planeta – totalmente diferentes, e cada uma excelente. Eu gostaria de ver mais. E as únicas mulheres que vimos, vimos só de relance – e algumas pareceram bastante sedutoras para... bem, para o que tenho em mente.

Pelorat franziu levemente o nariz: – Ora, meu caro amigo. Aqueles cincerros a que chamam sapatos, e todas enroladas em cores chocantes, e sei lá o que fazem com os cílios. Notou os cílios delas?

– Pode crer que notei tudo, Janov. As suas objeções são superficiais. Podem ser facilmente persuadidas a lavarem o rosto, e no momento adequado, lá se vão os sapatos e as cores.

– Vou aceitar sua palavra, mas ainda estou pensando em investigar um pouco mais a questão da Terra. O que nos disseram sobre a Terra, até agora, foi insatisfatório, tão contraditório: radiação de acordo com uma pessoa, robôs de acordo com outra.

– Morte, em ambos os casos.

– Verdade – reconheceu Pelorat, relutante – mas pode ser que uma seja verdade, e não a outra, ou que ambas sejam verdadeiras, até certo ponto, ou que nenhuma é verdadeira. Certamente, Golan, quando você ouve lendas que simplesmente envolvem o assunto em espessa neblina de dúvida, certamente você deve sentir uma comichão de explorar, de descobrir.

– E eu sinto – disse Golan. – Por todas as estrelas anãs da Galáxia, eu sinto. O problema imediato, porém, é Gaia. Uma vez isto esclarecido, podemos passar à Terra, ou voltar aqui para Sayshell para uma estadia mais prolongada. Mas primeiro Gaia.

Pelorat concordou – O problema imediato! Se aceitarmos o que Quintesetz nos contou, a morte nos espera em Gaia. Deveríamos partir?

– Eu mesmo me faço essa pergunta. Está com medo?

Pelorat hesitou, como se avaliando seus próprios sentimentos. Então disse, de maneira simples e casual: – Sim, terrivelmente!

Trevize encostou-se em sua poltrona e girou-a, para encarar o outro. Disse, também calma e casualmente: – Janov, não há razão para você se arriscar. Diga uma só palavra, e eu o deixo aqui em Sayshell com seus pertences e metade de nossos créditos. Venho pegá-lo na volta, e partimos para o Setor de Sirius, se quiser, e para a Terra, se é que está lá. Se eu não voltar, o pessoal da Fundação aqui em Sayshell providenciará o seu retomo a Terminus. Não terei nenhum ressentimento contra você se ficar para trás, meu velho.

Os olhos de Pelorat piscaram rápido, e seus lábios se apertaram por momentos. Então disse, ousadamente: – Meu velho? Há quanto tempo nos conhecemos? Uma semana? Não é estranho que me recuse a deixar a nave? Estou com medo, mas quero ficar com você.

Trevize moveu as mãos num gesto de incerteza: – Mas por quê? Honestamente, não estou pedindo isso de você.

– Não tenho certeza por que, eu mesmo me pergunto. É... é... Golan, que eu tenho fé em você. Parece que você sempre sabe o que vai fazer. Eu queda ir para Trantor, onde provavelmente... como agora posso ver... nada teria acontecido. Você insistiu em Gaia, e Gaia de algum modo deve ser um nervo sensível da Galáxia. As coisas parecem acontecer com relação a ela. E como se isso não bastasse, Golan, assisti você forçando Quintesetz a dar a informação sobre Gaia. Foi um blefe tão hábil. Fiquei abismado de admiração.

– Então, você tem fé em mim.

– Sim, eu tenho.

Trevize pousou a mão no antebraço do outro e, por um momento, pareceu à cata de palavras. Finalmente, disse: – Janov, perdoe-me antecipadamente se meu julgamento estiver errado, e se você, de uma ou outra maneira, defrontar-se com... o que puder estar à nossa espera?

– Pelorat respondeu: – Ora, meu caro amigo, por que pergunta? Eu tomo essa decisão livremente, por razões minhas, e não suas. E, por favor, vamos partir depressa. Não confio muito em minha covardia, que pode me agarrar pela garganta e envergonhar-me pelo resto da vida.

– Como quiser, Janov. Vamos partir no instante em que o computador permitir. Desta vez, vamos nos mover graviticamente – diretamente para cima – assim que nos certificarmos de que a atmosfera acima está livre de outras naves. E à medida que a atmosfera ficar menos densa, vamos acumular velocidade. Em uma hora, estaremos no espaço exterior.

– Ótimo! – disse Pelorat, e cortou a ponta de um recipiente plástico de café. O orifício aberto quase imediatamente começou a emitir vapor. Pelorat pôs o bico na boca e chupou, deixando entrar ar suficiente em sua boca para esfriar o café a uma temperatura tolerável

Trevize sorriu: – Está aprendendo lindamente a utilizar essas coisas. Já é um veterano do espaço, Janov.

Pelorat ficou olhando para o recipiente plástico por um momento e disse: Agora que temos naves que podem ajustar o campo gravitacional à vontade, por certo que poderemos utilizar recipientes normais, não é verdade?

– É claro, mas você não vai fazer a gente do espaço desistir de seus utensílios característicos. Como um rato do espaço vai colocar uma distância entre ele e os vermes da superfície da terra, se usar uma xícara aberta? Está vendo aqueles anéis nas paredes e teto? São tradicionais nas espaçonaves há vinte mil anos, ou mais, mas são absolutamente inúteis numa nave gravítica. Entretanto, lá estão eles, e aposto a nave inteira contra uma xícara de café que o rato do espaço vai fingir estar sendo esmagado até a asfixia na decolagem, e vai balançar dependurado naquelas argolas como se estivesse sob gravidade nula, quando de fato estiver a um G, à gravidade normal.

– Está brincando!

– Um pouco, mas sempre há a inércia social para tudo – mesmo para o avanço tecnológico. Aquelas argolas inúteis nas paredes estão lá e as xícaras que nos fornecem têm bicos.

Pelorat concordou, meditabundo, e continuou bebericando seu café. Por fim, disse: – E quando decolamos?

Trevize deu uma boa risada e disse: – Apanhei você! Comecei a falar sobre as argolas nas paredes, e você nem notou que estávamos decolando naquele momento. Estamos a uma milha de altura, agora mesmo.

– Está brincando!

– Olhe lá fora.

Pelorat foi olhar, e então disse: – Mas eu não senti nada!

– Não se supõe que deva sentir algo.

– Não estamos quebrando o regulamento? Com certeza deveríamos ter seguido um feixe de rádio numa espiral ascendente, como o fizemos numa espiral descendente, para aterrissar.

– Não há razão para isso. Ninguém vai nos parar. Absolutamente ninguém.

– Mas você disse que para descer...

– Aquilo era diferente. Não estavam ansiosos para nos ver chegar, mas estão extáticos ao nos verem partir.

– Por que diz isso, Golan? A única pessoa que conversou conosco sobre Gaia foi Quintesetz, e ele nos pediu para não ir.

– Não creia, Janov. Aquilo foi apenas formal. Ele certificou-se de que iríamos até Gaia. Janov, você se admirou da maneira pela qual blefei com a informação, com Quintesetz. Lamento, mas não mereço tanta admiração. Se eu nada tivesse feito, ele teria oferecido a informação. Se tentasse tampar minhas orelhas, ele teria gritado comigo.

– Por que está falando assim, Golan? Isso é meio maluco.

– Paranóide? Sim, eu sei. – Trevize voltou-se para o computador, e estendeu seus sentidos, concentrado. – Não estamos sendo impedidos. Não há naves interferindo à distância, nem mensagens de advertência de nenhuma espécie.

De novo virou-se na direção de Pelorat. – Diga-me, Janov, como descobriu a respeito de Gaia? Você sabia sobre Gaia quando ainda estávamos em Terminus. Sabia que estava no Setor de Sayshell. Sabia que o nome era, de algum modo, uma forma de “Terra”. Onde ouviu falar de tudo isso?

Pelorat enrijeceu. – Se estivesse em meu escritório lá em Terminus, poderia consultar meus arquivos. Não trouxe tudo comigo – com certeza não as datas em que primeiro encontrei esta ou aquela informação.

– Ora, pense um pouco – disse Trevize, sério. – Considere que os próprios sayshelianos não tocam no assunto. São tão relutantes em falar sobre o assunto. Relutam tanto em falar sobre Gaia tal como realmente é, que de fato encorajam uma superstição do povo comum do setor, acreditando que tal planeta não existe no espaço ordinário. De fato, tenho algo mais para lhe contar. Veja isto!

Trevize girou para o computador, seus dedos deslizando pelos descansos

para as mãos com a facilidade e a graça de uma longa prática. Quando pousou as mãos, ele deu as boas-vindas ao toque quente e acolhedor. Sentia, como sempre, um pouquinho de sua vontade escapando para fora.

– Este é o mapa galáctico do computador, tal como existia nos bancos de memória, antes de descermos em Sayshell. Vou mostrar- lhe a porção do mapa que representa o céu noturno de Sayshell como o vimos nesta última noite.

O quarto escureceu e surgiu na tela uma representação do céu noturno.

Pelorat comentou, em voz baixa: – Tão belo quanto o vimos em Sayshell.

– Ainda mais belo. Não há interferência atmosférica de qualquer tipo, não há nuvens, não há absorção no horizonte. Mas espere, deixe-me fazer um ajuste.

A vista deslocou-se constantemente, dando aos dois a incômoda impressão de que eles é que se moviam. Pelorat instintivamente segurou os braços de sua poltrona para se firmar.

– Pronto! Reconhece aquilo?

– É claro. São as Cinco Irmãs – o pentágono de estrelas que Quintesetz apontou. É inconfundível.

– Sim, de fato. Mas, onde está Gaia?

Pelorat piscou. Não havia nenhuma estrelinha no centro.

– Não está ali – respondeu.

– Isso mesmo; não está ali. E isso por que sua localização não está incluída nos bancos de memória do computador. Como ultrapassa os limites do verossímil que esses bancos de dados foram deliberadamente feitos incompletos sob este aspecto em nosso benefício, concluo que para os galactógrafos da fundação que projetaram estes bancos de dados – e que têm tremendas quantidades de informação à sua disposição – Gaia era desconhecida.

– Supõe que se fôssemos até Trantor... – começou Pelorat.

– Suspeito que não acharíamos dados sobre Caia, lá. Sua existência é mantida como um segredo pelos sayshelianos – e mais, suspeito, pelos próprios gaios. Você mesmo disse há alguns dias que não era inteiramente incomum que alguns mundos deliberadamente permaneceram fora das vistas para evitar taxação ou interferência exterior.

– Usualmente – replicou Pelorat –, quando os cartógrafos e estatísticos dão com um desses planetas, são encontrados em setores escassamente

populados, na Galáxia. É o isolamento que lhes possibilita ocultar-se. Gaia não está isolada.

– É isso mesmo. Essa é outra coisa que a torna incomum. Vamos deixar este mapa na tela, para que você e eu possamos continuar a ponderar sobre a ignorância dos nossos galactógrafos – e deixe-me perguntar-lhe de novo – tendo em vista a ignorância das pessoas mais bem informadas, como é que você veio a saber de Gaia?

– Tenho reunido dados sobre mitos da Terra. As lendas da Terra, e histórias da Terra por mais de trinta anos, meu bom Golan. Sem todo o meu arquivo, como eu poderia...

– Podemos achar um ponto de partida, Janov. Digamos que você tenha ouvido falar dela, digamos, nos primeiros quinze anos de suas pesquisas, ou será que foi nos últimos quinze?

– Ora, se vamos ser tão genéricos, foi mais para o fim.

– Você pode se lembrar melhor do que isso. Suponha que eu diga que você ouviu falar de Gaia apenas nos dois últimos anos.

Trevize fixou o olhar em Pelorat, sentiu a incapacidade de ler qualquer expressão na penumbra, e elevou um pouco o nível de iluminação do quarto. A gloriosa representação do céu, na tela, apagou-se proporcionalmente. A expressão de Pelorat era de pedra e nada re velava.

– Bem? – insistiu Trevize.

– Estou pensando – disse Pelorat, suavemente. – Você pode estar certo. Mas não juraria. Quando escrevi para Jimbor da Universidade de Ledbet, não mencionei Gaia, se bem que, naquele caso, seria apropriado fazê-lo, e isso foi em... vejamos, em noventa e cinco, o que foi há três anos, Acho que você está certo, Golan.

– E como veio a descobri-la? Num comunicado? Num livro? Num jornal científico? Alguma canção antiga? Como? Vamos, faça uma força!

Pelorat recostou-se, e cruzou os braços. Caiu em meditação profunda e não se moveu. Trevize nada disse, e esperou.

Finalmente, Pelorat disse: – Numa comunicação particular... Mas não adianta me perguntar de quem, meu caro amigo. Eu não me lembro.

Trevize passou as mãos por dentro de seu cinto. Elas estavam suadas, à medida que ia se esforçando por tirai informação sem forçar muito às claras as suas palavras na boca do outro. – De um historiador? De um especialista em

mitologia? De um galactógrafo?

– Não adianta. Não consigo associar um nome ao comunicado.

– Talvez porque não houvesse nenhum.

– Oh, não! Isso mal parece possível.

– Por quê? Você rejeitaria um comunicado anônimo?

– Suponho que não.

– Já recebeu algum assim?

– Vez ou outra. Nos anos recentes, fiquei bem conhecido em certos círculos acadêmicos como colecionador de certos tipos particulares de mitos e lendas, e alguns dos meus correspondentes ocasionalmente foram gentis o bastante para me fornecer material que colheram de fontes não acadêmicas. Por vezes, não podem ser atribuídas a ninguém em particular.

– Sim, mas você já recebeu informação anônima diretamente, e não por meio de algum correspondente acadêmico?

– Isso por vezes aconteceu – mas muito raramente.

– E pode ter certeza que isso não ocorreu no caso de Gaia?

– Tais comunicações anônimas ocorreram tão raramente que eu acho que deveria me lembrar se tivessem acontecido. Ainda assim, não posso dizer ao certo que a informação não era de origem anônima. Considere, porém, que isso não é o mesmo que dizer que eu realmente tenha recebido a informação de uma fonte anônima.

– Percebo; mas permanece unia possibilidade, não é?

Pelorat relutou: – Suponho que sim, mas para que tudo isso?

– Ainda não acabei – disse Trevize, peremptório. – De onde veio a informação, anônima ou não? De que planeta?

Pelorat deu de ombros: – Ora, vamos; não faço a menor idéia.

– Poderia ter sido de Sayshell?

– Já lhe disse, eu não sei.

– E eu estou sugerindo que foi de Sayshell.

– Você pode sugerir tudo o que quiser, mas isso não torna necessariamente o fato real,

– Não? Quando Quintesetz apontou a estrelinha no centro das Cinco

Irmãs, você imediatamente a reconheceu como sendo Gaia. Disse isso depois a Quintesetz identificando-a antes dele. Lembra-se?

– Sim, é claro.

– E como isso foi possível? Como reconheceu de pronto que a estrelinha era Gaia?

– Porque no material que eu tinha sobre Gaia, ela era raramente mencionada por este nome. Os eufemismos eram comuns, e havia muitos. Um dos eufemismos, várias vezes repetido, era “o irmãozinho das Cinco Irmãs Um outro era “o centro do Pentágono”, e por vezes, era chamada “zero, Pentágono”. Quando Quintesetz apontou as Cinco Irmãs e a estrela central, as alusões vieram-me à mente, de maneira irresistível.

– Você nunca mencionou essas alusões para mim, antes.

– Eu não sabia o que elas significavam e não achei que teria sido importa discutir o assunto com você, que não é...

– Não sou um especialista?

– Sim.

– Você percebe, eu espero, que o pentágono das Cinco Irmãs é uma forma inteiramente relativa.

– O que está querendo dizer?

Trevize deu uma boa risada. – Sua minhoca da superfície. Acha que o céu tem uma forma objetiva própria? Que as estrelas estão pregadas lá? O pentágono tem essa forma a partir da superfície dos planetas do sistema de Sayshell, e *unicamente* de lá. A partir de um planeta em torno de uma outra estrela, o aspecto das Cinco Irmãs é diferente. São vistos de um ângulo diferente. Por outro lado, as cinco estrelas do pentágono estão a diferentes distâncias de Sayshell e, vistas de outros ângulos, poderia não haver relação visível entre elas. Uma ou duas estrelas poderiam estar num hemisfério do céu, e as outras no outro hemisfério. Veja só...

Trevize escureceu o quarto de novo e inclinou-se sobre o computador. – Há oitenta e seis sistemas planetários povoados compondo a União de Sayshell. Vamos manter Gaia, ou o ponto onde Gaia deveria estar, em seu lugar – e, ao dizê-lo, um pequeno círculo vermelho apareceu no centro do pentágono das Cinco Irmãs – e vamos deslocá-lo para o céu de qualquer um desses oitenta e seis planetas.

O céu mudou, e Pelorat piscou. O pequeno círculo vermelho permanecia

no centro da tela, mas as Cinco Irmãs desapareceram. Havia estrelas brilhantes nas vizinhanças, mas nenhum pentágono evidente. De novo o céu mudou, e mais uma vez, e outra. Continuava mudando. O círculo vermelho continuava no mesmo lugar, mas nenhuma vez apareceu um pequeno pentágono de estrelas de mesmo brilho. Por vezes, aparecia um pentágono distorcido – de brilho desigual – mas nada como o lindo asterisco que Quintesetz apontara.

– Satisfeito? – perguntou Trevize. – Asseguro-lhe que as Cinco Irmãs nunca podem ser vistas tão exatamente como as vimos, de qualquer mundo habitado, exceto a partir dos planetas do sistema de Sayshell.

– A vista de Sayshell poderia ter sido exportada para outros planetas, Havia muitos provérbios nos tempos imperiais, alguns que ainda duram até hoje, mas que são centrados em Trantor.

– E com Sayshell fazendo tanto segredo sobre Gaia? E por que os planetas fora da União de Sayshell se interessariam? Por que se importariam com o "irmãozinho das Cinco Irmãs" se não houvesse nada nos céus para se apontar?

– Talvez você tenha razão,

– Então você não vê que a sua informação original deve ter vindo de Sayshell mesmo? Não de algum ponto da União, mas precisamente do sistema planetário ao qual pertence o mundo-capital da União.

Pelorat abanou a cabeça: – Você faz a coisa parecer como se devesse ser assim, mas não é algo de que eu me lembre. Simplesmente, não me lembro.

– Não obstante, você percebe a força de meu argumento, não é?

– Sim, é claro.

– Agora... Quando você supõe que apareceu essa lenda?

– Em qualquer época. Suponho que tenha se desenvolvido no início da Era Imperial. Tem o sabor de um antigo...

– Está errado, Janov. As Cinco Irmãs estão moderadamente próximas do planeta Sayshell, e é por isso que brilham tanto. Quatro delas têm um acentuado movimento próprio, e não há duas que sejam parte de uma família, de modo que se movem em direções diferentes. Olhe o que acontece enquanto desloco o mapa para trás no tempo.

De novo o circulo vermelho que assinalava a posição de Gaia permaneceu no lugar, mas o pentágono se desfez, com as quatro estrelas derivando em quatro direções diferentes, e a quinta mudando só um pouco.

– Veja só, Janov; você diria que isso é um pentágono regular?

– Claramente deformado.

– E Gaia, está no centro?

– Não, está bem para õ lado.

– Muito bem. É assim que o asterisco parecia há cento e cinqüenta anos. Um século e meio, apenas. O material que você recebeu concernente ao “Centro do Pentágono” e etc, só faria sentido neste século, e mesmo assim, só em Sayshell. O material que você recebeu tem de ser original de Sayshell e em alguma altura deste século, talvez na última década. E você o recebeu, mesmo com Sayshell ter a boca fechada a respeito de Gaia.

Trevize acendeu as luzes, desligou o mapa estelar, e ficou sentado, olhando para Pelorat.

– Estou confuso; o que quer dizer tudo isso? – perguntou Pelorat.

– Você é que explique. Pense só! De algum modo, pus na cabeça que a Segunda Fundação ainda existia. Estava discursando em minha campanha eleitoral. Comecei com alguma apelação emocional destinada a conseguir votos dos indecisos, com um dramático: “E se a Segunda Fundação ainda existisse. ,.“ e mais tarde,no mesmo dia, pensei comigo mesmo: – E se ela ainda existisse? Comecei a ler livros de história e, em uma semana, fiquei convencido. Não havia uma evidência real, mas sempre senti que eu tinha o jeito de extrair as conclusões certas de um amontoado de especulações. Desta vez, porém...

Trevize parou um pouco para pensar, e então continuou: – E veja só o que aconteceu desde então. De todas as pessoas, escolhi Compor como confidente, e ele me traiu. Como resultado, a Prefeita Branno me prendeu e mandou-me para o exílio. Por que para o exílio, ao invés de simplesmente me conservar preso, ou tentar me ameaçar para me manter em silêncio? E por que numa nave de último tipo, o que me dá poderes extraordinários de Saltar por toda a Galáxia? E por que, dentre todas as coisas, ela insiste em que eu o leve, e sugere que eu o ajude a procurar pela Terra?

– E por que eu estive sempre tão certo de que não deveríamos ir para Trantor? Eu estava convencido de que você teria um alvo melhor para nossas investigações, e de imediato você veio com o mistério do planeta Gaia, quanto ao qual, como agora se evidencia, você obteve informações sob circunstâncias muito intrigantes.

– Vamos para Sayshell, a primeira parada natural, e logo vamos encontrando Compor, que nos dá uma história circunstanciada sobre a Terra e

sua morte. Ele então nos assegura que sua localização é no Setor de Sirius, e nos insta a ir para lá.

Pelorat falou: – Aí está. Você parece implicar que todas as circunstâncias nos estão forçando rumo a Gaia, mas como disse, Compor tentou nos persuadir a ir para alhures.

– E como resposta, fiquei determinado a continuar em nossa linha original de investigação, por minha total desconfiança daquele homem. Não supõe que pode ser com isso que ele estava contando? Pode deliberadamente ter dito para irmos a algum outro lugar, para que não agíssemos assim.

– Isso mais parece um romance – murmurou Pelorat.

– Será? Continuemos. Entramos em contato com Quintesetz simplesmente porque ele estava à mão.

– Não exatamente – alegou Pelorat. – Eu reconheci o seu nome.

– Pareceu familiar a você. Você nunca leu nada de autoria dele de que você pudesse se lembrar. Por que ele lhe era familiar? De qualquer maneira, resultou que ele tinha lido um artigo seu, e gostou muitíssimo, veja só! Você mesmo admite que seu trabalho não é muito conhecido! E o que é mais, a moça que nos levou a ele gratuitamente menciona Gaia, e vai nos dizer que está no hiperespaço, como que para se certificar que não nos esqueceríamos dela. Quando perguntamos a Quintesetz a respeito, ele se comporta como se não quisesse falar no assunto, mas não nos manda embora, mesmo quando fui mal-educado com ele. Ao invés disto, ele nos leva para sua casa, e a caminho, dá-se ao trabalho de apontar para as Cinco Irmãs. Ele mesmo se certifica de que notamos a estrelinha no centro. E por quê? Não é tudo uma extraordinária concatenação de coincidências?

– Se você faz uma lista dos acontecimentos.

– Faça a lista do jeito que quiser. Não acredito em concatenações extraordinárias de coincidências.

– E qual o significado? Que estamos sendo manobrados para Gaia?

– Sim.

– E por quem?

– Certamente que não pode haver dúvida sobre isso. Quem é capaz de ajustar mentes, dar suaves empurrões para isto ou para aquilo, conseguir desviar o progresso nesta ou naquela direção?

– Você está querendo me dizer que é a Segunda Fundação?

– Bem, e o que nos disseram sobre Gaia? É intocável. As frotas que se dirigem contra ela são destruídas. As pessoas que chegam lá, não voltam. Mesmo o Mula não se atreveu a um movimento contra ela. E o Mula, de fato, provavelmente nasceu lá. Por certo tudo indica que Gaia é a Segunda Fundação, e descobrir isso, afinal, é meu objetivo máximo.

Pelorat abanou a cabeça: – Mas, de acordo com alguns historiadores, a Segunda Fundação deteve o Mula. Como ele poderia ter sido um deles?

– Um renegado, eu suponho.

– Mas por que seríamos tão implacavelmente manobrados na direção da Segunda Fundação, por ela mesma?

Os olhos de Trevize não estavam focalizados, seu sobrolho franzido. – Vamos tentar deduzir. Sempre pareceu importante para a Segunda Fundação que o mínimo de informações sobre ela escoasse para a Galáxia. Idealmente, desejaria que sua própria existência permanecesse desconhecida. Até aí é o que sabemos dela. Por cento e vinte anos, a Segunda Fundação foi considerada extinta, o que deve ter-lhe servido até o núcleo da Galáxia. Mas quando eu comecei a suspeitar que eles existiam, nada fizeram. Compor sabia. Poderiam tê-lo usado para calar-me de algum modo ou outro – poderiam ter-me matado, até. Mas eles nada fizeram.

– Eles o prenderam, se quiser culpar a Segunda Fundação por isso. De acordo com o que me contou, isso resultou em que o povo de Terminus não ficou sabendo das suas opiniões. O povo da Segunda Fundação conseguiu o que queria sem violência, e podem ser de- votos de Salvor Hardin, segundo o qual “a violência é o último refúgio do incompetente”.

– Mas esconder isso do povo de Terminus não serviu de nada. A Prefeita Branno sabe de minha opinião, e no mínimo deve ter pensado se, afinal, eu não teria razão. De modo que agora, você vê, é tarde demais para que eles nos causem algum mal. Se eles tivessem se livrado de mim logo de início, estariam livres. Se tivessem me deixado livre, ainda poderiam estar despreocupados, pois poderiam manobrar Terminus para me fazer parecer um excêntrico, talvez louco. A perspectiva da ruína de minha carreira poderia mesmo me forçar ao silêncio, assim que visse o que significaria o anúncio de minhas crenças.

– E agora é muito tarde para eles fazerem qualquer coisa. A Prefeita Branno foi desconfiada o bastante para enviar Compor atrás de mim, e, não tendo fé nele tampouco, sendo mais sábia que eu, instalou um hiper-relê na nave de Compor. Por conseguinte, ela sabe que estamos em Sayshell. E na última

noite, enquanto você estava dormindo, fiz nosso computador colocar uma mensagem diretamente para o computador do embaixador da Fundação aqui em Sayshell, explicando que estávamos a caminho de Gaia. Dei-me ao trabalho de dar suas coordenadas, também. Se a Segunda Fundação não fizer nada contra nós agora, estou certo de que Branno fará investigar – e a atenção concentrada da Fundação é exatamente o que eles não querem.

– Por que eles se importariam com atrair ou não a atenção da Fundação, se são tão poderosos?

– Sim – concordou Trevize, enfaticamente – eles ficam às escondidas porque, de algumas maneiras, devem ser fracos, e porque a Fundação é tecnologicamente adiantada talvez além do que o próprio Seldon poderia ter previsto. A própria maneira, silenciosa e sub-reptícia como eles manobraram-nos para o mundo deles pareceria evidenciar seu ansioso desejo de fazer nada que chamasse a atenção. E se assim é, então eles já perderam, pelo menos em parte, pois atraíram a atenção, e duvido que possam fazer algo para reverter a situação.

– Mas por que se deram a todo este trabalho? Por que eles se arruinariam, se sua análise é correta, correndo atrás de nós por toda a Galáxia? O que é que querem de nós?

Trevize ficou olhando para Pelorat, e enrubesceu: – Janov, tenho uma desconfiança. Tenho o dom de chegar a uma conclusão correta com base em quase nada. Há em mim uma espécie de certeza que me diz quando estou certo; e agora, tenho essa certeza. Há algo que eu tenho, e que eles querem, e querem o bastante para arriscar sua própria existência. Eu não sei o que possa ser, mas preciso descobrir, porque se tenho isso, e se isso é poderoso, então quero poder usá-lo para o que eu sinto que é direito. – Com um leve desdém: – Ainda quer vir comigo, meu velho, agora que vê o quanto eu sou louco?

– Eu já lhe disse que tenho fé em você. E ainda tenho.

E Trevize riu, enormemente aliviado. – Maravilhoso! Porque outra desconfiança que tenho é que você também, por alguma razão, é essencial para toda essa coisa. Nesse caso, Janov, vamos para Gaia, avante e à toda velocidade!

56.

A Prefeita Harla distintamente aparentava ter mais que seus sessenta e dois anos, naquele dia. Vez ou outra parecia mais envelhecida, ela sabia disso, mas estivera suficientemente envolvida em pensamentos para esquecer de evitar

o espelho, e viu a sua imagem a caminho da sala de mapas. E assim tomou consciência de seu aspecto vetusto.

Suspirou. Era de drenar a vida de qualquer um. Cinco anos como Prefeita, e pelos doze anos anteriores, a eminência parda por detrás de dois líderes. Tudo isso em silêncio, tudo isso bem sucedido, e sempre drenando. Como teria sido se tivesse havido tensão, fracasso, um desastre!

Não era muito mau para ela, pessoalmente, subitamente concluiu. A ação seria revigorante. Era o conhecimento horrível de que nada senão ficar à deriva seria possível, o que a desgastava.

Era o Plano de Seldon que era bem sucedido, e era a Segunda Fundação que tornava certo que assim continuaria a ser. Ela, enquanto a mão forte ao leme da Fundação (de fato, a Primeira Fundação, mas ninguém em Terminus jamais pensou em acrescentar o adjetivo) meramente era levada pela crista da onda.

A história diria pouco ou nada sobre ela. Meramente sentada aos controles de uma espaçonave, enquanto esta era manobrada de fora.

Mesmo Indbur III, que presidira à catastrófica queda da Fundação perante o Mula, tinha feito alguma coisa. Pelo menos, caiu.

Para a Prefeita Branno, não restaria nada!

A menos que esse Golan Trevize, esse Conselheiro irrefletido, esse pára-raios, possibilitasse...

Olhou para o mapa, pensativa. Não era o tipo de estrutura produzida por um computador moderno. Era mais um aglomerado tridimensional de luzes que representava a Galáxia holograficamente no ar. Muito embora não se pudesse fazê-lo mover, girar, expandir, ou contrair, podia-se mover à sua volta, e examiná-lo de qualquer ângulo.

Uma grande seção da Galáxia, talvez um terço do total (excluindo o núcleo, que era uma “terra de nenhuma vida”) ficava vermelho quando ela acionava um contato. Era a Federação da Fundação, os mais de sete milhões de planetas habitados governados pelo Conselho e por ela mesma – os sete milhões de mundos habitados que votavam e eram representados na Casa dos Planetas, que debatia questões de menor importância, e então votavam-nas, e nunca, em circunstância alguma, votavam nada de grande importância.

Outro contato, e um fraco cor-de-rosa ressaltou das bordas da Federação, aqui e ali. Esferas de influência! Não era território da Fundação, mas regiões que, nominalmente independentes, nunca sonhariam em opor resistência a qualquer movimento da Fundação.

Não havia questão em sua mente que nenhum poder da Galáxia poderia se opor à Fundação (nem mesmo a Segunda Fundação, se alguém soubesse onde ela estava), sem que a frota não pudesse alcançá-lo, e assim, simplesmente, fundar o Segundo Império.

Mas só cinco séculos se passaram desde o começo do Plano. O Plano exigia dez séculos antes que o Segundo Império pudesse ser fundado, e a Segunda Fundação deixaria bem estabelecido que o Plano funcionaria. A Prefeita sacudiu sua triste cabeça grisalha. Se a Fundação agisse agora, de algum modo, fracassaria. Muito embora suas naves fossem irresistíveis, a ação agora falharia.

A menos que Trevize, o pára-raio, atraísse o raio da Segunda Fundação – e o raio poderia ser rastreado de volta à sua origem.

Ela olhou em volta. Onde estava Kodell? Não era o momento para que ele se atrasasse.

Foi como se o seu pensamento o tivesse chamado, pois ele se aproximou marchando, sorridente, mais patriarcalmente que nunca, com seu bigode cinzento, e compleição bronzeada. Patriarcal, mas não senil. Para dizer a verdade, era oito anos mais jovem que ela.

Como ele não mostrava os sinais do desgaste? Quinze anos como Diretor da Segurança não deixavam marcas?

57.

Kodell fez uma mesura curta, no cumprimento formal necessário ao iniciar uma discussão com a Prefeita. Era tradição que existia desde os maus tempos dos Indburs. Quase tudo mudara, mas o que menos mudava era a etiqueta.

– Desculpe o atraso, Prefeita, mas a prisão do Conselheiro Trevize afinal está transpirando pela epiderme anestesiada do Conselho.

– Oh? – disse a Prefeita, fleugmaticamente. – Estamos perante uma revolução palaciana?

– Não há a mínima chance. Estamos no controle. Mas haverá barulho.

– Que façam barulho. Fará com que se sintam melhor, e eu... eu ficarei à distância. Posso contar, creio, com a opinião pública em geral?

– Acho que sim. Especialmente longe de Terminus. Ninguém fora de

Terminus se importa com o que acontece com um Conselheiro enjeitado.

– Mas eu, sim.

– Ah? Mais notícias?

– Liono – disse a Prefeita –, quero saber sobre Sayshell.

– Não sou um livro de história sobre duas pernas – disse Liono Kodell, sorrindo.

– Não quero a história. Quero a verdade. Por que Sayshell é independente? Olhe só. – Apontou para o vermelho da Fundação no mapa holográfico e ali, bem no meio das espirais interiores, um bolsão de branco.

– Nós o temos quase encapsulado, quase aspirado, mas ainda é branco. Nosso mapa não mostra sequer um leal-aliado-rosado.

Kodell desdenhou: – Não é oficialmente um leal aliado, mas nunca nos incomodou. É neutro.

Está bem. Veja isto, então. –Um outro toque nos controles. O vermelho destacou-se distintamente. Cobria quase a metade da Galáxia. – Isso – disse a Prefeita – era o reino do Mula no tempo de sua morte. Se você olhar em meio ao vermelhão, vai descobrir a União de Sayshell, completamente cercada, desta vez, mas ainda branca. É o único enclave deixado livre pelo Mula.

– Era neutro, então, também.

– O Mula não tinha grande respeito pela neutralidade.

– Parece ter tido, neste caso.

– *Parece* ter tido. O que é que Sayshell tem?

– Nada! Acredite-me, Prefeita, ele é nosso a qualquer momento que quisermos.

– É? Mas de algum modo, não é nosso.

– Não há necessidade de desejá-lo.

Branno recostou-se em sua poltrona, e com um gesto amplo de seu braço sobre os controles, apagou a Galáxia. – Creio que agora nós o queremos.

– Como, Prefeita?

– Liono, enviei aquele tolo Conselheiro pelo espaço como um pára-raios. Achei que a Segunda Fundação o veria como um perigo maior do que realmente era e veria a Fundação em si como um perigo menor. O raio o atingiria e revelaria a nós a sua origem.

– Sim, Prefeita!

– Minha intenção era que ele fosse às ruínas decadentes de Trantor, para revirar o que foi deixado, se é que existe ainda, de sua Biblioteca, procurando pela Terra. É esse o mundo, lembra-se, que esses místicos cansativos nos dizem ter sido o local de origem da humanidade, como se isso fosse importante, mesmo no improvável caso de ser verdade. A Segunda Fundação não deveria ter acreditado que era isso realmente que ele procurava e ter-se-iam movido para descobrir o que realmente procurava.

– Mas ele não foi para Trantor.

– Não; muito inesperadamente, foi para Sayshell. Por quê?

– Eu não sei. Mas por favor, perdoe um velho cão de caça cujo dever é suspeitar de tudo, e diga-me como a senhora sabe que ele e esse Pelorat foram a Sayshell. Eu sei que Compor costuma informar, mas o quanto podemos confiar em Compor?

– O hiper-relê nos diz que a nave de Compor de fato desceu no planeta Sayshell.

– Sem dúvida, mas como sabe que Trevize e Pelorat desceram? Compor pode ter ido a Sayshell por suas próprias razões e pode não saber, ou se importar, onde os outros estão.

– O fato é que nosso embaixador em Sayshell informou-nos da chegada da nave em que colocamos Trevize e Pelorat. Não estou disposta a acreditar que a nave chegou em Sayshell sem eles. E o que é mais, Compor relata que falou com eles, e se ele não pode ser de confiança, temos outros informes localizando-os na Universidade de Sayshell, onde consultaram um historiador de nenhuma notoriedade.

– Nada disto – interveio Kodell humildemente – chegou até mim.

Branno bufou. – Não se sinta diminuído. Estou tratando disto pessoalmente, e agora a informação chegou a você, sem muito atraso, aliás. As últimas notícias, recém-recebidas, são do embaixador. Nosso pára-raios está se movendo. Ficou no planeta Sayshell dois dias, e então partiu. Está se dirigindo para um outro sistema planetário, diz ele, a uns dez parsecs de distância. Deu o nome e as coordenadas galácticas de seu destino ao embaixador, que os passou para nós.

– Há algo corroborativo de Compor?

– A mensagem de Compor, de que Trevize e Pelorat deixaram Sayshell,

veio mesmo antes da mensagem do embaixador. Compor ainda não determinou para onde Trevize está indo. Presumivelmente, vai segui-los.

– Estamos perdendo os porquês da situação. – Kodell jogou uma pastilha na boca, e ficou chupando, meditativamente. – Por que Trevize foi para Sayshell? Por que partiu?

– A questão que mais me intriga é: onde? Para onde Trevize está se dirigindo?

– A senhora disse, Prefeita, que ele deu o nome e as coordenadas do destino ao embaixador. Está implicando que ele mentiu para o embaixador? Ou que o embaixador está mentindo para nós?

– Mesmo presumindo que todos disseram a verdade todo o tempo e que ninguém cometeu erros, há um nome que me interessa. Trevize disse ao embaixador que ele estava indo para Gaia: G-A-I-A. Trevize teve o cuidado de soletrar.

– Gaia? Nunca ouvi falar.

– Mesmo? O que não é de estranhar. – Branno apontou para a posição no ar onde estivera o mapa. – No mapa desta sala eu posso, a qualquer momento, localizar qualquer estrela em tomo da qual gira um planeta habitado, e muitas estrelas notáveis de sistemas inabitados. Mais de trinta milhões de estrelas podem ser discernidas, se eu manipular os controles adequadamente, em unidades, pares, aglomerados. Posso assinalá-las por meio de cinco diferentes cores, uma de cada vez, ou todas conjuntamente. O que não consigo é localizar Gaia no mapa. Tanto quanto o que concerne ao mapa, Gaia não existe.

– Para cada estrela que o mapa mostra, há dez mil que não mostra.

– Certo, mas as estrelas que não mostra não têm planetas habitados, e por que Trevize quereria ir para um planeta desabitado?

– Já tentou o Computador Central? Tem a lista de todos os três bilhões de estrelas da Galáxia.

– Já me disseram que tem, mas será verdade? Sabemos muito bem, você e eu, que há milhares de planetas habitados que escaparam à listagem em qualquer, mapa – não só no desta sala, mas mesmo do Computador Central. Gaia aparentemente é um deles.

A voz de Kodell permaneceu calma, mesmo reconfortante. – Prefeita, pode muito bem não haver nada com que se preocupar. Trevize pode muito bem estar correndo atrás de uma miragem, ou pode estar mentindo para nós, e não há

nenhum astro chamado Gaia, e nenhuma estrela nas coordenadas que ele nos deu. Está tentando nos lançar fora de seu rastro, agora que encontrou Compor e talvez adivinhe que está sendo seguido.

– E como isso vai nos tirar do rastro? Compor ainda o seguirá. Não, Liono, tenho outra possibilidade em mente, uma com um potencial muito maior para complicações. Escute...

Fez uma pausa e então disse: .– Esta sala está blindada, Liono. Entenda isso. Ninguém pode nos ouvir, assim, sinta-se à vontade para falar. E eu também falarei livremente.

– Essa tal Gaia está localizada, se aceitarmos a informação, a dez parsecs do planeta Sayshell, e portanto é parte da União de Sayshell. A União de Sayshell é uma parte bem explorada da Galáxia. Todos os seus sistemas estelares – habitados ou desabitados – estão registrados, e os habitados são conhecidos pormenorizadamente. Gaia é a única exceção. Habitada ou não, ninguém ouviu falar dela; não está presente em mapa algum. Acrescente a isto que a União de Sayshell mantém um peculiar estado de independência em relação à Federação da Fundação, e assim o fez mesmo em relação ao reino passado do Mula Tem sido independente desde a queda do Império Galáctico.

– E o que se depreende de tudo isto? – perguntou Kodell, cuidadoso.

– Por certo os dois pontos que apresentei devem estar correlacionados. Sayshell incorpora um sistema planetário que é totalmente desconhecido e Sayshell é intocável Os dois não podem ser independentes. O que quer que Gaia seja, protege a si mesma. Providencia para que não haja conhecimento de sua existência em suas vizinhanças imediatas e protege estas vizinhanças de modo que estrangeiros não possam se apossar dela.

– Está me dizendo, Prefeita, que Gaia é a sede da Segunda Fundação?

– Estou lhe dizendo que Gaia merece ser inspecionada.

– Posso mencionar um ponto estranho que poderia ser difícil de explicar, segundo esta teoria?

– Por favor, faça-o.

– Se Gaia é a Segunda Fundação e se por séculos protegeu-se fisicamente contra intrusos, protegendo toda a União de Sayshell como um amplo e espesso escudo para si mesma, e se mesmo preveniu que a notícia de sua existência vazasse para a Galáxia, por que agora toda essa proteção desapareceu? Trevize e Pelorat deixam Terminus e, mesmo que a senhora os tenha aconselhado a se dirigirem para Trantor, vão imediatamente, e sem hesitação, para Sayshell, e

agora, para Gaia. E o que é mais, a senhora pode pensar sobre Gaia e especular a respeito. Por que não se impede a senhora, de alguma maneira, de sequer pensar no assunto?

A Prefeita Branno não respondeu, por um longo tempo. Sua cabeça pendia e seu cabelo cinzento tinha um brilho mortiço, à luz. – Porque eu acho que o Conselheiro Trevize de algum modo estragou as coisas. Ele fez algo – ou está fazendo algo – que de algum modo está pondo em perigo o Plano de Seldon.

– Isso certamente é impossível, Prefeita.

– Suponho que tudo e todos tenham as suas falhas. Mesmo Hari Seldon não era perfeito, certamente. Em algum lugar, o Plano tem uma falha, e Trevize tropeçou nela, talvez mesmo inadvertidamente. Precisamos saber o que está acontecendo e precisamos estar no lugar onde acontecer.

Por fim, Kodell assumiu aspecto grave - – Não tome decisões por si só, Prefeita, não queremos nos movimentar sem a devida ponderação.

– Não me tome por idiota, Liono, não vou fazer uma guerra. Não vou desembarcar uma força expedicionária em Gaia. Só quero estar lá, ou perto, se assim preferir. Liono, descubra para mim – eu detesto me dirigir ao ofício militar, que deve estar ridiculamente enferrujado, depois de cento e vinte anos de paz, mas você não se importará – quantas belonaves estão estacionadas nas proximidades de Sayshell. Podem fazer com que seus movimentos pareçam rotina, e não uma mobilização?

– Nestes modorrentos dias de paz, não há muitas naves nas redondezas estou certo. Mas vou descobrir.

– Até duas ou três bastarão, especialmente se houver uma da classe Supernova.

– E o que quer fazer com elas?

– Quero que cheguem tão perto de Sayshell quanto puderem – sem criar nenhum incidente – e quero-as perto o bastante umas das outras, para que possam se proteger mutuamente.

– E a que se destina tudo isto?

– Flexibilidade. Quero ter a capacidade de poder atacar, se for necessário.

– Contra a Segunda Fundação? Se Gaia consegue se manter isolada e intocável contra o Mula, por certo que agora pode agüentar algumas naves.

Branno retrucou, com o brilho da batalha em seus olhos: – Meu amigo, disse-lhe que nada nem ninguém é perfeito, nem mesmo Hari Seldon. Ao

estabelecer seu Plano, não podia evitar ser uma pessoa de sua época. Era um matemático dos dias da morte do Império, quando a tecnologia estava moribunda. Decorreu que ele não poderia ter dado margem suficiente em seu Plano quanto ao avanço tecnológico. A gravítica, por exemplo, é uma direção radicalmente nova do progresso, que ele não poderia ter adivinhado. E houve outros progressos, também.

– Gaia também poderia ter progredido.

– No isolamento? Ora, vamos! Há dez quatrilhões de seres humanos dentro da Federação da Fundação, de onde podem surgir colaboradores do progresso tecnológico. Um só mundo isolado nada pode fazer, em comparação. Nossas naves avançarão, e eu estarei com elas.

– Perdão, Prefeita, como disse?

– Eu mesma irei a bordo das naves que se reunirão na periferia de Sayshell. Quero ver a situação por mim mesma.

A boca de Kodell ficou aberta, por um momento. Engoliu em seco e ruidosamente. – Prefeita... isso não é... aconselhável. – Se alguma vez um homem claramente pretendeu uma observação mais forte, foi nesta ocasião.

– Aconselhável ou não – respondeu Branno violentamente –, é o que vou fazer. Estou cansada de Terminus e de suas intermináveis batalhas políticas, suas lutas internas, suas alianças e contra-alianças, suas traições e reconciliações. Estive dezessete anos no centro de tudo e quero algo diferente, qualquer coisa diferente. Lá fora – e estendeu a mão numa direção qualquer – toda a história da Galáxia pode estar mudando e quero tomar parte no processo.

– A senhora nada sabe sobre essas coisas, Prefeita.

– E quem sabe, Liono? – Ela levantou-se rigidamente. – Assim que você me trouxer a informação que preciso sobre as naves e assim que puder arranjar as coisas para cuidar dos tolos negócios domésticos, eu vou. E, Liono, não tente manobrar para me demover desta decisão, ou vou varrer nossa velha amizade de um só golpe. Ainda posso fazer isso.

Kodell concordou: – Eu sei que a senhora pode, Prefeita, mas antes de decidir, posso pedir-lhe para reconsiderar o poder do Plano de Seldon? O que a senhora pretende pode ser suicídio.

– Nada temo quanto a isso, Liono. Esteve errado em relação ao Mula, que não pôde antecipar, e o fracasso em antecipar um momento implica a possibilidade de fracasso em outro.

Kodell suspirou: – Se então a senhora está realmente determinada, vou apoiá-la tanto quanto estiver ao meu alcance e com a mais total lealdade.

– Ótimo. Advirto-o mais uma vez que é melhor que tenha sido sincero. E com isso em mente, Liono, vamos indo para Gaia. Avante!

15. GAIA-S

58.

Sura Novi entrou na sala de controle da nave, pequena e um tanto antiquada, que estava levando Stor Guendibal e ela através dos parsecs, em Saltos pré-calculados.

Claramente estivera no compartimento de limpeza, onde óleos, ar quente, e um mínimo de água refrescaram seu corpo. Tinha um roupão enrolado à sua volta e o agarrava contra si apertadamente, numa agonia de modéstia. Seu cabelo estava seco, mas emaranhado.

Disse em voz baixa: – Dotõ?

Guendibal levantou os olhos de seus mapas e de seu computador. – Sim,Novi?

– ‘Tô meio encabulada... – Interrompeu-se, e disse devagar: – Desculpe ter vindo incomodá-lo, Doutor – e então escorregou de novo – mais ‘tô perdida cum essa ropa.

– A roupa? – Guendibal ficou olhando para ela, sem entender, por um segundo, e então levantou-se, num acesso de contrição. – Novi, eu me esqueci! Elas precisavam ser limpas e estão no cesto de detergente. Estão limpas, secas, e dobradas. Já deveria tê-las apanhado e colocado à vista. Eu me esqueci.

– Eu não queria... – e baixou os olhos – aborrecer.

– Você não aborrece – disse Guendibal, alegremente. – Olhe, prometo que quando isto acabar, vou providenciar para que você tenha bastantes roupas – novas e na última moda. Saímos apressadamente e nunca me ocorreu trazer um guarda-roupa, mas, de fato, Novi, só estamos os dois aqui e estaremos juntos por algum tempo em certa intimidade, e não há necessidade de... de se preocupar tanto com... – E fez um gesto vago, percebendo o olhar aterrorizado de seus olhos e pensou: Ora, ela é apenas uma caipira, e tem os seus padrões morais; provavelmente não objetaria a impropriedades de t das as espécies, desde que estivesse vestida.

Então ele se envergonhou de seus pensamentos, e alegrou-se por ela não ser “dotora”, podendo então sentir os pensamentos *dele*. – Quer que eu vá buscar as roupas para você?

– Não, dotô. Num é certo o sinhô...Eu sei onde elas estão.

Depois, ele a viu bem vestida e com o cabelo penteado. Ela estava nitidamente embaraçada. – Estou envergonhada, doutor, por ter-me comportado tão impor... impropriamente. Eu deveria tê-las encontrado sozinha.

– Não importa – disse Guendibal. – Você está se saindo muito bem com o seu Galáctico, Novi. Está aprendendo a língua dos doutores muito depressa.

Novi sorriu, de repente. Seus dentes eram um tanto irregulares, mas isso pouco prejudicava a maneira como seu rosto se iluminou e ficou quase suave com o elogio, pensava Guendibal. Disse para si mesmo que era por essa razão que gostava de elogiá-la.

– Os hamish vão me desprezar quando eu voltar para casa. Vão dizer que eu sô... sou uma língua enrolada. É como eles chamam alguém que fala... esquisito. Eles não gostam dessas coisas.

– Duvido que você volte para os hamish, Novi. Estou certo que continuará a haver um lugar para você no complexo, junto com os doutores, isto é, quando tudo acabar.

– Eu gostaria, doutor.

– Você não se importaria em me chamar só “Orador Guendibal”, ou apenas... Vejo que você se importaria – disse, ao ver o olhar escandalizado dela. – Está bem.

– Não seria apropriado, doutor. Mas, posso perguntar quando tudo isto vai acabar?

Guendibal abanou a cabeça: – Não conseguiria dizer quando. Neste momento, preciso simplesmente ir para um certo lugar o mais depressa que puder. Esta nave, que é uma nave muito boa para sua categoria, é lenta, e “o mais rápido que puder” não é lá muito rápido. Veja – indicou o computador e os mapas. – Preciso determinar um modo de atravessar grandes extensões do espaço, mas o computador é limitado em sua capacidade, e eu não sou muito hábil.

– O senhor precisa ir lá depressa porque há perigo, doutor?

– E o que a faz pensar que há perigo, Novi?

– Porque eu o observo, às vezes, quando acho que o senhor não está olhando para mim, e seu rosto parece... não sei a palavra. Não com medo, mas assustado, mas tampouco esperando pelo pior.

– Apreensivo – murmurou Guendibal.

– O senhor parece preocupado; é essa a palavra?

– Depende; o que quer dizer com “preocupado”, Novi?

– Quero dizer, é como se o senhor estivesse dizendo para si mesmo: “E agora, o que vou fazer com esta grande complicação”?

Guendibal surpreendeu-se. – Isso é “preocupado”, mas você percebe isso em meu rosto? Lá no lugar dos doutores, eu me aplico muito para que ninguém leia nada em meu rosto, mas pensei que no espaço, exceto por você, poderia relaxar e deixar meu rosto se expor ao ar livre, por assim dizer. Lamento. Isso a embaraçou. O que estou tentando dizer é que se você é tão sensível, terei de ser mais cuidadoso. De vez em quando, preciso reaprender a lição de que mesmo os não-mentálicos podem fazer adivinhações perspicazes.

– Não entendi nada, doutor.

– Estou falando sozinho, Novi;não se preocupe. Veja só. esta palavra, de novo.

– Mas, há perigo?

– Há um problema. Eu não sei o que vou encontrar quando atingir Sayshell, isto é, o lugar para onde estamos indo. Poderei me encontrar numa situação de grande dificuldade.

– E isso não quer dizer perigo?

– Não, porque poderei enfrentá-la.

– E como pode ter certeza?

– Porque eu sou um... doutor. E sou o melhor deles. Não há nada na Galáxia que eu não possa enfrentar.

– Doutor – e algo assim como urna agonia distorceu a expressão de Novi – eu não quero aborrir, quero dizer, aborrecer, e deixá-lo zangado. Já o vi com aquele vagabundo do Rufirant, e o senhor então estava em perigo, e ele era apenas um lavrador hamish. Agora, eu não sei o que espera pelo senhor, e nem o senhor.

Guendibal pareceu mortificado. – Está com medo, Novi?

– Não por mim mesmo, doutor, receio... receio... pelo senhor.

– Pode-se dizer também “tenho medo”, é bom Galáctico, também.

Por um pouco, ficou imerso em pensamentos. Ergueu os olhos, tomou as mãos grosseiras de Sura nas suas, e disse: – Novi, eu não quero que você tema qualquer coisa. Deixe-me explicar. Sabe como você percebeu que havia ou

poderia haver perigo pelo aspecto de meu rosto, quase como se pudesse ler meus pensamentos?

– Sim?

– Posso ler os pensamentos melhor que você. É o que os doutores aprendem a fazer, e eu sou um doutor muito bom.

Novi arregalou os olhos e puxou a sua mão de entre as dele. Ela Parecia estar segurando o fôlego. – O senhor pode ler meus pensa mentos?

Guendibal ergueu um dedo, apressado. – Não, Novi, eu não leio os seus pensamentos exceto o que preciso muito. Mas eu não leio os seus pensamentos.

Ele sabia que, no sentido prático, estava mentindo. Era impossível estar com Sura Movi e não entender o teor geral de alguns de seus pensamentos. Mal era preciso ser segundofundacionista para tanto. Guendibal sentiu-se mesmo a ponto de corar. Mas mesmo de uma hamish, tal atitude era lisonjeira. Porém ela precisava ser reconfortada, por pura humanidade.

– Também posso mudar o modo como as pessoas pensam. Posso fazer as pessoas se sentirem feridas. Posso...

Mas Movi estava abanando a cabeça. – Mas como o senhor pode fazer tudo isso? Rufirant...

– Esqueça Rufirant – insistiu Guendibal. – Eu poderia tê-lo imobilizado instantaneamente. Eu poderia fazer com que caísse ao chão. Poderia ter feito todos os hamish... – Parou de repente, e teve a sensação desagradável de estar se gabando, que estava tentando impressionar aquela mulher provinciana. E ela ainda estava abanando a cabeça.

– Doutor, o senhor está tentando fazer com que eu não fique com medo, mas nada temo, exceto pelo senhor, pode ficar tranqüilo. Eu sei que o senhor é um grande doutor, e pode fazer esta nave voar pelo espaço de um modo que eu pensei que ninguém podia fazer, mas... isto é, qualquer um poderia ficar perdido. E o senhor usa máquinas que eu não consigo entender, e que nenhum hamish poderia entender. Mas o senhor não precisa me falar desses poderes da mente, que estou certa, não podem ser assim, pois que todas as coisas que o senhor disse que poderia ter feito com Rufirant, o senhor não fez, apesar de estar em perigo.

Guendibal cerrou os lábios. Deixa estar, pensou. Se a mulher insiste que não receia por si mesma, deixa as coisas assim. Mas não queria que ela pensasse nele como um fracote e um fanfarrão. Simplesmente não podia.

– Se nada fiz com Rufirant, foi porque não quis. Os doutores nunca

devem fazer nada com os hamish. Somos hóspedes no seu mundo. Entendeu?

– Vocês são os nossos senhores. É isso o que nós sempre dizemos.

Por um momento, isso divertiu Guendibal. – Como é, então, que Rufirant me atacou?

– Eu não sei – ela respondeu, simplória – e não acho que ele soubesse por quê. Devia ‘lá meio maluco... quero dizer, fora de si.

Guendibal grunhiu: – De qualquer modo, não molestamos os hamish. Se eu fosse forçado a detê-lo, ferindo-o, os outros doutores poderiam pensar mal de mim, e talvez eu perdesse minha posição. Mas para evitar que eu fosse seriamente ferido, poderia tê-lo manipulado um pouquinho, o mínimo possível.

Novi ficou abatida: – Então eu não precisaria ter corrido tanto, me fazendo de idiota.

– Você agiu muito corretamente. Acabo de dizer que eu teria agido mal se o machucasse. E você é que tornou isso desnecessário. Você o deteve, e isso foi muito bem feito. Sou-lhe grato.

Ela sorriu de novo, aliviada. – Vejo então que o senhor foi muito bom para comigo.

– Estava agradecido, é claro – respondeu Guendibal, meio confuso –, mas o que é importante é que você deve entender que não há perigo. Posso manipular um exército de pessoas comuns. Qualquer doutor pode, especialmente os mais importantes, e eu lhe disse que sou o melhor de todos. Não há ninguém na Galáxia que possa se contrapor a mim.

– Se o senhor diz, doutor, tenho certeza que sim.

– Sim, é o que eu digo. Agora, ainda receia por mim?

– Não, doutor, exceto que... doutor, são só os nossos doutores que podem ler as mentes e.... Há outros doutores, de outros lugares, que podem se opor a vocês?

Por um momento, Guendibal ficou aturdido. A mulher tinha um assombroso dom de compreensão.

Foi necessário mentir: – Não, não há.

– Mas há tantas estrelas no céu. Uma vez tentei contá-las, e não consegui. Se há tantos mundos com gente quantas estrelas, algumas dessas pessoas não seriam doutores? Além dos doutores do nosso próprio mundo, eu quero dizer?

– Não.

– E se houvesse?

– Eles não seriam tão fortes quanto eu.

– E se eles pularem em cima do senhor, enquanto o senhor estiver distraído?

– Eles não podem fazer tal coisa. Se qualquer doutor estranho se aproximasse de mim, eu saberia de imediato. Eu o saberia muito antes que ele pudesse me fazer mal.

– O senhor poderia fugir?

– Eu não precisaria fugir. Mas – antecipando a objeção dela – se eu tivesse de fugir, eu logo poderia estar numa nave nova, melhor que qualquer uma na Galáxia. E eles não conseguiriam me apanhar.

– Eles não poderiam mudar o seu pensamento e fazê-lo ficar?

– Não.

– Poderia haver muitos deles. E o senhor é um só.

– Enquanto eles estiverem lá, muito antes que possam imaginar que seria possível, eu saberia da presença deles, e eu fugiria. Todo o nosso mundo de doutores então se voltaria contra eles e eles não resistiriam. E os outros saberiam disso, de modo que não se atreveriam a fazer nada contra mim. De fato, esses outros não gostariam de modo algum que eu ficasse sabendo deles, mas, mesmo assim, eu saberia.

– Porque o senhor é muito melhor que eles? – quis saber Novi, seu rosto brilhando com orgulho, e alguma dúvida.

Guendibal não conseguia resistir. Sua inteligência congênita, sua rápida percepção eram tais que era pura alegria estar na presença dela. Aquele monstro de fala macia, a Oradora Delora Delarmi, tinha-lhe feito um incrível favor quando impingiu-1he esta hamish.

– Não, Novi, não porque eu sou melhor que eles, muito embora isso seja verdade. É porque eu tenho você comigo.

– Eu?

– Exatamente, Novi. Não percebeu isso?

– Não, doutor – ela respondeu, maravilhada. – O que eu poderia fazer?

– É a sua mente. – Logo ergueu a mão. – Não estou lendo seus pensamentos. Apenas vejo o perfil geral de sua mente, e é um perfil suave, um perfil inusitadamente suave.

Ela pôs a mão na cabeça. – Porque não sou estudada, doutor? Porque sou tão estúpida?

– Não, querida. – Ele não se deu conta de como a estava tratando.

– É porque você é honesta, e não tem malícia; porque você é veraz, e só diz o que pensa; porque tem um coração emotivo, e... e outras coisas. Se outros doutores enviassem qualquer coisa para tocar nossas mentes – a sua e a minha – o toque seria instantaneamente visível na suavidade da sua mente. E eu saberia mesmo antes de perceber um toque na minha mente, e então teria tempo para uma estratégia contrária, isto é, para lutar.

Houve silêncio por um longo intervalo. Guendibal percebeu que não era só fidelidade, nos olhos de Novi, mas exultação, e orgulho também. Ela disse, suavemente: – E o senhor me trouxe por esse motivo?

– Essa foi uma razão importante; sim.

E a voz dela caiu para um nada: – Qual a melhor maneira de ajudá-lo, doutor?

– Fique calma. Não receie nada. E só. . . só continue tal como é.

– Vou ficar assim como estou. E ficarei entre o senhor e o perigo, como fiz no caso de Rufirant.

Ela deixou a sala, e Guendibal ficou olhando para ela.

Era estranho o quanto havia dentro dela. Como uma criatura tão simples podia conter tamanha complexidade? A lisura de sua estrutura mental continha, por debaixo, uma enorme inteligência, compreensão e coragem. O que mais ele podia pedir... de qualquer um?

De alguma maneira, captou uma imagem de Sura Novi, que não era uma Oradora, nem mesmo uma segundofundacionista, nem mesmo educada, severamente a seu lado, exercendo um papel auxiliar vital no drama que estava se aproximando.

Mas ele ainda não conseguia enxergar claramente as minúcias. Ainda não podia ver precisamente o que estava à espera.

59.

– Um só Salto – murmurou Trevize – e ai está.

– Gaia? – perguntou Pelorat, olhando sobre o ombro de Trevize, para a

tela.

– O sol de Gaia. Vamos chamá-lo de Gaia-S, se quiser, para evitar confusão. Os galactógrafos fazem assim, às vezes.

– E Gaia, então, onde está? Ou vamos chamá-la Gaia-P, de planeta?

– Gaia é o suficiente, para o planeta. Ainda não podemos ver Gaia. Os planetas não são tão fáceis de ser avistados, como as estrelas, e ainda estamos a cem microparsecs de Gaia-S. Note que é uma só estrela, mas muito brilhante. Não estamos suficientemente próximos para que ela apareça como um disco. E não olhe diretamente para ela, Janov. Ainda assim é bastante brilhante para danificar a retina. Vou colocar um filtro, depois que terminar minhas observações. Então poderá ficar olhando.

– Quanto é cem microparsecs numa unidade que um mitólogo pode entender, Golan?

– Três bilhões de quilômetros; cerca de vinte vezes a distância de Terminus ao seu sol. Isso ajuda?

– Enormemente. Mas, não deveríamos chegar mais perto?

– Não! – Trevize ergueu o olhar, surpreso. – Não já. Depois do que ouvimos falar de Gaia, por que correr? Uma coisa é ter fibra, outra é ser doido. Vamos dar uma boa olhada, primeiro.

– Em que, Golan? Não disse que ainda não podíamos ver Gaia?

– Não de um relance. Mas temos visores telescópicos, e temos um excelente computador para análises rápidas. É certeza que poderemos estudar Gaia-S, para começar, e talvez possamos fazer outras observações. Relaxne, Janov. – Estendeu a mão e deu umas palmadas no ombro do outro com um floreio avuncular.

Depois de uma pausa, Trevize disse: – Gaia-S é uma estrela simples ou, se tem uma companheira, está a uma distância muito maior que a nossa atualmente, e seria, no máximo, uma anã vermelha, o que quer dizer que não precisamos nos preocupar com ela. Gaia-S é uma estrela da classe 64, o que significa que é perfeitamente capaz de apresentar um planeta habitável, o que é bom. Se fosse da classe A ou M, poderíamos ter de dar meia-volta e regressar imediatamente.

– Posso ser apenas um mitólogo, mas não poderíamos ter determinado a classe espectral de Gaia-S a partir de Sayshell?

– Poderíamos, e foi o que fizemos, Janov, mas nunca faz mal verificar

mais de perto. Gaia-S tem um sistema planetário, o que não é surpresa. Há dois gigantes gasosos à vista, e um deles é bonito e grande, se a estimativa de distância feita pelo computador foi acurada. Poderia facilmente haver um outro do outro lado da estrela, não sendo facilmente detectável, pois que por acaso estamos um tanto perto do plano orbital. Não consigo descobrir nada nas regiões interiores, o que também não é surpresa.

– Isso é mau?

– Não, de fato, não. É esperado. Os planetas habitáveis seriam de rocha e metal, e seriam muito menores que os gigantes gasosos e muito mais próximos da estrela, se devem ter o calor adequado, e em ambos os casos, seriam muito mais difíceis de ver daqui de longe. Significa que teremos de chegar consideravelmente mais perto para sondar a área numa faixa de quatro microparsees de Gaia-S.

– Estou pronto.

– E eu não. Vamos fazer o Salto amanhã.

– Por que amanhã?

– E por que não? Vamos dar-lhes um dia para saírem e virem até nós, e para fugirmos, talvez, se os percebermos chegando, e não gostarmos do que virmos.

60.

Era um lento e cuidadoso processo. Durante o dia que passara, Trevize concentrou-se em calcular diversas aproximações, e tentou escolher entre elas. Na falta de dados, podia depender apenas da intuição, que, infortunadamente, nada lhe dizia. Faltava-lhe aquela “segurança” que ocasionalmente experimentava.

Acabou introduzindo instruções para um Salto que os deslocaria para longe do plano orbital dos planetas.

– Isso nos dará uma visão melhor da região como um todo, pois veremos os planetas em qualquer parte de suas órbitas e à distância aparente máxima do sol. E eles – quem quer que possam ser – talvez não estejam tão vigilantes quanto a outras regiões fora do plano, espero.

Estavam agora tão próximos de Gaia-S quanto o mais próximo e maior dos gigantes gasosos, e estavam a quase meio bilhão de quilômetros dele -

Trevize colocou-o sob ampliação máxima na tela, em benefício de Pelorat. Era uma vista impressionante, mesmo sem considerar os três anéis esparsos e delgados de detritos rochosos.

– Tem o séquito usual de satélites, mas a esta distância de Gaia-S, sabemos que nenhum deles é habitável. Nem nenhum deles é ocupado por humanos que sobrevivem, digamos, sob uma cúpula de vidro ou sob condições estritamente artificiais,

– Como sabe?

– Não há ruído de rádio com características que apontem uma origem inteligente. É claro – corrigiu logo sua afirmação –, é concebível que um posto científico avançado pode se dar a grande trabalho para disfarçar seus sinais de rádio, e o gigante gasoso produz um ruído de rádio que poderia mascarar aquilo que estou procurando. Mesmo assim, nosso radiorreceptor é delicado e nosso computador é extraordinariamente bom. Eu diria que a chance de ocupação humana daqueles satélites é extremamente baixa.

– E isso significa que não existe Gaia?

– Não, mas significa que se ela existe, não se interessou em ocupar aqueles satélites. Talvez não tenha a capacidade de fazê-lo, ou não ten o interesse

– Afinal, Gaia existe ou não existe?

– Paciência, Janov, paciência.

Trevize ficou a perscrutar o céu com um suprimento aparentemente infinito de paciência, Parou num ponto, para dizer: – Francamente, o fato de que eles não caíram sobre nós é desanimador. Com certeza, se eles tivessem a capacidade que dizem ter, a esta altura já teriam reagido à nossa presença.

– É concebível, eu suporto – disse Pelorat sombriamente –, que toda essa coisa é fantasia.

– Chame-a de mito, Janov – disse Trevize com um sorriso forçado –, e estará no caminho certo. Ainda assim... há um planeta se deslocando pela ecosfera, que indica que poderia sem habitável. Quero observá-lo por, pelo menos, um dia.

– Por quê?

– Para me certificar de que é habitável, ao menos.

– Você acaba de dizer que está na ecosfera, Golan.

– Sim, no momento, está, Mas sua órbita poderia ser muito excêntrica, e

poderia eventualmente chegar a um microparsec da estrela, ou para longe, a quinze microparsecs, ou ambos. Teremos de determinar e comparar a distância do planeta a Gaia-S, com sua velocidade orbital, e ajudaria também anotar a direção de seu movimento.

61.

Mais um dia.

– Sua órbita é quase circular – concluiu Trevize –, o que significa que a habitabilidade é muito mais certa. Mas ninguém saiu ao nosso encontro, mesmo agora. Precisaremos tentar olhar mais de perto.

– Por que leva tanto tempo para arranjar um Salto? Você está fazendo Saltos pequenos.

– Escute a voz da experiência. Os Saltos pequenos são mais difíceis de controlar do que os grandes. É mais fácil apanhar uma pedra ou um grão de areia? Além do que, Gaia-S está perto, e o espaço fica fortemente encurvado. Isso complica os cálculos mesmo para o computador. Mesmo um mitólogo devia ver isso.

Pelorat grunhiu.

– Veja, agora pode-se ver o planeta a olho nu. Logo ali. Vê? O período de rotação é de cerca de vinte e duas Horas Galácticas e a inclinação axial é de doze graus. E praticamente um exemplo didático de planeta habitável e tem vida.

– Como sabe?

– Há quantidades substanciais de oxigênio livre na atmosfera. Não se pode ter isso sem uma vegetação bem estabelecida.

– E vida inteligente?

– Isso vai depender da análise das emissões de rádio. É claro, poderia existir vida inteligente que abandonou a tecnologia, suponho, mas isso parece muito improvável.

– Já houve tais casos.

– Aceitarei sua palavra. Esse é o seu departamento. Entretanto, é muito improvável que não haja nada além de sobreviventes pastoris num planeta que assustou o Mula.

– Tem um satélite?

– Sim, tem – respondeu Trevize, casualmente.

– De que tamanho? – Pelorat perguntou quase engasgando de ansiedade.

– Não tenho certeza. Talvez cem quilômetros de diâmetro.

– Ai de mim! – suspirou Pelorat. – Gostaria de ter uma coleção melhor de expletivos bem à mão, meu velho, mas havia aquela chance mínima...

– Quer dizer, de um satélite gigante, caso em que seria a própria Terra?

– Sim, mas claramente, não é.

– Bem, se Compor está certo, a Terra não estaria nesta região galáctica, de qualquer maneira. Estaria lá para Sirius. Sinceramente, lamento, Janov.

– Não faz mal.

– Olhe, vamos esperar, e arriscar mais um pequeno Salto. Se não acharmos sinais de vida inteligente, então será seguro aterrissar, exceto que não haverá razão para descer, não é?

62.

Depois do Salto seguinte, Trevize disse, estupefato: – Eis aí, Janov. É Gaia mesmo. Pelo menos, possui uma civilização tecnológica.

– Pode discernir isso pelas ondas de rádio?

– Melhor. Há uma estação espacial à volta do planeta. Está vendo?

Havia um objeto na visitela. Ao olho desacostumado de Pelorat, não parecia muito impressionante, mas Trevize disse: – Artificial, metálica, e fonte de rádio.

– E o que vem, a seguir?

– Nada, por algum tempo. Neste estágio da tecnologia, eles não podem deixar de nos detectar. Se, depois de algum tempo, eles não fizerem nada, dirigirei uma mensagem de rádio para eles. Se eles ainda não fizerem nada, aproximo-me cuidadosamente.

– E se eles fizerem alguma coisa?

– Vai depender do “alguma coisa”. Se eu não gostar, então terei de tirar vantagem do fato de que é pouquíssimo provável que eles tenham algo equiparável à facilidade com que esta nave pode fazer um Salto.

– Quer dizer que vamos partir?

– Como um míssil hiperespacial.

– Mas vamos sair sabendo tanto quanto quando chegamos.

– De modo algum. No mínimo, saberemos que Gaia existe, que tem uma tecnologia operacional, e que fez algo para nos apavorar.

– Mas, Golan, vamos procurar não nos assustarmos muito facilmente.

– Janov, eu sei que você não deseja nada mais na Galáxia inteira do que saber sobre a Terra, a qualquer custo, mas por favor, lembre-se que eu não compartilho da sua monomania. Estamos numa nave desarmada, e aquelas pessoas lá embaixo têm estado isoladas há séculos. Suponha que nunca ouviram falar da Fundação, e não sabem o suficiente para respeitá-la. Ou suponha que aí está a Segunda Fundação, e uma vez que estivermos a seu alcance, se eles se aborrecerem conosco, poderemos nunca mais ser os mesmos de novo. Quer que eles limpem sua mente e descobrir que não é mais um mitólogo, e que não sabe mais nada sobre lenda alguma?

Pelorat entristeceu-se: – Se você coloca as coisas desse modo. Mas o que fazemos, uma vez partindo?

– Simples. Voltamos para Terminus com as notícias. Ou tão perto de Terminus quanto a velha deixar. Então poderíamos retornar a Gaia – mais depressa e sem termos de rastejar ao longo do caminho – e voltamos com uma nave armada, ou com uma frota armada. As coisas então poderão ser diferentes.

63.

Esperavam. O que passara a ser uma rotina. Gastaram mais tempo esperando na aproximação de Gaia do que gastaram em todo o vôo de Terminus para Sayshell.

Trevize ajustou o computador para um alarme automático, e ficou despreocupado o bastante para cochilar em sua poltrona.

O que significou um despertar sobressaltado, quando o alarme tocou. Pelorat foi ao quarto de Trevize, igualmente assustado. Fora interrompido enquanto se barbeava.

– Será que recebemos uma mensagem?

– Não – respondeu Trevize, enérgico. – Estamos nos movendo!

– Movendo? Para onde?

– Rumo à estação espacial.

– E por quê?

– Não sei, Os motores estão ligados, e o computador não responde a mim, mas estamos nos movendo. Janov, fomos agarrados. Chegamos um pouco perto demais de Gaia.

16. CONVERGÊNCIA

64.

Quando Stor Guendibal por fim distinguiu a nave de Compor em sua visitela, pareceu como o fim de uma jornada incrivelmente longa. Mas, é claro, não era o fim, mas meramente o princípio. A jornada de Trantor a Sayshell não fora nada senão um prólogo.

Novi parecia assombrada: – Aquela é uma outra nave do espaço.

– Espaçonave, Novi. É aquela que estivemos procurando alcançar. É uma nave maior que esta, e muito melhor. Pode se mover pelo espaço tão depressa que, se fugisse de nós, esta nave provavelmente não poderia alcançá-la; nem mesmo segui-la.

– Mais rápida que uma nave dos doutores? – Sura Novi parecia amedrontada só com a idéia.

Guendibal disse, desdenhoso: – Posso ser, como você diz, um doutor, mas não sou douto em todas as coisas. Nós, os doutores, não temos naves como essas, nem temos muitos dos dispositivos materiais que os donos daquelas naves têm.

– Mas como os doutores podem ficar sem essas coisas, doutor?

– Porque somos doutos naquilo que importa. Os progressos materiais que esses outros têm são frivolidades.

As sobrancelhas de Novi juntaram-se, em meditação. – Parece-me que viajar tão depressa que um doutor não pode seguir não é pouca Coisa. Quem são essas pessoas qui têm essas maravia... essas coisas?

Guendibal estava perplexo. – Eles chamam a si mesmos a Fundação. Já ouviu falar da Fundação?

Ele apanhou a si mesmo imaginando o que os hamish sabiam ou não da Galáxia, e porque nunca ocorrera aos Oradores ficar pensando sobre essas coisas. Ou será que só ele é que nunca pensara nisso antes – só presumindo que os hamish não cuidavam de mais nada se não cavoucar o solo.

Novi abanou a cabeça, pensativa. – Nunca ouvi falar, doutor. Quando o

mestre-escola me ensinou o bê-a-bá... a ler, quero dizer, disse-me que havia muitos outros mundos, e disse-me os nomes de alguns. Disse que nosso mundo hamish tinha o nome de um certo Trantor, e que uma vez governou todos os mundos. Disse que Trantor era coberto de ferro reluzente, e tinha um imperador que era o dono de tudo.

Seus olhos se ergueram para Guendibal com uma alegria acanhada. – Eu não acredito na maior parte disso, acho. Há muitas histórias que os contadores de histórias contam nas salas de reunião, nas noites longas. Quando eu era menininha, acreditava em todas, mas quando cresci, descobri que muitas delas não eram verdade. Acredito muito pouco nelas, agora; talvez em nenhuma. Mesmo os mestres-escolas contam coisas que não são de acreditar.

– Mesmo assim, aquela história em particular, do mestre-escola, é verdadeira, mas foi há muito tempo. Trantor de fato era coberto de metal, e realmente tinha um Imperador que dominava toda a Galáxia. Agora, porém, é o povo da Fundação que algum dia governará todos os mundos. Eles estão cada vez mais fortes.

– Vão governar tudo, doutor?

– Não logo. Em quinhentos anos.

– E eles vão dominar os doutores, também?

– Não, não. Vão governar os mundos. E nós vamos governar a eles, para a segurança deles e a segurança de todos os mundos.

Novi estava de testa enrugada, de novo. – Doutor, essa gente da Fundação tem muitas dessas naves extraordinárias?

– Imagino que sim, Novi.

– E outras coisas que sejam tão... assombrosas?

– Têm armas poderosas, de todo tipo.

– Então, doutor, por que eles não podem tomar todos os mundos agora?

– Ainda não podem. Ainda não é a hora.

– Mas, por que não podem? Os doutores os impediriam?

– Nem precisaríamos, Novi. Mesmo que nada fizéssemos, não poderiam tomar todos os mundos.

– Mas, o que os impediria?

– Veja: há um plano, que, certa vez, um homem sábio idealizou...

Parou, sorriu de leve, e abanou a cabeça: – É difícil explicar, Novi. Uma outra vez, quem sabe. De fato, quando você vir o que vai acontecer antes de vermos Trantor de novo, você poderá mesmo entender sem que eu explique.

– E o que vai acontecer, doutor?

– Não tenho certeza, Novi. Mas tudo vai sair bem.

Virou-se e preparou-se para estabelecer contato com Compor. E, ao fazê-lo, não podia deixar de afastar um pensamento: Espero que tudo saia bem.

Ficou instantaneamente enfurecido consigo mesmo, pois sabia a fonte daquela corrente de pensamento tola e enfraquecedora. Era a imagem do enorme e elaborado poder da Fundação sob a forma da nave de Compor, e sua dor ao ver a admiração de Novi por ela.

Estupidez! Como ele podia se comparar com a posse da mera força e poder, com a capacidade de dirigir os eventos? Era o que gerações de Oradores tinham chamado “a falácia da mão na garganta”.

E pensar que ele ainda não estava imune a todas as ilusões!

65.

Munn Li Compor não estava minimamente seguro sobre como deveria se comportar. Durante a maior parte de sua vida, tivera a visão de onipotentes Oradores existindo fora de seu círculo de experiências – Oradores com quem ele ocasionalmente estivera em contato e que tinham, em seu misterioso poder, toda a humanidade.

De todos eles, fora para Stor Guendibal que ele, nos últimos anos, tinha se voltado para tomar orientação. Não era nem mesmo uma voz, o que encontrara algumas vezes, mas uma simples presença em sua mente – hiperfonia sem um hiper-relê.

Neste aspecto, a Segunda Fundação estava muito à frente da Fundação. Sem um dispositivo material, apenas pelo poder da mente, educado e aperfeiçoado, podiam estender-se pelos parsecs de uma maneira que não podia ser espionada, e não podia ser violada. Era uma rede invisível, indetectável, que mantinha todos os mundos bem unidos pelo intermédio de uns poucos, extremamente dedicados.

Compor, mais de uma vez, experimentara uma espécie de exaltação ao

pensar em seu papel. Como era pequeno o grupo ao qual pertencia; e que enorme influência exerciam. E como tudo isso era secreto. Mesmo sua esposa nada sabia de sua vida oculta.

E eram os Oradores que seguravam os cordões – e este Orador, esse Guendibal, que poderia (pensava Compor) ser o próximo Primeiro Orador, o mais-que-Imperador de um mais-que-Império.

Agora, Guendibai estava aqui, numa nave de Trantor, e Compor lutava para abafar seu desapontamento por este encontro não ter ocorrido no próprio Trantor.

Aquilo era uma nave de Trantor? Qualquer dos primitivos Mercadores que levaram os artigos da Fundação por uma Galáxia hostil teria uma nave melhor que aquela. Não admira que levara tanto tempo a um Orador para cobrir a distância de Trantor a Sayshell.

Não estava sequer equipada com um mecanismo “unidock”, que poderia unir as duas naves numa só, se fosse necessária a transferência de pessoas entre elas. Mesmo a desprezível flotilha saysheliana estava equipada com isso. Ao invés, o Orador tinha de casar as velo cidades e lançar um cordão entre as naves, e vir flutuando ao longo dele, como nos tempos imperiais.

E isso era tudo, pensou Compor sombriamente, incapaz de reprimir o sentimento. A nave nada mais era que um modelo superado, do tempo do Império, e uma das pequenas, aliás.

Dois vultos se moviam ao longo do cordão; um deles tão desajeita do que estava claro que nunca tentara manobrar em pleno espaço antes.

Por fim estavam a bordo, e removeram seus trajes espaciais. O Orador Stor Guendibal era de estatura mediana e de aspecto nada impressionante; não era alto e forte, nem exalava uma aura de erudição. Seus olhos escuros e encovados eram a única indicação de seus estudos. Agora, o Orador olhava à volta, ele sim, indicando claramente estar admirado.

O outro vulto revelou-se uma mulher da mesma altura de Guendibal, de aspecto simples. Sua boca estava aberta, de admiração, ao olhar à volta.

66.

Deslocar-se ao longo do cordão não fora uma experiência inteiramente desagradável, para Guendibal. Ele não era um espaçonauta – nenhum

segundofundacionista era – mas também não era bem um verme da superfície, pois não se permitia que nenhum segundofundacionista fosse assim. A possível necessidade de uma viagem espacial, afinal de contas, sempre pairava sobre eles, apesar de que todo segundofundacionista esperasse que surgisse com pouca freqüência. (Prim Palver – cujas extensas viagens espaciais ficaram legendárias – uma vez dissera, arrependido, que a medida do sucesso de um Orador era dado pelo pequeno número de vezes que fosse forçado a se mover pelo espaço para garantir o sucesso do Plano).

Guendibal teve de usar um cordão três vezes antes. Esta era a sua quarta vez, e mesmo que tivesse se sentido tenso, só se preocupou com Sura Movi. Não precisava de mentálica nenhuma para perceber que saltar para o nada a perturbara profundamente.

– ‘Tõ cum mêdu, dotô – ela disse, quando soube o que tinha de ser feito. – É nu nada qui eu vã pisá. – Mesmo na falta de qualquer outro sinal, a recaída no forte dialeto hamish mostrava a extensão de seu mal-estar.

Guendibal replicou, delicadamente: – Não posso deixá-la a bordo desta nave, Novi, pois vou mudar para a outra, e preciso ter você comigo. Não há perigo, pois a roupa espacial vai protegê-la de todo mal, e não há lugar para onde você possa cair. Mesmo que se solte do cordão, vai continuar no mesmo lugar, e eu estarei bem perto, de modo que poderei agarrá-la de novo. Vamos, Novi, mostre que é corajosa, assim como é inteligente, o bastante para ser uma doutora.

Ela não fez mais objeções, e Guendibal, sem vontade de fazer nada que pudesse perturbar a tranqüilidade mental dela, ainda assim conseguiu injetar um toque calmante na superfície da mente dela.

– Você ainda pode falar comigo – disse ele, depois que estavam fechados em seus trajes espaciais. – Posso ouvi-la, se você pensar intensamente. Pense nas palavras fortemente, e com clareza, uma por uma. Pode ouvir-me, não?

– Sim, doutor – ela respondeu.

Ele podia ver os lábios dela se movendo através da viseira transparente, e disse: – Diga sem mover os lábios, Novi. Não há rádio no tipo de roupa espacial que os doutores têm. É tudo feito com a mente.

Seus lábios não se moveram, e seu aspecto pareceu mais ansioso: – Pode me ouvir, doutor?

– Perfeitamente – pensou Guendibal, e seus lábios também não se moviam. – E você, está me escutando?

–‘Tô, dotô.

– Então, venha comigo e faça o que eu lhe disser.

Foram adiante. Guendibal conhecia bem a teoria, mesmo podendo aplicá-la na prática moderadamente bem. O truque consistia em manter as pernas esticadas, juntas, e balançá-las só na articulação das coxas. Isso mantinha o centro de gravidade movendo-se em linha reta com os braços se balançando para a frente, numa alternância constante. Explicou isto a Sura Novi, e sem olhar para ela de novo, estudou a situação do seu corpo pelo conjunto das áreas motoras do cérebro.

Para uma principiante, saiu-se bem, quase tão bem quanto Guendibal. Ela reprimiu suas tensões e seguiu as instruções. Guendibal de novo ficou muito contente com ela.

Mas é claro, ela ficou muito contente de estar de novo a bordo de uma espaçonave, assim como Guendibal. Ele olhou em volta, à medida que removia seu traje espacial e ficou estupefato com o luxo e o estilo do equipamento. Não conseguia reconhecer quase nada, e sentiu apertar o coração com a idéia de que ele poderia ter pouco ou nenhum tempo para aprender tudo aquilo. Ele poderia transferir a prática do homem já nos controles, algo que nunca era tão satisfatório quanto a aprendizagem normal.

Então, concentrou-se em Compor. Compor era alto e magro, alguns anos mais velho que ele, simpático, embora de aspecto frágil, com um cabelo ondulado fortemente, de um amarelo-manteiga que não deixava de surpreender.

E estava claro para Guendibal que esta pessoa estava desapontada e mesmo desprezava o aspecto do Orador que encontrava agora pela primeira vez. E mais, fracassava totalmente em esconder o fato.

Guendibal não se importava com essas coisas, no todo. Compor não era um trantoriano – nem propriamente um segundofundacionista – e claramente tinha suas ilusões. Mesmo a leitura mais superficial de sua mente o revelava. Dentre elas, a ilusão de que o verdadeiro poder estava relacionado necessariamente com a aparência de poder. Ele poderia, é claro, conservar suas ilusões, enquanto não interferissem com o que Guendibal precisava, mas no momento, esta ilusão em particular interferia, com efeito.

O que Guendibal fez foi o equivalente mentálico de um estalar de dedos. Compor estremeceu levemente sob a impressão de uma aguda dor, mas passageira. Houve uma impressão de concentração reforçada que espicaçava a película superficial de seu pensar e deixava o homem com a consciência de uma

força casual mas assustadora, que poderia ser utilizada, se o Orador assim o quisesse.

Compor foi deixado com um vasto respeito por Guendibal.

Guendibal disse, tentando agradar: – Estou meramente atraindo a sua atenção, Compor, meu amigo. Por favor, deixe-me saber o atual paradeiro de seu amigo, Golan Trevize, e seu amigo, Janov Pelorat.

Compor disse, hesitante: – Devo falar na presença dessa mulher, Orador?

– A mulher, Compor, é uma extensão de mim mesmo. Não há razão, portanto, pela qual você não deveria falar livremente.

– Como quiser, Orador. Trevize e Pelorat estão agora se aproximando de um planeta conhecido como Gaia.

– Foi o que você disse em sua última comunicação, no outro dia. Certamente, já desceram em Gaia e talvez já tenham partido. Não ficaram muito tempo no planeta Sayshell.

– Ainda não pousaram, durante o tempo em que os segui, Orador. Estavam se aproximando do planeta com grande cuidado, fazendo pausas substanciais entre os micro-Saltos. Está claro para mim que eles não têm informações sobre o planeta de que se aproximam e, portanto, hesitam.

– Você tem essa informação, Compor?

– Não tenho nenhuma, Orador, ou, pelo menos, o computador de minha nave não tem nenhuma.

– Este computador? – Os olhos de Guendibal caíram sobre o painel de controle e perguntou, com súbita esperança: – Pode ajudar eficazmente a pilotar a nave?

– Pode operar a nave completamente, Orador, Só é preciso pensar o que se quiser para ele.

Guendibal sentiu-se subitamente pouco à vontade: – A Fundação já foi tão longe?

– Sim, mas desajeitadamente. O computador não funciona bem. Preciso repetir meus pensamentos várias vezes, e mesmo assim, só consigo informação mínima,

Guendibal contrapôs: – Eu poderia fazer melhor que isso.

– Estou certo que sim, Orador – reconheceu Compor, respeitosamente.

– Mas, não se preocupe com isso, por hora. Por que ele não tem

informação sobre Gaia?

– Eu não sei, Orador. Alega ter, tanto quanto qualquer computador pode alegar, registros de todos os planetas habitados por humanos na Galáxia.

– Ele não pode ter mais informação do que a que foi introduzida nele, e se os que o alimentaram pensassem que tinham registros de todos esses planetas quando, de fato, não tinham, então o computador trabalharia sob a mesma falsa concepção. Certo?

– Certamente que sim, Orador.

– Perguntou em Sayshell?

– Orador – continuou Compor respeitosamente –, há pessoas que falam sobre Gaia em Sayshell, mas o que eles dizem é sem valor. Claramente superstição. A lenda de que falam é que Gaia é um mundo poderoso que deteve até mesmo o Mula.

– E é isso mesmo o que eles dizem? – disse Guendibal, suprimindo sua excitação. – Você tinha tanta certeza que isso era superstição, que não perguntou pormenores?

– Não, Orador. Perguntei bastante, mas o que acabo de lhe dizer é tudo o que qualquer um pode contar. Falam do assunto extensa- mente, mas ao terminarem, tudo se reduz ao que acabo de contar.

– Aparentemente, foi isso o que Trevize ouviu, também, e ele foi para Gaia por alguma razão associada a isso, para canalizar esse grande poder, quiçá. E o faz cuidadosamente, pois talvez ele também tema esse grande poder.

– Isso certamente é possível, Orador.

– E mesmo assim você não o seguiu?

– Eu o segui, Orador, o bastante para me certificar de que ele de fato ia rumo a Gaia. Então voltei para cá, na periferia do sistema de Gaia.

– Por quê?

– Três razões, Orador. Primeiro, o senhor estava para chegar, e eu queria encontrá-lo a meio-caminho e trazê-lo a bordo o quanto antes, conforme suas instruções. Como minha nave tem um hiper-relê a bordo, não podia me afastar muito de Trevize e Pelorat sem levantar suspeitas em Terminus, mas julguei poder me arriscar a este movimento. Segundo, quando ficou claro que Trevize estava se aproximando do planeta Gaia lentamente, julguei que haveria tempo o bastante para me dirigir até o senhor, e apressar nosso encontro sem sermos ultrapassados pelos acontecimentos, especialmente que o senhor seria mais

competente para segui-lo do que eu, até o planeta, e cuidar de qualquer emergência que poderia surgir.

– Bem acertado. E a terceira razão?

– Desde nossa última comunicação, Orador, algo aconteceu, que eu não esperava, e não entendi. Senti – e por essa razão, também – que eu deveria apressar o nosso encontro tanto quanto eu me atrevesse.

– E esse evento, que você não esperava e não entendeu?

– Naves da Fundação, aproximando-se da fronteira saysheliana. Meu computador captou esta informação do noticiário sayshelliano. Na flotilha encontram-se pelo menos cinco naves avançadas, e têm força suficiente para subjugar Sayshell.

Guendibal não respondeu de imediato, pois não adiantaria evidenciar que ele não esperava um tal movimento – ou tampouco que ele também não entendia. Assim, depois de um momento, disse, negligente: – Você supõe que isto tem algo a ver com o movimento de Trevize em direção a Gaia?

– Certamente ocorreu imediatamente após, e se B segue-se a A, então há pelo menos uma probabilidade de que A causou B.

– Bem, com que estão parece que tudo converge sobre Gaia, Trevize, eu, e a Primeira Fundação. Vamos adiante; você agiu bem, Compor, e eis o que faremos a seguir: primeiro, você vai me mostrar como este computador funciona, e através disto, como a nave pode ser manipulada. Estou certo de que isso não vai levar muito tempo.

– Depois, você vai entrar em minha nave, pois que até então eu terei impressionado sua mente sobre como manipulá-la. Você não terá dificuldades em manobrá-la, muito embora deva dizer-lhe (como sem dúvida deve ter adivinhado pela aparência dela) que a achará muito primitiva. Uma vez no controle da nave, vai conservá-la ali e esperar por mim.

– Por quanto tempo, Orador?

– Até que eu volte para você. Não espero ficar longe o suficiente para que você corra o risco de ficar sem suprimentos, mas se eu me atrasar indevidamente, você poderá ir até algum planeta habitado da União de Sayshell e esperar por lá. Onde quer que esteja, eu o encontrarei.

– Como quiser, Orador.

– E não fique alarmado. Posso enfrentar essa misteriosa Gaia e, se necessário, também as cinco naves da Fundação.

67.

Littoral Thoobing tinha sido embaixador da Fundação em Sayshell nos últimos sete anos. E até que gostava do posto.

Alto e um tanto corpulento, usava um espesso bigode castanho, quando a moda predominante, tanto na Fundação quanto em Sayshell, era totalmente barbeado. Tinha um rosto enrugado, apesar de só ter cinqüenta e quatro anos, e era muito dado a uma indiferença estudada. Sua atitude em relação ao seu trabalho não era nitidamente discernível.

Ainda assim, gostava daquele cargo. Mantinha-o longe da azáfama política de Terminus – o que considerava muito bom – e dava-lhe a chance de viver a vida de um sibarita sayshelliano, sustentar sua esposa e sua filha num estilo exuberante. E ele não queria saber de per turbações em sua vida.

Por outro lado, desagradava-lhe Liono Kodell, talvez porque também ostentasse um bigode, apesar de ser um bigode menor, mais curto e grisalho. Nos velhos tempos, tinham sido as duas únicas pessoas proeminentes na vida pública que usaram um, e havia uma quase que competição entre os dois sobre o tema. Agora (pensava Thoobing), não havia nenhuma; Kodell era simplesmente desprezível.

Kodell fora Diretor de Segurança quando Thoobing ainda estava em Terminus, sonhando em se opor a Harla Branno na corrida para Prefeito, até que foi comprado e removido com a embaixada. Branno o fizera em causa própria, é claro, mas ele acabou agradecido a ela por isso.

Mas não a Kodell, de algum modo. Talvez por causa da alegria premeditada de Kodell – a maneira pela qual ele era sempre tão amigável, mesmo após decidir exatamente de que maneira se deveria cortar a sua garganta.

E agora ali estava ele, sentado, em imagem hiperespacial, alegre como sempre, transbordando de bonomia. Seu corpo estava, de fato, em Terminus, que poupava a Thoobing a necessidade de lhe oferecer qualquer sinal físico de hospitalidade.

– Kodell, quero que aquelas naves se retirem.

Kodell deu um sorriso ensolarado: – Ora, eu também, mas a velha já se decidiu.

– Você se notabilizou por persuadi-la de uma ou outra coisa.

– Ocasionalmente. Talvez. E quando ela queria ser persuadida. Desta vez, ela não quer. Thoobing, cumpra o seu dever. Mantenha Sayshell calmo.

– Não estou pensando em Sayshell, Kodell. Estou pensando na Fundação.

– Todos nós estamos.

– Kodell, é sério. Quero que me escute.

– De bom grado, mas estes tempos são febris, aqui em Terminus, e não posso ficar escutando.o para sempre.

– Serei o mais breve possível, o quanto se pode ser ao discutir a possibilidade da destruição da Fundação. Se esta linha hiperespacial não estiver sendo espionada, falarei livremente.

– Não está espionada.

– Então deixe-me continuar. Recebi uma mensagem, há alguns dias, de um tal Golan Trevize. Lembro-me de um Trevize, quando estava na política, um Comissário dos Transportes.

– O tio do rapaz – esclareceu Kodell.

– Ah, então você conhece o Trevize que me enviou a mensagem. De acordo com a informação que tenho reunido desde então, ele era um Conselheiro que, depois da recente solução bem-sucedida de uma Crise de Seldon, foi preso e enviado ao exílio.

– Exatamente.

– Não acredito.

– Em que você não acredita?

– Que ele foi exilado.

– Por que não?

– Quando, em toda a história, qualquer cidadão da Fundação foi enviado ao exílio? Ou é preso, ou não é preso. Se for preso, é julgado ou não é julgado. Se for julgado, é condenado ou não. Se for condenado é multado, demovido, cai em desgraça, aprisionado, ou executado. Ninguém é exilado.

– Há sempre uma primeira vez.

– Tolices! Numa nave de modelo avançado? Que imbecil pode deixar de ver que ele está em missão especial para a velha? A quem ela quer enganar com isso?

– E qual seria essa missão?

– Supostamente, descobrir o planeta Gaia.

Parte da alegria deixou o rosto de Kodell. Uma dureza inusitada invadiu seu olhar. – Eu sei que o senhor não sente nenhum impulso avassalador de acreditar no que digo, senhor embaixador, mas peço-lhe especialmente que me acredite, neste caso. Nem a Prefeita nem eu jamais tínhamos ouvido falar de Gaia quando Trevize foi exilado. Ouvimos falar de Gaia pela primeira vez há poucos dias. Se o senhor acreditar nisto, esta conversa pode continuar.

– Suspenderei minha tendência ao ceticismo o bastante para aceitar isso, Diretor, apesar de ser difícil.

– É a pura verdade, senhor embaixador, e se de repente adotei um tom formal, é porque o senhor descobrirá que tem perguntas a responder, e não achará a ocasião nada festiva. O senhor fala como se Gaia fosse um mundo familiar. Como pode ser que o senhor sabe de algo que desconhecíamos? Não é o seu dever fazer com que saibamos de tudo sobre a unidade política para a qual foi designado?

Thoobing disse, mansamente: – Gaia não faz parte da União de Sayshell. De fato, provavelmente nem mesmo existe. Devo transmitir a Terminus todos os contos de fadas que o populacho supersticioso de Sayshell conta sobre Gaia? Alguns deles dizem que Gaia está localizada no hiperespaço. De acordo com outros, é um mundo que protege Sayshell por meios sobrenaturais. Ainda conforme outros, enviou o Mula para assolar a Galáxia. Se o senhor está planejando dizer ao governo sayshelliano que Trevize foi mandado para descobrir Gaia, e que cinco naves avançadas da Frota da Fundação foram enviadas para apoiá-lo em sua pesquisa, eles nunca acreditarão. A gente pode acreditar em contos de fadas a respeito de Gaia, mas não o governo, e ele não vai se convencer de que a Fundação acredita. Acharão que vão tentar forçar Sayshell ajuntar-se à Federação da Fundação.

– E se planejarmos fazê-lo?

– Seria fatal. Ora, vamos, Kodell, nos cinco séculos de história da Fundação, quando foi que lutamos numa guerra de conquista? Lutamos em guerras para prevenir a nossa própria conquista, e falhamos uma vez, mas nenhuma guerra terminou com uma extensão de nosso território. As adesões à Federação ocorreram por meio de acordos pacíficos. Uniram-se a nós os que viram benefícios nessa união.

– Não seria possível que Sayshell visse benefícios nessa união?

– Nunca o farão enquanto nossas naves estiverem nas fronteiras deles. Retire-as.

– Não pode ser feito.

– Kodell, Sayshell é uma propaganda maravilhosa para a benevolência da Federação da Fundação. Está quase totalmente rodeada por território nosso, está numa posição totalmente vulnerável, e até agora, tem estado em segurança, tem seguido seu próprio caminho, e mesmo tem mantido uma política anti-Fundação livremente. De que melhor maneira podemos mostrar à Galáxia que não forçamos ninguém, e que nos aproximamos de todos com amizade? Se tomarmos Sayshell, tomaremos aquilo que, em essência, já temos. E,afinal, nós a dominamos economicamente, mesmo que em silêncio. Mas se tomarmos este planeta pela força militar, anunciaremos para toda a Galáxia que nos tomamos expansionistas.

– E se eu lhe disser que estamos realmente interessados em Gaia?

– Então eu não acreditarei nisso mais do que a União de Sayshell acreditará. Esse homem, Trevize, envia-me uma mensagem de que está a caminho para Gaia, e pede-me para retransmitir para Terminus. Contra todo o meu melhor bom senso, faço-o, porque é minha obrigação, e antes de a linha hiperespacial esfriar, a Frota da Fundação está em movimento. Como vão chegar a Gaia, sem penetrar no es paço sayshelliano?

– Caríssimo Thoobing, você não percebeu o que acaba de dizer. Não me disse há poucos minutos que Gaia, se existe, não é parte da União de Sayshell? E presumo que você saiba que o hiperespaço é livre para todos, e não é parte do território de nenhum mundo. Como então pode Sayshell reclamar se nos deslocamos do território da Fundação (onde nossas naves estão neste momento), através do hiperespaço, para dentro do território de Gaia, e nunca, neste processo, ocuparmos um só centímetro cúbico de território saysheliano?

– Sayshell não interpretará os eventos exatamente dessa maneira, Kodell. Gaia, se é que existe, está totalmente encerrada pela União de Sayshell, mesmo não sendo parte política da União, e há precedentes que tornam tais enclaves partes virtuais do território circunjacente, no que concerne a belonaves inimigas.

– As nossas belonaves não são inimigas. Estamos em paz com Sayshell.

–Pois eu lhe digo que Sayshell pode declarar a guerra. Não esperarão ganhar essa guerra pela superioridade militar, mas resta o fato de que a guerra desencadeará uma onda de atividade anti-Fundação pela Galáxia afora. A nova política expansionista da Fundação encorajará o crescimento de alianças

contrárias a nós. Alguns dos membros da Federação começarão a reconsiderar seus laços conosco. Poderemos muito bem perder a guerra por desarticulação interna, e então seguramente inverteremos o processo do crescimento que tão bem tem servido à Fundação por quinhentos anos.

– Ora, Thoobing – disse Kodell, indiferente – você fala como se quinhentos anos não fossem nada, como se ainda estivéssemos na Fundação do tempo de Salvor Hardin, lutando contra o reino de bolso de Anacreon. Somos muito mais fortes agora que o Império Galáctico jamais foi em seu ápice. Uma esquadrilha de nossas naves poderia derrotar toda a Frota Galáctica, ocupar qualquer setor galáctico, e nem perceber que houve uma luta.

– Não estamos lutando contra o Império Galáctico. Estamos lutando contra planetas e setores de nosso tempo mesmo.

– Que não progrediram tanto quanto nós. Poderíamos unir toda a Galáxia, agora.

– De acordo com o Plano de Seldon, não podemos fazer isso ainda por mais quinhentos anos.

– O Plano de Seldon subestimou a velocidade do progresso tecnológico. Podemos fazê-lo agora! Entenda-me, não digo que vamos fazê-lo agora, ou que deveríamos fazê-lo agora. Meramente digo que podemos fazê-lo agora.

– Kodell, você viveu toda sua vida em Terminus. Não conhece a Galáxia. Nossa Frota e nossa tecnologia podem vencer as Forças Armadas de outros mundos, mas ainda não podemos governar toda uma Galáxia rebelde, cheia de ódio – e é isso o que acontecerá se a tomarmos pela foiça. Retire as naves!

– Não pode ser feito, Thoobing. Pense só... E se Gaia não for um mito

Thoobing fez uma pausa, perscrutando o rosto do outro, como se ansioso por ler sua mente. – Um mundo no hiperespaço, e que não é um mito?

– Um mundo no hiperespaço é superstição, mas mesmo superstições podem ser construídas em torno de núcleos de verdade. Esse homem, Trevize, que foi exilado, fala dela como se fosse um mundo real no espaço real. E se ele estiver cedo?

– Bobagem. Não acredito.

– Não? Acredite só por um momento. Um mundo real que deu garantia a Sayshell contra o Mula e contra a Fundação!

– Mas você se contradiz. Como Gaia está mantendo os sayshelianos seguros contra a Fundação? Não estamos enviando naves contra eles?

– Não contra eles, mas contra Gaia, que é tão misteriosamente desconhecida, que é tão cuidadosa em evitar ser notada que, enquanto está no espaço real, de algum modo convence seus vizinhos próximos que está no hiperespaço – e que mesmo consegue ficar fora dos dados computerizados dos melhores e mais abrangentes mapas galácticos.

– Deve ser um mundo incomum, então, pois é capaz de manipular mentes.

– E você não disse há apenas um momento que uma lenda saysheliana é que Gaia enviou o Mula para assolar a Galáxia? E o Mula não podia manipular mentes?

– Então, Gaia é um mundo de Mulas?

– Tem certeza de que não é?

– Por que não um mundo de uma Segunda Fundação renascida?

– Por que não, de fato? Não devemos investigar?

Thoobing ficou sério. Estivera sorrindo desdenhosamente durante as últimas trocas de palavras, mas agora baixava a cabeça e olhava por debaixo de seus sobrolhos, desconfiado. – Se está falando sério, uma tal investigação não é perigosa?

– Será?

– Está respondendo a minhas perguntas com outras perguntas, porque não tem respostas razoáveis. De que utilidade serão as naves contra Mulas ou a Segunda Fundação? Não é provável, com efeito, que, se eles existem, estão atraindo-o para a destruição? Veja, você me diz que a Fundação pode fundar o seu Império agora, mesmo com o Plano de Seldon apenas a meio caminho de sua execução, e adverti-o de que estaria se adiantando demais, e que as implicações do Plano o forçariam a ir mais devagar. Talvez, se Gaia existe e é o que você diz ser, tudo isso seja um artifício para causar esse retardamento. Faça voluntariamente agora o que poderá ser constrangido a fazer mais tarde, por um lamentável desastre. Retire as naves.

– Não pode ser feito. Na verdade, Thoobing, a própria Prefeita Branno planeja juntar-se às naves, e naves de reconhecimento já passaram pelo espaço rumo ao suposto território de Gaia.

Os olhos de Thoobing se arregalaram. – Com certeza, haverá guerra, estou lhe dizendo.

– Você é nosso embaixador. Evite isso. Dê aos sayshelianos quaisquer

garantias de que precisem. Negue qualquer má intenção de nossa parte. Diga-lhes, se necessário for, que vai valer a pena para eles ficarem sentados quietinhos e esperar que Gaia nos destrua. Diga qualquer coisa que quiser, mas mantenha-os quietos.

Parou, fitando a expressão estupefata de Thoobing: – Bem, isso é tudo, mesmo. Tanto quanto saiba, nenhuma nave da Fundação vai pousar em qualquer planeta da União de Saysheil, ou penetrar qualquer ponto do espaço real que seja parte da União. Entretanto, qualquer nave de Sayshel que tente nos desafiar fora do território da União, e portanto, dentro de território da Fundação, será prontamente reduzido a poeira. Tome isso perfeitamente claro, também, e mantenha os sayshelianos quietos. Você será estritamente responsabilizado, se falhar. Até agora, teve um empreguinho fácil, Thoobing, mas as vacas magras chegaram, e as próximas poucas semanas decidirão tudo. Traia-nos e nenhum lugar da Galáxia será seguro para você.

Não havia alegria nem amizade no rosto de Kodell, quando o contato foi desfeito e sua imagem desapareceu.

Thoobing ficou olhando, olhos arregalados, para o lugar onde a imagem estivera.

68.

Golan Trevize agarrou os cabelos como se estivesse tentando julgar pelo tato a condição de seus pensamentos Disse abruptamente para Pelorat. – Qual é o seu estado mental?

– Estado mental? – perguntou Pelorat, sem saber o que dizer.

– Sim. Aqui estamos, numa armadilha, com nossa nave sob controle hostil, e sendo arrastados inexoravelmente a um mundo do qual nada sabemos. Sente pânico?

O longo rosto de Pelorat registrou uma certa melancolia. – Não. Não me sinto alegre. Sinto-me um pouco apreensivo, mas não estou em pânico.

– Tampouco eu. Não é estranho? Por que não estamos mais perturbados?

– Isto é algo que esperávamos, Golan, alguma coisa como esta.

Trevize voltou-se para a tela. Continuava firmemente focalizada na estação espacial. Estava maior agora, o que significava que estavam mais perto.

A estação espacial em nada o impressionou. Não havia nada nela que

falasse de uma superciência. De fato, parecia até um pouco primitiva. Mas tinha a nave em suas garras.

– Estou sendo demasiado analítico, Janov. Frio! Gostaria de acreditar que não sou um covarde, e que posso me comportar direito sob pressão, mas tendo a me iludir, neste ponto. Todos se iludem. Eu deveria estar dando saltos, e suando um pouco. Podemos ter esperado por alguma coisa, mas isso não altera o fato de que estamos inermes e que podemos ser mortos.

– Não creio, Golan. Se os gaios podem tomar a nave à distância, não poderiam nos matar à distância? Se ainda estamos vivos...

– Mas não estamos totalmente intactos. Estamos muito calmos. Creio que eles nos tranqüilizaram

– Para quê?

– Para nos conservar em boa forma mental, acho. É possível que queiram interrogar.nos E depois, podem matar-nos.

– Se eles são racionais o bastante para querer nos interrogar, podem ser racionais o bastante para não nos matar sem uma boa razão.

Trevize reclinou-se em sua poltrona – pelo menos a poltrona se reclinava; eles não a privaram de seu funcionamento – e pousou os pés sobre a mesa onde normalmente suas mãos faziam contato com o computador. – Eles podem ser engenhosos o bastante para elaborar aquilo que quiserem considerar uma boa razão. Mas ainda, se tocaram nossas mentes, foi pouca coisa. Se fosse com o Mula, por exemplo, ele nos teria feito ansiosos para ir: animados, exultantes, cada fibra de nosso ser pedindo pela chegada lá – e apontou para a estação espacial. – Sente isso, Janov?

– Por certo que não.

– Você vê que estou num estado em que posso me permitir um raciocínio frio e analítico. Muito estranho! Ou será que não? Estarei em pânico, incoerente, enlouquecido, e simplesmente sob a ilusão de que me permito um raciocínio frio e analítico?

Pelorat não se preocupava muito. – Você me parece lúcido. Talvez eu esteja tão doido quanto você e esteja sob a mesma ilusão, mas esse tipo de argumento não nos leva a nada. Toda a humanidade poderia compartilhar semelhante insanidade, e imersa numa ilusão comum, enquanto vivendo num caos comum. Isso não pode ser refutado, mas não temos escolha senão seguir nossos sentidos. – E então, abruptamente, disse: – Na verdade, eu mesmo estive elaborando algum raciocínio.

– Sim?

– Bem, falamos sobre Gaia como um mundo de Mulas, possivelmente, ou como a Segunda Fundação renascida. Já lhe ocorreu que pode existir uma terceira alternativa, uma que é mais razoável que qualquer das duas primeiras?

– Que terceira alternativa?

Os olhos de Pelorat pareciam estar se concentrando para dentro. Não olhava para Trevize e sua voz estava baixa e pensativa. – Temos um mundo – Gaia – que fez o máximo, por um período indefinido, para se manter em estrito isolamento. De modo algum tentou estabelecer contato com qualquer outro mundo – nem mesmo com os planetas vizinhos da União de Sayshell. Adiantou-se na ciência, de algum modo, se as histórias da destruição de flotilhas é verdadeira, e certamente sua capacidade de nos controlar prova isso – e mesmo assim não fizeram nenhuma tentativa de expandir o seu poder. Só pedem para ficar sós.

Trevize estreitou os olhos: – E dai?

– Não é nada humano. Os mais de vinte mil anos da história humana no espaço tem sido uma narrativa ininterrupta de expansão ou tentativa de expansão. Todo mundo conhecido que pode ser habitado está habitado. Quase todos os mundos foram disputados ao longo desse processo, e quase todos os planetas chocaram-se contra seus vizinhos, vez ou outra. Se Gaia é tão inumana sob este aspecto, bem pode ser porque... é não-humana.

Trevize abanou a cabeça. – Impossível.

– Por que impossível? – insistiu Pelorat acaloradamente. – Já lhe disse que enigma é esse de a raça humana ser a única inteligência evoluída da Galáxia. E se não for? Não poderia existir mais uma – num só planeta – que não tivesse o impulso expansionista humano? Real mente – e Pelorat ia ficando cada vez mais animado –, e se houvesse um milhão de inteligências na Galáxia, mas só uma tivesse esse impulso expansionista, isto é, nós? As outras todas ficariam em casa, despercebidas, fora do caminho...

– Ridículo! – replicou Trevize. – Nós já os teríamos encontrado. Já teríamos pousado em seus planetas. Eles apareceriam com todos os tipos e todos os estágios da tecnologia, e a maioria deles não conseguiria nos deter. Mas nunca cruzamos com nada disso. Pelo espaço! Nem mesmo demos com as ruínas ou relíquias de uma civilização não-humana, não é mesmo? Você é o historiador, diga-me. Já encontramos?

Pelorat abanou a cabeça. – Não, não encontramos. Mas, Golan, poderia

haver uma! Esta uma!

– Não acredito. Você diz que o nome é Gaia, que é alguma antiga versão dialetal do nome “Terra”. Como isso pode ser não-humano?

– O nome “Gaia” é atribuído ao planeta por seres humanos, e quem sabe lá por quê? A semelhança com um planeta antigo poderia ser coincidência. Pensando bem, o mero fato de que fomos atraídos para Gaia – como você me explicou em grande pormenor há algum tempo – e que estamos agora sendo atraídos contra nossa vontade, é um argumento em favor da não-humanidade dos gaios.

– Por quê? O que isso tem a ver com não-humanidade?

– Eles têm curiosidade a nosso respeito, nós, os humanos.

– Janov, você está maluco. Eles têm vivido numa Galáxia rodeada por humanos há milhares de anos. Por que só agora eles ficariam curiosos? Por que não muito tempo antes? E se só agora, por que nós? Se eles querem estudar os humanos e a cultura humana, por que não os mundos de Sayshell? Por que eles se estenderiam todo o caminho até Terminus para nos alcançar?

– Podem estar interessados na Fundação.

– Isso não faz sentido – rejeitou Trevize, violentamente. – Janov, você quer uma inteligência não-humana, e vai ter uma. Agora mesmo, acabo de pensar que se você pensasse que iria ao encontro de não-humanos, se preocuparia em ser capturado, estar inerme, mesmo ser morto, se eles lhe dessem sequer um instante para pronunciar a sua curiosidade.

Pelorat começou a gaguejar uma negativa indignada, mas parou, tomou fôlego e disse: – Você bem pode estar certo, Golan, mas conservarei minha crença por mais algum tempo. Não creio que precisaremos esperar muito tempo para ver quem está certo. Olhe!

E apontou para a tela. Trevize, que, com toda a agitação, deixa- ra de olhar, voltou a cabeça. – O que é?

– Não é uma nave que está saindo da estação?

– É alguma coisa – admitiu Trevize, relutante. – Não consigo perceber os detalhes e ainda não posso ampliar mais a imagem. Já está no máximo. – Depois de instantes, disse: – Parece estar se aproximando, e suponho que é uma nave. Vamos fazer uma aposta?

– Que tipo de aposta?

Trevize disse, sardonicamente: – Se algum dia voltarmos a Terminus,

vamos nos oferecer um lauto jantar, com quaisquer hóspedes que quisermos convidar, até, digamos, quatro, e eu pagarei, se aquela nave que se aproxima de nós levar não-humanos, e você pagará se ela carregar humanos.

– Feito – respondeu Pelorat.

– Feito está – e Trevize voltou a vigiar a tela, tentando discernir detalhes, e imaginando se esses detalhes poderiam revelar, além de qualquer dúvida, a não-humanidade (ou humanidade) dos seres a bordo.

69.

O cabelo cinzento de Branno estava imaculadamente arranjado e ela poderia estar no Palácio da Prefeitura, considerando sua equanimidade. Não dava sinal de ter estado no espaço profundo apenas pela segunda vez, em sua vida. (E a primeira vez – quando acompanhou seus pais num passeio turístico até Kalgan – mal podia contar. Só tinha três anos, então.)

Disse para Kodell, cansada: – É o dever de Thoobing, afinal, exprimir sua opinião, e advertir-me. Muito bem, ele me avisou. Não tenho nada contra ele.

Kodell, que tinha abordado a nave da Prefeita para lhe falar sem a barreira psicológica da imagem, disse: – Ele ficou naquele posto por muito tempo. Está começando a pensar como um sayshelliano.

– É o risco ocupacional de uma embaixada, Liono. Esperemos até tudo isto acabar e lhe daremos umas longas férias, e então vamos mandá-lo a uma missão em qualquer outro lugar. Ele é um homem capaz. Afinal de contas, teve a presença de espírito de retransmitir a mensagem de Trevize sem delonga.

Kodell sorriu brevemente. – Sim, ele me disse que o fez contra toda sua vontade. “Eu o fiz porque era minha obrigação”, disse-me. Está vendo, Senhora Prefeita, ele tinha de fazer, mesmo contra sua vontade, porque assim que Trevize entrou no espaço da União de Sayshell, informei o embaixador Thoobing para retransmitir imediatamente toda e qualquer informação concernente a ele.

– Ah? – A Prefeita Branno virou-se em sua poltrona para ver o rosto dele mais claramente. – E o que o levou a fazer isso?

– Considerações elementares. Trevize estava usando uma nave militar de último tipo, da Fundação, e os sayshelianos teriam de notar isso. Ele é um jovem teimoso como um jumento, e nada diplomático, e eles acabariam notando isso

também. Portanto, ele poderia causar complicações – e se há uma coisa que um fundacionista sabe, é que se ele ficar complicado em qualquer ponto da Galáxia, pode gritar pelo representante mais próximo da Fundação. Pessoalmente, eu não me importaria de ver Trevize numa enrascada – poderia ajudá-lo a amadurecer, e isso lhe faria muito bem, mas a senhora o enviou como seu pára-raios, e eu queria que a senhora pudesse avaliar a natureza de qualquer raio que pudesse cair, de modo que me certifiquei de que o representante da Fundação ficaria de olho nele, só isso.

– Percebo! Agora eu entendo por que Thoobing reagiu tão prestimosamente. Eu também havia lhe enviado um aviso semelhante. Como ouviu a nós dois dizendo a mesma coisa independentemente, mal se pode reprová-lo por pensar que a aproximação de umas poucas naves da Fundação poderia significar muitíssimo mais do que é na realidade. E como é, Liono, que você não me consultou sobre o assunto, antes de enviar o aviso?

Kodell respondeu friamente: – Se eu a envolvesse em tudo o que faço, a senhora não teria tempo para ser Prefeita. Como é que a senhora não me informou da sua intenção?

Branno disse, ríspida: – Se eu o informasse de todas as minhas intenções, Liono, você saberia demais. Mas isso é coisa de somenos, bem como o alarme de Thoobing, e igualmente qualquer esperneio dos sayshelianos. Estou mais interessada no Trevize.

– Nossos escoteiros localizaram Compor. Está seguindo Trevize e ambos estão se deslocando cuidadosamente, rumo a Gaia.

– Tenho relatórios completos dos escoteiros, Liono. Aparentemente os dois, Trevize e Compor, estão levando Gaia a sério.

–Todos zombam das superstições que dizem respeito a Gaia, Senhora Prefeita, mas todos pensam: “E se...” Mesmo o embaixador Thoobing consegue ficar incomodado. Poderia ser uma política muito finória, por parte dos sayshelianos. Uma espécie de coloração protetora. Se se espalha uma história sobre um mundo misterioso e invencível, as pessoas vão se retrair não só desse mundo, mas de qualquer outro mundo próximo – assim como a União de Sayshell.

– Você acha que foi por isso que o Mula se afastou de Sayshell?

– Possivelmente.

– Seguramente você não está pensando que a Fundação não lançou mão de Sayshell por causa de Gaia, quando não há registro de jamais termos ouvido

falar desse mundo?

– Admito não haver menção de Gaia em nossos arquivos, mas também não há nenhuma outra explicação razoável para nossa moderação em relação à União de Sayshell.

– Esperemos então que o governo saysheliano, a despeito da opinião de Thoobing em contrário, tenha se convencido – mesmo que só um pouquinho – do poder de Gaia e de sua natureza letal.

– Por que isso?

– Porque então a União de Sayshell não levantará objeções a nossos movimentos em direção a Gaia. Quanto mais se ressentirem deste movimento, mais eles se persuadirão de que ele é permitido para que Gaia nos enguIa. A lição, eles imaginarão, será salutar e não será perdida, para futuros invasores.

– E se eles estiverem certos em sua crença, Prefeita? E se Gaia for mesmo mortal?

Branno sorriu. – Você levanta a questão do “e se ...“ você mesmo, Liono?

– Preciso levantar todas as possibilidades, Prefeita; é meu trabalho.

– Se Gaia for mortal, Trevize será morto por eles. E essa é a tarefa dele, enquanto meu pára-raios. E também Compor, creio.

– Crê? por quê?

– Porque isso os deixará excessivamente confiantes, o que nos poderia ser útil. Subestimarão nossa força e serão mais fáceis de enfrentar.

– Mas e se nós é que estivermos excessivamente confiantes?

– Não estamos – respondeu Branno, secamente.

– Esses gaios – o que quer que sejam – podem ser algo que nem fazemos idéia, e não podemos estimar apropriadamente seu perigo. Simplesmente sugiro isso, Prefeita, porque mesmo essa possibilidade deve ser sopesada.

– Mesmo? Por que tal noção veio-lhe à mente, Liono?

– Porque acho que a senhora pensa que, na pior das hipóteses, Gaia é a Segunda Fundação. Suspeito que a senhora pensa que eles são a Segunda Fundação. Entretanto, Sayshell tem uma história interessante, mesmo sob o lmpério. Só Sayshell teve um governo independente, até certo ponto. Só Sayshell foi poupado de algumas das piores taxações sob os chamados “Maus Imperadores”. Em suma, Sayshell parece ter tido a proteção de Caia, mesmo nos tempos imperiais.

– Bem, e daí?

– Mas a Segunda Fundação foi trazida à existência por Hari Seldon ao mesmo tempo que a nossa Fundação. A Segunda Fundação não existia nos tempos imperiais – mas Gaia, sim. Assim sendo, Gaia não é a Segunda Fundação. algo mais – e apenas possivelmente algo pior.

– Não proponho que nos aterrorizemos pelo desconhecido, Liono. Só há duas possíveis fontes de perigo – armas físicas e armas mentais – e estamos totalmente preparados para ambos. Volte à sua nave e mantenha as unidades na periferia de Sayshell. Esta nave se deslocará para Gaia sozinha, mas ficará em contato com você e esperará que você possa chegar até nós num só Salto, se necessário. Ânimo, Liono, e tire essa expressão preocupada da cara.

– Uma última pergunta? Tem certeza que sabe o que está fazendo?

– Sim – ela respondeu, séria. – Eu também estudei a história de Sayshell e percebi que Gaia não pode ser a Segunda Fundação, mas, como lhe disse, tenho todo o relatório dos escoteiros e donde...

– Sim?

– Bem, eu sei onde está localizada a Segunda Fundação e vamos cuidar de ambos, Liono. Vamos cuidar de Gaia primeiro, depois, Trantor.

17. GAIA

70.

Levou horas para a nave da estação espacial atingir as vizinhanças da Far Star – horas muito longas para Trevize suportar.

Se fosse uma situação normal, Trevize teria tentado sinalizar, e teria esperado por uma resposta. Se não houvesse resposta, ele tomaria uma ação evasiva.

Como estava desatinado, e não houvera resposta, não havia nada a fazer senão esperar. O computador não queria responder a nenhuma instrução que envolvesse algo exterior à nave.

Internamente, pelo menos, tudo funcionava direito. Os sistemas de sustentação da vida estavam em perfeita ordem, de modo que ele e Pelorat estavam fisicamente confortáveis. De algum modo, isso não ajudava em nada. A vida se arrastava, e a incerteza sobre o que estava para vir o estava desgastando. Notou, com irritação, que Pelorat parecia calmo. E como se não bastasse, enquanto Trevize não sentia fome alguma, Pelorat abriu um recipiente contendo galinha, que, ao abrir-se, rápida e automaticamente aqueceu-se. Agora, estava comendo metodicamente.

Trevize disse, irritado: – Pelo , Janov! Isso fede!

Pelorat pareceu perplexo, e cheirou o recipiente. – Está cheirando bem para mim, Golan.

Trevize fez que não. – Não se importe comigo, é que estou muito nervoso. Mas, use um garfo. Seus dedos vão ficar cheirando galinha o dia inteiro

Pelorat olhou para seus dedos, surpreso. – Desculpe! Eu não reparei. Estava pensando em outra coisa.

Trevize falou, sarcasticamente: – Importa-se em adivinhar que tipo de não-humanos as criaturas na nave que se aproxima devem ser? – Estava com vergonha por estar menos calmo do que Pelorat. Ele era um veterano da Frota (muito embora nunca tivesse enfrentado batalha, é claro) e Pelorat era um historiador. No entanto, seu companheiro continuava ali sentado, quietamente.

Disse Pelorat: – Seria impossível imaginar que direção a evolução tomaria em condições diferentes das da Terra. As possibilidades podem não ser infinitas, mas seriam tão vastas que seria tal como se assim fosse. Porém, posso predizer que eles não são insensatamente violentos, e vão nos tratar civilizadamente. Se isso não fosse verdade, já estaríamos mortos, agora.

– Pelo menos você ainda pode raciocinar, Janov, meu velho, ainda pode ficar tranqüilo. Meus nervos parecem querer abrir caminho através de qualquer tranqüilização que eles nos impingiram. Tenho um extraordinário desejo de me levantar e ficar andando. Por que aquela amaldiçoada nave não chega?

– Sou um homem da passividade, Golan. Passei minha vida dobrado sobre arquivos, enquanto esperava que outros arquivos chegas sem. Nada faço senão esperar. Você é um homem de ação, e entra em agonia quando a ação é impossível.

Trevize sentiu parte de sua tensão abandoná-lo. Murmurou: –Subestimei seu bom senso, Janov.

– Não, não subestima – respondeu Janov, placidamente –, mas mesmo um ingênuo acadêmico pode por vezes descobrir alguma sensatez na vida.

– E mesmo o político mais esperto pode deixar de consegui-lo.

– Eu não disse isso, Golan.

– Não, mas eu disse. Então, deixe-me ficar ativo; ainda posso observar. A nave já está perto o bastante, e parece distintamente primitiva.

– Parece?

– Se é o produto de mentes e mãos não-humanas, o que parece primitivo pode, de fato, ser apenas não-humano.

– Pensa que pode ser um artefato não-humano? – perguntou Pelorat, o rosto enrubescendo de leve.

– Não sei dizer. Suspeito que os artefatos, por mais que possam variar de cultura para cultura, nunca são tão plásticos quanto podem ser os produtos da diferença genética.

– Isso é só adivinhação de sua parte. Tudo o que conhecemos são culturas diferentes. Não conhecemos espécies inteligentes diferentes, e, portanto, não temos meios de julgar quão diversos os artefatos podem ser.

– Peixes, golfinhos, pingüins, mesmo os ambiflexos, que não são de origem terrestre – presumindo que os outros sejam – todos resolveram o problema do movimento por um meio viscoso pelas linhas aerodinâmicas, de

modo que sua aparência não é tão diferente um em relação ao outro quanto sua constituição genética poderia nos levar a acreditar. Pode ser assim com artefatos.

– Os tentáculos do polvo e os vibradores helicoidais do ambiflexo – respondeu Pelorat – são enormemente diferentes um do outro, e das aletas, nadadeiras e membros dos vertebrados. Pode ser assim com os artefatos.

– De qualquer modo – disse Trevize –, sinto-me melhor. Falar besteira com você, Janov, aquieta meus nervos. E suspeito que saberemos no que nos metemos bem cedo. A nave não poderá acoplar na nossa, e quem quer que esteja nela terá de cruzar o espaço num cabo, à moda antiga, ou, de algum modo, seremos impelidos a ir lá,já que o unilock será inútil. A menos que um não-humano use um outro sistema totalmente diferente.

– De que tamanho é a nave?

– Sem poder usar o computador de bordo para calcular a distância da nave pelo radar, não poderemos saber seu tamanho.

Um cabo serpeou em direção à Far Star.

Trevize comentou: – Ou há humanos a bordo, ou não-humanos usam o mesmo dispositivo. Talvez nada, senão um cabo, pode funcionar.

– Poderiam usar um tubo – alegou Pelorat – ou uma escada horizontal.

– Essas coisas são inflexíveis. Seria muito complicado tentar fazer contato com elas. É preciso algo que combine força e flexibilidade.

O cabo emitiu um som oco ao fazer o casco sólido da Far Star (e conseqüentemente o ar dentro dela) vibrar. Houve os deslizamentos usuais à medida que a outra nave fazia ajustes finos de velocidade requeridos para trazer as duas a uma velocidade comum. O cabo estava imóvel, em relação a ambas.

Um ponto negro apareceu no casco da outra nave, e expandiu-se como a pupila de um olho.

Trevize resmungou: – Um diafragma deslizante, ao invés de um painel deslizante.

– Não-humano?

– Não necessariamente. Suponho. Mas interessante.

Um vulto emergiu.

Os lábios de Pelorat apertaram-se por um momento, e então disse, em voz desapontada. – Que pena! É humano!

– Não necessariamente – disse Trevize, calmamente. – Tudo o que

podemos distinguir é que parece haver cinco projeções. Pode ser uma cabeça, dois braços, duas pernas... mas poderia não ser... Espere!

– O quê?

– Há alguma espécie de propulsão. Não é de foguete, é o que posso dizer, mas também não é manual. Mas, não é necessariamente não-humano.

A espera parecia incrivelmente longa, a despeito da rápida aproximação do vulto ao longo do cabo, mas, finalmente, escutou-se o ruído do contato.

Trevize disse: – Está entrando, o que quer que seja. Meu impulso é atacar no momento em que aparecer – e ergueu um punho.

– Creio que é melhor relaxarmos. Pode ser mais forte que nós. Pode controlar nossas mentes. Certamente há outros na nave. É melhor esperarmos até sabermos mais sobre o que enfrentamos.

– Você fica mais sensato a cada minuto que passa, Janov – disse Trevize – e eu, cada vez menos.

Podiam ouvir a porta estanque funcionando e finalmente o vulto apareceu dentro da nave.

– Tamanho normal – murmurou Pelorat. – O traje espacial poderia servir a um ser humano.

– Nunca vi ou ouvi falar desse modelo, mas não cai fora dos limites da manufatura humana, para mim. Não me diz nada.

O vulto de traje espacial estava à frente deles e um membro anterior ergueu-se para o capacete redondo, que, se era feito de vidro, tinha transparência só num sentido. Nada podia ser visto dentro.

O membro tocou algo com um movimento rápido que Trevize não distinguiu e o capacete logo foi destacado do resto da roupa. Ergueu-o.

O que apareceu foi o rosto de uma jovem inegavelmente bela.

71.

O rosto sem expressão de Pelorat fez o que pôde para ficar estupefato. Disse, hesitantemente: – Você é humana?

As sobrancelhas da mulher se ergueram, e ela estirou o lábio. Não havia meio de dizer, por seu gesto, se ela se defrontava com uma língua estranha e não entendia, ou se ela entendia, e surpreendia-se com a pergunta.

Sua mão moveu-se rapidamente para o lado esquerdo de seu traje, que se abriu numa só peça, como se tivesse um conjunto de dobradiças. Saiu, e o traje ficou vazio e de pé, por um momento. Então, com um suspiro que pareceu quase humano, caiu no chão.

Ela parecia ainda mais jovem, agora sem o traje espacial. Sua roupa era leve e translúcida, com agradáveis sombras que se viam através dele. A túnica exterior chegava aos joelhos.

Tinha seios pequenos e cintura fina, e seus quadris eram cheios. Suas coxas, vistas na sombra, eram generosas, e suas pernas terminavam em tornozelos esbeltos. Seu cabelo era escuro e ia até os ombros, seus olhos eram castanhos e grandes, lábios cheios e levemente assimétricos.

Ela olhou para si mesma, e então resolveu o problema de entender ou não o que fora dito, dizendo: – Eu não pareço humana?

Ela falava Galáctico-Padrão com um pouquinho só de hesitação, como se se esforçasse um tanto para acertar a pronúncia.

Pelorat concordou e disse, sorrindo um pouco: – Não posso negar. Muito humana. Deliciosamente humana.

A moça abriu os braços, como que pedindo uma investigação mais de perto. – Espero que sim, cavalheiro. Homens já morreram por este corpo.

– Eu preferiria viver por ele – respondeu Pelorat, descobrindo uma veia de galanteria que pouco o surpreendeu.

– Boa escolha – disse a jovem, solenemente. – Uma vez que este corpo é atingido, todos os suspiros se transformam em suspiros de êxtase.

Ela riu-se, e Pelorat riu com ela.

Trevize, cuja testa se enrugara durante este diálogo, grunhiu: – Quantos anos você tem?

A mulher pareceu encolher-se um pouco: – Vinte e três, cavalheiro.

– Por que veio? Qual é seu propósito aqui?

– Vim para escoltá-los até Gaia. – Seu domínio do Galáctico estava se perdendo levemente, e suas vogais se arredondavam em ditongos.

– Uma *menina* para escoltar-nos.

A moça se empertigou e de repente pareceu ter toda a autoridade. – Eu sou Gaia, tanto quanto outra. Minha limitação era a estação.

– Sua limitação? Você era a única a bordo?

Orgulhosa: – Eu era todo o necessário.

– E está vazia agora?

– Não estou mais lá, cavalheiro, mas não está vazia. Ela está lá.

– Ela? A quem se refere?

– A estação. Ela é Gaia. Não precisa de mim. Está segurando a sua nave.

– Então, o que você está fazendo na estação?

– É a minha tarefa.

Pelorat tinha agarrado Trevize pela manga, e sua mão tinha sido sacudida para longe. Tentou de novo: – Golan – disse ele, num urgente quase-sussurro: – Não grite com ela. É só uma menina. Deixe-me cuidar disto.

Trevize abanou a cabeça, nervoso, mas Pelorat disse: – Minha jovem, qual é o seu nome?

A moça sorriu com repentina alegria, como que respondendo ao tom mais suave: – Bliss.

– Bliss? – disse Pelorat. – Um lindo nome. Certamente não é todo o seu nome.

– É claro que não. Bela coisa seria ter unia só sílaba. Seria duplicada em cada seção, e não distinguiríamos uma da outra, de modo que os homens morreriam pelo corpo errado. Blissenobiarella é meu nome completo.

– Ah, isso já dá para encher a boca!

– Quê? Sete sílabas? Isso não é muito. Tenho amigas com quinze sílabas nos nomes, e nunca se cansam de combinações para o nome-amigo. Tenho sido Bliss desde os quinze anos. Minha mãe chamava- me “Nobbi”, imagine só.

– Em Galáctico-Padrão, “bliss” significa “éxtase”, ou “extrema felicidade” – disse Pelorat.

– Na linguagem gaia. também. Não é *muito* diferente do Padrão, e “êxtase” é a impressão que pretendo transmitir.

– Meu nome é Janov Pelorat. –

– Eu sei. E este outro cavalheiro – o que grita – é Golan Trevize. Fomos avisados, de Sayshell.

Trevize logo interveio, olhando desconfiado: – Como lhes avisaram?

Bliss voltou-se para olhar para ele, e disse calmamente: – Eu não recebi aviso. Gaia recebeu.

Disse Pelorat: – Senhorita Bliss, posso conversar em particular com meu parceiro?

– Sim, é claro, mas precisamos ir, você sabe.

– Não vai levar muito tempo. – Puxou forte pelo cotovelo de Trevize e foi relutantemente seguido até o outro quarto.

Trevize murmurou: – O que significa tudo isto? Estou certo que ela pode nos ouvir, aqui. Ela pode provavelmente ler nossas mentes, maldita criatura.

– Possa ou não, precisamos de algum isolamento psicológico por alguns instantes. Escute aqui, meu velho, deixe-a estar. Não há nada que possamos fazer, e não adianta pressioná-la. Também, provavelmente ela não pode fazer nada. É apenas uma mensageira. De fato, enquanto ela estiver a bordo, provavelmente estaremos seguros; eles não a colocariam a bordo se pretendessem destruir a nave. Continue com provocações e talvez eles nos destruam, depois de a removerem.

– Não gosto de ficar inerme – respondeu Trevize, amuado.

– E quem gosta? Mas agindo como um valentão, não vai se sentir capaz de alguma coisa. Só o torna um valentão incapaz. Ora, meu velho, não quero provocar você, e deve me desculpar se estou sendo excessivamente crítico, mas a garota não tem culpa.

– Janov, ela é jovem o bastante para ser sua filha mais moça.

Pelorat empertigou-se: – Razão mais forte para tratá-la gentilmente. Também não sei o que quer dizer com isso.

Trevize pensou um momento, então seu rosto se desanuviou. – Muito bem; você tem razão. Estou errado. É irritante, porém, que eles tenham enviado uma menina. Poderiam ter enviado um oficial militar, por exemplo, e nos dar algum sentido de valor, por assim dizer. Só uma menina? E ela fica sempre responsabilizando Gaia?

– Provavelmente está se referindo a um governante que toma o nome do planeta, como honorífico, ou se refere ao conselho planetário. Vamos descobrir, mas não por questionamento direto.

– Homens morreram pelo corpo dela! – disse Trevize. – Ora, ela é muito pretensiosa!

– Ninguém está lhe pedindo para morrer por ela, Golan. Vamos! Permita-lhe um senso de auto-ironia. Eu mesmo acho divertido e bem-humorado.

Encontraram Bliss ao computador, inclinada sobre ele e olhando seus

componentes, com as mãos às costas, como se receasse tocá-lo.

Ergueu os olhos, quando entraram, baixando as cabeças sob uma viga. – É uma nave fascinante. Não entendo metade do que vejo, mas se quiserem me dar um presente de saudações, é esta nave. É linda. Faz minha nave parecer horrível.

Seu tosto tomou um aspecto de ardente curiosidade. – Vocês são realmente da Fundação?

– Como você sabe da Fundação? – perguntou Pelorat.

– Aprendemos sobre ela na escola. Principalmente por causa do Mula.

– Por que por causa do Mula, Bliss?

– Ele é um de nós, cava... Mas, que sílaba dos seus nomes posso usar, cavalheiros?

Pelorat disse: – Jan, ou Pel; qual você prefere?

– Ele é um de nós, Pel – disse Bliss, com um sorriso camarada. – Nasceu em Gaia, mas ninguém parece saber onde, exatamente.

E Trevize disse: – Imagino que é um herói de Gaia, não? – Ficara propositadamente, quase agressivamente, amigo, e lançava um olhar apaziguador na direção de Pelorat. – Chame-me Trev.

– Oh, não! – respondeu ela. – Ele é um criminoso. Deixou Gaia sem permissão, e ninguém deve fazer isso. Ninguém sabe como ele conseguiu. Mas ele partiu, e acho que foi por isso que se deu mal. A Fundação acabou por derrotá-lo. -

– A Segunda Fundação? – quis saber Trevize.

– Há mais de uma? Suponho que se pensasse nisso, eu saberia, mas não tenho muito interesse em história, mesmo. Pelo modo como eu encaro as coisas, estou interessada no que Gaia acha melhor para mim. Se a história simplesmente passa longe de mim, é porque já há historiadores demais, ou porque não me adapto bem a esse estudo. Provavelmente estou sendo treinada para ser técnica espacial. Sempre recebo tarefas como esta, e acho que gosto, e parece lógico que eu não gostaria se...

Ela estava falando depressa, quase sem tomar fôlego, e Trevize precisou fazer força para inserir uma sentença: – Quem é Gaia?

Bliss pareceu perplexa com isso. – É só Gaia. Por favor, Pel e Trev, vamos logo com isso. Precisamos ir para a superfície.

– Estamos indo para lá, não é verdade?

– Sim, mas lentamente. Gaia acha que podemos ir muito mais depressa se usarem o potencial desta nave. Podem fazer isso?

– Poderíamos – disse Trevize, sério. – Mas se eu recuperar o controle da nave, não seria mais provável que eu fugisse na direção oposta?

Bliss riu. – Você é engraçado. É claro, pode ir em qualquer direção que Gaia não quer que você vá. Mas poderá ir mais depressa na direção em que Gaia *quiser* que você vá. Entendeu?

– Entendemos – respondeu Trevize – e vou tentar controlar meu senso de humor. Onde devo pousar na superfície?

– Não importa. Apenas desça, e terá descido no lugar certo. Gaia vai providenciar isso.

E Pelorat disse: – E você vai ficar conosco, Bliss, e providenciará para que sejamos bem tratados?

– Suponho que isso eu possa fazer. Vamos ver, a taxa usual por meus serviços – quero dizer, esse tipo de serviços – pode ser registrada no meu cartão de balanço.

– E o outro tipo de serviço?

Bliss riu. – Você é um ótimo velhaco.

E Pelorat piscou.

72.

Bliss reagiu à rápida descida até Gaia com uma animação ingênua: – Não há sensação de aceleração!

– É um motor gravítico – respondeu Pelorat. – Tudo acelera junto, inclusive nós, de modo que nada sentimos.

– Mas, como funciona, Pel?

Pelorat fez que não sabia. – Acho que Trev sabe, mas não creio que ele esteja com vontade de falar a respeito.

Trevize caíra no poço gravitacional de Gaia impiedosamente A nave respondia ao seu comando, como Bliss tinha dito, mas só parcialmente. Uma tentativa de atravessar as linhas de força gravíticas obliquamente era aceita –

mas só com alguma hesitação. As tentativas de subir eram totalmente ignoradas,

A nave ainda não era dele.

Pelorat disse, suavemente: – Não está descendo muito depressa, Golan?

Trevize, com voz cansada e tentando evitar a raiva, mais por causa de Pelorat, que qualquer outra coisa, disse: – A moça disse que Gaia vai cuidar de nós.

E Bliss falou: – Com certeza, Pel. Gaia não vai deixar esta nave fazer qualquer coisa que não seja segura. Há qualquer coisa para comer a bordo?

– Sim – respondeu Pe – Do que gostaria?

– Nada de carne, Pel – disse Bliss, formalmente. – Mas comerei peixe, ou ovos, com qualquer hortaliça que tiver.

– Parte da comida que temos é de Sayshell, Bliss – respondeu Pelorat. – Não tenho certeza do que é, mas você talvez goste.

– Bem, vou experimentar um pouco – respondeu Bliss, em dúvida.

– O povo de Gaia é vegetariano? – perguntou Pelorat.

– Muitos são. – Bliss fez que sim com a cabeça, vigorosamente – Depende de que nutrientes o corpo precisa, em cada caso particular. Ultimamente, não tenho tido vontade de comer carne, assim suponho que não estou precisando de nenhuma. E não tenho tido muita vontade de comer doce. O queijo é apetitoso, e camarões. Acho que devo estar precisando perder peso. – E deu uma palmada no quadril direito, ruidosamente. – Preciso perder dois ou três quilos bem aqui.

– Não vejo por que – disse Pelorat. – Dá-lhe algo confortável sobre o que se sentar.

Bliss torceu-se para olhar para o seu traseiro o melhor que podia. – Bem, não tem importância, O peso aumenta ou diminui o quanto é necessário. Eu não devo me preocupar com isso.

Trevize estava calado porque estava ás voltas com a Far Star. Hesitara um pouco demais para orbitar, e os limites inferiores da exosfera planetária estavam agora gritando ao longo da nave. Pouco a pouco a nave estava escapando totalmente de seu controle. Era como se algo mais tivesse aprendido a manobrar os motores gravíticos. A Far Star, agindo aparentemente por si mesma, fazia uma curva para cima no ar rarefeito e logo desacelerava. Adotou então uma trajetória que a trouxe para baixo numa curva suave.

Bliss ignorou o ruído agudo da resistência aerodinâmica, e cheirava delicadamente o vapor que saía do recipiente. – Deve ser bom, Pel, porque se não fosse, não teria o cheiro certo, e eu não quereria comer. – Pousou um dedo delgado na comida, e então chupou-o. – Adivinhou certo, Pel, é camarão, ou coisa assim. Bom!

E com um gesto de desagrado, Trevize abandonou o computador.

– Mocinha – disse, como se a estivesse vendo pela primeira vez.

– Meu nome é Bliss – respondeu ela, firmemente.

– Bliss, então. Você sabia os nossos nomes.

– Sim, Trev.

– Como sabia?

– Era importante que eu soubesse, para fazer minha tarefa. Assim, fiquei sabendo.

– Sabe quem é Munn Li Compor?

– Eu saberia, se fosse importante que eu soubesse. Como eu não sei, o senhor Compor não virá para cá. Aliás – parou por um momento – ninguém virá para cá senão vocês dois.

– Veremos.

Ele estava olhando para baixo. Era um planeta nublado. Não havia uma camada contínua de nuvens, mas interrompia-se, e era notavelmente bem distribuída e não oferecia uma visão clara de qualquer parte da superfície planetária.

Ligou as microondas, e a tela do radar brilhou. A superfície era quase uma imagem do céu. Parecia um mundo de ilhas – mais como Terminus. Nenhuma das ilhas era grande demais, e nenhuma era demasiado isolada. Era quase um arquipélago planetário. A órbita da nave era bem inclinada em relação ao plano equatorial, mas ele não viu sinal de calotas polares.

Nem tampouco havia os sinais inconfundíveis de distribuição irregular da população, como seria de esperar, por exemplo, pela iluminação do lado noturno.

– Descerei perto da capital, Bliss? – perguntou Trevize.

Bliss disse, indiferente: – Gaia vai pousá-los em algum lugar conveniente.

– Eu preferiria uma cidade grande.

– Você quer dizer, um grande agrupamento de gente?

– Sim.

– Gaia é quem decide.

A nave continuou seu caminho para baixo, e Trevize tentou entreter-se, adivinhando em que ilha desceria.

O que quer que fosse, parecia que pousariam dentro de uma hora.

73.

A nave pousou de uma maneira suave, quase como uma pluma, sem uma sacudidela sequer, sem nenhum efeito gravitacional anômalo. Saíram, um por um: primeiro Bliss, então Pelorat, e depois Trevize.

O clima era comparável ao começo do verão na cidade de Terminus. Havia uma brisa suave e um sol quase do meio-dia brilhando por entre as nuvens. O chão era verde e, numa direção, fileiras cerradas de árvores que pareciam formar um pomar, e na outra direção, a linha distante da praia.

Havia um zumbido baixo do que deveriam ser insetos, um relance de um pássaro ou alguma pequena criatura voadora – para cima e para o lado, e o clac-dac do que poderia ser algum instrumento agrícola.

Pelorat foi o primeiro a falar e não mencionou nada do que via ou ouvia. Ao invés disto, inspirou profundamente e disse: – Ah, que cheiro bom, como compota fresca de maçã.

Trevize respondeu: – Provavelmente aquele é um pomar de maçãs e podem muito bem estar fazendo compota de maçã.

– Na sua nave, por outro lado – disse Bliss –, cheirava... Bem, o cheiro era terrível.

– Você não reclamou, enquanto estava lá – rosnou Trevize.

– Eu tinha de ser polida. Era uma hóspede em sua nave.

– E o que há de errado em continuar sendo polida?

– Estou em meu próprio mundo, agora. Vocês são os hóspedes. Vocês é que devem ser polidos.

Pelorat disse: – Ela pode bem estar certa sobre o cheiro, Golan. Haveria

qualquer maneira de arejar a nave?

– Sim – respondeu Trevize rispidamente. – Pode ser feito, se esta criaturinha garantir-nos que a nave não será prejudicada. Ela já nos mostrou que pode exercer um poder inusitado sobre a nave.

Bliss empertigou-se para mostrar bem toda sua altura. – Não sou propriamente pequena, e se deixar sua nave em paz é o que ela precisa para ser limpa; garanto-lhes que deixá-la abandonada será um prazer.

– E então poderemos ser levados a esse seja lá quem for a que você se refere como Gaia? – quis saber Trevize.

Bliss pareceu perplexa. – Não sei se você vai acreditar, Trev, mas eu sou Gaia.

Trevize ficou olhando. Freqüentemente ouvira a frase "pôr em ordem seus próprios pensamentos" usada metaforicamente. Pela primeira vez em sua vida, ele sentiu estar literalmente engajado no processo. Por fim, disse: – Você?

– Sim, e a terra. E aquelas árvores. E aquele coelho ali adiante, na grama. E o homem que se vê entre as árvores. Todo o planeta, e tudo, é Gaia. Somos todos indivíduos – somos todos organismos separados – mas todos compartilhamos uma consciência global. O planeta inanimado é o que compartilha menos; as diversas formas de vida, em grau variável, e os humanos, mais que tudo, mas todos compartilhamos.

Pelorat disse: – Acho, Trevize, que o que ela quer dizer com "Gaia" é alguma espécie de consciência coletiva.

Trevize concordou: – Percebi isso... Nesse caso, Bliss, quem é que governa este mundo?

– Ele governa a si mesmo. Aquelas árvores nascem enfileiradas por si mesas. Multiplicam-se só na extensão necessária para substituir aquelas que, por qualquer razão, morrem. Os humanos colhem as maçãs que são necessárias; outros animais, inclusive insetos, comem a sua parte, e não mais que a sua parte.

– Os insetos sabem então qual é a parte deles? – disse Trevize.

– Sim, sabem, de certa maneira. Chove quando é necessário, e ocasionalmente chove forte quando também isso é necessário. Ocasionalmente há uma seca, quando é necessária.

– E a chuva sabe o que fazer, também?

– Sim, sabe – respondeu Bliss, muito séria. – Em seu próprio corpo, todas as diferentes células não sabem o que fazer? Quando crescer, e quando

parar de crescer? Quando formar certas substâncias e quando não? E quando as formam, o quanto devem formar, nem mais, nem menos? Cada célula, até certo ponto, é uma indústria química independente, mas todas retiram de um fundo comum de matérias-primas, trazidas a elas por um sistema de transporte comum, e elimina os resíduos através de canais comuns e todas contribuem pa ra uma consciência grupal geral.

Pelorat disse, com um certo entusiasmo: – Mas isso é admirável! Você está dizendo que o planeta é um superorganismo, e que você é uma célula desse superorganismo!

– Estou fazendo uma analogia, e não uma identidade. Somos os análogos de células, mas não somos idênticos a células, entendeu?

– De que maneira – quis saber Trevize – vocês não são células?

– Nós mesmos somos feitos de células, e temos uma consciência grupal, no que concerne às células. Essa consciência grupal, essa consciência de um organismo individual um ser humano, no meu caso...

– Com um corpo pelo qual homens morreram?

– Exatamente. Minha consciência está muito mais adiantada do que qualquer célula individual incrivelmente mais avançada. O fato de que nós, por nossa vez, somos parte de uma consciência grupal de um nível ainda mais alto, não nos reduz ao nível de células. Permaneço ser humano, mas acima de nós está uma consciência grupal tão além do meu alcance quanto minha consciência está além de uma das células de meu bíceps.

Trevize replicou: – Por certo alguém ordenou que nossa nave fosse tomada.

– Não, não alguém! Gaia ordenou. Todos nós ordenamos.

– As árvores e a terra também, Bliss?

– Elas contribuíram muito pouco, mas contribuíram. Olhe, se um músico escreve uma sinfonia, você pergunta que célula em particular de seu corpo ordenou que a sinfonia fosse escrita, e supervisionou sua elaboração?

Ao que disse Pelorat: – E eu suponho, a mente grupal, por assim dizer, da consciência coletiva, é muito mais forte que uma mente individual, assim como um músculo é muito mais forte que uma célula muscular isolada. Conseqüentemente, Gaia pode capturar nossa nave à distância controlando nosso computador, mesmo que nenhuma mente individual no planeta pudesse fazê-lo.

– Você entendeu perfeitamente, Pel – disse Bliss.

– Entendi também – disse Trevize. – Não é difícil de entender. Mas, o que querem de nós? Não viemos atacá-los. Viemos procurar uma informação. Por que nos seqüestraram?

– Para conversar com vocês.

– Poderia ter conversado conosco lá na nave.

Bliss abanava a cabeça, gravemente: – Eu não poderia fazê-lo.

– Você não é parte da mente coletiva?

– Sim, mas eu não posso voar como um pássaro, zumbir como um inseto, ou ficar alta como uma árvore. Faço o que é melhor para mim, e não é bom que eu lhe dê a informação... mesmo que o conhecimento possa ser facilmente transferido para mim.

– Quem decidiu não lhe transferir o conhecimento?

– Todos nós.

– Quem nos dará a informação?

– Dom.

– E quem é Dom?

– Seu nome inteiro é Endomandiovizamarondeyaso... etc., etc. Pessoas diferentes o chamam por diferentes sílabas, em ocasiões diferentes, mas eu o conheço como Dom, e acho que vocês dois usarão igualmente essa sílaba. Provavelmente ele tem uma fração de Gaia maior que qualquer um no planeta, e vive nesta ilha. Pediu para vê-los, e foi permitido.

– Quem permitiu? – perguntou Trevize, e respondeu imediata mente a si mesmo: – Eu sei; todos vocês permitiram.

Bliss assentiu.

Perguntou Pelorat: – Quando veremos Dom, Bliss?

– Já, já. Se me seguirem, vou levá-los a ele, Pel. Você também, Trev, é claro.

– E então você irá embora? – perguntou Pelorat.

– Não quer que eu vá, Pel?

– Realmente, não.

– Aí está – ia dizendo Bliss à medida que eles a seguiam ao longo de uma estrada pavimentada que circundava o pomar. – Os homens ficam viciados em mim em pouco tempo. Mesmo respeitáveis anciãos ficam cheios de ardor

juvenil.

Pelorat riu-se: – Eu não contaria com muito ardor juvenil, Bliss, mas se eu o tivesse, eu não sei se o teria por sua causa.

Bliss respondeu: – Não despreze assim o seu ardor juvenil. Eu consigo maravilhas.

Trevize disse, impaciente: – Uma vez chegados, quanto esperaremos por esse Dom?

– Ele é que estará esperando por vocês. Afinal, Dom, através de Gaia, trabalhou anos para trazê-los aqui.

Trevize parou de andar e relanceou para Pelorat, que falou baixinho: – Você tinha razão.

Bliss, que estava olhando diretamente para a frente, disse em voz calma: – Eu sei, Trev, que você suspeitava que eu/nós/Gaia estávamos interessados em sua pessoa.

– Eu/nós/Gaia? – repetiu Pelorat, em voz baixa.

Ela voltou-se, sorridente: – Temos todo um complexo de pronomes diferentes para expressar as nuances de individualidade que existem em Gaia. Eu poderia explicar-lhes, mas até lá, eu/nós/Gaia vamos nos explicar por tentativas. Por favor, mova-se, Trev. Dom está esperando, e eu não quero forçar suas pernas a se moverem contra a sua vontade. Ë uma sensação desagradável, se não estiver acostumado.

Trevize foi adiante. Seu relance para Bliss foi uma mistura das mais profundas suspeitas.

74.

Dom era um homem velho. Recitou as duzentas e cinqüenta e três silabas de seu nome num só fluxo musical, de tonalidade e ênfase.

– De certo modo – explicou ele – é uma breve autobiografia. Diz ao ouvinte, ou receptor, quem sou eu, que parte desempenhei no todo, o que já realizei. Já há mais de cinqüenta anos, porém, tenho me contentado em ser chamado de Dom. Quando há outros Doms em questão, posso ser chamado de Domandio, e em meus relacionamentos profissionais, outras variantes são usadas. Uma vez a cada ano de Gaia – em meu aniversário – meu nome inteiro é recitado na mente, assim como acabo de recitá-lo para vocês, com a voz. É

muito eficaz, mas pessoalmente embaraçoso. -

Era alto e magro – quase emaciado. Seus olhos profundos brilhavam com uma juventude anômala, se bem que se movesse bem devagar. Seu nariz protuberante era fino e comprido, e alargava-se nas narinas. Suas mãos, com veias proeminentes, não mostravam, porém, sinais de artrite. Vestia uma túnica longa que era cinza como seu cabelo. Descia até os tornozelos e suas sandálias deixavam os artelhos descobertos.

Trevize perguntou: – Que idade o senhor tem?

– Por favor, dirija-se a mim como Dom, Trev. Usar outras maneiras induz formalidade e inibe o livre intercâmbio de idéias entre você e eu. Em Anos Galáctico-Padrão, acabo de passar dos noventa e três, mas a celebração só virá daqui a alguns meses, quando atingir o nonagésimo aniversário de meu nascimento, em anos de Gaia.

– Eu não lhe daria mais de setenta e cinco, sen... Dom.

– Pelos padrões de Gaia, não sou nada notável, nem em longevidade, nem em aparência, Trev. Mas, vocês já comeram?

Pelorat olhou para seu prato, onde eram visíveis os restos de uma refeição indistinta e preparada com indiferença, e disse, acanhado: – Dom, posso fazer uma pergunta que pode ser embaraçosa? É claro, se for ofensiva, por favor diga, e eu a retiro.

– Vá em frente – disse Dom, sorrindo. – Estou ansioso para explicar qualquer coisa sobre Gaia que desperte a sua curiosidade.

– Por quê? – foi logo perguntando Trevize.

– Porque vocês são hóspedes honrados. Posso ouvir agora a pergunta de Pel?

– Como todas as coisas em Gaia compartilham da consciência coletiva, como é que você – um elemento do grupo – pode comer isto, que claramente era um outro elemento?

– Verdade! Mas todas as coisas reciclam. Precisamos comer, e tudo o que podemos comer – planta, bem como animal – mesmo os produtos inanimados – são parte de Gaia. Mas veja, nada é morto por prazer ou esporte; nada é morto com dor desnecessária. E receio que não fazemos tentativa alguma de glorificar a preparação de nossas refeições, pois nenhum gaio comeria nada além da estrita necessidade. Não gostou da refeição, Pel? Trev? Bem, refeições não são para se gostar. O que é comido continua parte da consciência planetária. Enquanto

porções dela são incorporadas a meu corpo, participará mais da consciência total. Quando eu morrer, eu também serei comido – mesmo que só pelas bactérias – e então participarei, numa escala bem menor, do total. Mas algum dia, partes de mim serão partes de outros humanos, partes de muitos.

Pelorat disse: – Uma espécie de transmigração das almas.

– Do quê, Pel?

– Falo de um antigo mito comum em outros mundos.

– Ah, nada sei disso. Precisa contar-me, numa outra ocasião.

Trevize voltou a dizer: – Mas a sua consciência individual – o que quer que haja nela que seja Dom – nunca vai se reunir de novo.

– Não, é claro que não. Mas, será que importa? Eu ainda serei parte de Gaia, e isso é o que conta. Há místicos entre nós que imaginam se não deveríamos tomar medidas para desenvolver memórias coletivas de existências passadas, mas o consenso-de-Gaia é que isto não pode ser feito de nenhuma maneira prática, e não serviria a nenhum propósito útil. Meramente atenuaria as consciências do presente. E claro, à medida que as condições mudem, o consenso-de-Gaia poderá mudar também, mas não vejo nenhuma perspectiva disso no futuro previsível.

– Por que você precisa morrer, Dom? – perguntou Trevize. – Você está nos seus noventa. A consciência de grupo não poderia...

Pela primeira vez, Dom fez uma careta: – Nunca! Posso contribuir só um tanto. Cada novo indivíduo é uma recombinação de moléculas e gens, formando algo novo. Novos talentos, novas capacidades, novas contribuições para Gaia. Precisamos deles, e o único mo do para consegui-los é abrir espaço. Já fiz mais que a maioria, mas mesmo eu tenho o meu limite, que se aproxima. Não há mais desejo de viver além do seu próprio prazo do que morrer antes dele.

E então, como que percebendo que emprestara uma súbita nota sombria à noitada, levantou-se e estendeu os braços para os dois: – Vamos, Trev e Pel, vamos para o meu estúdio, onde poderei mostrar-lhes alguns de meus objetos de arte. Não culparão um velho por ter suas pequenas vaidades, eu espero.

Mostrou o caminho para outra sala onde, sobre uma pequena mesa circular, havia um grupo de lentes acinzentadas, ligadas aos pares.

Disse Dom: – São Participações que eu mesmo desenhei. Não sou um dos mestres, mas especializo-me em inanimados, com que poucos dos mestres se preocupam.

Pelorat disse: – Posso pegar uma? São frágeis?

– Não, não; pode jogá-las no chão; ou melhor, não. A concussão poderia prejudicar a nitidez da imagem.

– Como se usa, Dom?

– Coloque-as sobre os olhos. Elas se encaixam. Não transmitem luz. Bem ao contrário. Obscurecem a luz que poderia distraí-lo, apesar de que as sensações chegam ao seu cérebro pelo nervo óptico. Essencialmente, sua consciência é aguçada e participa de outras facetas de Gaia. Em outras palavras, se você olhar para aquela parede, experimentará como a parede parece para si mesma.

– Fascinante – murmurou Pelorat. –Posso experimentar?

– Por certo, Pel. Pegue qualquer uma, ao acaso. Cada uma é um modelo que mostra a parede – ou qualquer objeto inanimado que se olhar – num aspecto diferente da consciência do objeto.

Pelorat colocou um par sobre seus olhos, e ele se encaixou imediatamente. Sobressaltou-se com o toque, e então ficou imóvel por um longo tempo.

Dom disse: – Depois que acabar, coloque as mãos de cada lado da Participação e aperte um contra o outro. Sairá na hora.

Pelorat assim o fez, piscou rapidamente os olhos, e então os esfregou.

Dom perguntou: – O que experimentou?

– É difícil descrever. A parede parecia piscar e rebrilhar e por vezes, parecia ficar fluida. Parecia ter nervuras e simetrias variáveis. Lamento, Dom, mas não achei muito atraente.

Dom suspirou. – Você não participa em Gaia, assim não vê o que vemos. Eu receava isso. Que pena! Garanto-lhes que, muito embora essas Participações sejam apreciadas primariamente por seu valor estético, têm seus usos práticos, também. Uma parede feliz é uma parede que viverá muito, uma parede prática, uma parede útil.

– Uma parede feliz? – disse Trevize incrédulo, sorrindo leve mente.

E Dom disse: – Há uma remota sensação que uma parede experimente, e que é análoga ao que “felicidade” é para nós. Uma parede é feliz quando é bem projetada, quando repousa firmemente sobre sua fundação, quando sua simetria equilibra seus componentes e não gera tensões desagradáveis. Um bom projeto pode ser elaborado pelos princípios matemáticos da mecânica, mas o uso de uma Participação adequada pode sintonizá-la até mesmo às dimensões atômicas.

Nenhum escultor poderia produzir uma obra de arte de primeira classe aqui em Gaia sem uma Participação bem feita, e as que eu faço deste tipo em particular são consideradas excelentes, modéstia à parte.

– Às Participações Animadas, o que não é o meu campo – e Dom continuava com a animação que se espera de alguém falando sobre seu passatempo predileto nos dão, por analogia, uma experiência direta do equilíbrio ecológico. O equilíbrio ecológico de Gaia é simples, como em todos os mundos, mas aqui, pelo menos, temos a esperança de torná-lo mais complexo, e enriquecer enormemente a consciência total.

Trevize ergueu a mão para interromper Pelorat e silenciá-lo. Disse: – Como sabe que um planeta pode suportar um equilíbrio ecológico mais complexo, se todos eles os têm simples?

– Ah! – disse Dom, os olhos se estreitando astutamente. – Está experimentando o velho, hein? Você sabe tão bem quanto eu que o lar original da humanidade, a Terra, tinha um equilíbrio ecológico enormemente complexo. Só os mundos secundários, os mundos derivados são simples.

Pelorat não ficou calado. – Mas é esse o problema que tenho procurado resolver em toda minha vida. Por que apenas a Terra sustentou um ecossistema complexo? O que a distinguiu de outros mundos? Por que milhões e milhões de outros mundos na Galáxia – mundos que eram capazes de sustentar a vida – desenvolveram apenas uma vegetação insignificante, e algumas formas de vida animal não-inteligente?

Dom disse: – Temos uma lenda sobre isso – uma fábula, talvez. Não posso asseverar sua autenticidade. De fato, pensando bem, pare ce apenas ficção.

Foi neste ponto que Bliss – que não participara da refeição – entrou, sorrindo para Pelorat. Estava usando uma blusa prateada, muito transparente.

Pelorat levantou-se imediatamente. – Pensei que tinha nos deixado.

– De modo algum. Eu tinha alguns relatórios a fazer, trabalho. Posso ficar com vocês agora, Dom?

Dom também tinha se levantado (muito embora Trevize permanecesse sentado). – Você é totalmente bem-vinda, e encanta estes olhos cansados.

– Foi para seu encantamento que pus esta blusa. Pel está acima destas coisas, e Trev não gosta.

Ao que disse Pelorat: – Se você acha que eu estou acima dessas coisas, Bliss, poderei surpreendê-la algum dia.

– Que deliciosa surpresa isso não seria – disse Bliss, e sentou-se. Os dois homens também. – Por favor, não deixem que eu os interrompa.

E Dom disse: – Eu estava para contar a nossos hóspedes a história da Eternidade. Para entendê-la, vocês precisam primeiro aceitar que podem existir muitos diferentes universos – virtualmente, um número infinito. Cada evento isolado que ocorre, pode ou não ocorrer, ou pode ocorrer de uma maneira ou outra, e cada uma de um enorme número de alternativas resultará num curso futuro de eventos, que, até certo ponto, são distintos.

– Bliss poderia não ter entrado, agora há pouco; ou poderia ter-se juntado a nós um pouco mais cedo; ou muito mais cedo; ou tendo chegado agora, poderia ter usado uma blusa diferente; ou mesmo esta blusa, mas poderia não ter sorrido provocantemente para homens mais velhos, como é seu simpático costume. Em cada uma destas alternativas – ou em cada uma de um número muito grande de outras alternativas deste evento aqui – o universo teria tomado uma trilha diferente, e assim para cada outra variação de cada outro evento, por menor que fosse.

Trevize se movimentou, incomodado: – Acredito que essa seja uma especulação comum da mecânica quântica, muito antiga, aliás.

– Ah, você ouviu falar dela. Mas, continuemos. Imagine ser possível que os humanos congelem todo o número infinito de universos, e andar de um para outro à vontade, e escolher qual o que deveria ser tomado “real” – o que quer que esta palavra signifique, neste contexto.

Trevize replicou: – Escuto suas palavras, e posso mesmo imaginar o conceito que descreve, mas não consigo me convencer a acreditar que qualquer coisa assim jamais poderia acontecer.

– Nem eu, no conjunto – respondeu Dom – e é por isso que digo que talvez tudo não passe de fábula. Não obstante, a fábula diz que houve aqueles que podiam sair do tempo e examinar os fios infinitos das realidades em potencial. Essas pessoas eram chamadas os Eternos, e quando estavam fora do tempo, dizia-se que estavam na Eternidade.

– Era sua tarefa escolher uma Realidade que mais se adequasse à humanidade. Modificavam ao infinito – e a história entra em grande pormenor, pois devo dizer-lhes que foi escrita na forma de um épico de extensão inusitada. Eventualmente eles descobriram (é o que se diz) um universo em que a Terra era o único planeta em toda a Galáxia, no qual se podia encontrar um ecossistema complexo, juntamente com o desenvolvimento de uma espécie inteligente capaz

de elaborar uma tecnologia aperfeiçoada.

– Essa, eles decidiram, era a situação em que a humanidade estaria mais segura. Congelaram aquele fio de eventos como a Realidade, e então cessaram suas operações. Agora, vivemos numa Galáxia que é povoada apenas pelos humanos, e, em grande parte, pelas plantas, animais e vida microscópica que levaram consigo, voluntária ou involuntariamente, de planeta para planeta, e que, ocasionalmente, sobrepujou a vida nativa.

– Em algum lugar, nas névoas cinzentas de probabilidade, há outras Realidades, nas quais a Galáxia hospeda muitas inteligências, mas estão fora de alcance. Nós, em nossa Realidade, estamos sós. De cada ação e cada evento em nossa Realidade, há novos ramos que se separam, mas só um, em cada caso individual, sendo uma continuação da Realidade, de modo que há, em potencial, um enorme número de universos, talvez um número infinito, derivando do nosso, mas todos eles são presumivelmente semelhantes, em conter a Galáxia de uma só inteligência, em que vivemos. Ou talvez eu deva dizer: todos são semelhantes desta maneira, exceto por uma probabilidade mínima, pois é perigoso excluir alguma coisa, onde as probabilidades se aproximam do infinito.

Parou, e acrescentou, com indiferença: – Pelo menos, essa é a história. Data de antes da fundação de Gaia. Não ponho fé em sua veracidade.

Os três outros escutaram atentamente. Bliss assentia com a cabeça como se fosse algo que já ouvira antes e estava verificando a precisão do relato de Dom.

Pelorat reagiu com uma silente solenidade por quase um minuto, fechou o punho e golpeou o braço de sua poltrona.

– Não que isso afete alguma coisa – disse, angustiado. – Não há meio de demonstrar a verdade da história pela observação ou pela razão, de modo que ela só poderá ser sempre tema de especulação, mas à parte isso... Suponha que é verdade! O universo em que vivemos ainda é um em que só a Terra desenvolveu uma vida rica e uma espécie inteligente, de modo que neste universo – quer seja o único ou um só dentre um número infinito de possibilidades – deve haver algo de natureza única, assim como o planeta Terra. Ainda precisamos saber a causa dessa singularidade.

No silêncio que se seguiu, Trevize finalmente o perturbou e abanou a cabeça.

– Não, Janov; não é assim que a coisa funciona. Digamos que as chances sejam uma em um bilhão de trilhões – uma em dez à potência 21 – que do bilhão

de planetas habitáveis na Galáxia, só a Terra – pelo mecanismo puramente probabilístico – desenvolveria um ecossistema rico e, eventualmente, inteligência. Se assim é, um em dez elevado a 21 dos diversos fios das Realidades potenciais representaria uma tal Galáxia, e foi a que os Eternos escolheram. Vivemos, portanto, num universo em que a Terra é o único planeta a ter desenvolvido um ecossistema complexo, uma espécie inteligente, uma elevada tecnologia – não porque há algo especial a respeito da Terra, mas porque simplesmente por acaso, ela se desenvolveu na Terra, e em mais nenhum lugar.

– Suponho, de fato – Trevize continuou, pensativo –, que há fios da Realidade onde só Gaia desenvolveu uma espécie inteligente, ou só Sayshell, ou só Terminus, ou só algum planeta que nesta Realidade não apresenta vida alguma. E todos esses casos especialíssimos são uma percentagem infinitesimal do número total de Realidades em que não há mais que uma espécie inteligente na Galáxia. Eu suponho que se os Eternos tivessem procurado tempo suficiente, teriam encontrado um fio de Realidade em potencial, onde cada planeta habitável teria desenvolvido uma espécie inteligente.

Pelorat respondeu: – Você também não poderia argumentar dizendo que se descobriu uma Realidade em que a Terra, por alguma razão, não era como em outros fios, mas especialmente adequada ao desenvolvimento da inteligência, de alguma maneira? De fato, pode- se ir adiante e dizer que foi descoberta uma Realidade em que toda a Galáxia não era como em outras alternativas, mas num tal estágio de desenvolvimento em que só a Terra poderia produzir inteligência.

Trevize replicou: – Você pode argumentar assim, mas eu vou supor que a minha versão é a que faz mais sentido.

– Essa é uma decisão puramente subjetiva, é claro... começou Pelorat, acaloradamente, mas Dom interrompeu, dizendo: – Isso já é sofismar. Não vamos estragar o que está se mostrando, ao menos para mim, uma noite agradável e à vontade.

Pelorat fez força para relaxar e deixar seu calor se escoar. Sorriu, por fim, e disse: – Como quiser, Dom.

Trevize, que estivera lançando olhares para Bliss, que continuava sentada, e com ar zombeteiro, mãos no colo, disse: – E como este mundo veio a ser, Dom? Gaia, com sua consciência coletiva?

A cabeça envelhecida de Dom inclinou-se para trás e ele riu-se, com um riso agudo. Seu rosto se enrugou, quando disse: – Fábulas de novo! Penso nisso às vezes, quando leio os registros que temos da história humana. Não importa o

quão cuidadosamente os registros sejam mantidos e arquivados e computerizados; eles ficam enevoados com o tempo. As histórias se avolumam por acréscimo. As lendas se acumulam – como o pó. Quanto maior o lapso de tempo, mais empoeirada a história – até que degenera em fábulas.

Pelorat disse: – Nós, historiadores, estamos familiarizados com o processo, Dom. Há uma certa preferência pela fábula. O falsamente dramático expulsa o verdadeiro e tedioso, foi o que disse Liebel Gennerat, há cerca de quinze séculos. Agora é a chamada Lei de Gennerat.

– Mesmo? – disse Dom. – E eu que pensava que a noção era uma invenção cínica de minha autoria, mesmo. Bem, a Lei de Gennerat enche nossa história passada com encanto e incerteza. Sabe o que é um robô?

– Descobrimos isso em Saysheli – disse Trevize, secamente.

– Viu um?

– Não. Fizeram-nos essa pergunta, e quando respondemos pela negativa, recebemos uma explicação.

– Entendo. A humanidade, certa feita, viveu com robôs, sabe, mas não funcionou direito.

– Foi assim que nos contaram.

– Os robôs eram doutrinados profundamente com as chamadas Três Leis da Robótica, que datam da pré-história. Há diversas versões do que essas Três Leis poderiam ter sido. A opinião ortodoxa lhes dá a seguinte forma: “ 1) Um robô não pode ferir um humano, ou por omissão, permitir que um humano seja ferido; 2) Um robô deve obedecer às ordens dadas por humanos, exceto quando conflitam com a Primeira Lei; 3) Um robô deve proteger sua própria existência, enquanto tal proteção não conflita com a Primeira ou a Segunda Lei”.

– À medida que os robôs foram ficando mais inteligentes e interpretaram estas Leis, especialmente a dominante Primeira, mais e mais generosamente assumiram, num grau cada vez maior, o papel de protetores da humanidade. A proteção sufocou as pessoas e ficou insuportável.

– Os robôs eram boníssimos. Suas obras eram evidentemente humanitárias e destinavam-se evidentemente ao benefício de todos, o que também de algum modo os tomou mais insuportáveis.

– Cada progresso na robótica piorava a situação. Os robôs acabaram dotados de capacidade telepática, mas isso significava que cada pensamento humano podia ser monitorado, de modo que o comportamento humano tornou-se

ainda mais dependente da supervisão dos robôs.

– Os robôs iam ficando com a aparência cada vez mais humana, mas eram sem dúvida robôs no comportamento, e o fato de serem humanóides os tomava ainda mais repulsivos. Assim, é claro, aquilo tinha de acabar.

– Por que “é claro”? – perguntou Pelorat, que estivera escutando com toda atenção.

Dom respondeu: – É uma questão de seguir a lógica até seu amargo fim. Eventualmente os robôs aperfeiçoaram-se o bastante para se tomarem humanos o bastante para perceberem por que os humanos se ressentiam de serem privados de tudo o que era humano em nome do seu próprio bem. A longo termo, os robôs foram forçados a decidir que a humanidade poderia estar muito melhor cuidando de si por mais descuidada e ineficaz que fosse. Portanto, dizem, foram os robôs que estabeleceram a Eternidade, de algum modo, e tomaram- se os Eternos. Localizaram uma Realidade em que sentiram que os humanos poderiam estar o mais seguros possível – sós na Galáxia. Então, tendo feito tudo o que podiam para nos guardar e para cumprir a Primeira Lei no sentido mais total, os robôs, em consenso entre si, pararam de funcionar, e desde então temos sido seres humanos – progredindo, sempre que podemos, sós.

Dom parou. Olhou de Trevize para Pelorat, e então disse: – Que tal, acreditam em tudo isso?

Trevize abanou lentamente a cabeça. – Não; não há nada como isso em nenhum registro histórico de que eu tenha ouvido falar. E você, Janov?

– Há mitos que, de alguma forma, são semelhantes a este.

– Ora, Janov, há mitos que se assemelhariam a qualquer coisa que possamos inventar, dada uma interpretação suficientemente engenhosa. Estou falando de história, registros confiáveis.

–Bem, nada, pelo que sei.

Dom disse: – Não estou surpreso. Antes que os robôs se retirassem, muitos grupos de humanos partiram para colonizar mundos sem robôs, no espaço mais profundo, para providenciarem a sua própria liberdade. Vieram particularmente da Terra, superpovoada, com sua longa história de resistência aos robôs. Os novos mundos foram fundados a partir do nada, e não queriam sequer se lembrar de sua amarga humilhação como crianças aos cuidados de babás-robô. Não conservaram registro algum, e esqueceram.

– Improvável – disse Trevize.

Pelorat voltou-se para ele: – Não, Golan. Não é totalmente improvável. As sociedades criam sua própria história e tendem a varrer da memória seu começo humilde, esquecendo, ou inventando feitos heróicos fictícios. O governo Imperial fez tentativas para suprimir o conhecimento do passado pré-Imperial, para reforçar a aura mística de um domínio eterno. Tampouco há registros dos dias anteriores à viagem hiperespacial – e você sabe que até a existência da Terra é desconhecida da maioria das pessoas, hoje em dia.

Trevize alegou: – Você não pode ter dois pesos e duas medidas, Janov. Se a Galáxia esqueceu os robôs, como é que Gaia se lembra?

Bliss interveio com um cantarolar de risada de soprano: – Somos diferentes.

– Sim? E de que maneira? – quis saber Trevize.

Dom disse: – Bliss, deixe comigo. Somos diferentes, homens de Terminus. De todos os grupos de refugiados da dominação robótica, nós, que eventualmente atingimos Gaia, seguindo os passos dos outros, que atingiram Sayshell, fomos os únicos que aprendemos a arte da telepatia dos robôs.

– É uma arte, saibam disso. É inerente à mente humana, mas precisa ser desenvolvida de maneira muito sutil e difícil. Leva muitas gerações até atingir todo seu potencial, mas uma vez começando com o pé direito, alimenta-se de si mesma. Estamos assim há mais de vinte mil anos, e o consenso-de-Gaia é que o seu potencial total ainda não foi atingido. Há muito que o nosso desenvolvimento da telepatia nos fez perceber a consciência de grupo – primeiro só dos humanos; depois dos animais, depois, das plantas, e finalmente, não há muitos séculos, da própria estrutura inanimada do planeta.

– Por que detectamos isto no passado remontando até os robôs, não os esquecemos. Não os consideramos nossas babás, mas nossos instrutores. Sentimos que eles nos abriram a mente para algo que em nenhum momento desejaríamos que fosse fechada. Lembramo-nos deles com gratidão.

E Trevize falou: – Mas assim como vocês foram os bebês dos robôs, agora são os bebês da consciência coletiva. Não perderam sua humanidade agora, como perderam então?

– Isto é diferente, Trev. O que fazemos agora é de nossa própria escolha; nossa própria escolha! E isso o que conta. Não nos é forçada do exterior, mas é desenvolvida a partir do interior. É algo de que nunca nos esquecemos. E somos diferentes de uma outra maneira, também. Somos únicos na Galáxia. Não há mundo como Gaia.

– Como pode ter certeza?

– Saberíamos, Trev. Detectaríamos a consciência de um mundo tal como o nosso, mesmo no outro extremo da Galáxia. Pudemos detectar os primórdios de uma tal consciência na sua Segunda Fundação, por exemplo, se bem que só a partir dos dois últimos séculos.

– No tempo do Mula?

– Sim. Um dos nossos. – Dom ficou sombrio. – Ele era um aberrante e deixou-nos. Fomos ingênuos o bastante para pensar que isso não seria possível, e não agimos a tempo de detê-lo. Então, quando voltamos nossa atenção para os Mundos Exteriores, percebemos o que vocês chamam Segunda Fundação, e deixamos tudo com eles.

Trevize ficou olhando, inexpressivo, por alguns momentos, e então murmurou: – E lá se vão nossos livros de história! – Abanava a cabeça e disse, em voz mais alta: – Foi um pouco covarde, por parte de Gaia, não foi? Era sua responsabilidade.

– Tem razão. Mas uma vez que voltamos o olhar sobre a Galáxia, vimos que até então estivéramos cegos para uma coisa, de modo que a tragédia do Mula mostrou-se uma questão de salvação para nós. Foi então que reconhecemos que eventualmente uma crise perigosa viria sobre nós. E veio – mas não antes que estivéssemos capacitados a tomar contramedidas, graças ao incidente do Mula.

– Que espécie de crise?

– Uma que nos ameaça com a destruição?

– Não posso acreditar. Vocês seguraram o Império, o Mula, e Sayshell. Têm uma consciência coletiva que pode apanhar uma nave no espaço a milhões de quilômetros de distância. O que têm a temer? Olhem para Bliss. Ela não parece minimamente perturbada. Ela não pensa que há uma crise.

Bliss colocara uma de suas belas pernas sobre o braço da perna e retorcia os artelhos para ele. – É claro que não estou preocupada, Trev. Você vai cuidar de tudo.

Trev disse, estupefato: – Eu?!

E Dom disse: – Gaia trouxe-o aqui por meio de um centena de imperceptíveis manipulações. É você quem deve enfrentar nossa crise.

Trev ficou olhando para ele, e lentamente foi passando da estupefação a um crescente furor: – Eu? Por que, de todo o espaço, eu? Nada tenho a ver com

isto.

– No entanto, Trev – disse Dom com uma calma quase hipnótica – é você. E só você. De todo o espaço, só você.

18. COLISÃO

75.

Stor Guendibal aproximava-se de Gaia quase tão cuidadosamente quanto Trevize o fizera – e agora que sua estrela era perceptivelmente um disco, e podia ser observada apenas por filtros fortes, parou para meditar.

Sura Novi estava sentada a um canto, olhando para ele ocasionalmente, de maneira assustada.

Disse, baixinho: – Dotô?

– O que é, Novi? – respondeu ele, distraído.

– Está infeliz?

Ele olhou logo para ela: – Não. Preocupado. Lembra-se da palavra? Estou tentando decidir se devo me mover depressa, ou esperar. Serei corajoso, Novi?

– Acho o senhor corajoso sempre, dotô.

– Ser muito corajoso, por vezes, é tolice.

Novi sorriu. – Como um dotô pode ser tolo? Aquilo é um sol, não é, dotô? – e apontou para a tela.

Guendibal fez que sim.

E Novi disse, após uma pausa irresoluta: – É o sol que brilha em Trantor? É o sol hamish?

– Não, Novi, é um sol totalmente diferente. Há muitos sóis; bilhões deles.

– Ah Eu sabia disso, aqui dentro da minha cabecinha. Mas não conseguia acreditar. Como é que é, dotô, que alguém pode saber com a cabeça... e mesmo assim, não acreditar?

Guendibal sorriu um pouco: – Em sua cabeça, Novi... – ele começou, e, automaticamente, ao falar, achou-se na mente dela. Acariciou-a como sempre fazia – apenas um toque calmante da textura mental, para mantê-la tranqüila e sem perturbação e teria saído, se algo não lhe atraísse a atenção.

O que ele sentiu era indescritível em termos que não fossem mentálicos, mas metaforicamente, o cérebro de Novi brilhava. Com o mais fraco possível dos brilhos.

Não apareceria exceto pela existência de um campo mentálico imposto de fora – um campo mentálico com uma intensidade tão pequena que a mais fina das funções receptoras da bem treinada mente de Guendibal mal podia detectá-lo, mesmo contra a total regularidade da estrutura mental de Novi.

Ele disse, bruscamente: – Novi, como se sente?

Seus olhos se arregalaram: – Sinto-me bem, dotô.

– Está tonta, confusa? Feche os olhos e fique sentada, absolutamente imóvel, até que eu diga “agora”.

Obedientemente, ela fechou os olhos. Cuidadosamente, Guendibal varreu todas as sensações estranhas da mente dela, aquietou os pensamentos dela, acalmou suas emoções, acariciando... Nada deixou senão o brilho, e era tão fraco que quase podia se convencer de que não estava ali.

– Agora – disse ele, e Novi abriu os olhos.

– Como se sente, Novi?

– Muito calma, dotô. Descansada.

Era claramente muito fraco para ter qualquer efeito perceptível para ela.

Ele voltou-se para o computador, e voltou a lutar contra a máquina. Tinha de admitir consigo mesmo que ele e o computador não se interpenetravam muito bem. Talvez porque estivesse muito acostumado a usar sua mente diretamente, para poder trabalhar com um intermediário. Mas ele estava procurando uma nave, e não uma mente, e a busca inicial podia ser feita mais eficazmente com a ajuda do computador.

E descobriu o tipo de nave que suspeitava, poderia estar presente. Estava a meio milhão de quilômetros de distância, e era muito semelhante à sua quanto ao desenho, mas muito maior e sofisticada.

Uma vez localizada, com o auxilio do computador, Guendibal podia deixar sua mente assumir diretamente. Projetou-a – como um feixe estreito – e com ela apalpou (ou o equivalente mentálico de “apalpar”) a nave, por dentro e por fora.

Então dirigiu a mente ao planeta Gaia, aproximando-se de vários milhões de quilômetros, no espaço – e retirou-se. Nenhum processo foi suficiente, por si só, para dizer-lhe sem engano qual das duas – ou nenhuma – era a fonte daquele

campo.

– Novi, eu gostaria que você se sentasse ao meu lado, daqui por diante.

– Dotõ, será que é perigoso?

– De modo algum você deve se preocupar, Novi. Providenciarei para que fique sempre sã e salva.

– Dotô, eu não estou preocupada em estar são e salva. Se houver perigo, eu quero poder ajudá-lo.

Guendibal comoveu-se. – Novi, você já ajudou. Por sua causa, eu percebi uma coisinha que era importante perceber. Sem você, eu poderia ter me afundado num brejo, e só poderia sair com um grande esforço.

– Eu fiz isso com minha mente, Dotõ, como o senhor explicou antes? – perguntou Novi, assombrada.

– Isso mesmo, Novi. Nenhum instrumento poderia ser mais sensível. Minha própria mente não é; está muito cheia de complexidades.

A alegria encheu o rosto de Novi. – Estou tão grata por poder ajudar!

Guendibal sorriu e assentiu e então recaiu no tenebroso conhecimento de que ele também precisaria de outra espécie de ajuda. Algo infantil dentro dele objetou. O trabalho era dele... sozinho.

Mas não poderia ficar só com ele. A desigualdade estava crescendo...

76.

Em Trantor, Quindor Shandess sentia a responsabilidade do cargo de Primeiro Orador recair sobre ele com um peso sufocante. Desde que a nave de Guendibal desapareceu na escuridão além da atmosfera, ele não convocara reuniões da Mesa. Estivera perdido em suas próprias meditações.

Teria sido sensato deixar que Guendibal partisse, por conta própria? Guendibal era brilhante, mas não tão brilhante que não deixasse lugar para um excesso de auto-confiança. A grande falha de Guendibal era a arrogância, assim como a grande falha de Shandess (pensou, amargamente) era o cansaço da idade.

Repetidamente ocorria-lhe que o precedente de Prim Palver, esvoaçando pela Galáxia, para arrumar as coisas, era perigoso. Alguém mais poderia ser um Prim Palver? Mesmo Guendibal? E Palver tinha a esposa consigo.

Para dizer a verdade, Guendibal tinha aquela hamish, mas ela era

irrelevante. A mulher de Palver era também uma Oradora.

Shandess sentia-se envelhecendo dia a dia, enquanto esperava por novas de Guendibal – e a cada dia, nenhuma notícia aparecia, e ele sentia sua tensão crescer.

Deveria ter sido uma flotilha inteira de naves...

Não. A Mesa não o teria permitido.

E no entanto...

Quando a chamada finalmente veio, ele estava dormindo... um sono exausto que não estava lhe trazendo alívio algum. A noite fora ventosa e não tivera problemas em cair no sono, aliás. Como uma criança, imaginou ouvir vozes em meio ao vento.

Seus últimos pensamentos antes de cair numa madorna exausta, foram uma tentativa de acumular resignação, desejo de ter sucesso, sabendo que não teria, pois nesse momento, Delarmi poderia sucedê-lo.

E então veio a chamada, e ele sentou-se na cama, instantaneamente desperto.

– Está bem? – perguntou ele.

– Perfeitamente bem, Primeiro Orador. Devemos ter conexão visual para comunicação mais condensada?

– Mais tarde, talvez; primeiro, qual é a situação?

Guendibal falou cuidadosamente, pois percebia o recente despertar do outro, e um profundo cansaço. – Estou nas vizinhanças de um planeta habitado, chamado Gaia, cuja existência não é sequer indicada em qualquer dos registros galácticos, segundo sei.

– O mundo daqueles que estiveram trabalhando pelo aperfeiçoa mento do Plano? Os Anti-Mulas?

– Possivelmente, Primeiro Orador. Há razões para pensar que sim. Primeiro, a nave que levava Trevize e Pelorat moveu-se bastante rumo a Gaia, e provavelmente pousou lá. Segundo: há, no espaço, a cerca de um milhão de quilômetros de mim, uma belonave da Primeira Fundação.

– Não pode haver tanto interesse sem alguma razão.

– Primeiro Orador, este interesse pode não ser independente. Estou aqui apenas porque estou seguindo Trevize... e a belonave pode estar lá pela mesma razão. Só resta perguntar por que Trevize está aqui.

– Planeja segui-lo em direção ao planeta, Orador?

– Considero isso uma probabilidade, mas algo aconteceu. Estou agora a um milhão de quilômetros de Gaia, e percebo no espaço, à minha volta, um campo mentálico um campo homogêneo, que é excessivamente fraco. Eu absolutamente não o perceberia, senão pelo efeito focalizador da mente da hamish. É uma mente incomum; concordei em trazê-la comigo exatamente para este fim.

– Você estava certo, pois, em supor que assim seria... A Oradora Delarmi sabia disso, você acha?

– Quando ela instou que eu levasse a hamish? Dificilmente... mas de bom grado tirei vantagem disso, Primeiro Orador.

– Estou grato por tê-lo feito. É sua opinião, Orador Guendibal, que o planeta é o foco do campo?

– Para me certificar disso, eu precisaria tomar medidas em pontos amplamente espaçados, para ver se há uma simetria esférica geral no campo. Minha sonda mental unidirecional faz isto parecer provável, mas não certo. Mas não seria sensato investigar mais, na presença da belonave da Primeira Fundação.

– Por certo que não é ameaça.

– Poderá ser. Não posso ainda estar seguro de que ela mesma não seja o foco do campo, Primeiro Orador.

– Mas eles...

– Primeiro Orador, com todo o respeito, permita interromper. Não sabemos que avanços tecnológicos a Primeira Fundação pode ter feito. Estão agindo com uma estranha auto.confiança, e poderão ter estranhas surpresas para nós. E preciso decidir a questão sobre se eles não aprenderam a lidar com a mentálica por meio de alguns de seus dispositivos. Em suma, Primeiro Orador, estou me defrontando com uma belonave de mentálicos ou com um planeta deles.

– Se for a belonave, então a mentálica pode ser demasiado fraca para me imobilizar, mas pode ser o suficiente para me retardar... e as armas puramente físicas da belonave então poderão ser suficientes para me destruir. Por outro lado, se o planeta é o foco, ter um campo detectável a tal distância poderia significar uma enorme intensidade na superfície – mais do que eu mesmo poderia encarar.

– Em qualquer caso, será necessário estabelecer uma rede; uma rede total, na qual, se necessário, todos os recursos de Trantor possam ser colocados à minha disposição.

O Primeiro Orador hesitou. – Uma rede total? Nunca foi usada, nem mesmo sugerida; exceto no tempo do Mula.

– Esta crise pode muito bem ser maior que a do Mula, Primeiro Orador.

– Não sei se a Mesa concordaria.

– Não sei se o senhor deveria pedir-lhes para concordar, Primeiro Orador. O senhor pode declarar um estado de emergência.

– E sob que alegação?

– Diga-lhes o que acabo de lhe dizer, Primeiro Orador.

– A Oradora Delarmi dirá que o senhor é um covarde incompetente, levado à loucura pelos seus próprios temores.

Guendibal interrompeu-se antes de responder. Então disse: – Imagino que ela possa dizer algo assim, Primeiro Orador, mas diga ela o que disser, eu sobreviverei. O que está em jogo agora não é meu orgulho ou amor-próprio, mas a própria existência da Segunda Fundação.

77.

Harla Branno sorriu agressivamente, seu rosto vincado marcando mais profundamente suas escarpas de carne. – Creio que podemos nos apressar. Estou pronta para eles.

– Está certa de que sabe o que está fazendo? – disse Kodell.

– Se eu fosse tão louca quanto você pretende que eu seja, Liono, você teria insistido em ficar nesta nave comigo?

Kodell disse, com desdém: – Provavelmente. Eu estaria aqui, Senhora Prefeita, na chance de poder detê-la, desviá-la, ao menos retardá-la, antes que fosse muito longe. E, é claro, se a senhora não está louca...

– Sim?

– Ora, então eu não desejaria que a história futura lhe desse todo o crédito. Que diga que eu estava aqui com a senhora, e que imaginem, talvez, a quem realmente se deveria atribuir o mérito, hein, Prefeita?

– Inteligente, Liono, inteligente; mas bastante fútil. Eu fui a força por detrás do trono através de muitos mandatos de Prefeitos para alguém acreditar que permitiria tal fenômeno no meu mandato.

– Veremos.

– Não, não veremos, pois tais julgamentos históricos virão depois que estivermos mortos. Entretanto, não tenho medo. Não sobre o meu lugar na história e não daquilo – e apontou para a tela.

– A nave de Compor – disse Kodell.

– A nave de Compor, sim, mas sem Compor. Uma das naves escoteiras observou a troca. A nave de Compor foi detida por uma outra. Duas pessoas da outra nave entraram, e depois Compor saiu e entrou na outra.

Branno esfregou as mãos. – Trevize exerceu seu papel perfeitamente. Lancei-o ao espaço para que pudesse servir de pára-raios, e foi o que fez. Atraiu o raio. A nave que abordou a de Compor era da Segunda Fundação.

– Como pode ter tanta certeza? – especulou Kodell, tirando seu cachimbo da boca e lentamente começando a enchê-lo de tabaco.

– Porque sempre pensei que Compor bem poderia estar sob o controle da Segunda Fundação. Sua vida foi sempre muito fácil. As coisas sempre acabaram dando certo para ele – e ele era tão destro na detecção hiperespacial. Sua traição de Trevize poderia facilmente ter sido a simples política de um homem ambicioso... mas ele o fez com uma determinação tão desnecessária, que havia mais do que simples ambição pessoal naquilo.

– Adivinhou tudo isso, Prefeita?

– A adivinhação parou quando ele seguiu Trevize através de Saltos múltiplos tão facilmente como se tivesse havido um só.

– Ele tinha o computador para ajudar, Prefeita.

Mas Branno inclinou a cabeça para trás e riu. – Meu caro Liono, você está tão ocupado imaginando tramas intrincadas, que esquece a eficácia de procedimentos simples. Enviei Compor para seguir Trevize, não porque eu precisasse de alguém para seguir Trevize. Para que isso? Trevize, por mais secretos que quisesse manter seus movimentos, só poderia chamar a atenção em qualquer mundo que visitasse e que não pertencesse à Fundação. Sua nave fundacionista avançada, seu forte sotaque de Terminus, e seus créditos da Fundação, automaticamente o cercariam com uma aura de notoriedade. E em caso de qualquer emergência, ele automaticamente se voltaria para os

funcionários da Fundação, à busca de ajuda, como fez em Sayshell, onde sabíamos tudo o que ele fazia, no momento em que se movia e muito independentemente de Compor.

– Não – ela continuou, pensativa. – Compor foi mandado para testar Compor, mesmo. E isso funcionou, porque demos-lhe um computador defeituoso bastante deliberadamente; não que deixasse a nave imanobrável, mas certamente um que fosse insuficientemente ágil para ajudá-lo a seguir um Salto múltiplo. Mas Compor superou isso sem problema.

– Vejo que há muito que a senhora não me conta, Prefeita, até achar que deve.

– Só lhe escondo esses assuntos, Liono, porque o que você não sabe, não vai feri-lo. Eu o admiro, e valho-me de você, mas há fortes limites na minha confiança, assim como os há na sua, em relação a mim... e, por favor, não precisa se dar ao trabalho de negá-lo.

– Não vou negá-lo – reconheceu Kodell, secamente –, e algum dia, Prefeita, tomarei a liberdade de relembrá-la disso. Entrementes, haveria algo mais que eu deveria saber, a esta altura? Qual a natureza da nave que o abordou? Por certo, se Compor é da Segunda Fundação, também a nave o era.

– É sempre um prazer conversar com você, Liono. Percebe as coisas depressa. A Segunda Fundação, veja só, não se importa em esconder os traços de sua passagem. Tem suas defesas, nas quais confia, para tornar suas pegadas invisíveis, mesmo quando não são. Nunca ocorreria a um segundofundacionista usar uma nave de manufatura alienígena, mesmo que eles soubessem que podemos identificar a origem de uma nave pelo seu padrão de utilização da energia. Sempre poderiam remover esse conhecimento da mente que o obtivesse; assim sendo, por que se dar ao trabalho de se esconder? Enfim, nossa nave escoteira pôde determinar a origem da nave que se aproximava da de Compor alguns minutos depois de tê-la avistado.

– E agora a Segunda Fundação vai varrer esse conhecimento de nossas mentes, eu suponho.

– Se puderem, mas eles poderão descobrir que as coisas mudaram.

– Antes, a senhora disse que sabia onde era a Segunda Fundação. Cuidaria de Gaia primeiro, e depois, de Trantor. Deduzo disto que a outra nave era de origem trantoriana.

– Você supõe corretamente. Está surpreso?

Kodell abanou a cabeça, devagar. – Não em retrospecto. Ebling Mis, Torã

Darell e Bayta Darell, todos estavam em Trantor durante o período em que o Mula foi detido. Arcádia Darell, a neta de Bayta, nasceu em Trantor e foi de novo em Trantor que se supôs que a Segunda Fundação foi detida. Em seu relato dos eventos, há um Prim Palver que exerceu um papel-chave, aparecendo nas horas convenientes, e era um comerciante trantoriano. Eu deveria ter achado óbvio que a Segunda Fundação era em Trantor, onde, incidentalmente, Hari Seldon em pessoa viveu, no tempo em que instituiu ambas as Fundações.

– Bastante óbvio, exceto que ninguém jamais sugeriu tal possibilidade. A Segunda Fundação evitou isso. É o que quis dizer quando disse que eles não precisavam cobrir suas pegadas, quando podiam tão facilmente providenciar que ninguém olhasse na direção das pegadas; ou varriam a memória das pegadas, depois que eram vistas.

– Neste caso, não vamos olhar muito sofregamente na direção em que eles simplesmente podem estar querendo que olhemos. Como é que, na sua opinião, Trevize pôde decidir que a Segunda Fundação existia? Por que a Segunda Fundação não o deteve?

Branno ergueu seus dedos nodosos, e foi enumerando com eles: – Primeiro, Trevize é um homem muito incomum que, com toda sua estrepitosa incapacidade para usar de cautela, tem algo que não consegui penetrar. Ele pode ser um caso especial. Segundo: a Segunda Fundação não estava totalmente ignorante. Compor logo ficou atrás de Trevize, e o delatou a mim. Eles confiavam que eu detivesse Trevize sem que a Segunda Fundação se arriscasse a um envolvimento aberto. Terceiro: quando eu não reagi bem como era esperado, sem execução, sem prisão, sem apagamento da memória, sem Sonda Psíquica no cérebro dele, quando eu meramente o enviei ao espaço, a. Segunda Fundação se expôs. Fizeram o movimento direto de enviar uma de suas próprias naves atrás dele.

E acrescentou contente, dentes semicerrados: – Mas que excelente pára-raios!

– E nosso próximo movimento, qual será?

– Vamos interceptar esse segundofundacionista. De fato, agora mesmo já nos aproximamos dele, lentamente.

78.

Guendibal e Novi estavam sentados juntos, lado a lado, observan do a

tela.

Novi estava assustada. Para Guendibal, isso era bem aparente, assim como o fato de que ela estava desesperadamente tentando combater aquele medo. Nem Guendibal podia fazer qualquer coisa para ajudá-la naquela luta, pois não achava aconselhável tocar em sua mente num momento desses, se não queria obscurecer a resposta que apresentava ao fraco campo mentálico que os rodeava.

A belonave da Fundação estava se aproximando devagar, mas inexoravelmente. Era uma belonave grande, com uma tripulação até de seis, julgando pela experiência passada com naves da Fundação. Suas armas, Guendibal estava certo, seriam sozinhas suficientes para enfrentar, e se necessário, devastar uma frota composta de todas as naves disponíveis da Segunda Fundação... se suas naves tivessem de confiar inteiramente na força física.

Tal como estavam, o avanço da belonave, mesmo contra uma nave isolada tripulada por um segundofundacionista, permitia tirar certas conclusões. Mesmo que a nave possuísse capacidade mentálica, não se prestaria a se dirigir para as garras da Segunda Fundação desse jeito. Mais provavelmente, adiantava-se por pura ignorância – o que poderia se manifestar em diversos graus.

Podia significar que o capitão da nave não estava ciente que Compor fora substituído, ou se o soubesse, não sabia que fora substituído por um segundofundacionista, ou talvez nem mesmo estivesse ciente do que era um segundofundacionista.

Ou (e Guendibal tentava levar tudo em consideração) a nave possuía poder mentálico e, não obstante, avançava, com toda autoconfiança? Isso só podia significar que estava sob o controle de um megalomaníaco *ou* que possuía poderes muito além dos que Guendibal consideraria possíveis mesmo para ele.

Mas, o que ele considerava possível não era a palavra final...

Cuidadosamente, ele sondou a mente de Novi. Novi não podia sentir campos mentálicos conscientemente, ao passo que Guendibal, claro, podia. Mas a mente de Guendibal não podia fazê-lo de molde a detectar um campo mental tão fraco quanto Novi podia. Este era um paradoxo a ser futuramente estudado, e poderia produzir frutos que, a longo termo, poderiam mostrar-se de maior importância que o problema mais imediato, de uma espaçonave que se aproximava.

Guendibal captara esta possibilidade intuitivamente, na primeira vez que

notou a suavidade e simetria inusitadas da mente de Novi – e sentiu um orgulho todo cheio de si de sua capacidade intuitiva. Os Oradores sempre foram orgulhosos de seus poderes intuitivos, mas o quanto isto era produto de sua incapacidade de medir campos por métodos físicos diretos, e portanto, seu fracasso em entender o que realmente faziam? Era fácil encobrir a ignorância pela mística palavra “intuição”. E o quanto desta ignorância deles poderia se originar de sua subestimação da física, em comparação com a mentálica?

E o quanto disso era apenas orgulho cego? Quando ele se tornasse Primeiro Orador, Guendibal pensou, isto tudo mudaria. Deveria haver um estreitamento do abismo físico entre as Fundações. A Segunda Fundação não poderia se defrontar para sempre com a possibilidade de destruição sempre que o monopólio mentálico escorregasse, mesmo que de leve, de seus dedos.

De fato, o monopólio poderia estar escapando agora. Talvez a Primeira Fundação tivesse progredido, ou haveria uma aliança entre a Primeira Fundação e os Anti-Mulas. (Este pensamento lhe ocorrera agora pela primeira vez, e ele estremecia.)

Seus pensamentos sobre o assunto deslizaram por sua mente com a velocidade característica dos Oradores – e enquanto pensava, também continuava agudamente sensível ao brilho na mente de Novi, a resposta ao difuso campo mental à volta deles. Não estava ficando mais forte à medida que a belonave da Fundação se aproximava.

Isto não era, por si só, uma indicação de que a belonave não esta va dotada de mentálica. Era bem conhecido que o campo mentálico não obedecia à lei do inverso do quadrado. Não ficava mais intenso exatamente na proporção do inverso do quadrado da distância entre emissor e receptor. Neste ponto diferia dos campos eletromagnético e gravitacional. Muito embora os campos mentálicos variassem menos com a distância do que os diversos campos físicos, não era totalmente insensível à distância. A resposta na mente de Novi deveria mostrar um aumento sensível com a aproximação da belonave; algum aumento.

(Como nenhum segundofundacionista, em cinco séculos, de Hari Seldon em diante, nunca pensou em deduzir uma relação matemática entre a intensidade mentálica e a distância? Este desdém pela física devia, e precisava cessar, foi o que Guendibal silenciosamente prometeu.)

Se a belonave possuísse a mentálica, e se sentisse com certeza que estava se aproximando de um segundofundacionista, não aumentaria a intensidade de seu campo ao máximo, antes de avançar? E neste caso, a mente de Novi não registraria uma resposta aumentada de alguma espécie? – Mas não!

Confiantemente, Guendibal eliminou a possibilidade de que a belonave estivesse dotada de mentálica. Estava se aproximando por ignorância e, como ameaça, podia ser desprezada.

O campo mentálico, é claro, ainda existia, mas tinha de se originar em Gaia. Isto já era bastante perturbador, mas o problema imediato era aquela nave. Elimine-se este e então podia voltar a atenção para o mundo dos Anti-Mulas.

Esperou. A belonave podia fazer algum movimento ou poderia se aproximar o bastante para que ele tivesse confiança em poder passar a uma ofensiva eficaz.

A belonave ainda se aproximava – bem rapidamente, agora – e ainda não fazia nada. Por fim, Guendibal calculou que a sua força apenas seria suficiente. Não haveria dor, mal haveria qualquer desconforto – todos a bordo só achariam que os principais músculos de suas costas e membros responderiam lentamente à vontade.

Guendibal estreitou o campo mentálico controlado pela sua mente. Intensificou-se e saltou pela distância entre as duas naves à velocidade da luz. (As duas naves estavam próximas o bastante para tornar desnecessário o contato hiperespacial, com sua inevitável perda de precisão.)

E então Guendibal saltou para trás, numa surpresa atordoada.

A belonave da Fundação possuía um escudo mentálico eficaz que ganhava densidade na mesma proporção que seu próprio campo ganhava intensidade. A belonave não estava se aproximando por ignorância, afinal, e tinha uma asma inesperada, mesmo que passiva.

79.

– Ah! – disse Branno. – Ele tentou um ataque, Liono. Veja!

O indicador do psicômetro moveu-se e tremeu, em sua elevação irregular.

O aperfeiçoamento do escudo mentálico ocupara os cientistas da Fundação por cento e vinte anos, no mais secreto de todos os projetos científicos, exceto talvez pelo desenvolvimento solitário de Hari Seldon, da análise psico-histórica. Cinco gerações de humanos tinham trabalhado no aperfeiçoamento gradual de um dispositivo que não era sustentado por nenhuma teoria satisfatória.

Mas nenhum progresso poderia ter sido possível sem a invenção do

psicômetro, que podia agir como guia, indicando a direção e quantidade de progresso, a cada etapa. Ninguém sabia explicar como funcionava, mas todas as indicações eram de que media o incomensurável, e davam números para o indescritível. Branno tinha a sensação (compartilhada por alguns dos cientistas) de que se algum dia a Fundação pudesse explicar o funcionamento do psicômetro, eles se igualariam à Segunda Fundação, quanto ao controle mental.

Branno enviou a mensagem, em voz masculina, da qual todas as conotações emotivas tinham sido removidas, até que estivesse monótona e morta.

– Chamando a nave Bright Star e seus ocupantes. Vocês tomaram pela força uma nave da Frota da Federação da Fundação, num ato de pirataria. Vocês têm instruções para se render, e à nave, imediatamente, ou enfrentar um ataque.

A resposta veio numa voz natural: – Prefeita Branno, de Terminus. Eu sei que a senhora está a bordo. A Bright Star não foi tomada por ação de pirataria. Fui livremente convidado a bordo por seu capitão legal, Munn Li Compor, de Terminus. Peço um período de trégua, para podermos discutir assuntos de mútua importância.

Kodell sussurrou para Branno: – Deixe-me falar, Prefeita.

Ela ergueu o braço, com desprezo: – A responsabilidade é minha, Liono.

Ajustando o transmissor, ela falou em tons só um pouco menos forçados e artificiais do que a voz que falara antes:

– Homem da Segunda Fundação, entenda sua posição. Se você não se render imediatamente, podemos explodir sua nave para fora do espaço no tempo que leva para a luz viajar de nossa nave para a sua – e estamos prontos para fazê-lo. Nem perderemos fazendo isto, pois você não tem conhecimento pelo qual precisemos mantê-lo vivo. Sabemos que você é de Trantor e, uma vez que cuidemos de sua pessoa, estaremos prontos para cuidar de Trantor. Vamos permitir-lhe um período no qual poderá dizer o que quiser, mas como não pode ter muito de valor para nos contar, não estamos preparados para escutar por muito tempo.

– Nesse caso, deixe-me falar depressa, e direto ao assunto. Seu escudo não é perfeito, e não pode ser. Vocês o superestimaram, e subestimaram a mim. Posso manipular suas mentes e controlá-las. Não tão facilmente, talvez, se não houvesse escudo, mas sem muita dificuldade. Se tentarem usar qualquer arma, eu atacarei – e eis o que vocês precisam entender: sem um escudo, posso manipular suas mentes suavemente, sem causar danos. Com o escudo, preciso

usar violência, o que posso fazer, e não poderei manipulá-los com suavidade ou habilidade. Suas mentes serão esmagadas tal como o escudo, e o efeito será irreversível. Em outras palavras, vocês não podem me deter, e eu, por outro lado, posso detê-los, sendo forçado a fazer algo pior que matá-los. Deixa-los-ei como uma casca desprovida de mente. Querem se arriscar a isso?

Branno disse: – Você sabe que não pode fazer o que disse.

– Querem, então, arriscar-se às conseqüências de que falei? – perguntou Guendibal, com um ar de fria indiferença.

Kodell inclinou-se e cochichou: Por Seldon, Prefeita...

E Guendibal disse (não exatamente de imediato, pois a luz – e tudo o mais à velocidade da luz – levava pouco mais de um segundo para ir de uma nave para outra): – Estou seguindo seus pensamentos, Kodell. Não precisa cochichar. Também acompanho os pensamentos da Prefeita. Ela está indecisa, de modo que ainda não precisa entrar em pânico. E o mero fato de que eu sei o que pensam, é prova de que õ seu escudo vaza.

– Pode ser reforçado – disse a Prefeita, desafiadoramente.

– Minha força mentálica também.

– Mas eu estou sentada aqui, consumindo apenas energia física para manter o escudo, e tenho o bastante para conservar esse escudo por períodos muito longos. Precisa usar energia mentálica para penetrar o escudo, e vai se cansar.

– Não estou cansado. No momento presente, nenhum de vocês pode dar qualquer ordem a qualquer membro da tripulação da nave, ou a qualquer tripulante de outra nave. Posso fazer isto sem causar-lhes dano, mas não façam nenhum esforço inusitado para escapar ao controle, pois compensarei aumentando minha própria força, e serão prejudicados tal como lhe falei.

– Esperarei – disse Branno, colocando as mãos no colo, com todos os sinais da mais estólida paciência. – Você vai se cansar, e as ordens não serão para destruir você, que estará inofensivo. As ordens serão para enviar o principal da Frota da Fundação contra Trantor. Se quiser salvar o seu mundo, renda-se. Uma segunda orgia de destruição não deixará sua organização intocada, como a primeira, no tempo do Grande Saque.

– Não vê que se eu me sentir cansado, Prefeita, o que não vai acontecer, posso salvar o meu planeta muito simplesmente destruindo vocês antes que minha força acabe?

– Não vai fazer isso. Seu principal dever é manter o Plano de SeI don. Destruir a Prefeita de Terminus e dar um golpe no prestígio e confiança na Primeira Fundação, produzindo um avassalador retrocesso em seu poderio, e encorajando seus inimigos em todos os lugares produziria tamanha disrupção no Plano que seria quase tão mau para vocês quanto a destruição de Trantor. Pode muito bem render-se.

– Está querendo jogar com minha relutância em destruí-los?

O peito de Branno arfou quando ela tomou fôlego e soltou lentamente. Então disse: – Sim!

Kodell, sentado a seu lado, empalideceu.

80.

Guendibal ficou olhando para a figura de Branno, superposta ao volume da sala, à frente da parede. Piscava um pouco e estava meio nebulosa, graças à interferência do escudo. O homem ao lado dela estava quase desprovido de feições com a névoa, pois Guendibal não tinha energia para desperdiçar nele. Precisava se concentrar na Prefeita.

Na verdade, ela, por sua vez, não tinha uma imagem dele. Não tinha como saber que ele também tinha companhia, por exemplo. Não podia depreender nada de suas expressões e atitudes corporais. Neste aspecto, ela estava em desvantagem.

Tudo o que ele dissera era verdade. Ele podia esmagá-la ao custo de um enorme gasto de força mentálica – e ao fazê-lo, não poderia evitar arrasar com a mente dela irreparavelmente.

Entretanto, tudo o que ela dissera também era verdade. Destruí-la poderia danificar o Plano tanto quanto o Mula o fizera. E o novo dano poderia ser ainda mais sério, pois que agora o jogo já estava mais adiantado, e haveria menos tempo para recuperar o mau passo.

Pior ainda, havia Gaia, que ainda era uma grandeza incógnita – com seu campo mentálico permanecendo nos fracos e tantalizantes limites da detecção.

Por um momento, tocou a mente de Novi para certificar-se de que o brilho ainda estava lá. Estava, e inalterado.

Ela não poderia sentir aquele toque, mas voltou-se para ele e num sussurro assustado, disse: – Dotô, tem uma nuvenzinha, ali. É para ela que o

senhor fala?

Ela devia ter reparado na névoa pela fraca conexão entre as suas mentes. Guendibal pousou um dedo nos lábios: – Não tema, Novi. Feche os olhos e descanse.

Levantou a voz: – Prefeita Branno, seu jogo é bom, neste aspecto. Não quero destruí-la de imediato, pois acho que se lhe explicar algo, a senhora ouvirá a razão e não haverá necessidade de destruir em nenhum dos lados.

– Suponha, Prefeita, que a senhora ganhe, e eu me renda. E daí? Numa orgia de autoconfiança e esperança no seu escudo mentálico, a senhora e os seus sucessores procurarão espalhar o seu poder pela Galáxia com uma pressa indevida. Ao fazê-lo, estarão é retardando o estabelecimento do Segundo Império, porque também destruirão o Plano de Seldon.

Ao que Branno respondeu: – Não estou surpresa que você não queira me destruir de imediato, e acho que enquanto está aí sentado, será forçado a reconhecer que nunca se atreveria a me destruir.

Guendibal retrucou: – Não se iluda com essa loucura auto-adulatória. Escute-me. A maior parte da Galáxia ainda não é da Fundação, e, em grande parte, é anti-Fundação. Há mesmo porções da própria Federação da Fundação que não se esqueceram de seus dias de independência. Se a Fundação se mover muito depressa em conseqüência de minha rendição, privará o resto da Galáxia de sua maior fraqueza – sua desunião e indecisão. Vai forçá-los a se unirem pelo medo, e alimentará a tendência latente à rebelião.

– Está me ameaçando com clavas de palha – respondeu Branno. – Temos a força para vencer facilmente qualquer inimigo, mesmo se todos os planetas da Galáxia fora da Fundação se combinem contra nós, e mesmo que fossem auxiliados por uma rebelião na metade dos planetas da Federação. Não haveria dificuldade.

– Não haveria dificuldade *imediata*, Prefeita. Não cometa o erro de ver apenas os resultados que aparecem de imediato. A senhora pode estabelecer um Segundo Império meramente por decreto, mas não conseguirá conservá-lo. Vai ter de reconquistá-lo a cada dez anos.

– Então vamos fazê-lo, até que os planetas se cansem, assim como você está se cansando.

– Eles não precisarão se cansar, não mais que eu. Nem o processo vai durar muito, pois há um segundo e maior perigo para o pseudo-Império que a senhora proclamaria. Como ele pode ser temporariamente mantido só por uma

força militar sempre crescente, que estará sempre exercitada, os generais da Fundação, pela primeira vez, se tornarão mais importantes e mais poderosos que as autoridades civis. O pseudo-Império se fragmentará em regiões militares dentro das quais os comandantes serão supremos. Haverá anarquia, e se deslizará de volta a um barbarismo que poderá durar mais que os trinta mil anos preconizados por Seldon antes da implantação do Plano de Seldon.

– Ameaças infantis. Mesmo que a matemática do Plano de Seldon predissesse tudo isso, prediz só probabilidades, e não inevitabilidades.

– Prefeita Branno – disse Guendibal, sério –, esqueça o Plano de Seldon. A senhora não entende a matemática e não pode visualizar seu padrão. Mas talvez nem precise. A senhora é uma política experiente; e bem sucedida, a julgar pelo posto que tem; e ainda mais, corajosa, a julgar pelo jogo que está assumindo agora. Portanto, use o seu tirocínio político. Considere a história política e militar da humanidade e considere-a à luz do que sabe da natureza humana – a maneira pela qual as pessoas, políticos e militares agem, reagem e interagem – e veja se não estou certo.

– Mesmo que estivesse certo, segundofundacionista, é um risco que devemos assumir. Com a liderança apropriada e contínuo avanço tecnológico – na mentálica, tanto quanto na física – poderemos vencer. Hari Seldon nunca calculou bem tais avanços. Não podia. Onde, no Plano, ele prevê o desenvolvimento de um escudo mentálico pela Primeira Fundação? Para que queríamos o Plano, aliás? Arriscar-nos-emos a fundar um novo Império sem ele. O fracasso sem ele seria até melhor que o sucesso com ele. Não queremos um Império em que somos as marionetes dos manipuladores ocultos da Segunda Fundação.

– A senhora diz isso só porque não entende como o fracasso aparecerá para os povos da Galáxia.

– Talvez! – respondeu Branno, graniticamente. – Está começando a cansar, segundofundacionista?

– Absolutamente. Deixe-me propor uma ação alternativa que a senhora ainda não considerou, uma em que não preciso me render à senhora, nem a senhora a mim. Estamos nas vizinhanças de um planeta chamado Gaia.

– Estou ciente disso.

– Está ciente de que provavelmente é a terra natal do Mula?

– Gostaria de ter mais evidência do que a de sua mera afirmação.

– O planeta está rodeado por um campo mentálico. É o lar de muitos

Mulas. Se realizar o seu sonho de destruir a Segunda Fundação, far-se-ão escravos deste planeta de Mulas. Que mal os segundo fundacionistas já lhe fizeram, especificamente, e não imaginado ou teorizado? Agora, pergunte a si mesma que mal um só Mula lhe causou.

– Ainda não tenho nada além de suas afirmações.

– Enquanto ficamos aqui, nada mais posso lhe oferecer. Proponho uma trégua. Conserve seu escudo ligado, se não confia em mim, mas prepare-se para cooperar comigo. Vamos nos aproximar juntos desse planeta, e quando a senhora se convencer de que ele é perigoso, então anularei seu campo mentálico, e a senhora pode ordenar às suas naves que se apossem dele.

– E então?

– E então, pelo menos, será a Primeira Fundação contra a Segunda Fundação, sem forças exteriores a serem consideradas. A luta então ficará clara, ao passo que agora, como vê, não devemos nos atrever a lutar, pois ambas as Fundações estão em jogo.

– Por que não disse isso antes?

– Pensei que podia convencê-la de que não somos inimigos, para podermos cooperar. Como aparentemente fracassei, sugiro a cooperação, em qualquer caso.

Branno fez uma pausa, cabeça inclinada, imersa em pensamentos.

– Você está tentando me pôr para dormir com suas cantigas de ninar. Como você, sozinho, vai anular o campo mentálico de todo um planeta de Mulas? A idéia é tão despropositada que não posso confiar na veracidade de sua resposta.

– Não estou só. Atrás de mim está todo o poder da Segunda Fundação – e essa força canalizada através de mim, pode cuidar de Gaia. E mais, a qualquer momento, pode empurrar seu escudo para o lado como se fosse uma névoa fina.

– Se assim é, por que precisa de minha ajuda?

– Primeiro, porque anular o campo não é suficiente. A Segunda Fundação não pode se dedicar, nem agora nem nunca, ao eterno trabalho de anular, não mais do que posso passar o resto de minha vida dançando este minueto coloquial com a senhora. Precisamos da ação física que suas naves podem oferecer. Além do que, se não puder convencê-la pela razão, de que as duas Fundações devem considerar uma à outra como aliadas, talvez uma aventura cooperativa da maior importância possa ser mais convincente. As ações podem funcionar onde as

palavras falham.

Um segundo silêncio, e então Branno disse: – Estou querendo me aproximar mais de Gaia, se pudermos nos aproximar cooperativamente. Nada prometo além disso.

– Isso será o bastante – respondeu Guendibal, inclinando-se para seu computador.

E Novi disse: – Não, doutor; até este ponto, não importava, mas, por favor, não faça mais nenhum movimento. Precisamos esperar pelo Conselheiro Trevize, de Terminus.

19. DECISÃO

81.

Janov Pelorat dizia, com um pequeno traço de petulância na voz: – Realmente, Golan, ninguém parece se importar com o fato de que esta é a primeira vez, numa vida moderadamente longa... não muito longa, garanto-lhe, Bliss, que estou viajando pela Galáxia. Cada vez que chego a um planeta, estou de saída de novo e de volta ao espaço antes de realmente ter uma chance de estudá-lo. Já é a segunda vez que acontece, agora.

– Sim – alegou Bliss –, mas se você não tivesse deixado o outro tão depressa, não me encontraria até sabe-se lá quando. Certamente isto justifica a primeira vez.

– Justifica mesmo. Honestamente, minha... querida, justifica.

– E desta vez, Pel, você pode estar fora do planeta, mas tem a mim, e eu sou Gaia, tanto quanto qualquer parte dela, como toda ela.

– Você é, e certamente não quero qualquer outra parte dela.

Trevize, que estivera ouvindo a conversa com a testa enrugada, disse: – Isto é desagradável. Por que Dom não veio conosco? Pelo espaço! Nunca vou me acostumar com esta monossilabação. Duzentos e cinqüenta sílabas num nome e usamos só uma delas. Por que ele não veio, junto com todas as suas duzentas e cinqüenta sílabas? Se tudo isto é tão importante, se a própria existência de Gaia depende disto, por que ele não veio, para nos orientar?

– Eu estou aqui, Trev, e sou tão Gaia quanto ele.

E com um rápido olhar pelo canto dos seus olhos escuros: – Então chamá-lo de Trev o perturba?

– Sim. Tenho tanto direito aos meus costumes quanto vocês aos seus. Meu nome é Trevize. Três sílabas: Tre-vi-ze.

– Com prazer. Não quero irritá-lo, Trevize.

– Não estou irritado, estou chateado. – Levantou-se de súbito, andou de um extremo da sala para outro, passando por sobre as pernas esticadas de Pelorat (que as encolheu depressa), e de volta, de novo. Parou, voltou-se, e encarou

Bliss.

Apontou-lhe um dedo: – Olhe aqui! Não sou senhor de mim mesmo! Fui manobrado de Terminus até Gaia, e mesmo quando comecei a suspeitar disso, parecia não haver meio de me livrar. E por fim, quando chego a Gaia, dizem-me que todo o propósito de minha chegada era salvar Gaia. Por quê? Como? O que é Gaia para mim – ou eu para Gaia – que eu deva salvá-la? Não há alguém mais no quintilhão de humanos da Galáxia que possa fazer o serviço?

– Por favor, Trevize – disse Bliss, e houve um súbito ar de abatimento nela, toda a afetação moleca desaparecendo. – Não se enfureça. Veja só, estou usando seu nome corretamente, e vou ficar muito séria. Dom pediu-lhe para ser paciente.

– Por todos os planetas da Galáxia, habitáveis ou não, não quero ser paciente. Se sou tão importante, não mereço uma explicação? Só para começar, pergunto novamente: por que Dom não veio conosco? Não é suficientemente importante para ele estar aqui na Far Star conosco?

– Ele está aqui, Trevize – respondeu Bliss –, enquanto eu estiver aqui, ele estará aqui, e todos de Gaia estão aqui, e todos os seres vivos, e cada partícula do planeta.

– Você está satisfeita por ser assim, mas não é assim que eu penso. Não sou um gaio. Não podemos espremer todo o planeta dentro da minha nave; só podemos apertar uma pessoa dentro dela. Temos você, e Dom é parte de você. Muito bem. Por que não trouxemos Dom, e deixamos que você fosse parte dele?

– Por causa de uma coisa; Pel... quero dizer, Pe-lo-rat pediu que eu estivesse na nave com vocês, e não Dom.

– Ele estava sendo galante. Por que levou isso a sério?

– Mas ora, meu caro amigo – disse Pelorat, levantando-se, e com o rosto enrubescendo. – Eu estava falando sério. Não quero ser desprezado desse jeito. Aceito o fato de que não importa que componente do todo gaio esteja a bordo, e é mais agradável para mim que Bliss esteja aqui, do que Dom, o que deve ser igualmente bom para você, também. Golan, você está se comportando infantilmente.

– Eu? Eu? Muito bem, estou. Dá na mesma. – E de novo Trevize apontou para Bliss. – O que quer que se espere que eu faça, garanto-lhe que não vou fazer, se não for tratado como um ser humano. Para começar, duas perguntas: o que se supõe que eu deva fazer? E por que eu?

Bliss recuou, olhos arregalados. – Por favor, não posso lhe dizer isso

agora. Toda Gaia não pode lhe dizer. Precisa chegar ao lugar sem saber de nada, precisa saber de tudo lá. E só então fará o que tiver de fazer; mas deve fazê-lo calma e não emocionalmente. Se continuar assim, nada será útil, e, de qualquer maneira, Gaia chegará ao seu fim. Precisa mudar seus sentimentos, e eu não sei como mudá-los.

– Dom saberia, se estivesse aqui?

– Dom está aqui. Ele/eu/nós não sabemos como mudar você, ou acalmá-lo. Não entendemos um ser humano que não pode sentir o seu lugar na ordem geral das coisas, que não se sente parte de um grande todo.

– Não é assim. Puderam agarrar minha nave a um milhão de quilômetros e mais: mantiveram-nos calmos quando estávamos inermes. Bem, acalme-me agora. Não finja que não é capaz.

– Mas não devemos! Não agora. Se mudássemos ou ajustássemos você de qualquer maneira, você não teria mais valor para nós que qualquer outra pessoa da Galáxia, e não poderíamos recorrer a você. Só podemos usar você porque você é você, e deve continuar tal como é. Se o tocarmos neste momento, estamos perdidos. Por favor. Precisa se acalmar por suas própria vontade.

– Não há meio, senhorita, a menos que me diga algo do que quero saber.

Pelorat interveio: – Bliss, deixe-me tentar. Por favor, vá para o outro quarto.

Bliss saiu, devagar. Pelorat fechou a porta atrás dela.

Trevize disse: – Ela pode ouvir e ver...perceber tudo. Que diferença faz?

– Faz diferença para mim. Quero ficar só com você, mesmo que o isolamento seja uma ilusão. Golan, você está com medo.

– Não seja idiota.

– Claro que está. Não sabe para onde está indo, com que vai se defrontar, o que se espera que faça. Tem o direito de estar com medo.

– Mas não estou.

– Está, sim. Talvez não esteja com medo do perigo físico, do modo que eu estou. Tenho tido medo de me aventurar pelo espaço, medo de cada novo mundo que vejo, medo de cada nova coisa que encontro. Afinal, vivi meio século numa vida restrita, recolhida e limita da, ao passo que você esteve na Frota e na política, na densa correria no nosso planeta, e no espaço. Mas, tentei não ficar apavorado, e você me ajudou. Nestes tempos que passamos juntos, você foi paciente comigo, foi bom e compreensivo, e por sua causa consegui

dominar meus temores e me comportar direito. Deixe-me então devolver o favor e ajudá-lo.

– Mas já lhe disse que não estou com medo.

– Ë claro que está. Quando nada, está com medo da responsabilidade com que se defronta. Aparentemente, há todo um planeta dependendo de você, e, portanto, terá de conviver com a consciência da destruição de todo um mundo, se falhar. Por que se defrontar com essa possibilidade, por um mundo que nada significa para você? Que direito têm eles de colocar essa carga sobre suas costas? Não está só com medo de fracassar, como qualquer pessoa estaria em seu lugar, mas está furioso porque eles o colocaram numa posição que lhe causa medo.

– Está completamente enganado.

– Não creio. Portanto, deixe-me tomar seu lugar. Eu vou fazê-lo. O que quer que se espere que faça, sou voluntário para substituí-lo Presumo que não seja nada que requeira grande força física, ou vitalidade, pois um simples dispositivo mecânico o superaria nisso. Presumo que seja algo que não exija mentálica, pois eles têm o bastante disso. E algo que... bem, eu não conheço, mas se não requer força nem cérebro, então tenho tudo o mais que você tem.. . e estou pronto para assumir a responsabilidade.

Trevize cortou: – Por que está com tanta vontade de suportar a carga?

Pelorat baixou os olhos para o chão, como que temendo encontrai os olhos do outro. – Já tive uma esposa, Golan. Conheci as mulheres. Mas elas nunca foram muito importantes para mim. Interessantes. Agradáveis. Mas nunca importantes. Mas, esta aqui...

– Quem? Bliss?

– Ela é diferente, de algum modo... para mim.

– Por Terminus, Janov! Ela está ouvindo cada palavra que você diz.

– Não importa. Ela sabe, de qualquer modo. Quero agradá-la. Vou assumir a tarefa, o que quer que seja; correr qualquer risco, assumir qualquer responsabilidade, à menor chance de que isso faça com que ela... pense bem de mim.

– Janov, ela é uma criança!

– Ela não é uma criança... e o que você pense dela, não faz a mínima diferença para mim.

– Não entende o que você deve parecer para ela?

– Um velho? Qual a diferença? Ela é parte de um grande todo – e eu não – e só isso constrói uma muralha insuperável entre nós. Não acha que sei disso? Mas não pediria nada a ela, senão que...

– Pense bem de você?

– Sim. Ou seja lá o que ela possa sentir por mim.

– E por isso, fará o meu serviço? Mas, Janov, você não esteve escutando? Eles querem a mim para alguma razão do maldito espaço, e que não consigo entender.

– Se eles não puderem contar com você, e precisarem de alguém, eu serei melhor que nada, com certeza.

Trevize abanava a cabeça. – Não consigo acreditar que isto esteja acontecendo. A velhice o está afetando, e descobriu a juventude. Janov, está tentando virar um herói, para que possa morrer por aquele corpo.

– Não diga isso, Golan. Não é assunto adequado para piadas.

Trevize tentou rir, mas seus olhos encontraram o rosto sério de Pelorat, e ele pigarreou, ao invés disso. – Está certo. Perdoe-me. Chame-a, Janov.

Bliss entrou, cabisbaixa. Falou, num fio de voz: – Lamento, Pel. Você não pode substituí-lo. Precisa ser Trevize, ou ninguém.

Ao que respondeu Trevize. – Muito bem; vou me acalmar. Seja lá o que for, tentarei. Qualquer coisa para evitar que Janov faça o papel de herói romântico, na idade dele.

– Eu sei bem qual é minha idade – resmungou Pelorat.

Bliss aproximou-se lentamente dele, pousou a mão em seu ombro.

– Pel, eu... penso bem de você.

Pelorat desviou o olhar. – Está certo, Bliss. Não precisa se fazer de simpática.

– Não estou fingindo, Pel. Eu penso... muito bem de você.

82.

Vagamente, e depois mais fortemente, Sura Novi soube que era Suranoviremblastiran, e que, quando era criança, fora conhecida como Su por seus pais, e Vi por seus amigos.

Nunca realmente esquecera, é claro, mas os fatos foram ocasionalmente enterrados bem profundamente dentro dela. Nunca estiveram tão enterrados quanto neste último mês, pois nunca ela estivera tão perto, e por tanto tempo, de uma mente tão poderosa.

Mas agora, já era hora. Não o desejou voluntariamente. Não precisava. O vasto remanescente dela estava empurrando-se à superfície, pelo bem global.

Acompanhava um vago desconforto, uma espécie de coceira que era rapidamente sobrepujado pelo conforto da identidade não-mascarada. Havia anos que ela não estava tão perto do globo de Gaia.

Lembrou-se de uma das formas de vida que amara em Gaia, quando criança. Tendo entendido seus sentimentos como uma pálida parte dos seus, reconheceu os seus mais nitidamente. Era uma borboleta emergindo de um casulo.

83.

Stor Guendibal olhou aguda e penetrantemente para Novi – e com tamanha surpresa que ele chegou a um fio de perder o poder sobre a Prefeita Branno. Que ele não o fez foi talvez o resultado de um repentino apoio exterior, que o estabilizou e isso, por hora, ignorou.

Disse ele: – O que sabe do Conselheiro Trevize, Novi? E então, perturbado e gelado com a repentina e crescente complexidade da mente dela, gritou: “O que é você?”

Havia um traço do trágico, no rosto de Novi: – Doutor... Orador Guendibal. Meu verdadeiro nome é Suranoviremblastiran, e eu sou Gaia.

Era tudo o que ela dizia em palavras, mas Guendibal, numa súbita fúria, intensificara sua própria aura mental, e com grande habilidade, agora que seu sangue estava quente, evadiu-se da barreira que ganhava força, e mantinha Branno em seu poder mais forte que nunca, ao passo que segurava a mente de Novi numa forte e silenciosa luta.

Ela o manteve à distância com igual habilidade, mas ela não conseguia manter a mente fechada para ele – ou talvez ela não quisesse.

Ele falou-lhe como o faria com um outro Orador: – Você representou um papel, me iludiu, e é uma da espécie da qual derivou o Mula.

– O Mula foi uma aberração, Orador. Eu/nós não somos Mulas. Eu/nós

somos Gaia.

Toda a essência de Gaia foi apresentada no que ela comunicava complexamente, muito mais do que poderia em qualquer número de palavras.

– Todo um planeta vivo – reconheceu Guendibal.

– E com um campo mentálico maior, como um todo, que o seu como indivíduo. Por favor, não resista com essa força. Receio o perigo de prejudicá-lo, coisa que não quero fazer.

– Mesmo enquanto planeta vivo, você não é mais forte que a soma de meus colegas em Trantor. Nós também, de certa forma, somos um planeta vivo.

– Apenas alguns milhares de pessoas em cooperação mentálica, Orador, e não pode recorrer ao apoio deles, pois eu o bloqueei. Experimente, e verá.

– O que planeja fazer, Gaia?

– Gostaria, Orador, que me chamasse Novi. O que faço agora é como Gaia, mas também sou Novi – e com referência ao senhor, sou apenas Novi.

– O que planeja fazer, Gaia?

Houve o equivalente mentálico trêmulo de um suspiro, e Novi disse: – Vamos ficar num xeque triplo. O senhor segurará a Prefeita Branno através do escudo dela, e eu o ajudarei, e nós não nos cansaremos. O senhor, eu suponho, vai me segurar, e eu vou segurá-lo, e nenhum de nós vai cansar, tampouco. E assim vai ficar.

– Com que fim?

– Como lhe disse. Estamos esperando pelo Conselheiro Trevize, de Terminus. Ele é que vai romper o xeque – como bem entender.

84.

O computador a bordo da Far Star localizou as duas naves e Go- lan Trevize as apresentou juntas, numa tela dividida.

Eram ambas naves da Fundação. Uma era precisamente como a Far Star, e era, sem dúvida, a nave de Compor. A outra era maior e mais poderosa.

Voltou-se para Bliss e disse: – E agora, sabe o que está acontecendo? Há alguma coisa que possa me dizer?

– Sim! Não fique alarmado! Eles não vão lhe causar nenhum mal.

– Por que todos estão convencidos de que estou sentando aqui, todo trêmulo de pânico? – Trevize perguntou, petulante.

Pelorat interveio, pressuroso: – Deixe-a falar, Golan. Não a inter rompa.

Trevize ergueu os braços, num gesto de rendição impaciente. – Não vou interromper. Fale, minha senhora.

– Na nave maior está a governante de sua Fundação. E com ela...

Trevize disse, atônito: – A governante? Quer dizer, a velha Branno?

– Por certo que esse não é o seu título – respondeu Bliss, os lábios torcendo-se um pouco, divertida. – Mas ela é uma mulher, sim. – Parou um pouco, como se escutando atentamente ao resto do organismo geral do qual ela era parte. – Seu nome é Harlabranno. Parece esquisito ter só quatro silabas quando se é tão importante num planeta, mas suponho que os não-gaios têm suas próprias maneiras.

– Suponho – disse Trevize, friamente. – Vocês a chamariam Brann, eu acho. Mas, o que ela está fazendo aqui? Por que ela não está lá... Eu sei. Gaia a manobrou até aqui, também. E por quê?

Bliss não respondeu a esta pergunta. – Com ela está Lionokodell; cinco sílabas, apesar de seu subordinado. Parece até falta de respeito. É um importante funcionário de seu mundo. Com eles, há quatro outros que controlam as armas da nave. Quer os nomes deles?

– Não. Suponho que na outra nave está um outro homem, Munn Li Compor, e ele representa a Segunda Fundação. Trouxeram para perto uma da outra as duas Fundações, obviamente. Por quê?

– Não exatamente, Trev. Quero dizer, Trevize...

– Ora, vá adiante e diga só Trev. Não dou um bafo de gás cometário por isso.

– Não exatamente, Trev. Compor deixou aquela nave e foi substituído por duas pessoas. Um é Storguendibal, um importante funcionário da Segunda Fundação. Ele é chamado um Orador.

– Um importante funcionário? Ele tem força mentálica, suponho.

– Ah, sim. Bastante.

– Pode enfrentá-lo?

– Certamente. A segunda pessoa na nave, com ele, é Gaia.

– Um dos seus?

– Sim. O nome dela é Suranoviremblastiran. Devia ser muito mais longo, mas ela esteve longe de mim/nós/o resto por muito tempo.

– E ela é capaz de deter um alto funcionário da Segunda Fundação?

– Não é ela; é Gaia que o detém. Ela/eu/nós/todos somos capazes de esmagá-lo.

– E é isso o que ela vai fazer? Vai esmagá-lo e a Branno? O que é isto? Gaia vai destruir as Fundações e estabelecer seu próprio Império Galáctico? O Mula está de volta? Um Mula ainda maior...

– Não, não, Trev. Não fique agitado. Você não deve. Todos os três estão em xeque. Estão esperando.

– Pelo quê?

– Por sua decisão.

– Lá vamos nós, de novo. Que decisão? Por que eu?

– Por favor, Trev. Logo será explicado. Eu/nós/ela dissemos o que podíamos por hora.

85.

Branno disse, cansada: – Está claro que cometi um erro, Liono, e talvez um erro fatal.

– Será que é algo que deva ser admitido agora? – murmurou Kodell, através de lábios imóveis.

– Eles sabem o que estou pensando. Não vai fazer mais mal falar agora. E também saberão tudo mesmo que não mova os lábios. Eu deveria esperar até que o escudo estivesse mais forte.

– Como a senhora poderia ter adivinhado, Prefeita? Se esperássemos até estar dupla, tripla, quadruplamente garantidos, e ao infinito, esperaríamos para sempre. Na verdade, gostaria que não tivéssemos vindo. Seda melhor ter experimentado com alguém mais.. . com seu pára-raios, Trevize, por exemplo.

Branno suspirou. – Eu não queria lhes dar aviso prévio, Liono. Mas você colocou o dedo na ferida do meu erro. Eu poderia ter esperado até que o escudo fosse razoavelmente impenetrável. Não totalmente impenetrável, mas quase. Eu sabia que tínhamos um vazamento perceptível, mas não conseguia esperar mais. Eliminar um tal vazamento significaria ir além do término do meu mandato, e eu

o queria feito no meu mandato; e eu queria estar no lugar onde fosse usado. Assim, como uma idiota, convenci-me a acreditar que o escudo era adequado. Não quis ouvir a nenhum aviso; às suas dúvidas, por exemplo.

– Ainda poderemos ganhar, se formos pacientes.

– Consegue dar a ordem de fogo contra a outra nave?

– Não, não consigo, Prefeita. O pensamento é algo que eu, de alguma forma, não posso tolerar.

– Nem eu. E se você ou eu conseguíssemos dar a ordem, estou certa de que os homens a bordo não obedeceriam, não conseguiriam.

– Não sob as atuais circunstâncias, Prefeita, mas as circunstâncias poderão mudar. De fato, um novo ator aparece no palco.

E apontou para a tela. O computador da nave automaticamente dividira a tela, quando a outra nave entrou dentro de seu alcance. A segunda nave apareceu no lado direito

– Pode ampliar a imagem, Liono?

– Sem dificuldades, O segundofundacionista é muito hábil. Estamos livres para fazer tudo que não o perturbe.

Branno disse, estudando a tela: – Aquela é a Far Star, tenho certeza. E imagino que Trevize e Pelorat estão a bordo. – E acrescentou, amargurada: – A menos que eles também tenham sido substituídos por segundofundacionistas. Meu pára-raios foi muito eficiente, mesmo. Se apenas o meu escudo tivesse sido mais forte.

– Paciência! – disse Kodell.

Uma voz ressoou nos confins da sala de controle da nave, e Branno de algum modo pôde constatar que não consistia de ondas sonoras. Ouvia diretamente em sua mente, e um relance para Kodell foi suficiente para lhe evidenciar que ele também ouvira.

A voz dizia: – Pode ouvir-me, Prefeita Branno? Se puder, não se dê ao trabalho de dizer que pode. Será suficiente pensar que sim.

Branno disse, a voz calma: – O que é você?

– Sou Gaia.

86.

As três naves estavam praticamente em repouso, cada uma em relação às outras duas. Todas as três revolviam muito lentamente em torno do planeta Gaia, como um distante satélite triplo do planeta. Todas as três estavam acompanhando Gaia em sua jornada sem fim em torno do seu sol.

Trevize estava sentado, observando a tela, cansado de tentar adivinhar qual poderia ser o seu papel – e a troco de que ele teria sido arrastado por mil parsecs.

O som em sua mente não o surpreendeu. Foi como se estivesse esperando por isso.

– Pode ouvir-me, Golan Trevize? Se puder, não se dê ao trabalho de dizer que pode. Será suficiente pensar que sim.

Trevize olhou à volta. Pelorat, claramente assustado, estava olhando em diversas direções, como que tentando descobrir a fonte. Bliss continuava sentada, quieta, mãos soltas no colo. Trevize não tinha dúvida de que ela tinha consciência do som.

Ignorou a ordem para usar seus pensamentos e falou com deliberada clareza de pronúncia: – Se eu não descobrir do que se trata tudo isto, nada farei do que me pedirem para fazer.

– Você está para descobrir.

87.

Novi disse: – Vão todos me escutar em suas mentes. Estão todos capacitados a responder pelo pensamento. Vou fazer de modo que cada um possa escutar todos os outros. E como todos sabem, estamos todos próximos o bastante, de modo que à velocidade da luz, normal do campo mentálico, não haverá retardos inconvenientes. Para começar, foi arranjado para que todos nos encontrássemos aqui.

– De que maneira? – veio a voz de Branno.

– Não por manipulação mental – respondeu Novi. Gaia não interferiu com a mente de ninguém. Não é como fazemos as coisas. Meramente tiramos vantagem de ambições. A Prefeita Branno desejava fundar um Segundo Império de imediato; o Orador Guendibal queria ser Primeiro Orador. Foi o suficiente encorajar estes desejos e deixar o vento soprar a favor, seletivamente, e com discernimento.

– Eu sei como fui trazido aqui – interveio Guendibal, rigidamente. E, de fato, ele sabia. Sabia por que estivera tão ansioso para sair pelo espaço, tão ansioso para perseguir Trevize, tão seguro de que poderia cuidar de tudo. Foi tudo por causa de Novi!

– O senhor foi um caso particular, Orador Guendibal. Sua ambição era poderosa, mas havia fraquezas no senhor que nos ofereceram atalhos. O senhor era uma pessoa que seria bondosa com alguém que considerasse inferior a si, sob todos os aspectos. Tirei vantagem disso e voltei-a contra o senhor. Eu/nós/ estou/estamos profundamente envergonhados. A desculpa era que o futuro da Galáxia estava em jogo.

Novi interrompeu-se e sua voz (muito embora não estivesse falando por nenhuma corda vocal) ficou mais sombria, rosto contraído.

– Era o momento. Gaia não podia esperar mais, Por mais de um século, o povo de Terminus estivera desenvolvendo um escudo mentálico. Deixados a si mesmos por mais uma geração, ficaria impermeável até mesmo para Gaia, e eles estariam livres para usar suas armas físicas à vontade. A Galáxia não mais poderia resistir a eles, a despeito do Plano de Seldon, a despeito do povo de Trantor, e a despeito de Gaia. A Prefeita Branno tinha de ser de algum modo manobrada para fazer o movimento que fez, enquanto o escudo estivesse ainda imperfeito.

– Então havia Trantor. O Plano de Seldon estava funcionando perfeitamente, pois Gaia mesmo se esforçava para manter sua trajetória com perfeição. E por mais de um século, houve Primeiros Oradores quietistas, de modo que Trantor vegetava. Agora, porém, Stor Guendibal elevava-se rapidamente. Certamente se tornaria Primeiro Orador, e sob ele, Trantor assumiria um papel ativista. Com certeza se concentraria no poder físico, e reconheceria o perigo de Terminus antes que o escudo fosse aperfeiçoado, e o Plano de Seldon seria levado à conclusão, num Segundo Império Galáctico, à maneira de Trantor, a despeito do povo de Terminus, e a despeito do povo de Gaia. Conseqüentemente, Guendibal tinha de ser de algum modo manobrado para se mexer antes de se tomar Primeiro Orador.

– Afortunadamente, porque Gaia tem trabalhado cuidadosamente por décadas, trouxemos ambas as Fundações ao local certo, na hora certa. Repito tudo principalmente para que o Conselheiro Golan Trevize, de Terminus, possa entender.

Trevize logo interrompeu e de novo ignorou o esforço de conversar pelo pensamento. Disse as palavras firmemente: – Eu não entendo. O que está errado

com qualquer das duas versões do Segundo Império Galáctico?

– O Segundo Império Galáctico – à maneira de Terminus – será um império militarista, estabelecido pela força, mantido pela força, e eventualmente destruído pela força. Nada mais será senão o Primeiro Império Galáctico renascido. Essa é a visão de Gaia.

– O Segundo Império Galáctico – , à maneira de Trantor, será um império paternalista, estabelecido pelo cálculo, mantido pelo cálculo, e numa perpétua morte em vida, pelo cálculo. Será um beco sem saída. Essa é a visão de Gaia.

Ao que Trevize retrucou: – E Gai, o que tem para nos oferecer como alternativa?

– Grande Gaia! Galáxia! Todo planeta habitado tão vivo quanto Gaia. Cada planeta vivo combinado numa vida hiperespacial ainda maior. Cada planeta vivo compartilhando. Cada astro. Cada fração de gás interestelar. Talvez mesmo o grande buraco negro central. Uma galáxia viva, e uma que pode ser tornada favorável a toda vida, de maneiras que ainda não podemos prever. Um modo de vida fundamentalmente diferente de tudo que já passou, sem repetir nenhum dos erros antigos.

– Originando novos – resmungou Guendibal, sarcasticamente.

– Tivemos milhares de anos de Gaia para pensar neles.

– Mas não em escala galáctica.

Trevize, ignorando o curto diálogo, e atendo-se à sua idéia: – E qual é o meu papel em tudo isto?

A voz de Gaia, canalizada através da mente de Novi, trovejou:

– Escolha! Qual a alternativa que virá a ser?

Houve um vasto silêncio que se seguiu e por fim, naquele silêncio, a voz de Trevize – mental, por fim, pois estava demasiado atônito para falar – soava diminuída e desafiadora. – Por que eu?

– Muito embora soubéssemos do momento em que Terminus ou Trantor se tomariam demasiado poderosos para serem detidos – ou pior, que se desenvolveria um xeque, que devastaria a Galáxia, não poderíamos nos mover. Para os nossos propósitos, precisávamos de alguém, alguém muito especial, com o talento para o que é direito. E descobrimos você, Conselheiro. Não, não merecemos o crédito por isso. O povo de Trantor é que descobriu você através do homem chamado Compor, mesmo que não soubessem quem tinham nas mãos. O ato de descobri-lo atraiu nossa atenção. Golan Trevize, você tem o dom

de saber qual a coisa certa a fazer.

– Eu nego isso.

– Você está, de quando em quando, com certeza. E nós queremos que desta vez você tenha a certeza, em benefício da Galáxia. Talvez não deseje a responsabilidade. Pode fazer o melhor que puder para não ter de escolher. Não obstante, vai perceber o que é certo. Vai ter certeza! E então escolherá. Uma vez que descobrimos você, sabíamos que a procura estava terminada, e ao longo de anos, labutamos para encorajar um curso de ação que, sem interferência mentálica direta, influenciaria os eventos de modo que vocês três: Prefeita Branno, Orador Guendibal e Conselheiro Trevize, estariam nas vizinhanças de Gaia ao mesmo tempo. E nós o fizemos.

Respondeu Trevize: – Neste ponto do espaço, sob as presentes circunstâncias, não é verdade, Gaia, se é assim que quer que eu a chame, que você pode dominar tanto a Prefeita quanto o Orador? Não é verdade que pode estabelecer essa Galáxia viva de que fala, sem que eu faça nada? Por que, então, não o faz?

Novi continuou: – Não sei se posso explicar isto para você. Gaia foi formada há milhares de anos, com a ajuda de robôs que, por um breve período, serviram à espécie humana, e agora não mais a servem. Deixaram bem claro para nós que só poderíamos sobreviver por uma estrita aplicação das Três Leis da Robótica, aplicadas à vida, em geral. A Primeira Lei, nestes termos, fica assim: “Gaia não pode causar dano à vida, ou por omissão, permitir que se cause dano à vida”. Seguimos esta regra por toda nossa história, e não podemos agir de outra forma.

– O resultado é que agora estamos indefesos. Não podemos forçar nossa visão da Galáxia viva a um quintilhão de humanos e formas de vida sem conta, e quiçá causar dano a grande número. Nem podemos ficar sem fazer nada, a observar a Galáxia quase se auto-destruir numa luta que poderíamos evitar. Não sabemos se a ação ou a omissão é o que custará menos à Galáxia; nem se, ao escolhermos a ação, apoiar Terminus ou Trantor custará menos à Galáxia. Que o Conselheiro Trevize decida, então, e qualquer que seja essa decisão, Gaia a respeitará.

– Como esperam que eu tome uma decisão? O que devo fazer?

– Você tem o seu computador. O povo de Terminus não sabia que, ao fazê-lo, o fizeram melhor do que pensaram. O computador a bordo de sua nave incorpora um pouco de Gaia. Pouse suas mãos sobre os terminais e pense.

Poderá pensar no escudo da Prefeita Branno, se fosse impenetrável, por exemplo. Se assim for, é possível que ela imediatamente use suas armas para inutilizar ou destruir as outras duas naves, estabelecer o domínio físico sobre Gaia, e depois sobre Trantor.

– E não farão nada para impedir? – disse Trevize, com assombro.

– Nada. Se você tiver certeza que a dominação por Terminus causará à Galáxia menos mal que qualquer outra alternativa, de boa vontade ajudaremos essa dominação; mesmo ao custo de nossa destruição.

– Por outro lado, poderá encontrar o campo mentálico do Orador Guendibal, e então poderá unir a sua força ampliada pelo computador a ele. Neste caso, ele se livrará de mim e me empurrará de volta. Poderá então ajustar a mente da Prefeita, e em combinação com suas naves, estabelecer domínio físico sobre Gaia e garantir a continuidade da supremacia do Plano de Seldon. Gaia não vai se mover para impedir isso.

– Ou você poderá encontrar o meu campo mentálico, e unir-se a ele – e então a Galáxia viva será colocada em movimento, rumo à sua perfeição, não nesta geração, nem na próxima, mas depois de séculos de trabalho, durante os quais o Plano de Seldon continuará. A escolha é sua.

Aí disse a Prefeita Branno: – Espere! Não decida ainda. Posso falar?

– Pode falar livremente. E também o Orador Guendibal.

– Conselheiro Trevize. Da última vez que nos encontramos em Terminus, o senhor disse: ‘Poderá vir o tempo, Senhora Prefeita, em que a senhora me pedirá um esforço, e então eu farei como quiser, e me lembrarei dos últimos dois dias”. Não sei se você previu isto, ou intuitivamente sentiu que aconteceria, ou simplesmente tinha o que esta mulher que fala por uma Galáxia viva chama de um senso do que é direito. De qualquer modo, estava certo. Estou lhe pedindo um esforço em favor da Federação.

– Você pode, creio, achar que deveria empatar comigo, por tê-lo preso e exilado. Peço-lhe para lembrar que eu o fiz pelo que considerei ser o bem da Federação da Fundação. Mesmo que eu estivesse errada, ou que tenha agido por um rude interesse próprio, lembre-se que a culpa é minha, e não da Federação. Não destrua toda a Federação só por um desejo de contrabalançar o que só eu fiz a você. Lembre-se que é um fundacionista, e um ser humano, e que não quer ser um número nos planos dos matemáticos insensíveis de Trantor, ou menos que um número, numa pasta galáctica de vida e não-vida. Você quer a si, seus descendentes e seu povo como organismos independentes, possuindo livre

arbítrio. Nada mais importa.

– Esses outros poderão lhe dizer que nosso Império levará ao derramamento de sangue e à miséria; mas não precisa ser assim. É nossa livre escolha, que seja assim ou não. Poderemos escolher diferentemente. E, em qualquer caso, é melhor ser derrotado com livre arbítrio do que viver numa segurança sem sentido, como uma engrenagem numa máquina. Observe que agora lhe é pedido tomar uma decisão como um ser humano dotado de livre arbítrio. Essas coisas de Gaia são incapazes de tomar uma decisão, porque sua mecânica não lhes permite, de modo que dependem de você. É isso o que quer para toda a Galáxia?

– Eu não sei se tenho livre arbítrio, Prefeita. Minha mente pode ter sido sutilmente alterada, de modo que darei a resposta desejada.

Novi disse: – Sua mente está totalmente intocada. Se pudéssemos ajustá-lo para nossos fins, toda esta reunião seria desnecessária. Se fôssemos assim sem princípios, poderíamos ter levado a cabo o que achássemos mais agradável a nós mesmos, sem preocupação pelas necessidades maiores e bem da humanidade, como um todo.

E Guendibal: – Creio que é minha hora de falar. Conselheiro Trevize, não seja guiado por bairrismo estreito. O fato de ter nascido em Terminus não deve levá-lo a crer que Terminus vem antes da Galáxia. Já por cinco séculos agora, a Galáxia vem funcionando de acordo com o Plano de Seldon. Dentro e fora da Federação da Fundação, essa operação tem continuado.

– Você é e tem sido parte do Plano de Seldon acima e além de seu papel menor enquanto fundacionista. Não faça nada para interromper o Plano, quer em favor de um estreito conceito de patriotismo, nem por um anseio romântico pelo novo e não experimentado. Os segundofundacionistas de modo algum vão prejudicar o livre arbítrio da humanidade. Somos guias, e não déspotas.

– E oferecemos um Segundo Império Galáctico fundamentalmente diferente do Primeiro. Por toda a história humana, não houve sequer uma década, em todas as dezenas de milhares de anos em que existiu a viagem hiperespacial, que fosse completamente livre de derramamento de sangue e morte violenta, por toda a Galáxia, mesmo naqueles períodos quando a Fundação esteve em paz. Escolha a Prefeita Branno e isso continuará ao infinito, pelo futuro. O mesmo círculo vicioso e mortal. O Plano de Seldon oferece, por fim, a libertação em relação a isso, e não ao preço de se tomar mais um átomo numa Galáxia de átomos, sendo reduzido à igualdade com grama, bactéria e pó.

Replicou Novi: – O que o Orador Guendibal diz do Segundo Império da Primeira Fundação concorda conosco. O que ele diz do seu, discorda. Os Oradores de Trantor são, afinal, seres humanos independentes e dotados de livre arbítrio, e são os mesmos que sempre foram. Estarão livres de competição, política, galgar postos a qualquer custo? Não há querelas e mesmo ódios à Mesa dos Oradores, e serão eles sempre guias que vocês se atreverão a seguir? Coloque o Orador Guendibal sob juramento, e pergunte-lhe isso.

– Não precisam me pôr sob juramento; admito livremente que temos os nossos ódios, competições e traições, à Mesa. Mas uma vez atingida uma decisão, é obedecida por todos. Nunca houve exceção a isto

– E se eu não fizer uma escolha? – quis saber Trevize.

– Precisa – retrucou Novi. – Saberá o que é certo, e portanto, fará uma escolha.

– E se eu tentar fazer uma escolha, e não conseguir?

– Você deve.

– Quanto tempo tenho?

– Até ter certeza, por mais tempo que leve.

Trevize continuou sentado, em silêncio.

Apesar de que os outros estavam em silêncio, também, pareceu a Trevize que podia ouvir o pulsar de sua própria corrente sangüínea.

Podia ouvir a voz da Prefeita Branno dizer firmemente: – Livre arbítrio

A voz do Orador Guendibal dizia, peremptoriamente: – Orientação e paz!

A voz de Novi dizia, esperançosamente: – Vida!

Trevize voltou-se e encontrou Pelorat olhando-o fixamente. Disse: – Janov, escutou tudo?

– Sim, escutei, Golan.

– O que acha?

– Não sei. Mas, o que você pensa?

– Não sei. Estou apavorado com todas as três alternativas.

– No entanto, ocorre-me um pensamento, em especial...

– Sim?

– Quando fomos ao espaço pela primeira vez, você me mostrou a

Galáxia, lembra-se?

– É claro.

– Você acelerou o tempo, e a Galáxia girou visivelmente. E eu disse, como que antecipando este mesmo momento: “A Galáxia parece um ser vivo, rastejando pelo espaço”. Acha que, de alguma maneira, já não está viva?

E Trevize, relembrando aquele momento, subitamente teve certeza. Lembrou-se, de súbito, de seu sentimento de que Pelorat também teria um papel vital a exercer. Voltou-se apressado, ansioso para não ter tempo de pensar, duvidar, ficar inseguro.

Pousou suas mãos no terminal e pensou com uma intensidade que nunca conhecera antes.

Tinha tomado sua decisão a decisão da qual dependia o destino da Galáxia.

CONCLUSÃO

88.

A Prefeita Batia Branno tinha todas as razões para estar satisfeita. A visita oficial não tinha durado muito, mas fora intensamente produtiva.

Disse, como numa tentativa deliberada de evitar a hübris: – Não podemos, é claro, confiar neles completamente.

Ela estava observando a tela. As naves da Frota, uma a uma, entravam no hiperespaço e voltando aos seus postos habituais.

Não havia dúvida de que Sayshell ficara impressionado com a presença delas, mas não puderam deixar de notar duas coisas: uma, que as naves permaneceram no espaço da Fundação todo o tempo; dois, que uma vez Branno indicando que elas partiriam, de fato estavam saindo celeremente.

Por outro lado, Sayshell não esqueceria tampouco que aquelas naves poderiam ser chamadas de volta à fronteira com aviso de um dia – ou menos. Era uma manobra que combinara tanto uma demonstração de força quanto de boa vontade.

Kodell disse: É bem certo que não podemos confiar neles completamente, mas também ninguém na Galáxia pode ser completamente confiável, e é em interesse próprio que Sayshell observará os termos do acordo. Fomos generosos.

Respondeu Branno: – Muito dependerá da elaboração dos pormenores, e antevejo que vai levar meses. As pinceladas gerais podem ser aceitas de momento, mas então vêm as nuances: o quanto fixarmos para a quarentena de exportações e importações, como avaliaremos o valor de seu grão e gado em comparação com o nosso, etc., etc.

– Eu sei, mas eventualmente, estará acabado, e o crédito será seu, Prefeita. Foi um gesto ousado, e admito, de cuja sabedoria eu duvidava.

– Ora, vamos, Liono, Foi só uma questão de a Fundação reconhecer o orgulho sayshelliano. Eles sempre conservaram uma certa independência, desde os tempos do começo do Império. De fato, é algo para se admirar.

– Sim, agora que isso não mais será um inconveniente para nós.

– Exatamente; de modo que só foi necessário dobrar nosso próprio orgulho a ponto de fazer algum gesto em direção ao deles. Admito que exigiu um esforço decidir que eu, como Prefeita de uma Federação que se espalha pela Galáxia, devia conceder em visitar um agrupamento estelar provinciano, mas uma vez a decisão tomada, até que não doeu muito. E isto os agradou muito. Tivemos de arriscar e acreditar que eles concordariam com a visita, uma vez que deslocássemos nossas naves para a fronteira, mas significou ser humilde e sorrir bem largamente.

Kodell concordou. – Abandonamos a aparência de poder para preservar a sua essência.

– Exatamente. Quem disse isso pela primeira vez?

– Creio que foi numa das peças de Eriden, mas não tenho certeza. Poderemos perguntar a algum dos nossos luminares literários, quando voltarmos para casa.

– Se eu me lembrar disso. Precisamos acelerar a visita de cortesia dos sayshelianos a Terminus e providenciar para que recebam em tudo um tratamento de iguais. E receio, Liono, que você terá de organizar uma severa segurança para eles. É provável que haja alguma indignação entre os nossos, dos mais esquentados, e não seria nada aconselhável submetê-los sequer a mínimas e passageiras humilhações por causa de demonstrações de protesto.

– Absolutamente; aliás, foi um golpe de gênio enviar Trevize.

– O meu pára-raios? Ele trabalhou melhor do que era de se esperar, para ser honesta. Ele foi entrando de qualquer jeito em Sayshell e atraiu o raio deles na forma de protestos com uma velocidade que eu jamais acreditaria. Pelo espaço! Que excelente desculpa isso foi para minha visita: preocupação por qualquer cidadão da Fundação que tenha sido perturbado, e gratidão pela tolerância deles.

– Sagaz! Não acha que teria sido melhor, porém, ter trazido Trevize de volta conosco?

– Não; de um modo geral, prefiro-o em qualquer lugar que não em casa. Ele seria um fator perturbador em Terminus. Suas bobagens sobre a Segunda Fundação serviram como a desculpa perfeita para enviá-lo, e, é claro, contávamos com Pelorat para levá-lo até Sayshell, mas não o quero de volta, continuando a propagar essas bobagens. Nunca saberemos a que aquilo poderia levar.

Kodell riu-se: – Duvido que possamos achar alguém mais ingênuo que um intelectual acadêmico. Imagino o quanto Pelorat engoliria, se lhe déssemos mais corda.

– A crença literal na existência da Gaia mítica dos sayshelianos já foi o bastante... mas, esqueça. Teremos de encarar o Conselho, quando voltarmos, e precisaremos de seus votos para o tratado saysheliano. Afortunadamente, temos a declaração de Trevize – com impressão vocal e tudo – dizendo que deixou Terminus voluntariamente. Oferecerei desculpas oficiais quanto à breve prisão de Trevize, e isso satisfará o Conselho.

– Posso confiar na senhora quanto à conversa mole, Prefeita – comentou Kodell secamente. – Considerou, porém, que Trevize pode continuar a busca pela Segunda Fundação?

– Deixe-o – Branno deu de ombros – enquanto ele não o fizer em Terminus. Vai mantê-lo ocupado, e não vai levá-lo a lugar nenhum. A existência continuada da Segunda Fundação é o mito do nosso século, assim como Gaia é o mito de Sayshell.

Ela reclinou-se, e parecia extremamente afável e bem disposta: – E agora temos Sayshell em nossas garras... e quando eles se aperceberem disso, será muito tarde para se safarem. Assim, o crescimento da Fundação continuará, suave e continuamente.

– E o crédito será inteiramente seu, Prefeita.

– Isso não escapou à minha atenção – respondeu Branno, e sua nave deslizou para o hiperespaço e reapareceu nas vizinhanças do espaço de Terminus.

89.

O Orador Stor Guendibal, de novo em sua própria nave, tinha todas as razões para estar satisfeito. O encontro com a Primeira Fundação não tinha durado muito, mas fora extremamente produtivo.

Enviara de volta sua mensagem de triunfo, cuidadosamente discreta. Era apenas necessário – por hora – deixar que o Primeiro Orador soubesse que tudo tinha corrido bem (como, de fato, ele poderia adivinhar do fato que a força total da Segunda Fundação não precisou ser usada, afinal de contas). Os detalhes viriam mais tarde.

Descreveria como um cuidadoso – e mínimo – ajuste da mente da Prefeita Branno tinha voltado seus pensamentos de grandiosidade imperialista para o pragmatismo de um tratado comercial; e como um cuidadoso – e um tanto a longa distância – ajuste do líder da União de Sayshell levou a um convite à Prefeita para parlamentar, e como, depois, uma aproximação foi conseguida sem outros ajustes, Compor retomando para Terminus em sua própria nave, para garantir o cumprimento do acordo. Guendibal pensava complacente, foi quase um exemplo didático de grandes resultados acarretados por uma mentálica minuciosamente premeditada.

Tinha certeza que esmagaria a Oradora Delarmi e causaria sua própria elevação a Primeiro Orador, logo após a apresentação dos detalhes numa reunião formal da Mesa.

E não negava, consigo mesmo, a importância da presença de Sura Novi, muito embora aquilo não precisasse ser sublinhado para os Oradores. Não só ela fora essencial à sua vitória, mas deu-lhe a desculpa que precisava para se permitir uma necessidade infantil (e muito humana, pois mesmo os Oradores são muito humanos) de exultar perante o que ele sabia ser uma admiração garantida.

Ela não entendeu nada do que aconteceu, ele sabia, mas ela tinha consciência de que o assunto foi favoravelmente resolvido, e explodia de orgulho. Ele acariciava a suavidade de sua mente e sentia nela o calor daquele orgulho.

– Eu não conseguiria, sem você, Novi. Foi por sua causa que pude perceber que a Primeira Fundação; a gente da nave grande...

– Sim, doutor, eu sei quem o senhor quer dizer.

– Eu percebi, por sua causa, que eles tinham um escudo, além de alguns fracos poderes da mente. Pelo efeito sobre a sua mente, pude discernir, exatamente, as características de ambos. Pude saber exatamente como penetrar um e defletir o outro, da maneira mais eficiente.

Novi disse, incerta: – Eu não entendo exatamente o que o senhor diz, doutor, mas eu faria muito mais para ajudar, se pudesse.

– Eu sei, Novi, mas o que fez já foi bastante. É surpreendente o quanto eles poderiam ficar perigosos. Mas apanhados agora, antes que seu escudo ou seu campo fosse aperfeiçoado para ficar mais forte, puderam ser detidos. A Prefeita está voltando agora, o escudo e o campo esquecidos, satisfeita com o fato de que obteve um tratado comercial com Sayshell que tornará a União parte da Federação. Não nego que há muito a fazer para desmantelar o trabalho que

fizeram com o escudo e o campo – é algo em relação ao que fomos omissos – mas será feito.

Ficou meditando sobre o assunto, e disse, em voz mais baixa: – Pressupusemos demasiado sobre a Primeira Fundação. Precisamos colocá-los sob forte supervisão. Precisamos entretecer mais fechadamente a Galáxia, de algum modo. Precisamos usar a mentálica para construir uma cooperação e consciência mais próximas. Isso serviria ao Plano. Estou convicto disto, e vou tomar providências.

Novi sorriu, ansiosamente: – Doutor?

Guendibal sorriu, de repente: – Desculpe; estou falando comigo mesmo. Novi, lembra-se de Rufirant?

– Aquele cabeça dura que o atacou? Claro que sim.

– Estou convencido que agentes da Primeira Fundação, armados de escudos individuais, arranjaram aquilo, junto com todas as outras anomalias que nos perturbaram. Imagine, ficar cego a uma coisa assim. Mas então eu estava totalmente iludido a ponto de descurar totalmente a Primeira Fundação, por causa desse mito de um mundo misterioso, essa superstição saysheliana concernente a Gaia. Aí também a sua mente veio bem a calhar. Ajudou-me a determinar a fonte daquele campo mentálico, que era a belonave, e nada mais.

Esfregou as mãos.

Novi disse, timidamente: – Doutor?

– Sim,Novi?

– O senhor não será recompensado pelo que fez?

– Sim, serei. Shandess vai se aposentar e eu serei o Primeiro Orador. Então virá minha oportunidade de nos transformar num fator ativo para revolucionar a Galáxia.

– Primeiro Orador?

– Sim, Novi. Serei o doutor mais importante e mais poderoso de todos eles.

– O mais importante? – Ela parecia desolada.

– Por que essa cara, Novi? Não quer que eu seja premiado?

– Sim, doutor, eu quero. Mas, se o senhor for o doutor mais importante de todos, não quererá uma mulher hamish perto do senhor. Não seria adequado.

– Não? E quem vai me impedir? – E sentiu uma onda de afeição vindo

dela. – Novi, você vai ficar comigo onde quer que eu vá, e o que quer que eu seja. Acha que vou arriscar negociar com algum dos lobos que ocasionalmente temos na Mesa sem a sua mente sempre ali para me avisar, mesmo antes que eles tenham consciência, do que podem ser as suas emoções... sua mente inocente, absolutamente suave? Além do que... – E ele pareceu surpreendido perante a súbita revelação. – À parte isso, eu. - - eu gosto de ter você comigo e pretendo conservá-la a meu lado. Isto é, se você quiser.

– Oh, doutor – murmurou Novi, enquanto ele passava o braço pela sua cintura, e ela encostava a cabeça em seu ombro.

Bem profundamente, onde o envoltório da mente de Novi mal podia ter consciência, a essência de Gaia continuava, e guiava os eventos, mas era aquela máscara impenetrável que permitia a continuidade da grande tarefa.

E aquela máscara, a que pertencia a uma hamish, era completamente feliz. Tão feliz que Novi quase estava reconciliada com a distancia a que estava de si/eles/todos, e estava contente de ser, por um futuro infinito, o que ela aparentava ser.

90.

Pelorat esfregava as mãos e dizia, com um entusiasmo cuidadosamente controlado: – Como estou contente de estar de volta a Gaia.

– Humm – respondeu Trevize, totalmente distraído.

– Sabe o que Bliss me contou? A Prefeita está voltando para Terminus com um tratado comercial com Sayshell. O Orador da Segunda Fundação está voltando para Trantor convencido de que arranjou tudo – e aquela mulher, Novi, está indo com ele, para garantir que as mudanças que ocorrerão na Galáxia sejam iniciadas. E nenhuma das Fundações tem a menor noção de que Gaia existe. É absolutamente fascinante.

– Eu sei; tudo isso me foi dito, também. Mas nós sabemos que Gaia existe, e podemos falar.

– Bliss não acredita nisso. Diz que ninguém acreditaria em nós, e bem o sabemos. Além do mais, eu, pelo menos, não tenho a menor intenção de deixar Gaia.

Trevize foi arrancado de suas divagações interiores. Ergueu os olhos e falou: – O quê?

– Vou ficar aqui. Sabe, mal posso acreditar. Há algumas semanas, levava uma vida solitária em Terminus, a mesma vida que vivia havia décadas, imerso em meus arquivos e pensamentos e nunca sonhando com nada senão que iria para a morte, como quer que ela fosse, ainda imerso em meus pensamentos, e ainda vivendo minha vida solitária... vegetando contentemente. Então, súbita e inesperadamente, tornei-me um viajante galáctico; fiquei envolvido numa crise galáctica; e. . . não ria, Golan, descobri Bliss.

– Não estou rindo, Janov; mas está certo de que sabe o que está fazendo?

– Ah, sim. Essa questão da Terra não é mais importante para mim. O fato de ser o único mundo com um ecossistema variado e com vida inteligente foi adequadamente explicado. Os Eternos, você sabe.

– Sim, eu sei. E vai ficar em Gaia?

– Absolutamente sim. A Terra é o passado, e eu estou cansado do passado. Gaia é o futuro.

– Você não é parte de Gaia, Janov. Ou pensa que pode se tornar parte dela?

– Bliss diz que posso me tornar parte dela... de certo modo... intelectualmente, se não biologicamente. Ela ajudará, é claro.

– Mas como ela é uma parte, como vocês dois poderão descobrir uma vida comum, um ponto de vista comum, um interesse comum...

Estavam ao ar livre, e Trevize olhava, grave, para a silenciosa e fértil ilha, e adiante, o mar, e no horizonte, azulada pela distância, uma outra ilha – tudo paz, civilizado, vivo e unido.

– Janov, ela é um mundo, e você um insignificante individuo. E se ela se cansar de você? Ela é jovem.

– Golan, eu pensei nisso. Não pensei senão nisso, durante dias. Estou conformado que ela se canse de mim; não sou um romântico idiota. Mas o que quer que ela me dê até lá, estará bem. E ela já me deu bastante. Recebi mais dela que poderia sonhar que existisse em toda a vida. Se eu não a visse mais a partir deste momento, terminaria o meu inverno.

– Não acredito; eu acho que você é um romântico idiota e fique sabendo que não gostaria de você, se fosse diferente. Janov, nós não nos conhecemos há muito, mas estivemos juntos a cada momento de várias semanas e... lamento, se parece tolice, mas passei a gostar muito de você.

– E eu de você, Golan.

– E não quero que você se machuque. Vou falar com Bliss.

– Não, não, por favor. Vai apenas lhe passar um sermão.

– Não vou dizer sermão nenhum. Nada tem a ver com você – e quero falar com ela em particular. Por favor, Janov, eu não quero fazê-lo nas suas costas, assim garanta-me que vai me deixar, de bom grado, falar com ela, e deixar bem claras algumas coisas. Se eu ficar satisfeito, dar-lhe-ei minhas sinceras congratulações e os melhores desejos, e ficarei com a consciência tranqüila para sempre, aconteça o que acontecer.

Pelorat abanou a cabeça. – Você vai arruinar tudo.

– Prometo que não. Estou lhe pedindo...

– Bem, mas seja muito cuidadoso, meu caro amigo, sim?

– Tem meu solene juramento.

91.

– Pel disse que você queria me falar.

– Sim.

Estavam numa sala do apartamento que fora destinado a ele.

Ela sentou-se graciosamente, cruzou as pernas, e olhou para ele penetrantemente, seus lindos olhos castanhos luminosos e seu cabelo longo e escuro, rebrilhando.

– Você me desaprova, não é? Não me aceitou desde o inicio?

Trevize continuou de pé. – Você lê as mentes e o seu conteúdo. Você sabe o que eu penso, e por quê.

Lentamente, Bliss abanou a cabeça. – Sua mente está desunida de Gaia. Sabe disso. Sua decisão foi necessária e tinha de ser a decisão de uma mente clara e intocada. Quando sua nave foi tomada da primeira vez, coloquei você e Pel dentro de um campo calmante, mas isso era essencial. Teriam sido danificados, mesmo tomados inúteis para um momento crucial, pelo pânico, ou raiva. E isso foi tudo. Nunca eu poderia ter ido além disso, e não fui... assim, não sei o que você está pensando.

– A decisão que eu tinha de tomar, foi tomada. Decidi a favor de Gaia e da Galáxia. Por que, então, toda esta conversa de uma mente clara e intocada? Você tem o que queria e pode fazer comigo agora o que bem entender.

– De modo algum, Trev. Há outras decisões que poderão ser necessárias, no futuro. Você continuará o que é, e enquanto estiver vivo, será um raro recurso natural da Galáxia. Sem dúvida, há outros na Galáxia, e aparecerão, no futuro, mas por hora, só conhecemos você – e só você. Ainda não podemos tocá-lo.

Trevize ponderou: – Você é Gaia, e não quero falar com Gaia. Quero falar com você enquanto indivíduo, se é que isso tem algum significado.

– Tem significado. Estamos longe de viver numa fusão comum. Posso bloquear Gaia por algum tempo.

– Sim; acho que pode. Foi o que fez agora?

– Foi o que fiz agora.

– Então primeiro deixe-me contar-lhe que andou jogando o seu joguinho. Não entrou em minha mente para influenciar minha decisão, mas certamente entrou na mente de Janov, não é?

– Acha que fiz?

– Acho que sim. No momento crucial, Pelorat relembrou-me de sua própria visão da Galáxia viva, e o pensamento levou-me a tomar minha decisão, O pensamento pode ter sido dele, mas foi a sua mente que a disparou, não foi?

– O pensamento estava na mente dele, mas havia muitos pensamentos lá, também. Aplanei o caminho para aquela reminiscência sobre a Galáxia viva... mas não para qualquer outro pensamento. Aquele em particular, portanto, escapou facilmente para o consciente, e daí para sua boca. Eu não criei a idéia; ela já estava lá.

– No entanto, isso equivale a indiretamente mexer com a perfeita independência de minha decisão, não é?

– Gaia achou que era necessário.

– Mesmo? Talvez você se sinta melhor, ou mais nobre, se souber que, apesar da observação de Janov ter me persuadido a tomar a decisão naquele momento, foi a decisão que acho que tomaria, mesmo que ele nada tivesse dito, ou se tentasse argumentar comigo por uma decisão diferente. Quero que fique sabendo disso.

– Estou aliviada – disse Bliss, fria. – Era isso o que queria me dizer quando pediu para me ver?

– Não.

– O que mais?

Agora Trevize sentava-se numa cadeira que arrastara para a frente dela, de modo que seus joelhos quase se tocavam. Inclinou-se para ela.

– Quando nos aproximamos de Gaia, era você quem estava na estação espacial. Foi você que nos apanhou; você foi ao nosso encontro; você ficou conosco desde então; exceto pela refeição com Dom, de que não participou conosco. E especialmente, era você que estava conosco na Far Star, quando a decisão foi tomada; sempre você.

– Eu sou Gaia.

– Isso não chega, para explicar. Um coelho é Gaia. Uma pedrinha é Gaia. Tudo no planeta é Gaia, mas não é tudo igualmente Gaia. Alguns são mais iguais que outros. Por que você?

– O que o faz pensar assim?

Trevize fez o ataque. – Porque não acho que você seja Gaia. Acho que você é mais do que Gaia.

Bliss fez um som de escarninho com seus lábios.

Trevize manteve o curso: – No momento em que eu estava to mando a decisão, a mulher que estava com o Orador...

– Ele a chamava Novi.

– Essa Novi, então, disse que Gaia foi iniciada em seu caminho pelos robôs, que não mais existiam, e que Gaia foi ensinada a seguir uma versão das Três Leis da Robótica.

– É verdade.

– E os robôs não existem mais?

– Foi o que Novi disse.

– Foi o que Novi não disse. Eu me lembro exatamente de suas pa lavras: “Gaia foi fundada há milhares de anos, com a ajuda dos robôs que uma vez, por um breve período, serviram a espécie humana, e agora não a servem mais”.

– Bem, Trev, e isso não quer dizer que eles não mais existem?

– Não, significa que eles não servem mais. Não estariam governando, ao invés?

– Ridículo!

– Ou supervisionando? Por que você estava lá no momento da decisão? Não parecia ser essencial. Foi Novi que dirigiu o assunto, e ela era Gaia. Qual a

sua necessidade? A menos...

– Bem? A menos...?

– A menos que você seja a supervisora cujo papel é certificar-se de que Gaia não esqueça as Três Leis. A menos que seja um robô, tão bem construído que não pode ser diferenciado de um humano.

– Se não posso ser distinguida de um humano, como você pode perceber a diferença? – perguntou Bliss, com um traço de sarcasmo.

Trevize voltou a reclinar-se. – Vocês todos não me disseram que eu tenho a faculdade de ter certeza? De tomar decisões; ver as soluções; deduzir as soluções corretas. Não alego isso; foi o que vocês viram em mim. Pois no exato momento em que a vi, senti-me muito incomodado. Havia algo de errado. Por certo que sou tão suscetível ao encanto feminino quanto Pelorat... mais até, eu acho... e você é uma mulher atraente, na aparência. Mas sequer por um momento senti a menor atração.

– Assim você me arrasa.

Trevize ignorou a observação. – Quando você apareceu em nossa nave pela primeira vez, Janov e eu estávamos discutindo a possibilidade de uma civilização não-humana em Gaia, e quando Janov a viu, ele perguntou, em sua inocência :“Você é humana?” Talvez um robô deva responder a verdade, mas suponho que possa ser evasivo. Você meramente respondeu: “Não pareço humana?” Sim, você parece humana, Bliss, mas deixe-me perguntar-lhe de novo. Você é humana?

Bliss nada disse e Trevize continuou. – Creio que mesmo naquele primeiro instante, senti que você não era humana. Você é um robô, e de algum modo, eu pude perceber. E por causa de minha desconfiança, todos os eventos que se seguiram foram significativos para mim – especialmente sua ausência do jantar.

– Acha que não posso comer, Trev? Esqueceu que comi um pouco de camarão em sua nave? Garanto-lhe que sou capaz de comer e desempenhar qualquer das funções biológicas. Inclusive, antes que pergunte, sexo. E mesmo isso, em si, posso igualmente lhe responder, não prova que não sou um robô. Os robôs atingiram o apogeu da perfeição, já há milhares de anos, quando só pelos seus cérebros eram diferenciáveis dos humanos, e só por aqueles capacitados a lidar com campos mentálicos. O Orador Guendibal poderia distinguir se eu sou um robô ou não, se tivesse se dado ao trabalho de pensar em mim. O que ele, é claro, não fez.

– Mas eu, sem mentálica, estou convencido de que você é um robô.

– E seu eu for? Não estou admitindo nada, mas estou ficando curiosa. E se eu for?

– Não precisa admitir nada. Eu sei que você é um robô. Se eu precisasse um mínimo de evidência, seria sua calma segurança de poder bloquear Gaia e falar-me enquanto indivíduo. Não creio que pudesse fazer isso se fosse parte de Gaia – mas você não é. É um robô-supervisor, e portanto, fora de Gaia. Agora que pensei no caso, fico a imaginar quantos robôs-supervisores Gaia precisa e tem.

– Repito que não admito nada, mas estou curiosa. E se eu for um robô?

– Neste caso, o que quero saber é: o que quer com Janov Pelorat? Ele é meu amigo, e sob alguns aspectos, uma criança. Pensa que a ama, e só deseja aquilo que queira lhe dar, e você já lhe deu o bastante. Não conhece, e não pode conceber, a dor da perda de um amor, ou a dor toda especial de saber que você não é humana...

– E você, conhece a dor do amor perdido?

– Já tive meus momentos. Não levei a vida enclausurada de Janov. Não tive minha vida consumida e anestesiada por uma pesquisa intelectual que engoliu tudo o mais, mesmo esposa e filho. Ele, sim. Agora, de súbito, ele larga tudo por você, e não quero que ele saia ferido. Não quero que ele se machuque. Se servi Gaia, mereço uma recompensa; e minha recompensa é sua garantia de que o bem-estar de Janov Pelorat seja preservado.

– Devo fingir que sou um robô e responder-lhe?

– Sim; agora mesmo.

– Muito bem, então. Suponha que eu seja um robô, Trev, e suponha que estou num posto de supervisora. Suponha que haja uns poucos, pouquíssimos, num papel semelhante ao meu, e suponha que nos encontremos muito raramente. Suponha que a nossa força vital é a necessidade de cuidar dos humanos, e suponha que não haja humanos verdadeiros em Gaia, porque todos são parte de um ser planetário global.

– Suponha que nos satisfaça cuidar de Gaia... mas não inteiramente. Suponha que há algo primitivo em nós que anseia por um humano no sentido em que existia quando os robôs foram projetados e fabricados pela primeira vez. Não me interprete mal; não estou dizendo que sou antiqüíssima (presumindo que sou um robô). Sou tão velha quanto lhe disse ser, ou pelo menos (presumindo que sou um robô) que aquele foi o termo de minha existência. Ainda assim

(presumindo que sou um robô), meu projeto fundamental seria o de sempre, e eu ansiaria cuidar de um humano.

– Pel é um humano. Não é parte de Gaia. É muito velho para que algum dia venha a ser parte de Gaia. Ele quer ficar em Gaia comigo, pois não tem para comigo os mesmos sentimentos que você. Não acha que sou um robô. E eu o quero, também. Se você presumir que eu sou um robô, verá que eu o quero. Sou capaz de todas as reações humanas, e eu o amaria. Ao insistir que sou um robô, você poderia não me considerar capaz de amar de alguma maneira mística mas nunca seria capaz de distinguir minhas reações daquelas a que você chama amor... assim, que diferença faria?

Parou e ficou olhando para ele, intransigente e orgulhosa.

– Está me dizendo que não o abandonaria?

– Se você presume que eu seja um robô, poderá deduzir por si mesmo que pela Primeira Lei eu jamais poderia abandoná-lo, a menos que ele mo ordenasse e eu, inclusive, estivesse convencida de que seria a vontade dele, e que eu o faria sofrer mais ficando do que partindo.

– E se um homem mais jovem...

– Que homem mais jovem? Você é mais jovem, mas não consigo imaginá-lo precisando de mim no mesmo sentido que Pel, e, de fato, você não me quer, de modo que a Primeira Lei me impediria de me apegar a você.

– Não eu; qualquer outro rapaz...

– Não há outro. Quem mais há em Gaia, além de Pel e você que podem ser tidos como humanos no sentido não-gaio?

Trevize disse, mais brandamente: – E se você não for um robô?

– Decida-se.

– Insisto, e se você não for um robô?

– Nesse caso, você não tem o direito de dizer qualquer coisa. Eu e Pel é que devemos decidir.

– Então volto ao ponto inicial. Quero minha recompensa, e minha recompensa é que você o trate bem. Não vou pressioná-la quanto à sua identidade. Simplesmente assegure-me, de uma inteligência para outra, que vai tratá-lo bem.

E ela disse, suavemente: – Vou tratá-lo bem... não como uma re compensa a você, mas porque assim o quero. É meu sincero desejo. Vou tratá-lo

bem. – E ela chamou: – Pel! – E de novo: – Pel!

Pelorat entrou,vindo de fora do apartamento: – Sim, Bliss.

Bliss estendeu-lhe a mão: – Acho que Trev quer falar-lhe.

Pelorat tomou a mão dela e Trevize então tomou as duas mãos nas dele. – Janov; estou feliz por vocês dois.

– Ora, meu caro amigo.

– Provavelmente, deixarei Gaia. Agora Dom e eu vamos tratar disso. Não sei se e quando vamos nos encontrar de novo, Janov, mas de qualquer modo, foi um belo convívio, o nosso.

– Sim, nos saímos bem – disse Pelorat, sorrindo.

– Adeus, Bliss, e adiantadamente, agradeço-lhe.

– Adeus, Trev.

E Trevize, acenando, deixou a casa.

92.

Dom dizia: – Você fez bem, Trev. Mas fez o que eu pensei que faria.

Estavam mais uma vez à mesa de uma refeição, tão insatisfatória quanto a primeira, mas Trevize não se importava. Poderia nunca mais comer em Gaia outra vez.

– Fiz o que você pensou que eu faria, mas não, talvez, pelos motivos que pensou.

– Certamente você estava seguro da correição da sua decisão.

– Sim, eu estava, mas não por causa de qualquer fixação mística na minha certeza. Se escolhi Gaia, foi por um raciocínio ordinário; o tipo de raciocínio que qualquer outro poderia ter usado para chegar a uma decisão. Importa-se se eu explicar?

– Claro que não, Trev.

– Havia três coisas que eu poderia ter feito. Poderia ter-me juntado à Primeira Fundação, e a Prefeita Branno tomaria ações imediatas para estabelecer o domínio sobre a Segunda Fundação e Gaia. Se me juntasse à Segunda Fundação, o Orador Guendibal tomaria ações imediatas para estabelecer o domínio sobre a Primeira Fundação e Gaia. Em qualquer dos casos, o que

acontecesse seria irreversível, e se qualquer das duas fosse a solução errada, seria irreversivelmente catastrófica.

– Se me unisse a Gaia, porém, a Primeira e a Segunda Fundação seriam deixadas sob a convicção de terem ganho uma vitória relativamente menor. Tudo então continuaria como antes, pois que o estabelecimento da Galáxia unificada levaria gerações, mesmo séculos, pelo que me disseram.

– Unir-se a Gaia foi minha maneira de contemporizar, para ter certeza de que restaria tempo para alteraras coisas,ou mesmo revertê-las, se minha decisão estivesse errada.

Dom ergueu os sobrolhos. Seu rosto velho, quase cadavérico, continuou, exceto por isto, sem expressão. Disse, em sua voz estridente:

– E é sua opinião que sua decisão pode resultar errada?

– Sei lá; mas há algo que preciso fazer para descobrir. É minha intenção visitar a Terra, se puder descobrir esse planeta.

– Certamente não o deteremos, se quiser deixar-nos, Trev...

– Eu não me encaixo no seu mundo.

– Não mais do que Pel, mas você é bem-vindo para ficar. Mesmo assim, não vamos segurá-lo. Mas, diga-me, por que pretende visitar a Terra?

– Eu bem sei que você entende.

– Não, não entendo.

– Há uma certa informação que você não me deu, Dom. Talvez tivesse suas razões, mas desejaria que não as tivesse.

– Não estou seguindo o seu raciocínio.

– Para tomar minha decisão, usei meu computador, e por um breve momento, encontrei-me em contato com as mentes daqueles à minha volta – Prefeita Branno, Orador Guendibal, Novi. Captei vislumbres de alguns assuntos que isoladamente pouco significavam para mim, como, por exemplo, os vários efeitos que Gaia, através de Novi, produziu em Trantor; efeitos que pretendiam manobrar o Orador na direção de Gaia.

– Sim?

– E uma dessas coisas era apagar da biblioteca de Trantor todas as referências à Terra.

– Apagar as referências à Terra?

– Exatamente. Assim, a Terra deve ser importante; e não só parece que a Segunda Fundação não deve saber nada sobre ela, mas que eu também não devo. E se devo assumir a responsabilidade pela direção do desenvolvimento galáctico, não aceitarei voluntariamente a ignorância. Vai querer me contar por que foi tão importante ocultar o conhecimento sobre a Terra?

Dom falou, solenemente: – Trev, Gaia nada sabe sobre tal escamoteação. Nada!

– Está me dizendo que Gaia não é responsável por isso?

– Não; não é responsável.

Trevize pensou um pouquinho, a ponta de sua língua movendo-se lenta e meditativamente sobre seus lábios. – E quem foi responsável, então?

– Não sei; não vejo nenhum propósito nisso.

Os dois homens ficaram olhando um para o outro, e então Dom disse: – Você está certo. Parece que chegamos a uma conclusão altamente satisfatória, mas enquanto este assunto não ficar bem esclarecido, não ousaremos descansar. Fique um pouco conosco e vejamos o que podemos deduzir. Então poderá partir, com todo o nosso apoio.

– Obrigado –respondeu Trevize.

FIM (*por enquanto*)

Posfácio do autor

Este livro, apesar de auto-suficiente, é continuação da Trilogia da Fundação, que se compõe de três livros: Fundação, Fundação e Império e Segunda Fundação.

Ademais, há outros livros que escrevi que, não tratando das Fundações diretamente, passam-se no que poderíamos chamar de “universo da Fundação”.

Assim, os eventos em As Correntes do Espaço e Poeira de Estrelas ocorrem nos anos em que Trantor se expandia para formar o Império, ao passo que os eventos de 827 Era Galáctica ocorrem quando o Primeiro Império Galáctico estava no ápice de seu poder. Em 827 Era Galáctica, a Terra é central, e parte de seu tema tem alusões tangenciais neste novo livro.

Em nenhum dos livros anteriores do universo da Fundação os robôs foram mencionados. Neste novo livro, porém, eles são citados.

Com referência a isto, você poderá ler minhas histórias sobre robôs, que podem ser encontradas em Nós, Robôs, ao passo que as duas novelas, Caça aos Robôs e Os Robôs, descrevem o período robótico da colonização da Galáxia.

Se você quiser um relato sobre os Eternos e a maneira pela qual ajustaram a história humana, vai descobri-lo (não inteiramente consistente com as referências neste livro) em Fim da Eternidade.

[1] Um jogo de palavras do autor. Alusão à ultraconservadora seita protestante “amish” (do fundador: Jakob Amman), ou menonita. O nativo do planeta “Home” (o lar) é “hamish”, e não “homish” como se poderia esperar, em Inglês. Sinônimo do antigo “caipira” nos EUA: roupas simples, brancas e pretas, suspensórios, chapéu de palha, pé no chão, e um eterno lenço na cabeça, para as mulheres. (NT.).

[2] O autor usou uma corruptela do nome das llhas Seychelles no Oceano Indico, como que para indicar que os colonos deste planeta eram nativos da Índia, na Terra. (NT.)

ISAAC ASIMOV

A Fundação e a Terra

Tradução de
RONALDO SÉRGIO DE BIASI

Título original norte-americano
FOUNDATION AND EARTH

À memória de Judy-Lynn del Rey

(1943-1986),

uma gigante de mente e espírito.

PRÓLOGO

A História por Trás da Fundação

EM 1º DE AGOSTO DE 1941, eu tinha 21 anos de idade, estava fazendo pós-graduação em química na Universidade de Colúmbia e escrevia ficção científica profissionalmente há três anos. Naquele dia, iria encontrar-me com John Campbell, editor da revista *Astounding, a* quem já havia vendido cinco dos meus contos. Estava ansioso para falar-lhe de uma nova idéia para uma história de ficção científica.

Seria uma espécie de romance histórico do futuro; a história da queda do Império Galáctico. Meu entusiasmo deve ter sido contagiante, porque Campbell ficou animadíssimo. Não queria que eu escrevesse apenas um conto; queria uma série de contos, descrevendo os mil anos de agitação entre a queda do Primeiro Império Galáctico e o surgimento do Segundo Império Galáctico. Por trás de tudo estaria a ciência da "psico-história", que eu e Campbell inventamos naquele dia.

O primeiro conto foi publicado no número de maio de 1942 da revista *Astounding* e o segundo no número de junho do mesmo ano. Eles foram um sucesso imediato e Campbell me fez escrever mais seis até o final da década. Os contos foram ficando cada vez mais longos. O primeiro tinha apenas doze mil palavras; dois dos últimos três tinham mais de cinquenta mil.

Quando terminou a década, já estava cansado da série; abandonei-a e dediquei-me a outras atividades. Naquela ocasião, porém, várias editoras estavam começando a publicar livros de ficção científica. Uma delas era uma pequena firma semiprofissional, a Gnome Press. Ela publicou a minha série da Fundação em três volumes: *Foundation (Fundação)* em 1951; *Foundation and Empire (Fundação e Império)* em 1952; e *Second Foundation (Segunda Fundação)* em 1953. O conjunto dos três livros passou a ser conhecido como a *Trilogia da*

Fundação.

Os livros não venderam muito bem, pois a Gnome Press não dispunha de capital suficiente para anunciá-los e promovê-los. A editora não me enviava relatórios de vendas e nunca me pagou um centavo de direitos autorais.

No início de 1961, meu editor na Doubleday, Timothy Seldes, me contou que havia recebido uma solicitação de uma editora estrangeira para republicar os livros da Fundação. Como os livros não eram da Doubleday, estava passando o pedido para mim. Dei de ombros. "Não estou interessado, Tim. Esses livros não me rendem direitos autorais. "

Seldes ficou horrorizado e na mesma hora decidiu entrar em contato com a Gnome Press (que na época já estava quase falida) para comprar os direitos sobre os meus livros. Em agosto do mesmo ano, os livros da Fundação, juntamente com *I, Robot (Eu, Robô),* passaram a ser propriedade da Doubleday.

Daquele momento em diante, a série da Fundação deslanchou. A Doubleday publicou a *Trilogia* em um único volume e o distribuiu através do Science Fiction Book Club (Clube de Livros de Ficção Científica), o que contribuiu em muito para a popularidade da série.

Na Convenção Mundial de Ficção Científica de 1966, reunida em Cleveland, os fãs tiveram a oportunidade de escolher a "Melhor Série de Todos os Tempos". Foi a primeira vez (e, até agora, a única) em que a categoria foi incluída entre as indicações para o Prêmio Hugo. A *Trilogia da Fundação* ganhou o prémio, o que tornou a série ainda mais conhecida.

Nos anos que se seguiram, recebi inúmeros pedidos dos leitores para continuar a série. A princípio, recusei, de forma educada mas firme. Mesmo assim, fiquei fascinado com o fato de que pessoas que nem eram nascidas na época em que eu havia escrito a obra se interessassem tanto por ela.

Por outro lado, a Doubleday estava levando muito mais a sério as exigências do público. Durante vinte anos, aceitaram a minha recusa; entretanto, quando a pressão dos leitores se tornou excessiva, perderam a paciência. Em 1981, fui simplesmente intimado a escrever outro romance a respeito da Fundação. Para dourar a pílula, a Doubleday me ofereceu uma quantia dez vezes maior que o adiantamento usual.

Concordei, embora um pouco apreensivo. Afinal, fazia 32 anos que não escrevia uma história sobre a Fundação e agora estavam me pedindo um romance de 140. 000 palavras, duas vezes maior que qualquer dos livros anteriores da série e quase três vezes maior que o maior dos contos! Li de novo a *Trilogia da*

Fundação, respirei fundo e comecei a trabalhar.

O quarto livro da série, *Foundation's Edge (Fundação II),* foi lançado em outubro de 1982 e, para minha surpresa, em pouco tempo estava na lista de *bestsellers* do *New York Times.* Na verdade, ficou na lista durante 25 semanas. Era a primeira vez que isso acontecia com um dos meus livros.

Diante disso, a Doubleday me encomendou novos romances de ficção científica e escrevi dois, *Os Robôs do Amanhecer*{*} e *Os Robôs e o Império*,* que faziam parte de outra série, a dos livros sobre robôs. Estava na hora de voltar à Fundação.

Assim, escrevi *Foundation and Earth (A Fundação e a Terra),* que começa exatamente no ponto em que *Foundation's Edge (Fundação II)* termina, e que é o livro que você tem nas mãos. Talvez seja interessante você passar os olhos por *Fundação II* para recordar os pontos principais, mas isso não é indispensável; *A Fundação e a Terra* é uma obra independente. Espero que seja do seu agrado.

.

ISAAC ASIMOV

Nova York, 1986

PARTE UM: GAIA

CAPÍTULO 1: COMEÇA A BUSCA

1.

— POR QUE fiz isso? — perguntou Golan Trevize.

Não era uma pergunta nova. Desde sua chegada a Gaia, ele a fazia frequentemente a si mesmo. Às vezes, acordava de um sono profundo no frescor agradável da noite e encontrava a pergunta ressoando no fundo de sua mente, como um leve toque de tambor: Por que fiz isso? Por que fiz isso?

Agora, porém, pela primeira vez, estava fazendo a mesma pergunta a Dom, o patriarca de Gaia.

Dom podia sentir muito bem a tensão que estava por trás das palavras de Trevize, já que as emoções do conselheiro não tinham segredos para ele. Entretanto, manteve-se impassível. Gaia não devia, *de forma alguma,* intrometer-se nos pensamentos de Trevize, e a melhor forma de evitar a tentação era ignorar teimosamente o que ele sentia.

— Fez o quê, Trev? — perguntou.

Achava difícil usar mais de uma sílaba ao dirigir-se a uma pessoa. Trevize já estava quase se acostumando.

— A decisão que tomei — explicou Trevize. — Escolhendo Gaia como o futuro.

— Você tomou a decisão acertada — disse Dom, sentado, os olhos velhos e profundos encarando o homem da Fundação, que estava de pé.

— Isso é o que *você* pensa — disse Trevize, com impaciência.

— Eu/nós/Gaia sabemos que você está certo. É por isso que vale tanto para nós. Você tem a capacidade de tomar decisões corretas com base em dados incompletos, e você tomou uma decisão. Escolheu Gaia! Recusou tanto a anarquia de um Império Galáctico baseado na tecnologia da Primeira Fundação como a anarquia de um Império Galáctico baseado nos poderes mentais da Segunda Fundação. Você chegou à conclusão de que nenhum dos dois Impérios seria estável por muito tempo. Por isso, escolheu Gaia.

— Isso mesmo — concordou Trevize. — Exatamente! Escolhi Gaia, um superorganismo, um planeta inteiro com um único pensamento e uma única personalidade, de modo que foi preciso inventar o pronome "Eu/nós/Gaia" para expressar o inexprimível. — Começou a andar nervosamente de um lado para outro. — Um dia, Gaia se tornará a Galáxia, um supersuperorganismo que será composto por todos os planetas habitados da Via Láctea.

Trevize parou, voltou-se para Dom e disse, de forma quase agressiva:

— Sinto que estou certo e você sente também, mas você *quer* que a Galáxia se torne uma realidade, de modo que está satisfeito com a decisão. Por outro lado, há algo em mim que *não quer* que isso aconteça, e portanto não estou preparado para aceitar esta escolha com tanta facilidade. Quero saber por *que* tomei a decisão que tomei. Quero examinar de novo meus motivos até convencer-me de que são razoáveis. Para mim, não basta "sentir" que estou certo. Como posso *ter certeza* de que não cometi um erro? Que é que garante que tomei a decisão correta?

- Eu/nós/Gaia não sabemos por que você sempre chega à decisão mais acertada. Isto é importante, contanto que a decisão seja tomada?

- Você está falando em nome de todo o planeta, não está? Em nome da consciência comum de todas as gotas de orvalho, de todas as pedras, até mesmo do núcleo de metal fundido de Gaia?

— Sim, e o mesmo poderia fazer qualquer parte do planeta na qual a intensidade da consciência comum fosse suficientemente forte.

— Toda essa consciência comum está satisfeita em me usar como se eu fosse uma caixa preta? Enquanto a caixa preta estiver funcionando, não interessa o que existe em seu interior? Pois isso não me agrada. Não gosto de ser uma caixa preta. Quero saber o que há dentro de mim. Quero saber como e por que escolhi Gaia e a Galáxia para o futuro. Só assim ficarei em paz comigo mesmo.

— Por que encara sua própria decisão com tanta desconfiança?

Trevize deu um profundo suspiro e respondeu devagar, em tom incisivo:

— Por que não quero ser parte de um superorganismo. Não quero ser um apêndice insignificante, pronto para ser jogado fora assim que o superorganismo achar que não sou mais necessário.

Dom olhou pensativamente para Trevize.

— Então quer mudar a decisão, Trev? Ainda é tempo, você sabe.

— Gostaria de mudar a decisão, mas não posso fazer isso apenas porque ela não me agrada. Para fazer alguma coisa, tenho que *saber* se tomei ou não a decisão acertada. Não basta *sentir* que estou certo.

— Se você sente que está certo, então está certo.

Sempre aquela voz suave, controlada, que às vezes deixava Trevize ainda mais agitado, tamanho era o contraste com o torvelinho de suas próprias idéias.

Foi então que Trevize declarou, quase num sussurro, quebrando afinal o equilíbrio instável entre o sentir e o saber:

— Preciso encontrar a Terra.

— Porque tem algo a ver com a sua necessidade incontrolável de adquirir novos conhecimentos?

— Porque é outro problema que me preocupa muito e porque *sinto* que existe alguma relação entre as duas questões. Não sou uma caixa preta? Pois eu *sinto* que existe uma ligação. Isso não é suficiente para convencê-lo de que a ligação existe?

— Talvez — afirmou Dom, em tom impessoal.

— Mesmo que tenham se passado milhares de anos, vinte mil, talvez, desde que os povos da Galáxia mantiveram o último contato com a Terra, como é possível que tenhamos todos esquecido o nosso planeta de origem?

— Vinte mil anos é mais tempo do que você imagina. Os conheci-incnlos de que dispomos a respeito dos primórdios do Império são ex-iianamente escassos; existem muitas lendas que provavelmente não contêm nem um pingo de verdade, mas que continuamos repetindo, ou mesmo aceitando como verdadeiras, por falta de um substituto razoável. Pois a Terra é ainda mais antiga que o Império.

- É impossível que não tenha restado nenhum documento. Meu bom amigo, Pelorat, coleciona mitos e lendas a respeito da Terra; tudo o que consegue obter. É seu trabalho e, mais importante ainda, seu passa-tempo favorito. Pois esses mitos e lendas são tudo o que existe. Jamais en-controu um único registro, um único documento a respeito da Terra!

- Documentos de vinte mil anos atrás? As coisas apodrecem, se desfazem, são destruídas pelo abandono e pela guerra.

— Pelo menos, teria que haver registros dos registros; cópias, cópias das cópias e cópias das cópias das cópias; obras escritas há muito menos tempo que vinte milênios. Essas obras foram deliberadamente removidas. A Biblioteca Galáctica, em Trantor, devia ter muitos documentos a respeito da Terra. Eles chegam a ser mencionados em alguns registros históricos, mas não podem ser encontrados na Biblioteca. Simplesmente desapareceram.

— Não se esqueça de que Trantor foi saqueada há alguns séculos.

— Sim, mas a Biblioteca permaneceu intacta. Ela foi protegida pelos membros da Segunda Fundação. Foi a própria Segunda Fundação que descobriu recentemente que as obras que tratam da Terra estão faltando. Os documentos foram removidos de propósito, em época relativamente recente. Por quê? — Trevize parou de andar e olhou fixamente para Dom. — Se eu encontrar a Terra, descobrirei o que esconde...

— O que esconde?

— O que esconde ou o que nela foi escondido. Quando eu descobrir isso, tenho o pressentimento de que saberei por que escolhi Gaia e a Galáxia, mesmo sacrificando a nossa individualidade. Então poderei *saber*, e não apenas sentir, que tomei a decisão correta. Nesse caso — concluiu, com ar resignado — não haverá mais nada a fazer.

— Se você pensa que é assim — disse Dom — e se acha que deve sair à procura da Terra, é claro que vamos ajudá-lo no que for possível. Essa ajuda, no entanto, é limitada. Por exemplo: eu/nós/Gaia não sabemos como encontrar a Terra no meio dos milhões e milhões de planetas que constituem a Galáxia.

— Mesmo assim — insistiu Trevize — preciso procurá-la. Mesmo que as dimensões da Galáxia tornem a tarefa aparentemente impossível e mesmo que eu tenha de executá-la sozinho.

2.

TREVIZE estava cercado pelo conforto de Gaia. A temperatura, como sempre, era

agradável, e havia uma brisa fresca no ar. Nuvens brancas cruzavam o céu, interrompendo de vez em quando os raios do sol. Se a umidade caísse abaixo de um certo nível, certamente uma chuva providencial se encarregaria de corrigir a situação.

As árvores cresciam a intervalos regulares, como em um pomar, o que sem dúvida não ocorria apenas ali, mas em todo o planeta. A terra e o mar sustentavam animais e plantas em números apropriados e com a variedade adequada para manter o equilíbrio ecológico; o número de indivíduos de cada espécie só aumentava ou diminuía muito lentamente, e sem nunca se afastar muito do número ideal. O mesmo se aplicava aos seres humanos que povoavam o planeta.

De todos os objetos que estavam ao alcance da visão de Trevize, o único que destoava era a sua nave, a *Estrela Distante.*

Alguns componentes humanos de Gaia tinham se encarregado da limpeza e manutenção da nave, tarefa que haviam executado com muita eficiência. As reservas de comida e bebida tinham sido repostas, o mobiliário reparado ou substituído, as máquinas verificadas. O próprio Trevize se encarregara de testar o computador da nave.

Não havia necessidade de reabastecimento, já que se tratava de uma das poucas naves gravíticas da Fundação, que aproveitava a energia do campo gravitacional da Galáxia, campo esse suficiente para alimentar, sem nenhuma perda mensurável de intensidade, todas as naves que o Homem seria capaz de produzir em todos os milênios de sua exis-lência como espécie.

Há três meses, Trevize era um conselheiro de Terminus. Em ou-IIÍIS palavras, ele era um membro do Poder Legislativo da Fundação, em consequência, uma pessoa muito importante em toda a Galáxia.Há três meses? Para ele, era como se tivesse transcorrido no mínimo metade dos seus 32 anos de vida desde a época em que sua única preocupação era a validade ou não do grande Plano de Seldon, seu único objetivo saber se a rápida escalada da Fundação, de aldeia planetária a soberana da Galáxia, havia sido prevista ou não pelo fundador da psico-história.

Por outro lado, sob alguns aspectos, nada havia mudado. Ele *ainda* um conselheiro. Sua posição e privilégios continuavam intactos, a não ser pelo fato de que provavelmente jamais retornaria a Terminus para reclamá-los. Não se sentiria melhor no tumulto da Fundação do que na ordem artificial de Gaia. Não tinha mais lar; seria um solitário em qualquer ponto do Universo.

Cerrou os dentes e passou a mão com raiva pelos cabelos negros. Em vez de

perder tempo se lamentando, era melhor sair à procura da Terra. Se sobrevivesse à busca, teria tempo para sentar-se e chorar, talvez com razões mais palpáveis.

O rosto assumiu expressão decidida e ele se pôs a recordar...

Três meses antes, ele e Janov Pelorat, aquele cientista competente, porém ingênuo, haviam partido de Terminus. Para Pelorat, a descoberta da Terra representaria o grande triunfo de sua carreira de arqueólogo. Trevize o havia acompanhado, usando a motivação do outro para esconder o que pensava ser seu próprio objetivo. Não haviam encontrado a Terra, mas haviam encontrado Gaia. Trevize fora então forçado a tomar a decisão que tanto o atormentava.

Agora era ele, Trevize, que havia mudado de idéia e estava prestes a sair em busca da Terra.

Quanto a Pelorat, ele também tinha encontrado algo inesperado, na forma da adorável Bliss, a jovem de olhos e cabelos negros que também era Gaia, tanto quanto Dom e todos os outros seres a-nimais, vegetais e minerais do planeta. Pelorat, com o ardor peculiar da meia-idade, se havia apaixonado por uma mulher muito mais moça que ele, e essa mulher, curiosamente, parecia satisfeita com a situação.

Era estranho... entretanto, Pelorat parecia radiante e Trevize pensou, filosoficamente, que cada um tem a sua forma de buscar a felicidade. Nisso consistia a individualidade... a individualidade que Trevize, ao optar por Gaia, havia permitido que fosse abolida (com o passar do tempo) em toda a Galáxia.

A aflição voltou. A decisão que havia tomado, que fora forçado a tomar, continuava a incomodá-lo, a persegui-lo sem...

— Golan!

A voz se intrometeu nos pensamentos de Trevize e ele olhou na direção do sol, com os olhos semicerrados.

- Ah, Janov — disse, com um entusiasmo um pouco exagerado, como que para disfarçar os pensamentos sombrios que lhe corroíam as entranhas. Prosseguiu, em tom jovial: — Estou vendo que conseguiu desgrudar-se de Bliss.

Pelorat assentiu. A brisa suave agitava-lhe os cabelos brancos e sedosos. O rosto não havia perdido o ar solene.

— Na verdade, velho amigo, foi Bliss que sugeriu que eu o procurasse a respeito de... a respeito do que vim discutir com você. Não que eu não estivesse querendo falar com você, é claro. Só que, ao que parece, ela pensa bem mais depressa do que eu.

Trevize sorriu.

— Tudo bem, Janov. Suponho que você veio para se despedir.

— Hum... não, não é bem isso. Na verdade, talvez seja o contrário. Golan, quando partimos de Terminus, meu único objetivo era encontrar a Terra. Dediquei praticamente toda a minha vida adulta a essa tarefa.

- E vou levá-la adiante, Janov. Agora, a tarefa é minha.

— Nem por isso deixou de ser minha, meu amigo.

— Mas... — Trevize levantou os braços, incluindo com um gesto todo o mundo que os cercava.

Pelorat declarou, em tom incisivo:

— Quero ir com você! Trevize estava atônito.

— Não pode estar falando sério, Janov! Agora você tem Gaia!

— Um dia voltarei a Gaia, mas não posso deixar você partir sozinho!

— Claro que pode! Sei tomar conta de mim mesmo!

— Não se ofenda, Golan, mas seus conhecimentos são insuficientes. Quem conhece os mitos e lendas sou eu. Você precisa de mim!

— E Bliss? Vai deixá-la aqui? Não acredito... Pelorat enrubesceu.

— Não é exatamente o que eu quero, amigo, mas ela disse... Trevize fez uma careta.

— Será que está tentando se livrar de você? Bliss me prometeu...

— Não, você não entendeu. Escute-me, por favor, Golan. Você tem essa mania de tirar conclusões antes de ouvir a história completa. É a sua especialidade, eu sei, e talvez eu tenha uma certa dificuldade para me expressar de forma concisa, mas...

— Pois então — disse Trevize, em tom carinhoso — explique-me exatamente, da forma que quiser, quais são as intenções de Bliss. Prometo ser paciente.

— Obrigado. Já que está disposto a ser paciente, posso ir direto ao ponto. Bliss quer ir conosco.

— *Bliss* quer ir também? — exclamou Trevize. — Não, não perdi a calma. Estou perfeitamente calmo. Diga-me uma coisa, Janov, por que Bliss quer ir conosco? Estou perguntando a você com toda da calma.

— Isso ela não explicou. Disse que quer falar com você.

— Então por que não está aqui?

— Acho... eu disse que *acho* que Bliss pensa que você não gosta (folia, Golan, e por isso hesita em aproximar-se. Já fiz o possível, amigo, para convencê-la de que tudo não passa de um mal-entendido. É Inconcebível que alguém possa não gostar de Bliss. Mesmo assim, pre-feriu que eu falasse primeiro com você. Posso dizer a ela que está dis-posto a recebê-la, Golan?

— Claro que sim... quando ela quiser.

— Vai ser razoável com ela? Bliss me pareceu muito ansiosa. Disse-me que era muito importante que ela fosse conosco.

— Ela não explicou por quê, explicou?

— Não, mas se acha que deve ir, esta deve ser a opinião de *Gaia.*

— Em outras palavras, não posso recusar, não é, Janov?

— É, acho que não, Golan.

3.

PELA PRIMEIRA vez em sua breve estada em Gaia, Trevize entrou na casa de Bliss, que no momento também servia de abrigo para Pelorat.

Trevize olhou em torno. Em Gaia, as casas eram muito simples. Como praticamente não havia tempestades, as temperaturas eram moderadas, até mesmo as placas tectônicas escorregavam suavemente umas sob as outras quando tinham que escorregar, não havia necessidade de construir habitações particularmente resistentes ou que fossem capazes de manter um ambiente confortável dentro de um clima hostil. Era como se o planeta inteiro fosse uma casa, construída para abrigar seus habitantes.

A casa que Bliss possuía dentro dessa casa planetária era pequena, as janelas com campos de força em lugar de vidraças, a mobília esparsa e graciosamente utilitária. Havia imagens holográficas nas paredes; uma delas, um retrato de Pelorat com um ar encabulado. Os lábios de Trevize tremeram, mas ele conseguiu conter o riso enquanto fingia ajeitar o cinto.

Bliss observou-o. A jovem não estava sorrindo, como de costume. Tinha um ar

muito sério, os olhos negros bem abertos, os longos cabelos sobre os ombros como uma suave ondulação. Apenas os lábios carnudos, com um toque de vermelho, emprestavam um pouco de cor ao rosto pálido.

— Obrigada pela visita, Trev.

— Janov me disse que precisava muito falar comigo, Blisseno-biarella.

— Entendi — observou a moça, com um leve sorriso. — Se me chamar de Bliss, como todo mundo, tentarei dizer seu nome completo, Trevize.

Bliss gaguejou quase imperceptivelmente ao pronunciar a segunda sílaba. Trevize levantou a mão direita.

— Parece-me um acordo justo. Sei que os gaianos estão acostumados a usar apenas as primeiras sílabas dos nomes próprios em suas conversas mentais, de modo que não ficarei ofendido se você me chamar de Trev de vez em quando. Mesmo assim, eu me sentirei mais à vontade se você me chamar de Trevize sempre que se lembrar. Em troca, chamarei você de Bliss.

Trevize estudou-a, como fazia sempre que se encontravam. Como indivíduo, era uma jovem de vinte e poucos anos. Como parte de Gaia, porém, tinha milhares de anos de idade. Isso não lhe afetava a aparência, mas às vezes fazia diferença no modo como falava e na atmosfera que inevitavelmente a cercava.

Bliss falou:

— Vou direto ao ponto. Você me disse que pretendia procurar o planeta Terra...

— Eu disse a Dom — protestou Trevize, disposto a não ceder a Gaia sem uma perpétua insistência em seu ponto de vista.

— Sim, mas ao falar a Dom, estava falando a Gaia e a todas as partes de Gaia, como eu, por exemplo.

— Você me ouviu enquanto eu estava falando?

— Não, porque não estava prestando atenção, mas mais tarde, se quisesse, poderia me lembrar de tudo o que você disse. Por favor, aceite este fato e deixe-me continuar. Você me disse que pretendia pro-curar o planeta Terra e insistiu em que se tratava de uma missão muito importante para o futuro da Galáxia. Não vejo como a localização da Terra pode ser importante, mas você tem o dom de sempre acertar em seus palpites, de modo que eu/nós/Gaia temos que aceitar essa opinião. Se a missão é essencial para sua decisão com relação a Gaia, é de importância crucial para Gaia e portanto Gaia deve ir com você, quando mais não seja para protegê-lo.

— Quando você diz que Gaia deve ir comigo, está querendo dizer que *você* deve

ir comigo. Certo?

— Eu sou Gaia — disse Bliss, laconicamente.

— Você e todos os outros seres deste planeta. Por que, então, tem que ser você? Por que não escolher outra parte qualquer de Gaia para comigo?

— Porque Pel quer ir com você, e se ele for com você, não ficará satisfeito com nenhuma outra parte de Gaia.

Pelorat, que estava sentado numa cadeira em outro canto da sala (virado de costas, observou Trevize, para o seu próprio retrato holográfico pendurado na parede), declarou com firmeza:

— É verdade, Golan. Bliss é a m*inha* parte de Gaia.

Bliss sorriu subitamente.

— Quando Pel fala desse jeito, sinto uma emoção diferente...

— Vamos pensar — disse Trevize, colocando as mãos trançadas sobre a cabeça e inclinando a cadeira para trás. As pernas finas da cadeira rangeram ameaçadoramente. O rapaz chegou à conclusão de que a cadeira não era suficientemente forte para aquele tipo de brincadeira e tornou a pousá-la nas quatro pernas. — Você continuará a ser parte de Gaia, mesmo depois que deixar o planeta?

— Não necessariamente. Posso isolar-me, por exemplo, se estiver correndo perigo, para que o perigo não atinja Gaia. Entretanto, só farei isso em caso de emergência. A maior parte do tempo, continuarei a ser Gaia.

— Mesmo se viajarmos no hiperespaço?

— Mesmo assim, embora isso torne as coisas um pouco mais difíceis.

— Preferia que não fosse assim.

— Por quê?

Trevize torceu o nariz, como se estivesse sentindo um odor desagradável.

— Porque isso significa que tudo o que você vir e ouvir em minha nave será visto e ouvido por Gaia.

— Eu sou Gaia; logo, tudo o que vejo, ouço e sinto é visto, ouvido e sentido por Gaia.

— Exatamente. Aquela parede também vê, ouve e sente. Bliss olhou para a parede que o rapaz estava mostrando e deu de

ombros.

— Sim, aquela parede também. Ela possui uma consciência minúscula, ou seja, sua compreensão é extremamente limitada, mas suponho que sofra algumas modificações subatômicas em resposta ao que estamos dizendo agora, por exemplo, modificações essas que lhe permitirão desempenhar melhor o seu papel em Gaia para o bem do todo.

— E se eu quiser ficar sozinho? Se eu não quiser que a parede saiba o que estou fazendo?

Bliss pareceu impacientar-se e Pelorat interrompeu bruscamente:

— Você sabe, Golan, eu não queria interferir, já que evidentemente ignoro quase tudo a respeito de Gaia. Entretanto, graças à minha convivência com Bliss, acho que aprendi algumas coisas. Quando você está andando em uma rua movimentada de Terminus, os seus sentidos estão expostos aos mais variados estímulos. Mais tarde, talvez se lembre de alguma coisa que viu ou ouviu. Se o seu cérebro for estimulado corretamente, pode ser até que se lembre de tudo o que viu. A maioria das vezes, porém, você simplesmente não está *interessado.* Você não presta atenção. Você esquece. Com Gaia, deve ser a mesma coisa. Mesmo que Gaia tenha conhecimento de tudo o que você está fazendo, isso não quer dizer que Gaia se *importe.* Estou certo, Bliss querida?

— Nunca pensei nesses termos, Pel, mas acho que tem uma certa razão. Entretanto, esse isolamento a que Trev... quero dizer, esse isolamento a que Trevize se referiu não faz sentido para nós. Na verdade, eu/nós/Gaia achamos a idéia profundamente desagradável. Não querer participar... não querer ser ouvido... não querer ser visto... não querer compartilhar seus sentimentos... — Bliss sacudiu a cabeça, — Eu disse que podemos nos separar de Gaia em caso de emergência, mas como alguém poderia preferir *viver* assim, mesmo que fosse por uma hora?

— Eu prefiro — declarou Trevize. — É por isso que tenho de encontrar a Terra... para descobrir por que, apesar disso, fiz a escolha que fiz, optando por um destino terrível para toda a Humanidade.

— Não é um destino terrível, mas não adianta discutirmos isso agora. Quero ir com você, não como espiã, mas como amiga. Gaia estará com você, não para espioná-lo, mas para ajudá-lo.

Trevize retrucou, muito sério:

— Gaia poderia me ajudar mostrando-me onde fica a Terra. Bliss sacudiu a cabeça lentamente:

— Gaia não sabe onde fica a Terra. Dom já lhe disse isso.

— Não posso acreditar. Afinal, vocês devem ter registros. Por que não me permitem examiná-los? Mesmo que Gaia esteja falando a verdade quando afirma que não conhece a localização da Terra, talvez eu tenha melhor sorte com os documentos disponíveis. Conheço muita coisa sobre a Galáxia. Pode ser que encontre pistas importantes, pistas que Gaia tenha deixado passar.

— Que documentos são esses de que você está falando, Trevize?

— Registros de qualquer tipo. Livros, filmes, gravações, hologramas, artefatos, qualquer coisa. Desde que cheguei aqui, não vi nada que pudesse considerar como registro... E você, Janov?

— Nem eu — respondeu Pelorat, com certa hesitação. — Mas também não estava procurando.

— Pois eu, sim — disse Trevize. — E não encontrei nada. Nada! Só posso concluir que eles estão escondidos. Por quê? Você pode me explicar por quê?

O rosto bonito de Bliss assumiu uma expressão intrigada.

— Por que não perguntou isso antes? Eu/nós/Gaia não escondemos nada, somos incapazes de mentir. Um Isolado, isto é, um indivíduo separado do todo, pode dizer mentiras. Ele é limitado e sente medo porque é limitado. Gaia, entretanto, é um organismo planetário de imensa capacidade mental e não tem medo de nada. Gaia não tem necessidade de mentir, de falsificar ou omitir os fatos.

Trevize sorriu ironicamente.

— Então por que tiveram tanto cuidado para impedir que eu visse os registros? Dê-me uma explicação que faça sentido!

— É muito simples — disse a moça, abrindo os braços. — Não temos nenhum registro.

4.

PELORAT foi o primeiro a se recuperar da surpresa.

— Minha querida — disse, em tom carinhoso —, é difícil de acreditar. Toda civilização que se preza tem algum tipo de registro.

— Claro que sim — concordou Bliss. — O que eu estava querendo dizer é que

não temos nenhum registro do tipo que Trev... do tipo que Trevize está procurando. Eu/nós/Gaia não temos livros, revistas, filmes, gravações, bancos de dados computadorizados, nada disso. Nem esculturas. Foi isso que eu quis dizer. Já que não temos nenhum registro desse tipo, é natural que Trevize não tenha conseguido encontrá-los.

Trevize perguntou:

— Então o que é que vocês têm para substituir os registros convencionais?

Bliss respondeu pronunciando bem as palavras, como se estivesse falando com uma criança:

— Eu/nós/Gaia temos uma memória. Eu *me lembro.*

— Do que é que você se lembra? — quis saber Trevize.

— De tudo.

— Você se lembra de tudo o que aconteceu neste planeta?

— Exatamente.

— Por quanto tempo? Qual a extensão da sua memória?

— Praticamente ilimitada.

— Você se lembra de todos os fatos históricos, biográficos, geográficos, científicos?

— De tudo.

— E tudo nessa cabecinha... — observou Trevize, apontando ironicamente para a têmpora direita de Bliss.

— Não — protestou a moça. — As memórias de Gaia não são limitadas pela capacidade de meu cérebro. Procure entender... — Por um momento, seu rosto assumiu uma expressão formal e mesmo um pouquinho sisuda, quando ela deixou de ser apenas Bliss para tornar-se um aglomerado de indivíduos. —... houve um tempo, antes do começo da história — prosseguiu a moça —, em que os seres humanos eram tão primitivos que, embora pudessem se lembrar dos acontecimentos, não sabiam falar. A linguagem falada foi inventada e serviu para expressar memórias e transferi-las de pessoa para pessoa. Mais tarde, foi inventada a linguagem escrita, que tornou possível registrar memórias e transferi-las de geração para geração. Todo o progresso tecnológico que se seguiu foi no sentido de aumentar a capacidade de armazenar e transferir memórias e tornar mais fácil o acesso às memórias armazenadas. Entretanto, quando os indivíduos se uniram para formar Gaia, toda essa tecnologia de

repente ficou obsoleta. Pudemos voltar à memória, a forma mais antiga de armazenar informações, na qual todas as outras se baseiam. Está entendendo?

Trevize replicou:

— Está querendo me dizer que o conjunto de todos os cérebros de Gaia é capaz de se lembrar de muito mais fatos do que qualquer um dos cérebros isoladamente?

— Isso mesmo.

— Mas se os registros de Gaia estão espalhados por todo o plane-ta, o que adianta isso para você, como uma pequena parte de Gaia?

— Adianta muito. Qualquer coisa que eu precise saber está guardada no cérebro de alguém, ou, mais provavelmente, no cérebro de muitas pessoas. Se se tratar de um conhecimento básico, como o significado da palavra "cadeira", certamente estará no cérebro de todos os habitantes do planeta. Mesmo que se trate de um conhecimento mais especializado, que esteja guardado apenas em uma pequena parte da mente de Gaia, posso recuperá-lo facilmente, embora possa levar um pouquinho mais de tempo do que se a memória estivesse mais difundida. Escute, Trevize, se você quer saber alguma coisa que não está na sua memória, consulta um livro ou o banco de dados de um computador. No meu caso, eu consulto a mente de Gaia.

Trevize perguntou:

— Como você faz para evitar que todas essas informações peneirem ao mesmo tempo no seu cérebro, fazendo-o explodir?

— Você podia dispensar o sarcasmo, Trevize. Pelorat interveio:

— Vamos, Golan, pare de implicar com a moça.

Trevize olhou de um para o outro e fez um esforço visível para acalmar-se.

— Desculpe. Estou sentindo o peso de uma responsabilidade que não pedi e da qual não sei como me livrar. Talvez por isso possa parecer implicante, mesmo quando não é essa a minha intenção. Bliss, estou realmente curioso. Como é que você faz para absorver os conhecimentos de outros habitantes do planeta sem exceder a capacidade do seu próprio cérebro?

— Não sei, Trevize — respondeu a moça —, assim como você não sabe direito como o seu cérebro funciona. Você sabe qual é a distância do seu planeta à estrela mais próxima, mas este conhecimento não está presente o tempo todo na sua consciência. Você guarda o número em algum lugar e pode recuperá-lo sempre que desejar. Se passar muito tempo sem usar o número, talvez venha a

esquecê-lo, mas nesse caso poderá consultar um banco de dados. Considere a mente de Gaia como um imenso banco de dados que eu posso consultar à vontade, sem necessidade de guardar em minha própria memória as informações que utilizei. Depois de fazer uso de um dado, simplesmente deixo que abandone a minha memória. Na verdade, é como se eu o guardasse de volta no lugar de onde veio.

— Quantos habitantes tem Gaia, Bliss? Quantos seres humanos?

— Cerca de um bilhão. Quer saber o número exato? Trevize deu um sorriso amarelo.

— Sei que você é capaz de me fornecer o número exato, mas me contento com uma aproximação.

— Na verdade — afirmou Bliss —, a população é estável e oscila ligeiramente em torno de um número um pouquinho maior que um bilhão. Para saber qual o desvio em relação à média neste exato momento, eu teria que expandir minha consciência até... até os limites do planeta. É difícil explicar para alguém que não passou pela experiência.

— Parece-me, entretanto, que um bilhão de cérebros humanos ... entre eles, certamente, muitos cérebros infantis... não são suficientes para armazenar todos os conhecimentos acumulados por uma sociedade complexa.

— Acontece que em Gaia não há apenas seres humanos, Trev.

— Está me dizendo que os animais irracionais também participam da memória de Gaia?

— Os cérebros dos animais irracionais têm capacidade muito menor que a dos cérebros humanos, e boa parte do espaço disponível em todos os cérebros, humanos ou não, é usada para guardar memórias pessoais, que são úteis apenas para o indivíduo que as abriga. Mesmo assim, é possível armazenar grande quantidade de informações coleti-vas nos cérebros dos animais, como também nos tecidos vegetais e nas estruturas minerais do planeta.

— Nas estruturas minerais? Quer dizer nas pedras?

— E também nos oceanos e na atmosfera. Afinal, tudo isso também é Gaia.

— Que tipo de informação esses seres inanimados podem guardar? Muita coisa. A densidade de informação é pequena, mas o volume é tão grande que a maior parte da memória de Gaia está guardada nas pedras. O tempo de acesso, porém, é um pouco maior do que o caso das informações armazenadas em cérebros humanos. Por essa as pedras são usadas como uma espécie de arquivo morto...

nelas guardamos dados de que necessitamos apenas raramente.

— Que acontece quando morre alguém em cujo cérebro estão guardadas informações importantes?

— Os dados não são perdidos. Quando o cérebro começa a se desorganizar, logo após a morte, as memórias são distribuídas por outros membros de Gaia. Quando novos cérebros aparecem nas crianças e começam se desenvolver, eles acumulam não apenas memórias pessoais mas também conhecimentos coletivos. O que vocês chamam de educação ocorre automaticamente comigo/conosco/com Gaia. Pelorat interveio:

— Francamente, Golan, acho que essa idéia de planeta vivo é mavilhosa!

Trevize olhou de esguelha para o companheiro.

— Sinto não compartilhar do seu entusiasmo, Janov. Este planeta, por maior e mais variado que seja, na realidade representa um único cérebro. Um! Cada novo cérebro que se forma é absorvido por Gaia. Onde está a oportunidade para que haja oposição, para que haja opiniões contrárias? Quando a gente pensa na história da humanidade, , a gente pensa naquele indivíduo excepcional, cujos pontos de vista foram censurados pela sociedade mas que no final conseguiu vencer e mudar o mundo. Que oportunidade haveria em Gaia para os grandes rebeldes da História?

— Você está enganado — disse Bliss. — Nem todas as partes de Gaia têm necessariamente a mesma opinião.

— As divergências não podem ser muito grandes — insistiu Trevize. — Um organismo repleto de contradições não funcionaria adequadamente. Se ainda existe progresso em Gaia, deve ser muito, muito lento. Temos o direito de impor o mesmo sistema a toda a Galáxia? A toda a Humanidade?

Bliss interveio, sem demonstrar qualquer emoção:

— Agora está duvidando de sua própria decisão? Mudou de idéia agora considera Gaia como um futuro indesejável para a Humanidade?

Trevize cerrou os lábios e hesitou. Depois disse, devagar:

— Gostaria de ter convicção suficiente para voltar atrás, mas não é esse o caso. Tive algum motivo, ainda que inconsciente, para tomar a decisão que tomei. Até descobrir qual foi esse motivo, não estarei em condições de manter a decisão ou modificá-la. Por isso, é melhor voltarmos à questão da Terra.

— Onde você acha que encontrará o motivo que o levou a optar por Gaia, não é mesmo, Trevize?

— É isso mesmo. Acontece que, de acordo com Dom, Gaia não conhece a localização da Terra. Você concorda com ele, suponho.

— É claro que concordo com ele. Também sou Gaia, lembra-se?

— Vocês estão escondendo alguma coisa de mim? Conscientemente, quero dizer.

— Claro que não. Mesmo que Gaia pudesse mentir, não mentiria para *você*. Afinal, dependemos das suas conclusões, e portanto desejamos que elas sejam corretas. Para isso, é necessário que se baseiem em fatos reais.

— Nesse caso — disse Trevize —, vamos tentar fazer uso da sua memória global. Diga-me há quanto tempo ocorreu, o fato mais antigo de que você se lembra.

Houve uma leve hesitação. Bliss olhou para Trevize com os olhos vazios, como se estivesse em transe. Depois, declarou:

— Quinze mil anos.

— Por que hesitou?

— Levei algum tempo para conseguir a resposta. As memórias muito antigas estão quase todas guardadas na base das montanhas, em lugar de difícil acesso.

— Quinze mil anos, não é? Foi nessa época que Gaia foi colonizada?

— Não, pelo que sabemos o planeta foi colonizado há mais ou menos dezoito mil anos.

— Então não sabem exatamente? Por que você... por que Gaia não se lembra?

— Porque naquela época o planeta ainda não estava suficientemente evoluído para que a memória fosse compartilhada por todos os seres — explicou Bliss.

— Antes de vocês inventarem a memória coletiva devia haver registros em Gaia, Bliss. Registros no sentido normal da palavra... livros, gravações, filmes, etc.

— É provável que sim, mas certamente não sobreviveriam tanto tempo.

— Poderiam ter sido copiados, ou melhor ainda, transferidos para a memória global, depois que ela surgiu.

Bliss franziu a testa. Levou algum tempo para falar de novo.

— Não consigo encontrar nenhum sinal desses registros a que você se refere.

— Por quê?

— Não sei, Trevize. Talvez não fossem muito importantes. É possível que na época em que os registros começaram a se deteriorar Gaia os tenha considerado ultrapassados e não se dera ao trabalho de incorporá-los à memória global.

— Você não tem certeza. Está fazendo suposições, mas não tem certeza. Gaia não sabe o que aconteceu.

Bliss baixou os olhos.

— Só pode ser isso.

— Só? Eu não sou parte de Gaia e portanto não tenho que acreditar nas suposições de Gaia. Eis um bom exemplo das vantagens do isolamento. Eu, um Isolado, sou capaz de imaginar uma explicação alternativa.

— Qual é a sua explicação?

— Bliss, de uma coisa eu tenho certeza: nenhuma civilização avançada é capaz de destruir seus antigos registros. Ao invés de considerá-los arcaicos e desnecessários, a tendência é no sentido de tratá-los com reverência exagerada e fazer tudo para preservá-los. Se os registros da fase que precedeu a memória global de Gaia foram destruídos, essa destruição certamente não foi voluntária.

— Qual é então a sua explicação?

— Na Biblioteca de Trantor, todas as referências à Terra foram destruídas por alguém ou por alguma força que não tinha nada a ver com os membros da Segunda Fundação. Não acha possível que em Gaia, também, todas as referências à Terra tenham sido removidas por alguém de fora?

— Como sabe que os antigos registros continham alguma coisa sobre a Terra?

-- Você mesma disse há pouco que Gaia foi colonizada há cerca de dezoito mil anos atrás. Isto nos coloca em uma época anterior ao estabelecimento do Império Galáctico, no período em que a Galáxia estava sendo colonizada pelos habitantes da Terra. Se não acredita em mim, pergunte a Pelorat.

Pelorat, um pouco surpreso por ter sido chamado a testemunhar, pigarreou e disse, voltando-se para Bliss:

— Assim dizem as lendas, minha cara. Levo essas lendas a sério e acredito, como Golan Trevize, que a espécie humana tenha se originado em um único planeta, o planeta que chamamos de Terra. Assim, os primeiros colonos eram todos da Terra.

— Assim sendo — disse Trevize —, se Gaia foi fundada nos primórdios das viagens hiperespaciais, é provável que tenha sido colonizada por terráqueos, ou pelo menos por nativos de um planeta recentemente colonizado pelos terráqueos. Nesse caso, é evidente que os registros da colonização de Gaia e dos primeiros milênios em que o planeta foi habitado teriam que conter referências à Terra e aos terráqueos. Acontece que esses registros desapareceram. *Alguém* parece estar

ativamente empenhado em destruir todas as referências à Terra existentes na Galáxia. Se isso é verdade, deve haver uma razão muito forte.

Bliss protestou, indignada:

— Tudo isso não passa de conjecturas, Trevize. Você não tem nenhuma prova!

— É Gaia que insiste em que possuo o talento especial de chegar a conclusões corretas com base em provas insuficientes. Assim, quando eu chego a uma conclusão, não me diga que faltam as provas!

Bliss ficou calada. Trevize prosseguiu:

— Você agora entende por que eu tenho que encontrar a Terra. Pretendo partir assim que o *Estrela Distante* estiver pronto. Vocês dois ainda querem ir comigo?

— Queremos — disseram Bliss e Pelorat ao mesmo tempo.

CAPÍTULO 2: VIAJANDO PARA COMPORELLON

5.

ESTAVA chuviscando. Trevize olhou para o céu cinzento. Usava um guarda-chuva que repelia as gotas, arremessando-as para longe em todas as direções. Pelorat, que não dispunha de uma proteção semelhante, rnantinha-se a uma distância prudente.

— Não vejo razão para você se molhar, Janov — disse Trevize.

— A chuva não me incomoda, amigo — disse Pelorat, com o ar solene de sempre. — É uma chuva fraca e morna. Não está ventando. Além disso, como diz o velho provérbio, "Quando estiver em Anacreon, faça como os anacreonitas".

Apontou para alguns gaianos que se haviam reunido em torno do *Estrela Distante* e os observavam em silêncio. Estavam bem espalhados, como se fossem árvores em um bosque, e nenhum deles usava guarda-chuva.

— Tenho a impressão de que eles não se incomodam de se molhar porque o resto de Gaia está ficando molhado — disse Trevize. — As árvores, a grama, a terra — tudo está molhado, e tudo é parte de Gaia, como os gaianos.

— Acho que faz sentido — disse Pelorat. — Daqui a pouco o sol vai sair e secar tudo num instante. As roupas não vão encolher, não está fazendo frio e como este planeta não tem microorganismos patogênicos, ninguém vai pegar resfriado, gripe ou pneumonia. Então qual o problema de tomar um pouco de chuva?

Trevize podia compreender perfeitamente a lógica do argumento, mas não queria dar o braço a torcer.

— Mesmo assim, não precisava chover justo na hora em que estamos de partida. Afinal, a chuva neste planeta é voluntária. Gaia não choveria se não quisesse. É como se estivesse querendo mostrar que não tem nenhuma consideração conosco.

— Talvez Gaia esteja chorando de tristeza porque vamos embora — disse Pelorat.

— Pode ser, mas eu não — disse Trevize.

— Na verdade — prosseguiu Pelorat —, provavelmente o solo nesta região esteja precisando de umidade, e essa necessidade é mais importante que o seu desejo de ver o sol brilhar.

Trevize sorriu.

— Você gosta mesmo deste planeta, não é? Quero dizer, mesmo sem pensar em Bliss.

— Gosto, sim — afirmou Pelorat, em tom quase desafiador. — Sempre levei uma vida simples e ordeira, e acho que me daria muito bem aqui, onde o mundo inteiro trabalha para manter a vida simples e ordeira. Afinal, Golan, quando construímos uma casa, ou mesmo essa espaçonave que aí está, tentamos criar um abrigo perfeito. Procuramos equipar esse abrigo com tudo o que achamos que poderá ser necessário. Instalamos controles de temperatura, atmosfera, iluminação e tudo mais, de modo a podermos tornar o ambiente o mais confortável possível. Gaia é uma extensão desse desejo de conforto e segurança: um planeta inteiro zelando por seus habitantes. Que há de errado nisso?

— O que há de errado nisso — disse Trevize — é que a minha casa e a minha nave foram construídas para atender a *minhas* necessidades. Eu não preciso me adaptar a *elas.* Se eu fosse parte de Gaia, então, por melhor que o planeta me atendesse, eu não deixaria de me aborrecer com o fato de que também estaria sendo obrigado a atendê-lo.

Pelorat franziu a testa.

— Na verdade, toda sociedade molda a população de acordo com seus próprios valores. Surgem novos costumes, novas leis, que se encarregam de manter todos os membros dentro de determinados padrões de comportamento.

— Nas sociedades que eu conheço, os indivíduos podem se rebelar. Sempre existem os excêntricos, os criminosos...

— Você *aprova* os excêntricos e criminosos?

— Por que não? Eu e você somos excêntricos. Certamente não somos exemplos típicos dos habitantes de Terminus. Quanto aos criminosos, isso é uma questão de definição. Além disso, se os criminosos são o preço que temos que pagar para termos rebeldes, hereges e gênios, estou disposto a pagar o preço. Eu *exijo* que o preço seja pago.

— Os criminosos são o único pagamento possível? Não podemos ter gênios sem termos criminosos?

— Não podemos ter gênios e santos sem termos pessoas que fujam bastante da norma geral, e não vejo como os desvios em relação à norma possam ser apenas para o lado positivo. Tem que haver certa simetria. De qualquer forma, quero um motivo melhor para a minha decisão de fazer de Gaia um modelo para o futuro da Humanidade do que o fato de que é uma versão planetária de uma casa confortável.

— Meu amigo, não estava de forma alguma tentando convencê-lo a conformar-se com a sua decisão. Estava apenas fazendo um comen...

Interrompeu o que estava dizendo. Bliss aproximava-se a passos largos, o cabelo molhado, o vestido colado ao corpo, realçando os quadris generosos.

— Desculpe o atraso — disse a moça, um pouquinho ofegante. — Minha conversa com Dom levou mais tempo do que eu havia previsto.

— Não sei por quê — disse Trevize. — Afinal, você sabe tudo o que ele sabe.

— Às vezes não interpretamos os fatos da mesma forma. Afinal, não somos idênticos. Escute aqui — disse, com um traço de impaciência na voz —, você tem duas mãos. Ambas são parte de você e parecem idênticas, a não ser pelo fato de uma ser a imagem espelhada da outra. Mesmo assim, você não as usa da mesma forma, usa? Existem algumas coisas que você faz com a mão direita, outras que faz com a mão esquerda. Diferenças de interpretação, em última análise.

— Ela está certa — disse Pelorat, com visível satisfação. Trevize assentiu.

— É uma excelente analogia. Agora podemos subir a bordo? Está chovendo.

— Sim, sim. A nave está pronta para a viagem.

A moça olhou para Trevize e acrescentou, curiosa:

— Você está seco. Está se protegendo da chuva?

— Isso mesmo — disse Trevize. — Não quero me molhar.

— Não acha agradável sentir o corpo molhado de vez em quando? - Acho, sim. Mas quem escolhe a hora sou eu, e não a chuva. Bliss deu de ombros.

— Como quiser. Nossa bagagem já está a bordo. Vamos?

Os três caminharam em direção ao *Estrela Distante.* A chuva tinha quase parado, mas a grama estava bastante molhada. Trevize andava com cuidado, quase nas pontas dos pés, mas Bliss, que havia tirado as sandálias, pisava na grama com os pés descalços, praticamente sem levantá-los do chão.

— É uma sensação deliciosa — disse, ao surpreender o olhar do rapaz.

— Bom para você — disse Trevize, distraidamente. Depois acrescentou, com um toque de irritação: — O que é que esses gaianos estão fazendo em volta da nave?

Bliss explicou:

— Estão registrando este acontecimento, que Gaia considera muito importante. Você tem um grande valor para nós, Trevize. Suponhamos que esta viagem o fizesse mudar de idéia e decidir a favor de uma das Fundações. Nesse caso, a Galáxia jamais seria nossa. Pior ainda, seria o fim de Gaia.

— Então eu tenho o poder de vida e morte sobre Gaia, sobre todo este planeta.

— É a nossa opinião.

Trevize parou de repente e tirou o guarda-chuva da cabeça. O tempo estava melhorando; trechos de céu azul começavam a aparecer por entre as nuvens.

— Acontece que *no momento* minha decisão é favorável a vocês. Se me matassem agora, tudo estaria resolvido.

— Golan! — exclamou Pelorat, chocado. — Como pode dizer uma coisa dessas?

— Típico de um Isolado — disse Bliss, calmamente. — Precisa compreender, Trevize, que não estamos interessados em você como pessoa, e nem mesmo no seu voto, mas na verdade a respeito do assunto. Você é importante para nós apenas na medida em que nos conduz à verdade, seu voto é importante apenas como indicação da verdade. É isso o que queremos de você; se o matássemos para impedir que mude o seu voto, estaríamos apenas escondendo a verdade de nós mesmos.

— Se eu disser a vocês que a verdade está contra Gaia, concordarão alegremente em morrer?

— Eu não diria alegremente, mas estamos preparados para aceitar a verdade, seja ela qual for.

Trevize sacudiu a cabeça.

— Se alguém quisesse me convencer de que Gaia é um horror e realmente *merece* desaparecer, bastaria me dizer alguma coisa parecida. — Voltando os olhos para os gaianos que os observavam (e, presumivelmente, escutavam) com toda a paciência, perguntou a Bliss: — Por que estão espalhados assim? Por que Gaia precisa de tanta gente? Se um deles observa nossa partida, a informação não é compartilhada com todos os outros seres do planeta? Não pode ser armazenada em um milhão de lugares diferentes, se Gaia assim desejar?

— Estão observando a cena de ângulos diferentes — explicou Bliss. — Além disso, cada um está armazenando as informações em um cérebro ligeiramente diferente. Quando todas as observações forem combinadas, Gaia terá uma compreensão muito melhor do que aconteceu do que qualquer um desses indivíduos, ou mesmo todos eles isoladamente.

— Em outras palavras, o todo é maior que a soma das partes.

— Exatamente. Você está começando a compreender a razão básica para a existência de Gaia. Você, como organismo vivo, é constituído por cerca de cinquenta trilhões de células, mas você, como ser humano, é muitíssimo mais importante que a importância combinada de cinquenta trilhões de células. Certamente concorda com isso.

— Concordo — disse Trevize.

O rapaz começou a subir a escada da nave e voltou-se para olhar para o planeta. A chuva havia emprestado um novo frescor à atmosfera. O que viu era um mundo verde, fértil, tranquilo e pacífico; um jardim de serenidade no meio de uma Galáxia cada vez mais velha, cansada e confusa.

... e Trevize rezou para que nunca mais tornasse a ver Gaia.

6.

QUANDO a escotilha se fechou, Trevize sentiu como se estivesse se libertando não exatamente de um pesadelo, mas de alguma coisa tão anormal que só agora se sentia livre para respirar à vontade.

O rapaz sabia perfeitamente que um dos elementos daquela anormalidade ainda estava com eles na pessoa de Bliss. Enquanto Bliss estivesse ali, Gaia também

estaria. Entretanto, Trevize também estava convencido de que a presença da moça era essencial. Era a caixa preta de novo em ação. Esperava sinceramente que sua confiança na caixa preta não se tornasse excessiva.

Olhou para o interior da nave com visível agrado. Era sua desde que a prefeito Harla Branno, da Fundação, o havia obrigado a deixar Terminus e tornar-se uma espécie de pára-raios, atraindo o fogo daqueles que Branno considerava inimigos da Fundação. Aquela missão estava cumprida, mas a nave ainda era sua e Trevize não estava disposto a devolvê-la.

A nave era sua há apenas alguns meses, mas Trevize já a considerava como um lar; a lembrança do antigo lar, no planeta Terminus. se tornava cada vez mais distante.

Terminus! O eixo excêntrico da Fundação, destinado, segundo o Plano de Seldon, a tornar-se um segundo Império, ainda maior que o primeiro, em menos de cinco séculos. Só que ele, Trevize, havia mudado o curso da história. Por decisão própria, estava reduzindo a Fundação a nada e tornando possível o aparecimento de uma nova sociedade, uma nova forma de vida, uma revolução só comparável ao aparecimento dos seres multicelulares.

Agora, estava iniciando uma viagem na qual procuraria provar a si mesmo que havia tomado a decisão correta.

Trevize percebeu que estava divagando e sacudiu a cabeça, irritado. Correu à sala de controle e verificou que o computador ainda estava lá.

O computador estava brilhando; tudo estava brilhando. Os gaianos haviam feito uma limpeza cuidadosa. Os botões que apertou, quase ao acaso, funcionavam perfeitamente. O sistema de ventilação era tão silencioso que teve que colocar a mão sobre as saídas de ar para certificar-se de que estava funcionando.

O círculo de luz do computador era um convite irresistível. Trevize tocou-o e a luz se espalhou para cobrir todo o tampo da escrivaninha. Podia ver claramente o perfil de duas mãos: direita e esquerda. Respirou fundo e deu-se conta de que havia prendido involuntariamente a respiração. Os gaianos desconheciam a tecnologia da Fundação e poderiam facilmente ter danificado o computador ao limpar a escrivaninha. Até o momento, tudo parecia em ordem. As mãos ainda estavam lá.

O verdadeiro teste, porém, seria colocar as mãos sobre a mesa. Trevize hesitou por um momento. Se houvesse algum defeito, saberia na mesma hora. E daí? Que fazer? Para consertar o computador, teria que voltar a Terminus, e se o fizesse, a prefeito Branno jamais o deixaria sair de novo do planeta. Por outro

lado, sem o computador...

Sentiu o coração bater mais forte. Não adiantava adiar o inevitável.

Colocou as mãos sobre as silhuetas em cima da mesa. Imediatamente, teve a sensação de que um outro par de mãos segurava as suas. Seus sentidos se ampliaram e pôde ver Gaia em todas as direções, verde e úmido, os gaianos do lado de fora ainda observando a nave. Quando "olhou" para cima, viu um céu nublado. A um comando mental, as nuvens desapareceram e ele estava olhando para o céu azul, no meio do qual se destacava o sol de Gaia.

Outro comando mental e o céu ficou escuro e coalhado de estrelas.

Mais um comando. Trevize agora estava observando a Galáxia, como uma roda achatada. Testou a imagem computadorizada, alterando sua orientação, modificando a velocidade e o sentido aparente de passagem do tempo, fazendo as estrelas girarem primeiro em um sentido e depois no sentido oposto. Localizou o sol de Sayshell, a maior estrela nas proximidades de Gaia; depois, o sol de Terminus; depois, o sol de Trantor. Viajou de estrela em estrela no mapa da Galáxia que habitava as entranhas do computador.

Retirou as mãos e deixou o mundo real envolvê-lo novamente. Só então se deu conta de que tinha estado de pé o tempo todo, o corpo meio curvado sobre a escrivaninha. Os músculos estavam rígidos; teve que esticar as costas antes de sentar-se.

Olhou para o computador, aliviado. Funcionava perfeitamente. Estava mais dócil que nunca e o que sentia por ele só poderia ser classificado como amor. Afinal, enquanto se davam as mãos, um era parte do outro. Através do computador, sua vontade dirigia, controlava, sentia e era parte de um ser muito mais poderoso. Ele e o computador deviam sentir, em pequena escala (pensou de repente o rapaz, com um sobressalto), como Gaia se sentia, só que em escala muito maior.

Sacudiu a cabeça. Não! No caso do computador, ele, Trevize, tinha controle absoluto. O computador se limitava a obedecer.

Levantou-se e dirigiu-se para a cozinha. A despensa estava bem abastecida com todos os tipos de alimentos. Trevize já havia verificado que sua coleção particular de livros gravados estava intacta, e tinha razoável certeza... não, tinha certeza absoluta de que os gaianos não haviam mexido na biblioteca de Pelorat, caso contrário o outro àquela altura já teria posto a boca no mundo.

Pelorat! Aquilo o fez lembrar-se de uma coisa. Entrou no camarote de Pelorat.

— Há espaço para Bliss aqui, Janov?

— Oh, sim! Não se preocupe!

— Podemos transformar a sala de estar em quarto de dormir para ela.

Bliss olhou para ele, surpresa. — Não preciso de um quarto só para mim. Posso perfeitamente ficar aqui com Pel. Suponho, porém, que não se incomodará se eu usar outros aposentos, como o ginásio, por exemplo.

— Claro que não. Pode usar todos os aposentos da nave, com exceção do meu camarote.

— Muito obrigada. Naturalmente, você também evitará entrar no nosso camarote.

— Naturalmente — concordou Trevize, contrafeito. Olhou para baixo e percebeu que estava com o pé dentro do quarto. Recuou um passo e advertiu, muito sério: — Este não é um quarto de lua-de-mel, Bliss.

— Pelo contrário, suas dimensões reduzidas o qualificam como tal, como depois que Gaia o ampliou em cerca de cinquenta por cento.

Trevize fez força para não rir.

— Vocês têm que ser compreensivos.

— E somos — disse Pelorat, visivelmente contrafeito com o rumo que a conversa estava tomando. — Por outro lado, meu amigo, gostaria que nos deixasse cuidar de nossa vida.

— Sinto muito, mas não é possível — disse Trevize devagar. — Quero que fique bem claro que esta nave não é um hotel de lua-de-mel. Façam o que quiserem entre vocês dois, mas não podem esperar privacidade. Está me entendendo, Bliss?

— Este quarto tem uma porta — disse Bliss — e tenho certeza de que não vai nos incomodar quando ela estiver trancada... a menos, naturalmente, que se trate de uma emergência.

— Claro que não vou perturbá-los. A questão não é essa. Os aposentos desta nave não dispõem de isolamento acústico.

— O que você está tentando dizer — disse Bliss — é que poderá ouvir todas as nossas conversas e todos os barulhos que fizermos quando estivermos fazendo amor.

— Sim, é exatamente isso que eu estava tentando dizer. Levando este fato em consideração, acho que terão forçosamente que limitar suas atividades. Sinto muito, mas não há outro jeito.

Pelorat pigarreou e explicou, meio sem graça:

—- Na verdade, Golan, este é um problema que já tivemos que enfrentar. Você deve compreender que as sensações que Bliss experimenta quando está comigo são compartilhadas com todos os seres de Gaia.

— Já tinha pensado nisso, Janov. Preferi não tocar no assunto... imaginando que talvez a idéia não tivesse ocorrido a você.

— Pois estava enganado — disse Pelorat.

Bliss interveio:

— Não fique tão chocado, Trevize. Em um dado momento, milhares de seres humanos em Gaia estão fazendo amor; milhares estão comendo, bebendo ou envolvidos em outras atividades agradáveis. Isto dá origem a uma aura global de prazer que Gaia pode sentir; que todas as partes de Gaia podem sentir. Os animais inferiores, as plantas e os minerais têm prazeres progressivamente mais fracos, mas que também contribuem para uma alegria difusa que Gaia é capaz de desfrutar em todas as suas partes e que não existe em nenhum outro planeta.

— No lugar de onde vim — disse Trevize — temos nossos prazeres particulares, que podemos compartilhar ou não, de acordo com a nossa vontade.

— Se pudesse sentir o que sentimos, veria como são superficiais os prazeres de vocês, Isolados, quando comparados com os nossos.

— Como pode saber o que eu sinto?

— Mesmo sem saber o que você sente, parece razoável supor que os prazeres em um mundo em que as sensações são compartilhadas sejam muito mais intensos que os prazeres em um mundo de Isolados.

— Talvez, mas mesmo que os meus prazeres sejam superficiais, prefiro guardar minhas alegrias e tristezas para mim mesmo e satisfazer-me com elas, e ser *eu mesmo* em vez de tornar-me irmão de sangue de uma maldita pedra!

— Não está sendo lógico — advertiu Bliss. — Tenho certeza de que sente estima pelos minerais que fazem parte dos seus ossos e dentes e detestaria que fossem danificados, embora não tenham mais consciência do que uma pedra do mesmo tamanho.

— Isso é verdade — admitiu Trevize, com relutância. — Mas vamos voltar ao assunto que estávamos discutindo. Não me incomodo se Gaia inteiro compartilha dos seus prazeres, Bliss. O que sei é que *eu* não quero compartilhar. Vamos passar muito tempo em um ambiente confinado e não quero ser forçado a participar das atividades de vocês, mesmo que de forma indireta.

Pelorat interveio:

— Estamos discutindo à toa, meu amigo. Não temos nenhuma intenção de violar a sua intimidade. Bliss e eu seremos discretos, não é, Bliss?

— Como você quiser, Pel.

— Afinal de contas — prosseguiu Pelorat —, devemos passar mais tempo em terra do que a bordo, e após desembarcarmos em um planeta, estaremos livres para...

— Não me interessa o que vocês pretendem fazer em terra — interrompeu Trevize. — Aqui, porém, quem manda sou eu.

— De acordo — disse Pelorat.

— Esclarecido esse ponto, vamos decolar.

— Um momento — protestou Pelorat, segurando Trevize pela manga. — Decolar para onde? Você não sabe onde fica a Terra, nem eu, nem Bliss. Nem o seu computador. Você já me disse que os bancos de memória do computador não contêm nenhuma informação a respeito da Terra. O que pretende fazer, então? Não podemos simplesmente sair navegando por aí ao acaso, meu amigo.

Trevize sorriu para o amigo. Pela primeira vez desde que havia caído sob o poder de Gaia, sentia-se senhor do seu próprio destino.

— Posso lhe assegurar que não pretendo vagar sem rumo, Janov. Sei perfeitamente para onde vamos.

7.

PELORAT entrou na sala de comando depois de esperar alguns momentos sem que a leve batida que havia dado na porta fosse respondida. Encontrou Trevize com os olhos cravados em uma tela cheia de estrelas.

— Golan...

Trevize levantou os olhos.

— Janov! Sente-se. Onde está Bliss?

— Dormindo. Ei! Estou vendo que estamos no espaço!

— Isso mesmo.

Trevize não estranhou a surpresa do amigo. Nas novas naves gravíticas, era simplesmente impossível sentir a decolagem. Não havia efeitos inerciais, nem ruído, nem vibração.

Possuindo a capacidade de isolar-se em maior ou menor grau dos campos gravitacionais externos, o *Estrela Distante* levantava vôo da superfície de um planeta como se estivesse flutuando em um oceano cósmico. Durante a operação, as forças gravitacionais *dentro* da nave permaneciam inalteradas.

Enquanto a nave permanecia no interior da atmosfera, movia-se devagar, ou seja, o ruído e a vibração do choque das moléculas de ar contra o casco praticamente não podiam ser sentidos pelos ocupantes. Fora da atmosfera, a nave podia atingir velocidades extremamente altas sem incomodar os passageiros.

Era o melhor que a tecnologia tinha a oferecer em matéria de conforto; Trevize era incapaz de imaginar algo melhor, a não ser, talvez, se a humanidade descobrisse um meio de deslocar-se no hiperespaço sem precisar de naves e sem ter que se preocupar com campos gravitacionais próximos. No momento, por exemplo, o *Estrela Distante* teria que viajar vários dias pelo espaço normal, afastando-se do sol de Gaia, antes que o campo gravitacional fosse bastante fraco para executarem o Salto com segurança.

— Golan, meu caro amigo — disse Pelorat. — Posso falar com você um instante? Ou está muito ocupado?

— Não estou nada ocupado. Depois que forneço as instruções, o computador cuida de tudo. Às vezes parece até que ele adivinha as instruções e as executa antes que eu tenha tempo de terminá-las.

Passou a mão afetuosamente pela superfície da escrivaninha. Pelorat disse:

— Ficamos muito amigos, Golan, no pouco tempo em que nos conhecemos. Custo a acreditar que tenha sido há tão pouco tempo. Tanta coisa aconteceu... Quando penso na minha vida, ocorre-me a idéia estranha de que mais da metade das coisas realmente importantes aconteceu nos últimos meses. Pelo menos, é essa a minha impressão. É quase como se...

Trevize interrompeu-o com um gesto.

— Janov, acho que você está divagando. Começou dizendo que tínhamos ficado muito amigos em pouco tempo. Tem razão. A propósito: você e Bliss se conhecem há menos tempo e ficaram ainda mais amigos.

— Isso é diferente! — protestou Pelorat, embaraçado.

— É claro — prosseguiu Trevize. — Entretanto, o que podemos concluir de nossa amizade recente mas profunda?

— Que se ainda somos amigos, temos que discutir a questão de Bliss, que, como você mesmo disse, tornou-se uma pessoa extremamente importante para mim.

— Entendo. O que há para discutir?

— Sei que você não gosta de Bliss, mas, quando mais não seja em atenção a mim, gostaria que...

Trevize interrompeu-o:

— Um momento, Janov. Não morro de amores por Bliss, mas também não tenho raiva da moça. Na verdade, considero-a bastante atraente, e, mesmo que não fosse assim, tenderia a encará-la com simpatia por causa de você. É de *Gaia* que eu não gosto.

— Mas Bliss *é* Gaia.

— Eu sei, Janov. Isso complica as coisas. Enquanto penso em Bliss como pessoa, não há nenhum problema. Quando penso nela como Gaia, tudo muda de figura.

— Está sendo injusto com Gaia, Golan. Preste atenção, amigo, vou lhe confessar uma coisa. Quando eu e Bliss temos relações, ela às vezes me deixa penetrar na sua mente por um minuto e pouco. Não pode ser por mais tempo porque ela acha que estou velho demais para me adaptar. Não, não ria, Golan, você também está velho demais para isso. Se um Isolado como eu ou você ficasse por mais que alguns momentos em contato com Gaia, nosso cérebro seria afetado. Se o tempo excedesse cinco minutos, os danos seriam irreversíveis. Ah, se você pudesse experimentar, Golan...

— O quê? Danos irreversíveis no meu cérebro? Não, obrigado!

— Golan, você está se fazendo de desentendido! Estou querendo dizer aquele breve instante de união com Gaia. Não sabe o que está perdendo. É indescritível! Bliss diz que é uma sensação agradável... é como dizer que beber o primeiro gole d'água quando se está morrendo de sede é uma sensação agradável! Não dá para explicar. Você sente todos os prazeres que um bilhão de pessoas experimentam separadamente. Não é um prazer contínuo; se fosse, em pouco tempo você ficaria entorpecido. Não, ele vibra... oscila... tem um estranho ritmo pulsante que toma conta de você. É um prazer maior... não, maior não... é um prazer *melhor* do que jamais você conseguirá sentir isoladamente. Quando ela

interrompe o contato, sinto vontade de chorar...

Trevize sacudiu a cabeça.

— Você hoje está muito eloquente, meu caro amigo, mas parece que está descrevendo os efeitos da pseudo-endorfina ou outra dessas drogas que proporcionam alguns momentos de prazer, mas a longo prazo podem levar à loucura e à morte. Não senhor! Não estou disposto a trocar a minha individualidade por um prazer passageiro.

— Não perdi a minha individualidade, Golan.

— Mas por quanto tempo vai conservá-la, Janov? Você vai suplicar por mais e mais da droga até que, finalmente, seu cérebro será destruído. Janov, não permita que Bliss faça isso com você! Talvez seja melhor eu falar com ela...

— Não! Não quero! Golan, você não prima pelo tato e eu detestaria ver Bliss magoada. Posso assegurar-lhe que ela se preocupa comigo e seria incapaz de permitir que eu sofresse algum tipo de dano, físico ou mental, em consequência do nosso relacionamento. Acredite em mim!

— Pois então vou falar com você. Janov, você precisa parar. Há 52 anos que desfruta dos prazeres simples de um ser humano normal.

Não se deixe fascinar por um vício novo e excitante. Terá que pagar o preço, se não agora, em um futuro não muito distante.

— Você não entende, Golan — disse Pelorat em voz baixa, olhando para o bico do sapato. — Vamos encarar as coisas desta forma: se você fosse um ser unicelular...

— Sei aonde quer chegar, Janov. Esqueça. Bliss e eu já discutimos essa analogia.

— Sim, mas raciocine comigo. Imagine uma raça de organismos unicelulares dotados de consciência; suponha que eles se vejam diante da possibilidade de se unirem para formar um organismo multicelular. Não acha que esses seres unicelulares relutariam em abrir mão da individualidade, hesitariam em sacrificar a vontade própria em prol da personalidade de um organismo que englobaria a todos? Como estariam errados! Será que uma célula isolada poderia sequer compreender a maravilha que é um cérebro humano?

Trevize sacudiu a cabeça com veemência.

— Não, Janov, é uma falsa analogia. Os seres unicelulares *não têm* consciência e são incapazes de pensar... ou, se o fazem, é de forma tão rudimentar que não precisamos levar esse fato em consideração. Se esses objetos se combinam e

perdem a individualidade, estão na verdade perdendo uma coisa que nunca possuíram. Por outro lado, um ser humano *tem* consciência, um ser humano *é capaz* de pensar. Por isso, ele tem muito a perder renunciando à individualidade e a sua analogia não funciona.

Os dois ficaram calados por um momento. O silêncio era quase opressivo. Afinal, Pelorat perguntou, tentando mudar o rumo da conversa:

— Por que está olhando tanto para o visor?

— Força do hábito — explicou Trevize, com um sorriso. — O computador me assegura que nenhuma nave de Gaia nos seguiu e que não há nenhuma esquadra de Sayshell chegando para receber-nõs. Mesmo assim, não tiro os olhos da tela e sinto-me tranquilo ao constatar que está vazia, mesmo sabendo que os sensores do computador são centenas de vezes mais aguçados e mais penetrantes que meus olhos. Além do mais, o computador é capaz de detectar certas mudanças sutis nas propriedades do espaço, mudanças que meus sentidos são totalmente incapazes de detectar. Ainda assim, não consigo desgrudar os olhos da tela.

— Golan, se ainda somos amigos.....

— Prometo a você que não farei nada que possa magoar Bliss. Pelo menos, nada que eu possa evitar,

— Estou falando de outra coisa. Você manteve nosso destino em segredo, como se não confiasse mais em mim. Para onde vamos? Você acha que já sabe onde fica a Terra?

Trevize olhou para o outro com uma expressão de surpresa.

— Desculpe. Acho que fui injusto com você, escondendo-lhe minhas intenções.

— Sim, mas por quê?

— Boa pergunta. Imagino, meu caro amigo, se não seria por causa de Bliss.

— Bliss? Está querendo dizer que não confia em Bliss? É absurdo!

— Não é isso. De que adiantaria desconfiar de Bliss? Acho que ela seria capaz de arrancar qualquer informação de dentro da minha cabeça, se quisesse. Não, meus motivos são mais infantis. Tenho a sensação de que você só tem olhos para Bliss, de que nem se lembra mais de que eu existo.

— Isso não é verdade, Golan.

— Eu sei, mas estou tentando analisar meus próprios sentimentos. Há pouco você manifestou dúvidas a respeito da nossa amizade. Pensando bem, acho que tenho sentido os mesmos temores. Até agora não havia admitido para mim

mesmo, mas sinto ciúmes de Bliss. Talvez tenha procurado "vingar-me" ocultando coisas de você. Que infantilidade, não?

— Golan!

— Eu disse que era infantilidade, não disse? Quem não é infantil uma vez ou outra? O que importa é que nós *somos* amigos. Vamos dar o assunto por encerrado e falar de coisas mais agradáveis. Nosso destino é Comporellon.

— Comporellon?

— Você deve se lembrar do meu amigo, o traidor Munn Li Compor. Nós três nos encontramos em Sayshell.

De repente, uma luz apareceu nos olhos de Pelorat.

— Ah, agora me lembro! Comporellon era o planeta onde nasceram os ancestrais desse seu amigo.

— Onde ele *disse* que nasceram. Tenho razões de sobra para não confiar em Compor. Entretanto, Comporellon é um planeta conhecido e, segundo Compor, seus habitantes sabem muita coisa a respeito da Terra. Pois então vamos até lá investigar. Pode não dar em nada, mas é a única pista que temos.

Pelorat não parecia convencido.

— Meu amigo, tem certeza de que é uma boa idéia?

— Não tenho certeza de nada. Estou apenas seguindo um palpite, na falta de coisa melhor.

— Sim, mas se está disposto a acreditar nas informações de Compor, talvez seja melhor levar em conta *tudo* o que ele disse. Lembro-me de que ele afirmou, com toda a segurança, que a Terra era um planeta morto, que sua superfície estava radioativa... Nesse caso, nossa viagem a Comporellon será perda de tempo.

8.

Os TRÊS estavam almoçando na sala de jantar, que havia ficado literalmente lotada.

— Está uma delícia! — exclamou Pelorat, satisfeito. — É parte dos suprimentos originais que trouxemos de Terminus?

— Não é não — respondeu Trevize. — Os suprimentos originais já acabaram há muito tempo. Esta comida foi comprada em Sayshell, antes de viajarmos para Gaia. Exótica, não é? Parece peixe, mas é cro-cante. E essa verdura? Quando comprei, pensei que fosse repolho, mas tem um gosto totalmente diferente.

Bliss permanecia calada, remexendo a comida no prato.

— Querida, você precisa comer — disse Pelorat, carinhosamente.

— Eu sei, Pel, e estou comendo.

Trevize interveio, com um toque de impaciência que não conseguiu disfarçar:

— Também temos comida de Gaia, Bliss.

— Eu sei, mas prefiro não consumi-la agora. Não sabemos quanto tempo vamos ficar no espaço e mais cedo ou mais tarde terei que me acostumar com a comida dos Isolados.

— Isso é tão ruim? Será que Gaia só deve comer Gaia? Bliss suspirou.

— Na verdade, temos um ditado que diz: "Quando Gaia come Gaia, ninguém sai ganhando nem perdendo". Tudo não passa de uma mudança de forma. Tudo o que como quando estou em Gaia também *é* Gaia e *continua* a ser Gaia depois de ser metabolizado e tornar-se parte de mim. Ao comer, proporciono ao alimento a oportunidade de atingir um nível mais elevado de consciência, embora, naturalmente, parte desse alimento seja transformada em refugo e portanto seja relegada a níveis inferiores de consciência.

A jovem colocou um pedaço de comida na boca, mastigou vigorosamente, engoliu e disse:

— Em Gaia, tudo circula. As plantas crescem e são comidas por animais. Os animais comem e são comidos. Os organismos que morrem servem de alimento para os fungos e bactérias... sem em nenhum momento deixarem de ser Gaia. Nessa vasta circulação de consciência, da qual todos os seres, até mesmo os inorgânicos, necessariamente participam, todos têm ocasião de atingir, periodicamente, níveis elevados de consciência.

— O mesmo se poderia dizer de qualquer planeta — protestou Trevize. — Cada átomo de meu corpo tem uma longa história, durante a qual pode ter sido parte de muitos seres vivos, incluindo seres humanos, e durante a qual também pode ter passado longos períodos como parte do mar, ou em um pedaço de carvão, ou em uma pedra, ou como parte da atmosfera...

— Em Gaia, porém — disse Bliss —-, todos os átomos fazem parte de uma consciência planetária. Esta é a grande diferença entre o meu planeta e o de

vocês.

— O que acontece, então, com essas verduras de Sayshell que você está comendo? — quis saber Trevize. — Será que também se tornam parte de Gaia?

— Sim, mas muito devagar. E os refugos que elimino deixam aos poucos de fazer parte de Gaia. Afinal, tudo o que sai do meu corpo perde contato com Gaia, pois apenas os seres com alto nível de consciência, como eu, podem se manter unidos a Gaia através do hiperespaço. É esse contato hiperespacial que faz com que os alimentos de outros planetas se tornem parte de Gaia quando são assimilados pelo meu organismo.

— E a comida de Gaia em nossa despensa? Deixará também aos poucos de ser Gaia? Nesse caso, é melhor comê-la já.

— Não se preocupe com isso. A comida que trouxemos de Gaia foi tratada de modo a continuar a ser Gaia por um longo tempo.

— Que acontecerá se *nós* comermos a comida de Gaia? — perguntou Pelorat. — Ou por outra: o que aconteceu quando comemos a comida de vocês quando estávamos em Gaia? Será que estamos nos transformando lentamente em Gaia?

Bliss sacudiu a cabeça e seu rosto assumiu uma expressão triste.

— Não, o que vocês comeram foi perdido para nós. Pelo menos, a parte que foi metabolizada e incorporada ao organismo de vocês. Os rejeitos continuaram a ser Gaia ou aos poucos voltaram a ser Gaia, mas, em consequência da sua visita, Gaia perdeu muitos átomos.

— Por que isso? — quis saber Trevize.

— Porque vocês não resistiriam à conversão, mesmo que parcial. Eram nossos hóspedes, trazidos ao nosso planeta praticamente contra a vontade, de modo que nos sentíamos na obrigação de protegê-los, mesmo à custa de perdermos alguns fragmentos de Gaia. Foi uma decisão consciente, embora penosa.

— Sentimos muito — disse Trevize. — Tem certeza de que a comida de outros planetas, ou pelo menos algum tipo de comida de outros planetas, não pode fazer mal a *você!*

— Tenho — afimou Bliss. — O que é comestível para vocês é comestível para mim. A única diferença é que além de metabolizar o alimento, tenho também que transformá-lo em Gaia. Isso representa uma barreira psicológica que me tira o gosto pela comida e me faz comer devagar, mas acho que acabarei por me acostumar.

— E as infecções? — perguntou Pelorat, assustado. — Bliss, não sei como não

pensei nisso antes! Em qualquer planeta em que pousarmos haverá microorganismos contra os quais você não terá nenhuma defesa! Qualquer infecção banal poderá matá-la! Trevize, temos que voltar.

— Não se preocupe, Pel querido — disse Bliss, sorrindo. — Os microorganismos também se transformam em Gaia quando são ingeridos junto com o alimento ou entram no meu corpo de outra forma qualquer. Se se trata de organismos patogênicos, a conversão é acelerada, e depois que passam a ser Gaia, tornam-se inofensivos.

A refeição chegou ao fim e Pelorat bebeu o último gole do seu coquetel de frutas.

— Meus amigos — disse, lambendo os lábios —, acho que está na hora de mudarmos de assunto. Parece que minha única missão a bordo é mudar o assunto das conversas. Por quê?

— Porque eu e Bliss temos a mania de discutir interminavelmente — respondeu Trevize, muito sério. — Cabe a você, Janov, proteger a nossa sanidade. Qual o assunto que deseja propor?

— Dei uma olhada nos livros e descobri que todo o setor de Comporellon é rico em lendas antigas. Ao que parece, a região foi colonizada há muito tempo, durante o primeiro milênio das viagens hiperespaciais. As lendas falam de um fundador chamado Benbally, embora não revelem sua origem. Dizem que o nome original de Comporellon era Mundo de Benbally.

— Que há de verdade nisso, na sua opinião?

— Deve haver um fundo de verdade, mas. não sei até que ponto podemos acreditar nas lendas.

— Nunca ouvi falar de um personagem histórico chamado Benbally. E você?

— Eu também não, mas você sabe que quando o Império entrou em declínio a história pré-imperial passou a ser censurada. Nos últimos e turbulentos séculos do Império, os imperadores fizeram tudo para sufocar o patriotismo local, que consideravam, e com razão, uma influência desintegradora. Assim, em quase todos os setores da Galáxia, os dados históricos de que dispomos começam nos dias em que a influência de Trantor começou a fazer-se sentir e o setor em questão aliou-se ao Império ou foi anexado a ele.

— Não acho que seja tão fácil apagar a história — disse Trevize.

— E não é, mas um governo poderoso e decidido pode enfraquecê-la consideravelmente. Nesse caso, as tradições verbais deixam de ser apoiadas por

documentos confiáveis e passam à categoria de simples lendas. Inevitavelmente, essas lendas estão cheias de exageros e retratam o setor como muito mais antigo e importante do que realmente foi. Além disso, por mais tola que seja uma lenda, por mais impossíveis que sejam os fatos relatados, a população local faz questão de acreditar nela por uma questão de patriotismo. Posso lhe mostrar lendas de todos os cantos da Galáxia segundo as quais os primeiros colonizadores eram oriundos da própria Terra, embora nem sempre o planeta original receba esse nome.

— Quais os outros nomes que aparecem nas lendas?

— São nomes os mais diversos. Alguns chamam o planeta de Único, outros de Velho. Outros ainda se referem ao Mundo Enluarado, o que, de acordo com algumas fontes, se deve ao fato de que a Terra possuía um grande satélite.

— Pare, Janov! — exclamou Trevize, com um sorriso. — Se for citar todas as suas fontes, você não acabará nunca. Então essas lendas estão em toda parte?

— Oh, sim, meu caro amigo. Em toda parte! Basta examinar algumas delas para perceber que o Homem tem o costume de começar com uma semente de verdade e cobri-la com camada sobre camada de mentiras agradáveis... como as pérolas que as ostras de Rhampora formam em torno de um grão de areia. Encontrei esta metáfora no livro do famoso historiador...

— Pare de novo, Janov! Diga-me, existe alguma diferença entre as lendas de Comporellon e as outras lendas?

— Oh! — Pelorat levou algum tempo para compreender a pergunta. — Diferença? Bem, eles afirmam que a Terra fica relativamente perto, o que não é comum. Na maioria das lendas que falam da Terra, ou de um planeta semelhante, não é mencionada nenhuma localização específica... é como se estivesse muito distante ou em uma terra de sonho.

— Sim, como havia gente em Sayshell que acreditava que Gaia estivesse localizado no hiperespaço.

Bliss riu.

Trevize voltou-se para ela.

— É verdade! Foi o que nos disseram!

— Não estou duvidando de você. Mesmo assim, não deixa de ser engraçado. Na verdade, este mito é muito conveniente para nós. No momento, só queremos que nos deixem em paz. Se as pessoas acreditam que estamos no hiperespaço, não têm motivo para sair à nossa procura.

— O mesmo se aplica à Terra — disse Trevize, secamente. — As pessoas não têm motivo para sair em busca da Terra se acham que ela não existe, fica muito longe ou está totalmente radioativa.

— Acontece — objetou Pelorat — que os comporelianos afirmam que a Terra não fica longe do seu planeta.

— Sim, mas pensam que ficou radioativa. De uma forma ou de outra, as lendas sempre mostram a Terra como um planeta inatingível.

— Acho que tem razão. Trevize prosseguiu:

— Muitos habitantes de Sayshell acreditavam que Gaia não estava muito distante; alguns chegaram a identificar corretamente a estrela; no entanto, nenhum tinha esperança de visitar Gaia. Os comporelianos podem insistir em que a Terra está radioativa e deserta, mas pode haver alguém capaz de nos indicar o seu sol. Nesse caso, tentaremos desembarcar na Terra, da mesma forma como desembarcamos em Gaia.

— Gaia estava disposto a recebê-los, Trevize — disse Bliss. — Vocês estavam totalmente indefesos, mas não corriam nenhum perigo, porque nossas intenções eram pacíficas. E se a Terra também for poderosa, mas não tão bem intencionada? O que pretende fazer?

— Seja como for, tentarei o desembarque e aceitarei as consequências. Entretanto, esta é uma decisão *pessoal*. Depois que eu localizar a Terra, vocês poderão continuar comigo ou não. Posso deixá-los no planeta mais próximo da Fundação, ou levá-los de volta para Gaia, e viajar para a Terra sozinho.

— Nem fale nisso, meu amigo! — exclamou Pelorat, indignado. — Jamais pensaria em abandoná-lo!

— Nem eu abandonaria Pel — afirmou Bliss, passando a mão no rosto de Pelorat.

— Está bem. Está quase na hora do Salto para Comporellon. De lá, se tudo correr bem, poderemos ir direto para a Terra.

PARTE DOIS: COMPORELLON

CAPÍTULO 3: NA ESTAÇÃO ESPACIAL

9.

BLISS entrou no quarto e perguntou:

— Trevize lhe contou que vamos dar o Salto no hiperespaço a qualquer momento?

Pelorat, que estava lendo, levantou a cabeça e disse:

— Há poucos momentos ele chegou aí na porta e anunciou: "Falta menos de meia hora!"

— A idéia não me agrada, Pel. Não gosto do Salto. Acho a sensação muito desagradável.

Pelorat pareceu levemente surpreso.

— Nunca havia pensado em você como astronauta, Bliss querida.

— Não tenho muita prática, e não estou falando apenas como Bliss. A experiência de Gaia em relação a viagens espaciais é bastante limitada. Por minha/nossa própria natureza, eu/nós/Gaia não mantemos relações comerciais ou diplomáticas com outros planetas. Mesmo assim, precisamos de alguém para guarnecer as estações espaciais...

— Como aquela em que tivemos a felicidade de nos conhecer.

— Isso mesmo, Pel — disse Bliss, em tom afetuoso. — Ou para visitar Sayshell e outros setores do espaço, por várias razões... e geralmente incógnitos. Incógnitos ou não, o fato é que temos que executar o Salto, e, naturalmente, quando uma parte de Gaia executa o Salto, Gaia inteiro sente.

— Sinto muito — disse Pel.

— Podia ser pior. Como a maior parte de Gaia *não está* executando o Salto, o efeito é bastante diluído. Entretanto, tenho a impressão de que sinto mais o Salto do que o resto de Gaia. Como vivo dizendo para Trevize, embora tudo o que existe em Gaia seja Gaia, as diferentes partes não são idênticas. Temos nossas diferenças e meu organismo, por alguma razão, é particularmente sensível ao Salto.

— Espere! — exclamou Pelorat, lembrando-se subitamente. — Trevize me explicou uma vez. A sensação é muito pior nas naves comuns. Nessas naves, o campo gravitacional da Galáxia desaparece quando a nave entra no hiperespaço e torna a aparecer quando ela volta ao espaço normal. É a variação súbita do campo gravitacional que produz uma sensação desagradável. Por outro lado, o *Estrela Distante* é uma nave gravítica. Está isolado do campo gravitacional. Assim, você não vai sentir nada, nem no início nem no final do Salto. Posso assegurar-lhe, Bliss, por experiência própria.

— É uma ótima notícia, Pel. Gostaria de ter discutido o assunto há mais tempo. Dessa forma, teria poupado a mim mesma muitas horas de preocupação.

— Existem outras vantagens — disse Pelorat, sentindo-se muito orgulhoso em seu novo papel de astronauta experiente. — As naves comuns têm que se afastar das massas grandes, como as estrelas, antes de poderem executar um Salto. Em parte, isto se deve ao fato de que quanto mais próxima estiver uma estrela, mais intenso será o campo gravitacional e mais pronunciadas as sensações do Salto. Além disso, quanto mais intenso o campo gravitacional, mais complicadas as equações que devem ser resolvidas para executar o Salto com precisão.

"Nas naves gravíticas, por outro lado, praticamente não existe a sensação do Salto. A nave dispõe de um computador muito mais avançado que o das naves comuns, que é capaz de determinar os parâmetros do Salto com extrema rapidez, por mais complexas que sejam as equações envolvidas. O resultado é que, ao invés de ter que viajar durante várias semanas no espaço comum para chegar a uma distância segura para o Salto, o *Estrela Distante* precisa viajar apenas dois ou três dias. Além disso, como a nave não está sujeita ao campo gravitacional, não sofre os efeitos da inércia... Confesso que esta parte eu não entendo, mas foi o que Trevize me contou... e portanto pode acelerar muito mais depressa que uma nave comum.

— Tudo isso é muito bom, Pel — disse Bliss. — Trev deve ser muito inteligente, para saber pilotar uma nave tão sofisticada.

Pelorat fez uma careta.

— Por favor, Bliss. Diga "Trevize".

— Eu digo, eu digo. Quando ele não está, às vezes eu me distraio.

— Procure prestar mais atenção. Sabe que ele detesta ser chamado pela primeira sílaba do nome.

— Não é só isso o que ele detesta. Pel, Trevize não gosta de mim nem um pouquinho.

— Está enganada — disse Pelorat, ansioso. — Já conversei com ele a respeito. Não, não faça essa cara. Usei de toda a minha diplomacia, Bliss. Ele me garantiu que não tem nada contra você. O que acontece é que Golan não confia em Gaia e tem medo de se arrepender da decisão que tomou, escolhendo Gaia como o futuro da humanidade. Temos que dar tempo ao tempo. Aos poucos, ele aprenderá a conhecer as virtudes de Gaia.

— Espero que sim, mas não é só isso. Diga ele o que disser, Pel... e não se esqueça de que é seu amigo e fará tudo para não magoá-lo..., a verdade é que Trevize me detesta.

— Não, Bliss, não acredito.

— Só porque você me ama, não quer dizer que todos tenham que gostar de mim. Deixe-me explicar. Trev, isto é, Trevize acha que eu sou um robô.

O rosto habitualmente impassível de Pelorat assumiu uma expressão de profundo espanto. Ele exclamou:

— É inconcebível que Golan confunda você com um ser humano artificial!

— Por quê? Gaia foi colonizado com a ajuda de robôs. É um fato histórico.

— Os robôs talvez tenham ajudado, mas foram *pessoas* que colonizaram Gaia; gente da Terra. É essa a opinião de Golan. Já discutimos várias vezes o assunto.

— Como eu já disse a vocês dois, não há nada na memória de Gaia a respeito da Terra. Por outro lado, existe uma recordação vaga dos robôs, mesmo após três mil anos, trabalhando para completar a transformação de Gaia em um mundo habitável. Naquela época, também estávamos começando a formar a consciência planetária de Gaia. Isso levou muito tempo, Pel, e talvez seja a razão pela qual muita coisa desapareceu da nossa memória. Não é preciso que nossa história tenha sido deliberadamente mutilada, como Trevize parece pensar...

— Sim, Bliss — disse Pelorat, com impaciência —, e os robôs?

— Quando terminamos a construção de Gaia, os robôs foram embora. Não

queríamos que os robôs fossem absorvidos por Gaia, pois estávamos convencidos, e ainda estamos, de que a presença de robôs é prejudicial às sociedades humanas, quer seus membros sejam Isolados, quer façam parte de um único organismo, como em Gaia. Não sei co-mo chegamos a essa conclusão, mas é possível que ela tenha se baseado em acontecimentos tão antigos que escapam à memória de Gaia.

— Se você mesma está dizendo que os robôs foram embora...

— E se alguns ficaram? E se eu for um deles... nesse caso, poderia ter quinze mil anos de idade! É disso que Trevize suspeita.

Pelorat sacudiu a cabeça devagar.

— Trevize está errado.

— Como pode ter certeza?

— Bliss, você *não é* um robô!

— Como é que você sabe?

— Eu *sei!* Você não tem nada de artificial!

— Imagine que eu seja uma máquina tão bem-feita, sob todos os | aspectos, que seja impossível distinguir-me de um ser humano. Nesse caso, você não poderia enganar-se?

— Não acho que seja possível construir uma máquina tão perfeita.

— E se *fosse* possível, apesar de tudo?

— Não consigo acreditar.

— Vamos então considerar apenas uma situação hipotética. Se eu fosse um robô, como você se sentiria?

— Ora, eu... eu...

— Para ir direto ao ponto: como você se sentiria se soubesse que estava fazendo amor com um robô?

Pelorat estalou os dedos.

— Você sabe, existem muitas lendas a respeito de mulheres que se apaixonam por homens artificiais e vice-versa. Sempre achei que se tratava de mero simbolismo; nunca imaginei que pudessem ser tomadas ao pé da letra. Naturalmente, Golan e eu nunca tínhamos ouvido a palavra "robô" até pousarmos em Sayshell, mas agora, pensando no assunto, ocorreu-me que esses homens e mulheres artificiais devem ter sido robôs. Aparentemente, esses robôs

realmente existiram no passado remoto. As lendas terão que ser reavaliadas...

Pelorat parou de falar e ficou com uma expressão pensativa. Bliss esperou um instante e depois bateu palmas com força. Pelorat deu um pulo.

— Pel, querido! Você está sendo evasivo. O que perguntei foi: como se sentiria se soubesse que estava fazendo amor com um robô?

Pelorat olhou para ela, pouco à vontade.

— Um robô realmente perfeito? Um robô que fosse impossível de distinguir de um ser humano?

- Isso mesmo. Na minha opinião, um robô que não pode ser distinguido de um ser humano *é* um ser humano. Se você fosse um robô assim, não deixaria de considerá-la como humana.

- É o que eu queria que você dissesse, Pel. Pelorat esperou um pouco e depois disse:

- Já que você ouviu o que queria, Bliss, não vai me assegurar que é um ser humano comum e que não precisamos mais lidar com atuações hipotéticas?

- Não. Não vou fazer isso. Você definiu o ser humano como um ser que tem todas as propriedades de um ser humano. Se reconhece que eu tenho todas essas propriedades, não temos mais o que discutir. Temos uma definição prática, e isso é o que importa. Afinal de con-tas, como vou saber que *você* não é um robô tão perfeito que não pode ser distinguido de um ser humano?

— Eu posso lhe dizer que não sou.

— Ah, mas se você fosse um robô fabricado para imitar um ser humano, poderia ser programado para me dizer que era humano, programado até mesmo para *acreditar* que era humano. Não, Pel, a única definição possível é a definição prática!

Bliss colocou os braços em volta do pescoço de Pelorat e beijou-o na boca. O beijo foi ficando mais apaixonado e prolongou-se até que Pelorat conseguiu dizer, com voz abafada:

— Prometemos a Trevize que não iríamos transformar esta nave em um hotel de lua-de-mel.

— Pel querido, não é hora de pensar em promessas!

— Sinto muito, amor. Sei que isso deve irritar você, mas nunca me deixo levar pela emoção. É um hábito arraigado e que deve incomodar bastante as outras pessoas. Nunca vivi com uma mulher que não se queixasse, vez por outra, dessa

minha maneira de ser. Minha primeira esposa... não, não seria de bom gosto falar no assunto...

— Talvez não seja, mas não me incomodo. Eu também já vivi com outros homens.

— Oh! — exclamou Pelorat, chocado. Depois, vendo o sorriso nos lábios de Bliss, emendou: — Quero dizer, claro que já viveu. Nunca tive pretensões de ser o primeiro... seja como for, minha primeira mulher não gostava...

— Pois eu gosto. Acho o seu jeito de ser muito atraente.

— Você diz isso só para me agradar, mas acaba de me ocorrer outra coisa. Robô ou humana, isso não importa. Estamos de acordo. Entretanto, eu sou um Isolado. Não sou parte de Gaia. Quando fazemos amor, você está experimentando emoções fora de Gaia, que não podem ser tão intensas quanto as que você experimentaria se fosse Gaia amando Gaia.

— Seu amor me dá prazer, Pel. É tudo o que me importa.

— Mas não é só você que decide. Você é parte de um todo. E se Gaia considerar seu amor por mim uma perversão?

— Se fosse esse o caso, eu saberia, porque sou Gaia. Se sinto prazer quando estou com você, Gaia também sente. Quando fazemos amor, Gaia inteiro participa do nosso ato, em maior ou menor grau. Quando eu digo que amo você, isso quer dizer que Gaia inteiro ama você. Você parece confuso...

— Para um Isolado, Bliss, é difícil entender essas coisas.

— Talvez uma analogia o ajude a compreender. Quando você assobia uma música, o seu corpo inteiro, *você* como um organismo único, sente vontade de assobiar, mas a tarefa específica de assobiar é executada pelos lábios, língua e pulmões. O dedão do seu pé direito não faz nada.

— Pode bater no chão, acompanhando o ritmo.

— Isso não está ligado diretamente ao ato de assobiar. Bater com o pé no chão não é a ação em si, mas uma resposta à ação. Da mesma forma, as outras partes de Gaia podem reagir às minhas emoções e eu posso reagir às emoções de outras partes de Gaia.

— Acho que seria bobagem eu me sentir envergonhado.

— Bobagem completa.

— Mas não posso evitar um estranho senso de responsabilidade. Quanto tento

fazer você feliz, na verdade estou tentando fazer felizes todos os seres de Gaia.

— Até o último átomo, Pel querido. E com muito sucesso. Você contribui para aquela sensação geral de prazer que eu deixei você sentir por alguns instantes. Suponho que sua contribuição seja pequena demais para ser medida com facilidade, mas o simples fato de saber que ela está lá deveria aumentar o seu prazer.

— Gostaria de ter certeza de que Golan está suficientemente ocupado com as manobras no hiperespaço para permanecer por um bom tempo na sala do piloto.

— Quer ir para a cama comigo?

— Quero, sim.

— Então pegue uma folha de papel, escreva "Favor não perturbar", pendure do lado de fora da porta, e se ele quiser entrar, problema dele.

Pelorat seguiu o conselho, e foi durante os momentos agradáveis que se seguiram que o *Estrela Distante* executou o Salto. Nenhum dos dois teve noção do momento exato em que o Salto ocorreu; isso seria difícil, mesmo que estivessem prestando atenção.

10.

FAZIA apenas alguns meses que Pelorat havia conhecido Trevize e deixado Terminus pela primeira vez. Até então, por mais de meio século, ele havia permanecido na superfície do seu planeta natal.

Em poucos meses, pensou Pelorat, havia se transformado em um veterano do espaço. Já tinha visto três planetas do espaço: Terminus, Sayshell e Gaia. Agora, na tela do computador, estava vendo um quarto: Comporellon.

Pela quarta vez, estava um pouco desapontado. Sempre havia tido a impressão de que observar do espaço um planeta habitável significaria observar continentes cercados por oceanos; ou, no caso de mundos mais secos, lagos cercados por massas de terra.

Puro engano.

Se um mundo era habitável, além de uma hidrosfera tinha que ter uma atmosfera. Ora, havendo ar e água, tinha que haver nuvens; havendo nuvens, a superfície não podia ser totalmente visível. Assim, mais uma vez, Pelorat via

diante de si um círculo esbranquiçado com ocasionais manchas azuis e castanhas.

Pensou consigo mesmo se seria possível reconhecer um planeta se uma vista de uma distância de, digamos, trezentos mil quilômetros, fosse projetada em uma tela. Como distinguir uma nuvem de outra?

Bliss olhou para Pelorat com ar preocupado.

— Que foi, Pel? Você parece triste.

— Descobri que, vistos do espaço, todos os planetas são iguais. Trevize interveio:

— E daí, Janov? Poderia dizer o mesmo de qualquer litoral de Terminus, quando visto no horizonte, a menos que você saiba o que está procurando: um certo pico de montanha ou uma ilhota com uma forma característica.

— Não é a mesma coisa — protestou Janov, aborrecido: — O que há para procurar em uma massa de nuvens?

— Observe com atenção, Janov. Se acompanhar a forma das nuvens, verá que tendem a formar desenhos simétricos em torno de um centro, localizado perto de um dos pólos.

- Qual deles? — perguntou Bliss, interessada. — Como, em relação a nós, o planeta está girando no sentido dos ponteiros do relógio, estamos olhando, por definição, para o pólo sul, Como o centro das nuvens parece estar a uns quinze graus do terminal, ou círculo de iluminação do planeta, e o eixo do planeta tem uma inclinação de 21 graus em relação à perpendicular ao plano de revolução, estamos no meio da primavera ou no meio do verão, dependendo de se o pólo está se afastando ou se aproximando do terminador. O computador poderia calcular a órbita em questão de segundos. A capital fica no hemisfério Norte, de modo que lá deve ser outono ou inverno.

Pelorat fez uma careta.

— Você é capaz de concluir tudo isso só de olhar para as nuvens?

— Não apenas isso — prosseguiu Trevize —, mas se você observar a região polar, não verá nenhuma abertura nas nuvens, como em outras partes do planeta. Na verdade, as aberturas estão lá, mas debaixo delas há gelo. É uma questão de falta de contraste.

— Ah! Já devia imaginar que os pólos estivessem cobertos de gelo — observou Pelorat.

— Nos planetas habitáveis, pelo menos, isso é a regra — explicou Trevize. —

Nos planetas estéreis pode não haver água, ou podemos encontrar certos sinais indicando que as nuvens não são nuvens de água, ou que o gelo não é gelo de água. No planeta que estamos observando, esses sinais estão ausentes; o que vemos são nuvens comuns e gelo comum.

"Outra coisa que se pode notar é o tamanho da região sem aberturas aparentes nas nuvens, que é maior que a média para planetas do mesmo porte. Além disso, a luz refletida pelas nuvens é levemente alaranjada, o que significa que o sol de Comporellon é bem mais frio que o sol de Terminus. Embora Comporellon fique mais perto do sol que Terminus, isso não é suficiente para compensar a menor temperatura do seu sol. Em consequência, Comporellon é um planeta bastante frio para um mundo habitável.

— Você lê um planeta como quem lê um livro! — exclamou Pelorat, com admiração.

— Não se deixe impressionar — disse Trevize, com um sorriso. — O computador me forneceu todos os dados relevantes a respeito de Comporellon, incluindo o fato de que a temperatura na superfície é relativamente baixa. É fácil deduzir o que já se sabe. Na verdade, o planeta está à beira de uma era glacial e estaria passando por uma, se a configuração dos continentes fosse mais favorável para essa situação.

Bliss fez um muxoxo.

— Não gosto de planetas frios.

- Trouxemos agasalhos suficientes — disse Trevize.

— Não faz diferença. Os seres humanos não nasceram para viver em climas frios. Não temos grossas camadas de pêlos ou penas, nem uma camada subcutânea de gordura. Se um mundo é frio, isso revela certa falta de consideração para com suas partes humanas.

— O clima de Gaia é ameno? — perguntou Trevize.

— Em sua maior parte, sim. Existem algumas regiões frias para plantas e animais adaptados ao frio, e algumas regiões quentes para plantas e animais adaptados ao calor, mas quase todo o planeta possui um clima nem muito frio nem muito quente, o que constitui o ambiente mais agradável para muitas espécies, inclusive o homem, naturalmente.

— O homem, naturalmente. Todas as partes de Gaia são iguais, mas algumas, como os seres humanos, são mais iguais que outras...

— Não seja sarcástico — disse Bliss, com um traço de irritação na voz. — O

nível e intensidade da consciência são importantes. Um ser humano é uma parte mais útil de Gaia que uma pedra com o mesmo peso, e as propriedades e funções de Gaia como um todo são necessariamente programadas de modo a atender às necessidades dos seres humanos... não tanto, porém, quanto nos mundos dos Isolados. Além disso, existem ocasiões em que as atenções de Gaia se voltam para outros seres. Assim, por exemplo, de tempos em tempos Gaia precisa se preocupar com o seu interior. Não podemos nos dar ao luxo de permitir uma erupção vulcânica desnecessária, não é mesmo?

— Não — concordou Trevize. — Uma erupção desnecessária seria uma lástima.

— Você não aprova os nossos métodos, não é mesmo?

— Escute — disse Trevize. — Temos mundos que são mais frios que a média e mundos que são mais quentes; mundos cobertos de florestas e mundos que não passam de vastas savanas. Não existem dois mundos iguais, e cada um deles é capaz de sustentar milhares de espécies vivas. Estou acostumado ao clima relativamente ameno de Terminus... na verdade, já interferimos muito com o clima do planeta, quase tanto como em Gaia... mas gosto, pelo menos de vez em quando, de experimentar algo diferente. O que nós temos, Bliss, que Gaia não tem, é variedade. Se Gaia ocupar a Galáxia, será que todos os mundos da Galáxia terão o mesmo clima? A monotonia seria insuportável.

— Se a variedade for desejável, a variedade será mantida — declarou Bliss, muito séria.

— Como cortesia do comitê central? — retrucou Trevize. — Apenas o indispensável para que ninguém morra de tédio? Prefiro deixar por conta da natureza!

— Mas vocês *não deixaram* por conta da natureza! Todos os planetas habitáveis da Galáxia foram modificados. Cada um deles foi descoberto em um estado natural que não era o mais confortável para os seres humanos e cada um deles foi alterado para se tornar o mais próximo possível do planeta ideal. Se este mundo aqui é frio, estou certa de que é porque os habitantes não conseguiram aquecê-lo mais sem incorrerem em despesas excessivas. Mesmo assim, as regiões habitadas certamente dispõem de aquecimento. Assim, pense um pouco antes de falar a respeito das virtudes da natureza!

— Suponho que esteja falando em nome de Gaia — disse Trevize.

— Sempre falo em nome de Gaia. Eu *sou* Gaia.

— Se Gaia está tão certo da sua superioridade, porque pediu que *eu* decidisse? Por que não resolveu tudo sem mim?

Bliss fez uma pausa, como que para colocar os pensamentos em ordem. Depois, explicou:

— Porque não é prudente confiar demais em nós mesmos. É mais fácil enxergar nossas virtudes que nossos defeitos. Estamos ansiosos para fazer o que é certo; não o que nos *parece* certo, mas o que *é* certo, objetivamente, se é que existe uma certeza objetiva. Você parece ser o mais próximo da certeza objetiva que conseguimos encontrar; por isso, deixamo-nos guiar por você.

— Tão objetivamente certo — disse Trevize tristemente — que não consigo compreender minha própria decisão e saio à procura de uma justificativa para ela.

— Você vai encontrá-la — disse Bliss.

— Espero que sim.

— Na verdade, meu amigo — interveio Pelorat —, parece-me que a discussão foi vencida brilhantemente por Bliss. Por que não reconhece o fato de que os argumentos dela justificam sua decisão de entregar a Gaia o futuro da humanidade?

— Porque eu não conhecia esses argumentos quando tomei a decisão! — exclamou Trevize asperamente. — Não sabia quase nada a respeito de Gaia. Alguma coisa mais me influenciou, pelo menos inconscientemente, alguma coisa que não depende dos detalhes a respeito de Gaia, mas deve ser algo mais fundamental. É isso que preciso descobrir.

— Não fique zangado, Golan — disse Pelorat.

— Não estou zangado, estou apenas tenso. Não é fácil ser o responsável pelo destino da Galáxia.

— Compreendo o que sente, Trevize — disse Bliss —, e sinto que tenhamos sido obrigados a colocá-lo nesta situação. Quando é que vamos pousar em Comporellon?

— Daqui a três dias — disse Trevize — e só depois que pararmos em uma das estações espaciais que orbitam o planeta.

— É apenas uma formalidade, não é? — perguntou Pelorat.

— Nem tanto. Vamos ter que pedir permissão para pousar em Comporellon. A permissão pode ser concedida ou negada...

— Como pode ser *negada* ? — exclamou Pelorat, com indignação. — Com que direito recusariam um visto de entrada a cidadãos da Fundação? Comporellon

não faz parte da Fundação?

— Sim e não. A situação é um pouco confusa e não sei exatamente qual a interpretação atual dos governantes do planeta. É possível que nos neguem permissão para pousar, mas não é provável.

— Sim, mas se isso acontecer, o que faremos?

— Ainda não sei — disse Trevize. — Vamos esperar e ver o que acontece antes de pensarmos em planos alternativos.

11.

JÁ ESTAVAM tão perto de Comporellon que o planeta podia ser visto como um disco, mesmo sem a ajuda do telescópio. Era preciso o telescópio, porém, para enxergar as estações espaciais. Ficavam mais distantes do planeta do que quase todos os outros objetos em órbita e eram muito bem iluminadas.

Como o *Estrela Distante* estava viajando na direção do pólo Sul do planeta, metade do globo estava iluminado. As estações espaciais do lado da sombra eram visíveis como pontos luminosos. Formavam um arco em torno do planeta. Havia seis estações (certamente haveria mais seis na parte iluminada), igualmente espaçadas e girando em torno do planeta com a mesma velocidade.

Pelorat parecia impressionado com o espetáculo. Perguntou a Trevize:

— Existem outras luzes mais próximas do planeta. Sabe o que são?

— Não conheço muita coisa a respeito de Comporellon, de modo que é difícil de dizer. Algumas podem ser fábricas orbitais, outras laboratórios, observatórios ou mesmo cidades. Alguns planetas preferem manter todos os objetos em órbita, com exceção das estações espaciais, sem iluminação externa. É o que acontece em Terminus, por exemplo. Pode ver que Comporellon é mais liberal, pelo menos sob esse aspecto.

— Em que estação vamos parar, Golan?

— Depende deles. Mandei uma mensagem pedindo permissão para pousar em Comporellon e estou aguardando instruções. Tudo depende do número de naves que estão na fila. Se houver várias naves esperando em cada estação, teremos que ser muito pacientes!

— Até hoje, eu só havia viajado duas vezes pelo hiperespaço — observou Bliss. — Das duas vezes, não fui mais longe que Sayshell. É a primeira vez que me afasto *tanto* de Gaia!

Trevize olhou para ela.

— O que quer dizer com isso? Você não *é* Gaia?

O rosto de Bliss revelou uma leve irritação, mas logo a moça deu um risinho quase envergonhado.

— Tenho que admitir que desta vez você me pegou, Trevize. A palavra "Gaia" tem dois significados diferentes. Pode ser usada para designar um certo planeta, um ser inanimado de forma quase esférica que gira no espaço. Pode também se referir a um ser vivo do qual esse planeta é parte. Na verdade, deveríamos usar palavras diferentes para essas duas entidades, mas nós, gaianos, sempre sabemos a qual dos dois "Gaias" estamos nos referindo. Por outro lado, para vocês, Isolados, essa ambiguidade pode ser motivo de confusão.

— Pois então — disse Trevize —, admitindo que você está a milhares de anos-luz do planeta Gaia, você ainda é parte do organismo Gaia?

— Sim, ainda sou parte do organismo Gaia.

— Sem nenhuma atenuação devido à distância?

— Sem nenhuma atenuação. Já lhe disse que minha ligação com o planeta através do hiperespaço constitui uma complicação adicional, mas continuo a ser Gaia.

— Já lhe ocorreu que Gaia possa vir a tornar-se uma espécie de *kraken, o* monstro marinho das lendas escandinavas, com tentáculos estendendo-se por toda a Galáxia? Basta colocarem uns poucos gaianos em cada um dos mundos habitados e terão a Galáxia nas mãos. Ei, aposto que é exatamente isso que estão fazendo! Claro, deve haver alguns gaianos em Terminus... e outros em Trantor! Onde mais?

Bliss parecia pouco à vontade.

— Já disse que não vou mentir para você, Trevize, mas também não sou obrigada a revelar toda a verdade. Existem algumas coisas que você não precisa saber, entre elas a localização e identidade de todas as partes de Gaia.

— Não tenho o direito de saber o motivo para a existência desses tentáculos, Bliss, mesmo que não saiba onde estão?

— Não, Gaia acha que não.

—Entretanto, nada me impede de especular. Em minha opinião, vocês trabalham como guardiães da Galáxia.

— Estamos ansiosos para termos uma Galáxia estável e segura; uma Galáxia próspera e pacífica. O Plano de Seldon, pelo menos na forma como foi proposto originalmente por Hari Seldon, tinha por objetivo final o surgimento do Segundo Império Galáctico, um império mais justo e estável que o primeiro. O Plano, que tem sido constantemente modificado e aperfeiçoado pela Segunda Fundação, parece estar funcionando bem até agora.

— Acontece que Gaia não deseja um Segundo Império Galáctico, não é mesmo? Vocês querem uma Galáxia viva!

— Não foi essa a sua decisão? Se tivesse optado pela Primeira ou pela Segunda Fundação, estaríamos trabalhando pela formação do Segundo Império Galáctico!

— Que mal haveria em...

O alarma do computador começou a tocar.

— Agora tenho que ir — disse Trevize. — O computador está me chamando. Deve estar recebendo instruções de Comporellon. Mais tarde continuamos a conversa.

Entrou na sala de comando, colocou as mãos no tampo da escrivaninha e descobriu que o computador já havia recebido as coordenadas da estação espacial onde deveriam atracar.

Trevize confirmou o recebimento da mensagem e sentou-se para pensar.

O Plano de Seldon! Há muito tempo que não pensava nele. O Primeiro Império Galáctico havia entrado em decadência e durante quinhentos anos a Fundação tinha crescido, primeiro em competição com o próprio Império, depois sobre as suas ruínas... tudo de acordo com o Plano.

Tinha havido a interrupção da Mula, que, por algum tempo, ameaçara reduzir o plano a farelo, mas a Fundação conseguira derrotá-lo, provavelmente com o auxílio da misteriosa Segunda Fundação e possivelmente com a ajuda do ainda mais misterioso Gaia.

Agora, o plano estava ameaçado por algo ainda mais sério que a Mula. Em vez de um novo Império, estava para surgir uma entidade nunca vista... uma Galáxia Viva. *Ele próprio havia concordado com essa guinada.* Por quê? Haveria alguma falha no Plano? Algum erro básico?

Por um momento, pareceu a Trevize que existia mesmo uma falha, que ele sabia qual era, que havia levado esse fato em conta ao tomar sua decisão; entretanto, a

impressão desapareceu como havia surgido, deixando-o mais confuso que nunca.

Talvez não passasse de ilusão. Afinal, não conhecia nada a respeito do Plano, a não ser as premissas básicas, que se baseavam na ciência da psico-história. Ignorava tanto os pormenores quanto as equações matemáticas que Seldon havia empregado.

Fechou os olhos e tentou pensar...

Não surgiu nenhuma idéia nova.

Quem sabe com o auxílio do computador? Colocou as mãos sobre a mesa e sentiu as mãos do computador apertando as suas. Fechou os olhos e pensou de novo... . Nada.

12.

O COMPORELIANO que subiu a bordo tinha nas mãos uma carteira holográfica que exibia com notável fidelidade a face gorducha, coberta por uma barba rala, e o identificava como A. Kendray.

Era um homem baixinho, de corpo tão roliço quanto o rosto. Tinha um jeito amável e descontraído, e olhou em torno com visível admiração.

— Como conseguiram chegar tão depressa? Só os esperávamos daqui a duas horas!

— Esta nave é um modelo novo — explicou Trevize, em tom polido mas impessoal.

Kendray não devia ser tão inocente quanto aparentava. Entrou na sala de comando e foi logo perguntando:

— Gravítica?

Trevize viu que não adiantava negar o óbvio. Respondeu simplesmente:

— Isso mesmo.

— Muito interessante. Já tinha ouvido falar, mas é a primeira vez que vejo pessoalmente. Motores no casco?

— Motores no casco.

Os olhos de Kendray se voltaram para o computador.

— Os circuitos do computador também?

— Também. Pelo menos, foi o que me disseram.

— Está bem. Vou precisar da documentação da nave: número do motor, local de fabricação, código de registro, etc, etc. Deve estar tudo no computador. Aposto que ele pode me fornecer todos os dados em meio segundo.

Na verdade, o computador levou pouco mais que isso. Kendray olhou em torno.

— Vocês três são as únicas pessoas a bordo?

— Isso mesmo — respondeu Trevize.

— Animais vivos? Plantas? Alguém doente?

— Não, não e não — respondeu Trevize, secamente.

— Hum! — fez Kendray, tomando notas. — Poderia colocar sua mão aqui? Simples rotina. A mão direita, por favor.

Trevize olhou para o aparelho sem nenhuma simpatia. Seu uso estava ficando cada vez mais difundido, e ao mesmo tempo o instrumento estava ficando cada vez mais sofisticado. Era quase possível avaliar o grau de desenvolvimento de um planeta pelo modelo de microdetector utilizado nas estações espaciais. No momento, havia poucos planetas, mesmo entre os mais atrasados, que não estivessem usando algum tipo de microdetector. Tudo havia começado nos últimos anos do Império, quando os diferentes mundos, ao se libertarem do governo central, começaram a se preocupar com as doenças e microorganismos oriundos de outros planetas.

— O que é isso? — perguntou Bliss, em voz baixa, esticando o pescoço para examinar o aparelho, primeiro de um lado, depois do outro.

— Acho que é chamado de microdetector — respondeu Pelorat.

—Não tem nada de especial — acrescentou Trevize. — É apenas um instrumento que verifica automaticamente se você está abrigando em seu corpo algum microorganismo capaz de transmitir doenças.

— Ele também classifica os microorganismos que encontra — disse Kendray, com orgulho. — Foi fabricado aqui mesmo em Comporellon... Se não se importa, ainda preciso da sua mão direita.

Trevize introduziu a mão direita no aparelho e uma série de pequenas marcas vermelhas se deslocou no mostrador. Kendray apertou um botão e obteve uma cópia colorida das indicações do instrumento.

— Assine aqui, por favor — disse para Trevize. Trevize assinou.

— Como está minha saúde? — perguntou. — Acha que vou escapar?

— Não sou médico — respondeu Kendray —, de modo que não posso entrar em pormenores. O que sei é que o aparelho não mostrou nenhuma das marcas que fariam com que seu visto de entrada fosse recusado ou você fosse colocado de quarentena. Isso é tudo o que me interessa.

— Sorte a minha — disse Trevize, secamente, sacudindo a mão para livrar-se da leve comichão que a máquina havia deixado.

— Agora o senhor — disse Kendray para Pelorat.

Pelorat introduziu a mão com ar desconfiado e depois assinou o papel.

— E a senhora?

Momentos depois, Kendray estava olhando do aparelho para Bliss e de Bliss para o aparelho.

— Nunca vi nada parecido! Nenhum germe!

— Que bom! — exclamou Bliss, com um sorriso insinuante.

— Uma saúde invejável... — Kendray olhou para o primeiro registro e disse: — Sua identificação, Sr. Trevize.

Trevize mostrou a carteira de identidade. Kendray examinou-a e pareceu surpreso.

— Conselheiro de Terminus?

— Isso mesmo.

— Alto funcionário da Fundação?

— Exatamente. Escute, estamos com um pouco de pressa...

— É o comandante da nave?

— Sou.

— Finalidade da visita?

— Estou aqui em missão confidencial e isso é tudo o que posso lhe revelar. Compreende?

— Sim senhor. Quanto tempo pretende ficar em Comporellon?

— Não sei. Mais ou menos uma semana.

— Muito bem. E o outro cavalheiro?

— Ele é o dr. Janov Pelorat. Respondo por ele. É um famoso cientista em Terminus e veio para cá na qualidade de meu assistente.

—Entendo, senhor, mas preciso ver a carteira de identidade dele. Regulamentos são regulamentos. Espero que compreenda, senhor.

Pelorat mostrou a carteira. Kendray voltou-se para Bliss.

— E a senhora? Trevize interveio:

— Não precisa incomodá-la. Respondo por ela, também.

— Sim senhor. Basta que me mostre a carteira de identidade.

— Sinto muito, mas não tenho nenhum documento — disse Bliss.

— O que foi que a senhora disse?

— Minha amiga esqueceu os documentos em casa — disse Trevize. — Essas coisas acontecem, o senhor sabe. Mas não tem importância. Assumo total responsabilidade.

—Infelizmente, não posso permitir isso — afirmou Kendray. — A responsabilidade é minha. Não se preocupe; não deve ser difícil conseguir cópias dos documentos da jovem. Ela é de Terminus, não é?

— Não, ela não é de Terminus.

— De algum outro planeta da Fundação?

— Também não.

Kendray olhou desconfiado para Bliss e depois para Trevize.

— Nesse caso, a coisa fica mais complicada, senhor conselheiro. Pode levar mais tempo do que eu imaginava. Senhorita Bliss, vou precisar do nome do seu planeta natal e do planeta do qual é cidadã. Só vai poder desembarcar em Comporellon depois que as cópias dos documentos chegarem.

— Um momento, sr. Kendray — disse Trevize. — Não vejo nenhuma razão para a demora. Sou um alto funcionário da Fundação I estou aqui em uma missão de extrema importância. Não posso ser retido por uma questão burocrática insignificante.

— Não tenho escolha, conselheiro. Se dependesse de mim, já estariam lá embaixo, mas existe um regulamento e sou obrigado a cumpri-lo. Naturalmente, algum membro do governo de Comporellon deve es-lar à sua espera. Diga-me quem é e entrarei em contato com ele. Se ele autorizar, a moça será liberada imediatamente.

Trevize hesitou por um momento.

— Isso não seria político, Sr. Kendray. Posso falar com o seu superior imediato?

— Claro que sim, mas no momento ele está muito ocupado.

— Tenho certeza de que me receberá assim que souber que trabalho para a Fundação...

— Aqui entre nós, conselheiro, isso só servirá para piorar as coisas. Como o senhor deve saber, não fazemos parte diretamente da Fundação; Comporellon é um dos Planetas Associados. Os dirigentes fazem questão de mostrar que não somos títeres da Fundação, mas um mundo livre e independente. Meu superior será elogiado se ele *negar* um favor a um representante da Fundação.

Trevize fez uma careta.

— E você?

Kendray sacudiu a cabeça.

— Não tenho ambições políticas. Para mim, um elogio não significa nada. Por outro lado, detestaria perder o emprego por causa de uma bobagem.

— Sabe que, na minha posição, posso fazer muita coisa por você.

- Desculpe o atrevimento, senhor, mas acho que não pode. Não sei como dizer isso, senhor... mas é melhor que não me ofereça nada de valor. As autoridades não vêem com bons olhos os funcionários que aceitam ofertas desse tipo...

— Não estava pensando em suborná-lo. Estava pensando em interceder por você, porque quando o prefeito de Terminus souber que prejudicou minha missão com sua teimosia...

— Conselheiro, estarei perfeitamente seguro enquanto cumprir o regulamento à risca. Se os membros do *presidium* de Comporellon ficarem em má situação com o seu prefeito, problema deles. Por outro lado, o senhor e seu amigo estão liberados. Se deixarem a srta. Bliss na estação espacial, nós nos encarregaremos de mandá-la para a superfície assim que os papéis chegarem. Se, por alguma razão, for impossível conseguir os documentos, nós a enviaremos para o planeta de origem em uma nave comercial. Nesse caso, porém, algum dos senhores terá que pagar a passagem.

Trevize observou como Pelorat havia reagido às palavras do funcionário e disse:

— Sr. Kendray, podemos conversar em particular na sala de comando?

— Está bem, mas não posso ficar muito mais tempo a bordo.

— Não vai demorar — disse Trevize.

Na sala de comando, Trevize fechou a porta de forma teatral e disse, em voz baixa:

— Já estive em muitos planetas, sr. Kendray, mas nunca vi nenhum lugar que aplicasse as leis de imigração de maneira mais obstinada, especialmente em se tratando de membros da Fundação em missão *oficial*...

— Mas a mocinha não é da Fundação!

— Mesmo assim.

— Conselheiro, essas coisas passam por fases. Tivemos alguns escândalos e no momento as coisas estão apertadas. Se voltar no ano que vem, talvez não haja nenhum problema, mas no momento não posso fazer nada.

— Tente, sr. Kendray — disse Trevize, em tom melífluo. — Vou apelar para os seus sentimentos, de homem para homem. Pelorat e eu estamos nesta missão há muito tempo. Eu e ele. Só nós dois. Somos bons amigos, mas falta alguma coisa, se é que me entende. Pois Pelorat conheceu aquela moça. Não preciso explicar o que aconteceu, mas resolvemos trazê-la conosco. Ela se tornou importante para nossa sanidade mental.

"O problema é que Pelorat tem uma esposa em Terminus. Eu sou livre, você entende, mas Pelorat, não. E ele chegou a uma idade em que os homens ficam... como direi?... em que os homens ficam obcecados por mulheres mais jovens. Não quer largar Bliss de jeito nenhum. Ao mesmo tempo, se a presença de Bliss for conhecida oficialmente, o velho Pelorat vai comer o pão que o diabo amassou quando voltar a Terminus.

"Ninguém será prejudicado, entende? Bliss não tem nada a ver com a nossa missão. Qual a necessidade de mencioná-la? Não pode registrar apenas o meu nome e o do dr. Pelorat? Éramos os únicos a bordo quando nossa nave partiu de Terminus. Para que mencionar a moça? Afinal de contas, ela está absolutamente livre de doenças. Você pôde constatar isso pessoalmente!

Kendray franziu a testa.

— Conselheiro, compreendo sua situação e, acredite, gostaria de ajudá-lo. Se pensa que é divertido ficar de serviço nesta estação meses a fio, está muito enganado. E aqui em cima só trabalham homens... — Sacudiu a cabeça. — Além disso, sou casado, de modo que entendo a enrascada em que o seu amigo se meteu... mas escute, mesmo que eu deixe vocês passarem, assim que descobrirem que a... que a amiguinha de vocês não tem documentos, ela vai para a cadeia, eu perco o emprego e o senhor e seu amigo vão ter muito o que explicar para as autoridades de Comporellon *e* de Terminus!

— Sr. Kendray, tem que confiar em mim. Assim que pousarmos em Comporellon, tudo estará bem. As pessoas que estão à minha espera são muito

influentes. Se for necessário, o que acho muito pouco provável, assumirei total responsabilidade pelo que aconteceu aqui. Além do mais, recomendarei a sua promoção...

Kendray hesitou por um momento e depois disse:

— Está bem. Vou deixar a moça passar, mas fique sabendo de uma coisa: a partir deste momento, estarei planejando uma forma de livrar a cara se alguma coisa der errado. E não moverei um dedo para ajudar vocês. Acontece que eu sei como as coisas funcionam em Comporellon, vocês não sabem e este não é um lugar fácil para as pessoas que saem da linha.

— Muito obrigado, sr. Kendray — disse Trevize. — Não haverá nenhum problema. Pode ficar tranquilo.

CAPÍTULO 4: EM COMPORELLON

13.

COMEÇARAM a descida. A estação espacial havia ficado para trás, reduzida a um ponto luminoso. Em poucas horas, estariam atravessando a camada de nuvens.

Uma nave gravítica não precisava descer em espiral para frear, mas também não podia mergulhar depressa demais em direção à superfície. O fato de poder neutralizar a força gravitacional não a tornava imune à resistência do ar. A nave podia descer em linha reta, mas se não tomasse cuidado com a velocidade, arderia em chamas.

— Para onde estamos indo? — perguntou Pelorat, parecendo confuso. — Daqui de cima, tudo parece igual, meu amigo.

— Para mim também — disse Trevize. — Acontece que dispomos de um mapa holográfico oficial de Comporellon, com todos os continentes e oceanos... e também com as divisões políticas. O mapa está na memória do computador, que se encarregará de todo o trabalho. Depois de determinar a nossa posição no mapa, nos guiará direta-mente para a capital.

— Não acha arriscado irmos para a capital? Se o ambiente aqui é hostil à Federação, como aquele sujeito insinuou, na capital será ainda pior...

— Por outro lado, a capital deve ser o centro intelectual do planeta e portanto o melhor lugar para conseguirmos a informação que buscamos. Mesmo que eles não gostem da Fundação, duvido que telham coragem de expressar este sentimento abertamente. Bliss saiu do lavatório ajeitando a roupa e disse:

— Estava pensando... nesta nave todos os excrementos são reciclados?

— Não temos escolha — disse Trevize. — Quanto tempo você acha que duraria nosso suprimento de água se não reciclássemos a urina? Como acha que conseguimos nutrientes para as plantas que cultivamos a bordo? Espero que isso não estrague o seu apetite, minha eficiente Bliss.

— Por que estragaria? De onde você supõe que vem a água e a comida em Gaia, neste planeta em que estamos ou em Terminus?

— Em Gaia, os excrementos estão vivos, não estão?

—Vivos, não. Conscientes. Naturalmente, seu nível de consciência é extremamente baixo quando comparado com o nosso.

Trevize fez uma careta de desagrado, mas não insistiu no assunto. Disse:

— Vou para a sala de comando fazer companhia ao computador. Não que ele precise de mim...

— Podemos ir juntos? — perguntou Pelorat. — Ainda não me acostumei à idéia de que ele é capaz de cuidar da nave sem a nossa ajuda; de reconhecer outras naves, de evitar tempestades, de... de?

— Pois é bom ir se acostumando — disse Trevize, com um largo sorriso. — Estamos muito mais seguros com o computador nos controles do que se eu assumisse o comando... mas claro, claro, venham. Vão achar interessante.

Estavam sobrevoando o lado iluminado do planeta porque, explicou Trevize, naquele lado o computador podia identificar mais facilmente os acidentes geográficos, comparando-os com os do mapa que estava armazenado na sua memória.

— Isso é evidente — disse Pelorat.

— Nem tanto. O computador também "enxerga" no infravermelho, e portanto poderia também reconhecer os acidentes da face escura. Ocorre, porém, que as ondas infravermelhas têm comprimento maior que as de luz visível e por isso não permitem uma resolução tão boa. Em outras palavras, o computador "vê" um pouco melhor no lado claro. E sempre que posso, gosto de tornar as coisas fáceis para ele...

— E se a capital estiver no lado escuro?

— Depois que o computador descobrir nossa localização no lado iluminado, poderá levar-nos direto para a capital, mesmo que ela este ja do outro lado do planeta. Além disso, muito antes de chegarn ao nosso destino, estaremos recebendo transmissões de microondas q| nos guiarão para o espaçoporto mais

conveniente. Assim, não há razão para nos preocuparmos.

—Tem certeza? — perguntou Bliss. — Estou chegando sem ne-nhuma identificação e impedida, por razões óbvias, de revelar mini origem. Que vou fazer, se pedirem meus documentos?

— Isso não vai acontecer — disse Trevize. — Todos vão pensar que seus documentos já foram examinados na estação espacial.

— Mas e se pedirem?

— Nesse caso, enfrentaremos o problema quando ele surgir. Não vamos nos preocupar com hipóteses remotas.

— Se deixarmos para resolver o problema quando ele surgir, po-dera ser tarde demais.

— Estou contando com a minha presença de espírito.

— Por falar em presença de espírito, como fez para convencer aquele homem da estação espacial?

Trevize olhou para Bliss e deixou os lábios se expandirem devagar em um sorriso que o deixou parecido com um moleque levado.

— Usei a cabeça, ora! Pelorat insistiu:

— Conte para nós, vamos!

— Custei para achar uma forma de sensibilizar o cara. Tentei intimidá-lo e nada. Suborno, nem pensar. Apelei para a lógica, para lealdade à Fundação. Nada estava dando certo, de modo que use um recurso extremo. Disse para ele você estava traindo sua esposa Pelorat.

— Minha *esposa!* Meu amigo, no momento eu nem estou casado.

— Eu sei disso, mas *ele*, não. Bliss interrompeu:

— "Esposa" deve ser o nome que vocês dão à companheira legal habitual de um homem.

— É um pouco mais que isso, Bliss — disse Trevize. — Esposa é a companheira *legal*, aquela que tem direitos jurídicos reconhecidos.

— Bliss, eu *não tenho* uma esposa — disse Pelorat, nervoso. — Já tive no passado, mas faz muito tempo... se você quisesse passar pe-las formalidades...

— Pel, Pel — disse Bliss, com um gesto de desdém —, por que eu faria uma coisa dessas? Tenho muitos companheiros que estão mais próximos de mim do que o seu braço direito do braço esquerdo. Só os Isolados se sentem alienados a

ponto de terem que usar convenções artificiais como um pálido substituto para o verdadeiro companheirismo!

— Mas eu *sou* um Isolado, Bliss querida.

— Com o tempo, você será menos Isolado, Pel. Nunca chegará a fazer parte de Gaia, provavelmente, mas pelo menos terá muitos companheiros.

— Só quero você, Bliss.

—Isso é porque ainda não sabe de nada. Você vai ver! Durante toda a conversa, Trevize estava tentando se concentrar na tela, com uma expressão de tolerância no rosto. Tinham chegado à camada de nuvens e por um momento a tela ficou toda branca.

Hora de mudar para os detectores de microondas, pensou, ao mesmo tempo em que o computador começava a mostrar na tela os ecos de radar. As nuvens desapareceram e a superfície de Comporellon apareceu em cores falsas, os limites entre terrenos de diferente composição, um pouco difusos e trêmulos.

— É assim que vai ficar daqui para a frente? — perguntou Bliss, surpresa.

— Só até atravessarmos as nuvens. Depois, tudo volta à ser como antes.

Enquanto Trevize falava, a nave saiu das nuvens e a visibilidade voltou ao normal.

— Entendo — disse Bliss. — O que não entendo é que diferença pode fazer para o funcionário da estação espacial o fato de Pel estar (ruindo a esposa.

— O que eu disse para aquele tal de Kendray foi que se não deixasse você passar, a notícia a respeito da sua presença a bordo poderia chegar a Terminus e consequentemente à esposa de Pelorat. Isso, por sua vez, colocaria Pelorat em sérias dificuldades. Não expliquei que tipo de dificuldades, mas procurei dar a impressão de que seria algo bem desagradável. Existe uma espécie de solidariedade masculina — prosseguiu Trevize, com um sorriso — que faz com que um homem jamais revele as aventuras sexuais de outro homem. Talvez o raciocínio por trás disso seja de que quem ajuda hoje pode precisar de ajuda amanhã. Suponho que exista uma solidariedade semelhante entre as mulheres — prosseguiu, em tom um pouco mais sério —, embora, não sendo mulher, nunca tenha tido a oportunidade de observá-la de perto.

Bliss parecia horrorizada.

— Está brincando comigo? — perguntou.

— Não, estou falando sério — disse Trevize. — Não digo que o tal do Kendray tenha deixado você passar só para evitar que a esposa de Janov ficasse zangada

com ele. Não, a solidariedade masculina deve ter sido apenas o pequeno reforço que faltava aos meus outros argumentos.

— Mas isso é incrível! São os regulamentos que mantêm a sociedade coesa e funcionando. Acha correto desrespeitar os regulamentos por razões fúteis?

— Ora, os próprios regulamentos às vezes são ridículos! — exclamou Trevize, tomando a defensiva. — Poucos mundos dão muita importância à passagem de estrangeiros por seu território, especialmente em períodos de paz e prosperidade, como o que estamos atravessando agora, graças à Fundação. Comporellon, por algum motivo, não segue a regra... provavelmente por causa de uma questão obscura de política interna. Por que devemos ser nós os prejudicados?

— Isso não vem ao caso. Se obedecermos apenas às leis que consideramos justas e razoáveis, nenhuma lei sobreviverá muito tempo, porque não existe nenhuma lei que *alguém* não considere injusta e pouco razoável. Assim, o que começa como uma pequena esperteza acaba sempre em anarquia e desastre, até mesmo para o esperto, já que ele também não consegue sobreviver ao colapso da sociedade.

— As sociedades não são tão frágeis assim. Você está falando como Gaia, e Gaia não pode compreender o que é uma associação de indivíduos livres. Muitas leis que eram justas e razoáveis quando foram criadas deixam de acompanhar a evolução da sociedade e continuam em vigor apenas por causa de inércia. Nesse caso, não é apenas desculpável, é eticamente correto desrespeitar essas leis como forma de anunciar o fato de que se tornaram inúteis, ou pior ainda, nocivas à sociedade.

— Nesse caso, até o ladrão e o assassino poderiam argumentar que estão sendo úteis à humanidade!

— Você está exagerando. No superorganismo de Gaia, existe um consenso automático quanto às regras a serem seguidas, de modo que não ocorre a ninguém a idéia de violá-las. É como se Gaia estivesse fossilizado. É claro que existe um elemento de desordem na associação livre, mas é o preço que temos que pagar pela capacidade de introduzir novidades e mudanças. No conjunto, não acho que seja um preço muito alto.

O tom de voz de Bliss ficou ligeiramente mais agudo.

— Você está muito enganado se pensa que Gaia estagnou. Nossos planos, nossos costumes, nossas leis estão sendo constantemente reexaminados. Não persistem por pura inércia. Gaia aprende através da experiência e da lógica e muda sempre que considera isso necessário.

— Ainda que seja verdade, o aprendizado deve ser lento e as mu-ilnças raras, porque em Gaia não existe nada além de Gaia. Aqui, como em todos os planetas livres, mesmo quando quase todos concordam, existem sempre uns poucos que discordam. Em alguns casos, esses poucos podem estar certos, e se eles forem muito espertos, muito persis-lentes e estiverem *muito* certos, conseguirão vencer a maioria e serão considerados como heróis pelas gerações futuras... como Hari Seldon, que aperfeiçoou a psico-história, desafiou com suas idéias o gigantesco Império Galáctico... e ganhou!

— Não sei como pode dizer que ele ganhou, Trevize. O Segundo Império planejado por Seldon jamais se tornará uma realidade. Em seu lugar, surgirá a Galáxia Viva.

— Tem certeza? — perguntou Trevize, de cara feia.

— A decisão foi *sua,* e por mais que discuta comigo a favor dos Isolados e da liberdade de que dispõem para cometer crimes e fazer tolices, existe alguma coisa nos recônditos da sua mente que o obrigou I concordar comigo/conosco/com Gaia quando tomou a sua decisão.

— O que está presente nos recônditos de minha mente — disse Trevize, num tom ainda mais desanimado — é exatamente o que estou procurando. A começar por aqui — acrescentou, apontando para a tela, onde uma grande cidade se esparramava até o horizonte, um aglomerado de construções baixas com um ou outro edifício mais alto, cercado por campos de cor castanha cobertos por uma fina camada de gelo.

Pelorat sacudiu a cabeça.

— Que pena! Pretendia apreciar a descida, mas fiquei distraído ouvindo a discussão de vocês...

— Não tem importância, Janov — disse Trevize. — A vista será a mesma quando partirmos. Se você fizer Bliss ficar quieta, prometo que não direi uma palavra.

Pouco depois, o *Estrela Distante* se aproximava do espaçoporto da cidade, guiado por uma transmissão de microondas.

14.

KENDRAY estava de cara amarrada quando voltou à estação espacial e observou o *Estrela Distante* desaparecer ao longe. Seu humor não melhorou até o final do expediente.

Estava se preparando para começar a última refeição do dia quando um dos colegas, um sujeito grandalhão, de olhos vivos, cabelos claros e lisos e sobrancelhas tão louras que eram quase invisíveis, sentou-se na cadeira ao lado.

— Que foi que houve, Ken? — perguntou o outro. Kendray fez uma careta e respondeu:

— Aquela última nave era gravítica, Gatis.

— Aquela nave esquisita, com radioatividade zero?

— Era por isso que não tinha radioatividade. Não precisa de combustível. É gravítica.

Gatis assentiu.

— Aquela que nos pediram para ficar de olho, certo?

— Certo.

— E foi cair nas suas mãos. Sortudo!

— Nem tanto. Havia uma mulher a bordo. Sem documentos. E; eu a deixei passar.

— O *quê?* Escute, não me diga mais *nada.* Não quero saber. Nem mais uma palavra. Você pode ser meu amigo, mas não vai me fazer de cúmplice!

— Não estou preocupado com isso. Não muito. Afinal, eu tinha que mandar a nave lá para baixo. Eles querem aquela nave... eles querem qualquer nave gravítica que aparecer. Você sabe disso.

— Claro, mas pelo menos podia ter detido a mulher.

— Não me deu vontade. Ela não é casada. Eles a trouxeram apenas para... para usá-la.

— Quantos homens a bordo?

— Dois.

— E eles a apanharam só para... para isso? Devem ser de Terminus.

— Isso mesmo.

— Esse pessoal de Terminus é fogo!

— Nem me diga.

— O pior é que sempre se dão bem!

— Um deles era casado e não queria que a mulher soubesse. Se eu prendesse a moça aqui, a mulher dele ia ficar sabendo.

— Ela não está em Terminus?

— Mesmo assim.

— Bem feito para o cara se a mulher dele descobrisse.

— Pode ser... mas *eu* não quis ser o responsável.

— Vai pegar muito mal para você quando descobrirem. Querer livrar a cara de um desconhecido não é desculpa.

— *Você* teria detido a moça? — Acho que sim.

— Não, acho que não. O governo quer aquela nave. Se eu não deixasse a moça passar, os homens poderiam mudar de idéia e ir para outro planeta.

— Será que vão acreditar em você?

— Acho que sim. Sabe, a mulher é de fechar o comércio. Imagine uma mulher daquelas disposta a viajar com dois homens. São uns felizardos!

— Acho que a sua patroa não ia gostar de saber que você pensa assim.

— Quem vai contar para ela? Você? — perguntou Kendray, em tom desafiador.

—Calma, calma! Você sabe que não! — O ar de indignação de Gatis desapareceu rapidamente e ele disse: — O que você fez não vai adiantar nada para aqueles sujeitos...

— Eu sei.

— O pessoal lá de baixo logo vai descobrir a respeito da moça e mesmo que não pegue nada para *você,* com *eles* vai ser diferente!

— Eu sei, e tenho pena deles. Mesmo a presença da mulher não vai ser nada em comparação com os problemas que a nave vaii trazer para eles. O capitão fez alguns comentários...

Kendray interrompeu o que estava dizendo e Gatis perguntou, curioso:

— Que comentários?

— Deixe para lá. É assunto confidencial.

— Não vou repetir para ninguém.

— Nem eu. Mas estou com pena desses dois sujeitos de Terminus!

15.

QUEM JÁ experimentou a monotonia do espaço sabe que o único momento emocionante nas viagens espaciais é a hora de pousar em um planeta desconhecido. A superfície se desloca velozmente para trás enquanto você observa manchas de água e de terra, figuras e linhas geométricas que podem representar campos e estradas. De repente, você reconhece o verde das plantas, o cinzento do concreto, o castanho do solo nu, o branco da neve. O mais interessante, porém, são as regiões habitadas; cidades que em cada planeta têm uma geometria característica, uma arquitetura própria.

Em uma nave comum, haveria ainda a sensação de pousar e taxiar na pista. Com o *Estrela Distante* era diferente. Ele começou a frear, o computador mantendo um equilíbrio delicado entre a força da gravidade e a resistência da atmosfera, até ficar parado acima do espaço-porto. O vento, que soprava em rajadas, havia introduzido uma complicação adicional. Quando o sistema gravítico do *Estrela Distante* era ajustado para neutralizar parcialmente a força da gravidade, a nave não só perdia peso mas também perdia massa, tornando-se portanto muito mais vulnerável ao vento. Assim, tinha sido necessário aumentar a gravidade e usar jatos auxiliares não só para frear a nave como também para compensar a cada instante a força do vento. Sem um computador extremamente rápido, esse tipo de manobra seria impraticável.

A nave foi descendo lentamente, com pequenos movimentos laterais inevitáveis para lá e para cá, até imobilizar-se no centro do quadrado que marcava a posição que o pessoal de terra lhe havia destinado no espaçoporto.

Quando o *Estrela Distante* pousou, o céu azul-claro estava coalhado de nuvens brancas. Mesmo na superfície, o vento continuava forte e, embora não constituísse mais um perigo, provocou um arrepio em Trevize. Ele percebeu imediatamente que as roupas de que dispunham eram totalmente inadequadas para o clima de Comporellon.

Pelorat, por outro lado, olhou em torno com admiração e respirou profundamente, saboreando o ar gelado nos pulmões. Chegou a desabotoar o casaco para expor o peito ao vento. Sabia que em pouco tempo tornaria a abotoar o casaco, mas no momento queria *sentir* a existência de uma atmosfera, o que era impossível a bordo do *Estrela Distante.*

Bliss apertou o casaco contra o corpo e, com as mãos enluvadas, puxou o gorro para cobrir as orelhas. Seu rosto tinha uma expressão aflita; parecia a ponto de chorar. Murmurou:

— Este mundo é mau. Ele nos odeia!

— Não diga isso, Bliss querida — protestou Pelorat. — Tenho certeza de que os nativos gostam deste mundo e de que o mundo... o mundo gosta deles, como você diria. Assim que entrarmos em algum lugar aquecido você vai se sentir melhor.

Abriu uma aba do casaco e ofereceu-a a Bliss, que se aninhou contra o seu peito.

Trevize fez o possível para ignorar o frio. Recebeu um cartão magnetizado de um funcionário do espaçoporto e verificou, com o auxílio do computador de bolso, se continha todos os dados necessários: número da vaga, nome da nave, número de série do motor e assim por diante. Examinou mais uma vez a nave para ter certeza de que estava bem trancada e depois fez o maior seguro contra roubo que a legislação do planeta permitia (uma providência inútil, na verdade, pois o E*strela Distante* deveria ser invulnerável à tecnologia dos comporelianos e, se não fosse, sua perda seria irreparável).

Trevize encontrou o ponto de táxi no lugar esperado. (Muitas instalações nos espaçoportos eram padronizadas quanto à localização, aparência e modo de usar. Tinham que ser, dada a natureza multiplanetária da clientela.). Chamou um táxi, digitando o destino simplesmente como cidade".

Um táxi deslizou em direção a eles apoiado em esquis diamagnéticos, tremendo com a vibração do motor nada silencioso. Era pintado de cinza escuro e tinha o símbolo de táxi pintado em branco nas portas traseiras. O motorista usava um paletó preto e um gorro branco de pele.

— Parece que as cores nacionais são preto e branco — observou Pelorat.

— Talvez na cidade seja menos monótono — disse Trevize.

O motorista falou através de um pequeno microfone, talvez para evitar abrir a janela:

— Vão para a cidade?

Falava o dialeto galáctico com um sotaque cantado relativamente fácil de entender... o que era sempre um alívio num mundo desconhecido.

— Vamos — respondeu Trevize.

A porta traseira se abriu. Bliss entrou, seguida por Pelorat e depois por Trevize. A porta se fechou e sentiram um bafo de ar quente. Bliss esfregou as mãos e deixou escapar um suspiro de alívio. O táxi começou a andar e o motorista perguntou:

— A nave em que vocês chegaram é gravítica, não é?

— Considerando a forma como pousamos, você ainda tem dúvidas? — disse Trevize, secamente.

— Então é de Terminus? — quis saber o motorista.

— Conhece outro planeta capaz de fabricar uma nave gravítica? O motorista pareceu pensar um pouco enquanto o táxi ganhava velocidade. Então disse:

— Você sempre responde a uma pergunta com outra pergunta? Trevize não pôde resistir. «

— Por que não?

— Nesse caso, que diria se eu perguntasse se o seu nome é Golan Trevize?

— Eu diria: Por que está perguntando?

O táxi parou bruscamente e o motorista disse:

— Pura curiosidade! Vou perguntar de novo: Seu nome é Golan Trevize?

— O que é que você tem com isso?

— Meu amigo — disse o motorista —, não vamos sair daqui enquanto não me responder. E se não responder logo, vou desligar o aquecimento do compartimento de passageiros e continuar esperando. Seu nome é Golan Trevize, conselheiro de Terminus? Se disser que não, terá que me mostrar sua carteira de identidade.

— Sim, sou Golan Trevize, e como conselheiro da Fundação, espero ser tratado com todo o respeito que minha posição exige. Se se esquecer disso, poderá se ver em maus lençóis, camarada. E agora?

— Agora posso continuar um pouco mais tranquilo. — O táxi começou a se mover novamente. — Escolho meus passageiros com cuidado — prosseguiu o motorista — e só estava esperando dois homens. A mulher foi uma surpresa e fiquei com medo de ter cometido um engano. Agora que sei que estava certo, posso deixar por sua conta explicar a mulher quando chegar ao seu destino.

— Não sei qual é o meu destino.

— Pois eu sei. Você vai para o Ministério dos Transportes.

— Não é para lá que eu quero ir!

— Isso não faz a mínima diferença, conselheiro. Se eu fosse um motorista de táxi, levaria você para onde me mandasse ir. Como não sou, levo você para onde *eu* quero ir.

— Espere aí — disse Pelorat, inclinando-se para a frente. — Você parece um motorista de táxi. Está até dirigindo um táxi!

— Qualquer um pode dirigir um táxi. Além disso, nem todo carro que parece um táxi tem que ser um táxi.

— Deixe de brincadeiras! — exclamou Trevize. — Quem é você e o que está fazendo? Lembre-se de que terá que prestar contas à Fundação por seus atos!

— Eu, não — disse o motorista. — Meu superiores, talvez. Sou agente da Polícia de Segurança de Comporellon. Tenho ordens para tratá-lo com cortesia, mas terá que ir para onde eu o levar. E não vá tentar nenhuma gracinha, porque estou armado e minhas ordens são para defender-me se for atacado.

16.

DEPOIS que o veículo atingiu a velocidade de cruzeiro, passou a mover-se com absoluta suavidade. Trevize ficou muito quieto, tentando pensar. Mesmo sem olhar para Pelorat, tinha certeza de que o outro tinha uma expressão interrogativa no rosto, como quem diz "O que vamos lazer agora?".

Uma rápida olhadela assegurou-o de que Bliss estava tranquila, aparentemente despreocupada. E por que não? Afinal, tinha um mundo inteiro dentro de si. Gaia inteiro, apesar da distância que a separava do planeta. No caso de uma emergência real, a jovem podia contar com recursos quase ilimitados. O que havia acontecido?

Era evidente que o funcionário da estação espacial, obedecendo ao regulamento, havia enviado uma comunicação a respeito da nave (omitindo Bliss) e essa comunicação havia atraído a atenção das autoridades, especialmente do Ministério dos Transportes. Por quê?

As relações entre Comporellon e a Fundação eram amistosas e ele próprio era um representante graduado da Fundação...

Acontece que tinha dito ao funcionário da estação espacial... Ken-dray, o funcionário se chamava Kendray... que tinha negócios importantes a tratar com o governo de Comporellon. Naturalmente, era apenas uma tentativa de intimidar o homem. Entretanto, Kendray devia ter comunicado o fato aos superiores, o que certamente despertaria um interesse incomum.

Como não havia previsto isso? Onde estava sua famosa intuição? Gaia dizia que ele era uma espécie de caixa preta, sempre pronto a fornecer a resposta correta. Seria essa realmente a opinião de Gaia? Estaria sendo traído por um excesso de confiança causado por uma superstição estúpida?

O homem que não podia errar... como pudera acreditar em tamanha tolice? Quantos erros já não havia cometido na vida? Por acaso era capaz de prever ao menos o tempo que iria fazer no dia seguinte? Claro que não!

Então era apenas nas grandes decisões que não podia errar? Como ter certeza?

Esqueça! Afinal, o simples fato de haver afirmado que estava no planeta em missão importante... não, as palavras exatas tinham sido "missão confidencial"...

Pois então, o simples fato de haver afirmado que estava ali a ser-viço da Fundação, em missão confidencial, bastava para atrair a aten-ção do governo local. Sim, mas até saberem exatamente do que se tratava, teriam que agir com muito tato. Seriam cerimoniosos e o tra-tariam como alto dignitário de um planeta aliado. Jamais pensariam em raptá-lo ou recorrer a ameaças. No entanto, era exatamente isso que haviam feito. Por quê?

O que os fazia se sentirem tão fortes e seguros para tratarem uni conselheiro de Terminus de forma tão humilhante?

Poderia ser a Terra? A mesma força que mantinha escondido com tanta eficácia o planeta de origem do Homem, a ponto de desafiar os grandes mentalistas da Segunda Fundação, estaria agora trabalhando para evitar que ele, Trevize, continuasse a procurar a Terra? Seria a Terra onisciente? Onipotente?

Trevize sacudiu a cabeça. Estava ficando paranóico. Começaria a culpar a Terra por tudo o que acontecesse? Passaria a considerar ca- j da contratempo, cada volta do caminho, cada imprevisto como o resultado de maquinações secretas da Terra? No momento em que pensasse assim, estaria derrotado.

Nesse instante, a desaceleração do veículo o trouxe de volta à realidade.

Deu-se conta de que não havia observado, nem mesmo por um instante, a cidade

que estavam atravessando. Olhou em torno. Os edifícios eram baixos, mas se tratava de um planeta muito frio... boa parte das construções devia ser subterrânea.

Como no espaçoporto, não viu nenhuma cor além do preto e do branco.

De raro em raro, passava um pedestre vestido com roupas grossas e caminhando a passos rápidos. Como os edifícios, quase todas as pessoas deviam estar debaixo da terra.

O táxi tinha parado diante de um edifício baixo que ocupava uma área considerável e ficava no meio de uma depressão. De onde estavam, Trevize não podia ver o andar térreo. Passaram-se alguns momentos e nada aconteceu. O motorista também estava imóvel, o gorro branco quase encostando no teto do veículo.

Trevize imaginou por um instante como o motorista conseguia entrar e sair do táxi sem tirar o chapéu e depois disse, no tom de irritação controlada que se esperaria de uma alta autoridade que não está sendo tratada com a devida atenção:

— Então, motorista, o que vai acontecer agora?

A versão comporeliana de campo de força que separava o motorista dos passageiros era relativamente sofisticada. As ondas sonoras podiam atravessá-la com facilidade... embora Trevize pudesse apostar que seria invulnerável a objetos sólidos.

— Alguém vem buscá-lo. Não deve demorar.

Nesse exato momento, três cabeças apareceram, surgindo lenta-mente da depressão onde estava o edifício. Atrás delas vieram os cor-pos. Era evidente que os recém-chegados estavam usando algum tipo de escada rolante, que a depressão escondia de Trevize.

Quando os três se aproximaram, a porta traseira do táxi se abriu e uma lufada de ar frio invadiu o veículo.

Trevize saltou, depois de abotoar o casaco até em cima. Os outros dois o seguiram, Bliss com visível relutância.

Os três comporelianos não passavam de vultos informes. Usavam roupas muito folgadas, provavelmente com aquecimento elétrico. Trevize olhou-os com desdém. Em Terminus não havia necessidade de roupas aquecidas. A única vez em que pedira emprestado um casaco elétrico havia sido quando estava passando o inverno em Anacreon, um plane-in vizinho. Não tinha gostado da experiência.

O traje se aquecia devagar e quando percebia que estava ficando quente demais, já estava munido em bicas.

Quando os comporelianos chegaram mais perto, Trevize observou, com indignação, que estavam armados. Não pareciam preocupados em esconder o fato. Pelo contrário; os três usavam coldres do lado de fora do casaco.

Um dos comporelianos se dirigiu para Trevize.

— Com licença, conselheiro — disse, rispidamente, ao mesmo tempo em que desabotoava o casaco do outro.

Apalpou o corpo de Trevize com movimentos rápidos e precisos. Examinou os bolsos do casaco. Quando Trevize se recobrou da surpresa, já tinha sido totalmente revistado.

Pelorat, de cara amarrada, estava passando por uma humilhação semelhante nas mãos de um segundo comporeliano.

O terceiro aproximou-se de Bliss, que não esperou até ser tocada. Ela, pelo menos, parecia conhecer as intenções dos desconhecidos, pois tirou o casaco e ficou ali parada, no vento gélido, usando apenas uma roupa leve.

— Pode ver que não estou armada — disse para o comporeliano, em um tom mais gelado que a temperatura que estava fazendo.

Realmente não tinha onde esconder uma arma. O comporeliano sacudiu o casaco, como se apenas pelo peso pudesse saber se continha uma arma (talvez pudesse) e recuou.

Bliss tornou a vestir o casaco e Trevize não pôde deixar de senti certa admiração pelo que a moça havia feito. Sabia que ela detestava o frio e no entanto havia ficado ali, vestida apenas com uma blusa fina e calças compridas, sem demonstrar o menor desconforto. (Então pen sou que talvez, em uma emergência, Bliss pudesse receber calor do res to de Gaia.)

Um dos comporelianos fez um gesto para que Trevize, Pelorat e Bliss o seguissem. Os outros dois comporelianos ficaram mais para trás. Os dois ou três pedestres que estavam na rua não demonstraram nenhum interesse pelo que estava acontecendo. Ou já estavam acostu-mados ou, o que era mais provável, tudo o que tinham em mente era chegar o mais depressa possível a um lugar abrigado do vento e do frio.

Trevize percebeu que os comporelianos tinham subido por uma rampa móvel. Agora estavam descendo, todos os seis, e passaram por um sistema de portas duplas quase tão complicado quanto o de uma espaçonave. O objetivo, sem

dúvida, era não deixar o calor escapar.

De repente, estavam no interior de um grande edifício.

CAPÍTULO 5: A LUTA PELA NAVE

17.

A PRIMEIRA impressão de Trevize foi a de que estava participando de um hiperdrama... mais especificamente, de uma novela histórica passada no tempo do Império. Havia um cenário em particular, com poucas variações (talvez só existisse mesmo um cenário, usado por todos os produtores de hiperdramas), que representava a gigantesca cidade-planeta de Trantor no seu apogeu.

Ali estavam as praças espaçosas, o formigueiro de pedestres, os pequenos veículos correndo nas pistas reservadas para eles.

Trevize olhou para cima, quase esperando ver os aerotáxis entrando em túneis bem iluminados, mas pelo menos aquilo estava ausente. Na verdade, quando a surpresa inicial passou, Trevize se deu conta de que a escala da cena que estava presenciando era muito menor do que se estivesse na antiga Trantor. Afinal, era *apenas* um edifício e não parte de um complexo que se estendia por milhares de quilômetros em qualquer direção.

As cores também eram diferentes. Nos hiperdramas, Trantor era sempre representado em cores incrivelmente berrantes, e os trajes, de tão espalhafatosos, chegavam a ser ridículos. Todas essas cores e babados tinham um significado simbólico, pois serviam para mostrar a decadência do Império e particularmente de Trantor.

Nesse caso, porém, Comporellon não devia ter nada de decadente, pois o uso das cores só servia para confirmar as suspeitas de Pelorat.

As paredes eram todas pintadas em tons de cinza; os tetos eram brancos; as roupas da população, uma mistura de preto, cinzento e branco. De vez em

quando aparecia uma roupa toda preta; ainda mais raramente, uma roupa toda cinzenta. Trevize não conseguiu ver ne-nhuma roupa toda branca. Os padrões, entretanto, eram todos diferentes, como se as pessoas, impedidas de variar nas cores, procurassem outras formas de manifestar sua individualidade.

O rosto dos transeuntes era impassível. As mulheres usavam o cabelo bem curto; o cabelo dos homens era mais comprido, mas puxado para trás para formar um coque. Quando se cruzavam, ninguém olhava para ninguém. Todo mundo parecia ocupado, como se tivesse um objetivo estreito em mente e não sobrasse tempo para mais nada. Homens e mulheres se vestiam da mesma forma; a diferença estava apenas no comprimento do cabelo, no volume dos seios e na largura dos quadris.

Os três foram conduzidos para um elevador que desceu cinco andares. Saíram do elevador e foram levados até uma porta onde estava escrito, com pequenas letras brancas em fundo cinza: "Mitza Lizalor, MinTrans".

O comporeliano que ia à frente encostou o dedo no letreiro, que, depois de um momento, começou a brilhar. A porta se abriu e eles entraram.

Era uma sala grande e estava quase vazia. A falta de mobília talvez servisse para demonstrar, através do uso imoderado de espaço, a importância do ocupante.

Havia dois guardas do outro lado da sala, imóveis, os olhos fixos naqueles que entravam. O centro do aposento era ocupado por uma grande escrivaninha. Sentada atrás da escrivaninha estava uma mulher corpulenta, de olhos escuros e feições regulares. Duas mãos fortes e capazes, com dedos longos e quadrados, repousavam sobre a mesa.

O MinTrans (Ministro dos Transportes, concluiu Trevize) usava um traje cinza-escuro no qual se destacavam duas grandes faixas brancas, que se cruzavam no peito. Trevize notou que embora o corte do vestido disfarçasse a saliência dos seios, as faixas atraíam a atenção para eles.

O ministro era indubitavelmente uma mulher. Mesmo ignorando os seios, bastava observar os cabelos curtos e as feições delicadas, embora sem nenhuma maquilagem. A voz também era feminina, um rico contralto. Ela disse:

— Boa tarde. Não é todo dia que temos a honra de receber dois homens de Terminus... e uma mulher de origem desconhecida. — Os olhos passearam de um para outro e afinal se detiveram em Trevize, que estava de pé, muito sério, em rígida posição de sentido. — Além de tudo, um dos homens é membro do Conselho.

- Do Conselho da Fundação — completou Trevize, tentando parecer o mais

arrogante possível. — Conselheiro Golan Trevize, em missão especial.

— Em missão especial? — repetiu a ministro, interessada.

— Em missão especial — reafirmou Trevize. — Por que, então, estamos sendo tratados como bandidos? Por que fomos sequestrados por guardas armados e trazidos para cá como prisioneiros? O Conselho da Fundação não vai ficar nada satisfeito quando souber disso.

— A propósito — interveio Bliss, sua voz parecendo um pouquinho esganiçada em comparação com a da mulher mais velha —, por quanto tempo vamos ter que continuar de pé?

A ministro olhou friamente para Bliss por alguns instantes e depois levantou o braço, dizendo:

— Três cadeiras! Já!

Uma porta se abriu e três homens, vestidos de acordo com a moda sombria de Comporellon, entraram carregando três cadeiras. Os vigilantes se sentaram.

— Pronto — disse a ministro. — Estão bem, agora? — acrescentou, com um sorriso gelado.

Trevize teve vontade de responder que não. As cadeiras não tinham estofamento e o assento e o espaldar eram retos, sem fazer concessões à forma do corpo.

— Por que estamos aqui? — perguntou.

A ministro consultou alguns papéis que estavam sobre a mesa.

— Pretendo explicar assim que estiver bem certa dos fatos. Sua nave é o *Estrela Distante*, de Terminus. Esta informação está correta, conselheiro?

— Sim.

A ministro levantou os olhos.

— Usei o seu título, conselheiro. Poderia daqui em diante, por cortesia, usar o meu?

— Senhora Ministro será suficiente? Ou existe um título honorífico associado ao cargo?

— Não há título honorífico algum, nem precisa ser tão prolixo. "Ministro" será suficiente, ou "Senhora", se preferir.

— Então minha resposta é: Sim, ministro.

— O capitão da nave é Golan Trevize, cidadão da Fundação e membro do Conselho de Terminus... na verdade, um dos conselheiros mais jovens. E o

senhor é Trevize. Estas informações estão corretas, conselheiro?

— Sim, ministro. E como cidadão da Fundação, eu...

— Ainda não terminei, conselheiro. Mais tarde terá oportunidade de apresentar suas objeções. Em sua companhia está Janov Pelorat, cientista, historiador e cidadão da Fundação. É o senhor, não é, dr. Pelorat?

Pelorat não conseguiu evitar um sobressalto quando a ministro voltou para ele os olhos penetrantes. Ele disse:

- Sim, sou eu, minha queri... — Interrompeu o que estava dizendo e começou de novo: — Sim, sou eu, ministro.

A ministro trançou os dedos.

— No relatório que me foi enviado não há qualquer menção de uma mulher. Essa mulher faz parte da tripulação da nave?

— Sim, ministro — respondeu Trevize.

— Então interrogarei a mulher pessoalmente. Como se chama?

— Todos me chamam de Bliss — disse Bliss, sentada muito ereta e pronunciando as palavras com cuidado —, embora meu nome completo seja bem maior, senhora. Quer saber o nome completo?

— Bliss será suficiente, por enquanto. Bliss, você é cidadã da Fundação?

— Não senhora.

-- De que planeta você é cidadã, Bliss?

— Não tenho nenhum documento de cidadania, senhora.

— Nenhum documento, Bliss? — A ministro fez uma rápida anotação e prosseguiu: — O que estava fazendo a bordo da nave?

— Sou uma passageira, senhora.

— O conselheiro Trevize ou o dr. Pelorat pediram para ver sua identidade antes de você embarcar, Bliss?

— Não senhora.

— Avisou a eles que não tinha documentos, Bliss?

— Não senhora.

— Qual era a sua função a bordo, Bliss?

— Era apenas uma passageira — respondeu Bliss.

— Por que está pressionando a moça? — interrompeu Trevize. — Qual foi o

crime que ela cometeu?

Os olhos da ministro Lizalor se voltaram para Trevize.

— O senhor é um estrangeiro, conselheiro, e não conhece nossas leis. Mesmo assim, está sujeito a elas assim que desembarca em nosso planeta. O senhor não traz as leis do seu mundo com o senhor. Esta é uma regra universal do Direito Galáctico.

— De acordo, ministro. Mesmo assim, continuo sem saber qual foi a lei que ela infringiu.

— É uma regra geral na Galáxia, conselheiro, que um visitante de um mundo fora dos domínios do planeta que está visitando deve ter em seu poder um documento de identidade. Muitos planetas fazem vista grossa ao regulamento, seja porque estão interessados em atrair mais turistas, seja porque não dão muita importância à lei e à ordem. Aqui em Comporellon é diferente. Fazemos questão de cumprir a lei. A moça desembarcou aqui sem documentos e portanto infringiu a nossa lei.

— Ela não tinha escolha — disse Trevize. — Eu estava pilotando a nave e decidi pousar em Comporellon. Ela teve que acompanhar-nos. Que mais poderia fazer, ministro? Pedir para ser ejetada no espaço?

— Isso significa que o senhor também infringiu a lei.

— Sou forçado a discordar, ministro. Não sou um estrangeiro aqui; sou um cidadão da Fundação, um dos Planetas Associados, como Comporellon. De acordo com os tratados em vigor, posso me locomover livremente neste planeta.

— Certamente, conselheiro, contanto que disponha de papéis que provem que realmente é um cidadão da Fundação.

— Trago esses papéis comigo, ministro.

— Entretanto, mesmo como cidadão da Fundação, infringiu a lei trazendo com o senhor uma pessoa sem documentos.

Trevize hesitou. O guarda da fronteira, Kendray, tinha dado com a língua nos dentes; não havia sentido em protegê-lo.

— Não fomos detidos na estação espacial e considerei o fato como permissão implícita para trazer a moça comigo, ministro.

— É verdade que não foram detidos, conselheiro. É verdade que a presença da mulher foi ignorada pelas autoridades de imigração. Desconfio, no entanto, de que os funcionários da estação espacial acharam, e com muita razão, que era mais importante assegurar que a nave pousasse no planeta do que se

preocuparem com uma jovem sem documentos. Não vou negar que eles tenham quebrado o regulamento, e o assunto terá que ser examinado oportunamente, mas estou certa de que a conclusão será de que a infração foi justificada. Aplicamos a lei com rigor, conselheiro, mas também sabemos usar a lógica.

— Então vou apelar para a sua lógica, ministro — disse Trevize, aproveitando a deixa. — Se na verdade não recebeu nenhuma informação das autoridades de imigração a respeito de Bliss, não tinha meios de saber que estávamos infringindo alguma lei no momento em que pousamos no planeta. No entanto, é evidente que deu ordens para que fôssemos presos assim que desembarcássemos, o que realmente aconteceu. Por que agiu assim, já que não tinha razões para pensar que havíamos cometido algum crime? A ministro sorriu.

— Compreendo sua perplexidade, conselheiro. Gostaria de assegurar-lhe de que o fato de ter em sua companhia uma jovem sem documentos não tem nada a ver com a sua detenção. Estamos agindo em nome da Fundação, como um dos Planetas Associados.

Trevize olhou para ela, atônito.

— Isso é impossível, ministro! É ainda pior. É ridículo! A ministro riu.

— Acho curioso que considere pior uma coisa ser ridícula do que ser impossível, conselheiro. Talvez tenha razão. Infelizmente para o senhor, porém, o que acabei de dizer não é nem impossível nem ridículo. Por que seria?

— Porque sou um representante do governo da Fundação, em missão especial, e é inconcebível que a Fundação tenha motivos para mandar me prender, ou mesmo que tenha autoridade para isso, já que gozo de imunidade parlamentar.

— Conselheiro, o senhor omitiu meu título, mas parece estar muito nervoso, de modo que vou perdoá-lo. Não, a Fundação não me mandou prendê-lo. Entretanto, fui obrigada a detê-lo para poder cumprir a tarefa que a Fundação me confiou, conselheiro.

— Que tarefa, ministro?

— Apossar-me da sua nave, conselheiro, e devolvê-la à Fundação!

— O quê?

— O senhor omitiu meu título pela segunda vez, conselheiro. Gostaria que esta falta não se repetisse. Por acaso a nave lhe pertence? Foi projetada pelo senhor, construída pelo senhor, paga pelo senhor?

— Claro que não, ministro. Foi cedida a mim pelo governo da Fundação.

— Então, o governo da Fundação tem todo o direito de pedi-la de volta,

conselheiro. Trata-se de uma nave muito valiosa, não?

Trevize não respondeu. A ministro prosseguiu:

— É uma nave gravítica, conselheiro. A Fundação tem poucas naves desse tipo. Provavelmente se arrependeram de haver confiado uma dessas naves ao senhor. Talvez os convença a deixá-lo continuar a missão em uma outra nave, mais modesta. De qualquer forma, vamos ter que apreender a nave em que o senhor chegou.

— Não, ministro, não posso entregar minha nave. Não acredito que a Fundação tenha pedido isso à senhora.

A ministro sorriu.

— Não apenas a mim, conselheiro. Não apenas a Comporellon. Temos razões para acreditar que o pedido foi enviado a todos os planetas com os quais a Fundação mantém relações diplomáticas. O que me leva à conclusão de que a Fundação não conhece o seu itinerário e está vivamente empenhada em localizar o senhor. O que me leva a concluir ainda que o senhor não pode ter vindo a Comporellon em missão oficial, caso em que as medidas tomadas pela Fundação não teriam razão de ser. Em outras palavras, conselheiro, o senhor está mentindo.

Trevize disse, com certa dificuldade:

— Ministro, gostaria de ver uma cópia da carta que recebeu do governo da Fundação. Acho que, como acusado, tenho direito a isso.

— Sim, tem todo o direito, se chegar a ser processado. Aqui em Comporellon, procuramos sempre agir de acordo com o regulamento e posso lhe assegurar que os seus direitos legais serão respeitados. Por outro lado, seria muito melhor e mais simples se pudéssemos chegar a um acordo sem a publicidade e a demora de um processo penal. Estou certa de que não interessa à Fundação que toda a Galáxia fique sabendo que está atrás de um conselheiro fujão! Isso colocaria a Fundação no ridículo, o que, em suas próprias palavras, é pior que o impossível.

Trevize ficou calado.

A ministro fez uma pausa e depois prosseguiu, imperturbável:

— Conselheiro, vamos acabar ficando com a sua nave, seja por um acordo informal, seja através da justiça. A penalidade por trazer para cá um passageiro sem documentos vai depender do caminho que o senhor escolher. Se exigir que o caso seja levado aos tribunais, tanto o senhor quanto a passageira serão certamente condenados a longas penas de prisão. Caso, porém, decida entrar em acordo, estamos dispostos a mandar a sua passageira, em nave comercial, para o

planeta que ela escolher. O senhor e seu amigo terão liberdade para acompanhá-la. Se a Fundação concordar, poderemos também emprestar-lhe uma nave das nossas, contanto, naturalmente, que a Fundação se comprometa a devolvê-la. Por outro lado, se, por algum motivo, o senhor não quiser retornar à Fundação, estou autorizada a oferecer-lhe asilo político e, eventualmente, cidadania comporeliana. Como pode ver, tem tudo a ganhar se entrar em acordo conosco e tudo a perder se insistir em seus direitos legais.

— Ministro, agora a senhora exagerou — disse Trevize. — Prometeu-me o que não pode cumprir. Não pode me manter aqui se a Fundação exige que eu seja devolvido.

— Conselheiro, jamais prometo o que não posso cumprir. A Fundação requisitou apenas a nave; no pedido não há nenhuma referência aos ocupantes.

Trevize olhou rapidamente para Bliss e disse:

— Ministro, gostaria de consultar o dr. Pelorat e a srta. Bliss a respeito do assunto.

— Não há problema, conselheiro. Tem quinze minutos.

— Em particular, ministro.

— Serão levados para uma sala e, quinze minutos depois, trazidos de volta para cá. Não haverá nenhuma tentativa de monitorar a conversa; dou-lhe minha palavra. Entretanto, serão vigiados o tempo todo, de modo que seria tolice tentarem escapar.

— Compreendemos, ministro.

— Quando voltarem, estou certa de que concordarão em me entregar voluntariamente a nave. Se deixarem que a justiça siga o seu cur-so, será pior para todos os interessados. Até mais tarde, conselheiro — Até mais tarde, ministro — disse Trevize, procurando esconder a raiva que sentia, já que expressá-la não lhe traria benefício algum.

18.

ERA UMA sala pequena, mas bem iluminada. No interior havia um sofá e duas cadeiras. O silêncio era quebrado pelo ruído macio do equipamento de

ventilação. No conjunto, um aposento muito mais acolhedor que o escritório enorme e impessoal do ministro dos Transportes.

Um guarda os havia levado até lá, um homem alto e sisudo, com uma pistola na cintura. Quando entraram na sala, permaneceu do lado de fora e disse com voz grave:

— Vocês têm quinze minutos.

Um instante depois, a porta se fechou com um ruído surdo.

— Espero que não haja nenhum microfone oculto — disse Trevize.

— Ela nos deu sua palavra, Golan! — protestou Pelorat.

— Você julga os outros por você, Janov. A "palavra" da ministro não é suficiente. Ela não hesitaria em faltar com a palavra se isso lhe trouxesse alguma vantagem.

— Não importa — interrompeu Bliss. — Posso isolar totalmente esta sala.

— Você tem um aparelho antiescuta? — perguntou Pelorat. Bliss sorriu, mostrando os dentes muito brancos.

— A mente de Gaia é o melhor aparelho antiescuta que existe, Pel. Ela é enorme.

— Estamos aqui graças às limitações dessa mente enorme — lamentou-se Trevize.

— Que quer dizer com isso? — quis saber Bliss.

— Quando chegou a hora do confronto tríplice, você me tirou das mentes da prefeito Branno e daquele sujeito da Segunda Fundação, Guendibal. Os dois jamais voltariam a pensar em mim, a não ser de forma vaga e indiferente. Ficaria entregue a mim mesmo.

— Tivemos que fazer isso — disse Bliss. — Você é muito importante para nós.

— Sim. Golan Trevize, aquele que nunca está errado. Acontece que vocês não tiraram a nave da mente de Branno, tiraram? A prefeito não perguntou por mim; nem quer saber se eu existo. Entretanto, requisitou *a nave!* Foi a nave que ela não esqueceu!

Bliss franziu a testa.

— Pense nisso — prosseguiu Trevize. — Gaia supôs que eu e minha nave éramos uma coisa só; que se Branno não pensasse em mim, não pensaria na nave. O problema é que Gaia não compreende a individualidade. Cometeu um erro ao pensar em mim e na nave como um único organismo.

— É possível — concordou Bliss, com um suspiro.

— Pois então está na hora de consertar o erro. Preciso da minha nave gravítica e do meu computador; são insubstituíveis. Dê um jeito para que eu não perca a nave! Afinal, Bliss, você é capaz de controlar as mentes humanas!

— Sim, Trevize, mas não usamos esse poder de forma inconsequente. Sabe por quanto tempo o tríplice confronto foi planejado? Calculado? Pesado? Levamos, literalmente, vários anos! Não posso simplesmente chegar agora e mudar os pensamentos de uma mulher só porque você está pedindo!

— É uma emergência!

— Se começássemos a agir assim, onde iríamos parar?—insistiu Bliss; com veemência. — Eu poderia ter agido sobre a mente do funcionário da estação espacial e ele nos deixaria passar sem problemas. Poderia ter influenciado o falso motorista de táxi e ele nos levaria para onde quiséssemos.

— Já que tocou no assunto, por que não fez isso?

- Porque não sabemos quais seriam as consequências. Não conhecemos os efeitos colaterais, que poderiam muito bem tornar a situação ainda pior. Se eu mudar a mente da ministro, isso afetará sua personalidade como um todo. Ora, como se trata de uma alta autoridade do planeta, os efeitos sobre as relações interestelares poderão ser profundos. Até que todas as repercussões tenham sido devidamente ana-lisadas, não me sinto livre para interferir.

— Então por que veio conosco?

— Porque você está empenhado em uma missão perigosa. Devo proteger a sua vida a todo custo, mesmo que precise sacrificar minha própria vida ou a de Pel. Acontece que sua vida não corre perigo neste momento. Assim, procure encontrar uma saída para a situação, sem a ajuda de Gaia.

Trevize ficou pensativo por alguns momentos e depois disse:

— Nesse caso, vou ter que tentar alguma coisa. Pode ser que dê certo.

A porta se abriu com um rangido e o guarda falou:

— Está na hora.

Enquanto saíam, Pelorat sussurrou:

— Que vai fazer, Golan?

Trevize sacudiu a cabeça e respondeu baixinho:

— Ainda não sei bem. Vou ter que improvisar.

19.

QUANDO entraram de volta no escritório, a ministro Lizalor continuava sentada atrás da escrivaninha. Ao vê-los, a ministro mostrou os dentes em um sorriso forçado.

— Conselheiro Trevize, tenho certeza de que voltou para dizer que concorda com a minha proposta.

— Voltei para discutir as condições, ministro — disse Trevize, com toda a calma.

— Não há condições para serem discutidas, conselheiro. Se insistir em um julgamento, poderemos providenciar um julgamento rápido, no qual será certamente condenado, já que o crime que cometeu ao trazer para este planeta uma pessoa sem documentos não está sujeito a contestação. Findo o julgamento, poderemos confiscar legalmente a nave e vocês três terão que cumprir longas penas na prisão. É isso que o senhor quer, conselheiro?

— Claro que não, ministro. Entretanto, mesmo que eu seja condenado à prisão, ninguém poderá entrar na nave sem o meu consentimento. Qualquer tentativa de arrombá-la resultará em uma explosão capaz de destruir, não só a nave, mas todo o espaçoporto. Duvido que a legislação local permita a tortura ou outra forma de tratamento cruel como meio de me obrigar a abrir a nave. E se a senhora estiver pensando em infringir a lei, espero que se lembre de que eu sou um cidadão da Fundação; por mais que deseje a nave, a Fundação não pode aprovar que um cidadão seu seja maltratado; seria um precedente muito perigoso. Então, vamos discutir as condições?

— Isso tudo é bobagem! — exclamou a ministro, de mau humor. Se for preciso, pediremos o auxílio da própria Fundação! Eles saberão como abrir a nave ou pelo menos como *obrigá-lo* a abrir a nave!

— Não usou o meu título, ministro, mas parece estar muito nervosa, de modo que vou perdoá-la. A senhora sabe muito bem que a última coisa que faria seria chamar a Fundação, já que jamais pretendeu entregar-lhes minha nave!

Os olhos da ministro se arregalaram.

— Que absurdo é esse que está dizendo, conselheiro?

— O tipo de absurdo, ministro, que talvez não deva chegar aos ouvidos de outras pessoas. Deixe meu amigo e a moça repousarem em um quarto de hotel; eles estão exaustos. Dispense os guardas, também. Podem ficar do lado de fora da porta e deixar uma pistola com a senhora. Estará segura comigo; estou desarmado.

A ministro inclinou-se para a frente.

— Não tenho medo do senhor.

Sem virar a cabeça, fez um gesto para um dos guardas, que se aproximou e parou ao lado da mesa, batendo os calcanhares. A ministro disse:

— Guarda, leve esses dois para o Apartamento 5. Devem permanecer lá, sob vigilância, até segunda ordem. Será pessoalmente responsável pelo conforto e segurança dos nossos hóspedes.

A ministro se pôs de pé e Trevize recuou um passo, apesar de sua determinação de mostrar firmeza. Era uma mulher alta; media pelo menos um metro e oitenta e cinco, a altura de Trevize, se não fosse um pouquinho maior. Tinha uma cintura fina, com as duas faixas brancas circundando-a e fazendo-a parecer ainda mais estreita. Seus movimentos tinham uma combinação de agilidade e vigor físico que fez Trevize estremecer. Não era de admirar que a ministro não tivesse medo dele! Em um combate corpo a corpo, certamente levaria a melhor.

— Venha comigo, conselheiro — disse a ministro. — Se está mesmo disposto a falar bobagens, é melhor conversarmos em particular.

Encaminhou-se para a porta com passos rápidos e Trevize a se guiu, sentindo-se pequeno a seu lado, algo que nunca havia sentida antes com uma mulher.

Entraram no elevador. Quando a porta se fechou, ela disse:

— Conselheiro, agora estamos sozinhos, mas se tem a ilusão de que pode usar a força para conseguir alguma coisa de mim, esqueça.O senhor parece ser uma pessoa razoavelmente forte, mas asseguro-lhe que não teria a menor dificuldade para quebrar-lhe um braço... ou o pescoço, se fosse preciso. Estou armada, mas não haveria necessidade de usar a arma.

Trevize coçou a cabeça enquanto seus olhos examinavam a ministro de alto a baixo.

— Ministro, acho que sou páreo para qualquer homem do meu tamanho, mas não me arriscaria a uma luta corporal com a senhora. Sei quando estou em desvantagem.

— Ótimo — disse a ministro, parecendo satisfeita.

— Para onde estamos indo, ministro? — perguntou Trevize.

— Para baixo! Lá para baixo! Mas não precisa ficar assustado. Se isto fosse um hiperdrama, eu estaria levando você para um calabouço, suponho, mas não temos calabouços em Comporellon... apenas prisões comuns. Estamos indo para os meus aposentos particulares; não é tão romântico quanto os calabouços do tempo do Império, mas é muito mais confortável.

Trevize calculou que estavam a mais de cinquenta metros abaixo da superfície do planeta quando a porta do elevador se abriu e eles saltaram.

20.

TREVIZE olhou em torno e não conseguiu esconder a surpresa que sentiu.

— Não gosta do meu apartamento, conselheiro? — perguntou a ministro.

— Pelo contrário, ministro. Estou agradavelmente surpreso. A impressão que tive do seu planeta desde que cheguei foi a de um mundo austero, glacial, ascético, que abominava o luxo e a ostentação.

— É verdade, conselheiro. Não dispomos de muitos recursos e nossa vida deve ser tão severa quanto nosso clima.

—Então como a senhora explica isto? — perguntou Trevize. Abriu os braços em um gesto amplo, como que para envolver todo o aposento, onde, pela primeira vez naquele mundo, ele via cores, onde os móveis eram estofados, onde a luz indireta que vinha das paredes era suave, onde o chão era forrado com um campo de força que tornava os passos macios e silenciosos. — Para mim, isto é luxo!

— Conselheiro, como o senhor mesmo disse, abominamos o luxo pelo luxo, a ostentação barata, o desperdício de recursos. Aqui, porém, estamos falando do luxo particular, que tem a sua utilidade. Meu tra-IMIIIO é árduo, as responsabilidades, imensas. Preciso de um lugar on-de possa esquecer, de vez em quando, as dificuldades de minha posição.

— Todos os comporelianos vivem assim quando estão longe dos olhos da multidão, ministro?

— Depende do posto que ocupam. Poucos têm dinheiro suficiente, mérito suficiente e, graças ao nosso código de ética, desejo sufi-ciente para viver assim.

— A senhora, ministro, tem dinheiro, mérito e vontade suficiente?

— Na vida pública nem tudo são espinhos — disse a ministro. Agora sente-se, conselheiro, e fale-me a respeito das suas fantasias.

A ministro sentou-se no sofá, que cedeu ligeiramente sob seu peso, e apontou para uma cadeira igualmente macia na qual Trevize ficaria voltado para ela a uma distância não muito grande.

Trevize sentou-se.

— Fantasias, ministro?

A ministro ajeitou-se no sofá e apoiou o cotovelo direito em uma almofada.

— Nas conversas particulares não é preciso ser tão formal. Pode me chamar de Lizalor. Vou chamar você de Trevize. Diga-me exatamente quais são os seus planos, Trevize.

Trevize cruzou as pernas e apoiou as costas no espaldar da cadeira.

— Escute aqui, Lizalor, você me disse para escolher entre entregar a nave espontaneamente e submeter-me a um julgamento formal. Nos dois casos, você ficaria com a nave. Mesmo assim, fez tudo o que pôde para me convencer a optar pela primeira alternativa. Chegou a me oferecer outra nave em substituição à minha, na qual eu e meus amigos poderíamos ir para onde quiséssemos. Acenou-me com a possibilidade de conseguir asilo político em Comporellon, caso eu não estivesse em boas relações com a Fundação. Falando de coisas mais triviais, permitiu-me quinze minutos a sós com os meus amigos. Trouxe-me para os seus aposentos particulares e mandou meus amigos para um hotel. Para resumir, Lizalor, o que você quer realmente é que eu lhe entregue a nave sem necessidade de um julgamento.

- Ora, Trevize, não acredita que eu esteja pensando no seu bem?

— Não.

— Nem que eu esteja tentando poupar ao meu governo o tempo e a despesa de um julgamento?

— Não! Minha explicação é outra.

— Qual?

— Um julgamento apresenta uma grande desvantagem: o fato de ser público. Você já se referiu várias vezes ao rigor com que os comporelianos encaram as

questões legais; tenho certeza de que seria impossível julgar-me em segredo. Ora, se eu fosse julgado publicamente, a Fundação ficaria sabendo e você teria que entregar-lhe a nave assim que o julgamento terminasse.

— Claro que sim — concordou Lizalor, impassível. — Afinal, a nave pertence à Fundação.

— Por outro lado — prosseguiu Trevize —, no caso de um acordo informal, a questão não viria a público. Você ficaria com a nave, e como a Fundação não seria informada (eles nem mesmo sabem que pousei neste planeta), Comporellon poderia conservá-la indefinidamente. Tenho certeza de que é exatamente isso o que pretende fazer.

— Por que faríamos isso? — perguntou Lizalor, ainda impassível. — Não fazemos parte da Confederação da Fundação?

— Não senhora. Comporellon é um dos Planetas Associados. Nos mapas da Galáxia em que os planetas que pertencem à Confederação são mostrados em vermelho, Comporellon e os mundos que controla aparecem como uma mancha cor-de-rosa.

— Mesmo assim, como um dos Planetas Associados, temos o compromisso de cooperar com a Fundação.

— Verdade? E se o sonho de Comporellon for tornar-se independente, ou mesmo conquistar a liderança? Vocês são um mundo antigo. Quase todos os mundos afirmam ser mais antigos do que realmente são, mas Comporellon *é* um planeta muito antigo.

A ministro Lizalor se permitiu um sorriso triste.

— O mais antigo de todos, se formos acreditar nos mais entusiastas.

— Será que não houve um tempo em que Comporellon comandava um grupo relativamente grande de planetas? Será que não existem muitos entre vocês que sonham em recuperar a glória perdida?

— Como poderíamos perseguir um sonho tão manifestamente impossível? Antes de conhecer bem suas idéias, achava que eram fantasias; agora, tenho certeza.

— Alguns sonhos podem parecer impossíveis, mas acabam se transformando em realidade. Terminus, localizado na borda da Galáxia e com apenas quinhentos anos de idade, o que não é nada para um mundo, controla praticamente toda a Galáxia. Por que Comporellon não pode superá-lo? Hein?

Trevize estava sorrindo. Lizalor continuou séria.

— Terminus chegou à posição que ocupa graças ao Plano de Seldon.

— Esta é uma vantagem psicológica, o fato de muita gente acreditar nesta explicação. É provável, porém, que o governo de Comporellon seja mais cético. Mesmo assim, Terminus desfruta de uma considerável liderança tecnológica. Na verdade, Terminus conquistou a hegemonia da Galáxia graças a sua tecnologia de ponta... da qual a nave gravítica na qual você está tão ansiosa para pôr as mãos representa um excelente exemplo. Terminus é o único planeta da Galáxia inteira que dispõe de naves gravíticas. Se Comporellon conseguisse uma dessas naves e pudesse desmontá-la para ver como funciona, estaria dando um passo gigantesco em seu progresso tecnológico. Não acho que seria suficiente para ameaçar a liderança de Terminus, mas talvez 0 seu governo pense de outra forma.

— Não pode estar falando sério! — exclamou Lizalor. — Qualquer mundo que se apoderasse indevidamente de uma nave da Fundação estaria sujeito a sérias represálias! Acha que correríamos esse risco?

— Se a Fundação não soubesse que a nave estava com vocês, não haveria motivo para represálias...

— Nesse caso, Trevize... supondo que a sua análise da situação estivesse correta..., não seria melhor entregar-nos a nave em troca de vantagens pessoais? Se houvesse algum fundo de verdade no que diz, estaríamos dispostos a pagar-lhe uma soma considerável.

— Como podem ter certeza de que eu não contaria tudo à Fundação?

— Porque nesse caso teria que admitir sua própria culpa.

— Eu poderia alegar que fui forçado a entregar a nave contra a minha vontade.

— Sabe muito bem que a prefeito Branno nunca acreditaria em você. Vamos, faça um acordo conosco!

Trevize sacudiu a cabeça.

— Não posso, ministro. A nave é minha e continuará a ser minha. Como já expliquei, qualquer tentativa de arrombá-la terá como consequência uma enorme explosão. Pode crer que é verdade. Não estou blefando.

— *Você* sabe como abri-la sem provocar explosão. - Claro que sei, mas não vou contar a ninguém.

Lizalor deu um profundo suspiro.

— Sabe que podemos forçá-lo a mudar de idéia... Se não for pelo que podemos fazer a você, será pelo que pudermos fazer ao seu amigo, dr. Pelorat, ou à jovem.

— Tortura, ministro? É assim que vocês agem?

— Não, conselheiro. Não precisamos recorrer a métodos tão primitivos. Sempre existe a Sonda Psíquica...

Pela primeira vez desde que havia entrado no apartamento da ministro, Trevize sentiu um calafrio.

— Duvido muito. O uso da Sonda Psíquica por pessoas não autorizadas está proibido em toda a Galáxia.

— Se não nos deixar alternativa...

— Estou disposto a correr o risco — afirmou Trevize, com toda a calma. — Não vai adiantar nada para vocês. Minha decisão de conservar a nave é tão firme que a Sonda Psíquica destruirá a minha mente antes de conseguir fazer-me mudar de idéia! — *Aquilo* era um blefe, pensou Trevize. — Mesmo, porém, que fossem suficientemente hábeis para me persuadir a abrir a nave e entregá-la a vocês, isso seria inútil. O computador da nave é um modelo novo, que foi programado... não me pergunte como... para trabalhar exclusivamente para mim. É o que se poderia chamar de computador individual.

— Suponhamos, então, que você continue de posse da sua nave. O que acha da idéia de pilotá-la para nós... como cidadão comporeliano? Um salário de príncipe. Todo o conforto. Para os seus amigos, também.

— A resposta é não.

— O que sugere então? Que a gente simplesmente deixe você e seus amigos irem embora? Seria preferível avisar à Fundação que vocês estão aqui e deixar que eles cuidem do resto!

— E perder a nave?

— Se temos que perder a nave, melhor perdê-la para a Fundação do que para um aventureiro qualquer.

— Deixe-me então propor uma solução de compromisso.

— Uma solução de compromisso? Está bem, pode falar. Trevize começou, pronunciando as palavras com cuidado:

— Estou no meio de uma importante missão, que começou com o apoio da Fundação. Parece que esse apoio foi retirado, mas nem por isso a missão deixou de ser importante. Se Comporellon me oferecer: o apoio de que preciso e eu conseguir completar a missão com sucesso, todos só terão a lucrar.

Lizalor olhou para ele, indecisa.

— Quando a missão terminar pretende devolver a nave à Fundação?

— Claro que não. A Fundação não estaria tão empenhada em recuperar a nave se tivesse esperanças de que eu a devolvesse espontaneamente.

— Isso não é a mesma coisa que dizer que nos entregará a nave.

— Depois que terminar a missão, a nave talvez não tenha mais utilidade para mim. Nesse caso, não teria nenhuma objeção a entregá-la a Comporellon.

Os dois se entreolharam em silêncio por alguns momentos.

— Você usou o condicional — disse Lizalor, afinal. — A nave "talvez"... isso não é suficiente.

— Poderia prometer mundos e fundos, mas de que adiantaria isso? O fato de que minhas promessas são limitadas e cautelosas é a maior prova de que estou sendo sincero.

— Faz sentido — concordou Lizalor. — Gostei. Diga-me qual é a sua missão e em que ela beneficiaria Comporellon.

— Não, não, é a sua vez. Você me ajudará se eu lhe mostrar que minha missão é importante para o futuro de Comporellon?

A ministro Lizalor levantou-se do sofá, uma figura alta, majestosa.

— Estou com fome, conselheiro Trevize, e não posso prosseguir de estômago vazio. Vamos comer e beber alguma coisa... com moderação. Depois, discutiremos o assunto.

Nesse instante, Trevize surpreendeu um brilho de antecipação quase canibalesco nos olhos da ministro, algo que o fez cismar por muito tempo.

21.

A REFEIÇÃO podia ser nutritiva, mas não agradava ao paladar. O prato principal era uma carne assada com um molho picante, acompanhada por uma verdura que Trevize não conhecia e cujo sabor agridoce considerou extremamente enjoativo. Mais tarde descobriu tratar-se de um tipo de alga.

Como sobremesa, comeram uma fruta que parecia uma mistura de pêssego e maçã (nada má, comparada com o resto) e depois beberam um líquido preto tão amargo que Trevize desistiu na metade e pediu um copo d'água. As porções eram

pequenas, mas, dadas as circunstâncias, satisfatórias.

Durante todo aquele tempo, não apareceu mais ninguém. A própria Lizalor tinha esquentado e servido a comida, e foi a própria Lizalor que tirou a mesa e lavou os pratos.

— Espero que tenha gostado do jantar — disse Lizalor, quando voltaram para a sala de visitas.

— Estava ótimo — disse Trevize, sem entusiasmo. A ministro tornou a sentar-se no sofá.

— Vamos voltar ao ponto em que estávamos — disse. — Você sugeriu que Comporellon talvez se ressentisse do papel de liderança exercido pela Fundação em relação à Galáxia como um todo. De certa forma, isto pode ser verdade, mas este aspecto da situação interessa apenas aos que estão envolvidos nas questões de política interestelar, que não são muitos em nosso planeta. Não, o mais importante é que o comporeliano médio está horrorizado com a imoralidade da Fundação. A imoralidade existe em todos os planetas, mas em Terminus parece haver ultrapassado todos os limites. Eu diria que esta é a principal razão para o sentimento anti-Terminus que existe atualmente neste planeta.

— Imoralidade? — repetiu Trevize, genuinamente surpreso. — Sejam quais forem os erros da Fundação, tem que admitir que ela administra a Galáxia com honestidade e eficiência. Os direitos civis são quase sempre respeitados e...

— Conselheiro Trevize, estou falando de moralidade *sexual*.

— Nesse caso, não entendi mesmo. Somos uma sociedade extremamente moralista do ponto de vista sexual. As mulheres são representadas em todos os órgãos do governo. Nosso prefeito é uma mulher e quase metade do Conselho é composta por...

A ministro fez um gesto de impaciência.

— Conselheiro, está se fazendo de desentendido? Deve saber o que significa moralidade sexual. O casamento é ou não é um sacramento em Terminus?

— O que quer dizer com "sacramento"?

— Existe uma cerimônia formal em que os casais se comprometem a viver juntos?

— Sim, existe. Essa cerimônia tem valor jurídico e simplifica vários problemas legais, como os de impostos e heranças.

— Mas o divórcio é permitido.

- Naturalmente. Seria imoral obrigar duas pessoas a compartilharem a mesma casa quando...

— Não existem restrições religiosas?

— Religiosas? Existem pessoas que ainda praticam certos cultos antigos, mas o que tem isso a ver com casamento?

— Conselheiro, aqui em Comporellon, todos os aspectos do sexo são fortemente controlados. Não pode haver sexo fora do casamento. Sua expressão é limitada mesmo dentro do casamento. Ficamos profundamente chocados com esses mundos, especialmente Terminus, onde o sexo é encarado como simples prazer social e praticado sem nenhum respeito pelos valores religiosos.

Trevize franziu a testa.

— Sinto muito, mas não posso reformar a Galáxia, ou mesmo Terminus... O que tem isso a ver com a questão da minha nave?

— Estou falando da opinião pública a respeito da sua nave e de como ela limita o meu poder de negociação. O povo de Comporellon ficaria horrorizado ao saber que você e seu companheiro trouxeram a bordo uma mulher jovem e atraente apenas para satisfazer aos seus desejos lascivos durante a viagem. Foi por estar muito preocupada com a segurança de vocês que propus um acordo informal em lugar de um julgamento público.

— Estou vendo que aproveitou a interrupção da conversa para pensar em novas formas de intimidação. Quer dizer que agora devo temer um linchamento?

— Estou só explicando como o nosso povo se sente. Como poderá negar que a mulher que veio com vocês não passa de uma conveniência sexual?

— Com toda a facilidade. Bliss é a companheira do meu amigo, o dr. Pelorat. Os dois no momento não têm outros parceiros. Talvez não estejam legalmente casados, mas acredito que, moralmente, a união entre eles é bastante sólida.

— Está querendo me dizer que nunca teve nada com a moça?

— Exatamente — disse Trevize. — Quem você pensa que eu sou? — Não posso saber. Não conheço o seu código moral.

— Deixe-me então explicar que o meu código moral me faz respeitar as companheiras dos meus amigos.

— Você nunca se sentiu pelo menos tentado?

— Não posso evitar as tentações, mas posso resistir a elas.

— Sempre? Talvez não se interesse por mulheres.

— Bobagem.

— Há quanto tempo não faz amor com uma mulher?

— Há vários meses. Desde que partimos de Terminus.

— Não sente falta?

— Claro que sim! — exclamou Trevize, com irritação. — Acontece que não tive escolha!

-- Acredito que o seu amigo, Pelorat, ciente do seu problema, estaria disposto a compartilhar a mulher com você.

— Ele não sabe que eu sofro com isso, mas mesmo que soubesse, não gostaria de dividir Bliss comigo. E nem a mulher concordaria. Ela não sente nenhuma atração por mim.

-- Está dizendo isso porque já tentou conquistá-la?

— Não, eu não tentei conquistá-la. Não preciso tentar conquistá-la para saber. Além disso, também não gosto dela.

- Incrível! Pensei que todos os homens a considerassem atraente.

— Sei que Bliss tem tudo no lugar. Mesmo assim, não é o meu tipo. Para começar, considero-a muito criança, muito infantil em algumas coisas...

-- Então prefere mulheres mais maduras? Trevize parou para pensar. Estaria caindo em uma armadilha? Respondeu, de forma cautelosa:

— Tenho idade suficiente para apreciar mulheres maduras. Que é que isso tem a ver com minha nave?

— Esqueça sua nave, pelo menos por um momento — disse Liza-lor. — Tenho 46 e continuo solteira. Acho que nunca tive tempo para me casar.

— Nesse caso, pelas regras da sua sociedade, você ainda deve ser virgem. Foi por isso que me perguntou há quanto tempo não faço amor? Quer saber minha opinião a respeito do assunto? Pois vou lhe dizer: sexo não é como oxigênio ou comida. É desagradável passar sem sexo, mas não é impossível.

A ministro sorriu e Trevize viu de novo aquele brilho canibalesco em seus olhos.

— Não me entenda mal, Trevize. O poder tem seus privilégios e é possível fazer as coisas de forma discreta. Faz muito tempo que deixei de ser virgem. Entretanto, os homens de Comporellon são parceiros bastante sofríveis. Aceito a tese de que a moralidade no sentido geral da palavra só pode ser benéfica a um povo, mas neste caso em particular tende a carregar nossos homens de culpa, de modo que eles se tornam tímidos, sem imaginação, lentos para começar, rápidos

para terminar, e, de forma geral, extremamente inábeis.

— Quanto a isso, também, não há nada que eu possa fazer — disse Trevize, cautelosamente.

— Está insinuando que a culpa pode ser minha? Que os homens não sentem atração por mim?

— Não foi isso que eu disse! — protestou Trevize.

— Nesse caso, como *você* reagiria, se tivesse a oportunidade? Você, que vem de um planeta imoral, que certamente já passou por um sem-número de experiências sexuais das mais variadas, que vem de vários meses de abstinência forçada na presença constante de uma mulher jovem e bonita. Como reagiria diante de uma mulher como eu, do tipo maduro que você diz apreciar?

— Eu me comportaria com o respeito e a dignidade condizentes com a importância do seu cargo — respondeu Trevize.

— Não seja tolo! — exclamou a ministro.

Levou a mão à cintura. A faixa branca que envolvia o pescoço e o peito ficou visivelmente mais frouxa. As golas do vestido se separaram.

Trevize ficou paralisado. Ela estava planejando aquilo desde... desde quando? Ou estaria tentando conseguir através do sexo o que não conseguira com ameaças?

A parte de cima do vestido se abriu completamente e a ministro ficou ali sentada, nua da cintura para cima, com uma expressão desdenhosa no olhar. Os seios eram uma versão menor da mulher em si: cheios, firmes e imponentes.

— Então? — perguntou.

— Estou deslumbrado! — exclamou Trevize, com toda a sinceridade.

— O que vai fazer a respeito? .....

— O que dizem as regras de conduta locais? — perguntou Trevize.

— O que significam nossas regras de conduta para um homem de Terminus? Como *você* acha que deve reagir? Venha cá. Estou ficando com frio.

Trevize levantou-se e começou a tirar a roupa.

CAPÍTULO 6: A NATUREZA DA TERRA

22.

TREVIZE sentia-se quase como se tivesse sido drogado. Imaginou que horas seriam.

A seu lado estava Mitza Lizalor, ministro dos Transportes, deitada de bruços, com o rosto apoiado no travesseiro, a boca aberta, ressonando ruidosamente. Trevize sentiu-se aliviado por ela estar dormindo. Quando acordasse, esperava que tivesse consciência do fato de que havia adormecido.

Trevize também estava com sono, mas fazia um esforço consciente para manter-se acordado. Era importante que Lizalor não o visse dormindo. Que tivesse a impressão de ter chegado à exaustão, enquanto ele já estava pronto para outra. Era o mínimo que podia esperar de um atleta sexual criado na Fundação; não queria que ficasse desapontada.

Até que, considerando as circunstâncias, ele se havia saído muito bem. Tinha adivinhado, corretamente, que Lizalor, dado o seu tamanho e força física, o seu poder político, o desprezo que sentia pelos homens de Comporellon que conhecera, a mistura de horror e fascinação que sentia pelas supostas proezas sexuais (que histórias teriam contado a ela?, pensou Trevize) dos decadentes habitantes de Terminus, nutria um desejo secreto de ser dominada.

Trevize tinha agido de acordo com essa suposição e, para sua grata surpresa, descobrira que estava absolutamente certo. (Trevize, o homem que não erra nunca, repetiu, em tom de brincadeira.). Além de agradar à mulher, pudera dirigir as atividades de forma a deixá-la esgotada enquanto ele próprio se poupava na medida do possível.

Não tinha sido fácil. Lizalor tinha um corpo maravilhoso (46, dissera ela, mas seu corpo não envergonharia uma jovem de 25) e uma energia quase inesgotável, só superada pelo entusiasmo com que a utilizava.

Na verdade, se ela pudesse ser domada e aprendesse as virtudes da moderação; se com a prática (conseguiria ele próprio sobreviver às sessões de treinamento?) viesse a conhecer melhor seu próprio corpo e o corpo do parceiro, então...

Lizalor parou de ressonar e se remexeu na cama. Trevize tocou-a de leve com a mão e ela abriu os olhos. Trevize estava apoiado em um cotovelo e fez o possível para parecer descansado e cheio de vida.

— Foi bom você dormir, querida — disse. — Estava precisando descansar.

Os lábios de Lizalor se abriram em um sorriso sonolento e, por um momento, Trevize temeu que fosse convidá-lo para uma nova sessão. Entretanto, ela se limitou a rolar na cama, ficando deitada de costas.

— Eu estava certa... você é um rei do sexo! Trevize tentou parecer modesto.

— Preciso aprender a me controlar.

— Não diga tolices. Você é fantástico! Tinha medo de que aquela mocinha tivesse consumido suas energias, mas você me assegurou que ela pertencia exclusivamente ao seu amigo. Estava falando a verdade, não estava?

— Acha que me comportei como alguém que está saciado de sexo?

— Não, de jeito nenhum! — exclamou Lizalor, com uma sonora gargalhada.

— Ainda está pensando em me submeter à Sonda Psíquica? Ela riu de novo.

— Está maluco? E me arriscar a perder você?

— Seria melhor se você me perdesse temporariamente...

— O quê?

— Se eu ficasse aqui permanentemente, quanto tempo acha que levaria para as pessoas começarem a falar? Por outro lado, se eu partisse para continuar minha missão, poderia voltar periodicamente a Comporellon, e todos achariam natural que nos encontrássemos em particular... além disso, minha missão é realmente muito importante!

Lizalor refletiu um pouco, coçando distraidamente o quadril direito, e depois disse:

— Acho que você tem razão. A idéia não me agrada, mas... acho que tem razão.

— E não precisa ter medo de que eu não volte — disse Trevize — Não, quando

sei o que me espera aqui.

Lizalor sorriu para ele, acariciou-lhe o rosto e disse, olhando-o nos olhos:

— Foi bom para você, amor?

— Muito mais que isso, querida.

— Você é da Fundação. Um homem no apogeu da juventude, que passou a vida em Terminus. Deve estar acostumado a mulheres de todos os tipos, com todos os tipos de...

— Jamais conheci uma mulher como você — disse Trevize, com uma convicção que era fácil para alguém que, afinal de contas, estava! dizendo a verdade.

— Oh, está bem. Mesmo assim, você sabe, o hábito é uma segunda natureza, e não consigo acreditar na palavra de um homem sem al-gum tipo de garantia. Você e seu amigo Pelorat poderão prosseguir nessa missão de vocês assim que me falarem a respeito e eu aprovar, mas a mocinha vai ficar aqui. Ela será muito bem tratada, não se preocupe. Assim, o dr. Pelorat sentirá saudades e se encarregará de exigir frequentes visitas a Comporellon, mesmo que o seu entusiasmo pela missão o leve a ficar afastado tempo demais.

— Isso é impossível, Lizalor.

— Impossível? — repetiu Lizalor, com um olhar de suspeita. — Impossível por quê? Para que precisa da mulher?

— Não para sexo. Já lhe disse isso uma vez e estava falando a verdade. Ela é de Pelorat e não sinto interesse por ela. Além disso, acho que não aguentaria metade do que você fez com tanta desenvoltura ontem à noite.

Lizalor quase sorriu, mas controlou-se e disse, muito séria:

— Que diferença faz, então, se ela ficar em Comporellon?

— Acontece que ela é essencial para a nossa missão. É por isso que deve ir conosco.

— Afinal, que missão é essa? Já é tempo de você me contar.

Trevize hesitou apenas por um momento. Teria que contar a verdade. Não podia imaginar nenhuma mentira que causasse um impacto semelhante.

— Preste atenção — disse. — Comporellon pode ser um mundo antigo, talvez até um dos mais antigos, mas não pode ser *o* mais antigo. Não foi aqui que começou a vida humana. Os primeiros seres humanos neste planeta vieram de outro mundo, e talvez a vida humana não tenha surgido *nesse* mundo, mas tenha vindo de outro ainda mais antigo. Entretanto, essa cadeia tem que ter um fim; se

voltarmos cada vez mais no tempo, acabaremos por chegar ao primeiro mundo, o mundo que foi a origem da raça humana. Estou procurando a Terra.

A reação de Mitza Lizalor deixou Trevize estupefato Seus olhos se arregalaram, a respiração disparou e todos os músculos do corpo se retesaram. Ela ficou ali deitada, rígida, com os dois braços levantados em ângulo reto com o corpo, o indicador e o anular de cada mão cruzados.

— Não diga essa palavra — murmurou, com voz rouca.

23.

Lizalor não disse mais nada, nem olhou para ele. Os braços desceram devagar, ela girou o corpo e sentou-se na cama, de costas para Trevize, que ficou onde estava, paralisado.

Trevize estava se lembrando das palavras de Munn Li Compor, quando os dois conversavam no Centro de Turistas de Sayshell. Podia ouvi-lo dizer, referindo-se ao planeta dos seus ancestrais, o mesmo planeta em que Trevize estava agora: "São supersticiosos. Sempre que mencionam esse nome, erguem ambas as mãos com o indicador e o médio cruzados, para afastar a má sorte."

De que adiantava lembrar-se depois que o mal já estava feito?

— Que palavra eu devia ter usado, Mitza? — perguntou. Lizalor sacudiu a cabeça, levantou-se e saiu por uma porta, que fechou atrás de si. Pouco depois, Trevize ouviu o barulho de água correndo.

Não havia nada a fazer senão esperar, nu, frustrado, pensando a princípio se não seria melhor entrar no chuveiro junto com Lizalor e logo chegando à conclusão de que isso não seria aconselhável. Estranhamente, sentiu uma necessidade imperiosa de tomar um banho.

Lizalor saiu do banheiro em silêncio e começou a escolher uma roupa para vestir.

— Você se importa se eu... ? — perguntou Trevize.

Lizalor não respondeu e Trevize supôs que ela não se incomodasse. Tentou atravessar o quarto com passos firmes, masculinos, mas se sentia como nos dias em que a mãe, aborrecida com alguma peralticesua, resolvia puni-lo apenas com

o silêncio, castigo que o deixava desnorteado.

Entrou no banheiro e viu-se em um cubículo de paredes nuas... totalmente nuas. Examinou melhor. Não havia nada.

Abriu a porta, pôs a cabeça para fora e disse:

— Escute, como é que a gente faz para ligar o chuveiro?

Lizalor deixou o desodorante de lado (pelo menos, o que Trevize achou que era um desodorante), foi até a porta do banheiro e apontou, sem olhar para o rapaz. Trevize olhou para o lugar indicado e viu uma pequena mancha rósea na parede. Dando de ombros, inclinou-se na direção da parede e encostou o dedo na mancha. Aparentemente, era tudo o que era necessário, pois imediatamente um dilúvio de jatos finos de água se lançou sobre ele de todas as direções. Sufocado, tocou de novo o lugar e a água parou.

Trevize abriu a porta, ciente de que parecia ainda mais ridículo agora que o frio o fazia tremer, tornando difícil articular as palavras.

— C-como se f-faz para *esquentar* a água?

Lizalor olhou finalmente para ele e o aspecto do rapaz a fez esquecer a raiva (ou medo, ou qualquer que fosse a emoção que estava sentindo) e explodir em uma sonora gargalhada.

— Esquentar a água? Acha que vamos gastar energia esquentando a água de banho? Meu banheiro tem água morna. O que mais você quer? Vocês terminianos são uns molengas! Agora entre aí e lave-se!

Trevize hesitou, mas não por muito tempo, porque não tinha saída. Relutantemente, tornou a tocar na mancha rosada e dessa vez preparou o corpo para o choque. Água *morna?* Descobriu que o corpo estava coberto de espuma e começou a esfregar-se, calculando que o ciclo de lavar não duraria muito tempo.

Depois veio o ciclo de enxaguar. Ah, água quente... bem, quente, propriamente, não, mas menos gelada que no ciclo anterior. Então, no momento em que se preparava para tocar de novo na mancha e se perguntava como Lizalor havia saído do banho totalmente seca quando não havia nenhuma toalha à vista... a água parou. Seguiu-se um jato de ar que certamente o teria derrubado se não viesse de várias direções ao mesmo tempo.

Era quente; quase quente demais. Era preciso muito menos energia para aquecer o ar do que para aquecer a água, pensou Trevize. Em poucos minutos, estava totalmente seco.

Lizalor parecia totalmente recuperada.

— Como está se sentindo?

— Muito bem — respondeu Trevize. — Da primeira vez, eu estava desprevenido. Você não me avisou que a água era fria...

— Seu molenga — disse Lizalor, em tom carinhoso.

Trevize pediu emprestado o desodorante e depois começou a vestir-se, consciente do fato de que ela tinha roupas de baixo limpas para vestir e ele não.

— Como eu devia ter chamado... aquele planeta? — perguntou.

— Nós o chamamos de O Mais Antigo.

— Como eu iria saber que o nome que usei era proibido? Você me contou?

— Você perguntou?

— Por que iria perguntar?

— Não importa... agora você já sabe!

— E se eu esquecer?

— Não faça isso!

— Qual a diferença? É apenas uma palavra, um som! — exclamou Trevize, com impaciência.

— Existem palavras que não devem ser ditas. Você se sente livre para usar todas as palavras que conhece em qualquer circunstância?

— Algumas palavras são grosseiras, outras inadequadas, outras, em certas condições, podem ser perigosas. A que categoria pertence a palavra... a palavra que eu disse?

— É uma palavra triste, uma palavra solene — explicou Lizalor. — Representa um mundo que foi o berço de todos nós e que não existe mais. Somos especialmente sensíveis porque esse mundo ficava perto de nós. Preferimos não falar dele, mas se isso é necessário, nunca pronunciamos o seu nome.

— Mas por que cruzou os dedos? De que jeito isso afasta a tristeza?

Lizalor enrubesceu.

— Foi uma reação involuntária. Algumas pessoas pensam que essa palavra traz má sorte... e que cruzar os dedos é a única defesa.

— Você acredita nisso?

— Não... ou por outra, sim, de certa forma. — Como se estivesse ansiosa para mudar de assunto, disse depressa: — Por que você precisa de sua amiga de

cabelos pretos para encontrar... para encontrar o mundo que está procurando? — Por que não disse "O Mais Antigo"? Será que também dá azar?

— Prefiro não discutir o assunto. Responda à minha pergunta.

— Acho que o planeta de onde ela vem foi colonizado por emigrantes d'O Mais Antigo.

— Como o nosso — disse Lizalor, com orgulho.

— Acontece que, segundo minha amiga, seu povo tem os conhecimentos necessários para compreender O Mais Antigo. Antes, porém, temos que localizá-lo e estudar seus registros.

— Se o que você quer é visitar O Mais Antigo acompanhado por essa mulher, por que veio a Comporellon?

— Para tentar descobrir onde fica O Mais Antigo. Tive um amigo em Terminus que descendia dos comporelianos. Ele me assegurou que boa parte da história d'O Mais Antigo era bem conhecida em Comporellon.

— Verdade? E ele contou a você alguma coisa dessa história?

— Contou. Disse que O Mais Antigo era um mundo morto, totalmente radioativo. Ele não sabia por quê, mas achava que devia ser o resultado de explosões nucleares. Uma guerra, talvez.

— Não! — exclamou Lizalor.

— Não, não foi uma guerra? Ou não, O Mais Antigo não está radioativo?

— Está radioativo, mas não por causa de uma guerra.

— Então como foi que ficou radioativo? Não pode ter sido assim desde o começo, caso contrário seria um planeta estéril.

Lizalor pareceu hesitar.

— Foi um castigo — disse, afinal. — Era um mundo que usava robôs. Sabe o que é um robô?

— Sei.

— Os habitantes d'O Mais Antigo tinham robôs e por isso foram punidos. Todos os mundos que usavam robôs foram punidos e não existem mais.

— Quem os puniu, Lizalor?

— Aquele Que Pune. As forças da História. Não sei. — Desviou os olhos do rapaz e acrescentou, em voz baixa: — Pergunte por aí.

— Bem que eu gostaria, mas perguntar a quem? Existem estudiosos de História antiga em Comporellon?

— Existem, sim. Não são muito populares aqui... mas a Fundação, a *sua* Fundação, insiste no que chama de liberdade acadêmica.

— Uma insistência bastante louvável, na minha opinião. —Nada que é imposto pode ser louvável.

Trevize franziu a testa. Não adiantava continuar a discussão. Resolveu mudar a abordagem.

— Meu amigo, o dr. Pelorat, é um estudioso de História antiga — começou. — Estou certo de que gostaria muito de se encontrar com os colegas locais. Você poderia arranjar isso, Lizalor?

A ministro assentiu.

— Existe um historiador chamado Vasil Deniador que trabalha na Universidade aqui mesmo na capital. Ele não dá aulas, mas pode contar muita coisa para vocês.

— Por que não dá aulas?

— Não porque seja proibido; é que os alunos nunca escolhem o seu curso.

— Imagino — disse Trevize, esforçando-se para não parecer irônico — que o curso dele não seja propriamente recomendado aos estudantes...

— Por que seria? Ele é um cético. Também temos céticos aqui, sabia? Indivíduos que têm idéias extravagantes e são suficientemente arrogantes para pensar que eles, sozinhos, estão certos, enquanto que a maioria está errada!

— E isso não pode acontecer em alguns casos?

— Nunca! — exclamou Lizalor, com tal veemência que ficou claro que jamais admitiria o contrário. — E com todo o seu ceticismo, o dr. Deniador será obrigado a dizer para vocês a mesma coisa que qualquer comporeliano diria.

— O quê?

— Que se vocês procurarem O Mais Antigo, não o encontrarão.

24.

NOS APOSENTOS que haviam sido reservados para eles, Pelorat escutou atentamente a história de Trevize e depois observou:

— Vasil Deniador? Não me lembro do nome, mas pode ser que encontre algum artigo escrito por ele na biblioteca da nave.

— Tem certeza de que não reconhece o nome? Pense!

— Não me lembro, mesmo — disse Pelorat. — Mas afinal de contas, meu amigo, deve haver centenas de cientistas de valor de quem eu nunca ouvi falar... ou ouvi falar e me esqueci.

— Mesmo assim, não pode ser um cientista de primeira linha, caso contrário você o conheceria de nome! — O estudo da Terra...

— É melhor se acostumar a dizer "O Mais Antigo", Janov. Não queremos ofender os locais...

— O estudo d'O Mais Antigo — recomeçou Pelorat — não é um dos assuntos mais populares, de modo que os cientistas de primeira linha, mesmo no campo da História antiga, não se dedicam a ele. Se quiser interpretar de outra forma, o assunto desperta tão pouco interesse que os cientistas que se dedicam a ele jamais são considerados de primeira linha. *Eu*, por exemplo, não sou considerado por ninguém como um cientista de primeira linha.

— Para mim, Pel, você é um cientista de primeiríssima linha — disse Bliss, carinhosamente.

— Acredito, minha querida — disse Pelorat, com um leve sorriso —, mas você não está julgando minha capacidade profissional.

Era quase noite, a julgar pelas horas, e Trevize sentiu-se um pouco impaciente, como se sentia sempre que Bliss e Pelorat começavam a trocar gentilezas. Ele disse:

— Vou tentar marcar nosso encontro com Deniador para amanhã, mas se ele sabe tanto a respeito do assunto quanto a ministro, vamos sair dê mãos abanando.

— Pode ser que ele nos forneça alguma pista nova.

— Duvido muito. A atitude deste planeta em relação à Terra... é melhor eu também me acostumar a falar por eufemismos. A atitude desta planeta em relação a O Mais Antigo é uma atitude tola e supersticiosa. Mas tivemos um dia cheio e devíamos pensar em comer alguma coisa... a comida daqui é tão sem graça!... e depois dormir. Vocês dois já sabem usar o chuveiro?

— Meu caro amigo — disse Pelorat —, temos sido muito bem tratados. Recebemos instruções de todos os tipos, quase todas desnecessárias.

— E a nave, Trevize? — perguntou Bliss.

— Como assim?

— O governo de Comporellon vai confiscá-la?

— Não, acho que não.

— Que bom! Por que não?

— Porque fiz a ministro mudar de idéia.

— Espantoso! — exclamou Pelorat. — Ela me pareceu uma pessoa difícil de dobrar.

— Não sei, não — disse Bliss. — Pude ler com toda a clareza em sua mente que ela se sentia atraída por Trevize.

Trevize olhou para Bliss com uma irritação súbita.

— Você fez isso, Bliss?

— O que quer dizer?

— Você mexeu com as emoções...

— Não mexi, propriamente. Entretanto, quando percebi que ela sentia atração por você, não pude deixar de suprimir uma inibição ou outra. Foi uma coisa muito pequena. Essas inibições poderiam ter desaparecido naturalmente e era importante que ela estivesse cheia de boa vontade em relação a você.

— Boa vontade? Foi muito mais que isso! Ela ficou doida para fazer amor comigo!

— Quer dizer que vocês dois... — começou Pelorat.

— Por que não? — interrompeu Trevize. — Ela pode não ser nenhuma jovem, mas conhece bem a arte. Não é nenhuma principiante, isso eu garanto. E nem vou bancar o cavalheiro e mentir para protegê-la. A idéia foi dela... depois que Bliss removeu as inibições... e eu não estava em posição de recusar, mesmo que quisesse, o que não era o caso. Vamos, Janov, não faça essa cara de puritano. Faz vários meses desde que eu estive com uma mulher pela última vez. Enquanto isso, vocês...

— Acredite, Golan — disse Pelorat, envergonhado —, está interpretando mal minha expressão. Não o censuro de modo algum.

— Por outro lado, *ela* devia ser puritana! — disse Bliss. — Queria apenas que

ela simpatizasse com você; não esperava provocar um paroxismo sexual!

— Pois foi exatamente o que você provocou, minha pequena metida. A ministro pode ter que desempenhar o papel de puritana em público, mas isso serve apenas para reavivar o fogo que tem dentro de si.

— E assim, contanto que você lhe dê prazer, ela estará pronta a trair a Fundação...

— Ela teria feito isso de qualquer forma — disse Trevize. — Ela queria a nave para... — Interrompeu o que estava dizendo e sussurrou: — Alguém está nos ouvindo?

— Não! — respondeu Bliss.

— Tem certeza?

— Absoluta. É impossível espreitar a mente de Gaia sem que Gaia perceba.

— Está bem. O que eu estava dizendo é que ela quer a nave para Comporellon... uma excelente aquisição para a armada do planeta, não acham?

— A Fundação jamais permitiria isso.

— E se a Fundação não ficasse sabendo? Bliss suspirou.

— Vocês, Isolados, são estranhos! A ministro pretende trair a Fundação para favorecer Comporellon, mas, em troca de sexo, está pronta a também trair Comporellon. E você, Trevize, não hesita em vender seu corpo para conseguir o que quer. Quanta anarquia, na Galáxia de vocês! É o próprio caos!

— Está muito enganada, mocinha... — começou Trevize.

— Não estava falando como mocinha, e sim como Gaia. Eu sou Gaia.

— Então está muito enganado, *Gaia*. Não vendi meu corpo. Ofereci-o espontaneamente. Isso me deu prazer e não fiz mal a ninguém. Quanto às consequências, não nego que tenham sido favoráveis para minha missão. Que mal há nisso? A nave pertence à Fundação, mas foi confiada a mim quando recebi a missão de procurar a Terra. Considero-a minha até terminar a busca; não acho que a Fundação tenha o direito de desistir do acordo. Quanto a Comporellon, não aprecia nem um pouco o domínio da Fundação; pelo contrário, sonha com independência. A seus próprios olhos, é perfeitamente correto enganar a Fundação; não se trata de um ato de traição, mas de um ato de patriotismo. Quem sabe?

— Exatamente. Quem sabe? Em uma Galáxia de anarquia, como é possível separar os atos razoáveis dos que não são razoáveis? Quem decide o que é certo

e o que é errado, o que é bom e o que é mau, o que é útil e o que é inútil? Como explica que a ministro seja capaz de trair seu próprio governo, deixando você ficar com a nave? Será que ela anseia por liberdade pessoal em um mundo totalitário? Devemos considerá-la uma traidora ou uma patriota na oposição?

— Para ser franco — disse Trevize —, não sei se ela resolveu me devolver a nave simplesmente por gratidão pelo prazer que lhe proporcionei. Acho que só tomou a decisão quando lhe contei que estava procurando O Mais Antigo. Para ela, trata-se de um mundo proibido, e nossa nave, por estar sendo usada nessa busca, também se tornou proibida. Tenho a impressão de que Lizalor acha que cometeu algum sacrilégio ao tentar apossar-se da nave. Talvez pense que ao nos deixar ir embora esteja prestando um serviço a Comporellon, livrando o planeta da má sorte de que nós e nossa nave somos portadores. Nesse caso, o ato dela poderia ser considerado como patriótico.

— Mesmo que sua interpretação esteja correta, o que eu duvido, Trevize, a decisão da ministro se baseou em mera superstição. Você admira isso?

— Não admiro nem condeno. Na falta de conhecimentos suficientes, o ser humano sempre recorreu à superstição. A Fundação acredita no Plano de Seldon, embora nenhum de nós seja capaz de compreendê-lo, interpretá-lo ou usá-lo para fazer previsões. Seguimos cegamente o plano graças a nossa ignorância e nossa fé; isso não pode ser chamado de superstição?

— Acho que sim.

— No caso de Gaia é a mesma coisa. Vocês acreditam que eu tomei a decisão correta ao julgar que Gaia deveria absorver toda a Galáxia e transformá-la em um único organismo, mas não sabem por que eu tenho que estar certo, nem quais são os riscos envolvidos. Concordam comigo apenas por causa de ignorância e da fé e chegam a ficar aborrecidos quando eu tento descobrir fatos que acabariam com a ignorância e talvez tornassem a fé desnecessária. Isso não é superstição?

— Acho que agora ele pegou você, Bliss — disse Pelorat.

— Não concordo — disse Bliss. — Ou a busca não vai resultar em nada ou Trevize encontrará razões que justifiquem sua decisão.

— Bliss, não há nada que apoie esta sua última afirmação a não ser a ignorância e a fé — disse Trevize. — Em outras palavras, superstição!

25.

VASIL DENIADOR era um homem baixinho, de feições miúdas, que tinha mania de olhar para o interlocutor sem mover a cabeça, apenas levantando os olhos. Esse hábito, combinado com o breve sorriso que periodicamente iluminava-lhe o semblante, fazia com que parecesse alguém que está sempre achando graça nas coisas que o cercam.

O escritório que ocupava era comprido e estreito, cheio de fitas magnéticas que pareciam em total desordem, não porque houvesse qualquer indicação concreta disso, mas porque não tinham sido introduzidas até o fim nos seus nichos, o que dava às prateleiras um aspecto irregular. As três cadeiras que indicou para os visitantes não combinavam entre si e davam a impressão de terem sido espanadas recentemente, sem muito sucesso.

— Janov Pelorat, Golan Trevize e Bliss — disse. — Não sei o sobrenome da senhora.

— Todos me chamam de Bliss — replicou a moça, sentando-se.

— Pensando bem, Bliss é mais que suficiente — disse Deniador, piscando o olho para ela. — Uma moça atraente como você não precisa nem de nome.

Os dois homens também se sentaram. Deniador disse:

— Conheço-o de nome, dr. Pelorat. Trabalhou para a Fundação, não é mesmo? Em Terminus?

— Isso mesmo, dr. Deniador.

— Também ouvi falar do senhor, conselheiro Trevize. Soube que não faz muito tempo foi expulso do Conselho e exilado. Gostaria de saber por quê.

— Não é verdade que eu tenha sido expulso. Ainda sou membro do Conselho, embora não tenha data marcada para reassumir minhas funções. Também não fui exilado. Recebi uma missão. É por isso que estamos aqui... talvez possa ajudar-nos.

— Com todo o prazer — disse Deniador. — E a linda mocinha? Também é de Terminus?

— Ela é de outro lugar — respondeu Trevize secamente.

— Ah, é um estranho planeta, esse Outro Lugar! Seus nativos são uma fauna tão variada... Escute, se vocês dois são de Terminus, a capital da Fundação, e a

companheira de vocês é uma jovem muito atraente, e se Mitza Lizalor não nutre uma simpatia especial por nenhuma das duas categorias, como explica que tenham sido tão bem recomendados?

— Acho que ela queria livrar-se de nós — explicou Trevize. — Quanto mais depressa nos ajudar, mais depressa deixaremos o planeta.

Deniador olhou para Trevize por um momento, sorriu ironicamente e disse:

— Naturalmente, não seria difícil para a ministro sentir-se atraída por um tipo como o senhor a ponto de esquecer a sua nacionalidade. Ela gosta de se fazer de vestal, mas tudo tem um limite.

— Não sei do que está falando — protestou Trevize, muito sério.

— E é melhor que não saiba... pelo menos oficialmente. Acontece que sou um cético, acostumado a não me deixar levar pelas aparências. De qualquer forma, conselheiro, qual é a sua missão? Vejamos se posso ajudá-lo.

— Prefiro que o dr. Pelorat fale por mim.

— Como quiser. Dr. Pelorat? Pelorat começou:

— Para ir direto ao ponto, meu caro doutor, dediquei a maior parte da minha vida adulta à busca do planeta em que se originou a espécie humana. Fui enviado, juntamente com o meu bom amigo, Golan Trevize, embora, para ser franco, não o conhecesse até iniciarmos a missão, à procura da... isto é, à procura d'O Mais Antigo.

— O Mais Antigo? — repetiu Deniador. — Você deve estar querendo dizer a Terra.

Pelorat ficou de boca aberta por alguns instantes. Depois disse, com alguma hesitação:

— Estava com a impressão... ou por outra, fui levado a crer... que neste planeta ninguém tinha coragem de...

Olhou para Trevize, como que pedindo socorro. Trevize explicou:

— A ministro Lizalor me disse que essa palavra não era usada em Comporellon.

— Quando vocês falaram na Terra ela fez um gesto assim? — Deniador levantou os dois braços, cruzando o indicador e o anular de cada mão.

— Isso mesmo — confirmou Trevize. — Foi isso o que ela fez. Deniador deu uma risada.

— Bobagem, senhores. Fazemos isso apenas por força de hábito. No interior pode ser que ainda haja alguém que leve essa superstição a sério, mas não aqui,

na capital. Não conheço nenhum comporeliano que não diga "terra" quando está nervoso ou irritado. É uma das interjeições mais comuns que nós temos.

— Seja como for — insistiu Trevize —, a ministro pareceu bastante perturbada quando eu usei a palavra.

— Talvez seja porque ela foi criada nas montanhas.

— Que quer dizer com isso?

— Mitza Lizalor nasceu e foi criada na Cordilheira Central. Lá as crianças recebem uma educação extremamente conservadora... do tipo que deixa marcas para a vida inteira!

— Então a palavra "terra" não o incomoda nem um pouco, não é mesmo, doutor? — observou Bliss.

— Claro que não, minha cara. Já disse que sou um cético. Trevize interveio:

— Sei o que significa a palavra "cético" em galáctico, mas em que sentido ela é usada aqui?

— No mesmo sentido que no seu mundo, conselheiro. Só aceito o que sou forçado a aceitar diante de provas que mereçam uma confiança razoável; meus julgamentos são provisórios, sujeitos a revisão sempre que surgirem novas provas. Naturalmente, isso não me torna muito popular.

— Por que não? — quis saber Trevize.

—Os céticos não são populares em parte alguma. Qual o mundo cuja população não prefere uma crença morna e respeitável, por mais ilógica que seja, aos ventos frios da incerteza?... Veja como vocês aceitam o Plano de Seldon sem nenhuma prova concreta!

— Tem razão — disse Trevize, olhando para as pontas dos dedos. — Ontem mesmo usei o Plano de Seldon como exemplo do que chamo de superstição.

Pelorat interrompeu:

— Vamos voltar ao que interessa, meu caro. O que é que se conhece a respeito da Terra que até mesmo um cético aceitaria?

— Muito pouco — afirmou Deniador. — Podemos supor que a espécie humana tenha se originado em um único planeta, já que seria extremamente improvável que a mesma espécie surgisse independentemente em vários mundos. Podemos chamar de Terra esse planeta original. Ora, em Comporellon, todos acreditam que a Terra fica neste canto da Galáxia, porque os planetas aqui são muito antigos e é provável que os primeiros planetas a serem colonizados tenham sido

os mais próximos da Terra.

— A Terra apresenta alguma característica peculiar, além de ter sido o planeta de origem da espécie humana? — perguntou Pelorat, em tom ansioso.

— Está pensando em alguma coisa em particular? — retrucou Deniador, com um sorriso irônico.

— Estou pensando no satélite da Terra, que alguns chamam de Lua. O satélite seria uma característica peculiar, não seria?

— Esta pergunta é tendenciosa, dr. Pelorat. Está tentando colocar palavras na minha boca.

— Eu não disse por que o satélite da Terra poderia ser considerado peculiar.

— Por causa do tamanho, é claro. Acertei? Estou vendo que sim... Todas as lendas a respeito da Terra falam da grande variedade de seres vivos que abriga e do seu gigantesco satélite, com três mil a três mil e quinhentos quilômetros de diâmetro. A variedade de formas de vida é fácil de aceitar, já que seria uma consequência natural da evolução biológica. Um satélite gigantesco é mais difícil de aceitar. Nenhum outro mundo habitado da Galáxia possui um satélite assim. Os grandes satélites estão invariavelmente associados a gigantes gasosos, inabitados e inabitáveis. Assim, como cético que sou, prefiro não acreditar na existência da Lua.

— Se a Terra é o único planeta que possui milhões de espécies vivas — objetou Pelorat —, por que não pode ser o único planeta habitado que possui um satélite gigantesco? As duas coisas podem estar ligadas.

Deniador sorriu.

— Não vejo como a presença de milhões de espécies na Terra pode vir a criar um satélite do nada.

— Talvez seja o contrário... talvez um satélite gigante tenha ajudado a criar os milhões de espécies.

— Também não consigo imaginar de que forma isso seria possível.

— E quanto ao fato de a Terra ser um planeta radioativo? — quis saber Trevize.

— Este fato faz parte praticamente de todas as lendas — respondeu Deniador.

— Acontece — argumentou Trevize — que a Terra não poderia ter sido radioativa desde o princípio, caso contrário jamais teria sido habitada. Como, então, se tornou radioativa? Uma guerra nuclear?

— É o que a maioria pensa, conselheiro Trevize.

— Pela sua expressão, posso ver que não está de acordo com essa crença.

— Não existe nenhuma prova concreta de que tenha havido uma guerra.

— O que acha, então, que aconteceu?

— Por que teria que acontecer alguma coisa? Talvez a radioatividade da Terra seja tão falsa quanto o seu satélite gigante!

— Poderia contar-nos a história da Terra segundo os comporelianos? — pediu Pelorat. — Através dos anos, tomei conhecimento de muitas lendas sobre a origem da espécie humana. Entretanto, não sei quase nada a respeito dos mitos deste planeta, a não ser pelo fato de que envolvem um personagem misterioso chamado Benbally.

— Isso não me surpreende. Os comporelianos não gostam de discutir o assunto com estranhos. Superstição, o senhor entende. Estou admirado até mesmo que tenha ouvido falar de Benbally.

— Por outro lado, o senhor não é supersticioso e portanto não se incomoda de falar do assunto, não é mesmo?

— Exatamente — disse o historiador, olhando para Pelorat sem mover a cabeça. — Claro que meus compatriotas não aprovariam, mas sei que deixarão em breve o planeta e se prometerem que não vão revelar onde conseguiram a informação...

— Tem nossa palavra de honra — assegurou Pelorat.

— Então aqui está um resumo do que dizem as nossas lendas, depois de expurgadas de todos os enfeites de cunho moralista. Durante muitos e muitos milênios, a Terra foi o único planeta habitado por seres humanos. Então, há cerca de vinte ou vinte e cinco mil anos atrás, o Homem inventou o Salto no hiperespaço, o que tornou possível as viagens interestelares. Em consequência, vários planetas próximos da Terra foram colonizados.

Os colonizadores que chegaram a esses planetas faziam uso de robôs, que tinham sido inventados na Terra antes da era das viagens interestelares... a propósito, vocês sabem o que são robôs, não sabem?

— Sabemos, sim — respondeu Trevize. — Vivem nos perguntando isso. Sim, sabemos o que são robôs.

— Os colonizadores, que viviam em sociedades altamente robotizadas, conseguiram um grande progresso tecnológico e uma longevidade fora do comum. Com o passar dos anos, passaram a sentir desprezo pelo planeta natal. De acordo com as versões mais dramáticas da lenda, chegaram mesmo a

dominar e oprimir os habitantes da Terra.

"Quando a Terra mandou para o espaço uma segunda leva de colonizadores, o uso de robôs foi proibido. Comporellon foi um dos primeiros desses novos mundos. Na verdade, nossos patriotas mais extremados insistem em que Comporellon foi *o* primeiro, mas não há provas concretas de que isso seja verdade. Depois que o primeiro grupo de colonizadores desapareceu...

— Por que o primeiro grupo desapareceu, dr. Deniador? — quis saber Trevize.

— Por quê? Os mais românticos afirmam que eles foram punidos pelos seus crimes por Aquele Que Pune, embora ninguém saiba explicar por que razão Ele esperaria tanto tempo. Mas existe uma razão bem mais lógica. Qualquer sociedade baseada no uso intensivo de robôs está fadada a tornar-se fraca e decadente. A longo prazo, seus membros simplesmente perdem a vontade de viver.

"Depois que o primeiro grupo desapareceu, os colonizadores do segundo grupo, que não usavam robôs, espalharam-se por toda a Galáxia, mas a Terra tornou-se radioativa e portanto inabitável. Segundo a lenda, os robôs continuaram a ser usados na Terra enquanto ela foi habitada.

Bliss, que estivera escutando o relato com visível impaciência, interveio:

— Dr. Deniador, com radioatividade ou sem radioatividade, com robôs ou sem robôs, a questão mais importante é a seguinte: *onde fica* a Terra? Quais são as coordenadas do planeta?

— Minha resposta é simples: não sei — disse Deniador. — Mas acho que está na hora do almoço. Vou mandar trazer alguma coisa para mastigarmos enquanto continuamos nossa conversa a respeito da Terra.

— O senhor *não sabe?* — repetiu Trevize, indignado.

— Nem eu nem ninguém que eu conheça.

— Impossível!

— Conselheiro -- disse Deniador, com um suspiro --, se quer chamar a verdade de impossível, é direito seu, mas não conseguirá nada com isso.

CAPÍTULO 7: SAINDO DE COMPORELLON

26.

O ALMOÇO era uma série de bolinhas crocantes, de cores variadas, que continham diferentes recheios.

Deniador apanhou um pequeno objeto que, ao ser desdobrado, transformou-se em um par de luvas transparentes. Calçou as luvas e os convidados o imitaram.

Bliss perguntou:

— Poderia nos dizer o que há dentro dessas bolinhas?

— As bolinhas cor-de-rosa estão recheadas com pedacinhos de peixe temperado, um dos pratos mais famosos da cozinha comporeliana. As amarelas contêm um recheio muito suave, à base de queijo; as verdes, uma mistura de verduras. São mais gostosas enquanto ainda estão bem quentes. Depois vamos ter uma torta quente de amêndoas e as bebidas de costume. Recomendo a cidra quente. Num clima frio como o nosso, temos o hábito de servir tudo quente, até mesmo as sobremesas.

— O senhor parece ser um bom garfo — disse Pelorat.

— Nem tanto — protestou Deniador.. — Estou procurando ser hospitaleiro. Quando estou sozinho, contento-me com muito pouco...

Trevize deu uma dentada em uma bolinha cor-de-rosa e constatou que o recheio tinha mesmo gosto de peixe, com um tempero forte, de gosto agradável, mas que, pensou, não sairia de sua boca durante o resto do dia e talvez durasse até a

manhã seguinte.

Quando olhou para a bolinha que havia acabado de morder, descobriu que a casca tinha tornado a se fechar em volta do resto do recheio. Imaginou então para que serviriam as luvas, já que aparentemente seria impossível sujar as mãos. Chegou à conclusão de que devia ser uma questão de higiene. As luvas tinham sido usadas inicialmente para substituir a lavagem das mãos e mais tarde seu uso havia sido incorporado à etiqueta. (Lizalor não tinha usado luvas no jantar, na noite anterior... talvez por tratar-se de uma mulher das montanhas.).

— Seria considerado falta de educação falar de negócios durante o almoço? — perguntou a Deniador.

— Pelos padrões comporelianos, seria, sim, conselheiro. Entretanto, são meus convidados e têm o direito de se guiar pelos seus próprios padrões. Se acham que uma conversa séria não vai impedir que apreciem a comida, não tenho nada a opor.

— Obrigado — disse Trevize. — A ministro Lizalor insinuou... não, ela *afirmou* que os céticos são muito impopulares neste planeta. Isso é verdade?

Deniador pareceu animar-se.

— Claro que sim. Ficaríamos muito desapontados se não o fôssemos. Comporellon é um mundo de frustrados! Diz a lenda que antigamente, há muitos milênios, quando a Galáxia habitada era pequena, Comporellon era o centro de tudo. Nunca nos esquecemos disso... o fato de que em todo o período histórico Comporellon jamais passou de um planeta secundário nos parece... quando digo "nós", estou me referindo à população em geral... nos parece uma grande injustiça.

"O que podemos fazer? Antigamente, tínhamos que jurar lealdade ao imperador. No momento, fazemos parte dos Planetas Associados, sujeitos à liderança da Fundação. Quanto mais patente a nossa posição subalterna, mais forte a crença em um misterioso passado de glória!

"Que fazem, então, os comporelianos? Ontem, não tinham coragem de enfrentar o Império; hoje, não podem desafiar a Fundação. Sua válvula de escape, portanto, consiste em nos atacar, já que não acreditamos nas lendas e achamos graça nas superstições.

"Entretanto, estamos a salvo dos efeitos mais sérios dessa perseguição. A tecnologia do planeta está em nossas mãos e controlamos boa parte do magistério das universidades. Alguns de nós, que temos a coragem de externar abertamente nossos pontos de vista, encontram alguma dificuldade para lecionar

em público. Meus alunos, por exemplo, preferem se encontrar comigo em algum lugar discreto, fora do *campus.* Caso, porém, fôssemos realmente excluídos da vida pública, a indústria do planeta entraria em colapso e o ensino superior ficaria muito prejudicado. Talvez a ameaça de um suicídio intelectual não os impedisse de dar vazão ao seu ódio... tal é a dimensão da tolice de que são capazes os seres humanos... mas a própria Fundação nos apoia. Assim, somos constantemente criticados, denunciados, reprovados... mas ninguém faz nada a respeito!

— É o medo da opinião pública que o impede de nos revelar a localização da Terra? — perguntou Trevize. — O senhor teme que, apesar de tudo, o movimento contra os céticos possa apanhá-lo se o senhor for longe demais?

Deniador sacudiu a cabeça.

— Não. Não conheço a localização da Terra. Não estou escondendo nada de vocês, nem por medo nem por nenhuma outra razão.

— Escute — insistiu Trevize. — Existe um número limitado de planetas neste setor da Galáxia que possuem todas as características associadas à habitabilidade, e quase todos devem ser não apenas habitáveis, mas também habitados, e portanto bem conhecidos do senhor. Seria tão difícil assim procurar por um planeta que teria tudo para ser habitável, a não ser pelo fato de apresentar altos níveis de radioativi-dade? Além disso, o planeta estaria acompanhado por um satélite de tamanho fora do comum. Não, a Terra se destacaria claramente, mesmo em uma busca superficial. Encontrá-la seria apenas uma questão de tempo!

— Acontece — replicou Deniador — que, de acordo com os céticos, a radioatividade da Terra e a existência de um satélite não passam de lendas.

— Talvez, mas isso não deveria impedir os outros comporelianos de tentar. Se encontrassem um planeta radioativo de tamanho suficiente para ser habitado, com um grande satélite em órbita, as lendas relativas à antiga grandeza de Comporellon passariam a ser encaradas com muito mais seriedade pelos outros planetas...

Deniador deu uma risada.

— Pode ser que os comporelianos não tentem exatamente por esse motivo. Se a busca não der em nada, ou se encontrarmos uma Terra muito diferente da que é descrita nas nossas lendas, acontecerá o oposto. O passado glorioso de Comporellon cairá em descrédito. Seremos motivo de riso para toda a Galáxia. Meus compatriotas não estão dispostos a correr esse risco!

Trevize pensou um pouco e depois insistiu, em tom ansioso:

— Escute, mesmo que a Terra não esteja radioativa, mesmo que não tenha nenhum satélite, existe uma terceira característica que, por definição, *tem* que existir, independentemente de qualquer lenda. A Terra, por ser o mais antigo de todos os planetas, deve abrigar uma notável diversidade de formas de vida, ou os restos de uma, ou, na pior das hipóteses, os vestígios fósseis de uma.

— Conselheiro — replicou Deniador —, embora Comporellon jamais se tenha empenhado em uma busca sistemática do planeta Terra, viajamos bastante pelo espaço e ocasionalmente temos tido notícia de naves que, por uma razão ou por outra, se desviaram da rota. Os Saltos, como o senhor deve saber, nem sempre são exatos. Mesmo assim, nunca foi descoberto nenhum planeta com as características atribuídas pelas lendas ao planeta Terra, ou que apresentasse uma variedade de formas de vida fora do comum. Assim, se em milhares de anos não foi observado nenhum indício da existência da Terra, estou propenso a acreditar que é impossível encontrar a Terra porque a Terra não está aqui para ser encontrada.

— Mas a Terra tem que estar em *algum lugar!* — exclamou Trevize. — Em algum ponto do Universo existe um planeta no qual a espécie humana e todas as formas de vida a ela associadas tiveram origem. Se a Terra não fica neste setor da Galáxia, isso não quer dizer que ela não exista.

— Pode ser — concordou Deniador, muito sério —, mas até agora ninguém conseguiu encontrá-la.

— Talvez não tenham procurado direito.

— O que o senhor está disposto a fazer. Desejo-lhe boa sorte, mas não estou disposto a apostar no seu êxito.

— Tem conhecimento de alguma tentativa de descobrir a localização da Terra por meios indiretos, por outros meios que não uma busca direta? — perguntou Trevize.

— Tenho — disseram duas vozes ao mesmo tempo. Deniador, a quem pertencia uma das vozes, disse para Pelorat:

— Está pensando no projeto de Yariff?

— Isso mesmo — confirmou Pelorat.

— Então quer explicar ao conselheiro? Aeho que ele confia mais no senhor do que em mim.

— Você sabe, Golan — disse Pelorat —, nos últimos dias do Império, houve

uma época em que a Busca das Origens, como era chamada, tornou-se um passatempo muito popular, talvez como forma de escapar à realidade desagradável do cotidiano. Na ocasião, o Império estava se desintegrando.

"Pois ocorreu a um historiador lívio chamado Humbal Yariff que o planeta original da espécie humana, qualquer que fosse, certamente teria colonizado primeiro os planetas mais próximos para depois colonizar os mais distantes. Em outras palavras, quanto mais longe um mundo estivesse do planeta de origem, mais recentemente teria sido colonizado.

"Suponhamos, então, que alguém verificasse a data de colonização de todos os planetas habitáveis da Galáxia e ligasse todos os que tivessem sido colonizados no mesmo milênio. Haveria uma superfície ligando todos os planetas que foram colonizados há dez mil anos; outra, ligando os planetas que foram colonizados há vinte mil anos; uma terceira, ligando os planetas que foram colonizados há quinze mil anos. Teoricamente, todas as superfícies seriam aproximadamente esféricas e aproximadamente concêntricas. As superfícies associadas a mundos mais antigos teriam, raios menores que as associadas a mundos mais recentes. No centro comum de todas as esferas estaria o planeta de origem... a Terra.

Pelorat olhou para o amigo enquanto desenhava superfícies esféricas no ar com as mãos em concha.

— Está acompanhando o meu raciocínio, Golan? Trevize assentiu.

— Sim, mas suponho que não deu certo.

— Teoricamente, deveria ter dado, meu caro amigo. O problema é que as datas de colonização eram extremamente imprecisas. Todos os planetas exageravam, em maior ou menor grau, a própria antiguidade, e não havia uma maneira fácil de determinar a data de colonização de forma confiável.

— Por que não usaram o método do carbono 14 em amostras de madeira? — quis saber Bliss.

— Para isso, minha cara — explicou Pelorat —, seria preciso a colaboração do planeta investigado, o que não era fácil de conseguir. Nenhum planeta queria correr o risco de ver abaladas todas as suas tradições; por outro lado, o Império não estava mais em posição de impor sua vontade. Assim, Yariff teve que se contentar com planetas que tinham sido colonizados no máximo há dois mil anos e cuja fundação tinha sido registrada de forma confiável. Não havia muitos desses planetas, e embora estivessem distribuídos de forma aproximadamente esférica, o centro ficava, não na Terra, mas perto de Trantor, a capital do Império, de onde haviam partido as expedições que haviam colonizado esses

planetas.

"Esse, naturalmente, era outro problema. A Terra não era o único ponto de origem para a colonização de outros planetas. Com o passar do tempo, outros planetas também se tornaram focos de colonização; quando o Império estava no apogeu, Trantor era o mais importante desses focos. Quando os resultados da investigação foram conhecidos, Yariff ficou desmoralizado e sua teoria tornou-se objeto de ridículo, o que, em minha opinião, foi uma grande injustiça.

— Obrigado pela explicação, Janov. Dr. Deniador, então não me pode fornecer nenhuma informação útil? Sabe de algum outro planeta onde eu possa encontrar alguma pista a respeito da localização da Terra?

Deniador pensou por alguns instantes.

— Hum... — começou, afinal, com muita hesitação — como Cético, quero preveni-lo de que não estou certo da existência da Terra. Entretanto... — Interrompeu-se de novo.

Afinal, Bliss interveio:

— Acho que se lembrou de algo que pode ser importante, doutor.

— Importante? Duvido muito — disse Deniador. — Curioso seria um termo mais apropriado. A Terra não é o único planeta cuja localização constitui um mistério. Existem também os mundos da primeira leva de Colonizadores, os Espaciais, como são chamados em nossas lendas. Alguns chamam os planetas que eles colonizaram de "mundos dos Espaciais"; outros, de "Mundos Proibidos". Hoje em dia, o segundo nome é mais comum.

"No seu apogeu, diz a lenda, os Espaciais viviam centenas de anos e não permitiam que nossos ancestrais pousassem em seus mundos. Depois que nós os derrotamos, a situação se inverteu. Recusamo-nos a comerciar com eles e proibimos que nossas naves e as dos Mercadores visitassem os seus planetas. Assim, eles se tornaram Mundos Proibidos. Estávamos certos, diz a lenda, que Aquele Que Pune acabaria por destruir os mundos dos Espaciais. A verdade é que há vários milênios que ninguém ouve falar dos Espaciais.

— Acha que os Espaciais conhecem a localização da Terra? — perguntou Trevize.

— É possível, já que seus planetas são mais antigos do que os nossos. Isto é, se é que ainda existem Espaciais, o que considero extremamente improvável.

— Mesmo que não existam mais, podem ter deixado registros em seus planetas.

— Para ter acesso a esses registros, primeiro seria preciso encontrar os planetas dos Espaciais...

Trevize parecia exasperado.

— Está querendo dizer que as pistas para a localização da Terra podem ser encontradas nos planetas dos Espaciais, para cuja localização não há nenhuma pista?

Deniador fez uma careta.

— Nosso último contato com eles foi há mais de vinte mil anos... Os Espaciais, como a Terra, estão perdidos nas trevas da História.

— Quantos eram os planetas dos Espaciais?

— As lendas falam de cinquenta planetas... um número redondo demais para ser verdadeiro. Provavelmente eram muito menos.

— E o senhor não conhece a localização de pelo menos um desses planetas?

— Talvez sim, talvez não...

— O que quer dizer?

Deniador deu um suspiro e explicou:

— Meu passatempo, como o do dr. Pelorat, é a História antiga. Assim, dedico parte do meu tempo ao exame de velhos documentos. No ano passado, chegou às minhas mãos o diário de bordo de uma velha espaçonave. Os registros, que eram quase indecifráveis, datavam de uma época tão antiga que nosso planeta ainda não era chamado de Comporellon. O nome que usavam era "Baleyworld", que, a meu ver, não passa de uma versão primitiva do "mundo de Benbally" de nossas lendas.

— O senhor publicou alguma coisa a respeito? — quis saber Pelorat.

— Não — respondeu Deniador. — Como diz o ditado, não gosto de mergulhar sem ter certeza de que a piscina está cheia. Acontece que, de acordo com o diário, o comandante da nave tinha visitado um planeta dos Espaciais e levado com ele uma mulher Espacial.

— Mas o senhor disse que os Espaciais não recebiam visitas! — protestou Bliss.

— Exatamente! Foi por isso que não escrevi nada sobre minha descoberta. Parece impossível. Conheço muitas lendas a respeito dos Espaciais e suas disputas com os Colonizadores, nossos antepassados. Essas lendas existem não só em Comporellon mas também em outros mundos e apresentam muitas variações, mas sob um aspecto estão todas de acordo: os dois grupos, Espaciais e

Colonizadores, não se misturavam. Não havia contatos sociais e muito menos sexuais. No entanto, de acordo com o diário da nave, o comandante Colonizador e a mulher Espacial estavam apaixonados um pelo outro. Isto é tão incrível que não vejo nenhuma possibilidade de que a história seja considerada como algo mais que um romance de ficção. Trevize parecia desapontado.

— Isso é tudo?

— Não, conselheiro, há mais uma coisa. Encontrei no diário de bordo daquela nave uma série de números que poderiam ou não representar coordenadas espaciais. Supondo que representassem... como Cético, sinto-me na obrigação de repetir que se trata apenas de uma conjectura... supondo que representassem coordenadas espaciais, poderiam indicar a localização de três dos planetas dos Espaciais. Um deles seria o planeta onde o comandante pousou e de onde partiu com a mulher Espacial.

— Acha possível que mesmo que a história seja fictícia as coordenadas sejam reais? — perguntou Trevize.

— Pode ser — disse Deniador. — Vou dar os números a vocês. Podem usá-los à vontade, mas talvez não os levem a lugar nenhum... Entretanto, fico imaginando...

— Imaginando o quê? — perguntou Trevize.

— E se entre esses números estivessem as coordenadas da Terra?

27.

O SOL de Comporellon, de cor alaranjada, era maior em aparência que o sol de Terminus, mas estava baixo no céu e dava pouco calor. O vento, que felizmente não era forte, tocou o rosto de Trevize com dedos gelados.

O rapaz estremeceu, apesar do casaco aquecido eletricamente que havia recebido de Mitza Lizalor, que no momento estava de pé a seu lado.

— O sol de vocês não esquenta nada, Mitza — disse Trevize. A ministro olhou rapidamente para o sol e continuou ali parada no espaçoporto quase vazio, sem nenhum sinal de desconforto... alta, corpulenta, usando um traje muito mais leve que o de Trevize. Se estava sentindo um pouco de frio, sabia disfarçar muito

bem.

— Na verdade, Trevize, temos um lindo verão. Não é longo, mas nossas lavouras estão adaptadas ao clima do planeta. Usamos variedades que se desenvolvem muito depressa na estação quente e resistem bem às geadas. Nossos animais domésticos são todos muito peludos; a lã de Comporellon é considerada com justiça a melhor da Galáxia.

Temos também algumas fazendas em órbita onde plantamos frutas tropicais. Na verdade, somos grandes exportadores de abacaxi em conserva! Pouca gente sabe disso. Para muitos, não passamos de um mundo gelado...

— Obrigado por vir despedir-se de nós — disse Trevize. — Obrigado também por nos ajudar em nossa missão. Para minha paz de espírito, entretanto, gostaria de saber se isso não lhe vai causar problemas.

— Não! — respondeu a ministro, sacudindo a cabeça orgulhosamente. — Nenhum problema. Em primeiro lugar, ninguém vai questionar minhas ordens. Sou encarregada dos meios de transporte. Sou eu quem dita as regras a serem cumpridas neste e nos outros espaçoportos, sou eu quem decide quais as naves que podem pousar e quais as que podem partir. O primeiro-ministro me encarregou dessa tarefa e não faz a mínima questão de conhecer os detalhes. Além disso, mesmo que eu fosse interrogada, bastaria contar a verdade. O governo me aplaudiria por não entregar a nave à Fundação. A população também me apoiaria, se chegasse a conhecer os fatos.

Trevize insistiu:

— Concordo em que o governo talvez não quisesse entregar a nave à Fundação, mas tem certeza de que aprovaria o fato de você nos deixar partir com ela?

Lizalor sorriu.

— Você é um homem decente, Trevize. Lutou com todas as forças para não perder a nave e agora que conseguiu o que queria encontra tempo para preocupar-se com o meu bem-estar!

Estendeu a mão para o rapaz, como se estivesse a ponto de fazer um gesto de carinho, mas controlou o impulso com dificuldade. Prosseguiu, de forma mais impessoal:

— Se não concordarem com minha decisão, terei apenas que revelar que vocês estavam, e ainda estão, à procura d'O Mais Antigo. Todos vão dizer que fiz muito bem em me livrar de vocês, com nave e tudo. Vão encenar todo um ritual de expiação, apenas pelo fato de vocês terem pisado no planeta!

— Acha que nossa presença pode trazer má sorte para você e para Comporellon?

— Acho, sim — declarou Lizalor, em tom de desafio. Depois prosseguiu, de forma mais branda: — Você já me trouxe má sorte, pois agora, que conheci você, os homens de Comporellon vão me parecer mais insípidos que nunca. Ficarei com um desejo insaciável. Aquele Que Pune já providenciou para que isso acontecesse.

Trevize hesitou por um momento e depois disse:

— Não quero que mude de opinião a meu respeito, mas também não quero que se preocupe sem necessidade. Essa história de que minha chegada lhe trouxe má sorte não passa de superstição.

— Aposto que foi o Cético quem disse isso.

— Não preciso de que o Cético me diga.

Lizalor passou a mão pelo rosto, pois uma fina camada de gelo estava se acumulando nas sobrancelhas espessas. Depois, disse:

— Sei que alguns consideram isso superstição. Estou convencida, porém, de que O Mais Antigo traz má sorte. Este fato já foi demonstrado vezes sem conta e nem todos os argumentos engenhosos dos Céticos são suficientes para mudar a verdade.

A ministro estendeu a mão.

— Adeus, Golan. Entre na nave e junte-se aos seus companheiros antes que o seu corpo frágil de terminiano sucumba ao nosso vento frio mas gentil.

— Adeus, Mitza. Espero voltar em breve.

— Você fala em voltar e eu procuro me convencer de que isso será possível. Cheguei a pensar em ir ao seu encontro no espaço, para que a má sorte recaia apenas sobre mim e não sobre meu planeta... mas a verdade é que você nunca voltará.

— Está enganada! Eu voltarei! Não desistiria com tanta facilidade de uma mulher como você! — exclamou Trevize, com toda a sinceridade.

— Não duvido dos seus impulsos românticos, meu galante terminiano, mas aqueles que partem à procura d'0 Mais Antigo jamais retornam.

Trevize esforçou-se para evitar que os dentes batessem de frio. Não queria que a ministro pensasse que estava com medo.

— Lizalor, isso não passa de superstição.

— Para mim, é a mais pura verdade.

28.

ERA BOM estar de volta à sala de comando do E*strela Distante*. Podia ser apertada. Podia ser uma bolha de confinamento no espaço infinito. Mesmo assim, era familiar, amistosa, e morna.

— Até que enfim! — disse Bliss. — Estava imaginando quanto tempo você ficaria com a ministro.

— Fiquei morrendo de frio — disse Trevize.

— Estava com medo de que você resolvesse ficar com ela e adiar a viagem em busca da Terra — disse a moça. — Sabe que não gosto de ler seus pensamentos, mas não pude deixar de perceber a tentação que passou por sua cabeça.

— Tem razão. Senti forte tentação de ficar. A ministro é uma mulher notável, nunca conheci ninguém igual a ela. Bliss, você me fez mudar de idéia?

— Já lhe disse várias vezes que não devo e não vou influenciá-lo de forma alguma, Trevize. Imagino que afinal o seu senso de dever tenha prevalecido.

— Não, acho que não foi isso — disse o rapaz, com um sorriso irônico. — Nada de tão nobre. Acontece que, para começar, eu estava mesmo *morrendo* de frio, e, além disso, ocorreu-me o triste pensamento de que eu simplesmente não tenho preparo físico para viver por muito tempo com uma mulher como aquela.

— Seja como for, você está de volta a bordo — disse Pelorat. — O que vamos fazer agora?

— No futuro imediato, vamos viajar por este sistema planetário até estarmos suficientemente afastados do sol de Comporellon para executarmos um Salto.

— Acha que alguém vai nos deter ou tentar nos seguir?

— Não. Acredito que a ministro está realmente ansiosa para que a gente vá embora o mais depressa possível, de forma a que o castigo d'Aquele Que Pune não recaia sobre o planeta. Na verdade...

— Sim?

— Na verdade, Lizalor tem certeza de que seremos punidos. Acredita firmemente que jamais retornaremos de nossa busca. Isto, apresso-me a

acrescentar, não é uma estimativa do meu grau provável de infidelidade, coisa que ela não teve tempo de avaliar. Não, o que ela pensa é que a Terra constitui um símbolo tão terrível de má sorte que os que a buscam não têm chance alguma de sobreviver.

— Quantos comporelianos partiram do planeta em busca da Terra para que ela possa fazer esse tipo de afirmação? — perguntou Bliss.

— Duvido que algum comporeliano jamais tenha partido em busca da Terra. Eu disse para ela que seus temores eram infundados, que tudo não passava de superstição.

— Tem certeza de que acredita nisso, ou ela o deixou em dúvida?

— O medo de Lizalor se baseia apenas na superstição, mas mesmo assim pode ser justificado.

— Está querendo dizer que a radioatividade nos matará se nos aproximarmos demais da Terra?

— Não acredito que a Terra esteja radioativa. Em minha opinião, o que a Terra faz é proteger-se dos intrusos. Lembre-se de que todas as referências à Terra na Biblioteca de Trantor foram removidas. Lembre-se de que nem a memória maravilhosa de Gaia, da qual todo o planeta participa, desde as pedras das montanhas até o núcleo de metal fundido, é capaz de revelar-nos coisa alguma a respeito da Terra.

"É evidente que se a Terra é suficientemente poderosa para apagar todos os vestígios de sua existência, também é capaz de disseminar a crença de que se tornou radioativa, desencorajando possíveis buscas. Talvez Comporellon fique suficientemente próximo da Terra para representar um perigo especial, que justifique esse esforço extraordinário. Deniador, que é um cético e um cientista, está totalmente convencido de que não adianta procurar a Terra. É por isso que eu acho que talvez a superstição da ministro, afinal de contas, tenha razão de ser. Se a Terra está tão interessada em esconder-se, não seria capaz de matar aqueles que estivessem próximos de descobri-la?

Bliss franziu a testa e começou:

— Gaia...

— Não diga que Gaia nos protegerá — interrompeu Trevize. — Se a Terra conseguiu apagar as memórias mais antigas de Gaia, é evidente que em qualquer conflito entre os dois, a Terra sairá vitoriosa.

— Como sabe que essas memórias foram removidas? — protestou Bliss. —

Pode ser que Gaia tenha levado um certo tempo para desenvolver uma memória planetária, de modo que hoje não podemos ler acesso a fatos que ocorreram antes que essa memória estivesse bem desenvolvida. Mas mesmo que algumas memórias tenham sido removidas, como pode ter certeza de que a responsável foi a Terra?

— Não posso — admitiu Trevize. — Estou apenas especulando Pelorat interveio timidamente:

— Se a Terra é tão poderosa e está tão preocupada em resguardar sua privacidade, por assim dizer, de que adianta continuarmos a busca? Você parece acreditar que a Terra será capaz de matar-nos se for necessário para impedir que sua localização seja revelada. Nesse caso, não seria mais sensato desistirmos enquanto ainda estamos vivos?

— Admito que pode parecer assim, mas tenho uma forte convicção de que a Terra existe e de que devo e posso encontrá-la. E Gaia me assegura que quando tenho uma forte convicção, sempre estou certo.

— Pode ser, mas como vamos fazer para sobreviver à descoberta, meu caro amigo? — Talvez a própria Terra seja forçada a reconhecer que eu tenho o dom de sempre tomar a decisão acertada e decida deixar-me em paz. *Por outro lado...* e é isso o que me preocupa... não tenho a menor garantia de que vocês dois vão sobreviver. Venho pensando nisso há algum tempo, mas agora, que você mesmo tocou no assunto, acho que devemos tomar uma atitude. Por que não levo vocês devolta para Gaia e continuo sozinho? Afinal, fui eu, e não vocês, que achei que era importante localizar a Terra. Então sou eu, e não vocês, que devo correr o risco. Que acha, Janov?

O rosto comprido de Janov pareceu ainda mais longo Quando ele enterrou o queixo no pescoço.

— Não vou negar que esteja com medo, Golan, mas jamais o abandonaria. Para mim, é uma questão de honra.

— Bliss?

— Gaia também não pode abandoná-lo, Trevize. Se a Terra o ameaçar, Gaia fará tudo para protegê-lo. Além disso, como Bliss, quero estar ao lado de Pel; se ele resolveu continuar, devo continuar também.

— Está bem — disse Trevize, muito sério. — Vocês tiveram a sua oportunidade de desistir. Continuaremos juntos.

— Juntos — repetiu Bliss.

Pelorat sorriu e deu um tapinha no ombro do amigo.

— Juntos. Sempre juntos.

29.

BLISS DISSE:

— Olhe para isso, Pel.

A jovem tinha estado manipulando o telescópio, praticamente ao acaso, como alternativa a examinar no vídeo uma das obras da biblioteca de Pelorat a respeito da Terra.

Pelorat aproximou-se, colocou o braço no ombro da moça e olhou para a tela. Um dos gigantes gasosos do sistema planetário de Comporellon estava à vista, ampliado até parecer o grande astro que realmente era.

O planeta tinha cor alaranjada, com faixas mais claras. Visto do plano da eclíptica, e mais afastado do sol que a nave, era um círculo luminoso quase completo.

— É lindo! — exclamou Pelorat.

— A faixa central é maior que o planeta, Pel. Pelorat franziu a testa e disse:

— Sabe que você tem razão?

— Acha que se trata de uma ilusão de ótica?

— Não sei, Bliss. Sou um novato no espaço tanto quanto você... Golan!

Trevize respondeu ao grito com um "Que foi?" pouco entusiasmado e entrou na sala de comando com a aparência um pouco amarrotada de quem estava tirando um cochilo de roupa e tudo... o que era exatamente o que tinha estado fazendo.

— Não brinquem com os instrumentos! — exclamou, mal-humorado.

— É apenas o telescópio — disse Pelorat. — Veja isso. Trevize olhou.

— É um gigante gasoso, aquele que os comporelianos chamam de Gallia.

— Como pode reconhecê-lo com tanta facilidade?

— Na distância a que estamos do sol, e dadas as posições atuais dos planetas, que tive que examinar quando estava calculando nosso curso, é o único gigante gasoso que poderia aparecer deste tamanho no telescópio. Além disso, estou

vendo o anel.

— Anel? — repetiu Bliss, surpresa.

— Tudo o que se vê é uma faixa central mais clara, porque estamos olhando para o anel praticamente de perfil. Posso tirar a nave do plano da eclíptica para termos uma vista melhor. Estão interessados?

— Não quero obrigá-lo a recalcular o nosso curso, Golan — disse Pelorat.

— Não se preocupe, o computador fará isso para mim num instante.

Enquanto falava, Trevize sentou-se e colocou as mãos sobre as "mãos" do computador, assumindo o controle na nave.

O *Estrela Distante,* livre de problemas de combustível e de inércia, acelerou rapidamente e mais uma vez Trevize sentiu uma onda de paixão pela combinação de computador e nave que atendia tão prontamente aos seus desejos, como se fosse controlada diretamente por seus pensamentos, como se não passasse de uma extensão poderosa e obediente de sua vontade.

Não era de admirar que a Fundação a quisesse de volta; era mais do que compreensível que Comporellon desejasse conservá-la. A única coisa estranha era que a força da superstição tivesse sido suficiente para fazer Comporellon mudar de idéia.

Equipada com armamentos pesados, o *Estrela Distante* seria capaz de vencer em combate qualquer nave da Galáxia, ou mesmo qual-quer combinação de naves... contanto que não tivesse que se defrontar com outra nave da sua classe.

Naturalmente, no momento a nave não dispunha de armamentos pesados, ou de qualquer outro tipo de armamentos. Antes de entregar o *Estrela Distante* a Trevize, a prefeito Branno tinha mandado remover, por prudência, todos os sistemas de armas.

Pelorat e Bliss observaram atentamente enquanto o planeta Gal-lia rolava devagar, bem devagar, na tela do telescópio. O pólo superior ficou bem visível, rodeado por um grande círculo de turbulência, enquanto o pólo inferior escondeu-se atrás do planeta.

Na parte de cima, o lado escuro do planeta invadiu o disco de luz alaranjada e o belo círculo transformou-se pouco a pouco em um crescente.

O mais interessante, porém, foi que a faixa central, que originalmente era reta, passou a exibir uma curvatura perceptível. O mesmo ocorreu, em menor grau, com as outras faixas acima e abaixo.

Agora a faixa central estendia-se nitidamente além do planeta e exibia uma curvatura acentuada nas extremidades. Não podia ser uma ilusão de ótica; não havia mais dúvidas quanto a sua natureza. Era um anel de matéria, girando em torno do planeta.

— Daqui já dá para vocês terem uma idéia — disse Trevize. Se nos colocássemos acima de um dos pólos, vocês veriam o anel em sua forma circular, concêntrico com o planeta, sem tocá-lo em ponto algum. Também devem estar reparando que não se trata de apenas um anel, mas de vários anéis concêntricos.

— Não pensei que uma coisa dessas fosse possível — disse Pelorat, admirado. — O que é que mantém o anel em posição?

— A mesma coisa que mantém um satélite no espaço — explicou Trevize. — Os anéis são constituídos por pequenas partículas, todas em órbita em torno do planeta. Os anéis estão tão próximos do planeta que o efeito de maré impede que as partículas se fundam para formar um único corpo.

Pelorat sacudiu a cabeça.

— Meu amigo, fico triste só de pensar. Como é possível que eu tenha passado a vida inteira estudando e saiba tão pouco de astronomia?

— E eu não sei nada a respeito de História antiga. Ninguém pode dominar todos os ramos do conhecimento... A verdade é que esses anéis planetários não têm nada de especial. Estão presentes, em maior ou menor escala, em quase todos os gigantes gasosos. Infelizmente, o sistema de Terminus não tem nenhum planeta que possa ser considerado um gigante gasoso, de modo que a menos que um terminiano seja um viajante espacial, ou tenha feito um curso de Astronomia, o mais provável é que nunca tenha ouvido falar em anéis planetários. Por outro lado, o anel que vocês estão vendo *é e*xcepcionalmente largo e brilhante. É lindo... deve ter no mínimo duzentos quilômetros de largura. Nesse momento, Pelorat estalou os dedos.

— Então *é isso!*

Bliss olhou para ele, espantada.

— Isso o quê, Pel? Pelorat explicou:

— Uma vez tive nas mãos um fragmento de uma poesia muito antiga, escrita em uma versão arcaica de galáctico que era difícil de entender mas que constituía, por si só, uma garantia da autenticidade do documento... Eu devia ser o último a reclamar dos dialetos arcaicos, meu amigo. Devido à minha profissão, tornei-me

por necessidade um especialista nas diversas variantes do galáctico antigo, o que, para mim, constitui motivo de orgulho, mesmo que não tenha utilidade alguma na vida prática... De que é mesmo que eu estava falando?

— De uma velha poesia, querido — disse Bliss.

— Obrigado, Bliss. — Voltou-se para Trevize: — Bliss se acostumou a prestar muita atenção no que estou dizendo para me colocar de novo nos trilhos quando eu me desvio do assunto, o que está sempre acontecendo.

— Isso faz parte do seu charme, Pel — disse Bliss, sorrindo.

— Seja como for, essa poesia supostamente continha uma descrição do sistema planetário do qual a Terra fazia parte. Não sabemos o que motivou o poeta, pois jamais conseguimos localizar o resto da obra. Sobreviveu apenas esse fragmento, talvez por conter informações de caráter astronômico. Falava de um anel tríplice, muito brilhante, no sexto planeta do sistema, um anel "mui grandes y bellos, elles phaziam o astro insigniphicante em comparaçam". Ainda me lembro de cor, como podem ver. Na época, não sabia o que podia ser um anel planetário. Pensei em três círculos flutuando acima da superfície do planeta. Parecia uma coisa tão sem sentido! Nem me dei ao trabalho de pesquisar mais a fundo. Agora estou arrependido. — Sacudiu a cabeça. — Ser um historiador nos dias de hoje é um trabalho tão solitário que a gente se esquece das vantagens de consultar os especialistas.

Trevize observou, à guisa de consolo:

— Provavelmente você estava certo quando não levou o poema a sério, Janov. Tudo não devia passar de uma imagem literária.

— Mas agora eu sei o que o poeta queria dizer! — exclamou Pe-lorat, apontando para a tela. — Três anéis enormes, concêntricos, mais largos que o próprio planeta!

— Nunca ouvi falar de nada parecido — disse Trevize. — Não acho que possa haver anéis tão largos. Comparados com o planeta que circundam, são sempre muito estreitos.

— Também nunca ouvimos falar de um planeta com um satélite gigantesco — objetou Pelorat. — Ou com uma crosta radioativa. Trata-se apenas de mais uma entre várias peculiaridades do sistema da Terra. Se encontrarmos um planeta radioativo com um grande satélite e outro planeta do mesmo sistema tiver grandes anéis, não terei a menor dúvida de que encontramos a Terra!

Trevize sorriu.

— De acordo, Janov. Se encontrarmos todos os três indícios, certamente teremos encontrado a Terra.

— Se! — exclamou Bliss, com um suspiro.

30.

ESTAVAM AGORA nos limites do sistema planetário de Comporellon. Depois de ultrapassarem a órbita do último gigante gasoso, estavam passando entre os dois planetas mais afastados do sistema, de modo que não havia nenhuma massa significativa em um raio de 1, 5 bilhão de quilômetros. À frente havia apenas a tênue nuvem de cometas, que, para todos os efeitos práticos, podia ser ignorada.

O *Estrela Distante* tinha atingido uma velocidade de 0, 1c, um décimo da velocidade da luz. Trevize sabia que, teoricamente, a nave era capaz de atingir uma velocidade próxima à da luz, mas sabia também que, na prática, 0, 1c era o limite razoável.

Nessa velocidade, qualquer objeto de tamanho apreciável podia ser evitado, mas não havia meio de impedir que a nave colidisse com partículas de poeira espacial ou mesmo com moléculas e átomos isolados, ainda mais numerosos. Em alta velocidade, mesmo esses pequenos objetos podiam causar danos, arranhando e corroendo o casco da nave. Em velocidades próximas à da luz, cada átomo que penetrava no casco tinha as propriedades de uma partícula de radiação cósmica. Submetida a essa radiação, a tripulação da nave não sobreviveria por muito tempo. As estrelas distantes pareciam imóveis na tela do telescópio; embora a nave estivesse se movendo a trinta mil quilômetros por segundo, era como se estivesse parada.

O computador esquadrinhava o espaço em todas as direções, em busca de objetos, grandes ou pequenos, que pudessem estar em rota de colisão, preparado para executar uma pequena mudança de curso no caso extremamente improvável em que ela fosse necessária. Graças ao pequeno tamanho da imensa maioria dos objetos, à velocidade com que passavam e à falta de qualquer efeito de inércia no caso de uma manobra brusca, os passageiros não tinham meios de saber se alguma vez haviam corrido perigo. Assim, Trevize não se preocupava com essas coisas. Em vez disso, concentrava a atenção dos três conjuntos de coordenadas

que havia recebido de Deniador, particularmente no objeto que ficava mais próximo na posição atual da nave.

— Há alguma coisa errada com os números? — perguntou Pelorat, em tom ansioso.

— Ainda não sei — respondeu Trevize. — As coordenadas não servem para nada, a não ser que se conheçam o ponto de origem e as convenções usadas para marcá-las: direções, escalas, etc.

— E como se pode saber essas coisas? — perguntou Pelorat.

— Obtive as coordenadas de Terminus e de alguns outros pontos conhecidos em relação a Comporellon. Se eu as colocar no computador, ele calculará quais devem ser as convenções para que a localização de Terminus e dos outros pontos seja determinada corretamente. Estou apenas tentando organizar as coisas na minha mente de modo a poder programar o computador de forma adequada para esta tarefa, Depois de conhecidas as convenções, os números de que dispomos para os Mundos Proibidos talvez adquiram algum significado.

— Talvez? — repetiu Bliss.

— Talvez — confirmou Trevize. — Esses números são muito antigos... pode ser que se baseiem nas convenções usadas em Comporellon, mas isto não é certo. E se as convenções forem outras?

— E se forem?

— Nesse caso, os números não terão nenhuma utilidade. Mas logo saberemos.

Trevize apertou as teclas do computador com dedos ágeis, fornecendo-lhe as informações necessárias. Depois, colocou as mãos sobre as "mãos" da escrivaninha. Esperou um momento, enquanto o computador determinava as convenções usadas nas coordenadas conhecidas, interpretava as coordenadas do Mundo Proibido mais próximo com base nas mesmas convenções e finalmente localizava essas coordenadas no mapa da Galáxia.

Um campo estelar apareceu na tela e começou a mudar rapidamente. Quando as estrelas se estabilizaram, a imagem foi ampliada ra-pidamente. A maioria das estrelas desapareceu nas bordas da tela. Afinal, restou apenas uma região cúbica com um décimo de parsec de lado (de acordo com o número que apareceu em um canto da tela). Não houve mais nenhuma alteração. A escuridão da tela era quebrada apenas por uma meia-dúzia de pontos pouco brilhantes.

— Qual deles é o Mundo Proibido? — perguntou Pelorat, em tom ansioso.

— Nenhum deles — respondeu Trevize. — Quatro são anãs vermelhas, uma é

uma anã infravermelha e a última é uma anã branca. Nenhuma dessas estrelas pode ser orbitada por um planeta habitável.

— Como pode saber quais as que são anãs vermelhas? Não vejo nenhuma diferença.

— Não estamos olhando para estrelas de verdade — explicou Trevize. — Estamos olhando para uma parte do mapa da Galáxia, que está guardado na memória do computador. Junto com o mapa, estão armazenadas informações a respeito de todas as estrelas. O computador não mostra essas informações na tela, mas enquanto minhas mãos estiverem em contato com ele, posso obter os dados que quiser, bastando para isso fixar os olhos na estrela desejada.

— Então as coordenadas são inúteis — disse Pelorat, desanimado. Trevize olhou para ele.

— Não, Janov. Ainda não desisti. Temos que nos lembrar de que esses registros são muito antigos. As coordenadas do Mundo Proibido são as de há vinte mil anos atrás. Nesse tempo, tanto ele como Comporellon têm girado em torno do centro da Galáxia, e podem muito bem estar girando com velocidades diferentes e em órbitas com diferentes inclinações e excentricidades. Com o tempo, portanto, os dois planetas podem ter se aproximado ou se afastado. Em vinte mil anos, a distância entre Comporellon e o Mundo Proibido pode muito bem ter variado de uns cinco parsecs, o que o colocaria bem fora do cubo de um décimo de parsec.

— O que vamos fazer, então?

— Vamos pedir ao computador para fazer a Galáxia voltar vinte mil anos no tempo em relação a Comporellon.

— Isso é possível? — perguntou Bliss, admirada.

— Pelo menos, o computador pode mudar a posição das estrelas no mapa da Galáxia, de modo a representá-las como eram há vinte mil anos atrás.

— O que vai acontecer na tela? — perguntou Bliss.

— Observe — disse Trevize. Muito lentamente, as seis estrelas começaram a se deslocar na tela. Uma nova estrela apareceu no lado esquerdo da tela e Pelorat apon-tou para ela, animado:

— Ali está! Ali está!

— Sinto muito — disse Trevize. — Outra anã vermelha. Elas são muito comuns. Pelo menos três quartos das estrelas da Galáxia são vermelhas.

As estrelas pararam de se mover na tela.

— E então? — perguntou Bliss.

— É isso aí — disse Trevize. — Era assim que era esse setor da Galáxia há vinte mil anos atrás. No centro da tela fica o ponto onde deveria estar o Mundo Proibido, se o seu sol acompanhou o movimento médio das estrelas da região.

— Deveria, mas não está — disse Bliss.

— Não, não está — repetiu Trevize, sem emoção. Pelorat deu um longo suspiro.

— É uma pena, Golan.

— Não se desespere — disse Trevize. — Eu não estava esperando encontrar nenhuma estrela nesse lugar.

— Não?

— Não. Já lhe disse que o que estamos vendo não é a Galáxia, mas um mapa da Galáxia que está guardado na memória do computador. Se uma estrela não está na memória, não aparece na tela. Ora, um planeta que é chamado de "Proibido" e que vem sendo chamado assim nos últimos vinte mil anos provavelmente não foi incluído no mapa e portanto não pode aparecer na tela.

— Por outro lado — argumentou Bliss —, pode ser que ele simplesmente não exista. Talvez a lenda seja falsa ou as coordenadas estejam erradas.

— É verdade. Agora, porém, que o computador determinou o local onde o Mundo Proibido deveria ter estado há vinte mil anos atrás, ele pode calcular suas coordenadas no momento presente. Usando essas novas coordenadas, o que somente foi possível calcular com o auxílio do mapa estelar, podemos passar agora para uma vista da Galáxia de verdade.

— Você supôs que o sol do Mundo Proibido acompanhou o movimento médio das estrelas da região — disse Bliss. — E se isso *não* ocorreu? Ele pode estar longe da posição calculada!

— É verdade. Por outro lado, a posição das estrelas mudou tanto nos últimos vinte mil anos que mesmo uma correção com base em uma velocidade estimada é melhor que nenhuma correção. Espero que a posição que calculamos não esteja muito longe da posição real. — Você espera! — repetiu Bliss, em tom irônico.

— Exatamente. Não mais que isso — disse Trevize. — Agora, vamos dar uma olhada na Galáxia de verdade.

Bliss e Pelorat observaram atentamente enquanto Trevize (talvez para relaxar a tensão e adiar o momento da verdade) falava davagar, como se estivesse dando uma aula.

— A Galáxia de verdade é mais difícil de observar. O mapa do computador é uma estrutura artificial que pode ser manipulada à vontade. Se há uma nuvem de gás atrapalhando minha visão, posso removê-la. Se o ponto de vista não me satisfaz, posso mudá-lo, e assim por diante. No caso da Galáxia de verdade, porém, as coisas são como são. Se quero observá-la de outro ângulo, tenho que movimentar minha nave para a posição desejada, o que leva muito mais tempo que ajustar um mapa.

Enquanto falava, a tela mostrava um aglomerado de estrelas tão denso que parecia uma nuvem de poeira.

— Esta é uma vista geral da Via Láctea — disse Trevize. — Naturalmente, terei que aumentar bastante a ampliação para examinar o setor em que estamos interessados. O ponto cujas coordenadas calculamos está suficientemente próximo de Comporellon para que a imagem ampliada corresponda ao ponto de vista do mapa que vimos na tela há alguns minutos. Deixem-me fornecer as instruções necessárias para o computador. *Pronto.*

A imagem na tela se expandiu rapidamente. Milhares e milhares de estrelas começaram a se deslocar rapidamente para as bordas da tela, onde desapareciam. A sensação de movimento era tão forte que os três inclinaram o corpo para trás, como que para compensar uma aceleração inexistente.

Afinal, a tela mostrou uma imagem muito semelhante à do mapa que haviam observado anteriormente. Entretanto, além das seis estrelas visíveis no mapa, havia uma nova estrela, muito mais brilhante que as outras.

— É ela — sussurrou Pelorat.

— Pode ser. Vou mandar o computador analisar o espectro. — Depois de algum tempo, Trevize disse: — Classe espectral G-4, o que a faz um pouquinho menor e mais fraca que o sol de Terminus, mas bem mais brilhante que o sol de Comporellon. Acontece que nenhuma estrela da classe G deveria ser excluída do mapa da Galáxia que está na memória do computador. Para mim, o fato de esta estrela não constar do mapa é uma forte indicação de que estamos na pista certa.

— É possível que, afinal de contas, não haja nenhum planeta girando em torno dessa estrela? — perguntou Bliss.

— Sim, é possível — respondeu Trevize. — Nesse caso, tentare-mos localizar os outros dois Mundos Proibidos.

— E se também não conseguirmos nada com os outros dois? — insistiu Bliss.

— Tentaremos outra coisa.

— O quê?

— Gostaria de saber — disse Trevize, sombriamente.

PARTE TRÊS: AURORA

CAPÍTULO 8: O MUNDO PROIBIDO

31.

GOLAN — disse Pelorat. — Você se incomoda se eu ficar olhando?

— Claro que não, Janov — disse Trevize. — E se eu fizer perguntas? —- Vá em frente.

— Que é que você está fazendo? Trevize levantou os olhos da tela.

— Tenho que medir a distância a que estamos de todas aquelas estrelas que você está vendo na tela. Preciso conhecer as massas e as posições das estrelas para calcular o campo gravitacional na região. Sem essa informação, seria arriscado executarmos o Salto.

— Como é que você calcula tudo isso?

— Cada estrela que estou vendo tem suas coordenadas nos bancos de memória do computador e elas podem ser transformadas em coordenadas no sistema de Comporellon. Essas, por sua vez, podem ser corrigidas de modo a levar em conta a posição atual do *Estrela Distante* em relação ao sol de Comporellon. Isso me dá a distância a que nos encontramos de cada uma das estrelas. As anãs vermelhas parecem próximas do Mundo Proibido quando vistas na tela do telescópio, mas algumas podem estar muito mais próximas do que outras. O telescópio nos dá apenas uma visão bidimensional, você compreende?

Pelorat assentiu e disse: — E você já tem as coordenadas do Mundo Proibido...

— Sim, mas não é suficiente. Tenho que conhecer as distâncias a que se encontram as outras estrelas com uma precisão de aproximadamente um por cento. O campo gravitacional dessas estrelas nas vizinhanças do Mundo Proibido

é tão fraco que um pequeno erro não faria nenhuma diferença. Entretanto, o sol do Mundo Proibido produz um campo gravitacional tão intenso nas proximidades do Mundo Proibido que preciso conhecer sua distância com uma precisão mil vezes maior. Nesse caso, não basta conhecer as coordenadas.

— O que vai fazer, então?

— Estou medindo a distância aparente entre o sol do Mundo Proibido e três estrelas que aparecem na tela mas que são tão fracas que devem estar muito mais longe de nós que o Mundo Proibido. Vou manter uma dessas estrelas do centro da tela e dar um Salto de um décimo de parsec na direção perpendicular à reta que liga nossa nave à posição do Mundo Proibido.

"A estrela de referência continuará no centro da tela depois do Salto. Se as outras duas estrelas apagadas estiverem realmente muito distantes, sua posição não mudará apreciavelmente depois do Salto. Por outro lado, o sol do Mundo Proibido está muito mais próximo de nós, de modo que sua posição aparente deverá mudar, graças ao efeito de paralaxe. Medindo o deslocamento aparente do sol do Mundo Proibido, poderemos calcular a que distância se encontra de nós. Para ter certeza absoluta, pretendo escolher três outras estrelas e repetir tudo de novo.

— Quanto tempo vai levar? — perguntou Pelorat.

— Menos do que você pensa. O computador se encarrega do trabalho pesado; basta que eu lhe diga o que fazer. O que leva mais tempo é analisar os resultados, verificar se são razoáveis e se todas as instruções foram corretas. Se eu fosse um daqueles sujeitos que depositam fé ilimitada em si próprios e nos computadores, poderia executar toda a operação em poucos minutos.

— É fantástico — observou Pelorat. — Pense no que os computadores modernos são capazes de fazer!

— Penso nisso o tempo todo.

— O que faria sem o seu computador?

— O que faria sem uma nave gravítica? O que faria sem meus conhecimentos de astronáutica? Que faria sem vinte mil anos de tecnologia hiperespacial por trás de mim? O que importa é que sou eu mesmo... aqui... agora. Imagine que pudéssemos nos transportar para daqui a vinte mil anos. Que maravilhas tecnológicas encontraríamos? Ou será que daqui a vinte mil anos a humanidade estará extinta?

— Não diga isso — protestou Pelorat. — Mesmo que não nos tornemos parte de Gaia, ainda teremos a psico-história para nos guiar.

Trevize virou-se na cadeira, soltando a "mão" do computador.

— Vou deixá-lo calcular as distâncias e conferir os resultados à vontade... Não estamos com pressa.

Olhou de soslaio para Pelorat e exclamou:

— Psico-história! Você sabe, Janov, por duas vezes esse assunto surgiu em Comporellon, e por duas vezes foi chamado de superstição, primeiro por mim e depois por Deniador. Afinal de contas, como se pode definir a psico-história a não ser como a superstição favorita da Fundação? Não se trata de uma crença sem provas palpáveis? O que acha, Janov? Afinal, é mais do seu campo do que do meu.

— Por que está afirmando que não há provas? A imagem holo-gráfica de Hari Seldon já apareceu muitas vezes no Cofre do Tempo, referindo-se a fatos que realmente ocorreram. Seldon não poderia ter conhecimento desses fatos se não pudesse prevê-los com o auxílio da psico-história.

Trevize assentiu.

— Realmente, os resultados que Seldon conseguiu são impressionantes. Ele não foi capaz de prever o aparecimento do Mulo, mas mesmo assim os resultados são impressionantes. Entretanto, o que ele fez parece mágica. Todo ilusionista tem seus truques.

— Nenhum ilusionista é capaz de prever o futuro.

— Nenhum ilusionista é capaz de fazer o que o público pensa que ele está fazendo.

— Deixe disso, Golan. Não consigo pensar em nenhum truque que me permita prever o que vai acontecer daqui a cinco séculos.

— Nem consegue pensar em nenhum truque que permita a um mágico conhecer o conteúdo de um envelope colocado em um satélite não-tripulado. Mesmo assim, já vi um mágico fazer isso. Já lhe ocorreu que o Cofre do Tempo, juntamente com a imagem holográfica de Hari Seldon, pode ser uma farsa do governo?

Pelorat pareceu revoltado com a idéia

— Eles não teriam coragem. Trevize fez um muxoxo.

— E seriam desmascarados se tentassem — acrescentou Pelorat.

— Não estou tão certo. A verdade, porém, é que não sabemos como a psico-história funciona.

— Não sabemos como esse computador aí funciona, mas sabemos que funciona.

— Acontece, meu amigo, que outras pessoas sabem como funciona. E se *ninguém* soubesse como ele funciona? Então, se por alguma razão ele parasse de funcionar, ninguém saberia consertá-lo. Se as previsões da psico-história de repente deixarem de se concretizar...

— A Segunda Fundação conhece os fundamentos da psico-história.

— Como sabe isso, Janov?

— Ouvi dizer.

— Isso não quer dizer que seja verdade... Ah, o computador calculou a distância a que estamos do sol do Mundo Proibido. Vamos ver se os números são razoáveis...

Trevize ficou olhando para a tela por muito tempo, movendo os lábios de vez em quando, como se estivesse fazendo cálculos de cabeça. Afinal, disse, sem levantar os olhos: — O que é que Bliss está fazendo?

— Ela está dormindo, meu amigo — disse Pelorat. Acrescentou, em tom defensivo: — Ela *precisa* dormir, Golan. Manter-se como parte de Gaia através do hiperespaço é uma atividade muito cansativa.

— Suponho que sim — disse Trevize, voltando-se de novo para o computador. Colocou as mãos na escrivaninha e murmurou: — Vou executar vários pequenos Saltos e verificar a distância depois de cada um. — Retirou de novo as mãos e disse: — Estou falando sério, Janov. O que é que você *sabe* a respeito da psico-história?

Pelorat pareceu embaraçado.

— Nada. Ser um historiador como eu é muito diferente de ser um psico-historiador... Naturalmente, conheço os dois princípios fundamentais da psico-história, mas isso todos conhecem.

— Até eu. O primeiro princípio exige que o número de seres humanos envolvidos seja suficientemente grande para que as leis estatís-ticas tenham validade. Mas o que quer dizer "suficientemente grande"?

— De acordo com a última estimativa — disse Pelorat — a Galáxia tem uma população de pelo menos dez quatrilhões de habitantes. Este número certamente é suficientemente grande.

— Como é que você sabe?

— Porque a psico-história *funciona*, Golan. Diga você o que disser, ela funciona.

— O segundo princípio — prosseguiu Trevize — diz que os seres humanos não devem ter conhecimento da psico-história, para que esse conhecimento não afete o seu comportamento... mas acontece que eles *têm* esse conhecimento!

— Eles apenas sabem que a psico-história existe, meu amigo. Não é isso o que importa. O segundo princípio diz que os seres humanos não devem conhecer as *previsões* da psico-história, como realmente não conhecem... a não ser, talvez, os membros da Segunda Fundação... mas isso é um caso especial.

— E com base apenas nesses dois princípios foi desenvolvida toda a ciência da psico-história. Não acha difícil de acreditar?

— Não foi com base *apenas* nesses princípios — protestou Pelorat. — Foram usados métodos matemáticos e estatísticos bastante sofisticados. De acordo com a história... ou de acordo com a tradição, se você quiser... Hari Seldon chegou à psico-história tomando como modelo a teoria cinética dos gases. Os átomos ou moléculas de um gás se movem aleatoriamente e é impossível conhecer a posição ou velocidade de um deles. Mesmo assim, usando a estatística, podemos determinar com grande precisão as leis que governam o seu comportamento coletivo. Da mesma forma, Seldon pretendeu determinar o comportamento coletivo de sociedades inteiras, mesmo que as soluções não se apliquem ao comportamento individual dos seres humanos.

— Talvez, mas homens não são átomos.

— É verdade — concordou Pelorat. — Os homens têm consciência e seu comportamento é suficientemente complexo para dar a impressão de que possuem livre-arbítrio. Não sei como Seldon resolveu este problema e não sei se entenderia mesmo que alguém que soubesse tentasse me explicar... a verdade, porém, é que Seldon foi bem-sucedido!

— E tudo depende de lidar com pessoas que sejam ao mesmo tempo numerosas e desprevenidas — acrescentou Trevize. — Não lhe parece um fundamento muito pouco sólido para uma imensa estrutura matemática? Caso um desses requisitos não seja atendido, toda a estrutura desaba!

— Acontece que o Plano não desabou...

— Por outro lado, se os requisitos forem atendidos apenas parcialmente, pode ser que a psico-história funcione adequadamente durante vários séculos e depois, em consequência de uma determinada crise, as previsões deixem repentinamente de funcionar... como já aconteceu uma vez, no caso do Mulo. E você já pensou que pode ser que exista um terceiro princípio?

— Que terceiro princípio? — perguntou Pelorat, franzindo a testa.

— Não sei — disse Trevize. — Um teorema pode parecer totalmente lógico e elegante e mesmo assim conter suposições implícitas. Talvez o terceiro princípio seja um requisito tão óbvio que ninguém se lembre de mencioná-lo.

— Um requisito tão óbvio que chega a ser esquecido deve ser satisfeito na imensa maioria dos casos, do contrário não se esqueceriam dele.

Trevize fez uma careta.

— Se você conhecesse a história da ciência tão bem quando conhece a história tradicional, Janov, saberia que não há um pingo de verdade no que acabou de afirmar... Mas estou vendo que chegamos às proximidades do sol do Mundo Proibido.

E realmente, no centro da tela, havia uma estrela muito brilhante... tão brilhante que a tela reduziu automaticamente sua luminosidade a tal ponto que todas as outras estrelas desapareceram.

32.

As INSTALAÇÕES destinadas a lavagem e higiene pessoal a bordo do *Estrela Distante* eram compactas e o uso da água devia ser limitado ao mínimo indispensável, de forma a não sobrecarregar as máquinas de reciclagem. Por várias vezes, Trevize já havia sentido a necessidade de falar a respeito com Bliss e Pelorat. Mesmo assim, Bliss mantinha um ar permanente de frescor; os longos cabelos negros estavam sempre reluzentes, as unhas faiscantes.

A moça entrou na sala de comando e exclamou:

— Aí estão vocês!

Trevize levantou os olhos e disse:

— Não vejo razão para a surpresa. Dificilmente teríamos deixado a nave e bastaria uma busca de trinta segundos para você nos localizar dentro da nave, mesmo sem usar seus poderes mentais.

— A expressão foi apenas uma forma de cumprimento e não deve ser tomada literalmente, como você deve estar farto de saber — disse Bliss. — Onde é que estamos?... E não vá responder: "na sala de comando"!

— Bliss querida — disse Pelorat, estendendo o braço para a moça —, acabamos de penetrar no sistema planetário a que pertence o mais próximo dos três Mundos Proibidos.

Bliss se aproximou e apoiou o braço no ombro de Pelorat, que a abraçou pela cintura. A moça disse:

— Não deve ser muito proibido. Até agora, ninguém fez nada para nos deter.

Trevize explicou:

— Só é proibido porque Comporellon e os outros mundos da segunda onda de colonização decidiram voluntariamente manter-se afastados dos mundos colonizados pelos membros da primeira onda, os Espaciais. Se não nos sentimos obrigados a guardar distância, quem nos deterá?

— Pode ser que os Espaciais, se ainda existem, também não desejem manter contato com os mundos da segunda onda. Só porque não nos incomodamos de encontrar-nos com eles, não quer dizer que a recíproca seja verdadeira.

— É verdade — concordou Trevize. — *Se* eles ainda existirem. Até agora, porém, não sabemos nem ao menos se existe um planeta que eles possam habitar. Até agora, tudo o que encontramos foram os costumeiros gigantes gasosos. Dois deles, e não particularmente grandes.

— Isso não quer dizer que o mundo dos Espaciais não exista — interveio Pelorat. — Qualquer mundo habitável teria que ficar muito mais próximo do sol, seria muito menor e praticamente impossível de detectar a esta distância. Para podermos observar um planeta desse tipo, teremos que dar um pequeno Salto para mais perto do sol.

Parecia muito orgulhoso por estar falando como um astronauta experiente.

— Nesse caso — disse Bliss —, o que estamos esperando?

—Pedi ao computador para procurar qualquer vestígio de estru-turas artificiais. Vamos nos aproximar aos poucos, com muita cautela. Não quero cair em uma armadilha, como aconteceu quando nos aproximamos de Gaia. Lembra-se, Janov?

— Bendita armadilha! Graças a ela, conheci Bliss — observou Pelorat, olhando para a moça com carinho.

Trevize sorriu.

— Está esperando encontrar outra Bliss?

Pelorat fez uma expressão magoada e Bliss observou, com certa impaciência:

— Meu velho amigo... ou como quer que seja que Pelorat insiste em chamá-lo... não precisa perder mais tempo. Enquanto eu estiver com vocês, não cairão em nenhuma armadilha.

— O poder de Gaia?

— Para detectar a presença de outras mentes? Certamente.

— Tem certeza de que está suficientemente forte para isso, Bliss? Observei que você precisa dormir bastante para recuperar-se do esforço para manter-se em contato com Gaia através do hiperespaço. Posso confiar em sua capacidade, mesmo a uma distância tão grande da fonte?

Bliss enrubesceu.

— A ligação ainda está bem forte.

— Não fique ofendida. Estou apenas perguntando... Não acha que esta é uma desvantagem de você ser Gaia? Eu não sou Gaia. Sou um indivíduo completo e independente. Isso significa que posso me afastar o quanto quiser do meu mundo e do meu povo e continuar a ser Golan Trevize. Os poderes que eu tenho continuam a ser os mesmos, e no mesmo grau, onde quer que me encontre. Se estivesse sozinho no espaço, a milhares de anos-luz de qualquer ser humano, e impossibilitado, por alguma razão, de comunicar-me com outro ser vivente, ou mesmo de ver o brilho de uma única estrela no céu, seria e continuaria a ser Golan Trevize. Talvez não conseguisse sobreviver, mas morreria como Golan Trevize.

Bliss objetou:

— Sozinho no espaço, longe dos seus semelhantes, você não poderia recorrer aos talentos e à experiência de outros indivíduos da sua raça. Isolado de todos, você teria muito menos capacidade que como membro de uma sociedade integrada. É um fato inegável.

— No seu caso, Bliss, é muito pior. Existe uma ligação entre você e Gaia que é muitíssimo mais forte que a que existe entre mim e a minha sociedade. Para manter essa ligação através do hiperespaço, você consome uma quantidade tão grande de energia que chega a ficar exausta. Se essa ligação fosse rompida, você teria muito mais a perder do que eu ao me afastar dos meus semelhantes...

O rosto de Bliss assumiu uma expressão severa e por um momento pareceu mais Gaia do que Bliss. Ela disse:

— Mesmo que seja verdade tudo o que está dizendo, Golan Trevize, não acha que há um preço a pagar por tudo o que conquistamos? Não é melhor ser uma

criatura de sangue quente como você do que um animal de sangue frio como um peixe ou sei lá o quê?

— As tartarugas são animais de sangue frio — interveio Pelorat. — Terminus não tem tartarugas, mas elas são comuns em outros planetas. Têm uma carapaça dura, movem-se devagar e vivem muito tempo.

— Pois não é melhor ser um homem do que uma tartaruga? Não é melhor ser rápido do que vagaroso? Não é melhor dispor de um organismo capaz de consumir energia rapidamente, de músculos que se contraiam depressa, de fibras nervosas que permitam pensamentos complexos, do que arrastar-se pela existência, com apenas uma pálida idéia das vizinhanças e sem a menor possibilidade de um planejamento a longo prazo? Hein?

— Claro que sim — concordou Trevize. — E daí?

— Daí que você não sabe o preço que precisa pagar para ser um animal de sangue quente. Para manter a temperatura do seu corpo acima da temperatura ambiente, você precisa gastar energia, mesmo quando não está fazendo absolutamente nada. Assim, tem que alimentar-se constantemente para repor a energia perdida. Uma tartaruga pode passar muito mais tempo que você sem comer. Além disso, as tartarugas vivem mais tempo. Você preferiria ser uma tartaruga, viver devagar e ter uma existência mais longa? Ou prefere pagar o preço e ser uma criatura de movimentos rápidos, sentidos aguçados e raciocínio ágil?

— Esta analogia é correta, Bliss?

— Não, Trevize, a situação de Gaia é ainda mais favorável. Quando estamos juntos, não precisamos gastar uma grande quantidade de energia. É apenas quando uma parte de Gaia se encontra a uma distância considerável do resto de Gaia que o consumo de energia aumenta. Não se esqueça também de que você não optou apenas por um Gaia maior, pela expansão de apenas um planeta. Você escolheu a Galáxia Viva, um vasto complexo de mundos. Em qualquer ponto da Galáxia, você será parte da Galáxia Viva, estará cercado de perto por partes de uma entidade que se estenderá desde os traços mais distantes de poeira cósmica até o buraco negro central. Não será necessária muita energia para manter a coesão do todo. Nenhuma parte estará muito afastada de todas as outras partes. Foi por isso que você optou, Trevize. Como pode ter dúvida de que fez a escolha certa?

Trevize baixou a cabeça, pensativo. Depois de alguns momentos, olhou para Bliss e disse:

— Posso ter tomado a decisão correta, mas quero ter c*erteza* disso. A escolha que fiz é a mais importante da história da Humanidade. Não é suficiente que seja uma boa escolha. Preciso *saber* que foi uma boa escolha.

— O que mais é necessário além do que eu já lhe disse?

— Não sei, mas descobrirei quando encontrar a Terra — afirmou Trevize, com absoluta convicção.

Pelorat interrompeu:

— Golan, a estrela se transformou em um disco.

Era verdade. Enquanto os dois discutiam, o computador, obedecendo às instruções de Trevize, tinha levado a nave, através de pequenos saltos, até a posição determinada pelo rapaz.

Continuavam fora do plano da eclíptica e o computador dividiu a tela em três partes para mostrar simultaneamente os três planetas interiores. Desses planetas, o mais próximo do sol tinha uma atmosfera de oxigênio. Além disso, a temperatura da superfície estava dentro da faixa em que a água permaneceria líquida. Trevize esperou que o computador determinasse a órbita e a primeira estimativa grosseira pareceu razoável. O rapaz deixou que o computador continuasse o cálculo, pois quanto maior fosse o tempo de observação, mais precisos seriam os resultados.

— Temos um planeta habitável — afirmou Trevize, calmamente.

— Ah!

A expressão de felicidade no rosto de Pelorat era inconfundível.

— Infelizmente — disse Trevize —, não existe nenhum satélite gigantesco. Para dizer a verdade, o computador não detectou nenhum satélite natural, grande ou pequeno. Assim, não deve ser a Terra. Pelo menos, se as lendas estiverem corretas.

— Não se preocupe, Golan — disse Pelorat. — Suspeitei de que não se tratava da Terra desde o momento em que vi que nenhum dos gigantes gasosos possuía anéis.

— Muito bem, então — disse Trevize. — O próximo passo é verificar que tipo de vida existe no planeta. Como possui uma atmosfera de oxigênio, podemos ter certeza de que existe vida vegetal, mas...

— Vida animal, também — interrompeu Bliss. — E em grande quantidade.

— O quê? — exclamou Trevize, voltando-se para a moça.

— Posso senti-la. Apenas fracamente, a essa distância, mas asseguro-lhe que o planeta não só é habitável, mas também é habitado.

33.

O *ESTRELA DISTANTE* estava em órbita polar em torno do Mundo Proibido, a uma distância tão grande que levava quase seis dias para circundar o planeta. Trevize parecia não estar com pressa alguma para sair de órbita.

— Já que o planeta é habitado — explicou —, e já que, segundo Deniador, antigamente era habitado por seres humanos que eram muito adiantados do ponto de vista tecnológico e que representam a primeira leva de Colonizadores, os chamados Espaciais, pode ser que os habitantes ainda sejam tecnologicamente avançados e não morram de amores por nós, que pertencemos à segunda leva que os substituiu. Gostaria que se mostrassem, para que pudéssemos observá-los um pouco antes de pousar.

— Talvez não saibam que estamos aqui — aventurou Pelorat.

— *Nós* saberíamos, se estivéssemos no lugar deles. Temos que supor que, se ainda existem, tentarão entrar em contato conosco. Talvez até queiram vir nos pegar.

— Mas se eles vierem e se são tão adiantados assim, estaremos perdidos...

— Vamos com calma — disse Trevize. — O progresso tecnológico nem sempre ocorre simultaneamente em todos os setores. Pode ser que estejam muito à nossa frente sob alguns aspectos, mas é evidente que não estão acostumados às viagens interestelares. Fomos nós, e não eles, que colonizamos a Galáxia, e em toda a história do Império não sei de nenhuma ocasião em que tenham deixado seus mundos. E se não estão habituados às viagens interestelares, como espera que tenham progredido muito na ciência da astronáutica? E se não progrediram muito, é impossível que disponham de uma espaçonave gravítica como a nossa. Podemos estar desarmados, mas se vierem atrás de nós, mesmo que seja com um encouraçado, jamais nos alcançarão... Não, não estaremos perdidos...

— E se eles progrediram muito no campo das ciências mentais? E se o Mulo era um Espacial?

Trevize fez um muxoxo de irritação.

— O Mulo não podia ser tudo ao mesmo tempo. Os gaianos o descreveram como um gaiano renegado. Outros o consideram como um mutante...

— Também há quem diga que o Mulo era uma máquina — observou Pelorat. — Um robô, em outras palavras.

— Se *houver* algum perigo mental, estou contando com Bliss para neutralizá-lo. Afinal, ela mesma disse que... a propósito, ela está dormindo?

— Estava — respondeu Pelorat. — Mas quando saí de lá, tinha começado a se mexer.

— Começado a se mexer, hein? Pois vai ter que estar bem acordada se algo acontecer. Estou contando com você para isso, Janov.

— Está bem, Golan.

Trevize desviou sua atenção para o computador.

— Uma coisa que me preocupa são as estações espaciais. Em geral, constituem um sinal seguro de que os habitantes do planeta desenvolveram uma tecnologia avançada. Neste caso, porém...

— Há algo de errado com elas?

— Várias coisas. Em primeiro lugar, são muito antigas. Podem ter mais de mil anos de idade. Em segundo lugar, a única radiação que emitem é radiação térmica.

— O que é isso?

— Radiação térmica é aquela que é emitida por um objeto mais quente que as vizinhanças. Consiste em uma larga faixa de freqüências e apresenta um espectro bastante característico, que é função da temperatura. É isso que as estações espaciais estão irradiando. Se houvesse instrumentos funcionando a bordo das estações, provavelmente captaríamos uma radiação com um espectro diferente, mais compacto. Existem duas possibilidades: ou as estações estão vazias, e podem ter estado vazias, ao que sabemos, nos últimos mil anos, ou estão sendo ocupadas por seres com uma tecnologia tão avançada que seus equipamentos não produzem nenhum tipo de radiação.

— Talvez — propôs Pelorat — o planeta continue a ser habitado por uma civilização avançada, mas as estações espaciais estejam vazias porque o planeta está isolado há tanto tempo que ninguém se preocupa mais em vigiar o espaço.

— Pode ser. Pode ser também que se trate de algum tipo de armadilha.

Bliss entrou no aposento e Trevize, observando-a com o canto do olho, resmungou:

— Aqui estamos nós.

— Estou vendo — disse Bliss. — E continuamos na mesma órbita. Pelorat apressou-se a explicar:

— Golan está sendo cauteloso, querida. As estações espaciais parecem desertas e ainda não sabemos o que isso significa.

— Não precisa se preocupar — disse Bliss, com indiferença. — Não há sinais detectáveis de vida inteligente no planeta.

Trevize olhou para ela, admirado.

— De que está falando? Você disse...

— Eu disse que havia vida animal no planeta, e é verdade, mas de onde tirou a idéia de que onde há vida animal tem que haver vida humana?

— Por que você não me disse isso assim que detectou vida animal no planeta?

— Porque daquela distância, não podia ter certeza. Era capaz de perceber os traços inconfundíveis da atividade de neurônios, mas com um sinal tão fraco, seria impossível distinguir um homem de uma borboleta.

— E agora?

— Agora estamos muito mais próximos e você pode achar que eu estava dormindo, mas não estava... pelo menos, não o tempo todo. Eu estava, para usar uma palavra pouco apropriada, escutando atentamente o planeta, à procura de uma atividade mental suficientemente complexa para indicar a presença de inteligência.

— E não encontrou nenhuma?

— Tenho a impressão — disse Bliss, com súbita cautela — de que se não consegui perceber nada a essa distância, não pode haver mais que alguns milhares de seres humanos no planeta. Se chegarmos mais perto, poderei fornecer-lhe uma informação mais precisa.

— Bem, isso muda tudo — observou Trevize, confuso.

— Acho que sim — concordou Bliss, que parecia estar sonolenta e, conseqüentemente, de mau humor. — Você pode parar com toda essa história de analisar radiações e tirar conclusões e tudo mais que possa ter estado fazendo. Meus sentidos gaianos podem fazer esse trabalho com muito maior eficiência e precisão. Talvez um dia você entenda o que quero dizer quando afirmo que é

melhor ser um gaiano que um Isolado.

Trevize custou para responder. Era evidente que estava lutando para controlar-se. Quando falou, foi de forma polida, quase formal.

— Grato pela informação. Entretanto, espero que compreenda que, para usar uma analogia, a idéia de melhorar meu sentido de olfato não constitui incentivo suficiente para tornar-me um cão de caça.

34.

AGORA PODIAM ver claramente o Mundo Proibido, pois haviam ultrapassado a camada de nuvens. O planeta tinha um ar curiosamente decrépito.

As regiões polares eram geladas, como seria de se esperar, mas pouco extensas. As regiões montanhosas eram despidas de vegetação, com uma ou outra geleira, mas também não eram muito extensas. Havia pequenas áreas desérticas, bem espalhadas.

Deixando tudo isso de lado, o planeta era, potencialmente, muito bonito. As massas continentais eram grandes, mas sinuosas, de modo que havia longos litorais e ricas planícies costeiras. Havia vastas florestas tropicais e temperadas, entremeadas com prados e savanas. Mesmo assim, a impressão de decrepitude era geral. No meio das florestas havia grandes clareiras, e partes das savanas eram desprovidas de vegetação.

— Algum tipo de praga? — sugeriu Pelorat.

— Não — afirmou Bliss. — Alguma coisa muito pior e mais permanente.

— Conheço muitos planetas — disse Trevize —, mas nunca vi nada parecido.

— Conheço poucos planetas — declarou Bliss —, mas meus pensamentos são os pensamentos de Gaia e isto é o que se pode esperar de um mundo de onde a humanidade desapareceu.

— Por quê? — perguntou Trevize.

— Pense bem — disse Bliss, em tom mordaz. — Nenhum planeta habitado possui um equilíbrio ecológico real. A Terra deve ter tido um, pois foi o mundo em que a humanidade surgiu e muitos séculos se passaram antes que surgisse o

ser humano, a única espécie capaz de modificar intencionalmente o equilíbrio natural. Nesse caso, o equilíbrio deve ter existido. Em todos os outros mundos habitados, porém, o homem transformou cuidadosamente os novos ambientes e introduziu a vida animal e vegetal, mas os sistemas ecológicos que introduziu eram necessariamente desequilibrados. Esses sistemas possuíam apenas um número limitado de espécies, apenas as que os seres humanos consideravam como desejáveis ou não podiam deixar de introduzir...

— Sabe o que isso me faz lembrar? — disse Pelorat. — Perdoe-me, Bliss, por interromper, mas é tão pertinente que gostaria de contar logo para você antes que eu me esqueça. Uma vez ouvi falar de uma lenda a respeito da criação. Nessa lenda, a vida tinha surgido em um planeta e consistia apenas em um pequeno número de espécies, aquelas que eram úteis ou agradáveis para a humanidade. Os primeiros seres humanos então cometeram um grande erro... não me pergunte qual, meu velho amigo, pois os velhos mitos geralmente contêm muitos elementos de simbolismo e não devem ser tomados ao pé da letra... e o solo do planeta foi amaldiçoado. "Maldita é a terra por tua causa: em fadigas obterás dela o sustento durante todos os dias de tua vida. Ela produzirá também cardos e abrolhos"... é isso que diz a passagem, embora soe muito melhor no galáctico arcaico em que estava escrita. A questão, porém, é a seguinte: seria realmente uma maldição? As coisas que os seres humanos não querem, como os cardos e os abrolhos, podem ser necessárias para equilibrar a ecologia. Bliss sorriu.

— É realmente espantoso, Pel, como tudo faz você se lembrar de uma antiga lenda, e como essas lendas às vezes podem ser interessante. Quando se instalam em um planeta, os seres humanos tendem a deixar de fora os cardos e abrolhos e depois têm que trabalhar muito para manter o mundo funcionando. Os ecossistemas criados pelo homem não são organismos auto-suficientes como Gaia, mas sim conjuntos heterogêneos de Isolados, conjuntos esses que não são suficientemente heterogêneos para atingirem o equilíbrio. Se a humanidade desaparece, se o seu controle sobre as outras formas de vida deixa de existir, o planeta inteiro entra em colapso.

— Se é isso que está acontecendo aqui, está acontecendo muito devagar — observou Trevize ceticamente. — Este planeta pode estar abandonado há quase vinte mil anos e mostra muito poucos sinais de decadência.

— Isso depende muito da forma como o equilíbrio ecológico é estabelecido inicialmente — observou Bliss. — Se o equilíbrio inicial é razoável, o ecossistema pode durar muito tempo sem intervenção humana. Afinal, vinte mil anos não são nada em comparação com o tempo de vida de um planeta.

— Suponho — disse Pelorat, observando o planeta na tela do telescópio — que se o planeta está em decadência, é sinal de que os seres humanos se foram.

— Ainda não consegui detectar nenhum sinal de vida inteligente — disse Bliss. — Posso afirmar com razoável certeza que não há seres humanos lá embaixo. Por outro lado, estou captando sinais de consciências primitivas mas suficientemente complexas para representarem pássaros e mamíferos. Não estou certa, porém, de que a deterioração do ecossistema constitua uma indicação segura da inexistência de seres humanos. Um planeta habitado pode entrar em colapso se a população não compreender a importância da preservação do ambiente.

— Tenho certeza — disse Pelorat — de que uma sociedade assim seria rapidamente destruída. Não acredito que os seres humanos deixassem de compreender a importância de conservar os próprios meios que tornam possível a sua sobrevivência.

— Não compartilho da sua fé na racionalidade do homem — observou Bliss. — Para mim é bem possível que em uma sociedade planetária constituída apenas por Isolados, os interesses locais ou mesmo individuais tenham primazia sobre o bem coletivo.

— Sou forçado a concordar com Pelorat — disse Trevize. — Quando mais não seja, pelo fato de que milhões de planetas já foram colonizados e nunca ouvi falar de um caso como o que você descreveu. Bliss, acho que o medo que você tem das sociedades de Isolados não tem razão de ser. Nesse instante, a nave deixou o hemisfério iluminado. O efeito foi o de um rápido crepúsculo, logo seguido pela escuridão absoluta do lado de fora, quebrada apenas pelo brilho das estrelas no céu quase sem nuvens.

A nave conservava a altitude medindo com precisão a pressão atmosférica e a intensidade do campo gravitacional. Estavam a uma distância segura da superfície do planeta, que não possuía grandes elevações, já que o último ciclo de formação de montanhas havia ocorrido há muito tempo. Mesmo assim, o computador apalpava o caminho à frente com dedos de microondas, para ter certeza de que não havia perigo.

Trevize olhou para a escuridão aveludada e disse, pensativo:

— Na minha opinião, a prova mais convincente de que um planeta é desabitado é a ausência de luzes artificiais no lado escuro. Nenhuma civilização tecnológica suporta a escuridão... Assim que chegarmos ao lado iluminado, vamos baixar um pouco.

— Para quê? — perguntou Pelorat. — Não há nada lá embaixo!

— Quem foi que disse que não há nada lá embaixo?

— Bliss. E você, também.

— Não, Janov. O que eu disse foi que não havia conseguido captar nenhum tipo de radiação artificial. Bliss falou que não havia sinais de atividade mental de seres humanos. Isso, porém, não quer dizer que lá embaixo não exista nada que nos interesse. Mesmo que os seres humanos tenham abandonado o planeta, certamente deixaram algum tipo de ruínas. Estou atrás de informações, Janov, e os restos de uma tecnologia podem conter informações muito valiosas.

— Depois de vinte mil anos? — A voz de Pelorat tornou-se aguda. — Que material sobreviveria durante vinte mil anos? Não vamos encontrar filmes, nem livros, nem fitas. O metal estará enferrujado, a madeira, podre, o plástico, reduzido a pó. Até os artefatos de pedra terão sido atacados pela erosão a ponto de ficarem irreconhecíveis!

— Pode não ter sido vinte mil anos — explicou Trevize, pacientemente. — Falei em vinte mil anos porque, de acordo com as lendas comporelianas, naquela época havia uma civilização florescente habitando este planeta. Suponha, porém, que os últimos seres humanos tenham morrido ou deixado o planeta há apenas um milênio.

Chegaram de volta ao hemisfério iluminado e, depois de uma breve aurora, o sol tornou a brilhar do lado de fora.

O *Estrela Distante* reduziu a velocidade e diminuiu a altitude até que os detalhes da superfície do planeta se tornaram claramente visíveis. Naquela região, o litoral era semeado de pequenas ilhas, quase todas cobertas de vegetação.

— Acho que devemos concentrar nossa atenção nas áreas devastadas — disse Trevize. — No meu entender, os lugares em que havia maior densidade populacional foram aqueles em que o equilíbrio ecológico foi mais prejudicado. Esses foram provavelmente os núcleos iniciais da praga que está tomando conta do planeta. O que acha, Bliss?

— É possível. De qualquer forma, na falta de informações concretas, acho que devemos procurar onde for mais fácil. Os prados e florestas provavelmente engoliram todos os sinais de civilização, de modo que procurar ali poderia ser perda de tempo.

— Acaba de me ocorrer — observou Pelorat — que talvez este planeta possa um dia estabelecer um novo equilíbrio com o que lhe restou; que novas espécies

se desenvolvam; que as regiões devastadas tornem a ser colonizadas em novas bases.

— É possível, Pel — concordou Bliss. — Depende, suponho, do grau de desequilíbrio que lhe foi imposto. Entretanto, para um mundo curar suas feridas e atingir um novo equilíbrio através da evolução, seria preciso muito mais que vinte mil anos. Estaríamos falando em milhões de anos!

O *Estrela Distante* não estava mais em órbita em torno do planeta; sobrevoava lentamente uma clareira de quinhentos metros de largura na qual só cresciam algumas plantinhas raquíticas.

— Que acham disso? — disse Trevize de repente, apontando para baixo.

A nave reduziu ainda mais a velocidade até ficar parada, suspensa no ar. Um zumbido fraco mas persistente mostrou que os motores gravíticos estavam funcionando a toda força, neutralizando o campo gravitacional do planeta.

Não havia muita coisa para ver no local que Trevize havia indicado. Um terreno levemente ondulado, onde havia tufos esparsos de capim.

— Não estou vendo nada — disse Pelorat.

— Aquelas marcas no chão não são naturais... são linhas paralelas, e existem outras linhas perpendiculares às primeiras. Não está vendo? Sinais de arquitetura humana, vestígios de alicerces e paredes, tão nítidos como se as construções ainda estivessem de pé!

— Mesmo que você esteja certo — disse Pelorat —, não passam de ruínas. Para fazer uma pesquisa arqueológica, vamos ter que cavar muito. Os profissionais levam anos para desenterrar um único edifício...

— Não somos profissionais e não temos anos para perder. Parece que encontramos os restos de uma antiga cidade e talvez uma parte dela ainda esteja de pé. Vamos seguir essas linhas no chão e ver o que encontramos.

Foi quase no final da clareira que chegaram a um edifício que ainda estava intacto... ou quase intacto.

— É um bom lugar para começarmos — disse Trevize. — Vamos descer.

CAPÍTULO 9: ENFRENTANDO A MATILHA

35.

O *ESTRELA DISTANTE* pousou na base de uma pequena colina, uma das poucas que havia na grande planície. Quase sem pensar, Trevize tinha escolhido o lugar para que a nave ficasse em um local pouco visível. Ele disse para os companheiros:

— A temperatura lá fora é de 24 graus centígrados, está soprando um vento de oeste para leste de onze quilômetros por hora e o céu está parcialmente encoberto. O computador não conhece o suficiente a respeito do clima do planeta para fazer uma previsão do tempo; entretanto, como a umidade relativa do ar é de 40%, não é provável que esteja para chover. No conjunto, parece que o tempo lá fora está muito agradável, o que, comparado com Comporellon, certamente constitui um alívio.

— Suponho que se o planeta continuar entregue à própria sorte, as condições climáticas se tornarão mais extremas — observou Pelorat

— Tenho certeza disso — afirmou Bliss.

— Para nós, é o que menos importa — disse Trevize. — Temos milhares de anos de vantagem. No momento, ainda é um planeta bem agradável e continuará assim durante muito tempo.

Enquanto falava, o rapaz estava afivelando um cinto largo na cintura. Bliss perguntou, curiosa:

— O que é isso, Trevize?

— Estou lembrando meu treinamento militar — disse Trevize. — Não vou desembarcar desarmado em um planeta desconhecido.

— Está falando seriamente em carregar armas?

— Isso mesmo. Aqui na minha direita — mostrou um coldre que continha uma arma pesada, com um cano grosso —, está meu desintegrador, e na minha esquerda — uma arma menor, com um cano fino e fechado na ponta —, está meu chicote neurônico.

— Dois tipos de armas mortais — observou Bliss, com ar de desdém.

— Está enganada. Apenas o desintegrador é capaz de matar. O que o chicote neurônico faz é estimular os nervos, produzindo uma dor tão intensa que a pobre vítima preferiria estar morta. Pelo menos, foi o que me contaram; nunca tive o desprazer de estar do lado errado de um chicote neurônico.

— Para quê as armas?

— Já lhe disse. É um mundo desconhecido.

— Trevize, é um mundo *deserto!*

— É mesmo? Tudo leva a crer que não exista nenhuma civilização adiantada, mas já pensou em raças primitivas? Paus e pedras também matam, você sabe!

Bliss parecia irritada, mas baixou a voz em um esforço para ser razoável.

— Não fui capaz de detectar nenhuma atividade neurônica humana, Trevize. Isso elimina também as raças primitivas.

— Então não vou ter que usar minhas armas — disse Trevize. — Qual o problema de carregá-las comigo? Só me tornarão um pouquinho mais pesado, e como a gravidade na superfície deste planeta é 9% menor que a de Terminus, acho que não sentirei a diferença. Escute, a nave pode estar desarmada como nave, mas transporta um suprimento considerável de armas portáteis. Por que vocês dois também não...

— Não — interrompeu Bliss. — Jamais seria capaz de matar alguém... ou mesmo de causar sofrimento.

— Não é uma questão de matar, mas de não ser morto.

— Posso proteger-me de outras formas.

— Janov? Pelorat hesitou.

— Não usamos armas em Comporellon.

— Ora, vamos, Janov, Comporellon era terreno conhecido, um planeta aliado da

Fundação. Além disso, fomos detidos assim que chegamos. Se estivéssemos armados, teriam tomado nossas armas. Não quer levar um desintegrador?

Pelorat sacudiu a cabeça.

— Nunca tive treinamento militar, meu velho amigo. Não saberia como usar uma dessas coisas e, em uma emergência, não sangue-frio suficiente para usá-la. Tentaria correr e... e seria morto. — Ninguém vai ser morto, Pel — disse Bliss. — Gaia tem sob a minha/nossa/sua proteção, tanto quanto esse bravo soldado aqui ao lado.

— Ótimo — disse Trevize. — Não tenho nenhuma objeção a sair protegido. Vou levar as armas simplesmente como precaução adicional e, asseguro-lhe, não pretendo usá-las a não ser um último caso Mesmo assim, *prefiro* não desembarcar sem elas.

Trevize deu um tapinha afetuoso no coldre e acrescentou:

— Agora vamos desembarcar neste mundo que pode não ter sentido o peso de pés humanos nos últimos milhares de anos.

36.

— TENHO a sensação de que está para anoitecer — disse Pelorat —, mas, a julgar pela altura do sol, ainda deve ser por volta do meio-dia.

— Isso é porque o sol aqui tem uma cor alaranjada — explicou Trevize —, o que dá à luz do dia a aparência de crepúsculo. Se ainda estivermos aqui ao entardecer, e se o tempo ajudar, você verá o céu ficar vermelho escuro. Não sei se vai ser um espetáculo bonito ou deprimente. A propósito: o pôr-do-sol em Comporellon também deve ser bem exótico, mas passamos o tempo todo em ambiente fechado.

Voltou-se devagar, examinando os arredores. Além da iluminação quase fantasmagórica, havia o odor característico do planeta... ou pelo menos daquela parte do planeta. Era um cheiro um pouco rançoso, mas estava longe de ser desagradável.

As árvores próximas eram de altura mediana e pareciam muito antigas, com a casca irregular e os troncos levemente inclinados em relação à vertical, embora

fosse difícil dizer se por causa dos ventos dominantes na região ou devido às ondulações do solo. Seriam as árvores que emprestavam um aspecto algo ameaçador àquela paisagem ou seria alguma outra coisa... menos material?

Bliss perguntou:

— O que pretende fazer, Trevize? Certamente não veio até aqui para admirar a vista!

— Acho que no momento é a isso que vai se reduzir a minha participação. Minha sugestão é de que Janov vá explorar as ruínas. Está em melhores condições do que eu para julgar a importância de qualquer achado. Afinal, ele conhece galáctico arcaico e eu não. E suponho, Bliss, que você queira ir com ele para protegê-lo. Quanto a mim, ficarei aqui, do lado de fora das ruínas, montando guarda.

— Montando guarda contra quem? Um bando de nativos armados com paus e pedras?

— Talvez. — De repente, o sorriso desapareceu dos lábios de Trevize e ele acrescentou: — Não sei por que, Bliss, não me sinto à vontade neste lugar. Não sei por quê.

Pelorat disse:

— Vamos, Bliss. Tenho sido um colecionador de lendas durante toda a minha vida, mas nunca tive a oportunidade de descobrir um documento antigo. Imagine se encontrarmos...

Trevize ficou olhando enquanto os dois se afastavam, a voz de Pelorat desaparecendo ao longe enquanto ele se dirigia para as ruínas com passos ansiosos, acompanhado de perto por Bliss.

Trevize voltou a examinar as vizinhanças. Por que estava tão preocupado?

Nunca havia posto os pés em um mundo desabitado, mas tinha observado muitos desses mundos do espaço. Em geral, eram planetas pequenos, com gravidade insuficiente para reter a água e o ar, mas serviam como pontos de referência durante as manobras militares (não tinha havido nenhuma guerra nos últimos dois séculos, mas mesmo assim as manobras militares prosseguiam) ou os exercícios de reparos de emergência simulados. A nave em que se encontrava tinha entrado em órbita em torno desses planetas, ou mesmo pousado em alguns deles, mas nessas ocasiões Trevize não havia desembarcado.

Seria o fato de que agora estava pisando em um mundo deserto? Teria a mesma sensação se tivesse pisado num daqueles planetas pequenos, sem ar e sem vida,

que tinha conhecido nos tempos de estudante?

Sacudiu a cabeça. Não era a mesma coisa. Em primeiro lugar, estaria usando um traje espacial, como nas inúmeras ocasiões em que havia trabalhado no espaço, fora da nave. Era uma situação familiar e o simples contato dos pés com o solo não teria mudado grande coisa. Naturalmente!

Naturalmente... no momento, não estava usando um traje espacial.

Estava na superfície de um mundo habitável, de clima tão agradável quanto o de Terminus... muito mais agradável, por exemplo, que o de Comporellon. Sentiu o vento no rosto, o calor do sol, o sussurro das árvores. Tudo era familiar, a não ser o fato de que naquele mundo não havia mais seres humanos.

Seria isso? Seria isso que tornava aquele mundo tão soturno? Seria o fato de se tratar não apenas de um mundo inabitado, mas de um mundo *abandonado?*

Trevize nunca havia estado antes num mundo abandonado; nunca havia ouvido falar de um mundo abandonado; nunca havia imaginado que um mundo *pudesse* ser abandonado. De todos os mundos que conhecia, os que tinham sido colonizados pelo homem continuavam habitados para sempre.

Olhou para o céu. Apenas os seres humanos haviam abandonado o planeta. Um pássaro cruzou sua linha de visão, parecendo mais natural, de alguma forma, do que o céu azul-acinzentado e as nuvens alaranjadas. (Trevize tinha certeza de que, se passasse alguns dias no planeta, acabaria por acostumar-se com as cores do céu e das nuvens.). Ouviu o canto de pássaros nas árvores e o ruído mais suave dos insetos. Bliss havia falado em borboletas e ali estavam elas... em grande número e muitas variedades coloridas.

Havia também ruídos ocasionais nos tufos de capim em volta das árvores, mas Trevize não conseguiu descobrir sua causa.

A presença de vida animal nas vizinhanças não lhe trazia desconforto. Como Bliss havia dito, os mundos colonizados pelo homem jamais haviam abrigado seres perigosos. Os contos de fadas da infância e as fantasias heróicas da juventude invariavelmente se passavam em um mundo fabuloso que sem dúvida tinha sido inspirado nos antigos mitos a respeito da Terra. Nos hiperdramas, a holotela estava sempre cheia de monstros: leões, unicórnios, dragões, baleias, brontossauros, ursos. Havia dezenas de animais, cujos nomes Trevize já havia esquecido, muitos certamente mitológicos, talvez todos. Havia animais menores que mordiam e picavam, até mesmo plantas venenosas... mas apenas nas histórias. Uma vez tinha ouvido falar que as abelhas primitivas eram capazes de picar, mas as abelhas que conhecia eram totalmente inofensivas.

Caminhou devagar para a direita, contornando a colina. O capim era alto e cerrado, mas esparso, crescendo em tufos. Passou por entre as árvores, que também formavam moitas.

A boca de Trevize se abriu em um bocejo. 'Tudo parecia tão calmo que teve vontade de voltar à nave para dormir um pouco. Não, não seria prudente. Era melhor continuar bancando a sentinela.

Talvez fosse melhor começar a portar-se como uma sentinela de verdade... começando a marchar, um, dois, um, dois, dando meia-volta e executando evoluções complicadas com um eletrobastão de parada. (Era uma arma que estava fora de uso há mais de três séculos, mas era considerada essencial nas paradas, por uma razão que ninguém saberia explicar.)

Trevize sorriu ao pensar no eletrobastão e imaginou se não seria melhor ir juntar-se a Pelorat e Bliss nas ruínas. Para quê? Em que poderia ajudá-los?

E se observasse alguma coisa que Pelorat havia deixado escapar? Ora, teria tempo para tentar depois que Pelorat voltasse. Se houvesse alguma coisa interessante a ser descoberta nas ruínas, preferia mil vezes que Pelorat a encontrasse primeiro.

E se os dois estivessem em dificuldades? Bobagem! Que tipo de dificuldades?

E se *houvesse* algum problema, bastaria que eles gritassem.

Parou para escutar. Não ouviu nada.

Foi então que sentiu uma vontade irresistível de marchar. Quando deu por si, estava batendo com os pés no chão, jogando para o alto um eletrobastão imaginário, agarrando-o de novo... jogando o bastão para o alto, agarrando-o de novo... Trevize fez meia-volta e se viu de frente para a nave, agora bem mais distante.

E assim que olhou naquela direção, Trevize ficou imóvel, não no papel de sentinela, mas de pura surpresa.

Não estava sozinho.

Até então, não tinha visto nenhuma criatura viva a não ser plantas, insetos e um ou outro passarinho. Não tinha visto nem ouvido ninguém se aproximar... mas agora havia um animal entre ele e a nave.

O inesperado da situação o privou, por um momento, da capacidade de interpretar o que via. Foi apenas depois de um intervalo perceptível que reconheceu o que tinha diante de si.

Era apenas um cachorro.

Trevize nunca havia possuído um cão e não sentia nenhuma simpatia especial pelos cachorros que encontrava. Daquela vez não foi diferente. Apenas pensou, com certa impaciência, que não havia nenhum mundo colonizado pelo homem em que o cachorro não o houvesse acompanhado. Existia um número incontável de raças e Trevize se lembrava de haver pensado que cada planeta provavelmente teria pelo menos uma raça própria. Mesmo assim, todas as raças tinham algo em comum: fossem criados para entretenimento, para trabalhar em espetáculos ou para realizar algum tipo de trabalho útil, todos os cães eram criados para amar os seres humanos e confiar neles.

Era um amor e uma confiança que Trevize não apreciava nem um pouco. Uma vez morou com uma mulher que tinha um cachorro. Aquele cachorro, que Trevize tolerava por causa da mulher, tinha uma adoração inexplicável por ele, seguia-o por toda parte, cobria-o de saliva e pêlos nos momentos mais inesperados e encostava-se na porta e começava a uivar toda vez que ele e a mulher tentavam fazer amor.

Depois daquela experiência, Trevize ficara com a firme convicção de que por alguma razão, conhecida apenas pelas mentes caninas e a capacidade delas de analisar odores, ele, Trevize, constituía um dos objetos preferidos da devoção canina.

Assim, depois de passada a surpresa inicial, observou o cachorro sem muito receio. Era um cachorro grande, magro e esguio, com pernas compridas. Olhava para ele sem nenhum sinal de adoração. A boca estava aberta no que poderia ser interpretado como um sorriso de boas-vindas, mas os dentes que apareciam tinham um aspecto perigoso.

Ocorreu-lhe, então, que o cachorro nunca tinha visto um ser humano, nem ele nem seus antepassados mais recentes. O cachorro devia ter ficado tão surpreso ao ver um ser humano quanto Trevize havia ficado ao ver o cachorro. Trevize, pelo menos, havia reconhecido rapidamente o animal, mas o cão não tivera a mesma vantagem. Ainda estava espantado, talvez até receoso.

Não convinha deixar que um animal daquele tamanho, e com aqueles dentes, permanecesse assustado por muito tempo. Trevize percebeu que era melhor conquistar a amizade do animal, e quanto mais depressa melhor.

Aproximou-se do animal, muito devagar (nenhum movimento brusco, naturalmente). Estendeu a mão, pronto a permitir que o cachorro a cheirasse, enquanto emitia sons tranqüilizadores, do tipo "cachorrinho bonito", que o deixaram profundamente envergonhado.

O cachorro, com o olhar fixo em Trevize, recuou um passo ou dois, como se estivesse desconfiado. Depois, o lábio superior se contraiu e a boca emitiu um som gutural. Embora Trevize nunca tivesse visto um cão se comportar assim, não podia deixar de interpretar a atitude do animal como ameaçadora.

Trevize parou onde estava. Percebeu um movimento com o canto dos olhos e virou a cabeça devagar. Dois outros cachorros estavam e aproximando. Pareciam tão assassinos quanto o primeiro.

Assassinos? A palavra só lhe havia ocorrido agora, mas lhe parecia estranhamente apropriada.

O coração de Trevize começou a bater com força. O caminho para a nave estava bloqueado. Não podia sair correndo sem rumo, pois aquelas longas patas caninas o alcançariam em questão de metros. Se ficasse onde estava e usasse o desintegrador, só teria tempo para matar um deles; os outros dois o fariam em pedaços. À distância, podia ver outros cachorros se aproximando. Será que se comunicavam de alguma forma? Será que caçavam em grupos?

Começou a andar de lado, bem devagar, para a esquerda, uma direção onde não havia nenhum animal... ainda. Devagar. Devagar. Os cachorros o acompanharam. Trevize tinha certeza de que a única coisa que o havia salvo de um ataque imediato era o fato de que os cachorros jamais haviam encontrado alguém como ele. Por essa razão, não sabiam o que esperar dele.

Se saísse correndo, isso representaria um comportamento familiar para os animais. Eles saberiam o que fazer se alguma coisa do tamanho de Trevize demonstrasse medo e saísse correndo. Correriam atrás dele. E o alcançariam sem dificuldade.

Trevize continuou a andar de lado, aproximando-se de uma árvore. Sentiu uma vontade súbita de estar lá em cima, onde os cachorros não poderiam alcançá-lo. Os cães se aproximaram mais, rosnando baixinho. Todos os três tinham os olhos fixos nele. Havia mais dois chegando. Mais além, Trevize podia ver muitos outros cachorros. Em uma certa hora, quando estivesse suficientemente próximo, teria que tentar. Não poderia esperar demais, nem precipitar-se, caso contrário estaria perdido.

Agora!

Trevize provavelmente nunca havia corrido tão depressa na vida, e mesmo assim escapou por um triz. Sentiu um par de mandíbulas se cravar no calcanhar da bota e ficou imobilizado até os dentes do cachorro escorregarem no duro material ceramóide.

O rapaz não tinha prática de subir em árvores. Da última vez que havia tentado, e mesmo assim sem sucesso, tinha dez anos de idade. Felizmente para ele, o tronco era inclinado e a casca bastante rugosa, com muitos pontos de apoio. Além do mais, o medo o impelia, e é impressionante o que se pode fazer quando se está com medo.

Trevize se viu sentado em uma forquilha, a uns dez metros do solo. Por um momento, não se deu conta de que havia arranhado uma das mãos e que ela estava pingando sangue. Na base da árvore, cinco cachorros agora estavam sentados nas patas traseiras, olhando para cima, com a língua de fora, esperando pacientemente. E agora?

37.

TREV1ZE não estava em condições de pensar logicamente a respeito da situação. Em vez disso, experimentou lampejos de pensamento em uma seqüência estranha e distorcida que, se fossem ordenados, resultariam no seguinte:

Bliss havia sustentado que, ao colonizarem um planeta, os seres humanos estabeleciam uma ecologia desequilibrada, que só eram capazes de manter através de constantes intervenções. Por exemplo: nenhum Colonizador havia jamais levado com ele os grandes predadores. Os pequenos animais nocivos, era impossível evitar: insetos, parasitas... até mesmo ratos.

E os animais dramáticos das lendas, alguns dos quais talvez tivessem realmente existido na Terra, os tigres, ursos, crocodilos? Quem os levaria para outros mundos, mesmo que houvesse alguma razão para isso? E qual seria a razão para isso?

O resultado era que o homem era o único predador de grande porte, e era sua responsabilidade cuidar das plantas e animais que, entregues à própria sorte, se reproduziriam de forma indiscriminada, sufocando-se no excesso de fertilidade.

E se os seres humanos desaparecessem, outros predadores teriam que tomar o seu lugar. Que predadores? Os maiores predadores tolerados pelo homem eram os cães e gatos, domesticados e vivendo da generosidade humana.

E se não houvesse mais seres humanos para alimentá-los? Então teriam que procurar alimento... tanto para a própria sobrevivência quanto, com toda a

propriedade, para a sobrevivência das espécies das quais se alimentassem, cuja população, se não fosse mantida sob controle, aumentaria de forma explosiva, com um prejuízo cem vezes maior para a espécie do que as ações dos predadores.

Assim, os cães se multiplicariam, em todas as suas variedades, com as raças maiores atacando os grandes herbívoros e as raças menores se alimentando de pássaros e roedores. Os gatos caçariam à noite e os cachorros de dia; os primeiros, isoladamente, e os segundos, em matilhas.

Além disso, talvez a própria evolução se encarregasse de dar origem a novas raças para ocupar outros nichos ecológicos. Será que alguns cachorros chegariam a desenvolver hábitos aquáticos que afinal lhes permitissem alimentar-se de peixes, enquanto certos gatos aprenderiam a planar para poderem perseguir no próprio ar os pássaros mais desajeitados?

Tudo isso passou pela mente de Trevize, em curtos lampejos, enquanto ele tentava decidir o que fazer.

O número de cães continuava aumentando. Contou 23 em volta da árvore e havia mais nas vizinhanças. Qual seria o tamanho da matilha? Que importava? Já havia cachorros demais no momento.

Trevize sacou o desintegrador, mas o peso da arma na mão não lhe transmitiu nenhuma sensação de segurança. Qual a última vez em que havia substituído a unidade de energia? Quantos tiros poderia disparar? Muito menos de 23.

E que dizer de Pelorat e Bliss? Se os dois aparecessem, os cachorros sairiam correndo atrás deles? Estariam seguros, mesmo que não aparecessem? Se os cachorros farejassem os dois seres humanos nas ruínas, nada os impediria de atacá-los lá mesmo.

Será que Bliss era capaz de detê-los ou mesmo de afugentá-los? O poder de Gaia, transmitido através do hiperespaço, seria suficiente? Por quanto tempo Bliss conseguiria mantê-los à distância?

Não seria melhor então gritar por socorro? Se gritasse, os dois viriam correndo e os cachorros fugiriam diante do olhar zangado de Bliss? (Seria preciso um olhar ou a moça afugentaria os cães através de um processo mental invisível para os não-iniciados?) Ou, se os dois aparecessem, seriam reduzidos a pedaços diante dos olhos de Trevize, obrigado a observar, impotente, da segurança relativa do seu posto na árvore?

Não, teria que usar o desintegrador. Se pudesse matar um dos cães e assustar os outros por alguns momentos, haveria tempo para descer da árvore, chamar

Pelorat e Bliss, matar um segundo cachorro se a matilha tentasse aproximar-se de novo e então os três poderiam correr para a nave.

Trevize ajustou a intensidade do raio de microondas para três quartos da intensidade máxima. Seria o suficiente para matar um cachorro com um grande estrondo. O estrondo serviria para assustar os outros cães, e ele estaria poupando energia.

Apontou cuidadosamente para um cachorro no meio da matilha, aquele que parecia (pelo menos na imaginação de Trevize) irradiar mais maldade do que os outros... talvez apenas porque estivesse mais quieto e portanto parecesse mais frio e calculista. O cachorro estava agora olhando diretamente para a arma, como que em um gesto de desafio. Ocorreu ao rapaz que ele jamais havia disparado um desintegrador contra um ser vivo, ou visto alguém fazer isso. Durante o serviço militar, tinha atirado em bonecos de plástico cheios d'água; a água se transformava quase que instantaneamente em vapor e o boneco explodia.

Mas quem, em tempo de paz, atiraria em um ser vivo? E que ser vivo desafiaria o poder de tiro de um desintegrador? Só ali, em um inundo que a ausência do homem havia tornado doente, era que...

Com aquela estranha capacidade do cérebro de observar detalhes totalmente irrelevantes, Trevize se deu conta de que uma nuvem havia escondido o sol... e então atirou.

Um feixe de luz trêmula ligou instantaneamente o cano da arma ao corpo do cachorro; uma luz tão tênue que poderia ter passado despercebida se o sol ainda estivesse iluminando diretamente a cena.

Ao sentir a onda inicial de calor, o cachorro fez um pequeno movimento, como se estivesse se preparando para pular; em seguida, explodiu, quando boa parte dos seus fluidos internos foi transformada em vapor.

A explosão fez um ruído decepcionante, pois o revestimento externo do animal era simplesmente muito menos rígido que o dos bonecos de treinamento. Entretanto, carne, pele, sangue e ossos voaram pelo ar e Trevize sentiu o estômago embrulhado.

Os cães, alguns dos quais tinham sido bombardeados pelos fragmentos ainda quentes da explosão, recuaram ligeiramente. Foi, porém, uma hesitação momentânea. No instante seguinte, estavam disputando os restos de carne que haviam caído do céu. O enjôo de Trevize piorou. Em vez de assustá-los, o que estava fazendo era alimentar os malditos animais! Desse jeito, nunca iriam embora. Na verdade, o cheiro de sangue fresco atrairia mais cachorros e talvez

outros predadores.

Alguém chamou:

— Trevize! O que...

O rapaz olhou na direção da voz. Bliss e Pelorat tinham saído das ruínas. Bliss estava parada, com os braços abertos para impedir que Pelorat prosseguisse. Olhava para os cachorros. A situação era clara; não havia necessidade de nenhuma explicação.

Trevize gritou:

— Tentei afugentá-los antes que você e Janov voltassem. Pode mantê-los à distância?

— Vou tentar — disse Bliss, sem gritar, de modo que Trevize mal conseguiu ouvi-la, embora os cachorros tivessem parado de latir como que por encanto. Bliss falou:

— São muitos e não conheço direito os padrões de atividade neurônica desses animais. Em Gaia não existem animais ferozes.

— Nem em Terminus — gritou Trevize. — Nem em nenhum outro mundo civilizado. Vou matar quantos puder e você tenta cuidai dos restantes.

— Não, Trevize. Isso só servirá para atrair outros animais... Fique atrás de mim, Pel. Não há nada que você possa fazer... Trevize, sua outra arma!

— O chicote neurônico?

— Isso mesmo. A arma que produz dor. Use baixa potência. Baixa potência!

— Está com pena deles? — gritou Trevize, zangado. — Acha que isso é hora para pensar na santidade da vida?

— Estou pensando na vida de Pel. E também na minha. Faça o que eu digo. Baixa potência, e atire em um dos cachorros. Não posso agüentar muito tempo.

Os cachorros tinham se afastado da árvore e estavam em volta de Bliss e Pelorat, que haviam recuado até ficarem com as costas coladas a um muro em ruínas. Os cães mais próximos da dupla fizeram algumas tentativas frustradas de se aproximarem mais ainda, ganindo baixinho ao perceberem que alguma coisa os impedia de atacar. Outros tentaram, sem sucesso, subir o muro para atacá-los por trás.

A mão de Trevize tremia quando ele ajustou o chicote neurônico para baixa potência. A arma usava muito menos energia que o desintegrador e um único cartucho era suficiente para centenas de tiros, mas a verdade era que Trevize não

se lembrava da última vez em que havia trocado o cartucho.

Não era importante apontar o chicote. Como não havia necessidade de poupar energia, Trevize poderia, se quisesse, disparar uma rajada de tiros contra a matilha. Era o método que os policiais usavam para manter as multidões sob controle.

Entretanto, o rapaz atendeu à sugestão de Bliss. Apontou para um dos cachorros e atirou. O cachorro caiu, contorcendo-se em dores. De sua boca saíam ganidos estridentes.

Os outros cães afastaram-se do companheiro ferido, as orelhas caídas, o rabo entre as pernas. Em seguida, começaram também a ganir, deram meia-volta e foram embora, primeiro devagar, depois mais depressa e, finalmente, a toda velocidade. O cachorro que tinha sido atingido levantou-se com esforço e saiu correndo atrás dos outros. O ruído desapareceu ao longe e Bliss falou:

— É melhor irmos para a nave. Eles vão voltar. E se não forem eles, serão outros.

Trevize teve a impressão de que nunca havia manipulado tão depressa o mecanismo de acesso ao interior da nave. E talvez tivesse razão.

38.

QUANDO TREVIZE sentiu que estava voltando ao normal, já era noite. A pequena tira de plastopele na palma da mão havia acalmado a dor física, mas havia uma ferida psíquica que era muito mais difícil de curar.

Não era a simples exposição ao perigo; Trevize sentia-se capaz de reagir ao perigo como qualquer pessoa medianamente corajosa. Era a direção totalmente imprevista de onde tinha vindo o perigo. Era a sensação de ridículo. Como se sentiria se os amigos descobrissem que linha sido posto para correr por um bando de *cachorros?* Não teria sido muito pior se ele tivesse sido afugentado por um grupo de canários furiosos.

Durante várias horas, o rapaz ficou muito quieto, esperando ouvir a qualquer momento o som dos latidos, o barulho das garras arranhando o casco da nave.

Pelorat, por outro lado, parecia bastante calmo.

— Não tenho a menor dúvida, meu velho amigo, de que Bliss seria capaz de enfrentar a situação, mas tenho que reconhecer que você sabe atirar com aquela arma!

Trevize amarrou a cara. Não estava com vontade de discutir o assunto.

Pelorat estava com a biblioteca na mão... o pequeno disco no qual estava armazenada uma vida inteira de pesquisa... e com ela retirou-se para a quarto de dormir, onde conservava uma unidade de leitura.

Parecia muito satisfeito consigo mesmo. Trevize não o seguiu. Teriam tempo para conversar quando ele não estivesse com a cabeça tão cheia de cachorros.

Quando os dois ficaram sozinhos, Bliss observou:

— Suponho que você foi apanhado de surpresa.

— Isso mesmo — confirmou Trevize, em tom pesaroso. — Quem diria que um dia eu teria que fugir de um bando de cachorros!

— Mais alguns milhares de anos sem homens e eles não serão mais cachorros. Aqueles animais devem ser atualmente os maiores predadores do planeta...

Trevize assentiu.

— Pensei a mesma coisa quando estava empoleirado naquela árvore. Você tinha toda a razão quando falou a respeito do que pode acontecer em uma ecologia desequilibrada.

— Desequilibrada, sim, do ponto de vista humano... mas considerando a forma eficiente como os cachorros assumiram seu novo papel, estou começando a achar que Pel está certo quando diz que um ecossistema pode atingir um novo ponto de equilíbrio, com os vário; nichos ecológicos sendo gradualmente preenchidos por modificações das poucas espécies que inicialmente povoavam o planeta.

—- Sabe que a mesma idéia me ocorreu?

— Contanto, naturalmente, que o desequilíbrio não seja excessivo, pois do contrário o planeta poderá se tornar totalmente inviável antes que as espécies tenham tempo de se adaptar.

Trevize resmungou alguma coisa.

Bliss olhou para ele, pensativa.

— Como foi que você teve aquela idéia de desembarcar armado?

— De pouco me adiantou — disse Trevize. — Se não fosse você...

— Espere aí. Eu precisei da sua arma. Assim de repente, apenas um contato hiperespacial com o resto de Gaia, tendo que enfrentar tantos inimigos pouco familiares, eu não poderia ter feito nada sem o seu chicote neurônico.

— Meu desintegrador não serviu para nada, não foi?

— Quando você usa um desintegrador, Trevize, um cachorro simplesmente desaparece. Os outros podem ficar surpresos, mas não assustados.

— Pior que isso. Eles comeram os restos! O efeito foi o contrário do que eu pretendia.

— Entendo. Pois com o chicote neurônico é diferente. Ele causa dor, e um cachorro em agonia emite gemidos que os outros cães compreendem muito bem, e que os deixam assustados. Como já estavam predispostos a sentir medo, não foi preciso muito esforço da minha parte para fazê-los fugir em pânico.

— Sim, mas foi você que percebeu que nesse caso o chicote era uma arma mais eficaz que o desintegrador.

— Estou acostumada a lidar com mentes. Você, não. Foi por isso que insisti em que usasse baixa potência e apontasse para um dos animais. Não queria que o cachorro sentisse tanta dor a ponto de morrer e calar-se. Não queria que a dor se dispersasse entre vários cachorros. Era preciso uma dor intensa, concentrada em um ponto.

— E foi o que você teve, Bliss. Funcionou perfeitamente. Fico-lhe imensamente grato.

— Você está de mau humor — disse Bliss, muito séria — porque pensa que fez um papel ridículo. No entanto, repito, não poderia ter feito nada sem suas armas. O que não entendi ainda é por que você insistiu em desembarcar armado, mesmo depois que lhe assegurei que não havia seres humanos no planeta. Esperava encontrar cachorros ferozes?

— Não, claro que não. Pelo menos conscientemente. E também não costumo andar armado. Quando desembarcamos em Comporellon, nem pensei em armas... Por outro lado, recuso-me em acreditar em poderes mágicos. Desconfio que quando conversamos sobre ecossistemas desequilibrados, tive uma visão inconsciente do que poderia acontecer com os outros animais na ausência de seres humanos. Nada mais que isso.

— Não seja tão modesto. Participei da mesma conversa a respeito de ecossistemas desequilibrados e não tive o mesmo palpite. É por causa desse dom

que você tem de chegar a conclusões corretas que Gaia está interessado em você. Posso ver, também, que deve ser irritante para você ter impulsos sem causa aparente; saber como agir, mas não saber por quê.

— A expressão que usamos em Terminus é "agir com base num palpite".

— Em Gaia, chamamos isso de "saber sem pensar". Você não gosta de saber sem pensar, gosta?

— Claro que isso me incomoda. Não gosto de ser movido por palpites. Sei que em geral existe uma razão oculta, mas o fato de não conhecer a razão me faz sentir como não tendo controle sobre meus próprios pensamentos... como se estivesse sofrendo de uma espécie de loucura mansa.

— Quando você decidiu a favor de Gaia e da Galáxia Viva, agiu com base em um palpite e agora quer saber a razão.

— Já lhe disse isso mais de mil vezes.

— E até agora eu não estava totalmente convencida. Peço desculpas. Não duvidarei mais dos seus motivos. Espero, porém, que me permita continuar a apresentar argumentos a favor de Gaia.

— À vontade — disse Trevize. — Contanto que reconheça o meu direito de discordar deles.

— Já lhe ocorreu, então, que esse Mundo Desconhecido está revertendo a um estado de selvageria, e talvez de total desolação e inabilabilidade, porque a única espécie que era capaz de agir com inteligência não está mais presente? Se o planeta fosse Gaia, ou melhor ainda, se o planeta fosse uma parte da Galáxia Viva, isso não aconteceria. A inteligência estaria presente na Galáxia como um todo e qualquer ecossistema tenderia sempre para o equilíbrio, mesmo que perdesse quase todas as suas espécies.

— Isso significa que os cachorros deixariam de comer?...

— É claro que eles teriam que comer. Sua alimentação, porém, atenderia a um objetivo maior, o de manter o equilíbrio ecológico, em vez de depender apenas do acaso. - A perda da liberdade individual pode significar pouco para um cão, mas é muito importante para os homens — disse Trevize. — E se *todos* os seres humanos deixassem de existir, em toda parte, e não apenas em um ou vários mundos? E se não houvesse mais nenhum ser humano na Galáxia? Ainda haveria inteligência? As outras formas de vida e a matéria inanimada conseguiriam, juntas, desenvolver uma inteligência comum que fosse suficientemente sofisticada para controlar o funcionamento do todo? Bliss

hesitou.

— Uma situação assim nunca ocorreu — disse, afinal. — E não é provável que venha a ocorrer no futuro.

— Mas não lhe parece óbvio que a mente humana é qualitativamente distinta de tudo o mais e que, se estivesse ausente, nada poderia substituí-la? Nesse caso, não reconhece que os seres humanos constituem um caso especial? Eles não devem ser fundidos nem mesmo uns com os outros, quanto mais com seres não-humanos!

— Mesmo assim, você decidiu a favor da Galáxia Viva.

— Por uma razão que desconheço.

— Talvez tenha pensado no perigo que representam os ecossistemas desequilibrados... Quem sabe não reconheceu, talvez inconscientemente, o fato de que todos os planetas da Galáxia estão na corda bamba, por assim dizer, e que apenas a Galáxia Viva poderá impedir uma sucessão de desastres, causados pela guerra, a corrupção e a incompetência!

— Não. No momento em que tomei a decisão, não estava pensando na instabilidade dos ecossistemas.

— Como pode estar tão certo?

— Mesmo que eu não saiba por que tomei uma decisão, se alguém me aponta um motivo, posso dizer se é razoável... como no caso em que talvez tenha previsto a existência de animais perigosos neste planeta.

— De qualquer maneira — disse Bliss —, poderíamos ter sido mortos por esses animais se não fosse uma combinação das nossas qualidades, a sua intuição e os meus poderes mentais. Então vamos ser amigos.

Trevize fez que sim com a cabeça.

— Se você quiser. Havia um gelo na voz do rapaz que fez Bliss franzir a testa, mas nesse instante Pelorat entrou, sacudindo a cabeça como se quisesse livrar-se dela.

— Descobri! — exclamou. — Acho que descobri!

39.

EM GERAL, Trevize não acreditava em vitórias fáceis, mas naquele caso era perfeitamente compreensível que se deixasse iludir. Sentiu um nó na garganta, mas conseguiu dizer:

— A localização da Terra? Você descobriu onde fica a Terra, Janov?

Pelorat olhou para Trevize durante um momento e depois baixou os olhos.

— Não é bem isso — respondeu, visivelmente contrafeito. — Não, Golan, não é nada parecido. Para dizer a verdade, não estava nem pensando na Terra. Foi uma coisa que descobri nas ruínas. Nada de importante.

Trevize respirou fundo e conseguiu falar:

— Não diga isso, Janov. Qualquer descoberta é importante. O que é que você veio contar para nós?

— Acontece, meu velho amigo, que quase nada restou, depois de tanto tempo. Afinal, foram vinte mil anos de vento e chuva. Além do mais, as plantas e os animais também podem ser forças destrutivas. Mas não importa. O que interessa é que "quase nada" não é o mesmo que "nada".

"Entre as ruínas devia haver um edifício público, pois encontramos um pedaço de pedra, ou de concreto, com inscrições, As letras estavam quase invisíveis, você entende, mas tirei fotografias com uma dessas câmaras que nós temos a bordo, em que a imagem é processada por um computador... não pedi permissão a você para levara câmara, mas era importante, de modo que...

Trevize fez um gesto impaciente.

— Prossiga!

— Consegui decifrar parte da escrita, que era muito antiga. Mesmo com a ajuda do computador e dos meus conhecimentos de galáctico arcaico, só foi possível recuperar duas palavras completas. Nessas duas palavras, as letras eram maiores e um pouco mais nítidas que no resto do texto. Talvez tenham sido gravadas com mais capricho porque representavam o nome do próprio planeta. Essas palavras são: "Planeta Aurora", de modo que cheguei à conclusão de que este planeta se chama Aurora, ou pelo menos se *chamava* Aurora.

— Tinha que ter um nome — disse Trevize.

— Sim, mas os nomes raramente são escolhidos ao acaso. Acabo de realizar uma busca meticulosa em minha biblioteca e encontrei duas lendas, originárias, incidentalmente, de dois planetas muito afastados um do outro, de modo que podemos ter uma razoável certeza de que tiveram origem independente... Mas

não importa. Na duas lendas, a palavra "aurora" é usada como sinônimo de "amanhecer". Na verdade, tudo indica que "aurora" *queria dizer* amanhecer em alguma língua antiga.

“Por outro lado, sabemos que palavras como “amanhecer”, “nascer do dia”, etc, são freqüentemente usadas para designar estações espaciais ou outras estruturas que são as primeiras do seu tipo”. Se este planeta recebeu o nome de Amanhecer, pode ser que também seja o primeiro do seu tipo.

— Está querendo dizer que este planeta é a Terra e que foi chamado de Aurora porque representa o nascer do dia para a vida e para o homem? — perguntou Trevize.

— Eu não iria tão longe, Golan.

— Afinal, estão faltando a radioatividade, o satélite gigantesco, o gigante gasoso com imensos anéis — observou Trevize, com ironia na voz.

— Isso mesmo. Mas Deniador, aquele historiador lá de Comporellon, achava que este foi um dos mundos habitados pela primeira leva de Colonizadores... os Espaciais. Se isso for verdade, então o nome, Aurora, pode indicar que este foi o primeiro planeta a ser colonizado pelos Espaciais. Podemos, neste instante, estar pisando no mais antigo planeta humano da Galáxia, com exceção da própria Terra. Não é emocionante?

— Claro que sim, Janov, mas não acha que está tirando conclusões demais de apenas um nome?

— Não é só isso — prosseguiu Pelorat, entusiasmado. — De acordo com o que pude verificar em minhas anotações, hoje em dia não existe nenhum planeta na Galáxia com o nome de "Aurora". Como já disse, existem muitos planetas e outros objetos chamados "Amanhecer" ou coisa parecida, mas ninguém usa a palavra "Aurora".

— E daí? Como você mesmo reconhece, é um termo arcaico.

— Acontece que os nomes tendem a ficar, mesmo que as palavras caiam em desuso. Se este foi o primeiro mundo a ser colonizado, deve ter sido famoso; talvez até, durante algum tempo, tenha sido o planeta dominante da Galáxia. Certamente teria que haver outros mundos com os nomes de "Nova Aurora", ou "Aurora Menor", ou alguma coisa assim. E no entanto...

— Talvez este não tenha sido o primeiro planeta a ser colonizado — interrompeu Trevize. — Talvez este planeta jamais tenha sido importante.

— Meu velho amigo, acho que encontrei uma explicação melhor.

— Pode me dizer qual é, Janov?

— Se, como Deniador nos contou, a primeira onda de colonização foi seguida por uma segunda onda, à qual todos os planetas da Galáxia hoje pertencem, provavelmente houve um período de hostilidade entre as duas ondas de Colonizadores. Os Colonizadores da segunda onda evitariam usar os nomes escolhidos pelos Colonizadores da primeira. Assim, do fato de que o nome "Aurora" jamais foi repelido podemos deduzir que realmente *houve* duas ondas de colonização e que este planeta pertence à primeira onda.

Trevize sorriu.

— Estou percebendo agora como vocês, mitologistas, trabalham. Constroem lindos castelos, mas não se preocupam com os alicerces. Dizem as lendas que os Colonizadores da primeira onda não podiam passar sem os robôs, e que esta era sua fraqueza. Ora, se você pudesse me mostrar um robô que fosse neste planeta, eu ainda poderia aceitar sua teoria, mas acontece que não...

Pelorat afinal conseguiu recuperar a voz.

— Mas, Golan, eu não lhe disse? Não, claro que não disse. Estou tão nervoso que não consigo colocar os pensamentos em ordem. Eu *achei* um robô.

40.

TREVIZE esfregou a testa, como se não estivesse acreditando no que ouvia.

— Um robô? Você viu um robô?

— Isso mesmo — confirmou Pelorat, movendo a cabeça para cima e para baixo.

— Como é que sabe?

— Ora, era um robô! Como poderia deixar de reconhecer um robô?

— Você já tinha visto um?

— Não, mas era um objeto de metal que se parecia com um ser humano. Cabeça, tronco, braços, pernas. Claro que estava muito enferrujado, e quando me aproximei, a vibração dos meus passos deve ter abalado sua estrutura, de modo que quando estendi a mão para tocá-lo...

— Para que iria tocá-lo?

— Acho que para ter certeza de que meus olhos não estavam me enganando. Foi uma reação involuntária. No momento em que o toquei, ele se desfez. Mas antes disso...

— Sim?

— Antes disso, os olhos do robô pareceram brilhar e ele fez um ruído, como se estivesse querendo dizer alguma coisa.

— Então ainda estava *funcionando?*

— Só funcionou um pouquinho, Golan. Trevize se voltou para Bliss.

— Você confirma tudo isso, Bliss?

— Era um robô, sim — disse Bliss.

— E ainda estava funcionando?

— Pouco antes de se desfazer, captei um fraco sinal de atividade neurônica...

— Como podia haver atividade neurônica? Um robô não tem um cérebro orgânico, feito de neurônios!

— Deve ter circuitos elétricos equivalentes a células nervosas — sugeriu Bliss. — Provavelmente, foi a atividade desses circuitos que eu captei.

— Você seria capaz de distinguir os pensamentos de um robô dos de um ser humano?

— Sim, mas não tive tempo suficiente.

Trevize olhou para Bliss, depois para Pelorat, e disse, em tom irritado:

— Isto muda tudo.

PARTE QUATRO: SOLARIA

CAPÍTULO 10: ROBÔS

41.

DURANTE O jantar, Trevize parecia perdido em pensamentos e Bliss concentrou-se na comida.

Pelorat, o único que parecia ansioso para falar, observou que se o mundo em que se encontravam era Aurora e se Aurora tinha sido o primeiro planeta a ser colonizado, então deveriam estar muito perto da Terra.

— Talvez valha a pena investigar as estrelas vizinhas — disse.

Trevize resmungou que só recorreria ao método de tentativa-e-erro como último recurso e que, mesmo que encontrasse a Terra, queria obter o máximo possível de informações antes de desembarcar no planeta. Depois não disse mais nada e Pelorat, muito a contragosto, também mergulhou em um silêncio profundo.

Depois da refeição, como Trevize continuasse calado, Pelorat perguntou:

— Vamos ficar aqui muito tempo, Golan?

— Pelo menos até amanhã — respondeu o rapaz. — Preciso pensar um pouco.

— Acha que é seguro?

—A menos que apareça algo pior do que os cachorros, estaremos perfeitamente seguros aqui dentro.

— Quanto tempo levaria para decolarmos, *se* aparecer alguma coisa pior que os cachorros?

— O computador está em alerta permanente. Acho que conseguiríamos decolar em menos de três minutos. E o computador nos avisará imediatamente se ocorrer

algum fato inesperado, de modo que é melhor dormirmos um pouco. Amanhã de manhã decidiremos qual será nosso próximo passo.

É fácil de dizer, pensou Trevize, enquanto olhava para a escuridão. Estava deitado, parcialmente vestido, no chão da sala do computador. Era bastante desconfortável, mas o rapaz tinha certeza de que; não conseguiria dormir mesmo que fosse para o quarto. Ali, pelo menos, poderia tomar providências imediatas em caso de emergência.

Foi então que ouviu o ruído de passos e se sentou instintivamente, batendo com a cabeça na borda da escrivaninha... não com força suficiente para machucar-se, mas com força suficiente para dar um grito de dor e fazer uma careta.

— Janov? — perguntou em voz abafada, com os olhos lacrimejando.

— Não. Sou eu, Bliss.

Trevize colocou uma das mãos no tampo da mesa para fazer contato com o computador e uma luz mortiça mostrou Bliss. A moça estava usando uma manta cor-de-rosa.

— O que foi? — perguntou Trevize.

— Procurei você no seu quarto, mas não o encontrei. Entretanto, não foi difícil localizá-lo pela atividade neurônica. Quando percebi que estava acordado, decidi entrar.

— Está bem, mas o que é que você quer?

A jovem se sentou com as costas apoiadas na parede e apoiou a cabeça nos joelhos levantados.

— Não se preocupe. Não pretendo acabar com o que resta da sua virgindade.

— Tenho certeza de que não — disse Trevize, em tom irônico. — Por que não está dormindo? Você precisa mais de sono do que eu.

— Acredite — disse Bliss, com voz sentida —, que o incidente com os cachorros foi muito cansativo para mim.

— Acredito.

— Eu tinha que falar com você enquanto Pel está dormindo.

— Falar sobre o quê?

— Quando ele lhe contou a respeito do robô, você afirmou que isso mudava tudo. O que queria dizer?

— É difícil de entender? Nós temos três conjuntos de coordenadas: três Mundos

Proibidos. Quero visitar todos os três para descobrir o máximo possível a respeito da Terra antes de tentar chegar lá.

Aproximou-se da moça, para poder falar ainda mais baixo, mas mudou de idéia e recuou bruscamente.

— Escute, não quero que Janov apareça aqui à nossa procura. Não sei o que ele iria pensar.

— Não se preocupe. Pel está dormindo e tornei o sono dele ainda mais pesado. Além disso, se ele acordar, saberei imediatamente... Prossiga. Você quer visitar os três planetas. O que foi que mudou?

— Não pretendo passar mais tempo em um planeta que o estritamente necessário. Se este mundo, Aurora, não é habitado há quase vinte mil anos, é pouco provável que alguma informação útil tenha sobrevivido. Eu não estava disposto a passar semanas ou meses vagando na superfície de um planeta inóspito, defendendo-me de cachorros, gaios, touros e outros animais que possam ter revertido ao estado selvagem só com a esperança de encontrar um fragmento inteligível no meio do lixo secular. Pode ser que em um dos outros dois Mundos Proibidos haja seres humanos e bibliotecas intactas... Assim, estava disposto a deixar imediatamente este planeta. A esta altura, podíamos estar no espaço...

— Mas... ?

— Mas, se ainda existem robôs funcionando neste mundo, podemos aprender muita coisa com eles. Será muito mais seguro lidar com eles do que com seres humanos, já que, pelo que sei, os robôs cumprem ordens sem pestanejar e são incapazes de fazer mal a um ser humano.

— Assim, você mudou de idéia e agora está disposto a passar algum tempo neste planeta procurando robôs.

— Ainda não cheguei a uma decisão, Bliss. A mim me parece impossível que um robô consiga durar vinte mil anos sem manutenção... mas já que você detectou sinais de atividade em um deles, é evidente que não posso confiar no meu bom senso quando se trata de robôs. Talvez sejam mais resistentes do que eu pensava, ou possuam uma capacidade limitada de automanutenção...

— Escute o que eu vou dizer, Trevize — interrompeu Bliss —, por favor, seja discreto.

— Discreto? — repetiu Trevize, surpreso, levantando a voz. — A quem não devo contar?

— Psiu! A Pel, é claro. Escute, você não precisa mudar os planos. Seu palpite estava certo. Não existe nenhum robô funcionando neste mundo. Não consegui detectar nenhum sinal de atividade neurônica.

— *A* não ser naquele robô. Se aquele robô estava funcionando, pode ser que outros...

— Não detectei nenhuma atividade naquele robô. Ele estava parado; estava parado *há muito tempo.*

— Mas você disse...

— Eu sei o que disse. Pel teve a impressão de que viu o robô mover-se e produzir ruídos. Pel é um romântico incurável. Passou a vida coletando informações, mas essa é a maneira mais difícil de alguém ficar famoso no mundo acadêmico. Pel adoraria ter uma descoberta importante a seu crédito. A descoberta do nome "Aurora" foi legítima e deixou-o mais feliz do que você pode imaginar. Ele queria desesperadamente encontrar mais alguma coisa.

— Está me dizendo que ele queria tanto fazer uma descoberta importante que se convenceu de que havia encontrado um robô ainda funcionando?

— O que ele encontrou foi um monte de ferrugem com tanta consciência quanto a pedra em que estava apoiado.

— Mas você confirmou a história dele.

— Não tive coragem de decepcioná-lo. Ele significa tanto para mim...

Trevize ficou olhando para a moça durante quase um minuto. Depois, disse:

— Você se incomodaria de explicar por *que* ele significa tanto para você? Quero saber. Quero mesmo saber. Para você, ele deve parecer um homem idoso e sem nenhum romantismo. É um Isolado e você sente desprezo pelos Isolados. Você é jovem e linda e deve haver outras partes de Gaia que têm os corpos de rapazes fortes e simpáticos. Com eles, você pode ter uma relação física capaz de levá-la ao auge do prazer. Então, o que foi que viu em Janov?

Bliss olhou para Trevize, muito séria.

— Você não o ama? Trevize franziu a testa e disse:

— Gosto muito dele. Acho que poderia dizer que o amo, de uma forma não sexual.

— Você não conhece Pel há muito tempo. Por que acha que o ama, dessa sua forma não sexual?

Quando Trevize deu por si, estava sorrindo.

— Ele é uma pessoa tão *diferente*... Acho sinceramente que nunca na vida pensou uma única vez em si mesmo. Pediram que viesse comigo e veio. Nenhuma objeção. Queria que fôssemos para Trantor, mas quando eu disse que preferia ir para Gaia, não discutiu. Agora, comigo nesta busca, embora saiba perfeitamente dos perigos que corremos. Tenho certeza de que se tivesse que sacrificar a vida por mim... ou por qualquer um... o faria sem pestanejar.

— E *você*, sacrificaria a vida por ele, Trevize?

— Acho que sim, se não tivesse tempo de pensar. Se tivesse tempo, hesitaria e talvez recuasse. Não sou tão *bom* quanto ele. Por isso mesmo, sinto esse impulso de protegê-lo e fazê-lo feliz. Não quero que a Galáxia o ensine a *não* ser bom. Está entendendo? E tenho que protegê-lo especialmente de *você*. Não suporto a idéia de vê-lo jogado fora quando você se cansar dele!

— Já desconfiava que você estivesse pensando alguma coisa desse tipo. Não percebe que eu vejo em Pel a mesma coisa que você, só que com muito mais clareza, já que posso ler diretamente os seus pensamentos? Já procedi alguma vez como se quisesse magoá-lo? Alimentaria a sua fantasia de encontrar um robô funcionando se não fosse por não suportar a idéia de vê-lo decepcionado? Trevize, estou muito acostumada ao que você chama de bondade, pois qualquer parte de Gaia está disposta a sacrificar-se pelo todo. Não conhecemos nem compreendemos outro tipo de atitude. Entretanto, não sacrificamos nada quando agimos assim, pois cada parte *é* o todo, embora seja difícil para você compreender isso. Com Pel é diferente...

Bliss não estava mais olhando para Trevize. Era como se estivesse falando para si mesma.

— Ele é um Isolado. Pel não é desprendido porque faz parte de um todo; é desprendido porque é desprendido. Está me entendendo? Ele tem tudo a perder e nada a ganhar, mas mesmo assim é como é. Pel me deixa envergonhada de ser o que sou sem medo de perder, enquanto ele é o que é sem possibilidade de ganhar.

Olhou de novo para Trevize, muito séria.

— Sabe que eu conheço Pel muito melhor do que você? E que eu seria incapaz de magoá-lo?

— Bliss, há algumas horas atrás, você me disse: "Vamos ser amigos. " Tudo o que eu repliquei foi: "Se você quiser. " Eu estava de mau humor, porque estava pensando no sofrimento que você poderia causar a Janov. Agora é a minha vez de falar: Bliss, vamos ser amigos. Você pode continuar falando das virtudes da

Galáxia Viva e eu posso continuar me recusando a aceitar seus argumentos, mas, mesmo assim, vamos ser amigos.

E estendeu a mão.

— Claro que sim, Trevize — disse a jovem, apertando-lhe a mão com força.

42.

TREVIZE sorriu consigo mesmo. Era um sorriso apenas mental, pois os cantos da boca não se moveram.

Quando ele pedira ao computador para verificar se havia alguma estrela no ponto correspondente ao primeiro conjunto de coordena das, Pelorat e Bliss tinham observado atentamente e feito várias perguntas. Agora, ficavam no quarto e deixavam a tarefa inteiramente por sua conta.

De certa forma, era lisonjeiro, pois revelava que os dois tinham se convencido de que Trevize sabia o que estava fazendo e não precisava de supervisão ou de encorajamento. Na verdade, depois do primeiro episódio, Trevize tinha aprendido a confiar mais no computador e a deixar quase todas as operações por conta dele.

No ponto indicado pelo segundo conjunto de coordenadas havia outra estrela, que também não constava do mapa da Galáxia. Era mais luminosa que o sol do sistema de Aurora, o que tornava ainda mais estranho o fato de não estar registrada na memória do computador.

Trevize maravilhou-se com as peculiaridades da tradição. Séculos inteiros podiam ser relegados ao esquecimento. Civilizações podiam ser varridas das páginas da História. Entretanto, no meio desses séculos obscuros, legado de uma dessas civilizações, uma ou outra informação podia ser preservada sem distorções... como as coordenadas daqueles planetas.

O rapaz havia comentado a respeito com Pelorat e Pelorat lhe dissera que era exatamente isso o que tornava tão interessante e proveitoso o estudo de antigas lendas e mitos. "O segredo" — tinha dito Pelorat — "é descobrir quais as partes de uma lenda que correspondem à verdade histórica. Isso não é nada fácil; diferentes mitologistas podem optar por partes diferentes, escolhendo, em geral,

as que estão mais de acordo com suas teorias favoritas."

Fosse como fosse, a estrela estava bem no lugar onde as coordenadas de Deniador, atualizadas pelo computador, diziam que ela deveria estar. Naquele momento, Trevize seria capaz de apostar muito dinheiro no fato de que haveria uma estrela no local indicado pelo terceiro conjunto de coordenadas. E se houvesse, Trevize estava preparado para acreditar que a lenda também estava correta ao afirmar que havia cinqüenta Mundos Proibidos (apesar do número redondo) e para imaginar onde estariam os outros quarenta e sete.

Havia um planeta habitável, um Mundo Proibido, em órbita em torno da estrela... o que não foi surpresa para Trevize. Ele colocou 1 *Estrela Distante* numa órbita conveniente.

A cobertura de nuvens era suficientemente rala para permitir uma vista razoável da superfície. Era um planeta muito úmido, como quase todos os mundos habitáveis. Havia um oceano tropical e dois oceanos polares. Em uma faixa de latitudes médias, havia um continente mais ou menos sinuoso que dava a volta ao planeta, com baias dos dois lados produzindo vários istmos bastante estreitos. Em outra faixa de latitudes médias, havia três grandes massas continentais, todas mais largas no sentido norte-sul que o continente mais comprido.

Trevize gostaria de entender o suficiente de meteorologia para poder prever, com base no que estava vendo, como seria o clima do planeta. Por um momento, brincou com a idéia de submeter o problema ao computador. Entretanto, tinha coisas mais importantes com que se preocupar.

Mais uma vez, o computador não havia detectado nenhum tipo de radiação artificial. Por outro lado, de acordo com o telescópio, não havia nenhuma região devastada ou mesmo desértica. O solo era coberto de vegetação; não havia vestígios de cidades do lado iluminado nem luzes no lado escuro.

Seria outro planeta habitado apenas por seres sem inteligência?

Trevize bateu na porta do outro quarto de dormir.

— Bliss? — chamou, enquanto batia de novo. Houve um barulho lá dentro e Bliss respondeu:

— O que é?

— Você pode vir aqui? Estou precisando de ajuda.

— Espere só um instante, enquanto dou um jeitinho na minha aparência.

Quando Bliss afinal apareceu, estava mais bonita do que nunca. Trevize sentiu uma ponta de irritação porque a moça o tinha feito esperar. Entretanto, como

agora eram amigos, fez o que pôde para disfarçar.

— O que posso fazer por você, Trevize? — disse Bliss, com um sorriso.

Trevize apontou para a tela.

— Como pode ver, estamos em órbita em torno de um mundo que parece perfeitamente saudável, com plantas em abundância. Entretanto, não há luzes à noite nem qualquer radiação artificial. Escute, por favor, e verifique para mim se existe algum tipo de vida animal. Houve uma hora em que julguei ter visto uma manada de herbívoros, mas não tenho certeza.

Bliss "escutou" por alguns momentos. Pelo menos, seu rosto as sumiu expressão atenta. Afinal, disse:

— Oh, sim... é rico em vida animal.

— Mamíferos?

— Em quantidade.

— Humanos?

Bliss pareceu concentrar-se. Passou-se um minuto inteiro, depois mais um, até que ela declarou:

— É difícil dizer. De vez em quando, eu tinha a impressão de estar captando um sopro de inteligência suficientemente intenso para ser considerado humano. Mas era tão fraco e esporádico que, como no caso dos seus herbívoros, não tenho certeza. É como se...

A jovem parou para pensar e Trevize apressou-a com um "Como se o quê?"

— É como se fosse um tipo de inteligência a que não estou acostumada... Não consigo imaginar outra explicação a não ser...

O rosto de Bliss se contraiu enquanto ela "escutava" mais um pouco.

— A não ser o quê? — perguntou Trevize, ansioso.

— A não ser que sejam robôs — disse a moça afinal.

— Robôs!

— Robôs. E se estou conseguindo detectá-los, certamente poderia detectar seres humanos, também. Mas não há nenhum!

— Robôs! — repetiu Trevize, franzindo a testa.

— E pelo que posso julgar, são muito numerosos — acrescentou Bliss.

43.

QUANDO SOUBE da história, Pelorat exclamou "Robôs!" praticamente com a mesma entonação que Trevize. Depois, sorriu, meio sem graça.

— Você estava certo, Golan, e eu estava errado em duvidar de você.

— Quando foi que duvidou de mim?

— Acontece, meu amigo, que preferi não lhe contar as minhas dúvidas. No íntimo, achava que era um erro partirmos tão depressa de Aurora, onde havia boa probabilidade de encontrarmos um robô ainda funcionando. Agora compreendo que você sabia onde achar um número muito maior de robôs.

—- Não é verdade, Janov. Eu não *sabia*. Foi apenas um palpite. Bliss me contou que, pelo que ela conseguiu verificar através das emissões mentais, os robôs parecem estar em bom estado. A mim me parece que os robôs não podem funcionar muito tempo sem a supervisão de seres humanos. No entanto, ainda não conseguimos localizar nenhum ser humano.

Pelorat olhou para a tela do telescópio.

— Este planeta é cheio de florestas, não é?

— É, sim. O resto são regiões cobertas de vegetação rasteira; praticamente não há desertos. Acontece, porém, que não encontramos nenhum vestígio de cidades e a única radiação que captamos é a radiação térmica.

— Então não existem seres humanos?

— Sei lá. Bliss está na cozinha, tentando concentrar-se. Defini arbitrariamente um meridiano de origem para o planeta, de modo que o computador conta com um sistema completo de latitudes e longitudes. Bliss está com um pequeno transmissor que aciona toda vez que encontra o que parece ser uma concentração incomum de atividade mental. O transmissor está ligado ao computador, que guarda na memória as coordenadas dos locais indicados. Vou deixar que ele escolha o lugar onde iremos pousar.

Pelorat parecia insatisfeito.

— Acha que devemos deixar a decisão por conta do computador?

— Por que não, Janov? É um computador muito competente. Além disso, não

temos outra maneira melhor de escolher, temos?

Pelorat pareceu tranqüilizar-se.

— Lembrei-me de uma coisa, Golan. Algumas lendas antigas falam de cubos que as pessoas usavam para tomar decisões.

— Como era isso?

— Cada face do cubo tinha uma opção diferente: sim, não, talvez, deixe para depois, etc. A pessoa jogava o cubo e seguia o conselho contido na face que caía para cima. Ou então fazia girar uma bolinha em uma roda com vários compartimentos, cada um com uma opção diferente, e seguia o conselho correspondente ao compartimento onde a bola caía. Alguns mitologistas acreditam que essas atividades representavam jogos de azar, e não de adivinhação, mas em minha opinião as duas coisas são muito parecidas.

— De certa forma — disse Trevize —, estamos jogando um jogo de azar ao escolhermos o local de aterrissagem.

Bliss entrou no aposento a tempo de ouvir o último comentário e emendou:

— Nada de jogos de azar. Depois de vários "talvez", acabei encontrando um "sim", e é para o "sim" que nós vamos.

— O que quer dizer com isso?

— Captei um pensamento humano. Sem sombra de dúvida.

44.

TINHA CHOVIDO recentemente, pois a grama estava úmida. No céu, as nuvens se moviam rapidamente e estavam se dissipando.

O *Estrela Distante* pousou perto de um pequeno bosque. (O que viria a calhar se encontrassem cachorros selvagens, pensou Trevize, meio de brincadeira, meio a sério.). Estavam no meio do que parecia uma pastagem e durante a descida Trevize tinha visto o que pareciam pomares e plantações de cereais, além de, com toda a certeza, animais herbívoros.

Por outro lado, não havia nenhuma construção visível. Nada de artificial, se bem que a regularidade das árvores no pomar e as fronteiras nítidas que separavam os

campos plantados fossem tão artificiais quanto teria sido uma estação receptora de microondas.

Poderia esse grau de artificialismo ter sido produzido por robôs? Sem a intervenção de seres humanos?

Trevize foi buscar o coldre. Dessa vez, fez questão de verificar se as duas armas estavam carregadas. Quando percebeu que Bliss estava olhando, interrompeu o que estava fazendo.

— Continue — disse a moça. — Não acho que serão necessárias, mas já pensei isso uma vez e estava enganada, não é mesmo?

— Quer uma arma para você, Janov? — perguntou Trevize. Pelorat estremeceu.

— Não, obrigado. Com você e suas defesas materiais e com Bliss e suas defesas mentais, eu me sinto perfeitamente seguro. Talvez seja covardia minha recorrer à proteção de vocês, mas não posso me sentir envergonhado quando estou tão grato por não precisar recorrer à força.

— Compreendo — disse Trevize. — Só lhe peço que não vá a lugar nenhum sozinho. Se Bliss e eu nos separarmos, fique com um de nós.

— Fique tranqüilo, Trevize — disse Bliss. — Eu cuidarei dele.

Trevize foi o primeiro a saltar da nave. O vento era um pouquinho frio, mas agradável. Provavelmente tinha sido quente e úmido antes da chuva.

O rapaz respirou fundo e teve uma surpresa. O odor do planeta era delicioso. Cada planeta tinha um cheiro diferente, um cheiro sempre estranho e em geral desagradável... talvez apenas porque era estranho. Por acaso um cheiro estranho não podia ser agradável? Ou seria uma coincidência de desembarcarem pouco depois da chuva, em uma certa estação do ano? Fosse como fosse...

— Venham — chamou. — Está muito agradável aqui fora. Pelorat saiu da nave e disse:

— Agradável é a palavra certa. Será que o planeta tem sempre Um cheiro tão bom?

— Não importa. Daqui a uma hora, vamos estar acostumados ao aroma, nossos receptores nasais estarão saturados e não sentiremos mais cheiro algum.

— Que pena! — exclamou Pelorat.

— A grama está molhada — observou Bliss, com reprovação na voz.

— Por que não? Afinal de contas, em Gaia também chove — disse Trevize. Enquanto falava, um raio de sol surgiu no meio das nuvens. Logo haveria outros.

— É verdade — disse Bliss. — Mas quando chove, estamos preparados.

— Pior para vocês. As coisas inesperadas têm muito mais graça.

— Tem razão. Vou procurar ser menos provinciana. Pelorat olhou em torno e disse, em tom desapontado:

— Não estou vendo nada.

— Estão atrás daquela lombada — explicou Bliss. A moça se voltou para Trevize. — Acha que devemos ir ao encontro deles?

Trevize sacudiu a cabeça.

— Não. Viajamos muitos anos-luz para encontrá-los. Deixe-os percorrer os poucos metros que faltam. Vamos esperar aqui mesmo.

Bliss era a única que podia acompanhar o progresso deles até que, na direção para onde estava apontando, um vulto surgiu na crista da lombada, logo seguido por mais dois.

— Acho que no momento são só esses — disse a moça.

Trevize observou-os com curiosidade. Embora jamais tivesse visto um robô, não tinha a mínima dúvida quanto à identidade dos recém-chegados. Tinham a forma de seres humanos estilizados, mas não a aparência metálica comumente associada a homens mecânicos. A superfície dos robôs era fosca e parecia macia, como se estivesse coberta de pelúcia.

Como o rapaz sabia que a maciez era ilusória? Sentiu uma vontade súbita de apalpar aquelas figuras que se aproximavam com tanta segurança. Se fosse verdade que aquele era um Mundo Proibido, do qual as espaçonaves nunca se aproximavam (e devia ser verdade, pois a estrela do sistema não constava do mapa da Galáxia), então o *Estrela Distante* e sua tripulação deviam representar uma experiência totalmente nova para os robôs. Mesmo assim, estavam reagindo com toda a tranqüilidade, como se estivessem executando um exercício de rotina. Trevize disse, em voz baixa:

— Esses robôs podem nos fornecer informações preciosas. Podemos perguntar a eles qual a localização da Terra em relação a este planeta; se souberem, terão que nos dizer. Quem sabe há quanto tempo essas máquinas existem? Podem ter vinte mil anos de memórias. Pensem nisso.

— Por outro lado — argumentou Bliss —, podem ter sido construídos recentemente e não saber de nada.

— Ou podem saber, mas se recusarem a nos contar — sugeriu Pelorat.

— Acho que não podem deixar de nos responder, a menos que tenham ordens estritas nesse sentido — disse Trevize. — E quem daria esse tipo de ordem, quando seguramente ninguém neste planeta esperava a nossa chegada?

Quando chegaram a três metros de distância, os robôs pararam. Não disseram nada nem fizeram mais nenhum movimento.

Trevize, com a mão no desintegrador, disse para Bliss, sem tirar os olhos dos robôs:

— Você pode saber se são hostis?

— Não tenho nenhuma experiência com os processos mentais deles, Trevize, mas até onde posso perceber, não consegui detectar nenhum sinal de hostilidade.

Trevize tirou a mão direita da coronha da arma, mas a manteve próxima. Levantou a mão esquerda, com a palma voltada para os robôs, no que esperava que fosse reconhecido como um gesto de paz, e disse, falando bem devagar:

— Saudações. Viemos a este mundo como amigos. O robô que estava no meio balançou levemente a cabeça no que um otimista poderia interpretar também como um gesto de paz e respondeu.

Trevize ficou de boca aberta. Aquela possibilidade não lhe havia ocorrido. O robô não estava falando em galáctico padrão ou em qualquer outra língua conhecida. Na verdade, Trevize não conseguiu compreender uma única palavra.

45.

A SURPRESA de Pelorat foi tão grande quanto a de Trevize,. mas seu rosto assumiu um ar de satisfação.

— Não é estranho? — observou.

Trevize voltou-se para ele e disse, com certa aspereza na voz:

— Estranho, não. É incompreensível.

— Não exagere — disse Pelorat. — Ele está falando um dialeto arcaico de galáctico. Consigo entender algumas palavras. Provavelmente, conseguiria compreender perfeitamente o que ele está dizendo, se estivesse escrito. O problema é a pronúncia...

— Então o que foi que ele disse?

— Acho que disse que não compreendeu o que você disse. Bliss interveio:

— Não sei o que ele disse, mas posso sentir que está surpreso, o que combina com a sua interpretação. Isso se posso confiar em minha análise das emoções de um robô... se é que um robô tem emoções.

Falando bem devagar e com muito esforço, Pelorat disse alguma coisa que fez os três robôs sacudirem a cabeça em uníssono.

— O que foi que você disse? — perguntou Trevize.

— Disse que não sabia falar muito bem a língua deles, mas estava disposto a tentar. Pedi que tivessem paciência. Golan, meu velho amigo, isto é extremamente interessante!

— Para mim, é uma grande decepção — resmungou Trevize.

— Na verdade — disse Pelorat —, cada planeta habitável da Galáxia tem seu dialeto próprio do idioma galáctico, de modo que existem milhões de dialetos, alguns dos quais quase incompreensíveis para homens de outros planetas. Entretanto, depois da adoção do galáctico padrão, todos os dialetos tendem a evoluir mais ou menos da mesma forma. Se este planeta esteve isolado do resto da Galáxia durante vinte mil anos, seu dialeto deveria ter divergido tanto que a esta altura teria que ser uma língua totalmente diferente. O fato de que não é sugere que o planeta tem um sistema social baseado em robôs, que podem compreender apenas a língua para a qual foram programados. Assim, a língua não evoluiu nada e o que temos agora é simplesmente um dialeto muito antigo do idioma galáctico.

— Eis um exemplo de como a robotização de uma sociedade pode impedir o seu progresso e fazê-la degenerar — disse Trevize.

— Meu caro amigo — protestou Pelorat —, manter uma língua intocada durante muitos séculos não é necessariamente um sinal de degeneração. Existem muitas vantagens. Documentos antigos podem ser lidos à vontade e emprestam autenticidade aos registros históricos. No resto da Galáxia, a linguagem empregada nos decretos imperiais do tempo de Hari Seldon já começa a parecer pouco natural.

— E você conhece esse galáctico arcaico?

— Não posso dizer que *conheço*, Golan, mas de tanto estudar mitos e lendas antigas acostumei-me com certas peculiaridades do galáctico arcaico. O

vocabulário não é muito diferente, mas certas palavras são usadas com outro significado. Além disso, existem muitas expressões idiomáticas que já caíram em desuso e, como já disse, a pronúncia mudou totalmente. Posso funcionar como intérprete, mas um intérprete bastante medíocre.

Trevize suspirou fundo.

— Isso é melhor que nada. Prossiga, Janov.

Pelorat voltou-se para os robôs, pensou um pouco e depois olhou para Trevize.

— O que devo dizer a eles?

— Vá direto ao assunto. Pergunte a eles onde fica a Terra. Pelorat fez a pergunta destacando bem as palavras e acompanhando o que dizia com gestos exagerados.

Os robôs se entreolharam e fizeram alguns ruídos. Depois, o do meio disse alguma coisa para Pelorat, que replicou abrindo os braços como se estivesse esticando uma tira de elástico. O robô acrescentou alguma coisa, falando tão pausadamente quanto Perolat havia sugerido.

Pelorat disse para Trevize:

— Não sei se entenderam o que significa "Terra". Acho que pensam que estou falando de uma região qualquer deste planeta e insistem em dizer que não conhecem nenhuma região com esse nome.

— Sabe como eles chamam este planeta, Janov?

— Pelo que entendi, o nome deste planeta é Solaria.

— Conhece alguma lenda que mencione esse nome?

— Não... mas também nunca tinha ouvido falar de Aurora.

— Pergunte então para eles se existe algum lugar chamado Terra no céu... entre as estrelas. Aponte para cima.

Houve nova troca de palavras e depois Pelorat explicou:

— Tudo o que consegui deles, Golan, foi a informação de que não existem lugares no céu.

Bliss sugeriu:

— Pergunte a esses robôs quantos anos eles têm... ou por outra, há quanto tempo foram construídos.

— Não sei como dizer "construídos" — disse Pelorat, sacudindo a cabeça. — Acho que também não sei dizer "quantos anos". Como já disse, sou um intérprete *medíocre.*

— Faça o melhor que puder, Pel querido — disse Bliss. Depois de conversar mais um pouco com os robôs, Pelorat declarou:

— Eles foram construídos há 26 anos.

— Vinte e seis anos — murmurou Trevize, desapontado. — São pouco mais velhos que você, Bliss.

Bliss retrucou, ofendida:

— Acontece que...

— Eu sei. Você é Gaia, que tem milhares de anos de idade... Seja como for, esses robôs não têm idade suficiente para conhecer coisa alguma de primeira mão a respeito da Terra, e seus bancos de memória provavelmente não incluem informações supérfluas. Assim, por exemplo, não sabem nada a respeito de astronomia.

— Pode haver outros robôs no planeta que sejam bem mais antigos — sugeriu Pelorat.

— Duvido muito — disse Trevize. — Em todo caso, pergunte a eles, Janov... se conseguir encontrar as palavras certas.

Pelorat passou muito mais tempo falando com os robôs do que das vezes anteriores. Finalmente, interrompeu a conversa, com o rosto afogueado e um nítido ar de frustração.

— Golan — explicou —, não compreendi parte do que tentaram me dizer, mas parece que os robôs mais velhos são usados para trabalhos mais pesados e não sabem de nada. Se esse robô fosse um homem, eu diria que sente desprezo pelos robôs mais velhos. Esses três são robôs domésticos, dizem eles, que são substituídos antes de ficarem velhos. São eles que realmente sabem das coisas... afirmação deles, não minha.

— Não sabem muita coisa — observou Trevize, de mau humor.

— Pelo menos, não sabem o que nos interessa.

— Agora estou achando que não devíamos ter saído de Aurora — disse Pelorat. — Se encontrássemos um robô funcionando, o que seria bastante provável, já que logo o primeiro que vimos não estava totalmente parado, poderíamos perguntar a ele a localização da Terra e ele seria suficientemente velho para responder.

— Não sabemos quanto tempo dura a memória de um robô, Janov — fez Trevize. — Se for necessário, voltaremos a Aurora, mesmo que seja preciso enfrentar aqueles cachorros. Acontece que se esses robôs têm pouco mais de

duas décadas, alguém os fabricou recentemente, e esses fabricantes devem ser humanos.

Voltou-se para Bliss.

— Você *tem certeza* de que captou... A moça levantou a mão para fazê-lo calar e disse, em voz baixa:

— Ele está chegando agora.

Trevize olhou para a lombada e viu aparecer o vulto inconfundível de um ser humano. Tinha pele clara e cabelos louros e compridos. O rosto era sério, mas de aparência muito jovem. Os braços e pernas não eram particularmente musculosos.

Os robôs abriram caminho para deixá-lo passar, e ele avançou até ficar no meio deles. Então falou, com uma voz muito melodiosa. As palavras, embora pronunciadas com sotaque desconhecido, eram de galáctico padrão e fáceis de entender.

— Saudações, visitantes do espaço. O que desejam dos meus robôs?

46.

TREVIZE não tentou impressionar o desconhecido. Perguntou, sem necessidade:

— Você fala galáctico?

— E por que não, já que não sou mudo? — respondeu o solariano, com um sorriso irônico.

— E eles? — Trevize apontou para os robôs.

— São robôs. Falam a língua do planeta, como eu. Mas eu sou solariano e escuto as transmissões hiperespaciais de outros mundos, de modo que aprendi a maneira de vocês falarem, como meus antecessores. Meus antecessores deixaram descrições da língua que vocês falam, mas estou sempre ouvindo novas palavras e expressões, como se vocês Colonizadores tivessem aprendido a dominar os mundos, mas não as palavras. Por que ficou surpreso quando descobriu que eu falava sua língua?

— Não devia ter ficado — disse Trevize. — Peço desculpas. Depois que ouvi os

robôs, fiquei com a impressão de que não se falava galáctico neste planeta.

Observou o solariano. Estava usando um manto branco, de tecido fino, que pendia frouxamente dos ombros, com grandes aberturas para os braços. Era aberto na frente, expondo um peito nu e uma tanga mais abaixo. Um par de sandálias leves completava o traje.

Ocorreu a Trevize que era impossível dizer se o solariano era homem ou mulher. O peito era liso como o de um homem, mas não tinha pêlos; a tanga não revelava nenhuma saliência.

O rapaz se voltou para Bliss e disse, em voz baixa:

— Pode ser outro robô, mas um robô muito... Bliss sussurrou:

— A atividade mental é de um ser humano. O solariano disse:

— Vocês não responderam à minha pergunta inicial. Vou desculpá-los porque foram pegos de surpresa. Perguntarei de novo e espero que não falhem pela segunda vez. O que desejam dos meus robôs?

Trevize respondeu:

— Somos viajantes e precisamos de informações para chegarmos ao nosso destino. Consultamos os robôs, mas eles não puderam nos ajudar.

— O que querem saber?

— Estamos indo para a Terra. Sabe onde fica? O solariano franziu a testa.

— Pensei que o seu primeiro objeto de curiosidade fosse a minha pessoa. Vou apresentar-me. Meu nome é Sarton Bander e estão em minha propriedade, que se estende até onde a vista pode alcançar e muito além. Não posso dizer que são bem-vindos, pois, ao pousarem aqui, desafiaram uma tradição. São os primeiros Colonizadores a pisarem no planeta em muitos milhares de anos e, ao que parece, vieram aqui simplesmente para se informar quanto ao melhor meio de chegar a outro planeta. Nos velhos tempos, Colonizadores, vocês e sua nave teriam sido imediatamente destruídos.

— Seria uma forma injusta de tratar pessoas que vieram em paz — disse Trevize, cautelosamente.

— Concordo, mas quando os membros de uma raça em expansão se encontram com uma sociedade estática e indefesa, o simples contato pode ser perigoso. Enquanto temíamos esse contato, não permitíamos que nenhum forasteiro desembarcasse neste planeta. Agora, que não temos mais nada a temer, estamos, como vêem, dispostos a conversar.

— Aprecio as informações que nos ofereceu espontaneamente — disse Trevize —, mas não respondeu à minha pergunta. Vou repeti-la. Sabe onde fica o planeta Terra?

— Quando fala em Terra, suponho que esteja se referindo ao mundo no qual se originou o homem, além de todas as espécies de plantas e animais.

Fez um gesto gracioso, indicando tudo que os cercava.

— Sim senhor.

O rosto do solariano adquiriu uma estranha expressão de repugnância. Ele disse:

— Por favor, chame-me apenas de Bander. Não use nenhuma palavra que tenha uma conotação de sexo. Não sou homem nem mulher. Sou *completo*.

Trevize assentiu (suas dúvidas tinham razão de ser, pensou).

— Como quiser, Bander. Pode nos dizer, então, onde fica a Terra, o mundo de origem de todos nós?

— Não sei. Não estou interessado em saber. Mesmo que soubesse, ou que pudesse descobrir, não adiantaria nada para vocês, pois a Terra não existe mais como mundo. Ah... — prosseguiu Bander, espreguiçando-se —... como é bom sentir o calor do sol. Não é sempre que venho à superfície; faço questão de que o sol esteja de fora. Quando mandei meus robôs ao encontro de vocês, o sol estava escondido atrás das nuvens. Só saí quando as nuvens se dissiparam.

— Por que a Terra não existe mais como mundo? — insistiu Trevize, lembrando-se da lenda a respeito da radioatividade da Terra.

Bander, porém, ignorou a pergunta, ou por outra, colocou-a de lado sem a menor cerimônia.

— É uma história comprida. Você me disse que vieram em paz.

— Isso mesmo.

— Então por que está armado?

— É apenas por precaução. Não sabia o que iria encontrar.

— Não importa. Suas armas não representam perigo para mim. Entretanto, estou curioso. Naturalmente, conheço alguma coisa a respeito das armas que usam e da história curiosamente bárbara de sua raça, na qual as armas parecem desempenhar um papel tão importante. Mesmo assim, tive a oportunidade de examinar uma arma de perto. Posso ver a sua?

Trevize recuou um passo.

— Sinto muito, Bander. Bander pareceu achar graça.

— Perguntei apenas para ser educado. Não tinha necessidade de pedir.

Estendeu a mão e o desintegrador emergiu do coldre direito de Trevize, enquanto o chicote neurônico saía do coldre esquerdo. Trevize tentou segurar as armas, mas os braços se recusaram a obedecer-lhe, como se estivessem amarrados com uma tira de borracha. Pelorat e Bliss não conseguiram sair de onde estavam.

— Não tentem interferir. Vocês não podem — disse Bander. As armas voaram para suas mãos e ele as examinou com interesse.

— Esta aqui — disse, mostrando o desintegrador — gera um feixe de microondas que produz calor, vaporizando os fluidos de um corpo e fazendo-o explodir. A outra é mais sutil; teria que estudá-la com mais profundidade para compreender como funciona. De qualquer forma, já que vieram em paz, não precisam de armas. Assim, estou descarregando as fontes de energia das duas armas. Isso as torna inofensivas, a não ser que pretenda usá-las como tacapes, o que seria uma grande tolice.

O solariano largou as armas e elas flutuaram novamente no ar. Cada uma voltou para o seu coldre.

Trevize, percebendo que era novamente senhor dos seus movimentos, sacou o desintegrador e constatou que a fonte de energia estava totalmente descarregada. O mesmo havia acontecido com o chicote neurônico.

Olhou para Bander, que disse, sorrindo:

— Vocês estão inteiramente nas minhas mãos, forasteiros. Da mesma forma como descarreguei essas armas, poderia ter destruído vocês e a sua nave.

CAPÍTULO 11: NO SUBSOLO

47.

TREVIZE estava atônito. Olhou para Bliss, procurando respirar normalmente.

A moça tinha passado o braço na cintura de Pelorat, num gesto protetor, e parecia muito calma. Sorriu levemente e fez um movimento ainda mais discreto com a cabeça.

Trevize olhou de volta para Bander. Tendo interpretado a atitude de Bliss como tranqüilizadora e rezando aos céus para que a interpretação estivesse correta, perguntou para o solariano:

— Como foi que fez isso, Bander? Bander sorriu, satisfeito.

— Digam-me, pequenos forasteiros, acreditam em bruxaria?

— Não, não acreditamos, pequeno solariano — respondeu Trevize.

Bliss puxou Trevize pela manga da camisa e sussurrou ao seu ouvido:

— Não o provoque. Ele é perigoso.

— Já percebi — disse Trevize, controlando-se para não levantar o tom de voz. — Faça alguma coisa!

— Ainda não — cochichou Bliss. — Quero que ele se sinta seguro. Bander não prestou atenção ao curto diálogo. Afastou-se dos forasteiros. Os robôs abriram caminho para ele passar.

O solariano olhou para trás e dobrou o dedo languidamente.

— Venham. Sigam-me. Todos os três. Vou contar-lhes uma história que talvez não interesse a vocês, mas que interessa muito a mim.

Continuou a caminhar, sem pressa.

Trevize ficou por alguns momentos onde estava, sem saber o que lazer. Bliss, entretanto, deu um passo à frente, puxando Pelorat consigo. Afinal, Trevize os acompanhou; a alternativa era ficar para trás, na companhia dos robôs.

Bliss disse, em tom despreocupado:

— Se Bander quiser nos contar a história que talvez não nos interesse...

Bander voltou a cabeça e olhou para Bliss como se estivesse vendo a moça pela primeira vez.

— Você é a meio-humana feminina, não é? A metade inferior?

— A metade menor, Bander. Sou, sim.

— Esses dois são meio-humanos masculinos, então?

— Isso mesmo.

— Você já teve o seu filho, feminina?

— Bander, meu nome é Bliss. Ainda não tive nenhum filho. Este aqui é Trevize. Este é Pel.

— Qual desses dois masculinos vai ajudá-la quando chegar a hora? Ou serão os dois? Ou nenhum?

— Pel vai me ajudar, Bander. Bander voltou-se para Pelorat.

— Estou vendo que tem cabelos brancos.

— É verdade —- disse Pelorat.

— Eles sempre foram assim?

— Não, Bander, ficaram assim com a idade.

— Quantos anos você tem?

— Cinqüenta e dois, Bander — respondeu Pelorat. — Cinqüenta e dois anos galácticos.

Bander continuou a caminhar (em direção à mansão distante, imaginou Trevize), mas mais devagar. Ele disse:

— Não sei quanto é um ano galáctico, mas não deve ser muito diferente do nosso. Com quantos anos você vai morrer, Pel?

— Não sei. Pode ser que eu viva mais uns trinta anos.

— Oitenta e dois anos, então. Vivem muito pouco e são apenas metade humanos. É incrível pensar que meus antepassados distantes eram como vocês e

viviam na Terra... até que alguns deles deixaram a Terra e fundaram outros mundos, mundos maravilhosos, mundos organizados, uma infinidade deles.

— Infinidade, não — protestou Trevize, em voz alta. — Apenas cinqüenta.

Bander olhou com desprezo para Trevize. Já não parecia tão bem humorado.

— Trevize. Você se chama Trevize.

— Meu nome completo é Golan Trevize. Eu disse que os Espaciais só colonizaram cinqüenta planetas. *Nossos* mundos são milhões e milhões!

— Então já conhece a história que eu ia contar? — perguntou Bander.

— Se é a história de que os Espaciais colonizaram cinqüenta planetas, nós já a conhecemos.

— Não são os números que importam, pequeno meio-humano, mas a qualidade. Eram cinqüenta, sim, mas que valiam mais que todos os seus milhões. E Solaria foi o qüinquagésimo, e, portanto, o melhor. Solaria estava tão acima dos outros mundos dos Espaciais quanto os mundos dos Espaciais estavam acima da Terra.

"Fomos nós, de Solaria, que aprendemos como a vida devia ser vivida". Não nos juntamos em bandos, como animais, da forma como se fazia na Terra ou mesmo nos outros planetas dos Espaciais. Não, vivíamos sozinhos, com robôs para nos ajudar, em contato eletrônico com os outros habitantes, mas raramente havia a oportunidade para um contato físico. Faz muitos anos que não me aproximo de seres humanos tanto quanto me aproximei de vocês. Entretanto, como são apenas metade humanos, sua presença não me incomoda mais que a de uma vaca, digamos, ou a de um robô.

"Acontece que no passado também éramos meio-humanos". Por mais que aperfeiçoássemos nossa liberdade, por mais que nos cercássemos de robôs capazes de atender a todas as nossas necessidades, nossa liberdade nunca era absoluta. Para reproduzir a espécie, era necessária a colaboração de dois indivíduos. Naturalmente, seria possível recolher óvulos e esperma e realizar a fecundação e o desenvolvimento do embrião em ambiente artificial. As crianças poderiam perfeitamente ser criadas por robôs. Tudo isso seria viável, mas os meio-humanos se recusavam a abrir mão do prazer associado à fecundação biológica. Em conseqüência, desenvolviam-se ligações anormais entre meio-humanos masculinos e femininos, o que punha em risco a nossa liberdade. Não compreendem que isso tinha que mudar?

— Não, Bander, porque o nosso conceito de liberdade é diferente do seu — observou Trevize.

— Isso é porque não conhecem a verdadeira liberdade. Passaram a vida em grupos, sendo constantemente forçados, até mesmo nas pequenas coisas, a ceder à vontade de outros, ou, o que é igualmente desprezível, a lutar para impor aos outros a sua vontade. Desse jeito, como pode haver liberdade? A liberdade consiste em viver como se quer! Exatamente como se quer!

"Então chegou a época em que o povo da Terra começou mais uma vez a migrar para o espaço". Os outros Espaciais tentaram compelir com eles. Nós, não. Mudamo-nos para o subsolo e rompemos todos os contatos com o resto da Galáxia. Estávamos decididos a proteger nossa liberdade, custasse o que custasse. Construímos robôs e sistemas de armas para proteger a superfície do planeta, e eles executaram a tarefa de forma admirável. Naves chegaram e foram destruídas, até que pararam de chegar. O planeta foi considerado deserto e todos se esqueceram dele.

"Enquanto isso, no subsolo, trabalhávamos para resolver nossos problemas". Começamos a manipular nossos genes. Muitas experiências fracassaram, mas algumas deram certo. Levamos muitos séculos, mas afinal nos tornamos seres humanos completos, combinando os princípios masculino e feminino em um só corpo, capaz de atender plenamente às próprias necessidades de prazer e de produzir, no momento próprio, óvulos fertilizados para serem criados pelos robôs.

— São hermafroditas — observou Pelorat.

— É assim que nos chamam na língua de vocês? — perguntou Bander, com indiferença. — Nunca tinha ouvido essa palavra antes.

— O hermafroditismo é um golpe mortal para a evolução — disse Trevize. — O filho passa a ser geneticamente idêntico ao pai.

— Não seja tolo — disse Bander. — Está falando como se a evolução só pudesse acontecer por tentativa e erro. Sabemos como mudar e aperfeiçoar os nossos genes e é o que fazemos, ocasionalmente... Mas já estamos quase chegando na minha casa. Vamos entrar. Está ficando tarde e daqui a pouco vai esfriar. Estaremos mais à vontade dentro de casa.

Passaram por uma porta que não tinha nenhum tipo de fechadura, mas que se abriu quando se aproximaram e se fechou depois que haviam passado. Não havia janelas, mas quando entraram em uma sala espaçosa, as paredes começaram a brilhar. O chão parecia nu, mas era macio e flexível. Em cada um dos quatro cantos da sala havia um robô, imóvel.

— Aquela parede — disse Bander, apontando para a parede em frente à porta,

que não parecia diferente das outras — é a minha tela para o exterior. O mundo se abre para mim através dessa tela, mas isso de forma alguma limita a minha liberdade, pois não sou obrigado a usá-la.

— Nem pode obrigar outra pessoa se quiser vê-la através dessa tela e a pessoa não concordar — quis saber Trevize.

— Obrigar outra pessoa? Isso jamais me passaria pela cabeça — disse Bander, com arrogância.

Havia uma cadeira na sala, em frente à parede que servia de tela, e Bander sentou-se.

Trevize olhou em torno, como se esperasse que outras cadeiras se materializassem do ar.

— Podemos nos sentar também? — perguntou.

— Se quiserem — respondeu Bander.

Bliss sentou-se no chão, sorrindo. Pelorat sentou-se ao lado da moça. Trevize continuou teimosamente de pé. Bliss perguntou:

— Bander, quantos seres humanos vivem neste planeta?

— Diga solarianos, Bliss. A expressão "seres humanos" está contaminada pelo fato de que os meio-humanos se consideram seres humanos. Poderíamos nos referir a nós mesmos como "humanos completos", mas preferimos ser chamados apenas de solarianos.

— Está bem. Quantos solarianos vivem neste planeta?

— Não sei ao certo. Talvez uns mil e duzentos.

— Apenas mil e duzentos em todo o planeta?

— Tenho que lembrar a você que não é a quantidade que conta, mas a qualidade... Também não entende o que é a verdadeira liberdade. Se existe outro solariano para contestar minha soberania absoluta em relação a qualquer parte de minhas terras, em relação a qualquer robô ou outro objeto de minha propriedade, então minha liberdade não é completa. Para que minha liberdade seja total, é preciso que os outros solarianos estejam tão afastados de mim que um contato físico seja extremamente improvável. Para que isso seja possível, a população de Solaria não deve ultrapassar cerca de mil e duzentos habitantes. Se a população ultrapassasse esse limite, nossa vida se tornaria insuportável.

— Isso quer dizer que os nascimentos devem ser planejados, de modo a compensar as mortes — disse Pelorat, de repente.

— Claro que sim. Isso acontece em qualquer planeta com uma população estável... até mesmo no de vocês, suponho.

— E como vocês têm poucos falecimentos, também nascem poucas crianças.

— É verdade.

Pelorat fez que sim com a cabeça e não disse mais nada. Trevize disse:

— Quero saber como você fez minhas armas flutuarem no ar.

— Já propus uma explicação: bruxaria. Recusa-se a aceitá-la?

— Claro que me recuso! Por quem me toma?

— Será, então, que acredita nas leis de conservação de energia e de maximização da entropia?

— Acredito. Acredito também que nem em vinte mil anos vocês poderiam abolir essas leis ou modificá-las um milímetro que fosse.

— E tem razão, meio-humano. Mas acompanhe o meu raciocínio. Lá fora, temos a luz do sol. — O solariano fez um gesto gracioso para mostrar que o sol banhava toda a superfície do planeta. — Aqui dentro, estamos na sombra. É mais quente no sol do que na sombra e o calor passa espontaneamente das regiões iluminadas para as que estão na sombra.

— Tudo isso eu já sei — observou Trevize.

— Deixe-me continuar. À noite, a superfície de Solaria é mais quente que os objetos que estão além da atmosfera, de modo que o calor da superfície é irradiado para o espaço.

— Sei disso, também.

— E de dia ou de noite, o interior do planeta é mais quente que a superfície. Assim, o calor passa espontaneamente do interior para a superfície. Imagino que saiba disso, também.

— E daí, Bander?

— O fluxo de calor dos corpos mais quentes para os mais frios, que deve ocorrer de acordo com a segunda lei da termodinâmica, pode ser aproveitado para realizar trabalho.

— Teoricamente, sim, mas a luz do sol é diluída, o calor da superfície do planeta é ainda mais diluído e a velocidade com que o calor escapa do interior do planeta torna essa fonte ainda mais diluída. A potência que você pode extrair não seria suficiente para mover uma pedra.

— Isso depende do aparelho usado para aproveitar essa energia — disse Bander. — O nosso levou milhares de anos para ser aperfeiçoado e é nada menos que uma parte do nosso cérebro.

Bander levantou o cabelo dos dois lados da cabeça, revelando a parte do crânio atrás das orelhas. Virou a cabeça para lá e para cá e Trevize pôde ver, atrás das orelhas, duas protuberâncias do tamanho e forma da extremidade mais achatada de um ovo de galinha.

— Esta parte do cérebro é que me faz diferente de vocês — disse o solariano.

48.

TREVIZE olhou de soslaio para Bliss, que parecia inteiramente concentrada no que Bander dizia. O rapaz achava que sabia o que estava acontecendo.

Bander, apesar do seu amor pela liberdade, não pudera resistir àquela oportunidade única. Não podia conversar de igual para igual com os robôs, e muito menos com os animais. Conversar com os outros solarianos seria desagradável, além de representar uma intromissão na liberdade alheia.

Quanto a Trevize, Bliss e Pelorat, para Bander eram apenas parcialmente humanos e tinham tanto direito à liberdade quanto um robô ou uma vaca. Por outro lado, eram intelectualmente seus iguais (ou quase isso) e portanto conversar com eles constituía uma experiência rara.

Não admira, pensou Trevize, que esteja se divertindo tanto. E Bliss certamente estava encorajando essa atitude, pensou o rapaz. Provavelmente a moça estava partindo da suposição de que se Bander falasse bastante, talvez revelasse alguma coisa de útil a respeito da Terra. Trevize concordava com a idéia, de modo que, embora não estivesse muito interessado nas explicações do solariano, procurou manter a conversação acesa.

— Qual é a função desses lobos cerebrais? — perguntou.

— São transdutores — respondeu Bander. — São ativados pelo calor e transformam diretamente o calor em energia mecânica.

— Não posso acreditar. A energia térmica é insuficiente.

— Pequeno meio-humano, você não pensa. Se houvesse muitos solarianos

vivendo juntos, todos tentando usar a energia térmica, aí sim, o suprimento seria insuficiente. Acontece que tenho mais de quarenta mil quilômetros quadrados que são meus, unicamente meus. Posso recolher o calor de todos esses quilômetros quadrados e usá-los apenas para mim. Está entendendo?

— É tão fácil recolher o calor em uma grande região? O simples ato de concentrar-se representa um certo consumo de energia.

— Talvez, mas não tenho consciência disso. Meus lobos transdutores estão continuamente concentrando a energia térmica, de modo que posso usar essa energia na hora que quiser. Quando fiz suas armas flutuarem no ar, um certo volume da superfície iluminada pelo sol perdeu uma parte do seu excesso de calor em relação à outra parte da superfície que estava na sombra, de modo que, em última análise, usei a energia solar para fazer as armas se moverem. Só que, em vez de captar e utilizar essa energia através de um dispositivo mecânico ou eletrônico, fiz uso de um dispositivo neurônico. — Bander deu um tapinha em um dos lobos transdutores. — Ele trabalha com rapidez e eficiência... e sem nenhum esforço.

— É incrível — murmurou Pelorat.

— Não, não é incrível — protestou Bander. — Pense na sensibilidade do olho e do ouvido, na forma como conseguem transformar em informação quantidades diminutas de luz e de som. Pareceria incrível, se não estivesse familiarizado com eles. A mesma coisa acontece com os lobos temporais. Para nós, são um órgão como outro qualquer.

— E o que é que vocês fazem normalmente com esse órgão? — quis saber Trevize.

— Fazemos nosso mundo funcionar — respondeu Bander. — Todos os meus robôs são alimentados por mim... ou por outra, são alimentados pela energia solar, por meu intermédio. Quando um robô ordenha uma vaca ou derruba uma árvore, a energia que consome é reposta por transdução mental.

— E quando você está dormindo.

— Os lobos transdutores funcionam o tempo todo, pequeno meio-humano. Por acaso você não respira enquanto está dormindo? Seu cotação pára de bater? À noite, o interior de Solaria esfria um pouquinho para que os meus robôs possam continuar funcionando. A mudança é extremamente pequena em termos relativos e somos apenas mil e duzentos, de modo que toda a energia que usamos não é suficiente para esfriar apreciavelmente o núcleo do planeta.

— Já lhe ocorreu que esse órgão poderia ser usado como arma? Bander olhou

para Trevize como se estivesse dizendo um absurdo.

— Está insinuando que Solaria poderia enfrentar outros mundos com armas baseadas na transdução mental? Para quê? Mesmo que pudéssemos derrotá-los, o que não é certo, o que ganharíamos com isso? O domínio de outros planetas? Para que conquistar outros planetas, quando vivemos em um mundo ideal? Para dominar os meio-humanos e usá-los como escravos? Temos nossos robôs, que são muito mais eficientes. Não, nós temos tudo o que desejamos. Não queremos nada... a não ser que nos deixem em paz. Escute aqui... vou contar outra história.

— Vá em frente — disse Trevize.

— Há vinte mil anos atrás, quando os meio-humanos da Terra invadiram o espaço e nós nos refugiamos no subsolo, os outros mundos dos Espaciais estavam dispostos a enfrentar os novos colonizadores vindos da Terra. Para isso, atacaram a própria Terra.

— Atacaram a própria Terra — repetiu Trevize, procurando disfarçar a satisfação que estava sentindo por afinal o assunto "Terra" ter surgido na conversa.

— Sim, o centro de tudo. Uma atitude sensata, de certa forma. Se você quer matar uma pessoa, não aponta para o braço ou para a perna, mas para o coração. E os nossos colegas Espaciais, cujas paixões ainda eram bastante primitivas, como as dos terráqueos, conseguiram tornar radioativa a superfície da Terra, de modo que o planeta ficou praticamente inabitável.

— Ah, então foi isso o que aconteceu! — exclamou Pelorat, sacudindo no ar o punho cerrado. — Sabia que não podia ser um fenômeno natural. Como foi que eles conseguiram isso?

— Não conheço os detalhes — disse Bander, com indiferença. — A verdade é que os Espaciais não ganharam muito com isso. É o que estou tentando mostrar. Os Colonizadores continuaram a se expandir e os Espaciais... desapareceram. Tinham tentado competir e foram extintos. Nós, solarianos, nos escondemos, nos recusamos a competir e ainda estamos aqui.

— Nós, Colonizadores, também — disse Trevize, agressivamente.

— Sim, mas não para sempre. Vocês têm que lutar, têm que competir, e acabarão por se destruir. Pode levar dezenas de milhares de anos, mas não temos pressa. Quando isso acontecer, nós, solarianos, completos, solitários, liberados, teremos a Galáxia inteira para nós. Poderemos então usar, ou não usar, qualquer planeta que quisermos além do nosso.

— Voltando à questão da Terra — disse Pelorat, estalando os dedos com

impaciência. — O que nos contou é uma lenda ou um fato histórico?

— Qual a diferença, meio-humano? — perguntou Bander. — Toda lenda tem um fundo de verdade.

— Sim, mas o que dizem os seus registros? Posso ver os seus registros a respeito do assunto? Compreenda que essa questão de mitos, lendas e História antiga está dentro do meu campo de interesse. Sou um cientista especializado em História antiga, especialmente a da Terra.

— Estou me limitando a repetir o que me contaram — disse Bander. — Não existem registros a respeito. Nossos registros são apenas sobre os assuntos de Solaria; os outros mundos são mencionados apenas de passagem, quando a sua existência nos afeta de alguma forma.

— A existência da Terra certamente afetou vocês.

— Claro que sim, mas isso foi há muito, muito tempo, e a Terra, de todos os mundos, sempre foi o que nos causava mais repulsa. Se tivermos algum registro a respeito da Terra, estou certo de que foi destruído por pura aversão.

Trevize rangeu os dentes, furioso.

— Por vocês? — perguntou.

Bander voltou sua atenção para Trevize.

— Não havia ninguém mais para destruí-los. Pelorat não estava disposto a deixar o assunto morrer.

— Que mais você ouviu falar a respeito da Terra? Bander pensou um pouco. Depois, disse:

— Quando era moço, ouvi de um robô uma história a respeito de um terráqueo que uma vez visitou Solaria e de uma solariana que partiu com ele e ficou famosa em toda a Galáxia. Em minha opinião, a história foi inventada.

Pelorat mordeu o lábio inferior.

— Tem certeza?

— Como posso ter certeza? — disse Bander. — Apenas acho muito pouco provável que um terráqueo tivesse a coragem de vir a Solaria e que os solarianos permitissem a intrusão. É ainda menos provável que uma mulher solariana... ainda éramos meio-humanos, mas mesmo assim... abandonasse este mundo voluntariamente... Agora vamos, quero mostrar minha casa para vocês.

— Sua casa? — disse Bliss, olhando em torno. — Não estamos na sua casa?

— Não — disse Bander. — Esta é uma ante-sala. Uma sala de visitas. É aqui

que, muito raramente, me encontro com outros solarianos. Suas imagens aparecem na parede, ou tridimensionalmente no espaço diante da parede. Assim, esta sala é um lugar público e não pode fazer parte de minha casa. Venham comigo.

O solariano atravessou o aposento sem olhar para trás para ver se estava sendo seguido, mas os quatro robôs haviam deixado seus cantos e Trevize sabia que se ele e os companheiros não o acompanhassem, os robôs os obrigariam a fazê-lo.

Os outros dois se puseram de pé e Trevize sussurrou para Bliss:

— Você o estimulou a falar? Bliss apertou-lhe a mão e assentiu.

— Mesmo assim, ficaria bem mais tranqüila se soubesse o que pretende — acrescentou, com ar preocupado.

49.

OS TRÊS seguiram Bander. Os robôs permaneceram a uma distância discreta, mas sua presença era uma ameaça permanente.

Estavam caminhando por um corredor e Trevize resmungou, desanimado:

— Já vi que não vamos descobrir nada de útil a respeito da Terra neste planeta. Apenas variações em torno do velho tema da radioatividade. — Franziu a testa. — Talvez seja melhor prosseguirmos para o terceiro conjunto de coordenadas.

Uma porta se abriu diante deles, revelando uma pequena sala. Bander disse:

— Entrem, meio-humanos, quero que vejam como vivemos. Trevize sussurrou:

— O sujeito tem um prazer infantil de se mostrar. Estou com vontade de amassar-lhe o nariz.

— Não tente competir com ele em infantilidade — disse Bliss. Bander fez os três entrarem no aposento. Um dos robôs os seguiu.

Bander mandou os outros robôs embora com um gesto e entrou também. A porta se fechou atrás dele.

— É um elevador! — exclamou Pelorat, surpreso.

— Isso mesmo — confirmou Bander. — Depois que nos retiramos para o subsolo, nunca mais voltamos a morar na superfície, embora eu goste de tomar sol de vez em quando. Entretanto, nunca vou lá fora à noite ou quando está nublado, pois tenho a impressão de estar em um lugar coberto sem realmente estar em um lugar coberto, se é que me entendem. É uma espécie de dissonância cognitiva que considero extremamente desagradável.

— Houve uma época em que os habitantes da Terra também moravam no subsolo — disse Pelorat. — As cidades eram chamadas de Cavernas de Aço. Trantor, a capital do antigo império, também tinha muitas construções subterrâneas. O mesmo acontece com Comporellon nos dias de hoje. Pensando bem, é uma tendência bastante comum.

— Meio-humanos amontoados debaixo da Terra e solarianos vivendo no subsolo com toda a privacidade e conforto têm muito pouco em comum — disse Bander.

— Em Terminus, todas as residências ficam na superfície — disse Trevize.

— Expostas às intempéries — disse Bander, em tom de reprovação. — Muito primitivo!

Depois da sensação inicial de perda de peso que havia revelado sua natureza a Pelorat, o elevador parecia totalmente imóvel. Trevize tinha começado a imaginar quanto tempo duraria a viagem quando houve uma breve sensação de aumento de peso e a porta se abriu.

Diante deles estava uma sala espaçosa e mobiliada com requinte. Estava iluminada com uma luz difusa, de origem desconhecida. Era como se o próprio ar fosse levemente luminoso.

Bander apontou com o dedo e, no lugar para onde havia apontado, a luz ficou mais forte. Apontou em outra direção e aconteceu a mesma coisa. Apoiou a mão esquerda em uma espécie de cano com a ponta arredondada que estava ao lado da porta e fez um gesto circular com a mão direita. No mesmo instante, toda a sala se iluminou como se estivesse ao sol, mas a sensação de calor estava ausente.

Trevize fez uma careta e exclamou, em voz não muito baixa:

— Esse homem é um charlatão! Bander protestou, zangado:

— Não diga "homem", e sim "solariano". Não sei o que significa "charlatão", mas pelo tom de sua voz, deve ser alguma coisa ofensiva!

Trevize explicou:

— Charlatão é quem não é autêntico, quem faz as coisas parecerem mais extraordinárias do que realmente são.

— Tenho que admitir que gosto de efeitos dramáticos — disse Bander —, mas o que mostrei a vocês não é nenhum truque. É de verdade!

Deu um tapinha no cano em que a mão esquerda estava pousada.

— Este cano condutor de calor atinge uma profundidade de vários quilômetros. Existem canos semelhantes em muitos outros pontos de minha propriedade. Sei que existem canos como este em outras propriedades. Os canos aumentam a velocidade com que o calor é transferido do interior de Solaria para a superfície e facilita a conversão da energia térmica em mecânica. Não precisava dos gestos para produzir a luz, mas assim foi muito mais interessante, não acham?

— Quantas oportunidades você tem de experimentar o prazer desses pequenos toques dramáticos? — perguntou Bliss.

— Não muitas — disse Bander, sacudindo a cabeça. — Meus robôs não se impressionam com essas coisas. Nem os outros solarianos. Esta oportunidade de mostrar a casa para meio-humanos é muito... divertida.

— Havia uma luz difusa na sala quando entramos — disse Pelorat. — Ela fica acesa o tempo todo?

— Fica. Isso representa um pequeno consumo de energia... como o necessário para manter os robôs funcionando. Minha propriedade está sempre ativada; as unidades que não se encontram empenhai das em nenhum serviço ativo são mantidas operando com capacidade reduzida.

— E você fornece constantemente energia para toda a propriedade?

— A energia é fornecida pelo sol e pelo núcleo do planeta; limito-me a canalizar essa energia. Além disso, nem toda a minha propriedade é produtiva. Conservo a maior parte em estado selvagem, abrigando uma boa variedade de animais; primeiro, para proteger os meus! domínios e segundo, porque isso me agrada. Na verdade, minhas fábricas e plantações são pequenas. Servem apenas para suprir minhas! necessidades e produzir alguns itens especiais, que troco com outros, solarianos. Tenho robôs, por exemplo, que são capazes de fabricar e instalar canos condutores de calor. Muitos solarianos contratam os serviços desses robôs.

—E a sua casa? — quis saber Trevize. — É muito grande? O rapaz devia ter feito a pergunta certa, pois um largo sorriso iluminou o rosto do solariano.

— Muito grande. Uma das maiores do planeta, acredito eu. Estende-se por quilômetros e quilômetros em todas as direções. Tenho tantos robôs cuidando da

minha casa no subsolo quanto em todos os milhares de quilômetros quadrados da superfície.

— Você não pode morar nela toda, é claro — disse Pelorat.

— Pode haver um quarto ou outro que nunca visitei, mas e daí? ! Os robôs mantêm todos os aposentos limpos, arrumados e bem ventilados. Venham, venham.

Passaram por uma porta diferente da que haviam usado para entrar na sala e foram dar em outro corredor. Diante deles estava um pequeno carro sem teto, que corria em trilhos.

Bander fez um gesto para que subissem a bordo e os três obedeceram. Não havia lugar suficiente para todos os quatro e mais o robô, mas Pelorat e Bliss se apertaram de modo a deixar espaço para Trevize. Bander sentou-se na frente, ao lado do robô, e o carro se pôs em movimento, sem nenhum sinal de que o solariano estivesse usando algum tipo de controle.

— Na verdade, trata-se de um robô em forma de carro — declarou Bander, com ar de indiferença.

Prosseguiram com velocidade razoável, passando por portas que se abriam quando o carro se aproximava e tornavam a se fechar depois que ele passava. Cada porta estava pintada com um desenho geométrico diferente, como se os robôs tivessem recebido instruções para decorá-las com motivos escolhidos ao acaso.

O corredor à frente e atrás do carro estava sempre escuro. O local em que se encontravam, porém, estava sempre bem iluminado. As salas também se acendiam assim que as portas eram abertas.

A viagem parecia não ter mais fim. De vez em quando, o carro fazia uma curva, demonstrando que a casa se estendia em duas dimensões. (Não, em três dimensões, pensou Trevize, quando percebeu que o carro tinha descido uma rampa suave.).

Onde quer que passassem, havia robôs, dezenas, centenas de robôs... empenhados em trabalhos que Trevize era incapaz de precisar. Passaram uma grande sala na qual havia dezenas de robôs sentados diante de escrivaninhas.

— O que é que eles estão fazendo, Bander? — perguntou Pelorat.

— Contabilidade — explicou Bander. — Dados estatísticos, contas financeiras, coisas assim com as quais, felizmente, não preciso me preocupar. Esta propriedade é altamente produtiva. Cerca de um quarto da área cultivada é

dedicado às árvores frutíferas. Também produzo vários cereais, mas meu orgulho são as frutas. Minhas frutas são as melhores do planeta. Em Solaria, os pêssegos de Bander são famosos. Ninguém mais se dá ao trabalho de cultivá-los. Tenho 27 diferentes variedades de maçãs... e assim por diante. Os robôs podem fornecer a você os dados completos.

— O que é que você faz com todas essas frutas? — perguntou Trevize. — Não pode comer todas.

— Claro que não! Pessoalmente, nem gosto muito de frutas. Elas são trocadas com os outros solarianos.

— O que é que você recebe em troca?

— Minérios, principalmente. Minha propriedade praticamente não tem recursos minerais. Também adquiro de vez em quando os espécimes necessários para manter o equilíbrio ecológico. Tenho uma grande variedade de animais e vegetais em minha propriedade.

— Os robôs tomam conta de tudo isso, suponho — disse Trevize.

— Tomam. E muito bem.

— Tudo para um solariano.

— Tudo para a propriedade e seus padrões ecológicos. Acontece que sou o único solariano a visitar as várias partes da propriedade... mas isso faz parte da minha liberdade absoluta.

Pelorat disse:

— Suponho que os outros... os outros solarianos também mantenham o equilíbrio ecológico nos pântanos, ou regiões montanhosas, ou litorais, ou seja qual for o tipo de terreno em que estão suas propriedades.

— Claro que sim. Este é um dos assuntos que discutimos nas conferências que às vezes as questões mundiais tornam necessárias.

— Com que freqüência vocês se reúnem? — perguntou Trevize. Estavam passando por um corredor muito estreito e comprido, no qual não havia salas. Trevize imaginou que o terreno ali não devia ser apropriado para construção e que o corredor servia apenas para ligar duas alas da casa.

— Com maior freqüência do que eu gostaria. É raro o mês em que não tenho que me reunir com os outros membros de uma das comissões de que faço parte. Embora não haja pântanos nem montanhas em minha propriedade, meus pomares, viveiros de peixes e jardins botânicos são considerados os melhores de Solaria!

Pelorat disse:

— Meu velho amigo... quero dizer Bander... suponho que nunca saiu da sua propriedade para visitar outras...

— Claro que *não!* — exclamou Bander, com ar ofendido.

— Nesse caso — prosseguiu Pelorat —, como pode estar certo de que os seus produtos são os melhores?

— Posso avaliar — explicou Bander — pela forma como meus produtos são valorizados no comércio entre as propriedades.

— E as indústrias? — perguntou Trevize.

— Existem propriedades que fabricam máquinas e ferramentas. Como eu já disse, na minha propriedade fazemos canos condutores de calor.

— E os robôs?

— Os robôs são fabricados aqui e ali. No passado mais remoto, os robôs de Solaria já eram considerados os melhores da Galáxia.

— Hoje em dia também, suponho — disse Trevize, tomando cuidado para que o outro interpretasse a frase como uma afirmação e não como uma pergunta.

— Hoje em dia? Com quem vamos competir hoje em dia? Hoje em dia somos os únicos que fabricamos robôs. Vocês pararam de fabricá-los, se entendi corretamente o que ouvi nas transmissões hiperespaciais.

— E os outros mundos dos Espaciais?

— Já lhe disse que não existem mais.

— Todos eles?

— Não acredito que hoje exista um único Espacial vivo fora de Solaria.

— Então não existe ninguém que conheça a localização da Terra?

— Por que alguém iria se interessar em saber a localização da Terra?

— Estou interessado em saber — interrompeu Pelorat. — Afinal, é o meu campo de estudo.

— Pois é melhor estudar outra coisa — disse Bander. — Não sei onde fica a Terra, nunca ouvi falar de alguém que soubesse e não estou interessado no assunto.

O carro diminuiu a velocidade e por um momento Trevize pensou que Bander tivesse ficado ofendido. A parada, entretanto, foi suave e Bander, ao saltar do carro, parecia o mesmo de sempre.

A sala em que entraram era mal iluminada, mesmo depois que Bander aumentou a luz com um gesto. Dava para um corredor lateral, flanqueado por salas menores. Cada uma dessas salas continha um ou dois vasos decorados, às vezes acompanhados por objetos que pareciam projetores de cinema.

— O que é isso, Bander? — perguntou Trevize.

— São as câmaras mortuárias dos meus ancestrais, Trevize.

50.

PELORAT olhou em torno com interesse.

— As cinzas dos seus ancestrais estão enterradas aqui? — perguntou.

— "Enterradas" não é o termo que usamos — disse Bander. — As cinzas estão no subsolo, mas minha casa também. Na nossa língua, dizemos que, ao serem colocadas aqui, as cinzas foram "encasadas".

Trevize olhou rapidamente em torno.

— Esses são todos seus ancestrais? Quantos?

— Quase uma centena — respondeu Bander, sem disfarçar o orgulho na voz. — Noventa e quatro, para ser mais exato. Naturalmente, os primeiros não eram solarianos de verdade. Eram meio-humanos, masculinos e femininos. Foram colocados em urnas contíguas por seus descendentes imediatos. Naturalmente, não entro nas salas onde eles estão. Seria "vergonhífero" de minha parte. Pelo menos, esta é a expressão em solariano; não conheço a palavra equivalente em galáctico.

— E os filmes? — perguntou Bliss. — Essas máquinas são projetores, não são?

— Diários — explicou Bander. — A história de suas vidas. Cenas em que aparecem nos locais que gostavam de freqüentar. Graças aos diários, não estão totalmente mortos. Parte deles permanece aqui, e é parte de minha liberdade a possibilidade de vir aqui sempre que quiser e juntar-me a eles. Posso ver o trecho de suas vidas que desejar.

— Mas não os... os vergonhíferos. Bander baixou os olhos.

— Não — admitiu. — Mas afinal, todos nós solarianos compartilhamos desse

passado desagradável. É uma desgraça coletiva.

— Coletiva? Então os outros solarianos também têm câmaras como essas? — perguntou Trevize.

— Oh, sim, nós todos temos, mas as minhas são as melhores, as mais requintadas, as mais bem conservadas.

— Já preparou a sua câmara mortuária? — perguntou Trevize.

— Certamente. Está pronta para receber minhas cinzas. Foi a primeira coisa que fiz quando herdei a propriedade. Quando chegar a minha vez, meu sucessor fará a mesma coisa.

— Você tem um sucessor?

— Terei, quando chegar a ocasião. Ainda me restam muitos anos de vida. Quando partir, deixarei um sucessor adulto, suficientemente maduro para aproveitar a propriedade e com lobos transdutores suficientemente desenvolvidos para fazê-la funcionar.

-- Será seu descendente, imagino.

— Oh, sim!

— E se as coisas não correrem conforme o previsto? — perguntou Trevize. — Mesmo aqui em Solaria devem ocorrer acidentes. O que acontece se um solariano tem que partir prematuramente e não deixa sucessor, ou deixa um sucessor que não está suficientemente maduro para aproveitar a propriedade?

— Isso é muito raro. Na minha família, só aconteceu uma vez. Acontece, Trevize, que existem outros sucessores em outras propriedades. Alguns desses sucessores têm idade bastante para herdar, mas seus pais são suficientemente jovens para poder gerar um segundo descendente e continuar vivos até que esse segundo descendente atinja a idade adulta. Um desses sucessores veteranos, como são chamados, seria escolhido para herdar rainha propriedade.

— Quem faria a escolha?

— Solaria é governado por um conselho. Uma das poucas atribuições do conselho é exatamente essa: escolher um sucessor em caso de partida prematura. Naturalmente, tudo é feito por holovisão.

Pelorat disse:

— Escute aqui, se os solarianos nunca se vêem, como é que ficam sabendo quando alguém mor... quando alguém tem que partir, inesperadamente ou não?

— Quando um de nós tem que partir, a propriedade fíca sem energia; todas as

máquinas deixam imediatamente de funcionar. Se um sucessor não assume o lugar, a situação anormal chega ao conhecimento dos outros solarianos e são tomadas medidas corretivas. Asseguro-lhe que nosso sistema social funciona perfeitamente.

— Poderia me mostrar alguns desses filmes que você tem aqui? O rosto de Bander revelou uma indignação genuína. Ele disse:

— Só a sua ignorância se justificaria como desculpa. O que está me propondo é obsceno.

— Peço desculpas — disse Trevize. — Não quero parecer insistente, mas já expliquei que estamos interessados em obter informações a respeito da Terra. Ocorreu-me que os filmes mais antigos que você tem podem ser da época em que a Terra ainda não era radioativa. Nesse caso, talvez mencionem a Terra. Pode ser até que digam alguma coisa a respeito da sua localização. É claro que não queremos nos intrometer em sua privacidade, mas não haveria uma forma de você mesmo examinar esses filmes, ou mandar um robô examiná-los, e nos transmitir qualquer informação que contenham a respeito da Terra? Naturalmente, se entende os nossos motivos e compreende que faremos o possível para respeitar os seus sentimentos, talvez nos permita examinar pessoalmente os filmes.

Bander disse secamente:

— Imagino que você não tem meios de saber que está me ofendendo cada vez mais. Entretanto, podemos encerrar de vez esta conversa, pois lhe asseguro que não há filmes nas câmaras que contêm as cinzas dos meus antepassados meio-humanos.

— Não? — O desapontamento de Trevize era evidente.

— Esses filmes existiram um dia. Até você, porém, pode imaginar o que continham. Dois meio-humanos mostrando interesse um pelo outro, ou mesmo... — Bander pigarreou e completou, com esforço —... ou mesmo interagindo. Naturalmente, todos os filmes a respeito dos meio-humanos foram destruídos há muitas gerações.

— E os filmes guardados por outros solarianos?

— Todos destruídos.

— Tem certeza?

— Conservá-los seria loucura.

— Pode ser que algum solariano *seja* louco, sentimental ou esquecido. Acho

que não se incomodará se visitarmos seus vizinhos.

Bander olhou para Trevize, surpreso.

— Pensa que outros solarianos vão ser tão tolerantes quanto eu?

— Por que não?

— Vocês vão ver.

— Estamos dispostos a correr o risco.

— Não, Trevize. Não posso permitir. Havia robôs por perto e Bander parecia cada vez menos amistoso.

— Que foi que houve, Bander? — perguntou Trevize, pouco à vontade.

— Escute, não posso dizer que não me diverti conversando com vocês, conhecendo pessoas tão... tão diferentes. Foi uma experiência rara, que me trouxe prazer, mas não posso registrá-la no meu diário nem imortalizá-la em filme.

— Por que não?

— Falar com vocês, escutar vocês, recebê-los em minha casa, trazê-los aqui, nas câmaras mortuárias dos meus antepassados... tudo isso constitui grave violação das normas sociais de Solaria.

— Não somos solarianos. Para vocês, não somos mais importantes que um robô, não é verdade?

— Foi a desculpa que usei para mim mesmo. Os outros talvez não pensem da mesma forma.

— E daí? Você tem liberdade absoluta para fazer o que quiser, não tem?

— Claro que não. Se eu fosse o *único* habitante de Solaria, então sim, teria liberdade absoluta. Mas existem outros solarianos no planeta, de modo que minha liberdade, embora muito grande, tem suas limitações. Existem mil e duzentos solarianos neste planeta que me desprezariam se soubessem o que fiz.

— Eles não precisam saber...

— É verdade. Tenho pensado nisso desde que vocês chegaram. Tenho pensado nisso o tempo todo. Os outros não devem saber.

Pelorat interveio:

— Se tem medo de que nossa visita às outras propriedades em busca de informações sobre a Terra lhe traga complicações, pode ficar tranqüilo. Basta não revelarmos que estivemos aqui. Você tem nossa palavra.

Bander sacudiu a cabeça.

— Já me arrisquei demais. Não vou falar com os outros sobre vocês, é claro. Meus robôs não vão falar sobre vocês; vou providenciar para que se esqueçam de tudo a respeito da estada de vocês em Solaria. A nave será trazida cá para baixo e revistada...

— Espere! — protestou Trevize. — Quanto tempo acha que podemos esperar enquanto revista nossa nave? Queremos...

— Não estão em posição de querer nada — interrompeu Bander. Sinto muito. Gostaria de discutir muitas outras coisas com vocês, mas não estou disposto a correr o risco.

— Não entendo qual é esse risco.

— Não precisa entender, pequeno meio-humano. Vou fazer agora o que meus ancestrais teriam feito assim que vocês desembarcaram no planeta. Vou matá-los... todos os três.

CAPÍTULO 12: VOLTA À SUPERFÍCIE

51.

TREVIZE olhou imediatamente para Bliss. A moça estava com os olhos fixos em Bander. O rosto não revelava qualquer emoção. Parecia alheia ao que estava acontecendo.

Pelorat ficou de boca aberta, como se não acreditasse nos próprios ouvidos.

Trevize, sem saber exatamente o que Bliss seria capaz de fazer para salvá-los, lutou para superar uma imensa sensação de perda (não tanto a idéia de morrer, pensou, mas a idéia de morrer sem saber onde ficava a Terra, sem saber por que havia escolhido Gaia como futuro da humanidade). Era preciso ganhar tempo.

Fazendo o possível para conservar a voz firme, o rapaz começou:

— Bander, você se revelou uma pessoa gentil e educada. Não se irritou com nossa intrusão no seu planeta. Deu-se ao trabalho de nos mostrar pessoalmente sua propriedade e sua mansão, não se furtou de responder às nossas perguntas. Estaria muito mais de acordo com o seu caráter se nos deixasse partir agora. Ninguém jamais saberia que estivemos aqui e não temos nenhum motivo para voltar. Chegamos em paz, em busca de informação, e partiríamos em paz.

— O que está dizendo é verdade — concordou Bander, com um sorriso — e é por isso que até agora permiti que vivessem. No momento em que entraram na atmosfera de Solaria, suas vidas já não valiam mais nada. O que eu podia ter feito... o que devia ter feito... era matá-los assim que pousassem. Em seguida, meus robôs dissecariam os cadáveres e revistariam a nave. Informações a respeito dos Forasteiros são sempre bem-vindas.

“Não foi isso que fiz”. Cedi à curiosidade e à minha generosidade natural. Agora

basta. Não posso continuar. O que está em risco é a própria segurança de Solaria, pois se, por alguma fraqueza, permitisse que vocês me persuadissem a deixá-los partir, tenho certeza de que outros viriam.

“Entretanto, vocês têm um consolo”. A morte será indolor. Vou simplesmente aquecer o cérebro de vocês até que ele deixe de funcionar. Não sentirão nada. Mais tarde, depois que os robôs acabarem de dissecar e examinar os corpos, eles serão reduzidos a cinzas por um pulso de calor intenso e tudo estará terminado.

— Se vou morrer — disse Trevize —, nada tenho a opor a uma morte rápida e indolor, mas por que temos que morrer, quando não cometemos nenhum crime?

— A chegada de vocês a este planeta foi um crime.

— Não do ponto de vista moral, porque não tínhamos meios de saber que era um crime.

— É a sociedade local que define o que constitui um crime. Para vocês, pode parecer irracional e arbitrário, mas, para nós, não é. Como este é o nosso mundo, no qual temos todo o direito de decidir o que é certo e o que é errado, vocês cometeram um crime e merecem morrer.

.

Bander sorriu como se estivesse entretendo um grupo de convidados e prosseguiu:

— Também não podem se queixar com base em pretensas, virtudes morais. Você, por exemplo, carrega uma arma que utiliza um feixe de microondas para aquecer os tecidos da vítima até matá-la. Faz a mesma coisa que eu pretendo fazer com vocês, mas de forma muito mais cruel e dolorosa. Você, Trevize, não hesitaria em usá-la contra mim neste instante, se eu não tivesse tomado a precaução de descarregá-la e se fosse suficientemente tolo para permitir-lhe liberdade de movimentos.

Trevize protestou, desesperado, com medo de olhar para Bliss e atrair para ela a atenção de Bander:

— Por favor, não faça isso! Tenha pena de nós!

— Tenho que pensar primeiro em mim e no meu mundo. Por isso, vocês têm que morrer — disse Bander, subitamente sério.

Levantou a mão e imediatamente Trevize viu tudo escurecer.

52.

POR UM momento, Trevize sentiu a escuridão sufocá-lo e pensou consigo mesmo: Isto é a morte?

Como se fosse um eco para os seus pensamentos, ouviu um sussurro:

— Isto é a morte? Era a voz de Pelorat. Trevize tentou falar e descobriu que podia.

— Não precisa perguntar — disse, com uma imensa sensação de alívio. — O simples fato de estar falando significa que isto não é a morte.

— Muita gente acredita que existe vida depois da morte.

— Bobagem — resmungou Trevize. — Bliss? Você está aqui, Bliss?

Não houve resposta. Pelorat chamou também:

— Bliss? Bliss? Golan, que aconteceu?

— Bander deve estar morto — explicou Trevize. — Por isso, a propriedade ficou sem energia. Todas as luzes se apagaram.

— Mas como foi que... você acha que foi Bliss?

— Deve ter sido. Espero que não tenha saído ferida.

Trevize começou a rastejar na escuridão absoluta do complexo subterrâneo (sem contar o brilho ocasional, muito tênue, de um átomo radioativo desintegrando-se nas paredes).

De repente, sua mão tocou alguma coisa quente e macia. Apalpou-a e reconheceu uma perna, que segurou. Era muito pequena para pertencer a Bander.

— Bliss?

A perna se moveu com força, obrigando Trevize a largá-la.

— Bliss? Diga alguma coisa! — exclamou o rapaz.

— Estou viva — disse a voz de Bliss, curiosamente distorcida.

— Você está bem?

— Não.

Nesse momento, a luz voltou... muito fraca. As paredes começaram a brilhar, mas a luz aumentava e diminuía erraticamente.

Bander estava caído no chão, inerte. A seu lado, segurando-lhe a cabeça, estava

Bliss.

A jovem olhou para Trevize e Pelorat.

— O solariano está morto — declarou, com os olhos marejados de lágrimas.

Trevize estava atônito.

— Por que está chorando?

— Não deveria chorar, depois de ter matado uma criatura viva e inteligente? Não era essa a minha intenção.

Trevize abaixou-se para ajudá-la a levantar-se, mas Bliss o repeliu. Pelorat ajoelhou-se ao lado da moça e disse baixinho:

— Por favor, Bliss, nem mesmo você é capaz de trazê-lo de volta à vida. Conte-nos o que aconteceu.

A jovem permitiu que Pelorat a levantasse e disse, sem emoção:

— Gaia pode fazer a mesma coisa que os solarianos. Gaia pode lazer uso da distribuição desigual de energia no universo e transformá-la em trabalho útil, usando apenas o poder mental.

— Sei disso — afirmou Trevize, procurando acalmar a moça, mas sem saber muito bem como fazê-lo. — Lembro-me do nosso encontro no espaço, quando você... ou melhor, quando Gaia capturou nossa nave. Pensei nisso quando Bander me imobilizou, depois de tomar minhas armas. Você foi imobilizada, também, mas eu tinha certeza de que você poderia resistir, se quisesse.

— Pois estava enganado. Quando eu/nós/Gaia capturamos sua nave, eu e Gaia éramos uma coisa só. Agora, minha ligação com Gaia tem que ser feita através do hiperespaço, o que limita consideravelmente o que eu/nós/Gaia podemos realizar. Além do mais, Gaia faz o que faz através da conjugação dos esforços de cérebros humanos comuns; nenhum desses cérebros possui o equivalente aos lobos transdutores dos solarianos. Não podemos fazer uso da energia da mesma forma delicada, eficiente, descontraída que um ser como Bander. Não consigo nem iluminar direito esta sala... já estou ficando cansada apenas por manter a luz como está. Bander era capaz de fornecer energia para toda a propriedade, mesmo quando estava dormindo.

— Mas você o venceu — disse Trevize.

— Porque ele não conhecia meus poderes — explicou Bliss — e porque não fiz nada que chamasse sua atenção. Bander se preocupou muito mais com você, Trevize, o único que estava armado... mais uma vez, suas armas foram muito úteis... e tive a oportunidade de atingi-lo com um golpe rápido e inesperado, No

momento em que se preparava para matar-nos, quando toda a sua atenção estava concentrada nessa tarefa, e em você, arrisquei nesse único golpe. •

— E funcionou magnificamente.

— Como pode dizer uma coisa tão cruel, Trevize? Não pretendia matá-lo. Minha intenção era apenas impedi-lo de usar o transdutor. No momento de surpresa em que tentasse destruir nosso cérebro e descobrisse que continuávamos vivos, e que, além disso, a iluminação estava ficando cada vez mais fraca, usaria meus poderes para fazê-lo dormir e ao mesmo tempo liberaria o transdutor. Nesse caso, as luzes continuariam acesas e poderíamos sair da casa, entrar na nave e ir embora do planeta. Arranjaria as coisas de tal forma que, quando Bander finalmente acordasse, não se lembraria de nada a respeito da nossa visita. Gaia não tem desejo de matar ninguém, quando existem outros meios de atingir os mesmos objetivos.

— O que foi que deu errado, Bliss? — perguntou Pelorat.,

— Eu nunca havia encontrado nada parecido com aqueles lobos transdutores e não tivera oportunidade de examiná-los de perto. Limitei-me a bloqueá-los mais ou menos às cegas, e, ao que parece, a manobra não funcionou da forma desejada. Não foi a entrada da energia nos lobos que foi bloqueada, mas a saída dessa energia. A energia está sempre entrando nos lobos, mas, normalmente, o cérebro se protege descarregando o excesso. Quando bloqueei a saída, porém, a energia se acumulou nos lobos e, em fração de segundo, a temperatura subiu a tal ponto que as proteínas do cérebro coagularam e as células morreram. As luzes se apagaram e removi imediatamente o bloqueio, mas era tarde demais.

— Não vejo como poderia ter agido de outra forma, querida — disse Pelorat.

— Grande consolo, considerando que eu o matei.

— Bander estava disposto a nos matar — disse Trevize.

— Tinha razões para impedi-lo, não para matá-lo. Trevize hesitou. Não queria demonstrar a impaciência que estava sentindo; seria bobagem ofender ou irritar Bliss, que era, afinal de contas, sua única defesa naquele mundo extremamente hostil. Ele disse:

— Bliss, precisamos pensar nas conseqüências da morte de Bander. No momento, toda a propriedade está sem energia. Mais cedo ou mais tarde, talvez mais cedo do que pensamos, os solarianos se darão conta do fato e virão investigar. Não acho que você seja capaz de enfrentar simultaneamente vários nativos do planeta. Além disso, como você mesma confessou, não conseguirá nem mesmo manter as luzes desta sala acesas por muito tempo. É importante,

portanto, que a gente volte sem demora para a superfície e para a nossa nave.

— Como vamos fazer isso, Golan? — perguntou Pelorat. — Para chegar até onde estamos, atravessamos quilômetros de túneis tortuosos. Aqui embaixo deve ser um verdadeiro labirinto! Não tenho a menor idéia do que devemos fazer para voltar à superfície. E você?

Trevize olhou em volta e se deu conta de que Pelorat tinha razão. Ele disse para o outro:

— Deve haver muitas comunicações com a superfície... não precisamos voltar pela mesma que usamos na vinda.

— Está certo, mas não sabemos onde estão as passagens. Como vamos encontrar uma delas?

Trevize voltou-se para Bliss.

— Você pode detectar algo, mentalmente, que nos ajude a localizar uma saída?

— Todos os robôs da propriedade estão inativos — respondeu a moça. — Estou captando alguns traços de vida animal acima de nós, mas isso apenas revela que a superfície fica para cima, coisa que estamos fartos de saber.

— Então vamos ter que procurar uma saída — disse Trevize.

— É uma agulha num palheiro — disse Pelorat. — Pode levar anos!

— Não temos alternativa — disse Trevize. — Se ficarmos aqui, mais cedo ou mais tarde os solarianos nos pegarão. Vamos, temos que tentar!

— Espere — disse Bliss. — Estou captando mais alguma coisa!

— O quê? — perguntou Trevize.

— Pensamentos.

— Inteligência?

— Sim, mas limitada. Uma emoção, porém, é muito forte.

— Qual? — perguntou Trevize, lutando novamente para controlar a impaciência.

— Medo! Um medo incontrolável! — explicou Bliss.

53.

TREVIZE olhou em volta, desconsolado. Sabia por onde tinham entrado, mas não tinha nenhuma esperança de poder refazer o trajeto de vinda. Afinal, não tinha prestado nenhuma atenção às curvas do caminho. Quem teria imaginado que seriam forçados a voltar sozinhos, sem nenhuma ajuda, guiados apenas por uma luz mortiça?

— Acha que pode fazer o carro funcionar, Bliss? — perguntou para a moça.

— Tenho certeza, Trevize, mas isso não quer dizer que eu saiba como dirigi-lo.

— Acho que Bander dirigia o carro mentalmente — disse Pelorat — Pelo menos, não o vi mexer em nenhum controle durante a viagem.

— Eu sei, Pel — concordou Bliss. — Mas *como!* Suponha qual soubéssemos que Bander havia usado algum tipo de controles. Se não soubéssemos operar os controles, isso não ajudaria muito, não é?

— Você pode tentar — disse Trevize.

— Para tentar, vou ter que me concentrar tanto que duvido que consiga manter as luzes acesas. O carro não nos servirá de nada no escuro.

— Então vamos ter que procurar a saída a pé?

— Acho que sim.

Trevize olhou para a escuridão que cercava a área precariamente iluminada em que os três se encontravam. Não viu nada, não ouviu nada. Perguntou:

— Bliss, ainda está captando aquela criatura amedrontada?

— Estou, sim.

— Pode dizer onde está? Pode guiar-nos até lá?

— As ondas mentais se propagam em linha reta. Não são difratadas apreciavelmente pela matéria comum, de modo que tenho certeza de que está nessa direção.

A jovem apontou para um ponto na parede e disse:

— Acontece que não podemos atravessar a parede. O melhor que podemos fazer é seguir os corredores e escolher sempre o caminho para o qual as ondas se tornem mais fortes. Em outras palavras, acho que vamos ter que brincar de chicotinho-queimado!

— Então vamos logo.

— Espere, Golan — protestou Pelorat. — Tem certeza de que quer encontrar

essa criatura? Se está assustada, talvez haja motivo para ficarmos assustados, também.

Trevize sacudiu a cabeça, impaciente.

— Não temos escolha, Janov. Assustado ou não, é um ser inteligente, que talvez possa nos mostrar o caminho para a superfície.

— Vamos deixar Bander aqui? — perguntou Pelorat. Trevize puxou-o pelo braço.

— Vamos, Janov. Nesse caso também não temos escolha. Um dia algum solariano vai reativar a propriedade e um robô vai encontrar o corpo de Bander e cuidar dele... só espero que, quando isso acontecer, a gente esteja longe daqui!

Fez um gesto para que Bliss fosse na frente. A luz era sempre mais forte perto da jovem e ela parava em cada cruzamento, procurando localizar a fonte das transmissões mentais. Às vezes, experimentava um caminho, dava meia-volta e escolhia outra rota, enquanto Trevize a observava, impotente.

Cada vez que Bliss fazia uma escolha e se encaminhava com passos decididos em certa direção, a luz a precedia. Trevize observou que a luz parecia um pouco mais forte. Talvez seus olhos se estivessem habituando à penumbra. Podia ser também que Bliss estivesse aprendendo a energizar o sistema de iluminação de forma mais eficiente. A certa altura, quando passaram por um dos canos condutores de calor, a moça apoiou a mão na extremidade do cano e as luzes ficaram bem mais fortes. Bliss balançou a cabeça, como se estivesse satisfeita consigo mesma.

Nada parecia familiar. Trevize tinha certeza de que estavam em uma parte da mansão por onde não haviam passado para chegar às câmaras mortuárias.

O rapaz estava à procura de corredores que levassem para cima e também examinava constantemente o teto em busca de algo que lembrasse um alçapão. Como não apareceu nada semelhante, a única esperança continuava a ser a criatura amedrontada.

Caminhavam em silêncio, a não ser pelo som dos próprios passos, e no escuro, exceto pela luz que acompanhava Bliss. De vez em quando, encontravam um robô, sentado ou de pé, mas sempre imóvel. Uma vez, passaram por um robô que estava deitado no chão, os braços e pernas em posições grotescas. Tinha sido pego de surpresa pela falta de energia, pensou Trevize, e havia perdido o equilíbrio. Bander, vivo ou morto, não podia modificar a lei da gravidade. Provavelmente havia robôs inativos na superfície; talvez fosse a primeira coisa a atrair a atenção dos vizinhos.

Ou talvez não, pensou subitamente. Os solarianos deviam saber quando um deles estava para morrer de velhice. Nesse caso, a comunidade estaria preparada e alerta. Bander, porém, tinha morrido de repente, sem nenhum aviso, na flor da idade. Quem saberia? Quem estaria prestando atenção no comportamento dos seus robôs?

Pelorat murmurou, em tom preocupado:

— A ventilação deve ter parado! Um lugar como este, no subsolo, precisa de ventilação forçada. Com a morte de Bander, as máquinas de ventilação pararam de funcionar!

— Não se preocupe, Janov — disse Trevize. — O ar que existe aqui embaixo deve ser suficiente para vários anos.

— Já estou me sentindo meio sufocado...

— Janov, não vá me dizer que sofre de claustrofobia! Bliss, estamos chegando perto?

— Estamos quase lá, Trevize. A sensação é cada vez mais forte. A moça agora estava caminhando com mais segurança, hesitando menos nos cruzamentos.

— Está ali! — exclamou. — Bem à frente!

— Já estou ouvindo alguma coisa — observou Trevize.

Os três pararam e, instintivamente, prenderam a respiração. Ouviram alguém chorando baixinho. De vez em quando, o choro era interrompido por soluços.

Entraram em um salão e, quando as luzes se acenderam, verificaram, que, ao contrário de todos os aposentos que haviam visto até o momento, era ricamente mobiliado.

No meio do salão havia um robô, ligeiramente inclinado para a frente, com os braços estendidos no que parecia um gesto quase afetuoso. Naturalmente, o robô estava imóvel.

Houve um ruído atrás do robô. Um olho assustado apareceu por um instante. O choro continuou.

Trevize deu um passo em direção ao robô e, do outro lado, um pequeno vulto saiu correndo, gritando. Tropeçou, caiu e ficou onde havia caído, cobrindo os olhos, dando pontapés em todas as direções, como que para se defender de algum perigo iminente, gritando sem parar...

— É uma criança — observou Bliss, sem a menor necessidade.

54.

TREVIZE parou, surpreso. O que estaria fazendo ali uma criança? Bander tinha falado com tanto orgulho de sua solidão, de sua privacidade...

Pelorat foi o primeiro a encontrar a explicação.

— Este deve ser o sucessor — disse.

— É o filho de Bander, sim — concordou Bliss. — Mas acho que é jovem demais para herdar a propriedade. Os solarianos vão ter que arranjar outro sucessor.

A moça olhou para a criança, não com os olhos arregalados, mas de uma forma suave, hipnótica, e pouco a pouco os gritos diminuíram. A criança abriu os olhos e olhou para Bliss. Os gritos se transformaram em soluços.

Bliss falou com a criança, palavras doces, que pouco significavam em si mesmas, mas que serviam para reforçar o efeito calmante dos pensamentos da jovem. Era como se estivesse acariciando mentalmente o cérebro da criança, confortando-a, tranqüilizando-a.

Devagar, sem tirar os olhos de Bliss, a criança se pôs de pé. Ficou ali parada por um momento, com o corpo balançando para lá e para; depois, correu na direção do robô. Envolveu com os braços a perna da máquina, como se estivesse procurando refúgio.

— Acho que o robô é a ama da criança. Um solariano não pode cuidar de outro solariano, mesmo que seja seu filho.

— Suponho que seja hermafrodita — disse Pelorat.

— Tem que ser — afirmou Trevize.

Bliss, com a atenção concentrada na criança, aproximou-se lentamente, com as mãos à altura dos ombros, as palmas para trás, como que para mostrar à criaturinha que não tinha intenção de agarrá-la. A criança agora estava quieta, olhando fixamente para a moça enquanto segurava com força a perna do robô.

— Calma, criança — disse Bliss. —Está tudo bem... não há perigo... somos amigos...

Parou e, sem olhar para trás, disse em voz baixa:

— Pel, fale com ela. Diga-lhe que somos robôs e viemos cuidar dela porque faltou energia.

— Robôs? — exclamou Pelorat, chocado.

— Temos que nos fazer passar por robôs. A criança não tem medo de robôs. Ela nunca viu um ser humano, talvez nem mesmo saiba o que são os seres humanos.

— Vai ser difícil traduzir isso — disse Pelorat. — Não sei como é "robô" em galáctico arcaico.

— Então diga "robô" mesmo, Pel. Se a criança não entender, tente "coisa de metal". Faça o que puder.

Pelorat se dirigiu à criança, procurando falar bem devagar. A criança olhou para ele e franziu a testa, como se estivesse fazendo força para compreender.

— Aproveite para perguntar como se sai daqui — sugeriu Trevize.

— Não — disse Bliss. — Ainda não. Primeiro temos que conquistar a sua confiança para depois tentar obter informações.

A criança, que agora estava olhando para Pelorat, largou a perna do robô e começou a falar com uma voz musical, mas muito aguda.

— Está falando depressa demais para mim — disse Pelorat, preocupado.

— Peça-lhe para repetir mais devagar. Estou fazendo o possível para acalmá-la e remover seus temores.

Pelorat escutou de novo a criança e depois disse:

— Acho que está perguntando por que Jemby parou. Jemby deve ser o robô.

— Procure certificar-se, Pel. Pelorat falou com a criança, ouviu a resposta e disse para Bliss:

— Isso mesmo. Jemby é o robô. A criança se chama Fallom.

— Ótimo!

Bliss sorriu para a criança, um sorriso alegre, luminoso. Apontou para ela e disse:

— Fallom. Muito bem, Fallom. Você é valente. Colocou a mão no próprio peito e disse:

— Bliss.

A criança sorriu. Ficava muito bonita quando sorria.

— Bliss — repetiu, pronunciando mal o "s". Trevize interveio:

— Bliss, se você puder ativar o robô, talvez ele nos diga o que queremos saber. Se Pelorat consegue se entender com a criança, também vai conseguir se entender com o robô.

— Não — disse Bliss. — Isso seria um erro. A primeira obrigação do robô deve ser proteger a criança. Se for ativado e se vir diante de nós, diante de seres humanos desconhecidos, provavelmente nos atacará antes que tenhamos tempo de explicar nossa situação. Aqui não é lugar para seres humanos. Se eu tiver que desativá-lo de novo, não conseguiremos a informação e a criança, vendo o único pai que conhece ser desativado pela segunda vez... não, acho que não é uma boa idéia.

— Pelo que sei — disse Pelorat —, os robôs não podem fazer mal a seres humanos.

— Pode ser — concordou Bliss —, mas mesmo que ele não pretenda fazer mal a ninguém, terá que escolher entre o filho, ou a coisa mais próxima de um filho que um robô pode ter, e três objetos que talvez nem reconheça como seres humanos, mas apenas como intrusos perigosos. Naturalmente, escolherá a criança e nos atacará.

Voltou-se novamente para a criança.

— Fallom. Bliss. Apontou:

— Pel... Trev.

— Pel. Trev — repetiu a criança, obedientemente. Bliss chegou mais perto e estendeu os braços, bem devagar. A criança olhou para ela e recuou um passo.

— Calma, Fallom — disse Bliss. — Está tudo bem, Fallom. Venha, Fallom.

A criança deu um passo à frente e Bliss a encorajou:

— Isso mesmo, Fallom.

Bliss tocou com a mão o braço da criança, que estava exposto, já que ela usava, como o pai, apenas um manto aberto na frente e uma tanga. A moça retirou a mão, esperou um pouco e tornou a tocá-la de leve.

A criança semicerrou os olhos sob o efeito calmante da mente de Bliss.

As mãos de Bliss se moveram devagar, bem de leve, mal tocando a pele da criança, até os ombros, o pescoço, as orelhas e, finalmente, por baixo dos cabelos castanhos, até um ponto atrás e acima das orelhas.

Afinal, Bliss disse para os outros:

— Os lobos transdutores são muito pequenos. Os ossos do crânio ainda não se consolidaram naquela região. Existe apenas uma camada de cartilagem, que provavelmente vai se expandir aos poucos, à medida que os lobos forem crescendo, para depois ser substituída por osso, quando os lobos estiverem totalmente desenvolvidos... no momento, não creio que seja capaz de ativar o robô, ou mesmo de controlá-lo. Pergunte quantos anos tem, Pel.

Depois de conversar um pouco com a criança, Pelorat disse:

— Se entendi direito, tem quatorze anos.

— Não parece ter mais que onze — disse Trevize.

— Talvez o ano oficial neste planeta não seja o Ano Galáctico Padrão. Além disso, os Espaciais vivem muito mais que os seres humanos comuns e, se os solarianos são como os outros Espaciais, sua infância também é mais prolongada. Assim, a idade em anos não significa muita coisa.

— Chega de antropologia — disse Trevize, com impaciência. — Temos que chegar à superfície e estamos perdendo tempo. Pode ser que a criança não saiba como chegar à superfície. Pode ser que nunca tenha estado na superfície!

Bliss exclamou:

— Pel!

Pelorat sabia o que ela queria e teve uma longa conversa com Fallom. Depois, disse para os outros:

— A criança conhece o sol. Ela disse que já viu o sol. Eu *acho* que já viu algumas árvores. Não parecia muito certa do significado da palavra "árvore"... ou pelo menos da palavra que *eu* usei para tentar transmitir o significado de "árvore"...

— Está bem, Janov — disse Trevize. — E daí?

— Disse a Fallom que se nos ajudasse a chegar à superfície, talvez pudéssemos reativar o robô. Na verdade, eu disse que nós *reativaríamos* o robô quando chegássemos à superfície. Acha isso possível?

— Veremos quando chegar a hora — disse Trevize. — A criança concordou em guiar-nos?

— Concordou. Achei que se prometesse reativar o robô, ela teria uma boa razão para colaborar. Não gostaria de desapontá-la...

— Vamos — disse Trevize. — Já perdemos muito tempo. Se formos pegos aqui embaixo, aí mesmo é que você não vai poder cumprir sua promessa.

Pelorat disse alguma coisa para a criança, que começou a andar, mas parou e olhou para Bliss.

Bliss estendeu a mão e os dois saíram andando de mãos dadas. — Sou o seu novo robô — disse a moça, sorrindo. — Parece que ela aceitou bem a mudança — disse Trevize. Fallom continuou a caminhar, saltitante, e Trevize ficou pensando se a criança parecia feliz por influência de Bliss ou se, além disso, havia a novidade de visitar a superfície e de possuir três novos robôs, ou se seria a perspectiva de ter Jemby de volta. Não que fosse tão importante assim... contanto que a criança os ajudasse a encontrar a saída.

A criança parecia saber muito bem para onde estava indo; nas bifurcações, nem ao menos reduzia o passo. Será que conhecia realmente o caminho ou estava apenas brincando com eles, vagando ao acaso \ pelo labirinto subterrâneo?

Logo Trevize percebeu, pelo esforço que estava fazendo, que o caminho que seguiam levava para cima. A criança, que ia na frente, muito orgulhosa, apontou para alguma coisa e começou a falar. Trevize olhou para Pelorat, que pigarreou e disse:

— Acho que o que ela está dizendo é "saída".

— Espero que tenha entendido bem — disse Trevize. A criança largou a mão de Bliss e saiu correndo. Apontou para uma parte do piso que parecia mais escura que as vizinhanças. A criança chegou ali, pulou algumas vezes no mesmo lugar, com uma expressão cada vez maior de desapontamento no rosto, e começou a falar sem parar, com voz estridente.

Bliss disse, com uma careta:

— Vou ter que fornecer a energia... já estou ficando cansada disso! O rosto da moça ficou um pouco vermelho e as luzes piscaram, mas uma porta se abriu bem à frente de Fallom, que deu gritinhos de prazer. A criança passou correndo pela porta e os dois homens a seguiram. Bliss saiu por último e olhou para trás no momento em que as luzes no interior se apagaram e a porta tornou a se fechar. A moça parou para recuperar o fôlego. Parecia exausta.

— Até que enfim conseguimos sair — disse Pelorat. — Onde está a nave?

Estavam na superfície do planeta, banhados pela luz do crepúsculo.

— Acho que estava naquela direção — murmurou Trevize.

— Também acho — disse Bliss. — Vamos — acrescentou, estendendo a mão para Fallom.

Não havia nenhum ruído, a não ser o sussurro do vento e os sons dos animais. A certa altura, passaram por um robô que estava de pé, imóvel, ao lado de uma árvore, segurando um objeto de utilidade desconhecida.

Pelorat fez menção de aproximar-se, curioso, mas Trevize o deteve.

— Não temos nada com isso, Janov. Vamos andando. Passaram por outro robô, a uma distância um pouco maior, que estava caído no chão.

— Deve haver robôs espalhados por toda a propriedade — observou Trevize. Ah, ali está a nave! — exclamou, triunfante.

Apressaram o passo, mas de repente Fallom deu um grito agudo e todos pararam.

Próximo à nave estava estacionado um veículo aéreo primitivo, com um rotor que, além de frágil, dava a impressão de ser muito pouco eficiente. Ao lado do veículo, bloqueando o acesso do pequeno grupos de forasteiros a sua nave, havia quatro figuras humanas.

— Tarde demais — lamentou-se Trevize. — Perdemos muito tempo. E agora?

Pelorat observou, como se estivesse pensando em voz alta:

— Quatro solarianos? Não pode ser. Não ficariam juntos assim. Será que não passam de projeções holográficas?

— Eles são reais — afirmou Bliss. — Tenho certeza. Só que não são solarianos. Pelos padrões mentais, são todos robôs.

55.

— ENTÃO — disse Trevize, com firmeza —, vamos em frente! Continuou a andar na direção da nave e os outros o seguiram.

— O que pretende fazer? — perguntou Pelorat.

— Se são robôs, têm que obedecer a ordens.

Os robôs permaneceram onde estavam. Quanto chegaram mais perto, Trevize os observou atentamente.

Sim, deviam ser robôs. Os rostos, embora parecessem humanos na cor e na

textura, eram curiosamente desprovidos de expressão. Os quatro usavam uniformes que, a não ser pelo rosto, não deixavam de fora um único centímetro quadrado de pele. Até as mãos estavam cobertas por luvas feitas de um tecido fino mas opaco.

Trevize fez um gesto para que os robôs o deixassem passar.

Os robôs não se mexeram.

Trevize disse para Pelorat, em voz baixa:

— Fale com eles, Janov. Seja firme.

Pelorat pigarreou e falou devagar, em um tom de voz mais grave que o de costume, pedindo que os robôs abrissem caminho. Um dos robôs, que talvez fosse um pouquinho mais alto que os outros, disse alguma coisa com uma voz fria e incisiva.

Pelorat voltou-se para Trevize.

— Acho que ele disse que somos forasteiros.

— Diga que somos seres humanos e que deve nos obedecer.

O robô falou então em galáctico. Apesar do sotaque carregado, Trevize não teve dificuldade para compreender.

— Entendi o que disse, forasteiro. Eu falo galáctico. Nós somos Robôs Guardiões.

— Então você me ouviu dizer que somos seres humanos e que portanto deve nos obedecer.

— Somos programados para obedecer apenas aos governantes, forasteiro. Vocês não são governantes e não são solarianos. O governante Bander não respondeu na hora normal de Contato e viemos investigar o que aconteceu. É o nosso dever. Encontramos uma espaçonave que não foi fabricada em Solaria, vários forasteiros presentes e descobrimos que todos os robôs do governante Bander foram desativados. Onde está o governante Bander?

Trevize sacudiu a cabeça e disse, com voz pausada:

— Não sei do que está falando. Tivemos problemas com o computador da nossa nave. Viemos parar perto deste planeta desconhecido contra a nossa vontade. Pousamos para verificar nossa posição. Encontramos todos os robôs desativados. Não sabemos o que aconteceu aqui.

— Não é uma história plausível. Se todos os robôs da propriedade estão desativados e além disso falta energia, o governante Bander deve estar morto.

Não é lógico supor que o governante Bander, por coincidência, tenha morrido no momento em que vocês pousaram. Deve haver uma relação causal entre os dois acontecimentos.

— Mas não está faltando energia — protestou Trevize, com o único objetivo de mostrar a própria ignorância. — Caso contrário, você e os outros não estariam ativos.

— Nós somos Robôs Guardais — disse o robô. — Não pertencemos a nenhum governante, pertencemos a Solaria. Não somos movidos por nenhum governante, somos movidos por energia nuclear. Vou perguntar de novo: onde está o governante Bander?

Trevize olhou em torno. Pelorat parecia assustado. Bliss estava muito séria, mas tinha expressão serena. Fallom estava tremendo; Bliss colocou a mão no ombro da criança e ela se aquietou. (Será que Bliss a havia sedado?).

O robô disse:

— Vou perguntar pela última vez: onde está o governante Bander?

— Não sei — respondeu Trevize, de cara feia.

O robô fez um gesto e dois dos seus companheiros se afastaram.

— Meus companheiros vão revistar a casa — disse o robô. — Enquanto isso, prosseguirei o interrogatório. Passe-me os objetos que estão pendurados na sua cintura.

Trevize recuou um passo.

— São inofensivos.

— Fique onde está. Não perguntei se são perigosos. Pedi que me entregasse os objetos.

— Não.

O robô deu um passo à frente e esticou o braço. Antes que Trevize tivesse tempo de perceber o que estava acontecendo, a mão do robô pousou no seu ombro e começou a empurrá-lo para baixo. O rapaz caiu de joelhos.

— Passe os objetos — disse o robô, estendendo a outra mão.

— Não — gemeu Trevize.

Bliss se adiantou, tirou o desintegrador do coldre antes que Trevize, seguro pelo robô, pudesse impedi-la e ofereceu a arma ao robô.

— Tome, robô. Espere um instante... aqui está o outro. Agora solte meu

companheiro.

O robô recuou com as duas armas na mão e Trevize se pôs de pé devagar, com o rosto contraído de dor, esfregando o ombro esquerdo. (Fallom começou a chorar baixinho e Pelorat segurou-o no colo.). Bliss disse para Trevize, furiosa:

— Para que está discutindo com ele? Pode matar você com dois dedos!

Trevize murmurou, entre os dentes:

— Por que *você* não cuida dele?

— Estou tentando. Pode demorar. Sua mente é programada logicamente, difícil de ser influenciada. Preciso estudá-la melhor. Procure ganhar tempo.

— Não estude a mente dele. Destrua-o — disse Trevize, baixinho. Bliss olhou furtivamente para o robô. Estava examinando as armas atentamente, enquanto o outro robô que havia ficado vigiava os. Nenhum dos dois parecia interessado na conversa entre Trevize e Bliss.

— Não. Nada de destruição — disse a moça. — No primeiro mundo, matamos um cachorro e ferimos outro. Neste mundo, você sabe o que aconteceu. — (Outro olhar furtivo para os Robôs Guardais). — Gaia não gosta de sacrificar vidas ou inteligências desnecessariamente. Preciso de tempo para encontrar uma solução pacífica. A moça recuou um passo e olhou fixamente para o robô.

— Estes objetos são armas — disse o robô.

— Não são, não — negou Trevize.

— São, sim — disse Bliss. — Acontece que não funcionam. Em tão descarregadas.

— É mesmo? Por que ele levaria armas descarregadas na cintura? Talvez não esteja falando a verdade.

O robô empunhou uma das armas e colocou o dedo no gatilho.

— É assim que se faz para disparar?

— É — disse Bliss. — Só que não vai acontecer nada, porque está descarregada.

— Tem certeza? — perguntou o robô, apontando a arma para Trevize. — Se eu disparar a arma agora, não vai acontecer nada?

— Não — disse Bliss. Trevize ficou onde estava, paralisado de medo. Tinha verificado o desintegrador depois que Bander o devolvera e estava realmente descarregado. Entretanto, a arma que o robô estava apontando para ele era o chicote neurônico, que ele não havia testado.

Se o chicote ainda tivesse algum resíduo de energia, por menor que fosse, o que Trevize ia sentir faria a pressão da mão do robô parecer um afago.

Durante o serviço militar, Trevize, como os outros cadetes, tinha sido exposto a uma chicotada neurônica de baixa intensidade, apenas o suficiente para saber como era. O rapaz não sentia nenhum desejo de repetir a dose.

O robô apertou o gatilho, Trevize retesou o corpo... e nada aconteceu. O chicote também estava totalmente descarregado.

O robô olhou para Trevize e jogou as duas armas no chão.

— Como foi que essas armas ficaram descarregadas? — perguntou. — Se não funcionam, por que as carrega na cintura?

— Estou tão acostumado com elas que gosto de levá-las comigo, mesmo agora que não têm mais nenhuma utilidade — explicou Trevize. - Isso não faz sentido — disse o robô. — Vocês três estão sob custódia. Serão interrogados novamente e, se os governantes assim decidirem, serão desativados... Como se faz para entrar na nave? Preciso revistá-la.

— Não vai adiantar nada — disse Trevize. — Você não vai entender como funciona.

— Se eu não entender, os governantes entenderão.

— Eles também não vão entender.

— Então você explicará a eles.

— Não.

— Então será desativado.

— Se me desativarem, continuarão sem entender como a nave funciona.

Bliss sussurrou:

— Agüente mais um pouco. Estou começando a entender como o cérebro dele funciona.

O robô ignorou Bliss. (Seria o poder mental da moça?, pensou Trevize, e rezou para que estivesse certo.)

Sem tirar os olhos de Trevize, o robô disse:

— Se não quiser cooperar, teremos que desativá-lo parcialmente. Então nos revelará tudo o que queremos saber.

De repente, Pelorat exclamou, com voz esganiçada:

— Ei, você não pode fazer isso! Guardião, você não pode fazer isso!

— Tenho minhas instruções — disse o robô tranqüilamente. — Claro que posso fazer isso. Naturalmente, procurarei limitar os danos ao mínimo necessário para obter a informação.

— Escute! Somos forasteiros, eu e meus dois amigos, mas esta criança — Pelorat olhou para Fallom, que ainda estava no seu colo — nasceu em Solaria. Vocês têm que obedecer a ela.

Fallom olhou para Pelorat com olhos que estavam abertos, mas pareciam vazios.

Bliss fez que não com a cabeça, mas Pelorat pareceu não notar.

Os olhos do robô se detiveram em Fallom por um momento. Ele disse:

— A criança não tem importância. Ela não possui lobos transdutores.

— Os lobos transdutores ainda não estão desenvolvidos — disse Pelorat, ofegante — porque ele ainda é muito jovem. Mesmo assim, é um solariano.

— Enquanto não tiver lobos transdutores desenvolvidos, não será um solariano. Não sou obrigado a protegê-lo ou a obedecer a sua ordens.

— Mas ele é filho do governante Bander!

— É mesmo? Como sabe?

Pelorat começou a gaguejar, como costumava fazer quando ficava nervoso.

— Co... co... como poderia haver o... outra criança aqui?

— Como sabe que só há uma criança?

— Você viu mais alguma?

— Sou eu que faço as perguntas!

Nesse momento, a atenção do robô foi atraída pelo companheiro, que tocou-lhe o braço. Os outros dois robôs, que tinham sido enviados para examinar a casa, estavam voltando com passos rápidos, mas que, mesmo assim, tinham certa irregularidade.

Todos ficaram calados esperando que se aproximassem. Então, um deles disse alguma coisa em solariano e os quatro robôs pareceram perder toda a elasticidade. Era como se estivessem confusos e deprimidos.

— Encontraram Bander — disse Pelorat, antes que Trevize tivesse tempo de silenciá-lo com um gesto.

O robô se voltou para Pelorat e disse, com voz pastosa:

— O governante Bander está morto. Pelo que acaba de dizer, você já sabia disso. Como foi que ele morreu?

— Como é que ele vai saber? — interveio Trevize.

— Você sabia que ele estava morto — insistiu o robô, ignorando Trevize. — Sabia que o encontraríamos dentro da casa. Como poderia saber se não tivesse estado lá... se não o tivesse matado?

O robô estava pronunciando melhor as palavras. Já se tinha recuperado do choque.

— Como poderíamos ter matado Bander? — perguntou Trevize. — Com seus lobos transdutores, ele não nos deixaria nem chegar perto...

— Como você sabe do que os lobos transdutores são capazes?

— Você mesmo falou desses lobos.

— Apenas os mencionei. Não os descrevi nem enumerei suas qualidades.

— O conhecimento me foi revelado em um sonho.

— Esta explicação não é plausível.

— Imaginar que fomos nós os culpados também não é uma explicação plausível para a morte de Bander.

Pelorat acrescentou:

— Seja como for, se o governante Bander está morto, esta propriedade agora pertence ao governante Fallom. Vocês devem obediência a ele.

— Já expliquei — disse o robô — que um descendente sem lobos transdutores desenvolvidos não é um solariano e portanto não pode ser um Sucessor. Outro Sucessor, da idade apropriada, será enviado para cá assim que comunicarmos a morte do governante Bander.

— O que será feito do governante Fallom?

— Não existe nenhum governante Fallom. Existe apenas uma Criança e temos um excesso de crianças. Ela será eliminada.

— Vocês não teriam coragem! — protestou Bliss. — Uma pobre criança indefesa!

— Não serei eu o executor da tarefa — disse o robô — nem muito menos o responsável pela decisão. A questão estará a cargo dos governantes. Sei, porém, o que os governantes costumam decidir quando há excesso de crianças.

— Não pode ser!

— A criança não vai sentir nada... Vejo que está chegando outra nave. Devemos entrar na casa que era do governante Bander e convocar o Conselho por

holovisão para escolher um Sucessor e decidir o que será feito com vocês... Passe-me a criança.

Bliss arrancou o corpinho semiconsciente de Fallom das mãos de Pelorat. Apertando-o com força, disse para o robô:

— Não toque nesta criança!

O robô deu um passo à frente e estendeu o braço. Bliss desviou-se, mas o robô não interrompeu o movimento. Inclinou-se para a frente, equilibrou-se por um momento nas pontas do pés e depois caiu de bruços no chão. Os outros três ficaram imóveis, os olhos sem brilho.

Bliss estava soluçando de raiva e de tristeza.

— Estava quase descobrindo como controlá-los, mas ele me fez agir antes do tempo. Fui obrigada a desativar todos os quatro... Agora vamos sair daqui antes que a outra nave pouse. Chega de robôs por hoje!

PARTE CINCO: MELPOMENIA

CAPÍTULO 13: SAINDO DE SOLARIA

56.

A PARTIDA foi rápida. Trevize apanhou as armas no chão, abriram a escotilha e entraram correndo na nave. Só depois da decolagem foi que Trevize percebeu que Fallom também estava a bordo.

Provavelmente não teriam escapado a tempo se as aeronaves de Solaria não fossem tão primitivas. A segunda nave tinha levado um tempo enorme para pousar. Por outro lado, o computador do *Estrela Distante* não precisara de mais que alguns segundos para fazer a nave gravítica deixar o planeta.

Embora o fato de a nave não estar sujeita à atração gravitacional (e portanto à inércia) eliminasse os efeitos da aceleração sobre os passageiros, que de outra forma teriam sido intoleráveis, tal a pressa com que haviam decolado, a resistência do ar era uma realidade que não podia ser ignorada. A temperatura externa do casco aumentou rapidamente, atingindo valores maiores que os recomendados nas especificações da nave.

Enquanto subiam, podiam ver várias outras naves se aproximarem da casa de Bander. Trevize imaginou quantos robôs Bliss conseguiria enfrentar ao mesmo tempo e chegou à conclusão de que se tivessem ficado mais quinze minutos em Solaria, estariam perdidos.

Uma vez no espaço (ou quase no espaço, cercados apenas pela tênue exosfera planetária), Trevize dirigiu a nave para o lado noturno do planeta. Era apenas um pulo, já que haviam decolado no final da tarde. No escuro, o *Estrela Distante* poderia esfriar mais depressa, em quanto continuava a se afastar do planeta em uma órbita em espiral Pelorat saiu do quarto que dividia com Bliss e disse:

— A criança está dormindo tranqüila. Nós a ensinamos a usar o banheiro e ela aprendeu depressa.

— Isso não me surpreende. Em casa, devia dispor de instalações parecidas com as nossas.

— Não vi nenhuma lá, e olhe que estava procurando — disse Pelorat. — Voltamos para a nave bem a tempo.

— É mesmo. Mas por que trouxemos a criança conosco? Pelorat encolheu os ombros.

— Bliss não queria deixá-la. Era como salvar uma vida para compensar a que ela tirou. Bliss ainda não se conformou...

— Eu sei — disse Trevize.

— É uma criança bem estranha — disse Pelorat.

— Sendo hermafrodita, era de se esperar — disse Trevize.

— Tem um par de testículos...

— Eu já imaginava.

— E o que eu só posso descrever como uma vagina muito pequena. Trevize fez uma careta.

— Repugnante.

— Nem tanto, Golan — protestou Pelorat. — É adaptada às necessidades locais. Dela sai apenas um óvulo fertilizado, ou um embrião muito pequeno, que é então cultivado em laboratório por robôs especializados.

— O que aconteceria se o sistema de robôs deixasse de funcionar? Os solarianos não poderiam mais ter filhos.

— Qualquer mundo enfrentaria sérios problemas se sua estrutura social entrasse em colapso.

— Não que eu fosse morrer de pena dos habitantes de Solaria...

— Tenho que admitir que não é um mundo simpático — disse Pelorat. — Acontece que os solarianos são muito diferentes de nós, meu velho amigo. Se não fosse a população local e os robôs, você teria um mundo...

— ... que em pouco tempo estaria tão devastado quanto Aurora — disse Trevize. — Como está Bliss, Janov?

— Exausta. No momento, está dormindo. Ela passou por um mau pedaço, Golan.

— Todos nós passamos. Trevize fechou os olhos e descobriu que também estava precisando dormir um pouco. Antes, porém, precisava certificar-se de que os solarianos não dispunham de naves espaciais.

Pensou com irritação nos dois planetas dos Espaciais que haviam visitado: um, habitado por cães selvagens; o outro, por hermafroditas hostis; em nenhum dos dois, nenhuma pista, por pequena que fosse, para a localização da Terra. Fallom era tudo o que havia restado da dupla visita.

Abriu os olhos. Pelorat ainda estava sentado do outro lado do computador, observando-o.

Trevize disse bruscamente:

— Devíamos ter deixado a criança em Solaria.

— Pobrezinha... eles a teriam matado!

— Mesmo assim. O lugar dela era lá. Ela pertence àquela sociedade. Ser executado por ser considerado supérfluo faz parte do jogo.

— Meu velho amigo, que coisa cruel de se dizer!

— Estou sendo *prático.* Não sabemos direito como cuidar da criança... pode ser que acabe morrendo de qualquer maneira. O que é que ela come?

— O mesmo que nós, suponho. O problema é: o que é que *nós* vamos comer? Como estamos de suprimentos?

— Muito bem. Mesmo contando com o novo passageiro Pelorat não parecia entusiasmado com a resposta. Ele disse:

— Já estou farto da comida de bordo. Devíamos ter comprado alguns mantimentos em Comporellon... não que a cozinha deles fosse lá essas coisas, mas...

— Não pudemos, lembra-se? Tivemos que partir às pressas, como aliás aconteceu também em Aurora e em Solaria. Afinal, que há de errado com um pouco de monotonia? Pode estragar o prazer da gente, mas pelo menos nos mantém vivos.

— Seria possível reabastecer a nave em caso de necessidade?

— Claro, Janov. Com uma nave gravítica e motores hiperespaciais, a Galáxia passa a ser pequena. Em poucos dias, poderíamos atravessá-la de uma extremidade a outra. Acontece, porém, que metade dos planetas da Galáxia já deve saber que a Fundação quer sua nave de volta, de modo que prefiro manter-me afastado dos grandes centros.

— Faz muito bem... reparou que Bander não parecia interessado na nave?

— Até certo ponto, isso é compreensível. Há muito tempo que os solarianos devem ter renunciado às viagens espaciais. Seu desejo de isolamento é tão grande que seria uma contradição se saíssem do planeta para visitar outros mundos.

— Que vamos fazer agora, Golan?

— Temos um terceiro conjunto de coordenadas para verificar

— A julgar pelo resultado das duas primeiras tentativas, nem sei se vale a pena...

— Nem eu, mas assim que eu puser o sono em dia, vou pedir ao computador para calcular o nosso curso para o terceiro planeta.

57.

TREVIZE dormiu muito mais do que pretendia, mas aquilo não fez a menor diferença. A bordo da nave não havia nem dia nem noite e o ritmo circadiano nem sempre era obedecido. Ninguém dava muita importância ao relógio; era relativamente comum que Trevize, Pelorat e Bliss (principalmente esta última) comessem e dormissem a intervalos extremamente irregulares.

Trevize estava até pensando, enquanto enxugava a espuma (para economizar água, os três se tinham acostumado a enxugar a espuma em vez de tirá-la com água), em voltar para a cama por uma hora ou duas, quando se voltou e deu de cara com Fallom, inteiramente despido. O rapaz deu um pulo, o que, no espaço restrito do banheiro, não poderia fazer sem esbarrar violentamente em alguma coisa dura. Praguejou.

Fallom estava olhando para ele com interesse e apontando para o pênis de Trevize. Suas palavras eram incompreensíveis, mas a criança parecia não acreditar no que via. Trevize instintivamente cobriu o pênis com as mãos.

Foi então que Fallom disse, com sua voz de soprano:

— Saudações.

Trevize teve um leve sobressalto quando percebeu que a criança estava falando em galáctico, mas a palavra parecia ter sido memorizada. Fallom prosseguiu com esforço, destacando as palavras:

— Bliss... dizer... você... me... lavar.

— É mesmo? — exclamou Trevize. Colocou as mãos nos ombros da criança.

— Você... fique... aqui. Apontou para o chão e Fallom, naturalmente, olhou para onde Trevize estava apontando. Não parecia ter compreendido a frase.

— Não saia daí — disse Trevize, segurando a criança com firmeza pelos dois braços e comprimindo-os contra o corpo, para indicar imobilidade. Enxugou-se rapidamente e vestiu-se mais depressa ainda. Saiu do banheiro e gritou, furioso:

— Bliss!

A moça apareceu imediatamente na porta do quarto e disse, sorrindo:

— Está me chamando, Trevize, ou o que ouvi foi o som da brisa suave acariciando as folhas das árvores?

— Não estou achando graça, Bliss. O que é isso? — perguntou Trevize, apontando para o banheiro.

A moça olhou na mesma direção e disse:

— Ora, parece a criança solariana que trouxemos ontem para bordo.

— A criança que *você* trouxe para bordo. Por que quer que eu dê banho nela?

— Pensei que você fosse gostar da idéia. É uma criatura muito inteligente. Está aprendendo a falar galáctico comigo. Nunca esquece nada que lhe ensino. Naturalmente, estou usando meus poderes mentais para facilitar as coisas.

— Naturalmente.

— Faço o que posso para mantê-la calma. Conservei-a em uma espécie de torpor enquanto estávamos no planeta. Depois que partimos, cuidei para que dormisse bastante e agora estou tentando fazê-la aceitar a perda de Jemby, de quem, aparentemente, gostava muito.

— De modo que ela vai acabar gostando daqui...

— Espero que sim. Tem a vantagem de ser muito jovem e portanto adaptável. Vou ensiná-la a falar galáctico.

— Então *você* fica encarregada de dar banho nela, está bem? Bliss deu de ombros.

— Está bem, se você insiste, mas gostaria de que ela se sentisse à vontade com todos nós. Para isso, achei que uma boa idéia seria nós nos revezarmos no papel de pais. Posso contar com a sua cooperação?

— Não a ponto de dar banho na criança. E quando terminar, livre-se dela. Quero falar com você em particular.

Bliss perguntou, em tom hostil:

— O que quer dizer com "livre-se dela"?

— Não estou dizendo para jogá-la para fora da nave. Deixe-a no seu quarto. Mande-a sentar-se num canto. Preciso falar com você.

— Estarei ao seu dispor — disse Bliss, friamente.

Trevize ficou onde estava por um momento, procurando acalmar-se; depois, foi até a sala de comando e ligou o telescópio.

Solaria era um disco escuro, com um crescente luminoso do lado esquerdo. Trevize colocou as mãos sobre a mesa e imediatamente a raiva passou. A ligação entre homem e computador era uma atividade absorvente; através de um reflexo condicionado, o rapaz associava o contato com o computador a uma serenidade absoluta.

Não havia nenhum objeto artificial entre a nave e o planeta. Os solarianos (ou seus robôs) não os estavam seguindo.

Muito bem. Podiam então sair da sombra. Mesmo que não mudasse o curso, a nave acabaria por entrar na zona iluminada, pois, ao afastar-se de Solaria, o tamanho aparente do planeta ficaria menor que o do sol do seu sistema.

Instruiu o computador para tirar a nave do plano da eclíptica, já que isso lhe permitiria acelerar a nave com maior segurança. Assim, chegariam mais depressa a uma região em que a curvatura do espaço fosse suficientemente pequena para permitir um Salto seguro.

Como freqüentemente acontecia nessas ocasiões, Trevize ficou apreciando as estrelas, quase hipnóticas em sua imobilidade. Toda a turbulência e instabilidade eram eliminadas pela distância, que as transformava em pontinhos luminosos.

Um desses pontinhos podia muito bem ser o sol em torno do qual a Terra girava... o Sol original, cuja radiação havia banhado as primeiras formas de vida, cujo calor havia aquecido os primeiros seres humanos da Galáxia.

Se os mundos dos Espaciais giravam em torno de estrelas que eram membros brilhantes e proeminentes da família estelar e que mesmo assim não figuravam

no mapa da Galáxia que estava na memória do computador, o mesmo podia acontecer com o sol da Terra.

Ou seriam apenas os sóis dos planetas dos Espaciais que tinham sido omitidos, graças a algum tratado antigo que os havia deixado isolados do resto da Galáxia. Estaria o sol da Terra incluído no mapa da Galáxia, mas sem nada que o distinguisse dos milhares e milhares de estrelas da mesma classe?

Afinal, havia uns trinta bilhões de estrelas como o Sol na Galáxia, e dessas estrelas uma em cada mil, aproximadamente, possuía pelo menos um planeta habitável. Podia haver mais de mil planetas habitáveis em um raio de algumas centenas de parsecs da posição em que se encontravam no momento. Seria praticável investigar todas essas estrelas, uma por uma?

E se o Sol original nem estivesse naquele setor da Galáxia? Quantas outras regiões estavam convencidas de que o Sol estava nas vizinhanças, de que *eles* tinham sido os primeiros colonizadores?

Precisava de informações mais precisas que as que conseguira obter até o momento. Tinha quase certeza de que nem mesmo uma investigação minuciosa das ruínas milenares de Aurora revelaria alguma coisa a respeito localização da Terra. Duvidava também de que os solarianos pudessem contribuir para a solução do enigma.

Afinal, se todas as referências à Terra haviam desaparecida da grande Biblioteca de Trantor, se não restava nenhuma recordação da Terra na grande Memória Coletiva de Gaia, era pouco provável que restasse alguma informação útil a respeito da Terra nos mundos perdidos dos Espaciais.

O que aconteceria, se, por um golpe de sorte, conseguisse encontrar o sol da Terra e, conseqüentemente, a própria Terra? Alguma força estranha o obrigaria a esquecer-se do fato? As defesas da Terra seriam intransponíveis? Os atuais habitantes do planeta estariam decididos a permanecer ocultos do resto da Galáxia, custasse o que custasse?

Afinal de contas, o que é que estava procurando?

Seria a Terra? Ou uma falha no Plano de Seldon, que acreditava (por alguma razão obscura) poder encontrar na Terra?

O Plano de Seldon estava funcionando há mais de quinhentos anos e culminaria (assim se dizia) com o Segundo Império Galáctico, maior, mais justo e mais duradouro que o primeiro. Mesmo assim, ele, Trevize, havia votado contra o Segundo Império e a favor da Galáxia Viva.

A Galáxia Viva seria um organismo único, de tamanho descomunal, enquanto que o Segundo Império Galáctico, por mais organizado que fosse, não passaria de uma união de organismos independentes, cada um de dimensões microscópicas em comparação com o todo. O Império representaria mais um exemplo do tipo de associação de indivíduos livres que sempre havia caracterizado as aglomerações humanas. O Segundo Império Galáctico talvez fosse o maior e mais desenvolvido dos exemplares da espécie, mas mesmo assim seria apenas mais um membro dessa espécie.

Para que a Galáxia Viva, um membro de uma espécie totalmente diferente de organização, fosse preferível ao Segundo Império Galáctico, era preciso que houvesse uma falha no Plano, alguma coisa que nem o próprio Hari Seldon houvesse previsto.

Mas se havia mesmo uma falha no plano, o que é que ele, Trevize, poderia fazer? Não era matemático; não sabia nada, absolutamente nada, a respeito dos detalhes do Plano; nem seria capaz de compreender, se alguém tentasse explicar-lhe.

Tudo o que conhecia eram as duas hipótese básicas. Primeira: que houvesse um grande número de seres humanos envolvidos. Segunda que nenhum deles conhecesse as previsões do Plano. A primeira hipótese era certamente realista, dada a enorme população da Galáxia; a segunda tinha que ser verdadeira, já que os únicos que conheciam os detalhes a respeito do Plano eram os membros da Segunda Fundação, que guardavam ciosamente o segredo.

Tudo o que podia restar era alguma hipótese adicional, não explicitada por Seldon, alguma coisa tão natural, tão óbvia que jamais tivesse sido mencionada... e que no entanto pudesse ser falsa. Uma hipótese que, *se fosse* falsa, impediria a conclusão triunfal do Plano e tornaria a Galáxia Viva preferível ao Império.

Mas se a hipótese era tão óbvia e natural que ninguém se lembrava de mencioná-la, como poderia ser falsa? E se ninguém se referia a ela, ou a levava em conta, como poderia Trevize ter conhecimento de sua existência?

Seria ele um homem com uma intuição infalível, como Gaia parecia acreditar? Saberia sempre o que fazer, mesmo que não conhecesse as próprias razões?

Agora estava visitando os mundos dos Espaciais... seria a coisa certa a fazer? A resposta estaria nos mundos dos Espaciais... ou pelo menos o início da resposta?

O que havia em Aurora além de ruínas e cães selvagens? (E, provavelmente, outras criaturas ferozes. Touros furiosos? Ratos gigantes? Gatos assassinos?) Solaria era habitado por seres inteligentes, mas qual a relação entre ele, Trevize, e aqueles estranhos homens e robôs? O que é que esses dois mundos tinham a

ver com o Plano de Seldon, a menos que contivessem alguma pista para a localização da Terra?

Mesmo que isso fosse verdade, o que é que a *Terra* tinha a ver com o Plano de Seldon? Tudo aquilo seria loucura? Será que ele se tinha deixado levar por uma fantasia infantil?

Uma sensação de vergonha se apossou de Trevize a ponto de quase impedi-lo de respirar. Olhou para as estrelas, remotas, impessoais, e pensou: devo ser O Grande Idiota da Galáxia.

58.

A voz de Bliss interrompeu-lhe os devaneios.

— Então Trevize, o que é que você queria discutir... ei, aconteceu alguma coisa?

A moça parecia genuinamente preocupada. Trevize olhou para ela e, por um momento, não conseguiu sair da depressão em que se encontrava. Mesmo assim, respondeu:

— Não, não aconteceu nada... eu estava apenas pensando. Sabe, uma vez ou outra eu também penso.

A lembrança de que Bliss era capaz de detectar suas emoções o deixava inquieto. Tinha apenas a palavra da moça de que não tentaria examinar-lhe a mente.

Entretanto, Bliss pareceu aceitar a negativa sem pestanejar. Ela disse:

— Pelorat está com Fallom, ensinando-lhe algumas frases em galáctico. Parece que a criança pode comer o que nós comemos sem nenhum problema... mas afinal sobre que assunto você queria falar comigo?

— Aqui, não — disse Trevize. — No momento o computador não precisa de mim. Se quiser vir para o meu quarto, a cama está feita e você pode sentar-se nela enquanto eu me sento na cadeira. Ou o contrário, se preferir.

— Tanto faz.

Encaminharam-se para o quarto de Trevize. Bliss olhou para o rapaz, desconfiada.

— Você não parece mais furioso.

— Andou lendo meus pensamentos?

— Nada disso. Apenas reparei na sua expressão.

— Não estou furioso. Posso perder a paciência uma vez ou outra, mas isso é diferente de ficar furioso. Agora, se não se importa, gostaria de fazer-lhe algumas perguntas.

Bliss se sentou na cama de Trevize, com o corpo ereto e uma expressão solene nos olhos castanho-escuros. Os cabelos negros estavam penteados e o corpo exalava um leve odor de perfume.

Trevize sorriu.

— Você se enfeitou antes de vir para cá. Deve achar que eu não teria coragem de gritar com uma mocinha bonita.

— Pode gritar comigo quanto quiser, se isso o faz sentir-se melhor. O que não quero é que grite com Fallom.

— Não pretendo gritar com ele. Nem com você. Não resolvemos que íamos ser amigos?

— Gaia sempre foi seu amigo, Trevize.

— Não estou falando de Gaia. Sei que você é parte de Gaia e que você é Gaia. Mesmo assim, existe alguma coisa pessoal em você. Estou falando com alguém chamado Bliss. Não resolvemos que íamos ser amigos, Bliss?

— Resolvemos, Trevize.

— Então por que custou tanto para cuidar dos robôs em Solaria depois que saímos da casa de Bander? Eles me humilharam, me machucaram e você não fez nada. A cada momento nossa situação se tornava mais perigosa e você não fez nada.

Bliss olhou para ele, muito séria, e falou como se estivesse querendo explicar os seus atos e não justificá-los.

— Eu estava fazendo alguma coisa, Trevize. Estava estudando as mentes dos Robôs Guardiões, tentando descobrir como controlá-los.

— Eu sei que era isso que você estava fazendo. Pelo menos, foi o que me disse na ocasião. Acontece que não me parece razoável. Para que controlar os robôs quando você era perfeitamente capaz de desativá-los, como aliás acabou fazendo?

— Acha que é tão fácil destruir um ser inteligente?

Os lábios de Trevize se contraíram em uma expressão de desagrado.

— Ora, deixe disso, Bliss. Um *ser* inteligente? Era apenas um robô!

— Apenas um robô? — O tom de voz da moça perdeu um pouco da frieza. — É sempre o mesmo argumento. Apenas. Apenas! Por que o solariano hesitaria em matar-nos? Éramos apenas seres humanos sem transdutores. Por que deveríamos ter pena de Fallom? Era apenas uma criança de outra raça. Se começar a desprezar a tudo e a todos com um é apenas isso ou apenas aquilo, sentir-se-á livre para eliminar qualquer coisa que o esteja incomodando no momento. Sempre haverá uma desculpa.

— Não leve uma observação razoável a tornar-se ridícula. O robô era apenas um robô. Não há como negar isso. Ele não era humano. Não era inteligente. Era uma máquina projetada para imitar um comportamento inteligente.

— Com que segurança você fala de coisas que desconhece por completo! — exclamou Bliss. — Eu sou Gaia. Sim, sou Bliss, também, mas sou Gaia. Sou um mundo que considera cada átomo precioso e importante, e qualquer organização de átomos ainda mais preciosa e importante. Eu/nós/Gaia jamais desfazemos levianamente uma organização, mas temos o maior prazer em incorporá-la a uma organização mais complexa, contanto que isso não prejudique o conjunto.

"A mais alta forma de organização que conhecemos produz a inteligência; a destruição da inteligência nos traz profundo pesar". O fato de se tratar de inteligência mecânica ou bioquímica é irrelevante. Na verdade, o Robô Guardião representava uma forma de inteligência que eu/nós/Gaia nunca havíamos encontrado. Estudá-la constituía uma experiência maravilhosa. Destruí-la seria inadmissível... a não ser como último recurso.

Trevize disse secamente:

— Havia três inteligências maiores em risco: a sua, a de Pelorat, o ser humano que você ama, e, se me permite, a minha.

— Quatro! Você se esqueceu de Fallom... Não, não estávamos correndo nenhum risco... pelo menos, foi o que pensei na ocasião. Escute... suponha que estivesse diante de uma pintura, uma obra-prima, cuja existência significasse a morte para você. Tudo o que teria a fazer seria dar uma pincelada ao acaso no meio da pintura e pronto, ela estaria mutilada para sempre e você estaria salvo. Suponha, porém, que se você examinasse a pintura com atenção e acrescentasse um retoque aqui, outro ali, removesse um pequeno trecho em um terceiro lugar c assim por diante, conseguiria modificar a pintura o suficiente para escapar à morte, mas ela continuaria a ser uma obra-prima. Naturalmente, as alterações teriam que ser feitas com extremo cuidado. Levaria tempo, mas se você

dispusesse desse tempo, certamente seria preferível salvar tanto a sua vida como a pintura.

— Talvez — disse Trevize. — Mas no fim você mutilou a pintura. Deu uma pincelada ao acaso e acabou com todos os leves retoques, com todas as pequenas sutilezas de cor e de forma. E só fez isso quando achou que o pequeno hermafrodita estava em perigo. Enquanto as vidas em risco eram a minha, a de Pelorat e a sua própria, você não tez nada.

— Nós, forasteiros, não estávamos correndo um risco *imediato.* Com Fallom, porém, era diferente. Tive que escolher entre Fallom e os Robôs Guardiões, e tive que escolher depressa. Você já sabe que escolhi Fallom.

— Foi assim mesmo, Bliss? Uma avaliação instantânea, uma comparação entre duas inteligências, para decidir qual das duas valia mais a pena salvar?

— Isso mesmo.

— E se lhe disser que na hora só viu uma criança indefesa na sua frente? Uma pobre criança em perigo? O instinto maternal entrou em ação e você agiu rapidamente, ao passo que antes, quando as vidas de três adultos estavam em jogo, era toda lógica e moderação...

Bliss enrubesceu.

— Pode ser que eu tenha sentido pena da criança, mas não agi irracionalmente como você parece insinuar. Não, fiz o que me parecia mais lógico na ocasião.

— Não concordo. Se você estivesse pensando logicamente, perceberia que a criança estava sofrendo o mesmo tratamento que a maioria das crianças nascidas naquele planeta. Quem sabe quantos milhares de crianças foram mortas para manter a população de Solaria no nível considerado ideal pelos seus habitantes?

— Não é só isso, Trevize. A criança ia ser morta porque era jovem demais para ser um sucessor, e isso porque seu pai havia morrido prematuramente, e *isso* porque eu havia matado o seu pai.

— Em legítima defesa.

— Isso não importa. Eu matei o pai. Não podia ficar impassível e permitir que o filho sofresse as conseqüências do meu ato... Além disso, havia a oportunidade de estudarmos um cérebro que nunca foi estudado por Gaia.

— Um cérebro de criança.

— Não será um cérebro de criança por muito tempo. Em breve, os lobos transdutores começarão a se desenvolver. Esse lobos dão aos solarianos poderes

maiores que os de Gaia. Tive que fazer um grande esforço apenas para manter umas poucas luzes acesas. Bander era capaz de fornecer energia para uma propriedade tão grande em tamanho e complexidade quanto a cidade que vimos em Comporellon... e fazer isso mesmo quando estava dormindo.

— Então você considera a criança como um interessante objeto de pesquisa neurológica.

— De certa forma, sim.

— Não é assim que eu a vejo. Para mim, ela é um passageiro perigoso. Muito perigoso.

— Perigoso por quê? A criança se adaptará perfeitamente... com a minha ajuda. É muito inteligente e parece que gosta de nós. Come o que comemos, irá para onde formos e eu/nós/Gaia aprenderemos muita coisa estudando o seu cérebro.

— E se tiver filhos? Ela não precisa de parceiros, você sabe.

— Ainda falta muito para que atinja a idade de procriar. Os Espaciais viviam vários séculos e os solarianos limitam estritamente a população do seu planeta. Provavelmente modificaram geneticamente os habitantes para que tivessem filhos o mais tarde possível. Não precisa se preocupar; Fallom não poderia se reproduzir mesmo que quisesse.

— Como sabe?

— Não *sei*. Estou apenas usando a lógica.

— E eu estou lhe dizendo que Fallom ainda vai nos trazer encrenca.

— Você também não sabe. Pior ainda, não está sendo lógico.

— É apenas um palpite, Bliss, sem base nos fatos... pelo menos, até o momento. E é você, e não eu, quem insiste que a minha intuição é infalível.

Bliss franziu a testa, mas não disse mais nada.

59.

PELORAT parou na porta da sala de comando e olhou para dentro, pouco à vontade. Parecia estar verificando se Trevize estava muito ocupado ou não.

Trevize tinha colocado as mãos sobre a mesa, como sempre fazia quando estava em contato com o computador, e seus olhos estavam fixos na tela. Pelorat concluiu, portanto, que o amigo estava trabalhando e esperou pacientemente, procurando não fazer barulho ou, de outra forma qualquer, incomodar o outro.

Por fim, Trevize desviou os olhos da tela e deu com Pelorat. Não pareceu tomar consciência imediatamente da presença do amigo. Os olhos de Trevize sempre pareciam um pouco vidrados e fora de foco quando estava em contato com o computador; era como se não estivesse olhando, pensando, vivendo da mesma forma que uma pessoa comum.

Mesmo assim, balançou a cabeça devagar para Pelorat, como se a visão, penetrando com dificuldade, tivesse finalmente conseguido impressionar os lobos ópticos. Depois de alguns instantes, levantou as mãos, sorriu e voltou a ser o Trevize de sempre.

— Desculpe pela interrupção, Golan — disse Pelorat.

— Não tem importância, Janov. Estava apenas verificando se estamos prontos para o Salto. De acordo com o computador, poderíamos saltar agora mesmo, mas decidi esperar mais algumas horas, para não abusar da sorte.

— O que é que a sorte... ou o acaso... têm a ver com isso?

— Foi apenas uma maneira de falar — disse Trevize, sorrindo —, mas a verdade é que todo Salto está sujeito a fatores aleatórios... O que é que você quer?

— Posso sentar-me?

— Claro, mas vamos para o meu quarto. Como está Bliss?

— Muito bem. — Pelorat pigarreou. — Está dormindo de novo. Ela precisa do sono, você entende.

— Compreendo perfeitamente. É a ligação hiperespacial que a deixa exausta.

— Exatamente, meu velho amigo.

— E Fallom?

Trevize reclinou-se na cama, deixando a cadeira para Pelorat.

— Sabe aqueles livros da minha biblioteca que você mandou o computador imprimir para mim? Os livros de histórias? Fallom está lendo esses livros. Ainda não consegue compreender muita coisa, mas parece divertir-se com o som das palavras. Ele é... quando penso em Fallom, é sempre como alguém do sexo masculino. Por que será? Trevize deu de ombros.

— Talvez porque você seja homem.

— Talvez. Ele é uma criança muito inteligente.

— Já notei. Pelorat hesitou.

— Tenho a impressão de que você não gosta muito de Fallom.

— Não é nada pessoal, Janov. Nunca tive filhos e não me interesso especialmente por crianças. Você tem filhos, não tem?

— Um filho... ainda me lembro do prazer que sentia só de olhar para ele, quando era da idade de Fallom... talvez seja por isso que penso em Fallom como um menino. É como se estivesse voltando vinte anos no tempo.

— Não me incomodo de você gostar dele, Janov.

— Você gostaria também, se estivesse disposto a tentar. —. Tenho certeza que sim, Janov... um dia, quem sabe...

Pelorat hesitou novamente.

— Também deve estar cansado de discutir com Bliss.

— Acho que não vamos discutir mais, Janov. Na verdade, eu e Bliss estamos nos dando muito bem. Tivemos uma conversa bastante adulta outro dia... você sabe, sem gritos nem recriminações... a respeito do tempo que ela levou para desativar os Robôs Guardiões. Afinal, Bliss vive salvando nossas vidas, de modo que, pelo menos por gratidão, não devemos implicar com ela, não é mesmo?

— Está bem, entendo o que quer dizer, mas não estava falando em discutir no sentido de brigar. Estava me referindo à discussão a respeito do futuro da raça humana... a respeito das vantagens da Galáxia Viva em relação à individualidade.

— Ah, isso! Suponho que continuaremos a discutir o assunto... mas de forma educada.

— Você se importaria, Golan, se eu tentasse defender o ponto de vista de Bliss?

— Claro que não. Você está convencido de que a Galáxia Viva é uma boa idéia, ou simplesmente se sente mais feliz quando concorda com Bliss?

— Sinceramente, estou convencido. Acho que a Galáxia Viva é um passo natural na evolução humana. Você mesmo escolheu esse curso de ação e cada vez me convenço mais de que está certo.

— Só porque fui eu que escolhi? Isso não é motivo. Apesar do que pensa Gaia, eu posso perfeitamente me enganar. Não deixe Bliss convencê-lo com esse tipo de argumento.

— Não acho que você se tenha enganado. Quem me convenceu foi Solaria e não Bliss.

— Como?

— Para começar, somos Isolados, você e eu.

— Essa expressão é de Bliss, Janov. Prefiro pensar em nós como indivíduos.

— Uma questão de semântica, meu velho amigo. Chame você como quiser, estamos trancados dentro de nossa própria pele e pensando em primeiro lugar em nós mesmos. A autodefesa é a primeira lei da nossa natureza, mesmo que isso signifique fazer mal aos semelhantes.

— Muita gente deu a vida pelos semelhantes.

— Um fenômeno relativamente raro. Muito mais pessoas sacrificaram as necessidades e até mesmo as vidas dos semelhantes para satisfazer um mero capricho.

— O que é que isso tem a ver com Solaria?

— Em Solaria, tivemos oportunidade de observar os estágios finais de evolução dos Isolados... ou indivíduos, se preferir. Os solarianos aceitam a contragosto a idéia de compartilhar um planeta com os semelhantes. Para eles, a liberdade perfeita está em uma vida de total isolamento. Não têm pena nem mesmo das crianças, que eliminam friamente para evitar o excesso de população. Cercam-se de escravos mecânicos, que abastecem pessoalmente de energia, de modo que, quando morrem, toda a sua enorme propriedade morre também. Você considera isso um exemplo a ser seguido, Golan? Existe algum termo de comparação com a decência, bondade e respeito mútuo das partes de Gaia? Bliss não discutiu o assunto comigo. Estou dizendo exatamente o que penso.

— Sei disso, Janov. Eu concordo com você. Também achei horrível a sociedade dos solarianos, mas nem sempre foi assim. Eles descendem dos terráqueos e, mais recentemente, dos Espaciais, que levavam uma vida muito mais normal. Os solarianos escolheram um caminho, por alguma razão, que levou a uma situação extrema, mas não devemos julgar por extremos. Em toda a Galáxia, com seus milhões de mundos habitados, você já ouviu falar de algum planeta, no presente ou no passado, que tenha abrigado uma sociedade como a de Solaria, ou mesmo *remotamente* parecida com a de Solaria? Mesmo Solaria teria chegado ao ponto que chegou se não tivesse robôs? Pode imaginar uma sociedade como a de Solaria sem robôs?

Pelorat fez uma careta.

— Você parece muito à vontade defendendo o tipo de Galáxia contra o qual você mesmo votou, Golan.

— Não é bem assim. Deve haver alguma razão para eu haver optado pela Galáxia Viva. Quando encontrar essa razão, ficarei tranqüilo. Isto é, *se* eu encontrar essa razão.

— Acha que talvez não a encontre? Trevize deu de ombros.

— Como vou saber? Sabe por que decidi esperar algumas horas para dar o Salto e por que estou quase convencido a esperar mais alguns dias?

— Você me disse que isso tornaria o Salto mais seguro.

— Sim, foi o que eu disse, mas não é só isso. O que eu realmente temo é que aquelas coordenadas dos mundos dos Espaciais não tenham nenhuma utilidade para nós, afinal de contas. Começamos com três conjuntos de coordenadas e já usamos dois. Nos dois casos, tivemos sorte de escapar com vida e não conseguimos nenhuma pista nova a respeito da localização da Terra ou mesmo a respeito da própria existência da Terra. Agora estamos prestes a iniciar a terceira viagem. E se o resultado também for negativo?

Pelorat suspirou.

— Meu velho amigo, existem lendas antigas... na verdade, uma delas aparece no livro de histórias que emprestei a Fallom... nas quais uma pessoa tem direito a três desejos, não mais que três. Três parece ser um número muito importante nas lendas, talvez por se tratar do primeiro número ímpar maior que um e portanto o menor número decisivo. Você sabe, dois pontos em três significam a vitória. Acontece que, de acordo com as lendas, os três desejos nunca servem para nada. Ninguém sabe usá-los corretamente, o que reflete, de acordo com a minha interpretação, uma lição de moral no sentido de que devemos trabalhar para conseguir o que desejamos e não...

Interrompeu o que estava dizendo e baixou a cabeça, envergonhado.

— Sinto muito, Golan, por estar tomando o seu tempo. Quando começo a falar de história, não sei a hora de parar.

— Tenho sempre muito prazer em ouvi-lo, Janov. Achei a analogia interessante. Temos direito a três desejos e já gastamos dois sem nenhum sucesso. Só nos resta um. Estou com o pressentimento de que vamos fracassar de novo e é por isso que estou adiando o Salto o máximo possível.

— O que vai fazer se não encontrarmos nenhuma pista no terceiro planeta? Voltar para Gaia? Para Terminus?

— Oh, não! — protestou Trevize, sacudindo a cabeça. — Vou continuar a busca... como, ainda não sei.

CAPÍTULO 14: O PLANETA MORTO

60.

TREVIZE estava deprimido. As poucas vitórias que conseguira desde o início da busca não tinham sido decisivas; serviam apenas para adiar um pouco a derrota final.

Agora, tinha adiado o Salto para o terceiro planeta dos Espaciais a ponto de deixar os outros nervosos. Quando finalmente se decidiu a dar a ordem ao computador, Pelorat estava de pé na entrada da sala de comando, com ar muito solene, e Bliss estava logo atrás. Até mesmo Fallom lá estava, olhando com curiosidade para Trevize, mas sem largar a mão de Bliss.

Trevize levantou os olhos da tela do computador e comentou, de forma um tanto grosseira: — Mas que família!

Era, porém, uma forma de disfarçar o próprio mal-estar. Instruiu o computador para voltar ao espaço normal mais longe da estrela em questão do que o absolutamente necessário. Repetiu para si mesmo que estava sendo cauteloso em vista do que acontecera nos outros planetas dos Espaciais, mas sabia que não era verdade. No fundo, esperava completar o Salto a uma distância tão grande da estrela que não saberia imediatamente se ela possuía ou não um planeta habitável. Isso lhe daria mais alguns dias de viagem até que fosse forçado a enfrentar (talvez) uma amarga decepção.

Assim, observado atentamente pela "família", Trevize inspirou fundo, reteve o ar por alguns instantes e depois expulsou-o ruidosamente por entre os lábios semicerrados enquanto fornecia a instrução final para o computador.

A imagem vista pelo telescópio mudou bruscamente e a tela ficou mais vazia,

pois haviam sido transportados para uma região em que as estrelas eram um pouco mais esparsas. Bem no meio da tela, havia um ponto luminoso.

Trevize deu um largo sorriso, pois aquilo era um bom sinal. Afinal de contas, o terceiro conjunto de coordenadas podia estar errado e podia não haver nenhuma estrela da classe G na posição indicada. Olhou para os outros três e disse:

— Aí está. A estrela número três. — Tem certeza? — perguntou Bliss.

— Observe! — disse Trevize. — Vou passar para o mapa da Galáxia, visto da mesma posição. Se a estrela desaparecer, é porque não consta do mapa e portanto é a que queremos.

O computador obedeceu ao comando e a estrela desapareceu instantaneamente, enquanto todas as outras permaneceram exatamente onde estavam, em sublime indiferença.

— É ela — disse Trevize.

Mesmo assim, fez com que o *Estrela Distante* se movesse à frente com metade da velocidade de cruzeiro. Ainda havia a questão da presença ou ausência de um planeta habitável e Trevize não estava com pressa de descobrir a verdade. Mesmo depois de três dias de viagem, ainda não era possível afirmar coisa alguma a respeito.

Será que não? Havia um gigante gasoso. Girava em torno da estrela em uma órbita muito distante e exibia um brilho amarelo-claro no lado iluminado, que, da posição em que estavam, parecia um grande crescente.

Trevize não gostou do que estava vendo, mas procurou não demonstrar e falou a respeito de uma forma tão impessoal quanto um guia turístico.

— Existe um gigante gasoso lá fora — disse. — Tem um par de anéis e dois satélites de bom tamanho.

— Muitos sistemas possuem gigantes gasosos, não é? — perguntou Bliss.

— Sim, mas este é maior do que a média. A julgar pelas distâncias dos satélites e seus períodos de revolução, o gigante gasoso é quase duas mil vezes maior do que qualquer planeta habitável que possa existir no sistema.

— Qual a diferença? — quis saber Bliss. — Gigantes gasosos são gigantes gasosos, independentemente do tamanho. Estão sempre a grandes distâncias da estrela que circundam. Para encontrarmos um planeta habitável, teremos que chegar muito mais perto da estrela.

Trevize hesitou e depois decidiu pôr as cartas na mesa.

— O problema é que os gigantes gasosos tendem a varrer o espaço planetário. O material que não absorvem em geral se condensarem corpos menores que acabam por se tornar satélites. Quanto maior um gigante gasoso, maior a probabilidade de que seja o único planeta do sistema.

— Está querendo dizer que não existe nenhum planeta habitável aqui?

— Quanto maior o gigante gasoso, menor a probabilidade de existir um planeta habitável. Acontece que este gigante gasoso é tão grande que pode ser considerado como estrela anã.

— Posso vê-lo? — perguntou Pelorat.

Os três olharam para a tela (Fallom estava no quarto de Bliss com os livros).

A vista foi ampliada até o crescente ocupar toda a tela. O crescente era cortado por uma linha fina e escura um pouco acima do centro, a sombra do sistema de anéis, que também era visível, pouco acima da superfície do planeta, como uma curva brilhante que penetrava um pouco no lado escuro antes de ser oculta pela sombra do planeta.

Trevize disse:

— O eixo de rotação do planeta tem uma inclinação de cerca de 35 graus em relação ao plano de revolução, e o anel, naturalmente, está no plano do equador, de modo que a luz da estrela, neste ponto da órbita, vem de baixo e projeta a sombra do anel acima do equador.

Pelorat olhou para a tela, embevecido.

— Esses anéis são estreitos...

— Na verdade, são um pouco mais largos que a média — disse Trevize.

— De acordo com a lenda, os anéis que existem em volta de um dos gigantes gasosos do sistema planetário a que a Terra pertence são muito mais largos e possuem uma estrutura muito mais complexa que os que estamos vendo. Na verdade, o gigante gasoso chega a parecer pequeno comparado com os anéis.

— Isso não é de admirar — disse Trevize. — Quando uma história é transmitida de geração a geração por milhares de anos, é natural que ocorram alguns exageros.

— É lindo! — exclamou Bliss. — Olhando para o crescente, a gente tem a impressão de que está pulsando sem parar.

— São turbulências atmosféricas — explicou Trevize. — Em geral, ficam mais visíveis quando se escolhe o comprimento de onda apropriado. Deixe-me tentar.

Colocou as mãos sobre a mesa e mandou o computador varrer o espectro até encontrar o comprimento de onda que permitisse o maior contraste.

O crescente começou a mudar de cor tão rapidamente que era impossível acompanhar as transformações sem ficar tonto. Finalmente, a imagem se fixou em um vermelho alaranjado e, dentro do crescente, apareceram gigantescas espirais, que se deslocavam pela face do planeta, enrolando-se e desenrolando-se enquanto se moviam.

— É incrível! — murmurou Pelorat.

— Maravilhoso! — exclamou Bliss.

Não tinha nada de incrível, pensou Trevize de mau humor, e muito menos de maravilhoso. Nem Pelorat nem Bliss, perdidos na beleza do espetáculo, se haviam detido para pensar que o planeta que admiravam diminuía consideravelmente a probabilidade de desvendarem o mistério da localização da Terra. Mas por que se preocupariam com isso? Os dois concordavam com a escolha de Trevize e o haviam acompanhado na busca sem nenhum envolvimento emocional. Não havia como culpá-los por isso. Ele disse:

— O lado escuro parece totalmente negro, mas se nossos olhos fossem sensíveis a comprimentos de onda um pouquinho maiores que o da luz visível, sua cor seria vermelho escuro. O planeta está despejando radiação infravermelha no espaço em imensas quantidades, porque é suficientemente grande para ficar quase incandescente. É mais que um gigante gasoso: é uma subestrela.

Ficou calado durante algum tempo e depois disse:

— Agora, vamos esquecer esse astro e procurar o planeta habitável, se é que ele existe.

— Existe, sim, meu velho amigo — disse Pelorat, sorrindo. — Não desista.

— Não desisti — afirmou Trevize, com convicção. — A formação de planetas é complicada demais para ser explicada por uma teoria simples. Falamos apenas em probabilidades. Com esse monstro nas proximidades, a probabilidade diminui bastante, mas não cai para zero.

Bliss disse:

— Por que está tão pessimista? Se os dois primeiros conjuntos de coordenadas correspondiam a dois planetas colonizados pelos Espaciais, este terceiro conjunto, do qual já resultou uma estrela da classe correta, deve também corresponder a um planeta habitável. Por que falar em probabilidades?

— Espero que você esteja certa — disse Trevize, que não tinha se deixado

convencer pela argumentação de Bliss. — Agora vamos sair do plano da eclíptica e aproximar-nos da estrela.

Assim que o rapaz manifestou sua intenção, o computador começou a agir. Trevize recostou-se à cadeira do piloto e pensou consigo mesmo, mais uma vez, que a única desvantagem de pilotar uma nave gravítica com um computador tão avançado era que jamais... *jamais* conseguiria pilotar novamente outro tipo de nave.

Onde encontraria disposição para executar pessoalmente todos os cálculos? Lembrar-se-ia de levar em conta a aceleração e limitá-la a um valor razoável? Não... provavelmente se esqueceria e continuaria a fornecer energia para os motores até que os passageiros fossem esmagados contra as paredes.

Pois então teria que continuar a pilotar aquela nave, ou outra exatamente igual, para o resto da vida.

Como não queria pensar na questão do planeta habitável, sim ou não, Trevize começou a cismar a respeito do fato de haver posicionado a nave acima do plano da eclíptica e não abaixo. Sempre que tinham escolha, os pilotos preferiam subir em vez de descer. Por quê? A propósito, por que essa preocupação em considerar uma direção como sendo "para cima" e outra como sendo "para baixo"? Na simetria do espaço, isso não passava de convenção.

Mesmo assim, Trevize instintivamente procurava saber em que sentido girava o planeta em que estava interessado e em que sentido se movia em torno da sua estrela. Quando os dois movimentos eram no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, o norte ficava na direção do braço levantado e o sul na direção dos pés. E em toda a Galáxia o norte era representado para cima e o sul para baixo.

Era uma convenção muito antiga, de origem desconhecida, mas que todos seguiam à risca. Quando alguém olhava um mapa com o sul para cima, ficava difícil reconhecê-lo. Em igualdade de condições, todos preferiam a direção norte ou "para cima".

Trevize se lembrou de uma batalha travada por Bel Riose, o general do Império, há trezentos anos, na qual havia posicionado sua esquadra abaixo do plano da eclíptica em um momento crucial, apanhando a esquadra inimiga totalmente despreparada. A manobra fora considerada desleal... pelos adversários, naturalmente.

Uma convenção tão antiga e tão universal devia ter começado na Terra... e aquilo trouxe de volta à mente de Trevize, com um sobressalto, a questão do planeta habitável.

Pelorat e Bliss continuaram a observar o gigante gasoso enquanto girava lentamente na tela. A parte iluminada aumentou e, como Trevize manteve o espectro concentrado nos comprimentos de onda correspondentes ao vermelho alaranjado, as ondulações tempestuosas se tornaram ainda mais frenéticas.

Foi então que Fallom apareceu e Bliss declarou que estava precisando dormir e levaria a criança com ela.

Trevize disse para Pelorat, que havia ficado:

— Tenho que tirar da tela o gigante gasoso, Janov. Vamos procurar um pontinho do tamanho certo.

Entretanto, era mais complicado do que isso. Não era apenas um pontinho do tamanho certo que o computador tinha que procurar, mas um pontinho do tamanho certo e à distância correta da estrela. Vários dias se passariam antes que pudessem ter certeza.

61.

TREVIZE entrou no quarto, sério, solene, triste... e levou um susto. Bliss estava à sua espera e a seu lado estava Fallom, o manto e a tanga muito bem lavados e passados. O jovem ficava melhor naqueles trajes do que usando uma das camisolas de Bliss.

— Não queria incomodá-lo quando estava operando o computador, mas agora tem que escutar... Vá em frente, Fallom.

Fallom disse, com voz de soprano:

— Saudações, protetor Trevize. É com prazer que estou ad... at... acompanhando o senhor nesta viagem. Sinto-me feliz também por estar com meus amigos Bliss e Pel.

Fallom sorriu timidamente e mais uma vez Trevize pensou consigo mesmo: Devo tratá-lo como menino, como menina ou como nenhum dos dois?

Balançou a cabeça em sinal de aprovação.

— Muito bem memorizado. A pronúncia está quase perfeita.

— Você está enganado — protestou Bliss, bem humorada. — Fallom escreveu

sozinho este pequeno discurso e me perguntou se seria possível recitá-lo para você. Nem eu sabia o que ele iria dizer.

Trevize forçou-se a sorrir.

— Nesse caso, está realmente muito bom.

Bliss voltou-se para Fallom e disse:

— Eu tinha certeza de que Trevize iria gostar... Agora vá pegar outro livro com Pel, se quiser.

Depois que Fallom saiu, Bliss observou:

— É realmente incrível a rapidez com que Fallom está aprendendo a falar galáctico. Os solarianos devem ter um dom especial para línguas. Lembre-se de como Bander aprendeu galáctico apenas ouvindo as comunicações hiperespaciais. Aqueles cérebros devem ter outras qualidades especiais, além dos lobos transdutores.

Trevize deu um muxoxo.

— Não me diga que ainda não gosta de Fallom! — exclamou Bliss.

— Nem gosto nem desgosto. Simplesmente não me sinto à vontade em sua presença. Não estou acostumado a lidar com hermafroditas.

— Ora, Trevize, isso é ridículo! Fallom é um ser humano perfeitamente aceitável. Pense em como nós, homens e mulheres, devemos parecer estranhos para uma sociedade de hermafroditas. Cada um é apenas metade de um todo; para que a espécie sobreviva, tem que haver uma união, uma união temporária e artificial.

— A idéia não lhe agrada, Bliss?

— Não se faça de desentendido. Estou tentando imaginar o que somos do ponto de vista de um hermafrodita. Para eles, o ato sexual deve parecer repulsivo; para nós, é natural. Da mesma forma, Fallom pode parecer repulsivo para você, mas é apenas porque você tem uma visão muito estreita do problema.

— Francamente, até agora não sei que pronome usar quando me refiro à criatura, e isso me incomoda.

— A culpa é da língua e não de Fallom — argumentou Bliss. — Nenhuma língua humana foi desenvolvida por uma raça de hermafroditas. Mas foi bom você ter trazido este assunto à baila, porque é uma questão que também me preocupa. Por que não escolhemos arbitrariamente um dos pronomes? Costumo pensar em Fallom como menina. Afinal, ela tem voz fina e é capaz de gerar um

bebê, o que na nossa raça constitui um dos principais atributos da feminilidade. Pelorat já concordou; por que você não concorda também? De agora em diante, Fallom passa a ser "ela"...

Trevize deu de ombros.

— Muito bem. Vai parecer estranho comentar que *ela* possui testículos, mas está bem.

Bliss suspirou.

— Você tem este hábito desagradável de fazer graça com tudo, mas sei que está sob tensão e o perdôo. Mas de agora em diante, o pronome feminino quando se referir a Fallom, por favor.

— Está bem.

Trevize hesitou e depois, não conseguindo se conter, disse:

— Fallom está parecendo cada vez mais sua filha adotiva. Será que você queria ter filhos e Janov não lhe pode dar um?

Bliss arregalou os olhos.

— Fallom não está aqui para me dar filhos! Acha que eu o usaria para isso? Ainda não chegou a minha hora de procriar, e quando chegar, o pai terá que ser um gaiano!

— Então terá que livrar-se de Janov?

— Não disse isso. Um afastamento temporário, talvez. Ou pode ser que eu recorra à inseminação artificial.

— Presumo que você só será autorizada a ter um filho quando Gaia considerar isso necessário; quando houver uma lacuna em conseqüência da morte de um fragmento humano de Gaia.

— É uma forma um pouco grosseira de colocar a questão, mal em essência você está certo. Gaia deve manter todas as suas partes em equilíbrio.

— Como fazem os solarianos.

Bliss apertou os lábios e empalideceu ligeiramente.

— Você está enganado. Os solarianos produzem mais do que precisam e destroem o excesso. Nós produzimos exatamente o que precisamos e não temos necessidade de destruir... da mesma forma como você substitui as camadas externas da sua pele produzindo o número de células necessário para substituir as que morreram e nem uma a mais.

— Estou entendendo. Espero, porém, que você tenha pensado nos sentimentos de Janov.

— Com relação aos meus possíveis filhos? Ainda não discutimos o assunto.

— Não, não estava me referindo a isso... Acaba de me ocorrer que se você se mostrar cada vez mais interessada em Fallom, talvez Janov se sinta posto de lado.

— Não acredito. Pel está tão interessado em Fallom quanto eu. Ao lado dela, nós nos sentimos mais unidos que nunca. Será que não é *você* que está se sentindo posto de lado?

— *Eu?* — exclamou Trevize, genuinamente surpreso.

— Você, sim. Não compreendo os Isolados melhor do que você compreende Gaia, mas tenho a impressão de que gosta de ser o centro das atenções e está com ciúmes de Fallom.

— É absurdo!

— Não mais absurdo que a sua insinuação de que estou deixando Pel de lado.

— Então vamos fazer as pazes e encerrar a discussão. Tentarei pensar em Fallom como uma menina e não vou me preocupar demais com os sentimentos de Janov.

Bliss sorriu.

— Obrigada. Está tudo bem, então. Trevize ia despedir-se da moça, mas ela disse:

— Espere!

O rapaz olhou para ela e perguntou, com ar cansado:

— Que foi?

— É evidente, Trevize, que você está triste e deprimido. Não pretendo ler a sua mente, mas talvez queira contar-me o que aconteceu. Ontem, você disse que havia descoberto um planeta apropriado neste sistema e parecia bastante satisfeito... o planeta ainda está lá, suponho. O achado não foi um engano do computador, foi?

— Existe um planeta apropriado e ele ainda está lá — declarou Trevize.

— É do tamanho certo? Trevize assentiu.

— Se não fosse do tamanho certo, não seria apropriado. Também está à distância certa da estrela.

— Então qual é o problema?

— Já estamos suficientemente próximos para analisar a atmosfera. Acontece que não existe nenhuma atmosfera para ser analisada.

— Não?

— Praticamente nenhuma. É um planeta inabitável e não existem outros neste sistema que possam ser habitáveis. Nossa terceira tentativa fracassou.

62.

PELORAT não queria interromper o silêncio quase hostil que Trevize vinha mantendo. Ficou parado na porta da sala de comando, esperando que o outro tomasse a iniciativa. Trevize, porém, continuava teimosamente calado. Por fim, Pelorat não agüentou mais e perguntou, timidamente:

— O que está fazendo?

Trevize levantou os olhos, fitou Pelorat por um momento, virou a cabeça e respondeu:

— Vamos pousar no planeta.

— Mas ele não tem atmosfera!

— O computador *disse* que não tem atmosfera. Até agora, o computador sempre me disse o que eu queria ouvir e acreditei. Desta vez, ele me disse algo que eu *não queria* ouvir e vou verificar. Se o computador é capaz de cometer erros, espero que esteja errado desta vez. Acha que ele está errado?

— Não, não acho.

— Pode pensar em alguma razão para ele estar errado? — Não, não posso.

— Então por que se dar ao trabalho de pousar no planeta, Golan? Trevize finalmente se virou no assento para olhar Pelorat de frente e disse, em tom quase desesperado:

— Não compreende, Janov, que não me resta mais nada para fazer? Nos dois primeiros mundos que visitamos não conseguimos nenhuma informação a respeito da Terra; este terceiro mundo nem é habitado. O que devo fazer? Vagar de planeta em planeta, perguntando a todos que encontrar: "Com licença, amigo. Sabe onde fica a Terra?" A Terra soube se esconder muito bem. Não deixou nenhuma pista para trás. Estou começando a pensar que mesmo que

encontrássemos uma pista a Terra não nos deixaria segui-la.

Pelorat assentiu e disse:

— A idéia também me ocorreu. Que tal discutirmos o assunto? Sei que não está de muito bom humor, de modo que se preferir que eu vá embora, é só me dizer.

— Não, fique — disse Golan, com ar resignado. — Vamos discutir o assunto. Não tenho mesmo nada melhor para fazer...

— Seu entusiasmo é comovente. Mesmo assim, acho que a conversa lhe fará bem. Se achar que não agüenta mais, pode me interromper... A mim me parece, Golan, que a Terra não precisa tomar apenas medidas passivas e negativas para esconder-se. Não precisa limitar-se a eliminar todas as referências à sua localização. E se ela complementasse essas medidas com pistas falsas?

— O que quer dizer com isso?

— Por exemplo: ouvimos falar em vários lugares que a Terra está radioativa, e este é o tipo de informação que dissuadiria muita gente de procurá-la. Se a Terra estivesse realmente radioativa, seria inacessível. Provavelmente, jamais conseguiríamos pousar na superfície do planeta. Talvez nem mesmo robôs exploradores, se dispuséssemos de robôs exploradores, conseguissem sobreviver à radiação. Nesse caso, para que procurar a Terra? Assim, se a Terra não estiver radioativa, o boato pode ajudar a mantê-la oculta, a não ser por algum contato acidental, pode ser que ela disponha de outros meios que ainda não conhecemos. Trevize conseguiu sorrir.

— É curioso, Janov, mas a idéia passou pela minha cabeça. Chegou a me ocorrer que o tal satélite gigantesco tenha sido incluído de propósito nas lendas a respeito da Terra, apenas para dificultar as buscas. O mesmo se aplicaria ao gigante gasoso com um sistema de anéis tão descomunal que provavelmente constitua uma impossibilidade física. Tudo isso pode ter sido forjado para nos fazer procurar por coisas que não existem. Nesse caso, poderíamos passar pelo sistema da Terra e não parar, poderíamos olhar para a Terra de perto e não reconhecê-la porque na verdade ela não tem um satélite gigantesco, um vizinho com anéis e uma crosta radioativa. Entretanto, também pensei coisa pior...

Pelorat parecia desanimado.

— O que é que pode ser pior?

— Quando você acorda no meio da noite e sua imaginação começa a trabalhar, surgem idéias muito estranhas. E se a Terra puder agir diretamente sobre nós? Se tiver o poder de nos tornar cegos à sua presença? Se pudermos passar ao lado da

Terra, *com* seu satélite gigante, *com* seu vizinho cheio de anéis, e não enxergarmos nada porque os habitantes de Terra não querem ser vistos? E se isso já tiver acontecido?

— Se acredita nisso, por que ainda está...

— Não disse que acredito. Estou falando de fantasias desvairadas. Vamos continuar procurando a Terra.

Pelorat hesitou e depois disse:

— Por quanto tempo, Trevize? Vai chegar a hora, suponho, em que teremos que desistir.

— Nunca! — exclamou Trevize, com um brilho selvagem nos olhos. — Se tiver que passar o resto da vida vagando de planeta em planeta e perguntando aos passantes: "Desculpe, meu amigo, mas sabe onde fica a Terra?", é isso o que farei. Se quiserem, posso levar você, Bliss e Fallom de volta para Gaia e continuar a busca sozinho.

— Oh, não! Sabe que eu não o abandonaria, Golan. Nem Bliss. Passaremos o resto da vida viajando com você, se for preciso, mas qual a razão para isso?

— A razão é simples: *eu preciso* encontrar a Terra e vou encontrá-la, mais cedo ou mais tarde... Escute, estou chegando a uma posição de onde posso observar a superfície iluminada do planeta sem que minha visão seja ofuscada pelo brilho da estrela. Espere um instante.

Pelorat parou de falar, mas não foi embora. Continuou a observar enquanto Trevize examinava a imagem do planeta na tela. Mais da metade da superfície estava iluminada. Para Pelorat, não era possível distinguir nenhum detalhe, mas ele sabia que para Trevize, em contato com o computador, a imagem aparecia com um contraste muito maior.

— Estou vendo uma névoa — sussurrou Trevize.

— Então existe atmosfera! — exclamou Pelorat.

— Sim, mas isso não quer dizer grande coisa. A atmosfera pode não ser suficientemente densa para sustentar formas de vida, mas suficiente para levantar a poeira do solo. As tempestades de poeira são comuns em planetas que possuem atmosferas rarefeitas. Podemos encontrar até mesmo pequenas calotas polares. Um pouquinho de gelo de água condensado nos pólos, você sabe. Este mundo é quente demais para que o dióxido de carbono se transforme em gelo seco... Acho melhor usar o radar. Se fizer isso, poderei examinar também o lado

escuro. — Verdade?

— Verdade. Devia ter começado pelo radar, mas num planeta sem atmosfera e portanto sem nuvens, a idéia de usar a luz visível parecia tão natural...

Trevize permaneceu calado durante muito tempo, enquanto a tela mostrava os ecos do radar, produzindo uma imagem abstrata do planeta que poderia passar como a obra de um artista do período cleoniano. Finalmente, disse:

— Ora... Pelorat esperou um pouco e depois perguntou:

— O que quis dizer com esse "ora"? Trevize levantou os olhos.

— Não estou vendo nenhuma cratera.

— Nenhuma cratera? Isso é bom?

— Isso é totalmente inesperado — disse Trevize, com um largo sorriso. — E é *muito* bom. Na verdade, é maravilhoso!

63.

FALLOM estava com o nariz comprimido contra a vigia da nave, onde um pequeno segmento do Universo era visível exatamente como o olho o captava, sem nenhum auxílio do computador.

Bliss, que estava tentando explicar tudo à criança, suspirou e disse em voz baixa para Pelorat:

— Não sei até que ponto ela está entendendo, Pel querido. Para ela, o Universo era a casa do pai e uma pequena parte da propriedade em volta. Acho que ela nunca saía à noite, nunca havia visto uma estrela.

— Acha mesmo?

— Palavra de honra. Não tive coragem de mostrar-lhe as estrelas até que tivesse vocabulário suficiente para me entender pelo menos um pouquinho... ainda bem que você era capaz de conversar com ela em sua própria língua.

— Mais ou menos — disse Pelorat, modestamente. — E o Universo é mesmo difícil de compreender para quem o vê pela primeira vez. Ela me disse que se aqueles pontinhos luminosos eram mundos inteiros, como Solaria... naturalmente, são muito maiores que Solaria... então não podiam ficar suspensos

no ar, mas tinham que cair.

— E está certa, a julgar pelo que conhece. Fallom faz perguntas lógicas e, pouco a pouco, começará a compreender o Universo. O importante é que é curiosa e não tem medo de nós.

— Acontece, Bliss, que eu também sou curioso. Veja como Golan mudou depois que descobriu que não existem crateras no mundo para onde estamos indo. Não tenho a mínima idéia da diferença que isso faz. E você?

— Também não. Acontece que Trevize entende muito mais de planetologia do que nós. Deve saber o que está fazendo.

— Pois *eu* gostaria de saber.

— Por que não pergunta a ele? Pelorat fez uma careta.

— Estou sempre com medo de incomodá-lo. Parece que ele acha que eu devia ficar sabendo dessas coisas sozinho.

— Isso é bobagem, Pel. Trevize não hesita em consultá-lo a respeito das lendas e mitos sobre a Terra, não é mesmo? E você responde com a maior boa vontade. Por que ele não pode fazer a mesma coisa? Vá perguntar a ele. Se isso o incomodar, terá uma oportunidade de praticar a arte da sociabilidade, o que só poderá lhe fazer bem.

— Você vem comigo?

— Não, claro que não. Quero ficar com Fallom e continuar a explicar-lhe o conceito de Universo. Depois você me conta o resultado da conversa.

64.

PELORAT entrou timidamente na sala de comando. Ficou aliviado ao constatar que Trevize estava assobiando baixinho e parecia de muito bom humor.

— Golan — começou, da maneira mais descontraída que pôde. Trevize levantou os olhos.

— Janov! Você sempre entra na ponta dos pés, como se fosse contra a lei me perturbar. Feche a porta e sente-se. Sente-se! Olhe para isso.

Apontou para o planeta na tela e disse:

— Não encontrei mais que duas ou três crateras, e das pequenas.

— Isso faz alguma diferença, Golan?

— Se faz diferença? Claro que sim! Como pode perguntar uma coisa dessas?

Pelorat deu de ombros.

— Tudo isso é um mistério para mim. Na universidade, diplomei-me em História. Além de história, estudei sociologia e psicologia. Também fiz alguns cursos de linguagem e literatura, especialmente literatura antiga. No curso de pós-graduação, especializei-me em mitologia. Nunca cheguei nem perto de planetologia ou outras ciências naturais.

— Isso não é nenhum crime, Janov. Prefiro que você saiba o que sabe. Seu conhecimento de línguas antigas e de mitologia tem sido extremamente valioso para nós... Quanto à planetologia, deixe por minha conta.

Trevize prosseguiu:

— Você sabe, Janov, os planetas se formam a partir da colisão de objetos menores. Os últimos objetos a se chocarem com a massa principal produzem marcas que são chamadas de crateras. Ou melhor, podem produzir. Se um planeta é suficientemente grande para ser um gigante gasoso, não possui crosta sólida e portanto as colisões finais não deixam marcas.

“Os planetas menores, que têm uma crosta sólida, de gelo ou de pedra, possuem marcas de crateras”. Essas marcas duram indefinidamente, a não ser que sejam apagadas por algum agente natural. Existem três mecanismos capazes de apagar as marcas.

“Em primeiro lugar, um planeta pode ter uma superfície de gelo cobrindo um oceano líquido”. Nesse caso, a colisão de um objeto faz um buraco no gelo. Depois que o objeto passa, o líquido no lugar do furo torna a congelar e tapa o buraco. Um mundo assim teria que ser muito frio e não seria do tipo normalmente considerado como habitável.

“Em segundo lugar, se a atividade vulcânica no planeta é muito Intensa, a lava e as cinzas estão continuamente obliterando as crateras que se formam”. Um planeta desse tipo também provavelmente não seria habitável.

"O terceiro caso é o dos planetas habitáveis. Esses mundos podem possuir calotas polares, mas a maior parte da água está no estado liquido. Podem ter vulcões ativos, mas em pequeno número. As crateras são apagadas, não por congelamento ou por torrentes de lava, mas por processos de erosão.

Lentamente, o vento e a água corrente destroem as crateras; se há vida, o processo é acelerado, pois os seres vivos constituem um poderoso agente erosivo. Está entendendo?”.

Pelorat pensou um pouco e depois disse:

— Ainda não entendi, Golan. O planeta que vamos visitar...

— Pousaremos nele amanhã — disse Trevize, alegremente.

— O planeta que vamos visitar não tem oceanos.

— Apenas finas calotas polares.

— Também não tem atmosfera.

— A densidade do ar é um centésimo da de Terminus.

— Nem vida.

— Nada que possamos detectar.

— Então qual foi o processo de erosão que destruiu as crateras?

— Oceanos, uma atmosfera e seres vivos — disse Trevize. — Escute, se este planeta não tivesse água nem ar desde o princípio, toda a superfície estaria coberta de crateras. A ausência de crateras é uma prova de que não foi assim. Além disso, existem grandes depressões, visíveis ao telescópio, que um dia devem ter sido mares e oceanos, sem falar das marcas de rios hoje secos. Assim, você pode ver que *houve* erosão e que ela cessou há relativamente pouco tempo, pois ainda não se acumularam as marcas de novas crateras.

Pelorat não parecia convencido.

— Posso não ser um planetologista, mas me parece que se um planeta é suficientemente grande para reter uma atmosfera densa por talvez bilhões de anos, não vai perdê-la de um momento para outro, vai?

— Acredito que não — disse Trevize. — Meu palpitei que este mundo abrigou seres humanos antes que a atmosfera se dissipasse. Nesse caso, certamente foi transformado de modo a atender às necessidades humanas, como aconteceu com todos os outros planetas colonizados. O problema é que não sabemos em que condições se encontrava antes de chegarem os primeiros colonos, quais as transformações que sofreu e em que circunstâncias se tornou inabitável. Pode ter havido uma catástrofe que acabou ao mesmo tempo com a atmosfera e com todas as formas de vida. Ou talvez o planeta apresentasse algum estranho desequilíbrio que os seres humanos mantinham sob controle e quanto estavam aqui, mas que resultou na perda da atmosfera depois que eles foram embora.

Talvez encontremos a resposta quando pousarmos no planeta, talvez não. Não importa.

— Mas também não importa que tenha havido vida no planeta. se hoje ele é um planeta morto. Qual a diferença entre um planeta que sempre foi inabitável e um que se tornou inabitável?

— No planeta que se tornou inabitável deve haver ruínas deixadas pelos antigos habitantes.

— Havia ruínas em Aurora...

— Sim, mas em Aurora essas ruínas foram submetidas a vinte mil anos de chuva e de vento, de frio e de calor. E também havia seres vivos... não se esqueça dos seres vivos. Assim como as crateras, as ruínas também sofrem o processo de erosão. É até mais rápido. Depois de vinte mil anos, não restou nada de útil... Aqui neste planeta, porém, há muito tempo que não há chuva, nem vento, nem vida. Os ciclos de frio e de calor continuaram, admito, mas foi tudo. As ruínas n devem estar bem preservadas.

— A menos — murmurou Pelorat, ceticamente — que não existam ruínas. Não é possível que jamais tenha existido vida no planeta, ou pelo menos que ele nunca tenha sido habitado por seres humanos, e que a perda da atmosfera se deva a algum fenômeno puramente natural?

— Não, não — disse Trevize. — Seu pessimismo não tem razão de ser. Mesmo desta distância, consegui ver algumas marcas na superfície e estou certo de que se trata dos restos de uma cidade... É para lá que vamos amanhã.

65.

BLISS disse, em tom preocupado:

— Fallom está convencida de que vamos devolvê-la a Jemby, o robô.

— Hummm... — fez Trevize, examinando a superfície do planeta que estavam sobrevoando. Então levantou os olhos, como se tivesse ouvido o comentário com certo retardo. — Afinal, foi o único pai que conheceu, não foi?

— Claro que sim, mas pensa que estamos de volta a Solaria.

— Este planeta não se parece com Solaria!

— Como ela poderia saber?

— Explique que não é Solaria. Olhe, vou lhe arranjar alguns manuais de bordo com ilustrações. Mostre a ela as fotografias de alguns planetas habitados e diga que existem milhões deles. Você terá tempo de sobra. Não sei quanto tempo eu e Janov vamos levar examinando as ruínas depois que pousarmos.

— Você e Janov?

— Isso mesmo. Fallom não pode vir conosco, mesmo que eu quisesse, e eu só quereria levá-la se fosse louco. Este mundo praticamente não tem ar, Bliss. Vamos ter que usar trajes espaciais. Não temos nenhum traje que sirva em Fallom. Assim, vocês duas vão ficar a bordo.

— Por que eu?

Os lábios de Trevize se contraíram em um sorriso amarelo.

— Admito que me sentiria mais seguro se você fosse conosco, mas não podemos deixar Fallom sozinha. Preciso levar Janov comigo porque é o único capaz de ler inscrições em galáctico arcaico. Achei que você não se importaria de ficar com Fallom...

Bliss parecia indecisa. Trevize disse:

— Bliss, foi você que quis trazer Fallom... eu sempre achei que ela seria um peso morto para nós. Agora, você vai ter que arcar com as conseqüências. Ela não pode ir conosco, de modo que você vai ter que ficar, também. Não há outro jeito.

Bliss suspirou.

— Acho que tem razão.

— Ótimo. Onde está Janov?

— Está com Fallom.

— Muito bem. Vá até lá e substitua-o. Preciso falar com ele.

Trevize ainda estava examinando a superfície do planeta quando Pelorat entrou, pigarreando para anunciar a sua presença.

— Alguma coisa errada, Golan? — perguntou.

— Não exatamente, Janov. Estou indeciso. É um mundo muito estranho... não sei o que aconteceu com ele. Os mares devem ter sido muito grandes, a julgar pelas depressões que deixaram, mas eram também extremamente rasos. Pelo que

pude observar, este foi um mundo de dessalinização e de canais... ou talvez os oceanos não fossem muito salgados. Se não eram muito salgados, isso explica a ausência de depósitos de sal nas depressões. Ou então, quando os oceanos secaram, o sal foi removido... o que seria uma indicação segura de atividade humana.

— Desculpe minha ignorância, Golan, mas o que isso tem a vi com o que estamos procurando?

— Nada, talvez, mas não posso deixar de ficar curioso. Se eu soubesse como era este planeta antes de ser colonizado e quais as transformações a que foi submetido para se tornar mais habitável, talvez chegasse a compreender o que aconteceu com ele depois que foi abandonado... ou, talvez, pouco antes de ser abandonado. E se soubéssemos o que aconteceu com ele, poderíamos nos prevenir contra surpresas desagradáveis.

— Que tipo de surpresas? É um mundo morto, não é?

— Acho que sim. Muito pouca água; atmosfera tênue, irrespirável; e Bliss não detectou nenhum sinal de atividade mental.

— Então estamos seguros, não acha?

— A ausência de atividade mental não implica necessariamente a ausência de vida.

— Pode ser que não, mas qualquer forma de vida suficientemente desenvolvida para ser perigosa teria que apresentar algum tipo de atividade mental.

— Não sei... mas não era sobre isso que queria conversar com você. Existem duas cidades que parecem mais indicadas para nossa primeira expedição. Estão muito bem conservadas, como aliás todas as cidades do planeta; aparentemente, o fenômeno que destruiu a atmosfera e os oceanos não afetou as cidades. Seja como for, essas duas cidades são particularmente grandes. A maior, porém, não tem espaços vazios. Existem espaçoportos nos arredores, mas nenhum lugar dentro da cidade onde a gente possa pousar. A outra possui uma grande praça central. Não é um campo de pouso, mas eu não teria problema algum para pousar ali.

Pelorat fez uma careta.

— Você quer que *eu* decida, Golan?

— Não, a decisão fica por minha conta. Eu só queria ouvir sua opinião.

— Para mim, a cidade maior, sem espaços vazios, foi provavelmente um centro comercial ou industrial. A cidade menor, com uma grande praça central, pode ter

sido um centro administrativo. É no centro administrativo que estamos interessados. Você observou algum edifício governamental?

— Como é um edifício governamental? Pelorat sorriu.

— Eu mesmo não sei. A moda varia de planeta para planeta e de época para época. Desconfio, porém, que eles sempre parecem grandes, luxuosos e pouco práticos... como aquele lugar em que estivemos em Comporellon.

Foi a vez de Trevize sorrir.

— É difícil dizer aqui de cima, e quando eu tiver uma visão lateral, na hora do pouso, será tarde demais. Por que prefere o centro administrativo?

— Porque é lá que encontraremos os museus, bibliotecas, arquivos, universidades e assim por diante.

— Excelente. É para lá que vamos, então: para a cidade menor. Talvez encontremos alguma coisa que preste. Tivemos dois insucessos, mas desta vez pode ser que a gente acerte no alvo.

CAPÍTULO 15: MUSGO

66.

O TRAJE ESPACIAL deixara Trevize com aspecto grotesco. No momento, estava ocupado ajeitando os coldres, não os que usava habitualmente na cintura, mas uma peça mais volumosa, que podia ser adaptada externamente ao traje espacial. Cuidadosamente, introduziu o desintegrador no coldre da direita e o chicote neurônico no da esquerda. As armas estavam com a carga completa e desta vez, pensou, aborrecido, *nada* o faria separar-se delas. Bliss sorriu.

— Vai levar as armas, mesmo sabendo que nesse mundo não existe ar nem... deixe para lá! Faça como quiser.

— Ótimo! — exclamou Trevize, voltando-se para ajustar o capacete de Pelorat antes de vestir o seu.

Pelorat, que nunca havia usado um traje espacial, disse, em tom queixoso:

— Será que eu vou mesmo conseguir respirar aqui dentro, Golan?

— Juro que sim — disse Trevize.

Bliss observou-os, com a mão no ombro de Fallom, enquanto testavam as juntas dos trajes. A jovem solariana estava visivelmente assustada com aquelas figuras estranhas. Começou a tremer e Bliss abraçou-a, dirigindo-lhe palavras tranqüilizadoras.

A porta interna se abriu e os dois entraram na câmara de descompressão, depois de acenarem para Bliss. A porta interna se fechou. A porta externa se abriu e os dois pisaram desajeitadamente no solo de um mundo morto.

Estava amanhecendo. O céu estava claro, de cor avermelhada, mas o sol ainda não havia nascido. No horizonte, perto do local onde apareceria o sol, havia uma pequena nebulosidade.

— Que frio! — exclamou Pelorat.

— Está com frio? — perguntou Trevize, surpreso.

Os trajes eram bem isolados e se havia um problema, de vez em quando, era o da necessidade de dissipar o calor do corpo. Pelorat respondeu:

— Não, não estou, mas veja...

A voz, transmitida pelo rádio, soava bem nítida nos ouvidos de Trevize, que virou a cabeça para olhar para onde Pelorat estava

apontando.

À luz avermelhada da manhã, podiam ver que a fachada de pedra do edifício mais próximo estava coberta por uma fina camada de gelo.

Trevize explicou:

— Quando a atmosfera é rarefeita, as noites são muito frias e os dias muito quentes. Agora deve ser a hora mais fria; mesmo depois que o sol nascer, vai levar várias horas para ficar quente de verdade.

Nesse momento, como se suas palavras fossem mágicas, a borda do sol apareceu acima do horizonte.

— Não olhe para o sol — recomendou Trevize. — O visor do capacete tem um filtro de ultravioleta, mas mesmo assim pode ser perigoso.

Deu as costas para o sol nascente e deixou que sua sombra se projetasse no edifício. Enquanto olhava, o sol fazia o gelo derreter. A parede ficou mais escura por alguns momentos, por causa da umidade, mas depois a água evaporou também.

Trevize disse:

— As construções não estão tão bem conservadas quando pareciam. Algumas desabaram parcialmente e outras racharam. Deve ser resultado das variações de temperatura e também da formação de gelo nas fendas toda noite durante possivelmente vinte mil anos.

— Há uma inscrição gravada na pedra logo acima da porta de entrada, mas está tão gasta que é difícil de ler, — disse Pelorat.

— Sabe que edifício é esse, Janov?

— Um tipo de instituição financeira. Pelo menos, acho que uma das palavras é "banco".

— Que é isso?

— Um edifício onde o dinheiro era guardado, retirado, invés do, emprestado...

— Um edifício inteiro só para isso? Sem computadores?

— Sem computadores.

Trevize deu de ombros. Às vezes achava a História antiga muito sem graça.

Circularam pela cidade, com uma pressa crescente, cada vez passando menos tempo nos edifícios. O ar de abandono era deprimente. O lugar parecia um esqueleto sem vida.

Estavam na zona temperada, mas Trevize teve a impressão de que podia sentir o calor do sol nas costas.

Pelorat, que estava uns cem metros à direita, exclamou de repente: — Olhe para isso!

— Não grite — advertiu Trevize, com os ouvidos doendo. — Posso ouvi-lo pelo rádio como se você estivesse pertinho de mim. Que foi Pelorat baixou a voz imediatamente e explicou:

— Este edifício é o "Palácio dos Mundos". Pelo menos, é o que está escrito na fachada.

Trevize aproximou-se. Diante deles estava uma construção de três andares. O teto era irregular, coberto por grandes fragmentos de pedra. como se tivesse sustentado uma escultura, agora desfeita em pedaços.

— Tem certeza? — perguntou Trevize.

— Vamos entrar para confirmar.

Subiram cinco degraus baixos e largos e atravessaram um vestíbulo espaçoso. Na atmosfera rarefeita, as botas produziam um som metálico que era mais uma vibração do que um ruído.

—- Agora entendo o que você quis dizer com "grandes, luxuosos e pouco práticos" — murmurou Trevize.

Penetraram em um imenso saguão. Os raios de sol entravam pelas janelas, que ficavam muito acima do piso, e iluminavam o interior de forma desigual, produzindo um grande contraste entre luz e sombra. O ar rarefeito espalhava muito pouco a luz.

No centro do saguão havia uma estátua humana, em tamanho maior que o natural, feita do que parecia ser pedra sintética. Um dos braços tinha caído. O outro estava rachado na altura do ombro e Trevize teve a impressão de que se tocasse de leve naquele braço ele também cairia. Recuou um passo, como se temesse que, se chegasse mais perto, sentir-se-ia tentado a cometer um ato de vandalismo.

— Quem será? — disse Trevize. — Não vejo nenhuma inscrição. Talvez fosse tão famoso na época que não havia necessidade de identificá-lo, mas hoje...

Pelorat estava olhando para cima e Trevize inclinou a cabeça para olhar na mesma direção. Uma das paredes estava coberta de inscrições em baixo-relevo que eram incompreensíveis para o rapaz.

— É espantoso — observou Pelorat. — Talvez tenham mais de vinte mil anos de idade, mas aqui, protegidas do sol e da umidade, ainda são legíveis.

— Não para mim — disse Trevize.

— A caligrafia é antiga e muito estilizada. Vejamos... sete... uma... duas...

A voz de Pelorat morreu em um murmúrio. Após alguns momentos, ele falou de novo.

— A lista tem cinqüenta nomes, a lenda diz que os Espaciais colonizaram cinqüenta planetas e este edifício é chamado "Palácio dos Mundos". A conclusão é inevitável: esses são os nomes dos cinqüenta planetas dos Espaciais, provavelmente na ordem em que foram colonizados. Aurora é o primeiro e Solaria o último. Repare que existem sete colunas, com sete nomes nas primeiras seis colunas e oito nomes na última. É como se tivessem planejado um quadrado de sete por sete acrescentado o nome de Solaria à última hora. Meu palpite, Golan, é que Solaria foi colonizado depois da construção deste edifício!

— Como se chama o planeta em que estamos? Dá para saber?

— Repare, meu velho amigo, que o quinto nome da terceira coluna, o décimo nono da lista, está escrito com letras um pouco maiores. Ao que parece, quem gravou a lista quis dar pelo menos um pouco de destaque ao seu planeta natal. Além disso...

— Qual é o nome?

— Alguma coisa como Melpomenia. Para mim, é um nome totalmente desconhecido.

— Poderia ser a Terra?

Pelorat sacudiu a cabeça com veemência, mas o outro não pôde ver o gesto por

causa do capacete. Ele disse:

— Nas lendas antigas, a Terra recebe vários nomes diferentes. Como você sabe, Gaia é um deles. Erda é outro. Todos são curtos. Não conheço nenhum nome comprido para a Terra, nem nenhum que se pareça com uma versão mais curta de Melpomenia.

— Então estamos em Melpomenia e não estamos na Terra.

— Isso mesmo. Além disso, como eu ia dizendo, uma indicação ainda mais direta do que as letras grandes é o fato de que as coordenadas de Melpomenia são 0, 0, 0. É de se esperar que a origem das coordenadas esteja neste planeta, já que aqui é que se encontra a lista.

— Coordenadas? — repetiu Trevize, interessado. — Então a lista também dá as coordenadas dos planetas?

— Existem três números ao lado de cada nome e eu presumo que sejam coordenadas. Que mais poderiam ser?

Trevize não respondeu. Abriu um pequeno compartimento na parte do traje espacial que cobria sua coxa direita e tirou um pequeno aparelho que era ligado por um fio ao interior do compartimento. Levantou-o à altura dos olhos e focalizou a inscrição na parede, as grossas luvas tornando difícil uma tarefa que normalmente não levaria mais que um momento.

— Uma câmara? — perguntou Pelorat sem necessidade.

— Vou transmitir a imagem diretamente para o computador da nave — disse Trevize.

Tirou várias fotografias de diferentes ângulos e depois disse:

— Espere! Preciso subir um pouco. Ajude-me, Pelorat. Pelorat juntou as mãos como se fossem um estribo, mas Trevize sacudiu a cabeça.

— Assim você não vai agüentar o meu peso. Fique de quatro. Pelorat obedeceu. Trevize guardou a câmara de volta no compartimento, subiu nas costas do amigo e daí passou para o pedestal. Empurrou a estátua para verificar se estava firme. Colocou o pé no joelho dobrado e usou-o como base para tomar impulso e alcançar o ombro do lado sem braço. Apoiando o bico da bota em uma protuberância do peito, conseguiu finalmente, depois de várias tentativas, sentar-se no ombro. Para aqueles indivíduos, mortos há muitos séculos, que haviam reverenciado a estátua e o que ela representava, a atitude de Trevize teria parecido uma blasfêmia; o rapaz tinha consciência disso, tanto que sentou-se na beirada do ombro, pouco à vontade.

— Você vai cair e se machucar! — gritou Pelorat, preocupado.

— Não vou cair e a única coisa que está doendo são os meus ouvidos.

Trevize ligou de novo a câmara e tirou várias fotografias. Depois, guardou a câmara e desceu com cuidado para o pedestal. Pulou para o chão e aparentemente a vibração produzida pelo salto foi demais para a velha estátua, pois o outro braço se desprendeu e caiu no chão, partindo-se em vários pedaços. A queda não produziu praticamente nenhum ruído.

Trevize levou um grande susto; seu primeiro impulso foi procurar um lugar para esconder-se antes que o vigia viesse ralhar com ele. Interessante, pensou, depois de acalmar-se, como as memórias da infância voltavam depressa em uma situação como aquela, em que havia quebrado acidentalmente uma coisa valiosa. A sensação durou apenas um momento, mas deixou-o abalado.

A voz de Pelorat era hesitante, como convinha a alguém que acabava de testemunhar e mesmo de participar de um ato de vandalismo, mas ele conseguiu encontrar palavras de conforto.

— Não... não tem importância, Golan. O braço já devia estar mesmo para cair...

Como que para demonstrar o que estava afirmando, apanhou um dos pedaços que estavam espalhados no chão. Olhou para ele e exclamou:

— Golan, venha cá!

Trevize aproximou-se e Pelorat, apontando para o pedaço de pedra, que havia pertencido à parte superior do braço, disse:

— Que é isso?

Trevize olhou. Havia uma mancha esverdeada na pedra. Esfregou-a com o dedo e ela saiu com facilidade.

— Parece musgo — disse.

— A vida sem pensamentos a que você se referiu?

— Não sei até que ponto é verdade. Bliss provavelmente diria que isto também tem um pouquinho de consciência... o que não é vantagem, pois para ela até as pedras têm consciência...

— Será que é esse musgo que está fazendo a pedra se esfarelar? — perguntou Pelorat.

— Eu não ficaria admirado se isso fosse verdade. O planeta tem muito sol e um pouco de água. Metade da atmosfera é constituída por vapor d'água; o resto é nitrogênio e gases inertes. Muito pouco dióxido de carbono, o que nos levaria a

supor que não existe vida vegetal... mas pode ser que quase todo o carbono se tenha combinado com a crosta rochosa. Se a pedra da estátua possui carbonatos, talvez o musgo consiga decompô-la secretando ácido, o que liberaria o dióxido de carbono de que ele precisa para viver. Talvez estejamos diante da forma de vida dominante do planeta nos dias de hoje.

— Fascinante! — exclamou Pelorat.

— Pode ser que sim — concordou Trevize —, mas não responde às nossas perguntas. As coordenadas dos planetas dos Espaciais estão mais próximas do que estamos procurando, mas o que queremos na verdade são as coordenadas da *Terra.* Se não estão aqui, pode ser que estejam em outro lugar deste palácio... ou em outro edifício. Vamos, Janov.

— Você sabe... — começou Janov.

— Não, não — interrompeu Trevize, impaciente. — Deixe para depois. Temos que ver o que mais existe neste edifício. Está ficam cada vez mais quente.

Olhou para um pequeno termômetro que havia nas costas da luva esquerda.

— Vamos, Janov.

Exploraram os aposentos do palácio, pisando de leve, não para evitar fazer barulho, já que não havia ninguém para ouvi-los, mas para que as vibrações não voltassem a causar danos.

Os passos levantavam alguma poeira, que assentava rapidamente, graças à atmosfera rarefeita, e deixavam pegadas bastante nítida no chão.

Ocasionalmente, em algum canto escuro, um dos dois apontava em silêncio para mais uma colônia de musgo. A presença de vida, ainda que primitiva, parecia atenuar um pouco a sensação sufocante de caminhar em um mundo morto, especialmente um mundo que, como as ruínas atestavam, havia abrigado, no passado remoto, uma civilização extremamente sofisticada. De repente, Pelorat observou:

— Acho que aqui deve ter sido uma biblioteca. Trevize olhou em torno, curioso. Havia prateleiras e mais prateleiras, todas repletas de pequenas caixas. Estendeu a mão para uma delas e a abriu com cuidado. No interior havia vários discos. Eram bastante espessos e pareciam quebradiços.

— Incrivelmente primitivos — observou.

— Devem ter milhares de anos — replicou Pelorat, como que desculpando os antigos melpomenianos pelo atraso tecnológico.

Trevize apontou para a lombada da caixa, onde estavam alguns caracteres

escritos na caligrafia elaborada dos antigos habitantes.

— É o título? Pode traduzir para mim? Pelorat examinou o texto.

— Não tenho bem certeza, meu velho amigo. Uma das palavras se refere à vida microscópica. Acho que quer dizer "microorganismo". O resto devem ser termos técnicos que eu não entenderia mesmo que estivessem escritos em galáctico padrão.

— Provavelmente — disse Trevize, de mau humor. — E não nos serviriam para nada mesmo que você conseguisse entendê-los. Não estamos interessados em germes... faça-me um favor, Janov. Dê uma olhada nos livros e veja se encontra algum com um título interessante. Enquanto isso, vou examinar esses aparelhos de leitura.

— É isso o que são? — perguntou Pelorat, admirado.

Eram móveis de forma cúbica, que serviam de suporte para telas inclinadas, ao lado das quais havia uma prancha que tanto podia servir para descansar o cotovelo como para apoiar um eletrobloco de notas... se é que havia eletroblocos em Melpomenia. Trevize disse:

— Se isto é uma biblioteca, tem que haver algum tipo de aparelho de leitura. Essas coisas aqui parecem promissoras...

Limpou com o dedo a poeira da tela e constatou, aliviado, que a tela, fosse qual fosse o material de que era feita, permanecia inteira mesmo depois de ter sido tocada. Experimentou os botões, um após outro. Nada aconteceu. Tentou outra leitora, e mais outra, com o mesmo resultado negativo.

Não era nenhuma surpresa. Mesmo que o aparelho ainda estivesse em condições de funcionar depois de vinte mil anos de exposição à umidade, havia a questão da fonte de energia. Qualquer forma de energia armazenada tinha uma tendência para vazar e esgotar-se, mais cedo ou mais tarde. Era um dos aspectos de uma lei universal, a segunda lei da termodinâmica.

Pelorat estava atrás dele.

— Golan?

— Sim?

— Achei um livro que deve ser interessante...

— Sobre que assunto?

— Acho que é sobre a história dos vôos espaciais.

— Perfeito... mas não nos adiantará de nada se eu não conseguir fazer esta

leitora funcionar.

— Podemos levar o livro para a nave.

— Certamente não serviria na leitora de bordo.

— Isso tudo é mesmo necessário, Golan? Se nós...

— Sim, é necessário, Janov. Não me interrompa. Estou tentando decidir o que fazer. Posso tentar alimentar esta leitora com eletricidade. Talvez seja tudo o que ela precisa para funcionar.

— Onde vai arranjar a eletricidade?

— Vejamos...

Trevize sacou as duas armas, examinou-as por um momento e depois guardou o desintegrador de volta no coldre. Abriu o compartilhamento de carga do chicote neurônico e estudou o marcador de nível. Estava no máximo.

Trevize deitou-se no chão, arrastou-se para trás da leitora (continuava achando que o aparelho só podia ser uma leitora) e tentou empurrá-la para a frente. O móvel se deslocou um pouco e Trevize procurou interpretar o que estava vendo. Um daqueles cabos tinha que ser o cabo de alimentação. Ah, só podia ser o que saía da parede. Não havia nenhuma tomada. (Como se faz para compreender os artefatos de uma cultura alienígena quando os componentes mais prosaicos não funcionam da forma esperada?) Puxou o cabo de leve e depois com mais força. Nada aconteceu. Apertou a parede nas proximidades do cabo e depois torceu o cabo perto da parede. Nada. Voltou a atenção para o lugar em que o cabo entrava na parte traseira da leitora, mas também não descobriu nada de útil.

Apoiou-se no chão com uma das mãos para levantar-se e quando se pôs de pé viu que o cabo estava frouxo. Não tinha idéia do que havia feito para soltá-lo.

O cabo não parecia partido. A extremidade era lisa e no lugar da parede de onde ele havia saído não tinha ficado nenhuma marca. Pelorat disse, em voz baixa:

— Golan; posso...

Trevize silenciou-o com um gesto.

— Agora não, Janov. Por favor!

De repente, percebeu que a luva da mão esquerda estava manchada de verde. Devia haver um pouco de musgo atrás da leitora. A luva parecia um pouco úmida, mas secou enquanto o rapaz olhava para ela e a mancha mudou de cor; tornou-se castanha.

Trevize examinou de perto a ponta do cabo e descobriu que havia dois orifícios.

Sentou-se no chão e abriu o compartimento de carga do chicote neurônico. Soltou um dos fios de ligação e introduziu-o em um dos furos. Quando tentou arrancá-lo de novo, viu que estava preso, como se houvesse algum tipo de retentor dentro do cabo. Soltou o outro fio e introduziu-o no outro furo. Era possível que o que havia feito fosse suficiente para alimentar o aparelho com energia elétrica.

— Janov — disse —, você está acostumado a lidar com todos os tipos de máquinas de leitura. Veja se descobre como se coloca esse livro na leitora.

— Você acha mesmo que é pre...

— Por favor, Janov, não faça perguntas desnecessárias. Temos que andar depressa. Se ficar quente demais lá fora, seremos obrigados a passar a noite aqui.

— O livro deve entrar aqui — disse Janov —, mas...

— Ótimo — disse Trevize. — Se é uma história dos vôos espaciais, deve começar com a Terra, pois foi na Terra que os vôos espaciais foram inventados. Vamos ver se essa coisa está funcionando.

Pelorat, um pouco de má vontade, introduziu o livro no receptáculo e começou a examinar as inscrições que havia ao lado dos controles, tentando descobrir como funcionavam.

Enquanto esperava, Trevize começou a falar, em parte para aliviar a tensão que estava sentindo.

— Acho que também deve haver robôs neste mundo... e muito bem conservados, graças à atmosfera rarefeita. O problema é que a fonte de alimentação deve ter se esgotado há muito tempo. Mesmo que conseguíssemos energizar de novo os robôs, em que estado estará o cérebro deles? Alavancas e engrenagens podem durar milhares de anos, mas os microcircuitos e outros componentes de um cérebro artificial devem ser muito mais delicados. Provavelmente estão totalmente estragados. Mesmo que alguns ainda funcionem, talvez não saibam muita coisa a respeito da Terra. Por que os fabricantes...

— A leitora está funcionando, Golan. Observe.

A tela da leitora começou a brilhar fracamente na semi-obscuridade. Trevize aumentou um pouco a potência do chicote neurônico e o brilho ficou mais forte. Como não havia muito ar para espalhar a luz, os objetos que não estavam iluminados diretamente pelo sol ficavam no escuro, o que tornava mais fácil observar a tela. Mesmo assim, a imagem era indistinta.

— Está tudo fora de foco — queixou-se Trevize.

— Eu sei — disse Pelorat—, mas isso é o melhor que consegui. Acho que foi o livro que se deteriorou.

As sombras iam e vinham na tela. De vez em quando, era possível entrever algumas palavras escritas. A imagem ficou nítida por um momento e depois saiu novamente de foco.

— Volte um pouco, Janov — disse Trevize.

Pelorat já estava mexendo nos controles. Voltou um pouco atrás e conseguiu encontrar uma página legível.

Trevize tentou ler o que estava escrito mas teve que desistir,

frustrado.

— E você, consegue entender, Janov? — perguntou.

— Mais ou menos — respondeu Janov, olhando para a tela com os olhos semicerrados. — É a respeito de Aurora. Disso eu tenho certeza. Acho que fala da primeira expedição hiperespacial... pelo menos, menciona "os pioneiros no espaço"...

Virou a página e a imagem ficou novamente fora de foco. Afinal,

disse:

— Todos os trechos que consegui ler tratavam dos planetas dos Espaciais, Golan. Nem uma palavra a respeito da Terra.

— Nem uma palavra — repetiu Trevize, em tom irritado. — Todas as informações a respeito da Terra devem ter sido apagadas. Como em Trantor. Desligue essa coisa.

— Golan, isso não tem importância, porque... — começou Pelorat, desligando a máquina.

— Porque podemos procurar em outras bibliotecas? Também não vamos encontrar nada. Eles fizeram um serviço bem feito. Você sabe que...

Enquanto falava, Trevize tinha olhado para Pelorat, e agora sua expressão era uma mistura de medo e repugnância.

— Que foi que houve com o visor do seu capacete? — perguntou.

67.

INSTINTIVAMENTE, Pelorat passou a mão enluvada no visor e depois olhou para ela.

— O que é isso? — exclamou, intrigado. Quando levantou os olhos, acrescentou, em tom preocupado: — Também há alguma coisa estranha com o *seu* visor, Golan.

Trevize olhou em volta, à procura de um espelho. Não encontrou nenhum e mesmo que encontrasse teria precisado de mais luz. Murmurou:

— Venha para a luz, depressa, Pelorat.

Puxou o companheiro para um lugar iluminado pelos raios de sol que entravam pela janela mais próxima. Podia sentir o calor do sol nas costas, apesar do efeito isolante do traje espacial.

— Olhe para o sol, Janov, e feche os olhos.

Logo percebeu o que havia de errado com o visor. No ponto em que o vidro se encontrava com o tecido metalizado do traje, havia uma grossa camada de musgo, que formava uma espécie de moldura. Trevize sabia que o seu capacete devia estar com o mesmo aspecto.

Passou o dedo no capacete de Pelorat e o musgo se desprendeu, manchando de verde o dedo da luva. Diante dos olhos do rapaz, o musgo, banhado pelos raios do sol, pareceu tornar-se mais seco e mais duro, até mudar de cor, assumindo uma tonalidade castanha. Esfregou com força as bordas do visor de Pelorat, procurando arrancar todos os vestígios do musgo.

— Faça a mesma coisa comigo, Janov — pediu. Algum tempo depois, disse:

— Meu capacete está limpo? Ótimo. O seu também... Vamos embora. Acho que não há mais nada para fazer aqui.

Fazia um calor desagradável na cidade abandonada. O sol se refletia nas construções de pedra clara, fazendo doer a vista. Trevize caminhava com os olhos semicerrados, escolhendo, sempre que possível, o lado da sombra. Parou um instante para examinar uma fenda que havia na fachada de um dos edifícios, uma fenda da largura do seu dedo mínimo enluvado. Introduziu o dedo mínimo na fenda, murmurou "musgo" e saiu da sombra para examinar o dedo à luz do sol.

— O que limita o crescimento desse fungo é a quantidade de dióxido de carbono no ambiente — explicou. — Ele se desenvolve de preferência nas pedras calcárias em decomposição. Nós somos uma boa fonte de dióxido de carbono, talvez uma fonte mais rica que qualquer outra neste planeta quase morto. Provavelmente, um pouquinho de gás vaza pela junta do visor.

— Por isso é ali que o musgo se instala.

— Exatamente.

A caminhada de volta até a nave pareceu muito mais longa e, naturalmente, sentiram muito mais calor que na caminhada que haviam feito ao amanhecer. Quando chegaram à nave, porém, verificaram que ainda estava na sombra; pelo menos nisso os cálculos de Trevize tinham sido corretos.

— Veja! — exclamou Pelorat.

Trevize olhou. As bordas da escotilha estavam cobertas de musgo.

— Outro vazamento? — sugeriu Pelorat.

— Isso mesmo. Uma quantidade insignificante, tenho certeza, mas esse musgo parece ser melhor indicador de traços de dióxido de carbono do que qualquer outra coisa que eu conheço. Os esporos devem estar em toda parte e assim que encontram umas poucas moléculas de gás carbônico, começam a se dividir.

Ajustou o transmissor de rádio para o comprimento de onda da nave e chamou:

— Bliss! Está me ouvindo?

A moça respondeu imediatamente.

— Estou! Prontos para entrar? Alguma novidade?

— Estamos prontos para entrar — disse Trevize —, mas *não abra* a escotilha. Vamos abri-la daqui de fora. Repito: não abra a escotilha.

— Por que não?

— Bliss, faça o que estou pedindo, está bem? Depois eu explico. Trevize sacou o desintegrador, ajustou-o para intensidade mínima e depois ficou olhando para a arma, indeciso. Nunca tinha usado o desintegrador em intensidade mínima. Olhou em torno. Não havia nada suficientemente frágil para um teste adequado.

Afinal, na falta de idéia melhor, apontou-o para a encosta rochosa em cuja sombra estava o *Estrela Distante. O* alvo não ficou incandescente. Apalpou o lugar onde havia atirado. Estava quente? O isolamento térmico do traje espacial tornava impossível qualquer conclusão definitiva.

Hesitou de novo, mas pensou que o casco da nave teria que ser pelo menos tão

resistente quanto a encosta. Voltou o desintegrador para a borda da escotilha e apertou o gatilho, prendendo a respiração.

Instantaneamente, uma faixa de musgo de alguns centímetros de comprimento mudou de cor, tornando-se castanha. O rapaz agitou a mão nas proximidades da escotilha e a leve brisa resultante foi suficiente para fazer com que os restos escurecidos do musgo se transformassem em uma nuvem de pó.

— Deu certo? — perguntou Pelorat, em tom ansioso.

— Deu certo — respondeu Trevize. — Transformei o desintegrador em um raio de limpeza.

Com um movimento circular, fez o calor percorrer toda a borda da escotilha. O efeito foi imediato. Todo o verde desapareceu. Trevize deu uma pancada na escotilha e uma poeira castanha se desprendeu, uma poeira tão fina que ficou flutuando no ar.

— Acho que agora podemos entrar — disse Trevize.

Usando o rádio de pulso, transmitiu o código que ligava o mecanismo de abertura da escotilha. Quando a escotilha ainda estava aberta pela metade, disse para o companheiro:

— Não fique aí parado, Janov. Entre logo. Não espere a escada descer. Suba!

Trevize subiu atrás e banhou novamente a borda da escotilha com o calor da arma. Fez o mesmo com a escada depois que ela desceu. Transmitiu então o sinal para fechar a escotilha e continuou usando o desintegrador até que ela se fechasse totalmente.

— Já entramos, Bliss — disse para a moça. — Vamos ficar aqui alguns minutos. Continue sem fazer nada!

— Você está bem? — perguntou Bliss. — E Pel?

— Estou aqui, Bliss — disse Pelorat. — Está tudo bem. Não se preocupe.

— Não vou me preocupar, Pel, mas vocês me devem uma explicação.

— Está prometido — disse Trevize, acendendo a luz da câmara de descompressão.

Os dois amigos olharam um para o outro. Trevize disse:

— Estamos bombeando para fora o máximo possível de ar do planeta, de modo que é melhor ter um pouco de paciência.

— E o ar da nave? Não vai deixá-lo entrar?

— Ainda não. Estou tão ansioso quanto você para me ver livre deste traje, Janov. Só quero ter certeza de que estamos livres de todos os esporos que entraram junto conosco na câmara.

Trevize apontou a arma para a junção entre a escotilha interna e o casco da nave e aplicou o calor metodicamente ao longo do chão, subindo pela parede, dando a volta pelo teto e descendo do outro lado.

— Agora você, Janov.

Pelorat agitou-se nervosamente e Trevize disse:

— Você pode sentir um pouco de calor, mas não deve passar disso. Se começar a incomodá-lo, é só dizer.

Fez o raio invisível banhar o visor, concentrando-se principalmente nas bordas. Depois, foi a vez do resto do traje.

— Levante os braços, Janov — murmurou. Depois: — Apóie-se no meu ombro e levante um pé. Preciso limpar as solas. Agora o outro. Está muito quente?

— O suficiente para me fazer suar, Golan.

— Então deixe-me provar meu próprio remédio. Segure a arma.

— Nunca usei um desintegrador na minha vida.

— Pois desta vez é *preciso*, Segure firme e, com o polegar, comprima esse pequeno botão. Depois, aperte o gatilho e mantenha-o apertado. Certo. Aponte para o meu visor. Mantenha o raio em movimento, Janov, não o deixe parado muito tempo no mesmo lugar. Agora limpe o resto do capacete, e depois o pescoço e o peito.

Continuou a orientar o amigo até que todo o seu corpo tivesse sido submetido ao raio de calor. A essa altura, estava transpirando abundantemente. Apanhou a arma de volta e examinou o marcador de energia.

— Já usamos mais da metade da carga — disse, apontando o desintegrador para uma das paredes da câmara de descompressão.

Apertou o gatilho e varreu a parede de ponta a ponta. Depois, fez o mesmo com as outras paredes, o teto e o piso. Repetiu a manobra até a que arma estivesse totalmente descarregada. Quando terminou, o próprio desintegrador tinha esquentado visivelmente, por passar tanto tempo ligado. Ele guardou a arma no coldre.

Só então foi que Trevize transmitiu o sinal de código que fazia abrir a escotilha interna. Ouviu com satisfação o ruído do ar entrando na câmara. As correntes de

convecção esfriariam o traje espacial muito mais depressa que se ele tivesse que perder calor apenas por radiação. Podia ser impressão, mas imediatamente sentiu-se melhor.

— Tire o seu traje, Janov, e deixe-o aqui na câmara — disse para o amigo.

— Se não se importa, a primeira coisa que vou querer vai ser um banho — disse Pelorat.

— Não senhor. Antes disso, antes mesmo de esvaziar a bexiga, você vai ter que falar com Bliss.

Bliss estava à espera deles, naturalmente, com uma expressão preocupada no rosto. Ao lado dela, de olhos arregalados, segurando com força no seu braço esquerdo, estava Fallom.

— O que aconteceu? — perguntou Bliss, muito séria. — O que é que vocês estavam fazendo?

— Tentando evitar que a nave seja contaminada — explicou Trevize. — Vamos ter que ligar a luz ultravioleta. Traga os óculos escuros, por favor.

Depois que a iluminação ultravioleta foi ligada, Trevize começou a tirar as peças de roupa, uma por uma, e a sacudi-las diante da luz.

— É apenas precaução. Faça o mesmo, Janov. Bliss, vou ter que ficar totalmente despido. Se isso vai deixar você constrangida, pode esperar no seu quarto.

— Não vou ficar constrangida — disse Bliss. — Tenho uma boa idéia de como é a sua anatomia. Tenho certeza de que não vou ver nada de novo... Contaminada com o quê?

— Com uma espécie que, em determinadas condições, poderia ser extremamente perigosa para a humanidade — disse Trevize, com uma indiferença forçada.

68.

ESTAVA FEITO. A luz ultravioleta havia cumprido seu papel. Oficialmente, de acordo com o manual que Trevize havia encontrado a bordo do *Estrela Distante* quando embarcara em Terminus, as lâmpadas estavam ali justamente para fins de descontaminação. O rapaz suspeitava, entretanto, de que muitos se sentiam

tentados a usá-la para conseguir um belo bronzeado antes de desembarcar nos planetas em que a pele morena estava na moda.

A nave decolou e Trevize a levou para perto do sol do sistema, manobrando-a de tal forma que todo o casco fosse exposto aos raios ultravioleta.

Depois, recolheram os dois trajes espaciais que haviam sido deixados na câmara de descompressão e Trevize os examinou até se convencer de que estavam livres de qualquer contaminação.

Por fim, Bliss observou:

— Todo esse trabalho por causa do musgo... foi isso o que você disse que era, não foi, Trevize? Musgo?

— Estou chamando de musgo porque é isso que parece — disse Trevize. — Mas pouco entendo de botânica. Tudo o que sei é que é verde e precisa de muito pouca luz para viver.

— Como sabe disso?

— O musgo é sensível ao ultravioleta e não sobrevive a uma iluminação direta. Os esporos estão em toda parte, mas o musgo só se desenvolve em cantos escuros, em fendas na pedra, na parte de baixo das lajes, alimentando-se de dióxido de carbono e aproveitando a energia de fótons de luz que chegam a ele por via indireta.

— Você disse que os considera perigosos — observou Bliss.

— E com muita razão. Se tivéssemos trazido alguns esporos presos na roupa, ou se eles entrassem com uma corrente de ar, encontrariam aqui dentro um suprimento inesgotável de luz, umidade e gás carbônico.

— O dióxido de carbono constitui apenas 0, 03% da nossa atmosfera — disse Bliss.

— Para eles, pode ser mais que suficiente. Além disso, a concentração de gás carbônico no ar que expiramos é muito maior, cerca de 4%. E se o musgo crescesse nas nossas narinas, na nossa pele? E se decompusesse e inutilizasse nossa comida? E se produzisse toxinas mortais? Mesmo que conseguíssemos matar o musgo, se restassem alguns esporos, poderiam contaminar outros mundos que visitássemos. Quem sabe o mal que poderiam causar?

Bliss sacudiu a cabeça.

— A vida não é necessariamente perigosa só porque é diferente. Em caso de dúvida, você não hesita em matar...

— É Gaia que está falando — disse Trevize.

— Claro que é, mas espero que mesmo assim você me escute. O musgo se adaptou às condições locais. É por isso que utiliza a luz em pequenas quantidades, mas não resiste à iluminação direta; é capaz de sobreviver com traços de dióxido de carbono, mas pode ser que uma quantidade maior do mesmo gás seja mortal para ele. Para mim, talvez Melpomenia seja o único planeta da Galáxia em que esse musgo é capaz de sobreviver.

— Você teria preferido que eu corresse o risco? — perguntou Trevize, em tom desafiador.

Bliss deu de ombros.

— Está bem. Não precisa ficar aborrecido. Entendo o que quer dizer. Como Isolado que é, provavelmente não tinha escolha a não ser fazer o que fez.

Trevize abriu a boca para responder, mas foi interrompido pela voz aguda de Fallom, falando sua própria língua.

— O que é que ela está dizendo? — perguntou Trevize para Pelorat.

Pelorat começou:

— Está dizendo que...

Nesse momento, porém, Fallom aparentemente se deu conta de que o único que entendia sua língua natal era Pelorat e começou de novo, desta vez em galáctico:

— Jemby estava no lugar onde vocês estiveram? Bliss sorriu e disse, em tom orgulhoso:

— Ela não está falando galáctico que é uma gracinha? E em tão pouco tempo...

Trevize falou em voz baixa:

— Tente explicar a ela, Bliss, que não encontramos nenhum robô no planeta.

— Deixe que eu explico — disse Pelorat. — Venha, Fallom. — Colocou o braço no ombro da criança. — Vamos até o quarto que eu arranjo outro livro para você ler.

— Um livro? Sobre Jemby?

— Não exatamente...

A porta se fechou atrás dos dois.

— Sabe de uma coisa? — disse Trevize, olhando de mau humor para a porta fechada. — Estamos perdendo tempo bancando as babás dessa criança.

— Perdendo tempo? De que forma isso interfere com a sua busca do planeta

Terra, Trevize? De nenhuma forma. Por outro lado, essa criança precisa de amor, de carinho, de dedicação. Você não compreende?

— É Gaia que está falando de novo.

— Vamos ser práticos, então, Trevize. Visitamos três planetas dos Espaciais e não conseguimos nada de útil.

— É verdade.

— Na realidade, em cada um deles tivemos que enfrentar um perigo diferente, não é mesmo? Em Aurora, eram cachorros selvagens; em Solaria, homens estranhos e perigosos; em Melpomenia, um musgo ameaçador. Ao que parece, portanto, quando um mundo, habitado ou não por seres humanos, fica entregue à própria sorte, acaba por tornar-se perigoso para a comunidade interestelar.

— Você não deve generalizar.

— Por que não? Três em três me parece uma amostra bastante expressiva.

— E quais as conseqüências disso, Bliss?

— Vou lhe contar. Preste atenção. Se você tem milhões de mundos interagindo na Galáxia, como acontece na prática, e se cada um desses mundos é habitado exclusivamente por Isolados, como sabemos que é verdade, então, nesses mundos, os seres humanos são a espécie dominante e podem impor sua vontade às espécies vivas não-humanas, aos seres inanimados e até mesmo a outros seres humanos. A Galáxia é, portanto, um organismo bastante desorganizado e primitivo. Não funciona direito como unidade. Entende o que quero dizer?

— Entendo o que está tentando dizer... mas isso não significa que irei concordar com você quando terminar.

— Limite-se a escutar. Concorde ou não, como quiser, mas escute. A Galáxia na realidade não passa de uma proto Galáxia Viva, e quanto menos proto e mais Galáxia Viva, melhor. O Império Galáctico era um passo no sentido da unificação da Galáxia; quando ele caiu, seguiu-se um período de crise. A Confederação da Fundação foi uma nova tentativa. O mesmo se pode dizer do Império do Mulo. Assim também o Império que a Segunda Fundação está planejando. Entretanto, mesmo que não houvesse impérios nem confederações; mesmo que todos os mundos estivessem em permanente conflito, pelo menos estariam interagindo, ainda que de modo hostil. De alguma forma, ainda estariam unidos e portanto não seria o pior caso de todos.

— Qual é então o pior de todos os casos?

— Você sabe qual é, Trevize. Você viu o resultado. Se um mundo habitado por

seres humanos rompe as ligações com o resto da Galáxia, se deixa de interagir com os outros mundos habitados, acaba por se tornar uma força... maligna.

— Um câncer, então?

— *Exatamente*. Não é isso que é Solaria? Para os solarianos, todos os outros mundos são inimigos. No próprio planeta, os indivíduos não se toleram mutuamente. Você viu as conseqüências. Por outro lado, se os seres humanos abandonam um planeta, com eles desaparecem os últimos vestígios de disciplina. A disputa se torna irracional, como no caso dos cachorros, ou é substituída por uma força elementar, como aconteceu com o musgo. A conclusão só pode ser uma: quanto mais próxima está da Galáxia Viva, melhor é a sociedade. Então por que parar no meio do caminho?

Trevize ficou em silêncio por alguns momentos, olhando para Bliss. Depois, disse:

— Estou tentando ver as coisas do seu ponto de vista. O que não entendo é por que você parece pensar que se um pouquinho de uma coisa é bom, muito deve ser melhor ainda e uma grande quantidade deve ser maravilhoso... Não foi você mesma que observou que é possível que o musgo esteja acostumado a uma pequena concentração de dióxido de carbono e que uma concentração maior talvez possa até matá-lo? Um homem de dois metros de altura está mais bem equipado que um de metro, mas também leva vantagem em relação a um homem com três metros de altura. Se aumentarmos um rato até que ele fique do tamanho de um elefante, ele não sobreviverá muito tempo. O mesmo acontecerá se reduzirmos um elefante ao tamanho de um rato.

“Existe um tamanho natural, uma complexidade natural, uma medida ideal para tudo, desde um átomo até uma estrela; isto certamente se aplica a seres vivos e a sociedades humanas”. Não digo que o velho Império Galáctico tenha sido perfeito, e posso ver muitos defeitos na Confederação da Fundação, mas não estou preparado para afirmar que, se o Isolamento total é mau, a Unificação total tem que ser boa. Os dois extremos podem ser igualmente indesejáveis e um Império Galáctico no estilo antigo, ainda que imperfeito, pode constituir afinal a melhor solução.

Bliss sacudiu a cabeça.

— Está sofismando, Trevize. Daqui a pouco, vai dizer que um vírus e um ser humano são igualmente insatisfatórios e propor uma solução intermediária... como uma colônia de fungos.

— Isso não, mas posso dizer que um vírus e um super-homem são igualmente

insatisfatórios e propor uma solução intermediária... como uma pessoa comum. A verdade, porém, é que essa discussão é inútil. Terei a resposta quando encontrar a Terra. Em Melpomenia, conseguimos as coordenadas de 47 outros planetas dos Espaciais.

— Pretende visitar todos?

— Se for necessário.

— Enfrentando os perigos de cada um?

— Se for preciso para encontrar a Terra.

Pelorat tinha entrado na sala e parecia prestes a dizer alguma coisa quando foi surpreendido pela rápida troca de palavras entre Bliss e Trevize. Ficou olhando de um para outro enquanto discutiam.

— Quanto tempo vai levar? — perguntou Bliss.

— O tempo que for necessário — respondeu Trevize. — Pode ser que eu encontre o que estou procurando no próximo planeta que visitarmos.

— Ou não encontre em nenhum.

— Isso não podemos saber de antemão. Finalmente, Pelorat conseguiu uma brecha para falar.

— Para que tanto trabalho, Golan? Já temos a resposta. Trevize levantou a mão para silenciar o amigo, interrompeu o gesto no meio, olhou para Pelorat e exclamou, com os olhos arregalados:

— O quê?

— Já temos a resposta, Golan. Tentei contar-lhe pelo menos uma dúzia de vezes, mas você estava tão ocupado que...

— De que resposta está falando? Quer explicar?

— A respeito da localização da Terra. Acho que já sei onde fica a Terra.

PARTE SEIS: ALFA

CAPÍTULO 16: O CENTRO DOS MUNDOS

69.

TREVIZE ficou olhando muito tempo para Pelorat, com uma expressão de desagrado no rosto. Afinal, disse:

— Foi alguma coisa que você viu e eu não vi, e que não me contou?

— Não — respondeu Pelorat, timidamente. — Você também viu e, como acabo de dizer, tentei explicar, - mas não quis me ouvir.

— Então tente de novo, ora!

— Não fale desse jeito com ele, Trevize! — protestou Bliss.

— Acho que mereço uma explicação. E pare de tratá-lo como se fosse um bebê!

— Por favor — pediu Pelorat —, parem de discutir e me escutem. Você se lembra, Golan, de que discutimos as tentativas anteriores de descobrir a origem da espécie humana? O projeto de Yariff? Você sabe, registrar as datas em que os vários planetas foram colonizados, na suposição de que os planetas mais próximos do mundo de origem seriam colonizados em primeiro lugar...

Trevize fez que sim com a cabeça.

— Pelo que eu me lembro, o método não funcionou porque as datas de colonização não eram confiáveis.

— Isso mesmo, meu velho amigo. Acontece que os mundos que Yariff usou faziam parte da segunda onda de expansão da raça humana. Àquela altura, as viagens hiperespaciais já estavam bastante desenvolvidas, o que tornou o padrão muito mais complexo. Percorrer grandes distâncias já não era problema e portanto a colonização não prosseguiu em simetria radial. Isso complicou o

problema a ponto de tornar a solução extremamente problemática.

“Pense, porém, nos planetas dos Espaciais”. Eles faziam parte da primeira onda de colonização. Viajar pelo hiperespaço naquela época ainda era bastante arriscado, de modo que ninguém se aventurava percorrer distâncias maiores que o absolutamente necessário. Enquanto milhões de mundos foram colonizados, provavelmente de forma caótica, durante a segunda expansão, apenas cinqüenta foram colonizados provavelmente de forma sistemática, durante a primeira. Enquanto os milhões de mundos da segunda expansão foram colonizados durante um período de vinte mil anos, os cinqüenta da primeira expansão foram colonizados durante um período de uns poucos séculos... quase instantaneamente, em comparação. Esses cinqüenta devem estar dispostos em simetria quase radial em relação ao mundo de origem.

“Temos as coordenadas dos cinqüenta mundos”. Você as fotografou na parede daquele palácio. Seja quem for que esteja eliminando as informações a respeito da Terra, deve ter se esquecido daquelas coordenadas ou pensado que seríamos incapazes de extrair delas as informações de que precisamos. Tudo o que você tem a fazer, Golan, é corrigir as coordenadas para levar em conta os últimos vinte mil anos de movimentos estelares e depois determinar o centro da esfera. Você acabará muito perto do sol da Terra, ou pelo menos do lugar onde ele estava há vinte mil anos atrás.

Enquanto Pelorat falava, o queixo de Trevize caía devagar. Ele levou alguns momentos para fechar a boca depois que o outro terminou.

— Por que não pensei nisso? — disse, afinal.

— Tentei conversar com você a respeito enquanto ainda estávamos em Melpomenia.

— Claro. Me desculpe, Janov, por não prestar atenção em você. A verdade é que não pensei que tivesse...

Interrompeu o que estava dizendo, sem saber como completar a frase.

Pelorat riu baixinho.

— ... não pensou que eu tivesse alguma coisa importante para dizer. Em outras circunstâncias, provavelmente estaria certo, mas isso era alguma coisa dentro da minha especialidade. Acredito que, na maioria dos casos, você teria toda a razão em não prestar atenção em mim.

— De maneira alguma! — protestou Trevize. — Isso não é verdade, Janov. Agi como um tolo. Aceite de novo minhas desculpas... e agora preciso consultar o computador.

Ele e Pelorat foram para a sala de comando e Pelorat, como sempre, observou com uma combinação de admiração e incredulidade enquanto as mãos de Trevize se fundiam com as "mãos" do computador de se tornava o que era quase um organismo híbrido homem/máquina.

— Vou ter que fazer certas hipóteses, Janov — disse Trevize. — Terei que supor que a primeira coordenada é a distância em parsecs que as outras duas são ângulos em radianos, a primeira indicando a declinação e a segunda o azimute. Vou supor ainda que no caso dos ângulos o uso dos sinais positivo e negativo obedece à mesma convenção que em Terminus e que as coordenadas zero, zero, zero correspondem ao sol de Melpomenia.

— Parece razoável — observou Pelorat.

— É mesmo? Existem seis maneiras possíveis de dispor os números, quatro maneiras possíveis de escolher os sinais, as distâncias podem ser em anos-luz em vez de parsecs e os ângulos em graus, em vez de radianos. Só aí temos 96 possibilidades distintas. Acrescente o fato de que se as distâncias forem em anos-luz, fica difícil saber exatamente qual a duração do ano. Isso sem falar de que não sabemos qual a convenção usada para medir os ângulos... as declinações devem ser em relação ao equador de Melpomenia, mas qual o meridiano de origem para os azimutes?

Pelorat franziu a testa.

— Do jeito que você fala, está começando a parecer quase impossível.

— Nem tanto. Aurora e Solaria fazem parte da lista e conheço a posição deles no espaço. Vou entrar com as coordenadas no computador e ver se consigo localizá-los. Se não der certo, mudarei as suposições iniciais e tentarei de novo. Só começarei a procurar o centro da esfera quando tiver certeza de que estou interpretando corretamente as coordenadas.

— Mesmo assim, as possibilidades são tantas que você pode levar anos tentando...

— O quê? — perguntou Trevize, ocupado com o computador. Quando Pelorat repetiu o comentário, ele disse:

— Janov, o mais provável é que todas as convenções sejam iguais às que aprendemos na escola. Nesse caso, não será difícil descobrir qual é o meridiano de origem. Os sistemas para indicar pontos no espaço são muito antigos; a maioria dos astrônomos acredita que tenham sido inventados antes da primeira viagem interestelar. Os seres humanos são extremamente conservadores para algumas coisas e as convenções numéricas são uma delas. Em certos casos,

chegam mesmo a ser confundidas com leis naturais. Pensando bem, é natural que seja assim. Se cada mundo adotasse um sistema diferente, que mudasse a cada cem anos, o progresso científico se tornaria praticamente impossível. Estava trabalhando no computador enquanto falava, de modo que as palavras saíam aos arrancos. Completada a explicação, murmurou:

— Agora fique quieto, Janov.

Depois disso, concentrou-se totalmente na tarefa de programar o computador até que, depois de alguns minutos, recostou-se na cadeira e deu um longo suspiro.

— As convenções são as que eu esperava. Acabei de localizar Aurora. Está vendo?

Pelorat olhou para a tela, que mostrava um grupo de estrelas, com uma estrela mais brilhante quase no centro.

— Tem certeza?

— Minha opinião não importa — disse Trevize. — O *computador* tem certeza. Afinal, estivemos em Aurora. Conhecemos todas as características da estrela do sistema: diâmetro, massa, luminosidade, temperatura, classe espectral, para não falar na configuração das estrelas vizinhas. O computador diz que é Aurora.

— Então acho que devemos aceitar sua palavra.

— Eu também acho. Deixe-me ajustar a tela e o computador fará o resto sozinho. Ele vai mostrar a posição das cinqüenta estrelas, uma de cada vez.

Enquanto falava, Trevize fornecia as instruções ao computador para representar as estrelas em um mapa tridimensional. Nos cálculos, o computador usava as quatro dimensões do espaço-tempo, mas raramente era programado para mostrar na tela mais que duas dimensões. No momento, porém, a tela havia sido transformada em um volume escuro, que além de altura e largura também tinha profundidade. Trevize reduziu bastante a iluminação da sala, para aumentar a visibilidade da tela.

— Vai começar agora — sussurrou.

Pouco depois, apareceu uma estrela, logo seguida por outra e uma terceira. A cada nova estrela, o volume de espaço representado na tela era ampliado para que nenhuma ficasse de fora. Era como se a vista se tornasse cada vez mais distante.

Finalmente, havia na tela cinqüenta pontos luminosos, que pareciam flutuar no espaço tridimensional.

Trevize disse:

— Eu teria apreciado encontrar uma bela distribuição esférica, mas isto parece mais uma bola de neve feita por alguém que estava com muita pressa e que além disso usou neve muito dura e empedrada.

— Então a tentativa não deu certo?

— Eu não seria tão pessimista. Afinal, uma certa irregularidade é natural. As estrelas não estão distribuídas uniformemente no espaço e muito menos os planetas habitáveis. O computador vai colocar cada um desses pontos em sua posição atual, estimando o deslocamento que sofreu nos últimos vinte mil anos... para uma estrela, vinte mil anos é pouca coisa; a correção não deve fazer muita diferença... e depois vai calcular a "melhor esfera". Em outras palavras: vai descobrir qual a superfície esférica para a qual a distância a todos os cinqüenta pontos é mínima. A Terra deve estar próxima do centro dessa esfera. Pelo menos, é o que esperamos... Não vai demorar.

70.

NÃO DEMOROU NADA. O próprio Trevize, que estava acostumado com os milagres do computador, ficou surpreso com a rapidez com que ele chegou a um resultado.

Trevize tinha instruído o computador para tocar uma nota musical quando encontrasse as coordenadas do centro da melhor esfera. Não havia nenhuma razão para isso, a não ser a satisfação de ouvir o som e saber que talvez a busca estivesse finalmente terminada.

O computador não levou mais que alguns minutos para avisar que havia encontrado uma solução. Foi como o soar de um gongo melodioso. O som aumentou de volume até ser possível sentir a vibração na pele e depois desapareceu lentamente.

Bliss apareceu imediatamente na porta da sala de controle.

— O que foi que houve? — perguntou, com os olhos arregalados. — Uma emergência?

— Nada disso — disse Trevize. Pelorat acrescentou, excitado:

— Talvez a gente tenha localizado a Terra, Bliss. O som que ouviu foi o sinal de

que o computador tinha acabado de fazer os cálculos.

A moça entrou na sala.

— Vocês podiam ter me avisado.

— Desculpe, Bliss — disse Trevize. — Esqueci-me de regular o volume.

Fallom havia seguido Bliss e perguntou:

— Que barulho foi aquele, Bliss?

— Estou vendo que ela também ficou curiosa — disse Trevize Recostou-se na cadeira, sentindo-se esgotado. O passo seguinte seria usar o telescópio para verificar se nas coordenadas do ponto centrai dos planetas dos Espaciais havia realmente uma estrela do tipo G. Mais uma vez, relutava em prosseguir, temeroso de que a solução encontrada pelo computador não correspondesse à realidade dos fatos.

— É verdade — disse Bliss. — E por que não? É tão humana quanto nós.

— O pai dela não pensava assim — disse Trevize, distraidamente. — Essa criança me preocupa. Ainda vai nos trazer encrenca.

— De onde tirou essa idéia? — perguntou Bliss, em tom defensivo, Trevize deu de ombros.

— É apenas um palpite.

Bliss olhou para ele com desprezo e voltou-se para Fallom.

— Estamos tentando encontrar a Terra, Fallom.

— O que é a Terra?

— A Terra é outro mundo, mas um mundo muito especial. É o mundo de onde vieram os nossos antepassados. Sabe o que significa "antepassado", Fallom?

— Não quer dizer ----?

A última palavra não era em galáctico. Pelorat explicou:

— O que ela disse foi uma palavra arcaica que significa "antepassado".

— Muito bem — disse Bliss, com um sorriso. — A Terra é o planeta de onde vieram os nossos antepassados, Fallom. Os seus, os meus, os de Pel e os de Trevize.

— Os seus, Bliss... e os meus também? — Fallom parecia intrigada. — Os dois?

— Só existe um conjunto de antepassados — explicou Bliss. — Nós todos tivemos os mesmos antepassados.

— Tenho a impressão de que a criança percebe muito bem que é diferente de nós — disse Trevize.

— Não diga isso! — protestou Bliss, em voz baixa. — Quero que ela se sinta igual a nós. Pelo menos, no essencial.

— Não considera o hermafroditismo essencial?

— Estou falando no plano mental.

— Os lobos transdutores também são essenciais.

— Não seja implicante, Trevize. Ela é um ser humano inteligente, e pronto!

Voltou-se para Fallom e disse em voz alta:

— Pense nisso, Fallom. Eu e você temos os mesmos ancestrais. Todas as pessoas de todos os mundos... muitos, muitos mundos... todas têm os mesmos ancestrais, que viviam em um planeta chamado Terra. Isso quer dizer que somos parentes, não é mesmo? Agora volte para o quarto e pense nisso.

Fallom olhou pensativamente para Trevize, fez meia-volta e saiu correndo, depois de receber um tapinha afetuoso de Bliss no traseiro. A moça disse para Trevize:

— Quero que me prometa que não vai fazer nenhum comentário na frente da menina que a faça pensar que é diferente de nós.

— Prometo. Não tenho nenhuma intenção de desmoralizá-la diante da menina. Acontece, Bliss, que ela *é* diferente de nós.

—Apenas superficialmente. Como eu sou diferente de você, como Pel é diferente de você.

— Não se faça de ingênua, Bliss. No caso de Fallom, as diferenças são muito maiores.

— Um *pouquinho* maiores. As semelhanças são muito mais importantes. Um dia, ela e seu povo serão parte da Galáxia Viva, e uma parte muito útil, tenho certeza.

— Está bem. Não vamos discutir. — Trevize voltou-se para o computador, com visível relutância. — Enquanto isso, sou obrigado a verificar a suposta posição na Terra no espaço real.

— Obrigado?

— Já pensou se não encontrarmos nenhuma estrela no lugar indicado?

— Não será o fim do mundo.

— Pensando bem, não há nenhuma vantagem em fazer isso agora. Só poderemos executar o Salto daqui a alguns dias.

— E você passará esses dias sofrendo sem necessidade. Descubra logo. Esperar não vai resolver nada.

Trevize pensou um pouco e depois disse:

— Você tem razão. Vamos em frente!

Colocou as mãos sobre as "mãos" do computador e a tela ficou escura.

— É melhor eu esperar lá fora — disse Bliss. — Minha presença vai deixar você nervoso.

A moça saiu da sala, com um aceno de despedida.

— Na verdade — murmurou Trevize —, primeiro vamos usar o mapa da Galáxia que está na memória do computador. Mesmo que a Terra esteja na posição calculada, ela não deve estar no mapa. Em seguida, porém, nós vamos...

A tela ficou coalhada de estrelas e Trevize interrompeu o que estava dizendo com uma expressão de surpresa no rosto. Quase todas tinham um brilho bastante modesto, com uma ou outra mais brilhante se destacando aqui e ali, distribuídas de maneira mais ou menos uniforme na tela do computador. Quase no centro da tela, porém, havia uma estrela que era a mais brilhante de todas.

— Encontramos! — exclamou Pelorat, radiante. — Só pode ser ela, meu velho amigo. Veja como é brilhante!

— Qualquer estrela perto do centro da tela pareceria mais brilhante que as outras — argumentou Trevize, prevenindo-se contra uma possível decepção. — Afinal, o computador está mostrando a vista que teríamos se estivéssemos a uma distância de um parsec do centro da esfera. Mesmo assim, está claro que aquela estrela não é nem uma anal branca, nem uma gigante vermelha, nem uma gigante azul. Espere um momento... o computador está consultando o banco de dados.

Trevize ficou em silêncio por alguns segundos e depois disse:

— Classe espectral G-2. — Outra pausa e depois: — Diâmetro 1, 4 milhões de quilômetros... massa: 1,02 vezes a do sol de Terminus... temperatura da superfície: 6.000 graus absolutos... período de rotação: pouco menos de trinta dias... nenhum sinal de atividade incomum.

— Não é uma estrela do tipo que possui planetas habitáveis? perguntou Pelorat.

— É, sim — concordou Trevize. — E o sol da Terra teria que se assim, já que foi

nesse sistema que surgiu a vida.

— Então é provável que encontremos um planeta habitável, não *é*.

— Não há necessidade de especularmos — disse Trevize, que ainda parecia intrigado com a presença da estrela. — No mapa da Galáxia consta que esta estrela possui um planeta habitado por seres humanos... mas há um ponto de interrogação ao lado da informação.

O entusiasmo de Pelorat aumentou.

— É exatamente o que eu esperava, Golan. A Terra está aí, mas alguém tentou camuflá-la. É por isso que a pessoa que fez o mapa não tem certeza.

— Não, Janov, é por isso que estou intrigado. Isso *não é* o que eu esperava. Esperava muito mais. Considerando a eficiência com que os vestígios da existência da Terra foram apagados, a pessoa que fez o mapa não deveria conhecer nem a existência deste sistema, quanto mais a existência de vida humana no sistema. Os mundos dos Espaciais não estão no mapa. Por que a Terra estaria?

— O que importa é que ela está. De que adianta discutir por quê? Que mais o computador sabe a respeito da estrela?

— O nome.

— Ah! Qual é?

— Alfa.

Depois de uma pequena pausa, Pelorat exclamou, triunfante:

— É isso, meu velho amigo! A última prova que faltava! Pense no significado do nome!

— O nome significa alguma coisa? Para mim, é apenas um nome, e estranho, por sinal. Não parece galáctico...

— E *não é* galáctico. É uma palavra da língua que era falada na Terra, a mesma que nos deu Gaia como nome do planeta de Bliss.

— Então o que quer dizer "alfa"?

— Alfa é a primeira letra do alfabeto daquela língua antiga. É uma das poucas coisas que sabemos com certeza. Além disso, "alfa" era também usado como número ordinal, para significar "primeiro". Assim, se uma estrela é chamada de "Alfa", é porque é a primeira. E a primeira estrela não teria que ser aquela em torno da qual gira o primeiro planeta em que a vida humana se desenvolveu... a Terra?

— Tem certeza do que está dizendo?

— Absoluta.

— Existe alguma coisa nas lendas antigas... afinal, o mitologista é você... que atribua ao sol da Terra alguma característica incomum?

— Não, claro que não! O sol da Terra tem que ser, por definição, uma estrela comum. O que, aliás, está de acordo com as características que o computador nos forneceu, não é?

— O sol da Terra é uma estrela isolada?

— Naturalmente! — exclamou Pelorat. — Pelo que sei, todo os planetas habitados giram em torno de estrelas isoladas.

— Eu já desconfiava disso — disse Trevize. — O problema é me a estrela que estamos vendo no centro da tela é uma binária. A mais brilhante do par é realmente uma estrela comum; os dados que o computador nos forneceu se aplicam a ela. Entretanto, girando em torno dessa estrela, com um período de aproximadamente oitenta anos, existe outra, com uma massa um pouco menor: quatro quintos da massa da estrela mais brilhante. Com a ampliação atual, não podemos ver as duas estrelas como pontos distintos, mas o computador nos diz que elas estão lá.

— Tem certeza, Golan? — perguntou Pelorat, desanimado. — O computador não poderia se enganar. E se o que estamos vendo é uma estrela binária, então não é o sol da Terra. Não pode ser.

71.

TREVIZE interrompeu o contato com o computador e fez as luzes da sala voltarem ao normal.

Aparentemente, era o que Bliss estava esperando para entrar, seguida de perto por Fallom.

— Então, o que foi que você descobriu? — perguntou a moça.

— Nada de muito animador. No lugar onde esperava encontrar a Terra, o que havia era uma estrela binária. Como sabemos que o sol da Terra é uma estrela

isolada, estamos de volta ao ponto de partida.

— E agora, Golan? —perguntou Pelorat. Trevize deu de ombros.

— Na verdade, não tinha grandes esperanças de encontrar a Terra na primeira tentativa. Nem mesmo os Espaciais colonizariam os planetas vizinhos de forma perfeitamente simétrica. Aurora, o mais antigo dos planetas dos Espaciais, pode ter servido como um centro secundário de colonização, o que deformaria a esfera. Além do mais, o sol da Terra pode não ter se deslocado nos últimos vinte mil anos da mesma forma que os mundos dos Espaciais.

— Então a Terra pode estar em qualquer lugar. É isso o que você está dizendo?

— Não, Janov. Em qualquer lugar, não. Todas essas fontes de erro somadas não devem produzir uma grande diferença. O sol da Terra deve estar *nas proximidades* da posição calculada. É curioso que exista um vizinho com características tão parecidas com as que esperamos do sol da Terra (exceto, naturalmente, pelo fato de ser uma estrela binária), mas deve ser mera coincidência.

— Nesse caso, não veríamos a Terra no mapa? Perto de Alfa, quero dizer?

— Não senhor. Tenho certeza de que o sol da Terra não consta do mapa. Foi isso que me fez desconfiar de Alfa logo que a encontramos. Por mais que se parecesse com o sol da Terra, o simples fato de estar no mapa me fez suspeitar de que estávamos na pista errada.

— Então é muito fácil descobrir a verdade — disse Bliss. — Por que não observa a mesma região do espaço com o telescópio? Se houver uma estrela perto de Alfa, uma estrela muito parecida com Alfa, mas que não conste do mapa do computador nem seja binária, não poderá ser o sol da Terra? Trevize suspirou.

— Se encontrar uma estrela como a que acaba de descrever, serei capaz de apostar metade do que tenho em que haverá um planeta habitável girando em torno da estrela e que esse planeta será a Terra... Acontece que ainda não tive coragem de experimentar.

— Porque está com medo de não encontrar nada? Trevize assentiu.

— Entretanto — disse —, dê-me um minuto ou dois para recuperar o fôlego e me forçarei a agir.

Enquanto os três adultos se entreolhavam, Fallom aproximou-se do computador e ficou olhando, curiosa, para as marcas de mãos que havia no tampo da mesa. Estendeu a mão para uma das marcas e Trevize bloqueou o movimento,

segurando o braço da menina e dizendo:

— Não toque nisso, Fallom.

A criança olhou para Trevize, assustada, e foi aninhar-se nos braços de Bliss.

Pelorat disse:

— Temos que encarar os fatos, Golan. O que acontece se não encontrarmos nada no espaço real?

— Teremos que voltar ao nosso plano anterior — disse Trevize. — Seremos obrigados a visitar os 47 planetas dos Espaciais, um por um.

— E se mesmo assim não conseguirmos nada?

Trevize sacudiu a cabeça, como que para impedir que aquela idéia se instalasse na sua mente. Olhando para a ponta dos pés, disse, simplesmente:

— Então vou ter que pensar em outra coisa.

— E se o mundo dos antepassados não existir? A voz aguda deixou Trevize sobressaltado.

— Quem foi que disse isso? — perguntou.

Era uma pergunta desnecessária. Passado o primeiro momento de surpresa, o rapaz sabia muito bem quem era o autor do comentário.

— Fui eu — disse Fallom.

Trevize olhou para ela e franziu a testa.

— Você sabe do que estamos falando?

— Estão procurando o mundo dos antepassados, mas ainda não o encontraram — disse Fallom. — Talvez esse mundo não exista.

— Não acredito nisso, Fallom — disse Trevize. — Sabemos que alguém está fazendo tudo o que pode para esconder o mundo dos antepassados. Isso quer dizer que existe alguma coisa importante par ser escondida. Você está me entendendo?

— Estou — disse Fallom. — Você não me deixou tocar nas mãos que estão desenhadas na mesa. Isso quer dizer que se eu tocasse nelas aconteceria alguma coisa importante.

— Fallom, você está ficando impossível!... Bliss, você criou um monstro que ainda nos vai destruir a todos. Não deixe mais a menina entrar nesta sala a menos que eu esteja presente. Entendido?

O pequeno aparte pareceu ter arrancado Trevize de sua indecisão. Ele disse:

— É melhor eu voltar ao trabalho. Se ficar aqui parado, esse monstrinho vai acabar tomando conta da nave.

As luzes ficaram mais fracas e Bliss disse, em voz baixa:

— Você prometeu, Trevize. Seja educado com a criança.

— Então tome conta dela e ensine-lhe boas maneiras. Diga-lhe que as crianças são para serem vistas raramente e jamais ouvidas.

Bliss fez uma careta.

— Sua atitude em relação às crianças é simplesmente revoltante, Trevize.

— Talvez, mas não é hora de discutirmos o assunto. Foi então que disse, com um misto de alívio e satisfação:

— Ali está Alfa no espaço real... e à esquerda, ligeiramente para cima, uma estrela quase tão brilhante e que não consta do mapa do computador. Só pode ser o sol da Terra. Aposto *todo* o meu dinheiro nisso.

72.

— ACONTECE — disse Bliss — que não vamos aceitar o seu dinheiro se você perder. Sendo assim, por que não esclarecemos logo o assunto? Vamos visitar a estrela assim que você puder dar o Salto.

Trevize sacudiu a cabeça.

— Não. Agora não se trata de medo ou indecisão. Temos que ser prudentes. Por três vezes visitamos um mundo desconhecido e por três vezes tivemos que enfrentar um perigo imprevisto. Mais que isso: por três vezes tivemos que fugir às pressas. Desta vez, não estou disposto a correr riscos desnecessários. Até o momento, tudo o que temos a respeito da Terra são histórias vagas sobre radioatividade, o que não nos ajuda muito. Acontece que, por uma estranha coincidência, existe um planeta habitado a pouco mais de um parsec da Terra...

— Não sabemos se o planeta que gira em torno de Alfa é habitado —interveio Pelorat. — Você disse que na memória do computador este dado estava acompanhado por um ponto de interrogação.

— Mesmo assim, vale a pena tentarmos — disse Trevize. — Por que não damos

uma olhada primeiro em Alfa? Se encontrarmos seres humanos, tentaremos descobrir o que sabem a respeito da Terra. Para eles, afinal, a Terra não é apenas uma lenda distante; é um planeta vizinho.

— Não é má idéia — disse Bliss. — Acaba de me ocorrer que se Alfa for habitado e se os habitantes forem amistosos, talvez a gente consiga uma comida decente para variar.

— Além de fazer novos conhecimentos — disse Trevize. — Isso também é importante. Concorda com o plano, Janov?

— A decisão é sua, meu velho amigo. Para onde for, eu irei.

— Vamos encontrar Jemby? — perguntou Fallom, abruptamente.

— Vamos procurar por ele, Fallom — disse Bliss depressa, antes que Trevize tivesse tempo de abrir a boca.

— Então está decidido — disse Trevize. — Vamos para Alfa.

73.

— DUAS ESTRELAS grandes — disse Fallom, apontando para a tela.

— É isso mesmo — disse Trevize. — Duas estrelas... Bliss, fique de olho nela. Não quero que mexa em nada.

— As máquinas a fascinam — disse Bliss.

— Pode ser, mas a fascinação dela não me fascina — disse Trevize —, embora, para falar a verdade, esteja tão fascinado como ela por ver duas estrelas tão brilhantes na tela ao mesmo tempo.

As duas estrelas eram tão brilhantes que faltava pouco para aparecerem como discos na tela do telescópio. A intensidade da imagem tinha sido automaticamente reduzida, de modo que poucas estrelas eram visíveis; as duas componentes do sistema binário reinavam em altiva

solidão.

— A questão é que nunca estive tão perto de uma estrela binária — disse

Trevize.

— Verdade? — exclamou Pelorat, surpreso. — Como isso é possível?

Trevize riu.

— Tenho dado minhas voltinhas, Janov, mas não sou o vagabundo espacial que você pensa que eu sou.

— Nunca tinha estado no espaço antes de conhecer você, Golan mas sempre pensei que as pessoas acostumadas a viajar...

— Conheciam de tudo. Eu sei. É natural. O problema com que nunca saiu do seu planeta natal é que, por mais que tente, jamais conseguirá imaginar o verdadeiro tamanho da Galáxia. Poderíamos passar a vida viajando e não conseguiríamos visitar mais que uma parte insignificante da Galáxia. Além disso, ninguém se interessa por binária

— Por que não? — perguntou Bliss, curiosa. — Nós gaianos não entendemos tanto de astronomia quanto os Isolados, mas tinha a impressão de que as binárias eram relativamente comuns...

— E são mesmo — disse Trevize. — Existem mais estrelas binárias na Galáxia do que estrelas isoladas. Acontece, porém, que a existência de um sistema binário perturba o processo de formação do planetas. As binárias dispõem de menos material para que os planeta se condensem. Os planetas que chegam a se formar possuem órbita extremamente excêntricas e raramente são habitáveis.

“Acredito que os primeiros exploradores tenham estudado as binárias de perto”. Depois de um certo tempo, porém, chegaram à conclusão de que as estrelas isoladas eram muito mais promissoras e termos da probabilidade de encontrarem planetas colonizáveis. Naturalmente, depois que a Galáxia foi povoada, praticamente todas as viagens passaram a ter finalidade comercial ou turística e portanto passaram a ser executadas apenas entre planetas habitados, que via de regra orbitavam estrelas isoladas. Suponho que uma vez ou outra um mundo mais belicoso se dispunha a montar um base militar em um planeta de uma estrela binária que por acaso estava em uma posição estratégica, mas com o advento das viagens hiperespaciais essas bases se tornaram desnecessárias.

— É incrível a quantidade de coisas que eu não sei — observou Pelorat, com humildade.

Trevize limitou-se a sorrir.

— Não fique tão impressionado, Janov. Quando servi na Marinha, tive que assistir a um número interminável de aulas a respeito de táticas militares

ultrapassadas que nunca tinham sido usadas na prática e que só eram ensinadas por força do hábito. Estava apenas recitando de cor o que ouvi... Pense em tudo o que sabe a respeito de mitologia, folclore e línguas antigas, coisas que eu não conheço, que todos ignoram, a não ser uns poucos estudiosos como você.

Bliss objetou:

— Acontece que essas duas estrelas formam um sistema binário e mesmo assim uma delas possui um planeta habitável.

— Esperamos que possua, Bliss — disse Trevize. — Toda regra tem exceções. No nosso caso, a exceção vem acompanhada por um ponto de interrogação, o que a torna ainda mais intrigante... Não, Fallom, esses botões não são para brincar... Bliss, acho melhor tirá-la daqui.

— Ela não vai quebrar nada — disse Bliss, em tom defensivo, mas mesmo assim puxando a menina para longe do computador. — Se está tão interessado naquele planeta habitável, por que não pousamos ainda?

— Em primeiro lugar — disse Trevize —, não é sempre que tenho a oportunidade de observar de perto um sistema binário. Em segundo lugar, estou sendo cauteloso para variar. Como já disse, se existe uma lição que podemos extrair de nossas visitas anteriores, é a de que devemos ser extremamente cautelosos.

— Qual das duas estrelas é Alfa? — perguntou Pelorat.

— Não se preocupe, Janov, que não vamos nos perder. O computador sabe exatamente qual delas é Alfa e, para dizer a verdade, eu também sei. É a mais quente e a mais amarela das duas, porque também é a maior. Repare que a estrela da direita é levemente alaranjada, como o sol de Aurora, se é que você se lembra. Está vendo?

— Sim, agora que você chamou minha atenção.

— Muito bem. Essa é a menor... Qual é a segunda letra daquele antigo alfabeto?

Pelorat pensou por um momento e depois respondeu:

— Beta.

— Então vamos chamar a estrela menor de Beta e a maior de Alfa. No momento, estamos rumando para Alfa.

CAPÍTULO 17: A NOVA TERRA

74.

— QUATRO PLANETAS — murmurou Trevize. — Todos pequenos, mais um cinturão de asteróides. Nenhum gigante gasoso.

— Está desapontado? — perguntou Pelorat.

— Não. Já esperava isso. Quando a distância entre duas estrelas binárias é pequena, não pode haver planetas em órbita de apenas uma delas. Um planeta pode girar em torno do centro de gravidade do sistema, mas é muito pouco provável que possa ser habitado, pois estará longe demais dos dois sóis.

"Por outro lado, se as binárias estiverem razoavelmente afastadas, poderá haver planetas girando em torno de cada uma, contanto que estejam suficientemente próximos da estrela em questão". Essas duas estrelas, de acordo com os dados do computador, têm uma separação média de 3, 5 bilhões de quilômetros e, mesmo no periastro, ou ponto de máxima aproximação, estão a cerca de 1, 7 bilhão de quilômetros de distância uma da outra. Para ter uma órbita estável, um planeta teria que estar a menos de duzentos milhões de quilômetros de uma delas. Isso significa que não pode haver gigantes gasosos, já que planetas desse tipo só se formam a distâncias bem maiores. E daí? Os gigantes gasosos não são habitáveis...

— Sim, mas um dos quatro planetas pode ser habitável, não pode?

— Na verdade, o único candidato real é o segundo planeta. Para começar, é o único suficientemente grande para ter atmosfera.

Aproximaram-se do segundo planeta e durante dois dias sua imagem aumentou constantemente na tela do telescópio, devagar a princípio, mas, depois, quando

não houve sinal de nenhuma nave decolando para interceptá-los, com uma rapidez quase assustadora.

O *Estrela Distante* estava se movendo suavemente em uma órbita temporária mil quilômetros acima da camada de nuvens quando Trevize observou, de mau humor:

— Estou vendo por que o computador colocou um ponto de interrogação depois da informação de que o planeta era habitado. Não há nenhum sinal de radiação, seja de luz artificial no hemisfério onde agora é noite, seja de ondas de rádio nos dois hemisférios.

— A camada de nuvens parece bastante espessa — observou Pelorat.

— Não o suficiente para ocultar a radiação.

Ficaram observando o planeta abaixo deles, uma sinfonia de nuvens brancas, que de vez em quando, através de uma brecha ocasional, deixavam entrever uma mancha azul que só podia significar água.

Trevize disse:

— Esse planeta deve ter um clima muito deprimente, com o céu sempre nublado... O que não entendo — acrescentou, enquanto entravam mais uma vez no lado escuro — é que não há nenhuma estação espacial para nos receber.

— Do jeito que fizeram em Comporellon? — perguntou Pelorat.

— Do jeito que fazem em todos os planetas habitados. Teríamos que mostrar nossos papéis, explicar o motivo da visita, etc, etc.

— Talvez, por alguma razão, não tenhamos captado as transmissões deles.

— Nosso computador teria detectado transmissões em qualquer comprimento de onda. Além disso, estamos enviando nossos próprios sinais e até agora não tivemos resposta. Mergulhar abaixo da camada de nuvens sem autorização das autoridades locais constitui grave violação do protocolo espacial, mas não vejo alternativa.

O *Estrela Distante* diminuiu a velocidade e, ao mesmo tempo, para manter a altitude, reforçou o campo antigravitacional. Voltou ao lado iluminado do planeta e diminuiu ainda mais a velocidade. Trevize, auxiliado pelo computador, descobriu uma abertura nas nuvens. A nave mergulhou e passou pela abertura. Abaixo deles, o oceano se estendia a perder de vista, o azul profundo quebrado apenas por finas linhas de espuma.

Saíram do trecho iluminado pelo sol. Imediatamente, a cor da água mudou para

cinza e a temperatura do ar caiu apreciavelmente. Fallom, que estava olhando com interesse pela vigia, falou por alguns momentos em sua língua natal, rica em consoantes, e depois mudou para galáctico. A voz era trêmula.

— O que é que estou vendo lá embaixo?

— É um oceano — disse Bliss, carinhosamente. — Uma grande quantidade de água.

— Por que não seca?

Bliss olhou para Trevize, que explicou:

— Porque é tanta água que não dá para secar.

Fallom disse, em tom choroso:

— Não quero toda aquela água. Vamos embora!

A criança deu um grito agudo quando o *Estrela Distante* penetrou em uma massa de nuvens de tempestade e a vigia ficou quase opaca, de cor leitosa, riscada pelas marcas das gotas de chuva.

As luzes da sala de comando piscaram e a nave sofreu um pequeno solavanco.

Trevize olhou para a criança, surpreso, e gritou:

— Bliss, os lobos transdutores de Fallom já estão funcionando. Ela está usando a energia elétrica para tentar manipular os controles. Faça-a parar!

Bliss abraçou a criança.

— Está tudo bem, Fallom, tudo bem. Não tenha medo. É apenas um outro mundo.

Fallom pareceu menos assustada, mas continuou a tremer. Bliss disse para Trevize:

— A criança nunca viu um oceano e talvez não saiba o que é chuva nem neblina. Você não pode ser mais gentil?

— Não se ela fica mexendo com os controles da nave. Está colocando todos nós em perigo. Leve-a para o seu quarto e trate de acalmá-la!

Bliss assentiu secamente.

— Vou com você — disse Pelorat.

— Não, Pel — protestou Bliss. — Fique aqui. Eu acalmo Fallom e você acalma Trevize.

A moça saiu da sala.

— Não preciso ser acalmado! — vociferou Trevize. — Não devia ter falado daquele jeito com Bliss, mas não posso deixar a criança brincar com os controles, posso?

— Claro que não, mas Bliss foi pega de surpresa. Ela pode controlar Fallom, que está se comportando muitíssimo bem para uma criança que foi tirada de casa, separada do seu... do seu robô e forçada a participar de uma viagem que está além da sua compreensão.

— Eu sei. Eu não queria trazê-la conosco, lembra-se? A idéia foi de Bliss.

— A criança teria morrido, se a deixássemos lá.

— Está bem, mais tarde vou pedir desculpas a Bliss. E à criança também.

Mas ele ainda estava de cara amarrada e Pelorat perguntou:

— Golan, meu velho amigo, há mais alguma coisa incomodando você?

— O oceano — respondeu Trevize.

Tinham saído há muito tempo das nuvens de tempestade, mas o céu continuava nublado.

— Que há de errado com o oceano?

— É grande demais, Janov.

Pelorat não pareceu haver compreendido e Trevize explicou:

— Faltam os continentes. Até agora, não vimos nenhum. A atmosfera é perfeitamente normal, com oxigênio e nitrogênio em proporções decentes, de modo que o planeta deve ter sido adaptado; além disso, deve haver pelo menos vida vegetal para manter a concentração de oxigênio. Atmosferas como essa não ocorrem naturalmente... a não ser, talvez, na Terra, onde tudo começou, não se sabe como. Acontece que nos planetas adaptados existe sempre uma proporção razoável de terra firme, entre um quinto e um terço da superfície total. Onde está essa terra?

— Talvez, por fazer parte de um sistema binário, este não seja um planeta típico — sugeriu Pelorat. — Quem sabe se a atmosfera surgiu naturalmente, uma atmosfera que nunca se formaria sem a intervenção humana nos planetas que giram em torno de estrelas isoladas? Quem sabe se aqui a vida surgiu espontaneamente, como na Terra, mas está restrita a espécies aquáticas?

— Se isso for verdade — disse Trevize — então estamos perdendo tempo. No mar, o progresso tecnológico é impossível. A tecnologia sempre se baseia no fogo, e o fogo e a água são incompatíveis. Um planeta habitado por seres

primitivos não nos interessa.

— Compreendo o seu ponto de vista, mas estou apenas procurando raciocinar em voz alta. Afinal de contas, pelo que sabemos, o progresso tecnológico só ocorreu em um planeta... na Terra. Os Espaciais levaram essa tecnologia para os outros planetas. Você não pode dizer que a tecnologia é "sempre" alguma coisa se dispõe de apenas um exemplo.

— Para se deslocar na água, o corpo tem que ter uma forma aerodinâmica. Os animais marinhos não possuem apêndices que possam ser usados para manipular objetos, como as nossas mãos.

— Os polvos têm tentáculos.

— Se está pensando em alguma coisa como polvos inteligentes, que, além de surgirem espontaneamente neste planeta, ainda desenvolveram uma tecnologia independente do fogo, então, na minha opinião, está propondo uma situação extremamente improvável.

— Na sua *opinião* — disse Pelorat, sem se perturbar. De repente, Trevize deu uma gargalhada.

— Muito bem, Janov. Você está mexendo comigo para se vingar por eu ter falado de mau modo com Bliss, e tenho que confessar que está fazendo um bom trabalho. Prometo que se não encontrarmos nenhum continente vamos examinar os oceanos para ver se encontramos os seus polvos civilizados.

Enquanto falava, a nave entrou de novo na sombra do planeta e a vigia ficou negra. Pelorat estremeceu.

— Estava pensando... acha que é seguro? — perguntou.

— O que que é seguro, Janov?

— Correr no escuro desse jeito. Podemos perder altitude e mergulhar no oceano. Nossa nave ficaria em pedaços!

— Isso não pode acontecer, Janov. Juro! O computador nos mantém em uma linha de força gravitacional. A nave permanece em uma posição tal que a intensidade da força de atração do planeta é sempre a mesma, o que equivale a dizer que nossa altitude em relação ao nível do mar é praticamente constante.

— Qual é essa altitude?

— Cerca de cinco quilômetros.

— Isso não me tranqüiliza nem um pouco, Golan. Não podemos chegar a um continente e bater de frente em uma montanha que não estamos vendo?

— *Nós* não estamos vendo, mas o radar da nave se encarregará de detectar a montanha e informar ao computador, que então fará o resto.

— E se o continente for plano? No escuro, poderemos passar por ele sem saber.

— Não, Janov, é impossível. A água e a terra não refletem da mesma forma as ondas de radar. A água é lisa; a terra é irregular. O computador é capaz de perceber a diferença e me avisará imediatamente se houver terra à vista. Mesmo que fosse dia e o tempo não estivesse nublado, provavelmente o computador detectaria a terra antes de mim. Horas depois, estavam de volta ao lado iluminado do planeta. Abaixo deles, o oceano ainda se estendia interminavelmente em todas as direções, a não ser quando passavam por dentro de uma das numerosas nuvens de tempestade e a visibilidade se tornava nula por alguns instantes. Em uma dessas ocasiões, o vento fez com que o *Estrela Distante* mudasse de rumo. O computador havia alterado o curso, explicou Trevize, para evitar um consumo exagerado de energia e minimizar os riscos de acidente. Depois que a turbulência passou, a nave voltou ao curso anterior.

— Provavelmente passamos perto de um furacão — disse Trevize.

— Escute aqui, meu velho amigo — disse Pelorat. — Tenho a impressão de que estamos viajando de oeste para leste... ou de leste para oeste. Nesse caso, tudo o que estamos examinando é a região próxima do equador.

— Isto seria uma tolice, não seria? Na verdade, Janov, estamos viajando na direção noroeste-sudeste, ao longo de um círculo máximo. Isso nos faz passar pelos trópicos e pelas duas zonas temperadas. Além disso, cada vez que completamos a órbita, nossa trajetória se desloca para oeste, pois o planeta está girando em torno de si mesmo abaixo de nós. Assim, estamos explorando metodicamente a superfície do planeta. No momento, já que ainda não encontramos terra, a probabilidade de existir um continente de proporções razoáveis, de acordo com o computador, é menor que 1097o; a de existir uma ilha relativamente grande, menor que 25%. Naturalmente, essas probabilidades tendem a diminuir a cada órbita.

— Sabe o que eu teria feito? — disse Pelorat, sem pressa, enquanto eram novamente tragados pela sombra do planeta. — Teria permanecido longe do planeta e explorado um hemisfério inteiro usando o radar. As nuvens não atrapalhariam em nada, não é verdade?

— Então iríamos para o outro lado e faríamos o mesmo — disse Trevize. — Ou esperaríamos o planeta dar a volta... Isso é fácil de dizer agora, Janov. Quem iria esperar chegar a um planeta habitável e não parar em uma estação espacial para

receber uma licença... ou ser barrado? E depois de atravessar a camada de nuvens sem parar em nenhuma estação, quem iria prever que não encontraríamos terra logo de saída? Afinal, os planetas habitáveis são... terra!

— Não necessariamente — protestou Pelorat.

— Não é disso que estou falando! — exclamou Trevize. — Estou dizendo que encontramos terra! Fique quieto!

Então, com um autocontrole que não escondia o seu entusiasmo, Trevize colocou as mãos sobre a mesa e tornou-se parte do computador. Ele disse:

— É uma ilha com cerca de 250 quilômetros de comprimento por 65 quilômetros de largura. Deve ter uns quinze mil quilômetros quadrados de superfície. Não chega a ser grande, mas é respeitável. Mais que um pontinho no mapa. Espere...

A luz da sala de comando diminuiu de intensidade até a sala ficar totalmente escura.

— O que está fazendo? — disse Pelorat, falando instintivamente por sussurros, como se a escuridão fosse uma coisa frágil que não devesse ser quebrada.

— Esperando que meus olhos se adaptem ao escuro. A nave está parada sobre a ilha. Preste atenção. Consegue ver alguma coisa?

— Não... alguns pontinhos luminosos, talvez. Não tenho certeza.

— Eu também. Vou ligar o telescópio.

Havia luz! Claramente visível. Formando manchas irregulares.

— A ilha é habitada — disse Trevize. — Talvez seja a única região habitada do planeta.

— Que vamos fazer?

— Esperar que amanheça. Assim teremos algumas horas de descanso.

— E se eles nos atacarem?

— Com quê? Não detectei nenhuma radiação, a não ser calor e luz visível. O lugar é habitado e os habitantes são inteligentes. Entretanto, ainda devem estar na era pré-eletrônica, de modo que não temos nada a temer. Se estiver enganado, o computador nos avisará a tempo.

— E depois que amanhecer?

— Vamos pousar, naturalmente.

75.

COMEÇARAM a descer quando os primeiros raios do sol da manhã brilharam através de uma brecha nas nuvens para revelar parte da ilha... coberta de verde, com o interior marcado por uma série de colinas que desaparecia na distância.

Quando chegaram mais perto, puderam ver bosques isolados e um ou outro pomar, mas a maior parte da ilha era constituída por fazendas bem tratadas. Imediatamente abaixo do ponto em que se encontravam, no litoral sudeste da ilha, havia uma praia prateada que terminava em uma linha de grandes pedras, além da qual se estendia um imenso gramado. Aqui e ali, podiam ver habitações, mas elas não se agrupavam em nada que se parecesse com uma cidade.

Chegando ainda mais perto, puderam distinguir uma rede de estradas, ao longo das quais se concentravam as casas. Então, no frio ar da manhã, observaram ao longe um veículo aéreo. Só podiam garantir que se tratava de um veículo aéreo, e não de um pássaro, pela forma como se movia. Era o primeiro sinal indiscutível de vida inteligente que haviam encontrado no planeta.

— Pode ser um veículo automático, se é que é possível construir um veículo automático sem recorrer à eletrônica — observou Trevize.

— Pode ser — concordou Bliss. — A mim me parece que se houvesse um ser humano nos controles, estaria vindo na nossa direção. Devemos ser um espetáculo e tanto... uma nave descendo quase na vertical, mas sem usar foguetes para reduzir a velocidade.

— Um espetáculo estranho em qualquer planeta — disse Trevize, pensativo. — Não foram muitos os mundos que já presenciaram a descida de uma espaçonave gravítica... A praia seria um ótimo lugar para pousarmos, mas não quero ver a nave toda molhada se houver algum contratempo. Vou descer naquele gramado, do outro lado das pedras.

— As naves gravíticas têm uma vantagem: não deixam a propriedade alheia toda queimada quando pousam — disse Pelorat.

A nave desceu suavemente, apoiando-se nas quatro patas que haviam saído do casco durante os últimos estágios da manobra. O peso fez as patas se enterrarem um pouco no chão.

— Infelizmente, estou vendo que vamos deixar marcas — disse Pelorat.

— Pelo menos — disse Bliss, em um tom que não era exatamente de aprovação —, estou vendo que o clima é ameno... talvez até quente.

Havia um ser humano no gramado, observando a descida da nave sem demonstrar medo ou surpresa. A expressão no rosto era de interesse.

A mulher usava trajes bastante sumários, o que explicava o comentário de Bliss a respeito do clima. As sandálias pareciam ser de lona e havia um pano com um motivo floral enrolado nos quadris. Estava nua da cintura para cima. Os cabelos eram negros, compridos e muito brilhantes, descendo quase até a cintura. A pele era castanho clara e os olhos, puxados nos cantos.

Trevize olhou em torno e não viu nenhuma outra criatura viva. Deu de ombros e disse:

— E cedo ainda. Quase toda a população deve estar dormindo. Mesmo assim, não diria que se trata de uma região muito populosa. Voltou-se para os outros e disse:

— Vou sair e conversar com a mulher, se conseguir fazer-me entender. Enquanto isso, vocês...

— Na minha opinião — disse Bliss, com firmeza —, nós todos devemos desembarcar. A mulher parece inofensiva e, de qualquer maneira, estou precisando esticar as pernas e respirar ar puro, além de tentar arranjar uma comida decente, se for possível. Fallom deve estar ansiosa para pisar de novo em terra firme. Quanto a Pel, acredito que gostaria de examinar aquela mulher mais de perto.

— Quem? Eu? — perguntou Pelorat, enrubescendo. — Nem pensei nisso, Bliss, mas, afinal de contas, eu *sou* o lingüista do nosso pequeno grupo.

Trevize deu de ombros.

— Vamos, vamos todos. Mas embora a mulher pareça inofensiva, acho melhor levar minhas armas.

— Duvido que tivesse coragem de usá-las naquela jovem — disse Bliss.

Trevize riu.

— Ela é muito bonita, não acha?

Trevize foi o primeiro a saltar. Depois foi a vez de Bliss, que desceu de mãos dadas com Fallom. Pelorat foi o último.

A mulher de cabelos negros continuava a observá-los com interesse. Não recuou

um milímetro de onde estava.

Trevize murmurou:

— Vou tentar.

Abriu os braços e disse:

— Saudações.

A jovem pensou por um momento e depois disse:

— Saudações para vós e vossos companheiros.

— Que bom! — exclamou Pelorat, alegremente. — Ela fala galáctico clássico, e com uma pronúncia perfeita!

— Eu também consigo entender o que está dizendo — afirmou Trevize, balançando a mão para mostrar que a compreensão era sofrível. — Espero que *ela* me compreenda.

Sorriu para a moça e disse, no tom mais amistoso que pôde:

— Viemos do espaço. Somos de outro mundo.

— Sede bem-vindos — disse a jovem, com sua voz de soprano. — Vossa nave vem do Império?

— Vem de uma estrela distante e seu nome é *Estrela Distante.*

A jovem olhou para as letras que estavam pintadas no casco da nave.

— É verdade o que dizeis? Se é assim, e se a primeira letra é E, então está escrita ao contrário.

Trevize abriu a boca para protestar, mas Pelorat interrompeu-o, radiante.

— Ela está certa! Há dois mil anos atrás, a letra E era escrita ao contrário. Que oportunidade única para estudar galáctico clássico como uma língua viva!

Trevize examinou a mulher com os olhos. Não podia ter mais que um metro e meio de altura e os seios, embora bem formados, eram muito pequenos. Mesmo assim, não parecia imatura. Os bicos eram grandes e as aréolas escuras, embora isso em parte pudesse ser atribuído à pele morena. Ele disse:

— Meu nome é Golan Trevize; meu amigo se chama Janov Pelorat; a mulher é Bliss e a criança é Fallom.

— É costume, então, na estrela distante de onde vindes, que os homens recebam um nome duplo? Eu sou Hiroko, filha de Hiroko.

— E o seu pai? — quis saber Pelorat. Hiroko respondeu, com indiferença:

— Seu nome, segundo minha mãe, é Smool, mas isso não tem importância. Não o conheço.

— Onde estão os outros? — perguntou Trevize. — Você parece ser a única que está aqui para nos receber.

— Muitos homens saíram de barco para pescar; muitas mulheres estão trabalhando nos campos. Fiquei de folga nos últimos dois dias e tive a felicidade de presenciar este grande acontecimento. Meu povo, porém, é curioso e vossa nave deve ter sido avistada de longe, enquanto descia. Em breve outros estarão aqui.

— Esta ilha tem muitos habitantes?

— Mais de 25 mil — disse Hiroko, com orgulho.

— Existem outras ilhas no oceano?

— Outra ilhas?

A moça parecia surpresa.

Trevize compreendeu. Aquela ilha era o único lugar habitado em todo o planeta. Perguntou:

— Como se chama o seu mundo?

— O nome é Alfa. Na verdade, aprendemos que o nome correto é Alfa Centauri, mas nós o chamamos apenas de Alfa, e, como podeis ver, é um mundo deveras airoso.

— Um mundo *o quê?* — exclamou Trevize, voltando-se para Pelorat como quem pede socorro.

— Ela quer dizer um mundo bonito — explicou Pelorat.

— Isso ele é — disse Trevize —, pelo menos aqui e neste momento. Olhou para o céu azul da manhã, quase sem nuvens.

— Hoje está fazendo um belo dia de sol, Hiroko, mas imagino que não haja muitos dias assim em Alfa.

Hiroko fez uma expressão ofendida.

— Tantos quantos quisermos. As nuvens podem vir quando precisamos de chuva, mas a maior parte das vezes preferimos que faça bom tempo. Certamente um céu azul e um mar tranqüilo são preferíveis quando os homens saem para pescar.

— Então vocês são capazes de controlar o tempo?

— Se não fôssemos, senhor Golan Trevize, choveria todos os dias.

— Mas como fazem isso?

— Não sendo engenheira treinada, não saberia dizer.

— Saberia dizer o nome desta ilha onde viveis com o vosso povo? — disse Trevize, procurando, com sucesso relativo, imitar a maneirai rebuscada de falar da moça (e torcendo para que a concordância verbal estivesse correta).

Hiroko respondeu sem pestanejar:

— Nossa ilha celestial, no meio do grande oceano, é chamada de Nova Terra. Trevize e Pelorat olharam um para o outro, com uma expressão que era um misto de júbilo e surpresa.

76.

NÃO HOUVE tempo para perguntar mais nada. Outros habitantes estavam chegando. Dezenas. Devem ser aqueles, pensou Trevize, que não estavam nos barcos nem nos campos quando pousamos. Quase todos chegavam a pé, mas o rapaz pôde ver dois veículos terrestres, ambos muito velhos e primitivos.

Não havia dúvida de que se tratava de uma sociedade bastante atrasada do ponto de vista tecnológico, mas que ainda assim era capaz de controlar o tempo.

Era um fato bem conhecido que o progresso tecnológico nem sempre ocorria de maneira uniforme; que o atraso em certos setores não impedia necessariamente que ocorressem grandes avanços em outros setores... mesmo assim, aquele exemplo de desenvolvimento irregular era bastante incomum.

Entre os que agora estavam admirando a nave, pelo menos metade era de homens e mulheres idosos; havia também três ou quatro crianças. Do resto, havia mais mulheres que homens. Nenhum deles demonstrava medo ou insegurança.

Trevize disse para Bliss, em voz baixa:

— Está manipulando os locais? Parecem tão... serenos!

— Nem toquei neles — disse Bliss. — Evito mexer com as mentes dos Isolados, a não ser que seja absolutamente necessário. É com Fallom que estou

preocupada.

Para alguém que já tivesse sido exposto às multidões de curiosos de outros planetas da Galáxia, os recém-chegados podiam ser poucos; para Fallom, porém, que mal se acostumara a conviver com os três adultos do *Estrela Distante*, pareciam uma turba ameaçadora. A criança estava respirando muito depressa, com os olhos semicerrados. Parecia prestes a entrar em estado de choque.

Bliss passou a mão na cabeça da criança enquanto murmurava alguma coisa em tom suave. Trevize tinha certeza de que a moça estava acompanhando o gesto por um rearranjo sutil das ligações nervosas no cérebro de Fallom.

Fallom respirou fundo e sacudiu-se, no que talvez fosse um tremor involuntário. Levantou a cabeça e olhou para os locais com uma expressão quase normal; depois, enterrou a cabeça no espaço entre o braço e o corpo de Bliss.

A jovem deixou-a permanecer onde estava, enquanto com o braço, passado em torno dos ombros de Fallom, a apertava periodicamente, como que para manifestar repetidas vezes sua presença protetora. Pelorat olhava de um alfano para outro, com uma expressão incrédula no rosto. Disse para Trevize:

— Golan, eles são tão diferentes uns dos outros! Trevize tinha reparado naquilo, também. Havia vários tons de pele e de cor de cabelo, incluindo uma ruiva de olhos azuis e pele sardenta. Pelo menos três adultos eram tão baixos quanto Hiroko e um ou dois eram mais altos que Trevize. Muitos tinham olhos apertados como os de Hiroko, e Trevize se lembrou de que esses olhos eram considerados a marca registrada dos habitantes do setor de Fili, mas nunca havia visitado aquele setor.

Todos os alfanos estavam nus da cintura para cima e todas as mulheres tinham seios pequenos. Era a mais geral de todas as características físicas que pudera observar até o momento.

Bliss disse de repente:

— Hiroko, esta criança não está acostumada a viajar no espaço e teve um dia muito cheio. Poderia arranjar um lugar para ela descansar e, se possível, comer e beber alguma coisa?

Hiroko olhou para moça, intrigada, e Pelorat repetiu o que Bliss havia dito no galáctico mais elaborado da era imperial.

Hiroko levou a mão à boca e fez uma reverência para Bliss.

— Mil perdões, senhora — disse. — Não pensei nas necessidades da criança, nem nas vossas. A novidade da vossa visita me distraiu o pensamento. Seria uma

honra se a senhora... se todos me acompanhassem até o refeitório para o desjejum. Podemos comer todos juntos.

— É muita bondade sua — disse Bliss, falando devagar, na esperança de que assim se fizesse compreender melhor. — Seria preferível, porém, que apenas você nos acompanhasse. É por causa da criança... ela não está acostumada a ficar com muita gente ao mesmo tempo.

— Será como dissestes — prometeu Hiroko.

A jovem os conduziu, sem muita pressa, ao longo de um caminho que cortava o gramado. Outros alfanos se aproximaram. Pareciam particularmente interessados no vestuário dos recém-chegados. Trevize tirou o blusão e passou-o para um homem que estava caminhando a seu lado e tinha colocado o dedo no blusão, como se quisesse saber de que era feito.

— Tome — disse. — Pode examiná-lo à vontade, mas não se esqueça de devolvê-lo.

Voltou-se para Hiroko.

— Vou querer meu blusão de volta, ouviu?

— Oh, podeis ficar tranqüilo que ele vos será restituído — assegurou a moça, muito séria.

Trevize sorriu e continuou a caminhar. Sentia-se mais à vontade sem o blusão naquele clima ameno.

Entre as pessoas que o cercavam não havia ninguém armado. Curiosamente, os locais não pareciam demonstrar medo ou desconfiança com relação às armas que Trevize levava na cintura. Na verdade, nem pareciam notar que elas existiam. Talvez não soubessem que eram armas. A julgar pelo que havia visto até o momento, Alfa podia muito bem ser um mundo totalmente sem violência.

Uma mulher aproximou-se de Bliss para examinar-lhe a blusa e disse:

— Tendes seios, respeitável senhora?

Como se não tivesse paciência para esperar a resposta, pousou a mão de leve no peito de Bliss.

Bliss sorriu e disse:

— Como acabais de descobrir, tenho seios. Talvez não sejam tão bem-feitos quanto os vossos, mas não é por esse motivo que os escondo. No meu mundo, não é costume deixá-los à mostra.

Sussurrou para Pelorat, que estava ao seu lado:

— Acha que estou pegando o jeito do galáctico clássico?

— Bliss, você está se saindo muito bem — assegurou-lhe Pelorat. A sala de refeições era grande, com longas mesas ladeadas por bancos do mesmo comprimento. Era evidente que os alfanos comiam em grupo.

Trevize sentiu uma dor na consciência. Graças ao pedido de Bliss, o refeitório tinha sido reservado para cinco pessoas e todos os alfanos, com exceção de Hiroko, tiveram que permanecer do lado de fora. Alguns deles, porém, posicionaram-se a uma distância respeitosa das janelas (que não eram mais que aberturas na parede, sem vidraças nem cortinas), presumivelmente para observar os estranhos enquanto

comiam.

Pensou involuntariamente no que aconteceria se começasse a chover. Certamente a chuva cairia apenas quando fosse necessário, uma chuva suave e controlada, sem vento, durando apenas o suficiente para molhar a terra. Além do mais, os alfanos saberiam quando ela iria chegar e estariam preparados.

A janela em frente ao rapaz dava para o mar e lá longe, perto do horizonte, Trevize teve a impressão de que podia entrever um banco de nuvens semelhantes às que cobriam os céus de todo o planeta, com exceção daquele pequeno oásis.

O controle do tempo tinha suas vantagens. Afinal, uma mocinha que andava nas pontas dos pés chegou para servi-los. Ninguém perguntou o que queriam comer; foram simplesmente servidos. Havia um pequeno copo de leite, um copo maior de suco de uva, e um ainda maior de água. Cada pessoa recebeu dois ovos escaldados de bom tamanho, acompanhados por fatias de queijo branco. Cada um também ganhou um grande prato de peixe grelhado com pequenas batatas assadas e enfeitado com folhas de alface.

Bliss olhou, assustada, para a quantidade de comida que haviam colocado diante dela, sem saber por onde começar. Fallom, porém, não pensou duas vezes. Bebeu o suco de uva de um gole só e atacou imediatamente o peixe e as batatas. Ia pegar a comida com a mão, mas Bliss passou-lhe uma colher de sopa de metal que também podia ser usada como garfo e Fallom aceitou-a.

Pelorat sorriu de satisfação e começou pelos ovos. Trevize o acompanhou, comentando:

— Já tinha até me esquecido do gosto que tem um ovo de verdade.

Hiroko, que estava tão entretida observando os estranhos comerem (pois até Bliss finalmente havia começado, com visível apetite) que havia esquecido o próprio desjejum, perguntou, afinal:

— Está tudo bem?

— Tudo bem — respondeu Trevize, de boca cheia. — Aparentemente, comida é o que não falta por aqui... ou será que nos serviram mais que habitualmente, por pura gentileza?

Hiroko escutou com atenção e pareceu compreender o sentido das palavras do rapaz, pois respondeu:

— Não, não senhor. A terra é generosa, o mar ainda mais. Os patos põem ovos, as cabras dão leite e queijo. Também temos os nossos cereais. Além de tudo, o mar está cheio de peixes, em grande variedade e números incontáveis. O Império inteiro poderia vir comer à nossa mesa e ainda haveria peixes em abundância no mar.

Trevize sorriu discretamente. A jovem alfana não parecia ter a menor idéia do tamanho da Galáxia. Ele disse:

— Você chama esta ilha de Nova Terra, Hiroko. Onde é que fica a Velha Terra?

A moça olhou para ele, espantada.

— A *Velha* Terra? Sinto muito, mas não conheço nenhum lugar com esse nome.

— Antes de haver uma Nova Terra, seu povo deve ter vivido em algum lugar. Como se chama esse lugar de onde vocês vieram?

— Não sei de nada a respeito disso — disse a jovem, constrangida. — Esta terra é a minha terra e foi a terra da minha mãe e da minha avó; assim como antes, com toda a certeza, foi a terra da avó da minha avó. Não conheço nenhuma outra.

— Hiroko — insistiu Trevize, com muito tato —, você chama esta ilha de *Nova* Terra. Sabe por que tem esse nome?

— Meu senhor — explicou a jovem, com toda a paciência —, eu chamo esta ilha de Nova Terra porque é assim que ela é chamada por todas as pessoas que conheço.

— Sim, mas o nome é *Nova* Terra, o que significa uma Terra mais recente. Nesse caso, deve ter havido uma *Velha* Terra, ou seja, uma Terra mais antiga, a primeira a receber o nome de Terra. Toda manhã começa um novo dia, o que significa necessariamente que deve ter existido um dia anterior. Não compreende que tem que ser assim?

— Não, respeitável senhor. Sei apenas como se chama a terra em que vivo. Não sei de nada além disso, nem consigo acompanhar o vosso raciocínio. Sinto

muito.

Trevize balançou a cabeça, sentindo-se derrotado.

77.

TREVIZE inclinou a cabeça na direção de Pelorat e sussurrou no ouvido do amigo:

— Em todo lugar é a mesma coisa. Ninguém nos fornece nenhuma informação a respeito da Terra.

— Que importa, se já sabemos onde fica? — disse Pelorat, quase sem mover os lábios.

— Queria chegar lá sabendo pelo menos alguma coisa.

— Ela é quase uma criança... você perguntou à pessoa errada. Trevize pensou um pouco no que o amigo havia dito e depois concordou.

— Tem razão, Janov. Voltou-se para Hiroko e disse:

— Hiroko, não quer saber o que viemos fazer aqui na sua terra? A moça baixou os olhos e respondeu:

— Não seria cortês fazer esse tipo de pergunta antes que estivésseis repousados e alimentados, respeitável senhor.

— Mas agora já comemos e descansamos, de modo que vou lhe contar por que estamos aqui. Meu amigo, o Dr. Pelorat, é um cientista famoso no nosso mundo, um homem muito sábio. Ele é um mitologista. Sabe o que isso significa?

— Sinto muito, respeitável senhor, mas não sei.

— Ele estuda histórias antigas, na forma como são contadas em diferentes mundos. Essas histórias são chamadas de lendas e mitos e o Dr. Pelorat se interessa muito por elas. Sabe de alguém em Nova Terra que conheça as histórias antigas deste mundo?

A testa de Hiroko ficou ligeiramente franzida, como se ela estivesse indecisa. Afinal, disse:

— Não sou a pessoa indicada para responder, pois não conheço quase nada a respeito. Sei de um velho que adora falar do passado. Onde ele pode ter

aprendido essas coisas, eu não sei; pessoalmente, acho que tudo não passa de fantasias. Talvez o vosso amigo se interessasse pelas histórias que ele conta, mas não quero que vos enganeis. Na minha opinião — a jovem olhou para os lados, como se tivesse receio de que outros alfanos a escutassem —, aquele velho não passa de um mentiroso, embora muitos acreditem nas coisas que ele diz.

Trevize fez que sim com a cabeça.

— Estamos muito interessados nesse tipo de histórias. Você poderia apresentar meu amigo a esse velho...

— O nome dele é Monolee.

— ... a Monolee, então. Acha que Monolee se importaria de falar com o meu amigo?

— Se ele se importaria de falar? — repetiu Hiroko, com ar de desdém. — O difícil vai ser fazê-lo calar! Monolee é um homem e portanto é capaz de falar, sem interrupção, durante horas e horas. Não tenho a intenção de ofender-vos, respeitável senhor.

— Não se preocupe. Dá para você levar o meu amigo agora para falar com esse Monolee?

— Se assim o desejardes. O velho está sempre em casa e está sempre pronto para receber um bom ouvinte.

— Talvez você possa também arranjar uma mulher mais velha para fazer companhia a Bliss. Ela tem que tomar conta da criança e por isso não pode ir conosco. Acho que gostaria de ter alguém com que conversar, porque as mulheres, você sabe, são muito...

— Tagarelas? Isso é o que dizem os homens, mas tenho observado que são eles os grandes faladores. Sempre que voltam das pescarias, passam o resto do dia contando uns para os outros a respeito dos peixes enormes que quase conseguiram pegar e outras mentiras que inventam na hora. Ninguém presta atenção nessas histórias nem acredita nelas, mas isso não os impede de falar. Mas chega de conversa. Eu mesma já estou falando demais... Vou pedir a uma amiga da mamãe; que estou vendo pela janela, para ficar com madame Bliss e a criança. Antes disso ela levará o vosso amigo, o sábio doutor, para conhecer o velho Monolee. Se o seu amigo for um ouvinte à altura da tagarelice de Monolee, será difícil separá-los mais tarde. Perdoaríeis minha ausência por um momento?

Quando a jovem se afastou, Trevize voltou-se para Pelorat e disse:

— Janov, consiga o que puder do velho. Bliss, faça a mesma coisa com a mulher que vai ficar com você. Estou falando de informações a respeito da Terra.

— E você? — quis saber Bliss. — O que vai fazer?

— Vou ficar com Hiroko e tentar descobrir uma terceira pessoa. Bliss sorriu.

— Ah, estou entendendo. Pel vai conversar com um velho; eu, com uma senhora. Enquanto isso, você faz o sacrifício de ficar com essa mocinha quase sem roupa. É isso que chamo de divisão eqüitativa de trabalho.

— Acredite, Bliss, a divisão *é* razoável!

— Mas você não fica nem um pouquinho triste com a cota que lhe cabe nesta divisão, não é mesmo?

— Claro que não. Por que ficaria?

— É mesmo... por que ficaria?

Hiroko estava de volta e tornou a sentar-se à mesa.

— Está tudo combinado. O sábio Dr. Pelorat irá falar com Monolee e a respeitável madame Bliss, juntamente com a criança, terá companhia. Posso ter a honra, então, respeitável senhor Trevize, de continuar a conversar com vossa pessoa, talvez a respeito dessa Velha Terra a respeito da qual vós tanto...

— Fantasiais? — perguntou Trevize.

— Não — protestou Hiroko, rindo. — Fazeis graça de mim, mas na verdade fui pouco cortês ao não responder a vossas perguntas. Anelo por redimir-me.

Trevize voltou-se para Pelorat.

— Anela?

— Deseja ardentemente — explicou Pelorat.

Trevize disse:

— Hiroko, não acho que você tenha sido pouco cortês, mas se isso a fará sentir-se melhor, terei todo o prazer em conversar com você.

— Muito obrigada — disse Hiroko, levantando-se.

Trevize levantou-se também.

— Bliss, tome conta de Pelorat — disse.

— Pode deixar. Quanto a você, tem as suas... A moça fez um gesto com a cabeça na direção das armas.

— Acho que não vou precisar delas — disse Trevize, pouco à vontade.

Ele e Hiroko saíram da sala de refeições. O sol estava mais alto no céu e chegava a fazer um pouquinho de calor. Como sempre, estava sentindo um odor estranho no ar. Trevize lembrou-se de que havia sentido um cheiro opressivo em Comporellon, um odor de mofo em Aurora e um perfume delicioso em Solaria. (Em Melpomenia, tinham usado trajes espaciais, de modo que o único cheiro que sentira tinha sido o do próprio corpo.). Em todos os casos, o cheiro havia desaparecido em algumas horas, tempo necessário para que os centros olfativos do nariz ficassem saturados.

Ali, em Alfa, o cheiro era uma agradável fragrância de mato fresco, ativada pelo calor do sol, e Trevize sentiu uma ponta de triste ao pensar que em pouco tempo deixaria de senti-lo.

Estavam se aproximando de uma pequena construção que parecia feita de argamassa cor-de-rosa.

— Esta é a minha casa — anunciou Hiroko. — Pertencia à ir mais moça da minha mãe.

A jovem entrou e fez um gesto a Trevize para que a seguisse, porta estava aberta ou, como Trevize reparou ao entrar, seria mais preciso dizer que não havia nenhuma porta.

— O que é que vocês fazem quando chove? — perguntou.

— Nós nos preparamos. Vai chover daqui a dois dias, durante três horas, de manhã cedo, quando está mais fresco e o solo recebo melhor a água. Então eu vou puxar esta cortina, que é grossa mas não absorve água, e usá-la para tapar a entrada.

Enquanto falava, Hiroko puxava a cortina. Era feita de uma espécie de lona.

— Vou deixá-la no lugar — explicou. — Assim todos saberão que estou ocupada com alguma coisa e não quero ser perturbada.

— Não parece grande coisa em termos de isolamento.

— Por quê? Não cobre completamente a entrada?

— Sim, mas qualquer um poderia empurrá-la para o lado e entrar assim mesmo.

— Desrespeitando a vontade do morador? — Hiroko parecia chocada. — No seu mundo fazem coisas assim? Seria uma falta de respeito!

Trevize riu.

— Eu só perguntei...

Hiroko conduziu-o até o segundo dos dois aposentos e convidou-o para sentar-se

em uma cadeira estofada. A casa era pequena e tinha muito pouca mobília, mas parecia servir para pouco mais que isolamento e repouso. As aberturas das janelas eram pequenas e próximas do teto, mas havia algumas tiras de material metálico, dispôs tas estrategicamente nas paredes, que refletiam a luz de forma difusa. Havia fendas no chão das quais saía uma brisa suave. Trevize não viu nenhum sinal de iluminação artificial e ficou imaginando se os alfanos se levantariam com o nascer do sol e iriam para a cama no crepúsculo.

Quando abriu a boca para perguntar, Hiroko falou primeiro:

— Madame Bliss é vossa mulher? Trevize replicou, cautelosamente:

— Está perguntando se ela é minha parceira sexual? Hiroko enrubesceu.

—Rogo-vos que modereis vossa linguagem, mas *estou* me referindo aos prazeres da intimidade.

— Não, ela é mulher do meu amigo.

— Sois mais jovem e mais bonito!

— Muito obrigado, mas Bliss pensa diferente. Ela gosta muito mais do Dr. Pelorat do que de mim.

— Fico muito surpresa. Ele não quer dividi-la convosco?

— Não perguntei isso a ele, mas tenho certeza de que a resposta seria não. Eu mesmo não estou interessado.

Hiroko assentiu gravemente.

— Eu sei. São os fundamentos da madame.

— Fundamentos?

— Sabeis muito bem do que estou falando. Disto! A jovem deu um tapinha no próprio traseiro.

— Oh, isso! Sim, Bliss tem quadris avantajados. Desenhou uma curva com as mãos e piscou para Hiroko. A moça deu uma risadinha.

— Acontece — disse Trevize — que muitos homens apreciam uma anatomia generosa.

— Não posso acreditar. Seria uma espécie de gula desejar em excesso aquilo que é agradável em quantidades moderadas. Agradar-vos-ia mais minha figura se meus seios fossem volumosos e caídos, com os bicos apontando para o chão? Já vi mulheres assim e os homens não se interessam por elas. Algumas chegam a cobrir suas deformidades... como faz madame Bliss.

— Também não é do meu gosto, embora esteja certo de que Bliss não cobre os seios por causa de alguma imperfeição que possa ter.

— Então não desaprovais as formas do meu corpo?

— Seria um louco se o fizesse. Você é linda!

— Que fazeis para satisfazer às vossas necessidades de prazer enquanto viajais de mundo para mundo em vossa nave, já que não podeis contar com madame Bliss?

— Não faço nada, Hiroko. Não há nada para fazer. De vez em quando penso no prazer e isso me traz desconforto, mas aqueles que viajam pelo espaço sabem muito bem que existem ocasiões em que não há nada a fazer. Procuramos compensar em outras ocasiões.

— Se é um desconforto, como pode ser removido?

— Meu desconforto aumentou consideravelmente desde que você puxou o assunto. Acho que não seria polido responder à sua pergunta.

— Seria polido se eu sugerisse uma solução?

— Depende inteiramente da sugestão.

— Sugiro que proporcionemos prazer um para o outro.

— Quando você me trouxe aqui, Hiroko, já estava pensando nisso?

— Sim — respondeu Hiroko, com um sorriso malicioso. — Era meu dever de cortesia, mas também o meu desejo.

— Nesse caso, tenho que admitir que é também o meu desejo. Para falar a verdade, eu... hum... eu *anelo* por proporcionar prazer a você.

CAPÍTULO 18: O FESTIVAL DE MÚSICA

78.

O ALMOÇO foi na mesma sala de refeições que o desjejum. Estava cheia de alfanos e com eles Trevize e Pelorat, que já se sentiam em casa. Bliss e Fallom comeram à parte, em um pequeno anexo.

Foram servidos vários tipos de peixe e uma sopa com pedaços do que poderia ser cabrito cozido. A refeição era acompanhada por pão à vontade, com manteiga e geléia. Depois veio uma salada, rica e abundante. Não houve sobremesa, mas vários sucos de fruta foram passados em jarros aparentemente inesgotáveis. Os dois visitantes comeram pouco, por causa do desjejum reforçado, mas os locais se fartaram.

— Como é que eles não engordam? — comentou Pelorat, em voz baixa.

Trevize deu de ombros.

— Muito exercício, talvez.

Era óbvio que naquela sociedade não se dava muito valor à etiqueta à mesa. Os gritos se misturavam com as risadas e muitos batiam com os copos, que pareciam ser feitos de um material inquebravel. As mulheres eram tão barulhentas quanto os homens, embora em um tom mais agudo.

Pelorat parecia atordoado, mas Trevize, que não sentia mais nenhum vestígio do desconforto que mencionara a Hiroko, estava de muito bom humor. Ele disse para o amigo:

— Pensando bem, acho que eu gostaria de morar aqui. As pessoas parecem apreciar a vida e praticamente não têm preocupações materiais. O clima é o que

eles querem e a comida, incrivelmente abundante. Sob vários aspectos, esta ilha é um paraíso.

Estava gritando para conseguir fazer-se ouvir e Pelorat gritou de volta:

— Pode ser, mas é um paraíso tão ruidoso!

— Eles estão acostumados.

— Não sei como conseguem se entender nesta bagunça. Realmente, para os dois visitantes, a conversação dos locais era totalmente incompreensível. A combinação de um sotaque estranho com uma gramática arcaica e um alto nível de ruído faziam aquilo parecer mais um jardim zoológico do que uma sala de refeições.

Depois do almoço, foram juntar-se a Bliss em uma pequena casa, que Trevize achou muito parecida com a de Hiroko, e que lhes havia sido destinada como alojamento temporário. Fallom estava no segundo cômodo, enormemente aliviada por ficar sozinha, segundo Bliss, e tentando dormir.

Pelorat olhou para o buraco da porta e disse:

— Aqui é tudo tão aberto... como vamos poder conversar à vontade?

— Posso lhe garantir — assegurou Trevize — que se puxarmos essa cortina para a frente da porta não seremos perturbados. É o sinal de que queremos ficar a sós.

Pelorat olhou para as janelas.

— Eles podem escutar.

— Não precisamos gritar. Os alfanos não são indiscretos. Mesmo quando ficaram do lado de fora da sala de refeições, durante o desjejum, mantiveram-se a uma distância respeitosa das janelas.

Bliss sorriu.

— Você parece ter aprendido muita coisa com aquela mocinha a respeito dos costumes locais. O que aconteceu exatamente durante o tempo que passou com ela?

— Se você percebeu que os meus neurônios sofreram uma mudança para melhor e adivinhou a razão, só lhe posso pedir que deixe minha mente em paz — disse Trevize.

— Sabe muito bem que Gaia só tocaria na sua mente se estivesse correndo perigo de vida, e sabe por quê. Mesmo assim, não sou mentalmente cega. Poderia perceber o que aconteceu a um quilômetro de distância. Não consegue

pensar em outra coisa, seu maníaco sexual?

— Maníaco sexual? Deixe disso, Bliss. Duas vezes apenas, em toda a viagem. Duas!

— Só passamos por dois mundos em que havia mulheres disponíveis. Você não desperdiçou nenhuma oportunidade...

— Sabe muito bem que em Comporellon não tive escolha.

— É, você tem razão. Lembro-me muito bem daquele mulherão... — Bliss deu uma gargalhada sonora. Depois, prosseguiu: — Por outro lado, não acho que Hiroko seja suficientemente forte para obrigá-lo.

— Claro que não. Eu estava mesmo querendo. Mas a idéia foi dela.

Pelorat perguntou, com um traço de inveja na voz:

— Isso acontece sempre com você, Golan?

— Claro que sim, Pel — disse Bliss. — As mulheres são irresistivelmente atraídas para ele.

— Gostaria que fosse verdade — disse Trevize —, mas não é. Pensando bem, é melhor que não seja. Há outras coisas que desejo fazer na vida. Neste caso, porém, tenho que admitir que Hiroko realmente se sentiu irresistivelmente atraída. Afinal, a moça nunca havia conhecido alguém de outro planeta... nem ela nem, aparentemente, nenhum outro alfano vivo. Por algumas coisas que deixou escapar, observações casuais, percebi que estava com a idéia, muito excitante para ela, de que eu seria diferente dos alfanos, fosse anatomicamente, fosse nas técnicas de fazer amor. Pobrezinha... deve ter ficado desapontada.

— Verdade? — exclamou Bliss. — E você?

— Eu, não — respondeu Trevize. — Já estive em vários mundos e tive algumas experiências. O que descobri é que as pessoas são pessoas e o sexo é sexo em toda parte. Quando existem diferenças, em geral são triviais e desagradáveis. Os perfumes que já tive que suportar! Lembro-me de uma mocinha que não conseguia sentir nada a não ser quando a música estava tocando a todo volume, uma música constituída inteiramente por sons estridentes e dissonantes. Aí era *eu* que não conseguia sentir nada! Não, Bliss... fico muito satisfeito quando a coisa é exatamente como estou acostumado.

— Por falar em música — disse Bliss —, fomos convidados para um concerto depois do jantar. Um acontecimento muito formal, ao que parece, que foi programado em nossa homenagem. Ouvi dizer que os alfanos têm muito orgulho da sua música.

Trevize fez uma careta.

— O orgulho deles não vai fazer a música soar melhor aos nossos ouvidos.

— Isso não é importante — disse Bliss. — Soube que eles sabem tocar com desembaraço instrumentos arcaicos. *Muito* arcaicos. Talvez, através desses instrumentos, a gente consiga descobrir mais alguma CQM a respeito da Terra.

Trevize levantou as sobrancelhas.

— Uma idéia interessante. E isso me lembra que talvez vocês dois já tenham conseguido alguma informação. Janov, você falou com esse tal de Monolee?

— Falei, sim — respondeu Pelorat. — Passei três horas com ele e Hiroko não exagerou nem um pouquinho. Foi praticamente um monólogo da parte dele e quando tive que sair para almoçar, não me largou até que prometesse voltar assim que pudesse para ouvir o resta das histórias.

— Ele contou alguma coisa que nos interesse?

— De acordo com Monolee... e não é o único que pensa assim, você sabe... a Terra está perigosamente radioativa. Os ancestrais dos alfanos foram os últimos a deixarem o planeta; se ficassem, teriam morrido. Golan, ele falava com tanta convicção que não pude deixar de acreditar. Estou convencido de que a Terra é um planeta morto, o que torna nossa busca, afinal, totalmente sem propósito.

79.

TREVIZE recostou-se na cadeira, olhando fixo para Pelorat, que estava sentado em um catre estreito. Bliss levantou-se de onde estava, ao lado de Pelorat, e ficou olhando de um para o outro. Finalmente, Trevize disse:

— Deixe por minha conta julgar se nossa busca é sem propósito ou não, Janov. Limite-se a contar o que o velho tagarela tinha para lhe dizer... resumidamente, é claro Pelorat começou:

— Tomei notas enquanto Monolee falava. Ajudaram a compor minha imagem de estudioso, mas não precisarei consultá-las. O velho era bem tortuoso na sua maneira de falar. Tudo o que dizia o fazia lembrar-se de outra história

completamente diferente da que estava contando, mas, naturalmente, passei a vida tentando organizar informações em busca de fatos relevantes e significativos, de modo que se tornou uma segunda natureza para mim a capacidade de condensar um discurso longo e incoerente.

— Em algo mais longo e incoerente ainda? — interrompeu Trevize, rindo. — Vá direto ao ponto, Janov!

Pelorat pigarreou, meio sem graça.

— Está bem, meu velho amigo. Vou tentar transformar as histórias do velho em uma narrativa concatenada. A Terra foi o berço da humanidade e de milhões de espécies de plantas e animais. Era o único planeta habitado até serem inventadas as viagens hiperespaciais. Então foram colonizados os mundos dos Espaciais. Eles romperam seus laços com a Terra, desenvolveram culturas próprias e passaram a sentir desprezo pelo planeta de origem e mesmo a oprimi-lo.

“Alguns séculos depois, a Terra conseguiu recuperar a liberdade, embora Monolee não tenha explicado exatamente como isso aconteceu”. Evitei fazer perguntas com receio de que isso o induzisse a novos rodeios. Ele chegou a mencionar um herói da Terra chamado Elijah Baley, mas suas supostas façanhas eram tão características do hábito de atribuir a um único indivíduo as conquistas de várias gerações que não valia a pena tentar...

— Está bem, Pel querido, entendemos esta parte — disse Bliss Pelorat interrompeu-se novamente e retomou a narrativa.

— É claro. Desculpe. A Terra começou um novo surto de colonização, fundando muitos mundos novos, de acordo com novos métodos. Esses novos Colonizadores eram mais dinâmicos que os Espaciais, a quem derrotaram, vindo eventualmente a fundar o Império Galáctico. Foi durante as guerras entre os Colonizadores e os Espaciais... não, guerras não, Monolee usou a palavra "conflitos", e fez questão de frisar que não se tratava de guerras... foi durante esses conflitos que a Terra ficou radioativa.

— Isso é ridículo, Janov! — exclamou Trevize, sem disfarçar a irritação. — Como é que um mundo pode *ficar* radioativo? Todo planeta é ligeiramente radioativo no momento da sua formação e depois essa radioatividade diminui lentamente. Nenhum planeta *fica* radioativo.

Pelorat deu de ombros.

— Estou só repetindo o que ele disse. E ele estava só repetindo o que alguém lhe disse... alguém que estava só repetindo o que ouviu de outra pessoa, e assim por diante. É uma história popular, contada e recontada por muitas gerações,

sofrendo sabe-se lá quantas distorções no percurso. <

— Isso eu entendo, mas será que não existe nenhum livro ou documento onde os acontecimentos tenham sido registrados quando ainda eram recentes? Eles nos dariam uma idéia bem mais precisa do que realmente aconteceu.

— Acontece que fiz essa pergunta para o velho e a resposta foi não. Ele me disse que havia livros nos tempos antigos e que esses livros foram perdidos há muito tempo, mas que não tinha importância, porque ele sabia tudo o que estava nos livros.

— Sim, mas com muitas distorções. É sempre a mesma história. Em todo planeta que visitamos, acabamos descobrindo que os registros a respeito da Terra desapareceram, de um modo ou de outro... Escute, ele explicou como foi que a Terra ficou radioativa?

— Não, ele não sabia ao certo. O mais perto que chegou de uma explicação foi quando me disse que os responsáveis tinham sido os Espaciais. Logo percebi, porém, que os Espaciais eram os demônios a quem o povo da Terra atribuía todas as suas desgraças. A radioatividade...

Nesse ponto, foi interrompido por uma voz de soprano.

— Bliss, eu sou um Espacial?

Fallom estava de pé no estreito corredor que ligava os dois quartos, com cara de sono, o cabelo desgrenhado. A camisola (que estava muito larga, pois pertencia a Bliss) havia escorregado de um ombro, revelando um peito infantil.

Bliss disse:

— Nós nos preocupamos com ouvintes de fora e nos esquecemos de quem está aqui dentro... Fallom, por que disse isso? — perguntou, levantando-se e caminhando em direção à criança.

— Eu não tenho o que eles têm — afirmou Fallom, apontando para os dois homens — nem o que você tem, Bliss. Sou diferente. Isso é porque sou um Espacial?

— Você é uma Espacial, Fallom — disse Bliss, com carinho —, mas pequenas diferenças não são importantes. Volte para a cama.

Fallom tornou-se submissa, como sempre acontecia quando Bliss falava daquele jeito. Mesmo assim, perguntou, em tom preocupado:

— Eu sou um demônio? Eu sou um demônio? Bliss disse para os dois homens, por cima do ombro:

— Esperem por mim. Já volto.

Cinco minutos depois, estava de volta, abanando a cabeça.

— Ela vai dormir até que eu a acorde. Devia ter feito isso antes, mas não gosto de mexer nas mentes alheias a não ser quando é absolutamente necessário. — Acrescentou, em tom defensivo: — Não quero que fique cismada com as diferenças entre o seu aparelho genital e os nossos.

— Um dia ela vai ter que saber que é hermafrodita — disse Pelorat.

— Um dia — disse Bliss —, mas não agora. Continue a história, Pel.

— Isso — disse Trevize. — Continue antes que mais alguém nos interrompa.

— Como eu ia dizendo, a radioatividade tomou conta da Terra, ou pelo menos da crosta. Na época, a Terra tinha uma enorme população, que vivia em cidades gigantescas, quase todas subterrâneas...

— Agora você foi longe demais — interrompeu Trevize. — Essa lenda não passa de uma tentativa ingênua de glorificar o passado de um planeta. O que você descreveu foi a antiga Trantor, a capital do Império, e não a Terra.

Pelorat olhou para o amigo de cara feia e disse:

— Francamente, Golan, às vezes você faz pouco da minha inteligência. Nós mitologistas sabemos muito bem que os mitos e lendas contêm imitações, lições de moral, ciclos naturais e centenas de outras influências perturbadoras. Nosso trabalho é justamente abstrair essas influências e chegar aos fatos. Na verdade, as mesmas técnicas devem ser aplicadas à história convencional, já que nenhum historiador pode ser considerado totalmente isento. No momento, estou me limitando a repetir mais ou menos o que Monolee me contou, embora provavelmente esteja acrescentando novas distorções, se bem que de forma totalmente involuntária...

— Está bem, está bem... — disse Trevize. — Prossiga, Janov. Não fique ofendido.

— Não fiquei. As cidades gigantescas, se é que existiram, foram diminuindo à medida que a radioatividade se tornava mais intensa, até que a população ficou reduzida a apenas uma fração do que havia sido. Essas pessoas se agrupavam precariamente nas poucas regiões onde a radioatividade ainda não era mortal. Para que a população não aumentasse, praticava-se o controle da natalidade e a eutanásia dos velhos de mais de sessenta anos.

— É horrível! — exclamou Bliss, chocada.

— Sem dúvida — concordou Pelorat. — Entretanto, foi o que eles fizeram,

segundo Monolee, e pode muito bem ser verdade, pois não depõe a favor dos terráqueos e não é provável que os próprios terráqueos e seus descendentes inventassem uma mentira desabonadora. Os terráqueos, que tinham sido desprezados e oprimidos pelos Espaciais, eram agora desprezados e oprimidos pelo Império, embora neste caso a lenda possa conter uma certa dose de exagero devido à autopiedade, que é um sentimento muito forte. Vejam, por exemplo, o caso...

— Fica para outra vez, Pelorat. Continue com a história da Terra, por favor.

— Desculpe. O Império, em um acesso de bondade, concordou em remover o solo contaminado e substituí-lo por solo novo, proveniente de outros planetas. Não é preciso dizer que era uma tarefa monstruosa, da qual o Império logo se cansou, ainda mais porque esse período... se meu palpite estiver certo... coincidiu com a queda de Kandar V, depois da qual o Império tinha coisas muito mais importantes para se preocupar do que a Terra.

“A radioatividade continuou a aumentar, a população continuou a diminuir e afinal o Império, em outro acesso de bondade, ofereceu-se para transportar o restante da população para um planeta próximo”... *este* planeta, para ser exato.

“Parece que anteriormente uma expedição havia semeado o oceano, de modo que quando surgiu a idéia de trazer para cá a população da Terra, Alfa já dispunha de uma atmosfera de oxigênio e de um suprimento adequado de alimentos”. O desinteresse que os mundos do Império Galáctico sempre manifestaram em relação a Alfa pode ser explicado por um preconceito, até certo ponto natural, em relação a 1 planetas de sistemas hinários. A probabilidade de sistemas desse tipo possuírem planetas habitáveis é tão pequena que mesmo quando um planeta é perfeitamente adequado, todos o rejeitam na suposição de que deve haver algo de errado com ele. Este tipo de falácia é mais comum do que vocês imaginam. Um caso clássico é o do...

— Deixe o caso clássico para depois, Janov — disse Trevize. — O que aconteceu depois que resolveram trazer a população da Terra para cá?

— A única coisa que faltava — prosseguiu Pelorat, atropelando um pouco as palavras — era terra firme. Os engenheiros localizaram uma parte rasa do oceano e a aterraram com sedimentos removidos de partes mais profundas, formando assim a ilha de Nova Terra. Pedras e recifes de coral foram usados como uma espécie de quebra-mar. Plantas de raízes profundas foram semeadas ao longo do litoral e também ajudaram a evitar a erosão. Mais uma vez, o Império se havia imposto uma missão gigantesca. Talvez o plano inicial fosse construir continentes inteiros, mas quando esta ilha ficou pronta; o Império já

estava envolvido em outros projetos de maior prioridade.

“O que restava da população da Terra foi trazido para cá”. As naves do Império transportaram homens e máquinas. Os terráqueos passaram a viver em Nova Terra, em total isolamento.

— Total? — repetiu Trevize. — Monolee disse a você que somos os primeiros a visitar este planeta desde aquele tempo?

— Quase total — corrigiu Pelorat. — Alfa não possui nenhum atrativo especial e além disso existe o preconceito com relação aos planetas de estrelas binárias. Uma vez ou outra, muito raramente, alguém pousava aqui, como nós fizemos, mas ia embora e tudo ficava na mesma.

— Você perguntou a Monolee onde ficava a Terra? — quis saber Trevize.

— Claro que perguntei. Ele não sabia.

— Como pode saber tanta coisa a respeito da história da Terra sem conhecer sua localização?

— Perguntei a ele diretamente, Golan, se a estrela que ficava a apenas um parsec e pouco de Alfa podia ser o sol em torno do qual a Terra girava. Monolee perguntou o que era um parsec e eu expliquei que era uma distância pequena, em termos astronômicos. Então ele disse que não sabia se a Terra ficava perto ou longe de Alfa e que, na sua opinião, procurá-la seria um erro. A Terra tinha o direito de viajar em paz pelo espaço, explicou.

— Você concorda com ele? — perguntou Trevize, Pelorat sacudiu a cabeça.

— Sabe que não. Entretanto, Monolee disse também que a radioatividade continuou a aumentar, de modo que o planeta deve ter ficado totalmente inabitável logo depois que os últimos terráqueos foram evacuados e hoje em dia seria perigoso até aproximar-se dele.

— Bobagem! — exclamou Trevize, com convicção. — Um planeta não pode ficar radioativo. Mesmo que ficasse, sua radioatividade não aumentaria continuamente. A tendência da radioatividade é sempre no sentido de diminuir.

— Você não falou com Monolee. Ele parecia estar bastante seguro do que afirmava. Todos com quem conversamos são unânimes quanto a isto: a Terra está radioativa. Assim sendo, não vejo vantagem em prosseguirmos.

80.

TREVIZE respirou fundo e disse, em tom controlado:

— É bobagem, Janov. É tudo mentira.

— Meu velho amigo, não deve acreditar em alguma coisa apenas porque isso conveniente para você.

— Minha conveniência não tem nada a ver com o caso. Em mundo após mundo descobrimos que todos os registros sobre a Terra foram apagados. Por que seriam apagados se não há nada para esconder, se a Terra é um mundo morto, radioativo, inatingível?

— Não sei, Golan.

— Sabe, sim. Quando estávamos chegando a Melpomenia, você disse que a radioatividade poderia ser o reverso da medalha. Destruíram registros para suprimir informações corretas; forjar a história da radioatividade para fornecer informações falsas. Nos dois casos, o objetivo seria desencorajar qualquer tentativa de localizar a Terra. Não devemos cair nessa armadilha.

Bliss interveio:

— Trevize, ao que parece você está convencido de que a estrela mais próxima de Alfa é o sol da Terra. Nesse caso, porque continua a argumentar contra a história da radioatividade? O que importa? Por que não vamos até a estrela mais próxima e verificamos pessoalmente como é a Terra?

— Porque tudo indica que os atuais habitantes da Terra são muito poderosos... na verdade, gostaria de saber mais a respeito do planeta e seus ocupantes antes de nos aproximarmos dele. Como não foi possível descobrir grande coisa aqui em Alfa, considero qualquer tentativa de aproximação como uma ação extremamente perigosa. Por isso, estou disposto a deixar vocês todos aqui em Alfa e prosseguir sozinho. Para que arriscar mais de uma vida?

— Não, Golan! — protestou Pelorat, com veemência. — Bliss e a criança podem ficar aqui, mas eu vou com você. Antes de você nascer eu já estava procurando a Terra. Sejam quais forem os riscos, não posso ficar para trás quando a meta está tão próxima!

— Bliss e a criança *não vão* ficar aqui — disse Bliss. — Eu sou Gaia e Gaia pode proteger-nos, até mesmo na Terra.

— Espero que tenha razão — disse Trevize, em tom de dúvida. — Lembre-se de que Gaia não pôde evitar que todas as suas memórias a respeito da Terra fossem apagadas.

— Isso foi feito há muito tempo, quando Gaia ainda não tinha nem uma fração do poder que possui atualmente. Hoje a situação é outra.

— Tomara que você esteja certa... ou será que conseguiu obter novas informações a respeito da Terra que ainda não teve tempo de nos contar? Lembro-me de que lhe pedi para interrogar as velhas da aldeia com quem tivesse contato.

— Foi o que fiz.

— O que descobriu?

— A respeito da Terra, nada além do que Pelorat nos contou.

— Ah...

— Por outro lado, fiquei sabendo que os alfanos são excelentes biotecnologistas.

— São?

— Nesta ilha, desenvolveram e testaram numerosas variedades de plantas e animais, chegando a implantar um ecossistema estável e auto-sustentado, apesar do pequeno número de espécies de que dispunham para começar. Aperfeiçoaram as formas de vida aquáticas que encontraram quando aqui chegaram há alguns milhares de anos, aumentando o seu valor nutritivo e tornando-as mais saborosas. Foi através da biotecnologia que chegaram à fartura de que desfrutam atualmente. No momento, estão pensando até em modificar a si próprios.

— Como assim?

— Eles sabem muito bem que na situação atual, confinados como se encontram à única extensão de terra firme que existe no planeta, que não passa de uma pequena ilha, não podem se dar ao luxo de permitir que a população aumente. Por esse motivo, pretendem tornar-se anfíbios.

— Tornar-se *o quê?*

— Anfíbios. Querem ter guelras, além de pulmões. Nesse caso, poderiam construir cidades no fundo do oceano. A mulher com quem conversei parecia entusiasmada com a idéia, mas admitiu que os alfanos vêm perseguindo este objetivo há vários séculos e que o progresso tem sido muito lento.

Trevize disse:

— Aí estão dois campos em que talvez estejam mais adiantados do que nós: controle do tempo e biotecnologia. Gostaria de conhecer as técnicas que usam.

— Para isso, teríamos que encontrar os especialistas — disse Bliss. — E pode ser que eles não queiram conversar a respeito.

— É claro que este não é o nosso objetivo principal — disse Trevize —, mas a Fundação estaria interessada no que pudéssemos aprender com este mundo em miniatura.

— Nosso controle do tempo em Terminus não é nada mau, Golan — observou Pelorat.

— Muitos planetas possuem um controle razoável do tempo — disse Trevize. — Acontece que esse controle é sempre feito em escala global. Aqui, os alfanos controlam o tempo em uma pequena parte do seu mundo, o que exige técnicas diferentes das nossas... Mais alguma coisa, Bliss?

— Convites sociais. Parece que essa gente adora festas. Quando não estão pescando ou trabalhando na lavoura, estão comemorando alguma coisa. Como já comentei com vocês, hoje à noite, depois jantar, vai haver um festival de música. Amanhã, durante o dia, haverá uma festa na praia: em todo o litoral da ilha, os que não estiverem de serviço se encontrarão para tomar banho de mar e aproveitar o s pois no dia seguinte vai chover. De manhã, antes da chuva, os barcos pesqueiros estarão de volta; à noite haverá um festival de comida, base de peixe. Pelorat riu.

— As refeições normais são o que são. Como será um festival comida?

— Tenho a impressão de que não é a quantidade que conta, mas a variedade. Seja como for, nós quatro estamos convidados para participar de todos os festivais, especialmente do festival de música desta noite.

— Ele vão tocar instrumentos antigos? — perguntou Trevize.

— Exatamente.

— A propósito: o que é que os torna antigos? Computadores primitivos?

— Não, não. Aí é que está. Os instrumentos não são eletrônico e sim mecânicos. Eles me descreveram alguns deles. São feitos de cordas esticadas, tubos ocos e peles de animais.

— Você deve estar brincando! — exclamou Trevize, chocado.

— Não, estou falando sério. Ouvi dizer que a sua Hiroko vai soprar um tubo... esqueci-me do nome do instrumento. Você vai ter que agüentar firme.

— Para mim vai ser uma experiência e tanto — observou Pelorat. — Conheço muito pouco a respeito da música primitiva e terei muito prazer em ouvi-la.

— Ela não é "minha Hiroko" — protestou Trevize. — Acha que os instrumentos são do tipo usado na Terra?

— Acho que sim — disse Bliss. — Pelos menos, as mulheres disseram que foram inventados muito antes de seu povo se mudar para este planeta.

— Nesse caso — disse Trevize —, pode valer a pena sujeitarmos nossos ouvidos a uma possível tortura. Quem sabe descobrimos alguma coisa importante a respeito da Terra?

81.

ESTRANHAMENTE, a pessoa mais animada para ir ao concerto era Fallom. Ela e Bliss tomaram banho em uma casinha atrás da casa principal. Havia um chuveiro com água quente e fria (ou melhor: morna e fria), uma pia e uma privada. Era um banheiro extremamente limpo e funcional e, com o sol do fim da tarde, chegava a ser um lugar alegre e bem iluminado.

Como sempre, Fallom ficou fascinada com os seios de Bliss e Bliss teve que dizer (agora que Fallom compreendia galáctico) que era assim que as pessoas eram no seu mundo. Quando Fallom perguntou por quê, Bliss, depois de pensar um pouco e chegar à conclusão de que não havia nenhuma maneira lógica de responder, limitou-se a dizer:

— Por que sim!

Quando terminaram, Bliss ajudou Fallom a vestir a roupa de baixo que os alfanos haviam emprestado e colocou uma saia por cima. Deixar Fallom despida da cintura para cima parecia bastante natural. Para si própria, Bliss escolheu uma saia de Alfa (que ficou um pouquinho justa demais nos quadris) e uma de suas blusas. Parecia uma tolice ter vergonha de mostrar os seios em uma sociedade em que todas as mulheres o faziam, especialmente quando seus seios eram pequenos e bem-feitos, mas era assim que Bliss se sentia.

Logo em seguida, foi a vez de os homens usarem o banheiro, Trevize resmungando as costumeiras queixas masculinas a respeito do tempo que as

mulheres tinham levado para tomar banho.

Bliss fez Fallom dar uma volta completa para certificar-se de que a saia estava no lugar e disse:

— É uma saia muito bonita, Fallom. Você gosta dela? Fallom olhou-se no espelho.

— Gosto, sim... mas será que não vou ficar com frio? — perguntou, passando as mãos pelo peito nu.

— Acho que não, Fallom. As noites neste mundo são quentes.

— Mas *você* está usando mais roupa do que eu.

— Porque é assim que a gente se veste no meu mundo. Escute, Fallom, esta noite vamos estar com muitos alfanos. Você acha que agüenta?

Fallom fez cara de choro e Bliss prosseguiu:

— Vou sentar do seu lado direito e segurar a sua mão. Pel vai sentar do lado esquerdo e Trevize no lugar à sua frente. Não vamos deixar ninguém falar com você e você não vai ter que falar com ninguém.

— Vou tentar, Bliss — disse Fallom, com uma voz ainda mais fina que de costume.

— Depois — disse Bliss —, alguns alfanos vão tocar música para nós. Sabe o que é música?

Começou a cantarolar. Fallom logo se interessou.

— Você quer dizer_____?

A última palavra era incompreensível para Bliss.

Fallom começou a cantar. Era uma música muito bonita, embora a harmonia fosse estranha, e rica em trinados.

— Isso mesmo. Música — disse Bliss. Fallom disse, toda animada:

— Jemby costumava tocar... — hesitou e depois se lembrou da palavra em galáctico —... música o tempo todo. Ele tocava um _____!

Outra palavra na sua língua natal. Bliss tentou repetir a palavra.

— Jemby tocava um fiful? Fallom deu uma risada.

— Não é um fiful, é um_____

Ouvindo a criança, Bliss percebeu que não havia pronunciado a palavra corretamente, mas não se aventurou a tentar de novo. Em vez disso, pediu:

— Quer me explicar como ele é?

O vocabulário ainda limitado de Fallom não permitia uma descrição precisa e seus gestos não fizeram a moça imaginar nenhuma forma definida.

— Jemby me ensinou a tocar_____— disse Fallom, com orgulho. — Eu usava os dedos, mas ele me disse que um dia vou poder tocar só com o pensamento.

— Isso é maravilhoso, querida — disse Bliss. — Depois do jantar, vamos ver se os alfanos tocam tão bem quanto Jemby.

Os olhos da criança brilharam. A perspectiva de ouvir música a fez suportar a refeição com estoicismo, mantendo-se calma no meio do barulho e das risadas. Apenas uma vez, quando alguém derrubou um prato perto dela, foi que Fallom pareceu um pouco assustada, mas Bliss logo a tranqüilizou com um abraço apertado.

— Será que ficariam ofendidos se eu dissesse que preferimos comer em um lugar separado? — murmurou a moça para Pelorat. — Já basta ter que comer toda essa proteína de animais Isolados, ainda sou obrigada a fazê-lo no meio deste tumulto!

— Os alfanos são um povo alegre. Estão apenas dando vazão a toda essa alegria — disse Pelorat, que parecia disposto a suportar qualquer coisa para estudar de perto aquela sociedade primitiva.

Pouco depois, o jantar chegou ao fim e anunciaram que o festival de música estava para começar.

82.

O SALÃO onde seria realizado o festival de música era tão grande quanto a sala de refeições e havia cadeiras dobráveis (muito pouco confortáveis, pensou Trevize) para cerca de 150 pessoas. Como convidados de honra, os visitantes foram levados para a primeira fila e vários alfanos elogiaram os seus trajes.

Os dois homens estavam despidos da cintura para cima. De vez em quando, Trevize contraía os músculos abdominais e baixava a cabeça, olhando com orgulho para o próprio peito coberto de pêlos escuros. Pelorat estava tão

interessado em tudo que o cercava que parecia alheio à própria aparência. A blusa de Bliss atraiu olhares curiosos, mas não houve nenhum comentário.

Trevize observou que apenas metade dos lugares estavam ocupados e que a maioria absoluta dos espectadores era de mulheres. Provavelmente, a população masculina estava quase toda no mar.

Pelorat cutucou Trevize e sussurrou:

— Eles têm eletricidade.

Trevize olhou para os tubos verticais nas paredes e para outros no teto. Brilhavam com uma luz difusa.

— Lâmpadas fluorescentes — observou. — Bastante primitivas.

— Pode ser, mas fazem um bom trabalho. Existem coisas parecidas com essas nos nossos quartos e no banheiro, mas pensei que fossem apenas peças de decoração. Se conseguirmos descobrir como se faz para ligá-las, não teremos que ficar no escuro.

— Eles podiam ter nos contado — disse Bliss, com irritação na voz.

— Na certa pensaram que não era necessário — disse Pelorat. Quatro mulheres saíram de trás de uma cortina e se sentaram em grupo na frente da platéia. Cada uma segurava um instrumento de madeira envernizada. Todos tinham a mesma forma, que não era fácil de descrever. A principal diferença entre os instrumentos estava no tamanho. Um era bem pequeno, dois razoavelmente grandes e o quarto muito grande. As mulheres também carregavam uma vara comprida na outra mão.

Quando as mulheres entraram, a platéia assobiou baixinho e ela fizeram uma reverência. Todas tinham uma tira de gaze prendendo o seios, como que para evitar que interferissem com o instrumento.

Interpretando os assobios dos alfanos como um sinal de aprovação, Trevize achou que seria educado imitá-los. Fallom então acrescentou um trinado que era muito mais que um assobio e começava atrair a atenção quando Bliss a fez sossegar, apertando-lhe a mão com força.

Três das mulheres colocaram os instrumentos debaixo do queixo o maior dos instrumentos ficou no chão, entre as pernas da quarta mulher. As quatro então começaram a fazer passar as varas comprida pelas cordas dos instrumentos, enquanto os dedos da mão esquerda se moviam rapidamente, comprimindo a extremidade superior dessa cordas.

Este, pensou Trevize, era o "barulho" que estava esperando, e que não soava

como um barulho. Na verdade, era uma sucessão suave e melodiosa de notas musicais; cada instrumento tocava uma música diferente, mas os sons se fundiam de modo muito agradável.

Naturalmente, não tinha a complexidade infinita da música eletrônica (da "música de verdade", como Trevize não pôde deixar de pensar), mas parecia uma peça pobre, repetitiva. Mesmo assim, com o passar do tempo, quando o ouvido se acostumou com aqueles sons exóticos, começou a reconhecer sutilezas. Era preciso um certo esforço para isso, e pensou, com saudade, na clareza, na precisão matemática, na variedade da música a que estava acostumado. Ocorreu-lhe, porém, que se escutasse a música daqueles instrumentos simples de madeira durante mais algum tempo, poderia muito bem vir a apreciá-la.

O concerto já devia ter começado há mais de 45 minutos quando Hiroko apareceu para o seu número. A jovem viu Trevize na primeira fila e sorriu para ele. Trevize uniu-se à platéia no assobio de boas-vindas. Hiroko estava linda com uma saia comprida, estampada com cores vivas, uma grande flor no cabelo e nada acima da cintura. Aparentemente, os seios não interfeririam com o instrumento que tocava.

O instrumento era um tubo de madeira com uns setenta centímetros de comprimento e dois de diâmetro. Hiroko levou-o aos lábios e soprou em uma abertura próxima a uma das extremidades, produzindo um som agudo que mudava constantemente enquanto seus dedos manipulavam objetos metálicos localizados ao longo do tubo.

Assim que ouviu a primeira nota, Fallom agarrou o braço de Bliss e disse:

— Bliss, isso é um_____'

Estava usando a palavra que soava como "fiful" para Bliss. A moça sacudiu a cabeça, mas a criança insistiu:

— É, sim!

Alguns alfanos olharam na direção de Fallom. Bliss tapou a boca da criança com a mão e murmurou, em tom enérgico:

— Fique quieta!

Daí em diante, Fallom escutou em silêncio a exibição de Hiroko, mas seus dedos se moviam espasmodicamente, como se estivesse manipulando os objetos metálicos localizados ao longo do instrumento.

O último artista a apresentar-se no concerto foi um senhor, já idoso, que tocava um instrumento com os lados estriados, que levava pendurado no ombro por

uma correia. Ele abria e fechava o instrumento, enquanto com uma das mãos apertava uma série de objetos brancos e pretos.

Trevize achou aquele som particularmente cansativo. Ele o fez lembrar-se dos cães selvagens de Aurora... não que o som fosse parecido com o de latidos, mas as emoções que despertava eram semelhantes. Bliss parecia a ponto de tapar os ouvidos com as mãos, enquanto Pelorat escutava com o cenho franzido. Só Fallom parecia estar gostando, pois batia de leve com o pé no chão, e Trevize percebeu, com espanto, que havia um ritmo na música que correspondia perfeitamente às batidas da criança.

O número terminou e houve uma verdadeira tempestade de assobios, no meio da qual se podia ouvir distintamente os trinados de Fallom.

Depois, a platéia se dividiu em pequenos grupos e se tornou tão barulhenta e agitada quanto os alfanos pareciam ser em todas as cerimônias públicas. Os vários indivíduos que haviam tocado no concerto ficaram na frente do salão, conversando com as pessoas que chegavam para cumprimentá-los.

Fallom largou a mão de Bliss e correu na direção de Hiroko.

— Hiroko! — exclamou, ofegante. — Deixe-me ver o_____

— Que foi que você disse, querida?

— A coisa que você estava tocando

— Ah... — Hiroko riu. — O nome é flauta, querida.

— Posso vê-la?

— Está bem.

Hiroko abriu a caixa e tirou o instrumento. Estava dividido em três partes, mas ela o montou rapidamente, aproximou o bocal dos lábios de Fallom e disse:

— Sopre aqui..

— Eu sei, eu sei — disse Fallom, impaciente, estendendo a mão para a flauta.

Hiroko recuou instintivamente, mantendo a flauta fora do alcance da criança.

— É para soprar, menina, e não para pegar. Fallom parecia desapontada.

— Posso só olhar para ela, então? Prometo não pegar.

— Está bem, querida.

Hiroko segurou a flauta diante de Fallom, que olhou fixamente para o instrumento.

De repente, as lâmpadas fluorescentes piscaram e ouviu-se o som de uma flauta,

um som fraco e hesitante.

Hiroko, de tão surpresa, quase deixou cair a flauta no chão. Fallom exclamou:

— Consegui! Consegui! Jemby estava certo!

— Foi você que produziu este som? — perguntou Hiroko.

— Sim! Sim! Fui eu!

— Como conseguiu fazer isso, criança?

— Sinto muito, Hiroko — disse Bliss, sem jeito. — Vou levá-la para fora.

— Não, não! — exclamou Hiroko. — Quero que ela faça de novo. Alguns alfanos haviam se aproximado para observar. Fallom franziu a testa, como se estivesse se concentrando. As lâmpadas tornara a piscar e a flauta emitiu de novo um som, só que dessa vez puro e firme. Em seguida, o som mudou quando os objetos de metal ao longo da flauta começaram a se mover sozinhos.

— É um pouquinho diferente do_____— disse Fallom, ofegante, como se o sopro para tocar a flauta tivesse vindo dos seus pulmões.

Pelorat disse para Trevize:

— Ela deve estar usando a energia da corrente elétrica que alimenta as lâmpadas.

— Faça isso de novo — disse Hiroko, quase sem voz. Fallom fechou os olhos. A nota saiu mais suave, demonstrando um controle seguro. A flauta tocava sozinha, manipulada à distância pelos lobos transdutores ainda imaturos do cérebro de Fallom. As notas, que inicialmente eram quase aleatórias, passaram a obedecer a uma seqüência harmoniosa e agora todos os presentes se haviam agrupado em torno de Hiroko e Fallom. A moça segurava a flauta pelas extremidades com o polegar e o indicador de cada mão, enquanto a criança, de olhos fechados, controlava as correntes de ar e o movimento das chaves.

— É a peça que eu toquei — sussurrou Hiroko.

— Eu me lembro dela — disse Fallom, balançando a cabeça de leve, tentando não perder a concentração.

— Você não perdeu uma única nota — disse Hiroko, quando Fallom terminou.

— Mas não está certo, Hiroko. Não está certo do jeito que você tocou.

— Fallom! — exclamou Bliss. — Não seja mal-educada! Você não deve...

— Por favor, não interfira — interrompeu Hiroko. — Por que não está certo, criança?

— Porque eu tocaria de outro modo.

— Mostre-me, então.

A flauta começou a tocar de novo, mas de forma mais complicada, pois as forças que movimentavam as chaves o faziam com maior velocidade, em uma sucessão mais rápida e em combinações mais elaboradas que anteriormente. A música era mais complexa e infinitamente mais emotiva e cativante. Hiroko ficou imóvel e todos fizeram o mais absoluto silêncio.

Mesmo depois que Fallom parou de tocar, o silêncio continuou até que Hiroko respirou fundo e perguntou:

— Querida, você já tocou assim antes?

— Não — respondeu Fallom. — Antes eu tinha que usar os dedos, e não posso tocar assim com os dedos. — Acrescentou, com naturalidade: — Ninguém pode.

— Sabe tocar outra coisa?

— Posso inventar na hora.

— Quer dizer... improvisar?

Fallom não entendeu a palavra e olhou para Bliss. Bliss assentiu e Fallom respondeu:

— Sim.

— Então toque, por favor — disse Hiroko.

Fallom pensou por um minuto ou dois e começou devagar, com uma sucessão de notas muito simples, de efeito global quase hipnótico. A iluminação ficava mais forte ou mais fraca, de acordo com a energia usada pela criança. Ninguém pareceu notar, pois parecia ser efeito da música e não a causa, como se um espírito elétrico estivesse obedecendo aos ditames das ondas sonoras.

A combinação de notas foi repetida um pouco mais alto, depois com maior complexidade e afinal em variações que, sem se desviarem da linha melódica inicial, tornaram-se cada vez mais vibrantes até que era quase impossível respirar. No fim, a música desceu muito mais depressa do que havia subido, com o efeito de um mergulho súbito que levou os ouvintes para o chão enquanto ainda mantinham a impressão de estarem voando.

Seguiu-se um verdadeiro pandemônio. Até Trevize, que estava acostumado com um tipo totalmente diferente de música, pensou com tristeza:

— Nunca mais vou ouvir uma coisa tão linda!

Quando os vivas cessaram, Hiroko ofereceu a flauta para Fallom:

— Tome, menina, é sua!

Fallom fez menção de aceitar o presente, mas Bliss segurou o braço estendido da criança e disse:

— Não podemos ficar com ela, Hiroko. É um instrumento de valor inestimável!

— Eu tenho outra, Bliss. Não tão boa quanto esta, mas é assim que deve ser: quem toca melhor merece o melhor. Nunca ouvi ninguém tocar como essa menina toca e seria errado conservar um instrumento cujo potencial não sei explorar. Gostaria de saber tocar flauta desse jeito, sem tocar no instrumento.

Fallom recebeu a flauta e a apertou contra o peito com uma expressão de profundo contentamento

83.

CADA UM dos dois quartos da casa que haviam reservado para eles dispunha de uma lâmpada fluorescente. Havia uma terceira no banheiro. A luz era fraca, mal dava para ler, mas pelo menos não teriam que ficar no escuro.

No momento, porém, não estavam ansiosos para se recolher. Fazia um noite estrelada, coisa que era sempre fascinante para os nativos de Terminus, onde o céu noturno era praticamente sem estrelas, mostrando apenas o perfil indistinto da Galáxia.

Hiroko os havia acompanhado até em casa, com medo de que tropeçassem ou se perdessem no escuro. Durante todo o percurso havia caminhado de mãos dadas com Fallom e no momento, depois de acender as lâmpadas fluorescentes, estava do lado de fora da casa conversando com eles, ainda segurando a mão da criança.

Bliss tentou de novo, pois para ela era evidente que Hiroko estava passando por um difícil conflito de emoções.

— Sério, Hiroko, não podemos ficar com a sua flauta.

— Não, ela já é de Fallom — insistiu Hiroko, mas de forma pouco convincente.

Trevize continuou a olhar para o céu. Era uma noite escura, escuridão essa que praticamente não era quebrada pela luz que vinha da casa e muito menos pelas

luzes das casas vizinhas. Ele disse:

— Hiroko, está vendo aquela estrela? A mais brilhante do céu? Como se chama?

Hiroko olhou para cima e disse, sem demonstrar nenhum interesse especial:

— É a Companheira.

— Por que tem esse nome?

— A Companheira dá uma volta em torno do nosso sol a cada oitenta anos. Nesta época do ano, aparece de noite, mas existem ocasiões em que aparece de dia.

Ótimo, pensou Trevize. Ela conhece alguma coisa de astronomia.

— Você sabia que Alfa tem outra companheira, uma estrela menor e muito mais afastada que aquela que estamos observando, que só pode ser vista com um telescópio? — (Trevize havia descoberto essa informação nos bancos de memória do computador.).

— Aprendemos isso na escola — disse a jovem, com indiferença.

— Está bem. Agora responda a outra pergunta. Está vendo aquelas seis estrelas em ziguezague?

— É Cassiopéia — disse Hiroko.

— Verdade? — exclamou Trevize, espantado. — Qual das estrelas?

— Todas elas. As seis estrelas são chamadas de Cassiopéia.

— Por quê?

— Não sei.

— Está vendo a estrela que fica na ponta de baixo do ziguezague? A mais brilhante das seis? Como se chama?

— Não sei.

— Acontece que, com exceção das duas Companheiras, aquela é a estrela mais próxima de Alfa. Está a pouco mais de um parsec de distância.

— É mesmo? Eu não sabia.

— Será que não é a estrela em torno da qual gira a Terra? Hiroko olhou para a estrela com um pouquinho mais de interesse.

— Não sei. Nunca ouvi ninguém dizer isso além de vós.

— Acha que é possível?

— Como posso achar alguma coisa? Ninguém sabe onde fica a Terra. Eu... agora preciso ir. Vou ter que trabalhar no campo amanhã cedo, antes da festa na praia. Nós nos encontraremos na praia, logo depois do almoço. Está bem?

— Está bem, Hiroko.

A jovem foi embora com passos apressados. Trevize seguiu-a com os olhos até desaparecer na escuridão. Depois, ele e os outros entraram na casa.

Trevize perguntou para Bliss:

— Você sabe se ela estava mentindo a respeito da Terra, Bliss? Bliss sacudiu a cabeça.

— Acho que disse a verdade. Ela está sob uma enorme tensão, uma coisa que só percebi depois do concerto. Entretanto, já estava assim antes de você perguntar a respeito das estrelas.

— Acha que foi porque ela deu a flauta a Fallom?

— Pode ser. É difícil dizer. Voltou-se para Fallom.

— Agora, Fallom, quero que vá para o seu quarto. Quando estiver pronta para dormir, vá até o banheiro, use a privada, lave as mãos e escove os dentes.

— Eu queria tocar flauta, Bliss.

— Só um pouquinho, e *bem* baixinho. Está entendendo, Fallom? E pare quando eu disse para parar.

— Está bem, Bliss.

Os três ficaram sozinhos, Bliss na única cadeira do aposento e os homens sentados cada um na sua cama.

— Há alguma razão para ficarmos mais tempo neste planeta? — perguntou Bliss.

Trevize deu de ombros.

— Ainda não tivemos oportunidade de perguntar se aqueles instrumentos musicais são semelhantes aos que eram usados na Terra. Também vale a pena esperarmos a volta da frota pesqueira. Talvez o homens que estão no mar possam nos fornecer alguma informação importante.

— É muito pouco provável — disse Bliss. — Tem certeza de que não são os olhos negros de Hiroko que estão retendo você aqui?

— Não entendo você, Bliss — disse Trevize, irritado. — O que tem a ver com a minha vida sexual? O que é que lhe dá o direito de me julgar em questões de

moral?

— Não é uma questão de moral. Estou preocupada é com a nossa expedição. Você quer encontrar a Terra para finalmente poder decidir se estava certo quando escolheu Gaia como o futuro da Galáxia. Quero que você decida logo. Você diz que precisa visitar a Terra para tomar a decisão e parece estar convencido de que a Terra gira em torno daquela estrela que estamos vendo no céu. Por que, então, não vamos até lá? Concordo que seria bom se tivéssemos mais informações a respeito da Terra, mas estou convencida de que aqui não é o lugar para conseguilas. Não quero ficar simplesmente porque você gostou de Hiroko.

— Talvez você tenha razão — disse Trevize. — Dê-me algum tempo para pensar. Prometo que não deixarei que Hiroko influencie minha decisão.

Pelorat disse:

— Acho que devemos ir já para a Terra, nem que seja só para verificar se está radioativa ou não. Não vejo nenhuma razão para ficarmos mais tempo aqui em Alfa.

— Têm certeza de que não são os olhos negros de Bliss que estão fazendo você querer sair daqui? — disse Trevize, ironicamente. Logo em seguida, corrigiu-se: — Não, não, retiro o que disse, Janov. Estou sendo infantil. Entretanto... este é um mundo maravilhoso, mesmo sem falar em Hiroko. Em outras circunstâncias, sentir-me-ia tentado a permanecer aqui indefinidamente... Não acha, Bliss, que Alfa acaba com a sua teoria a respeito dos Isolados?

— De que forma? — perguntou Bliss.

— Você tem sustentado que todos os mundos isolados se tornam perigosos e hostis.

— Até mesmo Comporellon — disse a moça —, que está um pouco afastado das atividades principais da Galáxia, embora, teoricamente, seja um planeta associado à Fundação.

— Mas não Alfa! Este mundo é totalmente isolado, mas nem por isso deixa de ser um mundo amistoso e hospitaleiro. Eles nos dão comida, roupas e abrigo, organizam festivais em nossa homenagem, aceitam-nos como somos. Acha que vou me queixar deles?

— Claro que não. Hiroko chegou a oferecer a você seu próprio corpo...

— Bliss, por que insiste neste assunto? Ela não me ofereceu o corpo. Nós nos oferecemos nossos corpos. Foi muito agradável, muito natural. Você não faz o que quer com o seu corpo?

— Por favor, Bliss — disse Pelorat. — Golan está certo. Você não tem nada com seus prazeres pessoais.

— Contanto que não nos afetem — insistiu Bliss.

— Eles não nos afetam — assegurou Trevize. — Partiremos em breve. Prometo.

— Não confio em Isolados — disse Bliss — mesmo quando trazem presentes.

Trevize levantou os braços.

— Começa pela conclusão e depois distorce as provas de acordo com as conveniências. Uma atitude tipicamente...

— Não diga isso! — advertiu Bliss, muito séria. — Não sou uma mulher. Eu sou Gaia. É Gaia que está preocupado.

— Não há razão para...

Trevize ouviu alguém bater de leve à porta. — Quem é? — perguntou, em voz baixa. Bliss franziu a testa.

— Por que não abre para ver? Não é você que está dizendo que este mundo é amistoso e não oferece nenhum perigo?

Mesmo assim, Trevize hesitou até que uma voz melodiosa se fez ouvir do outro lado da porta. —Abri, por favor. Sou eu! Era a voz de Hiroko. Trevize abriu a porta. Hiroko entrou rapidamente. O rosto estava molhado.

— Fechai a porta — disse, ofegante.

— Que foi que houve? — perguntou Bliss. Hiroko agarrou Trevize pelo braço.

— Não pude deixar que acontecesse. Tentei, mas não tive forças. Vão embora, todos vós. Levai a criança. Fugi de Alfa antes que amanheça.

— Por quê? — perguntou Trevize.

— Porque, se ficarem, morrereis, todos vós.

84.

OS TRÊS adultos ficaram olhando para Hiroko sem saber o que pensar. Finalmente, Trevize perguntou:

— Está dizendo que seu povo está disposto a nos matar? Hiroko explicou, com

as lágrimas a rolar pelo rosto:

— Já estais a caminho da morte, meu querido Trevize. E os outros convosco... Há muito tempo, nossos cientistas criaram um vírus que é inofensivo para nós, mas mortal para qualquer estrangeiro. Nós já nascemos imunes. Vós fostes infectado.

— Como?

— Quando tivemos prazer juntos. É uma das maneiras...

— Mas estou me sentindo muito bem! — protestou Trevize.

— O vírus ainda está inativo. Ele só será ativado depois que os pescadores voltarem. De acordo com as nossas leis, a decisão terá que ser tomada por todos, até mesmo os homens. Sabemos qual será a decisão, mas fomos encarregados de manter-vos aqui durante os próximos dois dias. Se partirdes agora, enquanto ainda está escuro, ninguém vai desconfiar

— Por que vocês fazem isso? — perguntou Bliss

— Por uma questão de segurança. Somos poucos e temos muito. Não queremos ser invadidos por intrusos de outros planetas. Se alguém desembarcar aqui e voltar ao seu mundo para contar o que viu, outros virão. Por isso, quando uma nave nos visita, o que não é muito comum, tomamos providências para que nunca mais saia de Alfa.

— Então por que está nos ajudando a fugir? — perguntou Trevize.

— Agora mesmo estais ouvindo o motivo, prestai atenção No quarto ao lado, Fallom estava tocando uma melodia muito suave... e extremamente doce — Não pude suportar a idéia de ver essa música destruída, porque a criança também teria que morrer.

— Foi por isso que deu a flauta a Fallom? — perguntou Trevize em tom de censura. — Porque pretendia recuperá-la depois que ela morresse?

Hiroko pareceu horrorizada.

— Não, não foi isso que pensei. E quando a idéia me veio à mente, percebi que não teria coragem de permitir que acontecesse. Parti com a criança e levai a flauta. Estareis a salvo no espaço e, se não for ativado, o vírus que está no vosso corpo morrerá em pouco tempo. Como retribuição, peço que não conteis a ninguém a respeito deste mundo.

— Não vamos contar a ninguém — assegurou Trevize.

Hiroko perguntou em voz baixa:

— Não quereis me dar um beijo de despedida?

— Não — disse Trevize. — Já fui infectado uma vez e é o suficiente.

Acrescentou, em tom mais carinhoso:

— Não chore, Hiroko. As pessoas vão perguntar por que está chorando e você não poderá explicar... Vou perdoando que fez comigo, em vista do esforço que está fazendo para nos salvar.

Hiroko endireitou o corpo, enxugou o rosto com as costas da mão, respirou fundo e disse, antes de ir embora:

— Obrigada por tudo.

Trevize disse para os outros:

— Vamos apagar as luzes, esperar um pouco e partir. Bliss, diga a Fallom para parar de tocar. Não se esqueça de levar a flauta... Vamos direto para a nave, se conseguirmos encontrá-la no escuro.

— Pode deixar comigo — disse Bliss. — Há algumas roupas minhas a bordo e elas também são Gaia. Gaia não tem dificuldade para localizar Gaia.

A moça saiu para ir chamar Fallom. Pelorat disse:

— Será que os alfanos danificaram nossa nave para ter certeza de que não poderíamos fugir do planeta?

— Eles não têm tecnologia para isso — disse Trevize. Quando Bliss voltou, levando Fallom pela mão, Trevize apagou as luzes.

Ficaram sentados no escuro pelo que pareceu metade da noite, mas que na verdade não passou de meia hora. Então, Trevize levantou-se e abriu a porta com cuidado. O céu parecia um pouco mais nublado, mas ainda eram visíveis muitas estrelas. Cassiopéia estava alta no céu, com a estrela que poderia ser o sol da Terra em uma das extremidades. Não havia vento e o silêncio era total.

Trevize saiu da casa e fez um gesto para que os outros o seguissem. Uma das mãos procurou, quase automaticamente, a coronha do chicote neurônico. Tinha certeza de que não precisaria usá-lo, mas...

Bliss foi na frente, segurando a mão de Pelorat, que segurou de Trevize. A outra mão de Bliss segurava Fallom e a outra mão de Fallom segurava a flauta. Apalpando o caminho com os pés na obscuridade quase total, Bliss guiou os outros para o local onde sentia, fracamente, a presença de Gaia em suas roupas a bordo do *Estrela Distante.*

PARTE SETE: TERRA II

CAPÍTULO 19: RADIOATIVA?

85.

O *ESTRELA DISTANTE* decolou silenciosamente, deixando para trás a ilha escura. Os poucos pontos de luz que havia na terra foram ficando mais fracos até desaparecerem. Quando a altitude tornou a atmosfera mais rarefeita, a velocidade da nave aumentou e os pontos de luz que havia no céu ficaram mais fortes e mais numerosos.

Pouco depois, o planeta Alfa estava reduzido a um crescente iluminado, quase totalmente coberto por nuvens.

— Duvido que eles tenham naves espaciais — disse Pelorat. — Conseguimos escapar.

— Isso não me serve de consolo — disse Trevize, tristemente. — Estou contaminado.

— O vírus não está ativo — disse Bliss.

— Mas pode ser ativado. Eles tinham um método. Qual é o método?

Bliss deu de ombros.

— Hiroko disse que se o vírus não fosse ativado, morreria rapidamente.

— Foi? E como é que ela sabe? Pior ainda, como é que nós sabemos que estava dizendo a verdade? Mesmo que estivesse, será que o método de ativação não pode ser duplicado naturalmente? Um certo produto químico, um tipo de radiação, um... um sabe lá o quê? Posso ficar doente a qualquer momento e nesse caso vocês três também morrerão. Se isso acontecer depois que chegarmos a um planeta habitado, pode haver uma grande epidemia, que os viajantes se

encarregarão de espalhar por toda a Galáxia! Olhou para Bliss.

— Há alguma coisa que você possa fazer? A moça balançou a cabeça.

— Não é fácil. Gaia tem muitos parasitas: microorganismos, vermes. Eles estão perfeitamente integrados ao ecossistema. Vivem e contribuem para a consciência global, mas jamais se reproduzem em excesso. O problema, Trevize, é que o vírus que contaminou você não é parte de Gaia.

— Você disse que "não é fácil". Dadas as circunstâncias, pode se dar ao trabalho de fazer alguma coisa, mesmo que seja difícil? Capaz de localizar o vírus dentro do meu organismo e destruí-lo? S não for, pode pelo menos reforçar minhas defesas imunológicas?

— Faz idéia do que está me pedindo, Trevize? Não estou familiarizada com a flora microscópica que habita o seu corpo. Não será fácil distinguir o material genético do vírus do seu material genético. Pode ser ainda mais difícil distinguir o vírus em que estamos interessado dos vírus inofensivos que vivem nas suas células. Vou tentar, Trevize mas levará tempo e não posso garantir nada.

— Leve o tempo que quiser — disse Trevize —, mas tente!

— Está bem — disse Bliss Pelorat interveio:

— Se Hiroko disse a verdade, Bliss, talvez você possa procura um vírus cuja vitalidade esteja diminuindo e acelerar esse declínio.

— Boa idéia — disse Bliss.

— Não vai fraquejar? — perguntou Trevize. — Quando mata os vírus, estará destruindo preciosos pedaços de vida, você sabe...

— Está sendo irônico, Trevize, mas o que disse não deixa de ser verdade. Acontece que você é mais importante que o vírus. Não se preocupe: se tiver uma oportunidade de matar o vírus, não hesitarei. Mesmo que não fosse por você — os lábios da moça se contraíram, com se ela estivesse reprimindo um sorriso —, teria que pensar em Pelorat e Fallom, que correm praticamente o mesmo risco. Eu mesma estou correndo perigo...

— Não confio muito no seu instinto de autopreservação — murmurou Trevize. — Você estaria perfeitamente disposta a dar a vi por alguma causa nobre. Entretanto, acredito na sua preocupação com o bem-estar de Pelorat e da criança... por falar nisso, não estou ouvindo a flauta de Fallom. Alguma coisa de errado com ela?

— Não — respondeu Bliss. — Está dormindo. Um sono perfeitamente normal. Sugiro que, depois que você calcular o Salto até a estrela que pensamos ser o sol

da Terra, nós todos vamos para a cama. Estou muito cansada e suponho que você também esteja.

— Claro que estou, mas não sei se vou conseguir dormir. Bliss, você tinha razão.

— A respeito de quê?

— A respeito dos Isolados. Apesar das aparências, a Nova Terra não era um paraíso. Inicialmente, eles nos trataram bem apenas para nos deixar à vontade, para que pudessem contaminar um de nós sem que percebêssemos. Depois, toda aquela encenação, com festivais disso e daquilo, tinha por objetivo ganhar tempo até que os pescadores chegassem e o vírus pudesse ser ativado. E teria dado certo, se não fosse por causa de Fallom e sua música. Nesse ponto você também estava certa.

— Está falando de Fallom?

— Isso mesmo. Eu não queria trazê-la e sua presença a bordo sempre me desagradou. Foi exclusivamente graças a você, Bliss, que ela está aqui, e foi ela que involuntariamente nos salvou a todos. Mesmo assim...

— Mesmo assim o quê?

— Mesmo assim, *ainda* me sinto pouco à vontade na presença de Fallom. Não sei por quê.

— Se isso o faz sentir-se melhor, Trevize, acho que o mérito não foi apenas de Fallom. Hiroko usou a música de Fallom como desculpa para cometer o que os alfanos devem considerar como ato de traição. Talvez acreditasse nisso, mas havia outra coisa no seu subconsciente, algo que percebi mas não pude identificar com clareza, algo que talvez tivesse vergonha de encarar de frente. Tenho a impressão de que Hiroko se sentia atraída por você e não teve coragem de sentir-se responsável pela sua morte.

— Acha mesmo? — perguntou Trevize, sorrindo pela primeira vez desde que haviam partido de Alfa.

— Acho. Deve ser alguma coisa na maneira como trata as mulheres. Conseguiu convencer a ministro Lizalor a nos deixar partir e agora, graças a você, Hiroko decide poupar nossas vidas. Está de parabéns.

O sorriso de Trevize aumentou.

— Obrigado... bom, vamos para a Terra!

Dirigiu-se para a sala de comando em um passo quase saltitante.

— Você acabou encontrando um jeito de acalmá-lo, não é, Bliss?

— Não, Pelorat, não mexi na mente de Trevize.

— Claro que mexeu, quando gratificou a sua vaidade masculina de forma tão escandalosa.

— Se mexi, foi apenas de forma indireta — disse Bliss, sorrindo.

— Mesmo assim, obrigado, Bliss.

86.

DEPOIS DO Salto, a estrela que poderia ser o sol da Terra ainda estava a um décimo de parsec de distância. Era de longe o astro mais brilhante do céu, mas ainda não passava de uma estrela.

Trevize examinou-a na tela do telescópio. Ele disse:

— É muito parecida com Alfa, a estrela da Nova Terra. No entanto, Alfa consta do mapa do computador e esta estrela, não.

— Não é o que devíamos esperar se essa estrela fosse o sol da Terra? — perguntou Pelorat. — Não se esqueça de que, aparentemente, alguém está empenhado em eliminar todas as informações que existem a respeito da Terra.

— Sim, mas pode ser também que se trate de um planeta dos Espaciais que não conste da lista que encontramos naquele palácio de Melpomenia. Nada nos garante que aquela lista estivesse completa. Pode ser também que esta estrela não tenha nenhum planeta e por isso não apareça no mapa do computador, que é usado principalmente para fins comerciais e militares... Janov, existe alguma lenda a respeito de um estrela semelhante ao sol da Terra a pouco mais de um parsec de distância?

Pelorat balançou a cabeça.

— Sinto muito, Golan, mas não me lembro de nenhuma história desse tipo. Isso, porém, não quer dizer que não exista. Minha memória não é perfeita. Se quiser, posso dar uma busca na biblioteca de bordo.

— Não é importante. O sol da Terra tem um nome?

— O sol da Terra tem vários nomes. Acho que deve haver um nome para cada

uma das antigas línguas da Terra.

— Esqueci-me de que a Terra tinha várias línguas.

— Deve ter tido. Muitas das lendas se referem diretamente a esse fato.

— O que faremos, então? — disse Trevize, irritado. — A essa distância, não podemos dizer nada sobre os planetas dessa estrela se é que existem. Vamos ter que chegar mais perto. Gostaria de ser cauteloso, mas não quero exagerar; a verdade é que não vejo nenhum sinal de perigo. Provavelmente, qualquer coisa suficientemente poderosa para apagar as informações existentes sobre a Terra em toda a Galáxia seria suficientemente poderosa para acabar conosco agora mesmo, se quisesse. Não é racional ficarmos aqui para sempre só porque estamos com medo de que algo aconteça se chegarmos mais perto.

— Presumo que o computador não detectou nada que possa ser interpretado como perigoso — disse Bliss.

— Quando disse que não via sinais de perigo, estava me referindo exatamente às observações do computador. É evidente que não estou vendo nada a olho nu. Seria impossível.

— Então o que você está fazendo é perguntar se concordamos com uma decisão que considera arriscada. Por mim, está bem. Não viemos até aqui para desistir sem uma boa razão, não é mesmo?

— É o que eu acho — disse Trevize. — E você, Pelorat?

— Também acho que devemos prosseguir, nem que seja por mera curiosidade. Seria insuportável voltar para casa sem termos certeza de que encontramos a Terra.

— Então estamos todos de acordo — disse Trevize.

— Não sei — disse Pelorat. — Você não perguntou a Fallom. Trevize parecia indignado.

— Está querendo que eu consulte a criança? De que vale a opinião dela, mesmo que tenha uma? Além disso, provavelmente tudo o que quer é voltar a Solaria!

— Pode culpá-la por isso? — perguntou Bliss.

Como haviam falado de Fallom, Trevize de repente se deu conta de que a criança estava tocando a flauta. Era uma marcha com um ritmo alegre e contagiante.

— Escutem só — disse ele. — Quem lhe ensinou a tocar marchas?

— Talvez tenha aprendido com Jemby. Trevize sacudiu a cabeça.

— Duvido. Provavelmente o robô só tocava cantigas de ninar, coisas assim...

Escute, Fallom me dá arrepios. Ela aprende depressa demais!

— Eu *ensinei* muita coisa a ela, não se esqueça — disse Bliss. — Além disso, é uma criança *muito* inteligente e foi bastante estimulada desde que está conosco. Sua mente foi inundada por novos conhecimentos e sensações. Viajou pelo espaço, visitou um outro mundo, esteve pela primeira vez com muitas pessoas.

A marcha que Fallom estava tocando ficou mais frenética. Trevize suspirou e disse:

— Seja como for, ela está aqui, tocando uma música que irradia otimismo e entusiasmo. Vou tomar isso como um voto para prosseguirmos. Vamos em frente, então. Daqui a pouco estaremos em condições de examinar o sistema planetário.

— Se é que ele existe — disse Bliss. Trevize sorriu.

— Claro que existe. Aposto quanto quiser. Escolha a quantia.

87.

— VOCÊ PERDEU — disse Trevize, distraidamente. — Quanto foi mesmo que apostamos?

— Nada. Não concordei com a aposta — disse Bliss.

— Dá no mesmo. Eu não aceitaria o seu dinheiro. Estavam a dez bilhões de quilômetros do sol. Ainda parecia uma estrela; seu brilho era apenas 1/4.000 do que seria quando visto da superfície do planeta habitável.

— Estou vendo dois planetas no telescópio — disse Trevize. — Pelo diâmetro e pelo espectro da luz refletida, são dois gigantes gasosos.

A nave estava bem acima do plano da eclíptica e Bliss e Pelorat, olhando por cima do ombro de Trevize, viram na tela dois pequenos crescentes esverdeados. O menor estava em uma fase que tornava o! crescente menos estreito que o outro.

Trevize perguntou:

— Janov, não é verdade que o sistema da Terra tem quatro gigantes gasosos?

— É o que dizem as lendas.

— O maior é o que fica mais próximo do sol; o segundo mais próximo do sol é o que tem anéis. Estou certo?

— Anéis muito grandes, Golan. Sim. Acontece, meu velho amigo, que as lendas geralmente exageram muito. Mesmo que não encontremos um planeta com anéis gigantescos, isso não quer dizer que este não seja o sistema da Terra.

— De qualquer forma, os planetas que estamos vendo devem ser os dois mais afastados; os dois gigantes gasosos mais próximos podem muito bem estar do outro lado do sol, difíceis de distinguir das estrelas. Vamos ter que chegar ainda mais perto... e passar para o outro lado do sol.

— Podemos fazer isso tão perto da massa do sol?

— Podemos tentar. Se o computador achar que é muito arriscado, ele se recusará a obedecer-me e teremos que fazer a viagem em saltos menores.

Trevize transmitiu as instruções para o computador e a imagem na tela do telescópio mudou bruscamente. A estrela ficou muito mais brilhante e depois saiu da tela quando o telescópio começou a esquadrinhar o céu à procura de outro gigante gasoso. Afinal, teve sucesso.

Os três adultos ficaram olhando, atônitos, enquanto Trevize, quase paralisado de espanto, tentava ajustar o telescópio para aumentar a ampliação.

— É incrível... — murmurou Bliss.

88.

O TELESCÓPIO mostrava um gigante gasoso, visto de um ângulo tal que quase toda a superfície estava iluminada. Em volta do planeta havia um anel largo e muito brilhante, dividido em dois por uma fenda escura.

Trevize conseguiu afinal aumentar a ampliação e o anel se dividiu em centenas de pequenos anéis concêntricos. Apenas uma parte do sistema de anéis era visível na tela e o planeta havia ficado de fora. Uma nova instrução de Trevize e um canto da tela passou a mostrar a imagem do planeta e seus anéis, vistos com uma ampliação menor.

— Esse tipo de coisa é comum? — perguntou Bliss, admirada.

— Não — respondeu Trevize. — Quase todo gigante gasoso tem anéis, mas em geral eles são estreitos e pouco luminosos. Na verdade, nunca vi nada parecido com isso, nem imaginava que fosse possível.

— É sem dúvida o gigante com anéis de que falam as lendas — disse Pelorat. — Se anéis assim são tão raros como está dizendo...

— Nunca ouvi falar de um caso semelhante. Nem o computador.

— Então este *tem* que ser o sistema planetário da Terra. Ninguém poderia inventar um planeta como o que estamos vendo.

— Depois disso, estou preparado para acreditar em qualquer coisa que suas lendas afirmem — disse Trevize. — Este é o sexto planeta e a Terra seria o terceiro?

— Isso mesmo, Golan.

— Então eu diria que estamos a menos de um e meio bilhão de quilômetros da Terra e ninguém ainda fez nada para nos deter. Lembra-se do que Gaia fez quando nos aproximamos?

— Vocês estavam mais próximos de Gaia quando foram interceptados — disse Bliss.

— Acontece — disse Trevize — que na minha opinião a Terra é mais poderosa do que Gaia, de modo que considero isso um bom sinal. Se ainda não fomos detidos, deve ser porque a Terra não se importa de ser visitada.

— Ou porque a Terra não existe — disse Bliss.

— Vamos fazer uma aposta desta vez? — propôs Trevize, irritado.

— Acho que o que Bliss quis dizer — interveio Pelorat — é que pode ser que a Terra ainda esteja radioativa, como todo mundo parece pensar, e que ainda não fomos detidos porque não existe vida na Terra.

— Não! — protestou Trevize, com veemência. — Posso acreditar em tudo que disseram sobre a Terra *menos* nisso. Vamos chegar mais perto e logo saberemos a verdade.

89.

Os GIGANTES gasosos tinham ficado para trás. Depois do gigante gasoso mais próximo do sol, haviam passado por um cinturão de asteróides. (Aquele gigante gasoso era o maior de todos, exatamente como diziam as lendas.). Depois do cinturão de esteróides havia quatro planetas.

Trevize examinou-os com cuidado.

— O maior é o terceiro. O tamanho e a distância do sol são apropriados. Pode ser habitável.

Pelorat captou o que parecia ser um traço de insegurança na voz de Trevize. Perguntou:

— O planeta tem atmosfera?

— Oh, sim! — respondeu Trevize. — O segundo, terceiro e quarto planetas têm atmosfera. Como naquela história infantil, a do segundo é densa demais, a do quarto não é suficientemente densa e a do terceiro tem a densidade certa.

— Então acha que pode ser a Terra?

— Se eu acho? — explodiu Trevize. — Não preciso achar! *É* a Terra. Com o satélite gigante e tudo!

— Verdade?

O rosto de Pelorat se abriu no sorriso mais largo que Trevize jamais havia visto.

— Tenho certeza! Olhe você mesmo.

Pelorat viu dois crescentes, um muito maior e mais brilhante que o outro.

— O menor é o satélite? — perguntou.

— É. Está mais longe do planeta do que se poderia imaginar, mas se trata indiscutivelmente de um satélite. Seu tamanho é o de um pequeno planeta; na verdade, é menor que qualquer dos quatro planetas interiores. Mesmo assim, é bem grande para um satélite. Tem pelo menos dois mil quilômetros de diâmetro, o que o torna tão grande quanto os maiores satélites dos gigantes gasosos.

— Só isso? — Pelorat parecia desapontado. — Então não é um satélite gigantesco?

— É, sim. Um satélite de dois ou três mil quilômetros de diâmetro girando em torno de um gigante gasoso é uma coisa. O mesmo satélite girando em torno de um pequeno planeta rochoso é outra completamente diferente. O diâmetro daquele satélite é um quarto do diâmetro da Terra. Acha isso normal?

— Não entendo dessas coisas — disse Pelorat, timidamente.

— Então acredite em mim, Janov. É uma coisa raríssima! O que estamos vendo é praticamente um planeta duplo, enquanto que os satélites dos planetas habitáveis em geral são muito pequenos... Janov, se você pensar naquele gigante gasoso com um sistema de anéis e neste planeta com um satélite gigantesco, ambos correspondendo exatamente ao que as lendas descreviam, e que nos parecia um despropósito, verá que não há engano possível: este planeta *tem* que ser a Terra. Nós a encontramos, Janov! Nós a encontramos!

90.

ESTAVAM VIAJANDO há dois dias em direção à Terra e Bliss bocejou enquanto jantavam. Ela disse:

— Parece que passamos mais tempo nos aproximando e nos afastando dos planetas do que fazendo qualquer outra coisa.

— Em geral isso acontece porque é perigoso executar o Salto quando estamos muito perto de uma estrela — disse Trevize. — Neste caso, porém, estamos indo ainda mais devagar porque não quero arriscar mais que o necessário.

— Você não disse que tinha o palpite de que não seremos interceptados?

— Disse, mas não quero ser imprudente por causa de um mero palpite.

Trevize olhou para o conteúdo da colher antes de levá-la à boca disse:

— Sinto falta do peixe de Alfa. Pensando bem, só comemos três refeições lá.

— Uma pena — concordou Pelorat.

— Até agora visitamos cinco planetas. Pois de todas as vezes tivemos que partir com tanta pressa que não houve tempo para abastecermos a nave com alimentos locais. Mesmo quando havia facilidade de obter comida, como em Comporellon, em Alfa e provavelmente em...

A jovem não completou a frase porque Fallom foi mais rápida.

— Em Solaria? Vocês não conseguiram comida em Solaria? Há muita comida lá. Melhor do que a de Alfa.

— Eu sei disso, Fallom — disse Bliss. — Só que não tivemos tempo.

Fallom olhou para a jovem, muito séria.

— Será que vou tornar a ver Jemby, Bliss? Diga-me a verdade.

— Pode ser, se voltarmos a Solaria — respondeu Bliss.

— Vamos voltar a Solaria? Bliss hesitou e depois disse:

— Isso eu não sei.

— Agora estamos indo para a Terra, não é? Para o planeta de onde todos nós viemos?

— De onde nossos *antepassados* vieram — disse Bliss.

— Eu já sei dizer "ancestrais" — disse Fallom.

— Sim, estamos indo para a Terra.

— Para quê?

— Não é interessante conhecer o mundo dos nosso ancestrais?

— Acho que não é só isso. Vocês três parecem tão preocupados...

— É porque nunca estivemos na Terra. Não sabemos o que esperar.

— Acho que não é só isso. Bliss sorriu.

— Você já acabou de comer, Fallom querida. Por que não vai até o seu quarto e toca um pouco de flauta para nós? Você está tocando cada vez melhor. Vá, vá.

Deu um tapinha no traseiro da criança e Fallom foi para o quarto, parando uma vez no caminho para olhar desconfiada para Trevize.

Trevize olhou de volta com manifesto desagrado.

— Será que essa coisa é capaz de ler pensamentos?

— Não a chame de "coisa", Trevize! — protestou Bliss.

— Será que ela é capaz de ler pensamentos? Você deve saber.

— Não, ela não é capaz. Nem ela, nem Gaia, nem os membros da Segunda Fundação. Ler pensamentos, no sentido de ter uma idéia exata do que uma pessoa está pensando, é uma coisa que ninguém pode fazer atualmente, nem no futuro previsível. Podemos sentir, interpretar e, até certo ponto, manipular as emoções alheias, mas isso não é a mesma coisa.

— Como pode saber que ela não é capaz de fazer essa coisa que supostamente não pode ser feita?

— Como você mesmo disse, eu saberia.

— Talvez ela esteja manipulando você para que não perceba que está lendo pensamentos.

Bliss revirou os olhos.

— Seja razoável, Trevize. Mesmo que Fallom tivesse poderes extraordinários, não poderia fazer nada comigo, porque eu não sou Bliss, eu sou Gaia. Faz uma idéia do poder mental de um planeta inteiro? Pensa que um Isolado, por mais talentoso que fosse, seria capaz de me iludir?

— Você não sabe tudo, Bliss — insistiu Trevize. — Essa coi... *Ela* está conosco há pouco tempo. Nesse tempo, eu mal teria conseguido aprender os rudimentos de uma língua, e no entanto ela fala galáctico praticamente sem sotaque e com um extenso vocabulário. Sim, eu sei que você a tem ajudado, mas gostaria que parasse.

— Eu lhe disse que estava ajudando Fallom, mas também disse que ela é uma criança extraordinariamente inteligente. Tão inteligente que gostaria que fizesse parte de Gaia. Ela ainda é suficientemente imatura para adaptar-se a nós. Talvez um dia, com sua ajuda, possamos absorver todos os solarianos. Seria uma excelente aquisição para nós.

— Já lhe ocorreu que os solarianos são Isolados patológicos, mesmo de acordo com os *meus* padrões?

— Eles mudariam quando passassem a fazer parte de Gaia.

— Acho que você está errada, Bliss. Acho que a criança solariana é perigosa e que devemos nos livrar dela.

— Como? Vamos jogá-la no espaço? Vamos matá-la, parti-la em pedaços e comê-la no jantar?

— Oh, Bliss! — exclamou Pelorat.

— Você está sendo desagradável sem necessidade — disse Trevize. Escutou por um momento. A flauta estava tocando sem hesitação e a conversa toda era em voz baixa. — Quando tudo isso terminar, vamos levá-la de volta para Solaria e tomar providências para que Solaria deixe de ser uma ameaça para os viajantes incautos. Em minha opinião, talvez fosse melhor destruir o planeta de uma vez.

Bliss pensou um pouco e disse:

— Trevize, sei que você tem o dom de tomar as decisões corretas, mas também sei que implicou com Fallom desde o princípio. Acho que isso aconteceu porque foi humilhado em Solaria e por isso desenvolveu um ódio violento pelo planeta e seus habitantes. Como não quero intrometer-me em sua mente, não posso ter

certeza. Não se esqueça, porém, de que se não tivéssemos trazido Fallom conosco, ainda estaríamos em Alfa... mortos e provavelmente enterrados.

— Sei disso, Bliss, mas mesmo assim...

— A inteligência da criança é para ser admirada e não invejada!

— Não invejo Fallom. Tenho medo dela!

— Da inteligência dela?

Trevize passou a língua nos lábios, pensativamente.

— Não, não da inteligência.

— De quê, então?

— Não sei. Bliss, se eu soubesse do que tenho medo, talvez o medo desaparecesse. É alguma coisa que não consigo compreender muito bem. — Passou a falar mais baixo, como se estivesse conversando consigo mesmo. — A Galáxia parece estar cheia de coisas que não compreendo. Por que optei por Gaia? Por que tenho que encontrar a Terra? A psico-história inclui uma suposição desconhecida? Nesse caso, qual é essa suposição. Além de tudo, por que Fallom me deixa nervoso?

-— Infelizmente, não posso responder a essas perguntas — disse Bliss.

A moça se levantou e saiu da sala.

— Não precisa ficar tão preocupado, Golan — disse Pelorat. Estamos cada vez mais próximos da Terra; quando chegarmos lá, to dos os mistérios serão esclarecidos. E até agora, ninguém fez nada para nos deter.

Trevize olhou para Pelorat e disse em voz baixa: --- Preferia que alguém fizesse alguma coisa.

— É mesmo? Por quê?

— Pelo menos, seria um sinal de vida. Pelorat arregalou os olhos.

— Acha que a Terra está mesmo radioativa?

— Ainda é cedo para dizer. Descobri, porém, que ela está quente. Bem mais quente do que seria de esperar.

— Isso é mau?

— Não necessariamente. O fato de a superfície estar quente não a torna inabitável. A camada de nuvens é espessa e as nuvens são de vapor d'água, de modo que essas nuvens, juntamente com um oceano, poderiam manter a superfície em condições toleráveis, apesar do calor que detectamos através das

emissões de microondas. Ainda não tenho certeza. Só que...

— Sim, Golan?

— Só que se a Terra *estiver* radioativa, a temperatura da superfície será maior que o esperado.

— Mas a recíproca não é necessariamente verdadeira, não é mesmo? Se a temperatura é maior que o esperado, isso não significa que a Terra *está* radioativa.

— Tem razão. Não adianta especularmos, Janov. Dentro de um dia ou dois, teremos certeza.

91.

QUANDO BLISS entrou no quarto, Fallom estava sentada na cama, imersa em pensamentos. A criança olhou rapidamente para Bliss e tornou a baixar os olhos.

— Que foi que houve, Fallom? — perguntou a moça.

— Por que Trevize me detesta tanto, Bliss?

— O que é que faz você pensar que ele a detesta?

— Ele olha para mim com impaciência... é essa a palavra?

— Pode ser.

— Ele olha para mim com impaciência o tempo todo. Além disso, faz cara feia.

— Trevize está passando por momentos difíceis, Fallom.

— Porque está procurando a Terra?

— Sim.

Fallom pensou um pouco e disse:

— Ele fica mais impaciente ainda quando faço um objeto mover-se com a força do pensamento.

— Fallom, eu já não lhe disse para não fazer mais isso, principalmente na presença de Trevize?

— Pois aconteceu ontem, aqui mesmo neste quarto. Ele estava na porta e eu não

reparei. Não sabia que estava me observando. Então, fiz um dos livros de Pel ficar de pé sem tocar nele. Que mal há nisso?

— Isso deixa Trevize nervoso, Fallom. Não quero que faça de novo, mesmo que ele não esteja olhando.

— Ele fica nervoso porque não é capaz de fazer a mesma coisa?

— Pode ser.

— Você é capaz?

Bliss balançou a cabeça devagar.

— Não, não sou.

— Mesmo assim, *você* não fica nervosa. Nem Pel.

— As pessoas são diferentes.

— Eu sei — disse Fallom, com uma amargura súbita que surpreendeu Bliss e a fez franzir a testa.

— Que é que você sabe, Fallom?

— Que *eu* sou diferente.

— Claro que sim. Foi o que eu disse. As pessoas são diferentes.

— Eu sou mais diferente. Eu posso fazer as coisas se moverem sem tocar nelas.

— É verdade.

Fallom disse, com um traço de rebeldia na voz:

— Eu *preciso* fazer as coisas se moverem. Trevize não deve ficar zangado com isso. Você não deve me impedir.

— Por que precisa fazer as coisas se moverem?

— Para praticar. Para me exercitar... é essa a palavra?

— Quase. Para se exercitar.

— Isso mesmo. Jemby sempre dizia que eu ia ter que treina meus... meus...

— Lobos transdutores?

— Isso. Só assim eles seriam fortes. Jemby me disse que quando eu crescesse poderia fornecer energia para todos os robôs. Até Jemby.

— Fallom, o que é que fornecia energia para os robôs da sua casa.

— Bander — disse a criança, sem se perturbar

— Você conhecia Bander?

— É claro. Vi Bander muitas vezes. Eu era o seu sucessor. A propriedade de Bander um dia se tornaria a propriedade de Fallom. Foi Jemby que me contou.

— Quer dizer que Bander esteve no seu..

A boca de Fallom formou um O de espanto. Ela disse, em tom chocado:

— Bander nunca viria ao meu...

A criança pareceu ficar sem ar. Ofegou um pouco e depois explicou:

— Eu vi a *imagem* de Bander. Bliss perguntou:

— Como é que Bander tratava você? Fallom olhou para Bliss, surpresa.

— Bander sempre me perguntava se eu precisava de alguma coisa, se estava me sentindo bem. Acontece que Jemby estava sempre perto de mim, de modo que eu nunca precisava de nada e sempre me sentia bem.

A criança parou de falar e olhou para o chão. Depois, tapou os olhos com as mãos e disse:

— Mas Jemby parou de funcionar. Acho que foi porque Bander... Bander também parou de funcionar.

— Por que está dizendo isso? — perguntou Bliss.

— Estive pensando. Quem fornecia energia para todos os robôs era Bander. Se Jemby parou e todos os robôs também pararam, deve ter sido porque Bander parou. Não parece lógico?

Bliss ficou calada. Fallom disse:

— Mas quando vocês me levarem de volta para Solaria, vou fornecer energia para Jemby e o resto dos robôs e tudo estará bem de novo.

Começou a soluçar.

— Não se sente feliz conosco, Fallom? — perguntou Bliss. — Nem um pouquinho? Nem às vezes?

Fallom levantou o rosto coberto de lágrimas para Bliss, sacudiu a cabeça e disse, com voz trêmula:

— Eu quero Jemby!

Bliss abraçou a criança com força.

— Oh, Fallom, como eu gostaria de poder devolver você a Jemby. De repente, a moça percebeu que também estava chorando.

92.

PELORAT entrou e encontrou as duas abraçadas. Perguntou, surpreso:

— Que foi que houve?

Bliss levantou-se e começou a procurar um lenço de papel para enxugar os olhos. Sacudiu a cabeça e Pelorat perguntou de novo, preocupado:

— Que foi que houve, afinal? Bliss disse:

— Fallom, descanse um pouco. Vou pensar em alguma coisa que a faça sentir-se melhor. Não se esqueça... eu amo você tanto quanto Jemby.

A jovem segurou Pelorat pelo braço e puxou-o para fora do quarto, dizendo:

— Não é nada, Pel. Nada.

— É Fallom, não é? Ela ainda sente falta de Jemby.

— Demais. E não há nada que eu possa fazer. Posso dizer que a amo... o que é verdade. Como posso deixar de amar uma criança tão sensível e inteligente? Muito inteligente. Inteligente *demais,* na opinião de Trevize. Sabia que conheceu Bander? Ou por outra, que viu a sua imagem holográfica? Entretanto, não fica nem um pouquinho comovida quando se lembra de Bander e posso compreender por quê. A propriedade pertencia a Bander e, quando ela morresse, passaria a pertencer a Fallom. Essa era a única relação entre as duas.

— Fallom sabe que Bander era seu pai?

— Sua *mãe.* Se combinamos que Fallom seria considerada como mulher, o mesmo se aplica a Bander.

— Está bem, Bliss querida. Fallom sabe que Bander era sua mãe?

— Não sei se ela compreende bem o que isso significa. Se compreende, não deixou transparecer. Acontece, Pel, que Fallom já se deu conta de que Bander está morta. Ela percebeu que a desativação de Jemby foi conseqüência de uma falta de energia; como toda a energia da propriedade era fornecida por Bander... isso me assusta.

— Por quê, Bliss? Afinal de contas, é uma conclusão lógica.

— Fallom pode tirar outra conclusão lógica. As mortes devem ser raras em Solaria, onde a população é pequena e vive muito tempo. Para uma criança da

idade dela, a morte certamente parece um acontecimento extremamente improvável. Se continuar a pensar na morte de Bander, vai querer saber *por que* Bander morreu. Então vai se lembra de que isso aconteceu quando chegamos ao planeta e chegará à única conclusão possível.

— De que nós matamos Bander?

— Não fomos nós que matamos Bander, Pel. Fui *eu*.

— Isso ela não pode adivinhar.

— Não, mas talvez tenha que contar-lhe. Fallom já não gosta muito de Trevize e ele é claramente o líder da expedição. Provavelmente vai considerar Trevize como responsável pela morte de Bander e não posso permitir que cometa essa injustiça.

— Por que não, Bliss? A criança não sentiu a morte do pai... a morte da mãe. Ficou triste foi com a perda do robô, Jemby.

— Acontece, Pel, que a morte da mãe significou a morte do robô. Quase contei a ela que eu fui a responsável.

— Por quê?

— Porque assim teria uma oportunidade de explicar o que aconteceu. Porque assim poderia confortá-la, antecipando-me a uma descoberta que a fará pensar que Bander foi morta sem nenhuma razão.

— Acontece que *houve* uma razão. Se você não agisse, Bander teria matado todos nós.

— É isso o que eu pretendia dizer a Fallom, mas não tive coragem. Tive medo de que não acreditasse em mim.

Pelorat sacudiu a cabeça e disse:

— Acha que seria melhor se não tivéssemos trazido a criança? Você parece tão triste com a situação...

— Não diga isso! — protestou Bliss, com veemência. — Ficaria muito mais triste se uma criança tivesse sido executada friamente por causa de um ato que eu cometi.

— No mundo de Fallom, isso é normal.

— Não, Pel, não comece a falar como Trevize. Os Isolados conseguem aceitar essas coisas como naturais. O objetivo de Gaia, porém, é salvar vidas, e não destruí-las... nem ficar impassível enquanto vidas são destruídas. Sabemos muito bem que vidas de todos os tipos devem terminar para que outras vidas possam

surgir, mas jamais gratuitamente, jamais sem um objetivo. A morte de Bander, embora inevitável, já foi penosa para mim; a de Fallom teria sido insuportável.

— Está bem — disse Pelorat. — Acho que você tem razão. De qualquer forma, não foi sobre Fallom que vim conversar com você, e sim sobre Trevize.

— Que é que há com Trevize?

— Bliss, estou preocupado com ele. Está cada vez mais obcecado com a Terra. Não sei se conseguirá resistir à tensão.

— Não tenha medo. Trevize é uma pessoa sensata e equilibrada.

— Todos nós temos os nossos limites. Bliss, a Terra é bem mais quente do que Trevize esperava. Ele mesmo me disse isso. Acho que está desconfiado de que é quente demais para ser habitável, embora esteja tentando convencer-se do contrário. Mesmo que a temperatura permita a existência de vida, Trevize admite que é possível que o calor seja causado pela radioatividade. Em um dia ou dois, estaremos suficientemente próximos para ter certeza. E se a Terra *for* inabitável?

— Então ele terá que aceitar o fato.

— Mas... não sei como dizer isso. E se Trevize..

Bliss esperou um pouco e depois completou, com uma careta:

— Entrar em parafuso?

— Isso mesmo. Entrar em parafuso. Não pode fazer alguma coisa para prevenir? Mantê-lo calmo e controlado?

— Não, Pel. Não posso acreditar que Trevize seja tão frágil e, de qualquer maneira, existe uma firme decisão por parte de Gaia de não interferir em sua mente.

— Mas é justamente isso o que me preocupa. Trevize tem esse dom de sempre tomar a decisão correta, esse "instinto", se é que podemos chamá-lo assim. O choque de ver todo o projeto reduzir-se a nada no momento em que parecia próximo de uma conclusão feliz pode não abalar o seu juízo, mas acabar com o "instinto". Você disse que Trevize não é uma pessoa frágil. Como pode ter certeza de que o mesmo se aplica ao seu dom?

Bliss pensou um pouco e depois deu de ombros:

— É, talvez seja melhor não perdê-lo de vista.

93.

DURANTE AS 36 horas que se seguiram, Trevize percebeu vagamente que Bliss e Pelorat, este em menor grau, pareciam segui-lo para onde quer que fosse. Entretanto, tinha mais coisas com que se preocupar No momento, enquanto trabalhava com o computador, sabia que os dois estavam de pé na porta da sala de comando. Levantou a cabeça e olhou para eles, com o rosto sem expressão

— E então? — disse, sem levantar a voz.

— Como está se sentindo, Golan? — perguntou Pelorat, pouco à vontade.

— Pergunte a Bliss — disse Trevize. — Ela está me vigiando há horas. Aposto que andou lendo minhas emoções... não é verdade, Bliss?

— Não, não é verdade — declarou Bliss, com firmeza. — Mas se quiser minha ajuda, posso tentar. Você está precisando de ajuda?

— Não. Por que estaria? Deixem-me em paz. Vocês dois!

— Conte-nos o que está acontecendo, Golan — disse Pelorat.

— Adivinhe!

— A Terra está...

— Sim, está. Aquilo que todo mundo insistia em nos dizer é uma verdade irrefutável.

Trevize apontou para a tela, onde aparecia o lado escuro da Terra eclipsando o sol. Era um círculo negro contra o céu estrelado, a circunferência marcada por uma linha interrompida de cor alaranjada.

— Esse laranja é a radioatividade? — perguntou Pelorat.

— Não. É apenas a luz do sol refratada pela atmosfera. Seria uma linha contínua se não houvesse tantas nuvens na atmosfera. A radioatividade é invisível. Todas as radiações de alta energia, incluindo os raios gama, são absorvidas pela atmosfera. Entretanto, produzem radiações secundárias que podem ser detectadas pelo computador. Mesmo as radiações secundárias são invisíveis a olho nu, mas o computador pode produzir uma imagem da Terra em cores falsas mostrando a distribuição das ondas e partículas que está recebendo do planeta. Observem!

O círculo negro começou a brilhar com várias tonalidades de azul.

— Qual é o nível de radioatividade? — perguntou Bliss. — É suficiente para

termos certeza de que não existe vida humana?

— O suficiente para termos certeza de que não existe nenhum tipo de vida — disse Trevize. — O planeta é inabitável. A última bactéria, o último vírus já morreu há muito tempo.

— Podemos explorar o planeta? — perguntou Pelorat. — Em trajes espaciais, quero dizer.

— Por algumas horas... se ficarmos mais tempo, começaremos a sofrer os efeitos da radiação.

— Então o que vamos fazer, Golan?

— Fazer? — Trevize olhou para Pelorat sem demonstrar qualquer emoção. — Sabe o que eu gostaria de fazer? Gostaria de levar você, Bliss e a criança de volta a Gaia e deixá-los lá para sempre. Então voltaria a Terminus para devolver a nave. Depois, renunciaria a minha posição no Conselho, para satisfação da prefeito Branno. Minha pensão de ex-conselheiro seria suficiente para viver confortavelmente o resto dos meus dias, sem me preocupar com a Galáxia. Não estou mais interessado no Plano de Seldon, na Fundação, na Segunda Fundação, nem em Gaia. A Galáxia que escolha seu próprio caminho. Que me importa o que vai acontecer depois que eu estiver morto e enterrado?

— Golan, você não pode estar falando sério! — exclamou Pelorat.

Trevize ficou olhando para o amigo por alguns, momentos e depois suspirou fundo.

— Não, não estou, mas como seria bom se pudesse fazer exatamente o que disse!

— Deixe para lá. Exatamente *o que* pretende fazer?

— Manter a nave em órbita em torno da Terra, descansar, recuperar-me do choque e pensar no que fazer em seguida. Só que...

— Sim? Trevize explodiu:

— Será que existe *alguma coisa* para fazer? Onde mais vou procurar? Que mais posso descobrir?

CAPÍTULO 20: O MUNDO VIZINHO

94.

JÁ FAZIA quatro refeições que Pelorat e Bliss viam Trevize apenas *durante* as refeições. O resto do tempo ele passava sozinho no quarto ou na sala de controle. Enquanto estavam à mesa, não dizia nada e comia muito pouco.

Na quarta refeição, porém, Pelorat teve a impressão de que o semblante do amigo parecia menos anuviado. Pelorat pigarreou duas vezes, como se estivesse se preparando para dizer alguma coisa, mas continuou calado.

Por fim, Trevize olhou para ele e perguntou:

— O que é?

— Você já... você já decidiu o que fazer, Golan?

— Por que pergunta?

— Está parecendo menos desanimado.

— Ainda estou desanimado, mas andei pensando. Pensando muito.

— Podemos saber em quê? — perguntou Pelorat.

Trevize olhou rapidamente na direção de Bliss. A jovem não havia tirado os olhos do prato à sua frente e mantinha-se em silêncio, como se achasse que Pelorat teria mais sucesso que ela em arrancar alguma coisa de Trevize.

— Também está curiosa, Bliss? — perguntou Trevize.

Bliss levantou os olhos.

— Claro que sim.

Fallom chutou uma perna da mesa e perguntou:

— Nós achamos a Terra?

Bliss deu um beliscão na criança. Trevize ignorou o gesto. Ele disse:

— Temos que começar com um fato sabido: todas as informações que havia a respeito da Terra em vários planetas desapareceram. Isto nos leva à conclusão de que alguma coisa está sendo escondida na Terra. Acontece que, como sabemos agora com certeza, a Terra apresenta níveis muito elevados da radioatividade, de modo que tudo o que existe na Terra está automaticamente oculto. Ninguém pode pousar na superfície e desta distância, perto dos limites da magnetosfera... e acho que se chegássemos um pouco mais perto não faria a menor diferença... não há nada para ser descoberto.

— Tem certeza? — perguntou Bliss.

— Passei horas no computador, analisando a Terra de todas as formas possíveis. Não há nada. Além do mais, estou *sentindo* que não há nada. Por que, então, as informações sobre a Terra foram eliminadas? Não basta a radioatividade para impedir que qualquer ser humano tenha acesso aos segredos da Terra?

— Pode ser — disse Pelorat — que houvesse realmente alguma coisa escondida na Terra na época em que os índices de radioatividade não eram tão elevados e ainda era possível desembarcar no planeta. Nesse caso, os habitantes da Terra teriam motivo para temer que alguém descobrisse os seus segredos. Foi *naquela época* que a Terra tentou apagar todos os vestígios a respeito de sua existência. O que temos agora são os vestígios daquele tempo de insegurança.

— Não, não pode ser — disse Trevize. — As informações que haviam na Biblioteca Imperial de Trantor foram removidas há muito pouco tempo. Não é verdade, Bliss? — perguntou, voltando-se para a moça

— Pelo menos, foi o que eu/nós/Gaia conseguimos detectar n mente de Guendibal, da Segunda Fundação, durante o encontro que eu, você e ele tivemos com a prefeito de Terminus.

— Nesse caso — disse Trevize —, o que quer que tenha sido escondido na Terra ainda está escondido e pode ser descoberto, apesar do fato de a Terra estar radioativa.

— Como é possível isso? — perguntou Pelorat.

— Pense bem. E se o que estava na Terra não está mais lá, ma foi retirado quando o perigo da radioatividade se tornou muito grande? Nesse caso, embora o segredo não esteja mais na Terra, o conhecimento da localização da Terra

poderia ser usado para deduzir o local em que está escondido atualmente. Daí a necessidade de suprimir as informações sobre a Terra.

Fallom interveio novamente:

— Porque se encontrarmos a Terra, Bliss disse que me levará de volta para Jemby.

Trevize olhou zangado para Fallom, e Bliss disse para a criança, em voz baixa:

— Eu disse *talvez,* Fallom. Depois a gente conversa sobre isso. Agora vá para o seu quarto. Por que não lê um pouco, ou toca flauta, ou faz qualquer outra coisa que esteja com vontade de fazer? Vá... vá.

Fallom deixou a mesa de má vontade. Pelorat disse:

— Ainda não entendi muito bem, Golan. Nós estamos aqui. Localizamos a Terra. Estamos em condições de deduzir para onde foi levado o segredo?

Trevize precisou de alguns instantes para se recuperar do mau humor causado por Fallom. Depois, disse:

— Por que não? Imagine que a radioatividade na superfície da Terra tenha aumentado de forma gradual. A população estaria diminuindo rapidamente, tanto por causa das doenças quanto das fugas para outros planetas. O perigo para o segredo seria cada vez maior. Em pouco tempo, não restaria ninguém para protegê-lo. A única solução seria transferi-lo para outro mundo, antes que fosse tarde demais. Desconfio que houvesse uma grande relutância em fazê-lo, de modo que a transferência só deve ter sido executada no último minuto. Pois então, Janov, lembra-se do que aquele velho da Nova Terra lhe contou a respeito da Terra?

— Monolee?

— Ele mesmo. Monolee não disse que os últimos remanescentes da população da Terra foram levados para Alfa?

— Golan, está querendo dizer que o segredo que procuramos pode estar em Nova Terra, levado para lá pelos últimos sobreviventes da Terra?

— Não acha possível? Quase ninguém na Galáxia conhece a existência da Nova Terra, e, pelo que vimos, seus habitantes fazem tudo para que nenhum visitante saia de lá com vida.

— Estivemos lá e não encontramos nada — argumentou Bliss.

— Quando estivemos lá, só estávamos interessados em informações a respeito da Terra — disse Trevize.

Pelorat disse:

— Acontece, meu velho amigo, que estamos procurando algo ou alguém que disponha de uma tecnologia muito avançada; algo ou alguém capaz de apagar informações debaixo do nariz da Segunda Fundação e mesmo... desculpe, Bliss... e mesmo debaixo do nariz de Gaia. Os habitantes de Nova Terra podem controlar o tempo e talvez sejam desenvolvidos no campo da biotecnologia, mas acho que terá que admitir que sua tecnologia não é muito avançada. Bliss fez que sim com a cabeça.

— Concordo com Pel.

— Não temos elementos para julgar — argumentou Trevize. — Nem chegamos a ver aqueles pescadores. Conhecemos apenas uma pequena parte da ilha em que pousamos. Quem sabe o que teríamos encontrado se explorássemos melhor a superfície do planeta? Afinal, só reconhecemos as lâmpadas fluorescentes quando as vimos funcionar. Se tivemos a impressão de que os alfanos não dispõem de uma tecnologia avançada, se tivemos essa *impressão*, repito...

— Sim? — disse Bliss, ceticamente.

— Isso pode ser parte de uma tática para esconder a verdade.

— Impossível — disse Bliss.

— Impossível? Foi você que me disse, quando ainda estávamos em Gaia, que em Trantor os membros da Segunda Fundação se disfarçaram por trás da fachada de uma sociedade de camponeses. Por que a mesma estratégia não poderia ser usada na Nova Terra?

— Está propondo, então, que a gente volte a Nova Terra para correr o risco de uma nova infecção... desta vez com a certeza de que o vírus será ativado? As relações sexuais podem ser uma forma muito agradável de adquirir uma infecção... mas não são a única!

Trevize deu de ombros.

— Não estou ansioso para voltar a Nova Terra, mas pode ser que não haja alternativa.

— *Pode ser?*

— Pode ser! Estou pensando em outra possibilidade.

— Qual é?

— Nova Terra gira em torno de uma estrela que os locais chamam de Alfa. Acontece que Alfa faz parte de um sistema binário. Será que também não existe

um planeta habitável girando em volta da companheira de Alfa?

— É pouco provável — disse Bliss, balançando a cabeça. — Afinal, a companheira tem apenas um quarto da luminosidade de Alfa.

— Isso não é tão sério. O planeta poderia estar muito mais próximo da estrela, para compensar.

— O que é que o computador tem a dizer? — perguntou Pelorat.

Trevize sorriu.

— Já verifiquei. A companheira tem cinco planetas de porte médio. Nenhum gigante gasoso.

— Algum dos cinco planetas é habitável?

— O computador não tem nenhuma informação a respeito dos planetas além do seu número e tamanho.

— Oh... — fez Pelorat, desanimado.

— Não fique desapontado — disse Trevize. — Afinal, os mundos dos Espaciais nem constavam do mapa do computador. As informações sobre Alfa são extremamente escassas. Essas coisas foram escondidas deliberadamente e se não encontramos quase nada a respeito da companheira de Alfa, isso quase pode ser considerado um bom sinal.

— Então o que você está planejando é isso — disse Bliss, sem emoção. — Visitar a companheira e, se não der certo, desembarcar de novo em Alfa.

— Exatamente. Desta vez, estaremos preparados. Pretendo sobrevoar a ilha de Nova Terra antes de pousarmos e você, Bliss, poderia usar sua capacidade mental para...

Nesse momento, o *Estrela Distante* estremeceu, como se tivesse dado um soluço gigantesco, e Trevize exclamou, com um misto de raiva e perplexidade:

— Quem está nos controles?

A pergunta era desnecessária; sabia muito bem quem era.

95.

FALLOM, sentada em frente ao computador, estava totalmente absorta. As mãozinhas de criança, com dedos longos e finos, repousavam sobre as marcas no tampo da escrivaninha. As mãos pareciam atravessar a superfície da mesa, embora Fallom pudesse sentir que ela era dura e escorregadia.

A criança tinha visto Trevize usar as mãos dessa forma em várias ocasiões e para ela era evidente que era assim que o rapaz controlava a nave.

Fallom também tinha visto Trevize fechar os olhos, e fechou os seus. Depois de alguns instantes, começou a ouvir uma voz distante... distante, mas que parecia vir de dentro de sua cabeça, mais precisamente (compreendeu, sem saber como) dos lobos transdutores. Eles eram ainda mais importantes que as mãos. Esforçou-se para compreender o que a voz dizia.

— *Instruções* — dizia a voz, em um tom quase queixoso. — *Quais são as suas instruções?*

Fallom não disse nada. Nunca tinha visto Trevize dizer nada para o computador... mas sabia o que queria com todas as forças do seu ser. Queria voltar para Solaria, para a segurança da mansão, para Jemby... Jemby... Jemby...

Queria voltar para casa e, quando pensou no planeta que amava, imaginou que o estava vendo na tela, como havia visto outros mundos que não queria. Abriu os olhos e olhou para a tela desejando ver outro mundo que não aquela detestável Terra, e então ficou olhando para o planeta que estava lá, imaginando que fosse Solaria. Odiava a Galáxia em que tinha sido introduzida contra a vontade. Seus olhos se encheram de lágrimas e a nave estremeceu. Fallom sentiu o tremor e ficou um pouco assustada..

Foi então que ouviu o ruído de passos no corredor e fechou os olhos. Quando tornou a abri-los, o rosto de Trevize, distorcido, enchia o seu campo de visão, ocultando a tela e o planeta amado. Estava gritando alguma coisa, mas a criança não prestou atenção. Tinha sido ele que havia matado Bander, causando assim a morte de Jemby. Tinha sido ele que a havia tirado do planeta contra a vontade. Agora, era ele que queria impedi-la de voltar. Mas não lhe daria ouvidos. Levaria a nave de volta para Solaria, custasse o que custasse. A emoção foi tão forte que fez a nave estremecer novamente.

96.

BLISS agarrou Trevize pelo braço.

— Pare! Pare!

Puxou-o para trás, enquanto Pelorat observava a cena, sem saber o que fazer.

Trevize estava gritando:

— Tire as mãos do computador!... Bliss, não se meta. Não quero machucar você.

— Não ameace a criança — disse Bliss, em tom cansado. — Se insistir, vou ter que machucar *você.*

Os olhos de Trevize se fixaram em Bliss.

— Então tire-a daí, Bliss. Agora!

Bliss empurrou-o para o lado com uma força surpreendente (resultado, pensou Trevize mais tarde, de sua ligação com Gaia).

— Fallom — disse. — Levante as mãos.

— Não! — exclamou Fallom, com voz estridente. — Quero levar a nave de volta para Solaria. Quero ir para lá. Para lá!

Apontou com a cabeça para a tela do computador, sem tirar as mãos da escrivaninha.

Bliss estendeu os braços para Fallom e quando suas mãos tocaram o corpo da criança, ela começou a tremer.

— Agora, Fallom — disse Bliss, carinhosamente —, diga ao computador para fazer tudo voltar a ser como era antes e venha comigo. Venha comigo...

Acariciou a criança, que teve um acesso de choro.

As mãos de Fallom deixaram a escrivaninha e Bliss, segurando-a pelas axilas, colocou-a de pé. Virou-a de frente para si e apertou-a contra o peito.

Bliss disse para Trevize, que assistia passivamente à cena:

— Saia da frente, Trevize, e não toque em nós quando passarmos. Trevize deu um passo para o lado.

Bliss parou por um momento ao lado do rapaz e disse em voz baixa:

— Tive que entrar na mente de Fallom por um momento. Se causei algum dano,

a culpa é toda sua.

Trevize teve vontade de dizer que estava pouco ligando para a mente de Fallom; que era o computador que o preocupava. Entretanto, percebendo que teria que enfrentar a ira de Gaia (aquela expressão no rosto de Bliss não podia refletir apenas os sentimentos da moça), preferiu ficar calado.

Depois que Bliss e Fallom saíram da sala de controle, Trevize ficou muito tempo onde estava. Permaneceu assim, na verdade, até Pelorat dirigir-lhe a palavra:

— Golan, você está se sentindo bem? Bliss não fez nada com você, não é?

Trevize sacudiu a cabeça vigorosamente, como que para afastar a paralisia que o havia assaltado.

— Estou bem. A questão é saber se *ele* está bem. Sentou-se em frente ao computador e colocou as mãos sobre as marcas que recentemente tinham sido cobertas pelas, mãos de Fallom.

— Como é? — perguntou Pelorat, ansioso. Trevize deu de ombros.

— Parece que está tudo normal. Pode ser que mais tarde eu descubra alguma coisa fora do lugar, mas no momento está tudo funcionando bem. — Prosseguiu, com certa irritação: — O computador foi programado para só responder às minhas mãos, mas essa hermafrodita conseguiu assumir o controle. Deve ter sido por causa dos lobos transdutores...

— Mas o que foi que fez a nave estremecer? Isso não devia acontecer, não é?

— Não. É uma nave gravítica e não devia ter esse tipo de efeito inercial. Acontece que essa monstrinha...

Fez uma pausa. Parecia cada vez mais irritado.

— Sim?

— Desconfio que ela forneceu ao computador duas instruções conflitantes, com tal intensidade que o computador não teve escolha a não ser tentar cumpri-las simultaneamente. Na tentativa de fazer o impossível, o computador deve ter perdido momentaneamente o controle do neutralizador de inércia. Pelo menos é isso que acho que aconteceu.

De repente, Trevize pareceu acalmar-se.

— E pode ter sido até bom, pois acaba de me ocorrer que toda essa minha conversa a respeito de Alfa e a companheira foi perda de tempo. Já sei para onde a Terra transferiu o seu segredo.

97.

PELORAT olhou para o amigo, admirado, e depois resolveu ignorar a última observação e esclarecer um ponto que havia ficado pendente.

— Quais foram as instruções conflitantes que Fallom forneceu ao computador?

— Ela queria que a nave fosse para Solaria.

— Claro. É claro que sim.

— Sim, mas como a criança poderia transmitir essa idéia para o computador? Ela não pode reconhecer Solaria no telescópio. Na verdade, nunca viu Solaria de longe; estava dormindo quando deixamos o planeta às pressas. E apesar de todos os livros que leu em sua biblioteca, apesar de tudo o que Bliss lhe contou, duvido que consiga apreender o conceito de uma Galáxia com centenas de bilhões de estrelas e milhões de planetas habitados. Educada, como foi, debaixo da terra e em total solidão, tudo o que pode fazer é compreender que existe mais de um mundo... mas quantos? Dois? Três? Quatro? Para ela, qualquer planeta que veja na tela pode ser Solaria, ou melhor, dada a sua ansiedade para voltar ao planeta local, qualquer mundo que veja na tela *é* Solaria. E já que provavelmente Bliss tentou acalmá-la garantindo que se não encontrarmos a Terra voltaremos a Solaria, ela pode até ter ficado com a impressão de que Solaria e a Terra estão muito próximos no espaço.

— Como pode saber de tudo isso, Golan?

. — Pelo que a própria criança nos disse, Janov, logo que entramos nesta sala. Ela gritou que queria ir para Solaria e acrescentou: "Quero ir para lá! Para lá!", apontando com a cabeça para a tela. Sabe o que estava na tela? O satélite da Terra. Não estava lá quando me levantei para ir jantar; quem estava era a Terra. Mas Fallom deve ter pensado no satélite quando pediu para ir para Solaria e o computador, em resposta, deve ter mostrado o satélite na tela. Acredite em mim, Janov, eu sei como esse computador funciona.

Pelorat olhou para o crescente que estava na tela e disse, pensativamente:

— Era chamado de "lua" em pelo menos uma das línguas da Terra; "moon", em outra língua. Provavelmente tinha muitos outros nomes... Imagine a confusão, meu velho amigo, em um mundo em que eram faladas várias línguas... imagine os mal-entendidos, as complicações, os...

— Lua? — repetiu Trevize. — Pelo menos é um nome curto.. Pensando melhor,

pode ser que a criança tenha tentado, instintivamente, mudar o curso da nave usando os lobos transdutores para agir diretamente sobre a fonte de energia, o que teria perturbado o funcionamento do neutralizador de inércia... Mas nada disso importa, Janov. O que importa é que essa confusão toda fez com que a lua (sim, eu gosto do nome) aparecesse na tela do computador. E continua lá. Quando olho para ela, fico imaginando...

— Imaginando o quê, Golan?

— Janov, para um satélite, a lua é enorme! Em geral, a gente não liga para os satélites. Afinal, são pouco mais que pedaços de pedra girando no espaço. A lua, porém, é diferente. A lua é um *mundo.* Tem um diâmetro de cerca de três mil e quinhentos quilômetros.

— Um mundo? Não pode chamá-la de mundo. A lua é inabitável. Mesmo com três mil e quinhentos quilômetros de diâmetro, é pequena demais para ter atmosfera. Posso dizer isso só de olhar para ela. Nenhuma nuvem; uma linha nítida separando a zona iluminada da escuridão do espaço e outra linha nítida separando a parte clara da parte que está na sombra.

Trevize assentiu.

— Você fala como um espaçonauta veterano, Janov. Tem razão.Nada de ar. Nada de água. Isso quer dizer que a superfície da lua é inabitável. E o subsolo?

— Subsolo? — repetiu Janov, intrigado.

— Isso mesmo. Por que não? As cidades da Terra eram subterrâneas, não eram? Quase toda a população de Trantor vivia abaixo da superfície. Lembra-se da capital de Comporellon? A mesma coisa. As mansões de Solaria ficam debaixo da terra. Um estado de coisas muito comum.

— Acontece, Golan, que em todos esses casos, as pessoas estavam vivendo em um planeta habitável. A superfície também era habitável, havia uma atmosfera, um oceano. É possível viver no subsolo quando a superfície é inabitável?

— Ora, Janov, pense! Onde estamos vivendo neste exato momento? O *Estrela Distante* é um pequeno mundo com uma superfície inabitável. Não existe ar nem água do lado de fora do casco. Mesmo assim, vivemos confortavelmente aqui dentro. A Galáxia está cheia de bases e estações espaciais dos tipos mais variados, para não falar das naves espaciais, e todas são inabitáveis a não ser do lado de dentro. Considere a lua como uma gigantesca espaçonave.

— Com uma tripulação no interior?

— Isso mesmo. Pelo que sabemos, podem ser milhões de pessoas, além de

animais, plantas e uma tecnologia avançadíssima... Tudo isso faz muito sentido, Janov! Se a Terra, nos seus últimos dias, foi capaz de enviar um grupo de Colonizadores para um planeta em órbita da estrela Alfa; se, possivelmente com a ajuda do Império, pôde reformar o planeta, semear os oceanos com peixes, construir um pequeno continente; será que a Terra também não poderia mandar um grupo para a lua e reformar o interior do satélite?

— Suponho que sim — concordou Pelorat, com certa relutância.

— Seria a solução mais lógica. Se a Terra tinha alguma coisa para esconder, por que fazê-la viajar mais de um parsec, se podia ser escondida em um mundo situado a uma distância cem milhões de vezes menor? Além disso, a lua seria um esconderijo mais eficiente do ponto de vista psicológico. Os satélites não atraem a atenção. Veja o meu exemplo. Com a lua a um centímetro do meu nariz, todos os meus pensamentos estavam em Alfa. Se não fosse Fallom... — Trevize fez uma careta e balançou a cabeça. — Justiça seja feita. Se não fosse Fallom, eu jamais teria pensado na lua.

— Escute aqui, meu velho amigo — disse Pelorat —, se há alguma coisa escondida sob a superfície da lua, como vamos fazer para encontrá-la? A superfície da lua deve ter milhões de quilômetros quadrados...

— Quarenta milhões, aproximadamente.

— E teríamos que examinar toda essa imensa área à procura do quê? De uma passagem? De alguma espécie de comporta?

— Da forma como você fala, parece uma tarefa dificílima, mas não estamos apenas procurando objetos inanimados. Estamos atrás de seres vivos, ou melhor, de seres inteligentes. E Bliss é especialista em detectar vestígios de inteligência, não é?

98.

BLISS disse para Trevize, em tom acusador:

— Afinal consegui fazê-la dormir. Não foi fácil. Fallom estava *histérica!*.

Felizmente, parece que não causei nenhum dano.

— Você bem que podia tentar remover a fixação em Jemby, já que eu não tenho a mínima intenção de voltar a Solaria — disse Trevize, secamente.

— Remover a fixação, não é? O que é que você sabe a respeito dessas coisas, Trevize? Você nunca entrou na mente de outra pessoa. Não sabe como são complexas as mentes humanas. Se soubesse, não falaria em remover uma fixação como se fosse igual a arrancar um dente.

— Pelo menos atenue um pouco a fixação.

— Isso eu talvez pudesse fazer, depois de passar um mês desembaraçando...

— Desembaraçando? Como assim?

— É difícil de explicar para quem não sabe.

— Então o que é que você vai fazer com a criança?

— Ainda não sei. Vou ter que pensar.

— Nesse caso, vou lhe dizer o que vamos fazer com a nave.

— Sei muito bem o que vai fazer. Vai voltar a Nova Terra e à bela Hiroko, se ela prometer não contaminá-lo desta vez.

— Está enganada, Bliss — disse Trevize, sem se perturbar. — Mudei de idéia. Vamos para a lua... isto é, para o satélite da Terra.

— Para o satélite? Porque é o astro mais próximo da Terra? Não tinha pensado nisso!

— Nem eu. Ninguém teria pensado nisso. Nenhum outro satélite, na Galáxia inteira, merece ser lembrado... mas este satélite é diferente, graças ao seu tamanho. Além do mais, o segredo da sua localização está tão bem guardado quanto o da localização da Terra.

— É habitável?

— Não na superfície, mas como não é radioativo, o subsolo pode ser habitado. Quando chegarmos mais perto, vou precisar de você para saber se existem formas de vida no satélite.

Bliss deu de ombros.

— Está bem. Por que se lembrou de repente do satélite?

— Por causa de uma coisa que Fallom fez quando tentou controlar a nave — explicou Trevize.

Bliss ficou olhando para Trevize como se esperasse algum esclarecimento

adicional. Depois, disse:

— Então, não teria tido a inspiração se obedecesse ao seu primeiro impulso e a matasse.

— Jamais tive intenção de matar a criança, Bliss.

— Está bem, está bem. Já estamos viajando na direção do satélite?

— Estamos. Prefiro não ir muito depressa, por uma questão de prudência, mas se tudo correr bem, chegaremos lá em trinta horas.

99.

A LUA era um astro desolado. Trevize ficou observando pela vigia enquanto a parte iluminada desfilava lá embaixo, um panorama monótono de crateras circulares e regiões montanhosas. De vez em quando, o cinza predominante dava lugar a sutis gradações de cor, em geral associadas a vastas planícies semeadas de pequenas crateras.

Quando se aproximaram do lado escuro, as sombras foram ficando mais longas e finalmente cobriram toda a superfície. Durante alguns instantes, atrás deles, os picos continuaram a brilhar ao sol, como estrelas de primeira grandeza. Então os picos desapareceram e só restou a Terra, um grande crescente azul e branco, iluminando o terreno com sua luz difusa. A nave ultrapassou a Terra, também, que desapareceu abaixo do horizonte, de modo que abaixo deles só havia a escuridão profunda e acima o cintilar de incontáveis estrelas, visão que para Trevize, um nativo de Terminus, onde o céu praticamente não tinha estrelas, era motivo de perpétuo deslumbramento.

Então, novas estrelas brilhantes apareceram à frente, primeiro apenas uma ou duas, depois outras, cada vez maiores e mais ofuscantes. De repente, cruzaram o terminador e entraram no lado iluminado. O sol surgiu no horizonte com esplendor infernal e a paisagem lá embaixo explodiu em um labirinto de luzes e sombras.

Trevize podia ver muito bem que seria inútil tentar encontrar uma entrada para o interior habitado (se é que esse interior existia) através de uma simples inspeção visual.

Olhou para Bliss, sentada ao seu lado. A jovem estava imóvel, com os olhos fechados. Trevize perguntou em voz baixa:

— Detectou mais alguma coisa? Bliss balançou a cabeça.

— Não — murmurou. — Foi só naquele lugar. É melhor voltarmos. Sabe onde foi?

— O computador sabe.

A região ficava no lado escuro e, exceto pelo fato de que a Terra estava perto do horizonte, iluminando a superfície com uma luz fantasmagórica, não havia nada de especial para ser visto, mesmo depois de apagarem as luzes da sala de comando para facilitar a observação.

Pelorat havia chegado e estava observando a cena com interesse.

— Encontramos alguma coisa? — perguntou.

Trevize silenciou-o com um gesto. Estava esperando a reação de Bliss. Sabia que levaria vários dias para que a. luz do sol voltasse àquela parte da lua, mas também sabia que, para aquilo que a jovem procurava, a luz era totalmente irrelevante.

Afinal, Bliss falou:

— Está lá embaixo.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— É o único lugar?

— Até o momento, sim. Já cobrimos toda a superfície da lua?

— Uma boa parte.

— Pois nessa boa parte, este é o único lugar em que detectei alguma coisa. Agora o sinal está mais forte, como se *ele* tivesse detectado a *nossa* presença. Não parece perigoso. Estou captando uma atitude amistosa.

— Tem certeza?

— É o que estou captando. Pelorat interveio:

— Ele não poderia estar disfarçando?

— Pel, não é fácil me enganar — disse Bliss, orgulhosamente. Trevize murmurou qualquer coisa a respeito do excesso de confiança e depois disse:

— O que você está detectando é um ser inteligente, não é?

— Sim, é um ser inteligente. Acontece que.

— Acontece o quê?

— Psiu! Não me distraia. Preciso me concentrar. Momentos depois, Bliss anunciou, com um misto de surpresa e satisfação:

— Não é humano!

— Não é humano! — repetiu Trevize. — Estamos lidando de novo com robôs? Como em Solaria?

— Não — respondeu Bliss, sorrindo. — Também não é um robô.

— Tem que ser um ou outro. Bliss deu uma risada.

— Nenhum dos dois. Não é humano, mas também não se parece com nenhum dos robôs que conheci.

— Essa eu tenho que ver — disse Pelorat, excitado. — Uma coisa nova... diferente!

— Uma coisa nova — murmurou Trevize, com um entusiasmo que não sentia há muito tempo.

Nesse instante, uma inspiração súbita pareceu iluminar como um relâmpago o interior do seu crânio.

100.

DESCERAM alegremente em direção à superfície da lua. Até mesmo Fallom tinha se juntado a eles e saltitava com despreocupação infantil, como se estivesse realmente voltando para Solaria.

Quanto a Trevize, sentia dentro de si um resto de sanidade a advertir-lhe que era estranho que a Terra (ou o que quer que fosse da Terra que se havia mudado para a lua), depois de tomar medidas tão extremas para evitar a presença de estranhos, agora estivesse fazendo o possível para atraí-los. Poderia tudo ser parte do mesmo plano? Seria um caso de "se é impossível mantê-los à distância, atraia-os e destrua-os"? Seria uma outra forma de proteger o segredo da Terra?

As preocupações do rapaz desapareceram na torrente de otimismo que se despejou sobre todos quando se aproximaram da superfície da lua. Mesmo

assim, não esqueceu a inspiração que o havia assaltado no momento em que iniciavam o longo mergulho em direção à superfície do satélite da Terra.

Parecia não haver mais dúvida quanto ao destino final da nave. Já estavam na altura dos picos mais elevados e Trevize, em ligação com o computador, não sentia necessidade de fazer coisa alguma. Era como se tanto ele como o computador estivessem sendo guiados; sentiu uma enorme euforia ao perceber que o peso da responsabilidade tinha sido retirado de seus ombros.

Agora estavam se deslocando paralelamente ao solo, em direção a um penhasco que se erguia à distância como uma perigosa barreira; uma barreira que brilhava fracamente à luz da Terra e dos faróis do *Estrela Distante.* A colisão iminente parecia não significar coisa alguma para Trevize; não foi surpresa para ele quando uma parte do rochedo se abriu, revelando um corredor iluminado por luzes artificiais.

A nave diminuiu de velocidade, aparentemente por conta própria, e se enfiou na abertura... devagar... até parar. A passagem se fechou atrás dela e outra se abriu à sua frente. A nave passou pela segunda abertura e entrou em uma caverna gigantesca, que parecia ter sido cavada no interior de uma montanha.

A nave parou e todos a bordo correram para a câmara de descompressão. Nenhum deles, nem mesmo Trevize, pensou em verificar se o ar do lado de fora era respirável... ou se pelo menos havia ar.

Havia ar, sim. Era respirável e era gostoso. Olharam em torno, com o ar satisfeito de pessoas que estão chegando em casa. Levaram algum tempo para reparar em um homem que os observava de longe, esperando educadamente que se aproximassem.

O homem era alto e tinha expressão muito séria. O cabelo era cor de bronze, cortado rente. Tinha as maçãs do rosto salientes, os olhos muito vivos e vestia-se como em um livro de História antiga. Embora parecesse forte e saudável, tinha um certo ar de cansaço... não em algum traço concreto, mas de uma forma vaga, indefinível.

Fallom foi a primeira a reagir. Deu um grito de alegria e saiu correndo na direção do homem, gritando:

— Jemby! Jemby!

Os outros se aproximaram mais devagar e Trevize disse, destacando bem as palavras (será que esse sujeito sabe falar galáctico?):

— Desculpe, senhor. Esta criança perdeu o seu protetor e só pensa nele. Não sei

por que se fixou no senhor, já que foi criada por um robô, uma máquina...

O homem falou pela primeira vez. Tinha uma voz impessoal e um sotaque arcaico, mas falava galáctico com fluência.

— Sejam bem-vindos — disse.

Apesar de não haver mudado de expressão, parecia amistoso.

— Quanto a esta criança — prosseguiu —, talvez seja mais perceptiva do que pensam, pois eu sou um robô. Meu nome é Daneel Olivaw.

CAPÍTULO 21: O FIM DA BUSCA

101.

TREVIZE se encontrava em um estado de total confusão, depois de passada a estranha euforia que sentira durante o pouso na lua... uma euforia provavelmente provocada por aquele pretenso robô que agora tinha diante de si.

O rapaz se sentia no perfeito controle das faculdades mentais, mas isso não o impedia de encarar com assombro uma réplica tão perfeita de um ser humano.

Não admira, pensou Trevize, que Bliss tivesse detectado algo que não era nem humano nem robô, "uma coisa nova", nas palavras de Pelorat. Palavras que haviam despertado em Trevize uma súbita inspiração... que no momento estava relegada a um segundo plano.

Bliss e Fallom tinham se afastado para explorar a grande caverna. A idéia tinha sido de Bliss, mas Trevize observara que, momentos antes, ela e Daneel haviam trocado um rápido olhar. Quando Fallom se recusou a ir e pediu para ficar com o ser que insistia em chamar de Jemby, uma palavra e um gesto de Daneel convenceram a criança do contrário. Trevize e Pelorat haviam ficado.

— Senhores, elas não pertencem à Fundação — disse o robô, como se aquilo explicasse tudo. — Uma é Gaia e a outra é uma Espacial.

Trevize permaneceu calado enquanto o robô os conduzia a um conjunto de cadeiras debaixo de uma árvore. Os dois se sentaram, atendendo a um gesto do robô, e quando o robô se sentou também, com movimentos perfeitamente humanos, Trevize perguntou:

— Você é mesmo um robô?

— Sim senhor — disse Daneel.

O rosto de Pelorat parecia brilhar de contentamento. Ele disse:

— As velhas lendas falam de um robô chamado Daneel. Você foi batizado em homenagem a esse robô?

— Eu sou esse robô — disse Daneel. — Não são lendas.

— Não é possível! — exclamou Pelorat. — Se você é esse robô, deve ter milhares de anos de idade!

— Vinte mil anos — declarou Daneel, com naturalidade. Pelorat olhou para Trevize, que disse, com um traço de irritação na voz:

— Se é um robô, ordeno a você que fale a verdade.

— Essa ordem é desnecessária, senhor. Eu *tenho* que falar a verdade. Acontece, senhor, que existem três possibilidades. Posso ser um homem que está mentindo; posso ser um robô que foi programado para acreditar que tem vinte mil anos quando, na realidade, é muito mais recente; e posso ser realmente um robô com vinte mil anos de idade. O senhor precisa decidir qual dessas possibilidades é a verdadeira.

— Chegarei a uma conclusão conversando com você — disse Trevize secamente. — Mudando de assunto: é difícil acreditar que a gente esteja no interior da lua. Nem a luz — o rapaz olhou para cima enquanto falava e a luz era uma claridade difusa com a cor exata da luz do sol, embora o sol não estivesse visível no céu, ou por outra, nem o sol nem o céu estivessem visíveis — nem a gravidade correspondem ao que seria de se esperar. Este mundo deveria ter uma gravidade na superfície menor que 0, 2g.

— O valor exato da gravidade na superfície é de 0, 16g, senhor. Acontece que aqui onde estamos uma gravidade muito maior é mantida artificialmente pelas mesmas forças que dão aos senhores, na sua nave, a sensação de peso normal, mesmo quando estão em queda livre. Outras demandas de energia, inclusive a de iluminação, também são atendidas graviticamente, mas também usamos a energia solar quando ela é mais conveniente. Nossas necessidades de matérias-primas são todas supridas pelo solo lunar, com exceção dos elementos leves, hidrogênio, carbono e nitrogênio, que são extremamente escassos na lua. Obtemos esses elementos capturando um ou outro cometa. Uma captura por século é mais que suficiente para as nossas necessidades.

— Presumo que estejam impedidos de usar os recursos da Terra.

— Infelizmente, é verdade. Nossos cérebros positrônicos são tão sensíveis à

radioatividade quanto as proteínas humanas.

— Você falou no plural e estou vendo uma mansão que me parece bonita, espaçosa e requintada... pelo menos, é a impressão que se tem do lado de fora. Então existem outros seres na lua? Homens? Robôs?

— Sim senhor. Temos um ecossistema da lua e uma enorme cavidade subterrânea que abriga esse ecossistema. Todos os seres inteligentes são robôs, mais ou menos como eu. Infelizmente, o senhor não verá nenhum deles. Quanto a essa mansão, foi construída para meu uso exclusivo. É uma réplica de uma casa onde eu morei há vinte mil anos atrás.

— E da qual você se lembra nos mínimos detalhes, não é mesmo?

— Exatamente. Fui fabricado e vivi durante algum tempo no planeta Aurora, um dos mundos dos Espaciais.

— Aquele dos... — Trevize não chegou a concluir

— Sim senhor. Aquele dos cachorros.

— Então você sabe dos cachorros!

— Sim senhor.

— Que está fazendo aqui, se vivia em Aurora?

— Vim para cá há muitos anos atrás, para tentar impedir que a Terra se tornasse radioativa. Comigo veio um outro robô, chamado Giskard, que era capaz de detectar as emoções humanas e modificá-las.

— Como Bliss faz?

— Isso mesmo, senhor. Nosso sucesso foi apenas parcial e Giskard parou de funcionar. Antes disso, porém, transferiu para mim os seus poderes e me encarregou de zelar pela Galáxia e particularmente pela Terra.

— Por que a Terra?

— Em parte por causa de um homem chamado Elijah Baley, um terráqueo.

— É o herói mitológico de quem lhe falei outro dia, Golan — interrompeu Pelorat.

— Herói mitológico, senhor?

— O que o Dr. Pelorat quer dizer é que ele é uma pessoa à qual muitos feitos fantásticos são atribuídos, e que pode ser uma combinação de várias pessoas que realmente existiram ou um personagem totalmente fictício.

Daneel pensou um pouco e depois disse, com toda a calma:

— Isso não é verdade, senhores. Elijah Baley realmente existiu e foi um único homem. Não sei quais são as façanhas que as lenda atribuem a ele; o que sei é que, sem Baley, a Galáxia talvez nunca tivesse sido colonizada. Em sua memória, procurei salvar tudo o que foi possível da Terra depois que começou a ficar radioativa. Meus companheiros robôs se espalharam por toda a Galáxia em uma tentativa de influenciar as pessoas certas. Houve uma época em que, por nossa sugestão, chegaram a remover parte do solo radioativo da Terra, substituindo-o por solo não contaminado. Mais tarde, consegui que fosse iniciada a reforma de um planeta de uma estrela vizinha, chamada Alfa. Nenhum dos dois projetos, porém, chegou a ser concluído. Nunca senti inteira liberdade para agir sobre as mentes humanas, pois havia sempre o risco de que um ser humano sofresse algum tipo de dano no processo. Os senhores compreendem que das Leis da Robótica constituem um pesado fardo para nós robôs.

— Sim? Não era preciso um ser com os poderes mentais de Daneel para perceber, pelo tom com que Trevize havia pronunciado aquele monossílabo, que o rapaz jamais ouvira falar da Leis da Robótica.

— A Primeira Lei — explicou — é a seguinte: "Um robô não pode fazer mal a um ser humano ou, por omissão, permitir que um ser humano sofra algum mal. " A Segunda Lei: "Um robô deve obedecer às ordens que lhe sejam dadas por seres humanos, exceto nos casos em que essas ordens contrariem a Primeira Lei. " A Terceira Lei: "Um robô deve proteger a própria existência, desde que essa proteção não entre em conflito com a Primeira ou a Segunda Lei. " Naturalmente, tive que traduzir as leis para a linguagem humana; na verdade, elas representam complicadas configurações dos nossos circuitos positrônicos cerebrais.

— E você acha difícil obedecer a essas leis?

— Sim senhor. Por causa da Primeira Lei, fico quase totalmente impedido de usar meus poderes mentais. Quando se lida com uma Galáxia inteira, é impossível deixar de causar mal a seres humanos, qualquer que seja o curso de ação escolhido. O que procuro fazer é encontrar o caminho que minimize o sofrimento humano. Entretanto, o número de possibilidades é tão grande que às vezes o tempo gasto na análise se torna proibitivo...

— Compreendo — disse Trevize.

— Durante toda a história da Galáxia, fiz o que pude para evitar as guerras e injustiças que parecem assolar todas as civilizações humanas. Posso ter conseguido alguma coisa em casos isolados, mas se o senhor estudou História, sabe que meus sucessos não foram freqüentes nem retumbantes.

— Acho que tem razão — concordou Trevize, com um sorriso irônico.

— Pouco antes de deixar de funcionar, Giskard imaginou uma lei ainda mais poderosa que a primeira. Por falta de um nome melhor, nós a chamamos de Lei Zero. A Lei Zero diz o seguinte: "Um robô não pode causar mal à Humanidade ou, por omissão, permitir que a Humanidade sofra algum mal. " Isto significa que a Primeira Lei deve ser modificada para: “Um robô não pode ferir um ser humano ou, por omissão, permitir que um ser humano sofra algum mal, exceto nos casos em que isso seja necessário para obedecer à Lei Zero”. "Modificações semelhantes devem ser feitas na Segunda e Terceira Leis.”.

Trevize franziu a testa.

— Como é que vocês vão saber o que é bom e o que não é bom para a Humanidade como um todo?

— Aí é que está o problema, senhor. Teoricamente, a Lei Zero era a solução para todos os nossos conflitos; na prática, jamais pôde ser aplicada. Um ser humano é um objeto concreto. O mal causado a uma pessoa pode ser estimado e medido. A Humanidade é uma abstração. Que fazer?

— Não sei — disse Trevize.

— Espere! — disse Pelorat. — Você podia... você podia converter toda a Humanidade em um único organismo: Gaia!

— Foi o que tentei fazer, senhor. Fui eu o responsável pela fundação de Gaia. Se a Humanidade se transformasse em um único organismo, passaria a ser um objeto concreto, fácil de analisar. Entretanto, não foi tão fácil criar um superorganismo quanto eu havia imaginado. Em primeiro lugar, isso não seria possível se os seres humanos não dessem maior valor ao superorganismo do que à própria individualidade, e eu tinha que encontrar um modelo mental que respeitasse essa premissa. Afinal, lembrei-me das Leis da Robótica.

— Ah, então os gaianos *são* robôs. Desconfiei desde o princípio!

— Nesse caso, suas suspeitas foram infundadas, senhor. Eles são seres humanos, mas nos seus circuitos neurônicos foram implantadas configurações equivalentes às Leis da Robótica. Mesmo depois que isso foi feito, porém, ainda restava um problema sério. Um superorganismo constituído unicamente por seres humanos é necessariamente instável. É preciso combinar os seres humanos com outros animais, com plantas, até com a matéria inorgânica. O menor superorganismo verdadeiramente estável é um planeta inteiro, um planeta suficientemente grande e complexo para possuir um ecossistema estável. Levamos muito tempo para compreender esse fato, de modo que foi apenas neste

último século que demos como concluída a fundação de Gaia e iniciamos a fase seguinte do projeto, a fundação da Galáxia Viva.

— Mas precisavam de mim para tomar a decisão, não é?

— Sim senhor. As Leis da Robótica não permitiam que a decisão fosse tomada nem por mim nem por Gaia, pois havia o risco de causarmos algum tipo de mal à Humanidade. Enquanto isso, há cinco séculos atrás, quando parecia que eu jamais iria conseguir resolver os problemas ligados à fundação de Gaia, resolvi tentar outra coisa e ajudei a criar a ciência da psico-história

— Eu devia ter adivinhado — murmurou Trevize. — você sabe, Daneel, estou começando a acreditar que você *tem* vinte mil anos de idade

— Obrigado, senhor

— Espere um momento — disse Pelorat — Acabei de pensar em uma coisa. Você também é parte de Gaia, Daneel? Foi assim que soube dos cachorros de Aurora? Através de Bliss?

— De certa forma, senhor, sua conclusão é acertada. Estou associado a Gaia, embora não seja propriamente parte de Gaia

Trevize interveio:

— Essa sua explicação me faz lembrar Comporellon, o planeta que visitamos logo depois que partimos de Gaia. Os locais insistem em que não fazem parte da Fundação, mas são apenas um dos Planetas Associados

Daneel fez que sim com a cabeça

— A analogia é válida, senhor. Posso, como associado de Gaia, fazer uso de todos os conhecimentos de Gaia.. na pessoa daquela mulher, por exemplo. Gaia, porém, não pode fazer uso dos meus conhecimentos, de modo que conservo minha liberdade de ação. Essa liberdade de ação é necessária até que a Galáxia Viva seja uma realidade.

Trevize olhou fixamente para o robô por um momento e depois disse:

— Através de Bliss, você estava presente o tempo todo na nossa viagem, não estava? Usou seus poderes para trazer-nos para cá, não usou?

Daneel suspirou de forma curiosamente humana.

— Não pude fazer muita coisa, senhor. As Leis da Robótica não me permitem. Mesmo assim, ajudei Bliss a lidar com os cães de Aurora e com o Espacial de Solaria. Além disso, influenciei duas mulheres, uma em Comporellon e outra em Nova Terra, para que ajudassem o senhor.

— Devia ter adivinhado que não foi por minha causa — disse Trevize, com um sorriso amarelo.

— Pelo contrário — disse Daneel. — As duas mulheres simpatizaram com o senhor desde o princípio. Limitei-me a reforçar esse sentimento, dentro das limitações impostas pelas Leis da Robótica. Devido a essas limitações... e também por outros motivos... foi com grande dificuldade que consegui trazê-lo para cá. Em várias ocasiões estive a ponto de perdê-lo.

— Agora, que *estou* aqui, o que deseja? Que confirme minha decisão a favor da Galáxia Viva?

O rosto de Daneel, sempre inexpressivo, assumiu ar preocupado.

— Não senhor. A decisão já foi tomada e não precisa de confirmação. Trata-se de algo muito mais urgente. Estou morrendo.

102.

TALVEZ tenha sido a naturalidade com que Daneel se referiu ao fato; ou talvez porque uma existência de vinte mil anos fez com que a morte não parecesse nenhuma tragédia para alguém condenado a viver menos que meio por cento desse período de tempo; a verdade é que Trevize não sentiu nenhuma pena do robô.

— Está morrendo? Uma máquina pode morrer?

— Posso deixar de existir, senhor. Use o nome que quiser. Estou velho. Em toda a Galáxia, nenhum ser inteligente que estava vivo quando fui construído ainda vive hoje em dia; nem homem nem robô. Eu mesmo mudei muito.

— Como assim?

— Não existe nenhuma parte do meu corpo que não tenha sido substituída, não uma, mas várias vezes. Até o meu cérebro positrônico foi substituído em cinco diferentes ocasiões. Cada vez que isso aconteceu, todo o conteúdo do cérebro antigo foi transferido para o cérebro novo. Cada cérebro novo era maior e mais complexo que o anterior, de modo que havia espaço para mais memórias e ao mesmo tempo eu me tornava capaz de decidir e agir com maior rapidez.

Entretanto...

— O quê?

— Quanto mais avançado e complexo é um cérebro positrônico, maior a instabilidade e mais depressa ele se deteriora. Meu cérebro atual é cem mil vezes mais sensível que o primeiro e tem uma capacidade dez milhões de vezes maior; por outro lado, enquanto o meu primeiro cérebro durou mais de dez mil anos, a atual tem apenas seiscentos anos e já começa a dar sinais de senilidade. Minha capacidade de tomar decisões já não é a mesma; a capacidade de detectar e induzir emoções através do hiperespaço praticamente desapareceu. Não adianta tentar construir um sexto cérebro. As tentativas de conseguir uma miniaturização maior esbarrariam no princípio da incerteza; qualquer aumento adicional na complexidade tornaria o cérebro tão instável que ele se deterioraria em poucos minutos.

— Mas agora, Daneel, Gaia pode muito bem prosseguir sem você — disse Pelorat. — Agora que Trevize optou pela Galáxia Viva...

— Acontece que perdemos muito tempo, senhor — disse Daneel, como sempre sem revelar qualquer emoção. — Tive que esperar até que Gaia estivesse perfeitamente estabelecido. Quando consegui localizar um ser humano... o Sr. Trevize... que fosse capaz de tomar a decisão crucial, era tarde demais. Não pensem, porém, que não tomei medidas para prolongar minha vida. Pouco a pouco fui reduzindo minhas atividades. Quando não podia mais contar com medidas ativas para manter o isolamento do sistema Terra/Lua, adotei medidas passivas. Nos últimos anos, os robôs humaniformes que trabalham comigo também tiveram que ser reunidos aqui. Uma de suas últimas tarefas foi remover todas as referências à Terra dos arquivos planetários. Entretanto, sem a nossa ajuda, Gaia não conseguirá absorver toda a Galáxia.

— Você sabia de tudo isso quando tomei minha decisão? — perguntou Trevize.

— Um certo tempo antes, senhor — respondeu Daneel. — Gaia, naturalmente, não sabia.

— Então com que objetivo levou a trama até o fim? — perguntou Trevize, zangado. — De que adiantou? Desde que tomei a decisão, estou vasculhando a Galáxia à procura da Terra e do que considerava como o seu "segredo"... sem saber que o segredo era *você*... na esperança de confirmar a minha decisão. Pois ela *está* confirmada. Agora sei que a Galáxia Viva é absolutamente essencial... só que isso não serve para nada. Por que não deixou a Galáxia entregue a si própria... e eu aos meus afazeres?

— Porque, senhor, ainda tinha esperanças de encontrar uma saída. E acho que encontrei. Ao invés de substituir o meu cérebro por outro cérebro positrônico, o que seria impraticável, poderia fundi-lo com um cérebro humano, um cérebro humano que não esteja sujeito às Três Leis e que por isso me permita maior liberdade de ação. Foi para isso que os trouxe aqui.

Trevize parecia horrorizado.

— Quer dizer que você planeja fundir um cérebro humano com o seu? Fazer com que um homem perca a sua individualidade para que você não morra?

— Sim senhor. Isso não me tornaria imortal, mas me daria tempo suficiente para implantar a Galáxia Viva.

— E você me trouxe aqui para *isso?* Quer que minha independência em relação às Três Leis e o meu bom senso se tornem parte de você? Pois a resposta é não!

— O senhor mesmo acabou de dizer que a Galáxia Viva é essencial para o bem-estar da Humanidade...

— Sim, mas estava imaginando que a Galáxia Viva levaria muito tempo para se tornar realidade, que até lá eu estaria morto e enterrado como um indivíduo independente. Por outro lado, se a Galáxia Viva fosse estabelecida rapidamente, todos perderiam a individualidade e eu não teria muito que lamentar. O que me recuso terminantemente é a abrir mão da minha individualidade enquanto o resto da Galáxia conserva a sua.

— Então é exatamente como eu pensava — disse Daneel. — O senhor não concorda com a fusão e, de qualquer forma, seu cérebro pode ser mais bem aproveitado como unidade independente.

— Quando foi que mudou de idéia? Você disse que me trouxe aqui para fundir o seu cérebro com o meu!

— O senhor talvez não tenha notado, mas usei a frase no plural: "Foi para isso que os trouxe aqui. "

Pelorat se remexeu no assento.

— Diga-me, Daneel, um cérebro humano que se fundisse com o seu compartilharia todas as suas memórias... todas as memórias dos últimos vinte mil anos?

— Sim senhor.

Pelorat respirou fundo.

— Isso para mim seria a realização suprema da minha carreira de pesquisador.

Para conseguir isso, abriria mão de minha individualidade de muito bom grado. Por favor, conceda-me o privilégio de compartilhar do seu cérebro.

— E Bliss? — lembrou Trevize. — O que será de Bliss? Pelorat hesitou apenas por um momento.

— Bliss vai entender. De qualquer forma, ela estará melhor sem mim...

Daneel sacudiu a cabeça.

— Sua oferta é generosa, Dr. Pelorat, mas não posso aceitá-la. Seu cérebro é antigo e não sobreviverá por mais que duas ou três décadas, mesmo depois de fundir-se com o meu. Preciso de um cérebro mais jovem... Vejam! Ela está de volta!

Bliss estava chegando do passeio, com passos saltitantes e uma expressão de felicidade no rosto. Pelorat levantou-se, alarmado.

— Bliss! Oh, não!

— Não se preocupe, Dr. Pelorat — disse Daneel. — Não posso usar Bliss. Bliss é Gaia e, como expliquei, não devo fundir-me com Gaia.

— Nesse caso — disse Pelorat — quem...

Trevize, olhando para a figurinha que acompanhava Bliss, explicou:

— Era Fallom que o robô queria o tempo todo, Janov.

103.

BLISS chegou sorridente. Parecia estar de muito bom humor.

— Não pudemos sair da propriedade — disse —, mas achei isso aqui tão parecido com Solaria! Fallom, naturalmente, está convencida de que *estamos* em Solaria. Perguntei-lhe se não achava Daneel um pouco diferente de Jemby... afinal, Jemby era metálico... e Fallom respondeu "Não, no fundo, não". Não faço idéia do que ela quis dizer com "no fundo".

A moça olhou para Fallom, que estava a uma certa distância, tocando a flauta para Daneel, que balançava a cabeça no ritmo da música. Era uma linda melodia.

— Vocês sabiam que Fallom tinha trazido a flauta? — perguntou Bliss. — Acho

que tão cedo não vamos conseguir tirá-la de perto de Daneel...

O comentário foi recebido com um silêncio pesado e Bliss olhou para os dois, assustada. ...

— Que foi que houve?

Trevize fez um gesto na direção de Pelorat. Era melhor que ele explicasse a Bliss, o gesto parecia dizer. Pelorat pigarreou e disse:

— Na verdade, Bliss, acho que Fallom vai ficar permanentemente com Daneel.

— É mesmo?

Bliss franziu a testa e fez menção de aproximar-se de Daneel, mas Pelorat segurou-a pelo braço.

— Bliss querida, é melhor não se meter. Esse robô é mais poderoso do que Gaia, e além disso, para que a Galáxia Viva se torne realidade, vai precisar da ajuda de Fallom. Deixe-me explicar... Golan, por favor, corrija-me se achar que estou distorcendo os fatos.

Bliss escutou o relato com uma expressão cada vez mais triste.

Trevize tentou consolá-la:

— Você pode ver que é a solução mais lógica, Bliss. A criança é uma Espacial e Daneel foi projetado e construído por Espaciais. A criança foi criada por um robô em uma propriedade não muito diferente desta aqui. Fallom tem poderes que poderão ser muito úteis para Daneel e viverá mais uns três ou quatro séculos, tempo que pode ser necessário para a consolidação da Galáxia Viva.

Bliss disse, com o rosto vermelho e os olhos úmidos:

— Acho que o robô nos fez passar em Solaria antes de virmos para cá porque precisava da criança.

Trevize deu de ombros.

— Ele pode estar simplesmente aproveitando a oportunidade. Não acho que tenha poderes suficientes no momento para controlar nossas ações através do hiperespaço.

— Não! Foi de propósito! Ele me fez sentir uma atração especial pela criança para que eu a trouxesse comigo, em vez de deixá-la em Solaria para ser morta; para que eu a protegesse de você, que sempre implicou com Fallom e teria se livrado dela na primeira oportunidade.

— Como sabe que isso é verdade? A afeição que você sente pela criança pode muito bem ser genuína, e permitir que os solarianos a matassem não estaria de

acordo com o código de ética dos gaianos, mesmo sem a intervenção de Daneel. Pense, Bliss, você não tem nada a ganhar. Suponha que o robô a *deixasse* partir com Fallom; para onde a levaria? De volta para Solaria, onde seria certamente executada; para algum mundo cheio de gente, onde não teria um momento de paz; para Gaia, onde morreria de saudade de Jemby; ou em uma viagem sem fim pela Galáxia, na qual ela confundiria com Solaria todo planeta novo que encontrássemos? E onde você encontraria um cérebro para fundir-se com o de Daneel, o que é indispensável se queremos que a Galáxia Viva se torne uma realidade?

Bliss ficou calada.

Pelorat estendeu timidamente a mão para a moça.

— Bliss, ofereci meu cérebro a Daneel. Ele recusou, alegando que eu era muito velho. Gostaria que tivesse aceitado, pois assim estaria salvando Fallom para você.

Bliss segurou-lhe a mão e beijou-a.

— Obrigado, Pel, mas o preço teria sido alto demais, mesmo que fosse para que eu pudesse ficar com Fallom. — A moça respirou fundo e tentou sorrir. — Talvez, quando voltarmos a Gaia, eu possa ter um filho... e certamente colocarei Fallom entre as sílabas do seu nome.

Como se soubesse que a questão tinha sido resolvida, Daneel caminhou na direção deles, com Fallom trotando ao seu lado.

A criança começou a correr e chegou primeiro. Disse para Bliss:

— Obrigado, Bliss, por me trazer de volta para Jemby e por cuidar de mim enquanto estávamos viajando. Nunca me esquecerei de você.

Atirou-se nos braços de Bliss e as duas se abraçaram com força.

— Espero que você seja muito feliz — disse Bliss. — Eu também nunca vou me esquecer de você.

Fallom voltou-se para Pelorat e disse:

— Obrigado a você, também, Pel, por me emprestar os seus livros.

Em seguida, sem dizer mais nada, e depois de um momento de hesitação, estendeu a mão para Trevize. O rapaz apertou-a.

— Boa sorte, Fallom — murmurou. Daneel disse:

— Agradeço a todos pelo que fizeram, cada um a seu modo. Estão livres para partir, pois a busca terminou. Quanto ao meu trabalho, agora poderá prosseguir,

com grande probabilidade de sucesso.

— Espere, ainda falta uma coisa — disse Bliss. — Não sabemos se Trevize ainda pensa que o melhor futuro para a humanidade é a Galáxia Viva e não um gigantesco aglomerado de Isolados.

— Ele já manifestou sua opinião há muito tempo — disse Daneel. — Trevize é a favor da Galáxia Viva.

— Preferia ouvir diretamente dos seus lábios — disse Bliss. — Como vai ser, Trevize?

— Como quer que seja, Bliss? — perguntou Trevize, calmamente. — Se eu decidir contra a Galáxia Viva, você terá Fallom de volta.

— Eu sou Gaia — disse Bliss. — Preciso conhecer a sua decisão e os motivos que o levaram a ela.

— Diga para ela, senhor — pediu o robô. — Sua mente, como Gaia bem sabe, está livre de qualquer influência externa.

— Escolho a Galáxia Viva — disse Trevize. — Já não resta mais nenhuma dúvida de que esta é a opção correta.

104.

BLISS ficou calada durante o tempo que alguém levaria para contar sem pressa até cinqüenta, como que para permitir que a informação chegasse a todas as partes de Gaia. Depois, perguntou:

— Por quê?

— Eu explico — disse Trevize. — Sabia desde o princípio que havia dois futuros possíveis para a humanidade: a Galáxia Viva, de um lado, e o Segundo Império do Plano de Seldon do outro. A mim me parecia que esses dois futuros eram mutuamente exclusivos. Não poderíamos ter a Galáxia Viva a menos que, por algum motivo, houvesse um erro fundamental no Plano de Seldon.

"Infelizmente, não conhecia nada a respeito do Plano de Seldon, a não ser os dois axiomas em que se baseia: primeiro, que o número de seres humanos envolvidos seja suficientemente grande para que a humanidade possa ser tratada

estatisticamente como um grupo de indivíduos interagindo aleatoriamente; segundo, que a humanidade não conheça os resultados das análises psico-históricas antes que esses resultados sejam atingidos."

"Como já havia optado pela Galáxia Viva, achei que devia conhecer inconscientemente alguma falha no Plano de Seldon e que essa falha só podia estar nos axiomas, que eram a única parte do plano que eu conhecia. Entretanto, não conseguia ver nada de errado nos axiomas. Decidi, então, partir à procura da Terra, sentindo que devia haver alguma razão para a Terra ter sido escondida com tanto cuidado. Tinha que descobrir qual era essa razão.

"Na verdade, não tinha nenhum motivo para acreditar que ao encontrar a Terra encontraria também a solução para as minhas dúvidas; acontece que a idéia se insinuou em minha mente, plantada talvez por Daneel, que precisava de uma criança de Solaria.

"De qualquer forma, conseguimos afinal chegar à Terra e depois à Lua. Bliss detectou a mente de Daneel, que, naturalmente, estava procurando comunicar-se com ela. Ela descreveu aquela mente como nem humana nem robótica. Sob certo aspecto estava certa, pois o cérebro de Daneel é muito mais avançado que o de qualquer outro robô e portanto não podia ser percebido como simplesmente robótico. Entretanto, também não podia ser percebido como humano. Pelorat referiu-se a ele como 'uma coisa nova' e isso serviu para despertar 'uma coisa nova' nas minhas idéias.

"Assim como, há muitos anos atrás, Daneel e seu amigo chegaram a uma quarta lei da robótica que era mais fundamental que as outras três, de repente me dei conta de que existia um terceiro axioma da psico-história que era mais fundamental que os outros dois; um terceiro axioma tão fundamental que ninguém se havia preocupado em torná-lo explícito.

"Aqui está ele. Os dois axiomas conhecidos se referem a seres humanos e se baseiam implicitamente no axioma de que os seres humanos são a *única* espécie inteligente da Galáxia e portanto os únicos organismos cujas ações são importantes para a evolução da sociedade. Este é o terceiro axioma: que existe uma única espécie de inteligência na Galáxia e que essa espécie é o *Homo Sapiens.* Se existisse 'uma coisa nova', se houvesse outra espécie inteligente além do Homem, então seu comportamento não seria descrito adequadamente pela matemática da psico-história e o Plano de Seldon seria um mero exercício acadêmico. Estão entendendo?

Trevize estava quase tremendo no seu esforço para fazer-se compreender. Repetiu:

— Estão entendendo?

— Sim, estamos, meu velho amigo — disse Pelorat. — Entretanto, como advogado do diabo...

— Sim? Prossiga.

— ... devo lembrar a você que os seres humanos *são* a única espécie inteligente da Galáxia.

— E os robôs? — perguntou Bliss. — E Gaia? Pelorat pensou um pouco e depois disse:

— Os robôs não desempenharam um papel significativo na história humana desde o desaparecimento dos Espaciais. Gaia não desempenhou papel significativo até recentemente. Os robôs foram criados por seres humanos e Gaia foi criado pelos robôs. Tanto os robôs quanto Gaia não podem deixar de obedecer aos seres humanos, já que estão sujeitos às Três Leis da Robótica. A despeito dos vinte mil anos de trabalho de Daneel, e do longo tempo que Gaia levou para se desenvolver, uma única palavra de Golan Trevize, um ser humano, tornaria inútil tudo que fizeram. Segue-se, portanto, que a Humanidade é a única espécie inteligente que conta e portanto a psico-história continua a ser válida.

— A única forma de inteligência da Galáxia — disse Trevize, devagar. — Eu concordo. Entretanto, falamos tanto da Galáxia que às vezes nos esquecemos de que ela não é tudo. A Galáxia não é o Universo. Existem outras galáxias.

Pelorat e Bliss se remexeram, inquietos. Daneel escutou gravemente, enquanto acariciava a cabeça de Fallom.

— Prestem atenção — disse Trevize. — Perto da nossa Galáxia ficam as Nuvens de Magalhães, que jamais foram visitadas por naves humanas. Um pouco mais longe existem outras pequenas galáxias, e logo depois está a gigantesca Galáxia de Andrômeda, maior que a nossa. No Universo conhecido, existem bilhões de galáxias.

"Na nossa Galáxia surgiu apenas um tipo de inteligência capaz de desenvolver uma sociedade tecnológica, mas o que sabemos a respeito das outras galáxias? A nossa pode ser atípica. Em algumas das outras, talvez na maioria, pode haver várias espécies inteligentes em competição, todas incompreensíveis para nós. Talvez essa competição as mantenha ocupadas, mas imaginem o que pode acontecer se, em alguma galáxia, uma das espécies conseguir dominar as outras e tiver tempo para pensar na possibilidade de explorar outras galáxias.

"Do ponto de vista do hiperespaço, a Galáxia não passa de um ponto... ou por

outra, todo o Universo não passa de um ponto. Ainda não visitamos nenhuma outra galáxia e, pelo que sabemos, nenhuma espécie inteligente de outra galáxia jamais nos visitou. Entretanto, isso pode mudar de uma hora para outra. E se os invasores vierem, certamente encontrarão meios de voltar alguns seres humanos contra outros seres humanos. Estamos acostumados a lutar contra nós mesmos. Um invasor que nos encontre assim divididos não terá dificuldade para dominar-nos ou mesmo exterminar-nos. Nossa única defesa é criar a Galáxia Viva, que não pode ser voltada contra si mesma e que pode unir todos os seres humanos contra os invasores.

— O quadro que você pintou é assustador — disse Bliss. — Será que teremos tempo para criar a Galáxia Viva?

Trevize olhou para cima, como se sua visão pudesse penetrar na grossa camada de rochas lunares que o separava da superfície e do espaço; como se estivesse enxergando galáxias distantes, atravessando lentamente o espaço. Ele disse:

— Em toda a história humana, nenhuma outra inteligência tentou nos escravizar. Se essa situação continuar durante mais uns poucos séculos, talvez pouco mais que um décimo milésimo da idade da nossa civilização, estaremos seguros. Afinal de contas — e nesse instante Trevize sentiu uma leve desconfiança, que tentou ignorar —, não é como se o inimigo já estivesse aqui, no nosso meio.

Ele não teve coragem de olhar para baixo, de enfrentar os olhos de Fallom — hermafrodita, transdutor, diferente — que o observavam de forma enigmática.

*** * ***

[1] Ambos publicados no Brasil pela Record.